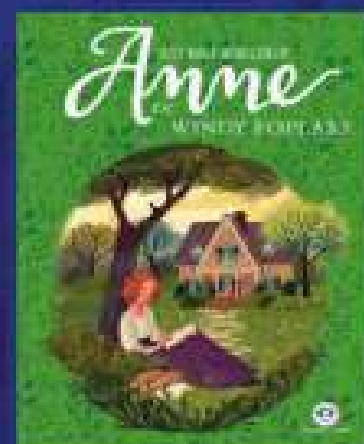
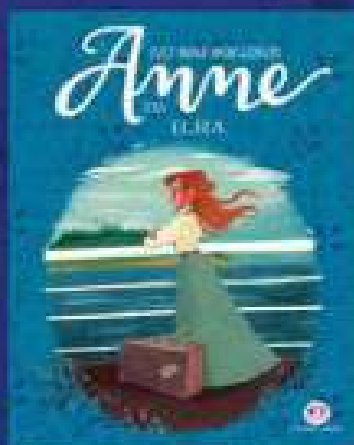
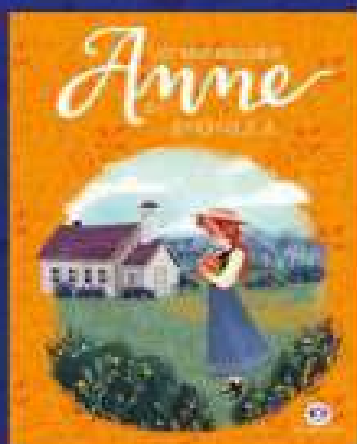
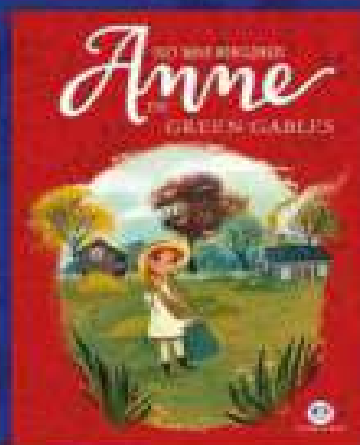
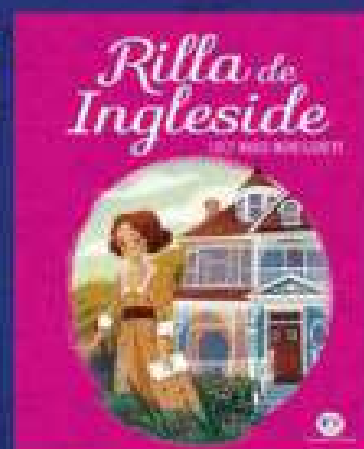
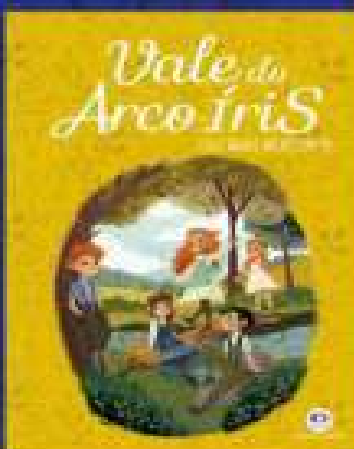
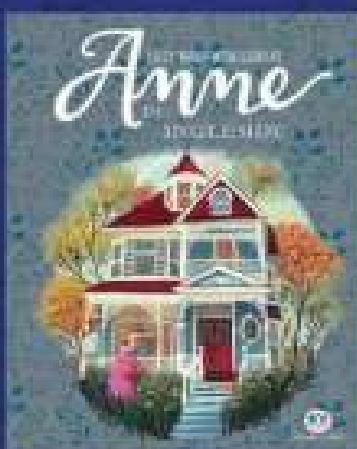
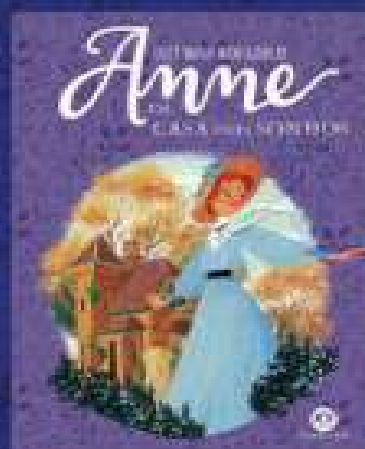




Anne

LUCY MAUD MONTGOMERY

Edição Especial

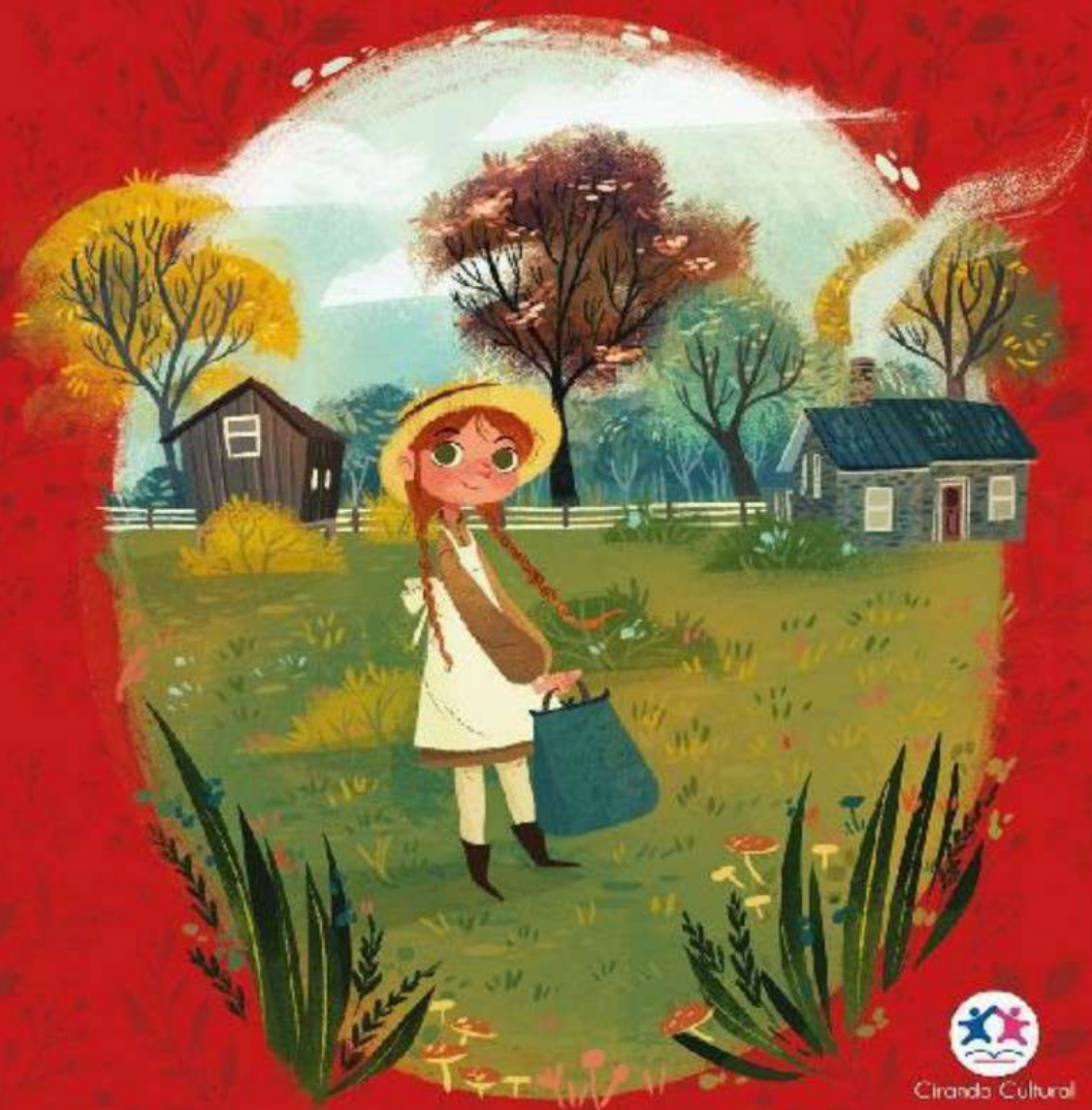




LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

DE
GREEN GABLES



Ciranda Cultural

LUCY MAUD MONTGOMERY
Anne
DE
GREEN GABLES

Tradução
João Sette Camara



Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Anne of Green Gables

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

João Sette Camara

Revisão

Marcelo Schild e Clarisse Cintra

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração da capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne de Green Gables [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por João Sette Camara ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Principis, 2020.

336 p. : il. ; ePUB ; 6,4 MB. – (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Anne of Green Gables

Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-222-5 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Camara, João Sette. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-894 CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



A SENHORA RACHEL LYNDE É SURPREENDIDA

A senhora Rachel Lynde morava bem onde a estrada principal Avonlea descia em direção a uma pequena depressão, ladeada por amieiros e brincos-de-princesa, e cruzava um riacho cuja nascente ficava nos fundos da mata da antiga residência dos Cuthbert; dizia-se que era um riacho sinuoso e rápido no começo de seu curso por entre essa mata, com poças e cascatas escuras e secretas; mas, quando chegava ao Vale Lynde, era um regato tranquilo, comportado, pois nem um riacho poderia passar pela porta da senhora Rachel Lynde sem atentar para a decência e o decoro; ele provavelmente tinha ciência de que a senhora estava sentada em sua janela, de olho vivo em tudo o que passava, desde riachos até crianças, e de que, se reparasse em qualquer coisa estranha ou fora de lugar, ela jamais descansaria até que tivesse descoberto todos os por quês e motivos por trás daquilo.

Há muitas pessoas em Avonlea e fora de lá que são capazes de cuidar com atenção dos assuntos dos seus vizinhos à custa de negligenciar os próprios assuntos; mas a senhora Rachel Lynde era uma daquelas criaturas capazes, que conseguem lidar com as suas preocupações e com as dos outros no mesmo pacote. Era uma dona de casa notável; seu trabalho estava sempre feito, e bem feito; ela “comandava” o Círculo de Costura, ajudava a administrar a catequese e era o pilar mais forte da Sociedade de Caridade e de Assistência a Missões Internacionais da Igreja. Ainda assim, com tudo isso, a senhora Rachel encontrava tempo o suficiente para ficar sentada por horas na janela de sua cozinha, cosendo colchas de “algodão torcido” – ela cosera 16 delas, como as donas de casa de Avonlea tinham o hábito de dizer com vozes perplexas – e mantendo um olho vivo na estrada principal que cruzava o vale e subia o morro íngreme e vermelho ao longe. Como Avonlea ocupava uma pequena península triangular que se estendia pelo Golfo de St. Lawrence com água dos dois lados, qualquer um que entrasse ou saísse de

Avonlea tinha de passar por aquela estrada do morro e, portanto, de passar pela manopla invisível do olho onisciente da senhora Rachel.

Ela estava sentada ali certa tarde no começo de junho. O sol entrava quente e radiante pela janela; o pomar na descida embaixo da casa estava tomado de um rubor nupcial de inflorescências rosa--esbranquiçadas, e rodeado por uma miríade de abelhas que zuniam. Thomas Lynde – um homenzinho tímido que as pessoas de Avonlea chamavam de “marido de Rachel Lynde” – estava plantando sua semente de nabo tardio no campo do morro além do celeiro; e Matthew Cuthbert deveria estar plantando o seu no campo do grande riacho vermelho em Green Gables. A senhora Rachel sabia que ele deveria estar fazendo isso, porque o ouvira dizer a Peter Morrison na noite anterior, na venda de William J. Blair em Carmody, que tencionava plantar suas sementes de nabo na tarde seguinte. Peter havia perguntado isso a ele, é claro, pois Matthew Cuthbert nunca fora conhecido por revelar por livre e espontânea vontade qualquer informação em toda a sua vida.

Ainda assim, eis que aqui estava Matthew Cuthbert, às três e meia da tarde de um dia atarefado, placidamente dirigindo pelo vale e morro acima; além disso, ele vestia um colarinho branco e suas melhores roupas, o que era prova evidente de que estava saindo de Avonlea; e ele ia com a carroça e a égua alazã, o que indicava que viajaria uma distância considerável. Mas, aonde estava indo Matthew Cuthbert, e por que estava indo para lá?

Fosse qualquer outro homem de Avonlea, a senhora Rachel, habilmente juntando uma coisa e outra, talvez pudesse adivinhar as respostas para essas duas perguntas. Mas Matthew saía de casa tão raramente que deveria ser algo urgente e incomum que o fazia sair; ele era o homem mais tímido que havia, e detestava ter de ficar entre desconhecidos ou ir a qualquer lugar onde talvez tivesse de conversar. Matthew, vestindo um colarinho branco e conduzindo uma carroça, era algo que não acontecia com frequência. A senhora Rachel, por mais que sopesasse, não conseguia descobrir nada, e o prazer que sentia naquela tarde foi estragado.

– Depois do chá, vou até Green Gables descobrir com Marilla para onde ele foi e por quê – concluiu finalmente a respeitável mulher. – Ele geralmente não vai à cidade nesta época do ano, e *nunca* faz visitas a ninguém; se tivesse ficado sem sementes de nabo, não teria se arrumado todo e pegado a carroça para ir comprar mais; e ele não conduzia a carroça rápido o bastante para estar indo atrás de um médico. Ainda assim, algo deve ter acontecido desde a noite passada para incitá-lo a fazer isso. Estou

completamente intrigada, esta é a verdade, e não vou ter um minuto de paz de espírito ou de consciência até que eu saiba o que fez Matthew Cuthbert sair de Avonlea hoje.

Portanto, depois do chá, a senhora Rachel saiu; ela não tinha de ir longe, a casa grande, cheia de corredores e com uma pérgula com plantas frutíferas na qual os Cuthbert moravam mal ficava a 400 metros estrada acima a partir do Vale Lynde. Na verdade, a estrada longa tornava a distância maior. O pai de Matthew Cuthbert, tímido e calado como o filho, afastara-se o máximo que podia das outras pessoas sem de fato se embrenhar na mata, quando fundou a sua propriedade. Green Gables foi construída na ponta mais distante de sua terra desmatada, e lá estava até hoje, quase invisível da estrada principal ao longo da qual todas as outras casas de Avonlea estavam muito amistosamente localizadas. A senhora Rachel Lynde sequer chamava de *residir* o fato de alguém morar em um lugar assim.

– É simplesmente uma permanência, é isso o que é – disse ela à medida que andava pela estrada gramada, de sulcos profundos, ladeada por roseiras selvagens. – Não é de se espantar que Matthew e Marilla sejam um tanto estranhos, morando sozinhos aqui, afastados de todos. As árvores não são lá grande companhia, mas, se fossem, Deus sabe que haveria árvores o suficiente. Eu prefiro olhar para pessoas. Na verdade, eles parecem satisfeitos o bastante; mas suponho que estejam habituados com isso. O corpo é capaz de se habituar a qualquer coisa, até ao enforcamento, como disse o irlandês.

Com isso, a senhora Rachel saiu da estrada e entrou no quintal de Green Gables. Aquele quintal era muito verde e arrumado e preciso, com grandes e patriarcais salgueiros dispostos de um lado, e afetados álamos-pretos de outro. Não se via pedra ou graveto fora de lugar, pois a senhora Rachel teria reparado caso houvesse. Em seu íntimo, ela achava que Marilla Cuthbert varria aquele quintal com a mesma frequência com que varria a sua casa. Era possível comer uma refeição naquele chão sem se sujar sequer com uma partícula da proverbial sujeira.

A senhora Rachel sem demora bateu de leve na porta da cozinha, e entrou quando convidada a fazê-lo. A cozinha em Green Gables era um cômodo alegre – ou teria sido alegre caso não estivesse tão exasperantemente limpa ao ponto de passar a impressão de se tratar de uma sala não usada. Suas janelas davam para o leste e o oeste; da janela oeste, que dava para o quintal, entrava bastante da luz do sol suave de junho; mas a janela leste, de onde se

vislumbravam cerejeiras-brancas em flor no pomar da esquerda, e esguias e balançantes bétulas na depressão próxima ao riacho, estava coberta de verde por conta de um emaranhado de trepadeiras. Ali ficava sentada Marilla Cuthbert, nas poucas vezes em que se sentava, sempre um tanto desconfiada da luz do sol, que para ela parecia uma coisa dançante e irresponsável demais para um mundo que deveria ser levado a sério; e ali estava ela sentada agora, tricotando, e a mesa atrás dela estava posta para o jantar.

A senhora Rachel, antes que ela tivesse fechado completamente a porta, fez uma relação mental de tudo o que havia sobre aquela mesa. Havia três pratos postos nela; então, Marilla deveria estar esperando que alguém voltasse para casa com Matthew para tomar o chá; mas os pratos eram os de uso diário, e na mesa havia apenas conservas de maçã silvestre e um tipo só de bolo; portanto, a companhia esperada não poderia ser alguém especial. No entanto, e o colarinho branco de Matthew e a égua alazã? A senhora Rachel estava ficando desnorteada com esse mistério incomum envolvendo a quieta e nada misteriosa Green Gables.

– Boa tarde, Rachel – cumprimentou energicamente Marilla. – Está sendo um ótimo fim de tarde, não é? Não quer se sentar? Como está a sua família?

Algo que, por falta de outro nome, poderia se chamar amizade sempre existira entre Marilla Cuthbert e a senhora Rachel, apesar – ou talvez em virtude – da dessemelhança entre elas.

Marilla era uma mulher alta e magra, de corpo anguloso e sem curvas; seu cabelo escuro tinha algumas mechas grisalhas, e estava sempre preso em um coque pequeno e bem apertado preso com dois grampos que o atravessavam agressivamente. Ela parecia uma mulher de experiência provinciana e de consciência rígida, o que de fato era; mas havia algo oculto em seus lábios que, se fosse apenas um tanto mais desenvolvido, poderia ser considerado indicação de um senso de humor.

– Estamos todos muito bem – respondeu a senhora Rachel. – Eu meio que receava que *vocês* não estivessem, quando vi Matthew saindo hoje. Pensei que talvez ele pudesse estar indo ao médico.

Os lábios de Marilla se retorceram de compreensão. Ela esperara a visita da senhora Rachel; ela soubera que a visão de Matthew partindo de maneira tão inexplicável assim seria demais para a curiosidade da vizinha.

– Oh, não, eu estou bem, apesar de ter tido uma dor de cabeça horrível ontem – retrucou ela. – Matthew foi para Rio Bright. Vamos adotar um

garotinho de um orfanato na Nova Escócia, e ele está chegando de trem esta noite.

Se Marilla tivesse dito que Matthew havia ido a Rio Bright encontrar um canguru da Austrália a senhora Rachel não teria ficado mais perplexa. Ela de fato ficou sem palavras por cinco segundos. Era impossível presumir que Marilla estivesse brincando com ela, mas a senhora Rachel foi quase forçada a presumir isso.

– Está falando sério, Marilla? – indagou ela quando as palavras lhe voltaram à boca.

– Sim, é claro – replicou Marilla, como se adotar meninos de orfanatos na Nova Escócia fosse parte das tarefas normais da primavera em qualquer fazenda bem cuidada de Avonlea, e não uma inovação inédita.

A senhora Rachel sentiu-se como se tivesse recebido uma pancada mental grave. Ela pensava com exclamações. Um menino! De todas as pessoas possíveis, Marilla e Matthew Cuthbert adotando um menino! De um orfanato! Bem, o mundo certamente estava de cabeça para baixo! Nada mais a surpreenderia depois disto! Nada!

– O que diabos lhe fez ter esta ideia? – indagou ela em tom de reprovação.

Aquilo havia sido feito sem que pedissem os conselhos dela, e, portanto, era necessário que fosse reprovado.

– Bem, faz algum tempo que pensamos sobre isso... na verdade, passamos o inverno todo pensando nisso – respondeu Marilla. – A senhora Alexander Spencer veio aqui certo dia antes do Natal e disse que ia adotar uma garotinha de um orfanato em Hopeton na primavera. A prima dela mora lá, e a senhora Spencer veio fazer uma visita aqui, e sabe de tudo. Então, Matthew e eu temos discutido este assunto desde então. Pensamos em adotar um menino. Matthew está envelhecendo, sabe – ele tem 60 anos –, e já não tem a vivacidade de antes. O coração dele lhe causa muitos problemas. E você sabe como tem sido desesperadamente difícil conseguir contratar alguém para ajudar. Nunca há ninguém além daqueles garotinhos franceses¹ estúpidos e fracotes; e assim que você consegue treiná-los para que a ajam conforme os seus modos e ensiná-los alguma coisa, eles vão embora trabalhar nas fábricas de lagosta enlatada, ou vão para os Estados Unidos. A princípio, Matthew sugeriu que adotássemos um órfão do Reino Unido.² Mas eu disse “não” logo de saída. “Pode até não haver qualquer problema com eles – e eu não estou dizendo que há, mas eu não quero um árabe das ruas de Londres na minha casa”, disse eu. “Pelo menos me arrume um órfão nativo.

Não importa quem adotemos, sempre haverá um risco. Mas ficarei com a mente mais tranquila, e vou dormir melhor, se adotarmos um órfão nascido no Canadá. Então, no fim das contas, decidimos pedir à senhora Spencer que escolhesse um para nós quando ela fosse buscar a sua garotinha. Soubemos na semana passada que ela estava por ir, e mandamos um recado pela família de Richard Spencer em Carmody para que nos trouxesse um garoto simpático e esperto de cerca de 10 ou 11 anos. Decidimos que essa seria a melhor idade: velho o bastante para ser útil no cumprimento de algumas tarefas, e jovem o bastante para ser educado de maneira adequada. Nossa intenção é fornecer a ele um bom lar e escolaridade. Recebemos hoje um telegrama da senhora Alexander Spencer, o carteiro o trouxe da estação de trem, dizendo que eles estavam vindo hoje no trem das cinco e meia da tarde. Então, Matthew foi para Rio Bright encontrá-lo. A senhora Spencer vai deixá-lo lá. E é claro que ela vai seguir viagem até a estação de White Sands.”

A senhora Rachel se orgulhava de sempre falar o que pensava; tendo ajustado sua atitude mental para essa novidade incrível, começou a falar o que pensava.

– Bem, Marilla, vou simplesmente lhe dizer com sinceridade que acho que você está fazendo uma tolice enorme, uma coisa arriscada, isso sim. Você não sabe o que vai receber. Você está trazendo uma criança desconhecida para dentro de sua casa e lar sem sequer saber qualquer coisa sobre ela, ou sobre o temperamento dela, ou que tipo de pais ela teve, ou como é provável que ele se torne no futuro. Ora, na semana passada mesmo eu li no jornal que um homem e sua esposa no oeste da Ilha adotaram um garoto de um orfanato, e ele botou fogo na casa à noite botou fogo *de propósito*, Marilla, e quase os torrou em suas camas. E sei de outro caso em que um garoto adotado que chupava ovos frescos da casa, e eles não conseguiam fazê-lo abandonar esse hábito. Caso você tivesse pedido meu conselho sobre este assunto, coisa que você não fez, Marilla, eu teria lhe dito que pela misericórdia nem pensasse nisso, esta é a verdade.

Essa falsa tentativa de consolo não pareceu ofender ou alarmar Marilla. Ela continuou tricotando com firmeza.

– Não nego que em certa medida você tenha razão, Rachel. Eu também tive certo receio. Mas Matthew cismou com isso. Pude perceber isso, e então, cedi. É tão raro que Matthew cisme com alguma coisa que quando isso acontece, eu sempre sinto que é meu dever ceder. E quanto ao risco, há

riscos em quase tudo que o corpo faz neste mundo. No fim das contas, há riscos em ter os seus próprios filhos: uma gravidez nem sempre termina bem. E a Nova Escócia fica muito perto da Ilha. Não é como se estivéssemos adotando alguém da Inglaterra ou dos Estados Unidos. É impossível que ele seja muito diferente de nós.

– Bem, espero que dê tudo certo – comentou a senhora Rachel com um tom que claramente indicava suas terríveis dúvidas. – Só não diga que não lhe avisei se ele tocar fogo em Green Gables ou jogar estricnina no poço: eu soube de um caso em New Brunswick em que uma criança de um orfanato fez isso, e toda a família morreu numa agonia horrorosa. Só que nesse caso foi uma menina.

– Bem, não vamos adotar uma menina – disse Marilla, como se envenenar poços fosse uma habilidade puramente feminina, que não deveria ser temida no caso de um menino. – Eu jamais sonharia em pegar uma menina para criar. Espanta-me que a senhora Alexander Spencer tenha feito isso. Mas, na verdade, *ela* não hesitaria adotar um orfanato inteiro, caso cismasse com isso.

A senhora Rachel gostaria de ter ficado ali até que Matthew voltasse para casa com o órfão importado. Mas, refletindo que demoraria no mínimo duas horas até que ele voltasse, ela decidiu subir a estrada até a casa de Robert Bell e contar a ele a novidade. Aquilo com certeza causaria um frenesi incomparável, e a senhora Rachel adorava causar frenesim. Então, ela se retirou dali, para o alívio de Marilla, pois ela sentia suas dúvidas e medos renascerem sob a influência do pessimismo da senhora Rachel.

– Ora, nunca ouvi disparate maior! – exclamou a senhora Rachel depois que já estava a uma distância segura, na estrada. – De fato parece que estou sonhando. Bem, e sinto muito por esse pobre rapazinho, de verdade. Matthew e Marilla não entendem nada de crianças, e vão esperar que ele seja mais inteligente e firme que o seu próprio avô, se é que algum dia ele teve um avô, o que duvido. Parece de algum modo insólito pensar em uma criança em Green Gables; nunca houve uma por aqui, pois Matthew e Marilla já eram crescidos quando a casa nova foi construída; se é que algum dia eles foram crianças, o que é difícil de acreditar quando se olha para eles. Não queria por nada estar na pele desse órfão. Minha nossa, mas sinto pena dele, é verdade.

Isso foi o que disse a senhora Rachel do fundo de seu coração para as roseiras selvagens; mas se ela pudesse ter visto a criança que esperava

pacientemente na estação de Rio Bright naquele exato momento, a pena dela teria sido ainda mais intensa e profunda.

Franco-canadenses. (N. T.)

“Home boy” no original. “Home Children” foi o esquema de migração infantil fundado pela quacre escocesa Annie MacPherson em 1869, no qual mais de 100 mil crianças foram enviadas do Reino Unido para a Austrália, Canadá, Nova Zelândia e África do Sul para trabalhar como escravas. (N. T.)



MATTHEW CUTHBERT É SURPREENDIDO

Matthew Cuthbert e a égua alazã cavalgavam confortavelmente os quase 13 quilômetros até Rio Bright. A estrada era bonita, e passava por entre granjas acolhedoras, e de vez em quando, por entre trechos de abeto-do-canadá, ou por alguma depressão em que ameixeiras selvagens exibiam suas inflorescências diáfanas. O ar estava doce com o cheiro de muitos pomares de macieiras, e os bosques desciam ao longe até o horizonte de névoas peroladas e roxas, enquanto

Os passarinhos cantavam como se fosse

O único dia de verão em todo o ano.

Matthew, a seu modo, gostava da cavalgada, exceto nos momentos em que encontrava mulheres e tinha de cumprimentá-las com um aceno; pois, na ilha do Príncipe Edward, deve-se acenar para toda e qualquer mulher que se encontre na estrada, seja ela conhecida ou não.

Matthew tinha pavor de todas as mulheres, exceto Marilla e a senhora Rachel; ele tinha a sensação incômoda de que aquelas criaturas misteriosas secretamente riam dele. Ele talvez até tivesse razão de pensar isso, pois era um personagem de aparência estranha, de corpo deselegante e um cabelo cinza como ferro que descia até seus ombros encurvados, e uma barba farta e macia que usava desde que tinha 20 anos. Na verdade, aos 20 anos, ele tinha a mesma aparência do que aos 60, só era um tanto menos encanecido.

Quando ele chegou a Rio Bright, não havia qualquer sinal do trem; ele pensou ter chegado cedo demais, então, amarrrou o cavalo no pátio do pequeno hotel de Rio Bright e foi até a estação. A longa plataforma estava quase deserta; a única vivalma à vista era uma menina sentada em um monte de brita na outra ponta. Matthew, mal reparando que *se tratava de* uma menina, passou de lado o mais rápido que pôde sem olhar para ela. Se tivesse olhado, dificilmente não teria reparado na rigidez e expectativa

tensas na expressão e atitude dela. Ela estava sentada lá esperando por alguma coisa ou por alguém, e, como sentar e esperar era a única coisa a fazer naquele exato momento, ela sentava e esperava com todo seu vigor e sua energia.

Matthew encontrou o chefe da estação trancando a bilheteria antes de ir para casa jantar, e perguntou a ele se o trem das cinco e meia da tarde estava por chegar.

– O trem das cinco e meia chegou e saiu faz meia hora – respondeu o brusco oficial. – Mas um dos passageiros que desceu está esperando pelo senhor... é uma menininha. Ela está sentada ali na brita. Eu perguntei se ela não gostaria de ir para a sala de espera das senhoras, mas ela me informou muito séria que preferia esperar do lado de fora. “Tem mais escopo para a imaginação”, foi o que ela disse. Ela é esquisita, devo dizer.

– Eu não estou esperando uma menina – disse Matthew, perplexo. – Vim aqui buscar um menino. Ele deveria estar aqui. A senhora Alexander Spencer iria trazê-lo da Nova Escócia para mim.

O chefe da estação assobiou.

– Então, houve algum mal-entendido – retrucou ele. – A senhora Spencer saiu do trem com aquela garota, e deixou-a sob os meus cuidados. Disse que o senhor e a sua irmã iam adotá-la de um orfanato, e que o senhor chegaria aqui em breve. Isso é tudo que sei... e não tenho nenhum outro órfão escondido por aqui.

– Não estou entendendo – disse Matthew de modo impotente, querendo que Marilla estivesse ali para enfrentar com ele aquela situação.

– Bem, é melhor então fazer perguntas à garota – sugeriu despreocupadamente o chefe da estação. – Me atrevo a dizer que ela vai conseguir explicar o que houve... o fato é que ela tem uma língua afiada. Talvez no orfanato tenham acabado os meninos do tipo que o senhor queria.

Com fome, o chefe da estação caminhou alegremente para fora dali, e restou ao pobre Matthew fazer o que para ele era mais difícil do que cortar a juba de um leão em seu covil: se aproximar de uma menina... uma menina desconhecida... uma órfã... e perguntar a ela por que ela não era um menino. Matthew grunhiu internamente à medida que deu meia-volta e arrastou os pés delicadamente pela plataforma em direção à menina.

Ela o estivera observando desde que ele passara por ela, e agora mantinha os olhos grudados nele. Matthew não estava olhando para ela, e, mesmo que estivesse, não teria visto como ela de fato era, mas um observador

corriqueiro teria notado isto: uma criança de 11 anos, usando um vestido muito curto, muito apertado, muito feio, de flanela de algodão amarelo acinzentado. Ela usava um chapéu de marinheiro marrom desbotado e, sob o chapéu, desciam até as suas costas duas tranças de cabelo muito grosso e definitivamente ruivo. Seu rosto era pequeno, branco e fino, e também cheio de sardas; sua boca era grande, assim como os olhos, que pareciam verdes ou cinza conforme a luz e o humor dela.

Até aqui, era isso o que veria um observador corriqueiro; um exímio observador talvez reparasse que o queixo era muito pontudo e pronunciado; que os olhos grandes estavam repletos de ânimo e vivacidade; que a boca tinha lábios doces e expressivos; que a testa era larga e ampla; resumindo, nosso exímio e perceptivo observador talvez concluísse que não era uma alma comum que habitava o corpo daquela menina desgarrada de quem o tímido Matthew Cuthbert tinha um medo absurdo.

Matthew, no entanto, foi poupado do sofrimento de iniciar uma conversa, pois assim que concluiu que ele vinha em sua direção, a menina se levantou, agarrando com uma mão magra e suja a alça de uma mala de viagem puída e antiquada, feita de tapeçaria; a outra mão ela estendia para Matthew.

– Presumo que o senhor seja o senhor Matthew Cuthbert, de Green Gables? – disse ela com uma voz particularmente clara e doce. – Fico muito contente em vê-lo. Estava começando a temer que o senhor não viria me buscar, e estava imaginando todas as coisas que poderiam ter acontecido para impedi-lo de vir. Eu havia decidido que, se o senhor não viesse me buscar esta noite, eu desceria os trilhos até aquela enorme cerejeira selvagem na curva, treparia nela e passaria a noite lá. Eu não teria o menor medo, e seria adorável dormir em uma cerejeira selvagem, cheia de botões brancos à luz do luar, não acha? Daria até para imaginar que se estaria morando em salões de mármore, não é mesmo? E eu tinha certeza de que o senhor viria me buscar de manhã, caso não viesse esta noite.

Matthew, constrangido, pegou a mãozinha magra com a sua; naquele exato momento, decidiu o que ia fazer. Ele não conseguiria dizer a esta criança de olhos brilhantes que havia acontecido um mal-entendido; ele a levaria para casa, e deixaria que Marilla dissesse isso para a menina. De qualquer modo, ela não poderia ser deixada na estação de Rio Bright, independente do mal-entendido; portanto, era melhor adiar todas as perguntas e explicações até que ele estivesse a salvo de volta em Green Gables.

– Desculpe-me pelo atraso – disse ele timidamente. – Venha comigo. O cavalo está no pátio. Dê-me a sua mala.

– Oh, eu consigo carregá-la – respondeu com alegria a criança. – Não está pesada. Tenho todos os meus pertences guardados nela, mas ela não está pesada. E se ela não é carregada de um modo específico, a alça solta... então, é melhor que eu a carregue, pois já tenho a manha. É uma mala de viagem de tapeçaria extremamente velha. Oh, fico muito feliz que o senhor tenha vindo, apesar de que teria sido bom dormir em uma cerejeira selvagem. Temos um longo caminho de carroça pela frente, não? A senhora Spencer disse que eram quase 13 quilômetros. Fico feliz, pois adoro andar de carroça. Oh, parece maravilhoso demais o fato de que vou morar com o senhor e ser sua. Sabe, eu jamais fui de ninguém... não de verdade. Mas o orfanato foi a pior coisa. Fiquei lá somente quatro meses, mas já foi o bastante. Não presumo que o senhor algum dia tenha sido um órfão em um orfanato; então, é impossível que entenda como é. É pior do que qualquer coisa que o senhor possa imaginar. A senhora Spencer disse que era maldade minha falar desse jeito, mas minha intenção não foi ser má. É fácil demais ser mau sem se dar conta disso, não é? Sabe... as pessoas no orfanato eram boas. Mas há muito pouco escopo para a imaginação em um orfanato... só mesmo os outros órfãos. Era muito interessante imaginar coisas sobre eles... imaginar que talvez a garota sentada ao seu lado na verdade era a filha de um conde cintado,³ que havia sido raptada de seus pais ainda bebê por uma babá cruel que morreu antes de poder confessar seu crime. Eu costumava passar as noites em claro na cama imaginando coisas desse tipo, pois durante o dia eu não tinha tempo. Acho que é por isso que estou tão magra assim... Eu *estou* terrivelmente magra, não é? Não tem uma carne para morder nos meus ossos. E eu adoro imaginar que estou bonita e roliça, com covinhas nos meus cotovelos.

Com isso, a companhia de Matthew parou de falar, em parte porque havia ficado sem fôlego, em parte porque eles haviam chegado à carroça. Ela não disse palavra até que tivessem saído do vilarejo e estivessem descendo um pequeno e íngreme monte, e a estrada aberta ali tinha sido cavada tão fundo na terra fofa que as beiras, ladeadas por cerejeiras selvagens em flor e esguias bétulas-brancas, ficavam metros acima das cabeças deles.

A criança estendeu uma das mãos e quebrou um galho de ameixeira selvagem que roçara contra o lado da carroça.

– Não é lindo? Esta árvore, se projetando a partir da beira da estrada, toda branca e rendada, faz o senhor se lembrar de quê? – perguntou ela.

– Bem, não sei – respondeu Matthew.

– Ora, uma noiva, é claro: uma noiva toda de branco, com um véu adorável e vaporoso. Nunca vi uma, mas consigo imaginar como seria a aparência dela. Eu mesma jamais espero ser uma noiva algum dia. Sou tão feia que ninguém jamais vai querer se casar comigo... a não ser que fosse um missionário estrangeiro. Presumo que um missionário estrangeiro não seja muito exigente. Mas de fato espero ter algum dia um vestido branco. Esse é o meu maior ideal de bem-aventurança mundana. Simplesmente adoro roupas bonitas. E, pelo que me lembro, jamais tive um vestido bonito na vida; de qualquer modo, isso só significa que tenho mais coisas por ansiar, não é mesmo? E também posso imaginar a mim mesma vestida lindamente. Esta manhã, quando saí do orfanato, fiquei muito constrangida por ter de vestir este horroroso vestido velho de flanela. Todos os órfãos tinham de usar roupas de flanela, sabe. No inverno passado, um mercador em Hopeton doou trezentos metros de flanela para o orfanato. Algumas pessoas disseram que era porque ele não tinha conseguido vender o tecido, mas prefiro acreditar que ele fez isso por bondade, o senhor também não preferiria? Quando entramos no trem, senti-me como se todos estivessem me olhando e se apiedando de mim. Mas pus minha imaginação para trabalhar, imaginei que vestia o mais lindo vestido de seda azul pastel, porque, quando você *está* imaginando, é melhor imaginar algo que valha a pena, e um grande chapéu cheio de flores e plumas salientes, e um relógio de ouro, e luvas e botas de pelica. Alegrei-me imediatamente, e desfrutei da viagem até a Ilha com toda a minha força. Não fiquei nem um pouco enjoada quando entrei no barco. Nem a senhora Spencer, apesar de ela geralmente ficar enjoada. Ela disse que estava sem tempo para ficar enjoada, pois tinha de ficar de olho para que eu não caísse do barco. Ela disse que jamais vira alguém andar tão furtivamente quanto eu. Mas, se isso impedia que ela se enjoasse, que bom que eu fiz isso, não é? E eu queria ver tudo que havia para ser visto no barco, pois não sabia quando teria outra oportunidade. Oh, e há muito mais cerejeiras em flor! A Ilha é o lugar mais cheio de inflorescências que há. Já estou apaixonada por este lugar, e estou muito feliz de vir morar aqui. Sempre ouvi dizer que a Ilha do Príncipe Edward era o lugar mais lindo do mundo, e costumava imaginar que eu morava aqui, mas nunca tive esperanças de que isso de fato aconteceria. É encantador quando as coisas

que você imaginou se realizam, não é? Mas aquelas estradas vermelhas são muito curiosas. Quando entramos no trem em Charlottetown e as estradas vermelhas surgiram à nossa frente, perguntei à senhora Spencer o que tornava elas vermelhas, e ela me disse que não sabia e que, por piedade, não lhe fizesse mais perguntas. Ela disse que eu já devia ter feito umas mil perguntas a ela. E eu presumo que seja verdade também, mas como uma pessoa pode saber das coisas sem fazer perguntas? E o que *torna* as estradas vermelhas?

– Bem, eu não sei – respondeu Matthew.

– Bem, esta é uma das coisas que terei de descobrir em algum momento. Não é esplêndido pensar em todas as coisas que há por descobrir? Isso simplesmente me deixa feliz por estar viva... o mundo é interessante demais. E ele não seria tão interessante assim se já soubéssemos de tudo, não é mesmo? Não haveria nenhum escopo para a imaginação, haveria? Mas estou falando demais? As pessoas sempre me dizem que sim. O senhor prefere que eu fique calada? Se disser que sim, paro de falar. Eu até *consigo* parar se fizer um esforço mental, mas é difícil.

Matthew, para surpresa dele mesmo, estava desfrutando daquilo. Assim como a maioria das pessoas caladas, ele gostava de gente tagarela quando elas estavam dispostas a travar toda a conversa sozinhas, sem esperar que ele fizesse a sua parte. Mas jamais esperara desfrutar da companhia de uma menininha. Sinceramente, as mulheres já eram ruins o bastante, mas garotinhas eram piores. Ele detestava o modo como elas passavam de lado timidamente por ele, com olhares enviesados, como se esperassem que ele as engolissem de uma bocada só caso se atrevessem a dizer palavra. Este era o tipo de menina bem-educada que havia em Avonlea. Mas essa bruxa sardenta era muito diferente, e apesar de ele achar muito difícil para sua inteligência mais lenta acompanhar os velozes processos mentais dela, ele pensou que “até que gostava da conversa dela”. Então, disse timidamente, como de costume:

– Ah, você pode falar o quanto quiser. Não me importo.

– Ah, fico muito contente. Sei que eu e o senhor vamos ter uma relação boa. É um alívio falar quando se tem vontade, sem que alguém lhe diga que crianças devem ser vistas, e não ouvidas. Já me disseram isso um milhão de vezes, e não apenas uma. E as pessoas riem de mim porque uso palavras rebuscadas. Mas quando se tem ideias rebuscadas, é preciso usar palavras rebuscadas para expressá-las, não é mesmo?

– Bem, parece-me razoável – retrucou Matthew.

– A senhora Spencer disse que minha língua não deve ter freio. Mas esse não é o caso: ela está bem presa à minha boca. A senhora Spencer disse que a sua propriedade se chama Green Gables. Perguntei a ela tudo sobre o lugar. E ela disse que era rodeado de árvores. Fiquei mais contente do que nunca. Simplesmente amo árvores. E não havia uma sequer no orfanato, somente algumas poucas e mirradas arvorezinhas na parte da frente, cercadas por gaiolas pintadas com cal. Elas simplesmente pareciam órfãs também, era isso o que pareciam. Eu costumava sentir vontade de chorar só de olhar para elas. E costumava dizer a elas: “Oh, *pobres* coisinhas! Se pelo menos vocês estivessem em uma mata extensa com outras árvores à sua volta, e musgo e campânulas crescendo em meio às suas raízes, e um riacho próximo, e pássaros cantando sobre seus galhos, aí vocês cresceriam, não é mesmo? Mas aqui onde vocês estão isso é impossível. Sei exatamente como se sentem, arvorezinhas.” Lamentei ter de deixá-las para trás esta manhã. Nós acabamos nos apegando a coisas desse tipo, não é mesmo? Tem algum riacho perto de Green Gables? Esqueci-me de perguntar isso à senhora Spencer.

– Bem, sim, tem um que passa bem embaixo da casa.

– Que requintado. Sempre foi um sonho meu morar perto de um riacho. Mas jamais tive esperanças de que isso aconteceria. Os sonhos raramente se realizam, não é mesmo? Não seria bom se eles se realizassem? Mas agora mesmo eu me sinto quase que perfeitamente feliz. Não me sinto perfeitamente feliz porque... ora, que cor o senhor diria que é esta?

Ela tirou uma de suas tranças compridas e brilhantes do ombro e ergueu-a diante dos olhos de Matthew. Matthew não estava acostumado a tomar decisões sobre o tom das mechas de cabelo de senhoras, mas, neste caso, não havia muita dúvida.

– É vermelho, não? – disse ele.

A garota deixou a trança cair com um suspiro que pareceu ter vindo dos próprios dedos dos pés dela, e que pareceu expelir todas as tristezas de todas as eras.

– Sim, é vermelho – disse ela resignada. – Agora o senhor sabe por que eu não posso ser perfeitamente feliz. Ninguém que tenha cabelo vermelho pode ser. Não me importo muito com as outras coisas: as sardas, os olhos verdes e a minha magreza. Posso imaginar que essas coisas sumiram. Posso imaginar que tenho uma linda pele de tom rosa pálido, e adoráveis olhos brilhantes

violeta. Mas *não consigo* imaginar que o cabelo ruivo desapareceu. E faço o melhor que posso para que isso aconteça. Penso comigo mesma; “Agora, o meu cabelo é de um preto glorioso, como a asa de um corvo.” Mas, no fundo, eu *sei* que o meu cabelo é simplesmente vermelho, e isso me parte o coração. Carregarei essa tristeza por toda a minha vida. Li certa vez em um romance sobre uma garota que carregava uma tristeza por toda a vida, mas não eram cabelos ruivos. O cabelo dela era puro dourado, e pendia em ondas do alabastro de sua testa. O que é o alabastro de uma testa? Jamais consegui descobrir. O senhor sabe me dizer?

– Bem, receio que não – respondeu Matthew, que estava ficando um tanto desnorteado. Ele se sentiu do mesmo modo que se sentira na imprudência de sua juventude, quando outro menino o convenceu a andar no carrossel em um piquenique.

– Bem, seja lá o que for, deve ser algo bom, pois ela tinha uma beleza divinal. O senhor já imaginou como deve ser a sensação de se ter uma beleza divinal?

– Bem, não – confessou Matthew com ingenuidade.

– Pois eu já, e com frequência. O que o senhor preferiria ser se pudesse escolher: divinamente lindo, deslumbrantemente inteligente, ou angelicamente bondoso?

– Bem, eu... não sei dizer exatamente.

– Nem eu. Nunca consigo decidir. Mas não faz de fato diferença, pois não é provável que eu seja nenhuma das três coisas. É certo que jamais serei angelicamente bondosa. A senhora Spencer diz... oh, senhor Cuthbert! Oh, senhor Cuthbert!! Oh, senhor Cuthbert!!!

Isso não era o que havia dito a senhora Spencer; e a criança não tinha caído da carroça, e Matthew tampouco fizera algo impressionante. Eles simplesmente fizeram a curva na estrada e chegaram na “Avenida”.

A “Avenida”, como era chamada pelas pessoas de Newbridge, era um trecho de estrada de 400 ou 500 metros de comprimento, arqueado por enormes e largas macieiras, que haviam sido plantadas anos antes por um excêntrico velho fazendeiro. Acima deles havia uma extensa folhagem repleta de perfumadas inflorescências. Sob os galhos mais grossos, o ar estava repleto de um crepúsculo púrpura, e a distância, um vislumbre de um céu que parecia pintado, com o sol poente brilhando feito uma enorme rosácea na extremidade do corredor de uma catedral.

A beleza daquilo pareceu emudecer a menina. Ela se recostou na carroça, com as mãos magras bem firmadas diante de si, com o rosto erguido em êxtase para o esplendor branco acima dela. Ela não se mexeu ou falou nem mesmo depois que eles saíram da avenida e desceram a comprida ladeira para Newbridge. Ainda com o rosto extasiado, olhou fixamente ao longe para o sol poente ao oeste, com olhos que tinham visões de coisas esplêndidas passando por aquele céu brilhante. Eles atravessaram Newbridge, um pequeno e movimentado vilarejo em que cães latiam para eles, garotinhos lhes soltavam gritos e rostos curiosos espiavam das janelas, seguindo caminho ainda em silêncio. Passados quase cinco quilômetros, a menina ainda não tinha falado. Era evidente que ela era capaz de ficar quieta com o mesmo afínco que era capaz de falar.

– Imagino que você deva estar muito cansada e faminta – Matthew finalmente se arriscou a dizer, justificando o longo transe de silêncio da menina com os únicos motivos em que ele conseguia pensar. – Mas agora falta pouco para chegarmos: só mais um quilômetro e meio.

Ela saiu de seu ensimesmamento com um profundo suspiro e olhou para ele com o olhar fantasioso de uma alma que havia estado muito longe, guiada pelas estrelas.

– Oh, senhor Cuthbert – sussurrou ela – aquele lugar por onde acabamos de passar... aquele lugar branco... o que era aquilo?

– Bem, você deve estar falando da Avenida – respondeu Matthew depois de alguns instantes de profunda reflexão. – De fato, até que é um lugar bonito.

– Bonito? Ah, *bonito* não parece ser a palavra certa a usar. Nem lindo. Essas palavras não dão conta de descrever aquele lugar. Oh, era maravilhoso... maravilhoso. Foi a primeira coisa que já vi que não poderia ser melhorada pela imaginação. Ele me satisfaz bem aqui – ela colocou uma das mãos sobre o peito –, e me deu uma dor estranha e curiosa, mas, ainda assim, era uma dor agradável. Já sentiu alguma dor assim, senhor Cuthbert?

– Bem, eu simplesmente não consigo me lembrar de já ter sentido.

– Eu sinto isso várias vezes... sempre que vejo algo regamente lindo. Mas eles não deveriam chamar aquele lugar adorável de Avenida. Um nome como esse não carrega nenhum significado. Eles deveriam chamar de... deixe-me ver... a Trilha Branca das Delícias. Não é um nome simpático e criativo? Quando não gosto do nome de um lugar ou de uma pessoa, sempre imagino um novo nome, e sempre penso nessas pessoas e lugares com esse

nome novo. Havia uma garota no orfanato cujo nome era Hepzibah Jenkins, mas eu sempre a imaginei como Rosalia DeVere. As outras pessoas podem até chamar aquele lugar de Avenida, mas sempre o chamarei de Trilha Branca das Delícias. Falta mesmo só um quilômetro e meio para chegarmos em casa? Fico contente e lamento ao mesmo tempo. Lamento porque esta viagem está sendo muito agradável, e sempre lamento quando coisas agradáveis terminam. Pode até ser que em seguida venha algo mais agradável ainda, mas não dá para ter certeza. E com muita frequência, o que acontece em seguida não é mais agradável. Pelo menos é assim que as coisas geralmente acontecem para mim. Mas fico contente de pensar em chegar em casa. Sabe, não consigo me lembrar de jamais ter tido uma casa de verdade. Torno a sentir aquela dor agradável só de pensar em estar indo para uma casa realmente de verdade. Oh, não é lindo?!

Eles haviam passado pelo topo de um monte. Abaixo deles havia um lago que quase parecia um rio, de tão comprido e sinuoso que era. Uma ponte ia do meio do lago até a sua extremidade mais baixa, onde uma cadeia de cômodos cor de âmbar bloqueava a ligação entre o lago e o golfo azul-marinho além dele, e a água era uma glória de variados tons multicolor: os mais espirituais matizes de açafior e rosa e verde etéreo, com outros tons vagos para os quais jamais se encontrou nome. Acima da ponte, o lago subia em direção a arvoredos marginais de abeto e bordo, e se estendia em sua escuridão translúcida sob as sombras oscilantes das árvores. Aqui e ali, uma ameixeira selvagem se curvava a partir da margem como uma garotinha toda vestida de branco que anda na ponta dos pés para ver o seu reflexo na água. Do pântano em uma das pontas do lago vinha o claro e tristemente doce coral dos sapos. Uma casinha cinza assomava em volta de um pomar de macieiras com flores brancas em uma inclinação diante deles, e, apesar de ainda não estar exatamente escuro, uma luz brilhava de uma das suas janelas.

– Este é o lago dos Barry – disse Matthew.

– Ah, tampouco gosto desse nome. Vou chamá-lo... deixe-me ver... de Lago das Águas Cintilantes. Sim, este é o nome certo para ele. Sei por conta do frio na barriga. Quando penso em um nome que se encaixa perfeitamente, sinto um frio na barriga. Há coisas que também lhe dão frio na barriga?

Matthew ruminou.

– Bem, sim. Eu meio que sempre sinto um frio na barriga quando vejo aquelas larvas brancas que despontam nos canteiros de pepino. Odeio a aparência delas.

– Ah, eu não acho que isso é exatamente o mesmo tipo de frio na barriga. O senhor acha que pode ser? Não parece haver muita conexão entre larvas e lagos de águas cintilantes, não é mesmo? Mas por que as outras pessoas o chamam de lago dos Barry?

– Imagino que seja porque o senhor Barry mora ali em cima naquela casa. Orchard Slope é o nome da propriedade dele. Se não fosse por aquele arbusto enorme atrás dela, você poderia ver Green Gables daqui. Mas temos de passar pela ponte e dar a volta na estrada, então, estamos a quase oitocentos metros de lá.

– O senhor Barry tem alguma filha pequena? Bem, não tão pequena assim... mais ou menos do meu tamanho.

– Ele tem uma de cerca de 11 anos. O nome dela é Diana.

– Oh! – disse ela inspirando longamente. – Que nome perfeitamente adorável!

– Bem, quanto a isso eu não sei. Tem algo de terrivelmente pagão em relação a esse nome, pelo menos é o que me parece. Eu prefiro Jane ou Mary, ou algum outro nome sensato como esses. Mas quando Diana nasceu, havia um professor hospedado lá, e deixaram que ele desse o nome à criança, e ele chamou-a Diana.

– Eu queria que houvesse um professor assim por perto quando nasci, então. Ah, eis que chegamos à ponte. Vou fechar bem os meus olhos. Sempre tenho medo de passar sobre pontes. Não consigo deixar de imaginar que, talvez, quando estejamos bem no meio dela, ela vai se dobrar como uma navalha e nos partir ao meio. Então, fecho os olhos. No entanto, sempre tenho de abri-los quando acho que estamos chegando perto do meio. Pois, sabe, se a ponte de fato cair, quero *vê-la* cair. Que ranger alegre ela faz! Sempre gosto da parte em que a ponte range. Não é esplêndido que haja tantas coisas para se gostar neste mundo? Pronto, passamos da ponte. Agora vou olhar para trás. Boa noite, Lago das Águas Cintilantes. Sempre desejo boa-noite às coisas que amo, do mesmo modo como eu faria caso se tratasse de uma pessoa. Acho que elas gostam disso. Aquela água parecia estar sorrindo para mim.

Depois que eles haviam subido o morro mais ao longe e feito uma curva, Matthew disse:

– Estamos bem perto de casa agora. Lá está Green Gables, depois de...

– Ah, não me diga onde fica – interrompeu ela sem fôlego, pegando o braço semierguido dele e fechando bem os olhos para não ver para onde ele

apontava. – Deixe-me adivinhar. Tenho certeza de que vou acertar.

Ela abriu os olhos e olhou à sua volta. Estavam no topo de um morro. O sol se pusera havia pouco, mas a paisagem ainda estava clara com a luz suave do crepúsculo. A oeste, o escuro pináculo de uma igreja despontava contra um céu cor de calêndula. Abaixo, havia um pequeno vale, e, além dele, uma colina alta que se elevava aos poucos, com acolhedoras granjas espalhadas ao longo dela. Os olhos da menina dispararam de uma granja a outra, impacientes e desejosos. Por fim, eles se dirigiram para uma granja ao longe e à esquerda, bem distante da estrada, de um branco tênue por conta das árvores em flor em meio à luz do crepúsculo, na mata que os rodeava. Acima dela, no céu imaculado do sudoeste, uma enorme estrela de um branco cristalino brilhava como um lampião que guiava e trazia bons agouros.

– É aquela dali, não é? – falou ela, apontando.

Matthew bateu as rédeas com gosto contra as costas da égua alazã.

– Bem, você adivinhou! Mas presumo que a senhora Spencer a tenha descrito para você; então, deve ter sido fácil adivinhar.

– Não, ela não descreveu... não descreveu mesmo. Tudo que ela me disse poderia ser aplicado a qualquer uma dessas outras propriedades. Eu não fazia a mínima ideia de como seria ela. Mas assim que a vi senti que era a minha casa. Oh, parece que devo estar sonhando. Sabe, meu braço deve estar repleto de hematomas do cotovelo para cima, pois me belisquei muitas vezes hoje. De quando em quando, uma sensação terrível de enjoo tomava conta de mim, e eu ficava com muito medo de que tudo não passasse de um sonho. Então, eu me beliscava para me certificar de que era verdade... até que de repente me lembrei de que, mesmo presumindo se tratar apenas de um sonho, era melhor eu continuar sonhando tanto quanto pudesse; então, parei de me beliscar. Mas é real, e estamos quase em casa.

Com um suspiro de arrebatamento, ela voltou a ficar calada. Matthew ficou se remexendo, incômodo. Estava feliz porque seria Marilla, e não ele, quem teria que contar a esta enjeitada pelo mundo que a casa pela qual ela ansiava não seria dela afinal de contas. Eles passaram pelo Vale Lynde, onde já estava muito escuro, mas não tão escuro a ponto de a senhora Rachel não poder vê-los de seu ponto de observação na janela, e subiram o morro em direção à comprida trilha que levava a Green Gables. Quando chegaram na casa, Matthew encolhia o corpo por conta da iminente revelação com uma energia que ele mesmo não entendia. Ele não estava pensando sobre os

problemas que esse mal-entendido poderia causar para Marilla ou para ele; pensava na decepção da menina. Quando ele pensou naquele brilho extasiado se esvaindo dos olhos dela, sentiu uma sensação incômoda, como se ele fosse ajudar alguém a abater alguma coisa, uma sensação muito parecida com a que sentia quando tinha de abater um cordeiro ou bezerro, ou qualquer outra criatura inocente.

O quintal estava muito escuro à medida que eles fizeram a curva e entraram nele, e as folhas dos álamos farfalhavam suavemente por todo o quintal.

– Escute só as árvores falando enquanto dormem – sussurrou ela à medida que Matthew a tirava da carroça. – Que lindos sonhos elas devem ter!

Depois, segurando com força a bolsa de viagem de tapeçaria que continha “todos os pertences dela”, ela seguiu Matthew casa adentro.

Belted earl no original. Na Inglaterra, até o século XVII, o título de conde concedido pelo monarca vinha acompanhado de uma espada e um cinto com bainha, daí o termo “conde cintado”. (N. T.)



MARILLA CUTHBERT É SURPREENDIDA

Marilla veio rapidamente em direção a eles quando Matthew abriu a porta. Mas quando seus olhos pousaram sobre a figurinha estranha usando aquele vestido apertado e feio, com longas tranças ruivas e olhos brilhantes e ansiosos, ela deteve-se de perplexidade.

– Matthew Cuthbert, quem é essa pessoa? – exclamou ela. – Cadê o menino?

– Não havia nenhum menino – respondeu tristemente Matthew. – Havia apenas *ela*.

Ele apontou com a cabeça para a menina, lembrando-se de que ele sequer havia perguntado o nome dela.

– Nenhum menino! Mas *deveria* ter havido um menino – insistiu Marilla. – Mandamos um recado para que a senhora Spencer trouxesse um menino.

– Bem, ela não trouxe. A senhora Spencer trouxe *ela*. Perguntei ao chefe da estação. E tive de trazê-la para casa. Ela não podia ser abandonada lá, não importa de quem foi o mal-entendido.

– Ora, onde já se viu isso?! – exclamou Marilla.

Durante esse diálogo, a criança permanecera calada, com seus olhos indo de uma pessoa à outra, e todo o entusiasmo se esvaindo do seu rosto. De repente, ela pareceu ter entendido o significado completo do que havia sido dito. Soltando sua preciosa mala de viagem de tapeçaria, ela deu um passo para frente correndo e apertou as mãos.

– Vocês não me querem! – berrou ela. – Vocês não me querem porque eu não sou um menino! Eu deveria ter esperado por isso. Ninguém jamais me quis. Eu deveria ter me dado conta de que era tudo lindo demais para ser verdade. Eu deveria ter percebido que de fato ninguém me queria. Oh, o que farei? Vou desatar a chorar!

E ela de fato desatou a chorar. Sentando-se em uma cadeira perto da mesa, e jogando seus braços sobre a mesa e enterrando a cara em suas mãos, ela começou a chorar torrentes de lágrimas. Marilla e Matthew se entreolharam com reprovação do outro lado do forno. Nenhum dos dois sabia o que dizer ou o que fazer. Por fim, Marilla avançou sem convicção para o espaço que havia entre eles e a menina.

– Ora, ora, não precisa chorar tanto assim por conta disso.

– Sim, *preciso* sim! – A menina ergueu a cabeça rapidamente, revelando um rosto encharcado de lágrimas e lábios trêmulos. – A *senhorita* também choraria, caso fosse uma órfã que tivesse ido para um lugar que ela pensava que seria a sua casa, e descobrisse que as pessoas não lhe queriam porque a senhorita não era um menino. Oh, esta é a coisa mais *trágica* que já me aconteceu!

Algo como um sorriso relutante, muito enferrujado por conta do pouco uso, suavizou a expressão sombria do rosto de Marilla.

– Ora, não chore mais. Não vamos botá-la para fora daqui esta noite. Você terá de ficar aqui até que tenhamos investigado este assunto. Como você se chama?

A menina hesitou por um instante.

– A senhorita pode me fazer a gentileza de me chamar de Cordelia? – disse ela ansiosa.

– *Chamá-la* de Cordelia? Esse é o seu nome?

– Não-ão-ão, não é exatamente o meu nome, mas eu adoraria me chamar Cordelia. É um nome perfeitamente elegante.

– Não sei de que diabos você está falando. Se Cordelia não é o seu nome, qual é o seu nome?

– Anne Shirley – disse relutantemente e com a voz falhada a dona daquele nome –, mas, aí, por favor, me chame de Cordelia. Como vou ficar pouco tempo por aqui, não importa muito como a senhorita vai me chamar, não é? E Anne é um nome nada romântico.

– Que bobagem é essa de nada romântico?! – disse Marilla sem qualquer simpatia. – Anne é um nome comum, bom e sensato. Você não tem motivos para se envergonhar dele.

– Ah, não tenho vergonha dele não – explicou Anne –, só prefiro Cordelia. Sempre imaginei que meu nome era Cordelia... pelo menos, sempre desde os últimos anos. Quando eu era mais nova, costumava imaginar que me chamava Geraldine, mas agora prefiro Cordelia. Mas se a senhorita for me chamar de Anne, por favor, chame-me de Anne, com E no final.

– Que diferença faz o modo como se soletra o seu nome? – indagou Marilla com outro sorriso enferrujado à medida que pegava a chaleira.

– Ah, faz *muita* diferença. Com E, ele tem uma *aparência* muito melhor. Quando a senhorita escuta um nome pronunciado, não consegue sempre vê-lo em sua mente, como se tivesse sido impresso? Eu consigo; e A-n-n parece horrível, mas A-n-n-e parece ter muito mais distinção. Se a senhorita somente me chamar de Anne, com E no final, eu tentarei aceitar o fato de não ser chamada de Cordelia.

– Pois muito bem, Anne com E, você sabe nos dizer como ocorreu esse mal-entendido? Mandamos um recado para que a senhora Spencer nos trouxesse um menino. Por acaso não havia meninos no orfanato?

– Oh, sim, havia uma abundância deles. Mas a senhora Spencer disse *claramente* que os senhores queriam uma menina de cerca de 11 anos. E a madre disse que ela achava que eu ia servir. A senhorita não sabe o quanto fiquei encantada. Ontem à noite não consegui dormir de alegria. Ah – acrescentou ela em tom acusador, virando-se para Matthew –, por que o senhor não me disse na estação que não me queria e me deixou lá? Se eu não tivesse visto a Trilha Branca das Delícias ou o Lago das Águas Cintilantes, não seria tão difícil assim ter ficado lá.

– Do que diabos ela está falando? – indagou Marilla, encarando Matthew.

– Ela... ela só está falando de uma conversa que tivemos no caminho – disse Matthew apressadamente. – Vou sair para colocar a égua no estábulo, Marilla. Apronte o chá para quando eu voltar.

– E a senhora Spencer trouxe mais alguém além de você? – prosseguiu Marilla depois que Matthew havia saído.

– Ela levou Lily Jones consigo. Lily só tem 5 anos, e é muito bonita, e tem cabelos castanhos. Se eu fosse muito bonita e tivesse cabelos castanhos, a senhorita ficaria comigo?

– Não. Queremos um menino para ajudar Matthew na fazenda. Não vemos utilidade para uma garota. Tire o seu chapéu. Vou deixá-lo junto com a sua mala na mesa da antessala.

Anne, resignada, tirou o chapéu. Matthew voltou naquele momento, e eles se sentaram para jantar. Mas Anne não conseguia comer. Em vão, ela mordiscou o pão com manteiga, e beliscou a conserva de maçã silvestre que estava na travessa de bordas onduladas ao lado do prato dela. Ela de fato não fez progressos em sua refeição.

– Você não está comendo nada – disse com aspereza Marilla, olhando para a menina como se aquilo fosse um defeito grave. Anne suspirou.

– Não consigo. Estou nas profundezas do desespero.⁴ A senhorita consegue comer quando está nas profundezas do desespero?

– Eu nunca estive nas profundezas do desespero; portanto, não sei dizer – respondeu Marilla.

– Nunca? Bem, a senhorita já tentou *imaginar* que estava nas profundezas do desespero?

– Não, nunca.

– Então, acho que a senhorita não consegue entender como é. De fato, é um sentimento muito incômodo. Quando você tenta comer, logo surge um nó na sua garganta, e você não consegue engolir nada, nem que fosse um bombom de caramelo com chocolate. Eu comi um bombom de caramelo com chocolate uma vez faz dois anos, e estava simplesmente delicioso. Desde então, sonho com frequência que tenho muitos bombons de caramelo com chocolate, mas eu sempre acordo bem na hora em que vou começar a comê-los. Eu realmente espero que a senhorita não se ofenda porque não consigo comer. Tudo está extremamente bom, mas, ainda assim, não consigo comer.

– Acho que ela está cansada – comentou Matthew, que não havia falado desde que voltara do estábulo. – É melhor colocá-la para dormir, Marilla.

Marilla estivera se perguntando onde Anne deveria dormir. Ela preparara um sofá na copa para o desejado e esperado menino. Mas, apesar de o sofá estar arrumado e limpo, de algum modo ele não parecia ser a coisa ideal para

colocar uma menina para dormir. Mas o quarto vago estava fora de questão para uma enfeitada desgarrada como aquela, então, restava apenas o quarto do frontão leste. Marilla acendeu uma vela e disse a Anne que a acompanhasse, o que Anne fez sem a menor animação, pegando o seu chapéu e sua mala de viagem de tapeçaria da mesa da antessala enquanto passava por ali. A antessala estava assustadoramente limpa; o pequeno quarto do frontão no qual ela agora se encontrava parecia mais limpo ainda.

Marilla deixou a vela em uma mesa de três pés e três quinas, e arrumou a roupa de cama.

– Presumo que você tenha uma camisola, não é? – perguntou ela.

Anne assentiu.

– Sim, tenho duas. Foi a madre do orfanato quem as fez. Elas são assustadoramente curtas. Nunca há coisas o bastante para todos os órfãos; então, as coisas são sempre curtas... pelo menos em um orfanato pobre como o nosso. Eu detesto camisolas curtas. Mas é possível sonhar tão bem vestindo elas quanto vestindo adoráveis camisolas com cauda e babados em volta do pescoço, e isso é um consolo.

– Bem, troque de roupa o mais rápido que puder, e vá para a cama. Volto daqui a pouco para apagar a vela. Não me arriscaria a confiar em você para apagá-la. Você provavelmente atearia fogo na casa.

Quando Marilla já havia saído, Anne olhou à sua volta com tristeza. As paredes pintadas com cal eram tão dolorosamente desprovidas de adornos e lhe encaravam tanto que Anne pensou que elas deviam sofrer por conta de sua nudez. No chão tampouco havia nada, exceto por um tapetinho redondo trançado no meio, de um tipo que Anne jamais vira antes. Em um canto ficava a cama, alta e à moda antiga, com quatro escuras e baixas traves. No outro canto ficava a já mencionada mesa de três quinas, adornada com uma gorda alfineteira de veludo vermelho que parecia dura o bastante para dobrar a ponta do mais ousado alfinete. Sobre ela, na parede, havia um pequeno espelho de 15×20 centímetros. A meio caminho entre a mesa e a cama ficava a janela, coberta por uma cortina de musselina de tom gelo e babados, e do lado oposto ficava o lavabo. Todo o cômodo era de uma rigidez que não deve ser descrita com palavras, mas que lançava um calafrio até a própria medula dos ossos de Anne. Soluçando, ela rapidamente tirou suas roupas, colocou a camisola curta e correu para a cama, onde afundou o rosto no travesseiro e se cobriu até a cabeça com o lençol. Quando Marilla voltou para apagar a vela, as várias pecinhas curtas de roupa jogadas de qualquer

jeito pelo chão e uma certa aparência tempestuosa da cama eram as únicas indicações de que havia ali outra presença além da dela.

Ela pegou resolutamente as roupas de Anne, deixou-as arrumadas em uma modesta cadeira amarela, e, depois, pegando a vela, foi até a cama.

– Boa noite – disse ela, um tanto constrangida, mas sem antipatia.

O rosto branco e os olhos grandes de Anne surgiram por debaixo do lençol com assustadora repentinidade.

– Como a senhorita pode chamar esta noite de *boa* quando sabe que deve ser a pior noite que já passei? – disse ela em tom de reprimenda.

Depois, voltou para baixo dos lençóis.

Marilla foi devagar para a cozinha e começou a lavar a louça do jantar. Matthew estava fumando: um claro sinal de que sua mente estava perturbada. Ele raramente fumava, pois Marilla era contra, dizendo se tratar de um hábito asqueroso; mas, em certas épocas e estações, ele se sentia impelido a fumar, e, então, Marilla fazia vista grossa, dando-se conta de que um homem simples tinha de ter algum meio de desabafar as suas emoções.

– Ora, que confusão se armou – disse ela com ira. – É isso que dá mandar recados em vez de ir pessoalmente. A família de Richard Spencer deve ter destorcido o nosso recado de algum modo. Algum de nós terá de ir de carroça visitar a senhora Spencer amanhã, sem dúvida. Essa garota precisará ser mandada de volta para o orfanato.

– Sim, presumo que sim – disse Matthew, relutante.

– Você *presume* que sim! Não tem certeza?

– Bem, ela é uma coisinha muito simpática, Marilla. É meio que uma pena mandá-la de volta visto que ela está tão ansiosa para ficar aqui.

– Matthew Cuthbert, você não está querendo dizer que devemos ficar com ela, não é?

O assombro de Marilla não teria sido maior caso Matthew tivesse dito a ela que preferia viver de cabeça para baixo.

– Bem, não, presumo que não... não exatamente – gaguejou Matthew, incomodamente acuado para revelar o sentido exato de suas palavras. – Presumo que... não se pode esperar que fiquemos com ela.

– Eu digo que não. Que bem ela nos faria?

– Talvez nós façamos algum bem a ela – disse Matthew repentina e inesperadamente.

– Matthew Cuthbert, acho que aquela criança lhe enfeitiçou! Posso ver tão claro quanto a clareza que você quer ficar com ela.

– Bem, ela é uma menininha realmente interessante – persistiu Matthew. – Você deveria tê-la escutado no caminho da estação para cá.

– Oh, ela consegue falar bem rápido. Reparei isso de saída. Mas isso não é nada que conte a favor dela. Não gosto de crianças que tenham tantas coisas assim a dizer. Não quero uma menina órfã, e, caso quisesse, não escolheria uma do tipo dela. Tem algo nela que eu não compreendo. Não, ela tem de ser despachada diretamente para o lugar de onde ela veio.

– Eu poderia contratar um menino francês⁵ para me ajudar – falou Matthew – e ela seria uma boa companhia para você.

– Não estou sofrendo por falta de companhia – retrucou Marilla de modo curto e grosso. – E eu não vou ficar com ela.

– Bem, as coisas são como você diz, é claro, Marilla – replicou Matthew, que se levantou e guardou seu cachimbo. – Vou para a cama.

E para a cama foi Matthew. E depois de ter guardado a louça, foi Marilla para a cama, franzindo o cenho com muita determinação. E, no andar de cima, no frontão leste, uma menina solitária, de coração faminto e sem amigos, chorou até dormir.

Alusão ao livro *O peregrino*, de John Bunyan, em que o protagonista, Christian, afunda com o peso de seus pecados e de sua culpa no Pântano do Desespero. (N. T.)
Franco-canadense. (N. T.)



MANHÃ EM GREEN GABLES

Era plena manhã quando Anne acordou e sentou-se na cama, olhando confusa para a janela através da qual uma avalanche de luz do sol alegre entrava, e fora da qual alguma coisa branca e emplumada ondeava por vislumbres de céu azul.

Por um instante ela não conseguia se lembrar de onde estava. Primeiro veio uma emoção deliciosa, algo muito agradável; depois, uma terrível lembrança. Ela estava em Green Gables, e eles não a queriam porque ela não era um menino!

Mas era manhã e, sim, era uma cerejeira totalmente em flor que havia do lado de fora da janela dela. Com um pulo, ela saiu da cama e andou pelo quarto. Ela levantou o caixilho, que estava duro e rangeu enquanto subia, como se fizesse muito tempo que aquela janela não era aberta, o que era o caso; e ela ficou presa tão firmemente que não foi necessário usar nada para mantê-la aberta.

Anne ficou de joelhos e olhou fixamente para a manhã de junho, e seus olhos reluziam de deleite. Oh, não era lindo? Não era adorável aquele lugar? E pensar que ela na verdade não ia ficar ali! Mas ela imaginaria que ficaria. Aqui havia escopo para a imaginação.

Uma enorme cerejeira crescia do lado de fora, tão perto que seus galhos mais grossos batiam de leve contra a casa, e ela estava tão cheia de botões de flor que mal se via nela uma folha. Dos dois lados da casa havia pomares: um de macieiras e outro de cerejeiras, que também estavam cobertas de inflorescências; e o gramado em volta da casa era salpicado de dentes-de-leão. No jardim abaixo havia arbustos de lilases roxos de tantas flores, e o seu aroma doce e inebriante subia até a janela com o vento da manhã.

Abaixo do jardim, um campo verde repleto de trevos descia até a ravina onde o riacho corria, e onde fileiras de bétulas cresciam, despontando frivolumente de uma vegetação rasteira sugestiva de deliciosas possibilidades, geralmente na forma de samambaias, musgos e coisas

florestais. Passando o rio havia um morro, verde e emplumado de píceas e abetos; havia nele uma greta em que se podia ver a ponta do frontão cinza da casinha que ela vira do outro lado do Lago das Águas Cintilantes.

À esquerda ficavam os grandes celeiros e, depois deles, para baixo e além de campos verdejantes que desciam, via-se um pedacinho brilhante de mar.

Os olhos amantes da beleza de Anne se demoraram sobre tudo aquilo, absorvendo todas as coisas avidamente. Ela havia olhado para muitos lugares nada adoráveis em sua vida, coitadinha; mas este era tão adorável quanto qualquer coisa que ela jamais sonhara.

Ela ficou ajoelhada ali, concentrando-se apenas na beleza à sua volta, até que levou um susto quando a mão de alguém encostou em seu ombro. Marilla havia entrado sem que a pequena sonhadora a escutasse.

– É hora de você se vestir – disse ela bruscamente.

Marilla de fato não sabia como falar com a criança, e sua ignorância incômoda a tornava mordaz e brusca quando essa não era a sua intenção.

Anne se levantou e respirou fundo.

– Oh, não é maravilhoso? – disse ela acenando para todo o mundo bom do lado de fora.

– É uma árvore grande – falou Marilla –, e dá muitas flores, mas as frutas nunca são muito boas: são pequenas e bichadas.

– Ah, não falo apenas da árvore; é claro que ela é adorável... sim, é *radiantemente* adorável... ela floresce como se quisesse... mas estou falando de tudo, do jardim e do pomar e do riacho e da mata, de todo o grande e querido mundo. A senhorita não sente um amor enorme pelo mundo em uma manhã como esta? E consigo ouvir as risadas do riacho daqui de cima. Já reparou como os riachos são coisas alegres? Estão sempre rindo. Até mesmo no inverno já os ouvi rindo sob o gelo. Fico muito feliz que haja um riacho perto de Green Gables. Talvez a senhorita ache que isso não faz a menor diferença para mim porque não vai ficar comigo, mas faz sim. Eu sempre gostarei de me lembrar de que há um riacho em Green Gables, mesmo que jamais volte a vê-lo. Caso não houvesse um riacho, eu seria *assombrada* pela sensação incômoda de que deveria haver um. Nesta manhã eu não estou nas profundezas do desespero. Nunca consigo me sentir assim de manhã. Não é uma coisa esplêndida o fato de que existam manhãs? Mas estou muito triste. Eu estava agora mesmo imaginando que na verdade era a mim que os senhores queriam, e que eu ficaria aqui para todo o sempre. Isso foi muito reconfortante enquanto durou. Mas a pior parte na imaginação das coisas é

que chega um momento em que você tem de parar de imaginar, e isso magoa.

– É melhor você se vestir logo e descer, e esquecer esses devaneios – disse Marilla assim que conseguiu uma brecha. – O café da manhã já está pronto. Lave o rosto e penteie-se. Deixe a janela aberta, dobre os lençóis e deixe-os na ponta da cama. Fique esperta, esteja o mais bem-apresentada possível.

Anne evidentemente conseguira ser esperta até certo ponto, pois em dez minutos já havia descido, estava arrumada, com os cabelos escovados e trançados, o rosto lavado e com uma consciência tranquila invadindo a sua alma por ela ter cumprido todas as exigências de Marilla. No entanto, na verdade ela esquecera-se de dobrar os lençóis.

– Agora de manhã estou com muita fome – anunciou ela enquanto se sentava na cadeira que Marilla colocara na mesa para ela. – O mundo já não parece um deserto uivante como se parecia ontem à noite. Estou muito feliz por esta ser uma manhã de sol. Mas também gosto muito de manhãs chuvosas. Todos os tipos de manhã são interessantes, não acha? Não se sabe o que vai acontecer ao longo do dia, e há muito escopo para a imaginação. Mas fico feliz que hoje não esteja chovendo, pois é mais fácil ficar alegre e manter-se forte perante as aflições em um dia ensolarado. E sinto que devo manter-me forte em relação a muitas coisas. É muito bom ler sobre tristezas e imaginar a si mesmo suportando-as heroicamente, mas não é tão bom assim quando de fato se passa por elas, não é mesmo?

– Pela misericórdia, morda a sua língua – disse Marilla. – Você fala demais para uma garotinha.

Com isso, Anne mordeu sua língua com tanta obediência e afinco que o silêncio prolongado dela deixou Marilla muito nervosa, como se estivesse na presença de alguma coisa não exatamente natural. Matthew também mordeu sua língua, mas isso era natural; portanto, a refeição foi bastante silenciosa.

À medida que a refeição avançava, Anne ficou cada vez mais abstraída, comendo mecanicamente, com os seus grandes olhos fixos, determinados e absortos no céu do lado de fora da janela. Isso deixou Marilla mais nervosa do que nunca; ela tinha a sensação incômoda de que, apesar de o corpo daquela criança estar ali na mesa, o espírito dela estava muito distante, em alguma imaginária terra remota feita de nuvens, voando nas asas da imaginação. Quem iria querer uma criança dessas em casa?

Ainda assim, Matthew queria ficar com ela... que coisa inexplicável! Marilla sentiu que ele queria isso tanto naquela manhã quanto quisera na

noite anterior, e que continuaria querendo. Matthew era assim, cismava com alguma coisa e se aferrava a ela com a mais impressionante persistência silenciosa, tinha uma persistência que, por ser silenciosa, era dez vezes mais poderosa e eficaz do que se fosse expressa em palavras.

Quando a refeição terminou, Anne deixou de sonhar acordada e se ofereceu para lavar a louça.

– E você sabe lavar a louça direito? – perguntou Marilla, desconfiada.

– Sei, e muito bem. Mas sou melhor tomando conta de crianças. Já tive muita experiência fazendo isso. É uma pena enorme que vocês não tenham nenhuma criança aqui para eu tomar conta.

– Não acho que eu queira ter nenhuma criança a mais para cuidar do que já tenho no momento. *Você já é* problema suficiente, sinceramente. O que será feito com você eu ainda não sei. Matthew é um homem muito ridículo.

– Eu o acho adorável – replicou Anne em tom de reprimenda. – Ele é muito compassivo. E não se importou com o quanto eu falava: ele parecia gostar. Assim que botei os olhos nele, senti que éramos almas parecidas.

– Vocês dois são esquisitos, se é isso que quer dizer com almas parecidas – disse Marilla com desdém. – Sim, pode lavar a louça. Leve bastante água quente, e certifique-se de secar bem a louça. Tenho muito que fazer esta manhã, pois à tarde vou ter de ir de carroça a White Sands para visitar a senhora Spencer. Você virá comigo, e decidiremos o que será feito com você. Depois que você terminar de lavar a louça, suba e arrume a sua cama.

Anne lavou a louça com suficiente destreza, como pôde perceber Marilla, que acompanhou todo o processo com olhos de lince. Em seguida, não teve tanto êxito na arrumação da cama, pois ela jamais aprendera a arte de lidar com um edredom de penas. Mas, de algum modo, ela conseguiu arrumá-lo e deixá-lo liso sobre a cama; e depois Marilla, para se livrar dela, disse que ela podia ir se divertir fora de casa até a hora do almoço.

Anne voou até a porta com o rosto radiante e olhos brilhantes. Bem na soleira ela se deteve, deu meia-volta e se sentou à mesa, com a luz e o brilho de seu semblante apagados de modo tão eficiente quanto se alguém tivesse aberto um extintor em cima dela.

– O que houve agora? – indagou Marilla.

– Não me atrevo a sair – disse Anne, num tom de mártir que renuncia a todas as alegrias mundanas. – Se não posso ficar aqui, de nada adianta eu amar Green Gables. E se eu sair de casa e ficar conhecendo todas aquelas árvores e flores e o pomar e o riacho, não vou poder evitar amá-los. Já está

sendo difícil agora; então, não vou piorar as coisas. Quero muito ir lá para fora... tudo lá parece me chamar: “Anne, Anne, saia e venha até nós. Anne, Anne, queremos alguém para brincar conosco”, mas é melhor eu não sair. De nada serve amar as coisas se você vai ter que se separar delas, não é mesmo? E é difícil demais não amar as coisas, não é mesmo? É por isso que fiquei tão contente quando achei que ia morar aqui. Achei que teria muitas coisas para amar, e nada para me impedir. Mas esse sonho breve se acabou. Já me resignei em relação ao meu destino; então, não vou sair por medo de perder essa resignação. Por favor, qual é o nome daquele gerânio no parapeito da janela?

– Aquele é um gerânio-crespo.

– Ah, não estou falando desse tipo de nome. Falo simplesmente do nome que a senhorita mesma deu para ele. Não deu um nome para ele? Então, posso dar um nome eu mesma? Posso chamá-lo de... deixe-me ver... Bonny está bem... posso chamá-lo de Bonny enquanto eu estiver aqui? Ai, deixe, vai!

– Meu Deus, não me importo. Mas qual diabo é o sentido de se dar nome a um gerânio?

– Ah, eu gosto que as coisas tenham apelidos, mesmo que sejam apenas gerânios. Faz com que se pareçam mais com pessoas. Como a senhorita sabe que o gerânio não fica magoado se ele for chamado só de gerânio, e de nada mais? A senhorita não gostaria de ser chamada de nada além de mulher o tempo todo. Sim, vou chamá-lo de Bonny. Dei um nome para a cerejeira do lado de fora da janela do meu quarto esta manhã. Chamei-a de Rainha das Neves, porque ela é muito branca. É claro que ela nem sempre vai estar em flor, mas pode-se imaginar que ela está, não é?

– Jamais, em toda a minha vida, vi ou ouvi qualquer coisa que se comparasse a ela – resmungou Marilla, fazendo uma retirada em direção ao porão para buscar batatas. – Ela é um tanto interessante, como diz Matthew. Já posso sentir que estou me perguntando que diabo ela vai dizer em seguida. Ela logo vai me enfeitiçar também. Ela já enfeitiçou o Matthew. Aquele olhar que ele me lançou quando saiu confirmou tudo que ele havia dito ou indicado na noite anterior. Queria que ele fosse como os outros homens, e conversasse sobre as coisas. Assim, a pessoa é capaz de dialogar e fazê-lo recobrar a razão com argumentos. Mas o que se pode fazer com um homem que simplesmente *fica olhando*?

Anne havia tornado a ficar absorta, com o queixo apoiado nas mãos e os olhos na direção do céu, quando Marilla voltou de sua peregrinação ao porão. Marilla deixou a menina ali até que o almoço foi servido mais cedo na mesa.

– Presumo que eu possa usar a égua e a carroça hoje a tarde, não é, Matthew? – disse Marilla.

Matthew assentiu e olhou com tristeza para Anne. Marilla interceptou o olhar e falou com severidade:

– Vou até White Sands resolver isso. Vou levar Anne comigo, e a senhora Spencer provavelmente vai fazer os preparativos para mandá-la de volta à Nova Escócia imediatamente. Vou deixar o chá preparado para você, e estarei de volta em casa a tempo de ordenhar as vacas.

Ainda assim, Matthew não disse nada, e Marilla teve a sensação de ter desperdiçado palavras e fôlego. Não há nada mais irritante do que um homem que não dialoga... exceto se for uma mulher que não dialoga.

Por fim, Matthew amarrou a alazã à carroça, e Marilla e Anne saíram. Matthew abriu o portão do pátio para elas e, à medida que elas passaram de carroça devagar, ele disse, para nenhuma pessoa em particular, pelo que parecia:

– O pequeno Jerry Buote, de Creek, esteve aqui esta manhã, e eu disse para ele que achava que o contrataria pelo verão.

Marilla não respondeu, mas chicoteou a azarada alazã com tanta agressividade que a égua gorda, não acostumada a esse tratamento, zuniu indignada pela trilha abaixo em um ritmo alarmante. Marilla olhou para trás uma vez à medida que a carroça seguia seu caminho, e viu aquele irritante Matthew recostado no portão, olhando com melancolia para elas.



A HISTÓRIA DE ANNE

– Sabe – disse Anne em confidência –, decidi que vou desfrutar deste passeio. Na minha experiência, você quase sempre consegue desfrutar das coisas se você decide com firmeza que isso vai acontecer. Obviamente, você tem de decidir isso com *firmeza*. Não vou pensar em voltar para o orfanato enquanto estivermos nesta viagem de carroça. Vou pensar apenas no passeio. Oh, olhe, tem uma pequena rosa selvagem precoce nascendo! Não é adorável? A senhora não acha que ela deve estar contente por ser uma rosa? Não seria bom se as rosas pudessem falar? Tenho certeza de que elas poderiam nos contar coisas muito adoráveis. E o rosa não é a cor mais encantadora que há no mundo? Adoro rosa, mas não posso usar essa cor. Pessoas ruivas não podem vestir rosa, nem na imaginação. A senhora já conheceu alguém cujo cabelo era vermelho quando era criança, mas que mudou de cor depois que a pessoa cresceu?

– Não, acho que nunca – retrucou impiedosamente Marilla –, e tampouco acho que seja provável que isso vá acontecer no seu caso.

Anne suspirou.

– Bem, lá se vai outra esperança. “Minha vida é um túmulo perfeito de esperanças enterradas.” Esta é uma frase que li certa vez em um livro, e a repito para consolar a mim mesma sempre que estou decepcionada com alguma coisa.

– Não consigo ver de onde vem o consolo – respondeu Marilla.

– Ora, porque a frase soa muito bonita e romântica, bem como se eu fosse a heroína de um livro, sabe. Tenho muito carinho pelas coisas românticas, e um túmulo repleto de esperanças enterradas é uma das coisas mais românticas que se pode imaginar, não é? Fico muito feliz de ter um. Hoje vamos cruzar o Lago de Águas Cintilantes?

– Não vamos passar pelo lago dos Barry, se é isso o que quer dizer com o Lago de Águas Cintilantes. Vamos pela estrada da orla.

– Estrada da orla soa bonito – disse Anne com olhos sonhadores. – Ela é tão bonita quanto soa? Assim que a senhorita disse “estrada da orla”, eu a visualizei mentalmente, num instante! E White Sands também é um nome bonito; mas não gosto dele tanto quanto gosto de Avonlea. Avonlea é um nome adorável. Simplesmente soa como música. A que distância fica White Sands daqui?

– A oito quilômetros; e como você evidentemente está decidida a ficar falando, é melhor falar alguma coisa útil, e me contar o que sabe sobre si mesma.

– Oh, não vale a pena contar o que eu *sei* sobre mim mesma, na verdade – disse Anne ansiosamente. – Se a senhorita deixar que eu lhe conte aquilo que *imagino* sobre mim mesma, vai achar muito mais interessante.

– Não, não quero saber de suas elucubrações. Atenha-se aos fatos nus e crus. Comece pelo começo. Onde você nasceu, e qual é a sua idade?

– Completei 11 anos em março passado – respondeu Anne, resignando-se com um pequeno suspiro a contar os fatos nus e crus. – E nasci em Bolingbroke, Nova Escócia. O nome do meu pai era Walter Shirley, e ele era professor do Ginásio de Bolingbroke. O nome da minha mãe era Bertha Shirley. Walter e Bertha não são nomes adoráveis? Fico muito feliz que meus pais tinham nomes bonitos. Seria uma desgraça de verdade ter um pai chamado... Jedediah, não é mesmo?

– Acho que o nome da pessoa não importa, contanto que ela se porte bem – replicou Marilla, sentindo-se instada a inculcar uma boa e útil dose de moralidade.

– Bem, não estou certa. – Anne pareceu pensativa. – Certa vez, li em um livro que se a rosa tivesse outro nome, ainda assim teria o mesmo perfume, mas nunca consegui acreditar nisso. Não acredito que uma rosa *seria* tão agradável se fosse chamada de cardo ou de repolho-de-gambá. Presumo que meu pai poderia ter sido um homem bom mesmo que se chamasse Jedediah; mas tenho certeza de que teria sido um tormento. Bem, minha mãe também era professora do ginásio, mas deixou de lecionar quando se casou com meu pai, é claro. Um marido já era responsabilidade o bastante. A senhora Thomas disse que eles eram como dois bebês, e tão pobres quanto camundongos de igreja. Eles foram morar em uma casa amarela minúscula em Bolingbroke. Jamais vi aquela casa, mas já a imaginei milhares de vezes. Acho que ela deve ter tido madressilvas no parapeito da janela da sala de estar, lilases no jardim e lírios do vale logo depois de passado o portão. Sim,

e cortinas de musselina em todas as janelas. Cortinas de musselina dão a uma casa um certo ar. Eu nasci naquela casa. A senhora Thomas disse que eu era o bebê mais feio que ela já vira, que eu era muito mirrada e pequena e não tinha nada além de olhos, mas que a minha mãe me achava perfeitamente linda. Eu imaginaria que uma mãe saberia julgar melhor do que uma mulher pobre que vinha para a nossa casa limpar, não é mesmo? Mas fico contente por ela de algum modo ficar satisfeita comigo; eu ficaria muito triste se pensasse que era uma decepção para ela... porque ela não viveu por muito tempo depois disso, sabe. Ela morreu de uma febre quando eu tinha apenas três meses. Eu de fato gostaria que ela tivesse sobrevivido por tempo o bastante para que eu pudesse me lembrar de tê-la chamado de mãe. Acho que seria agradável demais dizer “mãe”, a senhorita não acha? E papai morreu quatro dias depois, também de febre. Isso fez de mim uma órfã, e as pessoas ficaram desesperadas, segundo disse a senhora Thomas, sem saber o que fazer comigo. Sabe, nem mesmo naquela época havia alguém que me quisesse. Essa parece ser a minha sina. Tanto papai quanto mamãe tinham vindo de lugares muito distantes, e era bem sabido por todos que nenhum dos dois tinham parentes vivos. Por fim, a senhora Thomas disse que me acolheria, apesar de ser pobre e de ter um marido ébrio. Ela me amamentou com mamadeiras, e não com leite materno. A senhorita sabe se existe alguma coisa em relação às pessoas que foram amamentadas assim que as torna melhor do que as outras pessoas? Porque sempre que eu fazia algo de errado a senhora Thomas me perguntava, em tom de reprimenda, como eu conseguia ser uma menina tão malcomportada se eu tinha sido amamentada com mamadeiras.

– O senhor e a senhora Thomas se mudaram de Bolingbroke para Marysville, e eu morei com eles até os 8 anos de idade. Eu ajudava a cuidar dos filhos dos Thomas – havia quatro mais novos do que eu –, e posso lhe dizer que eles davam trabalho. Depois, o senhor Thomas foi morto quando caiu embaixo de um trem, e a mãe dele se ofereceu para dar abrigo à senhora Thomas e aos filhos dela, mas não me queria. A senhora Thomas ficou *desesperada*, segundo ela mesma, sem saber o que fazer comigo. Então, a senhora Hammond, que vivia rio acima, desceu e disse que me acolheria, visto que eu era boa cuidando de crianças, e fui morar rio acima com ela em uma pequena clareira em meio a troncos cortados de árvores. Aquele lugar era muito solitário. Estou certa de que eu jamais teria conseguido morar ali se não tivesse uma imaginação. O senhor Hammond trabalhava em uma

serraria ali perto, e a senhora Hammond tinha oito filhos. Ela teve gêmeos três vezes. Gosto de bebês com moderação, mas gêmeos três vezes seguidas é *demais*. Falei isso com muita firmeza para a senhora Hammond quando nasceu o último par. Eu costumava ficar cansada demais de carregá-los. Morei rio acima com a senhora Hammond por mais de dois anos, então o senhor Hammond morreu e a senhora Hammond deixou de cuidar da casa. Ela separou os filhos, deixando-os com parentes variados, e foi para os Estados Unidos. Tive de ir para o orfanato em Hopeton, pois ninguém queria ficar comigo. E eles tampouco me queriam no orfanato; disseram que já estavam com a lotação esgotada. Mas tiveram de ficar comigo, e passei quatro meses lá até que a senhora Spencer veio.

Anne terminou de falar com outro suspiro, mas de alívio desta vez. Ela evidentemente não gostava de falar sobre suas experiências em um mundo que não a queria.

– Você chegou a frequentar alguma escola? – indagou Marilla, fazendo a égua alazã descer a estrada da orla.

– Pouco. Frequentei por pouco tempo no último ano em que morei com a senhora Thomas. Quando eu morava rio acima, a casa era tão longe da escola que eu não conseguia caminhar até lá no inverno, e havia férias no verão; portanto, eu só conseguia ir à escola na primavera e no outono. Mas é claro que frequentei a escola enquanto estava no orfanato. Sei ler muito bem, e tenho decorados muitos poemas: “A Batalha de Hohenlinden”, e “Edimburgo depois de Flodden”, e “Bingen do Reno”, e quase todas as partes de “A Dama do Lago” e de “As Estações”, de James Thompson. A senhorita não ama poesia que faz com que calafrios percorram as suas costas? Tem um trecho do *Quinto leitor*⁴ “O ocaso da Polônia”, que é muito emocionante. É claro que eu ainda não estava estudando com o *Quinto leitor*, ainda estava no *Quarto leitor*, mas as meninas mais velhas costumavam me emprestar os livros delas para eu ler.

– Essas mulheres – a senhora Thomas e a senhora Hammond – lhe tratavam bem? – perguntou Marilla, olhando para Anne com o canto do olho.

– A-a-a-h – gaguejou Anne. Seu rostinho sensível ficou subitamente escarlate, e constrangimento se estampou em seu cenho. – Ah, elas tinham essa *intenção*... Eu sei que elas queriam ser tão boas e gentis quanto possível. E quando as pessoas têm a intenção de lhe tratar bem, você não se importa tanto quando não te tratam tão bem assim... sempre. Elas tinham

muitas coisas com as quais se preocupar, sabe. É muito complicado ter um marido ébrio, sabe; e deve ser muito complicado parir três pares de gêmeos seguidos, a senhorita não acha? Mas tenho certeza de que elas tinham a intenção de me tratar bem.

Marilla não fez mais perguntas. Anne se entregou à sua abstração silenciosa em relação à estrada da orla, e Marilla conduziu a alazã absortamente enquanto sopesava profundamente. Seu coração começava a se encher de pena pela criança. Que vida de privações e sem amor ela tinha vivido: uma vida de trabalho duro, pobreza e abandono; pois Marilla era perspicaz o bastante para ler nas entrelinhas da história de Anne e adivinhar a verdade. Não era de se espantar que ela tivesse ficado tão encantada com a ideia de ir morar em uma casa de verdade. Era uma pena que precisasse ser mandada de volta. E se ela, Marilla, satisfizesse o capricho incompreensível de Matthew e deixasse a menina ficar? Ele estava decidido quanto a isso; e a criança parecia uma criaturinha simpática e educável.

“Ela tem coisas demais a dizer – pensou Marilla –, mas talvez possamos ensiná-la a parar com isso. E as coisas que ela diz não são nada grosseiras ou chulas. Ela se porta como uma dama. É provável que os pais dela fossem boas pessoas.”

A estrada da orla era “agreste, selvagem e solitária”. Do lado direito, abetos mirrados, com seus espíritos nada alquebrados pelos longos anos de luta contra os ventos do golfo, cresciam aos montes. À esquerda ficavam os desfiladeiros íngremes de arenito vermelho, tão próximos da beira da estrada que, em certos trechos, uma égua menos estável do que a alazã poderia ter testado os nervos das pessoas que vinham atrás dela. Ao pé dos desfiladeiros havia montes de pedras desgastadas pelas ondas do mar, ou angras de areia cobertas por seixos, como se fossem joias do oceano; mais além ficava o mar, bruxuleante e azul, e sobre ele voavam gaivotas, com suas álulas brilhando prateadas à luz do sol.

– O mar não é maravilhoso? – comentou Anne, saindo de um período longo de silêncio em que ficou de olhos arregalados. – Certa vez, quando eu morava em Marysville, o senhor Thomas alugou uma carroça expressa e nos levou para passar o dia no litoral, a mais de 15 quilômetros dali. Desfrutei de cada momento daquele dia, mesmo que eu tenha tido de ficar cuidando das crianças o tempo todo. Durante anos revivi esse momento em sonhos felizes. Mas este litoral é mais bonito do que o de Marysville. Essas gaivotas não são esplêndidas? A senhorita gostaria de ser uma gaivota? Acho que eu gostaria... quero dizer, se eu não pudesse ser uma menina. A senhorita não acha que seria bom poder acordar com a aurora e voar sobre a água e depois para longe, o dia todo, em meio a este azul adorável; e depois, à noite, voar

de volta para o ninho? Oh, consigo me imaginar fazendo exatamente isso. Que casa grande é aquela ali na frente, por favor?

– É o hotel de White Sands. É administrado pelo senhor Kirke, mas a temporada ainda não começou. Muitos americanos vêm para cá passar o verão. Eles acham que este litoral é ideal.

– Receava que fosse a casa da senhora Spencer – disse Anne com pesar. – Não quero chegar lá. De algum modo, vai parecer que é o fim de tudo.

Fifth Reader no original, parte de uma série de oito livros chamada “Royal Readers” (“Leitores reais”) que foi produzida na Inglaterra por Thomas Nelson and Sons, e que foi usada nas escolas de Newfoundland e de Labrador, no Canadá, da década de 1870 até meados dos anos 1930. (N. T.)



MARILLA SE DECIDE

No entanto, elas de fato chegaram lá, e na hora esperada. A senhora Spencer morava em uma grande casa amarela na Angra de White Sands, e ela veio até a porta com um misto de surpresa e boas-vindas estampado em seu rosto benevolente.

– Queridas, queridas – exclamou ela –, vocês são as últimas pessoas que eu estava esperando hoje, mas estou realmente contente de vê-las. Você vai entrar com o seu cavalo? E como você está, Anne?

– Tão bem quanto se pode esperar, obrigada – respondeu Anne sem sorrir. Uma desgraça parecia haver recaído sobre ela.

– Acho que vamos ficar um tempo para que a égua descanse – disse Marilla –, mas prometi a Matthew que voltaria cedo. O fato é, senhora Spencer, que em algum momento ocorreu um mal-entendido estranho, e vim saber qual foi. Matthew e eu lhe mandamos um recado pedindo que a senhora nos trouxesse um menino do orfanato. Dissemos ao seu irmão Robert que lhe dissesse que queríamos um menino de cerca de 10 ou 11 anos.

– Marilla Cuthbert, não me diga isso! – retrucou a senhora Spencer, agoniada. – Ora, o Robert mandou um recado pela filha dele, Nancy, e ela disse que a senhorita e seu marido queriam uma menina... não foi isso, Flora Jane? – disse ela em apelo à sua filha, que havia descido a escada da entrada da casa.

– Com certeza, senhorita Cuthbert – confirmou Flora Jane com sinceridade.

– Lamento terrivelmente – disse a senhora Spencer. – É uma pena; mas certamente a culpa não foi minha, sabe, senhorita Cuthbert. Fiz o melhor que pude, e achava que estava seguindo as suas instruções. Nancy é uma criatura terrivelmente inconstante. Muitas vezes tive de repreendê-la por sua negligência.

– A culpa foi nossa mesmo – respondeu Marilla, resignada. – Nós deveríamos ter vindo vê-la pessoalmente, e não ter deixado um recado importante ser transmitido de boca em boca dessa maneira. De todo o modo, o erro foi feito, e a única coisa a fazer é repará-lo. Podemos mandar a criança de volta para o orfanato? Presumo que eles a aceitariam de volta, não é?

– Presumo que sim – retrucou a senhora Spencer, pensativa –, mas não acho que será necessário mandá-la de volta. A senhora Peter Blewett esteve aqui em cima ontem, e ficou dizendo como queria ter me mandado um recado para que eu trouxesse uma menina para ajudá-la. A senhora Peter tem uma família grande, sabe, e ela tem dificuldades para conseguir quem ajude. Anne vai ser essa menina de quem ela precisa. Eu diria que isso foi extremamente providencial.

Marilla não parecia pensar que a Providência tinha muito a ver com aquele assunto. Eis que aqui havia uma inesperada boa oportunidade de tirar essa órfã indesejada de suas mãos, e ela sequer se sentia agradecida por isso.

Ela somente conhecia a senhora Peter Blewett de vista, e ela era uma mulher pequena, carrancuda, sem um grama de carne supérflua em seus ossos. Mas Marilla ouvira falar dela. “Ela é terrivelmente exigente e arranca o couro dos criados”, era o que se dizia da senhora Peter; e criadas demitidas contavam histórias assustadoras sobre o temperamento e a avareza dela, e sobre sua família composta de crianças impertinentes e briganças. Marilla sentiu um peso na consciência ao pensar em deixar Anne à mercê dos caprichos da senhora Blewett.

– Bem, vou entrar, e discutiremos o assunto – disse ela.

– Veja só a senhora Peter subindo a estrada neste bendito minuto! – exclamou a senhora Spencer, conduzindo afobadamente suas convidadas pelo corredor até a sala de visitas, onde um frio mortal as atingiu, como se o ar tivesse sido tanto tempo filtrado por persianas verde-escuras bem fechadas que perdera qualquer partícula de calor que algum dia possuía. – Que sorte grande; assim, poderemos resolver esse assunto agora mesmo. Sente-se na poltrona, senhorita Cuthbert. Anne, sente-se no pufe, e não fique balançando de um lado para o outro. Deixe-me pegar os chapéus de vocês. Flora Jane, saia e vá esquentar a chaleira. Boa tarde, senhora Blewett. Estávamos agora mesmo falando sobre a sorte que foi a senhora ter passado por aqui agora. Deixe-me que lhe apresente a duas damas. Senhora Blewett,

senhorita Cuthbert. Por favor, deem-me licença por um instante. Esqueci-me de pedir à Flora Jane que tire os pães do forno.

A senhora Spencer saiu apressada, depois de abrir as persianas. Anne, sentada muda no pufe, com as mãos bem entrelaçadas sobre seu colo, encarava a senhora Blewett como se estivesse fascinada. Seria ela entregue aos cuidados desta mulher de rosto severo e olhos cortantes? Ela sentiu um nó subir por sua garganta, e seus olhos arderam dolorosamente. Ela estava começando a recear ser incapaz de conter as lágrimas quando a senhora Spencer voltou, corada e radiante, muito disposta a levar em consideração qualquer dificuldade, fosse ela física, mental ou espiritual, e dissipá-la.

– Parece ter havido um mal-entendido com relação a esta garotinha, senhora Blewett – disse ela. – Eu pensava que o senhor e a senhorita Cuthbert queriam adotá-la. Decerto foi o que me disseram. Mas parece que na verdade eles queriam um menino. Então, se ainda tem a mesma opinião de ontem, acho que ela vai ser perfeita para a senhora.

A senhora Blewett imediatamente olhou Anne dos pés à cabeça.

– Quantos anos você tem, e qual é o seu nome? – indagou ela.

– Anne Shirley – gaguejou a menina, que se retraía, não ousando fazer qualquer comentário sobre como se escrevia seu nome –, e tenho 11 anos de idade.

– Aff! Você não parece ser lá grande coisa. Mas é magra e vigorosa. Não sei o motivo, mas as magras e vigorosas são sempre as melhores no fim das contas. Bem, se eu lhe adotar, você vai ter de se comportar bem, sabe, sendo boa, esperta e respeitosa. Esperarei que você trabalhe duro em troca do seu sustento, não se engane quanto a isso. Sim, presumo que seja melhor que eu a tire de suas mãos, senhorita Cuthbert. Meu bebê anda terrivelmente irritadiço, e estou exausta de cuidar dele. Se a senhorita quiser, posso levá-la para casa agora mesmo.

Marilla olhou para Anne e se enterneceu ao ver o rosto lívido da criança, com seu olhar de infelicidade muda – a infelicidade de uma criaturinha desamparada que se vê mais uma vez presa na armadilha da qual escapara. Marilla sentiu uma convicção incômoda de que, se ela renegasse o apelo daquele olhar, isso a assombraria até o dia de sua morte. Além do mais, ela não gostava da senhora Blewett. Onde já se viu entregar uma menina sensível e “impressionável” para uma mulher como aquelas! Não, ela não poderia ser a responsável por aquilo!

– Bem, não estou certa – disse ela lentamente. – Não falei que Matthew e eu estávamos completamente decididos quanto a não ficar com ela. Na verdade, posso até dizer que Matthew está tencionando ficar com ela. Eu só vim para saber como o mal-entendido havia ocorrido. Acho melhor levá-la de volta para casa e discutir esse assunto com Matthew. Sinto que não deveria tomar nenhuma decisão sem antes consultá-lo. Se decidirmos não ficar com ela, a trazemos de volta, ou a mandamos para cá amanhã à noite. Caso não façamos nenhuma dessas coisas, podem ficar sabendo que ela vai ficar conosco. Está bem assim, senhora Blewett?

– Presumo que tenha de estar – disse a senhora Blewett sem a menor delicadeza.

Durante a fala de Marilla, o rosto de Anne foi aos poucos se iluminando. Primeiro, o olhar de desespero se esvaiu; depois, ela estampou um tênue rubor de esperança; seus olhos se arregalaram e ficaram brilhantes feito estrelas da manhã. A criança ficou deveras transfigurada; e, um instante depois, quando a senhora Spencer e a senhora Blewett saíram em busca de uma receita que esta última tinha vindo pegar emprestado, Anne saltou do pufe e voou pelo cômodo em direção a Marilla.

– Oh, senhorita Cuthbert, a senhorita de fato disse que talvez me permita ficar em Green Gables? – perguntou ela com um sussurro sem fôlego, como se falar em voz alta pudesse arruinar a gloriosa possibilidade. – A senhorita realmente disse isso? Ou eu simplesmente imaginei?

– Acho melhor você aprender a controlar essa sua imaginação, Anne, se você não consegue distinguir entre o que é real e o que não é – replicou com irritação Marilla. – Sim, você de fato me ouviu dizer isso, e nada mais. Esse assunto ainda não está decidido, e talvez decidamos deixar a senhora Blewett ficar com você no fim das contas. Ela decerto precisa muito mais de você do que eu.

– Prefiro voltar para o orfanato a ir morar com ela – respondeu Anne acaloradamente. – Ela se parece exatamente com uma... uma verruma.

Marilla reprimiu um sorriso, pois estava convencida de que Anne deveria ser repreendida por ter dito aquilo.

– Uma menininha como você deveria se envergonhar de falar assim de uma dama e de uma desconhecida – asseverou ela. – Volte e se sente quieta, e dobre essa língua, e comporte-se como uma menina educada.

– Vou tentar fazer isso e ser o que a senhorita quiser de mim, caso me adote – disse Anne, voltando docilmente para o pufe.

Quando voltaram para Green Gables naquele fim de tarde, Matthew foi encontrá-las na estrada estreita. De longe, Marilla reparara em Matthew espreitando pela estrada, e adivinhara o motivo. Ela estava preparada para ver o alívio no rosto dele, quando viu que ela pelo menos trouxera Anne de volta consigo. Mas ela não disse palavra para ele sobre o assunto até que os dois estivessem atrás do estábulo no quintal ordenhando as vacas. Então, ela contou para ele brevemente a história de Anne e o resultado da visita à senhora Spencer.

– Eu não daria um cão de que eu gostasse para aquela tal de Blewett – falou Matthew com incomum vivacidade.

– Tampouco simpatizo com ela – confessou Marilla –, mas é isso, ou nós ficamos com a menina, Matthew. E como você parece querer ficar com ela, acho que estou disposta também... ou que tenho de estar. Estive matutando até que meio que me acostumei com a ideia. Parece uma espécie de dever. Jamais criei uma criança, muito menos uma menina, e atrevo-me a dizer que serei um completo desastre. Mas darei o melhor de mim. No que depender de mim, Matthew, ela pode ficar.

O rosto tímido de Matthew brilhou de encantamento.

– Bem, achei mesmo que você acabaria vendo as coisas por esse ângulo, Marilla – disse ele. – Ela é uma criaturinha interessante demais.

– Seria mais pertinente se você pudesse dizer que ela era uma criaturinha útil – retrucou Marilla –, mas vou me encarregar de fazer com que ela seja educada para ser útil. E atenção, Matthew, você não vai se intrometer nos meus métodos de educação. Talvez uma velha criada não saiba muito sobre criar uma criança, mas acho que ela sabe mais do que um velho solteirão. Então, deixe que eu cuido dela. Quando eu fracassar, aí sim vai chegar a hora de você se intrometer.

– Calma, calma, Marilla, as coisas serão do jeito que você quer – disse Matthew de modo reconfortante. – Só peço que seja boa e gentil com ela, mas sem mimá-la. Eu meio que acho que ela é do tipo com quem dá para fazer qualquer coisa se você simplesmente conseguir que ela lhe queira bem.

Marilla bufou de leve, para expressar o seu desdém pelas opiniões de Matthew com relação a qualquer assunto feminino, e saiu dali para a leiteria com os baldes de leite.

“Não direi a ela esta noite que ela pode ficar” – refletiu Marilla, à medida que coava o leite e o despejava nas leiteiras. – “Ela ficaria tão entusiasmada que não pregaria os olhos. Marilla Cuthbert, você está lascada. Alguma vez

achou que viveria para ver o dia em que adotaria uma menina órfã? É surpreendente o bastante, mas não tão surpreendente quanto o fato de que Matthew seja o motivo de tudo isso, logo ele que sempre pareceu ter um medo mortal de menininhas. De todos os modos, decidimos fazer essa experiência, e só Deus sabe qual será o resultado disso.”



ANNE FAZ SUAS ORAÇÕES

Quando Marilla levou Anne para a cama naquela noite, ela disse com severidade:

– Olhe, Anne, reparei ontem à noite que você deixou todas as suas roupas espalhadas pelo chão depois que se despiu. Esse é um hábito nada asseado, e não posso permitir isso de jeito nenhum. Assim que você tirar qualquer peça de roupa, dobre-a bem e deixe-a sobre a cadeira. Não tenho qualquer utilidade para menininhas que não são asseadas.

– Eu estava com a mente tão atormentada ontem à noite que sequer pensei nas minhas roupas – disse Anne. – Hoje à noite vou dobrá-las direito. Sempre nos faziam dobrar as roupas no orfanato. Na metade das vezes, no entanto, eu me esquecia, pois sempre estava apressada para ir para a cama ficar quieta e imaginar coisas.

– Caso fique aqui, vai ter que se esforçar um pouco mais para se lembrar – admoestou Marilla. – Pronto, assim está bom. Faça as suas orações e vá para a cama.

– Eu nunca faço nenhuma oração – anunciou Anne.

Marilla pareceu horrorizada e surpresa.

– Ora, Anne, o que quer dizer com isso? Jamais lhe ensinaram a fazer suas orações? Deus sempre quer que menininhas façam as suas orações. Você não sabe quem é Deus, Anne?

– “Deus é um espírito, infinito, eterno e imutável em Seu Ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade”⁷ – respondeu Anne pronta e mecanicamente.

Marilla pareceu bastante aliviada.

– Então alguma coisa você sabe, graças a Deus! Você não é exatamente pagã. Onde aprendeu isso?

– Ah, na escola dominical⁸ do orfanato. Eles nos fizeram aprender todo o catecismo. Eu gostava bastante. Tem algo de esplêndido com relação a

algumas palavras. “Infinito, eterno e imutável.” Não é grandioso? Tem um som gostoso... igual a um grande órgão tocando. Presumo que não dá para chamarmos isso de poesia, mas soa bastante como um poema, não é?

– Não estamos falando de poesia, Anne, estamos falando de fazer suas orações. Você não sabe que é muito feio não fazer suas orações à noite? Receio que você seja uma menininha muito malcomportada.

– A senhorita acharia mais fácil ser ruim do que boa se tivesse o cabelo ruivo – disse Anne em tom de reprimenda. – As pessoas que não têm cabelos ruivos não sabem o que são problemas. A senhora Thomas me disse que Deus fez o meu cabelo vermelho *de* propósito, e desde então deixei de me importar com Ele. E, de todo o modo, eu sempre estava muito cansada à noite para me dar o trabalho de orar. Não se pode esperar que pessoas que tomam conta de gêmeos façam suas orações. A senhorita sinceramente acha que isso é possível?

Marilla decidiu que o ensino religioso de Anne deveria começar imediatamente. Evidentemente, não havia tempo a perder.

– Enquanto viver sob o meu teto, você tem de fazer suas orações, Anne.

– Ora, mas é claro, se a senhorita quiser que eu faça – assentiu alegremente Anne. – Eu faria qualquer coisa para agradar a senhorita. Mas, só desta vez, a senhorita vai ter de me falar o que eu devo dizer. Depois que eu me deitar, vou imaginar uma oração bem bonita para dizer sempre. Acho que vai ser bem interessante, agora que penso nisso.

– Você tem de se ajoelhar – disse Marilla constrangida.

Anne se ajoelhou diante dos joelhos de Marilla e olhou para cima com seriedade.

– Por que as pessoas têm de se ajoelhar para rezar? Se eu realmente quisesse rezar, já lhe digo o que eu faria. Eu iria sozinha para um campo enorme, ou para uma mata bem, bem fechada, e olharia para o céu... para cima... para cima... para cima... para aquele céu adorável cujo azul parece infinito. E, então, eu *sentiria* uma oração. Bem, estou pronta. O que devo dizer?

Marilla sentiu-se mais constrangida do que nunca. Ela tinha a intenção de ensinar a Anne a clássica oração infantil “Com Deus me deito”. Mas ela tinha, como eu disse a vocês, um vislumbre de senso de humor, o que é simplesmente um outro nome para designar um senso da propriedade das coisas; e subitamente lhe ocorreu que aquela simples oraçãozinha, sagrada para as crianças de camisola branca, e balbuciada no colo maternal, era

totalmente inapropriada para aquela bruxinha sardenta que não se importava ou sabia nada sobre o amor de Deus, visto que jamais tivera esse amor traduzido para ela por meio do amor humano.

– Você já é grande o bastante para rezar sozinha, Anne – disse ela por fim.
– Simplesmente agradeça a Deus por suas bênçãos, e peça a Ele com humildade as coisas que deseja.

– Bem, vou dar o melhor de mim – prometeu Anne, enterrando o rosto no colo de Marilla. – Pai celestial cheio de graça... é assim que os pastores falam na igreja, então, presumo que não haja problema falar isso em uma oração particular, não é? – ela se interrompeu, levantando a cabeça por um instante.

“Pai celestial cheio de graça, Vos agradeço pela Trilha Branca das Delícias e pelo Lago das Águas Cintilantes e por Bonny e pela Rainha das Neves. De fato sou extremamente grata por eles. E essas são todas as bênçãos que me ocorrem agora para agradecer ao Senhor. Quanto às coisas que eu desejo, são tão numerosas que eu demoraria muito tempo para dizer todas; então, vou mencionar apenas as duas mais importantes. Por favor, permita que eu fique em Green Gables; e, por favor, permita que eu seja bonita quando crescer.

Sem mais,

Com respeito,

Anne Shirley.

– Pronto, fui bem? – perguntou Anne ansiosa, e se levantou. – Eu poderia ter feito uma oração mais floreada caso tivesse tido mais tempo de pensar sobre ela.

A pobre Marilla só foi poupada de desabar totalmente pela lembrança de que aquilo não se tratava de irreverência; era simplesmente a ignorância espiritual de Anne que era responsável por aquela extraordinária súplica. Marilla colocou a criança na cama e cobriu-a, e jurou mentalmente que ensinaria uma oração a ela no dia seguinte, e estava saindo do quarto com a vela quando Anne a chamou de volta.

– Agora me dei conta de uma coisa. Eu deveria ter dito “Amém”, em vez de “Com respeito”, não é mesmo? Do mesmo modo como fazem os pastores. Eu havia me esquecido disso, mas senti que a oração deveria ser concluída de alguma forma, então, terminei-a com a outra expressão. A senhorita acha que vai fazer alguma diferença?

– Eu... presumo que não – disse Marilla. – Agora, seja uma menina comportada e vá dormir. Boa noite.

– Só posso desejar boa-noite esta noite se eu estiver com a consciência limpa – retrucou Anne, aninhando-se indulgentemente entre seus travesseiros.

Marilla voltou para a cozinha, firmou bem a vela sobre a mesa e lançou um olhar fulminante para Matthew.

– Matthew Cuthbert, já passou da hora de alguém adotar aquela criança e ensinar algo a ela. Ela é praticamente uma pagã completa. Você consegue acreditar que ela jamais havia dito uma oração antes desta noite? Amanhã, vou mandá-la ao presbitério e pegar emprestado um catecismo infantil, é isso o que vou fazer. E ela vai passar a frequentar a escola dominical assim que eu conseguir mandar fazer algumas roupas decentes para ela. Prevejo que terei muito trabalho pela frente. Ora, ora, não conseguimos passar por este mundo sem ter o nosso quinhão de problemas. Até agora minha vida foi bastante tranquila, mas minha hora chegou, e presumo que vou ter de tirar o melhor proveito possível disso.

A resposta dada por Anne é a resposta à quarta questão (“Quem é Deus?”) do *Breve catecismo de Westminster* originalmente elaborado para o ensino de crianças, e que foi formulado por teólogos ingleses e escoceses da Assembleia de Westminster no século XVII. É um catecismo resumido, de orientação calvinista, composto de 107 questões. Junto da *Confissão de fé de Westminster* e do *Catecismo maior de Westminster*, compõe os símbolos de fé das igrejas presbiterianas ao redor do mundo. (N. T.)

A escola dominical é uma instituição cristã, tipicamente protestante, voltada para a instrução de jovens e crianças na vida e doutrina do Cristianismo. Ela tem esse nome pois as aulas geralmente acontecem aos domingos, o dia do Senhor (*dominus*, em latim). (N. T.)



COMEÇA A EDUCAÇÃO DE ANNE

Por motivos que ela sabe melhor do que ninguém, Marilla não contou a Anne que ela ficaria em Green Gables até a tarde do dia seguinte. Pela manhã, ela manteve a criança ocupada com várias tarefas, e ficou observando a menina com olhos de lince enquanto ela as realizava. Por volta de meio-dia, ela concluíra que Anne era esperta e obediente, disposta a trabalhar e rápida no aprendizado; a falha mais grave dela parecia ser que ela começava a devanear no meio de uma tarefa, e se esquecia completamente dela até que fosse duramente chamada de volta à realidade por uma bronca ou uma catástrofe.

Quando Anne tinha terminado de lavar os pratos do almoço, ela subitamente confrontou Marilla com o ar e a expressão de alguém desesperadamente determinado a saber do pior. Seu corpinho esguio tremia da cabeça aos pés; seu rosto estava corado, e seus olhos tinham as pupilas tão dilatadas que pareciam ser pretos; ela entrelaçou as mãos com força e disse com uma voz suplicante:

– Oh, por favor, senhorita Cuthbert, não vai me dizer se vai me mandar embora ou não? Tentei ser paciente durante toda a manhã, mas de fato sinto que não suporto mais ficar sem saber. É uma coisa terrível. Por favor, me diga.

– Você ainda não escaldou o pano de prato em água quente limpa, como eu lhe disse para fazer – disse Marilla, impassível. – Vá fazer isso logo antes de fazer qualquer outra pergunta, Anne.

Anne foi limpar o pano de prato. Depois, voltou para onde estava Marilla e dirigiu com firmeza um olhar suplicante para o rosto dela.

– Bem – falou Marilla, incapaz de encontrar qualquer outra desculpa para adiar sua explicação por mais tempo –, presumo que seja melhor eu contar a você. Matthew e eu decidimos ficar com você... quero dizer, se você tentar se comportar e se mostrar agradecida. Ora, menina, qual é o problema?

– Estou chorando – respondeu Anne com um tom de desconcerto. – E não sei dizer por quê. Estou tão contente quanto é possível estar. Oh, *contente* parece não ser a palavra certa. Fiquei contente com a Trilha Branca e os botões de cerejeira... mas isto! Oh, é algo mais do que contentamento. Estou feliz demais. Vou tentar ser muito bem-comportada. Vai ser difícil, espero, pois a senhora Thomas me dizia com frequência que eu era terrivelmente levada. No entanto, darei o melhor de mim. Mas a senhorita sabe me dizer por que estou chorando?

– Presumo que seja porque você está toda animada e alvoroçada – disse Marilla em tom de reprovação. – Sente-se naquela cadeira e tente se acalmar. Receio que você tanto chora quanto ri com facilidade demais. Sim, você pode ficar aqui, e tentaremos ser justos com você. Você terá de frequentar a escola; mas faltam apenas quinze dias para as férias; então, não vale a pena você começar as aulas antes de elas voltarem em setembro.

– Como eu devo lhe chamar? – indagou Anne. – Devo sempre dizer senhorita Cuthbert? Posso lhe chamar de tia Marilla?

– Não, você vai me chamar simplesmente de Marilla. Não estou acostumada a ser chamada de senhorita Cuthbert, e isso me deixaria nervosa.

– Parece muita falta de respeito lhe chamar apenas de Marilla – protestou Anne.

– Acho que não haverá nada de desrespeitoso com relação a isso se você tomar o cuidado de falar em tom respeitoso. Todos em Avonlea, velhos e jovens, me chamam de Marilla, exceto o pastor. Ele diz senhorita Cuthbert... quando se lembra.

– Eu adoraria chamar-lhe de tia Marilla – retrucou Anne em tom de tristeza. – Jamais tive uma tia ou qualquer outro parente... nem uma avó. Assim, eu de fato sentiria que pertenço a vocês. Não posso mesmo lhe chamar de tia Marilla?

– Não. Não sou sua tia, e não acredito em chamar as pessoas por nomes que não pertencem a elas.

– Mas poderíamos imaginar que a senhorita é minha tia.

– Eu não poderia – replicou Marilla com severidade.

– A senhorita nunca imagina que as coisas são diferentes de como realmente são? – perguntou Anne com os olhos arregalados.

– Não.

– Oh! – Anne deu um longo suspiro. – Oh, senhorita... Marilla, você não sabe o que está perdendo!

– Não acredito em imaginar que as coisas são diferentes de como elas de fato são – retrucou Marilla. – Quando Deus nos coloca em determinadas circunstâncias, Ele não quer que imaginemos que elas são diferentes. E isso me faz lembrar de uma coisa. Vá até a sala de estar, Anne – certifique-se de que os seus pés estão limpos, e não deixe entrar ali uma mosca sequer –, e traga aquele cartão ilustrado que há sobre o consolo da lareira. A Oração do Senhor² está escrita nele, e você dedicará o seu tempo livre esta tarde para decorá-la. Você já não vai dizer orações como a que escutei ontem à noite.

– Presumo que tenha sido estranho mesmo – disse Anne se desculpando mas, também, sabe, eu nunca tive prática nenhuma. Não dá para esperar que uma pessoa vá rezar muito bem quando é a sua primeira tentativa, não é mesmo? Depois que fui para a cama, pensei em uma oração esplêndida, assim como lhe prometi que faria. Era quase tão longa quanto a oração de um pastor, e muito poética. Mas dá para acreditar? Quando acordei hoje, não me lembrava de uma palavra dela. E receio que jamais conseguirei pensar em outra tão boa. De algum modo, as coisas nunca são tão boas quando são pensadas por uma segunda vez. Você já reparou nisso?

– Eis aqui uma coisa para você reparar, Anne. Quando eu lhe disser para fazer alguma coisa, quero que me obedeça imediatamente, e não que fique de pé, imóvel e discutindo comigo. Vá e faça o que lhe pedi.

Anne foi rapidamente para a sala de estar do outro lado do corredor; mas não voltou; depois de esperar dez minutos, Marilla largou o seu tricô e saiu marchando pela casa atrás da menina com uma expressão severa. Encontrou Anne de pé e imóvel diante de um quadro pendurado na parede entre as duas janelas, com os olhos de quem sonha acordado. A luz branca e verde filtrada pelas macieiras e trepadeiras emaranhadas do lado de fora recaía sobre a embevecida criaturinha com uma radiância um tanto sobrenatural.

– Anne, em que você está pensando? – indagou duramente Marilla.

Anne voltou à Terra com um sobressalto.

– Naquilo – disse ela apontando para o quadro, uma litocromografia muito vívida, intitulada “Cristo abençoando as criancinhas” –, e eu estava imaginando que era uma das crianças... que eu era aquela menininha de vestido azul, de pé sozinha no canto, como se não pertencesse a ninguém, assim como eu. Ela parece triste e solitária, não acha? Acho que ela não tinha nem pai nem mãe. Mas ela também queria ser abençoada, e simplesmente se esgueirou timidamente para fora da multidão, na esperança de que ninguém reparasse nela... exceto Ele. Estou certa de que sei bem como ela se sentia. O coração dela deve ter disparado, e suas mãos devem ter ficado frias, como eu me senti quando perguntei a você se eu podia ficar. Ela receava que talvez Ele não a notasse. Mas é provável que ele tenha notado, você não acha? Fiquei imaginando o desenrolar da história... ela se aproximando cada vez mais, até que estivesse muito perto Dele, e então Ele olharia para ela e colocaria Sua mão no cabelo dela, e, oh, que explosão de alegria percorreria o corpo dela! Mas gostaria que o artista não O tivesse pintado com uma expressão tão triste. Todos os retratos Dele são assim, se você já reparou. Mas não acredito que Ele de fato poderia ter uma expressão tão triste assim, pois as crianças teriam medo Dele.

– Anne – disse Marilla, perguntando-se por que ela ainda não tinha dado esta bronca havia muito tempo –, você não deveria falar desse jeito. É irreverencioso... definitivamente irreverencioso.

Os olhos de Anne ficaram surpresos.

– Ora, eu me senti tão reverenciosa quanto possível. Estou certa de que minha intenção não foi ser irreverenciosa.

– Bem, presumo que não mesmo... mas não me parece certo falar com tanta intimidade assim dessas coisas. E outra coisa, Anne: quando eu lhe mandar buscar alguma coisa, você tem de me trazê-la imediatamente, e não ir para o mundo da lua e ficar imaginando coisas diante de quadros. Lembre-

se disso. Pegue aquele cartão e venha já para a cozinha. Agora, sente-se naquele canto e decore a oração.

Anne recostou o quadro contra o jarro cheio de botões de macieira que ela havia trazido para enfeitar a mesa do jantar – Marilla olhara desconfiada para aquela decoração, mas não dissera nada –, apoiou o queixo nas mãos, e começou a estudar a oração intensamente e em silêncio por vários minutos.

– Gosto disto – anunciou ela por fim. – É linda. Já a ouvi antes... Ouvi o diretor da escola dominical do orfanato dizer essa oração certa vez. Mas naquele momento, não gostei dela. Ele tinha uma voz muito estridente, e rezava de modo muito triste. Eu de fato tive a certeza de que ele achava que rezar era um dever desagradável. Isto aqui não é poesia, mas me faz sentir do mesmo modo que a poesia. “Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome.” Parece até um verso de música. Oh, fico muito contente que a senhora tenha tido a ideia de me fazer decorar isto, senhorita... Marilla.

– Bem, decore-a e dobre a sua língua – disse Marilla de modo curto e grosso.

Anne virou o vaso de botões de macieira próximo o bastante para dar um leve beijo em um botão rosado, e depois estudou com afinco por mais alguns instantes.

– Marilla – perguntou ela naquele momento –, você acha que algum dia eu terei uma amiga do peito aqui em Avonlea?

– Uma... amiga o quê?

– Uma amiga do peito – uma amiga íntima, sabe – uma alma irmã de fato, para quem eu pudesse confessar o que sinto em meu âmagô. A vida toda tenho sonhado em encontrá-la. Nunca de fato presumi que encontraria, mas tantos dos meus mais adoráveis sonhos se tornaram realidade de uma vez só que talvez esse se realize também. Você acha que é possível?

– Diana Barry mora em Orchard Slope, e tem mais ou menos a sua idade. É uma garotinha muito simpática, e talvez brinque com você quando voltar para casa. Ela agora está visitando sua tia em Carmody. No entanto, você precisará ter muito cuidado com relação ao seu comportamento, pois a senhora Barry é uma mulher muito exigente. Ela não permite que Diana brinque com nenhuma garota que não seja simpática e bem-comportada.

Anne olhou para Marilla por entre os botões de macieira, e seus olhos brilhavam de interesse.

– Como é a Diana? O cabelo dela não é vermelho, não é? Oh, espero que não. Já é ruim o bastante que eu tenha o cabelo vermelho; mas eu

definitivamente não conseguiria suportar isso em uma amiga do peito.

– Diana é uma menininha muito bonita. Ela tem cabelos e olhos pretos, e bochechas rosadas. E é esperta e bem-comportada, o que é melhor do que ser bonita.

Marilla tinha tanto apreço pela moral quanto a Duquesa no País das Maravilhas, e estava totalmente convencida de que a moral deveria ser acrescentada a todo e qualquer comentário feito a uma criança que estava sendo educada.

Mas Anne, de modo inconsequente, deixou a moral de lado, e agarrou-se somente às deliciosas possibilidades que havia naquilo.

– Ah, fico muito feliz que ela seja bonita. Além de a pessoa ser bonita – e isso é impossível no meu caso –, a melhor coisa é ter uma amiga do peito bonita. Quando eu morava com a senhora Thomas, ela tinha uma estante de livros com portas de vidro na sala de estar. Não havia livros dentro dela; a senhora Thomas guardava ali suas melhores porcelanas e conservas... quando tinha alguma conserva para ser guardada. Uma das portas estava quebrada. O senhor Thomas a quebrou certa noite em que estava levemente embriagado. Mas a outra porta estava inteira, e eu costumava fingir que o meu reflexo nela era outra garotinha que vivia ali dentro. Eu a chamava de Katie Maurice, e éramos muito íntimas. Eu costumava falar com ela a cada hora, principalmente aos domingos, e contava tudo a ela. Katie era o conforto e o consolo da minha vida. Costumávamos fingir que a estante era encantada, e que, se eu soubesse o feitiço, poderia abrir a porta e entrar no cômodo em que Katie Maurice morava, em vez de entrar nas prateleiras de porcelana e conservas da senhora Thomas. E, então, Katie Maurice pegaria a minha mão e me levaria para um lugar maravilhoso, repleto de flores, fadas e luz do sol, e viveríamos ali felizes para sempre. Quando fui morar com a senhora Hammond, fiquei de coração partido por ter de abandonar Katie Maurice. Ela também ficou muito triste, sei que ficou, pois estava chorando quando me deu um beijo de despedida através da porta da estante. Não havia uma estante de livros na casa da senhora Hammond. Mas rio acima, não muito longe da casa, havia um longo e verde vale, e o eco mais adorável do mundo morava ali. Ele ecoava todas as palavras que você dizia, mesmo que você não falasse muito alto. Então, imaginei se tratar de uma menininha chamada Violetta, e nós éramos grandes amigas, e eu a quis quase tão bem quanto a Katie Maurice... não tanto quanto, mas quase, sabe. Na noite antes de eu voltar para o orfanato, eu me despedi de Violetta, e, oh, o adeus dela

chegou até mim em tons muito tristes. Eu tinha ficado tão ligada a ela que não tive coragem de imaginar uma amiga do peito no orfanato, mesmo que ali houvesse qualquer escopo para a imaginação.

– Acho melhor mesmo que não houvesse – retrucou secamente Marilla. –

Não aprovo essas brincadeiras de jeito algum. Você parece meio que acreditar nas coisas que imagina. Vai lhe fazer muito bem ter uma amiga de carne e osso para afastar esses despautérios da sua cabeça. Mas não deixe que a senhora Barry escute você falar sobre suas Katie Maurices e suas Violettas, ou ela vai pensar que você mente.

– Ah, eu não vou. Não poderia falar delas com qualquer pessoa: as memórias delas são sagradas demais para isso. Mas achei que eu gostaria que você soubesse delas. Oh, olhe, uma enorme abelha acaba de cair de um botão de macieira. Imagine só que lugar maravilhoso de se morar: em um botão de macieira! Eu gostaria de dormir dentro dele quando o vento o estivesse sacudindo. Se eu não fosse uma menina humana, acho que gostaria de ser uma abelha e viver em meio às flores.

– Ontem você queria ser uma gaivota – desdenhou Marilla. – Acho que você tem uma mente muito volúvel. Eu lhe disse para decorar aquela oração e não falar. Mas parece ser impossível para você parar de falar caso haja qualquer um para lhe dar ouvidos. Então, suba para o seu quarto e decore a oração.

– Ah, agora eu já decorei ela quase toda... exceto a última frase.

– Bem, não importa, faça o que lhe digo. Vá para o seu quarto e termine de decorá-la direitinho, e fique lá até que eu lhe chame para que você desça e me ajude a preparar o chá.

– Posso levar os botões de macieira para me fazerem companhia? – suplicou Anne.

– Não, você não quer que o seu quarto fique entupido de flores. Para começo de conversa, você deveria ter deixado os botões na árvore.

– Eu meio que senti a mesma coisa – confessou Anne. – Senti que eu não deveria encurtar a vida deles ao colhê-los, eu não desejaria ser colhida caso fosse um botão de macieira. Mas a tentação foi *irresistível*. O que você faz quando se depara com uma tentação irresistível?

– Anne, não me ouviu dizer para você ir para o seu quarto?

Anne suspirou, voltou para o frontão leste e se sentou em uma cadeira perto da janela.

“Pronto... decorei esta oração. Decorei a última frase enquanto subia as escadas. Agora, vou imaginar coisas aqui neste quarto para que elas permaneçam sempre imaginadas. O chão está coberto por um tapete de veludo branco com rosas estampadas, e há cortinas de seda rosa nas janelas. Nas paredes, há tapeçarias douradas e prateadas penduradas. A mobília é de mogno. Jamais sequer vi um mogno, mas soa luxuoso *demais*. Este é um sofá repleto de deslumbrantes almofadas forradas de seda, rosa e azuis e escarlates e douradas, e estou graciosamente recostada nele. Posso ver meu reflexo naquele esplêndido grande espelho pendurado na parede. Sou alta e majestosa, com um vestido longo com uma cauda de renda branca que se arrasta no chão, com uma cruz de pérolas no peito, e pérolas nos cabelos. Meu cabelo tem a cor da escuridão da meia-noite, e minha pele é de uma palidez amarfinada. Meu nome é *lady* Cordelia Fitzgerald. Não, não é... Não consigo fazer *isso* parecer real.”

Ela foi dançando até o pequeno espelho e olhou para ele. Seu rosto sarapintado e seus solenes olhos cinza olharam de volta para ela.

– Você é somente Anne de Green Gables – disse ela com seriedade –, e eu lhe vejo exatamente como você é agora, sempre que tento imaginar *lady* Cordelia. Mas é um milhão de vezes melhor ser Anne de Green Gables do que Anne de nenhum lugar em especial, não é?

Ela se inclinou para frente, beijou afetuosamente o seu reflexo, e foi em direção à janela aberta.

– Querida Rainha das Neves, boa tarde. E boa tarde, queridas bétulas na ravina. E boa tarde, querida casa cinza na subida do morro. Pergunto-me se Diana vai ser minha amiga do peito. Espero que sim, e vou amá-la muito. Mas jamais posso me esquecer totalmente de Katie Maurice e de Violetta. Se fizesse isso, elas ficariam muito magoadas, e eu detestaria magoar qualquer pessoa, até mesmo uma menininha da estante ou uma menininha que é um eco. Preciso ter o cuidado de me lembrar delas e de mandar beijos para elas todos os dias.

Anne soprou no ar alguns beijos na direção dos botões de cerejeira e depois, com o queixo apoiado nas mãos, afundou-se de modo indulgente em um mar de devaneios.

O pai-nosso. (N. T.)



A SENHORA RACHEL LYNDE FICA DEVIDAMENTE HORRORIZADA

Anne passara duas semanas em Green Gables antes que a senhora Lynde viesse ver como ela estava. Para ser justo com a senhora Rachel, a culpa disso não era dela. Um ataque de gripe grave e fora de época deixara aquela bondosa dama confinada à sua casa desde a última visita que ela fizera a Green Gables. A senhora Rachel quase nunca adoecia, e sentia um claro desprezo pelas pessoas que adoeciam com frequência, mas a gripe, afirmou ela, era diferente de todas as doenças do mundo, e poderia apenas ser interpretada como uma das visitas especiais da Providência. Assim que seu médico a liberou para botar os pés para fora de casa, ela apressou-se até Green Gables, morrendo de curiosidade para ver a órfã de Matthew e Marilla, sobre quem toda a sorte de histórias e suposições haviam se espalhado por Avonlea.

Anne aproveitara bem cada momento que passou acordada durante aquelas duas semanas. Já estava familiarizada com todas as árvores e arbustos que havia ali. Ela descobrira que uma trilha se abria sob o pomar de macieiras e subia por entre uma faixa de mata, e explorara a trilha até a sua ponta mais distante com todas as suas extravagâncias deliciosas de riacho e ponte, bosque de abetos e arcos de cerejeiras, cantos repletos de samambaias, e trilhas laterais ladeadas de bordos e sorveiras-bravas.

Ela fizera amizade com a nascente de água na ravina: aquela nascente maravilhosa, profunda, cristalina e congelante; em volta da nascente havia vários arenitos vermelhos e lisos, e ela era ladeada por enormes touceiras de azolas que pareciam palmeiras; além delas havia uma ponte de troncos que cruzava o riacho.

Aquela ponte conduziu os pés dançantes de Anne por sobre um monte com árvores em que o crepúsculo reinava eterno sob os retos e bastos abetos e píceas; as únicas flores que havia ali eram uma miríade de campânulas,

aquelas inflorescências do bosque que são as mais discretas e doces, e algumas pálidas e vaporosas trientales, como se fossem os espíritos das inflorescências do ano anterior. Veludos-brancos cintilavam como fios de prata por entre as árvores, e os galhos mais grossos e os corutos dos abetos pareciam balbuciar palavras amigáveis.

Todas essas extasiadas viagens de exploração foram feitas nas ocasionais meias horas em que lhe era permitido brincar, e Anne deixava Matthew e Marilla quase mortos de tanto falar de suas descobertas. Não que Matthew reclamasse, é claro; ele escutava tudo com um sorriso silencioso de prazer estampado no rosto; Marilla permitia a “tagarelice” até que percebia que ela mesma estava ficando muito interessada no assunto; então, sempre aplacava Anne rapidamente com uma breve ordem para que ela dobrasse a língua.

Anne estava no pomar quando a senhora Rachel veio, caminhando a esmo por vontade própria em meio à grama exuberante e oscilante salpicada da luz rosada do sol do fim de tarde; então, aquela bondosa dama teve uma excelente oportunidade de falar sobre sua doença, descrevendo cada dor e pulsação com tamanho evidente prazer que Marilla pensou que até mesmo a gripe deveria render recompensas. Quando já havia dito todos os detalhes, a senhora Rachel revelou o motivo real da sua visita.

– Tenho ouvido coisas surpreendentes sobre você e Matthew.

– Não presumo que você esteja nem um pouco mais surpresa do que eu mesma – respondeu Marilla. – Ainda estou me recuperando dessa surpresa.

– Foi uma pena que esse mal-entendido tenha acontecido – disse com empatia a senhora Rachel. – Vocês não poderiam ter mandado ela de volta?

– Presumo que sim, mas decidimos não fazer isso. E devo dizer que gosto dela... mas confesso que ela tem defeitos. A casa já parece um lugar diferente. Ela é uma criaturinha radiante.

Marilla disse mais do que tencionara dizer quando começou a falar, pois percebeu certa reprovação na expressão da senhora Rachel.

– É uma responsabilidade enorme essa que você tomou para si – comentou com tristeza aquela senhora –, especialmente porque você jamais teve qualquer experiência com crianças. Você não sabe muito sobre ela ou sobre o verdadeiro temperamento dela, presumo, e é impossível adivinhar como essa criança vai se tornar no futuro. Mas decerto não quero desanimá-la, Marilla.

– Não me sinto desanimada. – Foi a resposta seca de Marilla. – Quando decido fazer alguma coisa, essa decisão não muda. Presumo que você

gostaria de ver Anne. Vou chamá-la aqui para dentro de casa.

Anne logo veio correndo, com o rosto brilhando de prazer por conta de suas perambulagens pelo pomar; mas, envergonhada por sentir prazer com a presença inesperada de uma desconhecida, ela, confusa, deteve-se na soleira. Ela certamente era uma criaturinha de aparência estranha com aquele vestido curto e justo de flanela de algodão com o qual viera do orfanato, embaixo do qual suas pernas finas pareciam deselegantemente longas. Suas sardas eram mais numerosas e evidentes do que nunca; o vento havia mexido os cabelos de sua cabeça sem chapéu, transformando-os em uma bagunça que brilhava em excesso, o cabelo de Anne jamais fora tão ruivo quanto naquele momento.

– Bem, não foi pela beleza que escolheram você, isso é certo e garantido.
– Foi o enfático comentário da senhora Rachel Lynde. A senhora Rachel era uma daquelas pessoas populares e encantadoras que se orgulhava de falar o que pensava sem medo ou consideração. – Ela é terrivelmente magra e feiosa, Marilla. Venha cá, menina, e deixe-me olhar bem para você. Minha nossa, alguém já viu sardas como estas? E cabelos da cor de cenouras! Venha cá, menina, eu já disse.

Anne “foi lá”, mas não exatamente do modo como a senhora Rachel esperava. Com um pulo, atravessou o piso da cozinha e ficou de pé diante da senhora Rachel, com o rosto escarlate de raiva, os lábios trêmulos, e corpo esguio tremendo inteiro da cabeça aos pés.

– Eu a odeio – exclamou ela com a voz embargada, pisoteando o chão. – Eu a odeio... eu a odeio... eu a odeio... – E pisoteava o chão com mais força a cada declaração de ódio. – Como se atreve a me chamar de magra e feia? Como se atreve a dizer que sou sardenta e ruiva? A senhora é uma mulher grossa, mal-educada e insensível!

– Anne! – exclamou Marilla, consternada.

Mas Anne continuou a encarar a senhora Rachel impavidamente, com a cabeça erguida, olhos em chamas, punhos cerrados e uma indignação exaltada emanado dela como uma atmosfera.

– Como ousa dizer tais coisas de mim? – repetiu ela com veemência. – Gostaria que dissessem essas coisas sobre a senhora? Gostaria de ouvir que a senhora é gorda e desajeitada, e que provavelmente não tem uma centelha de imaginação? Não me importo se eu de fato lhe magoe ao dizer isso! Espero mesmo que tenha magoado. A senhora me magoou mais até do que fui

magoada pelo marido embriagado da senhora Thomas. E *jamais* lhe perdoarei por isso, jamais, jamais!

Pum! Pum!

– Nossa, onde já se viu esse temperamento! – exclamou a horrorizada senhora Rachel.

– Anne, vá para o seu quarto e fique lá até que eu suba – disse Marilla, recobrando com dificuldade a capacidade de falar.

Anne, desatando a chorar, correu até a porta do corredor, bateu-a até que os enfeites de estanho da parede do pórtico tilintassem em solidariedade, e voou pelo corredor e escada acima feito um redemoinho. Uma batida abafada vinda de cima indicou que a porta do frontão leste fora fechada com igual veemência.

– Bem, não lhe invejo por seu trabalho de educar *isso*, Marilla – comentou a senhora Rachel com uma seriedade atroz.

Marilla abriu a boca para dizer que não sabia como se desculpar ou fazer uma deprecação. O que ela de fato disse foi uma surpresa para si mesma naquele momento e para todo o sempre.

– Você não deveria ter falado mal da aparência dela, Rachel.

– Marilla Cuthbert, você não está querendo dizer que vai defendê-la depois dessa terrível demonstração de fúria a que acabamos de assistir, não é? – perguntou indignada a senhora Rachel.

– Não – respondeu lentamente Marilla –, não estou tentando desculpar o que ela fez. Ela foi muito malcriada, e precisarei ter uma conversa com ela sobre isso. Mas também devemos relevar um pouco as atitudes dela. Nunca ensinaram a ela o que era certo. E você *foi* dura demais com ela, Rachel.

Marilla não pode evitar acrescentar essa ênfase àquela última frase, apesar de outra vez ter ficado surpresa consigo mesma por tê-lo feito. A senhora Rachel levantou-se com um ar de dignidade ferida.

– Bem, estou vendo que precisarei ter muito cuidado com o que digo depois disso, Marilla, posto que os delicados sentimentos de órfãos, que foram trazidos sabe lá Deus de onde, têm de ser considerados antes de qualquer outra coisa. Oh, não estou irritada... não se preocupe. Sinto pena demais por você para que sobre qualquer espaço para a raiva em minha mente. Você vai ter o seu quinhão de problemas com essa garota. Mas, se aceitar meu conselho – o que presumo que você não fará, apesar de eu ter criado dez crianças e enterrado duas – você vai ter essa “conversa” de que fala segurando uma vara de bétula de bom tamanho. Eu acho que *isso* seria a

linguagem mais eficaz para esse tipo de criança. O temperamento dela combina com seus cabelos, eu acho. Bem, boa tarde, Marilla. Espero que desça para me visitar com a frequência costumeira. Mas você não pode esperar que eu me apresse para voltar a lhe visitar, se corro o risco de ser atacada e ofendida dessa maneira. Trata-se de algo inédito em *minha* experiência de vida.

Com isso, a senhora Rachel saiu varrida dali – se é que se poderia dizer que uma mulher gorda que sempre gingava *poderia* sair varrida, e Marilla, com uma expressão muito séria, foi até o frontão leste.

No caminho até o andar de cima, sopesou incomodamente o que deveria fazer. Não era pouca a consternação que ela sentia por conta daquele escândalo que havia sido feito. Que infelicidade que Anne tivesse demonstrado tal temperamento justo diante da senhora Rachel! Então Marilla subitamente se deu conta, de modo incômodo e admoestante, de que ela sentia mais constrangimento por isso do que tristeza pela descoberta de tão grave defeito no temperamento de Anne. E como deveria castigar a menina? A afável sugestão da vara de bétula, de cuja eficácia todos os filhos da senhora Rachel poderiam ter dado um vivo depoimento, não agradou a Marilla. Ela não achava que seria capaz de bater com uma vara em uma criança. Não, algum outro castigo teria de ser encontrado para fazer com que Anne se conscientizasse devidamente da enormidade de sua ofensa.

Marilla encontrou Anne com a cabeça afundada na cama, chorando amargamente, sem atentar a mínima para as suas botas cheias de lama sobre a colcha da cama.

– Anne – disse ela sem descortesia.

Não houve resposta.

– Anne – chamou ela com mais severidade – saia desta cama neste instante, e preste atenção ao que tenho a lhe dizer.

Anne arrastou-se para fora da cama e sentou-se empertigada em uma cadeira ao lado dela, com o rosto inchado e molhado de lágrimas encarando teimosamente o chão.

– Que maneira linda de se comportar, Anne! Não tem vergonha de si mesma?

– Ela não tinha o menor direito de me chamar de feia e ruiva – retrucou Anne, evasiva e desafiadora.

– E você não tinha o menor direito de se enfurecer daquele jeito e falar com ela do modo como falou, Anne. Senti vergonha de você... Fiquei

completamente envergonhada por sua conta. Eu queria que você se comportasse bem com a senhora Lynde, e em vez disso você me envergonhou. E decerto não entendo por que você se descontrolou desse jeito só porque a senhora Lynde disse que você era ruiva e feiosa. Você mesma vive dizendo isso.

– Ah, mas existe uma grande diferença entre dizer uma coisa você mesma e ouvir isso da boca dos outros – lamentou-se Anne. – Você pode saber que algo é verdade, mas não pode evitar esperar que as outras pessoas tenham uma opinião diferente. Presumo que ache que tenho um temperamento horrível, mas não pude evitar. Quando ela disse aquelas coisas, alguma coisa surgiu dentro de mim e me deu um nó na garganta. Eu *tive* que insultá-la.

– Bem, você deu uma bela demonstração de si mesma, devo dizer. A senhora Lynde vai ter uma ótima história para contar sobre você em todos os lugares aonde ela for... e ela vai contar essa história, pode acreditar. Foi uma coisa terrível você ter perdido a cabeça desse jeito, Anne.

– Imagine só como você se sentiria se alguém lhe dissesse na cara que você era magra e feia – suplicou Anne em meio às lágrimas.

Uma lembrança estranha subitamente ocorreu a Marilla. Ela era uma criança muito pequena quando ouviu uma tia falar a outra sobre ela: “Que pena que ela é uma criaturinha tão morena e feiosa”. Muito tempo se passara até que Marilla esquecera a dor daquela lembrança.

– Não estou dizendo que acho que a senhora Lynde estava exatamente certa ao dizer as coisas que ela lhe disse, Anne – confessou Marilla com um tom mais brando. – Rachel não tem papas na língua. Mas isso não é desculpa para tal comportamento de sua parte. Ela era uma desconhecida, uma pessoa mais velha do que você e minha visita: três ótimos motivos para tê-la tratado com respeito. Você foi grossa e insolente e – Marilla teve uma redentora inspiração para um castigo – você deve ir até a casa dela dizer que sente muito por seu temperamento ruim, e pedir que ela lhe perdoe.

– Jamais poderei fazer isso – falou Anne com determinação e pessimismo. – Pode me castigar da maneira que quiser, Marilla. Pode me trancar em uma masmorra escura e úmida, habitada por cobras e sapos, e me alimentar só com pão e água, que não vou reclamar. Mas não posso pedir que a senhora Lynde me perdoe.

– Aqui não temos o costume de trancar as pessoas em masmorras escuras e úmidas – retrucou secamente Marilla –, especialmente porque há uma escassez delas em Avonlea. Mas você deve e irá pedir desculpas para a

senhora Lynde, e ficará aqui no seu quarto até que me diga que está disposta a fazer isso.

– Então, ficarei aqui para sempre – disse Anne com pesar –, porque eu não posso dizer para a senhora Lynde que lamento pelas coisas que disse a ela. Como posso? Eu *não* lamento. Lamento ter irritado você; mas estou *contente* por ter dito a ela exatamente o que eu disse. Deu-me muita satisfação. Não posso dizer que lamento quando não lamento, não é mesmo? Não consigo sequer *imaginar* que lamento.

– Talvez a sua imaginação esteja funcionando melhor até amanhã de manhã – disse Marilla, levantando-se para sair dali. – Você terá a noite para repensar o seu comportamento e ficar em um estado de espírito melhor. Você disse que tentaria ser uma menina muito bem-comportada se deixássemos você ficar em Green Gables, mas devo dizer que nesta tarde você não pareceu lá muito bem-comportada.

Deixando essa flecha dos partos¹⁰ para exasperar o coração tempestuoso de Anne, Marilla desceu para a cozinha, com a mente gravemente perturbada e a alma seriamente irritada. Ela estava tão irritada consigo mesma quanto com Anne, porque, sempre que se recordava do semblante boquiaberto da senhora Rachel, seus lábios tremiam com diversão, e ela sentia uma vontade de rir que era altamente condenável.

Expressão que alude à tática de guerra dos habitantes da Pártia, que a cavalo disparavam flechas de trás para frente, como se estivessem batendo em retirada. (N. T.)



O PEDIDO DE DESCULPAS DE ANNE

Marilla não disse nada a Matthew sobre o assunto naquela noite, mas quando Anne se mostrou ainda refratária na manhã seguinte, uma explicação teve de ser dada para dar conta da ausência dela na mesa do café da manhã. Marilla contou a Matthew toda a história, esforçando-se para incutir nele o devido senso da atrocidade do comportamento de Anne.

– Foi bom mesmo que Rachel Lynde tenha levado uma reprimenda, ela é uma velha fofoqueira e intrometida. – Foi a réplica consoladora de Matthew.

– Matthew Cuthbert, estou pasmada com você. Você sabe que o comportamento de Anne foi terrível, e, ainda assim, fica do lado dela! Imagino que agora você vai dizer que ela sequer deveria ser castigada!

– Bem, ora... não... não exatamente – disse Matthew com incômodo. – Acho que ela deve receber um castigo leve. Mas não seja dura demais com ela, Marilla. Lembre-se de que ela jamais teve quem lhe ensinasse o que é certo ou errado. Você vai... você vai dar a ela algo de comer, não é?

– E desde quando você já me viu fazer alguém passar fome até que se comporte bem? – perguntou Marilla com indignação. – Ela vai fazer todas as refeições normalmente, e eu mesma vou subir com a comida até o quarto dela. Mas ela ficará lá em cima até que esteja disposta a pedir desculpas para a senhora Lynde, e ponto final, Matthew.

O café da manhã, o almoço e o jantar foram refeições silenciosas, pois Anne permanecia obstinada. Depois de cada refeição, Marilla levava ao frontão leste uma bandeja bem cheia de comida, e depois a levava quase intocada de volta ao andar de baixo. Matthew observou a última descida da bandeja com um olhar preocupado. Teria Anne comido ao menos alguma coisa?

Quando Marilla saiu naquele fim de tarde para trazer as vacas de volta do pasto dos fundos, Matthew, que ficara observando próximo ao celeiro e ao

estábulo, entrou furtivamente na casa com um ar de ladrão e esgueirou-se até o andar de cima. Normalmente, Matthew gravitava entre a cozinha e o pequeno quartinho ao lado do corredor, onde dormia; de vez em quando, aventurava-se incomodamente até a sala de visitas, quando o pastor vinha tomar chá. Mas ele jamais fora ao andar de cima da própria casa desde a primavera na qual ele ajudou Marilla a colocar papel de parede no quarto sobressalente, e isso tinha quatro anos.

Ele caminhou na ponta dos pés pelo corredor e ficou vários minutos de pé do lado de fora da porta do frontão leste antes de reunir a coragem para bater nela de leve com os dedos e, depois, abri-la para espiar lá dentro.

Anne estava sentada na cadeira amarela ao pé da janela olhando com tristeza para o jardim. Ela parecia muito pequena e infeliz, e o coração de Matthew lhe deu um golpe aniquilador. Ele fechou a porta com delicadeza e foi até ela na ponta dos pés.

– Anne – sussurrou ele, como se tivesse medo que alguém mais pudesse ouvi-lo –, como tem passado, Anne?

Anne deu um sorriso fraco.

– Muito bem. Imagino muitas coisas, e isso me ajuda a passar o tempo. É claro que é muito solitário. Mas é melhor me acostumar com isso.

Anne tornou a sorrir, encarando com coragem os longos anos de encarceramento solitário que tinha pela frente.

Matthew lembrou-se de que devia dizer sem perder tempo o que viera dizer, pois Marilla podia voltar antes do esperado.

– Bem, Anne, não acha melhor fazer isso logo e se livrar disso de uma vez? – sussurrou ele. – Mas cedo ou mais tarde você precisará fazer isso, pois Marilla é uma mulher terrivelmente determinada. Faça isso logo, é o que eu digo, e acabe logo com isso.

– Você fala sobre pedir desculpas para a senhora Lynde?

– Sim... desculpas... essa é a palavra exata – falou Matthew entusiasmado. – Apare as arestas, por assim dizer. Era neste ponto que eu estava tentando chegar.

– Presumo que eu possa fazer isso para lhe agradar – disse Anne com consideração. – Até que seria verdade se eu dissesse que sinto muito, porque agora eu de fato *sinto* muito. Mas ontem à noite eu não estava nem um pouco arrependida. Fiquei completamente furiosa, e passei a noite toda assim. Sei que é verdade porque acordei três vezes no meio da noite, e em todas elas eu estava simplesmente furiosa. Mas esta manhã tudo tinha

passado. Eu já não estava de mau humor... e isso também me deixou com uma sensação horrível de perda. Senti muita vergonha de mim mesma. Mas eu simplesmente não conseguia conceber a ideia de ir e falar isso para a senhora Lynde. Seria humilhante demais. Decidi então ficar trancada aqui para sempre em vez de fazer isso. Ainda assim... eu faria qualquer coisa por você... se você quer mesmo isso...

– Bem, é claro que quero. Lá embaixo, a vida é muito solitária sem você. Simplesmente vá até lá e apare as arestas deste caso... seja uma boa menina.

– Muito bem – disse Anne, resignada. – Vou dizer a Marilla assim que ela voltar que me arrependi.

– Isso mesmo... isso mesmo, Anne. Mas não conte a Marilla que falei qualquer coisa sobre isso. Ela pode pensar que eu estava me metendo neste assunto, e prometi não fazer isso.

– Nem se cavalos selvagens me arrastassem eu revelaria esse segredo – prometeu Anne solenemente. – De todos os modos, como cavalos selvagens conseguiriam arrancar um segredo de uma pessoa arrastando-a pelo chão?

Mas Matthew já tinha ido, apavorado com o próprio sucesso. Ele apressou-se até o canto mais remoto da pastagem dos cavalos, para que Marilla não suspeitasse do que ele tinha aprontado. A própria Marilla, quando voltou para casa, recebeu a agradável surpresa de ouvir uma voz queixosa chamar “Marilla” do balaústre da escada.

– Sim? – disse ela, entrando no corredor.

– Sinto muito por ter perdido a cabeça e dito grosserias, e estou disposta a dizer isso à senhora Lynde.

– Muito bem. – O entusiasmo de Marilla não deu sinais do alívio que ela sentia. Ela estivera imaginando o que ela faria neste mundo se Anne não cedesse. – Levo você até lá embaixo depois da ordenha.

Conforme prometido, depois da ordenha, eis que Marilla e Anne desciam a estrada, a primeira, empertigada e triunfante, e a segunda, cabisbaixa e desalentada. Mas, no meio do caminho, o desalento de Anne esvaiu-se como que por encanto. Ela ergueu a cabeça e começou a dar passos leves, com os olhos fixos no céu com um sol poente e com um ar de tênue regozijo. Marilla observou essa mudança com reprovação. Aquela não era a penitente submissa que tocava a ela levar à presença da ofendida senhora Lynde.

– Em que está pensando, Anne? – perguntou ela abruptamente.

– Estou imaginando o que devo dizer para a senhora Lynde – respondeu Anne vagamente.

Aquilo era satisfatório... ou pelo menos deveria ter sido. Mas Marilla não conseguia se livrar da ideia de que algo no esquema de castigo que ela armara estava dando errado. Anne não tinha motivos para estar tão extasiada e radiante.

Extasiada e radiante Anne permaneceu até que elas estivessem diante da própria senhora Lynde, que estava sentada tricotando perto da janela da sua cozinha. Em seguida, a radiância se esvaiu. Uma contrição pesarosa se estampou em cada feição dela. Antes que qualquer palavra fosse dita, Anne ajoelhou-se subitamente diante da perplexa senhora Rachel e estendeu as mãos suplicantes.

– Oh, senhora Lynde, sinto muitíssimo – disse ela com um tremor na voz. – Jamais seria capaz de expressar toda a minha tristeza, não, nem se eu usasse um dicionário inteiro. A senhora deve simplesmente imaginar isso. Comportei-me terrivelmente mal com a senhora... e desonrei os queridos amigos, Matthew e Marilla, que me deixaram ficar em Green Gables apesar de eu não ser um menino. Sou uma garota terrivelmente má e ingrata, e mereço ser castigada e ostracizada para sempre por pessoas respeitáveis. Foi muita maldade da minha parte ter dado um escândalo só porque a senhora me disse a verdade. E *foi* verdade, cada palavra que a senhora disse foi verdadeira. Meu cabelo é vermelho e tenho sardas e sou magra e feia. O que eu disse à senhora também foi verdade, mas eu não deveria ter dito aquilo. Oh, senhora Lynde, por favor, por favor, me perdoe. Caso se recuse, isso significaria uma vida inteira de tristeza para uma pobre menina órfã, e a senhora não faria isso, mesmo que ela tivesse um temperamento terrível, não é? Oh, tenho certeza de que não. Por favor, diga que me perdoa, senhora Lynde.

Anne entrelaçou as mãos, fez uma mesura e esperou pela sentença.

Não havia como duvidar de sua sinceridade: ela exalava com cada tom da voz de Anne. Tanto Marilla quanto a senhora Lynde reconheceram o inconfundível tom de sinceridade. Mas a primeira entendeu consternada que Anne de fato estava desfrutando de sua via-crúcis... estava se regozijando na plenitude de sua humilhação. Onde estava o castigo justo de que ela, Marilla, se vangloriava de ter aplicado? Anne o transformara em fragmentos definitivos de prazer.

A bondosa senhora Lynde, sem estar sobrecarregada de percepção, não reparou naquilo. Ela simplesmente percebeu que Anne fizera um pedido de

desculpas muito minucioso, e todo o ressentimento se esvaiu gentilmente de seu afável, ainda que um tanto intrometido, coração.

– Pronto, pronto, levante-se, menina – disse ela cordialmente. – É claro que lhe perdoo. Acho que, de todo o modo, fui mesma um tanto severa com você. Mas é que eu sou uma pessoa muito franca. Você não deve se importar com o que digo, é só isso. É inegável que seu cabelo é horivelmente vermelho; mas certa vez conheci uma garota... frequentamos a mesma escola, na verdade... cujo cabelo era tão vermelho quanto o seu quando ela era jovem, mas, quando ela cresceu, seu cabelo escureceu, e ganhou um tom de acaju muito bonito. Não me surpreenderia nem um pouco se isso acontecesse com o seu cabelo... nem um pouco mesmo.

– Oh, senhora Lynde! – Anne respirou fundo e se levantou. – A senhora me deu esperanças. Sempre a considerarei uma benfeitora. Oh, eu seria capaz de suportar qualquer coisa se achasse que meu cabelo teria um lindo tom de acaju quando eu crescesse. Seria muito mais fácil para a pessoa se comportar bem se o cabelo dela fosse acaju, não acha? E, agora, posso ir para o seu jardim e me sentar naquele banco embaixo das macieiras enquanto a senhora e Marilla conversam? Lá fora há muito mais escopo para a imaginação.

– Ora, sim, pode ir, menina. E pode colher um buquê daqueles “lírios de junho” brancos que estão naquele canto ali se você quiser.

À medida que a porta se fechava atrás de Anne, a senhora Lynde rapidamente se levantou para acender um lampião.

– Ela é uma criaturinha realmente estranha. Pegue esta cadeira, Marilla, é mais confortável do que esta em que você está sentada, deixo essa cadeira aqui para que o menino que contratei se sente. Sim, decerto ela é uma criança estranha, mas, no fim das contas, tem algo de encantador. Já não me sinto tão surpresa quanto antes com o fato de você e Matthew terem ficado com ela... e tampouco sinto tanta pena de você. Pode até ser que a menina acabe bem. É claro que ela tem um jeito esquisito de se expressar... um tanto excessivamente... bem, demasiadamente forçado, sabe; mas ela provavelmente superará isso agora que está vivendo em meio a pessoas civilizadas. Além do mais, o temperamento dela é muito esquentado, eu acho; mas isso é um consolo: uma criança de temperamento esquentado explode e logo fica fria, e não há a possibilidade de que seja maliciosa ou desonesta. Poupe-me de crianças maliciosas, é o que digo. No fim das contas, Marilla, eu meio que gosto dela.

Quando Marilla começou a ir para casa, Anne saiu do crepúsculo perfumado pomar com um maço de narcisos nas mãos. – Eu pedi desculpas muito bem, não foi? – disse ela com orgulho à medida que desciam a estrada. – Pensei que, como eu tinha mesmo de fazer isso, era melhor fazer de modo minucioso.

– E foi minucioso o bastante mesmo. – Foi o comentário de Marilla. Ela ficou consternada ao constatar que estava inclinada a rir com a lembrança daquilo. Também tinha uma sensação estranha de que devia repreender Anne por ter se desculpado tão bem; mas, na verdade, isso era ridículo! Ela chegou a um acordo com a sua consciência ao dizer com severidade:

– Espero que você jamais tenha oportunidade de fazer pedidos de desculpa como esse. Espero que tente controlar o seu temperamento daqui por diante, Anne.

– Não seria tão difícil se as pessoas parassem de falar mal da minha aparência – respondeu Anne com um sussurro. – Não me irrita com outras coisas; mas estou *tão* cansada de que falem mal do meu cabelo que isso simplesmente faz o meu sangue ferver. Você acha que meu cabelo de fato vai ganhar um lindo tom de acaju quando eu crescer?

– Você não devia pensar tanto assim na sua aparência, Anne. Receio que seja uma menininha deveras vaidosa.

– Como posso ser vaidosa quando sei que sou feia? – protestou Anne. – Amo coisas bonitas, e odeio olhar no espelho e ver uma coisa que não é bonita. Isso me deixa triste demais... do mesmo modo como me sinto quando olho para uma coisa feia. Sinto pena porque a coisa não é bonita.

– Beleza sem virtude é rosa sem cheiro – Marilla citou o provérbio.

– Já me disseram isso antes, mas tenho lá minhas dúvidas – comentou a cética Anne, cheirando seus narcisos. – Ah, não são adoráveis estas flores?! Foi encantador da parte da senhora Lynde dá-las para mim. Agora já não sinto qualquer ressentimento pela senhora Lynde. Pedir desculpas e ser perdoado dá uma sensação agradável e cômoda, não é mesmo? As estrelas estão brilhantes hoje, não é? Se você pudesse morar em uma estrela, qual escolheria? Eu escolheria aquela grande e clara lá longe, em cima daquele morro escuro.

– Anne, por favor, dobre a língua – pediu Marilla, totalmente esgotada de tentar acompanhar as reviravoltas dos pensamentos de Anne.

Anne não disse mais nada até que elas fizeram uma curva e pegaram a estrada para a casa delas. Uma brisa desceu a estrada para encontrá-las cheia

do perfume pungente de jovens samambaias cobertas de orvalho. A distância, em meio às sombras, uma luz alegre cintilava por entre as árvores, vinda da cozinha de Green Gables. Anne aproximou-se subitamente de Marilla e deslizou sua mão na palma rígida da mulher mais velha.

– É adorável estar indo para casa e saber que se trata do seu lar – comentou ela. – Já amo Green Gables, e jamais amei um lugar. Nenhum lugar jamais se pareceu com um lar para mim. Oh, Marilla, estou feliz demais. Eu seria capaz de rezar agora, e de não achar isso nada difícil de fazer.

Alguma coisa quente e prazerosa preencheu o coração de Marilla com o toque daquela mãozinha fina na dela: um espasmo da maternidade que ela havia perdido, talvez. A doçura e o ineditismo daquilo a deixaram perturbada. Ela apressou-se em fazer com que suas sensações recobrassem a tranquilidade normal ao inculcar uma moral.

– Se você se comportar bem, sempre será feliz, Anne. E nunca achará difícil dizer as suas orações.

– Dizer as orações não é exatamente a mesma coisa que rezar – disse Anne meditando. – Mas vou imaginar que sou o vento que está soprando lá em cima, na copa daquelas árvores. Quando me cansar das árvores, vou imaginar que flutuo aqui para baixo até as samambaias... e depois vou voar até o jardim da senhora Lynde e fazer as flores dançarem... e depois vou com uma grande lufada passar sobre o campo de trevos... e depois vou soprar sobre o Lago das Águas Cintilantes e cobri-lo de pequenas ondulações bruxuleantes. Oh, há muito escopo para a imaginação em um vento! Então, agora não vou falar mais nada, Marilla.

– Deus seja louvado por isso – sussurrou Marilla com um grande alívio devoto.



AS IMPRESSÕES DE ANNE SOBRE A ESCOLA DOMINICAL

– Bem, o que acha deles? – perguntou Marilla.

Anne estava de pé no quarto do frontão, olhando solenemente para três vestidos estendidos sobre a cama. Um era de guingão riscado cor de rapé, que Marilla ficara tentada a comprar de um caixeiro-viajante no verão anterior porque ele parecia de muita serventia; outro era de cetineta xadrez branca e preta, que Marilla comprara em uma promoção durante o inverno; e o terceiro tinha uma estampa formal de um tom feio de azul, e Marilla o comprara naquela semana em uma venda em Carmody.

Ela mesma fizera todos os vestidos, e todos tinham a mesma modelagem: saias comuns que se estreitavam até formar cinturas simples, com mangas tão triviais quanto a saia e a cintura, e tão apertadas quanto mangas podem ser.

– Imaginarei que gosto deles – disse Anne com soberba.

– Não quero que você imagine – retrucou ofendida Marilla. – Ah, estou vendo que você não gostou dos vestidos! Qual é o problema com eles? Não são arrumados, limpos e novos?

– Sim.

– Então por que não gosta deles?

– Eles... eles não são... bonitos – respondeu Anne relutantemente.

– Bonitos! – bufou Marilla. – Não me preocupei em arranjar vestidos bonitos pra você. Não acredito em paparicar a vaidade, Anne, quero deixar isso bem claro. Estes vestidos são bons, sensatos, úteis, sem babados ou folhos, e esses são todos os vestidos que você vai ganhar este verão. O de guingão marrom e o de estampado azul servirão para quando você começar a ir para a escola. O de cetineta é para a igreja e a escola dominical. Vou esperar que você os mantenha arrumados, limpos e sem rasgos. Achei que

você ficaria agradecida por ganhar praticamente qualquer coisa depois de ter de usar essas roupas apertadas de flanela de algodão.

– Ah, *estou* agradecida – protestou Anne. – Mas ficaria muitíssimo mais agradecida se... se você tivesse feito pelo menos um deles com as mangas bufantes. Mangas bufantes estão muito na moda agora. Eu ficaria muito emocionada, Marilla, simplesmente por usar um vestido de mangas bufantes.

– Bem, você vai ter de ficar sem essa emoção. Não tenho tecido para desperdiçar com mangas bufantes. De todos os modos, acho essas mangas ridículas. Prefiro as simples, mais comuns.

– Mas eu preferiria parecer ridícula quando todos parecem ridículos do que simples e comum sozinha – insistiu Anne com pesar.

– Disso não tenho dúvida! Bem, pendure esses vestidos com cuidado em seu armário, e depois se sente e aprenda a lição da escola dominical. Peguei a lição para você com o senhor Bell, e amanhã você irá para a escola dominical – disse Marilla, desaparecendo muito ofendida em direção ao andar de baixo.

Anne entrelaçou as mãos e olhou para os vestidos.

– De fato tive esperanças de que haveria um branco com mangas bufantes – sussurrou ela desconsolada. – Rezei por um, mas não esperei consegui-lo só pela reza. Não presumo que Deus tivesse tempo para se ocupar com o vestido de uma menininha órfã. Eu sabia que teria de depender de Marilla quanto a isso. Bem, felizmente, posso imaginar que aquele dali é de musselina branca como a neve, com adoráveis babados de renda e mangas bufantes de três gomos.

Na manhã seguinte, um princípio de enxaqueca impediu que Marilla acompanhasse Anne até a escola dominical.

– Você vai ter de descer e mandar chamar a senhora Lynde, Anne – disse ela. – Ela vai se certificar de que você entre na aula certa. Agora, lembre-se de se comportar direito. Fique para ouvir o sermão depois, e peça para a senhora Lynde lhe mostrar o nosso banco. Tome um centavo para a hora da coleta. Não fique encarando os outros, e não fique inquieta. Vou esperar que você me diga a escritura que estudaram quando voltar para casa.

Anne começou irrepreensível, usando o vestido de cetineta branco e preto, que, apesar de decente com relação ao comprimento e certamente não passível de ser acusado de ser demasiado curto, se esforçava para enfatizar cada canto e ângulo de sua magra silhueta. Seu chapéu era um chapéu de marinheiro pequeno, chato e brilhante, e a extrema simplicidade dele

também desapontara bastante a Anne, que se permitira em segredo imaginar nele laços e flores. As últimas, no entanto, foram fornecidas antes que Anne chegasse à estrada principal, pois, deparando-se no meio do caminho da trilha secundária com um frenesi dourado de ranúnculos balançados pelo vento e gloriosas rosas selvagens, Anne rápida e generosamente adornou seu chapéu com uma coroa delas. Não importava o que outras pessoas achassem do resultado: ele havia satisfeito a Anne, e ela desceu a estrada alegremente, erguendo sua cabeça avermelhada, com seus adornos rosa e amarelos, com muito orgulho.

Quando chegou à casa da senhora Lynde, descobriu que ela não estava. Nem um pouco intimidada, Anne seguiu sozinha para a igreja. No pórtico, encontrou uma multidão de menininhas, todas com vestidos alegres de cor branca, azul e rosa, e todas encarando com olhos curiosos aquela estranha em meio a elas com seu extraordinário adorno de cabeça. As garotinhas de Avonlea já tinham ouvido histórias estranhas sobre Anne. A senhora Lynde disse que ela tinha um temperamento horrível; Jerry Buote, o menino contratado para trabalhar em Green Gables, disse que ela falava sozinha o tempo todo, ou falava com árvores, como uma menina louca. Elas olharam para Anne e cochicharam umas com as outras por trás de seus livros com as lições da escola dominical. Ninguém se aproximou dela para tentar fazer amizade, nem naquela hora, nem mais tarde, depois que terminaram os exercícios de abertura, e Anne se viu na aula da senhorita Rogerson.

A senhorita Rogerson era uma mulher de meia-idade que por vinte anos lecionara em uma escola dominical. O método de ensino dela era fazer as perguntas impressas no livro da lição e olhar com severidade por sobre a borda do livro para a garotinha em particular que ela achava que deveria responder àquela pergunta. Ela olhou com muita frequência para Anne, e Anne, graças ao treinamento de Marilla, respondeu sem demoras; mas pôde-se questionar se ela compreendeu bem tanto a pergunta quanto a resposta.

Anne não achou que gostara da senhorita Rogerson, e sentiu-se muito infeliz, os vestidos de todas as outras meninas da sala tinham mangas bufantes. Anne sentiu que de fato não valia a pena viver sem mangas bufantes.

– Então, o que achou da escola dominical? – quis saber Marilla quando Anne voltou para casa. Como a coroa de flores tinha murchado, Anne a descartara no caminho de volta, e Marilla foi poupada dessa informação por algum tempo.

– Não gostei nem um pouco. Foi terrível.

– Anne Shirley! – repreendeu Marilla.

Com um longo suspiro, Anne sentou-se na cadeira de balanço, beijou uma das folhas de Bonny e deu um aceno para um brinco-de-princesa que brotava.

– Eles talvez tenham se sentido solitários enquanto eu estava fora – explicou ela. – E agora sobre a escola dominical. Comportei-me bem, assim como você me disse para eu fazer. A senhora Lynde não estava em casa, mas fui até a igreja sozinha. Entrei na igreja, junto com um monte de outras meninhas, e sentei-me na ponta de um banco perto da janela enquanto eram feitos os exercícios de abertura. O senhor Bell fez uma oração horivelmente longa. Eu teria ficado extremamente cansada antes de ele terminar caso não estivesse sentada perto daquela janela. Mas a janela dava para o Lago das Águas Cintilantes; então, fiquei admirando a vista e imaginando todo o tipo de coisas esplêndidas.

– Você não devia ter feito nada disso. Deveria ter prestado atenção ao senhor Bell.

– Mas ele não estava falando comigo – protestou Anne. – Ele estava falando com Deus, e tampouco parecia muito interessado nisso. Acho que ele pensou que Deus estava muito distante. Havia uma longa fileira de bétulas na beira do lago, e a luz do sol as atravessava e ia muito, muito longe, até o fundo da água. Oh, Marilla, foi como um sonho lindo! Fiquei entusiasmada, e simplesmente disse: “Obrigada por isto, Deus” duas ou três vezes.

– Não em voz alta, espero – comentou com ansiedade Marilla.

– Ah, não, falei sussurrando. Bem, o senhor Bell finalmente terminou, e eles me disseram para eu ir para a sala de aula da senhorita Rogerson. Havia nove outras garotas ali. Todas tinham vestidos de mangas bufantes. Tentei imaginar que minhas mangas também eram bufantes, mas não consegui. Por que não consegui? Foi muito fácil imaginar que elas eram bufantes quando estava sozinha no frontão leste, mas foi terrivelmente difícil fazer isso lá, em meio às garotas que de fato tinham mangas bufantes.

– Você não devia ficar pensando sobre as mangas do seu vestido na escola dominical. Devia ter prestado atenção à lição. Espero que tenha sabido responder.

– Ah, sim, e respondi a várias perguntas. A senhorita Rogerson fez várias para mim. Não acho que tenha sido justo que ela tenha feito todas as

perguntas. Eu tinha várias a fazer a ela, mas não quis perguntar pois não achei que ela fosse uma alma irmã. Depois, todas as outras garotinhas recitaram uma paráfrase. A professora perguntou-me se eu sabia alguma. Eu disse a ela que não, mas que sabia recitar “O cão no túmulo de seu dono”,¹¹ se ela quisesse. Esse poema foi publicado no *Terceiro leitor real*. Não é de fato um poema religioso, mas é tão triste e melancólico que até poderia ser religioso. Ela me disse que esse poema não servia, e me mandou decorar a 19ª paráfrase para o próximo domingo. Li-a na igreja, e é esplêndida. Tem dois versos em especial que me deixam arrepiada.

“Tão rápido quanto caíram os esquadrões massacrados

No perverso dia de Midiã.”¹²

– Não sei o que significam “esquadrões” ou “Midiã”, mas soa trágico demais. Mal posso esperar para recitar isso no próximo domingo. Vou treinar a semana toda. Depois da escola dominical, pedi à senhorita Rogerson, porque a senhora Lynde estava longe demais, que me mostrasse o nosso banco. Fiquei sentada o mais quieta que pude, e depois estudamos Apocalipse, terceiro capítulo, versículos dois e três. Foi um texto muito longo. Se eu fosse pastora, escolheria os textos curtos e enérgicos. O sermão também foi incrivelmente longo. Presumo que o pastor teve de equipará-lo à escritura. Não o achei nem um pouco interessante. O problema dele parece ser não ter imaginação o suficiente. Não prestei muita atenção nele. Simplesmente deixei meus pensamentos correrem soltos, e pensei nas coisas mais surpreendentes que há.

Com impotência, Marilla sentiu que tudo aquilo deveria ser severamente repreendido, mas foi impedida pelo inegável fato de que algumas das coisas que Anne dissera, principalmente com relação aos sermões do pastor e às orações do senhor Bell, eram exatamente o que ela mesma achara do fundo de seu coração por anos, mas que jamais expressara. Quase parecia para ela que aqueles pensamentos secretos, não ditos e críticos tinham subitamente ganhado uma forma visível e acusadora na pessoa deste pedaço franco de humanidade negligenciada.

“The Dog at his Master’s Grave”, poema de Lydia Huntly Sigourney. (N. T.)

Versos de um hino baseado em Juízes 8 e Isaías 9, escrito por John Morison de Aberdeen, membro do comitê indicado pela Assembleia Geral da Igreja da Escócia para revisar o livro *Translations and Paraphrases* (“Traduções e paráfrases”), de 1745, e publicado como a paráfrase 19 na edição de 1781 de *Translations and Paraphrases*. (N. T.)



UM VOTO E UMA PROMESSA SOLENES

Foi somente na sexta-feira seguinte que Marilla soube do chapéu com coroa de flores. Ela chegou em casa depois de visitar a senhora Lynde e chamou Anne para se explicar.

– Anne, a senhora Rachel me disse que você foi à igreja domingo passado com seu chapéu coberto de rosas e ranúnculos ridículos. De onde você tirou essa ideia estapafúrdia? Você devia estar uma beleza de se ver!

– Ai. Sei que rosa e amarelo não me caem bem – começou Anne.

– Não lhe caem bem... que bobagem! O que foi ridículo foi você ter colocado flores em seu chapéu, não importa a cor delas. Você é uma criança muito irritante!

– Não entendo porque é mais ridículo usar flores no chapéu do que no vestido – protestou Anne. – Várias garotinhas ali tinham pequenos buquês presos aos seus vestidos. Qual é a diferença?

Marilla não seria arrastada da segurança daquilo que era concreto para os caminhos duvidosos do que é abstrato.

– Não me responda desse jeito, Anne. Foi uma tolice da sua parte ter feito isso. Jamais deixe que eu te pegue aprontando uma coisa dessas de novo. A senhora Rachel disse que pensou que ela ia afundar no chão, quando viu você entrar toda enfeitada daquele jeito. Ela só conseguiu se aproximar o bastante para lhe dizer que arrancasse aquelas flores quando já era tarde demais. E ela disse que as pessoas comentaram terrivelmente sobre isso. É claro que pensariam que eu deveria ter enlouquecido ao deixar você sair enfeitada daquela maneira.

– Oh, me desculpe – disse Anne com os olhos rasos d’água. – Jamais pensei que você se importaria. As rosas e os ranúnculos estavam tão bonitos e tinham um cheiro tão doce que pensei que ficariam adoráveis no meu chapéu. Várias garotinhas tinham flores artificiais em seus chapéus. Receio

que serei uma provação horrorosa para você. É melhor me mandar de volta para o orfanato. Isso seria terrível; não acho que eu conseguiria suportar; é bem provável que eu acabe pegando uma tuberculose; e olhe que já sou bastante magra, sabe. Mas isso seria melhor do que ser uma provação para você.

– Quanta bobagem – disse Marilla, irritada consigo mesma por ter feito a menina chorar. – Não quero mandar você de volta para o orfanato, tenho certeza disso. Tudo que quero é que você se comporte como as outras garotinhas, e que não faça papel de ridículo. Pare de chorar. Tenho novidades para você. Diana Barry voltou para casa esta tarde. Vou subir até lá para ver se consigo pegar o molde de uma saia emprestado com a senhora Barry, e, se você quiser, pode vir comigo para conhecer Diana.

Anne levantou-se com as mãos entrelaçadas e as lágrimas ainda cintilando em seu rosto, o pano de prato em que ela cosia uma bainha escorregou para o chão e foi ignorado.

– Oh, Marilla, estou com medo... agora que isso aconteceu, estou realmente com medo. E se ela não gostar de mim?! Seria a decepção mais trágica da minha vida.

– Ora, não fique nervosa desse jeito. E eu de fato gostaria que você não usasse palavras tão longas assim. Elas soam muito estranhas saídas da boca de uma menininha. Acho que Diana vai gostar de você sim. É com a mãe dela que você precisará tomar cuidado. Caso ela desgoste de você, não vai importar o quanto Diana goste. Se ela ouviu falar do escândalo que você deu com a senhora Lynde e sobre você ter ido à igreja com ranúnculos em volta do chapéu, não sei o que ela pensará de você. Você deve ser educada e bem-comportada, e não faça nenhum de seus discursos chamativos. Por piedade, não é que a menina já está tremendo!

Anne *estava* tremendo. Seu rosto estava lívido e tenso.

– Ah, Marilla, você também ficaria nervosa caso fosse conhecer uma menininha que você esperasse que se tornasse sua amiga do peito, e cuja mãe talvez não gostasse de você – disse ela à medida que se apressava para pegar seu chapéu.

Elas foram até Orchard Slope pelo atalho que cruzava o rio e subia o monte com um arvoredo de abetos. A senhora Barry foi até a porta da cozinha em resposta à batida que Marilla dera na porta. Ela era alta, de olhos e cabelos negros, e com lábios muito determinados. Tinha a reputação de ser muito severa com os filhos.

– Como você está, Marilla? – ela perguntou cordialmente. – Pode entrar. E esta é a menininha que você adotou, presumo?

– Sim, esta é Anne Shirley – respondeu Marilla.

– Com E – ofegou Anne, que, apesar de trêmula e nervosa, estava determinada a que não houvesse qualquer confusão com relação a esse tópico importante.

A senhora Barry, sem ouvir ou entender, simplesmente lhe deu um aperto de mão e disse gentilmente:

– Como você está?

– Estou bem fisicamente; porém, com o espírito em considerável estado de confusão, obrigada por perguntar, senhora – disse Anne seriamente. Depois, em um aparte feito para Marilla com um sussurro audível: – Não teve nada de chamativo nessa frase, não é mesmo, Marilla?

Diana estava sentada no sofá, lendo um livro que largou depois que as visitas entraram. Era uma garotinha muito bonita, com os mesmos olhos e cabelos negros da mãe, bochechas rosadas e o semblante feliz que herdara do pai.

– Esta é minha filhinha, Diana – disse a senhora Barry. – Diana, por que não leva Anne para o jardim e lhe mostra as suas flores? Vai ser melhor para você do que ficar forçando a vista com esse livro. Ela lê exageradamente – falou para Marilla enquanto as garotinhas saíam –, e não posso impedi-la, pois o pai instiga e apoia isso. Ela sempre está debruçada sobre um livro. Fico feliz que tenha uma amiga em potencial com quem brincar... talvez assim ela saia mais de casa.

Do lado de fora, no jardim, que estava repleto da luz suave do sol que passava por entre escuros e velhos abetos a oeste, Anne e Diana estavam de pé, em frente a uma touceira de deslumbrantes lírios-tigres, encarando uma a outra com timidez.

O jardim dos Barry era uma vastidão frondosa de flores que teria encantado o coração de Anne em qualquer outro momento que não fosse tão fatídico. Ele era rodeado por enormes e velhos salgueiros e compridos abetos, sob os quais cresciam flores que adoravam a sombra. Trilhas recatadas em ângulos retos com bordas bem-arrumadas e cobertas de conchas de amêijoas cruzavam o jardim como laços vermelhos e úmidos, e nos canteiros entre flores que se costumava plantar em tempos antigos reinava o caos. Havia rosados corações-sangrentos e enormes e esplêndidas peônias escarlate; brancos e perfumados lírios, e espinhentas e doces

roseiras-da-escócia; acolejos rosa, azuis e brancos, e ervas-saboeiras com leve tom de lilás; touceiras de abrótno e capim-amarelo e hortelã; roxas orquídeas de adão-e-eva, narcisos, e touceiras de trevos-gigantes-da-sibéria, com seus ramos de flores brancas, delicadas, perfumadas e fofas; luz escarlate lançava setas de fogo sobre mímulos de um recatado tom de branco; um jardim se formava onde quer que a luz do sol se demorasse e as abelhas zumbissem, e os ventos, vagueando como se estivessem enfeitiçados, ronronavam e farfalhavam.

– Oh, Diana – disse Anne por fim, entrelaçando as mãos e falando quase com um sussurro –, oh, você acha que consegue gostar de mim um pouquinho só... a ponto de se tornar minha amiga do peito?

Diana riu. Diana sempre ria antes de falar.

– Ora, acho que sim – disse ela com franqueza. – Estou muito feliz que você tenha vindo morar em Green Gables. Vai ser muito bom ter alguém com quem brincar. Não há nenhuma outra garota que viva perto o bastante para que brinquemos, e minhas irmãs são pequenas demais.

– Você jura que vai ser minha amiga para todo o sempre? – perguntou Anne com ansiedade.

Diana pareceu chocada.

– Ora, mas jurar é uma coisa terrível de se fazer – retrucou ela em tom de reprimenda.

– Ah, não, esse não é o meu tipo de jura. Há dois tipos, sabe.

– Só conheço um tipo – disse Diana, incrédula.

– De fato há outro tipo. Ah, e não é nem um pouco ruim. Significa apenas fazer um voto e uma promessa de modo solene.

– Bem, não me importo de fazer isso – concordou Diana, aliviada. – Como se faz?

– Precisamos dar as mãos... assim – disse Anne com seriedade. – E tem de ser sobre água corrente. Vamos simplesmente imaginar que esta trilha é água corrente. Primeiro, vou dizer o juramento: eu juro solenemente ser fiel à minha amiga do peito, Diana Barry, enquanto perdurarem o Sol e a Lua. Agora, você diz a mesma coisa, mas com o meu nome.

Diana repetiu o “juramento” com uma risada antes e depois. Em seguida, disse:

– Você é uma garota estranha, Anne. Eu já tinha ouvido falar que você era estranha. Mas acho que vou gostar bastante de você.

Quando Marilla e Anne voltaram para casa, Diana as acompanhou até a ponte feita de troncos. As duas menininhas andaram de braços dados. No riacho, elas se separaram com muitas promessas de passarem juntas a tarde seguinte.

– Bem, você achou Diana uma alma irmã? – indagou Marilla enquanto subiam pelo jardim de Green Gables.

– Ah, sim – suspirou Anne, felizmente inconsciente de qualquer sarcasmo da parte de Marilla. – Oh, Marilla, sou a menina mais feliz na ilha do Príncipe Edward neste momento. Asseguro-lhe que farei minhas orações esta noite com muito boa vontade. Diana e eu vamos construir amanhã uma casinha de brinquedo no arvoredo de bétulas do senhor William Bell. Posso pegar aqueles pedaços de porcelana quebrada que estão no lenheiro? O aniversário dela é em fevereiro, e o meu é em março. Você não acha isso uma coincidência muito estranha? Diana vai me emprestar um livro para eu ler. Ela diz que é um livro perfeitamente esplêndido e tremendamente emocionante. Ela vai me mostrar um lugar na mata onde crescem fritilárias. Você não acha que Diana tem olhos enternecedores? Queria eu ter olhos enternecedores. Diana vai me ensinar a cantar uma canção chamada “Nelly no vale de aveleiras”.¹³ Ela vai me dar um retrato para eu pendurar em meu quarto, é um retrato perfeitamente lindo, diz ela, de uma adorável dama em um vestido de seda azul pastel. Um vendedor de máquinas de costura foi quem deu para ela o retrato. Queria ter algo para dar de presente a Diana. Sou pouco mais de dois centímetros mais alta do que Diana, mas ela é bem mais gorda, diz ela que gostaria de ser magra porque é muito mais gracioso, mas receio que tenha dito isso apenas para apaziguar meus sentimentos. Algum dia desses, vamos ao litoral catar conchas. Concordamos em chamar a nascente perto da ponte de troncos de Gorgolejo de Dríade.¹⁴ Não é um nome perfeitamente elegante? Certa vez, li uma história sobre uma nascente com esse nome. Uma dríade é uma espécie de fada grande, eu acho.

– Bem, tudo o que eu espero é que você não mate Diana de tanto falar – disse Marilla. – Mas lembre-se disso sempre que fizer planos, Anne: você não vai brincar o tempo todo, nem quase o tempo todo. Você terá suas tarefas para fazer, e elas devem ser feitas antes da brincadeira.

O cálice de felicidade de Anne estava cheio até a borda, e Matthew fez com que ele transbordasse. Ele acabara de chegar em casa depois de uma ida à venda em Carmody, e tirou timidamente um pequeno pacote do bolso e entregou-o a Anne, lançando para Marilla um olhar contrito.

– Ouvi você dizer que gostava de chocolates; então, comprei alguns – disse ele.

– Aff, – bufou Marilla. – Vai estragar os dentes e a barriga dela. Calma, calma, menina, não faça essa cara de depressão. Pode comer estes chocolates, posto que Matthew saiu e os comprou. Teria sido melhor ele ter trazido balas de hortelã-pimenta. São mais saudáveis. Mas não coma todos de uma vez para não passar mal.

– Ah, não, claro, não vou comer tudo de uma vez – retrucou Anne com avidez. – Vou comer apenas um hoje à noite, Marilla. E posso dar metade deles para Diana, não posso? A outra metade vai ter um gosto duplamente doce para mim se eu der alguns para ela. É encantador pensar que tenho algo para dar de presente a ela.

– Tenho de admitir que a criança – comentou Marilla depois que Anne fora para o seu frontão – não é sovina. Fico contente, pois de todos os defeitos, o que eu mais detesto em uma criança é a avareza. Minha nossa, faz apenas três semanas que ela chegou, mas parece que sempre esteve aqui. Não consigo imaginar este lugar sem ela. Agora, pare de fazer cara de “eu te disse”, Matthew. Essa cara já é ruim o bastante em mulheres, mas em homens é insuportável. Estou perfeitamente disposta a admitir que estou feliz por ter concordado em ficar com a menina, e que estou sentindo carinho por ela, mas não esfregue isso na minha cara, Matthew Cuthbert.

“Nelly in the Hazel Dell”, canção popular escrita em 1853 por George Frederick Root (sob o pseudônimo alemão de G. Friedrich Wurzel), e que voltou a se tornar popular nos anos 1900. (N. T.)
Na mitologia greco-romana, Driade é a ninfa das árvores e, por extensão, dos bosques e da selva. (N. T.)



AS DELÍCIAS DA EXPECTATIVA

– Anne já deveria estar aqui costurando – disse Marilla, olhando fixamente para o relógio e depois para a tarde amarela de agosto, na qual tudo dormitava em meio ao calor. – Ela ficou brincando com Diana meia hora a mais do que o horário que eu permiti; e agora está empoleirada ali na pilha de lenha conversando com Matthew sem parar, quando sabe muito bem que deveria estar fazendo o seu trabalho. E, é claro, ele está prestando atenção ao que ela diz como um perfeito idiota. Nunca vi um homem tão apaixonado assim. Quanto mais ela fala e quanto mais coisas estranhas ela diz, mais encantado ele fica, evidentemente. Anne Shirley, venha já para cá, está me ouvindo?!

Uma série de batidas em *staccato* na janela oeste trouxe Anne voando do quintal, com olhos brilhando, bochechas levemente rosadas e os cabelos soltos caindo atrás de si como uma torrente fulgurosa.

– Oh, Marilla – exclamou ela, ofegante –, na semana que vem haverá um piquenique da escola dominical... no campo do senhor Harmon Andrews, bem perto do Lago das Águas Cintilantes. E a senhora Diretora Bell e a senhora Rachel Lynde vão fazer sorvete... imagine só, Marilla... *sorvete!* E, ai, Marilla, eu posso ir?

– Olhe só para o relógio por gentileza, Anne. A que horas eu lhe disse que voltasse para casa?

– Às duas da tarde... mas essa notícia sobre o piquenique não é esplêndida, Marilla? Posso ir, por favor? Ah, nunca fui a um piquenique... já sonhei com piqueniques, mas eu nunca...

– Sim, eu lhe disse que voltasse às duas. E são quinze para as três. Gostaria de saber por que não me obedeceu, Anne.

– Ora, essa não era a minha intenção, Marilla, tanto quanto possível. Mas você não faz ideia de como o Ócio Agreste é fascinante. Depois, é claro, tive

de contar a Matthew sobre o piquenique. Matthew é um ouvinte muito solidário. Posso ir, por favor?

– Você precisará aprender a resistir ao fascínio de Ócio-sei-lá-o-quê. Quando eu lhe disser para vir para casa em determinado horário, quero que volte nesse horário, e não meia hora mais tarde. E tampouco precisa parar no meio do caminho para conversar com ouvintes solidários. Quanto ao piquenique, é claro que pode ir. Você é aluna da escola dominical, e é improvável que eu me recuse a deixar você ir, uma vez que todas as outras meninas vão.

– Mas... mas... Diana disse que todos precisam levar uma cesta com coisas para comer. Não sei cozinhar, como você bem sabe, Marilla, e... e... nem me importo muito de ir a um piquenique sem mangas bufantes, mas eu me sentiria terrivelmente humilhada se tivesse de ir sem uma cesta. Esse pensamento tem assombrado a minha mente desde que Diana me disse isso.

– Bem, ele já não precisa lhe assediar. Cozinharei para você coisas para colocar em uma cesta.

– Oh, minha querida e bondosa Marilla. Oh, você é gentil demais comigo. Oh, como lhe sou grata.

Depois de dizer todos os seus “oh”, Anne se jogou nos braços de Marilla e beijou as bochechas citrinas dela intensamente. Foi a primeira vez em toda a vida de Marilla que lábios infantis voluntariamente tocaram o seu rosto. Mais uma vez, aquela sensação de doçura surpreendente deixou-a entusiasmada. Em segredo, estava satisfeitíssima com os carinhos impulsivos de Anne, o que foi provavelmente o motivo para ela ter dito abruptamente:

– Calma, calma, pare com esse disparate de ficar me beijando. Eu preferiria que você seguisse à risca o que lhe digo. Quanto a cozinhar, minha intenção é começar a lhe ensinar por esses dias. Mas você é muito cabeça de vento, Anne, e tenho esperado que você saia um pouco do mundo da lua e ganhe um pouco de constância antes que comecemos. Na cozinha, você precisa prestar atenção ao que faz, e não pode parar no meio das coisas e deixar seus pensamentos percorrerem esse mundo de Deus. Agora, pegue a sua colcha de retalhos e termine de costurar o quadrado antes da hora do chá.

– Eu *não* gosto de fazer colchas de retalhos – disse Anne com angústia, procurando sua cesta de costura e sentando-se com um suspiro em frente a uma pilha de losangos vermelhos e brancos. – Acho que alguns tipos de costura devem ser bons de fazer. Mas não há escopo para a imaginação em

uma colcha de retalhos. É só uma linhazinha de costura atrás da outra, e você não parece chegar a lugar nenhum. Mas é claro que eu preferia ser Anne de Green Gables fazendo uma colcha de retalhos do que Anne de qualquer outro lugar, com nada mais a fazer além de brincar. No entanto, eu só queria que o tempo passasse tão rápido cosendo os retalhos quanto passa quando estou brincando com Diana. Oh, eu e ela de fato passamos momentos elegantes demais, Marilla. Eu tenho de fornecer a maioria da imaginação, mas sou bastante capaz de fazer isso. Diana é simplesmente perfeita em todos os outros aspectos. Sabe aquele pedacinho de terra passando o riacho que divide a nossa fazenda da do senhor Barry? Ele pertence ao senhor William Bell, e bem em um dos cantos há um pequeno círculo de bétulas-do-papel... é o lugar mais romântico que existe, Marilla. Diana e eu fizemos nossa casinha de brinquedo ali. Nós a chamamos de Ócio Agreste. Esse nome não é poético? Asseguro-lhe que demorei algum tempo para pensar nele. Fiquei acordada quase uma noite inteira antes de inventá-lo. Então, logo antes de cair no sono, ele me ocorreu, como que por inspiração. Diana ficou *fascinada* quando ouviu. Nós arrumamos a nossa casa de modo muito elegante. Você deve ir um dia e ver, Marilla... você vai, não é? Temos grandes pedras, todas cobertas com musgo, que fazem as vezes de assentos, e tábuas de uma árvore até outra, que fazem as vezes de estantes. E deixamos toda nossa louça nelas. É claro que elas estão todas quebradas, mas é a coisa mais fácil do mundo imaginar que estão inteiras. Tem um caco de um prato no qual está pintado um ramo de hera amarelo e vermelho que é especialmente bonito. Nós o deixamos na sala de visitas, assim como o vidro da fada. O vidro da fada é tão adorável quanto um sonho. Diana encontrou-o na mata atrás do galinheiro da casa dela. Ele é cheio de crianças, que ainda não cresceram –, e a mãe da Diana disse a ela que ele tinha se quebrado de um lustre que havia antigamente na casa. Mas é gostoso imaginar que as fadas o perderam certa noite quando deram um baile; então, o chamamos de vidro da fada. Matthew vai fazer uma mesa para nós. Ah, e passamos a chamar aquela poça que há no campo do senhor Barry de Salixina. Tirei esse nome de um livro que a Diana me emprestou. Aquele livro foi emocionante, Marilla. A heroína tinha cinco amantes. Eu ficaria satisfeita com um, e você? Ela era muito bonita, e passou por grandes atribulações. Ela desmaiava com muita facilidade. Eu adoraria ser capaz de desmaiar, e você, Marilla? É romântico demais. Mas, na verdade, sou muito saudável, sou apenas magra demais. Mas acho que estou engordando. Não acha que estou? Examino

meus cotovelos todas as manhãs para ver se tem alguma covinha surgindo. Diana mandou fazer um vestido novo, com mangas que vão até os cotovelos, para usar no piquenique. Oh, espero que o tempo esteja bom na quarta-feira que vem. Não acho que poderia suportar a decepção caso acontecesse algo que me impedisse de ir ao piquenique. Presumo que eu sobreviveria, mas estou certa de que seria uma tristeza para toda a vida. Não me importaria se eu fosse a cem piqueniques depois desse, eles não compensariam o fato de eu ter perdido este piquenique específico. Eles vão levar barcos para o Lago das Águas Cintilantes... e sorvete, como lhe disse. Nunca comi sorvete. Diana tentou me explicar como era o sabor, mas acho que sorvete é uma das coisas que está além da imaginação.

– Anne, você ficou falando sem parar por dez minutos contados no relógio – disse Marilla. – Agora, apenas por curiosidade, veja se consegue dobrar essa língua pelo mesmo período de tempo.

Anne dobrou a língua conforme desejado. Mas, durante todo o resto da semana, falou de piquenique, pensou em piquenique e sonhou com piquenique. No sábado, choveu, e ela ficou num tal estado de frenesi pensando que continuaria a chover até quarta-feira que Marilla a fez costurar um quadrado a mais na colcha de retalhos para acalmar os nervos da menina.

No domingo, Anne confidenciou a Marilla no caminho de volta da igreja para casa que de fato sentiu um calafrio de entusiasmo quando o pastor anunciou do púlpito o piquenique.

– Um calafrio enorme me percorreu a espinha de cima a baixo, Marilla! Não acho que até aquele momento eu acreditasse de verdade que o piquenique aconteceria. Não consegui evitar pensar que havia imaginado tudo. Mas quando um pastor diz uma coisa no púlpito, você tem de acreditar nela.

– Você idealiza demais as coisas, Anne – comentou Marilla com um suspiro. – Receio que muitas decepções lhe aguardam ao longo da vida.

– Oh, Marilla, ansiar pelas coisas é metade do prazer proporcionado por elas – exclamou Anne. – Você pode até não conseguir essas coisas, mas nada pode lhe impedir de ter a diversão de ansiar por elas. A senhora Lynde diz: “Abençoados são aqueles que nada esperam, pois jamais se decepcionarão”. Mas eu acho que seria pior não esperar por nada do que se decepcionar.

Marilla usou seu broche de ametista para ir à igreja, como de costume. Ela sempre usava seu broche de ametista quando ia à igreja. Teria achado um sacrilégio não usá-lo: um sacrilégio tão grave quanto esquecer a sua Bíblia

ou os dez centavos para a coleta. Aquele broche de ametista era o bem que Marilla mais apreciava. Um tio marinheiro dera-o de presente à sua mãe, que, por sua vez, deixou-o de herança para ela. Ele tinha um formato oval à moda antiga, e continha uma mecha trançada do cabelo de sua mãe bordeada por finíssimas ametistas. Marilla sabia muito pouco sobre pedras preciosas para se dar conta da alta qualidade que aquelas ametistas tinham, mas achava as pedras muito bonitas, e sempre estava prazerosamente consciente do brilho violeta delas em seu pescoço, sobre o vestido bom de cetim marrom dela, apesar de não conseguir ver esse brilho.

Anne ficara arrebatada de prazerosa admiração quando viu aquele broche pela primeira vez.

– Oh, Marilla, é um broche perfeitamente elegante. Não sei como você consegue prestar atenção ao sermão ou às orações quando o está usando. Eu não conseguiria, sabe. Acho as ametistas simplesmente adoráveis. Elas são como eu costumava achar que eram os diamantes. Há muito tempo, antes de ter visto um diamante, li sobre eles e tentei imaginar como seriam. Pensei que eles eram adoráveis pedras cintilantes e roxas. Quando vi um diamante certo dia no anel de uma senhora, fiquei tão decepcionada que chorei. É claro que ele era muito adorável, mas não era aquela a ideia que eu fazia de um diamante. Você me deixa segurar o broche por um instante, Marilla? Você acha que as ametistas podem ser as almas das violetas bondosas?



A CONFISSÃO DE ANNE

No fim da tarde da segunda-feira antes do piquenique, Marilla desceu do quarto com o rosto perturbado.

– Anne – disse ela àquela figurinha que estava descascando ervilhas sobre a mesa imaculada e cantando “Nelly no vale de aveleiras” com um vigor e uma expressividade que faziam valer os ensinamentos de Diana –, você por acaso viu o meu broche de ametista? Eu pensei que o tinha deixado preso ao alfineteiro quando voltei para casa da igreja ontem no fim da tarde, mas não o encontro em lugar nenhum.

– Eu... eu o vi hoje à tarde quando você estava na Associação de Caridade – disse Anne devagarinho. – Estava passando em frente à porta do seu quarto quando o vi no alfineteiro; então, eu entrei lá para olhar para ele.

– Você tocou nele? – disse Marilla com severidade.

– S-i-i-m – confessou Anne –, eu o peguei e preendi na altura do meu peito só para ver como ia ficar.

– Você não tinha que ter feito nada disso. É muito errado uma menininha mexer em coisas que não são dela. Para princípio de conversa, você não deveria ter entrado no meu quarto, e, em segundo lugar, você não deveria ter tocado em um broche que não lhe pertence. Onde você o deixou?

– Oh, deixei-o de volta na cômoda. Não fiquei com ele preso em mim nem um minuto inteiro. Sinceramente, não foi minha intenção remexer nas suas coisas, Marilla. Não pensei que seria tão errado assim entrar no quarto e experimentar o broche, mas agora vejo que é, e jamais tornarei a fazer isso. Isso é uma coisa boa em relação a mim. Nunca faço a mesma malcriação duas vezes.

– Você não o devolveu – disse Marilla. – Aquele broche não está em canto nenhum da cômoda. Você o tirou dali ou fez algo do gênero, Anne.

– Mas eu devolvi – disse Anne rapidamente... com descaro, pensou Marilla. – Só não me lembro se o deixei preso ao alfineteiro ou se o coloquei na bandeja de porcelana. Mas estou perfeitamente certa de que o devolvi.

– Vou voltar e olhar de novo – falou Marilla, decidida a ser justa. – Se você o devolveu, o broche ainda está lá. Se não estiver, saberei que não o devolveu, simples assim!

Marilla foi para o seu quarto e fez uma busca minuciosa, não apenas sobre a cômoda, mas em qualquer outro lugar em que ela achou que o broche pudesse estar. Mas não o encontrou, e voltou para a cozinha.

– Anne, o broche sumiu. Você mesma confessou que foi a última pessoa a manuseá-lo. Então, o que fez com ele? Diga-me a verdade imediatamente. Você tirou-o do alfineteiro e depois o perdeu?

– Não, não fiz isso – disse Anne em um tom solene, encarando diretamente o olhar fixo e furioso de Marilla. – Nunca levei o broche para fora do seu quarto, e esta é a verdade caso eu seja conduzida ao patíbulo por isso... apesar de eu não ter muita certeza sobre o que é um patíbulo. É isso, Marilla.

O “é isso” foi dito por Anne apenas com a intenção de enfatizar a sua afirmação, mas Marilla o interpretou como se a menina a estivesse desafiando.

– Acho que você está me falando uma falsidade, Anne – disse ela bruscamente. – Eu sei que está. Calma, não diga mais nada, a não ser que esteja preparada para falar toda a verdade. Vá para o seu quarto, e fique lá até que esteja pronta para confessar.

– Devo levar as ervilhas comigo? – perguntou Anne com resignação.

– Não, eu mesma termino de descascá-las. Faça o que eu lhe mandei.

Depois que Anne foi para o quarto, Marilla prosseguiu com seus afazeres do começo da noite em um estado mental deveras perturbado. Estava preocupada com seu valioso broche. E se Anne de fato o tinha perdido? E que perversidade da menina ao negar tê-lo pegado, quando qualquer um poderia ver que ela devia mesmo ter feito isso! E ainda por cima fazendo aquela cara de inocente!

“Não sei o que eu preferiria que tivesse acontecido” – pensou Marilla, enquanto descascava nervosamente as ervilhas. – “É claro que não acho que ela teve a intenção de roubá-lo, ou algo do gênero. Ela simplesmente pegou o broche para brincar ou para ajudar com aquela imaginação dela, isso está claro, pois não entrou viva alma naquele quarto desde que ela esteve lá, pelo que ela mesma contou, até que eu subisse lá esta noite. E o broche sumiu, quanto a isso não há dúvida. Presumo que ela o tenha perdido, e não quer admitir por medo de ser castigada. É uma coisa terrível pensar que ela diga

mentiras. É uma coisa muito pior do que o temperamento descontrolado dela. Ter em casa uma criança em quem não se confia é uma responsabilidade assustadora. Astúcia e falsidade... foi isso o que ela demonstrou. Declaro que me sinto pior em relação a isso do que em relação ao broche. Se pelo menos ela tivesse falado a verdade, eu não teria me importado tanto assim”.

Durante todo o começo da noite, Marilla de quando em quando voltava ao seu quarto e procurava pelo broche, sem encontrá-lo. Uma visita ao frontão leste na hora de dormir não produziu frutos. Anne continuou negando saber qualquer coisa em relação ao broche, mas Marilla só ficou mais convencida ainda de que ela de fato sabia algo.

Na manhã seguinte, ela contou a história a Matthew. Matthew ficou confuso e intrigado; não era capaz de perder a fé em Anne tão facilmente, mas precisou admitir que as circunstâncias estavam contra ela.

– Você tem certeza de que ele não caiu atrás da cômoda? – Foi a única sugestão que ele pôde oferecer.

– Tirei a cômoda do lugar, tirei dela todas as gavetas, e olhei em cada canto e rachadura. – Foi a resposta afirmativa de Marilla. – O broche sumiu, e aquela garota o pegou e mentiu sobre isso. Esta é a verdade nua e crua, porém feia, Matthew Cuthbert, e é melhor que a encaremos de frente.

– Bem, então, o que você vai fazer em relação a isso? – perguntou Matthew com tristeza, secretamente se sentindo agradecido por ser Marilla, e não ele, quem teria de lidar com a situação. Desta vez, não sentiu a menor vontade de se intrometer.

– Ela vai ficar no quarto até que confesse – disse Marilla secamente, lembrando-se do sucesso daquele método no caso anterior. – Depois, veremos. Talvez consigamos achar o broche se ela pelo menos nos disser para onde o levou; mas, de qualquer modo, ela precisará ser duramente castigada, Matthew.

– Bem, você precisará castigá-la – retrucou Matthew, tentando alcançar seu chapéu. – Lembre-se de que não tenho nada a ver com isso. Você mesma avisou que era para eu não me meter.

Marilla sentiu-se como se todos a tivessem abandonado. Não podia nem ir se aconselhar com a senhora Lynde. Ela subiu até o frontão leste com uma cara muito séria, e saiu de lá com uma cara mais séria ainda. Anne recusou-se categoricamente a confessar. Insistiu em afirmar que não tinha pegado o broche. A criança evidentemente estivera chorando, e Marilla sentiu uma

pontada de pena, a qual reprimiu com severidade. No fim da noite, ela estava, em suas próprias palavras, “derrotada”.

– Você ficará neste quarto até confessar, Anne. Pode ir se acostumando – disse ela com firmeza.

– Mas o piquenique é amanhã, Marilla – Anne protestou chorando. – Você não vai me impedir de ir, vai? Vai me deixar sair só por essa tarde, não vai? *Depois*, eu fico aqui de bom grado por quanto tempo você quiser. Mas *tenho* que ir ao piquenique.

– Você não vai a piquenique ou a qualquer outro lugar até que confesse, Anne.

– Ai, Marilla – arquejou Anne.

Mas Marilla havia saído e fechado a porta.

A manhã de quarta-feira raiou brilhante e linda, como se tivesse sido encomendada especificamente para o piquenique. Pássaros cantavam em volta de Green Gables; as açucenas-brancas no jardim emanavam um perfume que entrava por todas as portas e janelas por meio de ventos invisíveis, que vadeavam por corredores e quartos como espíritos da bênção. As bétulas na ravina acenavam alegres, como se esperassem pela costumeira saudação matinal que Anne lhes fazia do frontão leste. Mas Anne não estava na janela. Quando Marilla levou o café da manhã para ela, encontrou a menina sentada de modo afetado na cama, pálida e resoluta, com lábios cerrados e olhos reluzentes.

– Marilla, estou pronta para confessar.

– Ah! – Marilla pousou a bandeja. Mais uma vez, seu método funcionara, mas o sucesso foi muito amargo para ela. – Então, deixe-me ouvir o que tem a dizer, Anne.

– Peguei o broche de ametista – disse Anne, como se repetisse uma lição decorada. – Peguei-o, assim como você disse. Não era minha intenção pegá-lo quando entrei no quarto. Mas ele de fato ficou tão bonito, Marilla, quando o preendi na altura do peito, que fui tomada por uma tentação irresistível. Imaginei como seria perfeitamente emocionante se eu o levasse para o Ócio Agreste e brincasse de fingir que era a Dama Cordelia Fitzgerald. Seria muito mais fácil imaginar que eu era a Dama Cordelia se estivesse usando um broche de ametista de verdade. Diana e eu fazemos colares com rosas mosquetas, mas o que são rosas mosquetas comparadas com ametistas? Então, peguei o broche. Pensei que podia devolvê-lo antes que você voltasse para casa. Dei a volta toda pela estrada para passar o tempo. Quando estava

cruzando a ponte do Lago das Águas Cintilantes, tirei o broche para olhá-lo mais uma vez. Oh, como ele brilhava com a luz do sol! Então, enquanto estava debruçada sobre a ponte, ele escorregou dos meus dedos... assim... e caiu... caiu... caiu, todo roxo e brilhante, e afundou para sempre no Lago das Águas Cintilantes. E esta é a melhor confissão que posso fazer, Marilla.

Marilla sentiu a raiva ferver outra vez em seu coração. Aquela criança havia pegado e perdido o seu adorado broche de ametista, e agora estava sentada ali calmamente recitando os detalhes daquilo sem sequer aparentar sentir compunção ou arrependimento.

– Anne, isso é terrível – disse ela, tentando falar com calma. – Você é a menina mais malvada de que eu já ouvi falar.

– Sim, presumo que eu seja mesmo – concordou Anne tranquilamente. – E sei que terei de ser castigada. Será dever seu me castigar, Marilla. Pode por favor aplicar o castigo logo de uma vez, porque eu quero ir ao piquenique com a mente tranquila?

– Piquenique, oras! Hoje você não vai a piquenique nenhum, Anne Shirley. Este será o seu castigo. E olha que é um castigo leve, considerando o que você fez!

– Não ir ao piquenique! – Anne ficou de pé com um pulo e se agarrou à mão de Marilla. – Mas você *prometeu* para mim que eu podia! Oh, Marilla, eu tenho que ir ao piquenique. Foi por isso que confessei. Aplique-me qualquer outro castigo que não esse. Oh, Marilla, por favor, por favor, deixe-me ir ao piquenique. Pense só no sorvete! Você sabe que talvez eu jamais tenha outra chance de provar sorvete.

Impassível, Marilla se desvencilhou das mãos de Anne.

– Não adianta implorar, Anne. Você não vai ao piquenique, e ponto final. Não, nem mais uma palavra.

Anne deu-se conta de que Marilla não cederia. Ela entrelaçou as mãos, deu um gritinho lancinante e depois se jogou na cama, afundando nela o rosto, chorando e se debatendo, entregando-se completamente à decepção e ao desespero.

– Por amor a esta terra! – arquejou Marilla, se apressando para sair do quarto. – Acho que essa criança é doida. Nenhuma criança boa da cabeça se comportaria desse jeito. Se não for louca, é completamente perversa. Ai, minha nossa, receio que Rachel tinha razão desde o começo. Mas coloquei a minha mão no arado, e não olharei para trás.¹⁵

Aquela foi uma manhã lúgubre. Marilla trabalhou ferozmente, e esfregou o chão do pórtico e as prateleiras de laticínios quando não encontrou nada mais para fazer. As prateleiras e o pórtico não estavam precisando de uma limpeza, mas Marilla os limpou mesmo assim. Depois, saiu e passou o ancinho no quintal para recolher as folhas caídas.

Quando o almoço ficou pronto, ela foi até o pé da escada e chamou Anne. Um rosto molhado de lágrimas surgiu, olhando de modo trágico por sobre a balaustrada.

– Desça para almoçar, Anne.

– Não quero almoço nenhum, Marilla – disse Anne entre soluços. – Eu não seria capaz de comer nada. Estou de coração partido. Algum dia você vai sentir remorso na consciência, espero eu, por me partir o coração, Marilla, mas lhe perdoo. Quando chegar a hora, lembre-se de que lhe perdoo. Mas por favor não me peça para comer nada, principalmente porco cozido com verduras. Porco cozido com verduras não é nada romântico quando se está aflita.

Exasperada, Marilla voltou para a cozinha e contou a história triste para Matthew, que, dividido entre seu senso de justiça e sua simpatia desarrazoada por Anne, estava bastante infeliz.

– Bem, ela não devia ter pegado o broche, Marilla, ou ter inventado histórias sobre isso – admitiu ele, examinando tristemente seu prato cheio de porco e verduras nada românticos como se ele, assim como Anne, achasse que aquela comida não era apropriada para crises nervosas –, mas ela é tão miudinha... uma coisinha muito interessante. Você não acha que é severidade demais não a deixar ir ao piquenique logo agora que ela está tão ansiosa para ir?

– Matthew Cuthbert, estou perplexa com você. Acho que apliquei nela um castigo leve demais. E ela não parece se dar conta da gravidade do que fez, e isso é o que mais me preocupa. Se ela de fato se sentisse arrependida, as coisas não seriam tão ruins assim. E você tampouco parece se dar conta disso, você inventa para si mesmo desculpas para ela o tempo todo: posso perceber isso.

– Ora, mas ela é tão miudinha – repetiu fracamente Matthew. – E temos que relevar certas coisas, Marilla. Você sabe que ela nunca teve uma educação de verdade.

– Bem, pois está tendo agora – replicou Marilla.

A réplica deixou Matthew calado, como se não estivesse convencido. Aquele almoço foi uma refeição muito lúgubre. A única coisa alegre ali era Jerry Buote, o menino contratado, e Marilla se ressentiu da alegria dele como se ela fosse um insulto pessoal.

Depois que a louça estava lavada, o pão estava pronto e as galinhas, alimentadas, Marilla se lembrou de que vira um pequeno rasgo em seu melhor xale de renda preta quando o tirara na tarde de segunda-feira depois que voltara da Associação de Caridade.

Ela iria costurá-lo. O xale ficava em uma caixa dentro do baú dela. Enquanto Marilla tirava a caixa dali, a luz do sol, atravessando as trepadeiras que se aglomeravam em volta da janela, bateu em alguma coisa presa no xale: uma coisa que brilhava e cintilava em facetas de luz violeta. Marilla agarrou aquilo com um arquejo. Era o broche de ametista, preso a um fio da renda pelo gancho!

– Minha nossa – disse Marilla com um olhar perdido –, o que significa isso? Eis aqui o meu broche são e salvo, aquele que pensei que estava no fundo do lago dos Barry. Qual era a intenção daquela garota quando disse que o pegara e o perdera? Declaro que creio que Green Gables foi enfeitiçado. Lembro agora que, quando tirei o xale na segunda-feira, deixei-o sobre a cômoda por um instante. Presumo que de algum modo o broche tenha ficado preso a ele. Ora!

Marilla dirigiu-se ao frontão leste com o broche na mão. Anne chorara tanto que já não tinha lágrimas, e estava sentada arrasada perto da janela.

– Anne Shirley – disse Marilla solenemente –, acabei de encontrar meu broche preso ao meu xale de renda preta. Agora, quero saber o que significou aquele imbróglio que você me contou esta manhã.

– Ora, você disse que eu ficaria aqui no quarto até que confessasse – respondeu Anne de modo cansado –, então, decidi confessar, pois eu precisava ir ao piquenique de qualquer jeito. Ontem à noite bolei uma confissão depois que me deitei, e tornei-a tão interessante quanto pude. E a repeti várias vezes para que não a esquecesse. Mas, no fim das contas, você não me deixou ir ao piquenique; então, meus esforços foram em vão.

Marilla teve de rir contra a própria vontade. Mas sua consciência a incomodava.

– Anne, você é impressionante! Mas eu estava errada, e percebo isso agora. Não deveria ter duvidado da sua palavra uma vez que nunca lhe vi contando mentiras. É claro que não foi correto você ter confessado ter feito

algo que não fez: isso foi muito errado da sua parte. Mas fui eu quem lhe levou a fazer isso. Então, se me perdoar, Anne, eu lhe perdoo, e podemos ficar quites. E agora, apronte-se para o piquenique.

Anne voou feito um rojão.

– Oh, Marilla, não é tarde demais?

– Não, ainda são só duas da tarde. Eles ainda devem estar reunindo todos, e ainda falta uma hora até que sirvam o chá. Lave o rosto, escove o cabelo e ponha seu vestido de guingão. Tem bastante comida assada na cozinha. E vou mandar o Jerry preparar a égua alazã e levar você até o piquenique.

– Oh, Marilla – exclamou Anne, voando até o lavabo. – Há cinco minutos eu estava tão triste que desejava jamais ter nascido, e agora não trocaria de lugar com um anjo!

Naquela noite, uma Anne completamente feliz e totalmente exausta voltou para Green Gables em um estado de beatificação difícil de descrever.

– Oh, Marilla, passei uma tarde perfeitamente deleitante. Deleitante é uma palavra nova que aprendi hoje. Ouvi Mary Alice Bell usá-la. Não é uma palavra expressiva demais? Tudo foi adorável. Tivemos um chá esplêndido, e depois o senhor Harmon Andrews levou todos para remar no Lago das Águas Cintilantes. E Jane Andrews quase caiu do barco. Ela estava debruçada para colher ninfeias, e se o senhor Andrews não a tivesse agarrado pela faixa do vestido bem a tempo, ela teria caído e provavelmente se afogado. Queria que tivesse sido eu. Seria uma experiência romântica demais ter quase se afogado. Seria uma história muito emocionante para contar depois. E comemos o sorvete. Palavras me escapam para descrever aquele sorvete. Marilla, garanto-lhe que estava sublime.

Naquele começo de noite, Marilla contou a história toda a Matthew enquanto mexia em sua cesta de meias-calças.

– Estou disposta a reconhecer que cometi um erro – concluiu ela candidamente –, mas aprendi uma lição. Tenho de rir quando penso na “confissão” de Anne, apesar de achar que não devia, pois de fato se tratou de uma falsidade. Mas, de algum modo, não me parece tão ruim quanto teria sido a outra possibilidade, e, de qualquer jeito, fui a responsável por isso. Em certos aspectos, aquela criança é difícil de entender. Mas acho que no fim das contas ficará tudo bem. E uma coisa é certa: nenhuma casa em que ela more jamais será monótona.

Alusão a Lucas, 9:62: “Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus”. (N. T.)



UMA TEMPESTADE NO COPO D'ÁGUA DA ESCOLA

– Que dia esplêndido! – exclamou Anne, respirando bem fundo. – Não é bom simplesmente estar vivo em um dia como este? Sinto pena de quem não nasceu ainda por estar perdendo isso. Elas podem até viver dias bons, mas jamais viverão um dia como este. E é mais esplêndido ainda ter um caminho tão adorável assim para ir até a escola, não é?

– É bem mais bonito do que dar a volta pela estrada; aquele caminho é quente e cheio de poeira – disse Diana de modo prático, espiando na cesta em que ela levava o almoço e calculando mentalmente quantas mordidas cada uma poderia dar se as três suculentas e apetitosas tortinhas de framboesa dispostas ali fossem divididas entre dez meninas.

As garotinhas da escola de Avonlea sempre compartilhavam seus almoços, e comer três tortinhas de framboesa sozinha, ou até mesmo dividi-las somente com a sua melhor amiga, teria garantido a quem fizesse isso a pecha eterna de garotinha “muito má”. Ainda assim, quando as tortinhas eram divididas entre dez meninas, acabava-se comendo o bastante apenas para deixar a pessoa tentada a comer mais.

O caminho pelo qual Anne e Diana iam para a escola *era* de fato bonito. Anne pensou que essas caminhadas de ida e volta da escola com Diana não podiam ser melhorados nem pela imaginação. Dar a volta e pegar a estrada principal teria sido nada romântico, mas percorrer a Trilha dos Amantes e Salixina e o Vale das Violetas e a Trilha das Bétulas era definitivamente romântico.

A Trilha dos Amantes começava sob o pomar de Green Gables e se estendia pela mata até o final da fazenda dos Cuthbert. Era por esse caminho que as vacas eram levadas para o pasto dos fundos, e a lenha era levada para casa no inverno. Anne dera o nome de Trilha dos Amantes antes de completar um mês que estava em Green Gables.

– Não que amantes de fato caminhem por aqui – explicou ela para Marilla –, mas Diana e eu estamos lendo um livro perfeitamente magnífico, e nele tem uma Trilha dos Amantes. Então, nós também queremos uma. E é um nome muito lindo, não acha? Que romântico! Não podemos imaginar os amantes nela, sabe. Gosto daquela trilha porque nela você pode pensar em voz alta sem que as pessoas lhe chamem de maluca.

Anne, partindo sozinha de manhã, descia a Trilha dos Amantes até chegar ao riacho. Nesse ponto, Diana encontrava com ela, e as duas menininhas subiam a trilha sob o arco frondoso das copas dos bordos – “bordos são árvores muito sociáveis” – dizia Anne. – “Elas estão sempre farfalhando e sussurrando para você” – até que chegavam a uma ponte rústica. Em seguida, saíam da trilha e caminhavam pelo campo dos fundos da casa do senhor Barry, passando por Salixina. Depois de Salixina chegava o Vale das Violetas: uma pequena depressão verdejante sob as sombras do grande bosque do senhor Andrew Bell.

– E claro que agora não há violetas lá – contara Anne para Marilla –, mas a Diana diz que na primavera há milhões. Oh, Marilla, você não consegue simplesmente imaginar que as vê? Isso de fato me deixa sem fôlego. Dei-lhe o nome de Vale das Violetas. Diana diz que nunca viu alguém que pudesse me superar quanto a dar nomes elegantes para os lugares. É bom ser talentosa em alguma coisa, não é? Mas foi Diana quem deu o nome da Trilha das Bétulas. Ela queria, então, deixei, mas estou certa de que eu poderia ter pensado em algo mais poético do que simplesmente Trilha das Bétulas. Qualquer um consegue pensar em um nome desses. Mas a Trilha das Bétulas é um dos lugares mais bonitos do mundo, Marilla.

E de fato era. Outras pessoas além de Anne tinham a mesma opinião quando se deparavam com a trilha. Ela era um tanto estreita e sinuosa, e serpenteava para baixo de um monte alto e cruzava o bosque do senhor Bell, onde a luz chegava filtrada por tantas folhas verde esmeralda que era tão imaculada quanto o centro de um diamante. Ela era ladeada por toda a sua extensão por bétulas jovens e finas, de troncos brancos e galhos flexíveis; samambaias e trientales e lírios-do-vale e tufo escarlata de ervas-dos-carpinteiros cresciam em abundância ao longo dela; e o ar ali era sempre aromático, e sempre havia o canto dos pássaros e o murmúrio e a risada de instrumentos de sopro de madeira nas árvores acima. De vez em quando, via-se um coelho saltitando pelo caminho caso se ficasse em silêncio – o que, no caso de Anne e Diana, acontecia de modo bissexto. Na parte de

baixo, no vale, a trilha dava na estrada principal, e, depois, bastava subir o monte das píceas para chegar à escola.

A escola de Avonlea era um prédio pintado de cal, com beirais baixos e largas janelas, mobiliado do lado de dentro com sólidas e cômodas carteiras à moda antiga cuja mesa se abria e fechava, e nelas estavam entalhados os garranchos e as iniciais de três gerações de alunos. A escola ficava afastada da estrada, e atrás dela havia um penumbroso bosque de abetos e um riacho no qual todas as crianças deixavam as suas garrafas de leite de manhã, para que o leite permanecesse frio e doce até a hora do almoço.

Marilla vira Anne sair para a escola no primeiro dia de setembro com muitas apreensões secretas. Anne era uma menina estranha demais. Como se relacionaria com as outras crianças? E como seria possível que ela conseguisse dobrar a língua durante as aulas?

No entanto, as coisas se saíram melhor do que Marilla temia. Anne voltou muito animada para casa no fim daquela tarde.

– Acho que vou gostar dessa escola – anunciou ela. – Só não gostei muito do professor. Ele fica o tempo todo enrolando o bigode e lançando olhares para Prissy Andrews. Prissy já é crescida, sabe. Ela tem 16 anos, e está estudando para a prova de seleção para a Queen's Academy em Charlottetown no ano que vem. Tillie Boulter diz que ele está *caidinho* por ela. Ela tem uma pele linda, e cabelos morenos cacheados que ela arruma de modo muito elegante. Ela senta na cadeira comprida dos fundos da sala, e ele também fica sentado lá quase o tempo todo... para explicar as lições para ela, é o que ele diz. Mas Ruby Gillis diz que o viu escrever alguma coisa na lousa¹⁶ dela, e quando Prissy leu aquilo, ficou corada feito beterraba, e deu risadinhas; e Ruby Gillis diz que não acredita que aquilo tivesse relação alguma com a lição.

– Anne Shirley, não me deixe tornar a escutar você falando sobre o seu professor desse jeito – disse Marilla com severidade. – Você não frequenta a escola para criticar o professor. Imagino que ele seja capaz de *lhe* ensinar alguma coisa, e é seu dever aprender. E quero que você entenda de saída que não deve voltar para casa contando fofocas sobre ele. Isso é algo que não vou estimular. Espero que tenha se comportado.

– Comportei-me sim – disse Anne confortavelmente. – E não foi tão difícil quanto talvez você esteja imaginando. Sentei-me com Diana. Nossa cadeira fica ao lado da janela, e podemos ver dela o Lago das Águas Cintilantes. Há muitas meninas simpáticas na escola, e foi deleitante brincar

com elas na hora do almoço. É bom demais ter tantas menininhas assim com quem brincar. Mas é claro que gosto mais da Diana, e sempre gostarei. Eu *adoro* a Diana. E estou terrivelmente atrasada nas matérias em relação às outras meninas. Elas estão todas no quinto livro, e ainda estou no quarto. Isso é um tanto vergonhoso. Mas nenhuma delas tem uma imaginação como a minha, e isso descobri logo. Hoje tivemos aula de leitura e de geografia e de história do Canadá e um ditado. O senhor Phillips disse que eu escrevia terrivelmente, e ergueu a minha lousa cheia de correções para que todos vissem. Fiquei mortificada, Marilla, acho que ele deveria ter sido mais educado com uma desconhecida. Ruby Gillis deu-me uma maçã, e Sophia Sloane emprestou-me um adorável cartão de visita rosa no qual estava escrito “Posso lhe fazer uma visita?”. Tenho que devolvê-lo a ela amanhã. E Tillie Boulter deixou-me usar seu anel de contas durante toda a tarde. Posso pegar algumas daquelas contas de madrepérola do alfineteiro velho que fica na mansarda para fazer um anel para mim? E, oh, Marilla, Jane Andrews disse-me que Minnie MacPherson disse a ela que ouviu Prissy Andrews contar a Sara Gillis que eu tinha um nariz muito bonito. Marilla, esse foi o primeiro elogio que recebi na vida, e você não pode imaginar a sensação estranha que isso me deu. Marilla, tenho mesmo um nariz bonito? Sei que você vai me dizer a verdade.

– Seu nariz é normal – disse Marilla de modo curto e grosso. Secretamente, ela achava que o nariz de Anne era excepcionalmente bonito; mas não tinha a menor intenção de revelar isso à menina.

Isso acontecera há três semanas, e tudo correra muito bem até então. E agora, nesta fria manhã de setembro, Anne e Diana desciam des preocupadamente a Trilha das Bétulas, e eram duas das mais felizes menininhas de Avonlea.

– Acho que Gilbert Blythe va à escola hoje – disse Diana. – Ele passou o verão visitando seus primos em New Brunswick, e só voltou para casa sábado à noite. Ele é *muito* bonito, Anne. E provoca terrivelmente as meninas. Ele simplesmente nos atormenta a vida.

A voz de Diana indicava que ela gostava bastante de ter sua vida atormentada daquele modo.

– Gilbert Blythe? – disse Anne. – Não é este o nome que está escrito na parede do pórtico junto com o de Julia Bell, com um enorme “Aviso” escrito em cima?

– Sim – respondeu Diana, jogando a cabeça para um lado –, mas tenho certeza de que ele não gosta tanto assim da Julia Bell. Ouvi ele dizer que aprendeu a tabuada de multiplicação com as sardas dela.

– Oh, não fale comigo sobre sardas – implorou Anne. – É uma indelicadeza fazer isso quando tenho tantas. Mas acho que escrever avisos na parede sobre meninos e meninas é a maior bobeira que há. Queria ver alguém ter a ousadia de escrever o meu nome junto com o de algum garoto. Mas é claro – acrescentou ela rapidamente – que ninguém faria isso.

Anne suspirou. Ela não queria que seu nome fosse escrito na parede. Mas era um tanto humilhante saber que não havia o menor risco de isso acontecer.

– Que besteira – replicou Diana, cujos olhos negros e cachos lustrosos já tinham causado tanto rebuliço nos corações dos garotos da escola de Avonlea que seu nome já tinha aparecido nas paredes do pórtico e em mais de meia dúzia de avisos. – Isso é para ser uma brincadeira. E não tenha tanta certeza assim de que seu nome jamais será escrito. Charlie Sloane está *caidinho* por você. Ele contou para a mãe, para a *mãe* dele, preste atenção, que você era a menina mais inteligente da escola. E isso é melhor do que ser bonita.

– Não é nada – retrucou Anne, feminina até o âmago. – Eu preferiria ser bonita a ser esperta. E odeio Charlie Sloane, não suporto meninos de olhar embasbacado. Se alguém escrevesse o meu nome junto com o dele, eu jamais *superaria* isso, Diana Barry. Mas é bom ser a melhor aluna da classe.

– Gilbert estará na mesma sala que você depois desta aula – comentou Diana –, e ele está acostumado a ser o melhor aluno da classe dele, posso lhe garantir. Apesar de ter quase 14 anos, ainda está no quarto livro. Há quatro anos, o pai dele ficou doente e precisou ir para Alberta tratar da saúde, e Gilbert foi junto. Eles ficaram três anos lá, e Gil quase não foi à escola até que voltassem. Depois desta aula, você vai ter mais dificuldade em ser a melhor aluna da classe, Anne.

– Fico feliz – disse Anne rapidamente. – Eu de fato não podia me orgulhar muito de ser a melhor aluna entre meninos e meninas de apenas 9 ou 10 anos. Ontem me levantei soletrando “efervescência”. Josie Pye era quem estava indo melhor no ditado, mas, dito isto, ela tirou cola do livro. O senhor Phillips não reparou, pois ele estava olhando para Prissy Andrews, mas eu reparei. Simplesmente lancei para ela um olhar gélido de desprezo, e ela

ficou corada feito beterraba e acabou soletrando a palavra errado no fim das contas.

– Essas meninas da família Pye são todas umas trapaceiras – disse indignada Diana, à medida que escalavam a cerca da estrada principal. – Gertie Pye de fato foi e colocou a garrafa de leite dela no meu lugar no riacho ontem. Onde já se viu isso? Agora estou de mal com ela.

Quando o senhor Phillips estava nos fundos da sala tomando a lição de Latim de Prissy Andrews, Diana sussurrou para Anne:

– Aquele sentado do outro lado desta fileira, na sua direção, é Gilbert Blythe, Anne. Olhe só para ele e veja se não o acha bonito.

Nesta conformidade, Anne olhou. E teve uma boa oportunidade de fazê-lo, pois o tal Gilbert Blythe estava absorto tentando furtivamente prender com um alfinete a longa trança loura de Ruby Gillis, que estava sentada em frente a ele, ao encosto do assento dela. Ele era um menino alto, de cabelo castanho cacheado, travessos olhos castanho-esverdeados e uma boca curvada em um sorriso provocante. Naquele momento, Ruby Gillis começou a se levantar para mostrar um exercício de matemática para o professor; ela caiu de volta na cadeira com um gritinho, achando que seus cabelos haviam sido arrancados pela raiz. Todos olharam para ela, e o senhor Phillips lançou-lhe um olhar tão fulminante e severo que Ruby começou a chorar. Gilbert escondera o alfinete, e estudava história com o rosto mais sóbrio do mundo, mas quando a comoção terminou, ele olhou para Anne e deu uma piscadela com indescritível pilhéria.

– Acho que seu querido Gilbert Blythe é bonito – confidenciou Anne para Diana –, mas acho-o ousado demais. Não é de bom tom ficar dando piscadelas para uma menina desconhecida.

Mas foi somente naquela tarde que as coisas realmente começaram a acontecer.

O senhor Phillips estava de volta ao canto da sala explicando um problema de álgebra para Prissy Andrews, e os outros alunos estavam fazendo praticamente o que lhes dava na telha: comiam maçãs verdes, cochichavam, desenhavam em suas lousas, brincavam com grilos presos em barbantes e subiam e desciam as fileiras entre as carteiras. Gilbert Blythe estava tentando fazer com que Anne Shirley olhasse para ele, e fracassava retumbantemente, porque naquele momento Anne ignorava não só a própria existência de Gilbert Blythe, como também a de todos os outros alunos na escola de Avonlea. Com o queixo apoiado nas mãos e os olhos fixos no

vislumbre azul do Lago das Águas Cintilantes que a janela oeste proporcionava, ela estava distante, em um mundo onírico, vendo e ouvindo nada além das próprias visões maravilhosas.

Gilbert Blythe não estava acostumado a se dar o trabalho de fazer com que uma garota olhasse para ele e fracassar nisso. Ela *deveria* olhar para ele, aquela tal de Shirley, ruiva e com o queixinho pontudo e os olhos grandes que não eram como os olhos de nenhuma outra garota na escola de Avonlea.

Gilbert estendeu o braço, pegou a ponta da longa trança vermelha de Anne, segurou-a bem alto, e disse em um sussurro bem agudo:

– Cenouras! Cenouras!

Então, Anne lançou um olhar fulminante para ele!

Ela fez mais do que olhar. Levantou-se com um pulo, pois seus devaneios vívidos haviam sido completamente arruinados. Ela lançou um olhar de indignação para Gilbert com olhos cuja centelha de raiva foi rapidamente apagada por lágrimas de semelhante raiva.

– Seu garoto mau e detestável! – exclamou ela intensamente. – Como ousa?!

E então... pou! Anne batera com sua lousa na cabeça de Gilbert e a quebrara, a lousa, e não a cabeça, ao meio.

A escola de Avonlea sempre gostava de um escândalo. E este era um especialmente divertido. Todos disseram “Oh” com um deleite horrorizado. Diana arquejou. Ruby Gillis, que tinha certa inclinação pela histeria, começou a chorar. Tommy Sloane deixou seu bando de grilos escapar completamente enquanto olhava boquiaberto para a cena.

O senhor Phillips desceu a fileira entre as carteiras furioso, e pousou a mão pesada no ombro de Anne.

– Anne Shirley, o que significa isso? – disse ele com raiva. Anne não respondeu. Esperar que ela falasse diante de toda a escola que fora chamada de “cenouras” era pedir demais. Foi Gilbert quem falou com firmeza.

– A culpa foi minha, senhor Phillips. Eu impliquei com ela.

O senhor Phillips não deu ouvidos a Gilbert.

– Lamento muito ver uma aluna minha demonstrar tal temperamento e espírito vingativo – falou ele em tom solene, como se o simples fato de ser aluno dele fosse capaz de remover de vez todos os desejos perversos dos corações de pequenos e imperfeitos mortais. – Anne, vá e fique de pé no tablado em frente ao quadro-negro pelo resto da tarde.

Anne teria preferido levar chibatadas a este castigo perante o qual o seu espírito sensível tremia como se de fato levasse chibatadas. Com o rosto lívido e retesado, ela obedeceu. O senhor Phillips pegou um giz e escreveu no quadro-negro bem acima da cabeça dela.

“Ann Shirley tem um temperamento ruim. Ann Shirley precisa aprender a controlar seu temperamento”, e depois leu isso em voz alta para que até as crianças da classe de alfabetização, que ainda não sabiam ler, conseguissem entender.

Anne ficou de pé ali pelo resto da tarde com aquela legenda acima da cabeça. Ela não chorou ou abaixou a cabeça. A raiva ainda fervia em seu coração, e foi isso que a fez suportar a agonia de sua humilhação. Com olhos ressentidos e bochechas coradas de ódio, ela encarou da mesma maneira o olhar solidário de Diana e as balançadas de cabeça indignadas de Charlie Sloane e os sorrisos maliciosos de Josie Pye. Quanto a Gilbert Blythe, ela sequer olhava para ele. Ela *jamaís* tornaria a olhar para ele! *Jamaís* dirigiria a palavra a ele!

Quando a aula terminou, Anne marchou para fora com sua cabeça vermelha erguida. Gilbert Blythe tentou interceptá-la na entrada do pátio.

– Lamento muito ter zombado do seu cabelo, Anne – sussurrou ele com arrependimento. – Sinceramente. Não fique com raiva para sempre.

Anne passou por ele com desdém, sem olhar ou dar sinal de que o ouvira.

– Oh, como você foi capaz, Anne? – sussurrou Diana um tanto em tom de reprimenda, um tanto em tom de admiração, à medida que desciam a estrada. Diana achava que *ela mesma* jamais teria resistido à súplica de Gilbert.

– *Jamaís* perderei Gilbert Blythe – disse Anne com firmeza. – E o senhor Phillips ainda por cima escreveu o meu nome sem o “e”. Minha alma está aferrada, Diana.

Diana não fazia a menor ideia de o que Anne queria dizer, mas entendeu que se tratava de algo terrível.

– Não se importe com o fato de Gilbert zombar do seu cabelo – disse ela em tom reconfortante. – Ora, ele zomba de todas as meninas. Ele ri do meu cabelo porque é muito preto. Ele já me chamou de corvo várias vezes; e nunca o vi pedir desculpas por nada.

– É muito diferente ser chamada de corvo do que ser chamada de cenouras – retrucou Anne em tom solene. – Gilbert Blythe feriu meus sentimentos de modo *excruciante*, Diana.

É provável que o assunto terminasse sem mais excruciação caso nada mais tivesse acontecido. Mas quando as coisas começam a acontecer, elas tendem a continuar.

Com frequência, os alunos de Avonlea passavam a hora do almoço catando goma no arvoredado de píceas do senhor Bell, que ficava depois do morro e da grande pastagem dele. Dali, ficavam de olho na casa de Eben Wright, onde ficava hospedado o professor. Quando viam o senhor Phillips sair de lá, corriam de volta para a escola, mas com a distância sendo três vezes mais longa do que pela trilha da casa do senhor Wright, eles provavelmente chegariam na escola, sem fôlego e arquejando, cerca de três minutos tarde demais.

No dia seguinte, o senhor Phillips foi tomado por um de seus ataques espasmódicos por reformas, e anunciou, antes de ir para casa almoçar, que esperava encontrar todos os alunos em seus assentos quando voltasse. Quem chegasse atrasado seria castigado.

Todos os garotos e algumas das garotas foram para o arvoredado de píceas do senhor Bell, como de costume, com a intenção de ficar ali apenas o bastante para “dar uma mascada”. Mas arvoredos de píceas são sedutores, e globos amarelos de goma, encantadores; eles cataram goma, vadiaram e se espalharam pelo lugar; e, como de costume, a primeira coisa que fez eles perceberem que o tempo havia voado foi Jimmy Glover gritando “O professor está vindo” do alto de uma velha e imponente píceas.

As garotas que estavam no chão saíram correndo primeiro e conseguiram chegar na escola a tempo, mas sem um segundo de sobra. Os garotos, que haviam descido das árvores apressados, chegaram mais tarde; e Anne, que não estivera catando goma, mas estava andando a esmo alegremente na ponta distante do arvoredado, em meio às samambaias que chegavam na altura de sua cintura, cantando suavemente sozinha, com uma coroa de fritilárias no cabelo como se fosse uma divindade silvestre da penumbra, foi quem chegou mais tarde do que todos. No entanto, Anne podia correr como um cervo; e correr foi o que ela fez, e o resultado de sua travessura foi que chegou na porta logo antes dos garotos, e foi varrida para dentro dela com eles bem quando o senhor Phillips estava pendurando seu chapéu.

A breve vontade de reformas do senhor Phillips havia se esgotado; ele não queria o incômodo de ter de castigar uma dezena de alunos; mas era preciso fazer alguma coisa para que sua palavra não fosse desmoralizada, então ele olhou à sua volta em busca de um bode expiatório, e o encontrou em Anne,

que se jogara em seu assento, ofegante, com uma esquecida coroa de fritilárias torta na cabeça, que lhe dava uma aparência particularmente libertina e desgrenhada.

– Anne Shirley, como você parece gostar muito da companhia dos meninos, vamos satisfazer o seu gosto esta tarde – disse ele com sarcasmo. – Tire essas flores do cabelo e vá se sentar com Gilbert Blythe.

Os outros garotos deram risadinhas. Diana, ficando lívida de pena, arrancou a coroa da cabeça de Anne e apertou a mão dela. Anne encarou o professor como se tivesse virado pedra.

– Você ouviu o que eu disse, Anne? – indagou com severidade o senhor Phillips.

– Sim, senhor – disse Anne devagar –, mas não achei que o senhor estivesse de fato falando sério.

– Garanto-lhe que sim – retrucou ele ainda com aquela entonação de sarcasmo que todas as crianças, e Anne em especial, detestavam. Aquela entonação tocava na ferida. – Obedeça-me já.

Por um instante, Anne pareceu ter a intenção de querer desobedecer. Depois, percebendo que não havia saída, levantou-se altivamente, marchou pela fileira entre as carteiras, sentou-se ao lado de Gilbert Blythe e afundou a cabeça entre os braços na carteira. Ruby Gillis, que vislumbrara o rosto dela se abaixando, disse aos outros na volta da escola que ela “de fato jamais vira nada como aquilo: era branco demais, e salpicado de manchinhas vermelhas horríveis”.

Para Anne, aquilo era o fim de tudo. Já era muito ruim ter sido escolhida como culpada e castigada quando havia uma dúzia de outras crianças tão culpadas quanto ela; e era pior ainda que lhe tivessem mandado se sentar com um menino, mas que esse menino fosse Gilbert Blythe era colocar sal na ferida em um nível insuportável. Anne sentiu que não poderia suportar aquilo, e que não adiantava nem tentar. Seu corpo todo fervia de vergonha, raiva e humilhação.

A princípio, os outros alunos olharam, cochicharam, deram risadinhas e se cutucaram. Mas como Anne jamais ergueu a cabeça e Gilbert ficou estudando frações como se toda a alma dele estivesse absorta nelas e apenas nelas, os outros alunos logo retornaram às suas tarefas, e Anne foi esquecida. Quando o senhor Phillips anunciou o fim da aula de história, Anne deveria ter ido embora, mas não se mexeu, e o senhor Phillips, que estivera escrevendo alguns versos “Para Prissy” antes de decretar o fim da aula,

ainda estava procurando uma rima obstinada, e não percebeu. Em um momento em que ninguém estava olhando, Gilbert tirou de dentro de sua carteira um docinho rosa em forma de coração em que estava escrito “Você é doce” em dourado, e colocou-o sob a curva do braço de Anne. Com isso, Anne levantou a cabeça, pegou o coração rosa cautelosamente com a ponta dos dedos, jogou-o no chão, pulverizou-o com o calcanhar e voltou a sua posição sem nem mesmo se dignar a olhar de relance para Gilbert.

Quando acabaram as aulas, Anne marchou para sua carteira e ostentadamente pegou tudo que havia dentro dela: livros e tábua de escrever, caneta e tinta, testamento e aritmética, e empilhou tudo organizadamente sobre sua lousa partida.

– Para que vai levar todas essas coisas para casa, Anne? – Diana quis saber assim que chegaram na estrada. Ela não se atrevera a fazer a pergunta antes disso.

– Não vou mais voltar para a escola – disse Anne. Diana arquejou e fixou o olhar em Anne para ver se ela estava falando sério.

– E a Marilla vai deixar você ficar em casa? – indagou ela.

– Ela vai ter que deixar – retrucou Anne. – *Jamais* voltarei para a escola daquele homem.

– Oh, Anne! – Diana parecia estar prestes a chorar. – De fato acho você muito malvada. O que eu vou fazer então? O senhor Phillips vai me obrigar a sentar com aquela horrorosa da Gertie Pye... sei que vai, porque ela está sentada sozinha. Por favor, volte, Anne.

– Eu faria praticamente qualquer coisa no mundo por você, Diana – disse Anne com tristeza. – Deixaria que me esquartejassem se isso fosse lhe trazer algum bem. Mas não posso fazer isto, então, não me peça para fazê-lo. Você me está destroçando a alma.

– Pense só em toda a diversão que você vai perder – comentou Diana com pesar. – Vamos construir a casinha nova mais adorável perto do riacho; e vamos jogar bola na semana que vem, e você nunca jogou bola, Anne. É tremendamente entusiasmante. E vamos aprender uma canção nova... a Jane Andrews está ensaiando a canção agora, e Alice Andrews vai trazer um novo livro da Pansy¹⁷ semana que vem, e vamos todos lê-lo em voz alta na beira do riacho. E você sabe que gosta muito de ler em voz alta, Anne.

Nada disso fez Anne mudar de opinião. Ela estava decidida. Jamais voltaria à escola para ter aulas com o senhor Phillips, quando chegou em casa, ela disse isso a Marilla.

– Que disparate, Anne – disse Marilla.

– Não é disparate nenhum – retrucou Anne, olhando fixamente para Marilla com olhos solenes e reprovadores. – Você não está entendendo, Marilla? Fui insultada.

– Que insulto que nada! Amanhã você vai para a escola normalmente.

– Ah, não. – Anne balançou de leve a cabeça em negativa. – Não vou voltar, Marilla. Vou aprender as lições em casa, e me comportar da melhor maneira possível, e dobrar a minha língua o tempo todo, caso isso sequer seja possível. Mas não vou voltar para a escola, lhe garanto.

Marilla viu algo extraordinariamente parecido com teimosia inflexível se estampar no rostinho de Anne. Ela entendeu que teria trabalho para vencer essa teimosia; mas, sabiamente, decidiu não dizer nada mais naquele momento. “Vou correr até lá embaixo esta noite e falar desse assunto com Rachel” – pensou ela. – “Não adianta tentar chamar Anne à razão agora. Ela está muito perturbada, e pressinto que possa ser terrivelmente teimosa caso cisme com alguma coisa. Pelo que pude entender do que ela me contou, o senhor Phillips vem lidando com essas questões de maneira muito despótica. Mas de nada adiantaria dizer isso a ela. Vou simplesmente discutir este assunto com Rachel. Ela já mandou dez filhos para a escola, e deve saber alguma coisa sobre isso. A esta altura ela já deve ter ficado sabendo da história”.

Marilla encontrou a senhora Lynde tricotando colchas tão diligentemente e alegremente quanto de costume.

– Presumo que saiba por que vim até aqui – disse ela um tanto constrangida.

A senhora Rachel assentiu.

– Acho que é sobre o escândalo de Anne na escola – respondeu ela. – Tillie Boulter passou aqui no caminho de volta da escola e me contou.

– Não sei o que fazer com ela – falou Marilla. – Ela diz que não vai voltar para a escola. Nunca vi uma criança tão perturbada. Venho esperando problemas desde que ela começou a frequentar a escola. Eu sabia que as coisas estavam correndo bem demais para que permanecessem assim. Ela está nervosa demais. O que me aconselharia, Rachel?

– Bem, visto que pediu o meu conselho, Marilla – disse em tom amigável a senhora Lynde, que amava de coração dar conselhos –, eu a princípio faria a vontade dela; é isso o que eu faria. Na minha opinião, o senhor Phillips agiu mal. Mas é claro que não adianta nada dizer isso às crianças, sabe. E é

claro que ele agiu bem em castigá-la ontem por ela ter perdido a cabeça. Mas hoje foi diferente. Os outros meninos que chegaram atrasados deveriam ter sido castigados da mesma forma que Anne, isso sim. E não acho certo mandar as meninas sentar junto com os meninos como forma de castigo. Não é decente. Tillie Boulter estava realmente indignada. Ela tomou partido de Anne na hora, e disse que todos os outros alunos fizeram a mesma coisa. De algum modo, Anne parece ser bastante popular entre eles. Nunca pensei que ela se relacionaria tão bem assim com eles.

– Então você acha mesmo que é melhor deixá-la ficar em casa – disse Marilla com espanto.

– Sim. O que estou dizendo é que eu não mencionaria a escola para ela até que ela mesma fizesse isso. Pode confiar, Marilla, em pouco mais de uma semana ela esfria a cabeça e vai estar pronta para voltar para a escola por vontade própria, é isso o que vai acontecer; mas, se você a obrigasse a voltar já para a escola, Deus sabe que ataque de nervos ou escândalo ela faria em seguida, e as coisas só piorariam. Quanto menos alarde você fizer sobre isso, melhor, na minha opinião. De todo o modo, ela não perderá muita coisa ao deixar de frequentar as aulas. O senhor Phillips é um péssimo professor. O modo como ele mantém a ordem em sala é escandaloso, isso sim, e ele negligencia os alunos mais novos e dedica todo o seu tempo aos alunos mais velhos que está preparando para entrarem na Queen's. Ele jamais teria conseguido continuar lecionando por mais um ano se o tio dele não fosse membro do conselho: o membro do conselho, na verdade, porque os outros dois só fazem o que ele quer, isso sim. Afirmo que não sei qual é o rumo que a educação está tomando nesta ilha.

A senhora Rachel balançou a cabeça, como se dissesse que, caso estivesse encarregada do sistema educacional da província, as coisas seriam melhor administradas.

Marilla seguiu o conselho da senhora Rachel e nada mais foi dito a Anne sobre voltar à escola. Ela aprendia as lições em casa, fazia suas tarefas domésticas e brincava com Diana nos frios e roxos crepúsculos outonais, mas quando encontrava Gilbert Blythe na estrada ou na escola dominical, passava por ele com um desprezo gélido que não era afetado nem um pouquinho pelo evidente desejo dele de fazer as pazes com ela. Nem os esforços de Diana como mediadora surtiram efeito. Anne evidentemente decidira odiar Gilbert Blythe pelo resto da vida.

No entanto, por mais que odiasse Gilbert, ela amava Diana, com todo o amor de seu coraçãozinho apaixonado, gostando e desgostando de uma e de outro com a mesma intensidade. Certo fim de tarde, Marilla, voltando do pomar com uma cesta de maçãs, encontrou Anne sentada sozinha no pé da janela leste no crepúsculo e chorando amargamente.

– O que houve agora, Anne? – indagou ela.

– É sobre a Diana – soluçou Anne copiosamente. – Gosto demais da Diana, Marilla. Não posso viver sem ela. Mas sei muito bem que, quando crescermos, Diana vai se casar, ir embora, e me abandonar. E, oh, o que farei? Odeio o marido dela... simplesmente o odeio furiosamente. Venho imaginando tudo, o casamento e tudo o mais, Diana vestindo trajes brancos como a neve, com um véu, com uma aparência tão linda e majestosa quanto a de uma rainha, e eu, a madrinha, também usando um vestido adorável, de mangas bufantes, mas com um coração partido oculto sob meu rosto sorridente. E depois, dizendo à Diana adeeeeeuuuusssss.... – Neste instante, Anne teve um colapso completo, e chorou com amargura crescente.

Marilla virou-se rapidamente para esconder seu rosto, que se contorcia, mas de nada adiantou: ela desabou na cadeira mais próxima e explodiu com um ataque de risos tão intenso e incomum que Matthew, que atravessava o quintal do lado de fora da casa, deteve-se, perplexo. Quando ele já tinha ouvido Marilla rir daquele jeito?

– Bem, Anne Shirley – disse Marilla assim que conseguiu falar –, se você quer arrumar problemas, por piedade, arrume um mais próximo de casa. Não há dúvidas de que você tem uma imaginação e tanto.

Até as primeiras décadas do século XX, os alunos não levavam lápis e caderno para a escola, mas um pequeno quadro-negro e pedras de escrever, o que significava que tinham que copiar o que o professor passava e depois memorizar aquilo, pois a lousa seria apagada e usada por cada um na aula seguinte. Só a partir de 1920, com o crescimento da produção de papel, é que os cadernos começaram a substituir as lousas individuais. (N. T.)

Pseudônimo de Isabella Macdonald Alden, autora americana de livros e periódicos de cunho cristão, como semanário infantojuvenil que saía aos domingos. (N. T.)



DIANA É CONVIDADA PARA O CHÁ COM RESULTADOS TRÁGICOS

Outubro era um mês lindo em Green Gables, quando as bétulas na ravina ficavam douradas como a luz do sol, os bordos atrás do pomar ganhavam um tom de carmesim majestoso e as cerejeiras selvagens ao longo da estrada revestiam-se dos mais adoráveis tons de vermelho escuro e verde brônzeo, enquanto os campos se banhavam com a luz do sol um após o outro.

Anne deleitava-se com o mundo de cores à sua volta.

– Oh, Marilla – exclamou ela certa manhã de sábado, entrando na casa dançando e com os braços carregados de lindos ramos –, fico muito feliz de viver em um mundo no qual haja outubros. Seria terrível se simplesmente passássemos de setembro a novembro, não é? Olhe para estes ramos de bordo. Eles não lhe deixam emocionada... emocionada demais? Vou decorar meu quarto com eles.

– Essas coisas só criam sujeira – disse Marilla, cujo senso estético não estava visivelmente desenvolvido. – Você enche o seu quarto demais com coisas de fora da casa, Anne. Quartos foram feitos para se dormir.

– Oh, e para sonhar também, Marilla. E você sabe que se sonha muito melhor em um quarto onde há coisas bonitas. Vou botar esses ramos no velho jarro azul e deixá-los sobre a minha mesa.

– Então, tome o cuidado de não deixar folhas caídas pelas escadas. Vou para uma reunião da Sociedade de Caridade em Carmody esta tarde, Anne, e provavelmente só voltarei para casa depois de escurecer. Você vai ter que servir o jantar para Matthew e Jerry; então, fique atenta para não se esquecer de fazer o chá antes de se sentar à mesa, como da última vez.

– Foi terrível da minha parte ter esquecido – disse Anne se desculpando –, mas isso foi na tarde em que eu estava tentando pensar em um nome para o Vale das Violetas, e isso acabou confundindo as outras coisas na minha

cabeça. Matthew foi bondoso demais. Ele sequer levantou a voz. Ele mesmo fez o chá, e disse que poderíamos esperar um pouco, ou não, tanto fazia. E contei a ele um adorável conto de fadas enquanto esperávamos; então, ele nem achou que o chá demorou a ficar pronto. Era um lindo conto de fadas, Marilla. Eu tinha esquecido o final dele, então inventei um final eu mesma, e Matthew disse que não conseguiu perceber em que ponto a história havia sido remendada.

– Matthew não veria qualquer problema, Anne, se você decidisse acordar no meio da madrugada para almoçar. Mas fique atenta desta vez. E... não tenho certeza de que estou fazendo a coisa certa... pois pode deixar você mais atrapalhada do que nunca... mas pode convidar Diana para vir passar a tarde com você e tomar o chá aqui.

– Oh, Marilla! – Anne entrelaçou as mãos. – Que coisa perfeitamente adorável! Você de fato é capaz de imaginar coisas, ou jamais teria entendido como tenho ansiado exatamente por isso. Vai parecer uma coisa muito boa, de gente grande. Não corro o risco de esquecer de botar o chá para ferver se tiver visitas aqui. Oh, Marilla, posso usar o jogo de chá pintado com ramalhetes de botões de rosa?

– É claro que não! O jogo de chá de botões de rosa! O que vai pedir agora? Você sabe que só uso esse jogo de chá quando o pastor ou as senhoras da Sociedade de Caridade vêm aqui. Você vai usar o velho jogo marrom. Mas pode abrir o velho potinho amarelo de geleia de cereja. Já é hora de que ele seja usado, de qualquer modo, pois acho que a geleia está começando a ficar boa. E pode partir um pedaço do bolo de frutas, e servir alguns biscoitos.

– Já posso me ver sentada na cabeceira da mesa servindo o chá – falou Anne, fechando os olhos em êxtase. – E perguntando para Diana se ela toma o chá com açúcar! Eu sei que não toma, mas é claro que vou perguntar, como se não soubesse. E depois farei pressão para que ela coma outra fatia de bolo de frutas, e mais uma porção de geleia. Oh, Marilla, só de pensar sinto uma sensação maravilhosa. Posso levá-la para o quarto sobressalente para que ela deixe ali o seu chapéu quando chegar? E depois levá-la para a sala de visitas para se sentar um pouco?

– Não. A sala comum basta para você e sua amiga. Mas tem meia garrafa de refresco de framboesa que sobrou da reunião da igreja outra noite. Está na segunda prateleira do armário da sala, e você e Diana podem bebê-lo se quiserem, e comer um biscoito para acompanhar durante a tarde, pois me

atrevo a dizer que Matthew vai chegar tarde para o jantar, pois está transportando batatas para a barca.

Anne voou até a ravina, passando pelo Gorgolejo de Dríade, pela trilha de píceas, e subindo Orchard Slope, para convidar Diana para o chá. Consequentemente, logo após Marilla ter ido para Carmody, Diana chegou, usando *seu* segundo melhor vestido e com a aparência adequada para alguém que foi convidada a tomar chá. Em outras ocasiões, ela estava acostumada a entrar sem bater pela porta da cozinha; mas, agora, bateu na porta da frente de modo requintado. E quando Anne, usando seu segundo melhor vestido, abriu a porta com o mesmo requinte, as duas garotas se cumprimentaram com um aperto de mão tão solene como se nunca tivessem se visto. Esta solenidade nada natural durou até que Diana tivesse sido levada para o frontão leste para deixar seu chapéu, e depois se sentara por dez minutos na sala, com os dedos dos pés esticados.

– Como vai sua mãe? – indagou educadamente Anne, como se não tivesse visto a senhora Barry em excelente saúde e humor colhendo maçãs naquela manhã.

– Vai muito bem, obrigada. Presumo que o senhor Cuthbert esteja transportando batatas para a barca *Lily Sands* esta tarde, não é? – perguntou Diana, que fora até a casa do senhor Harmon Andrews naquela manhã na carroça de Matthew.

– Sim, nossa safra de batatas foi ótima este ano. Espero que a do seu pai tenha sido boa também.

– Boa o bastante, obrigada. Já colheu muitas das suas maçãs?

– Oh, demais – disse Anne se esquecendo de agir com decoro e se levantando rapidamente com um pulo. – Vamos até o pomar e colher algumas das Red Sweetings,¹⁸ Diana. Marilla disse que podemos pegar todas as que ainda estiverem no pé. Marilla é uma mulher muito generosa. Ela disse que podíamos comer bolo de frutas e geleia de cereja na hora do chá. Mas é falta de educação dizer para sua visita o que você servirá para ela comer; então, não vou lhe dizer o que ela nos deixou beber. Direi apenas que começa com R e F, e que é vermelho vivo. Adoro bebidas de cor vermelho vivo, você não? Elas têm um gosto duplamente melhor do que as de qualquer outra cor.

O pomar, com seus enormes galhos carregados que quase tocavam o chão de tantas frutas, provou-se tão delicioso que as garotas passaram quase toda a tarde nele, sentadas em um canto gramado no qual a geada poupava o verde

e a luz suave do outono brilhava morna, comendo maçãs e falando o máximo que podiam. Diana tinha muito a dizer para Anne sobre o que andava acontecendo na escola. Ela tinha que se sentar com Gertie Pye, e odiava isso; Gertie fazia um barulho estridente com o giz sempre que escrevia, e isso fazia o sangue dela – de Diana – congelar; Ruby Gillis removera todas as verrugas dela com um feitiço, verdade verdadeira, de um seixo mágico que a velha Mary Joe do riacho dera para ela. Você tinha que esfregar o seixo nas verrugas e depois jogá-lo fora por sobre o ombro esquerdo em dia de lua nova, e as verrugas todas desapareceriam. O nome de Charlie Sloane tinha sido escrito junto com o de Em White na parede do pórtico, e Em White ficara *furiosíssima* com isso; Sam Boulter tinha “respondido” ao senhor Phillips em sala de aula, e o senhor Phillips lhe dera uma chibatada, e o pai de Sam fora até a escola e desafiara o senhor Phillips a tornar a encostar um dedo nos filhos dele; e Mattie Andrews tinha um capuz vermelho novo e um xale de tricô azul com borlas, e a cara que ela fazia quando os vestia era perfeitamente nauseante; e Lizzie Wright estava de mal com Mamie Wilson, porque a irmã mais velha de Mamie Wilson fizera a irmã mais velha de Lizzie Wright brigar com seu namorado; e todos sentiam muita falta de Anne, e queriam que ela voltasse para a escola; e Gilbert Blythe...

Mas Anne não quis saber de Gilbert Blythe. Ela levantou-se apressadamente com um pulo e sugeriu que entrassem para tomar um pouco de refresco de framboesa.

Anne olhou na segunda prateleira do armário da sala, mas não havia refresco de framboesa ali. Uma busca revelou que o refresco estava no fundo da prateleira mais alta. Anne colocou-o em uma bandeja e serviu-o na mesa com um copo.

– Por favor, sirva-se, Diana – disse ela educadamente. – Acho que não vou querer beber agora. Não estou com vontade depois de comer todas aquelas maçãs.

Diana serviu um copo cheio para si, admirou seu tom vermelho vivo, e depois bebeu de maneira afetada.

– Que delícia de refresco de framboesa, Anne – comentou ela. – Não sabia que refresco de framboesa era tão bom assim.

– Fico muito feliz que você tenha gostado. Beba à vontade. Vou correr até o andar de cima e atizar o fogo. As pessoas têm muitas responsabilidades para lembrar quando estão tomando conta da casa, não é?

Quando Anne voltou da cozinha, Diana estava tomando seu segundo copo de refresco; e, depois de Anne lhe suplicar, não fez qualquer objeção em particular em relação a beber um terceiro copo. Cada copo foi cheio até a borda, e o refresco de framboesa de fato estava muito bom.

– O melhor que já tomei – comentou Diana. – É muito melhor do que o da senhora Lynde, apesar de ela se gabar demais do dela. Não tem um gosto nada parecido com o do dela.

– Eu deveria imaginar mesmo que o refresco de framboesa da Marilla seria muito melhor do que o da senhora Lynde – disse Anne com lealdade. – Marilla é uma cozinheira famosa. Ela está tentando me ensinar a cozinhar, mas lhe garanto, Diana, é um trabalho duro. Há muito pouco escopo para a imaginação na culinária. Você simplesmente tem de seguir as regras. Na última vez em que fiz um bolo, esqueci de acrescentar a farinha. Estava imaginando uma história muito adorável sobre eu e você, Diana. Imaginei que você estava terrivelmente doente com varíola e todos a haviam abandonado, mas fiquei corajosamente ao pé da sua cama e cuidei de você até que você voltasse a viver; depois, contraí varíola e morri, e fui enterrada sob aqueles álamos no cemitério, e você plantou uma roseira perto do meu túmulo e regou-a com suas lágrimas; e você jamais, jamais esqueceu a sua amiga de infância que sacrificou a vida dela por você. Oh, foi uma história comovente demais, Diana. As lágrimas simplesmente escorreram pelo meu rosto enquanto eu batia o bolo. Mas esqueci da farinha, e o bolo foi um desastre completo. Farinha é essencial para se fazer bolos, sabe. Marilla ficou muito irritada, e não me espantei. Sou uma provação enorme para ela. Ela ficou terrivelmente perturbada com a calda do pudim semana passada. Comemos pudim de ameixas secas no almoço de terça-feira, e sobrou meio pudim e uma jarra cheia de calda. Marilla disse que sobrara o bastante para outro almoço, e me disse para levar o pudim para a prateleira da despensa e o cobrir. Eu tinha toda a intenção de cobri-lo, Diana, mas quando o levei para a despensa, imaginei que eu era uma freira – é claro que sou protestante, mas imaginei que era católica – que vestira o hábito para superar um coração partido em reclusão enclausurada; e esqueci completamente de cobrir a calda do pudim. Lembrei-me disso na manhã seguinte, e fui correndo até a despensa. Diana, imagine se puder meu extremo pavor quando encontrei um camundongo afogado na calda do pudim! Tirei o camundongo dali com uma colher, joguei-o no quintal, e depois lavei a colher três vezes. Marilla estava ordenhando as vacas, e eu tinha toda a

intenção de perguntar a ela quando ela voltasse se eu podia dar a calda aos porcos; mas quando ela voltou para casa eu estava imaginando que era uma fada invernal e estava deixando as árvores avermelhadas e amareladas, da cor que elas preferissem, e tornei a me esquecer da calda do pudim, e Marilla me mandou ir colher maçãs. Bem, o senhor e a senhora Chester Ross, de Spencervale, vieram nos visitar naquela manhã. Você sabe que eles são pessoas muito sofisticadas, especialmente a senhora Chester Ross. Quando Marilla me chamou de volta para casa, o almoço estava pronto, e todos já estavam na mesa. Tentei ser o mais bem-educada e decorosa possível, pois queria que a senhora Chester Ross pensasse que eu era uma pequena dama, mesmo que eu não seja bonita. Tudo correu bem, até que vi Marilla entrar com o pudim de ameixa em uma das mãos, e a jarra de calda *esquentada* na outra. Diana, que momento terrível. Lembrei-me de tudo, e simplesmente fiquei de pé e gritei: “Marilla, você não deve usar esta calda. Havia um camundongo afogado nela. Esqueci de lhe avisar antes”. Oh, Diana, jamais esquecerei aquele momento terrível, nem que eu viva até os cem anos. A senhora Chester Ross simplesmente *olhou* para mim, e achei que ia afundar no chão de tanta vergonha. Ela é uma dona de casa perfeita; imagine só o que não deve ter pensado de nós. Marilla ficou vermelha feito brasa, mas não disse palavra... naquele momento. Ela simplesmente levou o pudim e a calda embora, e voltou com geleia de morango. Ela até me ofereceu um pouco, mas não consegui comer nem uma colherada. Parecia que havia montanhas de carvão em brasa na minha cabeça.¹⁹ Depois que a senhora Chester Ross foi embora, Marilla me deu uma bronca horrível. Ora, Diana, o que houve?

Diana havia se levantado sem nenhuma firmeza; depois, tornou a se sentar, e colocou as mãos na cabeça.

– Estou... estou muito enjoada – disse ela com a voz um tanto rouca. – Tenho... tenho... que ir já para casa.

– Oh, nem sonhe em ir para casa sem antes tomar o chá – exclamou Anne, agoniada. – Vou tirá-lo do fogo agora... vou servir o chá neste minuto.

– Tenho que ir para casa – repetiu Diana de modo estúpido mas determinado.

– Deixe-me então servir um almoço para você – implorou Anne. – Deixe-me lhe servir um pouco de bolo de frutas e geleia de cereja. Deite-se no sofá um pouco, e você já vai melhorar. O que está sentindo?

– Tenho que ir para casa – disse Diana, e isso era tudo o que dizia. Anne suplicou em vão.

– Jamais ouvi falar de uma visita ir embora sem tomar o chá – falou ela com pesar. – Oh, Diana, você acha que é possível que tenha mesmo contraído varíola? Caso tenha, irei cuidar de você, pode ter certeza. Jamais lhe abandonarei. Mas eu de fato gostaria que ficasse até depois do chá. O que está sentindo?

– Estou muito tonta – respondeu Diana.

E, de fato, ela caminhava como quem estava tonta. Anne, com lágrimas de decepção no rosto, pegou o chapéu de Diana e a acompanhou até a cerca do quintal dos Barry. Depois, voltou chorando para Green Gables, onde tristemente colocou o resto do refresco de framboesa de volta no armário e foi aprontar o chá para Matthew e Jerry, e toda a diversão de fazer aquilo se esvaía.

O dia seguinte era domingo, e como choveu torrencialmente o dia todo, Anne não saiu de Green Gables. Na tarde de segunda-feira, Marilla mandou-a resolver uma incumbência na casa da senhora Lynde. Em um período muito curto de tempo, Anne subiu de volta a trilha com lágrimas escorrendo pelas bochechas. Entrou correndo pela cozinha e jogou-se agoniada com o rosto afundado no sofá.

– O que foi que aconteceu desta vez, Anne? – indagou Marilla consternada, sem saber o acontecia. – Espero de verdade que não tenha sido malcriada com a senhora Lynde outra vez.

Não houve resposta da parte de Anne além de mais lágrimas e soluços mais intensos!

– Anne Shirley, quando eu lhe fizer uma pergunta, quero ser respondida. Sente-se neste instante e conte-me por que está chorando.

Anne sentou-se, e era a tragédia em pessoa.

– A senhora Lynde foi visitar a senhora Barry hoje, e a senhora Barry estava em um estado terrível – lamuriou-se ela. – Ela disse que eu deixei a Diana *bêbada* no sábado e mandei-a de volta para casa em um estado deplorável. E ela disse que devo ser uma menininha completamente perversa, e que jamais deixará Diana brincar comigo de novo. Oh, Marilla, estou tomada de aflição.

Marilla, perplexa, ficou olhando para o vazio.

– Deixou Diana bêbada! – disse ela quando conseguiu falar. – Anne, é você ou a senhora Barry que está louca? Mas o que você deu para ela beber?

– Nada além de refresco de framboesa – soluçou Anne. – Nunca pensei que refresco de framboesa deixasse as pessoas bêbadas, Marilla... nem se elas bebessem três copos cheios, como fez a Diana. Oh, isso se parece muito com... com... o marido da senhora Thomas! Mas não tive a intenção de embebedá-la.

– Bêbada é uma ova! – disse Marilla, marchando até o armário da sala. Ali, na prateleira, havia uma garrafa que Marilla reconheceu que algum dia continha o vinho de groselha de três anos atrás que ela fazia em casa e que era famoso em Avonlea, apesar de algumas pessoas de natureza mais rigorosa, entre elas a senhora Barry, reprovarem a bebida intensamente. Naquele momento, Marilla lembrou-se de que guardara a garrafa de refresco de framboesa no porão, e não no armário, como dissera a Anne.

Ela voltou para a cozinha com a garrafa de vinho na mão. Seu rosto se contorcia contra a sua própria vontade.

– Anne, você de fato tem talento para arrumar confusão. Você serviu para a Diana vinho de groselha em vez de refresco de framboesa. Não percebeu a diferença?

– Eu não tomei – disse Anne. – Pensei que era o refresco. Minha intenção foi ser muito... muito... hospitaleira. Diana ficou terrivelmente enjoada, e teve que ir para casa. A senhora Barry disse à senhora Lynde que ela estava simplesmente bêbada como um gambá. Ela só riu de um jeito bobo quando a mãe lhe perguntou o que acontecera, e depois foi dormir, e dormiu por horas. A mãe dela sentiu o cheiro do hálito de Diana, e soube que ela estava bêbada. Ontem, ela ficou o dia todo com uma dor de cabeça muito forte. E a senhora Barry ficou indignada demais. Ela jamais vai acreditar que não fiz por querer.

– E eu acho que ela deveria ter castigado Diana por ela ter sido voraz a ponto de tomar três copos de qualquer coisa – disse Marilla de modo cortante. – Ora, três desses copos grandes a deixariam enjoada, mesmo que fosse apenas refresco. Bem, essa história será perfeita para aquelas pessoas que me olham torto por eu fazer vinho de groselha, apesar de já haver três anos que não faço, desde que descobri que o pastor não aprovava. Só guardei aquela garrafa para tomar em caso de doença. Calma, calma, menina, não chore. Não acho que você tenha culpa nenhuma, mas lamento que as coisas tenham ocorrido desse jeito.

– Tenho que chorar – disse Anne. – Estou com o coração partido. As estrelas desde suas órbitas lutam contra mim,²⁰ Marilla. Diana e eu vamos

ficar separadas para sempre. Oh, Marilla, eu nem podia sonhar com isso no momento em que fizemos nossas juras de amizade.

– Não seja boba, Anne. A senhora Barry vai repensar a decisão dela quando descobrir que você não teve culpa. Presumo que ela ache que você fez isso para pregar uma peça boba ou algo do gênero. É melhor você ir até a casa dela neste fim de tarde e contar o que aconteceu.

– Minha coragem me escapa quando imagino que estou enfrentando a mãe ofendida de Diana – suspirou Anne. – Queria que você fosse, Marilla. Você é muito mais decorosa do que eu. É mais provável que ela dê ouvidos a você mais rápido do que a mim.

– Bem, eu vou então – disse Marilla, refletindo que aquela provavelmente era a decisão mais sábia. – Não chore mais, Anne. Tudo ficará bem agora.

Marilla mudara de ideia em relação ao fato de que tudo ficaria bem depois que voltou de Orchard Slope. Anne estava vigiando para ver quando ela voltaria, e correu até o pátio para encontrá-la.

– Oh, Marilla, sei pela sua cara que foi tudo em vão – disse ela com tristeza. – A senhora Barry não vai me perdoar?

– A senhora Barry, disse isso mesmo! – disparou Marilla. – Entre todas as mulheres insensatas que já conheci, ela é a pior. Eu disse a ela que tudo não passou de um mal-entendido e que você não tinha culpa, mas ela simplesmente não acreditou em mim. E esfregou bem na minha cara o meu vinho de groselha e o fato de que eu sempre disse que ele não faria o menor efeito em ninguém. Eu simplesmente disse a ela que o vinho de groselha não é para ser bebido em doses de três copos cheios de uma vez, e que se uma criança de quem eu cuidasse fosse voraz a esse ponto, eu a deixaria sóbria com uma boa surra.

Marilla foi apressada para a cozinha, seriamente perturbada, deixando uma alminha muito consternada no pátio atrás dela. Naquele momento, Anne saiu de casa com a cabeça descoberta em meio ao frio crepúsculo outonal; com muita firmeza e determinação, percorreu o ressecado campo de trevos, cruzou a ponte de troncos e atravessou o arvoredo de píceas, que era iluminado por um luar tênue que vinha da mata a oeste. A senhora Barry, indo até a porta em resposta a uma batida tímida, encontrou uma suplicante de lábios exangues e olhos impacientes na soleira da porta.

Seu rosto endureceu. A senhora Barry era uma mulher de intensos preconceitos e desgostos, e sua raiva era do tipo frio e silencioso, que é sempre o mais difícil de vencer. Para falar a verdade, ela de fato acreditava

que Anne tinha feito Diana beber por pura malícia premeditada, e estava sinceramente ansiosa por proteger sua filhinha contra a contaminação de ter mais intimidade com tal criança.

– O que você quer? – perguntou ela com dureza.

Anne entrelaçou as mãos.

– Oh, senhora Barry, por favor, me perdoe. Não tive a intenção de... de... embriagar a Diana. Como eu poderia? Imagine simplesmente que você é uma pobre menina órfã adotada por pessoas bondosas, e que só tem uma amiga do peito em todo o mundo. Você acha que embriagaria essa amiga de propósito? Eu pensei que era só refresco de framboesa. Estava convencida de que era refresco de framboesa. Oh, por favor, não diga que não vai mais deixar Diana brincar comigo. Se a senhora fizer isso, ensombrarei a minha vida com uma nuvem negra de tristeza.

Este discurso, que teria amolecido o coração da senhora Lynde em um piscar de olhos, não teve outro efeito sobre a senhora Barry além de aumentar sua irritação. Ela desconfiava das palavras difíceis e dos gestos dramáticos de Anne, e achava que a menina estava zombando dela. Então, disse fria e cruelmente:

– Não acho que você seja uma garota adequada para fazer amizade com Diana. É melhor ir para casa e se comportar direito.

Os lábios de Anne tremeram.

– Não vai me deixar ver a Diana só mais uma vez, para que eu diga adeus? – implorou ela.

– Diana foi para Carmody com o pai – respondeu a senhora Barry, entrando e fechando a porta.

Anne voltou calma, porém desalentada, para Green Gables.

– Minha última esperança se foi – disse ela para Marilla. – Subi eu mesma até a casa da senhora Barry, e ela me tratou de modo muito ofensivo. Marilla, *não* acho que ela é uma mulher bem-educada. Não há nada a fazer além de rezar, e não tenho muita esperança de que isso vá adiantar porque, Marilla, acho que nem o próprio Deus pode mudar a opinião de uma pessoa tão obstinada quanto a senhora Barry.

– Anne, você não deveria dizer essas coisas – repreendeu Marilla, tentando superar aquela maldita vontade de rir que ela ficava espantada ao descobrir que só aumentava. E, de fato, quando contou a história toda para Matthew naquela noite, riu com gosto das atribulações de Anne.

Mas quando ela foi silenciosamente até o frontão leste antes de ir dormir e viu que Anne havia chorado até dormir, sentiu uma brandura incomum se estampar em seu rosto.

– Pobre alminha – murmurou ela, tirando um cacho solto do rosto cheio de lágrimas da criança. Depois, inclinou-se e beijou o rosto corado sobre o travesseiro.

Variedade de maçã de sabor muito doce e quase não mais cultivada hoje em dia. (N. T.)

Referência a Provérbios, 25:21-22: “Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe pão para comer, e se tiver sede, dá-lhe água para beber; porque assim lhe amontoarás brasas sobre a cabeça, e o Senhor te recompensará.” (N. T.)

Referência a Juízes, 5:20: “Desde o céu lutaram as estrelas, desde as suas órbitas lutaram contra Sísera.” (N. T.)



UM NOVO INTERESSE NA VIDA

Na tarde seguinte, Anne, debruçada sobre sua colcha de retalhos na janela da cozinha, calhou de olhar para fora e avistar Diana no Gorgolejo de Dríade gesticulando misteriosamente. Em um instante, Anne estava fora de casa e voava até a ravina, com surpresa e esperança digladiando em seus olhos expressivos. Mas a esperança se esvaiu quando ela viu o semblante desalentado de Diana.

– Sua mãe ainda não cedeu? – ofegou ela.

Com pesar, Diana balançou a cabeça em negativa.

– Não; oh, Anne, ela disse que é para eu jamais tornar a brincar com você. Eu chorei e chorei, e disse a ela que a culpa não foi sua, mas de nada adiantou. Demorei muito para convencê-la a me deixar descer até aqui e me despedir de você. Ela disse que eu só poderia ficar dez minutos, e está contando o tempo no relógio.

– Dez minutos é pouco tempo para se dizer um adeus eterno – disse Anne em meio a lágrimas. – Oh, Diana, promete lealmente que jamais me esquecerá, vossa amiga de infância, não importa o quanto amigos mais queridos possam acariciar vossa mercê?

– É claro que sim – soluçou Diana –, e jamais terei outra amiga do peito... não quero ter. Eu não seria capaz de amar ninguém tanto quanto lhe amo.

– Oh, Diana – exclamou Anne, entrelaçando as mãos –, você de fato me *ama*?

– Ora, é claro que sim. Você não sabia disso?

– Não. – Anne respirou fundo. – Eu pensava que você *gostava* de mim, é claro, mas jamais tive esperanças de que me *amasse*. Ora, Diana, eu não pensava que ninguém seria capaz de me amar. Desde que me entendo por gente, ninguém jamais me amou. Oh, isso é maravilhoso! É um raio de luz que brilhará eternamente em meio à escuridão de um caminho de laços cortados com vossa mercê, Diana. Repita isso para mim.

– Amo-a com devoção, Anne – disse Diana com lealdade –, e sempre amarei, pode ter certeza disso.

– E sempre amarei vossa mercê, Diana – respondeu Anne, estendendo a mão solenemente. – Nos anos vindouros, vossa memória refulgirá como uma estrela sobre minha vida solitária, assim como naquela última história que lemos juntas. Diana, vossa mercê me presentearia com uma mecha de vossos cachos de azeviche nesta despedida, para que eu possa apreciá-lo por toda a eternidade?

– Você tem alguma coisa com que eu possa cortá-lo? – indagou Diana, secando as lágrimas que o discurso afetado de Anne fizera cair em nova torrente, e voltando aos detalhes práticos.

– Sim. Felizmente tenho no bolso minha tesoura de costura – disse Anne. Ela cortou solenemente um dos cachos de Diana. – Adeus, amada amiga. Doravante deveremos ser desconhecidas, apesar de convivermos. Mas meu coração sempre será fiel a vossa mercê.

Anne ficou de pé observando Diana sumir de vista, acenando para ela com pesar toda a vez que se virava para olhar para trás. Depois, voltou para casa, nem um pouco consolada naquele momento por aquela despedida romântica.

– Está tudo acabado – informou ela a Marilla. Jamais hei de ter outra amiga. Na verdade, estou numa situação pior do que antes, pois já não tenho Katie Maurice e Violetta. E mesmo que as tivesse, não seria a mesma coisa. De algum modo, garotinhas imaginárias não satisfazem depois de ter uma amiga de verdade. Diana e eu tivemos uma despedida muito comovente perto da nascente. Guardarei isso eternamente como uma memória sagrada. Usei a linguagem mais patética que pude, e disse “vossa” e “vossa mercê”. “Vossa mercê” e “vossa” parecem muito mais românticos do que “você”. Diana me deu um cacho de seu cabelo, e vou costurá-lo em uma bolsinha e usá-lo em volta do pescoço a vida toda. Por favor, certifique-se de que me enterrem com ele, pois não creio que viverei muito tempo. Talvez quando ela me vir deitada, fria e morta, a senhora Barry sinta remorso pelo que fez e deixe Diana ir a meu funeral.

– Enquanto você ainda for capaz de falar, Anne, acho que não há risco de você morrer de desgosto – disse Marilla sem qualquer empatia.

Na segunda-feira seguinte, Anne surpreendeu Marilla ao descer do quarto com sua cesta de livros no braço e ao lado de seu quadril, com lábios retesados de determinação.

– Voltarei para a escola – anunciou ela. – É tudo que me resta na vida, agora que minha amiga foi impiedosamente arrancada de mim. Na escola, posso olhar para ela e meditar sobre os dias idos.

– É melhor você meditar sobre as lições e a matemática – disse Marilla, escondendo o deleite que sentia com o desenrolar daquela situação. – Se você for voltar para a escola, espero não ouvir mais falar de você quebrando lousas na cabeça das pessoas e coisas desse tipo. Comporte-se e faça exatamente o que o seu professor mandar.

– Tentarei ser uma aluna modelo – concordou Anne dolorosamente. – Não vai ser muito divertido, é o que espero. O senhor Phillips disse que Minnie Andrews era uma aluna modelo, e ela não tem sequer uma centelha de imaginação ou de vida dentro de si. Ela é lenta e entediante, e nunca parece se divertir. Mas sinto-me deprimida demais porque agora isso vai ser fácil de fazer. Irei para a escola dando a volta pela estrada. Eu não suportaria passar sozinha pela Trilha das Bétulas. Caso fizesse isso, choraria lágrimas de amargura.

Anne foi recebida de volta à escola de braços abertos. Havia sentido muita falta da imaginação dela nas brincadeiras, da voz dela no canto, e da sua habilidade dramática na leitura cuidadosa em voz alta de livros na hora do almoço. Ruby Gillis deu a ela escondido três ameixas durante a leitura do testamento; Ella May MacPherson deu a ela um enorme amor-perfeito amarelo recortado da capa de um catálogo de flores, um tipo de decoração de carteira muito apreciado na escola de Avonlea. Sophia Sloane ofereceu-se para lhe ensinar um novo padrão perfeitamente elegante de renda de tricô, ótimo para costurar sobre as bainhas de aventais. Katie Boulter deu a ela uma garrafa vazia de perfume para ela guardar água para apagar a lousa, e Julia Bell copiou com esmero em um pedaço de papel rosa pastel com bordas de festão a seguinte efusão:

“Quando o ocaso abrir seu manto
E o pregar com uma estrela,
Lembre que você tem uma amiga
Apesar de estar longe dela.”

– É muito bom ser benquista – suspirou Anne em êxtase para Marilla naquela noite.

As garotas não eram os únicos estudantes que “benqueriam” Anne. Quando Anne foi para o seu assento depois da hora do almoço – o senhor Phillips dissera a ela que se sentasse com a aluna modelo Minnie Andrews –,

ela encontrou sobre sua carteira uma linda e enorme “maçã ambrosia”.²¹ Anne pegou-a, e estava prestes a dar uma mordida quando se lembrou de que o único lugar em Avonlea onde cresciam maçãs ambrosia era no velho pomar dos Blythe, do outro lado do Lago das Águas Cintilantes. Anne deixou a maçã cair como se fosse carvão em brasa, e limpou os dedos no seu lenço de modo ostentoso. A maçã permaneceu intocada sobre a carteira até a manhã seguinte, quando o pequeno Timothy Andrews, que varria a escola e cuidava do fogo da lareira, apoderou-se dela como se fosse um dos benefícios adicionais do trabalho. O lápis de lousa²² de Charlie Sloane, belamente decorado com papel de listras vermelhas e amarelas, que custavam dois centavos, ao passo que lápis comuns custavam apenas um centavo, que ele mandou para ela depois da hora do almoço, teve uma recepção mais favorável. Anne ficou muito graciosamente satisfeita em aceitá-lo, e recompensou o doador com um sorriso que exaltou aquele jovem apaixonado direto para o sétimo céu do deleite, e fez com que ele cometesse erros tão terríveis no ditado daquele dia que o senhor Phillips fez com que ele ficasse na escola depois da aula para reescrevê-lo.

Mas o desfile de César, desprovido do busto de Brutus, só a fez recordar ainda mais o melhor filho de Roma,²³ então, a nítida ausência de qualquer homenagem ou reconhecimento da parte de Diana Barry, que estava sentada com Gertie Pye, deu um toque de amargura ao pequeno triunfo de Anne.

– Talvez Diana tenha sorrido para mim uma vez, eu acho – lamentou-se ela para Marilla naquela noite. Mas, na manhã seguinte, um bilhete dobrado de modo muito assombroso e maravilhoso,²⁴ e um pequeno pacote, foram repassados pela sala até Anne.

Querida Anne (dizia o bilhete)

Mamãe diz que não devo brincar com você ou falar com você, nem mesmo na escola. A culpa não é minha, e não fique de mal comigo, pois a amo tanto quanto sempre a amei. Sinto uma saudade terrível de contar todos os meus segredos para você, e não gosto nem um pouco da Gertie Pye. Fiz para você um desses marcadores de livros novos com papel de seda vermelho. Eles estão muito na moda agora, e somente três meninas na escola sabem fazê-los. Quando olhar para ele, lembre-se

De sua verdadeira amiga,

Diana Barry.

Anne leu o bilhete, beijou o marcador de livro, e imediatamente mandou uma resposta para a outra ponta da sala.

Minha querida Diana:

É claro que não estou de mal com você, pois você precisa obedecer sua mãe. Nossas almas podem conversar. Guardarei para sempre o seu adorável presente. Minnie Andrews é uma menininha muito simpática – apesar de não ter imaginação –, mas depois de ter sido a amiga do peito de Diana, não posso ser a da Minnie. Por favor, perdoe os erros, pois ainda não sei escrever muito bem, apesar de ter melhorado muito.

Serei sua até que a morte nos separe,

Anne ou Cordelia Shirley.

P.S. Vou dormir com sua carta embaixo do meu travesseiro esta noite.

A. ou C.S.

Marilla, de modo pessimista, esperava que surgissem novos problemas agora que Anne voltara a frequentar a escola. Mas nada aconteceu. Talvez Anne tivesse absorvido algo do espírito de “aluna modelo” de Minnie Andrews; pelo menos, a partir de então, ela passou a se relacionar bem com o senhor Phillips. Ela mergulhou nos estudos de corpo e alma, determinada a não ser superada em nenhuma matéria por Gilbert Blythe. A rivalidade entre eles logo se tornou aparente; da parte dele, era uma rivalidade inocente, mas devemos rezear que o mesmo não possa ser dito de Anne, que certamente tinha uma tenacidade nada louvável para guardar rancores. Ela amava e odiava com a mesma intensidade. Ela não se rebaixaria ao ponto de admitir que competia com Gilbert nos estudos, pois isso significaria que precisaria reconhecer a existência dele, a qual Anne persistentemente ignorava, mas a rivalidade existia, e os louros fluíam entre um e outro. Agora, Gilbert era o melhor aluno da aula de ditado; e agora Anne, jogando para os lados suas longas tranças vermelhas, escreveu melhor, e lhe tirou o posto. Certa manhã, Gilbert acertou todas as contas de matemática, e teve seu nome escrito na lista de honra; na manhã seguinte, Anne, tendo passado toda a noite anterior lutando contra decimais, se tornaria a melhor aluna de matemática. Em um dia horrível, eles estavam empatados, e seus nomes foram escritos um ao lado do outro. Aquilo era quase tão ruim quanto aqueles avisos da parede do pórtico, e a mortificação de Anne ficou tão evidente quanto a satisfação de Gilbert. Quando chegava o momento em que as provas escritas eram aplicadas, no fim de cada mês, o suspense era terrível. No primeiro mês,

Gilbert se saiu melhor do que Anne em três provas. No segundo mês, Anne foi melhor em cinco provas. Mas seu triunfo foi ofuscado pelo fato de Gilbert tê-la parabenizado efusivamente diante de toda a escola. Ela teria gostado muito mais se ele tivesse sentido a amargura da derrota.

O senhor Phillips podia até não ser um bom professor, mas uma aluna tão inflexivelmente determinada a aprender, como era o caso de Anne, não conseguiria evitar fazer com que qualquer professor melhorasse. Ao final do semestre, os dois passaram para a quinta série, e começaram a estudar algumas partes dos “ramos do conhecimento”, o que queria dizer que estudariam latim, geometria, francês e álgebra. Com a geometria, Anne viveu seu Waterloo.²⁵

– É uma matéria perfeitamente terrível, Marilla – queixou-se ela. – Tenho certeza de que jamais conseguirei a entender. Não tem o menor escopo para a imaginação nisso. O senhor Phillips diz que sou a aluna mais burra em geometria que ele já viu. E Gil..., quero dizer, alguns dos outros alunos são muito bons em geometria. Isso é extremamente mortificante, Marilla.

– Até a Diana é melhor em geometria do que eu. Mas não me importo em ser superada pela Diana. Apesar de agora nos tratarmos como desconhecidas, ainda a amo com um amor *inextinguível*. Às vezes, fico muito triste quando penso nela. Mas, na verdade, Marilla, não dá para ficar triste por muito tempo com um mundo tão interessante quanto este, não é?

Variedade de maçã canadense que recebeu o nome de Ambrosia por sua aparência bonita, com a pele rosa quase fluorescente e formato cônico. Além disso, tem um suco doce que lembra o sabor do mel, e um aroma muito distinto. (N. T.)

Finos pedaços de lousa usados para se escrever nas lousas nas escolas antigas. (N. T.)

Tradução livre do canto IV, estrofe LIX, de *A peregrinação de Childe Harold*, de Lord Byron. (N. T.)

Referência a Salmos, 139:14: “Eu te louvarei, porque de um modo assombroso, e tão maravilhoso, fui feito; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem.” (N. T.)

Batalha ocorrida em 1815, na qual um exército do Primeiro Império Francês, sob o comando do imperador Napoleão, foi derrotado pelos exércitos da Sétima Coligação, que incluíam uma força britânica liderada pelo duque de Wellington, e uma força prussiana comandada por Gebhard Leberecht von Blücher. Este confronto foi a última batalha de Napoleão; a sua derrota terminou com o seu governo como imperador. (N. T.)



ANNE AO RESGATE

Todas as coisas grandes estão conectadas às coisas pequenas. À primeira vista, a decisão de um certo primeiro-ministro canadense²⁶ de incluir a ilha do Príncipe Edward em uma turnê política não parecia ter muito ou qualquer coisa a ver com o destino da pequena Anne Shirley em Green Gables, mas tinha.

Era janeiro, e o primeiro-ministro veio para se dirigir tanto a seus leais apoiadores quanto a seus detratores, tanto é que decidiu comparecer à monstruosa reunião em massa²⁷ organizada em Charlottetown. A maioria das pessoas de Avonlea eram aliados políticos do primeiro-ministro, portanto, na noite da reunião, quase todos os homens, e boa parte das mulheres, viajaram quase 50 quilômetros até o centro da cidade. A senhora Rachel Lynde também havia ido. Ela era uma política inflamada e não acreditava que o comício poderia acontecer sem a sua presença, apesar de ela ser da oposição. Então, foi ao centro da cidade e levou o marido, Thomas teria utilidade cuidando do cavalo, e Marilla Cuthbert junto com ela. A própria Marilla tinha um interesse vago por política, e como achou que aquela talvez fosse sua única chance de ver um primeiro-ministro de verdade, em carne e osso, ela imediatamente a aproveitou, deixando Anne e Matthew cuidando da casa até que ela voltasse no dia seguinte.

Portanto, enquanto Marilla e a senhora Rachel se divertiam muito no comício, Anne e Matthew ficaram com a alegre cozinha de Green Gables só para si. Um fogo forte brilhava no antigo fogão Waterloo,²⁸ e cinceiros branco-azulados brilhavam nas vidraças. Matthew balançava a cabeça enquanto lia uma edição do periódico *Farmers' Advocate*²⁹ no sofá, e Anne, na mesa, estudava suas lições com absoluta determinação, apesar dos vários olhares ansiosos que lançava para a prateleira na qual ficava o relógio, onde havia um livro novo que Jane Andrews emprestara para ela naquele dia. Jane garantira a ela que o livro provocaria muitos tipos de emoção, ou melhor, as

palavras nele contidas, e os dedos de Anne coçavam de vontade de pegar o livro. Mas isso significaria o triunfo de Gilbert Blythe na manhã seguinte. Anne ficou de costas para a estante do relógio e tentou imaginar que ela não existia.

– Matthew, você chegou a estudar geometria quando frequentava a escola.

– Bem, não, não estudei – respondeu Matthew, saindo de seu transe com um sobressalto.

– Queria que você tivesse estudado – suspirou Anne –, porque assim você poderia sentir empatia por mim. Não dá para sentir empatia de verdade se você nunca estudou isso. Isso é uma nuvem negra que está tomando conta da minha vida. Sou burra demais em geometria, Matthew.

– Bem, não estou certo disso – disse Matthew em tom reconfortante. – Acho que você é boa em qualquer coisa. O senhor Phillips me disse semana passada na venda do Blair em Carmody que você era a aluna mais inteligente da escola, e que progredia rapidamente. “Progredia rapidamente” foram as palavras que ele mesmo disse. Tem gente, como o Teddy Phillips, que diz que ele não é lá um bom professor, mas acho que ele é bom sim.

Matthew teria pensado que qualquer uma pessoa que elogiasse Anne era “bom”.

– Tenho certeza de que eu seria melhor em geometria se ele não trocasse as letras – reclamou Anne. – Eu decoro a proposição, depois ele a desenha no quadro-negro e escreve nela letras diferentes das que estão no livro, e fico confusa. Não acho que um professor deveria fazer tamanha maldade, não é? Agora estamos estudando agricultura, e finalmente descobri o que torna as estradas vermelhas. Foi um alívio enorme. Pergunto-me se Marilla e a senhora Lynde estão se divertindo. A senhora Lynde disse que o Canadá ficará entregue às moscas do jeito que as coisas estão sendo administradas em Ottawa, e que isso é um terrível sinal de alerta para os eleitores. Ela diz que se as mulheres pudessem votar, nós logo veríamos uma mudança abençoada. Você vota em qual partido, Matthew?

– Conservador – respondeu Matthew imediatamente. Votar no Partido Conservador fazia parte da religião de Matthew.

– Então, também sou a favor do Partido Conservador – disse Anne com determinação. – Fico feliz porque o Gil... porque alguns dos garotos da escola são a favor do Partido Liberal. Acho que o senhor Phillips também vota no Partido Liberal, porque o pai da Prissy Andrews também vota nesse partido, e a Ruby Gillis diz que quando um homem está cortejando uma

garota, ele precisa concordar com a religião da mãe dela e com a opinião política do pai. Isso é verdade, Matthew?

– Bem, eu não sei – disse Matthew.

– Você alguma vez cortejou alguma garota, Matthew?

– Bem, não, não sei se já fiz isso – respondeu Matthew, que certamente jamais pensara em alguma coisa como aquela em toda a sua existência.

Anne refletiu com o queixo apoiado nas mãos.

– Deve ser muito interessante, não acha, Matthew? A Ruby Gillis diz que quando crescer vai ter muitos pretendentes em rédea curta, e deixá-los louquinhos por ela, mas acho que isso seria emocionante demais. Eu preferia ter somente um pretendente de cabeça boa. Mas a Ruby Gillis sabe muito sobre esses assuntos, pois tem muitas irmãs mais velhas, e a senhora Lynde diz que as meninas da família Gillis são um sucesso neste assunto. O senhor Phillips vai visitar Prissy Andrews quase todos os finais de tarde. Ele diz que é para ajudá-la com a lição, mas a Miranda Sloane também está estudando para entrar na Queen's, e acho que precisa de muito mais ajuda do que a Prissy, pois é muito mais burra, mas ele nunca vai visitá-la nos finais de tarde. Há muitas coisas neste mundo que não consigo entender direito, Matthew.

– Bem, também não sei se entendo direito todas elas – admitiu Matthew.

– Bem, presumo que devo terminar a lição de casa. Não vou me permitir abrir aquele livro que Jane me emprestou até que eu termine. Mas é uma tentação terrível, Matthew. Mesmo quando fico de costas para ele, consigo vê-lo exatamente onde está. A Jane disse que chorou até passar mal com esse livro. Adoro livros que me fazem chorar. Mas acho que vou levar o livro para a sala de estar, trancá-lo no armário das geleias e dar a chave a você. E você *não* pode me devolver a chave, Matthew, até que eu termine a lição, nem que eu lhe implore de joelhos. É muito fácil dizer que se vai resistir a uma tentação, mas é muito mais fácil resistir se você não tem a chave. E depois vou até o porão e pegarei algumas maçãs-reinetas, que tal, Matthew? Não gostaria de comer algumas maçãs-reinetas?

– Bem, não sei se quero – disse Matthew, que jamais comia reinetas, mas sabia do fraco que Anne sentia por elas.

Assim que Anne emergiu triunfante do porão com uma travessa cheia de reinetas, ouviu-se o som de passos muito rápidos sobre a trilha assoalhada e coberta de gelo do lado de fora da casa, e, no instante seguinte, a porta da cozinha foi escancarada e Diana Barry entrou apressada, lívida e ofegante,

com um xale amarrado às pressas em sua cabeça. Anne, com a surpresa daquilo, rapidamente soltou a vela e a travessa, e a travessa, a vela e as maçãs caíram ao mesmo tempo pela escada do porão, e foram encontradas no dia seguinte cobertas de banha derretida por Marilla, que recolheu tudo e agradeceu à Misericórdia pelo fato de a casa não ter pegado fogo.

– O que aconteceu, Diana? – exclamou Anne. – Não me diga que sua mãe finalmente cedeu?

– Oh, Anne, venha rápido – implorou Diana nervosamente. – A Minnie May está muito doente: está com crupe. A Jovem Mary Joe foi quem me disse isso, e papai e mamãe foram para o centro da cidade, e não há ninguém para ir buscar o médico. A Minnie May está muito mal e a Jovem Mary Joe não sabe o que fazer... e, oh, Anne, estou com muito medo!

Matthew, sem dizer palavra, pegou o chapéu e o casaco, passou por Diana e adentrou a escuridão do quintal.

– Ele foi embridar a égua alazã para ir para Carmody buscar o médico – disse Anne, que se apressava para vestir seu capuz e jaqueta. – Sei disso, apesar de ele não ter falado nada. Matthew e eu somos almas irmãs, e consigo ler os pensamentos dele sem que ele diga nada.

– Não acho que ele vá encontrar o médico em Carmody – soluçou Diana. – Sei que o doutor Blair foi para o centro, e acho que o doutor Spencer também ia para lá. A Jovem Mary Joe nunca viu ninguém com crupe, e a senhora Lynde não está em casa. Oh, Anne!

– Não chore, Di – disse Anne com entusiasmo. – Sei exatamente o que fazer em casos de crupe. Você está se esquecendo de que a senhora Hammond teve gêmeos três vezes. Quando você cuida de três pares de gêmeos, você naturalmente adquire muita experiência. Todos eles viviam tendo crupe. Espere só eu pegar a garrafa de ipecacuanha;³⁰ talvez você não tenha uma em sua casa. Agora, vamos.

As duas garotinhas saíram apressadas e de mãos dadas, e passaram voando pela Trilha dos Amantes e pelo campo coberto de gelo depois dela, pois a neve estava alta demais para pegar o atalho pela mata. Anne, apesar de sinceramente sentir pena de Minnie May, estava longe de ser insensível quanto ao caráter romântico da situação e à doçura de uma vez mais partilhar daquele romance com uma alma irmã.

Era uma noite gelada e de céu claro, repleta do ébano das sombras e do prateado das colinas nevadas; estrelas grandes brilhavam sobre campos silenciosos; e aqui e ali, os escuros e pontudos abetos erguiam-se com neve

polvilhando seus galhos e o vento uivando ao passar por entre eles. Anne pensou que era realmente encantador passar correndo por toda essa beleza e mistério com sua amiga do peito de quem estava separada havia muito.

Minnie May, de 3 anos de idade, de fato estava muito doente. Estava deitada no canapé da cozinha com febre e inquieta, e sua respiração rouca podia ser ouvida por toda a casa. A Jovem Mary Joe, uma menina francesa de Creek, roliça e de rosto largo, que a senhora Barry contratara para ficar com as crianças durante a sua ausência, estava impotente e desorientada, muito incapaz de pensar no que fazer, ou de fazer o que quer que lhe ocorresse.

Anne foi ao trabalho com habilidade e prontidão.

– Minnie May está mesmo com crupe; é grave, mas já vi casos piores. Primeiro, precisamos de muita água quente. Estou vendo, Diana, que não há mais do que uma xícara de água na chaleira! Pronto, a enchi, e Mary Joe, você pode colocar um pouco de lenha no forno. Não quero lhe magoar, mas para mim parece que você poderia ter pensado nisso antes caso tivesse alguma imaginação. Agora, vou tirar a roupa de Minnie May e colocá-la na cama, e você tente encontrar algumas flanelas macias, Diana. Antes de mais nada, vou dar a ela uma dose de ipecacuanha.

Minnie May não gostou nada da ipecacuanha, mas não fora à toa que Anne criara três pares de gêmeos. E a ipecacuanha foi goela abaixo, não apenas uma vez, mas várias vezes durante a longa e inquieta noite em que duas garotinhas cuidaram pacientemente da sofredora Minnie May, e a Jovem Mary Joe, sinceramente ansiosa por poder fazer tudo o que podia, manteve o fogo da lareira forte e esquentou mais água do que seria necessário para um hospital cheio de bebês com crupe.

Eram três da manhã quando Matthew chegou com um médico, pois fora obrigado a ir até Spencervale atrás de um. Mas a urgência da assistência já havia passado. Minnie May estava muito melhor, e dormia profundamente.

– Eu estava quase desistindo de desespero – explicou Anne. – Ela piorou e piorou, até que ficou mais doente do que já ficaram os gêmeos dos Hammond, até mesmo o último par deles. Realmente achei que ela ia morrer sufocada. Dei a ela cada gota de ipecacuanha desta garrafa, e quando ela tomou a última dose, eu disse a mim mesma – e não para Diana ou para a Jovem Mary Joe, pois não queria deixá-las mais preocupadas do que já estavam, mas tive que dizer a mim mesma, simplesmente para aliviar meus sentimentos: “Esta é a última esperança que resta, e temo que seja em vão”.

Mas depois de três minutos ela expeliu o catarro e imediatamente começou a melhorar. O senhor tem de imaginar o meu alívio, doutor, pois não posso expressá-lo com palavras. O senhor sabe que tem coisas que não dá para expressar com palavras.

– Sim, eu sei – assentiu o médico. Ele olhou para Anne como se estivesse pensando coisas sobre ela que não podiam ser expressadas com palavras. Mais tarde, expressou-as ao senhor e à senhora Barry.

– Aquela menininha ruiva que mora com os Cuthbert é esperta demais. Confesso a vocês que ela salvou a vida daquele bebê, pois teria sido tarde demais na hora em que cheguei. Ela parece ter habilidade e uma presença de espírito perfeitamente maravilhosas para uma criança da idade dela. Nunca vi nada como o olhar dela quando ela me explicou o caso.

Anne voltara para casa na maravilhosa manhã de inverno coberta de gelo branco, com os olhos pesados pela falta de sono, mas ainda falando incansavelmente com Matthew à medida que eles cruzavam o longo campo branco e caminhavam sob o cintilante arco de fadas dos bordos da trilha dos Amantes.

– Oh, Matthew, não está fazendo uma manhã linda? O mundo se apreça com algo que Deus acabou de imaginar para o Seu próprio deleite, não é? Aquelas árvores dali parecem poder ser derrubadas com um sopro meu... *puf!* Fico muito feliz de morar em um mundo em que há geadas, e você? E fico muito feliz que a senhora Hammond tenha tido três pares de gêmeos no fim das contas. Caso não tivesse tido, eu talvez não soubesse o que fazer por Minnie May. E lamento muito que algum dia eu tenha me ressentido da senhora Hammond por ela ter tido gêmeos. Mas, oh, Matthew, estou com muito sono. Não posso ir para a escola. Simplesmente sei que não conseguiria ficar de olhos abertos, e faria papel de burra. Mas odeio ter de ficar em casa, porque Gil... alguns dos outros alunos vão se tornar os melhores da classe, e depois é muito difícil reconquistar essa posição... apesar de que é óbvio que, quanto mais difícil for, mais satisfação se sente depois da conquista, não é mesmo?

– Bem, acho que você vai se sair bem – disse Matthew, olhando para o rostinho pálido de Anne e para as escuras olheiras sob seus olhos. – Pode ir direto pra a cama e dormir bem. Eu faço todas as tarefas da casa.

Conforme combinado, Anne foi para a cama e dormiu tanto e tão profundamente que já era o meio da tarde branca e rosada de inverno quando

acordou e desceu até a cozinha, onde Marilla, que voltara nesse meio tempo, estava sentada tricotando.

– Oh, você viu o primeiro-ministro? – exclamou Anne imediatamente. – Como era a aparência dele, Marilla?

– Bem, não foi pela beleza que ele se tornou primeiro-ministro – respondeu Marilla. – Que narigão tem aquele homem! Mas ele sabe falar. Tive orgulho de ser conservadora. Rachel Lynde, é claro, por ser liberal, não gostou nada dele. Seu almoço está no forno, Anne, e pode pegar na despensa um pouco de geleia de ameixa. Imagino que esteja faminta. Matthew contou-me sobre ontem à noite. Devo dizer que foi uma sorte que você soubesse o que fazer. Eu mesma não teria ideia do que fazer, pois nunca vi um caso de crupe. Calma, não pense em falar até que tenha almoçado. Pela sua cara, já sei que está cheia de coisas para dizer, mas as palavras não vão sumir.

Marilla tinha algo a dizer a Anne, mas não disse nada naquele momento porque sabia que se o fizesse, o entusiasmo consequente de Anne faria com que se esquecesse completamente de questões concretas como o apetite para o almoço. Foi só depois que Anne havia terminado de comer um prato de geleia de ameixa que Marilla disse:

– A senhora Barry esteve aqui esta tarde, Anne. Ela queria lhe ver, mas não tive coragem de lhe acordar. Diz ela que você salvou a vida de Minnie May, e que ela sente muito por ter agido do modo como agiu naquele assunto do vinho de groselha. Diz ela que sabe que você não teve a intenção de embriagar Diana, e espera que você a perdoe, e que reate a amizade com Diana. Se você quiser, pode ir para a casa dela no fim da tarde, pois Diana não pode pôr o pé na rua por conta de um resfriado horrível que pegou ontem à noite. Agora, Anne Shirley, pela Misericórdia, não exploda de alegria.

A advertência não parecia desnecessária, pois a expressão e a atitude de Anne estavam muito elevadas e aéreas à medida que ela se levantou com um pulo, e seu rosto irradiava a chama de seu espírito.

– Oh, Marilla, posso ir agora mesmo... sem antes lavar a louça? Lavo quando voltar, mas não posso ficar presa a algo tão antirromântico quanto lavar a louça neste momento emocionante.

– Sim, sim, pode ir – disse Marilla de modo indulgente. – Anne Shirley... está doida? Volte já e vista um casaco. Parece que falo com as paredes. Ela saiu sem gorro ou casaco. Olhe só ela indo disparada pelo pomar com os cabelos esvoaçantes. Só por misericórdia não vai morrer de gripe.

Anne voltou dançando para casa em meio ao crepúsculo violeta do inverno, passando pelos lugares nevados. Ao longe, no sudoeste, via-se o enorme, cintilante e perolado brilho de uma estrela em um céu que tinha tons de dourado pálido e rosa etéreo sobre espaços brancos reluzentes e escuras ravinas cobertas de píceas. O tilintar de guizos de trenós por entre as colinas nevadas vinha como badaladas élficas pelo ar congelado, mas seu som não era mais doce do que a canção no coração e nos lábios de Anne.

– Você está diante de uma pessoa perfeitamente feliz, Marilla – anunciou ela. – Estou perfeitamente feliz... sim, apesar dos meus cabelos ruivos. Neste exato momento, minha alma está acima dos cabelos ruivos. A senhora Barry me beijou e chorou, e disse que lamentava muito, e que jamais poderia retribuir minha atitude. Fiquei extremamente constrangida, Marilla, mas simplesmente falei da maneira mais educada que pude: “Não guardo rancores da senhora, senhora Barry. Asseguro-lhe de uma vez por todas que não tive a intenção de embriagar Diana, e de agora em diante cobrirei o passado com o manto do olvido”. Falei de um modo muito decoroso, não é, Marilla? – Senti-me como se eu fosse uma montanha de carvão em brasa na cabeça da senhora Barry. E Diana e eu passamos uma tarde adorável. Diana me mostrou um novo e refinado ponto de crochê que a tia dela em Carmody a ensinou. Não tem alma viva além de nós que saiba fazê-lo em Avonlea, e fizemos um juramento solene de jamais revelá-lo a ninguém. Diana me deu um lindo cartão com um ramalhete de rosas estampado e um pequeno poema:

“Se retribuíres o meu amor,
Só a morte entre nós poderá se interpor.”

– E isso é verdade, Marilla. Vamos pedir ao senhor Phillips que nos deixe sentarmos juntas na escola, e Gertie Pye pode ir se sentar com Minnie Andrews. Tomamos um chá muito elegante. A senhora Barry usou seu melhor jogo de porcelana, Marilla, como se eu fosse uma visita de verdade. Nem consigo lhe dizer a emoção que senti. Ninguém jamais usou seu melhor jogo de porcelana por minha causa antes. E comemos bolo de fruta e bolo inglês, e rosquinhas, e dois tipos de geleia, Marilla. E a senhora Barry perguntou-me se eu queria chá, e disse: “Meu bem, por que não passa os pãezinhos para Anne?”. Deve ser ótimo ser adulto, Marilla, visto que ser tratada como se fosse adulta é tão bom assim.

– Não tenho certeza quanto a isso – disse Marilla com um breve suspiro.

– Bem, de todo o modo, quando eu crescer – falou Anne com determinação –, sempre vou falar com menininhas como se elas fossem adultas, e jamais rirei delas quando falarem palavras difíceis. Sei por experiências tristes o quanto isso magoa as pessoas. Depois do chá, Diana e eu fizemos bala puxa-puxa. Não ficou muito boa, acho que porque nem eu nem Diana nunca tínhamos feito puxa-puxa. Diana me deixou mexendo a receita enquanto ela untava as travessas, e esqueci e deixei queimar; e quando deixamos as balas em um tablado para que esfriassem, o gato passou em cima de uma delas, e tivemos que jogar essa travessa fora. Mas fazer a receita foi esplendidamente divertido. Depois, quando saí para vir para casa, a senhora Barry me pediu que voltasse lá sempre que eu pudesse, e Diana ficou diante da janela e soprou beijos para mim até que eu chegasse à Trilha dos Amantes. Garanto a você, Marilla, que estou com vontade de rezar hoje à noite, e vou inventar uma oração novinha em folha em homenagem a esta ocasião.

Sir John A. McDonald, que visitou a ilha em 1890. (N. T.)

No original, “monster mass meeting”, expressão usada para descrever comícios políticos depois que as ferrovias tornaram possível organizar reuniões de milhares de pessoas. (N. T.)

Fogão antigo com forno a lenha ou a carvão, feito de ferro fundido, sem pintura ou esmalte. (N. T.)

Periódico publicado no Canadá, entre 1866 e 1951, que continha anúncios e conselhos para fazendeiros sobre todos os aspectos da agricultura. (N. T.)

Planta nativa do Brasil, de raízes com propriedades eméticas, expectorantes e antidisentéricas. (N. T.)



UM CONCERTO, UMA CATÁSTROFE E UMA CONFISSÃO

– Marilla, posso ir visitar Diana só um minutinho? – perguntou Anne, vindo correndo ofegante do frontão leste certa noite de fevereiro.

– Não entendo por que você quer ficar perambulando por aí depois que já escureceu – disse Marilla em um tom cortante. – Você e Diana voltaram juntas da escola, e depois ficaram de pé na neve por mais meia hora, sem as suas línguas darem uma trégua, blá-blá-blá. Então, não acho que esteja sentindo tanta falta assim de vê-la de novo.

– Mas ela quer me encontrar – suplicou Anne. – Ela tem algo muito importante a me dizer.

– Como sabe disso?

– Porque ela fez um sinal para mim da sua janela. Nós combinamos um modo de sinalizar uma para a outra com velas e papelão. Deixamos a vela no parapeito e fazemos a chama tremeluzir passando um pedaço de papelão por ela, para frente e para trás. Um certo número de bruxuleios significa uma determinada coisa. A ideia foi minha, Marilla.

– Aposto mesmo que foi – disse Marilla enfaticamente. – E daqui a pouco você vai tocar fogo nas cortinas com esse disparate de ficar mandando sinais.

– Oh, nós tomamos muito cuidado, Marilla. E é interessante demais. Dois bruxuleios significam “Você está aí?”. Três significam “sim”, e quatro, “não”. Cinco significam “Venha cá assim que possível, pois tenho algo importante a revelar”. Diana acabou de mandar cinco bruxuleios, e estou sofrendo de verdade para saber o que é.

– Bem, não precisa mais sofrer – disse Marilla com sarcasmo. – Pode ir, mas deve estar de volta aqui em apenas dez minutos, lembre-se disso.

Anne de fato lembrou, e voltou para casa no tempo estipulado, apesar de que provavelmente nenhum mortal jamais saberá exatamente como foi

custoso para ela confinar a discussão sobre o importante anúncio de Diana ao limite de dez minutos. Mas pelo menos ela aproveitara bastante esses minutos.

– Oh, Marilla, o que você acha? Você sabe que amanhã é o aniversário da Diana. Bem, a mãe dela disse que ela podia me convidar para voltar para casa com ela da escola, e passar a noite toda com ela. E os primos dela estão vindo de Newbridge em um grande trenó de um só cavalo para ir ao concerto do Clube de Oratória no auditório amanhã à noite. E eles vão levar Diana e eu para o concerto... se você me deixar ir, quero dizer. Você vai, não é, Marilla? Oh, estou animada demais.

– Então, trate de se acalmar, pois você não vai. É melhor ficar em casa na sua própria cama, e quanto a esse concerto do clube, isso é um disparate, e sequer deveriam permitir que menininhas frequentassem esses lugares.

– Tenho certeza de que o Clube de Oratória é algo bastante respeitável – suplicou Anne.

– Não estou dizendo que não é. Mas você não vai começar a vadiar por concertos e ficar na rua até de madrugada. Que bela atividade para crianças. Fico surpresa que a senhora Barry tenha deixado Diana ir.

– Mas é uma ocasião muito especial – lamentou-se Anne, prestes a chorar. – A Diana só faz aniversário uma vez por ano. Aniversários não são coisas comuns, Marilla. Prissy Andrews vai recitar “O toque de recolher não pode soar esta noite”.³¹ Trata-se de uma obra de muita moral, Marilla, estou certa de que me faria muito bem ouvi-la. E o coral cantará quatro adoráveis canções patéticas³² que são quase tão boas quanto hinos. E oh, Marilla, o pastor vai participar; sim, vai mesmo, ele vai fazer um discurso. Isso vai ser quase a mesma coisa que um sermão. Por favor, posso ir, Marilla?

– Você ouviu o que eu disse, não foi, Anne? Tire já suas botas e vá para cama. Já passam das oito da noite.

– Tem só mais uma coisa, Marilla – disse Anne, com ares de quem tentava dar o último tiro de seu arsenal. – A senhora Barry disse à Diana que talvez nós durmamos na cama do quarto sobressalente. Pense só na honra que seria a sua pequena Anne sendo acomodada na cama do quarto sobressalente.

– Essa é uma honra sem a qual você terá de viver. Vá para a cama, Anne, e não me deixe ouvir mais um pio de você.

Quando Anne, com lágrimas escorrendo pelo rosto, tinha ido tristemente para o andar de cima, Matthew, que aparentemente estivera dormindo

profundamente na poltrona durante toda aquela conversa, abriu os olhos e disse com determinação:

– Bem, Marilla, acho que você deveria deixar Anne ir.

– E eu acho que não – retrucou Marilla. – Quem está criando essa menina, Matthew, você ou eu?

– Bem, você – admitiu Matthew.

– Então, não se intrometa.

– Bem, não estou me intrometendo. Ter opinião própria não é se intrometer. E minha opinião é a de que você deve deixar Anne ir.

– Você acharia que eu deveria deixar Anne ir para a Lua, caso ela cismasse com isso, não tenho dúvida. – Foi a simpática réplica de Marilla. – Eu talvez deixasse ela dormir na casa da Diana, se fosse só isso. Mas não concordo com essa ideia de ir ao concerto. Ela iria e provavelmente pegaria um resfriado, e ficaria com a mente cheia de disparates e entusiasmo. Ela ficaria inquieta por uma semana depois disso. Eu entendo o temperamento dessa criança e o que é bom para ele mais do que você, Matthew.

– Acho que você deveria deixar Anne ir – repetiu Matthew com firmeza. Discutir não era o seu forte, mas se aferrar à sua opinião certamente era. Marilla arquejou de impotência e foi se refugiar no silêncio. Na manhã seguinte, quando Anne estava lavando a louça do café da manhã na despensa, Matthew parou em seu caminho até o celeiro para tornar a dizer a Marilla:

– Acho que você deveria deixar Anne ir, Marilla.

Por um instante, Marilla pareceu querer dizer coisas indecentes demais para serem faladas. Depois, cedeu ao inevitável e disse com muita aspereza:

– Muito bem, ela pode ir, visto que nada mais satisfará você.

Anne voou para fora da despensa com um pano de prato molhado nas mãos.

– Oh, Marilla, Marilla, repita essas palavras abençoadas.

– Acho que dizê-las uma vez só está de bom tamanho. Isso foi obra do Matthew, e estou lavando as minhas mãos. Se você pegar pneumonia por dormir em uma cama estranha, ou por sair daquele auditório quente para o sereno da noite, não ponha a culpa em mim, mas em Matthew. Anne Shirley, você está deixando água engordurada pingar pelo chão todo. Nunca vi criança tão descuidada.

– Oh, sei que sou uma enorme provação para você, Marilla – disse Anne em tom de arrependimento. – Faço muitas coisas erradas. Mas, então, pense

só em todos os erros que não cometo, apesar de poder cometê-los. Vou pegar um pouco de areia³³ e esfregar as manchas antes de ir para a escola. Oh, Marilla, meu coração estava decidido a ir a esse concerto. Nunca na vida fui a um concerto, e quando as outras garotas falam sobre eles na escola, sinto-me muito deslocada. Você não percebeu exatamente como eu me sentia em relação a isso, mas pode ver que o Matthew percebeu. Matthew me entende, e é muito bom ser compreendida, Marilla.

Anne estava entusiasmada demais para se esmerar nas lições daquela manhã na escola. Gilbert Blythe escreveu melhor do que ela na aula, e deixou-a para trás na aritmética mental. A consequente humilhação de Anne foi menor do que poderia ter sido, no entanto, por conta do concerto e da cama do quarto sobressalente. Ela e Diana falaram tanto sobre isso o dia todo que, se tivessem um professor mais severo do que o senhor Phillips, uma desgraça terrível seria o quinhão delas.

Anne pensou que não teria suportado caso não pudesse ir ao concerto, pois aquele era o único assunto do dia na escola. O Clube de Oratória de Avonlea, que se encontrava a cada duas semanas durante todo o inverno, organizara vários eventos gratuitos menores, mas este era um evento grande, com entradas a 10 centavos, em prol da biblioteca. Os jovens de Avonlea passaram semanas ensaiando, e todos os alunos da escola estavam especialmente interessados nisso por conta de irmãos e irmãs mais velhas que iriam participar. Todos com mais de 9 anos da escola iriam, exceto Carrie Sloane, cujo pai tinha a mesma opinião de Marilla sobre garotinhas irem a concertos noturnos. Carrie Sloane chorou em sua gramática toda a tarde, e sentiu que a vida não valia a pena viver.

Para Anne, o entusiasmo de fato começou com a dispensa da escola, e aumentou a partir dali em *crescendo* até que culminou em uma explosão de êxtase positivo no concerto. Elas tomaram um “chá perfeitamente elegante”; e depois veio a deliciosa tarefa de se vestir no quartinho de Diana, no andar de cima. Diana arrumou a franja de Anne no novo estilo *pompadour*,³⁴ e Anne arrumou os cachos de Diana com uma técnica especial que ela sabia, e elas experimentaram pelo menos meia dúzia de maneiras diferentes de arrumar os cabelos da parte de trás da cabeça. Por fim, ficaram prontas, com bochechas escarlate e olhos brilhando de animação.

É verdade que Anne não podia evitar sentir uma pontada de dor ao contrastar sua boina escocesa preta e seu casaco feito em casa de tecido cinza, mangas apertadas e sem corte com o garboso gorro de pele de Diana e

sua elegante jaquetinha. Mas ela se lembrou a tempo de que tinha uma imaginação e que podia usá-la.

Depois, chegaram os primos de Diana, os Murray, de Newbridge; todos se amontoaram no enorme trenó de um só cavalo, em meio a palha e vestes felpudas. Anne deleitou-se com a viagem até o auditório, deslizando pelas estradas acetinadas com a neve estalando sob os esquis. Fez-se um pôr do sol magnífico, e as colinas nevadas e a água azul-marinho do golfo de São Lourenço pareciam contornar aquele esplendor como se fosse uma enorme tigela de pérolas e safiras bordeada de vinho e fogo. Badaladas de guizos de trenós e risadas a distância, que pareciam risadas de elfos da mata, vinham de todos os lados.

– Oh, Diana – suspirou Anne, apertando a mão enluvada de Diana por baixo do casaco de pele –, isso tudo não parece um lindo sonho? Eu realmente pareço a mesma pessoa de sempre? Sinto-me tão diferente que acho que dá para perceber isso na minha aparência.

– Você está muito bonita – disse Diana, que, tendo acabado de receber um elogio de um de seus primos, se sentiu na obrigação de fazer o mesmo. – Você está com uma cor lindíssima.

O programa daquela noite foi uma série de “emoções fortes” para pelo menos um dos ouvintes na plateia, e, como Anne garantiu a Diana, cada emoção forte sucessiva era mais forte do que a anterior. Quando Prissy Andrews, usando um vestido novo de seda rosa, um colar de pérolas em volta de seu pescoço liso e cravos de verdade em seu cabelo, os boatos diziam que o professor os encomendara para ela no centro da cidade, “subiu a escada suja, em que não batia um raio de Sol”,³⁵ Anne tremeu com suntuosa empatia; quando o coral cantou “Muito acima das gentis margaridas”,³⁶ Anne olhou fixamente para o teto, como se nele houvesse afrescos com anjos; quando Sam Sloane em seguida começou a explicar e a ilustrar “Como Sockery ajeitou uma galinha”,³⁷ Anne riu até que as pessoas à sua volta riram também, mais por solidariedade a ela do que por apreciarem uma história que já era batida até mesmo em Avonlea, e quando o senhor Phillips recitou o discurso de Marco Antônio diante do cadáver de Júlio César³⁸ em um tom deveras comovente – olhando para Prissy Andrews ao final de cada frase – Anne sentiu que seria capaz de sublevar-se e amotinar-se caso um cidadão romano saísse na frente.

Somente uma atração do programa não interessou Anne. Quando Gilbert Blythe recitou “Bingen no Reno”,³⁹ Anne pegou o livro que Rhoda Murray

retirara na biblioteca e leu-o até que Gilbert terminasse, quando ela ficou sentada imóvel e com o corpo retesado, enquanto Diana batia palmas até que suas mãos ardessem.

Eram onze horas quando eles voltaram para casa, satisfeitos de desvanecimento, mas ainda com o doce prazer de recontar tudo ainda por vir. Todos pareciam estar dormindo, e a casa estava escura e silenciosa. Anne e Diana foram na ponta dos pés até a sala de visitas, um cômodo comprido e estreito a partir do qual se entrava no quarto sobressalente. Ele estava agradavelmente morno e iluminado pela luz fraca das brasas de uma lareira atrás de guarda-fogo.

– Vamos trocar de roupa aqui – disse Diana. – Está muito agradável e quentinho.

– Hoje não foi delicioso? – suspirou Anne, extasiada. – Deve ser esplêndido subir no palco e recitar de lá. Você acha que algum dia vão nos convidar para fazer isso, Diana?

– Sim, claro, algum dia. Eles sempre estão querendo alunos mais velhos para recitar. O Gilbert Blythe faz isso com frequência, e ele só é dois anos mais velho do que nós. Oh, Anne, como você conseguiu fingir que não o escutava? Quando ele chegou ao verso “Há Outra, *não* uma irmã”, ele olhou bem para você.

– Diana – disse Anne em tom solene –, você é minha amiga do peito, mas não posso permitir que nem você me fale dessa pessoa. Está pronta para ir para a cama? Vamos apostar uma corrida para ver quem chega na cama primeiro.

A sugestão foi atraente para Diana. As duas figurinhas vestidas de branco voaram pelo cômodo comprido, entraram no quarto sobressalente e pularam em cima da cama ao mesmo tempo. Depois... alguma coisa... se moveu embaixo delas, e ouviu-se um arquejo e um grito... e alguém disse com a voz abafada:

– Santa Misericórdia!

Anne e Diana nunca foram capazes de dizer como saíram daquela cama ou daquele quarto. Só sabiam que, depois de uma corrida frenética, elas se viram subindo as escadas na ponta do pé e tremendo.

– Oh, quem era... *o que* foi aquilo? – sussurrou Anne, com os dentes tremendo de medo e frio.

– Era a tia Josephine – disse Diana, arquejando de tanto rir. – Oh, Anne, era a tia Josephine, e sabe-se lá como ela calhou de estar lá. Oh, e sei que ela

vai ficar furiosa. É terrível... é realmente terrível... mas você já viu algo tão engraçado, Anne?

– Quem é sua tia Josephine?

– Ela é tia do meu pai, e mora em Charlottetown. Ela é velhíssima – 70 e tantos –, e não acho que *algum dia* tenha sido criança. Estávamos esperando uma visita dela, mas não por agora. Ela é muito recatada e formal, e vai nos dar broncas terríveis por conta disso, eu sei. Bem, vamos ter que dormir com a Minnie May... e você nem imagina como ela dá chutes enquanto dorme.

A senhorita Josephine Barry não apareceu para o café da manhã cedo na manhã seguinte. A senhora Barry sorriu com gentileza para as duas menininhas.

– Vocês se divertiram ontem à noite? Tentei ficar acordada até que vocês voltassem pra casa, pois queria avisar que a tia Josephine havia chegado, e que vocês no fim das contas teriam de dormir no andar de cima, mas estava tão cansada que caí no sono. Espero que não tenha incomodado sua tia, Diana.

Diana permaneceu em silêncio circunspecto, mas ela e Anne trocaram sorrisos furtivos de diversão culpada de um lado para outro da mesa. Anne apressou-se para voltar para casa depois do café, e assim permaneceu em bem-aventurada ignorância em relação à perturbação que naquele momento ocorria na casa dos Barry até o final da tarde, quando ela foi à casa da senhora Lynde em uma incumbência para Marilla.

– Então, você e Diana quase mataram de susto a pobre e velha senhorita Barry ontem à noite? – disse com severidade a senhora Lynde, mas com um brilho nos olhos. – A senhora Barry passou por aqui faz alguns minutos, a caminho de Carmody. Ela está muito preocupada com isso. A velha senhorita Barry estava muito mal-humorada quando acordou esta manhã: e o temperamento de Josephine Barry não é brincadeira, posso lhes garantir. Ela se recusou a dirigir a palavra a Diana.

– Não foi culpa da Diana – disse Anne em contrição. – Foi minha. Eu sugeri que corrêsemos para ver quem chegava primeiro na cama.

– Eu sabia! – falou a senhora Lynde, com o júbilo de quem adivinhou corretamente. – Eu sabia que a ideia tinha saído da sua cabeça. Bem, o fato é que isso causou um grande problema. A velha senhorita Barry veio para cá passar um mês, mas anunciou que não ficará nem mais um dia, e que voltará ao centro da cidade amanhã, domingo, é isso. Ela teria ido embora hoje, caso pudessem levá-la. Ela prometera pagar três meses de aulas de música para

Diana, mas agora está decidida a não fazer nada por essa menina levada. Oh, acho que a coisa ficou bem alvoroçada na casa deles esta manhã. Os Barry devem estar se sentindo destruídos. A velha senhorita Barry é rica, e eles querem sempre estar nas boas graças dela. É claro que a senhora Barry não me disse isso com essas palavras, mas o fato é que sei julgar muito bem a natureza humana.

– Sou uma menina muito azarada – lamentou-se Anne. – Estou sempre me metendo em enrascadas, e arrastando meus amigos – pessoas por quem eu verteria todo o sangue do meu coração – junto comigo. Sabe me dizer por que isso acontece, senhora Lynde?

– É porque você é muito descuidada e impulsiva, menina, simples assim. Você nunca para para pensar... você diz e faz e diz e faz tudo o que lhe dá na telha, sem um momento de reflexão.

– Oh, mas essa é a melhor parte – protestou Anne. – Alguma coisa surge em sua mente, entusiasmante demais, e você tem que externar aquilo. Se você parar para refletir, estraga tudo. A senhora nunca sentiu isso, senhora Lynde?

Não, a senhora Lynde nunca sentira aquilo. Ela balançou a cabeça sabiamente em negativa.

– O fato é que você precisa aprender a refletir um pouco, Anne. O provérbio que você precisa ter como lema é “Pense antes de saltar”... principalmente em cima de camas de quartos sobressalentes.

A senhora Lynde riu com gosto de sua piada inofensiva, mas Anne permaneceu pensativa. Ela não viu nenhum motivo para rir da situação, a qual, aos olhos dela, parecia muito grave. Quando ela saiu da casa da senhora Lynde, foi pelos campos cobertos de gelo até Orchard Slope. Diana encontrou-a na porta da cozinha.

– Sua tia Josephine ficou muito irritada, não é? – sussurrou Anne.

– Sim, respondeu Diana, abafando uma risada com um olhar apreensivo por sobre o ombro em direção à sala de estar. – Ela estava sapateando de ódio, Anne. Oh, como ela resmungou! Ela disse que eu era a menina mais malcomportada que ela jamais vira, e que meus pais deveriam ter vergonha do modo como me criaram. Ela diz que não vai ficar aqui, e lhe garante que não me importo. Mas meu pai e minha mãe, sim.

– Por que não disse a eles que a culpa foi minha? – indagou Anne.

– Até parece que eu faria uma coisa dessas, não é? – disse Diana com justo escárnio. – Não sou alcaguete, Anne Shirley, e, de todos os modos, tive

tanta culpa quanto você.

– Bem, eu mesma vou contar a ela – disse Anne com determinação.

Diana ficou perplexa.

– Anne Shirley, não faça isso! Ora... ela vai lhe comer viva!

– Não me deixe mais assustada do que já estou – implorou Anne. – Eu preferia ficar diante da boca de um canhão. Mas tenho que fazer isso, Diana. A culpa foi minha, e tenho que confessar. Felizmente, tenho bastante experiência em confissões.

– Bem, ela está naquele cômodo – disse Diana. – Pode entrar lá se quiser. Eu não me atreveria. E não acredito que você vá conseguir melhorar a situação.

Com esse encorajamento, Anne agarrou o leão pela juba em seu covil... quer dizer, caminhou decidida até a sala de estar e bateu de leve na porta. Um severo “Pode entrar” foi ouvido em seguida.

A senhorita Josephine Barry, magra, recatada e severa, tricotava ferozmente diante da lareira, com sua ira nada aplacada e os olhos faiscantes atrás de seus óculos de armação dourada. Ela virou-se em sua cadeira, esperando ver Diana, e avistou uma garota de rosto lívido cujos olhos grandes estavam repletos de uma mistura de coragem desesperada e pavor acachapante.

– Quem é você? – indagou a senhorita Josephine Barry, sem cerimônia.

– Sou Anne de Green Gables – disse trêmula a pequena visita, entrelaçando as mãos em seu gesto característico –, e vim aqui para fazer uma confissão, se me permite.

– Confessar o quê?

– Que o pulo na sua cama ontem à noite foi totalmente culpa minha. Fui eu quem deu a ideia. Diana jamais pensaria em algo desse tipo, tenho certeza. Diana é uma menina que se porta como uma dama, senhorita Barry. Então, a senhorita deve perceber o quão injusto é culpá-la.

– Ah, eu devo, é? Prefiro pensar que Diana no mínimo teve parte no pulo. Onde já se viu isso em uma casa respeitável?!

– Mas estávamos apenas nos divertindo – insistiu Anne. – Acho que deveria nos perdoar, senhorita Barry, agora que pedimos desculpas. De todo o modo, por favor, perdoe a Diana e deixe que ela faça as aulas de música. Diana quer muito ter aulas de música, senhorita Barry, e sei muito bem como é desejar muito uma coisa e não consegui-la. Se a senhorita precisa ficar irritada com alguém, fique irritada comigo. Quando eu era menor, me

acostumei tanto a ter pessoas irritadas comigo que sou capaz de suportar isso muito melhor do que Diana.

Quase todas as faíscas tinham se esvaído dos olhos da velha dama àquela altura, e foram substituídas por um brilho de interesse entretido. Ainda assim, ela disse com severidade:

– Não acho que seja uma desculpa aceitável o fato de vocês estarem se divertindo. Garotinhas nunca se entregavam a esse tipo de diversão quando eu era jovem. Você não sabe o que é ser acordada de um sono profundo, depois de uma longa e árdua viagem, por duas meninas enormes vindo quicar em cima de você.

– Eu não *sei*, mas posso *imaginar* – disse Anne com avidez. – Tenho certeza de que deve ter sido muito perturbador. Mas também há o nosso lado da história. A senhorita tem alguma imaginação, senhorita Barry? Caso tenha, coloque-se em nosso lugar. Nós não sabíamos que havia alguém na cama, e a senhorita quase nos matou de susto. O modo como nos sentimos foi horrível. E não pudemos dormir no quarto sobressalente, como havia sido prometido. Presumo que a senhorita esteja acostumada a dormir em quartos sobressalentes. Mas imagine só como a senhorita se sentiria se fosse uma pequena menina órfã que jamais teve essa honra.

Todas as faíscas haviam sumido àquela altura. A senhorita Barry de fato riu, um som que fez com que Diana, que esperava em silenciosa ansiedade na cozinha, soltasse um grande arquejo de alívio.

– Receio que minha imaginação esteja um tanto enferrujada... faz muito tempo que não a uso – disse ela. – Atrevo-me a dizer que sua súplica por solidariedade é tão válida quanto a minha. Tudo depende da maneira como encaramos a situação. Sente-se aqui e conte-me sobre você.

– Sinto muito, mas não posso – disse Anne com firmeza. – Eu até gostaria, pois a senhorita parece ser uma dama interessante, e talvez até seja uma alma irmã, apesar de não se parecer muito com uma. Mas é meu dever voltar para casa para a senhorita Marilla Cuthbert. A senhorita Marilla Cuthbert é uma dama muito bondosa que me pegou para me criar direito. Ela está fazendo o melhor que pode, mas é um trabalho muito desencorajador. A senhorita não deve culpá-la por eu ter pulado na cama. Mas antes de ir embora, eu realmente gostaria que a senhorita me dissesse que perdoará Diana e ficará em Avonlea pelo tempo originalmente combinado.

– Acho que talvez eu até fique, caso você venha conversar comigo ocasionalmente – respondeu a senhorita Barry.

Naquela noite, a senhorita Barry deu para Diana um bracelete de prata, e falou aos membros mais velhos da família que havia desfeito sua valise.

– Decidi ficar simplesmente para conhecer melhor aquela menina Anne – falou ela com franqueza. – Ela me diverte, e, na minha idade, uma pessoa divertida é uma raridade.

O único comentário de Marilla quando ouviu o caso foi: “Eu lhe avisei.” O comentário foi dirigido a Matthew.

A senhorita Barry permaneceu pelo mês combinado e por mais tempo depois. Dessa vez, era uma visita mais agradável, pois Anne a deixava de bom humor. Elas tornaram-se grandes amigas.

Quando a senhorita Barry partiu, ela disse:

– Lembre-se, menina Anne, de que quando você for para o centro da cidade, você precisa me visitar, e vou lhe hospedar no quarto mais sobressalente entre os sobressalentes para você dormir.

– No fim das contas, a senhorita Barry era uma alma irmã – confidenciou Anne para Marilla. – Você não imaginaria isso pela aparência dela, mas ela é. A princípio, não dá para saber, como no caso do Matthew, mas depois de um tempo você percebe. Almas irmã não são tão raras quanto eu imaginava. É esplêndido descobrir que há tantas delas no mundo.

“Curfew Must Not Ring Tonight”, um poema narrativo de Rose Hartwick Thorpe, escrito em 1867 e passado no século XVII. Foi escrito quando ela tinha 16 anos, e publicado originalmente no *Detroit Commercial Advertiser*. (N. T.)

Muito em voga entre corais e cantores na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos e Canadá, as canções patéticas são aquelas cujo tema é o *páthos*, ou seja, elas buscam despertar no ouvinte um sentimento de dó, compaixão ou empatia, e falam de perdas e arrependimentos. (N. T.)

Os pisos de madeira das casas dessa época costumavam ser lixados com areia, para que ficassem limpos e com aparência quase branca. (N. T.)

Penteado cujo nome foi inspirado na madame de Pompadour, uma das amantes do rei Luís XV. Apesar de haver inúmeras variações do penteado para homens, mulheres e crianças, ele consiste basicamente do cabelo da frente da cabeça puxado bem acima da testa, e, às vezes, os cabelos dos lados e da parte de trás da cabeça também. (N. T.)

Verso de “Curfew Must Not Ring Tonight”. (N. T.)

“Far Above the Gentle Daisies” música de 1869, de autoria de George Cooper e Harrison Millard. (N. T.)

“How Sockery Set a Hen”, diálogo cômico supostamente escrito por um imigrante alemão, que conta as desventuras de Sockery no galinheiro, quando ele tenta colocar ovos embaixo de uma galinha chocadeira no alto do galinheiro, escorrega e cai dentro de um barril. (N. T.)

Da peça *Júlio César*, de Shakespeare. (N. T.)

“Bingen on the Rhine”, poema de Caroline E. Norton que conta a história de um soldado moribundo da legião estrangeira francesa em Argel. (N. T.)



UMA BOA IMAGINAÇÃO MAL-AVENTURADA

A primavera chegara mais uma vez a Green Gables: a linda, caprichosa e relutante primavera canadense, que passava devagar ao longo de abril e maio em uma sucessão de dias doces, frescos e frios, com crepúsculos rosados e milagres de ressurreição e crescimento. Os bordos na Trilha dos Amantes estavam com botões vermelhos, e brotos espiralados de samambaias despontavam por todo o Gorgolejo de Dríade. Nas terras ermas acima e ao longe, atrás da propriedade do senhor Silas Sloane, as anêmonas brotavam, como se fossem estrelas brancas e rosa por baixo de suas folhas marrons. Todas as meninas e todos os meninos da escola passaram uma tarde de ouro colhendo-as, voltando para casa em meio ao crepúsculo sem nuvens e ecoante com braços e cestas cheios de despojos florais.

– Sinto muita pena das pessoas que moram em terras onde não há anêmonas – comentou Anne. – Diana diz que talvez elas tenham algo melhor ainda, mas não é possível que haja algo melhor do que anêmonas, não é, Marilla? E Diana diz que, se eles não sabem o que são anêmonas, não vão sentir falta delas. Mas acho isso a coisa mais triste que há. Acho que seria *trágico*, Marilla, não saber o que são anêmonas, e *não* sentir falta delas. Você sabe o que acho que as anêmonas são, Marilla? Acho que devem ser as almas das flores que morreram no verão passado, e este é o paraíso delas. Mas nos divertimos esplendidamente hoje, Marilla. Almoçamos na grande ravina coberta de musgo, perto de um antigo poço... que lugar *romântico*. Charlie Sloane desafiou Arty Gillis a pular sobre o poço, e Arty pulou porque não resistia a um desafio. Ninguém na escola resiste. Desafiar os outros está muito *na moda*. O senhor Phillips deu todas as anêmonas que colheu para Prissy Andrews, e ouvi-o dizer “doçuras para outra doçura”. Ele tirou essa frase de um livro, sei disso; mas isso demonstra que ele tem alguma imaginação. Ofereceram-me também algumas anêmonas, mas

recusei-as com desdém. Não posso lhe dizer o nome da pessoa, porque jurei jamais deixar esse nome passar pelos meus lábios. Fizemos coroas com as anêmonas, e as colocamos em nossos chapéus; e quando chegou a hora de ir para casa, marchamos em procissão estrada abaixo, em dupla, com nossos buquês e nossas coroas, cantando “Minha casa na colina”.⁴⁰ Oh, foi muito emocionante, Marilla. Toda a família do senhor Silas Sloane saiu correndo de casa para nos ver, e todas as pessoas com quem cruzamos na estrada paravam e ficavam olhando para nós. Provocamos um verdadeiro frenesi.

– Não é de se espantar! Quanta bobagem disparatada! – Foi a resposta de Marilla.

Depois das anêmonas, vieram as violetas, e o Vale das Violetas estava coberto de roxo com elas. Anne caminhava por ele na ida para a escola com passos reverentes e olhos adoradores, como se pisasse em território sagrado.

– De algum modo – contou ela para Diana –, quando passo por aqui, não me importo se Gil... se qualquer pessoa tira ou não o meu posto de melhor aluna. Mas quando estou na escola, tudo muda, e me importo mais do que nunca. Há muitas Annes diferentes dentro de mim. Às vezes, penso que é por isso que sou uma pessoa tão inoportuna. Se eu fosse apenas uma Anne, seria muito mais cômodo, mas eu não seria nem um pouco interessante quanto sou.

Certo fim de tarde de junho, quando os pomares estavam mais uma vez repletos de botões rosa, quando os sapos coaxavam seu canto doce e argentino nos pântanos perto da beira do Lago das Águas Cintilantes, e o ar estava repleto do aroma dos campos de trevos e das matas de balsâmicos abetos, Anne estava sentada perto da janela de seu frontão. Ela estivera estudando sua lição, mas ficara escuro demais para ver o livro, então ela passou a um ensimesmamento de olhos arregalados, olhando além dos galhos maiores da Rainha das Neves, que mais uma vez estava estrelada de tufos de inflorescências.

Essencialmente, o pequeno cômodo do frontão não havia mudado. As paredes eram tão brancas quanto antes, o alfineteiro, tão duro quanto antes, e as cadeiras, com o mesmo aprumo rígido e amarelado de sempre. Ainda assim, todo o ar do quarto fora alterado. Ele estava repleto de uma personalidade nova, vivaz e pulsante, que parecia permeá-lo todo, e que era muito apartada de livros de meninas de escola e vestidos e laçarotes, e até mesmo do jarro azul rachado e cheio de botões de macieira sobre a mesa. Era como se todos os sonhos, em vigília ou dormindo, de sua vívida

ocupante tivessem tomado uma forma visível porém imaterial, e tivessem revestido o quarto nu com esplêndidas camadas finas de arco-íris e luar. Naquele instante, Marilla entrou bruscamente ali com alguns dos recém-passados aventais que Anne usava na escola. Ela os pendurou em uma cadeira e se sentou, dando um breve suspiro. Ela sentira uma de suas dores de cabeça naquela tarde, e apesar de a dor ter passado, sentia-se fraca e “esgotada”, como ela mesma disse. Anne olhou para ela com olhos diáfanos de solidariedade.

– Eu de fato desejo ter podido sentir a dor de cabeça em seu lugar, Marilla. Por você, eu teria suportado a dor com alegria.

– Acho que já fez a sua parte ao fazer as tarefas domésticas e me deixar descansar – disse Marilla. – Você parece ter se saído razoavelmente bem, e cometeu menos erros do que de costume. Mas é claro que não havia a menor necessidade de engomar os lenços do Matthew! E a maioria das pessoas, quando coloca uma torta no forno para esquentá-la para o almoço, a tira do forno quando está quente, e não deixa que ela torre até virar carvão. Mas este não parece ser o seu modo de fazer as coisas, evidentemente.

As dores de cabeça sempre deixavam Marilla um tanto sarcástica.

– Oh, me desculpe – disse a penitente Anne. – Não pensei naquela torta do momento em que a coloquei no forno até agora, apesar de eu *instintivamente* ter sentido falta de alguma coisa na mesa do almoço. Tomei a decisão firme, quando você me deixou encarregada das coisas esta manhã, de não imaginar nada, e de manter meus pensamentos atrelados aos fatos. Saí-me muito bem, até que botei a torta no forno, e depois eu senti uma tentação irresistível de imaginar que eu era uma princesa encantada presa em uma torre solitária com um belo cavaleiro cavalgando para me resgatar em um corcel negro como carvão. Então, foi assim que acabei me esquecendo da torta. Nem percebi que tinha engomado os lenços. Durante todo o tempo em que fiquei passando as roupas, fiquei tentando pensar em um nome para uma ilha nova que eu e Diana descobrimos subindo o riacho. É o lugar mais deslumbrante que há, Marilla. Há dois bordos na ilha, e o riacho flui exatamente em volta dela. Por fim, ocorreu-me que seria esplêndido chamá-la de Ilha Vitória, pois a descobrimos no dia do aniversário da rainha. Tanto eu quanto Diana somos muito leais à monarquia. Mas sinto muito quanto à torta e aos lenços. Eu queria me comportar melhor hoje, pois se completa um aniversário. Você se lembra do que aconteceu neste dia no ano passado, Marilla?

– Não, não me lembro de nada de especial.

– Oh, Marilla, foi o dia em que eu vim para Green Gables. Jamais esquecerei esse dia. Ele foi a grande virada na minha vida. É claro que isso não pareceria tão importante assim para você. Faz um ano que estou aqui, e tenho sido muito feliz. É claro que tive lá meus problemas, mas problemas se superam. Você lamenta ter ficado comigo, Marilla?

– Não, não posso dizer que lamento – falou Marilla, que às vezes se perguntava como poderia ter vivido em Green Gables antes da vinda de Anne. – Não, não lamento exatamente. Caso você tenha terminado de estudar a lição, quero que corra e pergunte à senhora Barry se ela pode me emprestar o molde do avental da Diana.

– Oh... mas está... escuro demais – choramingou Anne.

– Escuro demais? Ora, estamos ainda no crepúsculo. E Deus sabe que você já foi para lá várias vezes depois que já escurecera.

– Vou lá de manhã cedo – disse Anne com ansiedade. – Acordo com a aurora e vou, Marilla.

– O que meteu na cabeça dessa vez, Anne Shirley? Quero aquele molde para cortar seu avental novo esta noite. Vá de uma vez, e fique bem esperta.

– Vou ter que dar a volta pela estrada, então – disse Anne, relutantemente pegando seu chapéu.

– Ir pela estrada e desperdiçar meia hora! Ah, se eu lhe pego fazendo isso!

– Não posso ir pela Mata Assombrada, Marilla – exclamou Anne em desespero.

Marilla ficou perplexa.

– Mata Assombrada! Você enlouqueceu? O que neste mundo é a Mata Assombrada?

– O bosque de píceas perto do riacho – sussurrou Anne.

– Quanta bobagem! Não existe nenhuma mata assombrada em lugar nenhum. Quem andou lhe contando essas histórias?

– Ninguém – confessou Anne. – Diana e eu simplesmente imaginamos que a mata era assombrada. Todos os lugares por aqui são tão... tão... *banais*. Nós simplesmente inventamos isso por diversão. Começamos em abril. Uma mata assombrada é romântica demais, Marilla. Escolhemos o bosque de píceas porque ele é muito lúgubre. Oh, imaginamos coisas muito horríveis. Tem uma mulher de branco que caminha pelo riacho bem nesta hora da noite, e contorce as mãos e profere gemidos altos. Ela aparece quando haverá uma morte iminente na família. E o fantasma de uma criança assassinada assombra o lugar que fica perto do Ócio Agreste, ele aparece de

surpresa por trás de você e coloca seus dedos gelados na sua mão... deste jeito. Oh, Marilla, sinto calafrios só de pensar. E tem um homem sem cabeça que fica de tocaia ao longo da trilha, e esqueletos lançam olhares fulminantes para você por entre os galhos. Oh, Marilla, eu não passaria pela Mata Assombrada agora por nada neste mundo. Tenho certeza de que coisas brancas vão sair de trás das árvores e tentar me agarrar.

– Onde já se ouviu isso?! – exclamou Marilla, que ficara escutando com uma perplexidade muda. – Anne Shirley, está querendo me dizer que acredita em todos esses perversos disparates da sua própria imaginação?

– Não acredito *exatamente* – titubeou Anne. – Pelo menos não na luz do dia. Mas, depois que escurece, Marilla, é diferente. É nessa hora que os fantasmas vagueiam.

– Fantasmas não existem, Anne.

– Oh, existem sim, Marilla – exclamou Anne com ansiedade. – Conheço pessoas que já os viram. E são pessoas respeitáveis. Charlie Sloane diz que sua avó viu seu avô tangendo as vacas de volta para casa certa noite depois que já fazia um ano do enterro dele. Você sabe que a avó do Charlie Sloane não contaria essa história à toa. Ela é muito religiosa. E o pai da senhora Thomas foi perseguido até em casa certa noite por um cordeiro de fogo com a cabeça cortada e presa a um trequinho de pele. Ele disse que sabia se tratar do espírito do irmão, e que aquilo era um aviso de que ele morreria dentro de nove dias. Ele não morreu, mas morreu dois anos depois, então, dá para você ver como realmente aquilo era verdade. E Ruby Gillis diz...

– Anne Shirley – interrompeu Marilla com firmeza –, jamais quero tornar a ouvir você falar deste modo. De saída, tive dúvidas quanto a esta sua imaginação e se este vai ser o resultado dela, não vou permitir tal coisa. Vá já para a casa dos Barry, e vá pelo bosque de píceas, e entenda isso como uma lição e um aviso para você. E jamais me deixe tornar a ouvir qualquer palavra da sua cabeça sobre matas assombradas.

Anne podia implorar e choramingar o quanto quisesse – e o fez, pois o pavor que sentia era muito real. Ela se deixou levar por sua imaginação, e passou a ter um pânico mortal do bosque de píceas à noite. Mas Marilla era inexorável. Ela marchou com a vidente de fantasmas encolhida de medo até a nascente, e mandou que ela prosseguisse direto pela ponte e pelos retiros crepusculares de mulheres que gemiam e de espectros sem cabeça que havia pela frente.

– Oh, Marilla, como pode ser tão cruel? – soluçou Anne. – Como se sentiria se uma coisa branca de fato me agarrasse e me levasse daqui?

– Vou correr esse risco – disse Marilla impassível. – Você sabe que sempre falo muito sério. Já vou lhe curar desse problema de ficar imaginando fantasmas nos lugares. Agora, marche.

Anne marchou. Quer dizer, cambaleou pela ponte e subiu tremendo a trilha horrível e escura à sua frente. Anne jamais se esqueceu dessa caminhada. Ela se arrependeu com amargura de ter se deixado levar pela imaginação. Os duendes da sua imaginação espreitavam em todas as sombras à sua volta, estendendo as mãos frias e descarnadas para agarrar a aterrorizada garotinha que dera vida a eles. Um pedaço branco de casca de bétula esvoaçando da ravina sobre o chão marrom do arvoredor fez o coração dela parar. O longo gemido de dois velhos galhos grandes roçando um contra o outro fez o suor surgir em gotas na testa dela. Os rasantes de morcegos na escuridão acima dela eram como asas de criaturas sobrenaturais. Quando chegou ao campo do senhor William Bell, saiu dali correndo, como se fosse perseguida por um exército de coisas brancas, e chegou na porta da cozinha dos Barry tão ofegante que mal conseguiu pedir o molde do avental. Diana não estava em casa, de modo que ela não tinha nenhuma desculpa para se demorar. A temida viagem de volta ainda teria de ser enfrentada. Anne fez o caminho de volta de olhos fechados, preferindo bater com a cabeça em galhos grandes a ver uma coisa branca. Quando ela finalmente chegou cambaleando à ponte de troncos, deu um longo e trêmulo suspiro de alívio.

– Bem, quer dizer então que nada lhe agarrou? – disse Marilla sem um pinga de empatia.

– Oh, Mar... Marilla – gaguejou Anne –, depois de-de-dessa cami-mi-minhada, vou me co-contentar com lu-lugares banais.

“My Home on the Hill”, canção de 1866 de W. C. Baker. (N. T.)



UM NOVO DESVIO EM AROMATIZANTES

– MEU DEUS, não há nada no mundo além de encontros e despedidas, como diz a senhora Lynde – lamentou-se Anne, pousando sua lousa e seus livros sobre a mesa da cozinha no último dia de junho e secando os olhos vermelhos com um lenço empapado. – Não foi uma sorte, Marilla, eu ter levado um lenço a mais para a escola hoje? Tive um pressentimento de que ele seria necessário.

– Nunca pensei que você gostasse tanto assim do senhor Phillips para precisar de dois lenços para enxugar suas lágrimas só por que ele está indo embora – disse Marilla.

– Não acho que eu estava chorando por de fato gostar tanto dele – refletiu Anne. – Apenas chorei porque todos os outros choraram. Foi a Ruby Gillis quem começou. A Ruby Gillis sempre falou que detestava o senhor Phillips, mas assim que ele se levantou para fazer o seu discurso de despedida, ela começou a chorar. Em seguida, todas as meninas começaram a chorar, uma depois da outra. Tentei me conter, Marilla. Tentei me lembrar de quando o senhor Phillips fez com que eu me sentasse com o Gil... com um menino; e da vez em que ele escreveu no quadro-negro meu nome sem um “e”; e de como me disse que eu era a maior burra que ele já vira em geometria, e riu da minha escrita; e de todas as vezes em que ele fora muito horrível e sarcástico. Mas, de algum modo, não consegui me conter, Marilla, e tive de chorar também. Faz cerca de um mês que a Jane Andrews vem dizendo o quão contente ela ficaria quando o senhor Phillips fosse embora, e ela falou que jamais choraria uma lágrima sequer. Bem, ela chorou mais do que qualquer uma de nós, e teve que pegar emprestado um lenço com o irmão – é claro que os meninos não choraram –, pois ela não tinha trazido um, visto que não esperava precisar dele. Oh, Marilla, foi de partir o coração. O senhor Phillips começou seu discurso de despedida de modo muito bonito: “É

chegado o momento de nos separarmos”. Foi muito comovente. E ele também ficou com os olhos rasos d’água, Marilla. Oh, lamentei muito, e resenti-me de todas as vezes em que conversei no meio da aula, fiz desenhos dele na lousa e zombei dele e da Prissy. Posso lhe dizer que desejei ter sido uma aluna modelo como Minnie Andrews. Ela não tinha nada que lhe pesasse a consciência. As garotas choraram no caminho todo de volta para casa. Carrie Sloane ficou repetindo a toda hora “É chegado o momento de nos separarmos”, e isso fazia com que tornássemos a chorar sempre que corríamos o risco de nos alegrar de novo. De fato, sinto-me terrivelmente triste, Marilla. Mas não dá para se sentir nas profundezas do desespero quando se tem dois meses de férias pela frente, não é, Marilla? E, além disso, encontramos o novo pastor e sua esposa vindo da estação de trem. Apesar de estar me sentindo muito triste pelo senhor Phillips ir embora, não pude evitar me interessar um pouco por um novo pastor, não é mesmo? A esposa dele é muito bonita. Não exatamente majestosamente adorável, é claro... não seria de bom tom, presumo, que se um pastor tivesse uma esposa majestosamente adorável, poderia ser um mau exemplo para a comunidade. A senhora Lynde diz que a esposa do pastor de Newbridge dá um mau exemplo para a comunidade, pois se veste sempre na moda. A esposa do novo pastor estava usando um vestido de musselina azul com adoráveis mangas bufantes, e um chapéu com rosas na aba. Jane Andrews disse que achava que mangas bufantes eram demasiado seculares para a esposa de um pastor, mas não fiz nenhum comentário insensível desse tipo, Marilla, pois sei bem o que é ansiar por mangas bufantes. Além disso, faz pouco tempo que ela é esposa de um ministro, então, temos de relevar certas coisas, não é mesmo? Eles ficarão hospedados com a senhora Lynde até que a casa paroquial esteja pronta.

Se Marilla, ao ir para a casa da senhora Lynde naquele fim de tarde, foi movida por qualquer motivo além de devolver os estrados para fazer colchas de retalho que ela havia pegado emprestado no inverno passado, aquilo era uma fraqueza tranquila, compartilhada pela maioria da população de Avonlea. Muitas coisas que a senhora Lynde emprestara, às vezes nunca esperando que fossem devolvidas, voltou para a casa dela nas mãos de quem as tomara emprestado. Um pastor novo, e ainda por cima com uma esposa, era um lícito objeto de curiosidade em um tranquilo assentamento interiorano onde os furores eram parcos e espaçados.

O velho senhor Bentley, o pastor que Anne achara que tinha pouca imaginação, havia sido o pastor de Avonlea por dezoito anos. Era viúvo quando chegou, e assim permaneceu, apesar do fato de as fofocas sempre casarem-no com fulana, beltrana ou sicrana, a cada ano de sua estada. Em fevereiro, ele pedira demissão e partira, em meio aos lamentos de seus paroquianos, muitos dos quais se afeiçoaram de seu bom e velho pastor por conta da convivência, apesar de seus defeitos como orador. Desde então, a igreja de Avonlea passara por um momento de dispersão religiosa, com os muitos e vários candidatos e “suplentes” que vinham domingo após domingo pregar como teste para substituir o pastor. O sucesso ou fracasso desses candidatos era ditado pelos pais e mães de Israel, mas uma certa garotinha ruiva, sentada tranquila no velho banco dos Cuthbert, também tinha suas opiniões sobre eles, e as discutia a fundo com Matthew, enquanto Marilla, por princípio, recusava-se a criticar pastores de qualquer maneira que fosse.

– Não acho que o senhor Smith teria dado certo, Matthew – foi a síntese final de Anne. – A senhora Lynde diz que a maneira de falar dele é muito ruim, mas acho que o pior defeito dele era o mesmo que o do senhor Bentley: ele não tinha imaginação. E o senhor Terry tinha imaginação demais; e deixou-se levar por sua imaginação, que nem eu fiz em relação à Mata Assombrada. Além disso, a senhora Lynde diz que a teologia dele não era sensata. O senhor Gresham era um homem muito bom e religioso, mas contava muitas histórias engraçadas, e fazia as pessoas rirem na igreja; ele não era honrado, e é preciso um pouco de honra para ser pastor, não é, Matthew? Achei o senhor Marshall definitivamente atraente, mas a senhora Lynde diz que ele não é casado, nem noivo, pois ela procurou saber informações sobre ele, e ela diz que jamais daria certo ter um pastor jovem e solteiro em Avonlea, porque talvez ele se casasse com alguém da congregação, e isso causaria problemas. A senhora Lynde é uma mulher de visão, não é, Matthew? Fico muito feliz que tenham escolhido o senhor Allan. Gostei dele, pois seu sermão foi interessante, e ele parecia rezar com sinceridade, e não apenas por hábito. A senhora Lynde diz que ele não é perfeito, mas diz que não poderíamos esperar um pastor perfeito com o salário anual de 750 libras, e, de todo o modo, a teologia dele é sensata, pois ela o sabatinou em todos os tópicos da doutrina. E ela conhece a família da esposa dele, e são pessoas das mais respeitáveis, e as mulheres são todas boas donas de casa. A senhora Lynde diz que um homem de doutrina sensata

e uma mulher que é boa dona de casa é a combinação perfeita para a família de um pastor.

O novo pastor e a esposa eram um casal jovem de rostos agradáveis, ainda em lua de mel e repletos do bom e bonito entusiasmo pelo trabalho que haviam escolhido para a vida. Avonlea desde o começo abriu seu coração a eles. Jovens e velhos gostavam do jovem franco, alegre e de ideais elevados, e da pequena dama radiante e delicada que se tornou a senhora da casa paroquial. Anne apaixonou-se completa e imediatamente pela senhora Allan. Ela descobrira mais uma alma irmã.

– A senhora Allan é perfeitamente adorável – anunciou ela certa tarde de domingo. – Ela assumiu nossa classe, e é uma professora esplêndida. Ela disse logo de saída que não achava justo que a professora fizesse todas as perguntas, e, sabe, Marilla, isso é exatamente o que sempre pensei. Ela disse que podíamos fazer a ela qualquer pergunta que quiséssemos, e fiz muitas. Sou boa perguntadora, Marilla.

– Não tenho dúvidas. – Foi o comentário enfático de Marilla.

– Ninguém mais fez perguntas além da Ruby Gillis, e ela perguntou se neste verão faríamos um piquenique da escola dominical. Não achei que tenha sido lá uma pergunta muito apropriada de se fazer, porque não tinha nada a ver com a lição – a lição era sobre Daniel na cova dos leões –, mas a senhora Allan simplesmente sorriu e disse que achava que haveria. A senhora Allan tem um sorriso adorável; e tem covinhas belíssimas nas bochechas. Queria eu ter covinhas nas bochechas, Marilla. Já não sou mais tão magra quanto quando cheguei aqui, mas ainda não tenho covinhas. Se tivesse, talvez pudesse influenciar as pessoas para o bem. A senhora Allan disse que sempre devemos tentar influenciar as pessoas para o bem. Ela falou muito bem sobre todas as coisas. Eu jamais antes soube que a religião era tão alegre assim. Sempre achei meio melancólica, mas a senhora Allan não é, e eu gostaria de ser cristã se pudesse ser uma cristã como ela. Eu não queria ser uma cristã como o senhor diretor Bell.

– É muito feio da sua parte falar assim do senhor Bell – disse Marilla com severidade. – O senhor Bell é um homem realmente muito bom.

– Oh, é claro que ele é bom – concordou Anne –, mas ele não parece tirar nenhum conforto disso. Se eu pudesse ser boa, dançaria e cantaria o dia todo, porque ficaria muito feliz com isso. Presumo que a senhora Allan seja velha demais para dançar e cantar, e é claro que não seria de bom-tom que a

esposa de um pastor fizesse isso. Mas posso sentir que ela fica feliz por ser cristã, e que seria uma mesma que pudesse alcançar o paraíso sem isso.

– Presumo que devamos convidar o senhor e a senhora Allan para tomar chá em breve – disse Marilla refletindo. – Eles já foram a quase todas as casas, menos à nossa. Deixe-me ver. Na próxima quarta-feira seria um bom dia para recebê-los. Mas não quero dizer nada ao Matthew sobre isso, pois se ele souber que eles estão vindo, inventaria alguma desculpa para se ausentar de casa nesse dia. Ele estava tão acostumado com o senhor Bentley que não se importava com ele, mas terá dificuldade em se familiarizar com um novo pastor, e a nova esposa de um pastor vai deixá-lo apavorado.

– Serei tão discreta quanto os mortos – garantiu Anne. – Mas, oh, Marilla, você me deixa fazer um bolo para a ocasião? Eu adoraria preparar algo para a senhora Allan, e você sabe que já sei fazer bons bolos a esta altura.

– Você pode fazer um bolo em camadas – prometeu Marilla.

Na segunda e na terça-feira, houve grandes preparativos em Green Gables. Receber o pastor e a esposa para o chá era uma tarefa séria e importante, e Marilla estava determinada a não ser eclipsada por nenhuma das donas de casa de Avonlea. Anne estava louca de animação e prazer. Ela discutiu tudo com Diana no crepúsculo da noite de terça-feira, enquanto se sentavam nas grandes pedras vermelhas perto do Gorgolejo de Dríade, e fizeram arcos-íris na água com gravetos banhados em bálsamo de abeto.

– Tudo está pronto, Diana, exceto o meu bolo, que vou fazer de manhã, e os biscoitos de levedura que Marilla vai fazer logo antes do chá. Garanto a você, Diana, que Marilla e eu ficamos muito ocupadas nestes dois últimos dias. É uma responsabilidade enorme receber para o chá a família de um pastor. Jamais passei por uma experiência como essa antes. Você devia ver só a nossa despensa. Está linda de se ver. Vamos comer frango em *aspic* e língua de vaca fria. Teremos dois tipos de geleia, vermelha e amarela, e creme chantili e torta de limão siciliano, e três tipos de biscoitos, e bolo de fruta, e as famosas conservas de ameixa amarela que a Marilla guarda especialmente para pastores, e bolo inglês e bolo em camadas, e pãezinhos, como eu disse antes, e pão fresco e dormido, os dois tipos, em caso de o pastor ser dispéptico e não puder comer pão fresco. A senhora Lynde diz que pastores são dispépticos, mas não acho que o senhor Allan tenha sido pastor por tempo o suficiente para que isso tivesse esse efeito ruim sobre ele. Sinto calafrios quando penso em meu bolo em camadas. Oh, Diana, e se não ficar

bom? Ontem à noite sonhei que era perseguida por um duende assustador com cabeça de bolo.

– Vai ficar bom, você vai ver – garantiu Diana, que era uma amiga muito agradável. – Estou certa de que aquela fatia do bolo que você fez e que comemos no almoço no Ócio Agreste faz duas semanas estava perfeitamente elegante.

– Sim, mas bolos têm o hábito terrível de saírem ruins exatamente quando você mais quer que fiquem bons – suspirou Anne, deixando boiar um graveto particularmente bem coberto de bálsamo. – No entanto, presumo que precisarei deixar isso por conta da Providência, e tomar o cuidado de acrescentar farinha. Oh, olhe só, Diana, que arco-íris adorável! Você acha que a dríade virá depois que formos embora e pegá-lo para usar como echarpe?

– Você sabe que a dríade não existe – disse Diana. A mãe de Diana descobrira sobre a Mata Assombrada, e definitivamente se irritara com isso. Consequentemente, Diana se abstivera de imitar qualquer outro arroubo de imaginação de Anne, e não achava prudente sequer cultivar uma gota de crença até mesmo em inofensivas dríades.

– Mas é fácil demais imaginar que ela existe – disse Anne. – Toda noite, antes de ir para a cama, olho pela minha janela e me pergunto se a dríade está de fato sentada aqui, escovando seus cachos com a nascente como espelho. Às vezes procuro pelas pegadas dela no orvalho da manhã. Oh, Diana, não perca sua fé na dríade!

Chegou a manhã de quarta-feira. Anne acordou com a aurora porque estava ansiosa demais para dormir. Ela pegara uma coriza grave por ter ficado brincando na nascente na noite anterior; mas nada além de uma pneumonia gravíssima teria feito ela perder a vontade de cozinhar naquela manhã. Depois do café da manhã, ela começou a preparar seu bolo. Quando finalmente fechou o forno com o bolo dentro, respirou bem fundo.

– Tenho certeza de que não fiz nada de errado desta vez, Marilla. Mas você acha que o bolo vai crescer? E se por acaso o fermento não estiver bom? Usei o da lata nova. E a senhora Lynde diz que hoje em dia você jamais pode ter certeza de que vai comprar um fermento bom, pois tudo é adulterado demais. A senhora Lynde diz que o governo deveria resolver esse problema, mas diz que jamais viveremos para ver um governo do Partido Conservador fazer isso. Marilla, e se o bolo não crescer?

– Teremos comida o bastante sem o bolo. – Foi o modo insensível com que Marilla analisou a situação.

No entanto, o bolo de fato cresceu, e saiu do forno leve e macio feito espuma dourada. Anne, corada de prazer, uniu as duas camadas com geleia cor de rubi e, em sua imaginação, viu a senhora Allan comê-lo e talvez pedindo mais um pedaço!

– Você vai usar o melhor jogo de chá, é claro, Marilla – disse ela. – Posso enfeitar a mesa com samambaias e rosas silvestres?

– Acho isso tudo uma bobagem – desdenhou Marilla. – Na minha opinião, é a comida que importa, e não essa bobeira de decoração.

– Mas a senhora Barry decorou a mesa *dela* – comentou Anne, que não era desprovida da sabedoria da serpente⁴¹ –, e o pastor fez um elogio muito elegante para ela. Ele disse que era um banquete para os olhos e para a boca.

– Bem, faça como preferir – disse Marilla, que estava muito determinada a não ser superada pela senhora Barry ou por qualquer outra pessoa. – Só atente para deixar espaço na mesa para a comida e os pratos.

Anne começou a fazer a decoração de um modo e com um estilo que deixaria a decoração da senhora Barry no chão. Tendo à disposição uma abundância de rosas e samambaias e um gosto pessoal muito artístico, ela transformou aquela mesa do chá em algo tão bonito que quando o pastor e sua esposa se sentaram, exclamaram em uníssono a sua beleza.

– Isso foi obra da Anne – disse Marilla, quase com tristeza; e Anne sentiu que o sorriso de aprovação da senhora Allan era quase uma felicidade em demasia neste mundo.

Matthew estava presente, tendo sido enganado para estar ali só Deus e Anne sabem como. Ele ficara em tal estado de timidez e nervosismo que, Marilla, desesperada, desistiu, mas Anne encarregou-se dele, e teve tanto êxito nisso que agora ele estava sentado à mesa vestindo suas melhores roupas e um colarinho branco, e falando com o pastor sem mostrar desinteresse. Ele jamais dirigiu a palavra à senhora Allan, mas talvez não se pudesse esperar isso dele de qualquer jeito.

Tudo correu com a mesma felicidade do badalo de sinos que anunciam um casamento, até que o bolo em camadas de Anne foi servido. A senhora Allan, que já comera uma incrível variedade de coisas, recusou. Mas Marilla, vendo a decepção no rosto de Anne, disse com um sorriso:

– Oh, a senhora precisa comer uma fatia, senhora Allan. Anne fez o bolo especialmente para a senhora.

– Neste caso, tenho que prová-lo. – A senhora Allan riu, e se serviu de uma fatia grande, assim como fizeram o pastor e Marilla.

A senhora Allan comeu um bocado da sua fatia e uma expressão muito peculiar se estampou em seu rosto; no entanto, ela não disse palavra, mas continuou comendo com firmeza. Marilla reparou a expressão e se apressou para provar o bolo.

– Anne Shirley! – exclamou ela – o que você colocou neste bolo?

– Nada além do que mandava a receita, Marilla – exclamou Anne com cara de angústia. – Oh, não ficou bom?

– Bom?! Está simplesmente horrível. Senhor Allan, não tente comê-lo. Anne, prove só. Que aromatizante você usou?

– Baunilha – respondeu Anne, com o rosto escarlate de mortificação depois de provar o bolo. – Só baunilha. Oh, Marilla, deve ter sido o fermento em pó. Eu bem suspeitei que aquele ferm...

– Que fermento que nada! Vá e me traga a garrafa de baunilha que você usou.

Anne voou para a despensa e voltou com um frasco parcialmente cheio de um líquido marrom e com um rótulo amarelado no qual se lia: “A melhor baunilha”.

Marilla pegou o frasco, tirou a rolha, e cheirou.

– Pela Misericórdia, Anne, você aromatizou o bolo com *linimento anódino*.⁴² Eu quebrei a garrafa do linimento na semana passada, e despejei o restante em uma velha garrafa vazia de baunilha. Presumo que em parte tenha sido culpa minha – eu deveria ter avisado –, mas por caridade, por que você não cheirou isso?

Anne debulhou-se em lágrimas com esta desgraça em dose dupla.

– Eu não poderia ter cheirado... estava resfriada demais! – E com isso ela fugiu para o quarto do frontão, onde se jogou na cama e chorou como quem se recusa a ser consolado.

Naquele momento, passos leves foram ouvidos na escada, e alguém entrou no quarto.

– Oh, Marilla – soluçou Anne, sem olhar para cima. – Fui desgraçada para a eternidade. Jamais serei capaz de superar isso. Essa notícia vai se espalhar, pois as notícias sempre se espalham em Avonlea. Diana vai me perguntar como ficou o meu bolo, e vou ter que dizer a ela a verdade. Serei sempre apontada como a menina que aromatizou um bolo com linimento anódino. Gil... os garotos da escola jamais vão parar de rir disso. Oh, Marilla, se você

tem uma centelha de piedade cristã, não me diga que tenho que descer e lavar a louça depois disso. Vou lavá-la depois que o pastor e sua esposa forem embora, mas jamais conseguirei olhar de novo para o rosto da senhora Allan. Talvez ela pense que tentei envenená-la. A senhora Lynde disse que conhece uma menininha órfã que tentou envenenar seu benfeitor. Mas o linimento não é venenoso. É para ser ingerido... só que não em bolos. Você pode dizer isso à senhora Allan, Marilla?

– Que tal você se levantar e dizer isso pessoalmente? – sugeriu uma voz alegre.

Anne levantou-se com um pulo e encontrou a senhora Allan de pé ao lado da cama, examinando-a com olhos risonhos.

– Minha querida garotinha, não chore deste jeito – disse ela, sinceramente preocupada com a cara trágica de Anne. – Ora, foi apenas um erro engraçado que qualquer um pode cometer.

– Oh, não, só eu sou capaz de cometer um erro desses – respondeu Anne com muita tristeza. – Queria que o bolo tivesse saído muito bom para a senhora.

– Sim, eu sei, querida. E garanto-lhe que aprecio sua gentileza e consideração tanto quanto se o bolo tivesse ficado bom. Agora, você não deve chorar mais, desça comigo e me mostre seu jardim. A senhorita Cuthbert me diz que você tem um pedacinho de terra só seu. Quero vê-lo, pois me interessa muito por flores.

Anne permitiu-se ser conduzida para baixo e consolada, refletindo que de fato era muito providencial que a senhora Allan fosse uma alma irmã. Nada mais foi dito sobre o bolo de linimento, e quando as visitas foram embora, Anne descobriu que desfrutara daquele fim de tarde mais do que poderia ter esperado, considerando o incidente terrível. Ainda assim, ela suspirou fundo.

– Marilla, não é bom pensar que amanhã é um novo dia, em que erros ainda não foram cometidos?

– Garanto que você vai cometer vários – disse Marilla. – Nunca vi ninguém cometer erros como você, Anne.

– Sim, e sei bem disso – admitiu Anne com pesar. – Mas você já reparou em uma coisa alentadora em relação a mim, Marilla? Jamais cometo o mesmo erro duas vezes.

– Não sei qual é a vantagem disso, uma vez que você está sempre cometendo erros novos.

– Oh, você não percebe, Marilla? Deve haver um limite para o número de erros que uma pessoa pode cometer, e depois que eu chegar ao fim dos meus, vou ter acabado com meus erros. Esse pensamento é muito reconfortante.

– Bem, é melhor você ir e dar aquele bolo para os porcos – falou Marilla.

– Ele não serve para nenhum ser humano comer, nem mesmo o Jerry Boute.

Referência a Gênesis, 3:1: “Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus tinha feito.” (N. T.)

Linimento usado para tratar uma série de doenças e sintomas, como gripes, resfriados, cólicas, asma, bronquite, cólera e reumatismo, por exemplo, e que continha 18,5% de álcool, 6,25% de éter e uma pitada de ópio. (N. T.)



ANNE É CONVIDADA PARA O CHÁ

– E por que está de olhos arregalados agora? – perguntou Marilla, depois que Anne acabara de voltar para casa depois de uma corrida até os correios. – Descobriu alguma outra alma irmã? – O entusiasmo envolvia Anne feito um vestido, brilhava em seus olhos, resplandecia em cada feição. Ela subira a trilha dançando, como uma fadinha soprada pelo vento, em meio à suave luz do sol e às sombras compridas do fim de tarde de agosto.

– Não, Marilla, mas, oh, o que você acha? Fui convidada para tomar chá na casa paroquial amanhã à tarde! A senhora Allan deixou um recado para mim nos correios. Olhe só, Marilla. “Senhorita Anne Shirley, Green Gables”. Essa é a primeira vez que me chamam de “senhorita”. Fiquei emocionada demais! Zelarei por esse recado para sempre, e o guardarei com meus melhores tesouros.

– A senhora Allan me disse que tinha a intenção de convidar todos os alunos da classe dela da escola dominical, na verdade – disse Marilla, considerando o maravilhoso evento com muita frieza. – Não precisa ficar frenética desse jeito. Aprenda a levar as coisas com calma, menina.

Para Anne, levar as coisas com calma seria mudar sua natureza. Sendo toda “espírito, e fogo e orvalho”, os prazeres e as dores da vida eram recebidos por ela com tripla intensidade. Marilla percebia, e se preocupava vagamente com isso, dando-se conta de que os altos e baixos da existência provavelmente seriam um fardo pesado para aquela alma impulsiva, mas sem entender totalmente que a capacidade igualmente intensa de ela se deleitar talvez compensasse isso e um pouco mais. Portanto, Marilla tomou para si o dever de treinar Anne para que ela desenvolvesse um temperamento tranquilo e uniforme, e tão estranho para Anne quanto para um raio de sol bruxuleante nos trechos mais rasos do riacho. Mas Marilla não conseguiu progredir muito com isso, como teve que admitir com tristeza para si mesma. O ocaso de alguma esperança ou plano querido lançava Anne nas

“profundezas da aflição”. E a realização deles a exaltava até que ela alcançasse um nível vertiginoso de deleite. Marilla quase começara a se desesperar por sempre tentar transformar essa órfã do mundo em sua garotinha modelo de boas maneiras e comportamento recatado. E tampouco teria acreditado que ela mesma de fato gostava muito mais de Anne do jeito que a menina era.

Anne foi para a cama naquela noite muda de tristeza porque Matthew dissera que o vento nordeste estava soprando, e que receava que o dia seguinte seria chuvoso. O farfalhar das folhas dos álamos em volta da casa a preocupava, pois soava muito parecido com gotas de chuva caindo, e agora o pleno e distante rugido do golfo, ao qual ela escutara com prazer algumas vezes, amando seu ritmo estranho, sonoro e inesquecível, parecia um prenúncio de tempestade e desastre para uma pequena dama que particularmente desejava um dia claro. Anne achou que a manhã jamais chegaria.

Mas tudo tem um fim, até mesmo as noites antes do dia em que você foi convidada para tomar chá na casa paroquial. A manhã, apesar das previsões de Matthew, estava clara, e a animação de Anne atingiu seu ápice.

– Oh, Marilla, tem algo em mim hoje que simplesmente está me fazendo amar todos que vejo – exclamou ela enquanto lavava a louça do café da manhã. – Você não sabe como me sinto bem! Não seria bom se esta sensação perdurasse? Acho que poderia ser uma criança modelo se eu simplesmente fosse convidada a tomar chá todos os dias. Mas, oh, Marilla, também se trata de uma ocasião solene. Estou muito ansiosa. E se eu não me comportar direito? Você sabe que nunca tomei chá em uma casa paroquial, e não estou certa de que sei todas as regras de etiqueta, apesar de andar estudando as regras que saem na Seção de Etiqueta do *Family Herald*⁴³ desde que cheguei aqui. Tenho muito medo de fazer alguma bobagem, ou de me esquecer de fazer algo que eu deveria fazer. Seria de boa educação se servir de uma segunda porção de alguma coisa, caso você quisesse *muito*?

– O problema com você, Anne, é que está pensando demais sobre si mesma. Você deveria simplesmente pensar na senhora Allan e naquilo que seria o melhor e mais agradável para ela – disse Marilla, finalmente dando um conselho muito sensato e conciso. Anne entendeu a mensagem imediatamente.

– Tem razão, Marilla. Vou tentar nem pensar em mim mesma.

Anne evidentemente conseguiu passar a visita sem ferir seriamente nenhuma regra de “etiqueta”, pois voltou para casa em meio ao crepúsculo, sob um enorme céu abobadado, glorificado por rastros de nuvens cor de açafão e rosadas, em um bem-aventurado estado de espírito, e contou tudo a Marilla com felicidade, sentada na grande lajota de arenito vermelho na soleira da porta da cozinha, com sua cabeça cansada cheia de cachos no colo coberto de guingão de Marilla.

Um vento fresco soprava sobre as lavouras, vindo das bordas das colinas repletas de abetos ao oeste, uivando por entre os álamos. Uma estrela nítida brilhava sobre o pomar, e os vagalumes adejavam pela Trilha dos Amantes em meio às samambaias e a galhos farfalhantes. Anne observava-os enquanto falava, e de algum modo sentiu que o vento e as estrelas e os vagalumes estavam todos entrelaçados em algo inefavelmente doce e encantador.

– Oh, Marilla, foi simplesmente *fascinante*. Sinto que minha vida não foi em vão, e me sentirei assim para sempre, mesmo que nunca mais seja convidada a tomar chá em uma casa paroquial. Quando cheguei lá, a senhora Allan me recebeu na porta. Ela estava usando o mais adorável vestido de organdi rosa pastel, com dezenas de babados e mangas três-quartos, e se parecia exatamente como um serafim. Realmente acho que gostaria de ser esposa de um pastor quando eu crescer, Marilla. Um pastor talvez não se importasse tanto com meus cabelos ruivos, porque não ficaria pensando nessas coisas mundanas. Mas é claro que, para isso, a pessoa teria que ser naturalmente bondosa, e jamais serei assim, então presumo que não adianta ficar pensando nisso. Algumas pessoas são naturalmente bondosas, sabe, e outras, não. Faço parte do grupo dos outros. A senhora Lynde diz que estou repleta do pecado original. Não importa o quanto eu tente ser bondosa; jamais terei tanto êxito nisso quanto as pessoas que são naturalmente bondosas. Isso é muito parecido com geometria, eu acho. Mas você não acha que se esforçar muito para ser bondosa deveria valer alguma coisa? A senhora Allan é uma das pessoas naturalmente bondosas. Amo-a intensamente. Sabe, tem algumas pessoas, como o Matthew e a senhora Allan, que você pode amar logo de saída, sem qualquer problema. E há outras, como a senhora Lynde, que você tem de se esforçar muito para amar. Você sabe que *deveria* amá-las porque elas sabem de muitas coisas, e são trabalhadores muito ativos na igreja, mas você precisa ficar lembrando a si mesmo disso o tempo todo, ou você esquece. Havia outra menininha

tomando chá na casa paroquial, da escola dominical de White Sands. O nome dela era Laurretta Bradley, e era uma garotinha muito simpática. Não era exatamente uma alma irmã, mas ainda assim era muito simpática. Tomamos um elegante chá, e acho que segui muito bem todas as regras de etiqueta. Depois do chá, a senhora Allan tocou piano e cantou, e fez com que eu e Laurretta cantássemos também. A senhora Allan diz que tenho uma voz boa, e que eu deveria cantar no coral da escola dominical a partir de agora. Você nem pode imaginar como fiquei emocionada só de pensar nisso. Faz muito tempo que anseio por cantar no coral da escola dominical, como Diana, mas eu receava que esta era uma honra à qual eu jamais poderia aspirar. Laurretta teve que ir para casa mais cedo porque hoje à noite haverá um grande concerto no Hotel White Sands, e a irmã dela vai recitar um poema. Laurretta diz que os americanos no hotel fazem um concerto a cada duas semanas em prol do hospital de Charlottetown, e eles convidam várias pessoas de White Sands para recitar. Laurretta disse que espera um dia receber um convite. Simplesmente fiquei olhando boquiaberta para ela. Depois que ela se foi, eu e a senhora Allan tivemos uma conversa franca. Conteí tudo a ela: sobre a senhora Thomas e os gêmeos, e Katie Maurice e Violetta, e a vinda para Green Gables, e meus problemas com geometria. E consegue acreditar, Marilla, que a senhora Allan me disse que ela também era uma burra em geometria? Você não sabe como isso me estimulou. A senhora Lynde chegou na casa paroquial logo antes de eu ir embora, e o que você acha, Marilla? Os membros do conselho contrataram um professor novo; na verdade, uma professora. O nome dela é senhorita Muriel Stacy. Não é um nome romântico? A senhora Lynde diz que nunca antes em Avonlea houve uma professora, e ela acha isso uma inovação perigosa. Mas acho que será esplêndido ter uma professora, e não sei como suportarei viver as duas semanas que faltam antes de as aulas começarem. Estou impaciente demais para vê-la.

Jornal semanal publicado na Inglaterra entre 1843 e 1940. (N. T.)



ANNE SOFRE UM INFORTÚNIO EM UM ASSUNTO DE HONRA

Anne teve que viver por mais de duas semanas, no fim das contas. Tendo passado já quase um mês desde o incidente com o bolo de linimento, já era mais do que hora de ela se meter em alguma nova encrenca de algum tipo, e cometer pequenos erros, como distraidamente verter uma panela de leite desnatado em uma cesta de novelos de lã em vez de no balde dos porcos, e sair da ponte de troncos e andar pelo riacho enquanto estava absorta em sua imaginação, o que na verdade não vale a pena contar.

Uma semana depois do chá na casa paroquial, Diana Barry deu uma bonita festa.

– Os convidados são um grupo pequeno e seletivo – garantiu Anne para Marilla. – São apenas as meninas da nossa sala.

Elas se divertiram muito, e nada de inadequado aconteceu até depois do chá, quando estavam no jardim dos Barry, um tanto cansadas de suas brincadeiras, e abertas a qualquer tipo de travessura tentadora que pudesse surgir. Naquele momento, isso tomou a forma de “desafios”.

Desafiar era uma diversão muito em voga entre as crianças de Avonlea naquela época. A brincadeira havia começado com os meninos, mas logo as meninas passaram a brincar também, e todas as bobagens que foram feitas em Avonlea naquele verão, porque os praticantes delas haviam sido “desafiados” a fazê-las poderiam encher um livro.

Primeiro, Carrie Sloane desafiou Ruby Gillis a escalar até uma certa altura o enorme e velho salgueiro que havia diante da porta da frente da casa; e Ruby Gillis, apesar de estar morta de medo das gordas lagartas verdes que infestavam aquela árvore, e sentindo o pavor da mãe diante dos seus olhos se ela rasgasse o vestido novo de musselina, escalou agilmente, para a decepção da supramencionada Carrie Sloane. Em seguida, Josie Pye desafiou Jane Andrews a saltar em volta do jardim só com a perna esquerda

sem parar uma só vez ou colocar o pé direito no chão; e Jane Andrews tentou fazer isso com animação. Mas desistiu quando chegou na terceira quina da casa, e teve de admitir a derrota.

Com o triunfo de Josie sendo expressado por ela mais do que o bom gosto permitia, Anne Shirley desafiou-a a caminhar sobre a cerca de ripas de madeira que fechava o jardim ao leste. Mas “andar” sobre cercas de ripas exige mais habilidade e estabilidade de cabeça e calcanhares do que talvez presumisse uma pessoa que jamais tivesse tentado fazer isso. Mas Josie Pye, apesar de carecer de algumas qualidades que dão popularidade às pessoas, pelo menos tinha um dom natural e inato, devidamente cultivado, para caminhar sobre cercas de ripas. Josie caminhou sobre a cerca dos Barry com uma falta de preocupação tão incrível que parecia insinuar que uma coisa insignificante como aquela não valia um “desafio”. Sua façanha foi recebida com relutante admiração, pois a maioria das outras garotas era capaz de apreciar aquilo, tendo sofrido elas mesmas muito em seus esforços para caminhar sobre cercas. Josie desceu do seu poleiro com o rosto corado pela vitória e lançou um olhar desafiador para Anne.

Anne jogou para trás suas tranças ruivas.

– Não acho que seja uma coisa tão maravilhosa assim andar sobre uma cerca de ripas baixa e pequena – disse ela. – Conheci uma menina em Marysville que podia andar sobre as vigas de um telhado.

– Não acredito nisso – disse Josie de maneira categórica. – Não acredito que ninguém seja capaz de andar sobre a viga de um telhado. *Você* não seria capaz, de qualquer jeito.

– Ah, não? – exclamou rispidamente Anne.

– Então, desafio você a fazer isso – disse Josie de modo provocador. – Desafio você a escalar até lá em cima e andar sobre a viga do telhado da cozinha do senhor Barry.

Anne ficou lívida, mas claramente havia apenas uma coisa a ser feita. Ela caminhou em direção à casa, onde uma escada estava encostada contra o telhado da cozinha. Todas as garotas do 5o ano disseram “Oh!”, em parte por animação, e em parte por consternação.

– Não faça isso, Anne – suplicou Diana. – Você vai cair e morrer. Não ligue para a Josie Pye. Não é justo desafiar alguém a fazer algo tão perigoso assim.

– Tenho que fazer isso. Minha honra está em jogo – disse Anne solenemente. – Andarei sobre aquela viga, Diana, ou morrerei tentando. Se

eu morrer, deixo para você meu anel de contas de madrepérola.

Anne subiu a escada em meio a um silêncio emocionante, alcançou a viga, equilibrou-se empertigada naquele precário ponto de apoio e começou a caminhar sobre a viga, vertiginosamente consciente de que estava muito incomodamente no alto do mundo, e que caminhar sobre vigas não era uma coisa para a qual a sua imaginação tinha muita serventia. Ainda assim, conseguiu dar vários passos antes de a catástrofe ocorrer. Em seguida, ela balançou, perdeu o equilíbrio, tropeçou, cambaleou e caiu, escorregando pelo telhado duro e ressecado por conta do sol, e caindo dele no emaranhado de hera-americana abaixo, e tudo isso antes que o consternado grupo de meninas abaixo pudesse dar gritinhos de pavor em uníssono.

Se Anne tivesse caído do telhado no mesmo lado por onde subira, Diana provavelmente herdaria ali mesmo o anel de contas de madrepérola. Felizmente, ela caiu do outro lado, onde o telhado se estendia para baixo sobre o pórtico e chegava tão perto do chão que uma queda dali era algo muito menos grave. No entanto, quando Diana e as outras meninas foram apressadas e frenéticas para perto da casa – exceto Ruby Gillis, que permaneceu ali como se tivesse criado raízes e teve um ataque histérico –, elas encontraram Anne deitada lívida e de corpo mole sobre o desastre e a ruína da hera-americana.

– Anne, você está morta? – berrou Diana, jogando-se de joelhos ao lado da amiga. – Oh, Anne, querida Anne, fale apenas uma palavra para me indicar se você morreu.

Para o enorme alívio de todas as garotas, especialmente de Josie Pye, que, apesar da falta de imaginação, fora tomada por visões terríveis de um futuro com a pecha de ser a menina que causara a morte trágica e prematura de Anne Shirley, Anne sentou-se desnorteada e respondeu hesitante:

– Não, Diana, não morri, mas acho que fiquei inconsciente.

– Onde? – soluçou Carrie Sloane. – Oh, onde, Anne? – Antes que Anne pudesse responder, a senhora Barry apareceu naquela cena. Ao vê-la, Anne atabalhoadamente tentou ficar de pé, mas tornou a cair, soltando um gritinho agudo de dor.

– O que houve? Onde se machucou? – indagou a senhora Barry.

– Meu tornozelo – arquejou Anne. – Oh, Diana, por favor, encontre o seu pai e peça a ele que me leve para casa. Sei que jamais conseguiria andar até lá. E tenho certeza de que não conseguiria percorrer toda essa distância

pulando em um pé só, pois a Jane não conseguiu nem dar a volta no jardim pulando.

Marilla estava no pomar colhendo uma panela cheia de maçãs de verão⁴⁴ quando viu o senhor Barry cruzando a ponte de troncos e subindo a inclinação, com a senhora Barry ao lado dele e toda uma procissão de garotinhas seguindo atrás. Ele carregava nos braços Anne, que estava com a cabeça encostada sem energia no ombro dele.

Naquele instante, Marilla teve uma revelação. Com a pontada súbita de medo que lhe ferira o coração, ela se deu conta do que Anne passara a significar para ela. Ela teria admitido que gostava de Anne – não, que sentia muito carinho por Anne. Mas agora, enquanto descia enlouquecida e em disparada a inclinação, soube que Anne era a coisa mais querida no mundo para ela.

– Senhor Barry, o que aconteceu com ela? – arquejou, mais lívida e trêmula do que a contida Marilla tinha se sentido em muitos anos.

Anne mesma respondeu, levantando a cabeça.

– Não fique muito assustada. Eu estava caminhando sobre a viga do telhado e caí. Acho que torci o tornozelo. Mas, Marilla, talvez eu tenha quebrado o pescoço. Mas olhemos as coisas pelo lado positivo.

– Eu deveria saber que você faria alguma coisa desse tipo quando lhe deixei ir a essa festa – disse Marilla, ríspida e mal-humorada agora que estava mais aliviada. – Traga-a para cá, senhor Barry, e deite-a no sofá. Pela misericórdia, a menina desmaiou!

Era verdade mesmo. Tomada pela dor da lesão, Anne teve mais um de seus desejos realizados. Ela desmaiara.

Matthew, chamado às pressas da lavoura que estava sendo colhida, foi imediatamente mandado atrás do médico, que chegou pouco depois e descobriu que a lesão tinha sido mais grave do que eles imaginavam. O tornozelo de Anne estava quebrado.

Naquela noite, quando Marilla subiu até o frontão leste, onde estava deitada uma menina de rosto lívido, uma voz queixosa a cumprimentou da cama.

– Não sente muito por mim, Marilla?

– A culpa foi sua – disparou Marilla, fechando a persiana e acendendo um lampião.

– E é por isso que deve sentir muito por mim – falou Anne –, porque a noção de que foi tudo culpa minha é o que torna isso tão duro. Se eu pudesse

colocar a culpa em alguém, me sentiria muito melhor. Mas o que você teria feito, Marilla, se alguém lhe desafiasse a andar sobre uma viga de telhado?

– Eu teria ficado em terra firme, e deixaria a pessoa desafiando até se cansar. Que absurdo! – comentou Marilla.

Anne suspirou.

– Mas você tem a mente muito forte, Marilla. Eu, não. Simplesmente senti que não suportaria o escárnio da Josie Pye. Ela iria se gabar disso comigo a vida toda. E acho que já fui castigada tanto que você não precisa ficar muito zangada comigo, Marilla. Afinal, não é nem um pouco bom desmaiar. E o médico me machucou terrivelmente quando estava colocando meu tornozelo no lugar. Não vou poder ficar andando por seis ou sete semanas, e vou perder a chegada da professora nova. Ela já não vai ser nova quando eu puder voltar para a escola. E Gil... todos vão estar mais avançados do que eu com as lições. Oh, sou uma mortal afligida. Mas vou tentar suportar tudo isso com coragem se você não ficar zangada comigo, Marilla.

– Calma, calma, não estou zangada – disse Marilla. – Você é uma criança azarada, não há dúvidas quanto a isso; mas, como você mesma diz, vai ter que suportar esse sofrimento. Agora, tente comer um pouco do jantar.

– Não é uma sorte que eu tenha tamanha imaginação? – disse Anne. – Espero que ela vá me ajudar muito a suportar isso. O que você acha que fazem as pessoas sem imaginação quando quebram ossos, Marilla?

Anne tinha bons motivos para louvar sua imaginação muitas vezes e com frequência durante as entediadas sete semanas que se seguiram. Mas ela não dependeu apenas da imaginação. Recebeu muitas visitas, e não houve um dia em que não apareceu uma ou mais das meninas da escola trazendo para ela flores e livros, e contando tudo o que acontecia no mundo juvenil de Avonlea.

– Todos têm sido bondosos e gentis demais, Marilla – suspirou Anne alegremente, no primeiro dia em que pôde andar mancando pelo chão. – Não é muito agradável ficar de cama, mas tem um lado bom, Marilla. Você descobre quantos amigos tem. Ora, até o diretor Bell veio me visitar, e ele de fato é um homem muito bom. Não é uma alma irmã, é claro; ainda assim, gosto muito dele, e lamento muito por ter criticado as suas orações. Agora, acho que ele realmente reza com sinceridade, só que se habituou a dizer suas orações como se não fossem sinceras. Mas ele poderia superar isso caso se esforçasse um pouco. Dei a ele uma boa indireta. Falei a ele como me esforçava muito para tornar as minhas próprias oraçõezinhas pessoais

interessantes. E ele me contou tudo sobre a vez em que quebrou o tornozelo quando era criança. De fato, parece muito estranho pensar que o diretor Bell algum dia foi criança. Até mesmo a minha imaginação tem limites, pois não consigo imaginar *isso*. Quando tento imaginá-lo como criança, vejo-o com bigodes grisalhos e óculos, com a mesma aparência que ele tem na escola dominical, só que pequeno. Mas é muito fácil imaginar a senhora Allan criança. A senhora Allan veio me visitar catorze vezes. Isso não é algo para se orgulhar, Marilla? A esposa de um pastor é sempre muito ocupada! Além do mais, ela é uma visita muito alegre de se receber. Ela nunca lhe diz que a culpa foi sua, e espera que você se torne uma menina melhor por conta dessa experiência. A senhora Lynde sempre me dizia isso quando vinha me visitar; e falava isso de um modo que me fazia sentir que ela talvez até tivesse esperanças de que eu me tornasse uma menina melhor, mas que de fato não acreditava que isso aconteceria. Até mesmo Josie Pye veio me visitar. Eu a recebi da maneira mais educada que consegui, porque acho que ela se arrependeu de ter me desafiado a andar sobre a viga. Se eu tivesse morrido, ela teria de carregar um sombrio fardo de remorso por toda a vida. Diana tem sido uma amiga leal. Ela veio todos os dias alegrar meu travesseiro solitário. Mas, oh, ficarei contente demais quando puder ir para a escola, pois ouvi coisas muito animadoras sobre a nova professora. Todas as garotas acham que ela é perfeitamente amável. Diana diz que ela tem os cachos loiros mais adoráveis que existem, e olhos fascinantes demais. Ela veste-se lindamente, e as mangas das roupas dela são mais bufantes do que as de qualquer uma em Avonlea. Duas sextas-feiras por mês ela organiza recitais, e todos têm que recitar algum trecho de um livro, ou participar de um diálogo. Oh, é simplesmente glorioso pensar nisso. Josie Pye diz que odeia isso, mas é só porque tem muito pouca imaginação. Diana, Ruby Gillis e Jane Andrews estão ensaiando um diálogo chamado “A visita matutina”⁴⁵ para a próxima sexta-feira. E nas tardes de sexta nas quais não há recitais, a senhorita Stacy leva todos para a mata para passar um dia “no campo”, e eles estudam samambaias, flores e pássaros. E fazem exercícios de educação física todas as manhãs e finais de tarde. A senhora Lynde diz que nunca ouviu falar dessas coisas, e que isso tudo vem do fato de a professora ser mulher. Mas acho que deve ser esplêndido, e acho que vou encontrar na senhorita Stacy mais uma alma irmã.

– Uma coisa se percebe claramente, Anne – disse Marilla –, a sua queda do telhado dos Barry não afetou em nada a sua língua.

Variedades de maçã que são colhidas no verão, e não no outono. (N. T.)

“The Morning Visit”, poema do escritor americano Oliver Wendell Holmes. (N. T.)



A SENHORITA STACY E SEUS ALUNOS ORGANIZAM UM CONCERTO

Era outubro outra vez quando Anne estava pronta para voltar para a escola, era um outubro glorioso, todo vermelho e dourado, com manhãs suaves, quando os vales se enchiam de delicadas brumas, como se o espírito do outono as tivesse espalhado para que o sol as filtrasse, separando-as em tons de ametista, pérola, prata, rosa e azul acinzentado. O orvalho era tão espesso que os campos brilhavam como que cobertos por um manto de prata, e havia muitos montes de folhas farfalhantes nas ravinas repletas de arvoredos para se caminhar e ouvir as folhas quebrando. A trilha das Bétulas era um dossel amarelo, e as samambaias ao longo dela estavam queimadas e marrons. O próprio ar tinha um cheiro forte que inspirava os corações de pequenas donzelas que andavam, diferente dos caracóis, agilmente e de bom grado para a escola, e de fato *foi* uma alegria voltar para a pequena carteira marrom e ficar sentada ao lado de Diana, com Ruby Gillis acenando do outro lado da fileira, e Carrie Sloane mandando bilhetes, e Julia Bell passando um pedaço de chiclete da sua carteira nos fundos. Anne respirou fundo de felicidade enquanto apontava o lápis e arrumava os cartões com gravuras em sua carteira. A vida certamente era muito interessante.

Na professora nova, ela encontrou mais uma amiga verdadeira e prestativa. A senhorita Stacy era uma jovem inteligente, solidária, com o afortunado dom de conquistar e manter o afeto de seus alunos, e de extrair deles o que neles havia de melhor em termos mentais e morais. Anne abriu-se como uma flor para essa influência proba, e contou em casa para o admirador Matthew e a crítica Marilla relatos radiantes sobre as tarefas e os objetivos em classe.

– Amo a senhorita Stacy com todo meu coração, Marilla. Ela é muito feminina e elegante, e tem uma voz doce demais. Quando pronuncia meu

nome, *instintivamente* sinto que o está soletrando com um “E”. Hoje à tarde teve recital. Eu só queria que você pudesse ter estado lá para me ouvir recitar “Maria da Escócia”.⁴⁶ Recitei o poema com toda a minha alma. Na volta para casa, Ruby Gillis me disse que o modo como eu falei o verso “Agora, quanto ao braço de meu pai”, disse ela, ‘o adeus de meu coração de mulher’” simplesmente fez o sangue dela gelar.”

– Bem, quem sabe você não recita para mim algum dia desses, lá no celeiro – sugeriu Matthew.

– É claro que sim – disse Anne, pensativa – mas sei que não serei capaz de recitá-lo tão bem. Não será tão emocionante quanto quando se tem toda uma escola diante de você prestando atenção ansiosa a todas as suas palavras. Sei que não conseguirei fazer o seu sangue gelar.

– A senhora Lynde diz que o sangue *dela* gelou quando ela viu os meninos subindo até o topo daquelas árvores enormes na colina dos Bell atrás de ninhos de corvos sexta-feira passada – disse Marilla. – Me espanto com a senhorita Stacy por ela ter encorajado isso.

– Mas queríamos pegar um ninho de corvo para estudar a natureza – explicou Anne. – Isso foi na nossa tarde no campo. As tardes no campo são esplêndidas, Marilla. E a senhorita Stacy explica tudo muito lindamente. Temos que escrever redações sobre nossas tardes no campo, e eu escrevo as melhores.

– Se é assim, é vaidade demais da sua parte dizer isso. É melhor deixar que a professora o diga.

– Mas ela *de fato disse* isso, Marilla. E eu de fato não me envaideço disso. Como posso, quando sou tão burra em geometria? Apesar de que estou começando a entender geometria um pouquinho melhor. A senhorita Stacy torna essa matéria bem mais clara. Ainda assim, sei que jamais serei boa nisso, e garanto a você que esse é um pensamento que me mantém modesta. Mas amo escrever redações. Na maioria das vezes, a senhorita Stacy nos deixa escolher o tema que quisermos, mas na semana que vem teremos que escrever uma redação sobre alguma pessoa notável. É difícil escolher entre tantas pessoas notáveis que já existiram. Não deve ser esplêndido ser notável e ter redações escritas sobre você depois que você morreu? Oh, eu adoraria muito ser notável. Acho que quando crescer vou me formar como enfermeira e ir com a Cruz Vermelha para o campo de batalha como um arauto da misericórdia. Isso se eu não sair do país para trabalhar como missionária no estrangeiro. Isso seria romântico demais, mas para ser missionária a pessoa precisa ser muito bondosa, e isso seria um obstáculo. Também fazemos exercícios de educação física todos os dias. Os exercícios nos deixam mais esbeltos, e promovem a digestão.

– Promovem uma ova! – disparou Marilla, que sinceramente achava que aquilo era um disparate.

Mas todas as tardes no campo, sextas-feiras de recital e contorcionismos de educação física não eram nada comparados a um projeto que a senhorita Stacy pôs em prática em novembro. O projeto era que os alunos da escola de Avonlea deveriam organizar um concerto e apresentá-lo no auditório na noite do dia do Natal, com o objetivo louvável de ajudar a pagar por uma bandeira para a escola. Com todos os alunos concordando de bom grado com esse plano, os preparativos para montar o programa começaram imediatamente. E entre todos os animados intérpretes que haviam sido escolhidos para se apresentar, nenhum estava mais animado do que Anne Shirley, que se jogou de corpo e alma nesta tarefa, apesar do obstáculo representado pela reprovação de Marilla. Esta achava aquilo tudo uma tolice repugnante.

– Isso só serve para encher de bobagem as cabeças de vocês, e para tomar de vocês um tempo em que deveriam estar estudando – resmungou ela. – Não concordo com crianças organizando concertos e correndo para ensaios. Isso as torna vaidosas, descaradas e adeptas da vagabundagem.

– Mas pense no objetivo louvável – suplicou Anne. – Uma bandeira vai ajudar a cultivar o espírito de patriotismo, Marilla.

– Que nada! Os pensamentos de vocês não têm quase nada de patriotismo. Tudo que querem é se divertir.

– Bem, quando se pode combinar patriotismo com diversão não há problema nenhum, não é mesmo? É claro que é muito bom estar organizando um concerto. Vamos cantar seis músicas em coro, e Diana cantará um solo. Vou participar de dois diálogos: “A Sociedade em Prol da Repressão da Fofoca”⁴⁷ e “A Rainha das Fadas”.⁴⁸ Os meninos também vão apresentar um diálogo. E eu vou recitar dois poemas, Marilla. Eu tremo toda quando penso nisso, mas é um tipo de tremor bom, emocionante. E vamos fazer um quadro vivo no final: “Fé, Esperança e Caridade”.⁴⁹ Diana, Ruby e eu vamos participar, vestindo túnicas brancas e com cabelos esvoaçantes. Eu serei a Esperança, com as mãos entrelaçadas – assim – e os olhos em direção ao céu. Vou ensaiar meus textos na mansarda. Não se assuste se me ouvir gemendo. Em uma das apresentações, tenho de dar gemidos dolorosos, e é muito difícil dar um bom gemido artístico, Marilla. A Josie Pye está emburrada porque não conquistou o papel que queria no diálogo. Ela queria ser a rainha das fadas. Isso teria sido ridículo, pois onde já se viu uma rainha das fadas gorda como a Josie? Rainhas das fadas têm que ser esguias. A Jane Andrews será a rainha, e serei uma de suas damas de honra. Josie diz que acha que uma fada ruiva é tão ridícula quanto uma fada gorda, mas não me deixo importar pelo que Josie diz. Vou usar uma coroa de rosas brancas no cabelo, e Ruby Gillis vai me emprestar as sapatilhas dela, pois não tenho um par. É necessário que as fadas usem sapatilhas, sabe. Não dá para imaginar um fada calçando botas, não é? E ainda mais botas com bico de cobre? Vamos decorar o auditório com motivos de falso-pinho e de abeto, com rosas de papel de seda coladas neles. E devemos marchar perfilados em dupla depois que a plateia estiver sentada, enquanto a Emma White toca uma marcha no órgão. Oh, Marilla, sei que você não está tão entusiasmada com isso quanto eu, mas não espera que a sua pequena Anne se destaque?

– Tudo o que espero é que você se comporte. Vou ficar completamente feliz quando todo esse tumulto acabar e você conseguir se acalmar. Você simplesmente não presta para nada agora que está com a mente repleta de diálogos e gemidos e quadros vivos. Quanto à sua língua, é um milagre que ela não esteja gasta.

Anne suspirou e dirigiu-se para o quintal, sobre o qual uma recente lua nova brilhava por entre os galhos dos álamos ao oeste de um sol cor de maçã verde, e onde Matthew estava cortando lenha. Anne empoleirou-se em um monte de lenha e falou sobre o concerto com ele, certa de que desta vez encontraria um ouvinte apreciador e solidário.

– Bem, acho que será um concerto muito bom. E acho que você vai se sair muito bem em seus papéis – disse ele, sorrindo para o rostinho ávido e vivaz dela. Anne devolveu o sorriso. Os dois eram melhores amigos, e Matthew agradecia aos céus muitas vezes pelo fato de não estar envolvido na criação dela. Este era um dever exclusivo de Marilla, caso fosse dever dele, ele se preocuparia muito com os frequentes conflitos internos que sentiria entre seu dever e sua inclinação. Desse modo, ele estava livre para “mimar Anne” – como dizia Marilla – tanto quanto quisesse. Mas até que aquele arranjo não era tão ruim no fim das contas, um pouco de “apreço” às vezes faz tão bem quanto toda a “criação” sensata no mundo.

“Mary, Queen of Scots”, poema do escocês H. G. Bell, publicado em 1831, em um volume de poemas chamado *Summer and Winter Hours*. (N. T.)

“The Society for the Suppression of Gossip”, diálogo contido em *Friday Afternoon Series of Dialogues Suitable for Boys and Girls in School Entertainments*, de 1879, de autoria de T. S. Denison. (N. T.)

“The Fairy Queen”, canção de 1635 publicada originalmente em *A description of the King and Queen of the Fayries, their habit, fare, abode, pomp and state, being very delightful to the sense and full of mirth*, e resgatada na coletânea *Reliques of Ancient English Poetry*, do bispo Thomas Percy, publicada em 1885. (N. T.)

As três virtudes teologais, representadas em inúmeros quadros e esculturas ao longo da história. (N. T.)



MATTHEW INSISTE EM MANGAS BUFANTES

Matthew sofria fazia dez minutos. Ele entrara na cozinha, no crepúsculo de um fim de tarde cinza e frio de dezembro, e sentara-se na ponta da caixa de lenha⁵⁰ para tirar suas pesadas botas, ignorante quanto ao fato de que um grupo de colegas de escola de Anne estava ensaiando “A rainha das fadas” na sala de estar. Naquele momento, elas chegaram em bando pelo corredor e entraram na cozinha, rindo e tagarelando alegremente. Elas não viram Matthew, que se encolheu timidamente em direção às sombras atrás da caixa de lenha com uma bota em uma das mãos e uma calçadeira na outra, e observou-as timidamente pelos já mencionados dez minutos enquanto vestiam seus gorros e casacos e falavam sobre o diálogo e o concerto. Anne estava de pé entre elas, tão animada e com os olhos tão brilhantes quanto as outras, mas Matthew subitamente tomou consciência de que havia algo de diferente em Anne em relação às amigas dela. E o que deixou Matthew preocupado foi que essa diferença lhe deu a impressão de ser algo que não deveria existir. Anne tinha o rosto mais brilhante e maior, olhos mais sonhadores e feições mais delicadas do que qualquer uma de suas amigas, até mesmo o tímido e distraído Matthew aprendera a reparar nessas coisas, mas a diferença que lhe perturbava não tinha relação com nada disso. Então, de que ela consistia?

Matthew foi atormentado por essa pergunta muito depois que as garotas já tinham ido embora, de braços dados, descendo a comprida e congelada trilha, e Anne se entregara aos seus livros. Ele não podia comentar isso com Marilla, que ele achava que certamente bufaria de escárnio e comentaria que a única diferença que ela percebia entre Anne e as outras meninas era que às vezes elas ficavam de boca calada, e Anne não. Isso, achou Matthew, não seria de grande ajuda.

Ele havia recorrido ao seu cachimbo naquela noite para que o ajudasse a analisar o assunto, para o desgosto profundo de Marilla. Depois de duas horas fumando e refletindo intensamente, Matthew encontrou a solução do seu problema. Anne não se vestia como as outras meninas!

Quanto mais Matthew pensava no assunto, mais ficava convencido de que Anne jamais se vestira como as outras meninas: nunca, desde quando chegara a Green Gables. Marilla a vestia com roupas sem graça e escuras, todas feitas usando o mesmo molde invariável. Se Matthew sabia que existia o conceito de moda no vestir, isso era o máximo que sabia sobre o assunto, mas ele teve muita certeza de que as mangas de Anne não se pareciam em nada com as mangas das outras meninas. Ele lembrou-se do aglomerado de menininhas que vira em volta de Anne naquele fim de tarde – todas alegres, com vestidos vermelhos, azuis, rosa e brancos –, e perguntou-se por que Marilla sempre vestia Anne de modo tão simples e sóbrio.

É claro que não deveria haver problema nenhum naquilo. Marilla sabia o que era melhor, e era ela quem criava Anne. Provavelmente, havia algum motivo sábio e indecifrável por trás daquilo. Mas certamente não faria nenhum mal deixar a criança ter um vestido mais bonito... algo como os vestidos que Diana Barry sempre usava. Matthew decidiu que daria um de presente a ela; isso com certeza não poderia ser recusado por se tratar de uma intromissão indesejada da parte dele. Faltavam apenas duas semanas para o Natal. Um lindo vestido novo seria o presente perfeito. Matthew, com um suspiro de satisfação, largou o cachimbo e foi para a cama, enquanto Marilla abria todas as portas para arejar a casa.

Na manhã seguinte, Matthew dirigiu-se a Carmody para comprar o vestido, determinado a se livrar logo da tarefa. Estava certo de que aquela não seria uma provação insignificante. Havia coisas que Matthew podia comprar, e para as quais se demonstrava um exímio regateador, mas ele sabia que estaria à mercê dos donos das vendas quando fosse comprar um vestido para uma menina.

Depois de muito cogitar, Matthew decidiu ir à venda de Samuel Lawson em vez de na de William Blair. Certamente, os Cuthbert sempre compraram na venda de William Blair; era quase uma questão de consciência para eles, como frequentar a Igreja Presbiteriana e votar no Partido Conservador. Mas as duas filhas de William Blair frequentemente atendiam os clientes lá, e Matthew tinha absoluto pavor delas. Ele era capaz de dar um jeito de lidar com elas quando sabia exatamente o que queria e podia apontar para o

produto; mas, em um caso como aquele, que exigia consultas e explicações, Matthew sentiu que deveria se certificar de que seria um homem quem estaria atrás do balcão. Portanto, iria para a venda de Lawson, onde Samuel ou seu filho o atenderiam.

Ai dele! Matthew não sabia que Samuel, na recente expansão que fizera em seu negócio, também contratara uma mulher como atendente; era uma sobrinha de sua esposa, e uma jovem de fato muito bonita, com um enorme penteado *pompadour* caindo sobre a testa, com enormes e vibrantes olhos castanhos, e o maior e mais desconcertante sorriso que havia. Ela estava vestida de modo excessivamente elegante, e usava vários braceletes que cintilavam e chacoalhavam e tilintavam com cada movimento das mãos dela. Matthew ficou completamente confuso com o simples fato de se deparar com ela ali; e aqueles braceletes o desnortearam totalmente com um único golpe mortal.

– Em que posso lhe ajudar nesta noite, senhor Cuthbert? – perguntou a senhorita Lucilla Harris, enérgica e obsequiosamente, tamborilando o balcão com ambas as mãos.

– Você tem algum... algum... algum... bem, algum ancinho? – gaguejou Matthew.

A senhorita Harris pareceu um tanto surpresa, como bem deveria ter ficado, ao ouvir um homem pedir um ancinho em meados de dezembro.

– Acho que ainda temos um ou dois – disse ela –, mas estão no andar de cima, no depósito de móveis. Vou subir e ver. – Durante a ausência dela, Matthew recobrou seus sentidos para fazer uma nova tentativa.

Quando a senhorita Harris voltou com o ancinho e alegremente perguntou: “Mais alguma coisa esta noite, senhor Cuthbert?”, Matthew tomou as rédeas de sua coragem e respondeu:

– Bem, visto que você sugeriu, eu talvez também... leve... quero dizer... dê uma olhada... compre um pouco... um pouco de sementes de feno.

A senhorita Harris já ouvira as pessoas dizerem que Matthew Cuthbert era estranho. Agora, estava convencida de que ele era completamente maluco.

– Nós somente vendemos semente de feno na primavera – explicou ela com altivez. – Agora mesmo não temos nenhuma na venda.

– Oh, certamente... certamente... é como você diz – gaguejou o infeliz Matthew, pegando o ancinho e dirigindo-se à porta. Na soleira, ele lembrou-se de que não havia pago, e virou-se com mais infelicidade ainda. Enquanto

a senhorita Harris contava o troco, ele reuniu suas forças para fazer uma desesperada tentativa derradeira.

– Bem... se não for muito incômodo... eu talvez também... quero dizer... eu gostaria de ver... um... um pouco de açúcar.

– Branco ou mascavo? – indagou com paciência a senhorita Harris.

– Oh... bem... mascavo – disse Matthew com a voz fraca.

– Tem um barril de açúcar mascavo ali – indicou a senhorita Harris, balançando os braceletes na direção do barril. – É o único tipo de açúcar que temos.

– Vou... vou levar 10 quilos – disse Matthew, com suor se formando em sua testa.

Matthew já estava a meio caminho de casa quando de fato voltou a si. Aquela havia sido uma experiência horripilante, mas foi bem feito para ele, por ter cometido a heresia de ir comprar em uma venda estranha. Quando chegou em casa, escondeu o ancinho no depósito de ferramentas, mas levou o açúcar para Marilla.

– Açúcar mascavo! – exclamou Marilla. – O que lhe possuiu para você comprar essa quantidade toda? Você sabe que eu jamais uso isso, a não ser no mingau de aveia do empregado e no bolo escuro de frutas. Jerry já não trabalha aqui, e já faz tempo que fiz o meu bolo. E tampouco é um bom açúcar – é grosso e escuro –, e o William Blair geralmente não vende açúcar deste tipo.

– Achei que poderia ser útil em algum momento – disse Matthew, escapando de vez dali.

Quando Matthew repensou o assunto, decidiu que precisava de uma mulher para tratar daquela situação. Marilla estava fora de questão. Matthew tinha certeza de que ela imediatamente jogaria um balde de água fria em seu projeto. Restava apenas a senhora Lynde, pois Matthew não se atreveria a pedir conselhos a nenhuma outra mulher de Avonlea. Consequentemente, foi visitar a senhora Lynde, e aquela bondosa mulher prontamente tirou aquele problema das mãos do atormentado homem.

– Escolher um vestido para você dar para a Anne? É claro que faço isso. Vou a Carmody amanhã e resolvo isso. Você tem algo de especial em mente? Não? Bem, eu mesma escolho então. Acredito que um marrom brilhante ficaria muito bem em Anne, e o William Blair tem um *jacquard* novo muito lindo. Talvez você queira que eu faça o vestido também, pois se Marilla o fizer, Anne provavelmente vai descobrir antes do tempo e estragar a

surpresa, que tal? Bem, vou fazer. Não, não é incômodo algum. Gosto de costurar. Vou fazê-lo para que sirva na minha sobrinha, Jenny Gillis, pois ela e Anne têm silhuetas iguaizinhas.

– Bem, fico muito agradecido – disse Matthew – e... e... eu não sei... mas eu gostaria... Acho que hoje em dia fazem as mangas diferente de como faziam antes. Se não for pedir demais, eu... eu gostaria que as mangas fossem feitas desse jeito novo.

– Bufantes? É claro. Não precisa se preocupar mais com isso, Matthew. Vou fazer o vestido seguindo a última moda – tranquilizou a senhora Lynde. Para si mesma, ela acrescentou depois Matthew tinha ido embora:

“De fato será uma satisfação ver aquela pobre menina finalmente vestir alguma coisa decente. O fato é que o modo como Marilla a veste é definitivamente ridículo, e já me cansei de dizer isso a ela com todas as palavras uma dezena de vezes. Agora já não digo nada, pois percebo que Marilla não quer conselhos, e que acha que sabe mais sobre educar crianças do que eu, apesar de ela ser uma velha solteirona. Mas é sempre assim. As pessoas que educam crianças sabem que não há um método rápido e estrito que seja adequado a todas as crianças. Mas os que nunca tiveram que educar crianças acham que a coisa é simples e fácil como a Regra de Três: basta colocar no papel os três números que você tem e a conta sairá correta. Mas a carne e o osso não seguem as regras da aritmética, e é aí que Marilla Cuthbert erra. Presumo que ela esteja tentando cultivar um espírito de humildade em Anne ao vesti-la daquele modo, mas é mais provável que acabe cultivando inveja e descontentamento. Estou certa de que a menina deve perceber a diferença entre as roupas dela e as das outras garotas. E pensar que logo Matthew ia reparar nisso! Aquele homem está acordando depois de ter passado mais de sessenta anos dormindo”.

Ao longo das duas semanas seguintes, Marilla teve certeza de que Matthew tinha algo em mente, mas ela não sabia adivinhar o quê, até a véspera do Natal, quando a senhora Lynde trouxe o vestido novo. No geral, Marilla se comportou muito bem, apesar de ser muito provável que tenha desconfiado da explicação diplomática da senhora Lynde de que ela fizera o vestido porque Matthew receava que Anne fosse descobrir antes do tempo se Marilla o fizesse.

– Então é por isso que o Matthew tem andado com um ar muito misterioso, rindo por aí para si mesmo nas últimas duas semanas, não é? – disse ela um tanto atravessada, mas de modo tolerante. – Eu sabia que ele

estava aprontando alguma bobagem. Bem, devo dizer que não acho que Anne precise de mais vestidos. Fiz para ela três vestidos bons, quentes e práticos este outono, e qualquer coisa além disso é pura extravagância. Tem tecido o bastante nestas mangas para se fazer um corpete, é só isso que digo. Você só vai mimar a vaidade de Anne, Matthew, e ela já é vaidosa feito um pavão. Bem, espero que por fim ela fique satisfeita, pois sei que ela vem ansiando por essas mangas bobas desde quando viraram moda, apesar de não ter dito mais palavra sobre isso depois da primeira vez. As mangas bufantes estão ficando cada vez maiores e mais ridículas; agora, são tão grandes quanto balões. No ano que vem, qualquer um que as esteja usando vai precisar passar de lado pelas portas.

A manhã de Natal raiou em um lindo mundo branco. Dezembro estava sendo um mês pouco frio, e as pessoas estavam na expectativa de passar um Natal sem neve, mas durante a noite caiu de mansinho neve o bastante para mudar completamente Avonlea. Anne espiou para fora de sua janela do frontão coberta de cincelos com olhos encantados. Os abetos na Mata Assombrada estavam todos emplumados e maravilhosos; as bétulas e cerejeiras silvestres estavam contornadas por uma camada perolada; os campos arados eram extensões de covinhas de neve; e havia um cheiro forte e frio no ar que era glorioso. Anne correu para o andar de baixo cantando até que sua voz ecoou por toda Green Gables.

– Feliz Natal, Marilla! Feliz Natal, Matthew! Não é um Natal adorável? Fico muito contente que tenha nevado. Natal sem neve, verde, como chamam as pessoas, não parece Natal de verdade, não é mesmo? Não gosto de Natal verde. Não é nada verde: as plantas estão com tons nojentos e desbotados de marrom e cinza. O que faz as pessoas chamarem-no de verde? Por quê... por quê... Matthew, isso é para mim? Oh, Matthew!

Matthew havia desembrulhado timidamente o vestido e o estendido, lançando um olhar contrito de relance para Marilla, que fingiu estar desdenhosamente enchendo a chaleira, mas observou a cena com o canto do olho com um ar bastante interessado.

Anne pegou o vestido e olhou para ele com um silêncio reverente. Oh, como era lindo... feito de um adorável *jacquard* marrom-claro com todo o brilho da seda; uma saia drapeada com refinados babados; um corpete com elaboradas pregas frontais, seguindo a última moda, com uma pequena gola franzida de renda vaporosa. Mas as mangas eram pura glória! Terminavam

nos cotovelos, e em cima eram lindamente bufantes e divididas em fileiras de drapeados e lacinhos de fita de seda marrom.

– É um presente de Natal para você, Anne – falou Matthew timidamente.

– Ora... ora... Anne, não gostou? Calma... calma.

Pois os olhos de Anne subitamente se encheram de lágrimas.

– Se gostei? Oh, Matthew! – Anne estendeu o vestido sobre uma cadeira e entrelaçou as mãos. – Matthew, é perfeitamente belíssimo. Oh, jamais poderei lhe agradecer o suficiente. Olhe só para estas mangas! Oh, parece-me que isto deve ser um sonho feliz.

– Ora, ora, vamos tomar café da manhã – interrompeu Marilla. – Devo dizer, Anne, que não acho que você precise deste vestido, mas como Matthew comprou para você, trate de cuidar bem dele. Tem um laçarote de cabelo que a senhora Lynde deixou para você. É marrom, para combinar com o vestido. Agora, venha, sente-se.

– Não vejo como poderei comer o café da manhã – disse Anne extasiada.

– O café da manhã parece uma enorme banalidade em um momento entusiasmante como este. Prefiro banquetear o vestido com meus olhos. Fico muito contente que as mangas bufantes ainda estejam na moda. Parecia-me que eu jamais conseguiria suportar se elas saíssem de moda antes que eu pudesse ter um vestido com elas. Nunca me senti tão satisfeita, sabe. E foi adorável da parte da senhora Lynde também me dar o laçarote. Sinto que de fato eu deveria passar a ser uma menina muito bem-comportada. É em momentos como este que lamento o fato de eu não ser uma menininha modelo, e sempre decido que no futuro serei uma. Mas de algum modo é difícil cumprir com suas decisões quando surgem tentações irresistíveis. Ainda assim, depois disto, farei um esforço adicional.

Quando o café da manhã terminou, Diana apareceu, atravessando a ponte de troncos coberta de neve na ravina, uma figurinha alegre com seu sobretudo de lã escarlata. Anne desceu voando a inclinação para encontrá-la.

– Feliz Natal, Diana! E oh, que Natal maravilhoso. Tenho uma coisa esplêndida para lhe mostrar. O Matthew me deu o mais adorável vestido que há, com *umas* mangas... Eu não conseguiria imaginar algo melhor.

– Eu tenho algo a mais para você – disse ofegante Diana. – Aqui... esta caixa. A tia Josephine nos mandou uma caixa enorme cheia de coisas dentro... e isto é para você. Eu teria trazido para você ontem à noite, mas a caixa só chegou depois que já estava muito escuro, e agora nunca me sinto muito cômoda de atravessar a Mata Assombrada no escuro.

Anne abriu a caixa e espiou dentro dela. Primeiro, viu um cartão em que estava escrito “Para a menina Anne, e Feliz Natal”; em seguida, viu um par das mais refinadas sapatilhas de criança, com contas na ponta e laços de cetim e fivelas cintilantes.

– Oh – disse Anne – Diana, isso é um exagero. Devo estar sonhando.

– E eu digo que é providencial – respondeu Diana. – Agora, você não vai ter que pegar emprestado as sapatilhas da Ruby, e isso é uma benção, pois elas são dois números maiores do que o seu, e seria horrível ouvir uma fada arrastando as sapatilhas. Josie Pye ficaria encantada. Não sei se você sabe, mas Rob Wright voltou para casa com Gertie Pye do ensaio na noite de anteontem. Já viu algo que se compare a isso?

Todos os estudantes de Avonlea estavam frenéticos de entusiasmo naquele dia, pois o auditório precisava ser decorado, e seria feito um grande ensaio final.

O concerto foi realizado à noite, e foi um sucesso retumbante. O pequeno auditório estava lotado; todos os intérpretes se saíram muitíssimo bem, mas Anne foi a estrela mais brilhante da noite, e até mesmo a inveja, na forma de Josie Pye, não ousou negar.

– Oh, não foi uma noite brilhante? – suspirou Anne, quando tudo havia acabado, e ela e Diana voltavam juntas para casa sob um céu escuro e estrelado.

– Tudo correu muito bem – disse Diana de modo prático. – Acho que arrecadamos cerca de 10 dólares. E o senhor Allan vai mandar um relato do concerto para os jornais de Charlottetown.

– Oh, Diana, será que realmente veremos nossos nomes impressos? Fico emocionada só de pensar. Seu solo foi perfeitamente elegante, Diana. Senti-me mais orgulhosa do que você quando pediram bis. Eu simplesmente disse a mim mesma: “É a minha querida amiga do peito quem está recebendo esta honra”.

– Bem, os textos que você recitou fizeram as pessoas aplaudirem de pé, Anne. Aquele triste então foi simplesmente esplêndido.

– Oh, eu estava nervosa demais, Diana. Quando o senhor Allan chamou o meu nome, eu de fato não sei lhe dizer como consegui subir naquele tablado. Senti-me como se um milhão de olhos estivessem olhando para mim e por dentro de mim ao mesmo tempo e, por um instante pavoroso, tive a certeza de que sequer conseguiria começar a recitar. Depois, pensei nas minhas adoráveis mangas bufantes e criei coragem. Eu sabia que deveria fazer jus

àquelas mangas, Diana. Então, comecei, e minha voz parecia vir de um lugar muito distante. Simplesmente me senti como um papagaio. Foi providencial eu ter ensaiado tanto aqueles textos na mansarda, ou eu jamais teria conseguido chegar até o fim. Meus gemidos foram bons?

– Sim, de fato você gemeu de modo adorável – garantiu Diana.

– Eu vi a velha senhora Sloane enxugando lágrimas quando me sentei. Foi esplêndido pensar que eu tocara o coração de alguém. É muito romântico fazer parte de um concerto, não é? Oh, de fato tratou-se de uma ocasião deveras memorável.

– E não foram bons os diálogos dos garotos? – comentou Diana. – O Gilbert Blythe estava simplesmente esplêndido. Anne, acho de fato que é muita maldade o modo como você trata o Gil. Espere só eu lhe contar. Quando você correu para fora do tablado depois do diálogo da fada, uma das rosas caiu do seu cabelo. Eu vi o Gil pegá-la e colocá-la no bolso da camisa dele. Pronto. Você é tão romântica que tenho certeza de que vai gostar disso.

– Não tenho nada a ver com o que faz essa pessoa – disse Anne com altivez. – Simplesmente não desperdiço um pensamento sequer com ele, Diana.

Naquela noite, Marilla e Matthew, que haviam saído para ir a um concerto pela primeira vez em vinte anos, sentaram-se por algum tempo diante da lareira da cozinha depois que Anne já tinha ido para a cama.

– Bem acho que nossa Anne se saiu tão bem quanto qualquer um dos outros – disse Matthew com orgulho.

– Sim, é verdade – admitiu Marilla. – Ela é uma criança inteligente, Matthew. E estava muito bonita também. Eu meio que andei me opondo a toda essa ideia do concerto, mas presumo que no fim das contas não haja nada de mal nisso. De todo o modo, fiquei orgulhosa de Anne hoje à noite, mas não direi isso a ela.

– Bem, eu fiquei orgulhoso dela, e de fato falei isso antes de ela subir para dormir – disse Matthew. – Qualquer dia desses temos que ver o que podemos fazer por ela, Marilla. Acho que ela, mais cedo ou mais tarde, vai precisar de algo além da escola de Avonlea.

– Temos tempo o bastante para pensar nisso – retrucou Marilla. – Em março ela completa apenas 13 anos. Mas hoje à noite me dei conta de que ela está realmente ficando grande. A senhora Lynde fez aquele vestido um pouquinho longo demais, e ele faz Anne parecer muito alta. Ela aprende rápido, e acho que a melhor coisa que podemos fazer por ela é mandá-la para

a Queen's daqui a algum tempo. Mas nada precisa ser dito ainda sobre isso por um ou dois anos.

– Bem, não fará mal ficar pensando nessa ideia de vez em quando – falou Matthew. – Coisas desse tipo têm que ser bem pensadas.

Caixa de madeira usada para guardar lenha que tem um encosto que a transforma em um banco quando fechada. (N. T.)



O CLUBE DE CONTOS SE FORMA

A juventude de Avonlea custou a voltar para a monotonia da existência. Para Anne em especial, as coisas se afiguravam fastidiosas, fúteis e vãs⁵¹ depois do cálice de entusiasmo do qual ela bebera por semanas. Seria ela capaz de voltar aos antigos tranquilos prazeres daqueles dias distantes antes do concerto? A princípio, conforme disse à Diana, ela de fato achava que não.

– Tenho certeza absoluta, Diana, de que a vida jamais poderá ser a mesma que era naqueles vetustos dias – disse ela com pesar, como se estivesse se referindo a um passado de pelo menos cinquenta anos. – Talvez depois de algum tempo eu me acostume, mas receio que os concertos estragam a visão que as pessoas têm do cotidiano. Presumo que é por isso que a Marilla é contra eles. Marilla é uma mulher sensata demais. Deve ser muito melhor ser sensata, ainda assim, acho que eu de fato não gostaria de ser uma pessoa sensata, pois elas não são nada românticas. A senhora Lynde diz que não corro o risco de me tornar sensata, mas que também não dá para saber com certeza. Agora mesmo, sinto que eu talvez ainda me torne sensata quando crescer. Mas talvez seja só cansaço. Simplesmente custei muitíssimo a dormir ontem à noite. Fiquei deitada e acordada recapitulando o concerto na minha mente. Isso é uma característica esplêndida desses eventos: é adorável demais ficar os relembrando.

No entanto, por fim, a escola de Avonlea voltou ao seu ritmo normal, e retomou seus antigos interesses. Dito isso, o concerto deixou certos rastros. Ruby Gillis e Emma White, que haviam discutido sobre uma questão de precedência nos seus assentos no tablado, já não dividiam a mesma carteira, e uma promissora amizade de três anos foi rompida. Josie Pye e Julia Bell ficaram “de mal” por três meses, porque Josie Pye dissera a Bessie Wright que a medida que Julia Bell fez quando se levantou para recitar fez com que ela se lembrasse de uma galinha ciscando, e Bessie contou isso a Julia. Ninguém da família Sloane se relacionaria com a família Bell, porque os

Bell haviam declarado que os Sloane tiveram uma participação excessiva no programa, e os Sloane replicaram que os Bell não eram capazes nem de fazer direito o pouco que lhes cabia. Finalmente, Charlie Sloane brigou com Moody Spurgeon MacPherson,⁵² porque Moody Spurgeon havia dito que Anne Shirley recitou de modo pretensioso, e Moody Spurgeon levou um “murro”, consequentemente, a irmã de Moody Spurgeon, Ella May, ficara “de mal” com Anne Shirley pelo resto do inverno. Com exceção desses atritos sem importância, os trabalhos no pequeno reino da senhorita Stacy prosseguiram com regularidade e tranquilidade.

As semanas do inverno passaram rápido. Foi um inverno atipicamente ameno, com tão pouca neve que Anne e Diana puderam ir para a escola quase todos os dias pela Trilha das Bétulas. No dia do aniversário de Anne, elas caminhavam tranquilas pela trilha, mantendo olhos e ouvidos alertas em meio à sua conversa, pois a senhorita Stacy lhes dissera que em breve teriam que escrever uma redação sobre “Uma caminhada invernal pela mata”, portanto, elas deveriam ficar atentas.

– Imagine só, Diana, hoje completo 13 anos – comentou Anne com uma voz de assombro. – Mal consigo me dar conta de que já sou adolescente. Quando acordei hoje de manhã, parecia-me que tudo deveria estar diferente. Já faz um mês que você completou 13 anos, então, presumo que para você isso não pareça a novidade que parece para mim. Isso faz a vida parecer bem mais interessante. Daqui a dois anos já vou estar crescida. É um grande alívio saber que poderei falar palavras difíceis sem que as pessoas riam de mim.

– Ruby Gillis diz que tem a intenção de arrumar um pretendente assim que fizer 15 anos – disse Diana.

– Ruby Gillis não pensa em nada além de pretendentes – retrucou Anne com desdém. – Apesar de fingir muita irritação, ela adora quando escrevem o nome dela naqueles avisos no pórtico. Mas receio que meu comentário tenha sido pouco amável. A senhora Allan diz que jamais devemos fazer comentários pouco amáveis, mas eles acabam saindo sem querer antes que você se dê conta, não é mesmo? Simplesmente não consigo falar da Josie Pye sem fazer um comentário pouco amável; então, simplesmente sequer falo dela. Você já deve ter percebido isso. Estou tentando ser o tanto quanto posso como a senhora Allan, pois acho que ela é perfeita. O senhor Allan também acha isso. A senhora Lynde diz que ele venera o chão que ela pisa, e que ela não acha certo que um pastor devote tanto assim de sua afeição a uma criatura mortal. Mas, Diana, até os pastores são humanos, e também têm pecados que o rodeiam,⁵³ assim como todos nós. Tive uma conversa muito interessante com a senhora Allan sobre pecados que nos rodeiam na última tarde de domingo. Tem algumas coisas que é adequado discutir aos domingos, e esta é uma delas. O pecado que me rodeia é imaginar demais e me esquecer de minhas tarefas. Estou me esforçando muito para lutar contra isso, e agora que de fato tenho 13 anos, talvez consiga fazer isso de um modo melhor.

– Daqui a quatro anos, poderemos fazer penteados *pompadour* – comentou Diana. – A Alice Bell tem só 16 e já usa o cabelo assim, mas acho ridículo. Vou esperar até completar 17 anos.

– Se eu tivesse o nariz torto da Alice Bell – disse Anne com determinação –, eu não faria esse penteado... mas chega! Não vou dizer o que eu tencionava, pois não era nada amável. Além do mais, estava comparando o nariz dela com o meu, e isso é vaidade. Receio que penso demais no meu nariz desde que recebi aquele elogio faz muito tempo. De fato, é algo muito

reconfortante para mim. Oh, Diana, olhe, lá vai um coelho. Temos que nos lembrar disso para a redação sobre a mata. Eu de fato acho que a mata é tão adorável no inverno quanto no verão. Ela fica muito quieta e branca, como se estivesse dormindo e tendo sonhos lindos.

– Não vou me importar nem um pouco de escrever essa redação quando a hora chegar – suspirou Diana. – Posso muito bem escrever sobre a mata, mas a redação que temos de entregar segunda-feira é terrível. Que ideia da senhorita Stacy nos mandar inventar uma história de nossas próprias cabeças!

– Ora, é fácil como piscar os olhos – disse Anne.

– É fácil para você, que tem imaginação – retrucou Diana –, mas o que faria se tivesse nascido sem imaginação? Presumo que já tenha terminado a sua redação, não é?

Anne assentiu, esforçando-se para não parecer muito autocomplacente, mas fracassando por completo.

– Escrevi na noite da segunda-feira passada. O título é “O rival ciumento; ou não separados pela morte”. Eu a li para Marilla, e ela disse que era bobagem e um disparate. Depois, li para o Matthew, e ele disse que estava boa. É desse tipo de crítico que gosto. É uma história triste e doce. Chorei feito um bebê enquanto escrevia. É sobre duas donzelas chamadas Cordelia Montmorency e Geraldine Seymour, que moravam no mesmo vilarejo e eram devotamente ligadas uma à outra. Cordelia era uma morena majestosa com um diadema de cabelos com o tom da meia-noite, olhos escuros e bruxuleantes. Geraldine era uma loura régia com cabelos como fios de ouro e suaves olhos violeta.

– Jamais vi alguém com olhos violeta – disse Diana incrédula.

– Nem eu. Simplesmente imaginei isso. Queria algo que não fosse comum. Geraldine também tinha um cenho de alabastro. Descobri o que é um cenho de alabastro. Essa é uma das vantagens de se ter 13 anos. Você sabe muito mais coisas do que quando tinha apenas 12.

– Bem, e o que aconteceu com Cordelia e Geraldine? – perguntou Diana, que estava começando a ficar muito interessada no destino das personagens.

– Elas ficaram mais bonitas e unidas até completarem 16 anos. Então, Bertram Devere chegou ao vilarejo natal delas e se apaixonou pela loura Geraldine. Ele salvou a vida dela quando o cavalo dela saiu em disparada fugido com ela em um coche, e ela desmaiou nos braços dele, e ele a carregou até em casa por quase cinco quilômetros; porque, entende, o coche

ficou todo destruído. Custei muito a imaginar o pedido de casamento, pois não tenho experiência para me guiar. Perguntei à Ruby Gillis se ela sabia alguma coisa sobre como os homens fazem pedidos de casamento, porque pensei que era provável que ela fosse uma autoridade no assunto, pois tem muitas irmãs casadas. Ruby contou-me que estava escondida na despensa da sala principal quando Malcolm Andres pediu sua irmã Susan em casamento. Ela disse que Malcolm contara à Susan que o pai dele lhe dera a fazenda e a passara para o nome dele, e depois disse: “O que você acha, meu amor, de nos casarmos este outono?”. E Susan disse: “Sim... não... não sei... deixe-me ver... e assim foi, eles ficaram noivos rápido assim. Mas não achei que esse pedido foi lá muito romântico, então, no fim das contas, tive que imaginar da melhor maneira que pude. Escrevi o pedido de modo muito floreado e poético, e Bertram ficou de joelhos, apesar de Ruby Gillis dizer que já não se faz mais isso hoje em dia. Geraldine aceitou o pedido com uma fala que ocupou uma página inteira. Posso lhe garantir que me esforcei muito para escrever essa fala. Reescrevi-a cinco vezes, e considero-a minha obra-prima. Bertram deu a ela um anel de diamantes e um colar de rubis, e disse a ela que eles iriam para a Europa em uma turnê de casamento, pois era extremamente abastado. Mas então, ai deles, sombras começaram a escurecer o seu caminho. Cordelia estava secretamente apaixonada por Bertram, e quando Geraldine contou a ela sobre o noivado, ela simplesmente ficou furiosa, principalmente quando viu o anel de diamantes e o colar de rubis. Toda a afeição dela por Geraldine se transformou em ódio amargo, e jurou que ela jamais se casaria com Bertram. Mas fingiu que ainda sentia por Geraldine a mesma amizade de antes. Certa noite, elas estavam em uma ponte que cruzava um rio rápido e turbulento, e Cordelia, pensando que estavam a sós, empurrou Geraldine da ponte com uma desvairada risada de escárnio: “Ha, ha, ha.” Mas Bertram viu tudo e imediatamente mergulhou na correnteza, exclamando: “Eu a salvarei, minha ímpar Geraldine.” Mas, ai dele, que havia se esquecido de que não sabia nadar, e os dois se afogaram abraçados. Logo depois, os corpos deles foram parar na beira do rio. Foram enterrados na mesma sepultura, e o funeral foi deveras imponente, Diana. É muito mais romântico terminar uma história com um funeral do que com um casamento. Quanto a Cordelia, ela ficou louca de remorso e foi internada em um sanatório. Acho que essa foi uma punição poética para o crime cometido por ela.

– Que perfeitamente adorável! – suspirou Diana, que era da mesma escola de críticos que Matthew. – Não entendo como você pode inventar coisas tão emocionantes assim da sua própria cabeça, Anne. Queria que minha imaginação fosse tão boa quanto a sua.

– Ela seria, se você ao menos a cultivasse – disse Anne com alegria. – Acabei de pensar em um plano, Diana. Nós duas podemos fazer um clube de contos só nosso, e escrever histórias para praticar. Ajudarei você até que você consiga escrever sozinha as suas histórias. Você devia cultivar a sua imaginação, sabe. É o que diz a senhorita Stacy. Só que temos que tomar o rumo certo. Conteí a ela sobre a Mata Assombrada, mas ela me disse que tomamos o rumo errado com essa história.

E foi assim que o clube dos contos passou a existir. A princípio, estava limitado a Diana e Anne, mas logo passou a incluir Jane Andrews e Ruby Gillis e mais uma ou duas meninas que achavam que suas imaginações deveriam ser cultivadas. Era proibida a entrada de meninos, apesar de Ruby Gillis ter opinado que a entrada deles tornaria tudo mais emocionante, e cada membro tinha que escrever uma história por semana.

– É extremamente interessante – disse Anne para Marilla. – Cada menina tem que ler sua história em voz alta, e depois fazemos uma discussão. Vamos guardá-las como se fossem sagradas, e depois as leremos para nossos descendentes. Todas escrevemos usando pseudônimos. O meu é Rosamond Montmorency. Todas as garotas se saem muito bem. A Ruby Gillis é sentimental demais. Ela inclui muitos galanteios nas histórias dela, e você sabe que galanteios em demasia são piores do que a falta deles. Jane nunca inclui nenhum, pois diz que se sente ridícula quando tem que ler as histórias em voz alta. As histórias da Jane são extremamente prudentes. E a Diana inclui assassinatos demais nas dela. Ela diz que na maioria das vezes não sabe o que fazer com os personagens, então os mata para se livrar deles. Eu quase sempre tenho que dizer a elas sobre qual assunto devem escrever, mas isso não é difícil, pois tenho milhões de ideias.

– Acho que esse negócio de escrever histórias é a maior bobagem de todas até agora – zombou Marilla. – Vocês vão encher suas cabeças de disparates, e perder tempo que deveria ser gasto estudando as lições da escola. Ler histórias já é ruim o bastante, mas escrevê-las é pior ainda.

– Mas tomamos muito cuidado de incluir uma moral em todas as histórias, Marilla – explicou Anne. – Eu insisto nisso. Todos os personagens bons são recompensados, e os ruins são devidamente castigados. Estou certa de que

isso deve ter um efeito saudável. A moral é a grande coisa por trás das histórias. O senhor Allan é quem diz isso. Li um dos meus contos para ele e para a senhora Allan, e ambos concordaram que a moral era excelente. E a única coisa é que eles riram nas partes erradas. Prefiro quando as pessoas choram. Jane e Ruby quase sempre choram quando chego nas partes patéticas. Diana escreveu para a tia Josephine sobre o nosso clube, e ela escreveu de volta dizendo que deveríamos mandar para ela alguns de nossos contos. Então, copiamos quatro dos melhores e mandamos para ela. A senhorita Josephine Barry escreveu de volta dizendo que jamais havia lido algo tão divertido em toda a vida. Isso meio que nos deixou intrigadas, pois todas as histórias eram muito patéticas, e nelas quase todos os personagens morriam. Mas fico feliz que a senhorita Barry tenha gostado delas. Isso demonstra que nosso clube está fazendo algo de bom neste mundo. A senhora Allan diz que esse deve ser nosso objetivo em tudo o que fazemos. Eu de fato tento fazer desse o meu objetivo, mas me esqueço disso com frequência quando estou me divertindo. Tenho esperanças de ser um pouco como a senhora Allan quando eu crescer. Você acha que há alguma chance de isso acontecer, Marilla?

– Acho que não muita. – Foi a resposta encorajadora de Marilla. – Tenho certeza de que a senhora Allan jamais foi uma menina tão boba e distraída quanto você.

– Não, mas ela tampouco sempre foi tão boa quanto é hoje – disse Anne com seriedade. – Foi ela mesma quem me disse isso... quero dizer, ela disse que era terrivelmente levada quando criança, e que estava sempre se metendo em encrencas. Fiquei muito animada quando ouvi isso. Será muita maldade minha, Marilla, ficar animada quando ouço que outras pessoas foram levadas e malcomportadas? A senhora Lynde diz que sim. A senhora Lynde diz que sempre fica chocada quando fica sabendo que alguém foi malcriado, mesmo que seja uma malcriação pequena. A senhora Lynde diz que uma vez ouviu um pastor confessar que, quando era menino, roubou uma tortinha de morango da despensa de sua tia, e ela jamais tornou a ter respeito por aquele pastor. Já eu não teria me sentido assim. Eu teria pensado que era muito nobre dele confessar, e pensaria também em como aquilo era uma coisa animadora para menininhos que hoje fazem malcriações e depois se arrependem, saberem que talvez se tornem pastores quando crescerem apesar disso. É assim que eu me sentiria, Marilla.

– O modo como me sinto agora, Anne – falou Marilla –, é que já passou da hora de você ter terminado de lavar esta louça. Você levou meia hora a mais do que deveria, com toda essa tagarelice. Aprenda a fazer as tarefas primeiro e falar depois.

Alusão a *Hamlet*, ato 1, cena 2, versos 133-134: “Como se me afiguram fastidiosas, fúteis e vãs as coisas deste mundo!”. (N. T.)

Nome em homenagem a dois pregadores muito famosos à época nos Estados Unidos e Canadá: Dwight Lyman Moody (1837-1899) e Charles Haddon Spurgeon (1834-1892). (N. T.)

Referência a Hebreus, 12:1: “Portanto, nós também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta.” (N. T.)



VAIDADE E VEXAÇÃO DE ESPÍRITO

Marilla, voltando para casa em uma noite do final de abril depois de uma reunião da Associação de Caridade, se deu conta de que o inverno havia terminado com o emocionante prazer que a primavera nunca deixa de dar tanto aos mais velhos e mais tristes quanto aos mais jovens e mais felizes. Marilla não era dada a análises subjetivas de seus pensamentos e sentimentos. Ela provavelmente imaginava que estava pensando nas senhoras da Associação de Caridade e nas caixas de doações para os missionários e no novo carpete da sacristia, mas sob essas reflexões havia uma consciência harmoniosa de campos vermelhos exalando névoa de um roxo claro ao pôr do sol, de longas e pontudas sombras de abetos caindo sobre o bosque depois do riacho, de imóveis bordos repletos de botões carmesim em volta de um charco que os refletia como um espelho, de acordar no mundo com um alvoroço de vibrações ocultas sob a céspede cinza. A primavera espalhara-se pela terra, e a passada sóbria e de meia-idade de Marilla era mais leve e mais rápida por conta desta alegria profunda e primeva.

Seus olhos se fixaram afetuosamente em Green Gables, espiando por entre as árvores e refletindo a luz do sol que batia nas suas janelas em várias pequenas coruscações de glória. Marilla, enquanto passava a andar mais rápido pela trilha úmida, pensou que de fato era uma satisfação saber que ia para casa encontrar um fogo que estalava energicamente e uma mesa bem posta para o chá, em vez de ir para o frio conforto das antigas noites de reuniões da Associação de Caridade antes de Anne ter chegado em Green Gables.

Consequentemente, quando Marilla entrou na cozinha e viu que o fogo estava apagado, e que não havia sinal nenhum de Anne em qualquer lugar, ela com razão se sentiu decepcionada e irritada. Ela dissera a Anne que se

certificasse de deixar o chá pronto às cinco da tarde, mas agora ela precisaria se apressar para tirar seu segundo melhor vestido e preparar a refeição antes que Matthew voltasse depois de arar o campo.

– Vou dar um jeito em Anne assim que ela voltar para casa – disse Marilla com tristeza, enquanto talhava gravetos com um trinchante e com mais vigor do que era estritamente necessário. Matthew chegara em casa e estava pacientemente esperando pelo chá em seu canto.

– Ela está vadiando por aí com Diana, escrevendo contos ou ensaiando diálogos ou alguma outra baboseira desse tipo, sem jamais pensar sequer uma vez no horário ou em suas tarefas. Ela simplesmente precisa ser repreendida de forma curta e repentina em relação a isso. Não me importo que a senhora Allan diga que ela é a criança mais inteligente e doce que já conheceu. Ela pode até ser inteligente e doce o bastante, mas a cabeça dela é repleta de disparates, e nunca se sabe que forma eles vão tomar quando tornarem a irromper. Assim que ela supera uma fixação, logo arruma outra. Pronto! Lá vou eu dizendo exatamente a mesma coisa que me deixou muito irritada com a Rachel Lynde quando ela disse isso hoje na Associação de Caridade. Fiquei de fato muito feliz quando a senhora Allan defendeu Anne, pois se ela não tivesse feito isso, sei que eu acabaria dizendo algo severo demais para a Rachel diante de todos. Anne tem muitos defeitos, Deus sabe disso, e estou longe de negar isso. Mas sou eu quem a está criando, e não Rachel Lynde, que acharia defeitos no próprio anjo Gabriel caso ele morasse em Avonlea. De qualquer modo, Anne não tem nada que sair de casa desse jeito depois que eu disse a ela que ficasse em casa esta tarde e cuidasse das coisas. Devo dizer que, apesar de todos os defeitos dela, nunca a vi ser desobediente ou não confiável antes, e lamento muito que agora esteja agindo assim.

– Bem, eu não sei – disse Matthew, que, sendo paciente e sábio e, acima de tudo, faminto, havia julgado que seria melhor deixar Marilla desabafar sua ira livremente, tendo aprendido por experiência que ela terminava mais rápido qualquer tarefa que tinha que fazer sem ser incomodada por uma discussão inoportuna. – Talvez você esteja sendo apressada demais em seu julgamento, Marilla. Não diga que ela não é confiável até que tenha certeza de que ela lhe desobedeceu. Talvez tudo tenha uma explicação... Anne é ótima em dar explicações.

– Ela não está aqui depois que eu lhe disse para ficar em casa – retrucou Marilla. – Acho que ela vai achar difícil dar a *isso* uma explicação que me

satisfaça. E é óbvio que eu sabia que você ficaria do lado dela, Matthew. Mas sou eu quem a crio, e não você.

Já estava escuro quando o jantar ficou pronto, e ainda não havia sinal de Anne, cruzando apressada a ponte de troncos ou a Trilha dos Amantes, ofegante e arrependida, com uma sensação de ter negligenciado suas tarefas. Marilla lavou e guardou a louça com tristeza. Em seguida, buscando uma vela para iluminar seu caminho até o porão, subiu até o frontão leste para buscar a vela que geralmente ficava na mesa de Anne. Acendendo-a, virou-se e encontrou Anne deitada na cama, de cara virada para os travesseiros.

– Misericórdia – disse a espantada Marilla –, você estava dormindo, Anne?

– Não. – Foi a resposta abafada.

– Então, está se sentindo mal? – indagou ansiosamente Marilla, indo até a cama.

Anne afundou-se mais ainda nos travesseiros, como se desejasse se esconder eternamente dos olhos dos mortais.

– Não. Mas, por favor, Marilla, vá embora e não olhe para mim. Estou nas profundezas do desespero, e já não me importa quem é o melhor aluno da classe, ou quem escreve a melhor redação, ou quem canta no coral da escola dominical. Coisas pequenas desse tipo não têm importância agora, pois presumo que jamais poderei tornar a ir a qualquer lugar. Minha carreira foi encerrada. Por favor, Marilla, vá embora, e não olhe para mim.

– Onde já se viu uma coisa dessas? – Quis saber a desconcertada Marilla. – Anne Shirley, o que houve com você? O que você fez? Levante neste instante e me diga. Neste instante, estou dizendo. Pronto, o que foi que ouviu?

Anne escorregara para fora da cama em desalentada obediência.

– Olhe só para o meu cabelo, Marilla – sussurrou ela.

Portanto, Marilla ergueu sua vela e olhou detidamente para o cabelo de Anne, que cujas mechas grandes desciam pelas costas dela. Ele de fato tinha uma aparência estranha.

– Anne Shirley, o que você fez com seu cabelo? Ora, ele está *verde*!

Aquela cor até poderia ser chamada de verde, caso fosse uma cor deste mundo: era um verde-bronze estranho e sem brilho, com mechas aqui e ali do vermelho original para aumentar o efeito espantoso. Nunca na vida Marilla vira algo tão grotesco quanto o cabelo de Anne naquele momento.

– Sim, está verde – gemeu Anne. – E eu achava que nada podia ser pior do que cabelos vermelhos. Mas agora sei que é dez vezes pior ter os cabelos verdes. Oh, Marilla, você mal sabe como estou completamente infeliz.

– Mal sei como você conseguiu fazer isso, mas tenho a intenção de descobrir – asseverou Marilla. – Desça já para a cozinha – está muito frio aqui em cima –, e conte-me exatamente o que você fez. Já faz algum tempo que estou esperando que algo de estranho aconteça. Faz dois meses que você não se mete em nenhuma encrenca, e eu sabia que uma nova estava por vir. Então, o que fez com o seu cabelo?

– Pinte ele.

– Pintou?! Pintou seu cabelo?! Anne Shirley, você não sabia que isso era uma coisa péssima de se fazer?

– Sim, sabia que era um pouquinho ruim – confessou Anne. – Mas achei que valeria a pena ser um pouquinho ruim para me livrar dos cabelos vermelhos. Sopesei o custo, Marilla. Além disso, pensei em me comportar extremamente bem de outros modos para compensar.

– Bem – disse Marilla com sarcasmo –, se eu decidisse que valia a pena pintar o meu cabelo, eu o teria pintado de uma cor decente pelo menos. Não o teria pintado de verde.

– Mas minha intenção não era pintá-lo de verde, Marilla – reclamou Anne com aflição. – Se era para fazer algo de errado, eu queria fazer por um bom motivo. Ele disse que isso ia deixar meu cabelo com um lindo tom de preto como os corvos... ele definitivamente me garantiu que era isso o que ia acontecer. Como eu poderia duvidar da palavra dele, Marilla? Sei bem como é a sensação de alguém duvidar de sua palavra. E a senhora Allan diz que jamais devemos suspeitar que alguém não esteja falando a verdade, a não ser que tenhamos provas disso. Agora eu tenho provas... cabelos verdes são prova o bastante para qualquer um. Mas eu não tinha provas antes, e acreditei em cada palavra dele *implicitamente*.

– Quem disse isso? Do que está falando?

– Do caixeiro-viajante que esteve aqui esta tarde.

– Anne Shirley, quantas vezes eu já não lhe disse para nunca deixar esses italianos entrarem em casa?! Não acredito nem um pouco que deveríamos estimulá-los a vir para essas bandas.

– Oh, não o deixei entrar em casa. Lembrei-me do que você disse e saí, fechei a porta com cuidado e olhei as coisas que ele tinha dos degraus. Além disso, ele não era italiano... era um judeu alemão. Ele tinha uma caixa

enorme cheia de coisas muito interessantes, e me disse que estava trabalhando duro para poder trazer a esposa e os filhos da Alemanha. Ele falou deles com tanto sentimento que tocou meu coração. Eu quis comprar alguma coisa para ajudá-lo a cumprir com aquele objetivo louvável. Então, de repente, vi a garrafa de tintura para cabelos. O caixeiro-viajante disse que a tintura coloriria de um tom lindo de preto como os corvos qualquer cabelo, e que não sairia depois de lavar. E em um instante eu me vi com um lindo cabelo negro como os corvos, e a tentação foi irresistível. Mas o preço da garrafa era 75 centavos, e só restavam 50 centavos das minhas economias. Eu acho que o caixeiro-viajante tinha um coração muito bom, pois ele me disse que, como era para mim, me venderia a tintura por 50 centavos, e isso era quase dar de graça. Então, eu comprei, e assim que ele foi embora eu subi aqui e passei a tintura com uma escova velha, conforme mandavam as instruções. Usei a garrafa toda, e, oh, Marilla, quando vi a cor terrível com que meu cabelo tinha ficado, me arrependi da minha atitude ruim, eu lhe garanto. E estou arrependida desde então.

– Espero que o seu arrependimento renda bons frutos – asseverou Marilla –, e que você tenha aberto os seus olhos para as consequências da sua vaidade, Anne. Deus sabe o que teremos de fazer agora. Presumo que a primeira coisa a fazer seja dar uma boa lavada no seu cabelo para ver se adianta de alguma coisa.

Portanto, Anne lavou os cabelos, esfregando-os com vontade com sabão e água, mas fez tão pouca diferença que parecia até que ela só tinha conseguido lavar mais ainda o vermelho original dos cabelos. O caixeiro-viajante certamente falara a verdade quando disse que a tinta não sairia lavando, apesar de a veracidade dele poder ser refutada em relação a outros aspectos.

– Oh, Marilla, o que farei? – indagou Anne chorando. – Jamais conseguirei superar isso. As pessoas há tempo já se esqueceram dos meus outros erros: o bolo de linimento, a embriaguez da Diana e o escândalo com a senhora Lynde. Mas jamais se esquecerão disso. Pensarão que não sou respeitável. Oh, Marilla, “que teia embaraçada tecemos quando começamos a mentir”.⁵⁴ Isso é o verso de um poema, mas é verdade. E, oh, como Josie Pye vai rir! Marilla, *não posso* encarar a Josie Pye. Sou a menina mais infeliz na ilha do Príncipe Edward.

A infelicidade de Anne prosseguiu por uma semana. Durante esse tempo, ela não saiu de casa e lavou os cabelos com xampu todos os dias. Entre as

pessoas que não eram de casa, somente Diana sabia do fatal segredo, mas prometeu solenemente jamais contar a ninguém, e pode-se afirmar aqui e agora que ela cumpriu com a sua palavra. Ao final da semana, Marilla disse com determinação:

– Não adianta, Anne. Essa tinta pegou como nenhuma outra. Seu cabelo tem que ser cortado. Você não pode sair de casa com ele desse jeito.

Os lábios de Anne tremeram, mas ela se deu conta da verdade amarga dos comentários de Marilla. Com um suspiro funesto, foi pegar a tesoura.

– Por favor, corte isso já, Marilla, e vamos acabar com isso. Oh, sinto que meu coração está partido. Que aflição nada romântica essa... As garotas nos livros perdem os cabelos por conta de um frenesi, ou vendem-nos para conseguir dinheiro para uma boa causa, e tenho certeza de que não me importaria tanto se estivesse perdendo os cabelos por algum desses motivos. Mas não há nada de consolador em ter os cabelos cortados porque você os pintou de uma cor horrível, não é? Se eu não for atrapalhar, ficarei chorando o tempo todo enquanto você corta. Parece-me deveras trágico.

Naquele momento, Anne chorou, mas mais tarde, quando foi para o andar de cima e se olhou no espelho, estava calma, porém desalentada. Marilla fizera um trabalho minucioso, e fora necessário cortar o cabelo o mais rente possível. O resultado não foi lá muito atraente, falando da maneira mais gentil possível. Anne imediatamente virou o espelho contra a parede.

– Jamais, jamais tornarei a olhar para mim mesma até que o meu cabelo tenha crescido – exclamou ela entusiasticamente.

Então, ela subitamente voltou a virar o espelho.

– Sim, na verdade, vou olhar para o meu reflexo. Esta será minha penitência pela minha atitude ruim. Vou olhar para o meu reflexo sempre que entrar no quarto, e vou ver o quão feia estou. E tampouco tentarei me imaginar de um modo diferente. De todas as coisas, jamais pensei que me envaidecia do meu cabelo, mas agora sei que sim, apesar de ele ser vermelho, porque ele era muito comprido, basto e encaracolado. Acho que em seguida vai acontecer alguma coisa com o meu nariz.

A cabeça raspada de Anne provocou um *frisson* na escola na segunda-feira seguinte, mas, para o alívio de Anne, ninguém adivinhou o motivo real do corte, nem mesmo Josie Pye, que, no entanto, não deixou de informar a Anne que ela estava igualzinha a um espantalho.

– Não respondi nada quando a Josie disse isso para mim – confidenciou Anne naquela noite para Marilla, que estava deitada no sofá por conta de

uma de suas dores de cabeça –, porque achei que era parte do meu castigo, e que eu deveria suportar isso pacientemente. É duro ouvir que você se parece com um espantalho, e eu queria retrucar. Mas não fiz isso. Simplesmente lancei para ela um olhar de desdém, e em seguida a perdoei. Sentimos-nos muito virtuosos quando perdoamos alguém, não é mesmo? Tenciono dedicar todas as minhas energias para ser boa depois disso, e jamais tornarei tentar ser bonita. É claro que é melhor ser boa. Eu sei disso, mas às vezes é muito difícil acreditar em uma coisa, mesmo que você a saiba. Realmente quero ser boa, Marilla, assim como você e a senhora Allan e a senhorita Stacy, e crescer para fazer jus à sua criação. A Diana diz que quando meu cabelo começar a crescer, eu deveria amarrar na minha cabeça uma fita de veludo preto com um aço em um dos lados. Ela diz que acha que vai ficar muito bonito. Vou chamá-lo de barrete... soa romântico demais. Mas estou falando demais, Marilla? A sua cabeça dói?

– Minha cabeça está melhor agora. Mas estava péssima esta tarde. Essas minhas dores de cabeça estão ficando cada vez piores. Vou precisar ver um médico em relação a isso. Quanto à sua tagarelice, já não sei se me importo: acostumei-me demais a ela.

O que era a maneira de Marilla dizer que gostava daquela tagarelice.

Citação do canto 6, verso 17, do poema “Marmion”, de *sir* Walter Scott. (N. T.)



UMA DESAFORTUNADA DONZELA DO LÍRIO

– É claro que é você que tem que interpretar Elaine,^{ss} Anne – disse Diana.
– Eu jamais teria a coragem de flutuar.

– Nem eu – disse Ruby Gillis com um calafrio. – Não me importo de flutuar quando há duas ou três de nós na chalana e podemos ficar sentadas. Assim é divertido. Mas ficar deitada e fingir que estou morta... eu simplesmente não conseguiria. Eu de fato morreria, mas de medo.

– É claro que seria romântico – admitiu Jane Andrews –, mas sei que não conseguiria ficar parada. Eu levantaria a cabeça a cada minuto para ver onde eu estava, e se não estaria vagueando para muito longe. E você sabe, Anne, que isso estragaria todo o efeito.

– Mas é ridículo ter uma Elaine ruiva – lamentou-se Anne. – Não tenho medo de flutuar, e adoraria interpretar Elaine. Mas é ridículo mesmo assim. Ruby é quem deveria fazer o papel de Elaine, pois ela é muito branca e tem adoráveis e compridos cabelos loiros – e Elaine usava “todo o seu lustroso cabelo solto”, sabe. E Elaine era a donzela do lírio. Ora, uma pessoa ruiva não pode ser uma donzela do lírio.

– Sua pele é tão branca quanto a da Ruby – disse Diana com franqueza –, e o seu cabelo está mais escuro do que costumava ser antes de você cortá-lo.

– Oh, você realmente acha que sim? – exclamou Anne, corando de leve prazer. – Eu já pensei a mesma coisa... mas jamais ousei perguntar a outra menina por medo de ela me dizer que não estava. Você acha que agora dá para dizer que tenho o cabelo acaju, Diana?

– Sim, e eu acho que está muito bonito – disse Diana, olhando com admiração para os sedosos e curtos cachos que se amontoavam na cabeça de Anne, os quais eram presos por uma fita muito garbosa de veludo preto com laço.

Elas estavam sentadas na margem do lago, embaixo de Orchard Slope, onde um pequeno promontório bordeado por bétulas se erguia da margem, no seu topo, havia uma pequena plataforma de madeira construída sobre a água para a conveniência de pescadores e caçadores de patos. Ruby e Jane estavam passando aquela tarde da metade do verão com Diana, e Anne viera brincar com elas.

Naquele verão, Anne e Diana haviam gastado quase todo o tempo livre dentro ou perto do lago. O Ócio Agreste ficara no passado, pois na primavera o senhor Bell havia impiedosamente cortado o pequeno círculo de árvores no pasto dos fundos de sua propriedade. Anne sentara-se em meio aos tocos e chorara, sem deixar de perceber o caráter romântico daquilo, mas foi rapidamente consolada, pois, afinal de contas, como ela mesma e Diana disseram, meninas crescidas de 13 anos, quase 14, eram velhas demais para diversões infantis como casas de brinquedo, e havia atividades mais fascinantes para serem feitas perto do lago. Era esplêndido pescar trutas sobre a ponte, e as duas meninas aprenderam sozinhas a remar na chalana que o senhor Barry deixava ali para atirar nos patos.

Foi ideia de Anne que elas encenassem a história de Elaine. Elas haviam estudado o poema de Tennyson⁵⁶ na escola no inverno anterior, pois o secretário de Educação o indicara para o currículo das aulas de Inglês das escolas da ilha do Príncipe Edward. Elas haviam analisado o conteúdo e a sintaxe do poema, o tinham dissecado em geral, até que era de se admirar que houvesse sobrado qualquer sentido no poema para elas, mas pelo menos a alva donzela do lírio e Lancelote e Guinevere e o rei Artur haviam se tornado pessoas muito concretas para elas, e Anne foi engolfada pelo arrependimento secreto de não ter nascido em Camelot. Aquela época, disse ela, era muito mais romântica do que o presente.

O plano de Anne foi recebido com entusiasmo. As meninas tinham descoberto que se a chalana fosse empurrada do cais, ela vaguearia correnteza abaixo, passando sob a ponte, e finalmente encalharia em outro promontório mais abaixo, o qual terminava em uma curva no lago. Elas haviam feito essa travessia várias vezes, e nada poderia ser mais conveniente para interpretar Elaine.

– Bem, eu faço o papel de Elaine – disse Anne, cedendo relutantemente, pois, apesar do fato de que ela teria adorado interpretar o personagem principal, seu senso artístico exigia o *physique du rôle* para tanto, e isso ela sabia que as suas limitações tornavam impossível. – Ruby, você tem que ser

o rei Artur, e Jane será Guinevere, e Diana tem que ser Lancelote. Mas, primeiro, vocês têm que interpretar o papel dos irmãos e do pai de Elaine. Não teremos o personagem do velho e burro servo porque não tem espaço para duas pessoas na chalana quando tem alguém deitado nela. Temos que cobrir a chalana toda com o mais preto samito.⁵⁷ O velho xale preto da sua mãe vai ser ideal, Diana.

Tendo sido trazido o xale preto, Anne estendeu-o sobre a chalana e deitou-se no fundo dela, de olhos fechados e com as mãos dobradas sobre o peito.

– Oh, ela de fato parece morta – sussurrou nervosamente Ruby Gillis, observando o rostinho branco e imóvel sob as sombras bruxuleantes das bétulas. – Isso está me deixando com medo, meninas. Vocês acham que é certo mesmo o que estamos fazendo? A senhora Lynde diz que toda brincadeira de faz de conta é abominavelmente perversa.

– Ruby, você não deveria falar da senhora Lynde – disse Anne com severidade. – Isso estraga o efeito, pois isso aconteceu centenas de anos antes de a senhora Lynde nascer. Jane, resolva você este assunto. É ridículo que Elaine fique falando, pois ela está morta.

Jane demonstrou estar à altura do desafio. Uma manta de ouro para cobrir a defunta não havia, mas uma manta para piano de crepe japonês amarelo era um substituto excelente. Um lírio branco não era possível de se obter naquele momento, mas o efeito de uma comprida íris azul posta em uma das mãos dobradas de Anne era tudo o que poderia ser desejado.

– Agora ela está pronta – disse Jane. – Temos que beijar as calmas sobancelhas dela, e, Diana, você diz “Irmã, adeus para sempre”, e, Ruby, você diz “Adeus, doce irmã”, as duas do modo mais triste que puderem. Anne, pelo amor de Deus, sorria de leve. Você sabe que Elaine “jazia como se sorrisse”. Assim está melhor. Agora, empurrem a chalana.

Portanto, a chalana foi empurrada, e raspou duramente sobre uma velha estaca enfiada na terra no processo. Diana e Jane e Ruby somente esperaram tempo o bastante para ver a chalana levada pela correnteza, e foram para a ponte antes de correr pela mata, cruzar a estrada e descer até o promontório mais baixo, onde, interpretando Lancelote, Guinevere e o rei, deveriam estar a postos para receber a donzela do lírio.

Por alguns minutos, Anne, vagueando devagar lago abaixo, desfrutou ao máximo do romance de sua situação. Em seguida, ocorreu algo nada romântico. A chalana começou a se encher de água. Dentro de poucos instantes, foi preciso que Elaine rapidamente ficasse de pé, recolhesse sua

manta de ouro e mortalha do mais preto samito e olhasse perplexa para uma enorme rachadura no fundo da chalana, pela qual a água entrava aos borbotões. Aquela estaca afiada no cais rasgara o revestimento de lã pregado à chalana. Anne não sabia disso, mas levou pouco tempo para se dar conta de que estava perigosamente enrascada. Nesse ritmo, a chalana encheria de água e afundaria muito antes de vaguear até o promontório mais abaixo. Onde estavam os remos? Havia sido deixados no cais!

Anne deu um ofegante gritinho que ninguém jamais ouviu, até os lábios dela ficaram exangues, mas ela não perdeu a compostura. Havia uma chance de escapar... apenas uma.

– Fiquei terrivelmente amedrontada – contou ela para a senhora Allan no dia seguinte –, e pareceu que se passaram anos enquanto a chalana vagueava em direção à ponte, e o nível da água subia a cada instante. Eu rezei, senhora Allan, com muita seriedade, mas não fechei os olhos para rezar, pois sabia que a única maneira de Deus me salvar seria deixar a chalana flutuar para perto de algum dos pilares da ponte para que eu subisse nele. A senhora sabe que os pilares são apenas troncos velhos, e que há neles vários nós e tocos de galhos antigos. Rezar era apropriado, mas eu também tinha que fazer a minha parte ficando de olho, e eu bem sabia disso. Simplesmente falei: “Querido Deus, por favor, leve a chalana para perto de algum pilar, e eu faço o resto” repetidamente. Nessas circunstâncias, você não pensa muito em fazer uma oração floreada. Mas minha prece foi atendida, pois a chalana se chocou de leve contra um pilar por um instante, e joguei o xale e a manta sobre meus ombros e subi correndo em um grande e providencial toco de galho. E lá estava eu, senhora Allan, agarrada àquele velho e escorregadio pilar, sem ter como subir ou descer. Eu estava em uma posição nada romântica, mas não pensei nisso naquela hora. Não se pensa muito em romance quando se acabou de escapar de uma sepultura subaquática. Eu disse outra prece em agradecimento, e depois concentrei toda a minha atenção em segurar firme o pilar, pois sabia que provavelmente precisaria de ajuda humana para voltar à terra firme.

A chalana vagueou sob a ponte e depois afundou rapidamente em meio à correnteza. Ruby, Jane e Diana, que já estavam esperando no promontório mais abaixo, viram a chalana desaparecer diante de seus olhos, e não tiveram dúvidas de que Anne afundara com ela. Por um instante, ficaram imóveis, brancas feito lençóis, congeladas de pavor com a tragédia; depois, dando gritos muito altos e agudos, começaram a correr freneticamente pela mata,

jamais parando enquanto atravessavam a estrada principal para ir olhar na direção da ponte. Anne, agarrada desesperadamente ao seu ponto de apoio, viu as silhuetas velozes delas e escutou os seus gritos. Ajuda chegaria em breve, mas, enquanto isso, a posição dela era bastante desconfortável.

Os minutos foram passando, e cada um deles parecia uma hora para a desafortunada donzela do lírio. Por que não vinha ninguém? Para onde haviam ido as garotas? E se elas tivessem desmaiado, uma após a outra?! E se não viesse ninguém?! E se ela ficasse tão cansada e com tanta câibra que não conseguisse mais ficar agarrada! Anne olhou para as perversas profundezas verdes abaixo dela, ondulando com sombras compridas e densas, e teve calafrios. A imaginação dela começou a lhe sugerir toda a espécie de possibilidades horripilantes.

Em seguida, bem quando ela pensava que não conseguiria aguentar nem mais um minuto a dor nos seus braços e pulsos, Gilbert Blythe veio remando sob a ponte no barquinho de Harmon Andrews!

Gilbert olhou para cima, e, para seu espanto, deparou-se com um rosto lívido e desdenhoso, olhando para baixo na direção dele com olhos cinza grandes e amedrontados, mas também desdenhosos.

– Anne Shirley! Como conseguiu ir parar aí? – exclamou ele.

Sem esperar por uma resposta, ele se aproximou do pilar e estendeu a mão. Não havia jeito, Anne, agarrando-se à mão de Gilbert Blythe, rapidamente desceu até o barco, no qual ela se sentou, imunda, empapada e furiosa, na popa com seus braços cobertos pelo xale, que pingava, e pelo crepe molhado. Era extremamente difícil ser decorosa sob essas circunstâncias!

– O que aconteceu, Anne? – perguntou Gilbert, pegando os remos.

– Estávamos brincando de Elaine – explicou Anne gelidamente, sem sequer olhar para seu salvador –, e eu tinha que flutuar até Camelot na balsa... quero dizer, na chalana. A chalana começou a se encher de água, e escalei no pilar. As meninas foram buscar ajuda. Você poderia fazer a gentileza de me levar até o cais?

Gilbert obsequiosamente remou até o cais, e Anne, desdenhando da ajuda dele para sair do barco, pulou habilmente na margem.

– Sou muito grata a você – disse ela altivamente enquanto saía dali. Mas Gilbert também saltara do barco, e agora detia Anne segurando o braço dela com a mão.

– Anne – disse ele apressadamente –, preste atenção. Não podemos ser amigos? Lamento muito ter zombado do seu cabelo naquele dia. Era só brincadeira, eu não tinha a intenção de deixar você irritada. Além disso, faz muito tempo que isso aconteceu. Agora acho que seu cabelo é muito bonito... sinceramente. Sejamos amigos.

Por um instante, Anne hesitou. Ela teve a estranha e recém-desperta consciência, por baixo de toda sua dignidade ultrajada, de que a expressão um tanto tímida, um tanto ansiosa nos olhos de avelã de Gilbert era uma coisa muito boa de se ver. O coração dela deu uma batida rápida e estranha. Mas a amargura de seu velho agravo imediatamente endureceu sua titubeante determinação. Ela rememorou a cena de dois anos atrás tão vividamente quanto se ela tivesse ocorrido ontem. Gilbert a chamara de “cenouras”, envergonhando-a diante de toda a escola. O ressentimento dela, que para outras e mais velhas pessoas pareceria tão risível quanto a causa dele, aparentemente não foi nem um pouco apaziguado ou abrandado pelo tempo. Ela detestava Gilbert Blythe! Jamais o perdoaria!

– Não, – disse ela com frieza –, jamais serei sua amiga, Gilbert Blythe, e não quero sê-lo!

– Tudo bem! – Gilbert pulou de volta em seu esquife com uma cor raivosa em suas bochechas. – Jamais tornarei a pedir para ser seu amigo, Anne Shirley. E não me importo!

Ele saiu dali com remadas rápidas e desafiadoras, e Anne subiu a íngreme trilha cheia de samambaias sob os bordos. Ela manteve a cabeça muito erguida, mas se deu conta de que sentia uma sensação estranha de arrependimento. Ela quase desejou ter respondido a Gilbert de um modo diferente. É claro que ele a ofendera terrivelmente; no entanto...! No geral, Anne pensou que seria um grande alívio sentar e dar uma boa chorada. Ela de fato estava muito nervosa, pois as consequências de seu pavor e da câibra por ter ficado agarrada estavam começando a ser sentidas.

No meio da trilha, Anne encontrou Jane e Diana se apressando de volta para o lago em um estado ligeiramente menos distanciado do definitivo frenesi. Elas não haviam encontrado ninguém em Orchard Slope, pois o senhor e a senhora Barry não estavam em casa. Naquele momento, Ruby Gillis sucumbira à histeria, e fora deixada lá para se recuperar da melhor maneira que pudesse, enquanto Jane e Diana voavam pela Mata Assombrada e cruzavam o riacho para ir a Green Gables. Lá, elas tampouco encontraram

alguém, pois Marilla havia ido para Carmody, e Matthew estava colhendo feno do campo dos fundos.

– Oh, Anne – ofegou Diana, jogando-se no pescoço da amiga e chorando com alívio e prazer –, oh, Anne... pensamos... que você... tinha se afogado... e nos sentimos como assassinas... porque obrigamos você... a ser... Elaine. E Ruby está histérica... oh, Anne, como você escapou?

– Escalei um dos pilares – explicou Anne com cansaço –, e Gilbert Blythe veio no esquife do senhor Andrews e me levou para terra firme.

– Oh, Anne, que esplêndido da parte dele! Ora, que coisa mais romântica! – disse Jane, finalmente recobrando o fôlego para falar. – É claro que depois disso você vai voltar a falar com ele.

– É claro que não – disparou Anne, momentaneamente voltando ao seu antigo estado de espírito. – E jamais quero tornar a ouvir a palavra “romântico”, Jane Andrews. Sinto muito que vocês tenham ficado assustadas, meninas. É tudo culpa minha. Tenho certeza de que nasci sob uma estrela azarada. Tudo o que faço deixa a mim ou as minhas amigas em uma encrenca. Perdemos a chalana do seu pai, Diana, e tenho um pressentimento de que a partir de agora não vamos mais poder remar no lago.

O pressentimento de Anne se provou mais confiável do que pressentimentos podem ser. A consternação nas casas dos Barry e dos Cuthbert foi grande quando os acontecimentos da tarde foram revelados.

– Você algum dia vai tomar juízo, Anne? – resmungou Marilla.

– Oh, sim, acho que sim, Marilla – retrucou com otimismo Anne. Um bom choro, desfrutado na grata solidão do frontão leste, acalmara os nervos dela e restaurara sua alegria habitual. – Acho que minhas chances de me tornar ajuizada estão melhores do que nunca.

– Não vejo como – falou Marilla.

– Bem – explicou Anne –, hoje aprendi uma lição nova e valiosa. Desde que cheguei em Green Gables, venho cometendo erros, e cada erro me ajudou a superar algum defeito grande. O caso do broche de ametista me fez parar de mexer em coisas que não me pertenciam. O erro da Mata Assombrada me fez parar de me deixar levar por minha imaginação. O erro do bolo de linimento me fez ter mais atenção quando cozinho. Pintar meu cabelo me fez perder a vaidade. Nunca mais penso no meu cabelo ou no meu nariz... quase nunca, pelo menos. E o erro de hoje vai me fazer deixar de ser demasiadamente romântica. Cheguei à conclusão de que não adianta tentar

ser romântica em Avonlea. Isso provavelmente era fácil o bastante na encastelada Camelot há centenas de anos, mas hoje em dia as pessoas não têm apreço pelo romance. Estou muito certa de que você em breve verá uma melhora considerável da minha parte em relação a isso, Marilla.

– Eu espero mesmo – disse Marilla com incredulidade.

Mas Matthew, que havia estado calado em seu canto, pousou uma das mãos no ombro de Anne depois que Marilla havia saído.

– Não desista de todo o seu romantismo, Anne – sussurrou ele timidamente. – Um pouco dele é uma boa coisa – não muito, é claro –, mas preserve um pouquinho dele, Anne, preserve um pouquinho.

Elaine de Astolat é um personagem da lenda arturiana que morre por seu amor não correspondido por Lancelote. Segundo suas instruções, seu corpo é colocado num barco, com ela segurando um lírio em uma mão e a sua última carta na outra. Seu corpo é então levado pelo rio Tâmesa até Camelot, onde ela é apresentada na corte do rei Artur e ganha o apelido de “donzela do lírio”. Ela também é conhecida como Elaine, a Branca, e Elaine, a Justa. (N. T.)

“Lancelot and Elaine”, de Alfred Lord Tennyson. (N. T.)

Alusão ao verso 1.135 de “Lancelote e Elaine”. (N. T.)



UMA ÉPOCA NA VIDA DE ANNE

Anne estava trazendo as vacas do pasto dos fundos de volta para casa pela Trilha dos Amantes. Era um fim de tarde de setembro, e todas as clareiras na mata estavam repletas da luz de rubi do pôr do sol. Aqui e ali a trilha recebia essa iluminação, mas a maior parte dela já estava bem escura sob os bordos, e os espaços sob os abetos estava cheio de um crepúsculo de um violeta claro, como se fosse vinho em forma de ar. Os ventos sopravam a toda, e não há música mais doce na Terra do que aquela que o vento faz quando passa entre os abetos no fim da tarde.

As vacas caminhavam placidamente pela trilha, e Anne as seguia distraída, repetindo em voz alta o canto da batalha do poema “Marmion” – que também fizera parte das aulas de inglês dela no inverno anterior, e que a senhorita Stacy os fizera decorar – e regozijando-se com seus versos rápidos e os embates de lanças em suas imagens. Quando chegou aos versos...

Mas os lanceiros mantiveram, obstinados,

Seu círculo escuro impenetrável,

...ela parou em êxtase para fechar os olhos e se imaginar naquele heroico círculo de batalha. Quando voltou a abrir os olhos, deparou-se com Diana atravessando o portão que levava ao campo dos Barry, e tinha tal ar de importância que Anne imediatamente adivinhou que havia novidades a serem contadas. Mas ela não demonstraria uma curiosidade ávida demais.

– Este fim de tarde não é como um sonho violeta, Diana? Faz com que me sinta feliz por estar viva. Nas manhãs, sempre acho que as manhãs são a melhor parte do dia, mas quando chega o fim da tarde, acho mais adorável ainda.

– Está um fim de tarde muito bonito – disse Diana –, mas, oh, tenho uma novidade e tanto, Anne. Adivinhe só. Você tem três chances.

– Charlotte Gillis no fim das contas vai se casar na igreja, e a senhora Allan quer que a decorremos – exclamou Anne.

– Não. O noivo da Charlotte não aceita isso, pois ninguém ainda se casou naquela igreja, e ele acha que se pareceria muito com um funeral. É muita maldade dele, pois seria divertido demais. Tente outra vez.

– A mãe da Jane vai deixar ela fazer uma festa de aniversário?

Diana balançou a cabeça em negativa, com seus olhos pretos dançando de felicidade.

– Não consigo imaginar o que pode ser – disse Anne em desespero –, a não ser que aquele tal de Moody Spurgeon MacPherson tenha lhe acompanhado de volta para casa depois do encontro de oração ontem à noite. Ele fez isso?

– Claro que não – exclamou Diana indignada. – E eu provavelmente não me gabaria se ele tivesse feito isso, aquela criatura horrenda! Eu sabia que você não conseguiria adivinhar. Mamãe recebeu uma carta da tia Josephine hoje, e a tia Josephine quer que você e eu vamos para o Centro da cidade na próxima terça-feira para ir à Exposição⁵⁸ com ela. Pronto!

– Oh, Diana – sussurrou Anne, que achou necessário se escorar em um bordo –, você está falando sério? Receio que Marilla não vai me deixar ir. Ela vai dizer que não pode estimular que eu fique vagabundeando por aí. Foi isso que ela disse semana passada quando Jane me convidou para ir na caleche deles ao concerto americano no Hotel White Sands. Eu queria ir, mas Marilla disse que era melhor eu ficar e casa estudando a lição, e Jane também. Fiquei amargamente decepcionada, Diana. Fiquei com o coração tão partido que não fiz minhas orações antes de dormir. Mas me arrependi disso, e acordei no meio da noite e fiz as orações.

– Já sei – disse Diana –, vamos pedir para a minha mãe perguntar para Marilla. Assim, é mais provável que ela lhe deixe ir; e se ela deixar, vamos nos divertir como nunca, Anne. Nunca fui a uma Exposição, e é irritante demais ouvir as outras garotas falarem das vezes que elas já foram. Jane e Ruby já foram duas vezes, e vão de novo este ano.

– Não vou sequer pensar nisso até que eu saiba se poderei ir ou não – disse Anne com determinação. – Se eu pensar nisso e depois me decepcionar, não vou suportar. Mas caso eu de fato vá, fico muito feliz que o meu casaco novo já vai estar pronto. Marilla não achava que eu precisava de um casaco novo. Ela disse que o meu casaco antigo aguentaria muito bem mais um inverno, e que eu deveria me satisfazer com o meu vestido novo. O vestido é muito bonito, Diana: é azul-marinho, e feito segundo a última moda. Marilla agora sempre faz vestidos para mim seguindo a moda, pois diz que não quer que o Matthew fique pedindo à senhora Lynde para fazê-

los. Fico muito contente. É muito mais fácil ser bem-comportada quando suas roupas estão na moda. Pelo menos para mim é. Presumo que isso não faça muita diferença para as pessoas naturalmente boas. Mas Matthew disse que eu precisava ter um casaco novo; então, Marilla comprou um corte de tecido de lã azul que está sendo feito por uma modista de verdade em Carmody. Vai ficar pronto sábado à noite, e estou tentando não me imaginar cruzando o corredor da igreja no domingo de casaco e gorro novos, porque receio que não seja certo imaginar tais coisas. Mas isso me vem à mente sem querer. Meu gorro é lindo demais. Matthew comprou-o para mim no dia em que fomos para Carmody. É um daqueles pequenos, de veludo azul, que estão fazendo muito sucesso, com cordinhas douradas e pompons. O seu chapéu novo é elegante, Diana, e lhe cai muito bem. Quando a vi entrar na igreja no último domingo, meu coração se encheu de orgulho quando pensei que você era minha amiga mais querida. Você acha que é errado nós pensarmos tanto assim sobre nossas roupas? Marilla diz que é um pecado grave. Mas é um assunto interessante demais, não é mesmo?

Marilla concordou em deixar Anne ir ao Centro da cidade, e foi combinado que o senhor Barry levaria as garotas na terça-feira seguinte. Como Charlottetown ficava a cerca de 50 quilômetros de distância e o senhor Barry queria ir e voltar no mesmo dia, foi necessário sair bem cedo. Mas Anne achou aquilo tudo uma alegria, e acordou antes da aurora na manhã de terça-feira. Uma olhada de sua janela lhe garantiu que o tempo estaria bom, pois o céu a leste atrás dos abetos da Mata Assombrada estava todo brilhante e sem nuvens. Por um vão entre as árvores, uma luz brilhou no frontão oeste de Orchard Slope, uma indicação de que Diana também já estava acordada.

Anne já estava vestida quando Matthew acendera o fogo da lareira, e já tinha o café da manhã preparado quando Marilla desceu, mas estava entusiasmada demais para comer. Depois do café da manhã, os garbosos gorro e casaco novos foram vestidos, e Anne cruzou apressada o riacho e os abetos a caminho de Orchard Slope. O senhor Barry e Diana estavam esperando por ela, e logo estavam na estrada.

Foi uma viagem longa, mas Anne e Diana desfrutaram cada minuto dela. Era um deleite sacolejar pelas estradas úmidas na luz vermelha das primeiras horas da manhã, que se esgueirava pelas lavouras já colhidas. O ar estava fresco e revigorante, e pequenas névoas azul-acinzentadas espiralavam pelos vales e flutuavam para longe das colinas. Às vezes a estrada cortava matas

nas quais os bordos estavam começando a exibir pendões vermelhos; às vezes ela cruzava rios sobre pontes que faziam o corpo de Anne se retrair com o velho e um tanto prazeroso medo; às vezes ela contornava um porto e passava por um pequeno aglomerado de cabanas de pescaria acinzentadas pelo clima; muitas vezes, ela subia colinas de onde trechos extensos de elevações em curva ou céus de um azul muito claro podiam ser vistos; mas por onde quer que a estrada passasse, havia muitas coisas interessantes a discutir. Já era quase meio-dia quando chegaram ao Centro da cidade e encontraram o caminho para “Beechwood”. Era uma mansão velha e muito refinada, afastada da rua com a privacidade garantida por olmos e faias com muitos galhos. A senhorita Barry as recebeu na porta com um brilho em seus afiados olhos negros.

– Então, você finalmente veio me ver, menina Anne – disse ela. – Misericórdia, menina, como você cresceu! Afirmo que está mais alta do que eu. E também está muito mais bonita do que costumava ser. Mas me atrevo a dizer que saiba disso sem que as pessoas precisem lhe dizer.

– Na verdade, não – respondeu Anne radiante. – Sei que já não tenho tantas sardas quanto antes, então, tenho muito a agradecer, mas eu de fato não ousara esperar por nenhuma outra melhora. Fico muito contente que a senhorita ache que houve, senhorita Barry. – A casa da senhorita Barry era mobiliada com “grande magnificência”, conforme disse Anne a Marilla depois. As duas meninas do interior ficaram muito constrangidas com o esplendor da sala de visitas em que a senhorita Barry as deixou enquanto ia ver como andavam os preparativos para o almoço.

– Isso aqui não é igual a um palácio? – sussurrou Diana. – Jamais estive na casa da tia Josephine, e eu não fazia ideia de que era tão grandiosa. Eu só queria que a Julia Bell pudesse ver isto, pois ela se gaba muito da sala de visitas da mãe dela.

– Carpete de veludo – suspirou Anne de modo complacente –, e cortinas de seda! Já sonhei com essas coisas, Diana. Mas sabe que acho que não me sinto muito cômoda com elas no fim das contas. Neste cômodo há tantas coisas, e todas são tão esplêndidas, que não há escopo para a imaginação aqui. Isso é um consolo quando se é pobre: há muito mais coisas sobre as quais você pode imaginar.

A estada delas no centro da cidade foi algo de que Anne e Diana se lembraram durante anos. Do princípio ao fim, foi repleta de prazeres.

Na quarta-feira, a senhorita Barry as levou para a Exposição, e ficou lá com elas o dia todo.

– Foi esplêndido – contou depois Anne para Marilla. – Jamais imaginei algo tão interessante. Não sei qual parte foi a mais interessante. Acho que gostei mais dos cavalos, das flores e dos bordados. Josie Pye ganhou o prêmio de primeiro lugar em renda de tricô. Fiquei de fato contente que ela tenha ganhado. E fiquei contente por estar contente, pois isso demonstra que estou melhorando, não acha, Marilla, quando sou capaz de me regozijar do sucesso da Josie? O senhor Harmon Andrews levou o prêmio de segundo lugar com suas maçãs Gravenstein,⁵⁹ e o senhor Bell ganhou o prêmio de primeiro lugar por um porco. A Diana disse que achava ridículo que um diretor de escola dominical ganhasse um prêmio por porcos, mas não entendo o motivo. E você? Ela disse que sempre se lembraria disso quando ele estivesse rezando de modo muito solene. Clara Louise MacPherson ganhou um prêmio por uma pintura, e a senhora Lynde ganhou o prêmio de primeiro lugar por queijo e manteiga caseiros. Então, Avonlea esteve muito bem representada, não acha? A senhora Lynde estava lá naquele dia, e eu jamais me dera conta de o quanto eu gostava dela até que vi um rosto familiar em meio a todos aqueles desconhecidos. Havia milhares de pessoas lá, Marilla. Isso fez com que eu me sentisse terrivelmente insignificante. E a senhorita Barry nos levou para a tribuna para ver as corridas de cavalos. A senhora Lynde se recusou a ir, ela disse que corridas de cavalo eram uma abominação e, como ela fazia parte da grei, achava que era imperioso que desse um bom exemplo ao ficar longe daquilo. Mas havia tanta gente ali que acho que a ausência da senhora Lynde não seria notada. No entanto, não acho que eu deveria ir com muita frequência a corridas de cavalos, porque elas *são* terrivelmente fascinantes. Diana ficou tão entusiasmada que quis apostar 10 centavos comigo que o cavalo vermelho venceria. Eu não achei que ele fosse ganhar, mas não aceitei a aposta, pois eu queria contar à senhora Allan sobre tudo, e tive a certeza de que não poderia contar isso a ela. É sempre errado fazer alguma coisa que você não pode contar para a esposa do pastor. Ter a esposa de um pastor como amiga é como ter uma consciência adicional. E fiquei muito feliz por não ter apostado, pois o cavalo vermelho *de fato* venceu, e eu teria perdido 10 centavos. Então, você pode ver que a própria virtude foi a minha recompensa.⁶⁰ Vimos um homem voar em um balão. Eu adoraria voar em um balão, Marilla; seria simplesmente emocionante; e vimos um homem ler a sua sorte por dinheiro.

Você pagava 10 centavos a ele, e um passarinho pegava um papel em que sua sorte estava escrita. A senhorita Barry deu para a Diana e para mim 10 centavos cada para que ele lesse a nossa sorte. A minha foi que eu me casaria com um homem de pele escura que era muito rico, e que eu atravessaria água para ir morar em uma casa nova. Olhei com cuidado para todos os homens de pele escura que vi depois disso, mas não gostei muito de nenhum deles, e, de todo o modo, presumo que seja cedo demais para ficar procurando por ele. Oh, foi um dia inesquecível, Marilla. Fiquei tão cansada que não consegui dormir à noite. A senhorita Barry nos deixou hospedadas no quarto sobressalente, conforme prometido. Era um quarto elegante, Marilla, mas de algum modo dormir em um quarto sobressalente não é como eu costumava pensar que era. Esta é a pior parte de crescer, e estou começando a me dar conta disso. As coisas que você queria muito quando criança não parecem tão maravilhosas assim quando você as conquista.

Na quinta-feira, as meninas andaram de coche no parque, e à noite a senhorita Barry as levou para um concerto na Academia de Música, onde uma notável prima-dona cantaria. Para Anne, a noite foi uma visão cintilante de prazer.

– Oh, Marilla, foi indescritível. Fiquei tão animada que não conseguia nem falar, então, você pode imaginar como foi. Simplesmente fiquei em um silêncio fascinado. Madame Selitsky era perfeitamente linda, e vestia cetim branco e diamantes. Mas quando começou a cantar, nem sequer pensei em qualquer outra coisa. Oh, não posso lhe dizer como me senti. Mas me pareceu que nunca mais poderia ser difícil ser bem-comportada. Senti-me como me sinto quando olho para as estrelas. Fiquei com os olhos rasos d'água, mas, oh, eram lágrimas de muita felicidade. Lamentei muito quando tudo acabou, e disse para a senhorita Barry que eu não conseguia ver como poderia retornar à vida normal. Ela disse que achava que se nós fôssemos até o restaurante do outro lado da rua e comêssemos um sorvete, que isso talvez me ajudasse. Isso soou bastante prosaico, mas, para minha surpresa, descobri que era verdade. O sorvete estava delicioso, Marilla, foi muito adorável e dissoluto estar sentada lá tomando sorvete às onze da noite. Diana disse que achava que tinha nascido para a vida na cidade. A senhorita Barry perguntou-me qual era a minha opinião, mas eu disse a ela que precisaria pensar muito seriamente antes de dizer a ela o que realmente achava. Então, pensei sobre isso depois que fui para a cama. Essa é a melhor hora para pensar sobre as coisas. E cheguei à conclusão, Marilla, que não nasci para a

vida na cidade, e que isso me deixava contente. É bom tomar sorvete em restaurantes incríveis às onze da noite de vez em quando, mas, no dia a dia, prefiro estar no frontão leste às onze da noite, dormindo profundamente, mas meio que tendo a consciência, mesmo dormindo, de que as estrelas brilham lá fora e o vento sopra por entre os abetos ao longo do riacho. Eu disse isso para a senhorita Barry no café da manhã do dia seguinte, e ela riu. A senhorita Barry geralmente ria de tudo que eu dizia, até mesmo quando eu falava as coisas mais solenes que há. Acho que não gostei disso, Marilla, pois não estava tentando ser engraçada. Mas ela é uma dama deveras hospitaleira, e nos tratou regamente.

Na sexta-feira, chegou a hora de ir embora, e o senhor Barry foi até lá de caleche buscar as meninas.

– Bem, espero que tenham se divertido – disse a senhorita Barry enquanto se despedia delas.

– De fato nos divertimos – disse Diana.

– E quanto a você, menina Anne?

– Desfrutei de cada minuto do tempo que passamos aqui – falou Anne, impulsivamente jogando os braços em volta do pescoço da mulher e beijando sua bochecha enrugada. Diana jamais teria ousado fazer uma coisa como aquelas, e ficou muito horrorizada com a liberdade de Anne. Mas a senhorita Barry ficou contente, e ficou de pé no pórtico de sua casa vendo a caleche sumir de vista. Depois, entrou em sua casa grande com um suspiro. A casa parecia solitária demais sem aquelas frescas e jovens vidas. A senhorita Barry era uma senhora de idade muito egoísta, caso devamos falar a verdade, e nunca havia se importado muito com outras pessoas além dela. Ela somente estimava as pessoas que lhe eram de serventia ou que a divertiam. Anne a divertira, e conseqüentemente, caiu nas graças da velha dama. Mas a senhorita Barry viu-se pensando menos nos discursos pitorescos de Anne do que no frescor dos seus entusiasmos, na transparência das suas emoções, nos pequenos modos triunfantes dela e na doçura dos seus olhos e lábios.

– Pensei que Marilla Cuthbert era uma velha tola quando ouvi falar que adotara uma menina de um orfanato – disse ela consigo mesma –, mas acho que no fim das contas ela não cometeu um erro. Se eu tivesse uma criança como a Anne em casa o tempo todo, seria uma mulher melhor e mais feliz.

Anne e Diana acharam a volta para casa tão agradável quanto a ida para a cidade: mais agradável ainda, na verdade, pois havia a prazerosa consciência

de que o lar as esperava ao final da viagem. O sol se punha quando eles passaram por White Sands e pegaram a estrada à beira-mar. Ao longe, as colinas de Avonlea surgiram escuras contra um céu cor de açafrão. Atrás deles, a Lua nascia do mar, que ficou todo radiante e transfigurado com o luar. Cada pequena enseada ao longo da estrada sinuosa era uma maravilha de ondulações dançantes. As ondas quebravam com um sibilo suave sobre as rochas abaixo deles, e o cheiro forte do mar estava presente no ar fresco e intenso.

– Oh, mas é bom estar viva e indo para casa – suspirou Anne.

Quando ela cruzou a ponte de troncos sobre o riacho, a luz da cozinha de Green Gables piscou para ela boas-vindas amigáveis, e da porta aberta brilhava o fogo da lareira, emitindo seu brilho vermelho e quente em meio à fria noite de outono. Anne subiu correndo alegremente a colina e entrou na cozinha, onde um jantar quente aguardava na mesa.

– Então você voltou? – disse Marilla, dobrando o seu tricô.

– Sim, e, oh, é muito bom estar de volta – falou Anne com alegria. – Eu seria capaz de dar um beijo em tudo, até no relógio. Marilla, um frango assado! Você não está querendo dizer que cozinhou isso para mim, não é?

– Sim, cozinhei para você – respondeu Marilla. – Achei que você estaria com fome depois de uma viagem como essa, e que precisaria de algo realmente apetitoso. Apresse-se e troque de roupa, e vamos jantar assim que Matthew chegar. Devo dizer que estou feliz que tenha voltado. Tem sido terrivelmente solitário aqui sem você, e nunca vivi quatro dias tão longos assim.

Depois do jantar, Anne sentou-se diante da lareira entre Matthew e Marilla, e fez para eles um relato completo de sua visita.

– Foi uma visita esplêndida – ela concluiu com felicidade –, e sinto que ela marca uma época na minha vida. Mas a melhor parte foi a volta para casa.

Exposição agropecuária, na qual havia festas, competições dos melhores animais e hortaliças e apresentações das novas tecnologias agropecuárias. (N. T.)

Variedade de maçã surgida no século XVII, de sabor ácido, e usada principalmente para cozinhar e fazer cidra. (N. T.)

Alusão a um verso do poema épico, de Tibério Cácio Ascônio Sílio Itálico (28-103 a.D.): “Ipsa quidem virtus sibimet pulcherrima merces” (“A própria virtude foi sua mais bela recompensa”). (N. T.)



A CLASSE DA QUEEN'S É ORGANIZADA

Marilla botou seu tricô no colo e se recostou na cadeira. Seus olhos estavam cansados, e ela pensou vagamente que deveria trocar de óculos na próxima vez que fosse ao centro da cidade pois, ultimamente, andava com os olhos frequentemente cansados.

Já estava quase escuro, pois o pleno crepúsculo de novembro caíra sobre Green Gables, e a única luz na cozinha vinha das bruxuleantes chamas vermelhas do forno.

Anne estava sentada à moda dos turcos⁶¹ no tapete da lareira, contemplando o alegre brilho onde a luz do sol de cem verões era destilada da pilha de lenha de bordo. Ela estivera lendo, mas seu livro escorregara para o chão, e agora ela sonhava, com um sorriso em seus lábios abertos. Cintilantes castelos de vento formavam-se a partir das névoas e arcos-íris de sua imaginação vivaz; maravilhosas e fascinantes aventuras aconteciam com ela em seu mundo de fantasia: aventuras que sempre terminavam triunfantes, e nunca a deixavam nas encrencas em que ela entrava na vida real.

Marilla olhou para ela com uma ternura que jamais teria se permitido revelar em qualquer luz mais clara do que aquela mistura suave de brilho do fogo e sombras. A lição de um amor que deveria ser demonstrado facilmente com palavras ou com um olhar visível era uma que Marilla jamais seria capaz de aprender. Mas ela aprendera a amar esta esguia menina de olhos cinza com uma afeição mais profunda e intensa ainda por conta de sua própria inexpressividade. Esse amor fazia com que ela receasse ser excessivamente indulgente, na verdade. Ela tinha uma sensação incômoda de que era muito pecaminoso devotar um amor tão intenso por qualquer ser humano quanto o que ela devotava a Anne, e talvez ela praticasse uma espécie de penitência inconsciente por isso ao ser mais severa e crítica com a menina do que se gostasse menos dela. Certamente, a própria Anne não fazia

ideia de quanto Marilla a amava. Ela às vezes pensava com tristeza que Marilla era muito difícil de agradar, e claramente carente de solidariedade e compreensão. Mas sempre repreendia a si mesma quando tinha esses pensamentos, pois se lembrava do que devia a Marilla.

– Anne – disse Marilla abruptamente –, a senhorita Stacy esteve aqui hoje à tarde quando você estava fora com a Diana.

Anne voltou de seu outro mundo com um sobressalto e um suspiro.

– Ela esteve aqui? Lamento muito que eu não estivesse em casa. Por que não mandou me chamar, Marilla? Diana e eu estávamos apenas na Mata Assombrada. Agora é uma época adorável na mata. Todas as pequenas coisas da mata, as samambaias, as jiboias-prateadas e os cornisos, estão hibernando, como se alguém os tivesse posto para dormir até a primavera sob um cobertor de folhas. Acho que foi uma fadinha cinza com echarpe de arco-íris que veio na ponta dos pés na última noite de luar e fez isso. Mas Diana não queria falar muito sobre isso. Diana nunca esqueceu a bronca que levou da mãe por ter ficado imaginando fantasmas na Mata Assombrada. Isso teve um efeito muito ruim na imaginação da Diana. Arruinou-a. A senhora Lynde diz que a Myrtle Bell é um ser arruinado. Perguntei para Ruby Gillis por que Myrtle era um ser arruinado, e Ruby disse que achava que era porque o namorado dela a rejeitara. Ruby Gillis não pensa em nada além de rapazes, e quanto mais velha fica, isso piora. Rapazes são ótimos em seus devidos lugares, mas não dá para incluí-los em tudo, não é? Diana e eu estamos pensando seriamente em prometer uma à outra que jamais nos casaremos, e que seremos simpáticas velhas solteironas e morar juntas para sempre. Diana ainda não se decidiu, pois acha que talvez seria mais nobre se casar com um rapaz bonito, rebelde e infame, e mudá-lo para melhor. Diana e eu agora falamos muito sobre assuntos sérios, sabe. Sentimos que estamos tão mais velhas do que éramos que não é de bom tom ficar falando de assuntos infantis. Ter quase 14 anos é algo muito solene, Marilla. A senhorita Stacy levou todas as garotas que já são adolescentes para o riacho na quarta-feira passada, e conversou conosco sobre isso. Ela disse que deveríamos ter muito cuidado com os hábitos e os ideais que adotaríamos na nossa adolescência, pois quando chegarmos aos 20 anos, nossos caracteres já estarão formados, e a fundação de toda a nossa vida futura, assentada. E disse que se a fundação não for sólida, não conseguiremos construir nada de realmente valioso sobre ela. Diana e eu discutimos esse assunto no caminho para casa de volta da escola. Sentimo-nos extremamente solenes, Marilla. E

decidimos que de fato seríamos muito cuidadosas, adotaríamos hábitos respeitáveis, aprenderíamos tudo que pudermos e seríamos o mais sensatas possível, para que quando chegemos aos 20 anos, nossos caracteres estejam desenvolvidos de modo apropriado. É perfeitamente espantoso pensar em ter 20 anos, Marilla. Soa tão assustadoramente velho e crescido. Mas por que a senhorita Stacy esteve aqui esta tarde?

– É isso o que eu queria lhe contar, Anne, se algum dia você me der a oportunidade de encontrar uma brecha em meio à sua fala. Ela veio falar de você.

– De mim? – Anne pareceu muito assustada. Depois, ficou corada e exclamou:

– Oh, eu sei o que ela veio dizer. Eu ia lhe contar, Marilla, sinceramente, ia sim, mas esqueci. A senhorita Stacy me pegou lendo *Ben Hur* na escola ontem à tarde quando eu deveria estar estudando história do Canadá. Jane Andrews foi quem me emprestou. Eu estava lendo na hora do almoço, e tinha acabado de chegar no ponto da corrida de bigas quando a aula recomeçou. Eu estava simplesmente louca para saber como terminaria, apesar de ter certeza de que Ben Hur tinha que ganhar, pois não haveria justiça poética se não ganhasse, então, abri o livro de história sobre a carteira, e pus *Ben Hur* entre a carteira e os meus joelhos. Eu simplesmente parecia estar estudando história do Canadá, sabe, enquanto na verdade estava me divertindo com *Ben Hur*. Fiquei tão interessada no livro que não reparei que senhorita Stacy estava se aproximando, até que, de repente, simplesmente ergui a cabeça e lá estava ela me olhando com um intenso olhar de reprimenda. Nem consigo lhe dizer o quão envergonhada fiquei, Marilla, especialmente quando ouvi Josie Pye dando risadinhas. A senhorita Stacy tirou *Ben Hur* de mim, mas naquele momento não disse palavra. Na hora do recreio, ela me mandou ficar na sala de aula e conversou comigo. Ela disse que eu cometera dois erros graves. Primeiro, eu estava desperdiçando um tempo que deveria dedicar aos estudos; e, segundo, estava enganando a minha professora ao fingir que estava estudando quando, na verdade, estava lendo um livro de ficção. E até aquele momento, Marilla, eu não tinha me dado conta de que o que eu fazia era desonesto. Fiquei chocada. Chorei amargamente, e pedi à senhorita Stacy que me perdoasse, e disse que jamais tornaria a fazer algo assim; e sugeri como penitência que eu ficasse uma semana inteira sem sequer olhar para *Ben Hur*, nem mesmo para saber como terminava a corrida de bigas. Mas a senhorita Stacy disse que

não diria para eu fazer isso, e me perdoou sem reservas. Então, acho que não foi muito gentil da parte dela vir até aqui e conversar com você sobre isso no fim das contas.

– A senhorita Stacy jamais falou disso comigo, Anne, e o único problema com você é a sua consciência pesada. Você não tem nada que ficar levando livros de ficção na escola. De todo o modo, você lê romances demais. Quando eu era menina, não tinha permissão sequer para olhar para um romance.

– Oh, como você pode chamar *Ben Hur* de romance quando é um livro tão religioso? – protestou Anne. – É claro que é um pouco entusiasmante demais para ser lido aos domingos, então, só o leio de segunda a sexta. E agora já não leio nenhum livro que a senhorita Stacy ou senhora Allan pensem que não seja apropriado para uma menina de 13 anos e 9 meses ler. A senhorita Stacy me fez prometer isso a ela. Um dia, ela me pegou lendo um livro chamado *O horripilante mistério do salão assombrado*.⁶² Era um dos livros que Ruby Gillis tinha me emprestado, e, oh, Marilla, era muito fascinante e assustador. Simplesmente fez o meu sangue gelar. Mas a senhorita Stacy disse que aquele livro era bobo e não moralmente saudável, e me pediu para parar de lê-lo e para não ler mais livros como aquele. Não me importei de prometer que não leria mais livros como aquele, mas foi *agonizante* devolver o livro sem saber como ele terminava. Mas meu amor pela senhorita Stacy foi maior, e fiz isso. É realmente maravilhoso, Marilla, o que somos capazes de fazer quando sinceramente ansiamos por agradar a uma determinada pessoa.

– Bem, acho que vou acender o lampião e voltar para o meu tricô – disse Marilla. – Vejo claramente que você não quer saber o que a senhorita Stacy tinha a dizer. Você se interessa mais pelo som da sua própria voz do que por qualquer outra coisa.

– Oh, quero saber sim, Marilla – exclamou Anne arrependida. – Não direi mais uma palavra, nem uma. Sei que falo demais, mas realmente estou tentando mudar isso, e, apesar de eu falar demais, se você soubesse a quantidade de coisas que tenho vontade de dizer e não digo, você me daria um desconto. Por favor, conte-me, Marilla.

– Bem, a senhorita Stacy quer organizar um grupo dos alunos mais avançados que querem estudar para fazer a prova para entrar na Queen's. Ela tem a intenção de dar aulas extras a eles depois da escola. E veio perguntar ao Matthew e a mim se nós gostaríamos que você fizesse parte desse grupo.

O que você acha disso, Anne? Gostaria de estudar na Queen's e se tornar professora?

– Oh, Marilla! – Anne ficou de joelhos e entrelaçou as mãos. – Tem sido o sonho da minha vida... quer dizer, pelos últimos seis meses, desde que a Ruby e a Jane começaram a falar sobre estudar para essa prova. Mas não falei nada sobre isso, pois presumi que seria perfeitamente inútil. Eu adoraria ser professora. Mas não seria terrivelmente caro? O senhor Andrews disse que custou a ele 150 dólares para botar Prissy nessa escola, e Prissy não era burra em geometria.

– Acho que você não precisará se preocupar com esse aspecto. Quando Matthew e eu decidimos lhe pegar para criar, decidimos também que faríamos o melhor que pudéssemos por você, e que lhe daríamos uma boa educação. Acredito que as meninas têm que aprender a garantir o seu próprio sustento, precisem elas disso ou não. Green Gables sempre será o seu lar enquanto Matthew e eu estivermos aqui, mas ninguém sabe o que pode acontecer neste mundo incerto, e é melhor estarmos preparados. Então, caso você queira, pode se juntar ao grupo das aulas extras para entrar na Queen's, Anne.

– Oh, Marilla, obrigada. – Anne jogou os braços em volta da cintura de Marilla e olhou para o rosto dela com seriedade. – Sou extremamente grata a você e ao Matthew. E estudarei com todo o afinco que puder, e darei o melhor de mim para fazer jus ao que vocês fazem por mim. Já aviso para vocês não esperarem muito de mim em geometria, mas acho que posso me sair bem nas outras matérias se estudar bastante.

– Atrevo-me a dizer que você vai se sair bem o bastante. A senhorita Stacy diz que você é inteligente e aplicada. – Por nada neste mundo Marilla contaria a Anne exatamente o que a senhorita Stacy dissera sobre ela, pois isso seria cultivar a vaidade da menina. – Você não precisa se apressar e se matar de tanto estudar. Não há pressa. Só daqui a um ano e meio você poderá fazer a prova. Mas é bom começar a tempo e criar uma base boa, diz a senhorita Stacy.

– Ficarei mais interessada do que nunca em meus estudos agora – disse Anne com alegria –, pois tenho um propósito na vida. O senhor Allan diz que todos devemos ter um propósito na vida, e que devemos buscá-lo fielmente. Somente temos de nos certificar antes de que se trata de um propósito nobre. Eu diria que querer ser uma professora como a senhorita

Stacy é um propósito nobre, não é mesmo, Marilla? Acho que é uma profissão muito nobre.

A classe da Queen's foi organizada em seu devido tempo. Gilbert Blythe, Anne Shirley, Ruby Gillis, Jane Andrews, Josie Pye, Charlie Sloane e Moody Spurgeon MacPherson faziam parte dele. Diana Barry não, pois os pais dela não tinham intenção de mandá-la para a Queen's. Isso para Anne pareceu uma enorme calamidade. Nunca, desde a noite em que Minnie May tivera crupe, ela e Diana haviam se separado. No fim de tarde em que a classe da Queen's ficou na escola pela primeira vez para ter aulas adicionais, e Anne viu Diana sair lentamente com os outros, para voltar para casa sozinha ao longo da Trilha das Bétulas e do Vale das Violetas, tudo o que pôde fazer foi permanecer em sua carteira e impedir a si mesma de sair correndo impulsivamente atrás da melhor amiga. Um nó se formou em sua garganta, e ela rapidamente se escondeu atrás das páginas de sua gramática de Latim para ocultar as lágrimas em seus olhos. Por nada neste mundo Anne permitiria que Gilbert Blythe ou Josie Pye vissem aquelas lágrimas.

– Mas, oh, Marilla, de fato senti que havia provado a amargura da morte, como disse o senhor Allan em seu sermão do último domingo, quando vi a Diana sair sozinha – disse ela com pesar naquela noite. – Pensei no quão esplêndido teria sido se Diana também estivesse estudando para entrar na Queen's. Mas não podemos querer que as coisas sejam perfeitas neste mundo imperfeito, como diz a senhora Lynde. A senhora Lynde às vezes não é uma pessoa exatamente consoladora, mas não há dúvida que diz várias coisas que são muito verdadeiras. E acho que as aulas para a Queen's serão extremamente interessantes. Jane e Ruby vão só estudar para se tornar professoras. Esse é o auge da ambição delas. Ruby diz que vai só lecionar por dois anos depois que se formar, e que depois tem a intenção de se casar. Jane diz que dedicará toda a vida a lecionar, e que jamais, jamais se casará, pois ganha-se um salário sendo professora, mas um marido não lhe paga nada, e reclama com você se você pede uma parte do dinheiro dos ovos e da manteiga. Presumo que Jane fale por ter vivido essa experiência dolorosa, pois a senhora Lynde diz que o pai dela é um perfeito velho ranzinza, e mais avarento do que ninguém. Josie Pye diz que só vai frequentar a escola normal para adquirir educação, pois não precisará trabalhar para se sustentar, ela diz que é claro que isso é diferente no caso de órfãos que vivem da caridade dos outros: *eles sim* têm que batalhar para se sustentar. O Moody Spurgeon diz que vai se tornar pastor. A senhora Lynde diz que ele não

poderia ser outra coisa para poder fazer jus ao nome que lhe deram. Espero que não seja maldade minha, Marilla, mas de fato a ideia do Moody Spurgeon se tornar pastor me faz rir. Ele é um menino de aparência muito curiosa, com aquele enorme rosto gordo, seus pequenos olhos azuis e suas orelhas de abano. Mas talvez ele tenha uma aparência mais de intelectual quando crescer. Charlie Sloane diz que vai entrar para a política e se tornará um membro do Parlamento, mas a senhora Lynde diz que ele nunca terá sucesso com isso, pois todos os membros da família Sloane são pessoas honestas, e que hoje em dia só os bandidos entram para a política.

– E o Gilbert Blythe, o que ele quer ser? – indagou Marilla, vendo que Anne estava abrindo seu livro-texto de Latim.

– Por acaso, não sei qual é a ambição do Gilbert Blythe na vida... se é que ele tem uma – disse Anne com escárnio.

Agora, a rivalidade entre Gilbert e Anne era declarada. Anteriormente, a rivalidade era bastante unilateral, mas não havia mais dúvidas de que Gilbert estava tão determinado a ser o primeiro aluno da classe quanto Anne. Ele era um rival páreo à determinação dela. Os outros alunos da turma tacitamente reconheciam a superioridade deles, e jamais sequer sonhavam em competir com os dois.

Desde o dia no lago em que ela se recusara a ouvir o pedido de perdão dele, Gilbert, salvo a já mencionada rivalidade determinada, não demonstrara sequer reconhecer a existência de Anne Shirley. Ele conversava e fazia piadas com as outras meninas, trocava livros e charadas com elas, discutias as lições e os planos, e às vezes caminhava de volta para casa do encontro de oração ou do Clube de Oratória acompanhado de alguma delas. Mas Anne Shirley simplesmente era ignorada por ele, e Anne descobriu que não é agradável ser ignorada. E foi em vão que ela disse consigo mesma jogando a cabeça para o lado que não se importava. No fundo de seu pequeno e caprichoso coração feminino, ela sabia que de fato se importava, e que se aquela oportunidade do Lago das Águas Cintilantes surgisse outra vez, ela responderia de modo muito diferente. De uma vez só, aparentemente, e para a secreta consternação dela, ela descobriu que o antigo ressentimento que ela nutria por ele se esvaíra: se esvaíra logo quando ela mais precisava de seu poder apoiador. Foi em vão que ela recapitulou cada incidente e emoção daquela ocasião memorável e tentou sentir a velha e satisfatória raiva. Aquele dia no lago brilhara a última centelha espasmódica

dessa raiva. Anne deu-se conta de que havia perdoado e esquecido sem saber. Mas era tarde demais.

Mas pelo menos nem Gilbert ou qualquer outra pessoa, nem mesmo Diana, jamais suspeitaria o quanto ela lamentava e como ela desejava não ter sido tão orgulhosa e horrenda daquele jeito! Ela decidiu “ocultar suas emoções no mais profundo oblívio”, e pode-se afirmar aqui e agora que fez isso, e fez tão bem que Gilbert, talvez não fosse tão indiferente quanto aparentava ser, não pôde se consolar com qualquer crença de que Anne sentia seu retaliativo desdém. O único mísero consolo que ele tinha era o de que ela esnobava Charlie Sloane sem piedade, continuamente e sem razão.

No mais, o inverno passou com uma rodada agradável de deveres e estudos. Para Anne, os dias passaram rápido como se fossem contas douradas caindo do colar do ano. Ela estava feliz, ávida, interessada; havia lições a serem aprendidas e honrarias a serem conquistadas; encantadores livros para ler; novas músicas para serem ensaiadas para o coral da escola municipal; agradáveis tardes de sábado na casa paroquial com a senhora Allan; depois, quase antes que Anne se desse conta, a primavera retornara a Green Gables, e todo o mundo brotava mais uma vez.

Então, os estudos começaram a ficar um pouquinho cansativos; a classe da Queen's, que ficava na escola enquanto os outros corriam por trilhas verdes, atalhos na mata frondosa e bifurcações nos bosques, olhava com tristeza para fora das janelas e descobria que os verbos latinos e os exercícios de francês tinham de algum modo perdido a graça que tinham nos frios meses de inverno. Até mesmo Anne e Gilbert começaram a ficar para trás nos estudos, e ficaram mais indiferentes. Professora e alunos ficaram igualmente contentes quando o ano letivo acabou e eles tinham felizes dias de férias pela frente.

– Vocês fizeram um bom trabalho neste último ano – disse a eles a senhorita Stacy no último dia de aula –, e merecem boas e alegres férias. Desfrutem ao máximo do mundo exterior, e estoquem uma boa quantidade de saúde e vitalidade e ambição para acompanhar vocês ao longo do próximo ano letivo. Vai ser bem difícil, sabem, o último ano antes da prova.

– Você vai voltar a nos dar aulas ano que vem, senhorita Stacy? – perguntou Josie Pye.

Josie Pye jamais hesitava em fazer perguntas; nesta ocasião, o resto da turma se sentiu grato por ela; nenhum deles teria se atrevido a perguntar isso para a senhorita Stacy, mas todos queriam, pois havia boatos alarmantes

correndo soltos pela escola fazia algum tempo de que a senhorita Stacy não voltaria a dar aulas no próximo ano letivo, pois haviam oferecido a ela emprego na escola primária do distrito em que ela morava, e que ela tinha a intenção de aceitar a vaga. A classe da Queen's ouviu com um suspense ofegante a resposta dela.

– Sim, acho que vou – disse a senhorita Stacy. – Pensei em ir dar aula em outra escola, mas decidi voltar para Avonlea. Para falar a verdade, passei a sentir tanto interesse por meus alunos daqui que descobri que não seria capaz de abandoná-los. Então, vou ficar e terminar os estudos com vocês.

– Eba! – disse Moody Spurgeon. Moody Spurgeon jamais se deixara levar tanto assim por suas emoções, e ficou corado de modo incômodo por uma semana sempre que pensava nisso.

– Oh, fico muito feliz – disse Anne com olhos brilhantes. – Querida Stacy, seria perfeitamente terrível se a senhorita não voltasse. Não acho que eu teria coragem de prosseguir com meus estudos caso outro professor viesse para cá.

Quando Anne chegou em casa naquela noite, guardou todos os livros da escola em um velho baú no sótão, trancou-o e jogou a chave na caixa em que eram guardados os cobertores.

– Não vou sequer olhar para nada da escola durante as férias – falou ela para Marilla. – Estudei neste semestre o máximo que pude, e dediquei-me à geometria até que eu tivesse decorado cada proposição naquele primeiro livro, até mesmo quando as letras *mudam*. Simplesmente estou cansada de tudo o que é sensato, e vou deixar minha imaginação correr solta durante o verão. Oh, e não precisa ficar alarmada, Marilla. Vou deixá-la correr solta dentro de certos limites razoáveis. Mas quero me divertir bastante neste verão, pois talvez seja o último verão em que ainda serei menina. A senhora Lynde diz que, se eu continuar espichando ano que vem como espichei este ano, vou ter que passar a vestir saias mais longas. Ela diz que agora eu sou toda pernas e olhos. E quando eu vestir saias mais longas, vou sentir que tenho que fazer jus a elas e ser muito decorosa. E então receio que não será de bom-tom que eu acredite em fadas; então, vou acreditar nelas com todo o meu coração neste verão. Acho que vamos ter férias extremamente felizes. Ruby Gillis vai fazer uma festa de aniversário em breve, e tem o piquenique da escola dominical e o concerto dos missionários no mês que vem. E o senhor Barry diz que qualquer fim de tarde desses vai levar Diana e eu para o hotel White Sands para almoçarmos. Lá eles almoçam à noitinha, sabe. A

Jane Andrews esteve lá uma vez no verão passado, e diz que foi deslumbrante ver as luzes elétricas e as flores e todas as comensais com vestidos muito bonitos. Jane disse que foi o primeiro vislumbre que ela teve da alta-roda, e que jamais se esquecerá disso até que morra.

A senhora Lynde veio fazer uma visita na tarde seguinte para descobrir por que Marilla faltara à reunião da Associação de Caridade na quinta-feira. Quando Marilla faltava às reuniões da Associação de Caridade, as pessoas sabiam que havia algo de errado em Green Gables.

– Matthew se sentiu mal do coração na quinta – explicou Marilla –, e eu não quis deixá-lo aqui sozinho. Oh, sim, ele agora já melhorou, mas anda se sentindo mal com mais frequência do que de costume, e estou nervosa por ele. O médico diz que ele tem que tomar cuidado e evitar emoções fortes. Isso até que é fácil, pois Matthew não anda por aí atrás de emoções fortes, e nunca andou, mas ele também não deve fazer trabalhos pesados, e é mais fácil dizer a Matthew para parar de respirar do que de trabalhar. Entre e deixe suas coisas aqui, Rachel. Vai ficar para o chá?

– Visto que você está sendo tão insistente, talvez eu fique para o chá – disse a senhora Rachel, que não tinha a intenção de fazer qualquer outra coisa.

A senhora Rachel e Marilla estavam confortavelmente sentadas na sala de estar enquanto Anne preparava o chá e fazia pãozinhos quentes que eram leves e brancos⁶³ o bastante para desafiar até mesmo as críticas da senhora Rachel.

– Devo dizer que Anne provou ser uma menina bem esperta – admitiu a senhora Rachel, enquanto Marilla a acompanhava até o final da trilha no pôr do sol. – Ela deve ser de grande ajuda para você.

– Pois é mesmo – disse Marilla – e agora ela é mais séria e responsável. Eu costumava ter medo de que ela jamais superasse seus modos disparatados, mas os superou, e agora eu não teria medo de confiar qualquer coisa a ela.

– Jamais pensei que ela acabaria tão bem assim naquela primeira vez em que estive aqui faz três anos – disse a senhora Rachel. – Sinceramente, jamais me esquecerei daquele escândalo que ela deu! Quando voltei para casa naquela noite, disse ao Thomas: “Grave minhas palavras, Thomas, Marilla Cuthbert vai viver para amargar a decisão que tomou”. Mas eu estava errada, e fico muito contente por isso. Não sou do tipo de pessoa, Marilla, que jamais consegue admitir que cometeu um erro. Não, jamais fui

assim, graças a Deus. Realmente cometi um erro ao julgar Anne, mas não era de se espantar, pois o fato é que jamais existiu neste mundo bruxinha mais estranha e inesperada do que aquela criança. Não havia modo de decifrá-la seguindo regras que se aplicam às outras crianças. É incrível demais que ela tenha melhorado tanto assim nestes três anos, especialmente em relação à aparência. Ela está tão bonita quanto uma menina deve ser, mas não posso dizer que gosto muito daquele estilo pálido e de olhos grandes dela. Gosto de mais vivacidade e cores, como têm a Diana Barry ou a Ruby Gillis. A aparência de Ruby Gillis é realmente chamativa. Mas de algum modo... não sei como, mas quando Anne e elas estão juntas, apesar de ela não ter a metade da beleza das outras, ela faz com que as outras pareçam comuns e exageradas... o fato é que se trata de algo como aqueles lírios brancos que ela chama de narcisos, que crescem ao lado daquelas peônias vermelhas e grandes.

Sentada no chão com os joelhos afastados e os tornozelos cruzados. (N. T.)

Título inventado pela autora. Aqui ela fala de romances sensacionalistas. (N. T.)

Historicamente, a farinha branca era muito rara e valorizada, e consumida apenas pelas elites, mas não era uma farinha verdadeiramente branca, pois os moinhos de pedra não conseguiam separar o miolo das outras partes do trigo, gerando no máximo uma farinha bege depois de peneirada. A partir da década de 1880, com a invenção dos moinhos de ferro, aço e porcelana, tornou-se possível separar o gérmen e o farelo (marrons) do miolo (branco) do trigo, o que rendia uma farinha verdadeiramente branca e de validade muito maior, apesar de muito menos nutritiva do que a farinha integral. (N. T.)



ONDE O RIACHO E O RIO SE ENCONTRAM

Anne teve seu “bom” verão, e desfrutou dele com todo o coração. Ela e Diana praticamente viviam fora de casa, desfrutando todos os prazeres que ofereciam a Trilha dos Amantes e o Gorgolejo de Driade e a Ilha Vitória. Marilla não se opôs ao fato de Anne ficar ciganeando. O médico de Spencervale que veio na noite em que Minnie May teve crupe encontrou Anne na casa de um paciente certa tarde no começo das férias, olhou para ela de cima a baixo rapidamente, ficou em silêncio, balançou a cabeça e mandou por outra pessoa um recado para Marilla Cuthbert. O recado era o seguinte:

– Deixe essa sua menininha ruiva ficar ao ar livre o verão todo, e não deixe que ela fique lendo livros até que ganhe um pouco de vivacidade no caminhar.

Esse recado deixou Marilla completamente assustada. Ela interpretou que aquilo era o atestado de óbito por tuberculose de Anne caso as recomendações médicas não fossem seguidas à risca. Como resultado disso, Anne viveu o verão dourado de sua vida nos quesitos liberdade e diversão. Ela fez trilhas, remou, colheu frutinhas e sonhou acordada até que seu coração se saciasse; e quando setembro chegou, estava com olhos brilhantes e alerta, com passadas que satisfariam ao médico de Spencervale, e com o coração mais uma vez repleto de ambição e gosto.

– Estou com vontade de estudar com todo o meu afínco – declarou ela enquanto retirava seus livros do sótão. – Oh, meus velhos amigos, fico feliz por tornar a ver os seus rostos sinceros... sim, inclusive você, geometria. Meu verão foi perfeitamente lindo, Marilla, e agora me sinto alegre como um herói a correr o seu caminho,⁶⁴ como disse o senhor Allan no último domingo. O senhor Allan não faz sermões magníficos? A senhora Lynde diz que ele está melhorando a cada dia que passa, e sem que nos demos conta,

alguma igreja da cidade grande vai tirá-lo de nós, e aí ficaremos abandonados, e depois precisaremos trazer e amoldar outro pastor ainda verde. Mas não vejo de que adianta ficar se preocupando com essas coisas agora, não é, Marilla? Acho que seria melhor simplesmente desfrutar do senhor Allan enquanto ele está conosco. Se eu fosse homem, acho que seria pastor. Eles podem ter uma influência muito intensa para o bem, caso a teologia deles seja sólida; e deve ser emocionante fazer sermões esplêndidos e tocar o coração dos seus ouvintes. Por que as mulheres não podem ser pastoras, Marilla? Eu perguntei isso para a senhora Lynde, e ela ficou chocada e disse que isso seria escandaloso. Ela disse que até podia haver pastoras nos Estados Unidos, e que ela acreditava que havia, mas graças a Deus não tínhamos chegado a esse estágio no Canadá ainda, e ela espera que jamais cheguemos lá. Mas não entendo o motivo. Acho que mulheres dariam esplêndidas pastoras. Sempre que há alguma festa a se organizar, ou qualquer coisa para arrecadar dinheiro, recorre-se às mulheres, e são elas que fazem o trabalho. Tenho certeza de que a senhora Lynde pode rezar tão bem quanto o diretor Bell, e não tenho dúvida de que ela também seria capaz de fazer sermões, com um pouco de prática.

– Sim, acredito que sim – disse Marilla secamente. – De modo não oficial, ela já faz muitos sermões. Ninguém tem muita chance de dar errado em Avonlea com a supervisão da Rachel.

– Marilla – disse Anne em uma explosão de confiança –, quero lhe contar uma coisa, e pedir sua opinião sobre ela. Isso tem me deixado terrivelmente preocupada... nas tardes de domingo, quero dizer, que é quando mais penso nesse assunto. Eu realmente quero ser bem-comportada; e quando estou com você ou a senhora Allan ou a senhorita Stacy, quero isso mais do que nunca, e quero fazer exatamente aquilo que lhes agradaria e que vocês aprovariam. Mas quase sempre quando estou com a senhora Lynde me sinto desesperadamente perversa, como se eu quisesse fazer exatamente o que ela está me dizendo para eu não fazer. Sinto uma tentação irresistível de fazer isso. Então, qual você acha que é o motivo por trás disso que eu sinto? Você acha que é porque sou muito má e incorrigível?

Marilla pareceu estar em dúvida por um instante. Depois, ela riu.

– Se você é, então também sou, Anne, pois a Rachel com frequência provoca o mesmo efeito em mim. Às vezes, acho que ela teria uma influência melhor para o bem, como você diz, se não ficasse o tempo todo importunando os outros para que façam o que é certo. Deveria haver um

mandamento especial contra a importunação. Mas eu não deveria falar desse modo. A Rachel é uma boa cristã, e tem boas intenções. Não há alma mais bondosa em Avonlea, e ela nunca se esquivava de fazer sua parte do trabalho.

– Fico muito contente que você sinta a mesma coisa – disse Anne com determinação. – É muito estimulante. Depois de ouvir isso, já não ficarei mais tão preocupada. Mas atrevo-me a dizer que terei outras preocupações. Elas ficam surgindo o tempo todo... coisas que lhe deixam perplexa, sabe. Você resolve uma questão e logo depois surge outra. Tem coisas demais a serem pensadas e decididas quando você começa a ficar adulta. Fico ocupada o tempo todo repensando nelas e decidindo o que é certo. Tornar-se adulta é uma coisa muito séria, não é, Marilla? Mas tendo amigos tão bons quanto você, Matthew, a senhora Allan e a senhorita Stacy, eu deveria me tornar uma boa adulta, e, caso isso não aconteça, terei certeza de que a culpa foi minha. Sinto que é uma responsabilidade enorme porque só tenho uma única chance. Se eu não me tornar uma adulta correta, não posso voltar atrás e recomeçar. Cresci 5 centímetros este verão, Marilla. O senhor Gillis mediu a minha altura na festa da Ruby. Estou muito feliz que você tenha feito o meu vestido novo mais longo. Aquele verde-escuro é lindo demais, e foi muito gentil da sua parte ter acrescentado a ele os folhos. É claro que sei que não era de fato necessário, mas os folhos estão muito na moda neste outono, e a Josie Pye tem folhos em todos os seus vestidos. Sei que serei capaz de estudar melhor com meu vestido. No fundo da minha mente, terei uma sensação cômoda em relação a esses folhos.

– E isso é uma coisa que vale a pena ter – admitiu Marilla.

A senhorita Stacy voltou para a escola de Avonlea e encontrou seus alunos ávidos por voltar a estudar. A classe da Queen's preparou-se especialmente para a batalha vindoura, pois ao final do ano letivo, já ensombrando o caminho deles, a fatídica coisa conhecida como a “Prova de Admissão” assomava, e só de pensar nisso, cada um deles sentia o coração afundar até os sapatos. E se não passassem?! Este pensamento estava fadado a assombrar Anne ao longo de todas as horas que passaria desperta naquele inverno, inclusive durante as tardes de domingo, até que excluísse quase por completo qualquer pensamento relacionado a questões morais ou teológicas. Quando Anne tinha pesadelos, via-se olhando fixamente para a lista de aprovados, na qual o nome de Gilbert Blythe fulgurava no topo, e o dela sequer aparecia.

Mas foi um inverno alegre, atarefado, feliz e veloz. Os estudos na escola eram tão interessantes quanto antes, e a rivalidade entre os alunos, tão envolvente quanto no passado. Novos mundos de pensamento, sensação e ambição, e novos campos fascinantes de conhecimento inexplorado pareciam se abrir diante dos olhos ávidos de Anne.

“Colinas espreitavam sobre colinas, e alpes se erguiam sobre alpes.”⁶⁵

Muito disso se devia à orientação diplomática, cuidadosa e liberal da senhorita Stacy. Ela fazia a sua classe pensar e explorar e descobrir por eles mesmos, e os estimulava a sair dos caminhos já batidos em um nível que chocava muito a senhora Lynde e os membros do conselho escolar, que viam com hesitação todas as inovações de métodos estabelecidos.

Além dos estudos, Anne expandiu seus horizontes socialmente, pois Marilla, ciente do que havia dito o médico de Spencervale, já não vetava saídas ocasionais. O Clube de Oratória prosperou e organizou vários concertos; houve uma ou duas festas que quase pareceram eventos para adultos; houve muitos passeios de trenó e brincadeiras patinando no gelo.

Nesse meio tempo, Anne cresceu, espichando tão rapidamente que Marilla certo dia ficou impressionada, quando estavam lado a lado, ao ver que a menina já estava mais alta do que ela.

– Ora, Anne, como você cresceu! – disse ela quase incrédula. Um suspiro se seguiu ao comentário. Marilla teve um ressentimento estranho em relação à altura de Anne. A criança que ela aprendera a amar desaparecera de algum modo, e no lugar dela estava aquela moça alta, de olhos sérios, com 15 anos, com as sobranceiras pensativas e a cabecinha orgulhosamente equilibrada. Marilla amava a moça tanto quanto amara a criança, mas tinha ciência de que sentia uma estranha sensação de perda. E naquela noite em que Anne havia ido ao encontro de oração com Diana, Marilla sentou-se sozinha em meio ao crepúsculo invernal e se permitiu a fraqueza de um choro. Matthew, entrando com um lampião, pegou-a em flagrante e olhou para ela com tanta consternação que Marilla teve que rir em meio ao choro.

– Eu estava pensando na Anne – Explicou ela. – Ela virou uma moça crescida... e provavelmente estará longe de nós no próximo inverno. Vou sentir uma saudade terrível dela.

– Mas ela poderá vir com frequência para casa – consolou Matthew, para quem Anne ainda era e sempre seria a menininha ávida que ele trouxera de Bright River para casa naquele fim de tarde de junho fazia quatro anos. – Quando chegar essa época, a ferrovia até Carmody já vai ter sido construída.

– Não vai ser a mesma coisa que ter ela aqui o tempo todo – suspirou tristemente Marilla, determinada a desfrutar do luxo de seu luto sem consolo. – Mas é sempre assim: os homens não conseguem entender essas coisas!

Havia outras mudanças em Anne que não eram menos reais do que a mudança física. Por um lado, ela se tornou muito mais calada. Talvez continuasse pensando ainda mais, e sonhando tanto quanto antes, mas certamente falava menos. Marilla também reparou e comentou sobre isso.

– Você já não tagarela tanto quanto antes, Anne, nem usa mais tantas palavras difíceis. O que houve com você?

Anne ficou um tanto corada e riu de leve, à medida que largava o livro e olhava distraidamente para fora da janela, onde grandes e robustos botões vermelhos explodiam da trepadeira em reação à atração provocada pela luz do sol da primavera.

– Não sei... não tenho vontade de falar mais tanto assim – disse ela, pressionando pensativa o queixo com o dedo indicador. – É melhor ter pensamentos lindos e queridos e guardá-los em seu coração, feito tesouros. Não gosto que riam ou se espantem com meus pensamentos. E, de algum modo, não tenho mais vontade de usar palavras difíceis. É quase uma pena, não é mesmo? Agora que de fato estou ficando adulta o bastante para dizê-las se de fato desejasse. De certo modo, é divertido ser quase adulta, mas não é o tipo de diversão que eu esperava, Marilla. Há tanto a aprender e fazer e pensar que não há tempo para palavras difíceis. Além do mais, a senhorita Stacy diz que as palavras fáceis são melhores e mais fortes. Ela nos faz escrever todas as nossas redações da maneira mais simples possível. A princípio, foi difícil. Eu estava muito acostumada a preencher o texto com todas as refinadas e difíceis palavras que eu conhecia... e me ocorriam muitas delas. Mas agora já me acostumei a usar palavras mais simples, e vejo que é bem melhor.

– E o que houve com o seu clube de contos? Faz tempo que não ouço você falar dele.

– O clube dos contos já não existe mais. Não tínhamos tempo para ele... e, de todo o modo, acho que nos cansamos dele. Era uma bobagem ficar escrevendo sobre amor e assassinatos e amantes em fuga e mistérios. A senhorita Stacy às vezes pede que escrevamos uma história para praticar redação, mas não nos deixa escrever sobre nada além do que talvez venha a acontecer em Avonlea e nas nossas vidas, e faz críticas severas aos nossos

textos, e faz com que nós mesmos também os critiquemos. Jamais pensei que minhas redações tivessem tantos defeitos até que eu mesma comecei a procurar por eles. Senti tanta vergonha que queria desistir de escrever, mas a senhorita Stacy disse que eu poderia aprender a escrever bem se treinasse a mim mesma para ser a minha mais severa crítica. E é isso que estou tentando fazer.

– Faltam apenas dois meses para a prova de seleção – disse Marilla. – Você acha que vai conseguir passar?

Anne teve um calafrio.

– Não sei. Às vezes acho que vou me sair razoavelmente... e depois sinto um medo terrível. Estudamos com afinco, e a senhorita Stacy nos sabatinou minuciosamente, mas, mesmo depois de tudo isso, talvez não passemos na prova. Cada um de nós tem um obstáculo próprio. O meu é a geometria, é claro, e o da Jane é latim, e o da Ruby e do Charlie é álgebra, e o da Josie é aritmética. O Moody Spurgeon diz que sente no âmago que vai reprovar em história da Inglaterra. A senhorita Stacy nos aplicará em junho provas tão difíceis quanto as de seleção, e as corrigirá com a mesma severidade; então, teremos alguma ideia de como vamos nos sair na prova de verdade. Queria que tudo isso já tivesse passado, Marilla. Isso me atormenta. Às vezes, acordo no meio da noite e fico pensando no que vou fazer se não passar.

– Ora, voltar para a escola no próximo ano letivo e tentar fazer a prova de novo – disse Marilla sem preocupação.

– Oh, não acho que eu teria coragem. Seria uma desgraça enorme se eu não passar, especialmente se o Gil... se os outros passarem. E geralmente fico tão nervosa durante as provas que é provável que me confunda toda. Queria ter nervos como os da Jane Andrews. Nada a abala.

Anne suspirou e, desviando os olhos dos feitiços do mundo primaveril, do atraente dia de brisa e tempo limpo, e das coisas verdes que despontavam no jardim, mergulhou com determinação em seu livro. Haveria outras primaveras, mas se ela não conseguisse passar na prova de seleção, Anne estava convencida de que jamais se recuperaria o bastante para desfrutar dessas primaveras vindouras.

Referência a Salmos, 19:5: “O qual é como um noivo que sai do seu tálamo, e se alegra como um herói, a correr o seu caminho.” (N. T.)

Alusão a um verso do poema “An Essay on Criticism” (“Um ensaio sobre a crítica”), de Alexander Pope, publicado originalmente em 1711: “Hills peep o’er hills, and Alps on Alps arise!” (“Colinas espreitam sobre colinas, e alpes se erguem sobre alpes”). (N. T.)



SAI A LISTA DE APROVADOS

Com o fim de junho, chegou o fim do semestre e o fim do reinado da senhorita Stacy na escola de Avonlea. Anne e Diana de fato voltaram para casa se sentindo muito sérias. Olhos injetados e lenços úmidos depunham de modo convincente sobre o fato de que o discurso de despedida da senhorita Stacy deve ter sido tão comovente quanto o do senhor Phillips havia sido sob circunstâncias similares fazia três anos. Diana olhou de volta para a escola do pé da coluna de píceas e suspirou fundo.

– Parece mesmo que é o fim de tudo, não é? – disse ela de modo muito triste.

– Você não deveria se sentir tão mal assim – disse Anne, procurando em vão por um trecho seco em seu lenço. – Você voltará para cá no próximo inverno, mas presumo que eu tenha deixado a querida e velha escola para sempre... quero dizer, isso se eu tiver sorte.

– Não vai ser nem um pouco igual. A senhorita Stacy não vai estar aqui, nem você, nem a Jane, e provavelmente nem a Ruby. Vou ter que me sentar sozinha, pois não suportaria dividir a carteira com ninguém mais depois de você. Oh, nós nos divertimos muito, não é mesmo, Anne? É terrível pensar que tudo se acabou.

Duas lágrimas gordas escorreram pelo nariz de Diana.

– Se você parasse de chorar, eu também conseguiria parar – disse Anne, suplicante. – Assim que guardo o meu lenço, vejo que você está prestes a chorar de novo, e também recomeço. Como diz a senhora Lynde: “Se você não consegue ficar alegre, fique o mais alegre que conseguir”. No fim das contas, atrevo-me a dizer que vou voltar para cá no ano que vem. Este é um dos momentos em que *sei* que não vou passar. Esses momentos estão se tornando assustadoramente frequentes.

– Ora, mas você teve um desempenho esplêndido nas provas aplicadas pela senhorita Stacy.

– Sim, mas aquelas provas não me deixaram nervosa. Quando penso na prova de verdade, você não pode imaginar o frio terrível que sinto na barriga. Além do mais, meu número de inscrição é 13, e a Josie Pye diz que isso dá muito azar. *Não* sou supersticiosa, e sei que isso não pode fazer a menor diferença. Ainda assim, queria que meu número não fosse 13.

– Eu queria ir com você – falou Diana. – Não acha que viveríamos momentos perfeitamente elegantes? Mas presumo que você vai ter que estudar muito à noite.

– Não, a senhorita Stacy nos fez prometer que sequer abriríamos um livro. Ela disse que isso apenas nos deixaria cansados e confusos, e que deveríamos fazer passeios e não pensar nas provas e dormir cedo. É um bom conselho, mas acho que vai ser difícil de seguir; bons conselhos são mais fáceis de dar do que de seguir, eu acho. Prissy Andrews me disse que passou metade de cada noite na semana anterior à prova de seleção dela estudando como se não houvesse amanhã; e eu estava decidida a *no mínimo* fazer a mesma coisa que ela. Foi gentileza de sua tia Josephine me convidar para ficar em Beechwood enquanto eu estiver no centro da cidade.

– Você vai me escrever quando chegar, não é?

– Vou escrever terça-feira à noite contando como foi o primeiro dia – prometeu Anne.

– Vou ficar que nem uma alma penada assombrando os correios na quarta-feira – jurou Diana.

Anne foi para o centro da cidade na segunda-feira seguinte, e na quarta-feira, Diana foi assombrar os correios, conforme combinado, e recebeu a carta da amiga.

“Queridíssima Diana”

“Aqui é noite de terça-feira, e estou escrevendo isto na biblioteca de Beechwood. Ontem à noite me senti terrivelmente solitária em meu quarto, e desejei muito que você estivesse aqui comigo. Não fiquei estudando porque prometi à senhorita Stacy não fazer isso, mais foi tão difícil não abrir meu livro de história quanto costumava ser não ler um conto antes de estudar as lições.

“Esta manhã, a senhorita Stacy veio me buscar e fomos para a Academia, e buscamos Jane, Ruby e Josie no caminho. Ruby pediu-me que sentisse as mãos dela, e estavam frias como gelo. Josie disse que eu parecia não ter pregado os olhos, e que não achava que eu era forte o bastante para aguentar o rolo compressor do curso normal, nem se eu passasse na prova. Tem

épocas e momentos até hoje em que não sinto que eu tenha de fato avançado em meu aprendizado como Josie Pye!

“Quando chegamos à Academia, havia grupos e mais grupos de estudantes de toda a ilha. A primeira pessoa que vimos foi Moody Spurgeon sentado nos degraus murmurando consigo mesmo. Jane perguntou a ele o que diabos eles estava fazendo, e ele disse que estava repetindo várias vezes a tabuada de multiplicação para acalmar os nervos, e pediu por piedade que não fosse interrompido, pois, se parasse por um segundo, ficava com medo e esquecia tudo o que sabia, mas que a tabuada de multiplicação mantinha todos os fatos firmes em seu devido lugar na mente dele!

“Quando indicaram as nossas salas, a senhorita Stacy teve que nos deixar. Jane e eu nos sentamos juntas, e ela estava tão tranquila que tive inveja dela. A boa, estável e sensata Jane não precisa de nenhuma tabuada de multiplicação! Perguntei-me se minha aparência estava parecida com o modo como eu me sentia. E se as pessoas conseguiam ouvir o meu coração palpitando por toda a sala. Em seguida, um homem entrou e começou a distribuir as provas de inglês. Minhas mãos ficaram frias, e fiquei muito tonta quando peguei a prova. Foi um momento simplesmente horrível – Diana, senti-me do mesmo modo que há quatro anos, quando perguntei à Marilla se eu poderia ficar em Green Gables –, e depois tudo ficou claro em minha mente, e meu coração tornou a bater (me esqueci de dizer que ele simplesmente havia parado de bater!), pois eu soube que alguma coisa eu seria capaz de fazer *naquela* prova.

“Ao meio-dia, fomos para casa almoçar, e depois voltamos para a prova de história à tarde. A prova de história foi muito difícil, e fiquei terrivelmente confusa com as datas. Ainda assim, acho que me saí razoavelmente bem hoje. Mas, oh, Diana, amanhã é o dia da prova de geometria, e quando penso nela, cada partícula de determinação que tenho de não abrir o livro de geometria se esvai. Se eu achasse que a tabuada de multiplicação pudesse me ajudar, repetiria ela de agora até a manhã.

“Fui visitar as outras meninas no fim da tarde. No caminho, encontrei Moody Spurgeon andando a esmo e distraído pela rua. Ele disse que sabia que seria reprovado em história, e que havia nascido para ser uma decepção para os seus pais, e que voltaria para casa no trem da manhã; e que, de todo o modo, seria mais fácil ser carpinteiro do que pastor. Eu o animei e o convenci a ficar até o fim das provas, porque não seria justo com a senhorita

Stacy se ele desistisse. Às vezes, eu queria ter nascido menino, mas quando vejo Moody Spurgeon, sempre fico feliz por ser menina e não ser irmã dele.

“Ruby estava histérica quando cheguei na hospedaria delas; ela acabara de descobrir um erro horrível que cometera na prova de inglês. Depois que se recuperou, saímos e comemos sorvete. Desejamos muito que você estivesse aqui conosco.

“Oh, Diana, se pelo menos a prova de geometria já tivesse passado! Mas, como diria a senhora Lynde, o Sol vai seguir nascendo e se pondo quer eu passe ou não na prova de geometria. Isso é verdade, mas não é exatamente consolador. Eu acho que preferia que ele não nascesse e se pusesse, se eu for reprovada!

“De sua amiga devota,
Anne”.

A prova de geometria e todas as outras terminaram em seu devido tempo, e Anne chegou em casa no fim de tarde de sexta, muito cansada, mas com um ar de triunfo atenuado. Diana estava em Green Gables quando ela chegou, e elas se cumprimentaram como se não se vissem há anos.

– Minha velha e querida amiga, é perfeitamente esplêndido revê-la. Parece que faz séculos desde que você foi ao centro da cidade, e, oh, Anne, como você se saiu?

– Muito bem, eu acho, em tudo, menos na geometria. Não sei se eu passei ou não, mas tenho um pressentimento ruim de que não passei. Oh, como é bom estar de volta! Green Gables é o lugar mais querido e adorável no mundo.

– E como se saíram os outros?

– As meninas disseram que sabem que não passaram, mas acho que se saíram muito bem. Josie diz que a prova de geometria estava tão fácil que uma criança de 10 anos seria capaz de fazê-la! Moody Spurgeon ainda acha que vai ser reprovado em história, e Charlie diz que acha que não vai passar em álgebra. Mas, na verdade, não sabemos nada ainda sobre isso, e só saberemos depois que sair a lista de aprovados. E isso só vai acontecer daqui a duas semanas. Imagine viver essas duas semanas de suspense! Queria eu poder dormir e só acordar depois que tudo já tenha acabado.

Diana sabia que seria inútil perguntar como Gilbert Blythe havia se saído; então, ela simplesmente disse:

– Oh, você vai passar sim. Não se preocupe.

– Eu preferia não passar se meu nome não estiver entre os primeiros da lista – disparou Anne, querendo dizer – e Diana sabia que ela queria dizer que o sucesso seria incompleto e amargo se ela tivesse uma colocação inferior à de Blythe.

Com essa perspectiva em mente, Anne esforçara-se ao máximo durante as provas. E Gilbert também. Eles cruzaram um com o outro na rua uma dezena de vezes sem se cumprimentar, e a cada vez Anne erguera sua cabeça um pouquinho mais alto, e desejara com um pouco mais de sinceridade que tivesse ficado amiga de Gilbert quando ele lhe pedira isso, e jurara com um pouco mais de determinação se sair melhor do que ele nas provas. Ela sabia que toda a juventude de Avonlea estava se perguntando quem sairia na frente; ela inclusive sabia que Jimmy Glover e Ned Wright haviam feito uma aposta sobre isso, e que Josie Pye dissera que não havia dúvidas no mundo de que Gilbert sairia na frente; e Anne sentiu que sua humilhação seria insuportável caso ela fracassasse.

Mas ela tinha outro motivo mais nobre para querer se sair bem nas provas. Queria ter uma boa colocação para deixar Matthew e Marilla orgulhosos – especialmente Matthew. Matthew declarara para ela a sua convicção de que ela “se sairia melhor do que todos na ilha”. Isso, pensava Anne, era uma esperança tola de nutrir, algo com que ela jamais sequer sonharia. Mas ela de fato esperava ardentemente passar entre os dez primeiros colocados pelo menos, para que pudesse ver os gentis olhos castanhos de Matthew brilhar de orgulho pela conquista dela. Isso, pensava ela, seria de fato uma doce recompensa por todo o trabalho duro e dedicação paciente a equações e conjugações nada inspiradoras.

Ao final das duas semanas, Anne também passou a “assombrar” os correios, na companhia de Jane, Ruby e Josie, abrindo os diários de Charlottetown com mãos trêmulas, e com tanto frio na barriga quanto aquele sentido na semana das provas. Charlie e Gilbert também fizeram a mesma coisa, mas Moody Spurgeon estava determinado a ficar distante disso.

– Não tenho coragem de ir para lá e olhar para um papel a sangue-frio – contou ele para Anne. – Simplesmente vou esperar que alguém subitamente apareça e me diga se passei ou não.

Depois que três semanas já haviam se passado sem que a lista de aprovados chegasse, Anne começou a sentir que de fato não suportaria aquela tensão por muito mais tempo. Seu apetite desapareceu, e seu interesse pelos acontecimentos de Avonlea diminuiu muito. A senhora Lynde queria

saber o que mais poderia se esperar quando um secretário de Educação do Partido Conservador era quem estava no comando daquele assunto, e Matthew, reparando na palidez e nos passos arrastados que traziam Anne de volta para casa dos correios todas as tardes, começou seriamente a pensar se não seria melhor ele votar no Partido Liberal nas próximas eleições.

Mas a notícia chegou certo fim de tarde. Anne estava sentada em sua janela aberta, momentaneamente alheia aos sofrimentos relacionados às provas e às preocupações mundanas, enquanto absorvia a beleza do crepúsculo estival, com o aroma doce das flores do jardim abaixo e o sibilante farfalhar dos álamos ao vento. O céu a leste sobre os abetos estava levemente tingido de rosa por conta do reflexo da luz que vinha do oeste, e Anne estava distraidamente pensando se aquela era a cor do espírito das cores quando viu Diana voando por entre os abetos, cruzando a ponte e subindo a inclinação, balançando um jornal em uma das mãos.

Anne ficou de pé com um pulo, pois imediatamente soube o que continha aquele jornal. A lista de aprovados tinha saído! Ela ficou tonta e seu coração bateu até doer. Ela não conseguiu dar um passo. Para ela, pareceu ter passado uma hora até que Diana viesse correndo pelo corredor e entrasse no quarto sem sequer bater na porta, tamanho era o entusiasmo dela.

– Anne, você passou – exclamou ela –, passou em *primeiro lugar*... tanto você quanto o Gilbert... vocês tiveram a mesma pontuação... mas seu nome saiu em primeiro na lista. Oh, estou orgulhosa demais!

Diana atirou-se junto com o jornal na cama de Anne, totalmente sem fôlego e incapaz de falar mais nada. Anne acendeu o lampião, derrubando a caixinha de metal com os fósforos e usando mais de meia dúzia deles antes que suas mãos trêmulas conseguissem acender o lampião. Em seguida, pegou o jornal. Sim, ela havia passado: lá estava o nome dela no topo de uma lista de duzentos nomes! Valeu a pena viver aquele momento.

– Você se saiu esplendidamente bem, Anne – ofegou Diana, recobrando fôlego o suficiente para se sentar e falar, pois Anne, extasiada e com olhos sonhadores, não dissera palavra. – Papai levou o jornal de Bright River para casa não faz dez minutos – ele foi distribuído no trem da tarde, sabe, e só vai chegar nos correios aqui amanhã –, e quando vi a lista de aprovados, vim correndo para cá feito uma louca. Todos vocês passaram, todos mesmo, até Moody Spurgeon, mas ele vai ter que refazer a prova de história como condição para entrar. Jane e Ruby se saíram muito bem – elas estão na metade superior da lista –, e Charlie também. A Josie passou raspando por

três décimos, mas você sabe que ela vai se gabar como se tivesse passado em primeiro lugar. A senhorita Stacy não vai ficar encantada? Oh, Anne, qual é a sensação de ver o seu nome assim, no topo da lista de aprovados? Se fosse comigo, sei que eu ficaria louca de alegria. Já sou quase louca de todo o modo, mas você está tão calma e tranquila quanto um fim de tarde de primavera.

– Estou simplesmente deslumbrada por dentro – disse Anne. – Quero dizer centenas de coisas, mas não consigo encontrar as palavras para dizê-las. Jamais sequer sonhei com isso... quero dizer, sim, sonhei sim, só uma vez! Permiti-me esse pensamento *uma vez*: “E se eu passar em primeiro lugar?”; e fiz isso tremendo, sabe, pois parecia muita vaidade e presunção pensar que eu poderia sair em primeiro lugar na ilha. Dê-me licença um instante, Diana. Tenho que correr para a plantação para contar para o Matthew. Depois, subimos a estrada e contamos aos outros.

Elas se apressaram até a plantação de feno abaixo do celeiro, onde Matthew estava juntando tufos de feno, e, por sorte, a senhora Lynde estava conversando com Marilla na cerca que separava a trilha da propriedade.

– Oh, Matthew – exclamou Anne –, eu passei, e em primeiro lugar... em um dos primeiros lugares! Não sou vaidosa, mas me sinto agradecida.

– Bem, eu sempre disse que isso aconteceria – falou Matthew, olhando fixamente e com prazer para a lista de aprovados. – Eu sabia que você ia passar na frente deles com facilidade.

– Devo admitir que você se saiu muito bem, Anne – disse Marilla, tentando esconder o extremo orgulho que sentia por Anne dos olhos críticos da senhora Rachel. Mas aquela boa alma disse de modo efusivo:

– Ela se saiu bem, e não sou eu quem vai deixar de dizer isso. O fato é que você faz jus aos amigos que tem, Anne, e estamos todos muito orgulhosos de você.

Naquela noite, Anne, que terminou a deliciosa noite com uma conversa séria e breve com a senhora Allan na casa paroquial, ajoelhou-se docemente em frente à sua janela aberta em um grande clarão de luar e murmurou uma oração em agradecimento e avidez que veio do fundo de seu coração. A oração continha gratidão pelo passado e desejos reverentes para o futuro; e quando Anne dormiu com a cabeça em seu travesseiro branco, seus sonhos foram tão agradáveis, brilhantes e bonitos quanto a donzelice poderia desejar.



O CONCERTO DO HOTEL

– De todo o modo, vista o seu vestido de organdi branco, Anne – aconselhou Diana com determinação.

Elas estavam juntas no quarto do frontão leste; do lado de fora havia apenas o crepúsculo: um adorável crepúsculo verde-amarelado e um céu azul sem nuvens. Uma enorme lua redonda, lentamente mudando o seu brilho pálido para um prateado lustroso, pendia sobre a Mata Assombrada; o ar estava repleto de sons doces do verão: pássaros sonolentos piando, brisas estranhas, e vozes e risadas ao longe. Mas, no quarto de Anne, a persiana estava fechada e o lampião, aceso, pois uma importante toalete estava sendo feita.

O frontão leste era um lugar muito diferente do que tinha sido naquela noite fazia quatro anos, quando Anne sentira o vazio dele penetrar na medula de seu espírito com seu frio inóspito. Mudanças foram sendo feitas lentamente, com Marilla resignadamente fazendo vista grossa para elas, até que o quarto se tornara um ninho tão doce e delicado quanto uma moça poderia desejar.

O carpete de veludo com estampa de rosas e as cortinas de seda rosa das primeiras visões de Anne certamente jamais se concretizaram; mas os sonhos dela haviam acompanhado o passo do seu crescimento, e ela provavelmente não lamentava não ter conseguido decorar o quarto como inicialmente queria. O chão era coberto por um tapete bonito, e as cortinas que suavizavam a luz que entrava pelas janelas altas e se agitavam com as brisas errantes eram de musselina verde pastel estampada. As paredes, que não eram cobertas por tapeçarias de brocados de ouro e prata, mas por um delicado papel com estampa de botões de macieira, eram decoradas com alguns bons retratos dados para Anne pela senhora Allan. A foto da senhorita Stacy ocupava o lugar de honra, e Anne, em um gesto sentimental, sempre deixava flores frescas no suporte embaixo da foto. Naquela noite,

uma espiga de lírios brancos perfumava de leve o quarto como se fosse o sonho de uma fragrância. Não havia “móveis de mogno”, mas havia uma estante pintada de branco e abarrotada de livros, uma cadeira de balanço de palha com almofada, um lavabo com folhos de musselina branca e um delicado espelho de moldura dourada com roliços cupidos rosa e uvas roxas pintadas sobre o arco no topo dele, que costumava ficar no quarto sobressalente, e uma cama branca baixa.

Anne estava se vestindo para um concerto no hotel White Sands. Os hóspedes do hotel o haviam organizado para arrecadar dinheiro para o hospital de Charlottetown, e haviam caçado todos os talentos amadores disponíveis nos distritos das redondezas para ajudar a compor o elenco. Bertha Sampson e Pearl Clay, do coral batista de White Sands, foram convidadas a cantar um dueto; Milton Clark, de Newbridge, faria um solo de violino; Winnie Adella Blair, de Carmody, cantaria uma balada escocesa; e Laura Spencer, de Spencervale, e Anne Shirley, de Avonlea, iriam recitar.

Como teria dito Anne no passado, aquilo marcou “uma época em sua vida”, e ela ficou deliciosamente emocionada com a animação daquilo. Matthew estava no sétimo céu do orgulho agradecido por conta da honra conferida à sua Anne, e Marilla não ficava muito atrás, apesar de que morreria antes de admitir isso, e disse que não achava que era decoroso que um monte de jovens ficasse perambulando pelo hotel sem a supervisão de um responsável.

Anne e Diana iriam para lá com Jane Andrews e seu irmão Billy na caleche deles; e vários outros rapazes e moças de Avonlea também iriam. Um grupo de visitantes de fora da cidade era esperado, e depois do concerto um jantar seria oferecido aos que se apresentaram.

– Você realmente acha que o vestido de organdi vai ficar melhor? – indagou ansiosamente Anne. – Não acho que ele seja tão bonito quanto o de musselina azul com flores... e certamente não está tão na moda quanto ele. – Mas ele cai muito melhor em você – disse Diana. – Ele é muito macio, tem babados e é mais justo ao corpo. O de musselina é retesado, e deixa você com uma aparência arrumada demais. Mas o de organdi parece que se formou no seu próprio corpo.

Anne suspirou e cedeu. Diana estava começando a ganhar uma reputação por ter bom gosto para se vestir, e os conselhos dela em relação a este assunto eram muito procurados. Ela mesma estava muito bonita naquela noite em particular, com um vestido do tom lindo das rosas silvestres, o qual

Anne estava eternamente proibida de usar, mas Diana não faria parte do concerto, então, a aparência dela não tinha tanta importância assim. Todos os esforços dela foram dedicados a Anne, que ela jurou, pelo bem de Avonlea, que deveria estar vestida, penteada e com acessórios que agradariam ao gosto da rainha.

– Puxe um pouco mais para fora este babado... assim; pronto, deixe-me amarrar sua faixa; agora, as sapatilhas. Vou fazer duas tranças grossas no seu cabelo e amarrar grandes laçarotes brancos na metade da extensão delas... não, não coloque um cacho que seja sobre a sua testa... deixemos ela limpa. Esse é o penteado que lhe cai melhor, Anne, e a senhora Allan diz que você parece uma madona quando faz esse penteado. Vou prender esta pequena rosa branca da estufa lá de casa atrás da sua orelha. Havia só uma no arbusto, e guardei-a pra você.

– Devo colocar o colar de contas de madreperla? – perguntou Anne. – Matthew me trouxe uma fileira de contas do centro da cidade na semana passada, e sei que ele gostaria de me ver usando-as.

Diana franziu os lábios, jogou a cabeça para o lado em um gesto crítico, e depois se pronunciou a favor das contas, que então foram amarradas em volta da fina garganta branca como leite de Anne.

– Tem algo de muito elegante em relação a você, Anne – disse Diana com uma admiração nada invejosa. – Você ergue a cabeça com um certo *donaire*. Presumo que seja a sua silhueta. Já eu tenho um corpo roliço. Sempre tive medo de que isso fosse me acontecer, mas agora sei que é verdade. Bem, presumo que terei de me resignar.

– Mas você tem covinhas muito lindas – comentou Anne, sorrindo afetuosamente para o rosto lindo e vivaz muito perto do dela. – Adoráveis covinhas, como pequenas depressões em creme chantili. Já perdi as esperanças de ter covinhas. Meu sonho de ter covinhas jamais se realizará, mas tantos outros sonhos meus se realizaram que não posso me queixar. E agora, já estou pronta?

– Prontinha – garantiu Diana, enquanto Marilla aparecia na porta, uma figura magérrima, mais grisalha do que antes e com mais rugas, mas com um rosto muito mais brando. – Entre já e olhe para a sua declamadora, Marilla. Ela não está adorável?

Marilla emitiu um som entre um bufo e um resmungo.

– Ela está bem-arrumada e decorosa. Gosto desse penteado nela. Mas aposto que ela vai estragar esse vestido com a poeira e o orvalho da viagem, e ele parece fino demais para estas noites úmidas. De todos os modos, organdi é o tecido de menos serventia no mundo, e eu disse isso ao Matthew quando ele o comprou. Mas hoje em dia já não adianta dizer nada ao Matthew. Já se foi a época em que ele dava ouvido aos meus conselhos; agora, simplesmente compra coisas para a Anne sem se importar com a minha opinião, e os vendedores de Carmody sabem que podem vender qualquer coisa para ele. Basta que lhe digam que alguma coisa é bonita e está na moda, que ele abre o bolso e paga o que for. Preste atenção para manter sua saia longe das rodas da caleche, Anne, e vista aquele seu casaco quente.

Em seguida, Marilla foi devagar para o andar de baixo, pensando com orgulho na aparência doce que Anne tinha, com aquele...

“Único raio de luar da testa ao alto da cabeça”,⁶⁶ e se arrependendo de não poder ir ao recital para ouvir a sua menina recitar.

– Será que de fato *está* muito úmido para eu usar este vestido? – perguntou ansiosamente Anne.

– Nem um pouco – respondeu Diana, abrindo a persiana. – Está uma noite perfeita, e não vai ter orvalho nenhum. Olhe só para o luar.

– Fico muito feliz que minha janela dê para o leste, para o nascer do sol – comentou Anne, indo até Diana. – É esplêndido demais ver a manhã raiar sobre essas compridas colinas, e brilhar por entre a copa pontiaguda daqueles abetos. É diferente a cada manhã, e sinto como se eu lavasse a minha própria alma naquele banho dos primeiros raios de sol. Oh, Diana, amo muito este quartinho. Não sei como viverei sem ele quando eu for para o centro da cidade no mês que vem.

– Não fale de sua partida esta noite – implorou Diana. – Não quero pensar nisso, me deixa muito infeliz, e de fato quero me divertir esta noite. O que vai recitar, Anne? Está nervosa?

– Nem um pouco. Já recitei tantas vezes em público que hoje em dia nem me importo. Decidi recitar “O voto da donzela”.⁶⁷ É patético demais. Laura Spencer vai recitar uma peça cômica, mas prefiro fazer as pessoas chorarem a rirem.

– E o que você vai recitar se lhe pedirem bis?

– Eles nem vão sonhar em pedir bis para mim – desdenhou Anne, que nutria secretamente esperanças de que lhe pedissem bis, e já via a si mesma contando isso para Matthew na mesa do café da manhã seguinte. – Billy e Jane chegaram, estou ouvindo as rodas da caleche. Vamos!

Billy Andrews insistiu que Anne viajasse no banco da frente com ele, então, contra a própria vontade, ela se sentou ali. Ela teria preferido se sentar no banco de trás com as meninas, pois ali poderia rir e tagarelar à vontade. Com Billy, não havia muito riso ou conversa. Ele era um jovem grande, gordo e impassível de 20 anos, com um rosto redondo e inexpressivo, e com uma dolorosa carência de dons de elocução. Mas admirava Anne imensamente, e estufou o peito de orgulho com a expectativa de levar para White Sands aquela figura esguia e empertigada ao seu lado.

Anne, forçada a falar com as meninas por sobre os ombros, e ocasionalmente oferecendo uma partícula de civilidade a Billy – que arreganhava um sorriso e ria entre dentes, e nunca conseguia pensar em uma resposta até que fosse tarde demais – deu um jeito de desfrutar da viagem apesar de tudo. Era uma noite para se divertirem. A estrada estava cheia de coches, todos indo para o hotel, e risadas, argentinamente claras, ecoavam e ecoavam ao longo dela. Quando chegaram ao hotel, ele estava muito iluminado de cima a baixo. Elas foram recebidas pelas senhoras do comitê

do concerto, e uma delas levou Anne para o camarim, que estava lotado com os membros do Clube dos Sinfonistas de Charlottetown, em meio aos quais Anne subitamente se sentiu tímida, amedrontada e caipira. O vestido dela, que, no frontão leste, parecera muito lindo e delicado, agora parecia simples e sem graça – demasiadamente simples e sem graça, pensou ela, em meio a todas as sedas e rendas que cintilavam e farfalhavam à volta dela. O que eram as suas contas de madrepérola comparadas aos diamantes da senhora grande e bonita perto dela? E como deve ter parecido pobre a única minúscula rosa branca no cabelo dela em comparação com todas as flores de estufa usadas pelas outras pessoas! Anne guardou seu chapéu e casaco e ficou encolhida e muito triste em um canto. Ela desejou poder estar de volta no quarto branco de Green Gables.

Foi pior ainda no tablado do grande auditório do hotel, onde ela estava agora. As luzes elétricas a cegavam e os perfumes das pessoas e o zumbido das vozes a deixaram confusa. Ela desejou estar sentada na plateia com Diana e Jane, que pareciam estar se divertindo muito nos fundos da plateia. Ela fora encaixada em um assento entre uma corpulenta senhora vestindo seda rosa e uma menina alta de rosto desdenhoso em um vestido de renda branca. De quando em quando, a senhora corpulenta virava o rosto diretamente para Anne e a examinava por trás de seus óculos até que Anne, altamente suscetível por ser examinada daquela maneira, teve vontade de gritar alto; e a menina da renda branca ficava falando em voz alta com uma menina que estava do outro lado dela sobre “os matutos” e “as beldades rústicas” na plateia, languidamente esperando o “belo entretenimento” que seria proporcionado pelos talentos locais incluídos no programa. Anne achou que odiaria aquela menina de renda branca até o fim de sua vida.

Infelizmente para Anne, uma declamadora profissional estava hospedada no hotel e havia concordado em recitar. Ela era uma mulher de olhos escuros, que usava um maravilhoso longo feito de algo brilhante que era como raios de luar tecidos, com pedras preciosas no pescoço e em seu cabelo escuro. A voz dela tinha um extensão maravilhosa, e ela tinha um poder de expressão incrível; a plateia ficou louca com a seleção de textos dela. Anne, esquecendo de si mesma e de suas aflições por uns instantes, prestou atenção com olhos cativados e brilhantes, mas quando a mulher terminou de recitar, Anne subitamente cobriu seu rosto com as mãos. Ela jamais conseguiria recitar depois daquela apresentação... jamais. Como jamais pensara que podia recitar? Oh, se pelo menos ela estivesse de volta em Green Gables!

Neste momento nada conveniente, seu nome foi chamado. De algum modo, Anne – que não reparou no deveras culpado pequeno sobressalto de surpresa que teve a menina da renda branca, e que tampouco teria entendido o sutil elogio insinuado naquele gesto caso o tivesse percebido – levantou-se e foi confusa para a frente do tablado. Ela estava tão lívida que Diana e Jane, da plateia, agarraram as mãos uma da outra em nervosa solidariedade.

Anne era vítima de um avassalador ataque de medo de palco. Por mais que já tivesse recitado em público várias vezes, ela nunca enfrentara uma plateia como aquela, e a visão daquilo deixou suas energias completamente paralisadas. Tudo era estranho demais, brilhante demais, desconcertante demais: as fileiras de senhoras de vestidos de noite, os rostos críticos, toda a atmosfera de riqueza e cultura em volta dela. Aquilo era muito diferente dos bancos simples do Clube de Oratória, repletos dos rostos solidários e familiares de amigos e vizinhos. Aquelas pessoas, pensou ela, seriam críticos impiedosos. Talvez, assim como a menina da renda branca, eles esperassem se entreter com os esforços “rústicos” dela. Ela sentiu-se impotente e desamparadamente envergonhada e infeliz. Suas pernas bambearam, seu coração palpitou, uma baixa de pressão terrível tomou conta dela; ela não conseguiria falar uma palavra, e no instante seguinte teria corrido para fora do tablado apesar da humilhação que ela pressentia que sentiria para sempre caso o fizesse.

Mas, subitamente, enquanto seus olhos arregalados e assustados contemplavam a plateia, ela viu Gilbert Blythe bem nos fundos dela, fazendo uma mesura com um sorriso no rosto, um sorriso que para Anne parecia ao mesmo tempo triunfante e zombeteiro. Na verdade, não era nada disso. Gilbert estava simplesmente sorrindo em apreciação a todo o concerto em geral, e em particular pelo efeito provocado pela silhueta esguia e branca de Anne e seu rosto espiritual contra um cenário de palmeiras. Josie Pye, que ele levava de coche até lá, estava sentada ao lado dele, e a expressão do rosto dela certamente era triunfante e zombeteira. Mas Anne não viu Josie, e não teria se importado caso tivesse visto. Ela respirou fundo e, com orgulho, ergueu a cabeça, com coragem e determinação formigando por seu corpo como um choque elétrico. Ela *não fracassaria* diante de Gilbert Blythe: ele jamais teria motivos para rir dela, jamais, jamais! O medo e o nervosismo de Anne se esvaíram; e ela começou a recitar, com sua voz clara e doce alcançando os cantos mais distantes do auditório com um golpe ou um tremor. Ela recobrou totalmente a compostura, e como reação àquele terrível

momento de impotência, recitou como nunca tinha recitado antes. Depois que terminou, houve sinceras salvas de palmas. Anne, voltando para seu assento, corada de timidez e prazer, deparou-se com sua mão sendo agarrada e apertada vigorosamente pela corpulenta senhora de seda rosa.

– Querida, você foi esplêndida – ofegou ela. – Fiquei chorando como um bebê, de verdade. Escute, eles estão pedindo bis... eles vão lhe chamar de volta!

– Oh, não consigo ir – disse Anne confusa. – Ainda assim... tenho de ir, ou Matthew vai ficar decepcionado. Ele disse que pediriam bis para mim.

– Então, não decepcione Matthew – disse a senhora de seda rosa.

Sorrindo, com as bochechas coradas e os olhos límpidos, Anne voltou cambaleando para a frente do tablado e recitou uma pequena seleção de textos delicados e curiosos que cativaram ainda mais a audiência. O resto da noite foi um grande pequeno triunfo para ela.

Quando o concerto terminou, a corpulenta senhora de rosa – que era esposa de um milionário americano –, acolheu-a e apresentou-a para todos; e todos foram muito simpáticos com ela. A declamadora profissional, a senhora Evans, veio e conversou com ela, e disse que ela tinha uma voz encantadora, e que “interpretara” lindamente a sua seleção. Até mesmo a menina da renda branca fez-lhe um pequeno elogio lânguido. Eles jantaram no grande e lindamente decorado salão de jantar; e Diana e Jane foram convidadas a se juntar a eles também, pois tinham ido para lá com Anne, mas Billy tinha sumido, saindo batido dali por pavor de receber um convite como aquele. No entanto, ele ficou esperando por elas, e pelo grupo que as acompanhava, quando tudo acabou, e as três garotas saíram alegres para a radiância calma e branca do luar. Anne respirou fundo e olhou para o céu sem nuvens além dos escuros galhos mais grossos dos abetos.

Oh, como era bom voltar para a pureza e o silêncio da noite! Quão ótimas e maravilhosas ainda eram as coisas, com o murmúrio do mar soando, e os escurecidos penhascos ao longe, feito gigantes lúgubres que guardam litorais encantados.

– Não foi uma ocasião perfeitamente esplêndida? – suspirou Jane, à medida que partiam na caleche. – Eu só queria ser uma americana rica que pode passar o verão em um hotel e usar joias e vestidos decotados e comer sorvete e salada de frango em cada abençoado dia. Tenho certeza de que seria muito mais divertido do que a escola normal. Anne, sua declamação foi

simplesmente ótima, apesar de a princípio eu ter achado que você jamais começaria. Acho que foi melhor do que a da senhora Evans.

– Oh, não, não diga coisas como essa, Jane – falou Anne rapidamente –, pois soa como uma tolice. Minha apresentação não pode ser melhor do que a da senhora Evans, sabe, pois ela é uma profissional, e sou apenas uma estudante, com um pequeno talento para recitar. Fico muito satisfeita se as pessoas simplesmente gostaram bastante da minha apresentação.

– Tenho um elogio para lhe transmitir, Anne – disse Diana. – Pelo menos eu acho que deve ser um elogio, pelo tom com o qual ele falou. Ou pelo menos um elogio em parte. Havia um americano sentado atrás de mim e da Jane; um homem de aparência muito romântica, com olhos e cabelos negros feito carvão. A Josie Pye diz que ele é um artista ilustre, e que a prima da mãe dela, que mora em Boston, é casada com um homem que frequentava a escola com ele. Bem o ouvimos dizer – não é mesmo, Jane? – isto: “Quem é aquela garota no tablado com aquele esplêndido cabelo à la Ticiano? Ela tem um rosto que eu gostaria de pintar”. Pronto, Anne. Mas o que significa cabelos à la Ticiano?

– Interpretando o que ele disse, significa simplesmente vermelho, eu acho – disse Anne rindo. – Ticiano era um artista famoso que gostava de pintar mulheres ruivas.

– Você *viu* todos os diamantes que aquelas senhoras usavam? – suspirou Jane. – Eram simplesmente deslumbrantes. Vocês não adorariam ser ricas, meninas?

– Nós *somos* ricas – asseverou Anne. – Ora, temos só 16 anos ainda, e somos felizes feito rainhas, e todas temos imaginações, mais ou menos. Olhem para o mar, meninas... todo prata e sombras e visões de coisas inéditas. Não seríamos capazes de desfrutar mais da beleza dele se tivéssemos milhões de dólares e carreiras de diamantes. Caso pudessem, vocês não trocariam de lugar com nenhuma daquelas mulheres. Vocês gostariam de ser aquela menina de renda branca, e estampar um semblante de amargura a vida toda, como se tivessem nascido torcendo o nariz para o mundo? Ou a senhora de rosa, por mais gentil e simpática que ela seja, tão atarracada que quase não tem silhueta? Ou até mesmo a senhora Evans, com aquele olhar muito triste nos olhos? Ela deve ter sofrido alguma grande infelicidade para ter um olhar daqueles. Você *sabe* que não trocaria de lugar com elas, Jane Andrews!

– Eu *não* sei... não com certeza – disse Jane, pouco convencida. – Acho que diamantes são capazes de consolar a pessoa por muito tempo.

– Bem, não quero ser ninguém além de mim mesma, mesmo que eu tenha de viver sem o consolo dos diamantes – declarou Anne. – Fico muito feliz de ser Anne de Green Gables, com meu colar de contas de madrepérola. Sei que Matthew me deu esse colar com tanto amor quanto já foi depositado nas joias da Senhora Madame de Rosa.

Citação do quarto livro do romance poético *Aurora Leigh*, de Elizabeth Barrett Browning: “No one parts/Her hair with such a silver line as you,/One moonbeam from the forehead to the crown!” (“Ninguém parte/Os cabelos como você, com esta linha de prata,/Um único raio de luar da testa ao alto da cabeça”). (N. T.)

“The Maiden’s Vow”, poema da autora escocesa Carolina Oliphant. (N. T.)



UMA ALUNA DA QUEEN'S

As três semanas seguintes foram atarefadas em Green Gables, pois Anne estava se preparando para ir para a Queen's, e havia muito que costurar, e muito que discutir e combinar. O enxoval de Anne era extenso e bonito, por obra de Matthew, e Marilla desta vez não se opôs a nada que ele comprasse ou sugerisse. Mais do que isso: certa noite, ela subiu até o frontão leste com os braços carregados de um delicado tecido verde pastel.

– Anne, aqui tem um tecido para fazer um vestido leve e bonito para você. Eu não acho que você precise, pois já tem muitos vestidos bonitos mas pensei que gostaria de ter alguma coisa mais arrumada para vestir caso lhe convidem para sair alguma noite no centro da cidade, ou para uma festa ou algo do gênero. Ouvi falar que Jane, Ruby e Josie têm “vestidos de noite”, como elas dizem, e não quero que você não tenha algo que todas elas têm. Consegui que a senhora Allan me ajudasse a escolher o tecido no centro da cidade na semana passada e vamos encomendar o vestido para a Emily Gillis. A Emily tem bom gosto, e as roupas que ela faz vestem como nenhuma outra.

– Oh, Marilla, é simplesmente adorável – disse Anne. – Muito obrigada. Não acho que você deveria ser tão gentil assim comigo, pois isso a cada dia dificulta mais a minha partida.

O vestido verde continha tantas dobras, babados e drapeados quanto o bom gosto de Emily permitia. Anne vestiu-o certa noite para que Matthew e Marilla vissem como tinha ficado, e recitou “O voto da donzela” para eles na cozinha. Enquanto Marilla observava o rosto brilhante e animado e os gestos graciosos de Anne, seus pensamentos se voltaram para aquele fim de tarde em que Anne chegara a Green Gables, e se lembrou vividamente da imagem da criança estranha e amedrontada com seu ridículo vestido de flanela de algodão amarelo-amarronzada, e seu coração partido se expressou por meio de seus olhos rasos d'água. Alguma coisa naquela lembrança fez os olhos de Marilla lacrimejarem.

– Anuncio que minha declamação a fez chorar, Marilla – disse Anne, aproximando-se alegremente da cadeira de Marilla e, em um gesto de carinho, roçou os cílios na bochecha daquela senhora. – Isso eu chamo de um triunfo definitivo.

– Não, eu não estava chorando por conta da declamação – confessou Marilla, que teria desdenhado muito caso cometesse a fraqueza de chorar por causa de qualquer coisa relacionada à poesia. – Simplesmente não pude evitar me lembrar da garotinha que você costumava ser, Anne. E estava desejando que você tivesse permanecido criança, mesmo com todos os seus modos estranhos. Agora você cresceu e está partindo; e você está tão alta e elegante, e tão... tão... completamente diferente com este vestido... que é como se sequer fizesse parte de Avonlea... e simplesmente me senti muito solitária relembrando tudo isso.

– Marilla! – Anne sentou-se no colo coberto de guingão de Marilla, colocou seu rosto enrugado entre as mãos dela e olhou com seriedade e ternura para os olhos de Marilla. – Não mudei nem um pouquinho, não de fato. Só fui podada e aparada. Meu verdadeiro *eu* – aqui no âmagô – é exatamente o mesmo. Não vai fazer a menor diferença para onde vou ou quanto eu mude por fora: no fundo do coração, serei sempre a sua pequena Anne, que vai amar você e o Matthew e a querida Green Gables mais e melhor a cada dia da vida dela.

Anne encostou sua bochecha nova e jovem contra a bochecha velha de Marilla, e estendeu a mão para dar tapinhas no ombro de Matthew. Marilla teria dado tudo naquele exato momento para ter o poder de Anne de expressar em palavras os seus sentimentos, mas a natureza e o hábito tinham outras intenções, e ela somente foi capaz de abraçar forte a sua menina e deixá-la ternamente encostada em seu coração, desejando jamais ter de se separar dela.

Matthew, com uma umidade suspeita nos olhos, levantou-se e saiu de casa. Sob as estrelas da noite azul de verão, ele caminhou inquieto pelo quintal até o portão que ficava sob os álamos.

– Bem, acho que ela não foi mimada demais – murmurou ele com orgulho. – Acho que minhas intromissões ocasionais não fizeram tanto mal assim no fim das contas. Ela é esperta e bonita, e carinhosa também, o que é melhor do que todo o resto. Ela tem sido uma benção para nós, e nunca houve mal-entendido tão bem-afortunado quanto aquele praticado pela senhora Spencer – se é que de fato *se tratou* de sorte mesmo. Não acho que

tenha sido. Foi a Providência, pois o Todo-Poderoso percebeu que precisávamos dela, eu acho.

Finalmente chegou o dia em que Anne iria para o centro da cidade. Ela e Matthew foram de charrete em uma bela manhã de setembro, depois de uma despedida carregada de lágrimas com Diana e outra mais prática, sem choro – pelo menos da parte de Marilla – com Marilla. Mas depois que Anne já tinha ido embora, Diana enxugou suas lágrimas e foi para um piquenique na praia em White Sands com alguns de seus primos de Carmody, no qual ela deu um jeito de se divertir razoavelmente bem; e Marilla entregou-se ferozmente a tarefas domésticas desnecessárias, e passou o dia todo assim, sentindo o tipo mais amargo de tristeza: a dor que queima e rói, e que não se lava com lágrimas rápidas. Mas, naquela noite, quando Marilla foi para a cama, profunda e tristemente consciente de que o pequeno quarto do frontão ao final do corredor não era habitado por nenhuma alma jovem e vivaz, e cujo silêncio não era perturbado por nenhuma respiração leve, ela afundou sua cabeça no travesseiro e chorou por sua menina com uma sucessão de soluços tão intensos que a deixaram chocada quando ela conseguiu se acalmar o bastante para refletir sobre a perversidade que era sentir algo tão pecaminoso assim por uma criatura pecadora como ela.

Anne e os outros alunos de Avonlea chegaram ao centro bem a tempo de ir correndo para a Academia. Aquele primeiro dia passou de modo razoavelmente agradável em meio a um turbilhão de animação, com eles conhecendo todos os outros alunos novos, aprendendo a identificar quem eram os professores só de olhar para eles, e indo para suas salas. Anne tencionava fazer as aulas do Segundo Ano, pois a senhorita Stacy a aconselhara a fazer isso; e Gilbert Blythe decidiu fazer a mesma coisa. Isso significaria que, caso tivessem êxito, eles conseguiriam em um ano, e não em dois, o certificado de professor de Primeira Classe;⁶⁸ mas isso também significava que os estudos seriam maiores em quantidade e dificuldade. Jane, Ruby, Josie, Charlie e Moody Spurgeon, não sendo importunados pela ambição, contentaram-se em se inscrever na Segunda Classe. Anne sentiu uma pontada de solidão quando se viu em uma sala com cinquenta outros estudantes, sem conhecer nenhum deles, exceto pelo garoto alto de cabelos castanhos do outro lado da sala; e, conhecendo-o do modo como o conhecia, aquilo não era de grande ajuda, como ela refletiu de modo pessimista. Ainda assim, estava inegavelmente contente com o fato de eles ainda estarem na

mesma classe; ela poderia prosseguir com a antiga rivalidade, e Anne mal saberia o que fazer se não tivesse aquilo.

“Não me sentiria confortável sem isso” – pensou ela. “Gilbert parece muito determinado. Presumo que ele esteja agora mesmo decidindo que vai ganhar a medalha. Que queixo esplêndido que ele tem! Nunca tinha reparado antes. Eu de fato queria que Jane e Ruby também tivessem se inscrito na Primeira Classe. Presumo que não vou mais me sentir como um gato em uma mansarda estranha depois que eu conhecer melhor os outros alunos. Pergunto-me quais garotas serão minhas amigas. É uma especulação realmente interessante. É claro que prometi para Diana que nenhuma aluna da Queen’s, não importa o quanto eu goste dela, jamais seria tão benquista por mim quanto ela; mas tenho muito afeto de segunda categoria para oferecer. Gosto da aparência daquela menina de olhos castanhos e vestido carmesim. Ela parece uma rosa vermelha; tem também aquela loura de pele pálida que está olhando fixamente para fora da janela. Ela tem um cabelo adorável, e parece saber uma coisa ou outra sobre sonhos. Gostaria de conhecer as duas, conhecê-las bem, bem o bastante para caminhar com os braços na cintura delas e chamá-las por apelidos. Mas, neste instante, não as conheço, e elas não me conhecem, e provavelmente não têm um interesse especial em me conhecer. Oh, como é solitário!”.

E foi mais solitário ainda quando Anne se viu no quarto de sua hospedaria no crepúsculo daquela noite. Ela não ficaria hospedada com as outras meninas, pois todas elas tinham parentes que moravam no centro da cidade que as hospedariam. A senhorita Josephine Barry gostaria de recebê-la, mas Beechwood ficava tão longe da Academia que isso estava fora de questão; então, a senhorita Barry procurou uma hospedaria e garantiu para Matthew e Marilla que era o lugar ideal para Anne.

– A senhora que mantém a hospedaria é uma fidalga remediada – explicou a senhorita Barry. – O marido dela era um oficial britânico, e ela toma muito cuidado com os hóspedes que aceita. Anne não vai esbarrar com nenhuma pessoa objetável enquanto estiver sob aquele teto. A comida lá é boa, e a casa fica perto da Academia, em um bairro tranquilo.

Tudo isso até poderia ser verdade, e de fato se provou ser assim, mas não ajudou concretamente Anne no primeiro ataque de saudades de casa que ela teve. Ela olhou com tristeza em volta de seu estreito quartinho, com suas paredes sem quadros e revestidas de um papel sem graça, com seu pequeno estrado de ferro e estante de livros vazia; e um terrível nó formou-se em sua

garganta quando ela pensou em seu quarto branco em Green Gables, onde podia ter a consciência agradável de que havia uma imensidão verde e tranquila do lado de fora, ervilhas crescendo no jardim, luar banhando o pomar, o riacho abaixo da inclinação, os galhos das píceas balançando ao longe com o vento da noite, de um vasto céu estrelado, e a luz da janela de Diana brilhando por entre as árvores. Aqui, não havia nada disso; Anne sabia que do lado de fora de sua janela havia uma rua dura, com uma rede de cabos telefônicos bloqueando o céu, as passadas de pés estranhos, e mil luzes iluminando rostos desconhecidos. Ela sabia que choraria, e lutou contra isso.

– *Não vou chorar. É bobagem... e fraqueza... lá se vai a terceira lágrima escorrendo pelo meu nariz. E tem mais delas vindo! Tenho que pensar em algo engraçado para fazê-las pararem de cair. Mas não há nada de engraçado além de coisas ligadas a Avonlea, e isso só torna tudo pior... quatro... cinco... vou para casa na próxima sexta-feira, o que parece que será daqui a cem anos. Oh, Matthew agora deve estar chegando em casa... e Marilla está no portão, olhando para a trilha e esperando por ele... seis... sete... oito... oh, é inútil contar as lágrimas! Agora estão caindo aos borbotões. Não consigo me alegrar... não quero me alegrar. É melhor ficar infeliz!*

A torrente de lágrimas sem dúvida teria caído, não fosse pelo fato de Josie Pye ter aparecido naquele instante. Com a alegria de ver um rosto familiar, Anne se esqueceu de que nunca houvera muito amor desperdiçado entre ela e Josie. Como integrante da vida de Avonlea, até uma pessoa da família Pye era bem-vinda.

– Fico feliz que tenha vindo – disse Anne com sinceridade.

– Você estava chorando – comentou Josie, com uma pena irritante. – Presumo que esteja com saudades de casa... algumas pessoas têm muito pouco autocontrole em relação a isso. Não tenho a menor intenção de sentir saudades de casa, posso lhe garantir. Depois de morar na microscópica e velha Avonlea, o centro da cidade parece alegre demais. Pergunto-me como consegui existir lá por tanto tempo. Você não devia chorar, Anne; não lhe cai bem, pois seu nariz e olhos ficam vermelhos, e aí você parece *toda* vermelha. Hoje na Academia vivi momentos perfeitamente deliciosos. Nosso professor de francês é simplesmente um pão. O bigode dele lhe causaria palpitações. Você tem alguma coisa para comer por aqui, Anne? Estou literalmente faminta. Ah, eu bem adivinhei que era provável que a Marilla tivesse lhe mandado um bom pedaço de bolo. É por isso que vim até aqui. Se

não, teria ido para o parque para ouvir a banda tocar com o Frank Stockley. Ele está na mesma hospedaria que eu, e é boa gente. Ele reparou em você na aula hoje, e veio me perguntar quem era a menina ruiva. Eu disse a ele que você era uma órfã que os Cuthbert tinham adotado, e que ninguém sabia muito sobre a sua vida antes de você ser adotada.

Anne ficou se perguntando se, no fim das contas, a solidão e as lágrimas não eram mais satisfatórias do que a companhia de Josie Pye, quando Jane e Ruby apareceram, cada uma com uma fitinha com as cores da Queen's – púrpura e escarlata – presas orgulhosamente em seus casacos. Como Josie estava “de mal” com Jane naquela época, ela teve que se acalmar, tornando-se mais inofensiva.

– Bem – disse Jane com um suspiro –, sinto-me como se eu tivesse vivido muitas luas desde a manhã. Eu deveria estar em casa estudando Virgílio... aquele horrendo professor velho nos passou vinte versos para a aula de amanhã. Mas simplesmente não consegui sentar para estudar esta noite. Anne, parece que vejo vestígios de lágrimas. Se você de fato andou chorando, *confesse*. Sua confissão restaurará meu amor próprio, pois estive chorando livremente até que a Ruby chegou. Não me importo de ser uma boba se tem outra pessoa meio boba também. Bolo? Você vai me dar um pedacinho, não é? Obrigada. Tem o real sabor de Avonlea.

Ruby, reparando que o calendário da Queen's estava sobre a mesa, quis saber se Anne tentaria ganhar a medalha de ouro.

Anne ficou corada e admitiu que estava pensando naquilo.

– Oh, isso me faz lembrar – falou Josie – de que no fim das contas a Queen's vai sim ter uma das bolsas de estudos Avery. A notícia chegou hoje. Frank Stockley me contou: o tio dele faz parte do conselho diretor, sabe. O anúncio será feito na Academia amanhã.

Uma bolsa de estudos Avery! Anne sentiu seu coração bater mais rápido, e os horizontes de sua ambição mudaram e se expandiram como num passe de mágica. Antes de Josie ter contado essa novidade, o auge da aspiração dela era conseguir o certificado de professora da província, da Primeira Classe, no final do ano, e talvez também a medalha! Mas agora, em um instante, Anne viu-se ganhando a bolsa de estudos Avery, estudando Humanidades no Redmond College e se formando de beca e barrete, antes que as palavras de Josie deixassem de ecoar em sua mente. Pois a bolsa de estudos Avery era para estudar inglês, e Anne sentiu que aqui estava em solo nativo.

Um rico dono de fábricas de New Brunswick morrera e deixara parte de sua fortuna reservada para que fossem concedidas várias bolsas de estudos que seriam distribuídas por várias escolas secundárias e academias das Províncias Marítimas, de acordo com o respectivo prestígio de cada uma. Havia dúvidas quanto ao fato de que alguma delas seria concedida à Queen's, mas o assunto finalmente havia sido resolvido e, no final do ano, o formando que obtivesse as maiores notas em inglês e literatura inglesa ganharia a bolsa: 250 dólares por ano por quatro anos no Redmond College. Não foi de se espantar que Anne tenha ido dormir aquela noite com as bochechas formigando!

– Vou ganhar essa bolsa se isso depender apenas de estudar com afinco – decidiu ela. – Matthew não ficaria muito orgulhoso se eu me tornasse licenciada em Humanidades? Oh, é delicioso ter ambições. Fico muito contente que eu tenha tantas. E elas parecem não ter fim: esta é a melhor parte. Assim que você conquista uma ambição, chega outra brilhando ainda mais. Isso torna a vida interessante demais.

Na escola normal da época, os alunos podiam escolher se queriam se formar para depois dar aulas no Ensino Secundário (Primeira Classe), ou no Ensino Primário (Segunda Classe), sendo o curso da Primeira Classe mais exigente e difícil, obviamente. (N. T.)



O INVERNO NA QUEEN'S

A saudade que Anne sempre sentia de casa passou, em grande parte por conta das visitas que ela fazia até lá nos fins de semana. Enquanto o clima permaneceu limpo, os estudantes de Avonlea iam para Carmody no trecho novo da ferrovia todas as noites de sexta-feira. Diana e vários outros jovens de Avonlea geralmente estavam livres para encontrá-los, e eles andavam juntos por Avonlea como um grupo feliz. Anne achava que esse ciganear das noites de sexta-feira sobre colinas outonais em meio ao frio ar dourado, com as luzes das casas de Avonlea brilhando ao longe, eram as melhores e mais queridas horas de toda a semana.

Gilbert Blythe quase sempre caminhava ao lado de Ruby Gillis, e carregava a bolsa de livros dela. Ruby era uma jovem muito bonita, e que agora se considerava tão adulta quanto de fato era; ela usava saias tão compridas quanto sua mãe permitisse, e frequentava o cabeleireiro do centro da cidade, apesar de precisar desfazer o penteado quando ia para casa. Ela tinha olhos azuis grandes e brilhantes, uma tez radiante e uma silhueta fornida e chamativa. Ela ria bastante, era alegre e de bom temperamento, e desfrutava com sinceridade das coisas agradáveis da vida.

– Mas jamais pensei que ela seria o tipo de garota de quem o Gilbert iria gostar – sussurrou Jane pra Anne. Anne tampouco achava isso, mas jamais o confessaria, nem que isso lhe garantisse a bolsa de estudos Avery. Ela tampouco conseguia evitar pensar que também seria muito agradável ter um amigo como Gilbert para fazer piadas e conversar e trocar ideias sobre livros e estudos e ambições. Gilbert tinha ambições, ela sabia, e Ruby Gillis não parecia ser o tipo de pessoa com quem se poderia ter conversas frutíferas sobre aquilo.

Não havia sentimentos bobos nas ideias que Anne tinha em relação a Gilbert. Para ela, os garotos eram, quando ela sequer chegava a pensar neles, simplesmente possíveis bons camaradas. Se ela e Gilbert tivessem sido

amigos, ela não teria se importado com quantos outros amigos ele tinha, ou com quem ele andava. Ela fazia amizade com facilidade: tinha amigas o bastante, mas ela tinha uma noção vaga de que a amizade masculina talvez pudesse ser também uma coisa boa para expandir seus conceitos de companheirismo e dar a ela pontos de vistas mais amplos para que pudesse fazer julgamentos e comparações. Não era o caso de que Anne fosse capaz de expressar seus sentimentos sobre esse assunto de modo tão claro assim. Mas ela achava que, se Gilbert algum dia tivesse caminhado com ela do trem pelos campos gelados e bifurcações repletas de samambaias, talvez eles tivessem tido muitas conversas alegres e interessantes sobre o novo mundo que se abria à volta deles e sobre suas esperanças e ambições neste mundo. Gilbert era um rapaz inteligente, com opiniões próprias e uma determinação para extrair o que havia de melhor na vida e devolver à vida o que havia de melhor também. Ruby Gillis disse para Jane Andrews que não entendia metade das coisas que Gilbert Blythe dizia; ele falava exatamente igual a Anne Shirley quando ela ficava pensativa, e que, da parte dela, ela não via a mínima diversão em ficar se importando com livros e coisas do gênero quando você não era obrigado. Frank Stockley era muito mais espetado, mas não era tão bonito quanto Gilbert, e ela realmente não conseguia decidir de quem gostava mais!

Na Academia, Anne aos poucos reuniu um grupo de amigos, estudantes pensativos, imaginativos e ambiciosos como ela. Da menina “rosa vermelha”, Stella Maynard, e da “menina sonhadora”, Priscilla Grant, ela logo ficou íntima, e descobriu que Priscilla, a donzela pálida de aparência espiritual, gostava muito de travessuras, de pregar peças e de se divertir, enquanto Stella, vivaz e de olhos negros, tinha um coração repleto de sonhos ansiosos e de caprichos, tão aéreo e colorido quanto o da própria Anne.

Depois do Natal e do Ano Novo, os estudantes de Avonlea pararam de voltar para casa às sextas-feiras e começaram a se dedicar com afinco aos estudos. Àquela altura, todos os alunos da Queen’s já haviam gravitado para as suas próprias posições na classificação dos alunos, e as diferentes categorias tinham assumido distintos e estabelecidos matizes de individualidade. Certos fatos passaram a ser aceitos de modo geral. Admitia-se que a medalha era praticamente disputada entre três pessoas: Gilbert Blythe, Anne Shirley e Lewis Wilson; em relação à bolsa de estudos Avery, havia mais dúvidas, e qualquer um entre um grupo de seis alunos tinha chance de sair vencedor. A medalha de bronze de matemática estava

praticamente ganha por um garoto gordo, pequeno, engraçado e interiorano, com calombos na testa e casaco remendado.

Ruby Gillis foi considerada a menina mais bonita do ano na Academia; nas aulas do Segundo Ano, Stella Maynard foi eleita a mais bonita, sendo que uma minoria crítica votara a favor de Anne Shirley. Ethel Marr foi eleita por todos os juízes competentes como a menina de penteados mais elegantes, e Jane Andrews – a laboriosa, sem graça e escrupulosa Jane – ficou com as honras no curso de economia doméstica. Até mesmo Josie Pye alcançou certa distinção como a aluna de língua mais afiada na Queen's. Então, pode-se afirmar com tranquilidade que os antigos alunos da senhorita Stacy se destacaram de alguma forma no cenário mais amplo da trajetória acadêmica.

Anne estudava com afinco e firmeza. Sua rivalidade com Gilbert era tão intensa quanto costumava ser na escola de Avonlea, apesar de a maioria da turma não saber disso, mas agora era desprovida de amargura. Anne não queria mais vencer somente para derrotar Gilbert; em vez disso, queria vencer para ter a consciência orgulhosa de ter conquistado uma vitória bem vencida contra um inimigo meritório. Valeria muito a pena vencer, mas ela já não achava que a vida seria insuportável caso contrário.

Apesar das aulas, os estudantes encontravam oportunidades de se divertir. Anne passava boa parte de seu tempo livre em Beechwood, e geralmente comia os almoços de domingo ali, e ia para a igreja com a senhorita Barry. A senhorita Barry, como ela própria admitia, estava ficando velha, mas seus olhos negros ainda eram afiados, e sua língua não perdera nenhum vigor. Mas ela nunca lançava seu fel contra Anne, que continuava a ser uma das pessoas favoritas daquela velha e crítica senhora.

– A menina Anne está melhorando constantemente – disse ela. – Eu me canso das outras meninas, pois elas têm uma mesmice eterna e irritante. Anne tem tantas nuances quanto o arco-íris, e cada nuance é a mais bonita que há enquanto dura. Não sei se ela é tão divertida quanto era quando criança, mas ela faz com que eu a ame, e gosto de pessoas que fazem com que eu as ame. Isso me poupa o enorme trabalho de fazer a mim mesma amá-las.

Depois, quase sem que ninguém percebesse, chegara a primavera; em Avonlea, as anêmonas despontavam em tons de rosa na terra seca e sem vida na qual ainda havia trechos com neve; e a “névoa verde” estava nas matas e nos vales. Mas em Charlottetown, os atormentados alunos da Queen's só pensavam e falavam de provas.

– Não parece possível que o ano letivo esteja quase terminando – disse Anne. – Ora, no outono passado, o fim parecia distante demais para se ansiar por ele, pois ainda tínhamos todo um inverno de estudos e aulas pela frente. E aqui estamos, com as provas chegando na semana que vem. Meninas, às vezes sinto como se essas provas significassem tudo na vida, mas quando olho para os botões grandes crescendo naquelas castanheiras e para o ar enevoadado de azul no final das ruas, as provas não me parecem tão importantes assim.

Jane e Ruby e Josie, que haviam ido visitar Anne, não tinham a mesma visão. Para elas, as provas seguintes eram de fato constantemente muito importantes, muito mais importantes do que botões de castanheiras e a neblina da primavera. Para Anne, que com certeza passaria em todas as provas, não havia problema diminuir sua importância de vez em quando, mas quando o seu futuro inteiro dependia dessas provas – como as meninas sinceramente achavam que o delas dependia – não se podia fazer elucubrações filosóficas com relação a elas.

– Perdi mais de três quilos nas últimas duas semanas – suspirou Jane. – E não adianta dizerem para eu não me preocupar. Eu *vou* me preocupar. Se preocupar ajuda bastante... você parece estar fazendo alguma coisa quando está se preocupando. Seria terrível se eu não conseguisse ganhar o certificado depois de ter passado todo o inverno na Queen's e de ter gastado tanto dinheiro assim.

– *Eu* não me importo – disse Josie Pye. – Se eu não passar este ano, volto no ano que vem. Meu pai tem dinheiro para me mandar para cá de novo. Anne, Frank Stockley diz que o professor Tremaine falou que Gilbert Blythe com certeza ganharia a medalha, e que Emily Clay provavelmente ganharia a bolsa Avery.

– Isso talvez me deixe mal amanhã, Josie – disse Anne rindo –, mas agora eu sinceramente sinto que, contanto que eu saiba que as violetas estão nascendo todas roxas na ravina abaixo de Green Gables e que as pequenas samambaias estão despontando na Trilha dos Amantes, não faz muita diferença que eu ganhe ou não a bolsa Avery. Fiz o melhor que pude, e agora começo a entender o significado da expressão “alegria do conflito”.⁶⁹ Tentar e conseguir é tão bom quanto tentar e fracassar. Meninas, parem de falar das provas! Olhem para o arco de céu verde pastel sobre aquelas casas, e imaginem como deve ser a aparência dele sobre as matas de faias roxas escuras em Avonlea.

– O que você vai vestir na formatura, Jane? – perguntou Ruby, falando de assuntos práticos.

Jane e Josie responderam imediatamente, e a conversa deu uma reviravolta e passou a ser sobre modas. Mas Anne, com os cotovelos apoiados no parapeito da janela, as bochechas suaves recostadas contra suas mãos entrelaçadas e os olhos cheios de visões, olhava distraidamente dos telhados e pináculos da cidade para o domo glorioso que era o céu no pôr do sol e costurava seus sonhos de um possível futuro com o tecido dourado do próprio otimismo da juventude. Tudo o que havia pela frente era dela, com suas possibilidades espreitando cor-de-rosa nos anos vindouros: cada ano, uma rosa promissora para ser costurada em uma grinalda imortal.

Citação de parte de verso da 12ª estrofe do poema “The Woman on the Field of Battle” (“A mulher no campo de batalha”), de Felicia Dorothea Browne Hemans: “Some, for the stormy play/and joy of strife” (“Algumas, pelas ações violentas/e pela alegria do conflito”). (N. T.)



A GLÓRIA E O SONHO

Na manhã em que seriam divulgadas as notas de todas as provas no quadro de avisos da Queen's, Anne e Jane andavam juntas na rua. Jane estava sorridente e feliz; as provas haviam acabado, e ela estava comodamente certa de que no mínimo tinha passado; nenhuma outra consideração perturbava Jane; ela não tinha ambições altas e, conseqüentemente, não era afetada pela inquietação concomitante a elas. Pois pagamos um preço por tudo aquilo que conseguimos ou tomamos neste mundo; e embora valha muito a pena ter ambições, elas não são conquistadas a pouco custo: demandam seu quinhão de trabalho e abnegação, ansiedade e desânimo. Anne estava pálida e quieta; dentro de dez minutos, ficaria sabendo quem ganhara a medalha e quem ganhara a bolsa Avery. Naquele momento exato, além daqueles dez minutos, não havia nada que valesse a pena chamar de Tempo.

– É claro que de todo o modo você ganhará uma das duas coisas – disse Jane, que não conseguia entender como o corpo docente poderia ser tão injusto ao ponto de fazer algo diferente disso.

– Não tenho esperanças de ganhar a bolsa – declarou Anne. – Todos dizem que Emily Clay é quem vai ganhar. E não vou marchar até aquele quadro de avisos e olhar para ele diante de todo mundo. Falta-me a coragem moral. Vou direto para o vestiário das meninas. Você precisa ler os anúncios e vir me contar tudo, Jane. E lhe imploro, em nome de nossa antiga amizade, que você faça isso o mais rápido possível. E caso eu tenha fracassado, conte-me logo de uma vez, sem rodeios; e não importa o que você fizer, *não se solidarize comigo*. Prometa-me isso, Jane.

Jane prometeu solenemente; mas, no fim das contas, não havia necessidade daquela promessa. Quando elas começaram a subir os degraus da carregando Gilbert Blythe nos ombros e gritando muito alto: “Viva Blythe, o Medalhista!”

Por um instante, Anne sentiu uma pontada nauseabunda de derrota e decepção. Ela fracassara, e Gilbert vencera! Bem, Matthew lamentaria, pois estava certo de que Anne venceria.

E então!

Alguém gritou:

– Três vivas para a senhorita Shirley, ganhadora da bolsa Avery!

– Oh, Anne – arquejou Jane, enquanto elas fugiam para o vestiário feminino em meio a muitos vivas. – Oh, Anne estou muito orgulhosa! Não é esplêndido?

As garotas ficaram em volta delas, e Anne ficou no meio de um grupo que ria e a parabenizava. Seus ombros levaram diversos tapinhas, e suas mãos foram apertadas com força. Ela foi puxada, empurrada e abraçada, e em meio a tudo aquilo, ela conseguiu sussurrar para Jane:

– Oh, você não acha que Matthew e Marilla vão ficar satisfeitos? Preciso escrever já para casa contando a novidade.

A formatura era o próximo evento importante. A cerimônia foi realizada no grande salão de eventos da Academia. Discursos foram proferidos, redações lidas, canções cantadas, e foram distribuídos publicamente os diplomas, prêmios e medalhas.

Matthew e Marilla estavam lá, com olhos e ouvidos voltados apenas para uma estudante no tablado; uma menina alta de vestido verde pastel, com bochechas levemente coradas e olhos sonhadores, que leu a melhor redação e era apontada e comentada como a ganhadora da bolsa Avery.

– Presumo que esteja contente por termos ficado com ela, não é, Marilla?

– sussurrou Matthew, falando pela primeira vez desde quando entrara no salão, depois que Anne terminara de ler sua redação.

– Não é a primeira vez que fico contente – retrucou Marilla. – Você gosta mesmo de esfregar as coisas na cara dos outros, Matthew Cuthbert.

A senhorita Barry, que estava sentada atrás deles, inclinou-se para frente e cutucou Marilla nas costas com sua sombrinha.

– Não está orgulhosa da menina Anne? Eu estou – afirmou ela.

Anne voltou para casa em Avonlea com Matthew e Marilla à noite. Desde abril que não ia para casa, e ela sentia que não conseguiria esperar nem mais um dia. Os botões de maçã haviam nascido e o mundo era fresco e jovem. Diana estava em Green Gables para encontrá-la. Em seu quarto branco, onde Marilla colocara um rosa de estufa em flor no parapeito da janela, Anne olhou à sua volta e respirou fundo de felicidade.

– Oh, Diana, é muito bom estar de volta. É muito bom ver esses abetos pontudos contra o céu rosa... e aquele pomar branco, e a velha Rainha das Neves. O cheiro da hortelã não é delicioso? E a rosa-chá... ora, ela é uma canção, uma esperança e uma oração reunidas em uma coisa só. E é bom revê-la, Diana!

– Achei que você gostava mais daquela tal de Stella Maynard do que de mim – disse Diana em tom de reprimenda. – Foi Josie Pye quem me disse isso. Josie disse que você estava *apaixonada* por ela.

Anne riu e jogou em Diana os “lírios de junho” murchos de seu buquê.

– Stella Maynard é a menina mais querida do mundo, com exceção de outra, que é você, Diana – disse ela. – Amo você mais do que nunca... e tenho muitas novidades para lhe contar. Mas agora, eu acho que já é alegria o bastante simplesmente ficar sentada aqui olhando para você. Acho que estou cansada: cansada de ser estudiosa e ambiciosa. Tenho a intenção de amanhã passar pelo menos duas horas deitada na grama do pomar, pensando em absolutamente nada.

– Você se saiu esplendidamente bem, Anne. Presumo que, agora que ganhou a bolsa, você não vai lecionar, não é?

– Não. Vou para Redmond em setembro. Não parece maravilhoso? Até lá, terei um estoque fresco de ambição depois de três gloriosos e dourados meses de férias. Jane e Ruby vão começar a lecionar. Não é esplêndido que todos tenhamos terminado amigos, inclusive do Moody Spurgeon e da Josie Pye?

– Os membros do conselho escolar de Newbridge já ofereceram sua escola para a Jane dar aulas – comentou Diana. – Gilbert Blythe também vai começar a lecionar. Ele precisa. O pai dele não tem dinheiro para mandá-lo para a faculdade no ano que vem, no fim das contas, então ele quer juntar dinheiro para depois fazer a faculdade. Presumo que ele vá assumir a escola daqui, caso a senhorita Ames decida ir embora.

Anne teve uma leve sensação estranha de surpresa consternada. Ela não tinha ficado sabendo disso; esperava que Gilbert também fosse para Redmond. O que ela faria sem a rivalidade inspiradora deles? Será que os estudos, mesmo em uma universidade mista e com a perspectiva de um título de verdade, não seriam muito monótonos sem o amigo-inimigo dela?

No café da manhã seguinte, subitamente ocorreu a Anne que Matthew não parecia estar bem. Ele decerto estava muito mais grisalho do que no ano anterior.

– Marilla – disse ela de modo hesitante depois que Matthew havia saído –, Matthew está bem?

– Não, não está – disse Marilla com um tom perturbado. – Nesta primavera, ele andou muito mal do coração, e se recusa terminantemente a poupar o próprio corpo. Tenho estado muito preocupada com ele, mas faz algum tempinho que ele melhorou um pouco, e contratamos um bom ajudante; então, espero que ele descanse mais e acabe melhorando. Talvez ele melhore agora que você está em casa. Você sempre o alegra.

Anne inclinou-se sobre a mesa e colocou o rosto de Marilla entre suas mãos.

– Você também não parece tão bem quanto eu gostaria de vê-la, Marilla. Parece cansada. Receio que esteja trabalhando duro demais. Agora que estou em casa, você precisa descansar. Só vou tirar o dia de hoje de folga para visitar todos os meus antigos lugares queridos e voltar a caçar meus velhos sonhos, e depois será a sua vez de ser preguiçosa enquanto eu faço todo o trabalho doméstico.

Marilla sorriu afetuosamente para a menina.

– Não é o trabalho... é a minha cabeça. Sinto uma dor muito frequente agora... atrás dos olhos. O doutor Spencer tem alterado o grau dos meus óculos, mas isso não está adiantando de nada. Tem um distinto oculista vindo para a ilha na última semana de junho, e o médico disse que devo ir me consultar com ele. Acho que terei mesmo que fazer isso. Já não consigo ler ou costurar sem dificuldade. Bem, Anne, tenho que admitir que você se saiu muito bem na Queen's. Conseguir o Certificado de Primeira Classe em um ano e ganhar a bolsa de estudos Avery... ora, ora, a senhora Lynde diz que o orgulho precede a queda, e que não acredita que as mulheres devam cursar o ensino superior; ela diz que não cai bem no verdadeiro universo feminino. E eu não acredito em uma palavra disso. Falando da Rachel, lembrei: você ouviu falar alguma coisa sobre o banco Abbey ultimamente, Anne?

– Ouvi dizer que andava mal das pernas – respondeu Anne. – Por quê?

– Foi o que Rachel disse. Ela esteve aqui na semana passada e disse que ouviu falarem sobre isso. Matthew ficou muito preocupado. Todas as nossas economias estão naquele banco: cada centavo. A princípio, eu queria que Matthew depositasse esse dinheiro na caixa econômica, mas o velho senhor Abbey era um grande amigo do meu pai, e meu pai sempre fazia suas

transações bancárias com ele. E Matthew disse na época que qualquer banco comandado por ele era bom o bastante para qualquer pessoa.

– Acho que já faz muitos anos que ele só comanda o banco no papel – disse Anne. – Ele está muito velho, e são seus sobrinhos que de fato comandam a instituição.

– Bem, quando a Rachel nos contou isso, eu quis que Matthew sacasse todo nosso dinheiro na mesma hora, e ele disse que pensaria no assunto. Mas o senhor Russell disse a ele ontem que o banco andava bem.

Anne passou seu bom dia na companhia do mundo exterior. Ela jamais se esqueceu daquele dia; estava muito iluminado e dourado e claro, muito livre de sombras e muito repleto de inflorescências. Anne passou algumas das férteis horas daquele dia no pomar; foi para o Gorgolejo de Dríade e para Salixina e para o Vale das Violetas; fez uma visita à casa paroquial e teve uma agradável conversa com a senhora Allan; e finalmente, à noite, foi com Matthew buscar as vacas, passando pela Trilha dos Amantes até chegar ao pasto dos fundos. As matas estavam gloriosas com o pôr do sol, e o esplendor quente dele escorria pelos vãos entre as colinas ao oeste. Matthew caminhava lentamente e com a cabeça baixa; Anne, alta e empertigada, diminuiu seu passo rápido para acompanhá-lo.

– Você trabalhou duro demais hoje, Matthew – disse ela em tom de reprimenda. – Por que não pega mais leve?

– Bem, parece que não consigo – respondeu Matthew enquanto abria o portão do quintal para que as vacas passassem. – A coisa é que estou ficando velho, Anne, e vivo me esquecendo disso. Ora, ora, sempre trabalhei muito duro, e prefiro morrer trabalhando.

– Se eu tivesse sido o menino que vocês mandaram buscar – disse Anne melancolicamente –, eu seria capaz de ajudá-lo muito agora e de poupá-lo de centenas de maneiras. Só por conta disso, desejo de coração que eu tivesse sido aquele menino.

– Bem, eu preferia ter você a ter uma dúzia de meninos, Anne – disse Matthew dando um tapinha na mão dela. – Preste atenção: prefiro você a uma dúzia de meninos. Bem, acabou que não foi um menino quem abiscoitou a bolsa Avery não é mesmo? Foi uma menina... a minha menina... a minha menina, de quem tanto me orgulho.

Ele deu seu sorriso tímido para ela à medida que entrava no quintal. Anne levou consigo a lembrança disso quando foi para seu quarto naquela noite e se sentou por muito tempo na janela aberta, pensando no passado e sonhando

com o futuro. Do lado de fora, a Rainha das Neves estava enevoadamente branca em meio ao luar; os sapos coaxavam no pântano depois de Orchard Slope. Anne sempre se lembrava da argentina e pacífica beleza e da tranquilidade perfumada daquela noite. Era a última noite antes de a tristeza tocar a sua vida; e nenhuma vida é exatamente a mesma depois daquele toque frio e santificador.



O CEIFADOR CUJO NOME É MORTE

– Matthew... Matthew... o que houve? Matthew, você está doente?

Era Marilla quem falava, e sentia-se a aflição em cada palavra. Anne atravessou a sala principal, com as mãos cheias de narcisos brancos – Anne custou muito a tornar a amar a visão e o aroma de narcisos brancos –, bem a tempo de ouvir Marilla e ver Matthew de pé no pórtico, com um papel dobrado na mão e o rosto estranhamente abatido e sombrio. Anne deixou as flores caírem e correu pela cozinha até ele no mesmo instante que Marilla. Ambas chegaram tarde demais; antes que pudessem alcançá-lo, Matthew havia caído na soleira da porta.

– Ele desmaiou – arquejou Marilla. – Anne, vá buscar o Martin... rápido, rápido! Ele está no celeiro.

Martin, o ajudante contratado, que acabara de voltar para casa dos correios, foi imediatamente buscar o médico, parando em Orchard Slope no caminho para mandar o senhor e a senhora Barry ir para Green Gables. A senhora Lynde, que estava lá resolvendo uma incumbência, também foi. Eles encontraram Anne e Marilla absortas tentando fazer Matthew recobrar os sentidos.

A senhora Lynde empurrou-as delicadamente para o lado, checkou o pulso dele e depois colocou o ouvido sobre seu coração. Ela olhou para os rostos ansiosos das duas com pesar, e seus olhos ficaram rasos d'água.

– Oh, Marilla – disse ela com seriedade –, não acho que... possamos fazer nada por ele.

– Senhora Lynde, a senhora não acha... a senhora não pode achar que o Matthew está... está... – Anne não conseguia dizer a palavra terrível; ela ficou enjoada e lívida.

– Menina, sim, receio que sim. Olhe só para o rosto dele. Quando você já viu essa expressão com a frequência que eu já vi, você sabe o que ela

significa.

Anne olhou para o rosto imóvel e naquele momento contemplou a marca da Grande Presença.

Quando o médico chegou, disse que a morte havia sido fulminante e provavelmente indolor, muito provavelmente causada por algum choque súbito. O segredo do choque foi descoberto no papel que Matthew estivera segurando, e que Martin trouxera do escritório naquela manhã. Ele continha um relato da falência do banco Abbey.

A notícia se espalhou rápido por Avonlea, e durante todo o dia amigos e vizinhos foram às multidões para Green Gables, e iam e vinham trazendo mensagens e fazendo gestos de gentileza para o morto e para os vivos. Pela primeira vez, o tranquilo e tímido Matthew Cuthbert era uma pessoa de importância fundamental; a majestade branca da morte recaía sobre ele, e o distinguira como alguém coroado.

Quando a noite tranquila caiu suavemente sobre Green Gables, a velha casa estava calma e silenciosa. Na sala de estar estava Matthew Cuthbert deitado em seu caixão, com seus compridos cabelos grisalhos emoldurando seu rosto plácido, que estampava um leve e gentil sorriso, como se ele estivesse apenas dormindo, sonhando sonhos agradáveis. Havia flores em volta dele: flores doces e antiquadas, que sua mãe plantara no jardim da propriedade quando ainda era noiva, e pelas quais Matthew sempre nutrira um amor secreto e tácito. Anne as havia colhido e levado para Matthew, com olhos secos e sem lágrimas ardendo em seu rosto. Aquela era a última coisa que ela podia fazer por ele.

Os Barry e a senhora Lynde passaram aquela noite com eles. Diana, indo para o frontão leste, onde Anne estava de pé em frente à janela, disse delicadamente:

– Anne, querida, você gostaria que eu passasse esta noite aqui com você?

– Obrigada, Diana. – Anne olhou seriamente para o rosto de sua amiga. –

Acho que você vai compreender se eu lhe disser que quero ficar sozinha. Não estou com medo. Não fiquei um minuto sozinha desde que isso aconteceu... e quero ficar sozinha. Quero ficar muito quieta e tranquila e tentar assimilar essa informação. Não consigo assimilá-la. Há vezes em que me parece que Matthew não pode estar morto; e há outras em que já faz muito tempo que ele morreu, e que desde então eu sinto uma dor persistente e horrível.

Diana não entendeu muito bem aquilo. O luto exaltado de Marilla, rompendo todas as barreiras naturais da reserva e dos hábitos de uma vida inteira com seu turbilhão tempestuoso, ela conseguia compreender melhor do que a agonia sem lágrimas de Anne. Mas ela saiu do quarto com delicadeza, deixando Anne sozinha em sua primeira vigília com a tristeza.

Anne esperava que as lágrimas viessem com a solidão. Para ela, parecia uma coisa terrível a sua incapacidade de derramar uma lágrima por Matthew, a quem tanto amara, e que fora muito gentil com ela; Matthew, que caminhara com ela no pôr do sol do dia anterior e agora estava deitado na sala pouco iluminada do andar de baixo, com aquela tranquilidade terrível em seu semblante. Mas, a princípio, não veio nenhuma lágrima, nem mesmo quando ela se ajoelhou diante da janela no escuro e rezou, olhando para as estrelas além das colinas: nenhuma lágrima, somente a mesma dor horrível e persistente de infelicidade que continuou a doer até que ela dormiu, exausta por conta da dor e do alvoroço daquele dia.

Ela acordou no meio da noite, com a quietude e a escuridão à sua volta, e a lembrança daquele dia a atingiu como uma onda de tristeza. Ela conseguia ver o rosto de Matthew sorrindo para ela do mesmo modo que sorria quando eles se separaram no portão naquela última noite; ela conseguia ouvir a voz dele dizer: “Minha menina... minha menina, de quem tanto me orgulho”. Em seguida, vieram as lágrimas, e Anne chorou até não poder mais. Marilla a ouviu, e entrou de mansinho no quarto para consolá-la.

– Calma... calma... não chore assim, minha querida. Isso não vai trazê-lo de volta. Não... não... não... é certo chorar tanto assim. Dei-me conta disso hoje, mas naquele momento não pude evitar. Ele sempre foi um irmão muito bom e gentil comigo... mas Deus sabe o que faz.

– Oh, deixe-me chorar, Marilla – soluçou Anne. – As lágrimas não me machucam como a dor machucava. Fique um pouco aqui comigo e deixe seu braço em volta do meu corpo... assim. Não pude deixar a Diana ficar aqui, pois ela é boa e doce e gentil – mas esta dor não pertence a ela: ela não está incluída nessa dor, e jamais conseguiria se aproximar o bastante do meu coração para me ajudar. Esta tristeza é nossa: sua e minha. Oh, Marilla, o que faremos sem ele?

– Nós temos uma à outra, Anne. Não sei o que eu faria se você não estivesse aqui... se você não tivesse voltado. Oh, Anne, sei que talvez eu tenha sido um tanto rigorosa e severa com você; mas, por conta disso, você não deve pensar que eu não a amo tanto quanto o Matthew a amava. Quero

dizer isso a você agora que consigo. Para mim nunca é fácil expressar o que sinto em meu coração, mas em situações como esta é mais fácil. Eu a amo tanto quanto você fosse a minha filha de sangue, e você tem sido minha alegria e consolo desde que veio para Green Gables.

Dois dias depois, Matthew Cuthbert foi carregado da soleira de sua casa para os campos que ele lavrara e os pomares que ele amara e as árvores que ele plantara; depois, Avonlea retornou à sua placidez habitual, e até mesmo em Green Gables as coisas voltaram ao seu ritmo normal, e o trabalho era feito e os deveres, cumpridos com a mesma regularidade de antes, apesar de sempre com o senso doloroso de “perda em todas as coisas familiares”.⁷⁰ Anne, que nunca havia ficado de luto, pensou que era quase triste que eles pudessem agir assim: que eles *conseguissem* prosseguir com a velha rotina sem Matthew. Ela sentiu algo parecido com vergonha e remorso quando descobriu que o nascer do sol atrás dos abetos e o rosa-claro dos botões se abrindo no jardim proporcionava a ela o mesmo influxo de felicidade quando os via; que as visitas de Diana eram agradáveis para ela, e que as palavras e os modos alegres de Diana a faziam rir; resumindo, que o lindo mundo de inflorescências e amor e amizade não havia perdido nada de sua capacidade de agradar a imaginação dela e emocionar o seu coração, que a vida ainda a chamava com muitas vozes insistentes.

– De algum modo, parece deslealdade com o Matthew sentir prazer com essas coisas agora que ele se foi – disse ela melancolicamente para a senhora Allan certo fim de tarde em que elas estavam juntas no jardim da casa paroquial. – Sinto muita falta dele... o tempo todo... ainda assim, senhora Allan, o mundo e a vida me parecem muito bonitos e interessantes em geral. Hoje a Diana disse algo engraçado e eu me peguei rindo. Quando aquilo aconteceu, achei que jamais tornaria a rir. E, de algum modo, parece que eu não deveria rir.

– Enquanto Matthew estava entre nós, ele gostava de ouvir você rir, e gostava de saber que você sentia prazer com as coisas prazerosas à sua volta – falou com delicadeza a senhora Allan. – Agora ele simplesmente está distante; e, do mesmo modo, ainda gosta de saber essas coisas. Estou certa de que não devemos fechar nossos corações para as influências curativas que a natureza tem a nos oferecer. Mas entendo o seu sentimento. Acho que todos nós passamos por isso. Ressentimos-nos do pensamento de que qualquer coisa possa nos agradar quando alguém que amamos já não está entre nós para partilhar conosco deste prazer, e praticamente sentimos que

estamos traindo a nossa tristeza quando descobrimos que nosso interesse pela vida está voltando.

– Fui ao cemitério plantar uma roseira no túmulo do Matthew esta tarde – disse Anne distraidamente. – peguei uma muda da roseira-da-escócia branca que a mãe dele trouxe da Escócia faz muito tempo; Matthew sempre preferiu esta rosa às outras... elas eram muito pequenas e doces, com seus caules espinhosos. Fiquei contente de poder plantá-la ao pé do túmulo dele, como se eu estivesse fazendo algo que certamente o agradaria ao levar aquela roseira para perto dele. Espero que ele tenha rosas como essa no Céu. Quem sabe as almas de todas aquelas rosinhas brancas que ele amou por tantos verões não estavam lá para recebê-lo? Tenho de ir para casa agora. A Marilla está sozinha, e ela se sente solitária no crepúsculo.

– E vai se sentir mais solitária ainda, receio, quando você partir outra vez para ir para a faculdade – comentou a senhora Allan.

Anne não respondeu; desejou boa noite e voltou lentamente para Green Gables. Marilla estava sentada nos degraus do pórtico, e Anne se sentou ao lado dela. A porta atrás delas estava aberta, e era mantida assim por uma grande concha búzio rosa, que remetia a sóis poentes sobre o mar com suas suaves circunvoluções internas.

Anne colheu alguns raminhos de madressilva amarelo pastel e colocou-os nos cabelos. Ela gostava do delicioso perfume leve das flores, o qual era como uma bênção etérea, por cima dela sempre que ela se mexia.

– O doutor Spencer esteve aqui enquanto você estava fora – comentou Marilla. – Ele diz que o médico especialista estará no centro da cidade amanhã, e ele insiste para que eu vá para lá e tenha meus olhos examinados. Presumo que seja melhor eu ir e me livrar disso logo. Ficarei mais do que agradecida se esse homem conseguir me dar o tipo certo de óculos para os meus olhos. Você não vai se importar de ficar aqui sozinha enquanto eu estiver fora, não é? Martin precisará me levar, e há roupa para passar e comida para assar.

– Vou ficar bem. Diana virá me fazer companhia. Vou passar as roupas e assar as comidas lindamente; não precisa ficar com medo de que eu vá engomar os lenços ou acrescentar linimento ao bolo.

Marilla riu.

– Como você cometia erros naquela época, Anne. Você estava sempre se metendo em encrencas. Eu de fato costumava achar que você estava possuída. Lembra-se daquela vez em que você pintou o cabelo?

– Sim, é claro. Jamais esquecerei aquele dia. – Anne sorriu, tocando a espessa trança de cabelo que estava amarrada em volta de sua cabeça esbelta. – Eu rio um pouco agora quando me lembro às vezes de como o meu cabelo era uma preocupação para mim; mas não rio *muito*, pois naquela época realmente era uma preocupação. Eu sofria muito por conta das minhas sardas e do meu cabelo. Minhas sardas desapareceram de vez; e agora as pessoas são simpáticas o bastante para me dizer que meu cabelo é acaju... todas menos a Josie Pye. Ela me informou ontem que de fato achava que ele estava mais vermelho do que nunca, ou que pelo menos meu vestido preto o fazia parecer mais vermelho, e me perguntou se as pessoas de cabelo vermelho algum dia se acostumavam com isso. Marilla, eu quase decidi que ia desistir de tentar gostar da Josie Pye. Já fiz o que um dia eu teria chamado de um esforço heroico para gostar dela, mas Josie Pye se recusa a deixar que *gostem* dela.

– Josie é da família Pye – disse Marilla bruscamente –, então ela não consegue deixar de ser desagradável. Presumo que as pessoas desse tipo sejam de alguma serventia para a sociedade, mas devo dizer que não sei que serventia é essa mais do que sei qual é a serventia dos cardos. Josie vai começar a lecionar?

– Não, vai voltar para a Queen's no ano que vem. Moody Spurgeon e Charlie Sloane também. Jane e Ruby vão lecionar, e já sabem em quais escolas: Jane, em Newbridge, e Ruby, em algum lugar mais a oeste.

– Gilbert Blythe também vai lecionar, não é?

– Sim – foi a resposta curta e grossa de Anne.

– Que rapaz bonito ele é – comentou Marilla distraidamente. – Vi-o na igreja no domingo passado, e ele parecia muito alto e másculo. Ele se parece muito com o pai quando tinha a mesma idade. John Blythe era um garoto simpático. Costumávamos ser grandes amigos, eu e ele. As pessoas diziam que ele era meu pretendente.

Anne levantou a cabeça com um interesse repentino.

– Oh, Marilla... e o que aconteceu.... Por que vocês não...

– Nós brigamos. E recusei-me a perdoá-lo quando ele me pediu. Depois de um tempo, até quis perdoá-lo... mas estava emburrada e irritada, e queria castigá-lo antes. Ele nunca voltou para mim... os Blythe sempre foram muito independentes. Mas eu sempre... lamentei muito isso. Eu meio que sempre desejei ter perdoado ele quando tive a oportunidade.

– Então houve um pouco de romance na sua vida também – disse Anne suavemente.

– Sim, presumo que possa chamar isso de romance. Olhando para mim, você jamais imaginaria, não é? Mas nunca se pode imaginar isso das pessoas com base em sua aparência exterior. Todos se esqueceram de John e de mim. Eu mesma esqueci desse caso. Mas tudo me voltou à mente quando vi Gilbert domingo passado.

Citação de um verso do poema “Snow-Bound: A Winter Idyl” (“Preso na neve: um idílio de inverno”), de John Greenleaf Whittier: “A loss in all familiar things.” (N. T.)



A CURVA NA ESTRADA

Marilla foi para o centro da cidade no dia seguinte e voltou à noite. Anne havia ido para Orchard Slope com Diana, e quando voltou encontrou Marilla na cozinha, sentada na mesa com a cabeça apoiada em uma das mãos. Algo em sua aparência abatida fez Anne sentir um calafrio no coração. Ela nunca vira Marilla sentada alquebrada e inerte daquele jeito.

– Está muito cansada, Marilla?

– Sim... não... não sei – disse Marilla com cansaço, levantando a cabeça.

– Acho que estou cansada, mas não pensei ainda sobre isso. Não é o cansaço que me aflige.

– Você foi ao oculista? O que ele disse? – perguntou Anne ansiosa.

– Sim, fui vê-lo. Ele examinou meus olhos. Ele diz que se eu parar completamente de ler, de costurar e de fazer qualquer trabalho que canse a vista, e se eu tomar o cuidado de não chorar, e se eu usar os óculos que ele me deu, ele acha que meus olhos não vão piorar, e que ficarei curada das dores de cabeça. Mas ele disse que, se eu não seguir essas recomendações, dentro de seis meses estarei completamente cega. Cega! Anne, imagine só!

Por um instante, Anne, depois de dar uma rápida exclamação de desalento, ficou em silêncio. Ela se sentia como se *não* conseguisse falar. Depois, ela disse corajosamente, mas com a voz embargada:

– Marilla, *não* pense nisso. Você sabe que ele lhe deu esperanças. Se você tomar cuidado, não vai perder a visão completamente; e se os óculos que ele lhe deu curarem as suas dores de cabeça, isso vai ser ótimo.

– Não acho que seja lá uma grande esperança – disse Marilla com amargura. – Para que vou viver se não posso ler ou costurar ou fazer nada desse tipo? É melhor mesmo que eu fique logo cega... ou que morra. Quanto a chorar, não consigo evitar quando me sinto solitária. Mas chega, não adianta nada ficar falando disso. Se você me trazer uma xícara de chá, ficarei agradecida. Estou esgotada. De todo o modo, não diga nada sobre

isso a ninguém por enquanto. Não vou suportar gente vindo aqui para fazer perguntas, se solidarizar e falar desse assunto.

Depois que Marilla terminou de almoçar, Anne convenceu-a a ir para a cama. Em seguida, Anne foi para o frontão leste e sentou sozinha no escuro na sua janela, com suas lágrimas e o peso em seu coração. Como as coisas tinham mudado de modo triste desde que ela se sentara ali na noite em que voltou para casa! Naquela época, ela estava cheia de esperanças e de alegria, e o futuro prometia ser cor-de-rosa. Anne sentiu-se como se tivesse vivido anos desde então, mas antes de ir para a cama, havia um sorriso em seu rosto e paz em seu coração. Ela havia encarado com coragem o seu dever, e encontrou nele um amigo: assim são sempre os deveres quando os enfrentamos com franqueza.

Certa tarde, alguns dias depois, Marilla entrou lentamente em casa vindo do pátio da frente, onde estivera conversando com uma visita: um homem que Anne conhecia de vista como Sadler de Carmody. Anne perguntou-se o que ele poderia ter dito para Marilla para que ela ficasse com aquela cara.

– O que o senhor Sadler queria, Marilla?

Marilla sentou-se na janela e olhou para Anne. Havia lágrimas nos olhos dela, apesar da proibição do oculista, e sua voz estava falhada quando ela disse:

– Ele ouviu falar que eu ia vender Green Gables, e quer comprar a propriedade.

– Comprar?! Comprar Green Gables? – Anne perguntou-se se ouvira direito. – Oh, Marilla, você não tem a intenção de vender Green Gables, não é mesmo ?!

– Anne, não sei mais o que fazer. Já pensei em tudo. Caso meus olhos estivessem bem, eu poderia permanecer aqui e cuidar e administrar as coisas, contratando um bom ajudante. Mas do jeito que as coisas estão, eu não posso. Talvez eu fique completamente cega; e, de qualquer modo, não estarei bem o bastante para comandar as coisas. Oh, jamais pensei que viveria para ver o dia em que eu teria que vender a minha casa. Mas, caso contrário, as coisas só piorariam mais e mais, até que ninguém desejaria comprar a propriedade. Cada centavo do nosso dinheiro foi para aquele banco; e ainda tem umas notas promissórias que Matthew assinou no último outono, e que ainda temos de pagar. A senhora Lynde aconselhou-me a vender a fazenda e a me hospedar em algum lugar... na casa dela, presumo. A venda não vai render muito: a fazenda é pequena, e as construções daqui são velhas. Mas

vai render o bastante para eu me sustentar, eu acho. Fico feliz que o seu sustento já esteja garantido por aquela bolsa, Anne. Lamento muito que você não terá uma casa para a qual voltar nas férias, só isso, mas presumo que, de alguma maneira, você vai se virar.

Marilla teve um colapso de nervos e chorou amargamente.

– Você não pode vender Green Gables – disse Anne.

– Oh, Anne, eu queria mesmo não ter que fazer isso. Mas você pode ver por si mesma. Não posso ficar aqui sozinha. Eu ficaria louca com as minhas preocupações e com a solidão. E então eu perderia a visão... sei que perderia.

– Você não precisará ficar aqui sozinha, Marilla. Ficarei com você. Não vou para Redmond.

– Não vai para Redmond?! – Marilla ergueu seu rosto enrugado das mãos e olhou para Anne. – Ora, do que está falando?

– É exatamente o que eu disse. Não vou aceitar a bolsa. Tomei essa decisão na noite em que você voltou do centro da cidade. Você decerto não acha que eu lhe abandonaria nessa hora de aflição, Marilla, depois de tudo que fez por mim. Deixe-me contar a você os meus planos. O senhor Barry quer alugar a nossa fazenda durante o ano que vem. Então, você não vai ter que se incomodar com isso. Eu vou lecionar. Candidatei-me para dar aulas na escola daqui... mas não acho que vou conseguir a vaga, pois os membros do conselho já a prometeram para Gilbert Blythe. Mas posso ir lecionar na escola de Carmody: o senhor Blair me disse isso ontem à noite na venda. É claro que não será tão bom ou conveniente quanto seria caso se tratasse da escola de Avonlea. Mas posso continuar morando aqui e ir e voltar cavalgando sozinha para Carmody, pelo menos enquanto ainda está quente. E até mesmo no inverno, posso vir para casa às sextas-feiras. Vamos ter um cavalo só para isso. Oh, já planejei tudo, Marilla. E vou ler para você e mantê-la animada. Você não vai ficar entediada ou solitária. E aqui vamos ficar bem aconchegadas e felizes juntas, eu e você.

Marilla ouvira aquilo como se fosse uma mulher que fazia parte de um sonho.

– Oh, Anne, eu viveria muito bem se você estivesse aqui, eu sei. Mas não posso deixar você fazer tamanho sacrifício por mim. Seria terrível.

– Que bobagem! – Anne riu alegremente. – Não é sacrifício nenhum. Nada poderia ser pior do que desistir de Green Gables; nada me magoaria mais do que isso. Temos que manter conosco nossa querida e velha casa. Já

tomei minha decisão, Marilla. Eu *não* vou para Redmond; e *vou* ficar aqui e lecionar. Não se preocupe nem um pouco comigo.

– Mas e as suas ambições... e...

– Sou tão ambiciosa quanto antes. A única diferença é que troquei o objeto de minhas ambições. Serei uma boa professora... e vou salvar a sua vista. Além do mais, tenho a intenção de estudar aqui em casa e fazer um cursinho universitário eu mesma, sozinha. Oh, tenho dezenas de planos, Marilla. Estive elaborando-os por uma semana. Darei o melhor de mim para a vida aqui, e acredito que a vida aqui me dará em troca o que ela tem de melhor. Quando saí da Queen's, meu futuro parecia se estender diante de mim como uma estrada reta. E eu pensava que podia ver uma distância grande dessa estrada, muitos de seus marcos. Agora, surgiu uma curva nela. Não sei o que tem depois desta curva, mas vou crer que tem o que há de melhor. Essa curva tem um fascínio próprio, Marilla. Pergunto-me como é a estrada depois dela... o que há de glórias verdes e de tênues e acidentadas luzes e trevas... que paisagens novas... que belezas novas... e que curvas e ladeiras e vales há mais à frente.

– Não sinto que eu deva deixar você desistir – disse Marilla, referindo-se à bolsa de estudos.

– Mas você não pode me impedir. Já tenho 16 anos e meio, e sou “teimosa feito uma mula”, como me disse certa vez a senhora Lynde – falou Anne rindo. – Oh, Marilla, não fique sentindo pena de mim. Não gosto que se apiedem de mim, e não há necessidade disso. Estou contente de coração com a simples ideia de permanecer na querida Green Gables. Ninguém seria capaz de amá-la como eu e você: portanto, devemos ficar com ela.

– Sua menina abençoada! – retrucou Marilla, cedendo. – Sinto como se você tivesse me dado uma vida nova. Acho que eu deveria mais era bater o pé e obrigar você a ir para a faculdade; mas sei que não posso fazer isso, então, nem vou tentar. Mas vou compensar você por isso, Anne.

Quando correu por Avonlea a notícia de que Anne Shirley desistira da ideia de ir para a faculdade e tencionava ficar em casa e lecionar, houve muita discussão em relação a isso. A maioria das pessoas, sem saber dos olhos de Marilla, pensava que era uma tolice da parte de Anne. Mas não a senhora Allan. E ela disse isso para Anne com palavras de aprovação que encheram de lágrimas de prazer os olhos da menina. E tampouco a bondosa senhora Lynde. Ela veio visitar certo fim de tarde, e encontrou Anne e Marilla sentadas no pórtico em meio ao calor perfumado do crepúsculo

estival. Elas gostavam de ficar sentadas lá quando o crepúsculo caía, as mariposas brancas adejavam pelo jardim e o cheiro de hortelã preenchia o ar orvalhado.

A senhora Rachel depositou seu corpo substancioso sobre o banco de pedra perto da porta de entrada da casa, atrás do qual crescia uma fileira alta de malvas rosa e amarelas, com um longo suspiro que era um misto de cansaço e alívio.

– Anuncio que fico feliz por me sentar. Fiquei o dia todo de pé, e 90 quilos é um peso e tanto para dois pés carregarem por aí. Não ser gorda é uma benção enorme, Marilla. Espero que você aprecie isso. Bem, Anne, ouvi falar que você desistiu da ideia de ir para a faculdade. Fiquei muito contente de ouvir isso. Você agora já tem tanta educação quanto uma mulher pode se sentir cômoda de ter. Não acho certo garotas irem para as mesmas faculdades do que os homens, e encherem as suas cabeças de latim e grego, e de todos aqueles disparates.

– Mas vou estudar latim e grego mesmo assim, senhora Lynde – disse Anne rindo. – Farei meu curso de Humanidades aqui mesmo em Green Gables, e estudarei tudo que estudaria na faculdade.

A senhora Lynde ergueu as mãos com um pavor sagrado.

– Anne Shirley, você vai acabar se matando.

– Que nada. Eu vou é vicejar por conta disso. Oh, não vou exagerar. Como diz a “Esposa de Josiah Allen”,²¹ serei “medjana”. Mas vou ter muito tempo livre nos longos fins de tarde de inverno, e não tenho vocação para trabalhos refinados. Vou lecionar em Carmody, sabe.

– Não sei não. Acho que você vai lecionar aqui mesmo em Avonlea. Os membros do conselho decidiram dar a vaga de professora da escola para você.

– Senhora Lynde! – exclamou Anne, ficando de pé com um pulo por conta da surpresa. – Ora, pensei que tinham prometido essa vaga para Gilbert Blythe!

– E prometeram mesmo. Mas assim que Gilbert ficou sabendo que você se candidatou, ele foi falar com o conselho – eles tiveram uma reunião de negócios na escola ontem à noite, sabe –, e disse a eles que desistia da vaga, e sugeriu que contratassem você. Ele disse que ia lecionar em White Sands. É claro que ele sabia o quanto você queria ficar com a Marilla, e devo dizer que o fato é que foi muita gentileza e consideração dele. Além de ser uma atitude muito abnegada da parte dele, pois ele precisará pagar pela hospedagem em White Sands, e todos sabem que ele está juntando dinheiro para ir para a faculdade. Então, o conselho decidiu chamar você. Fiquei contentíssima quando o Thomas voltou para casa ontem e me contou.

– Não acho que eu deva aceitar essa vaga – murmurou Anne. – Quero dizer... não acho que deveria deixar o Gilbert fazer tamanho sacrifício... por mim.

– Acho que agora você já não pode impedi-lo. Ele já assinou o contrato com o conselho escolar de White Sands. Então, de nada ajudaria a ele você recusar a vaga. É claro que você vai aceitar. E vai dar tudo certo para você lá, principalmente agora que já não há mais ninguém da família Pye na escola. Josie foi a última deles, e o fato é que isso é boa coisa. Nos últimos vinte anos, algum Pye sempre era aluno da escola de Avonlea, e acho que a missão deles na vida era lembrar aos professores que a Terra não era o seu lar. Misericórdia! O que significam essas luzes piscando no frontão da casa dos Barry?

– Diana está sinalizando para que eu vá para lá – disse Anne rindo. – Você sabe que mantivemos os velhos hábitos. Deem-me licença enquanto vou até lá ver o que ela quer.

Anne desceu a inclinação cheia de trevos feito um cervo e desapareceu em meio às sombras dos abetos da Mata Assombrada. A senhora Lynde ficou olhando Anne sumir de vista de modo indulgente.

– Em alguns sentidos, ela ainda conserva muito do seu jeito de menina.

– Em outros sentidos, ela já é uma mulher feita – retrucou Marilla, momentaneamente recobrando sua agilidade de resposta.

Mas essa agilidade não era mais a característica marcante de Marilla, como a senhora Lynde contou ao seu marido naquela noite.

– Fato é que a Marilla Cuthbert ficou *mole*.

Anne foi para o pequeno cemitério de Avonlea no fim da tarde seguinte para deixar flores frescas sobre o túmulo de Matthew e para regar a roseirada-escócia. Ela se demorou ali até o crepúsculo, apreciando a paz e a tranquilidade daquele lugar pequeno, com seus álamos cujo farfalhar era como as palavras em voz baixa de um amigo, e a grama sussurrante que crescia à vontade por entre as sepulturas. Quando ela finalmente saiu dali e desceu a grande colina que dava no Lago das Águas Cintilantes, o sol já havia se posto, e toda Avonlea estava diante dela em meio à luz onírica que ainda se via: “um refúgio de paz ancestral”.⁷² Havia uma frescura no ar, como se um vento tivesse soprado por campos de trevos doces feito mel. Luzes de casas bruxuleavam aqui e ali por entre as árvores das propriedades. Ao longe jazia o mar, enevoadado e roxo, com seu persistente e incessante murmúrio. O oeste era uma glória de tênues matizes misturados, e o lago refletia todos em nuances ainda mais suaves. A beleza de tudo aquilo tocou o coração de Anne, e ela de bom grado abriu as portas da sua alma para aquilo.

– Querido e velho mundo – murmurou ela – você é adorável demais, e fico feliz de estar viva em você.

A meio caminho da descida da colina, um rapaz alto saiu assoviando do portão da frente da propriedade dos Blythe. Era Gilbert, e o assovio cessou nos seus lábios quando ele reconheceu Anne. Ele ergueu seu chapéu de modo cortês, mas teria passado por ela em silêncio, caso Anne não tivesse parado e estendido a mão.

– Gilbert – disse ela com bochechas escarlate –, quero lhe agradecer por desistir da vaga na escola por minha causa. Foi muita bondade da sua parte... e eu queria que você soubesse que fiquei agradecida.

Gilbert pegou com avidez a mão estendida.

– Não foi nenhuma bondade especial da minha parte, Anne. Fiquei satisfeito de poder prestar uma pequena ajuda a você. Seremos amigos a partir de agora? Você realmente perdoou meu antigo erro?

Anne riu e tentou sem sucesso desvencilhar sua mão.

– Eu perdooi você aquele dia no cais do lago, apesar de não ter me dado conta. Que mulinha teimosa eu era. Desde então – é melhor eu fazer uma confissão completa –, lamento minha atitude naquele dia.

– Seremos melhores amigos – disse Gilbert, jubiloso. – Nascemos para ser bons amigos, Anne. Você já criou obstáculos o bastante para o destino. Sei que podemos ajudar um ao outro de muitas maneiras. Você continuará estudando, não é? Eu também. Venha, vou lhe acompanhar até sua casa.

Marilla olhou intrigada para Anne quando ela entrou na cozinha.

– Quem era aquele que subiu a trilha com você, Anne?

– Gilbert Blythe – respondeu Anne, irritada ao se dar conta de que estava corada. – Encontrei-o na colina dos Barry.

– Não achava que você e o Gilbert Blythe eram tão amigos, ao ponto de você passar meia hora conversando com ele no portão – disse Marilla com um sorriso seco.

– E não éramos... éramos bons inimigos. Mas decidimos que é muito mais sensato que sejamos bons amigos daqui para frente. Ficamos mesmo meia hora no portão? Pareceu ter passado apenas alguns minutos. Mas, sabe, temos cinco anos de conversa para colocar em dia, Marilla.

Naquela noite, Anne passou muito tempo sentada em sua janela, acompanhada por uma satisfação alegre. O vento ronronava suave por entre os galhos das cerejeiras, e lufadas de ar com aroma de hortelã vinham até ela. As estrelas bruxuleavam sobre os pontudos abetos na ravina, e a luz do quarto de Diana cintilava por aquele antigo vão em sua janela.

Os horizontes de Anne haviam se estreitado desde que ela se sentara ali depois de ter voltado da Queen's para casa; mas, se o caminho diante dos pés dela seria estreito, ela sabia que flores de felicidade tranquila nasceriam ao longo dele. A alegria do trabalho honesto, das aspirações dignas e da amizade agradável seria dela; ninguém poderia lhe roubar seu direito inato à

imaginação ou seu mundo idealizado de sonhos. E sempre havia a curva na estrada!

– “Deus está em seu paraíso, e tudo corre bem no mundo”⁷³ – suspirou Anne suavemente.

Josiah Allen’s Wife no original; referência a Marietta Holley (que ao longo da carreira usou os pseudônimos Jemyma, e, mais tarde, Josiah Allen’s Wife), humorista americana que satirizava a sociedade e a política dos Estados Unidos, e que teve uma carreira de sucesso como autora de livros no final do século XIX. (N. T.)

Citação de um verso do poema “The Palace of Art” (“O palácio da arte”), de lord Alfred Tennyson, publicado originalmente em 1832: “A haunt of ancient peace.” (N. T.)

Citação de um verso do poema “Pippa Passes” (“Pippa passa”), de Robert Browning, publicado em 1841: “God’s in his heaven, all’s right with the world.” (N. T.)

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

DE
AVONLEA



Círculo Cultural

LUCY MAUD MONTGOMERY
Anne
DE
AVONLEA

Tradução
Rafael Bonaldi



Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Anne of Avonlea

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Rafael Bonaldi

Preparação

Karoline Cussolim

Revisão

Mariane Genaro

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração de capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne de Avonlea [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Principis, 2020.

288 p. : il. ; ePUB ; 6,1 MB. – (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Anne of Avonlea

Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-220-1 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-892 CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do

detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

*Flowers spring to blossom where she walks
The careful ways of duty,
Our hard, stiff lines of life with her
Are flowing curves of beauty¹.*

–WHITTIER

Em tradução livre: “Flores desabrocham por onde ela trilha/ Os caminhos do dever com sutileza/
Nossas linhas duras e rijas da vida com ela/ São curvas fluidas da beleza”. (N. T.)



UM VIZINHO ENFURECIDO

Uma moça alta, esbelta, “passada dos dezesseis anos”, com olhos cinzentos sérios e cabelos que suas amigas diziam ser castanho-acobreados, estava sentada na extensa soleira de arenito vermelho de uma casa de fazenda na Ilha do Príncipe Edward, em uma perfeita tarde de agosto, firmemente determinada a interpretar algumas linhas de Virgílio.

De toda forma, uma tarde de agosto, com brumas azuladas que envolviam as encostas cultivadas, brisas suaves sussurrando como diabretes por entre os álamos e o esplendor dançante das papoulas vermelhas reluzindo contra o bosque escuro de jovens pinheiros em um canto do pomar de cerejeiras, era mais apropriada para sonhos do que para línguas mortas. Logo o Virgílio escorregou despercebido para o chão, e Anne, com o queixo apoiado nos dedos entrelaçados e os olhos fixos na esplêndida massa de nuvens fofas que se amontoavam justamente acima da residência do senhor J. A. Harrison como uma grande montanha branca, estava muito longe, em um mundo delicioso onde certa professora fazia um magnífico trabalho, modelando o destino de futuros estadistas e inspirando mentes e corações jovens com grandes e sublimes ambições.

A verdade é que, levando em conta a dura realidade, deve-se confessar que Anne raramente fazia se não fosse obrigada, parecia improvável que houvesse material muito promissor para celebridades na escola de Avonlea. Mas nunca é possível prever o que acontecerá se uma professora usar a sua influência para o bem. Anne tinha certos ideais romantizados do que uma professora poderia alcançar se apenas tomasse as melhores decisões; e ela estava no meio de uma cena adorável, dali a quarenta anos, com uma figura importante e de renome... O motivo exato de sua fama era convenientemente incerto, mas Anne imaginava que seria muito bom um diretor de escola ou o Primeiro-Ministro canadense, curvando-se sobre sua mão enrugada em reverência e assegurando-lhe que havia sido ela quem despertara sua

ambição e que todo o seu sucesso na vida fora devido às lições que ela lhe havia ensinado na escola de Avonlea, tanto tempo atrás. Essa agradável visão foi estilhaçada por uma interrupção das mais desagradáveis.

Uma modesta vaquinha Jersey veio correndo pela alameda e cinco segundos depois chegou o senhor Harrison, se “chegar” não for um termo muito suave para descrever a maneira como o homem irrompeu no quintal.

Ele saltou sobre a cerca sem esperar para abrir o portão e confrontou furiosamente a atônita Anne, que havia se levantado e o encarava com perplexidade. O senhor Harrison era o novo vizinho à direita e eles ainda não tinham sido apresentados, apesar de ela já tê-lo visto uma ou duas vezes.

No início de abril, antes que Anne tivesse voltado da Queen’s Academy para casa, o senhor Robert Bell, cujas terras faziam fronteira com a propriedade dos Cuthbert a oeste, vendera a fazenda e mudara-se para Charlottetown. A fazenda tinha sido comprada por um certo senhor J. A. Harrison, cujo nome e o fato de ser natural de New Brunswick eram tudo que se sabia sobre ele. No entanto, antes de completar um mês em Avonlea ele já havia ganho a reputação de ser uma pessoa estranha, “um excêntrico”, nas palavras da senhora Rachel Lynde. A senhora Rachel, por sua vez, não tinha reservas, como vocês que já a conheceram se lembrarão. O senhor Harrison era certamente diferente das outras pessoas, e essa é a característica essencial de um excêntrico, como todos sabem.

Em primeiro lugar, ele não era de receber visitas e havia declarado publicamente que não queria baboseiras de mulheres em sua moradia. A ala feminina de Avonlea vingou-se por meio de terríveis lorotas sobre os cuidados dele com a casa e a cozinha. Ele havia contratado o pequeno John Henry Carter, de White Sands, e foi o garoto que deu início às histórias. Por exemplo, não havia horário fixo para as refeições na casa. O senhor Harrison “beliscava alguma coisa” quando sentia fome, e, se John Henry estivesse por perto no momento, ele compartilhava a comida com o menino; porém, se não estivesse, ele tinha que esperar até a próxima vez que o senhor Harrison tivesse fome. O garoto declarou com pesar que teria morrido à míngua se não pudesse ir para casa aos domingos e se fartar, e que sua mãe sempre lhe dava uma cesta com comida para levar consigo nas manhãs de segunda-feira.

Quanto a lavar a louça, o senhor Harrison não tinha intenção alguma de fazê-lo, a não ser nos domingos chuvosos. Então, ele partia para o trabalho e lavava toda a louça de uma vez no barril cheio de água da chuva e a deixava escorrendo para secar.

Novamente, o senhor Harrison foi sovina. Quando lhe perguntaram se poderia contribuir com o salário do reverendo Allan, ele respondeu que iria esperar para ver quanto valeria sua pregação, pois não queria comprar gato por lebre. E quando a senhora Lynde foi pedir uma contribuição para as missões estrangeiras em nome da sociedade assistencial da igreja, e consequentemente espiar o interior da casa, o senhor Harrison respondeu que existia mais pagãos entre as velhas fofoqueiras de Avonlea do que em qualquer outro lugar que conhecesse e que contribuiria alegremente para uma missão com o intuito de catequizá-las se ela viesse em nome disso. A senhora Lynde foi embora, dizendo que era um alívio a pobre senhora Robert Bell estar a salvo no túmulo, pois lhe teria partido o coração ver o estado da casa da qual tanto se orgulhava.

– Ora, ela esfregava o piso da cozinha dia sim, dia não – disse a senhora Lynde com indignação para Marilla Cuthbert. – Se você visse como está agora! Tive que erguer as minhas saias para atravessá-la!

Por fim, o senhor Harrison criava um papagaio chamado Ginger. Ninguém em Avonlea jamais havia tido um animal de estimação desses; consequentemente, isso era considerado pouco respeitável. E que papagaio! Se você acreditasse nas palavras de John Henry, não havia pássaro mais herege. Xingava terrivelmente. A senhora Carter teria tirado o filho dali na mesma hora se tivesse certeza de encontrar outro emprego para ele. Além disso, Ginger bicou o pescoço de John Henry um dia, quando ele se aproximou demais da gaiola. A senhora Carter mostrava a todos a marca quando o garoto azarado voltava para casa aos domingos.

Todas essas coisas passaram em um flash pela mente de Anne quando o senhor Harrison parou diante dela, aparentemente emudecido de fúria. Mesmo em seu humor mais agradável, ele não poderia ser considerado um homem elegante: ele era baixo, gordo e careca. E agora, com o rosto redondo vermelho de raiva e os proeminentes olhos azuis quase saltando das órbitas, Anne achou que ele era a pessoa mais feia que já tinha visto.

De súbito, o senhor Harrison encontrou a sua voz.

– Eu não tolerarei mais isso! – balbuciou ele. – Nenhum dia mais, ouviu, senhorita? Juro pela minha alma, essa é a terceira vez, senhorita... Terceira vez! A paciência deixou de ser uma virtude, senhorita. Eu avisei à sua tia da última vez para não deixar isso acontecer de novo, e ela deixou... Ela fez isso... E o que ela quer com isso? É o que eu quero saber! É por isso que estou aqui, senhorita.

– O senhor pode explicar qual é o problema? – pediu Anne, da forma mais digna possível. Ela vinha praticando consideravelmente tal postura nos últimos tempos, para que estivesse pronta quando as aulas recomeçassem. Mas aparentemente isso não produzia nenhum efeito no irado J. A. Harrison.

– Problema, é? Pela minha alma, acho que é um problema e tanto. O problema é que, senhorita, eu encontrei essa vaca Jersey da sua tia na minha plantação de aveia novamente, nem meia hora atrás. Pela terceira vez, veja bem. Eu a encontrei na última terça-feira e ontem. Eu vim até aqui e disse à sua tia para não deixar isso acontecer de novo. E ela deixou. Onde está a sua tia, senhorita? Eu gostaria de conversar com ela só por um minuto, para dizer-lhe o que penso, o que J. A. Harrison pensa, senhorita!

– Se o senhor se refere à senhorita Marilla Cuthbert, ela não é minha tia e ela viajou para East Grafton para visitar um parente distante que está muito doente – respondeu Anne, com o devido aumento de dignidade em cada palavra. – Sinto muito que minha vaca tenha invadido sua plantação; ela pertence a mim e não à senhorita Cuthbert. Matthew comprou-a do senhor Bell e deu-a de presente para mim há três anos, quando ela era uma bezerrinha.

– A senhorita sente muito? Isso não vai ajudar em nada! É melhor que vá olhar a destruição que esse animal fez nas minhas aveias... pisoteando-as do centro até a extremidade!

– Sinto muitíssimo – repetiu Anne com firmeza –, mas, se o senhor mantivesse suas cercas bem reparadas, talvez Dolly não as invadissem. É a sua parte da cerca que separa seu campo de aveia do nosso pasto, e outro dia eu percebi que ela não estava em condições muito boas.

– Minha cerca está muito boa! – retrucou o senhor Harrison, com mais raiva do que nunca, na empreitada de levar a guerra até o território inimigo. – As grades de um presídio não poderiam manter aquele demônio de vaca fora da minha propriedade! E eu lhe digo, sua ruivinha, que, se essa vaca é mesmo sua, é melhor você cuidar para que ela não pisoteie os grãos de outras pessoas, em vez de ficar aí sentada lendo romances de capa amarela – disse ele, lançando um olhar fulminante ao inocente Virgílio de capa bege caído aos pés de Anne.

Naquele momento, algo mais se tornou vermelho além do cabelo de Anne, que sempre foi um de seus pontos fracos.

– Prefiro ter o cabelo vermelho a não ter cabelo algum, exceto uma linha de fiozinhos ao redor das orelhas! – replicou ela.

O tiro acertou o alvo em cheio, pois o senhor Harrison era realmente muito sensível em relação à calvície. A fúria o sufocou outra vez e ele foi capaz apenas de olhar em silêncio para Anne, que recobrou o ânimo e aproveitou a vantagem.

– Eu terei consideração pelo senhor, pois possuo imaginação. Posso facilmente imaginar o quão irritante deve ser encontrar uma vaca em seu campo de aveias, e eu não guardarei nenhum rancor pelas coisas que disse. Prometo que Dolly nunca mais voltará a invadir suas terras. Dou minha palavra de honra neste assunto.

– Bem, tome cuidado para que ela não faça mais isso – resmungou o senhor Harrison, em um tom um pouco mais contido. Mas ele se afastou bastante irritado, pisando firme, e Anne ouviu-o resmungando para si mesmo até que sua voz estivesse fora de alcance.

Gravemente perturbada, Anne atravessou o quintal e prendeu a vaca desobediente no curral.

“Ela jamais conseguirá sair dali a menos que ponha a cerca abaixo” – refletiu. “Ela me parece bem calma agora. Atrevo-me a dizer que ela comeu aveia até não poder mais. Eu deveria tê-la vendido ao senhor Shearer, quando ele quis comprá-la na semana passada, mas achei melhor esperar até o leilão do gado e me desfazer de todos os animais de uma vez. Creio que seja verdade que o senhor Harrison é um excêntrico. Certamente não há nenhum traço de alma gêmea nele.”

Anne estava sempre atenta por almas gêmeas.

Marilla Cuthbert estava entrando no quintal quando Anne voltou para a casa, então a jovem correu para preparar o chá. Elas conversaram sobre o assunto à mesa.

– Ficarei feliz quando o leilão tiver terminado – disse Marilla. – É muita responsabilidade ter tanto gado na fazenda e ninguém para cuidar deles além daquele Martin, em quem não se pode confiar. Ele ainda não voltou, apesar de ter prometido que certamente estaria de volta na noite passada se eu lhe desse um dia de folga para ir ao funeral da tia. Não sei quantas tias ele de fato tem. Já é a quarta que morre desde que o contratamos um ano atrás. Ficarei mais que grata quando a colheita terminar e o senhor Barry assumir a fazenda. Teremos que manter Dolly presa no curral até que Martin volte, pois ela precisa ser solta no pasto dos fundos e as cercas de lá precisam ser consertadas. Posso afirmar que este é um mundo problemático, como Rachel costuma dizer. A pobre Mary Keith está morrendo, e eu não sei o que será

daquelas duas crianças! Ela tem um irmão que mora em British Columbia a quem escreveu sobre os filhos, mas ainda não recebeu uma resposta.

– Como são essas crianças? Quantos anos têm?

– Seis anos... Eles são gêmeos.

– Ah, eu sempre tive um interesse especial por gêmeos... A senhora Hammond tinha tantos! – respondeu Anne avidamente. – Eles são bonitos?

– Meu Deus, não dava para saber... Eles estavam tão sujos! Davy estava lá fora fazendo tortas de barro, e Dora saiu para chamá-lo. Ele empurrou a irmã de cabeça na maior torta e, então, por ela ter chorado, ele se enfiou no barro e ficou chafurdando para mostrar que não havia motivo para chorar. Mary disse que Dora era uma criança muito boazinha, mas que Davy era bem travesso. Pode-se dizer que ele nunca recebeu nenhum tipo de educação. O pai morreu quando ele ainda era um bebê, e Mary tem estado doente desde essa época.

– Sempre lamento muito por crianças que não tiveram educação – comentou Anne, de maneira grave. – Você sabe que eu não recebi nenhuma antes de você tomar conta de mim. Espero que o tio possa cuidar deles. Qual é o grau de parentesco entre a senhora Keith e você?

– Entre Mary e eu? Absolutamente nenhum! Era o marido dela... Ele era nosso primo em terceiro grau. Aí vem a senhora Lynde, entrando no quintal. Imaginei que ela viria para saber sobre a Mary.

– Não conte a ela sobre o senhor Harrison e a vaca! – implorou Anne.

Marilla prometeu, mas a promessa foi desnecessária, pois a senhora Lynde mal havia se acomodado quando disse:

– Vi o senhor Harrison espantando a sua Jersey da plantação de aveia hoje, quando eu estava voltando de Carmody. Acho que ele estava bem nervoso. Ele fez muito alvoroço?

Anne e Marilla trocaram furtivamente um sorriso divertido. Poucas coisas em Avonlea escapavam à senhora Lynde. Naquela mesma manhã, Anne dissera: “Se você entrar no seu quarto à meia-noite, trancar a porta, fechar a cortina e espirrar, no outro dia a senhora Lynde perguntará como está a sua gripe!”.

– Creio que sim – admitiu Marilla. – Eu estava fora. Mas ele disse à Anne o que pensava.

– Acho que ele é um homem muito desagradável – disse Anne, ressentida, jogando os cabelos avermelhados para trás.

– Você nunca disse palavras mais verdadeiras – concordou a senhora Lynde, solenemente. – Eu sabia que teria problemas quando Robert Bell vendeu a propriedade para um sujeito de New Brunswick. Não sei o que vai ser de Avonlea com tantas pessoas estranhas chegando. Logo não será mais seguro dormir em nossa própria cama!

– Por quê? Que outros estranhos estão chegando? – perguntou Marilla.

– Você não soube? Bem, primeiro há uma família, os Donnells. Eles alugaram a antiga casa de Peter Sloane. Peter contratou o homem para cuidar do moinho. Eles vêm do Oeste, e ninguém sabe nada sobre eles. Além deles, há aquela família indolente de Timothy Cotton, que está se mudando de White Sands e será um fardo para a sociedade. O homem está com tuberculose... Quando não está roubando... E a esposa é uma criatura preguiçosa que não serve para nada. Ela lava a louça sentada! A senhora George Pye está cuidando de um órfão, sobrinho do marido, Anthony Pye. Ele irá para a escola e terá aulas com você, Anne, então já pode esperar confusão, é isso o que é. E você ainda terá outro aluno novo: Paul Irving está vindo dos Estados Unidos para viver com a avó. Você se lembra do pai dele, Marilla... Stephen Irving, aquele que abandonou Lavendar Lewis em Grafton?

– Não acredito que ele a tenha abandonado. Houve uma briga... Suponho que os dois lados tiveram culpa.

– Bem, de qualquer forma, ele não se casou com ela, e dizem que ela vem se comportando da maneira mais estranha possível desde então... Vivendo sozinha naquela casinha de pedras que chama de Echo Lodge. Stephen foi morar nos Estados Unidos, abriu um negócio com o tio e casou-se com uma americana. Ele nunca mais voltou para cá, mas sua mãe foi visitá-lo uma ou duas vezes. A esposa faleceu há dois anos, e ele vai mandar o menino para morar com a mãe por um tempo. Ele tem dez anos de idade, e não sei se será um aluno muito agradável. Daqueles americanos, nunca se sabe.

A senhora Lynde olhava para todas as pessoas que tiveram a má sorte de nascer ou ser criadas em qualquer lugar à parte da Ilha do Príncipe Edward com um ar decidido de “pode algo de bom vir de Nazaré?”². Podem até ser pessoas boas, é claro, mas você estaria em uma posição segura se duvidasse. A senhora Lynde tinha um preconceito especial contra os americanos. Um empregador para quem seu marido havia trabalhado em Boston havia lhe trapaceado em dez dólares, e nem anjos, principados ou potestades poderiam

tê-la convencido de que os Estados Unidos inteiro não eram os responsáveis pelo roubo.

– A escola de Avonlea não vai ficar pior por causa de um pouco de sangue novo – respondeu Marilla, com secura –, e se a criança for como o pai, ela ficará bem. Stephen Irving foi o garoto mais doce que já cresceu por essas bandas, apesar de algumas pessoas o considerarem orgulhoso. Creio que a senhora Irving deve estar muito contente em cuidar do neto. Ela ficou muito solitária desde que o esposo faleceu.

– Ah, o garoto pode até ser bonzinho, mas será diferente das crianças de Avonlea – replicou a senhora Lynde, como se isso concluísse o assunto. As opiniões da senhora Lynde sobre qualquer pessoa, lugar, ou coisa eram sempre imutáveis. – O que foi que eu ouvi sobre vocês começarem uma Sociedade de Melhorias no vilarejo, Anne?

– Eu estava só comentando com algumas moças e rapazes na última reunião do Clube de Debate – respondeu Anne, corando. – Eles acharam que poderia ser uma boa ideia... Assim como o senhor e a senhora Allan. Muitas cidades já têm uma sociedade dessas agora.

– Bem, você vai se meter em um mar de problemas sem-fim se fizer isso. É melhor deixar pra lá, Anne, é isso o que é. As pessoas não gostam de ser melhoradas.

– Não vamos tentar mudar as pessoas. O foco é Avonlea. Há muitas coisas que podem ser feitas para torná-la mais bonita. Por exemplo, se pudermos convencer o senhor Levi Boulter a derrubar aquela casa velha e horrível na fazenda lá de cima, isso não seria uma melhoria?

– Certamente – admitiu a senhora Lynde. – Aquela velha ruína tem sido a mácula da cidade há anos. Mas se a sua Sociedade de Melhorias for capaz de persuadir Levi Boulter a fazer qualquer coisa para a nossa sociedade sem ganhar algo em troca, talvez eu possa ir junto ver e ouvir o processo, é isso o que é! Não quero desencorajá-la, Anne, pois pode haver algo bom na sua ideia, embora eu acredite que você a tirou de uma daquelas porcarias de revistas americanas. Mas você estará muito ocupada com a escola, e o meu conselho, como amiga, é não se envolver com essas melhorias, é isso o que é. Mas sim, eu sei que você irá até o fim com esta ideia, se já está decidida. Você sempre foi uma daquelas que fazem as coisas acontecerem de alguma maneira.

Alguna coisa no firme contorno dos lábios de Anne dizia à senhora Lynde que sua suposição não estava longe da verdade. O coração da jovem estava

determinado a criar a Sociedade de Melhorias. Gilbert Blythe, que iria lecionar em White Sands, mas estaria sempre em casa de sexta-feira à noite até a segunda-feira de manhã, estava entusiasmado com a ideia; e muitos dos outros companheiros estavam dispostos a fazer qualquer coisa que significasse reuniões ocasionais e, conseqüentemente, um pouco de “diversão”. Quanto às “melhorias”, ninguém tinha uma ideia muito clara ainda do que seriam, exceto Anne e Gilbert. Eles haviam conversado e planejado tudo, até que a Avonlea ideal existisse em suas mentes, se não em realidade.

A senhora Lynde ainda tinha outra novidade.

– Deram a escola de Carmody para uma tal de Priscilla Grant. Você não estudou com uma moça com esse nome na Queen’s Academy, Anne?

– Sim, é verdade. Priscilla lecionando em Carmody! Esta notícia é perfeitamente adorável! – exclamou Anne, com os olhos cinzentos tão iluminados que pareciam estrelas ao anoitecer, fazendo a senhora Lynde questionar, mais uma vez, se algum dia iria decidir, para a própria satisfação, se Anne Shirley era uma moça bonita ou não.

Referência ao Evangelho de João 1:45-46. (N. T.)



VENDENDO ÀS PRESSAS E ARREPENDENDO-SE A PERDER DE VISTA

No dia seguinte à tarde, Anne foi até Carmody fazer compras e levou Diana Barry consigo. Diana era, sem dúvidas, um dedicado membro da Sociedade de Melhorias, e as duas não tiveram outro assunto durante todo o caminho de ida e volta até Carmody.

– A primeira coisa que devemos fazer quando dermos início às atividades é pintar aquele salão – disse Diana enquanto passavam pelo Salão de Avonlea, um prédio desgastado pelo tempo, localizado em um vale cheio de árvores, encoberto por abetos vermelhos por todos os lados. – Sua aparência é vergonhosa, e devemos cuidar disso antes mesmo de tentar convencer o senhor Levi Boulter a derrubar sua casa. Papai acha que nós nunca conseguiremos persuadi-lo. Diz que ele é muito mesquinho para desperdiçar o tempo que isso levaria.

– Talvez ele permita que os rapazes derrubem a casa se prometerem tirar as tábuas e rachá-las para serem usadas como lenha – disse Anne, esperançosa. – A princípio, devemos dar nosso melhor e ficar satisfeitos em fazer as coisas com calma. Não é possível transformar tudo de uma vez. Primeiro, nós devemos educar o público, é claro.

Diana não sabia exatamente o que significava “educar o público”; mas isso soava muito bem, e ela sentiu-se orgulhosa por fazer parte de uma sociedade que tinha em vista tal objetivo.

– Ontem à noite eu pensei em algo que poderíamos fazer, Anne. Sabe aquele pedaço de terra em formato de triângulo onde as estradas de Carmody, Newbridge e White Sands se encontram? Ele está coberto por jovens abetos; mas não seria bom se pudéssemos limpar tudo e deixar apenas as duas ou três bétulas que ali estão?

– Esplêndido! – concordou Anne, entusiasmada. – E colocar um banco rústico debaixo delas. E quando chegar a primavera, nós faremos um canteiro de flores bem no meio e plantaremos gerânios.

– Sim, mas teremos de pensar em uma maneira de convencer a velha senhora Sloane a manter sua vaca fora da estrada, ou o animal comerá todos os nossos gerânios – riu Diana. – Estou começando a entender o que você quer dizer com “educar o público”, Anne. Ali está a velha casa dos Boulter. Você já viu uma espelunca como essa antes? E tão perto da estrada, ainda por cima! Uma casa velha e sem janelas sempre me faz pensar em algo morto que teve os olhos arrancados.

– Acho que uma casa velha e deserta é uma visão tão triste – disse Anne, divagando em sonhos. – Sempre me passa a impressão de estar pensando sobre o passado e lamentando os saudosos momentos de alegria. Marilla disse que uma grande família viveu naquela casa, muito tempo atrás, e que era realmente um lugar muito bonito, com um jardim adorável e rosas crescendo por todos os lados. A casa era repleta de crianças, risadas e canções; e agora está vazia, e nada passa por ali, exceto o vento. Como deve se sentir solitária e pesarosa! Talvez todos eles voltem em noites de luar... Os fantasmas das criancinhas de outrora, as rosas e as canções... E, por um breve instante, a velha casa pode sonhar que é jovem e alegre outra vez.

Diana balançou a cabeça negativamente.

– Nunca imagino coisas assim sobre os lugares, Anne. Você não se lembra de como a minha mãe e Marilla ficaram bravas quando criamos histórias sobre os fantasmas na Floresta Assombrada? Desde aquele dia eu nunca mais me senti à vontade para passar por lá depois que escurece; e se eu começar a imaginar essas coisas sobre a velha casa dos Boulter, ficarei assustada quando passar por ali também. Além disso, aquelas crianças não estão mortas. Estão todos crescidos e vivendo muito bem... E um deles é açougueiro. E de qualquer forma, flores e canções não podem ter fantasmas.

Anne reprimiu um pequeno suspiro. Ela sentia uma profunda afeição por Diana, e as duas sempre tinham sido boas amigas. Mas há muito tempo Anne havia entendido que, ao vagar pelo reino da fantasia, ela deveria ir sozinha. O caminho até lá era uma senda encantada, onde nem mesmo seus entes mais queridos a acompanhariam.

Um temporal caiu enquanto estavam em Carmody; mas ele não durou muito, e o caminho para casa, através das estradinhas de terra onde as gotas de chuva brilhavam nos galhos das árvores e dos pequenos vales frondosos

onde samambaias encharcadas liberavam um aroma pungente, foi adorável. Porém, ao entrarem na alameda dos Cuthbert, Anne viu algo que estragou toda a beleza da paisagem.

Diante delas, à direita, estendia-se o vasto campo cinza esverdeado, úmido e exuberante, de aveias maduras do senhor Harrison. E ali, em pé, exatamente no meio do campo, com o corpo magro em meio aos talos viçosos, piscando os olhos calmamente na direção de ambas, estava a vaca Jersey!

Anne largou as rédeas e levantou-se com os lábios franzidos, o que não era um bom sinal para a quadrúpede predatória. Sem dizer uma palavra, ela desceu agilmente pela roda da carroça e saltou ligeira sobre a cerca antes que Diana pudesse entender o que havia acontecido.

– Anne, volte! – gritou a moça, assim que encontrou a voz. – Vai arruinar seu vestido nesses grãos úmidos... Arruinar! Ela não me ouve! Bem, ela nunca vai tirar aquela vaca dali sozinha. Eu devo ajudá-la, é claro.

Anne avançava pelos grãos como se estivesse louca. Diana desceu com rapidez, amarrou o cavalo a uma estaca bem segura, ergueu sobre o ombro as saias de seu lindo vestido de algodão xadrez, pulou a cerca e começou a perseguir a amiga desesperada.

Ela podia correr mais rápido que Anne, que se atrapalhava com a saia ensopada, e logo a alcançou. Deixaram para trás um rastro que partiria o coração do senhor Harrison quando ele o visse.

– Anne, pelo amor de Deus, pare! – arfou a pobre Diana. – Estou sem fôlego, e você está molhada até os ossos!

– Preciso... tirar... aquela vaca... dali... antes que... o senhor Harrison... a veja – arquejou Anne. – Eu não me... importo... se estou... encharcada... se pudermos... apenas... fazer isso.

Mas a vaca Jersey parecia não ver uma boa razão para ser forçada a sair do saboroso campo. Quando as ofegantes meninas se aproximaram dela, o animal deu meia-volta e saiu em disparada para o canto oposto da plantação.

– Corra na frente dela! – gritou Anne. – Corra, Diana, corra!

Diana correu. Anne tentou, e a Jersey rebelde correu pelo campo como se estivesse possuída. Intimamente, Diana pensou que o animal estava mesmo. Só depois de uns bons dez minutos é que elas finalmente conseguiram tomar a dianteira e guiar a vaca para o pasto dos Cuthbert, através da abertura na cerca.

Não havia como negar que Anne estava de péssimo humor naquele exato momento. E tampouco foi tranquilizador avistar uma charrete parada fora da alameda, onde estavam sentados o senhor Shearer, de Carmody, e seu filho, os dois com um grande sorriso.

– Creio que teria sido melhor se você tivesse vendido essa vaca quando eu quis comprá-la na semana passada, Anne – disse o senhor Shearer, com um riso abafado.

– Eu a venderei agora, se quiser comprá-la – retrucou a exasperada e desalinhada dona do animal. – O senhor pode levá-la neste exato minuto.

– Feito! Pagarei os mesmos vinte dólares que ofereci antes, e o Jim pode levá-la para Carmody. Ela irá para a cidade com o restante do carregamento nesta noite. O senhor Reed, de Brighton, quer uma vaca Jersey.

Cinco minutos depois, Jim Shearer e a vaca Jersey marchavam pela estrada, e a impulsiva Anne guiava a carroça pela alameda de Green Gables com seus vinte dólares.

– O que Marilla vai dizer?

Ah, ela não vai se importar! Dolly era minha vaca e provavelmente não valeria mais de vinte dólares no leilão. Mas... ah, Deus... se o senhor Harrison olhar para a plantação, ele saberá que a vaca esteve por lá de novo, e justo quando eu dei minha palavra de honra que não deixaria isso voltar a acontecer! Bem, isso me ensinou que eu nunca devo dar a minha palavra quando o assunto são vacas. Não se pode confiar em um animal que pula uma cerca ou quebra um redil em lugar nenhum.

Marilla tinha ido até Lynde's Hollow e, ao retornar, ela já estava sabendo de tudo sobre a venda de Dolly e de sua transferência, pois a senhora Lynde havia acompanhado boa parte da transação da janela de sua casa, e adivinhado o resto.

– Creio que foi muito bom ter se livrado da vaca, embora você faça as coisas de um jeito terrivelmente precipitado, Anne. Mas eu não entendo como ela conseguiu sair do redil. E deve ter partido uma das placas de madeira.

– Eu não pensei em averiguar, mas vou lá agora. Martin ainda não voltou. Talvez outras tias dele tenham morrido. Acho que é uma situação parecida com a do senhor Peter Sloane e os octogenários. Uma noite dessas, a senhora Sloane estava lendo o jornal e disse ao marido: “Estou vendo aqui que outro octogenário morreu. O que é um octogenário, Peter?”. E o senhor Sloane respondeu que não sabia, mas que deviam ser criaturas muito doentes, pois

só se ouvia falar delas quando já estavam morrendo. É o que acontece com as tias de Martin.

– Martin é como todos os outros rapazotes franceses –a firmou Marilla, com desgosto. – Não se pode contar com eles nem por um dia. Marilla estava olhando as coisas que Anne havia comprado em Carmody, quando ouviu um grito estridente vindo do celeiro. No minuto seguinte, Anne entrou correndo na cozinha, torcendo as mãos.

– Anne Shirley, qual o problema agora?

– Ah, Marilla, o que vou fazer? É terrível! E é tudo minha culpa. Quando vou aprender a parar e refletir um pouco antes de agir de maneira imprudente? A senhora Lynde sempre disse que eu iria acabar fazendo algo terrível algum dia, e agora eu fiz!

– Anne, você é a garota mais exasperada que existe! O que você aprontou agora?

– Eu vendi ao senhor Shearer a vaca Jersey do senhor Harrison... Aquela que ele havia comprado do senhor Bell! Dolly está lá no redil neste momento!

– Anne Shirley, você está sonhando?

– Bem que eu queria estar. Não há nada de sonho nisso, apesar de se parecer muito com um pesadelo. E a vaca do senhor Harrison já deve estar em Charlottetown agora! Ai, Marilla, eu pensei que tivesse parado de me envolver em confusões... e aqui estou eu, na pior que já vivi em toda a vida. O que devo fazer?

– Fazer? Não há nada a ser feito, menina, exceto ir até a fazenda do senhor Harrison e resolver essa situação. Podemos oferecer-lhe a nossa Jersey em troca, se ele não quiser ficar com o dinheiro. Ela é tão boa quanto a dele.

– Tenho certeza de que ele ficará terrivelmente irritado e não concordará – lamentou Anne.

– Atrevo-me a dizer que sim. Ele parece ser um homem irritadiço. Eu posso ir e explicar tudo para ele, se quiser.

– É claro que não. Não sou tão má assim! – exclamou Anne. – É tudo culpa minha, e eu certamente não permitirei que você seja punida em meu lugar. Eu mesma irei, e irei de uma vez! Quanto antes tudo terminar, melhor, pois será terrivelmente humilhante.

A pobre Anne pegou seu chapéu e os vinte dólares, e já estava de saída quando viu de relance a porta da copa aberta. Sobre a mesa repousava o bolo

de amêndoas, que ela havia preparado mais cedo, naquela manhã... Uma mistura particularmente apetitosa coberta com glacê cor-de-rosa e enfeitada com nozes. Anne pretendia servi-lo na sexta-feira, quando os jovens de Avonlea se reuniriam em Green Gables para organizar a Sociedade de Melhorias. Mas o que eram os jovens, quando comparados ao legitimamente ofendido senhor Harrison? Anne pensou que um bolo poderia suavizar o coração de qualquer homem, especialmente o de um que preparava a própria comida, e prontamente colocou-o em uma caixa. Ela iria oferecê-lo como oferta de paz.

“Isto é, se ele me der a chance de falar qualquer coisa”— pensou a jovem, lugubrememente, ao passar pela cerca do pasto e tomar um atalho pelos campos, que estavam dourados sob a luz etérea do fim de tarde de agosto. “Agora sei exatamente o que sentem as pessoas que são levadas para a execução.”



NA CASA DO SENHOR HARRISON

A casa do senhor Harrison era uma antiga construção pintada de cal branca, de beirais baixos, que fora erguida diante de um denso bosque de abetos.

O próprio senhor Harrison estava sentado na varanda protegida do sol por trepadeiras, em mangas de camisa, fumando seu cachimbo ao final da tarde. Quando percebeu quem vinha pelo caminho, ele levantou-se de supetão, correu para dentro da casa e bateu a porta. Sua reação era simplesmente o resultado da desagradável sensação de surpresa, misturada com uma boa quantidade de vergonha por conta do acesso de raiva que tivera no dia anterior. Porém, tal atitude quase acabou com o pouquinho de coragem que restava no coração de Anne.

“Se ele já está tão zangado agora, imagine como vai ficar quando ouvir o que fiz” – refletiu miseravelmente ao bater educadamente à porta.

Mas o senhor Harrison abriu, com um sorriso acanhado, e convidou-a para entrar em um tom bem gentil e amigável, ainda que um tanto nervoso. Ele havia guardado o cachimbo e vestido o casaco; ofereceu uma cadeira empoeirada para Anne com muita educação, e esta recepção teria sido bem agradável se não fosse pelo falatório do papagaio que espiava por entre as barras da gaiola com olhos dourados arteiros. Assim que Anne se sentou, Ginger exclamou.

– Por minha alma, o que essa ruivinha está fazendo aqui?

Foi difícil dizer qual semblante ficou mais vermelho: o do senhor Harrison ou o de Anne.

– Não dê ouvidos para aquele papagaio – disse ele, lançando um olhar furioso para Ginger. – Ele está... está sempre falando bobagens. Foi presente do meu irmão, que era marinheiro. Eles nem sempre usam o melhor vocabulário, e papagaios são aves muito boas em imitar.

– Foi o que pensei – murmurou a pobre Anne, a lembrança da obrigação reprimindo o ressentimento. Ela com certeza não poderia afrontar o senhor Harrison naquelas circunstâncias. Quando se acaba de vender a vaca Jersey de um homem inesperadamente, sem seu conhecimento e consentimento, não se deve se importar se seu papagaio repetir coisas desagradáveis. Contudo, a “ruivinha” não estava assim tão mansa.

– Eu vim fazer uma confissão, senhor Harrison – disse, resoluta. – É... É sobre... Aquela vaca Jersey.

– Por Deus! – exclamou, nervoso. – Ela invadiu minha plantação de novo? Bem... não tem importância. Não faz diferença... Nenhuma, eu... Eu fui muito indelicado ontem, é verdade. Não tem problema se ela invadiu.

– Ah, se fosse só isso! – suspirou Anne. – Mas é dez vezes pior. Eu não...

– Meu Deus, quer dizer que ela invadiu o meu trigal?

– Não, não... Não o trigal. Mas...

– Então foram os repolhos! Ela invadiu a plantação de repolhos que eu estava cultivando para a Exibição, não foi?

– Não foram os repolhos, senhor Harrison. Vou contar tudo ao senhor... Foi por isso que vim aqui. Mas, por favor, não me interrompa. Isso me deixa muito nervosa. Apenas deixe-me contar a história e não diga nada até eu terminar. “Sem dúvida, o senhor terá muito a dizer”, concluiu Anne, mas apenas em pensamento.

– Não direi mais nenhuma palavra – disse o senhor Harrison, e assim o fez. Mas Ginger não havia assinado nenhum contrato de silêncio, e continuou gritando “ruivinha” de tempos em tempos, até que Anne ficou muito irritada.

– Eu tranquei minha vaca Jersey em nosso redil ontem. Nessa manhã, fui até Carmody e, ao regressar, vi uma vaca em suas aveias. Diana e eu a enxotamos, e o senhor não faz ideia do trabalho que tivemos! Eu estava completamente ensopada, cansada e irritada, e o senhor Shearer apareceu no mesmo instante e ofereceu-se para comprar a vaca. Eu a vendi na hora, por vinte dólares. Foi errado da minha parte. Eu deveria ter esperado e conversado a respeito deste assunto com Marilla antes, é claro. Mas eu tenho a péssima tendência a fazer as coisas sem pensar... Qualquer pessoa que me conheça concordará. O senhor Shearer levou a vaca embora imediatamente para embarcá-la no trem da tarde.

– Ruivinha – gritou Ginger, em um tom de profundo desdém.

Nesse momento o senhor Harrison levantou-se e, com uma expressão que encheria qualquer pássaro de terror, exceto um papagaio, pegou a gaiola de Ginger e a levou para uma sala adjacente, fechando a porta. O pássaro gritou, xingou e comportou-se de modo a manter sua reputação, mas, ao encontrar-se sozinho, voltou a ficar em profundo silêncio.

– Perdoe-me, e prossiga – disse o senhor Harrison, sentando-se novamente. – Meu irmão, o marinheiro, nunca ensinou boas maneiras ao pássaro.

– Fui para casa e, depois do chá, fui até o curral. Senhor Harrison... – Anne inclinou-se, juntando as mãos em um antigo gesto infantil, enquanto seus grandes olhos acinzentados encaravam, suplicantes, o rosto constrangido do vizinho. – Encontrei minha vaca ainda presa dentro do redil. Foi a sua vaca que vendi ao senhor Shearer.

– Meu Deus do céu! – exclamou o senhor Harrison, em perplexo assombro diante da conclusão inesperada. – Que coisa mais extraordinária!

– Oh, não é nem um pouco extraordinário que eu esteja criando confusões para mim e para outras pessoas – respondeu Anne, com melancolia. – Sou notória por isso. É de se presumir que eu já esteja bem crescida para fazer esse tipo de coisa... Eu completarei dezessete anos em março... Mas parece que não. Senhor Harrison, é pedir demais que o senhor me perdoe? Temo que seja tarde demais para conseguir sua vaca de volta, mas aqui está o dinheiro que pagaram por ela... Ou o senhor pode ficar com a minha em troca, se preferir. Dolly é uma vaca muito boa. E não posso expressar o quanto estou arrependida por toda a situação.

– Tsc, tsc – fez o senhor Harrison, bruscamente –, não diga mais nenhuma palavra sobre este assunto, mocinha. Não tem importância... Nenhuma importância mesmo. Acidentes acontecem. Eu mesmo sou muito precipitado às vezes, senhorita... Precipitado demais. Mas não consigo evitar dizer o que penso, e as pessoas precisam me aceitar do jeito que sou. Agora, se aquela vaca tivesse entrado na minha plantação de repolhos... Mas não tem problema, ela não entrou, então está tudo bem. Acho que prefiro ficar com a sua vaca, já que a senhorita quer se desfazer dela.

– Ah, obrigada, senhor Harrison! Estou tão contente que o senhor não tenha ficado aborrecido! Estava com medo de que ficasse.

– E presumo que estivesse morrendo de medo de vir aqui e me contar, depois de todo o alvoroço que fiz ontem, não é? Mas não se importe comigo,

sou apenas um velho falastrão, só isso... Com uma terrível disposição para dizer a verdade, mesmo que ela seja um pouco ruim.

– Assim como a senhora Lynde – disse Anne, antes que pudesse evitar.

– Quem? Senhora Lynde? Não me diga que sou como aquela velha fofoqueira – exclamou o senhor Harrison, irritado. – Não sou... Nem um pouco. O que há nessa caixa?

– Um bolo – disse Anne, astutamente. Aliviada diante da inesperada amabilidade do senhor Harrison, seu ânimo agora era leve como uma pluma.

– Eu trouxe de presente... Achei que, talvez, o senhor não comesse bolo com muita frequência.

– Não com frequência, é verdade, apesar de gostar muito. Fico muito agradecido. Parece bom, olhando de cima. Espero que esteja tão gostoso quanto parece.

– E está! – respondeu Anne, alegremente confiante. – Já fiz bolos em minha vida que não estavam, como a senhora Allan pode afirmar, mas este está muito bom. Eu o fiz para a Sociedade de Melhorias, mas posso fazer outro para eles.

– Bem, é o seguinte, mocinha: você precisa me ajudar a comê-lo. Vou colocar a chaleira para esquentar, e tomaremos uma xícara de chá. O que acha?

– O senhor me permitiria fazer o chá? – perguntou Anne, duvidosa.

O senhor Harrison riu de mansinho.

– Vejo que não confia muito na minha habilidade de fazer chá. Pois está errada... Posso preparar o melhor bule de chá que já provou. Mas vá em frente. Felizmente choveu no domingo passado, então há bastante louça limpa.

Anne saltou rapidamente e foi ao trabalho. Ela lavou o bule várias vezes antes de mergulhar o chá na infusão. Depois, ela limpou o forno e arrumou a mesa, trazendo a louça da despensa. O estado da despensa deixou Anne horrorizada, porém, sabiamente, ela manteve-se calada. O senhor Harrison lhe disse onde guardava o pão, a manteiga e uma lata de pêssegos em conserva. Anne adornou a mesa com um buquê de flores do jardim, fechando os olhos para as manchas na toalha. Logo o chá ficou pronto, e Anne viu-se sentada de frente para o senhor Harrison na mesa dele, servindo-lhe o chá e conversando livremente sobre a escola, seus amigos e planos. Ela mal podia acreditar nas evidências captadas por seus sentidos.

O senhor Harrison trouxe Ginger de volta, afirmando que o pobre pássaro estava muito solitário, e Anne, sentindo que poderia perdoar a tudo e a todos, ofereceu-lhe uma noz. Mas os sentimentos de Ginger haviam sido severamente magoados, e o papagaio rejeitou qualquer proposta de amizade. Acomodou-se no poleiro de um jeito rabugento e sacudiu as penas até ficar parecendo uma mera bola verde e dourada.

– Por que o senhor o chama de Ginger? – perguntou Anne, que gostava de nomes apropriados e achava que Ginger não combinava de maneira nenhuma com uma plumagem tão magnífica.

– Meu irmão, o marinheiro, o batizou com este nome. Talvez em referência ao seu temperamento³. Mas eu gosto muito deste pássaro... a senhorita ficaria surpresa se soubesse o quanto. Ele tem lá seus defeitos, é claro. Ginger já me causou muitas situações embaraçosas, de uma maneira ou de outra. Alguns desaprovam seu hábito de xingar, mas eu não consigo fazer com que ele perca essa mania. Já tentei... E outros já tentaram. Algumas pessoas têm preconceito contra os papagaios. Tolice, não concorda? Eu gosto deles. Ginger é uma boa companhia. Nada me faria desistir deste pássaro... nada nesse mundo, moça!

O senhor Harrison lançou a última frase de maneira explosiva, como se suspeitasse de qualquer desejo latente em Anne de persuadi-lo a desistir de Ginger. Anne, entretanto, estava começando a gostar daquele homenzinho canhestro, nervoso e inquieto, e antes que a refeição terminasse eles já eram muito amigos. O senhor Harrison ficou sabendo da Sociedade de Melhorias e estava disposto a aprová-la.

– Está bem. Sigam em frente. Há bastante espaço para melhorias neste povoado... e nas pessoas também.

– Ah, não tenho certeza – respondeu Anne, repentinamente. Para si mesma ou para seus companheiros mais próximos, ela poderia admitir que havia pequenas imperfeições facilmente removíveis em Avonlea e em seus habitantes. Mas era uma coisa completamente diferente ouvir um forasteiro como o senhor Harrison dizer isso. – Considero Avonlea um lugar adorável, e os habitantes daqui são muito agradáveis também.

– Creio que a senhorita tem um temperamento apimentado – comentou ele, estudando as bochechas coradas e os olhos indignados à sua frente. – Presumo que combine com os seus cabelos. Avonlea é um lugar muito decente, caso contrário eu não teria me mudado para cá. Mas suponho que até mesmo a senhorita admitirá que o povoado tem alguns defeitos, não é?

– Eu gosto ainda mais de Avonlea por causa desses defeitos – respondeu a leal Anne. – Não gosto de pessoas e lugares sem defeitos. Acho que uma pessoa verdadeiramente perfeita não seria muito interessante. A senhora Milton White diz que nunca conheceu uma pessoa perfeita, mas que ouviu muito a respeito de uma... a primeira esposa do marido. O senhor não acha que deve ser muito desconfortável ser casada com um homem cuja primeira esposa era perfeita?

– Seria mais desconfortável ser casado com a esposa perfeita – declarou o senhor Harrison, com uma veemência repentina e inexplicável.

Quando o chá terminou, Anne insistiu em lavar a louça, apesar de o anfitrião ter lhe assegurado que tinha o suficiente para semanas. Ela teria adorado varrer o chão, mas não havia nenhuma vassoura à vista e ela não gostaria de perguntar onde estava, por medo de ouvir que não havia nenhuma na casa.

– Venha me visitar para conversarmos de vez em quando – sugeriu ele quando Anne estava de saída. – Não é muito longe, e os vizinhos devem ser amistosos. Estou interessado nessa sociedade da qual me falou. Parece que vai ser muito divertido. Quem vocês vão enfrentar primeiro?

– Não vamos nos intrometer com as pessoas... Temos intenção de melhorar somente lugares – disse Anne, em tom solene. Ela suspeitava que o senhor Harrison estivesse zombando do projeto.

Quando ela saiu, o senhor Harrison ficou observando-a pela janela... Um contorno delgado e feminino, saltitando pelos campos no lusco-fusco do poente.

– Sou um velho rabugento, solitário e intragável – disse em voz alta –, mas há algo nessa garotinha que me faz sentir jovem novamente... e é uma sensação tão agradável que eu gostaria de voltar a senti-la de vez em quando.

– Ruivinha – gatinhou zombeteiramente Ginger.

O senhor Harrison o ameaçou com o punho em riste.

– Seu pássaro intratável, eu deveria ter torcido seu pescoço quando meu irmão marinheiro o trouxe para casa! Você nunca vai parar de me envolver em confusões?

Anne correu alegremente para casa e contou suas aventuras à Marilla, que estava um tanto alarmada pela sua longa ausência e prestes a sair para procurá-la.

– Este mundo é muito bom, apesar de tudo, não é, Marilla? – concluiu Anne, alegre. – Outro dia, a senhora Lynde queixou-se de que não se pode

esperar muito do mundo. Que sempre que se anseia por algo prazeroso, o desapontamento era quase certo... Talvez seja verdade. Mas sempre há um lado bom. As coisas ruins tampouco fazem jus às expectativas e quase sempre acabam sendo muito melhores do que imaginávamos. Eu esperava por uma experiência terrivelmente desagradável quando fui visitar o senhor Harrison esta tarde. Ao invés disso, ele foi muito gentil e eu quase me diverti. Creio que seremos bons amigos de verdade, se fizermos certas concessões um ao outro, e tudo hoje acabou bem. No entanto, Marilla, eu certamente nunca mais venderei uma vaca antes de ter certeza de quem é o dono. E eu não gosto de papagaios!

Em inglês, “ginger” é um termo usado para referir-se a pessoas ruivas, que também pode significar vivacidade, energia, vigor. (N. T.)



OPINIÕES DIFERENTES

Em um fim de tarde, ao pôr do sol, Jane Andrews, Gilbert Blythe e Anne Shirley se encontravam junto a uma cerca, à sombra dos galhos de abetos que uma brisa balançava gentilmente, onde um atalho no bosque conhecido como Rota das Bétulas se juntava à estrada principal. Jane havia passado a tarde com Anne, que agora acompanhava a amiga até uma parte do caminho de volta, e, ao passarem pela cerca, depararam-se com Gilbert. Os três estavam conversando sobre a fatídica manhã do dia seguinte, que seria a primeira de setembro, quando as escolas voltam a abrir suas portas. Jane iria para Newbridge e Gilbert, para White Sands.

– Vocês dois têm certa vantagem – suspirou Anne. – Vão lecionar para crianças que não conhecem, enquanto eu terei que dar aulas para os meus antigos colegas, e a senhora Lynde disse que tem medo de que eles não me respeitem como o fariam com um estranho, a menos que eu seja muito severa desde o primeiro momento. Mas eu não acredito que uma professora deva ser severa. Ai, parece tanta responsabilidade!

– Creio que vamos nos sair bem – apaziguou Jane. Ela não se torturava com nenhuma aspiração de ser uma influência benéfica. Sua intenção era ganhar seu salário dignamente, agradar os membros do conselho diretor e ter o nome escrito no Rol de Honra do Inspetor da Escola. Jane não tinha maiores ambições. – O mais importante é manter a ordem, e um professor tem que ser um pouco severo para isso. Se meus alunos não fizerem o que digo, eu os castigarei.

– Como?

– Dando-lhes uma boa palmatória, é claro.

– Jane, você não faria isso! – lamentou Anne, chocada. – Jane, você não poderia!

– De fato, eu poderei e farei, se merecerem – retrucou Jane, resoluta.

– Eu jamais conseguiria bater em uma criança! – replicou Anne, igualmente decidida. – Não acredito de forma alguma nesse método. A senhorita Stacy nunca surrou nenhum de nós, e ela mantinha a ordem perfeitamente; e o senhor Phillips estava sempre fazendo isso e não tinha nenhum controle sobre a classe. Não, se eu não conseguir dar aulas sem palmatória, desistirei de tentar lecionar. Há formas melhores de lidar com a situação. Eu tentarei conquistar a afeição de meus pupilos, e então eles vão querer fazer o que eu mandar.

– Mas suponha que não queiram? – perguntou a prática Jane.

– Eu não os açoitaria de forma alguma. Estou certa de que isso não faria nenhum bem. Oh, Jane, não use a palmatória em seus alunos, querida Jane, não importa o que eles façam!

– O que tem a dizer sobre isso, Gilbert? – quis saber Jane. – Não acha que existem crianças que realmente precisam de uma surra de vez em quando?

– Você não acha cruel e bárbaro açoitar uma criança... qualquer criança? – exclamou Anne, com o rosto seriamente corado.

– Bem... – disse Gilbert lentamente, dividido entre suas reais convicções e o desejo de corresponder aos ideais de Anne. – Ambos os lados têm seu mérito. Não creio que devamos bater muito nas crianças. Eu acho, como você disse, Anne, que existem maneiras melhores de controlar a classe, via de regra, e que a punição corporal deve ser o último recurso. Mas, por outro lado, como disse Jane, creio que exista uma ou outra criança que não responde a qualquer outro modo e que, em suma, precisa de uma palmatória, e que se tornará uma pessoa melhor por isso. A punição corporal como último recurso será a minha regra.

Gilbert, ao tentar agradar os dois lados, conseguiu, como de costume, desagradar a ambos. Jane balançou a cabeça.

– Eu usarei a palmatória em meus alunos quando forem desobedientes. É o caminho mais rápido e fácil de convencê-los.

Anne lançou um olhar desapontado para Gilbert.

– Eu nunca açoitarei uma criança – repetiu ela, com firmeza. – Tenho certeza de que não é correto e tampouco necessário.

– E se um menino lhe responder com atrevimento quando você der a ele alguma tarefa? – perguntou Jane.

– Eu o mantereí na sala após a aula e conversarei com bondade e firmeza com ele. Existe algo bom em cada pessoa, é só uma questão de saber encontrá-lo. E é o dever de um professor descobri-lo e desenvolvê-lo. Foi

isso que o nosso professor de Gerenciamento Escolar na Queen's nos disse, você sabe. Você acredita mesmo que pode encontrar bondade em uma criança por meio de palmatórias? É muito mais importante influenciá-la corretamente do que ensinar-lhe os três R⁴, como disse o Professor Rennie.

– Mas o inspetor vai avaliar se eles sabem os três R, lembra-se? E o relatório do seu desempenho não será bom se os alunos não estiverem de acordo com os padrões dele – protestou Jane.

– Prefiro que meus alunos me amem e se lembrem de mim como alguém que realmente os ajudou a figurar o rol de honra – afirmou Anne, decididamente.

– Você nunca punirá as crianças, nem quando se comportarem mal? – perguntou Gilbert.

– Ah, sim. Nesse caso, precisarei puni-los, eu suponho, apesar de saber que odiarei fazer isso! Mas posso mantê-las na sala durante o recreio, ou colocá-las de pé em um canto da sala ou mandar que copiem frases.

– Suponho que você não castigará as meninas mandando que se sentem com os meninos, não é mesmo? – disse Jane, maliciosamente.

Gilbert e Anne se entreolharam e sorriram, embaraçados. Uma vez, Anne havia sido obrigada a sentar-se com Gilbert como punição, o que só resultou em tristeza e amargura.

– Bem, o tempo dirá qual é a melhor maneira – concluiu Jane, filosoficamente, ao se despedirem.

Anne voltou para Green Gables pela Rota das Bétulas, sombria, farfalhante e com aroma de samambaias, passando pelo Vale das Violetas e o Charco do Salgueiro, onde luz e escuridão se beijavam sob os pinheiros, e finalmente pela Travessa dos Amantes... lugares que ela e Diana haviam batizado muito tempo atrás. Anne caminhava lentamente, desfrutando da doçura do bosque e do campo, bem como do crepúsculo estrelado de verão, pensando taciturnamente sobre as novas responsabilidades que assumiria na manhã seguinte. Quando chegou ao quintal de Green Gables, o tom alto e decidido da voz da senhora Lynde chegou até ela através da janela aberta da cozinha.

“A senhora Lynde veio me dar um bom conselho para amanhã” – pensou Anne, com uma careta, “mas acho que não vou entrar. Seus conselhos são como pimenta, eu acho... excelentes em pequenas quantidades, mas muito ardidos na dose que a senhora Lynde prefere. Em vez disso, eu vou bater um papo com o senhor Harrison”.

Esta não era a primeira vez que Anne ia conversar com o senhor Harrison desde o notável incidente com a vaca Jersey. Ela já o havia visitado em vários fins de tarde, e os dois tinham se tornado muito bons amigos, apesar de que, em alguns momentos e situações, Anne pensava que a franqueza da qual o senhor Harrison tanto se orgulhava era um pouco penosa. Ginger continuava tratando Anne com suspeitas e nunca falhava em saudá-la sarcasticamente como “a ruivinha”. O senhor Harrison tentara em vão dissuadi-lo desse hábito, saltando empolgado todas as vezes que via Anne chegando, exclamando: “Pela minha alma, aí vem aquela mocinha novamente!”, ou algo igualmente lisonjeiro. Mas Ginger percebeu a estratégia e o ignorou. Anne nunca saberia quantos elogios o senhor Harrison lhe fez pelas costas. Ele certamente nunca a elogiou na presença dela.

– Bem, presumo que você estava no bosque recolhendo um bom suprimento de varas finas para amanhã? – foi sua saudação, conforme Anne subia os degraus da varanda.

– Certamente não – respondeu, indignada. Ela era um excelente alvo para provocações, pois sempre levava as coisas muito a sério. – Eu nunca usarei uma vara na minha escola, senhor Harrison. É claro que terei uma vara para apontar, que será usada apenas para apontar.

– Então, a senhorita vai castigá-los com um cinto? Bem, não sei, mas está certa. A vara causa uma dor aguda na hora, mas o cinto arde por mais tempo, isso é um fato.

– Eu não usarei nada do tipo! Não vou açoitar meus alunos!

– Santo Deus! – exclamou ele, genuinamente perplexo. – Então, como pretende mantê-los na linha?

– Por meio da afeição, senhor Harrison.

– Não vai funcionar. Não mesmo, Anne. “Poupe a criança do castigo e você a estragará.” Quando eu ia para a escola, o professor me açoitava praticamente todos os dias, pois dizia que, se eu não estava fazendo travessuras, eu estava tramando-as.

– Os métodos mudaram desde os seus dias de escola, senhor Harrison.

– Mas a natureza humana, não. Escreva o que eu digo: a senhorita só conseguirá manter esses jovens sob controle se tiver uma vara de prontidão para ser usada. É impossível.

– Bem, primeiro eu tentarei do meu jeito – respondeu Anne, que tinha uma forte determinação e era capaz de agarrar-se de maneira tenaz às

próprias teorias.

– Imagino que a senhorita seja bem teimosa. – Foi a forma que o senhor Harrison encontrou para se expressar. – Bem, bem, isso nós veremos. Um dia, quando ficar bem nervosa, e as pessoas com o cabelo da cor do seu têm uma grande propensão a ficarem nervosas, a senhorita se esquecerá de todas as suas belas noções e dará uma sova em alguns deles. De qualquer modo, a senhorita é muito jovem para lecionar... Jovem e infantil demais.

De modo geral, Anne foi para a cama sentindo-se pessimista naquela noite. Ela dormiu mal e estava tão pálida e abatida no café da manhã do dia seguinte que Marilla ficou preocupada e insistiu em preparar-lhe uma xícara bem quente de chá de gengibre. Anne o bebeu em pequenos goles, pacientemente, ainda que não conseguisse imaginar que bem o chá de gengibre poderia fazer. Se fosse alguma infusão mágica e potente para lhe conferir idade e experiência, Anne teria engolido um quarto da xícara sem fazer careta.

– Marilla, e se eu falhar?

– Você dificilmente falhará por completo em um único dia, e muitos outros dias virão pela frente – disse Marilla. – Seu problema, Anne, é que você espera ensinar tudo àquelas crianças e corrigir imediatamente todas as faltas delas; e, se não conseguir, com certeza pensará que falhou.

Refere-se às habilidades básicas ensinadas nas escolas: leitura, escrita e aritmética (*Reading, Writing and Arithmetic*). (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento – Provérbios 13:24. (N. T.)



UMA VERDADEIRA PROFESSORA

Quando Anne chegou à escola naquela manhã, pela primeira vez em sua vida, havia cruzado a Rota das Bétulas surda e cega aos seus encantos... tudo estava quieto e silencioso. A professora anterior havia treinado as crianças para estarem em seus lugares no momento de sua chegada; quando Anne entrou na sala de aula, ela foi prontamente confrontada por fileiras impecáveis de “resplandecentes carinhas matinais” e inquisitivos olhos brilhantes. Ela pendurou o chapéu e olhou para os alunos, na esperança de não parecer tão assustada e tola quanto se sentia, e que eles não percebessem o quanto tremia.

Anne tinha ficado acordada até quase meia-noite na véspera, redigindo o discurso de início das aulas que desejava fazer para os alunos. Ela o revisara e melhorara minuciosamente, antes de memorizá-lo.

Era um discurso muito bom, com excelentes ideias, especialmente sobre ajuda mútua e esforço legítimo em prol do conhecimento. O único problema é que ela não conseguiu se lembrar de uma palavra sequer.

Após o que pareceu um ano, e foi cerca de dez segundos, na realidade, Anne disse vagamente: “Peguem suas Bíblias, por favor” e mergulhou sem fôlego na cadeira, encoberta pelo barulho e pelo estalar da tampa das carteiras que se seguiram. Enquanto as crianças liam os versículos, Anne tranquilizou a mente e observou o grupo de pequenos peregrinos destinados à Terra dos Adultos.

A maioria deles era, obviamente, muito bem conhecida por ela. Seus colegas de classe haviam terminado os estudos no ano anterior, mas o restante havia frequentado a escola com ela, exceto os alunos do primeiro ano e dez recém-chegados à Avonlea. Anne secretamente sentiu mais interesse nestes dez do que naqueles cujas possibilidades já estavam bem mapeadas à sua frente. A verdade é que esses jovens talvez fossem tão

comuns quanto o resto; mas, por outro lado, talvez houvesse um gênio entre eles. Era uma ideia empolgante.

Sozinho em uma carteira no canto, estava Anthony Pye. Ele tinha uma carinha sombria e carrancuda, e encarava a nova Anne com uma expressão hostil nos olhos negros. Anne instantaneamente resolveu que iria ganhar a afeição daquele menino, para o completo desconcerto da família Pye.

Mais um garoto desconhecido estava sentado em outro canto, junto com Arty Sloane. Um rapazinho com ar jovial, de nariz arrebitado, o rosto cheio de sardas e olhos azuis grandes e iluminados, orlado por pestanas claras... provavelmente era o menino dos Donnel; e se a semelhança valesse de alguma coisa, sua irmã estava sentada do outro lado do corredor, com Mary Bell. Anne se questionou que tipo de mãe a criança tinha, para mandá-la à escola vestida daquele jeito. A menina usava um vestido de seda rosa pálido, enfeitado com uma grande quantidade de rendas de algodão, sapatilhas brancas levemente sujas e meias de seda. Seu cabelo cor de areia fora coagido a formar inúmeros cachos retorcidos e artificiais, arrematados por um extravagante laçarote rosa maior do que sua cabeça. A julgar por sua expressão, a menina estava muito satisfeita consigo mesma.

Uma garotinha pálida, com um lindo cabelo fulvo, sedoso e ondulado que flutuava sobre os ombros, devia ser Annetta Bell, pensou Anne. Os pais dela tinham vivido anteriormente no distrito escolar de Newbridge, mas agora, por terem se mudado para uma casa que ficava a cinquenta jardas ao norte de seu antigo lar, estavam em Avonlea. Três pálidas garotinhas sentadas em um único banco eram certamente da família Cotton; e não havia dúvidas de que a pequena beldade com longos cachos castanhos e olhos cor de avelã, que lançava olhares dissimulados para Jack Gills por cima da Bíblia, era Prillie Rogerson, cujo pai tinha se casado novamente havia pouco tempo, trazendo-a da casa da avó, em Grafton, para viver com a nova família. Uma garota alta e desajeitada, sentada no último banco, que parecia ter muitos pés e mãos, Anne não conseguiu reconhecer; mas mais tarde descobriu que seu nome era Barbara Shaw e que ela viera morar com uma tia que residia em Avonlea. Ela também viria a descobrir que, se Barbara alguma vez conseguisse caminhar pelo corredor sem tropeçar nos próprios pés, ou nos de alguém, os alunos de Avonlea escreveriam o fato incomum no alpendre para comemorar.

Mas quando os olhos de Anne encontraram os do menino na carteira que ficava diante da sua, um estranho calafrio percorreu seu corpo, como se ela

tivesse encontrado seu gênio. Anne sabia que aquele devia ser Paul Irving, e que a senhora Rachel Lynde acertara pelo menos uma vez na vida, ao profetizar que ele seria diferente das crianças de Avonlea. Mais do que isso, Anne notou que ele era diferente das crianças de qualquer outro lugar e que ali havia uma alma levemente semelhante à sua, observando-a intensamente com seus olhos azuis-escuros.

Anne sabia que Paul tinha dez anos, embora não parecesse ter mais do que oito. O rosto dele era o mais bonito que ela já havia visto em uma criança: feições de extraordinária delicadeza e refinamento, emolduradas por uma auréola de cachos castanhos. Sua boca era carnuda sem exageros, com lábios cor de carmim que se uniam suavemente e se curvavam, afinando nos cantinhos estreitos que quase formavam covinhas. Ele tinha uma expressão séria, grave e meditativa, como se seu espírito fosse muito mais velho do que o corpo; mas quando Anne sorriu delicadamente para ele, toda a seriedade se dissipou no sorriso que o garoto deu em resposta, que parecia iluminar todo o seu ser como se uma lâmpada tivesse sido acesa subitamente dentro de si, irradiando luz da cabeça aos pés. O melhor de tudo é que o sorriso fora involuntário, sem esforço ou motivação externa, a simples irrupção de uma personalidade escondida, rara, boa e doce. Com uma rápida troca de sorrisos, Anne e Paul tornaram-se amigos para a vida toda antes mesmo de trocarem uma palavra.

O dia passou como se fosse um sonho. Anne jamais conseguiu se lembrar claramente de como foi. Era como se outra pessoa tivesse dado aula, e não ela. Anne tomou lições, trabalhou com somas e ordenou que os alunos copiassem mecanicamente. As crianças se comportaram muito bem; somente dois casos de indisciplina ocorreram. Morley Andrews foi pego conduzindo um par de grilos amestrados pelo corredor. Ela o deixou de castigo no canto por uma hora e, o que foi mais doloroso para o garoto, confiscou seus grilos. Ela colocou os insetos em uma caixa e soltou-os no Vale das Violetas na volta para casa; porém, daquele dia em diante, Morley passou a acreditar que Anne os levara para casa e criava-os para seu próprio divertimento.

O outro culpado foi Anthony Pye, que derramou o último gole de sua garrafa d'água na nuca de Aurelia Clay. Anne deixou Anthony sem recreio e conversou com ele sobre o comportamento que esperava de um cavalheiro, advertindo-o de que estes nunca derramavam água no pescoço das damas. Disse que queria que todos os meninos de sua classe fossem cavalheiros. Seu pequeno sermão foi gentil e tocante; contudo, infelizmente, Anthony

permaneceu absolutamente inabalado. O garoto a ouviu em silêncio, com a mesma expressão de poucos amigos, e assobiou desdenhosamente ao sair. Anne suspirou e então se reanimou, lembrando-se de que ganhar a afeição de um Pye, assim como a construção de Roma, não era trabalho de um único dia. De fato, era duvidoso que alguns dos Pye tivessem qualquer afeição para ser conquistada, mas Anne tinha esperança em Anthony, que parecia ter potencial para ser um bom menino se alguém conseguisse ultrapassar seu azedume.

Quando a aula acabou e as crianças saíram, Anne deixou-se cair na cadeira, fatigada. Sua cabeça doía e ela se sentia deploravelmente desencorajada. Não havia nenhum motivo real para sentir-se assim, considerando que nada muito terrível tinha acontecido. Mas a jovem estava exausta e inclinada a acreditar que jamais aprenderia a ensinar. E quão terrível seria fazer todos os dias algo de que não gostava, por... bem, digamos, quarenta anos. Anne não sabia se chorava ali, naquele momento, ou se esperava até que estivesse segura em casa, em seu próprio quartinho branco. Antes que pudesse se decidir, ela escutou o som de sapatos de salto e um farfalhar de roupas de seda no assoalho do alpendre e, de repente estava sendo confrontada por uma dama cuja aparência a fez recordar de uma recente crítica do senhor Harrison sobre uma mulher vestida com exagero que tinha visto em uma loja em Charlottetown: “Ela parecia a colisão frontal entre uma ilustração de alta costura e um pesadelo”.

A recém-chegada trajava um suntuoso vestido de verão de seda azul pálido, com mangas bufantes, com babados e franjas onde quer que babados e franjas pudessem ser colocados. Destacava-se na cabeça um grande chapéu de chiffon branco, adornado por três longas penas duras de avestruz. Um véu de chiffon rosado com pintas pretas generosamente espalhadas, pendendo como um babado desde a aba do chapéu até seus ombros, descia em duas faixas diáfanos por trás da cabeça. Também usava todas as joias que podiam ser dispostas em uma mulher de baixa estatura, e seu perfume muito forte lhe fazia companhia.

– Sou a senhora Donnell... A senhora H. B. Donnell – anunciou a figura –, e vim vê-la por causa de algo que Clarice Almira me contou quando foi jantar conosco hoje. Algo que me incomodou profundamente.

– Sinto muito – gaguejou Anne, vagamente tentando se lembrar de qualquer incidente da manhã relacionado com as crianças Donnell.

– Clarice Almira contou-me que a senhorita pronunciou nosso sobrenome DONnell. Ora, senhorita Shirley, a pronúncia correta é DonNELL, com a última sílaba tônica. Espero que se lembre disso no futuro.

– Eu tentarei – arfou Anne, sufocando um desejo louco de rir. – Sei por experiência própria que é muito desagradável ter o nome soletrado de forma errada, e suponho que deva ser pior ainda tê-lo pronunciado errado.

– Certamente é. E Clarice Almira também me informou que a senhorita chamou meu filho de Jacob.

– Ele me disse que se chamava Jacob – protestou Anne.

– Eu deveria saber – respondeu a senhora H. B. Donnell, em um tom que indicava que não se podia esperar gratidão das crianças dessa geração degenerada. – Aquele garoto tem modos de plebeu, senhorita Shirley. Quando ele nasceu, eu quis que seu nome fosse St. Clair... Soa tão aristocrático, não é mesmo? Mas o pai insistiu que ele se chamasse Jacob, em homenagem a um tio dele. Tive que concordar, porque o Tio Jacob era um velho rico e solteirão. E a senhorita acredita? Quando nosso inocente menino tinha cinco anos, o velho Tio Jacob se casou e agora tem três filhos. Já ouviu tamanha ingratidão? No momento que chegou o convite do casamento, pois ele teve a impertinência de enviar-nos um convite, senhorita Shirley, eu disse: “Sem mais Jacobs para mim, obrigada!”. Desde aquele dia, eu chamo meu filho de St. Clair, e faço questão que ele seja chamado dessa maneira. O pai continua obstinadamente a chamá-lo de Jacob, e o menino mesmo tem uma preferência absolutamente incompreensível por esse nome vulgar. Mas St. Clair ele é e St. Clair ele continuará sendo. A senhorita fará a gentileza de não se esquecer disso, não é mesmo? Eu agradeço. Eu disse a Clarice Almira que estava certa de que se tratava de um mal-entendido e que uma palavrinha acertaria as coisas. Donnell... com a última sílaba tônica, e St. Clair... em hipótese alguma Jacob. Vai se lembrar? Eu agradeço.

Quando a senhora H. B. Donnell se retirou, Anne fechou a porta da escola e foi para casa. Ao pé da colina, ela encontrou Paul Irving na Rota das Bétulas. O garoto entregou-lhe um ramallete de delicadas orquídeas silvestres, as quais as crianças de Avonlea chamavam de “lírios de arroz”.

– Eu encontrei-as no campo do senhor Wright – disse ele, timidamente. – E voltei para presentear-lhe, pois achei que a senhorita seria o tipo de moça que iria gostar dessas flores, e porque... – Ele levantou seus lindos olhos – Eu gosto da senhorita, professora.

– Oh, querido! – disse Anne, sentindo a fragrância das flores. O desânimo e o cansaço deixaram seu espírito como se as palavras de Paul fossem mágicas, e a esperança irrompeu em seu coração como uma fonte dançante. Ela caminhou pela Rota das Bétulas a passos leves, acompanhada pela doçura de suas orquídeas como uma graça divina.

– Bem, como você se saiu? – Marilla quis saber.

– Pergunte-me daqui a um mês, e talvez eu saiba dizer. Agora não consigo... eu mesma não sei... ainda é muito cedo. Sinto como se meus pensamentos tivessem sido chacoalhados até ficarem turvos e confusos. A única coisa que eu realmente sinto que conseguir fazer hoje foi ter ensinado a Clifflie Wright que A é A. Ele não sabia disso até então. Não é algo importante iniciar uma alma corretamente em um caminho que pode acabar em Shakespeare e no *Paraíso Perdido*?

A senhora Lynde veio mais tarde com mais encorajamento. A boa senhora surpreendeu as crianças da escola ao passarem por seu portão, indagando-as sobre o quanto tinham gostado da nova professora.

– E cada um deles disse que gostou muitíssimo de você, Anne, exceto Anthony Pye. Devo admitir que ele não gostou. O menino disse que você “não tem nada de bom, como todas as outras professoras novatas”. Eis o veneno dos Pye para você. Mas não dê importância.

– Não vou me importar – respondeu Anne, com calma –, e ainda vou fazer Anthony Pye gostar de mim. A paciência e a gentileza certamente o conquistarão.

– Bem, não se pode pôr a mão no fogo por um Pye – replicou a senhora Lynde com cautela. – Eles vivem de acordo com as próprias regras, como os sonhos, de um jeito ou de outro. Com relação a essa senhora Donnell, nada vai me convencer a chamá-la de DonNELL, pode ter certeza. O sobrenome é DONnell, como sempre foi. Aquela mulher é louca, é isso o que é! Ela tem um cachorro da raça pug chamado Queenie, e o animal come na mesa junto com a família, em um prato de porcelana! Eu temeria julgamentos, se fosse ela. Thomas disse que o Donnell é um homem sensato e trabalhador, mas que não teve muito bom senso quando escolheu a esposa, é isso o que é.

Poema épico do inglês John Milton (1608 – 1674), publicado pela primeira vez em 1667. (N. T.)



TODOS OS TIPOS E CONDIÇÕES DE HOMENS...E MULHERES

Um dia de setembro nas colinas da Ilha do Príncipe Edward. Um vento refrescante vindo do oceano soprava sobre as dunas de areia. Uma longa estrada de terra vermelha serpenteava por campos e bosques, ora rodeando um rincão de grossos abetos, ora ziguezagueando uma plantação de jovens bordos com grandes folhas macias de samambaias debaixo deles, ora mergulhando em um vale onde um riacho surgia através dos bosques para então entrar novamente entre as árvores, ora banhando-se na luz do sol a céu aberto entre faixas de varas-de-ouro e ásteres de cor azul esfumado. O ar vibrava com a sinfonia de uma miríade de grilos, aqueles pequenos e alegres inquilinos das colinas estivais. Um rechonchudo e diminuto cavalo castanho trotava lentamente ao longo da estrada na companhia de duas mocinhas, cujos semblantes demonstravam a satisfação com a simples e inestimável alegria da juventude e da vida.

– Este é um dia que parece ter sido retirado do Éden, não é mesmo, Diana? – Anne suspirou de puro contentamento. – A mágica está pairando no ar. Olhe o lilás no fundo do vale da colheita, Diana. E, oh, sinta o aroma dos pinheiros secando! Está vindo daquele pequeno vale ensolarado onde o senhor Eben Wright está cortando as estacas para as cercas. É um êxtase estar vivo em um dia como este, mas o aroma dos pinheiros secos é simplesmente divino. Isto é dois terços Wordsworth² e um terço Anne Shirley. Não é possível que haja pinheiros secos no céu, não é mesmo? Não acho que o céu seria completamente perfeito se não pudéssemos sentir o aroma dos pinheiros secos enquanto caminhamos pelos bosques. Talvez tenhamos o aroma sem que eles precisem estar secos. Sim, acho que esta é a solução. Este perfume delicioso deve ser a alma dos pinheiros... e, obviamente, haverá somente almas no céu.

– Árvores não têm almas – disse a pragmática Diana –, mas o perfume dos pinheiros mortos certamente é adorável. Vou fazer uma almofada e enchê-la com folhas de pinheiro. Você deveria fazer uma também, Anne.

– Acho que farei... e usarei quando tirar cochilos. Eu certamente sonharia que era uma dríade ou uma ninfa da floresta. Mas neste exato minuto estou muito satisfeita em ser Anne Shirley, professora da escola de Avonlea, cavalcando por uma estrada como essa em um dia tão suave e adorável como esse.

– É um dia lindo, muito diferente da tarefa que temos que realizar – suspirou Diana. – Por que diabos você se ofereceu para angariar pedidos nesta estrada, Anne? Quase todos os esquisitões de Avonlea moram por aqui, e provavelmente seremos tratadas como se estivéssemos mendigando para nós mesmas. Esta é a pior estrada de todas.

– Foi por isso que eu a escolhi. É claro que Gilbert e Fred teriam vindo para cá, se tivéssemos pedido. Mas, sabe, Diana, eu me sinto responsável pela SMA, já que fui a primeira a sugerir a criação da sociedade, e sinto como se devesse ficar responsável pelas coisas mais desagradáveis. Sinto muito por tê-la envolvido nisso, você não precisa dizer nada nas casas dos esquisitões. Eu farei todo o discurso... A senhora Lynde diria que sou muito boa nisso. Ela não decidiu se aprova nossa iniciativa ou não. Ela sente-se disposta a aprová-la quando se lembra de que o senhor e a senhora Allan estão nos apoiando, mas o fato das sociedades de melhorias terem se originado nos Estados Unidos conta como ponto negativo. Assim, a senhora Lynde está hesitante, e somente o êxito nos justificará aos olhos dela. Priscilla vai redigir uma ata na nossa próxima reunião, e espero que fique boa, pois sua tia é uma excelente escritora e sem dúvida esse talento é de família. Nunca esquecerei do frêmito que senti quando descobri que a senhora Charlotte E. Morgan era a tia de Priscilla. É tão maravilhoso ser amiga da garota que é sobrinha da autora de *Dias em Edgewood* e *O Jardim dos Botões de Rosa*!

– Onde mora a senhora Morgan?

– Em Toronto. E Priscilla disse que a tia a visitará aqui na Ilha no próximo verão, e que, se possível, ela organizará um encontro para que possamos conhecê-la. Parece quase bom demais para ser verdade, mas é algo agradável de se imaginar antes de dormir.

A Sociedade de Melhorias de Avonlea era bem organizada. Gilbert Blythe era o presidente, Fred Wright o vice-presidente, Anne Shirley a secretária e

Diana Barry a tesoureira. Os “Melhoradores”, como foram prontamente batizados, reuniam-se a cada duas semanas na casa de um dos membros. Eles aceitaram o fato de que já estava tarde para fazer muitas melhorias naquela época do ano; contudo, eles pretendiam planejar a campanha para o próximo verão, coletar e discutir sugestões, escrever e ler propostas e, como dizia Anne, educar o público de modo geral.

Havia certa rejeição, é claro e o que os Melhoradores sentiram mais intensamente uma boa dose de ridículo. O senhor Elisha Wright supostamente disse que “Clube de Paquera” seria um nome mais apropriado para a sociedade. A senhora Hiram Sloane declarou que tinha ouvido falar que os Melhoradores queriam fazer canteiros de gerânios nas margens de todas as estradas. O senhor Levi Boulter advertiu os vizinhos de que os Melhoradores queriam convencer a todos a derrubar a casa dele, para então reconstruí-la após a sociedade ter aprovado a planta. O senhor James Spencer mandou avisá-los que ele gostaria que o grupo tivesse a gentileza de capinar o morro da igreja. Eben Wright disse a Anne que ele queria que os Melhoradores persuadissem o velho Josiah Sloane a manter o bigode aparado. O senhor Lawrence Bell disse que estava disposto a passar uma demão de cal nos celeiros, mas que não iria pendurar cortinas de renda nas janelas do estábulo. O senhor Major Spencer perguntou a Clifton Sloane, um Melhorador que transportava o leite para a fábrica de queijo de Carmody, se era verdade que todos teriam que ter as leiteiras pintadas à mão no próximo verão, cobertas por uma toalhinha bordada.

Apesar disso, a natureza humana sendo o que é, a Sociedade foi corajosamente ao trabalho na única melhoria que poderiam esperar realizar naquele outono. Na segunda reunião, na sala de visitas dos Barry, Oliver Sloane propôs que comesçassem a recolher contribuições para reformar o telhado e pintar o Salão de Avonlea. Julia Bell apoiou, com a sensação inquietante de estar fazendo algo um tanto impróprio para uma dama. Gilbert pôs a proposta em votação, que foi aprovada unanimemente, e Anne anotou em suas minutas com seriedade. A próxima pauta era distinguir um comitê; e Gertie Pye, determinada a não deixar Julia Bell carregar todos os louros, sugeriu ousadamente que a senhorita Jane Andrews presidisse o dito comitê. Depois que esta proposta também foi devidamente apoiada e votada, Jane retribuiu a gentileza apontando Gertie para o comitê, junto com Gilbert, Anne, Diana e Fred Wright. O comitê escolheu suas rotas de ação em reunião secreta. Anne e Diana foram designadas para a estrada de

Newbridge, Gilbert e Fred para a estrada de White Sands, e Jane e Gertie para a estrada de Carmody.

– Porque todos os Pye vivem ao longo daquela estrada – Gilbert explicou para Anne enquanto caminhavam juntos para casa pela Floresta Assombrada. – E nenhum deles dará um centavo, a menos que um deles vá pedir.

Anne e Diana começaram no sábado seguinte. Elas dirigiram-se até o final da estrada e foram de casa em casa, visitando primeiro as moças da família Andrew.

– Se Catherine estiver sozinha, talvez consigamos algo – disse Diana –, mas não se Eliza estiver lá.

Eliza estava em casa, e como estava, parecia ainda mais amargurada do que de costume. A senhorita Eliza era uma daquelas pessoas que dão a impressão de que a vida é, de fato, um vale de lágrimas e que um sorriso, que dirá uma risada, era um desperdício de energia nervosa verdadeiramente repreensível. As irmãs Andrew tinham sido “moças” por cinquenta anos singulares, e parecia que iriam permanecer moças até o fim de suas jornadas terrestres. Diziam que Catherine não tinha perdido inteiramente as esperanças, mas Eliza, pessimista de nascença, nunca tivera nenhuma. Elas viviam em uma casinha marrom, em um lugarejo remoto e ensolarado, escavado no bosque de faias de Mark Andrews. Eliza reclamava que a casa era terrivelmente quente no verão, mas Catherine costumava dizer que era adorável e aconchegante no inverno.

Eliza estava costurando *patchwork*, não porque era necessário, mas simplesmente como um protesto contra a frívola renda de crochê que Catherine estava fazendo. Eliza ouviu com uma carranca, e Catherine com um sorriso, enquanto as garotas explicavam sua missão. A bem da verdade, cada vez que Catherine percebia o olhar de Eliza, ela escondia o sorriso com um misto de culpa e confusão; porém, ele estava de volta no momento seguinte.

– Se eu tivesse dinheiro para desperdiçar – disse a severa Eliza –, talvez eu o queimasse só para divertir-me vendo as chamas; mas não daria um único centavo para arrumar aquele salão! Aquilo não traz nenhum benefício ao vilarejo... É só um lugar para os jovens se encontrarem e fazerem balbúrdia, quando deveriam estar em casa, dormindo em suas camas.

– Oh, Eliza, os jovens devem ter algum tipo de diversão! – protestou Catherine.

– Não vejo necessidade. Nós não ficávamos zanzando em salões e praças quando éramos jovens, Catherine Andrews. Este mundo vai de mal a pior!

– Eu acho que está ficando cada vez melhor – retrucou Catherine, firmemente.

– É o que VOCÊ pensa! – a voz da senhorita Eliza expressava o mais puro desdém. – O que você pensa não tem a mínima importância, Catherine Andrews! Fatos são fatos.

– Bem, sempre gosto de ver o lado bom de todas as coisas, Eliza.

– Não existe lado bom.

– Ah, é claro que existe! – interveio Anne, incapaz de ouvir tamanha heresia em silêncio. – Ora, existem tantos lados bons, senhorita Andrews. É realmente um mundo maravilhoso.

– Você não terá uma opinião tão otimista sobre o mundo quando tiver vivido nele tanto quanto eu vivi – retorquiu a senhorita Eliza, com acidez. – Como vai sua mãe, Diana? Meu Deus, ela não parece muito bem nos últimos tempos. Está terrivelmente abatida. E quanto tempo falta até que Marilla fique completamente cega, Anne?

– Os médicos acham que seus olhos não vão piorar, se ela for cuidadosa – disse Anne com hesitação.

Eliza balançou a cabeça.

– Os médicos sempre falam assim, só para manter as pessoas animadas. Eu não teria tanta esperança se fosse ela. É melhor estar preparada para o pior.

– Mas não devemos nos preparar para o melhor também? – contrapôs Anne. – É tão provável de acontecer quanto o pior.

– Não em minha experiência, e tenho cinquenta e sete anos de vivência contra os seus dezesseis – retorquiu Eliza. – Ah, já estão indo? Bem, espero que essa nova sociedade de vocês seja capaz de evitar que Avonlea se afunde ainda mais, embora eu não tenha lá muita esperança.

Anne e Diana se retiraram com alívio, afastando-se dali o mais rápido que o cavalo gorducho conseguia ir. Quando passaram pela curva abaixo do bosque de faias, uma figura roliça se aproximou correndo pelo pasto do senhor Andrews, acenando para elas animadamente. Era Catherine Andrews, tão esbaforida que mal conseguia falar. Ela entregou duas moedas de vinte e cinco centavos na mão de Anne.

– Esta é a minha contribuição para a pintura do salão – disse, arfando. – Gostaria de doar um dólar, mas não me atreveria a pegar mais dinheiro da

minha parte na venda dos ovos, pois Eliza descobriria. Estou realmente interessada na sociedade de vocês, e creio que farão muitas coisas boas. Sou uma otimista. Eu tenho que ser, vivendo com Eliza. Tenho de voltar depressa, antes que ela perceba que eu saí... Ela acha que estou alimentando as galinhas. Espero que se saiam bem em sua coleta, e não se deixem abalar pelo que minha irmã disse. O mundo está ficando melhor... certamente está.

A próxima casa era a de Daniel Blair.

– Ora, tudo vai depender se a esposa dele está ou não em casa – disse Diana, enquanto passavam aos solavancos por uma estrada de terra profundamente esburacada. – Caso não estiver, não conseguiremos nenhum centavo. Todo mundo diz que Dan Blair não se atreve a cortar o cabelo sem pedir permissão à esposa, e é certo que ela tem a mão bem fechada, digamos assim. Ela diz que tem que ser justa antes de ser generosa. Mas a senhora Lynde diz que este “antes” é tão antes, que a generosidade nunca chega a tempo.

Naquela noite, Anne relatou para Marilla a experiência que tiveram na casa dos Blair.

– Nós atamos o cavalo e então batemos na porta da cozinha. Ninguém atendeu, mas a porta estava aberta e podíamos ouvir que havia alguém na despensa, agindo de forma estranha. Não conseguíamos distinguir as palavras, mas Diana afirmou que, pelo som, eram xingamentos. Eu não pude acreditar, pois o senhor Blair é sempre tão calado e dócil! Por fim, descobrimos que ele estava em grande tormento. Marilla, quando o pobre homem saiu pela porta, vermelho como uma beterraba e com suor escorrendo pelo rosto, ele estava usando um dos grandes aventais xadrez da esposa. “Não consigo tirar este maldito avental”, disse, “pois os nós estão muito apertados; assim, as senhoritas terão que me dar licença.” Imploramos que ele não se importasse com isso e nos sentamos, e o senhor Blair sentou-se também. Ele enrolou o avental e lançou-o para as costas, mas parecia tão envergonhado e preocupado que senti pena dele, e Diana temia que tivéssemos chegado em um momento inconveniente.

“Oh, não tem problema” – disse o senhor Blair, tentando sorrir. Você sabe, ele é sempre muito educado. “Estou um pouco ocupado, preparando-me para fazer um bolo. Minha esposa recebeu um telegrama hoje dizendo que sua irmã está chegando de Montreal nesta noite, e foi à estação de trem para recebê-la. Por isso, ela deixou ordens para que eu fizesse um bolo para o chá. Ela escreveu a receita e me disse o que fazer, mas já me esqueci

completamente da metade das instruções. E aqui diz: ‘essência a gosto’. O que isso quer dizer? Como posso saber? E se o meu gosto não for o gosto dos outros? Será que uma colher de sopa de baunilha é suficiente para um pequeno bolo de camadas?”

– Nunca senti tanta pena do homem. Ele não parecia estar nem um pouco à vontade. Já tinha ouvido falar de maridos submissos, e agora sei que conheci um. Estava prestes a lhe dizer: “se o senhor nos der um donativo para o salão, eu me encarrego do bolo”. Mas logo pensei que não seria cortês aproveitar-me de um semelhante em aflição. Então, ofereci-me para bater o bolo para ele sem nenhuma condição. Ele aceitou no mesmo instante. Disse que costumava fazer o próprio pão antes de se casar, mas temia que fazer um bolo estivesse além de seus talentos, porém odiaria desapontar a esposa. Ele me deu um avental; Diana bateu os ovos e eu misturei os ingredientes. O senhor Blair corria de um lado para o outro, buscando os materiais. Ele havia se esquecido completamente do avental que estava usando, e quando corria o avental se agitava atrás dele, e Diana disse que pensou que ia morrer de tanto rir diante da cena. O senhor Blair disse que conseguiria assar o bolo direitinho, que estava acostumado a fazer isso... Então, ele pediu a nossa lista e doou quatro dólares. Veja, nós fomos recompensadas. Mas mesmo que não tivéssemos recebido um único centavo, eu sentiria eternamente que fizemos um verdadeiro ato cristão ao ajudá-lo.

A casa de Theodore White era a próxima parada. Nem Anne nem Diana tinham estado ali antes, e elas conheciam apenas de vista a esposa do senhor White, que não era dada a hospitalidades. Deviam entrar pela porta da frente ou pela dos fundos? Enquanto debatiam em voz baixa, a senhora Theodore apareceu na porta da frente com os braços cheios de jornais. Ela foi deliberadamente colocando as folhas de jornal, uma por uma, no assoalho e nos degraus da varanda, e então pelo caminho, até alcançar os pés das perplexas visitantes.

– Por favor, vocês podem limpar os pés cuidadosamente na grama e então andar por cima dessas folhas de jornal? – perguntou ansiosamente. – Acabei de varrer toda a casa, e não vou suportar ver mais sujeira. A alameda está muito embarrada depois da chuva de ontem.

– Não se atreva a rir – advertiu Anne com um sussurro, enquanto caminhavam sobre os jornais. – E eu imploro, Diana, não olhe para mim, não importa o que ela diga, ou não serei capaz de manter uma expressão séria.

Os jornais se estendiam por todo o corredor até chegar à sala de visitas impecavelmente arrumada. Anne e Diana sentaram-se cuidadosamente nas cadeiras mais próximas e explicaram o motivo da visita. A senhora White ouviu-as educadamente, interrompendo apenas duas vezes: uma para perseguir uma mosca aventureira e outra para pegar um minúsculo tufo de grama que havia caído do vestido de Anne sobre o tapete. Anne sentiu-se miseravelmente culpada, mas a senhora White assinou e doou dois dólares.

– Ela doou para evitar que tivéssemos que voltar para buscá-los – disse Diana, ao saírem dali. A senhora White recolheu os jornais antes mesmo de as meninas desatarem o cavalo, e enquanto saíam do jardim, viram-na muito ocupada passando a vassoura pelo corredor. – Sempre ouvi dizer que a senhora Theodore White era a mulher mais asseada do mundo, e agora acredito nisso – concluiu Diana, libertando a risada suprimida tão logo lhe pareceu seguro.

– Estou contente que ela não tenha filhos – disse Anne, solenemente. – Seria terrível demais para eles, mais do que qualquer palavra pode descrever.

Na casa da família Spencer, a senhora Isabella Spencer colocou-as em uma situação desconfortável ao dizer algo maldoso sobre cada pessoa de Avonlea. O senhor Thomas Boulter recusou-se a fazer qualquer contribuição porque o salão, na época da construção, vinte anos antes, não fora construído no local onde ele havia recomendado. A senhora Esther Bell, que era o próprio retrato da saúde, passou meia hora detalhando suas dores e pesares, e doou cinquenta centavos com pesar, pois no ano seguinte ela não iria estar ali para fazer outra doação... Não, ela já estaria em seu túmulo.

Entretanto, a pior recepção que tiveram foi na casa de Simon Fletcher. Quando entraram no quintal, viram dois rostos que lhes assistiam pela janela da varanda. Mesmo depois de baterem e esperarem, paciente e persistentemente, ninguém abriu a porta. Foram duas jovens decididamente irritadas e indignadas que saíram da casa de Simon Fletcher. Até mesmo Anne admitiu que estava começando a se sentir desencorajada. Porém, a maré virou após esse incidente. Elas se depararam com diversas casas da família Sloane pelo caminho, onde conseguiram generosas doações, e dali até o final da estrada elas se saíram muito bem, com um ou outro tropeço. A última parada foi na casa de Robert Dickson, ao lado da ponte sobre o açude. As duas ficaram para o chá, apesar de estarem perto de casa, para não arriscar ofender a senhora Dickson, que tinha a reputação de ser muito sensível.

Enquanto estavam lá, chegou a velha senhora James White.

– Acabei de sair da casa de Lorenzo – anunciou. – Ele é o homem mais orgulhoso de Avonlea no momento. O que vocês acham? Nasceu um garotinho por lá... o que é um grande acontecimento, depois de terem tido sete meninas.

Anne aguçou os ouvidos, e quando foram embora, ela disse:

– Quero ir diretamente à casa de Lorenzo White.

– Mas ele mora na estrada de White Sands, que fica bem longe da nossa rota – protestou Diana. – Gilbert e Fred vão visitá-los para angariar fundos.

– Eles só passarão por lá no próximo sábado, e então já será tarde demais – justificou Anne, firmemente. – Vai deixar de ser uma novidade. Lorenzo White é terrivelmente avaro, mas vai doar qualquer quantia nesta ocasião. Não devemos deixar escapar uma oportunidade de ouro como essa, Diana!

O resultado justificou a previsão de Anne. O senhor White encontrou-as no jardim, com o sorriso tão brilhante quanto o sol em um domingo de Páscoa. Quando Anne pediu a doação, ele concordou com entusiasmo.

– Certamente! Vou doar um dólar a mais do que a maior doação que vocês receberam.

– Isso vai dar cinco dólares... O senhor Daniel Blair doou quatro – respondeu Anne, receosa. Mas Lorenzo não se esquivou.

– Que seja cinco, então... E aqui está o dinheiro. Agora, quero que entrem em minha casa. Há algo lá dentro que vale a pena ver... Algo que poucos já viram até agora. Entrem e me deem sua opinião!

– O que diremos se o bebê não for bonito? – sussurrou Diana, nervosa, enquanto seguiam o empolgado Lorenzo para dentro da casa.

– Ah, certamente haverá algo de bom a ser dito – disse Anne com tranquilidade. – Sempre há algo bonito nos bebês.

O menino era bonito, e o senhor White sentiu que seus cinco dólares eram dignos do honesto encantamento das garotas pelo rechonchudo recém-nascido. Mas aquela foi a primeira, última e única vez na vida que Lorenzo White fez doação para alguma causa.

Anne, cansada como estava, fez ainda um último esforço pelo bem público naquele anoitecer, atravessando o campo para ver o senhor Harrison.

Encontrou-o, como de costume, fumando o cachimbo na varanda com Ginger ao seu lado. Precisamente falando, sua casa ficava na estrada para Carmody, mas Jane e Gertie, que não o conheciam pessoalmente, salvo por relatos duvidosos, haviam suplicado para que Anne lhe pedisse uma doação.

O senhor Harrison, entretanto, recusou-se de chofre a doar qualquer centavo, e todas as artimanhas de Anne foram em vão.

– Mas achei que o senhor aprovasse nossa sociedade, senhor Harrison! – lamentou ela.

– E aprovo... e aprovo... Mas minha aprovação não é tão profunda a ponto de chegar até meu bolso, Anne.

– Algumas experiências a mais como as que tive hoje me tornariam tão pessimista quanto a senhorita Eliza Andrews – disse Anne ao seu reflexo no espelho de seu quarto, na hora de dormir.

William Wordsworth (1770-1850), um dos mais proeminentes poetas românticos da Inglaterra. (N. T.)



O SENSO DE DEVER

Anne se inclinou na cadeira, em uma amena tarde de outubro, e suspirou. Ela estava sentada diante de uma mesa coberta de livros e exercícios, mas as folhas cuidadosamente escritas diante dela não tinham conexão aparente com estudos ou trabalhos da escola.

– Qual é o problema? – perguntou Gilbert, entrando pela porta da cozinha bem a tempo de ouvi-la suspirar.

Anne enrubesceu e escondeu seus escritos debaixo das redações dos alunos.

– Nada muito terrível. Só estava tentando escrever alguns dos meus pensamentos, como o Professor Hamilton me aconselhou, mas não consegui nada que me agradasse. Parecem tão tolos e sem vida quando postos em um papel branco com tinta preta! Fantasias são como sombras... Não se pode prendê-las, são instáveis e caprichosas. Mas talvez algum dia eu aprenda o segredo, se continuar tentando. Não tenho muito tempo livre, sabe? Quando termino de corrigir os exercícios dos alunos e as redações, nem sempre sinto vontade de escrever algo pessoal.

– Você está se saindo esplendidamente bem na escola, Anne. Todas as crianças gostam de você – disse Gilbert, sentando-se no degrau de pedra.

– Nem todos. Anthony Pye não gosta de mim e nem irá. E pior, ele não me respeita... não, de jeito nenhum. Ele simplesmente me trata com desprezo, e eu não me importo de confessar a você que isso me preocupa demasiadamente. Não é que ele seja tão mau... Ele só é um pouco arteiro, mas não pior do que os outros. Ele raramente me desobedece, mas acata minhas ordens com um desdenhoso ar de tolerância, como se não valesse a pena discutir a questão... e isso influencia os outros de forma negativa. Já tentei conquistá-lo de todas as maneiras, mas estou começando a achar que nunca conseguirei. E eu quero, pois ele é um garotinho muito fofo, apesar de ser um Pye; mas eu poderia gostar dele, se me permitisse.

– É provável que isso seja o mero resultado do que ele ouve em casa.

– De forma alguma. Anthony é um rapazinho muito independente e toma suas próprias decisões. Ele sempre teve professores homens e diz que mulheres não são boas professoras. Bem, vamos ver o que a paciência e a bondade podem fazer. Eu gosto de superar dificuldades, e lecionar é um trabalho realmente interessante. Paul Irving compensa tudo o que falta nos outros. Aquele menino é um perfeito encanto, Gilbert, e um gênio, ainda por cima! Tenho certeza de que o mundo ouvirá falar nele algum dia – concluiu Anne, em um tom de convicção.

– Eu também gosto de lecionar. Primeiro, porque é um bom treinamento. Ora, Anne, eu aprendi mais nessas semanas em que estou lecionando para as jovens mentes de White Sands do que aprendi em todos os meus anos de escola! Parece que todos estamos nos saindo muito bem. As pessoas de Newbridge gostam de Jane, eu ouvi dizer; e acho que White Sands está bem satisfeita com seu humilde servo... Todos, exceto o senhor Andrew Spencer. Encontrei a senhora Peter Blewett enquanto voltava para casa ontem à noite, e ela me disse que considerava ser seu dever informar-me de que o senhor Spencer não aprovava meus métodos.

– Já percebeu que, quando alguém diz que é seu dever contar-lhe alguma coisa, o melhor é se preparar para ouvir algo desagradável? – perguntou Anne, reflexiva. – Por que as pessoas nunca consideram ser um dever contar as coisas boas que ouvem sobre você? A senhora H. B. Donnell foi até a escola novamente ontem e disse que era sua obrigação informar sobre a senhora Harmon Andrews não aprovar a minha leitura de contos de fadas para as crianças e o senhor Rogerson achar que Prillie não estava aprendendo aritmética rápido o bastante. Se Prillie passasse menos tempo fazendo charme para os garotos por cima da lousa, ela se sairia melhor. Tenho quase certeza de que Jack Gillis faz os trabalhos de cálculo para ela, apesar de eu nunca ter conseguido pegá-lo com a mão na massa.

– Você conseguiu reconciliar o auspicioso herdeiro da senhora Donnell com seu nome sagrado?

– Sim – riu-se Anne –, mas foi não uma tarefa fácil. A princípio, quando eu o chamava de St. Clair, ele não percebia até que eu falasse pela segunda ou terceira vez; e então, quando os outros garotos o cutucavam, ele me olhava com um ar ofendido, como se eu o tivesse chamado de John, ou Charlie, e ele não tivesse como saber a quem me referia. Então, pedi-lhe que ficasse na escola depois da aula e conversei com ele amavelmente. Falei que

a mãe dele havia pedido que eu o chamasse de St. Clair e que eu não poderia me opor aos desejos dela. Ele entendeu quando tudo foi explicado... É um garotinho muito sensato... e disse que eu poderia chamá-lo de St. Clair, que daria uma coça se um dos meninos tentasse fazer o mesmo. É claro que tive que censurá-lo de novo, por usar um vocabulário tão chocante. Desde então, eu o chamo de St. Clair e os colegas o chamam de Jake, e tudo vai muito bem. Ele me contou que quer ser carpinteiro, mas a senhora Donnell diz que tenho que fazer dele um professor universitário.

A menção da palavra universitário deu uma nova direção aos pensamentos de Gilbert, e durante algum tempo eles conversaram sobre seus planos e sonhos... De forma séria, honesta e esperançosa, como os jovens adoram conversar, enquanto o futuro é um caminho ainda não trilhado e repleto de maravilhosas possibilidades.

Finalmente Gilbert tinha decidido que seria médico.

– É uma profissão magnífica! – disse ele, entusiasmado. – Um homem tem que lutar por algo durante toda a vida... Alguém já não disse que o homem é um animal lutador? E eu quero lutar contra as enfermidades, a dor e a ignorância, que são todas integrantes do mesmo grupo. Quero fazer a minha parte no mundo de forma verdadeira e honesta, Anne... acrescentar um pouquinho ao conhecimento humano que todos os bons homens do mundo têm acumulado desde que a vida começou. As pessoas que viveram antes fizeram tanto por mim, que quero demonstrar minha gratidão fazendo algo por aquelas que viverão depois de mim. Creio que é o único jeito de cumprir as obrigações para com a raça humana.

– Eu gostaria de acrescentar alguma beleza à vida – disse a sonhadora Anne. – Não desejo exatamente fazer as pessoas saberem mais, apesar de estar ciente de que esta é a mais nobre das ambições... Mas eu adoraria que os outros tivessem momentos mais agradáveis graças a mim... e pequenas alegrias e pensamentos felizes, que nunca existiriam se eu não tivesse nascido.

– Creio que você vem satisfazendo essa ambição todos os dias – disse Gilbert, com admiração.

E ele estava certo. Anne era uma filha da luz por natureza. Depois que a jovem tocava uma vida com um sorriso ou uma palavra, lançada como um raio de sol, o dono daquela vida enxergava o mundo belo e cheio de esperança, pelo menos naquele instante.

Finalmente, Gilbert levantou-se com pesar.

– Bem, tenho que ir até a casa dos MacPhersons. Moody Spurgeon veio hoje da Queen’s Academy para passar o domingo e prometeu-me trazer um livro que o Professor Boyd me emprestou.

– E eu tenho de preparar o chá de Marilla. Ela foi visitar a senhora Keith nesta tarde e logo estará de volta.

Anne já havia preparado o chá quando Marilla chegou. A lenha crepitava alegremente, um vaso com samambaias embranquecidas pela geada e folhas vermelhas de bordo adornava a mesa, e o delicioso aroma do presunto e das torradas permeava o ambiente. Mas Marilla sentou-se na cadeira com um profundo suspiro.

– Seus olhos estão incomodando? Está com dor de cabeça? – inquiriu Anne, ansiosa.

– Não. Só estou cansada... E preocupada com Mary e aquelas crianças... Ela está piorando... Não vai viver por muito tempo. E, quanto aos gêmeos, não sei o que será deles.

– Alguma notícia do tio deles?

– Sim, Mary recebeu uma carta. Ele está trabalhando em uma madeireira e “botando para quebrar”, seja lá o que isso signifique. De qualquer modo, ele disse que só poderá tomar conta dos sobrinhos na primavera. Ele planeja se casar até lá e, então, terá um lar para recebê-los; disse também para que ela peça a algum vizinho para acolhê-los durante o inverno. Mary disse que não se atreve a pedir tal favor a ninguém. Ela nunca se deu muito bem com as pessoas de East Grafton, isto é fato. Resumindo, Anne, tenho certeza de que Mary quer que eu fique com as crianças... ela não pôs em palavras, mas parecia pedir com os olhos.

– Oh! – Anne bateu palmas, palpitando de emoção. – E é claro que você vai cuidar deles, não é, Marilla?

– Ainda não estou decidida – ela respondeu, com certa rudeza. – Não costumo me precipitar e fazer as coisas de forma impetuosa como você, Anne. Ser prima em terceiro grau é um parentesco muito distante. E será uma pavorosa responsabilidade cuidar de duas crianças de seis anos... Gêmeos, além de tudo.

Marilla tinha a convicção de que gêmeos eram duas vezes mais terríveis do que as outras crianças.

– Gêmeos são muito interessantes... ao menos um par deles – disse Anne. – Só quando há dois ou três pares que se torna monótono. Penso que seria muito bom para você ter algo para diverti-la enquanto estou na escola.

– Não creio que seja tão divertido assim... mais preocupação e incômodo do que qualquer outra coisa, devo dizer. Não seria tão arriscado se, pelo menos, eles tivessem a idade que você tinha quando eu a acolhi. Não me importaria em receber Dora, pois ela parece boa e tranquila. Mas aquele Davy é um moleque muito traquinas.

Anne adorava crianças e seu coração ansiava por cuidar dos gêmeos Keith. A lembrança de sua própria infância negligenciada ainda era vívida. Ela sabia que o único ponto vulnerável de Marilla era a rigorosa devoção ao que acreditava ser seu dever, e Anne conduziu seus argumentos habilidosamente nessa direção.

– Se Davy é um garotinho levado, há ainda mais razão para lhe darmos uma boa educação, não é, Marilla? Se nós não os acolhermos, não teremos certeza de quem o fará e nem do tipo de influência que poderá rodeá-los. Suponha que os vizinhos de porta da senhora Keith, os Sprott, fiquem com eles. A senhora Lynde contou que Henry Sprott é o homem mais profano que já viveu e que não se pode acreditar em uma palavra que seus filhos dizem. Não seria terrível se os gêmeos aprendessem algo desse tipo? Ou suponha que eles ficassem com os Wiggins. A senhora Lynde disse que o senhor Wiggins vende tudo que há na casa para ser vendido e que alimenta a família com leite desnatado. Você não vai querer que seus parentes passem fome, mesmo que sejam apenas primos em terceiro grau, vai? Parece-me, Marilla, que é seu dever adotá-los.

– Creio que seja – assentiu Marilla melancolicamente. – Acho que direi a Mary que vou ficar com eles. Não precisa se alegrar tanto, Anne. Isso acarretará uma boa quantidade de trabalho extra para você. Eu não posso costurar nenhuma linha, por causa dos meus olhos, então você terá que confeccionar e remendar todas as roupas das crianças. E você não gosta de costurar.

– Eu odeio – admitiu Anne, calmamente –, mas, se você está disposta a adotar aquelas crianças por causa do seu senso de dever, é claro que eu posso costurar para elas por um senso de dever. É bom para as pessoas fazer coisas de que não gostam... com moderação.



MARILLA ADOTA OS GÊMEOS

A senhora Rachel Lynde estava sentada diante da janela da cozinha, tricotando uma colcha, tal como estivera sentada em uma certa tarde, muitos anos antes, quando Matthew Cuthbert subira o monte em sua charrete, com o que a senhora Lynde batizou de “sua órfã importada”. Mas aquele tinha sido um dia de primavera, e agora era o final do outono; todos os bosques estavam sem folhas, e os campos áridos e pardos. O sol estava se pondo com uma abundante pompa lilás e dourada por trás dos escuros bosques do lado oeste de Avonlea, quando a charrete puxada por um velho e satisfeito cavalo baio descia pelo monte. A senhora Lynde espreitou com avidez.

– Ali vai Marilla, voltando do funeral – ela disse ao marido, que estava recostado na espreguiçadeira da cozinha. Thomas Lynde passava agora mais tempo na espreguiçadeira do que costumava antes, mas a senhora Lynde, sempre tão atenta a qualquer coisa fora de sua casa, ainda não tinha percebido tal fato. – E trouxe os gêmeos com ela... sim, ali está o Davy, debruçando-se sobre o paralamas para brincar com a cauda do cavalo, e Marilla puxando-o de volta. Dora está sentada, tão composta quanto era de se esperar. Ela sempre aparenta ter sido recém-passada e engomada. Bem, a pobre Marilla vai ter muito com o que se preocupar neste inverno, sem dúvida. Ainda assim, não a vejo fazendo menos do que isso, dadas as circunstâncias, e ela poderá contar com a ajuda de Anne. Ela está vibrando por causa disso tudo, e devo dizer que ela é realmente muito habilidosa com crianças. Meu Deus, parece que foi ontem que o pobre Matthew trouxe Anne para casa, e todos riram diante da ideia de ver Marilla cuidando de uma criança. E agora ela adotou gêmeos. Só quem não está mais vivo é que está livre de surpresas.

O velho cavalo rechonchudo cavalgou sobre a ponte de Lynde’s Hollow e pela alameda de Green Gables. A expressão de Marilla era um tanto sorumbática. Eles estavam a dezesseis quilômetros de East Grafton, e Davy

Keith parecia estar possuído por uma paixão por movimento perpétuo. Estava além do poder de Marilla fazê-lo ficar sentado e quieto, e durante todo o trajeto ela temeu que ele caísse da parte traseira da charrete e quebrasse o pescoço, ou tombasse do paralama para debaixo das patas do cavalo. Desesperada, ela ameaçou dar-lhe uma boa chicoteada quando chegassem em casa. Em consequência disso, Davy subiu no colo de Marilla, não se importando com as rédeas, enlaçou o pescoço dela com seus braços gorduchos e deu-lhe um abraço de urso.

– Não acho que você tenha dito isso de verdade – ele disse, beijando-lhe afetuosamente as bochechas enrugadas. – Você não parece ser uma dama que bate em um menininho só porque ele não consegue ficar parado. Você não achava muito difícil ficar quieta quando tinha a minha idade?

– Não, eu sempre ficava quieta quando ordenavam – disse ela, tentando falar com austeridade, ainda que sentisse o coração amolecer dentro do peito devido aos impulsivos carinhos de Davy.

– Bem, acho que foi porque você era uma menina – replicou Davy, deslizando de volta ao seu lugar depois de outro abraço. – Você foi uma menina um dia, eu acho, apesar de ser bem engraçado pensar nisso. A Dora consegue ficar sentada... mas isso não é muito divertido, eu acho. Parece que ser menina é uma coisa muito chata. Aqui, Dora, deixe-me animar você um pouco.

O método de Davy para “animá-la” era enganchar os dedos nos cachos da irmã e puxá-los. Dora gritou e então chorou.

– Como você pode ser um menino tão mau, quando sua pobre mãe acaba de ser enterrada? – indagou Marilla, desesperadamente.

– Mas ela estava feliz por morrer – confidenciou Davy. – Eu sei disso, porque ela me contou. Ela estava muito cansada de estar doente. Nós tivemos uma longa conversa na noite antes de ela morrer. Ela me contou que você ia cuidar de Dora e de mim durante o inverno, e falou que eu devia ser um bom menino. Eu vou ser bom, mas não se pode ser bom correndo por aí, da mesma forma que ficando sentado e quieto? E ela me disse para sempre ser gentil com Dora e defendê-la, e isso eu farei.

– Você acha gentil puxar o cabelo dela?

– Bem, não vou deixar que mais ninguém puxe – respondeu, fechando os punhos e franzindo o cenho. – Eles que tentem. O puxão nem doeu muito... Ela só chorou porque é uma menina. Sou feliz por ser um menino, mas não gosto de ser gêmeo. Quando a irmã do Jimmy Sprott não concorda com alguma coisa, ele só diz: “sou mais ‘véio’ que você, então é claro que eu tenho razão”, e isso cala a boca dela. Mas eu não posso falar a mesma coisa para a Dora, e ela continua pensando diferente “d’eu”. Você deve me deixar guiar o pangaré um pouco, pois eu sou um homem.

Por fim, Marilla estava agradecida quando finalmente adentrou seu quintal, onde o vento da noite de outono dançava com as folhas secas. Anne estava no portão para recebê-los e segurar os gêmeos. Dora deixou tranquilamente que Anne a beijasse, mas Davy respondeu às boas-vindas de Anne com um de seus abraços apertados, anunciando alegremente “sou o senhor Davy Keith”.

À mesa do jantar, Dora comportou-se como uma pequena dama, mas o comportamento de Davy deixou muito a desejar.

– Estou com tanta fome que não tenho tempo para comer com bons modos – respondeu ele quando Marilla o repreendeu. – Dora não tem a metade da fome que eu tenho. Veja todo o exercício que fiz no caminho para cá. Este bolo está com um gosto muito bom de ameixas. Faz tanto, mas tanto tempo que não comemos bolo em casa, porque a mamãe estava doente demais para cozinhar, e a senhora Sprott falou que assar o nosso pão era o máximo que podia fazer. E a senhora Wiggins nunca colocava ameixas nos bolos dela. Vou pegar uma! Posso comer outro pedaço?

Marilla teria dito que não, mas Anne cortou uma generosa fatia.

Porém, ela lembrou ao menino que ele deveria dizer “Obrigado”. Davy mal esboçou um sorriso para ela e deu uma enorme mordida. Quando terminou a fatia, ele disse:

– Se me der outro pedaço, eu direi “obrigado”.

– Não, você já comeu bolo o suficiente! – exclamou Marilla, em um tom que Anne conhecia, e que Davy aprenderia que era o fim da discussão.

Davy piscou para Anne, e então, inclinando-se por cima da mesa, roubou a primeira fatia de bolo de Dora, da qual ela havia comido só um delicado pedacinho, das próprias mãos da irmã, e, abrindo a boca o máximo possível, enfiou a fatia inteira lá dentro. Os lábios de Dora tremeram e Marilla ficou muda de horror. Anne prontamente exclamou, em seu melhor tom de educadora:

– Oh, Davy! Cavalheiros não fazem coisas assim!

– Eu sei que não fazem – disse Davy, assim que conseguiu falar –, mas eu não sou um “cavaleiro”.

– Mas você não quer ser? – perguntou a chocada Anne.

– Claro que eu quero. Mas eu só posso ser um “cavaleiro” quando for adulto.

– Oh, mas é claro que pode ser um agora! – Anne apressou-se a dizer, pensando que era a chance de plantar uma boa semente para o futuro. – Você pode começar a ser um cavaleiro enquanto ainda é um menino. E um cavaleiro nunca rouba as coisas das damas... ou esquece de dizer “obrigado”... ou puxa o cabelo de alguém.

– Eles não se divertem muito, essa é a verdade! – disse Davy com franqueza. – Acho que vou esperar até crescer para ser um.

Marilla, com ar resignado, tinha cortado outra fatia de bolo para Dora. Ela ainda não se sentia preparada para lidar com Davy. Fora um dia difícil, com o funeral e a longa viagem. Naquele momento, ela contemplava o futuro com tamanho pessimismo que faria jus à própria Eliza Andrews.

Os gêmeos não eram notavelmente parecidos, ainda que ambos fossem loiros. Dora tinha longos cachos macios que nunca ficavam desalinhados. Davy tinha uma coroa de curtos anéis amarelos que estavam sempre bagunçados. Os olhos amendoados de Dora eram gentis e suaves. Os de Davy eram tão travessos e inquietos quanto os de um elfo. O nariz de Dora era reto, e o do irmão era arrebitado. Dora trazia um sorriso polido e obediente, enquanto Davy era todo sorridente, além de ter covinha em uma única bochecha, o que lhe conferia uma aparência querida, cômica e assimétrica quando ria. Alegria e travessura se escondiam em cada canto do seu rostinho.

– É melhor eles irem para a cama – disse Marilla, crendo ser essa a melhor maneira de livrar-se deles. – Dora dormirá comigo, e você pode colocar Davy no quartinho do lado oeste do sótão. Você não tem medo de dormir sozinho, não é, Davy?

– Não, mas ainda vou ficar acordado por muito tempo – respondeu Davy sem reservas.

– Ah, certamente que não! – Foi tudo que a exausta Marilla disse, mas algo no tom de voz dela silenciou até mesmo Davy. Ele subiu as escadas aos trotes, obedientemente, com Anne.

– Quando eu crescer, a primeira coisa que vou fazer é ficar acordado a noite inteira, só para ver como é – confidenciou a ela.

Nos anos que se seguiram, Marilla nunca mais se lembrou daquela primeira semana da estadia dos gêmeos em Green Gables sem um calafrio. Não que tenha sido tão pior do que as semanas subsequentes, mas assim pareciam em razão de ser uma novidade. Raramente, havia um momento do dia em que Davy não estivesse metido em, ou planejando, alguma confusão. Mas sua primeira façanha considerável ocorreu dois dias após sua chegada, em um domingo pela manhã... Um dia suave e cálido, tão enevoadado e ameno como o clima de setembro, Anne vestiu o menino para irem à igreja, enquanto Marilla cuidava de Dora. Davy se recusou com firmeza a lavar o rosto.

– Marilla já me lavou ontem, e a senhora Wiggins me esfregou com sabão grosso no dia do funeral. É o suficiente para uma semana. Não vejo a

vantagem de ser tão limpinho. É muito mais confortável estar sujo.

– Paul Irving lava o rosto todos os dias por conta própria – comentou Anne, astutamente.

Davy habitava Green Gables havia pouco mais de quarenta e oito horas, mas já idolatrava Anne e odiava Paul Irving, a quem tinha ouvido Anne elogiar com entusiasmo um dia após sua chegada. Se Paul Irving lavava o rosto todos os dias, estava decidido: ele, Davy Keith, faria o mesmo, ainda que isso pudesse matá-lo. A mesma consideração o induziu a submeter-se obedientemente a outros detalhes de sua higiene pessoal e, quando estava de banho tomado, ele era um rapazinho muito bonito. Anne sentiu um orgulho quase maternal ao acompanhá-lo ao antigo banco dos Cuthbert.

Davy comportou-se muito bem a princípio, estando mais ocupado em lançar olhares suspeitos a todos os garotos que estivessem por perto, perguntando-se qual deles era Paul Irving. Os dois primeiros hinos e a leitura das Escrituras passaram sem nenhum incidente. O senhor Allan estava orando quando ocorreu a confusão.

Lauretta White estava sentada no banco em frente ao de Davy, com a cabeça ligeiramente curvada e o cabelo claro atado em duas longas tranças, por entre as quais se via uma convidativa parte de seu pescoço branco, rodeado por uma gola frouxa de rendas. Lauretta era uma menina gordinha de oito anos, de aspecto plácido, que se comportava de maneira impecável na igreja desde o primeiro dia em que a mãe a trouxera, com apenas seis meses de vida.

Davy colocou a mão no bolso e tirou... Uma lagarta peluda que se retorcia. Marilla flagrou seu movimento e agarrou-o para tentar detê-lo, mas era tarde demais. Davy pôs a lagarta dentro da gola do vestido de Lauretta.

Bem no meio da oração do senhor Allan, explodiu uma série de gritos agudos. O ministro parou, horrorizado, e abriu os olhos. Todas as cabeças da congregação se voltaram. Lauretta White estava dançando por sobre o banco, agarrando freneticamente as costas do vestido.

– Ai, mamãe! Mamãe! Ai... Tire... Ai... Tire isso de mim! Ai... Aquele garoto mau jogou dentro do meu vestido! Ai, mamãe, está descendo mais! Ai... ai... ai...

A senhora White levantou-se com uma expressão amarrada e carregou a garota histérica que ainda se contorcia para fora da igreja. Seus gritos foram distanciando-se até cessarem, e então o senhor Allan prosseguiu com o sermão. Mas todos sentiram que o dia havia sido arruinado. Pela primeira

vez em sua vida, Marilla não acompanhou as palavras do ministro, e Anne permaneceu sentada até o fim com as bochechas cor de escarlata pela mortificação.

Quando voltaram para casa, Marilla pôs Davy na cama e o obrigou a ficar lá pelo resto do dia. Ela decidiu deixá-lo sem jantar e deu-lhe apenas um pouco de pão e leite. Anne levou a bandeja e sentou-se tristemente ao lado do menino, que comeu com um apetite inabalado pelo arrependimento. Mas o olhar pesaroso de Anne o preocupou.

– Acho que Paul Irving não teria colocado uma lagarta dentro do vestido de uma menina na igreja, teria? – refletiu ele.

– Certamente não teria – respondeu Anne com tristeza.

– Bom, eu meio que lamento por ter feito isso, então. Mas era uma lagarta linda e enorme... Peguei-a nos degraus da igreja, quando estávamos entrando. Pareceu uma pena desperdiçá-la. E, confesse, não foi divertido ouvir os gritos daquela menina?

Na terça-feira à noite, a Sociedade Assistencial da Igreja se reuniu em Green Gables. Anne correu para casa depois da escola, pois sabia que Marilla precisaria de toda a ajuda que ela pudesse oferecer. Dora, asseada e respeitável, usando seu vestido branco perfeitamente engomado, com uma faixa preta na cintura, estava sentada na sala de visitas com os membros da Sociedade, respondendo com bons modos quando lhe diziam a palavra, mantendo silêncio quando não, comportando-se em todos os momentos como uma criança modelo. Davy, prazerosamente sujo, estava fazendo tortinhas de lama no quintal ao lado do celeiro.

– Eu disse a ele que podia ir brincar – disse Marilla, cansada. – Achei que isso o manteria longe de maiores confusões. Ele não vai fazer mais nada além de se sujar. Nós tomaremos o chá primeiro, e depois nós o chamaremos. Dora pode comer conosco, mas eu jamais me atreveria a deixar Davy sentar-se à mesa na presença de todos os membros da Sociedade Assistencial.

Quando Anne foi chamar os convidados para o chá, ela descobriu que Dora não estava na sala. A senhora Jasper Bell informou que Davy viera chamá-la para sair pela porta da frente. Uma rápida consulta com Marilla na despensa resultou na decisão de servir o chá para as duas crianças juntas, mais tarde.

O chá estava quase terminado quando a sala de jantar foi invadida por uma figura miserável. Todos a encararam Marilla e Anne com angústia, e os

integrantes da Sociedade Assistencial com espanto. Aquela indescritível criaturinha que soluçava, com o vestido encharcado e o cabelo pingando água no tapete novo de Marilla... poderia ser Dora?

– Dora, o que aconteceu com você? – gritou Anne, dando uma olhadela culpada para a senhora Jasper Bell, cuja família era conhecida por ser a única no mundo na qual acidentes nunca aconteciam.

– Davy me fez caminhar pela cerca do chiqueiro – choramingou Dora. – Eu não queria, mas ele me chamou de medrosa! E eu caí no chiqueiro, e meu vestido ficou todo sujo, e os porcos passaram por cima de mim. Meu vestido estava terrível, mas Davy disse que, se eu ficasse embaixo da bomba d'água, ele poderia lavá-lo, e ele bombeou água em cima de mim, mas meu vestido não ficou nem um pouco mais limpo, e minha linda faixa e meus sapatos estão arruinados!

Anne fez as honras da casa sozinha até o final da refeição, enquanto Marilla colocava em Dora suas roupas antigas no andar de cima. Davy foi mandado para a cama sem jantar. Anne foi no quarto dele ao entardecer, para uma conversa séria, método no qual tinha grande fé, não inteiramente injustificado pelos resultados. Disse que estava muito envergonhada pelo comportamento dele.

– Também sinto muito agora – admitiu Davy –, mas o problema é que nunca lamento por fazer as coisas até que já tenha feito. Dora não queria me ajudar a fazer as tortas porque estava com medo de sujar as roupas, e isso me deixou louco! Acho que Paul Irving não teria feito a irmã dele caminhar pela cerca do chiqueiro, sabendo que ela poderia cair, não é?

– Não, ele nunca sonharia com uma coisa dessas. Paul é um perfeito cavalheiro.

Davy fechou os olhos com força e pareceu meditar sobre o assunto por um instante. Então, engatinhou para o colo de Anne e colocou os braços ao redor do pescoço dela, aconchegando o rostinho corado em seu ombro.

– Anne, você gosta de mim pelo menos um pouquinho, mesmo eu não sendo um bom menino como Paul Irving?

– É claro que sim – respondeu Anne com sinceridade. Por algum motivo, era impossível não gostar de Davy. – Mas eu gostaria ainda mais se você não fosse tão arteiro.

– Eu... fiz uma outra coisa hoje – continuou Davy, a voz abafada. – Eu sinto muito agora, mas estou com um medo terrível de contar o que foi. Não vai ficar muito zangada comigo, vai? E não vai contar a Marilla, vai?

– Eu não sei, Davy. Talvez eu precise contar a ela. Mas acho que posso prometer que não contarei, se me garantir que nunca mais fará isso de novo, seja lá o que for.

– Não, nunca mais farei isso. De qualquer forma, é impossível encontrar mais um deles este ano. Encontrei-o nos degraus do porão.

– Davy, o que você fez?

– Coloquei um sapo na cama da Marilla. Você pode tirá-lo de lá, se quiser. Mas, Anne, você não acha que seria divertido deixá-lo por lá?

– Davy Keith! – Anne desvencilhhou-se dos braços apertados de Davy e correu pelo corredor até o quarto de Marilla. A cama estava levemente desarrumada. Ela apressou-se para levantar as cobertas e deparou-se com o sapo, piscando para ela debaixo do travesseiro.

– Como levarei esta coisa horrorosa para fora? – murmurou, sentindo um arrepio. A pá da lareira surgiu em sua mente, e ela foi pegá-la de mansinho enquanto Marilla estava ocupada na despensa. Anne teve vários problemas ao carregar o sapo para o andar térreo, pois ele pulou três vezes da pá e, ela achou tê-lo perdido no corredor em uma dessas. Quando finalmente depositou o anfíbio no pomar de cerejeiras, ela exalou um longo suspiro de alívio.

– Se Marilla soubesse, ela nunca mais em sua vida ficaria tranquila ao deitar-se na cama. Estou tão feliz por aquele pequeno pecador ter se arrependido a tempo. Lá está Diana, sinalizando para mim da janela. Que bom... estou mesmo precisando de um pouco de distração, pois com Anthony Pye na escola e Davy Keith em casa, meus nervos já sofreram tudo que conseguiriam suportar em um dia.



UMA QUESTÃO DE COR

– Aquela velha indesejável da Rachel Lynde veio aqui hoje novamente, importunando-me para que contribuísse com a compra de um novo carpete para a sacristia – disse o senhor Harrison, irritado. – Eu detesto aquela mulher, mais do que qualquer pessoa que conheço. Ela consegue condensar um sermão completo, com texto, comentário e aplicação em meia dúzia de palavras, e arremessá-los em você como um tijolo.

Anne, que estava sentada na beirada da varanda naquele cinzento entardecer de novembro, desfrutando do suave encanto do vento oeste que soprava pelo campo recém-arado e assobiava uma singela melodia por entre os pinheiros retorcidos atrás do jardim, virou o rosto sonhador por cima do ombro.

– O problema é que o senhor e a senhora Lynde não se entendem – ela explicou. – Esse é sempre o problema quando as pessoas não gostam umas das outras. Eu também não gostava da senhora Lynde de início, mas aprendi a gostar dela assim que comecei a entendê-la.

– Talvez algumas pessoas possam gostar da senhora Lynde com o passar do tempo, mas eu não continuaria comendo bananas só porque me disseram que aprenderia a gostar delas se o fizesse! – rosnou o senhor Harrison. – E, quanto a entendê-la, eu entendo que ela é uma intrometida incorrigível, e eu disse isso a ela.

– Ah, ela deve ter ficado profundamente magoada – disse Anne, em tom de repreensão. – Como o senhor pôde dizer isso? Eu disse coisas terríveis à senhora Lynde, muito tempo atrás, mas só porque tinha perdido a paciência. Não conseguiria falar nada assim de forma deliberada.

– Eu disse a verdade, e eu acredito que devemos dizer a verdade para todo mundo.

– Mas o senhor não disse toda a verdade – contestou Anne. – Somente a parte desagradável da verdade. Ora, o senhor já me disse uma dúzia de vezes

que meu cabelo é ruivo, mas nunca disse que tenho um nariz bonito.

– Atrevo-me a dizer que a senhorita não precisa que digam isso – riu-se o senhor Harrison.

– Também sei que tenho o cabelo ruivo... embora ele esteja bem mais escuro do que costumava ser... Então, não é necessário me dizer isso também.

– Muito bem, muito bem. Vou tentar não mencioná-lo de novo, já que você é muito sensível. Perdoe-me, senhorita Anne. Tenho o hábito de ser franco, e as pessoas devem levar esse costume a sério.

– Mas é impossível ignorá-lo. E não creio que seja de alguma serventia dizer que é um hábito. O que o senhor iria pensar de alguém que andasse por aí espetando os outros com agulhas e alfinetes, dizendo: “Oh, perdoe-me, não dê importância a isso... é só um hábito que eu tenho?” O senhor pensaria que era um louco, não é? E quanto à senhora Lynde ser intrometida, talvez ela seja. Entretanto, o senhor também disse que ela é uma senhora que possui um coração muito generoso e que sempre ajuda os pobres? E que ela jamais proferiu uma palavra sequer quando Timothy Cotton furtou um pote de manteiga de sua leitaria e disse para a esposa que havia comprado? A senhora Cotton reclamou que a manteiga tinha gosto de nabo na outra vez que se encontraram; mas a senhora Lynde apenas respondeu que lamentava pelo ocorrido.

– Presumo que tenha algumas qualidades – reconheceu o senhor Harrison, de má vontade. – A maioria das pessoas tem. Eu mesmo tenho algumas que a senhorita nunca suspeitaria. Mas, de qualquer maneira, não colocarei isto em discussão. Tenho a impressão de que as pessoas daqui estão sempre implorando por dinheiro. Como está indo o seu projeto da pintura do Salão de Avonlea?

– Esplendidamente! Tivemos uma reunião da SMA na noite da última sexta-feira e descobrimos que arrecadamos dinheiro suficiente para pintar o salão e cobri-lo com telhas de madeira também. A maioria das pessoas doou generosamente, senhor Harrison.

Anne era uma mocinha de alma muito bondosa, mas sabia destilar um pouco do veneno da ironia quando necessário.

– Qual foi a cor escolhida para a pintura?

– Decidimos por um belíssimo tom de verde. O telhado será vermelho-escuro, é claro. O senhor Roger Pye comprará a tinta na cidade hoje.

– Quem fará o trabalho?

– O senhor Joshua Pye, de Carmody. Ele está quase terminando o telhado. Tivemos que contratá-lo, pois cada um dos Pye, e o senhor sabe que são quatro famílias, falou que não doaria um centavo se Joshua não ficasse com o trabalho. Doaram doze dólares entre si, e achamos que era muito a perder, apesar de algumas pessoas pensarem que não deveríamos ter cedido para os Pye. A senhora Lynde costuma comentar que eles tentam dominar tudo.

– A principal questão é se esse Joshua fará um bom trabalho. Se fizer, o sobrenome dele não fará diferença.

– Ele tem a reputação de ser um bom trabalhador, mas dizem que é um homem bem peculiar. Ele raramente fala.

– Então ele é peculiar mesmo – ironizou o senhor Harrison. – Ou, pelo menos, esta é a opinião do pessoal daqui. Eu nunca fui muito falante, até chegar a Avonlea e ter que começar a tagarelar para defender-me, ou a senhora Lynde diria que eu era surdo e começaria a arrecadar doações para que eu aprendesse a língua de sinais. Já vai embora, senhorita Anne?

– Preciso ir. Tenho que remendar algumas roupas de Dora esta noite. Além disso, Davy provavelmente já deve ter partido o coração de Marilla com alguma nova travessura. A primeira coisa que ele disse hoje pela manhã foi: “Para onde vai a escuridão, Anne? Quero saber”. Respondi-lhe que a escuridão ia para o outro lado do mundo, mas após o café da manhã ele afirmou que não... Que ela se escondia dentro do poço. Marilla contou que o flagrou quatro vezes pendurado na beirada do poço hoje, tentando alcançar a escuridão.

– Ele é endiabrado! – declarou o senhor Harrison. – Ontem ele veio aqui e puxou seis penas da cauda de Ginger, antes que eu tivesse voltado do celeiro. O pobre pássaro está abatido desde então. Aquelas crianças devem dar um enorme trabalho para vocês.

– Tudo o que é válido na vida dá algum trabalho – disse Anne, secretamente determinada a perdoar a próxima traquinagem de Davy, não importando o que fosse, pois ele havia se vingado do papagaio por ela.

Naquela noite, o senhor Roger Pye trouxe a tinta para casa, e o senhor Joshua Pye, um homem ranzinza e taciturno, deu início à pintura do salão no dia seguinte. O homem trabalhou sem ser interrompido. O salão situava-se no que chamavam “a estrada de baixo”. Essa estrada sempre ficava úmida e enlameada no final de outono, e as pessoas que iam para Carmody usavam a “estrada de cima”. O salão embrenhava-se tão intimamente no bosque de abetos que era praticamente invisível, a menos para quem se aproximasse. O

senhor Joshua Pye trabalhou à vontade em meio à solidão e independência, tão necessárias ao seu coração reservado.

Na sexta-feira à tarde, o senhor Pye terminou a tarefa e voltou para casa em Carmody. Pouco depois de sua partida, a senhora Rachel Lynde foi até lá, enfrentando a lama da estrada de baixo pela curiosidade de ver como o salão tinha ficado com a nova pintura. Quando passou pela curva dos abetos, ela viu.

A visão afetou a senhora Lynde de maneira estranha. Ela largou as rédeas, ergueu as mãos e exclamou “Bendita Providência!”, com o olhar vidrado de quem não consegue acreditar nos próprios olhos. Então, desatou a rir quase histericamente.

– Deve ser algum engano... Só pode ser! Eu sabia que aqueles Pye iam fazer uma bagunça!

A senhora Lynde parou várias pessoas na estrada para contar o que ocorrera com o salão a caminho de casa. A notícia se espalhou como um incêndio. Gilbert Blythe, que estava em casa debruçado sobre os livros, ouviu a notícia por um empregado de seu pai ao entardecer e correu ofegantemente até Green Gables, encontrando-se com Fred Wright no caminho. No portão do quintal, sob o grande salgueiro desfolhado, os rapazes encontraram Diana Barry, Jane Andrews e Anne Shirley, a verdadeira personificação do desespero.

– Não deve ser verdade, Anne! – exclamou Gilbert.

– É verdade – ela respondeu, parecendo a musa da tragédia. – A senhora Lynde veio me contar, quando chegou de Carmody. Oh, é simplesmente pavoroso! Qual o objetivo de tentar melhorar qualquer coisa?

– O que é tão pavoroso? – perguntou Oliver Sloane, que chegava naquele momento carregando a chapeleira que trouxera da cidade para Marilla.

– Você não soube? – disse Jane, colérica. – Bem, foi simplesmente isto: Joshua Pye pintou o salão de azul, em vez de verde... Um azul--escuro brilhante, a mesma tonalidade que usam para pintar carroças e carrinhos de mão! E a senhora Lynde falou que é a cor mais medonha que já se viu em um edifício, especialmente combinada com o telhado vermelho. Fiquei completamente chocada quando fiquei sabendo. É desolador, depois de todo o trabalho que tivemos!

– Como um erro desses é possível? – lamentou Diana.

Por fim, a culpa pelo desastre imperdoável recaiu sobre os Pye. Os Melhoradores decidiram usar as tintas da marca Morton-Harris, cujas latas

eram numeradas conforme um mostruário de cores. O comprador escolhia a tonalidade desejada e fazia o pedido de acordo com a numeração correspondente. O número 147 era o tom de verde escolhido, e quando o senhor Roger Pye avisou aos Melhoradores por intermédio de seu filho, John Andrew, que estava indo para a cidade e que compraria a tinta para eles, os jovens pediram ao rapaz que informasse ao pai para trazer o número 147. John Andrew sempre afirmou que tinha dito isso, mas o pai declarou, tão veementemente quanto o filho, que este lhe havia dito 157, e o assunto permanece em discussão até hoje.

Naquela noite, o mais profundo desânimo reinou em cada lar de Avonlea onde vivia algum Melhorador. Em Green Gables, o pessimismo era tão intenso que até mesmo Davy se aquietou. Anne chorava inconsolavelmente.

– Devo chorar, mesmo que já tenha quase dezessete anos, Marilla – ela soluçou. – É tão mortificante! É a marcha fúnebre do enterro da nossa sociedade de melhorias. Nós seremos a piada da cidade.

Entretanto, na vida, assim como nos sonhos, as coisas frequentemente acabam acontecendo ao contrário. Os habitantes de Avonlea não riram; todos estavam muito irados. O dinheiro deles fora destinado à pintura do salão e, conseqüentemente, eles se sentiram amargamente ofendidos pelo engano. A indignação popular centrou-se nos Pye. Roger Pye e John Andrew haviam confundido tudo entre eles; e quanto a Joshua Pye, ele deveria ser um tonto de nascença para não suspeitar de algo errado quando abriu as latas e viu a cor da tinta. Quando criticado, Joshua Pye replicou que a preferência das pessoas de Avonlea com relação às cores não era problema dele, independentemente da própria opinião. Ele tinha sido contratado para pintar o salão, e não para discutir a cor, e estava decidido a receber pelo trabalho.

Os Melhoradores pagaram com o espírito amargurado, após consultarem o senhor Peter Sloane, que era o magistrado.

– Vocês terão de pagar – ele disse. – Não podem responsabilizá-lo pelo erro, uma vez que ele afirma que nunca lhe disseram qual cor deveria usar, que só lhe entregaram as latas e lhe deram o aval. Mas é um tremendo infortúnio, pois aquele salão está realmente horrível!

Os azarados Melhoradores esperavam que os habitantes de Avonlea demonstrassem mais preconceito do que nunca contra eles agora; porém, em vez disso, a simpatia pública voltou-se em favor da Sociedade. A população achava que o pequeno grupo veemente e entusiasta, que tinha trabalhado tão duro por seu objetivo, tinha sido ludibriado. A senhora Lynde aconselhou-os

a continuarem e mostrarem aos Pye que realmente existem pessoas no mundo que conseguem fazer as coisas sem causar uma confusão. O senhor Major Spencer mandou avisá-los que iria retirar todos os troncos ao longo da estrada em frente à sua fazenda e semear grama por conta própria. E a senhora Hiram Sloane foi até a escola um dia e chamou Anne misteriosamente no alpendre, para dizer-lhe que, se a “suciedade” quisesse fazer uma plantação de gerânios nos cruzamentos das estradas na primavera, eles não precisariam preocupar-se com sua vaca, pois ela mesma cuidaria para que o esfomeado animal fosse mantido longe dali. Até mesmo o senhor Harrison riu da situação em particular, se é que ele é dado a essas coisas, e passou a demonstrar simpatia por eles.

– Esqueça isso, senhorita Anne. A maioria das pinturas vai ficando mais feia a cada ano, mas aquele azul é tão feio já de início, que pode até ficar melhor com o desgaste do tempo. E o telhado está muito bem arrumado e pintado. As pessoas poderão sentar-se no salão em dias de chuva sem ter medo das goteiras. De qualquer forma, vocês conseguiram fazer muitas coisas.

– Mas o Salão Azul de Avonlea será motivo de piada em todos os povoados vizinhos de agora em diante – retrucou Anne com amargura.

E, verdade seja dita, foi o que aconteceu.



DAVY EM BUSCA DE EMOÇÕES

Enquanto voltava da escola pela Rota das Bétulas em uma tarde de novembro, Anne sentiu-se convencida, mais uma vez, de que a vida era algo maravilhoso. Aquele tinha sido um bom dia e tudo corraera bem em seu pequeno reino. St. Clair Donnell não havia brigado com nenhum colega por causa do seu nome. O rosto de Prillie Rogerson estava tão inchado em consequência de uma dor de dentes que ela nem tentou flertar com os meninos ao seu redor. Barbara Shaw tinha se envolvido em apenas um acidente, ao derramar uma concha d'água no chão, e Anthony Pye não comparecera à escola.

– Este novembro está sendo um ótimo mês! – exclamou Anne, que nunca havia superado o hábito infantil de falar consigo mesma. – Novembro geralmente é um mês tão desagradável... é como se o ano repentinamente descobrisse que estava ficando velho e que não poderia fazer mais nada, exceto chorar e desesperar-se por isso. Este ano está envelhecendo graciosamente... Assim como uma altiva dama idosa que sabe ser encantadora mesmo com o cabelo grisalho e as rugas. Os dias têm sido adoráveis e os entardeceres, prazerosos. Esta última quinzena está sendo tão pacífica, e até mesmo Davy tem se comportado bem. Creio que ele realmente está melhorando muito. Os bosques estão tão tranquilos hoje... Nem um murmúrio, exceto o suave sussurro do vento na copa das árvores! Soa como a rebentação, em uma praia longínqua. Como são queridas as árvores! Que belas árvores vocês são! Amo cada uma de vocês como uma amiga.

Anne se deteve para abraçar uma jovem bétula e beijar seu tronco branco-creme. Diana, que apontou na curva do caminho, viu-a e riu.

– Anne Shirley, você só finge ser adulta! Acho que, quando está sozinha, você continua a mesma menininha que sempre foi.

– Bem, não dá para superar o hábito de ser uma garotinha só de uma vez – respondeu, alegremente. – Veja bem, fui criança durante catorze anos, e somente há míseros três anos é que virei adulta. Tenho certeza de que sempre me sentirei como uma criança quando estiver nos bosques. Estas caminhadas da escola para casa são praticamente os únicos momentos que tenho para sonhar... exceto aquela meia hora antes de dormir. Estou tão ocupada em lecionar, estudar e ajudar Marilla com os gêmeos, que não tenho tempo para imaginar coisas. Você não imagina as esplêndidas aventuras que tenho todas as noites, alguns instantes antes de ir para a cama, no meu quartinho do lado leste. Sempre imagino que sou uma pessoa muito brilhante, triunfante e esplêndida... uma grande *prima donna*, uma enfermeira da Cruz Vermelha ou ainda uma rainha. Na noite passada eu era uma rainha. É verdadeiramente formidável imaginar-se uma rainha. Você se diverte ao máximo, sem nenhum inconveniente, e pode deixar de ser uma rainha quando quiser, o que não acontece na vida real. Mas aqui nos bosques, eu gosto mesmo é de imaginar que sou pessoas completamente diferentes... sou uma dríade morando em um velho pinheiro ou um pequeno duende marrom que se esconde embaixo de uma folha amassada. Aquela bétula que você me viu beijando é uma das minhas irmãs. A única diferença é que ela é uma árvore, e eu uma moça; mas na verdade não há diferença. Onde você está indo, Diana?

– À casa dos Dicksons. Prometi ajudar Alberta a costurar seu vestido novo. Você não pode me encontrar ao crepúsculo, Anne, e acompanhar-me até em casa?

– Talvez... Já que Fred Wright não está na cidade – disse Anne com uma expressão inocente calculada.

Diana enrubescceu, atirou a cabeça para trás e continuou caminhando. Entretanto, não parecia estar ofendida.

Anne tinha intenção de ir à casa dos Dicksons naquela noite, mas não foi. Ao chegar em Green Gables, ela encontrou uma situação que baniu qualquer outro pensamento de seu cérebro. Marilla a encontrou no quintal... com os olhos arregalados de pavor.

– Anne, Dora está desaparecida!

– Dora! Desaparecida? – Anne olhou para Davy, que se balançava no portão, e detectou uma certa satisfação em seu olhar. – Davy, você sabe onde sua irmã está?

– Não, não sei. – respondeu ele sem hesitação. – Não a vejo desde a hora do almoço, juro por Deus.

– Estive fora desde a uma hora da tarde – disse Marilla. – Thomas Lynde adoeceu de repente, e Rachel me chamou com urgência. Quando saí daqui, Dora estava brincando com a boneca na cozinha, e Davy estava fazendo tortinhas de barro atrás do celeiro. Eu cheguei em casa meia hora atrás... E não consigo encontrar Dora. Davy afirma que não a viu desde que eu saí.

– Não vi mesmo – declarou Davy, solenemente.

– Ela deve estar em algum lugar aqui por perto – disse Anne. – Dora jamais iria longe sozinha... Você sabe como ela é tímida. Talvez ela tenha caído no sono em um dos quartos.

Marilla balançou a cabeça.

– Eu já a procurei pela casa inteira. Mas ela pode estar no celeiro ou no estábulo.

Uma busca completa foi realizada. Cada canto da casa, do quintal e das construções externas foi esquadrinhado pelas duas mulheres preocupadas. Anne vasculhou os pomares e a Floresta Assombrada, chamando por Dora. Marilla acendeu uma vela e explorou o porão. Davy acompanhou uma de cada vez e foi muito criativo ao sugerir os lugares em que Dora poderia estar escondida. Por fim, os três se reencontraram no quintal.

– É um grande mistério – murmurou Marilla.

– Onde ela pode estar? – disse Anne, miseravelmente.

– Talvez ela tenha tropeçado e caído dentro do poço – sugeriu Davy, com animação.

Anne e Marilla entreolharam-se, temerosas. A hipótese estivera com as duas durante toda a busca, mas nenhuma delas ousara colocá-la em palavras.

– Ela... Ela pode ter caído – sussurrou Marilla.

Anne, sentindo-se frágil e nauseada, foi até a beirada do poço e olhou. O balde estava pendurado pelo lado de dentro. Lá embaixo, bem no fundo, era possível enxergar o brilho da água. O poço dos Cuthbert era o mais profundo de Avonlea. Se Dora... Mas Anne não conseguia suportar a ideia. Ela estremeceu e voltou-se para longe.

– Vá correndo chamar o senhor Harrison – pediu Marilla, retorcendo as mãos.

– O senhor Harrison e John Henry não estão em casa... Ele foram até a cidade. Vou chamar o senhor Barry.

O senhor Barry acompanhou Anne, trazendo consigo um rolo de corda em cuja extremidade tinha atado um instrumento parecido com uma garra, que um dia fora um garfo de jardinagem. Marilla e Anne ficaram ali por perto, trêmulas de horror e medo, enquanto o senhor Barry vasculhava o poço; e Davy, montado no portão, observava o grupo com uma expressão que indicava grande contentamento.

Por fim, o senhor Barry balançou a cabeça com um ar aliviado.

– Ela não pode estar lá embaixo. No entanto, é muito curiosa a questão do paradeiro dela. Olhe aqui, rapazinho, tem certeza de que não faz ideia de onde está sua irmã?

– Já disse uma dúzia de vezes que não sei – disse Davy, com ar ofendido.

– Talvez um mendigo tenha roubado Dora.

– Quanta bobagem – disse Marilla com severidade, aliviada do terrível medo do poço. – Anne, você acha que Dora pode ter ido até a fazenda do senhor Harrison? Desde o dia em que você a levou até lá, ela só fala do tal papagaio.

– Não creio que Dora teria se aventurado tão longe sozinha, mas irei até lá para conferir.

Ninguém estava olhando para Davy naquele momento ou teriam percebido uma decidida mudança em seu semblante. Em silêncio, o menino desceu do portão e correu para o celeiro, o mais rápido que suas perninhas rechonchudas conseguiam.

Anne cruzou os campos até a fazenda do senhor Harrison com muita pressa e sem grandes esperanças. A casa estava trancada, as persianas fechadas, e não havia qualquer sinal de vida no local. Ela foi até a varanda e gritou por Dora.

Ginger, que estava na cozinha, guinchou alto e xingou com repentina ferocidade; porém, em meio aos acessos do pássaro, Anne ouviu um choro lamurioso vindo da edícula do jardim, a qual o senhor Harrison usava como depósito de ferramentas. Anne correu para a porta, puxou o ferrolho e encontrou a pequena mortal, com o rosto molhado de lágrimas, desamparadamente sentada sobre um barril de pregos virado de cabeça para baixo.

– Oh, Dora, Dora, que susto você nos deu! Como veio parar aqui?

– Davy e eu viemos aqui para ver Ginger – soluçou a menina –, mas não conseguimos vê-lo. Davy só fez com que ele xingasse quando chutou a porta. E, então, Davy me trouxe até aqui, correu para fora e trancou a porta,

e eu não consegui sair. Eu chorei, e chorei, e fiquei assustada e, oh, estou com tanta fome e tanto frio! Pensei que você nunca iria me encontrar, Anne.

– Davy? – mas Anne não conseguiu dizer mais nada. Ela carregou Dora para casa com o coração pesado. A alegria por ter encontrado a criança sã e salva submergiu em meio à dor causada pelo comportamento de Davy. A audácia de ter trancado Dora poderia ter sido perdoada com facilidade. Mas Davy havia mentido... Ele havia claramente mentido a sangue frio. Esta era a triste realidade, e Anne não podia fechar seus olhos diante disso. Ela quis sentar-se e chorar, por puro desapontamento. Ela havia passado a amá-lo com muita ternura e só naquele momento é que percebera o quanto, e descobrir que ele era culpado por uma mentira deliberada era uma dor insuportável.

Marilla ouviu a história de Anne em um silêncio que não pressagiava nada de bom para Davy. O senhor Barry deu uma risada e aconselhou que Davy deveria ser sumariamente punido. Depois que o vizinho saiu, Anne consolou e acalentou a chorosa e trêmula Dora, serviu-lhe o jantar e colocou-a para dormir. Então retornou à cozinha, no instante em que Marilla entrava com austeridade, conduzindo, ou melhor, puxando o relutante Davy coberto de teias de aranha, que ela havia encontrado escondido no canto mais escuro do estábulo.

Marilla o trouxe até o capacho no centro do assoalho, e sentou-se ao lado da janela leste. Anne estava sentada, sem energia, à janela oeste. Entre elas estava o réu, em pé. Ele estava de costas para Marilla e parecia obediente, assustado, sem forças; mas seu rosto estava virado para Anne e, apesar de estar um pouco envergonhado, havia um lampejo de camaradagem em seus olhos, como se soubesse que tinha feito algo errado e que seria punido por isso, mas que podia contar com Anne para dar umas boas gargalhadas sobre o assunto, mais tarde.

Porém, não foi um sorriso escondido que ele encontrou em resposta nos olhos cinzentos da jovem, como ocorreria se tivesse sido apenas uma travessura. Havia algo diferente... Algo feio e repulsivo.

– Como pôde comportar-se dessa maneira, Davy? – ela perguntou, pesarosamente.

Davy contorceu-se com desconforto.

– Só fiz isso para me divertir. Faz muito tempo que as coisas estão terrivelmente quietas por aqui, e eu achei que seria divertido dar um grande susto em vocês duas. E foi mesmo!

Apesar do medo e de uma pitada de remorso, Davy deu um sorrisinho diante da lembrança.

– Mas você contou uma mentira, Davy! – disse Anne, mais triste do que nunca.

Davy pareceu confuso.

– O que é uma mentira? Você quer dizer uma lorota?

– Mentira é uma história que não é verdadeira.

– Claro que eu contei! – respondeu, honestamente. – Se não tivesse contado, vocês não teriam ficado assustadas. Eu tive que contar.

Anne começou a sentir a resposta de seus nervos ao medo e aos esforços na busca por Dora. A atitude impertinente de Davy foi o toque final. Duas grandes lágrimas brotaram em seus olhos.

– Oh, Davy, como pôde? – perguntou ela, trêmula. – Você não sabe o quanto isso é errado?

Davy ficou espantado. Anne estava chorando... Ele tinha feito Anne chorar! Uma onda de verdadeiro remorso inundou seu afetuoso coraçãozinho. Ele correu para Anne, atirou-se em seu colo, colocou os braços ao redor do pescoço dela e irrompeu em lágrimas.

– Eu não sabia que era errado contar lorotas – soluçou o menino. – Como você esperava que eu soubesse? Todos os filhos do senhor Sprott contavam lorotas todos os dias e ainda faziam o sinal da cruz. Acho que o Paul Irving nunca conta lorotas, e eu estou tentando muitíssimo ser tão bom quanto ele, mas agora acho que você nunca mais vai me amar. Você deveria ter me dito que isso era errado. Lamento terrivelmente ter feito você chorar, Anne, e eu nunca mais contarei outra lorota.

Davy enterrou o rosto no ombro de Anne e chorou torrencialmente. Ela, em um repentino relâmpago de compreensão, abraçou-o com força e olhou para Marilla por cima da cabeça cheia de cachos.

– Ele não sabia que era errado contar mentiras, Marilla. Creio que podemos perdoá-lo desta vez, se ele prometer nunca mais dizer coisas que não são verdadeiras.

– Nunca mais, agora que eu sei que é ruim – declarou Davy, entre soluços. – Se você me pegar contando uma lorota de novo, você pode... – Ele buscou mentalmente por uma penitência adequada – pode me esfolar vivo, Anne.

– Não diga “lorota”, Davy... é melhor usar a palavra mentira – ensinou a professora.

– Por quê? – questionou ele, descendo do colo e encarando-a com o inquisitivo rosto molhado pelas lágrimas. – Por que lorota não é tão bom quanto mentira? Quero saber. É uma palavra tão grande quanto a outra.

– É um termo vulgar, e garotinhos não devem usar esse tipo de linguajar.

– Tem um montão de coisas que é errado fazer – disse Davy, com um suspiro. – Nunca imaginei que existiam tantas! Sinto muito que seja errado contar lorot... mentiras, porque isso é bastante útil; mas, como é errado, nunca mais contarei nenhuma. O que vocês vão fazer comigo desta vez? Quero saber.

Anne olhou para Marilla de modo suplicante.

– Não quero ser dura demais com o menino – disse Marilla. – Ouso dizer que ninguém nunca o ensinou que era errado dizer falsidades, e aqueles filhos dos Sprott não eram boas companhias para ele. A pobre Mary estava muito doente para educá-lo de forma adequada, e suponho que não podemos esperar que uma criança de seis anos de idade saiba esse tipo de coisa por instinto. Acho que precisamos simplesmente considerar que ele não sabe nada do que é certo e começar a educá-lo do princípio. Mas ele terá que ser punido por ter prendido Dora, e não consigo pensar em nada além de mandá-lo para cama sem o jantar, como já fizemos tantas vezes antes. Você não tem outra sugestão, Anne? Acho que você é capaz de inventar alguma coisa com essa imaginação que você está sempre mencionando.

– Mas punições são tão horríveis, e eu só gosto de imaginar coisas prazerosas – disse ela, abraçando Davy. – Já existem tantas coisas desagradáveis no mundo, que é inútil inventar mais uma.

Finalmente, Davy foi mandado para cama, como de costume, onde deveria permanecer até o meio-dia do dia seguinte. Evidentemente, ele pensou sobre o assunto, pois, mais tarde, quando Anne subiu para o quarto, ouviu-o chamar seu nome com doçura. Ela o encontrou sentado na cama, com os cotovelos sobre os joelhos e o queixo apoiado nas mãos.

– Anne – começou ele, solenemente –, é errado para todo mundo dizer lorot... mentiras? Quero saber.

– Certamente que sim.

– É errado para um adulto?

– Sim.

– Então Marilla é má, pois ela conta mentiras – ele disse, decididamente. – E ela é pior do que eu, porque eu nem sabia que era errado, mas ela sabe.

– Davy Keith, Marilla nunca contou uma mentira em toda a vida – disse Anne, indignada.

– Contou, sim. Na terça-feira passada ela disse que algo terrível iria acontecer comigo se eu não fizesse minhas orações todas as noites. E eu não tenho rezado há mais de uma semana, só para ver o que acontece... E nada aconteceu – concluiu Davy, com seriedade.

Anne sufocou uma louca vontade de rir com a convicção de que isso seria fatal, e então empenhou-se seriamente em salvar a reputação de Marilla.

– Ora, Davy Keith, algo terrível aconteceu com você hoje mesmo – disse ela solenemente.

Davy parecia cético.

– Acho que você quer dizer ser mandado para cama sem jantar – respondeu com desdém –, mas isso não é terrível. É claro que eu não gosto, mas já fiquei tantas vezes sem jantar desde que cheguei aqui que estou começando a me acostumar. E vocês não economizam comida quando me mandam dormir sem jantar, porque eu sempre como o dobro no café da manhã.

– Não me refiro ao fato de ser mandado dormir sem jantar, e sim ao fato de ter contado uma mentira. E, Davy... – Anne inclinou-se sobre o pé da cama e apontou de maneira expressiva para o culpado –, quando um menino fala o que não é verdade, isso é praticamente a pior coisa que pode acontecer... Quase a pior de todas as coisas. Então, perceba que Marilla disse a verdade.

– Mas eu pensei que algo ruim seria emocionante! – protestou ele, injuriado.

– Marilla não pode ser culpada por algo que você pensou. Coisas ruins não são sempre emocionantes. São, frequentemente, só desagradáveis e estúpidas.

– Mas foi extremamente engraçado ver você e Marilla olhando para o fundo do poço – disse ele, abraçando os joelhos.

Anne manteve a seriedade até descer as escadas. Então, ela sentou-se no sofá da sala de visitas e riu até a barriga doer.

– Gostaria que você me contasse a piada – disse Marilla, um pouco sisuda. – Não tive muitos motivos para rir hoje.

– Você vai rir quando ouvir isso – garantiu Anne. E Marilla de fato riu, o que demonstrava o quanto seu aprendizado havia avançado desde que adotara Anne. Mas, depois, imediatamente suspirou.

– Acho que não deveria ter dito isso a ele, embora eu tenha ouvido um ministro dizer o mesmo a uma criança, uma vez. Mas Davy me irritou profundamente. Foi na noite em que você estava no concerto em Carmody, e eu o coloquei para dormir. Ele falou que não via motivos até que estivesse crescido o bastante para ter alguma importância para Deus. Anne, não sei o que faremos com aquela criança. Eu nunca vi nenhuma igual a ele. Sinto-me completamente desencorajada.

– Oh, não diga isso, Marilla. Lembre-se do quanto eu era má quando cheguei aqui.

– Anne, você nunca foi má... nunca. Percebo isso agora que estou aprendendo o que é maldade de verdade. Devo admitir que você estava sempre se metendo em tremendas confusões, mas sua motivação sempre era boa. Davy é maldoso pelo mero prazer de sê-lo.

– Oh, não, não acredito existir nenhuma maldade verdadeira nele – alegou Anne. – É só travessura. E aqui é sossegado demais para ele, você sabe. Não há outros garotos para brincar, e a mente dele precisa se ocupar com alguma coisa. Dora é tão recatada e educada que não serve como companheira de brincadeiras de um garoto. Eu realmente acho que seria melhor colocá-los na escola, Marilla.

– Não – respondeu, resoluta –, meu pai sempre dizia que nenhuma criança deveria ser encerrada entre as quatro paredes de uma sala de aula até os sete anos de idade, e o senhor Allan diz o mesmo. Os gêmeos podem receber algumas lições em casa, mas não irão para a escola até que tenham completado sete anos.

– Bem, então devemos tentar corrigir Davy em casa – disse Anne, animada. – Mesmo com todos os defeitos, ele é realmente um garotinho muito querido. Não consigo evitar amá-lo. Marilla, isto pode ser uma coisa horrível de se dizer, mas, honestamente, gosto mais de Davy do que de Dora, mesmo ela sendo tão boazinha.

– Eu não sei por que, mas sinto o mesmo – confessou Marilla –, e isso não é justo, pois Dora não dá nenhum trabalho. Não existe criança melhor do que ela, cuja presença mal se nota em casa.

– Dora é muito boazinha. Ela se comportaria bem, mesmo que não houvesse uma única alma para dizer-lhe o que fazer. Já nasceu educada, de modo que não precisa de nós. E eu acho – concluiu Anne, tocando em uma questão vital – que sempre amamos mais aqueles que precisam de nós. E Davy precisa muitíssimo.

– Ele certamente precisa de algo – concordou Marilla. – Rachel Lynde diria que esse algo é uma boa surra.



FATOS E FANTASIAS

“Lecionar é realmente um trabalho muito interessante” – escreveu Anne a Stella Maynard, sua ex-colega da Queen’s Academy. “Jane costuma dizer que é monótono, mas eu não acho. Algo divertido acontece praticamente todos os dias, e as crianças falam coisas tão engraçadas! Jane diz que repreende os alunos quando fazem discursos do tipo, e é bem provável que seja por isso que ela considere o trabalho monótono. Nessa tarde, o pequeno Jimmy Andrews queria soletrar a palavra ‘salpicado’, mas não conseguia. ‘Bem – disse ele, por fim, – não consigo soletrar esta palavra, mas sei o que significa’.

‘E o que é?’ – eu perguntei.

‘O rosto do St. Clair Donnell, senhorita.’

“St. Clair certamente tem muitas sardas, e eu tento impedir que os outros comentem a respeito... Pois eu era sardenta, e me lembro bem como era. Mas não acho que o St. Clair se importe com isso. Ele esmurrou Jimmy no caminho para casa, mas foi por tê-lo chamado de ‘St. Clair’. Eu soube da briga, mas não oficialmente; então, creio que não precise tomar nenhuma providência.”

“Ontem eu estava tentando ensinar adição a Lottie Wright. Perguntei-lhe: ‘Se você tem três doces em uma das mãos e dois na outra, quantos terá ao todo?’ ‘Um bocado’, disse Lottie. E na aula de ciências naturais, quando pedi que me dessem uma boa razão pela qual os sapos não deveriam ser mortos, Benjie Sloane respondeu seriamente: ‘Porque iria chover no dia seguinte’.”

“É tão difícil não desatar a rir, Stella! Tenho que me segurar até chegar em casa, e Marilla disse que fica nervosa ao ouvir gargalhadas frenéticas vindas do quartinho do lado leste, sem nenhuma razão aparente. Ela contou que um homem em Grafton começou assim e acabou ficando louco.”

“Sabia que Tomás Becket foi canonizado como uma ‘cobra’? Foi o que disse Rose Bell... E disse também que William Tyndale⁸ ‘escreveu’ o Novo Testamento. Claude White afirmou que ‘glacial’ é um homem que vende sorvetes!”

“Penso que o mais difícil em lecionar, assim como o mais interessante, é fazer com que as crianças digam o que verdadeiramente pensam sobre as coisas. Em um dia de tempestade, na semana passada, eu reuni os alunos na hora da merenda e tentei fazer com que conversassem comigo como se eu fosse um deles. Pedi que me contassem seus maiores desejos. Algumas respostas foram bem normais... Bonecas, pôneis e patins. Outras foram decididamente originais. Hester Boulter queria ‘usar seu vestido de domingo todos os dias e fazer as refeições na sala’. Hannah Bell queria ‘ser boa sem ter que se esforçar tanto’. Marjory White, de dez anos, contou-me que queria ‘ser uma viúva’. Quando perguntei o porquê, ela respondeu com muita seriedade que, se você é solteira, as pessoas te chamam de solteirona, e se é casada, seu marido controla sua vida; porém, se for viúva, você não corre risco nem de uma coisa, nem de outra. O desejo mais singular foi o de Sally Bell. Ela queria uma ‘lua de mel’. Perguntei se ela sabia o que isso significava, e ela respondeu que achava que era um tipo extraordinário de bicicleta, pois um primo de Montreal saiu de lua de mel quando se casou, e ele sempre tivera o último lançamento em bicicletas!”

“Outro dia, eu pedi que me contassem qual era a pior travessura que já tinham feito. Não consegui fazer com que os mais velhos se abrissem, mas o terceiro ano respondeu livremente. Eliza Bell ‘ateou fogo ao novelo de linha de sua tia’. Quando perguntei se ela realmente teve a intenção de fazer isso, respondeu-me que ‘não inteiramente’. Ela acendera só a pontinha para ver se iria pegar fogo, mas todo o pacote se queimou em um piscar de olhos. Emerson Gillis havia gastado dez centavos comprando balas, quando deveria ter doado o dinheiro aos missionários. O pior crime de Annetta Bell foi ‘comer amoras que cresciam no cemitério’. Willie White tinha ‘escorregado do telhado do estábulo um monte de vezes usando as calças de domingo. Fui punido por isso, pois tive que usar calças remendadas na Escola Dominical durante todo o verão, e quando se é punido por ter feito algo, não é preciso se arrepender’, declarou Willie.”

“Gostaria que você pudesse ver algumas das redações deles... Quero tanto que vou enviar a cópia de algumas que foram escritas recentemente. Na semana passada, eu pedi aos alunos do quarto ano que escrevessem cartas

para mim sobre o que quisessem, e sugeri que eles poderiam escrever sobre algum lugar que visitaram, alguma pessoa ou coisa interessante que tivessem visto. Eles deveriam usar papéis de carta de verdade, selá-los em um envelope e endereçá-los para mim, sem a ajuda de ninguém. Na sexta-feira passada, eu encontrei uma pilha de cartas em minha mesa pela manhã, e naquela noite constatei que lecionar tem seus deleites, assim como seus pesares. Aquelas redações compensaram muitas coisas. Aqui está a de Ned Clay, com endereço, ortografia e gramática conforme foram originalmente escritos:

Senhorita professora ShiRley

Green Gabels.

p.e. Ilha

pássaros

‘Querida professora acho que vou escrever uma redação sobre pássaros. Pássaros é animais muito úteis. meu gato pega pássaros. O nome dele é William mas papai chama ele de tom. ele é todo listado e ficou com uma orelha congelada inverno passado. se não fosse isso ele ia ser um gato bonito. Meu tiu adotou um gato. o gato apareceu na casa dele um dia e não foi embora mais e o tiu diz que o bicho sabe mais coisas do que a maioria das pessoas jamais saberá. ele deixa o gato dormir na sua cadeira de balanço e a minha tia diz que ele pensa mais no animal do que nos filhos. isso não está certo. temos que ser gentis com os gatos e dar leite fresco para eles mas não devemos tratar eles melhor do que os nossos filhos. isso é tudo que consigo pensar sobre o assunto por agora então sem mais de edward blake ClaY.

“A carta de St. Clair Donnell é, como de costume, curta e objetiva. Ele nunca desperdiça palavras. Não creio que ele tenha escolhido o assunto ou acrescentado a observação por malícia premeditada. Ele só não possui muito tato ou imaginação:”

Querida senhorita Shirley

A senhorita pediu que descrevêssemos algo estranho que tenhamos visto. Vou descrever o Salão de Avonlea. Ele tem duas portas, uma interna e outra externa. Tem seis janelas e uma chaminé. Tem duas extremidades e dois lados. Está pintado de azul. É isso que o torna estranho. Está situado na estrada de baixo para Carmody. É a terceira construção mais importante de Avonlea. As outras são a igreja e a loja

do ferreiro. As pessoas se reúnem lá para clubes de debate e palestras e concertos.

Atenciosamente,

Jacob Donnel.

P.S. O salão é de azul muito brilhante.

“A carta de Annetta Bell foi bem extensa, o que me surpreendeu, pois escrever redações não é o forte dela, e quando as escreve, geralmente são tão breves quanto as de St. Clair. Annetta é uma garotinha muito tranquila e um modelo de bom comportamento, mas ela não tem nem um pouquinho de originalidade. Aqui está sua carta:”

Queridíssima professora,

Acho que vou escrever para a senhorita uma carta falando sobre o quanto eu a amo. Eu a amo com todo meu coração, alma e mente... Com tudo que há em mim para amar... E quero servi-la para sempre. Será meu maior privilégio. É por isso que eu me esforço tanto para ser boa na escola e aprender as lições.

A senhorita é tão linda, minha professora. Sua voz é como música e seus olhos como amores-perfeitos regados pelo orvalho. A senhorita é como uma grande e majestosa rainha. Seu cabelo é como ouro ondulado. Anthony Pye diz que é ruivo, mas a senhorita não deve dar atenção a ele.

Só conheço a senhorita há alguns meses, mas não consigo imaginar que já houve um tempo em que não a conhecia... Quando a senhorita ainda não tinha entrado na minha vida para abençoá-la e santificá-la. Sempre recordarei deste ano como o mais maravilhoso da minha vida, pois foi o ano que me trouxe a senhorita. Além disso, foi o ano em que nos mudamos de Newbridge para Avonlea. Meu amor pela senhorita enriqueceu minha vida, e me manteve longe do perigo e da perversidade. Devo tudo isso à senhorita, minha querida professora.

Jamais esquecerei do quão linda a senhorita estava na última vez em que a vi, com o vestido preto e as flores no cabelo. Sempre me lembrarei de você assim, mesmo quando estivermos velhas e grisalhas. Sempre será jovem e bonita para mim, querida professora. Penso na senhorita o tempo todo... De manhã, ao meio-dia e ao anoitecer. Amo quando sorri e quando suspira... Mesmo quando parece desdenhosa. Nunca vi a senhorita ficar irritada, ainda que Anthony Pye diga que está sempre irritada, mas sei que demonstra estar brava com ele

porque ele merece. Amo a senhorita vestida de qualquer maneira... Parece mais adorável em cada vestido novo do que no anterior.

Querida professora, boa noite. O sol já se pôs e as estrelas estão brilhando... Estrelas tão brilhantes e belas quanto os seus olhos. Um beijo em suas mãos e rosto, minha amada. Que Deus a proteja e guarde de todo o mal.

*Sua afetuosa aluna,
Annetta Bell.*

“Esta carta extraordinária me deixou intrigada, e não foi pouco. Eu sabia que Annetta não poderia ter escrito algo assim, da mesma forma que ela não conseguiria voar! Quando fui para a escola no dia seguinte, eu levei-a para um passeio até o riacho no horário do recreio e pedi-lhe que me contasse a verdade sobre a carta. Annetta chorou e confessou de livre e espontânea vontade. Contou que nunca havia escrito uma carta, e que não sabia por onde começar, ou o que dizer, mas que encontrou um pacote de cartas de amor na primeira gaveta da cômoda da mãe, escritas por um antigo namorado.”

‘Não eram do meu pai’ – soluçou Annetta – ‘eram de um rapaz que estava estudando para se tornar ministro e que sabia escrever lindas cartas, mas mamãe acabou não se casando com ele. Ela disse que não conseguia entender bulhufas do que ele dizia na maior parte do tempo. Mas achei que as cartas eram adoráveis, e então copiei algumas coisinhas aqui e ali para escrever à senhorita. Substituí “dama” por “professora” e escrevi algumas coisas que me vieram à mente, e mudei algumas palavras. Coloquei “vestido” no lugar de “humor”. Não sei o significado de humor, mas suponho que seja algo de vestir. Não achei que a senhorita perceberia a diferença. Não sei como descobriu que eu não escrevi a carta toda. A senhorita deve ser impressionantemente sábia, professora.’

“Eu disse a Annetta que foi muito errado copiar a carta de outra pessoa e fingir que era sua. Mas receio que o único arrependimento dela foi ter sido descoberta.”

‘E eu te amo, professora’ – soluçou ela. ‘Era tudo verdade, mesmo que o autor tenha sido o ministro. Amo a senhorita com todo meu coração.’

“É muito difícil repreender alguém apropriadamente em tais circunstâncias. Aqui está a carta de Barbara Shaw. Não consigo reproduzir os borrões de tinta da original.”

Querida professora,

A senhorita disse que poderíamos escrever sobre alguma viagem. Só viajei uma vez. Fui para a casa da minha tia Mary, no inverno passado. Minha tia Mary é uma mulher muito peculiar, e uma grande dona de casa. Na primeira noite, nós tomamos chá. Eu derrubei um jarro de água e o quebrei. Tia Mary disse que tinha o jarro desde que se casara, e ninguém o havia quebrado antes. Quando levantamos, eu pisei na barra de seu vestido e todos os babados da saia se rasgaram. Na manhã seguinte, quando me levantei, bati a jarra contra a bacia e quebrei as duas, e entornei uma xícara de chá na toalha de mesa durante o café da manhã. Quando estava ajudando a tia Mary com a louça do jantar, deixei cair um prato de porcelana, que se quebrou. Naquela noite, eu caí na escada e torci o tornozelo, e fiquei de cama por uma semana. Ouvi titia dizer ao tio Joseph que tinha sido uma bênção, do contrário eu teria quebrado a casa inteira. Quando melhorei, já era hora de voltar. Não gosto muito de viajar. Gosto mais de vir para a escola, especialmente desde que vim para Avonlea.

Atenciosamente,

Barbara Shaw.

“A de Willie White começou assim:”

Respeitável senhorita,

Quero contar sobre a minha tia Muito Valente. Ela mora em

Ontário e, certo dia, ela foi até o celeiro e viu um cachorro no quintal. O cachorro não tinha por que estar ali, então a tia pegou um pau e bateu forte nele, e depois o levou para o celeiro e o prendeu. Logo em seguida, chegou um homem procurando um leão falso (Dúvida: será que Willie quis dizer um leão ‘manso’?) que tinha fugido de um circo. E no fim das contas, o tal cachorro era um leão, e minha tia Muito Valente tinha tocado ele para o celeiro com um pau. Foi incrível ela não ter sido comida, mas ela foi muito valente. Emerson Gillis diz que se ela achou que era um cachorro, então ela não foi mais corajosa do que se fosse um cachorro de verdade. Mas Emerson tem inveja porque não tem uma tia Muito Valente, só tios.

“Guardei a melhor para o final. Você achou engraçado eu achar que Paul é um gênio, mas estou certa de que esta carta irá convencê-la de que ele é uma criança muito incomum. Paul mora com sua avó perto da praia, e não tem amigos para brincar... Nenhum amigo verdadeiro. Você deve se recordar do nosso professor de Gerenciamento Escolar dizendo que não devemos ter

alunos ‘favoritos’, mas não posso evitar amar Paul Irving mais do que amo os outros! E não creio que seja algo ruim, pois todos amam Paul, até mesmo a senhora Lynde, que diz que não acreditava que poderia se afeiçoar tanto por um americano. Os outros garotos da escola também gostam dele. Não há nada fraco ou afetado nele, apesar de seus sonhos e fantasias. Ele é muito másculo e se destaca em todos os jogos. Ele recentemente brigou com St. Clair Donnell, pois este disse que a Bandeira da União⁹ era muito melhor do que a Bandeira das Estrelas e Listras¹⁰. O resultado foi um empate e um acordo mútuo de respeitar o patriotismo um do outro dali em diante. St. Clair diz que pode bater com mais força, mas Paul pode bater mais rápido.”

“Eis a carta de Paul:”

Minha querida professora,

A senhorita disse que poderíamos escrever sobre pessoas interessantes que conhecemos. Acho que as pessoas mais interessantes que conheço são as minhas pessoas de pedra, e quero falar sobre elas. Nunca falei sobre elas a ninguém, só para a vovó e o papai, mas gostaria que a senhorita soubesse, porque a senhorita compreende as coisas. Há muitas pessoas que não entendem as coisas, então não vejo razão para contar a elas.

Minhas pessoinhas de pedra moram na praia. Eu costumava visitá-las quase todos os dias ao entardecer antes de começar o inverno. Agora só poderei vê-las quando a primavera começar, mas elas estarão lá, pois pessoas desse tipo nunca mudam... É o mais esplêndido sobre elas. Nora foi a primeira que conheci, e por isso acho que a amo mais. Ela vive na Enseada dos Andrew, e tem os cabelos e os olhos negros, e sabe tudo sobre sereias e ondinas¹¹. A senhorita precisa ouvir as histórias que ela conta. Há, também, os Marinheiros Gêmeos. Eles não têm casa, navegam o tempo todo, mas frequentemente vêm até a praia para conversar comigo. São um par de alegres marujos, e já viram de tudo neste mundo... E até mais do que existe neste mundo. Sabe o que aconteceu uma vez com o mais jovem dos Marinheiros Gêmeos? Ele estava navegando e entrou bem no reflexo da luz do luar. Sabe, professora, a lua cheia deixa uma trilha na água quando se ergue sobre o mar. Bem, o caçula dos Marinheiros Gêmeos navegou sobre a luz do luar até que chegou ao topo da lua, e lá ele encontrou uma portinha dourada que abriu, e através dela ele navegou. Viveu extraordinárias

aventuras na lua, mas esta carta ficaria muito extensa se eu as contasse.

Existe também a Dama Dourada da caverna. Um dia eu encontrei uma grande caverna na praia e entrei, e depois de um tempo me deparei com a Dama Dourada. Ela tem o cabelo dourado que chega até os pés, e seu vestido é todo cintilante e resplandecente como se fosse ouro vivo. E ela possui uma harpa de ouro, que toca o dia inteiro... é possível ouvir sua música ao longo da costa, se escutar com cuidado, mas a maioria das pessoas pensaria que é só o vento entre as rochas. Nunca contei a Nora sobre a Dama Dourada. Tenho medo de que isso possa magoá-la. Ela fica chateada até mesmo se eu converso por muito tempo com os Marinheiros Gêmeos.

Sempre encontro os dois marujos nas Rochas Listradas. O mais jovem deles é muito bem-humorado, mas o mais velho parece assustadoramente bravo às vezes. Tenho minhas suspeitas sobre ele. Creio que poderia ser um pirata, se quisesse. Existe algo muito misterioso nele. Ele xingou uma vez, e eu lhe disse que não precisaria mais vir à praia para falar comigo se fizesse isso novamente, pois prometi à vovó que nunca teria amizade com alguém que diz palavrões. Ele ficou bem assustado, é verdade, e falou que se eu o perdoasse, me levaria ao pôr do sol. Então, no entardecer do dia seguinte, enquanto estava sentado nas Rochas Listradas, o gêmeo mais velho veio navegando em um barco encantado, e eu embarquei. O barco era perolado e refletia o arco-íris, como a parte interna de uma concha de mexilhão, e sua vela era como a luz do luar. Bem, nós navegamos diretamente para o ocaso. Imagine isto, professora, eu estive no pôr do sol! E como a senhorita acha que ele é? O ocaso é uma terra cheia de flores. Navegamos por um imenso jardim, e as nuvens eram como canteiros. Estivemos em um grande porto todo dourado, e eu desembarquei em um grande prado, todo coberto por narcisos tão grandes quanto rosas. Fiquei lá por muito, muito tempo. Pareceu-me quase um ano, mas o Gêmeo mais velho disse que haviam se passado apenas alguns minutos. Sabe, na terra do pôr do sol, o tempo é muito mais longo do que aqui.

Seu amoroso aluno, Paul Irving. '

'P. S. é claro que nada nesta carta é verdade, professora. P.I. '

William Tyndale (1494-1536) foi um pastor protestante e acadêmico inglês. Traduziu a Bíblia para uma versão inicial do inglês moderno. (N. T.)

A bandeira nacional do Reino Unido, da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, também conhecida por Bandeira da União. (N. T.)

Referência à bandeira nacional dos Estados Unidos da América. (N. T.)

Em inglês, *water kelpies* são espíritos habitantes das águas, que mudam de forma. Geralmente são descritos como cavalos, podendo também assumir a forma humana. (N. T.)



UM DIA DE CÃO

Tudo começou na noite anterior, com uma interminável e inquieta vigília por causa de uma dor de dente. Ao levantar-se naquela amarga e enfadonha manhã de inverno, Anne sentiu como se a vida fosse monótona, insípida e inútil.

Ela foi para a escola em um estado de espírito nada angelical. Sua bochecha estava inchada e seu rosto doía. A sala de aula estava gélida e fumacenta, pois o fogo se recusava a aquecer o ambiente e as crianças se amontoavam em grupos ao redor do aquecedor, tremendo de frio. Anne ordenou que fossem para seus lugares com o tom de voz mais ríspido que já havia utilizado com eles. Anthony Pye desfilou até a carteira com seu costumeiro ar impertinente; Anne o viu sussurrar algo para o colega sentado ao lado, e em seguida ambos olharam-na de relance, com um sorriso irônico.

Anne tinha a impressão de que nunca houve tantos lápis barulhentos como naquela manhã, e quando Barbara Shaw aproximou-se de sua mesa com um cálculo, ela tropeçou no balde de carvão com resultados catastróficos. O carvão se espalhou por toda a sala, a lousa da menina se quebrou em incontáveis pedaços, e quando Barbara se levantou, seu rosto manchado da poeira do carvão fez com que os meninos gargalhassem.

Anne, que estava ouvindo a turma da segunda série, virou-se.

– Francamente, Barbara – disse ela, com frieza –, se você não consegue andar sem cair por cima de alguma coisa, é melhor permanecer sentada. É uma verdadeira desgraça uma menina da sua idade ser tão desastrada!

A pobre Barbara cambaleou de volta para a carteira, e as lágrimas combinadas com a poeira do carvão produziram um efeito realmente grotesco. Nunca, até então, a querida e compreensiva professora havia falado naquele tom, e a menina ficou desolada. A própria Anne sentiu uma pontada de remorso, que serviu somente para aumentar sua irritação, e a turma do segundo ano ainda hoje lembra daquela aula, assim como da inclemente

lição de aritmética que veio a seguir. No momento em que Anne estava finalizando as somas, St. Clair Donnell chegou, ofegante.

– Você está meia hora atrasado, St. Clair – salientou a professora friamente. – O que aconteceu?

– Por favor, senhorita, tive que ajudar mamãe a fazer pudim para o jantar, porque estamos esperando visitas, e Clarice Almira está doente – foi a resposta de St. Clair, proferida em um tom perfeitamente respeitoso, mas que, ainda assim, provocou grande alvoroço entre os colegas.

– Sente-se. E, como punição, resolva os seis problemas da página oitenta e quatro do seu livro de aritmética – disse Anne.

St. Clair pareceu um pouco surpreso pela entonação da professora, mas encaminhou-se para a carteira, obedientemente, e pegou a lousa. Então, furtivamente, ele passou um pequeno pacote para Joe Sloane, do outro lado do corredor. Anne o flagrou no ato, chegando a uma conclusão fatal sobre o pacote.

Nos últimos tempos, a velha senhora Hiram Sloane vinha preparando bolinhos de nozes para vender e aumentar um pouco os seus parcos rendimentos. Os doces eram especialmente tentadores para os menininhos e, durante várias semanas, Anne tinha se incomodado um bocado por causa disso. No caminho para a escola, as crianças gastavam o dinheirinho na casa da senhora Hiram, traziam consigo os bolinhos para a sala e, quando possível, comiam e compartilhavam com os colegas durante o período da aula. Anne os advertira que, se continuassem trazendo os bolos para a escola, estes seriam confiscados. E, ainda assim, ali estava St. Clair Donnell, tranquilamente entregando um pedaço embrulhado no papel listrado de azul e branco usado pela senhora Hiram, debaixo dos olhos da professora.

– Joseph, traga esse pacote aqui – disse Anne calmamente.

Joe, assustado e envergonhado, obedeceu. Era um garoto gordinho, que sempre corava e gaguejava quando amedrontado. Nunca antes alguém pareceu mais culpado do que o pobre Joe naquele instante.

– Jogue-o no fogo – disse Anne.

Joe empalideceu.

– Po... po... po... por favor, se... se... senhorita – começou disse.

– Faça o que eu disse, Joseph, sem discussão.

– Ma... ma... mas se... se... senhorita..., e... e... eles são... – balbuciou Joe, desesperado.

– Joseph, vai me obedecer ou não?

Um garoto mais ousado e autoconfiante do que Joe Sloane também teria titubeado ante o tom de voz e o perigoso brilho nos olhos da professora. Aquela era uma nova Anne, que nenhum dos alunos tinha visto antes. Joe, com um olhar agonizante a St. Clair, dirigiu-se ao aquecedor, abriu a tampa frontal grande e quadrada e atirou o pacote listrado lá dentro, antes que St. Clair, que tinha se posto em pé, pudesse dizer qualquer coisa. Então, ele recuou bem a tempo.

Por alguns momentos, os aterrorizados ocupantes da escola de Avonlea não souberam se ocorrera um terremoto ou uma erupção vulcânica. O pacote de aspecto inocente, que Anne precipitadamente supôs que continha os bolinhos da senhora Hiram, na verdade escondia uma variedade de bombinhas e cata-ventos. Warren Sloane encomendara-os na cidade por intermédio do pai de St. Clair Donnell no dia anterior, com a intenção de celebrar seu aniversário naquela noite. As bombinhas explodiram em súbitos estampidos e os cata-ventos saíram voando pela porta da frente, girando loucamente por toda a sala, chiando e crepitando. Anne desmoronou na cadeira, pálida de desespero, e todas as meninas gritaram e subiram nas carteiras. Joe Sloane permaneceu imóvel em meio à confusão como se estivesse hipnotizado, e St. Clair, rindo incontrolavelmente, andava de um lado para o outro no corredor. Prillie Rogerson desmaiou e Annetta Bell ficou histérica.

Apesar de ter parecido muito tempo, apenas alguns minutos se passaram antes que o último cata-ventos se extinguísse. Sentindo-se recuperada, Anne levantou-se e abriu janelas e portas para deixar sair o odor de gás e fumaça que enchia a sala. Então ajudou as meninas a carregar a desmaiada Prillie até o alpendre, onde Barbara Shaw, em sua ânsia desesperada em ser útil, derramou um balde de água gelada no rosto e nos ombros da colega antes que alguém pudesse detê-la.

Havia transcorrido uma hora inteira quando a tranquilidade foi restabelecida, um silêncio que se podia palpar. Todos notaram que nem mesmo a explosão tinha clareado a mente da professora. Ninguém, exceto Anthony Pye, se atreveu a sussurrar uma palavra sequer. Ned Clay rangeu o lápis acidentalmente enquanto trabalhava nas somas e, ao captar o olhar de Anne, desejou que a terra se abrisse e o tragasse. A aula de geografia fez os alunos viajarem pelo continente em tal velocidade que os deixou tontos. A aula de gramática foi uma análise minuciosa, como se a vida deles dependesse disso. Chester Sloane, ao soletrar “odorífero” errado, foi levado

a pensar que jamais conseguiria sobreviver àquela desgraça, nem neste mundo, nem naquele que estava porvir.

Anne sabia que havia feito papel de tola e que o incidente iria ser motivo de piada em inúmeras mesas de chá naquele entardecer, mas isso apenas a deixou ainda mais furiosa. Se estivesse com um ânimo melhor, ela teria conduzido a situação com boas risadas, mas agora isso era impossível, e então ela ignorou tudo com frio desdém.

Ao retornar para escola após a hora da merenda, todas as crianças estavam em seus lugares, concentradas de cabeça baixa, exceto Anthony Pye. Ele espiava Anne por cima do livro, com seus olhos negros brilhando de curiosidade e escárnio. Anne abriu a gaveta de sua mesa em busca do giz e, embaixo de sua mão, um rato cheio de vida saltou para fora, correu depressa pela mesa e pulou no chão.

Anne deu um berro e pulou para trás, como se tivesse sido uma cobra, e Anthony Pye gargalhou alto.

Então, todos ficaram em silêncio... um silêncio pavoroso e desconfortável. Annetta Bell não conseguia se decidir se teria outro ataque histérico ou não, especialmente porque não sabia exatamente onde o rato tinha ido parar. Mas optou por se controlar. Quem se entregaria à histeria diante de uma professora tão pálida e com olhos tão furiosos?

– Quem pôs aquele rato na minha mesa? – disse Anne. Seu tom de voz era baixo, mas fez correr um arrepio pelas costas de Paul Irving. Joe Sloane olhou para ela, sentiu-se responsável desde a raiz dos cabelos até a ponta dos pés, e gaguejou com bravura:

– N... n... não e...eu, p... pro... professora, n... não e... eu...

Anne não prestou atenção no infeliz Joseph. Ela olhou para Anthony Pye, e Anthony Pye devolveu o olhar com descaramento e sem nenhum pinga de vergonha.

– Anthony, foi você?

– Sim, fui eu mesmo – disse ele, insolente.

Anne pegou sua régua da mesa. Era um instrumento longo, de madeira de lei, utilizado para apontar.

– Venha aqui, Anthony.

Aquela estava longe de ser a punição mais severa que Anthony Pye já havia recebido. Anne, mesmo a abalada Anne presente ali no momento, não conseguiria castigar uma criança com crueldade. Mas a régua acertou em

cheio, fazendo com que Anthony finalmente perdesse a atitude. O garoto fez uma careta e seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

Anne, com a consciência pesada, largou a régua e mandou que Anthony voltasse para o seu lugar. Ela voltou para a mesa sentindo-se envergonhada, arrependida e amargamente mortificada. Sua repentina irritação havia desvanecido, e ela daria qualquer coisa para poder encontrar alívio nas lágrimas. Então, toda a sua moral havia resultado nisso... No castigo corporal de um de seus alunos. Como Jane iria se vangloriar! E como o senhor Harrison iria rir! Mas, pior do que tudo isso, o que mais lhe causava amargura era o fato de ter perdido sua última chance de ganhar a afeição de Anthony Pye. Ele nunca mais iria gostar dela.

Anne, mediante o que alguém chamou de esforço hercúleo, conseguiu segurar as lágrimas até chegar em casa naquela noite. Então, trancou-se no quartinho do lado leste do sótão e chorou toda a sua vergonha, o remorso e o desapontamento no travesseiro. Chorou durante tanto tempo que Marilla ficou preocupada, invadiu o quarto e insistiu em saber qual era o problema.

– O problema é que há coisas pesando na minha consciência – soluçou Anne. – Oh, este foi literalmente um dia de cão, Marilla. Estou tão envergonhada! Perdi a paciência e açoitei Anthony Pye!

– Estou contente em saber disso – aprovou Marilla, decidida. – É o que você deveria ter feito há muito tempo!

– Ah, não, não, Marilla. Eu não sei como vou conseguir encarar aquelas crianças de novo. Creio que me humilhei completamente. Você não imagina o quão irritada, odiosa e horrível eu fui. Não consigo esquecer a expressão nos olhos de Paul Irving... ele estava tão surpreso e desapontado! Ah, Marilla, eu tentei tanto ser paciente e ganhar a aprovação de Anthony... E agora foi tudo por água abaixo.

Marilla passou a mão calejada pelos anos de trabalho nos cabelos brilhantes e desalinhados da moça, com profunda ternura. Quando os soluços de Anne foram diminuindo, Marilla falou com muita gentileza:

– Você leva as coisas muito a sério, Anne. Todos nós cometemos erros... Mas as pessoas os esquecem. E todo mundo tem dias de cão. E, quanto ao Anthony Pye, por que se importar se ele não gosta de você? Ele é o único.

– Não consigo evitar. Quero que todos me amem, e me sinto tão magoada quando alguém não gosta de mim! E Anthony nunca gostará de mim. Ah, fiz papel de idiota hoje, Marilla! Vou lhe contar toda a história.

Marilla ouviu a história completa, e se ela riu de algumas partes, Anne nunca soube. Ao fim do relato, Marilla disse de súbito:

– Ora, não importa! Este dia acabou e amanhã será um novo dia, ainda sem erros cometidos, como você mesma dizia! Desça para jantar. Vamos ver se uma boa xícara de chá e aqueles docinhos de ameixa que fiz hoje não vão animá-la.

– Docinhos de ameixa não são remédio para um espírito enfermo – disse a desconsolada Anne. Mas Marilla pensou que era um bom sinal a jovem ter se recuperado o bastante para adaptar uma citação¹².

A animada mesa do jantar, com as carinhas iluminadas dos gêmeos e os docinhos incomparáveis de Marilla, dos quais Davy comeu quatro, por fim, realmente “a animaram”. Anne teve uma boa noite de sono e despertou pela manhã com a certeza de que ela e o mundo estavam transformados. Durante as horas escuras caíra uma profunda camada de neve suave, e a lindíssima brancura que cintilava no gélido brilho do sol parecia um manto de caridade lançado sobre todos os erros e as humilhações do passado.

– Cada manhã é um novo começo, a cada manhã o mundo é recriado... – cantava Anne, enquanto se vestia.

Devido à neve, ela precisou seguir pela estrada para a escola, e que certamente era uma baita coincidência o fato de Anthony Pye estar limpando a neve do caminho por ali, justo quando ela saía da alameda de Green Gables. Anne sentiu-se imensamente culpada, como se seus papéis tivessem se invertido. Entretanto, para sua indescritível surpresa, Anthony não só ergueu seu gorro, coisa que nunca tinha feito antes, mas também disse:

– Está meio ruim para caminhar, não é mesmo? Posso levar estes livros para a senhorita, professora?

Anne entregou-lhe os livros, perguntando a si mesma se estava realmente acordada. Anthony caminhou até a escola em silêncio, e quando Anne pegou os livros de volta, sorriu para ele, não o “sorriso amável” estereotipado que ela colocava no rosto ao abordá-lo, mas um repentino lampejo de camaradagem. Anthony sorriu... não, verdade seja dita: Anthony abriu um sorriso *de orelha a orelha*. Isso não é normalmente considerado um gesto respeitoso; ainda assim, Anne percebeu que, se ainda não tinha conquistado a afeição de Anthony, de um modo ou de outro ganhara seu respeito.

A senhora Rachel Lynde foi vê-la no sábado e confirmou isso.

– Bem, Anne, creio que você conseguiu dobrar o Anthony Pye, é isso o que é! Ele falou que acha que você tem algo de bom, afinal de contas,

mesmo sendo uma moça. E que aquela reguada que você deu foi “tão boa quanto a de um homem”.

– Nunca imaginei que iria conquistá-lo com um castigo – respondeu Anne, um pouco pesarosa, sentindo que seus ideais haviam confundido a sua mente. – Não me parece certo. Tenho certeza de que minha teoria sobre a bondade não pode estar errada.

– Não, mas os Pye são uma exceção para cada regra conhecida, é isso o que é – declarou a senhora Lynde com convicção.

O senhor Harrison, quando soube de tudo, disse:

– Sempre achei que a senhorita chegaria a esse ponto.

E Jane zombou dela sem misericórdia.

Referência a um trecho da peça *Macbeth*, de William Shakespeare: “Não podeis ministrar algum remédio a um espírito enfermo”. (N. T.)



UM PASSEIO DOURADO

No caminho para Orchard Slope, Anne encontrou Diana dirigindo-se para Green Gables, justo onde a antiga ponte de troncos coberta de musgo cruzava o riacho mais abaixo da Floresta Assombrada. Elas se sentaram à margem da Bolha da Dríade, onde minúsculas folhas de samambaia se desenrolavam como fadinhas com cachinhos verdes despertando de uma soneca.

– Estava indo na sua casa convidá-la para a minha festa de aniversário no sábado – disse Anne.

– Seu aniversário? Mas seu aniversário foi em março!

– Não foi minha culpa! – respondeu Anne, rindo. – Se meus pais tivessem me consultado, isso não teria acontecido. Eu teria escolhido nascer na primavera, é claro. Deve ser delicioso vir ao mundo com as flores de maio e as violetas. Eu sentiria sempre que era a irmã adotiva delas. Mas, como não nasci, a segunda melhor coisa é celebrar meu aniversário na primavera. Priscilla está chegando no sábado, e Jane estará em casa. Nós quatro iremos ao bosque e passaremos um dia dourado conhecendo a primavera! Nenhuma de nós a conhece de verdade ainda, mas lá a encontraremos melhor do que em qualquer outro lugar. De qualquer maneira, quero explorar todos aqueles campos e locais solitários. Tenho a convicção de que há ali uma variedade de belíssimos recantos que jamais foram realmente vistos até agora, ainda que tenham sido notados. Faremos amizade com o vento, o céu e o sol, e traremos a primavera em nossos corações para casa.

– Parece tremendamente magnífico – comentou Diana, com certa desconfiança secreta sobre as palavras mágicas de Anne. – Mas não vai estar muito úmido em alguns lugares ainda?

– Ah, nós calçaremos galochas! – foi a concessão de Anne para as praticidades. – E eu gostaria de que você viesse cedo no sábado pela manhã para me ajudar a preparar o almoço. Vou fazer as iguarias mais deliciosas...

Pratos que combinem com a primavera, sabe... Tortinhas cobertas com geleia, biscoitos champanhe, biscoitos com gotas de chocolate cobertos de glacê rosa e amarelo e pão de ló. E temos que fazer sanduíches também, apesar de não serem muito poéticos.

O sábado provou ser o dia perfeito para um piquenique: um dia ensolarado de céu azul, com cálida brisa e um vento brincalhão que soprava pela campina e o pomar. Sobre cada planalto e campo iluminado pelo sol estendia-se uma delicada vastidão verde, salpicada de flores como uma noite estrelada.

O senhor Harrison, que estava capinando na parte de trás de sua fazenda, e sentindo mesmo em seu sóbrio e maduro espírito um pouco da magia da primavera, viu quatro meninas carregando cestas e saltitando no limite de suas terras, por um caminho guarnecido por um frondoso bosque de bétulas e pinheiros. O eco de suas risadas e vozes alegres chegaram até ele.

– É tão fácil ser feliz em um dia como este, não é mesmo? – dizia Anne, no melhor estilo de sua filosofia “Anneística”. – Vamos tentar fazer de hoje um verdadeiro dia de ouro, meninas, um dia do qual sempre poderemos nos lembrar com deleite! Viemos em busca de beleza e nos recusamos a ver outra coisa! “Vá-se embora, preocupação enfadonha!” Jane, você está pensando em algo que deu errado na escola ontem.

– Como você sabe? – perguntou Jane, impressionada.

– Ah, conheço esta expressão! Já a senti diversas vezes no meu próprio rosto. Mas tire isso da cabeça, querida. O problema ainda estará lá na segunda-feira... ou, se não estiver, melhor ainda. Ah, meninas, meninas, vejam aquele tapete de violetas! Aquilo é algo para ir para a galeria dos quadros da memória! Quando eu tiver oitenta anos... Se estiver viva até lá... Vou fechar os olhos e enxergar essas violetas exatamente como as vejo agora. É o primeiro presente maravilhoso que este dia nos deu.

– Se um beijo pudesse ser visto, creio que seria parecido com uma violeta – disse Priscilla.

Os olhos de Anne se acenderam.

– Fico tão feliz por você ter expressado esse pensamento, Priscilla, ao invés de ter apenas pensado e guardado para você! Este mundo seria um lugar tão mais interessante... Ainda que seja muito interessante de qualquer modo... Se as pessoas expressassem seus verdadeiros pensamentos.

– Seria extremamente difícil conter algumas pessoas – citou Jane, com sabedoria.

– Suponho que sim, mas a culpa seria delas por pensarem coisas maldosas. De qualquer forma, podemos expressar todas as nossas ideias hoje, porque nós teremos somente belos pensamentos! Todas podem dizer exatamente o que lhes vêm à mente. Isso é uma conversa. Eis aqui uma pequena trilha que nunca vi antes. Vamos explorá-la!

A trilha era sinuosa, tão estreita que as meninas caminharam em fila indiana, e mesmo assim os galhos dos pinheiros roçavam no rosto delas. Sob os pinheiros havia aveludadas almofadas de musgos, e mais adiante, onde as árvores eram menores e mais escassas, o solo apresentava uma grande variação de plantas verdes.

– Que quantidade de orelhas-de-elefante! – exclamou Diana. – Vou colher um bocado, são tão lindas!

– Como é possível que essas plantas tão graciosas e aveludadas tenham um nome tão horrível? – questionou Priscilla.

– Porque a pessoa que as nomeou primeiro tinha muito pouca ou nenhuma imaginação – respondeu Anne. – Oh, meninas, vejam aquilo!

“Aquilo” era um charco raso no centro de uma pequena clareira no bosque, onde a trilha terminava. Se estivesse mais adiantada a estação, o lugar estaria seco e repleto de uma exuberante quantidade de folhas verdes e longas. Mas no momento era um bruxuleante e plácido lençol, arredondado como um pires e claro como o cristal. Um conjunto de jovens bétulas de tronco fino circundava o charco, e pequenas samambaias cresciam na margem.

– Que adorável! – disse Jane.

– Vamos dançar ao redor dele como ninfas da floresta! – gritou Anne, soltando a cesta e erguendo as mãos.

Mas a dança não foi um sucesso, pois o terreno estava pantanoso e as galochas de Jane acabaram saindo dos pés.

– Você não pode ser uma ninfa dos bosques se precisa usar galochas – concluiu ela.

– Bem, devemos batizar este lugar antes de ir embora – disse Anne, cedendo à incontestável lógica dos fatos. – Cada uma sugere um nome, e então votaremos. Diana?

– Charco das Bétulas – sugeriu Diana prontamente.

– Lago de Cristal – sugeriu Jane.

Anne, em pé atrás delas, implorou com os olhos para que Priscilla não sugerisse outro nome como esses, e a jovem veio com “Vislumbre Hialino”.

A escolha de Anne foi “O Espelho das Fadas”.

Os nomes foram escritos em tiras de casca de bétula com um lápis que a professora Jane tirou de seu bolso e colocados no chapéu de Anne. Então, Priscilla fechou os olhos e escolheu um.

– Lago de Cristal! – leu Jane, triunfante. Lago de Cristal se chamou, e se Anne achou que a sorte tinha feito uma brincadeira de mau gosto, ela guardou esse pensamento para si.

Atravessando a vegetação rasteira, as jovens chegaram aos pastos verdes novos e isolados na parte de trás das terras do senhor Silas Sloane. Ao cruzarem o pasto, elas encontraram a entrada de uma senda que levava para dentro do bosque e decidiram explorá-la também. A expedição foi recompensada com uma sucessão de lindas surpresas. Primeiro, contornando o pasto do senhor Sloane, havia um túnel de cerejeiras silvestres em flor. As moças penduraram os chapéus nos braços e enfeitaram os cabelos com as flores sedosas e macias. Então a senda dobrou em um ângulo reto e adentrou um bosque de abetos tão denso e escuro que elas caminharam em meio a uma penumbra semelhante ao anoitecer, sem nenhum vislumbre do céu ou dos raios de sol.

– É aqui que vivem os malignos elfos do bosque – sussurrou Anne. – Eles são endiabrados e maliciosos, mas não podem nos machucar, porque não lhes é permitido fazer maldades na primavera. Havia um deles nos espiando, por trás daquele velho pinheiro retorcido; e vocês não viram um grupo deles naquele grande chapéu-de-cobra sarapintado que acabamos de passar? As boas fadas sempre habitam os lugares ensolarados.

– Queria que as fadas existissem de verdade – comentou Jane. – Não seria ótimo se elas nos concedessem três desejos... ou apenas um? O que vocês pediriam, meninas, se tivessem um único desejo? Eu desejaria ser rica, bonita e inteligente.

– Eu queria ser alta e esguia – disse Diana.

– Eu pediria para ser famosa – disse Priscilla.

Anne pensou em seu cabelo, mas então descartou a ideia por não a considerar digna.

– Eu desejaria que fosse sempre primavera, em todos os corações e em nossa vida – ela disse.

– Mas isso seria a mesma coisa que desejar que este mundo fosse igual ao céu – respondeu Priscilla.

– Só uma parte do céu. Nas outras partes haveria verão e outono... Sim, e um pouco de inverno também. Acho que eu também iria querer campos cobertos pela neve brilhante e embranquecidos pela geada no céu, às vezes. Você não gostaria, Jane?

– Eu... Eu não sei – disse Jane, desconfortável. Jane era uma boa moça, membro da igreja, que tentava viver conscienciosamente de acordo com sua fé e acreditava em tudo o que lhe haviam ensinado. Mas ela nunca havia parado para pensar como era o céu, de fato.

– Minnie May me perguntou, outro dia, se no céu todas nós poderemos usar diariamente os nossos melhores vestidos – riu Diana.

– E você não disse a ela que sim? – perguntou Anne.

– Misericórdia, não! Respondi-lhe que lá nós não pensaríamos em vestidos.

– Ah, acho que pensaremos... um pouco – replicou Anne, com franqueza.

– Haverá tempo o suficiente para isso ao longo de toda a eternidade, sem negligenciar coisas mais importantes. Creio que todas nós usaremos belíssimos vestidos... ou suponho que “vestes” seria a palavra mais adequada. Vou querer usar rosa por uns quantos séculos, a princípio... Tenho certeza de que levaria todo esse tempo para me cansar da cor. Eu amo rosa, mas nunca poderei usá-la nesse mundo.

Ao passar pelos abetos vermelhos, a senda desembocava em uma pequena clareira banhada pelo sol, onde uma ponte de troncos estendia-se sobre um riacho. Logo adiante chegou a glória de um ensolarado bosque de faias, onde o ar era como vinho dourado translúcido; as folhas eram frescas e verdes, e o solo, um mosaico de trêmulos raios de sol. Então elas se depararam com mais cerejeiras silvestres, um pequeno vale de pinheiros flexíveis e uma colina tão íngreme que as meninas ficaram sem fôlego ao escalá-la. No entanto, quando chegaram à vastidão do topo, a surpresa mais encantadora de todas as esperava.

Ao longe elas viram os campos dos fundos das fazendas que terminavam na beira da estrada de cima para Carmody. Pouco antes desses campos, cercado por faias e pinheiros, mas aberto para o lado sul, havia um jardim em um pequeno recanto abrigado, ou o que um dia fora um jardim. Era rodeado por um muro de pedras em ruínas, coberto de musgo e ervas daninhas. Ao longo da parte oriental, crescia uma fileira de cerejeiras, brancas como uma nevasca. Ainda havia traços de antigas trilhas, e uma dupla fileira de roseiras crescia pelo meio. O restante do terreno era um

tapete de narcisos brancos e amarelos em sua floração mais etérea e exuberante, balançando ao vento sobre o vistoso gramado verde.

– Ah, é perfeitamente adorável! – exclamaram as três jovens. Anne apenas contemplava a cena com eloquente silêncio.

– Como é possível que algum dia tenha existido um jardim aqui? – indagou Priscilla, admirada.

– Deve ser o jardim de Hester Gray – disse Diana. – Eu ouvi a minha mãe falar sobre ele, mas nunca o tinha visto, e jamais poderia imaginar que ainda existisse. Já ouviu a história, Anne?

– Não, mas o nome me soa familiar.

– Ah, você deve ter visto no cemitério. Ela está enterrada lá, no canto sob o álamo. Sabe aquela pequena lápide marrom, com dois portões entreabertos esculpidos e o epitáfio “Dedicado à sagrada memória de Hester Gray, de 22 anos de idade”? Jordan Gray está enterrado bem ao lado dela, mas não há nenhuma lápide para ele. É incrível Marilla não ter lhe contado essa história, Anne! Claro, o fato ocorreu há trinta anos, e todos já esqueceram.

– Bem, se existe uma história, devemos ouvi-la – disse Anne. – Vamos nos sentar aqui entre os narcisos, e Diana nos contará. Ora, meninas, há centenas deles... Estão espalhados por toda a parte. Parece que o jardim foi atapetado com uma combinação de raios da lua e do sol. Foi uma descoberta que valeu a pena! E pensar que vivi a uma milha deste lugar durante seis anos, e nunca o tinha visto! Pode começar, Diana.

– Muito tempo atrás – começou Diana –, esta fazenda pertencia ao velho senhor David Gray. Ele não morava aqui... Ele vivia onde Silas Sloane mora agora. Ele tinha um filho, Jordan, que foi trabalhar em Boston em um inverno e se apaixonou por uma moça chamada Hester Murray. Ela trabalhava em uma loja, mas odiava o trabalho. Ela havia sido criada no campo, e tinha muita vontade de voltar para lá. Quando Jordan a pediu em casamento, ela disse que aceitaria se ele a levasse para morar em algum lugar tranquilo onde só visse árvores e campos. Então, ele a trouxe para Avonlea. A senhora Lynde conta que o rapaz estava correndo um grande risco ao se casar com uma ianque, pois era certo que Hester era muito delicada e uma dona de casa pouco habilidosa. Mas minha mãe diz que ela era muito bonita e gentil, e Jordan simplesmente venerava o chão onde ela passava. Bem, o senhor Gray deu esta fazenda ao filho e o rapaz construiu uma casinha aqui, onde Jordan e a esposa viveram por quatro anos. Ela não saía muito, e raramente alguém a visitava, exceto minha mãe e a senhora

Lynde. Jordan presenteou-lhe com este jardim, e ela era louca por ele e passava a maior parte de seu tempo aqui. Hester não era muito boa dona de casa, mas tinha jeito com as flores. E então ela adoeceu. Mamãe acredita que ela já tinha tuberculose antes de vir para cá. Ela nunca repousou de verdade, e foi ficando cada vez mais fraca com o passar do tempo. Jordan nunca quis que ninguém viesse cuidar da esposa. Ele cuidava de tudo sozinho, e mamãe diz que ele era tão carinhoso e gentil quanto uma mulher. Todos os dias ele a envolvia em um xale e a carregava para o jardim, onde ela ficava recostada em um banco, feliz. Dizem que ela costumava fazer Jordan ajoelhar-se ao seu lado todas as noites e manhãs para orar com ela, pedindo que ela pudesse morrer no jardim quando sua hora chegasse. E a oração foi atendida. Um dia, Jordan levou-a até o banco e começou a colher todas as rosas desabrochadas, colocando-as sobre Hester... E ela apenas sorriu para ele... E fechou os olhos... E este foi o seu fim – concluiu Diana, placidamente.

– Uau, que história tocante – suspirou Anne, enxugando as lágrimas.

– O que aconteceu com Jordan? – perguntou Priscilla.

– Ele vendeu a fazenda após a morte da esposa e voltou para Boston. O senhor Jabez Sloane comprou as terras e transportou a casinha para perto da estrada. Jordan morreu mais ou menos dez anos depois e foi trazido para cá e enterrado ao lado de Hester.

– Não consigo entender como ela pôde querer viver aqui, tão longe de tudo – comentou Jane.

– Ah, consigo entender facilmente – respondeu Anne, reflexiva. – Eu não viveria aqui permanentemente, pois, apesar de amar os campos e bosques, amo também as pessoas. Mas posso compreender Hester. Ela estava mortalmente cansada do barulho da cidade grande, das multidões de pessoas que sempre iam e vinham, indiferentes. Ela só queria escapar de tudo isso para um lugar calmo, verde e amigável, onde pudesse descansar. E ela conseguiu exatamente o que queria, coisa que eu acredito que poucas pessoas conseguem. Hester viveu quatro lindos anos antes de morrer... quatro anos de perfeita felicidade; então eu acho que ela deveria ser mais invejada do que lastimada. E fechar os olhos e adormecer entre as rosas, com a pessoa que mais amava no mundo sorrindo para ela... ah, parece lindo!

– Ela plantou aquelas cerejeiras ali – disse Diana. – Contou à mamãe que não viveria para comer seus frutos, mas queria pensar que algo plantado por ela permaneceria vivendo e ajudando a embelezar o mundo após a sua morte.

– Estou tão contente por termos vindo por este caminho – disse Anne, com os olhos brilhantes. – Este é meu dia de aniversário adotado, vocês sabem, e este jardim e sua história são os meus presentes. Sua mãe já lhe disse como era Hester Gray, Diana?

– Não... Ela só disse que era bonita.

– Fico contente, pois assim posso imaginar como ela era, sem ser importunada pelos fatos. Creio que ela era muito franzina e pequena, com cabelos escuros, levemente encaracolados, grandes e tímidos olhos castanhos e um rosto pálido e um tanto melancólico.

As meninas deixaram as cestas no jardim de Hester e passaram o restante da tarde perambulando pelos bosques e campos que o rodeavam, descobrindo lindos recantos e veredas. Quando sentiram fome, elas almoçaram no local mais bonito de todos: na margem íngreme de um córrego borbulhante, onde as bétulas brancas cresciam sobre a relva sedosa. As jovens sentaram-se nas raízes e fizeram justiça às guloseimas de Anne, e até mesmo os sanduíches nem um pouco poéticos foram imensamente apreciados pelos apetites vorazes, estimulados pelo ar fresco e exercícios. Anne trouxera copos e limonada para as convidadas, mas a própria bebeu a água fresca do riacho em um copo feito com casca de bétula. O copo gotejava e a água tinha sabor de terra, como a água do riacho costuma ser na primavera; mas Anne a considerou mais apropriada do que limonada para a ocasião.

– Estão vendo aquele poema? – ela perguntou de repente, apontando.

– Onde? – Jane e Diana olhavam, como se esperassem ver rimas rúnicas nas bétulas.

– Lá... No riacho... aquele velho tronco verde coberto de musgo, com a água correndo por cima em suaves ondulações que parecem ter sido penteadas, e aquele único raio de sol precisamente sobre ele, mergulhando no charco. Ah, é o poema mais lindo que já vi!

– Eu o chamaria de quadro – disse Jane. – Um poema possui linhas e versos.

– Ah, minha nossa! Não! – Anne balançou enfaticamente a cabeça enfeitada com a macia coroa de flores de cerejeira silvestre. – As linhas e os versos são somente as vestimentas do poema, assim como suas franjas e seus babados não são você, Jane. O verdadeiro poema está na alma que há dentro dele... E aquela linda cena é a alma de um poema não escrito. Não é todo dia que se vê uma alma... Mesmo a de um poema.

– Eu gostaria de saber como é uma alma... A alma de uma pessoa – comentou a sonhadora Priscilla.

– Assim, eu imagino – respondeu Anne, apontando para um radiante raio de sol despontando por entre os galhos de uma bétula. – Só que com traços e formas, é claro. Gosto de imaginar que as almas são seres feitos de luz. Algumas apresentam manchas rosadas e tremores... Outras possuem um brilho suave, como o luar refletido no mar... E outras são pálidas e transparentes como a névoa ao amanhecer.

– Li em algum lugar que as almas são como as flores – replicou Priscilla.

– Então a sua é como um narciso dourado, e a de Diana é como uma rosa muito vermelha. A de Jane é uma flor de macieira, rosada, viçosa e doce.

– E a sua é uma violeta branca, com riscos roxos dentro das pétalas – completou Priscilla.

Jane cochichou para Diana que realmente não conseguia entender do que as outras duas estavam falando. Poderia ela entender?

As moças voltaram para suas casas sob a luz de um sossegado crepúsculo dourado, com as cestas cheias de narcisos do jardim de Hester, alguns dos quais Anne levou no dia seguinte até o túmulo daquela que os havia plantado. Tordos trovadores assobiavam nos pinheiros, e sapos coaxavam nos brejos. Todos os vales entre as colinas estavam orlados por uma luz das cores de topázio e esmeralda.

– Bem, tivemos um dia adorável, no fim das contas – disse Diana, como se fosse uma surpresa diferente do que esperava inicialmente.

– Foi realmente um dia dourado – disse Priscilla.

– Eu gosto tremendamente dos bosques – disse Jane.

Anne não disse nada. Ela estava olhando ao longe, em direção ao céu do ocaso, pensando na pequena Hester Gray.



UM PERIGO EVITADO

Em uma sexta-feira ao entardecer, Anne regressava dos correios para casa quando foi interceptada pela senhora Lynde que, como de costume, estava sobrecarregada com os problemas da igreja e da nação.

– Acabo de passar na casa de Timothy Cotton, para ver se ele pode mandar a Alice Louise para me ajudar por uns dias – disse ela. – Ela me ajudou na semana passada. Apesar de ser muito lerda, é melhor do que nada. Mas a menina está doente e não pode vir. Timothy também está lá, tossindo e resmungando. O homem está morrendo há dez anos, e vai continuar assim por mais dez. Ele não seria capaz nem de acabar logo com isso... Ele é do tipo que não consegue focar em nada o suficiente para terminar, nem mesmo em estar doente. Eles são uma família extremamente preguiçosa e não sei o que será deles... talvez só Deus saiba.

A senhora Lynde suspirou como se duvidasse do conhecimento celestial sobre tais pessoas.

– Marilla foi ao médico novamente na terça-feira, não foi? O que disse o oftalmologista?

– Ele está bastante satisfeito – informou Anne, animada. – Disse que houve uma grande melhora, e acha que já passou o perigo da perda completa da visão. Mas ele disse também que ela nunca mais vai conseguir ler muito ou fazer trabalhos manuais detalhados. Como estão seus preparativos para o bazar?

As damas da Sociedade Assistencial estavam preparando uma feira e um jantar, e a senhora Lynde era a líder da iniciativa.

– Estão indo muito bem... E, a propósito, a senhora Allan acha que seria bom montar uma barraca decorada como uma cozinha dos tempos antigos e servir feijão cozido, sonhos, tortas e coisas do estilo. Estamos coletando acessórios antigos por toda parte. A senhora Simon Fletcher vai emprestar os tapetes trançados da mãe dela, e a senhora Levi Boulter, algumas cadeiras

antigas, e a Tia Mary Shaw nos emprestará sua cristaleira com portas de vidro. Presumo que Marilla nos deixará usar seu castiçal de bronze? E queremos todos os pratos antigos que conseguirmos. A senhora Allan deseja em especial um prato da verdadeira porcelana azul, se pudermos encontrar. Mas parece que ninguém tem um. Você sabe onde podemos encontrar um desses?

– A senhorita Josephine Barry tem um. Escreverei a ela pedindo que empreste para a ocasião – disse Anne.

– Bem, eu gostaria que você fizesse isso. Creio que o jantar será daqui a uns quinze dias. Tio Abe Andrews está profetizando chuvas e tempestades para a época, e isso é sinal certo de que teremos bom tempo.

Deve-se mencionar que o tal “Tio Abe” não era diferente dos outros profetas, no sentido de não receber muitas honras em sua própria terra natal. Ele era, na verdade, considerado uma piada ambulante, pois poucas de suas previsões meteorológicas haviam se concretizado. O senhor Elisha Wright, que se esforçava para passar a impressão de ser o sabichão local, costumava dizer que ninguém em Avonlea jamais pensou em consultar os jornais de Charlottetown para saber a previsão do tempo. Não. Eles só perguntavam ao Tio Abe como estaria o tempo amanhã e esperavam o contrário. Sem deixar-se abalar, ele continuava profetizando.

– Queremos que a feira aconteça antes das eleições – continuou a senhora Lynde –, pois os candidatos certamente virão e gastarão muito dinheiro. Os Tories estão comprando votos a torto e a direito, então daremos a eles a chance de gastar seu dinheiro de forma honesta, pelo menos uma vez.

Anne era uma conservadora ferrenha em sua lealdade à memória de Matthew, mas não quis dizer nada. Sabia que era melhor não tocar no assunto de política com a senhora Lynde. Anne levava uma carta para Marilla, cujo selo era da cidade de British Columbia.

– Provavelmente é do tio das crianças – disse ela com animação quando chegou em casa. – Oh, Marilla, o que será que ele disse sobre os dois?

– O melhor seria abrir a carta e descobrir – foi a resposta seca de Marilla. Um observador mais cuidadoso teria percebido que ela também estava entusiasmada, mas Marilla preferia morrer a demonstrar suas emoções.

Anne rasgou o envelope e deu uma olhada no conteúdo mal escrito e desalinhado da carta.

– Ele diz que não pode ficar com os sobrinhos nesta primavera... Que passou a maior parte do inverno doente e que o casamento foi adiado. Ele

quer saber se podemos ficar com os dois até o outono, e então ele tentará tomar conta deles. Claro que iremos, não é mesmo, Marilla?

– Não vejo nenhuma alternativa – disse Marilla, um tanto austera, apesar de sentir um alívio secreto. – De qualquer modo, agora eles já não são tão inconvenientes quanto eram antes... ou fomos nós que nos acostumamos a eles. Davy melhorou um bocado.

– Os modos dele estão, certamente, bem melhores – respondeu Anne, com cautela, como se não estivesse preparada para afirmar o mesmo sobre a moral do menino.

Na noite anterior, Marilla estava na reunião da Sociedade Assistencial quando Anne chegara da escola. Dora havia adormecido no sofá da cozinha, e Davy estava no armário da sala, engolindo prazerosamente o conteúdo de um vidro da famosa conserva de ameixa amarela de Marilla. A “compota das visitas”, como Davy a chamava, que ele fora proibido de tocar. O garoto parecia muito culpado quando Anne o surpreendeu e o arrancou de dentro do armário.

– Davy Keith, não sabe que isso que está fazendo é um erro muito grave, sendo que você foi avisado para não tocar em nada naquele armário?

– Sim, eu sabia que era errado – admitiu ele, incomodado –, mas doce de ameixa é terrivelmente delicioso, Anne. Eu só dei uma espiadinha, e parecia tão gostoso que eu resolvi provar só um pouquinho. Enfiei meu dedo no pote... – Anne soltou um gemido – ... E o lambi. E o doce estava tão mais gostoso do que eu tinha imaginado que peguei uma colher e simplesmente me fartei!

Anne deu um sermão tão sério sobre o pecado de roubar compota de ameixas que Davy ficou com a consciência pesada. Com beijos de arrependimento, ele prometeu nunca mais fazer isso.

– De qualquer forma, vai ter muita compota no céu, e isso é um conforto – comentou ele, satisfeito.

Anne refreou um sorriso a tempo.

– Talvez... Se assim desejarmos – disse ela. – Mas o que o faz pensar assim?

– Ora, está no catecismo.

– Oh, não, não há nada assim no catecismo, Davy.

– Pois eu digo que há – persistiu ele. – Estava naquela questão que Marilla me explicou no domingo passado: “Por que devemos amar a Deus?”, e a

resposta era: “Porque Ele conserva, e nos liberta.” E “conserva” é só uma forma sagrada de dizer compota.

– Preciso de um copo d’água – disse Anne de súbito. Quando voltou, levou certo tempo e trabalho para explicar a Davy que algumas palavras possuem mais de uma forma de interpretação, e que aquela tinha um significado bem diferente do que ele imaginara.

– Bom, eu pensei mesmo que era bom demais para ser verdade – concluiu, por fim, com um convicto suspiro de decepção. – E, além disso, não creio que Ele tenha tempo de fazer compota, mesmo que em um sábado infinito, como diz o hino. Eu não sei se quero ir para o céu. Não vai ter sábados comuns no céu, Anne?

– Sim, sábados e todos os tipos de dias belos. E cada dia no céu será mais belo do que o anterior, Davy – assegurou Anne, contente por Marilla não estar ali para ficar chocada. Nem é preciso dizer que Marilla estava educando os gêmeos segundo o bom e velho sistema teológico, e desencorajava toda e qualquer especulação fantasiosa sobre o assunto. Ela ensinava a Dora e Davy um hino, uma lição de catecismo e dois versos da Bíblia todos os domingos. A menina aprendia docilmente e recitava como uma maquininha, talvez até com a mesma compreensão e interesse de uma verdadeira máquina. Davy, por outro lado, possuía uma viva curiosidade, e frequentemente questionava coisas que faziam Marilla temer por seu futuro.

– Chester Sloane disse que não faremos outra coisa no Céu além de andar em longas vestimentas brancas e tocar harpas, e que ele espera não ter que ir para lá até que esteja velho, pois, assim, pode ser que ele até goste. E ele acha que vai ser horrível ter que usar vestidos, e eu também acho. Por que os anjos homens não podem usar calças, Anne? Chester Sloane tem interesse nestas coisas porque querem que ele seja ministro. Ele tem que se tornar um ministro, porque a avó dele deixou dinheiro para mandá-lo para a universidade, e ele não receberá nada se não se tornar um ministro. Ela acha que é muito respeitável ter um ministro na família. Chester falou que não se importa muito... Que preferia ser um ferreiro... Mas que está determinado a se divertir o máximo que puder antes de começar a estudar, pois ele acha que não será possível se divertir depois. Eu não vou ser um ministro. Quero ser dono de loja, como o senhor Blair, e que tem um montão de balas e bananas! Mas gostaria de ir para o seu tipo de céu, se me deixassem tocar uma gaita de boca em vez de uma harpa. Você acha que deixarão?

– Sim, creio que deixariam, se você quiser. – Foi tudo que Anne pôde dizer sem rir.

Os membros da Sociedade de Melhorias de Avonlea se reuniram na casa de Harmon Andrews naquela noite e a presença de todos foi exigida, visto que tinham assuntos importantes a tratar. A SMA estava indo de vento em popa e já havia realizado maravilhas. No início da primavera, o senhor Major Spencer havia cumprido sua promessa e retirado os troncos, nivelado o solo e plantado grama por toda a estrada em frente à sua fazenda. Uma dezena de outros senhores, alguns impulsionados pela determinação de não deixar Spencer ficar à frente deles, outros estimulados por Melhoradores que eram da família, seguiram seu exemplo. Os resultados foram longas faixas de relva aveludada onde um dia existira somente um mato feio. As fachadas das fazendas que não tinham sido arrumadas pareciam tão mal cuidadas, em comparação, que seus proprietários ficaram secretamente envergonhados e foram impulsionados a pensar no que poderiam fazer na próxima primavera. O terreno triangular no cruzamento das três estradas também havia sido limpo e semeado, e o canteiro de gerânios de Anne, que não fora danificado por nenhuma vaca invasora, já estava pronto no centro.

De maneira geral, os Melhoradores achavam que tudo estava indo bem, mesmo depois que o senhor Levi Boulter, que fora abordado taticamente por um seletor comitê sobre a velha casa na parte elevada de sua fazenda, deixou claro que não iria demolir a construção.

Nesta reunião especial, a sociedade pretendia elaborar uma petição aos administradores da escola, pedindo humildemente que uma cerca fosse colocada ao redor do terreno da escola; eles também precisavam discutir a ideia de plantar algumas árvores ornamentais ao lado da igreja, se os recursos da sociedade permitissem... Pois, como disse Anne, de nada adiantava angariar novos donativos se o Salão de Avonlea fosse continuar azul. Os membros estavam reunidos na sala de visitas dos Andrews e Jane já estava de pé, preparando-se para nomear um comitê com o intuito de descobrir onde encontrar as ditas árvores e o preço das mudas, quando Gertie Pye fez sua entrada, com um penteado pompadour e elegantemente vestida. Gertie tinha o hábito de se atrasar para “fazer uma entrada mais impressionante”, diziam as más-línguas. A entrada da moça certamente teve o efeito desejado, pois ela se deteve dramaticamente no meio do cômodo, ergueu as mãos, revirou os olhos e exclamou:

– Acabei de ouvir algo extremamente ruim. O que vocês ACHAM que é? O senhor Judson Parker VAI ALUGAR TODA A CERCA DE SUA FAZENDA QUE FAZ LIMITE COM A ESTRADA DE NEWBRIDGE PARA UMA COMPANHIA FARMACÊUTICA FAZER ANÚNCIOS!

Pela primeira vez na vida, Gertie Pye causou a comoção que tanto desejava. Ela não teria tido uma reação melhor nem se tivesse lançado uma bomba entre os complacentes Melhoradores.

– Não pode ser verdade! – disse Anne, atônita.

– Foi exatamente o que eu disse, sabe – disse Gertie, desfrutando imensamente do momento. – Eu disse que não podia ser verdade... Que Judson Parker não teria coragem de fazer isso. Mas meu pai o encontrou nesta tarde e perguntou se era verdade, e ele confirmou. Imaginem só! A fazenda dele fica justamente na estrada que vai para Newbridge, e vai ser horrível ver propagandas de comprimidos e emplastros ao longo dela, não concordam?

Os Melhoradores concordavam, e muito. Até mesmo os menos imaginativos conseguiram imaginar o efeito grotesco de meia milha de cerca de tábuas adornada com tais anúncios. Todos os pensamentos sobre a igreja e a escola desapareceram diante deste novo perigo. Regras parlamentares e regulamentos foram esquecidos, e Anne, em desespero, desistiu de tomar notas em sua ata. Todos falavam ao mesmo tempo, e o medo dava tom ao burburinho.

– Oh, vamos manter a calma e tentar pensar em algum jeito de impedir que isso aconteça! – implorou Anne, que era a mais emocionada de todos.

– Não sei como vamos impedi-lo! – exclamou Jane com amargura.

– Todos sabem como Judson Parker é. Ele faria qualquer coisa por dinheiro. Ele não tem nenhuma centelha de espírito comunitário, e nenhum senso de beleza.

A perspectiva parecia pouco promissora. Judson Parker e sua irmã eram os únicos Parkers em Avonlea, de modo que não teriam a vantagem das conexões familiares. Martha Parker era uma dama de certa idade, que desaprovava os jovens em geral, e os Melhoradores em específico. Judson era um homem jovial e de fala mansa, de tão bom caráter e gentileza que era surpreendente que tivesse tão poucos amigos. Talvez ele tivesse se dado bem em vários negócios, o que raramente torna uma pessoa popular. Tinha a reputação de ser muito astuto, e a opinião popular era que “não tinha muitos princípios”.

– Se Judson Parker tiver uma chance de “ganhar um dinheiro honesto”, como ele mesmo diz, nunca a deixará escapar – declarou Fred Wright.

– Não tem ninguém que tenha influência sobre ele? – perguntou Anne, desesperadamente.

– Ele vai até White Sands para ver Louisa Spencer – sugeriu Carrie Sloane. – Talvez ela possa persuadi-lo a não alugar as cercas.

– Não ela – respondeu Gilbert enfaticamente. – Conheço bem Louisa Spencer. Ela não acredita em sociedades de melhorias dos vilarejos, mas em dólares e centavos. É mais provável que ela o encoraje a alugar.

– A única coisa a fazer é eleger uma comissão para prestar-lhe uma visita e tentar persuadi-lo – propôs Julia Bell. – E devemos enviar moças, porque ele dificilmente será educado com os rapazes... Mas eu não irei, então não é necessário que me nomeiem.

– Melhor enviar a Anne sozinha – disse Oliver Sloane. – Se existe alguém capaz de lidar com Judson, essa pessoa é ela.

Anne protestou. Estava disposta a ir e conversar, mas queria os outros consigo para “apoio moral”. Assim, Diana e Jane foram nomeadas para isso, e os Melhoradores se dispersaram, zumbindo como abelhas indignadas. Anne estava tão preocupada que só conseguiu pregar os olhos quando já era quase de manhã, e então sonhou que os administradores haviam colocado uma cerca ao redor da escola e pintado “Experimente as pílulas roxas” em toda a sua extensão.

O comitê visitou Judson Parker na tarde do dia seguinte. Anne advogou eloquentemente contra seu nefasto desígnio, e Jane e Diana a apoiaram moral e bravamente. Judson foi polido, agradável, lisonjeiro; fez-lhes alguns elogios sobre a delicadeza dos girassóis, e afirmou sentir-se realmente mal por dizer não a moças tão encantadoras... Que negócios eram negócios, e ele não podia deixar que o sentimentalismo ficasse em seu caminho em tempos tão difíceis.

– Mas vou dizer o que farei – ele disse, com um brilho nos grandes olhos claros. – Direi ao agente que use apenas cores bonitas e de bom gosto... Vermelho e amarelo, entre outras. E o instruirei a nunca pintar os anúncios em *azul*.

O derrotado comitê se retirou, pensando coisas impróprias para serem proferidas.

– Nós fizemos tudo o que era possível, e devemos simplesmente confiar o restante à Providência – disse Jane, imitando inconscientemente o tom e os

gestos da senhora Lynde.

– Talvez o senhor Allan possa fazer alguma coisa – refletiu Diana.

Anne balançou a cabeça, negativamente.

– Não, não vale a pena incomodar o senhor Allan, ainda mais agora que o bebê está tão doente. Judson iria deslizar por entre os argumentos dele com a mesma eloquência quanto usou conosco, se bem que ele começou a frequentar a igreja com certa regularidade nos últimos tempos. Mas só porque o pai de Louisa Spencer é idoso e muito específico sobre estes assuntos.

– Judson Parker é o único homem em Avonlea que sonharia em alugar suas cercas – disse Jane, indignada. – Nem mesmo Levi Boulter ou Lorenzo White fariam uma coisa dessas, avarentos como são. Eles pensariam primeiro na opinião pública.

A opinião pública certamente foi para cima de Judson Parker quando os fatos se tornaram conhecidos, mas isso não ajudou muito. Judson ria sozinho e desafiava a todos, e os Melhoradores estavam tentando aceitar a ideia de ver a parte mais bonita da estrada de Newbridge desfigurada por propagandas quando, na reunião seguinte da Sociedade de Melhorias, Anne levantou-se tranquilamente ao chamado do presidente para os relatórios dos comitês e anunciou que o senhor Judson Parker a havia instruído para que informasse à Sociedade que ele não ia mais alugar as cercas para a companhia farmacêutica.

Jane e Diana se entreolharam como se não acreditassem no que tinham ouvido. A etiqueta parlamentar, que era estritamente respeitada na Sociedade, os impediu de dar voz à curiosidade naquele mesmo instante; porém, após a reunião, Anne foi assediada em busca de explicações. A jovem não tinha nenhuma explicação a dar. Na véspera, ao entardecer, Judson Parker a alcançara na estrada e dissera que havia decidido solidarizar-se com a SMA em seu ódio peculiar contra os anúncios da companhia farmacêutica. Foi tudo que Anne disse, naquele momento ou depois, e era a simples verdade. No entanto, quando Jane Andrews, no caminho para casa, confiou a Oliver Sloane sua firme convicção de que havia mais por trás da misteriosa mudança de opinião de Judson Parker do que Anne Shirley tinha revelado, ela também falou a verdade.

Na tarde anterior, Anne tinha ido até a casa da velha senhora Irving pela estrada à beira-mar, e regressara por um atalho que a levou primeiro aos campos baixos da costa e depois a um bosque de faias depois da propriedade

de Robert Dickson, por uma pequena trilha que seguia até a estrada principal logo acima da Lagoa das Águas Brilhantes, mais conhecida pelas pessoas sem imaginação como Barry's Pond.

Sentados em duas charretes ao lado da estrada, paradas junto à entrada do caminho, estavam dois homens. Um deles era Judson Parker; o outro era Jerry Corcoran, um homem de Newbridge contra quem, como a senhora Lynde teria dito com eloquente ênfase, nada suspeito jamais foi provado. Ele era um comerciante de implementos agrícolas e uma pessoa proeminente nos assuntos de política. Ele tinha um dedo... Algumas pessoas diriam todos os dedos... Em cada torta política que era assada e, visto que o Canadá estava nas vésperas das eleições gerais, Jerry Corcoran estivera ocupado nas últimas semanas, percorrendo toda a região em nome do candidato de seu partido. No momento em que Anne emergia por debaixo dos ramos de faia, ouviu Corcoran dizer:

– Se for votar no Amesbury, Parker... Bem, tenho a promissória daquele par de ancinhos que você comprou na primavera. Creio que você não se importaria de tê-la de volta, hein?

– B... Bem, já que você coloca desta maneira – respondeu Judson de maneira estudada, com sorrisinho –, acho que farei assim. Um homem deve cuidar de seus próprios interesses nestes tempos difíceis.

Foi então que ambos perceberam a presença de Anne, e a conversa cessou abruptamente. Ela inclinou a cabeça, saudando-os com frieza, e seguiu adiante, com o queixo um pouco mais empinado do que o usual. Logo, Judson Parker a alcançou.

– Quer uma carona, Anne? – ofereceu, cordialmente.

– Não, obrigada – respondeu ela educadamente, mas com um tom afiado e quase imperceptível de desdém que foi percebido até mesmo pela consciência não tão sensível de Judson Parker. Seu rosto se avermelhou e ele puxou as rédeas com irritação; no instante seguinte, porém, certas considerações prudentes o alcançaram. Incomodado, Judson observou Anne, que caminhava sem olhar para a direita nem para a esquerda. Teria ela ouvido a oferta inequívoca de Corcoran e sua clara e evidente aceitação? Maldito Corcoran! Se ele não conseguisse falar o que pretendia com frases menos perigosas, iria acabar tendo problemas mais cedo ou mais tarde. E a maldita professorinha ruiva, com o hábito de surgir de repente dos bosques de faias onde não era chamada! Se Anne tivesse ouvido, Judson Parker, julgando os outros por si mesmo, como diziam as pessoas do campo, e

enganando-se ao julgá-las, como as pessoas geralmente faziam, acreditava que a moça contaria tudo aos quatro ventos. Ora, Judson Parker, como já se havia percebido, não dava ouvidos à opinião pública; mas ser conhecido como alguém que aceitara suborno seria terrível, e se isso chegasse aos ouvidos de Isaac Spencer, ele poderia dar adeus para sempre à esperança de conquistar Louisa Jane, com seu confortável futuro como herdeira de um próspero fazendeiro. Judson Parker sabia que o senhor Spencer o encarava com certa desconfiança, de modo que não poderia correr nenhum risco.

– Aham... Anne, eu esperava encontrá-la para tratarmos daquele probleminha sobre o qual nós conversamos no outro dia. Decidi não alugar minhas cercas para aquela companhia, afinal. Uma sociedade com um objetivo como a de vocês precisa ser encorajada.

Anne relaxou um pouco.

– Obrigada.

– E... e... Você não precisa mencionar aquela minha conversinha com Jerry.

– Eu não tinha nenhuma intenção de fazer isso, de qualquer maneira – respondeu ela com frieza, pois teria preferido ver todas as cercas de Avonlea pintadas com anúncios a ter de negociar com um homem capaz de vender seu voto.

– Muito bem... Muito bem – concordou Judson, imaginando que se entendiam maravilhosamente bem. – Não pensei que iria. É claro que eu só estava levando Jerry na conversa fiada... Ele se acha tão malandro e esperto! Não tenho nenhuma intenção de votar no Amesbury. Votarei no Grant, como sempre fiz... Você verá, quando vierem as eleições. Só concordei com Jerry para ver se ele se comprometia. E está tudo decidido sobre a cerca... pode dizer isso aos Melhoradores.

– São necessários todos os tipos de pessoas para formar o mundo, como ouço com frequência, mas acho que poderíamos dispensar alguns deles – disse Anne ao seu reflexo naquela noite, no espelho do quartinho do lado leste. – Eu não conseguiria mencionar esta desgraça a alma nenhuma, de jeito nenhum; assim, minha consciência está limpa a respeito disso. Realmente não sei a quem ou a que agradecer por isso... Eu não fiz nada para consegui-lo, e é difícil acreditar que a Providência empregue medidas políticas iguais às que usam homens como Judson Parker e Jerry Corcoran.



O INÍCIO DAS FÉRIAS

Anne trancou a porta da escola em um entardecer tranquilo e dourado. Os ventos murmuravam entre os abetos vermelhos ao redor do pátio e as sombras alongavam-se, preguiçosas, nos limites dos bosques. Ela guardou a chave no bolso com um suspiro de satisfação. O ano escolar havia terminado e ela fora nomeada novamente para o ano seguinte, com muitas expressões de satisfação... Apenas o senhor Harmon Andrews disse-lhe que deveria usar o açoite com mais frequência... E dois meses de férias bem merecidas lhe acenavam convidativamente. Anne sentia-se em paz com o mundo e consigo mesma, ao descer a colina com uma cesta de flores na mão. Desde que começaram a brotar as flores de maio, Anne não deixara de fazer sua visita semanal ao túmulo de Matthew nem uma vez. Todos os habitantes de Avonlea, exceto Marilla, já haviam esquecido o quieto, tímido e pouco importante Matthew Cuthbert; mas sua memória permanecia viva no coração de Anne e assim sempre seria. Ela jamais se esqueceria do senhor gentil que foi o primeiro a dar o amor e a compaixão que sua infância negligenciada tanto precisava.

No sopé da colina, um menino estava sentado na cerca, à sombra dos abetos... Um menino com grandes olhos sonhadores e um rosto bonito e delicado. Ele desceu e se juntou a Anne, sorrindo; mas havia sinais de lágrimas em suas bochechas.

– Achei que poderia esperar pela senhorita, professora, pois eu sabia que estava indo para o cemitério – ele disse, segurando sua mão. – Também estou indo para lá... estou levando este buquê de gerânios para colocar no túmulo do meu avô Irving, em nome da minha avó. E olhe, professora, vou colocar este buquê de rosas brancas ao lado do túmulo do vovô, em memória da minha mãezinha... Pois não posso ir até o túmulo dela. Mas a senhorita acha que ela vai saber mesmo assim?

– Sim, tenho certeza que vai, Paul.

– Sabe, professora, hoje faz três anos que a minha mãezinha faleceu. Faz muito, muito tempo, mas dói tanto quanto antes... E sinto falta dela tanto quanto antes. Algumas vezes parece que não conseguirei suportar, dói tanto!

A voz de Paul fraquejou, e seus lábios tremeram. Ele olhou para as rosas, na esperança de que a professora não percebesse suas lágrimas.

– E, ainda assim, você gostaria que não parasse de doer... – disse Anne, muito suavemente – Você não gostaria de esquecer sua mãezinha, mesmo que pudesse.

– Não, certamente que não... É exatamente assim que me sinto. A senhorita é tão boa para compreender, professora. Ninguém mais entende tão bem... nem mesmo a vovó, que é tão boa comigo. Meu pai entende muito bem, mas não posso falar muito com ele sobre a mamãe, pois isso faz com que ele se sinta tão mal... Quando ele cobre o rosto com a mão, eu já sei que é hora de parar. Pobre papai, ele deve sentir-se extremamente solitário sem mim; mas, sabe, ele não tem ninguém além de uma governanta, e ele acha que as governantas não são boas para educar menininhos, especialmente agora que ele precisa ficar tanto tempo fora de casa a trabalho. As avós são as melhores, depois das mães. Um dia, quando tiver crescido, eu voltarei a morar com meu pai e nós nunca mais ficaremos distantes.

Paul havia falado tanto com Anne sobre sua mãe e seu pai, que ela sentia como se já os conhecesse. Tinha a impressão de que a mãe deveria ter tido o mesmo temperamento e disposição do menino e imaginava que Stephen Irving fosse um homem meio reservado, com uma natureza profunda e terna que mantinha escrupulosamente oculta do mundo.

– Papai não é muito fácil de se conhecer – Paul havia dito uma vez. – Eu mesmo não o conhecia de verdade até pouco tempo depois da morte da minha mãezinha. Mas ele é esplêndido quando se deixa conhecer. É a pessoa que mais amo no mundo, depois a vovó Irving e, então, a senhorita, professora. Eu a amaria mais, logo depois do papai, se não fosse meu dever amar mais a vovó Irving, porque ela está fazendo tanto por mim. A senhorita entende, professora. Mas eu gostaria que ela deixasse a lamparina acesa em meu quarto até que eu dormisse. Vovó a leva consigo assim que me coloca na cama, pois diz que não posso ser um covarde. Eu não tenho medo, mas preferia ficar com a lamparina. Minha mãezinha costumava sentar-se ao meu lado e segurar a minha mão até eu cair no sono. Acho que ela me mimava. As mães fazem isso às vezes, sabe...

Não, Anne não sabia disso, embora pudesse imaginar como era. Ela pensou tristemente em sua mãezinha, a mãe que pensava que ela era “perfeitamente linda” e que tinha morrido tanto tempo atrás e estava enterrada ao lado de seu jovem esposo, naquele túmulo distante que ninguém visitava. Anne não conseguia se lembrar da mãe e, por isso, quase chegava a invejar Paul.

– Meu aniversário é na semana que vem – disse Paul conforme subiam a longa colina vermelha, banhados pelos agradáveis raios do sol de junho –, e o papai escreveu dizendo que está me enviando algo que ele acha que vou amar mais do que tudo. Creio que já tenha chegado, pois a vovó trancou a gaveta da escrivaninha, e isso é novidade. E quando perguntei a ela o porquê, ela só me olhou misteriosamente e falou que “garotinhos não devem ser tão curiosos”. É muito emocionante fazer aniversário, não é? Eu completarei onze anos. Você não diria que tenho onze, não é mesmo? Vovó diz que sou muito pequeno para a minha idade porque não como mingau de aveia o bastante. Eu como o máximo que consigo, mas a vovó me serve pratos muito cheios... Posso garantir que a minha avó não é nem um pouco malvada. Desde que tivemos aquela conversa sobre as orações, voltando da Escola Dominical, professora... Quando a senhorita me disse que temos que orar por todas as nossas dificuldades... Eu pedi a Deus todas as noites que me concedesse a graça de ser capaz de comer cada gota do meu mingau pela manhã. Mas ainda não consegui fazer isso, e não sei se é porque recebi muito pouca graça ou muita quantidade de mingau. Vovó diz que o papai foi criado à base de mingau, e isso certamente funcionou para ele, pois a senhorita precisa ver os ombros que ele tem! No entanto, às vezes eu acho mesmo que o mingau vai ser a causa da minha morte – concluiu, suspirando, com um ar meditativo.

Anne permitiu-se um sorriso, pois Paul não estava olhando para ela. Toda Avonlea sabia que a velha senhora Irving estava criando o neto de acordo com os bons e velhos métodos de dieta e moral.

– Esperemos que não, querido – ela disse, com alegria. – Como vão suas pessoas de pedra? O gêmeo mais velho continua se comportando bem?

– Ele tem que se comportar bem! – respondeu Paul enfaticamente. – Ele sabe que não serei seu amigo, caso contrário. Acho que ele está mesmo cheio de perversidade.

– E Nora já descobriu sobre a Dama Dourada?

– Não, mas acho que ela suspeita. Estou quase certo de que ela me observou na última vez que fui até a caverna. Não me importo se ela descobrir... É para o bem dela que eu não quero que descubra... Pois sei que seus sentimentos ficarão magoados. Mas, se ela está determinada a ser magoada, não posso evitar.

– Se eu fosse até a costa com você uma noite dessas, acha que eu conseguiria ver as suas pessoas de pedra?

Paul balançou a cabeça com seriedade.

– Não, acho que a senhorita não conseguiria ver as minhas pessoas de pedra. Sou o único que pode vê-las. Mas a senhorita conseguiria ver as suas próprias pessoas de pedra. A senhorita é do tipo que consegue. Nós dois somos. A senhorita sabe disso, professora – acrescentou, apertando a mão de Anne como um bom amigo. – Não é esplêndido ser assim, professora?

– É esplêndido – concordou Anne, com seus brilhantes olhos acinzentados voltados para baixo, em sintonia com os radiantes olhos azuis do menino. Anne e Paul sabiam “quão belo é o reino cuja vista é aberta pela imaginação”, e ambos conheciam o caminho para a terra da felicidade. Ali, a rosa da alegria florescia, imortal, pelos pequenos vales e córregos; nuvens jamais escureciam o céu ensolarado; doces sinos nunca badalavam fora do tom; e almas gêmeas era o que não faltava. A localização dessa terra – “a leste do sol, oeste da lua” – é uma dádiva inestimável, que não pode ser comprada em nenhum lugar. Deve ser um presente das boas fadas ao nascer, que o tempo jamais conseguirá arruinar ou roubar. É preferível possuí-lo vivendo em um sótão a ser habitante de um palácio sem tê-lo.

O cemitério de Avonlea continuava sendo o campo solitário coberto de relva que sempre fora. Para falar a verdade, os Melhoradores estavam de olho nele, e Priscilla Grant tinha lido um relatório sobre os cemitérios na última reunião. Em algum momento, no futuro, os Melhoradores pretendiam substituir a velha cerca de madeira esquisita, que estava coberta de líquen, por uma boa cerca de arame, aparar a grama e endireitar os monumentos inclinados.

Anne pôs as flores que trouxera no túmulo de Matthew e, então, foi até o cantinho sob o álamo onde Hester Gray descansava. Desde o dia do piquenique, na primavera, Anne sempre colocava flores no túmulo da moça quando visitava o de Matthew. Na tarde anterior, ela voltara sozinha até o deserto jardinzinho no bosque e colhera algumas das rosas brancas de Hester.

– Achei que iria gostar mais destas do que de qualquer outra, querida – disse, suavemente.

Anne ainda estava ali, sentada, quando viu uma sombra na relva ao seu lado. Ela ergueu os olhos e viu que era a senhora Allan. As duas voltaram juntas para casa.

A senhora Allan já não era mais a jovem noiva que o ministro trouxera para Avonlea, cinco anos atrás. Ela havia perdido um pouco do frescor da beleza e das curvas juvenis, e linhas finas e pacientes podiam ser vistas ao redor dos olhos e da boca. Um túmulo pequenino naquele mesmo cemitério era responsável por algumas delas, enquanto as mais novas haviam surgido durante a recente enfermidade de seu filhinho, que felizmente já recobrou a saúde. Mas suas covinhas continuavam tão doces e peculiares como sempre foram, assim como seus olhos claros, iluminados e sinceros; e o que faltava de beleza juvenil em seu rosto era mais do que compensado por uma grande ternura e força.

– Presumo que você esteja ansiosa pelas férias, não é, Anne? – perguntou, ao deixarem o cemitério.

Anne assentiu, inclinando a cabeça.

– Sim... Posso saborear a palavra como um pedacinho de doce sob a língua. Acho que o verão será adorável! Em parte porque a senhora Morgan virá para a Ilha em julho, e Priscilla irá trazê-la aqui. Sinto um dos meus antigos “arrepios” só de pensar!

– Espero que se divirta, Anne. Você trabalhou duro no último ano e se saiu muito bem.

– Ah, não sei. Deixei a desejar em tantas coisas! Não fiz o que tinha prometido fazer no último outono, quando comecei a lecionar. Não tenho vivido de acordo com os meus ideais.

– Nenhum de nós consegue – comentou a senhora Allan, com um suspiro. – Mas você sabe o que Lowell diz, Anne: “Fracassar não é crime, mas sim ter pouca ambição”. Devemos ter ideais e tratar de viver de acordo com eles, mesmo que nem sempre tenhamos êxito. A vida seria uma lástima sem eles. E, com eles, grande e magnífica. Mantenha-se firme em seus ideais, Anne.

– Vou tentar. Mas preciso abandonar a maioria das minhas teorias – disse Anne, rindo um pouco. – Eu tinha a mais bela coleção de teorias que se possa imaginar quando comecei a dar aulas, mas cada uma delas provou-se errada, de um jeito ou de outro.

– Até a teoria do castigo corporal – brincou a senhora Allan.

Mas Anne enrubesceu.

– Nunca me perdoarei por ter castigado Anthony.

– Que bobagem, querida. Ele mereceu. E era o que ele precisava. Você não teve problemas com o garoto desde então e, agora, ele pensa que não existe outra como você. Sua bondade conquistou o afeto dele, depois que a ideia de que “uma moça não serve para ser professora” foi arrancada daquela cabeça dura.

– Ele pode até ter merecido, mas esta não é a questão. Se eu tivesse decidido de forma calma e deliberada açoitá-lo, por considerar que esta é uma punição justa, eu não estaria me sentindo assim. Mas a verdade, senhora Allan, é que me enfureci e foi por isso que bati no menino. Não pensei se era justo ou injusto... Mesmo se ele não merecesse, eu teria feito do mesmo jeito. É isso que me chateia.

– Bem, todos nós cometemos erros, querida... então, deixe isso para lá. Devemos nos arrepender dos erros e aprender com eles, mas nunca carregá-los conosco para o futuro. Lá vai Gilbert Blythe em sua bicicleta... Deve estar de férias, também. Como estão indo os estudos?

– Muito bem. Planejamos terminar o Virgílio esta noite... Faltam somente vinte linhas. Depois, não estudaremos mais até setembro.

– Você pensa em ir para a universidade algum dia?

– Ah, não sei – Anne olhou, sonhadora, para o horizonte pintado de opala.

– Os olhos de Marilla nunca ficarão melhores do que estão, apesar de estarmos gratas por saber que não ficarão piores. E temos também os gêmeos... Na verdade, eu não acredito que o tio mandará buscá-los. Talvez a universidade esteja logo depois da curva no caminho, mas eu ainda não cheguei lá. E eu não penso muito no assunto, para não ficar descontente.

– Bem, eu adoraria que você fosse para a universidade, Anne. Mas, se você nunca for, não fique triste. Afinal, nós construímos nossa vida onde quer que estejamos... A universidade só nos ajuda a tornar as coisas mais fáceis. A vida pode ser ampla ou pequena, de acordo com o que colocamos nela, e não com o que obtemos. A vida é rica e plena aqui... E em qualquer outro lugar... Se soubermos abrir nosso coração para sua riqueza e plenitude.

– Acho que entendo o que a senhora quer dizer – disse Anne, pensativa – e sei que tenho tanto a agradecer... oh, tanto... Pelo meu trabalho, por Paul Irving, os queridos gêmeos e todos os meus amigos. Sabe, senhora Allan, sou muito grata às amigadas. Elas embelezam tanto a vida!

– De fato, a verdadeira amizade é algo muito reconfortante, pela qual devemos ter grande consideração, sem nunca maculá-la por causa de alguma falha, seja na autenticidade ou na sinceridade. Temo que a palavra amizade seja frequentemente degradada a um tipo de intimidade que não tem nada a ver com a verdadeira amizade.

– Sim... como a de Gertie Pye e Julia Bell. Elas são muito íntimas e vão juntas a todos os lugares, mas Gertie está sempre dizendo coisas desagradáveis sobre Julia pelas costas, e todos pensam que ela sente inveja, pois fica bastante satisfeita quando alguém a critica. Creio que seja um pecado chamar isso de amizade. Se temos amigos, devemos ver somente o que há de melhor neles e dar-lhes o nosso melhor, a senhora não acha? Dessa maneira, a amizade seria a coisa mais bela do mundo.

– A amizade é muito bela – sorriu a senhora Allan –, mas algum dia...

Então ela se deteve, repentinamente. No delicado rosto pálido ao seu lado, com os olhos cândidos e traços expressivos, havia ainda muito mais de menina do que de mulher. O coração de Anne ainda abrigava apenas os sonhos da amizade e da ambição, e a senhora Allan não queria varrer as flores de sua doce inocência. Assim, deixou que sua frase fosse completada pelos anos futuros.



A ESSÊNCIA DAS COISAS ESPERADAS

– Anne! – chamou Davy, enquanto subia no lustroso sofá de couro na cozinha de Green Gables, onde Anne estava sentada, lendo uma carta. – Anne, estou com uma fome terrível. Você nem imagina!

– Vou lhe dar uma fatia de pão com manteiga em um minuto – respondeu, distraída. A carta evidentemente continha notícias empolgantes, pois as bochechas dela estavam da cor das rosas do grande arbusto lá fora, e seus olhos cintilavam de uma forma que só os olhos de Anne eram capazes.

– Mas não é uma fome de pão com manteiga – replicou ele, em tom desgostoso. – É fome de bolo de ameixa!

– Ah! – riu Anne, deixando a carta de lado para abraçar Davy com força. – Esse é um tipo de fome que pode ser suportado muito confortavelmente, menino. Você sabe que uma das regras de Marilla é não comer nada além de pão com manteiga entre as refeições.

– Bom, me dê uma fatia, então... por favor.

Davy havia, finalmente, aprendido a dizer “por favor”, ainda que o acrescentasse como uma reflexão tardia, na maioria das vezes. Ele olhou com aprovação para a generosa fatia que Anne lhe trouxe.

– Você sempre coloca bastante manteiga, Anne. Marilla sempre coloca bem pouquinho. O pão escorrega muito mais fácil quando tem um montão de manteiga!

A fatia “escorregou” com razoável facilidade, a julgar por seu rápido desaparecimento. Davy desceu de cabeça do sofá, deu duas cambalhotas no tapete e então sentou-se e anunciou com propriedade:

– Anne, estou decidido sobre o céu. Não quero ir para lá.

– Por que não? – ela perguntou, séria.

– Porque o céu fica no sótão do Simon Fletcher, e eu não gosto do Simon Fletcher.

– No... sótão de Simon Fletcher? – repetiu Anne, perplexa demais até mesmo para rir. – Davy Keith, quem colocou uma ideia tão extraordinária na sua cabeça?

– Milty Boulter disse que o céu fica lá. Foi no último domingo, na Escola Dominical. A lição era sobre Elias e Eliseu, e eu me levantei e perguntei à senhorita Rogerson onde ficava o céu. Ela ficou muito ofendida! Ela já estava irritada, de qualquer forma, pois quando nos perguntou o que Elias deixou para Eliseu quando foi para o céu, Milty Boulter respondeu: “suas roupas velhas”, e todos nós rimos antes de pensar. Queria ser capaz de pensar primeiro e agir depois, pois dessa forma eu nem agiria. Mas Milty não queria ser desrespeitoso. Ele só não consegue pensar no nome das coisas. A senhorita Rogerson me respondeu que o céu é onde Deus está, e que eu não devia fazer esse tipo de pergunta. Milty me cutucou e sussurrou: “O céu fica no sótão do meu tio Simon, e eu vou explicar tudo no caminho de casa.” Então, quando estávamos voltando, ele me explicou. Milty tem jeito para explicar as coisas. Mesmo quando não sabe nada sobre um assunto, ele inventa um monte de coisas, e daí você recebe a explicação de qualquer maneira. A mãe dele é irmã da senhora Simon, e ele a acompanhou ao funeral de sua prima Jane Ellen. O ministro falou que a menina tinha ido para o céu, mas Milty disse que ela estava deitada no caixão, bem na frente deles. Mas ele acha que carregaram o caixão para o sótão depois. Bom, quando Milty e a mãe dele subiram as escadas para pegar o chapéu dela, depois que tudo terminou, ele perguntou onde fica o Céu para onde Jane Ellen tinha ido, e a mãe dele apontou exatamente para o teto e disse: “Lá em cima.” Milty sabia que não existia nada além do sótão em cima do teto, então foi assim que ele descobriu. E desde aquele dia, ele está com um medo danado de ir à casa do tio Simon.

Anne pôs Davy sentado em seu colo e fez o melhor que pôde para desembaraçar aquele nó teológico. Ela tinha muito mais preparo para essa tarefa do que Marilla, pois recordava sua própria infância e tinha uma instintiva compreensão das ideias curiosas que uma criança de sete anos tem sobre assuntos que são, obviamente, muito claros e simples para os adultos. Ela havia acabado de ter êxito ao convencer Davy de que o céu não ficava no sótão de Simon Fletcher quando Marilla voltou do jardim, onde ela e Dora estiveram colhendo ervilhas. Dora era uma alminha laboriosa e que sempre ficava contente ao “ajudar” em pequenas tarefas diversas, apropriadas para seus dedinhos gorduchos. Ela alimentava as galinhas,

colhia batatas, secava louças e levava recados. Era asseada, fiel e obediente; não era preciso lhe dizer duas vezes como fazer alguma coisa e nunca se esquecia de nenhum dos seus pequenos deveres. Davy, ao contrário, era descuidado e desatento, mas nascera com a inata virtude de se fazer amar, e Anne e Marilla o amavam mais.

Enquanto Dora descascava as ervilhas orgulhosamente e Davy fazia barquinhos com as cascas, com mastros feitos de fósforos e velas de papel, Anne informou Marilla sobre o maravilhoso conteúdo de sua carta.

– Oh, Marilla, o que você acha? Recebi uma carta da Priscilla, dizendo que a senhora Morgan está na Ilha e que, se fizer bom tempo na quinta-feira, elas virão até Avonlea, chegando aqui por volta do meio-dia. Elas passarão a tarde conosco e irão para o hotel em White Sands ao anoitecer, pois alguns amigos americanos da senhora Morgan estão hospedados lá. Ah, Marilla, não é maravilhoso? Mal posso acreditar que não estou sonhando!

– Atrevo-me a dizer que a senhora Morgan é igual a qualquer outra pessoa – respondeu Marilla, com secura, apesar de também sentir-se um pouco empolgada. A senhora Morgan era uma mulher famosa, e sua visita não seria uma ocorrência comum. – Virão para almoçar, então?

– Sim. Marilla, posso preparar todo o almoço sozinha? Quero sentir que posso fazer alguma coisa pela autora de *O Jardim dos Botões de Rosa*, mesmo que seja só preparar uma refeição. Você não vai se importar, não é?

– Por Deus, eu não gosto tanto assim de ficar diante do calor do fogão em julho, a ponto de ofender-me se outra pessoa o fizer! Você é mais do que bem-vinda para assumir o trabalho.

– Ah, obrigada! – disse Anne, como se Marilla tivesse feito um tremendo favor. – Decidirei o cardápio nesta noite!

– É melhor não tentar fazer receitas muito refinadas – advertiu Marilla, um pouco alarmada pelo som pomposo da palavra “cardápio” –, pois é provável que se arrependa depois.

– Ah, não farei nenhuma receita “refinada”, se isso significa preparar pratos que geralmente só fazemos em ocasiões festivas – garantiu Anne. – Isso seria presunção, e apesar de saber que não possuo o bom senso e a constância que uma garota de dezessete anos e professora deve ter, não sou tão tola assim. Mas quero que tudo esteja tão bonito e saboroso quanto possível. Davy, não deixe essas cascas de ervilha nas escadas... Alguém pode escorregar nelas. Farei uma sopa leve, para entrada... você sabe que eu consigo fazer uma adorável sopa cremosa de cebola... E, depois, dois frangos

assados. Serão os dois galos brancos. Tenho muita afeição por aqueles animais, são de estimação desde que a galinha cinza os chocou... Duas bolinhas de penugem amarelinha. Mas sei que terão que ser sacrificados algum dia, e certamente não poderia haver uma ocasião melhor do que esta. Mas, oh, Marilla, eu não posso matá-los... Nem mesmo em honra à senhora Morgan. Terei que pedir a John Henry Carter que venha e faça isso por mim.

– Eu farei – voluntariou-se Davy –, se Marilla os segurar pelas pernas, porque acho que vou precisar das duas mãos para segurar o machado. É terrivelmente engraçado ver esses bichos saltitando depois que a cabeça é cortada!

– Depois servirei ervilhas e feijões, purê de batata e salada de alface, – continuou Anne –, e para sobremesa, tortas de limão com merengue, café, queijo e biscoitos champanhe. Amanhã farei as tortas e os biscoitos, e ajustarei meu vestido de musselina branca. E preciso avisar Diana nesta noite, pois ela vai querer arrumar o dela. As heroínas da senhora Morgan estão quase sempre usando roupas de musselina branca, e Diana e eu decidimos que seria assim que nos vestiríamos se algum dia a conhecêssemos. Será uma delicada homenagem, não acha? Davy, querido, você não pode enfiar cascas de ervilha nos vãos do assoalho! Vou convidar o senhor e a senhora Allan para o almoço e também a senhorita Stacy, pois eles estavam muito ansiosos para conhecer a senhora Morgan. É uma sorte ela vir nos visitar enquanto a senhorita Stacy está aqui. Davy, querido, não ponha as cascas para navegar no balde d'água... vá brincar no cocho dos cavalos. Ah, espero que o tempo esteja bom na quinta-feira; acho que estará, pois quando Tio Abe foi ver o senhor Harrison, ontem à noite, falou que iria chover praticamente a semana inteira.

– Este é um bom sinal – concordou Marilla.

Ao cair da noite, Anne foi até Orchard Slope para contar as novidades a Diana, que também ficou muito empolgada. Elas discutiram o assunto sentadas no balanço debaixo do grande salgueiro no jardim dos Barry.

– Oh, Anne, posso ajudá-la a preparar o almoço? – implorou Diana. – Você sabe que eu faço uma esplêndida salada de alface.

– É claro que pode – assentiu Anne, com altruísmo. – E quero que me ajude a fazer a decoração. Quero que a sala de visitas fique simplesmente como um caramanchão florido... e a mesa do jantar será decorada com rosas silvestres. Oh, espero que tudo corra bem! As heroínas da senhora Morgan nunca se envolvem em confusão nem são pegas em desvantagem e são

sempre tão autoconfiantes e tão boas donas de casa! Elas parecem ter nascido com o dom de ser boas donas de casa. Você se lembra de que, em *Dias em Edgewood*, Gertrude cuidava da casa do pai quando tinha apenas oito anos de idade? Quando eu tinha oito anos, mal sabia fazer alguma coisa, exceto cuidar de crianças. A senhora Morgan deve ser uma sumidade em se tratando de meninas, tendo escrito tanto sobre o assunto, e eu quero muito que ela tenha uma boa impressão de nós. Já imaginei tudo de diferentes maneiras... Como ela é, o que dirá e o que eu direi. E estou tão nervosa sobre o meu nariz! Existem sete sardas, como você pode ver. Elas apareceram no piquenique da SMA, quando saí para o sol sem o meu chapéu. Creio que seja muita ingratidão me preocupar com elas, em vez de ser grata por não estarem espalhadas por todo o meu rosto, como um dia já estiveram. Mas eu queria muito que não tivessem aparecido... todas as heroínas da senhora Morgan possuem uma tez perfeita. Não me lembro de nenhuma com sardas.

– As suas sardas não são muito notáveis – confortou Diana. – Tente aplicar um pouco de suco de limão nelas hoje à noite.

No dia seguinte, Anne preparou as tortas e os biscoitos, ajustou o vestido, varreu e tirou o pó de todos os cômodos da casa... Um procedimento completamente desnecessário, pois, como de costume, Green Gables estava impecável, do jeito que agradava tanto o coração de Marilla. Mas Anne sentia que um único grão de poeira seria uma profanação na casa que teria a honra de receber a visita de Charlotte E. Morgan. Limpou até mesmo o armário de tranqueiras debaixo da escadaria, embora não houvesse a mais remota possibilidade da senhora Morgan ver seu interior.

– Quero sentir que tudo está em perfeita ordem, mesmo que não seja para ela ver – Anne explicou a Marilla. – Sabe, em seu livro *Chaves Douradas*, as heroínas, Alice e Louisa, tomaram como lema aquele verso de Longfellow:

“In the elder days of art
Builders wrought with greatest care
Each minute and unseen part,
For the gods see everywhere¹³”

– Por isso, elas sempre esfregavam as escadas do porão e nunca se esqueciam de varrer debaixo das camas. Eu ficaria com a consciência pesada se soubesse que o armário estava desordenado quando a senhora Morgan esteve aqui em casa. Desde que lemos *Chaves Douradas*, no mês de abril, Diana e eu também adotamos este verso como nosso lema.

Naquela noite, John Henry Carter e Davy conseguiram, juntos, executar os dois galos brancos, e Anne os preparou, sendo a tarefa geralmente desagradável glorificada perante seus olhos pelo destino das aves roliças.

– Não gosto de depenar frangos – disse Anne a Marilla –, mas não é quando não gostamos de algo que temos que nos concentrar no que as nossas mãos estão fazendo? Eu estava depenando os frangos com as mãos, mas minha imaginação estava vagando pela Via Láctea.

– Achei mesmo que você tinha espalhado mais penas pelo chão do que de costume – comentou Marilla.

Então, Anne colocou Davy na cama e fê-lo prometer que se comportaria perfeitamente no dia seguinte.

– Se o meu comportamento for o melhor possível durante todo o dia de amanhã, você vai me deixar ser tão traquinas quanto eu quiser depois de amanhã? – questionou Davy.

– Não posso fazer essa promessa – respondeu Anne, discretamente –, mas eu farei um passeio de barco com você e Dora e os levarei até a campina na outra margem da lagoa, e então desceremos as dunas de areia e faremos um piquenique.

– Trato feito! Pode apostar que eu vou ser bonzinho. Eu queria ir até a casa do senhor Harrison e atirar ervilhas em Ginger com minha nova espingarda de brinquedo, mas posso esperar até o outro dia. Acho que amanhã vai ser igual aos domingos, mas um piquenique na praia vai compensar por isso.

Em tradução livre: “Nos grandes dias da arte/ Construtores forjavam com sumo cuidado/ Cada diminuta e invisível parte/ Pois os deuses tudo veem”. (N. T.)



UM CAPÍTULO SOBRE ACIDENTES

Anne acordou três vezes durante a noite e peregrinou até a janela para certificar-se de que a previsão do Tio Abe não estava se confirmando. Finalmente raiou a alvorada, perolada e acetinada, em um céu cheio, prateado e esplendoroso. O magnífico dia tinha chegado.

Diana apareceu logo depois do café da manhã, com uma cesta de flores em um braço e o próprio vestido de musselina sobre o outro, pois ela não o usaria até que estivessem terminados os preparativos do almoço. Enquanto isso, ela usou um vestido rosa estampado e um avental de linho maravilhosamente cheio de babados e franjas. Ela estava muito bem arrumada, bonita e rosada.

– Você está simplesmente linda! – elogiou Anne, com admiração.

Diana suspirou.

– Tive que alargar todos os meus vestidos outra vez. Estou pesando quase dois quilos a mais do que pesava em julho! Anne, onde isso vai parar? As heroínas da senhora Morgan são todas altas e esbeltas.

– Bem, vamos esquecer nossas preocupações e pensar nas alegrias – disse Anne, alegremente. – A senhora Allan diz sempre que, se pensarmos em algo que nos preocupa, devemos pensar também em algo agradável que possa nos compensar. Se, por um lado, você está um pouco gordinha, por outro, tem as covinhas mais encantadoras; e, se eu tenho sardas no nariz, o formato dele é perfeito! Acha que o suco de limão fez alguma diferença?

– Sim, realmente acho que fez – respondeu Diana, com ar crítico. Muito satisfeita, Anne dirigiu-se ao jardim, que estava repleto de sombras tênues e oscilantes raios de sol dourados.

– Vamos decorar a sala primeiro. Temos bastante tempo, pois Priscilla disse que chegarão aqui em torno do meio-dia e meia, então o almoço será à uma da tarde.

Talvez existissem duas moças mais felizes e empolgadas em algum lugar do Canadá ou dos Estados Unidos naquele momento, mas isso seria duvidoso. Quando caía alguma rosa, peônia ou jacinto, a cada movimento da tesoura, pareciam cantar: “a senhora Morgan está vindo aqui hoje”. Anne se perguntava como o senhor Harrison conseguia continuar ceifando feno placidamente no campo do outro lado da estrada de terra, como se nada estivesse prestes a acontecer.

A sala de visitas de Green Gables era um cômodo sombrio e de aparência um pouco severa, com rígido mobiliário marrom, cortinas rendadas e engomadas e mantas brancas que cobriam os móveis em ângulos sempre perfeitamente corretos, exceto nos momentos em que se enganchavam nos botões de alguma pessoa sem sorte. Nem mesmo Anne fora capaz de infundir alguma graça ao ambiente, pois Marilla não permitia nenhuma alteração. Mas é maravilhoso o que as flores podem fazer quando lhes é dada uma boa oportunidade. Quando Anne e Diana terminaram a decoração, a sala estava irreconhecível.

Havia uma grande jarra azul repleta de rosas-de-gueldres sobre a mesa polida. A reluzente cornija negra da chaminé estava adornada com rosas e samambaias. Em cada prateleira da cantoneira havia um buquê de jacintos. Os cantos escuros de cada lado da grade da lareira foram iluminados com vasos cheios de peônias carmesins vibrantes, e a própria lareira parecia estar acesa com papoulas amarelas. Todo esse esplendor de cores, mesclado com os raios do sol que adentravam através da trepadeira de madressilvas nas janelas, criando uma frondosa confusão de sombras dançantes sobre o piso e as paredes, transformou o comumente triste aposento no autêntico “caramanchão” da imaginação de Anne, conseguindo até mesmo uma amostra da admiração de Marilla, que entrou para criticar, mas ficou para elogiar.

– Agora, devemos pôr a mesa – disse Anne, falando como uma sacerdotisa prestes a realizar um rito sagrado em honra a uma divindade. – Colocaremos um grande vaso de rosas silvestres no centro, uma única rosa na frente do prato de cada um e um buquê de botões de rosa especialmente para a senhora Morgan, em homenagem a *O Jardim dos Botões de Rosa*, você sabe.

A mesa foi posta na sala de estar, com a toalha de linho mais refinada de Marilla, e o que havia de melhor em porcelana, cristais e prataria. Com a mais absoluta certeza, cada artigo colocado na mesa foi polido e limpo até a

mais absoluta perfeição possível, para obter o máximo de brilho e resplendor.

Então as jovens foram para a cozinha, que estava tomada pelos apetitosos aromas emanados do forno, onde os frangos já assavam esplendidamente. Anne preparou as batatas, e Diana as ervilhas e os feijões. Depois, enquanto Diana se trancou na copa para temperar a salada de alface, Anne, cujas bochechas começavam a ficar vermelhas, tanto por causa da empolgação quanto pelo calor do fogo, preparou o molho de pão para os frangos, picou as cebolas para a sopa e finalmente bateu o merengue para as tortas de limão.

E o que Davy estava fazendo durante todo esse tempo? Estava cumprindo a promessa de ser bonzinho? De fato, estava. Verdade seja dita, o garotinho insistiu em permanecer na cozinha, pois sua curiosidade queria ver tudo que acontecia. Mas, como ele estava sentado quietinho em um canto, entretido em desfazer os nós em uma rede de pesca que trouxera de seu último passeio à praia, ninguém se opôs.

Às onze e meia, a salada de alface estava pronta, os círculos dourados das tortas já estavam enfeitados com o merengue, e tudo que deveria chiar e borbulhar estava chiando e borbulhando.

– É melhor nos trocarmos agora, pois elas devem chegar ao meio-dia – disse Anne. – Devemos almoçar à uma da tarde em ponto, pois a sopa deve ser servida assim que estiver pronta.

Sérios foram os ritos de beleza que ocorreram no quartinho do lado leste do sótão. Anne observou o nariz, com ansiedade, e alegrou-se ao perceber que suas sardas não eram muito notáveis – graças ao suco de limão ou à vermelhidão pouco comum de suas bochechas. Quando estavam prontas, pareciam tão encantadoras, delicadas e juvenis como qualquer uma das “heroínas da senhora Morgan”.

– Eu realmente espero ser capaz de falar alguma coisa de vez em quando e não ficar lá sentada como se fosse muda – disse Diana, ansiosa. – Todas as heroínas da senhora Morgan conversam tão maravilhosamente! Mas temo que minha língua trave na hora, passando a impressão de que sou estúpida. E com certeza eu direi “tá”. Não digo isso com tanta frequência, depois que a senhorita Stacy foi a nossa professora; mas, em momentos emotivos, essa palavra sempre ressurge. Anne, se eu disser “tá” diante da senhora Morgan, morrerei de vergonha! E isso será quase tão ruim quanto não ter nada a dizer.

– Estou nervosa por diversos motivos – disse Anne –, mas não creio que eu corra perigo de não ser capaz de falar.

E, para fazer-lhe justiça, não havia.

Anne cobriu o glorioso vestido de musselina com um grande avental e desceu para preparar a sopa. Marilla vestiu-se e arrumou aos gêmeos; ela parecia mais empolgada do que jamais esteve. Ao meio-dia e meia, chegaram os Allan e a senhorita Stacy. Tudo estava indo bem, mas Anne começava a ficar nervosa. Certamente já era hora da Priscilla e da senhora Morgan chegarem. Ela fez frequentes excursões até o portão, olhando impacientemente para a alameda com a mesma impaciência que sua xará na história do Barba Azul¹⁴ espiava pela janela da torre.

– E se elas não vierem? – murmurou ela.

– Não pense nisso. Seria muita crueldade – respondeu Diana, que, entretanto, começava a ter desconfortáveis pressentimentos.

– Anne – disse Marilla, vindo da sala –, a senhorita Stacy quer ver o prato de porcelana azul da senhorita Barry.

Anne correu até o armário da sala de estar para pegar o prato.

Cumprindo a promessa feita à senhora Lynde, ela havia escrito à senhorita Barry, de Charlottetown, pedindo-lhe para que emprestasse o prato. A senhorita Barry era uma grande amiga de Anne e atendeu ao pedido prontamente, enviando o prato com uma carta exortando-a a ser muito cuidadosa, pois tinha pagado vinte dólares pelo prato. O valioso objeto serviu ao seu propósito no bazar da Sociedade Assistencial e então retornou ao armário de Green Gables, pois Anne não confiaria em mais ninguém para levá-lo de volta à cidade, a não ser ela mesma.

Ela carregou o prato com cuidado até a porta da frente, onde os convidados desfrutavam da brisa fresca que soprava do riacho. O objeto foi examinado e admirado. Então, no instante em que Anne tomou-o de volta nas mãos, ouviu-se um terrível estrondo de algo que se espatifava, vindo da despensa da cozinha. Marilla, Diana e Anne correram, a última detendo-se apenas para colocar apressadamente o precioso prato no segundo degrau da escada.

Quando chegaram à despensa, um espetáculo verdadeiramente devastador as recebeu: um garotinho com olhar culpado descendo da mesa, com seu limpo blusão estampado completamente lambuzado de recheio amarelo, e os destroços do que haviam sido duas valentes tortas de limão recheadas sobre a mesa.

Davy havia terminado de desatar os nós da rede de pesca e a enrolara como uma bola. Então, dirigiu-se à despensa com o propósito de colocá-la na prateleira acima da mesa, onde ele já tinha guardado um bom punhado de bolinhas similares, que não serviam para nada de útil, salvo o prazer de possuí-las. Para alcançar a prateleira, Davy precisava subir na mesa em um ângulo perigoso... algo que Marilla o proibira de fazer, pois ele já havia fracassado nessa mesma tentativa. O resultado dessa vez fora desastroso. Davy escorregou e se estatelou diretamente sobre as tortas de limão. Seu blusão limpo estava arruinado para aquela ocasião, e as tortas, para sempre. Todavia, poucas coisas são tão ruins ao ponto de ninguém poder se beneficiar delas, e os porcos acabaram sendo os únicos que tiraram proveito do infortúnio do garoto.

– Davy Keith! – disse Marilla, sacudindo-o pelos ombros. – Eu não o proibi de subir de novo naquela mesa? Não proibi?

– Eu esqueci – choramingou Davy. – Você me disse para não fazer um montão tão grande de coisas, que não consigo me lembrar de todas.

– Bem, vá direto para o seu quarto e fique lá até depois do almoço! Talvez até lá você já tenha recobrado a memória. Não, Anne, nem pense em interceder por ele! Não o estou punindo por estragar as tortas... Isso foi um acidente. Estou punindo-o pela desobediência de subir na mesa. Vá, Davy, já mandei!

– Não vou almoçar? – lamentou Davy.

– Você poderá descer depois que o almoço estiver terminado e comer na cozinha.

– Ah, tudo bem – respondeu, um pouco mais conformado. – Sei que Anne vai guardar uns bons ossos para mim, não vai, Anne? Pois você sabe que eu não queria cair em cima das tortas. Ei, Anne, já que elas estão estragadas, posso levar uns pedaços lá para cima comigo?

– Não, nada de torta de limão para você, senhor Davy! – disse Marilla, empurrando-o para o corredor.

– O que serviremos de sobremesa? – perguntou Anne, olhando pesarosa para os destroços e a ruína.

– Pegue um pote de conserva de morango – consolou Marilla. – Tem bastante creme sobrando no pote para pôr por cima.

Uma hora da tarde veio... Mas nada de Priscilla e da senhora Morgan. Anne sentia-se agoniada. Estava tudo pronto, e a sopa estava exatamente no

ponto que uma sopa deveria estar, mas não podiam garantir que continuasse assim por muito tempo.

– Acho que não vão vir – concluiu Marilla, irritada.

Anne e Diana buscaram conforto nos olhos uma da outra.

Meia hora depois, Marilla tornou a vir da sala de visitas.

– Meninas, precisamos almoçar! Todos estão famintos, e não há razão para esperarmos mais. Priscilla e a senhora Morgan não vêm, isto está claro, e de nada adiantará aguardar por elas.

Anne e Diana começaram a servir o almoço, tendo desaparecido todo o deleite em sua performance.

– Acho que não conseguirei comer nada – disse Diana, deprimida.

– Nem eu. Mas espero que tudo esteja bom para o paladar da senhorita Stacy e do senhor e da senhora Allan.

Quando Diana provou as ervilhas, uma expressão muito peculiar tomou seu rosto.

– Anne, você pôs açúcar nestas ervilhas?

– Sim – ela respondeu, amassando as batatas com um ar de quem sempre cumpre com seu dever. – Coloquei uma colher de sopa. Sempre colocamos. Não gosta?

– Mas eu coloquei uma colher também, quando as levei ao forno – disse Diana.

Anne largou as batatas e provou as ervilhas. E então fez uma careta.

– Que horrível! Não achei que você tivesse colocado açúcar, pois sei que sua mãe nunca põe! E aconteceu de eu me lembrar, por acaso... Sempre me esqueço... Então, coloquei uma colher cheia!

– É o que acontece quando há muitas cozinheiras na mesma cozinha, eu acho – comentou Marilla, que havia escutado o diálogo com uma expressão um tanto culpada. – Não pensei que se lembraria do açúcar, Anne, porque estou absolutamente certa de que você nunca lembrou... então, eu pus uma colher cheia.

Os convidados na sala ouviram gargalhada atrás de gargalhada vindas da cozinha, mas nunca souberam qual tinha sido a graça. Naquele dia, porém, não se serviu ervilhas verdes na mesa do jantar.

– Bem – disse Anne, tranquilizando-se com um suspiro –, serviremos a salada de qualquer maneira, e não creio que tenha acontecido alguma coisa com os feijões. Vamos levar os pratos e superar isso.

Não se pode dizer que o almoço foi um notável sucesso social. Os Allans e a senhorita Stacy se esforçaram para salvar a situação, e a costumeira placidez de Marilla não foi visivelmente alterada. Contudo, Anne e Diana, entre o desapontamento e as consequências da excitação do meio-dia, não conseguiram comer nem falar. Anne tentou heroicamente tomar parte na conversação, em consideração aos convidados, mas toda a centelha que a iluminava havia se apagado; e, apesar de seu carinho pelos Allans e a senhorita Stacy, ela não conseguia deixar de pensar em como seria agradável quando todos fossem embora, e ela pudesse enterrar seu cansaço e desilusão nos travesseiros do quartinho do lado leste do sótão.

Há um antigo provérbio que, muitas vezes, parece realmente ser inspirador: “Uma desgraça nunca vem só.” A cota de atribulações daquele dia ainda não tinha acabado. No exato momento em que o senhor Allan terminou de abençoar a mesa, ouviram um ruído estranho e agourento vindo das escadas, como se um objeto duro e pesado tivesse rolado pelos degraus, terminando com um grande estrondo logo no térreo. Todos saíram apressados para o corredor. Anne deu um grito de espanto.

No pé da escada, havia uma grande concha rosada entre os fragmentos do que fora o prato de porcelana azul da senhorita Barry; no topo da escadaria, um aterrorizado Davy estava ajoelhado, observando o caos com os olhos arregalados.

– Davy, você atirou essa concha de propósito? – perguntou Marilla, aborrecida.

– Não, eu não joguei – choramingou Davy. – Eu só estava ajoelhado aqui, quietinho, assistindo vocês pelo corrimão, e meu pé acabou batendo e empurrando essa coisa velha... E eu estou com muita fome... E eu queria que você me desse uma surra e acabasse logo com isso, em vez de sempre me mandar subir para o quarto para perder toda a diversão.

– Não culpe o Davy – disse Anne, juntando os fragmentos com dedos trêmulos. – Foi minha culpa. Eu coloquei o prato ali e me esqueci completamente. Foi um castigo apropriado para o meu descuido... Ah, o que direi à senhorita Barry?

– Bem, você sabe que ela comprou o prato, então não é como se fosse uma herança de família – disse Diana, tentando consolar.

Os convidados se foram logo depois do almoço, cientes de que era o mais educado a fazer; e Anne e Diana lavaram os pratos em um silêncio completamente destoante de suas naturezas. Então, Diana foi para casa com

uma dor de cabeça, e Anne subiu para o quarto com outra, onde ficou até o entardecer, quando Marilla voltou do posto do correio com uma carta de Priscilla, escrita no dia anterior. A senhora Morgan havia torcido o tornozelo, e seu estado era tão grave que ela fora proibida de deixar o quarto.

“E, ah, Anne querida”, escreveu Priscilla, “sinto muito, mas temo que não poderemos ir para Green Gables, pois, quando o tornozelo da titia estiver melhor, ela terá que retornar para Toronto. Ela precisa estar de volta antes de uma data determinada.”

– Bem – suspirou Anne, deixando a carta sobre o degrau de arenito vermelho da varanda dos fundos, onde estava sentada, enquanto observava o crepúsculo dominar o céu, sempre pensei que a visita da senhora Morgan era boa demais para ser verdade. Ora essa... Este pensamento é tão pessimista que até parece ter vindo da senhorita Eliza Andrews, e isso me deixa envergonhada. Isso não era bom demais para ser verdade... Coisas tão boas quanto e muito melhores do que essa acontecem para mim o tempo todo. E presumo que os acontecimentos de hoje tenham um lado engraçado, também. Talvez quando Diana e eu estivermos velhas e grisalhas, nós possamos rir ao recordar deles. Mas sinto que não conseguirei fazê-lo tão cedo, pois essa foi realmente uma amarga decepção.

– Você provavelmente enfrentará decepções muito maiores e piores do que essa ao longo da vida – disse Marilla, achando honestamente que estava fazendo um discurso reconfortante. – Parece-me, Anne, que você nunca vai superar a mania de criar expectativas demais em seu coração, só para cair em desespero quando as coisas não saem do jeito esperado.

– Sei que tenho propensão a agir assim – lamentou ela. – Quando penso que algo de bom vai acontecer, eu prontamente alço voo nas asas da antecipação; e, então, ao primeiro sinal, eu caio de volta na terra com um baque. Mas, de verdade, Marilla, a parte do voo é gloriosa enquanto dura... É como voar até o pôr do sol. Acho que isso quase compensa o baque.

– Bem, talvez seja – admitiu Marilla. – Eu prefiro caminhar tranquilamente, sem o voo nem queda. Mas cada um tem seu modo de viver. Eu costumava pensar que existia somente um jeito certo. No entanto, depois que você e os gêmeos entraram em minha vida, não tenho mais tanta certeza. O que você vai fazer em relação ao prato da senhorita Barry?

– Vou pagar os vinte dólares que ela pagou, eu acho. Estou muito grata por não se tratar de uma relíquia estimada, pois, nesse caso, nenhum dinheiro poderia reembolsá-la.

– Talvez você consiga comprar um prato semelhante em algum lugar para ela.

– Receio que não. Pratos antigos como aquele são muito raros. A senhora Lynde não conseguiu encontrar nenhum para o jantar. Quem me dera conseguir, pois a senhorita Barry não iria se importar em ter um prato diferente, se este fosse antigo e genuíno como o outro. Marilla, olhe aquela grande estrela acima do bosque de bordos do senhor Harrison, em meio à quietude sagrada do céu prateado. É como se fosse uma oração. Afinal, quando é possível ver estrelas e um céu como este, os pequenos desapontamentos e os acidentes não têm muita importância, não é?

– Onde está o Davy? – perguntou Marilla, lançando um olhar indiferente para a estrela.

– Na cama. Prometi a ele e Dora que os levaria a um piquenique na praia, amanhã. Obviamente, o acordo original era de que ele deveria ser bonzinho. Ele tentou ser bonzinho... Mas eu não tive coragem de desapontá-lo.

– Você ou os gêmeos se afogarão, remando na lagoa com aquele bote – resmungou Marilla. – Vivo aqui há sessenta anos e nunca estive na lagoa.

– Bem, nunca é tarde para reparar isso! – argumentou Anne. – Imagine você vindo conosco amanhã. Fecharemos Green Gables e passaremos o dia inteiro na praia, deixando o mundo de lado.

– Não, obrigada – respondeu Marilla, com indignada ênfase. – Seria um acontecimento e tanto, não seria? Eu, navegando em um bote! Acho que já consigo ouvir Rachel fofocando a respeito. Ali vai o senhor Harrison. Você acha que é verdadeiro o rumor de que ele está indo visitar Isabella Andrews?

– Não, estou certa de que não é. Ele só foi até lá uma noite para tratar de negócios com o senhor Harmon Andrews, e a senhora Lynde o viu e comentou que sabia que ele estava indo visitar Isabella formalmente, pois ele estava usando uma camisa de colarinho branco. Não creio que o senhor Harrison se casará algum dia. Ele parece ter lá seus motivos para ser contra o casamento.

– Bem, nunca se pode dizer o que esses velhos solteirões estão aprontando. E concordo com Rachel: é muito suspeito ele estar de colarinho branco, porque nunca o vimos vestido assim antes.

– Acho que ele só usou porque queria fechar um acordo comercial com Harmon Andrews. Já o ouvi dizer que esta é a única circunstância em que um homem deve se preocupar com a própria aparência, pois, se você aparenta ser próspero, é menos provável que a outra parte tente lhe trapacear.

Eu realmente sinto pena do senhor Harrison; acho que ele não se sente satisfeito com a vida. Deve ser muito solitário não ter ninguém mais para cuidar além de um papagaio, não acha? Mas já percebi que ele não gosta que sintam pena dele. Ninguém gosta, eu imagino.

– Aí vem Gilbert, subindo a alameda. Se ele convidar você para dar uma volta na lagoa, lembre-se de colocar um casaco e as galochas. O sereno está muito forte esta noite.

Barba Azul é um antigo conto do folclore francês, publicado pela primeira vez em 1659 como parte do livro *Histórias ou Contos do Passado*. (N. T.)



UMA AVENTURA NA ESTRADA TORY

– Anne – disse Davy, sentando-se na cama com o queixo apoiado nas mãos –, onde fica dormir? As pessoas vão dormir todas as noites, e é claro que eu sei que é o lugar onde faço as coisas que sonho, mas quero saber onde fica e como é que eu vou até lá e volto sem perceber... e, eu vou com as minhas roupas de dormir, mas onde fica?

Anne estava ajoelhada diante da janela do quartinho do lado oeste observando o céu do entardecer, que parecia uma grande flor com pétalas cor de açafrão e um miolo de um amarelo em chamas. Ela virou a cabeça ao ouvir a pergunta de Davy e respondeu, sonhadora:

– “Sobre as montanhas da lua, no profundo vale das sombras¹⁵.”

Paul Irving teria compreendido ou teria inventado um significado para a frase, mas o prático Davy que, como Anne comentava frequentemente com certo desespero, não possuía em si nenhuma partícula de imaginação, ficou apenas confuso e irritado.

– Anne, acho que você só está falando bobagens.

– É claro que estou, meu menino. Não sabe que só as pessoas muito tolas falam sério o tempo todo?

– Sabe, eu acho que você tem que dar uma resposta séria quando eu faço uma pergunta séria – replicou, em um tom injuriado.

– ah, você é muito pequeno para entender – disse Anne. Mas ela se sentiu envergonhada por ter dito isso. Afinal, por causa da viva lembrança das respostas evasivas que recebera na infância, ela não havia prometido solenemente jamais dizer a criança alguma que era muito pequena para entender as coisas? Ainda assim, ali estava ela fazendo isso... Tão vasto é, com frequência, o abismo entre a teoria e a prática.

– Bom, eu estou fazendo o possível para crescer – disse Davy –, mas é uma coisa que não se pode acelerar muito. Se Marilla não fosse tão

mesquinha com suas compotas, acho que eu ia crescer bem mais rápido.

– Marilla não é mesquinha, Davy – disse Anne, com severidade. – É muita ingratidão você dizer uma coisa dessas.

– Tem outra palavra que quer dizer a mesma coisa e parece bem melhor, mas eu não consigo me lembrar – disse Davy, franzindo o cenho intensamente. – Escutei a própria Marilla dizer outro dia.

– Se você quer dizer econômica, saiba que é algo muito diferente de ser mesquinha. Ser econômica é um excelente traço de caráter. Se Marilla fosse mesquinha, ela não teria acolhido você e Dora quando a mãe de vocês morreu. Gostaria de ter ido morar com a senhora Wiggins?

– Pode apostar que não! – Davy foi enfático. – Também não quero ir para a casa do Tio Richard. Prefiro viver aqui, mesmo que Marilla seja essa palavra comprida por causa dos doces, porque você está aqui, Anne. Diga, você não vai me contar uma história antes de dormir? Não quero um conto de fadas. Eles são muito bons para meninas, eu acho, mas quero uma coisa empolgante... Com muitas mortes e tiros e uma casa pegando fogo, e coisas interessantes desse tipo.

Para a sorte de Anne, Marilla a chamou de seu quarto nesse momento.

– Anne, Diana está sinalizando com todas as forças. É melhor ir ver o que ela quer.

Anne correu até a janela de seu quarto e viu lampejos de luz no crepúsculo, cinco piscadas vindos da janela do quarto de Diana, o que significava, de acordo com seu código de infância, “venha logo, pois tenho algo importante a contar”. Anne enrolou o xale branco na cabeça e cruzou apressada a Floresta Assombrada e o pasto do senhor Bell, em direção a Orchard Slope.

– Tenho boas notícias para você, Anne – disse Diana. – Mamãe e eu acabamos de chegar de Carmody, e no armazém do senhor Blair eu vi Mary Sentner, de Spencervale. Ela me contou que as senhoras da família Copp, que moram na Estrada Tory, têm um prato de porcelana azul, e ela acha que é exatamente igual ao que usamos no jantar. Ela acredita que ambas vão vendê-lo, pois Martha Copp nunca guarda nada que possa vender; mas, se elas não quiserem, há outro em Spencervale, na loja de Wesley Keyson, e esse ela tem certeza de que será vendido, só não sabe se é exatamente do mesmo tipo que era o da Tia Josephine.

– Eu irei a Spencervale amanhã – decidiu Anne –, e você precisa ir comigo. Vou tirar um peso da consciência, pois tenho que ir à cidade depois

de amanhã, e como poderia encarar a sua Tia Josephine sem o prato de porcelana? Seria ainda pior do que aquela vez que tive que confessar sobre ter saltado na cama do quarto de hóspedes!

As duas jovens riram da antiga lembrança... A respeito da qual, se algum dos leitores desconhecê-la e estiver curioso, faz referência à primeira história de Anne¹⁶.

Na tarde do dia seguinte, as meninas partiram em uma expedição de caça ao prato. Spencervale ficava a dezesseis quilômetros dali, e o dia não estava especialmente prazeroso para viajar. Estava muito quente e sem vento, e a poeira na estrada era a de se esperar após seis semanas de tempo seco.

– Oh, espero que chova logo! – suspirou Anne. – Está tudo tão árido. Os pobres campos me dão pena, e as árvores parecem estar erguendo seus braços, implorando por chuva. Quanto ao meu jardim, fico triste sempre que o visito. Creio que não deveria estar reclamando sobre um jardim, quando os fazendeiros sofrem com suas colheitas. O senhor Harrison disse que seus pastos estão tão queimados que as pobres vaquinhas mal encontram o que comer, e se sente culpado pelo sofrimento dos animais a cada vez que as encara nos olhos.

Depois de uma viagem cansativa, elas chegaram a Spencervale e entraram na Estrada Tory: um caminho verde e solitário, onde as ervas nascidas entre os sulcos das rodas no solo evidenciavam a falta de trânsito. Quase toda sua extensão era margeada por uma mata espessa de jovens abetos vermelhos rentes à estrada, com clareiras aqui e ali, onde os pastos das fazendas de Spencervale chegavam até a cerca, ou uma extensão de troncos estava em chamas com florezinhas cor-de-rosa de epilóbio e solidago.

– Por que essa vereda é chamada de Estrada Tory? – perguntou Anne.

– O senhor Allan disse que é pelo mesmo motivo que um lugar é chamado de bosque até quando não há nenhuma árvore por lá, pois ninguém vivia ao longo da estrada exceto as Copp e o velho Martin Bovyer, que é liberal, no extremo mais distante. O governo Tory abriu este caminho quando estava no poder, só para mostrar que estava fazendo alguma coisa.

O pai de Diana era um liberal, e por isso ela e Anne nunca falavam sobre política. Os habitantes de Green Gables sempre foram conservadores.

Finalmente as meninas chegaram à velha propriedade das Copp... Um lugar de tamanho asseio exterior, que até mesmo Green Gables teria empalidecido em contraste. A residência tinha estilo antigo, situada em uma encosta, fato este que obrigara a construção de um porão de pedras em uma

das extremidades. A casa e as demais edificações externas tinham sido perfeitamente branqueadas com cal, o que resultara em um efeito ofuscante, e nem uma única erva daninha era visível no arrumado jardim da cozinha, rodeado por uma paliçada branca.

– As janelas estão fechadas – disse Diana, desanimada. – Parece que não há ninguém em casa.

E esse era mesmo o caso. As duas se entreolharam, perplexas.

– Não sei o que fazer – disse Anne. – Se eu tivesse certeza de que o prato é igual ao que buscamos, não me importaria de esperar até que eles voltassem. Mas, se não for, pode ser que fique tarde para ir até a loja de Wesley Keyson.

Diana viu uma janelinha quadrada acima do porão.

– É a janela da despensa, tenho certeza – disse ela –, porque esta casa é exatamente como a casa do Tio Charles em Newbridge; lá, aquela é a janela da despensa deles. A persiana não está fechada. Então, se subirmos no telhado daquela casinha, poderemos olhar dentro da despensa, e, talvez, ver o prato. Você acha que isso é errado?

– Não, acho que não – decidiu Anne, depois de refletir –, considerando que a nossa motivação não é uma mera curiosidade.

Uma vez resolvida a questão ética, Anne se dispôs a subir na “casinha” antes mencionada, uma construção de ripas de madeira com telhado pontiagudo que, no passado, tinha servido como habitação para os patos. As mulheres da família Copp haviam desistido de criar patos, “pois são animais muito desordeiros”, e a construção não era utilizada há anos, exceto como moradia de galinhas. Ainda que estivesse escrupulosamente pintada de branco, a casinha não estava muito firme, e Anne não se sentiu segura ao subir na tampa de um barril situado em cima de uma caixa.

– Acho que não vai suportar meu peso – disse ela, ao ensaiar um passo sobre o telhado.

– Apoie-se no peitoril da janela – aconselhou Diana, e Anne o fez. Para sua completa satisfação ela viu através do vidro um prato de porcelana azul exatamente igual ao que buscava, em uma prateleira diante da janela. Foi tudo o que pôde ver antes de a catástrofe acontecer. Em sua alegria, Anne esqueceu-se da natureza precária do local onde pisava, deixou de apoiar-se na janela e, descuidadamente, deu um impulsivo pulinho de alegria... E, no momento seguinte, parte do telhado cedeu e ela afundou até as axilas, ficando assim pendurada, absolutamente incapaz de se soltar. Diana invadiu

a casa dos patos e, segurando sua desafortunada amiga pela cintura, tentou puxá-la para baixo.

– Ai... não! – gritou a pobre Anne. – Existem farpas compridas fincadas em mim! Veja se consegue colocar alguma coisa debaixo dos meus pés... Talvez assim eu possa me erguer.

Diana rapidamente trouxe um barril, e Anne percebeu que era suficientemente alto para apoiar seus pés com segurança. Mas ela não conseguia se soltar.

– Será que eu conseguiria puxá-la, se eu subisse? – sugeriu Diana.

Anne sacudiu a cabeça, sem esperanças.

– Não... As farpas me machucam demais! Mas, se você conseguir encontrar um machado, poderá me soltar. Oh, Deus, estou realmente começando a acreditar que nasci com azar!

Diana procurou minuciosamente, mas não encontrou nenhum machado.

– Terei que buscar ajuda! – disse ela, ao voltar para a prisioneira.

– Não, você não vai! – disse Anne, com veemência. – Se for, a história vai correr por todos os lugares, e eu ficarei com vergonha de colocar os pés para fora de casa. Não, precisamos esperar até a chegada das Copp e pedir que guardem segredo. Elas saberão onde está o machado, e eu conseguirei sair daqui. Não estou desconfortável, desde que fique perfeitamente parada... fisicamente, quero dizer. Pergunto-me em qual preço as Copp avaliam esta casinha. Devo pagar pelo dano que causei, mas não me importaria com isso se estivesse certa de que elas compreenderiam o motivo que me fez espiar pela janela da despensa. Meu único conforto é que o prato é exatamente o que eu quero e, se a senhorita Copp vendê-lo para mim, eu ficarei em paz com o que aconteceu.

– E se as Copp voltarem só de noite... Ou só amanhã? – perguntou Diana.

– Se elas não voltarem até o pôr do sol, eu presumo que você terá que buscar outra ajuda – admitiu Anne, relutantemente –, mas não vá até que seja realmente indispensável. Oh, Deus, que situação horrível! Eu não me importaria tanto se meus infortúnios fossem românticos, como sempre são os infortúnios das heroínas da senhora Morgan, mas as situações em que me envolvo são simplesmente ridículas! Imagine o que as Copp vão pensar quando entrarem no jardim e enxergarem a cabeça e os braços de uma moça saindo do telhado de uma de suas casas! Ouça... É uma carroça? Não, Diana, acho que é um trovão!

Era um trovão, sem dúvida. Depois de fazer uma rápida peregrinação ao redor da casa, Diana regressou para anunciar que uma nuvem muito negra estava se formando rapidamente a noroeste.

– Acho que vai cair um temporal daqueles! – exclamou, aflita. – Oh, Anne, o que faremos?

– Devemos nos preparar – respondeu Anne, tranquilamente. Um temporal parecia uma ninharia em comparação ao que já tinha acontecido. – É melhor você levar o cavalo e a charrete para aquele galpão aberto. Felizmente eu trouxe minha sombrinha. Aqui... leve meu chapéu com você. Marilla disse que eu era boba por usar meu melhor chapéu para vir à Estrada Tory, e ela estava certa, como sempre.

Diana desatou o cavalo e o conduziu até o galpão conforme as primeiras gotas pesadas começavam a cair. Lá ela se sentou e contemplou o aguaceiro, que foi tão forte e intenso que mal conseguia enxergar Anne, segurando bravamente a sombrinha sobre a cabeça desnuda. Não houve muitos relâmpagos, mas a chuva caiu torrencialmente por quase uma hora. Ocasionalmente, Anne inclinava a sombrinha para trás e acenava encorajadoramente para a amiga, visto que, dadas as circunstâncias, conversar estava fora de cogitação. Finalmente, a chuva cessou, o sol saiu, e Diana aventurou-se pelas poças d'água no quintal.

– Você se molhou muito? – indagou, ansiosa.

– Oh, não – respondeu Anne, animada. – Minha cabeça e ombros estão quase secos, e minhas saias só estão um pouco úmidas onde entrou água por entre as frestas. Não sinta pena de mim, Diana, pois eu não me importei nem um pouco. Fiquei pensando no bem que a chuva faria e quão contente estaria meu jardim, imaginando o que as flores e os botões pensaram quando as gotas começaram a cair. Imaginei um diálogo interessantíssimo entre os ásteres e as ervilhas, e entre os canários silvestres no arbusto de lilás e o espírito guardião do jardim. Quando chegar em casa, planejo escrevê-lo. Queria ter lápis e papel para fazer isso agora, porque ousou dizer que terei esquecido as melhores partes antes de chegarmos.

A leal Diana tinha um lápis e encontrou uma folha de papel de embrulho em uma caixa na charrete. Anne fechou a sombrinha que pingava, pôs o chapéu, desdobrou o papel sobre uma tábua que Diana lhe alcançou e escreveu seu idílio do jardim sob circunstâncias que dificilmente poderiam ser consideradas favoráveis para a literatura. Ainda assim, o resultado foi muito bom, e Diana sentiu-se “arrebataada” quando o ouviu.

– Anne, é lindo... Simplesmente lindo. Você tem que enviá-lo para a revista *Mulher Canadense*.

Anne balançou a cabeça.

– Ah, não, não seria adequado. Não tem nenhum enredo, sabe. Não é mais do que uma sucessão de fantasias. Agrada-me escrever coisas assim, mas é evidente que nada desse estilo serviria para ser publicado, pois os editores insistem na existência de um enredo, como disse Priscilla. Olha, ali está a senhorita Sarah Copp! Por favor, Diana, vá lá e explique a situação.

A senhorita Sarah Copp era uma mulher pequena, que usava um vestido preto muito gasto e um chapéu escolhido mais pelo sentido de utilidade do que pela vaidade. Pareceu tão surpresa quanto era esperado ao ver aquele curioso espetáculo em seu quintal; entretanto, quando ouviu a explicação de Diana, encheu-se de piedade. Rapidamente, destrancou a porta dos fundos, encontrou um machado, e, com poucos e hábeis golpes, libertou Anne. Esta, um pouco cansada e com as costas rígidas, desapareceu para dentro de sua prisão e emergiu novamente à liberdade.

– Senhorita Copp – começou ela, ansiosa. – Eu lhe asseguro que só olhei pela janela da despensa para ver se a senhorita tinha o prato de porcelana. Eu não vi mais nada... E não procurei mais nada.

– Não se preocupe, está tudo bem – respondeu a senhorita Sarah, com afabilidade. – Não precisa se preocupar, não aconteceu nada de ruim. Graças a Deus, nós, as Copp, mantemos a despensa sempre apresentável, e não importa quem a veja. E, quanto à velha casa dos patos, estou contente por estar quebrada, pois talvez Martha concorde em derrubá-la agora. Ela nunca quis, por medo de que pudesse, eventualmente, servir para alguma coisa, e eu tinha que mandar pintá-la de cal a cada primavera. Mas discutir com Martha é como discutir com um poste. Ela foi à cidade hoje... Eu a levei até a estação. E a senhorita quer comprar meu prato de porcelana. Bem, quanto está disposta a pagar por ele?

– Vinte dólares – ofereceu Anne, que se achava preparada para negociar com a senhorita Copp; do contrário ela não teria oferecido seu preço logo de início.

– Bem, vamos ver – replicou a senhorita Sarah, cautelosamente. – Por sorte, este prato é meu ou não me atreveria a vendê-lo na ausência de Martha. Ainda assim, ousou dizer que ela vai fazer uma confusão. Martha é a chefe por aqui, não tenha dúvidas. Estou ficando terrivelmente cansada de viver seguindo as ordens de outra mulher. Mas entrem, entrem. Devem estar

realmente exaustas e famintas. Farei o melhor que puder para oferecer-lhes chá, mas já aviso que não esperem nada mais que pão com manteiga e um pouco de pepinos em conserva. Martha trancou à chave todos os bolos, queijos e compotas antes de viajar. Ela sempre faz isso, pois diz que eu sou muito extravagante quando chegam visitas.

As meninas estavam famintas o suficiente para aceitar qualquer coisa, e desfrutaram do pão com manteiga e pepinos. Ao fim da refeição, a senhorita Sarah disse:

– Não sei se me importaria de vender o prato. Mas ele vale vinte e cinco dólares. É uma porcelana muito antiga.

Diana cutucou de leve o pé de Anne por debaixo da mesa, significando “não aceite; se você não ceder, ela venderá por vinte”. Mas Anne não estava disposta a correr riscos com relação àquela preciosa porcelana. Ela prontamente aceitou pagar os vinte e cinco dólares, e a senhorita Sarah pareceu lamentar não ter pedido trinta.

– Bem, acho que pode ficar com ele. Quero todo o dinheiro que possa conseguir agora. O fato é que – a senhorita Sarah ergueu a cabeça com propriedade, com um orgulhoso rubor em suas magras bochechas – eu vou me casar, com Luther Wallace. Ele queria se casar comigo há vinte anos. Eu gostava muito dele na época, mas ele era pobre e papai o botou para correr. Creio que eu não deveria tê-lo deixado ir embora tão obedientemente, mas eu era tímida e tinha medo do papai. Além disso, eu não sabia que homens eram tão escassos.

Quando as meninas estavam sãs e salvas, Diana conduzindo e Anne segurando cuidadosamente o precioso prato em seu colo, a erva Estrada Tory, verde e fresca após a chuva, pareceu ganhar vida com uma série de risadas juvenis.

– Amanhã, quando for à cidade, vou divertir sua Tia Josephine com a “estranha e memorável história” da tarde de hoje. Vivemos um momento penoso, mas que já passou. Eu consegui o prato e a chuva assentou o pó admiravelmente. Então, “tudo está bem quando acaba bem”.

– Ainda não estamos em casa – comentou Diana, um pouco pessimista – e não há como dizer o que pode acontecer antes de nossa chegada. Você é uma moça única quando o assunto são aventuras, Anne.

– Ter aventuras é uma coisa natural para algumas pessoas – respondeu Anne, com serenidade. – Ou você tem o dom para vivê-las ou não tem.

Citação do poema *Eldorado*, do norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849).

Referência ao livro Anne de Green Gables. (N.E.)



APENAS UM DIA FELIZ

– Afinal – disse Anne a Marilla, certa vez –, creio que os dias melhores e mais doces não são aqueles em que acontece algo muito esplêndido, maravilhoso e empolgante, mas sim aqueles que trazem os pequenos e simples prazeres, um após o outro sem pressa, como pérolas soltando-se de um colar.

A vida em Green Gables era repleta de dias assim, pois as aventuras e desventuras de Anne, como as de outras pessoas, não ocorriam todas de uma vez, elas aconteciam ao longo do ano, com grandes intervalos de dias felizes e inócuos, repletos de trabalhos, sonhos, risadas e lições. Um dia desses ocorreu no final de agosto. Pela manhã, Anne e Diana levaram os animados gêmeos para um passeio até as dunas da lagoa, para buscar ervas aromáticas frescas e remar pela maré, sobre a qual o vento cantarolava uma antiga canção aprendida quando o mundo ainda era jovem.

À tarde, Anne foi até a antiga casa dos Irving para visitar Paul. Ela encontrou-o deitado na margem gramada, ao lado do espesso bosque de pinheiros que protegia a residência pelo lado norte, absorto em um livro de contos de fadas. Ele levantou-se radiante quando a viu.

– Ah, estou tão feliz que a senhorita tenha vindo, professora – disse ele, entusiasmado –, pois vovó não está. A senhorita vai ficar comigo para o chá, não ficará? É tão solitário tomar o chá sozinho. A senhorita entende, professora. Eu havia considerado seriamente em pedir à jovem Mary Joe para tomar chá comigo, mas achei que vovó não aprovaria. Ela diz que não devemos nos meter com os franceses. E, de qualquer modo, é difícil conversar com a jovem Mary Joe. Ela apenas ri e diz: “Bem, você ganha de todas as crianças que já conheci”. Não é o tipo de conversa que eu gosto.

– É claro que ficarei para o chá! – disse Anne, alegremente. – Eu queria muito ser convidada! Minha boca sempre saliva por causa dos deliciosos biscoitos amanteigados de sua avó, desde a última vez que tomei o chá aqui.

Paul pareceu muito sério.

– Se depender de mim, professora – disse ele, parado com as mãos nos bolsos, seu lindo rostinho repentinamente tomado pela solicitude –, você terá biscoitos amanteigados à vontade. Mas vai depender de Mary Joe. Ouvi vovó dizer, antes de sair, que ela não deveria me dar nenhum biscoito, pois são muito fortes para o estômago dos garotinhos. Mas talvez Mary Joe possa lhe oferecer alguns, se eu prometer que não comerei nenhum. Vamos torcer pelo melhor.

– Sim, vamos – concordou Anne, para quem esta filosofia positiva se ajustava como uma luva –, e se Mary Joe provar que tem um coração de pedra e não me der nenhum biscoito, isso não tem a mínima importância. Então, não se preocupe.

– Tem certeza de que não irá se importar caso ela não der? – perguntou Paul, ansioso.

– Perfeitamente, meu querido.

– Então, não vou me preocupar – disse Paul, com um longo suspiro de alívio –, especialmente porque eu acho que Mary Joe vai dar ouvidos à razão. Ela não é uma pessoa severa por natureza, mas aprendeu por experiência a não desobedecer às ordens de vovó. A vovó é uma pessoa excelente, mas todo mundo tem que fazer o que ela diz. Ela ficou muito satisfeita comigo esta manhã, pois eu finalmente consegui comer o prato inteiro de mingau. Foi um grande esforço, mas eu consegui. Vovó diz que ainda fará de mim um homem. Mas, professora, eu ainda quero fazer uma pergunta importante. Você vai me responder com sinceridade, não vai?

– Vou tentar – prometeu Anne.

– A senhorita acha que eu estou mal da cabeça? – perguntou Paul, como se sua própria existência dependesse dessa resposta.

– Meu Deus, Paul! Não! – exclamou Anne, espantada. – Certamente não está! Quem pôs essa ideia na sua cabeça?

– Mary Joe... Mas ela não sabe que eu a ouvi. A ajudante da senhora Peter Sloane, Veronica, veio visitar Mary Joe ontem à noite, e eu as ouvi conversando na cozinha enquanto passava pelo corredor. Eu escutei Mary Joe dizer: “Aquele Paul é um minino isquisito. Ele num fala coisa cum coisa. Acho que num anda bem da cabeça.” Não consegui dormir ontem à noite de tanto pensar nisso, perguntando-me se Mary Joe tinha razão. Eu não conseguiria perguntar à vovó, mas decidi perguntar à senhorita. Estou muito contente por achar que eu estou bem da cabeça.

– É claro que está! Mary Joe é uma garota tonta e ignorante, e você jamais deveria se preocupar com o que ela diz – disse Anne, indignada, secretamente resolvida a fazer uma discreta insinuação à senhora Irving sobre a conveniência de refrear a língua de Mary Joe.

– Bem, acabo de tirar um peso da minha mente! Estou perfeitamente feliz agora, professora, graças à senhorita. Não seria bom ter algo errado com a cabeça, não acha, professora? Decerto Mary Joe pensa assim porque eu, às vezes, conto a ela o que penso sobre as coisas.

– Esta é uma prática meio perigosa – admitiu Anne, das profundezas da própria experiência.

– Bem, logo contarei à senhorita os pensamentos que revelei à Mary Joe, e poderá ver por si mesma se há algo estranho neles, mas vou esperar até que comece a escurecer. É nessa hora que sinto necessidade de contar as coisas e, se não tiver ninguém mais por perto, eu simplesmente tenho que contá-las a Mary Joe. Porém, agora não contarei mais, se isso a faz pensar que tem algo de errado com a minha cabeça. Vou sofrer, mas aguentarei.

– Se o sofrimento for muito intenso, você pode ir até Green Gables para me contar seus pensamentos – sugeriu Anne, com toda a seriedade que a tornava popular com as crianças, que amam tanto quando são levadas a sério.

– Sim, eu irei. Mas espero que Davy não esteja lá quando eu for, porque ele fica fazendo caretas para mim. Não me importo muito, porque ele é só um garotinho e eu já sou um rapaz; mas, ainda assim, não é muito agradável. E Davy faz caretas terríveis! Às vezes, tenho medo que o rosto dele nunca mais volte ao normal. Ele as faz até na igreja, quando eu deveria estar pensando em coisas sagradas. Dora gosta de mim, e eu dela, mas não tanto quanto antes, desde que ela disse à Minnie May Barry que quer se casar comigo quando eu crescer. Eu posso até me casar com alguém quando crescer, mas ainda sou muito jovem para pensar nisso agora, não acha, professora?

– Jovem demais – concordou a professora.

– Por falar em casamento, isso me fez lembrar de outra coisa que está me incomodando ultimamente – continuou Paul. – A senhora Lynde esteve aqui na semana passada, para tomar o chá com a vovó, e ela me fez mostrar a fotografia da minha mãezinha... Aquela que papai me enviou de presente de aniversário. Eu não queria exatamente mostrar a fotografia para a senhora Lynde. Ela é uma senhora boa e gentil, mas não é o tipo de pessoa a quem

você quer mostrar a fotografia de sua mãe. A senhorita sabe, professora. Mas é claro que obedeci à vovó. A senhora Lynde falou que minha mãe era muito bonita, mas que tinha ares de uma atriz, e que devia ter sido muitíssimo mais jovem do que o meu pai. Então ela disse: “Um dia desses, é provável que o seu pai volte a se casar. O que acha de ter uma nova mãe, Paul?”. Bem, a ideia quase me deixou sem ar, professora, mas eu não ia deixar a senhora Lynde perceber. Eu apenas a encarei fixamente... Assim... E disse: “Senhora Lynde, papai fez um excelente trabalho ao escolher minha primeira mãe, e eu posso confiar nele para escolher uma segunda”. E eu posso confiar nele, professora. Mas, ainda assim, se algum dia ele me der uma nova mãe, espero que pergunte minha opinião sobre ela antes que seja tarde demais. Aí vem Mary Joe para nos chamar para o chá. Vou consultá-la sobre os biscoitos.

Como resultado da “consulta”, Mary Joe serviu os biscoitos e acrescentou um prato de compota ao pedido. Anne serviu o chá, e Paul e ela tiveram uma refeição muito agradável na escura e antiquada sala de visitas, cujas janelas se abriam para a brisa vinda do golfo. Eles falaram tantas “baboseiras” que Mary Joe ficou absolutamente escandalizada, e na noite seguinte contou à Veronica que a “fessora” era tão esquisita quanto Paul. Após o chá, o garoto a levou até seu quarto para mostrar-lhe o retrato da mãe, que havia sido o misterioso presente de aniversário que a senhora Irving guardara na gaveta da escrivaninha. O pequeno dormitório de teto baixo de Paul era um suave redemoinho de luz avermelhada do sol que se punha sobre o mar, e de sombras dos pinheiros que cresciam junto à janela quadrada e se moviam junto com o vento. Em meio a este suave brilho e encanto destacava-se um rosto doce e jovem, com ternos olhos maternais, pendurado na parede aos pés da cama.

– Aquela é minha mãezinha – disse Paul, com tenro orgulho. – Pedi para que vovó pendurasse a fotografia ali, onde posso vê-la assim que abro meus olhos pela manhã. Agora já não me importo em ficar sem a luz da lamparina quando vou para a cama, porque parece que minha mãezinha está bem aqui comigo. Papai sabia exatamente o que me dar de presente de aniversário, mesmo sem ter me perguntado. Não é maravilhoso o quanto os pais sabem?

– Sua mãe era adorável, Paul, e você se parece um pouco com ela. Mas os olhos e cabelos dela eram mais escuros do que os seus.

– Meus olhos são exatamente da mesma cor que os do papai – respondeu ele, andando de um lado para o outro para amontoar todas as almofadas disponíveis sobre o assento junto à janela –, mas os cabelos do papai estão

grisalhos. Ele tem muito cabelo, mas é completamente cinza. Sabe, meu pai tem quase cinquenta anos. É uma idade bem avançada, não é? Mas ele é velho somente por fora. Por dentro, é tão jovem quanto qualquer outro. Agora, por favor, sente-se aqui, e eu sentarei aos seus pés. Posso recostar a cabeça em seus joelhos? Minha mãezinha e eu costumávamos sentar assim. Oh, isto é realmente esplêndido, eu acho...

– Agora, quero ouvir quais são os pensamentos que Mary Joe acha estranhos – disse Anne, fazendo carinho no topo da cabeça cheia de cachos. Paul nunca precisou ser persuadido a revelar seus pensamentos... Não na presença de uma alma gêmea.

– Eles me ocorreram no bosque de pinheiros, certa noite – disse, sonhador. – É óbvio que não acredito neles, mas eu os imagino. A senhorita entende, professora. E eu queria contá-los a alguém, mas não havia ninguém além de Mary Joe. Ela estava na copa sovando o pão, e eu sentei-me no banco ao lado dela e disse: “Mary Joe, sabe o que eu acho? Acho que a estrela da tarde é um farol na terra onde vivem as fadas!”. E Mary Joe disse: “Bem, ocê é isquisito. Num ixiste fadas”. Fiquei muito contrariado. É claro que eu sei que fadas não existem, mas nada me impede de imaginar que existem. A senhorita entende, professora. Mas tentei de novo, com mais paciência. Eu disse: “Ora, Mary Joe, sabe o que eu acho? Acho que um anjo caminha pelo mundo depois que o sol se põe... Um grande e alto anjo branco, com asas prateadas dobradas. Que canta para as flores e os pássaros dormirem. As crianças conseguem ouvi-lo, se souberem como escutá-lo”. Então, Mary Joe ergueu as mãos cheias de farinha e disse: “Bem, ocê é um minininho muito isquisito! Me faz ficar com medo!”. E ela realmente parecia assustada. Então eu saí e sussurrei o restante dos meus pensamentos para o jardim. Havia uma pequena bétula lá, que morreu. Vovó disse que foi a maresia que a matou, mas eu acho que a dríade que vivia ali era uma boba, que quis sair para conhecer o mundo, mas se perdeu. E a arvorezinha ficou tão sozinha que morreu de coração partido.

– E quando a pobre dríade bobinha ficar cansada do mundo e voltar para a árvore, o coração dela é que ficará destroçado – comentou Anne.

– Sim, mas, se as dríades são bobas, elas devem sofrer as consequências, como se fossem pessoas reais – disse Paul, com seriedade. – Sabe o que penso sobre a lua nova, professora? Acho que é um barquinho dourado cheio de sonhos.

– E quando ele toca em uma nuvem, alguns dos sonhos se desprendem e caem em nossas mentes enquanto dormimos.

– Exatamente, professora. Ah, a senhorita realmente entende! E eu acho que as violetas são pedacinhos do céu que caem quando os anjos estão cortando os buraquinhos por onde brilham as estrelas. E os ranúnculos são feitos de velhos raios de sol, e creio que as ervilhas-de-cheiro serão borboletas quando forem para o céu. Ora, professora, a senhorita vê algo tão esquisito assim nesses pensamentos?

– Não, querido menino, não são nem um pouco esquisitos. São pensamentos estranhos e lindos para um garotinho pensar, e as pessoas que não conseguem pensar por conta própria em nada parecido, mesmo se tentassem por cem anos, acham que são esquisitos. Mas continue imaginando essas coisas, Paul... Acredito que você será um poeta, algum dia.

Quando Anne voltou para casa, encontrou um tipo bem diferente de menino esperando para ser colocado na cama. Davy estava amuado e, quando Anne o despiu, ele se atirou na cama e afundou o rosto no travesseiro.

– Davy, você se esqueceu de fazer a oração – repreendeu Anne.

– Não, não me esqueci – disse ele, em tom desafiador –, mas não vou mais fazer orações. Vou desistir de tentar ser bom, porque não importa quão bom eu seja, você vai gostar mais do Paul Irving! Então é melhor eu ser mal e me divertir.

– Eu não gosto mais do Paul Irving – disse Anne, seriamente. – Gosto de você tanto quanto dele, só que de uma maneira diferente.

– Mas eu quero que você goste de mim da mesma maneira! – choramingou ele.

– Você não pode gostar de pessoas diferentes da mesma maneira. Você não gosta de Dora e de mim da mesma maneira, gosta?

Davy sentou-se e refletiu.

– Não... não... – admitiu, por fim –, eu gosto de Dora porque ela é a minha irmã, mas gosto de você porque você é você.

– E eu gosto do Paul porque ele é o Paul, e gosto do Davy porque ele é o Davy – explicou Anne, sorridente.

– Bom... Acho que eu quero fazer minhas orações, então – disse Davy, convencido por aquela lógica. – Mas vai dar tanto trabalho levantar agora para rezar! Vou fazer duas orações amanhã de manhã, Anne. Não vai funcionar do mesmo jeito?

Não, Anne estava convicta de que não funcionaria do mesmo jeito. Assim, Davy escorregou da cama e ajoelhou-se ao lado dela. Quando terminou de rezar, o garotinho se apoiou nos pequenos calcanhares, descalços e encardidos e olhou para ela.

– Anne, eu estou melhor do que era antes.

– Sim, você certamente está, Davy – concordou Anne, que nunca hesitava em dar os devidos créditos.

– Eu sei que estou melhor – disse ele, confiante – e vou dizer como sei disso. Hoje, Marilla me deu duas fatias de pão com geleia, uma para mim e outra para Dora. Uma delas era muito maior do que a outra, e Marilla não disse qual delas era a minha. Mas eu dei o maior pedaço para Dora. Isso foi bom da minha parte, não foi?

– Muito bom e muito cavalheiresco, Davy.

– É claro – admitiu Davy – que Dora não estava com muita fome e comeu só a metade da fatia e depois deu o resto para mim. Mas eu não sabia que ela ia fazer isso quando dei a ela, então eu fui bom, Anne.

No fim da tarde, Anne foi passear até a Bolha da Driade e viu Gilbert Blythe, que vinha caminhando pela sombria Floresta Assombrada. Subitamente, Anne se deu conta de que Gilbert não era mais um menino colegial. E quão másculo ele parecia, alto, de rosto franco, com olhos claros e sinceros e ombros largos. Anne achava Gilbert um rapaz muito bonito, apesar de não se parecer com o seu homem ideal. Ela e Diana tinham decidido há muito tempo o tipo de homem que admiravam, e seus gostos eram exatamente iguais. Ele tinha que ser muito alto e distinto, com olhos melancólicos e inescrutáveis, e voz enternecedora e acolhedora. Não havia nada de melancólico ou inescrutável na fisionomia de Gilbert; mas é claro que isso não tinha importância na amizade!

Gilbert surgiu por entre as samambaias ao lado da Bolha e observou Anne com aprovação. Se pedissem a Gilbert para descrever sua mulher ideal, a resposta corresponderia ponto por ponto com as características de Anne, inclusive aquelas sete sardas pequeninas, cuja presença insolente ainda mortificavam a alma da moça. Gilbert era ainda pouco mais que um menino, e um menino tem seus sonhos, assim como os outros, e no futuro de Gilbert havia sempre uma jovem com grandes e límpidos olhos cinzentos e um semblante tão fino e delicado quanto uma flor. Ele também tinha decidido que seu futuro deveria ser digno de sua deusa. Mesmo na pacata Avonlea existiam tentações que deviam ser identificadas e enfrentadas. A juventude

de White Sands era um grupo um pouco “avançado”, e Gilbert era popular aonde quer que fosse. Mas ele queria permanecer digno da amizade de Anne e, quem sabe, em um dia distante, de seu amor também. Ele escolhia com cuidado cada palavra, pensamento e ato, como se os olhos claros de Anne fossem julgá-los. Ela exercia sobre ele a influência inconsciente que toda garota, cujos ideais são elevados e puros, exerce sobre seus amigos, influência esta que perduraria enquanto ela permanecesse fiel a esses ideais e que ela certamente perderia se um dia não fosse mais. Aos olhos de Gilbert, o maior encanto de Anne era o fato de que ela nunca se inclinara às práticas fúteis da maioria das jovens de Avonlea, as pequenas invejas e mentiras, as rivalidades, a palpável concorrência por ser a preferida. Anne mantinha-se longe de tudo isso, não de forma consciente ou planejada, mas simplesmente porque qualquer coisa do tipo era absolutamente alheia à sua natureza transparente e impulsiva, clara como um cristal em seus motivos e aspirações.

Mas Gilbert não tentava colocar em palavras seus pensamentos, pois já tinha bons motivos para saber que Anne iria cortar, cruel e friamente, qualquer tentativa de intimidade ainda no botão, ou rir dele, o que seria dez vezes pior.

– Você parece uma verdadeira dríade sob essa bétula – disse ele zombeteiramente.

– Eu amo bétulas – disse Anne, apoiando a bochecha contra o acetinado tronco fino cor de creme, em um de seus belos e carinhosos gestos que lhe eram tão naturais.

– Então você ficará contente em saber que o senhor Major Spencer decidiu plantar uma fileira de bétulas brancas ao longo de toda a estrada em frente à fazenda dele, como forma de encorajar a SMA. Ele estava me contando sobre isso hoje. Major Spencer é o homem mais progressista e cheio de espírito comunitário de Avonlea. E o senhor William Bell vai plantar uma sebe de abetos vermelhos ao longo da estrada e na alameda que leva até a fazenda dele. Nossa Sociedade está indo esplendidamente bem, Anne! Já passou do período experimental e tornou-se realidade. Os cidadãos mais velhos estão começando a se interessar, e o povo de White Sands está pensando em começar uma também. Até mesmo Elisha Wright se entusiasmou, desde o dia em que os americanos lá do hotel fizeram um piquenique na praia. Elogiaram com grande entusiasmo as margens de nossas estradas e disseram que estão muito mais bonitas do que em qualquer

outra parte da Ilha. E, futuramente, quando os outros fazendeiros seguirem o bom exemplo do senhor Spencer e plantarem árvores ornamentais e sebes ao longo de suas estradas, Avonlea será o povoado mais bonito da província.

– As mulheres da Sociedade Assistencial estão falando em arrumar o cemitério – disse Anne –, e eu espero que o façam, pois terão que organizar uma arrecadação para isso, e seria inútil para a SMA tentar alguma coisa depois do incidente do Salão. Mas a Sociedade Assistencial nunca teria pensado no assunto se a SMA não tivesse dado a ideia extraoficialmente. Aquelas árvores que plantamos ao lado da igreja estão florescendo, e os administradores me prometeram que vão colocar uma cerca ao redor do terreno da escola no ano que vem. Se o fizerem, organizarei um Dia da Árvore, para que cada aluno plante uma árvore, e assim teremos um jardim no canto próximo à estrada.

– Quase todos os nossos planos tiveram êxito, com exceção da remoção da velha casa dos Boulter – disse Gilbert. – E eu já desisti dessa ideia exasperante. Levi não a derrubará só para nos atormentar! Há um espírito de contradição em todos os Boulters, que é ainda mais forte nele.

– Julia Bell quer enviar outra comissão para visitá-lo, mas acho que a melhor forma seria deixá-lo rigorosamente sozinho – disse Anne, sabiamente.

– E confiar na Providência, como diz a senhora Lynde – sorriu Gilbert. – E chega de comissões, certamente. Elas só o deixam ainda mais irritado. Julia Bell acha que pode fazer qualquer coisa se tiver uma comissão para o empreendimento. Na próxima primavera, Anne, devemos iniciar uma empreitada para a melhoria dos gramados e terrenos. Plantaremos boas sementes a tempo neste inverno. Tenho aqui um tratado sobre gramados e como plantá-los e em breve vou preparar um informe sobre o assunto. Bem, suponho que nossas férias estão quase no fim. As aulas começam na segunda-feira. Ruby Gillis conseguiu a escola em Carmody?

– Sim, Priscilla me escreveu dizendo que montou a própria escola em casa, então os administradores deram a vaga para Ruby. Sinto muito que Priscilla não poderá voltar, mas estou contente porque Ruby conseguiu a escola. Ela voltará para casa aos sábados, e vai ser como nos velhos tempos: ela, Jane, Diana e eu, todas juntas outra vez.

Marilla, que havia acabado de chegar da casa da senhora Lynde, estava sentada no degrau da varanda dos fundos quando Anne voltou para casa.

– Rachel e eu decidimos ir à cidade amanhã – disse ela. – O senhor Lynde está se sentindo melhor esta semana, e Rachel quer ir antes que ele tenha outra recaída.

– Vou tratar de levantar ainda mais cedo que de costume amanhã de manhã, pois tenho muito o que fazer – respondeu Anne, virtuosamente. – Primeiro, vou transferir as penas do meu velho colchão para o novo. Devia ter feito isso há muito tempo, mas fui deixando de lado... É um trabalho detestável. É um hábito muito ruim adiar as coisas desagradáveis, e eu nunca mais farei isso; do contrário não poderei dizer com tranquilidade aos meus alunos para que não o façam. Seria contraditório. Então, quero fazer um bolo para o senhor Harrison, e terminar meu informe sobre jardins para a SMA, e escrever para Stella, e lavar e engomar meu vestido de musselina, e fazer um novo avental para Dora.

– Não conseguirá fazer nem a metade disso – disse Marilla, com pessimismo. – Nunca consegui planejar tantos afazeres sem que alguma coisa acontecesse para me impedir.



COMO AS COISAS GERALMENTE ACONTECEM

Anne levantou a tempo na manhã seguinte e saudou alegremente o novo dia, com os estandartes do sol nascente se agitando triunfantemente no céu perolado. Green Gables estava banhada pela luz solar e salpicada pelas sombras dançantes dos álamos e salgueiros. Para além dos campos estava o trigal do senhor Harrison, uma enorme extensão de ouro pálido agitada pelo vento. O mundo era tão lindo que Anne passou dez prazerosos minutos preguiçosamente pendurada no portão do jardim, absorvendo toda aquela beleza.

Após o café da manhã, Marilla se aprontou para a viagem. Dora iria acompanhá-la, promessa esta que havia sido feita há muito tempo.

– Agora, Davy, trate de ser um bom menino e não incomode Anne – ordenou ela com firmeza. – Se você for bonzinho, eu trarei uma bengala doce quando vier da cidade.

Ora, ora, Marilla tinha adotado o mau costume de subornar as pessoas para que fossem boas!

– Não serei mau de propósito, mas e se eu for por acidente? – Davy quis saber.

– Você precisa ter cuidado com os acidentes – avisou Marilla. – Anne, se o senhor Shearer vier hoje, compre um bom assado e alguns bifés. Se não vier, você vai ter que matar um galo para o jantar de amanhã.

Anne assentiu.

– Não vou me dar ao trabalho de cozinhar apenas para Davy e eu hoje. Aquele presunto frio será suficiente para o almoço, e vou fritar alguns bifés para quando você chegar à noite.

– Vou ajudar o senhor Harrison a transportar algas esta manhã – anunciou Davy. – Ele pediu, e eu aposto que ele vai me chamar para almoçar também. O senhor Harrison é um homem muito gentil. Ele é realmente muito

sociável. Espero ser que nem ele quando eu crescer. Quero dizer, espero me comportar que nem ele... Não quero parecer com ele. Mas acho que não corro esse risco, pois a senhora Lynde diz que eu sou um garotinho muito bonito. Você acha que isso vai durar, Anne? Quero saber!

– Atrevo-me a dizer que sim. Você é um menino bonito, Davy – Neste momento, Marilla mostrou toda a sua desaprovação –, mas deve honrar sua aparência e ser tão bondoso e cavalheiresco quanto parece ser.

– E você disse a Minnie May Barry no outro dia, quando a encontrou chorando porque tinham-na chamado de feia, que se ela for boa, gentil e amorosa, as pessoas não se importarão com a aparência dela! – alegou Davy, descontente. – Parece que nesse mundo não se pode deixar de ser bom por um motivo ou outro. Você simplesmente tem que se comportar bem.

– Você não quer ser bonzinho? – perguntou Marilla, que aprendera muita coisa, mas ainda não tinha aprendido a futilidade de se fazer tais perguntas.

– Sim, eu quero ser bom, mas não *tão* bom assim – respondeu Davy com cuidado. – Você não precisa ser muito bom para ser o superintendente da Escola Dominical. É o caso do senhor Bell, que é um homem realmente mau.

– Ele não é mau de maneira nenhuma! – disse Marilla, indignada.

– É sim... ele mesmo disse – asseverou Davy. – Ele disse isso quando orou na Escola Dominical, no domingo passado. Disse que era “um verme vil e um pecador miserável e culpado da iniquidade mais terrível”. O que ele fez de tão mau, Marilla? Matou alguém? Ou roubou as ofertas que as pessoas doaram? Quero saber!

Por sorte, naquele instante, a senhora Lynde despontou subindo a alameda em sua charrete, e Marilla partiu com a sensação de ter escapado da armadilha de um caçador, desejando devotamente que o senhor Bell não fosse tão metafórico em suas orações públicas, especialmente tendo como ouvintes rapazinhos que estavam sempre “querendo saber”.

Anne, deixada sozinha em sua glória, trabalhou com vontade. O piso foi varrido, as camas arrumadas, as galinhas alimentadas, o vestido de musselina lavado e pendurado no varal. Então, ela se preparou para transferir as penas. Ela foi até o sótão e pegou o primeiro vestido velho que lhe veio à mão: um vestido azul marinho de casimira, que tinha usado aos catorze anos. Estava decididamente curto, e era tão ridículo quanto aquele vestidinho de chita que ela havia usado na memorável ocasião de sua chegada a Green Gables; mas pelo menos não ficaria arruinado por penugem e penas. Anne

completou sua vestimenta atando na cabeça um lenço vermelho com bolinhas brancas que pertencera a Matthew, e, vestida desse jeito, dirigiu-se ao cômodo contíguo à cozinha, para onde Marilla a ajudara a levar o colchão antes de partir.

Havia um espelho quebrado pendurado ao lado da janela do cômodo, e Anne olhou seu reflexo em um momento de má sorte. Ali estavam as sete sardas em seu nariz, mais evidentes do que nunca, ou assim pareciam estar na claridade da janela aberta.

“Ah, esqueci de passar a loção ontem à noite” – pensou. “Melhor correr até a despensa e fazer isso agora.”

Anne já tinha sofrido alguns desgostos tentando remover aquelas sardas. Em uma ocasião, toda a pele do nariz descamou, mas as sardas permaneceram. Alguns dias antes, ela havia encontrado uma receita de loção contra as sardas em uma revista e, como os ingredientes estavam ao alcance, preparou-a na mesma hora, muito para o desgosto de Marilla, que pensava que, se a Providência lhe dava sardas no nariz, era seu dever sagrado deixá-las.

Anne foi até a despensa, que sempre fora escura graças ao grande salgueiro ao lado da janela, estava agora praticamente sem luz por causa da tela contra as moscas. Ela pegou da prateleira a garrafa que continha a loção e untou o nariz copiosamente, utilizando uma pequena esponja. Ao finalizar essa importante tarefa, retornou ao trabalho. Qualquer pessoa que já tenha trocado penas de um colchão para o outro sabe que, quando Anne terminou, ela era uma visão a ser contemplada! O vestido estava branco com penugem e felpa, e o cabelo que escapava pela parte da frente do lenço estava adornado por uma auréola de penas. Naquele auspicioso momento, soou uma batida na porta da cozinha.

“Deve ser o senhor Shearer” – pensou Anne. “Minha aparência está medonha, mas vou ter que descer assim mesmo, pois ele está sempre apressado.”

A jovem voou até a porta da cozinha. Se o chão pudesse realmente se abrir e fazer a caridade de engolir uma donzela miserável e emplumada, o assoalho da varanda de Green Gables teria prontamente engolido Anne naquele momento. Nos degraus da porta se encontravam Priscilla Grant, dourada e bela em um vestido de seda, uma dama baixa e robusta, de cabelos grisalhos e com um casaquinho de *tweed*, e outra dama, alta e majestosa, maravilhosamente vestida, com um belo semblante composto e grandes

olhos cor de violeta com cílios negros, que Anne “instintivamente sentiu”, como teria dito na infância, ser a senhora Charlotte E. Morgan.

No embaraço do momento, um pensamento se sobressaiu em meio à confusão da mente de Anne, ao qual ela se agarrou como a uma tábua de salvação. Todas as heroínas da senhora Morgan eram notórias por se mostrarem “à altura da situação”. Não importa quais eram seus problemas, elas os enfrentavam de cabeça erguida e demonstravam superioridade sobre todos os males de tempo, espaço e quantidade. Portanto, Anne sentiu que era seu dever fazer o mesmo. E assim o fez, tão perfeitamente que Priscilla declarou, mais tarde, que nunca admirou mais Anne Shirley do que naquela ocasião. Não importa quais eram seus sentimentos ultrajados, pois não os demonstrou. Ela cumprimentou Priscilla e foi apresentada às suas companheiras com tanta calma e compostura como se estivesse trajando um refinado vestido de linho lilás.

Na verdade, levou certo choque ao descobrir que a dama, a qual tinha suspeitado ser a senhora Morgan, não era ela, mas sim uma tal de senhora Pendexter; enquanto a robusta e pequena mulher de cabelos grisalhos é quem era a famosa escritora. Mas essa segunda surpresa perdeu forças ante a primeira. Anne conduziu as visitas à sala, onde as deixou para ajudar Priscilla a desencilhar rapidamente o cavalo.

– É desagradável chegar de forma inesperada – desculpou-se Priscilla –, mas eu só soube ontem à noite que viríamos.

Tia Charlotte vai embora na segunda-feira e havia prometido passar o dia de hoje com uma amiga na cidade. Porém, essa amiga telefonou na noite passada avisando para tia não ir, pois estão de quarentena em razão da escarlatina. Então, eu sugeri que viéssemos aqui, pois sabia que você queria muito conhecê-la. Nós passamos no hotel de White Sands e trouxemos a senhora Pendexter conosco. Ela é uma amiga da tia, esposa de um milionário que mora em Nova York. Não podemos ficar muito tempo, pois a senhora Pendexter precisa estar de volta às cinco horas.

Enquanto estavam acomodando o cavalo, Anne notou vários olhares furtivos e perplexos vindos de Priscilla.

“Ela não precisa me olhar desse jeito” – pensou Anne, um pouco ressentida. “Se ela não sabe como é trocar um colchão de penas, pode ao menos *imaginar* como é.”

Quando Priscilla foi para a sala de visitas e antes que Anne pudesse escapar para o andar de cima, Diana entrou pela porta da cozinha. Anne

pegou a atônita amiga pelo braço.

– Diana Barry, quem você acha que está na sala neste exato minuto? A senhora Charlotte E. Morgan... E a esposa de um milionário de Nova York... E aqui estou eu, assim... *e não há nada em casa para servir exceto presunto frio*, Diana!

Neste momento, Anne já havia percebido que Diana a contemplava exatamente com a mesma perplexidade que Priscilla. Aquilo já estava passando dos limites.

– Ah, Diana, não me olhe assim! – implorou. – Você, ao menos, deve saber que nem mesmo a pessoa mais asseada do mundo poderia trocar as penas de um colchão para outro e permanecer limpa no processo!

– Não... Não... Não são as penas – hesitou Diana. – É... É... o seu nariz, Anne.

– Meu nariz? Ah, Diana, não diga que tem algo errado com ele!

Anne correu até o espelhinho acima da pia. Uma olhadela revelou a verdade fatal. Seu nariz estava vermelho brilhante!

Anne deixou-se cair no sofá, com o espírito destemido, por fim, subjugado.

– O que aconteceu? – perguntou Diana, a curiosidade vencendo a delicadeza.

– Pensei que estava esfregando minha loção para sardas, mas devo ter usado a tinta vermelha que Marilla usa para colorir os tapetes! – foi a resposta desesperada. – O que farei?

– Vá lavar! – disse a prática Diana.

– Talvez não saia. Primeiro eu tingi meu cabelo e agora pinteí meu nariz! Marilla cortou meu cabelo aquela vez, mas essa solução dificilmente seria viável neste caso. Bem, essa é mais uma punição pela minha vaidade, e decerto eu mereço... Ainda que isso não me sirva de consolo. É quase o suficiente para fazer uma pessoa acreditar em má sorte, mesmo que a senhora Lynde diga que não existe tal coisa, porque tudo já está escrito.

Felizmente, a tinta saiu com facilidade, e Anne, um pouco mais consolada, foi para o seu quarto enquanto Diana corria até em casa. Em breve Anne tornou a descer, adequadamente vestida e com a mente em perfeito estado. O vestido de musselina que ela tanto queria usar estava lá fora, esvoaçando alegremente no varal; então, ela viu-se forçada a contentar-se com um vestido de algodão preto. O fogo já estava aceso e o chá, quase pronto quando Diana retornou, ela, ao menos, usava seu vestido de musselina, trazendo um prato coberto.

– Mamãe mandou isto – disse ela, erguendo o pano e mostrando um frango belamente cortado e fatiado aos olhos agradecidos de Anne.

O frango foi complementado com pão recém-assado, manteiga e queijo de excelente qualidade, um bolo de frutas de Marilla e um prato de compotas de ameixa flutuando em uma calda dourada, como se estivesse congelado nos raios do sol de verão. Havia também um grande vaso de ásteres rosas e brancas decorando a mesa; ainda assim, tudo parecia muito escasso em comparação com a elaborada recepção que fora preparada anteriormente para a senhora Morgan.

Entretanto, as famintas visitas de Anne não pareciam achar que faltava alguma coisa e degustaram os alimentos simples com aparente alegria. Após alguns momentos, Anne não pensou mais no que havia ou não em seu cardápio. A aparência da senhora Morgan podia ser um pouco decepcionante, como suas leais admiradoras se viram forçadas a admitir uma para a outra, mas ela provou ser uma pessoa magnífica de se conversar. Tinha viajado muito e era uma excelente contadora de histórias. Havia conhecido muita gente e cristalizado suas experiências em uma série de frases e epigramas curtos e espirituosos, que faziam os ouvintes se sentirem como se estivessem diante de uma personagem de um livro inteligente. Contudo, por baixo de todo seu brilho, havia uma forte corrente de verdadeira simpatia feminina e gentileza, que conquistava as pessoas com a mesma facilidade que seu brilhantismo ganhava admiração. A senhora Morgan tampouco monopolizava a conversação. Ela interagiu com os outros da mesma maneira hábil e verdadeira que conduzia a conversa, e Anne e Diana se viram conversando descontraidamente com a visitante. A senhora Pendexter falou pouco. Ela apenas sorriu com seus adoráveis lábios e olhos e comeu frango, bolo de frutas e compota com tamanha graça e requinte que dava a impressão de que comia ambrosia e melado. Mas, como Anne disse para Diana depois, qualquer pessoa tão divinamente linda como a senhora Pendexter não precisava falar: sua beleza era suficiente.

Após o almoço, elas saíram para um passeio pela Travessa dos Amantes, o Vale das Violetas e a Rota das Bétulas; então, visitaram a Floresta Assombrada e foram até a Bolha da Driade, onde sentaram-se e conversaram durante a deliciosa última meia hora. A senhora Morgan quis saber como a Floresta Assombrada ganhou tal nome e riu até lhe saltarem lágrimas quando ouviu a história e o dramático relato de Anne sobre uma certa caminhada memorável naquele local, na hora enfeitada do crepúsculo.

– Este certamente foi um banquete para a razão e uma festa para a alma, não foi? – disse Anne para Diana depois que as visitas foram embora. – Não sei do que gostei mais: ouvir a senhora Morgan ou contemplar a senhora Pendexter. Acho que nos divertimos mais do que se soubéssemos que elas estavam vindo e tivéssemos preparado muitas comidas. Você tem que ficar para o chá, Diana, e para conversarmos sobre este dia.

– Priscilla contou que a cunhada da senhora Pendexter é casada com um conde inglês e ainda assim ela se serviu de compota de ameixa duas vezes – comentou Diana, como se esses dois fatos fossem, por algum motivo, incompatíveis.

– Atrevo-me a dizer que o próprio conde inglês não teria virado seu nariz aristocrático para a compota de ameixas de Marilla – respondeu Anne, com orgulho.

A jovem não mencionou a desgraça que acometera o próprio nariz quando relatou os acontecimentos do dia para Marilla naquela noite. Mas ela pegou a garrafa com a loção para sardas e a esvaziou pela janela.

– Nunca mais experimentarei essas porcarias de tratamentos de beleza! – disse, com firme determinação. – Elas podem servir para pessoas cuidadosas e ponderadas, mas para alguém tão facilmente propensa a cometer erros como eu pareço ser, mexer com eles é brincar com a sorte.



A DOCE SENHORITA LAVENDAR

Quando as aulas começaram, Anne retornou ao trabalho com menos teorias e uma experiência consideravelmente maior. Tinha alguns alunos novos de seis e sete anos, aventurando-se, com os olhos arregalados, em um mundo de maravilhas. Entre eles estavam Davy e Dora. Davy sentou-se com Milty Boulter, que já estava na escola há um ano, e era, por isso, um homem do mundo. Dora já havia combinado na Escola Dominical, no domingo anterior, de sentar-se com Lily Sloane; mas Lily não foi à escola no primeiro dia de aula, e Dora sentou-se temporariamente com Mirabel Cotton, que tinha dez anos – e, portanto, era uma das “garotas grandes” aos olhos de Dora.

– Acho que a escola é muito divertida – Davy contou a Marilla naquela noite. – Você disse que eu ia achar difícil ficar sentado e parado, e achei mesmo... e a maior parte do que você disse é verdade, eu percebi... Mas a gente consegue sacudir as pernas embaixo da carteira, e isso ajuda muito. É ótimo ter tantos garotos para brincar. Eu sento ao lado de Milty Boulter e ele é ótimo. Ele é mais alto do que eu, mas eu sou mais largo. É melhor ficar nas carteiras do fundo, mas não dá para sentar lá até que as pernas sejam longas o bastante para tocar o chão. Milty desenhou a cara de Anne em sua lousa, um desenho tão terrivelmente feio que eu falei que se fizesse aquilo de novo, eu daria uma surra nele no recreio! Pensei, primeiro, em fazer um desenho dele e colocar chifres e um rabo, mas fiquei com medo de que isso pudesse magoá-lo, e Anne diz que nunca devemos magoar os sentimentos de alguém. Parece uma coisa horrível ter os sentimentos feridos. É melhor dar um soco em um menino do que ferir seus sentimentos, se alguma coisa *precisa* ser feita. Milty falou que não tinha medo de mim, mas ele logo mudou o nome do desenho para me agradar. Ele apagou o nome de Anne e escreveu o nome de Barbara Shaw. Milty não gosta de Barbara porque ela o chama de doce menininho, e uma vez ela fez carinho na cabeça dele.

Dora disse com educação que tinha gostado da escola; porém, ela estava muito calada, mais do que de costume. E, ao entardecer, quando Marilla mandou-a ir para a cama, a menina hesitou e começou a chorar.

– Eu... Estou com medo – soluçou. – Eu... não quero subir sozinha no escuro.

– O que deu na sua cabeça agora? – quis saber Marilla. – Tenho certeza de que você dormiu sozinha durante todo o verão e nunca teve medo antes!

Dora continuou a chorar. Então, Anne pegou-a no colo, abraçou-a com ternura e sussurrou:

– Conte tudo a Anne, querida. Do que você tem medo?

– Do... Do tio de Mirabel Cotton – soluçou Dora. – Hoje, na escola, ela me contou tudo sobre a família dela. Quase todos da família dela já morreram... todos os avôs e avós, e muitos tios e tias. Mirabel disse que eles têm mania de morrer. Ela é estranhamente orgulhosa de ter tantos parentes mortos e contou qual foi a causa da morte de cada um, o que disseram e como estavam no caixão. E Mirabel disse que um de seus tios foi visto caminhando ao redor da casa depois de ser enterrado. A mãe dela o viu. Não me importo muito com o resto, mas não consigo parar de pensar naquele tio!

Anne subiu com Dora e ficou sentada ao seu lado até a garota adormecer. No dia seguinte, Mirabel Cotton foi mantida na sala durante o recreio e foi convencida, “gentil e firmemente” de que, quando se tem a infelicidade de ter um tio que persiste em andar pela casa após ter sido decentemente enterrado, não era de bom gosto falar sobre esse excêntrico cavalheiro para sua colega de pouca idade. Mirabel achou que a professora estava sendo muito dura com ela. Os Cottons não tinham muito do que se gabar.

Como ela manteria seu prestígio entre os colegas sendo proibida de exaltar o fantasma da família?

Devagarinho, setembro foi dando lugar à graciosidade dourada e carmesim de outubro.

Em uma sexta-feira ao entardecer, Diana fez uma visita.

– Recebi uma carta de Ella Kimball hoje, Anne, e ela nos convidou para tomar chá amanhã à tarde, para conhecermos sua prima da cidade, Irene Trent. Mas não podemos pegar um dos cavalos, pois estarão indisponíveis amanhã, e seu pônei está manco... Então, suponho que não poderemos ir.

– Por que não podemos ir caminhando? – sugeriu Anne. – Se atravessarmos os bosques, chegaremos à estrada de West Grafton, que não é longe da casa dos Kimball. Andei por ali no inverno passado e conheço o

caminho. Não são mais do que seis quilômetros, e não teremos que andar de volta para casa, pois Oliver Kimball provavelmente nos trará na charrete. Ele ficará agradecido com a desculpa, pois assim poderá visitar Carrie Sloane, e dizem que o pai dele dificilmente o deixa usar os cavalos.

Ficou combinado que iriam caminhando e, na tarde seguinte, as duas seguiram pela Travessa dos Amantes até a parte dos fundos da fazenda dos Cuthbert, onde tomaram uma trilha que levava até o coração dos hectares de faias reluzentes e bosques de bordo, todas as árvores em uma impressionante incandescência de chamas douradas em meio a uma grande quietude e paz púrpura.

– É como se o ano estivesse se ajoelhando para orar em uma vasta catedral, repleta de luzes suaves e coloridas, não é? – disse Anne, a sonhadora. – Não me parece certo se apressar por aqui, não acha? Parece um desrespeito, como correr dentro da igreja.

– *Precisamos* nos apressar – respondeu Diana, olhando para o relógio. – Temos muito pouco tempo.

– Bem, vou andar rápido, mas não me peça para falar – retrucou Anne, apertando o passo. – Só quero sorver o encanto do dia... Sinto como se tocasse em meus lábios igual a uma taça de vinho doce e devo degustar um gole a cada passo.

Talvez tenha sido por estar tão absorta “sorvendo o dia” que Anne virou à esquerda quando chegaram a uma bifurcação. Deveria ter ido pela direita, mas, mais tarde, ela considerou este erro como o mais afortunado de sua vida. Por fim, elas chegaram a uma estrada solitária e coberta de ervas, sem outra coisa em vista além de fileiras de mudas de abetos.

– Afinal, onde estamos? – perguntou Diana, atordoada. – Esta não é a estrada de West Grafton.

– Não, é a estrada principal em Middle Grafton – anunciou Anne, um tanto envergonhada. – Devo ter tomado a direção errada na bifurcação. Não sei exatamente onde estamos, mas devemos estar a uns cinco quilômetros da casa dos Kimball.

– Então não conseguiremos chegar lá até as cinco horas, pois já são quatro e meia – disse Diana, olhando desesperadamente para o relógio. – Chegaremos depois que tiverem tomado o chá, e elas terão um grande incômodo para servir o nosso.

– É melhor voltarmos para casa – sugeriu Anne, com humildade. Mas Diana, após certa consideração, foi contra.

– Não, é melhor continuar e passar o final da tarde lá, já que chegamos até aqui.

Alguns metros à frente, as jovens chegaram a um lugar onde a estrada bifurcava-se novamente.

– Por onde devemos seguir? – perguntou Diana, em dúvida.

Anne balançou a cabeça.

– Não sei, e não podemos correr o risco de cometer mais erros. Aqui há um portão e uma vereda que levam diretamente ao bosque. Deve haver uma casa do outro lado. Vamos até lá para perguntar.

– Que vereda antiga e romântica – disse Diana enquanto caminhavam pelas curvas e voltas. Ela estendia-se abaixo de velhos pinheiros patriarcais, cujos galhos se encontravam no alto, criando uma escuridão perpétua onde apenas o musgo era capaz de crescer. Em ambos os lados o solo era marrom como madeira, cruzado aqui e ali por fachos de raios de sol. Tudo era muito silencioso e remoto, como se o mundo e suas preocupações estivessem muito longe dali.

– Sinto como se estivéssemos caminhando por uma floresta encantada – cochichou Anne. – Você acha que algum dia encontraremos nosso caminho de volta ao mundo real, Diana? Creio que logo chegaremos a um palácio onde mora uma princesa enfeitiçada.

Logo após a próxima curva da vereda, elas não se viram diante de um palácio, mas de uma casinha, quase tão surpreendente quanto teria sido um palácio naquela província de convencionais casas de fazenda construídas em madeira, todas tão semelhantes em suas características gerais como se tivessem nascido da mesma semente. Anne deteve-se em êxtase, e Diana exclamou:

– Ah, agora sei onde estamos! Esta é a casinha de pedras onde vive a senhorita Lavendar Lewis... Echo Lodge, acho que é assim que ela a chama. Já ouvi falar desta casa várias vezes, mas nunca tinha visto. Não é um lugar romântico?

– É o lugar mais doce e lindo que eu já vi ou imaginei – disse Anne, fascinada. – Parece que foi tirada das páginas de um livro de contos, ou de um sonho.

A casa era uma estrutura de beirais baixos, feita de blocos sem reboco de arenito vermelho da ilha; o telhado pequeno e pontiagudo tinha duas janelas do sótão com coberturas singulares de madeira, e duas chaminés. A casa inteira era revestida por uma hera exuberante que encontrava fácil apoio

sobre a rude construção, e que a geada do outono havia transformado no mais belo matiz de bronze e vinho.

Na frente da casa, havia um jardim retangular que se interligava à vereda onde as jovens estavam paradas por meio de um portão. A casa delimitava o jardim por um lado, enquanto os outros três lados eram rodeados por uma antiga vala de pedra, tão coberta por grama, musgo e samambaias que mais parecia um alto banco verde. À direita e à esquerda, os altos e escuros abetos estendiam seus ramos como palmas sobre a vala; sob eles existia um pequeno prado verde repleto de trevos, em um declive que levava até o azul Rio Grafton. Não se via outra casa ou clareira ao redor... Não havia nada além de colinas e vales cobertos de jovens pinheiros frondosos.

– Eu me pergunto que tipo de pessoa é a senhorita Lewis – especulou Diana ao abrir o portão do jardim. – Dizem que ela é muito peculiar.

– Então ela deve ser interessante – afirmou Anne. – As pessoas peculiares são no mínimo interessantes, não importando o que mais sejam ou deixem de ser. Não disse que chegaríamos a um palácio encantado? Eu sabia que os elfos não teriam feito magia na estrada por nada.

– Mas a senhorita Lavendar Lewis não tem nada de princesa enfeitiçada – riu Diana. – Ela é uma solteirona... De quarenta e cinco anos, e eu soube que é toda grisalha.

– Ah, isso é só parte do feitiço! – assegurou Anne, confidencialmente. – Ainda é jovem e bela de coração... Se ao menos nós soubéssemos como desfazer o feitiço, ela voltaria a ser bela e radiante. Mas não sabemos como... O príncipe é sempre o único que sabe... E o príncipe da senhorita Lavendar ainda não chegou. Talvez algum infortúnio fatal o tenha detido... Embora *isso* seja contra a lei de todos os contos de fadas.

– Receio que ele tenha vindo, muito tempo atrás, e tenha ido embora – comentou Diana. – Dizem que ela foi comprometida com Stephen Irving, o pai de Paul, quando eram jovens. Mas eles brigaram e se separaram.

– Silêncio – avisou Anne. – A porta está aberta.

As jovens pararam na varanda sob as gavinhas da hera e bateram na porta aberta. Ouviu-se um ruído de passos dentro da casa, e uma pessoinha singular apareceu: uma menina de uns catorze anos, com rosto sardento, nariz arrebitado, uma boca tão larga que realmente parecia ir “de orelha a orelha” e duas longas tranças de cabelo loiro, atadas com dois enormes laços de fita azul.

– A senhorita Lewis está em casa? – perguntou Diana.

– Sim, madame. Entre, madame. Direi à senhorita Lavendar que vocês estão aqui, madame. Ela está lá em cima, madame.

Com isso, a pequena criada desapareceu de vista. As duas, deixadas a sós, olharam ao redor com olhos maravilhados. O interior da esplêndida casinha era tão interessante quanto o exterior.

O aposento tinha um teto baixo, e duas janelas quadradas com vidros pequenos e cortinas de musselina frizada. Toda a mobília era muito antiga, mas tão limpa e bem conservada que o efeito era formidável. Mas devemos admitir sinceramente que o elemento mais atraente para as duas moças cheias de saúde, que tinham caminhado mais de seis quilômetros no frescor do outono, era uma mesa com delicada porcelana azul-claro e repleta de saborosas iguarias, adornada por pequenas samambaias douradas que davam o que Anne teria chamado de “um ar festivo”.

– A senhorita Lavendar deve estar esperando visitas para o chá – sussurrou. – A mesa está posta para seis pessoas. Mas que mocinha graciosa é a criada dela! Parece uma mensageira da terra dos seres mágicos. Creio que ela poderia ter indicado o caminho certo para nós, mas estou curiosa para ver a senhorita Lavendar. Shhh, ela está vindo.

A senhorita Lavendar Lewis estava parada na porta. As meninas ficaram tão surpresas que esqueceram as boas maneiras e simplesmente a encararam.

Inconscientemente, elas estavam esperando ver o tipo comum e bem conhecido de solteirona de meia-idade: uma personagem meio angulosa, com cabelo grisalho impecável e óculos. Não poderiam ter imaginado nada mais diferente do que a senhorita Lavendar.

Ela era uma dama pequena, de espessos cabelos brancos como a neve, maravilhosamente ondulados e cuidadosamente penteados em cachos. Debaixo deles aparecia um rosto quase jovem, com bochechas rosadas e doces lábios, olhos castanhos grandes e claros, e covinhas... covinhas de verdade! Ela usava um vestido muito delicado de musselina cor de creme, estampado com rosas pálidas, um vestido que teria parecido ridiculamente juvenil para a maioria das mulheres naquela idade, mas que caía tão perfeitamente bem na senhorita Lavendar que isso estava fora de cogitação.

– Charlotta IV avisou-me que as senhoritas queriam me ver – disse ela, com uma voz que combinava com sua aparência.

– Queríamos perguntar qual o caminho correto para West Grafton – respondeu Diana. – Fomos convidadas para o chá na residência do senhor Kimball, mas nós pegamos o caminho errado no bosque e acabamos nesta

estrada, em vez de chegarmos a West Grafton. Devemos dobrar à direita ou à esquerda no seu portão?

– À esquerda – informou a senhorita Lavendar, com um olhar hesitante para a mesa do chá. Então perguntou, como se tivesse um pequeno e repentino surto de resolução:

– E por que não ficam para tomar o chá comigo? Por favor, fiquem! O senhor Kimball já terá terminado o chá antes que as senhoritas cheguem até lá. E Charlotta IV e eu ficaremos tão contentes de tê-las aqui!

Diana encarou Anne, calada e inquisitiva.

– Gostaríamos de ficar, se isso não for um inconveniente – aceitou Anne prontamente, pois tinha decidido que queria saber mais sobre a surpreendente senhorita Lavendar. – Mas não está esperando outros convidados, está?

A senhorita Lavendar olhou novamente para a mesa e ruborizou.

– Sei que as senhoritas vão pensar que sou extremamente boba – disse ela. – Eu *sou* boba... E fico envergonhada quando descobrem isso, mas nunca quando não sou descoberta. Não estou esperando ninguém... Só estava fingindo que esperava. Sabe, estava me sentindo tão solitária... E eu amo ter companhia... Digo, o tipo certo de companhia. Mas são poucas as pessoas que vêm até aqui, pois a casa fica muito longe do caminho principal. Charlotta IV estava solitária também. Então eu simplesmente fingi que ia receber convidados para o chá! Cozinhei, decorei a mesa e resolvi usar a porcelana do casamento de minha mãe... E me vesti para a ocasião.

Diana secretamente achou a senhorita Lavendar tão peculiar quanto os relatos a descreviam. A ideia de uma mulher de quarenta e cinco anos brincando de servir o chá, como se fosse uma menininha! Mas Anne, com os olhos iluminados, perguntou alegremente:

– A senhorita *também* imagina coisas?

Aquele “também” revelou à senhorita Lavendar que havia uma alma gêmea diante de si.

– Sim, imagino – confessou ela, corajosamente. – É claro que é uma bobagem, para qualquer outra pessoa da minha idade. Mas qual é a serventia de ser uma solteirona independente se eu não puder ser boba quando quiser, desde que não cause danos a ninguém? Uma pessoa deve ter algumas compensações. Algumas vezes, acho que não conseguiria viver se não imaginasse as coisas. Não sou pega em flagrante com frequência, e Charlotta IV nunca conta a ninguém. Mas estou contente por ter sido surpreendida

hoje, pois as senhoritas realmente estão aqui e já tenho o chá pronto! Querem ir ao quarto de hóspedes e tirar os chapéus? É a porta branca, no topo da escadaria. Preciso ir até a cozinha e vigiar se Charlotta IV não vai deixar o chá ferver. Charlotta IV é uma boa menina, mas ela costuma deixar o chá ferver.

A senhorita Lavendar correu até a cozinha com pensamentos de hospitalidade, e as jovens encontraram o caminho até o quarto de hóspedes, que era um cômodo tão branco quanto a porta, iluminado pela janela coberta de hera pendurada, aparentando ser, como disse Anne, um lugar onde nascem os sonhos felizes.

– Esta é uma grande aventura, não é? – disse Diana. – E a senhorita Lavendar não é adorável, mesmo sendo um pouco esquisita? Ela não se parece nem um pouco com uma solteirona.

– Ela se parece exatamente com sons musicais, eu acho – respondeu Anne.

Quando desceram, a senhorita Lavendar vinha carregando o bule e, atrás dela, parecendo muito contente, estava Charlotta IV, com um prato de biscoitos quentinhos.

– Agora, as senhoritas devem me dizer seus nomes – pediu a senhorita Lavendar. – Estou tão contente que sejam jovens! Adoro moças jovens. É tão fácil fingir que sou uma mocinha quando estou entre elas. Eu odeio – continuou, com uma careta – pensar que sou velha. Agora, quem são as senhoritas... Só por formalidade? Diana Barry? E Anne Shirley? Posso fazer de conta que as conheço há cem anos e chamá-las de Anne e Diana sem cerimônia?

– Pode – assentiram elas, em uníssono.

– Então, vamos nos sentar confortavelmente e comer tudo – disse a senhorita Lavendar, alegremente. – Charlotta, sente-se ao pé da mesa e ajude com o frango. É uma sorte que eu tenha preparado o bolo e os sonhos. Claro, é tolice fazê-los para visitantes imaginários... Sei que Charlotta IV pensou isso, não pensou? Mas vejam como tudo deu certo! Evidentemente que não seriam desperdiçados, pois Charlotta IV e eu iríamos comê-los com o tempo. Mas bolo não é algo que fique mais saboroso com o passar do tempo.

Aquela foi uma refeição divertida e memorável. Quando terminaram, saíram ao jardim para desfrutar do esplendor do pôr do sol.

– Eu realmente acho que a senhorita vive no mais adorável dos lugares – disse Diana, olhando admirada ao redor de si.

– Por que o chama de Echo Lodge¹⁷? – perguntou Anne.

– Charlotta – disse a senhorita Lavendar –, vá até a casa e traga-me a pequena trombeta de estanho, que está pendurada acima da prateleira do relógio.

Charlotta IV correu até a casa e retornou trazendo a trombeta.

– Sobre, Charlotta – ordenou a senhorita Lavendar.

A criada obedeceu, e o som produzido era um tanto rouco e estridente. Houve um momento de silêncio... E então, dos bosques acima do rio, foram ouvidos múltiplos ecos mágicos, doces, indefiníveis e metálicos, como se todas as “trombetas da terra dos elfos” estivessem soprando ao entardecer. Anne e Diana exclamaram, maravilhadas.

– Agora, ria, Charlotta... Ria bem alto!

Charlotta, que provavelmente teria obedecido se a senhorita Lavendar mandasse ficar de cabeça para baixo, subiu em um banco de pedra e gargalhou bem alto, com toda a força. Os ecos devolveram os sons, como se um grupo de elfos estivesse imitando sua risada nos bosques púrpuras e ao longo da orla dos pinheiros.

– As pessoas sempre admiram muitíssimo os meus ecos – disse a senhorita Lavendar, como se os ecos fossem sua propriedade particular. – Eu mesma os amo. São uma ótima companhia... com um pouquinho de imaginação. Em noites calmas, Charlotta IV e eu sentamos aqui e nos divertimos com eles. Charlotta, leve de volta a trombeta e pendure-a cuidadosamente no lugar.

– Por que a senhorita a chama de Charlotta IV? – perguntou Diana, que já estava explodindo de tanta curiosidade a essa altura.

– Só para não confundi-la com as outras Charlottas do meu pensamento – disse a senhorita Lavendar seriamente. – Todas se parecem tanto, que não consigo distingui-las. O verdadeiro nome dela não é Charlotta. É... Deixe-me ver... Como era mesmo? Acho que é Leonora... sim, é Leonora. Vejam, é o seguinte: quando mamãe morreu, há dez anos, eu não podia ficar aqui sozinha... E não tinha meios para pagar o salário de uma criada adulta. Então, consegui que a pequena Charlotta Bowman viesse viver comigo, em troca de casa, comida e roupas. Seu nome verdadeiro era Charlotta... Ela foi a Charlotta I. Ela tinha só treze anos. Ficou comigo até completar dezesseis anos e ir para Boston, porque lá ela poderia ter uma vida melhor. A irmã dela veio ficar no lugar dela, então. Ela se chamava Julietta... A senhora Bowman tinha uma queda por nomes pomposos, creio eu... Mas a menina se parecia

tanto com a Charlotta, que continuei chamando-a por este nome o tempo todo, e ela não se importava. Assim, eu desisti de tentar lembrar seu nome correto. Ela era a Charlotta II. Quando se foi, Evelina veio ficar em seu lugar e se tornou a Charlotta III. Agora tenho a Charlotta IV. Mas quando ela completar dezesseis anos... Ela tem catorze agora... Vai querer ir para Boston também, e então eu realmente não sei o que farei. Charlotta IV é a última das meninas Bowman, e é a melhor de todas. As outras Charlottas sempre deixavam que eu percebesse o quanto me achavam boba por fingir as coisas, mas Charlotta IV nunca faz isso, seja lá o que realmente pense a respeito. Eu não me importo com o que as pessoas pensam de mim, desde que não me deixem perceber.

– Bem – disse Diana, olhando pesarosa para o sol se pondo. – Creio que devemos ir, se quisermos chegar na casa do senhor Kimball antes que escureça. Tivemos uma tarde maravilhosa, senhorita Lewis.

– Vocês virão me visitar novamente? – rogou a senhorita Lavendar.

A alta Anne pôs o braço sobre os ombros da pequena dama.

– Claro que sim! – prometeu. – Agora que nós a descobrimos, vamos abusar da sua hospitalidade vindo aqui para vê-la. Sim, temos que ir... “Temos que nos mandar daqui”, como diz Paul Irving todas as vezes que vem para Green Gables.

– Paul Irving? – houve uma mudança sutil na voz da senhorita Lavendar. – Quem é ele? Não sabia que existia alguém com esse nome em Avonlea.

Anne sentiu-se irritada com o próprio descuido. Ela havia se esquecido do antigo romance da senhorita Lavendar.

– É um dos meus alunos – explicou, lentamente. – Ele veio de Boston no ano passado para morar com a avó, a senhora Irving, na estrada à beira-mar.

– É o filho de Stephen Irving? – perguntou a senhorita Lavendar, inclinando-se sobre o canteiro de lavandas, de modo que seu rosto estava escondido.

– Sim.

– Vou dar um ramalhete de lavandas para cada uma de vocês! – disse ela com vivacidade, como se não tivesse ouvido a resposta à sua pergunta. – São tão adoráveis, não acham? Mamãe sempre as amou. Ela plantou este canteiro há muito tempo. Papai me deu este nome porque ele também gostava de lavandas. A primeira vez que ele viu minha mãe foi quando visitou sua casa em East Grafton, com o irmão dela. Apaixonou-se à primeira vista, e então lhe ofereceram o quarto de hóspedes para dormir, e os lençóis estavam

perfumados com lavanda, e ele ficou acordado a noite toda pensando nela. Depois disso, sempre amou o perfume de lavanda... e foi por isso que me deu este nome. Não se esqueçam de voltar em breve, queridas meninas. Charlotta IV e eu ficaremos esperando!

Ela abriu o portão sob os pinheiros para que as moças passassem. Repentinamente, parecia velha e cansada. O brilho e o entusiasmo haviam desvanecido de seu rosto; e embora seu sorriso de despedida fosse doce como sua inextirpável juventude, quando as duas olharam para trás na primeira curva da vereda, viram-na sentada no antigo banco de pedra sob um álamo prateado, no meio do jardim, com a cabeça exausta apoiada na mão.

– Ela realmente parece solitária – disse Diana. – Devemos vir vê-la com frequência.

– Creio que os pais deram a ela o único nome que seria correto e apropriado – disse Anne. – Se tivessem sido tão cegos a ponto de chamá-la de Elizabeth, ou Nellie, ou Muriel, ainda assim ela deveria se chamar Lavendar, eu acho. Sugere doçura, encantos antigos e “trajes de seda”. Agora, meu nome sugere pão com manteiga, remendos e tarefas domésticas.

– Oh, eu não concordo! – respondeu Diana. – Anne me parece tão régio como uma rainha. Mas eu iria gostar de Kerrenhappuch, se este fosse o seu nome. Acho que as pessoas fazem o nome ser bonito ou feio, apenas pelo que elas mesmas são. Não consigo suportar os nomes Josie ou Gertie agora, mas antes de conhecer as jovens Pye eu os considerava muito bonitos.

– Essa é uma esplêndida ideia, Diana! – entusiasmou-se Anne. – Viver de tal maneira a embelezar o seu nome, mesmo que este não fosse bonito a princípio... e fazê-lo destacar-se na memória das pessoas como algo adorável e agradável no qual jamais pensariam sozinhas! Obrigada, Diana.

“Echo Lodge” significa Cabana do Eco. (N. T.)



MIUDEZAS

– Então você tomou o chá na casa de pedra com Lavendar Lewis? – perguntou Marilla na mesa do café da manhã, no dia seguinte. – Como ela está agora? Faz mais de quinze anos que não a vejo... A última vez foi em um domingo, na igreja de Grafton. Imagino que tenha mudado muito. Davy Keith, quando você não puder alcançar alguma coisa, peça a alguém em vez de se debruçar assim sobre a mesa! Você já viu Paul Irving fazendo isso quando ele nos visita?

– Mas os braços de Paul são mais compridos que os meus! – grunhiu Davy. – Eles tiveram onze anos para crescer, e os meus só tiveram sete. Além disso, eu pedi, mas você e Anne estavam tão ocupadas falando que não prestaram atenção. Além disso, Paul nunca esteve aqui para uma refeição, a não ser para o chá, e é mais fácil ser educado no chá do que no café da manhã. Não se tem a metade da fome. O tempo entre o jantar e o café da manhã é terrivelmente longo! Ora, Anne, esta colherinha não está nem um pouco maior do que no ano passado, e eu estou muito maior!

– Obviamente eu não sei como a senhorita Lavendar costumava ser, mas, por algum motivo, não acredito que ela tenha mudado muito – disse Anne, depois de ter servido a Davy duas colheres bem cheias de xarope de bordo para apaziguá-lo. – O cabelo dela está branco como a neve, mas o rosto é vivaz e quase juvenil, e ela possui os mais doces olhos castanhos... Um belo matiz de castanho como a lenha, com pequenos raios dourados... E a voz me faz pensar em cetim branco, águas correndo e sinos de fadas, todos misturados.

– Ela era conhecida por sua beleza quando era moça – disse Marilla. – Eu nunca a conheci muito bem, mas gostei dela, pelo pouco que vi. Mesmo naquela época as pessoas a consideravam peculiar. *Davy*, se eu pegar você aprontando mais uma traquinagem, terá que esperar até que todos tenham terminado antes de poder comer, como fazem os franceses.

A maioria das conversas entre Anne e Marilla na presença dos gêmeos era pontuada por essas repreensões dirigidas a Davy. É triste relatar que, nessa ocasião, Davy não foi capaz de consumir as últimas gotas do xarope com a colher e resolveu a dificuldade erguendo o prato com as duas mãos e passando a língua. Anne o encarou de maneira tão horrorizada que o pequeno pecador ficou vermelho e disse, meio envergonhado, meio desafiador:

– Desse jeito não há desperdício.

– As pessoas que são diferentes das demais sempre são consideradas peculiares – disse Anne. – E a senhorita Lavendar é diferente, com certeza, embora seja difícil identificar com precisão essa diferença. Talvez seja porque ela é uma daquelas pessoas que nunca envelhecem.

– Uma pessoa pode envelhecer junto com toda a sua geração – respondeu Marilla, um pouco descuidada. – Se não, acaba não se encaixando em lugar algum. Até onde sei, Lavendar Lewis distanciou-se de tudo. Ela vive há tanto tempo naquele lugar afastado, que todos a esqueceram. Aquela casa de pedra é uma das mais antigas da Ilha. O velho senhor Lewis a construiu oitenta anos atrás, quando veio da Inglaterra. Davy, pare de sacudir o cotovelo de Dora! Ah, eu vi você! Não tente se fazer de inocente! Por que você está se comportando assim nesta manhã?

– Talvez eu tenha levantado do lado errado da cama – sugeriu Davy. – Miltie Boulter disse que, se isso acontecer, as coisas darão errado para você o dia inteiro! Foi a avó dele quem contou isso. Mas qual é o lado certo? E o que se deve fazer se a cama estiver contra a parede? Quero saber!

– Sempre me perguntei o que deu errado entre Stephen Irving e Lavendar Lewis – continuou Marilla, ignorando Davy. – Tenho certeza de que eles estavam comprometidos há vinte e cinco anos, mas, de repente, tudo se acabou! Não sei qual foi o problema, mas deve ter sido algo terrível, pois ele foi embora para os Estados Unidos e nunca mais voltou.

– Talvez não tenha sido nada tão terrível, afinal. Creio que as pequenas coisas da vida frequentemente causam mais problemas do que as grandes – disse Anne, em um daqueles lampejos de sabedoria que nem a experiência poderia ter aperfeiçoado. – Marilla, por favor, não conte à senhora Lynde sobre minha visita à senhorita Lavendar. Sem dúvida ela começaria a fazer uma centena de perguntas e de alguma forma eu não iria gostar... e estou certa de que nem a senhorita Lavendar gostaria, se soubesse.

– Atrevo-me a dizer que Rachel ficaria curiosa – admitiu Marilla –, apesar de não ter mais tanto tempo para cuidar da vida dos outros. Ela está amarrada em casa agora, por causa de Thomas, e está se sentindo muito abatida, pois está começando a perder as esperanças de que ele melhore. Rachel ficará muito solitária se algo acontecer a ele, já que todos os filhos estão morando no Oeste, exceto Eliza, que está na cidade, e ela nem gosta do marido dela.

Os pronomes de Marilla caluniavam Eliza, que era muito afeiçoada ao marido.

– Rachel diz que, se ele ao menos se esforçasse e tivesse vontade própria, ficaria melhor. Mas de que adianta pedir a uma água-viva para sentar direito? – continuou Marilla. – Thomas Lynde nunca teve vontade própria. A mãe o dominou até ele se casar, tarefa que Rachel tomou para si, então. Foi uma surpresa ele ter se atrevido a adoecer sem pedir a permissão dela. Mas, ora, eu não deveria falar assim. Rachel tem sido uma boa esposa. Ele nunca teria conseguido nada sem ela, isso é certo. O homem nasceu para obedecer, e foi sorte ter caído nas mãos de uma administradora inteligente e capaz como Rachel. Ele nunca se importou com o jeito dela, pois ela o livrava do incômodo de ter de tomar alguma decisão sobre qualquer coisa. Davy, pare de se contorcer feito uma enguia!

– Não tenho nada mais para fazer – protestou Davy. – Não posso mais comer, e não é divertido ver você e Anne comendo.

– Bem, você e Dora podem ir lá fora alimentar as galinhas. E nem tente arrancar mais nenhuma pena do rabo do galo branco.

– Queria mais penas para meu cocar de índio – disse, emburrado. – Milty Boulter tem um muito elegante, feito das penas que a mãe deu a ele depois de matarem o velho peru. Você podia me deixar pegar umas. Aquele galo tem mais penas que o suficiente!

– Você pode ficar com o velho espanador que está no sótão – disse Anne –, e eu o tingirei de verde, vermelho e amarelo para você.

– Você está mimando demais este menino! – disse Marilla depois que Davy, com o rosto radiante, seguiu a delicada Dora. Marilla tinha feito grandes progressos na forma de educar nos últimos seis anos, mas ela não conseguia se livrar da ideia de que era muito prejudicial para as crianças terem muitas de suas vontades satisfeitas.

– Todos os garotos da turma têm um cocar de índio, e Davy também quer um – explicou Anne. – Eu sei o que ele sente... Nunca vou esquecer o quanto

ansiei pelas mangas bufantes, quando todas as outras meninas já as usavam. E ele não está sendo mimado. Ele tem melhorado a cada dia. Pense na diferença entre o menino que chegou aqui há um ano e o Davy de hoje.

– Ele certamente não se envolveu em tantas confusões desde que começou a ir para a escola – reconheceu Marilla. – Espero que continue assim, com o contato com outros meninos. Mas é estranho que não tenhamos notícias de Richard Keith. Nenhuma palavra desde maio.

– Tenho medo de receber notícias dele – suspirou Anne, começando a lavar a louça. – Se chegar uma carta, ficarei com receio de abri-la, por medo de que ele nos diga para mandar os gêmeos.

Um mês depois, uma carta realmente chegou. Mas não era de Richard Keith. Era de um amigo dele, que escreveu avisando que ele tinha morrido de tuberculose, quinze dias antes. O autor da carta era o executor do seu testamento, que deixava a quantia de dois mil dólares para a senhorita Marilla Cuthbert, como guardiã de Davy e Dora até que eles atingissem a maioridade ou se casassem. Nesse meio tempo, os juros deveriam ser usados para suprir as necessidades dos irmãos.

– Parece horrível alegrar-se por algo relacionado à morte – disse Anne, taciturnamente. – Sinto muito pelo pobre senhor Keith, mas estou contente porque vamos ficar com os gêmeos.

– O dinheiro vai nos ajudar muito – comentou a prática Marilla. – Eu queria ficar com eles, mas não sabia como conseguiria mantê-los, especialmente quando crescessem. O aluguel da fazenda não dá mais do que para a manutenção da casa, e eu estava decidida a não gastar nenhum centavo do seu dinheiro com eles. Você já faz muito por esses dois. Dora não precisava daquele chapéu novo que você comprou, não mais do que um gato precisa de duas caudas. Mas agora tudo se resolveu, e o futuro deles já está garantido.

Davy e Dora se alegraram quando souberam que ficariam em Green Gables “para sempre”. A morte de um tio a quem nunca tinham conhecido não pesava nem por um momento na balança contra esse fato. Mas Dora tinha uma inquietação.

– O Tio Richard foi enterrado? – sussurrou para Anne.

– Sim, querida, é claro.

– Ele... Ele... Não é como o tio de Mirabel Cotton, é? – perguntou, em um sussurro ainda mais agitado. – Ele não vai andar pela casa depois de ter sido enterrado, vai, Anne?



O ROMANCE DA SENHORITA LAVENDAR

– Acho que vou dar uma caminhada até Echo Lodge ao entardecer – disse Anne, em uma tarde de dezembro.

– Parece que vai nevar – ponderou Marilla.

– Chegarei lá antes que comece a nevar, e pretendo passar a noite lá. Diana não poderá ir porque está com visitas, e tenho certeza de que a senhorita Lavendar estará esperando por mim esta noite. Faz quinze dias que não vou até lá.

Anne tinha feito várias visitas a Echo Lodge desde aquele dia de outubro. Algumas vezes, ela e Diana iam de charrete pela estrada; outras, caminhavam pelos bosques. Quando Diana não podia acompanhá-la, Anne ia sozinha. Entre ela e a senhorita Lavendar havia surgido uma amizade intensa e prestativa, possível apenas entre uma mulher que manteve o frescor da juventude em seu coração e alma, e uma moça cuja imaginação e intuição supriam a falta de experiência. Finalmente, Anne tinha descoberto uma verdadeira “alma gêmea”, enquanto para a solitária e isolada vida de sonhos da pequena dama, Anne e Diana traziam consigo a benéfica alegria e a emoção do mundo exterior, do qual a senhorita Lavendar, “esquecida do mundo, pelo mundo esquecida”, havia deixado de fazer parte há muito tempo; as garotas tinham trazido uma atmosfera de juventude e realidade para a pequena casa de pedra. Charlotta IV sempre as saudava com seu maior sorriso, e os sorrisos de Charlotta eram *realmente* amplos, tratando-as bem tanto em nome da adorada senhora, quanto em nome próprio. Nunca ocorreram ditas “diversões barulhentas” na casinha de pedra como naquele belo e prolongado outono, quando novembro parecia outubro novamente, e até mesmo dezembro imitava os dias de sol e as brumas do verão.

Entretanto, neste dia em particular, parecia que dezembro havia se recordado de que já era tempo de começar o inverno e subitamente tornou-se

sério e sombrio, com uma quietude sem vento que prenunciava a neve. Não obstante, a entusiasmada Anne desfrutou de sua caminhada através do grande labirinto acinzentado do campo de faias. Apesar de estar sozinha, não se sentia solitária; sua imaginação povoava o caminho com alegres companheiros com quem mantinha uma divertida conversa imaginária, que era mais espirituosa e fascinante do que as conversas são capazes de ser na vida real, onde as pessoas com frequência falham lamentavelmente em preencher os requisitos mínimos de um diálogo. Em uma reunião de “faz de conta” de espíritos escolhidos, todos dizem exatamente o que você quer que seja dito, e isso lhe dá a chance de dizer o que você quer dizer. Junto da companhia invisível, Anne cruzou os bosques e chegou à vereda dos pinheiros justo quando começaram a cair suavemente grandes flocos de neve, leves como penas.

Na primeira curva, ela encontrou a senhorita Lavendar parada sob um grande pinheiro de galhos largos. Usava um vestido vermelho vivo, quente, e a cabeça e ombros estavam envoltos em um xale de seda cinza prateado.

– A senhorita parece uma rainha das fadas do bosque de pinheiros – anunciou Anne, alegremente.

– Imaginei que você viria esta noite, Anne – disse a senhorita Lavendar, correndo até ela. – E estou duplamente contente, pois Charlotta IV não está aqui. A mãe dela está doente, então foi passar a noite em casa. Eu ficaria muito solitária se você não tivesse vindo... Nem mesmo os sonhos e os ecos seriam companhia suficiente. Ah, Anne, como você é linda! – acrescentou, de chofre, olhando para a jovem alta e esbelta cujo rosto continuava rosado devido à caminhada. – Tão linda e tão jovem! É tão maravilhoso ter dezessete anos, não é? Eu a invejo – concluiu, com franqueza.

– Mas, no seu coração, a senhorita tem dezessete – sorriu Anne.

– Não, eu estou velha... Ou ainda, sou uma mulher de meia-idade, o que é muito pior – suspirou a senhorita Lavendar. – Algumas vezes consigo fingir que não estou velha, mas em outras me dou conta. E não consigo fazer as pazes com esta ideia como a maioria das mulheres. Estou tão rebelde quanto no dia em que descobri meu primeiro cabelo branco. Ora, Anne, não me olhe como se você estivesse tentando compreender. Quem tem dezessete não consegue entender. Vou imaginar que também tenho dezessete; agora que você está aqui, vou conseguir fazer isso muito bem. Você sempre traz a juventude em suas mãos, como um presente. Esta noite vai ser muito

agradável. Primeiro o chá... o que quer para o chá? Vamos comer o que você quiser! Pense em algo delicioso e indigesto.

Ruídos de alvoroço e júbilo foram ouvidos da casinha de pedra naquela noite. Cozinhando e comendo, ou fazendo doces e rindo e “fazendo de conta”, a verdade é que a senhorita Lavendar e Anne se comportaram de uma maneira incondizente com a dignidade de uma solteirona de quarenta e cinco anos e uma tranquila professora. Então, quando se cansaram, sentaram-se no tapete diante da lareira na sala de visitas, iluminada somente pelo brilho suave do fogo e deliciosamente perfumada pela jarra de rosas abertas sobre a cornija. O vento soprava mais forte, sussurrando e gemendo pelas chaminés, e a neve batia de leve nas janelas, como se centenas de duendes da tempestade estivessem batendo para entrar.

– Estou tão feliz que tenha vindo, Anne – disse a senhorita Lavendar, beliscando seu doce. – Se você não tivesse aqui, eu estaria triste... Muito triste... Terrivelmente triste. Os sonhos e a imaginação caem muito bem durante o dia, à luz do sol, mas, quando a escuridão e a tempestade vêm, eles falham em satisfazer. Então, queremos as coisas reais. Mas você não sabe o que é isso... adolescentes de dezessete anos nunca entendem. Nessa idade, os sonhos são satisfatórios porque você acredita que, logo mais, eles serão realidade. Quando eu tinha a sua idade, Anne, não me imaginava aos quarenta e cinco anos como uma solteirona de cabelos brancos, com nada além de sonhos para preencher minha vida.

– Mas a senhorita não é uma solteirona – respondeu Anne, sorrindo para os melancólicos olhos castanhos da senhorita Lavendar. – Solteironas são assim de *nascença*... Elas não se tornam.

– Algumas nascem solteironas, outras alcançam este status, e ainda há aquelas que não tem outra opção – ela disse, zombeteiramente.

– Então a senhorita é uma das que alcançaram – riu Anne –, e fez isso tão encantadoramente que eu acho que isso viraria moda se todas as solteironas fossem como a senhorita!

– Sempre gostei de fazer as coisas da melhor forma possível – disse a senhorita Lavendar, meditativa, – e quando percebi qual seria meu futuro, resolvi que seria uma solteirona muito agradável. As pessoas dizem que sou estranha, mas é só porque sigo meu próprio método de solteirice e me recuso a copiar o modelo tradicional. Anne, alguém já falou algo a você sobre Stephen Irving e eu?

– Sim – disse Anne, candidamente –, soube que vocês já foram comprometidos.

– Sim... Vinte e cinco anos atrás... Quase uma eternidade. Era para termos nos casado na primavera seguinte. Meu vestido de noiva estava pronto, apesar de ninguém além de mamãe e Stephen saber disso. De certo modo, nós dois estivemos comprometidos quase a vida toda. Quando Stephen era um garotinho, a mãe dele o trazia aqui quando vinha visitar minha mãe, e na segunda vez que vieram... Ele tinha nove anos, e eu seis... Ele me disse, no jardim, que já tinha decidido que iria se casar comigo quando fosse adulto. Lembro-me de ter dito “obrigada”, e quando ele se foi, contei à minha mãe, muito seriamente, que um peso havia saído dos meus ombros, pois não tinha mais medo de ficar solteirona. A pobre mamãe riu tanto!

– E o que deu errado? – perguntou Anne, afoita.

– Tivemos uma discussão estúpida, boba, rotineira. Tão rotineira que nem mesmo lembro como tudo começou. Eu mal sei quem era mais culpado. Stephen realmente começou, mas suponho que eu o provoquei com alguma tolice minha. Ele tinha um ou dois rivais, sabia? Eu era vaidosa e faceira, e gostava de provocá-lo um pouquinho. Ele era um rapaz muito nervoso e sensível. Bem, ambas as partes terminaram aborrecidas. Mas eu pensei que tudo ia ficar bem, e teria ficado, se Stephen não tivesse me procurado tão cedo. Anne, minha querida, eu sinto muito em dizer... – a senhorita Lavendar reduziu a voz como se estivesse a ponto de confessar uma predileção por assassinar pessoas – que sou uma mulher terrivelmente mal-humorada. Oh, não precisa sorrir... É a mais pura verdade. Eu fico aborrecida, e Stephen veio falar comigo antes que eu tivesse me acalmado. Não quis ouvi-lo nem perdoá-lo, e então ele se foi para sempre. Ele era muito orgulhoso para insistir. E, então, fiquei furiosa porque ele não voltava. Eu deveria ter mandado chamá-lo, mas não tive humildade suficiente para isso. Eu era tão orgulhosa quanto ele... Orgulho e mau humor fazem uma péssima combinação, Anne. Mas nunca mais me interessei por ninguém, e nem quis. Sabia que preferiria ser uma solteirona por mil anos a me casar com qualquer pessoa que não fosse Stephen Irving. Bem, tudo isso parece ser um sonho agora, é claro. Você me olha com tanta solidariedade, Anne... A solidariedade que só alguém com dezessete anos pode ter. Mas não exagere. Sou realmente uma pessoinha muito feliz e satisfeita, apesar do meu coração destruído. Meu coração realmente se partiu, se é que um coração pode mesmo se partir, quando percebi que Stephen Irving não iria voltar. Mas,

Anne, um coração partido na vida real não é tão terrível quanto nos livros. Parece muito com um dente cariado... Apesar de essa não ser uma comparação muito romântica. Tem períodos de dor e algumas noites insones de vez em quando, mas, nos intervalos, você é capaz de desfrutar a vida, os sonhos, os ecos e um doce de amendoim, como se não houvesse nada de errado. E agora você parece desapontada. Já não me considera tão interessante quanto há cinco minutos, quando acreditava que estou eternamente presa a uma lembrança trágica, que oculto valentemente com sorrisos. Isso é o pior... Ou o melhor... Da vida real, Anne. Ela não vai deixar que você seja infeliz. Ela continua tentando fazê-la se conformar... E com sucesso... Mesmo quando você está determinada a ser infeliz e romântica. Este doce não está delicioso? Já comi muito mais do que deveria, mas vou continuar comendo de forma imprudente.

Após um breve silêncio, a senhorita Lavendar disse abruptamente:

– Fiquei chocada ao saber do filho de Stephen naquele primeiro dia em que você esteve aqui, Anne. Eu não consegui mencioná-lo a você desde então, mas quero saber tudo sobre ele. Que tipo de menino ele é?

– É o menino mais querido e doce que já conheci, senhorita Lavendar... E ele também imagina as coisas, como a senhorita e eu.

– Eu gostaria de vê-lo – disse a senhorita Lavendar, com suavidade, como se estivesse falando para si mesma. – Pergunto-me se ele se parece com o menininho dos sonhos que vive aqui comigo... meu menininho dos sonhos.

– Se a senhorita quiser, posso trazer Paul comigo algum dia – disse ela.

– Eu gostaria... Mas não tão cedo. Quero me acostumar à ideia. Vai haver mais dor do que alegria... Se ele for parecido demais com Stephen... Ou se não se parecer muito com ele. Daqui a um mês você deve trazê-lo.

Conforme combinado, um mês depois, Anne e Paul cruzaram o bosque até a casa de pedra e encontraram a senhorita Lavendar na vereda. Ela não esperava vê-los e ficou muito pálida.

– Então, este é o filho de Stephen – ela disse, em voz baixa, tomando a mão de Paul e observando-o, belo e juvenil, em seu elegante conjunto de casaco e gorro de peles. – Ele... Ele se parece muito com o pai.

– Todos dizem que sou um galho do velho tronco – respondeu Paul, com sua costumeira desenvoltura.

Anne, que estivera observando a cena, suspirou de alívio.

Ela viu que a senhorita Lavendar e Paul “se deram bem”, e que não haveria constrangimento ou rigidez. A senhorita Lavendar era uma pessoa

muito sensata, apesar de seus sonhos e do romantismo, e soube manter os sentimentos escondidos depois dessa primeira pequena traição, recepcionando Paul com o mesmo brilhantismo e naturalidade que teria recebido o filho de qualquer pessoa. Todos passaram uma tarde muito divertida juntos; e tiveram um banquete com tantas iguarias gordurosas no jantar, que teriam feito a senhora Irving erguer as mãos, horrorizada, acreditando que a digestão de Paul estaria arruinada para sempre.

– Venha de novo, rapaz – disse a senhorita Lavendar, apertando-lhe a mão ao despedir-se.

– A senhorita pode me dar um beijo, se quiser – disse Paul, sério.

A senhorita Lavendar inclinou-se e o beijou.

– Como você sabia que eu queria lhe dar um beijo? – sussurrou ela.

– Porque a senhorita olhou para mim exatamente como a minha mãezinha costumava olhar quando queria me beijar. Como regra, eu não gosto de ser beijado. Meninos não gostam. A senhorita me entende. Mas acho que eu gostaria que a senhorita me beijasse. E é claro que virei visitá-la de novo. Acho que eu gostaria de tê-la como minha amiga particular, se não se importar.

– Eu... Acho que não me importarei – disse a senhorita Lavendar. Ela virou-se e entrou depressa, e logo apareceu na janela, alegre e sorridente, e acenou.

– Eu gostei da senhorita Lavendar – anunciou Paul, enquanto cruzavam o bosque de faias. – Gosto do jeito que ela me olhou e gostei de sua casa de pedra, e da Charlotta IV. Queria que a vovó Irving tivesse uma Charlotta IV, em vez de uma Mary Joe. Tenho certeza de que Charlotta não acharia que estou mal da cabeça quando contasse a ela o que penso sobre as coisas. Não foi um esplêndido chá, professora? Vovó diz que um menino não deve ficar pensando no que vai comer, mas não posso evitar quando estou com muita fome. A senhorita entende, professora. Não acho que a senhorita Lavendar obrigaria um menino a comer mingau no café da manhã, se ele não quisesse. Ela lhe daria somente o que ele gosta de comer. Mas é claro... – Paul era um menino muito justo. – ...que isso poderia não ser muito bom para ele. Mas é muito bom para variar, professora. A senhorita entende.



UM PROFETA EM SUA TERRA NATAL

Certo dia de maio, os habitantes de Avonlea ficaram um tanto alvoroçados por causa de algumas “Notas sobre Avonlea”, assinadas por um “Observador” e publicadas no *Daily Enterprise* de Charlottetown. Os rumores atribuíam a autoria do texto a Charlie Sloane, em parte porque o tal Charlie tivera devaneios literários no passado, em parte porque uma das notas parecia conter uma indireta para Gilbert Blythe. A juventude de Avonlea insistia em considerar Gilbert Blythe e Charlie Sloane rivais pelo apreço de uma certa donzela de olhos cinzentos e grande imaginação.

Os rumores, como de costume, estavam errados. Gilbert Blythe, com a ajuda e o encorajamento de Anne, havia escrito aquele texto e posto um parágrafo sobre si mesmo para despistar. Somente duas das notas tinham alguma importância nesta história:

“Dizem por aí que haverá um casamento no povoado, antes que floresçam as margaridas. Um novo e muito respeitado cidadão conduzirá ao altar de núpcias uma de nossas damas mais populares.”

“Tio Abe, nosso muito bem conhecido profeta meteorológico, prevê uma tempestade violenta com raios e trovões para a noite do dia vinte e três de maio, cujo início será às sete horas em ponto. O temporal atingirá a maior da província. As pessoas que vão viajar nessa noite devem levar sombrinhas e capas de chuva.”

– É verdade que Tio Abe previu uma tempestade para algum momento nesta primavera – disse Gilbert –, mas você acha que o senhor Harrison realmente visita Isabella Andrews?

– Não – respondeu Anne, rindo –, estou certa de que ele só vai jogar xadrez com o senhor Harmon Andrews, mas a senhora Lynde diz que Isabella Andrews se casará em breve, porque ela anda bem animada nesta primavera.

O pobre e velho Tio Abe ficou muito indignado com as notas, pois suspeitava de que o “Observador” estivesse zombando dele. Ele negou furiosamente ter designado uma data em particular para a tempestade que previra, mas ninguém acreditou nele.

A vida em Avonlea continuou serena e uniforme em seu curso. O “plantio” foi anunciado, e os Melhoradores celebraram um Dia da Árvore. Cada Melhorador plantou, ou instigou o plantio, de cinco árvores ornamentais. Como a Sociedade agora contava com quarenta membros, isso significava um total de duzentas novas árvores. As aveias temporãs enverdecera sobre os campos vermelhos, os pomares de macieiras lançavam seus grandes braços floridos ao redor das casas das fazendas, e a Rainha da Neve se adornou como uma noiva se apruma para o marido. Anne gostava de dormir com a janela aberta para sentir a fragrância das cerejas sobre seu rosto durante a noite. Achava que era muito poético. Marilla achava que ela estava arriscando a vida.

– O Dia de Ação de Graças deveria ser celebrado na primavera – disse Anne a Marilla em um fim de tarde, enquanto estavam sentadas nos degraus da porta da frente ouvindo o doce coral das rãs. – Creio que seria infinitamente melhor do que celebrá-lo em novembro, quando tudo está morto ou adormecido. Nessa época, é necessário lembrar-se de ser grato; e, em maio, é inevitável sentir-se agradecido... Ainda que seja só pela vida. Sinto-me exatamente como Eva deve ter se sentido no jardim do Éden, antes dos problemas começarem. O gramado naquela baixada é verde ou dourado? Parece-me, Marilla, que uma pérola de dia como este: quando desabrocham os botões e os ventos não sabem para onde soprar a seguir por puro êxtase, deve ser quase tão bom quanto o paraíso.

Marilla pareceu escandalizada, e olhou ao redor com apreensão para certificar-se de que os gêmeos não estavam ouvindo. Os dois apareceram por detrás da casa naquele instante.

– Esta não é uma noite extremamente cheirosa? – perguntou Davy, respirando fundo com satisfação enquanto balançava uma enxada nas mãos sujas. O garoto estava trabalhando em seu jardim. Naquela primavera, Marilla, como forma de canalizar a paixão de Davy por lambuzar-se na lama e no barro em algo útil, deu a ele e Dora uma pequena porção do terreno para a criação de um jardim. Ambos partiram avidamente para o trabalho, cada um com sua maneira característica. Dora plantou, semeou e regou cuidadosa, sistemática e desapaixonadamente. Como resultado, seu canteiro

já estava verde de brotos que emergiam de pequenas e ordenadas filas de hortaliças e vegetais. Davy, entretanto, trabalhou com mais ardor do que sabedoria. Cavava, capinava, rastilhava, regava e transplantava com tamanha energia que suas sementes não tinham a menor chance de crescer.

– Como está indo o seu jardim, Davy? – perguntou Anne.

– Meio devagar – disse ele, com um suspiro. – Não sei por que as coisas não estão crescendo. Milty Boulter falou que eu devo ter plantado na lua nova, e este é o problema. Ele falou que não se deve plantar, matar um porco, cortar o cabelo ou fazer qualquer coisa importante na fase errada da lua. Isso é verdade, Anne? Quero saber!

– Talvez as suas plantas estivessem melhores se você não as puxasse pelas raízes, dia sim, dia não, para ver como elas estão indo “do outro lado” – disse Marilla sarcasticamente.

– Eu só puxei seis delas! – protestou Davy. – Queria ver se tinha larva nas raízes. Milty Boulter falou que, se a culpa não era da lua, o problema eram larvas. Mas só achei uma única. Era uma larva grande, gorda, suculenta e enrolada. Botei-a em uma pedra, peguei outra e a esmaguei. Ela fez um barulho alto e engraçado, é verdade. Pena que não tinha mais. O jardim de Dora foi plantado ao mesmo tempo que o meu, e tudo está crescendo direitinho. Não pode ser a lua – concluiu, em tom reflexivo.

– Marilla, olhe aquela macieira – disse Anne. – Ora, a árvore é quase humana. Está estendendo seus longos braços para puxar as próprias saias rosadas graciosamente e provocar nossa admiração.

– Essas macieiras Duquesa Amarela sempre crescem bem – respondeu Marilla, complacientemente. – Aquela árvore vai estar carregada este ano. Fico muito feliz... São ótimas para fazer tortas.

Mas nem Marilla, nem Anne, nem ninguém fariam tortas das maçãs da Duquesa Amarela naquele ano.

O dia vinte e três de maio chegou... Um dia excepcionalmente quente, como Anne e seu pequeno enxame de pupilos notaram melhor do que ninguém, sufocando de calor ao estudar frações e sintaxe na classe de Avonlea. Uma brisa quente soprou durante toda a manhã, mas o ar tornou-se pesado e inerte depois do meio-dia. Às três e meia, Anne ouviu o ressoar grave de um trovão e prontamente despachou os alunos, para que todos conseguissem chegar em casa antes da tempestade.

Quando saíram ao pátio, Anne percebeu uma certa sombra e escuridão no ambiente, embora o sol continuasse brilhando. Annetta Bell segurou sua

mão, aflita.

– Oh, professora, veja aquela nuvem terrível!

Anne olhou e proferiu uma exclamação de desalento. À noroeste, aproximava-se rapidamente uma massa de nuvens, tal como ela nunca tinha visto na vida. Era muito negra, exceto onde as bordas curvadas eram ladeadas por um branco lívido apavorante. Ela dominava o claro céu azul com uma aura de indescritível ameaça, sendo cruzada por um raio aqui e ali, seguido por um rugido feroz. Sua altitude era tão baixa que quase parecia tocar os cumes das colinas arborizadas.

O senhor Harmon Andrews apareceu na colina em sua ruidosa carroça de carga, guiando os cavalos à maior velocidade possível, e parou em frente à escola.

– Creio que o Tio Abe tenha acertado uma vez na vida, Anne – gritou. – A tempestade dele está vindo um pouco adiantada. Você já viu uma nuvem igual àquela? Aqui, subam todos os alunos que vão para o lado da minha casa; e os que moram em outras direções, corram para o posto dos correios, se tiverem que caminhar mais do que um quarto de milha, e fiquem lá até que passe o temporal.

Anne pegou Davy e Dora pela mão e voou colina abaixo, passando pela Rota das Bétulas, o Vale das Violetas e o Charco do Salgueiro, tão rápido quanto as perninhas dos gêmeos permitiam. Chegaram bem a tempo em Green Gables e se encontraram na porta com Marilla, que estivera recolhendo os patos e as galinhas para dentro do galinheiro. Quando entraram na cozinha, a luz pareceu desvanecer, como se tivesse sido dissipada por um sopro poderoso. A terrível nuvem cobriu o sol, e uma escuridão como a do final do crepúsculo estendeu-se pelo mundo. Ao mesmo tempo, com o estrondo de um trovão e a claridade ofuscante dos raios, o granizo começou a cair e cobrir a paisagem em sua fúria branca.

Em meio ao clamor da tempestade, ouviu-se o baque dos galhos quebrados golpeando a casa e o ruído de vidros estilhaçados. Em três minutos, todas as vidraças das janelas oeste e norte foram quebradas, e o granizo entrou pelas aberturas cobrindo o chão com pedras, sendo a menor delas do tamanho de um ovo de galinha. Por três quartos de hora a tempestade rugiu sem pausa, e todos que passaram por ela jamais conseguiram esquecê-la. Marilla, completamente aterrorizada, perdeu a compostura uma vez na vida e ajoelhou-se junto à cadeira de balanço em um canto da cozinha, arfando e chorando entre os trovões ensurdecadores. Anne, branca como papel, tinha afastado o sofá da janela e se sentado com um gêmeo em cada lado. Davy, ao ouvir o primeiro estrondo, berrou:

– Anne, Anne, é o Juízo Final? Anne, Anne, eu nunca quis ser travesso! – Ele enterrou o rosto no colo de Anne e ali ficou, com o corpinho trêmulo. Dora, um pouco pálida, porém muito calma, ficou sentada imóvel e em silêncio, com a mãozinha agarrada na mão de Anne. É difícil dizer se um terremoto seria capaz de perturbar a tranquilidade de Dora.

Enfim, quase tão repentinamente quanto começou, a tempestade cessou, o granizo parou, os trovões se distanciaram para o oeste e o sol reapareceu, alegre e radiante, sobre um mundo tão modificado que parecia absurdo pensar que uma transformação como aquela pudesse ter acontecido em meros três quartos de hora.

Marilla ergueu-se, fraca e trêmula, e deixou-se cair na cadeira de balanço. Com um semblante abatido, parecia ter envelhecido dez anos.

– Todos nós conseguimos escapar com vida? – perguntou ela, solenemente.

– Pode apostar que sim! – foi a animada resposta de Davy, completamente recomposto. – Não fiquei nem um pouco assustado... Só no começo. Foi tudo tão de repente! Eu tinha decidido em um piscar de olhos que não ia mais brigar com Teddy Sloane na segunda-feira, mas agora acho que vou! Diga, Dora, você se assustou?

– Sim, me assustei um pouco – disse ela, inabalada –, mas segurei firme a mão da Anne e repeti minhas orações sem parar.

– Bom, eu teria rezado também, se tivesse pensado nisso. Mas veja, eu saí são e salvo, que nem você, mesmo sem ter rezado – acrescentou, triunfante.

Anne serviu para Marilla um copo cheio de seu potente vinho de groselha, cuja potência, Anne, em seus dias de infância, tivera uma boa razão para conhecer, e então todos foram até a porta para contemplar um estranho cenário.

Ao longe, na amplitude, estendia-se um tapete branco de pedras de granizo até a altura dos joelhos. Havia montes delas acumulados sob os beirais do telhado e sobre os degraus. Três ou quatro dias depois, quando as pedras derreteram, a destruição que causaram foi claramente vista, pois cada broto verde que crescia nos campos e jardins fora arrancado. Não só as flores foram extirpadas das macieiras, mas enormes ramos e galhos tinham se quebrado. E das duzentas árvores recentemente plantadas pelos Melhoradores, a grande maioria foi arrancada pela raiz ou feita em pedaços.

– Será possível que este seja o mesmo mundo que tínhamos há apenas uma hora? – perguntou Anne, atordoada. – Tamanha devastação deve ter levado mais tempo.

– Uma destruição igual a essa nunca tinha sido vista na Ilha do Príncipe Edward... Nunca – lamentou Marilla. – Lembro-me de que houve uma tempestade terrível quando eu era menina, mas aquela não foi nada em comparação a esta. Vamos ouvir notícias da terrível destruição, podem ter certeza.

– Espero que nenhum dos meus alunos tenha sido pego ao ar livre – murmurou Anne, angustiada. Mais tarde, descobriu-se que nenhuma das crianças fora afetada, visto que as que moravam longe tomaram o excelente conselho do senhor Andrews e buscaram refúgio no posto dos correios.

– Aí vem John Henry Carter – disse Marilla.

John Henry vinha em meio ao granizo com uma expressão assustada no rosto.

– Oh, não é terrível, senhorita Cuthbert? O senhor Harrison mandou-me aqui para ver se estão todos bem.

– Nenhum de nós foi morto – respondeu ela, sombria – E nenhuma das construções foi atingida. Espero que tenham tido a mesma sorte.

– Sim, senhora. Não a mesma, senhora. Nós fomos atingidos. Um raio na chaminé da cozinha e veio pelo cano da fumaça, atingiu a gaiola de Ginger, abriu um buraco no chão e foi parar no porão. Sim, senhora!

– Ginger foi ferido? – indagou Anne.

– Sim, senhora. Foi muito ferido. Foi morto.

Mais tarde, Anne foi até a fazenda do senhor Harrison para consolá-lo. Encontrou-o sentado à mesa, acariciando o corpinho morto de Ginger com a mão estremecida.

– O pobre Ginger já não vai mais chamar a senhorita de maneira inapropriada – ele disse, com tristeza.

Anne nunca se imaginaria chorando por causa de Ginger, mas as lágrimas lhe vieram aos olhos.

– Era a única companhia que eu tinha, senhorita Anne... E agora ele está morto. Bem, bem, sou um velho tolo por me importar tanto. Vou fingir que não me importo. Sei que vai dizer algo consolador assim que eu parar de falar... Mas não faça isso. Se disser, vou chorar como um bebê. Não foi uma tempestade horrorosa? Aposto que as pessoas não vão mais rir das previsões do Tio Abe. Parece que todas as profecias frustradas de tormentas que ele já fez ao longo da vida resolveram se concretizar de uma só vez. O mais surpreendente foi que ele acertou até o dia, não foi? Veja só que bagunça temos aqui! Tenho que dar uma olhada por aí e apanhar algumas tábuas para fechar o buraco no chão.

Os habitantes de Avonlea não fizeram mais nada no outro dia além de visitar uns aos outros e comparar os danos. Em razão das pedras de granizo, as estradas ficaram intransitáveis para as rodas, de modo que todos iam caminhando ou cavalgando. O correio chegou tarde, com más notícias de toda a província. Casas tinham sido atingidas, pessoas mortas e feridas, todo o sistema de telefonia e telegrafia estava desorganizado, e todos os animais jovens que se encontravam em campo aberto haviam morrido.

De manhã cedo, Tio Abe foi até o ferreiro e passou o dia inteiro lá. Era sua hora de triunfo, e ele a desfrutou plenamente. Seria injustiça afirmar que ele estava contente pela tempestade; mas, já que havia ocorrido, ele estava muito feliz por sua previsão ter se cumprido, na data exata, inclusive. Tio Abe até esqueceu que negara ter estabelecido uma data. E, quanto à ligeira discrepância com relação ao horário, isso não era nada.

Gilbert chegou a Green Gables ao entardecer e encontrou Marilla e Anne ocupadas em pregar tiras de oleado sobre as janelas quebradas.

– Só Deus sabe quando conseguiremos vidros! – disse Marilla. – O senhor Barry foi até Carmody esta tarde, mas não conseguiu nada, por amor ou por dinheiro. Os habitantes de Carmody já tinham limpado os armazéns de Lawson e de Blair às dez da manhã. A tempestade foi tão violenta em White Sands quanto aqui em Avonlea, Gilbert?

– Eu diria que sim. Fiquei preso na escola com todas as crianças, e pensei que algumas ficariam loucas de pavor. Três desmaiaram, duas meninas tiveram crise de histeria, e Tommy Blewett não fez outra coisa além de gritar a plenos pulmões durante todo o tempo.

– Eu só dei um gritinho! – disse Davy, orgulhoso. – Meu jardim ficou todo esmagado e achatado – continuou, pesaroso –, mas o da Dora também! –a crescentou, em um tom que indicava que ainda existia bálsamo em Gileade¹⁸.

Anne desceu correndo do quarto.

– Oh, Gilbert, já soube da notícia? A velha casa do senhor Levi Boulter foi atingida por um raio e completamente incendiada! Creio que sou extremamente perversa por me alegrar com isso, depois que aconteceu tanta destruição. O senhor Boulter declarou que acredita que a SMA tenha criado a tempestade por meio de magia para este propósito.

– Bem, uma coisa é certa: o “Observador” fez a reputação do Tio Abe como um profeta meteorológico. “A Tempestade do Tio Abe” vai entrar para a história local! Foi a coincidência mais extraordinária que tudo tenha acontecido justo no dia que escolhemos. Para falar a verdade, estou me sentindo um tanto culpado, como se eu realmente tivesse criado a tempestade por magia. Mas podemos nos regozijar pela remoção da velha casa, visto que não há muito pelo que se alegrar com as nossas mudas de árvores. Nem dez ficaram de pé.

– Ah, bem, vamos apenas ter que plantá-las de novo na próxima primavera – respondeu Anne, filosoficamente. – Essa é uma das coisas boas deste mundo... Podemos ter certeza de que sempre haverá outras primaveras.

Referência ao Antigo Testamento – Jeremias, 8:22. (N. T.)



UM ESCÂNDALO EM AVONLEA

Em uma alegre manhã de junho, quinze dias após a tempestade do Tio Abe, Anne caminhava lentamente pelo quintal de Green Gables, vindo do jardim, carregando nas mãos dois caules ressecados de narcisos brancos.

– Olhe, Marilla – disse, com tristeza, segurando as flores diante dos olhos da dama austera, que tinha o cabelo atado com um lenço de algodão xadrez, verde e branco, e entrava na casa com um frango despenado –, estes foram os únicos botões que a tempestade poupou... E mesmo estes são imperfeitos. Que pena... Queria levar alguns ao túmulo de Matthew. Ele sempre gostou tanto dos lírios de junho.

– Também sinto falta delas – admitiu Marilla –, apesar de não parecer certo ficar lamentando sobre as flores, quando tantas coisas piores aconteceram... Todas as colheitas estão destruídas, assim como as frutas.

– Mas as pessoas estão semeando as aveias novamente – reconfortou Anne –, e o senhor Harrison diz que se tivermos um bom verão, elas vão crescer, ainda que atrasadas. E minhas flores estão brotando outra vez... Mas, ah, nada pode substituir os lírios de junho! A pobre Hester Gray também não receberá nenhum. Ontem à noite fui até o jardim dela, mas não havia nenhum. Tenho certeza de que ela sentirá falta das flores.

– Não acho certo você falar essas coisas, Anne, realmente não acho! – repreendeu Marilla, com severidade. – Hester Gray morreu há mais de trinta anos, e seu espírito está no céu... Eu espero.

– Sim, mas eu acredito que ela ainda ama e se lembra de seu jardim que ficou aqui. Estou convicta de que eu gostaria de olhar para baixo e ver alguém depositando flores em meu túmulo, não importando há quanto tempo eu estivesse no céu. Se eu tivesse um jardim como o de Hester Gray, levaria mais de trinta anos, mesmo no céu, para que eu não sentisse mais saudades dele.

– Bem, não deixe que os gêmeos a ouçam falar dessa maneira – foi o débil protesto de Marilla, ao carregar o frango para dentro de casa.

Anne prendeu os narcisos no cabelo e foi até o portão da alameda, onde deteve-se por alguns minutos para desfrutar do sol esplendoroso de junho antes de dedicar-se às tarefas matinais de sábado. O mundo tornava-se adorável novamente. A velha Mãe Natureza fazia o máximo esforço para remover os traços da tempestade, e, apesar de não ter tido êxito completo por muitas luas, estava realmente operando maravilhas.

– Só queria ficar ociosa hoje o dia inteiro – disse Anne a um pássaro azul que cantava pousado em um galho de salgueiro –, mas uma professora, que também está ajudando a cuidar de gêmeos, não pode se dar a esse luxo, passarinho. Como é doce o seu canto, amiguinho! Você está transformando em música os sentimentos do meu coração de uma forma muito melhor do que eu jamais conseguiria. Ora, quem está vindo?

Uma charrete vinha sacolejando pela alameda, com duas pessoas no assento e um grande baú atrás. Quando se aproximaram, Anne reconheceu o condutor como o filho do oficial da estação de Bright River, mas sua companhia era desconhecida... Um fragmento de mulher que saltou agilmente diante do portão, praticamente antes que o cavalo se detivesse. Era uma pessoinha muito bonita, evidentemente mais próxima dos cinquenta anos do que dos quarenta, mas com bochechas rosadas, cintilantes olhos escuros e cabelo negro e brilhante, coroado por um maravilhoso chapéu adornado de flores e plumas. Apesar de ter viajado treze quilômetros por uma estrada poeirenta, ela estava tão limpa como se tivesse acabado de sair de uma caixa de chapelaria.

– É aqui que vive o senhor James A. Harrison? – inquiriu, sem cerimônia.

– Não, o senhor Harrison vive mais adiante – respondeu Anne, completamente admirada.

– Bem, eu realmente achei que este lugar parecia muito asseado... Asseado demais para James A. Harrison viver aqui, a não ser que tivesse mudado muito desde que o vi pela última vez – gorjeou a pequena dama. – É verdade que ele vai se casar com uma dama desta comunidade?

– Não, oh, não! – exclamou Anne. Seu rosto ficou ruborizado a ponto de despertar o olhar curioso da estranha, como se suspeitasse dos planos matrimoniais do senhor Harrison.

– Mas eu li no jornal da Ilha! – insistiu a bela desconhecida. – Uma amiga enviou-me um exemplar com a notícia em destaque... Amigas são sempre

tão prestativas para fazer essas coisas. O nome de Harrison estava escrito abaixo de “um novo cidadão”.

– Ah, aquela nota era só uma piada! – Anne respirou fundo. – O senhor Harrison não tem a intenção de se casar com ninguém. Eu posso lhe garantir.

– Estou muito contente em saber – disse a dama rosada, voltando agilmente para seu assento na charrete –, pois acontece que ele já é casado. Eu sou a esposa dele. Ah, pode ficar surpresa! Presumo que ele tem se passado por solteiro, partindo corações a torto e a direito. Ora, ora, James A. Harrison – ela acenou vigorosamente para os campos em direção à grande casa branca –, acabou a diversão! Estou aqui... apesar de que não teria me dado ao trabalho de vir se não tivesse pensado que você estava envolvido em alguma malandragem. Suponho – voltando-se para Anne – que aquele papagaio esteja tão profano como sempre.

– O papagaio... Está morto... eu *acho* – arquejou a pobre Anne. Naquele exato momento, ela não se sentia segura nem do próprio nome.

– Morto? Tudo vai ficar bem, então – respondeu a dama rosada, em júbilo. – Posso lidar com James A. Harrison se aquele pássaro estiver fora do caminho.

Com esta declaração enigmática, ela seguiu alegremente pela estrada, e Anne voou até a porta da cozinha para encontrar Marilla.

– Anne, quem era aquela mulher?

– Marilla, eu pareço estar louca? – perguntou com ar solene, mas com o olhar desvairado.

– Não mais do que de costume – respondeu Marilla, sem intenção de ser irônica.

– Bem, então, acha que estou acordada?

– Anne, que bobagem é essa? Perguntei quem era aquela mulher.

– Marilla, se eu não estou louca nem sonhando, ela não pode ser feita da mesma substância dos sonhos... Ela deve ser real. De qualquer maneira, estou certa de que não conseguiria imaginar um chapéu como aquele. Ela diz que é esposa do senhor Harrison, Marilla!

Foi a vez de Marilla surpreender-se.

– Esposa dele? Anne Shirley! Então, por que é que ele está se passando por solteiro?

– Não acho que seja o caso – argumentou Anne, tentando ser justa. – Ele nunca disse que não era casado. As pessoas simplesmente tomaram como certo que ele não era. Oh, Marilla, o que a senhora Lynde dirá sobre isso?

Descobriram o que a senhora Lynde tinha a dizer quando ela fez uma visita no final daquela tarde. Ela não estava surpresa! Sempre suspeitara de algo do tipo. Sempre soube que o senhor Harrison tinha algo de estranho!

E pensar que ele abandonou a esposa! – disse ela, indignada. – Parece uma daquelas coisas que só acontecem nos Estados Unidos, mas quem poderia imaginar algo assim acontecendo bem aqui em Avonlea?

– Mas nós não sabemos se ele a abandonou! – protestou Anne, determinada a acreditar na inocência de seu amigo até que fosse provado o contrário. – Não sabemos o que realmente aconteceu.

– Bem, em breve saberemos. Estou indo diretamente para lá – disse a senhora Lynde, que nunca soubera da existência da palavra delicadeza no dicionário. – Supostamente eu não sei nada sobre a chegada dela, e o senhor Harrison ficou de trazer de Carmody uns medicamentos para Thomas. Então, esta será uma boa desculpa! Descobrirei toda a história e virei para contar no caminho de volta.

A senhora Lynde se precipitou em um terreno onde Anne jamais teria se atrevido a pisar. Nada no mundo a teria convencido a ir à casa do senhor Harrison; mas a jovem possuía uma cota natural e adequada de curiosidade e sentia-se secretamente satisfeita pelo fato da senhora Lynde ter ido resolver o mistério. Ela e Marilla aguardaram ansiosas o retorno dela, mas esperaram em vão. A senhora Lynde não retornou a Green Gables naquela noite. Davy, ao regressar às nove horas da casa dos Boulter, explicou o porquê.

– Encontrei a senhora Lynde e uma mulher estranha no vale – disse ele – e, por Deus, como falavam as duas ao mesmo tempo! A senhora Lynde me pediu para dizer a vocês que sentia muito, mas estava muito tarde para vir nesta noite. Anne, estou terrivelmente faminto! Tomamos chá na casa do Miltie às quatro, e achei a senhora Boulter muito malvada! Ela não nos deu nada de compotas nem bolo... e até mesmo o pão era escasso!

– Davy, quando você visita alguém, não se deve criticar nada que lhe for oferecido para comer – disse Anne, em tom solene. – É muita falta de educação.

– Tudo bem... Eu só vou pensar – respondeu, animado. – Anne, dê alguma coisa para um pobre rapaz comer.

Anne olhou para Marilla, que a seguiu até a despensa e fechou a porta cuidadosamente.

– Pode pôr um pouco de geleia no pão de Davy, eu sei muito bem como é o chá na casa de Levi Boulter.

Davy recebeu a fatia de pão com geleia com um suspiro.

– Este é um mundo meio decepcionante, afinal – comentou ele. – Milty tem uma gata que sofre ataques... Ela teve um todos os dias, durante três semanas. Milty falou que é muito engraçado de ver! Eu fui lá hoje de propósito para ver um ataque, mas a coisinha miserável não teve nenhum, ela estava mais do que saudável, apesar de termos esperado a tarde inteira. Mas não importa... – Davy iluminou-se à medida que o insidioso conforto da geleia de ameixas se instalava em sua alma – Pode ser que eu ainda consiga ver o bicho tendo um ataque outro dia. Não é provável que a gata tenha deixado de sofrer ataques de uma hora para outra, depois de tanto tempo, não é? Esta geleia é muito deliciosa!

Davy não tinha tristezas que a geleia de ameixas não pudesse curar.

O domingo foi tão chuvoso que não houve fofocas, mas na segunda-feira todos já tinham ouvido alguma versão da história do senhor Harrison. A escola estava plena de burburinho, e Davy chegou em casa cheio de informações.

– Marilla, o senhor Harrison tem uma nova esposa... Bom, não exatamente nova, mas Milty falou que eles pararam de estar casados por um tempo. Sempre achei que as pessoas tinham que continuar casadas, mas Milty falou que não, porque existem umas formas de parar se você não consegue aguentar. Ele falou que uma das formas é só ir embora e deixar a esposa, e foi isso que o senhor Harrison fez. Falou que o senhor Harrison a abandonou porque ela atirava coisas nele... Coisas duras... e Arty Sloane falou que foi porque ela não o deixava fumar, e Ned Clay falou que foi porque ela nunca parava de criticá-lo. Eu não deixaria a minha esposa por nada disso! Eu só bateria o pé no chão e diria: “Senhora Davy, você tem que fazer o que eu gosto, porque eu sou um homem!” Acho que isso a deixaria calma rapidinho. Mas Annetta Clay falou que foi ela que o deixou, porque não limpava as botas na porta antes de entrar, e ela não culpa a esposa por isso. Vou na casa do senhor Harrison agora mesmo para ver como ela é!

Davy logo retornou, um pouco abatido.

– A senhora Harrison não estava... Ela foi até Carmody com a senhora Rachel Lynde para comprar um novo papel de parede para a sala de visitas. E o senhor Harrison pediu que eu falasse para Anne ir até lá, pois ele quer conversar com ela. E digo mais, o chão está limpo e o senhor Harrison está com a barba feita, apesar de não ter ido à igreja ontem.

A cozinha do senhor Harrison não parecia nada familiar para Anne. O piso apresentava, de fato, um maravilhoso grau de pureza, assim como cada móvel daquele aposento; o forno estava polido, e era possível ver seu rosto refletido nele; as paredes haviam sido pintadas de branco e os vidros da janela brilhavam sob a luz do sol. À mesa estava o senhor Harrison, usando suas roupas de trabalho, que apresentavam vários rasgos e buracos na sexta-feira, mas que agora estavam nitidamente remendadas e escovadas. Seu rosto estava barbeado com esmero, e o pouco cabelo que restava fora cuidadosamente cortado.

– Sente-se, senhorita Anne, sente-se – disse ele, em um tom de voz duas vezes mais baixo do que o usado nos funerais pelas pessoas de Avonlea. – Emily foi até Carmody com Rachel Lynde... Ela já firmou uma amizade eterna com aquela senhora. Admira-me o quão contraditórias são aquelas duas. Bem, senhorita Anne, meus tempos de tranquilidade se acabaram... Completamente. Presumo que, de agora em diante, seja só limpeza e organização, para o resto da minha vida natural.

O senhor Harrison fez o possível para falar pesarosamente, mas um irreprimível brilho em seus olhos o traiu.

– O senhor está contente com o retorno de sua esposa! – exclamou Anne, sacudindo o dedo para ele. – Não precisa fingir que não está, pois eu consigo ver claramente!

O senhor Harrison relaxou, com um sorriso acanhado.

– Bem... bem... Estou me acostumando – confessou. – Não posso dizer que estou triste por ver Emily. Um homem realmente precisa de certa proteção em uma comunidade como esta, onde não se pode jogar xadrez com o vizinho sem ser acusado de ter a intenção de se casar com a irmã dele e sem que isso seja publicado no jornal.

– Ninguém teria pensado que o senhor estava cortejando Isabella Andrews se não tivesse fingido ser solteiro – disse Anne com muita severidade.

– Eu não fingi que era. Se alguém tivesse perguntado se eu era casado, eu teria dito que era. Mas todos apenas pressupuseram as coisas. E eu não estava ansioso para falar sobre o assunto... Era muito doloroso. A senhora Rachel Lynde teria muito a dizer se soubesse que minha esposa tinha me deixado, não teria?

– Mas alguns dizem que foi o senhor que a deixou.

– Ela começou, senhorita Anne, ela começou! Vou contar toda a história, pois não quero que a senhorita pense o pior de mim, mais do que mereço... E

nem de Emily. Mas vamos para a varanda. Tudo aqui está tão assustadoramente limpo que me faz sentir saudade da minha casa. Creio que me acostumarei, depois de um tempo, mas olhar para o quintal me acalma, por ora. Emily ainda não teve tempo de limpá-lo.

Assim que se sentaram confortavelmente na varanda, o senhor Harrison começou o relato de seus infortúnios.

– Eu vivia em Scottsford, New Brunswick, antes de vir para cá, Anne. Minha irmã cuidava da casa para mim, e o fazia muito bem; nossa casa era razoavelmente limpa, e ela me deixava em paz e me enchia de mimos... como Emily sempre diz. Porém, três anos atrás, ela morreu. Antes de morrer, ela se preocupava muito com o que seria de mim, e por fim, fez com que eu promettesse que me casaria. Ela aconselhou-me a casar com Emily Scott, que tinha seu próprio dinheiro e era uma dona de casa padrão. Eu disse a ela: “Emily Scott nunca olharia para mim.” E minha irmã respondeu: “Peça-a em casamento e veja”, e, só para tranquilizá-la, prometi que faria isso... e fiz. E Emily aceitou meu pedido. Nunca fiquei tão surpreso na minha vida, senhorita Anne... uma mulher inteligente e linda como aquela, e um velho camarada como eu. Vou lhe dizer, pensei a princípio que estava com sorte. Bem, nós nos casamos e fizemos uma curta viagem de quinze dias a St. John, e então voltamos para casa. Chegamos às dez horas da noite, e eu dou minha palavra, Anne, de que em meia hora aquela mulher estava limpando a casa. Ah, sei que está pensando que minha casa precisava... A senhorita tem um rosto muito expressivo; seus pensamentos estão todos refletidos nele... Mas não precisava, não tanto assim. Admito que casa era muito bagunçada nos meus tempos de solteirice, mas antes do casamento eu contratei uma mulher para que fizesse uma boa limpeza, e também foram feitos consideráveis reparos na estrutura e na pintura. Eu lhe asseguro que, se a senhorita levar Emily para um palácio de mármore novinho, ela vai começar a esfregar assim que conseguir pôr um vestido velho. Bem, ela ficou limpando a casa até a uma da madrugada naquela noite, e às quatro horas já estava de pé, limpando novamente. E assim continuou... E, até onde eu sei, nunca parou. Areava, varria e tirava o pó sem parar, exceto aos domingos, quando passava o dia ansiando pela segunda-feira para começar tudo de novo. Era a forma como se entretinha, e eu não teria problema algum com isso se ela tivesse me deixado em paz. Mas isso não fez. Estava decidida a me mudar, mas não havia me pego jovem o bastante. Ela não permitia que eu entrasse em casa a menos que trocasse as botas por chinelos na porta. Eu

não podia fumar meu cachimbo, a não ser que fosse para o estábulo. E minha linguagem não era suficientemente correta. Emily tinha sido professora ainda bem jovem, e nunca deixou isso para trás. Também odiava me ver comendo com minha faca. Bem, e assim era, implicância e reclamação sem fim! Entretanto, Anne, para ser justo, eu também era teimoso. Não tentei melhorar tanto quanto deveria ter feito... Só ficava mal-humorado e contrariado quando ela apontava minhas faltas. Certa vez, falei que ela não tinha reclamado da minha linguagem quando eu a pedi em casamento. Não foi uma coisa muito educada de se dizer. Uma mulher perdoaria um homem por agredi-la com mais facilidade do que por dar a entender que ela estava muito ansiosa para agarrá-lo. Bem, continuamos brigando assim, o que não era exatamente agradável, mas talvez tivéssemos nos acostumado um ao outro após um tempo, se não fosse por causa de Ginger. O papagaio foi a gota d'água. Emily não gostava de papagaios e não conseguia suportar o modo profano de Ginger falar. Eu era apegado ao pássaro por causa do meu irmão marinheiro. Ele era o meu irmão favorito quando éramos crianças, e enviou-me Ginger quando estava morrendo. Eu não via motivos para me preocupar tanto com seu hábito de xingar. Não há nada que eu odeie mais do que isso em uma pessoa, mas em um papagaio, que apenas repete o que ouve, sem entender mais do que eu entenderia de chinês, exceções podem ser feitas. Mas Emily não pensava dessa maneira. Mulheres não são lógicas. Empenhava-se em fazer Ginger parar de xingar, mas não parecia ter mais êxito do que tinha tentando me fazer parar de dizer “tendi” e “essas coisa”. Parecia que, quanto mais se empenhava, pior Ginger ficava, assim como eu.

O senhor Harrison fez uma pausa, deu um suspiro e prosseguiu:

– Bem, as coisas continuaram assim, ambos ficando mais irritados, até que veio o ápice do problema. Emily convidou nosso ministro e a esposa para o chá, e outro ministro e a esposa dele, que estavam de visita. Prometi colocar Ginger em um lugar seguro, onde ninguém poderia ouvi-lo... Emily não tocava na gaiola nem com uma vara de três metros... E eu tinha a intenção de fazer isso, pois não queria que os ministros ouvissem nada desagradável em minha casa. Mas isso fugiu da minha mente... Emily estava me enlouquecendo tanto por causa dos colarinhos limpos e da minha linguagem, que já era de se esperar... E eu me esqueci do pobre pássaro, até que nos sentamos para o chá. Justo quando o ministro número um estava bem no meio da oração, Ginger, que estava na varanda diante da janela da sala de jantar, ergueu a voz. Ele tinha avistado o peru no quintal, e isso sempre

surtia um efeito nocivo em Ginger. E, aquela vez, ele se superou. Pode rir, Anne, não nego que eu mesmo já ri por causa disso muitas vezes desde então, mas naquele momento me senti quase tão mortificado quanto Emily. Saí dali e levei Ginger para o estábulo. Não posso dizer que desfrutei da refeição. Sabia, pela expressão de Emily, que problemas aguardavam por Ginger e James. Quando as visitas foram embora, fui até o pasto das vacas, meditando, no caminho, sobre algumas coisas. Lamentava por Emily e suspeitava que não tinha sido tão atencioso como deveria. E, além disso, questionava se os ministros pensaram que Ginger tinha aprendido aquele vocabulário comigo. No fim das contas, decidi que teria que me desfazer misericordiosamente de Ginger, e depois de levar as vacas para o estábulo, fui contar a Emily minha decisão. Mas Emily não estava lá, só havia uma carta na mesa – bem em acordo com a regra dos romances. Na carta, Emily dizia que eu teria de escolher entre ela e Ginger. Tinha voltado para sua própria casa, e ali permaneceria até que eu lhe dissesse que tinha me livrado do papagaio.

– Fiquei tão irritado, Anne, e falei que ela podia ficar esperando até o Dia do Juízo Final, e não voltei atrás. Empacotei todos os seus pertences e enviei para ela. Isso deu muito pano para manga... Scottsford é quase tão ruim quanto Avonlea no quesito fofoca... E todos se solidarizaram com Emily. Isso me deixou completamente furioso e revoltado, e vi que precisava ir embora, do contrário nunca teria paz. Concluí que teria de vir para a Ilha. Eu já tinha vindo aqui quando era menino, e tinha gostado muito, mas Emily sempre dissera que nunca viveria em um lugar onde as pessoas tivessem medo de passear depois do crepúsculo, por receio de cair no mar. Então, só para contrariar, resolvi me mudar para cá. E isso é tudo. Não tive mais notícias de Emily até voltar para casa no sábado, vindo do campo de trás, quando a encontrei esfregando o chão... E a primeira refeição decente que comi desde que ela me deixou, pronta sobre a mesa. Disse-me para comer primeiro, e depois conversaríamos, assim concluí que Emily havia aprendido algumas lições sobre como lidar com um homem. Então, aqui ela está e aqui ficará... ao ver que Ginger está morto, e a Ilha é um pouco maior do que ela imaginou. Aí vêm a senhora Lynde e ela. Não, não vá, Anne. Fique e conheça Emily. Vocês já se viram no sábado... Ela queria saber quem é a linda jovem ruiva que mora na fazenda ao lado.

A senhora Harrison saudou Anne de forma radiante e insistiu que ela ficasse para o chá.

– James estava me contando tudo sobre você e o quão gentil tem sido, trazendo bolos e coisas para ele – disse ela. – Quero conhecer todos os meus novos vizinhos, assim que possível. A senhora Lynde é uma mulher adorável, não é? Tão amigável!

Quando Anne voltou para casa, em meio ao doce crepúsculo de junho, a senhora Harrison a acompanhou pelos campos, onde os vagalumes acendiam suas lamparinas.

– Suponho que James contou nossa história a você – disse a senhora Harrison, confidencialmente.

– Sim.

– Então não preciso contá-la, pois James é um homem justo e sempre diz a verdade. A culpa está longe de ser toda dele. Agora consigo enxergar. Não fazia uma hora que eu tinha voltado para minha casa quando desejei não ter sido tão apressada, mas eu não iria dar o braço a torcer. Percebo agora que esperava muito de um homem. E fui realmente muito boba por me importar com seu péssimo vocabulário. Não importa se um homem não tenha um bom vocabulário, desde que seja um bom provedor e não fique rondando a despensa para ver quanto açúcar você usou em uma semana. Sinto que James e eu seremos muito felizes agora. Queria saber quem é o “Observador” para poder agradecer. Tenho uma verdadeira dívida de gratidão com ele.

Anne manteve seu segredo, e a senhora Harrison nunca soube que sua gratidão chegara a seu destino. Anne sentiu-se um pouco atordoada ao pensar no longo alcance daquelas “notas” tolas. Elas haviam reconciliado um homem com sua esposa e criado a reputação de um profeta.

A senhora Lynde estava na cozinha de Green Gables. Estivera contando toda a história para Marilla.

– Bem, e o que você achou da senhora Harrison? – perguntou a Anne.

– Gostei muito dela. Acho que é uma dama adorável.

– É exatamente o que ela é – disse a senhora Lynde, com ênfase –, e eu estava dizendo a Marilla que devemos fazer vistas grossas para as peculiaridades do senhor Harrison e tentar fazer com que ela se sinta em casa aqui, é isso o que é. Bem, preciso ir embora. Thomas deve estar reclamando da minha ausência. Tenho saído um pouco desde que Eliza veio, e ele parece estar muito melhor nestes últimos dias, mas não gosto de passar muito tempo longe dele. Soube que Gilbert Blythe renunciou à vaga de professor em White Sands. Suponho que irá para a universidade no outono.

A senhora Lynde encarou a jovem com um olhar afiado, mas Anne estava inclinada sobre o sonolento Davy, que caía de sono no sofá, e seu semblante era inescrutável. Ela carregou o pequeno para o quarto, apoiando a bochecha sobre a cabecinha cheia de cachos. Enquanto subiam as escadas, Davy lançou um braço cansado em torno do pescoço de Anne e lhe deu um caloroso abraço e um beijo pegajoso.

– Você é muito boa, Anne! Milt Boulter escreveu na lousa hoje e mostrou para Jennie Sloane: “Rosas são vermelhas e violetas são azuis, o mel é doce, e assim também és tu.” E isso expressa exatamente os meus sentimentos por você, Anne.



DEPOIS DA CURVA

Thomas Lynde despediu-se da vida da mesma forma tranquila e discreta com que a vivera. Sua esposa foi uma enfermeira terna, paciente e incansável. Rachel tinha sido um pouco dura com seu Thomas, quando sua lentidão e docilidade a irritavam. Porém, depois que ele adoeceu, nenhuma voz fora mais suave, nenhum toque mais gentil e habilidoso, nenhuma vigília mais voluntária.

– Você tem sido uma boa esposa para mim, Rachel – disse ele certa vez, com simplicidade, quando ela estava sentada ao seu lado no entardecer, segurando-lhe a mão envelhecida, magra e pálida, entre suas mãos talhadas pelo trabalho duro. – Uma boa esposa. Lamento não deixá-la em melhores condições, mas nossos filhos cuidarão de você. São todos inteligentes e capazes, iguais à mãe. Uma boa mãe... Uma boa mulher...

Então ele dormiu e, na manhã seguinte, justo quando a branca alvorada espreitava sobre a copa dos pontiagudos pinheiros do vale, Marilla subiu em silêncio ao quartinho do lado leste do sótão e acordou Anne.

– Anne, Thomas Lynde se foi... O ajudante acabou de trazer a notícia. Estou indo agora mesmo para ver Rachel.

Um dia depois do funeral de Thomas Lynde, Marilla caminhava por Green Gables com um ar estranhamente preocupado. Olhava ocasionalmente para Anne, parecendo estar prestes a dizer alguma coisa; então, balançava a cabeça e comprimia os lábios. Após o chá, foi ver como estava a senhora Lynde e, quando retornou, subiu até o quarto de Anne, onde ela estava corrigindo os trabalhos escolares.

– Como está a senhora Lynde nesta noite?

– Sentindo-se um pouco mais calma e mais tranquila – respondeu Marilla, sentando-se na cama de Anne... Atitude que anunciava alguma estranha excitação mental, pois, de acordo com o código de ética caseira de Marilla, sentar-se em uma cama já feita era uma ofensa imperdoável. – Mas está

muito solitária. Eliza teve que voltar para casa hoje... O filho dela não está bem, e ela sentia que não poderia ficar mais tempo.

– Quando eu terminar estes exercícios, vou correr até lá e conversar com a senhora Lynde – disse Anne. – Pretendia estudar um pouco de composição latina, mas isso pode esperar.

– Suponho que Gilbert Blythe vá para a universidade no outono – disse Marilla, de chofre. – Você também gostaria de ir, Anne?

Anne levantou o olhar com espanto.

– É claro que sim, Marilla. Mas isso não é possível.

– Creio que seja. Sempre acreditei que você deveria ir. Nunca me senti confortável ao pensar que você estava abandonando tudo por minha causa.

– Marilla, eu nunca lamentei, nem por um momento, por ter ficado em casa. Tenho sido tão feliz... Oh, estes últimos dois anos têm sido encantadores!

– Sim, sei que você está bem contente. Mas não é esta a questão, exatamente. Você tem que dar continuidade aos seus estudos. Você economizou o suficiente para se sustentar em Redmond por um ano, e o dinheiro da venda do gado te sustentará para mais um ano... E existem bolsas e coisas do tipo que você pode ganhar.

– Sim, mas não posso ir, Marilla. Seus olhos estão melhores, é claro, mas não posso deixá-la sozinha com os gêmeos. Eles precisam de tanto cuidado!

– Não estarei sozinha com eles. Era isso que eu queria discutir com você. Tive uma longa conversa com Rachel esta noite. Anne, ela se sente terrivelmente mal por inumeráveis questões. Ela não ficou em uma boa situação econômica. Parece que eles hipotecaram a fazenda oito anos atrás para ajudar o filho caçula a começar a vida quando foi para o oeste, e nunca conseguiram pagar muito mais do que os juros desde então. E depois, é claro, a doença de Thomas foi muito dispendiosa, de um jeito ou de outro. A fazenda terá que ser vendida, e Rachel acha que dificilmente sobrá algum dinheiro depois que as contas forem pagas. Disse que terá que ir morar com Eliza, e que está de coração partido ao pensar em sair de Avonlea. Uma mulher na idade dela não faz amizades e descobre novos interesses facilmente. E, Anne, enquanto ela me falava essas coisas, ocorreu-me a ideia de convidá-la para morar comigo, mas pensei que deveria conversar com você primeiro, antes de dizer qualquer coisa a ela. Se Rachel vier morar aqui, você pode ir para a universidade. O que acha disso?

– Sinto... Como se... Alguém... Tivesse me dado... A lua... e eu não soubesse... exatamente... o que fazer... com ela – balbuciou Anne, confusa. – Mas, quanto a convidar a senhora Lynde para morar aqui, é uma decisão sua, Marilla. Você acha... tem certeza... de que gostaria disso? A senhora Lynde é uma boa pessoa e uma vizinha gentil, mas... mas...

– Mas tem seus defeitos, é o que quer dizer? Bem, ela tem, é claro, mas acho que preferiria suportar defeitos ainda piores a ver Rachel deixar Avonlea. Eu sentiria imensamente a falta dela. É a única amiga íntima que tenho aqui, e me sentiria perdida sem ela. Somos vizinhas há quarenta e cinco anos e nunca tivemos uma discussão... Apesar de termos chegado bem perto disso naquele dia em que você se zangou com ela por chamá-la de ruiva e desajeitada. Lembra-se, Anne?

– Creio que sim – respondeu, com melancolia. – As pessoas não esquecem coisas assim. Como odiei a pobre senhora Lynde naquele momento!

– E, então, aquelas “desculpas” que você pediu! Bem, você dava trabalho, em todos os aspectos, Anne. Eu realmente me senti intrigada e desnorteada sobre como orientá-la. Matthew entendia você melhor.

– Matthew entendia tudo – disse Anne, docemente, como sempre fazia ao falar sobre ele.

– Bem, acho que podemos nos ajustar para que Rachel e eu não entremos em conflito. Sempre achei que a razão pela qual duas mulheres não podem se dar bem em uma casa é porque tentam compartilhar a mesma cozinha e ficam no caminho uma da outra. Agora, se a senhora Lynde vier para cá, ela pode ficar com o quarto do lado norte como dormitório, e o quarto de hóspedes como cozinha, pois nós não precisamos de um quarto de hóspedes para nada. Ela pode colocar seu forno lá e toda a mobília que quiser manter, e viver com conforto e independência. Rachel terá o bastante para viver, é claro... Os filhos cuidarão disso...Então, tudo que eu estaria dando a ela seria o quarto. Sim, Anne, no que diz respeito a mim, eu iria gostar.

– Então fale com ela – disse Anne, prontamente. – Eu mesma também ficaria triste ao ver a senhora Lynde ir embora.

– E, se ela vier, você poderá ir para a universidade. Ela fará companhia para mim, e fará pelos gêmeos o que eu não posso fazer, então não há razão no mundo para que você não possa ir.

Anne meditou longamente diante de sua janela naquela noite. A alegria e o arrependimento lutavam em seu coração. Ela havia chegado enfim, repentina e inexplicavelmente, à curva no caminho, e ali estava a universidade, com uma centena de esperanças e planos coloridos. Mas compreendeu, também, que, se tomasse esse caminho, teria de deixar para trás muitas coisas doces... Todos os pequenos deveres e simples interesses que tinham se tornado tão queridos nos últimos dois anos, transformados em belezas e delícias graças ao entusiasmo com que os realizava. Ela teria que deixar a escola... E Anne amava cada um de seus alunos, mesmo os tolos e os travessos. E só de pensar no rostinho de Paul Irving fazia com que perguntasse a si mesma se Redmond College valia mesmo a pena, afinal.

– Durante os dois últimos anos, tenho plantado pequenas raízes – Anne disse à lua –, e quando forem arrancadas, vai doer muito. Mas é melhor ir, eu acho... E, como Marilla disse, não há outra razão para que eu não vá. Preciso colocar para fora todas as minhas ambições e sacudi-las para tirar a poeira.

No dia seguinte, Anne enviou sua carta de demissão, e a senhora Lynde, após uma conversa sincera com Marilla, aceitou com gratidão o convite para

viver em Green Gables. Entretanto, ela preferiu permanecer em sua própria casa durante o verão, pois a fazenda não seria vendida até o outono e ainda havia muito que ser feito.

– Eu certamente nunca pensei em viver em um lugar tão longe da estrada como Green Gables – suspirou a senhora Lynde para si mesma. – Mas, na verdade, aquele lugar não parece mais tão distante do mundo quanto antes... Anne tem vários amigos e os gêmeos tornam a casa muito animada. E, de qualquer maneira, eu preferiria viver no fundo de um poço a ter que deixar Avonlea.

Estas duas decisões, sendo rapidamente divulgadas, desbancaram as fofocas sobre a chegada da senhora Harrison. Mentes sábias ficaram chocadas com o convite precipitado de Marilla Cuthbert para que a senhora Lynde fosse morar com ela. As pessoas opinavam que elas não conseguiriam viver juntas. Ambas eram “muito apegadas à própria maneira de ser”, e diversas previsões desanimadoras foram feitas, ainda que nenhuma delas tenha perturbado as partes em questão. As duas haviam chegado a um claro e distinto entendimento sobre os respectivos deveres e direitos do novo acordo, e tinham a intenção de respeitá-los.

– Não vou me intrometer com você nem você comigo – disse a senhora Lynde, decididamente –, e, com relação aos gêmeos, ficarei contente em fazer o que puder por eles, mas não vou me responsabilizar por responder às perguntas de Davy, é isso o que é. Não sou uma enciclopédia, nem uma advogada da Filadélfia. Você sentirá falta de Anne para isso.

– Algumas vezes, as respostas de Anne são tão estranhas quanto as perguntas de Davy – respondeu Marilla, com secura. – Os gêmeos sentirão falta dela, sem dúvida, mas o futuro de Anne não pode ser sacrificado por causa da sede de informação de Davy. Quando ele fizer perguntas que não consigo responder, direi apenas que as crianças devem ser vistas, e não ouvidas. Foi assim que fui criada; não sei, mas foi uma forma tão boa quanto todas essas noções modernas de educação das crianças.

– Bem, os métodos de Anne parecem ter funcionado muito bem com Davy – disse a senhora Lynde, sorrindo. – Ele é uma nova pessoa, é isso o que é.

– Ele não é mau – reconheceu Marilla. – Nunca achei que me apegaria tanto a estas crianças. Davy tem uma forma de nos cativar... e Dora é uma criança adorável, apesar de ser... Meio que... Bem, meio...

– Monótona? Exatamente – completou a senhora Lynde. – Como um livro cujas páginas são sempre iguais, é isso o que é. Dora será uma mulher muito boa e confiável, mas nunca sairá da linha. Bem, esse tipo de pessoa é muito agradável de se ter por perto, ainda que não seja tão interessante quanto as do outro tipo.

Gilbert Blythe foi, provavelmente, a única pessoa a quem as notícias da renúncia de Anne ao cargo de professora não trouxeram sentimentos misturados. Seus alunos a consideraram uma completa catástrofe. Annetta Bell chegou histérica em casa. Anthony Pye deu vazão aos seus sentimentos lutando e vencendo duas batalhas não provocadas com outros companheiros. Barbara Shaw chorou a noite inteira. Paul Irving avisou à avó, em tom desafiador, que não iria comer mingau por uma semana.

– Não consigo, vovó! – disse ele. – Realmente não sei se consigo comer coisa alguma. Sinto como se tivesse um terrível nó na garganta. Eu teria chorado no caminho de volta para casa, se Jake Donnell não estivesse me olhando. Creio que vou chorar quando for para a cama. Não vai aparecer nos meus olhos amanhã, vai? Será um grande alívio. Mas, de qualquer maneira, não consigo comer mingau. Precisarei de toda a minha força de vontade para superar isso, vovó, e não vai sobrar nada para lutar com a comida. Oh, vovó, não sei o que vou fazer quando minha linda professora for embora! Milty Boulter aposta que Jane Andrews ficará com o colégio. Suponho que a senhorita Andrews seja muito boa. Mas sei que ela não vai entender as coisas como a senhorita Shirley.

Diana também considerou a novidade de modo pessimista.

– Vou me sentir terrivelmente solitária no próximo inverno – lamentou certa noite, quando a luz da lua derramava sua “prata etérea” através dos ramos da cerejeira, enchendo o quartinho do lado leste com um resplendor suave, como um sonho, no qual as meninas estavam conversando, Anne em sua pequena cadeira de balanço e Diana sentada de pernas cruzadas sobre a cama. – Você e Gilbert estarão longe... E os Allan também. O senhor Allan foi chamado para Charlottetown, e é claro que ele vai aceitar. É terrível. Creio que o cargo ficará vago durante todo o inverno, e teremos que suportar uma longa lista de candidatos... Metade deles não chegará nem perto de ser qualificada.

– Espero que não chamem o senhor Baxter, de East Grafton para cá – afirmou Anne. – Ele quer vir para esta paróquia, mas seus sermões são muito sombrios. O senhor Bell alega que ele é um ministro às antigas, mas a

senhora Lynde disse que não há nada errado com ele, a não ser a indigestão. A esposa dele não é muito boa cozinheira, ao que parece, e a senhora Lynde diz que, quando um homem tem que comer pão azedo durante duas semanas em cada três, sua teologia está fadada a ter algum defeito. A senhora Allan lamenta muitíssimo ter que ir embora. Ela afirmou que todos têm sido tão gentis desde que ela chegou aqui, quando era recém-casada, que sente como se estivesse deixando amigos da vida inteira. Além disso, tem o túmulo do bebê, você sabe. Ela diz que não sabe como conseguirá ir embora e deixá-lo aqui... Era tão pequenininho, tinha só três meses de vida, e ela acha que ele vai sentir falta de sua mãe... apesar de que por nada nesse mundo ela diria isso ao senhor Allan. Diz que quase todas as noites ela atravessa a alameda de bétulas atrás da casa paroquial e vai até o cemitério, cantar uma canção de ninar para ele. Contou-me tudo isso ontem, ao entardecer, enquanto eu estava lá colocando algumas rosas silvestres no túmulo de Matthew. Prometi a ela que, enquanto eu estiver em Avonlea, colocarei flores no túmulo do bebê, e que quando não estiver, tenho certeza de que...

– Eu faria isso – completou Diana, com todo o coração. – É claro que farei. E colocarei flores na sepultura de Matthew também, Anne, por você.

– Oh, obrigada! Eu ia mesmo pedir a você. E no túmulo de Hester Gray, também? Por favor, não se esqueça dela. Sabe, tenho pensado e sonhado tanto com a pequena Hester Gray, que ela tem se tornado estranhamente real para mim. Penso nela, em seu pequeno jardim, naquele recanto fresco, verde e sossegado, e tenho a sensação de que, se eu pudesse entrar às escondidas em um destes entardeceres de primavera, justo naquela hora mágica que separa a luz das sombras, e subisse pela colina de faias furtivamente para que meus passos não pudessem assustá-la, iria encontrar o jardim em toda a sua doçura de outrora, com seus lírios de junho e rosas temporãs, e a casinha coberta de vinhas. E a pequena Hester estaria ali, com os olhos suaves e os cabelos escuros ao vento, vagando, acariciando os lírios com a ponta dos dedos e sussurrando segredos para as rosas. E eu entraria bem de mansinho, estenderia as mãos e diria: “Pequena Hester Gray, você permitiria que eu fosse sua companheira de brincadeiras, já que também amo as rosas?”. E nós nos sentaríamos no velho banco, e conversaríamos e sonharíamos um pouco, ou só ficaríamos em silêncio, juntas. E, então, a lua sairia e eu olharia ao redor... E não haveria Hester Gray e nenhuma casinha com vinhas penduradas, e nenhuma rosa... Somente um velho e abandonado jardim, com lírios de junho brotando aqui e ali por entre o gramado, e o vento

sussurrando, oh, tão tristemente pelos ramos das cerejeiras. E eu não saberia se tinha sido real, ou se eu havia imaginado tudo isso.

Diana apoiou as costas contra a cabeceira da cama. Quando sua amiga começa a narrar coisas tão assombrosas na hora do crepúsculo, é difícil não imaginar que exista alguma coisa espreitando pelas suas costas.

– Temo que a Sociedade de Melhorias vá decair quando você e Gilbert não estiverem por aqui – comentou Diana, com tristeza.

– Eu não temo nem um pouco! – respondeu Anne prontamente, voltando da terra dos sonhos para os assuntos práticos da vida. – A Sociedade já está estabelecida o suficiente, especialmente considerando que os cidadãos mais idosos estão tão entusiasmados com ela. Veja o que estão fazendo neste verão por seus gramados e veredas. Além disso, estarei atenta a novas ideias em Redmond e escreverei um relatório no próximo inverno e enviarei para vocês. Não tenha uma visão tão negativa das coisas, Diana! E não fique ressentida com meu pequeno momento de alegria e júbilo agora. Mais tarde, quando eu tiver que ir, não sentirei nada além de pesar.

– Você não tem razão para sentir pesar... Você está indo para a universidade e viverá momentos maravilhosos, e fará muitas amizades novas e adoráveis.

– Espero que eu faça amigos – disse Anne, pensativa. – A possibilidade de conhecer novos amigos ajuda a tornar a vida mais fascinante. Mas não importa quantos amigos eu tenha, pois eles nunca serão tão queridos para mim quanto os antigos... Especialmente uma certa garota de olhos negros e covinhas. Consegue adivinhar quem é, Diana?

– Mas haverá tantas meninas inteligentes em Redmond – suspirou Diana –, e eu sou apenas uma estúpida campesina que diz “tá” algumas vezes... Apesar de saber raciocinar quando paro para pensar. Bem, estes dois últimos anos têm sido verdadeiramente muito bons para durar. Sei de *alguém* que está feliz com sua ida para Redmond. Anne, vou fazer uma pergunta... Uma pergunta séria. Não fique chateada e responda seriamente: você tem sentimentos por Gilbert?

– Gosto muitíssimo dele como amigo, mas nem um pouco da maneira que você sugere – respondeu, calma e decididamente; ela também achava que estava falando com honestidade.

Diana suspirou. De certo modo, ela desejava que Anne tivesse dado uma resposta diferente.

– Não pensa em se casar algum dia, Anne?

– Talvez... Algum dia... Quando encontrar a pessoa certa – respondeu a jovem, sorrindo sonhadora para a lua.

– Mas como você poderá ter certeza de que conheceu a pessoa certa? – persistiu Diana.

– Ah, eu vou reconhecê-lo... *algo* vai me dizer. Você sabe quais são meus ideais, Diana.

– Mas os ideais das pessoas mudam algumas vezes.

– Os meus não. E eu *não conseguiria* me interessar por um homem que não os satisfizesse.

– E se você nunca o conhecer?

– Então irei morrer como uma solteirona – foi a resposta animada. – Ouso dizer que não é a pior das mortes, de jeito nenhum.

– Suponho que morrer seria a parte mais fácil. É o viver como solteirona que não me parece uma boa ideia – disse Diana, sem nenhuma intenção de ser engraçada. – Apesar de que não me importaria tanto assim em ser solteirona se pudesse ser como a senhorita Lavendar. Mas eu nunca seria. Quando eu tiver quarenta e cinco anos, estarei terrivelmente gorda. E, enquanto pode haver algo de romântico em uma solteirona esbelta, não há esperanças para uma gorda. Oh, você sabia que Nelson Atkins pediu Ruby Gillis em casamento, três semanas atrás? Ruby me contou tudo. Disse que nunca teve nenhuma intenção de aceitá-lo, pois quem se casar com ele vai ter que morar com os sogros; mas Ruby contou que ele fez uma declaração tão perfeitamente linda e romântica, que a fez ficar sem chão. Mas como não queria fazer nada precipitado, nossa amiga pediu uma semana para pensar. E, duas semanas depois, ela estava em uma reunião do Clube de Costura na casa da mãe dele, e havia um livro chamado O Guia Completo de Etiqueta na mesa da sala de visitas. Ruby disse que simplesmente não consegue descrever seus sentimentos quando, em uma seção do livro, intitulada A Conduta Durante o Noivado e o Casamento, encontrou a declaração que Nelson havia feito, palavra por palavra! Ela voltou para casa e escreveu uma carta de recusa bem cruel; também contou que, desde então, o pai e a mãe dele tiveram que se revezar para vigiá-lo, por medo de que ele se atirasse no rio. Mas Ruby falou a eles que não precisavam se preocupar, pois o manual diz como um amante rejeitado deve se comportar, e que não há nada sobre afogamento! E contou também que Wilbur Blair está literalmente louco por ela, mas que ela não faz a mínima ideia do que fazer.

Anne fez um movimento impaciente.

– Odeio dizer isso... Parece tão desleal... Mas, bem, eu não gosto de Ruby Gillis agora. Gostava dela quando fomos à escola e à Queen's Academy juntas... nunca da mesma forma que gosto de você e de Jane, é claro. Mas este último ano em Carmody ela parece tão diferente... Tão... Tão...

– Eu sei – assentiu Diana. – É o lado dos Gillis brotando de dentro dela... Ela não consegue evitar. A senhora Lynde diz que, se alguma vez as moças da família Gillis pensaram em algo além de homens, nunca demonstraram em suas maneiras e na conversação. Ruby não fala em nada além de rapazes e nos elogios que fazem a ela, e como estão loucos por ela em Carmody. E o mais estranho é que eles realmente estão – admitiu Diana, com certo ressentimento. – Noite passada, quando a vi no armazém do senhor Blair, ela sussurrou para mim que tinha feito recentemente uma nova “conquista”. Não perguntei quem era, pois sabia que Ruby estava morrendo de vontade que eu perguntasse. Bem, suponho que é o que ela sempre quis. Você lembra que, mesmo quando ela era menor, sempre dizia que teria dúzias de pretendentes quando crescesse, e que iria se divertir ao máximo antes de se casar? Ela é tão diferente de Jane, não é? Jane é uma moça tão boa, sensata e recatada.

– A querida Jane é uma joia! – concordou Anne. – Mas, afinal – Anne acrescentou, inclinando-se para dar um terno tapinha na mão gorducha que estava sobre a almofada –, não há ninguém como a minha Diana! Você se recorda daquela tarde em que nos conhecemos, Diana, e “juramos” amizade eterna em seu jardim? Mantivemos aquele voto, eu acho... Nunca tivemos uma discussão nem mesmo um distanciamento. Nunca me esquecerei da emoção que senti no dia em que você disse que me amava! Tive um coração tão solitário e faminto durante toda a minha infância! Estou só agora começando a entender o quão faminto e solitário ele realmente era. Ninguém se importava comigo ou sequer prestava atenção em mim. Eu teria sido muito infeliz se não fosse por aquela estranha vidinha de sonhos, onde imaginava todos os amigos e amor que não tinha. Mas quando vim para Green Gables, tudo mudou. E então eu te conheci. Você não imagina o que sua amizade significa para mim. Quero lhe agradecer, aqui e agora, querida, pelo verdadeiro afeto e calor humano que você sempre me deu.

– E que sempre, sempre darei – soluçou Diana. – Eu *nunca* amarei alguém... Nenhuma amiga... a metade do que amo você. E se um dia eu me casar e tiver uma menininha, vou chamá-la de Anne.



UMA TARDE NA CASA DE PEDRA

– Onde você está indo toda arrumada, Anne? – Davy queria saber. – Você está um arraso nesse vestido!

Anne descera para almoçar usando um novo vestido de musselina verde pálido... A primeira cor que usara depois da morte de Matthew. Ficava muito bem nela, fazendo ressaltar os delicados tons florais de seu rosto e o brilho acobreado de seus cabelos.

– Davy, quantas vezes tenho que lhe dizer para não usar essa palavra? – disse ela, repreendendo-o. – Estou indo a Echo Lodge.

– Leve-me com você! – implorou Davy.

– Eu o levaria, se fosse de charrete. Mas vou caminhando, e é muito longe para as suas pernas de oito anos de idade. Além disso, Paul está indo comigo, e temo que você não desfrute muito da companhia dele.

– Ah, agora gosto muito mais de Paul do que antes – respondeu, começando a fazer ameaçadoras invasões em seu pudim. – Desde que me tornei um bom menino, não me importo tanto que ele seja melhor. Se eu continuar assim, um dia o alcanço, tanto nas pernas quanto na bondade. E Paul é muito bondoso com a gente, os meninos do segundo ano. Ele não deixa os meninos maiores mexerem conosco e nos ensina muitos jogos.

– Como foi que Paul caiu no córrego ao meio-dia de ontem? – perguntou Anne. – Encontrei-o no pátio, tão molhado que o mandei para casa imediatamente para se trocar, antes de averiguar o que tinha acontecido.

– Bem, foi meio que um acidente – explicou Davy. – Ele enfiou a cabeça de propósito, mas o resto caiu por acidente. Estávamos todos no córrego e Prillie Rogerson ficou com raiva de Paul por causa de alguma coisa... Ela é terrivelmente má e ofensiva, apesar de ser bonita... E falou que a vó dele faz cachinhos no cabelo dele todas as noites. Paul não teria se importado com o que ela falou, eu acho, mas Gracie Andrews riu, e Paul ficou muito vermelho, porque Gracie é a garota dele, você sabe. Ele está *completamente*

louco por ela... Leva flores e carrega os livros dela até bem mais além da estrada à beira-mar. Ele ficou vermelho igual a uma beterraba e respondeu que a vó não fazia nada daquilo, que o cabelo dele é cacheado de nascimento. E então ele se abaixou na margem e colocou a cabeça na água para mostrar! Ah, não foi na nascente de onde tiramos água para beber – acrescentou, ao ver o olhar horrorizado de Marilla –, foi naquele que fica mais abaixo. Mas a margem estava escorregadia, e ele caiu direto.

Garanto que a queda foi um arraso! Oh, Anne, Anne, eu não quis dizer isso... A palavra escapou antes de eu pensar. Foi uma queda esplêndida. Ele parecia tão engraçado rastejando pela margem acima, todo molhado e enlameado! As meninas riram até não poder mais, só Gracie que não. Ela parecia triste. Gracie é uma boa menina, mas tem o nariz empinado. Quando eu ficar grande o bastante para ter uma garota, não vou querer uma de nariz empinado... Vou escolher uma com o nariz lindo igual ao seu, Anne.

– Um menino que lambuza tanto o rosto com calda enquanto come pudim nunca fará com que uma moça olhe para ele – disse Marilla, com severidade.

– Mas eu vou lavar meu rosto antes de sair para namorar – protestou Davy, tentando melhorar as coisas ao esfregar o dorso das mãos na sujeira. – E vou limpar atrás da orelha também, sem precisar que me digam nada. Eu lembrei hoje de manhã, Marilla. Não me esqueço tanto quanto antes. Mas – e Davy suspirou – existem tantos cantinhos no corpo de um homem, que é terrivelmente difícil lembrar-se de todos! Bom, se não posso ir até a senhorita Lavendar, vou até a casa da senhora Harrison. Posso garantir que a senhora Harrison é uma mulher muitíssimo bondosa. Ela guarda um pote de biscoitos na despensa, especialmente para os menininhos, e sempre me dá as raspinhas da bacia onde bateu o bolo de ameixas. Uma grande quantidade de ameixas gruda nos lados, você sabe. O senhor Harrison sempre foi um bom homem, mas está duas vezes melhor desde que voltou a estar casado. Acho que casar torna as pessoas melhores. Por que você não se casa, Marilla? Quero saber!

O estado de solteirice de Marilla nunca foi um problema, e então, com uma troca de olhares significativos com Anne, ela respondeu cordialmente que supunha ser porque ninguém a pediu.

– Ou talvez você nunca tenha pedido a ninguém para se casar – protestou Davy.

– Oh, Davy – disse Dora, toda formal, chocada a ponto de entrar na conversa sem terem se dirigido a ela –, é o homem que tem que fazer o

pedido.

– Não sei por que eles têm que fazer isso sempre – resmungou o menino.
– Parece que tudo nesse mundo está a cargo dos homens. Posso comer mais um pedaço de pudim, Marilla?

– Já comeu mais do que é conveniente – disse Marilla. Porém, ela lhe serviu uma segunda porção moderada.

– Eu queria que as pessoas pudessem viver de pudim. Por que não podem, Marilla? Quero saber!

– Porque logo ficariam enjoadas de comer só isso.

– Pessoalmente, eu gostaria de provar – replicou o cético Davy. – Mas acho que é melhor comer pudim só nos dias que tem peixe no almoço e visitas do que nunca comer. Eles nunca têm sobremesa na casa do Milty Boulter. Milty diz que, quando recebem visitas, a mãe dele lhes serve queijo, e ela mesma corta os pedaços... Um “pedacinhozinho” para cada um, e um a mais por educação.

– Se Milty Boulter fala assim da mãe dele, você não tem necessidade de repetir – ralhou Marilla.

– Pela minha alma! – Davy tinha aprendido a expressão com o senhor Harrison e a usava com grande gosto. – Milty falou isso como um elogio. Ele tem muitíssimo orgulho da mãe, pois as pessoas comentam que ela consegue tirar até água de pedra.

– Acho... acho que aquelas galinhas irritantes estão no meu canteiro de amor-perfeito! – disse Marilla, levantando-se e saindo apressadamente para o quintal.

As difamadas galinhas não estavam perto do canteiro de amor-perfeito, e Marilla nem olhou para aquele lado. Em vez disso, sentou-se na portinhola do porão e riu até sentir vergonha de si mesma.

Quando Anne e Paul chegaram à casa de pedra naquela tarde, encontraram a senhorita Lavendar e Charlotta IV no jardim, capinando, rastilhando e podando com toda a vontade. A senhorita Lavendar, alegre e doce, usando os babados e rendas que tanto amava, largou a tesoura e correu jubilosa para encontrar seus visitantes, enquanto Charlotta IV abria um largo sorriso de felicidade.

– Bem-vinda, Anne! Imaginei que viria hoje. Você pertence à tarde, e ela aqui te trouxe. As coisas que se pertencem sempre chegam juntas! Quantos problemas seriam evitados apenas se as pessoas soubessem disso. Mas não sabem... E assim, desperdiçam uma energia maravilhosa movendo céus e

terras para tentar reunir coisas que não se pertencem. E você, Paul... ora, como cresceu! Está metade de uma cabeça maior do que quando veio aqui antes!

– Sim, comecei a espichar como a erva-formigueira à noite, como diz a senhora Lynde! – respondeu Paul, francamente encantado com o fato. – Vovó diz que é o mingau que está fazendo efeito, finalmente. Talvez seja. Só Deus sabe... – Paul suspirou profundamente. – Comi o suficiente para fazer qualquer um crescer. Espero que, agora que comecei, continue espichando até ficar tão alto quanto o meu pai. Sabia que ele tem um metro e oitenta, senhorita Lavendar?

Sim, a senhorita Lavendar sabia; o rubor aumentou por um instante em suas bochechas. Tomou a mão de Paul de um lado e a de Anne do outro e caminharam até a casa em silêncio.

– Hoje é um bom dia para os ecos, senhorita Lavendar? – inquiriu Paul, ansioso. No dia de sua primeira visita havia vento demais para os ecos, e o garoto ficou muito desapontado.

– Sim, hoje é um dia ótimo! – respondeu a senhorita Lavendar, despertando de seu devaneio. – Mas, primeiro, vamos todos comer alguma coisa. Sei que vocês não caminharam toda essa distância através daquele bosque de faias sem ficarem famintos, e Charlotta IV e eu podemos comer em qualquer horário do dia... Temos o apetite muito obsequioso. Então, vamos fazer uma incursão até a despensa. Felizmente, é encantadora e está repleta. Eu tinha o pressentimento de que receberia visitas hoje, e então nós nos preparamos.

– Acho que a senhorita é uma das pessoas que sempre tem coisas boas na despensa – declarou Paul. – Vovó também é assim. Mas ela não aprova lanches entre as refeições. Não sei – acrescentou, meditativamente – se deveria comer quando estou longe de casa, sabendo que ela não aprova.

– Oh, acredito que não desaprovava, depois dessa longa caminhada. Isso faz a diferença – disse senhorita Lavendar, trocando divertidos olhares com Anne por cima dos cachos castanhos de Paul. – Suponho que as merendas sejam extremamente prejudiciais. E é por isso que nós as comemos tão frequentemente em Echo Lodge. Nós, Charlotta IV e eu, vivemos em oposição a todas as dietas conhecidas. Comemos todos os tipos de comida indigesta a qualquer hora que pensemos, dia ou noite, e florescemos como os loureiros. Estamos sempre tentando nos corrigir. Quando lemos algum artigo nos jornais advertindo contra algo de que gostamos, nós o recortamos e

pregamos na parede da cozinha, para lembrar do assunto. Porém, de alguma forma, nunca conseguimos... Só depois de termos comido o alimento em questão. Até agora nada nos matou, mas Charlotta ficou conhecida por ter pesadelos depois de comer sonhos, tortas de carne e bolo de frutas antes de ir se deitar.

– Vovó me deixa beber um copo de leite e comer uma fatia de pão com manteiga antes de ir para a cama, e aos domingos à noite ela põe geleia no pão – disse Paul. – Então, as noites de domingo sempre me alegram... Por mais de uma razão. Domingo é um dia muito longo na estrada à beira-mar. Vovó diz que para ela é um dia demasiado curto, e que papai nunca achou os domingos cansativos quando era garoto. Não pareceria tão longo se eu pudesse conversar com minhas pessoinhas de pedra, mas nunca faço isso, pois aos domingos vovó não aprova. Eu penso muitas coisas, mas temo que meus pensamentos sejam mundanos. Vovó diz que nunca devemos pensar em nada além de pensamentos religiosos aos domingos. Mas a professora aqui disse, uma vez, que cada pensamento realmente belo era religioso, não importa sobre o que seja, ou em que dia pensemos. Mas tenho certeza de que a vovó acha que só podemos pensar nos sermões e nas lições da Escola Dominical. E quando surge uma diferença de opinião entre vovó e a professora, não sei o que fazer. No meu coração – Paul colocou a mão no peito e ergueu os sérios olhos azuis-escuros para o semblante compreensivo da senhorita Lavendar –, eu concordo com minha professora. Mas, veja bem, vovó já educou meu pai da própria maneira e teve um êxito brilhante com ele, e a professora não criou ninguém ainda, embora esteja ajudando a educar Davy e Dora. Só que o resultado você só saberá depois que eles tiverem crescido. Então, algumas vezes sinto que é mais seguro fazer o que diz minha avó.

– Penso que sim – concordou Anne, solenemente. – De qualquer maneira, ousou dizer, se sua avó e eu explicássemos o que realmente queremos dizer, à maneira peculiar de cada uma, descobriríamos que pensamos praticamente igual. Mas é melhor que você aja como ela diz, considerando que é o resultado de uma experiência. Teremos de esperar até os gêmeos crescerem para verificar se meu método é igualmente bom.

Depois da merenda eles voltaram ao jardim, onde Paul conheceu os ecos, para sua alegria e deleite, enquanto Anne e a senhorita Lavendar conversavam sentadas no banco de pedra sob o álamo.

– Então você parte no outono? – perguntou a senhorita Lavendar, melancólica. – Eu deveria estar feliz por você, Anne... Mas estou, de forma egoísta, extremamente triste. Sentirei tanto a sua falta! Oh, algumas vezes acho que não vale a pena fazer amigos! Eles se vão de nossa vida após um tempo e deixam uma ferida muito pior do que o vazio anterior a eles.

– Isso parece algo que a senhorita Eliza Andrews poderia ter dito, mas nunca a senhorita Lavendar! – disse Anne. – *Nada* é pior do que a sensação de vazio... E eu não estou indo embora de sua vida. Existem as cartas e as férias. Querida, receio que a senhorita esteja um pouco pálida e cansada.

– Oh... hoo... hoo... hoo! – gritava Paul na vala de pedra, onde estivera fazendo todo tipo de ruído diligentemente; não todos melodiosos, mas quando retornavam estavam transmutados em som de ouro e prata pelas fadas alquimistas do rio. A senhorita Lavendar fez um movimento impaciente com suas belas mãos.

– Só estou cansada de tudo... Até mesmo dos ecos. Não há mais nada em minha vida além de ecos... Ecos de esperanças perdidas, sonhos e alegrias. São formosos e zombadores. Oh, Anne, é horrível falar essas coisas na frente das visitas. É que eu estou ficando velha, e isso não combina comigo. Sei que serei horivelmente esquisita quando tiver sessenta anos. Mas talvez tudo de que eu precise seja algum remédio.

Naquele momento, Charlotta IV, que havia desaparecido depois da refeição, retornou e anunciou que o lado nordeste do campo do senhor John Kimball estava vermelho de morangos temporãos, e perguntou se senhorita Shirley não gostaria de colher alguns.

– Os primeiros morangos para o chá! – exclamou a senhorita Lavendar. – Oh, não estou tão velha quanto pensei... E não preciso de uma pílula sequer! Meninas, quando vocês voltarem com os morangos, vamos tomar o chá aqui, sob o álamo prateado. Vou preparar tudo, inclusive um creme caseiro.

Anne e Charlotta IV dirigiram-se ao campo do senhor Kimball, um lugar remoto e verde onde o ar era suave como o veludo, fragrante como um leito de violetas e dourado como o âmbar.

– Oh, não é doce e fresco aqui? – Anne inspirou. – Sinto como se estivesse bebendo a luz do sol!

– Sim, madame, eu também. É exatamente como me sinto, madame – concordou Charlotta IV, que teria dito precisamente a mesma coisa se Anne comentasse que se sentia como um pelicano selvagem. Sempre após uma visita de Anne à Echo Lodge, Charlotta subia até seu quartinho sobre a cozinha e, diante de seu espelho, tentava falar, agir e mover-se como Anne. A jovem nunca poderia admitir que conseguia, mas a prática leva à perfeição, como tinha aprendido na escola, e Charlotta tinha esperanças de que conseguiria aprender, com o tempo, o truque daquele delicado levantar do queixo, do repentino brilho ofuscante nos olhos, daquela maneira de andar como se fosse um ramo balançado pelo vento. Anne fazia parecer tão fácil! Charlotta IV a admirava de todo o coração. Não era como se a considerasse muito bonita. A beleza de Diana Barry, com bochechas carmesins e cachos negros, era muito mais do gosto de Charlotta do que o encanto enlurado de Anne, com seus luminosos olhos acinzentados e o rosado pálido e inconstante de suas bochechas.

– Mas eu preferiria parecer com a senhorita do que ser bonita – disse ela à Anne, com sinceridade.

Anne riu, degustando o mel do elogio e lançando fora o ferrão. Estava acostumada a receber elogios mistos. A opinião pública nunca chegou a um consenso sobre a aparência de Anne. Pessoas que ouviram dizer que ela era bela ficaram desapontadas ao conhecerem-na. Pessoas que ouviram dizer que ela era sem graça, depois de vê-la, questionaram onde estavam os olhos de quem fez essa afirmação. A própria Anne nunca acreditou que era bonita. Quando olhava para o espelho, tudo o que via era um rostinho pálido com sete sardas sobre o nariz. O espelho nunca revelava a fugaz e sempre variante gama de sentimentos que iluminavam suas feições como uma rosada chama luminosa, ou o feitiço dos risos e sonhos que se alternavam em seus grandes olhos. Ainda que Anne não fosse bonita no sentido estrito da palavra, sua aparência possuía certa distinção e charme evasivo que causava em quem a contemplava uma prazerosa sensação de satisfação, com sua suave mocidade e todas as possibilidades fortemente percebidas. Aqueles que conheciam bem Anne sentiam, sem se dar conta, que seu maior atrativo era a aura de possibilidades que a circundava... O poder de desenvolvimento futuro que existia nela. Parecia andar em uma atmosfera de coisas que estão para ocorrer.

Enquanto colhiam os morangos, Charlotta IV confiou a Anne seus receios com respeito à senhorita Lavendar. A pequena e solidária criada estava

verdadeiramente preocupada com a condição de sua adorada senhora.

– Senhorita Lavendar não está bem, madame. Estou certa de que não está, apesar de nunca reclamar. Faz tempo que ela não parece a mesma, madame... desde aquele dia em que a senhorita e Paul estiveram aqui juntos. Tenho certeza de que ela pegou um resfriado naquela noite, madame. Depois que vocês se foram, ela saiu e caminhou pelo jardim até escurecer, com nada além de um xalezinho nos ombros. Havia muita neve pelas trilhas e estou certa de que pegou um resfriado, madame. Desde então, percebi que ela anda cansada, sentindo-se solitária. Não parece ter interesse em nada, madame. Nunca mais fingiu estar esperando visitas nem se arrumou para esperar, nem nada parecido, madame. Só quando a senhorita vem que ela parece se animar um pouco. E o pior sinal de todos, senhorita Shirley – Charlotta IV abaixou a voz como se fosse referir-se a um sintoma extremamente raro e terrível – é que agora ela nunca fica irritada quando quebro alguma coisa. Ora, madame, eu ontem quebrei o jarro verde e amarelo que sempre ficava sobre a estante dos livros. A avó dela o trouxera da Inglaterra, e a senhorita Lavendar tinha grande estima por ele. Eu estava limpando com todo cuidado, madame, e o vaso escorregou antes que eu pudesse segurá-lo, e se quebrou em quarenta mil pedacinhos! Posso garantir que eu estava triste e assustada. Pensei que a senhorita Lavendar fosse me repreender severamente, madame, e eu preferiria que tivesse, do que ter agido como agiu. Ela simplesmente veio, mal olhou para o estrago e disse: “Não importa, Charlotta. Só junte os cacos e jogue-os fora.” Só isso, senhorita Shirley... “Junte os cacos e jogue-os fora”, como se não fosse o jarro que a avó trouxera da Inglaterra! Oh, ela não está bem, e estou com um pressentimento terrível. Ela não pode contar com mais ninguém além de mim.

Os olhos de Charlotta IV estavam cheios de lágrimas. Anne tocou a mãozinha morena que segurava a caneca rachada de forma consoladora.

– Acho que senhorita Lavendar precisa de uma mudança, Charlotta. Ela fica muito tempo aqui sozinha. Não podemos convencê-la a fazer uma pequena viagem?

Então, Charlotta balançou a cabeça com os laços imensos, desconsoladamente.

– Não creio, madame. A senhorita Lavendar odeia fazer visitas. Ela só tem três parentes a quem visita de vez em quando e diz que o faz por simples dever familiar. Da última vez, ela voltou para casa e disse que não iria mais visitá-los por obrigação. “Voltei para casa enamorada da solidão, Charlotta”,

ela me disse, “e nunca mais quero ficar longe da minha vinha e da minha figueira¹⁹. Meus parentes se empenham demais em fazer de mim uma anciã, e isso me faz muito mal.” Ela falou exatamente assim, madame: “Isso me faz muito mal.” Então, não acho que seria bom pressioná-la a visitá-los.

– Veremos o que pode ser feito – respondeu Anne, resoluta, ao colocar o último morango que cabia em seu copo rosa. – Logo que eu entrar de férias, virei passar uma semana inteira com vocês. Faremos piquenique todos os dias e imaginaremos todo tipo de coisa interessante, e veremos se não será possível animar a senhorita Lavendar!

– Isso vai ser ótimo, madame! – exclamou Charlotta IV, arrebatada. Sentia-se contente pelo bem da senhorita Lavendar e o seu próprio. Com uma semana inteira para estudar Anne o tempo todo, ela certamente conseguiria aprender a mover-se e comportar-se como ela.

Quando as garotas voltaram para Echo Lodge, viram que a senhorita Lavendar e Paul tinham carregado a mesinha quadrada da cozinha até o jardim, e que estava tudo pronto para o chá. Nada jamais fora tão delicioso quanto aqueles morangos com creme saboreados sob um grande céu azul todo salpicado de fofas nuvenzinhas brancas, e nas longas sombras de um bosque com seus ceceios e murmúrios. Após o chá, Anne ajudou Charlotta a lavar a louça na cozinha enquanto a senhorita Lavendar estava sentada no banco com Paul, ouvindo tudo sobre suas pessoas de pedra. Ela era uma boa ouvinte, a doce senhorita Lavendar; mas, por fim, Paul se deu conta de que ela tinha perdido o interesse nos Gêmeos Marinheiros de repente.

– Senhorita Lavendar, por que a senhorita me olha desse jeito? – perguntou, com seriedade.

– De que jeito, Paul?

– Como se estivesse olhando através de mim para alguma outra pessoa que eu a faço lembrar – respondeu Paul, que tinha ocasionais lampejos de compreensão tão impressionantes que não era exatamente seguro guardar segredos quando ele estava por perto.

– Você me faz lembrar de alguém que conheci há muito tempo – disse a senhorita Lavendar, sonhadora.

– Quando a senhorita era jovem?

– Sim, quando eu era jovem. Eu pareço muito velha para você, Paul?

– Sabe, não consigo me decidir a respeito disso – admitiu, confidencialmente. – Seu cabelo parece velho... Nunca conheci uma pessoa jovem com cabelo branco. Mas, quando a senhorita sorri, seus olhos são tão

jovens quanto os de minha linda professora. Sabe, senhorita Lavendar – a voz e o rosto de Paul eram solenes como os de um juiz –, acho que a senhorita seria uma esplêndida mãe. Seus olhos têm exatamente o olhar certo... Como o que minha mãezinha sempre tinha. Acho que é uma pena que a senhorita não tenha filhos.

– Tenho um garotinho nos meus sonhos, Paul.

– Oh, tem mesmo? Quantos anos ele tem?

– Mais ou menos a sua idade, eu acho. Deveria ser mais velho, porque sonho com ele desde muito antes de você nascer. Mas nunca o deixarei ter mais do que onze ou doze anos porque, se eu deixar, algum dia ele crescerá de uma vez e eu o perderei.

– Eu entendo – assentiu com a cabeça. – Esta é a beleza das pessoas dos sonhos... Elas ficam na idade que queremos. A senhorita, a minha linda professora e eu somos as únicas pessoas no mundo que eu sei que têm amigos assim. Não é engraçado que tenhamos encontrado uns aos outros? Mas acho que este tipo de pessoa sempre se encontra. Vovó nunca teve amigos imaginários, e Mary Joe pensa que estou mal da cabeça porque os tenho. No entanto, acho que é maravilhoso! A senhorita entende. Conte-me tudo sobre seu garotinho dos sonhos!

– Ele tem olhos azuis e cabelo cacheado. Ele chega furtivamente e me acorda com um beijo todas as manhãs. Então, brinca aqui no jardim o dia inteiro... E eu brinco com ele. Conhecemos muitos jogos. Organizamos corridas, conversamos com os ecos e eu conto histórias. E quando chega o entardecer...

– Eu sei! – interrompeu Paul, avidamente. – Ele vem e senta ao seu lado... *assim*... Pois é óbvio que, aos doze anos, ele seria muito grande para sentar no seu colo... E recosta a cabeça em seu ombro... *assim*... E a senhorita coloca os braços ao redor dele e o abraça apertado, bem apertado, e apoia a bochecha na cabeça dele... Sim, exatamente assim. Oh, a senhorita *realmente* entende!

Anne os encontrou ali quando saiu da casa de pedra, e algo no semblante de senhorita Lavendar fê-la detestar ter que perturbá-los.

– Receio que devemos ir, Paul, se quisermos chegar antes de escurecer. Senhorita Lavendar, em breve me convidarei para ficar hospedada em Echo Lodge por uma semana inteira.

– Se vier por uma semana, farei com que fique duas! – ameaçou a senhorita Lavendar.

Referência ao Antigo Testamento – Oseias, 2:12. (N. T.)



O PRÍNCIPE RETORNA AO PALÁCIO ENCANTADO

O último dia de aula chegou e se foi. Ocorreu um triunfante “exame semestral”, e os alunos de Anne se saíram esplendidamente bem. Ao terminar, fizeram um discurso e lhe deram uma escrivadinha de presente. Todas as meninas e damas que estavam presentes choraram, e houve rumores de que alguns dos meninos também choraram, apesar de negarem o fato.

As senhoras Harmon Andrews, Peter Sloane e William Bell caminhavam juntas para suas casas, comentando os acontecimentos.

– Creio que é uma pena que Anne esteja indo embora. As crianças parecem tão apegadas a ela – suspirou a senhora Peter Sloane, que tinha o hábito de suspirar por causa de tudo, e até mesmo suas piadas terminavam dessa maneira. – Mas é claro – acrescentou, apressada –, todas nós sabemos que teremos uma ótima professora no próximo ano.

– Não tenho dúvidas de que Jane cumprirá com seu dever – disse a senhora Andrews, de maneira um tanto severa. – Não acho que ela vá contar tantos contos de fadas aos alunos, ou passar tanto tempo vagando com eles pelos bosques. Mas o nome dela figura no Rol de Honra do Inspetor, e a população de Newbridge está muito consternada com sua saída.

– Fico muito contente que Anne esteja indo para a universidade – disse a senhora Bell. – Ela sempre desejou ir, e será algo esplêndido para ela!

– Bem, eu não sei – A senhora Andrews estava determinada a não concordar inteiramente com ninguém naquele dia. – Não acho que Anne precise de mais educação. Ela provavelmente se casará com Gilbert Blythe, se o entusiasmo dele por ela durar até terminar a faculdade; e sendo assim, de que lhe servirão o latim e o grego? Se lá ensinassem como lidar com um homem, então haveria sentido que ela fosse.

A senhora Harmon Andrews, segundo os rumores que corriam em Avonlea, nunca tinha aprendido a “lidar com seu homem” e, como resultado, o lar dos Andrews não era exatamente um modelo de felicidade doméstica.

– Vi que o chamado de Charlottetown para o senhor Allan está diante do presbitério – disse a senhora Bell. – Significa que logo vamos perdê-lo, suponho.

– Eles não irão antes de setembro – respondeu a senhora Sloane. – Será uma grande perda para a comunidade... Apesar de sempre ter pensado que a senhora Allan se vestia muito alegremente para uma esposa de ministro. Porém, nenhum de nós é perfeito. Vocês perceberam como o senhor Harrison estava arrumado e elegante hoje? Nunca vi um homem tão mudado! Vai à igreja todos os domingos e contribui com o salário do reverendo.

– Paul Irving não está um rapazinho? – disse a senhora Andrews. – Era tão pequeno para sua idade quando chegou aqui! Hoje quase não o reconheci. Está começando a ficar parecido com o pai.

– É um menino inteligente – disse a senhora Bell.

– É sim, mas – a senhora Andrews baixou o tom da voz – creio que conta histórias esquisitas. Gracie me disse ao voltar da escola, na semana passada, que ele contou a maior ladainha sobre umas pessoas que vivem na praia... Histórias que não podem ter uma palavra de verdade, vocês sabem. Eu falei a Gracie para não acreditar nisso, e ela me respondeu que Paul não esperava que ela acreditasse. Mas, se ele não esperava que ela acreditasse, então por que as contou?

– Anne diz que Paul é um gênio – disse a senhora Sloane.

– Pode ser que seja. Você nunca sabe o que esperar dos americanos – retrucou a senhora Andrews. O único contato dessa senhora com a palavra “gênio” era derivado do modo coloquial de chamar qualquer indivíduo excêntrico de “gênio esquisito”. Ela provavelmente pensou, assim como Mary Joe, que isso se referia a uma pessoa que estivesse mal da cabeça.

De volta à classe, Anne estava sentada sozinha diante de sua mesa, como havia sentado no primeiro dia de aula, dois anos antes, com o rosto apoiado na mão e os olhos úmidos contemplando melancolicamente a Lagoa das Águas Brilhantes pela janela. Seu coração ficou tão apertado depois da despedida dos alunos que, por um momento, a universidade perdeu todo o encanto. Ainda sentia o calor dos braços de Annetta Bell em torno de seu

pescoço e o som do pranto infantil da menina: “Eu *nunca* vou amar nenhuma professora como amo a senhorita, nunca, nunca!”

Por dois anos ela trabalhara com honestidade e dedicação, cometendo vários erros e aprendendo com eles. E recebera sua recompensa. Ela havia ensinado algumas coisas aos alunos, mas sentia que estes lhe haviam ensinado muito mais: lições de ternura, autocontrole, sabedoria inocente, o conhecimento dos corações infantis. Talvez não tenha tido êxito em “inspirar” alguma maravilhosa ambição em seus pupilos, mas ensinou-lhes, mais por sua doce personalidade do que por todos os seus cuidadosos preceitos, que era bom e necessário aos anos que estavam à frente que vivessem de maneira gentil e graciosa, agindo na verdade, cortesia e gentileza, mantendo-se distantes de tudo que cheirasse à falsidade, maldade e vulgaridade. Talvez estivessem de todo inconscientes de terem aprendido tais lições, mas se lembrariam delas e as colocariam em prática até muito tempo depois de terem esquecido a capital do Afeganistão e as datas da Guerra das Rosas.

– Mais um capítulo da minha vida está encerrado – disse Anne em voz alta, ao trancar sua mesa. Sentia-se realmente triste, mas a romântica ideia daquele “capítulo encerrado” a consolava um pouco.

Anne passou quinze dias em Echo Lodge no começo das férias, e todas as participantes se divertiram muito. Ela levou a senhorita Lavendar a uma expedição de compras na cidade e a persuadiu a comprar um novo vestido de organdi, incluindo nisso toda a empolgação de cortá-lo e costurá-lo juntas, enquanto a contente Charlotta IV alinhava e juntava os recortes. A senhorita Lavendar queixara-se de que não conseguia se interessar por nada, mas seus olhos voltaram a brilhar diante de seu belo vestido.

– Que pessoa tonta e frívola eu devo ser – suspirou. – Estou verdadeiramente envergonhada por pensar que um novo vestido, mesmo sendo um organdi lilás, me deixaria contente, quando uma consciência limpa e uma contribuição extra para as Missões Estrangeiras não conseguiram.

Na metade de sua estadia, Anne foi até Green Gables por um dia para remendar as meias dos gêmeos e responder às perguntas acumuladas de Davy. Ao entardecer, passou pela estrada à beira-mar para ver Paul Irving. Ao passar pela janela quadrada e baixa da sala de visita dos Irving, viu de relance que Paul estava sentado no colo de alguém e no momento seguinte que o menino atravessou correndo o corredor.

– Oh, a senhorita Shirley! – gritou, empolgado. – Não pode imaginar o que aconteceu! Algo esplêndido! Meu pai está aqui! Só imagine! Papai está aqui! Entre, entre. Pai, esta é a minha linda professora! O senhor entende, pai!

Stephen Irving adiantou-se para receber Anne com um sorriso. Era um homem de meia-idade, alto e bonito, com cabelos grisalhos, profundos olhos azuis-escuros e um rosto forte e triste, com queixo e testa esplendidamente modelados. “O semblante exato de um herói de romance”, pensou Anne, com um tremor de intensa satisfação. Seria tão decepcionante conhecer um homem que deveria ser um herói, só para descobrir que era careca ou corcunda, ou carente de beleza varonil. Anne teria considerado terrível se o objeto do romance da senhorita Lavendar não estivesse à altura de seus antecedentes.

– Então, esta é a “linda professora” do meu filho, de quem tanto tenho ouvido falar – disse o senhor Irving, com um caloroso aperto de mão. – As cartas de Paul são tão cheias da senhorita que eu sinto como se já a conhecesse. Quero lhe agradecer pelo que tem feito por ele. Creio que sua influência tem sido exatamente o que ele precisava. Minha mãe é uma das melhores e mais queridas mulheres, mas seu senso comum escocês, robusto e trivial, nem sempre consegue compreender um temperamento como o do meu rapaz. O que faltava a ela, a senhorita supriu. Entre as duas, creio que a educação de Paul nestes últimos dois anos tem sido quase ideal, para um menino sem a mãe.

Todos gostam de ser apreciados. Ante os elogios do senhor Irving, o rosto de Anne “enrubesceu como um botão de rosa”, e esse ocupado e esgotado homem do mundo, olhando para ela, pensou que nunca tinha visto exemplo mais doce e formoso de juventude do que aquela professorinha “da costa oeste”, com seu cabelo ruivo e olhos maravilhosos.

Paul sentou-se entre eles, completamente feliz.

– Nunca sonhei que papai estivesse vindo. Nem mesmo a vovó sabia. Foi uma grande surpresa! De modo geral – Paul balançou seus cachos castanhos com gravidade – não gosto de ser surpreendido. Quando você é surpreendido, acaba perdendo toda a diversão da expectativa. Mas, em um caso como este, tudo bem! Papai chegou ontem à noite, depois que eu já tinha ido dormir. E, depois que vovó e Mary Joe se recuperaram da surpresa, vovó e papai subiram para me ver, sem a intenção de me acordar. Mas eu despertei e vi o papai, e lhe garanto que saltei nele!

– Com o abraço igual ao de um urso! – disse o senhor Irving, sorridente, colocando os braços em torno dos ombros do filho. – Quase não reconheci meu garoto, está tão crescido, moreno e robusto!

– Não sei quem estava mais contente de ver o papai: a vovó ou eu! – continuou Paul. – Ela ficou na cozinha o dia todo preparando coisas que papai gosta de comer. Disse que não as confiaria a Mary Joe, pois aquela era a forma dela de demonstrar alegria. Eu gosto mais de sentar e conversar com ele. Mas vou deixá-los por um instante, se me permitirem. Tenho que recolher as vacas para Mary Joe. É uma das minhas tarefas diárias.

Quando Paul saiu para realizar sua “tarefa diária”, o senhor Irving conversou com Anne sobre vários assuntos. Mas ela teve a sensação de que ele estava pensando em outra coisa durante o tempo todo. Em pouco tempo, o assunto veio à superfície.

– Na última carta de Paul, ele mencionou uma visita que fez com a senhorita a uma velha... amiga minha... a senhorita Lewis, na casa de pedra em Grafton. A senhorita a conhece bem?

– Sim, sem dúvida. É uma amiga muito querida – foi a resposta suscita de Anne, que não deu mostras do repentino arrepio que sentiu dos pés à cabeça ante a pergunta do senhor Irving. Anne “sentiu instintivamente” que um romance estava surgindo justo na curva à sua frente.

O senhor Irving se levantou, foi até a janela e ficou a contemplar o mar imenso e dourado, onde um vento desordenado brincava em meio às ondas. Por alguns instantes, o silêncio reinou na pequena e escura sala de visitas. Então ele virou e encarou o rosto amigável de Anne com um sorriso meio caprichoso, meio terno.

– Pergunto-me o quanto a senhorita sabe – disse ele.

– Sei de tudo – respondeu Anne, de imediato. – Veja bem – explicou, apressadamente –, a senhorita Lavendar e eu somos muito íntimas. Ela jamais revelaria coisas de natureza tão sagrada a qualquer um. Somos almas gêmeas.

– Sim, acredito que sejam. Bem, vou pedir um favor à senhorita. Eu gostaria de visitar a senhorita Lavendar, se ela permitir. Poderia perguntar a ela se eu posso?

Será que não? Oh, é claro que sim! Sim, aquele era um romance, real e verdadeiro, com todo o encanto de rima, história e sonho. Um pouco tardio, talvez, como uma rosa que floresce em outubro, quando deveria ter desabrochado em junho; mas, ainda assim, era uma rosa, com toda doçura e

fragrância, com o brilho do ouro em seu coração. Nunca os pés de Anne a conduziram a uma missão mais desejada do que aquela caminhada pelos bosques de faia de Grafton na manhã seguinte. Ela encontrou a senhorita Lavendar no jardim. A jovem sentia um misto de euforia e medo. Suas mãos gelaram e sua voz tremeu.

– Senhorita Lavendar, tenho algo a lhe dizer... algo muito importante. Consegue adivinhar o que é?

Anne nunca imaginou que sua interlocutora pudesse adivinhar, mas o rosto da senhorita Lavendar empalideceu demasiadamente e ela falou em um tom muito calmo e contido, desprovido de toda a cor e esplendor que sua voz costumava ter.

– Stephen Irving está em casa?

– Como sabe? Quem lhe contou? – exclamou Anne, desapontada, chateada por sua grande revelação ter sido antecipada.

– Ninguém. Eu sabia que deveria ser isso só pelo jeito que você falou.

– Ele quer vir aqui para vê-la – disse Anne. – Posso enviar uma mensagem dizendo a ele que pode vir?

– Sim, é claro – assentiu a senhorita Lavendar, agitada. – Não há razão para o contrário. Ele só vem como um velho amigo.

Anne tinha uma opinião particular sobre este quesito ao entrar apressada na casa de pedra para escrever uma nota na escrivania da senhorita Lavendar.

“Oh, é delicioso estar vivendo em um romance” – ela pensou, alegremente. “E, com certeza, tudo dará certo... Tem que dar... e Paul terá uma mãe com um coração como o dele, e todos serão felizes. Mas o senhor Irving levará a senhorita Lavendar para longe... e só Deus sabe o que vai acontecer com a casinha de pedra... Assim, existem dois lados nessa história, como parece ser com todas as coisas neste mundo.” O bilhete importante foi escrito e a própria Anne o levou até o posto dos correios em Grafton, onde surpreendeu o carteiro ao pedir que ele levasse até o escritório de Avonlea.

– É extremamente importante – assegurou ela, ansiosa. O carteiro era um velho irritadiço que não se parecia em nada com o aspecto de um mensageiro do cupido, e Anne não estava muito segura de que poderia confiar em sua memória. Mas ele disse que faria o melhor para lembrar-se, e a jovem teve que se conformar com isso.

Charlotta IV percebeu que algum mistério permeava a casa de pedra naquela tarde... Um mistério do qual ela estava excluída. A senhorita

Lavendar vagava distraída pelo jardim. Anne também parecia possuída pelo demônio da inquietude, e caminhava para lá e para cá, para cima e para baixo. Charlotta IV resistiu até que a paciência deixasse de ser uma virtude. Então, confrontou Anne na terceira peregrinação inútil da romântica jovem até a cozinha.

– Por favor, madame – disse Charlotta IV, com um indignado movimento de seus laços de fita azuis –, é evidente que a senhorita e a senhorita Lavendar têm um segredo. E eu acho, perdoe-me se sou muito atrevida, senhorita Shirley, madame, que é uma enorme crueldade não me contarem, quando nós todas temos sido tão amigas!

– Oh, Charlotta querida, eu teria contado tudo a você, se fosse um segredo meu... Mas é um segredo da senhorita Lavendar. Entretanto, vou explicar... E, se nada acontecer, você nunca deve revelar uma palavra sobre isso a nenhuma alma vivente. Veja, o Príncipe Encantado está vindo nesta noite. Ele veio muito tempo atrás, mas em um momento de loucura, acabou indo embora e vagou por caminhos distantes, esquecendo-se do segredo da vereda mágica até o castelo encantado, onde a princesa chorava com seu coração fiel a ele. Mas, por fim, ele se lembrou novamente, e a princesa ainda está esperando... Porque ninguém, além de seu querido príncipe, poderá tirá-la do castelo.

– Oh, senhorita Shirley, o que essa poesia quer dizer em prosa? – suspirou a perplexa Charlotta.

Anne riu.

– Em prosa, esta poesia quer dizer que um velho amigo da senhorita Lavendar virá visitá-la nesta noite.

– A senhorita quer dizer um antigo pretendente? – quis saber a literal Charlotta.

– Provavelmente seja isso que eu queira dizer... em prosa – respondeu Anne, gravemente. – É o pai de Paul... Stephen Irving. E só Deus sabe o que virá disso, mas vamos esperar pelo melhor, Charlotta.

– Espero que ele se case com a senhorita Lavendar! – foi a resposta inequívoca de Charlotta. – Algumas mulheres estão destinadas a ficar solteiras, e temo que eu seja uma delas, madame e senhorita Shirley, porque não tenho nenhuma paciência com os homens. Mas a senhorita Lavendar nunca foi. Tenho andado muito preocupada pensando em que diabos ela vai fazer quando eu crescer e tiver que ir para Boston. Não há mais meninas em nossa família, e Deus sabe o que seria dela se contratasse uma estranha que

pudesse rir de sua imaginação e deixasse as coisas fora do lugar, sem estar disposta a ser chamada de Charlotta V. Ela poderia até conseguir alguém que não fosse tão sem sorte como eu para quebrar pratos, mas jamais conseguiria alguém que a amasse mais que eu.

E a pequena criada correu para o forno, sentindo o aroma que saía.

Elas seguiram a tradição de tomar o chá em Echo Lodge naquela tarde como de costume; mas, na verdade, ninguém comeu nada. Após o chá, a senhorita Lavendar foi até o quarto para pôr o novo vestido de organdi lilás, enquanto Anne arrumava seu cabelo. Ambas estavam imensamente empolgadas, mas a senhorita Lavendar fingiu estar muito calma e indiferente.

– Amanhã tenho que remendar aquele rasgo na cortina – disse ela, ansiosa, inspecionando o tecido como se fosse a coisa mais importante naquele momento. – Estas cortinas não foram um negócio tão bom quanto pareciam, considerando o preço que paguei. Meu Deus, Charlotta esqueceu de tirar o pó do corrimão *de novo*! Realmente preciso falar com ela sobre isso.

Anne estava sentada nos degraus da varanda quando Stephen Irving chegou pela vereda e cruzou o jardim.

– Este é o único lugar onde o tempo não passa – disse ele, olhando ao redor, encantado. – Nada mudou na casa ou no jardim desde a última vez que estive aqui, vinte e cinco anos atrás. Isso faz com que eu me sinta jovem novamente.

– O senhor já sabe que o tempo sempre fica parado no palácio encantado – respondeu Anne seriamente. – As coisas só começam a acontecer quando o príncipe chega.

O senhor Irving sorriu com certa tristeza diante daquele rosto erguido, completamente iluminado de juventude e promessas.

– Algumas vezes o príncipe chega muito tarde – disse ele. O senhor Irving não pediu que Anne traduzisse sua observação em prosa. Como todas as almas gêmeas, ele “entendia”.

– Oh, não, se não é o verdadeiro príncipe que chega para ver a verdadeira princesa – anunciou Anne, balançando sua cabeça ruiva decididamente ao abrir a porta da sala de visitas. Depois que o senhor Irving entrou, ela fechou a porta e virou-se para confrontar Charlotta IV, que estava no corredor, toda “acenos, saudações e sorrisos envolventes²⁰”.

– Oh, madame – suspirou ela –, eu espiei pela janela da cozinha! Ele é muitíssimo bonito... E está na idade certa para a senhorita Lavendar! Acha que seria muito ruim se escutássemos atrás da porta?

– Seria terrível, Charlotta – advertiu Anne, firmemente –, assim, é melhor você vir comigo, para se afastar da tentação.

– Não consigo fazer nada, e é insuportável ficar por aí só esperando – suspirou Charlotta. – E se ele acabar não se declarando, madame? Homens são imprevisíveis. Uma vez, minha irmã mais velha, Charlotta I, achou que estava comprometida. Mas acontece que ele tinha uma opinião diferente e falou que não estavam, e por isso ela nunca mais vai confiar em um deles outra vez. E ouvi outro caso em que um homem pensava que estava muito apaixonado por uma moça, quando na verdade era da irmã dela que ele gostava o tempo todo. Se um homem não sabe o que quer, senhorita Shirley, como uma pobre mulher vai saber?

– Vamos até a cozinha para polir as colheres de prata – disse Anne. – Esta é uma tarefa que felizmente não exigirá muita concentração... Pois seria *impossível* pensar nesta noite. E nos ajudará a passar o tempo.

E se passou uma hora. Então, no momento em que Anne largou a última colher reluzente, elas ouviram a porta da frente bater. Ambas buscaram apoio no olhar amedrontado uma da outra.

– Oh, senhorita Shirley – gaguejou Charlotta –, se ele está indo embora tão cedo, é porque não há nada entre eles, e nunca haverá. Elas correram para a janela. O senhor Irving não tinha a intenção de ir embora. Ele e a senhorita Lavendar estavam caminhando lentamente pela vereda central até o banco de pedra.

– Oh, madame, ele colocou o braço ao redor da cintura dela! – sussurrou Charlotta IV, muito contente. – Ele deve ter se declarado, ou ela nunca teria permitido.

Anne passou o braço pela cintura roliça de Charlotta IV e as duas dançaram pela cozinha até ficarem sem fôlego.

– Oh, Charlotta! – exclamou, com alegria. – Não sou uma profetisa nem a filha de uma, mas farei uma previsão. Vai acontecer um casamento nesta casa de pedra antes que as folhas dos bordos fiquem vermelhas. Quer que eu traduza isso em prosa, Charlotta?

– Não, isso eu consigo entender. Um casamento não é poesia. Ora, a senhorita está chorando! Por quê?

– Oh, porque é tudo tão lindo... E tão novelesco... E romântico... E triste – respondeu Anne, secando as lágrimas. – É tudo perfeitamente adorável... Mas há um pouquinho de tristeza misturada, de certa maneira.

– Oh, é claro que existe um risco ao casar-se, com qualquer pessoa – concordou Charlotta IV – mas, consideradas todas as coisas, senhorita Shirley, existem coisas muito piores do que um marido.

Referência a *L'Allegro*, poema escrito em 1645 por John Milton (1608-1674), poeta inglês. (N.T.)



POESIA E PROSA

Durante o mês seguinte, Anne viveu em meio ao que, para Avonlea, significava um redemoinho de emoções. A preparação de seu modesto enxoval para Redmond ficou em segundo plano. A senhorita Lavendar estava se preparando para o casamento, e a casa de pedra era o cenário de infindáveis consultas, planejamentos e discussões, com Charlotta IV pairando por todos os lados em agitado deleite e deslumbre. Logo veio a costureira, e então começaram o êxtase e a desventura de escolher modelos e tirar medidas. Anne e Diana passaram metade de seu tempo em Echo Lodge, e havia noites em que Anne não conseguia dormir, questionando-se se tinha feito o que era certo ao aconselhar a senhorita Lavendar a escolher marrom em vez de azul marinho para seu vestido de viagem, e a usar sua seda cinza para confeccionar um modelo ao estilo “princesa”.

Todos os envolvidos na história da senhorita Lavendar estavam muito felizes. Paul Irving correu até Green Gables para conversar com Anne assim que seu pai lhe contou as novidades.

– Sabia que podia confiar no papai para escolher uma segunda mãezinha para mim – disse, com orgulho. – É uma coisa maravilhosa ter um pai em quem se pode confiar, professora. Eu simplesmente amo a senhorita Lavendar! Vovó está satisfeita também. Disse que está muito contente por papai não ter escolhido uma americana como segunda esposa, porque, apesar de ter dado certo da primeira vez, há poucas probabilidades de que algo assim se repita. A senhora Lynde diz que aprova a união completamente e acredita que talvez a senhorita Lavendar deixará de lado suas ideias esquisitas e será como todas as outras pessoas, agora que vai ser casar. Mas espero que ela não abandone de vez seu jeito peculiar, professora, pois eu gosto dele. E não quero que ela seja como as outras pessoas. Já existem muitas pessoas ao nosso redor que são assim. A senhorita entende, professora.

Charlotta IV era outra pessoa radiante.

– Oh, madame, tudo terminou tão bem! Quando o senhor Irving e a senhorita Lavendar voltarem da lua de mel, irei para Boston viver com eles... Eu ainda tenho apenas quinze anos, mas minhas irmãs só foram para lá aos dezesseis! O senhor Irving não é esplêndido? Ele simplesmente venera o chão em que a minha senhora pisa, e às vezes a maneira como ele a observa me faz sentir tão estranha... Não existem palavras para descrever, senhorita Shirley! Estou muitíssimo agradecida por eles terem um ao outro. É o melhor destino, no final das contas, apesar de algumas pessoas conseguirem viver sem isso.

Tenho uma tia que se casou três vezes, e ela diz que o primeiro casamento foi por amor e os outros dois estritamente por negócios, e foi feliz em todos eles, exceto no momento dos funerais. Mas acho que ela correu um risco, senhorita Shirley.

– Ah, é tudo tão romântico! – suspirou Anne para Marilla, naquela noite. – Se eu não tivesse tomado a estrada errada naquele dia em que fomos à casa do senhor Kimball, nunca teria conhecido a senhorita Lavendar. E, se não a tivesse conhecido, nunca teria levado Paul comigo... e ele nunca teria escrito ao pai contando sobre suas visitas à senhorita Lavendar, justo quando o senhor Irving estava saindo de viagem para São Francisco. O senhor Irving disse que mudou de ideia quando recebeu essa carta e decidiu mandar o sócio a São Francisco e viajar para cá. Ele não ouvia nada a respeito da senhorita Lavendar havia quinze anos. Da última vez, alguém lhe disse que ela estava prestes a se casar, e ele acreditou; por isso nunca mais perguntou nada sobre ela. E agora tudo deu certo. E eu contribuí para que isso acontecesse. Talvez, como diz a senhora Lynde, tudo esteja predestinado a acontecer de certa maneira. Mesmo assim, gosto de imaginar que servi como instrumento do destino. Sim, de fato, é muito romântico.

– Não consigo ver o que é tão terrivelmente romântico – disse Marilla, de maneira um tanto seca. Ela achava que Anne estava empolgada demais com esse assunto e que tinha muito o que fazer para se preparar para a universidade, sem ficar “perambulando” em Echo Lodge dois dias a cada três para ajudar a senhorita Lavendar. – Em primeiro lugar, dois jovens tolos discutem e se separam, irritados. Então, Stephen Irving vai para os Estados Unidos e, depois de um tempo, ele se casa e vive perfeitamente feliz, até onde todos sabem. Aí sua esposa morre, e, após um período decente, ele decide voltar para casa e ver se sua primeira namorada o aceitaria de volta.

Nesse meio tempo, ela continua solteira, provavelmente porque ninguém bom o bastante se interessou em conquistá-la. Os dois se reencontram e decidem finalmente se casar. Ora, onde está todo esse romantismo?

– Oh, não há nenhum, pensando dessa forma – hesitou Anne, como se alguém tivesse jogado um balde de água fria nela. – Suponho que é assim que a história soa em prosa. Mas é muito diferente se você a observar por meio da poesia... E eu acho que é melhor... – Anne se recuperou, e seus olhos brilharam e as bochechas coraram – ... observar a história por meio da poesia.

Marilla encarou a jovem fisionomia radiante e refreou o impulso de fazer mais algum comentário sarcástico. Talvez tivesse finalmente compreendido que era melhor ter, como Anne, “a visão e a faculdade divina”. Esse dom que o mundo não pode dar nem tirar, de olhar a vida por um prisma transfigurador ou revelador? Que faz com que tudo pareça rodeado por uma luz celestial, contendo uma glória e um frescor invisível àqueles que, como ela e Charlotta IV, viam as coisas somente pela prosa.

– Quando vai ser o casamento? – perguntou, após uma pausa.

– Na última quarta-feira de agosto. Eles se casarão no jardim, debaixo da trepadeira de madressilvas... no mesmo lugar onde o senhor Irving se declarou a ela, vinte e cinco anos atrás. Marilla, isso é romântico, até mesmo em prosa! Só estarão presentes a senhora Irving e Paul, Gilbert, Diana e eu, e os primos da senhorita Lavendar. E eles partirão no trem das seis horas para uma viagem à costa do Pacífico. Quando voltarem, no outono, Paul e Charlotta IV vão morar com eles em Boston. Mas Echo Lodge permanecerá como está... É claro que venderão as galinhas e a vaca e colocarão tábuas nas janelas... E eles virão passar todos os verões ali. Estou tão contente! Ficaria terrivelmente magoada no próximo inverno, em Redmond, ao pensar naquela querida casa de pedra toda deserta e desnuda, com os aposentos vazios, ou, pior ainda, com outras pessoas vivendo ali. Mas agora posso pensar na casa da forma como sempre a vi, esperando alegremente pelo verão para trazer a vida e as risadas de volta.

Havia mais romance no mundo além daquele que os maduros namorados de Echo Lodge haviam compartilhado. Anne percebeu isso repentinamente, em uma tarde em que se dirigiu a Orchard Slope pelo atalho do bosque e chegou ao jardim dos Barry. Diana Barry e Fred Wright estavam juntos embaixo do grande salgueiro. Diana estava recostada contra o tronco cinza, com os cílios repousando sobre as bochechas muito coradas. Fred segurava

uma de suas mãos, com o rosto inclinado na direção dela, e murmurava alguma coisa em um tom de voz baixo e sério. Não havia mais ninguém no mundo além dos dois naquele momento mágico, de modo que nenhum deles viu Anne que, com um olhar estupefato de compreensão, deu meia-volta e correu silenciosamente pelo atalho do bosque de abetos, não parando por nada até chegar ao seu quartinho, onde sentou-se ofegante ao lado da janela e tentou reunir os pensamentos dispersos.

– Diana e Fred estão apaixonados um pelo outro! – arfou. – Oh, isso parece tão... tão... tão *irremediavelmente* adulto!

Nos últimos tempos, Anne tinha suas suspeitas de que Diana estava deixando de ser fiel ao melancólico herói byroniano de seus sonhos de outrora. Mas como “as coisas que se veem são mais potentes do que as que se ouvem”, ou suspeitam, a constatação de que aquilo era realidade a atingiu quase com a força de um verdadeiro choque. Em seguida veio um sentimento esquisito, de certa forma desconhecido... Como se, de alguma maneira, Diana tivesse seguido em frente rumo a um novo mundo, fechando o portão atrás de si e deixando Anne do lado de fora.

“As coisas estão mudando tão rápido que quase me assustam”– pensou, um pouco triste. “E temo que não seja possível evitar o surgimento de algumas diferenças entre Diana e eu. Estou certa de que não poderei revelar todos os meus segredos a ela depois disso... ela poderia contá-los ao Fred. E o que ela consegue ver em Fred? Ele é um moço bom e alegre, mas é apenas Fred Wright!”

Esta pergunta é sempre intrigante: o que uma pessoa vê em outra? Mas, afinal de contas, quão afortunado é que seja assim, pois, se todos vissem a mesma coisa... Bem, nesse caso, como disse um velho índio: “Todos iriam querer a minha squaw²¹”. Estava claro que Diana via algo em Fred Wright, algo que estava oculto aos olhos de Anne. Na tarde do dia seguinte, uma tímida e pensativa Diana foi a Green Gables e contou a Anne toda a história no escuro retiro do quartinho do lado leste do sótão. As jovens choraram, se abraçaram e sorriram.

– Estou tão feliz! Mas parece ridículo pensar que eu estou comprometida.

– Como realmente é estar comprometida? – perguntou Anne, curiosa.

– Bem, tudo depende de quem é a pessoa com quem se está comprometida – respondeu Diana, com aquele ar irritante de sabedoria superior que os que estão namorando sempre adotam com aqueles que não estão. – É

perfeitamente adorável estar namorando Fred... mas acho que seria simplesmente horrível namorar qualquer outro.

– Então não há muitas esperanças para o resto de nós, considerando que existe somente um Fred – riu Anne.

– Oh, Anne, você não entende! – disse Diana, irritada. – Eu não quis dizer isso... É tão difícil explicar! Não importa, você vai entender um dia, quando chegar a sua vez.

– Deus a abençoe, a mais querida das Dianas, eu entendo agora. Para que serve a imaginação, se não para me ajudar a enxergar a vida por meio dos olhos dos demais?

– Você será minha dama de honra, Anne, você sabe disso. Prometa--me que virá ao meu casamento... De onde quer que você esteja.

– Virei até dos confins da Terra, se necessário – prometeu Anne, solenemente.

– É claro que não será tão cedo – disse Diana, enrubescendo. – Três anos, no mínimo... pois tenho só dezoito anos, e mamãe disse que nenhuma filha dela se casará antes dos vinte e um. Além disso, o pai de Fred vai comprar a fazenda de Abraham Fletcher para ele, e disse que só vai colocá-la em seu nome quando o filho já tiver pagado dois terços do valor. Mas três anos não é muito tempo para se preparar para ser dona de casa, pois ainda não tenho nenhuma peça de enxoval decorada. Amanhã mesmo vou começar a fazer guardanapos de crochê. Myra Gillis tinha trinta e sete guardanapos quando se casou, e estou determinada a ter o mesmo tanto.

– Suponho que seria francamente impossível manter uma casa com somente trinta e seis guardanapos – concordou Anne, com o semblante pomposo, mas o olhar brincalhão. Diana pareceu magoada.

– Não imaginei que você ria de mim, Anne – reprovou ela.

– Querida, eu não estava rindo de você – exclamou Anne, arrependida. – Estava só provocando um pouquinho. Creio que você será a dona de casa mais doce do mundo! E acho que é adorável o fato de você já estar planejando sua casa dos sonhos.

Anne mal havia terminado de pronunciar “casa dos sonhos” quando sua fantasia começou a erigir seu próprio futuro lar. É claro que sua propriedade era habitada por um dono ideal, misterioso, ativo e melancólico. Mas, por incrível que pareça, Gilbert Blythe insistia em tomar parte daquele cenário, ajudando-a a pendurar quadros, organizar os jardins e levar a cabo muitas outras tarefas que um ativo e melancólico herói evidentemente consideraria

estar abaixo de sua dignidade. Anne tentou expulsar a imagem de Gilbert de seu castelo na Espanha, mas, de algum modo, ele continuava ali. Então, estando com pressa, ela desistiu da tentativa e continuou sua arquitetura imaginária com tal êxito que sua “casa dos sonhos” estava construída e mobiliada antes que Diana falasse novamente.

– Presumo, Anne, que você deve achar engraçado que eu goste tanto do Fred, sendo ele tão diferente do tipo de homem com o qual eu sempre disse que me casaria... O tipo alto e esbelto. Mas, por algum motivo, não gostaria que Fred fosse alto e esbelto... Porque, você não vê, dessa forma ele não seria o Fred! É claro – ela acrescentou, um pouco pesarosa – que nós seremos um casal assustadoramente gorducho. Mas, enfim, isso é melhor do que um de nós ser baixo e gordo e o outro alto e delgado, como Morgan Sloane e a esposa. A senhora Lynde diz que nunca consegue deixar de pensar nessa disparidade quando os vê juntos.

– Bem – disse Anne para si mesma aquela noite, enquanto escovava os cabelos diante do espelho de moldura dourada –, estou contente que Diana esteja tão feliz e satisfeita. Mas quando chegar minha vez... Se um dia chegar... Espero que haja um pouco mais de emoção. Entretanto, Diana também pensava assim antes. Eu a ouvi dizer mais de uma vez que nunca se comprometeria de modo lento e banal... que seu pretendente teria que fazer algo esplêndido para conquistá-la. Mas ela mudou. Talvez eu mude também. Mas não... Estou determinada a não mudar. Oh, acho que esses noivados são coisas assustadoramente perturbadoras quando acontecem com suas amigas íntimas!

Nome que os índios norte-americanos dão às esposas. (N.T.)



UM CASAMENTO NA CASA DE PEDRA

A última semana de agosto chegou. Período em que a senhorita Lavendar se casaria. Duas semanas depois, Anne e Gilbert partiriam para Redmond College. Em uma semana, a senhora Rachel Lynde se mudaria para Green Gables e instalaria seus ares e penates no até então quarto de hóspedes, que já estava preparado para sua chegada. Ela havia vendido todo o supérfluo mobiliário doméstico por leilão, e no momento estava se distraindo com a conveniente ocupação de ajudar os Allan a empacotar suas coisas. O senhor Allan iria fazer seu sermão de despedida no próximo domingo. A velha ordem estava mudando rapidamente para dar lugar ao novo, como sentia Anne com uma pitada de tristeza enredada em toda a sua empolgação e alegria.

– As mudanças não são totalmente agradáveis, mas são coisas excelentes – filosofou o senhor Harrison. – Dois anos é tempo suficiente para as coisas permanecerem exatamente iguais. Se ficassem no mesmo lugar por mais tempo, poderiam ficar cobertas de musgo.

O senhor Harrison estava fumando na varanda. Sua esposa, em sacrifício próprio, disse que ele poderia fumar dentro de casa, se tomasse o cuidado de sentar-se ao lado de uma janela aberta. O senhor Harrison retribuiu essa concessão indo fumar ao ar livre quando o tempo estava bom, e então prevaleceu a mútua boa vontade.

Anne estava ali para pedir à senhora Harrison algumas de suas dalias amarelas. Ela e Diana iriam nesta tarde até Echo Lodge para ajudar a senhorita Lavendar e Charlotta IV com os preparativos finais do casamento, que ocorreria no dia seguinte. A própria senhorita Lavendar nunca teve dalias; ela não gostava muito delas e achava que não teriam combinado com o formoso retiro de seu jardim à moda antiga. Mas as flores de qualquer tipo estavam escassas em Avonlea e nos distritos vizinhos naquele verão, graças

à tempestade do Tio Abe, e Anne e Diana pensaram que uma velha jarra de pedra de cor creme, geralmente utilizada para guardar bolinhos, decorado com dalias amarelas, seria exatamente o necessário para decorar um sombrio ângulo da escadaria da casa de pedra, contra o escuro fundo de papel de parede vermelho.

– Presumo que dentro de quinze dias a senhorita estará indo para a universidade – continuou o senhor Harrison. – Bem, Emily e eu sentiremos muitíssimo a sua falta. Mas com certeza a senhora Lynde vai estar ali, em seu lugar. Não há ninguém que não possa ser substituído.

A ironia do tom do senhor Harrison é absolutamente intransferível para o papel. A despeito da intimidade de sua esposa com a senhora Lynde, o melhor que poderia ser dito da relação dela com o senhor Harrison, sob este novo regime, era que mantinham uma neutralidade armada.

– Sim, estarei – disse Anne. – Minha mente está muito feliz, mas meu coração está muito triste.

– Acredito que a senhorita conseguirá ganhar todos os prêmios que houver em Redmond.

– Talvez eu tente um ou dois deles, mas não me importo tanto com essas coisas como me importava há dois anos. O que quero obter do meu curso universitário é algum conhecimento sobre a melhor forma de viver a vida e como tirar o melhor dela. Quero aprender a entender e ajudar outras pessoas e a mim mesma.

O senhor Harrison assentiu com a cabeça.

– Esta é exatamente a ideia. Esse deveria ser o objetivo da universidade, em vez de formar um monte de bacharéis tão cheios de conhecimento literário e vaidade que não há lugar para mais nada. A senhorita tem razão. Creio que a universidade só lhe dará bons frutos.

Diana e Anne foram a Echo Lodge após o chá, levando consigo o despojo floral que muitas expedições predatórias em seus próprios jardins e nos de seus vizinhos haviam rendido. Encontraram a casa de pedra bulindo de animação. Charlotta IV voava de um lado para o outro, com tanto entusiasmo e velocidade que seus laços azuis pareciam realmente possuir o poder da onipresença. Como os estandartes de Navarra, os laços azuis de Charlotta balançavam mesmo na luta mais acirrada.

– Graças a Deus as senhoritas chegaram! – exclamou ela, devotamente. – Temos montes de coisas para fazer... E o glacê daquele bolo não endurece... E toda aquela prataria precisa ser polida... E o baú coberto com crina de

cavalo tem que ser arrumado... E os frangos para o salpicão ainda estão correndo e cacarejando lá fora diante do galinheiro, madame. E a senhorita Lavendar não está em condições de fazer nada. Fiquei grata quando o senhor Irving chegou, alguns minutos atrás, e a levou para uma caminhada no bosque. Não há problema em namorar no lugar certo, madame, mas se misturar isso com a cozinha e a limpeza, tudo estará perdido! Esta é a *minha* opinião, madame.

Anne e Diana trabalharam tão energicamente que, às dez horas da noite, até mesmo Charlotta IV estava satisfeita. Amarrou o cabelo em inumeráveis tranças e carregou seus ossinhos cansados para a cama.

– Mas estou certa de que não vou conseguir pregar o olho, senhorita Shirley, por medo de alguma coisa dar errado na última hora... Que o creme não endureça... Ou que o senhor Irving tenha um ataque e não possa vir.

– Ele não tem o hábito de ter ataques, tem? – perguntou Diana, franzindo os cantos da boca. Para Diana, Charlotta IV era, se não exatamente uma bela criatura, de certo uma eterna fonte de riso.

– Essas coisas não acontecem por hábito – retrucou Charlotta IV, com dignidade. – Elas simplesmente acontecem... e pronto. Qualquer um pode ter um ataque. Não é necessário que já tenha tido. O senhor Irving parece muito com um dos meus tios, que um dia teve um ataque justo quando estava se sentando para almoçar. Mas talvez tudo fique bem. Neste mundo, temos que esperar pelo melhor, preparar-nos para o pior e aceitar o que Deus envia.

– Minha única preocupação é que amanhã não faça bom tempo – disse Diana. – Tio Abe previu chuva para o meio da semana, e desde o grande temporal, não consigo deixar de acreditar que há uma boa dose de verdade no que ele diz.

Anne, que sabia melhor do que Diana o quanto Tio Abe tinha a ver com o temporal, não estava muito preocupada com isso. Ela dormiu o sono dos justos e cansados e foi despertada em um horário totalmente inoportuno por Charlotta IV.

– Senhorita Shirley, sinto muitíssimo chamá-la tão cedo – ouviu-se através do buraco da fechadura – mas ainda há tanto por fazer... E, oh, senhorita Shirley, temo que vá chover, e eu queria que a senhorita se levantasse e me dissesse que acha que não vai. Anne correu para a janela, ansiando de todo o coração que Charlotta IV estivesse dizendo isso meramente para que ela despertasse mais rápido. Mas a manhã realmente parecia pouco propícia. O jardim da senhorita Lavendar, que deveria estar banhado pela glória da

pálida luz do sol nascente, estava sombrio e sem a mínima brisa, e o céu acima dos pinheiros estava escurecido por nuvens ameaçadoras.

– Isso é terrível! – disse Diana.

– Devemos esperar pelo melhor – disse Anne, determinada. – Se pelo menos não chover, é preferível um dia fresco, cinza e perolado como este a um dia de sol escaldante.

– Mas vai chover – lamentou Charlotta, entrando no quarto. Ela era uma figura engraçada com suas incontáveis tranças atadas com fitas brancas, apontando em todas as direções. – Vai ameaçar até a última hora, e então vai chover torrencialmente! E os convidados ficarão ensopados... E vão encher a casa de lama... E eles não conseguirão se casar debaixo da madressilva... E diga o que quiser, senhorita Shirley, mas é uma terrível falta de sorte o sol não brilhar sobre uma noiva! Eu sabia que as coisas estavam muito boas para durar.

Charlotta IV certamente parecia ter pegado emprestado uma folha do livro da senhorita Eliza Andrews.

Não choveu, apesar de ter ameaçado o dia inteiro. Ao meio-dia, os cômodos estavam decorados, a mesa magnificamente preparada e no andar de cima aguardava uma noiva “ataviada para seu marido²²”.

– A senhorita está adorável – disse Anne, arrebatada.

– Adorável! – ecoou Diana.

– Está tudo pronto, madame, e não aconteceu nada de ruim *ainda* – foi a afirmação animada de Charlotta, a caminho do seu quartinho para se vestir. Saíram todas as tranças. O resultado excessivamente frisado foi entrelaçado em dois rabos e atado, não com dois laços, mas com quatro, com uma novíssima fita azul brilhante. Os dois laços superiores davam a impressão de duas asas enormes brotando do pescoço, com um ar dos querubins do pintor Rafael. Mas Charlotta IV achava que estavam muito bonitas e depois de ter entrado ruidosamente no vestido branco, tão rigidamente engomado que poderia ficar em pé sozinho, examinou-se no espelho com grande satisfação... Sentimento esse que durou até ela sair no corredor e ver, pela porta aberta do quarto de hóspedes, a moça alta com um vestido de caimento suave, que estava prendendo flores brancas como estrelas nas ondas macias de seu cabelo ruivo.

“Oh, *nunca* vou ser capaz de parecer com a senhorita Shirley” – pensou a pobre Charlotta, em desespero. “Tem que nascer assim, eu acho... Parece que toda a prática do mundo não seria capaz de me dar aquele *ar*.”

À uma hora, os convidados tinham chegado, incluindo o senhor e a senhora Allan, que iria realizar a cerimônia na ausência do ministro de Grafton, que estava de férias. Não houve formalidades no casamento. A senhorita Lavendar desceu as escadas, encontrou seu noivo e, quando ele tomou sua mão, ela ergueu os grandes olhos castanhos para contemplá-lo com um olhar que fez Charlotta IV sentir-se mais estranha do que nunca. Dirigiram-se até o jardim sob as madressilvas, onde o senhor Allan os aguardava. Os convidados se agruparam como quiseram. Anne e Diana permaneceram junto ao velho banco de pedra, com Charlotta IV entre elas – que segurava nervosamente as mãos das moças entre as suas mãos frias e trêmulas.

O senhor Allan abriu seu livro azul e deu início à cerimônia. Justo no momento em que a senhorita Lavendar e Stephen Irving eram consagrados marido e mulher, algo muito belo e simbólico aconteceu. O sol repentinamente brilhou por entre as nuvens cinzentas e uma torrente de esplendor fluiu sobre a noiva feliz. No mesmo instante o jardim reviveu com sombras dançantes e luzes tremeluzentes.

“Que adorável presságio” – pensou Anne ao correr para cumprimentar a noiva. Então, as três jovens deixaram o restante dos convidados sorrindo em volta do casal e correram para dentro da casa, a fim de conferir se tudo estava pronto para o banquete.

– Graças a Deus terminou, senhorita Shirley – suspirou Charlotta IV –, e os dois já estão seguramente casados, não importa o que aconteça agora. As bolsinhas com arroz estão na despensa, madame, o sapato velho está atrás da porta, e o creme para bater está nos degraus do porão.

Às duas e meia, o senhor e a senhora Irving partiram e todos foram até Bright River para vê-los tomar o trem da tarde. Quando a senhorita Lavendar... Aliás, a senhora Irving... saiu pela porta de sua antiga casa, Gilbert e as jovens jogaram o arroz, e Charlotta IV arremessou o velho sapato com uma pontaria tão boa que acertou o senhor Allan em cheio na cabeça. Mas estava reservado a Paul dar o mais bonito adeus. Ele saiu pela varanda agitando furiosamente um grande e antigo sino de bronze que adornava a cornija da lareira da sala de jantar. A única intenção de Paul era fazer um ruído alegre, mas quando o repique cessou, ecos harmônicos surgiram das curvas e das colinas além do rio como um “mágico badalar de sinos de casamento”, soando clara e docemente, cada vez mais fracos, como se os amados ecos da senhorita Lavendar estivessem se despedindo. E então,

entre as bênçãos daqueles doces sons, a senhorita Lavendar partiu de sua velha vida de sonhos e fantasias, rumo a uma vida plena de realidades no atarefado mundo lá fora.

Duas horas depois, Anne e Charlotta IV regressavam pela vereda. Gilbert tinha ido a West Grafton para levar um recado e Diana tinha um compromisso em sua casa. Anne e Charlotta tinham voltado para pôr as coisas em ordem e trancar a casinha de pedra. O jardim parecia um lago tingido pelo tardio dourado dos raios solares, com borboletas pairando e abelhas zunindo; mas a casinha já possuía aquele indefinível ar de desolação que sempre se segue a uma celebração.

– Oh, meu Deus, não parece solitária? – fungou Charlotta IV, que choramingara durante todo o caminho desde a estação. – Um casamento não é muito mais animado do que um funeral quando tudo está acabado, senhorita Shirley.

Seguiu-se um atarefado entardecer. Deveriam tirar a decoração, lavar as louças e guardar em uma cesta as guloseimas que sobraram, para o deleite dos irmãos mais novos de Charlotta. Anne não iria descansar enquanto não estivesse tudo em perfeita ordem. Após a partida de Charlotta com sua pilhagem, Anne percorreu os quietos cômodos, sentindo-se como alguém que passeia sozinho pelo salão de um banquete abandonado, e fechou as cortinas. Então, trancou a porta e sentou-se debaixo do álamo prateado para esperar por Gilbert, sentindo-se muito cansada, mas ainda pensando “longos, longos pensamentos” de forma infatigável.

– No que está pensando, Anne? – perguntou Gilbert, aproximando-se pela trilha. Tinha deixado o cavalo e a charrete na estrada.

– Na senhorita Lavendar e no senhor Irving – respondeu, sonhadora. – Não é bonito pensar como as coisas terminaram... Como eles se reuniram depois de tantos anos de separação e mal-entendidos?

– Sim, é bonito – disse Gilbert, olhando fixamente para o rosto erguido de Anne –, mas não teria sido ainda mais bonito, Anne, se no lugar de separação e mal-entendidos eles tivessem percorrido todo o caminho da vida de mãos dadas, sem memórias para trás, além daquelas que pertencem um ao outro?

Por um momento, o coração de Anne acelerou estranhamente, e pela primeira vez seus olhos vacilaram sob o olhar fixo de Gilbert. Um rubor coloriu a palidez de sua face. Era como se um véu que estivera pendurado diante de sua consciência fosse erguido, revelando sentimentos e verdades

dos quais ela não suspeitava. Talvez, afinal, o romance não chegasse na vida de alguém com toda a pompa e alarido, como um alegre cavaleiro andante. Talvez chegasse silenciosamente ao nosso lado como um velho amigo. Talvez se revelasse aparentemente como prosa, até que uma súbita flecha de iluminação fosse lançada em suas páginas e traísse o ritmo e a música. Talvez... talvez... talvez o amor nascesse naturalmente de uma bonita amizade, como a rosa de miolo dourado surgia de dentro das sépalas verdes.

Então o véu caiu novamente. Mas a Anne que caminhou pela escura vereda não era a mesma que tinha chegado tão alegre na tarde anterior. Um dedo invisível tinha virado a página da mocidade, e diante dela estava aberta a página da feminilidade, com todos os seus encantos e mistérios, dores e alegrias.

Gilbert, sabiamente, não disse mais nada. Mas, em seu silêncio, leu a história dos próximos quatro anos à luz da lembrança do rubor de Anne. Quatro anos de trabalho árduo e feliz... E, então, o galardão de conhecimento útil recebido e um doce coração conquistado.

Atrás deles, no jardim, a casinha de pedra repousava entre as sombras. Solitária, mas não abandonada. Ainda não tinha terminado com sonhos, risos e alegria de viver; haveria futuros verões para a casinha de pedra. E, por enquanto, ela podia esperar. E, sobre o rio, em seu confinamento lilás, os ecos aguardavam sua hora.

Referência ao Novo Testamento – Apocalipse, 21:2. (N.T.)

ANNE

LUCY MAUD MONTGOMERY

DA
ILHA



Ciranda Cultural

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

DA
ILHA

Tradução
Max Welcman



Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Anne of the island

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Max Welcman

Preparação

Karoline Cussolim

Revisão

Mariane Genaro

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração da capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne da Ilha [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Max Welcman ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Principis, 2020.

256 p. : il. ; ePUB ; 5,4 MB. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de : Anne of the Island

Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-218-8 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Welcman, Max. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-893 CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do

detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

A

todas as garotas do mundo que “queriam mais” histórias sobre Anne.

Toda preciosidade enfim descoberta

Surge para aqueles que a procuram,

Pois o Amor trabalha junto ao Destino,

E despe o véu do valor oculto.

TENNYSON



A SOMBRA DA MUDANÇA

“Encerrou-se a colheita e findou-se o verão”, citou Anne Shirley, contemplando com olhar sonhador os campos aparados. Ela e Diana Barry haviam colhido maçãs na horta de Green Gables e agora repousavam de seus afazeres em um canto ensolarado, onde cardos¹ inundavam o ar nas asas de um vento de verão ainda doce pelo aroma das samambaias do Bosque Assombrado.

No entanto, toda a paisagem em torno das duas moças já anunciava o outono. O mar bramava alto ao longe; os campos estavam desnudos e murchos, salpicados de arnica; o vale do riacho que corria sob Green Gables cobria-se de flores de uma etérea cor púrpura e o Lago das Águas Reluzentes havia-se tornado azul, azul, azul, não o inconstante azul da primavera nem o pálido azul-celeste do verão, mas um azul límpido, imutável e sereno, como se a água, superando todas as mudanças e tensões, houvesse pausado em uma tranquilidade impossível de ser rompida por sonhos vãos.

– Foi um verão agradável – disse Diana sorridente, girando o novo anel que usava na mão esquerda. – E o casamento da senhorita Lavendar parece ter coroado a estação. Suponho que o sr. e a sra. Irving estejam a essa hora na costa do Pacífico.

– Creio que já houve tempo suficiente para darem a volta ao mundo – suspirou Anne. – Difícil acreditar que faz apenas uma semana desde o casamento. Tudo mudou. A senhorita Lavendar e o sr. e sra. Allan foram embora, como a paróquia parece deserta com todas as janelas fechadas! Eu passei por lá ontem à noite e me senti como se todos lá dentro estivessem mortos.

– Nunca teremos um pastor tão bom quanto o sr. Allan – disse Diana, com uma sombria convicção. – Creio que no inverno teremos toda a classe de substitutos e na metade dos domingos não haverá nenhum sermão. E com você e Gilbert distantes, será horivelmente maçante!

– Fred estará aqui – insinuou Anne, discretamente.

– Quando a Senhora Lynde se mudará? – perguntou Diana, como se não houvesse escutado o comentário de Anne.

– Amanhã. Estou feliz que ela venha, embora isso signifique outra mudança. Ontem, Marilla e eu esvaziamos o quarto de hóspedes. Você não pode imaginar como eu detestei a tarefa. Sei que é bobagem, mas pareceu que cometíamos um sacrilégio. Aquele velho quarto de hóspedes sempre foi como um templo para mim. Na infância, eu o considerava o lugar mais bonito do mundo. Lembra-se do quanto eu desejava dormir na cama de um quarto de hóspedes? Mas jamais no quarto de hóspedes de Green Gables, jamais! Haveria sido terrível, não pregaria o olho nem por um segundo de tanto fascínio. Eu nunca andava por aquele quarto, quando Marilla me mandava fazer algo ali, ficava na ponta dos pés, prendendo a respiração como em uma igreja e me sentia aliviada quando saía. Os retratos de George Whitefield e do duque de Wellington, um de cada lado, me encaravam se eu ousasse olhar no espelho, aliás, o único em toda a casa em que meu rosto não se refletia nem um pouco torto. Fiquei surpresa que Marilla tenha ousado limpar aquele quarto. E agora não está apenas limpo, mas completamente desocupado. Whitefield e Wellington foram aprisionados no andar de cima. “É assim que acaba a glória deste mundo” – Anne concluiu com uma risada um tanto melancólica. Não é agradável profanar nossos ídolos antigos, mesmo que tenhamos abandonado-os.

– Ficarei tão sozinha quando você se for – lamentou-se Diana pela centésima vez. – E pensar que partirá na próxima semana!

– Mas ainda estamos juntas – disse Anne alegremente. – Não devemos deixar a semana futura roubar nossa alegria da semana presente. Eu detesto a ideia de partir, pois meu lar e eu somos ótimos amigos! Você fala em sentir-se solitária! Eu que deveria lamentar. *Você* estará aqui, rodeada de um grande número de seus velhos amigos e Fred! Enquanto eu vou estar entre estranhos, sem conhecer uma única alma!

– Exceto Gilbert e Charlie Sloane – disse Diana, imitando a ênfase e malícia de Anne.

– Charlie Sloane será um grande conforto, certamente – concordou Anne, com sarcasmo.

Então as duas donzelas irresponsáveis riram. Diana sabia exatamente o que Anne pensava de Charlie Sloane, mas apesar de várias conversas confidenciais, ela não sabia exatamente o que Anne pensava de Gilbert Blythe. Nem a própria Anne tinha certeza sobre isso.

– Pelo que sei, os meninos ficarão do outro lado de Kingsport – continuou Anne. – Fico feliz em ir para Redmond e tenho certeza de que, depois de certo tempo, vou gostar. Mas sei que as primeiras semanas serão difíceis. Não terei nem mesmo o consolo de ir para casa aos fins de semana, como quando fui à Queen's. E parecerá que ainda faltarão mil anos para chegar o Natal.

– Tudo está mudando ou vai mudar – disse Diana com tristeza. – Sinto que nada será como antes, Anne.

– Chegamos a uma separação dos caminhos, suponho – disse Anne, pensativa. – Tivemos que chegar a isso. Diana, você acha que ser adulto é realmente bom como imaginávamos quando éramos crianças?

– Eu não sei. Há algumas coisas boas – respondeu Diana, novamente acariciando seu anel com aquele pequeno sorriso que sempre fazia com que Anne se sentisse repentinamente deixada de fora e inexperiente. – Mas há muitas coisas intrigantes também. Às vezes, a ideia de crescer me assusta e me faz querer dar tudo para ser uma garotinha novamente.

– Acho que vamos nos acostumar a ser adultos com o tempo – disse Anne alegremente. – Não haverá muitas coisas inesperadas no caminho. Apesar de tudo, acho que são as coisas inesperadas que dão tempero à vida. Temos dezoito anos, Diana. Em dois anos, teremos vinte. Quando eu tinha dez anos, pensava que ter vinte era ser velho. Em pouco tempo, você será uma matrona séria e de meia-idade, e eu serei a boa e velha criada tia Anne, vindo visitá-la nas férias. Você sempre manterá um canto para mim, não é, Di querida? Não o quarto de hóspedes, é claro. As criadas velhas não podem almejar o quarto de hóspedes, e eu serei tão humilde quanto Uriah Heep e me contentarei com um pequeno buraco na varanda ou o canto de algum cômodo.

– Não diga bobagem, Anne! – Diana riu – Você se casará com um homem bonito, elegante e rico. Nenhum quarto de hóspedes em Avonlea lhe será luxuoso o suficiente, e empinará o nariz ao encontrar seus amigos de juventude.

– Seria uma pena, pois meu nariz é bonito, mas empiná-lo para os outros o deixaria feio – disse Anne, apalpando o nariz afilado. – E eu não tenho tantos membros bonitos a ponto de poder estragar um e de qualquer forma, mesmo que eu me case com o rei da Ilha dos Canibais, prometo que não empinaria o nariz para você, Diana.

Deram outra risada animada e separaram-se: Diana voltou para a Rampa da Horta e Anne foi ao correio. Havia uma carta esperando por ela. Quando Gilbert Blythe passou por ela na ponte sobre o lago das Águas Reluzentes, a moça ficou exultante de excitação.

– Priscilla Grant também vai para Redmond! – ela exclamou. – Não é fantástico? Esperava que ela fosse, mas não achava que seu pai deixaria. Mas ele consentiu e iremos juntas. Com uma colega como Priscilla ao meu lado, sinto-me capaz de enfrentar um exército, ou todos os professores de Redmond de uma vez.

– Acho que gostaremos de Kingsport – disse Gilbert. – Disseram-me que é uma vila boa e antiga, com o parque natural mais bonito do mundo. Ouvi dizer que tem uma paisagem magnífica.

– Duvido que seja, ou que possa ser, mais bonito do que isso – Anne murmurou, olhando em volta com o olhar amoroso e encantado daqueles para quem o lar é o lugar mais bonito do mundo, não importando que paraísos possam existir sob outros céus.

Estavam recostados na ponte do antigo lago, profundamente imersos no encanto do crepúsculo, no exato local onde Anne havia deixado seu Dory que afundava no dia em que Elaine navegava para Camelot. O belo e envolvente tom do pôr do sol ainda manchava os céus ocidentais, mas a lua estava nascendo e a água jazia como um grande sonho prateado à luz dela. Aquela lembrança lançou um feitiço doce e sutil sobre os dois jovens.

– Você está muito silenciosa, Anne – disse Gilbert finalmente.

– Temo que, se eu falar ou me mexer, toda essa magnífica beleza desaparecerá como um silêncio rompido – suspirou Anne.

De repente, Gilbert pôs sua mão sobre a delicada e alva mão da garota, encostada no parapeito da ponte. Seus olhos castanhos se aprofundaram na escuridão, seus lábios ainda juvenis se entreabriram para dizer algo do sonho e da esperança que emocionaram sua alma. Mas Anne afastou a mão e virou-se rapidamente, quebrando o feitiço do crepúsculo.

– Preciso voltar para casa – exclamou com exagerado descuido. – Marilla estava com dor de cabeça hoje à tarde, e tenho certeza de que os gêmeos estão aprontando todo tipo de travessura. Eu não deveria ter ficado tanto tempo fora.

Ela tagarelou incessante e inconsequentemente até chegarem ao caminho de Green Gables. O pobre Gilbert mal teve a chance de dizer uma palavra. Anne sentiu-se bastante aliviada quando se separaram. Havia uma nova e

secreta autoconsciência em seu coração em relação a Gilbert, desde aquele momento fugaz de revelação no jardim da Echo Lodge. Algo estranho invadira a antiga e perfeita amizade escolar, algo que ameaçava estragar tudo.

“Jamais havia me sentido tão feliz por Gilbert ir embora” – pensou Anne, entre o ressentimento e o arrependimento, enquanto andava pela estrada. “Nossa amizade será rompida se ele insistir nesse absurdo. Isso não pode acontecer. Não vou permitir. Por que os meninos são tão insensatos?!”

Anne constrangeu-se ao perceber que não era muito sensato ainda sentir na própria mão a quente pressão da mão de Gilbert, tão nitidamente quanto a sentiu nos breves momentos em que estiveram juntos, e mais ainda ao constatar que aquela sensação estava longe de ser desagradável, muito diferente da que sentira três noites antes em uma tentativa similar de Charlie Sloane, durante uma festa em White Sands, enquanto dançavam e ela esperara impacientemente que a música terminasse. Anne desanimou com a lembrança irritante, porém os conflitos relacionados aos seus pretendentes desapareceram de sua mente ao adentrar o clima rústico e prosaico da cozinha de Green Gables, onde um menino de oito anos estava chorando consternado no sofá.

– O que houve, Davy? – perguntou Anne, tomando-o nos braços.

– Onde estão Marilla e Dora?

– Marilla está colocando Dora para dormir – soluçou Davy – e estou chorando porque Dora caiu de pernas para cima na escada do porão e arranhou todo o nariz, e...

– Ah, está tudo certo, não chore por isso, querido. Claro que você está triste por ela, mas chorar não vai ajudar em nada. Amanhã sua irmãzinha já vai ficar bem. Chorar nunca ajuda em nada, pequeno Davy, e...

– Mas eu não estou chorando porque Dora caiu no porão – respondeu Davy, interrompendo a fala bem-intencionada de Anne com crescente ressentimento. – Estou chorando porque eu não estava lá quando ela caiu! Parece que sempre perco os momentos mais divertidos!

– Davy! – exclamou Anne, reprimindo uma risada indevida.

– Você chama de diversão ver a pobre Dora cair da escada e se machucar?

– Ela não se machucou muito. Claro que eu ficaria triste se ela tivesse morrido, Anne. Mas os Keiths são difíceis de morrer. São como os Blewetts, eu acho. Herb Blewett caiu do sótão do celeiro na quarta-feira passada e rolou calha abaixo diretamente para dentro do estábulo, onde eles guardam

um cavalo selvagem feroz, e foi parar bem embaixo das patas dele, mas saiu vivo, só com três ossos quebrados. A sra. Lynde disse que há pessoas que não morrem nem com golpes de machado. A sra. Lynde virá para cá amanhã, Anne?

– Sim, Davy, e eu espero que você se comporte e seja educado com ela.

– Eu vou me comportar e ser educado. Mas ela vai me pôr para dormir à noite, Anne?

– Talvez. Por quê?

– Porque eu não vou rezar na frente dela como faço na sua frente, Anne – disse, em tom decidido.

– Por que não?

– Porque eu não gosto de falar com Deus na frente de estranhos, Anne. Dora pode rezar na frente da sra. Lynde, se quiser, mas eu não vou! Vou esperar que ela vá embora para rezar. Tudo bem, Anne?

– Sim, se você prometer que não vai esquecer, pequeno Davy.

– Eu não vou esquecer, acredite! Rezar é bem divertido, mas não será tão divertido rezar sozinho como é com você. Queria que você ficasse, Anne! Não entendo por que você quer ir embora e nos deixar.

– Não é exatamente que eu queira, Davy, mas sinto que devo ir.

– Se não quer ir, então não precisa! Você já é adulta. Quando eu crescer, não vou fazer absolutamente nada que eu não queira, Anne.

– Por toda a vida, Davy, você verá que precisará fazer coisas que não quer.

– Não vou! – respondeu, categoricamente. – Você vai ver! Agora eu preciso fazer o que vocês querem, senão você e Marilla me mandam para a cama. Mas, quando eu crescer, nem vocês nem ninguém poderão me obrigar a fazer o que não quero. Mas conte-me, Anne, Milty Boulter me falou que a mãe dele disse que você está indo para a universidade para tentar fisgar um homem. É isso mesmo, Anne? Quero saber!

Por um momento, Anne ardeu em ira. Depois deu risada, lembrando a si mesma que a grosseria e a vulgaridade do pensamento e da fala da sra. Boulter não poderiam atingi-la.

– Não, Davy, não é nada disso. Eu vou estudar, evoluir e aprender muitas coisas.

– Que coisas?

– “Sapatos, navios e lacres de cera e repolhos e reis” – citou Anne.

– Mas se de fato quisesse fisgar um homem, como você faria? Quero saber! – persistiu Davy, para quem o assunto evidentemente possuía certa

fascinação.

– É melhor você perguntar à sra. Boulter – ela disse, sem pensar duas vezes. – Creio que ela deve saber mais do que eu sobre como isso funciona.

– Vou perguntar da próxima vez que a encontrar – disse Davy em tom sério.

– Davy! Não se atreva! – exclamou Anne, percebendo seu erro.

– Mas você acabou de me dizer para fazer isso! – protestou Davy, ofendido.

– Já era para você estar na cama – ordenou Anne, tentando escapar da conversa.

Depois que Davy foi dormir, Anne caminhou até a Ilha Victoria e sentou-se lá, sozinha, envolta na sutil e melancólica luz da Lua, enquanto a água gargalhava à sua volta em um dueto entre o riacho e o vento. Anne sempre amara aquele riacho. Em dias passados, já havia cultivado muitos sonhos sobre aquelas águas cintilantes. Esqueceu-se dos rapazes apaixonados, das fofocas pervertidas de vizinhos maliciosos e de todos os problemas de sua meninice. Na imaginação, ela navegava sobre os mares lidos nas histórias, que banhavam as distantes praias reluzentes das “ermas regiões dos contos de fadas”, nas quais os perdidos Atlantis e Elysium, guiados pela estrela do crepúsculo, até a terra dos Desejos do Coração. E ela era mais rica naqueles sonhos do que na realidade, pois o que os olhos veem é passageiro, mas o que não veem é eterno.

Nome dado a algumas espécies de plantas de folhas espinhentas ou ásperas. (N.E.)



GUIRLANDAS DE OUTONO

A semana seguinte passou rapidamente, repleta de “últimas missões”, como Anne as chamava. Precisou fazer e receber várias visitas de despedida, algumas agradáveis, outras nem tanto, a depender da simpatia dos visitantes ou visitados pelas esperanças de Anne, ou se a moça lhes parecia presunçosa demais por ir à faculdade e era preciso trazê-la de volta à realidade.

Certa noite, os membros da Sociedade Beneficente de Avonlea fizeram uma festa de despedida para Anne e Gilbert, na casa de Josie Pye, eles a escolheram em parte porque a casa era espaçosa e também porque suspeitavam que Josie se recusaria a participar se sua casa não fosse escolhida para a festa. Foram momentos muito agradáveis, pois as irmãs Pye, diferentemente do habitual, comportaram-se muito bem, não fazendo ou dizendo nada que pudesse romper a harmonia da ocasião. Josie estava incrivelmente afável, a ponto de dizer de modo condescendente a Anne:

– Seu vestido novo lhe cai muito bem, Anne. Realmente, você está quase bonita com ele.

– Quanta gentileza a sua! – Anne respondeu, com olhos inquietos. Seu senso de humor estava se desenvolvendo, e as palavras que aos catorze anos a ofenderiam, agora eram apenas divertidas. Josie suspeitou que Anne estivesse rindo dela por trás daqueles olhos maliciosos, mas contentou-se em murmurar para Gertie, ao descer as escadas, que Anne Shirley se gabaria como nunca, agora que estava indo para a faculdade.

O “velho grupo” estava todo lá, repleto de alegria, entusiasmo e leveza de alma. Diana Barry, de pele rosada e com suas covinhas, acompanhada como uma sombra pelo devoto Fred; Jane Andrews, pura, sensível e simples; Ruby Gillis, a mais bonita e brilhante, com sua blusa creme e gerânios vermelhos nos cabelos dourados; Gilbert Blythe e Charlie Sloane, tentando se manter o mais perto possível da esquiwa Anne; Carrie Sloane, de aparência pálida e melancólica, porque ao que tudo indicava, seu pai não deixaria Oliver Kimball nem sequer se aproximar do local; Moody Spurgeon MacPherson,

cujos rostos redondos e orelhas defeituosas estavam tão redondas e defeituosas como sempre, e Bill Andrews, a noite inteira sentado em um canto gaguejando quando alguém conversava com ele e observando Anne Shirley com um olhar extasiado em seu largo semblante sardento.

Anne soubera da festa com antecedência, mas não sabia que, como fundadores da Sociedade, ela e Gilbert seriam agraciados com um “discurso” e “presentes de honra”, em seu caso, um volume com as peças de Shakespeare, no caso de Gilbert, uma caneta-tinteiro. Anne comoveu-se tanto com a surpresa e sentiu-se tão feliz com as belas palavras lidas por Moody Spurgeon no discurso, com a voz mais sutil e o tom mais solene, que seus grandes olhos cinzentos se inundaram de lágrimas. Ela havia trabalhado duro e com toda a lealdade para a Sociedade Beneficente, e ter o reconhecimento tão sincero por parte dos membros tocou fundo seu coração. Todos eram tão agradáveis, simpáticos e alegres, até mesmo as irmãs Pye tinham seus méritos. Naquele momento, Anne amava o mundo inteiro.

Ela havia gostado muito daquele anoitecer, mas o fim da festa quase estragou tudo. Gilbert errou de novo ao dizer-lhe coisas românticas, durante o jantar na varanda enluarada, e Anne, para puni-lo, deixou que Charlie Sloane a cortejasse, permitindo que ele a acompanhasse até sua casa. No entanto, com isso aprendeu que a vingança não fere ninguém mais do que aquele que a tenta realizar. Gilbert saiu da festa com Ruby Gillis, ambos muito animados, sendo que Anne podia ouvi-los rindo e conversando alegremente enquanto caminhavam devagar, sob a fresca brisa do outono. Era óbvio que os dois se divertiam bastante, enquanto ela já não se aguentava mais de tédio ao lado de Charlie Sloane, que falava sem parar e jamais, nem por milagre, dizia algo que valesse a pena ouvir. Anne por vezes respondia com um “sim” ou “não” e pensava em como Ruby estava linda naquela noite, em como os olhos de Charlie pareciam esbugalhados sob a luz da lua, ainda mais do que sob a luz solar e que o mundo, de certo modo, já não parecia mais um lugar tão agradável como havia parecido nas primeiras horas daquela noite.

“É apenas cansaço. É só isso” – ela pensou, ao agradecer por finalmente estar sozinha em seu quarto. E, honestamente, acreditava estar apenas cansada, mas, na tarde do dia seguinte, foi tomada por uma onda de alegria proveniente de uma fonte desconhecida e secreta, que lhe encheu o coração ao ver Gilbert atravessando o Bosque Assombrado e cruzando a velha ponte

de troncos em passos firmes e rápidos. Afinal, isso era sinal de que Gilbert não iria passar sua última noite em Avonlea na companhia de Ruby Gillis!

– Você parece cansada, Anne – ele disse.

– Estou cansada, e mais do que isso, decepcionada. Cansada porque arrumei meu baú e costurei o dia todo. E decepcionada porque seis mulheres vieram se despedir de mim, e todas me disseram coisas profundamente desanimadoras que minha vida ficou parecendo tão cinza, lúgubre e triste como uma manhã de novembro.

– Velhas hipócritas e ressentidas! – comentou Gilbert garbosamente.

– Ah, não, não são – respondeu Anne, em tom sério. – Este é o problema. Se fossem hipócritas e ressentidas, eu não me importaria. Mas são almas maternais, bondosas e gentis, que me estimam e que eu também estimo, e por isso o que disseram ou insinuaram significa tanto para mim. Percebi que lhes parece uma loucura eu estar indo para Redmond conseguir um diploma, e desde então estou me questionando a mesma coisa. A sra. Peter Sloane suspirou e chegou a dizer que esperava que eu fosse forte o bastante para chegar até o fim do curso, e logo me imaginei como vítima de uma terrível prostração nervosa no fim do terceiro ano. A sra. Eben Wright comentou que devia custar uma fortuna morar em Redmond por quatro anos, e pareceu-me imperdoável esbanjar o dinheiro de Marilla e o meu em tamanha extravagância. A sra. Jasper Bell disse que esperava que na universidade não me achessem convencida demais, como acontece a algumas pessoas, e lá no fundo eu senti que após os quatro anos em Redmond me tornaria a mais insuportável das criaturas, acreditando saber de tudo e desprezando a tudo e a todos em Avonlea. A sra. Elisha Wright disse saber que as alunas de Redmond, especialmente as de Kingsport, eram “arrogantes e extremamente bem vestidas”, e lhe parecia que eu não me sentiria à vontade entre elas, então me vi como uma camponesa humilhada, desprezada e maltrapilha, rastejando com botas cor de cobre pelos famigerados corredores de Redmond.

Anne deu risada e um suspiro ao mesmo tempo. Qualquer crítica machucava sua natureza sensível, mesmo aquelas de pessoas cuja opinião merecia somente não mais do que respeito. Naquele momento, a vida parecia sem cores e toda sua ambição se apagava como uma vela ao vento.

– Mas é claro que você não deve dar ouvidos ao que dizem – reclamou Gilbert. – Você sabe exatamente como a visão de mundo dessa gente é estreita, ainda que sejam excelentes pessoas. Ousar qualquer coisa que nunca

ousaram parece-lhes um terrível pecado. Você é a primeira moça de Avonlea a ir para a universidade, e sabe muito bem que os pioneiros são, geralmente, considerados loucos.

– Ah sim, eu sei. Mas sentir é bem diferente de saber. Meu bom senso diz o mesmo que você, mas às vezes ele não exerce influência nenhuma sobre mim, e a falta de bom senso passa a mandar na minha alma. Depois que a sra. Elisha foi embora, francamente, eu quase perdi a coragem de continuar a arrumar minhas coisas.

– Você só está cansada, Anne. Esqueça tudo isso e vamos dar uma volta: um passeio pelos bosques perto do pântano. Deve haver alguma coisa lá que quero mostrar a você.

– Deve haver? Você não tem certeza do que está lá?

– Não. Só sei que deve haver, pois vi isso lá na primavera. Mas venha! Vamos fingir que somos duas crianças novamente e vamos correr na direção do vento.

Ambos partiram, tomados de alegria. Anne, lembrando-se dos fatos da noite anterior, parecia muito amável com Gilbert, e o rapaz, que estava se tornando mais perspicaz a cada dia, preocupou-se apenas em voltar a ser o companheiro de escola da moça. A sra. Lynde e Marilla os observavam da janela da cozinha.

– Eles serão um casal um dia – sentenciou a sra. Lynde, em tom de aprovação.

Marilla espantou-se subitamente. No fundo de sua alma, ela tinha a secreta esperança de que aquilo acontecesse, mas não costumava levar a sério as fofocas e futilidades da sra. Lynde.

– Eles ainda são crianças – disse, de repente.

A sra. Lynde riu amigavelmente.

– Anne tem dezoito anos. Eu tinha essa idade quando me casei. Na verdade, nós, mais velhos, Marilla, sempre acreditamos que as crianças nunca crescem. Anne é uma jovem mulher e Gilbert é um homem, e é nítido que ele a idolatra em cada passo. Ele é um rapaz excelente e Anne, uma moça melhor ainda. Só espero que ela não se iluda com o amor de ninguém em Redmond. Sinceramente, eu não aprovo e nunca aprovarei os estabelecimentos de ensino mistos. Parece-me que os alunos desse tipo de instituição fazem pouco mais do que flertar uns com os outros – concluiu a sra. Lynde, em tom solene.

– Mas eles devem estudar um pouco – respondeu Marilla, com um sorriso.

– Bem pouco – resmungou a sra. Lynde. – Mas creio que Anne vai estudar, pois nunca gostou de flertar, nem valoriza Gilbert como ele merece. Ora, eu conheço bem as moças! Charlie Sloane também está louco por ela, mas ela nunca deveria se casar com um Sloane. Embora sejam pessoas boas, honestas e respeitáveis, são Sloanes, afinal de contas.

Marilla concordou. Para um forasteiro, a frase “Sloanes são Sloanes” poderia não parecer muito clara, mas ela compreendia. Todo vilarejo possui uma família assim: podem ser pessoas boas, honestas e respeitáveis, mas são e sempre serão Sloanes, ainda que falem a língua dos homens e dos anjos.

Gilbert e Anne, sem saber que a sra. Lynde determinava o futuro deles daquela maneira, passeavam felizes pela escuridão do Bosque Assombrado. Ao longe, as colinas aparadas eram iluminadas pelos luminosos raios âmbar do pôr do sol, que surgiam de um pálido céu róseo e azul. O bosque de abetos vermelhos era distante e coberto por uma cor de bronze com longas sombras, que incidiam nas altas pradarias. Ao seu redor, uma brisa sibilava entre os galhos dos pinheiros, compondo uma canção com as notas do outono.

– Agora este bosque é realmente assombrado por antigas lembranças – disse Anne, abaixando-se para apanhar um caule de samambaia embranquecido pela geada. – Parece que as meninas Diana e Anne ainda brincam aqui e sentam-se ao entardecer na Redoma da Dríade, onde encontram os fantasmas. Eu nunca consigo passar por esta trilha depois que escurece sem sentir um pouco daquele antigo medo e estremecer. Entre os fantasmas que nós criamos, havia um especialmente horrível: o fantasma de uma criança morta, que rastejava atrás de nós e encostava seus dedos gélidos em nossas mãos. Até hoje, sempre que venho aqui após escurecer, confesso que imagino os pequenos passos dessa criança fantasma atrás de mim. Não tenho medo da Dama de Branco, do homem sem cabeça nem dos esqueletos, mas preferiria nunca haver sequer imaginado o fantasma da criancinha. Marilla e Mrs. Barry ficavam muito irritadas com isso! – concluiu Anne, com uma risada nostálgica.

Os bosques ao redor do pântano tinham tons púrpuras e eram repletos de teias de aranha. Ao passarem por uma sóbria plantação de abetos retorcidos e um vale circundado de bordos, ainda aquecido pelo calor do sol, encontraram o “algo” que Gilbert procurava.

– Ah, ali está! – disse ele, satisfeito.

– Uma macieira! Ali embaixo! – exclamou Anne, encantada.

– Sim, uma macieira carregada, em meio aos pinheiros e faias, distante menos de um quilômetro de qualquer pomar! Passei por aqui na primavera passada e a encontrei coberta de brotos brancos. Decidi voltar aqui no próximo outono para ver se havia maçãs e, sim, está carregada! As maçãs parecem saborosas: amareladas como as reinetas, mas vermelhas em alguma parte. As mudas silvestres são quase todas verdes e nada apetitosas.

– Devem ter brotado há anos, de alguma semente caída aqui por acaso – comentou Anne, sonhadora. – E a impetuosa macieira floresceu sozinha, sem nenhuma ajuda, entre estranhos!

– Sente-se na almofada de musgo sobre aquela árvore caída, Anne. Servirá como um trono no meio do bosque. Vou subir para colher algumas maçãs. A macieira ficou muito alta, parece que queria alcançar a luz do sol.

As maçãs estavam realmente deliciosas. Uma polpa muito, muito branca, com tênues veias vermelhas, era coberta pela casca amarelada, e o sabor típico da fruta era mais forte, suculento e silvestre do que qualquer maçã de pomar.

– Nem a maçã fatal do Éden poderia ter um sabor mais raro do que estas – comentou Anne. – Mas precisamos ir embora. Há três minutos entardecia e agora já se vê a luz do luar. Lamento não havermos podido contemplar o momento da transformação! Creio que nunca podemos captar esses momentos.

– Passaremos pelo pântano e caminharemos até em casa pela Travessa dos Namorados. Ainda se sente decepcionada, Anne?

– Não. Aquelas maçãs foram como um bálsamo para aliviar a fome da alma. Sinto que amarei estar em Redmond e que terei quatro excelentes anos por lá.

– E o que acontecerá após esses quatro anos?

– Ah, após esse tempo haverá outra curva no caminho! – respondeu Anne imediatamente. – Não tenho ideia do que poderei encontrar, mas na verdade, prefiro não saber.

Naquela noite, mais do que nunca, a Travessa dos Namorados parecia um lugar precioso, tranquilo e misteriosamente iluminado pela pálida luz da lua. Caminharam lenta e silenciosamente. “Se Gilbert fosse sempre como foi esta noite, tudo seria muito tranquilo e simples!” – refletiu Anne.

Ambos caminhavam lado a lado, e Gilbert observava Anne fixamente. Em seu vestido delicado, a figura da moça parecia uma flor de íris branca aos olhos do rapaz.

“Será que algum dia conseguirei fazê-la gostar de mim?” – ele se perguntava, duvidando um pouco de sua própria capacidade de conquista.



ADEUS E PARTIDA

Charlie Sloane, Gilbert Blythe e Anne Shirley deixaram Avonlea na manhã da segunda-feira seguinte. Anne ansiara por um dia bonito. Diana a levaria até a estação e todos desejavam que o último passeio juntos fosse inesquecível. Entretanto, quando Anne foi dormir no domingo à noite, o vento leste gemia ao redor de Green Gables com uma lúgubre profecia, cumprida na manhã seguinte. Ao despertar, viu as gotas de chuva batendo contra a janela e cobrindo a água cinzenta do riacho em grandes círculos, a névoa escondia as colinas e o mar e tornava o mundo inteiro obscuro e melancólico. A jovem vestiu-se naquela chuvosa e triste manhã, pois precisava sair bem cedo para pegar o trem e, depois, o barco, tentando conter as lágrimas que teimavam em aparecer em seus olhos. Afinal, ela deixava o lar tão querido e algo lhe dizia que estava partindo dali para sempre, menos para passar férias. As coisas jamais seriam iguais, pois voltar para as férias não era o mesmo que morar naquele lugar. E como Anne amava tudo ali! O quartinho branco, lugar dos sonhos de infância, a velha Rainha da Neve na janela, o riacho no vale, a Redoma da Driade, o Bosque Assombrado, a Travessa dos Namorados, todos os inúmeros lugares tão estimados que guardavam as lembranças dos tempos idos. Ela conseguiria ser verdadeiramente feliz em outro lugar?

Naquele dia, o café da manhã em Green Gables limitou-se a uma refeição pouco proveitosa. Talvez pela primeira vez na vida, Davy não conseguira comer e começou a reclamar sem nenhuma discrição diante do prato de mingau. Ninguém além de Dora, que fez sua refeição completa e tranquilamente, parecia ter muito apetite. A garota, assim como a imortal e ponderada Charlotte, que “continuou a cortar o pão enquanto levavam o corpo de seu incansável pretendente em um ataúde”, era uma das raras e afortunadas pessoas que raramente se perturbavam com alguma coisa. Apesar de ter somente oito anos de idade, era necessário acontecer algo realmente extraordinário para que sua tranquilidade se alterasse. Estava sentida com a partida de Anne, certamente, mas aquilo não lhe parecia de

modo algum motivo suficiente para deixar de apreciar uma torrada com ovo poché. Percebendo que Davy nem sequer tocara a dele, Dora comeu a torrada do irmão.

Diana chegou pontualmente com o cavalo e a charrete, e seu rosto rosado sob a capa de chuva contrastava com o dia cinzento. Era hora de dizer adeus. A sra. Lynde saiu do quarto para abraçar Anne, aconselhando-a para que cuidasse da saúde acima de qualquer coisa. Marilla, brusca, apressada e secamente, beijou as bochechas de Anne, dizendo-lhe que esperava que a moça mandasse notícias assim que possível. Quem não conhecesse bem Marilla diria que a partida de Anne não significava muito para ela, a não ser que esse alguém olhasse bem fundo em seus olhos. Dora deu um beijo superficial e cerimonioso em Anne, derramando duas pequenas lágrimas, mas Davy, que chorava na escada da varanda dos fundos desde que se levantara da mesa do café, recusou-se a despedir-se dela. Ao ver Anne se aproximando, levantou-se em sobressalto, subiu correndo a escada e escondeu-se num armário, de onde não saiu mais. Seu choro abafado foi o último som que Anne ouviu antes de deixar Green Gables.

Por todo o trajeto até Bright River, aonde precisavam ir porque a linha secundária do trem de Carmody não tinha conexão com barcos, a chuva caiu pesadamente e sem dar trégua. Charlie e Gilbert esperavam as moças na plataforma da estação e, ao chegarem, o trem já estava apitando. Anne apanhou a passagem e o baú, despediu-se rapidamente de Diana e subiu no trem, afoita. Naquele momento, quis retornar com Diana para Avonlea, pois sabia que sentiria muita falta de casa. E aquela triste chuva insistente era como se o mundo inteiro lamentasse o fim do verão e da alegria. Nem mesmo Gilbert conseguiu trazer qualquer conforto, já que a presença de Charlie Sloane e suas “coisas de Sloanes” tornava tudo quase insuportável em um tempo chuvoso.

Quando o barco deixou o porto de Charlottetown, o tempo começou a mudar. Parou de chover e um sol amarelo-ouro aparecia entre nuvens uma vez ou outra, refletindo nas ondas cinzentas e fazendo-as brilhar com um tom acobreado, iluminando a névoa que envolvia as praias de areias vermelhas da Ilha e após tanta chuva e tempestade, parecia o presságio de um bom dia. No entanto, Charlie Sloane sentiu-se mareado e recolheu-se, deixando Anne e Gilbert a sós no convés.

“Adoraria que todos os Sloanes sentissem enjoo logo que entrassem no barco” – pensou Anne, impiedosa. “Afinal, certamente eu não conseguiria

olhar pela última vez e me despedir da minha velha terra se Charlie estivesse ali parado, fingindo estar saudoso também".

– Bem, vamos partir! – comentou Gilbert, nada sentimental.

– Sim, e eu me sinto como Childe Harold, de Byron, mas não estou contemplando a “costa nativa” – respondeu Anne, piscando os olhos cinzentos. – A minha creio que seja a Nova Escócia, porém se a costa nativa é o lugar que a pessoa mais ama, então para mim é a boa e velha Ilha de Prince Edward. Parece que passei a vida toda aqui! Os onze anos antes de vir para cá foram como um pesadelo. Faz sete anos que viajei neste barco, quando a sra. Spencer me trouxe de Hopeton. Lembro-me de estar usando um horrendo vestido de chita velho e um chapéu desbotado, passei pelo convés e pelas cabines cheia de curiosidade e surpresa. Era uma linda tarde ensolarada, e como aquelas praias vermelhas da Ilha brilhavam sob a luz do sol! Agora estou cruzando o estreito novamente. Ah, Gilbert, como eu queria gostar de Redmond e Kingsport, mas tenho certeza de que não vou gostar!

– Onde está sua filosofia, Anne?

– Foi levada por uma grande onda de solidão e nostalgia. Desejei durante três anos ir para Redmond, mas agora que estou indo... preferiria não estar! Mas não importa! Vou recuperar minha alegria e filosofia depois que puder passar um tempo chorando. Preciso desse momento de desabafo, mas para fazer isso precisarei esperar até a noite, quando estiver no quarto da pensão. Só assim Anne voltará a ser a mesma. Será que Davy já saiu de dentro do armário a esta hora?

O trem chegou a Kingsport às nove horas da noite, e os jovens se encontraram na estação lotada. Anne sentia-se completamente desnorteada, mas logo Priscilla Grant, que chegara à cidade no sábado, ajudou-a.

– Seja bem-vinda, querida! Deve estar tão cansada como eu quando cheguei, no sábado à noite.

– Estou exausta, Priscilla, nem me diga! Sinto-me cansada, pálida e provinciana como se tivesse só dez anos de idade. Pelo amor de Deus, leve sua pobre e exausta amiga aonde possa ouvir os próprios pensamentos!

– Vou levá-la diretamente para a pensão. Um coche nos aguarda lá fora. Graças a Deus você está aqui, Prissy. Se não estivesse, a única coisa que eu iria fazer neste momento seria me sentar no baú e chorar de amargura. Como é bom ver um rosto conhecido no meio de tantos estranhos.

– Aquele é Gilbert Blythe, Anne? Como ele mudou desde o ano passado! Ele era apenas um garoto quando lecionei em Carmody. E aquele é Charlie

Sloane, com certeza! Ele não mudou nada, nem poderia! Tinha a mesma cara ao nascer e vai estar exatamente assim quando tiver oitenta anos. Venha por aqui, querida. Estaremos em casa em vinte minutos.

– Casa?! – gemeu Anne. – Você quer dizer uma pensão horrível, em um quartinho num corredor ainda mais horrível, com vista para um quintal sujo nos fundos!

– Não é uma pensão horrível, Anne. Este é o nosso coche, suba! O cocheiro vai pegar seu baú. A pensão é um lugar muito agradável e depois de uma boa noite de sono, quando estiver menos melancólica e mais disposta, você vai perceber isso. É uma casa grande e antiga de pedras cinzas, na Rua St. John, a poucas quadras a pé de Redmond. Grandes personalidades costumavam morar lá, mas a rua saiu de moda e suas mansões agora só lembram o passado glorioso. São tão grandes que os novos proprietários as converteram em pensões para ocupar todos os quartos. Pelo menos esta é a explicação que as donas da nossa pensão costumam contar às inquilinas. Elas são muito gentis, Anne, as donas da pensão.

– Quantas são?

– Duas. A srta. Hannah Harvey e a srta. Ada Harvey. Ambas têm cerca de cinquenta anos e são gêmeas.

– Pelo visto, gêmeos estão no meu destino – sorriu Anne. – Aonde quer que eu vá, sempre os encontro.

– Mas elas já não parecem gêmeas. Depois que completaram trinta anos, nunca mais pareceram gêmeas. A srta. Hannah envelheceu, não muito bem, e a srta. Ada continua aparentando trinta anos, mas é ainda menos bonita do que a irmã. Não sei se a srta. Hannah sabe sorrir, até hoje não a vi sorrir nenhuma vez, mas a srta. Ada sorri o tempo todo, o que é estranho. Mas ambas são muito bondosas e simpáticas. Elas recebem duas pensionistas por ano, porque a srta. Hannah é meio materialista e não pode ver “tanto espaço mal aproveitado em casa” e não porque precisam, conforme a srta. Ada já me disse mil vezes desde que cheguei. Nossos quartos, eu admito, são pequenos e ficam no corredor, e o meu tem vista para o quintal dos fundos. O seu quarto é o da frente e dá para o Cemitério Old St. John, do outro lado da rua.

– Isso parece terrível! – estremeceu Anne. – Seria melhor ter a vista dos fundos.

– Ah, não, não seria. Espere e verá. Old St. John é um lugar especial. Foi um cemitério durante muitos anos, depois se tornou uma das melhores

paisagens de Kingsport. Ontem à tarde caminhei pelo lugar todo, foi incrível. Em volta há um grande muro de pedras e uma fileira de imensas árvores, além de outras fileiras de árvores na parte de dentro. As antigas tumbas chamam muito a atenção, elas têm inscrições estranhas e curiosas. Você vai adorar estudar ali, Anne, tenho certeza! Hoje em dia ninguém é enterrado no Old St. John, mas, há alguns anos, ergueram um belíssimo monumento em memória dos soldados da Nova Escócia que morreram na Guerra da Crimeia. Fica na entrada, logo após os portões, e dá “lugar para a imaginação”, como você dizia antigamente. Já não era sem tempo! Aqui está sua bagagem e os rapazes estão vindo para nos dar boa-noite. Preciso mesmo cumprimentar Charlie Sloane, Anne? As mãos dele são frias como escama de peixe, mas vamos pedir que nos visitem de vez em quando. A srta. Hannah falou sério quando me disse que poderemos receber “visitas de rapazes de boa família” duas noites por semana, contanto que cheguem e partam em um horário razoável e a sempre sorridente srta. Ada pediu-me apenas para que não deixássemos que eles se sentassem em suas belas almofadas. Eu prometi que o faria, mas há almofadas em toda parte na casa, como posso controlar onde eles vão se sentar?! Só Deus poderia! Até mesmo em cima do piano a srta. Ada ostenta uma belíssima e rara renda de Battenburg!

Anne começou a rir e aquele alegre diálogo com Priscilla de fato a animou, a saudade de casa então desapareceu e não voltou nem mesmo quando ela se viu sozinha no novo quarto. Andou até a janela para ver a paisagem. A rua de baixo parecia vazia e silenciosa, com uma atmosfera lúgubre. As árvores do Old St. John brilhavam com a luz da lua, logo atrás da cabeça de leão do monumento. De repente parecia que muito tempo havia passado desde a viagem e Anne se perguntou se fora realmente na manhã daquele dia que deixara Green Gables.

“Esta mesma lua deve estar brilhando agora em Green Gables” – refletiu. “Mas é melhor não pensar nisso, para evitar sentir saudades. Não me permitirei nem mesmo chorar neste momento, só quando for realmente inevitável. Vou dormir, tranquila e resignada. É o mais sensato a ser feito”.



A LADY DE ABRIL

Kingsport é uma cidade bela e nostálgica, cuja memória colonial é onipresente e marcante, como uma idosa que insiste em rememorar o esplendor de sua juventude de outrora. É bem verdade que há modernidade ali, mas sem perder a essência clássica de uma antiguidade repleta de relíquias curiosas e cercada pelo romantismo de lendas passadas. Originalmente, a cidade era fronteira ao deserto, de modo que os nativos tornavam menos entediante a vida dos colonos. Com o passar do tempo, tornou-se um muro que separava o lado francês do lado inglês, onde, belicamente, imperava às vezes um, às vezes outro.

No parque da cidade, conserva-se uma torre cujos altos parapeitos são objeto de visita de turistas, onde estes deixam seus nomes gravados, já nas colinas, as ruínas de um antigo forte francês se incorporam à paisagem de desfiladeiros enferrujados desembocando nas praças.

Também há outros lugares históricos em Kingsport que valem a visita, mas nenhum se compara à beleza do cemitério de Old St. John, que fica no coração da cidade, localizado entre a tranquilidade de duas ruas de casas antigas e outras duas onde a modernidade se faz presente e notável. Os cidadãos de Kingsport se orgulham do cemitério de Old St. John, de modo que quase todos fingem descender de algum defunto que lá esteja enterrado, os quais têm em sua lápide os detalhes de seus memoráveis feitos durante a vida. Alguns, que eram mais notáveis, ou simplesmente ricos, tinham suas lápides esculpidas por verdadeiros artistas, com detalhes ornamentais diferenciados nelas. A maioria, no entanto, era de pedra cinza ou marrom, rusticamente trabalhada e, raras vezes, com alguma parca ornamentação. Algumas lápides possuem uma macabra decoração, cuja imagem de uma caveira e duas tíbias é frequentemente acompanhada por duas cabeças de querubim. Impossibilitando a identificação dos defuntos, a erosão causada pela inexorabilidade do tempo devastou muitas das inscrições, tornando-as totalmente indecifráveis. Tendo uma enorme dimensão e sendo rodeado de sombras de olmos e salgueiros, no cemitério

residem as almas dos mortos que lá jazem em paz, indiferentes ao barulho do tráfego vizinho e embalados pelos ventos até a eternidade.

Durante a tarde de seu segundo dia em Kingsport, Anne fez o primeiro de seus muitos passeios no cemitério da cidade. Antes, porém, na manhã daquele mesmo dia, ela e Priscilla foram a Redmond para se matricular como estudantes e depois tiraram o resto do dia de folga. As meninas escaparam voluntariamente da faculdade, pois se sentiam bastante desconfortáveis em estar cercadas por todas aquelas pessoas desconhecidas, a maioria das quais lhes parecia muito estranhas.

Os “novatos”, assim chamados, reuniram-se em grupos de dois ou três, de modo que se entreolhavam. Os mais inteligentes do primeiro ano se agruparam na grande escadaria, onde cantaram a plenos pulmões, desafiando seus inimigos tradicionais, os do “segundo”, que passavam olhando com desdém para o grupo de calouros das escadas.

Gilbert e Charlie não foram a parte alguma naquele dia.

– Nunca me passou pela cabeça que eu gostaria tanto de ver um Sloane por perto – disse Priscilla enquanto atravessavam o jardim da escola –, pois, ao menos, aqueles míopes olhos de Charles nos acolheriam calorosamente. Seriam familiares.

– Ah... – suspirou Anne – eu lhe garanto que, enquanto esperava minha vez de me matricular, me senti o menor ser do mundo, isto é, uma gotinha no meio do oceano! É terrível sentir-se insignificante, mas é ainda pior que tentem nos convencer de que nunca poderemos ser mais do que isso. É assim que eu me sinto: como um ser invisível, como se parte desses do “segundo” pudessem me pisar e eu pudesse morrer sem que ninguém desse falta.

– Fique tranquila, Anne. Espere até o próximo ano – disse Priscilla, confortando-a. – Logo você será tão insuportavelmente sofisticada quanto os “segundos”. Estou certa de que é horrível sentir-se assim, mas antes isso do que sentir-se tão grande e desagradável quanto eu. Pensei que ocupando toda Redmond, mesmo por aqueles cinco centímetros de altura que me elevava sobre os demais, eu não teria medo de um “segundo”. O que me assustou, no entanto, foi que eles tenham me elevado à categoria de elefante ou algum espécime um pouco crescido de um ilhéu alimentado com batatas.

– Creio que o problema seja que não perdoamos a grande Redmond por ela não ser a pequena Queen’s – disse Anne, com o que restava de sua antiga filosofia, a fim de cobrir sua nudez de espírito. – Quando a deixamos, estávamos familiarizadas, era nossa casa: conhecíamos todos e tínhamos um

lugar na comunidade. Acho que criamos uma inconsciente expectativa de encontrar em Redmond aquilo que tínhamos na Queen's. E, agora, nos sentimos sem chão sob nossos pés, isto é, sem a base afetiva que nos mantinha de pé. De certo modo, fico feliz que a sra. Lynde e a sra. Wright nunca saberão sobre como eu me sinto. Elas diriam algo como: “Eu bem que te avisei” e estariam convencidas de que este é o começo do fim, quando, na realidade, é apenas o fim do começo.

– Isso mesmo! Agora sinto que consigo escutar a Anne falando. Logo, logo nos acostumaremos e vai ficar tudo bem. Anne, você reparou numa garota muito bonita, de olhos castanhos e lábios definidos, que passou a manhã inteira encostada na porta do vestiário?

– Sim, eu a notei justamente porque ela parecia a única tão solitária e abandonada quanto eu. Eu, pelo menos, tinha você, mas ela não tinha ninguém.

– Eu tive a mesma impressão. Algumas vezes pensei que ela estivesse vindo em nossa direção, mas que desistia porque sua timidez parecia mais forte. Eu até gostaria que ela fizesse isso. Se eu não estivesse me sentindo um elefante, com certeza teria ido falar com ela para que se juntasse a nós, porém a minha timidez foi mais forte, pois eu não conseguia nem atravessar o saguão com aquela garotada gritando na escada. Ela é de longe a “novata” mais bonita que eu vi aqui em Redmond. Mas nem a beleza é útil no primeiro dia de aula – concluiu Priscilla, rindo.

– Depois do almoço, irei a Old St. John – disse Anne. – É verdade que um cemitério não é o melhor lugar para se levantar o espírito, mas me parece o único e mais próximo onde há árvores, e eu preciso delas. Vou me sentar em uma velha laje, fechar os olhos e me imaginar na floresta de Avonlea.

Anne, no entanto, não conseguiu fazer o que planejava, porque lá encontrou muitas coisas que a fizeram abrir os olhos. Atravessaram a porta de entrada, onde sobre esta havia um imponente arco de pedra trazido pelo grande leão da Inglaterra.

“E em Inkerman, as matas selvagens ainda são sangrentas e aquelas colinas áridas e sombrias entrarão para a história.”

Anne se lembrou dos versos de Tennyson com um arrepio na espinha. Ela e Priscilla caminhavam por uma mata verde-escura, onde o vento sussurrava morbidamente. Enquanto vagavam por lá, liam históricos epitáfios e observavam, ao longo do caminho, gravuras, cuja paz de espírito era certamente maior do que a nossa.

“Jaz aqui o corpo do nobre cavaleiro Albert Crawford”, leu Anne em uma laje cinza gasta, “por muitos anos guardião da artilharia de Sua Majestade, o rei, em Kingsport. Serviu com honra ao exército até a paz em 1763, quando se aposentou devido a uma doença. Foi um oficial corajoso; o melhor dos maridos; o melhor dos pais; e o melhor dos amigos. Falecido em 29 de outubro de 1792, aos 84 anos de idade.”

– Aqui está um epitáfio para você, Prissy. A propósito, existe nele “campo da imaginação”. Que bem-aventurada vida deve ter sido a desse homem! E quando se trata de qualidades pessoais, não há elogios maiores. Será que lhe disseram essas coisas em vida?

– Ouça este outro – disse Priscilla. – “Em memória de Alexander Ross, falecido em 22 de setembro de 1840, aos 43 anos. Erigido como carinhosa homenagem por alguém a quem ele serviu tão fielmente por 27 anos, considerando-lhe amigo merecedor de toda confiança e carinho.”

– Esse é um ótimo epitáfio – disse Anne, pensativa. – Me identifico a tal ponto que não gostaria de receber um que não fosse tão bom quanto este. Até certo ponto, todos nós somos servis aos nossos, e se a nossa fidelidade puder ser registrada com toda a realidade que fizemos por merecer em vida, isto é o máximo reconhecimento que podemos almejar. Veja esta triste laje, Prissy: “Em memória de um filho amado”. E essa outra: “Erigido em memória de alguém enterrado em outro lugar”. Onde estará esse túmulo desconhecido? Você tinha razão, Prissy, os cemitérios de hoje nunca serão tão interessantes quanto este. Certamente, virei aqui muitas vezes. Eu gosto. Acho que não estamos sozinhas aqui... Há uma menina no final da avenida.

– Sim, e eu creio que é a mesma que estava em Redmond hoje de manhã. Faz cinco minutos que eu a estou observando. Já começou a se aproximar de nós uma meia dúzia de vezes, mas voltou. Ou ela é terrivelmente tímida ou deve estar com a consciência pesada. Vamos lá falar com ela. Deve ser mais fácil entrar num cemitério do que em Redmond.

Percorreram a avenida em direção à estranha garota, que estava sentada em uma laje cinza, sob um salgueiro. Ela era lindíssima. Tinha uma beleza penetrante, irregular e fascinante. Nos seus cabelos macios, mechas castanhas. Nas bochechas, uma cor suavemente rubra. Seus grandes olhos castanhos aveludados combinavam com suas sobrancelhas desenhadas e sua boca rosada. Ela usava um terninho preto e bem cortado. Também usava lindos sapatinhos, uma criação original de um legítimo sapateiro. Priscilla teve a súbita sensação de que seus sapatos eram apenas um trabalho menor

feito pelo sapateiro local de seu vilarejo. Anne, por sua vez, pensou desconfortavelmente se a blusa que ela havia feito, a qual fora adaptada pela sra. Lynde ao corpo, pareceria muito camponesa e caseira na frente da elegante roupa que vestia aquela menina. Por um momento, ambas quase desistiram.

Elas, porém, já estavam quase chegando à laje cinza, de modo que era tarde demais para desistirem, pois, evidentemente, a garota de olhos castanhos havia chegado à conclusão de que se aproximavam para falar com ela. Imediatamente, a menina se levantou e estendeu a mão, abrindo um alegre e amistoso sorriso para as duas, sem aparentar qualquer timidez ou culpa.

– Eu gostaria de saber quem vocês são – disse ela efusivamente. – Eu estava morrendo de vontade de saber. Eu vi vocês nessa manhã em Redmond. Vocês também não acharam horrível? Quase me arrependi de não ter ficado em casa e me casado.

Depois dessa inesperada conclusão, todas riram juntas.

– É verdade mesmo. Eu poderia muito bem ter feito isso. Venham, sentem aqui nesta laje para nos apresentarmos. Eu tenho certeza de que vamos nos amar muito, soube disso assim que vi vocês em Redmond hoje de manhã. Eu quis chegar perto e dar um abraço nas duas.

– Mas por que não fez, então? – perguntou Priscilla.

– É porque eu ainda não havia decidido se devia. Eu sou muito indecisa. Sempre que começo algo, me convenço de que eu deveria fazer exatamente o oposto. É um terrível infortúnio, mas eu não tenho culpa... O que posso fazer se nasci assim? Mas era somente isto: eu não conseguia decidir se devia falar com vocês, não importava o quanto eu desejasse.

– Pensamos que você era muito tímida e por isso não veio até nós – disse Anne.

– Ah não, querida! A timidez não está elencada entre os muitos defeitos ou virtudes de Philippa Gordon... Phil para você. Me chame assim, está bem? E agora vocês, como se chamam?

– Ela é Priscilla Grant – disse Anne apontando para a amiga.

– E ela Anne Shirley – Priscilla acrescentou, apontando por sua vez.

– E nós somos da ilha – acrescentaram em uníssono.

– Sou de Bolingbroke, Nova Escócia – disse Philippa.

– Bolingbroke! – Anne chorou. – Mas eu nasci lá!

– Sério? Isso faz de você uma blue nose².

– Não – respondeu Anne. – Não foi Dan O'Connell quem disse que nascer num estábulo não faz do homem um cavalo? Eu sou uma ilhéu no coração.

– De qualquer maneira, eu fico feliz que você tenha nascido em Bolingbroke. Em algum aspecto, isso nos faz vizinhas, não acha? E eu gosto disso porque, quando eu te contar meus segredos, não será o mesmo que contar a um estranho, mesmo que, para mim, seja impossível guardar um segredo. Sempre tenho que contá-los. Não posso guardar segredo, pois é inútil tentar. Esse é o meu pior defeito, além da indecisão. Você acredita que eu levei mais de meia hora para decidir qual chapéu eu deveria colocar para vir ao cemitério? Pensei em usar o castanho com a caneta primeiro, mas logo mudei de ideia quando o coloquei, então pensei que esse rosa com a asa solta me servisse melhor. No final das contas, eu os coloquei sobre a cama, fechei os olhos e apontei aleatoriamente para um deles, de forma que meu dedo tocou o rosa, e foi assim que decidi por colocá-lo. Entende como isso é difícil? Me digam, por favor, o que vocês pensam sobre isso.

Diante dessa pergunta feita com toda sinceridade, em um tom desesperadamente sério, Priscilla riu de novo. Mas Anne apertou a mão em um impulso e disse:

– Hoje de manhã, quando eu te vi, pensei que você era a garota mais bonita de toda Redmond.

Com um lindo sorriso, Philippa mostrou belos dentes brancos.

– Foi o que pensei – foi a resposta surpreendente –, mas precisava que alguém confirmasse o que eu já sabia. Está vendo? Eu não consigo nem decidir se sou bonita. Assim que eu começo a reconhecer que sou, me sinto miseravelmente triste por não ser. Além disso, tenho uma tia-avó horrível que sempre me diz, com um suspiro triste: “Você era uma criança tão linda! É estranho como as crianças mudam à medida que crescem”. Eu amo tias, mas odeio tias-avós. Por favor, se não for incômodo, digam-me sempre que sou bonita. Eu me sinto tão confortável quando consigo ficar convencida de que eu realmente sou linda! Se vocês fizerem isso, vou ser igualmente boa para vocês, com todo o meu coração.

– Obrigada – disse Anne, rindo. – Mas Priscilla e eu estamos tão convencidas sobre nossa boa aparência que não precisamos de ajuda, então não se preocupe.

– Ah, não ria de mim! Eu sei que vocês devem estar pensando que sou uma narcisista estúpida, mas não é verdade. Não sou nem um pouco vaidosa. E, para mim, não custa nada elogiar uma garota, se ela merecer, é

claro. Estou tão feliz por conhecer vocês! Desde o sábado à noite, quando cheguei, quase morri de saudade de casa. É tão horrível isso, não é? Lá em Bolingbroke eu sou importante, mas aqui em Kingsport é diferente, pois não sou nada. Onde vocês estão aqui na cidade?

– Na rua Saint John 38.

– Que ótimo! Estamos tão perto umas das outras, basta virar na esquina da Wallace Street. No entanto, não gosto da minha pensão. Meu quarto é frio e solitário, e tem uma vista para um quintal horroroso. É o lugar mais feio do mundo. Como se não bastasse isso, ainda há mais gatos lá do que pessoas em toda Kingsport. Adoro gatos, mas, quando estão nos tapetes, ronronando junto à lareira, nos pátios das casas, na madrugada, são animais totalmente diferentes. Na primeira noite, chorei até de manhã, e os gatos comigo. Você deveria ter visto o meu nariz quando acordei. Como eu gostaria de não ter saído de casa!

– Não sei como você se decidiu a vir para Redmond, já que é uma pessoa tão hesitante assim – disse Priscilla.

– De uma coisa você pode ter certeza, querida: eu não decidi isso. Meu pai quis assim e ele estava determinado a me mandar para Redmond. Parece ridículo estudar para uma carreira, mesmo que eu possa, afinal, eu tenho um cérebro grande.

– Ah! – Priscilla expressou-se vagamente.

– Sim. Mas é tão difícil usá-lo às vezes! Além disso, os graduados são pessoas tão dignas, sensatas e solenes! Eles têm que ser, não é? Não, eu não queria mesmo vir para Redmond. Só fiz isso porque meu pai me obrigou! E ele é uma pessoa rigorosa. Além disso, sabia que se eu ficasse em casa, teria que me casar. Esse era o desejo da minha mãe e ela está determinada a realizá-lo, mas só de pensar em me casar já me causa pânico, pelo menos tão cedo. Eu quero me divertir antes de me tornar uma mulher casada. E não é só isso: por mais ridícula que pareça a ideia de me graduar e ter uma profissão, me parece ainda mais a ideia de me casar. Eu nem completei dezoito anos ainda. Sendo assim, preferi vir para Redmond. Se não fosse assim, como eu poderia decidir com qual dos meus pretendentes eu iria me casar?

– E há tantos assim? – Anne perguntou rindo.

– Sim, muitos. Os meninos realmente gostam de mim e ficam ao meu dispor. Mas, entre todos, há apenas dois que valeriam a pena. O resto deles ou é muito jovem ou muito pobre. E eu devo me casar com um homem rico.

– Deve? Por quê? – perguntou Anne, sinceramente curiosa e inconformada com a afirmação.

– Querida, você por acaso consegue me imaginar casada com um homem pobre? Além de não saber fazer nenhuma tarefa doméstica, como planejar as compras, cozinhar, lavar roupas, limpar a casa, enfim, algo de útil, eu sou muito extravagante. Ah não! Meu marido deve ter muito dinheiro para contratar pessoas para fazerem esse tipo de serviço! Então eu escolhi dois. Mas teria sido o mesmo que duzentos, pois sei perfeitamente bem que, independentemente de qual deles eu escolha, vou me arrepender pelo resto da vida por não ter me casado com o outro.

– Mas... será que... você... você não ama nenhum deles? – perguntou Anne. Foi complicado para Anne formular essa pergunta e falar com aquela estranha sobre os mistérios e as transformações pelas quais as pessoas passam na vida.

– Meu Deus, isso nunca seria possível! Eu nunca vou amar ninguém, até porque estar apaixonada faz de você uma escrava perfeita. Isso dá muito poder ao homem de te machucar. Fico com medo só de pensar nisso. Não, não... Alec e Alonzo são ótimos companheiros, além disso, eu gosto tanto dos dois que não sei qual deles eu prefiro. Alec é um rapaz de bom caráter, além de ter um lindo cabelo encaracolado e ser o mais elegante, é claro. Eu não poderia me casar com alguém que não fosse. O problema dele é ser perfeito demais, não quero ter um marido perfeito demais.

– Então, por que não se casa com Alonzo? – Priscilla perguntou gravemente.

– Você consegue se imaginar casada com alguém com esse nome? Pois eu não consigo! – disse Phil em tom de reclamação. – Porém, ele possui a qualidade de ter um nariz clássico e seria um alívio ter um nariz desse na minha família, em que se pode confiar. Não posso confiar no nariz da minha família... Por enquanto, ao menos, ele tem a forma dos Gordon, mas eu temo que ele algum dia assuma a forma dos Byrne quando eu for mais velha! Minha mãe até que tem um ótimo nariz Byrne. Espere só até conhecê-la para ver. Eu sou fascinada por bons narizes. Seu nariz é lindo, Anne Shirley! O nariz de Alonzo quase me faz decidir por ele, mas o nome...! Não, eu não consegui decidir. Se ao menos eu pudesse escolher entre os dois como fiz com meus chapéus: juntá-los e fechar os olhos, teria sido mais fácil.

– E o que Alec e Alonzo sentiram quando você saiu? – perguntou Priscilla.

– Ah, ainda estão esperançosos! Eu disse a eles que teriam de esperar para saber com qual dos dois me casaria. E eles estão dispostos a esperar, porque me amam e são apaixonados por mim. Enquanto isso, planejo me divertir muito e espero ter muitos pretendentes em Redmond. Vou ficar muito triste se eu não os tiver. Mas você não acha que os “novatos” são muito feios? Entre todos, só vi um bonito entre eles, e foi antes de vocês chegarem. Eu ouvi que vocês têm um amigo que se chama Gilbert. Seu amigo tinha olhos que podiam ser vistos à distância. Vocês já estão indo? Não vão ainda!

– Temos que ir. – disse Anne um pouco friamente. – Está ficando tarde e eu tenho coisas para fazer.

– Mas vocês logo virão me ver, não é? – Philippa perguntou, envolvendo-as com o braço, também vão me permitir visitá-las. Eu quero ser sua amiga íntima. Eu já te tenho muito amor por vocês. Eu não as deixei com asco da minha frivolidade, deixei?

– Não – Anne riu, respondendo cordialmente ao aperto de Phil.

– Eu não sou tão burra quanto pareço. Aceite Philippa Gordon em sua vida, assim como Deus o fez, com todas as suas falhas e suas qualidades, e acho que você poderá amá-la. O cemitério não é bonito? Eu adoraria ser enterrada aqui. Aqui está uma sepultura que eu nunca havia visto antes: aquela com uma cerca de ferro em volta dela, a lápide diz que pertence a um soldado que morreu na batalha entre Shannon e Chesapeake. Imagine só!

Anne parou por um momento em frente ao portão e olhou para aquela pedra desgastada pelo tempo, enquanto seu coração batia intensamente. Aquele antigo cemitério, com suas árvores arqueadas e longos caminhos sombrios, desaparecera de sua vista. Em vez disso, viajava para o século passado em seus pensamentos, estando ela em frente ao forte de Kingsport, uma majestosa fragata surgia lentamente do nevoeiro, na qual havia uma gigantesca bandeira da Inglaterra hasteada. Atrás desta, havia outra, a qual carregava um corpo rígido e heroico envolto em sua própria bandeira estrelada, a do corajoso soldado Lawrence. Era o Shannon que entrava na baía, e o Chesapeake era apenas um casco velho e arruinado.

– Volte, Anne Shirley, volte para a realidade. – Philippa riu, puxando-a pelo braço. Você está há um século distante de nós. Volte aqui.

Anne voltava à realidade com um suspiro, e seus olhos brilhavam suavemente.

– Eu sempre gostei da história antiga – disse Anne – e, embora os ingleses tenham vencido a batalha, a bravura do comandante derrotado me fascina, e

esse túmulo parece torná-lo tão real! O pobre soldado tinha apenas dezoito anos. “Ele morreu das terríveis feridas recebidas na ação heroica”, diz o epitáfio. Essa é a maior honra que um soldado como ele poderia receber.

Antes de ir embora, Anne retirou do peito um pequeno ramo de violetas roxas e deixou-as cair serenamente sobre a sepultura daquele jovem que morrera na grande batalha naval.

– Bem, o que você achou da nossa nova amiga? – perguntou Priscilla quando Phil foi embora.

– Eu gostei da Phil. Há algo nela que me induz a amá-la, apesar das bobagens que fala. Tenho a impressão de que está certa quando diz não ser tão burra quanto parece. É uma boa menina, mas não me parece que crescerá.

– Eu também gostei dela – disse Priscilla decisivamente. – Ela fala sobre os meninos como faz Ruby Gillis. Mas, ao contrário de Ruby, que me deixa doente de ouvi-la, Phil apenas me faz rir de bom grado. Agora, você consegue me explicar qual a diferença entre elas?

– Sim... – respondeu Anne, pensativa. – Eu acho que enquanto Ruby fala conscientemente em jogar com o amor alheio, que esfrega seus adoradores em nosso nariz e faz com que sintamos que não temos nem metade de sua beleza, já Phil conta sobre seus fãs como quem fala sobre seus colegas de classe. Na verdade, ela encara os meninos como bons camaradas e gosta de tê-los em quantidade ao seu redor, para se sentir popular e fazer com que pensem que ela realmente seja. Até mesmo Alec e Alonzo (de agora em diante não poderei separá-los) me parecem duas pessoas divertidas que querem brincar com ela por toda a vida. Fiquei muito feliz por tê-la conhecido e também por termos ido ao St. John. Acho que criei uma raiz em Kingsport nesta tarde. Ao menos espero que tenha. Odeio me sentir transplantada.

Termo utilizado para designar pessoas de Nova Escócia. (N.R.)



CARTAS DO LAR

Durante as três semanas que se seguiram, Anne e Priscilla continuaram sentindo-se estranhas naquele lugar. Então, repentinamente, a vida em Redmond, que antes parecia fragmentada, passou a ficar mais homogênea, mudando-se o foco com o advento de professores, turmas, estudantes, estudos e eventos sociais. Os calouros, uma vez abandonado o isolamento inicial, encontraram-se em seus grupos, com seus próprios espíritos de grupo, interesses de grupo, assim como antipatias e ambições de grupo. Naquele ano, eles venceram o Torneio Anual de Artes contra os alunos do segundo ano e, desde então, ganharam o respeito de todos os outros grupos e uma enorme autoconfiança em seus próprios méritos. Nos três anos seguintes, os rivais do segundo ano venceram a corrida pelo título, mas a vitória dos calouros naquele ano fora lembrada e atribuída à brilhante estratégia de Gilbert Blythe, que comandou o grupo do primeiro ano, desenvolvendo novas táticas que foram fundamentais para a obtenção do sucesso sobre os veteranos.

Como forma de reconhecimento dos seus méritos, Gilbert foi eleito presidente do curso, cargo de responsabilidade e honra (ao menos do ponto de vista dos calouros), o qual era cobiçado por muitos. Além disso, ele também foi convidado a fazer parte dos “Cordeiros”, como era chamada a Fraternidade Estudantil Lambda Theta, cujo convite raramente era feito a um calouro. Como trote, recebeu a ordem de desfilar durante um dia inteiro pelas principais ruas de Kingsport, usando um grande chapéu de sol e um enorme avental florido feito de chita. Ele cumpriu sua tarefa de forma muito bem-humorada, sacando da cabeça o chapéu de sol em cortejo às damas conhecidas.

Recalcado com o sucesso de Gilbert, Charlie Sloane, que não havia sido convidado pelos Lambs, disse a Anne que não entendia como ele poderia se prestar a uma humilhação daquela e que nunca faria o mesmo, caso tivesse sido convidado para uma fraternidade.

– Seria mesmo ridículo ver Charlie Sloane usando avental e chapéu de sol!
– Zombou Priscilla. – Ficaria igualzinho à sua avó Sloane! Gilbert, ao contrário, parecia ainda mais homem vestido daquele jeito.

Anne e Priscilla se viram imersas na intensa vida social de Redmond. Em grande parte, isso aconteceu tão cedo devido à grande habilidade social da despojada Philippa Gordon, que era filha de um cavalheiro afortunado de reputação ilibada, cuja antiga família pertencia aos chamados blue nose da Nova Escócia. Isso, combinado ao seu charme e beleza (algo que certamente não passava despercebido), tendo, assim, aberto os portões de todos os círculos, clubes e centros de Redmond, e onde Phil ia, Anne e Priscilla iam também. Phil adorava as duas garotas, especialmente Anne. Era uma alma pura e cristalina, livre de todos os tipos de influências. “Quem me ama, ama meus amigos” era seu lema. Sem nenhum esforço, ela as fez entrar no seu amplo círculo de amizades e as duas jovens de Avonlea mergulharam facilmente em uma vida social agradável, para a inveja e o estranhamento dos outros calouros, que, sem o apoio de Philippa, foram condenados a ficar de fora dessas atividades durante todo o primeiro ano de faculdade.

Para Anne e Priscilla, que levavam a vida a sério e tinham objetivos bem definidos, Philippa continuou sendo a adorável e divertida garotinha do primeiro encontro.

Onde ou como Phil encontrava tempo para estudar era um grande mistério, porque ela parecia estar sempre procurando diversão e recebia muitos visitantes à tarde em sua casa. Por ser muito atraente, seus colegas de classe e um número considerável daqueles dos anos acima disputavam sua atenção e seus sorrisos. Ela ficou deslumbrada com isso e contou alegremente para Anne e Priscilla de suas novas conquistas com comentários que certamente teriam queimado os ouvidos de seus infelizes pretendentes apaixonados.

– Para a sorte de Alec e Alonzo, eles ainda não têm oponentes sérios – observou Anne ironicamente.

– Nenhum – concordou Phil. – Eu lhes escrevo cartas toda semana contando sobre meus adoradores. Posso apostar que eles acham muito divertido, mas de quem eu mais gosto, não tenho nem um pinga de atenção: Gilbert Blythe. Ele nunca me notou. Parece que olha para mim como se eu fosse um gatinho bonito e amigável. E eu sei muito bem o porquê disso. Eu te invejo, rainha Anne. Eu deveria te odiar e rivalizar com você, mas, em vez disso, te amo loucamente e fico muito triste quando não

te vejo. Você é totalmente diferente de todas as garotas que já conheci. Às vezes, quando você me olha de uma maneira especial, percebo o quanto sou insignificante e frívola, então procuro ser melhor, mais inteligente e sensata. Daí eu me proponho a mudanças e emendas no meu caráter, mas logo que conheço algum rapaz bonito, cai por terra a minha decisão de mudar e volto a ser a Philippa de sempre. Você não acha maravilhosa a vida na faculdade? Acho até engraçado quando lembro que odiei o meu primeiro dia aqui! Mas até que foi bom que isso tenha acontecido, caso contrário eu nunca teria falado com você. Anne, por favor, diga para mim que você me aprecia ao menos um pouco.

– Você sabe que eu te adoro e que te acho um doce, graciosa e aveludada... gatinha sem unhas – riu Anne. – Mas não consigo entender como você encontra tempo para estudar.

No entanto, Phil deve tê-lo encontrado, já que sabia bem todos os assuntos. Até mesmo a mal-humorada professora de matemática, que detestava o ensino misto e se opunha severamente ao seu implante em Redmond, rendeu-se a ela. Ela era melhor do que todos os outros alunos em todas as matérias, exceto em língua inglesa, disciplina que Anne Shirley impunha ampla margem.

Anne considerou o primeiro ano de faculdade em Redmond bastante fácil, em grande parte devido ao rigoroso ritmo de estudo com o qual ela e Gilbert se acostumaram nos últimos dois anos que estiveram em Avonlea. Isso deixou mais tempo livre para que pudesse aproveitar a sua vida social, da qual desfrutou muito, mas sem nunca esquecer de seus amigos de Avonlea. Para ela, o melhor momento da semana foi aquele em que recebeu notícias de casa.

Após ler as primeiras cartas, pensou que nunca poderia se sentir em Kingsport como se sentia em casa. Antes de ler as missivas, Avonlea parecia estar a milhares de quilômetros de distância, mas essas cartas a aproximaram e ligaram sua vida antiga à nova, até que estas se fundiram.

Chegaram-lhe seis cartas na primeira remessa: de Jane Andrews, Ruby Gillis, Diana Barry, Marilla, sra. Lynde e Davy. A de Jane era muito elegante, com o *t* perfeitamente cruzado e o *i* com seus pontos no lugar exato, mas sem sequer uma única frase interessante. Anne queria saber notícias das pessoas da escola, mas a amiga nunca respondeu às suas perguntas e simplesmente contou quantos metros de crochê tricotara, quanto

tempo estava em Avonlea, como planejava fazer seu novo vestido e o que sentia quando sua cabeça doía.

Ruby Gillis escrevera-lhe uma carta muito fluida, na qual lamentava sua ausência, assegurando-lhe que estava completamente perdida sem ela por lá. Perguntou-lhe como eram os jovens de Redmond e finalizou contando-lhe uma detalhada história sobre suas experiências com seus inúmeros admiradores. Era certamente uma carta boba e sem sentido. Anne teria rido dela, não fosse pelo pós-escrito: “Gilbert parece divertir-se muito em Redmond, a julgar pela letra dele”, escreveu Ruby. “Creio que Charlie não tenha tido o mesmo sucesso.”

Quer dizer que Gilbert escreveu para Ruby?! Muito bem. E ele estava perfeitamente certo, é claro. Embora Anne não soubesse que Ruby o fizera primeiro, de modo que Gilbert fora obrigado a responder por mera cortesia. Ele separou a carta de Ruby com desprezo. A adorável epístola de Diana, no entanto, fresca e cheia de notícias, revelara a ferroada dada por Ruby em seu pós-escrito.

A carta de Diana continha um pouco demais sobre Fred, mas, por outro lado, era tão rica em notícias e em tópicos interessantes à Anne que ela se sentiu transportada para Avonlea enquanto lia. Assim como a carta de Marilla que, apesar de ser exatamente como ela, seca, simples e ausente de fofocas ou emoções, transmitia para Anne toda a atmosfera pacífica e simples da vida em Green Gables, com a paz e o amor que lá esperavam por sua vinda.

A carta da sra. Lynde referia-se apenas às notícias relacionadas à igreja. Contou-lhe que, como havia parado de fazer as tarefas domésticas, tivera mais tempo para se dedicar aos assuntos da paróquia aos quais se entregou de corpo e alma. Naquela época, ela estava muito ocupada com os substitutos que desfilavam no púlpito da igreja de Avonlea.

Acho que há apenas tolos no sacerdócio neste momento. Você precisa ver os candidatos que nos enviam e os absurdos que pregam! Metade das coisas que dizem não é verdadeira e, o que é ainda pior, pervertem a correta e moral doutrina. O pastor que temos agora é o pior de todos. Geralmente lê um texto específico e depois prega sobre outra coisa que nada tem a ver com a leitura. E não para por aí... esse sujeito tem o acinte de dizer que não crê que todos os pagãos estejam eternamente condenados ao inferno. Que ideia! Se o ministério gasta todo o dinheiro que doamos em missões estrangeiras,

creio que este está perdido, isso sim! No último domingo à noite, ele anunciou que, no próximo culto, pregará até para um cabeça de prego que aparecer. Eu acho que seria melhor se ele se limitasse à Bíblia, deixando de lado esses assuntos sensacionalistas. O que se pode dizer de um ministro que não consegue encontrar um assunto de pregação nas Escrituras Sagradas! A qual igreja você tem ido, Anne? Espero que você esteja indo regularmente. As pessoas esquecem muito facilmente suas obrigações para com Deus quando estão fora de casa, e eu entendo que isso é muito comum entre os jovens que fazem curso superior. Soube até que estudam aos domingos. Espero que você nunca chegue a esse ponto, Anne. Lembre-se de como você foi educada e tenha muito cuidado ao escolher suas amizades. Você nunca saberá que tipo de gente frequenta essas escolas. São como lobos em pele de cordeiro. Acho melhor, inclusive, que você não fale nem se junte com nenhum jovem que não seja da ilha.

Esqueci de contar o que aconteceu no dia em que o ministro veio nos visitar. Foi a coisa mais engraçada que eu já vi na minha vida. Eu disse a Marilla: “Se Anne estivesse aqui, você não acha que ela morreria de rir?”. Até Marilla riu. Ele é um homenzinho muito baixo, grosso e tem as pernas arqueadas. Bem, o porco de Harrison (aquele grandão) estava andando naquele dia e entrara na galeria dos fundos sem que percebêssemos, e foi justamente quando o ministro apareceu. Quando nos viu, o porco tentou fugir, mas não teve para onde correr, exceto por entre as pernas arqueadas do ministro e por lá foi ele. No entanto, sendo o porco muito grande e o ministro pequeno, o animal levantou-o do chão e saiu em disparada com ele no lombo. Assim que eu e Marilla chegamos à porta, só vimos o chapéu dele voando para um lado e a bengala para o outro. Eu nunca vou me esquecer dessa cômica cena. Aquele pobre porco estava morrendo de medo. Nunca mais conseguirei ler o relato dos porcos na Bíblia, que correram loucamente em direção ao mar, sem me lembrar do porco trotando com o sr. Harrison ladeira abaixo.

Creio que o pobre animal acreditou que levava o diabo em seu lombo em vez de dentro dele. Agradeço a Deus pelos gêmeos não estarem em casa naquele dia! Teria sido lamentável se eles vissem um ministro em uma situação tão indigna e constrangedora como foi. Ao chegarem no riacho, o ministro se jogou ou foi jogado e o porco saiu correndo em

direção à floresta e desapareceu. Marilla e eu corremos para ajudar o ministro a se levantar e sacudir suas roupas. Por sorte não havia se machucado, embora estivesse furioso. Parecia culpar Marilla e eu pelo ocorrido, mesmo depois de explicarmos a ele que o porco não era nosso, e inclusive havia nos incomodado durante o verão. Além disso, por que ele entrou pela porta dos fundos? O sr. Allan nunca faria isso. Levará muito tempo até termos outro pastor como ele. Estamos num mau momento. Não tivemos notícias do porco depois disso e espero que não as tenhamos nunca mais.

As coisas estão muito tranquilas aqui em Avonlea. Green Gables não é tão solitária quanto eu pensava. Acho que vou começar outra colcha de algodão neste inverno. A sra. Sloane tem um modelo muito elegante e moderno, com folhas de macieira.

Quando fico entediada e quero algo emocionante, costumo ler os casos de assassinato no jornal de Boston que minha sobrinha me envia. Eu não tinha o hábito de fazer isso, mas são casos realmente interessantes. Os Estados Unidos devem ser um lugar horrível, Anne. Espero que você nunca vá para aquele país. Terrível mesmo é a maneira como as meninas andam pelo mundo hoje em dia. Elas me causam a mesma impressão de Satanás no livro de Jó, correndo de um lado para o outro, subindo e descendo. Eu não acho que o Senhor veja isso com bons olhos, isso sim.

Davy tem sido obediente desde que você saiu, exceto um dia em que ele se comportou mal e Marilla o puniu, fazendo-o usar um avental de Dora durante o dia inteiro. Então ele pegou uma tesoura e cortou todos os aventais da irmã. Eu bati nele por isso e ele, em vingança, perseguiu meu galo até que o pobre caísse morto.

Os MacPherson se mudaram para a minha casa. A sra. MacPherson é uma ótima governanta, além de ser uma pessoa bastante reservada. Ela arrancou todos os meus lírios de junho, alegando que eles davam um aspecto muito desarrumado para o jardim. Thomas havia plantado os lírios quando nos casamos. O marido dela parece um bom homem, mas ela, embora tente esconder, não deixa de ser uma empregada velha. Isto é que é!

Não estude muito e não deixe de vestir sua roupa de inverno quando o tempo esfriar. Marilla se preocupa muito com você, mas eu sempre

digo a ela que você é muito mais sensata do que eu pensei que fosse, e que você ficará bem.

A carta de Davy começou com uma reclamação.

Querida Anne, escreva para Marilla e diga para ela não me amarrar na ponte quando eu for pescar, porque os meninos ficam zombando de mim quando ela faz isso. Eu fico muito solitário aqui sem você, mas até que é divertido na escola. E a Jane Andrews é mais zangada do que você. Ontem à noite eu dei um susto tremendo na sra. Lynde com uma abóbora iluminada. Ela estava louca de raiva comigo, porque eu persegui o galo dela pelo poleiro até que ele morreu. Eu não queria que ele morresse, por que ele morreu, Anne? Quero saber. A sra. Lynde jogou-o no curral do sr. Blair. Ele paga 50 centavos por cada galo morto.

Vi que a sra. Lynde pediu ao ministro para orar por ela. O que ela fez foi tão ruim, Anne? Eu quero saber. Eu tenho uma pipa com uma rabiola magnífica, Anne. Ontem, na escola, o Milty Bolter me contou uma história bárbara. É verdade. O velho Joe Mosey e Leon estavam jogando cartas na floresta na semana passada, e as cartas estavam em um toco de árvore, quando de repente um grande homem negro, maior do que as árvores, pegou as cartas e o tronco e desapareceu com o barulho de um trovão. Aposto que eles ficaram muito assustados. Milty disse que esse homem era o coisa ruim: era, Anne? Eu quero saber. O sr. Kimbal de Spencervale está muito doente e terá que ir ao hospital. Por favor, aguarde enquanto eu pergunto a Marilla se esse é um ritual escrito. Marilla disse que ele deve ir para outro lugar: um hospício ou um asilo. Ele pensa que tem uma cobra dentro dele. Como é ter uma cobra dentro de você, Anne? Eu quero saber. A sra. Lawrence também está doente. A sra. Lynde disse que é isso o que acontece quando se pensa muito em doença.

“Eu me pergunto o que a sra. Lynde diria de Philippa” – pensou Anne, enquanto dobrava as cartas.



PASSEIO NO PARQUE

– Quais são os planos para hoje, meninas? – perguntou Philippa, invadindo o quarto de Anne numa tarde de sábado.

– Vamos passear no parque – respondeu Anne. – Eu bem que deveria ficar para terminar de costurar minha blusa, mas não posso ficar em casa costurando e perder um dia tão bonito como este. Há algo no ar que corre pelas minhas veias e enche a minha alma com uma espécie de glória. Isso faz com que meus dedos fiquem tão trêmulos que toda a costura que estou fazendo fique torta. Então, só resta a nós irmos até o parque para junto dos pinheiros.

– Esse “nós” inclui alguém além de você e Priscilla?

– Sim, inclui Gilbert e Charlie, e claro que ficaremos muito felizes se você vier conosco.

– Mas... – reclamou Phil – se eu for, vou acabar sobrando e isso seria uma experiência muito nova para mim.

– Bem, novas experiências sempre são interessantes. Venha, assim você poderá ser mais empática pelas pobres almas que sobram com tanta frequência quando estão com você. Mas onde é que estão as suas vítimas hoje?

– Eu estou muito cansada deles e simplesmente não queria me incomodar com nenhum dos dois hoje. Além disso, estou me sentindo um pouco triste, mas só um pouco, quase nada. Acontece que na semana passada eu escrevi para Alec e Alonzo, coloquei os endereços e as cartas nos envelopes, mas não os lacrei. Então, naquela tarde aconteceu uma coisa engraçada. Bem, engraçada ao menos para Alec, mas não para Alonzo. Eu estava apressada e tirei a carta de Alec do envelope (pelo menos eu pensei que era) para adicionar um pós-escrito. Então, enviei as duas cartas. Hoje pela manhã eu recebi a resposta de Alonzo, em que Alec havia escrito o pós-escrito em sua carta e ele havia ficado furioso. É claro que vai passar, mas, mesmo que não passe, eu não me importo também, mas arruinou o meu dia. Por isso eu vim aqui, para que minhas queridas amigas me animassem um pouco. Além

disso, assim que a temporada de futebol começar, não terei mais meus sábados livres. Eu amo futebol! Tenho até um boné fantástico e um suéter com as cores de Redmond, para usar nos dias dos jogos. Você sabia que o seu Gilbert foi nomeado capitão da equipe dos calouros?

– Sim, ele nos contou sobre isso ontem – respondeu Priscilla, ao perceber que Anne havia ficado incomodada e não iria responder. – Charlie e ele chegaram muito cansados e suados ontem. Nós sabíamos que eles viriam, então removemos todas as almofadas da senhorita Ada. Aquela que tem um bordado em relevo, eu escondi atrás de uma cadeira. Eu até pensei que lá ela estaria a salvo, mas não foi assim. Charlie Sloane foi até a cadeira, viu a almofada, pegou-a cuidadosamente e sentou-se nela durante a tarde inteira. Que confusão por causa da bendita almofada! A pobre senhorita Ada me perguntou hoje, muito sorridente, mas com um certo tom de reprovação, por que eu havia permitido que ele se sentasse nela. Esclareci que isso não havia acontecido por minha culpa, mas que eram simplesmente “coisas de Sloanes”, como de costume.

– As almofadas da senhorita Ada já estão me dando nos meus nervos – disse Anne. – Na semana passada, ela terminou duas novas, estofadas e bordadas com a sua vida. Como não havia mais onde pô-las, resolveu colocá-las na parede contra o patamar da escada. Por mais da metade do tempo elas caem e, quando caem no escuro, você tropeça nelas. No domingo passado, quando o Dr. Davies orou por aqueles que enfrentam os perigos do mar, acrescentei a mim mesmo: “E também para aqueles que vivem em casas onde as almofadas estão por toda parte”. Bom! Estamos prontas. Vejo os meninos atravessando Old St. John. Você vem, Phil?

– Eu só vou se puder andar com Priscilla e Charlie. Assim vou poder sobrar dignamente. Seu Gilbert é um encanto, Anne, mas por que ele está sempre andando com o “olhos esbugalhados”?

Anne ficou rígida. Apesar de não gostar muito de Charlie Sloane, como ele também era de Avonlea, nenhum estranho tinha o direito de rir dele.

– Charlie e Gilbert sempre foram amigos – respondeu friamente.

– Charlie é um bom garoto. Não tem culpa de ter nascido com os olhos assim.

– Ah! Não me diga! – respondeu Phil ironicamente. – Certamente deve de ter feito alguma coisa terrível em sua vida passada e foi punido com um par de olhos como esses. Prissy e eu vamos praticar um esporte nesta tarde. Vamos tirar sarro dele bem na sua cara sem que ele perceba.

Sem dúvida, as “abomináveis P’s”, como Anne as chamava, cumpriram seus amáveis propósitos com o pobre rapaz. Mas Sloane era alegremente ignorante, de modo que não percebeu que as duas riam dele durante todo o passeio. Ele se considerava uma personalidade poderosa ao andar com duas jovens como elas, especialmente Philippa Gordon, a beldade-mor de Redmond, a mais bela do curso. Certamente que isso impressionava Anne. Ela veria que havia outras pessoas que o apreciavam pelo seu real valor.

Gilbert e Anne ficaram um pouco para trás, apreciando calmamente a beleza daquela serena tarde de outono, sob os pinheiros do parque, ao longo do caminho que subia e contornava a costa do porto.

– O silêncio aqui é como uma oração, você não acha? – perguntou Anne, admirando o céu brilhante que reluzia em seu rosto. – Como eu amo os pinheiros! Parece que as raízes se fincaram profundamente no romantismo dos tempos e de todas as idades. É tão reconfortante ter um momento a sós para conversar com eles! Eu me sinto sempre tão feliz neste lugar.

*E, assim, na solidão das montanhas,
como por encanto divino,
seus problemas despencam como agulhas,
Caídas do pinho na tempestade.*

Citou Gilbert.

– Nossas pequenas ambições parecem tão insignificantes aqui, não acha, Anne?

– Acho que, se alguma vez eu sofresse com alguma grande tristeza, correria para os pinheiros, para que eles me confortassem – disse Anne, sonhadora.

– Espero que você nunca tenha uma grande tristeza assim, Anne – disse Gilbert, que não podia sequer conceber que uma criatura como Anne, animada, amável e alegre, fosse abalada por tamanho sofrimento, sendo ela inconsciente de que aqueles que alcançam os picos mais altos de felicidade são também os que mergulham nas maiores profundezas do desespero e da agonia, e que aqueles que mais apreciam a felicidade são também os que mais sofrem com a tristeza.

– No entanto, eu devo... algum dia – meditou Anne. – No momento, a minha vida é como um copo de glória em meus lábios. Porém sei, no entanto, que em algum momento vou sentir o sabor amargo... como há em todas as bebidas. Algum dia será a minha vez de provar dessa amargura. Só espero ser corajosa quando for a minha vez de provar. E espero não ser a

culpada pelo meu próprio sofrimento. Você lembra o que disse o Dr. Davies no culto do domingo passado? Que as tristezas que nos são enviadas por Deus nos trazem mais força e conforto, enquanto aquelas que causamos a nós mesmos, por insensatez ou por maldade, são de longe as mais difíceis de serem suportadas? Mas não vamos mais falar de tristeza numa tarde como esta, está bem? Pois esta está sendo dedicada à felicidade e à alegria de viver!

– Se eu tivesse uma forma de remover da sua vida tudo o que não fosse felicidade e prazer, certamente eu faria, Anne – disse Gilbert num tom que significava “perigo se aproximando”.

– Não seria muito sensato da sua parte se fizesse isso – respondeu ela ao jovem rapidamente. – Tenho certeza de que ninguém pode amadurecer sem que passe por provações e tristezas, embora eu suponha que isso só seja possível se admitirmos quando estamos vivendo em tempos confortáveis. Agora vamos para o pavilhão, os outros já chegaram lá e estão nos esperando.

Sentaram-se todos juntos no pequeno pavilhão para assistir ao crepúsculo outonal, que misturava cores vermelhas como o fogo com um dourado pálido. À esquerda estava Kingsport, com seus telhados escuros e chaminés envolvidas em uma neblina espiral cor de violeta. À direita, ficava o porto da cidade, que assumia cores de rosa e cobre até o sol se pôr. Diante deles, estavam a água com seu brilho acetinado e cinza prateado e a Ilha de William, em meio à neblina, cuja silhueta tinha o formato de um robusto buldogue que protegia a cidade. A luz do farol atravessava a névoa como uma estrela maligna, a qual era respondida pelo brilho de outra no horizonte distante.

– Vocês já viram algum lugar tão esplendoroso quanto este? – perguntou Philippa. – Eu não falo da Ilha de William, especialmente, mas de algo que seria incapaz de ser conquistado, mesmo que se quisesse. Olhe aquela sentinela no topo do forte, que está ao lado da bandeira. Não parece ter saído de um romance?

– Falando em romance – disse Priscilla –, nós temos procurado uma urze, mas é claro, não conseguimos encontrar nenhuma. Creio que a estação já tenha passado.

– Urze! – Anne chorou. – Urze não cresce na América, certo?

– Só há em dois lugares do continente apenas – disse Phil. – Um é aqui, neste mesmo parque, e o outro é em algum lugar da Nova Escócia que não

me lembro agora. Contam que o famoso regimento das Terras Altas, o Black Watch, acampou aqui numa primavera e, quando os homens sacudiram a palha de suas camas, algumas sementes de urze caíram e enraizaram nessa terra.

– Ah, que delícia! – exclamou Anne, encantada.

– Vamos voltar para casa pela Spofford Avenue, – sugeriu Gilbert – para que possamos ver os belos palácios onde a nobreza está hospedada. A Spofford Avenue é a mais elegante das avenidas de Kingsport. Ninguém pode construir lá, a menos que seja um milionário.

– Sim – concordou Phil. – Há uma casa lá que eu quero te mostrar, Anne. Esta não foi construída por um milionário. É a primeira casa que se vê ao sair do parque. Deve ter sido construída quando a Spofford Avenue era apenas uma estrada rural e secundária. Até porque ela cresceu, não foi construída para ser assim! As casas da avenida não me encham os olhos, pois me parecem muito novas e têm vidros demais. Mas aquele lugar é um sonho! E tem um nome adorável... espere até vê-la.

Eles a viram enquanto subiam a colina coberta de pinheiros do parque. Bem no topo desta, onde a Spofford Avenue começava a ficar plana, havia uma casinha branca, ladeada por grupos de pinheiros, que pareciam braços estendidos a proteger o teto baixo. Estava coberta por trepadeiras vermelhas e douradas, através das quais espiavam suas janelas com persianas verdes. Na frente da casa, havia um jardim cercado por um pequeno muro de pedra. Apesar de já ser outubro, ainda nasciam flores e arbustos bonitos e perfumados de todos tipos: doce de maio, abrótno, verbena-limão, alyssum, petúnias, malmequeres e crisântemos. Havia também um pequeno caminho feito de tijolos, em padrão de osso de arenque, que levava do portão da frente até a varanda da casa. Todo o lugar parecia ter sido transplantado de uma remota vila campestre, no entanto, havia algo naquele lugar que contrastava com seu vizinho mais próximo, um palácio cercado por enorme gramado pertencente a um rei do tabaco, fazendo com que este parecesse extremamente bruto, chamativo e com aspecto grosseiro. Como Phil havia dito muito bem, essa era a diferença entre nascer em berço de ouro e emergir para a riqueza.

– Esse é simplesmente o lugar mais charmoso que eu já vi na vida, – disse Anne, extasiada. – Produz em mim um dos meus velhos e deliciosos arrepios. É ainda mais querido e silencioso do que a casa de pedra da senhorita Lavendar.

– Eu quero que você veja especialmente o nome dessa belezura. Observe bem as letras brancas grafadas no arco: “Casa da Patty”, não é de matar? Especialmente nesta rua movimentada de “Os Pinheiros”, “Os Abetos” e “Os Cedros”. “Casa de Patty”! Minha nossa, eu adorei isso!

– Você tem alguma ideia de quem é a tal Patty? – perguntou Priscilla.

– Eu descobri que a velha dona dessa casa se chama Patty Spofford. Ela e a sobrinha já moram aí há uma centena de anos ou talvez um pouco menos. O exagero é apenas uma licença poética. Descobri que há cavalheiros ricos que sempre quiseram comprar a terra e, como você pode imaginar, vale uma pequena fortuna, mas Patty não aceitou vendê-la por nenhuma oferta feita até então. Na parte de trás da casa, em vez de um quintal, há um pomar de maçãs que você verá assim que andarmos um pouco, um verdadeiro pomar de maçãs em plena Spofford Avenue!

– Hoje à noite eu vou sonhar com “Casa da Patty” – disse Anne. – Sinto como se eu pertencesse a ela. Eu fico me perguntando se algum dia, por acaso, poderemos ver o interior dela.

– Eu não acho provável que isso aconteça – disse Priscilla.

Anne sorriu misteriosamente.

– Não, não é provável. Mesmo assim eu acredito que isso ainda vai acontecer. Sinto uma sensação estranha, arrepiante e rastejante, algo que você poderia chamar de pressentimento, se quiser. Porém isso me faz pensar que “Casa da Patty” e eu ainda nos conheceremos muito bem.



DE VOLTA AO LAR

As primeiras três semanas em Redmond foram bastante longas, mas o resto de tempo voou como o vento. Antes que pudessem se dar conta, os estudantes de Redmond se viram imersos na rotina dos exames de Natal, dos quais emergiriam mais ou menos triunfantemente. A honra de liderar as aulas para os calouros flutuava entre Anne, Gilbert e Philippa; Priscilla fez muito bem; Charlie Sloane rastejou-se tão respeitosa e comportou-se de modo tão complacente, que foi como se ele tivesse liderado tudo.

– Não consigo acreditar que amanhã, a esta hora, eu estarei em Green Gables – disse Anne na noite anterior à partida. – Mas eu estarei. E você, Phil, estará em Bolingbroke com Alec e Alonzo.

– Estou ansiosa para vê-los – admitiu Phil, entre uma mordiscada e outra em um chocolate. – Eles realmente são muito queridos, você sabe. Não deve haver fim das danças, dos passeios nem dos acampamentos em geral. Nunca te perdoarei, rainha Anne, por não voltar para casa comigo nessas férias.

– “Nunca” equivale a três dias, no seu caso, Phil. Você foi muito gentil em me convidar, e eu vou adorar conhecer Bolingbroke algum dia, mas neste ano eu preciso voltar para casa. Você não sabe o quanto meu coração deseja isso.

– Você não terá muito tempo – disse Phil com desdém. – Afinal, deverá ir a uma ou duas festas do pijama, suponho. E ainda será objeto de fofocas de mulheres idosas que vão falar de você tanto na sua frente quanto nas suas costas. Você vai morrer de tédio e solidão, minha querida Anne.

– Em Avonlea? – exclamou, divertindo-se com aquilo.

– Mas, se você viesse comigo, com certeza iria passar momentos maravilhosos. Bolingbroke ficaria louca por você, rainha Anne, pelo seu cabelo, seu estilo e, ah, tudo! Você é tão diferente. Faria um enorme sucesso por lá. E eu me deliciaria com o reflexo de sua glória, “não a rosa, mas perto da rosa”. Venha comigo, Anne!

– Sua imagem de sucessos sociais é bastante tentadora, Phil, mas vou pintar uma outra para compensar. Estou voltando para a minha casa, que é

uma casa de fazenda antiga, que já foi verde, mas agora está meio desbotada, entre pomares de maçã sem folhas. Há um riacho abaixo e uma madeira de abeto. Em dezembro, além do mais, consigo ouvir o concerto das harpas, que são tocadas pelos dedos da chuva e do vento. Há um lago próximo que agora, nesta época do ano, estará cinza e pensativo. Haverá duas senhoras idosas aguardando a minha chegada em casa, uma alta e magra, outra baixa e gorda. Além disso, haverá também dois adoráveis gêmeos, uma que é um modelo perfeito de criança e o outro, como diz a sra. Lynde, um “terror sagrado”. Haverá um pequeno quarto me esperando no andar de cima do alpendre, onde estão guardados velhos sonhos e uma grande, gorda e gloriosa cama de penas, que quase parecerá luxuosa depois de dormir naquele terrível colchão da pensão. E então, gostou da imagem que pinte para você, Phil?

– Me parece chatíssimo, isso sim – disse ela com uma careta.

– Ah, não se precipite, pois eu ainda não disse o que transforma tudo por lá! – exclamou Anne suavemente. – Haverá amor por lá, Phil. Amor fiel e terno, como nunca encontrarei em nenhum outro lugar do mundo. É o amor que me espera por lá e é por causa dele que eu estou voltando para casa. E é isso que faz da minha imagem uma obra-prima, mesmo que as cores não sejam tão brilhantes.

Em silêncio, Phil se levantou, largou de lado a caixa de chocolates e abraçou Anne.

– Anne, eu gostaria tanto de ser como você – disse ela sobriamente.

Na noite seguinte, Diana foi buscar Anne na Estação de Carmody e as duas voltaram de carro, sob o céu estrelado e silencioso. Quando chegaram à encosta, Green Gables parecia estar com um ar festivo. Observou que havia luzes em todas as janelas e seu brilho rompeu a escuridão do lado de fora como labaredas de boas-vindas. No pátio estava acesa uma grande fogueira, onde duas alegres figuras dançavam ao seu redor, de modo que uma delas deu um forte grito quando avistou o carro dobrando entre os álamos.

– Davy te recebe com um uivo da guerra indiana – disse Diana. – Ele foi ensinado pelo peão do sr. Harrison e tem praticado para recebê-la. A sra. Lynde disse que isso quase a mata do coração. Ele se arrasta atrás dela, você sabe, e depois solta o grito a plenos pulmões. Ele estava determinado a fazer uma fogueira para a sua chegada. Há duas semanas que ele vem juntando galhos e importunando Marilla para deixar que ele derrame um pouco de óleo e querosene sobre eles antes de atear fogo. Pelo cheiro, acho que ela

permitiu, embora a sra. Lynde tenha dito até o último momento que Davy explodiria a si e a todos os outros se lhe fosse permitido.

A esta hora, Anne já estava fora do carro, e Davy estava agarrado em seus joelhos, enquanto Dora segurava sua mão.

– Isso que é uma fogueira, não é, Anne? Deixe-me te mostrar como cutucar o fogo. Viu as faíscas? Fiz isso para você, Anne, de tão feliz que eu fiquei quando soube que você estava voltando para casa.

A porta da cozinha se entreabriu e a figura de Marilla escureceu contra a luz interna. Ela preferiu encontrar Anne nas sombras, pois temia que pudesse chorar de alegria. Marilla era tão severa e reprimida que considerava imprudente toda emoção profunda. A sra. Lynde estava atrás dela, bonita, rechonchuda, gentil e, antes de tudo, matronal. O amor que Anne havia dito a Phil que a esperava a cercou e a envolveu com suas bênçãos e doçura. Afinal, nada poderia se comparar aos velhos laços, aos velhos amigos e à velha Green Gables! Os olhos de Anne estavam muito estrelados quando se sentaram à mesa de jantar, com suas bochechas rosadas e sua gostosa risada! Diana também ficaria lá a noite toda. Como eram bons os velhos tempos! O jogo de chá, feito com botão de rosa, enfeitava a mesa. Marilla, que já estava com um sono descomunal, não podia mais continuar com elas.

– Suponho que as mocinhas passarão a noite toda conversando – disse Marilla sarcasticamente enquanto as meninas subiam as escadas. Ela sempre era sarcástica quando tinha um de seus princípios quebrados.

– Sim! – assentiu Anne com alegria – Mas primeiro vou colocar o Davy para dormir. Ele insiste que eu faça isso.

– Você pode apostar que sim! – disse Davy enquanto atravessavam o corredor. – Quero que alguém faça as minhas orações junto comigo. É tão chato fazê-las sozinho.

– Você nunca está sozinho quando reza, Davy. Deus está sempre com você para te ouvir.

– Bem, mas Ele eu não posso ver! – objetou Davy. – Eu quero orar com alguém que eu possa ver, mas não quero que seja a Marilla ou a sra. Lynde!

No entanto, uma vez que ele estava vestindo seu pijama cinza de flanela, ele não parecia estar com nenhuma pressa em começar. Primeiro ele ficou na frente de Anne e esfregou os pés descalços um contra o outro, com um ar indeciso.

– Venha, querido, ajoelhe-se para rezarmos – disse Anne. Davy se aproximou e enterrou a cabeça no colo de Anne, mas não se ajoelhou.

– Anne – disse ele com uma voz fraca –, eu não tenho vontade de rezar. E eu já estou assim há uma semana. Eu... eu não orei ontem à noite nem antes de ontem.

– Por que não, Davy? – perguntou Anne gentilmente.

– Não... é que... você não vai ficar com raiva se eu te contar? – Anne levantou o menino, colocou-lhe de joelhos e passou o braço em volta de sua cabeça.

– Alguma vez eu fiquei com raiva quando você me contou suas coisas, Davy?

– Não... nunca. Mas você pode ficar triste, o que é ainda pior. Você ficará terrivelmente triste quando eu lhe contar isso, Anne... e ficará com vergonha de mim, eu acho.

– Você tem feito alguma coisa de mal, Davy, e por isso não pode rezar?

– Não, não é isso. Não tenho feito nada mal, ainda. Mas quero fazer.

– O que é, Davy?

– Eu... quero falar um palavrão – abruptamente, ela soltou o garoto em um esforço desesperado. – Eu aprendi um que ouvi o peão do sr. Harrison dizer na semana passada e, desde então, por todo esse tempo, mesmo quando fazia minhas orações, eu queria repetir.

– Então diga, Davy.

Ele levantou o rosto corado de surpresa.

– Mas, Anne, é uma palavra horrível!

– Diga logo!

Davy olhou para ela novamente, incrédulo e, em voz baixa, disse a terrível palavra. No instante seguinte, ele escondeu o rosto contra ela.

– Ah, Anne, eu nunca mais vou repetir essa palavra de novo, nunca! Eu nunca vou querer dizer isso! Eu sabia que era muito feio, mas nunca imaginei que fosse tanto... então... não havia imaginado que fosse assim!

– Não. Acho que você não vai querer repetir, Davy. Nem pense nisso. E, se eu estivesse no seu lugar, não me juntaria muito ao peão do sr. Harrison.

– Mas ele sabe alguns gritos de guerra indianos! – disse o garoto com entusiasmo.

– Mas você não vai querer encher sua cabeça de palavrões, não é, Davy? Com palavras que envenenam e empobrecem todas as boas ideias.

– Não.

– Então não se junte às pessoas que as dizem. E agora, já sente vontade de orar?

– Ah, sim! – respondeu Davy, ajoelhando-se agitadamente. – Agora eu posso orar muito bem. E não terei medo de morrer antes de acordar, como tinha quando eu queria falar aquele palavrão.

Provavelmente, Anne e Diana confessaram naquela noite todos os seus segredos dos últimos tempos, mas não há registro dessa conversa. Ambas pareciam tão frescas e de olhos brilhantes no café da manhã, como apenas as jovens podem aproveitar de horas ilegais de folia e confissão. Até então não havia nevado, mas quando Diana atravessou a velha ponte de troncos no caminho de volta para casa, os flocos brancos começaram a cair sobre os campos e bosques castanhos e cinzentos em seu sono sem sonhos. Logo, as longínquas encostas e colinas estavam escuras e pareciam fantasmagóricas, como se o outono pálido tivesse jogado um véu nupcial sobre os cabelos e estivesse esperando seu noivo invernal. Afinal, eles tiveram um Natal branco, e foi um dia muito agradável. No começo da tarde, cartas e presentes vieram da senhorita Lavendar e Paul, então Anne os abriu na alegre cozinha de Green Gables, cheia do que Davy, cheirando em êxtase, chamou de “cheiros bonitos”.

– A senhorita Lavendar e o sr. Irving estão instalados em sua nova casa agora – relatou Anne. – Tenho certeza de que a senhorita Lavendar está muito feliz. Reconheço isto pelo tom geral de sua carta. Porém, há uma nota de Charlotta IV, dizendo que ela não gosta de Boston e que sente muita saudade de casa. A senhorita Lavendar quer que eu vá ao Echo Lodge algum dia enquanto eu estiver aqui em casa e me pediu para acender uma fogueira para arejá-la, e que eu veja se as almofadas não estão ficando mofadas. Acho que levarei Diana comigo na próxima semana, assim poderemos passar a noite com Theodora Dix. Eu quero ver Theodora. A propósito, Ludovic Speed ainda vai vê-la?

– Eles dizem que sim – disse Marilla. – E é muito provável que ele continue mesmo. As pessoas já desistiram de esperar que esse namoro chegue a algum lugar.

– Se eu fosse Theodora, apressaria um pouco esse rapaz, garanto! – disse a sra. Lynde. E não se tinha dúvida de que ela faria isso mesmo.

Havia também uma carta com rabiscos característicos de Philippa, cheia de Alec e Alonzo, o que disseram, o que fizeram e como pareciam quando a viram.

Ainda não consegui me decidir com qual dos dois eu vou me casar. – escreveu Philippa.

Eu gostaria que você tivesse vindo comigo para decidir por mim. Alguém terá que fazê-lo. Quando vi Alec, meu coração deu um grande salto e pensei: "Ele pode ser o caminho certo". Mas, então, quando Alonzo chegou, meu coração foi golpeado novamente. Portanto, meu coração não pode ser tomado como referência. Segundo os romances que já li, seu coração não daria um toque a mais que não fosse para o verdadeiro príncipe encantado, não é? Deve haver algo radicalmente errado com o meu. Mas estou me divertindo muito. Como eu queria que você estivesse aqui! Está nevando hoje e estou encantada. Eu tinha tanto medo de que tivéssemos um Natal verde, pois eu o detesto. Você sabe, quando o Natal é um caso sujo de cinza-marrom, parecendo ter sido deixado há mais de cem anos e estar de molho desde então, é chamado de "Natal verde"! Não me pergunte o porquê. Como diz Lord Dundreary, "existem coisas que nenhum sujeito pode entender".

Anne, você já entrou em um bonde e descobriu que não tinha dinheiro para pagar a tarifa? Isso aconteceu comigo outro dia. Foi horrível. Eu tinha um níquel comigo quando entrei no carro, então pensei que estava no bolso esquerdo do meu casaco. Quando me acomodei confortavelmente, fui verificar se estava lá mesmo, mas, para a minha surpresa, não estava. Eu senti um calafrio nessa hora. Tentei apalpar o outro bolso para ver se, por acaso estava lá, mas também não estava. Então senti outro calafrio. Por último, tentei procurar num pequeno bolso interno, mas foi tudo em vão. Então, senti nessa hora dois calafrios ao mesmo tempo.

Tirei minhas luvas, coloquei-as no assento e revisei todos os meus bolsos, mas não encontrei o bendito níquel em lugar algum. Levantei-me e me sacudi, e depois olhei no chão. O carro estava cheio de pessoas, que estavam voltando da ópera, e todas ficaram me encarando, mas eu já estava lá e não podia fazer mais nada.

Enfim, não consegui encontrar minha moeda, então concluí que devia tê-la colocado na boca e engolido inadvertidamente.

Eu não sabia o que fazer. Será que o condutor, pensei, pararia o carro e me expulsaria? Seria possível que eu pudesse convencê-lo de que eu era apenas vítima de minha própria distração, e não uma criatura sem princípios tentando conseguir uma carona com falsas pretensões? Como eu desejava que Alec ou Alonzo estivessem lá nessa hora. Mas eles não estavam porque eu os queria. Se eu não os quisesse,

certamente eles estariam lá! E eu não conseguia decidir o que dizer ao condutor quando ele apareceu. Assim que formei uma frase explicativa em minha mente, senti que ninguém acreditaria e logo precisei pensar em outra. Parecia que não havia nada a fazer senão confiar na Providência Divina e, por todo o conforto que esta me proporciona, eu também poderia ter sido a velha senhora que, quando o capitão disse durante uma tempestade que ela devia confiar no Todo-Poderoso, exclamou: – Oh, capitão, é tão ruim assim?

Precisamente no momento crítico, quando toda a esperança havia escapado e o condutor estava estendendo a caixa para o passageiro ao meu lado, de repente me lembrei onde eu havia colocado aquela miserável moeda do reino. Eu não a engoli afinal. Eu a peguei docilmente com o dedo indicador da minha luva e a pus na caixa. Sorri para todo mundo e senti que o mundo era um lugar bonito novamente.

A visita ao Echo Lodge durante as férias não foi menos agradável. Anne e Diana foram até lá pelo antigo caminho da floresta de faias, carregando uma cesta de almoço com elas. O Echo Lodge, fechado desde o casamento da srta. Lavendar, foi brevemente aberto ao vento e ao sol mais uma vez, e a luz do fogo voltou a brilhar nos salões. O perfume da taça de rosas da senhorita Lavendar ainda preenchia todo o ar da casa. Dificilmente era possível acreditar que a srta. Lavendar não apareceria naquele momento, com seus olhos castanhos e uma estrela de boas-vindas, e que Charlotta IV, com um arco azul e um largo sorriso, não apareceria pela porta. Paul também parecia pairar, com suas fantasias de fadas.

– Isso realmente me faz sentir um pouco como um fantasma revisitando os velhos vislumbres da lua – riu Anne. – Vamos sair e ver se os ecos estão em casa. Traga aquela buzina velha. Ela ainda está atrás da porta da cozinha.

Os ecos estavam em casa, sobre o rio branco, tão nítidos e prateados como sempre e, quando pararam de responder, as meninas trancaram o Echo Lodge novamente e foram embora na meia hora perfeita que se segue ao rosa e açafrão de um pôr do sol de inverno.



O PRIMEIRO PEDIDO DE CASAMENTO DE ANNE

O ano não queria se despedir com um crepúsculo colorido e um pôr do sol rosado. Em vez disso, foi embora com uma tempestade branca e estrondosa. Era uma das noites em que o vento da tempestade soprava sobre os prados congelados e as cavidades negras e gemia em torno dos beirais como uma criatura perdida, batendo bruscamente a neve contra os painéis trêmulos.

– É exatamente o tipo de noite em que as pessoas gostam de se aconchegar entre os cobertores e contar suas mazelas – disse Anne a Jane Andrews, que havia vindo para passar a tarde e ficado a noite toda. Mas enquanto estavam aconchegadas entre os cobertores, no pequeno alpendre de Anne, não era nisso em que Jane estava pensando.

– Anne – disse ela muito solenemente –, eu quero lhe dizer uma coisa. Você pode me ouvir? – Anne estava muito cansada em virtude da festa que Ruby havia dado na noite anterior. Preferia dormir a ouvir as confidências de Jane, o que com certeza a aborreceria. Ela não tinha ideia do que estava por vir. Provavelmente, Jane também estaria noiva, pois corria o boato de que Ruby Gillis estava noiva de um professor de Spencervale, sobre o qual se dizia que todas as meninas eram bastante apaixonadas.

– Em breve serei a única donzela sem um par do nosso antigo quarteto – pensou Anne, sonolenta. Em voz alta, ela disse: “É claro”.

– Anne – continuou Jane ainda mais solenemente –, o que você acha do meu irmão Billy?

Anne ficou boquiaberta com essa pergunta inesperada e se debateu impotente em seus pensamentos. Meu Deus, o que ela achava de Billy Andrews? Ela nunca pensou nada sobre ele: Billy Andrews, de rosto redondo, estúpido, perpetuamente sorridente e de boa índole. Alguém já pensou em Billy Andrews?

– Não... eu não entendo, Jane – ele gaguejou –, o que você quer me dizer... exatamente?

– Você gosta do Billy? – perguntou Jane abruptamente.

– Mas... mas... sim, é claro – respondeu Anne ofegante, sem muita certeza de estar dizendo totalmente a verdade. Certamente ela não desgostava de Billy, mas será que a tolerância indiferente com que ela o considerava, quando ele estava por perto, poderia ser considerada positiva o suficiente para dizer que gosta? O que Jane estava querendo saber?

– Você gostaria que ele fosse o seu marido? – perguntou Jane calmamente.

– Marido? – Anne, sentada na cama, ainda estava perplexa na tentativa de dar sua opinião exata sobre Billy Andrews. Mas, depois de ouvir essa pergunta, ela caiu de costas nos travesseiros, e sua respiração quase parou. – Marido de quem? – perguntou Anne quase sem fôlego.

– Seu, é claro – respondeu a amiga. – Billy quer se casar com você. Ele sempre foi louco por você, e agora que o papai lhe deu a fazenda, não há nada que o impeça de se casar. Porém, é tão tímido que não teve coragem de perguntar se você aceitaria, então me pediu para fazer por ele. Eu preferia não fazer, mas ele não me deixou em paz até que eu dissesse que faria, se tivesse uma boa oportunidade. O que você acha disso, Anne?

Foi um sonho? Ou terá sido um daqueles pesadelos em que nos encontramos noivos ou casados com alguém que você odeia ou sequer conhece, sem ter a menor ideia de como isso aconteceu? Mas, não, Anne Shirley estava ali deitada, bem acordada, em sua própria cama, e Jane Andrews estava ao seu lado, propondo calmamente que ela se casasse com seu irmão Billy. Anne não sabia se queria se contorcer ou rir, mas ela não pôde, pois os sentimentos de Jane não deveriam ser feridos.

– Eu... eu não posso me casar com Billy, você sabe disso, Jane – disse Anne ainda ofegante. – Isso nunca nem me passou pela cabeça. Nunca!

– Eu suponho que não – concordou Jane. – Acontece que Billy sempre foi muito tímido para cortejá-la, mas você pode pensar bem sobre isso, Anne. Billy é um bom companheiro. Eu tenho certeza disso, afinal, ele é meu irmão. Ele não tem maus hábitos e é um rapaz muito trabalhador, em quem você pode confiar. “Um pássaro na mão vale mais do que dois voando.” Ele me pediu para te dizer que estaria bastante disposto a esperar até que você concluísse a faculdade, se você assim insistisse, apesar de que ele pretendia se casar na primavera, antes de o plantio começar. Ele seria sempre muito bom para você, tenho certeza, e você sabe, Anne, adoraria tê-la como irmã.

– Não posso me casar com Billy – disse Anne decididamente. Ela havia recuperado o fôlego e estava até um pouco zangada. – Isso tudo é tão ridículo. Não adianta nem pensar nisso, Jane. Eu não gosto dele dessa maneira e você deve dizer isso a ele.

– Bem, foi mesmo o que eu pensei – disse Jane com um suspiro resignado, convencida de que ela havia feito todo o possível. – Eu disse a Billy que seria perda de tempo conversar sobre isso com você, mas ele insistiu muito. Bem, você já decidiu e espero que não se arrependa.

Jane falou friamente essas últimas palavras. Ela tinha certeza absoluta de que o apaixonado Billy não tinha nenhuma chance de convencer Anne a se casar com ele. Não obstante, ainda se sentiu um pouco ressentida com Anne Shirley que, afinal, era apenas uma órfã adotada, sem parentes, a recusar seu irmão, um dos Andrews de Avonlea.

– Bem, às vezes o orgulho surge antes de uma queda – refletiu Jane ameaçadoramente.

Anne se permitiu sorrir na escuridão com a ideia de que ela poderia se arrepender de não se casar com Billy Andrews.

– Espero que Billy não se sinta mal com isso – disse ela gentilmente.

Então Jane fez um movimento como se enfiasse a cabeça contra os travesseiros.

– Ah, ele não ficará com o coração partido. Billy tem muito bom-senso para isso. Ele também gosta muito de Nettie Blewett, e a nossa mãe prefere que ele se case com ela do que com qualquer outra. Ela é uma boa gerente e poupadora. Eu acho que, quando Billy tiver certeza de que você não se casará com ele, então levará Nettie ao altar. Por favor, não mencione isso para ninguém, Anne.

– Claro que não – disse Anne, que não desejava proclamar que Billy Andrews a havia colocado no mesmo nível que Nettie Blewett. Nettie Blewett!

– Agora acho melhor irmos dormir – sugeriu Jane.

Dormir foi fácil e rápido para Jane, mas apesar de muito diferente de MacBeth na maioria dos aspectos, ela certamente planejava assassinar o sono de Anne. Aquela proposta à donzela estava acordada em um travesseiro, mas suas meditações estavam longe de serem românticas. Não foi, no entanto, oportuno que ela desse uma boa risada até a manhã seguinte depois de tudo isso. Quando Jane voltou para casa, estava ainda com uma pitada de amargura na voz e nos modos, porque Anne havia recusado tão

decididamente e com tanta gratidão a honra de ter uma aliança com a Casa de Andrews. Anne, então, retirou-se da varanda e foi para a sala, fechou a porta e riu finalmente.

“Se eu pudesse compartilhar esse caso hilário com alguém...” – pensou ela. “Embora eu não possa, Diana seria a única pessoa a quem eu realmente gostaria de contar, mas, mesmo que eu não tivesse jurado segredo para Jane, não posso contar coisas para Diana agora. Ela conta tudo para Fred – e ela sabe que eu sei disso. – Bem, eu tive minha primeira proposta. Supus que chegaria algum dia, mas certamente nunca pensei que viria como uma procuração. É muito engraçado e, no entanto, também uma lástima.”

Apesar de não confessar, Anne sabia muito bem em que consistia essa lástima. Ela sonhou secretamente com o dia em que alguém lhe faria a grande pergunta. E, nesses sonhos, sempre foi muito romântico e bonito: e esse “alguém” era muito bonito, de olhos escuros, de aparência distinta e eloquente. Seria assim o seu príncipe encantado para ser correspondido com o “sim”. Ou ao menos que fosse alguém a quem deve ser dada uma lamentável recusa lindamente formulada, mas sem esperança. Nesse caso, a recusa deveria ser expressa com tanta delicadeza que não haveria melhor alternativa que não fosse esta, e ele iria embora, depois de beijar sua mão, assegurando-lhe sua inalterável devoção ao longo da vida. E seria para sempre uma lembrança bonita, para se orgulhar, e também um pouco triste.

E agora essa experiência, que era para ser emocionante, tornara-se grotesca. Billy Andrews pedira à irmã para que lhe fizesse uma proposta de casamento, porque seu pai havia lhe dado uma fazenda e se Anne não o aceitasse, Nettie Blewett aceitaria.

– Isso foi o mais romântico! – Anne riu... E depois suspirou. A beleza de seus sonhos juvenis estava manchada. Aquele doloroso processo seguiria e tudo se tornaria monótono e ordinário?



UM NAMORADO INDESEJADO E UM AMIGO BEM-VINDO

O segundo trimestre em Redmond passou tão rapidamente quanto o primeiro. Realmente, como disse Philippa, ele “voou”. Anne se divertiu muito em todas as suas fases: a estimulante rivalidade entre as classes; a criação e o aprofundamento de novas e úteis amizades; as pequenas acrobacias sociais; os feitos das várias sociedades das quais ela era membra e a ampliação de horizontes e interesses. Ela estudou muito, pois havia decidido ganhar a bolsa Thorburn em inglês. Conquistá-la, para ela, significava sua permanência em Redmond no próximo ano, sem precisar utilizar as pequenas economias de Marilla, algo que Anne estava determinada a não fazer.

Gilbert também estava em busca de uma bolsa de estudos, mas encontrou tempo para visitá-las com frequência. Ele era o parceiro de Anne em quase todos os eventos da faculdade e ela sabia que seus nomes eram frequentemente pronunciados juntos. Anne ficava com raiva disso, mas era inútil, pois não podia deixar de lado um velho amigo como Gilbert, especialmente quando ele, repentinamente, se tornou inteligente e perspicaz, algo tão necessário diante da proximidade perigosa dos jovens de Redmond, pois qualquer um desses gostaria de ocupar seu lugar ao lado da graciosa ruiva, cujos olhos cinzentos brilhavam como estrelas. Anne nunca fora cercada por uma multidão de saborosas vítimas, como as que cercaram Philippa, mas havia um calouro desajeitado e inteligente, um estudante alegre e rechonchudo do segundo ano e um aluno alto e sábio do terceiro ano que gostava de telefonar para o St. John's, na casa trinta e oito, que gostava de conversar sobre “ideologias e ismos”, além de outros súditos menos importantes que visitavam Anne na sala da pensão. Gilbert não gostava de nenhum deles e foi extremamente cuidadoso em não lhes dar nenhuma vantagem sobre si, demonstrando prematuramente os seus verdadeiros sentimentos por Anne. Para ela, ele se tornara novamente o amigo e

camarada dos dias de Avonlea e, como tal, poderia se defender de qualquer um que entrasse na lista contra ele. Como companheiro, Anne reconheceu honestamente que ninguém poderia ser tão satisfatório quanto Gilbert, já Anne estava muito feliz e dizia a si mesma que ele evidentemente abandonara todas as ideias sem sentido, embora ela passasse, secretamente, um tempo considerável se perguntando o porquê da desistência.

Apenas um incidente desagradável estragou o inverno. Foi quando Charlie Sloane, sentado na vertical, na almofada mais querida de Miss Ada, perguntou se Anne prometeria “tornar-se a sra. Charlie Sloane algum dia”. Após a frustrada procuração de Billy Andrews, não foi exatamente um choque para as aspirações românticas de Anne, mas foi certamente outra desilusão de partir o coração. Ela também ficou com raiva, pois nunca havia dado a Charlie o menor incentivo para que ele imaginasse que tal possibilidade poderia se concretizar. Mas “o que se poderia esperar de um Sloane?”, como diria a sra. Rachel Lynde com desdém. A atitude, o tom, o ar, as palavras de Charlie cheiravam bastante a coisas de Sloanes. Ele conferia grande honra ao que falava, não há dúvida disso. E quando Anne, totalmente insensível à honra, recusou-o, o mais delicada e atenciosamente possível, pois até um Sloane tinha sentimentos que não deveriam ser indevidamente dilacerados, as coisas de Sloanes a traíram. Charlie certamente não aceitou a sua rejeição, como Anne imaginou que seria com os pretendentes rejeitados. Em vez disso, ele ficou com raiva e mostrou ser desprezível e disse-lhe duas ou três coisas bastante desagradáveis. O temperamento de Anne queimou em ira e ela retrucou com um pequeno discurso cortante, cuja agudeza perfurou até a proteção das coisas de Sloanes de Charlie, alcançando-o rapidamente, então ele pegou o chapéu e se pôs para fora da casa com um rosto muito vermelho e Anne correu para o andar de cima, tombando duas vezes sobre as almofadas da senhorita Ada no caminho e se jogou na cama, com lágrimas de humilhação e raiva. Ela realmente se curvou para brigar com um Sloane? Seria possível que Charlie Sloane pudesse dizer algo que a tivesse irritado tanto? Ah, isso foi muito degradante, de fato. É ainda pior do que ser a rival de Nettie Blewett!

– Eu gostaria de não precisar ver aquela criatura horrível nunca mais! – exclamou ela chorando.

Ela, no entanto, não pôde evitar vê-lo novamente, mas Charlie, ultrajado, cuidou para que não fosse muito de perto. Ao menos, as almofadas da senhorita Ada estariam a salvo de suas depredações de agora em diante.

Quando ele e Anne se cruzaram na rua, ou nos corredores de Redmond, seu arco estava gelado ao extremo. As relações entre esses dois antigos colegas de escola continuaram sendo tensas por quase um ano! Então, Charlie transferiu suas afeições para uma pequena caloura redonda, rosada, de nariz arrebitado e olhos azuis, que o apreciava conforme ele merecia. Quando perdoou Anne e condescendeu em ser civilizado com ela novamente, decidiu mostrar-lhe exatamente o que ela havia perdido.

Um dia, Anne correu animadamente para o quarto de Priscilla.

– Leia isso! – disse ela chorando e jogando a carta sobre a amiga. – É da Stella e diz aqui que ela virá para Redmond no próximo ano. O que você acha da ideia? Eu acho que é esplêndida, desde que possamos realizá-la. Você acha que podemos, Priscilla?

– Vou poder responder melhor assim que souber do que se trata – disse Pris, deixando de lado os estudos de grego para ver a carta de Stella. Stella Maynard era sua colega de classe na Queen’s e, desde então, dedicava-se ao ensino.

Mas vou desistir, querida Anne, e ir para a faculdade no próximo ano. Se eu fizer o terceiro ano na Queen’s, poderei entrar no segundo da universidade. Estou cansada de ensinar em uma escola do interior. Algum dia vou escrever um tratado sobre “As provações de uma escola de campo”. Será um realismo assustador. Parece ser a impressão predominante de que vivemos entrevadas e não temos nada a fazer senão sacar o salário do nosso trimestre. Meu tratado dirá a verdade sobre nós. Por que, se eu não consigo passar uma semana sem que alguém me diga que estou fazendo um trabalho fácil e recebendo muito dinheiro, concluo que também posso pedir minha túnica de ascensão imediatamente. Bem, “você recebe seu dinheiro com facilidade” algum pagador me dirá, condescendentemente. “Tudo o que você precisa fazer é sentar e ouvir as lições.” Antes eu discutia o assunto, mas agora estou mais sábia. Os fatos teimam em se repetir, mas, como alguém já disse sabiamente, não são tão teimosos quanto as falácias. Então, agora apenas sorrio altivamente em silêncio eloquente, pois eu tenho nove turmas na minha escola e preciso ensinar um pouco de tudo, desde investigar o interior de minhocas até o estudo do sistema solar. Meu aluno mais novo tem quatro anos. A mãe dele o manda para a escola para “tirá-lo do caminho” e meus vinte anos a mais que os dele, de repente “o atingiriam”, sendo mais fácil para ele ir à escola e

obter uma educação do que continuar fazendo trabalhos braçais. No esforço selvagem de concentrar todos os tipos de pesquisa em seis horas por dia, não me pergunto se as crianças se sentem como o menino que foi levado para ver a biografia. “Preciso procurar o que está por vir antes que eu saiba o que aconteceu por último”, ele reclamou. Eu me sinto assim.

E as cartas que recebo, Anne! A mãe de Tommy me escreve dizendo que ele não está aprendendo aritmética tão rápido quanto ela gostaria. Ele está apenas em redução simples ainda, enquanto Johnny Johnson já sabe frações, e ele não é tão inteligente quanto Tommy, de modo que ela não consegue entender o motivo disso. E o pai de Susy quer saber por que ela não consegue escrever uma carta sem errar metade das palavras. E a tia de Dick quer que eu o mude de lugar, porque o mau garoto Brown, com quem ele está sentado, está lhe ensinando palavrões.

Quanto à parte financeira... é melhor não falar. Os deuses fazem com que as pessoas que desejam punir tornem-se professoras.

Bem, depois desse desabafo, me sinto melhor. No fim das contas, eu gostei desses dois últimos anos. Mas eu irei para Redmond.

E agora, Anne, tenho um pequeno plano. Você sabe o quanto eu detesto viajar. Eu viajei por quatro anos e estou muito cansada disso. Não tenho vontade de aguentar mais três anos fazendo a mesma coisa.

Agora, por que você, Priscilla e eu não vamos morar juntas, alugar uma casinha em algum lugar de Kingsport? Seria mais barato do que qualquer outra forma. Claro, teríamos que ter uma governanta, e eu tenho uma indicação perfeita. Você já me ouviu falar da tia Jamesina? Ela é a tia mais doce que existe, apesar de seu nome. Ela pode nos ajudar nisso! Ela se chama Jamesina porque seu pai, cujo nome era James, morreu afogado no mar um mês antes de ela nascer. Eu sempre a chamo de tia Jimsie. Bem, sua única filha se casou recentemente e foi para o campo missionário estrangeiro. Tia Jamesina mora numa grande casa e fica terrivelmente solitária lá. Ela virá a Kingsport e ficará em casa para nós, se a quisermos, e eu sei que vocês duas a amarão. Quanto mais penso no plano, mais gosto. Poderíamos ter bons tempos de independência.

Se você e Priscilla concordarem com isso, seria uma boa ideia já começarem a olhar em volta e ver se conseguem encontrar uma casa

adequada ainda nesta primavera. Seria melhor do que esperar até o outono. Se você conseguir uma que fosse mobiliada, será ainda melhor, mas se não, podemos juntar alguns móveis entre nós e os nossos velhos amigos da família que estiverem sobrando no sótão. De qualquer forma, decida o mais rápido possível e me escreva, para que tia Jamesina saiba o que fazer no próximo ano.

– Eu acho uma ótima ideia – disse Priscilla.

– Eu também – concordou Anne, encantada. – Aqui temos uma bela pensão, mas, com o passar do tempo, começo a sentir falta de morar em uma casa. Então poderíamos começar a procurar uma agora, antes do início dos exames.

– Temo que seja muito difícil conseguir uma – alertou Priscilla. – Não fique tão animada, Anne. As que mais estimamos certamente estarão fora de nosso alcance. Provavelmente teremos de nos contentar com algum lugarzinho encardido, em um bairro onde vivem pessoas estranhas, e precisaremos fazer a vida interior compensar a exterior.

Assim, logo foram elas à procura de casas, mas não encontraram exatamente o que queriam, de modo que a procura foi ainda mais difícil do que Priscilla previa. Havia casas em abundância, mobiliadas e sem mobília, mas uma era grande demais, outra pequena demais, uma muito cara, outra muito longe de Redmond. Os exames chegaram novamente e também a última semana do período e, ainda assim, a “casa dos sonhos”, como Anne chamava, continuava sendo um castelo de ar.

– Suponho que teremos que desistir e esperar até o outono – disse Priscilla, cansada, enquanto passeavam pelo parque em um dos azulados dias de brisa de abril, quando o porto estava fervendo e brilhando sob o tom de pérola e névoas flutuavam sobre ele. – Podemos encontrar algum barraco para nos proteger e se não for possível, sempre haverá pensões para nós.

– Enfim, de qualquer maneira, eu não vou me preocupar com isso agora e estragar esta tarde adorável – disse Anne olhando ao redor, com prazer.

O ar fresco e frio estava fracamente carregado com o aroma de bálsamo de pinheiro, e o céu acima era cristalino e azul, como uma grande xícara de bênção invertida.

– A primavera está cantando no meu sangue hoje e a atração de abril está no ar. Estou tendo visões e sonhos, Prissy. Isso porque o vento é do Oeste. Eu amo o vento do Oeste. Canta esperança e alegria, não acha? Quando o vento leste sopra, sempre penso em chuvas tristes nos beirais e ondas tristes

em uma costa cinzenta. Quando eu envelhecer, terei reumatismo quando o vento estiver a leste.

– E não é ótimo quando você deixa de lado as peles e roupas de inverno pela primeira vez e se veste assim, em trajes de primavera? – riu Priscilla. – Você não se sente renovada?

– Na primavera tudo é novo – disse Anne. – A mesma primavera é sempre diferente. Nenhuma é como as anteriores, pois ela sempre traz algo peculiar consigo. Veja como a grama é verde e como os brotos de salgueiro estão crescendo junto à lagoa...

– E os exames passaram e o dia da assembleia está se aproximando. Será na próxima quarta-feira. Uma semana depois, estaremos em casa.

– Estou feliz – disse Anne, sonhadora. – Há tantas coisas que quero fazer: sentar-me nos degraus da varanda dos fundos e sentir a brisa soprando sobre os campos do sr. Harrison; caçar samambaias na Floresta Assombrada e reunir violetas no vale. Você se lembra do dia do nosso piquenique de ouro, Priscilla? Quero ouvir os sapos cantarem e os choupos sussurrarem. Mas também aprendi a amar Kingsport e estou feliz por poder voltar no próximo outono. Se eu não tivesse conseguido a bolsa Thorburn, não poderia retornar. E eu não posso levar nada do pequeno tesouro de Marilla.

– Se ao menos pudéssemos encontrar uma casa! – suspirou Priscilla. – Veja Anne, em Kingsport há casas em todos os lugares, casas e mais casas, mas nenhuma para nós.

– Pare, Prissy. O melhor ainda está por vir. Como diziam os antigos romanos: ou encontramos uma casa ou construiremos uma. Em um dia como o de hoje, a palavra falha não pertence ao meu vocabulário.

Elas permaneceram no parque até o pôr do sol, vivendo a incrível, milagrosa e gloriosa maravilha da maré da primavera e voltaram para casa, como sempre, pela Spofford Avenue, para ter o prazer de olhar para Casa da Patty.

– Sinto como se algo misterioso estivesse prestes a acontecer, pela picada dos meus polegares – disse Anne, enquanto subiam a ladeira. – É como se estivesse lendo uma história. Por quê, por quê, por quê! Priscilla Grant, olhe para lá e me diga se é verdade ou se estou vendo coisas!

Priscilla olhou. Os polegares e os olhos de Anne não a haviam enganado. Sobre o portão arqueado da Casa da Patty, pendia um sinal modesto que dizia “Aluga-se mobiliada. Informe-se dentro da casa”.

– Priscilla – Anne sussurrou –, você acha que seria possível alugar a “Casa da Patty”?

– Acho que não – respondeu Priscilla. – Seria bom demais para ser verdade. Contos de fadas não ocorrem nos dias de hoje. Não quero ter muitas esperanças, Anne. O desapontamento seria terrível. Certamente, há quem pague por ela mais do que nós temos condições de pagar. Não se esqueça de que você está na Spofford Avenue.

– De qualquer forma, precisamos descobrir – disse Anne resoluta.

– É tarde demais, vamos voltar amanhã.

– Ah, Prissy, seria um sonho se pudéssemos morar neste lugar! Desde que a vi pela primeira vez, tive a sensação de que meu destino estava acorrentado à “Casa da Patty”.



CASA DA PATTY

Na tarde seguinte, elas andaram resolutas pelo caminho de ossos de arenque do pequeno jardim. O vento de abril soprava os pinheiros que ladeavam a casa, e o bosque estava cheio de rolinhas grandes, gordas e atrevidas, que cantavam com um som estridente. As meninas interfonaram timidamente e foram atendidas por uma criada velha e rabugenta. A porta se abriu diretamente para a sala de estar, onde estavam sentadas duas outras senhoras, igualmente carrancudas, em frente à lareira que queimava um pequeno fogo alegre. Estas senhoras pareciam ter cerca de setenta e a outra cinquenta anos, não parecia grande a diferença entre elas. Ambas tinham os olhos incrivelmente grandes, azuis-claros, atrás de óculos com aro de aço; cada uma usava um belo chapéu e um xale cinza; tricotavam sem pressa e sem descanso; ambas balançaram placidamente em seus assentos e olharam para as meninas sem dizer nenhuma palavra; e logo atrás de cada uma havia um grande cachorro branco de porcelana, com manchas verdes redondas por todo lado, assim como o nariz e as orelhas igualmente verdes. Esses cães despertaram imediatamente a fantasia de Anne sobre o local; eles pareciam as gêmeas divindades guardiãs da casa da Patty.

Por alguns minutos, ninguém falou nada. As meninas, de um lado, estavam nervosas demais para falar alguma coisa, já as senhoras e os cães de porcelana, do outro, não pareciam ter nada a conversar com elas. Anne ficou a olhar ao redor da sala. Que lugar adorável! Outra porta se abriu diretamente para o pinheiral e para os piscos vermelhos que atingiam o mesmo patamar. O chão era coberto com tapetes redondos e trançados, como os que eram confeccionados por Marilla em Green Gables, mas já fora de moda em qualquer outro lugar, até mesmo em Avonlea. E, no entanto, aqui estavam eles na Spofford Avenue! Um relógio grande e polido batia alto e solenemente em um canto. Havia pequenos e graciosos armários sobre a lareira e atrás das portas de vidro, brilhavam pedaços pitorescos de porcelana. As paredes eram decoradas com estampas e silhuetas antigas. Em um canto da sala, ficava a escada, em cujo primeiro patamar havia uma

janela comprida com um aconchegante assento. Era tudo como Anne havia imaginado.

A essa altura, o silêncio havia se tornado insuportavelmente constrangedor, de modo que Priscilla cutucou Anne para que ela dissesse alguma coisa.

– Nós... nós vimos o anúncio de que esta casa está disponível para ser alugada – disse Anne fracamente, para a senhora mais velha, que obviamente era a srta. Patty Spofford.

– Ah sim! – Patty respondeu. – Hoje pensamos em remover o anúncio.

– Então... então é tarde demais – disse Anne com pesar. – Você já alugou para outra pessoa?

– Não. Na verdade, desistimos de alugá-la.

– Ah, me desculpe! – exclamou Anne impulsivamente. – Eu amo esse lugar e esperava que pudéssemos morar aqui.

Patty deitou o tricô, tirou as especificações, esfregou-as, vestiu-as novamente e, pela primeira vez, olhou para Anne como um ser humano. A outra senhora seguiu seu exemplo com tanta perfeição que parecia um reflexo no espelho.

– Você ama! – disse a srta. Patty enfaticamente. – Quer dizer que você realmente ama essa casa? Ou apenas gosta? As jovens de hoje em dia se declaram tão exageradamente que nunca é possível saber o que realmente estão querendo dizer. Nos meus tempos de juventude, não éramos assim. Uma garota não dizia que amava nabos no mesmo tom em que dizia amar sua mãe ou seu Salvador.

– Eu realmente amo – disse Anne docemente. – Eu amei essa casa desde o primeiro momento em que a vi. Minhas duas companheiras e eu queremos alugar uma casa no próximo ano em vez de morar numa pensão, e é por isso que procurávamos um lugar em que pudéssemos morar, então quando soube que essa casa estava disponível para ser alugada, fiquei muito feliz.

– Se você a ama, então é sua – disse a srta. Patty. – Maria e eu decidimos hoje à tarde que não alugaríamos, porque não gostamos de ninguém que a viu. Além disso, não temos necessidade financeira de alugá-la. Podemos nos dar ao luxo de ir à Europa, mesmo que não a alugássemos. Isso nos ajudaria, é claro, mas por nenhum ouro eu alugaria minha casa para pessoas que simplesmente passaram por aqui e somente gostaram dela. Você é diferente. Eu realmente acredito que você a ama e isso é muito bom. Você pode tê-la se quiser.

– Sim, se... se pudermos pagar o quanto a senhorita pede... – disse Anne hesitante.

Patty disse o quanto queria pelo aluguel, de modo que Anne e Priscilla se entreolharam. Então, Priscilla balançou a cabeça.

– Receio que não podemos pagar tanto – disse Anne, profundamente decepcionada. – Você sabe... somos apenas estudantes... e pobres.

– Quanto você planeja pagar? – perguntou a srta. Patty, enquanto tricotava.

Anne disse o quanto poderia pagar, de modo que a srta. Patty logo concordou gravemente.

– Esse valor está bom. Como eu disse, não alugamos por necessidade. Nós não somos ricas, mas temos o suficiente para viajar para a Europa. Nunca na minha vida eu estive lá nem nunca pensei ou quis ir. Mas a minha sobrinha, Maria Spofford, está determinada a conhecer o velho continente. E você sabe que uma jovem como Maria não pode viajar sozinha pelo mundo.

– Não... eu... eu acho que não – murmurou Anne, vendo que a senhorita Patty era solenemente sincera.

– Claro que não. Então, eu tenho que ir junto para cuidar dela. Também espero aproveitar, pois tenho setenta anos, mas ainda não estou cansada de viver. Ouso dizer que teria ido à Europa antes se a ideia tivesse me ocorrido. Ficaremos fora por dois ou talvez três anos. Partiremos em junho e enviaremos a chave, deixando tudo pronto para que você tome posse quando quiser. Devemos guardar algumas coisas que valorizamos especialmente, mas todo o resto ficará.

– Você vai deixar os cachorros de porcelana? – perguntou Anne timidamente.

– Você os quer?

– Ah, sim! Eles são magníficos.

Uma expressão satisfeita formou-se no rosto da srta. Patty.

– Eu aprecio muito esses cães – disse ela com orgulho. – Eles têm mais de cem anos e estão sentados em ambos os lados desta lareira desde que meu irmão Aaron os trouxe de Londres, cinquenta anos atrás. A Spofford Avenue foi assim nomeada em homenagem a ele.

– Ele era um grande homem – disse a srta. Maria, falando pela primeira vez. – Hoje em dia não há mais cavalheiros como ele.

– Ele foi um bom tio para você, Maria – disse a srta. Patty, com evidente emoção –, e você faz bem em lembrar dele.

– Eu sempre me lembrarei – exclamou a srta. Maria solenemente. – Eu posso vê-lo agora, em pé diante do fogo, com as mãos sob a barra do casaco.

A srta. Maria pegou um lenço e secou os olhos, mas a srta. Patty voltou resolutamente do mundo dos sentimentos para o dos negócios.

– Deixarei os cães onde estão, se você me prometer ser muito cuidadosa com eles – disse ela. – Eles se chamam Gog e Magog. Gog olha sempre para a direita e Magog, para a esquerda. E há apenas mais uma coisa. Espero que você não se oponha a que esta casa se chame Casa da Patty, está bem?

– Não mesmo. Achamos o nome uma das coisas mais agradáveis que há nesta casa.

– Você tem bom senso – disse a srta. Patty em tom de grande satisfação. – Você acredita que todas as pessoas que vieram aqui para alugar a casa queriam saber se não poderiam tirar o nome do portão durante sua ocupação? Eu disse a eles abertamente que o nome vinha junto com a casa. Este lugar se chama Casa da Patty desde que meu irmão Aaron assim o deixou por vontade própria, e dessa maneira permanecerá até eu e Maria morrermos. Depois que isso acontecer, o próximo dono poderá dar qualquer nome idiota que quiser – concluiu a srta. Patty, como se tivesse dito: “Depois disso: o dilúvio”. – E agora, vocês não gostariam de conhecer todo o resto da casa antes de fecharmos negócio?

O que elas continuaram vendo agradava ainda mais a elas. Além da grande sala de estar, havia uma cozinha e um pequeno quarto no andar de baixo. No andar de cima, havia três quartos, um grande e dois pequenos. Anne gostou muito de um dos pequenos, com vista para os grandes pinheiros, e esperava que esse fosse o dela. Estava coberto de papel de parede azul-claro e tinha uma pequena mesa de banheiro antiga com castiçais para velas. Havia uma janela envidraçada com um assento detalhado com babados azuis de musselina, que seria um ótimo local para estudar ou sonhar.

– É tudo tão maravilhoso que tenho medo de acordar e descobrir que tudo não passou de um lindo sonho – disse Priscilla enquanto saíam.

– A srta. Patty e a srta. Maria dificilmente seriam produto da nossa imaginação – riu Anne. – Afinal, você poderia imaginá-las trotando enquanto usam aqueles xales e chapéus?

– Eu imagino que elas os tirarão quando realmente começarem a trotar – disse Priscilla –, mas estou certa de que elas levarão o tricô para todos os lugares. Elas simplesmente não poderiam se separar disso. Andarão pela

Abadia de Westminster e tricotarão, tenho certeza. Enquanto isso, Anne, moraremos em Casa da Patty, na Spofford Avenue. Eu me sinto como uma milionária agora.

– Me sinto como uma estrela da manhã que canta de alegria – disse Anne, encantada.

Naquela noite, Phil Gordon chegou à pensão da St. John Street e se jogou na cama de Anne.

– Queridas, estou morta de cansaço. Sinto que estou carregando o país inteiro a reboque. Enfim, eu já comecei a fazer as malas.

– Eu acho que você está exausta porque não conseguiu decidir o que guardar primeiro ou onde colocar as coisas – Priscilla riu.

– E-xa-ta-men-te! E quando eu já havia enfiado tudo na mala de qualquer maneira, e a dona da pensão e sua criada se sentaram em cima dela para que eu pudesse fechá-la, descobri que havia guardado muitas coisas que queria levar para a Assembleia, que estavam bem no fundo da mala. Então, tive que abri-la novamente, para cutucar e mergulhar nela por mais uma hora até pescar tudo o que eu queria. Eu pegava algo que parecia ser o que eu estava procurando, mas depois via que não era. Não, Anne, não me xingue.

– Eu te xinguei por acaso? – perguntou Anne.

– Não, mas você pensou. Embora eu admita que meus pensamentos não foram totalmente limpos. E estou tão resfriada... não consigo fazer nada além de fungar, suspirar e espirrar. Não é agonizante? Rainha Anne, diga alguma coisa para me animar.

– Lembre-se de que na próxima quinta-feira à noite você estará com Alec e Alonzo – sugeriu Anne.

Phil balançou a cabeça com tristeza.

– Quanta aliteração! Eu não quero Alec ou Alonzo quando estou resfriada desse jeito. Mas o que há de errado com vocês? Estou percebendo que estão irradiando uma luz interior. Uau, vocês estão radiantes! O que houve?

– No próximo inverno, moraremos na “Casa da Patty” – anunciou Anne, triunfante. – De verdade! Como inquilinas! Alugamos a casa com Stella Maynard, que virá para cá e sua tia cuidará de tudo.

Phil deu um salto, assoou o nariz e caiu de joelhos diante de Anne.

– Meninas, meninas, me deixem ir também. Eu serei muito boa. Se não tiver quarto para mim, posso dormir na casinha do cachorro, lá no pomar... já vi que tem uma. Só me deixem ir com vocês.

– Levante-se, sua doida.

– Não vou me mexer até que me digam que eu poderei morar com vocês no próximo inverno.

Anne e Priscilla se entreolharam. Então Anne disse lentamente:

– Phil, querida, adoráramos tê-la conosco. Mas também temos que ser claras uma com a outra. Eu sou pobre, Prissy é pobre e Stella Maynard é pobre. Nossa vida doméstica terá que ser muito simples e a nossa mesa também, então você teria que viver com a mesma simplicidade que nós. Mas você é rica e a tarifa da sua pensão atesta isso.

– Ah, mas que culpa eu tenho disso? – exigiu Phil tragicamente. – Antes um jantar de ervas onde seus amigos estão do que um boi preparado numa pensão solitária. Não acho que estou com estômago, garotas. Estarei disposta a viver apenas de pão, água e uma geleiazinha, se vocês me deixarem vir.

– E não é só isso... – continuou Anne. – Você terá que trabalhar duro. A tia de Stella não pode cuidar de tudo. Cada uma de nós terá suas tarefas bem determinadas, mas você...

– ...você não sabe fazer nada – concluiu Philippa. – Mas eu vou aprender! Você só precisa me mostrar uma vez. Eu posso começar arrumando a minha própria cama. E lembre-se de que, embora eu não saiba cozinhar, posso manter o controle de tudo e isso é uma coisa boa. E eu nunca reclamo do clima. E isso é ainda melhor! Ah, por favor, por favor! Eu nunca quis tanto algo na vida... e esse lugar é sagrado.

– Há uma última coisa de que você precisa estar ciente – disse Priscilla resolutamente. – Você, Phil, como toda Redmond sabe, recebe visitantes quase todas as noites. Mas na casa da Patty nós não permitiremos isso. Decidimos que só iremos receber nossos amigos em casa nas noites de sexta-feira. Se você vier conosco, terá que cumprir essa regra.

– Bem, vocês não acham que eu vou me importar com isso, não é? Estou feliz por isso. Eu sabia que deveria ter adotado essa regra, mas ainda não estava decidida o suficiente para adotá-la ou cumpri-la. Quando eu puder compartilhar as responsabilidades com vocês, será um verdadeiro alívio. Se não deixarem que eu me junte a vocês, morrerei de decepção e depois voltarei para assombrá-las. Vou acampar na porta da Casa da Patty e vocês não poderão sair ou entrar sem serem assustadas por mim.

Mais uma vez, Anne e Priscilla mudaram de expressão.

– Bem – disse Anne –, primeiro, é claro, nós não poderemos te prometer nada até falarmos com Stella, mas não acho que ela vá se opor. Quanto a nós, você pode vir e será muito bem-vinda.

– Se você se cansar da nossa vida simples, pode nos deixar sem dar explicações – adicionou Priscilla.

Phil se levantou, abraçou-as com alegria e saiu feliz.

– Espero que tudo corra bem – disse Priscilla.

– Precisamos fazer isso dar certo – disse Anne. – Acho que Phil se adaptará muito bem à nossa vida simples.

– Phil é uma maravilhosa amiga e parceira de diversão! E, é claro, que quanto mais de nós houver, melhor será para pagarmos as contas. Mas como será viver com ela? É preciso viver os bons e os maus momentos com alguém para realmente conhecer essa pessoa.

– Todas nós vamos ser postas à prova, na medida do possível. E devemos agir como pessoas sensatas, vivendo e deixando viver. Phil não é egoísta, embora seja um pouco desmiolada, e acredito que todas nós nos daremos perfeitamente bem na Casa da Patty.



O CÍRCULO DA VIDA

Anne estava de volta à Avonlea, com a face radiante pela Bolsa Thorburn. Quem a encontrava pelo caminho assegurava-lhe que ela não havia mudado muito, demonstrando surpresa e certo desapontamento. Avonlea tampouco havia mudado, ao menos à primeira vista. Entretanto, no primeiro domingo após seu retorno, ao sentar-se no banco da igreja que era propriedade dos Cuthbert, Anne observou a congregação, notando diversas pequenas mudanças que, vistas em conjunto, fizeram-na perceber como o tempo é implacável, não parando de passar nem mesmo em Avonlea.

Um novo pastor ocupava o púlpito. Nos bancos, a eterna ausência de alguns rostos familiares: o velho tio Abe, com suas profecias perdidas no tempo; a sra. Peter Sloane, que já havia dado o derradeiro suspiro; Timothy Cotton, que, como dizia a sra. Lynde: “havia, finalmente, conseguido morrer, depois de ensaiar por vinte anos” e, por fim, o último que a morte levou, o velho Josiah Sloane, cujo bigode e suíças haviam sido cuidadosamente aparados e o tornado irreconhecível no caixão. Todos dormiam pela eternidade no pequeno cemitério atrás da igreja.

Billy Andrews se casara com Nettie Blewett! Ambos surgiram na igreja naquele domingo. Billy, transbordando orgulho e felicidade, acompanhou a esposa vestida em seda e adornada de plumas até o banco de Harmon Andrews, Anne baixou as pálpebras para disfarçar seu olhar malicioso. Lembrou-se da tempestuosa noite de inverno no feriado de fim de ano, quando Jane pedira sua mão em casamento, em nome de Billy. Rejeitá-la nunca lhe abalou os sentimentos. Anne questionou-se se Jane também tinha pedido a mão de Nettie no lugar de Billy ou se dessa vez o rapaz tivera coragem o suficiente de fazer ele mesmo a proposta.

Toda a família Andrews, sem exceção, parecia partilhar de seu orgulho e deleite, desde a mãe de Billy, sentada no banco, até Jane, no coral.

Prestando ir para o Oeste no outono, Jane renunciara ao seu cargo na escola de Avonlea.

– Certamente não encontrou nenhum pretendente em Avonlea! – disse, com desprezo, a sra. Rachel Lynde. – Falou que sua saúde irá melhorar no Oeste, mas eu nunca soube que sua saúde era debilitada.

– Jane é uma boa moça! – replicou-a Anne, com lealdade. – Nunca tentou chamar atenção, como fazem umas e outras.

– Ah, digo... ela nunca correu atrás dos rapazes, se é o que você está dizendo. Mas, como as outras moças, é certo que gostaria de se casar e construir uma família! Haveria, por acaso, outro motivo que a levaria para o Oeste? Um lugar deserto, onde homens e mulheres são escassos? Não me diga! – respondeu sarcasticamente a sra. Lynde.

Naquele dia, não foi para Jane que Anne olhou fixamente, mas para Ruby Gillis, com surpresa e consternação. Ela estava sentada ao lado dela, no coral. O que havia acontecido com Ruby? Estava ainda mais bonita do que o habitual, porém seus olhos azuis estavam profundos e reluziam excessivamente, a julgar pelas coradas bochechas, queimava em febre. Além disso, havia emagrecido muito e suas mãos, que seguravam o hinário, estavam mórbidas e quase transparentes em sua delicadeza.

– Ruby Gillis está doente? – Anne perguntou à sra. Lynde, quando retornavam à casa.

– Ruby está morrendo de tuberculose galopante – respondeu bruscamente a sra. Lynde. – Todos sabem disso, exceto ela e sua família, que se recusam a dar o braço a torcer. Se perguntar, dirão que ela está perfeitamente bem. Porém, a menina não tem conseguido lecionar desde que teve uma crise de congestão pulmonar no último inverno, mas, segundo ela, voltará a lecionar no outono e quer que seja na escola de White Sands. A pobre menina estará é no túmulo quando as aulas começarem, isto é que é!

Anne ouviu tudo aquilo em comovido silêncio. Logo Ruby, sua antiga companheira de escola, morrendo? Seria isso possível? Nos últimos anos, elas haviam se distanciado, mas o antigo laço de amizade e cumplicidade juvenil ainda existia, fazendo com que Anne sentisse severamente o golpe que as más notícias lhe trouxeram ao coração. Ruby, a magnífica, a risonha, a favorita! Não era possível associá-la a algo tão terrível como a morte. Após o culto, ela saudara a amiga Anne com alegre cordialidade, convidando-a para uma visita ao anoitecer do dia seguinte.

– Vou sair na terça e na quarta-feira à noite – sussurrou, triunfantemente. – Há um concerto em Carmody e uma recepção em White Sands, e Herb Spencer vai me acompanhar. Ele é meu último. Venha amanhã, venha

mesmo! Sinto muita falta de conversar contigo! – Disse nostálgica. – Quero saber sobre todas as suas andanças em Redmond.

Anne sabia que Ruby desejava lhe contar a respeito de todas as suas recentes conquistas, mas prometeu-lhe ir, e Diana se ofereceu para acompanhá-la.

– Há muito tempo que eu queria ver a Ruby – disse ela, quando saíram de Green Gables na tarde seguinte –, mas definitivamente não queria ir sozinha. É terrível ouvi-la tagarelar por horas, fingindo que não há nada de errado, mesmo não conseguindo falar uma frase inteira sem tossir. Ela está lutando desesperadamente por sua vida e... pelo que dizem, não lhe resta nenhuma esperança.

As duas caminharam silenciosamente pela estrada vermelha, à luz do crepúsculo. Nas altas copas das árvores, passarinhos cantavam ao cair da tarde, enchendo o áureo ar com seus trinados jubilosos. Dos pântanos e lagos, ouvia-se o eloquente coaxar das rãs e, acima dos campos, as sementes começavam a brotar com vida e frêmito para o sol e a chuva que lhes banhavam. O ar tinha um perfume silvestre, doce e benfazejo do matagal de framboesas. Nos vales silenciosos, pairava uma alva neblina, e estrelas cor de violeta cintilavam tristemente sobre os riachos.

– Que belo pôr do sol! – exclamou Diana. – Veja, Anne, não parece uma terra? Aquele longo banco de nuvens em tom vermelho-escuro e vibrante é a praia, e o claro e azulado céu acima é como se fosse o mar.

– E se fosse possível navegarmos até lá com o barco de luz do luar descrito por Paul em sua antiga redação? Lembra-se disso? Seria tão maravilhoso! – Disse Anne, despertando de seu devaneio. – Você acha que nós poderíamos encontrar por lá todos os nossos dias já vividos, Diana? Todas as antigas primaveras e florescências de antes? Será que os canteiros descritos por Paul são as rosas que brotaram para nós no passado?

– Não, Anne! Você me faz sentir como se fôssemos mulheres velhas, com toda uma vida para trás. Cruzes!

– Tenho me sentido assim desde que soube da doença de Ruby. Se ela está morrendo mesmo, então qualquer outra coisa triste pode acontecer também.

– Você se importaria de passarmos na casa de Elisha Wright por um momento? Mamãe me pediu que eu entregasse este potinho de geleia para a tia Atossa – interrompeu Diana.

– Quem é essa tal tia Atossa?

– Ah, não soube? Ela é a esposa do falecido sr. Samson Coates, de Spencervale, e tia da sra. Elisha Wright. Além disso, ela é tia do meu pai também. O sr. Samson morreu no inverno passado e ela ficou muito pobre e solitária, então os Wright a trouxeram para viver com eles. Mamãe pensou em cuidar dela, mas meu pai foi totalmente contra. Disse que de modo algum viveria com a tia Atossa!

– Mas o que ela tem de tão terrível, Diana? – perguntou Anne, distraída.

– Você provavelmente vai saber a resposta antes que tenhamos saído de lá – disse Diana, contundente. – Papai diz que ela tem a cara de machadinha, que é capaz de cortar até o ar, mas que sua língua é mais afiada ainda.

Já era tarde e tia Atossa cortava batatas na cozinha dos Wright. Na cabeça, usava um lenço desbotado que encobria parte de seus desgrehados cabelos grisalhos. A mulher não gostava de ser “pega com a mão na massa”, sendo assim mais desagradável do que de costume.

– Ah, então você que é a tal Anne Shirley? – disse ela, quando Diana a apresentou. – Ouvi falar de você. – Seu tom hostil implicava não ter ouvido nada de bom sobre a moça. – A sra. Andrews me contou que você havia voltado a Avonlea. Disse-me que você melhorou muito.

Nessa hora, já não havia dúvidas de que tia Atossa pensava que Anne ainda tinha muito a melhorar.

Durante a prosa, em nenhum instante ela parou de cortar batatas com muita energia.

– Devo pedir que se sentem? – inquiriu, com sarcasmo. – É claro que não há nada aqui para diverti-las. Toda a família está fora.

– Minha mãe mandou que eu trouxesse este potinho de geleia de ruibarbo para a senhora. Foi preparada hoje mesmo e ela pensou que a senhora gostaria de provar – ofereceu Diana amavelmente.

– Ah, obrigada – respondeu, com azedume. – Nunca gostei das geleias de sua mãe, pois são doces demais, mas vou provar um pouco desta. Meu apetite anda terrível nesta primavera. Estou longe de me sentir bem – prosseguiu, solenemente –, mas sigo aqui... trabalhando. Pessoas que não conseguem fazer nada são inúteis aqui. Se não for pedir muito, você poderia guardar a geleia na despensa? Preciso deixar estas batatas prontas hoje à noite. Presumo que duas damas como vocês nunca fazem nada assim. Ficariam com medo de estragar essas mãozinhas delicadas.

– Eu sempre cortava batatas antes de arrendarmos a fazenda – sorriu Anne, com franqueza.

– E eu ainda faço isso frequentemente. Somente na semana passada, cortei batatas três vezes. E é claro – acrescentou Diana, com ironia – que depois disso suavizei minhas mãos com suco de limão e coloquei luvas durante a noite.

Tia Atossa bufou e revirou os olhos.

– A senhorita certamente deve ter tirado essa ideia de uma daquelas revistas tolas que as mocinhas tanto leem. Creio que sua mãe permita, pois ela sempre a mimou! Quando ela se casou com seu pai, todos achamos que ela não era uma esposa adequada para ele.

Então, a amarga mulher suspirou profundamente, como se todos os presságios sobre a ocasião do casamento de seu sobrinho tivessem sido cumpridos completamente.

– Já vão? – inquiriu, logo que as duas se levantaram. – Bem, não deve mesmo ser divertido ficar conversando com uma velha como eu. Talvez fosse mais divertido para vocês se os rapazes estivessem em casa – alfinetou-as a velha.

– Não é isso, tia Atossa. Nós vamos visitar Ruby Gillis – explicou Diana, aflita.

– Para livrarem-se de mim, qualquer desculpa serve, é claro! Só o que importa é entrar e sair correndo, antes que tenham tempo de dizer decentemente como estão. Creio que sejam os ares da faculdade. Vocês deveriam mesmo é ficar bem longe de Ruby Gillis. Os médicos dizem que tuberculose é contagiosa. Sempre soube que aquela menina iria contrair alguma coisa, perambulando em Boston. É isso que acontece às pessoas que nunca se contentam em ficar no recanto do lar. Sempre pegam alguma coisa.

– É injusto que a senhora diga isso, pois as pessoas que ficam em casa também ficam doentes. Algumas até morrem – respondeu Diana, com seriedade.

– Neste caso, não se pode culpar ninguém por isso – retorquiu tia Atossa, triunfante. – Soube que vai se casar em junho, Diana.

– Não é verdade, tia Atossa – respondeu Diana educada, porém corando.

– Bem, não adie por muito tempo. Em breve você vai murchar, pele e cabelos também. E os Wright são terrivelmente inconstantes. Deveria usar um chapéu para esconder o seu nariz, senhorita Shirley, ele está escandalosamente sardento. Deus meu, mas você é *ruiva*! Bem, certamente porque Deus assim o quis, não é mesmo? Dê lembranças minhas a Marilla Cuthbert. Ela nunca veio aqui para me ver desde que cheguei a Avonlea, mas

eu não deveria reclamar, afinal os Cuthbert sempre se consideraram feitos de uma matéria superior à de todos nós.

– Ah, como é possível ser tão insuportável? – arfou Diana, enquanto escapavam pela alameda.

– Sim. É ainda pior do que a senhorita Eliza Andrews! – exclamou Anne.
– Mas pense como seria viver toda sua vida com um nome como Atossa! Isso amargaria qualquer um. Ela poderia ter imaginado que seu nome era Cordélia. Certamente, a teria ajudado bastante. Pelo menos me ajudou muito quando não gostava de me chamar Anne.

– Josie Pye certamente ficará exatamente igual a essa velha. Você sabia que a mãe de Josie e tia Atossa são primas? Ah, Deus, estou tão aliviada que acabou. Ela é tão maliciosa! Parece sempre buscar algo ruim em tudo. Meu pai contou uma história engraçada sobre ela, disse-me que, certa vez, havia um ministro em Spencervale que era um homem muito bondoso e espiritualizado, porém muito surdo e nada conseguia ouvir numa conversa comum, falada em voz normal. Bem, eles costumavam reunir-se em oração nas tardes de domingo e todos os membros presentes deveriam levantar-se e orar, ou ler alguns versículos da bíblia. Entretanto, numa dessas tardes, tia Atossa ergueu-se num salto, mas não proclamou nem orou. Em vez disso, aproximou-se de cada um dos presentes e deu-lhes um sermão assustador, chamando-os por seus nomes, dizendo como haviam se comportado e enumerando todas as discussões e escândalos em que estavam envolvidos nos últimos dez anos. Por fim, tia Atossa disse que não gostava da igreja de Spencervale e que nunca mais pisaria ali. Não só isso! Praguejando contra os presentes, disse-lhes que esperava que um terrível julgamento caísse sobre a congregação. Dito isso, já sem fôlego, sentou-se. Então, o ministro, que não havia compreendido nada, imediatamente afirmou, em voz muito devota: “Amém! Que o Senhor aceite a oração de nossa estimada irmã!”. Você precisa ouvir papai contando essa história!

– Falando em histórias, Diana – comentou Anne, de forma significativa e confidencial –, sabia que ultimamente tenho me questionado se eu conseguiria escrever um conto? Uma história que fosse boa o suficiente para ser publicada?

– Ora, mas é claro que você consegue – respondeu Diana, depois de entender a incrível sugestão. – Antigamente você sempre escrevia histórias emocionantes em nosso Clube de Contos.

– Bem, não me referia àquelas histórias. Venho pensando nisso... Mas tenho um pouco de medo de tentar... Porque, se eu falhasse, seria muito humilhante.

– Certa vez ouvi Priscilla dizer que as primeiras histórias da sra. Charlotte E. Morgan foram rejeitadas. Mas você é muito boa, Anne. As suas seriam aceitas de primeira com certeza, pois creio que os editores de hoje em dia são mais sensatos.

– No inverno passado, uma das veteranas de Redmond, Margaret Burton, escreveu uma história que foi publicada na revista *Mulher Canadense*. Acho que eu conseguiria escrever um conto tão bom quanto o dela.

– Então você acha que essa revista o publicaria?

– Preciso antes tentar publicar nas revistas mais conhecidas. Sendo assim, tudo dependerá do tipo de história que eu escrever.

– E sobre o que será?

– Ainda não decidi, mas quero ter um bom enredo. Certamente este é um fator indispensável sob o ponto de vista de um editor. O nome da heroína já está decidido. Ela se chamará Averil Lester. É um bonito nome, não acha? Por favor, não mencione isso a ninguém, Diana. As únicas pessoas que sabem são você e o sr. Harrison. Ele não foi muito encorajador, disse-me que há muito lixo escrito hoje em dia, mas que esperava algo melhor de mim após o primeiro ano de faculdade.

– Mas o que o sr. Harrison entende sobre o assunto? – perguntou Diana, incomodada.

Encontraram a casa dos Gillis alegre, iluminada e cheia de visitantes. Leonard Kimball, de Spencervale, e Morgan Bell, de Carmody, encaravam um ao outro nos lados opostos da sala de visitas. Chegaram à casa de Ruby várias moças animadas e ela usava um vestido branco. Seus olhos e bochechas reluziam e ela ria e conversava incessantemente.

Após a partida das outras jovens, Ruby subiu as escadas com Anne para mostrar-lhe suas novas roupas de verão.

– Pretendo fazer um vestido de seda azul, mas creio que seja um pouco pesado para usar no verão. Então, acho que vou deixá-lo para usar no outono. Sabia que vou lecionar em White Sands? Gostou do meu chapéu? Achei lindo aquele que você estava usando ontem na igreja, era realmente gracioso. Mas, para mim, gosto de cores mais vivas! Você notou aqueles dois garotos ridículos lá embaixo? Vieram determinados a tomar o lugar um do outro. Não me importo com nenhum dos dois. Você sabe que é de Herb

Spencer que eu gosto, penso que ele é o Homem Certo. No Natal ainda não sabia disso, pensei que fosse o professor de Spencervale, mas depois descobri uma coisa a respeito dele que me fez mudar de ideia. Quando o rejeitei, ele quase enlouqueceu! Preferia que aqueles dois não tivessem vindo esta noite. Gostaria de ter uma boa conversa com você, como antigamente, Anne, e contar-lhe um monte de coisas. Nós sempre fomos grandes amigas, não fomos?

Com um sorriso frívolo, Ruby passou o braço pela cintura de Anne. Entretanto, no momento em que seus olhos se encontraram, Anne viu algo por trás de seus olhos que dilacerou seu coração.

– Por favor, Anne, não deixe de vir com frequência, está bem? Venha sozinha. Preciso de você – sussurrou.

– Como você está se sentindo, Ruby?

– Que pergunta é esta? Ora, estou me sentindo bem como nunca em toda a minha vida! Fiquei um pouco abatida por conta da congestão que tive no inverno passado, mas isso já não tem mais importância... Veja só a minha cor! Certamente não pareço uma inválida.

A voz de Ruby soava quase aguda. Parecendo ressentida, retirou o braço da cintura de Anne e rapidamente desceu as escadas. Aparentemente mais alegre do que nunca ao chegar na sala, jogou seus gracejos aos seus adoradores, deixando de lado as amigas, de modo que elas se sentiram deslocadas e logo resolveram ir embora.



A EXPIAÇÃO DE AVERIL

Ao anoitecer, Diana e Anne caminhavam pelo mágico vale próximo ao riacho. Sobre a margem, curvavam-se as samambaias, o gramado verdejava e as peras silvestres pendiam ao redor liberando um doce e suave cheiro. Formava-se pelo caminho uma branca névoa que as envolvia.

– Com o que está sonhando, Anne?

A moça, despertando de seu devaneio, deu um alegre suspiro.

– Pensava na minha história, Diana.

– Ah, e você já começou? – perguntou Diana, com grande animação e interesse pela empreitada da amiga.

– Já tenho algumas páginas escritas e a história já está bem composta em minha cabeça. Até criar um enredo adequado, levei bastante tempo, pois nenhum dos que eu havia imaginado parecia bom o suficiente para a história de uma jovem chamada Averil.

– Por que você não mudou o nome dela então?

– Eu tentei, mas não foi possível mudá-lo, da mesma forma que não se poderia mudar o seu, Diana. A personagem se tornou tão real para mim que não importava se eu tentasse lhe dar outro nome, pois, no final, eu sempre pensava nela como Averil. Mas, enfim, encontrei um enredo que combinasse com ela! Depois disso, veio a empolgação de escolher os nomes para todas as outras personagens da história. Você não imagina o quanto isso é fascinante! Nas últimas noites, quase não dormi de tanto que pensei nisso. Escolhi, inclusive, o nome do herói, que se chamará Perceval Dalrymple.

– E você já escolheu o nome de todas as personagens? – perguntou Diana, ansiosa. – Se não, você me deixaria escolher o nome de uma delas? Pode ser uma que não seja importante para a história... iria sentir como se eu houvesse feito parte da sua história.

– Está bem. Vou deixar você nomear o jovem criado dos Lesters. Ele não é muito importante, mas é o único que ainda está sem nome.

– O nome dele poderia ser Raymond Fitzosborne – sugeriu Diana, que tinha uma boa coleção de nomes guardados na memória, relíquias do antigo

Clube de Contos do qual ela, Anne, Jane Andrews e Ruby Gillis fundaram em seus tempos de escola.

Anne ficou bastante contrariada e respondeu:

– Este nome é absolutamente aristocrático e não combina com um criado, Diana. Você consegue imaginar um Fitzosborne alimentando porcos e juntando gravetos? Pois eu não consigo.

Sem entender como Anne não conseguiria imaginar esse nome admissível, Diana ficou bastante descontente com a explicação da amiga, afinal, ela tinha uma boa imaginação! No entanto, certamente Anne entendia melhor do assunto, de modo que o garoto foi batizado de Robert Ray, para ser chamado de Bobby caso fosse necessário.

– Você imagina quanto lhe pagarão pela história? – perguntou Diana, ansiosa.

Anne, contudo, nem sequer havia pensado nisso. Estava ela em busca de fama e reconhecimento e não de lucro sórdido. Seus sonhos literários ainda não haviam se contaminados por ideias mercenárias.

– Você me deixará ler, não vai?

– Sim, mas somente quando estiver finalizada. Então lerei para você e para o sr. Harrison, e deixarei que a critiquem com severidade. Além de vocês, ninguém mais a verá até que seja publicada por alguma revista.

– Já decidiu sobre o final? Será feliz ou triste?

– Ainda não decidi, mas gostaria de terminar com uma tragédia, pois assim seria muito mais romântico. Mas os finais tristes desagradam os editores e, certa vez, o professor Hamilton disse que ninguém, a menos que seja um gênio, deveria atrever-se a escrever um final trágico. E – concluiu, com modéstia – estou bem longe de ser um gênio da literatura.

– Ah, Anne, eu prefiro os finais felizes! – exclamou Diana. – Gosto quando os protagonistas se casam e vivem felizes para sempre – disse-lhe a amiga, que, desde o seu noivado com Fred, considerava essa a melhor forma de todas as histórias terminarem.

– Mas também não é bom quando se chora enquanto lê?

– Sim, mas só no meio da história! No final, tudo deve terminar bem.

– Preciso também criar uma cena patética para a história – meditou Anne.

– Poderia deixar que Robert Ray seja ferido num acidente para, assim, escrever uma cena de morte.

– Não, por favor! Não mate o Bobby! – declarou Diana, descontraída. – Ele é meu, e eu quero tanto que ele fique vivo e floresça! Mate um outro

qualquer, se tiver mesmo que fazer isso.

Durante os quinze dias seguintes, Anne passou por bons e maus momentos, e tudo dependia do fluxo de seus caminhos literários. Por vezes, festejava devido a uma brilhante ideia, por outras, desesperava-se porque alguma personagem obstinada não respondia conforme ela esperava. Diana não compreendia.

– Por que não faz com que eles ajam conforme você deseja? – questionou a amiga.

– Isto não é possível, Diana – murmurou Anne. – Averil, por exemplo, é uma heroína incontrolável! Sempre fazendo e dizendo coisas que eu nunca quis para ela. E isso estraga totalmente o que eu havia escrito antes, então eu tenho que voltar e escrever tudo de novo.

Mesmo com esses contratempos, a história finalmente foi terminada e Anne leu-a para Diana no refúgio de seu quartinho. Tudo ocorreu conforme o planejado e ela enfim concluíra sua “cena patética” com êxito, isto é, sem sacrificar o estimado personagem Bobby de Diana.

Durante a leitura, manteve o olhar cuidadoso na amiga, percebendo todos os gestos e as emoções. Diana sentiu o momento e chorou quando lhe foi conveniente, no entanto, quando a leitura terminou, a moça pareceu um pouco desapontada.

– Matar o Maurice Lennox, por quê? – perguntou-lhe Diana, inconformada.

– Ele era o vilão e devia morrer pelo que fez – retorquiu Anne.

– Gostei muito mais dele do que de todos os outros! – replicou Diana, suplicante.

– Agora ele está morto e assim deverá continuar – retrucou Anne, ressentida. – Vivendo, ele continuaria a perseguir Averil e Perceval.

– Sim, mas você poderia ter modificado o seu caráter.

– Mas isso não seria romântico. E, além do mais, teria feito a história ficar muito longa.

– Bem, Anne, de todo modo, a história é muito elegante e certamente você ficará muito famosa com ela. Tenho certeza disso. Já tem um título para ela?

– Já decidi o título faz tempo! Vou chamá-la *A Expição de Averil*. O que acha? Não é bom? Agora, Diana, diga-me francamente: você encontrou alguma falha na minha história?

– Bem – hesitou Diana –, não me parece romântica a parte em que Averil faz o bolo. Não acho que combina muito com o restante da história.

Cozinhar um bolo não me parece algo heroico. Portanto, creio que Averil não deveria cozinhar.

– Ora, você não compreende que é exatamente aí que entra o humor? Esta é uma das melhores partes de toda a história! – afirmou Anne. Sobre isto, deve ser declarado que ela estava totalmente correta. Diante de todas as negativas, Diana refreou prudentemente qualquer outra observação.

O sr. Harrison, por outro lado, foi muito mais difícil de agradar. Primeiro disse que havia muitas descrições na história.

– A história está muito cheia dessas passagens floreadas. Suprima-as – disse ele, taxativo e sem piedade.

Incomodada, porém convicta de que o sr. Harrison estava certo, esforçou-se para eliminar grande parte de suas amadas descrições. Ainda assim, foram necessárias três novas revisões para que o texto perdesse todas aquelas frases supérfluas e finalmente agradasse ao rabugento sr. Harrison.

– Está pronto, sr. Harrison. Retirei da história todas as descrições, exceto a do entardecer, pois esta era simplesmente a melhor de todas.

– Essa descrição nada tem de condizente com a história. Creio também que você não deveria ter inventado um cenário entre as pessoas ricas da cidade. O que você sabe sobre elas? Por que a trama não foi estabelecida aqui em Avonlea? Alterando os nomes, é claro; caso contrário, a sra. Lynde de certo pensaria que era ela a heroína da história.

– Ah, não poderia ser! Apesar de Avonlea ser um lugar muito amado, não é suficientemente romântico para ser o cenário de uma história.

– Ledo engano, senhorita Anne. Ouso dizer que Avonlea é palco de muito romance e de muita tragédia também. Mas esse não é o único problema: suas personagens não são iguais às pessoas reais de qualquer lugar. Percebo que elas falam demais e usam uma linguagem muito extravagante. Em certa parte do conto, esse camarada Dalrymple fala por duas páginas, no mínimo, sem nunca deixar que a moça diga absolutamente nada! Na vida real, ela já o teria mandado para o inferno.

– Como o senhor pode dizer uma coisa dessas? Isso não é verdade! – ela negou, enfaticamente. Nas profundezas de sua alma, porém, Anne imaginava que aquelas lindas e poéticas palavras ditas a Averil poderiam conquistar o coração de qualquer moça.

Além disso, era inadmissível que Averil, a majestosa e sublime Averil, pudesse mandar alguém para o inferno. A atitude dela seria a de “recusar seus pretendentes”.

– De todo modo, por que Maurice Lennox não ficou com ela? – continuou racionalmente o sr. Harrison. – Ele era muito mais homem do que o herói que você propôs. Que ele tenha feito coisas ruins... contudo, já estava feito. Perceval, por outro lado, passava todo o tempo devaneando.

“Ficar devaneando! Isso era ainda pior do que mandar para o inferno!” –, pensou Anne. – Maurice Lennox era o vilão! – exclamou ela, indignada. – Não consigo entender o porquê de todos gostarem mais dele do que de Perceval!

– É que Perceval é bonzinho demais, ao ponto de ser irritante. Na próxima vez que criar um herói, coloque-o um pouco mais humano.

– Mas como Averil poderia ter se casado com Maurice? Ele era terrível!

– É certo que ela poderia tê-lo feito mudar. Afinal, você pode corrigir um homem, mas não uma água-viva. Sua história não é ruim, na verdade, é bem interessante, tenho que admitir. Mas percebo que você ainda é muito jovem para escrever um conto que valha a pena. Espere dez anos para fazê-lo.

Inconformada, Anne prometeu a si mesma que nunca mais pediria a opinião de outras pessoas em suas próximas histórias. Sentia-se tão frustrada com aquelas críticas. Ela chegou a mencionar para Gilbert sobre o conto, porém não o leu para ele.

– Se fizer sucesso, você lerá quando for publicado, Gilbert, mas se não for, ninguém jamais saberá a respeito.

Marilla de nada tomou conhecimento sobre essa iniciativa. Anne, em sua imaginação, via-se lendo uma história de revista para Marilla, que a enchia de elogios sobre o enredo, porque tudo era possível na imaginação. E então, triunfantemente, anunciava a si mesma como a autora.

Já totalmente terminada a história, Anne levou ao posto dos correios um envelope comprido e volumoso, tendo ela a deliciosa confiança e inexperiência da juventude, endereçado à “maior das maiores” revistas. Diana estava tão empolgada quanto a própria Anne.

– Em quanto tempo você acha que a revista responderá?

– Creio que não deva demorar mais do que quinze dias. Oh, ficarei tão feliz e orgulhosa se minha história for aceita!

– É claro que será aceita! Com certeza pedirão que você envie outras. Então, um dia você será tão famosa quanto a sra. Morgan, Anne. E eu, como sua amiga, ficarei tão orgulhosa por conhecer uma escritora famosa como você, antes mesmo de fazer sucesso – disse Diana, que tinha a qualidade de professar sua desinteressada admiração pelos dons e talentos de suas amigas.

Após uma semana de deliciosos sonhos, seguiu-se um amargo despertar. Certa tarde, Diana foi à casa de Anne e encontrou-a em seu quartinho com uma estranha expressão nos olhos. Na mesa, havia um envelope comprido e um manuscrito amassado.

– O que houve, Anne, sua história foi devolvida? – perguntou Diana, sem crer naquilo.

– Sim, foi – admitiu Anne.

– Esse editor só pode ser louco! Que razão ele deu para rejeitar uma história boa como a sua?

– Nenhuma. Me responderam somente com uma nota impressa que dizia que a história não foi considerada satisfatória.

– Essa revista... ela não é grande coisa! De qualquer forma – prosseguiu Diana, com ardor –, as histórias que publica não são tão interessantes quanto as que são publicadas pela *Mulher Canadense*, apesar de ser mais cara. Suponho que esse editor deva ter preconceitos contra qualquer um que não seja ianque. Não se abale com isso, Anne! Lembre-se de que as primeiras histórias da sra. Morgan também foram devolvidas. Envie a sua para a *Mulher Canadense*.

– É isso que farei! – respondeu Anne, animando-se. – E, se for publicada, enviarei uma cópia para esse editor americano. Mas vou cortar a parte sobre o pôr do sol. Estou certa de que o sr. Harrison tinha razão sobre isso.

Assim, Anne sacrificou seu estimado crepúsculo. Entretanto, apesar dessa heroica mutilação, o editor da revista *Mulher Canadense* também devolveu *A Expição de Averil*, o que causou enorme indignação em Diana, declarando ser impossível que houvessem lido, então ela prometeu cancelar imediatamente a sua assinatura. Anne suportou essa segunda rejeição com a calma própria do desespero.

Após esta segunda rejeição, Anne resolveu enterrar o conto no velho baú do sótão, onde repousavam os manuscritos do antigo Clube de Contos, mas não sem antes ceder aos rogos de Diana e dar-lhe uma cópia.

– Desisto de minhas ambições literárias – declarou Anne amargamente.

Ao sr. Harrison, Anne nunca mais mencionou nada sobre o assunto, porém numa tarde, abruptamente ele lhe questionou se a história havia sido aceita por alguma revista.

– Não, sr. Harrison. Nenhum editor a aceitou – foi a breve resposta.

Após a negativa, o sr. Harrison olhou de soslaio para aquele acanhado e delicado perfil.

– Bem, suponho que você não vai desistir e continuará escrevendo, não é mesmo? – comentou, encorajando-a.

– Não, senhor. Nunca mais voltarei a escrever uma história – declarou ela, com a desesperançada fatalidade de seus dezenove anos, ao ter fechada uma porta em sua face.

– Eu não desistiria de escrever tão prontamente. Vez ou outra, escreveria algum conto, mas não os enviaria para os editores. Escreveria, entre outras coisas, sobre pessoas e lugares que fazem parte da minha vivência. Além disso, faria com que minhas personagens falassem o inglês do dia a dia. Deixaria o sol nascer e se pôr sem dar muita importância ao fato. Por fim, se tivesse que introduzir vilões na história, lhes daria uma chance. Isso mesmo, Anne, eu lhes daria uma chance. Certamente existem homens terríveis no mundo, mas você teria que andar um bom pedaço para encontrá-los. Apesar de a sra. Lynde acreditar que somos todos maus, a maioria de nós tem um pouco de decência em algum lugar aqui dentro. Não desista, Anne, e continue escrevendo.

– Não será possível, sr. Harrison. Foi uma grande tolice tentar me lançar como escritora. Quando meus estudos terminarem em Redmond, vou me concentrar em ensinar. É isto que eu consigo fazer: lecionar, não escrever histórias.

– Pense que quando você terminar os estudos em Redmond, pode ser tarde demais e já será a hora de você arranjar um marido. Não me pareceu uma boa ideia adiar o casamento por tanto tempo, como eu fiz.

Depois disso, Anne se levantou e foi para casa. Havia momentos em que o sr. Harrison era realmente intragável: "Mandar para o inferno, ficar devaneando e arranjar um marido!" Oh!



O CAMINHO DOS TRANSGRESSORES

Davy e Dora estavam prontos para a escola dominical. Dessa vez, iriam sozinhos, o que não era frequente, pois a sra. Lynde assistia aos cultos regularmente. No entanto, ela havia torcido o tornozelo e estava mancando e por conta disso permaneceria em casa naquela manhã. Os gêmeos deveriam representar a família na igreja, uma vez que Marilla tivera mais uma de suas crises de enxaqueca e Anne havia ido a Carmody na véspera, a fim de passar o domingo com algumas amigas.

Davy desceu as escadas vagorosamente enquanto Dora esperava-o no corredor, depois que a sra. Lynde a vestiu. O garoto se arrumara sozinho. Trazia consigo um centavo no bolso para a coleta da escola dominical e outros cinco centavos para a oferta da igreja. Numa mão carregava a Bíblia e, na outra, o periódico da escola dominical. Sabia perfeitamente toda a lição: o texto áureo e a pergunta do catecismo. Não havia ele estudado (forçado, é claro, pela sra. Lynde) durante toda a tarde do domingo anterior? Além de tudo isso, Davy também deveria estar em total brandura de ânimo. No entanto, apesar do texto áureo e do catecismo, o menino se sentia interiormente como um lobo feroz.

Ao reunir-se com sua irmã, a sra. Lynde logo saiu mancando de sua cozinha.

– Lavou-se direito? – perguntou, severamente.

– Lavei todas as partes que aparecem – respondeu, insolente.

A sra. Lynde deu um suspiro. Tinha suspeitas de que o garoto não lavara as orelhas nem o pescoço. Entretanto, sabia que, se tentasse inspecioná-lo, ele sairia correndo e ela não poderia persegui-lo.

– Ouçam bem! – advertiu-os. – Não quero que andem pela poeira, não parem no pórtico para conversar com as outras crianças, não fiquem se contorcendo nem se sacudindo no banco, não se esqueçam do texto áureo,

não percam suas ofertas nem se esqueçam de colocá-las na salva, não cochichem na hora da oração e não deixem de prestar atenção ao sermão.

Davy não respondeu e foi caminhando pela alameda, seguido pela meiga e obediente Dora. Sua alma fervia por dentro. Davy havia sofrido, ou ao menos considerava haver sofrido muita coisa nas mãos e na língua da megera sra. Rachel Lynde. Desde que ela se mudara para Green Gables, a boa senhora não conseguia conviver com ninguém, tendo nove ou noventa anos, sem tentar moldar-lhe o comportamento. Para a infelicidade de Davy, justamente na tarde anterior, a velha interferira para influenciar Marilla a não permitir que o menino fosse pescar com os filhos de Timothy Cotton. Aquilo certamente havia causado muita raiva no garoto.

Ao saírem da alameda, Davy parou por um instante e mudou completamente seu semblante. Fez uma careta tão sinistra e medonha que Dora, apesar de conhecer o talento nato do irmão neste quesito, ficou seriamente preocupada de que o rosto dele não mais voltasse à normalidade.

– Maldita seja! – gritou Davy.

– Ah, Davy, não xingue – murmurou Dora, espantada.

– “Maldita” não é xingamento ou não é um xingamento de verdade. E, mesmo que fosse, não me importo que seja! – retorquiu, imprudente.

– Bem, se for para dizer essas palavras horríveis, pelo menos não as diga no domingo.

Davy não parecia nem um pouco arrependido, porém, intimamente, sentiu que talvez pudesse ter ido longe demais.

– Então vou inventar um palavrão só meu!

– Davy, se você inventar, Deus saberá e vai puni-lo por isso – advertiu Dora, em tom solene.

– Se for assim, então é porque Deus é um velhaco malandro e malvado! Como Ele, que sabe tudo, não sabe que um homem tem que ter palavras para expressar o que está sentindo?

– Davy!!! – exclamou Dora, já esperando que o irmão caísse morto ali mesmo. Entretanto, nada ocorrera com ele.

– De qualquer jeito, eu me recuso a seguir as ordens da sra. Lynde – prosseguiu, balbuciando. – Anne e Marilla podem até ter o direito de mandar em mim, mas ela não! Só por causa disso, vou fazer tudinho que ela me proibiu de fazer. Me observe e você vai ver.

Enquanto Dora o observava totalmente horrorizada, Davy, silencioso e descontroladamente, adentrou o matagal e enfiou os pés até tornozelos na

fina poeira, que era resultado de quatro semanas sem chover e, arrastando os pés com muito vigor, ficara envolto numa densa nuvem de pó.

– Eu só estou começando! – anunciou o travesso menino. – Vamos ao pórtico, pois lá eu irei parar para conversar com todo mundo, até que não haja mais ninguém. Depois, vamos à igreja e lá eu vou fazer tudo que me foi proibido: me contorcer, me sacudir, cochichar e falar que não sei nada do texto áureo.

Agora, vou é jogar fora as minhas moedas para a oferta!

E assim o fez, lançando aquele centavo e níquel sobre a cerca do sr. Barry, com intenso gosto.

– Satanás deve estar agindo por você... – disse Dora, condenando-o.

– Nada disso! – gritou Davy, indignado. – Fiz porque quis! E vou fazer mais uma coisa. Decidi que hoje não vou nem à escola dominical e nem à igreja. Vou é me divertir com os Cottons! Ontem mesmo eles me disseram que não iriam para a escola dominical hoje, porque a mãe deles iria sair e não havia mais ninguém para mandá-los ir. Ora, vamos logo, Dora, vai ser muito divertido!

– Eu é que não vou, Davy – reclamou a menina.

– Mas você tem que ir! Porque se você não vier, eu vou contar para Marilla que você foi beijada pelo Frank Bell na escola, na segunda-feira passada.

– Mas eu não tive culpa disso! Não podia imaginar que ele faria isso! – Ela gritou, num misto de fúria e vergonha.

– Bom, mas você deve ter gostado, pois não deu nem uma bofetada nele e muito menos pareceu irritada – replicou Davy. – Se você não vier, vou contar tudo! Vamos pegar um atalho por este pasto, Dora.

– Davy, eu tenho medo daquelas vacas – protestou a pobre Dora, vendo aí uma chance de escapar.

– Não seja ridícula! Essas vacas são mais inofensivas do que você.

– Mas também são maiores – objetou Dora.

– Elas não vão te fazer nenhum mal. Agora, vamos logo. Como isso é bom! Quando eu for adulto, não irei mais à igreja, nem pensar! Devo conseguir chegar ao céu sozinho.

– Você vai é parar junto dos pecadores, se não guardar o dia sagrado – advertiu a pobre Dora, que o seguia contra a sua vontade.

Davy não estava nem um pouco assustado, mas isso era questão de tempo. O inferno estava longe, já aquele maravilhoso dia de pesca com os Cottons

estava a um passo. Davy queria que sua irmã fosse mais corajosa, mas ela continuava olhando para trás. Por vezes, quase chorava, e isso acabava com a diversão de qualquer um. Ora, que se danem essas meninas medrosas! Dessa vez, Davy teve o cuidado não falar a palavra “malditas”, nem em pensamento. Apesar de não lamentar ter pronunciado essa expressão, achava melhor não provocar a ira divina tantas vezes no mesmo dia.

Quando chegaram, logo viram os Cottons brincando no pátio dos fundos, os quais saudaram a presença de Davy com gritos alegres. Os irmãos Pete, Tommy, Adolphus e Mirabel Cotton estavam sozinhos, pois a mãe e as irmãs mais velhas haviam saído. Dora agradeceu aos céus porque ao menos Mirabel estava ali, pois preocupava-se em ficar sozinha com um bando de garotos. Mirabel, no entanto, era tão ou mais levada que os meninos, ela era barulhenta, faladeira e inconsequente, mas ao menos usava vestidos.

– Vamos pescar! – disse Davy, bastante animado.

– Vamos! – gritaram os Cottons. Logo se apressaram em cavar buracos para procurar minhocas. Mirabel liderava a turma com uma lata de estanho na mão, já Dora só queria sentar no chão e chorar. Oh, se aquele abusado do Frank Bell nunca a houvesse beijado, poderia ter desafiado seu irmão e ido para sua querida escola dominical.

Eles não ousaram, obviamente, pescar no lago, onde correriam o risco de serem vistos pelas pessoas que estivessem indo à igreja. Recorreram ao riacho no bosque, logo atrás da casa dos Cottons, o qual estava cheio de trutas, de modo que as crianças tiveram uma manhã gloriosa de pesca, ao menos os Cottons e Davy, que pareceu partilhar da mesma diversão. Não sendo tão imprudente, o menino havia tirado as botas e as meias, pegando emprestado um macacão de Tommy Cotton. Assim, estando devidamente equipado, pântanos, brejos e matagais não representavam nenhum obstáculo para ele. Dora, pelo contrário, sentia-se fraca e miserável diante daquela situação de impotência. A menina só seguia os outros em suas peregrinações de ponta a ponta do riacho, segurando a Bíblia e o periódico junto de si, estando ela muito contrariada e amargurada na alma por estar perdendo sua amada aula na escola dominical, onde deveria estar naquele momento, diante de sua adorada professora. No entanto, em vez disso, estava perambulando pelo bosque com aqueles selvagens e tentando manter as botas limpas e seu lindo vestido branco livre de rasgos e manchas. Mirabel oferecera um avental emprestado, mas Dora recusara-o com desprezo.

As trutas mordiam a isca naquele dia como só faziam aos domingos. Depois de uma hora, as travessas crianças haviam pescado tudo o que queriam e logo retornaram à casa, para o completo alívio de Dora, que se sentou muito empertigada sobre uma gaiola no pátio enquanto os meninos brincavam, aos gritos, de pega-pega. Não satisfeitos, subiram todos no telhado do chiqueiro e entalharam suas iniciais na cumeeira. O teto do galinheiro, que era em declive, tinha abaixo um amontoado de palha, sobre o qual as crianças passaram ao menos meia hora subindo e mergulhando, com alaridos e vivas, no palheiro.

No entanto, para a tristeza de Davy e alívio de Dora, os prazeres ilícitos têm fim. Ao escutarem o barulho das charretes na ponte sobre o lago, Davy percebeu que estava no momento de ir embora, pois as pessoas já voltavam da igreja. Logo tirou o macacão que Tommy havia lhe emprestado e tornou a vestir sua roupa legítima. Separou-se tristemente de suas trutas com um suspiro, pois era inútil pensar em levá-las para casa.

– E então, não se divertiu hoje, Dora? – questionou-a, desafiadoramente, enquanto desciam a colina.

– É claro que não! – foi a resposta categórica. – E também acho que você não se divertiu de verdade – completou, com uma perspicácia incomum a ela.

– É claro que eu me diverti. E muito! – bradou Davy, embora seu tom de voz indicasse que queria encerrar o assunto. – Não me surpreende que você não tenha aproveitado o dia... Ficou o tempo todo sentada lá, como uma... como uma mula.

– Eu não quero ser amiga dos Cottons – replicou ela, altiva.

– Eles são ótimos! E digo mais: com certeza se divertem muito mais que nós, pois só fazem o que querem e falam do jeito que querem, na frente de qualquer um. A partir de agora, vou ser assim também.

– Eu duvido. Tem um monte de coisas que você não faria e nem diria na frente das pessoas.

– Não tem, não.

– Aposto que tem. Você ousaria dizer, por exemplo – questionou Dora sagazmente –, “garanhão” diante do ministro?

Esse golpe o abalou. Davy não esperava por um exemplo tão concreto de liberdade de expressão. Contudo, não precisava ser coerente com Dora.

– É claro que não! – admitiu, amuado. – “Garanhão” não é uma palavra santa. Eu não diria isso na frente do ministro.

– E se tivesse que falar?
– Diria “rapaz namorado”.
– Penso que “rapaz galanteador” seria melhor – refletiu Dora.
– Como se você pensasse... – hostilizou Davy, com um olhar de desdém para a irmã.

Aquela conversa estava deixando o menino desconfortável, porém preferiria morrer a admitir que a irmã estava certa. No entanto, ao terminar a euforia prazerosa do dia, sua consciência começava a dar ferroadas edificantes. Pensou que talvez houvesse sido melhor ter ido à escola dominical e à missa, afinal. A sra. Lynde podia ser terrivelmente mandona, mas sempre lhe dava biscoitos, os quais guardava no armário de louças de sua cozinha e ela não era mesquinha. Nesse momento, sua consciência pesou mais ainda, quando Davy se lembrou do dia em que rasgou sua calça nova de ir à escola, na semana anterior, e foi justamente a sra. Lynde quem a remendou de maneira perfeita, sem dizer uma só palavra a Marilla sobre isso.

Entretanto, a taça de malevolência de Davy ainda não estava completa, pois ele ainda iria descobrir que é necessário outro pecado para encobrir o anterior. Naquele dia, almoçaram com a sra. Lynde, e a primeira coisa que ela lhe perguntou foi:

– Davy, todos os seus colegas foram à escola dominical hoje?
– Sim, senhora Lynde – ele respondeu, engolindo em seco. – Todos, exceto um.
– E o texto áureo e o catecismo, recitou-os?
– Sim, senhora.
– Sua oferta foi entregue conforme eu lhe pedi?
– Sim, senhora.
– A sra. Malcolm MacPherson estava na igreja hoje?
– Eu não sei, “Ao menos isso é verdade” –, pensou o pobre Davy.
– Anunciaram a reunião da Sociedade Beneficente na semana que vem?
– Sim, senhora – disse, com a voz trêmula.
– E a reunião de oração?
– Eu... eu não sei.
– Mas deveria saber! Tinha que ter prestado mais atenção aos anúncios. Qual foi o sermão pregado pelo sr. Harvey?

Bebendo num frenético gole d’água e engolindo-o junto com o último protesto de sua consciência, Davy, sem hesitar, recitou um versículo que

aprendera algumas semanas antes. Finalmente a sra. Lynde parou de fazer perguntas, mas Davy não conseguiu desfrutar do almoço e, na sobremesa, só comeu um prato de pudim.

– O que há com você? – questionou a sra. Lynde, justificadamente surpresa. – Está doente?

– Não, senhora – murmurou Davy.

– Você está tão pálido. Fique longe do sol esta tarde – ela aconselhou.

– Você tem ideia de quantas mentiras contou à sra. Lynde? – perguntou Dora, acusadora, assim que ficaram sozinhos depois do almoço.

Davy, acuado pelo desespero, voltou-se muito feroz.

– Não sei nem me interessa saber! E você que fique calada, Dora Keith! Entendeu?

Buscando um retiro isolado atrás da pilha de lenha, Davy fora pensar sobre a sua trilha de transgressões.

Quando Anne chegou a Green Gables, o silêncio e a escuridão já se faziam presentes. Logo foi para a cama, pois estava exausta e com muito sono. A semana foi cheia de comemorações que se prolongaram até avançadas horas. Mal ela havia aconchegado a cabeça no travesseiro e já quase adormecia, quando a porta do seu quarto se abriu suavemente e ela ouviu uma vozinha que suplicava, chamando-a.

Anne sentou-se, sonolenta.

– Davy, é você? O que houve?

Aquela pequena criança entrou com seu pijama branco e, atravessando o quarto correndo, deu um salto até a cama.

– Anne! – falava o menino em tom angustiado e envolvendo seu pescoço com os bracinhos. – Estou tão feliz que você esteja em casa. Eu não ia conseguir dormir se eu não contasse a alguém...

– Contasse o quê?

– Como eu sou “miserável”.

– Mas por que você é miserável, querido?

– Porque eu fui terrivelmente mau hoje, Anne. Ah, fui “mauzíssimo”. Como jamais fui.

– O que foi que você fez?

– Ah, tenho tanto medo de contar! Com certeza você nunca mais vai gostar de mim, Anne. Eu nem consegui rezar nesta noite, porque não consigo contar a Deus o que eu fiz. Tenho tanta vergonha de deixar que Ele saiba.

– Não tem jeito para isso, Davy. Ele já sabe de qualquer maneira.

– Dora também me disse isso. Mas eu pensei que talvez Ele pudesse não ter se dado conta na hora. Não importa, eu preferia contar para você primeiro.

– Me conte logo... O que foi que você fez?

Anne não sabia e logo Davy despejou uma avalanche em cima dela.

– Fugi da escola dominical e fui pescar com os Cottons e, para encobrir isso contei tantas, mas tantas mentiras para a sra. Lynde, com certeza mais de meia dúzia! E... E eu... Eu até falei um palavrão, Anne, ou um quase palavrão... E ainda disse coisas horríveis sobre Deus.

Então, seguiu-se um profundo silêncio. Davy não sabia o que isso significava. Será que Anne estaria tão chocada a ponto de nunca mais falar com ele?

– O que você vai fazer comigo? Vou ser castigado? – perguntou, balbuciante.

– Não farei nada, querido. Creio que você já tenha sido punido o suficiente.

– Não fui, não. Só você e Dora sabem disso.

– Você ficou bem triste depois que se deu conta desses erros, não é mesmo?

– Fiquei sim, Anne! – confirmou, com ênfase.

– Pois bem. Saiba que essa tristeza era a sua consciência que o estava castigando, Davy.

– E o que é essa “minha consciência”? Quero saber.

– É algo que está dentro de você, Davy, que por toda a sua vida vai te avisar quando estiver fazendo coisas erradas e o tornará infeliz enquanto persistir no erro. Você já percebeu isso?

– Sim, mas eu não sabia o que era. Queria mesmo era não ter isso. Assim, eu iria me divertir muitíssimo mais! Onde está a minha consciência, Anne? Quero saber. Está no meu estômago?

– Não, Davy, está na sua alma – respondeu Anne, agradecida pela escuridão, pois, apesar do infantil questionamento ter sido engraçado, a seriedade precisava ser preservada nesses momentos.

– Então acho que não vou poder me livrar dela, não é mesmo? – concluiu retoricamente, com um suspiro. – Você vai contar à Marilla e à sra. Lynde tudo o que eu fiz, Anne?

– Não, querido, não contarei a ninguém. Você já está triste o suficiente por ter feito essas coisas erradas, não está?

– Estou sim!

– E nunca mais vai ser malvado assim, não é?

– Não, mas... – acrescentou, ousado mas cauteloso – pode ser que eu seja malvado de outra forma.

– Promete que não vai mais dizer palavrões nem fugir da igreja e da escola dominical ou contar mentiras para encobrir seus pecados?

– Eu prometo. Isso não vale a pena.

– Bem, Davy, então vá rezar, diga a Deus que lamenta muito e peça perdão a Ele.

– Você me perdoa, Anne?

– Sim, querido.

– Então não me importa se Deus perdoa ou não! – exclamou, com alegria.

– Davy!!!

– Ah! Vou pedir a Ele também... Vou pedir... – balbuciou rapidamente, descendo da cama e convencido, pelo tom de Anne, que devia ter dito algo terrível. – Não me importo de pedir perdão a Ele, Anne. “Por favor, Deus, estou muito arrependido por ter sido mau hoje e prometo que vou tentar ser sempre bonzinho aos domingos, e, por favor, me perdoe.” Aí está, Anne!

– Bem, agora vá para a sua cama como um bom menino.

– Está bem. Ora, não estou mais me sentindo “miserável”! Agora me sinto bem. Boa noite.

– Boa noite, querido.

Aliviada, Anne se recostou no travesseiro e deu um suspiro. Ah, estava tão exausta! E no mesmo instante...

– Anne! – Davy estava de volta à sua cama. Anne entreabriu os olhos mais uma vez.

– O que foi agora, querido? – perguntou, esforçando-se para não deixar transparecer sua impaciência na voz.

– Anne, você já viu como o sr. Harrison cospe? Você acha que, se eu praticar bastante, um dia vou cuspir que nem ele?

Anne sentou-se aborrecida e disse com veemência:

– Davy Keith, vá imediatamente para a sua cama e não me deixe pegá-lo acordado de novo nesta noite! Ande, vá agora!

E Davy saiu correndo, sem questionar as razões.



O CHAMADO

Após o vagaroso cair da tarde, Anne e Ruby se sentaram no jardim dos Gillis e lá contemplaram o sol se pôr atrás das árvores. Aquela foi uma tarde de verão quente e cheia de brumas: o mundo era um esplendor de flores desabrochando; os vales tranquilos repousavam sob a névoa; as trilhas do bosque estavam adornadas de sombras e os ásteres punham sua nota de cor púrpura nos prados.

Anne havia desistido de um passeio ao luar até a praia de White Sands para que pudesse passar a tarde com Ruby. Muitas tardes haviam passado naquele verão na companhia da amiga. No entanto, questionava-se frequentemente se essas visitas faziam bem para ambas, de modo que várias vezes foi embora decidida a não mais voltar.

A palidez de Ruby aumentava à medida que o verão passava. Aquela intenção de lecionar na escola de White Sands ficara para trás, uma vez que seu pai preferiu que ela não repousasse até o ano-novo. Seus amados trabalhos de crochê caíam cada vez mais de suas mãos, que ficaram muito fracas para segurar a agulha. Contudo, Ruby parecia sempre alegre e esperançosa enquanto falava sobre seus pretendentes, suas rivalidades e suas angústias, sendo exatamente isso que tornava as visitas de Anne ainda mais difíceis. O que alguma vez havia sido tolo ou divertido agora tornara-se trágico: era a morte espiando através de uma teimosa máscara de vida. Ainda assim, a enferma amiga parecia agarrar-se ainda mais a Anne, nunca deixando-a partir sem a promessa de uma próxima visita. A sra. Lynde resmungava por causa das frequentes visitas de Anne, declarando que a jovem acabaria por contrair aquela mortal doença também e até mesmo Marilla passou a acreditar nisso.

– Todas as vezes que vai visitar Ruby, vejo você voltar para casa com esse ar de cansaço – ela comentou, um dia.

– É tão triste e assustador – disse Anne, em voz baixa. – Ruby não parece ter a mínima ideia da gravidade de seu estado. E, ainda assim, sinto que ela implora por ajuda e eu quero ajudá-la, mas não sei como. Durante todo o

tempo que estou com ela, sinto como se estivesse observando-a lutar contra um inimigo invisível... Ela tenta derrotá-lo com a pouca força que lhe resta. Talvez seja por isso que volto para casa tão exausta.

Contudo, naquela noite, Anne não a viu lutar com tanta intensidade. O silêncio de Ruby estava de se estranhar, pois ela não pronunciara uma só palavra sequer: nem sobre festas, passeios, vestidos ou rapazes. Usava um xale branco em torno de seus magros ombros e estava reclinada na rede. Ao seu lado havia um crochê intocado. Suas longas tranças loiras, como Anne um dia invejara nos tempos de escola, caíam dos dois lados sobre o peito. Havia tirado os grampos, pois afirmava que estes lhe davam dores de cabeça. Sua face corada desaparecera por ora, tornando seu rosto pálido e infantil.

Surgia no céu uma lua prateada, a qual conferia às nuvens ao redor um brilho perolado. Logo abaixo, o lago refletia a imagem trêmula com um brilho indefinido. Um pouco além da fazenda dos Gillis localizava-se a igreja e, logo atrás, um velho cemitério. O luar destacava as lápides brancas, as quais tinham seus contornos salientados na sombra das árvores logo atrás.

– Não havia reparado, mas o cemitério fica tão estranho sob a luz da lua! – exclamou Ruby, de repente. – Que fantasmagórico! – acrescentou, estremecendo. – Anne, você sabe que agora não falta muito para que eu esteja enterrada lá. É tão injusto! Você, Diana e os demais andarão pelo mundo, cheios de vida... E eu... Eu estarei lá, no velho cemitério... Morta!

A confissão feita por Ruby deixou Anne totalmente surpresa e confusa. Por alguns instantes, ela não conseguiu pronunciar sequer uma palavra.

– Você sabe disso, não sabe? – perguntou Ruby, com insistência.

– Sim, eu sei – respondeu Anne, em voz baixa. – Querida Ruby, eu sei.

– Todos já sabem – prosseguiu, amargurada. – Eu sei... Soube neste verão, mas não queria resignar-me. E, ah, Anne – ela estendeu o braço e agarrou suplicante a mão da amiga, impulsivamente –, eu não quero morrer. Tenho tanto medo de morrer.

– E por que você tem medo, Ruby? – perguntou Anne, calmamente.

– Porque... Porque... Ah, não tenho medo de morrer, mas de ir para o céu, Anne. Sou membro da igreja, mas tudo será tão diferente! Eu penso, penso, e fico tão assustada... E... E com saudade de casa. O céu deve ser lindo, é claro, ao menos a Bíblia assim o diz, mas Anne, não será como eu estou acostumada!

Na mente de Anne, veio-lhe uma intrusa lembrança de uma história engraçada que ouvira de Philippa Gordon: a história de um velho homem

que disse exatamente a mesma coisa sobre o mundo porvir. Naquele momento, parecera engraçada e lembrou-se de como ela e Priscilla riram disso. Porém, agora, era diferente e não havia nenhum humor vindo dos lábios trêmulos e pálidos de Ruby. Era triste, trágico e real! Certamente o céu não seria igual ao que Ruby estava acostumada. Nada em sua vida alegre e frívola, em seus ideais e aspirações vazios, a teria preparado para aquela grande mudança, ou mesmo que lhe permitisse imaginar a vida futura de outro modo que não fosse estranho, irreal e indesejável. Anne tentava desesperadamente dizer algo que pudesse consolá-la. Será que havia alguma coisa a ser dita?

– Eu acho, Ruby... – ela começou, hesitante, pois era difícil para Anne revelar a qualquer pessoa o que em seu coração ela pensava mais profundamente, ou as ideias recentes que lhe vinham tomar forma em sua cabeça a respeito dos grandes mistérios desta vida, as quais substituíam as concepções infantis, mais difícil ainda era falar sobre isso com a amiga moribunda – que talvez nós tenhamos conceitos bastante equivocados em relação ao céu e ao que nos aguarda após a morte. Não creio que seja uma vida tão diferente da que vivemos aqui, como nos é ensinado. Acredito que nós seguiremos apenas vivendo, quase como aqui, e que continuaremos sendo nós mesmos... O que difere é que será mais fácil sermos bondosos e buscarmos o melhor, pois todas as dificuldades e perplexidades terrenas desaparecerão e nós conseguiremos ver de forma mais clara. Não fique com medo, Ruby.

– Não posso evitar – contestou, tristemente. – Mesmo que esteja certa sobre o que me diz do céu, não se pode comprovar isso, talvez seja só a sua imaginação e não seja assim exatamente igual. Não pode ser! Eu quero mesmo é continuar vivendo aqui! Sou tão jovem, Anne. Ainda tenho tantas coisas para viver. Lutei tanto para chegar até aqui, mas, ao final, foi tudo em vão... Tenho que morrer... E deixar tudo que me é querido.

Anne foi condolente à amiga num pesar quase impossível de suportar. Não podia dizer mentiras reconfortantes, pois todo o desabafo de Ruby era uma terrível verdade. Ela estava abandonando tudo o que amava.

Seus tesouros estavam todos guardados na Terra, pois vivera apenas para os pequenos prazeres mundanos, as coisas efêmeras, e esqueceu-se das grandes coisas que seguem junto da alma até a eternidade e que constroem uma ponte sobre o hiato que há entre as duas vidas, fazendo da morte uma mera passagem entre tempos e lugares, como do anoitecer ao dia pleno.

Deus tomaria conta dela lá, assim Anne acreditava, e Ruby aprenderia. Porém, agora, não era de se admirar que sua alma se aferrasse num grande vazio, em cego desamparo, agarrada aos únicos tesouros que ela conhecia e amava.

Naquele momento, Ruby, como em suplício ao divino, apoiou-se num braço e ergueu ao céu enlutarado seus belos e brilhantes olhos azuis.

– Eu quero viver – disse, com embargo na voz. – Quero viver como as outras garotas. E... Me casar... Ter filhos... Você sabe, Anne, o quanto eu sempre adorei bebês. Eu não poderia dizer isso a mais ninguém, mas sei que você entende. E o meu pobre e querido Herb... Ele... Ele me ama, e eu a ele, Anne! Ele significa tanto para mim... Como nenhum outro significou... E, se eu pudesse viver, eu me casaria com ele e seria esposa dele. Eu seria tão feliz! Ah, Anne, como dói, como é difícil...

Afundando-se no travesseiro, Ruby chorou convulsivamente. Foi então que Anne apertou sua mão com agoniada e silenciosa compaixão e condolência, o que pareceu tê-la ajudado mais do que qualquer palavra antes dita, porque, aos poucos, ela foi se acalmando e cessaram os soluços.

– Estou muito aliviada por ter dito isso a você, Anne – sussurrou. – Colocar isso para fora, em voz alta, já me ajudou muito. Durante todo o verão, eu quis conversar sobre esse assunto com você. Todas as vezes que você vinha, eu tentava, mas não conseguia. Pensava que iria tornar a morte mais certa se eu falasse sobre ela, ou ainda que qualquer outra pessoa falasse ou desse a entender. Durante o dia, não ousava falar e nem sequer pensar nisso. Enquanto havia pessoas à minha volta, tudo estava alegre, não era tão difícil evitar pensar, mas na solidão da noite, quando eu não conseguia dormir, tudo ficava tão assustador, Anne! Não havia escapatória nesses momentos, pois a morte vinha e me encarava, olhando-me direto nos meus olhos. Eu ficava tão apavorada que poderia até gritar de medo.

– Mas agora o medo já passou, não é, Ruby? De agora em diante, você será corajosa e vai acreditar que tudo ficará bem...?

– Vou tentar, eu prometo. Vou pensar em tudo o que você me disse e tentarei acreditar. E você não deixará de me ver sempre que puder, não é, Anne?

– É claro que não, querida.

– Sinto que agora não vai demorar muito, Anne. Estou certa disso. E é você quem eu gostaria de ter ao meu lado nesse momento. Você é a amiga de quem eu sempre mais gostei, mais do que qualquer outra colega da

escola, pois nunca foi invejosa nem cruel como algumas outras. A pobre Emma White veio me ver ontem, se lembra de que ela foi a minha melhor amiga durante três anos, quando estudávamos juntas? E, então, tivemos uma briga na época do concerto na escola, e desde então nunca mais nos falamos. Foi uma grande tolice! Tudo agora me parece tão tolo e trivial, mas Em e eu resolvemos a velha disputa ontem. Ela me disse que teria voltado a falar comigo há anos, mas imaginava que eu não voltaria a falar com ela. E eu, a mesma coisa, pois nunca mais falei com ela, pois estava certa de que ela não falaria mais comigo. Não é estranha essa falta de compreensão que existe entre as pessoas, Anne?

– Você tem razão, Ruby. Eu acho que grande parte das confusões na vida advém da incompreensão. Preciso ir agora. Está ficando tarde e você também não deveria ficar exposta a essa umidade.

– Você voltará logo para me ver, não é?

– Sim, voltarei em breve. E caso haja qualquer coisa que eu puder fazer para ajudá-la, farei com muito gosto.

– Eu sei. Você já me ajudou muito. Nada me parece tão assustador agora. Boa noite, Anne.

– Boa noite, querida.

Sob a luz do luar, Anne foi caminhando lentamente para casa. Algo nela havia mudado naquele anoitecer. Encontrara outra razão de viver, um motivo mais profundo. Na superfície tudo podia parecer igual, mas seu interior foi remexido. As coisas com ela deveriam acontecer diferentemente de como foram com a pobre borboleta Ruby. Quando sua hora chegasse, não contemplaria o porvir com um medo paralisante de algo completamente diferente ou algo para o qual seus pensamentos, ideais e aspirações cotidianos não a houvessem preparado. Os pequenos prazeres da vida mundana, doces e excelentes em seu momento, não deveriam ser a finalidade de toda sua existência. Ao contrário disso, os mandamentos divinos deveriam ser buscados e seguidos e então a vida celestial deveria começar aqui na Terra.

Aquele adeus no jardim foi o último. Anne nunca mais viu Ruby em vida. Na noite seguinte, a Sociedade Beneficente de Avonlea se reuniu numa celebração de despedida para Jane Andrews, que partiria para o Oeste. E, enquanto pés ágeis dançavam, olhos brilhantes riam e línguas alegres conversavam, uma alma foi chamada em Avonlea, um chamado que não pode ser ignorado e do qual não se pode escapar. Na manhã seguinte,

espalhou-se de casa em casa a notícia da morte de Ruby Gillis. Faleceu dormindo, serena e sem dor, e em seu rosto havia um sorriso, como se a morte, afinal, tivesse vindo como uma boa amiga para guiá-la pelos portões, e não como um terrível e apavorante fantasma que ela tanto temera.

Após o funeral da jovem, a sra. Lynde declarou enfaticamente que Ruby Gillis era a defunta mais bonita que ela já havia contemplado. Sua beleza, enquanto jazia vestida de branco entre as delicadas flores que Anne dispusera contornando o cadáver da menina, fora por muitos anos lembrada e comentada em Avonlea. Ruby sempre fora bela, mas sua beleza era terrena, mundana e possuía uma qualidade arrogante, como se a ostentasse diante dos olhos que a observavam. O espírito ofuscava-se atrás de todo o brilho de sua formosura, nem mesmo o intelecto a havia refinado, porém a morte havia tocado e consagrado sua beleza, destacando os delicados matizes e a pureza dos contornos nunca antes percebidos, fazendo o que a vida, o amor, as profundas tristezas e as grandes alegrias da feminilidade poderiam ter feito por ela. Anne, contemplando em prantos a amiga de infância, pensou ter visto em seu rosto o semblante que Deus lhe destinara, e assim se lembrou de Ruby para todo o sempre.

A sra. Gillis chamou Anne à parte para um quarto vazio, antes que o cortejo fúnebre deixasse a casa e entregou-lhe um pequeno pacote.

– Quero que fique com isto. – Anne soluçou. – Ruby gostaria que isso ficasse com você. É o centro de mesa que ela estava bordando. Não está terminado... E a agulha está cravada exatamente onde seus pobres dedinhos a enfiaram pela última vez em que teceu, na tarde anterior à sua morte.

– Sempre fica algo inacabado – comentou a sra. Lynde, com lágrimas nos olhos. – Mas suponho que sempre haja alguém que o termine.

– É tão difícil compreender que alguém que você sempre conheceu possa estar morto de verdade – disse Anne, enquanto caminhava para casa com Diana. – Ruby é a primeira de nossas amigas a partir. Uma a uma, cedo ou tarde, todas nós também partiremos.

– Sim, creio que sim – assentiu Diana, inquieta. Não queria falar sobre isso. Teria preferido discutir os detalhes do funeral: o esplêndido caixão forrado de veludo branco que o sr. Gillis comprara para a filha; “os Gillis têm que ostentar sempre, até mesmo nos funerais”, disse a sra. Lynde, o triste semblante de Herb Spencer; o pranto histérico e incontrolável de uma das irmãs de Ruby. Anne não queria falar nessas coisas, parecia envolta num

devaneio, o qual dava a Diana a solitária sensação de nada ter a ver com isso.

– Ruby Gillis era uma moça muito risonha! – exclamou Davy, de repente.

– Ela vai rir tanto no céu quanto ria aqui em Avonlea, Anne? Quero saber.

– Eu creio que sim, Davy – respondeu Anne.

– Ah, Anne! – protestou Diana, um pouco chocada.

– Ora, e por que não, Diana? Você acha que nunca iremos sorrir no céu? – perguntou Anne, seriamente.

– Ah... Eu... Eu não sei – balbuciou, atrapalhada. – É que, de alguma maneira, não me parece correto. Ora, você sabe que é muito feio rir na igreja, não é?

– Mas o céu não será como a igreja. Não o tempo inteiro – replicou Anne.

– Espero mesmo que não seja! – disse Davy, com muita ênfase. – Se for, eu é que não quero ir para lá. A igreja é chatíssima. De qualquer maneira, eu não quero ir para lá tão cedo. Quero chegar aos cem anos, como o sr. Thomas Blewett de White Sands. Ele disse que vive tanto assim porque sempre fumou e que o tabaco mata todos os germes. Posso fumar tabaco logo, Anne?

– Não, Davy, e eu espero que você nunca fume tabaco – respondeu, distraída.

– Então, o que você vai sentir se os germes me matarem? – exigiu o garoto.



UM SONHO DISTORCIDO

– Só mais uma semana e estaremos de volta a Redmond – disse Anne.

A ideia de retornar aos estudos, às aulas e aos amigos de Redmond a deixava feliz, assim como a Casa da Patty também era motivo de sonhos agradáveis. Esse pensamento trazia consigo uma calorosa e prazerosa sensação de lar, ainda que nunca houvesse vivido ali.

O verão em Avonlea, contudo, também havia sido uma época feliz ou um bom período para se viver, devido aos dias quentes e ensolarados, um tempo de imenso deleite das coisas que lhe davam vida, tempo esse de renovação e aprofundamento das antigas amizades, em que Anne aprendeu a viver com mais nobreza, a trabalhar com mais paciência e a se divertir com mais alegria.

“Nem tudo se aprende na faculdade” – pensou. “A vida é professora em todos os lugares.”

Porém, para a infelicidade de Anne, a última semana de suas maravilhosas férias foram arruinadas por acontecimentos que certamente gostaria de esquecer, pois mais parecia um pesadelo.

– Você ainda tem escrito histórias? – inquiriu o sr. Harrison, cordialmente, numa tarde em que Anne fora tomar chá na companhia dele e de sua esposa.

– Não – respondeu, ligeiramente ríspida.

– Ah, Anne, eu não quis ofendê-la. É que a sra. Hiram Sloane me contou, outro dia, que um grande envelope, endereçado à Companhia de Fermentos Rollings Reliable, de Montreal, havia sido entregue no posto dos correios. Então, ela suspeitou que alguém de Avonlea estivesse concorrendo ao prêmio oferecido pela empresa para a melhor história que citasse o nome do produto. Ela disse que não estava endereçado com a sua caligrafia, mas pensei que você pudesse ter enviado.

– É claro que não! Vi o anúncio do prêmio, mas nem me passou pela cabeça competir, pois seria uma completa desgraça escrever uma história para fazer propaganda de um fermento em pó. Seria quase tão estúpido

quanto o anúncio da companhia farmacêutica que Judson Parker queria pôr na cerca de sua fazenda.

Assim, soberbamente, Anne falou, sem imaginar a grande humilhação que a esperava naquela mesma tarde, que foi quando Diana apareceu em seu quartinho do lado leste do sótão, carregando uma carta, cheia de brilho nos olhos e as bochechas coradas pela empolgação.

– Ah, Anne, chegou uma carta para você! Eu estava no posto dos correios, então pensei em trazê-la até você. Abra rápido! Se for o que estou pensando, vou pular de alegria!

Anne, confusa com tudo aquilo, afinal, não esperava a chegada de nenhuma a carta, abriu-a e leu o conteúdo datilografado.

Senhorita *Anne Shirley*,
Green Gables,
Avonlea, Ilha de Prince Edward.

Prezada senhorita: Temos o imenso prazer de informar-lhe que sua adorável história intitulada "A Expição de Averil" ganhou o prêmio de vinte e cinco dólares oferecido em nossa última competição. Incluímos nesta carta o cheque no referido valor. Estamos preparando a publicação em vários jornais importantes do Canadá e temos a intenção de imprimi-la em folhetins para a distribuição entre nossos clientes. Agradecemos o interesse demonstrado por nossa companhia e ficamos ao seu dispor.

Atenciosamente,
Rollings Reliable
Companhia de Fermentos

– Eu não compreendo – balbuciou Anne, atordoada. Diana aplaudiu.

– Ah, eu sabia que você ganharia o prêmio! Tinha certeza disso! Eu mesma enviei a sua história para a competição, Anne!

– Diana... Barry!

– Sim, enviei – prosseguiu, muito contente, sentando-se na cama. – Quando vi o anúncio, lembrei imediatamente do seu conto e, à princípio, pensei em sugerir que você enviasse, mas tive receio de que não quisesse mandar, pois você tinha tão pouca fé! Então, decidi enviar a cópia que você me deu, sem te dizer nada. Se não ganhasse o prêmio, você nunca ficaria sabendo e não se sentiria mal por isso, porque os contos recusados não são devolvidos e, se ganhasse, ficaria feliz com essa maravilhosa surpresa!

Diana não era muito perspicaz. No entanto, sentiu que Anne não parecia estar exatamente feliz com a notícia. A surpresa estava ali, sem dúvida, mas onde estaria a maravilha?

– Ora, Anne, você não me parece nem um pouco alegre!

Anne, para não decepcionar a amiga, logo produziu um sorriso e o estampou no rosto.

– É claro que estou! O que mais eu poderia estar sentindo nesse momento, senão alegria pelo seu generoso gesto para me agradar? – respondeu, lentamente. – Mas, sabe... estou tão confusa... não faço ideia... e não entendo. Não escrevi uma só palavra na minha história sobre... sobre – Anne se engasgou um pouco nesta palavra – sobre fermento em pó.

– Ah, fique tranquila, eu escrevi essa parte! – explicou Diana. – Foi tão fácil quanto um piscar de olhos, e é claro que contei com a minha experiência de nosso velho Clube de Contos. Você se lembra daquela cena em que a Averil faz o bolo? Pois bem... só afirmei que ela usou o fermento Rollings Reliable no preparo e que por isso havia ficado tão gostoso. E também, no último parágrafo, quando Perceval toma Averil nos braços e diz: “Querida, os maravilhosos anos vindouros nos trarão a concretização de nossa casa dos sonhos”, eu acrescentei: “na qual só usaremos o fermento em pó Rollings Reliable.”

– Ah! – perdera o ar a pobre Anne, como se alguém lhe houvesse jogado um balde de água fria.

– E você ganhou os vinte e cinco dólares! Não é ótimo? – continuou Diana, em regozijo. – Ora, ouvi, certa vez, a Priscilla dizer que a revista *Mulher Canadense* paga somente cinco dólares por história!

Anne segurava o odioso cheque nos dedos trêmulos.

– Não posso ficar com isto. É seu por direito, Diana. Você enviou o conto e fez as alterações. Eu... eu certamente nunca teria enviado. Então você deve ficar com o cheque.

– Ora, o que fiz não foi nada! – exclamou Diana, com desdém. – É uma honra para mim ser amiga da vencedora, e isso é o suficiente. Bem, tenho que ir. Devia ter ido direto do correio para casa, pois estamos com visitas, mas eu não podia deixar de vir aqui antes para saber das novidades. Estou tão feliz por você, Anne.

Anne deu um passo à frente e repentinamente abraçou Diana, beijando-a no rosto.

– Você é a amiga mais doce e verdadeira que existe, Diana – ela disse, com um leve tremor na voz –, e estou certa de suas boas intenções ao fazer o que fez.

Sentindo uma mistura de satisfação e constrangimento, Diana foi embora e a pobre Anne, depois de largar o inocente cheque na gaveta da escrivaninha como se fosse um dinheiro maldito, atirou-se na cama a chorar lágrimas de vergonha e sensibilidade ultrajada. Ah, como ela conseguiria sobreviver a isto?

Ao entardecer, Gilbert chegou com a intenção de felicitá-la, pois soube das novidades ao passar por Orchard Slope, porém sua empolgação logo desvaneceu ao ver o rosto de Anne.

– Ora, Anne, o que houve? Esperava encontrá-la radiante por ter conquistado o prêmio do Rollings Reliable. Não foi bom para você?

– Oh, Gilbert, você não! – implorou Anne, num tom de “até tu, Brutus?”.

– Pensei que você entenderia! Não percebe o quanto isso é terrível?

– Não entendo. O que há de tão errado nisso?

– Tudo! – lamentou Anne. – Sinto como se estivesse eternamente desgraçada! O que você acha que uma mãe sentiria se descobrisse que um filho seu havia tatuado um anúncio de fermento em pó no corpo? Pois é exatamente assim que me sinto agora. Eu amava minha pobre historinha, que escrevi com tudo o que havia de melhor em mim. É simplesmente um sacrilégio degradá-la ao nível de uma propaganda de fermento! Não se lembra de quando o professor Hamilton nos dizia, nas aulas de literatura na Queen’s, que jamais deveríamos escrever uma só palavra com um propósito baixo ou um motivo desprezível, e que sempre precisávamos nos aferrar aos mais altos ideais? O que ele vai pensar quando souber que eu escrevi um conto para fazer propaganda do Rollings Reliable? E pior! Quando souberem disso em Redmond, imagine o quanto vão zombar de mim!

– Isso não – respondeu Gilbert, incomodado, questionando-se se o que tanto preocupava Anne seria a opinião de um maldito aluno do terceiro ano.

– Os Reds pensarão exatamente o que eu pensei: que você, como nove em cada dez de nós, não está nadando em dinheiro e escolheu esse meio para ganhar um dinheiro honesto que vai ajudá-la durante o ano. Não há nada degradante ou indigno nisso, nem nada ridículo também. Certamente todos gostariam de escrever obras-primas da literatura, mas enquanto isso, a hospedagem e as mensalidades devem ser pagas.

Anne ficou um pouco mais conformada com esta visão sensata e pragmática de Gilbert, que a animou um pouco. Ao menos, afastara o temor de ser considerada uma piada, embora seus ultrajados ideais tenham permanecido tremendamente feridos.



RELAÇÕES AFINADAS

– É o lugar mais aconchegante em que já estive! Mais até do que a minha própria casa – declarou Philippa Gordon, olhando ao redor com satisfação.

Naquele fim de tarde, estavam todas reunidas na espaçosa sala de estar da Casa da Patty: Anne e Priscilla, Phil e Stella, tia Jamesina, Rusty, Joseph, a Gata-Sarah, e Gog e Magog. Nas paredes, sombras oriundas do fogo da lareira dançavam. Os gatos ronronavam e um enorme vaso com crisântemos de estufa, enviados por uma das vítimas de Phil, se destacava na penumbra dourada, parecendo luas cor de creme.

Haviam se passado três semanas desde que se consideraram bem acomodadas e todas já acreditavam que havia sido uma excelente ideia. Os primeiros quinze dias após o retorno a Kingsport foram de grande entusiasmo. Estiveram bastante atarefadas, dando conta de arrumar seus pertences no lugar, organizar a casa e ajustar opiniões distintas.

Dada a hora de voltar à faculdade, Anne não lamentou por deixar Avonlea. Os últimos dias de férias foram bastante desagradáveis. Para seu descontentamento, sua história premiada fora publicada nos jornais da Ilha, de modo que sobre o balcão do armazém do sr. William Blair havia uma enorme pilha de folhetins cor-de-rosa, verdes e amarelos, os quais continham o conto e que ele entregava a cada um de seus fregueses. Por cortesia, enviou um fardo para Anne, o qual ela ateou fogo logo que recebera. Sua humilhação era mera consequência de seus ideais, visto que toda Avonlea concordava que era esplêndido ela ter sido a vencedora do prêmio.

Os inúmeros amigos a olhavam com sincera admiração, e alguns poucos inimigos, com desdenhosa inveja. Josie Pye, por exemplo, alegou acreditar que Anne havia copiado a história, pois tinha certeza de já tê-la lido num jornal, alguns anos antes. A família Sloane, que havia descoberto ou desconfiava que Charlie fora rejeitado, considerava que não havia nada demais para Avonlea se orgulhar, porque praticamente qualquer um que tentasse poderia escrever um conto. Tia Atossa, por sua vez, disse a Anne que lamentava muito saber que ela se dedicava a escrever romances, porque

ninguém nascido e criado em Avonlea faria algo assim e que “era nisso que dava adotar órfãos de sabe lá Deus onde, com genitores do tipo que só Deus sabe onde, com só Deus sabe que tipo de genitores”. Até mesmo a sra. Rachel Lynde tinha sérias dúvidas sobre a decência de escrever histórias, ainda que ponderasse que era boa atividade ao ver o cheque de vinte e cinco dólares.

– É surpreendente o preço que pagam por tais fábulas, isto é que é – disse ela, num misto de orgulho e severidade.

Consideradas todas essas coisas, Anne ficou muito aliviada quando foi chegada a hora de partir. Para ela, era muito bom estar de volta a Redmond, agora convertida em uma aluna do segundo ano, sábia e experiente, junto com seus amigos para saudar o alegre primeiro dia de aula. Prissy, Stella e Gilbert estavam lá; Charlie Sloane, com ares de importância maiores do que o de qualquer outro aluno veterano; Phil, com a questão sobre Alec e Alonzo ainda não resolvida; e Moody Spurgeon MacPherson, que estivera lecionando numa escola desde que saíra da Queen’s Academy, porém sua mãe decidiu que seria melhor para ele voltar sua atenção para aprender a ser ministro. O pobre rapaz tivera grande azar no início de sua vida universitária, pois meia dúzia de impiedosos veteranos, que eram seus colegas de quarto na hospedaria, certa noite se lançaram sobre ele e lhe raspam a metade da cabeça. Então, o infeliz Moody teve de esperar até que seus cabelos crescessem novamente. Contou, com amargura, à Anne que havia momentos em que duvidava de ter realmente recebido o chamado para ser pastor.

Tia Jamesina só veio à Casa da Patty quando as meninas arrumaram tudo para sua chegada. Senhorita Patty enviara a chave para Anne com uma carta na qual dizia que Gog e Magog estavam embalados numa caixa embaixo da cama do quarto de hóspedes, mas que poderiam ser retirados quando elas quisessem. Agregou um pós-escrito, o qual dizia esperar que as moças tomassem cuidado ao pendurar quadros, uma vez que fazia apenas cinco anos que o papel de parede fora trocado, e ela e senhorita Maria não queriam mais furos no novo papel além dos que fossem absolutamente necessários. Para todo o resto, confiavam em Anne.

Como as meninas se divertiram colocando a casa em ordem! Foi quase tão bom quanto se casar, como disse Phil, mas com a vantagem de poderem desfrutar de toda a alegria de preparar o lar sem um marido para se aborrecerem. As moças levaram consigo coisas para enfeitar a casinha ou ao

menos torná-la mais confortável. Prisy, Phil e Stella possuíam bibelôs e quadros em abundância, os quais penduraram posteriormente de acordo com o gosto de cada uma, em total incúria com o novo papel de parede da senhorita Patty.

– Quando formos embora, cobriremos os furos, querida! Ela nunca saberá – elas diziam, diante das advertências de Anne.

Anne havia recebido de Diana um alfineteiro cuja base era toda talhada em madeira de pinheiro; a senhorita Ada presenteou a ela e Priscilla com outro alfineteiro maravilhosamente bordado; Marilla lhe enviou uma enorme caixa de compotas, dando a entender misteriosamente sobre outra cesta que enviaria para o dia de Ação de Graças; e a sra. Lynde deu a Anne de presente uma colcha de *patchwork*, além de emprestar outras cinco.

– Você deve levá-las – disse, de forma autoritária. – Melhor que as use do que fiquem empacotadas dentro do baú e serem comidas por traças.

Nenhuma praga dessas jamais ousaria aproximar-se das colchas, pois estas exalavam um odor tão forte de naftalina que precisaram ficar penduradas no pomar da Casa da Patty por, no mínimo, quinze dias antes que pudessem ser usadas. Para falar a verdade, a aristocrática Avenida Spofford raramente contemplara uma exposição como aquela. O velho e rabugento milionário que morava na propriedade ao lado, ao aproximar-se da casa, propôs que Anne vendesse a ele a belíssima colcha amarela e vermelha estampada com tulipas, a qual a sra. Lynde havia lhe dado de presente. Contou-lhe que sua mãe costumava tecer colchas como aquela e, por Deus, desejava tanto adquirir uma daquela para que pudesse se lembrar dela. Anne, porém, não a venderia, para o desapontamento do vizinho, mas relatou, em carta, o episódio para a sra. Lynde, que satisfeitíssima em saber, enviou-lhe uma resposta que dizia possuir outra colcha igual àquela, de modo que o rei do tabaco enfim conseguiu sua colcha e fez enorme questão de colocá-la sobre a cama, para o desprazer de sua requintada esposa.

As colchas da sra. Lynde vieram bem a calhar naquele inverno. A Casa da Patty, apesar de ser um bom lugar, também tinha seus defeitos. A casa era bastante fria e ao chegarem as noites gélidas, as moças ficaram muito contentes com o aconchego que as colchas proporcionavam, e esperavam que a sra. Lynde fosse agraciada com um passe garantido ao reino dos céus por conta desse empréstimo. Anne ficou com o quarto azul, o qual cobiçara desde a primeira visita. Priscilla e Stella ficaram com o maior. Phil ficou contentíssima com o seu pequeno quarto acima da cozinha e tia Jamesina

ficou com o outro do andar térreo, que ficava ao lado da sala de visitas. Rusty, a princípio, dormia na soleira da porta.

Alguns dias após sua chegada, enquanto Anne voltava de Redmond para a Casa da Patty, percebeu que as pessoas que passavam por ela na rua, a olhavam com um sorriso dissimulado e indulgente. Incomodada, questionou-se o que poderia haver de errado consigo. Será que o chapéu estava mal posto? O cinto estava solto? Quando olhou para trás para investigar, viu que Rusty a seguia.

Caminhando logo atrás dela, quase esfregando-se em seus calcanhares, ali estava o mais lastimável tipo de felino, o qual ela jamais havia visto. O gato já não era jovem e estava fraco, magro e tinha um aspecto horrível. Suas orelhas tinham pedaços faltando, um dos olhos estava em péssimo estado e um lado da face estava terrivelmente inchado. Com relação à cor, se alguma vez aquele gato tivera sido preto, teve a pelagem queimada, tendo como resultado uma tonalidade desbotada, com pelo ralo, sem graça e imundo.

Anne tentou espantá-lo, mas o gato ignorou os seus gritos de “xô!”. Enquanto estava parada, o animal se sentou encarando-a com reprovação do seu único olho bom, mas quando ela retomou o passo, ele a seguiu. Anne resignou-se com sua companhia até chegar ao portão da Casa da Patty, o qual fechou friamente na cara do felino, esperando ingenuamente não ter mais notícias dele. Porém, quinze minutos depois, quando Phil abriu a porta, lá estava o gato enferrujado no degrau! E mais: ele entrou depressa na casa e saltou para o colo de Anne, miando suplicante e triunfantemente.

– Anne, esse animal é seu? – indagou Stella, severamente.

– Não, não é! – protestou, indignada. – Seguiu-me até aqui, vindo só Deus sabe de onde! Não consegui me livrar dele. Ugh, saia de cima de mim! Gosto muito de gatinhos decentes, mas detesto bestas com a sua aparência.

O bichano, entretanto, nem fazia menção de descer. Acomodou-se tranquilamente no colo de Anne e começou a ronronar.

– Ele adotou você, Anne – sorriu Priscilla.

– Mas eu me recuso a ser adotada por esse bicho – respondeu, obstinada.

– A pobre criaturinha está faminta – observou Phil, cheia de compaixão. – Ora, veja como está magro, praticamente pele e osso!

– Bem, eu darei um pote de comida reforçado e depois ele que se vire. Que volte para o lugar de onde veio – disse Anne, resoluta.

Uma vez alimentado, o bichano foi posto para fora. Pela manhã, porém, ele ainda estava no degrau da porta. E lá ele continuava, saltando para dentro

da casa sempre que via uma brecha. Nenhuma fria recepção abalava o animal, nem ele dava importância a ninguém, exceto a Anne. Com pena dele, as jovens o alimentaram durante uma semana, mas ao final desta, decidiram que deveriam tomar uma providência. O aspecto do gato havia melhorado. Já não estava mais caolho e a face voltara ao normal. Já não estava mais tão magro e elas o viram lavando o focinho.

– Mas, ainda assim, não podemos ficar com ele – afirmou Stella. – Tia Jamesina chegará na próxima semana e a Gata-Sarah virá com ela. Não podemos ter dois gatos, pois esse Rusty brigaria o tempo todo com a pobre e delicada gatinha. Vê-se que é um brigão por natureza! Ontem mesmo, durante a noite, ele travou uma terrível batalha contra o gato do rei do tabaco e venceu, cavalaria, infantaria e artilharia!

– A senhora tem razão. Precisamos nos livrar dele – concordou Anne, enquanto olhava severamente para o objeto da discussão, que, como se fosse um manso cordeirinho, ronronava sobre o tapete diante da lareira. – Mas como faremos isso? Como quatro indefesas donzelas podem se livrar de um gato que não quer ir embora?

– Poderíamos fazê-lo dormir com clorofórmio – sugeriu Phil, bruscamente. – É, ao menos, a maneira mais humana.

– Quem de nós sabe alguma coisa sobre dar clorofórmio para fazer dormir um gato de maneira humana? – perguntou Anne, tristemente.

– Eu sei, querida. É uma das minhas poucas, mas tristes, habilidades úteis. Já me desfiz de alguns dessa forma em minha casa e garanto que não há dor nem luta.

E Phil explicou-lhes o procedimento detalhadamente.

– Parece fácil – disse Anne, um pouco em dúvida.

– É fácil! Deixe comigo que eu darei um jeito – assegurou Phil.

Conforme o combinado, fizeram os preparativos e, na manhã seguinte, Rusty foi atraído para o seu destino. O animal comeu seu desjejum, lambeu os beiços e subiu no colo de Anne. O coração de Anne ficou apreensivo. A pobre criaturinha a amava e confiava nela. Como poderia ela traí-lo dessa forma?

– Aqui, leve-o – disse, rapidamente e com o coração partido. – Estou me sentindo uma assassina.

– Ele não vai sofrer, você sabe – confortou Phil, porém Anne já não estava mais ali.

O ato fatal foi realizado na varanda dos fundos. Naquele dia, ninguém se aproximou dali. Mas, ao entardecer, Phil declarou que Rusty deveria ser enterrado.

– Prissy e Stella devem cavar o túmulo no pomar e Anne e eu ergueremos a caixa. Eu odeio esta parte.

Aproximaram-se as duas conspiradoras na ponta dos pés. No chão, havia uma caixa de madeira e em cima desta uma pedra. Phil, então, levantou a pedra com muito cuidado. De súbito, fraco, mas claramente, ouviu-se um inconfundível miado que vinha debaixo da caixa.

– Ele... Ele está vivo – gaguejou Anne, sentando-se estupidamente nos degraus da porta da cozinha.

– Não é possível, Anne. Tem que estar morto! – exclamou Phil, incrédula.

Mas outro miadinho provou que Phil estava errada. As duas moças, então, se entreolharam.

– O que faremos agora? – questionou Anne.

– Por que, em nome de Deus, vocês não vieram? O que vocês estão esperando? – reclamou Stella, aparecendo na soleira. – O túmulo já está pronto. “O quê? Ainda calados? Todos calados?” – citou, zombando.

– “Ah, não, as vozes dos mortos soam como longínqua queda d’água” – contra-atacou Anne, prontamente, apontando para a caixa com seriedade.

A gargalhada geral quebrou a tensão.

– Temos que deixá-lo aqui até amanhã de manhã – disse Phil, recolocando a pedra. – Faz cinco minutos que ele não mia. Talvez estivesse agonizando, ou talvez só estejamos imaginando os miados porque estamos sentindo a culpa em nossa consciência pesada.

Todavia, quando a caixa foi erguida pela manhã, o inocente animal saltou alegremente no ombro de Anne e lambeu-lhe afetuosamente o rosto. Nunca houve um gato tão decidido a viver como este.

– Há um buraco na caixa – murmurou Phil. – Não havia visto. Foi por isso que ele não morreu. Agora teremos que fazer tudo novamente.

– Não vamos, não! – declarou Anne, de repente. – Rusty não vai ser assassinado outra vez! Ele é meu gato... E vocês que aceitem isso.

– Oh, meu bem, então você deverá se acertar com Tia Jamesina e a Gata-Sarah – disse Stella, com um ar de quem lavara as mãos sobre a questão.

Daquele momento em diante, Rusty tornou-se parte da família. À noite, dormia no tapete da porta da varanda dos fundos e comia tudo do bom e do

melhor. Quando tia Jamesina chegou, ele estava gordo, com o pelo lustroso e parecia respeitável.

Entretanto, assim como o gato de Kipling, Rusty “andava sozinho” e suas garras afiadas estavam contra todos os outros gatos, e as de todos os outros gatos estavam contra ele. Um a um, ele massacrou todos os aristocratas felinos da Avenida Spofford. Quanto aos humanos, ele amava Anne e somente Anne, isso quer dizer que ninguém além dela se atrevia a acariciá-lo, pois, quem o tentasse fazer, era recebido com ferozes arranhões que mais pareciam insultos.

– Não tolero a empáfia desse gato – comentou Stella.

– Ele é só um velho bichano bonzinho, não fale assim dele – disse Anne, protegendo seu gatinho de estimação.

– Bem, não imagino como ele e a Gata-Sarah vão conviver – prosseguiu Stella, com pessimismo. – Brigas de gatos no jardim, a noite inteira, já são bem ruins, mas aqui dentro, bem na sala de estar, será um horror.

Em determinado momento, tia Jamesina chegou. Anne, Priscilla e Phil esperavam sua chegada com algumas reservas, e quando ela chegou, sentou-se na cadeira de balanço diante do fogo da lareira, de modo que as jovens se inclinaram e a adoraram.

Tia Jamesina era uma pequena velhinha, que tinha um rosto em formato levemente triangular e grandes e suaves olhos azuis, os quais guardavam o brilho de uma inextinguível juventude, tão cheios de esperança quanto os de uma menina. Tinha bochechas coradas e seus cabelos eram brancos como a neve, de modo que ficavam presos num curioso penteado em que seus cachinhos desciam pelas orelhas.

– É um penteado de antigamente – disse ela, enquanto tricotava cuidadosamente algo tão delicado e rosado quanto uma nuvem no ocaso. – Mas eu sou antiquada mesmo, meninas. Não só eu, como também minhas roupas e opiniões. Não digo que sejam melhores por isso, me entendam bem. Na verdade, ousa dizer que são até piores, mas são bem suportados. Sapatos novos certamente são mais elegantes, mas os velhos é que são os mais confortáveis – e continuou, sabiamente – Sou velha o bastante para fazer o que tenho vontade com meus sapatos e opiniões. Venho aqui para relaxar, imagino que vocês estivessem esperando que eu viesse aqui para cuidar e mantê-las no bom caminho. Ledo engano, pois eu não farei isso. Considero que vocês já são bem grandinhas para terem juízo, se é que terão algum dia.

Portanto, até onde me diz respeito, vocês podem se prejudicar à vontade – concluiu tia Jamesina, com uma piscadela de olho.

– Oh, alguém pode, por Deus, separar esses gatos? – implorou Stella, estremeando.

Dessa vez, Tia Jamesina trouxera consigo não só a Gata-Sarah, mas também Joseph. Este, explicava ela, fora de uma querida amiga que se mudou para Vancouver.

– Infelizmente, ela não pôde levá-lo, então implorou para que eu ficasse com ele e não pude recusar. Ele é um belo gato, quero dizer, em temperamento. Segundo ela, chamou-lhe de Joseph por conta de sua pelagem que tem várias cores.

E isso era verdade. Joseph, como dizia a desagradável Stella, parecia-se com uma bolsa de retalhos ambulante. Não era possível dizer qual cor predominava: as pernas eram brancas com pintas pretas; o dorso era cinza, com uma grande mancha amarela de um lado e preta do outro; a cauda era amarela com a ponta cinzenta; uma orelha era preta e a outra amarela. Tinha uma mancha preta sobre um dos olhos, que lhe conferia um semblante libertino. No entanto, o gato era manso, inofensivo e sociável. Sobre isto, diferentemente dos outros gatos, Joseph era como um lírio do campo: não se esforçava nem corria ou caçava ratos. Ainda assim, nem mesmo Salomão em toda sua glória dormira em almofadas tão macias ou desfrutara de manjares tão saborosos.

Joseph e a Gata-Sarah vieram de trem, em duas caixas separadas. Após terem sido soltos e alimentados, Joseph escolheu a almofada e o canto de que mais gostou, e a Gata-Sarah sentou-se diante da lareira e começou a lambar o focinho. Era uma gata grande, elegante, de pelagem cinza e branca, digna da nobreza real que não era, de modo algum, prejudicada pela consciência de sua origem plebeia. Fora dada de presente a tia Jamesina por sua lavadeira.

– O nome dela era Sarah, então meu marido sempre chamou a felina de Gata-Sarah – explicou tia Jamesina. – Ela tem oito anos e é uma excelente caçadora de ratos. Não se preocupe, Stella. A Gata-Sarah nunca brigou e Joseph o fez poucas vezes.

– Para se defenderem aqui, serão obrigados a brigar – avisou Stella.

Neste momento, Rusty entrou em cena. Vinha ele pulando animadamente pela sala, até que pôs os olhos nos intrusos. Então, parou repentinamente; sua cauda se eriçou até ficar tão larga como se fossem três caudas juntas e o

pelo arrepiado no dorso se transformou num arco desafiador. Rusty baixou a cabeça, soltou um medonho guincho de ódio e logo atacou a Gata-Sarah.

A majestosa felina cessara de lavar o focinho e o encarou com curiosidade. Sem se amedrontar, Gata-Sarah recebeu sua investida com um depreciativo golpe de sua forte patada. Rusty rodopiou desconcertado pelo tapete e se levantou, desnorteado. Que tipo de gato era aquele que conseguira golpear suas orelhas? Curioso, olhou novamente para a Gata-Sarah, em dúvida. Atacaria outra vez? Então, deliberadamente, ela virou-lhe as costas e retomou sua tarefa de lamber o focinho. Rusty achou melhor não mais atacá-la, nunca mais o fez. Daquele dia em diante, soube que quem mandava era a Gata-Sarah, que por sua vez dominou a casa. Rusty jamais tornou a cruzar seu caminho.

Joseph, porém, sentou-se levianamente e bocejou. Rusty, no ardor para vingar sua desgraça, foi para cima dele. Joseph, pacífico por natureza, sabia lutar se precisasse e lutava bem. O resultado foi uma série de batalhas diárias entre os dois, sempre que se cruzavam pela casa. Anne tomava o partido de Rusty, é claro, e detestava Joseph. Stella estava desesperada e tia Jamesina apenas ria daquilo tudo.

– Deixem que briguem – disse, com tolerância. – Depois que essa disputa passar, certamente serão amigos. Joseph precisa mesmo se exercitar um pouco, pois está ficando muito gordo e Rusty deverá aprender a valiosa lição de que não é o único gato no mundo.

Até que chegou o dia que Joseph e Rusty entraram num consenso e, de inimigos mortais, tornaram-se amigos inseparáveis. Passaram a dormir na mesma almofada com as patas de um sobre o outro, e lambiam o focinho um do outro com afinho.

– Todos nós nos adaptamos uns aos outros – disse Phil. – Eu, por exemplo, tenho aprendido a lavar a louça e a varrer o chão.

– Mas não tente nos fazer acreditar que sabe “apagar” gatos – brincou Anne.

– Não foi culpa minha. Foi tudo culpa do buraco na caixa – protestou Phil.

– Ainda bem que a caixa tinha um buraco – disse tia Jamesina, com certa severidade. – Admito que, às vezes, os gatinhos recém-nascidos precisam ser afogados, pois, do contrário, o mundo seria invadido por eles. Mas creio que nenhum gato crescido e decente deva ser sacrificado... a menos que coma ovos.

–Tenho certeza de que se a senhora visse como o Rusty apareceu por aqui, não diria que ele era um gato decente. Ele se parecia mais era com o diabo – comentou Stella.

– Não creio que o diabo seja feio – respondeu tia Jamesina, meditativa. – Caso contrário, não conseguiria fazer tanto mal. Na verdade, sempre o imagino como um elegante cavalheiro.



UMA CARTA DE DAVY

– Está começando a nevar, meninas – anunciou Phil, ao chegar em casa num anoitecer de novembro –, e o jardim está repleto de adoráveis estrelinhas e cruzeiros. Nunca havia reparado no quão delicados e lindos são os flocos de neve. Viver com simplicidade nos faz ter tempo de perceber essas pequenas coisas. Que Deus abençoe vocês por me possibilitarem viver isso! É tão fascinante se preocupar porque o preço da manteiga subiu cinco centavos.

– Subiu? – perguntou Stella surpresa, que era quem cuidava das contas da casa.

– Subiu, mas acalme-se, aqui está a manteiga. Estou ficando ótima na arte de barganhar. É mais divertido até do que flertar – concluiu, muito séria.

– O preço das coisas está aumentando escandalosamente – suspirou Stella.

– Não se importe com isso, Stella. Graças a Deus, o ar e a salvação ainda são gratuitos – comentou tia Jamesina.

– E rir também é de graça! – completou Anne. – Por sorte ainda não incidem impostos sobre as risadas, porque agora vocês vão rolar de tanto rir, pois eu vou ler uma carta de Davy. Do ano passado para cá, a ortografia dele melhorou muitíssimo e, apesar de ainda lutar com os acentos, ele certamente possui um grande talento para escrever cartas. Ouçam e riam, antes de nos sepultarmos em intensos estudos noturnos.

Querida Anne, escreveu Davy, peguei o meu lápis para contar a você que estamos todos muito bem, e que eu espero que esta carta a encontre bem "tambem". Está nevando um pouco hoje, e a Marilla me disse que a Senhora do Céu está sacudindo os colchões de penas. A Senhora do Céu que é a esposa de Deus, Anne? Quero saber.

A sra. Lynde estava muito doente, mas agora ela já está bem. Na semana passada, ela caiu na escada do porão e se agarrou logo na prateleira onde estavam todos os tarros de leite e as "cassarolas" que se quebraram e 'caíram' em cima dela e isso fez um barulhão. A primeira coisa que a Marilla pensou é que estava tendo um terremoto.

Uma das "cassarolas" ficou toda amassada e a sra. Lynde machucou as costelas. O médico veio aqui e deu um remédio para ela esfregar nas costelas, mas ela entendeu errado e bebeu o remédio. O doutor falou que ficou muito surpreso que ela não tenha morrido, mas não morreu não e ela ficou curada das costelas, então a sra. Lynde falou que os doutores não sabem de nada. Mas nós não conseguimos consertar a "cassarola" e Marilla teve até que jogar fora. Foi Dia de Ação de Graças na semana passada, não teve aula e tivemos um grande banquete. Comi torta de carne, peru assado, bolo de fruta, rosquinhas, queijo com geleia e bolo de "xocolate". Marilla me disse que eu ia morrer de tanto comer, mas eu não morri. Dora teve dor de "ovído", só que não era no "ovído" era no "istomago". Eu não tive dor em nenhum lugar.

Nosso novo professor é um homem e tudo para ele é piada. Na semana passada ele fez com que os meninos do terceiro ano escrevessem uma "redassão" sobre que tipo de esposa a gente gostaria de ter, e as meninas sobre que tipo de marido elas gostariam. Ele quase morreu de rir quando leu as "redassões". Esta foi a minha. Acho que você vai gostar de ler.

"Que tipo de esposa eu gostaria de ter.

Ela tem que ter boas maneiras e preparar as minhas 'refeições' na hora certa, e tem que fazer o que eu mandar, e ser muito educada comigo. Ela tem que ter quinze anos. Ela tem que ser boa para os pobres, e manter a casa arrumada, e ter bom temperamento, e ir para a igreja regularmente. Ela tem que ser muito bonita, e ter cabelos cacheados. Se eu conseguir uma esposa que for do jeito que eu quero, eu vou ser um marido muito bom para ela. Eu acho que uma mulher vai ser muito boa pro marido. Algumas pobres mulheres não tem marido.

Fim"

Fui no funeral da sra. Isaac Wrights, em White Sands na semana passada. O marido da defunta estava muito triste de verdade. A sra. Lynde falou que o avô da sra. Wrights roubou uma ovelha, mas a Marilla falou que não devemos falar mal dos mortos. Por que não devemos, Anne? Quero saber. Não tem perigo em fazer isso, né?

A sra. Lynde ficou furiosa comigo outro dia porque eu perguntei se ela estava viva no tempo de Noé. Eu não queria magoar os sentimentos dela. Eu "so" queria saber. Ela estava, Anne?

O sr. Harrison queria se livrar do cachorro dele. Então ele enforcou o cachorro, que "ressuscitou" e saiu correndo para o celeiro quando o sr. Harrison estava cavando o buraco. "Dai", ele enforcou cachorro de novo, mas dessa vez ele ficou morto mesmo. O sr. Harrison tem outro homem trabalhando para ele. Ele é muito estranho. O sr. Harrison falou que ele é canhoto dos dois pés. O ajudante do sr. Barry é preguiçoso. Foi a sra. Barry que falou isso, mas o sr. Barry falou que ele não é exatamente preguiçoso, mas que ele pensa que é melhor rezar pelas coisas do que trabalhar por elas.

O porco premiado da sra. Harmon Andrews, aquele que ela se orgulhava tanto, teve um ataque e morreu. A sra. Lynde falou que isso foi um castigo de Deus por causa do orgulho dela. Mas eu acho que foi o porco quem foi castigado. Milty Boulter estava doente e o doutor deu um remédio para ele que tinha o gosto horrível. "Me" ofereci para tomar o remédio no lugar dele por um centavo, mas os Boulters são tão mesquinhos. Milty disse que preferia tomar ele mesmo, para economizar o dinheiro. Perguntei para a sra. Boulter como é que uma mulher faz para pescar um homem, e ela ficou vermelha e furiosa comigo e disse que não sabia, porque ela nunca havia pescado homens.

A SMA vai pintar o salão de Avonlea de novo. "Se" cansaram de ver o salão sempre azul.

O novo pastor veio aqui para o chá ontem de noite. Ele comeu "tres" pedaços de torta. Se fosse eu que tivesse feito isso, a sra. Lynde ia dizer que sou um esganado. E ele comeu rápido, e engolia pedaços enormes, mas a Marilla sempre me fala para não fazer isso. Por que os pastores podem fazer aquilo que os meninos não podem? Quero saber.

Não tenho mais novidades. Mando aqui seis beijos para você.

Dora manda um. Seu amoroso amigo David Keith

P.S. Anne, quem era o pai do diabo? Quero saber.



A SRA. JOSEPHINE RECORDA-SE DA PEQUENA ANNE

Quando o feriado de Natal chegou, as meninas da Casa da Patty partiram cada uma para seu lar, mas tia Jamesina preferiu continuar lá.

– Não posso ir a nenhum dos lugares que me convidaram e levar os três gatos comigo – disse ela. – E não posso deixar as pobres criaturinhas aqui, sozinhas, por quase três semanas. Se tivéssemos algum vizinho decente que os alimentasse, eu até poderia ir, mas nesta rua só vivem milionários esnobes. Então, ficarei aqui e manterei a Casa da Patty aquecida para quando vocês voltarem.

Anne voltou para casa com as alegres e costumeiras esperanças, que não foram plenamente satisfeitas. Quando chegou, encontrou Avonlea açoitada por um antecipado inverno, frio e tempestuoso, como nem mesmo os habitantes mais antigos conseguiam se lembrar. Green Gables estava totalmente cercada por fortes nevascas, em quase todos os dias de suas desafortunadas férias, o temporal estava pleno, e mesmo nos dias bons o vento não parava de soprar. Tão logo as estradas secavam, as chuvas voltavam a enchê-las novamente e era quase impossível sair de casa. A SMA tentou, em três noites diferentes, organizar uma celebração em honra aos estudantes, contudo, em todas essas noites a tempestade foi tão intensa que ninguém conseguiu sair de suas casas, e assim os desanimados Melhoradores desistiram de tentar. Anne, apesar de amar e ser leal a Green Gables, sentiu uma intensa saudade da Casa da Patty, com sua acolhedora lareira, o doce e jovial olhar de tia Jamesina, os três gatos, o alegre falatório das meninas e as maravilhosas noites de sexta-feira, quando recebiam a visita dos amigos da faculdade para conversar sobre assuntos triviais ou divertidos.

Em Avonlea, Anne se sentia solitária, pois Diana estivera presa em casa durante toda a época das festas por conta de uma severa crise de bronquite e, portanto não poderia ir até Green Gables, ao passo que Anne raramente conseguia chegar até Orchard Slope, pois a antiga trilha pela Floresta

Assombrada estava intransitável devido à nevasca, e o caminho mais longo, sobre o congelado Lago das Águas Reluzentes, também. Ruby Gillis repousava no cemitério de lápides brancas e Jane Andrews estava lecionando numa escola, nas pradarias ocidentais. Gilbert, na verdade, permanecia fiel em suas visitas, mesmo chegando a Green Gables com dificuldade, em todas as tardes que podia, porém tais visitas não eram mais como antes e Anne praticamente as temia, pois era muito desconcertante erguer os olhos num silêncio repentino e encontrar os olhos castanhos de Gilbert fixados nela, com uma inequívoca e profunda expressividade. E era ainda mais desconcertante perceber-se a si mesma enrubescendo intensamente e ficando desconfortável diante do seu olhar contemplativo, como se... como se... bem, era tudo bastante embaraçoso.

Anne, pois, desejava retornar à Casa da Patty, onde sempre alguma das meninas abrandaria uma situação delicada como essa. Em Green Gables, Marilla corria prontamente para os domínios da sra. Lynde quando Gilbert chegava e insistia em levar os gêmeos consigo. Tal atitude tinha um inconfundível significado, o que provocava uma furiosa sensação de impotência em Anne.

Davy, porém, estava felicíssimo. Divertia-se muito saindo pela manhã para limpar com a pá o caminho até o poço e o galinheiro. Experimentava com muito gosto os quitutes natalinos feitos por Marilla e a sra. Lynde, que rivalizavam em preparar coisas para Anne. O menino estava lendo um livro fascinante, o qual pegara emprestado da biblioteca da escola, sobre um maravilhoso herói que possuía o incrível poder de se envolver em confusões catastróficas, das quais sempre conseguia sair em meio a terremotos e explosões vulcânicas, que o lançavam para longe de seus problemas, conduzindo-lhe até a fortuna, e a história terminava com um *grand finale*.

– Vou te dizer, Anne, esta sim é uma história boa – disse, empolgado. – Gosto muito mais de ler este livro do que a Bíblia.

– Não me diga... – brincou Anne, sorrindo para o garoto.

Davy a encarou com curiosidade.

– Você não parece surpresa com isso, Anne. Quando disse isso para a sra. Lynde, ela ficou irritadíssima e muito chocada.

– Pois eu não fico chocada, Davy. Creio que é bastante natural que um menino da sua idade prefira um livro de aventuras à Bíblia. Entretanto, quando for mais velho, você vai compreender que a Bíblia também é um livro maravilhoso.

– Ah, mas eu sei que é! Tem algumas partes que são ótimas! – concordou Davy. – Eu adoro aquela história sobre o Joseph, mas se eu fosse ele, não teria perdoado meus irmãos. De jeito nenhum, Anne! Eu teria mandado cortar a cabeça de cada um! A sra. Lynde não gostou nadinha quando eu falei isso para ela e fechou a Bíblia, dizendo que nunca mais ia ler para mim se eu continuasse falando daquele jeito. Então, agora eu não falo mais quando ela lê para mim nos domingos à tarde, fico só imaginando as coisas na minha cabeça e depois conto para o Miltie Boulter no dia seguinte, na escola. Outro dia, contei para ele a história sobre Elias e os ursos e ele ficou tão apavorado que nunca mais implicou com a careca do sr. Harrison. Existem ursos na Ilha de Prince Edward, Anne? Quero saber.

– Hoje em dia não existem mais – respondeu Anne, ausente, enquanto o vento soprava a neve contra a janela. – Ah, Deus, quando essa tempestade vai terminar?

– Só Deus sabe – redarguiu Davy, alegremente, enquanto retomava sua leitura.

Dessa vez Anne ficou irritada com ele.

– Davy! – exclamou, em tom de reprovação.

– Mas eu vi a sra. Lynde falando isso outro dia! – protestou Davy. – Foi numa noite da semana passada, quando a Marilla falou: “Será que Ludovic Speed e Theodora Dix vão se casar algum dia?” e a sra. Lynde respondeu: “Só Deus sabe”. Foi assim mesmo.

– Bem, mas não foi correto da parte dela em falar dessa maneira – replicou Anne, decidindo que deveria tomar partido nesse dilema. – Ninguém deve tomar o nome de Deus em vão, ou mencioná-Lo tão rapidamente, Davy, nem a sra. Lynde! Nunca mais faça isso.

– Mas nem se eu falar lentamente com um tom solene, como um pastor? – questionou, com seriedade.

– Não, nem assim.

– Está bem, não vou mais fazer isso. Anne, Ludovic Speed e Theodora Dix vivem em Middle Grafton e a sra. Lynde disse que faz uns cem anos que ele está cortejando a moça. Será que eles não vão estar muito velhos para se casar? Espero que o Gilbert não corteje você por tanto tempo. Quando é que você vai se casar com ele, Anne? A sra. Lynde disse que isso é a coisa certa a fazer.

– A sra. Lynde é uma... – Anne começou a dizer, irritada, mas não continuou.

– Uma terrível velha fofoqueira – completou Davy, com tranquilidade. – É disso que todos a chamam, mas o seu casamento é uma coisa certa, não é, Anne? Quero saber.

– Você é um menininho muito bobo, Davy! – exclamou, saindo indignada do quarto.

Naquele frio entardecer, a cozinha estava vazia e ela se sentou junto à janela, cuja luz se dissipava com rapidez. O sol já havia se posto e o vento cessou. Uma pálida Lua de inverno se erguia por trás das púrpuras nuvens a Oeste. O céu diurno já se despedia, mas uma faixa amarela que se estendia por todo o horizonte brilhou com mais intensidade, como se todos os raios de luz remanescentes tivessem se encontrado e se tornado um único nas colinas distantes, em cujas margens havia escuros pinheiros que traçavam silhuetas que se assemelhavam às batinas dos padres, de modo a se destacar nitidamente contra o céu. Anne contemplou os alvos e inertes campos, os quais eram frios e mortos diante da desagradável luminosidade daquele crepúsculo nefasto, e suspirou.

Anne sentia-se muito sozinha em Avonlea e estava profundamente triste, perguntando-se como poderia retornar a Redmond no ano seguinte, já que era pouco provável que conseguisse, uma vez que a única bolsa possível de obter no segundo ano não a ajudaria muito. De modo algum, usaria o dinheiro de Marilla e também havia poucas esperanças de que conseguisse ganhar dinheiro suficiente durante as férias de verão.

“Imagino que terei de trancar a matrícula no ano que vem”–, pensou tristemente, “e voltar a lecionar em uma escola municipal até economizar o bastante para finalizar meu curso. E, até lá, toda a minha turma já terá se formado e a Casa da Patty estará fora do meu alcance. Mas tudo bem! Não serei covarde. Ficarei grata por poder ganhar dinheiro para pagar meus estudos, se assim for necessário.”

– Olhe lá o sr. Harrison vindo pela alameda – anunciou Davy, antes de sair correndo. – Tomara que ele tenha trazido a correspondência. Já faz três dias que as cartas não chegam e eu quero saber o que aqueles irritantes liberais estão fazendo. Eu sou conservador, Anne! E você me escute: temos que ficar de olho nesses liberais!

O sr. Harrison havia trazido a correspondência e as alegres cartas de Stella, Priscilla e Phil logo fizeram com que a tristeza de Anne passasse. Tia Jamesina também lhe escreveu dizendo que estava mantendo a lareira acesa,

que todos os gatos estavam bem e que as plantas da casa estavam bem cuidadas.

O clima tem estado bem frio, então deixo que os gatos durmam dentro de casa, Rusty e Joseph no sofá da sala e a Gata-Sarah ao pé da minha cama. É um consolo ouvi-la ronronar quando desperto à noite e penso na minha pobre filha que está no exterior. Não me preocuparia tanto se ela não estivesse na Índia, mas dizem que lá as cobras são terríveis. Preciso de todo o ronronar da Gata-Sarah para afugentar estes maus pensamentos. Confio em tudo, exceto nas serpentes. Não entendo por que Deus as criou, pois não parecem obra divina. Creio que sejam obra de Satanás.

Anne deixou para o final uma carta breve, datilografada, supondo ser de pouca importância. Entretanto, quando leu a missiva, permaneceu imóvel e as lágrimas escorreram-lhe pelos olhos.

– O que houve, Anne? – perguntou Marilla.

– Senhorita Josephine Barry morreu – ela respondeu, com a voz embargada.

– Então, enfim, ela se foi... Bem, ela já estava doente havia mais de um ano e os Barrys esperavam receber a qualquer momento a notícia de sua morte. Graças aos céus que ela descansou, Anne, pois ela já havia sofrido demais. Ela sempre gostou muito de você.

– E parece que ela gostou de mim até o final de sua vida, Marilla. Esta carta é do advogado dela, informando-me que ela deixou mil dólares para mim em seu testamento.

– Por Deus, quanto dinheiro! – exclamou Davy. – Essa era aquela velha senhora que estava na cama do quarto de hóspedes quando você e Diana pularam em cima, não é? Uma vez, Diana me contou essa história. Foi por isso que ela deixou tanto dinheiro para você, Anne?

– Não fale bobagens, Davy – pediu Anne, suavemente. Ela subiu para o quarto com o coração apertado e deixou Marilla e a sra. Lynde conversarem à vontade sobre o assunto.

– Vocês acham que depois disso a Anne ainda vai querer se casar algum dia? – especulou Davy, avidamente. – Quando a Dorcas Sloane se casou no verão passado, ela falou que não se incomodaria com um marido caso tivesse dinheiro suficiente para se sustentar, mas viver com um viúvo e os oito filhos dele era ainda melhor que morar com uma cunhada.

– Davy Keith, segure essa sua língua! – ralhou a sra. Lynde, com severidade. – Você fala de uma maneira escandalosa para um menininho, isto é que é!



UM INTERLÚDIO

– E pensar que este é meu vigésimo aniversário e que nunca vou ser adolescente novamente – comentou Anne para tia Jamesina. Estava ela encolhida no tapete em frente à lareira com Rusty no colo, enquanto a meiga senhora lia em sua cadeira favorita. Estavam as duas sozinhas na sala. Stella e Priscilla haviam ido a uma reunião do comitê e Phil estava em seu quarto, arrumando-se para um baile.

– Suponho que você esteja um pouco triste – disse tia Jamesina. – Com a chegada dos vinte anos, encerra-se uma fase encantadora da vida. De minha parte, estou contente por não ter nunca saído totalmente dessa idade.

Anne sorriu.

– E a senhora nunca sairá, tia. Mesmo quando completar cem, ainda terá dezoito. Sim, é verdade que me sinto triste e um tanto insatisfeita também. Senhorita Stacy me disse, há muito tempo, que aos vinte anos o meu caráter já estaria definido, para o bem ou para o mal, mas sinto que isso ainda não aconteceu comigo, pelo contrário, sinto que meu caráter está incompleto e cheio de falhas.

– Assim como o de todos, Anne – replicou tia Jamesina, animadamente. – O meu, por exemplo, está partido em uma centena de lugares. Essa senhorita Stacy provavelmente quis dizer que, aos vinte anos, o seu caráter já teria se inclinado permanentemente para uma ou outra direção, e que assim seguiria desenvolvendo-se nessa linha. Não se preocupe com isso, nem tenha pressa, Anne. Cumpra o seu dever para com Deus, com seu vizinho, consigo mesma e divirta-se! Esta minha filosofia de vida sempre funcionou muito bem. Aonde Phil vai nesta noite?

– Ela vai a um baile e vai usar um lindo vestido de seda amarelo creme, com rendas finíssimas. Combinará muito bem com os tons acastanhados de sua pele, olhos e cabelos.

– Existe magia nas palavras seda e renda, não existe? Até a sonoridade dessas palavras me faz sentir como se estivesse eu mesma me aprontando para um baile. E seda amarela. Parece até que estamos falando de um vestido

feito com os raios de sol. Sempre sonhei em ter um vestido de seda amarela, mas minha mãe e depois meu marido não queriam me ouvir falando nisso. A primeiríssima coisa que vou fazer assim que eu chegar ao céu será arranjar um vestido de seda amarelo.

Entre as risadas de Anne, Phil desceu as escadas a caminhar sobre nuvens de glória e a contemplar sua bela imagem no grande espelho oval na parede.

– Um espelho lisonjeiro é o promotor do amor-próprio – ela disse. – Aquele do meu quarto me faz parecer esverdeada. Estou bem, Anne?

– Você sabe o quanto é linda, não é, Phil? – perguntou Anne, com honesta admiração.

– É claro que sei. Que outra serventia teriam os espelhos e os homens se não essa? Porém, não é bem isso que quero saber agora, e sim se meus cachos estão bem penteados? Minha saia está com bom caimento? Esta rosa ficaria melhor mais para baixo? Acho que ela está muito para cima, e eu vou parecer assimétrica. Detesto quando alguma coisa me causa coceira nas orelhas.

– Está perfeita, e essa sua covinha é tão bonita.

– Anne, há algo em particular que eu gosto muito em você: sua generosidade. Não há sequer uma partícula de inveja em você.

– E por que ela deveria sentir inveja de você? – questionou a tia Jamesina.

– Pode ser que Anne não seja tão elegante, mas com certeza ela tem um nariz muito mais bonito.

– Sei disso, tia Jamesina! A senhora tem toda razão – concordou Phil.

– Confesso que meu nariz sempre foi um grande consolo para mim – afirmou Anne.

– E eu gosto também da maneira como o seu cabelo cai sobre a testa, Anne. E esse pequeno cachinho rebelde é adorável, pois parece estar sempre a ponto de cair, mas nunca cai e é uma graça. Porém, quanto ao nariz, o meu será sempre um incômodo para mim. Sei que, quando eu chegar aos quarenta anos, ele terá se tornado um nariz dos Byrne. Como você acha que serei aos quarenta, Anne?

– Com certeza como uma velha matrona casada – provocou Anne.

– Não serei! – discordou, sentando-se confortavelmente para esperar até que seu acompanhante chegasse. – Joseph, sua besta malhada, não ouse subir no meu colo! Não quero chegar no baile cheia de pelos de gato! Não me provoque, Anne, eu não vou parecer uma matrona. Mas sem dúvida estarei casada.

- Com Alec ou Alonzo?
- Com algum dos dois, eu acho, se um dia conseguir me decidir com qual
- suspirou Phil.
- Não deveria ser difícil de decidir – censurou tia Jamesina.
- Nasci como uma gangorra, tia, e nada pode me impedir de balançar.
- Deveria ser mais sensata, Philippa – retrucou a tia.
- É melhor ser sensata, é óbvio – concordou Phil –, mas os sensatos perdem toda a diversão. Com relação a Alec ou Alonzo, se a senhora os conhecesse entenderia a razão de ser tão difícil escolher entre eles. Os dois são igualmente adoráveis.
- Então encontre alguém que seja ainda mais adorável do que eles – sugeriu tia Jamesina. – E aquele estudante do terceiro ano que é completamente devotado a você, o Will Leslie? Ele tem belos olhos grandes e doces.
- De fato, são muito grandes e muito doces, mas como os de uma vaca – disse Phil, com crueldade.
- O que acha de George Parker?
- Não há nada que eu possa dizer a respeito dele, somente que ele sempre parece ter sido recém-passado e engomado.
- E Marr Holworthy? Não há como você apontar um defeito nele.
- Não mesmo... Ele serviria se não fosse pobre. Tenho que me casar com um homem rico, tia Jamesina. O dinheiro e uma boa aparência são essenciais. Eu me casaria com Gilbert Blythe se ele fosse rico.
- Ah, sim... Você se casaria com ele? – perguntou Anne, com certa raiva na voz.
- Não gostamos nem um pouco dessa ideia, apesar de nós mesmas não querermos Gilbert, ah não, não! – tripudiou Phil. – Mas não vamos falar de assuntos desagradáveis. Presumo que terei de me casar algum dia, mas adiarei esse dia fatal ao máximo.
- Quando chegar o momento, Phil, não se case com alguém que você não ama – aconselhou tia Jamesina.
- *Ah, os corações que amam à maneira antiga estão, hoje em dia, fora de moda.* – cantarolou Phil, em tom debochado. – Aí está o coche. Agora já vou. Adeus, minhas queridas antiquadas!
- Quando Phil partiu, tia Jamesina olhou solenemente para Anne.
- Esta menina é linda, doce e tem ótimo coração, mas parece, às vezes, que ela não é lá muito boa da cabeça, sabe, Anne?

– Ah, eu creio que não, tia Jamesina. É só mesmo o seu modo de falar – respondeu, escondendo uma risada.

Tia Jamesina balançou a cabeça.

– Bem, espero que esteja certa, Anne. Realmente espero, pois eu a adoro! Mas não a compreendo muito bem... Ela vai além. Não se parece com nenhuma mocinha que eu tenha conhecido na vida, ou mesmo nenhuma das moças que eu mesma fui.

– Quantas moças a senhora já foi, tia Jamesina?

– Pelo menos meia dúzia, minha querida.



COM A PALAVRA, GILBERT

– Ai! Como o dia hoje está monótono e tedioso – bocejou Phil, espreguiçando-se prostrada no sofá, depois de ter expulsado dali dois gatos indignados.

Anne deixou de lado *As Aventuras do sr. Pickwick*. Agora que já havia concluído as avaliações do semestre de primavera de Redmond, a jovem voltava a poder se dedicar à leitura de Dickens.

– Somente para nós, mas para outras pessoas pode estar sendo um dia maravilhoso – disse Anne, pensativa. – Alguns podem estar extremamente felizes. Talvez uma façanha magnífica tenha acontecido em sua vida, em algum lugar; ou algum grande poema tenha sido escrito; ou um grande homem tenha nascido; ou quem sabe, algum coração tenha se partido.

– Por que você estragou essa bela reflexão com essa antagônica frase final, querida? – resmungou Phil. – Detesto pensar em corações partidos ou em qualquer coisa desagradável.

– E você pensa que pode ignorar todas as coisas desagradáveis da vida, Phil?

– Meu Deus, é claro que não! E não estou agora mesmo encarando duas delas? Ou você considera Alec e Alonzo agradáveis? A única coisa que eles fazem é complicar a minha vida!

– Você não leva nada a sério, Phil.

– E eu deveria? Já existem muitas pessoas que fazem isso muito bem. O mundo precisa, afinal, de pessoas como eu, Anne, para animá-lo. Se não houvesse pessoas como eu, o mundo seria um lugar medonho, somente de intelectuais e sérios, vivendo num profundo mal-estar. Tenho a missão, como diz Josiah Allen, de “encantar e fascinar”. Confesse agora: a vida na Casa da Patty não tem sido muito mais radiante e agradável neste último inverno só porque eu estive aqui para animar vocês?

– Sim, tem sido, sim – admitiu Anne.

– E vocês todas me amam, até mesmo tia Jamesina, que me acha completamente louca. Então, por que eu deveria tentar ser diferente? Ah,

querida, estou com tanto sono! Fiquei acordada até uma da madrugada lendo uma aterrorizante história de fantasmas. Li na cama e, quando terminei, você acha que eu consegui me levantar para apagar a luz? Por sorte, Stella chegou mais tarde e a apagou, caso contrário, a lamparina teria queimado firme e forte até de manhã. Quando ouvi os passos de Stella, suspirei aliviada e expliquei minha aflição e lhe pedi que apagasse o fogo da lamparina. Se eu mesma tivesse ido apagar, tinha certeza de que um espírito iria agarrar meus pés quando eu voltasse para a cama. A propósito, Anne, a tia Jamesina já decidiu o que vai fazer neste verão?

– Sim, ela ficará aqui na Casa da Patty. Sei que ela ficará pelo bem destes abençoados gatos, embora ela afirme que é para evitar o trabalho de ter que abrir sua casa e também porque detesta fazer visitas.

– O que você está lendo?

– Pickwick.

– Eis um livro que sempre me dá fome. Fala muito sobre comidas gostosas e as personagens parecem sempre estar se deliciando com presuntos, ovos e ponche de leite. Normalmente, eu faço uma peregrinação até o armário da cozinha depois de ler Pickwick. Só de pensar na história já fico faminta. Tem algum petisco para beliscar na despensa, rainha Anne?

– Fiz uma torta de limão nessa manhã. Pode comer uma fatia.

Phil foi correndo até a despensa, enquanto Anne, acompanhada por Rusty, foi até o pomar. O anoitecer daquele dia estava úmido e agradavelmente perfumado com aroma de flores que desabrocham no início da primavera. Ainda havia flocos de gelo no parque, uma vez que acabara de findar o inverno. Tinha um pequeno monte de neve suja debaixo dos pinheiros, que estava protegido dos raios do sol de abril, e mantinha enlameado o caminho que conduzia ao porto, esfriando o ar da noite. A relva, porém, crescia verde em lugares abrigados, e Gilbert havia encontrado alguns pálidos e doces medronhos escondidos num recanto, ele chegou do parque com as mãos cheias deles.

Anne estava sentada na grande pedra cinza do pomar e admirava uma desnuda rama de bétula que se recortava com perfeita graça contra o rosa pálido do final do pôr do sol, cujo conjunto se constituía num poema. Ela edificava um castelo no ar: uma mansão extraordinária em cujos pátios iluminados e salões majestosos permeavam aromas árabes e onde ela reinava como soberana castelã. Quando viu Gilbert se aproximar pelo pomar, teve um sobressalto e franziu o semblante. Ultimamente, havia manejado para

não ser deixada a sós com ele, mas o rapaz a pegara desprevenida agora, e até mesmo Rusty a abandonara nesse momento.

Gilbert sentou-se ao lado de Anne e entregou-lhe um buquê de flores de maio.

– Estas flores fazem com que você se lembre de casa e dos nossos antigos passeios escolares, Anne?

Ela segurou o buquê e enterrou o rosto nas flores.

– Me sinto como se estivesse agora mesmo nos campos do sr. Silas Sloane! – exclamou, entusiasmada.

– Imagino que você estará lá, pessoalmente, daqui a poucos dias...?

– Não, só daqui a quinze dias. Vou visitar Bolingbroke com Phil antes de ir para casa. Você chegará em Avonlea antes de mim.

– Não, eu não irei para Avonlea neste verão, Anne. Ofereceram-me um emprego no escritório do Daily News e eu vou aceitar.

– Ah – balbuciou, vagamente. Perguntava-se como seria passar um verão inteiro em Avonlea sem Gilbert. De certa forma, tal perspectiva não lhe agradava muito. – Bem, é claro que será uma coisa muito boa para você – concluiu, brevemente.

– Sim, eu estava esperando conseguir. Vai me ajudar bastante no ano que vem.

– Você não deve trabalhar demais – disse Anne, sem ter uma ideia clara do que dizia. Desejava desesperadamente que Phil aparecesse ali. – Você estudou com muito afinco neste inverno. Não está uma noite adorável? Sabia que hoje encontrei um tapete de violetas brancas debaixo daquela velha árvore retorcida ali? Senti como se houvesse descoberto uma mina de ouro.

– Você está sempre descobrindo minas de ouro – respondeu Gilbert, com ar ausente.

– Vamos caminhar e ver se encontramos mais algumas – sugeriu ela, com ansiedade. – Vou chamar Phil e...

– Esqueça de Phil e das violetas por um instante, Anne – pediu, com a voz suave, tomando a mão dela nas suas, de modo que ela não conseguiu se soltar. – Tenho que te dizer uma coisa.

– Ah, não, não diga – suplicou Anne. – Não faça isso, Gilbert, por favor!

– Eu preciso. As coisas não podem continuar assim por mais tempo. Anne, eu te amo. E você sabe que eu te amo. Eu... eu nem consigo expressar em palavras o quanto. Você promete que, um dia, vai ser minha esposa?

– Eu... eu não posso – disse ela, com imensa tristeza. – Ah, Gilbert, você... você estragou tudo.

– Você não gosta nem um pouco de mim? – ele perguntou, após uma interminável pausa, durante a qual Anne não ousara encará-lo.

– Não... não desse jeito. Eu gosto muitíssimo de você, mas apenas como amigo. Mas eu não o amo, Gilbert.

– E você não pode me dar alguma esperança de... No futuro, talvez...?

– Não, não posso! – exclamou, desesperada. – Eu nunca, nunca poderei amá-lo desse jeito, Gilbert. Prometa que você nunca mais voltará a falar comigo sobre este assunto.

Sucedeu outra pausa, tão longa e assustadora quanto a primeira, que Anne foi compelida, enfim, a olhar para ele. O rosto de Gilbert estava totalmente pálido. E seus olhos! Anne estremeceu e desviou o olhar novamente. Não havia nada romântico nisso. Será que os pedidos de casamento deveriam ser sempre grotescos ou... horríveis? Será que um dia se esqueceria do semblante de Gilbert neste humilhante momento?

– Você ama outra pessoa? – perguntou, em voz baixa e embargada. – Não... não – respondeu, com veemência. – Não há ninguém de quem eu goste assim, desse jeito, e eu gosto mais de você do que de qualquer outro no mundo, mas não o amo, Gilbert. E nós devemos... Devemos continuar sendo amigos.

Gilbert, então, deu uma risada amarga e recalcada.

– Amigos! Eu não quero a sua amizade, Anne. Você sabe que eu quero o seu amor... E você afirma que eu nunca o terei.

– Sinto muito, Gilbert. Perdoe-me... – Era tudo o que Anne podia dizer naquele momento. Onde se encontravam todos os graciosos e polidos discursos que, em sua imaginação, ela havia criado para dispensar os pretendentes rejeitados?

Gilbert soltou sua mão lentamente.

– Não há nada para perdoar. Cheguei a pensar alguma vez que você me amava. Foi um engano meu, e isto é tudo. Adeus, Anne.

Anne correu para seu quarto e sentou-se no assento sob a janela que se abria para os pinheiros e chorou amarga e convulsivamente. Sentia como se houvesse perdido algo de valor incalculável. Era a amizade de Gilbert, é claro. Oh, por que havia de perdê-la dessa maneira?

– O que está havendo, querida? – perguntou Phil, atravessando a escuridão em meio à tênue luz da lua.

Anne não respondeu. Naquele momento, só queria ficar sozinha, sem mais ninguém por perto.

– Aposto que você rejeitou Gilbert Blythe. Não estou certa? Você é tão tola, Anne Shirley!

– Você acha tolice recusar o pedido de casamento de um homem a quem eu não amo? – respondeu altiva e com frieza.

– Acontece que você não sabe reconhecer o amor quando está diante dele. Criou uma ideia romântica e fantasiosa em sua cabeça com essa sua imaginação, sobre alguma coisa que você pensa ser o amor, esperando que na vida real seja assim também. Aí está a primeira coisa sensata que eu disse em toda a minha vida! Não sei como consegui fazer isso.

– Phil, por favor, saia e me deixe sozinha por um momento – rogou Anne.

– Meu mundo desabou, está em pedaços e agora eu preciso juntar os cacos para reconstruí-lo.

– Um mundo sem Gilbert? – questionou, enquanto saía.

“Um mundo sem Gilbert!”, Anne repetiu estas palavras melancólicas. Não seria esse um lugar de vazio e desamparo? Contudo, foi tudo culpa dele, afinal, ele arruinara o belo companheirismo que os unia. E ela, agora, teria que aprender a viver sem a sua amizade.



AS ROSAS DO PASSADO

Foram bastante agradáveis as duas semanas que Anne passou em Bolingbroke, exceto nos momentos em que sentia a dor e a insatisfação vindas sempre que pensava em Gilbert. No entanto, não sobrara muito tempo para pensar nele durante a viagem. Mount Holly, a bela e antiga propriedade da família Gordon, era um lugar alegre, sempre cheio de amigos e amigas de Phil. Fizeram uma desnorteadora sucessão de passeios, festas, piqueniques e excursões de barco, todos organizados por Phil sob o pretexto de “comemorar”. Alec e Alonzo sempre estavam presentes, de modo que Anne se perguntava se não tinham outra ocupação além de ficar a cortejar a esquiva Phil e acompanhá-la em alguma celebração. Ambos eram muito educados e amáveis, mas Anne ainda não conseguia formar uma opinião concreta sobre qual deles seria o melhor para sua amiga.

– E eu que dependia tanto da sua ajuda para decidir com qual deles eu deveria me comprometer! – resmungou Phil.

– Mas é você quem deve decidir por conta própria. Não é você a *expert* em decidir com quem as pessoas devem se casar? – retorquiu Anne, com certo sarcasmo.

– Ah, mas isso é completamente diferente – respondeu, com muita sinceridade.

Contudo, para Anne, o acontecimento mais doce em sua estadia em Bolingbroke foi a visita até o local de seu nascimento: a pobre casinha amarela localizada em uma rua no subúrbio, com a qual tantas vezes sonhara. Contemplou-a com olhar extasiado enquanto entrava pelo portão juntamente com Phil.

– É quase como eu a imaginava. Apesar de não haver madressilvas sobre as janelas, há uma árvore de lilás ao lado do portão e... sim, tem cortinas de musselina na janela! Como eu fico feliz por ainda serem amarelas!

Uma senhora muito alta e magra abriu a porta.

– Sim, a família Shirley viveu aqui, já faz vinte anos – ela disse, respondendo à pergunta de Anne. – Eles alugavam esta casa, lembro-me

perfeitamente. Marido e mulher morreram de febre, praticamente ao mesmo tempo. Foi muito triste! Deixaram um bebê, que deve ter morrido também há muitos anos. Era uma criancinha fraca e doente. O velho Thomas e sua esposa ficaram com ela... como se já não tivessem bastantes filhos.

– O bebê não morreu – informou Anne, sorrindo. – Eu era o bebê.

– Ora, não me diga! Veja só como cresceu! – exclamou a mulher, como se estivesse surpresa pelo fato de Anne ter crescido e se tornado uma bela jovem. – Olhando bem para você, consigo ver a semelhança. Tem os traços de seu pai, que também era ruivo. Mas os olhos e a boca são de sua mãe. Ela era muito bonita e bondosa. Minha filha foi aluna dela, de quem gostava muito. Os dois foram enterrados na mesma sepultura e o Conselho Escolar ergueu uma lápide para eles, em reconhecimento pelos serviços prestados. Vamos entrar?

– A senhora vai mesmo me deixar ver a casa? – perguntou Anne, ansiosa.

– É claro que sim, querida, se você quiser. Não vai levar muito tempo, pois não há muito o que ver. Sempre insisto para o meu marido construir uma nova cozinha, mas ele nem se mexe. Ali fica a sala e há dois quartos no andar de cima. Podem andar pela casa, fiquem à vontade. pois tenho que olhar o bebê. Você nasceu no quarto que fica ao Leste. Lembro-me de sua mãe dizendo que amava ver o sol nascer. E também a ouvi dizer que você nasceu justo ao amanhecer e a primeira coisa que viu no seu nascimento foi a luz do sol sobre o seu rosto.

Anne subiu pela escadaria estreita e adentrou no pequeno quartinho do lado Leste com o coração palpitando. Sentia-se num lugar sagrado. Ali, sua mãe havia vivenciado os doces e alegres sonhos da prematura maternidade. A luz avermelhada dos raios de sol caiu sobre ambas no sacro instante do seu parto, e ali, sua mãe havia morrido. Anne olhou reverentemente ao redor, com os olhos repletos de lágrimas. Para ela, aquele foi um dos momentos inesquecíveis de sua vida, o qual brilharia de forma radiante em sua memória para sempre.

– Parece mentira... mas, quando nasci, minha mãe era mais jovem do que eu sou hoje – sussurrou.

Quando desceu as escadas, a moradora da casa a encontrou no corredor. Segurava um pacotinho empoeirado, atado com um laço de fita azul desbotada.

– Aqui está um maço de cartas velhas que encontrei no roupeiro lá de cima, quando vim para cá. Não sei do que se tratam, pois nunca tive

curiosidade para ler, mas foram dirigidas à senhorita Bertha Willis, e este era o nome de solteira de sua mãe. Pode ficar com elas, se quiser.

– Oh, obrigada, muito obrigada! – exclamou Anne, com grande alegria, enquanto agarrava o pacotinho.

– Isso era tudo o que havia na casa. À época, o mobiliário fora vendido para pagar os médicos. As roupas de sua mãe e o resto dos objetos menores ficaram com a sra. Thomas. Creio que não devam ter durado muito na mão daquela turba de crianças dos Thomas. Eram animaizinhos destrutivos, se bem me lembro.

– Eu não tinha uma coisa sequer que tenha pertencido à minha mãe – respondeu Anne, ofegante. – Mas... agora a senhora me proporcionou isto, e eu... eu nunca vou conseguir lhe agradecer o bastante por ter me dado estas cartas.

– Ah, isso não foi nada! Meu Deus, mas seus olhos são realmente idênticos aos de sua mãe! Ela falava muito com o olhar. Seu pai tinha a aparência mais modesta, mas era muito agradável. Lembro-me das pessoas comentando, quando eles se casaram, que nunca haviam visto um casal mais apaixonado do que eles! Pobres criaturas, não viveram muito tempo, mas foram extremamente felizes juntos e eu acho que isso basta.

Anne estava muito ansiosa para chegar logo em casa e ler as preciosas cartas, mas antes precisava fazer uma última peregrinação. Então foi sozinha até o canto esverdeado do antigo cemitério de Bolingbroke, onde os pais foram sepultados e sobre o túmulo deixou as flores brancas que carregava. Depois se dirigiu apressadamente para Mount Holly, trancou-se no quarto e leu as cartas. Algumas haviam sido escritas pelo pai e outras pela mãe. Não havia muitas, apenas uma dúzia no total, pois Walter e Bertha Shirley não ficaram separados por muito tempo durante o noivado. As cartas estavam amareladas, desbotadas e apagadas, manchadas com o toque dos anos que se passaram.

Não havia pensamentos profundos ou palavras de sabedoria naquelas páginas amareladas e amassadas, mas estavam repletas de amor e confiança. Emanavam a doçura das coisas esquecidas e traziam as longínquas e afetuosas esperanças daqueles amantes desventurados, que há tanto tempo haviam deixado este mundo. Bertha Shirley possuía o talento de escrever cartas que refletiam a encantadora personalidade da autora em palavras e pensamentos que ainda conservavam sua beleza e fragrância, mesmo com a passagem do tempo. As cartas eram ternas, íntimas, sagradas. Para Anne, a

mais doce de todas era uma que a mãe havia escrito após seu nascimento, durante uma curta ausência do pai. Nesta carta, sua mãe descrevera os “registros” de seu bebê: sua inteligência, brilhantismo, suas mil façanhas, todos narrados com enorme orgulho pela jovem mãe.

Amo nossa filha quando está adormecida e a amo ainda mais quando está acordada –, expressou Bertha Shirley no pós-escrito. Esta, provavelmente, havia sido a última frase que escrevera. Naquele momento, o fim dela se aproximava.

– Este foi o dia mais lindo da minha vida – Anne contou a Phil, naquela noite. – Encontrei meu pai e minha mãe! Aquelas cartas os tornaram reais para mim. Agora não sou mais uma órfã. Sinto como se houvesse aberto o livro de minha vida e nele eu tenha encontrado as doces e amadas rosas de outrora.



A PRIMAVERA E ANNE DE VOLTA A GREEN GABLES

Dançavam nas paredes a sombra da chama da cozinha de Green Gables, pois ainda eram bastante frias as tardes de primavera. Através da janela aberta do lado Leste, era possível escutar as doces vozes da noite que se aproximava. Marilla estava sentada ao lado do fogo, ao menos fisicamente. Em espírito, vagava por antigos e longínquos caminhos, nos tempos em que seus pés eram jovens. Nesses tempos, Marilla vinha passando muitas horas assim, embora pensasse que deveria estar dedicando essas horas a tricotar para os gêmeos.

– Acho que estou envelhecendo – disse ela.

Ainda assim, Marilla pouco mudara ao longo dos últimos nove anos. É certo que estava mais magra e seus traços, mais angulosos do que antes. Havia também maior quantidade de cabelos grisalhos, mas sempre penteados no mesmo coque firmemente afincados por dois grampos, seriam estes os mesmos grampos? Mas sua expressão mudara bastante. Suas covinhas enrugadas ao redor da boca insinuavam que o senso de humor havia se desenvolvido muito bem, seu olhar era mais gentil e brando, e seu sorriso, mais constante e terno.

Marilla recordava seu passado: sua infância rigorosa, mas não infeliz; seus sonhos cuidadosamente encobertos e suas juvenis esperanças arruinadas; os longos, cinzentos, restritos e minguados anos de uma aborrecida idade madura que se seguiram. E a chegada de Anne, criança imaginativa, cheia de ímpeto e vida, com um coração amoroso, e seu mundo fantasioso trouxe consigo a cor, o calor e o brilho, até que uma existência deserta houvesse florescido como uma rosa. Marilla sentia que, de seus sessenta anos de idade, havia vivido apenas os nove que se seguiram à vinda de Anne. E a jovem retornaria à casa na noite seguinte.

A porta da cozinha se abriu e Marilla ergueu os olhos, esperando ver a sra. Lynde. Mas, para a sua surpresa, quem estava diante dela era Anne, alta,

com os olhos iluminados e as mãos cheias de violetas e flores de maio.

– Anne Shirley! – exclamou Marilla. Pela primeira vez na vida, deixou a reserva de lado diante da surpresa. Abraçou intensamente sua menina, apertando também as flores contra o peito, beijando-a com carinho os brilhantes cabelos e o doce rosto de Anne. – Não esperava sua chegada até amanhã à noite. Como veio de Carmody?

– Vim caminhando, mais querida entre todas as Marillas! Tantas vezes não fiz isso nos meus tempos da Queen's? O carteiro trará meu baú amanhã. Senti, de repente, tanta saudade de casa, que resolvi vir um dia antes. Ah! Dei um passeio tão adorável pelo crepúsculo de maio! Passei pelos campos e colhi estas flores, então cruzei o Vale das Violetas, que mais parece agora uma grande tigela florida com estas graciosas coisinhas tingidas no matiz do céu. Sinta o perfume, Marilla, absorva este aroma!

Marilla obrigou-se a atender o pedido e cheirou as flores, mas estava mais interessada em Anne do que em absorver violetas.

– Sente-se, menina. Deve estar muito cansada. Vou trazer algo para você comer.

– Erguendo-se detrás das colinas, Marilla, há uma lua graciosa, e como cantaram as rãs ao longo de minha caminhada desde que saí de Carmody! Eu amo a música que elas produzem. Me faz lembrar das minhas mais alegres recordações das noites primaveris que passei em minha vida. Sinto-me como na noite em que estive aqui pela primeira vez. Você se lembra, Marilla?

– Ora, e como eu poderia esquecer? – respondeu Marilla, de forma enfática. – Não creio que esta memória possa se apagar algum dia.

– Naquele ano, as rãs cantavam sem cessar no pântano e no riacho. Lembro-me de escutá-las da minha janela ao anoitecer e pensava como podiam soar tão contentes e tão tristes ao mesmo tempo. Ah, mas como é bom estar em casa novamente! Redmond foi esplêndida e Bolingbroke adorável, mas Green Gables é meu verdadeiro *lar*.

– Ouvi dizer que Gilbert não virá para casa neste verão – comentou Marilla, de repente.

– Não.

O tom de voz que Anne respondera fez com que Marilla a encarasse abruptamente, mas ela estava muito entretida arrumando as violetas em um jarro.

– Veja como são delicadas! – continuou, apressadamente. – O ano é como um livro, não é, Marilla? As páginas da primavera são escritas com flores de

maio e violetas; o verão com rosas; o outono com folhas vermelhas de bordo; e o inverno com azevinhos e sempre-vivas.

– Gilbert se saiu bem nos exames? – persistiu Marilla.

– Extremamente bem, foi o primeiro de sua turma. Onde estão os gêmeos e a sra. Lynde?

– Rachel e Dora foram até a fazenda do sr. Harrison. Davy está na casa dos Boulter, mas já deve estar chegando.

Davy entrou, viu Anne, parou e então se atirou sobre a jovem com um grito de alegria.

– Ah, Anne, estou tão contente em ver você aqui! Veja só como eu cresci cinco centímetros desde o outono! A sra. Lynde me mediu hoje com a fita métrica, e veja, Anne, meu dente da frente caiu! A sra. Lynde amarrou uma ponta do fio no dente e a outra na porta, e então bateu a porta. Vendi ao Milty por dois centavos. Ele coleciona dentes.

– Para quê aquele menino quer os dentes? – perguntou Marilla.

– Ele disse que é para fazer um colar, para brincar de cacique – explicou Davy, subindo no colo de Anne. – Ele já tem quinze e todos os outros meninos prometeram vender os seus dentes a ele, então não vale a pena para nenhum de nós começar a colecionar agora. É o que eu digo, os Boulters são grandes negociantes!

– Você se comportou na casa da sra. Boulter? – indagou Marilla, severamente.

– Sim. Mas veja, Marilla, estou muito cansado de ser bom.

– Acredite, você se cansaria de ser mau ainda mais rápido, pequeno Davy – disse Anne.

– Bom, mas pelo menos eu ia poder me divertir um bocado primeiro... – persistiu Davy. – E depois eu ia poder me arrepender, não é?

– Não conte com isso. Arrepender-se não apaga as consequências de ser mau, Davy. Não se lembra daquele domingo, no verão passado, quando você fugiu da escola dominical? Você mesmo me disse que ser mau não valia a pena. O que você e Milty fizeram hoje?

– Ah, nós pescamos, perseguimos a gata, caçamos ovos e depois gritamos no eco. Há um ótimo eco no matagal, atrás do celeiro dos Boulters. Me diga, o que é um eco, Anne? Quero saber.

– Eco é uma bela ninfa, que vive muito longe, nos bosques, e ri do mundo por entre as colinas.

– E como ela é?

– Seus cabelos e olhos são escuros, mas o pescoço e os braços são brancos como a neve. Nenhum mortal consegue ver quão bela ela é, pois é mais veloz do que um cervo. E tudo o que se sabe sobre ela é que tem aquela voz zombeteira que imita tudo o que falamos. À noite, você consegue ouvir seu chamado e sua risada sob as estrelas, mas nunca consegue vê-la. Se você tentar segui-la, ela foge rápido para bem longe e vai até as colinas para rir de você.

– Isso é verdade, Anne? Ou é uma grande mentira? – Davy exigiu saber, encarando-a.

– Davy, você não tem sensibilidade para diferenciar uma mentira de um conto de fadas? – inquiriu Anne, sem esperanças.

– Então o que é que grita de volta no matagal dos Boulters? Quero saber! – insistiu.

– Quando você for maior, Davy, eu te explicarei.

A menção à sua idade pareceu dar um novo giro aos pensamentos do garoto, pois, após alguns instantes de reflexão, anunciou um pouco acanhado:

– Anne, eu vou me casar.

– Quando? – perguntou ela, solene.

– Ah, não até eu crescer, é claro.

– Ora, que alívio, Davy! Quem é a dama?

– Stella Fletcher. Ela é minha colega na escola, Anne, é a menina mais bonita que eu já vi. Se eu morrer antes de me tornar um homem, você promete que vai ficar de olho nela para mim?

– Davy Keith, pare de falar tanta bobagem! – exclamou Marilla, com severidade.

– Não é bobagem – ele protestou, em tom injuriado. – Ela está prometida para ser minha esposa, e se eu morrer antes, ela vai ser minha viúva prometida, não vai? E ela não tem uma alma que cuide dela, a não ser sua avozinha, que já está bem velhinha.

– Venha jantar, Anne – chamou Marilla –, e não encoraje as conversas absurdas desse garoto.



PAUL NÃO ENCONTRA OS HOMENS DE PEDRA

Naquele verão, a vida foi muito agradável em Avonlea. Anne, no entanto, apesar de todas as alegrias das férias, sentia-se perseguida pela sensação de que “faltava algo que deveria estar lá”. A jovem não admitiria, nem mesmo em pensamento, que tal sentimento era causado pela ausência de Gilbert, mas quando voltava para casa sozinha das reuniões de oração e dos encontros da SMA, enquanto Diana e Fred e outros alegres casais passeavam ao crepúsculo pelos iluminados caminhos sob a luz das estrelas, sentia uma estranha e solitária dor em seu coração, a qual não conseguia explicar. Gilbert nem mesmo escrevera para ela, como Anne esperava, pois sabia, no entanto, que ele vez ou outra escrevia para Diana, mas nada lhe perguntava, então Diana, supondo que a amiga recebia notícias diretamente, não revelou nenhuma informação. A mãe de Gilbert, que era uma dama alegre, franca e jovial, mas desprovida de tato, tinha o frequente e embaraçoso hábito de perguntar-lhe, sempre com uma dolorosa distinção no tom de voz, e sempre na presença de muita gente, se ela havia recebido notícias de Gilbert ultimamente. A pobre Anne só conseguia corar profundamente, e murmurar “não muito recentemente”, frase que todos encaravam, inclusive a sra. Blythe, como uma mera esquiva resposta feminina.

Apesar disso, Anne aproveitou o verão. Em julho, Priscilla fez-lhe uma breve visita, e quando foi embora, o sr. e a sra. Irving, Paul e Charlotta IV vieram para “casa”, a fim de passar os meses de julho e agosto.

Echo Lodge foi novamente cenário de alegrias e risadas, e os ecos sobre o rio se mantiveram ocupados imitando as gargalhadas que soavam no velho jardim, atrás dos abetos vermelhos.

“Senhorita Lavendar” nada havia mudado, exceto por tornar-se ainda mais doce e bela. Paul a adorava e o companheirismo deles era lindo de se admirar.

– Eu não a chamo exatamente de “mãe” – explicou ele a Anne. – Pois este título pertence somente à minha mãezinha e não posso dá-lo a mais ninguém. A senhorita entende, professora. Mas eu a chamo de “mamãe Lavendar” e ela é a pessoa que eu mais amo, depois do papai. Eu... eu até a amo um pouquinho mais que a senhorita, professora.

– E é assim mesmo que deve ser – respondeu Anne.

Paul estava agora com treze anos, e era muito alto para sua idade. Seu semblante e seus olhos estavam belos como sempre, e a imaginação continuava como um prisma, convertendo em raios multicoloridos tudo que nela refletia. Anne e o rapaz desfrutaram de deliciosos passeios sem destino pelos bosques, pelos campos e pelas praias. Nunca houve duas “almas gêmeas” mais profundamente unidas.

Charlotta IV ficara mais bela na juventude. Usava os cabelos presos em um enorme penteado pomposo e abandonara os laços de fita azul dos bons tempos de outrora, mas o rosto ainda era sardento, o nariz empinado, e a boca e o sorriso tão largos quanto antes.

– A senhorita acha que tenho um sotaque ianque, senhorita Shirley? – perguntou, ansiosa.

– Não percebi, Charlotta.

– Fico contente que não. Em casa, me disseram que eu tinha, mas acho que era implicância deles. Não quero nenhum sotaque ianque. Não que eu tenha algo contra, madame senhorita Shirley. Os ianques são muito civilizados, mas sinto saudade da velha Ilha de Prince Edward todo o tempo.

Paul passou a primeira quinzena com sua avó Irving em Avonlea. Anne estava lá para recebê-lo quando chegou, e o menino a advertiu que estava ansioso para ir até a costa, onde encontraria Nora, a Dama Dourada, e os Marinheiros Gêmeos. Mal podia esperar para terminar o jantar e já visualizava o semblante élfico de Nora que o espiava do outro lado do cabo, esperando ansiosamente sua chegada. No entanto, Paul, naquele anoitecer, voltou diferente e muito sóbrio.

– Não encontrou seus homens de pedra? – perguntou Anne. Paul balançou seus cachos castanhos com tristeza.

– Os Marinheiros Gêmeos e a Dama Dourada não apareceram – respondeu. – Nora estava lá, mas não é mais a mesma, professora, mas ela parece muito mudada.

– Ah, Paul, perceba que foi você quem mudou – disse Anne. – Já está muito crescido para os homens de pedra. Eles gostam apenas das crianças

como companheiras de brincadeiras. Receio que os Marinheiros nunca mais virão buscá-lo no barco encantado de madrepérola, com a vela de luz do luar e a Dama Dourada não mais tocará a harpa de ouro para você. Nem mesmo Nora continuará a aparecer por muito mais tempo. Você deve pagar o preço por crescer, Paul e abandonar o mundo da fantasia.

– Vocês dois estão falando mais bobagens do que de costume – disse a velha sra. Irving, de forma indulgente, mas severa.

– Ah, não, não estamos – retorquiu Anne, balançando a cabeça gravemente. – Estamos ficando muito, muito sensatos... o que é uma lástima. Quando aprendemos que a linguagem nos foi dada para que possamos esconder nossos pensamentos, nos tornamos menos interessantes.

– Mas não é nada disso. Você está equivocada, Anne. A linguagem nos é dada exatamente para que possamos expressar nossos pensamentos – replicou a sra. Irving, com seriedade. Ela nunca havia ouvido falar de Talleyrand e não entendia epigramas.

Anne passou quinze pacíficos e agradáveis dias em Echo Lodge, no dourado auge de agosto. Enquanto esteve lá, contribuiu propositalmente para apressar Ludovic Speed em seu preguiçoso noivado com Theodora Dix, como devidamente relatado em outra de suas histórias. Arnold Sherman, um velho amigo dos Irvings, também se hospedou na casinha de pedra, o que contribuiu muito para tornar a estadia ainda mais prazerosa.

– Que excelente tempo de folgedos foi este! – comemorou Anne. – Sinto-me nova agora! E dentro de quinze dias estarei de volta a Kingsport, a Redmond e à Casa da Patty. É o lugar mais delicioso que existe, senhorita Lavendar. Sinto como se tivesse dois lares: Green Gables e Casa da Patty. Mas onde foi parar o verão? Parece que foi ontem que cheguei em casa naquela noite primaveril, carregando flores nos braços. Quando eu era menor, não conseguia ver de um extremo ao outro do verão. Estendia-se diante de mim como se não tivesse fim. Agora, no entanto, “é como a medida de um palmo ou como uma fábula.”

– Anne, você e Gilbert Blythe ainda continuam amigos como antigamente? – Perguntou senhorita Lavendar, em tom suave.

– Sim, senhorita Lavendar, nossa amizade continua a mesma.

A senhorita Lavendar balançou a cabeça.

– Percebo que algo está errado com você, Anne. Vou ser impertinente e perguntar novamente o que aconteceu. Vocês brigaram?

– Não... É que, na verdade, Gilbert quer mais do que a minha amizade, e eu não posso oferecer a ele mais do que isso.

– Você tem certeza, Anne?

– Sim. Absoluta certeza.

– Eu lamento muito, muito mesmo.

– Fico me perguntando o motivo de todos pensarem que devo me casar com Gilbert! – exclamou, petulante e irritada.

– Simplesmente porque vocês foram feitos um para o outro, Anne, eis o motivo! E não adianta negar. Isso é um fato.



JONAS ENTRA EM CENA

Prospect Point, 20 de agosto.

Estimada Anne com E, escreveu Phil, preciso manter minhas pálpebras abertas por tempo suficiente para lhe escrever. Fui vergonhosamente relapsa com você neste verão, minha querida amiga, assim como todos os meus outros correspondentes. Saiba que eu tenho uma enorme pilha de cartas para responder, de modo que eu preciso estar com a mente preparada para este árduo trabalho. Perdoe-me por minhas metáforas misturadas. Estou extremamente cansada e sonolenta.

Ontem à noite, minha prima Emily e eu fomos visitar alguns vizinhos. Lá havia vários outros visitantes, e assim que os pobres partiram, nossa anfitriã e suas três filhas as criticaram até se cansarem e sei que fariam o mesmo comigo e com a prima Emily assim que a porta se fechasse atrás de nós. Quando voltamos para casa, fomos informadas pela sra. Lilly que o empregado desta vizinha antes mencionada parecia estar acamado com febre escarlatina. Sempre se pode contar com a sra. Lilly para noticiar fatos animadores como esse, e tenho verdadeiro pavor de febre escarlatina! Quando me deitei, fiquei pensando nisso e não consegui dormir, me mexendo a noite inteira e tive pesadelos horríveis nos poucos momentos em que preguei os olhos e, às três da madrugada, despertei com febre alta, dor de garganta e uma persistente enxaqueca. Sabia que havia contraído essa maldita febre! Levantei em pânico e fui correndo buscar o livro de medicina caseira da prima Emily para ler os sintomas. Então, comprovei que eu tinha todos! Voltei para a cama já sabendo do pior e dormi como uma pedra pelo restante da noite (apesar de nunca ter entendido a metáfora do porquê uma pedra deveria dormir mais profundamente do que qualquer ser vivo). Esta manhã, no entanto, acordei me sentindo perfeitamente bem, então não creio ter contraído febre escarlatina. Suponho que, caso houvesse sido contagiada na noite passada, não poderia estar curada da doença com tamanha rapidez. É claro que só pude pensar nisso à luz do dia, pois é impossível raciocinar logicamente às três da manhã.

Imagino que você deva estar se perguntando o que estou fazendo em Prospect Point. Bem, eu sempre gostei de passar um mês do verão na praia, e papai insistiu que eu viesse para a "seleta hospedaria" de Emily, sua prima em segundo grau, em Prospect Point. Então, quinze dias atrás eu vim para cá, como de costume. Como sempre, o velho tio Mark Miller me buscou na estação em sua velha charrete puxada por seu cavalo "polivalente", como ele o chama. Ele é um ótimo velhinho e me deu um punhado de balas de hortelã, que são para mim um tipo sagrado de doce, creio que seja porque minha avó Gordon sempre me dava algumas na igreja, quando eu era pequenina. Certa vez, referindo-me ao aroma da hortelã, perguntei à vovó: "É este o cheiro da santidade?". Fiquei com um pouco de nojo de comer as balas do tio Mark porque ele as carregava soltas dentro do bolso e separou-as de alguns pregos enferrujados e outras coisas, antes de me dar, mas eu não seria grosseira com ele, correndo o risco de magoar seus delicados sentimentos por nada neste mundo, de modo que fui deixando-as caírem pouco a pouco durante o caminho. Quando joguei fora a última, tio Mark disse, em tom levemente reprovador: "A siorita num divia tê cumido as bala tudo duma vez, siorita Phil. É capaz da siorita tê é uma dor de barriga"!

A prima Emily só tinha cinco hóspedes além de mim, quatro senhoras idosas e um rapaz. Minha vizinha à direita na mesa é a sra. Lilly, ela é uma daquelas pessoas que têm o estranho prazer de contar detalhadamente todas as suas incontáveis dores, os males e as enfermidades. Você não pode mencionar sequer uma indisposição que ela logo balança a cabeça e diz: "Ah, eu sei muito bem o que é isso", e dispara a enumerar todos os pormenores. Jonas contou que, uma vez, ele comentou sobre ataxia locomotora no ouvido e ela falou que sabia muito bem o que era, que havia padecido desse mal durante dez anos e que um médico itinerante finalmente a havia curado.

Quem é Jonas? Não tenha pressa, Anne Shirley. Você já saberá tudo sobre ele nos devidos tempo e lugar. Não vou misturá-lo com estas estimáveis senhoras.

Minha vizinha à esquerda é a sra. Phinney. Sempre fala com uma dolorosa e pesarosa voz, de modo que ficamos constantemente nervosos esperando que ela chore a qualquer momento. Com ela, tenho a impressão de que a vida é, de fato, um vale de lágrimas e que um sorriso, ou pior, uma gargalhada, são frivolidades verdadeiramente repreensíveis. Sua opinião a

meu respeito é ainda pior do que a de tia Jamesina, e ela não tem nem um pingo de afeto por mim que a compense por isso, diferentemente da tia Jamesina.

A senhorita Maria Grimsby senta-se à minha diagonal, e no dia em que cheguei, comentei com ela que me parecia que iria chover e ela riu. Disse-lhe que a estrada desde a estação estava muito bonita e ela riu. Disse-lhe que parecia que ainda havia alguns mosquitos e ela riu. Disse que Prospect Point estava bela como sempre e ela riu. Se dissesse: "Meu pai se enforcou, minha mãe tomou veneno, meu irmão está na penitenciária e eu estou nos últimos estágios da tuberculose", a senhorita Maria iria rir também. Parece-me que não consegue evitar, pois nasceu assim, mas é algo terrivelmente esquisito.

A quarta senhora é a sra. Grant. Ela é uma velhinha encantadora, mas como só fala coisas boas sobre todo mundo, os diálogos com ela não têm nada de interessante para se contar.

E agora sobre Jonas, Anne.

No dia em que cheguei, vi um rapaz sentado à mesa na minha frente, e sorria para mim como se me conhecesse desde o berço. Eu sabia de sua existência apenas porque o tio Mark havia me contado que seu nome era Jonas Blake, que era um estudante de teologia de St. Columbia, e que fora encarregado pela igreja missionária de Prospect Point durante o verão.

É um rapaz muito feio, de verdade, acho que o mais feio que já vi. Tem uma silhueta desproporcional, com pernas absurdamente longas. Seu cabelo é loiro platinado e liso, os olhos são verdes, a boca é grande e as orelhas... bem, é melhor não pensar em suas orelhas, se puder evitar.

Ele tem uma voz adorável, se você fechar os olhos, ele é adorável e tenho certeza de que possui uma boa alma e um bom caráter também.

Tornamo-nos amigos rapidamente, certamente pelo fato de também ter se formado em Redmond. Fomos pescar, passeamos de barco e caminhamos juntos pela areia sob o luar. Ele já não parecia tão feio sob a luz da lua, e ah, era tão gentil! Ele exala gentileza. Com exceção da sra. Grant, as senhoras não gostaram dele, porque ele ri, conta piadas e, evidentemente, porque ele prefere estar na companhia de uma moça frívola como eu do que na delas.

Por alguma razão, Anne, não quero que ele pense que sou frívola. E isso não faz sentido, afinal, por que eu deveria me importar com o que pensa de mim um rapaz loiro chamado Jonas, a quem eu acabei de conhecer? No

domingo passado, ele pregou na igreja do vilarejo. Fui ao culto, é claro, mas não conseguia convencer-me de que ele era o pregador. O fato de ele ser um pastor, ou de que logo se tornaria um, parecia ainda uma grande piada para mim.

Bem, Jonas pregou. E, após dez minutos de sermão, senti-me tão pequena e insignificante, que pensei que ninguém conseguiria me ver nem se eu estivesse a um palmo diante dos olhos. Jonas não proferiu uma só palavra sobre mulheres e também não olhou uma única vez para mim, enfim compreendi, naquele instante e naquele local, que sou uma borboletinha frívola e patética, de alma vazia, digna de pena, e quão terrivelmente diferente eu devo ser do ideal de mulher daquele rapaz, que deve ser sublime, forte e nobre. Ele é tão honesto, terno e genuíno! Todas as qualidades que um pastor deveria ter. Perguntei-me como pude um dia considerá-lo feio, apesar de realmente sê-lo! Com aquele olhar inspirado, e a fronte intelectual, que ficava oculta durante a semana pelo cabelo revolto.

Foi um sermão esplêndido, o qual eu gostaria de continuar escutando pela eternidade, e isso me fez sentir absolutamente miserável. Ah, Anne, como eu queria ser como você!

Ele me alcançou no caminho de volta para a hospedaria e sorriu tão verdadeira e alegremente quanto de costume, porém seu sorriso não me enganaria novamente, pois eu já havia visto o verdadeiro Jonas. Pensei se um dia ele também veria a verdadeira Phil, aquela a quem ninguém, nem mesmo você, Anne, conseguiu ver até hoje.

"Jonas", eu disse, esquecendo-me de chamá-lo de sr. Blake. Não foi terrível? Mas há momentos em que essas formalidades não importam. "Jonas, você nasceu para ser pastor e não poderia ser qualquer outra coisa".

"É verdade... eu não poderia", ele respondeu, em tom solene. "Tentei ser outra coisa durante muito tempo, pois não queria ser um pastor, mas finalmente me convenci de que esta é a vocação que recebi na vida e, com a ajuda de Deus, tentarei cumpri-la".

A voz dele era grave e reverente. Sei que ele fará seu trabalho bem feito e com muita nobreza, e feliz da mulher capacitada por natureza e treino para estar ao seu lado. Ela não seria nenhuma pluma levada por qualquer caprichoso vento de fantasia e sempre saberia que chapéu colocar. Provavelmente possuiria apenas um, pois pastores nunca têm muito

dinheiro, porém ela não se importaria de ter somente um chapéu, ou mesmo que não tivesse nenhum, ela teria Jonas.

Anne Shirley, não se atreva nem por um momento a dizer, insinuar ou sequer pensar que estou apaixonada pelo sr. Blake. Poderia eu me importar com um teólogo magro, pobre e feio chamado Jonas? Como diz o tio Mark: "É impossível! E, mais que isso, é improvável!"

Boa noite. Phil.

P.S. É impossível, mas tenho verdadeiro pavor de que isso seja verdade. Estou feliz, desolada e temerosa ao mesmo tempo. Ele nunca se apaixonaria por mim, eu sei, mas você acha que algum dia eu poderia me converter numa aceitável esposa de pastor, Anne? E eles esperariam que eu dirigisse as orações? P.G.



O PRÍNCIPE ENCANTADO ENTRA EM CENA

– Estou ponderando se saio ou se fico em casa – disse Anne, fitando os distantes pinheiros do parque por uma das janelas da Casa da Patty. – Tenho uma tarde inteira disponível para o delicioso prazer de não fazer absolutamente nada, tia Jimsie. Será que passo aqui, onde há uma acolhedora lareira, um prato cheio de maçãs, três gatos ronronantes e harmoniosos e dois impecáveis cachorros de porcelana de nariz verde? Ou será que vou ao parque, onde existe a atração dos arvoredos cinzentos e da água prateada que bate sobre as rochas do porto?

– Se eu fosse jovem como você, iria ao parque – respondeu tia Jamesina, cutucando a orelha amarela de Joseph com a agulha de tricô.

– Mas a senhora não alega que é tão jovem quanto qualquer uma de nós, titia? – provocou Anne.

– Sim, de espírito. Mas admito que minhas pernas não são jovens como as de vocês. Vá e tome um pouco de ar fresco, Anne. Você tem estado um pouco pálida ultimamente.

– Acho que seguirei seu conselho então – concordou, inquieta. – Não estou animada para os doces prazeres do lar hoje. Quero sentir-me sozinha, livre e indomável. Certamente o parque estará vazio, pois todos foram assistir à partida de futebol.

– Ora, e por que você não foi?

– "Ninguém me convidou, senhor, ela disse". Bem, ninguém além daquele desagradável Dan Ranger, e é claro que eu não iria a lugar algum com ele, mas, para não ferir seus pobres sentimentos, aleguei que não queria assistir ao jogo. Eu não me importo. De qualquer modo, não quero saber de futebol hoje.

– Ande! Saia e tome um pouco de ar fresco – repetiu tia Jamesina –, mas leve o guarda-chuva, pois creio que vai chover, já posso ouvir meu joelho ranger. Estou atacada do reumatismo na minha perna.

– Somente as pessoas idosas deveriam ter reumatismo, tia.

– Qualquer um pode ter reumatismo nas pernas, Anne. Porém, só os idosos sofrem de reumatismo no espírito. Graças a Deus, deste eu nunca sofri! Quando você tiver reumatismo no espírito, é melhor que saia para escolher seu caixão.

Era novembro, mês dos crepúsculos cor de carmesim, do voo de despedida dos pássaros, dos tristes e profundos hinos do mar, das canções apaixonadas do vento entre os pinheiros. Vagueando pelas alamedas margeadas de pinheiros no parque, conforme havia dito, Anne deixou que os impetuosos ventos levassem as nuvens escuras de sua alma. Ela não estava habituada a se preocupar com isto, mas, de alguma maneira, desde que retornara à Redmond para o terceiro ano, a vida não havia refletido aquela antiga, perfeita e cintilante clareza em seu espírito.

Externamente, a vida na Casa da Patty seguia o ciclo normal: trabalho, estudo e recreação aos finais de semana, como sempre. Nas noites de sexta-feira, a sala ampla e iluminada pela lareira ficava repleta de visitantes, e nela ecoavam as risadas e os gracejos, enquanto tia Jamesina sorria radiante para todos eles. O tal Jonas das cartas de Phil as visitava com frequência, chegando de St. Columbia no primeiro trem e partindo no último. Era o favorito de todas na Casa da Patty, apesar de tia Jamesina, desconfiada, afirmar que os estudantes de teologia não eram mais como antigamente.

– Ele é agradável até demais, minha querida – disse a tia à Phil –, os pastores deveriam ser mais sérios e dignos.

– Um homem não pode rir e brincar e ainda ser um cristão? – questionou Phil.

– Ah, os homens certamente podem, mas eu me referia aos pastores, minha querida – explicou, com ar de censura. – E você não deveria flertar desse jeito com o sr. Blake... realmente não deveria.

– Mas eu não estou flertando com ele – protestou, encabulada.

Ninguém acreditava nela, exceto Anne. As outras pensavam que Phil só estava se divertindo às custas do rapaz, como de costume, e afirmavam categoricamente que ela agia muito mal fazendo isso.

– O sr. Blake não é como Alec e Alonzo, Phil – disse Stella, com severidade. – Ele é respeitador e leva as coisas a sério e você pode partir o coração dele assim.

– Você acha mesmo que eu poderia? Gostaria de acreditar que sim.

– Philippa Gordon! Nunca pensei que você fosse tão insensível assim! É terrível te escutar dizendo que gostaria de partir o coração desse homem!

– Eu não disse isso, Stella. Ouça-me corretamente. Eu disse que gostaria de acreditar que poderia partir. Adoraria saber que eu tenho o poder de fazer isso.

– Não a compreendo, Phil. Você encoraja esse homem deliberadamente... mesmo não querendo nada sério com ele.

– Aí é que você se engana. Pretendo fazer com que ele me peça em casamento, se eu puder – admitiu, calmamente.

– Desisto de tentar entendê-la – finalizou Stella, sem esperanças.

Gilbert as visitava ocasionalmente nas noites de sexta. Parecia sempre bem-humorado, tomava parte nos gracejos e respondia espirituosamente na conversação geral. Não procurava nem evitava Anne. Quando as circunstâncias os reuniam, falava agradavelmente com ela e era cortês, como se houvessem sido apresentados recentemente e a velha amizade havia desaparecido completamente. Anne lamentava profundamente o fato, mas dizia a si mesma que estava muito satisfeita e grata por Gilbert ter superado inteiramente seu desapontamento em relação ao que houve entre eles. Preocupara-se de que aquela tarde de abril no pomar tivesse deixado nele feridas terríveis, que demorariam a sarar e agora via que sua preocupação fora em vão. Muitos homens haviam morrido por inúmeras causas e sido devorados por vermes, mas nunca por amor. Gilbert evidentemente não estava em perigo de imediata desintegração. Estava, ao contrário disto, desfrutando de sua vida, cheio de ambição e entusiasmo. Para ele, não valia a pena desesperar-se em razão de uma mulher ter sido honesta e fria. Enquanto ouvia as incessantes piadas de Gilbert e Phil, Anne até se perguntava se realmente havia algum dia visto aquela expressão em seu olhar, quando disse a ele que nunca poderia amá-lo, ou se aquilo seria tudo fruto de sua imaginação.

Não faltavam rapazes que teriam ocupado alegremente o lugar que Gilbert deixara vago. Entretanto, Anne os desprezava completamente, sem medo nem arrependimento e se o verdadeiro príncipe encantado nunca viesse, ela não se conformaria com qualquer um que a consolasse. Reafirmou essa decisão para si com firmeza naquele dia cinzento no parque, enquanto o vento soprava para longe a densa neblina em sua alma.

Repentinamente, a chuva predita por tia Jamesina começou a cair com extraordinária força. Anne abriu o guarda-chuva e correu colina abaixo. Ao

virar na rua do porto, uma violenta ventania seguiu junto com ela, virando instantaneamente seu guarda-chuva do avesso, e Anne agarrou-o com desespero. E então... ouviu uma voz ao seu lado.

– Perdoe-me... permita-me oferecer-lhe abrigo no meu guarda--chuva?

Anne ergueu o olhar. O estranho era alto, elegante, de porte distinto; seus olhos eram escuros, melancólicos e misteriosos; sua voz era terna, musical e complacente. Sim, o autêntico herói de seus sonhos estava parado bem diante dela, em carne e osso! Não poderia ser mais idêntico ao seu ideal, nem se fosse feito por encomenda.

– Obrigada – aceitou ela, um pouco desnorteada.

– É melhor corrermos até aquele pequeno gazebo ali adiante – sugeriu o desconhecido. – Podemos esperar por lá até que a tempestade passe. É improvável que continue chovendo forte assim por tanto tempo.

As palavras eram bem triviais, mas ah, o tom! E o sorriso que as acompanhava! Anne sentiu seu coração palpitar freneticamente.

Juntos, dirigiram-se apressados até o gazebo e sentaram-se ofegantes sob o teto acolhedor. Anne empunhou seu guarda-chuva quebrado enquanto sorria.

– Quando meu guarda-chuva virou do avesso, fiquei convencida de que há uma espécie de perseguição das coisas inanimadas a mim – disse, alegremente.

As gotas de chuva cintilavam no cabelo brilhante de Anne e os cachos soltos caíam sobre seu rosto e pescoço. As bochechas estavam coradas e seus grandes olhos brilhavam intensamente. O companheiro a observou com admiração e diante de seu olhar, Anne sentiu-se ruborizar. Quem era aquele homem? Ora, o distintivo branco e vermelho de Redmond estava preso em sua lapela. Pensava que conhecia, pelo menos de vista, todos os estudantes de Redmond, exceto os calouros. E este jovem cortês certamente não era um calouro.

– Vejo que somos colegas de faculdade – disse ele, observando com um sorriso o distintivo de Anne. – Isso deve ser suficiente para que eu me apresente. Meu nome é Royal Gardner e você é a senhorita Shirley, que leu o ensaio sobre Tennyson na Philomathic Society na outra tarde, não é mesmo?

– Sim, mas não estou conseguindo lembrar-me de você – admitiu ela, com franqueza. – A qual turma você pertence?

– Sinto que ainda não pertenço a nenhuma. Cursei meu primeiro e segundo ano em Redmond, há dois anos, mas passei uma temporada na

Europa desde então. Agora voltei para finalizar meu curso de Artes.

– Este também é o meu terceiro ano – disse Anne.

– Então somos colegas de aula, além de colegas de turma. Agora estou conformado com a perda dos anos devorados pelos gafanhotos – respondeu o acompanhante, expressando um universo de significados com seu esplêndido olhar.

A chuva não parou por quase uma hora. Mas o tempo pareceu passar voando. Quando as nuvens se abriram para dar brecha a um pálido raio de sol de novembro, que incidiu transversalmente sobre o porto e os pinheiros, Anne e seu companheiro partiram juntos para casa. Quando chegaram ao portão da Casa da Patty, Roy já havia pedido permissão para visitá-la e a havia recebido. Anne entrou com as bochechas incendiadas e o coração palpitando forte até a ponta dos dedos, Rusty, que subiu no seu colo e tentou beijá-la, encontrou uma recepção muito distraída. Repleta de emoções românticas na alma, Anne não tinha condições de dar atenção naquele momento ao bichano de orelhas rasgadas.

Na mesma noite, um pacote foi deixado na Casa da Patty endereçado à senhorita Shirley. Era uma caixa que continha uma dúzia de magníficas rosas. Fuxiqueira e impertinente, Phil agarrou o cartão que caiu da caixa, leu o nome e a citação poética escrita na parte de trás.

– Royal Gardner! – exclamou. – Ora, Anne, não sabia que você conhecia Roy Gardner!

– Eu o conheci hoje à tarde no parque, em meio ao temporal – explicou, apressadamente. – Meu guarda-chuva virou com o vento e ele me resgatou com o dele.

– Ah! – Phil encarou Anne com curiosidade. – E esse incidente totalmente trivial justifica o envio de uma dúzia de rosas de cabos longos e uns versos tão românticos? E é razão pela qual sua face se avermelha como a de uma cândida donzela ao ler o cartão? Anne, vosso semblante a trai, totalmente.

– Pare de falar bobagem, Phil. Você conhece o sr. Gardner?

– Sim. Conheço suas duas irmãs e sei um pouco sobre ele, assim como qualquer pessoa que pertença à sociedade de Kingsport. Os Gardners estão entre os mais ricos e nobres dentre os chamados de blue nose. Roy é adoravelmente belo e inteligente. Há dois anos, a saúde de sua mãe enfraqueceu e ele precisou trancar a matrícula e viajar com ela para o exterior... o pai já faleceu. Deve ter ficado extremamente desapontado ao ter que desistir de seus estudos, mas disseram que ele estava perfeitamente

tranquilo. *Fee-fi-fo-fum*, Anne! Sinto cheiro de romance no ar. Eu quase a invejo, mas nem tanto assim. Afinal, Royal Gardner não é o Jonas.

– Sua boba! – disse Anne, altiva. Porém, naquela noite, ela permaneceu sonhando acordada por muitas horas e nem quis dormir. Suas fantasias despertas eram mais fascinantes do que qualquer visão da terra dos sonhos. Será que, enfim, havia chegado o príncipe encantado? Relembrando aqueles gloriosos olhos escuros que fitaram os seus tão profundamente, Anne sentia-se fortemente inclinada a acreditar que sim.



CHRISTINE ENTRA EM CENA

As moças da Casa da Patty se preparavam para uma recepção que os alunos do terceiro ano ofereciam aos do quarto, em fevereiro. Contemplando-se no reflexo no espelho do quarto azul, Anne sentia uma inigualável satisfação feminina. Usava nesse dia um vestido particularmente bonito que, originalmente, fora um reles pedaço de seda cor de creme com *chiffon* por cima. Phil, no entanto, insistira em levá-lo consigo para casa no feriado de Natal, com a finalidade de bordar pequenos botões de rosa em todo o *chiffon*. Ela era muito habilidosa com os dedos e o resultado foi nada menos do que um vestido para causar inveja a todas as jovens de Redmond. Até mesmo Allie Boone, cujos trajes vinham todos de Paris, olhava cobiçosa para aquela original confecção de botões de rosa, enquanto Anne desfilava com ele na escadaria principal da universidade.

Anne testara o contraste que dava uma orquídea branca em seus cabelos ruivos, Roy Gardner enviara orquídeas brancas para a recepção e Anne sabia que nenhuma outra moça em Redmond iria usá-las naquela noite e ao entrar no quarto, Phil ficou totalmente estática admirando-a.

– Anne, esta certamente é sua noite de estar deslumbrante. Em nove de cada dez vezes eu consigo ofuscá-la facilmente nas noites de Redmond, mas na décima você floresce subitamente e me torna insignificante diante de tanta beleza! Como consegue?

– É o vestido, querida. Belas penas tornam belos os pássaros.

– Não é verdade. Na última noite que estive assim, com estonteante beleza, você usava o velho blusão de flanela feito pela sra. Lynde. Se Roy já não houvesse perdido a cabeça e o coração por você, certamente perderia nesta noite, mas se quer um conselho, não gosto desse efeito das orquídeas em seu cabelo, Anne. Saiba que não é inveja, as orquídeas não combinam com você. São exóticas demais, tropicais demais, insolentes demais. Seja como for, não as use.

– Bem, não a colocarei. Admito que eu mesma não tenho apreço por orquídeas, pois elas não se parecem comigo. Roy não as envia com

frequência... ele sabe que gosto das flores que eu possa usar no dia a dia. Orquídeas, porém, são apenas para ocasiões especiais.

– Jonas me enviou alguns lindos botões de rosa para a noite de hoje... mas... ele mesmo não irá à festa. Disse-me que precisava liderar uma reunião de oração num bairro afastado! Acho que ele não queria ir. Anne, tenho tanto medo de que Jonas não goste de mim de verdade! E ainda estou decidindo se devo me consumir até morrer de desgosto ou se termino meus estudos, como uma mulher competente e sensata.

– Phil, é impossível que você se torne uma mulher competente e sensata, então é melhor que se consuma e morra logo – respondeu Anne, cruelmente.

– Anne, sua desalmada!

– Phil, sua boba! Você sabe muito bem o quanto Jonas a ama.

– Mas... ele não me diz nada. E não consigo forçá-lo a dizer! Admito, parece que ele me ama. No entanto, não confio muito nisso de ele “dizer-me com os olhos” para começar a bordar guardanapos e abainhar toalhas de mesa. Não quero começar esse trabalho até que esteja realmente comprometida. Isso seria tentar ao acaso.

– O sr. Blake tem medo de pedi-la em casamento, Phil. Ele teme porque é pobre e não pode lhe dar uma casa confortável como a que você sempre morou. Sabe muito bem que este é o único motivo pelo qual ele ainda não assumiu um compromisso com você.

– Eu imagino que seja isso mesmo – assentiu Phil, melancólica. – Bem – acrescentou, em tom mais animado –, se ele não me pedir em casamento, então eu mesma pedirei a mão dele, e resolveremos esse embargo! E tudo ficará bem. Não vou me preocupar com isso. A propósito, você sabia que Gilbert Blythe tem sido visto constantemente com Christine Stuart?

Anne tentava fechar uma delicada correntinha de ouro em seu pescoço. O fecho estava duro de prender. Qual era o problema com o fecho... ou seriam seus dedos?

– Não sabia – respondeu, fingindo não se importar. – Quem é essa Christine Stuart?

– É a irmã de Ronald Stuart. Chegou em Kingsport neste inverno e está estudando Música. Ainda não a vi, mas dizem que ela é muito bonita e que Gilbert está interessadíssimo nela. Fiquei tão brava quando você o recusou, Anne! Mas devia ser porque Roy Gardner estava predestinado para você. Posso ver isso agora claramente. No fim, você estava certa.

Dessa vez, Anne não ruborizou como sempre ocorria quando as meninas davam como certo seu eventual casamento com Roy Gardner. Sentiu-se, inclusive, imediatamente entediada com aquela trivial tagarelice de Phil. A recepção era, na verdade, um grande aborrecimento. Terminou por golpear as orelhas do pobre Rusty.

– Saia de cima dessa almofada agora mesmo, seu gato! Por que não fica lá embaixo, no seu lugar?

Anne apanhou as orquídeas e desceu para a sala, onde tia Jamesina estava cuidando de uma fileira de casacos pendurados diante da lareira para aquecê-los. Na sala, Roy Gardner esperava por Anne enquanto implicava a Gata-Sarah, esta não se agradava com a sua presença e sempre lhe dava as costas e as outras moradoras da casa, pelo contrário, gostavam muito dele. Tia Jamesina, arrebatada pelo seu infalível e respeitoso jeito cortês e pelas suplicantes notas de sua agradável voz, declarava que ele era o melhor rapaz que ela já conhecera e que Anne tinha muita sorte em havê-lo conhecido. Tais comentários deixaram Anne aborrecida. A forma como Roy a cortejava era tão romântica quanto poderia desejar um coração feminino, mas... ela não queria que tia Jamesina e as meninas considerassem as coisas como definitivas. Quando Roy murmurou um poético gracejo em seu ouvido ao ajudá-la a vestir o casaco, Anne não enrubesceu nem estremeceu como de costume, de forma que ele logo reparou que ela estava um tanto fria e silenciosa durante a breve caminhada até Redmond. Notou também que Anne saiu um pouco pálida do toalete, entretanto, ao entrar no salão da recepção, as cores e o riso voltaram todos de uma vez. Virou-se para Roy com sua expressão mais alegre e o rapaz devolveu-lhe a expressão, com o que Phil chamava “seu profundo, sombrio e aveludado sorriso”. Ainda assim, Anne simplesmente não conseguia vê-lo. Tinha certeza absoluta de que Gilbert estava parado debaixo das palmeiras, no outro lado do salão, conversando com uma moça que deveria ser a tal Christine Stuart.

Ela era mesmo muito bonita. Tinha belas curvas e estava destinada a tornar-se um pouco gorda quando chegasse à meia-idade. Uma moça alta, com grandes olhos azuis-escuros, traços de marfim e um brilho escuro em seus macios cabelos. “Ela tem a aparência que eu sempre quis ter” – pensou Anne, sentindo-se a pessoa mais miserável do mundo. “Pele rosada como pétalas... olhos cor de violeta como as estrelas... cabelos negros como as penas de um corvo... sim, ela possui tudo. É incrível que, nessa barganha,

seu nome não seja Cordelia Fitzgerald! Mas não acho que sua figura seja mais bonita que a minha, e certamente seu nariz não é.”

Ao chegar, enfim, a essa conclusão, Anne sentiu-se um pouco mais confortável.



CONFIDÊNCIAS MÚTUAS

O invernall mês de março veio como o mais resignado e amável dos cordeirinhos, trazendo consigo dias frescos, dourados e revigorantes, os quais se dissipavam num entardecer róseo e congelante, que se perdia gradualmente num sonho encantado sob a luz da lua.

Sobre as moças de Casa da Patty, recaíam as temíveis avaliações de abril. Elas estudavam firmemente e até mesmo Phil se aquietou, imersa em textos e cadernos com uma obstinação que lhe era incomum.

– Vou concorrer à bolsa Johnson em Matemática – ela anunciou, com tranquilidade. – Se eu quisesse, concorreria à de Grego, mas escolhi a de Matemática para provar a Jonas que sou extremamente inteligente.

– Não se engane, Phil. Jonas prefere seus belos olhos castanhos e seu assimétrico sorriso a toda inteligência que você carrega dentro dessa sua cabecinha – disse Anne.

– Na minha juventude, não era nada bom que as mulheres entendessem de Matemática – comentou tia Jamesina. – Porém, os tempos de hoje são muito diferentes, e não tenho certeza se mudaram para melhor. Você sabe cozinhar, Phil?

– Não, nunca cozinhei nada em toda a minha vida, exceto quando tentei fazer um pão de gengibre que foi um completo desastre: por dentro, ficou cru e por fora, queimado. Vocês bem sabem como foi. Mas, titia, a senhora não acha que esta inteligência que vai me permitir ganhar uma bolsa de estudos em Matemática não é a mesma que me ajudará a aprender a cozinhar, quando eu estiver pronta para isso?

– Talvez – concordou tia Jamesina, com reserva. – Eu não desaprovo que mulheres cursem o ensino superior. Minha filha, por exemplo, se formou em Artes e ela também sabe cozinhar, mas antes que qualquer professor lhe ensinasse Matemática, eu a ensinei a cozinhar.

Em meados de março, as jovens receberam uma carta de senhorita Patty Spofford, a qual comunicava que ela e a senhorita Maria decidiram permanecer por mais um ano no exterior.

Deste modo, vocês podem continuar na Casa da Patty também no próximo inverno, escreveu. *Maria e eu vamos correr pelo Egito. Desejo ver a esfinge antes de morrer.*

– Imagine aquelas duas damas “correndo pelo Egito”! Pergunto-me se vão contemplar a esfinge e tricotar – riu Priscilla.

– Estou tão contente que poderemos permanecer na Casa da Patty por mais um ano! – exclamou Stella. – Tive tanto medo de que elas retornassem agora. Caso isso acontecesse, este nosso formoso ninhozinho estaria acabado e nós, pobres passarinhas, seríamos jogadas novamente no torpe mundo das pensões.

– Vou sair para perambular um pouco pelo parque – anunciou Phil, deixando de lado o livro. – Creio que, quando eu tiver meus oitenta anos, me lembrarei satisfeita que saí para caminhar na noite de hoje.

– O que quer dizer? – perguntou Anne.

– Acompanhe-me e eu lhe direi, querida.

Ao longo da caminhada, absorveram todos os mistérios e magias de um anoitecer de março. Era um crepúsculo tranquilo e suave, envolto em candura, pureza e taciturno silêncio, que tinha em si agregado diversos barulhinhos ressonantes que podiam ser percebidos tanto com a alma quanto com os ouvidos. As duas andaram ao léu em uma longa passagem por entre os pinheiros, que parecia conduzi-las diretamente ao coração de um pôr do sol avermelhado de inverno.

– Eu poderia voltar para casa agora mesmo e escrever um poema, se eu soubesse como fazê-lo – declarou Phil, detendo-se numa clareira onde a rósea luz tingia as copas verdes dos pinheiros. – Tudo aqui é tão maravilhoso... essa serenidade tão clara e profunda, e aquelas árvores escuras que parecem estar sempre meditando.

– *Os bosques foram os primeiros templos de Deus* – citou Anne, com suavidade. – Não é possível evitar a necessidade de reverenciar e adorar a Deus em lugares como esse. Sempre me sinto mais perto d’Ele quando caminho entre os pinheiros.

– Anne, sou a garota mais feliz do mundo – confessou Phil, subitamente.

– Isso significa que o sr. Blake finalmente a pediu em casamento?

– Sim. E eu espirrei três vezes enquanto ele fazia o pedido. Que gafe! Não é terrível? Mas eu logo respondi que “sim”, quase sem deixar que ele terminasse a pergunta, pois tive muito medo de que ele desistisse e parasse

de falar. Estou tão radiante de felicidade! Mal conseguia acreditar que Jonas poderia gostar de uma criatura frívola como eu.

– Phil, você não é verdadeiramente frívola – disse Anne, em tom muito sério. – Por trás dessa capa de frivolidade, você tem uma alminha querida, leal e feminina. Por que se esconde assim?

– É mais forte do que eu, rainha Anne! Mas você tem razão: não sou frívola de coração. Mas há uma espécie de barreira de frivolidade sobre a minha alma e não consigo me desfazer dela! Como diz a sra. Poyser, eu teria que nascer de novo e diferente para poder mudar isto em mim, mas Jonas sabe do meu verdadeiro eu e me ama com todos os meus defeitos. E eu o amo. Nunca na minha vida havia ficado tão surpresa como quando descobri que eu o amava. Nunca pensei que eu fosse me apaixonar por um homem feio. Imagine eu, com um único e solitário pretendente e que se chama Jonas! Mas acho que vou chamá-lo de Jo. É um apelido tão meigo e gracioso! Não poderia encontrar nenhum apelido para Alonzo, por exemplo.

– E como vão Alec e Alonzo?

– Ah, contei a eles no Natal que nunca poderia me casar com nenhum dos dois. É até engraçado, agora, recordar que algum dia eu tenha considerado essa possibilidade. Eles ficaram tão mal com a notícia, que eu também chorei aos berros por eles, mas eu sabia que só existia um homem no mundo com quem poderia me casar. E minha decisão já estava tomada, e dessa vez havia sido realmente fácil escolher. É maravilhoso sentir-se segura de si mesma e saber que esta certeza é a sua e de mais ninguém.

– Você acha que não se arrependerá?

– De ter tomado essa decisão? Eu não sei, mas Jo me ensinou uma esplêndida regra para seguir nesses casos. Ele disse que, quando eu não souber que decisão devo tomar, então que eu faça aquilo que me deixar contente de ter feito quando chegar aos oitenta anos. De qualquer modo, Jo é capaz de tomar decisões rápido o bastante e seria incômodo morar sob o mesmo teto se ambos fôssemos muito decididos.

– E seus pais, o que dirão sobre isso?

– Papai não dirá muita coisa, pois ele me apoia em tudo, porém mamãe certamente vai reclamar muitíssimo! Ah, a língua dela vai se tornar tão Byrne quanto seu nariz! Mas, no final das contas, tudo ficará bem.

– Você sabe que terá que abandonar várias coisas com as quais está acostumada quando se casar com o sr. Blake, não é, Phil?

– Sim, mas eu terei *Jo*! E não sentirei falta das outras coisas. Nós nos casaremos em junho do próximo ano. Ele vai se formar em St. Columbia nesta primavera, e então ele vai assumir uma igreja missionária na Rua Patterson, que fica num bairro pobre da periferia. Imagine eu ali! No entanto, para estar com ele, sou capaz de ir dali até as montanhas congeladas da Groenlândia.

– E esta é aquela que dizia que jamais se casaria com um homem pobre! – comentou Anne, em voz alta, como se estivesse conversando com um jovem pinheiro.

– Ah, não me jogue na cara as bobagens que eu dizia! Serei tão contente na pobreza quanto tenho sido na riqueza. Você vai ver. Aprenderei a cozinhar e costurar. Já aprendi a fazer compras e barganhar desde que vim morar na Casa da Patty e, certa vez, lecionei na escola dominical durante um verão inteiro. Tia Jamesina diz que, se eu me casar com Jo, vou arruinar a carreira dele e isso não vai acontecer. Sei que não sou muito sensata nem moderada, porém tenho algo de valor muito maior: a habilidade de fazer com que as pessoas gostem de mim. Há um homem em Bolingbroke que cerceia e que sempre testemunha nas reuniões de oração. Ele diz: *Ze não podez brilhar como uma eztrela, brilhe como um castizal*. Eu serei o pequeno castiçal na vida de Jo.

– Phil, você não tem jeito! Bem, eu sou tão afeiçãoada a você que nem conseguiria fazer um discursinho espirituoso para parabenizá-la, mas fico feliz de todo o coração por você.

– Eu sei. Esses seus grandes olhos acinzentados transmitem a verdadeira amizade, Anne. Um dia vou olhar para você com a mesma felicidade, afinal, você vai se casar com Roy, não vai, Anne?

– Minha querida Philippa, você já ouviu falar da famosa Betty Baxter, que recusou um homem antes mesmo que ele a houvesse mirado? Pois eu não serei como aquela famosa senhora, recusando ou aceitando alguém antes mesmo que ele mire em mim.

– Ora, Anne, toda Redmond sabe o quanto Roy é louco por você – prosseguiu Phil, candidamente. – E você também o ama, não ama?

– Eu... eu creio que sim – respondeu, um pouco hesitante. Tinha a sensação de que deveria enrubescer enquanto fizesse tal confissão, mas não havia enrubescido. Por outro lado, sentia o coração palpitar e as bochechas queimarem intensamente sempre que alguém mencionava o nome de Gilbert

Blythe ou Christine Stuart em sua presença. Esse casal não significava nada para ela, absolutamente nada.

Anne, enfim, desistira de tentar analisar a razão de sua falta de rubor. No que se referia a Roy, estava claro que ela era apaixonada por ele... loucamente. E poderia evitar? Ele não era o homem ideal para ela? Quem poderia resistir àqueles gloriosos olhos escuros, àquela voz suplicante? Além de ser furiosamente invejada por mais da metade das moças de Redmond! O belíssimo soneto que Roy lhe enviara em seu aniversário, junto com uma caixa de violetas... o que dizer disto? Anne decorara cada verso. Era um poema muito bom em seu gênero, não chegava exatamente ao nível de Keats ou Shakespeare, nem mesmo Anne estava tão cegamente apaixonada ao ponto de pensar isso. Mas eram bons versos, ao estilo daqueles que são publicados nos periódicos. E eram dedicados a ela, e não a Laura, ou Beatrice, ou à Dama de Atenas, mas a ela, Anne Shirley, declarando-se em versos metrificadas e cadências rítmicas que seus olhos eram estrelas da manhã; que seu rosto possuía as cores roubadas do amanhecer; que seus lábios eram mais vermelhos do que as rosas do Paraíso e tudo isso era profundamente romântico.

Gilbert, por outro lado, nunca escreveria um soneto destacando suas sobrancelhas, mas em compensação, ele tinha senso de humor. Certo dia, ela havia contado uma história engraçada a Roy e ele não conseguiu entender qual era a graça. Lembrou-se das amigáveis gargalhadas que partilhara com Gilbert, quando ela lhe contou a mesma história e questionou-se, inquieta, se a vida junto a um homem sem senso de humor não se tornaria muito chata a longo prazo, mas quem poderia esperar que um herói melancólico e misterioso fosse perceber o aspecto humorístico das coisas? Seria totalmente irracional.



UMA TARDE EM JUNHO

– Às vezes me pergunto como seria viver num mundo onde sempre fosse junho – disse Anne, ao subir pelos degraus da porta da frente, vindo do deflagrado e florescido pomar envolto no crepúsculo. Marilla e a sra. Lynde estavam ali sentadas, conversando sobre o funeral da sra. Samson Coates, que haviam assistido naquele dia. Dora, sentada entre elas, estudava suas lições aplicadamente, mas Davy estava sentado de pernas cruzadas na relva. Aparentava estar triste e deprimido, como se sua única covinha houvesse ido embora.

– Você ficaria cansada desse mundo – comentou Marilla, com um grande suspiro.

– É possível que sim. Mas, neste momento, sinto que levaria muito tempo para que isso acontecesse, se todos os dias fossem tão encantadores quanto o dia de hoje... Tudo à nossa volta ama o mês de junho. Pequeno Davy, por que você está com essa carinha melancólica e invernical nesta época florida?

– Estou apenas enjoado e cansado de viver – respondeu o pequeno pessimista.

– Com dez anos e já está assim? Puxa vida, que tristeza!

– Não estou brincando – redarguiu Davy, demonstrando dignidade. – Estou de-de-desanimado – prosseguiu, reproduzindo a longa palavra com grande esforço.

– Por quê? – perguntou Anne, sentando-se ao lado do garoto.

– Porque a nova professora que veio substituir o sr. Holmes, que está doente, me deu dez somas para fazer até segunda-feira. Amanhã vou ter que ficar o dia todo fazendo isso! Não é justo ter que fazer dever de casa no meu final de semana. Miltie Boulter falou que não ia fazer nada, mas Marilla me obrigou a fazer. Não gosto nem um pouco dessa senhorita Carson.

– Não fale assim de sua professora, Davy Keith! – ralhou a sra. Lynde, com severidade. – A senhorita Carson é uma pessoa muito agradável. Não tem a cabeça cheia de tolices.

– Isso não parece muito atrativo – sorriu Anne. – Gosto de que as pessoas tenham ao menos um pouco de tolices, porém tenho uma opinião sobre a senhorita Carson que me parece melhor do que a sua. Ontem à noite, eu a vi na reunião de oração e ela tem um par de olhos que não me parecem tão sensatos. Agora, pequeno Davy, anime-se! O amanhã trará um novo dia e eu o ajudarei com as somas, tanto quanto eu puder. Não se deixe abater, escurecendo esta adorável luz do crepúsculo ao se preocupar com Aritmética.

– Bom, está bem então! – exclamou Davy, animando-se. – Se você me ajudar com as somas, vou conseguir terminar tudo a tempo de ir pescar com Milt. Pena que o funeral da velha tia Atossa foi hoje, em vez de amanhã! Eu teria gostado de ir, porque Milt me contou que a mãe dele garantiu que a tia Atossa ia se sentar no caixão e falar poucas e boas sobre as pessoas que aparecessem lá para vê-la ser enterrada, mas Marilla disse que ela não fez nada disso.

– A pobre Atossa jazia em paz em seu caixão – disse a sra. Lynde, de forma solene. – Nunca a havia visto com o semblante tão tranquilo, isto é que é. Bem, não foram derramadas muitas lágrimas por sua partida, pobre alma! A família de Elisha Wright estava até agradecida por se livrar dela, e não posso dizer que os culpo por isso.

– Parece-me uma coisa muito triste deixar este mundo e não ter uma única pessoa que lamente a sua partida – comentou Anne, estremecendo.

– Além dos pais, ninguém mais amou a pobre Atossa, nem mesmo o marido! Isto é certo! – afirmou a sra. Lynde. – Ela foi sua quarta esposa. Era como se o homem tivesse o hábito de se casar. Viveu só uns poucos anos após se casar com ela. O doutor disse que ele morreu de dispepsia, mas sempre pensarei que ele morreu envenenado pela língua de Atossa, isto é que é. Pobre alma, sempre sabia detalhes da vida íntima dos vizinhos, mas nunca soube muito bem sobre si mesma. Bem, de qualquer maneira, agora ela se foi e creio que o próximo grande acontecimento em Avonlea será o casamento de Diana.

– Parece, ao mesmo tempo, engraçado e horrível pensar em Diana se casando – suspirou Anne, abraçando os joelhos e olhando em direção à clareira da Floresta Assombrada para a luz que brilhava na janela do quarto de sua amiga.

– Não entendo o que há de horrível nisso, não quando ela está se casando tão bem – garantiu a sra. Lynde, com ênfase. – Fred Wright é dono de uma

ótima fazenda e é um modelo de rapaz.

– Ele certamente não é como aquele rapaz selvagem, elegante e malvado com quem Diana um dia quis se casar – sorriu Anne. – Fred é extremamente bondoso.

– Ele é exatamente como deveria ser. Você preferia que Diana se casasse com um homem mau? Você se casaria com um que fosse assim?

– Ah, não! Não gostaria de me casar com ninguém que fosse malvado, mas acho que gostaria que ele pudesse ser, mas não fosse. Ora, Fred é irremediavelmente bondoso.

– Espero que um dia você seja mais sensata – disse Marilla.

Marilla soou um pouco amarga em sua declaração. Sentia-se dolorosamente desapontada com Anne. Ela ficara sabendo que Anne havia recusado Gilbert Blythe. As fofoqueiras de Avonlea cochichavam a respeito, mas ninguém sabia como o assunto chegara aos ouvidos de todos. Talvez Charlie Sloane houvesse presumido algo a respeito do assunto e espalhado suas suposições como fatos. Talvez Diana houvesse confiado em segredo a Fred e ele houvesse sido indiscreto. De qualquer forma, o fato já era conhecido por todos na ilha. A sra. Blythe não mais perguntava a Anne, em público ou em privado, se ela recebera notícias de seu filho ultimamente e a cumprimentava com frieza quando se cruzavam. Anne, que sempre tivera muito apreço pela alegre e jovial mãe de Gilbert, sofria em silêncio por essa atitude.

Marilla não disse nada, mas a sra. Lynde lançou várias ironias exaltadas sobre o assunto, até que chegaram novas fofocas aos ouvidos dela por meio da mãe de Moody Spurgeon MacPherson, dizendo que Anne havia encontrado outro pretendente na universidade, que era rico, bonito e admirável, tudo em um só rapaz. Depois disso, a sra. Lynde segurou a língua, mas no âmago de seu coração continuava a desejar que Anne houvesse aceitado Gilbert. A riqueza é muito boa, mas nem mesmo a alma prática da sra. Lynde a considerava essencial. Se Anne “gostasse mais” do Charmoso Desconhecido do que de Gilbert, não havia nada mais a ser dito, mas a sra. Lynde teve medo de que ela cometesse o terrível erro de se casar por interesse. Marilla, no entanto, conhecia Anne muito bem para ter esse tipo de visão sobre ela, mas sentia que algo haveria terminado muito mal no esquema universal das coisas.

– O que tiver que ser será – sentenciou a sra. Lynde, com tristeza –, e o que não tem que ser algumas vezes acontece. E eu não consigo deixar de

acreditar que é o que vai acontecer no caso de Anne, se não houver uma providência divina para intervir, isto é que é – suspirou. Receava que a providência divina não intervisse, e ela, de sua parte, não se atreveria a fazê-lo.

Anne havia ido perambular pela Bolha da Driade e lá estava enroscada entre as samambaias, sentada na raiz da grande bétula branca onde ela e Gilbert tantas vezes se sentaram, em outros verões. Quando o período das aulas terminou, ele tornou a ir para o escritório do Daily News e Avonlea parecia muito monótona sem a presença dele. Gilbert nunca mais escrevera a Anne, de modo que ela sentia falta das cartas que não chegavam. Roy, por outro lado, escrevia-lhe duas vezes por semana e suas missivas eram refinadas composições dignas de serem publicadas num memorial ou numa biografia. Quando lia suas palavras, Anne sentia-se ainda mais profundamente apaixonada por ele, mas seu coração jamais dera o estranho, rápido e doloroso salto ao receber suas cartas, diferentemente do dia em que a sra. Hiram Sloane lhe entregou um envelope, no qual ela logo reconheceu a caligrafia vertical de Gilbert. Ela correu para Green Gables, refugiou-se em seu quartinho e abriu ansiosamente o envelope. No entanto, encontrou apenas uma cópia datilografada de um folheto ilustrativo sobre alguma atividade da universidade. Só isso e nada mais. Frustrada, Anne atirou o inocente folheto ao chão e sentou-se para escrever uma carta especialmente carinhosa para Roy.

O casamento de Diana aconteceria dentro de cinco dias. A casa cinza em Orchard Slope encontrava-se num grande rebuliço de assados, preparações, fervuras e cozidos, pois haveria ali uma grande festa que entraria para a história de Avonlea. Anne, evidentemente, seria a dama de honra, conforme combinaram quando tinham doze anos, e Gilbert viria de Kingsport para ser o padrinho. Anne estava desfrutando da animação dos muitos preparativos, mas carregava uma aflitiva dor no fundo do coração. De certo modo, ela estava perdendo sua querida e velha companheira e a casa em que Diana iria morar ficava a cinco quilômetros de Green Gables, de maneira que o antigo e constante companheirismo que as unia nunca mais seria o mesmo. Anne olhou a luz no quarto de Diana e pensou no que aquela luz significara para ela durante tantos anos, mas em breve, a luz já não brilharia mais nos crepúsculos de verão. Duas grandes e dolorosas lágrimas rolaram de seus olhos acinzentados.

Pensou: “Como é horrível que as pessoas tenham que crescer... se casar... e se mudar!”



O CASAMENTO DE DIANA

– Afinal, as únicas e verdadeiras rosas são as rosas cor-de-rosa – disse Anne, ao atar uma delicada fita de cetim branco ao redor do buquê de Diana no quarto voltado para o Oeste em Orchard Slope. – Elas são as flores do amor e da fidelidade.

A nervosa Diana estava em pé no meio do quarto, vestida com o branco nupcial, e seus cachos negros estavam cobertos pelo véu. A própria Anne havia disposto harmoniosamente o véu da noiva, de acordo com o pacto sentimental firmado tantos anos atrás.

– Está tudo mais ou menos como imaginei no passado, quando chorava por causa da ideia do seu inevitável casamento e de nossa consequente separação – riu Anne. – Você é a noiva dos meus sonhos, Diana, com este “adorável véu enevoadado”, e eu, a sua dama de honra. Mas, ai de mim! As mangas do meu vestido não são bufantes... embora estas mangas curtas de renda sejam ainda mais bonitas. Meu coração não está completamente destroçado e eu nem odeio exatamente o Fred.

– Não estamos realmente nos separando, Anne – protestou Diana. – Não estou indo para muito longe. E nós vamos continuar sentindo o mesmo amor uma pela outra, como sempre foi. Nós nos mantemos fiéis àquele juramento de amizade que fizemos tantos anos atrás, não é mesmo?

– Sim. Nós o cumprimos com lealdade e vivenciamos uma linda amizade, Diana! Nunca a prejudicamos com brigas, indiferença ou palavras rudes, e espero que continuemos sempre assim. Mas as coisas não poderão seguir sendo as mesmas depois de hoje. Você terá outros interesses, e eu ficarei de fora. Mas assim é a vida, como diz a sra. Lynde. Ela lhe deu de presente uma de suas amadas colchas de tricô com listras cor de tabaco, e ela sempre diz que, quando eu me casar, me dará uma também.

– O ruim é que, quando você se casar, não poderei ser sua dama de honra – lamentou Diana.

– Serei também a dama de Phil em junho do ano que vem, quando ela se casar com o sr. Blake, e depois disso devo parar, pois você conhece o ditado:

“três vezes a dama, nunca a noiva” – disse Anne, espiando pela janela o branco e rosa do pomar que florescia abaixo. – Aí vem o pastor, Diana.

– Ah, Anne – ela murmurou, empalidecendo repentinamente e começando a tremer. – Ah, Anne... estou tão nervosa... acho que não consigo suportar... Anne, sei que vou desmaiar!

– Olhe bem para mim, se você desmaiar, vou arrastá-la até o tonel de água da chuva e jogarei você lá dentro – prometeu a insensível Anne. – Anime-se, querida! Casar não deve ser tão terrível, considerando a quantidade de pessoas que sobrevivem à cerimônia. Observe quão tranquila e serena eu estou e siga meu exemplo.

– Espere até chegar sua vez, senhorita Anne! Ah, Anne, ouço os passos do meu pai subindo as escadas! Dê-me o buquê. O véu está no lugar? Estou muito pálida?

– Você está adorável. Di, querida, me dê um beijo de despedida pela última vez, pois Diana Barry nunca mais me beijará.

– Mas Diana Wright sim. Mamãe está chamando. Vamos.

Seguindo um simples e antigo costume que estava em voga à época, Anne dirigiu-se até a sala de braços dados com Gilbert. Encontraram-se no topo da escadaria pela primeira vez desde que partiram de Kingsport, pois ele só havia chegado naquele dia. Saudaram-se com um aperto de mãos muito cortês. Aparentava estar muito bem, apesar de, segundo o que Anne reparou no mesmo instante em que o viu, estava um pouco magro, não estava pálido, pois havia até um rubor em seu rosto que se intensificou quando Anne foi até ele pelo corredor, trajando um fascinante vestido branco e lírios do vale adornando as brilhantes mechas de seu cabelo. A aparição dos dois juntos na sala repleta de convidados foi recebida com um breve murmúrio de admiração.

– Que casal elegante eles formam – sussurrou a impressionável sra. Lynde para Marilla.

Conforme o protocolo, Fred fez sua entrada sozinho, com o rosto muito corado e então Diana entrou de braços dados com o pai. Ela não desmaiou e nada desagradável ocorrera para interromper a cerimônia. Em seguida, um banquete e um divertido festejo sucederam a celebração e então, ao anoitecer, Fred e Diana partiram para o novo lar, e ninho de amor, sob a luz do luar. Gilbert acompanhou Anne até Green Gables.

Alguma coisa da antiga amizade havia retornado durante a alegria informal daquela tarde. Ah, como era bom voltar a percorrer o velho trajeto

na companhia de Gilbert!

Aquela noite estava tão silenciosa que era provável que se pudesse ouvir até mesmo o sussurro das rosas desabrochando... a risada das margaridas... o burburinho da relva... inúmeras vozes doces, todas interligadas. A beleza do luar nos conhecidos campos irradiava o mundo.

– Quer dar uma volta pela Travessa dos Amantes antes de entrar? – perguntou Gilbert, enquanto cruzavam a ponte sobre o Lago das Águas Reluzentes, onde o reflexo da lua mais parecia uma grande e dourada flor submersa.

Anne assentiu prontamente. A Travessa dos Amantes mais parecia um autêntico caminho para a terra das fadas naquela noite, um lugar cintilante, misterioso e cheio de magia, tecido sob o branco encantamento emanado pela luz da lua. Houve um tempo em que tal passeio com Gilbert oferecia grande risco, mas Roy e Christine haviam deixado tudo seguro agora. Enquanto conversavam amenidades, Anne pegou-se pensando em Christine por diversas vezes, encontrou-a diversas vezes antes de ir embora de Kingsport e fora muito delicada com ela. Christine também fora extremamente doce. De fato, as jovens foram bastante cordiais uma com a outra. Contudo, ainda assim, o conhecimento mútuo não se tornara uma amizade. Evidentemente, não seriam almas gêmeas.

– Vai ficar em Avonlea durante todo o verão? – perguntou Gilbert.

– Não. Na semana que vem irei para Valley Road, no Leste. Esther Haythorne pediu que eu a substitua lecionando durante os meses de julho e agosto. Eles têm um período de aulas de verão na escola e Esther não anda bem de saúde, então vou substituí-la. De certa forma, eu não me importo. Ando me sentindo um pouco como uma estranha em Avonlea agora, sabe? Isso me deixa muito triste... mas é verdade. É assustador ver como em apenas dois anos as crianças tornaram-se rapazes e mocinhas ou jovens homens e mulheres. Ao menos metade dos meus alunos já cresceu. Me sinto tão velha quando os vejo tomarem os lugares que você, eu e nossos companheiros costumávamos ocupar.

Anne riu e suspirou. Sentia-se muito velha, madura e sábia, o que demonstrava somente o quão imatura ela realmente era. Dizia a si mesma que ansiava muitíssimo por voltar para aqueles estimados dias felizes, quando a vida era vista através da rosada neblina de esperança e ilusão, e possuía esse algo indefinível que havia morrido para sempre. Onde se encontravam, agora, a glória e o sonho?

– *Assim o mundo anda para a frente* – citou Gilbert, com senso prático e um pouco distraído. Nesse momento, Anne perguntou-se se ele estava pensando em Christine. Ah, Avonlea ficaria tão solitária agora... sem a presença de Diana!



O ROMANCE DA SRA. SKINNER

Ao chegar à estação de Valley Road, Anne desceu do trem e olhou ao redor para ver se alguém havia ido recebê-la. Iria hospedar-se com uma tal de senhorita Janet Sweet, mas não avistou ninguém que correspondesse minimamente à ideia que havia feito da referida senhorita, conforme Esther a descrevera na carta. A única pessoa que viu na estação era uma senhora de mais idade que estava sentada numa charrete, rodeada por pilhas de malas de correspondência ali amontoadas. Noventa quilos seria um caridoso palpite para o seu aparente peso e seu rosto era bem redondo e avermelhado como a lua cheia do equinócio, quase com a mesma ausência de traços. Usava um vestido apertado de lã preta, costurado no feitio de dez anos atrás, e um empoeirado chapeuzinho de palha preto, com laços de fita amarela e renda preta desbotada.

– Ei, moça! – gritou ela, agitando seu chicote na direção de Anne. – A senhorita é a nova professora de Valley Road?

– Sim.

– Bem, imaginei que fosse! Valley Road distingue-se pelas professoras bonitas, assim como Millersville pelas feias. A Janet Sweet me perguntou hoje de manhã se eu podia levar a senhorita. Eu disse: “Posso sim, se ela não se importar com as sacudidas”! Esta minha carroça é pequena para as bolsas dos correios e eu sou bem mais gorda que o Thomas! Espere um pouco, moça, para que eu possa amontoar estas bolsas e enfiar a senhorita aqui em cima do jeito que der. São apenas três quilômetros até a casa da Janet. O criado do vizinho dela virá buscar o seu baú hoje à noite. Meu nome é Skinne, Amélia Skinner.

Enfim, Anne foi enfiada na charrete do jeito que deu, sorrindo e achando aquilo tudo muito divertido.

– Vamos lá, égua preta! – comandou a sra. Skinner, segurando as rédeas nas rechonchudas mãos. – Esta é a minha primeira jornada pela rota de entrega dos correios. O Thomas me disse que queria colher os nabos hoje, então me pediu para vir no lugar dele, então eu só me sentei aqui, peguei

uma merenda e saí em disparada! Até que eu gostei, sabe? Mas é claro que é um pouco chato, pois metade do tempo eu fico sentada pensando, e na outra metade eu só fico sentada mesmo. Vamos lá, égua preta! Eu quero chegar cedo em casa! O Thomas se sente muito sozinho quando não estou em casa. A gente não se casou há muito tempo, sabia?

– Hum... – murmurou Anne, educadamente.

– Faz só um mês, embora o Thomas tenha me cortejado por bastante tempo. Foi tão romântico! – e Anne até tentou imaginar a sra. Skinner falando em termos de romance, mas não conseguiu.

– Hum? – murmurou novamente.

– Sim. Veja bem, havia um outro homem que corria atrás de mim. Vamos lá, égua preta! Eu fiquei por tanto tempo viúva que as pessoas do povoado desistiram de esperar que eu me casasse de novo, porém quando a minha filha... ela é professora como a senhorita... foi lecionar no Oeste, eu me senti muito sozinha e então veio a ideia de me casar outra vez. Nesse meio tempo, o Thomas começou a me visitar, e o outro homem também... William Obadiah Seaman, esse era o nome dele. Passou muito tempo, e eu não conseguia me decidir com qual dos dois eu iria ficar, e eles continuavam vindo, e vindo, e eu comecei a ficar preocupada. Veja bem, o W.O. tinha muito dinheiro... ele também tinha uma casa boa e vivia luxuosamente. Ele era, de longe, a melhor escolha. Vamos lá, égua preta!

– Por que então a senhora não se casou com ele? – inquireu Anne.

– Ora, veja bem, ele não me amava – respondeu a sra. Skinner, de forma solene.

Anne encarou a sra. Skinner com os olhos arregalados, mas ela não estava brincando, como se podia observar em seu semblante. Era evidente que a sra. Skinner não via nada de engraçado em suas peripécias.

– Ele era viúvo já havia três anos e era a irmã dele quem cuidava da casa, então ela se casou e ele precisava de uma mulher para ficar no lugar dela, até que valia a pena, isso eu posso garantir. Era uma casa muito bonita. Vamos lá, égua preta! Com relação ao Thomas, ele era pobre, e tudo que se podia dizer da casa dele é que não tinha goteira em tempo seco, apesar de ser bem interessante, porém eu já amava o Thomas e não tinha nenhum sentimento pelo W.O., sabia? Então eu discuti comigo mesma: “*Amélia Crowe*”, eu disse, “meu primeiro marido era Crowe, você pode até se casar com o rico, mas vai ser infeliz. As pessoas não podem se dar bem neste mundo sem uma pitadinha de amor. É melhor que você se amarre com o Thomas, já que ele a

ama e você o ama, e acabe logo com isso!” Vamos lá, égua preta! Então eu disse “sim” para o Thomas. Durante todo o tempo da preparação para o casório, eu nem me atrevia a passar perto da bela casa do W.O., porque fiquei com medo de que a visão daquela maravilhosa casa me colocasse em dúvida e me fizesse mudar de ideia, mas agora eu não penso mais nisso e estou feliz e confortável com o Thomas. Vamos lá, égua preta!

– E como William Obadiah ficou nessa história? – inquiriu Anne.

– Ah, ele ficou chateado um bocado! Mas agora ele está visitando uma solteirona magrela de Millersville, e eu acho que ela vai aceitar o pedido sem demora, ela vai ser uma esposa melhor que a primeira. O W.O. nunca quis se casar com ela, mas só pediu a mão dela porque o pai dele obrigou, achando que ela ia dizer “não”. Mas imagine a senhorita, ela disse “sim”! Pense no dilema. Vamos lá, égua preta! Ela até que era uma boa dona de casa, mas era mesquinha que só ela e usou o mesmo chapéu por dezoito anos! Quando ela comprou um novo, o W.O. passou por ela na estrada e não reconheceu a própria esposa! Vamos lá, égua preta! Eu acho que escapei de entrar numa fria, pois se eu tivesse me casado com esse homem, teria sido muito infeliz, que nem a minha pobre prima Jane Ann. A Jane se casou com um ricaço, mas ela não o amava e agora vive uma vida de cão. Semana passada ela veio me visitar e me disse: “Amélia Skinner, como eu tenho inveja de você. Eu preferia mil vezes viver numa choupana à beira da estrada, com um homem de quem eu gostasse, a viver na minha mansão com esse marido que eu tenho”. O marido da Jane Ann não é tão ruim, mas ele é tão do contra, que usa um casaco de pele mesmo quando o termômetro está marcando quarenta graus! E o único jeito de conseguir alguma coisa com ele é convencendo-o do oposto do que você quer! Mas não existe amor entre eles... é muito triste viver assim! Vamos lá, égua preta! Lá está a casa da Janet, logo ali no vale. Wayside, é como ela chama o lugar. Bem pitoresco, não é mesmo? Acho que a senhorita vai ficar contente de sair daqui, com todas essas bolsas amontoadas ao redor de você.

– Sim, mas adorei passear com a senhora – respondeu Anne, com sinceridade.

– Ah, veja o que a senhorita me disse agora! – exclamou a sra. Skinner, sentindo-se muito lisonjeada. – Espere até eu contar ao Thomas! Ele sempre fica muito feliz quando eu sou elogiada. Vamos lá, égua preta! Bem, aqui estamos. Espero que a senhorita se dê bem lá na escola. Atrás da casa da Janet existe um atalho para a escola, através do pântano. Se a senhorita

decidir ir por aquele caminho, tome muitíssimo cuidado! Se você pisar no barro preto, pode ficar presa, e ele vai te sugar para baixo e nunca mais ninguém vai ver ou encontrar a senhorita até o dia do juízo final, que nem aconteceu com a vaca do Adam Palmer. Vamos lá, égua preta!



DE ANNE PARA PHILIPPA

*De Anne Shirley para Philippa Gordon,
Saudações!*

Bem, querida, já estava quase passando da hora de escrever para você. Aqui estou, mais uma vez trabalhando como "professora", em uma escola rural de Valley Road, hospedada em Wayside, o lar da senhorita Janet Sweet. Ela é uma pessoa encantadora e sua aparência é muito agradável: não muito alta, meio robusta, mas com um perfil que aparenta ter uma alma moderada, não sendo muito extravagante, nem mesmo na questão do sobrepeso. Tem emaranhados de cabelos crespos e castanhos com uma mecha grisalha, um alegre rosto com bochechas rosadas e grandes olhos gentis, azuis como miosótis. Além do mais, é daquelas adoráveis cozinheiras à moda antiga, que não ligam para azia, desde que possam se empanturrar de comidas gordurosas.

"Eu gosto dela, e ela de mim, principalmente porque, conforme ela me contou, teve uma irmã que também se chamava Anne, falecida ainda jovem.

"Estou muito contente em ver você", ela disse, abruptamente, assim que cheguei em seu quintal. "Meu Deus, mas a senhorita não se parece nem um pouco com o que eu imaginava! Tinha certeza de que seria morena... como era minha irmã. E aqui está a senhorita, ruivinha!"

Durante alguns minutos, simplesmente por ela ter dito que meu cabelo era ruivo, pensei que não iria gostar dela tanto quanto eu esperava. Porém, em vez de cultivar preconceitos infundados contra qualquer pessoa, lembrei-me de que deveria ser sensata. Provavelmente as palavras "castanho avermelhado" nem faziam parte de seu vocabulário.

Wayside é um lugarzinho bastante encantador. A casa branca e pequenina fica localizada num admirável valezinho afastado da estrada. No caminho que liga a estrada e a casa há um pomar e um jardim florido, tudo junto. A trilha que leva até a porta da frente é limitada dos dois lados por um paisagismo feito conchas de marisco arredondadas "pata de vaca", como Janet as chama. Há musgo sobre o telhado e uma trepadeira de folhagem

avermelhada sobre o pórtico. Meu quarto fica num cantinho bem limpinho, ao lado da sala de visitas, onde cabem somente a cama e eu. Há um quadro acima da cabeceira da minha cama, no qual há uma pintura de Robby Burns ao lado do túmulo de Highland Mary, à sombra de um enorme salgueiro chorão. O rosto de Robby é tão macabro que não me admiro que eu tenha tido pesadelos. Ora, na primeira noite aqui, sonhei que não conseguia rir!

A sala é minúscula, mas bem-arrumada, e a única janela é tão sombreada pelos frondosos ramos de um salgueiro, cuja penumbra chega ao ponto de tingir de verde esmeralda, como uma gruta, o aposento. As cadeiras possuem maravilhosos estofados e os tapetes sobre o piso têm cores alegres e há uma mesa redonda onde livros e cartas estão metodicamente organizados. Sobre a cornija da lareira, há vasos com gramíneas secas e, entre estes, uma alegre decoração de placas de caixões preservadas... cinco ao todo, que correspondem respectivamente aos pais de Janet, seu irmão, sua irmã Anne e um empregado que morreu por aqui. Se, por acaso, algum dia desses eu enlouquecer repentinamente, "saibam todos, por este presente instrumento" que a culpa se deve àquelas placas.

Entretanto, tudo é bastante aprazível, e assim eu o disse a Janet. Ela se afeiçoou a mim por isso, assim como detestou a pobre Esther, a qual lhe disse que o excesso de sombra é uma coisa anti-higiênica e recusou-se a dormir em um colchão de penas. Ora, eu me sinto glorificada quando durmo em colchões de penas, e quanto mais anti-higiênicos e plumosos forem, mais eu os adoro! Janet disse que gosta de me ver comer. Temia que eu fosse como a senhorita Haythorne, que não ingeria nada além de frutas e água quente no café da manhã e ainda por cima tentava fazer com que Janet renunciasse às suas amadas frituras. Esther é uma jovem realmente adorável, mas tem muitas manias. O problema dela é que não possui muita imaginação e por isso tende a sofrer de azia.

Janet me disse que, se eu quisesse, poderia usar a sala para receber a visita de algum rapaz! Não me parece que existam muitos por aqui para me visitar. Ao menos eu ainda não vi nenhum em Valley Road, somente o empregado do vizinho, que se chama Sam Toliver: um jovem loiro, magro e bem alto. Recentemente, ele veio aqui ao fim do entardecer e ficou durante uma hora sentado na cerca do jardim, próximo à varanda da frente, onde Janet e eu tricotávamos. Os únicos comentários que ele fez espontaneamente foram: "Cê qué uma balinha de hortelã, sinhorinha? As balinha é boa por

demais prá curá a catarreira, por causa das hortelã, sabe?" e "Que baita matagal que tá aqui, hein? Arre!"

Mas há um romance acontecendo por aqui. Parece até que o meu destino é juntar, de forma mais ou menos ativa, casais mais maduros, por exemplo: o sr. e a sra. Irving sempre afirmam que fui eu quem armei o casamento deles; a sra. Stephen Clark, de Carmody, persiste em ser absolutamente grata a mim por ter lhe dado uma sugestão que qualquer outra pessoa poderia ter dado em meu lugar. Todavia, eu realmente acredito que Ludovic Speed nunca teria avançado além de um plácido namorico se eu não houvesse dado um empurrãozinho a ele e Theodora Dix.

No romance atual, sou meramente uma espectadora passiva, pois, quando tentei ajudar as coisas a andarem, só consegui armar uma grande confusão! Então, não devo voltar a me intrometer. Contarei todos os detalhes assim que nos encontrarmos.



UM CHÁ COM A SRA. DOUGLAS

Na noite da primeira quinta-feira após a chegada de Anne a Valley Road, Janet convidou-a para acompanhá-la à reunião de oração e ela florescia como uma rosa quando participava dessas reuniões. Usava um vestido de musselina azul pálido, salpicado de amores-perfeitos bordados e com mais babados do que jamais se poderia esperar da econômica Janet, usava também um chapéu branco de palha trançada, enfeitado com rosas e três penas de avestruz. Anne surpreendeu-se muitíssimo ao vê-la vestida assim, mais tarde, descobriu o motivo que a fazia arrumar-se dessa maneira... um motivo quase tão antigo quanto o Éden.

As reuniões de oração de Valley Road pareciam ser essencialmente femininas. Além do pastor, estavam presentes trinta e duas mulheres, dois rapazes adolescentes e um homem solitário. Quando se deu conta, Anne estava analisando esse homem. Ele não era bonito nem jovem ou gracioso. Tinha pernas extremamente longas, tão longas que era preciso encolhê-las por debaixo da cadeira e seus ombros eram curvados. As mãos eram grandes e tanto o bigode quanto os cabelos precisavam ser cuidados por um barbeiro, mas Anne simpatizou com seu semblante, parecia-lhe gentil, honesto, terno e havia também algo mais, algo que Anne achou difícil de definir. Enfim, concluiu que era porque aquele homem havia sofrido e se mantido forte, de modo que a resiliência estava estampada em seu rosto. Em sua expressão, havia um tipo de resignação paciente e humorada, indicando que ele poderia chegar aos extremos da emoção se fosse necessário, mas continuaria parecendo simpático até que realmente começasse a se aborrecer.

Ao fim da reunião, este cavalheiro aproximou-se de Janet e disse:

– Permite-me acompanhá-la até sua casa, Janet?

Janet tomou-lhe o braço, “tão afetada e envergonhada quanto uma mocinha de dezesseis anos, sendo acompanhada pela primeira vez”, como Anne relatou às meninas da Casa da Patty, algum tempo depois.

– Senhorita Shirley, permita-me apresentá-la ao sr. Douglas – ela disse, cerimoniosamente.

O sr. Douglas assentiu e comentou:

– Estive contemplando-a durante a reunião, senhorita, e pensando que adorável juvenzinha a senhorita é.

Noventa e nove pessoas entre cem teriam incomodado Anne amargamente se houvessem feito esse mesmo comentário. Porém, o tom usado pelo sr. Douglas ao proferir essas palavras fizeram-na sentir que havia recebido honesto e sincero elogio. Ela sorriu de forma apreciativa e seguiu-os amavelmente pela estrada iluminada pela luz do luar.

Então Janet tinha um pretendente! Anne ficara encantada. Certamente ela seria uma esposa exemplar: alegre, econômica, tolerante, além de ser uma cozinheira de mão cheia! Seria um enorme desperdício se ela terminasse a vida solteira.

– John Douglas pediu-me que te levasse para conhecer a mãe dele – ela anunciou, no dia seguinte. – Na maior parte do tempo, ela fica em cima de uma cama e nunca sai de casa; porém, adora ter companhia e sempre quer conhecer minhas pensionistas. Você pode ir comigo esta tarde?

Anne concordou, mas na tarde daquele mesmo dia, o próprio sr. Douglas veio fazer o convite à Anne em nome de sua mãe, para que ambas fossem tomar o chá com ela no sábado à tarde.

– Ah, por que não usa aquele seu belo vestido bordado, que você usou na reunião de oração? – perguntou Anne, enquanto saíam de casa. Era um dia quente e a pobre Janet, entre sua empolgação e seu pesado vestido preto de casimira, parecia estar sendo assada viva.

– Temo que a velha sra. Douglas pense que sou terrivelmente fútil e inadequada. Mas John gosta tanto daquele vestido... – considerou, pensativa.

A antiga propriedade dos Douglas ficava a menos de um quilômetro de distância de Wayside, no topo de uma colina, onde ventava muito. A casa em si era grande e confortável, e também antiga o bastante para ser digna e cercada por um bosque de bordos e pomares. Nos fundos, ficavam os celeiros, espaçosos e bem cuidados, e todo o conjunto indicava prosperidade, Anne ponderou que, quaisquer que fossem as dificuldades que marcaram aquela paciente resignação no semblante do sr. Douglas, nada tinha a ver com dívidas e credores.

John Douglas as aguardava na porta, conduzindo-as, quando chegaram, até a sala de visitas, onde sua mãe estava majestosamente sentada numa poltrona.

Anne imaginara que a velha sra. Douglas fosse magra e alta como seu filho. Em vez disso, era uma mulher pequenina de suaves bochechas rosadas, meigos olhos azuis e a boca miúda e suave como a de um bebê. Trajava um belo e elegante vestido de seda preta com um felpudo xale branco sobre os ombros, e os alvos cabelos ficavam presos num delicado gorro de renda. Ela mais parecia uma vovozinha de porcelana.

– Como vai, minha estimada Janet? – perguntou, com doçura. – Estou tão feliz por vê-la de novo, minha querida! – e inclinou o belo rosto idoso para que fosse beijada. – E esta deve ser a nossa nova professora. Estou encantada em conhecê-la! Meu filho expressou tantos louvores pela senhorita que fiquei até um pouco enciumada e estou certa de que Janet também deva estar.

A pobre Janet enrubescceu, Anne falou algo amável e convencional, e então todos sentaram-se para conversar. Esta certamente não foi uma tarefa fácil, nem mesmo para Anne, a qual todos pareciam estar um pouco constrangidos e pouco à vontade, exceto a sra. Douglas, que não possuía nenhuma dificuldade para falar. A velha senhora fez com que Janet se sentasse ao seu lado e lhe acariciasse a mão ocasionalmente. Janet sorria, parecendo estar em total desconforto com seu horroroso vestido, e John Douglas, por sua vez, permanecia sentado sem dar um sorriso.

Posta a mesa do chá, a sra. Douglas pediu graciosamente que Janet a servisse. Ela ficou ainda mais vermelha, mas o fez. Anne descreveu esta refeição em uma carta para Stella:

Comemos frango, carne fria, compotas de morango, torta de limão, torta salgada, bolo de chocolate, biscoito de passas, bolo inglês, bolo de frutas e algumas outras coisas, incluindo mais variedades de torta de caramelo, eu acho. Depois de eu ter comido o dobro do que devia, a sra. Douglas suspirou e lamentou, dizendo que não havia nada mais a me oferecer, que tentasse meu apetite.

– Temo que a comida da minha querida Janet faça com que a senhorita considere qualquer outra pouco apetitosa – concluiu, amavelmente. – É claro que ninguém em Valley Road aspira rivalizar com ela. Não vai aceitar outra fatia de torta, senhorita Shirley? A senhorita não comeu nada.

Stella, eu já havia comido uma porção de carne e uma de frango, três biscoitos, uma generosa quantidade de compota, uma fatia de torta doce, uma de torta salgada e um pedaço quadrado de bolo de chocolate!

Após tomarmos o chá, a sra. Douglas sorriu com benevolência e pediu a John que acompanhasse a “querida Janet” para colherem rosas no jardim.

– Enquanto isso, senhorita Shirley irá me fazer companhia, não é mesmo? – perguntou, retoricamente, e sentou-se em sua poltrona com um suspiro. – Sou uma velha muito frágil, senhorita Shirley. Faz mais de vinte anos que sofro muito. Estou morrendo aos poucos, há vinte longos e cansativos anos.

– Que lástima, sra. Douglas! – exclamou Anne, que tentava ser empática à sua dor, mas somente conseguindo sentir-se idiota.

– Por inúmeras noites, pensei que não chegaria a ver o dia seguinte – prosseguiu, em tom solene. – Não há ninguém que saiba o que eu tenho passado... ninguém compreende, exceto eu mesma. Bem, isso já não pode durar muito agora. Minha triste peregrinação chegará ao fim em breve, senhorita Shirley. Para mim é um grande conforto saber que John terá uma boa esposa para cuidá-lo quando eu me for e isso me deixa mais tranquila para partir em paz, senhorita.

– Janet é uma pessoa adorável – disse Anne, de forma cordial.

– Adorável! Além de possuir um caráter maravilhoso! – assentiu a sra. Douglas. – E será uma perfeita dona de casa... como eu mesma nunca fui. Minha saúde nunca me permitiu, senhorita Shirley. Estou francamente agradecida a John por ter feito uma escolha tão sábia. Espero que ele seja muito feliz e creio que será. Ele é meu único filho, senhorita, e a sua felicidade é a minha.

– É claro – concordou Anne, estupidamente. Pela primeira vez em sua vida, sentia-se completamente idiota. Sabia disso, mas não conseguia entender o porquê. Parecia não ter ao menos uma palavra para dizer a essa senhorinha doce, sorridente e angelical, que lhe acariciava a mão com tamanha afabilidade. Somente concordar.

– Volte logo para me ver, querida Janet – ela pediu, com amabilidade, enquanto partiam. – Você não vem tanto quanto eu gostaria, mas eu presumo que, um dia desses, John a trará para ficar para sempre.

Involuntariamente, Anne olhou de relance para John Douglas, enquanto sua mãe falava essas palavras, tendo ela um sobressalto ao perceber seu evidente desespero. Assemelhava-se a um homem torturado, quando os carrascos lhe infligiam a última rodada de castigos. Podia garantir que ele iria desmaiar a qualquer momento, de modo que se apressou a sair de lá com a ruborizada Janet.

– A velha sra. Douglas não é uma senhora muito amável? – perguntou Janet, enquanto desciam a colina.

– Aham – murmurou Anne, distraída. Perguntava-se a razão de John Douglas ter feito aquela expressão tão horrorizada.

– Ela sofre muitíssimo – continuou Janet, com sensibilidade. – Tem crises terríveis e John está constantemente inquieto. Ele fica muito preocupado em sair de casa, temendo que a mãe tenha um ataque nesse meio-tempo, e então não haveria ninguém, além da criada, para ajudar.



“ELE VINHA SEMPRE”

Três dias depois, após retornar da escola, Anne encontrou Janet chorando. Lágrimas e Janet pareciam ser tão incompatíveis entre si, que Anne ficou bastante alarmada.

– O que houve, Janet? – perguntou, ansiosa.

– É que... que faço quarenta anos hoje! – soluçou Janet.

– Bem, mas ontem você estava quase completando essa idade, e isso não parecia afligi-la – consolou Anne, tentando não sorrir.

– Mas... mas – ela continuou, ainda chorando muito –, John Douglas não me pediu em casamento!

– Ah, mas ele vai pedir! – disse Anne, com pouca convicção. – Ele só precisa de um tempo, Janet.

– Tempo! – exclamou, com indescritível desdém. – Ele já teve vinte anos! De quanto tempo mais ele precisa?

– Quer dizer que John Douglas está há vinte anos te visitando?

– Sim! E nunca nem sequer disse a palavra “casamento” na minha frente! E não creio que fará isso agora. Nunca mencionei uma palavra a respeito disso a ninguém, mas me parece que finalmente tenho que pôr isso para fora, ou então ficarei louca! John Douglas começou a me visitar vinte anos atrás, antes da morte da minha mãe. Bem, ele vinha sempre e, depois de um tempo, comecei a preparar meu enxoval e ele nunca dizia nada sobre nos casarmos, mas continuava vindo sempre! Não havia nada que eu pudesse fazer. Mamãe faleceu quando completamos oito anos de visitas. Vendo, então, que eu havia ficado sozinha no mundo, pensei que se sensibilizaria e pediria minha mão. Mostrou-se, no entanto, muito gentil e compassivo, e fez tudo que podia por mim, mas jamais falou em casamento e assim seguimos desde então. As pessoas me culpam por isso e ficam dizendo que sou eu quem não quero me casar com ele, para não ter que cuidar da doente sra. Douglas. Ora, eu adoraria cuidar da mãe de John! Mas eu deixo que pensem assim. Prefiro que me critiquem do que sintam pena de mim. É tão humilhante que John

não me peça em casamento! E por que não pede? Tenho a impressão de que eu sofreria menos se soubesse a razão.

– Talvez a própria sra. Douglas não queira que seu filho se case – sugeriu Anne.

– Ah, ela quer! Mais de uma vez, disse-me que adoraria ver John casado antes de sua partida. Ela está sempre fazendo insinuações, você mesma ouviu naquele dia em que estive lá. Queria que a Terra tivesse me engolido!

– Eu não posso compreender o porquê disso – disse Anne, incapaz de continuar falando. Pensou em Ludovic Speed, mas os dois casos não tinham comparação. John Douglas era um tipo de homem diferente. – Você deveria ter sido mais incisiva, Janet – continuou, resoluta. – Ou então que lhe mandasse cuidar da própria vida!

– Eu não consegui – admitiu pateticamente a pobre Janet. – Veja bem, Anne, eu sempre fui muito apaixonada pelo John. Ele podia muito bem continuar a vir ou não, que eu nunca seria apaixonada por outro rapaz como sou por ele... então, não importava.

– Mas deveria tê-lo feito agir feito homem – insistiu Anne.

Janet balançou a cabeça.

– Não, creio que não. De qualquer modo, tive medo de tentar, temendo que ele fosse embora de vez se pensasse que eu não me importava. Suponho que eu seja uma criatura fraca de espírito, pois é como eu me sinto. E não consigo mudar.

– Ah, não se engane, Janet. Você poderia mudar, Janet! Nunca é tarde demais! Tome logo uma decisão. Faça aquele homem saber que você não vai mais suportar essa indecisão. Eu vou apoiá-la.

– Não sei – respondeu, sem esperança. – Não sei se tenho coragem o suficiente para fazer isso. As coisas já foram longe demais, mas garanto a você que pensarei sobre isso.

Anne sentiu-se desapontada com John Douglas. Havia gostado tanto dele de início e não imaginava que ele fosse um homem irresponsável assim pelos sentimentos de uma moça tão boa como Janet. Ele certamente precisava de uma boa lição e Anne pensou, vingativamente, que iria adorar observar todo o processo. Por isso ficou muito contente quando Janet anunciou, enquanto se dirigiam para a reunião de oração na noite seguinte, que aceitara seu conselho e que mostraria personalidade.

– Vou mostrar a John Douglas que não permitirei que continue enrolando dessa maneira.

– Você está absolutamente certa – concordou Anne, enfaticamente.

Ao final da reunião, John Douglas aproximou-se de Janet com seu pedido habitual. Ela parecia ansiosa, mas resoluta.

– Não é necessário. Obrigada – respondeu, friamente. – Conheço muito bem o caminho de minha casa e posso muito bem ir sozinha. Não poderia ser diferente, já que faço o mesmo trajeto há quarenta anos. Portanto, o senhor não precisa se preocupar, sr. Douglas.

Anne contemplou o rosto de John Douglas e, sob a brilhante luz da lua, viu que o homem tinha sentido duramente o golpe de misericórdia de suas torturas. Então, sem dizer nada, John deu meia-volta e pôs-se a caminhar pela estrada.

– Pare! Pare, por favor! – gritou Anne, freneticamente, sem dar a mínima para o olhar confuso dos espectadores. – Sr. Douglas, pare! Volte aqui!

John Douglas deteve-se, mas não voltou. Anne correu pela estrada e pegou-o pelo braço, puxando-lhe brandamente até onde estava Janet.

– O senhor tem que voltar – implorou, Anne. – Foi tudo um grande engano, sr. Douglas... foi tudo culpa minha! Eu que aconselhei Janet a fazer isso. Ela não queria... mas agora já está tudo bem, não é, Janet?

Sem dizer uma palavra, Janet deu o braço ao cavaleiro e os dois se afastaram. Anne os seguiu até a casa e entrou discretamente pela porta dos fundos.

– Bem, você é uma excelente amiga para dar apoio – comentou Janet, ironicamente.

– Não pude evitar, Janet! – disse Anne, arrependida. – Senti como se eu estivesse inerte diante de um homicídio. Então corri atrás dele!

– Ah, mas estou feliz que tenha feito isso! Quando vi John Douglas dando as costas e indo embora pela estrada, senti uma profunda tristeza, como se cada gota de felicidade e alegria que ainda restava em minha vida tivesse partido junto com ele. Foi horrível!

– Ele perguntou por que você tomou aquela atitude?

– Não, não comentou nada sobre o assunto – respondeu ela.



COM A PALAVRA, JOHN DOUGLAS, FINALMENTE

Ainda havia em Anne uma fraca esperança de que algo iria acontecer, apesar de tudo, mas ela estava enganada. John Douglas tornou a vir, levou Janet para passear e a acompanhou até sua casa depois da reunião de oração, tal como fizera nos últimos vinte anos e parecia decidido a permanecer fazendo-o por mais vinte.

Enfim, o verão terminou. Anne dava aulas, escrevia cartas e estudava um pouco, suas caminhadas entre a escola e a casa de Janet eram muito agradáveis. Sempre ia pelo atalho do pântano, que era um lugar adorável: um terreno alagadiço e enverdecido pelo musgo, com um barulhento riacho que corria sinuoso, rodeado por eretos abetos vermelhos cujos galhos formavam uma trilha de pequenos morros cinza-esverdeados e raízes que eram encobertas por todo tipo de beleza natural.

Mesmo assim, Anne considerava a vida em Valley Road um pouco monótona. Não tanto, pois, na verdade, houve um incidente divertido.

Durante o tempo que ficou na casa de Janet, Anne não voltara a ver o magro e loiro Samuel Toliver, o empregado do vizinho que lhe ofereceu as balas de hortelã para o catarro desde a tarde de sua visita, com exceção de um ou outro encontro fortuito na estrada. Porém, numa quente noite de agosto, o rapaz apareceu e sentou-se solenemente no banco rústico da varanda, ele usava suas roupas de trabalho: uma calça cheia de remendos, uma camisa de jeans azul com buracos nos cotovelos e um esfarrapado chapéu de palha. Mascava uma palha, enquanto olhava para Anne com ar solene. Com um suspiro, ela deixou o livro de lado e tomou o guardanapo que estava bordando. Conversar com Sam estava realmente fora de questão.

Após um longo silêncio, o rapaz de repente falou:

– "Tô" saindo dali – disse, de forma abrupta, apontando a palha na direção da casa vizinha.

– Ah, é mesmo? – perguntou Anne, com educação.

– É.

– E para onde vai?

– Olha, eu “tava” pensando em “procurá” um lugar “pra mim morá”. Tem uma casa que podia “servi pra” mim, lá “pros” lado de Millersville. “mais”, se eu “alugá”, vô querê uma “muié”.

– Suponho que sim – concordou Anne, vagamente.

– Pois é.

Houve outro longo silêncio. Finalmente, Sam voltou a tirar a palha da boca e perguntou:

– A “sinhorinha” iria “pra lá mais eu”?

– O–o–o quê?! – ela gaguejou.

– É isso “mermo”... a “sinhorinha” ficaria comigo lá?

– Você quer dizer... me casar com você? – questionou a pobre Anne, debilmente.

– É.

– Ora, eu nem o conheço! – gritou, indignada.

– “Mais num tem pobrema”. A gente vai se “conhecê” depois de “casá”.

Anne reuniu toda a sua pobre dignidade.

– Eu nunca iria me casar com você – respondeu, arrogantemente.

– Arre! A “sinhorinha” podia “tá pió” – protestou Sam. – Eu “sô trabaiadô” e tenho “uns dinhêro” no banco.

– Não fale nunca mais sobre isso comigo! Quem pôs essa ideia na sua cabeça? – indagou Anne, cujo senso de humor estava começando a sobressair sobre sua ira, de tão absurda que era a situação.

– A “sinhorinha” é uma moça “linda por demais” e tem um jeitinho muito esperto de sê – elogiou Sam. – Eu “num” quero “muié” preguiçosa. “Pó pensá” no assunto. “Eu é qui num vô mudá” de ideia. Bom, tenho que “i” embora. “Tá” na hora de “ordenhá as vaca”.

As ilusões de Anne com relação aos pedidos de casamento haviam se abalado de tal maneira nos últimos anos que já não lhe restava quase nenhuma. Assim, ela pôde rir com gosto desta última, sem sentir um incômodo sequer. Naquela noite, imitou o pobre Sam para Janet e as duas deram verdadeiras gargalhadas da iniciativa sentimental do rapaz.

Certa tarde, quando se aproximava o fim da permanência de Anne em Valley Road, Alec Ward chegou de charrete em Wayside e chamou Janet com muita urgência.

– Estão precisando da senhorita na casa dos Douglas agora mesmo! – ele disse. – Creio que chegou finalmente a hora de a velha sra. Douglas morrer de verdade, depois de fingir pelos últimos vinte anos.

Janet correu para pegar o chapéu. Anne perguntou se a sra. Douglas estava pior do que de costume.

– Não está tão mal – respondeu Alec –, e é por isso que preocupa. Das outras vezes, ela ficava gritando e se atirando de um lado para o outro. Mas, desta vez, ela está deitada e muda. Quando a sra. Douglas fica muda, é porque está muito mal, pode apostar!

– Você não gosta da velha sra. Douglas? – inquiriu Anne, com curiosidade.

– Gosto de gatos que são gatos. Não dos que têm formato de mulheres – foi a resposta enigmática de Alec.

Ao anoitecer, Janet retornou à casa.

– A sra. Douglas está morta – anunciou, muito cansada. – E morreu logo depois que cheguei lá. Falou comigo uma única coisa: “Creio que agora vai se casar com John”. As palavras dela partiram meu coração, Anne! Até a própria mãe de John pensava que eu não me casava com ele por causa dela! Eu também não pude dizer nada, porque outras mulheres estavam lá. Fiquei agradecida por John ter saído do quarto nessa hora.

Janet começou a chorar convulsivamente e Anne preparou para confortá-la um chá quente de gengibre. De fato, algum tempo depois, Anne descobriu que na verdade havia usado pimenta branca em vez de gengibre, mas Janet nunca percebeu a diferença.

No fim de tarde seguinte ao funeral, Janet e Anne sentaram-se nos degraus da varanda da frente para ver o pôr do sol. O vento adormecera nos bosques de pinheiros e os sinistros relâmpagos tremeluziam ao riscar o céu setentrional. Janet usava seu horrendo vestido preto e seu aspecto estava pior do que nunca, com os olhos e o nariz vermelhos de tanto chorar. Elas pouco conversaram, pois Janet parecia insatisfeita pelos esforços de Anne em animá-la, e evidentemente preferia sentir-se triste.

De súbito, ouviram o trinco do portão ruir. Era John Douglas entrando no jardim. Caminhou em direção a elas em linha reta, por cima do canteiro de gerânios. Janet se levantou e Anne também. Anne, apesar de alta e usar um vestido branco, não foi vista por John Douglas.

– Janet – ele disse –, você quer se casar comigo?

Suas palavras irromperam como se estivessem ansiando por serem ditas há vinte anos e precisassem ser expressas naquele instante, antes de qualquer outra coisa.

O rosto de Janet estava tão vermelho das lágrimas que não poderia ficar ainda mais, e então transformou-se num desfavorável tom de roxo.

– Por que só agora? – perguntou ela, lentamente.

– Não pude fazer antes! Ela me fez prometer... minha mãe me obrigou a não fazer o pedido. Dezenove anos atrás ela teve uma crise terrível e pensamos que ela não aguentaria. Então, implorou-me que eu promettesse não pedir você em casamento até que ela morresse. Eu nunca quis fazer essa promessa, mas nenhum de nós imaginou que ela iria viver por muito mais tempo... o médico, na época, lhe dera apenas seis meses de vida. Mas minha mãe suplicou de joelhos, enferma e sofredora. Então tive que cumprir a promessa.

– E o que a sua mãe tinha contra mim? – gritou Janet.

– Nada... não tinha nada contra. Ela só não queria outra mulher, nenhuma mulher, em sua casa, enquanto estivesse viva. Disse-me que, se eu não promettesse, ela morreria ali mesmo e eu seria o responsável! Então não tive escolha, pois ela me obrigou a manter a promessa desde então, apesar de eu ter me ajoelhado diante dela, implorando para que me libertasse desse juramento.

– Por que você nunca me contou nada disso? – perguntou Janet, sufocada.

– Se eu ao menos soubesse! Por que não me contou?

– Ela também me fez prometer que não contaria nada a ninguém – ele explicou, com voz rouca. – Tive que jurar com a mão sobre a Bíblia! Janet, eu jamais prometeria uma coisa dessas se imaginasse que seria por tanto tempo! Você nunca saberá tudo que sofri nesses dezenove anos. Sei que a fiz sofrer também, mas você vai se casar comigo apesar disso, não vai, Janet? Ah, Janet, você não vai? Vim assim que pude para pedir a sua mão.

Nesse momento, a estupefata Anne recuperou os sentidos e percebeu que estava sobrando naquela cena. Saiu dali de fininho e não tornou a vê-la até a manhã seguinte, quando ela lhe contou o restante da história.

– Aquela velha traiçoeira, cruel e impiedosa! – exclamou Anne.

– Acalme-se... ela está morta agora – disse Janet, com ar solene. – Se ela não estivesse... mas está. Então, não podemos falar mal dela, mas finalmente estou feliz, Anne! Se eu soubesse o porquê, não me importaria de ter esperado esses anos todos.

– Quando será o casamento?

– No mês que vem. É claro que faremos uma cerimônia bem íntima. Presumo que haverá um grande falatório. As pessoas dirão que me apressei em amarrar John logo que sua pobre mãezinha saiu do meu caminho. John queria contar a verdade a todos, mas eu disse: “Não faça isso, John. Apesar de tudo, ela era sua mãe, e temos que guardar o segredo entre nós para não lançarmos nenhuma sombra sobre a memória dela. Não me importa o que o povo vai falar, agora que eu sei a verdade. Não me importo nem um pouco. Deixe que tudo isso seja enterrado com os mortos“. E assim o convenci a concordar comigo.

– Você é muito mais indulgente do que eu jamais poderei ser – comentou Anne, um pouco zangada.

– Você irá pensar diferente quando tiver a minha idade – redarguiu a complacente Janet. – Esta é uma das coisas que aprendemos conforme envelhecemos: como perdoar. E é muito mais fácil de aceitar aos quarenta anos do que aos vinte.



INICIA-SE O ÚLTIMO ANO EM REDMOND

– Novamente, aqui estamos nós, bronzeadas de sol pela vida ao ar livre e com o vigor de um atleta pronto para correr uma maratona! – exclamou Phil, sentando-se sobre uma maleta com um suspiro de satisfação. – Não é ótimo voltar a ver nossa velha e amada Casa da Patty... e a titia... e os gatos? Rusty perdeu outro pedaço da orelha, não é mesmo?

– Ainda que não tivesse orelha nenhuma, ele seria o melhor gato do mundo – declarou a leal Anne, sentada sobre a tampa de seu baú, enquanto Rusty se acomodava em seu colo numa agitada recepção de boas-vindas.

– A senhora não está contente de nos ter de volta, titia? – perguntou Phil, curiosa.

– Estou sim, mas quero que vocês arrumem suas coisas logo – resmungou tia Jamesina, enquanto olhava aquela infinidade de baús e maletas ao redor das quatro moças risonhas e tagarelas. – Conversem mais tarde – ordenou ela. – Primeiro a obrigação e depois a diversão, este era o meu lema na juventude.

– Ah, titia, nossa geração mudou esse lema! Nosso lema é: primeiro divirta-se bastante e depois trabalhe feito um desgraçado. Daremos conta muito melhor das nossas tarefas depois de uns bons momentos de brincadeira.

– Se a senhorita pretende se casar com um pastor, é melhor que pare de usar expressões como “feito um desgraçado” – advertiu tia Jamesina, pegando Joseph e seu tricô, e conformando-se diante do inevitável com a graça encantadora que a fazia ser a rainha das cuidadoras.

– Por quê? Ora essa! Por que esperam que a esposa do pastor só fale um vocabulário intencionalmente formal e puritano? Eu não farei assim. Inclusive, todos na Rua Patterson, onde vou morar, usam um linguajar popular... Quero dizer, linguagem metafórica... E se eu falar muito diferente deles, vão me considerar insuportavelmente orgulhosa e pedante.

– Já comunicou as novidades à sua família? – perguntou Priscilla, que estava alimentando a Gata-Sarah com o que restava em sua cesta.

Phil assentiu.

– E como eles receberam a notícia?

– Mamãe, como eu já esperava, fez o maior estardalhaço! Mas eu me mantive firme como uma rocha, justo eu, Philippa Gordon, que nunca antes havia sido capaz de me decidir por nada! Mas meu pai, não. Ele ficou mais calmo. O pai dele também era pastor, e por isso ele tem no coração um lugar especial reservado aos clérigos. Depois que minha mãe ficou mais calma, levei Jo para Mount Holly e os dois o adoraram. Minha mãe, porém, fez uma série de insinuações terríveis em todas as conversas, sobre os planos que ela tinha para a minha vida. Ah, minhas férias não foram, digamos, um mar de rosas, queridas, mas eu triunfei e conquistei Jo! E nada mais importa.

– Para você – retrucou tia Jamesina, obscuramente.

– Nem para o Jo – retorquiu Phil. – A senhora continua se compadecendo dele. Ora, por quê? Acho que é muito sortudo por se casar comigo. Em mim, ele conseguiu três grandes qualidades numa só mulher: inteligente, linda e com o coração de ouro!

– O bom é que ao menos nós compreendemos seus discursos, Phil – disse tia Jamesina, pacientemente. – Espero que não fale assim na frente de estranhos. O que pensariam de você?

– Ah, eu não me importo nem um pouco com o que pensariam! Não quero me ver como os outros veem. Tenho certeza de que seria terrivelmente desconfortável na maioria das vezes. Tampouco acredito que Burns tenha sido sincero naquela oração.

– Ouso dizer que, se tivéssemos coragem o bastante de olhar para dentro de nosso coração, não pediríamos por coisas que não desejamos de verdade – reconheceu tia Jamesina, candidamente. – Acredito que esse tipo de oração não passe nem do teto de casa, quanto mais que chegue aos céus. Eu costumava pedir a Deus para que eu fosse capaz de perdoar uma certa pessoa, mas agora compreendo que eu não queria perdoá-la de verdade. Quando finalmente quis, eu a perdoei sem ter que orar pedindo por isso.

– Não consigo imaginar a senhora como uma pessoa rancorosa – comentou Stella.

– Ah, eu costumava ser! Mas, com a idade, acabei percebendo que não vale a pena guardar mágoas e rancores.

– Isso me faz lembrar de uma história que presenciei no verão e que eu queria contar a vocês! – disse Anne, e começou, então, a relatar a história de amor de John e Janet.

– E agora nos conte sobre a cena romântica que você mencionou tão misteriosamente em uma de suas cartas – pediu Phil.

Anne encenou o pedido de casamento feito por Samuel de forma bem exagerada. As meninas gargalharam bastante, e tia Jamesina apenas sorriu, advertindo-a:

– Não é correto debochar dos seus pretendentes – censurou, severa –, mas devo admitir que já fiz muito isso – agregou, com tranquilidade.

– Conte-nos sobre seus pretendentes, titia! – rogou Phil. – A senhora deve ter tido muitos.

– Eles não estão no passado – corrigiu tia Jamesina. – Ainda os tenho. Há, em minha cidade, três viúvos que sempre me encaram com olhares lânguidos como os de um carneiro. Vocês, crianças, não pensem que todo o romance do mundo lhes pertence.

– Viúvos e olhares de carneiro não parecem muito romântico, titia.

– Bem, e não são mesmo. Mas os jovens também não são sempre tão românticos, alguns dos meus pretendentes com certeza não eram e eu costumava rir deles de forma escandalosa, pobrezinhos. Havia um certo Jim Elwood, que vivia sonhando acordado, parecia estar sempre perdido e nunca entendia o que estava acontecendo. Não compreendeu que eu havia dito “não” até um ano depois do fato ocorrido. Quando se casou, a esposa caiu do trenó numa noite, enquanto voltavam da igreja, e ele nunca se deu conta! Havia também o Dan Winston, que era um sabichão, sabia tudo sobre tudo deste mundo e do mundo porvir e podia responder a qualquer pergunta que lhe fizessem, mesmo se lhe perguntassem quando seria o dia do juízo final. Milton Edwards era muito bom e eu gostava dele, mas não nos casamos, por duas razões: primeiro, porque ele demorou uma semana para entender uma piada; e segundo, porque ele nunca pediu minha mão. Horatio Reeve foi o pretendente mais interessante que eu tive, mas, quando contava uma história, ele a enfeitava tanto, que eu nunca consegui saber se ele estava mentindo ou se estava inventando.

– E os outros, titia?

– Vamos lá, tratem de desfazer as malas – cortou tia Jamesina, jogando o pobre Joseph nas meninas quando pretendia atirar uma agulha. – Os outros eram bons demais para rirmos deles, vou respeitar suas memórias. Anne, há

uma caixa de flores em seu quarto, que foram entregues há aproximadamente uma hora.

Após a primeira semana, as mocinhas da Casa da Patty estabeleceram um ritmo constante de estudos, pois este era o último ano delas em Redmond e deviam batalhar com afinco para formarem-se com honras na graduação. Anne se dedicou ao inglês, Priscilla aos clássicos e Philippa atacou a matemática. Às vezes, abatiam-se pelo cansaço; às vezes, pelo desalento; e, noutras vezes, parecia que nada valia tamanho sacrifício. Neste estado de humor, Stella entrou no quarto azul, numa chuvosa noite de novembro. Anne estava sentada no chão, em meio a um pequeno círculo de luz projetada por uma lamparina ao seu lado, rodeada por uma pilha de manuscritos amassados.

– O quê, por Deus, você está fazendo?

– Apenas relendo umas narrativas duvidosas do antigo Clube de Contos, pois queria algo para me animar e divertir. Estudei tanto, mas tanto, que o mundo me pareceu azul-escuro, então vim aqui e tirei estes contos de dentro do baú. São tão encharcados de lágrimas e tragédias que chegam a ser engraçados.

– Eu também me sinto tão triste e desencorajada – comentou Stella, jogando-se no sofá. – Parece que nada mais vale a pena, sinto que minhas próprias ideias são velhas e já pensei em todas elas antes. Afinal, Anne, vale a pena viver?

– Querida, você se sente assim porque está fatigada, e o clima também não está ajudando. Uma noite de chuva torrencial, depois de um dia cansativo como este, iria oprimir qualquer um, exceto um tipo como Mark Tapley. Você sabe muito bem que vale a pena viver.

– Creio que sim, mas não consigo me convencer disso no momento.

– Basta que você pense em todas as almas nobres e grandiosas que já viveram e trabalharam neste mundo – disse a sonhadora Anne. – Não vale a pena vir depois delas e herdar suas conquistas e ensinamentos? Não vale a pena pensar que podemos partilhar de suas inspirações? E, então, pense em todas as almas grandiosas que ainda virão no futuro... não é válido trabalhar um pouquinho, preparar-lhes a estrada para elas trilharem e facilitar-lhes um pouco as coisas, nem que seja apenas um passo em suas trajetórias?

– Ah, Anne, minha mente tende a concordar com você, mas minha alma continua sombria e sem inspiração. Sempre fico triste e desanimada em noites chuvosas como esta.

– Em algumas noites, eu gosto da chuva... fico deitada só ouvindo as gotas tamborilando no telhado e escorrendo pelos pinheiros.

– Eu também gosto da chuva quando ela não ultrapassa o telhado, mas nem sempre é assim. No último verão, passei uma noite insuportável num velho casarão de fazenda, pois o telhado tinha goteiras e a chuva começou a cair justamente em cima da minha cama! Não havia nada de poético naquilo. Precisei me levantar nas trevas da meia-noite e me apressar para arrastar a cama e afastá-la da goteira e era uma daquelas camas antigas e sólidas, que pesam uma tonelada! E, então, tive que aguentar o torturante pinga-pinga, que continuou até meus nervos estarem em frangalhos! Você não faz ideia de como é insuportável ouvir durante toda a noite o esquisitíssimo ruído de grandes gotas de chuva caindo com aquelas batidas empapadas num piso sem tapetes. Parecem pegadas de fantasmas ou coisas do estilo. Está rindo de quê, Anne?

– Dessas histórias. Como diria Phil, elas são de matar e em mais de um sentido, pois todo mundo morre! Como eram deslumbrantes e adoráveis as heroínas que nós criávamos e como as vestíamos! Sedas, cetins, veludos, joias, rendas... elas nunca usavam outras coisas. Aqui está uma das histórias de Jane Andrews, que descreve uma donzela que dorme com uma belíssima camisola de cetim branca, bordada com pérolas.

– Continue. Estou começando a sentir que a vida é válida de ser vivida, contanto que possamos dar boas risadas.

– Aqui está uma escrita por mim. Minha heroína diverte-se num baile, “coberta de brilhantes dos pés à cabeça, com enormes diamantes da melhor qualidade”. Mas de que valiam a beleza e as riquezas se “os caminhos da glória a conduziam para o túmulo?”. Elas deviam ser assassinadas ou morrer de coração partido. Não havia escapatória.

– Deixe-me ler uma de suas histórias.

– Bem, esta aqui é a minha obra-prima. Veja que título mais animador: “Meus Sepulcros”, me debulhei em lágrimas enquanto a escrevia, e as meninas também choraram rios enquanto eu lia para elas. A mãe de Jane Andrews brigou muito com ela por ter tantos lenços para lavar naquela semana, e contou sobre a angustiante história das andanças da esposa de um pastor metodista, então fiz com que ela fosse metodista, pois era necessário que viajasse. A pobre mulher enterrou um filho em cada lugar onde viveu, eram nove crianças ao todo e as sepulturas estavam muito longe umas das outras, desde Newfoundland até Vancouver. Fiz uma minuciosa descrição de

cada criança e de seus leitos de morte, detalhei suas lápides e epitáfios. Tinha a intenção de matar os nove, mas quando já havia matado o oitavo, esgotou-se minha reserva de horrores e permiti que o nono continuasse vivendo como um deficiente sem esperanças.

Enquanto Stella lia "Meus sepulcros", acompanhando com risadas os trágicos parágrafos, e Rusty dormia o sono dos gatos justos que haviam passado a noite inteira fora, enrolado em cima de um conto de Jane Andrews a respeito de uma linda enfermeira de quinze anos que partiu rumo a uma colônia de leprosos, onde, é claro, contraía a repugnante doença e morria presa ali, Anne olhou para todos os outros manuscritos e começou a relembrar dos velhos tempos de escola em Avonlea, quando as integrantes do Clube de Contos escreviam suas histórias sentadas sob os abetos ou entre as samambaias ao lado do riacho. Como se divertiam! Lendo aquelas frases, transportara-se para o tempo em que se banhava nos raios de sol e na alegria dos verões passados. Nem toda a glória grega ou a grandeza romana poderiam criar tamanha magia quanto aquelas histórias divertidas e inundadas de lágrimas do Clube de Contos. Entre os manuscritos, Anne encontrou um que fora escrito em papel de embalagem, o sorriso iluminou seus olhos acinzentados ao recordar o exato momento e lugar onde havia produzido a obra em questão. Era o esboço que havia escrito no dia em que caiu no telhado do galinheiro no quintal das irmãs Copp, na Estrada Tory.

Anne passou os olhos e então percebeu que o lia atentamente. Era um curto diálogo entre ásteres e ervilhas, canários silvestres nos arbustos de lilases e o espírito guardião do jardim. Depois de ler, sentou-se, olhando em volta e, quando Stella saiu do quarto, alisou o manuscrito amassado.

– Creio que farei isso – disse, de forma resoluta.



A VISITA DAS GARDNERS

– Há uma carta com um selo indiano para a senhora, tia Jimsie – anunciou Phil. – Chegaram três para Stella, duas para Prissy e uma gloriosamente volumosa para mim, do Jo! Anne, não há nada para você, exceto esse boletim informativo.

Ninguém percebeu que Anne havia ficado enrubescida quando pegou o fino envelope entregue por Phil de forma tão descuidada, mas, logo depois, Phil ergueu os olhos e viu uma transfigurada Anne.

– Querida, o que aconteceu de bom?

– A revista *Amiga da Juventude* aceitou um pequeno esboço que eu enviei há quinze dias – disse Anne, tentando com todas as forças parecer natural e que estivesse acostumada a ter seus rascunhos aceitos sempre que os enviava, mas falhando miseravelmente.

– Anne Shirley! Que notícia maravilhosa! Como foi? Já há data para ser publicado? Eles lhe pagaram algum valor?

– Sim, enviaram um cheque de dez dólares e o editor me escreveu informando que deseja conhecer melhor o meu trabalho. E com certeza o conhecerá! Era um velho rascunho que encontrei na minha caixa em que havia as histórias do Clube de Contos. Então eu resolvi reescrevê-lo e o enviei, mas nunca pensei que poderia ser aceito, pois não tinha um enredo consistente – explicou, recordando a amarga experiência de *A Expição de Averil*.

– O que vai fazer com os dez dólares, Anne? O que acha da ideia de irmos todas à cidade e nos embebedarmos? – sugeriu Phil.

– Eu vou esbanjar em algum festejo louco e perverso – declarou Anne, alegremente. – Afinal, não é um dinheiro maldito como aquele que recebi por aquela terrível história do fermento Rollings Reliable. Gastei tudo comprando roupas úteis, mas as odiava todas as vezes que as vestia.

– E pensar que temos uma verdadeira escritora na Casa da Patty! – disse Priscilla.

– É uma grande responsabilidade – comentou tia Jamesina.

– De fato, é – concordou Priscilla, com ar igualmente solene. – Escritores são tão caprichosos! Você nunca sabe quando ou como vão se tornar famosos. Pode ser que Anne esteja escrevendo sobre nós.

– Eu quis dizer que a habilidade de escrever para revistas é uma enorme responsabilidade – replicou tia Jamesina, com severidade –, e espero que Anne entenda isso. Minha filha também costumava escrever contos antes de partir para o exterior, mas agora se dedica a propósitos mais elevados. Sempre dizia que seu lema era: “Nunca escreva uma linha que você se envergonhe de ler no próprio funeral”. É melhor que você o tome para si, Anne, se vai mesmo embarcar na literatura. Embora, para ser sincera – acrescentou, perplexa –, Elizabeth sempre gargalhasse quando dizia isso, ela ria tanto, que não sei como decidiu ser missionária. Fico grata que ela tenha escolhido esse caminho e eu orava para que assim fosse... mas... queria que ela não tivesse ido.

Tia Jamesina ficou ainda se perguntando o que havia de tão engraçado naquele lema que provocou tantas gargalhadas naquelas levianas mocinhas.

Anne estava radiante e seus olhos brilharam durante todo o dia, pois em seu cérebro, brotavam e floresciam ambições literárias. Tal empolgação a acompanhou até a festa ao ar livre de Jennie Cooper, na qual nem mesmo a visão de Gilbert e Christine caminhando à sua frente e de Roy conseguiu conter a centelha de suas esperanças. Contudo, Anne não estava tão distanciada assim das coisas terrenas para ser incapaz de reparar que o andar de Christine era totalmente desajeitado.

“Mas suponho que Gilbert só olha para o rosto dela. Tão típico de um homem” – pensou Anne, desdenhosa.

– Você estará em casa no sábado à tarde? – perguntou Roy.

– Estarei, sim.

– Minha mãe e minhas irmãs estão planejando visitá-la – disse, em voz baixa.

Alguma coisa, que poderia ser descrita como um calafrio, passou pelo corpo de Anne, mas decididamente, aquilo não a agradava. Ela ainda não conhecia nenhum dos parentes de Roy. Compreendia o significado desse acontecimento: de certa forma, ela não poderia mais voltar atrás, o que lhe deixava um pouco tensa.

– Ficarei contente em conhecê-las – respondeu, categoricamente, perguntando-se por um instante se estaria contente de verdade. Deveria estar, é claro, mas isso não seria um tipo de provação? Anne havia escutado

fofocas sobre como as Gardners viam a “inclinação” de seu filho e irmão. Roy deve tê-las pressionado para que a visita ocorresse e Anne sabia que seria avaliada. O fato de aceitarem visitá-la significava que, de bom ou mau grado, elas a consideravam um possível membro de seu clã.

“Serei eu mesma. Não tentarei causar uma boa impressão” – pensou, decidida, mas depois começou a ponderar qual vestido seria o mais adequado para usar no sábado à tarde e se o novo penteado lhe cairia melhor do que o antigo e, assim, a festa perdeu todo o encanto. À noite, já havia decidido que usaria o vestido marrom de *chiffon*, mas o cabelo ficaria preso num coque baixo e sóbrio.

Na sexta-feira à tarde, nenhuma das jovens teve aula em Redmond, de modo que Stella aproveitou a oportunidade para escrever um ensaio para a *Philomathic Society*, sentando-se à mesa no canto da sala de estar, envolta numa verdadeira bagunça de notas e manuscritos. Ela sempre afirmava que não conseguia escrever uma linha sequer, se não jogasse no chão cada folha pronta. Anne vestia seu blusão de flanela e saia de sarja, com o cabelo alvoroçado pelo vento após um passeio, estava sentada no chão, no centro da sala, provocando a Gata-Sarah com um osso dos desejos. Joseph e Rusty também estavam enroscados em seu colo. Um delicioso aroma morno permeava toda a casa, pois Priscilla estava assando algo na cozinha. Coberta por um enorme avental e com o nariz cheio de farinha, ela entrou na sala de repente, para mostrar à tia Jamesina a cobertura para um bolo de chocolate que acabara de fazer.

Naquele auspicioso momento, soou uma batida na porta. Somente Phil prestou atenção e correu para abri-la, pois esperava o rapaz que viria entregar o chapéu que comprara pela manhã. No umbral, apareceram a sra. Gardner e suas filhas.

Anne levantou-se correndo, espantando os dois indignados gatos de seu colo e trocando mecanicamente o osso da mão direita para a esquerda. Priscilla, que teria que cruzar a sala para alcançar a porta da cozinha, ficou tão desorientada que enfiou o bolo de chocolate debaixo de uma almofada no sofá diante da lareira, e saiu correndo escada acima. Stella começou a juntar suas folhas fervorosamente. Apenas tia Jamesina e Phil permaneceram do mesmo jeito e graças a elas, todas sentaram-se bem acomodadas em poucos instantes, até mesmo Anne. Priscilla desceu sem o avental e com o rosto limpo, e Stella organizou decentemente o canto da sala. Phil salvou a situação iniciando um fluxo de conversa fiada.

A sra. Gardner era alta, magra, elegante e vestia-se com requinte, tinha uma cordialidade tão excessiva que parecia forçada. Aline Gardner era uma versão mais jovem da mãe, mas sem a cordialidade, ela tentava ser agradável, mas só conseguia parecer arrogante e prepotente. Dorothy Gardner era esguia, divertida e um tanto travessa, então Anne sabia que esta era a irmã favorita de Roy e tratou-a com especial afeto. Seria mais parecida com Roy se tivesse os olhos escuros e sonhadores, em vez de castanhos e marotos. Graças a ela e Phil, a visita transcorreu muito bem, exceto por uma leve tensão na atmosfera e dois desfavoráveis incidentes. Uma vez que Rusty e Joseph foram deixados por conta própria, iniciaram uma brincadeira de caça, saltando enlouquecidos no regaço de seda da sra. Gardner em uma das perseguições. A dama ergueu seu lorgnette e contemplou aquelas formas voadoras como se fosse a primeira vez na vida que via um gato, e Anne, tentando reprimir uma risada nervosa, desculpou-se o melhor que pôde.

– A senhorita gosta de gatos? – perguntou a sra. Gardner, com uma leve entonação de tolerante estranheza.

Apesar de seu especial afeto por Rusty, Anne não era apaixonada por gatos, mas o tom usado pela sra. Gardner a incomodou. Inconscientemente, lembrou-se da sra. Blythe, mãe de Gilbert, cuja afeição por gatos era tão grande que criava tantos quantos seu marido permitia.

– Eles não são animais adoráveis? – disse, em tom perverso.

– Eu nunca gostei de gatos – respondeu a sra. Gardner, sem emoção.

– Eu adoro gatos! – exclamou Dorothy. – São tão lindos e independentes! Cães são inocentes e generosos e me fazem sentir desconfortável, mas os gatos são gloriosamente humanos.

– Vocês têm dois antigos e encantadores cães de porcelana aqui! Posso vê-los de perto? – pediu Aline, cruzando o aposento em direção à lareira e, dessa maneira, foi a causa inconsciente de outro acidente. Tomando Magog nas mãos, ela sentou-se na almofada sob a qual Priscilla havia escondido o bolo de chocolate. Priscilla e Anne olharam-se agonizantemente, mas nada puderam fazer para evitar, então a majestosa Aline permaneceu sentada na almofada, discutindo a respeito dos cães de porcelana até o momento da partida.

Dorothy ficou para trás por um instante, para cumprimentar Anne, e sussurrou impulsivamente:

– Eu sei que nós seremos grandes amigas. Ah, Roy me contou tudo sobre você! Sou eu a única da família a quem ele confia as coisas, pobre garoto,

ninguém poderia confidenciar nada para a mamãe ou Aline, você sabe. Você e as outras meninas devem se divertir tanto por aqui! Você permitiria que eu a visitasse de vez em quando, para partilhar da diversão?

– É claro, venha sempre que quiser! – Anne respondeu de coração aberto, agradecida por uma das irmãs de Roy ser amável, pois ela nunca teria gostado de Aline, isso era certo e a recíproca era verdadeira, embora a sra. Gardner pudesse ser conquistada. Em suma, Anne suspirou aliviada quando a provação finalmente terminou.

– *De todas as palavras tristes, faladas ou escritas, as mais tristes são: o que poderia ter sido?* – citou Priscilla, erguendo tragicamente a almofada. – Este bolo é, agora, o que podemos chamar de “um desastre achatado”. E a almofada está igualmente arruinada! Nunca me diga que sexta-feira não é um dia de azar.

– As pessoas que avisam que virão no sábado não deveriam aparecer de surpresa na sexta – disse tia Jamesina, incomodada.

– Suspeito que tenha havido algum engano de Roy – sugeriu Phil. – Aquele rapaz nunca está em plena consciência quando fala com Anne. Aliás, onde está Anne?

Ela havia subido para o quarto. Sentia uma estranha vontade de chorar. Porém, em vez disso, riu descompensadamente. Rusty e Joseph haviam se comportado muito mal! E Dorothy era adorável!



BACHARÉIS DE FATO

– Eu queria estar morta, ou que ao menos já fosse amanhã à noite – gemeu Phil.

– Se você viver o bastante, ambos os desejos serão cumpridos – comentou Anne, calmamente.

– Para você é fácil estar tão serena. Você tem facilidade em filosofia, mas eu não... e estremeço só de pensar na terrível prova de amanhã. O que Jo vai dizer se eu fracassar em filosofia?

– Não vai fracassar. Como se saiu em grego hoje?

– Não sei. Talvez tenha sido um bom exame ou talvez tenha sido ruim o bastante para fazer Homero se revirar no caixão. Estudei e meditei tanto em cima dos cadernos, até sentir-me incapaz de formar uma opinião sobre qualquer coisa. Quão agradecida a pequena Phil vai ficar quando toda essa “examinação” acabar.

– “Examinação”? Nunca ouvi essa palavra – disse Anne.

– Bem, agora não tenho nem mais o direito de inventar palavras como qualquer outra pessoa?

– Palavras não se inventam. Elas germinam.

– Não importa. Começo a perceber, ainda que vagamente, que tudo ficará claro feito água limpa quando não houver mais a sombra ameaçadora dos exames. Meninas, vocês já se deram conta de que a nossa vida em Redmond está quase no fim?

– Eu não – respondeu Anne, queixosa. – Parece que foi ontem que Prissy e eu estávamos sozinhas naquela multidão de calouros em Redmond. E agora somos veteranas, fazendo nossas últimas avaliações.

– *Poderosas, sábias e veneráveis veteranas* – aludiu Phil. – Vocês acham que estamos saindo realmente mais sábias do que quando entramos em Redmond?

– Algumas vezes vocês agem como se não estivessem – disse tia Jamesina, com severidade.

– Ah, tia Jimsie, nós não fomos boas meninas, em geral, nestes três invernos em que a senhora cuidou de nós? – pleiteou Phil.

– Vocês foram as quatro moças mais queridas, doces e bondosas que já passaram juntas pela universidade – asseverou tia Jamesina, que nunca desperdiçava um elogio por inapropriada economia. – No entanto, desconfio que ainda não sejam muito sensatas, mas eu também não esperava que fossem, é claro. A experiência ensina a sensatez, não se pode aprender isso em um curso universitário. Vocês estudaram na universidade durante quatro anos, eu não, mas certamente eu sei muito mais da vida do que vocês, juvenzinhas.

– *Há muitas coisas que nunca seguem uma regra./ Há uma enorme pilha de conhecimento que não conseguimos adquirir da universidade./ Há uma porção de coisas que jamais aprendemos na escola.* – citou Stella.

– Vocês aprenderam em Redmond algo além de línguas mortas, geometria e bobagens desse tipo? – questionou tia Jamesina

– Ah, sim! Acho que aprendemos, titia – protestou Anne.

– Aprendemos a verdade sobre o que o Professor Woodleigh nos disse na última reunião da *Philomathic Society* – respondeu Phil. – Ele disse: *O humor é o mais picante condimento no banquete da existência. Ria de seus erros, mas aprenda com eles; alegre-se em suas aflições, mas fortaleça-se com elas; zombe de suas dificuldades, mas supere-as.* Não é válido aprender isso, tia Jimsie?

– Claro que é, querida. Quando aprender a rir das coisas que são para rir, e parar de rir das que não são, você terá ganho sabedoria e discernimento.

– O que você aprendeu em Redmond, Anne? – murmurou Priscilla.

– Acho que realmente aprendi a considerar cada pequena dificuldade como uma piada, e cada grande dificuldade como o presságio de uma vitória. Em resumo, creio que foi isso que Redmond me deu – disse Anne, lentamente.

– Vou precisar recorrer a outra citação do Professor Woodleigh para expressar o que aprendi – disse Priscilla. – Vocês se lembram do que ele falou no discurso? *Há muito no mundo para todos nós, se apenas tivermos olhos para ver, coração para amar e mãos para agarrar, tanto nos homens quanto nas mulheres, tanto na arte quanto na literatura, há tanto em tantos lugares para deleitarmo-nos e pelo que agradecer.* Acredito que, em certa medida, foi isso que aprendi em Redmond, Anne.

– A julgar por tudo que ouvi de vocês, o resumo e a essência é que, em quatro anos na universidade, você pode aprender (se tiver presença de espírito para tanto) o que levaria mais ou menos vinte anos de experiência de vida para lhe ensinar. Bem, para mim, isso justifica a educação superior. Era algo que sempre tive dúvidas a respeito anteriormente – observou tia Jamesina.

– Mas e as pessoas que não possuem presença de espírito, tia Jimsie, o que acontece com elas?

– Essas pessoas não aprendem nunca, nem na universidade, nem na vida. Ainda que vivam até os cem anos, elas sabem tanto quanto sabiam ao nascer. Elas não têm culpa por terem nascido assim, pobres almas! Porém, aquelas que têm ao menos um pouco de presença de espírito devem ser devidamente agradecidas a Deus por esta dádiva.

– A senhora pode, por favor, definir o que significa presença de espírito, tia Jimsie? – perguntou Phil.

– Não, não posso, juvenzinha. Qualquer um que tenha presença de espírito sabe o que é e quem não tem, nunca saberá. Então, não há necessidade de definir o significado.

Os dias atarefados voaram e as avaliações finalmente haviam terminado. Anne recebeu a honra ao mérito em inglês e Priscilla e Phil receberam a menção honrosa em clássicos e em matemática, respectivamente. Stella obteve boas qualificações em geral. E, então, chegou o dia da formatura.

– Isto é o que eu chamaria de “época da minha vida” – disse Anne, enquanto tirava da caixa as violetas que Roy havia lhe enviado e as contemplava, pensativa. Havia pensado em usá-las, é claro, mas seus olhos vagavam agora para outra caixa, em cima da mesa. Estava cheia de lírios do vale, tão frescos e fragrantes quanto os que desabrochavam em Green Gables quando chegava o mês de junho em Avonlea e junto às flores havia um cartão de Gilbert Blythe.

Anne imaginava que motivo teria levado Gilbert a enviar-lhe flores para esta ocasião, pois ela o vira tão pouco durante o último inverno. Havia visitado a Casa da Patty numa única noite de sexta-feira desde o Natal e era raro encontrarem-se em outro lugar. Anne sabia que ele estava estudando bastante, focado na honra ao mérito e no prêmio Cooper e quase não participava dos eventos sociais de Redmond.

Do ponto de vista social, o inverno de Anne havia sido bastante animado. Havia passado um bom tempo na companhia das Gardners, de modo que ela

e Dorothy haviam se tornado amigas íntimas agora. Os círculos estudantis esperavam o anúncio de seu noivado com Roy a qualquer momento. A própria Anne esperava por isso. Ainda assim, antes de partir da Casa da Patty para a cerimônia de formatura, deixou de lado as violetas de Roy e escolheu colocar os lírios-do-vale de Gilbert no lugar e não conseguia encontrar uma explicação para ter feito isso. Por alguma razão, os velhos tempos em Avonlea, os sonhos e as amizades de outrora lhe pareciam muito próximos naquele momento de sua vida, em que conquistava suas mais queridas e antigas ambições. Gilbert e ela haviam imaginado alegremente o dia em que estariam ambos vestidos em beca para a graduação em Artes. Chegara o maravilhoso dia e nele não havia lugar para as violetas de Roy, pois somente as flores de seu velho amigo cabiam no instante da realização daquelas velhas aspirações que um dia partilharam.

Anne havia sonhado e imaginado este dia durante anos. No entanto, quando este dia chegou, a única recordação aguda e permanente que lhe restou não foi do emocionante momento em que o magnífico reitor de Redmond lhe entregou o diploma e anunciou seu título de bacharel; tampouco o lampejo de surpresa nos olhos de Gilbert quando viu que ela usava seus lírios; ou o olhar perplexo e dolorido de Roy quando ela passou pelo palco; não foram também as felicitações condescendentes de Aline Gardner, nem as passionais e sinceras de Dorothy. Foi, entretanto, um duro golpe estranho e inexplicável que lhe estragara este tão sonhado dia, deixando-lhe um leve, mas duradouro, sabor de amargura.

Naquela noite, os formandos participaram do baile da graduação. Quando Anne vestiu-se para a ocasião, deixou de lado o colar de pérolas que costumava usar e tirou do baú uma caixinha que lhe havia sido entregue em Green Gables no Natal. Nesta, havia uma correntinha de ouro com um pequeno pingente no formato de um coraçãozinho rosado. No cartão que acompanhava o presente, estava escrito: *Com os melhores desejos, de seu velho amigo Gilbert.* Anne escrevera um bilhete agradecendo e rindo da lembrança que o pingente lhe trouxera do fatídico dia em que Gilbert a chamara de "cenoura", e em vão tentara fazer as pazes, dando-lhe uma bala cor-de-rosa em formato de coração, mas ela nunca havia usado a correntinha. Esta noite, porém, resolveu colocá-la em seu alvo pescoço com um sorriso sonhador.

Ela e Phil caminharam juntas até Redmond. Anne caminhava em silêncio, enquanto Phil tagarelava sobre diversos assuntos. De repente, ela disse:

– Hoje fiquei sabendo que o noivado de Gilbert Blythe e Christine Stuart está para ser anunciado assim que terminar a formatura. Soube de alguma coisa sobre isso?

– Não – respondeu Anne.

– Acho que deve ser verdade – disse Phil, levianamente.

Anne não falou nada. Na escuridão, sentiu seu rosto queimando, então deslizou a mão por dentro do decote do vestido e segurou com força a corrente de ouro. Com um energético puxão, a corrente se rompeu e Anne a pôs no bolso, suas mãos estavam trêmulas e seus olhos ardiam. Ao chegarem na festa, no entanto, ela foi a mais alegre dentre todos os que lá estavam naquela noite. Quando Gilbert veio tirá-la para dançar, respondeu, sem hesitação nem arrependimento, que seu cartão de dança já estava completo.

Mais tarde, sentada com as amigas diante das moribundas brasas da lareira da Casa da Patty, removendo o ar fresco de primavera das peles e cetins que vestiam, nenhuma delas falou mais alegremente sobre os acontecimentos do dia do que Anne.

– Moody Spurgeon MacPherson esteve aqui logo depois que vocês saíram – disse tia Jamesina, ao se levantar para atizar o fogo. – Ele não sabia sobre o baile de formatura. Aquele menino deveria dormir com uma faixa de borracha na cabeça para acostumar as orelhas a não ficarem tão abertas, tive um pretendente que fez isso e melhorou bastante. Fui eu quem lhe dei a sugestão e o rapaz aceitou meu conselho, apesar de nunca ter me perdoado por isso.

– Moody Spurgeon é um rapaz muito sério – bocejou Priscilla. – Está preocupado com coisas muito mais importantes do que suas orelhas. Ele vai ser pastor, vocês sabem.

– Bem, suponho que o Senhor não se preocupe com as orelhas de um homem – comentou tia Jamesina, com gravidade, deixando de lado qualquer crítica adicional sobre Moody Spurgeon. Tia Jamesina tinha um profundo respeito pelos clérigos, mesmo quando ainda aspirantes.



FALSO ALVORECER

– Imagine só: daqui a uma semana estarei em Avonlea! Que pensamento delicioso! – exclamou Anne, curvando-se sobre a caixa na qual empacotava as colchas da sra. Lynde. – Mas imagine só: daqui a uma semana, deixarei a Casa da Patty para sempre. Que pensamento terrível!

– Pergunto-me se os fantasmas de todas as nossas risadas vão ecoar nos sonhos virginais da senhorita Patty e da senhorita Maria – especulou Phil.

A senhorita Patty e a senhorita Maria enfim voltariam para casa, depois de haverem vagado pela maior parte habitada do planeta.

Estaremos de volta na segunda semana de maio, escreveu a senhorita Patty. Creio que a Casa da Patty vai parecer pequena depois do Salão dos Reis, em Karnak, mas eu nunca gostei de morar em lugares muito grandes e ficarei bastante satisfeita de estar em casa outra vez. Quando se começa a viajar em idade avançada, você tende a se exceder, pois sabe que não lhe resta muito tempo e essa vontade é algo que cresce em você. Receio que Maria nunca mais fique satisfeita.

– Deixarei aqui minhas fantasias e sonhos para que alegrem as próximas ocupantes – disse Anne, olhando saudosamente em volta do quarto azul – seu lindo quartinho azul, onde havia passado três felizes anos de sua vida. Ali, ajoelhara-se diante da janela para orar e debruçara-se no parapeito para contemplar o sol poente por trás dos pinheiros. Ouvira as gotas de chuva do outono que golpeavam os vidros e saudara os tordos no peitoril na chegada a primavera. Imaginava se os antigos sonhos poderiam assombrar os aposentos e se, por algum motivo, quando alguém deixa para sempre o quarto onde se alegrou, sofreu, riu e chorou, algo dessa pessoa, intangível e invisível, mas ainda assim real, não ficava para trás como uma parte de sua própria alma.

– Penso que o quarto onde alguém sonha, sofre, se alegra e vive torna-se inseparavelmente ligado àqueles processos e adquire vida própria – disse Phil. – Tenho certeza de que se eu entrasse neste quarto daqui a cinquenta anos, ouviria uma voz a me dizer: “Anne, Anne”! Como nos divertimos aqui nesta casa, querida! Quantas conversas, gracejos e ótimas farras entre

amigos! Ah, Deus! Vou me casar com Jo em junho e sei que serei arrebatadoramente feliz. Porém, agora, sinto como se quisesse que esta adorável vida em Redmond nunca terminasse.

– Sou insensata o bastante para desejar a mesma coisa neste momento – admitiu Anne. – Não importam as grandes alegrias que o futuro nos reserva, pois nunca mais voltaremos a ter esta existência irresponsável e deliciosa que tivemos aqui. Está acabado para sempre, Phil.

– O que vai fazer com o Rusty? – indagou Phil, ao ver o privilegiado animal entrar no quarto.

– Vou levá-lo comigo, junto com Joseph e a Gata-Sarah – anunciou tia Jamesina, que entrava no quarto seguindo o animal. – Seria uma pena separar esses gatos, agora que aprenderam a conviver uns com os outros. Esta é uma lição muito difícil tanto para gatos quanto para humanos aprenderem.

– Lamento por ter que me separar do Rusty – murmurou Anne, com pesar –, mas seria inútil levá-lo para Green Gables. Marilla detesta gatos e Davy acabaria com a raça dele. Além disso, não creio que eu vá ficar em casa por muito tempo, pois ofereceram-me um emprego como diretora da escola de ensino médio em Summerside.

– Você vai aceitar? – perguntou Phil.

– Eu... eu ainda não me decidi – respondeu, com um rubor confuso.

Phil assentiu, compreensiva. Naturalmente, os planos de Anne não poderiam ser definidos até que Roy a pedisse em casamento. Logo ele o faria e quanto a isso não restavam dúvidas. E também não havia dúvidas de que Anne diria “sim” no momento em que ele terminasse de perguntar “Você aceita”? A própria Anne contemplava o estado das coisas com uma complacência que raramente a inquietava, pois estava profundamente apaixonada por Roy e, na verdade, o amor não era o que ela imaginava que seria. Anne, no entanto, se perguntava, de modo exaustivo, se haveria algo na vida que alcançasse a perfeição do que fora por ela imaginado.

Repetia-se ali a velha decepção de sua infância: o mesmo desapontamento que sentiu quando viu pela primeira vez o brilho gélido do diamante, em vez do esplendor cor de violeta que imaginara. “Essa não é a ideia que eu tinha de um diamante”, ela dissera., porém Roy era um rapaz encantador e eles seriam muito felizes juntos, ainda que este entusiasmo indefinível lhe tivesse desaparecido da vida. Quando Roy apareceu naquela tarde e convidou Anne para acompanhá-lo em um passeio no parque, todas da Casa da Patty sabiam

o que ele iria dizer, e todas sabiam, ou pensavam saber, qual seria a resposta de Anne.

– Anne é uma garota de muita sorte – disse tia Jamesina.

– Suponho que sim – comentou Stella, encolhendo os ombros. – Roy é um bom rapaz, mas não há realmente nada em seu íntimo.

– Esse parece um comentário muito invejoso, Stella Maynard – tia Jamesina disse em tom de reprovação.

– Parece, mas não é – respondeu Stella, com tranquilidade. – Tenho muita afeição por Anne e também gosto do Roy, todos dizem que ela está fazendo uma bela escolha, e até mesmo a sra. Gardner a considera encantadora agora. Tudo parece haver sido perfeitamente escrito nas estrelas, mas tenho minhas dúvidas. Guarde minhas palavras, tia Jamesina.

Roy pediu Anne em casamento no pequeno gazebo do porto, onde conversaram pela primeira vez naquela tarde chuvosa. Anne achou muito romântica a escolha daquele lugar e seu pedido foi perfeitamente expressado, como se o houvesse copiado de *A Conduta Durante o Noivado e o Casamento*, tal como fizera um dos pretendentes de Ruby Gillis. O resultado fora sem dúvida impecável e o rapaz certamente era sincero, não havia dúvidas de que Roy sentia exatamente aquilo que dizia e não havia nenhuma nota destoante para estragar a sinfonia. Anne, no entanto, sentiu que deveria estar estremecida da cabeça aos pés, mas não estava, pelo contrário, sentia uma frieza aterradora.

Quando Roy fez uma pausa, esperando sua resposta, ela abriu os lábios para dizer o “sim” fatal. E, então, percebeu que estava tremendo, como se estivesse prestes a cair de costas em um precipício, pois para ela, chegou um daqueles momentos em que de súbito aprendemos, como se fosse um relâmpago que nos ilumina, mais do que todos os anos anteriores haviam ensinado. Nesse momento, Anne tirou sua mão das mãos dele.

– Ah, Roy, eu não posso me casar com você... me desculpe, mas... não posso! – Anne exclamou, em profundo desatino.

Roy empalideceu e também pareceu bastante tolo. Sentia-se muito seguro de si.

– O... o que quer dizer? – gaguejou ele.

– Que eu não posso me casar com você! – repetiu Anne, desesperadamente. – Pensei que pudesse... mas não posso.

– Por que não pode? – perguntou, dessa vez, com mais calma.

– Porque... não o amo o suficiente.

As veias do rosto de Roy saltaram e tornaram-se vermelhas sob a pele.

– Então você esteve se divertindo às minhas custas nos últimos dois anos?
– ele concluiu, lentamente.

– Não, não é isso! – arfou a pobre Anne. Como ela poderia explicar? Ela não poderia! Certas coisas simplesmente não possuem explicação. – Eu realmente pensei que o amasse... sinceramente, eu pensei... mas, agora, sei que não.

– Você arruinou a minha vida, Anne – disse Roy, muito amargurado.

– Perdoe-me – ela implorou, miseravelmente, com as bochechas quentes e os olhos ardendo.

Roy virou-se de costas e ficou encarando o mar por alguns minutos. Quando tornou a olhar para Anne, estava novamente muito pálido.

– Não pode me dar nenhuma esperança?

Anne balançou a cabeça negativamente, em silêncio.

– Então... adeus. Não consigo compreender... também não posso acreditar que você não é a mulher que eu pensei que fosse! Mas... palavras de reprovação serão inúteis entre nós, pois você é a única mulher que poderei amar na vida. Agradeço por ter me dado a sua amizade, ao menos. Adeus, Anne.

– A... adeus, Roy – gaguejou Anne.

Após a partida de Roy, Anne permaneceu sentada no gazebo por um longo tempo, observando a neblina branca que envolvia sutilmente o porto e dirigia-se à terra, lenta e implacavelmente. Era a sua hora de sentir as ondas de humilhação, vergonha e desprezo por si mesma, e ainda assim, no fundo, havia a estranha sensação de ter recobrado a liberdade.

Ao entardecer, deslizou para dentro da Casa da Patty e escapou para seu quarto, mas Phil estava lá, no assento sob a janela.

– Espere! – exclamou Anne, corando ao antecipar a cena. – Espere até ouvir o que tenho a dizer. Phil, Roy me pediu em casamento e eu o recusei.

– Você... como... você o recusou mesmo? – perguntou Phil, confusa.

– Sim.

– Anne Shirley, você está em seu juízo perfeito?

– Acho que sim – foi a fraca resposta. – Ah, Phil, não me censure! Você não entende.

– É claro que não te entendo, Anne! Você encorajou Roy Gardner de todas as maneiras possíveis por dois anos e agora está me dizendo que o recusou.

Se é assim, então você estava só flertando escandalosamente com ele! Anne, eu não consigo imaginar isso de você!

– Eu não estava flertando! Eu honestamente pensei que o amava até o último minuto, e então... bem, eu apenas compreendi que nunca poderia me casar com Roy.

– Suponho que você pretendia casar-se com ele por causa do dinheiro, mas então, seu verdadeiro eu despertou e a impediu – sugeriu Phil, com crueldade.

– Não! Eu nunca pensei em me casar com ele por causa do dinheiro! Ah, não consigo te explicar mais do que consegui explicar ao Roy!

– Bem, eu penso que você o tratou de forma vergonhosa – disse Phil, bastante irritada. – Ele é bonito, inteligente, rico e bondoso. O que mais você quer?

– Quero alguém que pertença à minha vida! E ele não pertence. A princípio, fiquei fora de mim por sua boa aparência e por sua habilidade em fazer elogios românticos... e, depois, pensei que eu deveria estar apaixonada, pois ele representava meu homem ideal de olhos escuros...

– Eu sou muito má por não saber o que quero, mas você consegue ser ainda pior.

– Eu sei o que quero! – protestou Anne. – O problema é que minhas inclinações mudam, e então eu tenho que começar a compreender tudo outra vez.

– Bem, creio que seja inútil falar qualquer coisa para você.

– Não é necessário, Phil. Eu já estou suficientemente acabada, isso estragou o passado inteiro e nunca mais vou lembrar dos meus anos em Redmond sem pensar na humilhação desta tarde. Roy me despreza, você me despreza e eu desprezo a mim mesma.

– Ah, pobre querida! – disse Phil, cedendo. – Venha cá e me deixe confortá-la, não tenho o direito de censurá-la; eu teria me casado com Alec ou Alonzo se não tivesse conhecido o Jo. Ah, Anne, as coisas são mesmo confusas na vida real! Não são claras e precisas como são nos romances.

– Espero que ninguém mais me peça em casamento enquanto eu viver, nunca mais! – soluçou a pobre Anne, acreditando devotamente que era isso o que queria.



ASSUNTOS MATRIMONIAIS

Anne sentiu que a vida tinha um sabor de anticlímax durante as primeiras semanas após seu retorno a Green Gables. Sentia falta do clima de alegre camaradagem da Casa da Patty. Durante o último inverno, havia idealizado sonhos tão fabulosos, os quais agora haviam se transformado em pó ao seu redor. No atual estado desgostoso consigo mesma, Anne não conseguiu recomeçar a sonhar imediatamente e logo descobriu que, enquanto a solidão com sonhos é gloriosa, a solidão sem eles tem pouco encantamento.

A jovem não havia voltado a ver Roy após a dolorosa despedida no gazebo do parque, mas Dorothy foi vê-la antes que fosse embora de Kingsport.

– Lamento tanto por você não se casar com Roy! Queria muito tê-la como irmã, mas você está certa: ele iria entediá-la profundamente. Eu o amo, ele é um garoto doce e adorável, mas não é nem um pouco interessante. Aparentemente, ele até deveria ser, mas não é.

– Isso não vai estragar a nossa amizade, vai, Dorothy? – Anne perguntou, melancólica.

– Não, de jeito nenhum! Você é uma pessoa boa demais para perdermos o contato. Se não posso tê-la como irmã, quero tê-la como amiga. E não se aflija por Roy, ele está imensamente triste agora e tenho que ouvir suas queixas o dia inteiro, mas ele vai superar. Ele sempre supera.

– Ah... sempre? – perguntou Anne, com uma ligeira mudança na entonação da voz. – Então, ele já superou antes?

– Meu Deus, sim! – admitiu Dorothy, com franqueza. – Duas vezes. E ele se queixava igualmente nessas ocasiões, não que as outras moças tivessem, de fato, recusado seu pedido de casamento, elas simplesmente anunciaram o noivado com outros rapazes. Mas é claro que, quando ele conheceu você, jurou para mim que nunca antes havia amado de verdade e me disse que os sentimentos anteriores haviam sido meras fantasias adolescentes. Contudo, não creio que você precise se preocupar.

Anne decidiu seguir o conselho, pois sentia uma mescla de alívio e ressentimento, Roy havia afirmado convictamente que ela era a única a quem ele havia amado em toda sua vida, e sem sombra de dúvida, ele acreditava mesmo nisso, mas era um consolo saber que, muito provavelmente, ela não havia destruído a vida dele. Existiram outras deusas, e Roy, de acordo com Dorothy, decerto tinha a necessidade de estar venerando-as em algum santuário, no entanto, a vida fora despojada de muitas outras ilusões, e Anne começava a pensar, entristecida, que a existência parecia absolutamente vazia.

Na tarde de sua chegada, ela desceu do quarto com o semblante pesaroso.

– O que aconteceu com a velha Rainha da Neve, Marilla?

– Ah, eu sabia que você iria ficar triste por isso – disse Marilla. – Eu também fiquei, mas aquela árvore estava ali desde que eu era menina. A grande tempestade que tivemos em março a derrubou e seu tronco estava completamente apodrecido.

– Vou sentir tanta falta dela! – lamentou Anne. – Meu quarto já não parece o mesmo sem ela e nunca mais conseguirei olhar pela janela sem ter a sensação de perda. E, ah, nunca antes cheguei em Green Gables sem que Diana estivesse aqui para me dar as boas-vindas.

– Diana tem algo mais para pensar agora – disse a sra. Lynde, de forma significativa.

– Bem, conte-me todas as novidades de Avonlea – pediu Anne, sentando-se nos degraus da varanda, onde o sol da tarde caía sobre seus cabelos como uma fina chuva de ouro.

– Não há muitas novidades além daquelas que já lhe contamos por carta – prosseguiu a sra. Lynde. – Talvez você não saiba que Simon Fletcher quebrou a perna na semana passada. Certamente, isso é uma grande coisa para a família dele. Estão fazendo uma centena de coisas que sempre quiseram fazer antes, mas não conseguiam estando aquele velho enjoado por perto.

– Ele veio de uma família muito desagradável – comentou Marilla.

– Desagradável? Bem, de fato! A mãe dele costumava levantar-se nas reuniões de oração e proclamar os defeitos dos filhos, pedindo orações por eles. É óbvio que isso os deixava loucos e piores do que nunca.

– Você não contou a Anne as novidades sobre Jane – sugeriu Marilla.

– Ah, sim, Jane... – grunhiu a sra. Lynde. – Bem – condescendeu, com má vontade –, Jane Andrews está em casa novamente, ela chegou na semana

passada e vai se casar com um milionário de Winnipeg. Pode ter certeza de que a sra. Harmon Andrews não perdeu tempo em espalhar a notícia aos quatro ventos.

– Querida Jane! Fico feliz por ela! – exclamou Anne, de coração. – Ela merece as coisas boas da vida.

– Ah, não estava falando nada contra Jane! Ela é mesmo uma moça muito boazinha, mas não é da categoria dos milionários e você logo vai ver que não há nada de atraente naquele homem além de seu dinheiro, isto é que é. A sra. Harmon contou que ele é inglês e que fez fortuna nas minas, mas eu duvido. Ele vai se revelar um ianque e certamente deve ter dinheiro, pois cobriu Jane de joias. O anel de noivado possui um agrupamento de diamantes tão grande que parece um amontoado de gesso no gorducho dedo de Jane.

A sra. Lynde não conseguia esconder certa amargura no tom de voz. Ali estava Jane Andrews, uma simples trabalhadora, comprometida com um milionário, enquanto Anne, ao que parecia até então, não havia sido pedida em casamento por ninguém, rico ou pobre. E a sra. Harmon Andrews se vangloriava de forma insuportável.

– O que Gilbert Blythe andou fazendo na faculdade? – perguntou Marilla. – Eu o vi quando voltou para casa, na semana passada. Ele estava tão pálido e magro que eu mal o reconheci.

– Ele estudou avidamente no último inverno – explicou Anne. – Recebeu, inclusive, a honra ao mérito em clássicos e também o prêmio Cooper. Já havia cinco anos que nenhum aluno o conquistava! Então, creio que ele esteja um pouco fatigado. Todos nós estamos, na verdade.

– De qualquer maneira, você é bacharel e Jane Andrews não é, nem nunca será! – afirmou a sra. Lynde, com melancólica satisfação.

Alguns dias depois, Anne foi visitar Jane, porém ela estava em Charlottetown “tirando medidas”, como a sra. Harmon Andrews orgulhosamente fez questão de informar. É claro que as modistas de Avonlea não serviriam para Jane, diante das circunstâncias.

– Ouvi ótimas notícias sobre Jane, a sra. Andrews – disse Anne.

– Sim, Jane está se saindo muito bem, mesmo sem ser graduada – respondeu a sra. Andrews, com um leve balanço na cabeça. – O sr. Inglis possui milhões e eles irão para a Europa na lua de mel. Quando voltarem, vão viver numa perfeita mansão de mármore em Winnipeg. Jane tem um único problema: ela cozinha muito bem, mas o marido não vai deixá-la fazer

isso. Ele é tão rico que contratou uma cozinheira, duas criadas, um cocheiro e um mordomo. Mas vamos falar de você, Anne? Não fiquei sabendo se você vai se casar, depois de todo esse seu estudo.

– Ah, vou ser uma solteirona – riu Anne. – Eu realmente não consegui encontrar ninguém que me agradasse.

Isso foi um tanto perverso de sua parte. Anne quis, deliberadamente, lembrar a sra. Andrews de que se ela ficasse solteira, seria por opção e não por ter lhe faltado pretendentes, mas a sra. Andrews desferiu uma rápida vingança.

– Bem, percebi que as moças muito independentes geralmente ficam solteiras. Então, me conte melhor essa história que ouvi sobre Gilbert Blythe estar noivo de uma tal senhorita Stuart? Charlie Sloane me contou que ela é muito bonita. É verdade?

– Não sei se é verdade que ele está comprometido com a senhorita Stuart – respondeu Anne, com uma compostura espartana –, mas, de fato, é verdade que ela é adorável.

– Anteriormente eu cheguei a pensar que você e Gilbert formariam um belo casal. Tome cuidado, Anne, porque, caso contrário, todos os seus pretendentes vão escorrer pelos seus dedos.

Anne decidiu não persistir nesse duelo com a sra. Andrews. Não se pode lutar com um adversário que enfrenta um florete com golpes de machado.

– Bem, já que Jane não está – disse ela, erguendo-se altivamente –, acho que não posso esperar mais nesta manhã. Voltarei para vê-la quando estiver em casa.

– Venha – assentiu a sra. Andrews, efusivamente. – Jane não é nem um pouco orgulhosa e certamente vai continuar a se relacionar com suas amigas antigas como antes. Ela vai ficar muito feliz em vê-la.

O milionário de Jane chegou no final de maio e a carregou consigo num arroubo de esplendor. A sra. Lynde ficou malignamente agradecida quando descobriu que o sr. Inglis já era um homem com mais de quarenta anos, de estatura baixa, magro e grisalho. Os leitores podem ficar certos de que a boa senhora não o poupou ao enumerar seus defeitos.

– Será necessário todo o seu ouro para embelezar um tipo insípido como ele, isto é que é – disse a sra. Lynde, em tom solene.

– Ele parece ser gentil e ter bom coração – redarguiu a sempre leal Anne –, e estou certa de que gosta muitíssimo de Jane.

– Humpf! – respondeu a sra. Lynde.

Phil Gordon se casou na semana seguinte e Anne foi até Bolingbroke para ser sua dama de honra. Phil parecia uma graciosa fada como noiva e o Reverendo Jo estava tão radiante de felicidade que ninguém diria que ele era um homem feio.

– Vamos fazer um passeio de amantes pela terra de Evangeline – disse Phil –, e então vamos nos estabelecer na Rua Patterson. Mamãe acha a ideia terrível, pois ela pensa que Jo deveria ao menos assumir uma igreja num lugar decente, mas o deserto de cortiços da Rua Patterson vai florescer como uma rosa para mim, se Jo estiver lá! Ah, Anne, estou tão feliz que meu coração chega a doer!

Anne sempre ficava contente pela felicidade de suas amigas, embora às vezes fosse um pouco solitário estar constantemente rodeada por uma felicidade que não era sua. E aconteceu o mesmo quando ela voltou para Avonlea, dessa vez era Diana, que estava banhada pela maravilhosa glória que emana de uma mulher que tem junto a si seu primogênito. Anne contemplara a jovem e ingênua mãe com uma reverência que jamais registrara em seus sentimentos por Diana. Poderia esta pálida mulher, com os olhos em êxtase, ser a mesma pequena Diana de bochechas rosadas e cachos negros com quem Anne brincava nos idos dias de escola? De certo modo, aquilo lhe dava uma estranha e desolada sensação de que ela própria pertencia apenas ao passado, e de que não possuía, de fato, nenhuma relação com o presente.

– Ele não é perfeitamente lindo? – perguntou a orgulhosa Diana.

O roliço garotinho era absurdamente parecido com Fred, tão gordo quanto, e não menos corado. Anne não podia dizer com honestidade que achava a criança bonita, mas jurou sinceramente que ele era doce, adorável e muito encantador.

– Antes da chegada dele, eu queria muito que fosse uma menina para poder chamá-la de Anne – disse Diana. – Porém, agora que o pequeno Fred está aqui, eu não o trocaria nem por um milhão de meninas. Ele não poderia ser nada além de si mesmo.

– Cada bebezinho é o mais doce e o melhor – citou a sra. Allan, alegremente. – Se houvesse nascido a pequena Anne, você sentiria o mesmo por ela.

A sra. Allan visitava Avonlea pela primeira vez desde que partira. Estava alegre, amável e simpática como sempre e suas velhas amigas lhe haviam

recebido com alegria e entusiasmo. A esposa do atual pastor era uma senhora realmente estimável, apesar de não ser exatamente sua alma gêmea.

– Mal posso esperar até que ele tenha idade o suficiente para falar – suspirou Diana. – Anseio por ouvi-lo dizer “mamãe”. E, ah, estou determinada a fazer de tudo para que sua primeira lembrança de mim seja bem agradável! A primeira lembrança que tenho de minha mãe é dela me dando um tapa por algo errado que fiz, tenho certeza de que mereci, mas mamãe sempre foi uma boa mãe e eu a amo profundamente. Mas eu realmente gostaria que a primeira memória que tivesse dela fosse mais agradável.

– Só tenho uma única lembrança de minha mãe e é a mais doce de todas as minhas memórias – disse a sra. Allan. – Eu tinha cinco anos, e certo dia permitiram que eu fosse para a escola com minhas duas irmãs mais velhas. Na hora da saída, minhas irmãs foram para casa em grupos diferentes, e cada uma delas pensou que eu estivesse com a outra. Em vez disso, saí correndo com uma coleguinha com quem eu havia brincado no recreio. Fomos para a casa dela, que ficava perto da escola, e começamos a brincar de fazer tortinhas de lama. Estávamos no melhor da diversão quando minha irmã mais velha chegou, ofegante e furiosa. “Sua menina levada!”, gritou ela, agarrando minha mão relutante e me arrastando consigo. “Venha para casa imediatamente! Ah, você vai ver só! Mamãe está muito furiosa e vai lhe dar uma boa surra!” Eu nunca havia apanhado e meu pobre coraçãozinho se encheu de terror e medo. Nunca, em toda minha vida, havia me sentido tão infeliz quanto naquela caminhada para casa. Não havia sido minha intenção ser desobediente. Phemy Cameron me convidara para ir à sua casa e eu não sabia que isso era um erro e agora eu iria apanhar! Ao chegarmos em casa, minha irmã me arrastou para dentro da cozinha, onde mamãe estava sentada diante do fogo ao entardecer. Minhas pobres perninhas tremiam tanto, que eu mal conseguia permanecer em pé. E mamãe apenas me tomou nos braços, sem uma palavra de repreensão ou aspereza, beijou-me e segurou-me bem junto ao seu coração. “Tive tanto medo de que estivesse perdida, querida”, disse, com ternura. Pude ver o amor cintilando em seus olhos, quando olhou para mim, ela nunca me repreendeu nem censurou pelo que eu havia feito e só me disse que nunca mais me afastasse de novo sem pedir permissão. Ela morreu pouco tempo depois e esta é a única memória que tenho dela. Não é linda?

Anne sentiu-se ainda mais solitária ao voltar para casa, caminhando pela Rota das Bétulas e pelo Charco do Salgueiro. Fazia muito tempo que não percorria esses caminhos, era uma noite sombria, em tons de púrpura e com um pesado ar devido à fragrância de botões de flores, talvez pesado até demais. O olfato saturado a repugnava como se fosse um copo transbordante, as bétulas da senda haviam deixado de ser encantadoras mudinhas para se tornarem árvores enormes e tudo havia mudado. Anne sentiu que ficaria contente quando o verão terminasse e ela partisse novamente para trabalhar. Talvez, assim, a vida não aparentasse ser tão vazia.

– “Provei o mundo e ele já não veste as cores do romance que costumava usar” – suspirou Anne, já se sentindo confortada pela poesia contida nesta ideia de que o mundo seja despojado de romance.



O LIVRO DA REVELAÇÃO

Os Irvings retornaram a Echo Lodge para passar o verão e Anne desfrutara de três alegres semanas de julho na companhia deles. A senhorita Lavendar não havia mudado, Charlotta IV era agora uma moça crescida, mas ainda adorava Anne com toda a sinceridade.

– Para dizer a pura verdade, madame senhorita Shirley, não conheci ninguém como a senhorita em Boston – ela disse, com franqueza.

Paul estava quase um rapaz também, ele já tinha dezesseis anos, seus cachos castanhos haviam dado lugar a madeixas bem cortadas e agora se interessava mais por futebol do que por fadas. Porém, o vínculo existente entre ele e sua antiga professora mantinha-se firme. Verdadeiras almas gêmeas não mudam com o passar dos anos.

Era um fim de tarde bastante úmido, ventoso e cruel quando Anne retornou a Green Gables. Houve uma das ferozes tempestades de verão que às vezes cruzavam o golfo e rugia devastadoramente sobre o mar. Quando Anne entrou na casa, as primeiras gotas de chuva começavam a golpear os vidros.

– Foi Paul quem a trouxe? – perguntou Marilla. – Por que não o convidou para dormir aqui? Vai ser uma noite turbulenta.

– Creio que ele vai chegar a Echo Lodge antes de a chuva ficar mais forte. De qualquer maneira, ele queria voltar hoje mesmo. Bem, foi uma ótima visita, mas estou contente por vê-los de novo, meus queridos! O lar é o melhor lugar para se estar! Davy, você andou crescendo ultimamente?

– Sim! Cresci três centímetros desde que você se foi! – ele respondeu, orgulhoso. – Agora estou tão alto quanto Milty Boulter! Estou contente. Ele vai ter que parar de me provocar por ser maior. Diga, Anne, você sabia que Gilbert Blythe está morrendo?

Anne ficou muda e imóvel, olhando para Davy. Seu rosto ficou tão pálido que Marilla pensou que ela fosse desmaiar.

– Davy, segure essa língua! – exclamou a sra. Lynde, furiosa. – Anne, não fique assim, não queríamos lhe contar tão de repente.

– É... é verdade? – perguntou Anne, com uma voz um pouco assustada e sem acreditar no que ouvira.

– Gilbert está muito mal – aquiesceu a sra. Lynde, com gravidade. – Foi acometido de febre tifoide logo que você partiu para Echo Lodge. Você não sabia de nada?

– Não – ela respondeu, com uma voz embargada.

– Foi um caso muito sério desde o princípio. O médico disse que ele estava extremamente enfraquecido. Contrataram uma enfermeira especializada e fizeram tudo que puderam. Não fique assim, Anne. Enquanto há vida, há esperança!

– O sr. Harrison veio aqui esta tarde e falou que não há esperanças para ele – reiterou Davy.

Marilla, com o semblante cansado e envelhecido, levantou-se e tirou Davy da cozinha.

– Ah, não fique assim, querida! – disse a sra. Lynde, abraçando carinhosamente a jovem pálida. – Eu ainda não perdi as esperanças, não mesmo e ele tem a constituição dos Blythe a seu favor, isto é que é!

Gentilmente, Anne afastou de si os braços da sra. Lynde e caminhou um tanto desorientada da cozinha para o corredor, subindo as escadas rumo ao seu velho quartinho. Ajoelhou-se diante da janela, olhando para fora intensamente cegada por aquela notícia, estava tudo muito escuro agora e a chuva desabava sobre os campos trementes. Da Floresta Assombrada vinham os gemidos das árvores poderosas retorcendo-se na tempestade, e o ar vibrava com o estrondoso impacto das ondas na costa distante. E Gilbert morria!

Há um Livro da Revelação na vida de cada um, assim como há na Bíblia. Nas longas e agonizantes horas de vigília, em meio à tormenta, na escuridão dessa noite caótica, Anne leu o dela. Ela amava Gilbert, sempre o amou! Agora sabia disso. Sabia que não podia mais tirá-lo de sua vida sem agonia, assim como não podia arrancar sua mão direita. E a revelação chegara tarde demais, até mesmo para ter o doloroso consolo de poder acompanhá-lo até o fim. Se não houvesse sido tão cega e tão tola, poderia ter o direito de ir vê-lo agora, mas Gilbert nunca saberia que ela o amava e iria embora desta vida pensando que ela não se importava. Ah, os sombrios anos de solidão que se apresentavam diante de seus olhos! Não poderia suportá-lo, não conseguiria!

Pela primeira vez em sua existência alegre e juvenil, curvou-se sob a janela e desejou morrer também. Se Gilbert partisse sem uma palavra, sinal

ou mensagem, ela não conseguiria sobreviver e nada mais tinha valor sem ele. Eles se pertenciam e, nessa hora de suprema agonia, Anne não tinha mais dúvidas disso. Gilbert não amava Christine Stuart, nunca havia sentido nada por ela. Ah, como ela havia sido tola ao não perceber qual era o laço que a unia a Gilbert! Que tola havia sido ao confundir com amor a lisonjeira ilusão que sentiu por Roy Gardner! E, agora, deveria pagar por sua tolice como por um crime.

Quando subiram para dormir, a sra. Lynde e Marilla detiveram-se junto à porta de Anne. Sem ouvir nenhum barulho, balançaram a cabeça duvidosamente e se afastaram. A tempestade rugiu durante toda a madrugada, mas acalmou pela manhã e Anne viu uma encantada franja luminosa nas saias da escuridão. Logo, os topos das colinas do leste estavam coroados por um incandescente aro cor de carmim. As nuvens se enrolaram numa grande massa branca no horizonte e o céu cintilava em tonalidades de azul e prata. Uma profunda calma desceu sobre o mundo.

Anne ergueu-se do chão e rastejou pelas escadas. O frescor do vento pós-chuva animou seu pálido rosto enquanto se dirigia ao quintal, e esfriou seus secos e ardidos olhos. Um alegre assobio galhofeiro soou na alameda. Logo em seguida, apareceu Pacifique Buote.

Anne sentiu uma súbita fraqueza de repente, se não tivesse se agarrado ao ramo de um dos salgueiros, certamente teria caído. Pacifique era o empregado de George Fletcher e este era vizinho da família Blythe. A sra. Fletcher era tia de Gilbert. Pacifique saberia se... se... Pacifique saberia aquilo que deveria ser sabido.

O rapaz cruzava a alameda de terra vermelha a passos largos, assobiando, não viu Anne, que o chamou inutilmente três vezes. Já quase fora de seu alcance, Anne conseguiu chamá-lo, articulando seu nome com os lábios trêmulos:

– Pacifique!

Ele deu meia-volta com um sorriso aberto e um animado cumprimento.

– Pacifique, você está vindo da casa do sr. George Fletcher? – perguntou Anne, com voz fraca.

– “Tô” sim – ele respondeu, de forma amigável. – “Onti di noiti mi falaro qui” o meu pai tá acamado. “Num” pude “saí onti pur” causa do temporal, e “tô ino” pra lá agora “di” manhã. “Vô cortanu” caminho “pelos campo”.

– Você sabe como estava Gilbert Blythe esta manhã?

O desespero de Anne a fez perguntar. Saber o pior era mais suportável do que esse horrendo suspense.

– Ele “tá mió” – informou Pacifique. – Deu uma “miorada noiti” passada. O “dotô falô qui” ele logo vai “ficá” bom. “Mais iscapô pur” um triz! Coitado do “rapá, quais’qui si mata na iscola”. Bom, “priciso corrê”. Meu “véi” deve “di tá cum” pressa “di mi vê”.

Pacifique retomou sua caminhada e seu assobio. Enquanto se afastava, Anne acompanhava-o com olhar, com olhos de quem a alegria superara a angústia e a exaustão da véspera. Era um rapaz muito magro, esfarrapado e rústico, mas para Anne, ele parecia tão belo quanto os mensageiros que levam as boas novas pelas montanhas. Nunca, enquanto Anne vivesse, veria o rosto escuro, redondo e de olhos negros de Pacifique sem a cálida lembrança do momento em que suas palavras lhe trouxeram o óleo da alegria para o pranto.

Muito tempo depois do alegre assobio de Pacifique ter desvanecido e se tornado apenas um fantasma musical, e até que o silêncio voltasse a reinar entre os bordos da Travessa dos Amantes, Anne permaneceu sob os salgueiros a degustar a pungente doçura da vida, de quando nos livramos de um grande temor.

A manhã era uma taça cheia de névoa e esplendor. Perto dela, na extremidade do jardim, havia uma rica surpresa de rosas recém-nascidas, cobertas de cristalinas gotas de orvalho. O trinado dos pássaros na grande árvore acima dela parecia estar em perfeita harmonia com seu estado de ânimo. A sentença de um antigo, maravilhoso e verdadeiro Livro veio aos seus lábios:

– *O choro pode durar uma noite, mas a alegria virá pela manhã.*



O AMOR VENCE O TEMPO

– Vim te convidar para um passeio de setembro pelos bosques, e “pelas colinas, onde crescem as especiarias”, como nos velhos tempos – disse Gilbert, aparecendo de repente na varanda. – Que tal visitarmos o jardim de Hester Gray?

Anne, sentada em um degrau de pedra vestindo um fino tecido verde-claro sobre a saia, olhou para cima sem expressão.

– Ah, se pudesse eu iria – respondeu, falando lentamente –, mas infelizmente não posso, Gilbert. Irei ao casamento de Alice Penhallow nesta noite. Preciso arrumar o vestido, e logo chegará a hora de partir. Lamento, eu adoraria poder passear com você.

– Bem, então podemos ir amanhã à tarde? – ele perguntou, parecendo pouco decepcionado.

– Sim, creio que sim.

– Então vou agora mesmo para casa fazer algo que seria resolvido amanhã. Alice Penhallow se casa nesta noite?! Três casamentos para você ir neste verão, Anne, o de Phil, de Alice e de Jane. Nunca perderei Jane por não haver me convidado para seu casamento.

– Não a culpe, pense na multidão de parentes dos Andrews que precisavam ser convidados. Todos eles mal cabiam na casa! Só me convidaram porque eu era uma das amigas mais antigas... ao menos da parte de Jane. Creio que a sra. Harmon Andrews me convidou apenas para eu ver a inatingível beleza do traje de sua filha.

– Dizem que Jane usou tantos diamantes que não foi possível determinar onde terminavam as joias e onde começava a noiva, é verdade?

Anne riu.

– Sim, com certeza ela usou muitos! Jane estava tão arrumada que quase se perdia em meio a tantos diamantes, cetim branco, tules, rendas, flores cor-de-rosa e laranja, mas o importante é que ela estava muito feliz, assim como o sr. Inglis... e, é claro, também a sra. Andrews.

– É esse o vestido que você usará hoje à noite? – perguntou Gilbert, observando os babados e ornamentos.

– Sim. É do seu agrado? E usarei flores da alegria nos cabelos. No verão, a Floresta Assombrada fica repleta dessas flores.

Gilbert logo imaginou como ficaria Anne dentro do vestido verde, com as virginais curvas de seus braços e seu pescoço brotando do traje, e o contraste do brilho das estrelas brancas com os cachos ruivos de seu cabelo. Por um momento, aquela visão o fez perder a respiração, mas virou-se ligeiramente para a moça.

– Bem, amanhã estarei de volta. Divirta-se hoje à noite.

Anne o observou até sumir de vista e suspirou. Gilbert parecia afável... muito afável... demasiadamente afável. Depois de sua recuperação, vinha a Green Gables com frequência e parte da antiga amizade de ambos se fortalecia novamente, mas Anne já não se satisfazia, não mais. O desabrochar da rosa do amor deixava o botão da amizade pálido e sem perfume e Anne agora duvidava de que Gilbert sentisse por ela algo mais do que amizade. Depois daquela manhã ardente e cheia de promessas, a luz do dia comum enfraquecia a certeza que por um momento tivera, angustiava-se com o terrível medo de jamais poder reparar seu erro. Além disso, muito provavelmente Gilbert amava Christine, e quem sabe estava até comprometido com ela.

Anne, por sua vez, tentava apagar as chamas da esperança de seu coração e empolgar-se com um futuro em que o trabalho e a ambição deveriam substituir o amor. Poderia fazer um bom trabalho como diretora da escola secundária, ou até mesmo exercer a nobre função de professora. Além disso, seus breves contos começavam a obter algum êxito junto ao editor de uma certa revista. Seus crescentes sonhos literários, portanto, tinham bons presságios de realizar-se. Mas... mas... Anne pegou o vestido verde e suspirou novamente.

Na tarde seguinte, ao chegar, Gilbert encontrou Anne esperando por ele, com o frescor do amanhecer e o brilho de uma estrela, depois de muito se divertir na noite anterior. Ela usava um vestido verde, não o mesmo da véspera, mas um antigo, o qual usara numa recepção em Redmond e que Gilbert então elogiara. O matiz de verde realçava a tonalidade dos cabelos de Anne, o cinza cintilante de seus olhos e a maciez de pêssego de sua pele.

Ao caminharem por uma alameda sombreada, Gilbert olhava de lado para Anne e pensou que nunca a havia visto tão linda e adorável. Anne, olhando-

o de relance, concluiu que Gilbert aparentava bem mais idade após adoecer. Era como se a adolescência do rapaz tivesse ficado definitivamente para trás.

Fazia um dia tão lindo quanto aquele caminho, de modo que Anne quase lamentou quando chegaram ao jardim de Hester Gray e sentaram-se no velho banco. Contudo, ali também estava lindíssimo, tão lindo quanto no já longínquo dia da saudosa excursão, quando Diana, Jane, Priscilla e ela o haviam descoberto. No passado, narcisos e violetas tornavam o jardim incrivelmente belo, agora hastes douradas pareciam tochas acesas por encanto na parte de baixo do muro e os ásteres salpicavam tudo de azul. Ouvia-se nos bosques o correr do riacho, que desde sempre descia fascinante do vale de bétulas; o ar tinha um aroma doce e trazia os bramidos do mar; mais adiante, avistavam-se os campos com suas cercas outrora prateadas, agora já desbotadas pelos sóis de tantos verões; e as sombras das nuvens do outono cobriam as grandes colinas. O sopro do vento do Oeste parecia trazer de volta sonhos antigos.

– Creio que a “terra onde os sonhos se tornam realidade” fica bem ali, em meio à bruma azul acima daquele pequeno vale – disse Anne, delicadamente.

– Você tem algum sonho não realizado, Anne? – perguntou Gilbert.

Algo no tom de voz do rapaz que Anne não escutara desde a trágica noite no pomar da Casa da Patty, fez o coração da moça disparar desatinadamente, mas ela conseguiu responder com aparente tranquilidade.

– É claro que tenho. Todos nós temos. Não seria bom realizarmos todos os nossos sonhos e se não houvesse mais nada para sonharmos, melhor seria estarmos mortos. Que aroma delicioso os ásteres e as samambaias estão exalando com o sol! Queria poder ver os aromas, assim como posso senti-los. Certamente seria muito bonito.

Gilbert não se distraía facilmente e respondeu:

– Eu tenho um sonho – disse, lentamente. – Persisto em sonhá-lo, mesmo que frequentemente ele me pareça impossível de ser realizado. Sonho com um lar com uma lareira acesa, um gato e um cachorro, o som da presença de amigos e... você!

Anne quis dizer algo, mas lhe faltaram as palavras. Foi tomada de tanta felicidade como se uma onda quase a levasse.

– Há mais de dois anos eu lhe fiz uma pergunta, Anne. Se eu lhe fizer a mesma pergunta hoje, você me dará uma resposta diferente?

Anne ainda não conseguia falar, mas ergueu os olhos, repleta de um deslumbramento amoroso de inúmeras gerações, e olhou no fundo dos olhos de Gilbert por um instante. Então, ele não precisou mais buscar respostas.

Até o sol se por, doce como deve ter sido o anoitecer no Éden, o casal permaneceu no antigo jardim. Havia tanto o que falar e recordar, coisas ditas, feitas, ouvidas, pensadas, sentidas e mal compreendidas.

– Pensei que você amasse Christine Stuart – comentou Anne, contrariada, como se faltassem indícios para que ele pensasse que ela amava Roy Gardner.

Gilbert riu como um menino.

– Christine tinha compromisso com um rapaz de sua cidade. Eu sabia disso e ela sabia que eu sabia. Quando o irmão dela se formou, contou-me que ela iria para Kingsport no inverno seguinte, para estudar Música, e pediu-me que tomasse conta dela, pois Christine não conhecia ninguém e se sentiria solitária e foi o que eu fiz. Desde então, comecei a gostar da pessoa que é Christine, uma das moças mais encantadoras que já conheci, eu sabia que os fofoqueiros da universidade tinham certeza de que éramos apaixonados um pelo outro, mas eu não me importava com isso. Na verdade, nada me importava muito, desde que você disse que nunca poderia me amar, Anne. Não havia outra, nunca houve outra para mim, a não ser você. Eu sempre a amei, Anne, desde aquele dia na escola em que deu com a lousa na minha cabeça.

– Não entendo como você continuou me amando, mesmo eu sendo tão tola...

– Eu bem que tentei deixar de amá-la – respondeu, com toda a franqueza –, não por considerá-la tola, como você diz, mas pela certeza de que não havia nenhuma chance para mim depois que Roy Gardner apareceu. Mas não consegui... Nem ainda consigo explicar o que significou para mim, nesses dois anos, pensar que você iria se casar com ele, além de ouvir da boca de alguém, toda semana, que em breve seria anunciado o noivado de vocês. Acreditei nisso até o bendito dia em que eu, já melhor de saúde, passada a febre, recebi uma carta de Phil Gordon ou Phil Blake, na verdade, na qual me contou que não havia nada entre você e Roy, e me aconselhou a “tentar de novo”. O médico realmente se impressionou com minha rápida recuperação depois disso.

Anne começou a rir e logo estremeceu.

– Jamais esquecerei a noite em que pensei que você estava morrendo, Gilbert. Sim, eu soube naquela noite, e então acreditei que já fosse tarde demais.

– Mas não era, minha querida. Ah, Anne, isso faz tudo valer a pena, não é mesmo? Vamos tomar uma decisão para sacramentar este dia, em nome de tanta beleza em nossa vida, pelo momento que nos foi concedido.

– Nossa felicidade nasce neste momento – ela assentiu, em voz baixa.

– Sempre amei o velho jardim de Hester Gray e agora o amarei mais do que nunca.

– Porém, preciso que você me espere por um longo tempo, Anne – ele continuou, com tristeza. – Faltam três anos para eu terminar o curso de Medicina. Além disso, não haverá diamantes nem salões de mármore.

Anne riu.

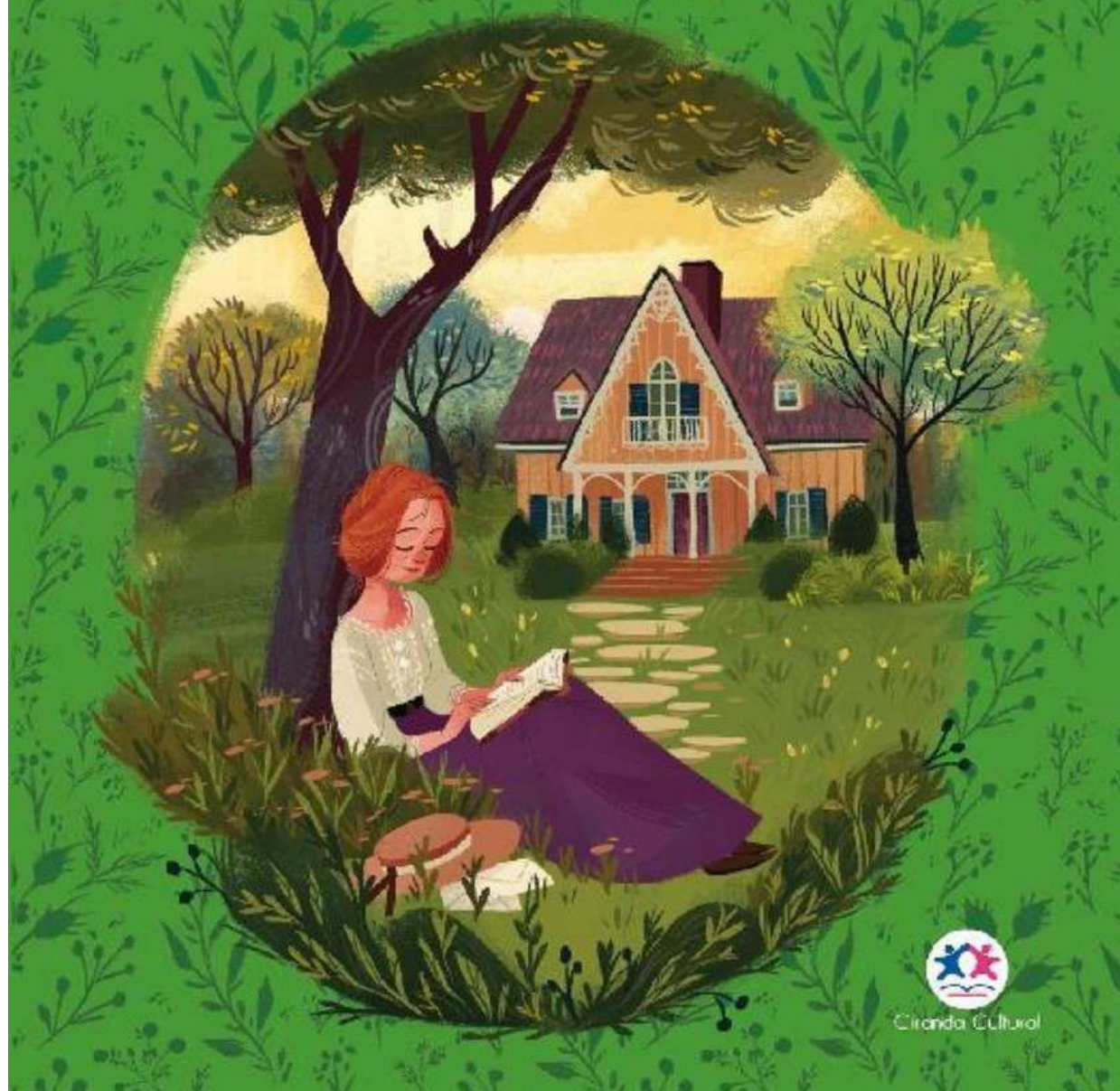
– Eu não quero diamantes nem salões de mármore. Eu só quero você! Entenda, sou igual a Phil nesse quesito: diamantes e salões de mármore podem ser muito bonitos, mas sem eles sobra mais espaço para a imaginação. Sobre ter de esperar, eu não me importo, seremos felizes da mesma maneira, esperando e lutando um pelo outro... e sonhando. Ah, como meus sonhos serão doces a partir de hoje!

Assim, Gilbert tomou Anne nos braços e a beijou. Ao cair da tarde, voltaram juntos para casa, agora coroados rei e rainha do reino do amor, passando por veredas sinuosas e repletas das flores mais perfumadas, caminhando ao vento de esperança e de nostalgia dos campos encantados.

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

DE
WINDY POPLARS



LUCY MAUD MONTGOMERY
Anne
DE
WINDY POPLARS

Tradução
Rafael Bonaldi



Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Anne of Windy Poplars

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Rafael Bonaldi

Preparação

Karoline Cussolim

Revisão

Mariane Genaro

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração da capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne de Windy Poplars [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Principis, 2020.

288 p. ; ePUB ; 6,6 MB. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Anne of Windy Poplars

Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-221-8 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-905 CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

1936
O PRIMEIRO
ANO



CAPÍTULO 1

(Carta de Anne Shirley, Bacharela em Letras e Belas Artes, Diretora da Escola Secundária de Summerside, para Gilbert Blythe, estudante de medicina da Redmond College, em Kingsport.)

Windy Poplars

Rua do Fantasma

Summerside, Ilha do Príncipe Edward

Segunda-feira, 12 de setembro

QUERIDO,

Não é um endereço e tanto? Já ouviu algo mais delicioso? Windy Poplars¹ é o nome do meu novo lar, e eu o adoro. Também adoro a “Rua do Fantasma”, que não existe oficialmente. Deveria ser Rua Trent, mas ela só é chamada assim em raras ocasiões, quando é mencionada no periódico semanal *Weekly Courier*... e, nesses casos, as pessoas olham umas para as outras e dizem: “Onde será que fica isso?”. É Rua do Fantasma, mesmo... embora eu não saiba dizer o motivo. Já perguntei para Rebecca Dew, mas tudo que ela disse foi que a rua sempre teve esse nome e que anos atrás surgiu uma história de que o lugar era assombrado, mas ela nunca viu nada de horrível lá além de si mesma.

Eu não deveria estar me precipitando, todavia. Você ainda não conhece Rebecca Dew, mas vai conhecê-la. Ah, com certeza. Prevejo que ela figurará amplamente nas minhas futuras correspondências.

É a hora do crepúsculo, meu querido. (Aliás, “crepúsculo” não é uma palavra adorável? Acho melhor do que “entardecer”. Soa como algo tão macio e misterioso e... e... *crepuscular*.) Durante o dia eu pertencço ao mundo... e à noite, ao sono e à eternidade. Porém, no crepúsculo, estou livre de ambos e pertencço somente a mim mesma... e a você. Assim, vou reservar esta hora sagrada para lhe escrever. Ainda que esta não seja uma carta de amor. Estou usando um bico de pena que borra, e não posso escrever cartas

de amor com uma pena que borra... ou de ponta afiada... ou de ponta cega. De modo que você só receberá uma carta daquele tipo quando eu tiver exatamente a pena certa. Enquanto isso, contarei sobre meu novo domicílio e seus habitantes. Gilbert, eles são tão encantadores!

Eu vim ontem para Summerside à procura de uma pensão. A senhora Rachel Lynde me acompanhou, supostamente para fazer algumas compras, mas, na verdade, sei que veio para escolher uma pensão para mim. Apesar do meu diploma, a senhora Lynde ainda me considera uma juvenzinha inexperiente que precisa ser guiada, orientada e supervisionada.

Vimos de trem e, ah, Gilbert, tive uma aventura muito engraçada. Você sabe que sou do tipo de pessoa que sempre é encontrada pelas aventuras. Acho que eu as atraio, pelo visto.

Aconteceu quando o trem estava parando na estação. Eu me levantei e, ao inclinar-me para pegar a mala da senhora Lynde (ela planejava passar o domingo com uma amiga na cidade), apoiei os nós dos dedos com toda a força no que parecia ser o braço lustroso de um assento. Um segundo depois, recebi um golpe violento que quase me fez uivar. Gilbert, o que parecia ser o braço de um assento era a cabeça calva de um homem, que me encarava com raiva e era evidente que havia acabado de acordar. Eu me desculpei humildemente e desci do trem o mais rápido que pude. A última coisa que vi foi seu olhar fixo em mim. A senhora Lynde ficou mortificada, e meus dedos ainda estão doloridos!

Não imaginava que daria tanto trabalho encontrar uma pensão. Uma tal de senhora Pringle havia hospedado várias diretoras da Escola Secundária nos últimos quinze anos, mas, por algum motivo desconhecido, de uma hora para a outra ela decidira que estava cansada “do incômodo” e não me recebeu. Vários outros lugares adequados deram desculpas afáveis. Vários outros lugares não eram adequados. Nós andamos pela cidade a tarde toda e ficamos acaloradas, cansadas, desanimadas e com dor de cabeça... pelo menos eu fiquei assim. Já estava pronta para ceder ao desespero... e então, a Rua do Fantasma surgiu!

Quando fomos visitar a senhora Braddock, uma velha amiga da senhora Lynde, ela disse que talvez “as viúvas” pudessem me hospedar e que elas queriam uma pensionista para pagar o salário de Rebecca Dew, pois elas não terão condições de mantê-la a menos que entre um dinheirinho extra. E se a Rebecca for embora, quem ordenhará a velha vaca vermelha?

A senhora Braddock lançou-me um olhar fulminante, como se achasse que eu deveria ordenhar a vaca vermelha, mas que não acreditaria em mim nem se eu jurasse saber fazê-lo.

A senhora Lynd quis saber de quais viúvas a senhora Braddock estava falando. Ela respondeu que eram a tia Kate e a tia Chatty, como se todo mundo, até mesmo uma inadvertida bacharela em Letras e Artes, tivesse a obrigação de saber. A senhora Braddock disse, ainda, que a tia Kate é a viúva do capitão Amasa MacComber, e a tia Chatty do senhor Lincoln MacLean, uma mera viúva, mas todos as chamam de “tias”. Elas moram no fim da Rua do Fantasma.

Rua do Fantasma! Estava decidido. Eu tinha que me hospedar com as viúvas. Então, implorei à senhora Lynde para irmos até lá naquele momento. Parecia que, se perdêssemos mais um instante, a Rua do Fantasma iria esvanecer de volta à Terra das Fadas.

Porém, a senhora Braddock falou que eu poderia visitá-las, mas era Rebecca quem decidiria se iriam me hospedar ou não. Rebecca Dew é quem dita as regras em Windy Poplars, é a verdade.

Windy Poplars! Não podia ser verdade... não podia. Eu devia estar sonhando. E a senhora Lynde até comentou que o lugar tinha um nome engraçado. Entretanto, a senhora Braddock disse: “Ah, o capitão MacComber o chamava assim. Era a casa dele, sabe. Ele plantou todos os álamos ao redor da propriedade e se orgulhava muito deles, por mais que nunca ficasse por muito tempo nas raras ocasiões em que estava em casa. Tia Kate dizia que era um inconveniente, mas nunca descobrimos se ela referia-se às curtas estadias ou ao fato de o capitão se dar ao trabalho de voltar para casa. Bem, senhorita Shirley, espero que consiga hospedagem lá. Rebecca Dew é uma boa cozinheira e um gênio com batatas frias. Se ela gostar de você, sua estadia vai ser um paraíso. Se não gostar... Bem, ela não gostará e ponto. Ouvi dizer que há um novo banqueiro na cidade à procura de uma pensão, e ela pode preferi-lo. Engraçado a senhora Tom Pringle não aceitar você. Summerside é cheia de Pringles e aparentados. São chamados de “A Família Real”, e é melhor ganhar as graças deles, senhorita Shirley, do contrário nunca se dará bem na Escola Secundária. Eles sempre mandaram na cidade... há uma rua em homenagem ao velho capitão Abraham Pringle. Eles formam um clã considerável, mas quem manda na tribo são as duas velhas senhoras em Maplehurst. Ouvi dizer que estavam comentando sobre você”.

Então, perguntei por que que estariam comentando se sou uma completa desconhecida para elas. E a senhora Braddock respondeu: “Bem, um primo de terceiro grau delas se candidatou para o cargo de diretor, e todos acham que ele deveria ter sido escolhido. Quando sua inscrição foi aceita, o bando todo desatou a reclamar. Bem, as pessoas são assim. Temos que aceitá-las como são, você sabe. Eles serão dóceis como carneirinhos, mas estarão contra você o tempo todo. Não quero desencorajá-la, mas é melhor estar preparada e espero que você se saia bem, só para aborrecê-los. Se as viúvas te aceitarem, você não se importará de comer com Rebecca Dew, não é mesmo? Ela não é uma empregada, sabe. É uma prima distante do capitão, que não come à mesa quando há companhia... ela sabe o lugar dela nesses casos, mas se for se hospedar lá, ela não considerará você uma visita, é claro”.

Eu garanti à ansiosa senhora Braddock que iria adorar fazer as refeições com Rebecca Dew e arrastei a senhora Lynde de lá. Eu tinha que chegar antes que o banqueiro.

A senhora Braddock nos acompanhou até a porta, e me disse para não ferir os sentimentos da tia Chatty, pois ela fica chateada com facilidade. A pobrezinha é muito sensível e não tem as mesmas condições financeiras que a tia Kate... ainda que a tia Kate também não tenha muito dinheiro. E a senhora Braddock ainda falou: “A tia Kate gostava muito do marido dela... do próprio marido, digo... mas a tia Chatty não... não gostava do dela, quero dizer. Não me admira! Lincoln MacLean era um velho ranzinza... Mas ela acredita que as pessoas a culpam por isso. Por sorte, hoje é sábado. Se fosse sexta-feira, tia Chatty nem sequer consideraria acolhê-la. É de se esperar que a tia Kate fosse a supersticiosa, não é verdade? Marinheiros costumam ser assim. Mas é a tia Chatty... apesar de o marido dela ter sido carpinteiro. Ela já foi muito linda”.

Eu garanti à senhora Braddock que os sentimentos da tia Chatty seriam honrados, mas ela nos seguiu até a calçada e continuou: “Kate e Chatty não vasculharão suas coisas quando estiver fora. Elas são muito conscientes, mas pode ser que Rebecca Dew o faça, porém não fará fofocas. E se eu fosse você, não usaria a porta da frente, pois elas a usam apenas para coisas realmente importantes e não acho que é aberta desde o funeral de Amasa. Tente a porta lateral, a chave fica sob o vaso de flores no peitoril da janela, então se não houver ninguém em casa, destranque a porta, entre e aguarde. E faça o que quiser, mas não elogie o gato, pois Rebecca Dew não gosta dele”.

Prometi que não elogiaria o gato, e conseguimos ir embora. Nós chegamos à Rua do Fantasma em pouco tempo. É uma rua lateral muito curta que leva ao campo aberto, e ao longe uma colina azul proporciona um belo pano de fundo. De um lado não há nenhuma casa e o terreno desce em declive até o porto e do outro lado há somente três. A primeira é apenas uma casa... não há mais nada a ser dito sobre ela. A seguinte é uma mansão grande, imponente e com ares lúgubres feita de tijolos vermelhos polidos, com um telhado de mansarda irregular e janelas de trapeira, um gradil de ferro por toda a extensão da parte superior plana, tantos abetos e pinheiros amontoados ao seu redor que é quase impossível ver a casa e seu interior deve ser assustadoramente escuro. E a terceira e última é Windy Poplars, bem na esquina, com a rua tomada pela grama alta à sua frente e uma verdadeira estrada rural, belamente sombreada pelas árvores, do outro lado.

Apaixonei-me por ela de imediato. Você sabe que há casas que nos causam impacto à primeira vista, por alguma razão que não é possível definir e Windy Poplars é uma delas. Posso descrevê-la como uma casa de madeira branca... muito branca... com persianas verdes... muito verdes... com uma “torre” em um canto e uma janela trapeira de cada lado, um muro baixo de pedra separando-a da rua, com álamos-tremulantes plantados em intervalos ao longo de sua extensão, e um grande jardim nos fundos, onde flores e vegetais cresciam em uma deliciosa confusão... Porém, tudo isso não é capaz de transmitir seu encanto. Em suma, é uma casa com personalidade e com uma pitada do gostinho de Green Gables. Eu disse a senhora Lynde que este é o lugar para mim e que estava predestinado.

A senhora Lynde não parecia acreditar muito em predestinação, e falou que ia ser uma longa caminhada até a escola, eu respondi que não importava, pois será um bom exercício. E tem ainda aquele adorável bosque de bétulas e bordos do outro lado da estrada. A senhora Lynde viu, mas tudo que disse foi que esperava que os mosquitos não me importunassem.

Eu também esperava, pois detesto mosquitos. Um mosquito é pior do que um peso na consciência na hora de dormir.

Fiquei contente por não termos que usar a porta da frente. Parecia tão intimidadora... uma grande porta dupla de madeira, flanqueada por painéis de vidro vermelhos com motivos florais. Não parecia pertencer à casa em absoluto. A pequena porta verde lateral, à qual chegamos por uma linda trilha de pedras chatas de arenito na grama, era muito mais amigável e convidativa. O caminho era ladeado por canteiros impecáveis e bem

cuidados de capim-amarelo, corações-sangrentos, lírios-tigre, cravinas, abrótanos, buquês-de-noiva, margaridas vermelhas e azuis, e o que a senhora Lynde chama de “piônias”. É claro que nem todas florescem nesta estação, mas era óbvio que já haviam desabrochado na hora certa, e com louvor. Havia um canteiro de rosas em um canto distante, entre Windy Poplars e a casa sombria, próximo a um muro de tijolos coberto de heras, com uma treliça arqueada acima de uma porta verde desbotada bem no meio dele. Ramos de videira cruzavam a porta, o que deixava evidente que não era aberta há muito tempo. Era na verdade uma meia porta, pois a metade de cima era meramente uma abertura oblonga por meio da qual era possível ter um vislumbre de um jardim abandonado do outro lado.

Assim que passamos pelo portão do jardim de Windy Poplars, notei um punhado de trevos ao lado da trilha. Um impulso me levou a inclinar-me para observá-lo. Você acredita, Gilbert? Ali, bem diante dos meus olhos, havia três trevos de quatro folhas! Isso que é um bom presságio! Nem mesmo os Pringle poderiam contestá-lo. E eu senti a certeza de que o banqueiro não tinha a mínima chance.

A porta lateral estava aberta, de forma que era evidente que alguém estava em casa e nós não precisamos olhar embaixo do vaso. Nós batemos, e Rebecca Dew nos atendeu. Sabíamos que era Rebecca Dew porque não poderia ser mais ninguém no mundo todo e seu nome não poderia ser outro.

Rebecca Dew tem cerca de 40 anos, e se um tomate tivesse cabelos negros escorridos para trás, olhinhos negros cintilantes, um nariz diminuto com a ponta arredondada e lábios finos, ele seria exatamente como ela. Tudo em Rebecca parecia ser curto demais: braços, pernas, o pescoço e o nariz... tudo menos seu sorriso. Este era largo o suficiente para ir de orelha a orelha.

Porém, nós não vimos seu sorriso logo de início. Sua expressão era grave quando perguntei se poderia conversar com a senhora MacComber.

– Você quer dizer a senhora do capitão MacComber? – corrigiu ela, como se houvesse uma dezena de senhoras MacCombers na casa.

– Sim – respondi com educação. E fomos prontamente levadas a uma sala, onde ficamos esperando. Era pequena e confortável, um pouco atravancada pelas cobertas que protegiam os móveis, mas com uma atmosfera calma e amistosa que me agradou. Cada peça de mobília tinha um lugar específico, que ocupava há anos. E como reluziam! Nenhum verniz comprado seria capaz de produzir aquele brilho. Só podia ser fruto do trabalho árduo de Rebecca. Havia um navio em detalhes dentro de uma garrafa sobre a cornija

que interessou muito a senhora Lynde, que não conseguia imaginar como tinha sido colocado ali dentro, mas achava que ele dava à sala um “ar náutico”.

“As viúvas” chegaram e eu gostei delas imediatamente. Tia Kate era alta, magra, com cabelos grisalhos, e um pouco austera, o mesmo tipo físico de Marilla. E tia Chatty era baixa, magra, grisalha e um pouco melancólica. Talvez tivesse sido muito bonita algum dia, mas de sua beleza não restava nada além dos olhos, que chamavam atenção... suaves, grandes e castanhos.

Expliquei a minha situação, e as viúvas se entreolharam. Então, tia Chatty disse que precisava consultar a Rebecca Dew e a tia Kate concordou.

Assim, Rebecca Dew foi chamada da cozinha. O gato veio com ela, um maltês grande e felpudo, com o peito e o pescoço brancos. Gostaria de ter acariciado-o, mas, ao lembrar-me do aviso da senhora Braddock, eu o ignorei.

Não havia sequer o esboço de um sorriso na expressão de Rebecca ao me encarar. “Rebecca, a senhorita Shirley deseja se hospedar aqui”, disse a tia Kate, que não era de desperdiçar palavras, como vim a descobrir. “Mas acho que não podemos acomodá-la”. “Por que não?” perguntou Rebecca Dew. “Temo que seria muito trabalho para você”. Alegou a tia Chatty. “Estou bem acostumada com trabalho”, respondeu Rebecca Dew. Não dá para separar esses nomes, Gilbert. É impossível... embora as viúvas o façam. Elas se dirigem a ela por Rebecca. Não sei como conseguem.

Porém, a tia Chatty persistiu e disse que estavam velhas demais para ter jovens entrando e saindo de casa. E Rebecca Dew rebateu: “Fale por si mesma, tenho apenas 45 anos e ainda faço uso de minhas faculdades mentais. E eu acho que seria bom ter uma pessoa jovem em casa e uma moça é sempre melhor que um moço, que fumaria dia e noite... e colocaria fogo na casa enquanto dormimos. Se precisam mesmo de um pensionista, ela é a minha sugestão, mas, é claro, a casa é de vocês”.

Ela falou e desapareceu... como Homero² gostava tanto de dizer. Eu sabia que estava tudo resolvido, mas a tia Chatty fez questão de que eu subisse para ver se o quarto era de meu agrado. E por fim falou: “Você ficará no quarto da torre, querida. Não é tão espaçoso quanto o quarto de visitas, mas tem uma abertura para a chaminé de um fogão, para o inverno, e uma vista muito melhor. É possível ver o velho cemitério de lá”.

Eu sabia que iria amar o quarto, pois o próprio nome, “quarto da torre”, já me deixava extasiada. Senti como se estivéssemos vivendo naquela velha

cantiga que costumávamos cantar na escola de Avonlea, sobre a donzela que “habitava uma torre alta junto ao mar cinzento”. O cômodo era muito agradável, afinal. Um pequeno lance de degraus de quina levava até ele a partir do patamar da escadaria. Era um tanto pequeno... mas não tanto quanto aquele horrível quarto em que morei durante meu primeiro ano em Redmond, bem no corredor. Havia duas janelas trapeiras, uma voltada para o oeste e outra maior para o norte e no canto formado pela torre situava-se outra janela de três lados que se abria para fora, com prateleiras logo abaixo para meus livros. O piso estava coberto por tapetes bordados redondos e a grande cama de dossel tinha uma colcha com padrões triangulares, tão impecavelmente arrumada e lisa que parecia uma lástima ter que arruiná-la na hora de dormir. E é tão alta, Gilbert, que para subir nela eu tive que usar uma escadinha móvel engraçada que fica guardada debaixo da cama durante o dia. Ao que parece, o capitão MacComber comprou o artefato em algum lugar “estrangeiro” e o trouxe para casa.

Um canto abrigava um pequeno armário com prateleiras, adornado com papel branco de bordas arredondadas e buquês de flores pintados nas portas. Uma almofada azul e redonda ficava sobre o assento debaixo da janela, era uma almofada com um botão preso no fundo de seu centro, que lhe dava o aspecto de uma grossa rosquinha azul. Havia um lavabo com uma estante de prateleiras, na de cima cabia apenas uma bacia e um jarro azul-esverdeado, e na de baixo uma saboneteira e um jarro para água quente. Havia também uma gaveta com um puxador de latão repleta de toalhas, e na prateleira acima dela encontrava-se uma dama de porcelana com sapatinhos rosa, uma faixa dourada e uma rosa vermelha de porcelana nos cabelos dourados.

O cômodo inteiro estava banhado pela luz dourada que entrava por entre as cortinas da cor do milho, e nas paredes caiadas de branco projetavam-se as sombras das faias lá de fora, criando uma extraordinária tapeçaria... uma tapeçaria vívida, tremeluzente e em constante mudança. De alguma forma, parecia um quarto muito alegre e me senti a garota mais rica do mundo. Quando estávamos indo embora, a senhora Lynde disse que eu estaria segura lá. E eu suponho que algumas coisas me parecerão um pouco opressivas, depois da liberdade que tive na Casa da Patty, disse isso só para provocá-la e ela me reprovou: “Liberdade! Não fale como uma ianque, Anne”.

Eu me mudei hoje, de mala e cuia. É claro que odiei ter que deixar Green Gables. Não importa quanto tempo eu passe longe, no instante em que chegam as férias volto a fazer parte daquele lugar como se nunca tivesse

partido, e meu coração se parte quando tenho que ir embora, mas sei que vou gostar daqui. E que a casa gostou de mim, pois sempre sei se um lugar gosta de mim ou não.

As vistas das janelas são belíssimas, incluindo o velho cemitério, cercado por uma fileira de pinheiros escuros, onde se chega por uma estrada sinuosa delimitada por canais. Da janela oeste eu posso ver o porto e as praias distantes e embrumadas, com os pequeninos barcos à vela de que gosto tanto e os navios que partem “em busca de portos longínquos”, que frase fascinante! Há tanto espaço para imaginação nela! Da janela norte posso ver o bosque de bétulas e bordos do outro lado da estrada. Você sabe que eu sempre venerei as árvores. Quando estudamos Tennyson³ em nosso curso de inglês em Redmond, eu me identifiquei com a pobre Enone⁴, lamentando por seus pinheiros dizimados.

Para além do bosque e do cemitério existe um vale encantador, com uma estrada sinuosa que o corta como uma fita vermelha brilhante e casinhas brancas aqui e ali. Alguns vales são adoráveis por alguma razão desconhecida. É prazeroso só de olhar para eles. E mais adiante ainda, está minha colina azul. Eu a chamarei de Rainha das Tormentas... a paixão dominante, etc.

Posso ficar sozinha aqui quando quiser. Você sabe que gosto de ficar sozinha de vez em quando. Os ventos serão meus amigos, que uivarão, suspirarão e cantarolarão ao redor da minha torre... os ventos alvos do inverno... os ventos verdes da primavera... os ventos anis do verão... os ventos carmesins do outono... e os ventos selvagens de todas as estações... “Vento tempestuoso que cumpre a sua palavra⁵”. Esse verso da Bíblia sempre me encantou, como se todo e cada vento possuísse uma mensagem para mim. Sempre invejei o garoto que voou com o Vento Norte naquela boa e velha história de George MacDonald. Em alguma noite, Gilbert, eu abrirei a janela da minha torre e caminharei para os braços do vento... E Rebecca Dew jamais saberá por que a minha cama amanheceu intacta.

Espero que, quando encontrarmos nossa “casa dos sonhos”, meu querido, haja muito vento ao redor dela. Eu me pergunto onde fica... essa casa desconhecida. Vou amá-la mais à luz da lua ou da manhã? Este lar do futuro onde teremos amor, amizade e trabalho... e algumas aventuras divertidas para rirmos na velhice. Velhice! Será que ficaremos velhos algum dia, Gilbert? Parece-me impossível.

Da janela esquerda da torre eu posso ver os telhados da cidade, este lugar onde viverei por pelo menos um ano. Nessas casas vivem pessoas que serão minhas amigas, embora eu ainda não as conheça ou talvez minhas inimigas. Pois pessoas de gênio ruim como os Pye existem em todos os lugares, com os mais diferentes nomes, e pelo que entendi, precisarei tomar cuidado com os Pringle. As aulas começam amanhã e terei que ensinar geometria! Sem dúvida, não deve ser pior do que aprender a matéria. Peço ao céu que não haja nenhum gênio da matemática entre os Pringle.

Faz somente meio dia que estou aqui, mas é como se eu conhecesse as viúvas e Rebecca Dew a minha vida toda. Elas já pediram que eu as chame de “tias”, e eu pedi que me chamem de Anne. Eu chamei a Rebecca Dew de “senhorita Dew” uma vez e ela indagou-me: “Senhorita o quê?”, respondi, com cautela: “Dew, não é o seu nome?” E ela respondeu: “Bem, é sim, mas faz tanto tempo que não sou chamada de senhorita Dew que até me assustei. É melhor não fazer mais isso, senhorita Shirley. Não estou acostumada”, eu disse que ia me lembrar disso, tentando com todas as forças não incluir o “Dew”, mas sem êxito.

A senhora Braddock tinha razão ao dizer que a tia Chatty era sensível. Descobri isso na hora do jantar. A tia Kate disse algo sobre “o aniversário de 66 anos de Chatty”. Por acaso, eu olhei para a tia Chatty e vi que ela... Não, ela não estava aos prantos. Seria um termo extremo demais para sua atitude. Ela simplesmente transbordou, as lágrimas se acumularam nos olhos grandes e castanhos dela e escorreram, natural e silenciosamente.

A tia Kate perguntou, com certa brusquidão à tia Chatty, qual era o problema e ela pediu que a tia Kate que a perdoasse. E então, o sol voltou a brilhar.

O gato era um macho de olhos dourados, com uma pelagem branca elegante e impecável. A tia Kate e a tia Chatty o chamavam de Dusty Miller, pois esse era seu nome, e Rebecca Dew o chamava de “aquele gato”, pois se ressentia dele e do fato de ter que lhe dar um pedacinho de cinco centímetros quadrados de fígado todas as manhãs e noites, limpar os pelos dele da poltrona da sala de estar com uma velha escova de dentes sempre que o animal subia ali escondido e ter que buscá-lo quando saía para a rua tarde da noite. Tia Chatty contou que Rebecca Dew sempre detestou gatos e Dusty em especial. Ela continuou: “O velho cachorro da senhora Campbell (ela costumava ter um cachorro) trouxe o bicho até aqui na boca, dois anos atrás. Suponho que ele pensou que não fazia sentido levá-lo à senhora Campbell.

Coitadinho, todo molhado e com frio, só pele e osso. Nem um coração de pedra teria recusado protegê-lo. Então, Kate e eu o adotamos, mas Rebecca Dew nunca conseguiu nos perdoar. Não fomos diplomáticas naquela época e devíamos ter nos recusado a abrigá-lo. Não sei se você notou a forma como lidamos com a Rebecca”. Tia Chatty olhou de soslaio para a porta entre a sala de jantar e a cozinha.

Eu tinha notado e era lindo de se ver. Summerside e Rebecca Dew podem achar que ela manda aqui, mas as viúvas têm uma opinião diferente. Tia Chatty completou: “Não queríamos hospedar o banqueiro, seria bem enervante ter um moço jovem em casa e ficaríamos muito preocupadas se ele não fosse regularmente à igreja, mas fingimos que queríamos, então Rebecca Dew simplesmente se negou a falar do assunto. Estamos muito contentes em ter você aqui, querida, tenho certeza de que será um prazer cozinhar para você. Espero que goste de nós. Rebecca Dew tem muitas qualidades, ela não era tão arrumada quando chegou aqui, quinze anos atrás, como é agora. Certa vez, Kate teve que escrever o nome dela “Rebecca Dew” no espelho da sala para mostrar-lhe como estava empoeirado. Porém, isso nunca mais foi necessário, pois Rebecca Dew sabe ler nas entrelinhas. Espero que o quarto seja confortável, querida. Você pode deixar a janela aberta de noite. Kate não aprova o ar noturno, mas sabe que os hóspedes precisam de certos privilégios. Ela e eu dormimos no mesmo quarto e combinamos que uma noite a janela fica fechada, para ela, e na outra noite a janela fica aberta, para mim. Sempre é possível resolver pequenos problemas assim, não acha? Onde há boa vontade, há um caminho. Não se assuste se ouvir a Rebecca perambulando pela casa de noite, ela ouve ruídos o tempo todo e levanta para investigá-los. Acho que é por isso que ela não queria hospedar o banqueiro, pois temia topar com ele de camisola. Espero que não se importe com o fato de Kate não falar muito. É o jeito de ser dela. E a Kate deve ter muito que contar, ela viajou o mundo todo com Amasa MacComber na juventude. Quem dera eu tivesse assuntos para conversar como ela, mas eu nunca saí da ilha do Príncipe Edward. Muitas vezes me pergunto por que as coisas são assim, pois eu amo conversar e não tenho nada para contar e a Kate sabe um monte de coisas e detesta falar, mas acredito que a providência divina saiba o que é melhor”.

Embora a tia Chatty seja boa de papo, ela não disse tudo isso sem fazer pausas. Eu fiz comentários nos momentos adequados, mas que não tiveram nenhuma importância.

Elas têm uma vaca que fica no pasto da propriedade do senhor James Hamilton, subindo a estrada, e Rebecca vai até lá para ordenhá-la. Há sempre uma grande quantidade de creme e, pelo que pude notar, Rebecca Dew passa um copo de leite fresco pela abertura do portão do jardim para a “ajudante” da senhora Campbell todas as manhãs e tardes. É para a “pequena Elizabeth”, que deve bebê-lo por ordens médicas. Quem é essa “ajudante”, ou a pequena Elizabeth, ainda tenho que descobrir. A senhora Campbell é a habitante e dona da fortaleza ao lado... que se chama Evergreens.

Creio que não dormirei esta noite, nunca durmo na primeira noite em uma casa estranha, e esta é a cama mais estranha que já vi. Mas isso não tem importância. Sempre amei a noite, e vou gostar de ficar acordada na cama, pensando em tudo na vida, no passado, no presente e no que está por vir. Especialmente no que está por vir.

Esta é uma carta penosa, Gilbert. Prometo não te castigar com outra tão longa novamente, mas eu queria te contar tudo, para que consiga imaginar meu novo ambiente por conta própria. Ela chega ao fim agora, pois, para além do porto, a lua está “mergulhando no reino das sombras⁶”. Ainda me falta escrever uma carta para Marilla. Chegará em Green Gables depois de amanhã, então Davy buscará a carta nos correios e a levará até em casa, e ele e Dora se amontoarão ao redor de Marilla enquanto ela a abre, e a senhora Lynde estará de ouvidos atentos... Ai... Ai! Isso me deixou com saudades de casa. Boa noite, meu querido, é o que deseja esta que é e sempre será sua, com todo amor e carinho, ANNE SHIRLEY

“Álamos Ventosos”, em inglês. (N. T.)

[Poeta épico](#) da [Grécia Antiga](#), a quem tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos [Iliada](#) e [Odisseia](#). (N. T.)

Alfred Tennyson (1809-1892), poeta inglês. (N. T.)

Ninfa da mitologia grega, personagem de um célebre poema de Tennyson. (N. T.)

Antigo Testament, Salmos 148:8. (N. T.)

Referência a um verso do poema *Moonset*, de Emily Pauline Johnson (1861-1913), poetisa canadense de origem moicana.



CAPÍTULO 2

(Trechos de várias cartas da mesma remetente para o mesmo destinatário.)

26 de setembro

Sabe aonde eu vou para ler as suas cartas? No bosque do outro lado da estrada. Há um pequeno vale onde o sol sarapinta as samambaias. Um córrego o cruza, eu me sento em um tronco retorcido coberto de musgo, próximo a uma linda fileira de jovens bétulas. De agora em diante, quando eu tiver certo tipo de sonho... um sonho verde e dourado, raiado de vermelho... o sonho dos sonhos... vou satisfazer minha imaginação com a crença de que ele é oriundo do meu vale secreto, fruto de uma união mística entre as bétulas mais esguias e etéreas e o córrego murmurante. Eu adoro sentar-me naquele lugar e ouvir o silêncio do bosque. Já parou para pensar em quantos tipos diferentes de silêncio existem, Gilbert? O silêncio das florestas... da costa... dos prados... da noite... das tardes de verão. São todos distintos por causa dos diferentes tons suaves que os alinham. Tenho certeza de que, se eu fosse totalmente cega e insensível ao calor e ao frio, perceberia facilmente onde estou pela qualidade do silêncio ao meu redor.

As aulas começaram há duas semanas e eu já consegui me organizar. Porém, a senhora Braddock estava certa, os Pringle são um problema para mim e eu ainda não sei exatamente como vou resolvê-lo, apesar dos meus trevos da sorte. Como a senhora Braddock disse, eles são dóceis como carneirinhos... e tão imprevisíveis quanto.

Os Pringle são do tipo de clã onde todos estão sempre brigando e interferindo na vida um do outro, mas se unem quando o assunto é uma pessoa estranha. Cheguei à conclusão de que há apenas dois tipos de pessoa em Summerside... aquelas que são da família Pringle e aquelas que não são.

Minha sala de aula é cheia de Pringles, e boa parte dos alunos de outras famílias também possui o sangue dos Pringle. A chefe do grupo parece ser

Jen Pringle, uma pirralha de olhos verdes que poderia ser o retrato de Becky Sharp⁷ aos 14 anos. Creio que ela está organizando deliberadamente uma campanha sutil de insubordinação e desrespeito, que não vai ser fácil de lidar. Ela é hábil em fazer caras irresistivelmente cômicas, e quando ouço risos abafados ecoando pela classe enquanto estou de costas, sei perfeitamente quem as provocou, apesar de ainda não ter conseguido flagrá-la no ato. Mas é inteligente, também... aquele diabrete! É capaz de escrever redações que não estão muito longe da literatura, e é brilhante na matemática... ai de mim! Tudo que diz ou faz tem uma espécie de centelha, e seu senso de humor seria um laço de união entre nós duas se ela não tivesse começado odiando-me. Pelo visto, temo que ainda vai demorar muito para que Jen e eu consigamos rir juntas de alguma coisa.

Myra Pringle, prima de Jen, é a beldade da escola... e aparentemente carece de cérebro. Ela diz alguns absurdos divertidos... como hoje, por exemplo, quando falou na aula de história que os índios achavam que Champaign e seus homens eram deuses ou “criaturas inumanas”.

Socialmente, os Pringle são o que Rebecca Dew chama de “ilite” de Summerside. Já fui convidada para o jantar na casa de dois deles... pois é de bom tom convidar uma nova professora para jantar, e os Pringle não se omitiriam diante de um gesto desses. Noite passada, eu fui à casa de James Pringle... o pai de Jen. Ele parece um professor universitário, mas na verdade é estúpido e ignorante. Falou bastante sobre “disciplina”, batendo na toalha da mesa com um dedo cuja unha não estava impecável, ocasionalmente cometendo atrocidades com a gramática. “A Escola Secundária de Summerside sempre precisou de uma mão firme, de alguém com experiência, de preferência um professor”. Ele temia que eu fosse um “poquinho” jovem demais, “uma falha que o tempo logo corrigirá”, disse ele com pesar. Eu não falei nada, pois, se tivesse respondido, talvez fosse me arrepender. Assim, fui dócil como um carneirinho, como qualquer um dos Pringle, e conformei-me em apenas encará-lo placidamente e pensar comigo mesma: “seu velho intratável e preconceituoso!”.

Jen deve ter herdado a inteligência da mãe, de quem eu acabei gostando. Jen, na presença dos pais, era um exemplo de decoro. Todavia, apesar das palavras educadas, seu tom era insolente. Cada vez que dizia “senhorita Shirley”, esforçava-se para que soasse como um insulto e toda vez que olhava para meu cabelo, eu sentia como se ele fosse da cor de uma cenoura.

Nenhum Pringle, com toda certeza, jamais admitiria que ele é castanho-avermelhado.

Gostei muito mais da família de Morton Pringle... ainda que ele nunca realmente preste atenção no que os outros dizem. Ele fala alguma coisa e então, enquanto você responde, ele está ocupado demais elaborando o próximo comentário.

A senhora Stephen Pringle... a viúva Pringle (Summerside é abundante em viúvas)... enviou-me uma carta dela ontem, uma carta amável, polida e venenosa. Millie tem lição de casa demais... Millie é uma criança delicada que não deve se fatigar. O senhor Bell nunca lhe passava deveres de casa. Ela é uma criança sensível que precisa ser compreendida. O senhor Bell a compreendia tão bem! A senhora Stephen está segura de que eu também conseguirei, se tentar!

Não duvido de que a senhora Stephen ache que eu fiz o nariz de Adam Pringle sangrar durante a aula, motivo pelo qual o garoto teve que voltar para casa. E eu acordei noite passada e não consegui dormir novamente porque me lembrei de um “i” que não pontuei em uma questão que escrevi no quadro negro. Tenho certeza de que Jen Pringle notou e que um cochicho circulará pelo clã a respeito disso.

Rebecca Dew diz que todos os Pringle vão me convidar para jantar, exceto as senhoras de Maplehurst, e que depois o clã me ignorará para sempre. Como são a “ilite”, isso pode significar que serei banida da sociedade de Summerside. Bem, veremos. A batalha já começou, mas ainda não foi ganha nem perdida. Mesmo assim, estou triste com a situação, pois não é possível argumentar com o preconceito. Ainda sou a mesma que era quando criança, não suporto a ideia de que não gostem de mim. Não é lisonjeiro pensar que as famílias da metade dos meus alunos me odeiam e por algo que não é culpa minha. É a injustiça que me machuca. Aí seguem mais exclamações! Algumas exclamações de fato aliviam nossos sentimentos.

Com exceção dos Pringle, gosto muito dos meus pupilos. Alguns são espertos, ambiciosos e esforçados, com um interesse genuíno em aprender. Lewis Allen está pagando pela moradia realizando serviços domésticos na pensão onde está hospedado e não tem nem um pinga de vergonha disso. E Sophy Sinclair percorre os dez quilômetros de ida e os dez de volta, todos os dias, no pelo da velha égua cinza do pai. Isso é o que chamo de determinação! Se eu conseguir ajudar uma garota como ela, que importância terá os Pringle?

O problema é que se eu não conseguir conquistar os Pringle, não terei muitas possibilidades de ajudar ninguém.

Entretanto, eu amo Windy Poplars. Não é uma pensão... é um lar! E todos gostam de mim, até mesmo Dusty Miller, embora às vezes ele me rejeite, sentando-se deliberadamente de costas e lançando olhares ocasionais por cima do ombro para checar a minha reação. Eu não faço muito carinho nele quando Rebecca Dew está por perto, porque isso realmente a irrita. De dia, ele é um animal caseiro, manso e meditativo, de noite, entretanto, é uma criatura decididamente esquisita. Rebecca afirma que é porque ele nunca tem permissão para ficar fora depois que anoitece. Ela odeia ter que sair no quintal para chamá-lo, pois diz que todos os vizinhos riem dela. Rebecca Dew o chama de maneira tão intensa e retumbante que seus gritos de “bichano... bichano... BICHANO!” podem ser ouvidos por toda a cidade em noites serenas. As viúvas teriam um acesso de raiva se Dusty Miller não estivesse em casa na hora em que fossem para a cama. “Ninguém sabe o que já passei por causa Daquele Gato... ninguém”, Rebecca me garantiu.

Não terei problemas com as viúvas, pois gosto delas mais e mais a cada dia. A tia Kate não aprova a leitura de romances, mas informou que não pretende censurar meu material de leitura. A tia Chatty ama romances. Ela os guarda em um “esconderijo” (depois de contrabandeá-los da biblioteca) juntamente com um baralho para jogar Paciência e tudo mais que ela não quer que a tia Kate veja. O esconderijo fica no assento de uma cadeira, que só a tia Chatty sabe que é mais do que uma cadeira. Tenho fortes suspeitas de que ela compartilhou o segredo comigo porque deseja que eu a auxilie com o contrabando mencionado. Não há necessidade alguma de esconderijos em Windy Poplars, pois eu nunca vi uma casa com tantos armários misteriosos, muito embora, verdade seja dita, Rebecca Dew não permita que sejam misteriosos. Ela os limpa frequentemente, de cabo a rabo. “Uma casa não se limpa sozinha”, alega com pesar quando algumas das viúvas protesta. Estou certa de que ela não faria rodeios se encontrasse um livro ou um baralho. Ambos são um horror para sua alma ortodoxa. Rebecca Dew diz que cartas são os livros do demônio e que os romances são ainda piores. A única coisa que Rebecca lê, além da Bíblia, são as colunas sociais do jornal *Guardian* de Montreal. Ela ama entreter-se com as casas, a mobília e as atividades dos milionários. Rebecca divagou: “Imagine só como é afundar em uma banheira dourada”. Entretanto, ela é um encanto, pois apareceu com uma velha poltrona confortável de brocado desbotado, que se molda

perfeitamente ao meu corpo, e anunciou: “Esta é a sua poltrona, nós a conseguimos para você”. E ela não permite que Dusty Miller durma nela, para evitar que minha saia de dar aula fique cheia de pelos, o que daria aos Pringle motivos para falar de mim.

As três ficaram muito interessadas no meu anel de pérolas e no que ele representa. A tia Kate me mostrou sua aliança de noivado (ela não a usa mais porque ficou muito pequena), com turquesas incrustadas. Mas a pobre tia Chatty confessou com lágrimas nos olhos que nunca havia usado um anel de noivado... o marido dela considerava isso “um gasto desnecessário”. Ela encontrava-se no meu quarto na ocasião, banhando o rosto com soro de leite coalhado e faz isso todas as noites para preservar a compleição e pediu que eu jurasse guardar segredo porque não queria que a tia Kate descobrisse. Então, tia Chatty disse, certa noite: “Ela acharia que é uma vaidade ridícula para uma mulher da minha idade. E tenho certeza de que a Rebecca Dew acredita que mulheres cristãs não devem tentar ser bonitas. Eu costumava esgueirar-me até a cozinha depois que a Kate pegava no sono, mas sempre ficava com medo de que Rebecca Dew aparecesse. Ela tem a audição de um gato, até mesmo quando está dormindo. Se ao menos eu pudesse vir aqui todas as noites para fazer isso... Ah, muito obrigada, minha querida”.

Descobri algumas coisas sobre nossos vizinhos que moram em Evergreens. A senhora Campbell (que é uma Pringle!) tem 80 anos. Ainda não a vi, mas, pelo que pude entender, é uma senhora idosa e austera, que tem uma empregada, Martha Monkman, que é quase tão anciã e taciturna quanto a patroa, todos se referem a ela como “a ajudante da senhora Campbell”. E a bisneta, a pequena Elizabeth Grayson, vive com ela. Elizabeth, que eu não vi nos quinze dias em que estou aqui, tem oito anos e vai à escola pública pelo “caminho de trás”, um atalho através dos quintais das casas, de forma que eu nunca a encontrava, indo ou voltando. A mãe dela, que é falecida, era neta da senhora Campbell e também fora criada pela senhora, já que os pais dela também haviam morrido. Ela casou-se com um tal de Pierce Grayson, um “ianque”, como diria a senhora Rachel Lynde. Ela morreu quando Elizabeth nasceu e quando Pierce Grayson teve que deixar a América de imediato para cuidar da filial de sua empresa em Paris, a criança foi mandada à casa da velha senhora Campbell. Segundo contam, ele “não suportava olhar para ela” porque o bebê havia custado a vida da mãe e por isso nunca lhe dava atenção. É claro que isso pode muito bem ser pura fofoca, pois a senhora Campbell e a Ajudante nunca falavam dele.

Rebecca Dew afirma que elas são muito severas com a pequena Elizabeth, que não se dá muito bem com elas. Rebecca afirmou que ela não é como as outras crianças e é muito madura para seus 8 anos. Certa vez, disse para Rebecca: “Suponha que você está pronta para se deitar e então você sente uma mordida no tornozelo”. E Rebecca continuou: “Não é à toa que a menina tem medo de dormir no escuro e elas a obrigam a fazê-lo. A senhora Campbell diz que não quer covardes na casa dela. As duas vigiam a menina como dois gatos de olho em um rato, e passam o dia todo dando-lhe ordens. Se faz o menor ruído sequer, elas quase desmaiam e é “xiu, xiu” o tempo inteiro. Ainda vão matá-la com tanto “xiu, xiu”. E o que se pode fazer a respeito? O que, de verdade?”.

Gostaria de conhecê-la. Ela me parece um pouco patética. A tia Kate alega que ela é bem cuidada, do ponto de vista físico... O que isso realmente quer dizer é que “elas a alimentam e a vestem bem”, mas uma criança não vive só de pão. Jamais esquecerei como minha própria vida era antes de ir para Green Gables.

Vou para casa na sexta-feira à noite para passar dois dias gloriosos em Avonlea. O único inconveniente é que todas as pessoas que encontrarei vão perguntar se estou gostando de dar aula em Summerside.

Mas pense em Green Gables agora, Gilbert... a Lagoa das Águas Brilhantes com sua névoa azulada... os bordos do outro lado do riacho começando a ganhar tons de vermelho... as samambaias douradas e marrons na Floresta Assombrada... e o pôr do sol na Travessa dos Amantes, aquele lugar precioso. Meu coração adoraria estar lá agora com... com... Adivinha quem?

Sabe, Gilbert, há momentos em que suspeito fortemente que te amo!

Windy Poplars

Rua do Fantasma

Summerside

10 de outubro

HONRADO E RESPEITADO SENHOR,

É assim que começa uma carta de amor da avó da tia Chatty. Não é lindo? Que sensação de superioridade o avô deve ter sentido! Você prefere isso a “querido Gilbert”, etc? Mas, no geral, acho que estou contente por você não ser o avô... ou UM avô. É maravilhoso pensar que somos jovens e que temos nossa vida inteira pela frente... juntos... não é mesmo?

(Várias páginas omitidas. O bico de pena de Anne evidentemente ou não estava afiado, ou estava cego ou enferrujado.)

Estou sentada no assento debaixo da janela da torre, olhando para as árvores, acenando contra o céu cor de âmbar e, mais adiante, o porto. Ontem à noite, dei um passeio adorável comigo mesma, realmente tinha que ir para algum outro lugar, pois o ambiente estava um pouco triste em Windy Poplars. A tia Chatty estava chorando na sala de estar porque seus sentimentos tinham sido feridos, a tia Kate estava chorando em seu quarto porque era aniversário da morte do capitão Amasa, e Rebecca Dew estava chorando na cozinha por nenhum motivo aparente. Nunca tinha visto Rebecca Dew chorar e quando tentei descobrir com diplomacia qual era o problema, ela perguntou com irritação se uma pessoa não podia desfrutar de umas boas lágrimas quando precisava. Então, resolvi dar no pé dali e deixá-la se divertindo.

Saí e fui em direção ao porto. Havia um agradável aroma fresco de outubro no ar, misturado com o delicioso odor dos campos recém-arados. Caminhei e caminhei até o crepúsculo transformar-se em uma noite enluarada de outono. Estava sozinha, mas não solitária. Tive uma série de conversas com amigos imaginários e pensei em tantas epigramas que fiquei surpresa comigo mesma. Não pude deixar de me divertir, apesar da preocupação com os Pringle.

Meu espírito me impele a proferir alguns lamentos com respeito aos Pringle. Detesto admitir, mas as coisas não estão indo bem na Escola Secundária de Summerside. Não tenho dúvidas de que uma conspiração foi organizada contra mim.

Por exemplo, o dever de casa nunca é feito por nenhum dos Pringle e seus parentes e apelar para os pais é inútil. Eles são afáveis, educados, evasivos e sei que todos os pupilos que não são da família Pringle gostam de mim, mas o vírus da desobediência está debilitando o moral da sala inteira. Certa manhã, encontrei a minha mesa virada do avesso e de cabeça para baixo. Ninguém sabia quem era o culpado, é claro. E ninguém pôde ou soube me dizer quem deixou sobre a mesma uma caixa de onde saltou uma cobra artificial, em outro dia. Todos os Pringle gargalharam de mim e suponho que eu tenha ficado muito assustada, mesmo.

Jen Pringle chega atrasada com frequência, sempre com uma desculpa perfeitamente infalível, dita com polidez e um sorrisinho insolente. Ela passa bilhetes durante a aula bem debaixo do meu nariz. Encontrei uma cebola

descascada no bolso do meu casaco hoje. Adoraria trancafiar aquela garota e deixá-la à base de pão e água até que aprendesse a se comportar.

O pior, até hoje, foi a minha caricatura que encontrei no quadro negro em uma manhã, feita com giz branco e com cabelo escarlate. Todos negaram a autoria, incluindo Jen, mas eu sabia que ela era a única aluna que poderia ter feito aquele desenho. Estava bem feito. Meu nariz... que, como você sabe, sempre foi meu orgulho e alegria... era curvado para baixo e minha boca era a de uma solteirona avinagrada que havia passado trinta anos ensinando em uma escola cheia de Pringle, porém, era eu. Acordei às três da madrugada naquela noite e estremei de aflição diante da lembrança. Não é estranho que as coisas que nos afligem durante a noite raramente são as ruins? Apenas as humilhantes.

Todos os tipos de rumor estão correndo por aí. Sou acusada de ter dado nota baixa nas provas de Hattie por ela ser uma Pringle. Dizem que “dou risada quando as crianças cometem erros”. (Bem, de fato eu ri quando Fred Pringle definiu um centurião como “alguém que viveu há centenas de anos”. Não pude evitar.)

James Pringle está dizendo que “não há disciplina na escola”, disciplina alguma. E um informe está circulando dizendo que fui “abandonada quando criança”.

Estou começando a encontrar o antagonismo dos Pringle em outros lugares. Tanto no âmbito social quanto no educacional, Summerside parece estar nas mãos dos Pringle e não é à toa que são chamados de Família Real. Não fui convidada para o passeio organizado por Alice Pringle no sábado passado. E quando o senhor Frank Pringle lançou a ideia de um chá em prol de um projeto da igreja (Rebecca Dew me informou que as damas vão “construir” o novo pináculo!), fui a única garota na igreja presbiteriana que não foi convidada para juntar-se à comissão. Ouvi dizer que a esposa do ministro, que mora em Summerside há pouco tempo, sugeriu que eu fosse convidada para o coral, mas que foi informada que todos os Pringle desertariam se ela o fizesse. Isso deixaria uma lacuna tão grande que o coral simplesmente não conseguiria seguir em frente.

Obviamente, não sou a única professora com problema com os alunos. Quando os outros mandam seus pupilos para serem “disciplinados” (como eu odeio esta palavra!), metade deles é da família Pringle. Só que ninguém se queixa deles.

Dois dias atrás, eu mantive Jen depois da aula para que terminasse algumas lições que ela havia deliberadamente deixado de fazer. Dez minutos depois, a carruagem de Maplehurst parou diante da escola e a senhorita Ellen apareceu na porta: uma senhora de idade belamente vestida, com um doce sorriso, elegantes luvas negras de renda e um proeminente nariz aquilino, parecia ter saído das gravuras de uma caixa para chapéus de 1840. Lamentava muito, mas poderia levar Jen para casa? Ela ia visitar alguns amigos em Lowvale e tinha prometido levar a Jen. A garota sorriu triunfantemente e tomei consciência mais uma vez das forças que estavam direcionadas contra mim.

Em meus dias de maior pessimismo, penso que os Pringle são uma mescla da família Sloane com os Pye, todavia, sei que não são e creio que poderia gostar deles, se não fossem meus inimigos. São, na maior parte do tempo, um grupo franco, alegre e leal. Poderia gostar até da senhorita Ellen. Eu nunca vi a senhora Sarah, que faz dez anos que não sai de Maplehurst.

Rebecca Dew disse com desdém: “É delicada demais ou é o que acredita ser, mas não há nada de errado com seu orgulho. Todos os Pringle são orgulhosos, mas aquelas duas ultrapassam todos os limites. Devia ouvi-las falar de seus ancestrais, pois o velho pai delas, o capitão Abraham Pringle, era um senhor refinado. Seu irmão, Myrom, já não era tanto, mas os Pringle não falam muito dele. De qualquer forma, receio que você passará por maus bocados por casa de todos eles, pois quando tomam uma decisão sobre alguma coisa ou alguém, não são conhecidos por mudarem de ideia, mas mantenha a cabeça erguida, senhorita Shirley... mantenha a cabeça erguida”. Já a tia Chatty suspirou e disse que gostaria de conseguir a receita do bolo da senhorita Ellen, essa já havia prometido várias vezes, mas nunca a enviou. Era uma antiga receita de família e eles são tão exclusivos com relação às receitas!

Em sonhos fantásticos e selvagens me vejo obrigando a senhorita Ellen a entregar a receita de joelhos para a tia Chatty e fazendo com que Jen tome mais cuidado com a dicção. O que mais me enlouquece é que eu poderia fazer isso facilmente, se o clã inteiro dela não apoiasse suas travessuras.

(Duas páginas omitidas.)

Sua serva obediente,

ANNE SHIRLEY

P.S. Era assim que a avó da tia Chatty assinava as cartas de amor.

15 de outubro

Hoje, nós ficamos sabendo que houve um roubo do outro lado da cidade na noite passada. Invadiram uma casa e levaram dinheiro e uma dúzia de colheres de prata. Por conta disso, Rebecca Dew foi até a casa do senhor Hamilton para ver se ele podia emprestar um cachorro. Ela o prenderá na varanda dos fundos e me aconselhou a trancar meu anel de noivado em algum lugar seguro!

A propósito, descobri por que a Rebecca Dew estava chorando, ao que parece, houve uma comoção doméstica. Dusty Miller “comportou-se mal novamente” e Rebecca Dew disse à tia Kate que ela deveria tomar providências com Aquele Gato, pois ele a estava deixando esgotada. Era a terceira vez em um ano e ela sabia que o animal fazia de propósito, mas a tia Kate respondeu que se a Rebecca Dew deixasse o gato sair sempre que miasse, ele não teria motivos para se comportar mal. Rebecca Dew disse que é o fim da picada.

Consequentemente, lágrimas!

A situação com os Pringle está se tornando um pouco mais tensa a cada semana. Encontrei algo muito impertinente escrito em um de meus livros ontem e Homer Pringle saiu da classe virando estrelinhas por todo o corredor quando a aula terminou. Além disso, também recebi recentemente uma carta anônima repleta de insinuações maldosas. De alguma forma, não culpo Jen pelo livro nem pela carta, por mais arteira que seja, ela não se rebaixaria a tal nível. Rebecca Dew está furiosa, e estremeço ao pensar no que ela faria aos Pringle se tivesse chance, o gênio de Nero não se compararia ao dela. Realmente não a culpo, pois em certas ocasiões eu adoraria dar a cada um dos Pringle uma poção envenenada, ao melhor estilo dos Bórgia.

Creio que não contei muita coisa sobre os outros professores. Há outros dois, sabe... a vice-diretora, Katherine Brooke, do Primário e George Mackay, do Preparatório. Não há muito o que dizer sobre o George, ele é um rapaz tímido e amigável na casa dos 20 anos, dono de um leve e delicioso sotaque escocês que evoca pastagens com casebres baixos e ilhas enevoadas, seu avô “era da ilha de Skye” e se sai muito bem com o Preparatório. Ainda o conheço bem pouco, mas gosto dele. No entanto, temo que terei dificuldades para gostar de Katherine Brooke.

Katherine é uma moça de cerca de 28 anos, creio eu, embora pareça ter 35. Contaram-me que tinha esperanças de ser promovida a diretora, e desconfio que tenha rancor de mim por ter conseguido o cargo, ainda mais por eu ser consideravelmente mais jovem que ela. É uma boa professora,

ainda que um tanto autoritária, não é muito popular, porém não se importa com isso! Parece não ter amigos ou parentes e vive em uma casa de aspecto triste na desmantelada ruazinha Temple. Veste-se muito mal, nunca sai socialmente, e dizem que é “maldosa”. É muito sarcástica e seus alunos temem seus comentários ácidos. Contam que a maneira como arqueia as sobrancelhas negras e grossas e arrasta as palavras os reduzem a pó. Quem dera eu conseguisse fazer o mesmo com os Pringle, porém eu não gostaria de ser respeitada pelo medo, como ela faz, pois quero que meus alunos me amem.

Apesar do fato de, aparentemente, não ter problemas para deixá-los na linha, ela está sempre mandando alguns deles para mim... especialmente os Pringle. Sei que faz isso de propósito e tenho a triste certeza de que se regozija com minhas dificuldades e que adoraria me ver humilhada.

Rebecca Dew disse que ninguém consegue fazer amizade com ela. As viúvas já a convidaram várias vezes para jantar no domingo... as boas almas sempre fazem isso com os solitários, e sempre preparam uma apetitosa salada de frango para eles... Mas ela nunca veio. Então elas desistiram, pois, como a tia Kate diz, “tudo tem limites”.

Há rumores de que é muito esperta e que pode cantar e recitar... “declamar”, como disse a Rebecca Dew, mas que nunca faz nem um nem outro. Certa vez, a tia Chatty pediu para que recitasse no jantar de domingo e a tia Kate disse que ela se recusou de maneira muito rude e Rebecca Dew concordou com um mero grunhido.

Katherine tem uma voz grave e profunda, quase masculina... que realmente parece um grunhido quando não está de bom humor.

É bonita, mas poderia aproveitar melhor esse fato. Tem a pele morena e cabelos negros magníficos que estão sempre penteados para o lado oposto da testa alta, presos em um coque desajeitado na base do pescoço. Seus olhos não combinam com o cabelo, já que são de um tom claro de âmbar sob as sobrancelhas negras. Possui orelhas das quais não deveria se envergonhar de mostrar, e as mãos mais bonitas que já vi. Além disso, tem uma boca bem delineada, mas se veste pessimamente, pois parece ter o dom de escolher as cores e os estilos que não deveria usar. Verdes-escuros sem-graça e tons de cinza enfadonhos, quando é muito pálida para tais cores e listras que tornam a figura alta e esguia dela ainda mais alta e esguia. E sempre parece ter dormido nas roupas que usa.

Seus modos são muito desagradáveis, como diria a Rebecca Dew, ela parece que está sempre procurando briga, quando passo por ela nas escadas, sinto como se estivesse pensando coisas horríveis de mim. Toda vez que conversamos, ela me faz sentir como se tivesse dito algo inadequado. Ainda assim, sinto muita dó dela, mesmo sabendo que se enfureceria se soubesse disso e não posso fazer nada para ajudá-la, pois ela não quer ser ajudada. Um dia, nós três estávamos na sala dos professores e eu fiz algo que, aparentemente, transgrediu uma das regras não oficiais da escola. Katherine disse de maneira cortante: “Talvez você acredite que está acima das regras, senhorita Shirley”.

Em outro momento, quando sugeri algumas mudanças que acreditava serem benéficas para a escola, ela disse com um sorriso de escárnio: “Não estou interessada em contos de fadas”.

Uma vez, quando elogiei o trabalho e os métodos dela, disse: “E qual é o inconveniente por trás de todas essas belas palavras?”.

Entretanto, o que me mais me irritou... Bem, um dia, eu peguei casualmente um livro dela na sala dos professores e, ao reparar na contracapa, comentei: “Que bom que seu nome é com K. Katherine é muito mais instigante do que Catherine, pois o K é uma letra muito mais exótica que o C”. Ela não respondeu, mas o próximo bilhete que me enviou estava assinado como “Catherine Brooke”!

Eu ri durante todo o trajeto para casa.

Eu desistiria de uma vez por todas de ser amiga dela se não tivesse uma sensação estranha e indefinível de que, por baixo de toda aquela aspereza e indolência, ela está faminta por companhia.

Por fim, com o antagonismo de Katherine e a atitude dos Pringle, não sei o que faria se não fosse pela querida Rebecca Dew, por suas cartas e a pequena Elizabeth. Pois eu conheci a pequena Elizabeth e ela é uma doçura.

Três noites atrás, eu levei um copo de leite até o portão do muro e a própria pequena Elizabeth estava lá para buscá-lo em vez da Ajudante. Sua cabeça alcançava um pouco acima da parte sólida do portão, de forma que seu rosto estava emoldurado pela hera. Ela é pequena, pálida, tem cabelos dourados e um semblante tristonho. Os olhos que me encaravam à luz do crepúsculo outonal eram grandes, de um castanho flavescente. A cabeleira loira-prateada estava repartida no meio, presa por um pente circular e descia em ondas sobre os ombros. Usava um vestido azul celeste xadrezinho e tinha a expressão de uma princesa da Terra dos Elfos. Ela apresentava o que a

Rebecca Dew chamava de “um ar delicado” e me passava a impressão de uma criança mais ou menos subnutrida, não no físico, mas na alma. Era mais um raio de luar do que um raio de sol. Perguntei se ela era a Elizabeth e me respondeu que não: “Nesta noite eu sou a Betty, pois hoje amo tudo que há neste mundo. Fui a Elizabeth noite passada e amanhã à noite provavelmente serei a Beth. Isso depende de como estou me sentindo”.

Encontrei uma alma gêmea, como pode ver e fiquei emocionada no mesmo instante. Eu disse a ela que era muito bom ter um nome que você pode mudar facilmente e ainda sentir que é seu e a pequena Elizabeth assentiu.

Ela disse que podia criar tantos nomes com ele! Elsie, Betty, Bess, Elisa, Lisbeth e Beth... mas não Lizzie. Nunca se sentia como uma Lizzie e eu pergunte quem poderia. Elizabeth me perguntou depois: “Acha que é tolice, senhorita Shirley? A vovó e a Ajudante acham que é”. E eu respondi que não é nem um pouco, é muito inteligente e admirável.

A pequena Elizabeth me estudou com os olhos arregalados por cima da borda do copo. Senti como se estivesse sendo pesada em alguma balança espiritual secreta, e logo percebi que, por sorte, meu peso não era insuficiente. Pois a pequena Elizabeth me pediu um favor e ela não pede favores a quem não gosta. Pediu, timidamente, se eu me importaria de erguer o gato para que ela pudesse acariciá-lo.

Dusty Miller estava se esfregando nas minhas pernas. Eu o levantei, e a pequena Elizabeth estendeu a mão pequenina e fez carinho na cabeça dele delicadamente. “Gosto mais de filhotes de gatos do que de bebês”, disse ela olhando para mim com um curioso ar de provocação, como se soubesse que eu ficaria chocada, mas que a verdade precisava ser dita e eu disse que talvez ela nunca tenha tido muito contato com bebês e que por isso não saiba como são doces e depois perguntei se ela tinha um gatinho? Elizabeth balançou a cabeça e respondeu: “Ah, não. A vovó não gosta de gatos. E a Ajudante os detesta, ela saiu hoje, e é por isso que pude vir buscar o leite. Adoro vir buscar o leite, pois Rebecca Dew é uma pessoa muito amável”. E eu perguntei se Elizabeth estava chateada por ela não ter vindo nesta noite. A menina balançou a cabeça e respondeu: “Não, você também é muito amável. Tinha vontade de te conhecer, mas estava com medo de que isso não fosse acontecer antes que o Amanhã chegasse”.

Ficamos ali, conversando, enquanto Elizabeth bebericava o leite com cuidado e ela me contou tudo sobre o Amanhã. A ajudante havia dito que o

amanhã nunca chega, mas Elizabeth sabia que não era verdade, pois ele vai chegar, em algum momento. Em uma bela manhã, ela acordará e descobrirá que é Amanhã, não Hoje, mas Amanhã e coisas acontecerão... coisas maravilhosas. Talvez até ganhe um dia para fazer exatamente o que quiser, sem ninguém para vigiá-la... embora Elizabeth ache que isso seja bom demais para acontecer, até mesmo Amanhã. Ou talvez ela descubra o que há no fim da estrada do porto... aquela estrada sinuosa como uma víbora vermelha, que leva, segundo Elizabeth, ao fim do mundo. Talvez a Ilha da Felicidade fique lá e Elizabeth está decidida de que há uma Ilha da Felicidade em algum lugar, onde todos os barcos que nunca voltaram estão ancorados, e ela a encontrará quando o Amanhã chegar. Elizabeth disse: “E quando o Amanhã chegar, eu terei um milhão de cachorros e quarenta e cinco gatos. Eu contei isso à vovó quando não me deixou ter um gato, senhorita Shirley, e ela ficou brava e disse: 'Não estou acostumada que falem comigo dessa forma, senhorita Impertinência'. Fui mandada para a cama sem janta, só que eu não tive a intenção de ser impertinente. E não consegui dormir, porque a Ajudante disse que conhecia uma criança que morreu durante o sono depois de ser impertinente”.

Quando Elizabeth terminou o leite, ouvimos algumas batidas rápidas vindas de alguma janela oculta pelos abetos. Acho que fomos observadas durante todo esse tempo. Minha pequena elfa correu e seus cabelos dourados cintilaram por entre as fileiras de abetos até desaparecerem.

Quando contei minha aventura à Rebecca Dew, pois de alguma forma ela se qualifica como uma aventura, Gilbert. Ela disse que Elizabeth é uma criaturinha sonhadora e que um dia havia perguntado: “Você tem medo de leões, Rebecca Dew?”. “Nunca vi um, de forma que não posso dizer ao certo”, Rebecca respondeu. “Haverá um monte de leões Amanhã”, disse Elizabeth, “mas serão leões belos e amigáveis”. “Criança, você vai virar um par de olhos se continuar me encarando desse jeito”, Rebecca disse que a menina a olhava através dela, como se estivesse vendo algo no Amanhã dela. “Estou tendo pensamentos profundos, Rebecca Dew”, disse Elizabeth. E Rebecca Dew disse que o problema dessa criança é que ela não ri muito.

Recordei que Elizabeth não riu durante nossa conversa. Creio que ela não aprendeu como fazer isso. Aquela casa grande é tão silenciosa, solitária e desprovida de risadas. Parece tediosa e melancólica até mesmo agora, quando o mundo é uma explosão de cores outonais. A pequena Elizabeth escuta muitos sussurros perdidos.

Acho que uma das minhas missões em Summerside será ensiná-la como
rir.

Sua tenra e leal amiga,

ANNE SHIRLEY.

P.S. Mais da avó da tia Chatty!

Protagonista do livro *A feira das Vaidades*, de William Makepeace Thackeray.



CAPÍTULO 3

Windy Poplars
Rua do Fantasma
Summerside
25 de outubro
QUERIDO GILBERT,

O que acha? Fui jantar em Maplehurst!

A própria senhorita Ellen escreveu o convite. Rebecca Dew ficou muito animada, ela achou que nunca iriam me notar e tinha total certeza de que não tinha sido por amabilidade. Rebecca disse, também, que elas têm alguma intenção sinistra, não havia dúvidas! Eu também sentia algo parecido. E Rebecca Dew me ordenou a vestir a minha melhor roupa.

Então, coloquei meu lindo vestido creme com violetas púrpuras e fiz um novo penteado, com uma mecha na testa. Ficou muito bom.

As damas de Maplehurst são decididamente encantadoras à maneira delas, Gilbert e eu poderia amá-las, se me permitissem. Maplehurst é uma mansão ativa e exclusiva, detrás de uma cortina de árvores, que não mantém relações com as casas comuns. Possui em seu pomar a figura de uma mulher talhada em madeira, proveniente do famoso barco do velho capitão Abraham, o “Vá e Pergunte a Ela”, e ao redor dos degraus da frente há fileiras de abrótanos, trazidos do Velho Mundo há mais de cem anos pelo primeiro Pringle a emigrar. Outro ancestral delas lutou na batalha de Minden, e sua espada está pendurada na parede da sala de visitas ao lado do retrato do capitão Abraham. O capitão é pai delas, de quem sentem um tremendo orgulho.

Elas têm elegantes espelhos acima das antigas cornijas negras e caneladas, uma vitrine com flores de cera, lindos quadros de barcos antigos, uma grinalda tecida com o cabelo de cada Pringle já conhecido, conchas imensas e uma colcha no quarto de visitas bordada com incontáveis leques.

Nós nos sentamos em cadeiras estilo Sheraton na sala de estar, que era decorada com papel de parede de tiras prateadas, pesadas cortinas de brocado nas janelas, e mesas com tampo de mármore. Sobre uma delas havia uma bela miniatura de um barco com casco vermelho-escuro e velas alvas como a neve, “o Vá e Pergunte a Ela”. Havia também um imenso candelabro suspenso no teto, todo de vidro e pingentes, e um espelho redondo com relógio em seu centro, algo que o capitão Abraham havia trazido do “estrangeiro”. Era estupendo e adoraria ter algo assim em nossa casa dos sonhos.

Até mesmo as sombras eram eloquentes e tradicionais. A senhorita Ellen me mostrou cerca de milhões de fotografias de membros da família Pringle, muitas delas daguerreótipos em estojos de ouro. Um grande gato com pelagem branca, preta e alaranjada subiu no meu colo, só para ser levado no mesmo instante para a cozinha pela senhorita Ellen, que pediu desculpas logo em seguida, mas suspeito que ela se desculpou com o gato antes de voltar para a sala.

A senhorita Ellen foi a que falou mais. A senhorita Sarah é uma mulher de idade minúscula, magra, sorumbática e gentil, de cabelos brancos como a neve e olhos negros como o vestido de seda que usava juntamente com uma anágua engomada, com as mãos delgadas de veias saltadas repousando sobre o colo entre finos babados de renda e parecia ser frágil demais para falar. Ainda assim, Gilbert, tive a impressão de que todos os Pringle, incluindo a própria senhorita Ellen, dançavam conforme a música dela.

O jantar foi delicioso. A água estava gelada, a toalha de mesa e os guardanapos de linho eram elegantes e os talheres e as taças eram finos. Fomos servidas por uma empregada, que era quase tão afetada e aristocrática quanto as anfitriãs. Porém, a senhorita Sarah fingiu ser um pouco surda sempre que eu falava, achei que eu iria engasgar com cada garfada e toda a coragem esvaiu-se de mim. Senti-me como uma mosca presa em uma armadilha. Gilbert, eu nunca, nunca vou conseguir conquistar ou vencer a Família Real. Eu me vejo renunciando ao cargo no Ano-novo, pois não tenho a mínima chance contra um clã assim.

Mesmo assim, não pude deixar de sentir um pouco de compaixão pelas anciãs ao olhar pela casa. O lugar já tivera vida, pessoas nasceram, morreram, foram felizes ali... Seus habitantes conheceram o sono, o desespero, o medo, a alegria, a esperança, o ódio. E agora não restava nada

além das lembranças que as mantinham vivas ou do orgulho que sentiam por elas.

A tia Chatty está muito aborrecida, pois, quando ela desdobrou um lençol limpo para colocar na minha cama, encontrou um vinco no formato de um diamante bem em seu centro e ela tem certeza de que isso é o prenúncio de uma morte na casa. A tia Kate está indignada com tamanha superstição, mas acho que prefiro as pessoas supersticiosas. Elas dão cores à vida. O mundo não seria um lugar sacal se todos fossem sábios e sensatos... E bons? Sobre o que conversaríamos?

Uma catástrofe aconteceu duas noites atrás. Dusty Miller passou a noite fora, apesar dos gritos ressoantes da Rebecca Dew no quintal. E quando retornou pela manhã... Ah, coitadinho! Um olho estava completamente fechado, havia um calombo do tamanho de um ovo no queixo, seu pelo estava duro de tanta lama e uma das patas tinha uma mordida. Porém, que expressão triunfal e impenitente trazia no olho bom! As viúvas ficaram horrorizadas, mas Rebecca Dew disse, exultante: “Aquele Gato nunca tinha se metido em uma boa briga antes. E aposto que o outro gato está bem pior!”.

Uma névoa está encobrindo o porto hoje, ocultando a estrada vermelha que a pequena Elizabeth deseja explorar. Ervas daninhas e folhas estão sendo queimadas em todos os jardins da cidade e a combinação de fumaça e neblina está transformando a Rua do Fantasma em um lugar enigmático, fascinante e encantado. Já está tarde e minha cama está dizendo: “tenho sonhos para você”. Acostumei-me a subir o lance de degraus para chegar até a cama... e para descer dela. Ah, Gilbert, ainda não contei isto para ninguém, mas é engraçado demais para continuar escondendo. Na primeira manhã em que acordei em Windy Poplars, eu me esqueci completamente dos degraus e saltei da cama toda animada. Estatelei-me no chão feito um saco de tijolos, como diria a Rebecca Dew. Ainda bem que não quebrei nenhum osso, mas fiquei com marcas roxas por uma semana.

A pequena Elizabeth e eu nos tornamos boas amigas. Ela está vindo buscar o leite por conta própria, pois a Ajudante está acamada com o que Rebecca Dew chama de “broquíti”. Sempre a encontro aguardando por mim no portão, com os grandes olhos refletindo a luz do crepúsculo. Conversamos por cima do portão, que não é aberto há anos. Elizabeth bebe o leite o mais devagar possível para estender o nosso papo e sempre, quando termina a última gota, ouve-se as batidas na janela.

Descobri que uma das coisas que vai acontecer Amanhã é que ela receberá uma carta do pai. Ela nunca recebeu nenhuma e pergunto-me o que se passa na cabeça desse homem. Então, Elizabeth disse: “Sabe, ele não conseguia suportar olhar para mim, senhorita Shirley, mas talvez não se importe em escrever para mim”. Eu perguntei, revoltada: “Quem falou que ele não suportava olhar para você?” e Elizabeth respondeu: “A Ajudante. Deve ser verdade, do contrário ele já teria vindo me visitar algumas vezes”. Sempre que Elizabeth diz “a Ajudante”, eu a imagino como uma grande e intimidadora letra A, com seus ângulos e cantos.

Era a Beth que estava ali naquela noite... Ela só fala do pai quando é a Beth. Ela faz caretas para a avó e a Ajudante pelas costas quando é a Betty, mas, quando se transforma na Elsie, sente-se culpada e tem vontade de confessar, apesar de ter medo. Muito raramente é a Elizabeth, nesses casos, ela tem a expressão de alguém que ouve a música das fadas e que sabe do que as rosas e os trevos conversam. Ela é muito peculiar, Gilbert... Tão sensível como as folhas dos álamos ventosos e eu a amo. Enfurece-me saber que aquelas duas mulheres terríveis a obrigam a dormir no escuro. Certa vez Elizabeth disse: “A Ajudante disse que já tenho idade suficiente para dormir sem uma luz, mas sinto-me tão pequena, senhorita Shirley, pois a noite é grande e horrível. E eu tenho medo do corvo empalhado que fica no quarto. A Ajudante falou que ele arrancaria os meus olhos às bicadas se eu chorasse, é óbvio que não acredito nisso, mas tenho medo mesmo assim. As coisas sussurram umas com as outras durante a noite. Contudo, não terei medo de nada Amanhã, nem de ser raptada!”. Eu disse que não há perigo algum dela ser raptada. E Elizabeth argumentou: “A Ajudante disse que sim, se eu for a algum lugar sozinha ou falar com estranhos, mas você não é uma estranha, não é mesmo, senhorita Shirley?” e eu respondi que não e que sempre teremos uma à outra no Amanhã.



CAPÍTULO 4

Windy Poplars
Rua do Fantasma
Summerside
10 de novembro
QUERIDO,

A pessoa que mais odeio no mundo costumava ser aquela que estraga a ponta da minha pena, mas não posso odiar Rebecca Dew, apesar de seu hábito de usar minhas penas para copiar receitas quando estou no trabalho. Ela fez isso de novo e, como resultado, você não receberá uma carta longa ou uma carta de amor desta vez. (Meu amado.)

Os grilos cantaram sua última canção. As noites estão tão geladas que agora tenho um fogão a lenha atarracado e retangular em meu quarto. Rebecca Dew o instalou... e por isso, eu a perdoo por usar minhas penas. Não existe nada que aquela mulher não possa fazer e ela sempre acende o fogo para mim pouco antes de eu chegar da escola. É um fogão diminuto... poderia erguê-lo com as próprias mãos. Parece um petulante cachorrinho preto com suas quatro pernas de ferro curvas, mas quando está cheio de tocos de madeira, ele irradia um vermelho róseo e um calor maravilhoso, tão aconchegante que você nem imagina. Estou sentada diante dele agora, com os pés sobre seu gradil, escrevendo esta carta apoiada em meu colo.

Praticamente todo o resto de Summerside está no baile promovido por Hardy Pringle e eu não fui convidada. E a Rebecca Dew está tão irritada com isso que eu não gostaria de estar na pele do Dusty Miller. Entretanto, quando penso em Myra, a filha do senhor Hardy, linda e desmiolada, tentando provar em um exame que os “anglos” da base de um triângulo isósceles são iguais, eu perdoo todo o clã dos Pringle. Semana passada ela incluiu o “pé da força” com toda a seriedade em uma lista de árvores! Contudo, justiça seja feita, nem todos os disparates originam-se dos Pringle.

Recentemente, Blake Fenton definiu um jacaré como um “tipo de inseto grande”. São os pontos altos da vida de uma professora!

Parece que vai nevar nesta noite. Gosto das noites em que a neve está prestes a cair. O vento está soprando “na torre e nas árvores”, tornando meu quarto ainda mais aconchegante do que já é. A última folha dourada será arrancada das faias pelo vento ainda hoje.

Creio que, a essa altura, já fui convidada para jantar em todas as partes... refiro-me aos lares dos meus pupilos, tanto aqueles que moram na cidade quanto no campo. E, ah, querido Gilbert, estou tão enjoada de conserva de abóbora! Nunca, nunca permita que tenhamos isso em nossa casa dos sonhos.

Em quase todas as casas que visitei no último mês, foi servida C. de A. no jantar. Da primeira vez, eu adorei... estava tão dourada que era como se eu estivesse comendo uma compota de raios de sol... e, inadvertidamente, eu a elogiei. Rumores de que eu gostava muito de C. de A. começaram a correr e as pessoas passaram a prepará-la de bom grado para mim. Fui à casa do senhor Hamilton na noite passada, e Rebecca Dew me garantiu que eu não teria que comer C. de A. porque nenhum dos membros da família gostavam do prato. No entanto, ao sentar-me à mesa do jantar, deparei-me com a inevitável tigela de cristal cheia de C. de A. sobre o aparador. A senhora Hamilton, servindo-me uma porção generosa e disse: “Eu não tinha nenhuma conserva de abóbora em casa, mas ouvi dizer que você gosta muito. Então, quando fui visitar a minha prima em Lowvale no sábado passado, eu disse: 'Vou receber a senhorita Shirley para jantar nesta semana e ela adora conserva de abóbora. Gostaria que me emprestasse um pote para servir a ela'. E aqui está, e você pode levar para casa o que sobrar”.

Você deveria ter visto a expressão de Rebeca Dew quando voltei da casa do senhor Hamilton com um pote quase cheio de C. de A.! Ninguém gosta disso por aqui, de forma que nós o enterramos no jardim na calada da noite. Rebecca Dew perguntou aflita se eu ia colocar isso em uma história. Desde que ela descobriu que ocasionalmente escrevo ficção para revistas, vive com medo... ou esperança, não sei... De que eu coloque tudo que acontece em Windy Poplars em uma história. Porém, Rebecca quer eu escreva sobre os Pringle, acabando com eles. Infelizmente, porém, são os Pringle que estão acabando comigo e, entre eles e meu trabalho na escola, é escasso o tempo que tenho para escrever ficção.

Agora restam apenas folhas murchas e caules congelados no jardim. Rebecca Dew protegeu as rosas com palha e sacos de batata, e sob a luz do crepúsculo elas parecem exatamente com anciões encurvados, apoiando-se em bengalas.

Hoje recebi um cartão-postal de Davy com dez beijos representados por cruzinhas e uma carta da Priscilla escrita em um papel que “uma amiga do Japão” havia lhe enviado... Um papel macio e fino como seda, com flores de cerejeiras etéreas como fantasmas. Estou começando a ter suspeitas sobre essa amiga dela, mas sua imensa carta foi a dádiva que o dia me deu e eu a li quatro vezes, para degustar cada pedacinho, como um cachorro limpando a tigela! Essa certamente não é uma comparação romântica, mas é a que surgiu na minha cabeça. Ainda assim, cartas, até mesmo as melhores, não são satisfatórias. Quero ver você. Estou feliz por faltarem somente cinco semanas para as férias de Natal.



CAPÍTULO 5

Anne, sentada à janela de sua torre em um entardecer do fim de novembro, com a pena em mãos e o olhar sonhador, contemplou o mundo sob o poente e teve o súbito desejo de dar um passeio até o velho cemitério. Ela ainda não o tinha visitado, pois preferia o bosque de bétulas e bordos na estrada do porto para suas caminhadas vespertinas. Porém, em novembro há sempre um período, depois que as folhas caem, em que ela considera quase indecente embrenhar-se nas matas... Uma vez que sua glória terrestre já desapareceu e a glória celestial do espírito, pureza e alvura ainda não as agraciou. Assim, Anne resolveu ir ao cemitério, sentia-se tão abatida e sem esperanças que considerou o cemitério um lugar alegre, em comparação. Além do mais, Rebecca Dew disse que o lugar estava repleto de Pringles, eles eram sepultados ali há gerações e a família preteria o novo cemitério até que “não coubesse mais nenhum deles ali”. Anne achou que seria positivamente encorajador ver a quantidade de Pringles que se encontrava onde não podiam mais incomodar ninguém.

Em relação aos Pringle, Anne sentia que havia chegado ao limite do tolerável. A situação assemelhava-se cada vez mais a um pesadelo e a sutil campanha de insubordinação e desrespeito organizada por Jen Pringle havia finalmente chegado ao ápice. Na semana anterior, ela havia pedido que a classe escrevesse uma redação sobre “os acontecimentos mais importantes da semana”. A de Jen Pringle era brilhante, pois a pestinha era inteligente e havia inserido um insulto ardiloso à professora, tão evidente que era impossível de ignorar. Anne a mandou para casa e disse que ela teria que se desculpar antes que tivesse permissão para voltar para a escola. Era só o que faltava, a guerra havia finalmente sido declarada entre Anne e a família Pringle e a coitada não tinha dúvidas sobre qual lado sairia vitorioso. O conselho da escola iria apoiar os Pringle e ela teria que escolher entre permitir que Jen voltasse ou ser convidada a resignar o cargo.

Anne sentia muita amargura, ela dera o seu melhor e sabia que teria obtido bons resultados se tivesse tido pelo menos uma chance de lutar.

“Não é culpa minha” – pensou com tristeza. “Quem conseguiria ter êxito diante de tamanha ofensiva, de tais táticas?”

E ter que voltar para Green Gables derrotada! E aguentar a indignação da senhora Lynde e o júbilo dos Pye! Até mesmo a simpatia dos amigos seria angustiante. E depois que a notícia do fracasso em Summerside se espalhasse, ela jamais iria conseguir emprego em outra escola.

Mas, pelo menos, eles não tinham levado a melhor na questão da peça de teatro. Anne riu com um pouco de malícia e seus olhos se encheram de um deleite travesso ao lembrar-se do acontecido.

Ela havia organizado um Clube de Artes Dramáticas na escola e dirigido uma peça montada às pressas para angariar fundos para um de seus projetos de estimação: comprar gravuras boas para as salas de aula. Ela se forçou a convidar Katherine Brooks para ajudá-la, pois a outra professora sempre parecia ser deixada de lado, não obstante, Anne acabou se arrependendo disso diversas vezes, posto que Katherine mostrou-se ainda mais ríspida e sarcástica do que de costume. Raros eram os ensaios em que não fazia algum comentário corrosivo e suas sobranceiras tiveram uma sobrecarga de trabalho. E o pior foi que Katherine insistiu em dar o papel de Mary, rainha da Escócia, a Jen Pringle.

– Ninguém mais na escola conseguiria interpretá-la – alegou, com impaciência. – Ninguém mais tem a personalidade necessária.

Anne não tinha tanta certeza. Ela achava que Sophy Sinclair, que era alta e tinha olhos cor de avelã e um vistoso cabelo castanho, seria uma Rainha da Escócia melhor do que Jen. Só que Sophy não fazia parte do Clube e nunca havia participado de uma peça.

– Nada de novatos. Não quero meu nome associado a nada que não seja um sucesso – dissera Katherine de mau humor e Anne cedera. Ela não podia negar que Jen era muito boa no papel. A menina tinha um talento natural para a atuação e aparentemente estava se entregando de corpo e alma. Eles ensaiaram quatro tardes por semana e, a princípio, tudo correu bem. Jen parecia tão interessada no papel que se comportou adequadamente, no que diz respeito à peça. Anne não interagiu com ela, deixando-a aos cuidados de Katherine. Uma ou duas vezes, porém, ela flagrou uma expressão de triunfo furtiva no rosto de Jen que a deixou intrigada, sem ter a mínima ideia de seu significado.

Uma tarde, assim que o ensaio havia começado, Anne encontrou Sophy Sinclair aos prantos em um canto do vestiário feminino. De início ela piscou vigorosamente os grandes olhos acastanhados e negou, mas logo desatou a chorar.

– Eu queria estar na peça... eu queria ser a rainha Mary – soluçou. – Nunca tive oportunidade. Papai não me deixou participar do grupo porque temos contas a pagar e cada centavo faz diferença. E eu não tenho nenhuma experiência, também. Sempre adorei a rainha Mary... Fico arrepiada só de ouvir o nome dela. Não acredito e jamais acreditarei que ela teve algum envolvimento com o assassinato de Darnley. Teria sido maravilhoso fazer de conta que era ela, só por um instante!

Mais tarde, Anne concluiu que foi seu anjo da guarda que respondeu à menina.

– Vou adaptar o papel para você, Sophy, e vou ensiná-la a representá-lo. Vai ser um bom treinamento e, como planejo apresentar a peça em outros lugares, se tudo der certo aqui, não será nada mal ter uma substituta, caso a Jen não possa ir, mas nós não contaremos nada a ninguém.

No dia seguinte, Sophy já tinha memorizado o papel. Todas as tardes, ela ia para Windy Poplars com Anne após as aulas e ensaiava na torre. As duas se divertiam muito juntas, pois Sophy era dona de uma vivacidade serena. A peça ia ser apresentada na última sexta-feira de novembro no salão da prefeitura, a divulgação foi intensa e todos os lugares reservados se esgotaram. Anne e Katherine passaram duas tardes decorando o salão, uma banda foi contratada e uma notória soprano viria de Charlottetown para cantar entre os atos. O ensaio geral foi um sucesso, Jen era realmente excelente e o resto do elenco não ficava atrás. Na manhã de sexta-feira, Jen faltou à escola, de tarde, a mãe dela avisou que a menina estava com uma terrível dor de garganta, a família temia que fosse amidalite. Todos lamentavam muito, mas de forma alguma ela deveria participar da peça naquela noite.

Katherine e Anne se entreolharam, unidas pela primeira vez pelo desânimo em comum.

– Teremos que cancelar a apresentação – disse Katherine, por fim. – E isso é sinônimo de fracasso e há tanta coisa já marcada para dezembro! Bem, sempre achei uma tolice organizar uma peça nesta época do ano.

– Não vamos adiá-la – disse Anne, com um olhar intenso. Ela não ia comentar com Katherine Brooke, mas tinha certeza absoluta de que as

amídalas de Jen Pringle estavam tão inflamadas quanto as dela. Independentemente se algum dos outros Pringles estava envolvido ou não, aquilo tratava-se de um esquema premeditado para arruinar a peça que ela, Anne Shirley, havia planejado.

– Ah, se é o que deseja... – disse Katherine, com um dar de ombros indolente. – Mas o que pretende fazer? Colocar alguém para ler as falas da personagem? Seria um desastre... Mary é o centro da peça!

– Sophy Sinclair pode fazer a personagem tão bem quanto Jen. O figurino vai servir nela e, felizmente, você o costurou e ficou com ele, e não Jen.

A peça estreou naquela noite, diante de uma plateia lotada. Uma Sophy reluzente interpretou Mary... Personificou Mary, de uma forma que Jen Pringle jamais teria conseguido... ela se parecia com a rainha, com seus trajes de veludo, gola alta e as joias. Os alunos da Escola Secundária, que nunca tinham visto Sophy usando nada além de vestidos de sarja simplórios e deselegantes, casacos sisudos e chapéus velhos, assistiram-na boquiabertos. De imediato, decidiu-se que ela precisava tornar-se membro permanente do Clube de Artes Dramáticas, a própria Anne pagou pela taxa de inscrição, e daquele momento em diante, ela foi considerada uma das alunas que “fazia diferença” na escola. Contudo, ninguém sabia ou sonhava, muito menos a própria Sophy, que aquele era o primeiro passo em um caminho que a levaria ao estrelato. Dali vinte anos, Sophy Sinclair se tornaria uma das principais atrizes na América, mas provavelmente nenhuma salva de palmas soou tão doce em seus ouvidos quanto os aplausos selvagens em meio aos quais a cortina cerrou-se no salão da prefeitura de Summerside, naquela noite.

A senhora de James Pringle voltou para casa com um relato que quase fez com que a filha explodisse de inveja. Como Rebecca Dew disse, emocionada, Jen finalmente estava experimentando do próprio veneno e o resultado disso foi o insulto na redação sobre acontecimentos importantes.

Anne caminhou até o velho cemitério por uma vereda que se aprofundava entre os canais de deságue feitos de pedra cobertos de musgo, adornados por samambaias vítimas da friagem. Alámos delgados e pontudos, cujas folhas ainda não tinham sido totalmente despidas pelos ventos de novembro, cresciam a intervalos ao longo do caminho, destacando-se contra a cor ametista das colinas. O velho cemitério, com metade de suas lápides inclinadas em ângulos canhestros, era cercado por uma fileira de pinheiros altos e sombrios. Anne não esperava encontrar ninguém ali e ficou um tanto

surpresa ao ver a senhorita Valentine Courtaloe, com seu nariz comprido e delicado, os lábios finos, os ombros curvados e meigos, e seu ar de inexpugnável feminilidade, ao passar pelo portão. Ela conhecia a senhorita Valentine, é claro, como todos em Summerside. Ela era a costureira local, e o que ela não sabia sobre as pessoas, vivas ou mortas, não deveria ser levado em consideração. Anne queria perambular sozinha, ler os antigos epitáfios e decifrar os nomes dos enamorados esquecidos pelo tempo, encobertos pelo líquen. Entretanto, não houve escapatória quando a senhorita Valentine enganchou o braço ao dela e prosseguiu com as honras do cemitério, onde obviamente estavam enterrados tantos membros da família Courtaloe quanto dos Pringle. A senhorita Valentine não tinha uma gota do sangue dos Pringle e um dos pupilos favoritos de Anne era sobrinho dela. De modo que não foi um grande esforço ser afável com ela, tomando muito cuidado para jamais insinuar que ela costurava para viver. A senhorita Valentine era muito sensível em relação a isso.

– Fico feliz por estar aqui esta tarde – disse a senhorita Valentine. – Posso contar tudo sobre as pessoas que estão enterradas aqui. Sempre digo que devemos saber os detalhes dos defuntos para desfrutar de um cemitério. Gosto mais de caminhar aqui do que no cemitério novo. Somente membros das famílias antigas são sepultados aqui, enquanto que os fulanos e sicranos vão para o novo. Ah, houve tantos funerais em minha família!

– Suponho que toda família antiga seja assim – disse Anne, visto que a senhorita Valentine evidentemente esperava que dissesse algo.

– Não, nenhuma família teve tantos como a nossa – defendeu-se. – Temos uma saúde muito frágil. A maioria morreu por causa de uma tosse. Esse é o túmulo da minha tia Bessie, que foi uma verdadeira santa. Mas não há dúvidas de que a irmã dela, a tia Cecília, era uma pessoa mais interessante de se conversar. Da última vez que nos vimos, ela me disse: “Sente-se aqui, minha querida, sente-se. Eu vou morrer nesta noite, às onze e dez, mas isso não é motivo para que não coloquemos as fofocas em dia pela última vez”. O mais estranho, senhorita Shirley, é que ela morreu naquela noite às onze e quinze. Você é capaz de explicar como ela sabia?

Anne não era capaz.

– Meu tataravô Courtaloe está enterrado aqui, ele veio para cá em 1760 e ganhava a vida construindo rocas de fiar. Dizem que ele montou mil e quatrocentas rocas ao longo da vida. Quando morreu, o ministro fez um sermão com base no texto “e suas obras os seguirão⁸”, e o velho Myrom

Pringle comentou que, no caso dele, o caminho até o céu ficaria atravancado de rocas de fiar. Você acha que foi um comentário de bom tom, senhorita Shirley?

Se o comentário não tivesse sido feito por um Pringle, Anne não teria dito com tamanha veemência “certamente que não” enquanto estudava a lápide adornada por uma caveira e ossos cruzados, como se também questionasse o bom gosto dela.

– Minha prima Dora está enterrada aqui. Ela teve três maridos, mas todos morreram em muito pouco tempo, a infeliz não tinha sorte para escolher homens saudáveis e o último chamava-se Benjamin Banning. Ele não está enterrado aqui, mas em Lowvale, com a primeira esposa dele. Benjamim não aceitava a morte, Dora dizia que ele iria para um mundo melhor. “Talvez, talvez”, dizia, “mas estou bastante acostumado com as imperfeições dele”. Tomou sessenta e um medicamentos diferentes, apesar disso, até que durou bastante. Toda a família do tio Courtaloe está aqui e há uma roseira plantada aos pés de cada túmulo e, minha nossa, como florescem! Venho aqui todos os verões e colho algumas para meu vaso de rosas. Seria um pecado desperdiçá-las, não acha?

– Eu... Imagino que sim.

– Minha pobre irmã mais nova, Harriet, jaz aqui – suspirou a senhorita Valentine. – Tinha um cabelo magnífico, mais ou menos da mesma cor que o seu, só que não tão vermelho, chegava até a altura do joelho e ela estava noiva quando faleceu. Ouvi dizer que você está noiva. Eu nunca quis muito me casar, mas acredito que teria sido bom estar comprometida com alguém. Ah, tive algumas oportunidades, é claro... talvez eu tenha sido muito exigente... Mas uma Courtaloe não pode se casar com qualquer um, não é?

Aparentemente, não.

– Frank Digby... Naquele canto, sob os sumagres... queria se casar comigo. Eu até que senti um pouco de remorso depois de recusá-lo... Mas um Digby, minha nossa! Ele se casou com Georgina Troop, que sempre chegava um pouco mais tarde na igreja para exibir suas roupas. E como ela gostava de roupas! Foi enterrada em um vestido azul tão lindo... fui eu quem o fez, para que usasse em um casamento, mas no fim das contas ela acabou usando no próprio funeral. Tinha três filhos adoráveis, que costumavam sentar na minha frente na igreja e eu sempre lhes dava doces. Você acha que é errado dar doces para crianças na igreja, senhorita Shirley? Não os de

menta, esses não têm problema. Há algo de religioso nas balas de menta, não acha? Só que os coitadinhos não gostam delas.

Quando os túmulos dos Courtaloe se esgotaram, as lembranças da senhorita Valentine ficaram mais apimentadas. Já não fazia diferença se eram da família ou não.

– Aqui está a velha senhora Russel Pringle. Com frequência me pergunto se ela está no céu ou não.

– Por quê? – perguntou Anne, chocada.

– Bem, ela sempre odiou a irmã, Mary Ann, que morreu alguns meses antes dela. “Se Mary Ann está no céu, então não vou ficar lá”, costumava dizer e era uma mulher de palavra, minha querida... no estilo dos Pringle. Ela era da família Pringle e casou com seu primo Russell. Esta é a senhora Dan Pringle... Janetta Bird, morreu aos 70 anos e dizem que ela considerava errado morrer com mais de 70 anos, pois este é o limite na Bíblia. As pessoas dizem coisas tão engraçadas, não é mesmo? Ouvi dizer que a única coisa que ela fez sem pedir a permissão do marido foi morrer. Minha querida, sabe o que ele foi capaz de fazer certa vez que ela comprou um chapéu de que ele não gostou?

– Não consigo nem imaginar.

– Ele o comeu! – disse solenemente a senhorita Valentine. Claro, era um chapéu pequeno... De renda, com flores... E sem plumas. Ainda assim, deve ter sido bem indigesto. Sei que teve dores de estômago terríveis por um bom tempo. Obviamente, eu não o vi comê-lo, mas nunca tive dúvidas sobre a veracidade dessa história. Acha que é verdade?

– Não duvido de nada quando se trata de um Pringle – disse Anne, com amargura.

A senhorita Valentine segurou o braço dela compassivamente.

– Eu te entendo... de verdade. A forma com que eles têm te tratado é horrível, mas Summerside não é habitada apenas pelos Pringle, senhorita Shirley.

– Às vezes acho que é – disse Anne, com um sorriso pesaroso.

– Não, não é. E há um bom número de pessoas que adoraria vê-la levar a melhor sobre eles. Não desista, não importa o que façam. É o velho satanás que os influencia. Acontece que são muito unidos e a senhorita Sarah queria que o primo deles ficasse com a escola. Bem, a família de Nathan Pringle está aqui. Nathan sempre achou que a esposa estava tentando envenená-lo, mas não parecia se importar. Falava que isso deixava a vida mais

empolgante. Uma vez, ele desconfiou que ela havia posto arsênico em seu mingau de aveia, ele saiu e o jogou para um dos porcos e o animal morreu três semanas depois. Mas ele disse que talvez fosse apenas uma coincidência e, de qualquer forma, ele não tinha como ter certeza de que era o mesmo porco. Por fim, ela acabou morrendo antes que ele e Nathan disse que ela sempre fora uma esposa boa de verdade, exceto por esse detalhe. Creio que seria um ato de caridade acreditar que ele estava errado.

– “Sagrado à memória da senhorita Kinsey” – leu Anne, espantada. – Que inscrição extraordinária! Ela não tinha outro nome?

– Se tinha, ninguém sabia – disse a senhorita Valentine. – Ela veio da Nova Escócia e trabalhou por quarenta anos na casa de George Pringle. Ela se apresentou como senhorita Kinsey e todos a chamavam assim. Morreu de repente, só então descobriu-se que ninguém sabia seu primeiro nome, ou se tinha algum parente. Assim, colocaram isso em sua lápide e a família de George Pringle organizou um funeral muito bonito e pagou pelo monumento. Era uma criatura leal e trabalhadora, e se você a tivesse conhecido, teria achado que seu nome de batismo era senhorita Kinsey. A família de James Morleys está aqui. Eu fui às bodas de ouro do casal. Que alvoroço... Presentes, discursos e flores... Todos os filhos deles em casa... E eles sorrindo e cumprimentando todo mundo, quando na verdade se odiavam com todas as forças.

– Eles se odiavam?

– Amargamente, minha querida. Todo mundo sabia. Há anos... desde o começo da vida de casados, praticamente. Eles discutiram a caminho de casa depois do casamento. Fico imaginando como conseguem ficar aqui, deitados placidamente um do lado do outro.

Anne estremeceu novamente. Que horrível... Sentar-se à mesa um de frente para o outro... Deitar-se um ao lado do outro na mesma cama... Ir à igreja para batizar os filhos... Odiando-se o tempo todo! E eles provavelmente se amavam, no início. Será que Anne e Gilbert... Bobagem! Os Pringle estavam mexendo com os nervos dela.

– O belo John MacTabb está enterrado aqui. Sempre se suspeitou que Annetta Kennedy afogou-se por causa dele. A família MacTabb inteira sempre foi bonita, mas nunca se pôde confiar em uma palavra sequer do que dizem. Havia uma lápide aqui para o tio dele, Samuel, que supostamente tinha morrido afogado no mar, há cinquenta anos. Quando ele apareceu com vida, a família retirou a lápide. O homem de quem a haviam comprado não

quis aceitá-la de volta, por isso a senhora Samuel a usava no fogão e era uma placa de mármore ótima para misturar massa, dizia ela. As crianças viviam levando biscoitos para a escola com a marca de letras e números... Marcas do epitáfio. Elas eram muito generosas com eles, mas nunca tive coragem de prová-los. Tenho um paladar exigente.

– O senhor Harley Pringle está aqui. Certa vez, ele teve que carregar Peter MacTabb em um carrinho de mão pela rua principal, usando uma touca, por causa de uma aposta de eleição. Summerside inteira apareceu para assistir... exceto os Pringle, obviamente. Eles quase morreram de vergonha.

– Milly Pringle está aqui. Eu gostava muito dela, mesmo que fosse uma Pringle, era muito linda e esbelta como uma fada. Às vezes imagino, minha querida, que em noites como essa, ela sai do túmulo e dança como costumava fazer, mas suponho que uma cristã não deveria alimentar tais pensamentos. Este é o túmulo de Herb Pringle. Ele era um dos Pringle divertidos: sempre fazia as pessoas rirem. Certa vez, ele soltou uma risada bem no meio da igreja, quando um rato despencou das flores no chapéu de Meta Pringle ao inclinar-se para orar. Eu não tive vontade de rir, pois não fazia ideia de onde aquele rato tinha passado. Ergui minhas saias até os tornozelos e as segurei com firmeza ali até o fim da missa, mas o ocorrido arruinou o sermão para mim, Herb estava sentado atrás de mim e deu um gargalhada. As pessoas que não viram o rato acharam que ele tinha ficado louco e parecia que a risada dele não teria fim. Se ele estivesse vivo, ficaria do seu lado, com Sarah ou sem Sarah. E este, evidentemente, é o túmulo do capitão Abraham Pringle.

Dominava todo o cemitério. Quatro plataformas retraídas de pedras formavam um pedestal quadrado de onde erguia-se um pilar de mármore, sobre o qual destacava-se uma urna drapeada ridícula com um querubim tocando uma trombeta em sua base.

– Que horroroso! – disse Anne com sinceridade.

– Ah, você acha mesmo? – A senhorita Valentine parecia escandalizada. – Foi considerado muito bem-feito na época em que foi erguido. Aquele é o arcanjo Gabriel, soprando sua trombeta. Acredito que ele dá um toque de elegância ao cemitério. Custou novecentos dólares. O capitão Abraham era um verdadeiro cavaleiro, é uma lástima que tenha morrido e se ainda fosse vivo, eles não estariam te perseguindo dessa forma. Não me surpreende que Sarah e Ellen tenham orgulho dele, mas creio que elas levem isso longe demais.

Ao chegarem no portão, Anne virou-se e olhou para trás. Uma quietude estranha, calma, dominava a terra sem vento. Os longos raios de luar começavam a atravessar os pinheiros sombrios, tocando uma lápide aqui, outra ali, criando sombras peculiares entre elas. No entanto, o cemitério não parecia um lugar lúgubre, na realidade, seus habitantes pareciam estar vivos depois das histórias da senhorita Valentine.

– Ouvi dizer que você escreve – disse a senhorita Valentine, preocupada, enquanto caminhavam pela estradinha. – As coisas que lhe contei não vão aparecer em suas histórias, vão?

– Tenha a certeza de que não – prometeu Anne.

– Você acha que é errado ou perigoso falar mal dos mortos? – sussurrou a senhorita Valentine, um tanto receosa.

– Creio que não seja nem um nem outro – disse Anne. – Apenas... injusto, como se estivéssemos atacando quem não pode se defender. Porém, você não disse nada desagradável sobre ninguém, senhorita Courtaloe.

– Eu contei que Nathan Pringle achava que a mulher queria envenená-lo...

– Mas você lhe deu o benefício da dúvida.

Com isso, a senhorita Valentine foi embora, tranquilizada.

Referência ao Novo Testamento, Apocalipse 14:13. (N. T.)



CAPÍTULO 6

No fim da tarde de hoje, dirigi-me rumo ao cemitério, escreveu Anne a Gilbert ao chegar em casa. Acho que “dirigir-me rumo” é uma frase adorável e tento usá-la sempre que posso. Soa engraçado dizer que desfrutei do meu passeio ao cemitério, mas é a verdade. As histórias da senhorita Courtaloe são tão divertidas! Comédia e tragédia estão tão entrelaçadas na vida, Gilbert. A única coisa que me assombra é o relato do casal que viveu junto odiando-se por cinquenta anos e é quase impossível de acreditar. Alguém já disse que “ódio é apenas o amor que perdeu seu caminho”. Aposto que por trás de toda a aversão, eles se amavam de verdade... Da mesma forma que passei todos aqueles anos achando que te odiava, quando de fato eu te amava profundamente e acredito que a morte lhes mostrou a verdade. Fico feliz por eu ter descoberto em vida. Descobri também que existem Pringles decentes... Os mortos.

Noite passada, quando desci para tomar um copo de água, encontrei a tia Kate na despensa, passando soro de leite no rosto. Ela pediu que não contasse para a Chatty, pois ela diria que era bobagem. Prometi guardar segredo.

Elizabeth continua vindo buscar o leite, apesar da Ajudante já ter se recuperado da bronquite. Acho estranho que permitam que a garota venha, porque a velha senhora Campbell é uma Pringle. Sábado passado, Elizabeth, acho que era a Betty naquela noite, entrou em casa correndo e cantando, e pude ouvir distintamente a Ajudante falando na varanda: “O domingo está muito próximo, você não deveria cantar essa canção”. Tenho certeza de que a Ajudante proibiria Elizabeth de cantar em qualquer dia da semana, se pudesse!

Elizabeth usava um vestido novo naquela noite, cor de vinho tinto (elas realmente a vestem bem), e comentou com pesar: “Achei que o vestido ficou bonitinho em mim quando o coloquei nesta noite, senhorita Shirley, e desejei

que o papai pudesse me ver. Claro que ele virá me ver Amanhã, mas às vezes parece que esse dia está demorando demais para chegar. Gostaria de poder acelerar um pouco o tempo, senhorita Shirley”.

Agora, meu caro, preciso resolver alguns exercícios de geometria. Eles tomaram o lugar do que a Rebecca Dew chama de “esforços literários”. O espectro que me assombra diariamente, agora, é o temor de que surja durante a aula um exercício que não consiga resolver. E o que diriam os Pringle, então...? Ah, que eles diriam!

Enquanto isso, se ama a mim e ao reino felino, reze por um pobre gato maltratado e amuado. Um rato passou por cima do pé da Rebecca Dew na despensa e desde então ela está espumando de raiva: “Aquele Gato não faz nada além de comer, dormir e deixar que os ratos infestem tudo. É o fim da picada”. Ela corre atrás dele de um lado para o outro, afugenta-o de sua almofada favorita e sei disso porque a peguei no ato auxilia-o a sair pela porta com o pé, sem um pinga de gentileza.

ANNE SHIRLEY



CAPÍTULO 7

Na noite de sexta-feira, ao fim de um dia aprazível e ensolarado de dezembro, Anne compareceu a um jantar em Lowvale, cujo prato principal era peru. Wilfred Bryce morava em Lowvale com um tio e ele a convidara timidamente para acompanhá-lo a um jantar na igreja após a aula e para passar o sábado na casa dele. Anne aceitou, na esperança de conseguir influenciar o tio a deixá-lo continuar frequentando a Escola Secundária. Wilfred temia que não fosse voltar após o Ano-novo, mas era um garoto esperto e Anne tinha um interesse especial nele.

Não se pode dizer que Anne adorou a visita, com exceção do prazer que isso proporcionou a Wilfred. Seus tios eram um casal estranho e rústico. Sábado amanheceu nublado, com vento e neve caindo e Anne perguntou-se como iria suportar o dia. Sentia-se cansada e com sono, já que o jantar havia terminado tarde. Wilfred tinha que ajudar com o trabalho e não havia um livro sequer à vista. Então, ela lembrou-se do velho baú de marinheiro que vira no fundo do corredor do andar de cima e do pedido da senhora Stanton. Ela estava escrevendo sobre a história do condado de Prince e perguntara se Anne conhecia ou poderia encontrar diários ou documentos antigos que fossem úteis.

– Os Pringle, é claro, possuem vários que eu poderia usar – contou a Anne. – Mas não posso pedir a eles. Você sabe que os Pringle e os Stanton nunca se deram bem.

– Também não posso fazer isso, infelizmente – disse Anne.

– Ah, não espero que você peça a eles. Tudo que quero é que fique de olho quando for visitar outras pessoas. Se encontrar ou ouvir falar de velhos diários, mapas ou algo do tipo, quero que os peça emprestado em meu nome. Você não faz ideia das coisas interessantes que encontrei em diários antigos... vislumbres da vida real que trazem de volta à vida os velhos

pioneiros. Estou interessada em coisas desse tipo para meu livro, assim como estatísticas e árvores genealógicas.

Anne perguntou à senhora Bryce se eles tinham algum desses tipos de registro antigo, mas ela balançou a cabeça.

– Não que eu saiba, mas há o velho baú do tio Andy, lá em cima. Deve haver algo lá, pois ele costumava viajar com o capitão Abraham Pringle. Vou perguntar ao Duncan se você pode vasculhá-lo.

Duncan avisou que ela podia vasculhá-lo o quanto quisesse e que poderia ficar com qualquer “documento” que encontrasse. Ele vinha querendo queimar o conteúdo e usar o baú como caixa de ferramentas. Anne o vasculhou meticulosamente, mas tudo que encontrou foi uma espécie de diário de bordo amarelado que, aparentemente, Andy Bryce mantivera ao longo de seus anos no mar. Anne enganou a manhã tempestuosa com essa leitura divertida. Andy fora um marinheiro experiente que havia feito muitas viagens com o capitão Abraham Pringle, a quem admirava imensamente. Com muito erros de gramática e ortografia, o livreto estava repleto de tributos à coragem e à sagacidade do capitão, especialmente em uma louca empreitada para dobrar o Cabo Horn. Não obstante, tal admiração não parecia estender-se ao irmão de Abraham, Myrom, que era capitão de um navio diferente. Ela leu alguns registros:

“Fomos à casa de Myrom Pringle esta noite. A mulher dele o deixou enfurecido e ele jogou um copo de água no rosto dela.”

“Myrom regressou. Seu navio foi incendiado e tiveram que baixar os botes. Quase morreram de fome. Acabaram comendo Jonas Selkirk, que se suicidara com um tiro. Viveram dele até que o *Mary G.* os resgatou. Foi o próprio Myrom que me contou, achando que daria uma boa história.”

Anne estremeceu diante do último registro, que parecia ainda mais aterrorizante graças ao tom trivial com que narrava os fatos tenebrosos. Então, ela mergulhou em devaneios. Não havia nada ali que pudesse ser útil para a senhora Stanton, mas será que as senhoritas Sarah e Ellen não se interessariam pelo diário, já que ele tinha muitas informações sobre o adorado pai delas? E se Anne o enviasse para elas? Duncan Bryce disse que ela podia fazer o que quisesse com ele.

Não, ela não iria fazer isso. Por que deveria tentar agradar-lhes ou alimentar o orgulho absurdo delas, que já era grande o bastante? Elas haviam resolvido tirá-la da escola e estavam conseguindo. O clã delas a havia derrotado.

Wilfred a levou de volta a Windy Poplars naquela noite e ambos estavam felizes. Anne havia convencido Duncan Bryce a deixar o sobrinho terminar o ano letivo.

– Depois, frequentarei a Queen’s durante um ano e assim conseguirei aprender e educar-me – disse Wilfred. – Como posso recompensá-la, senhorita Shirley? Meu tio não teria dado ouvidos a ninguém, mas ele gosta de você. Quando estávamos no celeiro, ele me disse: “as ruivas sempre conseguem o que querem de mim”. E não acho que foi por causa do seu cabelo, senhorita Shirley, ainda que seja muito bonito. Foi simplesmente por causa de... você!

Às duas da manhã, Anne acordou e decidiu que iria enviar o diário a Maplehurst. Afinal, tinha certo apreço pelas senhoras. Tinham tão pouco do que desfrutar na vida... E o único orgulho das duas era o pai. Às três, acordou novamente e resolveu que não iria fazer isso. A senhorita Sarah se fizera de surda! Às quatro, tornou a mudar de ideia. Finalmente, chegou à conclusão de que iria enviá-lo, pois ela não seria mesquinha. Anne tinha horror a pessoas mesquinhas... Como os Pye.

Anne então adormeceu em paz, pensando como era esplêndido despertar no meio da noite e ouvir a primeira tempestade de neve do inverno ao redor da torre, para em seguida aninhar-se entre os cobertores e voltar à Terra dos Sonhos.

Na manhã da segunda-feira, ela embrulhou a velha caderneta com cuidado e a enviou à senhorita Sarah com um bilhete.

PREZADA SENHORITA PRINGLE,

Imagino que este velho diário possa ser de seu interesse. Ele foi dado a mim pelo senhor Bryce para que o enviasse à senhora Stanton, que está escrevendo um livro sobre o condado, mas acredito que não lhe será útil, e então pensei que talvez a senhorita quisesse ficar com ele.

Atenciosamente,

ANNE SHIRLEY.

“Que bilhete mais seco”, pensou Anne, “todavia não consigo escrever-lhes de maneira natural. E não ficaria nem um pouco surpresa se elas o enviassem de volta com desdenho”.

Sob o grácil azul de uma tarde do começo do inverno, Rebecca Dew levou o choque de sua vida. A carruagem de Maplehurst apontou na Rua do Fantasma, avançando sobre a fina neve e parou diante do portão. A senhorita

Ellen desceu e, para o espanto de todos, em seguida surgiu a senhorita Sarah, que não deixava a casa há dez anos.

– Estão se dirigindo à porta da frente – arfou Rebecca Dew, em pânico.

– Por onde mais uma Pringle entraria? – indagou a tia Kate.

– É claro, é claro... Mas a porta está começando a emperrar – explicou Rebecca, tragicamente. – Ela está emperrada, vocês sabem disso. Não é aberta desde que fizemos a faxina geral na casa na última primavera. É o fim da picada.

A porta da frente estava emperrada, mas Rebecca Dew a escancarou com uma violência desesperada para acompanhar as damas de Maplehurst até a sala de visitas.

“Ainda bem que acendemos a lareira hoje”, pensou ela, “espero que Aquele Gato não tenha deixado pelos no sofá. Se Sarah Pringle ficar com o vestido cheio de pelos em nossa sala...”

Rebecca Dew não ousava imaginar as consequências. Ela chamou Anne (que estava em seu quarto na torre) quando a senhorita Sarah perguntou por ela e então retirou-se para a cozinha, quase enlouquecendo de curiosidade. O que diabos teria feito as velhas damas da família Pringle visitarem a senhorita Shirley?

– Se for mais uma estratégia de perseguição... – disse Rebecca Dew em um tom grave.

A própria Anne desceu as escadas com considerável preocupação. Será que tinham vindo devolver o diário com gélido desprezo?

Foi a diminuta, enrugada e inflexível senhorita Sarah que levantou-se e falou sem preâmbulos quando Anne entrou na sala.

– Viemos capitular – disse com amargor. – É a única coisa que nos resta a fazer e é óbvio que você percebeu isso quando encontrou aquela passagem escandalosa sobre o nosso tio Myrom. Não é verdade... Não pode ser verdade. O tio Myrom só estava fazendo uma brincadeira com Andy Bryce... Andy era tão impressionável, porém todos que não são da família vão acreditar sem pensar duas vezes. Você sabia que isso nos transformaria em um motivo para chacotas... E pior. Ah, você é muito ardilosa, temos que admitir. Jen vai pedir desculpas e se comportar daqui em diante... eu, Sarah Pringle, asseguro-lhe. Se prometer que não contará nada para a senhora Stanton, para ninguém, faremos qualquer coisa, qualquer coisa.

A senhorita Sarah torceu o fino lenço de renda nas mãos pequenas e raiadas de veias azuis. Estava literalmente tremendo.

Anne a encarava com espanto... E horror. Coitadinhas! Elas achavam que estavam sendo chantageadas!

– Ah, houve um mal-entendido terrível – exclamou ela, tomando as frágeis mãos da senhorita Sarah. Eu nem imaginei que vocês pudessem achar que eu estava... Ah, achei que gostariam de ter todos esses detalhes interessantes sobre o incrível pai de vocês. Eu jamais mostraria ou contaria a alguém aquele outro detalhe. Não achei que tivesse importância e nunca acharei.

Houve um momento de silêncio. Então, a senhorita Sarah libertou as mãos gentilmente, levou o lenço até os olhos e sentou-se, com um leve rubor no belo rosto sulcado pelo tempo.

– Nós... Tivemos uma impressão errada, minha querida. E... Fomos abomináveis com você. Poderia nos perdoar?

Meia hora depois... Período que quase foi a morte para Rebecca Dew... As senhoritas foram embora. Foi meia hora de conversas e discussões amigáveis sobre o conteúdo não inflamatório do diário de Andy. Na porta principal, a senhorita Sarah (que não teve nenhum problema de audição durante a visita) parou por um instante e pegou um pequeno pedaço de papel com letras finas e elegantes de sua bolsinha de mão.

– Quase me esqueci... Prometemos à senhora MacLean nossa receita de bolo algum tempo atrás. Você se importaria de entregá-la? E diga a ela que o processo de secagem é muito importante... quase indispensável, aliás. Ellen, sua touca está cobrindo ligeiramente uma de suas orelhas. É melhor ajustá-la antes de sairmos. Nós... estávamos um tanto agitadas quando nos aprontamos para sair.

Anne contou às viúvas e a Rebecca Dew que havia dado o velho diário de Andy Bryce às damas de Maplehurst e que ambas tinham vindo agradecer-lhe. Elas ficaram satisfeitas com a explicação, embora Rebecca Dew suspeitasse de que havia algo mais por trás dessa história... Muito mais. Gratidão por um diário surrado e manchado de tabaco não era motivo suficiente para trazer Sarah Pringle até a porta da frente de Windy Poplars. A senhorita Shirley era astuta... Muito astuta!

– Vou abrir aquela porta uma vez por dia, de agora em diante – jurou Rebecca. – Só para evitar que emperre. Quase caí de costas quando ela finalmente abriu. Bom, de todo modo, nós conseguimos a receita do bolo. Trinta e seis ovos! Se vocês se livrarem daquele Gato e me deixarem criar galinhas, talvez tenhamos condições de fazê-lo uma vez ao ano.

Dito isso, Rebecca Dew marchou para a cozinha e resignou-se a dar leite Àquele Gato, quando na verdade queria esganá-lo.

A rixa entre Shirley e os Pringle havia cessado. Ninguém fora da família Pringle jamais descobriu o motivo, mas o povo de Summerside compreendeu que a senhorita Shirley, sozinha, de alguma forma misteriosa, havia derrotado o clã inteiro, que passou a comer na mão dela. Jen voltou para a escola no dia seguinte e desculpou-se humildemente à Anne diante da classe toda. Foi uma aluna exemplar dali em diante e os outros Pringle seguiram o exemplo dela. Quanto aos adultos, o antagonismo deles sumiu como neblina sob o sol. Não houve mais reclamações sobre a pronúncia de “disciplina” ou o dever de casa. Acabaram-se as indiretas sutis, características do grupo, eles praticamente brigavam entre si para serem gentis com Anne, nenhuma festa ou passeio estava completo sem ela e por mais que a própria senhorita Sarah tivesse jogado o fatídico diário às chamas, lembranças são lembranças e a senhorita Shirley tinha uma boa história para contar, se decidisse fazê-lo. De forma alguma aquela enxada da senhora Stanton poderia descobrir que o capitão Myrom Pringle tinha sido um canibal!



CAPÍTULO 8

(Trecho de uma carta a Gilbert.)

Estou em minha torre e Rebecca Dew está cantarolando *Could I climb?* na cozinha, o que me faz lembrar que a esposa do ministro me convidou para participar do coral! É óbvio que isso foi ideia dos Pringle. Talvez eu possa nos domingos em que não estiver em Green Gables. Os Pringle estenderam a mão direita em sinal de comunhão², ainda que com uma vingança oculta na outra... e eu prontamente a aceitei. Que clã!

Já fui a três festas deles. Não vejo nenhuma malícia nisto, mas acho que as garotas da família estão imitando meu estilo de penteado. Oras, “imitação é a forma mais sincera de elogio”. E, Gilbert, estou realmente começando a gostar deles... como sempre soube que iria, caso me dessem uma chance. Começo a suspeitar que, mais cedo ou mais tarde, vou descobrir que gosto da Jen. Ela é encantadora quando quer ser e está muito evidente que o deseja ser.

Na noite passada, fui até a cova do leão... em outras palavras, tomei coragem e subi os degraus da varanda de Evergreens, com suas quatro urnas de ferro brancas em cada canto e toquei a campainha. Quando a senhorita Monkman me atendeu, perguntei se poderia levar a pequena Elizabeth para dar uma volta. Eu esperava uma recusa, mas depois que a Ajudante entrou e conversou com a senhora Campbell, ela voltou e disse com seriedade que sim, mas, por obséquio, que não a trouxesse muito tarde. Pergunto-me se a senhora Campbell também recebeu ordens da senhorita Sarah.

Elizabeth desceu a escadaria escura dançando, parecendo uma fadinha com seu casaco vermelho e o gorrinho verde, quase muda de tanta alegria. Ela sussurrou assim que partiram: “Estou tão elétrica e empolgada, senhorita Shirley. Sou a Betty... sou sempre a Betty quando me sinto assim”.

Caminhamos pela Estrada que Leva ao Fim do Mundo até onde nos atrevemos e então voltamos. Nessa tarde, o porto, sob um entardecer

carmesim, parecia repleto de insinuações de “terras mágicas longínquas” e misteriosas ilhas em mares desconhecidos. Fiquei emocionada, assim como a pequenina que segurava a minha mão. Elizabeth queria saber: “Se correremos com toda a velocidade, senhorita Shirley, conseguiremos chegar ao ocaso?”. Recordei-me de Paul e de suas fantasias sobre a “Terra do Ocaso”. Disse à Elizabeth que teríamos que esperar até o Amanhã para fazer isso. E pedi que ela que olhasse aquela ilha dourada de nuvens sobre a entrada do porto, para fazer de conta que aquela é a sua ilha da felicidade.

A sonhadora Elizabeth disse: “Existe uma ilha em algum lugar. Seu nome é Flying Cloud¹⁰. Não é um nome adorável... Um nome digno do Amanhã? Posso vê-la através das janelas do sótão. Ela pertence a um cavalheiro de Boston que tem uma casa de veraneio lá. Mas eu finjo que é minha”.

Quando voltamos, inclinei-me e dei um beijo na bochecha de Elizabeth antes de a menina entrar. Jamais esquecerei os olhos dela, Gilbert, pois aquela criança é faminta por amor.

Esta noite, quando veio buscar o leite, percebi que estivera chorando, ela soluçou: “Elas... obrigaram-me a lavar o seu beijo, senhorita Shirley. Eu não queria lavar meu rosto nunca mais. Jurei que não faria isso. Eu queria guardar seu beijo, sabe. Consegui ir para a escola nessa manhã com ele, mas de tarde a Ajudante me pegou e esfregou meu rosto com força”.

Eu mantive uma expressão séria e disse a ela: “Você não conseguiria passar a vida sem lavar o rosto ocasionalmente, meu anjo. Mas não se preocupe, eu te darei um beijo todas as noites que vier buscar o leite, de forma que não terá importância se você o lavar na manhã seguinte”. Ela disse-me que eu sou a única pessoa no mundo que a ama. Quando conversamos, sente o perfume de violetas.

Já ouviu falar de um elogio melhor que esse? Porém, não pude relevar a primeira frase e disse que a avó de Elizabeth a amava, e ela me respondeu que a avó a odeia. Então eu disse com firmeza: “Você está sendo um pouquinho tola, querida. Sua avó e a senhorita Monkman são pessoas idosas e idosos se irritam e se preocupam com facilidade. É claro que você as irrita às vezes. Na época em que elas eram jovens, as crianças eram criadas mais rigorosamente do que hoje. Elas são apegadas aos velhos costumes”.

Senti que não estava convencendo Elizabeth, contudo. Afinal, elas não a amam e a garota sabe disso. Ela olhou para trás com cuidado para ver se a porta da casa estava fechada. Então, disse deliberadamente: “A vovó e a

Ajudante são só duas tiranas e eu vou fugir para sempre quando o Amanhã chegar”.

Acho que ela esperava que eu ficasse scandalizada... Suspeito que Elizabeth disse isso só para causar uma comoção. Eu apenas ri e a beijei. Espero que Martha Monkman tenha visto da janela da cozinha.

Posso ver Summerside da janela esquerda em minha torre, um amistoso amontoado de telhados brancos... Amistoso, pois, finalmente, os Pringle decidiram ser meus amigos. Aqui e ali, é possível ver uma luz nas janelas. Aqui e ali, há um espectro de fumaça cinza. Estrelas pesadas e baixas cobrem a cidade. É uma “cidade que sonha”. Não é uma frase linda? Você se lembra... “Por entre cidades que sonhavam, Galahad passou^u”.

Estou tão feliz, Gilbert. Não terei que voltar derrotada e desacreditada para Green Gables no Natal. A vida é boa... Muito boa!

Assim como o bolo da senhorita Sarah. Rebecca Dew o preparou e o deixou “secar” de acordo com as instruções, o que significa simplesmente que ela o envolveu em várias folhas de papel pardo e vários panos e assim o deixou por três dias. Eu o recomendo.

(O mais adequado é “eu o recomendo” ou “eu recomendo-o”? Apesar de ser bacharela em Letras e Belas Artes, nunca tenho certeza. Imagine se os Pringle tivessem descoberto isso antes que eu tivesse encontrado o diário de Andy!)

Referência ao Novo Testamento, Gálatas 2: 9. (N. T.)

“Nuvem Voadora”, em inglês. (N. T.)

Referência ao poema *Sir Galahad*, de Alfred Tennyson (1809-1892), poeta inglês. (N. T.)



CAPÍTULO 9

Trix Taylor estava empoleirada em uma cadeira na torre, em uma noite de fevereiro, enquanto flocos macios de neve chiavam contra a janela e o fogão absurdamente minúsculo ronronava, incandescente, como um gato preto. Trix estava desabafando com Anne, que vinha se tornando a guardiã de confidências que chegavam por todos os lados. Como todos sabiam que era comprometida, nenhuma das garotas de Summerside temia que fosse uma possível rival, além disso, Anne tinha algo que fazia com que as pessoas se sentissem seguras para confidenciar-lhe seus segredos.

Trix tinha vindo convidá-la para jantar na noite seguinte. Era uma criatura alegre e rechonchuda, com olhos castanhos cintilantes e bochechas róseas, com quem a vida tinha sido generosa em seus 20 anos. Porém, não estava livre de ter problemas.

– O doutor Lennox Carter virá para o jantar amanhã. É justamente por causa disso que queremos a sua presença. Ele é o novo Chefe do departamento de Letras Modernas de Redmond e é terrivelmente inteligente, portanto, queremos alguém com cérebro para conversar com ele. Você sabe que não posso me gabar nesse quesito, bem como nenhum dos Pringle. Quanto a Esme... Bem, você sabe, Esme é doce e muito esperta, só que tão tímida que não consegue fazer uso das faculdades na presença do doutor Carter. Ela está perdidamente apaixonada por ele. É lamentável. Eu gosto muito do Johnny, mas jamais me derreteria tanto por ele!

– Esme e o doutor Carter estão comprometidos?

– Ainda não. – Oficialmente. – Porém, ela está torcendo que ele a peça em compromisso dessa vez. Por que outro motivo ele viria visitar a prima bem no meio do semestre? Pelo bem da Esme, espero que ele o faça, pois, caso contrário, ela vai morrer. Mas, cá entre você, a cama e eu, não estou ansiosa para tê-lo como cunhado. Ele é terrivelmente fastidioso, diz Esme e ela está com um medo terrível de que ele não nos aprove. Se for o caso, ela acha que

ele nunca a pedirá em casamento. Assim, você pode imaginar como ela está ansiosa para que tudo corra bem amanhã. Não vejo por que algo daria errado... A mamãe é uma cozinheira maravilhosa, nós temos uma boa empregada e eu subornei o Pringle com metade do que ganha semanalmente para que se comporte. É claro que ele também não gosta do doutor Carter, pois diz que ele é muito arrogante, mas ele gosta muito da Esme. Só torço para que o papai não esteja de mau humor!

– Ele teria motivos para isso? – perguntou Anne. Todo mundo em Summerside sabia dos ataques de mau humor de Cyrus Taylor.

– Nunca se sabe quando ele vai ter um – disse Trix com tristeza. – Ele ficou terrivelmente irritado hoje à noite quando não conseguiu encontrar o camisolão de flanela, pois Esme o guardou na gaveta errada. Pode ser que esteja melhor amanhã, ou não. Se não estiver, vai acabar envergonhando a todos e o doutor Carter concluirá que não deve se juntar à família. É o que Esme alega e temo que seja verdade. Acho que Lennox Carter tem muita afeição por Esme e crê que ela seria uma “esposa muito apropriada” para ele, mas também acho que ela não quer fazer nada precipitado nem fazer uma escolha errada. Ouvi dizer que ele comentou com o primo que um homem precisa tomar muito cuidado com o tipo de família na qual pretende ingressar. Chegamos a um ponto onde uma besteira pode fazer a balança pender para qualquer lado. E, se for isso mesmo, um acesso de mau humor do papai não seria uma mera tolice.

– Ele não gosta do doutor Carter?

– Ah, sim. Ele acha que seria um ótimo pretendente para Esme. Porém, quando o papai tem um de seus ataques, ele não dá ouvidos a ninguém. Todos os Pringle são assim, Anne. A vovó Taylor era uma Pringle, sabe e você não imagina o que nossa família já passou. Ele nunca tem acessos de fúria, como o tio George. A família do tio George não dá importância para seus ataques, pois quando se enfurece, ele explode (dá para ouvir seus gritos a três quarteirões de distância), depois fica manso como um carneirinho e compra novas roupas para todos como oferta de paz. No entanto, o papai simplesmente fica de cara fechada e às vezes não dirige a palavra a ninguém durante o jantar. Esme diz que, apesar de tudo, ainda é melhor do que o primo Richard Taylor, que está sempre dizendo coisas sarcásticas à mesa e fazendo insinuações à esposa, mas me parece que nada é pior do que o horrível silêncio do papai, pois ele nos deixa apreensivos, morrendo de medo de abrir a boca. Não seria tão grave se isso acontecesse apenas quando

estamos sozinhos, mas os ataques são igualmente propensos a ocorrer quando temos visitas. Esme e eu estamos simplesmente cansadas de tentar explicar os silêncios insultantes do papai. Ela está apavorada que o papai não supere o caso do camisolão até amanhã de noite. O que o Lennox pensaria? E ela quer que você use o seu vestido azul. O novo vestido dela é azul, pois o Lennox gosta da cor, mas o papai a detesta. Seu vestido pode fazer com que ele goste do dela.

– Não seria melhor se ela usasse outra coisa?

– Ela não tem outro vestido adequado para um jantar com convidados, exceto o verde de popelina que o papai lhe deu no Natal. É um lindo vestido, ele gosta de que tenhamos belos vestidos... Só que não há nada mais horroroso do que a Esme usando verde. O Pringle diz que ela parece estar nos últimos estágios de tuberculose. E o primo do Lennox Carter disse a Esme que ele jamais se casaria com uma pessoa de saúde delicada. Estou mais do que feliz por Johnny não ser tão “fastidioso”.

– Você já contou ao seu pai sobre seu noivado com Johnny? – indagou Anne, que sabia tudo sobre o caso amoroso de Trix.

– Não – murmurou Trix, infeliz. – Não consigo criar coragem, Anne. Sei que ele fará um escândalo, pois nunca gostou do Johnny, pelo fato de ser pobre. Ele se esquece de que era ainda mais pobre do que o Johnny quando ingressou no ramo de ferragens. É claro que terei que contar em breve, mas quero esperar até que o assunto da Esme esteja resolvido. Sei que o papai não falará com nenhuma de nós por semanas depois que ficar sabendo e que a mamãe vai ficar muito preocupada, ela não suporta os surtos de mau humor do papai. Somos tão covardes diante dele. A Esme e a mamãe são naturalmente tímidas com todo mundo, mas o Pringle e eu temos muita audácia. O único que nos amedronta é o papai, às vezes imagino que, se tivéssemos alguém para nos apoiar... mas não temos, e isso nos deixa paralisadas. Você não faz ideia, querida Anne, de como é um jantar em casa quando o papai está amuado. Contudo, se ele se comportar amanhã, eu o perdorei por tudo. Ele consegue ser muito cortês quando quer... O papai é como a garotinha do poema de Longfellow: quando ele é bom, ele é muito, muito bom, mas quando é mau, ele é terrível¹². Já o vi ser a alma da festa.

– Ele foi muito simpático quando jantei com vocês, no mês passado.

– Ah, ele gosta de você, como já disse. É uma das razões para fazermos tanta questão da sua presença, pois talvez ela possa ter uma boa influência nele. Não queremos ignorar nada que possa comprazê-lo. Quando ele tem

um acesso muito intenso, é como se detestasse tudo e todos. De qualquer forma, nós planejamos um jantar de primeira, com uma elegante sobremesa de creme de laranja. Mamãe queria fazer uma torta, ela diz que todos os homens do mundo, menos o papai, gostam de torta como sobremesa mais do que tudo no mundo... Até mesmo professores de Letras Modernas. Só que o papai não gosta, então não queremos correr riscos amanhã à noite, quando há tanto em jogo. Creme de laranja é a sobremesa favorita dele. Quanto a Johnny e eu, creio que teremos que fugir algum dia e o papai jamais me perdoará.

– Creio que, se você conseguir juntar forças suficientes para contar tudo e aguentar o gênio dele, acabará descobrindo que ele é perfeitamente capaz de se acostumar com a ideia e isso lhe poupará meses de angústia.

– Você não conhece o papai – disse Trix, sombriamente.

– Talvez eu o conheça melhor do que você. Suponho que tenha perdido a perspectiva da situação.

– Perdi a minha... o quê? Anne, minha cara, não sou formada em Letras. Só estudei até o colegial e adoraria ter ido para a faculdade, mas o papai não acredita em ensino superior para mulheres.

– Só quis dizer que você é próxima demais dele. Uma pessoa de fora pode muito bem ver as coisas de maneira mais clara... e compreendê-lo melhor.

– Só sei que nada é capaz de induzir o papai a falar se ele resolver que não quer dizer... Nada. Ele se orgulha disso.

– Então por que vocês não conversam com ele como se não tivesse nada de errado?

– Não somos capazes... já disse que ele nos intimida. Você descobrirá por conta própria amanhã à noite, se ele não tiver superado o camisolão. Não sei como ele faz isso, só sei que faz. Creio que não nos importaríamos tanto com a irritação se ele não ficasse mudo. É o silêncio que nos destrói e jamais o perdorei se fizer uma cena amanhã, quando há tanto em risco.

– Vamos torcer pelo melhor, querida.

– Estou tentando. E sei que a sua presença será de grande ajuda. Mamãe cogitou convidar a Katherine Brooke, também, mas sei que isso não ajudaria em nada. O papai a execra e não o culpo, tenho que admitir. Também não me simpatizo por ela. Não sei como consegue tratá-la com gentileza.

– Tenho dó dela, Trix.

– Dó! A culpa é da própria Katherine por ninguém gostar dela. Ah, enfim, o mundo é cheio de todos os tipos de pessoa, mas Summerside seria muito

melhor sem ela... aquela bruxa velha e carrancuda!

– Ela é uma excelente professora, Trix...

– Ah, e eu não sei? Ela já deu aula para mim. Sim, ela conseguiu enfiar conhecimento na minha cabeça... E também arrancou a pele de meus ossos com tanto sarcasmo. E a forma como se veste! Papai não consegue sequer olhar para uma mulher malvestida, ele diz que não tolera desmazelo e que tem certeza de que Deus também não, mamãe ficaria mortificada se soubesse que lhe contei isso, Anne e ela releva quando papai fala essas coisas por ser homem. Se ao menos tivéssemos que relevar só isso! E o Johnny mal se atreve a vir nos visitar agora, porque o papai é muito rude com ele. Em noites claras, eu saio de casa de fininho e nós passeamos pela praça, quase morrendo de frio.

Anne respirou um tanto aliviada quando Trix foi embora e desceu para tentar convencer Rebecca Dew a preparar-lhe um lanche.

– Quer dizer então que vai jantar na casa dos Taylor? Bem, espero que o velho Cyrus se comporte. Se a família não tivesse pavor de suas crises de mau humor, ele não se aproveitaria tanto da situação, não tenho dúvidas. Posso jurar, senhorita Shirley, que ele gosta de ficar de mau humor. Mas agora eu preciso esquentar o leite para Aquele Gato. Que bicho mimado!

Referência ao poema *There was a little girl*, de Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), poeta norte-americano.



CAPÍTULO 10

Assim que entrou na casa de Cyrus Taylor na noite seguinte, Anne sentiu o frio no ambiente. Uma criada impecável a levou até o quarto de hóspedes e enquanto subiam as escadas, Anne avistou a esposa de Cyrus Taylor passando apressadamente da sala de jantar para a cozinha, ela secava lágrimas do rosto pálido e preocupado, mas ainda doce. Era evidente que Cyrus ainda não tinha “superado” o camisolão.

A confirmação veio da exasperada Trix, que se esgueirou para dentro do quarto e sussurrou:

– Ah, Anne, ele está de péssimo humor. Parecia bem-disposto nessa manhã e nossas esperanças aumentaram. Daí Hugh Pringle o venceu em uma partida de damas à tarde e papai não suporta perder um jogo de damas. Justo hoje, é claro. Ele encontrou a Esme “admirando-se no espelho”, como disse, e simplesmente a escoltou para fora do quarto dela e trancou a porta. A coitadinha só estava se perguntando se estava bonita o bastante para agradar Lennox Carter. Não teve nem a chance de colocar o colar de pérolas. E olhe só para mim, não me atrevi a enrolar meu cabelo, pois o papai não gosta de cachos que não sejam naturais, e estou um horror. Não que isso seja um problema para mim... É só para que entenda a gravidade da situação. Ele jogou fora as flores que a mamãe colocou na mesa de jantar, e ela ficou tão... ela se esmerara tanto no arranjo e também não deixou que ela colocasse os brincos de granada. Ele não ficava assim desde que voltou do Oeste, na primavera passada, e descobriu que mamãe havia colocado cortinas vermelhas na sala de estar, sendo que ele preferia roxo amora. Ah, Anne, fale o máximo que puder no jantar, se ele ficar mudo. Caso contrário, será muito embaraçoso.

– Farei o melhor que puder – prometeu Anne, que não sabia o que era ficar sem assunto para conversar. Não obstante, ela jamais havia se deparado com uma situação como aquela.

Todos estavam reunidos ao redor da mesa, uma mesa muito linda e bem arrumada, apesar da ausência das flores. O rosto da tímida senhora Cyrus parecia mais cinza do que seu vestido de seda. Esme, a beldade nítida da família, alvos cabelos loiros, lábios róseos, olhos azuis como a flor do Não-me-esqueças, estava tão mais pálida que o usual que parecia prestes a desmaiar. Pringle, um garoto gordinho e alegre de 14 anos, de olhos redondos, óculos e cabelo tão claro que dava a impressão de ser branco, parecia um cachorro acorrentado e Trix passava a expressão de uma aluna amedrontada.

O doutor Carter, que era inegavelmente belo e elegante, com seu cabelo negro, os olhos escuros brilhantes e os óculos de aro prateado, em seus dias de professora-assistente em Redmond, Anne o considerava um rapaz pomposo e entediante, mas parecia muito deslocado. Era óbvio que sentia que algo estava errado... Uma conclusão lógica quando o anfitrião simplesmente caminha até a cabeceira da mesa e deixa-se cair na cadeira sem trocar uma palavra com você ou qualquer outra pessoa.

Cyrus recusou-se a fazer a oração. A esposa dele, corando como uma beterraba, murmurou quase inaudivelmente, “pelo alimento que estamos prestes a receber, nós Lhe agradecemos, Senhor”. A janta começou mal, com a nervosa Esme derrubando o garfo no chão. Todos, menos Cyrus, se sobressaltaram, uma vez que seus nervos estavam à flor da pele. Cyrus encarou fixamente a filha com seus olhos azuis saltados e encolerizados. Então, fulminou a todos os demais, deixando-os estupefatos. Ele encarou a esposa quando esta serviu-se do molho de rábano, de uma maneira que a fez lembrar-se do estômago frágil. Ela não foi capaz de prová-lo depois disso, apesar de gostar muito e achar que não lhe faria mal. De qualquer forma, ela não conseguiu comer nada, tampouco Esme. As duas apenas fingiram.

A refeição avançou em um silêncio medonho, quebrado por comentários esporádicos de Trix e Anne sobre o tempo. Trix implorava com os olhos para que Anne falasse, mas, pela primeira vez na vida, ela descobriu-se sem nada para dizer. Ela sentia desesperadamente que precisava falar, mas só as coisas mais idiotas vinham à sua mente, coisas impossíveis de serem proferidas em voz alta. Será que estavam todos enfeitiçados? Era curioso o efeito que um homem enfezado e teimoso podia ter e Anne mal podia acreditar. E não havia dúvidas de que estava muito feliz, sabendo que todos à mesa estavam terrivelmente desconfortáveis por sua causa. O que diabos estava se passando na mente dele? Será que daria um salto, se fosse espetado por um

alfinete? Anne queria estapeá-lo... Dar-lhe uma palmatória... Colocá-lo de castigo em um canto... Tratá-lo como a criança malcriada que de fato era, apesar dos cabelos grisalhos e do grosso bigode.

Acima de tudo, Anne queria fazê-lo falar. Ela sabia instintivamente que não havia no mundo uma punição melhor do que ser ludibriado a falar, quando estava tão determinado a não o fazer.

E se ela se levantasse e deliberadamente quebrasse o vaso imenso, antiquado e feio da mesa de canto? Uma peça ornamentada repleta de rosas e folhas de que era impossível tirar o pó, mas que devia ser mantida imaculadamente limpa. Anne sabia que a família inteira o detestava, mas Cyrus não queria nem saber de colocá-lo no sótão, pois tinha sido da mãe dele. Anne o teria quebrado sem medo se realmente acreditasse que isso faria com que Cyrus explodisse em um acesso de raiva vocal.

Por que Lennox Carter não falava nada? Se falasse, Anne também poderia falar, talvez Trix e Pringle conseguissem escapar do feitiço e então algum tipo de conversa seria possível. Entretanto, ele comia em silêncio, talvez achasse que fosse o melhor a fazer e talvez estivesse com medo de dizer algo que encolerizasse ainda mais o já encolerizado pai de sua pretendente.

– Poderia me passar os picles, por favor, senhorita Shirley? – pediu a senhora Taylor, hesitante.

Algo perverso despertou dentro de Anne. Ela passou os picles... E fez algo mais. Sem permitir-se parar para pensar, ela inclinou-se para a frente e, com os grandes olhos verde-acinzentados cintilando limpidamente, disse com gentileza:

– Talvez o senhor fique surpreso em saber, doutor Carter, que o senhor Taylor ficou surdo repentinamente semana passada.

Anne sentou-se depois de jogar a bomba. Ela não sabia exatamente o que esperar. Se o doutor Carter tivesse a impressão de que seu anfitrião estava surdo, em vez de estar em meio a um acesso silencioso de mau humor, isso talvez pudesse soltar a língua dele. Ela não havia contado uma mentira... Ela não tinha dito que Cyrus Taylor era surdo. Quanto a Cyrus Taylor, ela falhara em incentivá-lo a falar, pois ele meramente a encarou, ainda em silêncio.

Porém, o comentário de Anne teve um efeito em Trix e Pringle que ela jamais teria sonhado. Trix estava em sua própria bolha de silêncio raivoso. Momentos antes da pergunta de Anne, ela flagrara Esme secando furtivamente uma lágrima que havia escapado de um de seus olhos azuis

desolados. Tudo estava perdido... Lennox Carter jamais iria pedir Esme em casamento, não importava o que qualquer pessoa dissesse ou fizesse. Trix foi subitamente acometida por um desejo ardente de acertar as contas com o pai insensível. O discurso de Anne serviu como uma estranha inspiração, e Pringle, um vulcão de diabruras suprimidas, seguiu a deixa dela. Nunca, enquanto estivessem vivos, Anne, Esme ou o senhor Cyrus se esqueceriam dos angustiantes quinze minutos que se seguiram.

– Que aflição para o pobre papai – disse Trix para o doutor Carter, do outro lado da mesa. – E ele só tem 68 anos.

Duas rugas surgiram nos cantos das narinas de Cyrus Taylor ao ouvir sua idade aumentada em seis anos. Todavia, permaneceu em silêncio.

– Que delícia é ter uma refeição decente – disse Pringle, clara e distintamente. – O que o senhor acharia, doutor Carter, de um homem que faz a família viver à base de frutas e ovos... Nada além de frutas e ovos... Só por capricho?

– O seu pai...? – começou o doutor Carter, confuso.

– O que o senhor pensaria de um marido que deliberadamente morde a esposa só porque ela colocou cortinas de que ele não gosta? – quis saber Trix.

– Até sair sangue – acrescentou Pringle, solenemente.

– Quer dizer que seu pai...?

– O que você pensaria de um homem que corta o vestido de seda da própria esposa só porque não gostou de como ele ficou? – perguntou Trix.

– O que você pensaria – continuou Pringle –, de um homem que não permite que a esposa tenha um cachorro?

– Sendo que ela adoraria ter um – suspirou Trix.

– O que você pensaria de um homem – prosseguiu Pringle, que estava começando a divertir-se com a situação – que presenteia a mulher com galochas no Natal... nada além de um par de galochas?

– Galochas não aquecem o coração, exatamente – admitiu o doutor Carter. Seus olhos se encontraram com os de Anne e ele sorriu. Ela reparou que nunca o vira sorrir antes. Seu rosto transformava-se completamente para melhor. O que Trix estava fazendo? Quem diria que ela poderia ser tão maliciosa?

– Você já imaginou, doutor Carter, como deve ser ruim viver com um homem que não vê nada de errado... Nada... Em pegar o assado, se não estiver no ponto perfeito, e arremessá-lo na criada?

O doutor Carter olhou apreensivamente para Cyrus Taylor, como se tivesse medo de que ele jogasse os ossos do frango em alguém. Logo pareceu recordar, reconfortado, que seu anfitrião estava surdo.

– O que o senhor pensaria de um homem que acredita que a Terra é plana? – indagou Pringle.

Anne achou que Cyrus iria finalmente se pronunciar. Um tremor pareceu atravessar seu rosto rubicundo, mas nenhuma palavra foi dita. Ainda assim, ela teve a impressão de que seu bigode estava menos imponente.

– O que você pensaria de um homem que deixa a própria tia... a santa tia... Ir para um albergue de indigentes? – perguntou Trix.

– E que leva a vaca para pastar no cemitério? – disse Pringle. – Summerside ainda não se recuperou desse espetáculo.

– O que você acharia de um homem que anota em seu diário tudo que come no jantar, todos os dias? – inquiriu Trix.

– O grande Pepys¹³ fazia a mesma coisa – disse o doutor Carter com outro sorriso. Seu tom de voz indicava que estava morrendo de vontade de rir. Talvez ele não fosse pomposo, afinal de contas, pensou Anne... Apenas jovem, tímido e sério demais. Contudo, ela sentia-se absolutamente horrorizada. Sua intenção não era que as coisas fossem tão longe. Ela deu-se conta de que é muito mais fácil começar as coisas do que terminá-las e Trix e Pringle estavam sendo diabolicamente espertos. Eles não afirmaram que o pai havia feito nada do que citaram. Anne podia imaginar Pringle dizendo, com os olhos redondos ainda fingindo inocência: “só fiz essas perguntas ao doutor Carter para saber a opinião dele”.

– O que acharia de um homem que lê a correspondência da esposa? – continuou Trix.

– O que pensaria de um homem que vai a um funeral... ao funeral do próprio pai... de sobretudo? – indagou Pringle.

O que diriam agora? A senhora Cyrus chorava abertamente e Esme mostrava-se serena em seu desespero, pois nada mais parecia importar. Ela virou-se e olhou diretamente para o doutor Carter, a quem havia perdido para sempre. Pela primeira vez na vida, um impulso a levou a dizer algo realmente inteligente.

– O que você pensaria de um homem – começou, calmamente – que passa o dia inteiro procurando pelos filhotes de uma gata que foi morta com um tiro, porque não pode suportar a ideia de que morram de fome?

Um silêncio estranho recaiu sobre a sala. De súbito, Trix e Pringle pareciam envergonhados de si mesmos. Foi então que a senhora Cyrus interveio, sentindo que era seu dever como esposa apoiar a inesperada defesa de Esme.

– E que faz crochê lindamente... Ele fez um belo centro de mesa para a sala de estar no inverno passado, quando estava de cama com lumbago.

Todo mundo tem um limite de tolerância e Cyrus Taylor havia alcançado o dele. Ele levantou-se com tanta violência que sua cadeira foi imediatamente lançada para trás sobre o chão polido, atingindo a mesa onde estava o vaso. A mesa tombou e o vaso estilhaçou-se em milhares de pedaços. Cyrus, com as fartas sobrancelhas eriçadas de fúria, por fim explodiu:

– Eu não faço crochê, mulher! Será que uma mísera toalhinha é suficiente para acabar com a reputação de um homem para sempre? Eu estava com dores tão fortes nas costas que nem sabia o que estava fazendo. E eu sou surdo, senhorita Shirley? Surdo?

– Não foi exatamente o que ela disse! – exclamou Trix, que nunca tinha medo quando o pai vocalizava sua raiva.

– Ah, não, ela não disse isso. Ninguém disse nada! Você não disse que tenho 68, quando na verdade eu tenho 62, não é mesmo? Você não disse que eu deixei a sua mãe ter um cachorro! Meu Deus, mulher, você sabe que pode ter quarenta mil cães, se quiser! Alguma vez já neguei-lhe alguma coisa... Alguma vez?

– Nunca, nunca – soluçou a senhora Cyrus, trêmula. – E eu nunca quis um cachorro. Nunca sequer pensei em ter um cachorro.

– Quando abri as suas cartas? Quando tive um diário? Um diário! Alguma vez eu usei um sobretudo para ir a um funeral ou levei uma vaca para pastar no cemitério? Que tia minha foi parar em um albergue? Eu já arremessei um assado em alguém? Já fiz vocês passarem a frutas e ovos?

– Nunca, nunca – chorou a senhora Cyrus. – Você sempre foi um bom provedor... o melhor.

– Por acaso você não me disse que queria galochas, no Natal passado?

– Sim, ah, claro que sim. E meus pés ficaram bem quentinhos durante todo o inverno.

– Muito bem, então! – Cyrus lançou um olhar triunfante pela sala. Seus olhos se encontraram com os de Anne. De repente, o inesperado aconteceu.

Cyrus riu. Em suas bochechas surgiram covinhas que fizeram milagres para sua expressão, ele puxou a cadeira e voltou a sentar-se à mesa.

– Tenho o péssimo hábito de ficar de mau humor, doutor Carter. Todo mundo tem algum hábito ruim... e esse é o meu. O único. Vamos lá, querida, pare de chorar. Admito que mereci tudo isso, menos essa gracinha sobre crochê. Esme, minha filha, não vou esquecer que você foi a única que me defendeu. Peça a Maggie para vir limpar essa sujeira... Sei que todos estão felizes por essa coisa ter se espatifado... E diga para trazer o pudim.

Anne jamais teria imaginado que uma noite que começara tão mal poderia terminar de maneira tão prazerosa. Ninguém poderia ter sido tão afável ou uma companhia melhor que Cyrus. E não houve represálias, pois Trix procurou Anne dias depois para contar que havia finalmente juntado coragem suficiente para revelar ao pai sobre Johnny e ela.

– Ele ficou muito irritado, Trix?

– Ele... não ficou nem um pouco irritado – admitiu Trix, timidamente. – Ele só bufou e disse que já era hora de o rapaz tomar alguma atitude, depois de me perseguir por dois anos e não deixar ninguém mais se aproximar. Acho que ele se deu conta de que não poderia ter outro acesso de raiva tão cedo depois do último. E você sabe, Anne, que nos intervalos entre seus ataques de mau humor, o papai é um encanto.

– Acho que ele é um pai muito melhor do que você merece – disse Anne, bem ao estilo da Rebecca Dew. – Você foi simplesmente mordaz naquela noite, Trix.

– Ora, foi você quem começou e o Pringle ajudou um pouco. Tudo está bem quando acaba bem... E graças a Deus, nunca mais terei que tirar o pó daquele vaso de novo.

Samuel Pepys (1633-1703) foi um funcionário público inglês do [século XVII](#), famoso por seu [diário](#), que é uma combinação de informações pessoais e revelações, como testemunha ocular, de grandes eventos, como a [Grande Praga](#) e o [Grande Incêndio de Londres](#). (N. T.)



CAPÍTULO 11

(Trecho de uma carta a Gilbert, duas semanas depois.)

O noivado de Esme Taylor com o doutor Lennox Carter foi anunciado. Pelo que descobri por meio das fofocas locais, creio que ele decidiu, naquela noite fatídica de sexta-feira, que queria protegê-la e salvá-la do pai e da família dela... e até dos amigos! A situação de Esme, evidentemente, despertara seu senso de cavalheirismo. Trix insiste em achar que foi graças a mim que o noivado deu certo e talvez eu tenha dado uma ajudinha, mas não creio que tentarei um experimento como esse tão cedo. É como tentar segurar um raio pela cauda.

Realmente não sei o que deu em mim, Gilbert. Deve ter sido meu trauma de tudo que remeta aos Pringle, que parece mesmo algo antigo, agora. Quase me esqueci por completo, por mais que ainda haja pessoas que se perguntem o que aconteceu. Ouvi dizer que a senhorita Courtaloe não ficou nem um pouco surpresa por eu ter vencido os Pringle, pois eu tenho “um certo jeito de ser”, e a esposa do ministro acha que isso foi a resposta a suas preces. Bom, quem sabe?

Jen Pringle e eu caminhamos juntas por parte do caminho de volta da escola, ontem, e conversamos sobre “sapatos, veleiros e cera encarnada¹⁴”, sobre quase tudo, menos geometria. Nós evitamos esse assunto. Jen sabe que não entendo muito de geometria, mas meu segredinho sobre o capitão Myrom compensa isso. Emprestei a ela meu exemplar de *O livro dos Mártires*, de Foxe. Odeio emprestar um livro que amo, pois ele nunca parece o mesmo quando retorna e eu amo esse livro porque o senhor Allan me deu como prêmio na escola dominical, anos atrás. Não gosto de ler sobre mártires porque me fazem sentir mesquinha e com vergonha de admitir que odeio sair da cama em manhãs gélidas e que morro de medo de ir ao dentista!

Bem, alegro-me por Esme e Trix estarem felizes. Como meu próprio romance vai de vento em popa, estou mais que interessada no dos outros. Um interesse sadio, você sabe. Nada de curiosidade ou malícia, só estou contente por haver tanta felicidade espalhada por aí.

Ainda estamos em fevereiro e “sobre o telhado do convento, a neve cintila para a lua¹⁵”, só que não é um convento, é apenas o telhado do celeiro do senhor Hamilton, mas estou começando a pensar: “só faltam algumas semanas para a primavera... E mais algumas até o verão, e os feriados... E Green Gables... E o sol dourado nos prados de Avonlea... E uma baía que é prateada ao amanhecer, safira ao meio-dia e rubra ao entardecer... E você”.

A pequena Elizabeth e eu temos uma infinidade de planos para a primavera. Somos tão amigas! Eu lhe levo o leite todas as noites, e de tempos em tempos ela tem permissão para dar um passeio comigo. Descobrimos que fazemos aniversário no mesmo dia e o rosto de Elizabeth ganhou um tom rosa divino de tanta emoção. Ela é encantadora quando fica corada e de maneira geral, é muito pálida e não fica mais ruborizada do que isso por causa do leite fresco. É só quando voltamos de nosso encontro crepuscular com os ventos do fim de tarde que ela apresenta um rosa vívido nas bochechinhas. Uma vez, ela me perguntou com seriedade: “Eu terei uma pele adorável e delicada como a sua quando crescer, senhorita Shirley, se eu passar soro de leite no rosto todas as noites?”. Aparentemente, soro de leite coalhado é o cosmético favorito na Rua do Fantasma. Descobri que Rebecca Dew também o usa, ela me fez jurar guardar segredo das viúvas, pois elas considerariam isso demasiadamente frívolo na idade dela. A quantidade de segredos que tenho que guardar em Windy Poplars está me fazendo envelhecer antes do tempo. Imagino se um pouco de soro de leite faria desaparecer as sete pintas que tenho no nariz. Aliás, já lhe ocorreu, senhor, que eu tenho uma “pele adorável e delicada”? Se sim, você nunca me contou. E já parou para pensar que sou “relativamente bonita”? Pois eu descobri que sou. Outro dia, Rebecca Dew indagou-me seriamente: “Como é ser bonita, senhorita Shirley?”, quando eu estava usando meu novo vestido bege de *voile*. Eu disse que também gostaria de saber, porém ela retrucou dizendo que eu sou bonita. Eu a censurei e disse que nunca achei que ela seria sarcástica. Rebecca respondeu: “Não estou sendo sarcástica, senhorita Shirley. Você é bonita relativamente, olhe-se no espelho do aparador. Comparada a mim, você é”.

Bem, eu era mesmo!

Entretanto, ainda não terminei de contar sobre a Elizabeth. Em uma noite tempestuosa, quando o vento uivava na Rua do Fantasma, nós subimos para o meu quarto e desenhamos um mapa da Terra das Fadas, já que não podíamos sair para passear. Elizabeth sentou-se sobre a minha almofada azul em forma de rosquinha, para ficar mais alta e parecia um gnominho concentrado, debruçado sobre o mapa. (Aliás, não quero saber das regras de ortografia! “Gnominho” é mais misterioso e mágico do que “pequeno gnomo”.)

Nosso mapa ainda não está completo, pois todo dia nós pensamos em mais alguma coisa para acrescentar. Na noite passada nós localizamos a casa da Bruxa da Neve e desenhamos três picos atrás dela, cobertos por cerejeiras em flor. (Por falar nisso, quero algumas cerejeiras silvestres perto de nossa casa dos sonhos, Gilbert.) É claro que o Amanhã também está no mapa, localizado a Leste de Hoje e a Oeste de Ontem, e também temos uma abundância de momentos na Terra das Fadas. Momento da primavera, momento longo, momento breve, o momento da Lua Nova, o momento de dizer boa-noite, o próximo momento, mas não o último momento, pois seria triste demais para o mapa; momento passado, momento futuro, pois se houve um momento passado, deve haver um momento futuro; momento montanhoso, pois o som do termo é fascinante; momento noturno e momento diurno, mas nada de momentos de ir para a cama ou para a escola... Mas temos o momento perdido, porque é muito bom poder encontrá-lo; algum momento, momento bom, momento rápido, momento vagaroso, momento de dar um beijo, momento de ir para casa, momento imemorial... Que é uma das frases mais lindas do mundo. Sei que Rebecca Dew me acha um tanto infantil. Mas, ah, Gilbert, não sejamos velhos e sábios demais... Não, velhos e tolos demais para a Terra das Fadas.

Entretanto, não tenho certeza se Rebecca Dew me considera uma boa influência na vida de Elizabeth. Ela acha que eu a encorajo a ser “fantasiosa”. Certa noite, quando eu estava fora, Rebecca Dew levou o leite e a encontrou já no portão, contemplando o céu tão intensamente que sequer ouviu os passos leves de Rebecca (ou qualquer outra coisa). Elizabeth disse que estava ouvindo e Rebecca a reprovou dizendo que ela escutava demais.

Elizabeth sorriu com uma expressão distante, austera. (Rebecca não usou essas palavras, mas sei exatamente como Elizabeth sorri.). Rebecca ficaria surpresa com as coisas que ela ouve às vezes de uma forma que faria sua pele se arrepiar. Foi o que ela alegou.

A verdade é que Elizabeth está sempre com a cabeça no mundo da magia e o que se pode fazer a respeito disso?

A melhor Anne de todas, sua ANNE.

P.S.1: Nunca, jamais permita que eu me esqueça do rosto de Cyrus Taylor quando a esposa o acusou de fazer crochê, mas ele tem meu eterno apreço por ter procurado por aqueles gatinhos. E gosto de Esme por ter enfrentado o pai mesmo sentindo que suas esperanças haviam chegado ao fim.

P.S.2: Tenho uma nova pena. E eu te amo por não ser pomposo como o doutor Carter... E por não ter orelhas de abano como o Johnny. E o melhor motivo de todos... Por ser simplesmente o Gilbert!

Trecho do poema *A Morsa e o Carpinteiro*, do escritor inglês Lewis Carroll (1832–1898), presente em seu livro *Alice no País das Maravilhas*. (N. T.)

Trecho do poema *St. Agnes' Eve*, de Alfred Tennyson (1809-1892). (N. T.)



CAPÍTULO 12

Windy Poplars

Rua do Fantasma

30 de maio

QUERIDO-E-MAIS-QUERIDO:

É primavera!

Talvez você, enterrado sob uma pilha de provas em Kingsport, não tenha se dado conta, mas eu estou ciente, do topo da minha cabeça até os dedos dos pés. Summerside também notou, pois até as ruas mais odiosas estão transfiguradas por galhos em flor que se estendem sobre as velhas cercas de madeira e por um cordão de dentes-de-leão na grama que bordeia as calçadas. Até mesmo a dama de porcelana na minha estante percebeu, se algum dia eu conseguir acordar subitamente no meio da noite, aposto que a flagrarei realizando um *pas seul* com seus sapatos rosados de saltos dourados.

Tudo diz “primavera” para mim... Os riachos risonhos, a bruma azul ao redor da Rainha das Tormentas, os bordos no bosque onde leio suas cartas, as cerejeiras alvas ao longo da Rua do Fantasma, os pintarroxos ágeis e atrevidos que desafiam Dusty Miller no quintal, a trepadeira verde dependurada sobre a meia-porta que a pequena Elizabeth atravessa para tomar o leite, os pinheiros em volta do velho cemitério, orgulhosos de suas novas pinhas. O próprio cemitério antigo, onde os mais variados tipos de flor-semeados ao redor dos túmulos explodem em botões e folhagens novas, como se dissessem: “Aqui, a vida triunfa sobre a morte”. No fim da tarde de ontem, eu fiz um passeio muito agradável pelo cemitério. (Tenho certeza de que Rebecca Dew acha meus passeios mórbidos. “Não entendo como pode gostar tanto de caminhar por aquele lugar tenebroso”, diz.) Vaguei pelo cemitério na penumbra perfumada, imaginando se a esposa de Nathan

Pringle havia de fato tentado envenená-lo. Seu túmulo parecia tão inocente, com a grama nova e os lírios de junho, que concluí que fora caluniada.

Daqui a um mês, estarei em casa de férias! Não paro de pensar no velho pomar de Green Gables, com suas árvores cobertas de neve. A antiga ponte da Lagoa das Águas Brilhantes, o murmúrio do mar em meus ouvidos, uma tarde de verão na Travessa dos Amantes e você!

Estou com o tipo certo de bico de pena nesta noite, Gilbert, então...

(Duas páginas omitidas.)

Fui à casa dos Gibson nesta noite. Marilla havia pedido que eu os procurasse, há algum tempo, pois ela os conhecia da época em que moraram em White Sands e foi o que fiz. Tenho feito visitas semanais a elas desde então, pois Pauline parece gostar de minha presença e porque me compadeço. Ela é praticamente uma escrava da mãe, que é uma velha terrível.

A senhora Adoniram Gibson tem 80 anos e passa o dia na cadeira de rodas. Eles se mudaram para Summerside há quinze anos. Pauline, que tem 45, é a mais jovem da família, todos os seus irmãos e irmãs já são casados e todos decidiram que não querem a senhora Adoniran em suas casas. Pauline cuida da casa e faz tudo para a mãe, ela é uma mulherzinha um pouco pálida, de olhos castanhos e cabelos loiros-escuros que ainda eram brilhantes e bonitos. Desfrutam de uma situação econômica confortável, e se não fosse pela mãe, Pauline teria uma vida cômoda, pois adora ajudar na igreja e seria perfeitamente feliz frequentando a Sociedade Assistencial das Damas e das Missões Estrangeiras, planejando jantares da igreja e eventos sociais, sendo a orgulhosa dona do mais lindo exemplar da planta lambari da cidade. Porém, mal consegue sair de casa, até mesmo para ir à igreja aos domingos e não vejo nenhuma escapatória para ela, pois a velha senhora Gibson parece que viverá até os cem anos. E, ainda que não possa mais usar as pernas, não há nada de errado com sua língua, sempre me enche de indignação e impotência ouvir a pobre Pauline ser alvo do sarcasmo dela. Não obstante, Pauline diz que a mãe “tem grande apreço” por mim e é muito mais amistosa quando estou por perto. Se isso for verdade, tremo só de pensar em como ela deve ser quando não estou por perto.

Pauline não se atreve a fazer nada sem antes pedir para a mãe. Não consegue sequer comprar as próprias roupas, nem um par de meias. Tudo precisa ser submetido à aprovação da senhora Gibson, tudo precisa ser usado até estar gasto dos dois lados e Pauline usa o mesmo chapéu há quatro anos.

A senhora Gibson não tolera nenhum ruído em casa e nenhuma corrente de ar fresco. Dizem que nunca sorriu na vida, nunca a vi sorrir, sinceramente, e quando olho para ela, imagino o que aconteceria com seu rosto se o fizesse. Pauline não tem nem um quarto só para si, ela tem que dormir no mesmo quarto que a mãe e acorda quase que de hora em hora para massagear as costas dela, dar-lhe remédio, preparar uma bolsa de água quente (quente, não morna!), trocar os travesseiros ou investigar algum barulho misterioso no quintal. A senhora Gibson dorme à tarde e passa a noite delegando tarefas à filha.

No entanto, nada disso tornava Pauline amargurada. Ela é carinhosa, altruísta e paciente, e fico feliz que tenha um cachorro para amar. O cão foi o único capricho que conseguiu satisfazer e só porque houve um assalto em algum lugar da cidade e a senhora Gibson achou que serviria de proteção. Pauline não se atreve a demonstrar o quanto o ama, pois sua mãe odeia o animal e reclama que ele fica trazendo ossos para dentro de casa, mas ela tem os próprios motivos para nunca o ter mandado embora.

Finalmente tenho a chance de dar algo para Pauline: vou lhe dar um dia, por mais que isso signifique abrir mão de meu próximo final de semana em Green Gables.

Nesta noite, quando cheguei, percebi que Pauline estivera chorando. A senhora Gibson não me deixou em suspense por muito tempo e contou: “Pauline quer me deixar, senhorita Shirley, mas que filha bela e grata eu tenho, não é?”, Pauline, engolindo um soluço e tentando sorrir, disse que seria só por um dia. A senhora Gibson lamentou: “Só por um dia! Bem, você sabe como são os meus dias, senhorita Shirley, todo mundo sabe como são, mas o que você não sabe ainda e espero que nunca saiba, é como um dia pode ser longo quando se está sofrendo”.

Eu sabia que a senhora Gibson não sofria nem um pouco, então não tentei ser complacente. Pauline disse que conseguiria alguém para ficar com a mãe. Sua prima Louisa irá celebrar as bodas de prata em White Sands no próximo sábado e queria que Pauline fosse, já que foi madrinha dela quando se casou com Maurice Hilton. Pauline gostaria tanto de ir, se a mãe consentisse, mas a senhora Gibson declarou: “Se é meu destino morrer sozinha, então que seja. Deixo a cargo da sua consciência”.

Eu soube que a batalha estava perdida para Pauline no instante em que a sua mãe disse isso. A senhora Gibson passou a vida conseguindo o que queria sobrecarregando a consciência das pessoas. Ouvi dizer que, anos

atrás, alguém quis se casar com Pauline, mas a mãe impediu isso de acontecer ao deixar a decisão a cargo da consciência da filha.

Pauline secou os olhos, esforçou-se para mostrar um sorriso lastimoso e pegou o vestido que estava costurando... Uma peça xadrez verde e preta, horrorosa.

A senhora Gibson completou: “Vamos, não fique de cara fechada, Pauline. Não suporto pessoas de cara fechada e não se esqueça de colocar uma gola nesse vestido. Você acredita, senhorita Shirley, que ela queria deixar o vestido sem gola? Essa aí usaria um vestido decotado, se eu permitisse”.

Eu olhei para a pobre Pauline, com seu pescoço esguo, que continua bonito, ainda que esteja mais robusto, enfurnado em uma gola alta e fechada. Eu aleguei que vestidos sem gola estão na moda e ela retrucou dizendo que vestidos sem gola são indecentes. (Nota: eu estava com um vestido sem gola.) E a senhora Gibson continuou como se estivesse no mesmo assunto dizendo que nunca gostou do Maurice Hilton, a mãe dele era uma Croquette e ele nunca teve nenhuma noção de decoro por está sempre beijando a esposa nos lugares mais impróprios.

(Tem certeza de que você não me beija em lugares impróprios, Gilbert? Temo que a senhora Gibson considere um beijo na nuca, por exemplo, indecoroso). Foi então que travaram um diálogo intenso: “Mãe, você sabe que isso foi no dia em que ela quase foi pisoteada pelo cavalo de Harvey Wither, que saiu em disparada pelo jardim da igreja. Era mais do que natural que ele estivesse um pouco emocionado”, “Pauline, por favor, não me contradiga. Ainda acho que os degraus da igreja é um lugar inadequado para um beijo. Mas, é claro, minha opinião não importa mais para ninguém. É óbvio que todos gostariam de que eu morresse. Bem, o meu lugar agora é na cova. Sei o fardo que sou para você e seria melhor que eu estivesse morta. Ninguém me quer”. Pauline implorou para ela não falar assim, mas a mãe foi insistente: “Eu vou falar. Aí está você, determinada a ir a uma festa de bodas de prata, mesmo sabendo que não aprovo”. Então só restou Pauline dizer: “Mamãe querida, eu não vou... Jamais iria se você não permitisse. Não fique tão agastada”.

Eu sentia que, se continuasse ali por mais tempo, acabaria ficando louca ou estapeando a senhora Gibson. Assim, informei que tinha provas para corrigir.

A senhora Gibson suspirou: “Ah, suponho que duas mulheres velhas como nós não sejam uma boa companhia para uma jovem. Pauline não é

muito divertida, não é mesmo, Pauline? Nem um pouco. Não me admira que a senhorita Shirley não queira ficar mais tempo”.

Pauline foi até a varanda comigo. A lua brilhava sobre seu pequeno jardim, resplandecendo sobre o porto. Um vento sutil e delicioso conversava com uma macieira branca. Era primavera... Primavera... Primavera! Até mesmo a senhora Gibson não podia impedir que as árvores florescessem. E os olhos cinza-claro de Pauline estavam cheios de lágrimas. Com um longo e angustiado suspiro de resignação, Pauline disse que queria tanto ir à festa da Louise e eu anunciei que ela iria. Porém, ela acrescentou, em um tom alto e animado: “Ah, não, querida. Não posso. A mamãe jamais vai deixar, é melhor esquecer isso. A lua não está linda nesta noite?”, e a senhora Gibson gritou da sala: “Pare de olhar a lua e faça algo que preste, deixe de conversinha, Pauline, e venha buscar minhas pantufas vermelhas com pele de animal. Esses sapatos apertam demais os meus pés, pois é, ninguém se importa com o meu sofrimento”.

Eu já não me importava com o sofrimento dela. Coitadinha da Pauline! Mas ela terá seu dia de folga, sem sombra de dúvida e irá para as bodas de prata. Eu, Anne Shirley, tenho dito.

Contei todo o ocorrido para Rebecca Dew e as viúvas quando cheguei em casa e nós nos divertimos muito pensando em todas as coisas adoráveis e insultantes que eu poderia ter dito à senhora Gibson. A tia Kate não acredita que conseguirei convencê-la a deixar Pauline ir, mas Rebecca Dew tem fé em mim. Disse que se eu não conseguir, ninguém conseguirá.

Eu jantei com a senhora Tom Pringle há pouco tempo, a mulher que não quis me hospedar. (Rebecca diz que sou a melhor pensionista que já conheceu, pois janto fora com muita frequência). Alegro-me por ela não ter me acolhido. Ela é simpática e cozinha esplendidamente, mas sua casa não é Windy Poplars, ela não mora na Rua do Fantasma e ela não é a tia Kate, a tia Chatty e a Rebecca Dew. Eu amo as três e pretendo me hospedar aqui no ano que vem e no seguinte. Minha poltrona é chamada de “a poltrona da senhorita Shirley”, e a tia Chatty me contou que, quando não estou aqui, Rebecca Dew arruma meu lugar à mesa do mesmo jeito, “para que não pareça tão solitário”. Às vezes os sentimentos da tia Chatty complicam um pouco as coisas, mas agora ela diz que sabe que eu jamais a magoaria intencionalmente.

Agora, a pequena Elizabeth e eu saímos para passear duas vezes por semana. A senhora Campbell deu seu consentimento, mas com a condição

de que não seja com tanta frequência e nunca aos domingos. As coisas melhoraram para Elizabeth na primavera, pois um pouco de luz entra naquela casa velha e umbrosa nessa época do ano e por fora fica até bonita sob as sombras dançantes das copas das árvores. Mesmo assim, a pequena Elizabeth gosta de escapulir de lá sempre que pode. De vez em quando, vamos até o centro da cidade para que Elizabeth veja as vitrines iluminadas das lojas, mas quase sempre vamos pela Estrada que Leva ao Fim do mundo até onde nos atrevemos, dobrando cada curva de forma aventureira e expectante, como se fôssemos nos deparar com o Amanhã, enquanto as pequenas colinas verdejantes se aninham contra o crepúsculo no horizonte. Uma das coisas que Elizabeth fará no Amanhã é “ir até a Filadélfia e ver o anjo na igreja”. Eu não lhe contei (e nunca contarei) que a Filadélfia sobre a qual escreveu São João não é cidade do estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos. As crianças já perdem a inocência cedo demais e de qualquer maneira, se pudéssemos chegar ao Amanhã, quem sabe o que encontraríamos? Anjos por todas as partes, talvez.

Às vezes nós assistimos os barcos entrarem no porto sob o vento favorável e translúcido da primavera, através de um caminho reluzente na água e Elizabeth se pergunta se o pai dela está a bordo de um deles. Ela se garra à esperança de que ele voltará algum dia e não imagino porque nunca o fez. Tenho certeza de que viria se soubesse que filha mais preciosa anseia por ele, suponho que nem atine que ela já é uma mocinha e que ainda ache que ela é o bebê que custou a vida de sua esposa.

Logo concluirei meu primeiro ano na Escola Secundária de Summerside. Os primeiros quatro meses foram um pesadelo, mas os outros foram bem agradáveis e os Pringle são pessoas encantadoras. Como pude compará-los ao Pye? Sid Pringle me deu um monte de lírios-do-bosque hoje. Jen será a líder da classe e a senhorita Ellen supostamente disse que sou a única professora que realmente compreendeu a filha! Meu único problema é Katherine Brooke, que continua hostil e distante. Vou desistir de tentar ser amiga dela. Afinal, como Rebecca Dew diz, tudo tem limites.

Ah, quase esqueci de contar... Sally Nelson me convidou para ser uma de suas madrinhas. Ela vai se casar com Gordon Hill no fim de junho em Bonnyview, a casa de veraneio do doutor Nelson na costa. Então, Nora Nelson será a única das seis filhas do doutor ainda solteira. Jim Wilcox e ela se cortejam há anos, em um “vai-não-vai”, como diz Rebecca Dew, mas isso nunca parece chegar a lugar algum, e ninguém acha que vai. Gosto muito da

Sally, porém nunca cheguei a conhecer melhor Nora, é bem mais velha que eu, e um tanto reservada e soberba, mas ainda assim, adoraria que nos tornássemos amigas. Ela não é muito bonita, inteligente ou charmosa, mas de alguma forma tem um certo encanto. Creio que valeria a pena.

Por falar em casamentos, Esme Taylor casou-se com o doutor no mês passado. Não pude comparecer porque a cerimônia foi na quarta-feira à tarde, mas todos disseram que ela estava deslumbrante e muito feliz, e que Lennox parecia ter a certeza de ter tomado a decisão certa, além de ter a aprovação da própria consciência. Cyrus Taylor e eu somos bons amigos. Ele fala com frequência daquele jantar, que agora considera uma grande piada. Contou que nunca mais voltou a ficar de cara fechada, pois tinha medo de que a patroa o acuse de fazer colchas de retalhos, da próxima vez. E então me pediu que enviasse saudações às “viúvas”.

Gilbert, as pessoas são maravilhosas, a vida é maravilhosa e eu sou...

Para todo o sempre...

Sua!

P.S.: Nossa vaca vermelha, que fica na propriedade do senhor Hamilton, deu à luz um bezerro malhado. Faz três meses que compramos leite de Lew Hunt. Rebecca diz que agora teremos creme novamente, sempre ouviu dizer que o poço dos Hunt era inesgotável e que agora acredita nisso. Rebecca não queria de forma alguma que a vaca desse cria. A tia Kate precisou pedir ao senhor Hamilton que explicasse à Rebecca que a vaca era velha o bastante para ter um bezerro e só então ela deu seu consentimento.



CAPÍTULO 13

– Ah, quando você for velha e estiver acamada como eu, terá mais comiseração – choramingou a senhora Gibson.

– Por favor, não pense que não tenho empatia – disse Anne. Depois de meia hora de esforços em vão, ela tinha vontade de torcer o pescoço da senhora Gibson. Os olhos suplicantes da pobre Pauline ao fundo eram a única coisa impedindo-a de ceder à frustração e ir para casa. – Garanto que a senhora não ficará sozinha. Passarei o dia aqui e me certificarei de que não lhe falte nada.

– Ah, sei que não sirvo para nada – disse a senhora Gibson, ignorando tudo que fora dito. – Não precisa esfregar isso na minha cara, senhorita Shirley. Estou pronta para partir desta para melhor, a qualquer momento. Pauline pode vagabundear por aí o quanto quiser, depois disso e não estarei aqui para ser negligenciada. Os jovens de hoje não têm juízo. São todos uns egoístas!

Anne não tinha certeza se Pauline ou ela mesma era a jovem egoísta sem nenhum juízo, mas ela fez uma última tentativa.

– Sabe, senhora Gibson, as pessoas falarão horrores se Pauline não for às bordas de prata da prima.

– Horrores? – disparou no ato. – O que elas dirão?

– Querida senhora Gibson (“que eu seja perdoada pelo adjetivo!” pensou Anne), sei que testemunhou, em sua longa vida, do que são capazes as línguas afiadas.

– Não precisa tocar no assunto da idade – retrucou a senhora Gibson. – E não precisa me dizer como este mundo é crítico. Muito bem... Sei disso muito bem, e também não preciso que me diga como essa cidade é cheia de fofoqueiros. Só não gosto de que falem de mim... Digamos que sou uma velha tirana, não estou impedindo Pauline de ir, pois não deixei isso a cargo da consciência dela?

– Poucas pessoas acreditarão nisso – alegou Anne, com uma tristeza calculada.

A senhora Gibson chupou uma bala de menta intensamente por alguns instantes e então disse:

– Ouvi dizer que há casos de caxumba em White Sands.

– Mamãe, você sabe que já tive caxumba.

– Existem pessoas que pegam duas vezes. Creio que é uma delas, Pauline. Você sempre pegou todo tipo de doença que aparece por aí. As noites que passei ao seu lado, crente que você não veria o amanhecer! Ah, ninguém se recorda dos sacrifícios de uma mãe. Além do mais, como iria para White Sands? Faz anos que você não sobe em um trem e não há nenhum que volte sábado à noite.

– Ela poderia ir no trem no sábado de manhã – explicou Anne. – E tenho certeza de que o senhor James Gregor a trará de volta.

– Nunca gostei do Jim Gregor. A mãe dele era uma Tarbush.

– Ele vai com sua charrete na sexta-feira, se não também a levaria, mas ela estará segura no trem, senhora. Ela vai embarcar em Summerside e descer em White Sands, não é necessário fazer baldeação.

– Há algo por trás de tudo isso – suspeitou a senhora Gibson. – Por que está tão empenhada em fazer com que Pauline vá? Diga-me.

Anne sorriu para os olhos atentos da amiga.

– Por que acho que a Pauline é uma filha boa e atenciosa com a senhora e que precisa de um dia de folga de vez em quando, assim como todo mundo.

A maior parte das pessoas não resiste ao sorriso de Anne. Ou foi isso, ou o medo das fofocas havia vencido a senhora Gibson.

– Imagino que nunca ocorra a ninguém que eu também queira um dia de folga dessa cadeira de rodas, se fosse possível. Mas não é... sou obrigada a suportar minha aflição permanentemente. Bem, se ela deve ir, pois que vá, sempre consegue que as coisas saiam do jeito que quer. Se pegar caxumba ou for infectada por algum mosquito estranho, a culpa não será minha. Terei que me arranjar como posso. Ah, sei que estará aqui, mas você não está acostumada com meus hábitos como Pauline. Acho que posso aguentar por um dia. Se não puder... Bem, há anos estou fazendo hora extra nesta vida, então, que diferença faz?

Não havia generosidade em sua permissão, mas ainda assim era uma permissão. Anne, aliviada e grata, descobriu-se fazendo algo que jamais teria

imaginado fazer: ela inclinou-se e beijou a bochecha enrugada da senhora Gibson.

– Obrigada.

– Não me venha com suas artimanhas – disse a senhora. – Pegue uma bala de menta.

– Como posso agradecer-lhe, senhorita Shirley? – disse Pauline enquanto acompanhava Anne pela rua.

– Indo para White Sands com o coração leve e desfrutando de cada minuto.

– Ah, assim o farei. Você sabe o quanto isso significa para mim, pois não é apenas a Louisa que eu quero visitar. A velha casa dos Luckley, ao lado da casa da minha prima, vai ser vendida e quero vê-la mais uma vez antes que passe para as mãos de estranhos. Mary Luckley, que agora é a senhora Howard Flemming e vive no Oeste, era a minha melhor amiga na infância. Éramos como irmãs. Mamãe disse que estou ficando velha demais para sonhar. Acha que é verdade, senhorita Shirley?

– Ninguém é velho demais para sonhar e sonhos nunca envelhecem.

– Fico tão feliz em ouvir você dizer isso. Ah, senhorita Shirley, e pensar que verei novamente o golfo. Faz quinze anos que não o vejo. O porto daqui é lindo, mas não como o golfo. Lá, é como se estivéssemos caminhando sobre o ar e devo isso a você. A mamãe gosta de ti e foi só por isso que me deixou viajar. Você fez com que eu ficasse feliz... E está sempre fazendo as pessoas felizes. Só de chegar a algum lugar, senhorita Shirley, você deixa as pessoas mais felizes.

– É o melhor elogio que já recebi, Pauline.

– Só tem um problema... não tenho nada para usar além do vestido preto de tafetá. Ele é muito austero para um casamento, não é mesmo? E ficou muito largo, desde que emagreci, pois faz seis anos desde a última vez que o vesti.

– Temos que tentar convencer a sua mãe a comprar um vestido novo – disse Anne, esperançosa.

Porém, isso mostrou-se além de seus poderes. A senhora Gibson foi inflexível, o vestido preto de tafetá da filha era bom o bastante para a festa de Louisa Hilton.

– Paguei dois dólares por metro de tecido, sei anos atrás e três para que Jane Sharp o costurasse. Jane era uma boa costureira e a mãe dela era uma Smiley. Que ideia a sua querer um vestido “claro”, Pauline Gibson! Se não

fosse por mim, essa aí iria vestida de escarlata da cabeça aos pés, senhorita Shirley. Só está esperando que eu morra para fazer isso. Ah, bem, logo você estará livre de todos os problemas que eu te causei, Pauline. Então, poderá usar todas as cores malucas que quiser. Enquanto eu estiver viva, porém, você se vestirá decentemente. E qual o problema com o seu chapéu? Já está na hora de você usar uma touca, de qualquer forma.

A pobre Pauline tinha um pavor lívido de usar gorro. Ela preferia usar o velho chapéu pelo resto da vida.

– Vou me contentar e esquecer esse assunto das roupas – disse a Anne, quando foram até o jardim colher um buquê de lírios e corações-sangrentos para as viúvas.

– Tenho um plano – anunciou Anne, com cuidado para que a senhora Gibson não as ouvisse, embora estivesse observando-as da janela da sala. – Sabe aquele meu vestido cinza-prateado de popelina? Vou emprestá-lo para que use na festa.

Pauline deixou cair a cesta de flores em sua agitação, criando uma doce confusão de rosa e branco ao redor dos pés de Anne.

– Ah, minha querida... Mamãe não deixaria.

– Ela não precisa saber. Escute, sábado de manhã você vai colocar seu vestido preto de tafetá por cima do prateado. Sei que vai servir em você. É um pouco longo, mas vou fazer algumas pregas nele amanhã... Pregas estão na moda. Como as mangas chegam até o cotovelo e o vestido não tem gola, ninguém suspeitará. Assim que chegar em Gull Cove, tire o vestido de tafetá. Ao fim do dia, você pode deixar a peça de popelina em Gull Cove, que eu o buscarei no próximo fim de semana, quando voltar para a cidade.

– Mas ele não é jovial demais para mim?

– Nem um pouco. Cinza fica bem em pessoas de todas as idades.

– Você acha que é... Certo... Enganar a mamãe? – hesitou Pauline.

– Neste caso, é absolutamente certo – respondeu Anne, sem remorso. – Sabe, Pauline, não seria correto ir vestida de preto a uma boda de casamento. Pode trazer má sorte para a noiva.

– Ah, eu jamais faria isso. E é claro que mamãe não vai saber de nada, mas espero que ela passe bem o sábado. Temo que ela não coma nada enquanto estiver fora, foi isso que aconteceu quando fui ao funeral da prima Matilda. A senhorita Prouty, que ficou cuidando dela, disse que ela nem tocou na comida. Ela ficou tão indignada com a prima Matilda por ter morrido... A mamãe, digo.

– Ela vai comer... Vou me certificar disso.

– Sei que tem muito jeito para lidar com ela – admitiu Pauline. – E não se esqueça de lhe dar o remédio nas horas certas, tudo bem, querida? Ah, talvez eu não deva ir.

– Você está aí há tempo suficiente para colher quarenta buquês – gritou a senhora Gibson, irritada. – Não sei por que as viúvas querem essas flores, sendo que flores é o que não lhes faltam. Eu ficaria um bom tempo sem flores se tivesse que esperar que a Rebecca Dew me mandasse algumas. Estou morrendo de sede, mas é claro, não sou importante para ninguém.

Pauline telefonou para Anne na sexta-feira à noite, terrivelmente consternada. Ela estava com dor de garganta e queria saber se a senhorita Shirley achava que podia ser caxumba. Anne correu até lá para acalmá-la e levou o vestido cinza em um embrulho de papel pardo. Ela o escondeu em um arbusto de lírios e, no meio daquela noite, Pauline, banhada em suor frio, buscou-o e o levou clandestinamente até o quatinho onde guardava suas roupas e se vestia, onde não tinha permissão para dormir. Talvez a dor de garganta fosse um castigo pela traição, só que ela não podia comparecer às bodas de prata de Louisa com aquele vestido preto horroroso... Ela simplesmente não podia.

No sábado de manhã, Anne chegou na casa dos Gibson bem cedinho. Em manhãs de verão cintilantes como aquela, Anne sentia-se no primor de sua beleza. Parecia cintilar igualmente e movia-se pelo ar dourado como uma figura esguia gravada em uma urna grega. A mais enfadonha das salas também cintilaria... Ganhando vida... Graças à sua presença.

– Você caminha como se fosse a dona do mundo – comentou sarcasticamente a senhora Gibson.

– E sou mesmo – respondeu Anne alegremente.

– Ah, você é jovem demais – criticou a senhora Gibson.

– “Não privei meu coração de alegria alguma¹⁶” – citou Anne. – É o que diz a Bíblia, senhora Gibson.

– “O homem nasce para a tribulação, como as faíscas se levantam para voar¹⁷”. Também está na Bíblia – retrucou a senhora. O fato de ter retorquido com tamanha prontidão à senhorita Shirley, bacharela em Letras, deixou-a relativamente de bom humor. – Nunca fui de adular, senhorita Shirley, mas este seu chapéu de palha, com a flor azul, fica muito bem em você. Seu cabelo não me parece tão vermelho sob ele. Você não acha admirável uma jovem como ela, Pauline? Não gostaria de ser uma jovem assim, Pauline?

Pauline estava feliz e animada demais para querer ser outra pessoa além de si mesma. Anne a acompanhou até o andar de cima para ajudá-la a aprontar-se.

– Não me canso de pensar em todas as coisas esplêndidas que acontecerão hoje, senhorita Shirley. Minha garganta melhorou bastante, e a mamãe está de muito bom humor. Pode não parecer, mas estou certa disso porque está falando, mesmo com todo o sarcasmo. Se estivesse brava ou irritada, estaria de cara fechada. Já descasquei as batatas, o bife está na geladeira e o manjar da mamãe está lá no porão. Há frango enlatado para o jantar e um pão de ló na despensa. Tenho tanto medo de que ela mude de ideia, pois eu não suportaria, se isso acontecesse. Ah, senhorita Shirley, acha mesmo que devo usar o vestido cinza?

– Vista-o – disse Anne em seu melhor tom de professora.

Pauline a obedeceu e transformou-se em uma pessoa nova. O vestido cinza ficara perfeito, não tinha gola e as mangas até o ombro eram adornadas por babados delicados de renda. Quando Anne terminou de arrumar seus cabelos, Pauline mal se reconheceu.

– Detesto ter que escondê-lo com aquele vestido preto horrível, senhorita Shirley.

Porém, era necessário. O tafetá ocultou-o em segurança. Em seguida, colocou o chapéu surrado... que também sairia de cena quando chegasse à casa de Louisa e um par de sapatos novos. A senhora Gibson permitira que ela os comprasse, ainda que achasse os saltos “escandalosamente altos”.

– Chamarei a atenção de todos no trem por estar sozinha. Espero que as pessoas não pensem que estou indo a um funeral. Não quero associar as bodas de prata de Louisa à morte, de forma alguma. Ah, perfume, senhorita Shirley! Flor de maçã! Não é adorável? Só um pouquinho... Sempre achei tão feminino e mamãe não me deixa ter um. Ah, senhorita Shirley, não se esqueça de dar comida para meu cachorro! Deixei alguns ossos para ele na despensa, em um prato coberto. Tomara que... – Sua voz transformou-se em um sussurro acanhado. – ... Ele não se comporte mal dentro de casa enquanto eu estiver fora.

Pauline teve que passar pela inspeção da mãe antes de sair. A empolgação pelo passeio e a culpa por causa do vestido escondido se misturaram, dando-lhe um rubor muito incomum. A senhora Gibson a encarou, insatisfeita.

– Minha nossa! Está indo para Londres, conhecer a Rainha? Você está muito corada. As pessoas vão pensar que está usando maquiagem. Tem

certeza de que não está?

– Ah, não, mamãe... Não! – reagiu Pauline, em um tom chocado.

– Tenha bons modos e, quando se sentar, cruze as pernas na altura dos tornozelos decentemente. Tome cuidado para não pegar friagem e não fale demais.

– Não falarei, mamãe – prometeu Pauline com veemência, olhando com nervosismo para o relógio.

– Estou mandando para Louisa uma garrafa de vinho de salsaparrilha para a hora do brinde. Nunca me importei com a Louisa, mas a mãe dela era uma Tackaberry. Lembre-se de trazer de volta a garrafa e não aceite nenhum filhote de gato, pois a Louisa sempre dá filhotes de gato de presente para as pessoas.

– Não aceitarei, mamãe.

– Tem certeza de que não esqueceu o sabão na água?

– Absoluta, mamãe – disse ela, com outro relance aflito para o relógio.

– Seus cadarços estão amarrados?

– Sim, mamãe.

– Você está encharcada de perfume... isso não é respeitável.

– Ah, não, mamãe... Só passei um pouco, algumas gotas.

– Eu disse que está encharcada e ponto final. O vestido não está descosturado embaixo da manga?

– Ah, não, mamãe.

– Deixe-me ver – ordenou.

Pauline estremeceu. E se a saia do vestido prateado aparecesse quando ela erguesse os braços?

– Bem, vá, então. – Deu um longo suspiro. – Se eu já tiver partido quando voltar, lembre-se de que quero ser enterrada em meu xale de renda e com meus chinelos pretos de cetim. E que meus cabelos sejam frisados.

– Não está se sentindo bem, mamãe? – O vestido de popelina havia deixado a consciência de Pauline sensível. – Se não estiver, posso ficar...

– O quê? E desperdiçar o dinheiro dos sapatos? Claro que vai! E lembre-se de não escorregar pelo corrimão da escada.

Isso conseguiu tirar Pauline do sério.

– Mãe! Acha que eu faria isso?

– Você fez no casamento da Nancy Parker.

– Trinta e cinco anos atrás! Acha mesmo que eu faria isso agora?

– Já está na hora. Por que ainda está aqui, conversando? Quer perder o trem?

Pauline então partiu, apressada, e Anne suspirou de alívio. Ela estava com medo de que a senhora Gibson, de última hora, tivesse cedido a um impulso mesquinho de deter a filha até que o trem partisse.

– Agora haverá um pouco de paz – disse a senhora. – A desordem desta casa é vergonhosa, senhorita Shirley. Espero que saiba que não é sempre assim. Pauline estava com a cabeça nas nuvens, nos últimos dias. Poderia, por obséquio, colocar aquele vaso um centímetro para a esquerda? Não, volte no lugar onde estava. Aquele abajur está torto. Bem, agora está um pouco mais alinhado. E aquela cortina está um centímetro mais baixa do que a outra. Gostaria que você as endireitassem.

Infelizmente, Anne puxou a cortina com força demais, ela escapou de seus dedos e zuniu rapidamente para cima.

– Ah, veja o que você fez.

Anne não viu, mas ajustou meticulosamente a cortina.

– E agora, gostaria de uma boa xícara de chá, senhora Gibson?

– Eu preciso de uma coisa... Toda essa preocupação e agitação me deixaram esgotada, sinto como se estivesse com um buraco no estômago – disse, pateticamente. – Você é capaz de preparar um chá decente? Prefiro beber lama a tomar o chá que certas pessoas fazem.

– Marilla Cuthbert me ensinou a preparar o chá. Não se preocupe, mas antes vamos até a varanda, para tomar um pouco de sol.

– Não saio na varanda há anos – opôs-se a senhora Gibson.

– Ah, o dia está ameno e não lhe fará mal. Quero que veja a macieira em flor, e só conseguirá se sair. Como o vento está para o sul hoje, vai conseguir sentir o aroma dos campos do Norman Johnson. Tomaremos chá juntas, depois eu buscarei meu bordado e nós ficaremos aqui, criticando todo mundo que passa.

– Não tenho o hábito de criticar as pessoas – disse a virtuosa senhora Gibson. – Não é cristão. Você se importaria de me dizer se esse é o seu cabelo natural?

– Cada fio dele – riu Anne.

– Uma pena que seja vermelho. Se bem que essa cor parece que está ficando popular. Eu gosto da sua risada. O riso nervoso da coitada da Pauline sempre me dá nos nervos. Bem, se tenho que sair, que assim seja. Provavelmente pegarei um resfriado e morrerei, mas a responsabilidade é

sua, senhorita Shirley. Lembre-se de que tenho 80 anos... E nem um dia a menos, embora eu tenha ouvido falar que o velho Davy Ackham anda dizendo por toda Summerside que só tenho 79. A mãe dele era uma Watt. A família sempre foi muito invejosa.

Anne guiou a cadeira de rodas habilmente e provou que tinha destreza para arrumar os travesseiros. Logo ela trouxe o chá e a senhora Gibson dignou-se a aprová-lo.

– Sim, é bebível. Ai de mim, tive que viver durante um ano à base apenas de uma dieta líquida. Achavam que eu não conseguiria sobreviver e às vezes acho que teria sido melhor se não tivesse conseguido. É aquela a macieira de que me falou?

– Sim. Não é adorável? Tão branca contra o céu azul escuro.

– Não acho poético – foi o único comentário da senhora Gibson. Mas ela ficou mais amigável depois de duas xícaras de chá e a manhã foi passando, até que chegou a hora de pensar no almoço.

– Vou prepará-lo e o trarei aqui fora em uma mesinha.

– Não, senhorita. Não quero nem saber dessas maluquices! As pessoas achariam muito estranho nos ver aqui, comendo em público. Não nego que aqui está agradável... Ainda que o cheiro dos trevos me cause mal-estar... E a manhã passou muito mais rápido do que de costume, mas não vou almoçar aqui fora de forma alguma. Não sou uma cigana. Lembre-se de lavar as mãos antes de preparar o almoço. Veja, a senhora Storey deve estar esperando visitas, pois ela pendurou a roupa de cama do quarto de hóspedes para arejar. Não é hospitalidade verdadeira... Apenas desejo por atenção. A mãe dela era uma Carey.

O almoço feito por Anne conseguiu agradar a senhora Gibson.

– Achava que as pessoas que escrevem para os periódicos não sabem cozinhar. Mas, é claro, você foi criada pela Marilla Cuthbert, a mãe dela era dos Johnson. Suponho que a Pauline vai comer até passar mal na festa. Ela não sabe quando parar... Igual ao pai dela. Eu lhe assisti empanturrar-se de morangos, quando sabia muito bem que iria sentir dores terríveis de estômago uma hora depois. Eu já te mostrei a foto dele, senhorita Shirley? Bem, vá até o quarto de visitas e traga-a até aqui. Está debaixo da cama. Não vasculhe as gavetas enquanto estiver lá, mas veja se não há poeira embaixo da cômoda. Não confio em Pauline... Ah, sim, este é ele. A mãe dele era uma Walker. Não existem mais homens assim. Vivemos tempos degenerados, senhorita Shirley.

– Homero disse a mesma coisa oitocentos anos antes de Cristo – sorriu Anne.

– Alguns dos escritores do Antigo Testamento só sabiam reclamar – disse a senhora Gibson. – Creio que esteja chocada por ouvir-me falar assim, senhorita Shirley, mas meu marido tinha uma mentalidade muito aberta. Ouvi dizer que está noiva... de um estudante de medicina. A maioria deles bebe, creio eu... eles precisam, para encarar uma aula de dissecação. Nunca se case com um homem que bebe, senhorita Shirley e nem com um que não seja um bom provedor. Não se pode viver só de álcool, ouça o que estou te dizendo. Não se esqueça de limpar a pia e lavar os panos de prato, pois não suporto panos de prato engordurados. Acho que você terá que dar comida para o cachorro. Ele está muito gordo, mas a Pauline não para de mimá-lo. Acho que terei que me livrar dele.

– Ah, eu não faria isso, senhora Gibson. Pense nos ladrões... E sua casa é tão isolada, aqui, longe de tudo. Vocês realmente precisam de proteção.

– Ah, bem, como queira. Evito ao máximo discutir com as pessoas, especialmente quando estou com uma palpitação estranha no pescoço. Acho que significa que vou ter um infarto.

– Você precisa de um cochilo. Vai se sentir muito melhor, depois. Vou arrumar os travesseiros e reclinar a sua cadeira. Gostaria de ir para a varanda?

– Seria pior do que comer em público! Você tem umas ideias muito peculiares. Pode me ajeitar aqui mesmo, na sala de estar, só abaixe as cortinas e feche a porta por causa dos mosquitos. Suspeito que você também gostaria de um pouco de sossego, sua língua deve estar bem cansada.

A senhora Gibson tirou um longo cochilo, mas acordou de mau humor e não deixou que Anne a levasse para a varanda da frente de novo.

– Pelo visto, você quer que eu pegue a friagem noturna e morra – resmungou, embora ainda fosse cinco da tarde.

Nada lhe agradava. A bebida que Anne lhe trouxe estava gelada demais... E a seguinte não estava gelada o suficiente... É claro, para ela serviam qualquer coisa. Onde estava o cachorro? Comportando-se mal, sem dúvida. As costas doíam, os joelhos doíam, ninguém sabia o que ela estava passando, a cadeira estava alta demais ou então baixa demais, ela queria um xale para os ombros, uma coberta para os joelhos e uma almofada para os pés. E será que a senhorita Shirley poderia ver de onde vinha aquela terrível corrente de ar? Uma xícara de chá cairia bem, mas ela não queria incomodar

ninguém e em breve estaria descansando no túmulo. Talvez lhe dessem mais valor depois de morta.

“Seja curto ou longo o dia, por fim chegará o anoitecer”. Houve momento em que Anne achou que isso nunca fosse acontecer, mas aconteceu. Ao cair da noite, a senhora Gibson começou a se perguntar porque Pauline não chegava. O crepúsculo veio... E Pauline não tinha aparecido. A lua já iluminava a noite e nada da Pauline.

– Eu sabia – disse a senhora Gibson, enigmaticamente.

– Ela só voltará quando o senhor Gregor vier e ele geralmente é o último a ir embora – tranquilizou-a Anne. – Posso colocá-la na cama, senhora Gibson? Deve estar cansada... Sei que é um pouco estressante ter uma estranha por perto ao invés de alguém com quem esteja acostumada.

As rugas ao redor da boca da senhora Gibson se aprofundaram obstinadamente.

– Não irei para a cama até que aquela garota volte. No entanto, se está ansiosa para ir para casa, pode ir, eu posso ficar sozinha ou morrer sozinha.

Às nove e meia da noite, a senhora Gibson decidiu que Jim Gregor só voltaria na segunda-feira.

– Não se pode confiar em Jim Gregor para não mudar de ideia em menos de vinte e quatro horas. E ele acha errado viajar aos domingos, mesmo que para voltar para casa. Ele é do conselho da sua escola, não é? O que realmente pensa sobre ele e da opinião dele sobre a educação?

Anne não aguentava mais. Afinal, já havia suportado muita coisa naquele dia, nas mãos da senhora Gibson.

– Acho que ele é um anacronismo psicológico – respondeu, seriamente.

A senhora Gibson sequer piscou.

– Concordo com você – disse. Porém, depois disso, ela fingiu estar dormindo.

Referência ao Antigo Testamento – Eclesiastes 2:10. (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento – Jó 5:7. (N. T.)



CAPÍTULO 14

Era dez horas da noite quando Pauline finalmente chegou. Uma Pauline corada, de olhos vivazes, dez anos mais jovem, apesar do vestido de tafetá preto e o chapéu velho que tivera que colocar novamente. Trazia consigo um lindo buquê, que prontamente entregou à senhora macambúzia na cadeira de rodas.

– A Louisa enviou o buquê dela para você, mamãe. Não é adorável? Vinte e cinco rosas brancas.

– Que disparate! Pelo visto, ninguém pensou em mandar para mim um pedacinho de bolo de casamento. Hoje em dia, as pessoas parecem não ter consideração pelos parentes. Ah, no meu tempo...

– Mas eles mandaram. Trouxe um pedaço grande de bolo na bolsa, todo mundo perguntou de você e mandou lembranças, mamãe.

– Divertiu-se? – indagou Anne.

Pauline sentou-se em uma cadeira dura, pois sabia que a mãe se ressentiria se ela se sentasse em uma macia.

– Bastante – disse, com cautela. – Tivemos um maravilhoso almoço em comemoração às bodas, e o senhor Freeman, o ministro de Gull Cove, renovou os votos matrimoniais de Louisa e Maurice...

– Acho isso um sacrilégio...

– E depois o fotógrafo tirou fotos de todos. As flores eram simplesmente magníficas. O salão parecia um caramanchão...

– Como um funeral, imagino...

– E, ah, mamãe, Mary Luckley veio do Oeste... A senhora Flemming, sabe. Você se lembra de como éramos amigas. Costumávamos chamar uma à outra de Polly e Molly...

– Que apelidos mais bobos...

– E foi tão bom revê-la e conversar sem pressa sobre antigamente. Emma, a irmã dela, também estava presente, com um bebê delicioso.

– Você fala como se ele fosse algo de comer – grunhiu a senhora Gibson.
– Bebês são tão triviais!

– Ah, não, bebês nunca são triviais – disse Anne, trazendo um vaso com água para as flores. – Todos são um milagre.

– Bem, eu tive dez e nunca vi nada de milagroso em nenhum deles. Pauline, faça o favor de sentar-se quieta, pois você está me deixando nervosa. Notei que ainda não perguntou como eu estou, mas suponho que não deveria esperar isso de você.

– Não preciso nem perguntar, mamãe... você parece tão cheia de vida e contente. – Pauline ainda estava tão entusiasmada com o dia que tivera que se permitiu falar com uma leve ironia com a mãe. – Tenho certeza de que a senhorita Shirley e você se divertiram juntas.

– Nós nos demos bem. Deixei que ela fizesse o que queria e tenho que admitir que foi a primeira vez em anos que tive uma companhia interessante. Ainda não estou com um pé na cova, como dizem algumas pessoas. Por sorte não fiquei surda nem infantil. Bem, acredito que agora você irá até para a lua. E desconfio que eles nem tenham dado atenção para meu vinho de salsaparrilha.

– Ah, eles acharam o vinho delicioso.

– Você demorou para me contar isso. Por acaso trouxe a garrafa de volta... ou lembrar-se disso seria esperar demais de você?

– A garrafa... quebrou-se – hesitou Pauline. – Alguém a derrubou na despensa, mas a Louisa me deu outra exatamente igual, mamãe, não precisa se preocupar.

– Eu tinha aquela garrafa desde que comecei a cuidar da casa. A da Louisa não deve ser exatamente igual. Não se fazem mais garrafas como aquela. Gostaria que pegasse outro xale para mim. Estou espirrando... Acho que peguei um resfriado daqueles. Nenhuma das duas parece lembrar que não posso tomar o ar da noite. Desse jeito, não tenho dúvidas de que minha neurite voltará.

Uma velha vizinha da rua apareceu nesse mesmo instante e Pauline aproveitou a chance para escapulir com Anne.

– Boa noite, senhorita Shirley – disse a senhora Gibson graciosamente. – Só tenho a agradecer. Esta cidade seria um lugar muito melhor se houvesse mais pessoas como você. – Ela esboçou um sorriso sem dentes e puxou Anne para mais perto. – Não me importa o que dizem por aí... acho você muito bonita – sussurrou.

As duas saíram juntas para a noite fresca e perfumada, e Pauline relaxou como jamais ousava fazer na presença da mãe.

– Ah, senhorita Shirley, foi divino. Como poderei retribuir? Nunca tive um dia tão incrível... Viverei desta recordação por anos. Foi tão divertido ser uma madrinha novamente. E o capitão Isaac Kent foi o padrinho. Ele... É um antigo pretendente meu... bem, não oficialmente... acho que ele nunca teve intenções sérias, mas passeávamos juntos... E ele me elogiou duas vezes. Disse: “Lembro-me de como você estava linda no casamento da Louisa, com aquele vestido vinho”. Não é esplêndido que tenha se lembrado do meu vestido? E também: “Seu cabelo continua tão lustroso como sempre foi”. Não há nada de impróprio nisso, não é mesmo?

– Nada, em absoluto.

– Lou, Molly e eu tivemos um jantar maravilhoso depois que todos foram embora. Eu estava tão faminta... acho que fazia anos que não tinha tanta fome. Foi tão bom poder comer o que eu quisesse, sem ninguém para me advertir o que faria mal ao meu estômago. Depois da janta, Mary e eu fomos até a antiga casa dela e passeamos pelo jardim, relembando os velhos tempos. Vimos os arbustos de lilases que plantamos há muitos anos. Passamos verões muito agradáveis juntas quando éramos jovens. Então, ao anoitecer, fomos até a praia e nos sentamos em silêncio em uma pedra. Lá embaixo, no porto, havia um sino tocando, e foi ótimo sentir novamente o vento soprando do mar e ver as estrelas tremulando sobre a água. Tinha me esquecido de como a noite podia ser tão linda na costa. Nós retornamos quando começou a escurecer, e o senhor Gregor já estava pronto para partir. E então, “a velha retornou para casa naquela noite¹⁸” – concluiu Pauline, com uma risada.

– Eu gostaria... Que você não enfrentasse tantas dificuldades em casa, Pauline...

– Ah, minha querida, isso não terá mais importância agora – apressou-se a dizer Pauline. – Afinal, a coitadinha da mamãe precisa de mim e é bom saber que alguém precisa da gente.

Sim, era bom sentir-se útil. Anne refletiu sobre isso em seu quarto na torre, onde Dusty Miller, depois de evitar Rebecca Dew e as viúvas, estava enrolado sobre a cama. Ela pensou em Pauline, voltando para suas amarras acompanhada da “lembrança imortal de um dia feliz¹⁹”.

– Espero que alguém sempre precise de mim – disse Anne para o gato. – É maravilhoso poder dar alegria a alguém, Dusty Miller. Encheu--me de

felicidade proporcionar este dia para Pauline. Mas, ah, você não acha que eu ficarei igual à senhora Adoniran Gibson, mesmo se chegar aos 80 anos, acha?

Dusty Miller, com um ronronar grave e profundo, assegurou-lhe que não.

Referência ao conto do folclore inglês *A Velhinha e o Porco*, popularizado pelo historiador Joseph Jacobs (1854-1916).

Referência ao poema *There is a Little Unpretending Rill*, do poeta inglês William Wordsworth (1770-1850).



CAPÍTULO 15

Anne foi até Bonnyview na sexta-feira de noite, antes do casamento. Os Nelson estavam dando um jantar para alguns amigos da família e os convidados que chegavam de barco. A grande e ampla casa “de veraneio” do doutor Nelson fora construída em meio a abetos em um pontal, com a baía de ambos os lados e uma extensão de dunas douradas por trás, que sabia tudo que havia para se saber sobre ventos.

Anne encantou-se no instante em que a viu. Uma casa de pedra antiga sempre parece serena e digna, imperturbável pela chuva, o vento ou as mudanças de estilo. E naquela noite de junho ela estava fervilhando de vida jovem e animação, com risadas das garotas, a recepção de velhos amigos, charretes indo e vindo, crianças correndo por todo o lugar e presentes que não paravam de chegar, todos em uma alegria vertiginosa de bodas, enquanto os dois gatos pretos do doutor Nelson, que ostentavam os nomes de Barnabás e Saul, estavam sentados no gradil da varanda e assistiam a tudo como duas imperturbáveis esfinges peludas.

Sally fugiu da multidão e arrastou Anne para o andar de cima.

– Reservamos o quarto Norte do sótão para você. Terá que compartilhá-lo com outras três garotas, aliás, a casa está um caos. Meu pai vai armar uma barraca para os garotos em meio aos abetos e mais tarde armaremos camas dobráveis na galeria de vidro da varanda de trás. E é claro que podemos colocar a maioria das crianças no palheiro. Ah, Anne, estou tão animada! Casar-se é uma diversão sem-fim! Meu vestido de noiva acabou de chegar de Montreal. É um sonho... De seda, tom de creme, com uma gola fechada de renda e pérolas bordadas. Recebemos presentes adoráveis. Esta é a sua cama e Mamie Gray, Dot Fraser e Sis Palmer ficarão nas outras. A mamãe queria colocar a Amy Stewart aqui, mas não permiti, pois ela te odeia, porque queria ser minha madrinha. E como eu poderia ter uma madrinha tão baixinha e gorda? Além disso, aquele verde-oliva a faz parecer enjoada. Ah,

Anne, a tia Abelhuda está aqui. Chegou alguns minutos atrás, e estamos aterrorizados. Claro que tínhamos que convidá-la, mas não imaginamos que chegaria hoje.

– Quem é essa tal de tia Abelhuda?

– A tia do papai, a senhora James Kennedy. Ah, nós a chamamos de tia Grace, mas o Tommy a apelidou de tia Abelhuda porque ela sempre está xeretando e se metendo em coisas que não queremos que descubra. Não há como escapar e ela até acorda cedo por medo de perder alguma coisa e é a última a ir para a cama, mas isso não é o pior. Se há algo inadequado de ser dito no momento, tenha toda certeza de que ela vai dizer, e nunca aprendeu que existem perguntas que não devem ser feitas. Papai chama os discursos dela de “dádivas da tia Abelhuda”. Sei que ela arruinará o jantar. Aí vem ela.

A porta abriu-se e a tia Abelhuda entrou... Uma mulher gorda, morena, de olhos arregalados, movendo-se em meio a uma nuvem de naftalina com uma expressão cronicamente preocupada. Exceto pelo semblante, ela realmente tinha um ar bisbilhoteiro.

– Então você é a senhorita Shirley de quem ouço falar sempre. Não se parece nem um pouco com uma senhorita Shirley que conheci certa vez. Ela tem olhos lindos. Bem, Sally, finalmente você vai se casar e a coitada da Nora é a única que falta. Enfim, sua mãe tem sorte de ter conseguido se livrar de cinco de vocês. Oito anos atrás eu disse para ela: “Jane, acha mesmo que vai conseguir casar todas as suas meninas?”. Ora, um homem só traz problemas, a meu ver, e o casamento é a mais incerta de todas as incertezas, mas o que mais uma mulher pode fazer? É o que acabei de dizer para a coitada da Nora. “Escreva o que estou te dizendo, Nora, não é nada divertido ser uma velha solteirona. O que Jim Wilcox está esperando?”

– Ah, tia Grace, quem dera não tivesse dito isso! Jim e Nora tiveram uma espécie de discussão em janeiro, e desde então ele nunca mais voltou.

– Pois eu digo o que penso pois as coisas têm que ser ditas e eu tinha ouvido falar dessa briga, foi por isso que perguntei dele. Eu disse a ela, “ouvi dizer que ele saiu para passear com a Eleanor Pringle”, Nora corou, ficou furiosa e saiu correndo. O que a Vera Johnson está fazendo aqui? Ela não é da família.

– Vera sempre foi uma grande amiga minha, tia Grace. Ela vai tocar a marcha nupcial.

– Ah, vai mesmo? Bem, só espero que ela não se confunda e toque no lugar a marcha fúnebre, como fez o senhor Tom Scott no casamento da Dora

Best. Que mal presságio. Não sei onde você vai colocar toda essa multidão nesta noite. Alguns de nós terão que dormir pendurados no varal, suponho.

– Ah, encontraremos lugar para todo mundo, tia Grace.

– Bom, Sally, só espero que você não mude de ideia no último instante, como a Helen Summers, pois seria um alvoroço. Seu pai está tão entusiasmado! Nunca fui de caçar problemas, mas só espero que ele não tenha um derrame. Já vi isso acontecer.

– Ah, o papai está bem, tia Grace. Ele só está animado.

– Ah, você é jovem demais, Sally, para saber de tudo. Sua mãe me falou que a cerimônia será amanhã, ao meio-dia. Os casamentos estão mudando, assim como tudo mais e não para melhor. Eu me casei ao entardecer e meu pai comprou oitenta litros de bebida para a festa. Ah, as coisas já não são como antes. Qual é o problema com Mercy Daniels? Eu a encontrei nas escadas e não aparentava estar nada bem.

– “A qualidade da misericórdia²⁰ é que não se impõe” – riu Sally, enquanto colocava o vestido para o jantar.

– Não cite a Bíblia²¹ com tanta frivolidade – censurou a tia Abelhuda. – Perdoe-a, senhorita Shirley. Ela não está acostumada a se casar. Bem, só espero que o noivo não apareça com uma expressão de espanto, como muitos por aí. Creio que realmente se sintam assim, mas não precisam deixar tão evidente, espero que não esqueça a aliança, pois Upton Hardy fez isso, Flora e ele tiveram que se casar com uma argola das cortinas. Bem, vou dar mais uma olhada nos presentes. Você ganhou um monte de coisas boas, Sally. Só espero que não seja difícil manter aquelas colheres polidas como parece que é.

Naquela noite, o jantar na grande varanda coberta de vidro foi muito alegre. Lanternas chinesas penduradas por todas as partes iluminavam brandamente os lindos vestidos, os cabelos lustrosos e os laçarotes brancos das garotas. Barnabás e Saul pareciam duas estátuas de ébano nos braços largos da cadeira do doutor, que os alimentava alternadamente com migalhas.

– Quase tão ruim quanto Parker Pringle – disse a tia Abelhuda. – Ele coloca o cachorro para comer à mesa, com cadeira e guardanapo próprios. Bem, cedo ou tarde, alguém vai comentar.

Foi uma festa grande, pois todas as filhas casadas do doutor estavam lá com os maridos, além dos padrinhos e das madrinhas, e uma festa alegre, apesar das “dádivas” da tia Abelhuda... ou, ainda, por causa delas. Ninguém

a levava muito a sério, claramente, era uma piada entre os mais jovens. Ao ser apresentada a Gordon Hill, disse: “Ora, ora, você não é nem um pouco como eu imaginava e sempre achei que a Sally escolheria um homem alto e bonito”, risadas ecoavam por toda a varanda. Gordon Hill, que era do time dos baixinhos e “até que bem-apegoado”, segundo os melhores amigos, sabia que seria alvo de piadas para sempre. Quando disse para Dot Fraser, “ora, ora, sempre que te vejo, você está com um vestido novo! Só espero que os bolsos do seu pai aguentem por mais alguns anos”, Dot teria sido capaz de ferver a tia Abelhuda no óleo quente, mas algumas garotas acharam suas palavras divertidas. E depois que a tia comentou, “só espero que não suma nenhuma colher depois do chá, pois cinco colheres desapareceram depois do casamento de Gertie Paul”, a senhora Nelson adotou uma expressão angustiada, assim como as cunhadas dela, que haviam lhe emprestado três dezenas de colheres.

O doutor Nelson, entretanto, riu com gosto:

– Faremos com que todos esvaziem os bolsos antes de ir embora, tia Grace.

– Ah, pode rir, Samuel. Uma coisa dessas não é nenhuma piada na família. Alguém pegou aquelas colheres. Quase não vou a nenhum local, mas sempre fico de olhos atentos. Eu as reconheceria em qualquer lugar, apesar de ter sido há vinte e oito anos. A coitada da Nora era só um neném. Você se lembra, Jane, do vestidinho branco bordado que ela usava? Vinte e oito anos! Ah, Nora, como o tempo passa. Ainda que, sob esta luz, você não demonstre sua idade.

Nora não fez coro às risadas que se seguiram e parecia a ponto de lançar raios pelos olhos. Apesar do vestido amarelo como o narciso e das pérolas nos cabelos negros, ela fazia Anne pensar em uma mariposa negra. Em contraste com a Sally, cujos cabelos eram de um loiro alvo, Nora Nelson tinha um cabelo negro magnífico, olhos escuros, grossas sobrancelhas pretas, bochechas vermelhas e macias e um nariz levemente aquilino. Nunca havia sido considerada bonita, mas Anne achava que ela exercia um estranho fascínio, apesar do semblante fechado e bravo, e que ela seria uma amiga melhor do que a popular Sally.

Depois do jantar houve um baile, e a música e as risadas brotaram das janelas grandes e baixas da velha casa de pedra. Às dez, Nora desapareceu. Anne estava um pouco cansada do barulho e da agitação, então saiu furtivamente pela porta dos fundos que se abria praticamente para a baía e

desceu um lance de degraus de pedra até a praia, passando por um pequeno bosque de pinheiros pontudos. Que divino era o ar salgado depois daquele frenesi! Que mágico era o navio que havia zarpado ao anoitecer e que agora se aproximava do porto! Era uma noite em que seria possível topar com um baile de sereias.

Nora estava sentada à sombra de uma rocha próxima à água, com a expressão mais tempestuosa do que nunca.

– Posso me sentar com você por um instante? – perguntou Anne. – Estou um pouco cansada de dançar e seria uma vergonha perder uma noite maravilhosa como essa. Invejo você por ter o porto em seu quintal.

– Como você se sentiria em um momento como esse sem um namorado? – perguntou Nora de repente, com pesar. – Ou alguém do tipo – acrescentou, ainda mais pesarosamente.

– Acho que é uma escolha sua não estar com ninguém – disse Anne, sentando-se ao seu lado. Nora descobriu-se contando seus problemas a ela. Havia algo em Anne que fazia com que as pessoas desabafassem de seus problemas para ela.

– Está dizendo isso só para ser educada, mas não precisa. Você sabe tão bem quanto eu que não sou do tipo de garota pela qual os homens se enamoram... Sou apenas a “senhorita Nelson” e não é culpa minha o fato de estar sozinha. Não aguentava mais ficar lá, eu precisava vir para cá e me permitir ser infeliz e estou cansada de sorrir e ser afável com todo mundo, fingindo não me importar com os comentários sobre ainda estar solteira. Não vou mais fingir, pois eu me importo sim e muito. Sou a última da família. Cinco de nós são casadas, ou serão amanhã. Você ouviu os comentários da tia Abelhuda sobre a minha idade durante o jantar. E eu a ouvi dizendo para a mamãe que eu “envelheci bastante” desde o último verão. Claro que envelheci, eu tenho 28 e daqui doze anos, estarei com 40, como suportarei a vida aos 40, Anne, se não tiver raízes próprias até lá?

– Eu não daria ouvidos a uma velha tola.

– Ah, não? Você não tem um nariz como o meu. Ele estará tão curvado quanto o do papai daqui a dez anos. E suponho que também não se importaria de passar anos esperando um homem pedi-la em compromisso... Só para ele simplesmente não fazê-lo?

– Ah, sim, acho que me importaria com isso.

– Bem, este é precisamente o meu dilema. Ah, sei que já te contaram sobre Jim Wilcox e eu, é uma história velha, ele me corteja há anos, mas

nunca disse nada sobre nos casarmos.

– Você gosta dele?

– Claro que gosto. Sempre fingi que não, mas, como disse, estou cansada de fingir. E ele não me procura desde janeiro. Nós brigamos... Assim como já fizemos centenas de vezes e ele sempre volta atrás, só que não voltou desta vez e nunca voltará, isso porque não quer. Veja a casa dele do outro lado da baía, brilhando ao luar, acredito que esteja lá e eu estou aqui, com o porto entre nós e assim, sempre será. É Terrível! E não posso fazer nada.

– Se o procurasse, será que voltaria?

– Procurá-lo! Acha que eu faria isso? Preferiria morrer. Se quiser voltar, não há nada que o impeça. Se não quiser, não o aceitarei de volta. Sim, eu quero... Eu quero! Eu amo Jim... e quero me casar. Quero ter a minha família e ser uma “senhora”, e calar a boca da tia Abelhuda. Ah, gostaria de ser Barnabás ou Saul por alguns instantes só para poder xingá-la! Se voltar a me chamar de “a coitada da Nora” mais uma vez, vou arremessar um balde nela. Contudo, ela só está falando o que todos pensam, afinal. Mamãe perdeu as esperanças há muito tempo, então ela me deixa em paz, mas o resto não. Odeio a Sally, sei que sou feia, mas eu a odeio e ela vai ter um bom marido e uma casa adorável. Não é justo que ela tenha tudo, e eu nada. Ela não é melhor, mais esperta ou muito mais bonita do que eu... apenas mais sortuda. Você deve me achar uma pessoa horrível... não que eu me importe com a sua opinião.

– Acho que você está muito, muito cansada, depois de todas essas semanas de preparação e correria, e que coisas que sempre foram difíceis tenham se tornado difíceis demais de uma só vez.

– Você me entende... Ah, sim, sempre soube que me entenderia. Gostaria de ser sua amiga, Anne Shirley. Gosto da sua risada e sempre quis ter uma risada como a sua. Não sou tão carrancuda quanto pareço... São essas sobranceiras. Realmente acho que são elas que afugentam os homens. Nunca tive uma amiga de verdade, mas, é claro, sempre tive o Jim e somos amigos desde que éramos crianças. Ora, eu costumava acender uma vela naquela janelinha do sótão sempre que queria que ele viesse aqui e Jim vinha imediatamente de barco. Agora, tudo terminou. Ele se cansou e usou a desculpa da briga para livrar-se de mim. Ah, como vou te odiar amanhã, por ter te contado todas essas coisas.

– Por quê?

– Sempre odiamos as pessoas que descobrem nossos segredos, eu acho – disse Nora tristemente. – Há algo nos casamentos que mexe com a gente... eu simplesmente não me importo com mais nada. Ah, Anne Shirley, sou tão infeliz! Deixe-me chorar um pouquinho em seu ombro. Eu terei que sorrir e parecer feliz amanhã. Sally acredita que não aceitei ser a madrinha dela por superstição... “Seja três vezes madrinha de casamento e nunca será a noiva”, você sabe, mas não foi por isso! Eu só não conseguiria suportar ouvi-la dizendo “aceito”, sabendo que jamais terei a chance de dizer isso para o Jim. Acho que eu jogaria a cabeça para trás e daria um berro. Eu quero ser noiva, ter um enxoval com minhas iniciais bordadas, lindos presentes e até mesmo a manteigueira de prata da tia Abelhuda. Ela sempre dá uma manteigueira de prata às noivas... São horrorosas, com uma tampa que parece a cúpula da basílica de São Pedro. Poderíamos colocá-la na mesa de café da manhã só para que Jim tirasse sarro dela. Anne, acho que estou ficando louca.

A dança já tinha terminado quando as garotas voltaram, de mãos dadas. As pessoas já estavam se acomodando para dormir. Tommy Nelson levou Barnabás e Saul para o celeiro. A tia Abelhuda ainda estava no sofá, pensando em todas as desgraças que esperava que não acontecessem amanhã.

– Espero que ninguém se levante e dê um motivo para que os noivos não fiquem juntos para sempre. Isso aconteceu no casamento de Tillie Hatfield.

– O Gordon não terá tanta sorte – disse o padrinho. A tia Abelhuda o encarou fixamente com seus olhos castanhos pétreos.

– Meu jovem, o casamento não é uma piada.

– Pode apostar que não – retrucou o impenitente. – Olá, Nora, quando teremos a chance de dançar em seu casamento?

Nora não respondeu com palavras. Ela aproximou-se e deliberadamente o estapeou, primeiro em um lado de seu rosto e depois do outro e não foram tapas simbólicos. Então, subiu as escadas sem olhar para trás.

– Aquela garota – disse a tia Abelhuda – está transtornada.

Mercy, em inglês, significa misericórdia, piedade. (N. T.)

A citação de Sally não é da Bíblia, mas da peça *O Mercador de Veneza* (ato 4, cena 1), de William Shakespeare (1564-1616).



CAPÍTULO 16

A manhã de sábado passou em um turbilhão de preparativos de última hora. Anne, enfiada em um dos aventais da senhora Nelson, ajudava Nora na cozinha com as saladas. Nora estava irritadiça e era evidente que, como previra, havia se arrependido das confidências da noite anterior.

– Ficaremos cansadas por um mês – queixou-se. – Além disso, o papai não tem condições de bancar toda essa extravagância. Só que Sally estava determinada a ter o que chamou de “belo casamento”, e papai cedeu. Ele sempre a mimou.

– Despeito e inveja – disse a tia Abelhuda, surgindo de repente da despensa, onde estava enlouquecendo a senhora Nelson com seus maus presságios.

– Ela está certa – disse Nora com amargura, para Anne. – Absolutamente, eu estou com inveja, detestando ver as pessoas felizes e não estou arrependida de ter dado um tapa em Jud Taylor na noite passada, apenas de não ter quebrado o nariz dele. Bom, as saladas estão prontas e parecem muito apetitosas. Adoro preparar as coisas quanto estou me sentindo bem. Ah, na verdade, espero que tudo saia dentro dos conformes, pois a Sally merece. Eu a amo, apesar de tudo, mas neste momento estou sentindo ódio de todo mundo, especialmente de Jim Wilcox.

– Bom, espero que o noivo não suma antes da cerimônia – ouviu-se da despensa a lamúria da tia Abelhuda. – Foi o que Austin Creed fez. Ele simplesmente esqueceu que iria se casar naquele dia. Os Creed sempre foram esquecidos, mas acho que isso já é um exagero.

As duas garotas se entreolharam e riram. O semblante de Nora transformou-se com o riso, iluminando-se. E então, alguém veio lhe contar que Barnabás havia passado mal nas escadas... muitos fígados de frango, provavelmente. Nora correu para reparar os danos, e a tia Abelhuda saiu da

despensa para dizer que esperava que o bolo de casamento não desaparecesse, como aconteceu com Alma Clark, dez anos atrás.

Ao meio-dia, entretanto, tudo estava imaculadamente pronto: a mesa estava posta, as camas lindamente enfeitadas e havia cestos de flores por todas as partes. No amplo quarto voltado para o Norte, no andar de cima, Sally e suas três madrinhas se arrumavam esplendorosamente. Anne, com um vestido verde-oliva, olhou para seu reflexo no espelho e desejou que Gilbert pudesse vê-la.

– Você está maravilhosa – disse Nora, com uma pitada de inveja.

– Você também, Nora. Este chiffon azul-esfumaçado e este chapéu destacam o brilho de seus cabelos e o azul de seus olhos.

– Ninguém se importa com a minha aparência – lamentou Nora. – Bem, é hora de colocar um sorriso no rosto, Anne. Não quero ser uma estragaprazeres. Até porque eu terei que tocar a marcha nupcial, pois Vera está com uma dor de cabeça horrível. Estou mesmo é com vontade de tocar a marcha fúnebre, como disse a tia Abelhuda.

A idosa, que passara a manhã zanzando em um velho quimono não muito limpo e uma touca de dormir, metendo-se na vida de todo mundo, agora estava resplandecente em seu vestido marrom de gorgorão e dizia à Sally que havia algo de errado com uma de suas mangas e que esperava que as anáguas de nenhuma convidada ficassem à mostra, como aconteceu no casamento de Annie Crewson. A senhora Nelson entrou nesse instante e chorou de tão linda que Sally estava com o vestido de noiva.

– Não seja sentimental, Jane – disse a tia. – Você ainda tem uma filha... E, pelo visto, a terá por muito tempo. Lágrimas trazem má sorte em casamentos. Bem, só espero que ninguém caia morto, como aconteceu com o velho tio Cromwell no casamento de Roberta Pringle, bem no meio da cerimônia. A noiva passou duas semanas de cama por causa do choque.

Depois das palavras inspiradoras, a comitiva da noiva desceu as escadas ao som da marcha nupcial tocada energeticamente por Nora e Sally e Gordon se casaram sem que ninguém caísse morto ou se esquecesse das alianças. Foi uma cerimônia linda de verdade e até a tia Abelhuda deixou de se preocupar com o universo por alguns momentos.

– Bem – disse ela à Sally mais tarde –, se você não for muito feliz no casamento, pense em como seria pior se estivesse solteira.

Nora continuava com um olhar zangado, sozinha no banco do piano. Ela deu um forte abraço em Sally, com véu e tudo.

– Então, acabou – disse Nora com tristeza, quando quase todos os convidados já tinham ido embora. Ela olhou em volta da sala, que parecia tão abandonada e desarrumada como qualquer lugar após uma festa: um corsage amassado jogado no chão, um pedaço de renda rasgada, dois lenços esquecidos, migalhas que crianças haviam espalhado e uma mancha escura no teto, por causa de um jarro de água que a tia Abelhuda derrubara no andar de cima.

– Tenho que limpar esta bagunça – continuou Nora, frenética. – Muitos dos jovens estão esperando pelo barco e outros ficarão hospedados até domingo. Eles vão acabar fazendo uma fogueira na praia e uma festa ao luar. Imagine a minha vontade de dançar ao luar, só quero ir para a cama e chorar.

– Uma casa após um casamento parece mesmo um lugar desolado – disse Anne. – Mas eu vou te ajudar, depois que tomarmos uma xícara de chá.

– Anne Shirley, você acha que uma xícara de chá é uma panaceia para tudo? Era você quem deveria ser a solteirona, não eu. Porém, não importa e não quero ser desagradável, mas suponho que esta seja minha natureza. Detesto essa ideia da festa na praia mais do que o casamento e Jim sempre ia às nossas festas na praia. Anne, eu decidi que vou estudar para ser enfermeira. Sei que vou odiar, e Deus ajude meus futuros pacientes, mas não vou ficar em Summerside e ser alvo de piadas por ser solteira. Bem, vamos enfrentar essa pilha de pratos engordurados e fingir que estamos gostando.

– Mas eu gosto... Sempre gostei de lavar pratos. É divertido deixar coisas sujas brilhando novamente.

– Ah, você deveria estar em um museu – disparou Nora.

Quando a lua saiu, tudo estava pronto para a festa na praia. Os garotos acenderam uma fogueira e as ondas que quebravam no porto cintilavam ao luar. Anne esperava se divertir bastante, mas uma olhada de relance na expressão de Nora, que desceu os degraus com uma bacia de sanduíches, a fez hesitar.

– Ela está tão infeliz! Se ao menos houvesse algo que eu pudesse fazer!

Anne teve uma ideia. Ela sempre fora vítima dos próprios impulsos, então correu até a cozinha, pegou uma lamparina e subiu os dois lances de escada até o sótão. Lá, colocou a lamparina acesa na janela com vista para o porto. As árvores a ocultavam dos jovens na praia.

– Talvez ele a veja e venha. Acho que Nora ficará furiosa comigo, mas isso não importará se ele vier. Agora, é melhor eu embrulhar um pedaço de bolo para Rebecca Dew.

Jim Wilcox não veio. Anne desistiu de procurá-lo depois de um tempo e esqueceu-se dele em meio à diversão da noite. Era onze horas quando a farra cessou e os festeiros bocejaram conforme subiram para o andar de cima. Anne estava tão sonolenta que nem se lembrou da lamparina no sótão e às duas da madrugada, porém, a tia Abelhuda esgueirou-se para dentro do quarto das meninas com uma vela.

– Céus, o que foi? – quis saber Dot Fraser, sentando-se na cama.

– Silêncio – ordenou a tia Abelhuda, com os olhos a ponto de saltar para fora das órbitas. – Acho que tem alguém na casa... Eu sei que tem. Que barulho é esse?

– Parece um gato miando ou um cachorro latindo – riu Dot.

– Não é disso que estou falando – repreendeu a idosa. – Sei que tem um cachorro latindo no celeiro, mas não foi isso que me acordou. Foi uma batida forte, distante.

– “De fantasmas e espíritos, feras de longas pernas e ruídos durante a noite, livrai-nos, meu bom Deus²²” – murmurou Anne.

– Senhorita Shirley, isso não é motivo para brincadeiras. Ladrões estão invadindo a casa. Vou chamar o Samuel.

A tia Abelhuda desapareceu e as garotas se entreolharam.

– Você não acha que todos os presentes estão na biblioteca... – disse Anne.

– É melhor nos levantarmos – disse Mamie. – Anne, você já viu algo parecido com o rosto da tia Abelhuda encoberto pelas sombras, quando ela ergueu a vela... E todos aqueles chumaços de cabelo espetados? Parecia a Bruxa de Endor!

Quatro garotas de quimono desceram até a sala. A tia Abelhuda veio em seguida, acompanhada do doutor Nelson de roupão e pantufas. A senhora Nelson, que não conseguiu encontrar o quimono, espiava pela fresta da porta com uma expressão aterrorizada.

– Ah, Samuel tome cuidado, se forem ladrões, eles podem atirar...

– Besteira! Acho que não é nada – disse o doutor.

– Já disse que ouvi um barulho – alegou tremulamente a tia.

Alguns garotos se juntaram ao grupo. Eles desceram cautelosamente as escadas com o doutor à frente, enquanto a tia Abelhuda vinha atrás com uma vela em uma das mãos e um atiçador de lareira na outra.

Sem dúvida, havia barulhos vindo da biblioteca. O doutor abriu a porta e entrou.

Barnabás, que havia conseguido abrigar-se ali quando levaram Saul para o celeiro, estava sentado no sofá *chesterfield*, piscando os olhos despreocupadamente. Nora e um jovem estavam parados no meio do cômodo, iluminados por uma vela bruxuleante. O jovem estava com um braço ao redor do corpo de Nora, enquanto levava um lenço ao rosto dela com o outro.

– É clorofórmio! – gritou a tia abelhuda, deixando o atiçador cair com um tremendo estrondo.

O jovem virou-se, com uma expressão aturdida, deixando o lenço cair. Era um homem bem-apegoado, de olhos e cabelos castanho-avermelhados, sem mencionar o queixo proeminente.

Nora pegou o lenço e o levou até o rosto.

– Jim Wilcox, o que isso significa? – perguntou o doutor, em um tom excessivamente severo.

– Eu não sei – disse Jim Wilcox, consternado. – Tudo que sei é que Nora me chamou. Só vi a luz na janela à uma da manhã, quando cheguei em casa do banquete da maçonaria, que foi em Summerside. Daí, vim de barco para cá.

– Eu não te chamei – disparou Nora. – Pelo amor de Deus, não me olhe assim, papai. Eu não estava dormindo, sentada de frente para a janela, não tinha me despido e então vi um homem vindo da praia. Só percebi que era o Jim quando ele se aproximou da casa, e foi então que eu desci correndo. Só que eu dei de cara com a porta da biblioteca e meu nariz começou a sangrar. Ele só estava tentando fazer o sangramento parar.

– Eu entrei pela janela e derrubei aquele banco...

– Eu disse que ouvi um barulho – disse a tia Abelhuda.

– ... E já que a Nora disse que não me chamou, acho melhor livrá-los da minha presença indesejada, com minhas sinceras desculpas.

– Sinto muito ter perturbado o seu descanso e ter feito você vir até aqui por nada – disse Nora da forma mais gélida possível, enquanto procurava por um espaço sem sangue no lenço de Jim.

– Sim, é uma *pena* – disse o doutor.

– É melhor utilizar uma porta na hora de sair – disse a tia Abelhuda.

– Fui eu quem colocou a lamparina na janela – disse Anne, envergonhada – e acabei me esquecendo dela...

– Não acredito! – exclamou Nora. – Nunca vou te perdoar...

– Vocês ficaram todos loucos? – disse o doutor, irritado. – Do que estão falando, afinal? Pelo amor de Deus, feche essa janela, Jim, está entrando um vento frio de gelar os ossos. Nora, coloque a cabeça para trás e o sangramento parará.

Nora derramava lágrimas de raiva e vergonha. Misturadas com o sangue em seu rosto, elas a transformavam em uma visão assustadora. Jim Wilcox parecia desejar que o chão se abrisse e fizesse a gentileza de engoli-lo.

– Bem – começou a tia Abelhuda, beligerante –, tudo que lhe resta a fazer é casar-se com ela. Nora jamais arranjará um marido se todo mundo ficar sabendo que ela foi flagrada aqui com você, às duas da manhã.

– Casar-se com ela! – exclamou Jim, exasperado. – É tudo que sempre quis em minha vida e nada mais!

– Então por que não disse antes? – exigiu Nora, voltando-se para ele.

– Dizer? Você me ignorou e me rejeitou por anos. Sempre fez questão de demonstrar o quanto me menosprezava. Achei que seria perda de tempo me declarar. E em janeiro você disse...

– Você me obrigou a dizer...

– Eu te obriguei? Você inventou uma briga comigo só para se livrar de mim!

– Eu não... eu...

– E não obstante, fui tolo ao ponto de vir até aqui às pressas no meio da noite, pois achei que você tinha feito nosso velho sinal e me quisesse de volta! Pedir você em casamento... Bem, vou pedir a sua mão de uma vez por todas e você pode ter o prazer de me recusar diante de toda essa gente. Nora Edith Nelson, aceita se casar comigo?

– Ah, é claro... É claro que sim! – exclamou Nora, tão desavergonhadamente que até Barnabás corou por ela.

Jim lhe lançou um olhar incrédulo e então correu até ela. Talvez o nariz de Nora tivesse parado de sangrar, talvez não. Isso não importava.

– Acho que todos esqueceram que já é manhã de domingo – disse a tia Abelhuda, que tia acabado de se lembrar. – Uma xícara de chá cairia bem, se alguém se prontificasse a prepará-lo. Não estou acostumada com demonstrações assim, só espero que a coitada da Nora o tenha fisdado de verdade, desta vez e pelo menos, há testemunhas.

Eles foram para a cozinha e a senhora Nelson desceu e preparou ch, todos exceto Jim e Nora, que permaneceram fechados na biblioteca, com Barnabás

de acompanhante. Nora só foi vista pela manhã, era uma Nora muito diferente, dez anos mais jovem, corada de felicidade.

– Devo tudo a você, Anne. Se não tivesse acendido uma luz... ainda que, por dois minutos e meio, eu teria sido capaz de cortar as suas orelhas fora, ontem à noite!

– E pensar que eu dormi durante tudo isso! – lamentou Tommy Nelson.

Mas a última palavra foi da tia Abelhuda.

– Bem, só espero que não seja um caso de casamento às pressas e arrependimento a perder de vista.

O trecho faz parte de uma antiga oração escocesa. (N. T.)



CAPÍTULO 17

(Trecho de uma carta a Gilbert.)

Hoje foi o último dia de aula. Dois meses em Green Gables com samambaias perfumadas e úmidas de orvalho ao longo do riacho, a Travessa dos Amantes salpicada de sombras preguiçosas, morangos silvestres no pasto do senhor Bell e a charmosa penumbra dos pinheiros na Floresta Assombrada! Sinto como se minha alma tivesse asas!

Jen Pringle me trouxe um buquê de lírios-do-vale e me desejou boas férias. Ela virá passar um fim de semana comigo algum dia desses. Isso sim é um milagre!

Porém, a pequena Elizabeth está de coração partido. Também queria que ela viesse me visitar, mas a senhora Campbell afirmou que isso não “seria recomendável”. Eu não contei à Elizabeth, de forma que ela foi poupada dessa decepção. Ela disse que será a Lizzie durante todo o tempo em que estiver fora e que se sentirá como a Lizzie, pelo menos. Disse para ela pensar em como nos divertiremos quando eu voltar. É claro que não será com a Lizzie e vou escrever a Elizabeth todos os dias. Então, ela exultou: “Ah, senhorita Shirley, vai mesmo? Nunca recebi uma carta. Será tão divertido! E eu escreverei de volta, se me derem um selo. Se não, saiba que estarei pensando em você da mesma forma. Eu batizei o esquilo que mora no quintal em sua homenagem... Shirley. Você não se importa, não é? Pensei em chamá-lo de Anne Shirley, então me ocorreu que seria desrespeitoso e, de qualquer forma, “Anne” não me parece um nome de esquilo. São uns animaizinhos tão adoráveis, não são? Mas a Ajudante diz que eles comem as raízes das roseiras, eu disse que é a cara dela dizer isso.

Perguntei a Katherine Brooke onde ela iria passar o verão e ela respondeu sucintamente: “Aqui, onde mais?”. Senti que deveria convidá-la para vir a Green Gables, mas simplesmente não consegui, até porque, não creio que ela viria, porém quando a imagino sozinha naquela pensão barata durante todo o verão, minha consciência não me deixa em paz.

Outro dia, Dusty Miller trouxe uma cobra viva para a cozinha. Se Rebecca Dew conseguisse ficar ainda mais pálida, teria ficado. “É o fim da picada”, disse. Ela anda meio enfastiada nos últimos dias porque tem passado todo o tempo livre catando besouros cinza e verdes das roseiras e colocando-os em uma lata de querosene. Ela acha que existem insetos demais no mundo, ela prevê com pesar que algum dia, seremos devorados por eles.

Nora Nelson se casará com Jim Wilcox em setembro. Será um casamento muito simples, sem estardalhaço, sem convidados e sem madrinhas. Nora alegou que era a única forma de escapar da tia Abelhuda e ela não iria permitir que a tia a visse se casando. Ela quer a minha presença, todavia, meio que não oficialmente. Nora diz que Jim jamais teria voltado se eu não tivesse posto a lamparina na janela, ele vai vender a loja e mudar-se para o Oeste. Bem, quando penso em todos os casamentos que ajudei a fazer acontecer...

Sally diz que eles brigarão a maior parte do tempo, mas que serão mais felizes brigando um com o outro do que concordando com outras pessoas. Não acho que eles brigarão muito, acho que os mal-entendidos são a fonte da maioria dos problemas no mundo. Você e eu, depois de tanto tempo...

Boa noite, meu amado. Seus sonhos serão doces se tiverem a influência dos desenhos da

SUA ANNE.

P.S. A frase acima é uma citação direta de uma das cartas da avó da tia Chatty.

O
SEGUNDO
ANO



CAPÍTULO 1

Windy Poplars

Rua do Fantasma

14 de setembro

Mal posso aceitar que nossos lindos meses juntos terminaram. Eles foram lindos, não foram, meu amado? E agora só faltam dois anos para que...

(Vários parágrafos omitidos.)

Mas também foi muito bom voltar para Windy Poplars. Para a minha torre particular, minha poltrona especial e minha própria cama macia... e até mesmo para Dusty Miller, tomando sol no parapeito da janela da cozinha.

As viúvas ficaram contentes em me ver e Rebecca Dew disse com toda a franqueza: “Que bom que voltou”. Não foi diferente com a pequena Elizabeth. Tivemos um reencontro arrebatador no portão verde. Ela disse que ficou um pouco com medo de que eu tivesse chegado ao Amanhã antes dela. Então eu perguntei se não estava uma noite encantadora? E ela respondeu que a noite é sempre encantadora na minha presença. Que elogio!

Perguntei como ela passou o verão e ela respondeu com doçura que pensou em tudo de bom que acontecerá no Amanhã. Então nós fomos para a minha torre e lemos uma história sobre elefantes. A pequena Elizabeth está muito interessada nesses animais, atualmente. Perguntou com seriedade, segurando o queixo nas mãozinhas, em um gesto característico seu: “Há algo de fascinante até no próprio nome do elefante, não acha? Espero ver muitos elefantes no Amanhã”.

Nós colocamos um parque para elefantes em nosso mapa da Terra das Fadas. Não faça uma cara de superioridade e desdenho, meu Gilbert, como sei que fará ao ler isto, pois de nada servirá, o mundo sempre terá fadas, não conseguiria seguir em frente sem elas e alguém precisa provê-las.

Também foi ótimo voltar para a escola. Katherine Brooke continua não sendo uma boa companhia, mas meus pupilos parecem alegres em me ver e

Jen Pringle quer a minha ajuda para fazer auréolas de latão para as os anjos da apresentação da escola dominical.

Acho que as aulas serão muito mais interessantes que as do ano passado. História do Canadá vai entrar no currículo e tenho que fazer uma pequena apresentação sobre a Guerra de 1812. É tão estranho ler sobre essas guerras antigas... coisas que jamais podem voltar a acontecer. Não acho que nenhum de nós terá mais do que um interesse acadêmico nas “batalhas de outrora”. É impossível imaginar o Canadá em guerra novamente e fico grata por este período histórico ter terminado.

Vamos reorganizar o Clube de Artes Dramáticas o quanto antes, e pedir doações para todas as famílias ligadas à escola. Lewis Allen e eu vamos ficar com a estrada Dawlish e a percorreremos para angariar fundos na tarde de sábado. Lewis tentará matar dois coelhos com uma cajadada só, pois ele está competindo por um prêmio oferecido pela Country Homes pela melhor fotografia de uma casa de fazenda. O prêmio é de vinte e cinco dólares, que ele usará para comprar um terno e um casaco novo, dos quais precisa muito. Ele trabalhou em uma fazenda durante todo o verão, e está fazendo serviços domésticos e servindo mesas na pensão onde mora novamente, neste ano. Ele deve detestar, mas nunca reclama. Eu gosto do Lewis, é tão determinado e ambicioso, dono de um sorrisinho charmoso, não é muito encorpado e achei que ele não iria aguentar o ritmo de trabalho no ano passado, porém, o verão na fazenda parece tê-lo deixado mais atlético. Este é seu último ano na Escola Secundária e ele pretende cursar um ano na Queen's. As viúvas vão convidá-lo para o jantar de domingo sempre que possível, neste inverno. A tia Kate e eu tivemos uma conversa sobre as economias da casa e eu a persuadi a me deixar colaborar com os gastos extras e claro que não tentamos persuadir a Rebecca Dew. Eu meramente pedi para a tia Kate se poderia convidar o Lewis Allen para jantar aos domingos, pelo menos duas vezes por mês. A tia Kate disse friamente que temia que elas não tivessem condições. Rebecca soltou uma exclamação angustiada: “É o fim da picada. Estamos tão pobres que sequer podemos oferecer de vez em quando uma refeição a um jovem humilde, trabalhador e virtuoso que está tentando ter uma boa educação! Vocês pagam o quanto é preciso pelo fígado para Aquele Gato, que está explodindo de gordo. Bem, descontem o valor do meu salário e convidem o rapaz!”.

O evangelho segundo Rebecca foi aceito. Lewis Allen virá jantar, e nem o fígado do Dusty Miller nem o salário da Rebecca Dew serão reduzidos. A

querida Rebecca Dew!

A tia Chatty veio até meu quarto na noite passada e me contou que queria uma capa decorada com contas, mas a tia Kate disse que ela era velha demais e isso feriu os seus sentimentos. Perguntou se eu concordava, pois não querei parecer inapropriada, mas sempre quis uma capa com contas! Sempre achou que elas são o que você chamaria de garbosas e agora elas voltaram à moda! Eu lhe assegurei que ela não é velha demais e que ninguém é velho demais para usar o que deseja. Disse que ela não iria querer usá-la, se fosse velha demais. Então, ela afirmou em um tom nem um pouco desafiador, que deveria comprá-la e desafiar a tia Kate, mas acredito que ela vai acabar comprando-a e eu sei como aplacar a tia Kate.

Estou sozinha em minha torre. Lá fora, a noite está muito, muito tranquila, e o silêncio parece aveludado. Nem mesmo os álamos estão murmurejando. Eu acabei de me debruçar na janela e assoprar um beijo na direção de alguém que está a menos de cinquenta quilômetros de Kingsport.



CAPÍTULO 2

A estrada Dawlish era um caminho sinuoso e a tarde parecia feita para os caminhantes... ou foi o que Anne e Lewis pensaram enquanto o percorriam, parando aqui e ali para desfrutar de um repentino vislumbre safira do firmamento entre as árvores, ou para tirar uma fotografia da paisagem ou de uma casinha pitoresca em um vale frondoso. Já não foi tão prazeroso bater nas casas e pedir doações em prol do Clube de Artes Dramáticas, mas Anne e Lewis se revezaram, ele conversando com as mulheres e ela manipulando os homens.

– Aborde você os homens, se for usar esse vestido e o chapéu – aconselhou Rebecca Dew. – Tenho experiência em pedir doações e garanto que quanto mais bem vestida estiver maior será a quantia doada, ou a promessa dela, se você falar com os homens. Porém, se for abordar as mulheres, vista a roupa mais velha e feia que tiver.

– Uma estrada não é algo fascinante, Lewis? – divagou Anne. – Não as retas, mas aquelas com desvios e cantos onde uma surpresa ou algo belo pode estar espreitando. Sempre gostei de curvas nas estradas.

– Aonde esta estrada vai dar? – perguntou o prático Lewis, que naquele mesmo instante estava refletindo que a voz da senhorita Shirley sempre o fazia pensar na primavera.

– Eu poderia ser aborrecida e didática, Lewis e dizer que ela não chega a lugar algum, que ela fica aqui, mas não o farei e quanto ao local aonde ela vai dar ou leva... quem se importa? Até o fim do mundo, talvez. Lembre-se do que disse Emerson: “Ah, o que eu tenho a ver com o tempo²³?”. Esse é o lema do nosso dia, pois suponho que o universo seguirá seu curso se o deixarmos em paz. Repare nas sombras daquelas nuvens, na tranquilidade dos vales verdes e naquela casa com uma macieira de cada lado. Imagine-a na primavera. Esse é um daqueles dias em que as pessoas se sentem vivas e cada vento que sopra é como um irmão. Fico contente que haja tantas

samambaias aromáticas ao longo desta estrada... Samambaias aromáticas com delicadas teias de aranha. Isso me faz lembrar do dia em que fingi, ou acreditei, acho que eu realmente acreditei que as teias de aranha eram as toalhinhas de mesa das fadas.

Eles encontraram uma nascente em um vale dourado e sentaram-se sobre o musgo que parecia feito de minúsculas samambaias para beber de um copo que Lewis fez com uma casca de bétula.

– Você não se dá conta da verdadeira emoção que é beber água até estar sedento e não ter o que tomar – disse ele. – Naquele verão em que trabalhei na construção da estrada de ferro, eu me perdi na pradaria em um dia quente e fiquei vagando por horas. Achei que iria morrer de sede, até que encontrei a cabana de um colono, onde havia um pequeno córrego em meio a um aglomerado de salgueiros. E como eu bebi! Foi então que eu compreendi o apreço que há na Bíblia por um bom gole de água.

– Logo nós vamos tomar água de outro ângulo – disse Anne, apreensiva. – Uma chuva está se aproximando e... Lewis, por mais que eu adore tomar chuva, estou usando o meu melhor chapéu e meu segundo melhor vestido. E não há nenhuma casa a menos de um quilômetro.

– Há uma antiga oficina de ferreiro abandonada logo adiante, mas teremos que correr.

E de fato eles correram, do abrigo apreciaram a chuva da mesma forma que desfrutaram de tudo mais naquela tarde livre e erradia. Um silêncio velado recaiu sobre o mundo. Todas as brisas que sussurravam e farfalhavam tão imponentemente pela estrada Dawlish dobraram suas asas e ficaram imóveis, em silêncio. Nem uma folha se mexia, nem uma sombra dançava. Os bordos no fim da estrada pareciam ter empalidecido de medo, com suas folhas viradas do avesso. Uma sombra fresca imensa parecia tragá-los como uma onda verde e a nuvem os havia alcançado. E então veio a chuva, juntamente com uma rajada de vento. As gotas brincavam sobre a folhagem, bailando pela estrada vermelha e empoeirada e tamborilando alegremente sobre o teto da velha ferraria.

– Se for durar muito... – disse Lewis.

Mas não durou. Tão repentinamente quanto havia começado, a chuva cessou e o sol voltou a brilhar sobre as árvores molhadas. Vislumbres fascinantes do céu azul surgiram por entre as nuvens brancas que se desfaziam. Ao longe, era possível ver uma colina onde ainda chovia, abaixo deles, uma bruma cor de pêssego parecia transbordar do vale. Os bosques ao

redor exibiam um brilho primaveril, um pássaro foi ludibriado pelo incrível e doce frescor que o mundo ganhara subitamente e começou a cantar, acreditando que era primavera.

– Vamos explorar – disse Anne quando voltaram a caminhar, olhando para uma trilha que corria entre cercas antigas escondidas por arbustos.

– Não creio que alguém more por essas bandas – disse Lewis. – Acho que é só uma estradinha que leva até o porto.

– Não importa, vamos segui-la, sempre tive uma queda por estradas secundárias que desviam do caminho conhecido, perdidas, verdes e solitárias. Sinta o cheiro da grama molhada, Lewis. Além disso, meu sexto sentido me diz que há uma casa por ali, uma casa especial e que daria uma ótima fotografia.

O sexto sentido de Anne não a enganou. Logo eles se depararam com uma casa digna de ser fotografada. Era uma casa singular, antiga, de beirais baixos e pequenas janelas quadradas. Grandes salgueiros estendiam seus braços patriarcais sobre ela e uma aparente selva de arbustos e plantas perenes amontoava-se ao seu redor. Parecia gasta pelo tempo e o clima, mas os grandes celeiros atrás dela tinham um aspecto próspero e moderno.

– Sempre ouvi dizer, senhorita Shirley, que se os celeiros de um homem são melhores que sua casa, isso é um sinal de que sua venda é maior que seus gastos – comentou Lewis conforme avançavam pela vereda tomada pela grama.

– Eu diria que é um sinal de que ele tem mais consideração pelos cavalos do que pela família – riu Anne. – Não espero ganhar uma doação para o nosso clube aqui, mas esta é a casa com a maior probabilidade de ganhar o concurso. A cor acinzentada não fará diferença na foto.

– Essa trilha não parece ser muito usada – observou Lewis, dando de ombros. – Evidentemente, as pessoas que moram aqui não são muito sociáveis. Temo que nem saibam o que é um clube de artes dramáticas. De qualquer forma, vou garantir a minha foto antes de importuná-los.

A casa parecia deserta; depois de tirar a foto, eles passaram por um portãozinho branco, cruzaram o jardim e bateram na porta da cozinha de um azul desbotado; era visível que a porta da frente era como a de Windy Poplars, mais para adorno do que para uso, isso se uma porta encoberta por hera pudesse ser chamada de adorno.

Os dois esperavam, no mínimo, a mesma cortesia que haviam encontrado até então em suas visitas, respaldada ou não pela generosidade. Assim, eles

foram absolutamente pegos de surpresa quando a porta foi escancarada, não pela esposa ou a filha sorridente do fazendeiro, mas por um homem alto e robusto na casa dos 50 anos, com cabelos grisalhos e sobrancelhas cerradas, que exigiu saber sem cerimônia:

– O que querem?

– Gostaríamos de saber se o senhor tem interesse em nosso Clube de Artes Dramáticas da Escola Secundária – começou Anne, hesitante. Mas ela foi poupada do esforço.

– Nunca ouvi falar disso, também não quero ouvir e não quero nada com isso – interrompeu ele secamente, antes de bater a porta na cara deles.

– Acho que fomos esnobados – disse Anne enquanto se afastavam dali.

– Que cavalheiro mais amigável – sorriu Lewis. – Coitada da esposa dele, se for casado.

– Acredito que não seja, do contrário ela já o teria civilizado pelo menos um pouco – disse Anne, tentando se recompor. Gostaria que Rebecca Dew desse um jeito nele. – Mas nós conseguimos uma foto da casa dele, pelo menos e tenho uma premonição de que ela vai levar o prêmio. Ai! Entrou uma pedrinha em meu sapato e vou ter que me sentar no deck de pedra para tirá-la, com ou sem a permissão dele.

– Por sorte, estamos fora do campo de visão dele – disse Lewis.

Anne tinha acabado de desatar os cadarços quando ouviu algo vindo sorrateiramente pela selva de arbustos à direita. Então um menino de cerca de oitos anos de idade surgiu e ficou parado estudando-os com timidez, enquanto segurava com firmeza nas mãozinhas gorduchas uma torta de maçã. Era uma criança bonita, com cachos castanhos lustrosos, grandes olhos cor de avelã e traços delicados. Tinha certo ar de refinamento, apesar de estar descalço e com a cabeça descoberta e de vestir uma camisa azul surrada e um par de shorts puído de veludo. Parecia um príncipe disfarçado.

Logo atrás dele estava um grande cão preto da raça terra-nova, cuja cabeça chegava quase à altura dos ombros do menino.

Anne olhou para ele com um sorriso que sempre ganhava o coração das crianças.

– Olá, mocinho – disse Lewis. – De onde você veio?

O menino aproximou-se, retribuindo o sorriso, estendendo a torta.

– É para vocês – ofereceu, timidamente. – O papai fez para mim, mas prefiro que a comam. Já estou satisfeito.

Lewis, um tanto sem tato, estava a ponto de recusar a guloseima do garoto quando Anne lhe deu um rápido cutucão. Compreendendo a dica, ele prontamente a aceitou e entregou a Anne, que, prontamente, partiu-a em dois pedaços e lhe deu um deles. Eles sabiam que tinham que comê-la e tinham dúvidas dolorosas sobre a habilidade do “papai” na cozinha, mas a primeira mordida os tranquilizou. Talvez o forte do “papai” não fosse a cortesia, mas ele certamente sabia fazer tortas.

– Está delicioso – disse Anne. – Qual é o seu nome, querido?

– Teddy Armstrong – disse o pequeno benfeitor. – Mas o papai sempre me chama de Pequeno Camarada, sou tudo que ele tem, sabe e ele gosta muitíssimo de mim, e eu gosto muitíssimo do papai. Sei que pensam que o meu pai é mal-educado por ter fechado a porta tão depressa, mas não foi a intenção dele. Ouvi vocês pedindo algo para comer. (“Não pedimos, mas isso não importa”, pensou Anne.)

– Eu estava no jardim, atrás da malva-rosa, e pensei em dar a vocês a minha torta, pois tenho muita pena dos pobres que não têm o que comer. Eu tenho, sempre, pois meu pai é um cozinheiro esplêndido. Vocês precisam provar o pudim de arroz que ele faz.

– Ele coloca uvas-passas? – perguntou Lewis, com uma piscadela.

– Bastante. Ele nunca é sovina.

– Você tem uma mãe, querido? – perguntou Anne.

– Não. Minha mãe morreu. A senhora Merrill uma vez me disse que ela foi para o céu, mas o papai disse que essas coisas não existem e eu acho que ele deve ter razão. Meu pai é um homem muito sábio, já leu milhares de livros e quero ser exatamente como ele quando crescer, só que eu vou dar o que comer para as pessoas que precisem. Meu pai não gosta muito de pessoas, sabe, mas é muito bom comigo.

– Você vai à escola? – perguntou Lewis.

– Não. Meu pai me ensina em casa. Porém, os diretores disseram que eu deveria começar a ir no ano que vem e acho que eu iria gostar de ter outros garotos com quem brincar. É claro que eu tenho o Carlo e é muito legal brincar com o papai quando ele tem tempo. Meu pai é muito ocupado, sabe. Ele precisa tocar a fazenda e manter a casa limpa, também, é por isso que não se pode dar ao trabalho de receber visitas. Quando eu ficar maior, vou poder ajudá-lo mais e então ele terá mais tempo para ser educado com os outros.

– A torta estava muito boa, Pequeno Camarada – disse Lewis, engolindo o último pedaço.

Os olhos do Pequeno Camarada se iluminaram.

– Que bom que gostaram.

– Gostaria que o Lewis tirasse uma foto sua? – perguntou Anne, sentindo que não seria correto oferecer dinheiro àquela alma generosa tão jovem.

– Eu adoraria! – disse o Pequeno Camarada, animado. – Do Carlo, também?

– Do Carlo, também.

Anne colocou os dois na frente de um arbusto, o menino com o braço ao redor do pescoço peludo do amigo. Ambos pareciam igualmente muito felizes e Lewis tirou a foto com o último filme.

– Se ficar boa, eu a enviarei a você pelo correio – prometeu. – A quem devo endereçá-la?

– Teddy Armstrong, aos cuidados do senhor James Armstrong, estrada Glencove – disse o Pequeno Camarada. – Ah, não seria divertido receber algo pelo correio? Eu ficaria muito orgulhoso, pode apostar. Não vou dizer nada ao papai, para que seja uma surpresa.

– Bem, espere um envelope daqui duas ou três semanas – disse Lewis, quando se despediram do garoto. Anne inclinou-se e beijou a carinha queimada de sol dele, algo nele tocou o coração de Anne, pois ele era tão doce, tão nobre e não tinha uma mãe.

Eles olharam para trás antes da curva na estrada e o viram sobre o deck de pedra, com o cachorro, acenando para eles.

Obviamente, Rebecca Dew sabia tudo sobre os Armstrong:

– James Armstrong nunca superou a morte da esposa, cinco anos atrás. Ele não era tão irascível, naquela época, só um pouco eremita, pois era o jeito dele e vivia para a esposa, que era 20 anos mais jovem que ele. Ouvi dizer que a morte dela foi um choque terrível, que mudou completamente a natureza dele, pelo visto. Ficou amargurado e ranzinza, não quis nem uma empregada e cuida da casa e do filho por conta própria. Ele morou sozinho por um bom tempo antes de se casar, de forma que não se sai nada mal.

– Dizem que ele venera aquele menino – disse a tia Kate.

– “Não terás outros deuses além de mim²⁴” – citou Rebecca Dew, de repente.

Trecho do poema *Waldeinsamkeit*, do poeta estadunidense Ralph Waldo Emerson (1803-1882). (N. T.)
Referência ao Antigo Testamento – Êxodo 20:3. (N. T.)



CAPÍTULO 3

Lewis demorou quase três semanas para encontrar tempo de revelar as fotografias. Ele as levou até Windy Poplars no primeiro domingo em que jantou lá, a casa e o Pequeno Camarada ficaram ótimos e o menino sorrindo na foto parecia “estar vivo”, disse Rebecca Dew.

– Ele se parece com você, Lewis! – exclamou Anne.

– Parece mesmo – concordou a Rebecca Dew, estreitando os olhos. – No instante em que vi a foto, ela me fez lembrar de alguém, eu só não sabia quem.

– Os olhos, a testa, todo o semblante são seus, Lewis – disse Anne.

– É difícil de acreditar que eu fui um garotinho tão bem-apegoado – Lewis deu de ombros. – Eu tenho uma foto minha guardada em algum lugar, de quando eu tinha ^ anos. Tenho que procurá-la para comparar com esta. Você ria, senhorita Shirley, pois nela há uma criança de olhos sérios, com longos cachos e uma gola de renda, rígido como uma estátua. Acredito que eu tinha preso à cabeça um daqueles aparatos de três garras que se usavam na época. Se esta foto realmente se parece comigo, é pura coincidência, o Pequeno Camarada não pode ser um parente, pois eu não tenho parentes na ilha... Atualmente.

– Onde você nasceu? – perguntou a tia Kate.

– Em Nova Brunswick. Meu pai e minha mãe morreram quando eu tinha dez anos e eu vim para cá para morar com uma prima da minha mãe... que eu chamava de tia. Ela também já morreu, há três anos.

– Jim Armstrong veio de Nova Brunswick – disse Rebecca Dew. – Ele não é nativo da ilha e se fosse, não seria tão recluso. Nós temos as nossas particularidades, mas somos civilizados!

– Não sei se gostaria de descobrir um parentesco com o amável senhor Armstrong – disse Lewis, atacando a torrada com canela da tia Chatty. – Entretanto, depois que eu revelar a fotografia, acho que vou levá-la até lá eu

mesmo para fazer algumas perguntas. Ele pode ser um primo distante, ou algo do tipo. Eu realmente não sei nada da família da minha mãe, sempre tive a impressão de que ela não tinha nenhum parente vivo. Eu sei que o papai não tinha.

– Se você levar a foto pessoalmente, o Pequeno Camarada não vai ficar um pouco desapontado por perder a emoção de receber alguma coisa pelo correio? – disse Anne.

– Vou compensá-lo enviando outra coisa pelo correio.

Na tarde de sábado seguinte, Lewis apareceu na Rua do Fantasma em uma charrete antiquada, sendo guiada por uma égua ainda mais antiga.

– Estou indo a Glencove para levar a fotografia do pequeno Teddy Armstrong, senhorita Shirley. Se minha chegada não for inesperada demais, gostaria que você viesse comigo. Acho que nenhuma das rodas vai sair.

– Onde você arranjou essa relíquia, Lewis? – quis saber Rebecca Dew.

– Não tire sarro do meu galante corcel, senhorita Dew. Tenha um pouco de respeito pela idade dele. O senhor Bender me emprestou a charrete e o animal com a condição de que eu fizesse um favor a ele na estrada Dawlish. Eu não teria tempo para ir e voltar a pé de Glencove.

– Tempo! – exclamou Rebecca Dew. – Eu poderia ir e voltar de lá mais rápido que este animal.

– Carregando um saco de batatas para o senhor Bender? Você é uma mulher maravilhosa!

As bochechas de Rebecca Dew ficaram ainda mais vermelhas.

– Não se deve rir dos mais velhos – retrucou. Mas logo se abrandou. – Não gostaria de comer algumas rosquinhas antes de sair de viagem?

A égua branca, no entanto, exibiu uma potência surpreendente de locomoção quando tomaram a estrada. Anne riu consigo mesma enquanto trotavam em direção a Glencove. O que a senhora Gardiner ou até mesmo a tia Jamesina diriam se a vissem agora? Bem, ela não se importava. Era um dia magnífico para um passeio em uma terra que ainda celebrava o antigo e incrível ritual de outono e Lewis era uma boa companhia. O jovem tinha determinação para alcançar suas ambições. Nenhum outro conhecido seu, refletiu Anne, teria coragem de convidá-la para um passeio na charrete com a égua do senhor Bender, mas não ocorreu a Lewis que pudesse haver algo de constrangedor nisso. Que diferença faz a maneira como se viaja, contanto que se chegue ao destino? Os topos das serenas colinas continuavam azuis, as estradas vermelhas, os bordos maravilhosos, independentemente de seu

veículo. Lewis era um filósofo e dava a mínima quando algum aluno da Escola Secundária o chamava de “mulherzinha” por fazer os serviços domésticos na pensão. Que falassem o que quisessem! Algum dia, ele iria rir por último. Seus bolsos podiam estar vazios, mas não a sua mente. Por hora, a tarde era idílica e eles estavam indo visitar o Pequeno Camarada, eles contaram ao cunhado do senhor Bender o motivo da viagem enquanto colocavam o saco de batatas na charrete.

– Quer dizer que você tem uma foto do pequeno Teddy Armstrong? – exclamou o senhor Merrill.

– Sim, e uma muito boa. – Lewis abriu o embrulho e a mostrou com orgulho. – Não creio que um fotógrafo profissional teria tirado uma foto melhor.

O senhor Merrill deu um tapa sonoro na própria coxa.

– Ora essa, que coisa! Mas o pequeno Teddy Armstrong está morto...

– Morto! – exclamou Anne, horrorizada. – Ah, senhor Merrill... não... não me diga que... aquele doce menininho...

– Sinto muito, senhorita, mas é verdade. O pai enlouqueceu e o pior é que não tem nenhuma foto dele, mas agora vocês têm uma muito boa. Vejam só!

– É... Impossível! – disse Anne, com os olhos cheios de lágrimas. Ela podia ver a delicada figura acenando para eles do deck de pedra.

– Desculpe, mas é a mais pura verdade. Ele morreu há quase três semanas de pneumonia. Sofreu demais, mas dizem que foi muito corajoso e obediente e não sei o que vai ser do Jim Armstrong, agora. Dizem que age feito um louco, andando de um lado para o outro, resmungando para si mesmo o tempo todo. “Se ao menos eu tivesse uma foto do meu Pequeno Camarada”, diz sem parar.

– Sinto muita pena daquele homem – disse a senhora Merrill, de repente. Parada ao lado do marido, ela ainda não havia falado nada, era uma mulher esquelética e atarracada, usando um avental xadrez por cima do vestido surrado. – Ele tem dinheiro e sempre achei que nos menospreza por sermos pobres, mas nós temos o nosso menino... e não importa sua condição financeira, contanto que você tenha alguém a quem amar.

Anne olhou para a senhora Merrill com novos olhos. Ela não era bonita, mas, quando seus olhos fundos e acinzentados se encontraram com os de Anne, houve uma espécie de conexão entre suas almas. Ela nunca havia visto e jamais voltou a ver aquela senhora, mas sabia que sempre se

lembraria dela como a mulher que desvendara o maior segredo da vida: você jamais será pobre de verdade se tiver algo que ame.

Aquele dia dourado estava arruinado para Anne. De alguma forma, o Pequeno Camarada havia conquistado o coração dela naquele breve encontro. Lewis e ela foram em silêncio até Glencove. Carlo estava deitado nas pedras diante da porta azul, ele se levantou e aproximou-se conforme eles desciam da charrete para lambar a mão de Anne, com aqueles olhos grandes e esperançosos que pareciam pedir notícias sobre o colega de brincadeiras. A porta estava aberta e na sala escura eles viram um homem com a cabeça abaixada sobre a mesa.

Quando Anne bateu, ele se levantou e veio até a porta. Ela ficou chocada com a mudança que ocorrera em seu semblante: o rosto parecia mais magro e abatido, com a barba por fazer e em seus olhos profundos ardia uma chama incerta.

Ela esperava ser enxotada dali, mas ele pareceu reconhecê-la, pois disse com apatia:

– Então, voltou? O Pequeno Camarada disse que conversou com você e que te deu um beijo. Sinto muito por ter sido tão rude. O que deseja?

– Queremos te mostrar uma coisa – disse Anne, com gentileza.

– Querem entrar e se sentar? – ofereceu ele tristemente.

Sem dizer uma palavra, Lewis tirou a fotografia do Pequeno Camarada do embrulho e a estendeu. Ele a pegou e a estudou com um olhar incrédulo e ávido e então deixou-se cair na cadeira e começou a chorar. Anne nunca tinha visto um homem chorar antes. Lewis e ela ficaram ali, parados em um respeitoso silêncio, até que ele recobrou o autocontrole.

– Ah, vocês não sabem o que isso significa para mim – disse, por fim. – Eu não tinha nenhuma foto dele e eu não sou como as outras pessoas, não consigo me lembrar de rostos, não como a maioria das pessoas, que enxerga os rostos na mente. Tem sido muito horrível desde que o Pequeno Camarada morreu, não conseguia nem me lembrar de como ele era. E agora vocês me trouxeram isso, depois de eu ter sido tão grosseiro. Sentem-se... Sentem-se. Gostaria de expressar minha gratidão de alguma forma. Acho que vocês salvaram a minha sanidade, talvez até a minha vida. Ah, senhorita, não é a cara dele? A foto é tão vívida que parece até que ele vai começar a falar. Meu querido Pequeno Camarada. Como vou viver sem ele? Não tenho mais motivos para viver. Primeiro a mãe e agora ele.

– Ele era um rapazinho encantador – disse Anne.

– Era mesmo. Teddy... Theodore, foi o nome escolhido pela mãe... “Minha dádiva dos deuses”, como dizia. Era tão paciente e nunca reclamava. Uma vez ele olhou para mim, sorriu e disse: “Pai, acho que o senhor se enganou sobre uma coisa... Só uma. Acho que o céu existe, sim. Não existe, pai?”. Eu disse que sim, que o céu existe... Deus me perdoe por ter tentado ensiná-lo o contrário. Ele sorriu novamente, satisfeito, e disse: “Bem, pai, eu vou para lá, e a mamãe e Deus estarão lá, também, de forma que eu ficarei bem, mas estou preocupado com você, pai, pois ficará tão sozinho sem mim, então apenas faça o seu melhor, seja educado com os outros e com o tempo você se reunirá conosco”. Ele me fez prometer que iria tentar, mas quando ele partiu, eu não consegui suportar o vazio. Eu teria ficado louco se vocês não tivessem me trazido isso. Agora, as coisas não serão tão difíceis.

Ele falou do filho por um bom tempo, como se isso lhe desse alívio e prazer. Parecia ter se despedido da irritação e da rabugice, como se fossem um acessório. Finalmente, Lewis lhe mostrou uma pequena fotografia de si mesmo.

– Você acha parecida com alguém, senhor Armstrong? – perguntou Anne.

O senhor Armstrong a examinou com perplexidade.

– É muito parecido com o meu Pequeno Camarada – disse. – De quem é a foto?

– Minha – respondeu Lewis –, de quando eu tinha sete anos. Foi por causa da estranha semelhança com Teddy que a senhorita Shirley fez questão que eu te mostrasse. É possível que você e eu, ou o Pequeno Camarada, tenhamos algum grau de parentesco. Meu nome é Lewis Allen e meu pai era o George Allen. Eu nasci em Nova Brunswick.

– Qual é o nome de solteira da sua mãe?

– Mary Gardiner.

James Armstrong o encarou em silêncio por um instante.

– Ela era minha meia-irmã – disse, por fim. – Eu mal a conhecia, só a vi uma vez. Fui criado pela família do meu tio depois da morte do meu pai, minha mãe casou-se novamente e mudou-se para longe. Ela foi me visitar uma vez e levou a filha pequena, mas morreu logo depois, e nunca mais vi minha meia-irmã. Quando vim morar na ilha, perdi completamente o contato com ela. Você é meu sobrinho e primo do Pequeno Camarada.

Foi uma notícia surpreendente para um rapaz que achava que estava sozinho no mundo. Lewis e Anne passaram o fim de tarde com o senhor Armstrong e descobriram que ele era um homem culto e inteligente. De

alguma forma, ambos gostaram dele, a recepção inospitaleira de antes foi esquecida e agora podiam ver o verdadeiro valor da personalidade que se ocultava debaixo da armadura de incivilidade.

– O Pequeno Camarada não teria amado tanto o pai se ele não fosse assim – disse Anne a Lewis no caminho de volta Windy Poplars ao entardecer.

Quando Lewis Allen visitou o tio no fim de semana seguinte, ele disse:

– Rapaz, venha morar comigo. Você é meu sobrinho e eu posso cuidar bem de você, como eu teria feito com o Pequeno Camarada. Você está sozinho neste mundo e eu também. Eu preciso de você ou vou acabar ficando rude e amargurado de novo se continuar morando sozinho. Quero que me ajude a manter a promessa que fiz ao Pequeno Camarada, ele deixou um espaço vazio, venha preenchê-lo.

– Obrigado, tio. Vou pensar na sua proposta – disse Lewis, estendendo a mão.

– E traga a sua amiga professora de vez em quando, eu gosto dela e o Pequeno Camarada gostou dela. Ele disse: “Papai, eu achava que não iria gostar de que mais ninguém me beijasse além de você, mas eu gostei quando ela me beijou. Há algo fascinante nos olhos dela, pai”.



CAPÍTULO 4

– O velho termômetro da varanda diz que está zero grau e o novo ao lado da porta diz que está dez graus – observou Anne, em uma gélida noite de dezembro. – Não sei se levo meus protetores de orelha ou não.

– É melhor confiar no velho termômetro – aconselhou Rebecca Dew. – Deve estar mais acostumado com o nosso clima. Aonde vai nesta noite fria, aliás?

– Vou até a rua Temple para convidar Katherine Brooks para passar os feriados de fim de ano comigo, em Green Gables.

– Você vai arruinar as suas festividades, então – disse Rebecca Dew, solenemente. – Aquela lá destrataria até os anjos, quer dizer, se o céu for suficientemente bom para ela. E o pior de tudo é que ela tem orgulho dos péssimos modos... o que demonstra sua força mental, sem dúvida!

– Meu cérebro concorda com cada palavra sua, mas meu coração simplesmente não – disse Anne. – Sinto que, apesar de tudo, Katherine Brooke é apenas uma garota tímida e infeliz por baixo da carapaça hostil. Não consigo chegar até ela em Summerside, mas Green Gables talvez consiga derreter um pouco do gelo.

– Você não vai conseguir, pois ela não vai aceitar – previu Rebecca Dew. – Provavelmente vai achar insultante o convite, como se você estivesse fazendo caridade. Nós a convidamos para o jantar de Natal, uma vez, um ano antes de você chegar aqui, lembra-se, senhora MacComber, do ano em que ganhamos dois perus, não sabíamos como iríamos comê-los... e tudo que ela disse foi: “Não, obrigada. Se tem algo que eu odeio, é a palavra natal!”.

– Que horrível odiar o Natal! Algo precisa ser feito, Rebecca Dew. Eu vou convidá-la e tenho uma estranha sensação de que ela aceitará.

– De alguma forma, quando você diz que algo vai acontecer, é melhor acreditar que vai. Você não é sensível, é? A mãe da senhora MacComber era e me dava arrepios.

– Acho que não sou nada que possa causar arrepios. É só que faz algum tempo que tenho a impressão de que Katherine Brooke está quase enlouquecendo de solidão por baixo da amargura externa e que meu convite virá no momento psicológico certo, Rebecca Dew.

– Não tenho ensino superior – disse Rebecca com impressionante humildade – e não nego seu direito de usar palavras que nem sempre entendo. Tampouco nego sua capacidade de convencer as pessoas a fazerem o que você quer. Veja só como lidou com os Pringle, mas tenho muita pena se levar aquele iceberg combinado com um ralador de noz-moscada para passar o Natal com você.

Anne não se sentia tão confiante quanto aparentava enquanto caminhava pela rua Temple. Katherine Brooke estava realmente insuportável nos últimos tempos. Anne, menosprezada repetidas vezes, havia dito “nunca mais”, como o sombrio corvo do poema de Poe. No dia anterior, Katherine tinha sido decididamente ofensiva em uma reunião dos professores, mas em um momento de guarda baixa, Anne avistou algo intenso e desesperado espreitando por detrás dos olhos da outra, era uma espécie de animal enjaulado, enlouquecido pelo desgosto. Anne passou metade da noite tentando decidir se convidaria Katherine Brooke para ir a Green Gables ou não. Por fim dormiu, com a decisão irrevogavelmente tomada.

A senhoria de Katherine a convidou para entrar e ergueu os ombros gordos quando perguntada sobre a senhorita Brooke.

– Posso avisar que você está aqui, mas duvido que vá descer, pois ela está de mau humor. Hoje no jantar, contei que a senhora Rawlins acha escandalosa a maneira como ela se veste, para uma professora da Escola Secundária e ela se ofendeu, como de costume.

– Não acho que a senhorita deveria ter dito isso à senhorita Brooke – explicou Anne.

– Mas eu achei que ela deveria saber – disse a senhora Dennis, com petulância.

– Também acha que ela deveria saber que o inspetor a considera uma das melhores professoras do distrito? Ou não sabia disso?

– Ah, ouvi falar, mas ela já é metida o suficiente. “Orgulhosa” não faz jus, embora eu não saiba do que tem tanto orgulho e ela também já estava brava, porque antes eu havia avisado que não pode ter um cachorro, enfiou na cabeça que quer um cachorro e disse que pagaria pela ração e cuidaria para

que não fosse um estorvo, mas o que eu faria com ele enquanto ela está na escola? Eu bati o pé. “Não aceito cães na pensão”, disse.

– Ah, senhora Dennis, por que não deixa que ela tenha um cachorro? Ele não incomodaria muito. Pode deixá-lo no porão, enquanto ela estiver na escola. E ele protegeria a casa à noite. Eu gostaria tanto que deixasse... Por favor.

Havia algo nos olhos de Anne Shirley ao dizer “por favor” que as pessoas raramente resistiam. A senhora Dennis, a despeito dos ombros largos e da língua afiada, tinha um bom coração. Katherine Brooke apenas lhe dava nos nervos, às vezes, por causa da ingratidão.

– Não sei se você deveria estar se preocupando com isso, não sabia que eram próximas, ela não tem nenhum amigo e eu nunca tive uma hóspede tão antissocial.

– Acho que é por isso que ela quer um cachorro, senhora Dennis. Ninguém consegue viver sem nenhuma companhia.

– Pois é o primeiro traço humano que percebo nela. Não tenho nenhuma grande objeção a um cachorro, mas a forma como perguntou me deixou aborrecida. “Suponho que diria que não, se eu perguntasse se posso ter um cachorro, senhora Dennis” foi muito pedante. Pois muito bem! “Supôs corretamente”, respondi, tão pedante quanto ela. Não gosto de dar o braço a torcer, mas diga-lhe que ela pode ter um cachorro, se prometer que ele não bagunçará a sala de visitas.

Anne não achava que a sala poderia ficar ainda pior com a presença de um cão. Ela teve um arrepio ao reparar nas cortinas de renda sujas e nas rosas violetas horrorosas no tapete.

“Tenho dó de qualquer pessoa que tiver que passar um natal nessa pensão”, pensou. “Não é à toa que Katherine odeia essa palavra. Esse lugar precisa de uma arejada, ele cheira a mil refeições. Por que Katherine fica aqui, se tem um bom salário?”

– Ela disse que você pode subir – foi a mensagem que a senhora Dennis repassou, com um tanto de desconfiança.

A escada de degraus curtos era repulsiva, como se repelisse as pessoas. Ninguém a subiria, se não precisasse e o linóleo do corredor estava completamente gasto. O quatinho no fim do corredor onde Anne se encontrava era ainda mais sem vida do que a sala. Era iluminado por uma única lamparina a gás sem tela, havia uma cama de ferro bem no meio do cômodo e uma janela estreita com cortinas simplórias que dava para o

quintal, onde uma grande plantação de latas de alumínio floresciam. Porém, para além dele, um céu maravilhoso e uma fileira de álamos que se destacavam contra distantes colinas longas e púrpuras.

– Ah, senhorita Brooke, veja aquele pôr do sol – disse Anne alegremente da cadeira de balanço que rangia e não tinha almofada, que Katherine lhe indicara sem muita graciosidade.

– Já vi pores do sol suficientes – respondeu com frieza, sem se mover. (“Sendo condescendente comigo com o anoitecer!”, pensou com amargura.)

– Mas ainda não viu este. Nenhum crepúsculo é igual ao outro. Sente-se aqui e apenas o sinta adentrando em nossa alma – disse Anne, mas ela pensou: “Você não consegue dizer nada agradável?”.

– Não seja ridícula, por favor.

As palavras mais ofensivas do mundo! Que soaram ainda mais insultantes no tom desdenhoso de Katherine. Ane virou-se e olhou para ela, muito mais inclinada a levantar-se e ir embora. Entretanto, o olhar dela parecia diferente. Será que estivera chorando? Com certeza que não... Era impossível imaginar Katherine Brooke chorando.

– Você não me faz sentir muito bem-vinda – disse Anne lentamente.

– Não sei fingir. Não tenho o seu dom digno de uma rainha de dizer exatamente a coisa certa para cada pessoa. Você não é bem-vinda. Por acaso este quarto parece acolhedor?

Katherine fez um gesto de desprezo para as paredes desbotadas, as cadeiras velhas e a cômoda bamba com sua toalha de musselina.

– Não é um quarto confortável, mas por que você continua aqui, se não gosta?

– Ah... por que... por quê? Você não entenderia, mas não tem importância. Não me importo com o que os outros dizem. O que te trouxe até aqui? Suponho que não tenha vindo apenas assistir o pôr do sol.

– Vim perguntar se você deseja passar o Natal comigo em Green Gables.

(“E agora, lá vem outra dose de sarcasmo!”, pensou Anne. “Por que não se senta, pelo menos? Fica aí, de pé, como se estivesse esperando que eu fosse embora.”)

Houve um momento de silêncio. Então, Katherine disse, lentamente:

– Por que está me convidando? Não é porque você gosta de mim, nem mesmo você conseguiria fingir isso.

– É porque não suporto nem imaginar um ser humano passando o Natal em um lugar desses – disse Anne, com sinceridade.

O sarcasmo veio em seguida.

– Ah, entendi é um surto sazonal de caridade. Eu ainda não cheguei a tal ponto, senhorita Shirley.

Anne levantou-se. Sua paciência havia se esgotado com aquela criatura estranha e distante. Ela atravessou o quarto e olhou dentro dos olhos de Katherine.

– Katherine Brooke, querendo ou não, você precisa de umas palmadas.

Elas se encararam por um instante.

– Você deve estar aliviada por ter dito isso – disse Katherine. Por algum motivo, seu tom ofensivo tinha desaparecido e o início de um sorriso curvava o canto dos lábios dela.

– Estou. Faz tempo que eu queria te dizer isso. Não te convidei para ir para Green Gables por caridade e você sabe disso perfeitamente. Eu te contei meu verdadeiro motivo. Ninguém deveria passar o Natal aqui, a mera possibilidade de isso acontecer já é indecente.

– Você só está me chamando por ter dó de mim.

– Sim, tenho mesmo, pois você afastou o mundo da sua vida e agora o mundo está se afastando de você. Chega, Katherine. Abra as portas para o mundo e mundo virá.

– A versão da Anne Shirley para o velho ditado: “Sorria para o mundo e o mundo sorrirá de volta” – disse Katherine, dando de ombros.

– Como todos os ditados, este é a mais pura verdade. Agora, você irá comigo para Green Gables, ou não?

– Se eu aceitasse, o que você diria? Para si mesma, não para mim.

– Diria que você está demonstrando os primeiros sinais de bom senso que já detectei em você – retrucou Anne.

Katherine riu, surpreendentemente, foi até a janela, fez uma cara feia para o que restava do pôr do sol alaranjado e virou-se para Anne.

– Muito bem... Eu irei. Agora você pode me dizer o quanto está feliz e como nós nos divertiremos à beça.

– Eu estou feliz, mas não sei se você se divertirá à beça ou não. Isso vai depender quase inteiramente de você, senhorita Brooke.

– Ah, vou me comportar decentemente e você se surpreenderá. Não serei uma convidada muito animada, mas prometo que terei modos à mesa e que não ofenderei as pessoas quando comentarem que o dia está lindo. Francamente, só aceitei o convite porque até eu não suporto a ideia de passar os feriados de fim de ano aqui, sozinha. A senhora Dennis vai passar a

semana do Natal com a filha em Charlottetown. Fico aborrecida só de pensar em ter que preparar minha própria comida, pois sou uma péssima cozinheira. Aí está, o triunfo da matéria sobre a mente, mas você pode me dar a sua palavra de honra de que não me desejará um feliz Natal? Simplesmente não quero me sentir feliz no Natal, pode ser?

– Sim, posso. Porém não posso responder pelos gêmeos.

– Não vou pedir para se sentar aqui, pois você congelaria e vejo que surgiu uma lua muito bonita no lugar do seu entardecer, se quiser, posso te fazer companhia no caminho de volta e te ajudar a apreciá-la.

– Eu quero – disse Anne – , mas gostaria de deixar claro que temos luas muito mais bonitas em Avonlea.

– Então, ela aceitou o convite? – perguntou Rebecca Dew enquanto enchia a garrafa de água quente de Anne. – Bem, senhorita Shirley, espero que nunca tente me converter ao islamismo, pois você provavelmente conseguiria. Onde está Aquele Gato? Deve estar perambulando por Summerside, com a temperatura na casa do zero grau.

– Não de acordo com o novo termômetro. E o Dusty Miller está enrolado sobre a cadeira de balanço em minha torre, ao lado do fogão, roncando alegremente.

– Ah, que bom – disse a Rebecca Dew, fechando a porta da cozinha com um arrepio. – Gostaria que todas as pessoas do mundo estivessem tão quentinhas e protegidas quanto nós, nesta noite.



CAPÍTULO 5

Anne não sabia que a pequena Elizabeth assistia furtivamente à sua partida de Windy Poplars pela janela do sótão de Evergreens, era uma Elizabeth com lágrimas nos olhos, que se sentia a mais Lizzie das Lizzies, como se tudo que fazia a vida ter sentido estivesse indo embora, ainda que por pouco tempo. Quando o tremó dobrou a esquina da Rua do Fantasma, ela ajoelhou-se na beirada da cama.

– Querido Deus – sussurrou –, sei que não adianta pedir ao Senhor um Natal feliz, pois a vovó e a Ajudante são incapazes de ficarem felizes, mas, por favor, permita que a minha adorada senhorita Shirley tenha um Natal muito, muito alegre e traga-a em segurança de volta para mim quando tudo terminar. – Ela então se levantou. – Agora, sei que fiz tudo que estava em meu alcance.

Anne já estava saboreando a felicidade do Natal, ela cintilava enquanto o trem partia da estação, deixando para trás as ruas tristes, levando-a para casa, para a sua Green Gables. O mundo era branco, dourado e violeta no campo aberto, adornado aqui e ali pela magia dos escuros abetos e a delicadeza das bétulas despidas de folhas. O sol parecia correr por entre as árvores nuas como uma entidade esplêndida conforme o trem ganhava velocidade. Katherine estava em silêncio, mas não parecia emburrada.

– Não espere que eu converse – havia avisado à Anne, secamente.

– Não se preocupe. Espero que não ache que sou uma daquelas pessoas que fazem com que você se sinta obrigada a conversar o tempo todo. Nós conversaremos quando tivermos vontade. É provável que eu tenha vontade de falar durante boa parte do tempo, mas você não tem obrigação de prestar atenção em coisa alguma.

Davy as esperava em Bright River em um tremó de dois lugares repleto de mantas de pele e com um abraço de urso para Anne. As duas se ajeitaram no assento de trás. O trajeto da estação até Green Gables sempre fora uma das

partes favoritas de Anne nos finais de semana em casa, pois ela sempre se recordava da primeira vez que chegara em Green Gables, com Matthew. Apesar de ter sido na primavera, a paisagem de dezembro parecia dizer-lhe “você se lembra?”. O trenó abria caminho ruidosamente, a música dos sinos ecoava pelas fileiras dos pinheiros pontudos, cobertos de neve. A Via Láctea da alegria havia posto festões cheios de estrelas em volta das árvores e da penúltima colina elas avistaram o grande golfo, alvo e místico sob o luar, ainda livre do gelo.

– Há um ponto nesta estrada em que subitamente me sinto em casa – disse Anne. – É no topo da próxima colina, de onde veremos as luzes de Green Gables. Já estou imaginando o jantar que Marilla preparará para nós, acho que posso sentir o cheiro dele daqui. Ah, é bom, tão bom estar de volta ao meu lar!

Cada árvore na entrada de Green Gables parecia dar-lhes boas-vindas, cada janela acesa parecia chamá-las. E que aroma delicioso as recebeu ao abrirem a porta da cozinha de Marilla! Houve abraços, exclamações e risadas e de alguma forma, até mesmo Katherine parecia em casa. A senhora Rachel Lynde havia colocado o estimado abajur da sala de visitas sobre a mesa de jantar, era uma peça horrorosa, com um globo vermelho horroroso, mas que brilho róseo convidativo lançava sobre tudo! Que acolhedoras e amigáveis eram as sombras! Que mocinha linda estava ficando Dora! E Davy parecia um homenzinho.

Havia boas-novas. Diana ganhara uma filhinha, Josie Pye tinha um namorado e Charlie Sloane, ao que parece, estava noivo. Tudo era tão interessante, como se fossem notícias do império. A nova colcha da senhora Lynde, feita com cinco mil retalhos, estava em exibição e recebeu os devidos elogios.

– Quando você volta para casa, Anne, tudo parece ganhar vida – disse Davy.

– Ah, é assim que a vida deveria ser – ronronou o gatinho da Dora.

– Sempre achei difícil de resistir ao fascínio de uma noite de luar – disse Anne após o jantar. Que tal um passeio com sapatos para neve, senhorita Brooke? Ouvi dizer que sabe usá-los.

– Sim, é a única coisa que sei fazer, só que não faço isso há seis anos – respondeu, encolhendo os ombros.

Anne buscou seus sapatos para neve no sótão e Davy correu até Orchard Slope para pedir emprestado um velho par da Diana para Katherine. Elas

caminhavam pela Travessa dos Amantes, repleta de sombras incríveis; atravessaram campos onde pequenos pinheiros bordeavam as cercas; e cruzaram bosques que pareciam a ponto de sussurrar seus segredos, mas que nunca o faziam e passaram por clareiras que mais pareciam lagos de prata.

Elas não conversaram e tampouco queriam conversar, era como se estivessem com medo de estragar algo belo. Anne nunca havia se sentido tão próxima de Katherine. A noite de inverno parecia ter unidos as duas com a sua mágica ou quase.

Quando saíram na estrada principal e um trenó passou como um raio, em uma algazarra de sinos e risadas, ambas suspiraram involuntariamente. Era como se estivessem voltando para um mundo que não tinha nada em comum com o qual deixavam para trás, um mundo onde não existia tempo, um mundo de juventude eterna e onde almas não precisavam de um meio tão rudimentar como as palavras para se comunicarem.

– Foi maravilhoso – disse Katherine, tão perceptivelmente para si mesma que Anne não respondeu.

Elas caminharam pela estrada e subiram a vereda que levava até Green Gables, pouco antes do jardim, as duas pararam como se por um impulso compartilhado e ficaram em silêncio. Elas se apoiaram na velha cerca coberta de musgo e observaram a casa imponente e maternal, atrás do véu de árvores. Que linda era Green Gables em uma noite de inverno!

Mais abaixo, a Lagoa das Águas Brilhantes estava presa sob o gelo, bordada pelas sombras das árvores. A quietude era quase absoluta, salvo pelo trotar de um cavalo sobre a ponte. Anne sorriu ao lembrar-se da frequência com que ouvia aquele som de seu quarto no sótão e fingia que era o galope dos cavalos das fadas pela noite.

De repente, outro som quebrou o silêncio.

– Katherine, você está... Não me diga que está chorando!

Por algum motivo, parecia impossível imaginar Katherine aos prantos, mas lá estava ela. E suas lágrimas a tornavam humana. Anne não tinha mais medo dela.

– Katherine... Minha querida Katherine... Qual é o problema? Posso ajudar?

– Ah, você não entenderia – arfou. – As coisas sempre são tão fáceis para você. É como se você vivesse em um mundinho encantado de beleza e romance. “Qual será a incrível descoberta que farei hoje?” parece ser a sua atitude na vida. E quanto a mim, já não sei mais como se vive, não, acho que

nunca soube. Eu sou um animalzinho preso em uma jaula, que nunca conseguiu escapar e é como se alguém estivesse sempre me cutucando com uma vara através das grades. E você? Tem mais alegrias do que é capaz de aproveitar, amigos por toda a parte, um namorado! Não que eu queira um, pois detesto os homens, mas se eu morresse hoje, nenhuma alma viva sentiria a minha falta. Como se sentiria sem nenhum amigo no mundo?

Katherine soluçou.

– Você diz que gosta de franqueza. Então, vou ser franca, a culpa é toda sua por não ter nenhum amigo. Eu sempre quis ser sua amiga, mas você sempre afasta todo mundo!

– Ah, eu sei... Eu sei. Como te odiei da primeira vez que te vi! Gabando-se da sua aliança de pérolas...

– Katherine, eu não me gabei dela!

– Ah, acho que não. É só a minha natureza ressentida, mas era como se o próprio anel se exibisse, não que eu tenha inveja do seu namorado, pois nunca quis me casar e presenciei o suficiente de mamãe e papai. Detestava que você estivesse acima de mim, sendo mais nova que eu e fiquei contente quando os Pringles começaram a te importunar. Você parecia ter tudo que eu não tinha... Charme... Amizades... Juventude. Juventude! Eu tive uma juventude de necessidades. Você não sabe o que é isso, você não faz a mínima ideia do que é não ter ninguém no mundo que te queira. Ninguém!

– Ah, eu não sei? – exclamou Anne.

Em algumas frases contundentes, Anne resumiu sua infância antes de vir para Green Gables.

– Gostaria de ter descoberto tudo isso antes – disse Katherine. – Teria feito uma grande diferença. Para mim, você parecia uma dessas garotas mimadas pela sorte. Eu morria de inveja de você e depois que conseguiu o cargo que eu queria, ah, sei que é mais bem qualificada do que eu, mas mesmo assim. Você é linda ou pelo menos faz as pessoas acharem que é, mas a minha primeira recordação é de alguém dizendo, “que criança mais feia!”. Você chega aos lugares e encanta a todos, Ah, lembro-me da primeira manhã em que pisou na escola, mas acho que o principal motivo para eu te detestar tanto é que você sempre pareceu ter uma alegria secreta, como se todos os dias fossem uma aventura. Apesar do meu ódio, houve vezes em que eu tive que admitir que você parecia ter vindo de outro planeta.

– Katherine, está me deixando sem ar com todos esses elogio, mas você não me odeia mais, não é mesmo? Podemos ser amigas agora.

– Não sei... Nunca tive amigos, muito menos da minha idade. Não pertenço a lugar algum e nunca pertenci, acho que não sei como ser uma amiga. Não, eu não te odeio mais e não sei o que sinto por você agora, ah, deve ser o seu famoso encanto que está começando a fazer efeito em mim. Só sei que sinto vontade de lhe contar como foi a minha vida e jamais conseguiria fazer isso, se não tivesse contado como era a sua vida antes de vir para Green Gables. Gostaria que compreendesse o que me tornou assim. Não sei por que, mas quero.

– Conte-me, minha querida Katherine. Quero te compreender.

– Você sabe como é ser rejeitada, eu admito, mas não como é saber que seu pai e sua mãe não te querem, como os meus, pois eles me odiaram desde o instante em que nasci. Minha infância foi um pesadelo, eles morreram quando eu tinha sete anos e eu fui morar com a família do meu tio Henry, que também não me queriam. Todos me rechaçavam por eu “viver de caridade”. Lembro-me de todas as humilhações, todas e não me recordo de nenhuma palavra amiga. Eu tinha que vestir as roupas usadas dos meus primos, havia um chapéu em especial, que me fazia parecer um cogumelo e eles zombavam de mim sempre que o colocava. Um dia, eu o cortei em pedaços e coloquei fogo nele, tive que usar uma boina horrenda para ir à igreja pelo resto do inverno. Nunca tive sequer um cachorro e eu queria tanto um! Porém, eu era inteligente e ansiava por um título de professora... E, naturalmente, isso era como desejar a lua. No entanto, o tio Henry concordou em financiar meus estudos na Queen’s contanto que eu lhe pagasse tudo assim que conseguisse um emprego. Ele pagou por um quarto em uma pensão de terceira que ficava sobre a cozinha, que era frio como gelo no inverno, escaldante no verão e que cheirava a comida velha durante todas as estações. E as roupas que eu tinha que usar para frequentar as aulas! Mas eu consegui me formar e assumi a segunda classe na Escola de Summerside, o único pouquinho de sorte que tive. Desde então, venho economizando e evitando excessos para pagar o tio Henry, não só pelos meus estudos, mas também por tudo que gastou durante os anos em que morei na pensão. Estava determinada a devolver cada centavo e é por isso que moro com a senhora Dennis e me visto tão mal. Eu acabei de pagar tudo que lhe devia e pela primeira vez na vida, sinto-me livre. Só que, durante todo esse tempo, eu nunca soube como viver, sei que sou antissocial, que nunca digo o que é certo na hora certa, que a culpa é toda minha por sempre ser ignorada em eventos sociais. Estou ciente de que transformei em uma

arte ser desagradável, sei que sou sarcástica, que meus alunos me consideram uma tirana e que eles me odeiam. Acha que não dói saber tudo isso? Eles parecem estar sempre com medo de mim, odeio quando as pessoas parecem ter medo de mim. Ah, Anne, o ódio me consome como se fosse uma doença, quero ser como as outras pessoas e sei que nunca poderei ser. É isso que me deixa tão amarga.

– Ah, mas é claro que pode! – Anne colocou o braço ao redor dos ombros de Katherine. – Você pode tirar o ódio da sua vida e curar-se dele. A vida só está começando para você, agora que finalmente está livre e independente! E nós nunca sabemos o que há depois da próxima curva na estrada.

– Já ouvi você dizer isso e achei graça da sua “curva na estrada”. O problema é que não há nenhuma curva na minha estrada. Posso vê-la estender até o horizonte em uma monotonia interminável. Ah, a vida nunca te assusta, Anne, com o seu vazio, seu mar de pessoas frias e desinteressantes? Não, é claro que não. Você não terá que passar o resto da vida em uma sala de aula. E você parece achar todo mundo interessante, até mesmo aquele tomate ambulante que se chama Rebecca Dew. A verdade é que eu detesto ensinar e não sei fazer mais nada. Uma professora é um mero escravo do tempo, ah, sei que gosta da profissão, só não entendo como. Anne, quero viajar e é o que sempre quis fazer. Lembro-me do único quadro que havia em meu quarto no sótão do tio Henry, uma velha fotografia que fora descartada dos outros cômodos com desprezo. Ela mostrava um monte de palmeiras ao redor de um veio de água no deserto e uma fila de camelos que marchavam ao longe. Ela me fascinava, literalmente e sempre quis descobrir onde fica aquele lugar. Quero ver o Cruzeiro do Sul, o Taj Mahal e os pilares de Karnak. Quero constatar e não apenas acreditar que o mundo é redondo, mas jamais conseguirei fazer isso com o salário de professora. Terei que passar o resto da vida falando das esposas de Henrique VIII e dos recursos inesgotáveis do Império.

Anne riu. Era seguro rir agora, pois a amargura não estava mais presente na voz de Katherine. Ela soava meramente pesarosa e impaciente.

– De qualquer forma, nós seremos amigas e passaremos dez dias maravilhosos aqui, para dar início à nossa amizade. Sempre quis ser amiga sua, Katherine, com letra K! Sempre tive a sensação de que, por baixo de todos os seus espinhos, esconde-se alguém de quem vale a pena ser amigo.

– Então é isso que você realmente pensava de mim? Com frequência já me perguntei isso. Bem, vou tentar mudar meus velhos hábitos, se é que isso

é possível, talvez seja. Este lugar é inacreditável. Green Gables é o primeiro lugar que eu sinto que é um lar. Gostaria de ser mais como as outras pessoas, se não for tarde demais. Vou até praticar um sorriso para quando o Gilbert chegar, amanhã de noite. Obviamente, já me esqueci de como se fala com moços jovens, se é que algum dia já soube. Ele vai me achar uma velha boba. Eu me pergunto se, quando for para a cama hoje, vou ficar furiosa por ter tirado a máscara e permitido que visse minha débil alma.

– Não, não vai. Você vai pensar: “Que bom que ela sabe que sou humana”. Vamos nos aninhar entre os cobertores fofinhos, provavelmente com duas garrafas de água quente, pois não duvido que a Marilla e a senhora Lynde preparem duas, cada uma por contra própria, por medo da outra se esquecer. E você vai se sentir deliciosamente sonolenta depois desse passeio ao luar gélido e quando menos esperar, já será de manhã, e você terá a sensação de ser a primeira pessoa a descobrir que o céu é azul. E também terá uma aula sobre pudins de ameixa, pois vai me ajudar a preparar um para a terça, um pudim imenso e succulento.

Anne se impressionou com a melhora no semblante de Katherine quando entraram. Sua complexão estava radiante depois da longa caminhada no ar gelado e o rubor fazia toda a diferença do mundo para ela.

“Katherine ficaria linda se usasse o tipo certo de chapéus e vestidos”, refletiu Anne, tentando imaginá-la com um chapéu de veludo vermelho estupendo que vira em uma loja de Summerside, ou com os cabelos negros arrumados sobre os olhos cor de âmbar. “Tenho que descobrir o que pode ser feito.”



CAPÍTULO 6

Sábado e domingo foram repletos de diversão em Green Gables. O pudim de ameixa foi preparado e a árvore de Natal foi trazida para casa. Katherine, Anne, Davy e Dora foram até a floresta em busca dela, um lindo pinheiro de porte médio que Anne só aceitou cortar porque ele se encontrava em uma pequena clareira na propriedade do senhor Harrison, que iria ser arada na primavera.

Eles passearam, recolhendo galhos e pinhas para guirlandas e algumas samambaias que continuavam verdes em certas partes profundas do bosque. Até que a noite começou a acenar por sobre as colinas brancas e eles voltaram para Green Gables, triunfantes, para encontrar um jovem de olhos castanhos e o início de um bigode que o fazia parecer tão mais velho e maduro que Anne se perguntou por um instante se aquele era mesmo Gilbert ou algum desconhecido.

Katherine, com um sorrisinho que tentava (em vão) ser sarcástico, os deixou a sós na sala e passou o início da noite brincando com os gêmeos na cozinha. Para a própria surpresa, Katherine deu-se conta de que estava se divertindo e que formidável foi descer até o porão com Davy e ver que maçãs doces ainda existiam no mundo.

Katherine nunca havia estado no porão de uma casa de campo antes e não sabia o quão interessante e assustador o local podia ser à luz de velas. Sua vida já parecia mais calorosa e pela primeira vez, ocorreu à Katherine que a vida poderia ser bela, até mesmo a dela.

Davy fez barulho suficiente para acordar os Sete Adormecidos²⁵ bem cedinho na manhã de Natal, tocando um velho chocalho de vaca pelas escadas. Marilla ficou horrorizada porque havia visitas em casa, mas Katherine desceu para a sala com um sorriso. De alguma forma, uma amizade peculiar surgira entre ela e Davy, que confessou que não

simpatizava muito com a impecável Dora, mas que tinha uma curiosa afinidade com o menino.

Os presentes foram abertos na sala antes do desjejum, pois até mesmo Dora não teria conseguido comer nada. Katherine, que não esperava ganhar nada, com exceção, talvez, de algum presente da parte de Anne por obrigação, acabou ganhando presentes de todos: uma linda manta de crochê da senhora Lynde; uma bolsinha de raiz de lírio perfumada, de Dora; um abridor de cartas, de Davy; uma cesta cheia de potinhos com geleia e compota de Marilla; até mesmo um peso de papel em forma de gato, de Gilbert.

E, aninhado embaixo da árvore sobre uma confortável manta de lã, havia um filhotinho de cachorro de olhos castanhos e orelhas felpudas em alerta. Em um cartão preso em sua coleira, lia-se: “De Anne, que se atreve, no final das contas, a desejar-lhe um feliz Natal”.

Katherine tomou o corpinho mole nos braços e disse, com a voz trêmula:

– Anne... Ele é adorável! Mas a senhora Dennis não vai permitir. Eu perguntei se poderia ter um cachorro e ela disse que não.

– Já conversei com a senhora Dennis. Ela não vai se opor e de qualquer forma, sua estadia por lá não se estenderá por muito mais tempo. Você precisa encontrar um lugar decente para viver, agora que já cumpriu com suas obrigações. Veja a maravilhosa caixa de papéis de carta que Diana me enviou. Não é fascinante olhar para as páginas em branco e imaginar o que será escrito nelas?

A senhora Lynde estava grata por ser um Natal branco, pois havia menos germes e micróbios... Para Katherine, porém, o Natal era púrpura, carmesim e dourado e a semana seguinte foi tão deslumbrante quanto. Diversas vezes, Katherine havia se perguntado como seria ser feliz e agora ela sabia. Ela desabrochava de maneiras impressionantes. Anne descobriu-se desfrutando da companhia dela.

“E pensar que eu tive medo de que ela estragasse os feriados de fim de ano”, refletiu ela, admirada.

“E pensar que quase recusei o convite de Anne para vir para cá!”, disse Katherine para si mesma.

Elas deram longos passeios... Pela Travessa dos Amantes e a Floresta Assombrada, onde o próprio silêncio parecia amigável; por colinas onde a neve fina rodopiava em uma dança invernal de duendes; através dos pomares repletos de sombras violetas; pelos bosques ao entardecer. Não havia o canto

ou o gorjeio de pássaros, o gorgolejar de córregos, o mexerico dos esquilos, mas o vento tocava músicas ocasionais, compensando em qualidade o que falta em quantidade.

– Há sempre algo prazeroso para se ver ou ouvir – comentou Anne.

Elas conversaram sobre “repolhos e reis²⁶”, e voltaram para casa com um apetite que não poupou a despensa de Green Gables. Certo dia caiu uma tempestade e eles não puderam sair de casa. O vento do Leste açoitava os beirais e o golfo cinzento urrava, mas até os aguaceiros tinham seu charme em Green Gables. Era aconchegante sentar-se ao pé do fogão e observar em meio a sonhos as luzes das chamas tremeluzindo no teto, enquanto degustavam maçãs e guloseimas. Que delícia era jantar com a tempestade rugindo lá fora!

Em uma noite, Gilbert as levou para visitar Diana e o recém-nascido.

– Nunca tinha segurado um bebê na minha vida – disse Katherine enquanto regressavam. – Primeiramente porque eu nunca quis, mas também por medo de que se quebrasse em minhas mãos. Você não imagina como me senti, tão grande e desajeitada com aquela coisinha delicada em meus braços. Sei que a senhora Wright passou o tempo todo achando que eu iria derrubá-la, pude perceber seus esforços heroicos para esconder o pânico, mas isso mexeu comigo, segurar o bebê, só não consegui ainda definir como.

– Bebês são criaturas fascinantes – disse Anne, divagando. – Ouvi alguém dizer em Redmond que eles são “magníficos pacotinhos de potencialidades”. Pense, Katherine, Homero já foi um bebê, um bebê com covinhas e grandes olhos brilhantes. Ele não era cego desde a infância, claro.

– Que lástima a mãe dele não saber que ele iria se tornar “O” Homero – disse Katherine.

– Mas estou contente pela mãe de Judas não saber de antemão que ele seria um Judas. Espero que não tenha chegado a descobrir.

Houve um concerto no salão da cidade, certa noite, com uma festa na casa do Abner Sloane em seguida e Anne persuadiu Katherine a ir a ambos os eventos.

– Gostaria que lesse algo de nosso programa, Katherine. Ouvi dizer que você recita lindamente.

– Eu costumava recitar e gostava muito, mas no verão passado eu recitei em um evento na praia, organizado por um grupo de veranistas e depois eu os ouvi rindo de mim.

– Como sabe que eles estavam rindo de você?

– Só podia ser. Não havia outro motivo para estarem rindo.

Anne refreou um sorriso e persistiu.

– Poderia recitar *Genevra*. Ouvi dizer que sua leitura do poema é esplêndida. A senhora Stephen Pringle me contou que não conseguiu pregar o olho na noite em que ouviu você recitá-lo.

– Não. Nunca gostei desse poema. Está no programa da escola, então eu ocasionalmente tento mostrar à classe como recitá-lo. Na verdade, não tenho paciência para lê-lo. Por que ela não gritou quando percebeu que estava trancada? Alguém teria ouvido seus gritos enquanto a procuravam, com toda a certeza.

Katherine por fim prometeu que faria a leitura, mas não tinha certeza sobre a festa.

– Eu irei, é claro. Mas ninguém vai me chamar para dançar e eu me sentirei sarcástica, invejosa e envergonhada. Sempre fico triste em festas, nas poucas em que já fui. Ninguém acha que eu sei dançar e você sabe muito bem que isso não é verdade, Anne. Aprendi na casa do tio Henry, pois uma criada também queria aprender e nós costumávamos dançar juntas na cozinha ao som das músicas que tocavam na sala. Acho que até gostaria, com o parceiro certo.

– Você não ficará infeliz na festa, Katherine, e não vai ficar de fora, só olhando. Sabe, existe um mundo de diferença entre estar dentro e olhando para fora, e estar de fora olhando para dentro. Seu cabelo é tão lindo, Katherine. Você se importaria se eu tentasse um novo penteado?

Katherine deu de ombros.

– Ah, como quiser. Sei que meu cabelo é horroroso, mas não tenho tempo de penteá-lo sempre. Não tenho vestido de festa. Será que posso usar aquele meu verde, de tafetá?

– Não há outra opção, embora você não devesse nunca usar verde, minha Katherine. Porém, você vai usar também uma gola de chiffon vermelha que eu fiz para você. Vai, sim. Você deveria ter um vestido vermelho, Katherine.

– Sempre odiei vermelho. Quando fui morar na casa do tio Henry, a tia Gertrude sempre me fazia usar aventais de um vermelho intenso. As outras crianças gritavam “fogo!” quando eu ia à escola com um deles. De qualquer forma, não gosto de me preocupar com essas coisas.

– Deus, me dê paciência! Roupas são muito importantes – disse Anne seriamente, enquanto penteava e trançava os cabelos de Katherine. Depois

de aprovar seu trabalho, ela colocou as mãos sobre os ombros e virou-a para o espelho.

– Você não acha que somos uma dupla de garotas muito bonitas? – divertiu-se ela. – Não é lindo pensar que as pessoas vão se sentir bem ao olharem para nós? Há tantas pessoas desmazeladas por aí que ficariam tão atraentes com um pouquinho de esforço... Três domingos atrás, na igreja... Lembra-se daquele dia em que o pobre senhor Milvain estava tão gripado que ninguém entendeu uma palavra do sermão? Bem, eu passei o tempo todo fazendo as pessoas ao meu redor ficarem bonitas. Dei à senhora Brent um novo nariz, enrolei os cabelos de Mary Addison e dei um enxague de limão aos de Jane Marden; vesti Emma Dill em azul, em vez de marrom, Charlotte Blair em listas e não xadrez; removi várias verrugas, e as longas costeletas loiras de Thomas Anderson. Você não os teria reconhecido depois que terminei e exceto talvez pelo nariz da senhora Brent, eles mesmos poderiam ter feito tudo isso. Katherine, seus olhos são da cor do chá... Com tons âmbar. Agora, faça jus ao seu nome esta noite, um “córrego²⁷”, deve ser cintilante, diáfano e alegre.

– Tudo que não sou.

– Tudo que você tem sido na última semana. Então, você conseguirá.

– É a mágica de Green Gables. Voltar para Summerside será a badalada da meia-noite para a Cinderela.

– A mágica voltará consigo. Olhe só para você... Deslumbrante como sempre deveria estar.

– Pareço mesmo anos mais jovem – admitiu. – Você estava certa... As roupas ajudam muito. Ah, sei que aparento ser mais velha do que sou, mas eu não me importava. Por que deveria? Ninguém mais se importava. E não sou como você, Anne, que aparentemente já nasceu sabendo como viver. Não sei nada disso, nem mesmo o abc. Imagino se já é tarde demais para mudar. Sou sarcástica há tanto tempo, que não sei se consigo deixar de sê-lo. O sarcasmo parecia ser a única forma de eu conseguir causar alguma impressão em alguém. E me parece, também, que sempre tive medo de estar na companhia dos outros, medo de dizer algo estúpido ou medo de que rissem de mim.

– Katherine Brooke, olhe para si mesma no espelho e leve consigo esta imagem: os cabelos magníficos emoldurando seu rosto, em vez de puxados para trás, os olhos cintilando como estrelas negras, um leve rubor de entusiasmo nas bochechas, então leve-a e não terá medo. Agora, venha.

Vamos nos atrasar, mas felizmente todos que se apresentarão possuem o que a Dora chamou de assentos “preservados”.

Gilbert as levou até o salão. Era como nos velhos tempos. No entanto, era Katherine que estava ao seu lado e não Diana. Anne suspirou. Diana tinha tantos outros interesses agora. As festas e os concertos haviam chegado ao fim para ela.

E que bela noite! Que estradas prateadas e acetinadas, com o horizonte de um verde pálido a Oeste depois da neve! Orion marchava majestosamente pelo céu e colinas, campos e bosques os rodeavam sob um silêncio perolado.

A leitura que Katherine fez capturou a plateia desde a primeira linha, e não houve música suficiente na festa para todos os possíveis parceiros e de repente, ela descobriu-se rindo sem amargura. Depois voltaram para Green Gables, onde aqueceram os dedos dos pés na lareira sob a luz acolhedora das velas sobre a cornija; a senhora Lynde entrou de mansinho no quarto delas, tarde da noite, para perguntar se queriam outro cobertor e para garantir que o filhotinho de Katherine estava enrolado e quentinho em um cesto atrás do fogão da cozinha.

“Vejo a vida com novos olhos, agora”, pensou Katherine conforme adormecia. “Não sabia que existiam pessoas assim.”

– Volte para nos visitar – disse Marilla quando chegou a hora de partirem.

Marilla jamais dizia isso a alguém a menos que o desejasse.

– Claro que ela voltará – disse Anne. – Para passar os fins de semana, e as semanas durante o verão. Acenderemos fogueiras e trabalharemos no jardim, colheremos maçãs, cuidaremos das vacas, passearemos de barco na lagoa e nos perderemos nos bosques. Quero te mostrar o jardim da pequena Hester Gray, Katherine, Echo Lodge e o Vale das Violetas repleto de flores.

Referência aos Sete Adormecidos de Éfeso, uma história lendária sobre um grupo de jovens que se escondeu em uma caverna nos arredores da cidade de Éfeso para escapar da perseguição aos cristãos perpetrada pelo imperador romano Décio. Ele ordenou que a caverna fosse selada com os sete dentro. Muitos anos depois, um camponês reabriu a caverna e encontrou os sete vivos, adormecidos, acreditando que tinham dormido apenas um dia. (N. T.)

Outra referência ao poema *A Morsa e o Carpinteiro*, de Lewis Carroll. (N. T.)

Trocadilho entre o sobrenome de Katherine Brooke e a palavra “brook”, que significa “córrego” em inglês. (N. T.)



CAPÍTULO 7

Windy Poplars

5 de janeiro

A rua que fantasmas (supostamente) frequentam.

MEU ESTIMADO AMIGO,

Não foi a avó da tia Chatty que escreveu isso, mas ela teria escrito, se tivesse lhe ocorrido.

Minha resolução de Ano-novo é de escrever cartas de amor mais sensatas. Acha que é possível?

Fui embora da minha querida Green Gables, mas voltei para a minha adorada Windy Poplars. Rebecca Dew havia acendido o fogo no quarto da torre e posto uma garrafa de água quente em minha cama.

Que bom que gosto de Windy Poplars. Seria horrível morar em um lugar de que não gosto, que não fosse acolhedor e que não dissesse: “estou feliz por ter voltado”. Windy Poplars faz isso. É uma casa um pouco antiquada e empertigada, mas gosta de mim.

Também fiquei contente em reencontrar a tia Kate, a tia Chatty e a Rebecca Dew. Não posso deixar de ver seus aspectos engraçados e as amo muito por causa deles.

Rebecca Dew me disse algo muito bonito ontem: “A Rua do Fantasma se tornou um lugar diferente depois que veio para cá, senhorita Shirley”.

Que bom que gostou da Katherine, Gilbert. Ela foi surpreendentemente simpática com você. É incrível como consegue ser agradável quando quer e acredito que esteja tão impressionada com ela mesma quanto as outras pessoas. Ela não fazia ideia de como seria tão fácil.

Ter uma vice com quem é possível trabalhar vai fazer muita diferença na escola. Ela vai mudar de pensão e já a persuadi a comprar o chapéu de veludo. Também não perdi as esperanças de convencê-la a juntar-se ao coral.

Ontem, o cachorro do senhor Hamilton veio até aqui e perseguiu Dusty Miller. E Rebecca Dew disse que era o fim da picada. Com as bochechas vermelhas ainda mais vermelhas, as costas gordas tremendo de raiva, ela saiu correndo, na pressa, vestiu o chapéu ao contrário e foi até a casa do senhor Hamilton para dizer-lhe algumas verdades. Posso imaginar o rosto divertido dele enquanto a ouvia. Ela disse a ele que não gosta Daquele Gato, mas que ele é o nosso gato e o cachorro dos Hamilton não pode vir aqui e desrespeitá-lo no próprio quintal. O senhor Hamilton disse que o cachorro só fez isso de brincadeira e Rebecca disse que o conceito de diversão dos Hamilton era bem diferente do dos MacComber, dos MacLean e, por falar nisso, dos Dew. Sem jeito, ele se desculpou: “Deixe disso. Você deve ter comido repolho no jantar, senhorita Dew”, e ela respondeu: “Não, mas poderia. A senhora do capitão MacComber não vendeu todos os repolhos no outono passado e deixou a família sem nenhum porque o preço estava alto. Algumas pessoas não conseguem escutar direito por causa do tilintar nos bolsos”.

E ela o deixou pensando nisso. E depois perguntou-me o que se podia esperar de um Hamilton? Pois era Gente de quinta categoria!

Há uma estrela rubra sobre a Rainha das Tormentas. Gostaria que estivesse aqui para observá-la comigo. Se estivesse, aposto que seria mais do que um momento de apreço e amizade.

12 de janeiro

Duas noites atrás, a pequena Elizabeth veio até aqui para pedir que eu lhe explicasse que tipo peculiar e terrível de animal eram os decretos papais e para me contar com lágrimas nos olhos que a professora a convidou para cantar em um concerto que a escola está organizando, mas que a senhora Campbell negou categoricamente. Quando Elizabeth tentou suplicar, a idosa disse para fazer a bondade de não responder para ela.

A pequena Elizabeth derramou algumas lágrimas amargas no quarto da torre naquela noite e disse que isso a faria ser a Lizzie para sempre. Que jamais conseguiria ser outro de seus nomes e que na semana passada amava Deus, mas não nesta.

Toda a sua classe ia participar do programa e ela se sentia uma “regada”. Achei uma gracinha ela querer dizer que se sentia uma renegada, o que era suficientemente triste. A querida Elizabeth não deveria se sentir assim.

Então, inventei uma desculpa para ir até Evergreens no fim da tarde do dia seguinte. A Ajudante, que poderia muito bem ter vivido nos tempos do

Dilúvio, de tão anciã, fulminou-me com os olhos cinza e inexpressivos, acompanhou-me sorumbaticamente até a sala de visitas e foi avisar a senhora Campbell que eu queria falar com ela.

Acho que nenhum raio de sol entra naquela sala desde a sua construção. Havia um piano, mas tenho certeza de que nunca foi tocado. Cadeiras duras, cobertas por brocado de seda, estavam encostadas na parede, toda a mobília estava, exceto uma mesinha de centro de tampo de mármore, nenhuma das peças parecia conhecer as outras.

A senhora Campbell chegou. Eu nunca a vira antes, tinha um rosto fino e esculpido que poderia ter sido o de um homem, com olhos negros e sobrancelhas pretas fartas sob o cabelo grisalho. Não havia renunciado todos os adornos vaidosos do corpo, pois usava grandes brincos de ônix que chegavam até os ombros. Ela foi dolorosamente educada comigo e fui dolorosamente educada com ela. Sentamos e trocamos amenidades sobre o clima por alguns instantes ambas, como Tácito observou há alguns milhares de anos, “com expressões adequadas à ocasião²⁸”. Expliquei, com sinceridade, que estava ali para saber se poderia me emprestar as memórias do reverendo James Wallace Campbell por um curto período de tempo, pois me parecia que havia muita coisa nelas sobre a história do condado que eu gostaria de usar nas aulas.

A senhora Campbell abrandou-se visivelmente e chamou Elizabeth, pedindo que fosse até o quarto e buscasse o livro. O rosto de Elizabeth mostrava traços de lágrimas e a senhora explicou que era porque a professora havia escrito outro bilhete implorando que a menina pudesse participar do concerto e que ela, a senhora Campbell, escrevera uma resposta taxativa para que a menina levasse para a professora na manhã seguinte. Ela disse que não aprovava que crianças da idade de Elizabeth cantassem em público, pois isso as deixavam impertinentes e atrevidas.

Como se a pequena Elizabeth pudesse ficar mais impertinente e atrevida! Então comentei em meu melhor tom condescendente: “Suponho que a senhora seja sábia, senhora Campbell. Mabel Phillips vai cantar e me disseram que a voz dela é tão maravilhosa que ofuscará as outras. sem dúvida, é muito melhor que Elizabeth não compita com ela”.

A senhora Campbell parecia intrigada, pois podia ser uma Campbell por fora, mas era uma Pringle no âmago. Ela não disse nada, contudo, eu sabia o momento certo de parar. Agradei pelo livro e fui embora.

Na noite seguinte, quando a pequena Elizabeth foi buscar o leite, seu rostinho pálido e delicado como uma flor parecia literalmente brilhar. Ela me contou que a senhora Campbell permitiu que ela cantasse no coral, mas que tomasse cuidado para não ficar vaidosa.

Acontece que Rebecca Dew havia me contado que os clãs dos Philips e dos Campbell sempre competiram para ver quem tinha a melhor voz!

Eu dei um quadro de presente de Natal para Elizabeth, para que pendure sobre a cama, uma senda em um bosque sarapintada pelo sol, que leva colina acima até uma pitoresca casinha entre algumas árvores. A pequena disse que agora não tem mais tanto medo de dormir no escuro, pois, assim que se deita, ela se imagina caminhando pela vereda até entrar na casa, toda iluminada e encontrar o pai dela, coitadinha! Não consigo evitar de detestar o pai dela.

19 de janeiro

Ontem houve um baile na casa de Carry Pringle. Katherine estava lá, em seu vestido de seda vermelho-escuro com babados nas laterais e um penteado feito por uma cabeleireira. Dá para acreditar que pessoas que a conhecem desde que veio ensinar em Summerside chegaram a perguntar umas para as outras quem era ela, quando chegou? Creio que não foi o vestido nem o penteado que fizeram tanta diferença, mas uma mudança nela mesma. Antes, sempre que estava na presença de outras pessoas, sua atitude era: “Essa gente me aborrece e espero que eu as aborreça também”. Na noite passada, porém, foi como se ela tivesse acendido velas em toda as janelas de sua alma. Foi trabalhoso ganhar a afeição de Katherine, mas nada que valha a pena vem fácil e eu sempre soube que era digna da amizade dela.

A tia Chatty está de cama há dois dias com uma gripe febril e acha que é melhor que o médico venha lhe visitar amanhã, caso esteja com pneumonia. Assim, Rebecca Dew, com um lenço amarrado na cabeça, passou o dia limpando a casa feito uma louca para deixá-la em perfeitas condições antes da possível chegada do doutor. Agora ela está na cozinha, passando a camisola branca de algodão com um laço de crochê da tia Chatty, para que esteja de prontidão caso precise vesti-la sobre a camisola de flanela. Estava impecavelmente limpa, mas a Rebecca Dew achou que a cor não estava boa o suficiente, por ter ficado guardada na cômoda.

28 de janeiro

Janeiro foi um mês de dias frios e pardacentos, com ocasionais tempestades passando pelo porto e jogando neve e vento na Rua do

Fantasma, mas na noite passada houve um degelo prateado e hoje o sol brilhou. Meu bosque de bordos abrigava esplendores inimagináveis, até mesmo os lugares comuns pareciam adoráveis e as cercas de arame pareciam maravilhosas rendas de cristal.

Nesta tarde, Rebecca Dew estava debruçada sobre uma de minhas revistas, lendo um artigo intitulado “Tipos de Beleza Feminina”, ilustrado com fotografias. Ela disse, melancolicamente: “Não seria lindo, se alguém simplesmente agitasse uma varinha mágica e tornasse todo mundo bonito? Imagine o que eu sentiria, senhorita Shirley, se me descobrisse linda! Porém se todos fôssemos beldades, quem faria o trabalho pesado?”.

Referência ao livro *Anais*, de Tácito, senador e historiador romano (97 d.C.-56 d.C.). (N. T.)



CAPÍTULO 8

– Estou tão cansada – queixou-se a tia Ernestine Bugle, sentando-se à mesa de jantar em Windy Poplars. – Tenho medo de me sentar, às vezes e nunca mais conseguir levantar.

A senhorita Ernestine, prima de terceiro grau do falecido Capitão MacComber (“ainda assim, próxima demais”, como a tia Kate costumava comentar), viera de Lowvale para fazer uma visita. Não se pode dizer que as viúvas a receberam de coração aberto, apesar dos sagrados laços familiares. A tia Ernestine não era uma pessoa vivaz, um desses seres desafortunados que estão constantemente preocupando-se não apenas com os próprios problemas, mas também com os dos demais, e que nunca dão descanso para si mesmos ou para os outros. Só de olhá-la você sente que a vida é um vale de lágrimas, como declarou Rebecca Dew.

Certamente não era bonita e era extremamente duvidoso que já tivesse sido. Tinha um rosto diminuto, seco e franzido, olhos azuis desbotados, várias verrugas nos piores lugares possíveis e uma voz chorosa. Usava um vestido preto velho e uma echarpe decrépita de pele que se recusou a tirar à mesa, por medo de correntes de ar.

Rebecca Dew poderia ter se sentado com elas se quisesse, pois as viúvas não consideravam a tia Ernestine uma “visita” em particular. Porém, Rebecca sempre comentava que não conseguia “saborear a refeição” na presença daquela velha estraga-prazeres. Ela preferia comer na cozinha, mas isso não a impediu de participar da conversa enquanto as servia.

– Deve ser a primavera que está entrando em seus ossos – comentou com antipatia.

– Ah, tomara que seja só isso, senhorita Dew. Tenho medo de que seja o mesmo caso da infeliz da senhora Oliver Gage. Ela comeu cogumelos no verão passado, mas devia ter algum venenoso no meio, pois ela nunca mais foi a mesma desde então.

– Mas não é possível que tenha comido algum cogumelo nessa época – disse a tia Chatty.

– Não, mas temo ter comido alguma outra coisa. Não tente me animar, Charlotte. A intenção é boa, mas inútil, pois já vivi muita coisa. Tem certeza de que não tem uma aranha no pote do creme, Kate? Creio que vi uma quando você me serviu.

– Nunca há aranhas em nossa louça – disse Rebecca Dew solenemente, antes de bater a porta da cozinha.

– Talvez fosse apenas uma sombra – disfarçou a tia Ernestine. – Meus olhos já não os mesmos, temo que logo ficarei cega. O que me faz lembrar, fui visitar Martha MacKay nesta tarde, e ela estava se sentindo febril, com algum tipo de alergia por todo o corpo. “Parece que é sarampo”, eu disse. “Provavelmente vai te deixar quase cega, toda a sua família tem a vista ruim.” Achei que ela deveria estar preparada. A mãe dela também não está bem. O médico disse que é indigestão, mas temo que seja um tumor. “E se você tiver que passar por uma operação e ser sedada com clorofórmio, temo que não volte a acordar”, eu disse. “Lembre-se de que você é uma Hillis e todos os Hillis têm o coração fraco. Seu pai morreu do coração, você sabe.”

– Aos 87! – disse Rebecca Dew, tirando o prato dela.

– E você sabe que três vintenas mais dez é o limite de idade na Bíblia – comentou a tia Chatty alegremente.

A tia Ernestine serviu-se de uma terceira colherada de açúcar e mexeu o chá com tristeza.

– Foi o que disse o rei Davi, Charlotte, mas temo que Davi não era um homem muito bom em certos aspectos.

Anne captou o olhar da tia Chatty e riu antes que pudesse se conter.

A tia Ernestine olhou para ela com reprovação.

– Ouvi dizer que você é uma garota risonha. Bem, espero que isso dure, mas temo que não durará. Temo que muito em breve descobrirá que a vida é um assunto melancólico. Ah, bem, eu também já fui jovem.

– Foi mesmo? – perguntou Rebecca Dew sarcasticamente, trazendo os muffins. – Tenho a impressão de que você sempre teve medo de ser jovem. É preciso coragem, eu garanto, senhorita Bugle.

– Rebecca Dew tem um jeito tão estranho de dizer as coisas – reclamou a tia Ernestine. – Não que ela me incomode, longe disso. E pode rir o quanto quiser, senhorita Shirley, mas temo que esteja provocando a Divina Providência sendo tão feliz. Você me lembra muito a tia da esposa do nosso

último ministro, ela estava sempre rindo e morreu de ataque paralítico. O terceiro é fatal. Temo que o nosso novo ministro em Lowvale tenha tendências frívolas. No instante em que o vi, eu disse para Louisy: “Temo que um homem com pernas como as dele seja viciado em dançar”. Suponho que tenha renunciado à dança quando se tornou ministro, mas temo que seja algo de família. Tem uma esposa jovem e dizem que ela é escandalosamente apaixonada por ele. Não consigo aceitar a ideia de alguém se casando com um ministro por amor, temo que seja terrivelmente irreverente. Seus sermões são muito bons, mas, baseado no que disse sobre Elias, o Tisbita, no domingo passado, temo que sua leitura da Bíblia seja muito liberal.

– Vi nos jornais que Peter Ellis e Fanny Bugle se casaram na semana passada – disse a tia Chatty.

– Ah, sim. Temo que seja um caso de casamento às pressas e arrependimento a perder de vista. Eles se conhecem há apenas três anos e receio que Peter descubra que nem tudo que reluz é ouro. Temo que Fanny seja muito indolente, pois ela passa os guardanapos de mesa só do lado direito. Diferentemente da santa da mãe dela. Ah, ela era um exemplo de mulher prestativa. Sempre usava camisolas pretas quando estava de luto e dizia que sentia tão mal de dia quanto à noite. Eu estava na casa de Andy Bugle, ajudando na cozinha, na manhã do casamento eu me deparei com a Fanny comendo um ovo de desjejum e ia se casar naquele dia! Acho que vocês não acreditam em mim, e eu também não acreditaria se não tivesse visto com os meus próprios olhos. Minha falecida irmã não comeu nada por três dias depois que se casou. E depois que o marido morreu, todos temíamos que jamais voltaria a comer. Às vezes, sinto que já não consigo mais entender os Bugle. Houve um tempo em que você sabia aonde estava junto aos seus, mas as coisas já não são mais assim.

– É verdade que Jean Young vai se casar novamente? – perguntou a tia Kate.

– Temo que seja verdade. Fred Young foi dado como morto, mas tenho muito medo de que reapareça vivo. Aquele homem nunca foi confiável. Ela vai se casar com Ira Roberts e temo que esteja se casando apenas para fazê-la feliz. O tio dele, Philip, quis se casar comigo, mas eu falei: “Bugle eu nasci, e Bugle morrerá”. Houve um monte de casamentos em Lowvale neste inverno e temo que haverá funerais o verão todo para compensar. Annie Edwards e Chris Hunter se casaram no mês passado. Daqui a alguns anos, temo que não gostarão tanto um do outro como agora. Receio que ela tenha

se deixado levar pelo charme dele. O tio dele, Hiram, era louco, pois acreditou durante anos que era um cachorro.

– Se só latia, não vejo por que alguém deveria ter estragado a diversão dele – disse Rebecca Dew, trazendo a conserva de pera e o bolo.

– Nunca ouvi falar que ele latia – disse a tia Ernestine. – Só roía ossos e os enterrava quando ninguém estava olhando. A esposa o deixou.

– Onde a senhora Hunter foi passar este inverno? – perguntou a tia Chatty.

– Foi passar com o filho em São Francisco e tenho muito medo de que aconteça outro terremoto antes que ela volte. De qualquer modo, com certeza tentará trazer alguma mercadoria contrabandeada e terá problemas na fronteira. Em suas viagens, quando não é uma coisa, é outra, mas parece que as pessoas são loucas por viajar. Meu primo Jim Bugle foi passar o inverno na Flórida, temo que esteja se tornando rico e mundano, eu lhe disse antes de partir, pois lembro que foi na noite antes de o cachorro dos Coleman morrer ou não? Sim, foi. Eu disse: “A soberba precede a ruína e a altivez do espírito precede a queda²⁹”. A filha dele dá aula na escola da estrada Bugle e não consegue se decidir entre os pretendentes. “Posso garantir uma coisa, Mary Antonetta”, eu disse, “você nunca escolherá o que mais ama. Assim, é melhor escolher aquele que te ama, se tiver certeza do amor dele”. Espero que escolha melhor que Jessie Chipman, pois receio que se casará com Oscar Green só porque ele sempre esteve por perto. “Foi isso que você escolheu?”, eu disse para ela. O irmão dele morreu de tuberculose galopante. “E não se case em maio, pois é um mês de má sorte para um casamento.”

– Que encorajadora você é! – disse Rebecca Dew, trazendo um prato de *macarons*.

– Poderiam me dizer – disse a tia Ernestine, ignorando a Rebecca Dew e servindo-se novamente de peras –, se uma calceolária é uma flor ou uma doença?

– Uma flor – disse a tia Chatty.

A tia Ernestine pareceu ficar um pouco desapontada.

– Bem, o que quer que seja, é o que tem a viúva de Sandy Bugle, pois eu a ouvi contando para a irmã na igreja, no domingo passado. Seus gerânios estão terrivelmente desfolhados, Charlotte. Temo que você não os adube adequadamente. A senhora Sandy já deixou o luto e o Sandy morreu há apenas quatro anos. Ah, bem, os mortos são rapidamente esquecidos, hoje em dia. Minha irmã usou crepe em honra ao marido por vinte e cinco anos.

– Sabia que sua carcela está aberta? – disse Rebecca, colocando uma torta de coco diante da tia Kate.

– Não tenho tempo para ficar olhando no espelho – disse a tia Ernestine acidamente. – E qual é o problema? Estou usando três anáguas, não estou? Dizem que as garotas de hoje em dia usam apenas uma. Temo que o mundo esteja terrivelmente expansivo e leviano. Pergunto--me o que as pessoas pensam do dia do juízo.

– Acha mesmo que no juízo final vão nos perguntar quantas anáguas estamos usando? – perguntou Rebecca Dew, escapando para a cozinha antes que alguém adotasse uma expressão de horror. Até mesmo a tia Chatty achava que ela tinha ido longe demais.

– Suponho que tenha lido sobre a morte de Alec Crowdy nos jornais, na semana passada – suspirou a tia Ernestine. – A esposa dele morreu dois anos atrás, literalmente levada à sepultura pelas amarguras. Dizem que estava solitário depois da morte dela, mas temo que seja bom demais para ser verdade e receio que os problemas não tenham terminado, mesmo depois que ele foi para a cova. Ouvi dizer que ele não quis fazer um testamento e temo que haverá muitas brigas por causa da propriedade. Dizem que Annabel Crowdy vai se casar com um pau-para-toda-obra. O primeiro marido da mãe dele era um e talvez seja hereditário. Annabel já teve uma vida dura e temo que acabará saindo da panela para cair no fogo, isso se não descobrir que ele já tem outra esposa.

– O que Jane Goldwin anda fazendo neste inverno? – quis saber a tia Chatty. – Ela não vem à cidade há muito tempo.

– Ah, coitada da Jane! Está misteriosamente desvanecendo-se. Ninguém sabe o motivo, mas temo que seja apenas um álibi. Por que a Rebecca Dew está rindo como uma hiena na cozinha? Tenho medo de que vocês acabem tendo que cuidar dela. Existem muitos problemas mentais na família Dew.

– Fiquei sabendo que Thyra Cooper teve um filho – comentou a tia Chatty.

– Ah, sim, a pobrezinha. Só um, graças a Deus. Temia que viessem gêmeos. É comum entre os Cooper.

– Thyra e Ned são um casal de jovens tão lindo – disse a tia Kate, como se estivesse determinada a salvar alguma coisa da catástrofe que era o universo.

A tia Ernestine, porém, não admitira que houvesse algum bálsamo em Gilead, muito menos em Lowvale.

– Ah, ela teve sorte em finalmente conseguir agarrá-lo. Houve uma época em que ela temia que ele nunca fosse voltar do Oeste. Eu a avisei, “tenha toda a certeza de que ele te desapontará, ele sempre decepcionou as pessoas e todos achavam que iria morrer antes de completar um ano de vida, mas segue vivo, como pode ver”. Quando ele comprou a antiga casa dos Holly, voltei a adverti-la: “Receio que o poço esteja contaminado por febre tifoide, pois o capataz dos Holly morreu de febre tifoide cinco anos atrás”. Eles não podem me culpar se algo acontecer. Joseph Holly tem um problema nas costas, ele chama de lumbago, mas receio que seja o começo de uma meningite.

– O velho tio Joseph é um dos melhores homens do mundo – disse Rebecca Dew, trazendo um novo bule de chá.

– Ah, é uma pessoa boa – disse a tia Ernestine lugubrememente. – Boa até demais! Temo que seus filhos se perderão para o outro lado. Como acontece com muita frequência, é como se um equilíbrio tivesse que ser alcançado. Não, muito obrigada, Kate, mas não quero mais chá... bem, talvez um *macaron*. Eles me caem bem, mas receio que já tenha comido o suficiente. Devo partir, pois não quero chegar em casa antes do anoitecer, nem molhar meus pés, tenho muito medo de pegar pneumonia. Durante todo o inverno, senti algo que desce pelo meu braço até as pernas. Passei noites e noites em claro. Ah, ninguém sabe o que eu passei, mas não sou do tipo que reclama. Estava decidida a vê-las mais uma vez, pois talvez eu não esteja aqui na próxima primavera, mas vocês parecem muito debilitadas, de forma que talvez acabem indo antes de mim. Ah, bem, é melhor partir enquanto ainda há alguém da família para te sepultar. Meu Deus, como está ventando! Receio que o telhado do nosso celeiro seja levado se vier um temporal. Tivemos muito vento nessa primavera e temo que o clima esteja mudando. Obrigada, senhorita Shirley... – disse quando Anne a ajudou com o casaco. – Cuide-se. Você parece terrivelmente abatida e receio que os ruivos não tenham uma saúde de ferro.

– Minha saúde está muito bem, obrigada – sorriu Anne, entregando à tia Ernestine um chapéu indescritível, com uma pena de avestruz oleosa na parte de trás. – Estou com um pouco de dor de garganta nesta noite, só isso.

– Ah! – A tia Ernestine teve outro de seus pressentimentos sombrios. – Tome cuidado com a dor de garganta. Os sintomas de difteria e amidalite são iguais até o terceiro dia, mas há um consolo, se morrer jovem, será poupada de muitas preocupações.

Referência ao Antigo Testamento – Provérbios 16:18. (N. T.)



CAPÍTULO 9

Quarto da Torre

Windy Poplars

20 de abril

MEU POBRE E QUERIDO GILBERT,

“Concluí que o riso é loucura e que a alegria de nada vale³⁰.” Temo que ficarei grisalha ainda jovem... Temo que acabarei em um asilo... Temo que nenhum de meus alunos passe nas provas finais... O cachorro do senhor Hamilton latiu para mim no sábado à noite, e receio que terei hidrofobia... Temo que meu guarda-chuva vire do avesso quando me encontrar com Katherine nesta noite... Katherine e eu somos tão amigas agora, que receio que logo brigaremos... Temo que meu cabelo não seja castanho-avermelhado, no fim das contas... Receio que uma verruga nascerá na ponta do meu nariz quando tiver 50 anos... Temo que a minha escola pegue fogo... Tenho medo de encontrar um rato em minha cama à noite... Receio que tenha ficado noivo de mim só porque eu estava ao seu lado o tempo todo... Tenho medo de que em breve começarei a implicar com a colcha da cama.

Não, meu amado, não estou louca... Ainda não. É que a tia Ernestine é contagiosa.

Agora sei por que a Rebecca Dew sempre a chamou de “senhorita Temerosa”. A pobre alma procura tanto por problemas que deve estar irremediavelmente endividada com o destino.

Há tantos Bugle no mundo, nem todos tão fanáticos como a tia Ernestine, talvez, mas ainda assim são uma família de estraga-prazeres, receosos de desfrutar do agora por causa do que trará o amanhã.

Gilbert, querido, não tenhamos nunca medo das coisas, pois é uma escravidão pavorosa. Dancemos para receber a vida e tudo que ela pode nos oferecer, mesmo que isso acabe em um monte de problemas, febre tifoide e gêmeos!

Hoje foi um verdadeiro dia de junho em pleno abril. A neve se foi e as pradarias marrons e as colinas douradas cantam a primavera. Tenho certeza de que ouvi a flauta do Fauno no pequeno vale verdejante em meu bosque de bordos e a minha Rainha das Tormentas está envolta por uma etérea névoa púrpura. Tivemos muita chuva ultimamente, e eu adoro sentar-me em minha torre e apreciar os crepúsculos úmidos e primaveris, mas esta é uma noite de rajadas fortes de vento. As nuvens parecem estar com pressa e o luar derrama-se por entre elas impacientemente para inundar o mundo.

Imagine, Gilbert, que estamos passeando de mãos dadas por uma das longas estradas em Avonlea!

Gilbert, temo que eu esteja escandalosamente apaixonada por você. Não acha isso uma ideia irreverente, acha? Ainda bem que você não é ministro da igreja.

Referência ao Antigo Testamento, Eclesiastes 2:2. (N. T.)



CAPÍTULO 10

– Sou tão diferente – suspirou Hazel.

Era muito ruim ser discrepante dos outros e maravilhoso, ao mesmo tempo, como se fosse originário de outro planeta. Por nada no mundo Hazel preferiria pertencer ao rebanho dos comuns, não importava o quanto sofresse por ser tão distinta.

– Todo mundo é diferente – disse Anne, de bom humor.

– Você está sorrindo. – Hazel juntou as mãos muito brancas e cheias de pintas e olhou com ternura para Anne. Ela enfatizou pelo menos uma sílaba em cada palavra que pronunciou. – Você tem um sorriso tão fascinante e tão marcante, que eu soube no instante em que a vi pela primeira vez que você compreenderia tudo, pois estamos na mesma sintonia. Às vezes acho que sou sensível, porque sempre sei instintivamente se vou gostar de uma pessoa ou não no momento em que a conheço e soube de cara que você tem empatia e que me entenderia. É tão bom ser compreendida e ninguém me entende, senhorita Shirley, quando eu a vi, uma vizinha sussurrou: “Ela compreenderá, com ela poderá ser você mesma”, Ah, senhorita Shirley, sejamos sempre francas, você me ama, pelo menos um pouquinho, um tiquinho?

– Acho você um encanto – disse Anne, rindo e afagando os cachos dourados dela com os dedos delgados. Era muito fácil gostar de Hazel.

Hazel estava desabafando com Anne no quarto da torre, de onde podiam ver uma lua jovem sobre o porto e o crepúsculo do fim de maio tingindo as tulipas carmesim nas janelas.

– Não acenda nenhuma luz ainda – implorou Hazel, ao que Anne respondeu:

– Não, é lindo quando a escuridão é sua amiga, não acha? As luzes a tornam nossa inimiga, ela nos encara com ressentimento.

– Posso até pensar em coisas desse tipo, mas nunca consigo expressá-las de maneira tão linda – lamentou Hazel, em um arrombo de emoção. – Você fala na língua das flores, senhorita Shirley.

Hazel não saberia explicar o que queria dizer com isso, mas não tinha importância. Soava tão poético!

O quarto da torre era o único cômodo tranquilo da casa. Rebecca Dew disse naquela manhã, com um olhar preocupado: “Temos que trocar o papel de parede da sala e do quarto de visitas antes da reunião da Sociedade Assistencial das Damas”, e imediatamente retirou toda a mobília de ambos os cômodos para abrir espaço para o forrador, que acabou avisando que só viria no dia seguinte. Windy Poplars estava uma balbúrdia e o quarto da torre era o único oásis.

Hazel Marr tinha um notório “fascínio” por Anne. Os Marr eram novos em Summerside, tendo se mudado de Charlottetown durante o inverno. Hazel era uma “loira de outubro”, como gostava de se descrever, com cabelos da cor do bronze e olhos castanhos. Segundo a Rebecca Dew, descobrir que era bonita foi a pior coisa que poderia ter-lhe acontecido, mas era popular, especialmente entre os rapazes, que achavam seus olhos e cachos uma combinação irresistível.

Anne gostava dela. Ao fim do dia, ela voltou para casa cansada e um tanto pessimista depois de todas as atividades na escola, mas agora já se sentia descansada, se graças à brisa de maio, doce com o perfume das macieiras em flor, ou ao papo com Hazel, ela não saberia dizer ao certo, ambos, talvez. Por algum motivo, Hazel fazia Anne lembrar-se da própria mocidade, com todos os êxtases, ideais e romantismos.

Hazel pegou a mão de Anne e a beijou com reverência.

– Odeio todas as pessoas que já amou antes de mim, senhorita Shirley. Odeio todas as outras pessoas que ama agora. Quero você exclusivamente.

– Não está sendo um pouco irracional, querida? Você ama outras pessoas além de mim. O Terry, por exemplo.

– Ah, senhorita Shirley! É disso que quero conversar, não suporto mais ficar em silêncio e tenho que falar com alguém, com alguém que me compreenda. Ontem eu saí e dei voltas e mais voltas ao redor do lago a noite inteira, bem, quase a noite inteira, até a meia-noite, de qualquer forma, já sofri tanto!

Hazel adotou uma expressão trágica, com seu rosto rosa e branco, os longos cílios e o halo de cachos.

– Mas eu achei que Terry e você eram tão felizes, que estava tudo acertado.

Anne não tinha culpa por pensar assim. Hazel só falara sobre o Terry Garland nas últimas três semanas, pois sua atitude era: qual era o sentido de se ter um namorado, se você não pode falar dele com alguém?

– Todo mundo acha isso – retrucou Hazel com grande amargura. – Ah, senhorita Shirley, a vida parece tão cheia de problemas complexos! Às vezes tenho vontade de deitar-me em algum lugar, cruzar os braços e nunca mais pensar.

– Minha querida, o que deu errado?

– Nada e tudo, ah posso contar tudo e abrir meu coração para você?

– Claro, querida.

– Realmente não tenho como aliviar minha alma – disse Hazel pateticamente. – Apenas em meu diário, é claro. Gostaria de ver o meu diário algum dia, senhorita Shirley? É muito revelador e mesmo assim, não posso escrever nele sobre o que aflige a minha alma. Está... Sufocando-me! – Hazel agarrou o pescoço dramaticamente.

– Claro que sim, se quiser. Mas o que está acontecendo entre você e o Terry?

– Ah, Terry! Acreditaria se eu dissesse que ele parece um desconhecido para mim? Um estranho! Alguém que nunca vi antes – acrescentou Hazel, para que não houvesse engano.

– Mas, Hazel, achei que você o amasse, você disse...

– Ah, eu sei. Eu achei que o amasse também, mas agora sei que foi um terrível engano. Ah, senhorita Shirley, nem sonharia o quão difícil é a minha vida, o quão impossível!

– Posso imaginar – disse Anne, lembrando-se de Roy Gardiner.

– Ah, tenho certeza de que não o amo suficientemente para casar-me com ele. Percebo isso agora que já é tarde demais. Só fui levada a achar que o amo por causa da lua, se não fosse por ela, certamente teria pedido mais tempo para pensar, mas fui pega de surpresa e agora eu percebo. Ah, vou fugir, vou fazer algo desesperado!

– Mas, Hazel, se acha que foi um erro, por que não conta a ele...

– Ah, eu não conseguiria! Isso o mataria. Ele simplesmente me adora, não tenho escapatória e Terry está começando a falar de casamento. Imagine, uma criança como eu, que tem só 18 anos! Todos os meus amigos a quem contei sobre meu noivado em segredo me parabenizaram, eles acham que

Terry é um ótimo partido porque herdará dez mil dólares quando fizer 25, foi a avó que deixou para ele. Como se eu me importasse com uma coisa sórdida como dinheiro! Ah, senhorita Shirley, por que o mundo é tão mercenário, por quê?

– Ele é mercenário em alguns aspectos, mas não de todo, Hazel. E se não tem certeza em relação ao Terry, todos nós erramos e às vezes é difícil saber o que queremos...

– Ah, não é mesmo? Eu sabia que você entenderia. Gosto muito dele, senhorita Shirley. A primeira vez que o vi, passei a noite inteira olhando para ele. Ondas de sensações atravessaram meu corpo quando nossos olhos se encontraram. Ele estava tão lindo, embora eu já achasse que o cabelo dele era muito encaracolado e seus cílios brancos demais. Isso deveria ter me alertado, mas eu sempre entro de cabeça nas coisas, sabe, sou muito intensa. Eu sentia calafrios de êxtase sempre que ele se aproximava de mim. E agora não sinto nada! Ah, envelheci nessas últimas semanas, senhorita Shirley... e como! Mal tenho comido desde que fiquei noiva, pergunte para a mamãe. Estou certa de que não o amo o suficiente para nos casarmos. Independentemente das minhas outras dúvidas, disso eu tenho certeza.

– Então vocês não deveriam...

– Mesmo na noite enluarada em que ele me pediu em casamento, eu estava pensando no vestido que iria usar na festa à fantasia de Joan Pringle. Pensei em ir como rainha de maio, de verde-claro, com uma faixa em um tom de verde-escuro e pérolas rosa-chá nos cabelos. E um mastro decorado com rosas minúsculas e fitas de cores rosa e verde penduradas. Não é uma ótima ideia? Mas aí o tio da Joan resolveu morrer e ela cancelou a festa, então de nada serviu. Mas a questão é... Eu não o amava de verdade, já que meus pensamentos não paravam de vagar, não é mesmo?

– Não sei... nossos pensamentos pregam peças na gente, às vezes.

– Não sei nem se quero me casar algum dia, senhorita Shirley. Você tem um palito de madeira para me emprestar? Obrigada. Minhas unhas estão ásperas, é melhor lixá-las enquanto conversamos. Não é divertido trocar confidências? Temos tão poucas oportunidades, o mundo simplesmente não deixa. Bem, do que eu estava falando... Ah, sim, do Terry. O que devo fazer, senhorita Shirley? Quero o seu conselho. Ah, sinto-me como uma criatura trancafiada!

– Mas, Hazel, é tão simples...

– Ah, nem um pouco! É incrivelmente complicado. A mamãe está tremendamente feliz, mas a tia Jean não gosta do Terry, e todos dizem que ela é ótima para julgar as pessoas. Não quero me casar com ninguém. Sou ambiciosa, quero uma carreira. Às vezes, acho que gostaria de ser uma freira. Seria maravilhoso ser a noiva de Cristo! Acho a igreja católica tão pitoresca, não acha? Mas claro que não sou católica, de qualquer forma, acredito que não dá para chamar isso de carreira. Sempre achei que iria adorar ser uma enfermeira. É uma profissão tão romântica, não concorda? Aliviar as testas febris e tudo mais, e então um belo paciente milionário cai de amores por você e te leva para passar a lua de mel em uma *villa* ensolarada na Riviera, de frente para o Mediterrâneo azul. Sonhos tolos, talvez. Ah! Mas tão doces. Não posso abrir mão deles pela realidade prosaica de um casamento com Terry Garland e uma vida em Summerside!

Hazel arrepiou-se só de pensar, e examinou minuciosamente as unhas.

– Suponho que... – começou Anne.

– Não temos nada em comum, sabe, senhorita Shirley. Ele não liga para poesia e romance e elas são a minha vida. Às vezes acho que sou a reencarnação de Cleópatra ou seria da Helena de Troia? Alguma dessas mulheres lânguidas e sedutoras. Tenho pensamentos e sentimentos tão maravilhosos, não sei de onde eles surgem, se esta não for a explicação. E Terry é tão terrivelmente mundano, não deve ser a reencarnação de ninguém. O que ele disse quando contei sobre a caneta tinteiro da Vera Fry prova isso, não é?

– O que tem a caneta tinteiro da Vera Fry? – perguntou Anne, impaciente.

– Ah, você não sabe? Achei que tinha te contado. O noivo de Vera fez uma caneta tinteiro para ela com uma pena que havia caído da asa de um corvo. Ele disse, “que seu espírito se eleve ao céu sempre que usá-la, como o pássaro que uma vez a carregou”. Não é maravilhoso? Mas Terry disse que a pena ficaria gasta logo, especialmente se Vera escrevesse tanto quanto fala, e que, de qualquer forma, ele não achava que corvos voassem tão alto, assim. Ele não entendeu o significado do todo, a essência pura.

– E qual é o significado?

– Ah... Bem... Bem... Elevar-se, sabe... fugir das baixezas da terra. Reparou na aliança da Vera? Uma safira. Acho que safiras são escuras demais para alianças de noivado. Prefiro seu romântico e delicado anel de pérolas. Terry queria me dar a aliança logo de início, mas eu disse que não,

por enquanto... Seria como um grilhão... tão irrevocável, sabe? Não teria me sentido assim se o amasse de verdade, não é?

– Receio que não...

– Foi maravilhoso poder contar a alguém como me sinto de verdade. Ah, se ao menos eu conseguisse ser livre novamente, livre para buscar o verdadeiro sentido da vida! Terry não entenderia o que quero dizer com isso. E sei que ele tem pavio curto, como todos os Garland. Ah, senhorita Shirley, se você pudesse falar com ele, dizer como me sinto, ele te acha incrível e se deixaria guiar por suas palavras.

– Hazel, minha menina, não posso fazer isso.

– Não vejo por que não. – Hazel terminou de lixar a última unha e baixou o palito de madeira dramaticamente. – Mas se não pode, não vejo nenhuma outra alternativa. Só sei que nunca, NUNCA me casaria com Terry Garland.

– Se não ama o Terry, você precisa ser sincera com ele, não importa o quanto isso o magoe. Algum dia você encontrará alguém que realmente ama, querida Hazel, e não terá dúvida alguma, você saberá.

– Nunca mais amarei ninguém – disse Hazel com uma calma estoica. – O amor só traz sofrimento. Mesmo ainda muito jovem, já aprendi. Isso daria um ótimo enredo para uma de suas histórias, não acha? Tenho que ir embora, não tinha percebido como já é tarde. Estou me sentindo tão melhor depois de ter conversado com você... “Tocou a minha alma na terra das sombras”, como diria Shakespeare.

– Acho que foi Pauline Johnson – corrigiu Anne com gentileza.

– Bem, sei que foi alguém que já viveu. Acho que vou conseguir dormir esta noite, senhorita Shirley. Mal consigo dormir desde meu noivado, sem a mínima ideia de como isso aconteceu.

Hazel afofou os cabelos e colocou o chapéu decorado com flores rosas, com aba bordada também de rosa. Ficou tão deslumbrante que Anne lhe deu um beijo impulsivamente.

– Você é muito linda, minha querida – admirou Anne.

Hazel permaneceu imóvel.

Então, ergueu os olhos e olhou através do teto do quarto da torre, através do sótão, até alcançar as estrelas.

– Nunca, jamais me esquecerei deste momento maravilhoso, senhorita Shirley – murmurou, arrebatada. – Sinto como se minha beleza, se é que tenho alguma, tivesse sido consagrada. Ah, você não sabe como é terrível ter fama de ser bela e estar sempre com medo de que as pessoas não te achem

tão bonita quanto ouviram dizer que era. É uma tortura. Às vezes morro de aflição por achar que as pessoas estão desapontadas. Talvez seja só a minha imaginação, minha imaginação é tão fértil e até demais para o meu próprio bem, receio. Eu imaginei que estava apaixonada por Terry, sabe. Ah, senhorita Shirley, está sentindo o aroma de flores de maçã?

Como tinha um nariz, Anne estava.

– Não é simplesmente divino? Espero que o céu seja forrado de flores. Uma pessoa conseguiria ser boa se morasse em um lírio, não acha?

– Acho que seria um pouco apertado – disse Anne zombeteiramente.

– Ah, senhorita Shirley, não seja sarcástica com alguém que a idolatra. Sarcasmo me faz murchar como uma folha.

– Vejo que não morreu de tanto ouvi-la falar – disse Rebecca Dew quando Anne voltou para casa, depois de acompanhar Hazel pela Rua do Fantasma.

– Não sei como a suporta.

– Gosto dela, Rebecca, de verdade. Eu fui uma criança muito tagarela. Imagino se as pessoas que tinham que me ouvir me consideravam tola, às vezes.

– Eu não te conheci quando pequena, mas tenho certeza que não – disse Rebecca. – Porque você seria sincera de qualquer forma que se expressasse e Hazel Marr não. Ela não passa de um lobo em pele de cordeiro.

– Ah, claro que ela tem ares dramáticos como a maioria das garotas, mas acho que é sincera na maior parte do tempo – disse Anne, pensando em Terry. Talvez por ter uma má impressão do sujeito, ela acreditava que Hazel tinha sido sincera. Anne achava que Hazel não deveria ficar com Terry, apesar da herança de dez mil. Considerava Terry um jovem bonito, ainda que fraco, capaz de se apaixonar pela primeira garota que trocar olhares com ele e pela próxima, com a mesma facilidade, se a primeira o rejeitasse ou deixasse sozinho por muito tempo.

Anne vira Terry bastante naquela primavera, pois Hazel insistia que ela os acompanhasse em uma série de atividades e estava destinada a vê-lo ainda mais. Quando Hazel foi visitar amigos em Kingsport, ele se apegou à Anne na ausência da noiva, levando-a para passear e acompanhando-a para casa. Eles chamavam um ao outro de “Anne” e “Terry”, pois tinham a mesma idade, ainda que ela se sentisse maternal em relação a ele. Terry sentia-se imensamente lisonjeado pelo fato de a “inteligente senhorita Shirley” aparentemente gostar da companhia dele, e na noite da festa de May Connelly, em um jardim enluarado, onde as sombras das acácias dançavam e

se agitavam loucamente, ele ficou tão sentimental que Anne precisou lembrá-lo da ausente Hazel, entre risos.

– Ah, Hazel! – disse Terry. – Aquela criança!

– Você está noivo daquela “criança”, não está? – disse Anne severamente.

– Não oficialmente, não passa de um namorico bobo e eu acho que só me deixei levar pelo luar.

Anne raciocinou rapidamente. Se Terry realmente se importava tão pouco com Hazel, a criança estaria muito melhor sem ele. Talvez aquela fosse uma oportunidade enviada do céu para libertá-los do nó no qual haviam se metido, do qual nenhum dos dois, avaliando a situação com a seriedade da juventude, sabia como escapar.

– Evidentemente – continuou Terry, interpretando de maneira errada o silêncio dela –, estou em um dilema, eu admito. Receio que Hazel tenha me levado a sério demais e eu não sei a melhor maneira para fazê-la enxergar o erro que cometeu.

Anne, impulsiva como sempre, adotou sua melhor expressão maternal.

– Terry, vocês são duas crianças brincando de serem adultas. Hazel importa-se com esse noivado tanto quanto você. Aparentemente, o luar afetou os dois e ela quer ser livre, mas tem medo de ferir seus sentimentos. Ela é uma garota confusa e romântica e você é um garoto apaixonado por apaixonar-se, e algum dia vão rir muito disso.

(Acho que me saí muito bem, pensou Anne complacentemente.)

Terry inspirou fundo.

– Você tirou um peso das minhas costas, Anne. A Hazel é um doce, obviamente e eu detestaria magoá-la, mas faz algumas semanas que me dei conta do meu... do nosso erro. Quando um homem conhece uma mulher... A mulher... Já vai, Anne? Quer mesmo desperdiçar todo esse luar? Você parece uma rosa branca sob a luz da lua... Anne...

Porém Anne já tinha ido embora.



CAPÍTULO 11

Anne, que corrigia provas no quarto da torre em uma noite de junho, parou para assoar o nariz. Ela já o havia limpado tanto naquele dia que ele estava vermelho e dolorido. A verdade era que Anne estava sendo vítima de uma gripe muito severa e muito pouco romântica. A enfermidade não lhe permitia desfrutar do céu levemente esverdeado atrás das cicutas de Evergreens, a lua prateada logo acima da Rainha das Tempestades, o perfume fascinante dos lilases sob sua janela ou dos lírios azul-claros no vaso sobre a mesa. Obscurecia seu passado e nublava seu futuro.

– Uma gripe em junho chega a ser imoral – disse para Dusty Miller, que meditava no peitoril da janela. – Mas daqui a duas semanas irei para Green Gables em vez de ficar aqui, passando raiva com provas cheias de erros e limpando o nariz. Imagine só, Dusty Miller.

Dusty Miller aparentemente imaginou. Ele também deve ter imaginado que a jovem que vinha cruzando apressada a Rua do Fantasma tinha um aspecto furioso, alterado e destoante do mês de junho. Era Hazel Marr, que voltara no dia anterior de Kingsport, uma Hazel Marr visivelmente muito perturbada, que alguns minutos depois adentrou feito um vendaval o quarto da torre sem esperar por uma resposta à sua batida rápida.

– Ora, querida Hazel... (*Atchim!*). Já voltou de Kingsport? Pensei que voltaria só na semana que vem.

– Deve ter pensado, mesmo – disse Hazel sarcasticamente. – Sim, senhorita Shirley, eu voltei. E o que descobri? Que você tem feito de tudo para tirar o Terry de mim e que quase conseguiu!

– Hazel! (*Atchim!*)

– Ah, eu sei de tudo! Você disse ao Terry que eu não o amava, que eu queria romper o noivado... Nosso sagrado noivado!

– Hazel... Meu bem! (*Atchim!*)

– Isso, caçoe de mim... Caçoe o quanto quiser! Mas não tente negar. Você fez isso, deliberadamente!

– Claro que fiz. Foi você que pediu.

– Eu... Pedi!

– Aqui, neste mesmo quarto. Você disse que não o amava e que jamais se casaria com ele.

– Ah, deve ter sido uma coisa de momento. Nunca imaginei que me levaria a sério. Achei que você entenderia meu temperamento artístico. Você é bem mais velha que eu, é óbvio, mas não o bastante para ter se esquecido das coisas insanas que as garotas falam e sentem, você fingiu ser minha amiga!

“Só pode ser um pesadelo”, pensou Anne, limpando o nariz.

– Sente-se, Hazel...

– Sentar-me! – Hazel andava freneticamente de um lado para o outro. – Como posso me sentar... como alguém conseguiria se sentar com a vida ruindo ao redor? Ah, se isso é efeito da idade, ter inveja da felicidade dos mais jovens a ponto de querer destruí-la, eu rezarei para nunca ficar velha.

Anne foi acometida por um estranho e súbito desejo primitivo de dar um tabefe na orelha de Hazel. Reprimiu-o tão prontamente que nunca chegou a acreditar que de fato lhe ocorreu. Mesmo assim, ela achou que um castigo suave e gentil era indicado.

– Se não consegue sentar-se e conversar com sensatez, Hazel, gostaria que fosse embora. (Um *atchim* muito violento.) – Estou ocupada. – E fungou repetidas vezes.

– Não vou embora até dizer tudo o que penso sobre você. Ah, sei que a culpa é minha, eu deveria saber, eu sabia. Soube instintivamente, no instante em que a vi, que era perigosa. Esse cabelo vermelho e esses olhos verdes! Porém eu jamais teria sonhado que você chegaria ao ponto de se meter entre Terry e eu. Achei que era uma cristã, pelo menos. Nunca ouvi falar de um cristão fazendo uma coisa dessas. Bem, você partiu meu coração. Espero que esteja satisfeita.

– Sua tolinha...

– Não vou falar com você! Ah, Terry e eu éramos felizes antes de você estragar tudo. Eu era feliz... A primeira do meu grupo a ficar noiva. Já tinha planejado todo o meu casamento: quatro madrinhas usando adoráveis vestidos celestes de seda, com uma faixa de veludo preto. Tão chique! Ah,

eu não sei se tenho mais ódio ou pena de você! Como pôde me tratar assim... Eu te amava tanto... E confiava... E acreditava tanto em você!

A voz de Hazel falhou, os olhos se encheram de lágrimas e ela deixou-se cair em uma cadeira de balanço.

“Seus pontos de exclamação devem ter acabado”, pensou Anne. “Mas sua provisão de itálicos parece inesgotável.”

– Mamãe vai morrer de desgosto – soluçou Hazel. – Ela estava tão contente, todo mundo estava tão contente, todos achavam que éramos um par ideal. Ah, será que nada voltará a ser como era antes?

– Espere até a próxima noite de luar e tente – disse Anne gentilmente.

– Ah, pode rir, senhorita Shirley... ria do meu sofrimento. Não tenho dúvidas de que achará divertido... muito divertido! Você não sabe o que é sofrer! É terrível... Terrível!

Anne olhou para o relógio e espirrou.

– Então não sofra – aconselhou Anne.

– Eu vou sofrer. Meus sentimentos são muito intensos. É óbvio que uma alma superficial não sofreria. Pode ser muitas coisas, mas sou grata por não ser superficial. Faz alguma ideia do que é estar louca de amor, senhorita Shirley? Realmente, terrivelmente, profundamente, maravilhosamente apaixonada? E então confiar e ser traída? Fui para Kingsport tão feliz e amando o mundo! Eu falei para o Terry ser gentil com você durante minha ausência, para não a deixar sozinha. Cheguei ontem em casa tão feliz. Aí ele me disse que não me ama mais, que foi tudo um erro. Um erro! E que você contou que eu não sentia mais nada por ele e que queria ser livre!

– Minhas intenções foram nobres – disse Anne, rindo. Seu senso de humor pícaro veio ao resgate e ela riu tanto de si mesma como de Hazel.

– Ah, como eu sobrevivi a noite? – exclamou Hazel. – Fiquei andando de um lado para o outro. E você não sabe que não seria capaz nem de imaginar o que tive que suportar durante o dia. Tive que me sentar e ouvir as pessoas comentando da queda de Terry por você. Ah, o povo estava de olho em vocês! Todos sabem o que vocês estavam aprontando. Mas por quê... Por quê! Não consigo entender. Você já tem o seu noivo... Por que não deixou o meu em paz? O que tem contra mim? O que eu fiz para você?

– Eu acho que você e o Terry precisam de umas boas palmadas – disse Anne, exasperada. – Se você não estivesse tão alterada para ouvir a razão...

– Ah, não estou alterada, senhorita Shirley, só magoada e terrivelmente magoada – disse Hazel, com uma voz embargada por lágrimas. – Sinto como

se tivesse sido traída em tudo: nas amizades e no amor. Bem, dizem que depois que o seu coração é partido, você não sofre mais. Espero que seja verdade, mas receio que não.

– O que aconteceu com a sua ambição, Hazel? E quanto ao milionário e a lua de mel em uma villa no mediterrâneo azul?

– Não faço a mínima ideia do que você está falando, senhorita Shirley. Não sou nem um pouco ambiciosa, não sou uma dessas absurdas mulheres modernas. Minha maior ambição era ser uma esposa feliz e deixar o lar feliz para o meu marido. Era... Era! E pensar que é no pretérito imperfeito! Bem, não se pode confiar em ninguém. Aprendi a lição. Uma lição muito, muito amarga!

Hazel limpou as lágrimas e Anne o nariz, e Dusty Miller olhou para a Estrela da Tarde com uma expressão misantropa.

– É melhor ir embora, Hazel. Estou realmente muito ocupada e não vejo motivos para prolongarmos esta conversa.

Hazel caminhou até a porta com se fosse a Rainha da Escócia aproximando-se da força e então virou-se dramaticamente.

– Adeus, senhorita Shirley. Deixo isso a cargo da sua consciência.

Anne, a sós com a própria consciência, abaixou a caneta, espirrou três vezes e deu um sermão em si mesma:

– Você pode ser uma bacharela em Letras e Belas Artes, mas ainda precisa aprender algumas coisas que até a Rebecca Dew poderia ter lhe ensinado e que de fato ensinou.

Seja sincera consigo mesma, minha querida menina e engula o remédio como uma boa garota. Admita que se deixou levar pelos elogios. Admita que gostava da adoração assídua de Hazel. Admita que era gostoso ser adorada. Admita que gostava da ideia de ser um tipo de *dea ex machina*, tentando salvar pessoas da própria tolice que nem sequer queriam ser salvas.

E depois de admitir tudo isso e sentir-se mais sábia, triste e alguns milhares de anos mais velha, ela pegou a pena e continuou a corrigir as provas, parando para notar que Myra Pringle achava que serafins eram “animais que abundam a África”.



CAPÍTULO 12

Uma semana depois, Anne recebeu uma carta escrita em papel celeste com borda prateada.

QUERIDA SENHORITA SHIRLEY,

Escrevo para contar que todos os mal-entendidos foram resolvidos entre Terry e eu, e que estamos profunda, intensa e maravilhosamente felizes por termos decidido perdoar você. Terry disse que foi levado pelo luar a ser romântico com você, mas que o coração dele nunca realmente me traiu. Ele disse que gosta de garotas doces e simples, que todos os homens gostam e que não tem interesse nas mulheres intrigantes e astutas. Não entendemos por que se comportou conosco dessa forma, e talvez jamais entendamos. Talvez você só quisesse material para uma história e por isso resolveu brincar com o primeiro e grande amor de uma garota. Mas agradecemos por ter nos revelado um ao outro. Terry disse que nunca tinha pensado no sentido mais profundo da vida antes. Então, tudo terminou bem. Temos tanta afinidade e podemos ler os pensamentos um do outro. Ninguém o compreende como eu e quero ser uma fonte de inspiração eterna para ele. Eu não sou inteligente como você, mas sinto que posso ser tal inspiração, pois somos almas gêmeas e juramos honestidade e fidelidade eterna, não importa quantas pessoas invejosas e amigos falsos tentem nos separar.

Vamos nos casar assim que terminar meu enxoval. Vou comprá-lo em Boston. Não há nada interessante em Summerside. Meu vestido será de moiré branco e meu traje de viagem será cinza-claro com chapéu, luvas e um casaco de azul-escuro. Claro que ainda sou muito jovem, mas quero me casar enquanto ainda sou jovem, antes de minha vida começar a murchar.

Terry é tudo que imaginei em meus sonhos mais selvagens e cada batida do meu coração é somente para ele. Sei que seremos arrebatadoramente felizes. Já cheguei a acreditar que todos os meus amigos se alegrariam com

a minha felicidade, mas aprendi uma lição amarga em sabedoria sobre a vida.

Sinceramente,

HAZEL MARR.

P.S.1. Você disse que o Terry tem pavio curto, mas a irmã dele me garantiu que ele é um anjo.

H.M.

P.S.2. Ouvi dizer que suco de limão tira sardas. Você poderia experimentar.

H.M.

– Para citar a Rebecca Dew – disse Anne para Dusty Miller –, o P.S. número dois é o fim da picada.



CAPÍTULO 13

Anne foi para casa nas férias de seu segundo ano em Summerside com inquietações. Gilbert não iria para Avonlea naquele verão. Ele tinha viajado para o Oeste, para trabalhar na construção de uma estrada de ferro. Porém Green Gables continuava Green Gables e Avonlea continuava Avonlea. A Lagoa das Águas brilhantes reluzia e cintilava como de costume. As samambaias continuavam viçosas na Bolha da Dríade e a ponte de troncos, ainda que estivesse mais gasta e coberta de musgo, ainda levava às sombras o silêncio e os ventos cantantes da Floresta Assombrada.

E Anne conseguiu que a senhora Campbell deixasse que a pequena Elizabeth passasse duas semanas com ela e nem um dia a mais. Elizabeth, ansiosa pelas duas semanas inteiras ao lado da senhorita Shirley, não queria mais nada da vida.

– Eu me sinto como a senhorita Elizabeth hoje – contou à Anne com um suspiro de satisfação enquanto se afastavam de Windy Poplars. – Poderia me chamar de “senhorita Elizabeth” quando for me apresentar para seus amigos em Green Gables? Eu me sentiria tão adulta!

– Eu prometo – disse Anne com seriedade, recordando-se de uma mocinha de cabelos ruivos que já havia implorado para ser chamada de Cordélia.

A viagem de Elizabeth de Blight River a Green Gables, por uma estrada cuja paisagem só poderia pertencer à Ilha do Príncipe Edward em junho, foi quase tão deslumbrante quanto fora para Anne naquela primavera memorável, tantos anos atrás. O mundo era lindo, com prados ao vento de cada lado e surpresas à espreita em cada curva. Ela estava com sua amada senhorita Shirley; ela ficaria livre da Ajudante durante duas semanas inteiras; ela havia ganho um vestido xadrez rosa e um par de adoráveis botas marrons. Era quase como se o Amanhã já tivesse chegado, com mais catorze amanhãs pela frente. Os olhos de Elizabeth brilhavam sonhadoramente ao entrar na estradinha de Green Gables, onde as rosas silvestres cresciam.

As coisas pareceram mudar magicamente para Elizabeth quando chegaram a Green Gables. Por duas semanas, ela viveu em um mundo de romance. Era impossível sair pela porta e não dar de cara com algo romântico. Coisas estavam prestes a acontecer em Avonlea, se não hoje, amanhã. Elizabeth sabia que ainda não tinha chegado ao Amanhã, mas que estava bem próxima.

Tudo em Green Gables parecia conhecê-la. Até mesmo o antigo jogo de chá rosa-claro de Marilla lhe parecia familiar. Os quartos a recebiam como se ela sempre os tivesse amado, até a grama parecia mais verde que em qualquer outro lugar e os moradores de Green Gables eram o tipo de pessoas que habitavam o Amanhã. Ela os amou e foi amada por eles. Davy e Dora se encantaram por ela e a mimaram; Marilla e a senhora Lynde a aprovaram. Ela era asseada, tinha modos e tratava os mais velhos com respeito. Eles sabiam que Anne não gostava dos métodos da senhora Campbell, mas era visível que ela educara a neta propriamente.

– Ah, eu não quero dormir, senhorita Shirley – sussurrou Elizabeth na pequena cama do quartinho do sótão, depois de uma noite divertida. – Não quero perder um minuto dessas maravilhosas semanas. Bem que eu queria passar esse tempo sem precisar dormir.

Ela não dormiu de imediato. Era celestial ficar ali quietinha, ouvindo o esplêndido ribombar distante que a senhorita Shirley lhe dissera ser do oceano. Elizabeth também gostou do silvo do vento nos beirais. Ela sempre tivera “medo da noite”. Quem saberia dizer que criaturas espreitavam por aí, prontas para atacar? Mas agora não tinha mais medo. Pela primeira vez, a noite parecia ser sua amiga.

Elas iriam à praia no dia seguinte, a senhorita Shirley havia prometido, para mergulhar em meio às ondas de bordas prateadas que quebravam além das grandes dunas de Avonlea quando cruzavam a última grande colina. Elizabeth já podia vê-las chegando, uma depois da outra. Uma delas era uma imensa onda de sono, que levou Elizabeth junto, com um delicioso suspiro de rendição.

“É... tão... fácil... amar... Deus... aqui...” foi o último pensamento consciente dela.

Em todas as noites em Green Gables, ela ficou acordada até bem depois da senhorita Shirley, pensando nas coisas. Por que a vida em Evergreens não podia ser como em Green Gables?

Elizabeth nunca morou em um lugar onde pudesse fazer barulho quando quisesse. Todos em Evergreens tinham que se mover de mansinho, falar de mansinho e até pensar de mansinho, era a impressão que Elizabeth tinha. Havia ocasiões em que ela desejava, perversamente, gritar com todas as forças.

– Você pode fazer quanto barulho quiser aqui – Anne lhe dissera. Porém era estranho, ela não queria mais gritar, agora que não havia nada impedindo-a.

Ela gostava de andar com cuidado em meio às coisas adoráveis que a cercavam. Também aprendeu a rir durante sua estadia em Green Gables. E quando voltou para Summerside, ela levou consigo recordações tão deliciosas quanto as que deixou durante meses, Green Gables pareceu repleta de lembranças da menina, que continuou a ser chamada de “pequena Elizabeth”, apesar de Anne tê-la apresentado somente como “senhorita Elizabeth”. Ela era tão pequena, tão dourada, tão parecida com um elfo, que todo mundo só conseguia chamá-la de pequena Elizabeth: a pequena Elizabeth dançando entre os lírios de junho do jardim em um fim de tarde; encarapitada em um galho da grande macieira, lendo contos de fadas, livre e desimpedida; a pequena Elizabeth quase submersa em um campo de flores, em que o topo de sua cabecinha parecia um grande botão-de-ouro; caçando mariposas verdes-prateadas ou tentando contar vagalumes na Travessa dos Amantes; ouvindo o zunir das abelhas entre as campânulas; comendo morangos com creme ou groselhas na companhia de Dora... “Groselhas são tão lindas, não são, Dora? É como comer pedras preciosas, não acha?”; a pequena Elizabeth cantando entre as samambaias, sob o mágico entardecer, com as mãos perfumadas depois de colher enormes rosas-de-cem-pétalas; admirando a grande lua sobre o vale do córrego... “Acho que a lua tem um olhar preocupado, não acha, senhora Lynde?”; chorando amargamente porque o herói de uma das revistas de Davy terminara um capítulo em um triste dilema... “Ah, senhorita Shirley, tenho certeza de que não conseguirá escapar!”; a pequena Elizabeth, doce e corada como uma flor silvestre, tirando um cochilo vespertino no sofá da cozinha com os gatinhos de Dora ao seu redor, gargalhando ao ver o vento erguer as penas dos rabos das galinhas, de aspecto tão respeitável (“será que é a pequena Elizabeth que está rindo desse jeito?”); ajudando Anne a fazer cupcakes, a senhora Lynde a cortar retalhos para sua nova colcha e a Dora a polir os velhos candelabros de bronze até que conseguissem ver o próprio reflexo e cortando

biscoitinhos com um molde sob a supervisão de Marilla. Os moradores de Green Gables mal podiam olhar para um lugar ou alguma coisa sem se lembrar da pequena Elizabeth.

“Será que algum dia eu serei tão feliz como fui nessa última quinzena?”, perguntou-se a pequena Elizabeth quando partiu de Green Gables. O trajeto até a estação era tão exuberante quanto havia sido duas semanas atrás, mas a menina não conseguia enxergá-lo por causa das lágrimas.

Depois que a menina foi embora, Katherine Brooke e seu cachorro vieram passar o resto do verão. Katherine havia resignado o cargo de professora na Escola Secundária e agora pretendia mudar-se para Redmond para fazer um curso de secretariado na universidade, como Anne a aconselhara.

– Sei que vai adorar, você nunca gostou de dar aulas – disse em um fim de tarde, sentadas em meio a um campo de trevos, observando a glória do céu no poente.

– A vida ainda me deve algo além de tudo que já me pagou e eu vou cobrá-la – disse Katherine decididamente. – Sinto-me muito mais jovem do que no ano passado – acrescentou, com uma risada.

– Tenho certeza de que é o melhor para você, ainda que deteste pensar em Summerside e na escola sem a sua presença. Como será o quarto da torre no ano que vem, sem nossas noites de confabulação e discussões, sem nossas horas de tolices em que transformamos tudo e todos em uma piada?

O
TERCEIRO
ANO



CAPÍTULO 1

Windy Poplars
Rua do Fantasma
8 de setembro
Querido,

O verão chegou ao fim... O verão em que eu te vi somente naquele fim de semana em maio e eu voltei para Windy Poplars, para meu terceiro e último ano na Escola Secundária de Summerside. Katherine e eu nos divertimos muito em Green Gables e vou sentir muito a falta dela. A nova professora é uma figura alegre, pequena, rechonchuda, corada e amistosa como um filhotinho de cachorro. Todavia, por algum motivo, isso é tudo que tem a oferecer. Possui olhos azuis brilhantes e vazios, sem nenhum pensamento por trás deles. Katherine mostrou-se uma pessoa tão interessante depois que consegui passar pelas barreiras dela...

Nada mudou em Windy Poplars, aparentemente. A velha vaca vermelha havia partido desta para melhor, conforme Rebecca Dew me informou durante o jantar na segunda-feira. As viúvas decidiram não ir atrás de outra e passaram a comprar leite e creme do senhor Cherry. Isso significa que a pequena Elizabeth não virá mais buscar o leite no portão do jardim, o que já não faz muita diferença, pois a senhora Campbell parece não se importar mais que a menina venha aqui quando quiser.

Há outra mudança a caminho. A tia Chatty avisou, para a minha grande tristeza, que vão doar Dusty Miller assim que encontrarem um lar adequado para ele. Quando protestei, ela explicou que haviam chegado a essa decisão em prol da paz, pois Rebecca Dew passara o verão inteiro reclamando dele e não havia outro jeito de aplacá-la. Pobre Dusty Miller, é um gato tão adorável e ronronante!

Amanhã, sábado, vou tomar conta dos gêmeos da senhora Raymond enquanto ela vai a um funeral de um parente, em Charlottetown, ela é uma

viúva que se mudou para a cidade no inverno passado. A Rebecca Dew e as viúvas de Windy Poplars (Summerside é realmente um ótimo lugar para viúvas) a consideram “sofisticada demais” para a cidade, mas ela foi de grande ajuda para mim e Katherine Brooke em nosso Clube de Artes Dramáticas. Uma boa ação merece outra em troca.

– Gerald e Geraldine têm oito anos e são duas crianças angelicais, mas Rebecca Dew “torceu o nariz”, para usar uma de suas expressões, quando contei que iria cuidar deles.

– Mas eu amo crianças, Rebecca.

– Crianças, sim, mas eles são dois diabinhos, senhorita Shirley. A senhora Raymond não acredita em punir as crianças, não importa o que façam. Diz que está determinada a lhes dar uma vida “natural”. Enganam a todos com a aparência angelical, mas já ouvi o que os vizinhos têm a dizer sobre eles. A esposa do ministro fez uma visita, certa tarde... bem, a senhora Raymond a recebeu com a mais absoluta cordialidade, mas, quando estava indo embora, uma avalanche de cebolas desceu pelas escadas e uma derrubou o chapéu da mulher do ministro. “Crianças sempre se comportam mal quando queremos que elas sejam boazinhas”, foi tudo que a senhora Raymond disse, como se tivesse orgulho por serem tão indomáveis. Eles são norte-americanos, sabe... – como se isso explicasse tudo. Rebecca gostava tanto de ianques quanto a senhora Lynde.



CAPÍTULO 2

Na manhã de sábado, Anne foi até a bela casa antiga localizada em uma rua que levava até o campo, onde a senhora Raymond morava com os famosos gêmeos. Ela já estava pronta para partir, vestida de maneira um tanto alegre para um funeral, talvez, ainda mais com o chapéu florido sobre os cabelos castanhos e ondulados, mas, ainda assim, estava muito bonita. Os gêmeos de oito anos, que tinham herdado a beleza da mãe, estavam sentados nas escadas com uma expressão de querubim. A tez deles era rósea e alva, os olhos grandes e azuis e os macios cachos loiro-claros formavam uma auréola ao redor da cabeça.

Eles sorriram com uma doçura contagiante quando a mãe os apresentou a Anne e informou que a senhorita Shirley tivera a bondade de vir cuidar deles enquanto ela comparecia ao funeral da querida tia Ella, que eles iriam se comportar e não dariam nem um pinga de trabalho, não é mesmo, meus queridinhos?

Os queridinhos assentiram solenemente, com uma expressão ainda mais angelical.

A senhora Raymond fez Anne acompanhá-la até o portão.

– Eles são tudo que tenho agora – declarou ela, em um tom patético. – Talvez eu os tenha mimado demais, eu sei que as pessoas pensam assim e já reparou que as pessoas sempre sabem criar os filhos dos outros muito melhor do que os próprios pais, senhorita Shirley? Eu acho que carinhos são sempre melhores do que palmadas, não concorda? Tenho certeza de que você não terá problemas com eles. As crianças sempre sabem com quem podem e não podem fazer travessuras, não acha? Pobre senhorita Prouty, que mora na rua acima, ela veio cuidar deles um dia, mas os coitadinhos não a suportam. Então, é claro que eles a provocaram e você sabe como são as crianças, então ela vingou-se espalhando as mais ridículas lorotas sobre eles por toda a cidade, mas sei que eles vão te adorar e que vão se comportar como anjinhos. É claro, eles têm muita energia, como toda criança deveria ter, não

acha? É tão penoso ver crianças com uma expressão acuada, não é mesmo? Gosto que sejam naturais e você? Crianças comportadas demais não parecem naturais ou parecem? Não permita que eles brinquem com os barcos na banheira ou no lago, tudo bem? Morro de medo de que peguem um resfriado, pois o pai deles morreu de pneumonia.

Os olhos da senhora Raymond pareciam prestes a transbordar, mas ela corajosamente conteve as lágrimas.

– Não se preocupe se brigarem um pouco, crianças estão sempre brigando, não é mesmo? Mas se um estranho as atacar... minha nossa! Eles se adoram, sabe e eu poderia levar um deles ao funeral, mas eles simplesmente não aceitaram, pois nunca ficaram um dia na vida longe um do outro e eu não conseguiria tomar conta de dois gêmeos em um funeral ou conseguiria?

– Não se preocupe, senhora Raymond – disse Anne com bondade. Tenho certeza de que Gerald, Geraldine e eu passaremos um lindo dia juntos. Eu amo crianças.

– Eu sei. Tive essa certeza no instante em que a vi e dá para notar isso, não acha? Uma pessoa que ama crianças transmite um certo ar e a coitada da senhorita Prouty os detesta, pois ela só sabe ver o que há de pior nelas. Você não sabe como é reconfortante saber que meus tesouros estão sob os cuidados de alguém que ama e compreende as crianças. Não tenho dúvidas de que conseguirão aproveitar o dia.

– Você poderia nos levar ao funeral – gritou Gerald, subitamente colocando a cabeça para fora de uma das janelas do andar superior. – Nós nunca vamos a nenhum lugar divertido!

– Ah, eles estão tomando banho! – exclamou a senhora Raymond tragicamente. – Querida senhorita Shirley, por favor, tire-os de lá. Gerald, meu bem, você sabe que não posso levar os dois ao funeral. Ah, ele está de novo com o tapete de pele de coitado da sala amarrado no pescoço pelas patas e vai acabar arruinando-o. Por favor, mande-o tirá-lo imediatamente mas e agora tenho que correr ou então perderei o trem.

A senhora Raymond afastou-se elegantemente e Anne correu até o andar de cima e encontrou a angelical Geraldine tentando tirar o irmão da janela o puxando pelas pernas.

– Senhorita Shirley, faça o Gerald parar de mostrar a língua para mim – exigiu ela.

– Isso machuca você? – perguntou Anne, sorrindo.

– Bem, ele não está passando a língua em mim – retrucou Geraldine, lançando um olhar fulminante para Gerald, que o retribuiu com interesse.

– A língua é minha e você não pode me impedir de colocá-la para fora quando eu quiser ou ela pode, senhorita Shirley?

Anne ignorou a pergunta.

– Queridos gêmeos, só falta uma hora para o almoço. Vamos nos sentar no jardim, para brincar e contar histórias? E, Gerald, coloque a pele de coiote no lugar, por favor.

– Mas eu quero brincar de lobo.

– Ele quer brincar de lobo – choramingou Geraldine, aliando-se ao irmão de repente.

– Queremos brincar de lobo – pediram os dois juntos.

A campainha da porta acabou com o dilema de Anne.

– Vamos ver quem é – exclamou Geraldine. Os dois desceram as escadas pelo corrimão e chegaram à porta antes de Anne, a pele de coiote soltou-se e foi abandonada durante o processo.

– Nunca compramos nada de mascates – disse Gerald para a mulher parada na soleira de pedra.

– Posso falar com sua mãe? – perguntou ela.

– Não, não pode. A mamãe foi ao funeral da tia Ella e a senhorita Shirley está cuidando da gente, ela está descendo as escadas e agora você terá que sumir daqui.

Anne sentiu vontade de mandar a visita “sumir dali” quando viu quem era. A senhorita Pamela Drake não era popular em Summerside. Ela estava sempre “pegando pedidos” para alguma coisa e era praticamente impossível livrar-se dela sem colaborar, comprar alguma coisa, visto que era completamente imune a recusas e indiretas e que, aparentemente, tinha todo o tempo do mundo ao seu dispor.

Dessa vez ela estava “pegando pedidos” para uma enciclopédia, era algo que toda professora deveria ter. Anne explicou em vão que não precisava de uma enciclopédia, que a Escola Secundária já possuía uma muito boa.

– Dez anos desatualizada – disse a senhorita Pamela com firmeza. – Vamos nos sentar neste banco rústico, senhorita Shirley e eu lhe mostrei meu panfleto.

– Receio não ter tempo para isso, senhorita Drake. Tenho que cuidar das crianças.

– Não vai levar mais que alguns minutos. Faz tempo que queria falar com você, senhorita Shirley e foi muita sorte encontrá-la aqui. Podem brincar, crianças, enquanto a senhorita Shirley e eu folheamos este lindo panfleto.

– A mamãe contratou a senhorita Shirley para cuidar de nós – disse Geraldine, balançando os cachos diáfanos. Gerald então a puxou para dentro e bateu a porta com força.

– Veja, senhorita Shirley, como é esta enciclopédia. Veja que lindo pape, sintá-o e que gravuras esplêndidas, nenhuma outra enciclopédia no mercado tem metade do número de gravuras que esta tem, que beleza de impressão, que até um cego é capaz de ler e tudo por oitenta dólares, são oito dólares de entrada e oito dólares por mês até sua quitação. Você não terá outra chance como essa, pois este é o preço de lançamento, ela custará cento e vinte no ano que vem.

– Mas eu não quero uma enciclopédia, senhorita Drake – disse Anne, desesperadamente

– Claro que você quer uma enciclopédia, todo mundo quer uma enciclopédia ou melhor uma enciclopédia nacional. Não sei como eu vivi tanto tempo sem uma enciclopédia nacional, eu acho que não vivia, eu meramente existia! Olhe esta gravura do casuar, senhorita Shirley, você já tinha visto um casuar antes?

– Mas, senhorita Drake...

– Se o custo for um pouco oneroso, tenho certeza de que podemos chegar a um acordo, já que você é professora, seis dólares por mês, em vez de oito. É simplesmente impossível recusar uma oferta dessas, senhorita Shirley.

Anne tinha a sensação de que era, mesmo. Não compensaria pagar seis dólares por mês para se livrar daquela mulher terrível que evidentemente estava decidida a não ir embora antes de fazer uma venda? Além disso, o que será que os gêmeos estavam aprontando? Eles estavam alarmantemente quietos. Talvez estivessem brincando com o barco na banheira. Ou ainda, eles podiam ter escapulado pela porta dos fundos para ir até o lago.

Ela fez mais uma tentativa pífia de escapar.

– Vou pensar a respeito...

– Não há melhor momento que o presente – disse a senhorita Drake, sacando a caneta tinteiro. – Você sabe que vai comprar a enciclopédia nacional, então o melhor momento para assinar o contrato é agora. De nada adianta postergar as coisas, o preço pode subir a qualquer momento e então você terá que pagar cento e vinte. Assine aqui, senhorita Shirley.

Anne sentiu a caneta sendo forçada em sua mão, mais alguns segundos se passaram e então a senhorita Drake deu um grito de gelar o sangue, fazendo com que ela derrubasse a caneta entre as flores ao redor do banco rústico e encarasse a visita com assombro e horror.

Aquela era a senhorita Drake? Aquela criatura sem chapéu, sem os óculos e quase careca? Chapéu, óculos e peruca flutuavam acima da cabeça dela, a meio caminho da janela do banheiro, de onde assomavam duas cabeças loiras. Gerald segurava uma vara de pescar com duas linhas e anzóis. O menino havia conseguido realizar uma físgada tripla, por um passe de mágica que só ele conhecia ou talvez por pura sorte.

Anne correu para o andar de cima. Quando chegou ao banheiro, os gêmeos já tinham escapado. Gerald derrubara a vara de pescar e uma espiada lá de cima mostrou a senhorita Drake recolhendo furiosamente seus pertences, incluindo a caneta tinteiro e marchando em direção ao portão. Pela primeira vez na vida, a senhorita Pamela Drake havia falhado em fazer uma venda.

Anne encontrou os gêmeos sentados como dois serafins na varanda dos fundos, comendo maçãs. Ela não sabia o que fazer e certamente, um comportamento desse não podia passar sem uma reprimenda, porém Gerald a salvara de uma situação complicada e a senhorita Drake era uma pessoa odiosa que precisava de uma lição. Ainda assim...

– Você comeu um bicho gigante! – gritou Gerald. – Eu o vi desaparecer pela sua garganta.

Geraldine largou a maçã e instantaneamente passou mal, muito mal e Anne teve trabalho por um bom tempo. Já era a hora do almoço quando Geraldine melhorou e Anne decidiu por impulso deixar Gerald se safar com apenas uma reprimenda leve. Afinal, a senhorita Drake não havia sofrido nenhum dano sério e provavelmente ela guardaria o incidente para si mesma.

– Você acha, Gerald, que sua atitude foi própria de um cavalheiro?

– Não – disse o menino –, mas foi bem engraçada. Nossa, como eu sou um bom pescador, não é mesmo?

O almoço foi excelente. A senhorita Raymond o havia preparado antes de partir e, independentemente de suas deficiências como disciplinadora, ela era uma boa cozinheira. Gerald e Geraldine, ocupados com a comilança, não brigaram ou demonstraram modos à mesa piores do que qualquer criança. Anne lavou a louça depois do almoço e colocou Geraldine para secá-la e Gerald para guardá-la com cuidado no armário. Os dois eram muito

habilidosos e Anne refletiu com complacência que tudo que precisavam era de um treinamento adequado e de um pouco de firmeza.



CAPÍTULO 3

Às duas da tarde, o senhor James Grand chegou. Ele era presidente do conselho administrativo da Escola Secundária de Summerside e tinha assuntos importantes que gostaria de tratar antes de partir para uma conferência educacional em Kingsport na segunda-feira. Anne perguntou se ele não poderia ir a Windy Poplars no fim da tarde, mas infelizmente não seria possível.

O senhor Grand era um bom homem à sua maneira, mas Anne havia descoberto há muito tempo que deveria lidar com ele com cuidado. Além do mais, Anne estava muito ansiosa para tê-lo ao seu lado na grande batalha pelo novo equipamento que se aproximava. Ela foi buscar os gêmeos.

– Queridinhos, vocês podem brincar comportadamente no quintal enquanto eu dou uma palavrinha com o senhor Grand? Não vai demorar e depois, vamos tomar o chá da tarde nos bancos ao redor do lago, vou ensiná-los a fazer bolhas de sabão com tinta vermelha. São adoráveis!

– Você dará vinte e cinco centavos para cada um se nos comportarmos? – exigiu Gerald.

– Não, meu querido – disse Anne com firmeza –, não vou chantageá-los. Sei que vai ser bonzinho só porque eu pedi, como um cavalheiro.

– Seremos bonzinhos, senhorita Shirley – prometeu Gerald.

– Incrivelmente bonzinhos – acrescentou Geraldine.

Talvez eles tivessem se comportado se Ivy Trent não tivesse aparecido assim que Anne fechou a porta da sala de estar. Os gêmeos odiavam Ivy Trent, a impecável Ivy Trent que nunca fazia nada de errado, que parecia sempre ter acabado de se arrumar.

Naquela tarde em particular, era óbvio que a menina tinha vindo exhibir as novas e lindas botas marrons, a faixa, os laços nos ombros e as fitas de cabelo escarlates. A senhora Raymond, apesar de pecar em alguns aspectos, era muito sensata na hora de vestir as crianças. Os vizinhos bondosos diziam

que ela gastava tanto consigo mesma que não sobrava para gastar com os gêmeos e Geraldine nunca teve a chance de desfilar pela rua ao estilo de Ivy Trent, que tinha um vestido para cada tarde da semana. A senhora Trent sempre a vestia de “branco imaculado” e a menina estava sempre impecável, pelo menos antes de sair de casa. Se na hora que voltasse ela já não estivesse tão limpa, a culpa era das crianças “invejosas” que abundavam na vizinhança.

Geraldine tinha inveja. Ela ansiava por uma faixa vermelho-escura, laços nos ombros e vestidos bordados. O que ela não daria por botas marrons de abotoar como aquelas?

– Gostaram da minha nova faixa e dos meus laços novos? – perguntou Ivy com orgulho.

– “Gostaram da minha nova faixa e dos meus laços novos?” – remedou Geraldine para provocá-la.

– Mas você não tem laços novos – respondeu Ivy, altiva.

– “Mas você não tem laços novos”.

Ivy parecia confusa.

– Eu tenho, sim. Não está vendo?

– “Eu tenho, sim. Não está vendo?” – zombou Geraldine, muito contente com sua ideia brilhante de repetir tudo que a outra dizia com escárnio.

– Eles não foram pagos – disse Gerald.

Ivy Trent estava ficando irritada. Dava para ver pelo seu rosto, que estava ficando tão vermelho quanto seus laços nos ombros.

– Foram, sim. Minha mãe sempre paga as contas.

– “Minha mãe sempre paga as contas” – cantarolou Geraldine.

Ivy estava incomodada. Ela não sabia exatamente como lidar com a situação. Então ela virou-se para Gerald, que indubitavelmente era o garoto que achava mais bonito na rua. Ela havia tomado uma decisão.

– Vim aqui para te contar que você vai ser meu pretendente – disse, olhando eloquentemente para Gerald com um par de olhos castanhos que, mesmo aos sete anos, Ivy já sabia que tinham um efeito devastador na maioria dos meninos que conhecia.

Gerald enrubesceu.

– Não quero ser seu pretendente.

– Mas vai ser – disse Ivy serenamente.

– “Mas vai ser” – imitou Geraldine, sacudindo a cabeça para o irmão.

– Não vou! – gritou Gerald furiosamente. – E pare de dizer besteiras, Ivy Trent.

– Você tem que ser – insistiu Ivy.

– “Você tem que ser” – disse Geraldine.

Ivy a encarou.

– Cale a boca, Geraldine Raymond!

– Eu posso fazer o que quiser no meu quintal – disse Geraldine.

– Ela pode, mesmo – disse Gerald. – E se você não calar a boca, Ivy Trent, eu vou até a sua casa e arrancarei os olhos da sua boneca.

– Minha mãe te daria uma surra – gritou Ivy.

– Ah, é mesmo? Bem, sabe o que a minha mãe faria com a sua, se ela me batesse? Daria um soco no nariz dela.

– Bem, de qualquer forma, você tem que ser meu pretendente – disse Ivy, voltando calmamente para o assunto.

– Eu vou enfiar a sua cabeça no barril de chuva – explodiu Gerald. – Vou esfregar a sua cara em um formigueiro e vou rasgar a sua faixa e esses seus laços... – concluiu, triunfante, mas pelo menos a última parte era realizável.

– Vamos fazer isso – gritou Geraldine.

Eles partiram para cima da infeliz da Ivy, que chutou, gritou e tentou mordê-los, mas que não era páreo para os dois. Juntos eles a levaram até o galpão do outro lado do quintal, de onde seus gritos não podiam ser ouvidos.

– Depressa – disse Geraldine. – Antes que a senhorita Shirley veja.

Não havia tempo a perder. Gerald agarrou as pernas de Ivy e Geraldine segurou os pulsos da menina com uma das mãos, enquanto rasgava a faixa e os laços nos ombros com a outra.

– Vamos pintar as pernas dela – gritou Gerald ao notar algumas latas de tinta que os pintores haviam deixado ali, na semana anterior. – Eu a seguro, enquanto você pinta.

Em vão, Ivy gritou de desespero. As meias dela foram puxadas para baixo e alguns instantes depois suas pernas estavam decoradas com listras vermelhas e verdes largas, boa parte da tinta espirrou no vestido e nas botas novas. Como toque final, eles encheram os cabelos dela de carrapicho.

Quando finalmente a soltaram, Ivy dava pena. Os gêmeos gritaram de alegria ao verem o resultado, então longas semanas de arrogância e condescendência finalmente haviam sido vingadas.

– Agora, vá para casa – disse Gerald. – Isso vai te ensinar a não sair por aí dizendo para os outros que eles têm que ser seu namorado.

– Vou contar para a minha mãe – chorou Ivy. – Vou direto para casa e vou te dedurar, seu garoto horrível, horrível, odioso e feio!

– Não chame o meu irmão de feio, sua metidinha! – gritou Geraldine. – Você e seus laços no ombro! Aqui, leve-os com você, pois nós não queremos sujeira em nosso galpão.

Ivy, aos prantos, correu para a rua enquanto Geraldine arremessava os laços nela.

– Depressa, vamos até o banheiro pelas escadas de trás para nos limpar antes que a senhorita Shirley nos veja – ofegou Geraldine.



CAPÍTULO 4

O senhor Grand já tinha dito tudo que precisava e se despediu com uma reverência. Anne ficou parada por um tempo na soleira de pedra, imaginando onde estariam os gêmeos. Pelo portão entrou uma dama enraivecida, trazendo pela mão um átomo de humanidade que ainda soluçava.

– Senhorita Shirley, onde está a senhora Raymond? – quis saber a senhora Trent.

– A senhora Raymond está...

– Insisto em falar com a senhora Raymond. Ela precisa ver com os próprios olhos o que os filhos dela fizeram com a indefesa e inocente Ivy. Olhe só para ela, senhorita Shirley, olhe para ela!

– Ah, senhorita Trent, eu sinto muito! É tudo culpa minha. A senhora Raymond está fora e prometi que tomaria conta deles, mas então o senhor Grand apareceu...

– Não, a culpa não é sua, senhorita Shirley, eu não te culpo, ninguém consegue lidar com essas crianças diabólicas e a rua inteira sabe disso. Se a senhora Raymond não está, então não tenho motivos para ficar aqui. Levarei a minha pobre menina para casa, mas a senhora Raymond tem que ficar ciente disso, com certeza. Escute só, senhorita Shirley, eles estão se matando?

Ela se referia ao coro de gritos e berros que ecoavam pelas escadas. Anne correu até o andar de cima. No meio do corredor havia uma massa que se retorcia, se enroscava, mordida e arranhava. Anne separou os gêmeos raivosos com dificuldade e, segurando cada um pelo ombro, exigiu saber a razão para aquele comportamento.

– Ela disse que eu tenho que ser namorado de Ivy – rosnou Gerald.

– Ele tem que ser! – gritou Geraldine.

– Eu não!

– Você tem que ser!

– Crianças! – disse Anne. Algo no tom dela os conteve. Eles olharam para cima e se depararam com uma senhorita Shirley que nunca tinham visto antes. Pela primeira vez na curta vida, eles sentiam a força da autoridade.

– Você, Geraldine, vai ficar na cama por duas horas – disse Anne, com calma. – E você, Gerald, vai passar o mesmo tempo no armário do corredor e sem um pio. Vocês se comportaram de maneira abominável e precisam de punição, estão sob os meus cuidados e vão me obedecer.

– Então nos puna juntos – disse Geraldine, começando a chorar.

– Sim, você não tem o direito de nos separar, pois nós nunca nos separamos – murmurou Gerald.

– Pois serão separados agora. – Anne ainda falava com calma. Geraldine obedientemente despiu-se e deitou em uma das camas em seu quarto. Gerald aquiesceu e entrou no armário do corredor, era um quartinho arejado, com uma janela e uma cadeira, de maneira que ninguém poderia dizer que era uma punição severa e injusta. Anne trancou a porta e sentou-se com um livro próxima à janela do corredor. Por duas horas, pelo menos, ela teria um pouco de paz.

Alguns minutos depois, uma espiada mostrou que Geraldine dormia, tão angelical que Anne quase se arrependeu de ter sido severa. Bem, uma soneca faria bem a ela, de qualquer forma, quando acordasse, teria permissão para sair do quarto, mesmo que as duas horas ainda não tivessem passado.

Ao fim de uma hora, Geraldine continuava dormindo. Gerald estava tão quieto que Anne decidiu que ele tinha encarado a punição como um homem e que já estava perdoado. Afinal, Ivy era uma menininha de nariz empinado e provavelmente tinha sido muito irritante.

Anne destrancou a porta e abriu o armário.

Gerald não estava ali. A janela, que ficava logo acima do teto da varanda, estava aberta. Anne comprimiu os lábios, desceu as escadas e saiu no quintal. Não havia nem sinal de Gerald. Ela explorou o galpão e foi até o fim da rua e nada.

Atravessou correndo o jardim e cruzou o portão que dava para um pequeno bosque e, mais além, o lago no campo do senhor Creedmore. Gerald estava dentro do pequeno bote que o senhor Creedmore mantinha por ali, impulsionando a embarcação com pedaço de madeira. Assim que Anne surgiu por entre as árvores, o pedaço de pau que Gerald usava, que estava

enterrado bem fundo na lama, soltou-se com uma inesperada facilidade e o menino caiu na água.

Anne deu um grito involuntário de desânimo, pois não havia motivo para se alarmar. O lago chegava à altura dos ombros de Gerald na parte mais funda e até a cintura do menino onde ele caiu. Ele levantou-se e ficou ali parado, com uma expressão tola e os cabelos emplastrados pingando. Foi então que outro grito soou detrás de Anne, Geraldine, de camisola, irrompeu por entre as árvores e correu até a plataforma de madeira onde o bote costumava ficar.

Com um grito desesperado de “Gerald!” ela saltou e aterrissou com toda a força ao lado do irmão, quase levando-o novamente para dentro d’água.

– Gerald, você se afogou? – gritou Geraldine. – Você se afogou, querido?

– Não... Não... Querida – garantiu Gerald, com os dentes tremendo.

Eles se abraçaram e se beijaram carinhosamente.

– Crianças, venham já aqui – disse Anne.

Eles chegaram até a beira com dificuldade. Aquele dia de setembro, quente pela manhã, havia ficado frio e ventoso pela tarde. Tremiam para valer e seus rostos estavam ficando azulados. Sem uma palavra de censura, Anne os apressou para dentro de casa, retirou as roupas molhadas e os colocou na cama da senhora Raymond com garrafas de água quente aos pés, mas eles ainda tremiam. Será que pegariam um resfriado? Será que teriam pneumonia?

– Você deveria ter tomado conta melhor da gente – disse Gerald, ainda batendo os dentes.

– Deveria mesmo – disse Geraldine.

Anne, preocupada, foi até o andar de baixo e telefonou para o médico. Quando ele chegou os gêmeos já estavam aquecidos e ele lhe garantiu que não corriam perigo. Se continuassem na cama até amanhã, ficaria tudo bem.

Ele encontrou a senhora Raymond vindo da estação e foi uma dama pálida e à beira da histeria que encontrou correndo em casa.

– Ah, senhorita Shirley, como pôde deixar que meus pequenos tesouros corressem tamanho risco!

– Foi o que dissemos para ela, mãe – disseram em coro os gêmeos.

– Eu confiei em você, eu te disse...

– Não vejo como a culpa é minha, senhora Raymond – disse Anne, com um olhar frio como uma névoa cinza. – Você perceberá isso, eu acho, quando se acalmar. As crianças estão bem e só chamei o médico por

precaução. Se Gerald e Geraldine tivessem me obedecido, isso não teria acontecido.

– Achei que uma professora teria um pouco mais de autoridade com crianças – respondeu com amargura.

“Com crianças, talvez, mas não com pequenos demônios”, pensou Anne. Mas apenas disse:

– Como já chegou, senhora Raymond, é melhor eu ir embora. Creio que já não terei serventia e tenho trabalho a fazer nesta noite.

Como se fossem uma só, as crianças pularam da cama e a abraçaram.

– Espero que haja um funeral por semana – disse Gerald. – Gostei de você, senhorita Shirley e espero que venha tomar conta de nós sempre que a mamãe sair.

– Eu também – disse Geraldine.

– Gosto muito mais de você do que da senhorita Prouty.

– Ah, bem mais – disse Geraldine.

– Pode contar uma história? – pediu Gerald.

– Ah, sim – disse Geraldine.

– Tenho certeza de que você teve boas intenções – disse a senhora Raymond, com a voz trêmula.

– Obrigada – disse Anne secamente, tentando se livrar do abraço dos gêmeos.

– Ah, vamos esquecer isso – implorou a senhora Raymond, com os grandes olhos cheios de lágrimas. – Não suporto brigar com ninguém.

– Certamente. – Anne adotara um ar imponente e ela podia ser muito altiva. – Não acho que haja necessidade alguma de discussão. Creio que Gerald e Geraldine tiveram um ótimo dia, embora eu acredite que a pobre da Ivy Trent não concorde.

Anne foi para casa sentindo-se anos mais velha.

“E eu achava que Davy era levado”, refletiu.

Ao chegar a Winy Poplars, ela encontrou Rebecca no jardim ao entardecer, colhendo amores-perfeitos.

– Rebecca Dew, eu costumava achar que o adágio “crianças devem ser vistas, e não ouvidas” era muito severo, mas agora vejo o que quer dizer.

– Coitadinha. Vou preparar um bom jantar para você – disse Rebecca Dew. O que ela não disse foi: “eu te avisei”.



CAPÍTULO 5

(Trecho de uma carta a Gilbert.)

A senhora Raymond veio aqui na noite passada e, com lágrimas nos olhos, implorou para que eu perdoasse seu “comportamento”. Ela disse que se eu soubesse como é o coração de uma mãe, não veria problemas em perdoá-la.

Não vejo problema algum nisso, há algo na senhora Raymond que eu gosto e ela foi muito generosa com o clube de teatro. Mesmo assim, eu não disse: “Em qualquer sábado que quiser viajar, posso cuidar de sua cria”. As pessoas aprendem por meio da experiência, até as incorrigivelmente otimistas e confiáveis como eu.

Descobri que uma parte da sociedade de Summerside está muito alvoroçada por causa do namoro de Jarvis Morrow e Dovie Westcott, que, segundo Rebecca Dew, estão comprometidos há um ano, mas que “nunca chegam a nada”. A tia Kate, que era uma tia distante de Dovie (para ser exata, acho que é tia de segundo grau de Dovie por parte da mãe) está profundamente interessada no caso porque acredita que Jarvis é um excelente partido para Dovie e também, creio eu, porque odeia Franklin Westcott e gostaria de vê-lo derrotado em todos os âmbitos possíveis. Não que ela admitisse odiar alguém, mas a senhora Franklin Westcott era uma grande amiga dela e a tia Kate jura solenemente que ele a assassinou. Ela disse categoricamente:

“Eu estou interessada em parte porque tenho grande apreço por Jarvis e me simpatizo moderadamente por Dovie, em parte porque começo a suspeitar que sou uma intrometida inveterada na vida dos outros, sempre com boas intenções, é claro”.

A situação, em resumo, é a seguinte: Franklin Westcott é um comerciante alto, sério e linha dura, fechado e pouco sociável. Vive em uma casona antiquada chamada Elmcroft nos arredores da cidade, subindo a estrada do porto. Já o vi uma ou duas vezes, mas realmente sei muito pouco sobre ele,

exceto que tem o hábito estranho de dizer algo e dar uma longa risada silenciosa. Nunca pisou na igreja desde que começaram a cantar os hinos e insiste em ter todas as janelas abertas mesmo durante as tempestades de verão. Confesso estar do lado dele nessa última parte, mas provavelmente sou a única em Summerside. Sempre foi um cidadão de grande importância e nenhuma decisão municipal é tomada sem sua aprovação.

A esposa dele é falecida. Dizem que era praticamente uma escrava, incapaz até de dizer-se dona da própria alma. Ao que parece, quando Franklin a trouxe para a casa, ele disse que era seu amo.

Dovie, cujo nome verdadeiro é Sibyl, é sua única filha e uma garota de 19 anos linda, gordinha e adorável, com uma boca vermelha que sempre deixava entrever os pequenos dentes brancos, traços claros nos cabelos castanhos, olhos azuis hipnotizantes e cílios negros tão longos que nem pareciam reais. Jen Pringle diz que Jarvis na verdade está vidrado nos olhos dela, mas Jen e eu já conversamos sobre o caso e Jarvis é o primo favorito dela.

(A propósito, você não acreditaria no quanto Jen gosta de mim e eu dela. Ela é realmente um amor.)

Franklin Westcott nunca havia permitido que Dovie tivesse namorados e quando Jarvis Morrow começou a “prestar atenção nela”, ele o proibiu de ir à casa deles e disse à Dovie que ela não iria mais “andar por aí com aquele sujeito”, mas o mal já havia sido feito e Dovie e Jarvis já estavam profundamente apaixonados.

Todos na cidade simpatizam com os pombinhos. Franklin Westcott está realmente sendo irracional. Jarvis é um jovem advogado de sucesso, de boa família, com boas perspectivas de vida, bom e decente. Rebecca Dew declarou que ninguém seria melhor, pois Jarvis Morrow poderia ter qualquer garota que quisesse da cidade e Franklin Westcott está decidido que Dovie vire uma solteirona e ele quer ter certeza de que terá uma empregada quando a tia Maggie morrer. Eu perguntei se ele não dava ouvidos a ninguém e Rebecca respondeu: “Ninguém consegue argumentar com Franklin Westcott. É tão sarcástico! E se alguém o coloca em desvantagem, tem ataques de raiva. Nunca vi um de seus acessos, mas ouvi a senhorita Poutry descrever como ele agiu certa vez que estava lá, costurando. Ele ficou bravo com alguma coisa, ninguém sabia o quê e arremessou tudo que estava à sua frente pela janela. Os poemas de Milton saíram voando por sobre a cerca e caíram no lago de lírios de George Clarke. Ele sempre teve uma espécie de rancor

da vida. A mãe da senhorita Prouty lhe contou que, quando Franklin nasceu, seus gritos ultrapassavam qualquer choro que ela já tinha ouvido. Suponho que Deus tenha algum plano para homens como ele, mas não imagino quais sejam. Não vejo nenhuma alternativa para Jarvis e Dovie, a menos que fujam. É uma atitude baixa, por mais que um monte de bobagens românticas já tenha sido dito sobre casais em fuga. Nesse caso, no entanto, todo mundo entenderia” .

Tenho que fazer alguma coisa, mas não sei o quê. Simplesmente não consigo ficar parada e ver as pessoas arruinando a própria vida debaixo do meu nariz, não importa quantos ataques de fúria Franklin Westcott tenha. Jarvis Morrow não vai esperar a vida inteira, há rumores de que está ficando impaciente e que foi visto selvagemmente cortando o nome de Dovie fora de uma árvore na qual o entalhara. Falam que uma jovem atraente da família Palmer está se jogando para cima dele e dizem que a irmã dele disse que a mãe deles falou que o filho dela não precisa passar anos comendo na mão de garota nenhuma.

Realmente, Gilbert, estou muito infeliz com tudo isso.

Hoje é uma noite de luar, meu amado, luar sobre os álamos, fachos de luar sobre o porto, onde um barco fantasma está zarpando, luar sobre o velho cemitério, sobre meu vale particular e sobre a Rainha das Tormentas. E a lua também brilha sobre a Travessa dos Amantes, a Lagoa das Águas Brilhantes e a velha Floresta Assombrada e o Vale das Violetas. Fadas devem estar dançando nas colinas nesta noite. Porém, meu querido Gilbert, luar sem alguém com quem compartilhá-lo, é apenas um falso brilho.

Gostaria de poder levar a pequena Elizabeth para dar uma volta. Ela adora passear ao luar, tivemos ótimos passeios assim em Green Gables, mas em casa, Elizabeth só vê o luar pela janela.

Estou começando a me preocupar com ela, também. Ela vai fazer 10 anos e aquelas senhoras não fazem a mínima ideia do que ela precisa, espiritual e emocionalmente. Contanto que tenha boa comida e boas roupas, não imaginam que ela possa precisar de alguma outra coisa e será pior a cada ano. Que tipo de juventude essa garota terá?



CAPÍTULO 6

Jarvis Morrow voltou caminhando de uma reunião da Escola Secundária junto com Anne e lhe contou seus dilemas.

– Você terá que fugir com ela, Jarvis, pois é o que todos dizem. Como via de regra, não aprovo fugas (“eu disse isso como se fosse uma professora com quarenta anos de experiência”, pensou Anne com um sorriso oculto), mas há exceções para todas as regras.

– Eu precisaria de duas pessoas para isso, Anne, não posso fugir sozinho. Dovie tem tanto medo do pai que não consigo fazer com que ela concorde e não seria um casamento às escondidas... propriamente dito. Ela iria para a casa da minha irmã Julia, a senhora Stevens, sabe? O ministro estaria esperando lá, ele nos casaria de forma respeitosa o suficiente para que todos fiquem contentes e então viajaríamos para passar a lua de mel na casa da minha tia Bertha, em Kingsport. Simples assim, mas Dovie não quer se arriscar, pois a pobrezinha é vítima dos caprichos do pai há tanto tempo que não tem nenhuma força de vontade.

– Você terá que obrigá-la, Jarvis.

– Deus, acha que já não tentei, Anne? Já supliquei até ficar rouco. Ela chega a quase prometer que vai fazer isso quando está comigo, mas, quando chega em casa, ela manda avisar que não pode. Parece estranho, mas a coitadinha gosta muito do pai e não suporta a ideia de que ele não a perdoe.

– Diga que ela precisa escolher entre o pai e você.

– E se ela o escolher?

– Duvido que isso possa acontecer.

– Nunca se sabe – queixou-se Jarvis, com um ar sombrio. – Porém algo deve ser decidido logo, não posso continuar assim para sempre, estou louco por Dovie e todo mundo em Summerside sabe disso. Ela é como uma flor inalcançável e eu preciso alcançá-la, Anne.

– Poesia é algo maravilhoso, Jarvis, mas que de nada lhe será útil nesse caso – disse Anne friamente. – Parece algo que Rebecca Dew comentaria, mas é verdade. O que vocês precisam é do velho bom senso. Diga a Dovie que está cansado de lenga-lenga e que ela precisa ficar com você ou te deixar. Se ela não gosta de você o suficiente para contrariar o pai, é melhor que isso fique bem claro.

Jarvis murmurou.

– Você não passou a vida toda sob o domínio de Franklin Westcott, Anne e não faz ideia de como ele é, bem, vou tentar pela última vez. Como você mesma disse, se Dovie realmente gostar de mim, ela virá comigo, caso contrário, é melhor que eu encare a pior das hipóteses de uma vez. Estou começando a pensar que fiz papel de bobo.

“Se você está começando a se sentir assim“, pensou Anne, “é melhor que Dovie se cuide”.

A própria Dovie visitou Windy Poplars algumas noites depois, para pedir conselhos a Anne.

– O que devo fazer, Anne? O que posso fazer? Jarvis quer que eu fuja para nos casarmos praticamente. Meu pai irá a um jantar da maçonaria em Charlottetown na semana que vem e essa noite seria uma boa oportunidade. A tia Maggie jamais suspeitaria e Jarvis quer que eu vá para a casa da senhora Stevens, para nos casarmos lá.

– E por que não vai, Dovie?

– Ah, Anne, acha mesmo que eu devo? – Dovie a encarou com um olhar doce, persuasivo. – Por favor, por favor, convença a minha mente. Simplesmente não consigo me decidir. – A voz dela ganhou um tom lacrimoso. – Ah, Anne, você não conhece o meu pai. Ele simplesmente odeia o Jarvis, não consigo imaginar o porquê, você consegue? Como alguém pode odiar o Jarvis? Quando ele veio me visitar pela primeira vez, o papai me proibiu de ir à casa dele e ameaçou soltar o cachorro se ele voltasse a me procurar. O nosso buldogue, você sabe que eles nunca largam depois que mordem e meu pai nunca me perdoará se eu fugir com o Jarvis.

– Você precisa escolher um deles, Dovie.

– Foi o que o Jarvis disse – choramingou Dovie. – Ah, ele estava tão sisudo, nunca o tinha visto assim antes e eu não posso, não posso viver sem ele, Anne.

– Então vá viver com ele, minha querida. E não encare isso como um casamento às escondidas. Casar-se entre os amigos dele não é um casamento

clandestino.

– Mas é o que o papai vai pensar? – disse Dovie, engolindo um soluço. – Mas vou seguir o seu conselho, Anne. Tenho certeza de que você não me daria um conselho ruim. Vou falar para o Jarvis conseguir a licença e eu irei até a casa da irmã dele na noite em que o papai viajar para Charlottetown.

Jarvis contou para Anne triunfantemente que Dovie por fim aceitara.

– Vou encontrar-me com ela no fim da rua na noite de terça-feira, ela não quer que eu vá até a casa dela por medo de que tia Maggie me veja. Então iremos até a casa da Julia e nos casaremos em um piscar de olhos. Todos os meus amigos estarão lá, de forma que se sentirá bem à vontade. Franklin Westcott disse que eu jamais ficaria com a filha dele e eu mostrei como ele está errado.



CAPÍTULO 7

Terça-feira era um dia gris do fim de novembro. Pancadas ocasionais de chuva vinham das colinas. O mundo parecia um lugar desolado, visto através da garoa cinzenta.

“Não é um dia muito aprazível para a coitada da Dovie se casar”, pensou Anne. “Digamos... digamos...”, ela estremeceu. “Digamos que não dê certo, no fim das contas, seria culpa minha e Dovie jamais teria topado se eu não tivesse lhe aconselhado. E suponhamos que Franklin Westcott jamais a perdoe. Anne Shirley, pare com isso! Não se deixe levar pelo clima.”

A chuva já havia cessado ao cair da noite, mas o ar estava gelado e cortante e o céu tormentoso. Anne estava no quarto da torre, corrigindo provas, com Dusty Miller encolhido embaixo do fogão. Foi quando uma batida trovejante soou na porta da frente.

Anne correu até lá embaixo. Rebecca Dew enfiou a cabeça para fora do quarto, alarmada. Anne fez sinal para que ela não saísse.

– Tem alguém na porta da frente – disse Rebecca, horrorizada.

– Está tudo bem, querida. Na verdade, receio que nada esteja bem, mas, de qualquer forma, é só o Jarvis Morrow. Eu o avistei da janela da torre e sei que ele quer me ver.

– Jarvis Morrow! É o fim da picada! – Rebecca então fechou a porta do quarto.

– Jarvis, o que foi?

– Dovie não veio – respondeu Jarvis, aflito. – Esperamos por horas, o ministro está lá, meus amigos também, Julia preparou um jantar e Dovie não veio. Esperei por ela no fim da rua até quase enlouquecer. Não ousei ir até a casa dela por medo do que possa acontecer. Aquele brutamontes velho do Franklin Westcott pode ter voltado. A tia Maggie pode tê-la trancafiado, mas eu preciso saber o que aconteceu. Anne, você precisa ir até Elmcroft e descobrir por que ela não veio.

– Eu? – disse Anne, incrédula.

– Sim, você. Não posso confiar em mais ninguém... ninguém que saiba o que está se passando. Ah, Anne, não me abandone. Você nos apoiou desde o princípio. Dovie disse que você é a única amiga verdadeira que ela tem. Ainda não está tarde, são só nove da noite. Vá, por favor.

– Para levar uma mordida do buldogue? – disse Anne.

– Aquele cachorro velho! – disse Jarvis, com desdém. – Não assustaria nem um passarinho. Você não acha que tenho medo daquele cachorro, acha? Além disso, ele sempre fica preso de noite. Eu só não quero arranjar problemas para a Dovie, se eles descobrirem tudo. Anne, por favor!

– Creio que não haja outro jeito – disse Anne com um dar de ombros desolado.

Jarvis a levou até a rua que levava a Elmcroft, mas ela não permitiu que ele se aproximasse mais.

– Como você disse, as coisas podem se complicar se o pai dela voltou para casa.

Anne se apressou pela estradinha bordeada por árvores. A lua surgia ocasionalmente por entre as nuvens escuras, mas a maior parte do trajeto foi feito na escuridão total e pensar no cachorro a inquietava ainda mais.

Parecia haver apenas uma luz acesa em Elmcroft, na janela da cozinha. A tia Maggie abriu a porta para Anne, ela era uma irmã muito mais velha de Franklin Westcott, uma senhora de idade enrugada e um pouco encurvada que nunca fora considerada muito esperta, embora fosse uma exímia dona de casa.

– Tia Maggie, Dovie está em casa?

– Ela está na cama – respondeu a tia Maggie, impassível.

– Na cama? Está doente?

– Não que eu saiba. Passou o dia muito nervosa. Depois do jantar, disse que estava cansada e subiu para o quarto.

– Preciso vê-la por um instante, tia Maggie. Eu só preciso de uma informaçãozinha importante.

– É melhor ir até o quarto dela, então. É o da direita.

A tia Maggie apontou para a escada e foi para a cozinha.

Dovie sentou-se na cama quando Anne entrou sem cerimônia, depois de uma batida rápida.

– Dovie Westcott, você se esqueceu de que tinha prometido que iria se casar com Jarvis Morrow nesta noite?

– Não... Não... – soluçou Dovie. – Ah, Annie, sou tão infeliz e tive um dia atroz. Você jamais imaginaria o que eu passei.

– Sei o que o Jarvis passou duas horas esperando por você na estrada sob o frio e a chuva – disse Anne impiedosamente.

– Ele está muito zangado, Anne?

– Só um pouquinho – respondeu Anne com sarcasmo.

– Ah, fiquei com tanto medo! Não preguei os olhos na noite passada. Não posso fazer isso, é realmente vergonhoso casar-se às escondidas, Anne. E eu não ganharia nenhum presente bonito... Bem, não muitos, de qualquer forma. Sempre quis me casar na igreja, com uma linda decoração, toda de branco e sapatos prateados!

– Dovie Westcott, saia já da cama agora mesmo, vista-se e venha comigo.

– Anne, já é tarde demais.

– Não é tarde demais. É agora ou nunca e você deve estar ciente disso, se tem algum bom senso. Deve saber que Jarvis Morrow nunca mais falará com você se o fizer de tolo dessa maneira.

– Ah, Anne, ele me perdoará quando souber...

– Não vai. Eu conheço o Jarvis Morrow. Ele não vai permitir que você brinque indefinidamente com a vida dele. Dovie, quer eu a arraste para fora da cama?

Dovie estremeceu e suspirou.

– Não tenho nenhum vestido adequado...

– Você tem meia dúzia de belos vestidos. Vista o rosa, de tafetá.

– E não tenho nada de enxoval. Os Morrow sempre jogarão isso na minha cara...

– Você pode montá-lo depois. Dovie, você não pesou todas essas coisas na balança?

– Não... Não... É esse o problema. Só comecei a pensar nisso na noite passada, mas e o papai? Você não conhece o meu pai, Anne...

– Dovie, vou te dar dez minutos para se vestir!

Dovie aprontou-se dentro do tempo especificado.

– Este vestido está f... f... ficando muito apertado – lamentou ela conforme Anne o fechava. – Se eu ficar muito gorda, receio que Jarvis não v... v... vai me amar. Quem dera eu fosse alta, magra e alva como você. Ah, Anne, e se a tia Maggie nos ouvir?

– Não se preocupe. Ela está trancada na cozinha e você sabe que ela é um pouco surda. Aqui está o seu chapéu e o casaco. Também coloquei algumas

coisas na sua bolsa.

– Ah, meu coração está tão acelerado! Como estou, Anne? Horrível?

– Você está linda – disse Anne com sinceridade. A tez acetinada de Dovie estava rosada e as lágrimas não tinham estragado seus olhos, mas Jarvis não conseguia ver os olhos dela no escuro, pois ele estava um pouco irritado com sua amada e a tratou com frieza durante o trajeto até a cidade.

– Pelo amor de Deus, Dovie, não faça essa cara de medo por ter que se casar comigo – disse impacientemente enquanto ela descia as escadas da residência dos Stevens. – E não chore, vai deixar o seu nariz inchado. São quase dez horas e temos que pegar o trem das onze.

Dovie se sentiu bem melhor depois que se viu irrevogavelmente casada com Jarvis. O “olhar de lua de mel”, como Anne chamou maliciosamente em uma carta a Gilbert, já estava no rosto dela.

– Anne, devemos isso a você. Jamais nos esqueceremos, não é mesmo, Jarvis? Ah, querida, poderia fazer mais uma coisinha para mim? Por favor, dê a notícia ao meu pai, ele voltará para casa amanhã de noite, alguém precisa contar para ele e se alguém é capaz de aplacá-lo, essa pessoa é você. Por favor, faça o possível para que ele me perdoe.

Anne sentia que alguém também precisava lhe acalmar, da mesma forma, ela se sentia responsável pelo casamento e então deu a sua palavra.

– É claro que ele reagirá de maneira péssima, simplesmente horrível, mas ele não vai te matar – confortou-a Dovie. – Ah, Anne, você não sabe ou não faz ideia, do quanto me sinto segura com Jarvis.

Quando Anne chegou em casa, Rebecca Dew estava a ponto de enlouquecer se não saciasse sua curiosidade. Ela seguiu Anne até o quarto da torre em seu camisolão, com uma flanela ao redor da cabeça e ouviu toda a história.

– Bem, acho que isso é o que se pode chamar de “vida” – disse sarcasticamente. – Fico muito feliz por Franklin Westcott ter finalmente colhido o que plantou e a senhora do capitão MacComber também ficará, mas não gostaria de estar incumbida de lhe dar a notícia. Ele ficará enfurecido e dirá coisas vis. Se estivesse no seu lugar, senhorita Shirley, não conseguiria dormir nem por um segundo nesta noite.

– Creio que não será uma experiência nada agradável – concordou Anne com pesar.



CAPÍTULO 8

Anne foi até Elmcroft na noite seguinte, caminhando por uma paisagem onírica da névoa de novembro com uma sensação de peso na alma. Não era exatamente uma tarefa prazerosa. Como Dovie havia dito, era óbvio que Franklin Westcott não iria matá-la. Anne não temia pela violência física, se bem que, se as histórias fossem verdade, era bem capaz que ele arremessasse algo nela. Será que se enfureceria a ponto de falar coisas sem sentido? Anne nunca havia visto algo assim e imaginava que não fosse uma cena bonita de se ver, porém ele provavelmente exercitaria o dom notável do sarcasmo que, em um homem ou uma mulher, era uma arma que Anne abominava. Sempre a feria, criando bolhas em seu ser que duravam meses.

“A tia Jamesina costumava dizer: nunca, se puder evitar, seja o portador de más notícias”, refletiu Anne. “E tinha razão, como em quase tudo. Bem, aqui estou.”

Elmcroft era uma casa antiquada com torres em cada canto e uma cúpula bulbosa no teto. No topo do lance de escadas, estava o cachorro.

“Eles nunca largam depois que mordem”, lembrou-se Anne. Será que ela deveria tentar a porta dos fundos? Então, a ideia de que Franklin Westcott podia estar observando-a da janela lhe deu coragem. Ela jamais lhe daria a satisfação de ver que estava com medo do cachorro dele. Decidida e de cabeça erguida, ela marchou escada acima, passou pelo cão e tocou a campainha. O animal nem sequer se moveu, quando Anne olhou de relance por cima do ombro, ele parecia estar dormindo.

Franklin Westcott ainda não havia retornado, mas chegaria a qualquer momento, pois o trem de Charlottetown estava para chegar. A tia Maggie acompanhou Anne até a sala que chamava de “biblioteca” e a deixou ali. O cachorro as seguiu e se instalou aos pés da Anne.

Anne gostou da “biblioteca”. Era um cômodo alegre e desordenado, com uma lareira aconchegante acesa e tapetes de pele de urso sobre o carpete

vermelho gasto. Franklin Westcott evidentemente se dava ao luxo dos livros e do cachimbo.

Então ela o ouviu chegar. Ele pendurou o chapéu e o casaco no corredor e parou diante da biblioteca com uma expressão decididamente fechada. Anne recordou que a primeira impressão que tivera dele fora a de um pirata distinto e ela se repetiu.

– Ah, é você – bufou ele. – Bem, o que deseja?

Ele sequer ofereceu a mão para ela. Entre os dois, Anne não tinha dúvidas de que achava que o cachorro tinha modos melhores.

– Senhor Westcott, por favor, ouça-me pacientemente...

– Eu sou paciente, muito paciente. Continue!

Anne concluiu que não havia motivos para rodeios com um homem como Franklin Westcott.

– Vim aqui contar que Dovie casou-se com Jarvis Morrow.

Ela esperou por um terremoto, mas nada aconteceu. Nem um músculo moveu-se no rosto moreno de Franklin Westcott. Ele então se aproximou e sentou na cadeira de couro diante dela.

– Quando?

– Noite passada, na casa da irmã dele.

Ele a encarou por um instante com os olhos castanho-amarelados e fundos, quase encobertos pelas sobrancelhas fartas. Anne tentou imaginar momentaneamente como ele era quando bebê. Em seguida, jogou a cabeça para trás em um de seus espasmos de risada muda.

– Você não deve culpar Dovie, senhor Westcott – disse Anne sinceramente, recuperando os poderes da fala após a penosa revelação. – A culpa não é dela...

– Aposto que não – disse Franklin Westcott.

Será que ele estava sendo sarcástico?

– Não, a culpa foi toda minha – disse Anne com bravura. – Eu a aconselhei a fugir para se casar, eu a convenci então perdoe-a, senhor Westcott.

Franklin Westcott pegou lentamente um cachimbo e começou a enchê-lo.

– Se você convenceu Sibyl a fugir para se casar com Jarvis Morrow, senhorita Shirley, você conseguiu mais do que imaginei que alguém conseguiria. Estava começando a achar que ela jamais teria coragem para fazer isso, então eu teria que voltar atrás e Deus, como os Westcott detestam

voltar atrás! Você me salvou dessa, senhorita, e estou profundamente grato a você.

Houve um momento gritante de silêncio enquanto Franklin Westcott arrumava o tabaco e encarava Anne com um ar divertido. Anne estava tão perdida que nem sabia o que dizer.

– Suponho que tenha vindo até aqui tremendo de medo de me dar a notícia.

– Sim.

Franklin Westcott riu sem emitir som algum.

– Não precisava. Você não poderia ter me dado notícia melhor. Ora, eu escolhi Jarvis Morrow para a Sibyl quando ainda eram crianças. Logo que os outros garotos começaram a notá-la eu os afugentei. Isso fez Jarvis morder o anzol. Ele iria dar uma lição no velho! Porém ele era tão popular com as garotas que eu mal pude acreditar na sorte incrível quando ele se interessou genuinamente por ela. Então, eu tracei meu plano de campanha. Conheço a família Morrow como a palma da minha mão. Você, não. São gente boa, mas os homens não gostam de nada que vem fácil e ficam obstinados a conseguir alguma coisa quando ouvem um não. Eles vão sempre na contramão. O pai de Jarvis partiu o coração de três garotas porque as famílias delas as jogaram em cima dele. Eu sabia exatamente o que aconteceria no caso de Jarvis. Sabia que perderia o interesse se ela se mostrasse fácil demais. Assim, eu o proibi de se aproximar de casa e proibi Sibyl de trocar uma palavra com Jarvis e fiz o papel do pai bravo com perfeição. Fala-se muito do encanto do desconhecido, mas isso não é nada comparado com o charme do inalcançável! Tudo saiu dentro dos conformes, mas a falta de coragem de Sibyl foi um obstáculo. Ela é uma boa menina, mas é medrosa. Achava que nunca teria coragem de me contrariar e casar-se com ele. Agora, se já recuperou o fôlego, minha jovem, conte-me toda a história.

O senso de humor de Anne novamente a salvou. Ela jamais recusava uma oportunidade de dar boas risadas, mesmo que fosse de si mesma. E de repente sentiu que se daria bem com Franklin Westcott.

Ele ouviu a história, desfrutando silenciosamente de seu cachimbo. Quando Anne terminou, ele assentiu confortavelmente.

– Vejo que minha dívida é maior do que imaginava. Ela jamais teria tido coragem se não fosse por você e Jarvis Morrow não arriscaria ser feito de tolo duas vezes, eu conheço a raça dele. Nossa, mas foi por pouco! Estarei

eternamente a seu comando e foi muito valente por vir aqui depois de ter ouvido tantas fofocas. Você ouviu um monte, não é mesmo?

Anne assentiu. O buldogue roncava alegremente com a cabeça no colo dela.

– Todos concordam que você é rabugento, bravo e mal-humorado – disse ela com franqueza.

– E suponho que disseram que sou um tirano, que tornei a vida da minha esposa miserável e que governo a vida da minha família com punho de ferro.

– Sim, mas ouvi tudo isso com um pé atrás, senhor Westcott. Dovie não gostaria tanto do senhor se fosse tão desagradável como dizem as más línguas.

– Que garota sensata! Minha esposa era uma mulher feliz, senhorita Shirley. E quando a senhora do capitão MacComber dizer que eu a maltratei até morrer, mande-a calar a boca por mim. Desculpe meus modos. Mollie era linda, mais linda que Sibyl. Uma pele tão rosa e alva, cabelos castanho-dourados e olhos azuis tão orvalhados! Era a mulher mais linda de Summerside. Tinha que ser. Não teria suportado se um homem entrasse na igreja com uma esposa mais bonita que a minha. Eu mandei na minha casa como um homem deveria, mas não como um tirano. Ah, é claro que tinha um acesso de raiva aqui e ali, mas Mollie acabou se acostumando com eles. Um homem tem o direito de ter uma discussão com a esposa de vez em quando, não tem? As mulheres se cansam de maridos monótonos. Além disso, eu sempre lhe dava um anel, um colar ou algo do tipo depois que me acalmava. Nenhuma mulher da cidade tinha joias melhores que as dela. Tenho que buscá-las e dá-las para Sibyl.

Anne não resistiu.

– E os poemas de Milton?

– Poemas de Milton? Ah, aquilo! Não era Milton e sim Tennyson. Reverencio o trabalho de Milton, mas não suporto Alfred. Ele é doce demais. Os últimos versos de *Enoch Arden* me deixaram tão irritados, certa noite, que eu joguei o livro pela janela, mas eu o recolhi no dia seguinte em nome de *Bugle Song*. Por um poema assim, eu perdoaria qualquer pessoa. E o livro não caiu no lago de lírios de George Clarke, isso é lorota da velha Prouty. Já vai embora? Fique e jante com um velho solitário roubado de sua única cria.

– Sinto muito, mas não posso. Tenho uma reunião de trabalho hoje.

– Bem, eu a verei quando Sibyl voltar. Vou dar uma festa para eles, sem dúvida. Santo Deus, que alívio. Você não faz ideia de como eu detestaria ter que dar o braço a torcer e dizer “leve-a”. Agora, tudo que preciso fazer é fingir estar de coração partido, resignado e perdoá-la em nome da pobre mãe. Farei o papel lindamente... Jarvis jamais suspeitará, porém não conte nada a eles.

– Prometo.

Franklin Westcott a acompanhou até a porta. O cão sentou-se e lamentou a perda. À porta, ele tirou o cachimbo da boca e o bateu no ombro dela.

– Lembre-se sempre – disse ele solenemente. – Há mais de uma maneira de esfolar um gato. Isso pode ser feito de uma forma que o animal nem perceba que perdeu o couro. E obrigado... Muito obrigado.

Anne foi para casa, desfrutando da noite serena. A neblina havia se dissipado, o vento mudado e o céu esverdeado tinha um ar invernal.

“As pessoas disseram que eu não conhecia Franklin Westcott”, refletiu Anne. “E estavam certas, eu não o conhecia e elas tampouco”.

– Como ele reagiu? – Rebecca Dew estava ávida para saber. Ela estivera tensa durante a ausência de Anne.

– Nada mal, no fim das contas – confidenciou Anne. – Acho que ele perdoará Dovie com o tempo.

– Nunca vi ninguém melhor do que você para convencer as pessoas, senhorita Shirley – admirou Rebecca Dew. – Você realmente leva jeito para isso.

– “Algo tentado, algo alcançado, uma noite de descanso ganhaⁱⁱ” – citou Anne, cansada, enquanto subia os três degraus que levavam à sua cama. – Mas espere só da próxima vez que alguém me pedir conselhos sobre casamento!

Referência ao poema *The Village Blacksmith*, de Henry Wadsworth Longfellow. (N. T.)



CAPÍTULO 9

(Trecho de uma carta a Gilbert.)

Fui convidada para jantar amanhã com uma dama de Summerside. Sei que não vai acreditar, Gilbert, quando eu disser que o nome dela é Tomgallon, Senhorita Minerva Tomgallon. Você vai dizer que andei lendo Dickens demais, até tarde da noite.

Meu amado, você não se alegra por se chamar Blythe? Creio que jamais me casaria com você se fosse um Tomgallon. Imagine, Anne Tomgallon! Não, é impossível de imaginar.

É a honraria máxima em Summerside ser convidada para a Casa Tomgallon, ela não tem outro nome. Nada de Elms, Chestnut ou Croft para a família Tomgallon.

Sei que foram a Família Real antigamente. Os Pringle são fichinha comparados com eles e agora a única que resta é a senhorita Minerva, a única sobrevivente de seis gerações de Tomgallon. Ela mora sozinha em uma casa imensa na rua Queen, uma casa com grandes chaminés e persianas verdes e a única casa da cidade com um vitral. É grande o bastante para quatro famílias, mas é habitada apenas pela senhorita Minerva, uma cozinheira e uma empregada. É muito bem-arrumada, porém, de alguma forma, sempre que passo por ela, sinto como se fosse um lugar esquecido pela vida.

A senhorita Minerva sai muito pouco, somente para a ir à igreja anglicana e eu só a conheci algumas semanas atrás, quando ela compareceu a uma reunião de funcionários e administradores para fazer a doação formal da valiosa biblioteca de seu pai à escola. Tem o aspecto exato que se esperaria de uma Minerva Tomgallon: alta e magra, com um rosto longo e fino, nariz e boca compridos. Não soa muito atraente, mas a senhorita Minerva é muito bonita de uma forma altiva e aristocrática, e sempre se veste com grande elegância, ainda que um tanto obsoleta. Foi muito bela quando jovem,

segundo Rebecca Dew, e seus grandes olhos negros ainda estão cheios de fogo e brilho. Não lhe faltam palavras e acho que nunca ouvi ninguém gostar tanto de fazer um discurso de apresentação.

A senhorita Minerva foi excepcionalmente gentil comigo e ontem recebi uma nota formal me convidando para jantar com ela. Quando contei para Rebecca Dew, ela arregalou os olhos como se eu tivesse sido convidada para o palácio de Buckingham. Explicou, maravilhada, que é uma grande hora ser convidada para a Casa Tomgallon. E disse: “Nunca ouvi falar que ela já tenha convidado os outros diretores antes. Claro que eram todos homens, então acredito que não seria apropriado. Bem, espero que ela não fale até te deixar cansada, senhorita Shirley. Os Tomgallon são conhecidos por serem tagarelas e também gostam de estar à frente das coisas. Algumas pessoas dizem que a senhorita Minerva vive isolada porque está velha demais para liderar como costumava fazer e ela não quer ser a segunda de ninguém. O que vai usar, senhorita Shirley? Gostaria de ver você usando aquele vestido de seda creme, com laços pretos de veludo. É tão chique”, eu disse que receava que seria “chique” demais para um jantar, porém Rebecca rebateu: “A senhorita Minerva iria gostar, eu acho. Os Tomgallon sempre gostaram que seus convidados estivessem bem vestidos. Dizem que o avô dela bateu a porta na cara de uma convidada de baile que ele estava dando porque a mulher estava com o seu segundo melhor vestido. E ainda disse que o melhor dela não era bom o bastante para os Tomgallon”. Eu disse que iria usar o meu vestido verde de *voile* e os ancestrais dos Tomgallon que se contentem com ele.

Tenho que confessar o que fiz na semana passada, Gilbert. Acho que vai dizer que estou mais uma vez me metendo na vida dos outros, mas tive que fazer alguma coisa. Eu não estarei em Summerside no ano que vem e não suporto a ideia de deixar a pequena Elizabeth nas mãos daquelas duas velhas, que estão ficando mais amargas e intratáveis a cada ano. Que tipo de mocidade ela terá naquele lugar decrepito e sem vida? Ela disse há pouco tempo, de maneira melancólica, que imaginava como seria ter uma avó de quem não se tem medo.

Foi isso o que eu fiz: eu escrevi para o pai dela. Ele mora em Paris e eu não sei o endereço dele, mas Rebecca Dew se lembrou do nome da firma cuja filial ele administra lá, de modo que eu me arrisquei e enviei a carta aos cuidados dele. Escrevi com o máximo de diplomacia possível, mas deixei bem claro que ele deveria cuidar de Elizabeth. Contei o quanto ela anseia e

sonha com ele e que a senhora Campbell era severa e rigorosa demais com ela. Talvez não resulte em nada, mas, se não tivesse feito isso, eu seria assombrada para sempre pela convicção de que deveria ter agido.

Tive a ideia quando a menina me contou, com muita seriedade, que havia “escrito uma carta para Deus” pedindo que trouxesse seu pai de volta e que o fizesse amá-la. Ela disse que parou em um terreno baldio, a caminho de casa e que leu a carta olhando para o céu. Eu sabia que ela havia feito algo estranho, pois a senhora Prouty viu a performance e me contou sobre ela quando veio costurar para as viúvas no dia seguinte. Ela achava que a Elizabeth estava ficando “esquisita, falando para o céu daquele jeito”.

Eu perguntei para a menina, ela respondeu: “Achei que Deus fosse prestar mais atenção a uma carta do que a uma oração. Já rezei tanto! Ele deve ouvir muitas orações”.

Naquela noite, eu escrevi ao pai dela, mas antes de terminar, tenho que contar sobre Dusty Miller. Algum tempo atrás, a tia Kate me disse que precisava encontrar um novo lar para ele, pois ela não suportava mais as reclamações da Rebecca Dew. Na semana passada, quando voltei da escola, Dusty Miller já não estava mais lá. A tia Chatty disse que elas o deram para a senhora Edmond, que vive do outro lado de Summerside. Eu fiquei triste, pois Dusty Miller e eu sempre fomos ótimos amigos. “Mas, pelo menos, Rebecca Dew será uma mulher feliz”, pensei.

Certo dia, Rebecca se ausentou para ajudar uma parente a fazer tapetes. Quando ela voltou ao final do dia nada foi dito, mas na hora de dormir, quando ela foi até a varanda dos fundos chamar pelo bichano, a tia Kate disse que ela não precisava mais chamar pelo Dusty Miller, pois ele não estava mais lá. Tinham encontrado outro lar e ele não a incomodaria mais.

Se Rebecca pudesse ficar pálida, ela teria ficado. Perguntou com espanto: “Não está aqui? Outro lar? Deus do céu! Mas aqui não é o lar dele?”, a Tia Kate respondeu que havia dado para a senhora Edmonds, pois ela tem se sentido muito sozinha desde que a filha se casou e achou que um gato seria uma ótima companhia.

Rebecca Dew entrou e fechou a porta. Parecia muito perturbada e disse que era o fim da picada e parecia mesmo. Nunca tinha visto os olhos de Rebecca Dew faiscarem de raiva. Ela disse que ia embora no fim do mês ou o quanto antes, se possível e tia Kate falou desconcertada que não entendia, pois Rebecca nunca gostou de Dusty Miller. E ela retrucou com amargura: “Isso mesmo, jogue as coisas na minha cara! Não tenha consideração alguma

pelos meus sentimentos! Aquele pobre gato! Eu tomei conta dele e o mimei, e levantei de madrugada para deixá-lo entrar. E vocês se livram dele pelas minhas costas sem nem me avisar! E ainda o deram para Sarah Edmonds, que não compraria um pedacinho de fígado nem se o coitadinho estivesse morrendo! A única companhia que eu tinha na cozinha!”. A tia Kate ia retrucar mas Rebecca a interrompeu: “Ah, continue... Continue! Não me deixe falar uma palavra sequer, senhora MacComber. Eu cuidei daquele gato desde que era um filhotinho, preservei a saúde e a moral dele e para quê? Para a Jane Edmonds ter um gato bem-treinado de companhia. Bem, espero que ela saia nas noites geladas como eu fiz, chamando por aquele gato por horas em vez de deixá-lo no frio, mas eu duvido... Eu seriamente duvido. Bem, senhora MacComber, só espero que a sua consciência não a perturbe da próxima vez que a temperatura estiver dez abaixo de zero. Eu não conseguirei dormir quando isso acontecer, mas é claro que ninguém mais dá a mínima para isso”. Tia Kate tentou falar, mas Rebecca, a interrompeu de novo: “Senhora MacComber, eu não sou feita de ferro nem sou um capacho. Bem, essa foi uma lição para mim, uma lição valiosa! Nunca mais me afeiçoarei a nenhum tipo de animal. E se vocês tivessem feito isso abertamente, mas pelas minhas costas! Nunca ouvi falar de algo tão desleal! Mas quem sou eu para esperar que meus sentimentos sejam respeitados!”. Tia Kate disse desesperadamente que se a Rebecca quisesse o Dusty Miller de volta, podíamos buscá-lo. E Rebeca disse: “E por que você não disse isso antes? E eu duvido, Jane Edmonds já deve ter cravado as unhas nele. Será que ela o devolveria?”, tia Kate achava que sim e perguntou à Rebecca que se ele voltar, ela não iria mais embora então ela, como se estivesse fazendo uma tremenda concessão, disse que iria pensar.

No dia seguinte, a tia Chatty trouxe Dusty Miller para casa em uma cesta coberta. Eu captei uma troca de olhares entre a tia Kate e ela depois que a Rebecca levou Dusty para a cozinha e fechou a porta. Será que tudo não passou de uma armação complexa por parte das viúvas, com a ajuda de Jane Edmonds?

Rebecca nunca mais fez uma reclamação de Dusty Miller e quando ela o chama de noite, há em sua voz um verdadeiro tom de vitória. É como se ela quisesse que a cidade inteira soubesse que Dusty Miller havia voltado para o lar e que, mais uma vez, ela levava a melhor sobre as viúvas!



CAPÍTULO 10

Em um anoitecer escuro e ventoso de março, em que até as nuvens que passavam pelo céu pareciam apressadas, Anne subiu o lance triplo de degraus largos e baixos, flanqueados por urnas e leões de pedra, que levava à maciça porta da frente de Casa Tomgallon. Geralmente a casa parecia sombria e austera à noite, com um o débil brilho de uma luz em uma ou outra janela, mas agora ela reluzia em todo o seu esplendor, até as alas laterais estavam iluminadas, como se a senhorita Minerva fosse receber a cidade inteira. Anne sentiu-se tocada por toda aquela decoração em sua honra e ela quase desejou ter posto o vestido cor de creme.

Não obstante, ela estava muito charmosa com o vestido verde de *voile* e a senhorita Minerva deve ter pensando o mesmo, pois seu rosto e sua voz foram muito cordiais ao recebê-la no hall. A própria anfitriã tinha um ar régio em seu vestido de veludo, a tiara de diamantes sobre os espessos cachos de um cinza férreo e o imenso camafeu envolto por uma mecha de cabelo trançado de algum Tomgallon falecido. Toda a vestimenta parecia um pouco antiquada, mas a senhorita Minerva a usava com tamanha empáfia que parecia eterna como a da realeza.

– Bem-vinda à casa Tomgallon, querida – disse, entendendo a mão ossuda para Anne, igualmente adornada por diamantes. – Estou muito contente em recebê-la.

– Eu...

– A Casa Tomgallon outrora foi um reduto de beleza e juventude. Costumávamos dar muitas festas e entreter as celebridades que vinham visitar – disse a senhorita Minerva, conduzindo Anne por um carpete de veludo vermelho puído até uma grande escadaria. – Porém tudo está diferente agora, recebo pouca gente, sou a última dos Tomgallon e talvez seja melhor assim. Minha família, minha querida, possui uma maldição.

A senhorita Minerva usou um tom tão intenso de mistério e horror que Anne quase teve um arrepio. A Maldição dos Tomgallon! Que título para uma história!

– Esta é a escada na qual meu bisavô Tomgallon caiu e quebrou o pescoço na festa que ele deu para inaugurar a casa. Esta casa foi consagrada com sangue humano, ele caiu ali... – A senhorita Minerva apontou um dedo comprido tão teatralmente para um tapete de pele de tigre no hall que Anne quase pôde ver o finado Tomgallon morto.

Ela realmente não sabia o que dizer e então decidiu-se por um ínfimo:

– Ah!

A senhorita Minerva a levou por um corredor repleto de retratos e fotografias de descolorida beleza, com o famoso vitral no fim, até um majestoso quarto de visitas amplo e de teto alto. Sobre a cama alta de nogueira, com sua cabeceira imensa, havia uma colcha de seda tão deslumbrante que Anne achou um sacrilégio colocar o casaco e o chapéu sobre ela.

– Seu cabelo é muito bonito, minha querida – admirou a senhorita Minerva. – Sempre admirei os ruivos. A minha tia Lydia era ruiva, mas era a única da família. Em uma noite, enquanto escovava os cabelos no quarto que dá para o norte, eles pegaram fogo por causa de uma vela e ela correu pelo corredor, aos gritos, envolta em chamas. Culpa da Maldição, minha querida, foi tudo por culpa da Maldição.

– Ela...?

– Não, ela não morreu, mas perdeu toda a beleza. Ela era muito linda e vaidosa. Nunca mais saiu de casa depois daquela noite, até o dia da sua morte e deixou instruções para que seu caixão fosse lacrado para que ninguém visse seu rosto marcado. Não quer se sentar para tirar as galochas, querida? Esta cadeira é muito confortável. Minha irmã morreu nela, de derrame. Ela era viúva e havia se mudado para cá depois da morte do marido. A filhinha dela virou uma panela de água fervente em cima de si mesma, na nossa cozinha. Não é um jeito trágico de uma criança morrer?

– Ah, como...

– Mas pelos menos nós sabemos como ela morreu. Minha meia-tia Eliza, quer dizer, ela teria sido minha meia-tia, simplesmente desapareceu aos 6 anos e ninguém nunca soube o que aconteceu com ela.

– Mas com certeza...

– Buscas foram feitas por toda parte, mas nada foi descoberto. Dizem que a mãe dela, minha meia-avó, foi muito cruel com uma sobrinha do meu avô que ficara órfã e viera morar aqui. Ela a trancafiou em um armário no topo da escadaria como castigo, em um dia quente de verão, e quando foi soltá-la, encontrou-a morta. Algumas pessoas acharam que foi um castigo divino quando a própria filha desapareceu. Mas eu acho que foi a nossa Maldição.

– Quem colocou...?

– Como o arco do seu pé é alto, minha querida! O meu também provocava admiração. Diziam que uma corrente de água poderia passar por baixo. É o teste de uma verdadeira aristocrata.

A senhorita Minerva mostrou timidamente o sapato por baixo da saia de veludo, revelando um pé inegavelmente bonito.

– É certamente...

– Gostaria de conhecer a casa, querida, antes de jantarmos? Ela já foi o orgulho de Summerside. Suponho que agora seja antiquada, mas talvez ainda tenha algumas coisas interessantes. Aquela espada pendurada no cimo da escada pertenceu ao meu tataravô, que era oficial do exército britânico e recebeu uma concessão de terra na ilha do Príncipe Edward pelos seus serviços. Ele nunca morou nesta casa, mas minha tataravó chegou a passar algumas semanas aqui. Ela não durou muito depois da morte trágica do filho.

A senhora Minerva guiou Anne implacavelmente por toda a casa imensa, cheia de grandes cômodos quadrados: um salão de festa, uma sala de música, sala de bilhar, três salas de estar, inúmeros dormitórios e um sótão enorme. Todos esplêndidos e ermos.

– Aqueles são o meu tio Ronald e o meu tio Reuben – disse a senhorita Minerva, indicando duas figuras nobres que pareciam estar de cara amarrada um para o outro, de lados opostos da lareira. – Eram gêmeos, e se odiaram amargamente desde o nascimento. A casa chacoalhava com as brigas deles e isso foi a mácula na vida da mãe deles. A última briga, neste mesmo cômodo, durante uma tempestade, Reuben foi morto por um raio e Ronald jamais se recuperou. Daquele dia em diante, foi um homem atormentado e a esposa dele engoliu a própria aliança – acrescentou a senhorita Minerva em tom remissivo.

– Que coisa mais...

– Ronald achou que foi um grande descuido e não quis que fizessem nada. Um emético teria resolvido, mas nunca mais ouviu-se falar do anel. Ela sempre se sentiu descasada sem ele.

– Que bela...

– Ah, sim, essa era a minha tia Emilia, não era tia minha de verdade, é claro. Apenas a esposa do Tio Alexander. Era notória pelo ar etéreo, mas acabou envenenando o marido com um ensopado de cogumelos, que eram venenosos, no caso. Sempre fingimos que foi um acidente, visto que um assassinato é algo terrível de se ter na família, mas todos sabiam a verdade. É evidente que se casara com ele contra a vontade. Ela era uma jovem vivaz e ele já era velho demais para ela. Dezembro e maio, minha querida. Não obstante, isso não justifica os cogumelos. A vida dela entrou em declínio logo em seguida. Estão enterrados juntos em Charlottetown, como todos os Tomgallon. Esta é minha tia Louise. Ela bebeu láudano. O médico fez uma lavagem estomacal e a salvou, mas todos sentimos que não podíamos mais confiar nela. Foi um alívio quando ela morreu respeitosamente de pneumonia. Alguns de nós não a culpávamos. Sabe, o marido batia nela.

– Batia...

– Exatamente. Há algumas coisas que nenhum cavalheiro deve fazer, e uma delas é bater na esposa. Derrubá-la, talvez, mas espancar, nunca! Gostaria de conhecer algum homem ousado o bastante para me dar uma surra! – disse, majestosamente.

Anne também teve vontade de conhecê-lo, mas ela percebeu que há limites para a imaginação. De forma alguma ela conseguia imaginar um marido batendo na senhorita Minerva Tomgallon.

– Este é o salão de festa. Obviamente, não o usamos mais, mas já tivemos inúmeras festas aqui. Os bailes dos Tomgallon eram famosos. Pessoas de toda a ilha compareciam. O candelabro custou ao meu pai quinhentos dólares. Minha tia-avó Patience caiu morta enquanto dançava aqui, certa noite... Bem ali, naquele canto. Ela estava apaixonada por um homem que a decepcionou. Não consigo imaginar como uma garota permite que um homem parta seu coração. Homens – disse a senhorita Minerva, olhando para a fotografia do pai, um sujeito com bigodes eriçados e um nariz de gavião, sempre me pareceram criaturas tão triviais.



CAPÍTULO 11

A sala de jantar combinava com o resto da casa. Havia outro candelabro, um espelho de moldura dourada igualmente ornamentado sobre a cornija da lareira e uma mesa posta de modo elegante com prataria, cristais e louça de porcelana. O jantar, servido por uma empregada taciturna e anciã, era abundante e delicioso e o apetite saudável da jovem Anne lhe fez justiça. A senhorita Minerva ficou em silêncio por um instante e Anne não ousou dizer nada por medo de começar outra avalanche de tragédias. Em um dado momento, um grande gato preto entrou e sentou-se ao lado da senhorita Minerva com um miado rouco. A anfitriã pareceu muito mais humana depois disso, tanto que Anne perdeu boa parte do temor diante da última dos Tomgallon.

– Sirva-se de mais um pouco dos pêssegos, querida. Você comeu tão pouco... praticamente nada.

– Ah, senhorita Tomgallon, está tudo...

– Os Tomgallon sempre serviram uma boa mesa – disse a senhorita Minerva complacentemente. – Minha tia Sophia fazia o melhor pão de ló que eu já provei. Acho que a única pessoa que meu pai odiou ver em nossa casa foi Mary, a irmã dele, pois o apetite dela era péssimo. Ele encarava como uma ofensa pessoal. Meu pai era um homem inflexível. Nunca perdoou meu irmão Richard por ter se casado contra a vontade dele. Ele o expulsou de casa e nunca mais permitiu que colocasse os pés aqui. Papai sempre rezava o Pai-Nosso durante as orações da família de domingo e depois que Richard o contrariou, ele deixou de dizer “perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido”. Consigo até vê-lo – comentou a senhorita Minerva, sonhadora –, ajoelhado ali, deixando o trecho de fora.

Depois do jantar elas foram para a menor das salas de visita, que ainda era bem grande e sombria e passaram o resto da noite perto da lareira

acolhedora. Anne fez um conjunto intrincado de guardanapos de crochê e a senhorita Minerva trabalhou em uma colcha enquanto fazia praticamente um monólogo, composto em grande parte por histórias vívidas e macabras dos Tomgallon.

– Esta é uma casa de lembranças trágicas, minha querida.

– Senhorita Tomgallon, alguma coisa boa já aconteceu nesta casa? – perguntou Anne, conseguindo terminar uma frase inteira por pouco. A senhorita Minerva havia feito uma pausa para assoar o nariz.

– Ah, acredito que sim – disse a senhorita Minerva, como se detestasse ter que admitir. – Sim, é claro, costumávamos nos divertir muito quando eu era criança. Ouvi dizer que está escrevendo um livro sobre todas as pessoas de Summerside, minha querida.

– Eu não... Isso não tem um pinga de verdade...

– Ah! – A senhorita Minerva parecia um pouco desapontada. – Bem, se algum dia o fizer, pode usar qualquer uma de nossas histórias, talvez mudando os nomes. Agora, que tal uma partida de ludo?

– Receio que já esteja tarde...

– Ah, minha querida, você não pode ir para casa nesta noite. Está chovendo canivetes, ouça o vento, eu não tenho mais uma carruagem, pois quase não tenho necessidade de usá-la e você não pode caminhar meio quilômetro nesse dilúvio. Terá que passar a noite aqui.

Anne não tinha certeza se queria passar uma noite na Casa Tomgallon. E tampouco queria andar até Windy Poplars sob uma tempestade de março. Assim, elas jogaram uma partida de ludo, na qual a senhorita Minerva ficou tão absorta que se esqueceu de narrar mais horrores e então fizeram um “lanchinho antes de dormir”: comeram torradas com canela e beberam chocolate quente em canecas antigas dos Tomgallon, finas e belas.

Por fim, a senhorita Minerva levou Anne para um quarto de hóspedes. Anne de início ficou feliz por não ser o cômodo onde a irmã da senhora morrera.

– Este é o quarto da tia Annabella – explicou a anfitriã, acendendo as velas nos candelabros prateados em uma linda penteadeira verde, antes de desligar o gás. – Ela era a mais linda da família. Ali está o retrato dela, acima do espelho. Consegue notar o sorriso orgulhoso? Foi ela quem fez essa colcha maluca sobre a cama. Espero que fique confortável, minha querida. Mary trocou a roupa de cama e colocou dois tijolos quentes embaixo. Ela também arejou este camisolão para você... – Ela apontou para uma grande peça de

flanela sobre uma cadeira, exalando um forte cheiro de naftalinas. – Espero que sirva em você. Ele não é usado desde que a mamãe morreu nele. Ah, quase me esqueci de contar... – A senhorita Minerva virou-se ao chegar na porta. – Este é o quarto onde Oscar Tomgallon voltou à vida, depois de ter sido dado como morto por dois dias. Só que ninguém queria que ele voltasse, sabe, essa foi a tragédia. Espero que durma bem, querida.

Anne não sabia se conseguiria dormir. De repente, ela sentiu que havia algo estranho ali ou algo hostil, mas essa não é uma sensação comum em qualquer quarto que foi ocupado por gerações? A morte já espreitara por aquele cômodo, o amor já florescera ali, tantos nascimentos, tantas paixões, esperanças e tantos rancores.

Aquela era realmente uma mansão velha e horrível, cheia de fantasmas de antigos desafetos e corações partidos, abarrotada de verdades sombrias que jamais viram a luz do dia e que ainda se putrefaziam em cada canto e esconderijo. Inúmeras mulheres já tinham chorado ali. O vento uivava assustadoramente entre os abetos próximos da janela. Anne teve a súbita vontade de fugir dali, com ou sem tempestade.

Mas então ela resolveu tomar as rédeas do bom senso. Se tragédias e tristezas haviam ocorrido ali, há anos e anos, coisas divertidas e alegres também deviam ter acontecido. Garotas belas e felizes haviam dançado ali, trocando deliciosas confidências; bebês risonhos nasceram; sem contar os casamentos, as músicas e as risadas. A mulher do pão de ló deve ter sido uma pessoa afável e o imperdoável Richard, um charmoso pretendente.

“Vou pensar nessas coisas e dormir. Que bela colcha! Pergunto-me se estarei tão maluca quanto ela pela manhã. E este é um quarto de hóspedes! Nunca me esqueci da emoção que dormir no quarto de hóspedes de alguém me causava.”

Anne soltou os cabelos e os penteou debaixo do nariz de Annabella Tomgallon, que a encarava com uma expressão de orgulho e vaidade, e com a insolência inata a uma grande beleza. Anne sentiu um arrepio ao olhar-se no espelho. Quem saberia dizer quantos rostos a encaravam de volta? Todas as mulheres trágicas e atormentadas que já se admiraram nele, talvez. Ela abriu com valentia a porta do armário, meio que esperando que um monte de esqueletos despencasse e ficasse preso em seu vestido. Sentou-se com serenidade em uma cadeira dura, que parecia ofender-se por alguém fazer isso e tirou os sapatos. Depois ela apagou as velas, vestiu o camisolão e deitou-se na cama, que estava quentinha graças aos tijolos de Mary. Por um

tempo, a chuva que escorria nas janelas e o vento nos velhos beirais a impediram de dormir. Mas então ela deixou para trás todas as tragédias dos Tomgallon e adentrou um sono sem sonhos, até que se descobriu encarando os ramos escuros dos pinheiros contra o amanhecer vermelho.

– Foi um grande prazer receber você, minha querida – disse a senhorita Minerva depois do café da manhã, quando Anne estava de partida. – Foi uma visita realmente divertida, não? Vivo sozinha há tanto tempo que quase me esqueci como se conversa. E tenho que dizer o quanto foi bom conhecer uma jovem realmente charmosa e bem-educada nesses tempos tão frívolos. Eu não te contei, mas ontem foi o meu aniversário e eu adorei ter um pouco de jovialidade nesta casa. Não há mais ninguém para se lembrar do meu aniversário, agora. – A senhorita Minerva deixou escapar um suspiro – Houve um tempo em que havia tanta gente...

– Bem, suponho que tenha escutado uma crônica de horrores – comentou a tia Chatty naquela noite.

– Todas aquelas coisas que a senhorita Minerva me contou aconteceram de verdade, tia Chatty?

– Sim, por mais impressionante que seja. É curioso, senhorita Shirley, mas muitas coisas ruins aconteceram aos Tomgallon.

– Não creio que tenha sido nada de diferente do que possa acontecer a uma família grande, no decurso de seis gerações – disse a tia Kate.

– Ah, creio que sim. Eles realmente parecem ser amaldiçoados. Muitos deles morreram de forma súbita e violenta. É claro que há um histórico de insanidade na família, todo mundo sabe disso, porém há uma maldição eu já ouvi a história. Não consigo me lembrar dos detalhes, mas foi um carpinteiro que construiu a casa que a amaldiçoou. Algo sobre o contrato, o velho Paul Tomgallon o enganou e arruinou a vida dele, pois ela custou muito mais do que o esperado.

– A senhorita Minerva parece ter orgulho da maldição – disse Anne.

– Pobrezinha, é tudo que ela tem – disse Rebecca Dew.

Anne sorriu ao imaginar a pomposa senhorita Minerva sendo chamada de pobrezinha. Mas ela subiu para o quarto da torre e escreveu ao Gilbert:

Achei que a Casa Tomgallon fosse um lugar velho e modorrento onde nunca acontecia nada. Bem, talvez nada aconteça agora, mas evidentemente coisas já aconteceram. A pequena Elizabeth sempre fala do Amanhã. Mas a velha Casa Tomgallon é o Ontem. Estou feliz por não morar no Ontem e que o Amanhã ainda seja uma possibilidade.

É claro que acho que senhorita Minerva gosta de ser o centro das atenções, como todos os Tomgallon, e que adora suas tragédias. São para ela o que um marido e filhos são para outras mulheres. Mas, ah, Gilbert, não importa o quanto fiquemos velhos, espero que nunca vejamos a vida como uma grande tragédia da qual temos orgulho. Acho que detestaria uma casa de 120 anos. Espero que nossa casa dos sonhos seja nova em folha, sem fantasmas e tradições, ou, se não for possível, que tenha sido ocupada por pessoas razoavelmente felizes. Jamais me esquecerei da minha noite na Casa Tomgallon e pela primeira vez na vida, encontrei alguém capaz de me cansar de tanto falar.



CAPÍTULO 12

A pequena Elizabeth Grayson nasceu esperando que as coisas acontecessem. O fato de nunca terem acontecido sob o olhar vigilante da avó e da Ajudante nunca frustrou suas expectativas. As coisas iam acontecer em algum momento, se não hoje, amanhã.

Quando a senhorita Shirley veio morar em Windy Poplars, a pequena Elizabeth sentiu que o Amanhã devia estar muito próximo e sua visita a Green Gables foi como um antegosto. Porém agora, em junho do terceiro e último ano da senhorita Shirley em Windy Poplars, o coração da menina parecia tão pesado a ponto de ir parar nas lindas botas de abotoar que a avó sempre lhe comprava. Muitas crianças da escola a invejavam por causa das botinhas infantis, mas a pequena Elizabeth não dava a mínima para elas, já que não serviam para levá-la à liberdade. E agora, sua adorada senhorita Shirley estava indo embora para sempre. Ao final de junho, ela partiria de Summerside e voltaria para a bela Green Gables. A pequena Elizabeth simplesmente não podia suportar essa ideia. Não adiantou nada a senhorita Shirley prometer que a pequena iria visitá-la em Green Gables no verão antes de seu casamento, de alguma forma, a menina sabia que a avó não iria permitir. Ela sabia que a avó nunca realmente aprovara sua amizade com a senhorita Shirley.

– Será o fim de tudo, senhorita Shirley – soluçou.

– Vamos torcer para que seja apenas um novo começo – disse Anne alegremente, mas ela mesma se sentia para baixo. O pai da pequena Elizabeth nunca escrevera de volta. E, se ele não se importava, o que aconteceria com a Elizabeth? Se as coisas já eram ruins na infância, como seriam dali em diante?

– Aquelas duas velhas vão fazê-la de escrava – dissera Rebecca Dew. Anne sentia que aquelas palavras eram mais verdadeiras do que elegantes.

Elizabeth sabia que elas eram “mandonas”. Em especial, ela odiava receber ordens da Ajudante. Também não gostava quando a avó fazia isso, mas ela reconhecia relutantemente que uma avó tem certos poderes sobre os netos. Porém, que direito tinha a Ajudante? Elizabeth sempre quis perguntar isso. E iria, em algum momento, quando chegasse o Amanhã. Ah, como ela iria gostar de ver a expressão da Ajudante!

A avó jamais deixaria a pequena Elizabeth passear sozinha... Por medo de que ela fosse sequestrada por ciganos e a menina achava que era apenas uma desculpa. E por que a avó se importaria se ela fosse sequestrada ou não? Ela sabia que as duas não a amavam. Oras, elas evitavam ao máximo chamá-la pelo nome, era sempre “a criança”. Como Elizabeth odiava ser chamada de “a criança” da mesma forma que se refeririam ao “cachorro” e ao “gato”, se tivessem algum. E quando Elizabeth reclamou, a avó ficou irritada e a puniu por impertinência, enquanto a Ajudante só observava, contente. Ela às vezes se perguntava por que a Ajudante a odiava. Por que alguém a odiaria, uma criança? Seria ela digna de ódio? A pequena Elizabeth não sabia que a mãe cuja vida ela custara fora a queridinha da velha amargurada, e, mesmo que soubesse, não poderia compreender que formas perversas o amor frustrado é capaz de tomar.

A pequena Elizabeth odiava a magnífica e opressiva Evergreens, onde tudo lhe parecia estranho, apesar de sempre ter vivido ali, mas depois que a senhorita Shirley viera para Windy Poplars, tudo havia mudado magicamente. A pequena Elizabeth vivia em um mundo de romance, havia beleza onde quer que olhasse. Felizmente, a avó e a Ajudante não podiam impedi-la de enxergar, embora Elizabeth não duvidasse que o fariam, se pudessem. As curtas caminhadas ao longo da mágica estrada vermelha do porto, que raramente podia fazer ao lado da senhorita Shirley, eram o foco de luz em sua vida trevosa. Ela amava tudo que via; o longínquo farol pintado em um tom peculiar de vermelho, com anéis brancos; as distantes praias azul-claras; as pequenas ondas azuis e prateadas; as luzes que se viam sob o entardecer violeta e tudo lhe dava tanta satisfação que chegava a doer. E o porto, com suas ilhas brumosas e ocasos resplandecentes! Elizabeth sempre lhes assistia, por cima do topo das árvores, por uma janela do sótão e também os barcos que zarpavam ao nascer da lua. Barcos que voltavam, barcos que nunca voltavam e Elizabeth ansiava por partir em um deles em uma viagem até a Ilha da Felicidade. Os barcos que nunca voltavam ficavam por lá, onde sempre era o Amanhã.

Aquela misteriosa estrada vermelha seguia por quilômetros a fio, e os pés dela coçavam para segui-la. Onde ela levava? Às vezes Elizabeth achava que iria explodir se não descobrisse. Quando o Amanhã realmente chegasse, ela seguiria por aquele caminho e talvez encontrasse uma ilha só sua, onde a senhorita Shirley e a ela viveriam sozinhas e a avó e a Ajudante seriam proibidas. Elas odiavam água e por nada no mundo pisariam em um barco. A menina gostava de se imaginar na ilha, rindo das duas, que a observavam da terra firme com raiva.

– Aqui é o Amanhã – provocaria ela. – E não podem me pegar. Vocês ainda estão no Hoje.

Que divertido seria! Como ela iria gostar de ver a expressão da Ajudante!

Então, em uma tarde do fim de junho, uma coisa incrível aconteceu. A senhorita Shirley disse para a senhora Campbell que iria visitar uma certa senhora Thompson em Flying Cloud, que estava a cargo dos refrescos na Sociedade Assistencial das Damas e que gostaria de levar Elizabeth junto. A avó concordou com sua usual austeridade e Elizabeth nunca entendia por que ela concordava, uma vez que nem imaginava o horror dos Pringle a certo tipo de informação que a senhorita Shirley possuía, mas o importante era que tinha dado permissão.

– Vamos direto para a boca do porto depois do meu compromisso – sussurrou Anne.

A pequena Elizabeth foi para a cama tão empolgada que não esperava sequer pregar os olhos. Finalmente ela iria atender ao chamado da estrada. Apesar da ansiedade, ela conscienciosamente fez todo o seu ritual noturno. Ela dobrou as roupas, escovou os dentes e penteou os cabelos dourados. Ela achava que tinha um cabelo lindo, ainda que não fosse tão adorável como o castanho-acobreado e ondulado da senhorita Shirley, com os pequenos cachos ao redor das orelhas. A pequena Elizabeth daria qualquer coisa para ter um cabelo como o da senhorita Shirley.

Antes de deitar-se, a pequena Elizabeth abriu uma das gavetas na antiga cômoda preta e envernizada e retirou uma fotografia cuidadosamente escondida sob uma pilha de lenços, era uma foto da senhorita Shirley que ela havia recortado de uma edição especial do *Weekly Courier* que publicara fotos dos professores da Escola Secundária.

– Boa noite, minha querida senhorita Shirley.

Ela beijou a foto e a devolveu ao esconderijo. Então ela se aninhou embaixo dos cobertores, pois a noite de junho estava fria, além da brisa que

vinha do porto. Aliás, ela era mais do que uma brisa naquela noite. Ela assoviava, batia e chacoalhava as janelas e Elizabeth sabia que o porto deveria estar uma turbulenta extensão de ondas ao luar. Que divertido seria vê-lo sob a luz da lua! Mas só no Amanhã ela poderia fazer isso.

Onde ficava a ilha Flying Cloud? Que nome! Pertencia mesmo ao Amanhã. Era enlouquecedor estar tão próximo do Amanhã e não poder alcançá-lo. E se chovesse? Elizabeth sabia que não teria permissão para ir a lugar algum sob chuva.

Ela sentou-se na cama e juntou as mãos.

– Querido Deus, não quero me intrometer, mas o Senhor poderia providenciar um tempo bom para amanhã? Por favor, querido Deus.

A tarde seguinte foi gloriosa. A pequena Elizabeth sentiu que havia se libertado de amarras invisíveis quando a senhorita Shirley e ela se afastaram da casa da melancolia. Inspirou profundamente a liberdade, por mais que a Ajudante ainda estivesse vigiando-as com uma cara feia pelo vidro vermelho da porta principal. Que divino era caminhar pelo mundo com a senhorita Shirley! Era tão bom quanto estar sozinha com a senhorita Shirley. O que ela iria fazer quando a senhorita fosse embora? A menina afastou firmemente o pensamento. Ela não iria passar o dia pensando nisso. Talvez... Talvez... A senhorita Shirley e ela chegariam ao Amanhã naquela tarde e nunca mais se separariam. A pequena Elizabeth só queria caminhar tranquilamente em direção à extensão anil no fim do mundo, sorvendo a beleza ao seu redor. Cada curva e recanto da estrada revelava novas maravilhas e curvas e recantos eram o que não faltavam ao longo de um regato que pareceu surgir do nada.

Em cada lado havia campos de botões-de-ouro e trevos onde as abelhas zuniam. De vez em quando elas cortavam uma via láctea de margaridas. Ao longe, o estreito ria delas com ondas de bordas prateadas. O porto parecia uma seda molhada. A pequena Elizabeth gostava mais assim do que quando parecia um cetim azul-claro. Elas deram boas-vindas ao vento. Era uma brisa gentil, que ronronava ao redor delas, parecendo impulsioná-las adiante.

– Não é uma delícia caminhar com um vento desses? – disse a pequena Elizabeth.

– É uma brisa agradável e perfumada – disse Anne, mais para si mesma. – Eu costumava pensar que o *mistral* era assim. Por causa do som do nome. Que decepção foi descobrir que era um vento forte e agressivo!

Elizabeth não compreendeu tudo, ela nunca tinha ouvido falar do mistral, mas a música da voz de sua amada era suficiente. Até o céu parecia alegre. Um marinheiro com argolas douradas nas orelhas, era o tipo de pessoa que deveria conhecer o Amanhã e sorriu ao passar por elas. Elizabeth pensou em um verso que havia aprendido na escola dominical, “as colinas se vestem de alegria³²”. Será que o homem que o escrevera já tinha visto colinas como aquelas sobre o porto?

– Acho que essa estrada leva até Deus – disse, sonhadora.

– Talvez – respondeu Anne. – Talvez todos os caminhos levem até Deus, pequena Elizabeth. Agora, nós viramos aqui. Temos que ir até aquela ilha Flying Cloud.

Flying Cloud era uma ilhota longa e estreita, a cerca de quatrocentos metros da costa. Havia árvores e uma casa. A pequena Elizabeth sempre desejou ter uma ilha só para ela, com uma pequena baía de areia prateada.

– Como chegaremos até lá?

– Naquele barco – disse a senhorita Shirley, pegando os remos de um pequeno bote amarrado a uma árvore.

A senhorita Shirley sabia remar. Havia alguma coisa que ela não sabia fazer? A ilha mostrou-se um lugar fascinante onde qualquer coisa poderia acontecer. É claro que ela ficava no Amanhã. Ilhas como aquela só existiam no Amanhã. Elas não tinham espaço no enfadonho Hoje.

A empregada que as recebeu na porta da casa avisou que a senhora Thompson estava no outro extremo da ilha, colhendo morangos silvestres. Uma ilha onde morangos silvestres cresciam!

Anne foi atrás da senhora Thompson, mas primeiro pediu para a pequena Elizabeth esperar na sala. Ela achava que a menina precisava descansar depois da caminhada incomumente longa. Ela achava que não, mas o menor dos desejos da senhorita Shirley era a lei.

A sala era linda, com flores por todos os cantos e uma constante brisa do mar. Elizabeth gostou do espelho acima da lareira que refletia o cômodo todo e da vista da janela para o porto, as colinas e os estreitos.

Um homem entrou pela porta de repente. Elizabeth teve um instante de pânico e terror. Seria um cigano? Ele não se assemelhava com a ideia que a menina fazia dos ciganos, considerando que nunca havia visto um. Ele poderia ser então, em um súbito lampejo de intuição, ela decidiu que não se importaria se ele a sequestrasse. Ela gostou de seus olhos cor de avelã com

rugas ao redor, os cabelos castanhos ondulados, o queixo quadrado e o sorriso. Pois ele estava sorrindo.

– Quem é você? – perguntou ele.

– Eu... Sou eu – hesitou Elizabeth, ainda um pouco agitada.

– Ah, com certeza. Você surgiu do mar, suponho ou das dunas e sem nenhum nome conhecido pelos mortais.

Elizabeth achou que ele estava rindo dela, mas não se importou. Na verdade, ela até gostou e respondeu com decoro:

– Meu nome é Elizabeth Grayson.

Houve um silêncio... Um silêncio muito estranho. O homem a encarou por um momento sem dizer nada. Então, ele educadamente convidou-a para se sentar.

– Estou esperando pela senhorita Shirley – explicou. – Ela foi conversar com a senhora Thompson sobre a Sociedade Assistencial. Depois disso, iremos até o fim do mundo.

“Agora, se tem alguma intenção de raptar-me, senhor Homem...”

– Entendo. Enquanto isso, fique à vontade. Vou fazer as honras. Gostaria de tomar ou comer alguma coisa? O gato da senhora Thompson provavelmente trouxe alguma coisa para casa.

Elizabeth sentou-se. Ela se sentia inusitadamente feliz e em casa.

– Posso pedir o que eu quiser?

– Certamente.

– Então – disse Elizabeth triunfantemente –, eu gostaria de sorvete com geleia de morango por cima.

O homem tocou uma campainha e fez o pedido. Sim, ali devia ser o Amanhã, sem dúvida. Sorvete e geleia de morango não apareciam magicamente no Hoje, sem dúvida.

– Vamos guardar um pouco para a senhorita Shirley – disse o homem.

Eles ficaram amigos em pouco tempo. O homem não falava muito, mas olhava bastante para a Elizabeth. Havia ternura na expressão dele, uma ternura que ela nunca tinha visto antes em ninguém, nem mesmo na senhorita Shirley. Ela sentia que ele gostava dela. E sabia que gostava dele.

Finalmente ele olhou para a janela e levantou-se. Vejo que a senhorita Shirley está chegando. Você não ficará sozinha.

– Não quer esperar para conhecê-la? – perguntou Elizabeth, lambendo os últimos vestígios de geleia da colher. A avó e a Ajudante teriam morrido só de ver.

– Não desta vez.

Elizabeth sabia que ele não tinha a menor intenção de raptá-la e teve a mais estranha e descabida sensação de desapontamento.

– Adeus e obrigada – disse ela educadamente. – É muito bonito aqui, no Amanhã.

– Amanhã?

– Aqui é o Amanhã – explicou Elizabeth. – Sempre quis conhecê-lo, e cá estou.

– Ah, entendi. – Bem, sinto muito dizer que não ligo muito para o Amanhã. Eu gostaria de voltar para o Ontem.

A pequena Elizabeth sentiu dó dele. Mas por que ele era infeliz? Como alguém que mora no Amanhã pode ser infeliz?

Elizabeth contemplou com melancolia a ilha Flying Cloud enquanto remavam de volta. Quando chegaram à estrada, passando pelos abetos que ladeavam a orla, ela voltou-se para uma olhada de despedida. Uma charrete puxada por cavalos a toda velocidade apareceu na curva, evidentemente fora do controle do condutor.

Elizabeth ouviu a senhorita Shirley gritar...

Referência ao Antigo Testamento – Salmos 65:12. (N. T.)



CAPÍTULO 13

O quarto parecia estar girando. Os móveis também se mexiam. A cama, como ela foi parar na cama? Alguém com uma touca branca saiu pela porta. Que porta? Que sensação mais esquisita! Vozes chegavam de algum lugar, vozes baixas. Ela não podia ver quem estava falando, mas de alguma forma sabia que era a senhorita Shirley e o homem.

O que estavam dizendo? Elizabeth ouviu frases aqui e ali, em meio a uma confusão de murmúrios.

– Você realmente... – A senhorita Shirley parecia tão animada!

– Sim... A sua carta... Veja você mesma... Antes de falar com a senhora Campbell... Flying Cloud é a casa de veraneio do nosso gerente-geral...

Se ao menos o quarto parasse quieto! Realmente, as coisas se comportavam de modo muito estranho no Amanhã. Se ao menos ela conseguisse virar a cabeça e ver quem estava falando, então Elizabeth deixou escapar um longo suspiro.

Foi quando eles vieram até a cama, a senhorita Shirley e o homem. Alta e alva, como um lírio, ela parecia ter passado por uma experiência terrível, mas ainda tinha algo que irradiava de dentro dela, por trás de tudo, um esplendor que parecia parte do entardecer dourado que subitamente inundou o quarto. O homem sorria para ela. Elizabeth sentia que ele a amava muito e que havia algum segredo tenro e valioso entre ambos que ele descobriria assim que aprendesse a língua falada no Amanhã.

– Está se sentindo melhor, querida? – perguntou a senhorita Shirley.

– Eu fiquei doente?

– Você foi derrubada por um grupo de cavalos fujões na estrada principal. E não fui rápida o bastante. Achei que tinha morrido. Eu te trouxe de volta no barco, e o seu... este cavalheiro telefonou para um médico e uma enfermeira.

– Eu vou morrer?

– Não, minha querida. Você só ficou inconsciente e logo estará bem. E, Elizabeth, este é o seu pai.

– Meu pai está na França. Eu estou na França também? – A menina não teria ficado nem um pouco surpresa. Além disso, as coisas ainda estavam um pouco confusas.

– O papai está bem aqui, docinho. – Ele tinha uma voz tão gostosa e era o suficiente para conquistar qualquer pessoa. Ele inclinou-se e a beijou. – Eu vim te buscar. Nunca mais nos separaremos.

A mulher de gorro branco voltou. De alguma forma, Elizabeth sabia que tinha que perguntar o que quer que fosse antes que ela se aproximasse da cama.

– Vamos morar juntos?

– Sempre – disse o pai.

– E a avó e a Ajudante virão morar conosco?

– Não.

Já era quase de noite e a enfermeira tinha um ar de reprovação. Mas Elizabeth não se importava.

– Eu encontrei o Amanhã – disse ela no momento em que a enfermeira acompanhava o pai e a senhorita Shirley para fora.

– Eu encontrei um tesouro que não sabia que possuía – disse o pai, quando a enfermeira fechou a porta. – E jamais poderei agradecer-lhe por aquela carta, senhorita Shirley.

“E assim”, escreveu Anne para Gilbert naquela noite, “a misteriosa estrada da pequena Elizabeth a levou para a felicidade e para o fim do mundo antigo dela.”



CAPÍTULO 14

Windy Poplars
Rua do Fantasma
(Pela última vez)
27 de junho
QUERIDO,

Cheguei a mais uma curva na estrada. Escrevi um monte de cartas a você neste velho quarto da torre nos últimos três anos. Acredito que esta será a última em muito, muito tempo, pois elas não serão mais necessárias. Daqui a algumas semanas, pertenceremos um ao outro para sempre... Estaremos juntos. Imagine só... Estarmos juntos... Conversando, passeando, comendo, sonhando, planejando e compartilhando momentos incríveis... Transformando a nossa casa dos sonhos em um lar. Nossa casa! Isso não soa “místico e maravilhoso”, Gilbert? Tenho construído casas dos sonhos a minha vida inteira e agora uma delas se tornará realidade. Já a pessoa com quem quero dividir minha casa dos sonhos... Bem, eu te direi às quatro horas do ano que vem.

Três anos pareciam um tempo interminável de início. E agora já se foram como uma vigília noturna. Foram três anos felizes, exceto pelos primeiros meses com os Pringle. Depois disso, a vida pareceu fluir como um rio dourado aprazível. E minha antiga rixa com os Pringle parece um sonho. Agora eles gostam de quem eu sou e se esqueceram de que chegaram a me odiar. Cora Pringle, da família das viúvas Pringle, me trouxe um buquê de rosas, e enrolado em um dos talos havia um pedaço de papel onde estava escrito: “Para a mais doce professora no mundo todo”. E isso veio de uma Pringle!

Jen Pringle está de coração partido porque vou embora. Observarei a carreira dela com interesse. Ela é brilhante e um tanto imprevisível. Uma

coisa é certa: sua existência não será mundana. Não é por nada que se parece tanto com Becky Sharp.

Lewis Allen vai para a McGill. Sophy Sinclair, para a Queen's. Depois, ela pretende lecionar até juntar dinheiro suficiente para ir para a Escola de Expressão Dramática em Kingsport. Myra Pringle vai ser apresentada à sociedade no outono. É tão bonita que não faz diferença se ela sabe ou não o que é o pretérito perfeito.

E não há mais uma pequena vizinha do outro lado do portão tomado pela hera. A pequena Elizabeth deixou para sempre aquela casa lúgubre e foi para o Amanhã. Se eu fosse ficar em Summerside, eu iria sentir falta dela. Todavia, do jeito que as coisas estão, estou contente. Ela foi morar com Pierce Grayson. Ele não vai voltar para Paris, pois vai se mudar para Boston. Elizabeth chorou penosamente em nossa despedida, mas ela está tão feliz ao lado do pai que eu tenho certeza de que suas lágrimas logo cessarão. A senhora Campbell e a Ajudante ficaram muito zangadas com toda a situação e colocaram a culpa em mim e eu a aceito com prazer e sem remorso.

– Ela teve um bom lar aqui – disse a senhora Campbell magnanimamente.

“Onde nunca ouviu uma palavra afetuosa”, pensei comigo mesma. Elizabeth, em suas últimas palavras, disse à Anne que será sempre a Betty o tempo todo, menos quando estiver com saudades dela, então será a Lizzie. Eu disse para ela não se atrever a ser a Lizzie, não importa o que aconteça.

Mandamos beijos uma para a outra até não nos vermos mais e então eu subi para a torre com lágrimas nos olhos. Ela é tão doce, aquela preciosa garotinha de madeixas douradas. Sempre me lembrou uma harpa eólica, sensível ao menor sinal de afeição. Foi uma aventura ser amiga dela. Espero que Pierce Grayson valorize a filha que tem e eu acho que ele o faz. Ele me pareceu muito grato e arrependido. Depois, me disse que não tinha se dado conta de que não era mais um bebê e nem como o ambiente em que vivia era hostil. Me disse obrigado mil vezes por tudo que eu fiz por ela.

Mandei emoldurar o nosso mapa da Terra das Fadas e lhe dei como um presente de despedida.

Estou triste por deixar Windy Poplars. É claro que estou um pouco cansada de morar em um sótão, mas eu amei a minha estadia aqui, as horas frescas da manhã junto à janela, minha cama, que eu literalmente escalava todas as noites, minha almofada azul em formato de rosquinha e todas as brisas que aqui entraram. Receio que jamais voltarei a ser tão íntima do

vento. E será que algum dia eu terei outro quarto com vista para o sol nascente e o poente?

Já estou pronta para deixar para trás Windy Poplars e os anos que passei aqui. E eu mantive a minha palavra. Nunca revelei à tia Kate o esconderijo da tia Chatty ou o segredo do soro de leite que uma guarda da outra.

Creio que elas lamentam a minha partida e fico satisfeita com isso. Seria terrível pensar que elas estão felizes em me ver indo embora ou que não sentiriam nem um pouco a minha falta. Faz uma semana que a Rebecca Dew vem preparando meus pratos favoritos, pois ela até gastou dez ovos para fazer um bolo duas vezes e usando a porcelana “das visitas”. E os olhos castanhos e suaves da tia Chatty se enchem de lágrimas sempre que menciono minha partida. Até mesmo Dusty Miller parece me olhar com reprovação, sentado sobre as patas traseiras.

Escrevi uma longa carta para Katherine na semana passada. Ela tem um dom para escrever cartas. Conseguiu um emprego como secretária particular de um membro do parlamento que roda o mundo. Que expressão fascinante é “rodar o mundo”! Uma pessoa que diz “vamos para o Egito” da mesma forma que outras diriam “vamos para Charlottetown” e pronto! É a vida ideal para Katherine.

Ela continua a me responsabilizar pelas mudanças em sua forma de ver a vida e em seus prospectos. “Quem dera poder descrever tudo que você trouxe para a minha vida.” Suponho que eu ajudei, sim. E não foi fácil no começo. Ela raramente dizia alguma coisa sem ser sarcástica, e escutava todas as minhas sugestões em relação ao trabalho na escola com o ar desdenhoso de quem escuta um lunático. Porém, de alguma forma, eu esqueci tudo isso. Era tudo fruto do ressentimento secreto que tinha da vida.

Todo mundo está me convidando para jantar, até mesmo Pauline Gibson. A senhora Gibson morreu alguns meses atrás, de forma que Pauline se atreveu a me convidar. E fui mais uma vez à Casa Tomgallon, para jantar com a senhorita Minerva e suportar outra conversa unilateral. Mas me diverti bastante, desfrutando da deliciosa refeição que a senhorita Minerva providenciou e ela também se divertiu contando mais algumas tragédias. Ela não conseguiu esconder o fato de que sente pena de qualquer pessoa que não seja uma Tomgallon, mas me fez vários elogios e me deu um anel adorável, com uma água-marinha encrustada de uma delicada mistura de azul e verde, que seu pai lhe dera no aniversário de dezoito anos. “Quando eu era jovem e linda, minha querida... muito linda. Acho que posso dizer isso agora”.

Fiquei feliz por ele ter pertencido à senhorita Minerva, e não à esposa do tio Alexander. Eu não conseguiria usá-lo se fosse o caso. É um anel muito bonito. As joias do mar possuem um encanto misterioso.

A casa Tomgallon é certamente um lugar esplêndido, especialmente agora que seus jardins estão florescendo. Entretanto, não trocaria a minha futura casa dos sonhos pela Casa Tomgallon, com seus gramados e seus fantasmas. Não que um fantasma não dê um toque interessante e aristocrático a um lugar. Minha única queixa sobre a Rua do Fantasma é que não há nenhum fantasma nela.

Ontem eu fui ao velho cemitério para um último passeio, andei por todos os lados, imaginando se Herbert Pringle ocasionalmente ria em seu túmulo. E hoje à noite me despedirei da Rainha das Tormentas, sob o entardecer, e do meu pequeno vale repleto de sombras.

Estou um pouco cansada depois de um mês de provas finais, despedidas e “últimas coisas”. Quando voltar para Green Gables, ficarei uma semana sem fazer nada, absolutamente nada além de andar livremente em um mundo verde de beleza estival. Sonharei acordada na Bolha da Driade ao entardecer; navegarei pela Lagoa das Águas Brilhantes em uma chalupa feita de luar ou no barco do senhor Barry, se uma embarcação de luar não estiver disponível. Colherei flores em formato de estrelas e campânulas na Floresta Assombrada; encontrarei morangos silvestres na colina do pasto do senhor Harrison; dançarei juntamente com os vagalumes na Travessa dos Amantes e visitarei o jardim esquecido de Hester Gray; e me sentarei no degrau da porta dos fundos, sob o céu estrelado e ouvirei o chamado do mar adormecido.

E quando a semana terminar, você estará em casa e eu não vou desejar mais nada.

No dia seguinte, quando chegou a hora de dizer adeus ao pessoal de Windy Poplars, Rebecca Dew não estava por perto. Em um gesto solene, a tia Kate entregou uma carta a Anne:

Querida senhorita Shirley, escrevo esta carta para me despedir, pois não confio em mim mesma para fazê-lo em pessoa. Por três anos você morou sob o nosso teto. Dona afortunada de um espírito vigoroso e de uma predileção natural pelas alegrias da juventude, você nunca sucumbiu aos prazeres vazios da multidão vertiginosa e frívola. Portou--se, em todas as ocasiões e diante de todos, especialmente para esta que escreve estas linhas, com a mais refinada delicadeza. Você sempre teve toda a maior consideração por

meus sentimentos, e sua partida é um fardo pesado para meu espírito. “Mas não devemos nos afligir diante do que a Providência decidiu” (1 Samuel, 29:18).

Sua ausência será lamentada por todos em Summerside que tiveram o privilégio de conhecê-la e meu coração fiel, ainda que humilde, infundamente a reverenciará, pedirei sempre em minhas preces sua felicidade e bem-estar neste mundo e o regozijo eterno no que está por vir.

Algo me sussurra que você não será a senhorita Shirley por muito mais tempo, que celebrará a união eterna da sua alma com aquela que seu coração escolheu, cujo dono, pelo que ouvi, é um jovem muito excepcional. Esta que escreve, possuidora de poucos encantos pessoais e que já começa a sentir a idade (mas que ainda tem uns bons anos pela frente), nunca se permitiu ter aspirações matrimoniais. Mas ela não se nega o prazer de interessar-se pelas núpcias dos amigos e gostaria de expressar seus votos fervorosos de que sua vida de casada seja uma contínua e ininterrupta fonte de felicidade. (Só não espere muito de um homem.)

Minha estima e, permita-me dizer, minha afeição por você jamais diminuirão. De tempos em tempos, quando não tiver nada melhor para fazer, lembre-se com carinho de que existe uma pessoa que é

Sua serva obediente,

REBECCA DEW.

P.S. Deus a abençoe.

Anne dobrou a carta com os olhos úmidos. Embora suspeitasse de que a Rebecca Dew tivesse copiado a maioria das frases de seu livro favorito, *O Manual de Boa Conduta e Etiqueta*, isso não as tornava menos sinceras, e o P.S. certamente veio diretamente do bom coração dela. Eu disse às viúvas para dizerem à Rebecca Dew que nunca a esquecerei e que voltarei para visitá-las todos os verões.

Tia Chatty disse: “Nada jamais apagará nossas recordações de você.” e a tia Kate enfatizou: “Nada!”.

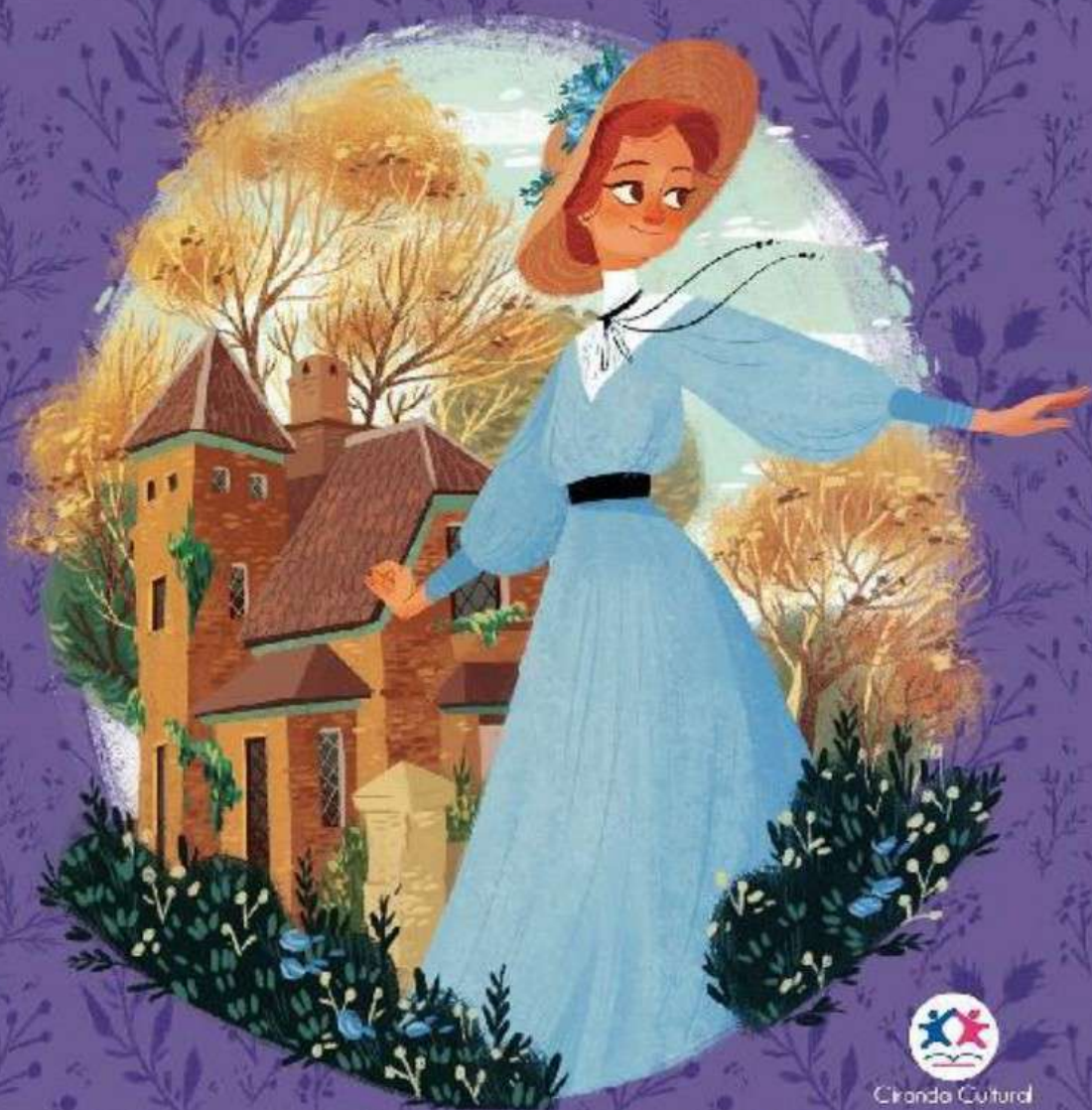
Enquanto se afastava de Windy Poplars, a última mensagem que Anne recebeu foi uma grande toalha branca tremulando da janela da torre. Rebecca Dew acenava para ela.

FIM

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

E A
CASA DOS SONHOS



Ciranda Cultural

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

E A

CASA DOS SONHOS

Tradução
Rafael Bonaldi



Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Anne's House of Dreams

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Rafael Bonaldi

Preparação

Karoline Cussolim

Revisão

Mariane Genaro

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração da capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Para Laura, em lembrança aos velhos tempos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne e a Casa do Sonhos [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Principis, 2020.

256 p. ; ePub ; 6,4 MB. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Anne's House of Dreams

Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-223-2 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-913 CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



NO SÓTÃO DE GREEN GABLES

– Graças a Deus, não tenho mais que aprender ou ensinar geometria – disse Anne Shirley, com uma sutil expressão vingativa, jogando um volume surrado de Euclides¹ em um grande baú de livros. Ela então bateu a tampa triunfantemente, sentou-se em cima dela e encarou Diana Wright do outro lado do quarto do sótão de Green Gables, com os olhos acinzentados como o céu matinal.

O quartinho do sótão era um lugar fresco, sugestivo e aconchegante, como todos deveriam ser. Pela janela próxima à Anne entrava a brisa doce, quente e perfumada das tardes de agosto; lá fora, os ramos de álamos farfalhavam ao vento; para além deles estavam o bosque, que abrigava a encantada Travessa dos Amantes, e o velho pomar, que ainda ostentava seus frutos róseos de maneira sublime. E ao sul, havia uma grande cadeia de montanhas de nuvens brancas no céu anil. Através da outra janela podia-se vislumbrar o distante mar azul de cristas prateadas: o belo golfo de São Lourenço, no qual flutua, como uma joia, Abegweit, cujo nome indiano e mais singelo foi há muito esquecido em prol do título mais prosaico de Ilha do Príncipe Edward².

Diana Wright, três anos mais velha do que da última vez que a vimos, havia ganhado ares matronais. Todavia, seus olhos ainda eram tão negros e brilhantes, suas bochechas tão rosadas e suas covinhas tão charmosas como nos dias de outrora em que Anne Shirley e ela juraram amizade eterna no jardim de Orchard Slope. Nos braços, Diana segurava uma criaturinha dorminhoca de cachos pretos, que há dois anos felizes era conhecida pelo mundo de Avonlea como a “Pequena Anne Cordelia”. Todos sabiam de onde ela tirara o nome Anne, obviamente, mas “Cordelia” os intrigava. Nunca houve uma Cordelia nas famílias Wright e Barry. A senhora Harmon Andrews achava que ela tinha tirado o nome de algum romance barato e se perguntava por que Fred não a impedira. Diana e Anne sorriram uma para outra. Elas sabiam como a Pequena Cordelia ganhara esse nome.

– Você sempre detestou geometria – recordou Diana, com um sorriso. – Imagino que também esteja contente por não ter mais que lecionar.

– Ah, sempre gostei de ensinar, com exceção de geometria. Esses últimos três anos em Summerside foram muito bons. Quando voltei para cá, a senhora Harmon Andrews me disse que com certeza eu não acharia a vida de casada muito melhor do que ensinar, como eu esperava. Evidentemente, ela é da mesma opinião de Hamlet: é melhor aceitar os males conhecidos do que buscar refúgio em outros ainda desconhecidos³.

A risada de Anne, alegre e irresistível como sempre fora, com um tom adicional de doçura e maturidade, ecoou pelo sótão. Marilla preparava compotas de ameixa na cozinha logo abaixo, quando ouviu-a e sorriu. Em seguida, ela suspirou ao pensar que ouviria muito pouco aquela risada querida ecoar por Green Gables nos próximos anos. Nada na vida jamais lhe proporcionara maior felicidade como a notícia de que Anne iria se casar com Gilbert Blythe; contudo, cada alegria traz consigo a sombra de um pesar. Durante os três anos em que morara em Summerside, Anne viera com frequência passar as férias e os fins de semana. Só que agora, apenas duas visitas por ano se podia esperar.

– Não dê importância para o que diz a senhora Harmon – disse Diana, com a confiança serena de quem está casada há quatro anos. – A vida conjugal tem seus altos e baixos, é claro. Não espere tudo ser sempre um mar de rosas. Mas posso garantir, Anne: é uma vida feliz, quando se está com o homem certo.

Anne refreou um sorriso. A vasta experiência com a qual Diana sempre falava a divertia. “Agirei da mesma forma depois de quatro anos de casada, eu suponho”, pensou Anne. “Só espero que o meu senso de humor me salve.”

– Já decidiram onde vão morar? – perguntou Diana, acalentando a Pequena Anne Cordelia com um gesto maternal inimitável que causava no coração de Anne, repleto de sonhos e esperanças intocados, um misto de prazer puro e uma dor estranha, etérea.

– Sim, é isso que eu queria lhe dizer quando telefonei para vir aqui hoje. Aliás, mal posso acreditar que agora temos telefones em Avonlea. Soa tão ridiculamente avançado e moderno para este lugar velho, tranquilo e adorável.

– Foi graças à Sociedade de Melhorias de Avonlea (SMA) – disse Diana. – Não teríamos conseguido a linha se os membros não tivessem insistido no

assunto. Palavras de desencorajamento não faltaram. Mas eles não desistiram. Você fez algo esplêndido por Avonlea quando fundou a sociedade, Anne. Como nos divertíamos nas reuniões! Nunca me esquecerei do salão azul e dos planos do Judson Parker de pintar anúncios de medicamentos nas cercas dele.

– Não sei se sou grata à SMA pelo telefone – disse Anne. – Ah, admito ser muito conveniente, muito mais do que nosso antigo sistema de chamarmos uma à outra com luz de velas! E, como a senhora Lynde diz, “Avonlea deve seguir o ritmo da procissão, é isso o que é”. De alguma forma, porém, não gostaria de ver o vilarejo arruinado pelo que o senhor Harrison chama de “inconveniências modernas”, quando quer bancar o espertinho. Gostaria de mantê-lo como sempre foi nos bons e velhos tempos. Isso é tolice, sentimentalismo. Então, devo, imediatamente, começar a ser o mais sensata e prática possível. O telefone, como o senhor Harrison reconhece, é “uma coisa estupenda”, mesmo sabendo que meia dúzia de pessoas estão ouvindo na linha, provavelmente.

– É a pior parte – suspirou Diana. – É tão irritante ouvir o barulho do gancho quando ligamos para alguém. Dizem que a senhora Harmon mandou instalar o telefone na cozinha para poder ouvir sempre as chamadas sem ter de tirar o olho do jantar. Hoje, quando você me ligou, pude ouvir distintamente o relógio dos Pye. Com certeza, Josie ou Gertie estavam ouvindo.

– Ah, então, por isso você disse: “tem um relógio novo em Green Gables?”. Eu não fazia ideia do que estava falando. Ouvi um clique apressado em seguida. Suponho ter sido na casa dos Pye. Bem, deixe-os para lá. Como a senhora Rachel diz: “os Pye sempre foram e sempre serão os Pye enquanto o mundo for o mundo, amém”. Agora quero falar de coisas agradáveis. Já decidimos onde será o nosso lar.

– Ah, Anne, onde? Espero que seja perto daqui.

– Não, essa é a desvantagem. O Gilbert vai atender em Four Winds Harbor, a cem quilômetros daqui.

– Cem! Poderia ser cem mil – lamentou Diana. – O mais longe de casa que posso ir agora é até Charlottetown.

– Você tem de nos visitar em Four Winds. É o porto mais lindo da ilha. Existe um vilarejo em seu extremo chamado Glen St. Mary, onde o doutor David Blythe, tio-avô de Gilbert, pratica medicina há cinquenta anos. Ele vai se aposentar, e Gilbert vai assumir seu posto. Só que o doutor Blythe vai

continuar morando na casa, então nós teremos que encontrar outro lugar. Ainda não sei como será nem onde fica, mas tenho uma casinha dos sonhos toda mobiliada em minha imaginação: um pequeno e adorável castelo na Espanha.

– Para onde vocês vão na lua de mel? – perguntou Diana.

– Lugar nenhum. Não faça essa cara de espanto, querida Diana. Você fica parecendo a senhora Harmon Andrews. Sem dúvida, ela comentará em tom condescendente que pessoas sem condições de bancar uma lua de mel são prudentes em não viajar; então ela contará mais uma vez que Jane foi para a Europa por causa dela. Eu quero passar a *minha* em Four Winds, na minha própria casa dos sonhos.

– E você decidiu não ter madrinhas?

– Não sobrou mais ninguém. Você, Phil e Priscilla me deixaram para trás no quesito matrimônio; e a Stella está lecionando em Vancouver. Não tenho mais nenhuma “irmã de alma”, e não quero mais ninguém como madrinha.

– Mas você vai usar um véu, não vai? – indagou Diana, ansiosa.

– É óbvio. Não me sentiria uma noiva sem um. Lembro-me de dizer a Matthew, naquela tarde, quando ele me trouxe para Green Gables, que eu nunca tive expectativas em ser uma noiva, pois eu era tão feia e ninguém jamais iria querer casar comigo... Talvez algum missionário estrangeiro quisesse. Eu pensava que os missionários estrangeiros não podiam ser exigentes com beleza, se quisessem uma garota para arriscar a própria vida entre os canibais. Você deveria conhecer o missionário com quem Priscilla se casou. É tão lindo e misterioso como aqueles galãs com quem fantasiávamos em nos casar; é o homem mais bem-vestido que já vi na vida e venera a “beleza etérea e dourada” de Priscilla. Mas é claro, não há canibais no Japão.

– Seu vestido de noiva é um sonho – suspirou Diana, deslumbrada. – Você parece uma verdadeira rainha nele, sendo tão alta e esguia. Como você mantém a boa forma, Anne? Estou mais gorda do que nunca, e logo não terei mais cintura.

– As mulheres parecem predestinadas a serem robustas ou magras – disse Anne. – Pelo menos a senhora Harmon Andrews não vai lhe dizer o mesmo que disse para mim quando voltei de Summerside: “Bem, Anne, você continua magrela como sempre”. Parece muito romântico ser “esguia”, mas “magricela” é outra história.

– A senhora Harmon tem falado do seu enxoval. Ela admite ser tão belo quanto o de Jane, embora tenha dito que Jane se casou com um milionário e você esteja se casando com um “jovem médico sem um tostão”.

Anne riu.

– Meus vestidos *são* lindos. Eu amo coisas bonitas. Lembro-me do meu primeiro vestido bonito; era um marrom de seda, dado por Matthew para eu ir ao recital da escola. Antes disso, tudo que eu tinha era feio. Foi como se eu tivesse adentrado outro mundo naquela noite.

– Foi a noite em que Gilbert recitou o poema *Bingen on the Rhine* e olhou para você durante o trecho “há outra, e *não* é uma irmã”. E você ficou furiosa porque ele colocou sua rosa de papel no bolso do casaco! Você nem sequer imaginava que iria se casar com ele.

– Ah, bem, é outro exemplo de predestinação – riu Anne, enquanto desciam as escadas.

Euclides de Alexandria, mestre, escritor de origem provavelmente grega, matemático da escola platônica, e conhecido como o Pai da Geometria. (N. E.)

Os primeiros residentes da Ilha do Príncipe Edward (Canadá) foram os *Mi'kmaq*, povo que viveu na ilha cerca de 2000 anos atrás. Estes chamaram a ilha de ‘Epekwitk’, que significa “descansando nas ondas”. Os colonos europeus pronunciavam o nome como ‘Abegweit’. (N. E.)

Referência à peça *Hamlet* (ato III, cena I) do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616). (N. T.)



A CASA DOS SONHOS

Em toda a sua história, nunca houve tanta animação em Green Gables. Até Marilla estava tão empolgada que não conseguia disfarçar – e isto era um tanto extraordinário.

– Nunca celebramos um casamento nesta casa – ela disse para a senhora Rachel Lynde, como se estivesse se desculpando. – Quando eu era criança, ouvi um velho ministro da igreja dizendo que uma casa só era um lar depois de ser consagrada por um nascimento, um casamento e uma morte. Já ocorreram mortes aqui: meu pai, minha mãe e o Matthew faleceram nesta casa. E também um nascimento. Muito tempo atrás, logo após nos mudarmos para cá, tivemos um empregado por pouco tempo cuja esposa deu à luz aqui. Mas nunca houve um casamento. É tão estranho pensar em Anne se casando. De certa forma, ela ainda é a garotinha trazida por Matthew há catorze anos. Ainda não me dei conta de que ela cresceu. Nunca vou me esquecer de como me senti quando vi Matthew trazendo uma *garota*. Pergunto-me o que aconteceu com o garoto, o qual teríamos adotado se não tivesse acontecido um engano. Pergunto-me qual foi o destino dele.

– Bem, foi um feliz engano – disse a senhora Rachel Lynde. – Houve uma época em que eu não pensava assim, como na noite em que viemos conhecê-la e ela aprontou aquela cena. Muitas coisas mudaram desde então, é isso o que é.

A senhora Rachel suspirou, e depois recuperou o ânimo. Quando casamentos estavam para acontecer, ela permitia que os mortos enterrassem seus mortos.

– Vou presentear Anne com duas das minhas colchas de algodão – continuou. – Uma marrom e outra com desenhos de folhas de macieira. Ela me disse que estão voltando à moda. Bem, na moda ou não, penso não existir nada mais lindo para uma casa de hóspedes do que uma bela colcha com folhas verdes, é isso o que é. Não posso me esquecer de lavá-las. Guardei-as em sacos de algodão após a morte do Thomas, e com certeza

devem estar com uma cor péssima. Ainda falta um mês, e alvejá-las sob o orvalho fará maravilhas!

Somente um mês! Marilla suspirou e, então, disse com orgulho:

– Vou presentear Anne com aquela meia dúzia de tapetes trançados guardados no sótão. Nunca achei que ela fosse querê-los; são tão antiquados, e hoje em dia as pessoas parecem interessadas apenas em tapetes bordados. Mas foi Anne que os pediu, dizendo não querer outra coisa para decorar o piso. Eles *são* lindos. Eu os trancei com as tiras dos melhores trapos que encontrei. Foram ótimas companhias nos últimos invernos. Vou preparar para ela um estoque de compota de ameixa suficiente para um ano. Há três anos aquelas ameixeiras não davam frutos, e eu achei que teria de cortá-las. Então, na última primavera elas ficaram tomadas por flores brancas, e eu não me lembro de ter visto uma colheita tão farta em Green Gables.

– Ainda bem que Anne e Gilbert vão mesmo se casar. Sempre rezei por isso – disse a senhora Rachel, como se tivesse a mais absoluta crença de suas preces terem sido atendidas. – Foi um grande alívio quando ela terminou com aquele sujeito de Kingsport. Ele era rico, obviamente, e Gilbert é pobre... Ao menos, por enquanto. Mas ele é um garoto da ilha.

– É o Gilbert Blythe – disse Marilla, com satisfação. Ela preferia morrer a colocar em palavras o pensamento que lhe ocorria sempre que olhava para Gilbert, quando ele era criança; pois, não fosse pelo orgulho dela há muito, muito tempo atrás, ela poderia ter sido mãe *dele*. Marilla sentia que, de alguma forma estranha, o casamento dele com Anne corrigiria aquele erro do passado. Algo de bom havia nascido daquele rancor ancestral.

Já Anne estava tão feliz que quase chegava a ter medo. Os deuses, segundo as antigas superstições, não gostavam de ver os mortais alegres demais. E, certamente, alguns seres humanos também não. Dois exemplares desse tipo foram visitar Anne em um entardecer púrpura e fizeram o possível para estourar a bolha de euforia na qual ela se encontrava. Se Anne achava ter tirado a sorte grande com o jovem doutor Blythe, ou se imaginava que ele ainda era apaixonado por ela como no início, era o dever delas apresentar-lhe os fatos sob um ponto de vista diferente. No entanto, as duas respeitáveis damas não eram inimigas de Anne; pelo contrário, elas realmente a estimavam e a defenderiam como se fosse uma filha se alguém a atacasse. A natureza humana não tem a obrigação de ser coerente.

A senhora Inglis, cujo nome de solteira era Jane Andrews, segundo o periódico *Daily Enterprise* –, viera com a mãe e a senhora Jasper Bell. A

bondade humana de Jane ainda não havia azedado em consequência dos anos de rusgas matrimoniais. Seus comentários eram agradáveis. Apesar do fato de ter se casado com um milionário, como diria a senhora Rachel Lynde, seu casamento era feliz. A riqueza não a estragara. Do quarteto de meninas, ela ainda era a mesma Jane de bochechas coradas, plácida, amigável, que se contentava com a felicidade da velha amiga e se interessava por cada mínimo detalhe do enxoval de Anne, como se ele pudesse rivalizar com o esplendor de seda e pedras preciosas do dela. Jane não era brilhante e provavelmente nunca havia feito um comentário digno de atenção na vida; mas ela nunca dizia nada que pudesse ferir os sentimentos dos outros, o que pode ser um talento igualmente negativo, raro e invejável.

– Então, Gilbert não deu para trás, afinal – disse a senhora Harmon Andrews, esforçando-se para parecer surpresa. – Bem, os Blythe geralmente cumprem as promessas não importa o que aconteça. Deixe-me ver, você está com 25 anos, não está, Anne? Quando era jovem, os 25 eram um grande marco. Mas você ainda aparenta ser muito jovem. Os ruivos costumam ser assim.

– Cabelos ruivos estão bem na moda. – Mesmo tentando sorrir, Anne falou com frieza. A vida a obrigara a desenvolver um senso de humor que a ajudou a superar muitas dificuldades; entretanto, as referências aos seus cabelos ainda a incomodavam.

– Que seja... Que seja – concedeu a senhora Harmon. – Não dá para prever as loucuras da moda. Bem, Anne, suas coisas são muito bonitas e muito adequadas para sua situação de vida, não é mesmo, Jane? Espero que seja muito feliz. Torcerei por você. Um noivado longo nem sempre termina bem. Mas, no seu caso, não havia outra alternativa, é claro.

– O Gilbert é muito novo para um médico. Receio que as pessoas não terão muita confiança nele – lamentou a senhora Jasper Bell. Em seguida, comprimiu os lábios, como se tivesse cumprido com seu dever e agora estivesse com a consciência limpa. Ela pertencia ao tipo que sempre tinha uma velha pluma preta no chapéu e cachos desarrumados no pescoço.

O prazer superficial de Anne por seu enxoval foi temporariamente enevado; todavia, as senhoras Bell e Andrews não podiam alcançar as profundezas de sua felicidade, e as ferroadas delas foram esquecidas quando Gilbert chegou mais tarde e a levou para um passeio em meio às bétulas ao longo do riacho, que eram meras mudas quando Anne viera morar em Green Gables, mas agora estavam altas como colunas de marfim em um palácio das

fadas formado pelo crepúsculo e pelas estrelas. Sob as sombras das árvores, Anne e Gilbert conversaram enamorados sobre o novo lar e a nova vida juntos.

– Encontrei um ninho para nós, Anne.

– Ah, onde? Não no vilarejo, espero. Eu não vou gostar nem um pouco.

– Não. Nenhuma casa estava disponível no vilarejo. Descobri uma casinha branca na orla do porto, no meio do caminho entre Glen St. Mary e Four Winds Point. É um pouco afastada, mas, quando conseguirmos um telefone, isso não importará. O lugar é lindo, de frente para o pôr do sol e para o grande porto azul. As dunas de areia não ficam muito longe, sendo alvo da espuma e da brisa que sopra do mar.

– E a casa em si, Gilbert, o *nosso* primeiro lar?

– É grande o suficiente para nós. Há uma sala deslumbrante com uma lareira no primeiro andar, uma sala de jantar com vista para o porto e um pequeno cômodo onde será o meu consultório. A casa tem cerca de 60 anos, é a mais antiga de Four Winds. Mas está em bom estado e passou por uma reforma quinze anos atrás: as telhas e os pisos foram trocados, e o reboco interno foi refeito. É uma construção muito firme. Ouvi dizer sobre uma história romântica envolvendo a sua construção, mas o homem que a alugou não a conhece. O capitão Jim é o único que sabe contar essa lenda, ele disse.

– Quem é o capitão Jim?

– O responsável pelo farol de Four Winds Point. Você vai amá-lo, Anne. O fecho de luz é giratório e brilha como uma estrela magnífica pelo entardecer. Podemos vê-lo pelas janelas da nossa sala de estar e pela porta da frente.

– Quem é o dono da casa?

– Bem, agora ela é de propriedade da Igreja Presbiteriana de Glen St. Mary, e eu a aluguei com os seus administradores. Até recentemente, pertencia a uma mulher muito idosa, a senhorita Elizabeth Russell. Ela faleceu na primavera e, como não tinha parentes próximos, deixou a propriedade para a igreja. A mobília dela ainda está na casa. Comprei boa parte por uma mixaria, pois é tão antiquada que os administradores não viam a hora de conseguir vendê-la. Os habitantes de Glen St. Mary preferem brocados felpudos e aparadores com espelhos e ornamentos, imagino. Só que os móveis da senhorita Russell são muito bons, e tenho certeza de que vai gostar deles, Anne.

– Até agora, tudo me parece bom – disse Anne, assentindo com a cabeça em uma aprovação cautelosa. – Mas, Gilbert, as pessoas não vivem somente de mobília. Você ainda não mencionou uma coisa muito importante: tem alguma *árvore* ao redor da casa?

– Muitas delas, ah, minha ninfa dos bosques! Há uma grande alameda de pinheiros atrás dela, duas fileiras de choupos-da-lombardia ao longo da estradinha da entrada e um anel de bétulas brancas ao redor de um jardim maravilhoso. A porta da frente abre-se diretamente para ele, e há outra entrada por um pequeno portão fixo entre duas árvores. As dobradiças estão fixas em um tronco, e o trinco no outro. Seus ramos formam um arco suspenso.

– Ah, que ótimo! Não conseguiria viver em um lugar sem árvores. Algo vital dentro de mim esmoreceria até a morte. Bem, creio que seja tolice perguntar se há algum riacho por perto. *Isso* seria esperar demais.

– Mas há um riacho; inclusive, corta um dos cantos do jardim.

– Então – disse Anne, com um longo suspiro de satisfação suprema –, a casa que você encontrou é a minha casa dos sonhos, e ponto final.



NA TERRA DOS SONHOS

– Já decidiu quem você vai convidar para o casamento, Anne? – perguntou a senhora Rachel Lynde enquanto bordava a bainha dos guardanapos de pano com uma eficiência industrial. – Já está na hora de enviar os convites, mesmo que sejam informais.

– Não pretendo convidar muita gente – disse Anne. – Só queremos nossos entes mais queridos assistindo à cerimônia. A família de Gilbert, o senhor e a senhora Allan, e o senhor e a senhora Harrison.

– Houve um tempo em que você dificilmente incluiria o senhor Harrison entre seus amigos mais próximos – comentou Marilla, secamente.

– Bem, ele não foi muito simpático quando nos conhecemos – admitiu Anne, rindo da lembrança. – Mas ele melhorou com a convivência, e a senhora Harrison é um encanto. E também tem a senhorita Lavendar e Paul.

– Eles decidiram vir para a ilha neste verão? Achei que iriam para a Europa.

– Eles mudaram de ideia quando escrevi contando que vou me casar. Recebi uma carta de Paul hoje. Ele virá ao meu casamento e a Europa pode esperar, disse.

– Aquele menino sempre te idolatrou – comentou a senhora Rachel.

– Aquele “menino” já é um homem de 19 anos, senhora Lynde.

– Como o tempo voa! – foi a resposta brilhante e original dela.

– Charlotta IV talvez venha com eles. Ela pediu para o Paul me avisar que virá, se o marido deixar. Pergunto-me se ela ainda usa aqueles laços gigantes, e se o marido a chama de Charlotta ou Leonora. Adoraria tê-la em meu casamento. Charlotta e eu já comparecemos a uma cerimônia, há muito tempo. Eles devem chegar em Echo Lodge na semana que vem. E também quero convidar a Phil e o reverendo Jo...

– É horrível ouvir você falar de um ministro da igreja dessa forma, Anne – reprovou a senhora Rachel.

– A esposa o chama assim.

– Pois, então, ela deveria ter mais respeito pelo santo ofício dele – retrucou a senhora Lynde.

– Já ouvi você criticar alguns ministros de forma bem severa – provocou Anne.

– Sim, mas com muito respeito – defendeu-se. – E você nunca me ouviu colocar um *apelido* neles.

Anne conteve um sorriso.

– Bem, tem também a Diana e o Fred, o Fred Júnior e a pequena Anne Cordelia, e Jane Andrews. Gostaria que a senhorita Stacey, a tia Jamesina, a Priscilla e a Stella pudessem vir. Mas Stella está em Vancouver, Pris está no Japão, a senhorita Stacey casou e se mudou para a Califórnia, e a tia Jamesina viajou para a Índia para explorar o campo de missão da filha, apesar do pavor de cobras. É espantoso como as pessoas se espalham pelo mundo.

– Esse nunca foi o plano de Deus, é isso o que é – disse a senhora Rachel, autoritariamente. Quando eu era jovem, as pessoas cresciam, se casavam e moravam onde nasciam, ou não muito longe. Ainda bem que vai continuar na ilha, Anne. Eu tinha medo de que o Gilbert te arrastasse para algum fim de mundo depois de se formar.

– Se todas as pessoas permanecessem onde elas nascem, os lugares logo ficariam lotados, senhora Lynde.

– Ah, não vou discutir com você, Anne. Não tenho ensino superior. Que horas vai ser a cerimônia?

– Decidimos que será ao meio-dia em ponto, como dizem os colonistas sociais. Isso nos dará tempo para pegar o trem para Glen St. Mary no fim da tarde.

– E vocês se casarão na sala?

– Não; a menos que chova. Queremos nos casar no pomar, sob o sol e o céu azul. Sabe onde eu gostaria de me casar, se pudesse? Seria ao amanhecer: um amanhecer de junho, com um glorioso nascer do sol e rosas florescendo nos jardins. Eu desceria e me encontraria com Gilbert, e nós iríamos juntos para o coração do bosque de faias; e lá, sob os arcos verdes formando uma esplêndida catedral, nós nos casaríamos.

Marilla bufou com desdém, e a senhora Lynde parecia chocada.

– Isso seria terrivelmente esquisito, Anne. Ora, não sei nem se seria legítimo. E o que a senhora Harmon Andrews pensaria?

– Ah, aí está o problema – suspirou Anne. – Há tantas coisas na vida que não podemos fazer por medo do que dirá a senhora Harmon Andrews. É uma verdadeira lástima, e uma lástima, está é a verdade. Quantas coisas deliciosas nós faríamos se não fosse pela senhora Harmon Andrews!

– Às vezes, eu simplesmente não consigo te entender, Anne – reclamou a senhora Lynde.

– Anne sempre foi romântica, você sabe – disse Marilla, como se estivesse se desculpando.

– Bem, a vida de casado provavelmente vai curar isso – reconfortou-se a senhora Rachel.

Anne riu e esgueirou-se para a Travessa dos Amantes, onde Gilbert a encontrou; nenhum dos dois parecia ter medo, ou esperança, de que a vida de casados fosse curá-los do romantismo.

O pessoal de Echo Lodge chegou na semana seguinte, e Green Gables vibrou de alegria. A senhorita Lavendar havia mudado tão pouco desde a última visita à ilha que era como se os últimos três anos tivessem passado em uma noite; mas Anne ficou admirada com Paul. Aquele homenzarrão de um metro e oitenta era o pequeno Paul da escola de Avonlea?

– Você realmente me faz sentir velha, Paul – disse Anne. – Ora, tenho de erguer a cabeça para olhar para você!

– A senhorita nunca envelhece, professora – disse Paul. – Você e a mamãe Lavendar são duas das afortunados mortais que encontraram e beberam da fonte da juventude. Saiba que, depois de casada, eu *não* vou te chamar de senhora Blythe. Você sempre será a “Professora” para mim. A professora que me ensinou as melhores lições. Quero te mostrar uma coisa.

A “coisa” era um livro de bolso cheio de poemas. Paul havia colocado em palavras algumas de suas belas fantasias, e os editores de revistas não foram tão indiferentes como costumam ser. Anne leu os poemas de Paul com um verdadeiro deleite. Eram fabulosos e promissores.

– Você ainda será famoso, Paul. Sempre sonhei em ter um pupilo de renome. Eu o imaginava como um reitor de faculdade; contudo, um grande poeta é ainda melhor. Algum dia poderei me gabar de ter castigado o distinto Paul Irving. Se bem que eu nunca te dei uma palmatória, não é mesmo, Paul? Puxa, oportunidade perdida! Acho que já te retive durante o recesso, entretanto.

– A senhorita também pode ficar famosa, professora. Li vários de seus trabalhos nos últimos três anos.

– Não. Conheço o meu potencial. Posso escrever lindos contos que as crianças adoram e pelos quais os editores mandam cheques muito bem-vindos. Porém, não sou capaz de fazer nada grandioso. Minha única chance de ser imortalizada é ser citada nas suas Memórias.

Charlotta IV havia abandonado os laços azuis, mas as sardas continuavam as mesmas.

– Nunca achei que eu me casaria com um ianque, senhorita Shirley, madame. – Mas não dá para adivinhar o futuro, e ele também não tem culpa de nada. Ele nasceu assim.

– Você agora é uma ianque, Charlotta, já que se casou com um.

– Senhorita Shirley, madame, eu *não* sou! E não seria nem se me casasse com uma dezena de ianques! Tom até que não é nada mal. Além disso, achei melhor não me fazer de difícil, pois talvez ele fosse a minha única chance. Tom não bebe e não reclama por ter de trabalhar entre as refeições, e no fim das contas, não tenho do que reclamar.

– Ele te chama de Leonora? – perguntou Anne.

– Deus do céu, não, senhorita Shirley. Eu não saberia dizer quem ele está chamando. É claro que, quando nos casamos, ele disse, “eu te recebo, Leonora”; juro, tive a sensação horrível de que ele não estava falando comigo, e eu não estava casando de verdade. Então, vai se casar, senhorita Shirley, madame? Sempre quis me casar com um médico. Seria muito útil quando as crianças tivessem sarampo ou uma tosse brava. Tom é um mero pedreiro, mas tem um bom temperamento. Quando eu disse: “Tom, posso ir ao casamento da senhorita Shirley? Na verdade, eu irei de qualquer forma, só gostaria de seu consentimento”, ele respondeu: “O que for bom para você, Charlotta, será bom para mim”. É um ótimo tipo de marido, madame.

Philippa e seu Reverendo Jo chegaram em Green Gables um dia antes do casamento. Anne e Phil tiveram um reencontro arrebatador que terminou em uma conversa íntima e confidencial sobre tudo que tinha acontecido e que iria acontecer.

– Rainha Anne, tão régia como sempre. Emagreci demais depois do nascimento dos bebês. Não estou mais tão bonita quanto antes, mas o Jo, acredito, não se importa. Dessa forma, não há tanto contraste entre a gente, sabe. Ah, é fabuloso que esteja se casando com o Gilbert. Roy Gardner não teria sido um bom parceiro. Agora percebo isso, embora tenha ficado muito decepcionada na época. Sabe, Anne, você tratou o Roy muito mal.

– Pelo que sei, ele se recuperou – sorriu Anne.

– Ah, sim. Ele é casado com uma mulher adorável, e são perfeitamente felizes. Todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que amam a Deus. É o que dizem Jo e a Bíblia⁴, e ambos são boas referências.

– Alec e Alonzo já se casaram?

– Alec já, mas Alonzo ainda não. Aqueles gloriosos dias na Casa da Patty sempre retornam quando converso com você, Anne! Como nos divertíamos!

– Você costuma visitar a Casa da Patty?

– Ah, sim, com frequência. As senhoritas Patty e Maria ainda sentam--se diante da lareira para tricotar. Isso me faz lembrar do presente de casamento trazido em nome delas, Anne. Adivinhe o que é.

– Não faço a mínima ideia. Como elas ficaram sabendo que vou me casar?

– Ah, eu contei a elas. Estive lá semana passada. E elas ficaram tão interessadas! Duas semanas atrás a senhorita Patty me mandou uma nota solicitando que eu as visitasse. Então, me pediu para trazer um presente para você. O que você mais gostaria de ter da Casa da Patty, Anne?

– Não me diga que a senhorita Patty me mandou os cachorrinhos de porcelana!

– Vá lá em cima. Estão no meu baú. E também tenho uma carta para você. Espere um momento, vou buscá-la.

Querida senhorita Shirley, escreveu a senhorita Patty, Maria e eu nos alegramos muito ao nos inteirmos de suas núpcias. Desejamos que seja muito feliz. Maria e eu nunca nos casamos, mas não temos nenhuma objeção. Estamos enviando os cachorros de porcelana para você. Eu pretendia deixá-los para você em meu testamento, pois demonstrou um interesse genuíno neles. Como Maria e eu ainda pretendemos viver por um bom tempo (se Deus quiser), decidi enviá-los enquanto você ainda é jovem. Acredito que não tenha se esquecido: Gog fica voltado para a direita e Magog para a esquerda.

– Imagine aqueles antigos cãezinhos adoráveis sob a lareira em minha casa dos sonhos – disse Anne, entusiasmada. – Não esperava algo tão belo.

Naquela tarde, Green Gables zumbia com os preparativos para o dia seguinte; ao anoitecer, porém, Anne escapuliu. Precisava fazer uma curta peregrinação em seu último dia de mocidade, e tinha de fazer isso sozinha. Ela foi até o túmulo de Matthew, no pequeno cemitério repleto de bétulas de Avonlea, onde teve uma conversa silenciosa com as velhas recordações e seu afeto imortal.

– Como Matthew ficaria feliz amanhã, se estivesse vivo – sussurrou ela. – Acredito que ele esteja contente, em algum outro lugar. Li em um livro: “nossos mortos nunca morrem até que tenhamos esquecido deles”². Matthew jamais morrerá para mim, pois eu não conseguiria me esquecer dele.

Ela deixou as flores no túmulo e desceu a colina sem pressa. Era uma noite graciosa, repleta de luzes e sombras dançantes. O céu no poente estava apinhado de pequenas nuvens vermelhas e âmbar, entre as quais surgiam longas faixas verdes como maçãs do céu. Mais adiante havia um radiante pôr do sol sob o mar, e a voz incessante das ondas vinha da praia escura. E ao redor dela, imersos no tranquilo silêncio do campo, havia as colinas, campos e bosques que há tempos ela conhecia e amava.

– A história sempre se repete – disse Gilbert ao juntar-se a Anne quando ela passou pelo portão dos Blythe. – Você se lembra do nosso primeiro passeio por esta colina? Que, aliás, foi nosso primeiríssimo passeio...

– Eu estava voltando do túmulo do Matthew em um fim de tarde quando você apareceu no portão. Aí eu engoli o orgulho de anos e resolvi falar com você.

– E o céu se abriu sobre mim – complementou Gilbert. – Daquele momento em diante, eu passei a esperar pelo dia de amanhã. Depois que te acompanhei até o seu portão, voltei para casa me sentindo o garoto mais feliz do mundo. A Anne havia me perdoado.

– Na verdade, era você quem tinha de me perdoar. Agi como uma pirralha mal-agra-decida, mesmo você tendo salvado a minha vida no lago. Como eu detestava essa dívida de gratidão! Não mereço toda a felicidade que tenho.

Gilbert riu e segurou com força a mão da garota que levava a sua aliança. O anel de noivado de Anne era cravejado de pequenas pérolas. Ela se recusava a usar diamantes.

– Nunca gostei muito de diamantes, ainda mais quando descobri que não eram joias púrpuras como eu havia imaginado. Eles sempre evocarão a lembrança da minha decepção.

– Dizem que pérolas atraem lágrimas – alegou Gilbert.

– Não tenho medo dessas superstições. E lágrimas também podem ser de alegria. Elas estavam presentes nos meus momentos mais felizes: quando Marilla me contou que eu poderia ficar em Green Gables; quando Matthew deu o primeiro vestido bonito da minha vida; no momento em que soube que você se recuperaria daquela febre. Então, pode me dar uma aliança de

casamento com pérolas, Gilbert; eu aceitarei os desprazeres da vida juntamente com os prazeres.

Contudo, naquela noite, nossos pombinhos somente conseguiam pensar em coisas alegres, pois amanhã era o dia do casamento e a casa dos sonhos os aguardava na orla enevoadas e púrpura do porto de Four Winds.

Referência ao Novo Testamento, Romanos 8:28. (N. T.)

Referência ao livro *O triste noivado de Adam Bede*, de George Eliot, pseudônimo da romancista britânica Mary Ann Evans (1819-1880). (N. T.)



A PRIMEIRA NOIVA DE GREEN GABLES

Anne despertou na manhã de seu casamento e deparou-se com o sol adentrando a janela de seu quartinho do sótão junto com uma brisa de setembro brincando com as cortinas.

“Fico contente que o sol brilhará sobre mim”, pensou.

Ela se recordou da primeira manhã em que acordou naquele cômodo, com as carícias dos raios de sol e do perfume da velha Rainha das Neves. Aquele fora um alegre despertar, ainda que trouxesse consigo o amargo desgosto da noite anterior. Desde então, o quarto foi consagrado por anos de sonhos da infância e planos da mocidade. Anne retornara com satisfação para ele após as ausências; ela se ajoelhara próxima àquela janela nas noites agoniantes em que acreditou que Gilbert estava morrendo; e foi ali onde ela se sentou na noite em que noivara, atônita de tanta felicidade. Muitas vigílias esperançosas e algumas pesarasas foram feitas ali, e naquele dia, ela o deixaria para trás pela última vez. Daquele dia em diante, o quartinho do sótão não lhe pertencia mais; Dora, com seus 15 anos, o herdaria. E Anne não desejava que fosse diferente: o quartinho imaculado de sua juventude e adolescência também abrigava o passado encerrado hoje diante do primeiro capítulo de sua vida de casada.

Green Gables fervilhava de empolgação naquela manhã. Diana chegou cedo para ajudar, com o Fred Júnior e a pequena Anne Cordelia. Davy e Dora, os gêmeos de Green Gables, levaram as crianças para brincar no jardim.

– Não deixem a pequena Anne Cordelia sujar as roupas – avisou Diana com preocupação.

– Pode confiar na Dora – disse Marilla. – Ela é mais ajuizada e cuidadosa do que a maioria das mães que conheço. É maravilhosa em vários aspectos, diferente daquela amalucada que eu criei.

Marilla sorriu para Anne por cima da salada de frango. Era de se suspeitar que, apesar de tudo, a amalucada fosse a sua preferida.

– Aqueles gêmeos são muito bem-educados – disse a senhora Rachel, verificando se eles não estavam por perto. – Dora é tão responsável e prestativa, e Davy está se tornando um jovem muito esperto. Ele não é mais tão travesso como antes.

– Nunca tive tanto trabalho na minha vida como nos primeiros seis meses de Davy em Green Gables – confessou Marilla. – Depois disso, acabei me acostumando com ele. Ultimamente, ele tem aprendido muito sobre o trabalho na terra e quer tentar cuidar da fazenda no próximo ano. Talvez eu permita, pois o senhor Barry acha que não vai arrendá-la por muito mais tempo, e então teremos de tomar alguma providência.

– Bem, hoje é um dia perfeito para um casamento, Anne – disse Diana enquanto colocava um avental volumoso por cima do vestido de seda. – Não seria melhor nem se você o tivesse encomendado na Eaton's⁶.

– Até porque essa mesma loja está ganhando muito dinheiro desta ilha – comentou a senhora Lynde, indignada. Sua opinião sobre grandes lojas de departamento era irredutível, e ela nunca perdia uma oportunidade de criticá-las. Os catálogos dela são a nova Bíblia das garotas de Avonlea. Elas passam os domingos debruçadas sobre eles, em vez de estudarem as Escrituras Sagradas.

– Bem, eles são ótimos para entreter as crianças – disse Diana. – Fred Júnior e a pequena Anne passam horas olhando os desenhos.

– Eu cuidei de dez crianças sem a ajuda do catálogo da Eaton's – disse severamente a senhora Rachel.

– Vamos, não briguem por causa do catálogo da Eaton's – divertiu-se Anne. – Hoje é o meu dia. Estou tão feliz e quero que todos fiquem felizes também.

– Desejo que a sua felicidade seja eterna, criança – suspirou a senhora Rachel.

Ela desejava de coração e acreditava nisto, mas temia que gabar-se abertamente do júbilo era desafiar a Divina Providência. Pelo próprio bem, Anne deveria ser um pouco mais contida.

Mas foi uma noiva exultante e bela quem desceu as velhas escadas cobertas pelo tapete feito em casa naquele dia de setembro: a primeira noiva de Green Gables, esguia e de olhos cintilantes, oculta pelo véu, com os braços repletos de rosas. Gilbert, que esperava por ela no corredor, encarou-a

com adoração. Por fim, era dele a Anne evasiva, por quem há tempos ansiou, conquistada depois de anos de muita paciência. Ela vinha na direção dele, na doce entrega de uma noiva. Será que conseguiria fazê-la feliz como esperava? Se falhasse, se não pudesse dar o que ela esperava de um homem... Então, quando ela lhe estendeu a mão, seus olhos encontraram-se e todas as dúvidas foram dizimadas por uma agradável certeza. Eles pertenciam um ao outro, e isso jamais mudaria independentemente do que a vida lhes reservasse. A felicidade de um estava nas mãos do outro, e ambos não tinham temor algum.

Eles se casaram sob o brilho do sol no velho pomar, rodeados pelos rostos amorosos e bondosos de amigos de longa data. O senhor Allan os casou, e o reverendo Jo fez “a mais linda prece de casamento” que a senhora Lynde já tinha ouvido, segundo declarou. Pássaros não cantavam com frequência em setembro, mas um cantou docemente de algum galho escondido, enquanto o casal trocava seus votos. Anne o ouviu e ficou extasiada; Gilbert o ouviu e se perguntou por que todos os pássaros não começaram a cantar em uníssono; Paul ouviu o canto e, mais tarde, escreveu um poema inspirado pela melodia, que foi um dos mais elogiados em seu primeiro volume de versos; Charlotta IV o ouviu e teve a mais absoluta certeza de que era sinal de boa sorte para a adorada senhorita Shirley. O pássaro cantou até o fim da cerimônia e concluiu com um trinado espirituoso. A velha casa verde e cinza em meio aos pomares nunca conhecera uma tarde mais deleitosa e festiva. Não faltou nenhum dos gracejos e comentários que provavelmente são feitos em casamentos desde o jardim do Éden, e todos pareciam tão inéditos, brilhantes e jocosos como se nunca tivessem sido proferidos. Tiveram risos e alegria em abundância, e quando Paul anunciou que levaria Anne e Gilbert até Carmody para pegar o trem, os gêmeos já estavam preparados para arremessar o arroz e os sapatos velhos, com o auxílio audacioso de Charlotta IV e do senhor Harrison.

Marilla assistiu do portão até a carruagem desaparecer na longa estrada, com seus bancos de varas-de-ouro. Anne virou-se ao final do caminho para despedir-se com um aceno. Ela se fora; Green Gables não era mais o seu lar. O rosto de Marilla parecia sem cor e mais velho ao virar-se para a casa que, mesmo quando ausente, Anne encheu de luz e de vida por cartoze anos.

Diana e sua prole, o povo de Echo Lodge e os Allan ficaram para fazer companhia às duas senhoras na solidão da primeira noite, e tiveram um

jantar tranquilo e ameno ao redor da mesa, conversando sobre os detalhes do dia. Enquanto isso, Anne e Gilbert desciam do trem em Glen St. Mary.

O catálogo da Eaton era um catálogo de pedidos por correio publicado pela empresa de 1884 a 1976. Foi “um dos primeiros a ser distribuído por uma loja de varejo canadense”. (N. E.)



A CHEGADA AO LAR

O doutor David Blythe tinha enviado uma charrete para recebê-los. O moleque que a trouxera escapou com um sorriso jovial deixando-os com o prazer de dirigir sozinhos até a novo lar através da tarde magnificente.

Anne nunca se esqueceu da vista adorável revelada a eles ao subirem a colina atrás do povoado. O novo lar ainda não era visível, mas o porto de Four Winds surgia como um grande e reluzente espelho róseo e prateado. Lá embaixo, ela viu a entrada do porto entre a barreira das dunas de areia, de um lado; e do outro, um paredão de arenito vermelho alto e íngreme. Para além da barreira, o mar, calmo e austero, sonhava em meio ao crepúsculo. A pequena vila de pescadores, abrigada na enseada onde as dunas encontravam-se com a praia do porto, pareciam uma grande opala sob a névoa. O céu parecia uma abóbada cravejada de joias de onde o ocaso despejava-se, o ar tinha o cheiro pungente do oceano, e toda a paisagem estava repleta de sutilezas da noite marítima. Algumas velas navegavam ao longo da orla escura do porto, ladeada por abetos. Um sino tocava na torre de uma igreja branca ao longe, doce e onírica, a melodia flutuou sobre a água e misturou-se ao lamento do mar. A grande luz giratória no penhasco do canal impunha-se, dourada, contra o céu limpo ao norte como um trêmulo raio de esperança. Lá no horizonte, era possível ver uma faixa cinza e encrespada de um barco a vapor.

– Ah, que lindo, muito lindo – murmurou Anne. – Vou amar Four Winds, Gilbert. Onde fica a nossa casa?

– Ainda não dá para vê-la; aquela fileira de bétulas a esconde. Ela fica a cerca de três quilômetros de Glen St. Mary e a um quilômetro e meio do farol. Não teremos nenhum vizinho, Anne. Só existe uma casa próxima da nossa, e não sei quem são os moradores. Você se sentirá sozinha, quando eu estiver fora?

– Não com esse facho de luz e toda essa beleza de companhia. Quem mora naquela casa?

– Não sei. Tenho a impressão de que os habitantes não são exatamente almas amigas, Anne, não acha?

A casa era uma construção imensa, pintada de um verde tão vívido que a paisagem parecia descolorida em comparação. Havia um pomar atrás dela e um jardim muito bem cuidado na frente. Entretanto, por algum motivo, ela passava a sensação de nudez. Talvez seu asseio fosse a causa; toda a propriedade, a casa, os celeiros, o pomar, o jardim, o gramado e a vereda da entrada estavam impecáveis.

– Não me parece provável que alguém com aquele gosto por tinta possa ser muito amistoso – admitiu Anne. – A menos que tenha sido um acidente, como o nosso salão azul. Tenho certeza de que não moram crianças ali, pelo menos. O lugar está mais arrumado do que a casa do velho Copp, na estrada Tory, e nunca achei que isso fosse possível.

Eles não viram mais ninguém na estrada molhada e vermelha que serpenteava pela orla do porto. Porém, antes de chegarem ao cinturão de bétulas, o qual ocultava a casa deles, Anne viu uma garota tocando um bando de gansos brancos como a neve no topo de uma colina verde e aveludada à direita. Grandes pinheiros cresciam espalhados por ali. Por entre seus troncos era possível vislumbrar faixas de campos semeados amarelos, recortes das dunas douradas e fragmentos do mar azul. A garota era alta e usava um vestido celeste. Caminhava com agilidade e porte ereto. Ela e os gansos saíam pelo portão no sopé da colina quando Anne e Gilbert passaram. Ela parou conforme abria o trinco do portão e os encarou com uma expressão que não era de interesse, e tampouco pendia para a curiosidade. Por uma fração de segundo, Anne achou ter visto um toque velado de hostilidade. Porém, foi a beleza da garota que a surpreendeu: uma beleza tão marcante, provavelmente chamava atenção em todos os lugares. Estava sem chapéu e tinha os cabelos da cor do trigo maduro preso em grossas tranças brilhantes ao redor da cabeça como uma coroa; os olhos azuis pareciam estrelas; a silhueta, no vestido simples e estampado, era magnífica; e os lábios eram rubros como as papoulas que trazia no cinto.

– Gilbert, quem é a garota por quem acabamos de passar? – perguntou Anne, em voz baixa.

– Não notei nenhuma garota – respondeu Gilbert, que tinha olhos somente para a esposa.

– Ela estava parada no portão... Não, não olhe para trás. Ela ainda está nos observando. Nunca vi um rosto tão lindo.

– Não me lembro de ter visto nenhuma garota linda quando estive aqui. Há algumas garotas bonitinhas no vilarejo, mas acho que não podem ser chamadas de lindas.

– Aquela garota pode. Você se lembraria se a tivesse visto. Ninguém se esqueceria dela. Nunca vi um rosto assim, exceto em figuras. E o cabelo! Evocou os versos de Browning sobre “cordão de ouro” e “tranças maravilhosas”²!

– Provavelmente está visitando Four Winds e está hospedada naquele grande hotel de veraneio próximo ao porto.

– Ela estava usando um avental branco e estava tocando um bando de gansos.

– Pode estar fazendo isso por diversão. Veja, Anne, aquela é a nossa casa.

Anne olhou e esqueceu por um tempo da garota de olhos admiráveis e desconfiados. A primeira impressão do novo lar foi um prazer para os olhos e a alma: parecia uma grande, cor de creme, concha do mar abandonada na praia do porto. As fileiras de altos choupos-da-lombardia ao longo da vereda destacavam-se como silhuetas imponentes e púrpuras contra o céu. Atrás dela, protegendo o jardim do sopro intenso do mar, havia uma vistosa alameda de pinheiros, por entre os quais o vento podia fazer todos os tipos de música estranha e assustadora. Como todos os bosques, parecia abrigar e ocultar segredos em seus recantos: segredos os quais só devem ser revelados àqueles que ali adentrarem e procurarem pacientemente. Ao redor, braços verde-escuros a protegiam dos olhares curiosos ou indiferentes.

Os ventos noturnos começavam sua dança selvagem para além da barreira, e a vila de pescadores do outro lado do porto estava pontilhada de luzes quando Anne e Gilbert seguiram pela vereda de choupos. A porta da pequena casa abriu-se, e o brilho convidativo de uma lareira cintilou na escuridão. Gilbert ergueu Anne da charrete, passou pelo portão pequeno entre os pinheiros, cruzou o jardim e seguiu pelo caminho de terra vermelha até os degraus de arenito.

– Bem-vinda ao lar – sussurrou. De mãos dadas, eles entraram na casa dos sonhos.

Referência ao poema *In a Gondola* do poeta inglês Robert Browning (1812-1889). (N. T.)



O CAPITÃO JIM

O “velho doutor Dave” e a “senhora do doutor Dave” foram até a casa para dar as boas-vindas ao noivo e à noiva. O doutor Dave era um senhor grande, alegre e de bigodes brancos, e a senhora dele era uma dama pequena de bochechas rosadas e cabelos grisalhos que imediatamente colocou Anne em seu coração, literal e figurativamente.

– Estou tão contente em te ver, querida – disse, abraçando-a. – Deve estar muito cansada. Preparamos um jantar, e o capitão Jim trouxe algumas trutas para vocês. Capitão Jim... Onde o senhor está? Ah, acho que ele foi ver os cavalos. Vamos lá para cima, para que possa se trocar.

Anne olhou ao redor com olhos brilhantes e cheios de admiração enquanto seguia a senhora do doutor Dave até o andar de cima. Estava gostando muito da aparência da nova casa, que parecia ter a atmosfera de Green Gables e o sabor de velhas tradições.

“Acho que teria encontrado na senhora Elizabeth Russell uma ‘alma amiga’”, sussurrou Anne quando estava sozinha em seu quarto. Havia duas janelas nele; a lateral era voltada para o porto mais baixo, as dunas de areia e o farol de Four Winds.

“Janelas encantadas que se abrem ao perigo dos mares maus, em distantes solos⁸”, citou Anne, suavemente. A janela menor abria-se para um pequeno vale marrom-claro cortado por um riacho. A oitocentos metros acima do veio d’água situava-se a única casa à vista: antiga, cinza e irregular, rodeada por imensos salgueiros em meio dos quais as janelas espiavam como olhos tímidos e ávidos na penumbra. Anne perguntou-se quem morava ali; eram seus vizinhos mais próximos, e ela esperava que fossem boa gente. De repente, descobriu-se pensando na linda garota com os gansos brancos.

“Gilbert acha que ela não é daqui”, pensou Anne, “mas tenho certeza de que é. Havia algo nela que a tornava parte do mar, do céu e do porto. Four Winds está no sangue dela”.

Quando Anne desceu, Gilbert estava conversando com um estranho perto da lareira. Ambos viraram quando ela entrou.

– Anne, este é o capitão Boyd. Capitão, esta é a minha esposa.

Pela primeira vez, ele referia-se a ela como “minha esposa” para outra pessoa, e por pouco não explodiu de orgulho. O velho capitão estendeu a mão de veias saltadas para Anne; ambos sorriram e tornaram-se amigos no mesmo instante. Almas amigas reconhecem em um piscar umas às outras.

– Muito prazer em conhecê-la, senhora Blythe. Espero que seja tão feliz como a primeira noiva que morou aqui; não posso desejar nada melhor. No entanto, o seu marido não me apresentou do jeito certo. “Capitão Jim” é como todos me conhecem; então, melhor já começar do jeito como de certo acabará me chamando: Capitão Jim. A senhora é uma noiva adorável. Só de olhar para você, sinto como se também tivesse acabado de me casar.

Em meio às risadas que se seguiram, a senhora do doutor Dave insistiu para o capitão Jim ficar para o jantar.

– Agradeço a gentileza. Será um verdadeiro prazer, senhora do doutor. Eu costumo fazer minhas refeições sozinho, com a companhia apenas do meu reflexo velho e feio em um espelho na minha frente. Não é sempre que eu tenho a chance de sentar-me com duas damas tão bonitas e encantadoras.

Os elogios do capitão Jim podiam parecer simplistas no papel, mas eram feitos com tamanha graça e deferência que a mulher a quem ele se referia, sentia-se como uma rainha sendo enaltecida por um rei.

O capitão Jim era um senhor simplório e de alma grandiosa, ele trazia a juventude eterna nos olhos e no coração. Sua figura era alta, um pouco curvada e um tanto desajeitada, ainda que sugerisse considerável força e resistência; o rosto barbeado era curtido pelo sol e sulcado por rugas; uma juba espessa de cabelos acinzentados chegava até os ombros; e seus olhos, notavelmente azuis e profundos, às vezes eram cintilantes e em outras sonhadores, de quando em quando buscavam o mar com um desígnio melancólico, como se procurassem por algo precioso e perdido. Anne um dia descobriria o que o capitão Jim tanto procurava.

Não se poderia negar que o capitão Jim era um homem de traços grosseiros. O queixo proeminente, os lábios crispados e a testa quadrada fugiam dos padrões de beleza, e as dificuldades e os pesares já enfrentados por ele marcaram tanto seu corpo quanto sua alma. Por mais que Anne o tivesse considerado sem atrativos à primeira vista, ela nunca mais voltou a

pensar assim, pois o espírito resplandecente por trás daquela fachada rudimentar o embelezava por completo.

Sentaram-se alegremente ao redor da mesa. O fogo da lareira espantava o frio de setembro, embora a brisa do mar entrasse pela janela aberta da sala de jantar à revelia. A vista do porto e das colinas era magnífica. A mesa estava repleta de delícias preparadas pela senhora do doutor, mas sem dúvida o centro das atenções era a bandeja de trutas do mar.

– Achei que cairiam bem depois da viagem de vocês – disse o capitão Jim.
– Não poderiam estar mais frescas, senhora Blythe. Duas horas atrás, ainda estavam nadando.

– Quem está cuidando do farol nesta noite, capitão? – perguntou o doutor Dave.

– Meu sobrinho, Alec. Ele entende do ofício tanto quanto eu. Bem, agora estou muito satisfeito por vocês terem me convidado para jantar. Estou realmente faminto; não comi quase nada hoje.

– Suponho que se sinta faminto naquele farol – disse a senhora do doutor Dave, com severidade. – Duvido que se dê ao trabalho de alimentar-se direito.

– Ah, eu me alimento, senhora – protestou o capitão. – Ora, vivo como um rei na maior parte do tempo. Eu fui até o vilarejo na noite passada e comprei um quilo de carne. Tinha planejado um baita jantar para hoje.

– E o que aconteceu com a carne? – perguntou a senhora do doutor. – Você a perdeu no caminho para casa?

– Não – respondeu o capitão com timidez. – Pouco antes de ir para cama, um pobre cachorro apareceu em busca de abrigo. Acredito ser de algum pescador que mora na praia. Eu não podia recusar o coitadinho, ele estava com uma pata machucada. Então, prendi-o na varanda, estendi um saco velho no chão para que dormisse e fui me deitar. Só que não consegui dormir porque me dei conta de que ele parecia estar com fome.

– Então, levantou-se e deu a carne para ele, *toda* a sua carne – disse a senhora do doutor, com uma espécie de repreensão triunfante.

– Bem, eu não tinha mais *nada* para lhe dar – explicou o capitão Jim, como se precisasse dar alguma justificativa. – Nada que um cachorro fosse querer, digo. E pelo visto estava faminto, pois comeu tudo em duas bocadas. Eu dormi muito bem o resto da noite, mas minha refeição acabou sendo um tanto escassa: batatas com batatas, como se diz. O cão foi embora pela manhã. Acredito que ele não seja vegetariano.

– Passar fome por causa de um bicho inútil! – menosprezou a esposa do doutor.

– Não temos como saber, mas ele pode significar muito para alguém – protestou o capitão Jim. – Apesar de não *aparentar* ter muito valor, não podemos julgar um cão pelas aparências. Assim como eu, ele pode ser muito belo por dentro. O Segundo Oficial não aprovou, é verdade; seu linguajar deixou isso bem claro. Ele tem lá os seus preconceitos. Não faz sentido pedir a opinião de um gato sobre um cachorro. A questão é que fiquei sem meu jantar, e por isso sou grato por esta mesa bem-servida e a agradável companhia. É ótimo ter bons vizinhos.

– Quem mora na casa entre os salgueiros, subindo o riacho? – quis saber Anne.

– A senhora Dick Moore – respondeu o capitão Jim – e o marido – acrescentou, em uma reflexão tardia.

Anne sorriu e fez um retrato mental da senhora Dick Moore baseado na colocação do capitão Jim; evidentemente, era uma segunda senhora Rachel Lynde.

– Não terá muitos vizinhos, senhora Blythe – continuou o capitão. – Este lado do porto é bem pouco povoado. Quase todas as terras pertencem ao senhor Howard, que vive mais além do vilarejo, e ele as arrenda para pastagem. Já o outro lado é cheio de gente, especialmente dos MacAllister. Existe uma verdadeira colônia da família MacAllister aqui; é impossível não sair na rua e topar com um. Conversei com o velho Leon Blacquiere dias atrás; ele trabalhou o verão todo no porto. “Quase todos que trabalham lá são da família MacAllister”, ele me contou. “Neil MacAllister, Sandy MacAllister, William MacAllister, Alec MacAllister, Angus MacAllister. Acredito que até o diabo seja um MacAllister”.

– Também há muitos Elliott e Crawford – disse o doutor Dave, após as risadas cessarem. – Sabe, Gilbert, aqui em Four Winds nós temos um antigo ditado: “Da vaidade dos Elliott, do orgulho dos MacAllister e da presunção dos Crawford, livrai-nos, Senhor”.

– Há muita gente boa entre eles – disse o capitão Jim. – Naveguei com William Crawford por muitos anos, e coragem, força e honestidade aquele homem tinha de sobra. E são muito inteligentes. Talvez por isso o povo desse lado tenha o costume de implicar com eles. Estranho como as pessoas parecem se ressentir de quem nasce um pouquinho mais esperta do que elas, não?

O doutor Dave, que tinha uma rixa de quarenta anos com o povo do outro lado do porto, riu e se deu por vencido.

– Quem mora naquele casarão esmeralda, a uns oitocentos metros daqui? – perguntou Gilbert.

O capitão Jim sorriu com deleite.

– A senhorita Cornelia Bryant. Ela provavelmente virá visitá-los em breve, visto que são presbiterianos. Se fossem metodistas, não viria de forma alguma. Cornelia tem um horror divino de metodistas.

– Ela é uma figura – riu o doutor Dave. – E odeia os homens!

– Rancor? – inquiriu Gilbert, rindo.

– Não, não é ressentimento – respondeu o capitão, sério. – Cornelia poderia ter escolhido o homem que quisesse na juventude. Mesmo agora, ela só precisa abrir a boca e os viúvos velhos virão correndo. Ela simplesmente parece ter nascido com um tipo de desprezo crônico pelos homens e os metodistas. Tem a língua mais mordaz e o coração mais bondoso de Four Winds. Sempre que há algum problema a mulher está lá, fazendo o possível para ajudar com grande ternura. Nunca fala mal das outras mulheres, e se quer esculhambar a nós, pobres malandros, acho que nossos traseiros vão aguentar.

– Ela sempre fala bem do senhor, capitão – disse a esposa do doutor.

– Temo que seja verdade. E não gosto de nada disso. Me faz sentir que há algo de anormal em mim.

Do poema *Ode a um Rouxinol*, do poeta inglês John Keats (1795-1821). (N. T.)



A NOIVA DO DIRETOR DA ESCOLA

– Quem foi a primeira noiva a morar nesta casa, capitão Jim? – perguntou Anne, quando todos estavam sentados ao redor da lareira após o jantar.

– Ela faz parte daquela história sobre a casa? – perguntou Gilbert. – Disseram-me que você poderia contá-la, capitão.

– Bem, sim. Suponho que eu seja a única pessoa viva em Four Winds capaz de se lembrar da noiva do diretor da escola quando ela chegou à ilha. Faleceu há trinta anos, mas ela é uma daquelas mulheres a quem jamais se esquece.

– Conte-nos a história – implorou Anne. – Quero saber de todas as mulheres que viveram nesta casa antes de mim.

– Bom, houve apenas três: Elizabeth Russell, a senhora Ned Russell, e a noiva do diretor da escola. Elizabeth Russell era uma criatura inteligente e bondosa, e a senhora Ned também era encantadora. Ainda assim, não eram como a noiva do diretor. Chamava-se John Selwyn e viera do Velho Mundo para lecionar em Glen quando eu tinha 16 anos. Ele não era como o usual bando de vagabundos que vinha dar aulas na Ilha do Príncipe Edward naquele tempo. A maioria deles eram bêbados espertos que ensinavam os três erres⁹ quando estavam sóbrios e maltratavam as crianças quando não estavam. John Selwyn, porém, era um jovem belo e refinado. Morava na pensão do meu pai, e éramos camaradas, embora ele fosse dez anos mais velho que eu. Nós líamos, caminhávamos e conversávamos aos montes. Ele conhecia todas as poesias que já tinham sido escritas, eu acho, e costumava recitá-las para mim na praia, ao entardecer. Papai achava uma enorme perda de tempo, mas suportava por pensar que isso tiraria de mim a vontade de ir para o mar. Bem, nada seria capaz *disso*, pois minha mãe vinha de uma linhagem de lobos do mar, e isso estava em meu sangue. Mesmo assim, eu amava ouvir John recitar. Ainda que isso tenha sido há quase sessenta anos,

eu poderia repetir quilômetros de poemas aprendidos com ele. Quase sessenta anos!

O capitão Jim ficou em silêncio por um tempo, contemplando a incandescência do fogo na caça ao passado. Então, com um suspiro, continuou:

– Lembro-me de uma tarde de primavera, quando nos encontramos nas dunas. Parecia exaltado; igual ao senhor, doutor Blythe, quando trouxe a sua esposa nesta noite. Pensei nele no instante em que o vi. Ele me contou que tinha uma amada em sua terra natal e que ela estava vindo para cá. Não fiquei nem um pouco contente, eu era imaturo e egoísta naquela época; achei que não seríamos mais amigo quando ela chegasse. Mas tive a decência de não demonstrar. Ele me contou tudo sobre ela. Seu nome era Persis Leigh, e ela teria vindo com ele se não fosse pelo velho tio dela. Este estava doente e a criara depois da morte dos pais dela, e Persis não iria abandoná-lo. Só que ele faleceu, e agora ela vinha para se casar com John Selwyn. Não era uma viagem fácil para uma mulher naquela época. Não havia navios a vapor, como deve se recordar. “Quando ela chega?”, perguntei. “Ela avisou que embarcará no *Royal William* no dia 20 de junho”, disse ele, “dessa forma, chegará em meados de julho. Tenho de pedir ao carpinteiro Johnson que faça uma cama para ela. Uma carta chegou hoje. Antes mesmo de abrir eu já sabia que tinha boas novas para mim. Eu a vi algumas noites atrás.”

– Eu não o compreendi, e então ele me explicou, mas continuei sem entender. Contou que tinha um dom ou uma maldição. Foram as palavras dele, senhora Blythe, “um dom ou uma maldição”. Ele não sabia qual. Comentou sobre uma tataravó com o mesmo poder e que foi queimada na fogueira como bruxa por conta disso. Entrava em devaneios canhestros de vez em quando... Transes, creio que eram chamados assim. Essas coisas existem de verdade, doutor?

– Há pessoas que certamente são propensas a transes – respondeu Gilbert.
– O assunto pertence mais à pesquisa psíquica do que à médica. Como eram os transes de John Selwyn?

– Como sonhos – disse o velho doutor, em tom cético.

– Ele disse ter o poder de ver coisas neles – respondeu o capitão Jim, lentamente. – Só estou dizendo o que *ele* me contou. Podia ver coisas que estavam acontecendo e outras que ainda *iam* acontecer. E isso às vezes lhe proporcionava conforto, mas em outras, terror. Quatro noites antes da nossa conversa, ele tinha tido uma visão, enquanto observava o fogo. Ele vira um

antigo quarto conhecido na Inglaterra, onde estava Persis Leigh, muito alegre, estendendo as mãos para ele. Assim, sabia que iria receber boas notícias dela.

– Um sonho, foi um sonho – ironizou o velho doutor.

– Provavelmente, provavelmente – admitiu o capitão Jim. – Foi o que eu lhe disse naquela época. Era muito mais confortável pensar assim. Eu não gostava da ideia de que ele via coisas assim; era muito sinistro. “Não”, disse ele, “eu não estava sonhando. Mas não vamos mais falar do assunto. Você não será mais meu amigo se pensar demais nisso.” Eu disse que nada me faria ser menos amigo dele. Contudo, ele só balançou a cabeça e disse: “Eu sei do que estou falando, garoto. Já perdi amigos por causa disso. E não os culpo. Há momentos em que nem eu quero ser meu próprio amigo. Tamanho poder tem algo de divino, e quem sabe se é uma divindade boa ou ruim? Nós, mortais, morremos de medo de ter um contato muito próximo com Deus ou o diabo”. Essas foram as palavras dele. Lembro como se as tivesse ouvido ontem, embora eu não soubesse o que significavam na época. O que acha que ele quis dizer, doutor?

– Tenho dúvidas se o próprio John Selwyn saberia dizer – provocou o doutor Dave.

– Acho que eu sei – sussurrou Anne. Ela havia escutado tudo com os lábios apertados e os olhos brilhantes, sua postura costumeira.

O capitão Jim esboçou um sorriso admirado antes de continuar a história.

– Bem, logo todos os habitantes de Glen e Four Winds sabiam sobre a chegada da noiva do diretor e ficaram muito felizes porque gostavam muito dele. E todos se interessaram por sua nova casa, *esta* casa. Ele escolheu este lugar porque daqui é possível ver o porto e ouvir o oceano. E plantou o jardim para a noiva, com exceção dos choupos-da-lombardia, que foram plantados pela senhora Ned. Há uma fileira dupla de roseiras plantadas pelas garotinhas da escola de Glen para a noiva do diretor. Ele dizia que eram rosas por causa das bochechas dela, brancas pela tez e vermelhas em homenagem aos lábios. Citava tantas poesias que acabou desenvolvendo o hábito de falar poeticamente, eu diria.

– Quase todo mundo enviou presentinhos para ajudá-lo a decorar a casa – continuou. – A família Russell era muito abastada, e decorou tudo com requinte quando se mudou para cá, como podem ver; no entanto, os primeiros móveis foram bem modestos. Era uma casinha repleta de amor, apesar disso. As mulheres mandaram colchas, toalhas de mesa e banho; um

homem construiu um baú para ela, outro uma mesa, e por aí foi. Até mesmo a tia Margaret Boyd, uma idosa cega, fez um cestinho com a grama comprida e perfumada que cresce nas colinas. A esposa do diretor o usou por anos para guardar lenços. Bem, estava tudo pronto finalmente, até mesmo os troncos de lenha para serem acesos na lareira. Não exatamente *esta* lareira, apesar do lugar ser o mesmo. A senhorita Elizabeth mandou construir esta quando reformou a casa quinze anos atrás. Era uma lareira grande e antiquada na qual era possível assar um boi. Sentei-me diante dela muitas vezes para contar velhas histórias, como estou fazendo agora.

Houve novamente silêncio enquanto o capitão Jim reencontrava visitantes que Anne e Gilbert não podiam ver: pessoas que haviam se sentado com ele ao redor daquela lareira há muitos anos, com a alegria de recém-casados reluzindo nos olhos cerrados há muito tempo em algum cemitério ou nas profundezas do mar. Ali, em noites remotas, crianças gargalharam; ali, em noites de inverno, amigos se reuniram; ali, danças, música e gracejos ecoaram; ali, jovens e donzelas sonharam. Para o capitão Jim, a casinha era habitada por formas que incitavam recordações.

– A casa foi concluída no dia primeiro de julho. Então, o diretor começou a contar os dias. Costumávamos vê-lo caminhando pela praia, e dizíamos uns para os outros, “em breve ela estará com ele”. Era para ela chegar no meio de julho, mas não foi o que aconteceu. Ninguém se preocupou. Embarcações por vezes atrasavam dias, semanas até. O *Royal William* atrasou uma semana, depois duas, e então três. Então, começamos a ficar apreensivos, e a situação foi piorando. Por fim, eu não conseguia mais olhar nos olhos do John Selwyn. Sabe, senhora Blythe – ele abaixou a voz –, eu costumava achar que eles eram iguaizinhos à tataravó dele quando foi queimada. Ele nunca falava muito, mas continuou a dar aula como um homem dedicado, e depois corria para a praia. Muitas noites, caminhou até lá do anoitecer ao amanhecer. As pessoas diziam que ele estava enlouquecendo. Todo mundo tinha perdido a esperança, pois o *Royal William* estava com oito semanas de atraso. já estávamos em meados de setembro e a noiva do professor não havia chegado; achávamos que nunca chegaria.

– Houve, então, uma tempestade que durou três dias – continuou o capitão –, e eu fui até a praia no dia em que ela terminou, no fim da tarde. Lá eu encontrei o diretor de braços cruzados sobre uma rocha, olhando para o mar. Eu falei com ele, mas não obtive resposta. Seus olhos pareciam procurar

algo que eu não conseguia ver. “John... John...”, chamei, como uma criança assustada. “Acorde... Acorde...” Aquele olhar estranho e horrível esvaneceu. Ele virou e me encarou. Nunca vou me esquecer do rosto dele, até embarcar na minha última viagem. “Está tudo bem, garoto. Vi o *Royal William* dobrando East Point. Ela chegará de madrugada. Amanhã, ao anoitecer, estarei com minha noiva junto à minha lareira”. Acha mesmo que ele viu o navio? – perguntou o capitão de repente.

– Só Deus sabe – disse Gilbert com calma. – Um grande amor e uma grande dor podem alcançar sabe-se lá que maravilhas.

– Tenho certeza de que viu – disse Anne, com sinceridade.

– Bobagem – disse o doutor Dave, com menos convicção do que de costume.

– Sabe – disse o capitão Jim solenemente –, o *Royal William* entrou no porto de Four Winds ao amanhecer do dia seguinte. Cada habitante de Glen foi até o velho cais para conhecê-la. O diretor passara a noite lá, de vigília. Como vibramos quando o barco entrou pelo canal!

Os olhos do capitão Jim cintilavam. Eles enxergavam o porto de sessenta anos atrás, com uma embarcação surrada navegando contra o esplendor da alvorada.

– E Persis Leigh estava a bordo? – perguntou Anne.

– Sim, ela e a esposa do capitão. Tinham feito uma viagem horrível, tormenta atrás de tormenta, e as provisões também foram acabando. Porém, haviam chegado pelo menos. Quando Persis Leigh pisou no velho cais, John Selwyn a tomou nos braços, e as pessoas pararam com as vivas e começaram a chorar. Eu também chorei, ainda que tenha demorado anos para admitir, oras. Não é engraçado como garotos têm vergonha de chorar?

– Persis Leigh era bonita? – perguntou Anne.

– Bem, não sei se a chamaria de bonita... Eu... Não sei – disse o capitão, devagar. – Por algum motivo, você não chegava a se perguntar se ela era bonita ou não, pois isso simplesmente não importava. Havia algo tão doce e agradável nela que era impossível não amá-la. Era agradável de se olhar: olhos grandes e vivazes da cor da avelã, volumosos cabelos castanhos e brilhantes e uma pele inglesa. John e ela se casaram na nossa casa naquela noite, à luz de velas; todos vieram de longe e de perto para assistir e, em seguida, nós os acompanhamos até aqui. A senhora Selwyn acendeu a lareira, e nós fomos embora e os deixamos aqui, sentados, justamente onde

John tivera a visão. Que coisa mais estranha! E eu já vi muitas coisas estranhas na minha vida.

O capitão balançou a cabeça.

– É uma história tocante – disse Anne, sentindo-se satisfeita com todo aquele romance. – Por quanto tempo eles moraram aqui?

– Quinze anos. Eu fugi para o mar logo após o casamento, como o jovem malandro que eu era. E sempre, ao voltar de uma viagem, vinha para cá, antes mesmo de ir para casa, e contava à senhora Selwyn como foi. Quinze anos felizes! Tinham uma espécie de talento para a felicidade, aqueles dois. Algumas pessoas são assim, não sei se já percebeu; *não* conseguem ser infelizes por muito tempo, não importa o que aconteça. Eles discutiam de vez em quando, pois ambos eram muito agitados. A senhora Selwyn me disse certa vez, rindo daquele jeito precioso: “Sinto-me mal quando John e eu discutimos, mas no fundo sou muito feliz por ter um ótimo marido com quem brigar e fazer as pazes depois”. Eles se mudaram para Charlottetown, e Ned Russell comprou a casa e trouxe a esposa para cá. Lembro que eram um casal muito alegre. A senhorita Elizabeth Russell era irmã de Alec. Ela veio morar com eles por volta de um ano mais tarde, e também era uma criatura jovial. As paredes desta casa devem estar encharcadas, *encharcadas* de risos e bons momentos. Você é a terceira recém-casada que vem para cá, senhora Blythe, e a mais linda.

O capitão Jim esforçou-se para dar ao girassol do seu elogio a delicadeza de uma violeta, e a Anne o usou com orgulho. Estava mais radiante do que nunca, com o rubor matrimonial ainda nas bochechas e o brilho do amor no olhar; até mesmo o velho doutor Dave lhe lançou um olhar de admiração, e comentou com a esposa na volta para casa que aquela esposa ruivinha do garoto era mesmo muito bela.

– Preciso voltar para o farol – anunciou o capitão Jim. – Esta noite foi tremendamente prazerosa.

– Venha nos visitar com frequência – disse Anne.

– Imagino se você faria esse convite se soubesse como estou inclinado a aceitá-lo – comentou o capitão com humor.

– O que é outra forma de dizer que está em dúvida se o convite é sincero – sorriu Anne. – Ele é, eu juro – disse Anne, fazendo uma cruz sobre o peito, como se fazia na escola.

– Então, eu o aceito. Virei importuná-los a qualquer hora. E também ficaria muito orgulhoso se fossem me visitar de vez em quando. Geralmente,

não tenho mais ninguém para conversar além do Segundo Oficial, bendito seja. Ele é um ótimo ouvinte e já se esqueceu de muita coisa que os MacAllister jamais ficaram sabendo, mas digamos que não é muito bom de conversa. Você é jovem e eu velho, mas nossas almas são da mesma idade, acredito. Ambos pertencemos ao povo que conhece José¹⁰, como Cornelia Bryant diz.

– Povo que conhece José? – perguntou Anne, intrigada.

– Sim. A Cornelia divide todas as pessoas do mundo em dois tipos: aqueles que conhecem José e aqueles que não. Se uma pessoa tem praticamente as mesmas opiniões que você sobre as coisas, o mesmo tipo de humor... bem, então pertence ao povo que conhece José.

– Ah, entendi – exclamou Anne. – É o que eu costumava chamar, e ainda chamo entre aspas, de “almas amigas”.

– Pois bem, pois bem – concordou o capitão Jim. – Nós somos isso, o que quer que isso signifique. Quando você chegou esta noite, senhora Blythe, eu disse para mim mesmo: “Sim, ela é do povo que conhece José”. E fiquei muito alegre, pois, se não fosse, não teríamos nos divertido tanto na companhia um do outro. O povo que conhece José é o sal da terra, suponho.

A lua já tinha nascido quando Anne e Gilbert acompanharam os convidados até a porta. O porto de Four Winds estava se mostrando um lugar onírico, glamoroso e encantado, um refúgio onde nenhuma tempestade perturbaria. Ao longo da entrada, os choupos-da-lombardia, altos e sombrios como formas clericais de um grupo místico, eram coroados pela luz prateada.

– Sempre gostei de choupos-da-lombardia – disse o capitão, apontando com o braço comprido para eles. São as árvores das princesas. Agora estão fora de moda. As pessoas reclamam que, quando as pontas secam, eles ficam feios. E ficam mesmo, se você não arriscar seu pescoço a cada primavera subindo em uma escada para apará-los. Eu fazia isso para a senhorita Elizabeth, assim permaneciam sempre impecáveis. Ela gostava muito do ar digno e altivo deles. Eles não são amigos de qualquer um. Os bordos são melhores para companhia, senhora Blythe, da mesma forma que os choupos-da-lombardia são para a sociedade.

– Que noite linda – disse a senhora do doutor Dave ao subir na charrete.

– A maioria das noites é assim – disse o capitão. – Mas admito que aquele luar sobre Four Winds me faz imaginar o que sobrou para o céu. A lua é uma grande amiga minha, senhorita Blythe. Amo-a desde quando é possível

lembrar. Quando era pequeno, eu adormeci no jardim em um fim de tarde e ninguém se deu conta. Despertei em plena noite, morrendo de medo. Quantas sombras e barulhos estranhos havia por lá! Não me atrevi a me mover e fiquei lá, encolhidinho, tremendo. Parecia que não havia mais ninguém no mundo imenso além de mim mesmo. Então, reparei na lua olhando para mim lá de cima, através dos galhos da macieira, como uma velha amiga. Na hora, senti-me confortado. Em seguida, levantei e caminhei até a casa com a coragem de um leão, sem tirar os olhos dela. Muitas foram as noites nas quais a contemplei do deque do meu navio, em mares longínquos. Por que vocês não me mandam fechar a matraca e ir para casa?

As risadas das despedidas cessaram. Anne e Gilbert caminharam de mãos dadas pelo jardim. O riacho que o cortava estava repleto de ondulações plácidas sob as sombras dos salgueiros. As papoulas às suas margens eram verdadeiros copinhos de luar. As flores plantadas pelas mãos da noiva do diretor lançavam seu aroma para o ar, evocando a beleza e as bênçãos dos dias de outrora. Anne parou na penumbra para fazer uma oração.

– Amo o perfume das flores na escuridão. É quando podemos nos apossar da alma delas. Ah, Gilbert, esta casinha é tudo que sempre sonhei. E fico muito contente por não sermos os primeiros recém-casados a vir morar aqui!

Refere-se às habilidades básicas ensinadas nas escolas: leitura, escrita e aritmética (*Reading, Writing and Arithmetic*). (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Êxodo 1:8. (N. T.)



A SENHORITA CORNELIA BRYANT FAZ UMA VISITA

Aquele setembro foi um mês de neblinas douradas e névoas violetas no porto de Four Winds, um mês de dias ensolarados e de noites que transbordavam luar ou pulsavam de estrelas. Nenhuma tormenta o importunou, e nenhum vendaval ocorreu. Anne e Gilbert colocaram o ninho em ordem, perambularam pela orla, navegaram pelo porto, visitaram Four Winds e Glen e percorreram as estradinhas ermas repletas de samambaias dos bosques e ao redor do porto; em suma, tiveram uma lua de mel que qualquer casal de enamorados invejaria.

– Se a vida fosse interrompida agora, ela ainda teria valido a pena graças às últimas quatro semanas, não concorda? – disse Anne. – Creio que nunca mais teremos quatro semanas tão perfeitas de novo, mas o importante é que nós as vivemos. O vento, o clima, as pessoas, a casa dos sonhos, tudo conspirou para que tivéssemos uma lua de mel maravilhosa. Não houve um único dia de chuva desde a nossa chegada.

– E também não discutimos nem uma vez – provocou Gilbert.

– Bem, “este é um prazer que será ainda maior por ter sido postergado” – citou Anne. – Estou muito satisfeita por termos decidido passar a lua de mel aqui. As recordações sempre estarão ligadas à nossa casa dos sonhos, e não a lugares estranhos espalhados por aí.

Havia na atmosfera do novo lar um cheiro de romance e aventura que Anne nunca sentira em Avonlea. Apesar de ter vivido perto do oceano, este nunca havia feito parte da vida dela de maneira tão íntima. Em Four Winds, o mar a cercava e a chamava constantemente. De cada janela da nova casa ela observava aspectos diferentes dele. Seu murmúrio era constante nos ouvidos dela. Embarcações chegavam todos os dias no cais de Glen ou zarpavam rumo ao poente com destino a portos que podiam ficar do outro lado do planeta. Barcos pesqueiros saíam todas as manhãs pelo canal com as

velas brancas içadas e voltavam carregados ao entardecer. Marinheiros e pescadores trafegavam alegres e despreocupados pelas estradas vermelhas e serpenteantes. Havia uma constante sensação de que coisas estavam prestes a acontecer, aventuras ou jornadas. Four Winds era um lugar menos sóbrio e rígido do que Avonlea; ventos de mudanças sopravam pelo vilarejo, o mar atraía os moradores da praia, e mesmo aqueles que talvez não respondessem ao chamado, sentiam-se inquietos por causa da emoção, dos mistérios e das possibilidades dele.

– Agora compreendo por que alguns homens têm necessidade de ir para o mar – disse Anne. – Aquele desejo que todos sentem em algum momento, de “velejar para além dos confins do ocaso”, deve ser muito imperioso quando vem de nascença. Não me estranha que o capitão Jim não tenha conseguido resistir a ele. Sempre que vejo um barco saindo pelo canal ou uma gaivota sobrevoando as dunas, não consigo evitar a vontade de estar a bordo ou de ter asas. Não como uma pomba, para “voar e encontrar a paz¹¹”, mas como uma gaivota, para mergulhar direto no coração da tempestade.

– Você vai ficar bem aqui comigo, mocinha – brincou Gilbert. – Não vou permitir que voe para longe de mim e se meta no coração das tempestades.

Estavam sentados nos degraus de arenito vermelho em um fim de tarde. Na terra, no oceano e no céu reinava a tranquilidade. Gaivotas acinzentadas voavam acima da cabeça deles. O horizonte estava adornado por faixas longas e etéreas de nuvens róseas. O ar imperturbado era entrecortado pelo aroma de brisas e ondas trovadoras. Ásteres alvas agitavam-se nos campos ressequidos e enevoados entre a propriedade e o porto.

– Médicos que precisam passar a noite em claro cuidando de doentes não se sentem muito aventureiros, eu suponho – disse Anne com indulgência. – Se tivesse dormido bem na noite passada, Gilbert, estaria tão disposto quanto eu para voar com a imaginação.

– Foi uma boa noite de trabalho, Anne – disse Gilbert com calma. – Com a ajuda de Deus, salvei uma vida. É a primeira vez que posso realmente afirmar isso. Em outros casos, eu ajudei. Contudo, Anne, se eu não tivesse passado a noite na casa dos Allonby e lutado cara a cara com a morte, aquela mulher teria falecido antes da alvorada. Fiz um experimento que certamente nunca foi tentado em Four Winds; duvido inclusive que já tenha sido feito em algum lugar fora de um hospital. Foi uma novidade no hospital de Kingsport no inverno passado. Não teria ousado experimentá-lo se não tivesse certeza de que não havia alternativa. Corri um risco, mas saí

vitorioso. Consequentemente, uma boa mãe e esposa agora tem mais longos anos de felicidade e serventia pela frente. Enquanto voltava para casa pela manhã, conforme o sol nascia sobre o porto, agradeceu a Deus pela profissão que escolhi. Lutei bravamente e venci; pense nisso, Anne, eu venci o “grande ceifador”. É o que sonho em fazer há muito tempo, desde quando conversamos sobre o que queríamos fazer da vida. E esse sonho tornou realidade nesta manhã.

– Esse foi seu único sonho concretizado? – perguntou Anne, que sabia perfeitamente qual seria a resposta dele, só para ouvi-la novamente.

– Você já sabe, mocinha – disse Gilbert, sorrindo para ela.

Naquele momento, havia duas pessoas perfeitamente felizes sentadas nos degraus de uma casinha branca na praia do porto de Four Winds. Então Gilbert disse, mudando de tom:

– É um barco com todas as velas içadas que estou vendo se aproximar?

Anne olhou e pôs-se de pé.

– Deve ser a senhorita Cornelia Bryant ou a senhora Moore que vem nos visitar.

– Vou para o meu escritório. Mas, se for a senhorita Cornelia, estou avisando, vou escutar às escondidas – disse Gilbert. – Pelo que ouvi, a conversa com ela pode ser tudo, menos tediosa.

– Pode ser a senhora Moore.

– Não parece a silhueta da senhora Moore. Eu a avistei trabalhando no jardim em outro dia e, embora eu estivesse longe demais para ver claramente, creio que ela seja mais esguia. E mesmo sendo a nossa vizinha mais próxima, ela não me parece muito sociável, já que ainda não veio fazer uma visita.

– Ela não é como a senhora Lynde, afinal; senão a curiosidade já a teria trazido aqui – disse Anne. – Acho que aquela é a senhorita Cornelia.

A visitante era a senhorita Cornelia. Além disso, ela não tinha ido fazer uma breve visita social aos recém-casados. Trazia nos braços um pacote considerável com seus trabalhos, e quando Anne a convidou para se sentar, ela prontamente tirou o imenso chapéu de sol que, apesar da irreverente brisa de setembro, permanecia no lugar graças a uma tira de elástico presa ao coque de cabelos claros. Nada de alfinetes de chapéus para a senhorita Cornelia, por favor! Tiras de elásticos tinham sido boas o suficiente para a mãe dela, e eram boas o bastante para ela. Tinha um rosto redondo e rosado e olhos castanhos expressivos. Não parecia nem um pouco com uma

solteirona tradicional, e algo na expressão dela conquistou Anne instantaneamente. Com a usual rapidez para discernir almas amigas, ela soube que iria gostar da senhorita Cornelia, a despeito de certas excentricidades de opinião e no vestuário.

Ninguém além da senhorita Cornelia teria feito uma visita usando um avental de listras azuis e brancas e com um embrulho de pano marrom, com desenhos de imensas rosas espalhados. E ninguém além da senhorita Cornelia teria ficado tão elegante e respeitosa usando-o. Se fosse a um palácio visitar uma princesa, ela seria igualmente digna e dona da situação. Arrastaria os longos babados da saia cheia de rosas sobre os pisos de mármore com a mesma despreocupação de um membro da realeza e com a mesma fleuma tentaria persuadir a princesa de que a posse de um homem, fosse ele um príncipe, fosse ele um plebeu, não era digna de vanglória.

– Trouxe o meu trabalho, querida senhora Blythe – comentou, desenrolando uma tela delicada. – Estou com pressa de terminá-lo e não tenho tempo a perder.

Anne olhou com surpresa para a peça branca estendida sobre o amplo colo da senhorita Cornelia. Era certamente uma roupinha de bebê muito bem feito, com babados e pregas minúsculos. A senhorita Cornelia ajustou os óculos e começou a bordar com pontos intrincados.

– É para a senhora Fred Proctor, que mora em Glen – anunciou. – Seu oitavo filho está para nascer, e ela ainda não aprontou nada. Os outros sete já usaram tudo o que foi feito para o primeiro, e ela nunca mais teve tempo ou disposição para costurar novas roupas. A mulher é uma mártir, senhora Blythe, acredite em *mim*. Quando se casou com Fred Proctor, eu sabia que isso aconteceria. Era um desses homens intempestivos e fascinantes. Depois de casado, ele deixou de ser fascinante e continuou sendo apenas intempestivo. Bebe e negligencia a família. Não é típico de um homem? Se não fosse pela ajuda dos vizinhos, não sei como a esposa dele conseguiria manter os filhos vestidos decentemente.

Como Anne veio a descobrir mais tarde, a senhorita Cornelia era a única da vizinhança que se preocupava com a decência dos filhos dos Proctor.

– Quando eu soube da chegada do oitavo bebê, decidi preparar algumas coisas para ele – continuou. – Esta é a última, e quero terminá-la ainda hoje.

– É certamente muito bonita – disse Anne. – Vou pegar minhas costuras, e então coseremos juntas. Que trabalho magnífico é o seu, senhorita Bryant.

– Sim, sou a melhor por essas bandas – disse a senhorita Cornelia em um tom prosaico. – E devo ser! Senhor, já costurei mais do que se tivesse cem filhos, acredite em *mim*! Pode ser tolice da minha parte bordar à mão a roupinha de um filho de número oito, mas, por Deus, querida senhora Blythe, ele não tem culpa de ser o oitavo, e eu gostaria que ele tivesse pelo menos uma roupa bonita, como se fosse um filho *esperado*. Ninguém quer o pobrezinho, então me esmerei um pouco mais em suas coisinhas.

– Qualquer neném teria orgulho dessa roupa – disse Anne, com uma certeza ainda mais intensa de que iria gostar da senhorita Cordelia.

– Estava pensando que eu nunca viria visitá-la, aposto – prosseguiu a senhorita Cordelia. – Mas este é o mês da colheita, sabe, e estive ocupada, com vários empregados extras, comendo mais do que trabalhando, como os homens costumam fazer. Gostaria de ter vindo ontem, mas fui ao funeral da senhora Roderick MacAllister. Em um primeiro momento, pensei que era melhor ficar em casa, pois estava com muita dor de cabeça. No entanto, ela estava com cem anos, e eu havia prometido para mim mesma que iria ao enterro dela.

– Foi uma cerimônia bonita? – perguntou Anne, percebendo que a porta do escritório estava entreaberta.

– O quê? Ah, sim, foi um lindo funeral. Ela conhecia muita gente. Havia mais de 120 carruagens na procissão. Uma ou duas coisas engraçadas aconteceram. Achei que iria morrer ao ver o velho Joe Bradshaw, que é um infiel e nunca põe os pés na igreja, cantando *A Salvo nos Braços de Jesus* com muito gosto e fervor. Ele ama cantar, e por isso nunca perde um funeral. A coitada da senhora Bradshaw não parecia estar com vontade de cantar, tão esgotada de tanto trabalhar. O velho Joe de vez em quando a presenteia com alguma máquina nova para o campo. Não é típico de um homem? E o que mais se pode esperar de um homem que nunca vai à igreja, nem mesmo à metodista? Fiquei muito satisfeita de ver você e o jovem doutor na igreja presbiteriana no primeiro domingo de vocês aqui. Não vou a nenhum médico se este não for presbiteriano.

– Fomos à igreja metodista no domingo passado – provocou Anne.

– Ah, suponho que o doutor Blythe tenha de ir àquela igreja de vez em quando, se quiser a clientela metodista.

– Gostamos muito do sermão – declarou Anne, com ousadia. – E achei as preces do ministro metodista uma das mais lindas que já ouvi.

– Ah, não tenho dúvidas de que ele sabe rezar. Nunca ouvi alguém pregar melhor do que o velho Simon Bentley, o qual estava sempre bêbado ou tentando ficar. Quanto mais ébrio ficava, melhores eram as preces.

– O ministro metodista é muito galante – disse Anne, pensando na porta entreaberta.

– Sim, ele é bem-apessoado – concordou a senhorita Cornelia. – Ah, e *muito* gracioso. E acha que todas as garotas se apaixonam ao olhar para ele, como se um ministro metodista fosse um grande prêmio! Se você ou o jovem doutor quiserem o *meu* conselho, não se misturem com os metodistas. Meu lema é: se você é um presbiteriano, *seja* um presbiteriano.

– Você não acha que os metodistas vão para o céu como os presbiterianos? – perguntou Anne, com seriedade.

– Não cabe a *nós* decidir. Isso está nas mãos de um poder maior que nós – disse a senhorita Cornelia solenemente. – Entretanto, não vou me meter com eles aqui na Terra, mesmo que eu tenha de fazê-lo no céu. Esse ministro metodista não é casado. O anterior era, e a esposa dele era a criatura mais bobinha e fútil que já vi. Certa vez, eu disse a ela que ele deveria ter esperado ela crescer antes de se casarem. Ele respondeu que preferia educá-la. Não é típico de um homem?

– É bastante difícil dizer quando as pessoas estão maduras – riu Anne.

– É verdade, querida. Algumas nascem maduras, enquanto outras só crescem aos 40 anos, acredite em mim. A senhora Roderick, de quem eu estava falando, nunca cresceu. Era tão tola aos 100 quanto havia sido aos 10.

– Talvez seja por isso que tenha vivido tanto – sugeriu Anne.

– Talvez sim. Prefiro viver cinquenta anos sensatos a viver cem anos de tolices.

– Imagine só como o mundo seria tedioso se todos fossem sensatos – argumentou Anne.

A senhora Cornelia desdenhava qualquer declaração conflitante e polêmica.

– A senhora Roderick era uma Milgrave, e os Milgraves nunca tiveram muito juízo. O sobrinho dela, Ebenezer Milgrave, foi considerado insano por anos. Ele acreditava que já tinha morrido e ficava encolerizado com a esposa por não querer enterrá-lo. Eu o teria feito.

A senhorita Cornelia parecia tão determinada que Anne quase podia vê-la com uma pá em mãos.

– A senhorita não conhece *nenhum* marido bom?

– Ah, sim, muitos deles. Estão lá. – Pela janela aberta, ela apontou para o cemitério da igreja do outro lado do porto.

– E vivos, de carne e osso? – insistiu Anne.

– Ah, alguns, só para provar que para Deus tudo é possível – admitiu a senhorita Cornelia com relutância. – Não nego, de vez em quando aparece algum, se pego ainda jovem e treinado adequadamente e se a mãe lhe deu umas boas palmadas quando preciso, é capaz de se tornar um homem decente. Pelo que ouvi falar, o *seu* marido não é tão ruim, para um homem. – A senhorita Cornelia encarou Anne intensamente por cima dos óculos. – Acha que não há ninguém como ele no mundo, aposto.

– E não há – disse Anne prontamente.

– Ah, bem, já ouvi outra recém-casada dizer o mesmo – suspirou a senhorita Cornelia. – Jennie Dean achava que não havia mais ninguém no mundo como o marido dela quando se casou. E estava certa, não havia! O que era bom, acredite em mim! Ele lhe deu uma vida horrível, e começou a cortejar a segunda esposa com Jennie ainda no leito de morte. Não é típico dos homens? No entanto, espero que a *sua* confiança seja justificada, querida. O jovem doutor está se saindo muito bem. Tive medo a princípio de que não fosse se adaptar, pois o povo daqui sempre considerou o velho doutor Dave o único médico do mundo. Ele não tinha muito tato, pode ter certeza; estava sempre falando de cordas nas casas onde alguém se enforcou. Só que as pessoas se esqueciam dos sentimentos feridos quando doía o estômago; se fosse um ministro em vez de um doutor, as pessoas jamais o perdoariam. Uma dor na alma não preocupa tanto as pessoas como uma dor de estômago. Já que somos presbiterianas e não há nenhum metodista por perto, poderia me falar a sua opinião honesta do *nosso* ministro?

– Oras... Eu... Bem... – hesitou Anne.

A senhorita Cornelia assentiu com a cabeça.

– Exatamente. Concordo com você, querida. Cometemos um erro ao convocá-lo. O rosto comprido dele parece o de uma daquelas estátuas de pedra do cemitério, não é mesmo? “Em sagrada memória” deveria estar escrito na testa dele. Nunca vou me esquecer do primeiro sermão dele. O tema foi sobre a obrigação de nos dedicarmos àquilo que fazemos de melhor, um tema muito bom, claro. Contudo, os exemplos utilizados! Ele disse: “Se você tem uma vaca e uma macieira, mas prender a macieira no estábulo e plantar a vaca no pomar, com as pernas para cima, quanto leite dará a árvore e quantas maçãs dará a vaca?”. Já ouviu algo assim na sua vida, querida?

Fiquei tão feliz por não haver nenhum metodista lá naquele dia, eles nunca mais parariam de nos importunar. E o que mais detesto nele é seu hábito de sempre concordar com todo mundo, não importa o que digam. Se disser para ele: “Você é um patife”, ele responderia, com aquele sorrisinho indolente: “Sim, é verdade”. Um ministro deveria ser mais assertivo. Resumindo, eu o considero um reverendo imbecil. Isso deve ficar só entre a gente, é claro. Quando há metodistas por perto, eu o cubro de elogios. Algumas pessoas acham que a esposa dele se veste de maneira muito chamativa; mas eu digo, com um rosto daqueles, ela precisa de alguma coisa para se animar. Você *jamais* me ouvirá condenar uma mulher por causa do vestido. Sou grata pelo marido dela não ser tão mesquinho e miserável a ponto de censurá-la. Não que eu ligue muito para vestidos. As mulheres só se vestem para agradar aos homens, e eu jamais me sujeitaria a isso. Tive uma vida plácida e confortável, querida, e foi porque nunca dei a mínima para o que os homens pensam.

– Por que você odeia tanto os homens, senhorita Bryant?

– Senhor, eu não os odeio, querida. Eles não valem o esforço. Apenas os desprezo. Acho que vou gostar de *seu* marido, se minha primeira impressão dele não mudar. Com exceção dele, os únicos homens no mundo pelos quais tenho apreço são o velho doutor e o capitão Jim.

– O capitão Jim é certamente esplêndido – concordou Anne cordialmente.

– Ele é um bom homem, mas meio chato no seguinte aspecto: é impossível deixá-lo irritado. Tentei durante vinte anos, e ele continua sereno. E a mulher com quem ele deveria ter se casado acabou com um sujeito que tem acessos de raiva duas vezes ao dia, eu suponho.

– Quem era ela?

– Ah, não sei, querida. Não me lembro de o capitão Jim ter cortejado alguém. Nas minhas recordações, ele sempre foi velho. Ele tem 76 anos, sabia? Não sei o porquê de ter continuado solteiro, mas deve haver um motivo, acredite em mim. Ele viveu no mar até cinco anos atrás, e não há um canto do mundo em que já não tenha metido o nariz. Elizabeth Russell e ele foram grandes amigos durante toda a vida, contudo nunca tiveram um compromisso. Elizabeth nunca se casou, embora tenha tido muitas chances. Era muito bonita quando jovem. No ano em que o Príncipe de Wales veio à ilha, ela estava visitando um tio em Charlottetown que era oficial do governo, e por isso foi convidada para o grande baile. Foi a garota mais deslumbrante da noite e o príncipe dançou com ela, e todas as outras

mulheres com que ele não dançou ficaram furiosas porque Elizabeth era de uma posição social inferior à delas. Ela sempre teve muito orgulho desse baile. As más línguas dizem que nunca se casou porque não suportava mais os homens comuns depois de ter dançado com o príncipe. Só que não foi por isso. Ela me contou uma vez o motivo: seu gênio era tão ruim e de modo algum conseguiria viver em paz com algum homem. Elizabeth de fato tinha um péssimo temperamento; costumava subir até o andar de cima e arrancar pedaços da escrivaninha às mordidas para se acalmar. Eu disse que não era motivo para não se casar, se ela realmente quisesse. Não há motivo para deixarmos os homens terem um monopólio do temperamento, não é mesmo, senhora Blythe?

– Tenho um temperamento um tanto genioso – suspirou Anne.

– É bom que tenha, querida. Assim não correrá tanto risco de ser pisada, acredite em mim! Minha nossa, como aquelas hortênsias estão floridas! Seu jardim parece ótimo. A pobre Elizabeth sempre cuidou tão bem dele.

– Eu o adoro – disse Anne. – Fico feliz que tenha tantas flores antigas. Por falar em jardim, queremos contratar alguém para roçar aquele pedaço de terra atrás dos abetos e plantar morangos. Gilbert anda tão ocupado e não terá tempo nesse outono. A senhorita sabe de alguém?

– Bem, Henry Hammond, que mora em Glen, faz esse tipo de serviço. Talvez esteja disposto. Ele sempre se interessa mais pelo pagamento do que pelo trabalho, o que é típico de um homem; é meio lento para entender as coisas, chegando a ficar parado por cinco minutos até se dar conta do que estava fazendo. O pai dele o acertou com um pedaço de madeira quando era pequeno. Bonito, não? Típico de um homem! O garoto nunca se recuperou. Mesmo assim, é o único que recomendo. Ele pintou a minha casa na primavera passada. Ficou muito bom, não acha?

Anne foi salva pelo aviso do relógio de que era cinco da tarde.

– Senhor, já é tão tarde assim? – exclamou a senhorita Cornelia. – Como o tempo voa quando estamos nos divertindo! Bem, tenho de voltar para casa.

– De maneira alguma! A senhorita vai ficar e tomar chá conosco – Anne apressou-se a dizer.

– Está me convidando porque acha que deve ou porque realmente quer? – exigiu saber a senhorita Cornelia.

– Porque eu realmente quero.

– Então ficarei. Você é do povo que conhece José.

– Sei que vamos ser amigas – disse Anne, com um sorriso que só seus mais chegados conheciam.

– Sim, seremos, querida. Graças a Deus, podemos escolher nossos amigos. Nossos parentes, temos de aceitar como são e sermos gratos se não houver nenhum criminoso entre eles. Não que eu tenha muitos, apenas primos de segundo grau. Sou uma alma solitária, senhora Blythe.

Havia um tom melancólico na voz da senhorita Cornelia.

– Gostaria que me chamasse de Anne – exclamou Anne impulsivamente.
– Soa mais familiar. Todos em Four Winds me chamam de senhora Blythe, e isso me faz sentir como uma estrangeira. Sabia que o seu nome é muito parecido com o que queria ter quando criança? Eu detestava “Anne” e me chamava Cordelia na imaginação.

– Gosto de Anne. Era o nome da minha mãe. Nomes tradicionais são os melhores e mais doces, na minha opinião. Se vai preparar o chá, é melhor pedir ao jovem doutor para vir conversar comigo. Ele está deitado no sofá do consultório desde quando cheguei, acabando-se de tanto rir de tudo o que eu estava falando.

– Como você sabe? – disse Anne, espantada demais com a inquietante demonstração de onisciência da senhorita Cornelia para negar com educação.

– Eu o vi sentado atrás de você quando cheguei e conheço os truques dos homens – respondeu a senhorita Cornelia. – Pronto, querida, terminei a roupinha. Agora o oitavo filho pode vir quando quiser.

Referência ao Antigo Testamento, Salmos 55:6. (N. T.)



UMA TARDE NO FAROL DE FOUR WINDS

Já era fim de setembro quando Anne e Gilbert conseguiram fazer a visita ao farol de Four Winds que haviam prometido. Eles se planejaram para ir em diversas ocasiões, mas foram impedidos todas as vezes por algum imprevisto. O capitão Jim “aparecia” com frequência na casinha deles.

“Não faço cerimônias, senhora Blythe”, disse ele a Anne. “É um prazer vir aqui, e não vou me negá-lo só porque vocês não foram me visitar. Não deve existir esse tipo de discussão entre o povo que conhece José. Virei quando puder, e vocês irão quando puderem; não importa sob o teto de quem estejamos, contanto que tenhamos nossas agradáveis prosas”.

O capitão Jim ficava encantado com Gog e Magog, os quais presidiam sobre o destino da lareira na casinha com tanta dignidade e altivez quanto eles fizeram na Casa da Patty.

“Não são umas gracinhas? ”, ele diria, encantado; e se despediria com a mesma gravidade e seriedade com que cumprimentava os anfitriões ao chegar. O capitão Jim não ofenderia nenhuma deidade do lar por falta de reverência e cerimônia.

“Você deixou essa casa perfeita”, disse a Anne. “Ela nunca foi tão agradável. A senhora Selwyn tinha bom gosto e fez maravilhas; só que naquela época não havia essas belas cortinas, os quadros e os enfeites de hoje. Quanto a Elizabeth, ela viveu no passado. Você trouxe o futuro para esta casa, digamos. Eu ficaria feliz mesmo se não trocássemos nenhuma palavra; quando eu venho aqui, me sentar e olhar para você, seus quadros e suas flores já seria prazer o suficiente. Isto é lindo, muito lindo”.

O capitão Jim era um apaixonado apreciador da beleza. Cada coisinha amável vista ou ouvida lhe dava uma profunda e súbita felicidade que irradiava sua vida. Era muito consciente de sua falta de beleza e lamentava-se por isso.

“As pessoas dizem que não sou feio”, comentou com pesar, certa vez, “mas às vezes eu gostaria que o Senhor tivesse colocado parte da minha bondade na minha aparência. De qualquer forma, Ele devia saber o que estava fazendo, como o bom capitão que é. Alguns de nós precisam ser assim, do contrário as pessoas lindas, como a senhora Blythe, não se destacariam tanto”.

Em um fim de tarde, Anne e Gilbert finalmente foram até o farol de Four Winds. O dia havia começado com nuvens acinzentadas e neblina, mas terminara em uma pompa de escarlata e dourado. As colinas ocidentais atrás do porto estavam repletas de profundezas âmbar e superfícies cristalinas, com o fogo do pôr do sol abaixo. Ao norte, o céu estava cheio de nuvenzinhas de um intenso dourado. A luz avermelhada fulgurava nas velas brancas deslizando pelo canal com destino a um porto ao sul, em uma terra de palmeiras. Mais além, esta luz ruborescia as fronteiras brancas e sem vegetação das dunas de areia. À direita, recaía sobre a antiga casa entre os salgueiros, riacho acima, conferindo-lhe, por uma fração de segundos, janelas mais esplêndidas que as de uma catedral. Elas se destacavam da quietude e das paredes de cor cinza como os pensamentos pulsantes e enérgicos de uma alma vivaz aprisionada em um ambiente enfadonho.

– Aquela casa perto do riacho sempre me parece tão solitária – disse Anne. – Nunca vejo visitantes lá. Por mais que a entrada dela seja voltada para a estrada de cima, não vejo muita movimentação. É estranho ainda não termos conhecido os Moore, sendo que moram há quinze minutos de caminhada de nós. Posso tê-los visto na igreja, é claro, sem saber que eram eles. Eu sinto tanto serem tão reclusos, quando eles são nossos únicos vizinhos próximos.

– Evidentemente, eles não pertencem ao povo que conhece José – riu Gilbert. – Já descobriu quem é aquela garota que você achou tão bonita?

– Não. Por algum motivo, não me lembrei de perguntar sobre ela. Como nunca a vi em lugar nenhum, suponho que era uma visitante. Ah, o sol já está desaparecendo... lá está o farol.

Conforme o crepúsculo se intensificava, o feixe de luz o atravessava em círculos cortantes que passavam sobre os campos, o porto, a barreira de dunas e o golfo.

– Sinto como se ele pudesse me arremessar léguas dentro do mar – disse Anne, sendo banhada pela luz do sol; ela ficou bem aliviada quando se

aproximaram o suficiente do farol para estarem ao alcance daqueles raios de luz solar deslumbrantes e recorrentes.

Ao tomarem a estradinha que cortava pelos campos e levava até o extremo, depararam-se com um homem vindo ao encontro deles: um homem de aparência tão extraordinária que por um instante ambos o encararam. Era definitivamente alto e de ombros largos, com traços bem definidos, um nariz romano e olhos acinzentados francos; vestia o que poderia ser a melhor roupa de um fazendeiro abastado e podia muito bem ser um habitante de Four Winds ou de Glen. Contudo, pairando sobre o peito até a altura dos joelhos, havia uma extensão de barba marrom e crespa; e descendo pelas costas, sob o chapéu de feltro comum, havia uma cascata similar de cabelos castanhos grossos e ondulados.

– Anne – murmurou Gilbert, quando o sujeito já não podia ouvi-los –, você não colocou o que o tio Dave chama de “um pouquinho da lei escocesa” na limonada que tomei antes de sair de casa, colocou?

– Não – disse ela, retraindo o riso por medo de o enigma que haviam acabado de ver pudesse ouvi-los. – Quem será que é?

– Não sei. Se o capitão costuma receber visitantes como esses no farol, vou trazer uma barra de ferro no bolso da próxima vez que vier aqui. Ele não era um marinheiro, do contrário sua aparência excêntrica estaria perdoada; deve pertencer a algum dos clãs do outro lado do porto. O tio Dave disse que existem vários malucos por lá.

– O tio Dave é um pouco preconceituoso, eu acho. Você sabe que as pessoas do outro lado do porto as quais frequentam a igreja de Glen parecem muito amáveis. Ah, Gilbert, não é lindo?

O farol de Four Winds ficava em um penhasco de arenito vermelho projetando-se no golfo. De um lado, estendia-se a costa de areia prateada; do outro, havia uma enseada longa e curva de falésias e escarpas vermelhas elevando-se subitamente da praia de seixos. Era uma orla que conhecia a magia e os mistérios das tempestades e das estrelas. Há muita solidão em um lugar assim. As matas nunca estão solitárias; elas são repletas de uma vida sussurrante, amigável e convidativa. E o mar é uma alma poderosa, eterna, lamentando um pesar inescrutável, encerrada em si mesma para todo o sempre; é impossível sondar seus mistérios infinitos, só podemos imaginá-los, deslumbrados e atônitos, do lado de fora. Os bosques nos chamam com centenas de vozes, mas o oceano possui uma apenas: uma voz poderosa que

encharca nossa alma com sua música majestosa. Os bosques são humanos, mas o mar é da companhia dos arcanjos.

Anne e Gilbert encontraram o capitão Jim sentado em um banco do lado de fora do farol, dando os últimos toques em um maravilhoso veleiro de brinquedo. Ele se levantou e deu-lhes as boas-vindas à sua moradia com uma cortesia gentil e inconsciente, que lhe caía muito bem.

– O dia hoje foi muito lindo, senhora Blythe, e agora vem a melhor parte. Gostaria de ficar um pouco aqui fora, enquanto ainda há luz? Estava dando os toques finais nesse presente para o meu sobrinho-neto, Joe, que mora em Glen. Acabei me arrependendo depois de ter prometido fazê-lo, pois a mãe dele ficou brava. Ela teme que ele tenha vontade de ir para o mar no futuro, e não quer que eu o encoraje. Mas o que eu podia fazer, senhora Blythe? Eu prometi a ele, e acho uma verdadeira covardia quebrar uma promessa feita a uma criança. Venha, sente-se. Não vai demorar mais de uma hora.

O vento soprava da costa e criava longas ondas prateadas na superfície do mar, lançando sombras brilhantes que a sobrevoavam, de todos os lugares e da terra, como asas transparentes. O crepúsculo abria uma cortina violeta sobre as dunas de areia e os promontórios, onde gaivotas se agrupavam. O céu estava levemente encoberto por uma fina camada de vapor. Frotas de nuvens moviam-se pelo horizonte. Uma estrela vespertina vigiava tudo sobre a barreira de dunas.

– Não é uma vista digna de ser admirada? – disse o capitão Jim, com um sorriso amoroso e cheio de orgulho. – Belíssima e longe do comércio, não? Nada de comprar e vender e ganhar lucro. Aqui não é preciso pagar nada; todo esse mar e esse céu são de graça, “sem dinheiro e sem preço”¹². A lua vai nascer muito em breve, também. Nunca me canso de admirar o luar sobre essas pedras, o mar e o porto. Há sempre uma surpresa.

Eles contemplaram o nascer da lua com toda a sua magia, em um silêncio que não pedia nada do mundo ou um do outro. Logo subiram a torre, e o capitão Jim mostrou e explicou o mecanismo da grande luz. Por fim, chegaram à sala de jantar, onde o fogo tecia chamas de tonalidades oscilantes, indescritíveis e marinhas na lareira aberta.

– Eu mesmo construí essa lareira – comentou o capitão. – O governo não dá muito luxo para os faroleiros. Veja as cores que aquela madeira cria. Se quiser um pouco da madeira trazida pelo mar até a praia, posso levar para a senhora algum dia desses. Sentem-se. Vou preparar um chá.

O capitão Jim ofereceu uma cadeira para Anne, depois de retirar um imenso gato laranja e um jornal de cima.

– O sofá é todo seu, camarada Gilbert. Tenho que guardar esse jornal para terminar uma das histórias publicadas. Chama-se *Um Louco Amor*. Não é do meu tipo favorito, mas estou lendo para ver até onde a autora consegue levar a trama. Está no 62º capítulo agora, e o casamento não está nem perto de acontecer, pelo visto. Quando o pequeno Joe vem me visitar, tenho de ler histórias de piratas para ele. Não é curioso como criaturinhas inocentes adoram contos sangrentos?

– Como meu garoto Davy, de Green Gables – disse Anne. – Ele gosta de histórias que pingam sangue.

O chá do capitão provou ser um néctar. Ele ficou alegre como uma criança com os elogios de Anne, porém simulou uma sutil indiferença.

– O segredo é que eu não economizo no creme – comentou. O capitão nunca tinha ouvido falar de Oliver Wendell Holmes¹³, mas evidentemente concordava com a frase do escritor: “corações grandes não gostam de pouco creme”.

– Cruzamos com uma figura peculiar na entrada – disse Gilbert, enquanto tomavam chá. – Quem era ele?

O capitão Jim sorriu.

– Aquele é Marshall Elliott. É um bom rapaz, ainda que tenha um toque de loucura. Devem estar imaginando qual o motivo da aparência digna de uma atração de circo, aposto.

– Ele é um nazareno moderno ou um profeta hebreu dos velhos tempos? – perguntou Anne.

– Nenhum dos dois. É politicagem que está por trás de sua excentricidade. Todos aqueles Elliott, Crawford e MacAllister são políticos ferrenhos. Nasceram liberais ou conservadores, conforme o caso, e assim vivem até a morte. O que farão no céu, onde provavelmente não há política, está além do que consigo imaginar. Esse Marshall Elliott nasceu um liberal. Também me considero um liberal em moderação, só que Marshall não é nem um pouco moderado. Quinze anos atrás, houve uma eleição geral particularmente difícil. Marshall lutou com unhas e dentes por seu partido. Ele estava certo de que os liberais iam ganhar, tão certo que se levantou em uma reunião pública e jurou não raspar a barba ou cortar os cabelos até os liberais estarem no poder. Bem, até hoje eles ainda não venceram nenhuma eleição, e vocês viram o resultado. Marshall manteve a palavra.

– O que a esposa dele acha disso? – perguntou Anne.

– Ele é um solteirão. Mesmo se fosse casado, acho que a esposa não conseguiria fazê-lo quebrar a promessa. A família Elliott sempre foi mais teimosa do que o normal. Alexander, irmão do Marshall, tinha um cachorro do qual gostava muito, e quando ele morreu, o sujeito quis enterrá-lo no cemitério, “junto com os outros cristãos”, segundo o próprio. É claro que não permitiram; então resolveu enterrá-lo do lado de fora da cerca do cemitério e nunca mais pisou na igreja. Aos domingos, levava a família para a igreja e sentava-se ao lado do túmulo do cão, onde lia a Bíblia durante toda a missa. Dizem que pediu à esposa para ser enterrado ao lado do cachorro quando estava morrendo; ela era uma alma dócil e servil, mas *isso* a tirou do sério. Disse que *ela* não seria enterrada ao lado de um cachorro e se ele preferia passar o resto da eternidade na companhia do animal do que com ela, assim fosse. Alexander Elliott era turrão como uma mula, mas gostava da esposa, então acabou cedendo. “Ora, enterre-me onde quiser. Quando as trombetas de Gabriel soarem, espero que meu cachorro se levante como todos nós, pois ele tem tanta alma quanto um Elliott, Crawford ou MacAllister sempre com aquela pompa”. Essas foram suas últimas palavras. Quanto ao Marshall, estamos acostumados com ele; os visitantes é que devem achá-lo peculiar. Conheço-o desde os 10 anos de idade, e agora está com 50, e gosto muito dele. Fomos pescar bacalhau hoje. É só para isto que sirvo agora: pegar truta e bacalhau, ocasionalmente. Mas nem sempre foi assim; não, senhor. Eu costumava fazer muitas coisas, vocês concordariam se tivessem lido o meu livro da vida.

Anne estava prestes a perguntar o que era seu “livro da vida” quando o Segundo Oficial criou uma distração ao pular no colo do capitão. Era um animal deslumbrante, com uma cara redonda como uma lua cheia, olhos verdes vívidos, e patas brancas imensas. O capitão acariciou as costas dele gentilmente.

– Nunca gostei muito de gatos até conhecer o Segundo Oficial. – O comentário recebeu um tremendo ronronar do Oficial. – Eu salvei a vida dele, e quando você salva a vida de um animal, você está destinando a amá-lo. É quase como gerar uma vida. Existem pessoas terríveis neste mundo, senhora Blythe. Alguns moradores da cidade grande com casas de veraneio na região do porto são tão negligentes que chegam a ser cruéis. É o pior tipo de crueldade: abandono. Não dá para lidar com isso. Eles adotam gatinhos durante o verão, então brincam, dão comida e colocam fitas e coleiras neles.

Já no outono, vão embora e os largam para morrer de fome ou de frio. Isso faz o meu sangue ferver, senhora Blythe. No inverno passado, encontrei uma pobre velha mãe gato morta na praia, junto ao seus três filhotes, só pele e osso. Ela morrera tentando salvá-los. Suas pobres patinhas estavam ao redor deles. Eu chorei, Senhor. E depois esbravejei. E então levei os coitadinhos para casa, alimentei-os e encontrei bons lares para eles. Eu conhecia a mulher que a abandonara, e quando ela voltou neste verão, eu fui até o porto e rasguei o verbo com ela. Estava me metendo na vida alheia, mas por uma boa causa.

– E como ela reagiu? – perguntou Gilbert.

– Ela chorou e disse que “não tinha pensado”. Eu respondi: “Você supõe ser essa uma boa desculpa para o dia do juízo final, quando tiver de responder pela vida daquela pobre mãe gato? Deus perguntará qual é a serventia do cérebro que Ele te deu, se não foi para usá-lo”. Acho que ela nunca mais vai abandonar outro gato.

– O senhor resgatou o Segundo Oficial? – perguntou Anne, adiantando-se a ele, que respondia com muita gentileza, para não dizer com complacência.

– Sim. Encontrei-o em um dia de inverno rigoroso, preso nos galhos de uma árvore por uma dessas porcarias de coleira de fita. Estava faminto. Se tivesse visto os olhos dele, senhora Blythe! Era só um filhotinho que sobreviveu sabe-se lá como até ficar enroscado. Quando o libertei, ele lambeu a minha mão com a língua pequena e vermelha. Ele não era o hábil marinheiro que é agora. Era manso como Moisés. Isso foi nove anos atrás. Sua vida tem sido longa, para um gato. É um bom companheiro, esse Segundo Oficial.

– Eu imaginava que o senhor tivesse um cachorro – disse Gilbert.

O capitão Jim balançou a cabeça.

– Já tive um cachorro. Gostava tanto dele que, quando morreu, não suportei a ideia de colocar outro em seu lugar. Ele era um *amigo*, compreende, senhora Blythe? O Oficial é só um camarada. Gosto dele, apesar da natureza diabólica comum aos gatos. Mas eu *amava* meu cachorro. Sempre tive uma paixão secreta por Alexander Elliott e o cão dele. Não há nada diabólico em um bom cachorro. E por isso são mais amáveis do que os gatos, acho; mas sinto que não sejam tão interessantes quanto estes. Olha eu aqui, falando pelos cotovelos. Por que não disse nada? Quando tenho a chance de falar com alguém, acabo sendo tagarela. Agora, se já terminaram

o chá, tenho algumas coisas que talvez lhes interessem, coisas trazidas dos cantos mais exóticos onde já meti o nariz.

As “algumas coisas” do capitão revelaram-se uma coleção interessantíssima de itens curiosos, repugnantes, finos e belos. E quase todos tinham uma história notável.

Anne jamais se esqueceu do prazer com que ouviu os velhos relatos naquela noite enluarada junto ao fogo mágico da lareira, enquanto o mar prateado chamava pela janela aberta e soluçava contra as rochas.

O capitão Jim nunca se gabava, mas era impossível não ver o herói que tinha sido: corajoso, autêntico, engenhoso, altruísta. Sentado naquela salinha, fazia as histórias ganharem vida novamente para os ouvintes. Com um arquear de sobancelha, um curvar dos lábios, um gesto, uma palavra, ele transmitia todo um cenário ou personagem para que os expectadores pudessem visualizar como o fato aconteceu.

Algumas das aventuras do capitão eram tão maravilhosas que Anne e Gilbert se perguntavam secretamente se ele não estava exagerando à custa da credulidade deles. No entanto, como viriam a descobrir mais tarde, estavam cometendo uma injustiça. Suas histórias eram todas verdadeiras. O capitão Jim tinha o dom inato de contar histórias, por meio do qual o “antigo, triste e distante”¹⁴ era mostrado vividamente ao ouvinte com uma pungência prístina.

O casal ria e estremecia com os velhos casos, e em certo momento Anne pegou-se chorando. O capitão observou as lágrimas dela com uma expressão radiante.

– Gosto de ver as pessoas chorando assim – comentou. – É um elogio. Mas não posso fazer justiça às coisas que vi ou ajudei a fazer. Está tudo anotado no meu livro da vida, contudo não tenho habilidade para descrevê-las propriamente. Se eu conseguisse encontrar as palavras certas e colocá-las na ordem correta, daria um grande livro. Seria melhor do que *Um louco amor*, e creio que o Joe iria gostar tanto quanto das histórias de pirata. Sim, já tive algumas aventuras no meu tempo. E quer saber, senhora Blythe? Sinto muita falta delas. Sim, sei que estou velho e inútil; às vezes acomete-me uma terrível ânsia de viajar para longe... Bem longe... Para sempre e todo sempre.

– O senhor é como Ulisses... “Meu intento é navegar além-poente, sob estrelas do ocidente, até morrer”¹⁵ – citou Anne, sonhadora.

– Ulisses? Já ouvi falar dele. Sim, é exatamente assim como me sinto, assim como todos os velhos marujos, acredito. Morrerei em terra firme,

suponho. Bem, o que será, será. O velho William Ford, de Glen, nunca entrou na água porque tinha medo de se afogar. Uma vidente lhe dissera que morreria assim. Um dia ele desmaiou e caiu de cara no cocho do estábulo e morreu afogado. Quando chega a vez da pessoa, não tem hora nem lugar. Da próxima vez, quem vai falar é o doutor. Ele sabe um monte de coisas, quero descobri-las. Sinto-me solitário aqui, às vezes, e piorou desde a morte de Elizabeth Russell. Éramos muito amigos.

As palavras do capitão Jim tinham o peso daqueles que assistem aos velhos amigos partirem um por um: amigos cujo lugar jamais poderá ser preenchido por aquele de uma geração mais nova, nem mesmo por aqueles do povo que conhece José. Anne e Gilbert prometeram voltar em breve.

– Ele é um sujeito singular, não é? – disse Gilbert, a caminho de casa.

– Por algum motivo, não consigo conciliar sua personalidade simples e dócil com a vida selvagem e aventureira vivida por ele – observou Anne.

– Você não teria dificuldades se o tivesse visto na vila dos pescadores, outro dia. Um dos homens que trabalham no barco do Peter Gautier fez um comentário desagradável sobre uma garota na praia. O capitão Jim atravessou o pobre coitado só com a força do olhar. Parecia outra pessoa. Falou pouco, mas a forma como falou... Parecia que ia tirar o couro do sujeito. Só sei que ele jamais permitirá uma palavra contra qualquer mulher na presença dele.

– Pergunto-me o motivo de não ter se casado. Os filhos dele já teriam os próprios barcos, e os netos amontoariam-se sobre ele para ouvir histórias. Ele é desse tipo de homem. Em vez disso, tem apenas um gato magnífico.

Anne, todavia, estava enganada. O capitão Jim tinha mais que isso. Ele tinha a memória.

Referência ao Antigo Testamento, Isaías 55:1. (N. T.)

Médico, professor, palestrante e autor norte-americano (1809-1894). Tido pelos seus pares como um dos melhores escritores do século XIX, é considerado um membro do Poets Fireside – o primeiro grupo de poetas americanos a rivalizar com os poetas britânicos em popularidade nos dois países. Sua obra em prosa mais famosa é *Breakfast-Table*. Ele é reconhecido como um importante reformador da medicina. (N. E.)

Referência ao poema *A ceifadora solitária*, do poeta inglês William Wordsworth (1770--1850). (N. T.)

Trecho do poema *Ulisses*, do poeta inglês Alfred Tennyson (1809-1892). (N. T.)



LESLIE MOORE

“Vou dar um passeio até a praia de seixos” disse Anne para Gog e Magog em um fim de tarde de outubro. Não havia mais ninguém em casa, pois Gilbert havia ido ao porto. Seu pequeno reino estava impecável, como se esperaria de alguém que foi criada por Marilla Cuthbert, e por isso ela sentia que podia vagar pela costa de consciência limpa. Com frequência e deleite ela andava a esmo pela enseada, às vezes com Gilbert, às vezes com o capitão Jim, e por vezes só com os próprios pensamentos e os novíssimos sonhos que começavam a ganhar vida, doces e multicoloridos. Ela adorava o porto calmo e brumoso, as dunas de areia prateadas e dominadas pelo vento e, acima de tudo, amava a praia rochosa, com suas falésias e cavernas, os montes de pedras arredondados pelo mar, e as piscinas onde os seixos reluziam ao sol. Foi para lá que ela se dirigiu naquela noite.

Uma tempestade de outono com trovões e fortes rajadas havia durado três dias, fazendo com que as ondas arreventassem estrondosamente contra as rochas, lançando espuma branca sobre as dunas, e transformando a até então luzente e pacífica Four Winds em uma angustiante tormenta enevoadada. Agora, a orla estava limpa. Nenhum vento soprava, e a única coisa perturbando a paz e o silêncio absolutos eram as ondas que ainda se chocavam contra a areia em um esplêndido tumulto.

“Ah, este é um momento merecido após semanas de mau tempo e tensão”, exclamou Anne, no topo de um rochedo. Seu olhar de satisfação perdia-se no horizonte por cima das águas. Ela desceu a encosta íngreme por uma trilha até uma pequena baía isolada pelas pedras, o oceano e o céu.

“Vou dançar e cantar. Não há ninguém por perto para me ver; as gaivotas não farão fofocas. Posso ser tão louca quanto quiser”.

Ela ergueu a saia e rodopiou pela faixa de areia fora do alcance das ondas cuja espuma quase tocou seus pés. Girando e girando, rindo como uma criança, Anne chegou ao pequeno cabo que levava ao lado leste da baía.

Então, parou abruptamente, corando. Ela não estava sozinha; seu riso e sua dança tinham uma testemunha.

A garota de cabelos dourados e olhos azuis marinhos estava sentada em uma grande pedra no cabo, meio escondida por uma rocha saliente. Encarava Anne com uma estranha expressão: parte deslumbre, parte simpatia, parte... Seria possível... Inveja? Estava descalça; os cabelos esplendorosos, mais do que nunca lembravam os “cordões de ouro” de Browning, estavam presos por uma fita rubra. Seu vestido era simplório, de um material escuro; e havia uma faixa de seda vermelha envolvendo a cintura e delineando suas curvas. Suas mãos, juntas sobre os joelhos, estavam meios marrons e um tanto marcadas pelo trabalho, ainda que seu pescoço e bochechas fossem brancos como creme. Um raio de sol brilhou através de uma nuvem baixa sobre os cabelos delas. Por um instante, ela pareceu personificar todo o mistério, a paixão e o charme elusivo de um espírito do mar.

– Você... Deve achar que sou maluca – hesitou Anne, tentando recobrar-se. Ser vista por aquela garota tão altiva em tamanho abandono infantil; ela, a senhora Blythe, que deveria manter a dignidade de uma esposa... Era horrível!

– Não – respondeu a garota. – Não acho.

E não disse mais nada. Sua voz era inexpressiva, e seus modos sutilmente desdenhosos. Contudo, algo no olhar dela; confiante, ainda que tímido; desafiador, ainda que convidativo, impediu Anne de dar meia-volta. Em vez disso, sentou-se ao lado da menina.

– Vamos nos apresentar – disse, com o sorriso que nunca falhava em ganhar a confiança e a amizade das pessoas. – Sou a senhora Blythe e moro naquela casinha branca próxima do porto.

– Sim, eu sei. Sou Leslie Moore – respondeu a garota. – A senhora Dick Moore – acrescentou, com formalidade.

Anne ficou em silêncio por um instante por puro espanto. Não lhe ocorreu que aquela jovem pudesse ser casada; ela não parecia nem um pouco com uma esposa. E também era a vizinha a qual Anne imaginara ser uma pessoa comum de Four Winds! Ela mal conseguia ajustar o foco da mente diante de tamanha mudança de paradigma.

– Ou se-seja, você mora naquela casa cinza subindo o riacho – gaguejou.

– Sim. Deveria ter feito uma visita há muito tempo – disse a jovem, sem oferecer nenhuma explicação ou desculpa.

– Eu *adoraria* – disse Anne, enfim recompondo-se. – Moramos tão próximas, deveríamos ser amigas. Esse é o único defeito de Four Winds: não existem vizinhos suficientes. Do contrário, é um lugar perfeito.

– Gosta daqui?

– *Gostar*? Eu amo! É o lugar mais lindo em que já estive.

– Nunca viajei muito – disse Leslie Moore, suavemente –, mas sempre achei aqui adorável. Eu... Também amo Four Winds.

A maneira de Leslie falar era como sua aparência: tímida e ao mesmo tempo intensa. Anne tinha uma estranha sensação de que aquela garota curiosa (o “garota” persistia) poderia falar profusamente, se quisesse.

– Venho sempre à praia – acrescentou.

– Eu também – disse Anne. – Curioso não termos nos encontrado antes.

– Você provavelmente vem mais cedo do que eu. Costumo vir quando já está quase escurecendo. E adoro vir depois de uma tempestade, como hoje. Não gosto tanto do mar quando está calmo. Prefiro a agitação, o confronto das águas e o barulho.

– Gosto dele em qualquer estado de espírito – declarou Anne. – O mar em Four Winds é para mim o mesmo que a Travessa dos Amantes, onde cresci. Hoje parecia tão livre e indomável que algo dentro de mim também se libertou, por compaixão. Por isso dançava como uma louca. Não achei que alguém estivesse olhando, é claro. Se a senhorita Cornelia Bryant tivesse me visto, temeria pelo futuro do jovem doutor Blythe.

– Você conhece a senhorita Cornelia? – Leslie era dona de uma risada primorosa, que surgiu espontânea e inesperadamente como uma risada gostosa de um bebê. Anne também riu.

– Ah, sim. Ela já foi à minha casa dos sonhos diversas vezes.

– Sua casa dos sonhos?

– É só um apelido bobo, é como Gilbert e eu chamamos a nossa casa. Só o usamos entre a gente. Escapou antes que eu pudesse evitar.

– Então, a casinha branca da senhorita Russell é a *sua* casa dos sonhos – disse Leslie, pensativa. – Tive uma casa dos sonhos uma vez, mas era um palácio – acrescentou, com uma risada cujo encanto foi maculado por uma nota de deboche.

– Ah, já sonhei com um palácio, também – disse Anne. – Acho que todas as garotas já fizeram isso. E então nos contentamos com casas de oito cômodos que parecem saciar todos os desejos de nossos corações, pois é onde estão nossos príncipes. Sem dúvida, *você* deveria ter tido o seu palácio;

aliás, você é tão bonita. Preciso confessar uma coisa: estou quase explodindo de admiração. Você é a criatura mais preciosa que já vi, senhora Moore.

– Se vamos ser amigas, então me chame de Leslie – disse a outra, com uma estranha intensidade.

– Claro, chamarei. E meus amigos me chamam de Anne.

– Acho que sou bonita – continuou Leslie, olhando tempestivamente para o mar. – Odeio minha beleza. Gostaria de ser morena e comum como a mais morena e comum das garotas daquela vila de pescadores. Enfim, o que acha da senhorita Cornelia?

A mudança abrupta de assunto acabou com qualquer chance de outras confidências.

– Ela é muito simpática, não acha? – Gilbert e eu fomos convidados para tomar chá na casa dela, semana passada. Você já deve ter ouvido falar de banquetes.

– Lembro-me de ter visto a expressão nos jornais, nas colunas sobre casamentos – disse Leslie, sorrindo.

– Bem, a senhorita Cornelia preparou um desses, praticamente. Era inacreditável a quantidade de comida que havia preparado para duas pessoas. Ela fez todos os tipos de torta imagináveis, eu acho, exceto de limão. Ela contou que ganhou o prêmio de melhor torta de limão na Feira de Charlottetown dez anos atrás, mas nunca mais fez outra por medo de perder a reputação.

– Conseguiu comer tortas o suficiente para agradá-la?

– Não. Gilbert ganhou o coração dela nas repetições... Mas não vou dizer quantas foram. Ela disse que nunca conheceu um homem que não gostasse de tortas. Sabe, eu amo a senhorita Cornelia.

– Eu também – disse Leslie. – É a melhor amiga que tenho no mundo.

Anne ficou curiosa; se aquilo era mesmo verdade, por que a senhorita Cornelia nunca mencionara a senhora Dick Moore? Ela certamente havia falado livremente sobre todos os outros indivíduos nos arredores de Four Winds.

– Não é lindo? – disse Leslie, após um breve silêncio, apontando para o efeito de um facho de luz que entrava pela fenda de uma rocha sob uma piscina esmeralda. – Se eu tivesse vindo aqui e não tivesse visto mais nada além disso, teria ido embora satisfeita.

– O efeito das luzes nessa praia é maravilhoso – concordou Anne. – Meu quartinho de costura é voltado para o porto, e eu me sento perto da janela e

me farto com a vista. As cores e sombras nunca são as mesmas de um minuto para o outro.

– Você nunca se sente solitária? – perguntou Leslie abruptamente. – Quando está sozinha?

– Não. Acho que nunca me senti solitária de verdade na vida – respondeu Anne. – Mesmo nos momentos em que estou sozinha, tenho ótima companhia: sonhos e imaginações e faz de conta. *Gosto* de ficar sozinha de vez em quando, só para pensar nas coisas e saboreá-las. Mas adoro ter amigos e passar bons momentos com as pessoas. Ah, não gostaria de me visitar, com frequência? Por favor. Acredito que você vai gostar de mim, se me conhecer melhor – acrescentou, rindo.

– Imagino se *você* iria gostar de *mim* – disse Leslie, com seriedade. Ela não estava à procura de elogios. Olhou para as ondas que começavam a se enfeitar com a prata do luar, e seus olhos se encheram de sombras.

– Irei, tenho certeza – disse Anne. – E por favor, não pense que sou irresponsável só porque me viu dançando na praia ao entardecer. Sem dúvida, agirei com uma “senhora” aos poucos. Sabe, não estou casada há muito tempo. Ainda me sinto como uma moça, e até como uma criança, às vezes.

– Sou casada há doze anos – disse Leslie.

Outra surpresa inacreditável.

– Ora, você não pode ser mais velha do que eu! Deve ter se casado quando ainda era uma criança.

– Aos 16 – disse Leslie, levantando-se e pegando a capa e o casaco atrás dela. – Tenho 28 agora. Bem, tenho que ir embora.

– Eu também. Gilbert já deve ter chegado em casa. E estou muito contente de termos nos conhecido.

Leslie não disse nada, e Anne sentiu certo incômodo. Ela oferecera sua amizade com sinceridade, mas ela não foi aceita muito graciosamente; se é que não foi rechaçada. Em silêncio, elas subiram os rochedos e atravessaram campos cuja grama macia e alva parecia um carpete aveludado ao luar. Ao chegarem à praia, Leslie virou-se.

– Vou por aqui, senhora Blythe. Virá algum dia me visitar, não?

Anne sentiu como se o convite tivesse sido feito a esmo, e teve a impressão de que Leslie Moore o fizera com relutância.

– Irei, se realmente quiser – respondeu um tanto friamente.

– Ah, eu quero, eu quero – exclamou Leslie, com uma avidez que parecia ter se libertado de amarras impostas.

– Então, irei. Boa noite, Leslie.

– Boa noite, senhora Blythe.

Anne voltou cismada para casa e desabafou com Gilbert.

– Então, a senhora Dick Moore não é do povo que conhece José? – provocou Gilbert.

– Não exatamente. Ainda assim... Acho que ela já foi um deles, porém deixou de ser ou está em exílio – divagou Anne. – É certamente diferente das outras mulheres da região. Não dá para falar de ovos e manteiga com ela. E pensar que eu a imaginava como uma segunda senhora Rachel Lynde! Você já conheceu o senhor Dick, Gilbert?

– Não. Já vi vários homens trabalhando na fazenda, mas não sei qual deles era ele.

– Ela não o mencionou. *Sei* que é infeliz.

– Pelo que contou, ela se casou antes de ter maturidade o suficiente para saber o que realmente desejava e descobriu tarde demais que cometera um erro. É uma tragédia bastante comum, Anne. Uma mulher distinta teria tirado o melhor da situação. A senhora Moore evidentemente deixou isso a amargurar e ressentir.

– Não a julguemos antes de conhecê-la – pediu Anne. – Não creio que o caso dela seja tão prosaico. Você compreenderá o encanto que há nela quando conhecê-la, Gilbert. É algo além de sua beleza. Sinto que é dona de uma natureza preciosa, na qual uma amiga pode entrar como em um reino; por algum motivo, entretanto, ela barra todo mundo e se fecha para todas as possibilidades. Bem, venho tentando defini-la desde que a vi, e isso é o mais próximo que consigo chegar. Vou perguntar dela para a senhorita Cornelia.



A HISTÓRIA DE LESLIE MOORE

– Sim, o oitavo bebê chegou ontem à noite – informou a senhorita Cornelia, sentada em uma cadeira de balanço diante da lareira da casinha branca, em uma tarde gelada de outubro. – É uma menina. Fred estava furioso; disse que queria um menino, quando na verdade não queria filho nenhum. Se fosse um menino, ele reclamaria por não ter sido uma menina. Eles já têm quatro garotas e três garotos, então não vejo qual diferença o sexo desse último filho faria; mas claro, ele tinha que ser impertinente, é típico dos homens. A neném é uma gracinha, vestida com suas roupinhas bonitas. Ela tem olhos pretos e mãozinhas fofas.

– Tenho que visitá-los. Adoro bebês – disse Anne, sorrindo para si mesma diante de um pensamento tão afetuoso e sagrado para ser posto em palavras.

– Também gosto deles – admitiu a senhorita Cornelia. – Mas algumas pessoas parecem ter mais do que deveriam, acredite em mim. Minha pobre prima Flora, de Glen, teve onze, e trabalhava como uma escrava! O marido dela se matou três anos atrás. Típico de um homem!

– O que o levou a fazer isso? – perguntou Anne, chocada.

– Não conseguiu superar algo que não saiu do seu jeito, então pulou no poço. E foi tarde! Era um tirano inato. No entanto, acabou com o poço, obviamente. Flora nunca mais voltou a usá-lo, coitadinha! Mandou construir outro que custou uma fortuna, e a água era péssima. Se ele tinha *mesmo* de se afogar, por que não escolheu o porto, onde há água suficiente? Não tenho paciência com homens assim. Só tivemos dois suicídios em Four Winds, até onde me lembro. O outro foi Frank West, o pai de Leslie Moore. Aliás, a Leslie já fez uma visita a vocês?

– Não, mas eu a encontrei na praia alguns dias atrás, e nos tornamos conhecidas – disse Anne, aguçando os ouvidos.

A senhorita Cornelia assentiu.

– Fico contente, querida. Estava torcendo para se conhecerem. O que achou dela?

– É muito bonita.

– Ah, evidentemente. Nenhuma beleza em Four Winds jamais se comparou à de Leslie. Já reparou em seus cabelos? Eles chegam até os pés quando ela os deixa soltos. O que eu quero é saber se gostou dela.

– Sinto que poderia gostar muito da senhora Moore, se ela permitisse – disse Anne com cautela.

– Só que ela não vai permitir; vai se afastar e manter-se a distância. Pobre Leslie! Você não ficaria muito surpresa se soubesse como foi a vida dela. Uma tragédia, uma verdadeira tragédia! – enfatizou a senhorita Cornelia.

– Gostaria que a senhorita contasse a história dela, se isso não for trair a confiança dela.

– Querida, todo mundo em Four Winds conhece a história da pobre Leslie. Não é nenhum segredo, pelo menos um lado dela. Ninguém conhece o *outro lado* além da Leslie, e ela não confia em ninguém. Sou sua melhor amiga na Terra, eu acho, e mesmo assim nunca a ouvi reclamar de nada. Já viu o senhor Dick Moore?

– Não.

– Bem, acho melhor começar do início e contar tudo, assim irá entender. O pai de Leslie era Frank West. Era astuto e preguiçoso, um homem típico. Ah, ele era bastante inteligente, mas de que isso lhe serviu? Ele chegou a ir para a faculdade, entretanto ficou doente depois de dois anos. Os West eram todos predispostos a enfermidades. Então, Frank voltou para casa e começou a tocar a fazenda. Casou-se com Rose Elliott, que vivia do outro lado do porto. Rose era conhecida como a beldade de Four Winds; Leslie puxou a beleza da mãe, mas com dez vezes mais ímpeto e energia, e também uma silhueta melhor. Agora você sabe, Anne, eu sempre defendo que nós, mulheres, temos de apoiar umas às outras. Já suportamos só Deus sabe o quanto nas mãos dos homens, por isso afirmo que não devemos ter rixas entre nós; além disso, raramente você me flagrará falando mal de outra mulher. No entanto, nunca simpatizei com a Rose Elliott. Para começar, ela era metida, acredite em mim; não passava de uma criatura preguiçosa, egoísta e queixosa. Frank não era muito de trabalhar, e por isso eram pobres de tudo. Pobres! Viviam à base de batatas e nada mais, acredite em mim. Tiveram dois filhos: Leslie e Kenneth. Leslie tinha a beleza da mãe e o cérebro do pai, e algo mais que não herdou de ninguém. Puxou à avó pelo

lado da família West, uma senhora esplêndida. A menina era a coisinha mais esperta, amigável e alegre quando criança, Anne. Todo mundo gostava dela. Era a favorita do pai, a quem era muito apegada. Eram “camaradas”, como ela costumava dizer. Não conseguia enxergar nenhuma das falhas dele, até porque ele *era* um homem charmoso, em certos aspectos.

– Bem, quando Leslie tinha 12 anos, a primeira tragédia aconteceu – continuou. – Ela venerava o pequeno Kenneth, que era quatro anos mais novo e um garotinho encantador. Um dia, ao cair de um imenso fardo de feno a caminho do celeiro não resistiu e morreu; a roda da carroça esmagou o corpinho dele. E escute só, Anne: Leslie viu tudo do celeiro. O empregado que ouviu o grito dela afirmou jamais ter escutado nada semelhante na vida, e aquilo ressoaria em seus ouvidos até o dia em que a trombeta de Gabriel o expulsasse. Contudo, ela nunca mais chorou ou tocou no assunto. Pulou do celeiro para a carroça, da carroça para o chão e agarrou o corpinho ensanguentado e ainda quente, Anne... Tiveram de separá-la à força dele. Mandaram me buscar... Não consigo falar disso.

A senhorita Cornelia secou as lágrimas dos olhos castanhos bondosos e fechou-se em um silêncio pesaroso por alguns minutos.

– Bem – retomou –, tudo já passou. Enterraram o pequeno Kenneth no cemitério próximo ao porto, e um tempo depois Leslie retornou para a escola. Ela nunca mais mencionou o nome do Kenneth; eu, pelo menos, nunca o ouvi de seus lábios. Suponho que a velha ferida ainda arda e queime de vez em quando; mas ela era apenas uma menina, e o tempo é muito bondoso com as crianças, querida Anne. Após um tempo ela voltou a rir... E tinha a mais linda risada. Não a ouvimos mais com frequência, agora.

– Eu ouvi uma vez na outra noite – disse Anne. – É *mesmo* muito bonita.

– Frank West começou a decair após a morte de Kenneth. O homem já não era forte, e a morte do menino foi um choque intenso porque ele gostava muito do filho, ainda que Leslie fosse sua favorita, como já disse. Ficou melancólico e taciturno e não conseguia ou não queria trabalhar. E um dia, quando Leslie tinha 14 anos, ele se enforcou... Bem no meio da sala de estar, Anne, pelo bocal de uma lâmpada no teto. Não é típico de um homem? E bem no aniversário de seu casamento. Que momento mais propício ele escolheu, não? E, é lógico, quem o encontrou teve que ser a pobre Leslie. Entrou na sala naquela manhã cantando, com algumas flores frescas nas mãos para os vasos, e lá estava o pai pendurado no teto, com o rosto preto como um carvão. Foi horrível, acredite em mim!

– Oh, que terrível – disse Anne, estremeecendo. – Pobre e infeliz criança!

– Leslie chorou tão pouco no funeral do pai quanto chorara no de Kenneth. Já Rose gemia e gritava pelas duas, enquanto a criança fazia o possível para acalmar e confortar a mãe. Fiquei ultrajada com a Rose, assim como todo mundo, e Leslie não perdeu a paciência nem por um instante. Ela amava a mãe. A família é tudo para Leslie; aos seus olhos, nenhum deles era capaz de fazer algo de errado. Bem, eles enterraram Frank West ao lado de Kenneth, e Rose mandou construir um monumento em sua homenagem. Era maior que a própria figura, acredite em mim! De qualquer forma, era maior do que Rose podia pagar, pois a fazenda estava hipotecada por um valor acima de seu real valor. Pouco depois, a avó West morreu e deixou para Leslie um dinheirinho, o suficiente para estudar um ano na Queen's Academy. Leslie estava decidida a lecionar, se conseguisse, e economizar o suficiente para bancar os estudos na Redmond College. Era o grande sonho do pai dela: queria que ela tivesse o que ele havia perdido. Leslie estava cheia de ambições, e sua cabeça cheia de ideias. Ela foi para a Queen's, onde concluiu dois anos em um e tirou o primeiro diploma, e deu aulas na escola de Glen quando voltou para casa. Era tão alegre, esperançosa, tão cheia de vida e entusiasmo! Quando lembro quem já foi e vejo quem é agora, eu penso... Malditos homens!

A senhorita Cornelia cortou o fio do bordado com um movimento violento, como se estivesse arrancando a cabeça da humanidade com um só golpe, ao estilo de Nero.

– Dick Moore entrou na vida dela naquele verão. O pai dele, Abner Moore, tinha uma loja em Glen, mas Dick herdara a ânsia pelo mar da família da mãe. Ele costumava navegar durante o verão e atender na loja durante o inverno. Era um sujeito grande e belo, com uma alma feia e pequena. Estava sempre querendo algo até conseguir, e então já não queria mais; típico dos homens. Ah, ele não ficava zangado quando o clima estava bom e era um homem muito cortês quando estava tudo bem. Mas ele bebia bastante, e havia algumas histórias desagradáveis sobre ele e uma garota na vila dos pescadores. Ele não servia nem para limpar os sapatos de Leslie, é essa a verdade. E era metodista! Mas era louco por ela, em primeiro lugar pela beleza, e em segundo porque ela não queria nada com ele de início. Ele jurou que a teria e conseguiu!

– Como ele fez isso?

– Ah, foi perverso! Jamais perderei Rose West. Sabe, querida, Abner Moore detinha a hipoteca da fazenda West, e os juros estavam atrasados alguns anos. Dick simplesmente procurou a senhora West e disse que, se Leslie não se casasse com ele, iria fazer o pai executar a hipoteca. Rose ficou ensandecida, desmaiou, chorou e implorou à filha que não deixasse a casa ser tomada. Disse que partiria seu coração deixar a casa onde chegara ainda nova. Não a culpo por sentir-se tão mal com a situação, mas... Quem imaginaria tamanho egoísmo a ponto de sacrificar o sangue de seu próprio sangue? Bem, é essa a verdade.

– E Leslie cedeu – prosseguiu. – Ela amava tanto a mãe que teria feito qualquer coisa para poupá-la da dor. Casou-se com Dick Moore. Ninguém soube o motivo na época; só vim a descobrir muito tempo depois como a mãe dela a pressionara. Eu tinha certeza de que havia algo errado, pois eu estava ciente do quanto ela o esnobara, e porque não era do feitio de Leslie mudar de ideia, não assim. Além disso, eu sabia que Dick Moore não era do tipo de homem pelo qual Leslie se interessaria, apesar da beleza e do charme. Claro, não houve cerimônia, mas Rose me convidou para vê-los se casarem. Eu fui, mas desejei não ter ido. Eu vira a expressão de Leslie no funeral do irmão e do pai, e agora parecia que eu estava no funeral dela. Rose, no entanto, tinha um sorriso de orelha a orelha, acredite em mim! Leslie e Dick foram morar na casa dos West, pois Rose não suportaria se separar da filha, e lá viveram durante o inverno. Na primavera, Rose teve pneumonia e morreu... Quando já era tarde demais! Leslie ficou arrasada. Não é terrível como algumas pessoas indignas são amadas, enquanto outras que aparentemente merecem muito mais nunca recebem afeição suficiente? Quanto a Dick, se cansou da vida tranquila de casado. Típico dos homens. Queria novos ares. Ele foi para Nova Escócia visitar parentes da família do pai e escreveu para Leslie avisando que o primo, George Moore, estava de viagem para Havana e ele iria junto. O nome do barco era *Four Sisters*, e eles partiriam dali nove semanas. Deve ter sido um alívio para Leslie. Ela nunca disse nada, entretanto. Desde o dia do casamento ela é do jeito como você a conheceu: distante e orgulhosa, mantendo todos afastados, menos eu. Eu não queria ser mantida a distância, acredite em mim! Aproximei-me de Leslie do melhor jeito que pude, apesar de tudo.

– Ela me disse que você é a melhor amiga dela – disse Anne.

– É mesmo? – exclamou a senhorita Cornelia com prazer. – Bem, fico grata por saber disso. Às vezes me pergunto se ela realmente me quer por

perto, pois nunca deixou nada transparecer. Você deve tê-la conquistado mais do que imagina ou ela não teria dito isso. Ah, aquela pobre garota! Nunca vejo o Dick Moore, mas quero cortar a garganta dele!

A senhorita Cornelia secou os olhos novamente e, aliviada a sede de sangue, continuou a história.

– Bem, a Leslie foi abandonada sozinha. Dick semeara os campos antes de partir, e o velho Abner cuidou da colheita. O verão passou, e o *Four Sisters* não voltou. Os Moore da Nova Escócia investigaram e descobriram que o barco havia chegado em Havana, descarregado e zarpado com uma carga nova; era tudo que sabiam. Com o tempo as pessoas começaram a falar de Dick Moore como se fosse falecido. Quase todo mundo acreditava nisso, embora ninguém tivesse certeza, pois homens já haviam reaparecido no porto depois de anos dados como mortos. Leslie nunca acreditou nisso, e estava certa. E que desgraça! No verão seguinte, o capitão Jim esteve em Havana. Isso foi antes de desistir do mar, é óbvio. Ele resolveu dar uma investigada (o capitão sempre foi enxerido, o que é típico dos homens) e começou a perguntar nas pensões de marinheiros e lugares do tipo, para ver se descobria alguma coisa da tripulação do *Four Sisters*. Era melhor ter deixado as coisas como estavam, na minha opinião! Bem, ele chegou a um lugar bem afastado onde encontrou um homem que, à primeira vista, podia jurar que era Dick Moore, embora estivesse com uma barba grande. Então fez o homem tirar a barba, e não houve mais dúvidas: era Dick Moore. O corpo, pelo menos. A cabeça estava perdida. Já a alma, na minha opinião, ele nunca teve!

– O que aconteceu com ele?

– Ninguém sabe os detalhes. Cerca de um ano atrás, pela manhã, os donos da pensão o encontraram caído na frente da casa em péssimas condições, com a cabeça gravemente ferida, isso foi tudo o que puderam informar. Eles suspeitavam ter sido uma briga de bêbados, o que provavelmente é verdade. Eles o acolheram sem esperanças de que fosse sobreviver. Mas sobreviveu, e parecia mais uma criança quando melhorou. Não tinha memória, intelecto ou raciocínio. Nunca conseguiram descobrir quem ele era. Não era capaz de dizer o próprio nome e só falava algumas palavras simples. Carregava consigo uma carta que começava com “querido Dick”, assinada por “Leslie”, mas sem nenhum endereço e o envelope desaparecera. Eles deixaram-no ficar, e ele até aprendeu algumas tarefas básicas... E foi lá que o capitão Jim o encontrou e o trouxe de volta. Sempre digo, aquele foi um dia lastimável,

por mais que Jim não tivesse alternativa. Ele achou que talvez Dick pudesse recobrar a memória se voltasse para a casa e visse rostos familiares. De nada adiantou. Desde então, Dick vive na casa riacho acima. É praticamente uma criança. Em certas ocasiões fica irritadiço, mas no geral é muito bonzinho e inofensivo. Tem tendência a fugir, e por isso precisa ser vigiado. É o fardo que Leslie carrega há onze anos, completamente sozinha. O velho Abner morreu pouco depois da volta de Dick, e descobriu-se que ele estava quase falido. Quando tudo foi acertado, restou somente a velha fazenda dos West para Leslie e Dick. Ela a alugou para John Ward, e o aluguel é sua única fonte de renda. Às vezes, no verão, recebe algum hóspede para ajudar nas despesas. Só que a maioria dos visitantes prefere o outro lado do porto, onde ficam os hotéis e as casas de veraneio. A casa de Leslie é afastada demais da praia. Nesses onze anos, ela nunca saiu de perto do Dick; está presa àquele imbecil por toda a vida. E quantos sonhos e esperanças tinha! Pode imaginar como tem sido para ela, querida Anne? Com toda a beleza, vitalidade, orgulho e inteligência que tem... Tem sido uma morte em vida.

– Aquela garota pobre e infeliz! – disse Anne novamente. Sua própria felicidade parecia uma ofensa. Que direito tinha de ser tão feliz quando outra alma humana era tão miserável?

– Você me contaria o que Leslie disse e como agiu naquela noite na praia? – pediu a senhorita Cornelia.

Ela ouviu atentamente, assentindo com satisfação.

– Você achou que ela foi distante e fria, querida, mas posso lhe garantir, pelo jeito de ser dela, Leslie foi muito cordial. Deve ter simpatizado muito com você. Fico muito feliz. Talvez possa ajudá-la. Fiquei muito contente quando soube que um jovem casal estava se mudando para aquela casa, pois assim Leslie teria alguns amigos; especialmente se o casal pertencesse ao povo que conhece José. Você será amiga dela, não é mesmo, querida Anne?

– Claro que serei, se ela deixar – disse Anne, com sua doce e impulsiva honestidade.

– Não, você deve se tornar amiga da Leslie, mesmo sem a permissão dela – disse a senhorita Cornelia, resoluta. – Não dê importância se ela parecer rígida às vezes. Lembre-se de como a vida dela foi, é e para sempre será; pelo que sei, criaturas como Dick Moore vivem para sempre. Deveria ver como o Dick engordou quando voltou para casa. Costumava ser bem magro. *Obrigue-a* a ser sua amiga; sei que é do tipo de pessoa com essa habilidade. Você só não pode ser muito sensível. E não se importe se Leslie parecer que

não quer a sua presença lá. Ela sabe que algumas mulheres não gostam de estar perto de Dick, reclamam que ele lhes dá calafrios. Assim, faça-a vir aqui sempre que possível. Ela não pode se ausentar por muito tempo, pois sabe-se lá Deus o que o Dick faria. Incendiar a casa, talvez. À noite, depois que ele dorme, é o seu único momento de liberdade. Ele sempre vai para cama cedo e dorme feito uma pedra até de manhã. Foi por isso que a conheceu na praia, provavelmente. Ela vai muito lá.

– Farei tudo que for possível por ela – disse Anne. Seu interesse em Leslie Moore, o qual surgiu no momento em que a viu levando gansos selvagens pela colina, intensificou-se mil vezes após narrativa da senhorita Cornelia. A formosura, a melancolia e a solidão dela exerciam um fascínio irresistível. Anne nunca conhecera ninguém como ela; suas amigas sempre foram garotas saudáveis, comuns e alegres como ela mesma, cujos sonhos juvenis eram encobertos apenas pelas tribulações rotineiras da condição humana. Leslie Moore destacava-se como um exemplo trágico e intrigante de frustração feminina. Anne resolveu que iria adentrar o reino daquela alma solitária e lá encontraria a amizade a qual Leslie poderia dar com abundância, se não fossem os grilhões cruéis que a mantinham em uma prisão criada por si mesma.

– E escute isso, querida – disse a senhorita Cornelia, com a mente ainda não aliviada totalmente –, não pense que a Leslie é uma infiel só porque vai raramente à igreja, ou ainda porque é uma metodista. Ela não pode levar o Dick à igreja, é claro; e também não é como se ele tivesse sido um frequentador assíduo em seus melhores dias. Apenas lembre--se: ela é uma presbiteriana fervorosa de coração, Anne, querida.



A VISITA DE LESLIE

Leslie foi até a casa dos sonhos em uma noite gélida de outubro, em que a névoa enlutarada pairava sobre o porto e envolvia os vales estreitos que davam para o mar. Ela pareceu arrepender-se quando Gilbert atendeu a porta; mas Anne veio correndo e apoderou-se da visita, trazendo-a para dentro.

– Fico tão feliz que tenha escolhido esta noite para nos visitar – disse, animada. – Fiz bastante *fudge* e precisamos de alguém para nos ajudar a comê-lo diante da lareira, com uma boa prosa. Talvez o capitão Jim apareça, também. É a noite dele.

– Não, o capitão Jim está na minha casa – disse Leslie. – Ele... Ele me fez vir aqui – acrescentou, em um tom quase desafiador.

– Agradecerei da próxima vez que o vir – disse Anne, colocando algumas cadeiras diante da lareira.

– Ah, não quis dizer que não queria vir – protestou Leslie, corando levemente. – Eu... Eu vinha pensando em visitá-la há algum tempo, mas sair de casa não é fácil para mim.

– Deve ser muito penoso ter de deixar o senhor Moore – disse Anne, em um tom prosaico. Decidira que era melhor mencionar Dick Moore ocasionalmente como um fato comum, em vez de dar um ar mórbido ao assunto tentando evitá-lo.

E estava certa, pois a tensão de repente desapareceu do semblante de Leslie. Evidentemente ela se perguntava o quanto Anne conhecia das suas condições de vida e ficou aliviada quando nenhuma explicação foi necessária. Tirou a capa e o casaco e aconchegou-se como uma criança na grande poltrona ao lado do Magog. Vestia-se com cuidado e esmero, com o costumeiro toque de cor de um gerânio escarlate próximo do pescoço alvo. Seus lindos cabelos reluziam como ouro derretido à luz da lareira. Por um instante, sob a influência da casinha dos sonhos, ela voltou a ser menina:

uma menina livre do passado e das amarguras. Leslie estava sob o efeito da atmosfera dos muitos amores que por ali passaram; da companhia de dois jovens felizes e sadios da mesma geração que ela, sentiu e cedeu à magia ao seu redor; a senhorita Cornelia e o capitão Jim mal a reconheceriam. Anne achava difícil acreditar que essa Leslie de agora, animada, falando e ouvindo com a voracidade de uma alma faminta, era a mesma mulher taciturna e reservada que conhecera na praia. Como olhava com avidez para as estantes de livros entre as janelas!

– Nossa biblioteca não é muito extensa – disse Anne –, mas cada livro nela é um amigo. Fomos escolhendo nossos livros ao longo dos anos, aqui e ali, sem nunca os comprar sem antes lê-los para saber se pertencem ao povo que conhece José.

Leslie riu, e sua bela risada parecia em harmonia com toda a felicidade ecoada por aquela casinha no passado.

– Tenho alguns livros do meu pai, não muitos – disse. – Já os conheço quase de cor. Não tenho muito acesso a livros. Há uma biblioteca itinerária na loja de Glen, mas não acho que o comitê o qual faz a seleção dos livros para o senhor Parker saiba quais são os do povo que conhece José, ou talvez não se importem com isso. Era tão raro encontrar um do qual realmente gostasse, que acabei desistindo.

– Quero que se sinta em casa com nossas estantes de livros – disse Anne. – Você é mais do que bem-vinda para pegar emprestado qualquer um.

– Vocês estão servindo um banquete para os meus olhos – disse Leslie alegremente. Então, quando o relógio bateu a décima badalada, ela se levantou contra a vontade.

– Devo ir. Perdi a noção das horas. O capitão Jim sempre diz que uma visita de uma hora passa rápido. E eu já fiquei duas... Ah, como desfrutei delas – acrescentou com franqueza.

– Venha mais vezes – disseram Anne e Gilbert. Eles estavam de pé, juntos, sob a luz da lareira. Leslie os encarou: jovens, felizes e cheios de esperanças, representando tudo o que ela havia perdido para sempre. O brilho em seus olhos extinguiu-se; a menina se fora, desaparecera. Foi a mulher infeliz e enganada que respondeu de modo frio ao convite e se retirou com uma pressa lamentável.

Anne a observou até que Leslie se perdesse nas sombras da noite fria e enevoadada. Então, voltou-se para o brilho de seu lar radiante.

– Ela não é adorável, Gilbert? O cabelo dela me fascina. A senhorita Cornelia me disse que chega até os pés. Ruby Gillis tinha lindos cabelos de um dourado vívido; só que Leslie está *viva*.

– Ela é muito linda – concordou Gilbert, com tamanha ênfase que Anne desejou que ele tivesse sido um *pouco* menos entusiasmado.

– Gilbert, você gostaria mais dos meus cabelos se fossem como os de Leslie? – perguntou, inquieta.

– Não mudaria a cor dos seus cabelos por nada neste mundo – disse Gilbert, com um ou dois afagos convincentes. – Você não seria a Anne se tivesse cabelos loiros, ou de outra cor que não...

– Vermelho – completou Anne, com uma triste satisfação.

– Sim, vermelho, para acalentar sua pele branca como o leite e seus olhos verdes-acinzentados. Cabelos dourados não ficariam bem para a rainha Anne, *minha* rainha Anne: rainha do meu coração, da minha vida e do meu lar.

– Então, pode admirar Leslie o quanto quiser – disse ela nobremente.



UMA NOITE FANTASMAGÓRICA

Em um fim de tarde, uma semana depois, Anne decidiu atravessar os campos para fazer uma visita à casa que ficava riacho acima. Uma neblina gris oriunda do golfo envolvia o porto, preenchia os vales e encobria pesadamente os prados outonais. Sob ela, o mar soluçava e estremecia. Anne via Four Winds sob um aspecto novo, misterioso e fascinante; entretanto, este também lhe dava uma sensação de solidão. Gilbert estava em uma convenção médica em Charlottetown e só voltaria na manhã seguinte. Ela ansiava por uma hora na companhia de alguma amiga. O capitão Jim e a senhorita Cornelia eram “bons colegas” à maneira deles, mas juventude ansiava por juventude.

“Seria ótimo se ao menos Diana, Phil, Pris ou Stella pudessem vir aqui para conversar um pouco”, disse para si mesma. “Mas que noite mais *fantasmagórica*. Se esse manto de névoa fosse erguido de repente, daria para ver todos os navios que já partiram daqui e para seus destinos fatais aproximando-se do cais, com suas tripulações de afogados no deque, tenho certeza. É como se ocultasse inúmeros mistérios; sinto como se as gerações passadas de Four Winds me espiassem com ira através desse véu cinza. Se as amáveis damas que já habitaram esta casinha resolvessem voltar para visitá-la, elas escolheriam uma noite como esta. Se continuar sentada aqui por muito tempo, verei uma delas sentada na poltrona de Gilbert, bem na minha frente. Este não é exatamente um lugar agradável nesta noite. Até mesmo Gog e Magog parecem prestes a erguer as orelhas para ouvir os passos de convidados invisíveis. Vou visitar Leslie antes que eu me assuste com as minhas próprias fantasias, como aconteceu anos atrás na Floresta Assombrada. Deixarei a minha casa dos sonhos para que receba seus antigos habitantes. A lareira lhes dará boas-vindas em meu nome, e quando eu retornar eles já terão ido embora e a casa será minha outra vez. Nesta noite, ela deve ter um encontro marcado com o passado”.

Rindo das próprias fantasias, mesmo sentindo uma sensação gelada na espinha, Anne deu um beijo em Gog e Magog e saiu para a neblina com algumas revistas novas debaixo do braço para Leslie.

“Leslie é louca por livros e revistas”, contara-lhe a senhorita Cornelia, “no entanto raramente os lê. Ela não tem condições de comprá-los ou assiná-los; a situação dela é realmente deplorável, Anne. Não faço a mínima ideia de como vive com o parco aluguel da fazenda. Ela nunca reclama disso, mas sei como deve ser. A pobreza a limitou a vida inteira. Leslie não se importava quando era livre e ambiciosa, só que isso deve ser um infortúnio agora, acredite em mim. Fico contente em saber da animação dela na noite em que te visitou. O capitão Jim me contou que teve de praticamente colocar o casaco em Leslie e empurrá-la para fora de casa. Não demore para visitá-la, também. Se você demorar, ela vai achar que é por causa do Dick, e então se recolherá em sua concha de novo. Dick é um grande bebê inofensivo, mas aquele sorriso grande e aquela risada dele deixam muita gente nervosa. Graças a Deus, não me aflijo com isso. Gosto mais dele agora do que quando tinha a cabeça no lugar, embora o Senhor saiba que a diferença não é grande. Fui lá outro dia para ajudar Leslie com a limpeza, e eu estava fritando rosquinhas. Dick estava por perto para ganhar uma, como de costume, e de repente ele pegou uma que eu havia acabado de tirar do fogo e a colocou na minha nuca quando me abaixei. Ele riu até não poder mais. Acredite em mim, Anne, precisei de toda a graça de Deus em meu coração para não pegar a panela de óleo fervente e despejá-lo na cabeça dele”.

Anne riu do ódio da senhorita Cornelia ao apressar-se na escuridão. Mas o riso não combinava com a noite. Ela já havia recobrado a seriedade quando chegou na casa em meio aos salgueiros. Tudo estava muito silencioso. A parte da frente parecia deserta, então Anne esgueirou-se pela porta lateral, que ficava na varanda e abria-se para uma pequena sala de estar. Ali, ela parou sem fazer barulho.

A porta estava aberta. Na sala pouco iluminada estava Leslie Moore, sentada à mesa, com a cabeça escondida entre os braços dobrados. Chorava copiosamente, com soluços graves e sufocados, como se uma aflição em sua alma tentasse se libertar. Um velho cachorro preto estava sentado ao lado, com o focinho apoiado no colo dela e os grandes olhos suplicantes cheios de devoção e simpatia muda. Anne afastou-se, consternada, sentindo que não deveria interferir. Seu coração palpitava com uma compaixão que não podia demonstrar. Entrar ali agora fecharia as portas de uma vez por todas para

qualquer possibilidade de amizade ou ajuda. Algum instinto lhe avisava que aquela garota orgulhosa e angustiada nunca a perdoaria se fosse surpreendida em tamanho abandono e desespero.

Anne saiu sem fazer barulho para a varanda e atravessou o jardim. Ao longe, ouviu vozes na escuridão e viu uma luz fraca. No portão, encontrou dois homens: o capitão Jim e o outro só podia ser Dick Moore, um sujeito grande, muito gordo, de rosto largo, redondo e vermelho e com um olhar vazio. Mesmo sob aquela luz fraca Anne teve a impressão de que havia algo incomum com os olhos dele.

– É você, senhora Blythe? – disse o capitão Jim. – Não deveria estar andando sozinha em uma noite como essa. Poderia facilmente se perder na neblina. Só espere eu levar o Dick em segurança até a casa e a acompanharei pelos campos. Não deixarei o doutor Blythe voltar para casa e descobrir que a esposa despencou do cabo Leforce em meio à névoa. Isso aconteceu com uma mulher certa vez, quarenta anos atrás.

Ao retornar, o capitão disse:

– Então, você veio visitar a Leslie.

– Não cheguei a entrar. – Anne contou o que vira, e o capitão suspirou.

– Coitadinha! Ela não chora com frequência, senhora Blythe; é muito corajosa para tal. Isso somente acontece quando Leslie está muito ruim. Uma noite como essa é muito dura para pobres mulheres com pesares. Algo nela evoca tudo que já sofremos... Ou tememos.

– Está cheia de fantasmas – disse Anne, sentindo um arrepio. – É por isso que vim aqui, para segurar a mão e ouvir a voz de outro ser humano. Tenho a sensação de que há tantas presenças inumanas nesta noite... Até a minha casa está repleta delas. Elas quase me botaram para fora. Por isso corri para cá, em busca de companhia da minha espécie.

– Você fez certo em não entrar, senhora Blythe... Leslie não teria gostado. Não teria gostado nem se eu tivesse entrado com Dick, e é o que teria acontecido se eu não tivesse me encontrado com você. O Dick esteve comigo o dia todo. Fico com ele sempre que posso para ajudar Leslie um pouco.

– Não há algo de diferente nos olhos dele? – perguntou Anne.

– Você notou? Sim, um é azul e o outro é castanho; os do pai dele eram assim também. É uma peculiaridade dos Moore. Foi graças a eles que eu reconheci o Dick em Cuba. Talvez eu não o tivesse reconhecido se não fosse por eles, ele estava muito gordo e barbudo. Você já sabe, suponho, que fui eu

quem o encontrou e o trouxe para cá. A senhorita Cornelia diz que eu não deveria ter feito isso, mas eu discordo. Era o certo a fazer, então não tive escolha. Não tenho dúvidas. Todavia, meu velho coração fica partido ao ver Leslie. Ela só tem 28 anos e já sofreu mais do que a maioria das mulheres de 80 anos.

Eles caminharam em silêncio. Então, Anne disse:

– Sabe, capitão Jim, nunca gostei de caminhar com uma lamparina. Tenho a sensação de que fora do círculo de luz, logo após a limiar da escuridão, estou rodeada de coisas furtivas e sinistras me observando das sombras com olhos hostis. Sinto isso desde a infância. Por que será? Nunca fico assustada quando estou de fato envolta pela escuridão.

– Também sinto isso – admitiu o capitão. – A escuridão é uma amiga quando estamos próximos a ela. No entanto, quando escolhemos nos afastar dela, quando nos separamos dela, por assim dizer, com a luz de uma lamparina, a escuridão torna-se uma inimiga. Mas a névoa está se dissipando. Está começando a soprar uma brisa boa do poente, percebe? As estrelas já estarão no céu quando chegar em casa.

E estavam. Quando Anne entrou novamente em sua casa dos sonhos, as brasas vermelhas seguiam ardendo na lareira, e todas as presenças fantasmagóricas haviam ido embora.



DIAS DE NOVEMBRO

O esplendor de cores que reinara durante semanas nas praias de Four Winds diluiu-se no cinza-azulado das colinas outonais. Houve muitos dias em que os campos e a orla foram obscurecidos por uma chuva cerrada, ou tremeram sob o sopro de uma brisa melancólica do mar; e noites de tempestades quando Anne acordou algumas vezes para rezar pedindo que nenhum barco se aproximasse da sinistra costa do norte, pois nem o grande e leal farol que girava destemido na escuridão conseguiria guiá-lo em segurança até o porto.

“Em novembro, às vezes sinto que a primavera nunca mais vai voltar” suspirou ela, lamentando o aspecto irremediavelmente desagradável de seus vasos de plantas encharcados e congelados.

O alegre jardimzinho da noiva do diretor da escola era agora um lugar desolado, e os choupos-da-lombardia e as bétulas haviam arriado as velas, como dissera o capitão Jim. Só a alameda de pinheiros atrás da casinha continuava verde como sempre. Mas mesmo em novembro e dezembro houve dias graciosos de sol e névoa púrpura, quando o porto dançava e reluzia animadamente como se fosse verão, e o golfo ficava tão azul e límpido que os ventos selvagens e as tormentas pareciam um sonho longínquo.

Anne e Gilbert passaram muitas tardes de outono no farol. Era sempre um lugar alegre. Mesmo quando o vento leste cantava e o mar parecia morto e gris, raios de luz pareciam se esgueirar para dentro dele. Talvez porque o Segundo Oficial sempre desfilasse em sua panóplia de ouro. Era tão grande e refulgente que compensava a falta de sol, e seus ronronados ressonantes eram um acompanhamento agradável às risadas e conversas ao redor da lareira do capitão. O capitão e Gilbert tinham longas conversas e debates sobre assuntos que estavam além da compreensão do felino.

– Gosto de ponderar sobre todos os tipos de problema, embora não saiba como resolvê-los – disse o capitão Jim. – Meu pai dizia que não devemos

falar sobre coisas além de nossa compreensão. Só que, se não fizermos isso, doutor, os assuntos para se conversar seriam muito poucos. Eu acho que os deuses riem muitas vezes ao nos ouvir, mas o importante é lembrarmos de que somos meros mortais e nada sabemos sobre o bem e o mal. Penso que nossas prosas não fazem mal a ninguém, assim sendo devemos ter outra sessão dedicada ao onde, por que e quando nesta tarde, doutor.

Enquanto proseavam, Anne ouvia e sonhava. Às vezes Leslie ia ao farol com eles, e as duas passeavam pela praia sob o crepúsculo misterioso ou sentavam-se nas rochas ao redor do farol até que a noite as impelisse de volta ao aconchego da lareira. Então o capitão Jim preparava um chá e contava “histórias sobre a terra, o mar e o que quer que pudesse acontecer no grande mundo esquecido lá fora¹⁶”.

Leslie parecia sempre gostar muito daqueles encontros no farol, e parecia desabrochar com sua sagacidade, sua bela risada ou ainda seus silêncios de olhos rutilantes. Havia certo sabor na conversa quando ela estava presente, e fazia falta quando estava ausente. Mesmo nos seus momentos de silêncio, Leslie parecia inspirar os outros a serem brilhantes: o capitão contava suas melhores histórias, Gilbert era mais perspicaz em seus argumentos e réplicas, e Anne sentia pequenos arroubos de fantasia e imaginação sob a influência da personalidade de Leslie.

– Aquela garota nasceu para ser uma líder em círculos sociais e intelectuais, bem longe de Four Winds – comentou com Gilbert enquanto voltavam para casa certa noite. – É um desperdício estar aqui, um desperdício.

– Você não prestou atenção quando o capitão Jim e este que vos fala discutiram o assunto em termos gerais, outra noite dessas? Chegamos à conclusão de que o Criador provavelmente sabe muito bem gerenciar o próprio universo, tão bem quanto nós mesmos, e que, no fim das contas, não existe essa coisa de “vidas desperdiçadas”, exceto nos casos em que o indivíduo intencionalmente desperdiça a própria vida, e sem dúvidas esse não é o caso de Leslie Moore. E algumas pessoas podem achar que uma bacharela formada em Redmond, a quem os editores estavam começando a honrar, está “desperdiçando a vida” no papel da esposa de um médico iniciante da comunidade rural de Four Winds.

– Gilbert!

– Agora, se tivesse se casado com Roy Gardner – continuou ele impiedosamente –, *you* poderia ser “uma líder em círculos sociais e

intelectuais, bem longe de Four Winds”.

– Gilbert *Blythe*!

– Você *sabe* que já estive apaixonada por ele, Anne.

– Gilbert, você está sendo maldoso, o que é “típico de um homem”, como diz a senhora Cornelia. Nunca estive apaixonada por ele, só achava que estava. Você *sabe* disso. E sabe que eu prefiro ser sua esposa em nossa casa dos sonhos realizados a ser uma rainha em um palácio.

A resposta de Gilbert não foi em palavras; ambos aparentemente se esqueceram da pobre Leslie, a qual se apressava para atravessar os campos sozinha e chegar a uma casa que não era um palácio e tampouco a realização de um sonho.

A lua nascia sobre o mar triste e escuro atrás deles, transfigurando-o. O luar ainda não havia alcançado o extremo mais distante do porto, encoberto por sombras sugestivas, com enseadas escuras, ar melancólico e luzes que cintilavam como joias.

– Como as luzes das casas se destacam na escuridão! – disse Anne. – Aquela fileira acima do porto parece um colar. E os lampejos em Glen! Ah, veja, Gilbert, ali está a nossa. Estou tão contente por termos deixado a lareira acesa. É o brilho do *nosso* lar, Gilbert! Não é adorável?

– É só mais um dos milhões de lares do mundo, minha Anne; só que o nosso, o *nosso* é como uma boa ação brilhando em um “mundo corrompido”¹⁷. Quando um sujeito tem uma casa e uma querida esposa de cabelos ruivos, o que mais ele pode querer da vida?

– Bem, ele pode querer mais *uma* coisa – sussurrou Anne, contente. – Ah, Gilbert, mal posso esperar pela primavera!

Referência ao poema *The Hanging of the Crane*, do poeta norte-americano Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). (N. T.)

Referência à peça *O Mercador de Veneza* (ato V cena I), de William Shakespeare. (N. T.)



NATAL EM FOUR WINDS

De início Anne e Gilbert conversaram sobre irem a Avonlea no Natal, mas acabaram decidindo por ficar em Four Winds.

– Quero passar o primeiro Natal de nossa vida juntos em nossa casa – decretou Anne.

Assim, Marilla, a senhora Rachel Lynde e os gêmeos foram passar o Natal em Four Winds. Marilla tinha a expressão de quem havia dado a volta ao mundo. Ela nunca havia se afastado mais do que cem quilômetros de casa e também nunca tivera uma ceia natalina fora de Green Gables.

A senhora Rachel havia feito e trazido um imenso pudim de ameixa. Ninguém a teria convencido de que uma jovem graduada poderia fazer um pudim de ameixa natalino do jeito certo; independentemente disso, ela aprovou a casa de Anne.

– Anne é uma boa dona de casa – Rachel disse para Marilla no quarto de hóspedes, na noite da chegada. – Dei uma espiada na caixa de pão e na lata de lixo. Sempre julgo uma dona de casa por esses itens, é isso o que é. Não há nada na lata que não deveria ter ido para o lixo, e nenhum pedaço de pão velho na caixa.

– É claro que foi bem treinada por você; mas depois foi para a faculdade. Notei que ela colocou a colcha marrom que eu lhe dei na cama de hóspedes e o tapete redondo trançado feito por você próximo à lareira. Sinto como se não tivesse saído de casa.

O primeiro Natal de Anne na própria casa foi tão maravilhoso quanto poderia ter desejado. O dia estava agradável e claro; os primeiros flocos de neve haviam caído na véspera, deixando o mundo belíssimo; o porto seguia aberto e radiante.

O capitão Jim e a senhorita Cornelia vieram para o jantar. Leslie e Dick também foram convidados, mas Leslie desculpou-se alegando que sempre passavam o Natal na casa do tio Isaac West.

– Ela prefere assim – disse a senhorita Cornelia a Anne. – Não suporta levar Dick onde há desconhecidos. O Natal é sempre difícil para Leslie. Era uma época muito importante para ela e para o pai.

A senhorita Cornelia e a senhora Rachel não simpatizaram muito uma com a outra. “Dois sóis não brilham juntos.” Mas não chegaram a se desentender. A senhora Rachel ficou na cozinha ajudando Anne e Marilla com o jantar, e Gilbert ficou encarregado de entreter o capitão e a senhorita Cornelia; ou melhor, de ser entretido por eles, pois o diálogo entre aqueles dois velhos amigos e antagonistas nunca era maçante.

– Faz muito anos que não veio aqui, senhora Blythe – disse o capitão. – A senhorita Russell sempre passava o Natal com amigos na cidade. Mas eu estava presente no primeiríssimo jantar de natal que esta casa presenciou, e quem o preparou foi a noiva do diretor. Isso foi há precisamente sessenta anos, em um dia muito parecido com o de hoje, com neve o suficiente para cobrir as colinas e deixar o porto anil como se fosse junho. Eu era só um rapaz, que nunca tinha sido convidado para jantar fora e fiquei tão envergonhado que não comi o suficiente. Mas já superei isso.

– A maioria dos homens são assim – disse a senhorita Cornelia, costurando furiosamente. Ela não ficava parada com as mãos ociosas nem mesmo no Natal.

Bebês não têm a menor consideração pelas datas festivas, e um deles era esperado em um lar muito pobre em Glen St. Mary. A senhorita Cornelia enviara um jantar substancial para os muitos habitantes da casa e pretendia cear confortavelmente com a consciência limpa.

– Bem, vocês sabem, é pelo estômago que se conquista um homem – explicou o capitão Jim.

– É verdade... Quando o sujeito tem um coração – retrucou a senhorita Cornelia. – Deve ser por isso que tantas mulheres se matam de cozinhar, como a pobre da Amelia Baxter. Ela morreu na manhã do Natal do ano passado, e antes dissera que era o primeiro Natal desde quando se casara em que não teria de preparar um jantar para vinte pessoas. Deve ter sido uma mudança agradável para ela. Como já faz um ano que faleceu, logo Horace Baxter vai deixar o luto.

– Ouvi dizer que já o abandonou – disse o capitão, piscando para Gilbert. – Ele não esteve na sua casa em um domingo desses, com as costumeiras roupas pretas de luto e um colarinho engomado?

– Não, não estive. E também não tem motivos para ir lá. Poderia ter me casado com ele há anos, quando ainda era novo. Não quero nenhum bem de segunda mão, acredite em mim. Quanto ao Horace Baxter, ele estava com dificuldades financeiras no verão passado e pediu que Deus o ajudasse. Um ano depois, quando a esposa morreu e ele recebeu a apólice de seguro, disse que acreditava que aquela era a resposta para suas preces. Não é típico de um homem?

– Tem provas de que ele disse isso, Cornelia?

– Tenho a palavra do ministro metodista, se considerar *isso* uma prova. Robert Baxter me contou a mesma coisa, mas admito que isso não é uma evidência. Ele não é conhecido por dizer a verdade.

– Ora, Cornelia, acho que ele geralmente diz a verdade, mas como muda muito de opinião, nem sempre parece estar sendo sincero.

– Tenho a impressão de que faz isso com frequência, acredite em mim. Mas não me estranha que um homem defenda outro. Robert Baxter não me interessa. Tornou-se metodista só porque o coro presbiteriano cantou o hino *Eis o Noivo* quando Margaret e ele entraram na igreja no domingo após o casamento deles. Bem, ninguém mandou se atrasar! Ele insiste que o coro fez isso de propósito para insultá-lo, como se fosse uma pessoa de grande importância. Aquela família sempre se achou mais importante do que os outros. O irmão dele, Eliphalet, imaginava que o diabo estava sempre atrás dele, porém nunca acreditei que o diabo fosse perder tempo com aquele sujeito.

– Não sei... – disse o capitão, pensativo. – Eliphalet vivia muito sozinho, não tinha sequer a companhia de um cão ou gato para manter sua humanidade. Quando um homem fica só, ele está apto a ter a companhia do diabo, caso não estiver do lado de Deus. Suponho que tenha de escolher com quem quer estar. Se o diabo sempre esteve atrás de Life Baxter, deve ser porque Life gostava da companhia dele.

– Típico – disse a senhorita Cornelia. Ela então ficou em silêncio enquanto trabalhava em uns pontos complicados, até que o capitão deliberadamente a instigou a comentar, com casualidade:

– Fui à igreja metodista no domingo passado.

– Teria sido melhor ficar em casa lendo a Bíblia – foi a réplica da senhorita Cornelia.

– Vamos, Cornelia, não vejo nada demais em ir à igreja metodista quando não há culto na sua própria igreja. Sou presbiteriano há 76 anos e acho

improvável que minha fé recolha a âncora e procure outros mares.

– Isso é um mau exemplo – repreendeu a senhorita Cornelia.

– Além disso – continuou o provocador capitão Jim –, eu queria ouvir um bom coro. Os metodistas têm um ótimo coral, e não dá para negar, Cornelia, que os cânticos em nossa igreja decaíram muito depois da divisão do coral.

– Que diferença faz se cantam bem ou mal? Eles estão se esforçando ao máximo, e Deus não vê diferença entre a voz de um corvo e a de um rouxinol.

– Ora essa, Cornelia – disse o capitão com calma –, o Todo-Poderoso deve ter um gosto mais apurado para música.

– Qual é o problema do nosso coral? – perguntou Gilbert, que não aguentava mais conter o riso.

– Ele é do tempo da igreja nova, treze anos atrás – respondeu o capitão. – Tivemos muitas dificuldades na construção dela, incluindo no que diz respeito à localização. As duas opções ficavam a menos de duzentos metros uma da outra, mas pareciam ficar a quilômetros de distância, tamanha era a briga. Estávamos divididos em três grupos: os que queriam que ela fosse construída no lado leste, os que queriam o local mais ao sul e os que ainda se agarravam à antiga. O assunto era discutido na cama e na mesa, nos cultos e no mercado. Todos os escândalos de três gerações atrás foram arrancados das tumbas para tomar um ar. Três noivados foram desmanchados por causa disso. E as reuniões em que tentamos resolver a questão! Cornelia, você lembra quando o velho Luther Burns levantou-se e fez um discurso? *Ele* se expressou com ímpeto.

– Sejam os francos, capitão. Você quer dizer que ele ficou furioso e descontou em todo mundo. E eles mereceram, aquele bando de incapazes. O que você esperava de um comitê formado apenas por homens? Aquele comitê teve 27 reuniões, e ao final da vigésima sétima não tinham chegado a lugar nenhum. Quer dizer, na pressa de tentarem tomar alguma atitude eles derrubaram a igreja antiga. E assim nós ficamos sem igreja e sem lugar para orar a não ser o salão municipal.

– Os metodistas nos ofereceram a igreja deles, Cornelia.

– A igreja de Glen St. Mary não teria sido construída até hoje – continuou a senhorita Cornelia, ignorando o capitão – se as mulheres não tivessem tomado a dianteira. *Nós* dissemos que queríamos uma igreja, ainda que os homens quisessem continuar discutindo até o dia do juízo final, e estávamos cansadas de sermos alvo de piadas dos metodistas. Fizemos *uma* reunião e

elegemos um comitê para angariar fundos. E conseguimos! Se algum homem tentava nos importunar, nós dizíamos que eles haviam tentado por dois anos e agora era a nossa vez. Nós calamos a boca deles, acredite em mim, e em seis meses nossa igreja já estava pronta. É lógico que, quando os homens viram o quão estávamos determinadas, pararam de brigar e colocaram a mão na massa; é típico deles quando percebem que, se não trabalharem, não poderão mais dar ordens. Ah, as mulheres não podem fazer sermões ou ocuparem cargos religiosos, mas podem reunir o dinheiro necessário e erguer igrejas.

– Os metodistas permitem que as mulheres preguem – disse o capitão.

A senhorita Cornelia o encarou.

– Nunca disse que os metodistas não têm bom senso, capitão. Só duvido que tenham uma religião de verdade.

– Acredito que seja a favor do voto feminino, senhorita Cornelia – disse Gilbert.

– Não estou ansiosa por isso, acredite em mim – disse ela com desdém. – Sei o que é ter de limpar a bagunça dos homens. Mas algum dia, quando eles perceberem que deixaram o mundo em uma balbúrdia que não conseguem resolver, nos darão o voto de bom grado e jogarão todos os problemas nas nossas costas. É o plano deles. Ah, ainda bem que as mulheres são pacientes, acredite em mim!

– E quanto a Jó? – sugeriu o capitão Jim.

– Jó! Era tão raro encontrar um homem paciente; então, quando um foi descoberto, decidiu-se que ele não deveria ser esquecido – respondeu a senhorita Cornelia triunfantemente. – De qualquer forma, a virtude não acompanha o nome. Está para nascer um homem mais impaciente que Jó Taylor, o qual mora do outro lado do porto.

– Bem, você sabe que ele já teve de suportar muitas coisas, Cornelia. Nem você defenderia a esposa dele. Nunca vou me esquecer do que o velho William MacAllister comentou no funeral dela: “Era sem dúvida uma mulher cristã, mas com o temperamento do próprio capeta!”.

– Suponho que era mesmo exasperante – admitiu a senhorita Cornelia com relutância –, mas isso não justifica o que Jó disse quando ela morreu. Voltou do cemitério no dia do funeral com o meu pai. Suspirou profundamente e disse: “você pode não acreditar, Stephen, mas este é o melhor dia da minha vida!”. Não é típico de um homem?

– A pobre esposa tornou a vida dele muito difícil – refletiu o capitão Jim.

– Bem, existe uma coisa chamada decência, não é mesmo? Mesmo que o coração de um homem esteja explodindo de alegria com a morte da esposa, ele não precisa anunciar para os quatro ventos. E se foi o melhor dia da vida dele ou não, Jó Taylor não demorou para se casar novamente, você deve se recordar. A segunda esposa sabia como lidar com ele, e o fazia andar na linha, acredite em mim! A primeira coisa que fez foi obrigá-lo a colocar uma lápide na sepultura da primeira esposa, e ainda mandou deixar um espaço para o próprio nome. Disse que não haveria ninguém para obrigar Jó a erguer um túmulo para ela.

– Por falar nos Taylor, como vai a senhora Lewis Taylor em Glen, doutor? – perguntou o capitão Jim.

– Está melhorando devagar, ainda que trabalhe demais – respondeu Gilbert.

– O marido também trabalha pesado, criando porcos de exposição – disse a senhorita Cornelia. – É conhecido pelos belos porcos. Tem mais orgulho deles do que dos próprios filhos. É verdade que os animais são os melhores possíveis, enquanto os filhos não são lá grande coisa. Ele escolheu uma mãe ruim para eles e a fez passar fome enquanto os carregava e criava. Os porcos ficavam com a nata do leite, e os filhos com a sobra.

– Por mais que doa, às vezes eu tenho que concordar com você, Cornelia – disse o capitão Jim. – É a mais pura verdade. Quando vejo os pobres e miseráveis filhos dele, desprovidos de tudo o que as crianças devem ter, chego a ficar de estômago revirado.

Gilbert foi para a cozinha quando Anne o chamou. Ela fechou a porta e lhe deu um sermão.

– Gilbert, você e o capitão precisam parar de provocar a senhorita Cornelia. Ah, eu escutei vocês dois e não vou permitir!

– Anne, ela está se divertindo imensamente, e você sabe disso.

– Bem, não importa. Vocês não precisam cutucá-la desse jeito. O jantar está pronto e, Gilbert, *não* deixe a senhora Rachel cortar os gansos. Ela irá se oferecer, eu sei, pois acha que você não sabe fazer direito. Mostre a ela que sabe.

– E sou capaz. Venho estudando diagramas de como trincar aves no último mês – disse Gilbert. – Só não fale comigo enquanto faço isso, Anne, pois você me faz ficar sem palavras e se eu me esquecer de algum passo, estarei em uma enrascada pior do que quando você estudava geometria e o professor trocou as letras.

Gilbert fatiou os gansos competentemente. Até a senhora Rachel teve de admitir, e todos os saborearam. O primeiro Natal de Anne foi um grande sucesso, e ela sorria com o orgulho de uma boa dona de casa. A refeição foi longa e prazerosa; ao final, eles se reuniram ao redor das chamas animadas da lareira e o capitão Jim contou histórias até que o carmesim do entardecer começou a encobrir o porto e as longas sombras dos choupos estenderam-se sobre a neve cobrindo a entrada.

– Tenho que voltar para o farol – disse, por fim. – Tenho tempo suficiente para chegar antes de o sol se pôr. Muito obrigado pelo Natal, senhora Blythe. Leve o Davy para visitar o farol em alguma noite, antes de ir embora.

– Quero ver os deuses de pedra – disse Davy, encantado.



VÉSPERA DE ANO-NOVO NO FAROL

Os moradores de Green Gables foram embora após o Natal. Marilla jurou solenemente que voltaria para passar um mês na primavera. Mais neve caiu antes do Ano-novo, e o porto congelou; só o golfo continuou livre, para além dos campos brancos aprisionados. O final do ano velho foi um desses dias gelados e deslumbrantes de inverno que nos bombardeiam com sua luminosidade e ganham a nossa admiração, mas nunca nosso amor. O céu era de um anil límpido; os diamantes de neve cintilavam insistentemente; as árvores nuas pareciam despojadas e despudoradas, com uma beleza ousada; lanças de cristal chegavam das colinas com estardalhaço. Até as sombras estavam mais nítidas e vívidas, como sombras não deveriam ser. Tudo que era lindo estava dez vezes mais belo e atraente naquela opulência resplandecente, e tudo que era feio parecia dez vezes pior. Tudo era agradável ou horroroso: não havia meio-termo, nem doce obscuridade, nem imprecisão elusiva em meio a tanto brilho. Os únicos que mantinham a própria individualidade eram os pinheiros, pois estas são as árvores do mistério e das sombras, que nunca cedem à invasão do esplendor bruto.

Contudo, finalmente o dia começou a perceber que estava ficando velho. Então, certa melancolia dominou sua beleza, ao mesmo tempo ofuscando e intensificando-a: ângulos agudos e pontos cintilantes fundiram-se em curvas e clarões atraentes; as colinas distantes tornaram-se ametistas.

– O ano velho está partindo lindamente – disse Anne.

Ela, Leslie e Gilbert estavam a caminho de Four Winds Point, pois haviam combinado de passar a virada do ano com o capitão Jim no farol. O sol havia se posto e no céu sudoeste surgiu Vênus, glorioso e dourado, o mais próximo possível de sua irmã, a Terra. Pela primeira vez, Anne e Gilbert presenciaram o brilho suave e misterioso da estrela d'alva, que é visto

somente quando há neve para revelá-lo, e mesmo assim só é visível indiretamente.

– É como o espírito de uma sombra, não? – sussurrou Anne. – É possível distingui-lo com clareza ao seu lado quando se olha para a frente, mas quando tentamos vê-lo diretamente... desaparece.

– Ouvi dizer que é possível ver a sombra de Vênus somente uma vez na vida, e dentro de um ano após tê-lo visto, a pessoa recebe o melhor presente de sua vida – disse Leslie. Seu tom de voz era ríspido, como se achasse que nem a sombra de Vênus pudesse lhe conceder uma dádiva na vida. Anne sorriu sob a luz do crepúsculo; ela não tinha dúvidas sobre o que aquela sombra mística lhe reservava.

Eles encontraram Marshall Elliott no farol. De início Anne ressentiu-se com a intrusão daquele excêntrico de barba e cabelos longos no pequeno círculo familiar. Mas ele logo provou pertencer legitimamente aos conhecidos de José. Era um homem sagaz, inteligente e culto, que rivalizava com o próprio capitão Jim na hora de contar histórias. Todos ficaram contentes quando Marshall decidiu ficar e receber o novo ano.

Joe, o pequeno sobrinho do capitão, tinha ido passar a virada com o tio-avô, e estava adormecido no sofá com o Segundo Oficial enrolado aos seus pés, como uma grande bola dourada.

– Ele não é um mocinho adorável? – orgulhou-se o capitão. – Amo ver crianças dormindo, senhora Blythe. Não há nada mais lindo de se ver no mundo, eu acho. Joe adora passar a noite aqui porque eu o coloco para dormir comigo. Em casa ele tem que dormir com mais outros dois garotos, e ele não gosta. “Por que não posso dormir com meu pai, tio Jim? Todo mundo na Bíblia dorme com os pais.” Quanto às perguntas que faz, o próprio ministro da igreja não sabe responder a elas. “Tio Jim, se eu não fosse *eu*, quem seria? Tio Jim, o que aconteceria se Deus morresse?” Disparou essas duas para mim na noite passada, antes de ir para a cama. Já a imaginação dele navega por conta própria. Cria histórias notáveis, e depois a mãe o coloca de castigo no armário por inventar coisas. Daí ele senta e bola outra para contar quando ela for lhe tirar de lá. Ele tinha uma para mim hoje, quando chegou:

“Tio Jim”, disse ele, sério como um túmulo, “tive uma aventura em Glen hoje”.

“Ah sim, e o que aconteceu?”, disse eu, esperando algo surpreendente, mas mesmo assim despreparado para o que veio.

“Encontrei um lobo na rua”, disse ele, “um lobo enorme, com uma boca grande e vermelha e dentes longos *terríveis*, tio Jim”.

“Não sabia que havia lobos em Glen”, disse eu.

“Ah, ele veio de muito, muito longe”, disse Joe, “e achei que ele fosse me devorar, tio Jim”.

“Você ficou com medo?”

“Não, porque eu tinha uma arma imensa”, disse Joe, “e eu matei o lobo com um tiro, tio Jim, e aí ele foi para o céu e mordeu Deus”, contou ele.

– Bem, eu fiquei perplexo, senhora Blythe.

As horas passaram alegremente ao redor da fogueira feita com lenha trazida pelo mar. O capitão Jim contou histórias, e Marshall Elliott cantou velhas cantigas escocesas com sua bela voz de tenor; finalmente o capitão Jim pegou o antigo violino marrom da parede e começou a tocá-lo. Tinha certa habilidade com o instrumento, o qual foi apreciado por todos; menos pelo Segundo Oficial, que saltou do sofá como se tivesse levado um tiro, emitiu um grito de protesto e subiu rapidamente as escadas.

– Não consigo de jeito nenhum fazer aquele gato gostar de música – disse o capitão. – Ele nunca fica por perto tempo suficiente para apreciar. Quando colocamos o órgão na igreja de Glen, o velho Elder Richards pulou em disparada no instante em que o organista começou a tocar, correu pelo corredor e saiu da igreja a toda velocidade. Isso me fez lembrar do Segundo Oficial tão vividamente que quase gargalhei na igreja.

Havia algo tão contagiante nas melodias joviais tocadas pelo capitão Jim que os pés de Marshall Elliott começaram a mexer. Ele fora um notório dançarino na juventude. Em pouco tempo, levantou-se e estendeu as mãos para Leslie, que na hora aceitou. Eles deram voltas e mais voltas na sala iluminada pela lareira em um ritmo gracioso que era lindo de se ver. Inspirada, Leslie dançava como se o doce e livre abandono da música tivesse se apoderado dela. Anne a observou com admiração e fascínio. Ela nunca a vira assim. Toda a riqueza, cores e encantos inatos à sua natureza pareciam ter se libertado e transbordado em suas bochechas coradas, no brilho dos olhos e na elegância de seus movimentos. Nem mesmo a aparência de Marshall Elliott, com a barba e os cabelos longos, era capaz de estragar a cena; pelo contrário, esta a enaltecia. Ele parecia um viking de antigamente, bailando com uma das filhas das terras nórdicas de olhos azuis e cabelos dourados.

– A dança mais pura que já vi, e já vi muitas na minha vida – declarou o capitão Jim quando finalmente deixou cair o arco de sua mão cansada. Leslie voltou para sua cadeira, rindo e sem fôlego.

– Amo dançar – disse à Anne. – Eu não dançava desde os 16 anos, mas amo mesmo assim. A música parece correr pelas minhas veias como mercúrio, e me esqueço de tudo, *tudo*, exceto o prazer de acompanhá-la. O chão, as paredes e o teto deixam de existir ao meu redor, e eu flutuo entre as estrelas.

O capitão Jim pôs o violino em seu lugar, ao lado de uma grande moldura com várias cédulas de dinheiro.

– Vocês conhecem mais alguém que pode se dar ao luxo de adornar as paredes com notas de dinheiro em vez de usar quadros? Tenho notas de vinte dólares aqui que não valem nem o vidro da moldura. São notas do antigo banco da Ilha do Príncipe Edward. Eu estava com elas quando o banco faliu e pendurei-as na parede em parte como um lembrete para não confiar nos bancos, em parte para me sentir como um verdadeiro milionário. Olá, Oficial... não precisa ficar assustado. Pode voltar agora. O ano velho ainda vai estar conosco por mais uma hora. Já vi ⁷⁶ anos novos assomarem por aquele golfo, senhora Blythe.

– E verá uma centena – disse Marshall Elliott.

O capitão balançou a cabeça.

– Não vou e também não quero; pelo menos é o que acho. A morte vai se tornando uma amiga à medida que envelhecemos. Não que alguém queira realmente morrer, Marshall. Tennyson falou a verdade quando disse isso. A senhora Wallace, de Glen, por exemplo. A idosa passou por muitíssimos problemas na vida, pobrezinha, e perdeu quase todos os entes queridos. Ela diz que ficará feliz quando a hora dela chegar e que não quer prolongar a estadia neste vale de lágrimas. No entanto, quando fica doente, faz um escândalo! Manda vir médicos da cidade, uma enfermeira treinada e medicamentos suficiente para matar um cachorro. Tudo bem, a vida pode ser um vale de lágrimas, mas suponho que algumas pessoas gostem de chorar.

Eles passaram a última hora do ano em silêncio, ao redor do fogo. Alguns minutos antes da meia-noite, o capitão levantou-se e abriu a porta.

– Deixemos o ano novo entrar.

A noite era agradável e azul. Uma faixa reluzente de luar enfeitava o golfo. O porto brilhava como um campo de pérolas. Todos aguardaram próximos à porta, o capitão com a vasta experiência de anos, Marshall em

meados da vida vigorosa e vazia, Gilbert e Anne com as lembranças e sonhos preciosos, e Leslie com o passado de privações e o futuro desesperançado. O relógio na pequena prateleira acima da lareira anunciou as doze horas.

– Bem-vindo, Ano-novo – disse o capitão Jim, curvando-se em reverência conforme soava a última badalada. – Desejo a todos o melhor ano de suas vidas, camaradas. Acredito que, independentemente do que o ano nos reserve, o Grande Capitão nos dará o que há de melhor, e de um jeito ou de outro chegaremos a um porto seguro.



O INVERNO DE FOUR WINDS

O inverno chegou com força total após o Ano-novo. A neve branca formava grandes montes ao redor da casinha, e as janelas estavam cobertas pela geada. O gelo no porto tornou-se mais espesso e rígido, e o povo de Four Winds deu início às tradicionais voltas sobre ele. Um governo benévolo marcou com arbustos os caminhos seguros, e de noite podia-se ouvir o alegre tilintar dos sinos dos trenós. Nas noites de luar, Anne os ouvia de sua casa dos sonhos como se fossem sinos das fadas. O golfo também congelou, e o farol de Four Winds deixou de brilhar. Durante os meses em que a navegação foi interrompida, o escritório do capitão Jim transformou-se em uma sinecura.

– O Segundo Oficial e eu não teremos nada para fazer até a primavera, a não ser manter-nos aquecidos e entretidos. O faroleiro anterior costumava ir para Glen no inverno; eu prefiro ficar aqui. O Oficial pode ser envenenado ou comido por cães na vila. É um pouco solitário sem a companhia da luz e das águas, com certeza, mas, se nossos amigos nos visitarem com frequência, conseguiremos suportar.

O capitão Jim tinha um barco a vela que deslizava sobre o gelo, e Gilbert, Anne, Leslie e o capitão deram muitas voltas divertidas e gloriosas pelo porto. Anne e Leslie também faziam longas caminhadas com botas para neve, pelos campos ou pelo porto depois de uma tempestade, ou nos bosques nos arredores de Glen. Eram muito amigas em suas excursões e reuniões ao redor do fogo. Cada uma tinha algo a doar, e sentiam-se enriquecidas com o amistoso intercâmbio de ideias e nos silêncios confortáveis; cada uma olhava através dos campos brancos entre suas casas com a agradável certeza de ter uma amiga do outro lado. Porém, apesar de tudo isso, Anne sentia sempre que havia uma distância entre ela e Leslie, uma barreira que nunca desaparecia por inteiro.

– Não sei por que não consigo me aproximar dela – disse Anne ao capitão Jim certa noite. – Gosto tanto e tenho tamanha admiração por ela que *quero* guardá-la no meu coração. Contudo, não consigo ultrapassar essa barreira.

– Você foi muito feliz a vida inteira, senhora Blythe – refletiu o capitão Jim. – Deve ser por isso que as suas almas não conseguem se conectar. A barreira entre vocês é a vivência de Leslie com a dor e com as tribulações. Por mais que não seja culpa de ninguém, essa barreira é real, e nenhuma de vocês consegue transpô-la.

– Minha infância não foi muito feliz antes de ir morar em Green Gables – disse Anne, contemplando austeramente pela janela a beleza imóvel, triste e morta das sombras das árvores nuas sob o luar.

– Talvez não, mas era a infelicidade comum às crianças sem alguém para cuidar delas. Não houve nenhuma tragédia na sua vida, senhora Blythe. E não houve outra coisa na de Leslie senão tragédias. Acho que ela sente, embora não tenha consciência disso, que você não compreenderia muitas das coisas que aconteceram na vida dela e por isso precisa manter você afastada para evitar de se machucar, por assim dizer. Se estamos com dor em alguma parte do corpo, nós evitamos o toque e a proximidade dos outros. E também funciona assim com a alma, creio eu. A de Leslie deve estar praticamente em carne viva; não é de se admirar que ela a oculte.

– Se fosse só isso, não me importaria, capitão Jim. Eu entenderia; mas, de vez em quando, tenho de me forçar a acreditar que Leslie gosta de mim. Às vezes, flagro um olhar que parece demonstrar ressentimento e antipatia; é muito rápido, mas tenho certeza de que já o vi. E isso me magoa, Jim. Não estou acostumada com o fato de que não gostem de mim e já tentei bastante ganhar a amizade da Leslie.

– E a senhora ganhou. Não acredite nessa ideia boba de que Leslie não gosta de você. Se fosse o caso, vocês não seriam tão companheiras. Conheço Leslie muito bem.

– Na primeira vez em que a vi, tocando os gansos pela colina no dia em que cheguei em Four Winds, ela me encarou com a mesma expressão – contou Anne. – Pude senti-la mesmo em meio à minha admiração pela beleza dela. Ela me encarou com ressentimento, capitão Jim.

– O ressentimento deve ter sido por outra coisa, e você só fez parte dele por estar passando ali no momento. Leslie tem suas épocas de insociabilidade, coitadinha. E não a culpo, sabendo o que ela tem de aguentar. Não sei como isso é possível... O doutor e eu já conversamos

muito sobre a origem do mal, todavia ainda não o compreendemos completamente. Há uma vastidão de coisas no mundo que não entendemos, não é mesmo, senhora Blythe? Às vezes as coisas funcionam do jeito certo, como entre você e o doutor. Já em outras, elas ficam de pernas para o ar. Temos o exemplo da Leslie, tão sagaz e linda que poderia ser uma rainha. Ao invés disso, entretanto, está enfiada aqui, desprovida de quase tudo o que uma mulher pode desejar, sem outra perspectiva a não ser cuidar de Dick Moore pelo resto da vida. Ainda que eu acredite que ela escolheria a vida de agora àquela que levava com Dick antes de ir para Cuba. Mas esse é um assunto em que um velho marujo não deveria se meter. Você faz muito bem à Leslie. Ela parece outra pessoa desde que você chegou a Four Winds. Nós, os amigos mais velhos dela, conseguimos perceber a diferença melhor do que a senhora. A senhorita Cornelia e eu estávamos conversando sobre isso outro dia, e é um dos pouquíssimos tópicos sobre o qual concordamos. Então, esqueça essa ideia de que ela não gosta de você.

Anne não conseguiu descartá-la por completo, pois sem dúvidas havia momentos nos quais sentia, com um instinto impossível de ser vencido pela razão, que Leslie nutria um ressentimento indefinível contra ela. Em certas ocasiões, essa convicção secreta estragava o prazer da camaradagem entre elas; em outras, era como se não existisse; Anne sabia que o espinho estava sempre ali, propenso a espetá-la a qualquer momento. Sentiu uma pontada cruel dele quando contou a ela o que esperava que a primavera trouxesse para a casinha dos sonhos. Leslie a encarou de um jeito duro, amargo e hostil.

– Você também terá *isso*, em breve – dissera com a voz embargada. E sem dizer mais nada, deu meia-volta e foi para casa.

Anne ficou profundamente ofendida. Por um instante, achou que não conseguiria mais gostar de Leslie. Mas, quando lhe fez uma visita algumas noites depois, ela foi tão agradável e amigável, tão franca, espirituosa e cativante, que Anne não teve escolha senão perdoá-la. Mas nunca mais voltou a mencionar seu doce sonho à Leslie, que tampouco tocava no assunto. Em um fim de tarde, quando o inverno já podia ouvir a primavera se aproximar, Leslie foi até a casinha para prostrar um pouco e, quando foi embora, deixou uma pequena caixa branca sobre a mesa. Anne a encontrou mais tarde e a abriu, intrigada. Dentro havia uma roupinha branca encantadora de bordado delicado, feita com muito esmero e maestria. Cada ponto era uma obra de arte, e os pequenos babados de renda na gola e nas

mangas eram feitos ao verdadeiro estilo valenciano. Sobre ela havia um cartão: “Com amor, Leslie”.

– Quantas horas de trabalho deve ter levado! – disse Anne. – E o material provavelmente custou mais do que ela realmente pode pagar. É muita bondade da parte dela.

Contudo, Leslie foi seca e sucinta quando Anne lhe agradeceu, e ela novamente se sentiu desconfortável.

O presente de Leslie não ficou sozinho na casinha. A senhorita Cornelia havia dado um tempo em costurar para filhos indesejados e agora dedicava-se apenas a um primogênito muito querido, cuja chegada era aguardada com ansiedade. Philippa Blake e Diana Wright também enviaram peças maravilhosas, assim como a senhora Rachel, cujo material de qualidade e o trabalho honesto ocupavam o lugar do bordado e dos babados. Anne também fez muitas peças sem profaná-las com o toque de uma máquina, dedicando-lhes as melhores horas daquele inverno feliz.

O capitão Jim foi o convidado mais frequente da casinha e o mais bem-vindo. A cada dia, Anne amava mais aquele velho marinheiro de alma simplória e coração íntegro. Sua presença era revigorante como uma brisa do mar e tão cativante quanto as crônicas sobre antigamente. Ela nunca se cansava de ouvir as histórias dele, e os comentários que fazia eram fonte de deleite contínuo. O capitão era uma dessas pessoas raras e fascinantes que “nunca falavam, mas sempre diziam alguma coisa”. O leite da bondade humana e a sabedoria da serpente faziam parte de sua composição em generosas proporções. Nada parecia jamais chateá-lo ou deprimi-lo.

– Eu meio que desenvolvi o hábito de desfrutar das coisas – disse certa vez, quando Anne comentou sobre seu invariável bom humor. – É algo tão crônico que eu acho que desfruto até das coisas desagradáveis. É muito divertido pensar que estas não duram muito. “Velho reumatismo, você vai ter de parar de doer em algum momento”, eu digo quando a situação fica complicada. “Quanto maior for a dor, mais cedo passará, eu suponho. Vou levar a melhor no final das contas, estando ou não neste corpo”.

Uma noite, junto à lareira, Anne viu o “livro da vida” do capitão Jim. Não foi preciso insistir para que ele o mostrasse com orgulho.

– Estou escrevendo-o para deixá-lo para o pequeno Joe. Não gosto da ideia de que tudo que eu fiz e vi será completamente esquecido quando eu zarpar na minha última viagem. Joe contará as histórias para os filhos dele.

Era um velho caderno de couro repleto de registros de suas viagens e aventuras. Anne pensou no baú do tesouro que seria para um escritor. Cada frase era uma pepita. O volume em si não tinha nenhum valor literário; a habilidade do capitão em contar histórias falhava na hora de colocá-las no papel. Ele apenas criava um esboço de seus famosos contos, e tanto a ortografia quanto a gramática deixavam muito a desejar. Ainda assim, Anne achava que, se alguém tivesse o dom de pegar aqueles registros simples de uma vida audaciosa e repleta de emoção, e ler nas entrelinhas dos relatos ousados de perigos enfrentados com valentia e dos deveres cumpridos virilmente, uma história maravilhosa poderia surgir. A riqueza da comédia e o peso da tragédia encontravam-se ocultos no “livro da vida” do capitão Jim, esperando o toque de um mestre para despertar o riso, a tensão e o horror em milhares de pessoas.

Anne comentou isso com Gilbert enquanto voltavam para casa.

– Por que você não tenta?

Anne balançou a cabeça.

– Não. Quem dera eu fosse capaz! Mas não está em meus poderes. Você sabe qual é o meu forte, Gilbert: a fantasia, a magia, a beleza. Para escrever o “livro da vida” do capitão Jim como deve ser feito, é preciso o mestre de um estilo vigoroso, ainda que sutil, um psicólogo perspicaz, um humorista e um escritor trágico inato. Uma rara combinação de dons. Talvez Paul consiga, quando for mais velho. De qualquer forma, vou convidá-lo para nos visitar no próximo verão e conversar com o capitão.

“Venha para a praia”, escreveu Anne para Paul. “Temo que não encontrará aqui Nora, a Dama Dourada ou os Marinheiros Gêmeos, mas vai conhecer um velho marujo que sabe contar histórias incríveis.”

Infelizmente, Paul escreveu em resposta alegando que não poderia ir naquele ano. Ele ia viajar para o exterior, a fim de estudar durante dois anos. E concluiu dizendo: “Irei a Four Winds quando retornar, querida professora”.

– Enquanto isso, o capitão continua a envelhecer – disse Anne, com pesar – e não há ninguém para escrever o livro da vida dele.



DIAS DE PRIMAVERA

O gelo no porto ficou escuro e quebradiço com o sol de março. Em abril, as águas azuis, a espuma branca e os ventos do golfo estavam de volta, e o farol de Four Winds voltou a iluminar os crepúsculos.

– Fico tão feliz em ver o sol novamente – disse Anne, na primeira noite de seu retorno. – Senti a falta dele durante todo o inverno. O céu a sudoeste parecia vazio e solitário sem ele.

Folhas verdes e douradas recém-nascidas acalentavam a terra. Uma bruma esmeralda cobria os campos nos arredores de Glen. Os vales que davam para o mar enchiam-se de névoas mágicas ao amanhecer.

Brisas vibrantes chegavam e partiam, carregando o sal da espuma. O mar ria e resplandecia, vaidoso e hipnotizante como uma mulher linda e empertigada. Com a chegada das cavalinhas, a vila despertou para a vida. O porto estava apinhado de velas brancas que se dirigiam para o canal. Os barcos recomeçaram o vaivém.

– Em dias de primavera como esse – disse Anne –, sei exatamente o que a minha alma sentirá na manhã da ressurreição.

– Há momentos na primavera em que eu sinto que poderia ter sido um poeta, se tivesse começado cedo – comentou o capitão Jim. – Surpreendo-me repetindo versos que ouvi do diretor da escola sessenta anos atrás. Isso não acontece em outras épocas. Nesse instante, tenho vontade de ir para os rochedos, os campos ou o mar e recitá-los.

O capitão tinha aparecido naquela tarde para levar um punhado de conchas para o jardim de Anne e um raminho de erva-doce que encontrara durante um passeio pelas dunas.

– Está cada vez mais difícil encontrar erva-doce pela orla – explicou. – Quando eu era menino, havia montes dela. Agora, só de vez em quando é que eu a encontro e nunca quando estou realmente procurando. É simplesmente uma questão de acaso. Você está caminhando pelas dunas, sem

pensar em erva-doce, quando o ar subitamente se enche de doçura e você se depara com a planta sob os seus pés. É um dos meus aromas favoritos. Sempre me faz pensar na minha mãe.

– Ela gostava de erva-doce? – perguntou Anne.

– Não que eu saiba. Não sei se ela conheceu essa planta. A erva-doce tem um perfume maternal, que de certa forma evoca experiências de vida, entende? Maduro, benéfico e confiável, como uma mãe. A noiva do diretor da escola sempre colocava um ramo entre os lenços. E a senhora também pode colocar esse entre os seus. Não gosto de essências artificiais, mas o aroma da erva-doce sempre fica bem em uma dama.

Anne não ficou particularmente entusiasmada com a ideia de adornar os canteiros de flores com conchas de ostras; ela não gostava delas como decoração. Só que por nada no mundo ela feriria os sentimentos do capitão Jim, e por isso fingiu estar animada e lhe agradeceu cordialmente. Quando o capitão orgulhosamente cercou todos os canteiros com uma fileira de grandes conchas brancas como leite, contudo, Anne percebeu que o efeito lhe agradava, para o próprio espanto. No gramado de uma casa da cidade, ou mesmo na vila de Glen, elas ficariam deslocadas; ali, porém, no jardim antiquado junto ao mar da casinha dos sonhos, elas encontraram um *lar*.

– Ficou *mesmo* bonito – disse, com sinceridade.

– A noiva do diretor sempre colocava conchas espirais nos canteiros – disse o capitão Jim. – Era muito habilidosa com flores. Só de olhar e tocá-las, pronto: cresciam loucamente! Algumas pessoas têm esse dom, e creio que você também tem, senhora Blythe.

– Ah, eu não sei, mas adoro o meu jardim. Trabalhar com coisas verdes e vivas, observar todos os dias os novos brotos, é como aventurar-se na criação, eu acho. No momento, meu jardim é como a fé: a substância das coisas esperadas¹⁸. Mas espere e verá.

– Sempre me impressiona olhar para as pequenas sementes marrons e enrugadas e pensar no arco-íris que existe dentro delas – disse o capitão. – Quando reflito sobre as sementes, não acho difícil acreditar que temos almas que viverão em outros mundos. É quase impossível acreditar que há vida naquelas coisinhas minúsculas, algumas pouco maiores do que um grão de areia, muito menos que existam cores e aromas, se você nunca presenciou o milagre de que são capazes, não é?

Anne, que contava os dias como quem conta os mistérios em um rosário, não podia fazer a longa caminhada até o farol ou a estrada para Glen. Mas a

senhorita Cornelia e o capitão Jim vinham com frequência até a casinha. A senhorita Cornelia era a alegria da existência de Anne e Gilbert. Eles riam aos montes de seus comentários após as visitas. Quando o capitão e ela visitavam a casinha ao mesmo tempo, havia um banquete para os ouvidos. Travavam uma guerra de palavras: ela atacando, e ele se defendendo. Anne chegou a repreender o capitão por provocar a senhorita Cornelia.

– Ah, como gosto de cutucá-la, senhora Blythe – riu o pecador impenitente. – É a maior diversão que tenho na vida. A língua dela poderia partir uma pedra ao meio. E a senhora e aquele patife do jovem doutor também gostam de escutá-la tanto quanto eu!

O capitão Jim fez uma visita certa tarde para levar um ramo de anêmonas para Anne. O ar perfumado e úmido do fim da tarde à beira-mar dominava o jardim. Havia uma névoa leitosa sobre a água, beijada pela jovem lua, e uma festa prateada de estrelas encobria Glen. O sino da igreja do outro lado do porto tocava com uma doçura onírica; os badalos suaves viajavam pelo entardecer para misturar-se ao lamento primaveril do oceano. As flores do capitão deram o toque final ao charme da noite.

– Ainda não tinha visto nenhuma nesta primavera e estava sentindo falta delas – disse Anne, afundando o rosto entre as anêmonas.

– Elas não são encontradas em Four Winds, só nas terras ermas para além de Glen. Fiz uma pequena excursão até a Terra-do-nada e as colhi para você. Acredito que são as últimas que você verá nessa primavera.

– Quanta bondade e consideração, capitão Jim. Ninguém mais, nem mesmo Gilbert – ela balançou a cabeça –, lembrou-se de que eu gosto de anêmonas nessa época.

– Bem, eu também levei alguns peixes para o senhor Howard. Ele gosta de comer trutas de vez em quando, e é tudo o que posso fazer para retribuir um favor que ele me fez uma vez. Passamos a tarde toda conversando. Ele gosta de prostrar comigo, apesar de ser um homem muito culto e eu um velho marujo ignorante, pois é um desses sujeitos que *precisam* conversar, senão ficam deprimidos, e ouvintes são escassos por aqui. As pessoas da vila o evitam por considerarem-no um infiel. Não acho que ele seja, poucos homens o são; entretanto, Howard é o que podemos chamar de herege. Hereges são pessoas amorais, mas altamente interessantes. Ele apenas se perdeu na busca por Deus, com a crença de que é difícil encontrá-Lo, o que nunca é verdade. A maioria deles acaba esbarrando Nele, cedo ou tarde. Não acredito que ouvir os argumentos do senhor Howard me fará algum mal.

Ora, eu acredito no que fui ensinado a acreditar. É extremamente prático, até porque Deus é sempre bom. O problema do senhor Howard é ser inteligente demais. Ele crê ser preciso viver à altura da própria sabedoria e que é mais inteligente debater sobre um novo jeito de ir para o céu em vez de seguir pela velha estrada das pessoas comuns e ignorantes. Mas ele chegará lá em algum momento, certo? E então vai rir de si mesmo.

– O senhor Howard era metodista, para começo de conversa – disse a senhorita Cornelia, como se isso fosse herético o suficiente.

– Sabe, Cornelia – disse o capitão Jim com seriedade –, se eu não fosse presbiteriano, acho que seria metodista.

– Ah, que seja – disse a senhorita Cornelia –, se você não fosse presbiteriano, pouco importaria. Por falar em heresia, doutor, eu trouxe o livro que me emprestou, *A Lei Natural no Mundo Espiritual*¹⁹. Não consegui ler mais de um terço. Posso ler coisas sem sentido e coisas com sentido, contudo esse livro não é nem um nem o outro.

– Ele de fato é considerado herético em alguns círculos – admitiu Gilbert –, mas eu avisei antes de emprestá-lo à senhorita.

– Ah, eu não teria me importado se fosse herético. Consigo suportar a maldade, não a tolice – disse a senhorita Cornelia calmamente, com ares de quem havia batido o martelo sobre *A Lei Natural*.

– Por falar em livros, *Um Louco Amor* finalmente foi concluído duas semanas atrás – comentou o capitão Jim, admirado. – Chegou a 103 capítulos. A história terminou quando se casaram, então suponho que todos os problemas deles chegaram ao fim. É realmente muito bonito quando as coisas terminam assim nos livros, mesmo que isso não aconteça em nenhum outro lugar.

– Nunca leio romances – disse a senhorita Cornelia. – Você sabe como o Geordie Russell está hoje, capitão?

– Sim, eu o visitei a caminho de casa. Está melhorando, ainda que esteja em um mar de problemas, como sempre, pobre homem. É verdade que ele é a causa da maioria deles, mas isso não torna as coisas mais fáceis.

– Ele é muito pessimista – disse a senhorita Cornelia.

– Bem, ele não é exatamente um pessimista, Cornelia. As coisas é que nunca estão do jeito que ele gosta.

– E isso não é ser um pessimista?

– Não, não. Um pessimista nunca espera encontrar algo que lhe agrade. Geordie ainda não chegou a esse ponto.

– Você encontraria algo de bom para dizer até do próprio diabo, Jim Boyd.
– Bem, você ouviu a história daquela idosa a qual disse que ele estava perseverando. E não, Cornelia, eu não tenho nada de bom para dizer do diabo.

– Pelo menos crê nele? – perguntou a senhorita Cornelia seriamente.

– Como pode perguntar isso, sabendo que sou um bom presbiteriano? Como um presbiteriano viveria sem um diabo?

– Você *crê* nele? – insistiu a senhorita Cornelia.

O tom do capitão Jim tornou-se austero.

– Acredito no que um ministro certa vez chamou de “uma força poderosa, maligna e inteligente que atua no universo” – disse solenemente. – Eu acredito *nisso*, Cornelia. Pode chamar de diabo, de “príncipe das trevas”, de belzebu ou qualquer outro nome que quiser. Ele está por aí, e nem todos os infiéis e hereges do mundo poderiam fazê-lo desaparecer com argumentos, da mesma forma que tampouco conseguiriam fazer Deus desaparecer. Ele está por aí, e está tramando. Mas creio que ele levará a pior no fim das contas, Cornelia.

– Assim espero – disse a senhorita Cornelia, sem muita esperança. – E por falar no diabo, tenho certeza de que Billy Booth está possuído. Ouviram falar da última façanha dele?

– Não, o que aconteceu?

– Ele queimou o novo conjunto de lã marrom da esposa, o qual ela comprou em Charlottetown por 25 dólares, afirmando que ele chamou muito a atenção dos homens quando esta o usou pela primeira vez para ir à igreja. Não é típico de um homem?

– A senhora Booth é muito linda, e o marrom lhe cai muito bem – refletiu o capitão.

– É uma boa justificativa para jogar o conjunto novo dela no forno? Billy Booth é um tolo ciumento e está tornando a vida da esposa insuportável. Ela chorou a semana inteira por causa disso. Ah, Anne, gostaria de escrever como você, acredite em mim. Como eu repreenderia alguns dos homens daqui!

– Todos os Booth são excêntricos – disse o capitão. – Billy parecia o mais sensato da família, até que se casou e esse ciúme doentio surgiu. Já o irmão dele, Daniel, sempre foi estranho.

– Tinha ataques de cólera com frequência e se recusava a sair da cama – contou a senhorita Cornelia, saboreando as palavras. – A esposa tinha de

fazer todo o trabalho no celeiro até que os acessos passassem. As pessoas escreveram cartas de condolências para ela quando ele morreu; se eu tivesse escrito, teria mandado felicitações. O pai dela, o velho Abram Booth, era um bêbado asqueroso. Estava de pileque no funeral da esposa, e não parava de soluçar e dizer: “Não *beeebi* muito, mas me *siinto* bem *esquisiito*”. Dei-lhe uma boa cutucada nas costas com o guarda-chuva quando se aproximou de mim, que serviu para deixá-lo comportado enquanto o caixão era levado da casa. Era para o jovem Johnny Booth ter se casado ontem, mas ele pegou caxumba. Não é típico de um homem?

– Como o coitado poderia ter evitado de pegar caxumba?

– Eu não o chamaria de coitado, acredite em mim, se fosse a Kate Sterns. Não sei como poderia ter evitado pegar caxumba; só sei que o jantar do casamento já foi todo preparado, e tudo vai estragar antes de sua melhora. Que desperdício! Ele deveria ter tido caxumba quando era criança.

– Vamos, Cornelia, não acha que está sendo um pouco irracional?

A senhorita Cornelia não se dignou a responder e virou-se para Susan Baker, uma velha solteirona de rosto avinagrado e bom coração, que fora contratada como empregada na casinha por algumas semanas. Ela tinha ido até Glen visitar uma enferma e acabara de retornar.

– Como está a velha tia Mandy? – perguntou a senhorita Cornelia.

Susan suspirou.

– Muito mal... Muito mal. Receio que logo irá para o céu, coitadinha!

– Ah, não deve estar tão ruim assim! – exclamou a senhorita Cornelia, com simpatia.

O capitão Jim e Gilbert entreolharam-se. Então levantaram e saíram de repente.

– Há momentos – disse o capitão Jim, entre espasmos – em que seria um pecado *não* rir. Duas mulheres tão excelentes!

Referência ao Novo Testamento, Hebreus 11:1. (N. T.)

Livro de 1883 do evangelista e biólogo escocês Henry Drummond (1851-1897). (N. T.)



AMANHECER E ENTARDECER

No início de junho, quando as dunas de areia estavam cobertas por um esplendor de rosas silvestres e Glen foi tomada pelo perfume da florada das macieiras, Marilla chegou na casinha acompanhada de um baú de crina de cavalo preto e pregos de latão, que passara meio século repousando no sótão de Green Gables. Susan Baker, que já nas poucas semanas que estava ali passara a venerar a “jovem esposa do doutor” com um fervor cego, olhou para Marilla com um ciúme desdenhoso de início. Mas como Marilla não tentava interferir na cozinha nem demonstrava o intuito de interromper sua ajuda prestada à jovem esposa do doutor, a boa empregada reconciliou-se com a presença dela, e contou em Glen que a senhorita Cuthbert era uma mulher elegante, e sabia o lugar dela.

Em uma tarde, quando a límpida abóbada celeste se coloria de um vermelho glorioso e os tordos animados com o crepúsculo dourado cantavam hinos jubilosos para as estrelas, houve uma súbita comoção na casinha dos sonhos. Telefonemas foram feitos para Glen, e o doutor Dave e uma enfermeira de capa branca foram trazidos às pressas; Marilla caminhava de um lado para o outro no jardim entre as fileiras de conchas, murmurando preces entre os lábios constrictos, e Susan estava sentada na cozinha com algodão nos ouvidos e o avental cobrindo a cabeça.

Leslie, observando da casa riacho acima, viu que todas as janelas da casinha estavam iluminadas e não conseguiu dormir naquela noite.

As noites de junho eram curtas; contudo, aquela pareceu uma eternidade para quem aguardava e assistia.

– Ah, não vai acabar nunca? – disse Marilla. Quando viu a expressão grave da enfermeira e do doutor Dave, ela não ousou fazer mais perguntas. E se Anne... Não, ela não podia fazer suposições.

– Não me digam – disse Susan com firmeza, respondendo à angústia nos olhos de Marilla –, que Deus poderia ser cruel a ponto de tirar de nós aquela

doce criatura que amamos tanto!

– Ele já levou outros tão queridos quanto – disse Marilla em tom solene.

Ao amanhecer, entretanto, quando o sol nascente transformou as brumas sobre as dunas de areia em arcos-íris, a alegria chegou à casinha. Anne estava a salvo, e uma pequenina e alva dama, que tinha os grandes olhos da mãe, estava deitada ao seu lado. Gilbert, lívido e abatido após a noite de agonia, desceu para avisar Marilla e Susan.

– Graças a Deus – disse Marilla, estremecendo.

Susan tirou o algodão dos ouvidos.

– Agora, o café da manhã – disse energicamente. – Sou da opinião de que todos vão ficar satisfeitos em comer alguma coisa. Diga à jovem esposa do doutor para não se preocupar com nada, pois a Susan está no comando. Diga para que se preocupe apenas com a bebê.

Gilbert sorriu um tanto triste e se foi.

Anne, com o rosto empalidecido pelas dores do parto e os olhos irradiando a paixão da maternidade, não precisava que lhe dissessem para pensar apenas na filha. Não conseguia focar em mais nada. Por algumas horas ela experimentou uma felicidade tão rara e intensa que chegou a imaginar se os anjos não a invejavam.

– Pequena Joyce – murmurou quando Marilla veio ver o bebê. – Decidimos chamá-la assim se fosse uma menina. Não conseguimos escolher dentre todas as pessoas queridas as quais gostaríamos de homenagear, e por isso escolhemos Joyce. Assim podemos chamá-la de Joy²⁰, acho muito apropriado. Ah, Marilla, eu achava que era feliz antes. Mas agora sei que tudo não passou de um sonho agradável. *Essa é a realidade.*

– Você não deve falar, Anne. Espere até estar mais forte – aconselhou Marilla.

– Você sabe o quanto é difícil para mim *não* falar – sorriu Anne.

De início, Anne estava muito frágil e muito contente para perceber a consternação de Gilbert e da enfermeira e o pesar de Marilla. Então, com a sutileza e a frieza do nevoeiro marítimo invadindo a terra, o medo adentrou o coração dela. Por que Gilbert não estava mais alegre? Por que não falava do bebê? Por que a tiraram de perto depois daquela primeira hora celestial? Havia... Algo de errado?

– Gilbert – sussurrou Anne, suplicante –, a nossa filha... Está bem, não está? Vamos, diga.

Gilbert demorou para reagir; então inclinou-se e olhou dentro dos olhos dela. Marilla, assustada, ouviu pela porta um gemido dolorido e desolador e correu para a cozinha, onde Susan chorava.

– Ah, aquela pobre criatura! Como ela suportará, senhorita Cuthbert? Tenho medo de que não tenha forças suficientes. Ela estava tão feliz, aguardando pela filha e fazendo planos. Não há nada que possa ser feito?

– Temo que não, Susan. Gilbert disse que não há esperanças. Ele soube de imediato que a bebê não ia sobreviver.

– E é uma criança tão doce – soluçou Susan. – Nunca vi um neném tão alvo; eles geralmente nascem vermelhos ou amarelados. E abriu os olhos grandes como se tivesse meses de idade! Aquela coisinha tão pequenina! Ah, coitada da jovem esposa do doutor!

Ao entardecer, a pequena alma nascida com o amanhecer partiu, deixando corações despedaçados pelo caminho. A senhorita Cornelia tomou a daminha alva das mãos da enfermeira, uma desconhecida, e vestiu a diminuta figura de cera com o lindo vestido que Leslie havia costurado. Foi um pedido da própria Leslie. Em seguida, ela a colocou ao lado da pobre mãe, que se desfazia em lágrimas.

– “O Senhor o deu, o Senhor o levou”, querida – disse em meio às próprias lágrimas. – “Bendito seja o nome do Senhor”²¹.

E então foi embora, deixando Anne e Gilbert sozinhos com a filha morta.

No dia seguinte, a pequena e alva Joy foi sepultada em um caixão de veludo que Leslie forrara com flores de macieira, no cemitério da igreja do outro lado do porto. A senhorita Cornelia e Marilla guardaram todas as roupinhas feitas com amor, juntamente com o berço que fora decorado com babados e rendas para os bracinhos e perninhas gorduchos e a cabeça repleta de penugem. A pequena Joy nunca dormiu ali; ela encontrara um leito mais frio e estreito.

– Foi uma grande desilusão para mim – suspirou a senhorita Cornelia. – Esperei tanto por aquele bebê, e eu queria que fosse uma menina.

– Só agradeço pela vida de Anne ter sido poupada – disse Marilla, com um arrepio, lembrando as horas terríveis quando a moça tão amada por ela atravessou o vale das sombras.

– Pobre criatura! Está inconsolável – disse Susan.

– Eu *invejo* Anne – declarou Leslie subitamente – e a invejaria mesmo se tivesse morrido! Ela foi mãe por um belo dia. Eu daria a minha vida por isso com prazer!

– Não fale assim, Leslie, minha querida – repreendeu a senhorita Cornelia. Ela temia que a distinta senhorita Cuthbert pensasse que Leslie era uma pessoa horrível.

A convalescência de Anne foi longa, e muitas coisas a tornaram ainda mais amarga. As flores e o sol de Four Winds a incomodavam profundamente; quando a chuva caía com força, ela a imaginava açoitando impiedosamente a pequena sepultura do outro lado do porto; e quando o vento soprava pelos beirais, trazia vozes tristes que ela nunca ouvira antes.

Os visitantes amáveis também a incomodavam, com as frases feitas bem-intencionadas que tentavam mascarar a crueza do luto. Uma carta de Phil Blake foi outro golpe duro. Ela ficou sabendo do nascimento da criança, mas não do falecimento, e escreveu uma carta de parabéns cheia de felicidade que foi muito dolorida para Anne.

– Ela teria me alegrado muito se eu tivesse a minha filha – soluçou para Marilla. – Como não tenho, me parece muito maldosa, mesmo sabendo que Phil jamais me magoaria por nada no mundo. Ai, Marilla, não sei se algum dia serei feliz novamente; pelo resto da vida, *tudo* vai me machucar.

– O tempo tudo cura – disse Marilla, que explodia de compaixão. Contudo, ela só sabia expressá-la por meio de ditos populares.

– Não é *justo* – rebelou-se Anne. – Bebês nascem e crescem onde não são desejados, onde são negligenciados, onde nunca têm uma chance. Eu teria amado e cuidado dela com tanta ternura, e teria lhe dado todas as chances de ser feliz. Mesmo assim, não pude ficar com ela.

– Foi a vontade de Deus, Anne – disse Marilla, desamparada diante dos mistérios do universo, do motivo daquela dor imerecida. – A pequena Joy está em um lugar melhor.

– Não consigo acreditar nisso – chorou Anne amargamente. Ao ver o choque de Marilla, ela acrescentou fervorosamente. – Por que teve que nascer, afinal? Por que nascemos, se vamos para um lugar melhor quando morremos? Não acredito ser o melhor para uma criança morrer no parto a viver uma vida plena, amando e sendo amada, com alegrias e dores, desenvolvendo uma personalidade a qual a distinguiria na eternidade. E como se sabe qual é a vontade de Deus? Talvez a força do mal tenha frustrado os propósitos Dele. Não se pode esperar que nos resignemos a isso.

– Ah, não fale assim – disse Marilla, genuinamente alarmada por Anne estar navegando em água profundas e perigosas. – Mesmo sem compreender, *temos* de ter fé que tudo isso é para o nosso bem. Sei que é difícil aceitar

agora, mas tente ser corajosa, pelo bem de Gilbert. Ele está tão preocupado. Você não está se recuperando tão rápido quanto deveria.

– Ah, sei que tenho sido muito egoísta – suspirou Anne. – Amo Gilbert mais do que nunca e quero viver para o bem dele. Porém, é como se parte de mim tivesse sido enterrada naquele pequeno cemitério, e a dor é tamanha que estou com medo da vida.

– Não vai doer tanto assim para sempre, Anne.

– Pensar que vai parar de doer, às vezes, machuca mais do que tudo, Marilla.

– Sim, eu sei, já me senti assim em outras ocasiões. Mas todos nós te amamos, Anne. O capitão Jim veio todos os dias perguntar por você, a senhora Moore ronda a casa como uma alma penada, e a senhorita Bryant passa a maior parte do tempo, creio eu, cozinhando quitutes para você. Susan não gosta muito deles. Disse que cozinha tão bem quanto a senhorita Bryant.

– Querida Susan! Ah, todos têm sido tão bondosos e amáveis comigo, Marilla. Não sou ingrata; depois que essa dor horrível diminuir um pouco, talvez eu descubra que posso continuar vivendo.

“Joy”, em inglês, significa alegria. (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Jó 1:21. (N. T.)



MARGARET DESAPARECIDA

Anne descobriu que podia continuar vivendo; chegou até a sorrir ao ouvir um dos discursos da senhorita Cornelia. Porém, naquele sorriso havia algo novo que nunca mais a abandonou.

No primeiro dia em que conseguiu sair para dar um passeio, Gilbert a levou até o farol de Four Winds, onde a deixou para atravessar o canal de barco e visitar um paciente na vila dos pescadores. Um vento forte soprava sobre o porto e as dunas, criando picos de espumas e lavando a costa com longas faixas prateadas.

– Estou muito orgulhoso por vê-la aqui, senhora Blythe – disse o capitão Jim. – Sente-se, sente-se. Temo que minha casa esteja um pouco empoeirada, mas não há motivos para olhar para a poeira quando temos essa vista, não é mesmo?

– Não me importo com a poeira – disse Anne. – Contudo, Gilbert me aconselhou a ficar em lugares arejados. Acho que vou me sentar naquelas rochas, ali embaixo.

– Gostaria de companhia ou prefere ficar sozinha?

– Se a companhia for sua, com certeza prefiro, em vez de ficar sozinha – disse, sorrindo. Então, suspirou. Nunca antes se importara em ficar sozinha. E agora, detestava. Agora, sentia-se terrivelmente solitária quando só.

– Aqui é um bom lugar, longe do vento – disse o capitão Jim quando chegaram às pedras. – Venho aqui com frequência. É um ótimo ponto para simplesmente sentar e sonhar.

– Ah... sonhos – suspirou Anne. – Não posso sonhar agora, capitão Jim. Estou farta deles.

– Ah, não está não, senhora Blythe; não mesmo – disse o capitão meditativamente. – Sei como se sente agora, mas as coisas vão melhorar se continuar vivendo, e quando menos perceber vai estar sonhando de novo, graças ao bom Deus! Se não fossem os sonhos, seria melhor sermos

enterrados de uma vez. Como suportaríamos viver sem a promessa da imortalidade? É um sonho fadado a acontecer, senhora Blythe. Você verá a sua pequena Joyce novamente, algum dia.

– Só que ela não será o meu bebê – disse Anne, com os lábios trêmulos. – Ah, ela pode ser, como Longfellow disse: “uma bela donzela envolta pela graça celestial”²², mas será uma estranha para mim.

– Deus lhe reservará algo melhor, creio eu – disse o capitão.

Ficaram em silêncio por um tempo. Então, ele disse com muita sutileza:

– Senhora Blythe, posso lhe contar sobre a Margaret desaparecida?

– É claro – disse Anne gentilmente. Ela não sabia quem era a “Margaret desaparecida”, mas sentia que estava prestes a ouvir o romance da vida do capitão.

– Faz tempo que quero lhe contar sobre ela. E sabe por quê? Quero que alguém pense nela de vez em quando depois de minha morte. Não suporto a ideia de que todos os seres vivos esqueçam o nome dela. Sou o único que se lembra dele, agora.

O capitão Jim contou a história: uma história antiga e esquecida, pois fazia mais de cinquenta anos que Margaret adormecera no bote do pai e se perdera no mar. Era o que todos supunham, pois ninguém nunca soube qual fim levou... O bote à deriva deixou o canal e a barreira de dunas para trás e ela pereceu sob a tormenta escura que surgiu abruptamente naquela tarde de verão, tanto tempo atrás. Para o capitão, entretanto, aqueles cinquenta anos estavam tão distantes quanto o ontem.

– Caminhei pela orla durante meses após o ocorrido – disse com tristeza –, procurando pelo corpinho frágil dela. O mar nunca o devolveu. Eu ainda vou encontrá-la, senhora Blythe, algum dia. Ela está esperando por mim. Gostaria de me lembrar de como ela era, mas não consigo. Já vi uma delicada névoa prateada pairando sobre as dunas ao entardecer que se parecia com ela; em outra ocasião, vi uma bétula branca no bosque que me fez pensar nela. Tinha o cabelo castanho-claro e um rostinho alvo, e dedos compridos como os seus, senhora Blythe, só que mais morenos, pois era uma garota da praia. Às vezes acordo no meio da noite e ouço o mar me chamar como antigamente, e é como se a Margaret desaparecida também me chamasse. E quando há uma tempestade, posso ouvir o lamento dela em meio aos soluços e gemidos das ondas. E quando elas riem em um dia alegre, é a risada da Margaret desaparecida que ouço, doce e marota. O mar

a tirou de mim, mas algum dia a encontrarei, senhora Blythe. Ele não pode nos manter separados para sempre.

– Fico contente por ter me contado sobre ela – disse Anne. – Já me perguntei diversas vezes por que o senhor passou a vida inteira sozinho.

– Nunca me interessei por mais ninguém. Margaret perdeu-se e levou junto o meu coração – disse o eterno enamorado, que há cinquenta anos era fiel à amada afogada. – Não vai se importar se eu falar demais sobre ela, não é mesmo, senhora Blythe? É um prazer para mim, pois a dor que a lembrança dela me causava foi embora anos atrás, deixando apenas sua bênção. E se os anos trouxerem mais pessoinhas para o seu lar, como espero que tragam, quero sua promessa de que contará a eles a história da Margaret desaparecida, e o nome dela não será esquecido pela humanidade.

Referência ao poema *Resignation*, de Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). (N. T.)



BARREIRAS QUE CAEM

– Anne – disse Leslie, quebrando de repente o breve silêncio em que se encontravam –, você não sabe como é bom vê-la aqui de novo, trabalhando, conversando e ficando em silêncio comigo.

Elas estavam sentadas em meio às flores azuis da grama que cobria a margem do riacho no jardim de Anne. A água brilhava e cantarolava, as bétulas lançavam sombras raiadas pela luz sobre elas, e as rosas floresciam ao longo dos canteiros. O sol começava a baixar, e o ar estava tomado por tons musicais que se entrelaçavam. Havia a melodia do vento entre os pinheiros atrás da casa, a das ondas arrebatando nas dunas, e ainda o som dos sinos distantes da igreja ao lado da qual a pequena dama alva repousava. Anne amara aquele sino; agora, contudo, ele lhe trazia pensamentos tristes.

Ela olhou com curiosidade para Leslie, a qual havia posto de lado a costura e falava com uma liberdade que lhe era incomum.

– Naquela noite terrível em que você estava doente – continuou Leslie – achei que nunca mais iríamos conversar, passear e trabalhar juntas. Foi quando percebi o quanto a sua amizade significa para mim, o que *você* significa para mim, e como eu tenho sido odiosa e intratável.

– Leslie! Leslie! Não permito que ninguém insulte meus amigos.

– É a verdade. É exatamente o que tenho sido: odiosa e intratável. Há algo que *preciso* te contar, Anne. Acho que você vai me odiar por isso, mas tenho de confessar. Anne, houve momentos no inverno e na primavera em que eu te *odiei*.

– Eu *sabia*! – disse Anne calmamente.

– Você sabia?

– Sim, vi em seus olhos.

– E ainda assim, continuou gostando de mim e sendo minha amiga.

– Bem, você me odiou apenas em certas ocasiões, Leslie. O resto do tempo você me amou, eu acho.

– Com certeza. Só que aquele outro sentimento horrível esteve sempre presente, no fundo do meu coração, arruinando tudo. Eu o sufocava e chegava até a me esquecer dele, mas em certas circunstâncias ele ressurgia e me possuía. Eu te odiei porque eu te invejava. Ah, estava doente de inveja. Você tem um lar adorável, e amor, e felicidade, e sonhos alegres. Tudo que eu queria ter e nunca tive, e jamais terei. Ah, eu jamais terei! *Isso* foi o que me feriu. Não teria te odiado se tivesse alguma esperança de que a minha vida pudesse mudar. Só que eu não tinha... Simplesmente não tinha... E isso não parecia justo. Isso me deixou revoltada e me machucou, e por isso eu te odiei algumas vezes. Ah, tive tanta vergonha dessa sensação... E estou morrendo de vergonha agora... Entretanto, não conseguia me controlar. Naquela noite, temi que você não fosse sobreviver. Achei que eu estava sendo punida por minha maldade... E percebi o quanto te amava. Anne, Anne, eu não tinha nada para amar depois que a minha mãe morreu a não ser o velho cachorro do Dick. E é tão horrível não ter nada para amar! A vida torna-se tão vazia, e não há *nada* pior do que o vazio. Eu poderia ter te amado tanto, se aquela coisa pavorosa não tivesse estragado tudo...

Leslie tremia e começava a ficar incoerente com a violência das próprias emoções.

– Pare, Leslie – implorou Anne. – Pare. Eu compreendo. Não toque mais nesse assunto.

– Mas eu preciso. Quando soube que viveria, jurei que após sua melhora contaria tudo, e não aceitaria mais sua amizade e companheirismo sem antes confessar o que se passava em minha cabeça. E tive muito medo de você dar as costas para mim.

– Não precisa ter medo disso, Leslie.

– Ah, alegre-me tanto, tanto, Anne! – Leslie juntou as mãos morenas e calejadas pelo trabalho com firmeza para que não tremessem. – E agora quero contar tudo, já que comecei. Você não deve se lembrar da primeira vez em que nos vimos. Não foi naquela tarde na praia...

– Não, foi na noite em que Gilbert e eu chegamos. Você estava levando os seus gansos pela colina. Eu me lembro *bem*! Achei você muito linda e passei semanas tentando descobrir quem era.

– Eu sabia quem *vocês* eram, apesar de nunca os ter visto antes. Tinha ouvido falar do novo médico e da esposa que se mudariam para a casa da senhorita Russell. Eu... Eu te odiei naquele exato momento, Anne.

– Senti o ressentimento em seus olhos, só que não acreditei no que tinha visto. Achei que estivesse errada, afinal, *qual* seria o motivo?

– É porque você parecia muito feliz. Ah, agora você tem que concordar que eu sou odiosa e intratável... Odiar outra mulher só porque ela é feliz, quando a felicidade dela não fez nenhum mal a mim! Por isso não te visitei. Eu sabia muito bem que deveria; é de bom-tom até para os costumes da nossa modesta Four Winds. Porém, não consegui. Costumava observar vocês da minha janela... Dava para ver você e seu marido passeando pelo jardim de tarde... Você correndo pela estradinha da entrada ao encontro dele. E isso me magoava. Apesar disso, eu queria vir aqui. Eu sentia que, se não estivesse tão infeliz, eu poderia ter me afeiçoado e encontrado em você aquilo que nunca tive na vida: uma amiga íntima e *verdadeira* da minha idade. Lembra-se daquele fim de tarde na praia? Você receava que eu te achasse maluca. Mas deve ter achado que eu é que era.

– Não. Eu só não consegui te compreender, Leslie. Em um momento você permitia minha aproximação e em outro me repelia.

– Eu estava muito infeliz. Tinha tido um dia muito duro, Dick estava impossível de lidar. Geralmente ele é muito comportado e tranquilo, sabe, Anne. Em certos dias, porém, é muito diferente. Eu estava tão angustiada que corri para a praia assim que ele foi dormir. Era o meu único refúgio. Sentei-me lá e pensei no meu pai, que tirou a própria vida, e imaginei se também chegaria a tal ponto. Ah, meu coração estava repleto de pensamentos sombrios! E então você surgiu, dançando sozinha na praia como uma criança feliz e despreocupada! Eu... Nunca tinha sentido tanto ódio antes na vida. E ainda assim, eu ansiava por sua amizade. O primeiro sentimento apoderou-se de mim inicialmente, e depois o segundo. Quando cheguei em casa naquela noite, chorei de vergonha pelo que você deveria estar pensando de mim. E era a mesma coisa sempre que eu vinha aqui. Às vezes, eu ficava feliz e aproveitava a visita. Já em outras, tudo relacionado a você e à sua casa me feria. Você tinha tantas coisinhas adoráveis que eu não poderia ter! Sabe, é ridículo, mas eu tinha uma implicância em especial por seus cachorrinhos de porcelana. Houve momentos nos quais eu quis agarrar o Gog e o Magog e bater os focinhos pretos arrebitados um contra o outro! Ah, você sorri, Anne, mas eu nunca achei graça nisso. Eu vinha aqui e via você e Gilbert, com seus livros e flores, e seus bens domésticos, e suas brincadeiras particulares... E o amor que sentem um pelo outro, evidente em cada olhar e palavra, até quando nem se davam conta... E aí eu voltava para

casa... E você sabe como é a minha casa! Ah, Anne, não me veja como uma pessoa invejosa por natureza. Faltavam-me muitas coisas que meus amigos tinham quando era pequena, no entanto, nunca me importei com isso; tampouco os odiava. Mas parece que eu me tornei tão odiosa...

– Leslie, querida, pare de se culpar. Você *não* é odiosa nem invejosa. A vida que é obrigada a levar talvez tenha deixado você um pouco ressentida; ela teria arruinado qualquer pessoa de natureza tão delicada e nobre como a sua. Estou permitindo que me conte tudo isso porque acredito que é melhor desabafar e lavar a alma. Só não se culpe mais.

– Tudo bem, então. Eu apenas queria que você me conhecesse como realmente sou. O dia em que me contou sobre sua amada expectativa para a primavera foi o pior de todos, Anne. Jamais me perdoarei pela forma como me comportei. Eu me arrependi com lágrimas. E sim, coloquei muitos pensamentos tenros e afetuosos na roupinha que fiz. Mas eu deveria saber que qualquer coisa feita por mim acabaria virando uma mortalha.

– Isso já é demasiadamente amargo e mórbido, Leslie. Afastes esses pensamentos. Fiquei tão feliz com o seu presente. E já que tive de perder a pequena Joyce, gosto de pensar que a roupa usada por ela foi a que você fez quando se permitiu me amar.

– Sabe, Anne? Creio que vou te amar para sempre depois disso. Acho que nunca mais vou me sentir daquela forma vergonhosa. Ter confessado parece ter ajudado a destruir aquele sentimento, de alguma forma. É muito estranho, e para mim foi muito real e exasperante. É como abrir a porta de um quarto escuro onde você acha que mora uma criatura horripilante... E quando a luz entra, o seu monstro não passa de uma sombra, que desaparece sob a claridade. Ele nunca mais vai se interpor entre nós.

– Não, pois agora somos amigas de verdade, Leslie, e estou muito contente.

– Espero que não me entenda mal se eu disser mais uma coisa. Anne, meu coração entrou em um luto profundo quando você perdeu a sua filha, e se eu pudesse tê-la salvado cortando uma de minhas mãos, eu o teria feito. Porém, a sua tristeza acabou nos aproximando. Sua felicidade perfeita não é mais uma barreira entre nós. Ah, não me leve a mal, querida... Não estou contente por sua felicidade não ser mais perfeita, e posso afirmar isso com sinceridade. Contudo, não há mais um abismo entre nós.

– Eu compreendo, Leslie. Agora, vamos deixar o passado para trás com tudo que foi desagradável. Tudo vai ser diferente. Nós duas somos do povo

que conhece José, agora. Você tem sido maravilhosa. E Leslie, não posso deixar de acreditar que a vida ainda te reserva algo bom e encantador.

Leslie balançou a cabeça.

– Não – disse, sem forças. – Não há mais esperanças. Dick nunca vai melhorar. E se recuperasse a memória... Ah, as coisas seriam muito piores. Você, sendo uma esposa feliz, não conseguiria entender. Anne, a senhorita Cornelia chegou a contar como eu me casei com Dick?

– Sim.

– Que bom. Eu queria que soubesse, só não conseguia tocar no assunto. Anne, sinto que a vida tem sido um amargor desde os meus 12 anos. Antes disso, tive uma infância feliz. Éramos muito pobres, mas não nos importávamos. Papai era um homem esplêndido, tão inteligente, amoroso e empático. Fomos grandes camaradas, até onde me lembro. E a mamãe era tão doce. Era muito, muito linda. Eu me pareço com ela, só não sou tão bonita.

– A senhorita Cornelia disse que você é ainda mais.

– Ela está errada, ou está querendo me proteger. Acho que minha silhueta é melhor, pois a mamãe andava encurvada por causa do trabalho árduo; contudo, tinha um rosto angelical. Eu costumava venerá-la. Todos nós a venerávamos: papai, Kenneth e eu.

Anne lembrou-se de que a senhorita Cornelia havia passado uma impressão muito diferente da mãe de Leslie. E afinal, a visão do amor não era a mais verdadeira? Mesmo assim, Rose West *foi* egoísta ao obrigar a filha a se casar com Dick Moore.

– Kenneth era meu irmão. Ah, não sei expressar o quanto eu o amava. Ele morreu de uma maneira muito cruel. Você sabe como?

– Sim.

– Anne, eu vi o rosto dele enquanto a roda o esmagava. Ele caiu de costas. Anne... Anne... Posso vê-lo agora. E sempre o verei. Tudo que peço aos céus é que apague essa lembrança da minha mente. Ah, meu Deus!

– Leslie, não precisa falar disso. Eu já conheço a história; não precisa entrar em detalhes que servirão apenas para atormentar sua alma a troco de nada. Ela vai desaparecer da sua lembrança.

Após um momento de luta interna, Leslie recobrou um pouco do autocontrole.

– Foi quando a saúde do papai piorou. Ele passou a depender de nós, e foi aos poucos perdendo o juízo... Já sabe disso, também?

– Sim.

– Então, só me restou a minha mãe. E eu era muito ambiciosa. Pretendia lecionar e economizar para pagar meus estudos na faculdade. Eu ansiava chegar no topo... Ah, é melhor também não falar disso. Não é necessário. Você sabe o que aconteceu. Não suportaria ver a minha mãezinha querida de coração partido, depois de ter trabalhado feito uma escrava a vida inteira, despejada da própria casa. E é claro que eu poderia ganhar o suficiente para nós duas, mas a mamãe *não podia* deixar o lar dela. Ela chegou ali recém-casada e amou tanto o meu pai... Todas as lembranças dela estavam lá. Até hoje, Anne, quando penso que a fiz feliz durante o último ano de vida dela, não sinto arrependimento. Quanto ao Dick... Eu não o detestava no início. Eu tinha por ele o mesmo sentimento indiferente de amizade que tinha por meus colegas de escola. Apesar de saber que ele bebia demais, não conhecia a história da garota na vila dos pescadores. Se soubesse, *jamais* teria me casado com ele, nem mesmo pelo bem da minha mãe. Passei a odiá-lo *de verdade* depois disso, e a mamãe nunca descobriu. Então ela morreu... E eu fiquei só. Eu tinha apenas 17 anos e estava sozinha. Dick havia partido no *Four Sisters*, e eu esperava que não fosse demorar para voltar. O mar sempre esteve no sangue dele. Não tinha outra esperança à qual me agarrar. Bem, como você sabe, o capitão o trouxe para casa... E o resto é história. Agora você me conhece, Anne... O pior de mim... E todas as barreiras foram derrubadas. Ainda quer ser minha amiga?

Anne olhou através das bétulas para a branca lanterna de papel de uma lua crescente que descia em direção ao golfo, com uma expressão muito doce.

– Seremos amigas para sempre – disse. – O tipo de amizade que nunca tive. A vida inteira tive muitos amigos queridos e amados; porém, Leslie, há algo em você que eu nunca encontrei em ninguém. Você tem mais a me oferecer com sua rica natureza, e eu tenho mais para lhe dar do que jamais tive em minha infância negligenciada. Somos duas mulheres e amigas para sempre.

Elas deram as mãos e sorriram em meio às lágrimas que embaçavam os pares de olhos acinzentados e azuis.



A SENHORITA CORNELIA RESOLVE AS COISAS

Gilbert insistiu que Susan continuasse ajudando na casinha durante o verão. Anne protestou de início.

– A vida só com nós dois aqui é tão agradável, Gilbert. A presença de outra pessoa acabaria atrapalhando. Susan é uma boa alma, mas é uma estranha. Não vejo problema em fazer o serviço de casa.

– Você deve seguir as orientações do seu médico – disse Gilbert. – Há um velho ditado que diz: “Em casa de ferreiro, o espeto é de pau”. E não quero que seja verdadeiro na minha casa. Susan continuará aqui até que recupere as forças e suas maçãs do rosto voltem a ficar viçosas.

– Descanse, querida senhora – disse Susan, entrando abruptamente. – Relaxe e não se preocupe com a despensa. Susan está no leme. Mais vale um punhado de tranquilidade do que ambas as mãos cheias de trabalho e aflição de espírito. Levarei o café da manhã para a senhora todos os dias.

– Não vai mesmo! – riu Anne. – Concorde com a senhorita Cornelia, é um escândalo uma mulher que não está doente fazer o desjejum na cama, e que isso quase justifica o comportamento dos homens!

– Ah, Cornelia – disse Susan, com um desprezo inefável. – Espero que tenha o bom senso de não dar ouvidos a tudo que a Cornelia Bryant diz. Não sei por que ela precisa reclamar sempre dos homens, sendo que é uma solteirona. *Eu* também sou solteira, e vocês não me ouvem difamando os homens. Gosto deles. Teria me casado, se tivesse tido a chance. Não é estranho que ninguém nunca tenha me pedido em matrimônio, querida senhora? Não sou uma beldade, mas sou tão bonita quanto a maioria das mulheres casadas. Mesmo assim, nunca tive um namorado. Por que será?

– Pode ser o destino – sugeriu Anne, com uma solenidade sobrenatural. Susan assentiu.

– É o que penso com frequência, querida senhora, e o que me conforta imensamente. Não me importo se ninguém me quer, contanto que seja parte dos planos do Senhor. Mas, às vezes, a dúvida surge, e eu me pergunto se não é o capeta metido nisso. Nessas ocasiões, não consigo me tranquilizar. Talvez – acrescentou Susan, animando-se – eu ainda me case um dia. Minha tia costumava repetir um antigo verso: “Não há gansa pomposa que um ganso honesto não faça de esposa”! É só no túmulo que uma mulher pode perder as esperanças de se casar, querida senhora. Enquanto isso, vou fazer uma fornada de tortas de cereja. São as favoritas do doutor, notei; e eu *adoro* cozinhar para um homem que honra os mantimentos.

A senhorita Cornelia apareceu naquela tarde, esbaforida.

– O mundo e o demônio não me incomodam muito, mas a carne, *sim* – admitiu. – Você parece sempre tão fresca quanto uma alface, querida Anne. É cheiro de torta de cereja que estou sentindo? Se for, convide-me para o chá. Ainda não comi nenhuma nesse verão. Todas as minhas cerejas foram roubadas por aqueles malandros dos garotos Gilman, de Glen.

– Cuidado, Cornelia – repreendeu o capitão Jim, que lia um romance sobre o mar em um canto da sala –, você não deveria acusar aqueles pobres garotos sem mãe antes de ter provas. O fato de o pai deles não ser lá muito honesto não é motivo para chamá-los de ladrões. É mais provável que os tordos tenham comido suas cerejas. Há um monte deles neste ano.

– Tordos! – desdenhou a senhorita Cornelia. – Rá! Tordos com duas pernas, acreditem em mim!

– Bem, a maioria dos tordos de Four Winds são assim – disse o capitão seriamente.

A senhorita Cornelia o encarou por um instante. Então, reclinou-se na cadeira de balanço e gargalhou.

– Bem, você me pegou dessa vez, Jim Boyd. Tenho que admitir. Veja como ele está satisfeito, querida Anne, sorridente como o gato de Cheshire²³. Quanto aos tordos, se tiverem pernas peladas e queimadas de sol e usarem calças rasgadas como as que eu vi na minha cerejeira na semana passada, em um amanhecer, pedirei desculpas aos garotos do senhor Gilman. Quando cheguei lá, já tinham ido embora. Não tinha entendido como conseguiram fugir tão rápido, mas o capitão já esclareceu as coisas. Eles saíram voando, é claro.

O capitão Jim riu e foi embora, recusando com pesar o convite para jantar e desfrutar de um pedaço de torta.

– Estou indo na casa de Leslie perguntar se ela quer receber um pensionista – contou a senhorita Cornelia. – Recebi uma carta de uma tal de senhora Daly, de Toronto, que se hospedou comigo dois anos atrás. Ela quer que eu receba um amigo dela durante o verão. O nome dele é Owen Ford. Ele é jornalista e aparentemente é o neto do diretor da escola, o qual construiu esta casa. A filha mais velha de John Selwyn casou-se com um sujeito de Ontário de sobrenome Ford, e este é o filho dela. Ele quer conhecer o lugar onde os avós moraram. Está se recuperando de um caso sério de febre tifoide, e o médico aconselhou que viesse para o litoral. Em vez do hotel, ele prefere um lugar tranquilo e caseiro. Não posso recebê-lo, pois vou viajar em agosto. Fui nomeada representante para a convenção da Sociedade Missionária, em Kingsport. Não sei se Leslie vai querer recebê-lo, mas não sei de mais ninguém. Se ela não puder, ele terá de se hospedar do outro lado do porto.

– Passe aqui depois e nos ajude a comer as tortas de cereja – disse Anne. – Traga Leslie e Dick, se quiserem vir. Então, você vai para Kingsport? Vai se divertir bastante. Pedirei que leve uma carta para um amigo meu que mora lá, o senhor Jonas Blake.

– Convenci a senhora Thomas Holt a ir comigo – disse a senhorita Cornelia. – Ela está precisando de uma folga, acredite em mim. Está se matando de tanto trabalhar. Tom Holt saber fazer crochê lindamente, só que não consegue sustentar a família. Nunca consegue acordar cedo para trabalhar, apesar de isso não ser um problema quando o assunto é pescaria, pelo que percebi. Não é típico de um homem?

Anne sorriu. Ela aprendera a desconsiderar boa parte das opiniões da senhorita Cornelia sobre os homens de Four Winds. Do contrário, ela acreditaria que são a mais variada coleção de imorais e inúteis do mundo. Ela sabia que esse Tom Holt, por exemplo, era um marido amoroso, um pai adorado e um excelente vizinho. Se tinha propensão a ser preguiçoso, preferindo seguir o talento inato da pesca a ser um agricultor a contragosto, ou se tinha o hábito excêntrico e inofensivo de costurar, ninguém além da senhorita Cornelia parecia se importar. A esposa dele era uma mulher batalhadora, que se realizava ao trabalhar arduamente. A família ganhava o suficiente com a fazenda para viver com conforto, e seus filhos e filhas robustos, herdeiros da energia da mãe, estavam destinados a terem sucesso no mundo. Não havia casa mais alegre em Glen St. Mary do que a dos Holt.

A senhorita Cornelia voltou satisfeita da casa além do riacho.

– Leslie vai hospedá-lo – anunciou. – Aceitou a oportunidade no ato. Ela pretendia juntar um dinheirinho para reformar o telhado no outono, mas não sabia como. Creio que o capitão ficará muito interessado quando ouvir que um neto dos Selwyn virá para cá. Leslie pediu para avisar que estava louca de vontade de comer uma torta de cereja, mas não pode vir porque precisa caçar os perus, os quais escaparam. Disse que, se sobrar algum pedaço, é para você guardá-lo na despensa e ela virá saboreá-lo na hora em que os gatos saírem para caçar, quando é permitido perambular por aí. Querida Anne, não sabe o bem que fez para o meu coração ouvir Leslie mandar um recado desses, rindo como não fazia há tempos. Há uma grande chance de que venha mais tarde. Ela ri e brinca como uma garota e, pelo que diz, vem aqui com frequência.

– Todos os dias; ou então eu vou até lá – disse Anne. – Não sei o que faria sem a Leslie, especialmente agora que Gilbert está tão ocupado. Quase nunca está em casa, exceto algumas poucas horas à noite. Está trabalhando demais. Muitas pessoas do outro lado do porto mandam chamá-lo.

– Eles deveriam se contentar com o médico que têm – disse a senhorita Cornelia. – Se bem que não posso culpá-los, pois ele é metodista. Desde quando o senhor Blythe curou a senhora Allonby, o povo acha que ele é capaz de ressuscitar os mortos. Suspeito que o senhor Dave esteja um tanto enciumado, o que é típico de um homem. Ele acha que o doutor Blythe segue métodos modernos demais! “Bem”, eu disse a ele, “foi um método moderno que salvou a Rhoda Allonby. Se *você* a tivesse atendido, ela estaria agora debaixo de uma lápide com algum epitáfio dizendo que foi a vontade de Deus”. Ah, eu *adoro* dizer o que penso para o doutor Dave! Ele manda em Glen há anos e se acha mais sábio do que todo mundo. Por falar em médicos, gostaria que o doutor Blythe examinasse o furúnculo no pescoço de Dick Moore. É algo além da capacidade de Leslie. Não sei por que Dick começou a ter furúnculos. Como se já não tivesse problemas suficientes!

– Sabia que o Dick se simpatizou comigo? – disse Anne. – Ele me segue como um cachorro e sorri como uma criança contente quando lhe dou atenção.

– Ele não te dá arrepios?

– De forma alguma. Gosto do pobre Dick Moore. Acho que ele é digno de compaixão e, de alguma forma, simpático.

– Você não o acharia simpático nos tempos de esbórnica, acredite em mim. Mas fico feliz por não se incomodar com ele; é melhor para Leslie. Ela terá

mais trabalho quando o hóspede chegar. Espero que seja uma pessoa decente. Você provavelmente vai gostar dele, é um escritor.

– Pergunto-me por que as pessoas acham que, só porque dois indivíduos são escritores, eles têm muito em comum – disse Anne, um tanto desdenhosa. – Ninguém espera de dois ferreiros uma conexão intensa um com o outro meramente por serem ferreiros.

Não obstante, ela esperava a vinda de Owen Ford com uma agradável expectativa. Se fosse jovem e afável, poderia ser uma bela adição para a sociedade de Four Winds. A casinha estava sempre aberta para o povo de José.

Também conhecido como o Gato Risonho ou o Gato Listrado de *Alice no País das Maravilhas*, do escritor inglês Lewis Carroll (1832-1898). (N. T.)



A CHEGADA DE OWEN FORD

Certa tarde, a senhorita Cornelia telefonou para Anne.

– O escritor acabou de chegar. Vou levá-lo até a sua casa, e você pode mostrar como chegar à casa de Leslie. É mais rápido do que ir de charrete pela outra estrada, e estou com uma pressa mortal. O bebê dos Reese caiu em uma panela com água quente em Glen e quase morreu, e eles querem que eu vá para lá o quanto antes... Para cuidar da pele do pobrezinho, eu presumo. A senhora Reese é tão descuidada, e sempre espera que os outros reparem os erros dela. Você não se importa, não é mesmo? As malas dele podem ser levadas amanhã.

– Muito bem – disse Anne. – Como ele é, senhorita Cornelia?

– Você verá como ele é por fora quando o trouxer aqui. Já como é por dentro, só Deus sabe. Não vou dizer mais nada, pois todos os telefones de Glen estão fora do gancho.

– A senhorita Cornelia evidentemente não encontrou muitas falhas na aparência do senhor Ford, do contrário teria comentado independentemente dos outros ouvintes – disse Anne. – Portanto, Susan, concluo que o senhor Ford está mais para bonito do que o contrário.

– Bem, minha querida senhora, eu *gosto* de olhar para um homem bem-apessoado – disse Susan candidamente. – Não seria melhor preparar alguma coisa para ele comer? Posso fazer uma torta de morango de derreter na boca.

– Não, Leslie preparará um jantar para recebê-lo. Além disso, quero que faça essa torta de morango para o meu pobre homem. Ele só vai chegar mais tarde, então deixe a torta e um copo de leite para ele, Susan.

– Assim farei, querida senhora. Susan está no leme. Afinal, é melhor dar uma torta para o seu próprio homem do que para estranhos, que talvez só estejam interessados em comer; e o doutor é tão formoso quanto qualquer outro homem que encontramos por aí.

Quando a senhorita Cornelia chegou com Owen Ford, Anne admitiu secretamente que, de fato, ele era “formoso”. Alto e de ombros largos, com cabelos negros e espessos, nariz e queixo proeminentes, e grandes e brilhantes olhos cinzentos escuros.

– E você notou as orelhas e os dentes dele, querida senhora? – inquiriu Susan mais tarde. – Ele tem as orelhas mais bem delineadas que já vi na cabeça de um homem. Tenho um interesse especial por orelhas. Quando era jovem, eu tinha medo de ter de me casar com um homem com orelhas de abano. Uma preocupação inútil, já que nunca tive sequer uma chance com nenhum tipo de orelha.

Anne não notara as orelhas de Owen Ford, mas reparara nos dentes quando os lábios dele se abriram em um sorriso franco e amigável. Sem sorrir, o rosto dele era triste e desprovido de expressão, como o herói melancólico e inescrutável dos sonhos pueris de Anne; no entanto, a alegria, o bom humor e o charme o iluminavam quando sorria. Certamente, do lado de fora, como a senhorita Cornelia dissera, Owen Ford era um sujeito muito apresentável.

– Senhora Blythe, não imagina como estou contente por estar aqui – disse ele, olhando ao redor com avidez e interesse. – Tenho a estranha sensação de estar em casa. Minha mãe nasceu e passou a infância aqui, sabia? Ela costumava falar bastante sobre o antigo lar dela. Conheço a geografia desse lugar tão bem quanto a da casa em que vivi, e obviamente ela me contou as histórias da construção desta casa e da vigília agoniada do meu avô pelo *Royal William*. Imaginei que uma casa tão antiga havia desaparecido anos atrás, senão teria vindo visitá-la antes.

– Casas antigas não desaparecem com facilidade nesta costa encantada – sorriu Anne. – Esta é uma “terra onde tudo sempre parece o mesmo”, ou quase sempre, pelo menos. A casa de John Selwyn não mudou muito, e as roseiras que seu avô plantou para a noiva dele estão em flor nesse exato momento.

– Como esse pensamento me conecta a eles! Com a sua permissão, pretendo explorar esse lugar o quanto antes.

– Nossa porta estará sempre aberta para você – prometeu Anne. – E você sabe que o velho capitão que toma conta do farol de Four Winds conhecia bem John Selwyn e a esposa? Ele me contou a história na noite em que chegamos aqui. Sou a terceira noiva a morar nessa velha casa.

– Inacreditável! Esta sim é uma descoberta. Tenho que encontrá-lo.

– Não será difícil, pois somos todos amigos do capitão Jim. Ele está tão ansioso para conhecê-lo quanto você. Sua avó fulgura na lembrança dele como uma estrela. Agora, creio que a senhora Moore está à sua espera. Vou mostrar o nosso atalho.

Anne o acompanhou riacho acima até a casa, por um campo coberto de margaridas brancas como a neve. Havia um barco apinhado de pessoas cantando do outro lado do porto. O som pairava sobre o mar iluminado pelas estrelas como uma música sutil e ultraterrena trazida pelo vento. O grande facho de luz piscava e reluzia. Owen Ford olhou ao redor com satisfação.

– Então, aqui é Four Winds – disse. – Não estava preparado para algo tão bonito, apesar de todos os elogios da minha mãe. Que cores, que paisagem, quanto charme! Estarei forte como um touro em um piscar de olhos. E se a inspiração nasce da beleza, certamente poderei começar a escrever meu grande romance canadense aqui.

– Ainda não começou? – perguntou Anne.

– Lamentavelmente, não. Ainda não consegui encontrar um tema central adequado. Ele me chama, me seduz e então retrocede, escapando de mim quando estou prestes a agarrá-lo. Talvez em meio a toda essa paz e tranquilidade eu possa capturá-lo. A senhorita Bryant me contou que você escreve.

– Ah, contos para crianças. Não tenho escrito muito desde que me casei. E não tenho planos para um grande romance canadense – riu Anne. – Está muito além de mim.

Owen Ford também riu.

– Ouso dizer que também está além de mim. Ainda pretendo tentar algum dia, se tiver tempo. Um jornalista não tem muito tempo para essas coisas. Já escrevi diversos contos para revistas, mas nunca tive o tempo livre necessário para escrever um livro. Entretanto, nesses três meses de liberdade, eu preciso dar início... Se ao menos eu encontrasse o tema certo... *A alma* do livro.

Uma ideia pipocou no cérebro de Anne com uma subtaneidade que a sobressaltou. Ela não a expressou, entretanto, pois haviam chegado na casa dos Moore. Conforme atravessavam o jardim, Leslie surgiu da escuridão na varanda pela porta lateral à procura de seu convidado. Permaneceu ali, banhada pela cálida luz amarela que saía pela porta aberta. Usava um vestido simples de algodão cor de creme, com a usual faixa carmim. Leslie sempre exibía um toque rubro. Ela contara a Anne que não se sentia satisfeita sem

algum detalhe vermelho, mesmo que fosse apenas uma flor. Anne sempre achou que isso simbolizava a personalidade resplandecente e sufocada de Leslie, proibida de se expressar, salvo aquela centelha flamejante. O vestido tinha um decote modesto e mangas curtas. Os braços dela pareciam cálidos como marfim. Cada curva delicada da silhueta dela se destacava contra o anoitecer. Os cabelos pareciam estar em chamas. Atrás dela, estrelas desabrochavam no céu sobre o porto.

Anne ouviu o acompanhante arfar. Mesmo no lusco-fusco, ela podia ver o espanto e a admiração no rosto dele.

– Quem é aquela bela criatura? – perguntou ele.

– Aquela é a senhora Moore. Ela é adorável, não acha?

– Eu... Nunca vi nada parecido – respondeu, deslumbrado. – Não estava preparado... Eu não esperava... Deus do céu, ninguém espera encontrar uma *deusa* como uma proprietária de terras! Ora, se ela estivesse com um manto de algas roxas e um diadema de ametistas nos cabelos, seria uma verdadeira rainha do mar. E ainda aceita hóspedes!

– Até as deusas precisam de sustento – disse Anne. – E Leslie não é uma deidade. É apenas uma mulher bonita, tão humana quanto o resto de nós. A senhorita Bryant contou sobre o senhor Moore?

– Sim... Que ele tem problemas mentais, ou algo do tipo, não? Mas ela não disse nada sobre a senhora Moore, e eu a imaginara uma típica dona de casa batalhadora do interior, que recebe hóspedes para ganhar a vida honestamente.

– Bem, é o que Leslie está fazendo – afirmou Anne. – E não é algo prazeroso para ela. Espero que não se incomode com Dick. Se for o caso, por favor, não deixe Leslie perceber. Isso a magoaria profundamente. Ele é só um bebê grande, e às vezes pode ser bem irritante.

– Ah, ele não me incomodará. De qualquer forma, acredito que não passarei muito tempo na casa, exceto nas refeições. Mas que lástima! Ela deve ter uma vida dura.

– E tem mesmo; mas Leslie não gosta que sintam pena dela.

Leslie voltou para dentro de casa e os encontrou na porta da frente. Ela cumprimentou Owen Ford com gélida civilidade, informando de maneira profissional que o quarto e a janta dele estavam prontos. Dick, com um sorriso satisfeito, subiu as escadas a passos pesados com a mala e Owen Ford instalou-se como inquilino na casa entre os salgueiros.



O LIVRO DA VIDA DO CAPITÃO JIM

– Tive uma ideia que pode se metamorfosear em algo magnífico – contou Anne a Gilbert ao chegar em casa. Ele voltara mais cedo do que o esperado e estava saboreando a torta de cereja de Susan. A própria Susan estava parada em um canto afastado como um espírito benéfico, ainda que austero, deliciando-se em assistir a Gilbert comer a torta tanto quanto ele em saboreá-la

– Qual foi a sua ideia? – perguntou ele.

– Ainda não a revelarei, não até ter certeza de que posso torná-la realidade.

– Como é o Ford?

– Ah, é bastante simpático e muito bonito.

– Ele tem orelhas lindas, querido doutor – interveio Susan, com prazer.

– Tem entre 30 e 35 anos, eu acho, e pretende escrever um romance. É dono de uma voz agradável e um sorriso encantador e sabe como se vestir. Ainda assim, tive a impressão de que a vida dele não foi nada fácil.

Owen Ford fez uma visita na tarde seguinte, trazendo um bilhete de Leslie para Anne. Eles assistiram ao pôr-do-sol do jardim e então deram um passeio pelo porto enlaurado no bote que Gilbert providenciara para os passeios de verão. Eles gostaram imensamente de Owen e tiveram a sensação de o conhecerem há muitos anos, o que distingue a irmandade da casa de José.

– Ele é tão bonito quanto as orelhas, querida senhora – comentou Susan, quando ele foi embora. Ele lhe dissera que jamais havia provado nada parecido com o bolo de morango dela, ganhando assim o coração suscetível de Susan para sempre.

“Ele tem estilo”, refletiu enquanto limpava os restos do jantar. “É muito estranho que não seja casado, pois um homem daquele poderia ter a mulher que quisesse. Bem, talvez ele seja como eu e ainda não tenha encontrado a

pessoa certa”. O romantismo foi tomando conta das divagações de Susan conforme lavava os pratos.

Duas noites depois, Anne levou Owen Ford até o farol de Four Winds para apresentá-lo para o capitão Jim. Os campos de trevos ao longo da costa ganhavam flores brancas sob o vento do oeste, e o capitão tinha em exibição um de seus melhores poentes. Ele acabara de voltar do porto.

– Tive de ir contar a Henry Pollack que ele está morrendo. Todo mundo estava com medo de dar a notícia. Achavam que ele reagiria da pior maneira possível, pois estava tão determinado a continuar vivo que havia feito planos até o outono. A esposa achou que ele deveria ser informado e me considerava a melhor pessoa para lhe contar sobre o seu estado. Henry e eu somos velhos amigos; navegamos juntos no *Gray Gull* durante anos. Bem, eu fui até lá, sentei-me na beirada da cama de Henry e disse, de maneira simples e direta, pois acredito que essas coisas devem ser ditas o quanto antes: “Amigo, temo que você tenha recebido ordens para zarpar de vez”. Estava tremendo por dentro, pois é horrível ter de dar uma notícia dessas a alguém que não faz a mínima ideia de que está morrendo. Foi então, senhora Blythe, que Henry me encarou com aqueles olhos brilhantes e negros e o rosto enrugado e falou: “Conte-me algo que eu não saiba, Jim Boyd, se vai me dar essa informação. Estou ciente *disso* há uma semana”. Fiquei perplexo demais para falar, e Henry apenas riu. “Ver você vir até aqui, com uma expressão tão solene quanto uma lápide, e sentar-se aí com as mãos juntas sobre a barriga para me contar uma novidade embolorada como essa! Isso faria até um gato rir, Jim Boyd”, disse ele. “Quem te contou?”, perguntei, feito um tolo. “Ninguém”, disse ele. “Estava deitado aqui na semana passada, na noite de terça-feira, e isso simplesmente me ocorreu. Já tinha suspeitas, mas foi aí que eu *soube*. Não disse nada a respeito disso pelo bem da minha esposa. E eu gostaria de ter construído aquele celeiro, porque eu sei que Eben não vai fazer um bom trabalho. Agora que você já tirou esse peso da consciência, Jim, coloque um sorriso no rosto e me conte algo interessante.” Bem, e assim foi. Todos estavam com medo de lhe contar as más novas, e ele já sabia. Estranho como a natureza cuida de nós e nos faz perceber as coisas no momento certo, não? Já contei a história de quando Henry prendeu um anzol no nariz, senhora Blythe?

– Não.

– Bem, ele e eu rimos disso hoje. Aconteceu quase trinta anos atrás. Um dia, Henry, eu e mais outras pessoas saímos para pescar cavalinha. Foi um

ótimo dia, eu nunca tinha visto um cardume tão grande de cavalinhas no golfo antes, e no meio da animação geral, Henry entusiasmou-se tanto que conseguiu cravar um anzol em um lado do nariz. Bem, a situação era a seguinte: havia uma barbel de um lado e um grande pedaço de chumbo do outro, de maneira que não podíamos puxá-lo. Queríamos levá-lo de volta o quanto antes, só que Henry não queria desperdiçar aquela oportunidade.

Alegou que não deixaria um cardume daqueles, nem sob a ameaça de pegar tétano, e seguiu pescando, cerrando os punhos e grunhindo de vez em quando. Finalmente, o cardume se afastou e nós voltamos com o carregamento; eu consegui uma lima e comecei a lixar o anzol. Tentei ser o mais cuidadoso possível, mas se tivessem ouvido o Henry... Não, é melhor assim. Por sorte, não havia damas por perto. Apesar de nunca ter tido o hábito de xingar, ele aprendera diversos epítetos do tipo durante os anos como marujo, e naquela hora ele os pescou da lembrança e arremessou todos contra mim. Por fim, declarou que não aguentava mais e que eu não tinha um pinga de compaixão. Desse modo, nós o colocamos em uma charrete e eu o levei até um médico em Charlottetown, a quase sessenta quilômetros daqui, pois não havia nenhum outro por perto naquela época, com o bendito anzol ainda preso no nariz dele. Quando chegamos lá, o velho doutor Crabb pegou uma lixa e começou a fazer a mesma coisa que eu tentei; a única diferença foi que ele não estava nem um pouco preocupado em ser delicado!

A visita do capitão Jim ao velho amigo revivera muitas lembranças, e a maré de reminiscências dele estava no ponto alto.

– Henry me perguntou hoje se eu me lembro da vez em que o padre Chiniquy abençoou o barco do Alexander MacAllister. Outro caso extraordinário e tão verídico quanto a Bíblia. Certa manhã, nós partimos no barco do Alexander MacAllister ao amanhecer. Havia também um garoto francês a bordo; católico, é claro. O padre Chiniquy havia se convertido ao protestantismo, sendo assim os católicos não o viam com bons olhos. Bem, ficamos sob o sol escaldante até o meio-dia, e nada mordeu nossas iscas.

Quando voltamos, o padre Chiniquy precisou ir embora e disse com a educação de sempre: “Sinto muito não poder acompanhá-los, senhor MacAllister, mas deixo a minha bênção. Vocês pegarão mil peixes nesta tarde”. Bem, não foram mil, foram exatamente novecentos e noventa e nove peixes, o maior carregamento de um barco pequeno em toda a costa norte naquele verão. Curioso, não é mesmo? Alexander MacAllister disse para Andrew Peters: “Então, o que acha do padre Chiniquy agora?”. E Andrews

resmungou: “Ora, creio que o velho diabo ainda tem algumas bênçãos sobrando”. Ah, como Henry riu disso, hoje!

– Você sabe quem é o senhor Ford, capitão Jim? – perguntou Anne, notando que a fonte de recordações do capitão se esgotara por um momento. – Quero que tente adivinhar.

Ele balançou a cabeça.

– Nunca fui bom com adivinhações, senhora Blythe. Mesmo assim, quando cheguei aqui, pensei: “De onde eu conheço e vi esses olhos?”. Pois eu já os vi!

– Pense em uma manhã de setembro, muitos anos atrás – disse Anne, suavemente. – Pense em um barco entrando no porto, um barco aguardado há muito tempo, com muito desespero. Pense no dia em que o *Royal William* chegou e na primeira vez que você viu a noiva do diretor da escola.

O capitão Jim pôs-se de pé subitamente.

– São os olhos de Persis Selwyn! – ele quase gritou. – Você não pode ser o filho dela, deve ser o...

– Neto. Sim, eu sou filho de Alice Selwyn.

O capitão aproximou-se de Owen Ford e apertou a mão dele mais uma vez.

– O filho de Alice Selwyn! Céus, seja bem-vindo! Muitas vezes me perguntei onde os descendentes do diretor da escola vivem. Sabia que não havia nenhum na ilha. Alice... Alice, o primeiro bebê a nascer naquela casinha. Nenhum outro jamais me proporcionou tanta alegria! Segurei-a em meus braços centenas de vezes. Ela deu os primeiros passos sozinha, apoiando-se nos meus joelhos. Posso ver o rosto da mãe dela assistindo à cena, que foi quase sessenta anos atrás. Ela ainda é viva?

– Não, ela morreu quando eu era garoto.

– Ah, não me parece correto estar vivo para ouvir isso – suspirou o capitão Jim. – Mas me alegro de coração por te conhecer. Por um momento, voltei a ser jovem. Você ainda não sabe que bênção é isso. A senhora Blythe possui esse dom, e com frequência tenho essa mesma sensação.

O capitão Jim ficou ainda mais animado quando descobriu que Owen Ford era um “verdadeiro homem das palavras”, como ele mesmo definiu. Ele o contemplou como um ser superior. O capitão sabia que Anne escrevia, no entanto nunca levava isso muito a sério. Ele achava as mulheres criaturas adoráveis, as quais deveriam ter o direito de votar e tudo o mais que

quisessem, com a bênção de Deus; todavia, não acreditava na capacidade delas em serem escritoras.

“Vejam o caso de *Um Louco Amor*”, argumentaria ele. “Foi escrito por uma mulher. E o resultado? Uma história de 103 capítulos que poderia ter sido contada em dez. Uma escritora nunca sabe quando parar, é esse o problema. Escrever bem é saber quando parar”.

– O senhor Ford quer ouvir uma de suas histórias, capitão Jim – disse Anne. – Conte aquela sobre o capitão que enlouqueceu e começou a imaginar que era o Holandês Voador.

Era a melhor história do capitão Jim, uma mistura de horror e comédia. Embora Anne já a tivesse ouvido várias vezes, ela riu com gosto e estremeceu de medo da mesma forma que o senhor Ford. Em seguida vieram outros casos, pois o capitão tinha uma plateia que lhe agradava. Ele contou como o barco dele foi atropelado por um navio a vapor; contou sobre a vez em que foi abordado por piratas malaaios; sobre quando o barco pegou fogo; como ajudou um prisioneiro político a escapar da república da África do Sul; do outono em que naufragou nas Ilhas da Madalena, onde ficou até o verão; da vez em que um tigre escapou a bordo do barco; da ocasião em que a tripulação dele fez um motim e o largou em uma ilha deserta; esses e muitos outros contos trágicos, engraçados ou grotescos. O mistério do mar, o fascínio das terras longínquas, a tentação da aventura, os encantos do mundo: os ouvintes puderam experimentar tudo isso. Owen Ford ouvia, com a cabeça apoiada em uma das mãos e o Segundo Oficial ronronando sobre o colo, com os olhos vidrados no rosto enrugado e eloquente do capitão Jim.

– Por que não mostra ao senhor Ford o seu livro da vida? – perguntou Anne, quando o capitão finalmente decretou que as histórias haviam terminado por hora.

– Ah, não quero incomodá-lo com isso – protestou o capitão, que secretamente não pensava em outra coisa.

– Eu adoraria vê-lo, capitão Boyd – disse Owen. – Se for tão maravilhoso quanto suas histórias, valerá a pena.

Com falsa relutância, o capitão Jim pegou o livro do velho baú e o entregou a Owen.

– Não acho que você vai perder muito tempo com minhas velhas anotações. Não tive muito estudo – acrescentou às pressas. – Eu só o escrevi para divertir o meu sobrinho Joe. Ele sempre me pede para contar histórias. Veio aqui ontem e me perguntou, em um tom de reprovação, enquanto eu

carregava um bacalhau de nove quilos para fora do barco: “Tio Jim, peixes não são animais?”. Eu havia lhe ensinado que devemos ser bons com os animais e nunca os maltratar, sob hipótese alguma. Eu me safei dizendo que os peixes eram um tipo diferente de animal, mas o Joe não me pareceu satisfeito com a resposta, e eu tampouco fiquei. Temos de tomar muito cuidado com o que dizemos para aquelas criaturinhas. Eles não deixam passar nada.

Enquanto falava, o capitão observava de canto de olho Owen examinar o livro da vida. Ao perceber que o convidado estava perdido na leitura, virou-se com um sorriso para o armário e começou a preparar o chá. Owen Ford deixou o livro de lado para beber uma xícara de chá com a mesma relutância com que um avaro se separa de seu ouro; então, retomou-o avidamente.

– Ah, pode levar essa coisa com você, se quiser – disse o capitão, como se “essa coisa” não fosse o maior tesouro dele. – Tenho de ir lá embaixo e prender meu bote. Uma ventania se aproxima. Vocês viram o céu nesta noite? Um céu repleto de ondas feitas de nuvens faz com que os barcos baixem suas velas.

Owen Ford aceitou a oferta com alegria. No caminho de volta, Anne lhe contou a história da Margaret desaparecida.

– Aquele velho capitão é um senhor extraordinário – disse. – E que vida levou! Teve mais aventuras em uma semana de vida do que a maioria de nós tem na vida inteira. Você acredita que todas as histórias são verdadeiras?

– Com certeza. Garanto que o capitão Jim é incapaz de contar uma mentira; além disso, todas as pessoas por aqui dizem que as coisas aconteceram exatamente como ele conta. Ela tinha os velhos amigos marujos para corroborar suas histórias, mas agora é o último dos antigos capitães dos mares da Ilha do Príncipe Edward. Quase todos já foram extintos.



ESCREVENDO O LIVRO

Na manhã seguinte, Owen Ford chegou muito entusiasmado na casinha dos sonhos.

– Senhora Blythe, este livro é maravilhoso, absolutamente maravilhoso.

Se eu pudesse usar todo esse material, estou certo de que conseguiria escrever o livro do ano. Acha que o capitão Jim permitiria?

– Permitir? Tenho certeza de que ficaria empolgadíssimo! – exclamou

Anne. – Devo admitir, era isso que eu tinha em mente quando te levei até lá na noite passada. O capitão sempre quis alguém para redigir apropriadamente o livro da vida dele.

– Gostaria de me acompanhar até a farol nesta tarde, senhora Blythe? Eu mesmo perguntarei sobre o livro, mas gostaria que você dissesse a ele sobre ter me contado a história da Margaret e lhe pedisse permissão para eu a usar como base para o romance, o qual interligará todas as histórias do livro da vida dele de maneira harmoniosa.

O capitão Jim ficou mais extasiado do que nunca com o plano de Owen Ford. Finalmente aquele grande sonho se concretizaria, e o mundo conheceria o “livro da vida” dele. Também ficou muito satisfeito com a inclusão da história de Margaret.

– Incluir o nome dela fará com que este jamais seja esquecido – disse, esperançoso.

– Trabalharemos juntos! – entusiasmou-se Owen. – Você com a alma do livro, e eu com o corpo. Ah, nosso livro ficará famoso, capitão Jim. E temos de pôr as mãos à obra o quanto antes.

– E pensar que meu livro será escrito pelo neto do diretor da escola! – exclamou o capitão. – Rapaz, seu avô era um grande amigo meu. Achei que não havia ninguém igual a ele. Agora vejo por que tive de esperar tanto tempo pela pessoa certa para escrevê-lo. O seu lugar é aqui, a alma desta

velha costa do norte existe dentro de você, e ninguém mais seria capaz de redigi-lo.

Foi combinado que o pequeno cômodo ao lado da sala de estar do farol seria o local de trabalho de Owen. Era necessário que o capitão Jim ficasse por perto enquanto ele escrevia, para poder consultá-lo sobre muitos assuntos referentes ao universo dos mares e das navegações, o qual Owen desconhecia.

Ele começou a trabalhar no livro na manhã seguinte, dedicando-se de corpo e alma. O capitão foi um homem feliz naquele verão. Ele considerava a sala onde Owen trabalhava um local sagrado. Owen discutia tudo com ele, contudo não o deixava ver o manuscrito.

– Você terá de esperar até que seja publicado. Aí, poderá desfrutá-lo da melhor forma.

Owen mergulhou nos segredos do livro da vida e usou-os livremente. Ele fantasiou e idealizou Margaret até ela se transformar em uma vívida realidade no papel. Conforme progredia, o livro possuía a mente de Owen, que trabalhava com um afimco febril. Ele permitiu que Anne e Leslie lessem e fizessem críticas sobre o manuscrito, e o capítulo final, que posteriormente foi considerado idílico pelos críticos, foi modelado com base nas sugestões de Leslie.

Anne parabenizou a si mesma pelo sucesso da ideia.

– Quando olhei para Owen Ford, soube que era a pessoa certa – contou para Gilbert. – No semblante dele havia o humor e a paixão que, juntos com a arte da expressão, são necessários para a escrita de um livro desses. Como a senhora Rachel diria: ele estava predestinado para a função.

Owen Ford escrevia nas manhãs. As tardes eram geralmente ocupadas por passeios agradáveis com os Blythe. Leslie os acompanhava com frequência, já que era hábito do capitão cuidar de Dick para dar uma folga a ela. Eles passearam de barco pelo porto e os três rios que desaguavam nele; comeram mariscos no banco de areia e mexilhões nas pedras; colheram morangos nas dunas; saíram para pescar bacalhau com o capitão Jim; caçaram tarambolas nos campos da costa e patos silvestres na enseada, ao menos, os homens. Ao anoitecer, vagavam pelos campos baixos repletos de margaridas sob a lua dourada, ou ficavam na sala de estar da casinha, onde a brisa marinha muitas vezes justificava acender a lareira, falando sobre as mil e uma coisas que pessoas jovens, felizes, animadas e espertas encontram para conversar.

Leslie era outra pessoa depois do dia de sua confissão para Anne. Não havia traços da frieza e do distanciamento de outrora nem sombra do velho amargor. A jovialidade que lhe fora negada parecia ter ressurgido com a maturidade de uma mulher adulta; ela desabrochava como uma flor de chamuscas e perfume; sua risada era a primeira que ressoava, e seu raciocínio era o mais ágil nos encontros ao entardecer daquele verão mágico. Quando não podia estar presente, todos sentiam como se um sabor requintado estivesse faltando. A beleza de Leslie era ressaltada pela alma que despertara dentro dela, como o brilho róseo de uma lâmparina em um vaso impecável de alabastro. Havia momentos em que os olhos de Anne pareciam arder diante do fulgor dela. A Margaret desaparecida do livro de Owen Ford, ainda que tivesse os cabelos castanhos-claros e o rosto delicado da garota que há tanto tempo fora levada pelo mar, “para o leito onde repousa a Atlantis perdida”, tinha a personalidade de Leslie Moore que se revelara a ele naqueles dias célebres no porto de Four Winds.

Em suma, foi um verão inesquecível: um daqueles raros de acontecer na vida das pessoas, mas que deixam uma rica herança de recordações. Um verão que, graças à combinação afortunada de clima bom, amigos encantadores e atividades agradáveis, chegou o mais próximo da perfeição que é possível neste mundo.

“Bom demais para durar” disse Anne para si mesma com um leve suspiro, quando a friagem no vento e um tom mais escuro de azul no golfo avisavam que o outono se aproximava.

Naquela tarde, Owen Ford anunciou o término do livro e que suas férias estavam chegando ao fim.

– Ainda tenho muito trabalho pela frente para revisá-lo e poli-lo – disse –, mas o principal já está feito. Escrevi a última frase nesta manhã. Se eu conseguir encontrar uma editora, será lançado no próximo verão ou outono.

Owen não duvidava de que encontraria uma editora. Ele sabia que havia escrito um livro muito bom; um livro que obteria muito sucesso, que ganharia *vida*. Sabia que conquistaria fama e fortuna; ainda assim, ao concluir a frase final, ele baixou a cabeça sobre o manuscrito e assim permaneceu por um bom tempo. Seus pensamentos estavam longe do bom trabalho finalizado.



A CONFISSÃO DE OWEN FORD

– Lamento muito por Gilbert não estar em casa – disse Anne. – Allan Lyons, que mora em Glen, sofreu um sério acidente. Ele só vai chegar tarde da noite. Mas me disse que estará de pé bem cedo para se despedir de você. É uma pena. Susan e eu havíamos organizado uma pequena festa para sua última noite aqui.

Ela estava sentada ao lado do riacho do jardim, no banquinho rústico que Gilbert construía. Owen Ford estava de pé ao lado dela, encostado na coluna de bronze do tronco de uma bétula. O rosto dele estava muito pálido, exibindo as marcas das noites precedentes sem dormir. Anne, ao erguer o olhar, imaginou se ele conseguira o descanso de que tanto precisava naquele verão. Será que havia trabalhado demasiadamente no livro? Ela lembrou que ele não parecia estar bem há uma semana.

– Na verdade, estou contente que o doutor não esteja – disse Owen lentamente. – Queria ficar a sós com você, senhora Blythe. Precisa desabafar com alguém, senão vou enlouquecer. Há uma semana tento encarar meu dilema e não consigo. Uma mulher com olhos como os seus sempre entende. Você é do tipo de indivíduo para quem as pessoas instintivamente contam as coisas. Senhora Blythe, eu amo Leslie. *Amo!* A palavra não parece ser intensa o suficiente.

A voz dele falhou de repente devido à paixão suprimida. Ele virou-se e escondeu o rosto no braço. O corpo inteiro dele tremia. Anne o encarou, esquelético e atormentado. Ela não podia imaginar! Aliás, como ela não tinha pensado nisso antes? Agora, era algo que parecia natural e inevitável. Ela estranhou a própria cegueira. É que... É que... Coisas assim não aconteciam em Four Winds. No resto do mundo, as paixões humanas desafiam as convenções e leis humanas, mas não *ali*, certamente. Leslie hospedava pensionistas ocasionalmente havia dez anos, e nada parecido já tinha acontecido. Ah, *alguém* deve ter suspeitado! Por que a senhorita Cornelia

não pensou nisso? Ela estava sempre pronta para soar o alarme contra os homens. Anne sentiu um ressentimento irracional da senhorita Cornelia.

Então, murmurou para si mesma. Não havia motivos para apontar um culpado, pois o dano estava feito. E Leslie... Como Leslie estava? Era com ela que Anne estava mais consternada.

– A Leslie sabe disso, senhor Ford? – perguntou Anne com cautela.

– Não, não... A menos que tenha adivinhado. Você com certeza não acha que eu seria capaz de tamanha canalhice, senhora Blythe. Não pude evitar de me apaixonar por ela, é essa a verdade, e meu sofrimento é maior do que posso aguentar.

– *Ela* está interessada em você? – perguntou Anne. No instante em que a pergunta cruzou seus lábios, ela percebeu que era um erro. Owen Ford negou profusamente.

– Não, não, é claro que não. Mas eu poderia ganhar o interesse dela se fosse descomprometida. Sei que conseguiria.

“Ela tem interesse, e ele sabe disso”, pensou Anne. Em voz alta, ela disse com firmeza e compaixão:

– Ela é comprometida, no entanto, senhor Ford. E a única coisa que você pode fazer é partir em silêncio e deixá-la viver a própria vida.

– Eu sei, eu sei – murmurou Owen. Ele se sentou no banco em meio à grama e encarou melancolicamente a água de tom âmbar do riacho. – Sei que não há nada que eu possa fazer, nada além de dizer apenas “adeus, senhora Moore, obrigado por ter sido gentil comigo nesse verão”, como eu teria dito para a dona de casa sonhadora, energética e diligente que eu imaginei que fosse. Em seguida, pagarei por minha estadia como qualquer outro pensionista honesto e irei embora! Ah, é muito simples. Sem dúvidas, sem perplexidade; apenas uma estrada reta em direção ao fim do mundo! E eu a seguirei, senhora Blythe, não precisa ter medo. Mesmo que seja mais fácil caminhar sobre barras de ferro incandescentes.

Anne pôde sentir a dor na voz dele. E não havia quase nada que ela pudesse dizer naquela situação. A culpa estava fora de questão, conselhos não eram necessários, e o compadecimento seria um insulto à agonia cruel daquele homem. Ela podia apenas fazer companhia a ele em um labirinto de compaixão e arrependimento. O coração dela se partia ao pensar em Leslie! A pobre garota já não tinha sofrido o suficiente na vida?

– Não seria tão difícil partir se ao menos Leslie fosse feliz – continuou Owen apaixonadamente. – Mas ter consciência da morte em vida que ela

leva, da situação na qual eu a deixarei! *Isso* é o pior de tudo. Daria a minha vida para fazê-la feliz. Só que não posso fazer nada para ajudá-la... Nada. Ela está presa para sempre àquele pobre infeliz, sem nenhuma perspectiva a não ser envelhecer em uma sucessão de anos vazios, estéreis e sem propósito. Tenho de seguir em frente e nunca mais vê-la, mesmo ciente do que ela está enfrentando. É horrível, horrível!

– É muito difícil – disse Anne com pesar. – Nós, os amigos dela aqui, sabemos tudo que ela enfrenta.

– E ela tem tanto gosto pela vida – disse Owen, inconformado. – A beleza é o menor dos dons de Leslie, e ela é a mulher mais deslumbrante que eu já conheci. Aquela risada dela! Passei o verão tentando provocar aquele riso, só pelo prazer de ouvi-lo. E os olhos dela são azuis e profundos como o golfo lá fora. Nunca vi um tom azul tão vivo. E o dourado dos cabelos! Já viu Leslie com os cabelos soltos, senhora Blythe?

– Não.

– Eu vi, uma vez. Eu tinha saído para pescar com o capitão Jim, só que o mar estava muito agitado, e então acabei voltando. Ela aproveitou a oportunidade do que seria uma tarde sozinha para lavar os cabelos e estava sentada na varanda sob o sol para secá-los. Ele chegava até os pés dela em uma cascata de ouro. Ela correu para dentro ao me ver, e o vento fez um redemoinho com os cabelos ao redor dela, como Dânae²⁴ em sua nuvem. Por algum motivo, foi só então que me dei conta de que a amava e que eu a amei desde o primeiro instante em que a vi, destacando-se contra a escuridão. E ela terá de continuar aqui, cuidando de Dick, contando moedas e economizando para meramente sobreviver, enquanto eu passo o resto da vida ansiando em vão por ela, incapaz de lhe oferecer a pequena ajuda de um amigo. Na noite passada, caminhei pela praia quase até o amanhecer e pensei bastante. Apesar de tudo, meu coração não está arrependido de ter vindo para Four Winds. Por pior que seja a situação, sinto que teria sido ainda pior nunca ter conhecido Leslie. É uma dor abrasadora e rascante amá-la e ter de deixá-la, mas nunca tê-la amado é inconcebível. Suponho que tudo isso pareça loucura; todas essas emoções terríveis sempre soam tolas quando as expressamos com nossas palavras inadequadas. Elas não devem ser proferidas, apenas sentidas e suportadas. Eu não deveria ter dito nada, por mais que tenha me ajudado... Um pouco. Pelo menos, isso me deu forças para ir embora respeitavelmente amanhã de manhã, sem causar uma cena.

Você escreverá para mim de vez em quando e me dará notícias sobre ela, não é mesmo, senhora Blythe?

– Sim – disse Anne. – Ah, lamento tanto que esteja indo embora, vamos sentir muito a sua falta. Ficamos tão amigos! Se não fosse por isso, você poderia voltar nos próximos verões. Talvez, quando conseguir esquecê-la...

– Eu jamais a esquecerei e jamais voltarei a Four Winds – afirmou Owen taxativamente.

O silêncio e o crepúsculo recaíram sobre o jardim. Ao longe, as ondas desfaziam-se, no banco de areia, gentil e monotonamente. O vento do anoitecer entre os álamos soava como uma melodia triste, estranha e antiga, um sonho interrompido de velhas lembranças. Uma faia jovem e esbelta erguia-se diante dos tons delicados de amarelo, esmeralda e rosa do céu do poente, dando a cada folha e ramo uma aura trêmula, sombria e mágica.

– Não é lindo? – disse Owen, com a entonação de alguém que deseja encerrar o assunto, apontando para a árvore que se destacava.

– É tão lindo que chega a doer – respondeu Anne. – Coisas perfeitas como essa sempre mexeram comigo. Lembro que, quando era pequena, eu chamava isso de “dor esquisita”. Por que será que essa aflição parece inerente à perfeição? Seria por causa da angústia da conclusão, ao percebermos que não há nada melhor além daquele ponto, a não ser o retrocesso?

– Talvez seja o infinito preso dentro de nós tentando se conectar com o infinitivo semelhante expresso na perfeição visual – divagou Owen.

– Acho que você pegou um resfriado. É melhor esfregar um pouco de sebo no nariz antes de dormir – disse a senhorita Cornelia, que entrara pelo portãozinho entre os pinheiros, a tempo de ouvir o comentário de Owen. Ela gostava dele, mas era uma questão de princípios esnobar qualquer fala pomposa de um homem.

A senhorita Cornelia era a personificação da comédia que está sempre à espreita nas tragédias da vida. Anne, cujos nervos estavam à flor da pele, riu histericamente, e Owen chegou até a sorrir. Certamente, as emoções fortes e a paixão desvaneciam na presença da senhorita Cornelia; a situação já não parecia mais tão irremediável, sombria e dolorosa como era alguns momentos antes. Naquela noite, porém, o sono passou longe dos olhos de Anne.

Personagem da mitologia grega, é filha do rei Acrísio, de Argos, e foi alvo do interesse amoroso de Zeus, de quem teve um filho após ser fecundada por uma chuva de ouro. (N. T.)



NO BANCO DE AREIA

Owen Ford deixou Four Winds na manhã seguinte. Anne foi visitar Leslie ao final da tarde e não encontrou ninguém. A casa estava trancada, e não havia luz em nenhuma janela. Parecia uma moradia desprovida de alma. Leslie tampouco a procurou no dia seguinte, o que Anne achou um mau sinal.

Como Gilbert ia pescar no fim da tarde, Anne foi com ele até o farol com a intenção de ficar um pouco com o capitão Jim. Contudo, o grande facho de luz que cortava a neblina do anoitecer outonal, estava sob os cuidados de Alec Boyd; o capitão não estava.

– O que você vai fazer? Quer vir comigo? – perguntou Gilbert.

– Não quero ir até a enseada, mas cruzarei o canal com você e ficarei passeando pela praia até a hora de voltarmos. Os rochedos parecem muito escorregadios e perigosos nesta noite.

Sozinha no banco de areia, Anne entregou-se ao charme fantasmagórico da noite. O clima estava agradável para uma noite de setembro, e a tarde fora muito brumosa; agora, a lua cheia havia diminuído a névoa e transformado o porto e seus arredores em um mundo estranho, fantástico e irreal, envolto em um nevoeiro prateado que dava ares espectrais a tudo. A escuna preta do capitão Josiah Crawford, que navegava canal abaixo, levando um carregamento de batatas para os portos de Bluenose, era um barco fantasma com destino a terras inexploradas e distantes impossíveis de serem alcançadas. O grasnado das gaivotas, ocultas no céu, era o lamento das almas condenadas de marujos. Os caracóis de espuma na praia eram pequenos duendes que escapuliam das cavernas do mar. As dunas de areia grandes e arredondadas eram os ombros de gigantes adormecidos de alguma lenda antiga do norte. As pálidas luzes que cintilavam do outro lado do porto eram fachos enganosos de alguma terra encantada. Anne entreteve-se com mil devaneios enquanto vagava pela bruma.

Será que Anne estava sozinha? Algo começou a surgir em meio à neblina diante dela, tomando forma e contornos, e de repente correu na direção dela pela areia molhada.

– Leslie! – exclamou Anne, espantada. – O que está fazendo *aqui*, a essa hora?

– O que *você* está fazendo aqui? – disse Leslie, tentando rir. O esforço foi em vão. Ela parecia pálida e fatigada, mesmo com o rosto e os olhos emoldurados pelos cachos dourados que escapavam da capa escarlate.

– Estou esperando pelo Gilbert, que está na enseada. Eu pretendia aguardá-lo no farol, mas o capitão não está.

– Bem, vim aqui porque queria caminhar, e caminhar, e *caminhar* – disse Leslie, inquieta. – A maré estava muito alta na praia das rochas, eu acabaria ficando aprisionada contra as pedras. Tive de vir para cá, do contrário ficaria louca, eu acho. Cruzei o canal sozinha, no bote do capitão Jim. Estou aqui há uma hora. Venha, vamos conversar. Não consigo ficar parada. Ah, Anne!

– Leslie, querida, qual é o problema? – perguntou Anne, por mais que já soubesse muito bem do que se tratava.

– Não posso dizer; e não me pergunte. Não me importaria se você ficasse sabendo... Aliás, eu gostaria que você soubesse, mas não posso contar. Não posso contar a ninguém. Eu fui uma tola, Anne... Ah! Como dói ser tola! Não há nada mais doloroso no mundo.

Ela riu amargamente. Anne colocou o braço sobre os ombros dela.

– Leslie, você está sentindo algo especial pelo senhor Ford?

Ela virou-se abruptamente.

– Como você sabe? – exclamou. – Anne, como descobriu? Ah, está escrito na minha testa, para todos lerem? É tão evidente assim?

– Não, não. Eu... Não posso explicar como descobri. De alguma maneira, eu simplesmente soube. Leslie, não me olhe assim!

– Você me odeia? – exigiu saber Leslie, em um tom grave e firme. – Acha que sou uma mulher indigna, vil? Ou apenas uma boba?

– Nada disso. Venha, querida, vamos conversar com sensatez, da mesma forma que faríamos em qualquer outra das grandes crises da vida. Você vem pensando obsessivamente no assunto e por isso só consegue enxergá-lo sob uma ótica pessimista. Você sabe de sua tendência a fazer isso quando tudo dá errado e prometeu que tentaria lutar contra esse impulso.

– Mas... ah, é tão... Vergonhoso – murmurou Leslie. – Amá-lo... Sem ser correspondida... Quando não estou livre para amar ninguém.

– Não há nada de vergonhoso nisso. Entretanto, sinto muito que tenha se interessado pelo Owen, pois, sendo as coisas como são, isso só te tornará mais infeliz.

– Eu não me *interessei* por ele – disse Leslie, caminhando e falando energeticamente. – Se fosse assim, eu poderia ter evitado. Eu nunca havia imaginado algo do tipo até semana passada, quando ele me contou que havia terminado o livro e precisava ir embora. Foi então que eu soube. Senti como se alguém tivesse me dado um golpe brutal. Eu não disse nada... Não consegui dizer nada... E não sei qual foi a minha expressão. Receio que meu rosto tenha me entregado. Oh, eu morreria de vergonha se ele soubesse ou sequer suspeitasse.

Anne ficou em um silêncio angustiado, graças às deduções que fizera após a conversa com Owen. Leslie continuou a falar com fervor, como se encontrasse alívio nisso.

– Fui tão feliz nesse verão, Anne, mais do que já fui em toda a vida. Pensei que fosse porque as coisas foram esclarecidas entre mim e você, e que a nossa amizade era o que estava tornando a vida mais bonita e completa outra vez. E em parte *era*, mas... ah, nem de longe era só isso. Agora sei por que tudo parecia tão diferente. Tudo acabou, e ele foi embora. Como conseguirei viver, Anne? Quando voltei para a casa nesta manhã, depois que ele se foi, a solidão me atingiu como um tapa.

– Não será tão difícil com o tempo, querida – disse Anne, que sentia a dor dos amigos de maneira tão aguda que não conseguia dizer palavras fáceis de conforto. Além disso, ela se lembrava de como discursos bem-intencionados a haviam machucado em momentos assim, e hesitou.

– Ah, me parece que ficará cada vez mais difícil – disse Leslie, com pesar. – Não tenho mais esperanças. Manhãs virão uma após a outra... E ele não voltará... Ele nunca voltará. Quando penso que jamais voltarei a vê-lo, sinto como se uma grande e cruel mão estivesse apertando meu coração, aniquilando-o. Por muito tempo eu sonhei com o amor... Achando que era a coisa mais linda do mundo... E agora, sei como realmente é. Ele estava frio e distante quando foi embora ontem... Disse: “Adeus, senhora Moore”, com a maior indiferença do mundo... Como se nem amigos fôssemos... Como se eu não significasse nada para ele. Sei que isso é verdade; não é como se eu quisesse que ele se importasse, só acho que *poderia* ter sido um pouco mais gentil.

“Ah, como eu queria que Gilbert estivesse aqui”, pensou Anne. Ela estava dividida entre a solidariedade por Leslie e a necessidade de evitar trair a confiança de Owen. Ela sabia por que a despedida dele fora tão gélida, desprovida da cordialidade que a camaradagem entre eles exigia; todavia, não podia contar à Leslie.

– Não consegui evitar, Anne... Não consegui – disse a pobre Leslie.

– Eu sei.

– Acha que a culpa é toda minha?

– Você não tem culpa de nada.

– E você... Não vai contar para o Gilbert, vai?

– Leslie! Acredita mesmo que eu faria uma coisa dessas?

– Ah, não sei... Vocês são tão próximos. Aposto que conta tudo para ele.

– Tudo que diz respeito a mim, sim. Não os segredos dos meus amigos.

– Não suportaria se ele soubesse, mas estou contente que *você* saiba. Eu me sentiria culpada se houvesse algo que eu tivesse vergonha de te contar. Espero que a senhorita Cornelia não descubra. Às vezes sinto como se aqueles olhos castanhos intensos e bondosos pudessem ler a minha alma. Ah, queria que essa neblina nunca desaparecesse; gostaria de ficar aqui para sempre, escondida de todos os seres vivos. Não sei como continuarei vivendo. Antes da chegada de Owen, tive momentos horríveis ao regressar para casa após me encontrar com Gilbert e você. Vocês voltavam para o lar juntos, e eu para a minha casa *sozinha*. Então Owen começou a me fazer companhia, e nós ríamos e conversávamos da mesma forma que você e Gilbert, e eu não tive mais momentos de solidão e inveja. E agora! Ah, sim, fui uma ingênua. Enfim, chega de falar da minha insensatez. Nunca mais vou te importunar com ela novamente.

– Aí vem Gilbert, e você voltará conosco – disse Anne, que não pretendia deixar Leslie vagando sozinha pelo banco de areia em uma noite como aquela e naquele estado de ânimo. – Há espaço suficiente no bote para três pessoas, e amarraremos o seu atrás.

– Ah, terei de me contentar em ser novamente aquela que sobra – disse a pobre Leslie, com outra risada amarga. – Perdoe-me, Anne, isso foi odioso. Eu deveria ser grata... Eu *sou* grata por ter dois amigos ótimos que não me deixam de lado. Não dê ouvidos para meu rancor. Sinto como se tivesse uma dor imensa e tudo me machucasse.

– Leslie parecia muito quieta, não acha? – comentou Gilbert ao chegar em casa com Anne. – O que será que estava fazendo sozinha no banco de areia?

– Ela estava exausta, e você sabe que ela gosta de ir lá depois de um dos dias ruins do Dick.

– É uma pena ela não ter conhecido e se casado com um sujeito como Ford anos atrás – ruminou ele. – Eles teriam formado um belo par, não concorda?

– Pelo amor de Deus, Gilbert, não vire um casamenteiro. É uma profissão abominável para um homem – exasperou-se Anne, temendo que ele descobrisse a verdade se continuasse naquela linha de pensamento.

– Ainda bem, Anne, que não sou um casamenteiro – protestou Gilbert, um tanto surpreso com o tom dela. – Só estou pensando em hipóteses.

– Bem, não pense. É uma perda de tempo.

Subitamente, ela acrescentou:

– Ah, Gilbert, gostaria que todo mundo fosse feliz como nós.



ASSUNTOS VARIADOS

– Estava lendo as notas de falecimento – disse a senhorita Cornelia, abaixando o *Daily Enterprise* e pegando a costura.

O porto parecia sombrio e lúgubre sob o céu carregado de novembro. As folhas mortas e encharcadas grudavam e se acumulavam nos peitoris das janelas; mas a casinha estava cheia de alegria com a lareira acesa de uma energia primaveril com as samambaias e gerânios.

– É sempre verão aqui, Anne – disse Leslie em certa ocasião; todos os convidados da casa dos sonhos sentiam o mesmo.

– Parece que o *Enterprise* está publicando todos os obituários ultimamente – comentou a senhorita Cornelia. – Todas as edições trazem algumas colunas deles, e eu leio cada linha. É um dos meus passatempos, especialmente quando trazem alguma poesia original. Aqui está um exemplo: “Ela foi para junto do Criador e não vagará mais por este lugar. Com alegria costumava dançar e cantar a música do lar, doce lar”. Quem disse que não temos talentos poéticos na ilha? Já percebeu a quantidade de pessoas boas que morrem, querida Anne? É uma lástima. Aqui temos dez obituários, todos de santos e cidadãos exemplares, até os homens. Como o velho Pete Stimson, que “deixa um grande círculo de amigos lamentando sua partida prematura”. Senhor, esse homem tinha 80 anos, e todo mundo que o conhecia desejava a morte dele há trinta anos. Leia os obituários quando estiver triste, querida Anne, especialmente os das pessoas conhecidas. Se você tiver um mínimo de senso de humor, eles vão levantar o seu ânimo, acredite em mim. Quem dera eu pudesse escrever o obituário de certas pessoas. “Obituário” não é uma palavra horrorosa? Esse Peter de quem estava falando tinha cara de obituário. Sempre que o via, a palavra *obituário* surgia na minha mente. Só conheço uma palavra pior do que essa, que é “viúva”. Querida, eu posso ser uma velha solteirona, mas pelo menos nunca serei a viúva de homem nenhum!

– É *mesmo* uma palavra feia – disse Anne, rindo. – O cemitério de Avonlea é cheio de lápides com os dizeres: “Em sagrada memória de Fulana de Tal, *viúva* de Sicrano de Tal”. Sempre me faziam pensar em roupas puídas, comidas pelas traças. Por que a maioria das palavras ligadas à morte são tão desagradáveis? Adoraria que o costume de chamar um cadáver de “restos mortais” fosse abolido. Eu literalmente estremeço quando ouço dizerem em um funeral: “Aqueles que desejam ver os restos mortais, sigam por aqui, por favor”. Sempre tenho a impressão tenebrosa de que estou prestes a ver uma cena de um banquete canibal.

– Bem – começou a senhorita Cornelia calmamente –, só espero que quando eu morrer, ninguém me chame de “nossa irmã falecida”. Tenho aversão a esse negócio de irmãos e irmãs desde que um evangelista itinerante deu alguns sermões em Glen, cinco anos atrás. Não gostei dele logo de cara; senti em meus ossos que havia algo de errado com ele. E havia mesmo. Vejam só, ele fingia ser presbiteriano... “presbitariano”, como costumava dizer... Quando na verdade era metodista. Chamava todo mundo de irmão e irmã. Agarrou a minha mão fervorosamente uma noite e perguntou, implorando: “Minha querida irmã Bryant, você é uma cristã?”. Eu apenas o encarei por um instante e disse tranquilamente: “O único irmão que já tive, senhor Fiske, foi enterrado quinze anos atrás, e desde então não adotei nenhum outro. E acredito que sou cristã desde o tempo em que você ainda engatinhava.” *Isso* deu um jeito nele, acredite em mim. Não sou contra todos os evangelistas, Anne. Tivemos alguns homens bons e honestos, que espalhavam o bem e faziam os pecadores contorcerem-se de vergonha. Mas o tal do Fiske não era um desses. Em uma noite, eu ri bastante comigo mesma. O Fiske pediu para que todos os cristãos se levantassem. E eu não me movi, acredite em mim! Nunca gostei desse tipo de coisa. Só que a maioria das pessoas gostava, e aí ele pediu para todos que quisessem se tornar cristão se levantassem. Quando ninguém se mexeu, ele começou a cantar um hino a plenos pulmões. Bem na minha frente estava o pequeno Ikey Baker, sentado no banco dos Millison. Era um bom garoto de 10 anos, e os Millison o faziam trabalhar até a exaustão. O coitadinho estava sempre tão cansado que caía no sono sempre que ia à igreja ou a algum lugar onde pudesse ficar parado por alguns instantes. Tinha dormido durante toda a cerimônia, e eu fiquei contente de vê-lo descansar um pouco, acredite em mim. Bem, quando a voz do Fiske alcançou o volume máximo e todos se uniram a ele, o pobrezinho acordou sobressaltado. Ele achou que fosse um

hino como outro qualquer e que todos deveriam se levantar, então se pôs de pé no mesmo instante, sabendo da punição pela Maria Millison se fosse pego dormindo durante o culto. Fiske olhou para ele e gritou: “Outra alma salva! Aleluia!”. E ali estava o pobre e assustado Ikey, meio desperto e bocejando, sem a mínima ideia do que estava acontecendo. Pobre criança, nunca tinha tempo para pensar em nada além do corpinho fatigado.

– Leslie foi a um dos cultos, e o tal do Fiske não perdeu tempo – prosseguiu a senhorita Cornelia. – Ah, ele tinha um cuidado especial com as almas das jovens bonitas, acredite em mim! Só que Leslie nunca mais voltou porque ele feriu os sentimentos dela. Então, passou a rezar todas as noites, em público, para que Senhor tocasse o coração dela. Por fim, eu procurei o senhor Leavitt, o nosso ministro naquela época, e disse que, se o Fiske não parasse, eu iria me levantar e jogar meu hinário nele na próxima vez que mencionasse “aquela jovem bela e impenitente”. E eu o teria feito, acredite em mim. O senhor Leavitt de fato resolveu o problema, e o senhor Fiske continuou pregando até que Charles Douglas colocou um fim na carreira dele em Glen. A senhora Charley havia passado o inverno inteiro na Califórnia. Ela fora acometida por uma melancolia religiosa durante todo o outono; herança de família. O pai dela se preocupava tanto, pensando ter cometido um pecado imperdoável, que morreu em um manicômio. Por isso, quando Rose Douglas começou a mostrar os indícios, Charley a mandou visitar a irmã dela em Los Angeles. Voltou para casa perfeitamente bem, justo quando as reuniões de Fiske estavam no auge. Ela desceu do trem em Glen, sorridente e saltitante, e a primeira coisa que viu foi uma pergunta escrita no telhado preto do galpão de carga, em letras brancas de mais de meio metro de altura: “Para onde você vai: o céu ou o inferno?”. Rose deu um grito e desmaiou; ao chegar em casa, estava pior do que nunca. Charley disse ao senhor Leavitt que todos da família Douglas abandonariam a igreja se o Fiske continuasse na vila. O ministro foi obrigado a ceder, já que a contribuição dos Douglas correspondia à metade de seu salário, e assim Fiske foi embora e nós voltamos a depender de nossas bíblias para as instruções de como chegar ao paraíso. Posteriormente o senhor Leavitt descobriu que ele era um metodista disfarçado e se sentiu muito mal, acredite em mim. O ministro tinha lá os defeitos dele, mas era um presbiteriano exemplar.

– Recebi uma carta do senhor Ford ontem – disse Anne. – Ele mandou saudações a você.

– Não quero as saudações dele – disse a senhorita Cornelia secamente.

– Por quê? – perguntou Anne, perplexa. – Achei que gostasse dele.

– Bem, eu gosto, de certa forma. Mas jamais o perdoarei pelo que fez com Leslie. A pobre criança está se acabando em lágrimas por ele, como se já não tivesse problemas suficientes, enquanto ele está em Toronto, desfrutando da vida como sempre, aposto. Típico dos homens.

– Ah, senhorita Cornelia, como descobriu?

– Santo Deus, minha querida Anne, eu tenho olhos, não tenho? E conheço a Leslie desde que era um bebê. Um novo tipo de angústia surgiu nos olhos dela durante o outono, e sei que aquele escritor está por trás disso, de alguma forma. Nunca me perdoarei por tê-lo trazido até aqui. Não suspeitava que ele poderia agir do modo como agiu; achei que era como todos os outros homens já hospedados na casa dela: asnos presunçosos pelos quais nunca se interessaria. Um deles tentou flertar com ela certa vez, e Leslie o colocou no devido lugar com muita firmeza; e eu aposto que não tentou novamente. Então, não achei que houvesse algum risco.

– Leslie não pode suspeitar que você sabe o segredo dela – apressou-se Anne em dizer. – Acho que isso a magoaria.

– Confie em mim, querida Anne. Eu não nasci ontem. Ah, malditos sejam todos os homens! Um deles arruinou a vida de Leslie, e agora outro da tribo quer terminar de destruí-la. Anne, este mundo é um lugar horrível, acredite em mim.

– “Há algo de errado no mundo, que algum dia será corrigido”²⁵ – citou Anne, sonhadora.

– Se assim for, será um mundo sem homens – disse a senhorita Cornelia sombriamente.

– O que os homens fizeram agora? – perguntou Gilbert, ao entrar na sala.

– Maldade, maldade! O que mais eles sabem fazer?

– Foi Eva quem comeu a maçã, senhorita Cornelia.

– Mas foi uma criatura do sexo masculino que a tentou – retrucou ela, triunfal.

Leslie, após a aflição inicial, descobriu ser possível continuar vivendo, como o resto de nós, não importa quais sejam as nossas tormentas pessoais. É possível que tenha até desfrutado de alguns momentos dela, quando estava junto do círculo alegre na casinha dos sonhos. No entanto, se ela esperava que Leslie estivesse se esquecendo de Owen Ford, o olhar furtivo da amiga sempre que o nome dele era mencionado a trazia para a realidade. Por pena

desse anseio faminto, Anne sempre evitava contar ao capitão Jim e a Gilbert as notícias das cartas de Owen quando Leslie estava por perto. O rubor e o desconcerto em tais momentos demonstravam eloquentemente as emoções que dominavam o ser dela. Leslie nunca falava dele com Anne, todavia, tampouco sobre aquela noite na barreira de dunas.

Um dia o velho cão dela morreu, e seu luto foi amargo.

– Ele foi meu amigo por tanto tempo – disse a Anne, pesarosa. – Ele era do Dick, sabe; ele o arranjou cerca de um ano antes de nos casarmos. Ele o deixou comigo quando zarpou no *Four Sisters*. Carlo se afeiçoou a mim, e seu amor canino foi o que me ajudou naquele primeiro ano terrível depois da morte da mamãe, quando eu estava sozinha. Quando soube que Dick estava voltando, eu temi que Carlo não fosse ser mais tão companheiro meu. Mas ele não voltou a se aproximar do Dick, embora tivessem sido bons amigos.

Rosnava e avançava nele como se fosse um estranho. Eu fiquei contente. Era bom ter algo cujo amor era inteiramente meu. Aquele velho cachorro foi tão bom para mim, Anne. Ele ficou tão frágil no outono e pensei que não iria viver por muito mais tempo; mesmo assim, achei que conseguiria cuidar dele durante o inverno. Parecia ter melhorado nesta manhã. Estava deitado no tapete na frente da lareira, quando de repente se levantou, aproximou-se, colocou a cabeça no meu colo e me encarou com aqueles grandes olhos amorosos e tenros. Então, simplesmente estremeceu e morreu. Vou sentir muita falta dele.

– Quero dar outro cachorro para você, Leslie – disse Anne. – Vou dar um *setter gordon* adorável para Gilbert de Natal. Deixe-me presenteá-la, também.

Leslie balançou a cabeça.

– Agora não, mas obrigada, Anne. Ainda não estou com vontade de ter outro cachorro. Sinto como se não houvesse espaço para outro no meu coração. Talvez, com o tempo, eu peça outro a você. Eu preciso mesmo de um, por motivos de segurança. Havia em Carlo algo quase humano, não seria decente preencher o espaço dele tão depressa, coitadinho.

Anne viajou para Avonlea uma semana antes do Natal. Gilbert foi em seguida, e houve uma grande celebração do ano novo em Green Gables, onde as famílias Barry, Blythe e Wright reuniram-se para devorar o jantar que custara à senhora Rachel e a Marilla muito planejamento e preparação. Quando voltaram para *Four Winds*, a casinha estava quase encoberta pela neve, pois a terceira tempestade daquele inverno que se mostrou

fenomenalmente tempestuoso deixara montes imensos de neve por onde passara. Mas o capitão Jim desobstruiu as portas e as janelas, e a senhorita Cornelia acendeu o fogo.

– Que bom que está de volta, querida Anne! Você já viu montes de neve como esses? Só é possível ver a casa dos Moore do segundo andar. Leslie vai ficar muito feliz ao saber de sua volta. Ela está quase soterrada viva, lá.

Felizmente o Dick sabe tirar a neve com a pá e acha muito divertido. Susan pediu para avisar que virá amanhã. Aonde você vai, capitão?

– Acho que vou até Glen prosear um pouco com o velho Martin Strong. Ele não tem muito tempo de vida sobrando e vive sozinho. Também não tem muitos amigos; passou a vida inteira ocupado demais para fazer amizades. No entanto, ganhou muito dinheiro.

– Bem, como não podia servir a Deus e a Mamom ao mesmo tempo, ele achou melhor servir ao último – disse a senhorita Cornelia secamente. – Agora ele não pode reclamar que o dinheiro não é uma companhia muito boa.

O capitão despediu-se, mas lembrou ter deixado alguma coisa no jardim e deu meia-volta.

– Recebi uma carta do senhor Ford, senhora Blythe, dizendo que meu livro da vida vai ser publicado no próximo outono. Fiquei muito animado com a notícia. E pensar que o verei impresso, finalmente!

– Aquele homem é completamente louco pelo seu livro da vida – disse a senhorita Cornelia, compassiva. – Na minha opinião, existem livros demais no mundo hoje em dia.

Referência ao poema *The Miller's Daughter*, de Alfred Tennyson. (N. T.)



GILBERT E ANNE DISCORDAM

Gilbert deixou de lado o pesado tomo médico no qual estava debruçado, derrotado pela chegada do anoitecer naquele fim de tarde de março. Ele reclinou-se na cadeira e olhou meditativamente pela janela. Era o início da primavera; a época mais feia do ano, provavelmente. Nem mesmo o crepúsculo redimia a paisagem morta e úmida, e o gelo escuro e sujo do porto que ele via. Nenhum sinal de vida era visível, salvo um grande corvo voando solitariamente sobre um campo cinza-escuro. Gilbert especulou sobre o corvo. Seria um pai de família, com uma esposa charmosa aguardando por ele no bosque além do jardim? Talvez fosse um jovem de penas pretas e brilhantes, à procura de um par para cortejar. Ou ainda um solteirão cínico, crente que aquele que viaja sozinho viaja mais rápido? Quem quer que fosse, a ave logo desapareceu soturnamente, e Gilbert voltou-se para uma vista mais alegre, dentro da própria casa.

A luz da lareira bruxuleava, reluzindo nas costas brancas e verdes de Gog e Magog, na cabeça marrom e lisa do belo cão deitado no tapete, nos retratos nas paredes, no vaso repleto de narcisos colhidos da floreira da janela, e em Anne, sentada junto à mwsinha com a costura de lado e as mãos juntas sobre o joelho enquanto desenhava cenas no fogo: castelos na Espanha cujas torres altas atravessavam as nuvens iluminadas pela lua e as faixas do ocaso, barcos que partiam do Porto da Esperança diretamente para o porto de Four Winds com cargas preciosas. Anne voltara a ser uma sonhadora, ainda que uma espécie de temor a acompanhasse dia e noite, nublando e obscurecendo sua visão.

Gilbert estava acostumado a se referir a si mesmo como “um velho homem casado”. Contudo, ele ainda olhava para Anne com olhar incrédulo de um namorado, incapaz de acreditar totalmente que ela era dele. Talvez fosse apenas um sonho, afinal, influenciado por aquela mágica casa dos

sonhos. A alma dele ainda caminhava nas pontas dos pés perto dela, temendo que o encantamento se quebrasse e o sonho se dissipasse.

– Anne – disse com calma –, preciso da sua atenção. Quero conversar com você.

– O que foi? – perguntou alegremente. – Como você está sério, Gilbert. Não fiz nada de errado hoje. Pergunte para Susan.

– Não é sobre você, ou nós, que quero falar. É sobre o Dick Moore.

– Dick Moore? – repetiu Anne, endireitando-se na cadeira, em alerta. – O que você teria a dizer sobre ele?

– Tenho pensado bastante sobre ele ultimamente. Lembra-se de quando eu tratei aqueles furúnculos no pescoço dele, no verão passado?

– Sim... Sim.

– Eu aproveitei a oportunidade para examinar as cicatrizes na cabeça dele com mais atenção. Sempre achei o caso dele muito interessante, do ponto de vista médico. Anne, cheguei à conclusão de que se Dick for levado a um bom hospital e passar por uma operação com trefina em vários locais do crânio, a memória e as faculdades dele podem ser restauradas.

– Gilbert! – protestou Anne. – Você não pode estar falando sério!

– É claro que estou. E decidi que é meu dever abordar o assunto com Leslie.

– Gilbert Blythe, você *não* pode fazer isso – exclamou veementemente. – Ah, Gilbert, não. Não seja tão cruel. Prometa que não fará isso.

– Não imaginei que você fosse reagir assim. Anne, seja sensata...

– Não serei sensata... Não posso ser sensata... Eu *sou* sensata. É você que está sendo insensível. Gilbert, já considerou o que significaria para Leslie se Dick Moore recobrasse as faculdades mentais? Pare e pense! Ela já é infeliz o bastante. A vida como enfermeira e cuidadora do Dick é mil vezes mais fácil do que a de esposa dele. Eu sei, eu *sei*! É inconcebível. Não se meta. Deixe tudo como está.

– Eu já considerei esse aspecto do caso, Anne. Mas acredito que um médico tenha um compromisso com a sanidade da mente e do corpo de um paciente acima de qualquer consideração, independentemente das consequências. Creio que é meu dever lutar para restaurar a saúde e a sanidade dele, se é que há esperanças.

– Mas o Dick não é paciente seu – disse ela, atacando de outro ângulo. – Se Leslie tivesse perguntado sobre a possibilidade de alguma coisa ser feita,

então seria seu dever dizer o que realmente pensa. Você não tem o direito de interferir.

– Não chamo isso de interferir. O tio Dave disse a Leslie que nada podia ser feito doze anos atrás. E é claro que ela acredita nisso.

– E por que o tio Dave falou isso, se não é verdade? – argumentou, triunfante. – Ele não sabe tanto quanto você?

– Acho que não, por mais que pareça vaidade e presunção da minha parte dizer isso. E você sabe tão bem quanto eu que ele é avesso ao que chama de “essas ideias novas de cortar e costurar”. É contra até operações de apêndice.

– Ele está certo – afirmou Anne, mudando completamente de tática. – Também acho que vocês, doutores modernos, gostam demais de fazer experimentos com sangue e carne de seres humanos.

– Rhoda Allonby não estaria viva se eu tivesse medo de certos experimentos – contrapôs Gilbert. – Eu me arrisquei e salvei a vida dela.

– Estou cansada de ouvir falar de Rhoda Allonby – protestou Anne. O que era uma injustiça, pois Gilbert não voltou a mencionar o nome da senhora Allonby depois do dia em que contou sobre o sucesso da operação dela. E ele não podia ser culpado pelo que os outros diziam.

Gilbert sentiu-se ferido.

– Estou surpreso com o seu posicionamento, Anne – disse rigidamente, antes de se levantar e ir em direção ao escritório. Era o mais próximo que eles já tinham chegado de brigar.

Mas Anne correu atrás dele e o trouxe de volta.

– Gilbert, você não vai sair bufando. Sente-se aqui, e eu te pedirei perdão. Não deveria ter dito aquilo. Mas... Ah, se você soubesse...

Anne refreou-se bem a tempo. Ela estava prestes a revelar o segredo de Leslie.

– ... o que sente uma mulher em uma situação dessas – concluiu, sem muita convicção.

– Acho que sei. Já ponderei sobre o assunto de todos os ângulos possíveis e cheguei à conclusão de que é meu dever contar a Leslie sobre a minha alternativa para o problema de Dick; aí termina a minha responsabilidade. É ela que vai decidir o que fazer.

– Acho que você não tem o direito de colocar tamanha responsabilidade sobre os ombros dela. Leslie já tem muito o que suportar. E é pobre; como ela pagaria por essa operação?

– Quem decidiria isso é ela – insistiu Gilbert, obstinado.

– Você acredita que Dick pode ser curado. Mas tem certeza?

– Claro que não. Ninguém pode ter certeza de uma coisa dessas. O cérebro dele pode ter sofrido lesões irreversíveis. Entretanto, se a perda da memória e das outras faculdades for consequência da pressão dos ossos em certas áreas do cérebro, então ele pode ser curado.

– É só uma possibilidade! – insistiu Anne. – Agora, suponhamos que você conte à Leslie e ela decida pela operação. Custará muito caro. Ela terá de fazer um empréstimo ou vender a pequena propriedade. E suponhamos que a operação seja um fracasso e o Dick continue o mesmo. Como Leslie pagará o dinheiro devido ou como sustentará a ela e àquela criatura grande e inútil se vender a fazenda?

– Ah, eu sei, eu sei. Ainda assim, é meu dever informá-la. Não posso escapar dessa convicção.

– Ah, eu conheço a teimosia dos Blythe – murmurou Anne. – Não tome essa responsabilidade para si mesmo, no entanto. Consulte o doutor Dave.

– Eu já fiz isso – disse Gilbert com relutância.

– E o que ele disse?

– Resumindo, como você mesma disse: deixe tudo como está. Além do preconceito com cirurgias modernas, receio que ele compartilhe do seu ponto de vista: “Não faça isso, pelo bem de Leslie”.

– Pois então! – exclamou Anne, triunfante. – Creio que deveria considerar a opinião de um homem de quase 80 anos, Gilbert, ele já viu muita coisa e salvou inúmeras vidas. Certamente a opinião dele deve pesar mais do que a de um mero garoto.

– Obrigado.

– Não ria. O assunto é muito sério.

– É o que estou tentando dizer. O assunto é muito sério. Dick é um fardo inútil, e pode voltar a ser racional e produtivo se...

– Ele era tão útil antes! – interveio Anne, com ironia.

– Ele pode ter a chance de ser bom e redimir o passado. A esposa dele não sabe disso. Portanto, é meu dever conscientizá-la de tal possibilidade. Essa é, em resumo, a minha decisão.

– Não diga “decisão” ainda, Gilbert. Consulte outra pessoa. Pergunte ao capitão Jim o que ele acha.

– Muito bem. Mas não prometo acatar a opinião dele, Anne. Isso é algo que um homem precisa decidir por conta própria. Minha consciência jamais

me deixaria em paz se eu me omitisse.

– Ah, a sua consciência! Suponho que o tio Dave também tenha uma consciência, não?

– Sim, só que não sou guardião da consciência dele. Vamos, Anne, se esse assunto não dissesse respeito a Leslie, se fosse um caso puramente abstrato, você concordaria comigo. Você sabe disso.

– Não – jurou Anne, tentando acreditar em si mesma. – Você pode argumentar a noite toda, Gilbert, mas não conseguirá me convencer. Pergunte para a senhorita Cornelia.

– Você deve estar desesperada, Anne, para chamar a senhorita Cornelia como reforço. Ela dirá “é típico de um homem” e ficará furiosa. Mas não importa. Essa decisão não cabe à senhorita Cornelia. Leslie é a única que pode tomá-la.

– Você sabe muito bem o que ela decidirá. – Anne estava à beira das lágrimas. – Ela também tem um ideal dos próprios deveres. Não sei como é capaz de jogar essa responsabilidade nas costas dela. Eu não seria.

– “Porque é correto fazer o que é correto; porque é sábio, apesar das consequências”²⁶ – recitou Gilbert.

– Ah, um par de versos é um argumento convincente! – zombou Anne. – Típico de um homem.

E então riu, apesar de tudo. Ela soara como um eco da senhorita Cornelia.

– Bem, se não vai aceitar Tennyson como autoridade, talvez você acredite nas palavras de alguém superior a ele – disse Gilbert, em tom solene. – “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”²⁷ Acredito nisso, Anne, com todo o meu coração. É o maior e melhor verso da Bíblia, da literatura, e o mais *verdadeiro*, se é que existem graus de legitimidade. É o primeiro dever de um homem dizer a verdade, tal qual a vê.

– Nesse caso, a liberdade não libertará a pobre Leslie – suspirou Anne. – Ela provavelmente acabará aprisionando-a ainda mais. Ah, Gilbert, não consigo *crer* que você tenha razão.

Referência ao poema *Oenone*, de Alfred Tennyson. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, João 8:32. (N. T.)



A DECISÃO DE LESLIE

Uma súbita epidemia de um tipo virulento de gripe em Glen e na vila dos pescadores deixou Gilbert tão ocupado nas duas semanas seguintes e ele não teve tempo de cumprir a promessa e visitar o capitão Jim. Anne esperava fervorosamente que ele tivesse desistido de Dick Moore, e, decidindo não instigá-lo, não tocou mais no assunto. Porém, ela pensava nisso incessantemente.

“Pergunto-me se seria correto dizer ao Gilbert que Leslie gosta do Owen”, pensou. “Ele jamais permitiria que Leslie soubesse, de forma que o orgulho dela não sofreria, e talvez isso pudesse convencê-lo a deixar Dick Moore em paz. Será que eu deveria? Não, eu não posso. Promessas são sagradas, e não tenho o direito de trair Leslie. Isso está arruinando a primavera, está arruinando tudo!”

Uma noite, Gilbert de repente propôs uma visita ao capitão Jim. Anne concordou com o coração pesado, e lá foram os dois. Duas semanas sob o brilho gentil do sol fez milagres com a paisagem que o corvo de Gilbert sobrevoara. As colinas e os campos estavam secos, marrons e agradáveis, prontos para a floração; o cais estava repleto de risadas novamente; a longa estrada do porto parecia uma fita vermelha lustrosa; no banco de areia, um grupo de garotos que saíram para pescar queimava a grama espessa e morta do verão anterior. As chamas lançavam um brilho róseo sobre as dunas e se destacavam contra a escuridão do golfo mais adiante, iluminando o canal e a vila dos pescadores. Era uma cena pitoresca com a qual Anne teria se deleitado em outra ocasião; contudo, não estava gostando do passeio.

Tampouco Gilbert. A camaradagem usual e os gostos e pontos de vista que compartilhavam com a comunidade de José estavam ausentes, infelizmente. A desaprovação de Anne era evidente no inclinar altivo do queixo e na cortesia estudada dos comentários. Os lábios de Gilbert estavam comprimidos, exibindo a obstinação dos Blythe, mas seus olhos pareciam

preocupados. Ele pretendia cumprir o que acreditava ser seu dever; todavia, estar em desacordo com Anne era um preço alto a ser pago. Ambos ficaram contentes quando chegaram ao farol; e sentiram remorso por isso.

O capitão Jim deixou de lado a rede na qual trabalhava e os recebeu com alegria. Sob a luz daquele fim de tarde primaveril, ele parecia mais velho do que nunca para Anne. Os cabelos estavam muito mais grisalhos, e as mãos fortes tremiam sutilmente. Mas os olhos eram vivazes, e a alma que espiava através deles, galante e destemida.

O capitão ouviu em silêncio, e com espanto, o que Gilbert estava ali para dizer. Anne sabia o quanto aquele senhor venerava Leslie, e tinha quase certeza de que ele ficaria do lado dela, mesmo sem muitas muitas esperanças de que isso influenciasse Gilbert. Portanto, ela ficou imensuravelmente surpresa quando o capitão afirmou, de forma lenta e pesadosa, mas sem hesitar, que Leslie deveria ser informada.

– Ah, capitão Jim, não achei que fosse dizer isso – exclamou ela, em tom de censura. – Achei que não fosse querer criar mais problemas para ela.

O capitão balançou a cabeça.

– E não quero. Sei como se sente, senhora Blythe, pois sinto o mesmo. Só que não podemos deixar os sentimentos assumirem o leme da nossa vida. Não, não; naufrágios seriam muito frequentes se fizéssemos isso. Só existe uma bússola na qual podemos confiar para definir nosso curso: o que é certo a fazer. Concordo com o doutor. Se há uma chance para o Dick, Leslie precisa saber. Não há dois lados nessa história, na minha opinião.

– Bem – disse Anne, cedendo ao desespero –, esperem só até a senhorita Cornelia ficar sabendo.

– A Cornelia vai nos escorraçar, sem dúvida – assegurou o capitão. – Vocês mulheres são criaturas adoráveis, senhora Blythe, ainda que um tanto ilógicas. Você é uma dama com educação superior, diferente da Cornelia, mas as duas são iguais nesse aspecto. Não creio que haja algo de errado nisso. A lógica é inflexível e impiedosa, acredito. Agora, vou preparar uma xícara de chá e nós conversaremos sobre coisas agradáveis, para aplacar os ânimos um pouco.

O chá do capitão Jim e a conversa acalmaram a mente de Anne a tal ponto que ela não fez Gilbert sofrer no caminho de volta tanto quanto pretendia. Ela não mencionou a pergunta que não queria se calar e conversou afavelmente sobre outros assuntos. Gilbert entendeu que havia sido perdoado, sob protestos.

– O capitão Jim parece muito frágil e cansado nessa primavera. O inverno o envelheceu – disse Anne com tristeza. – Receio que logo ele partirá em busca da Margaret desaparecida. Não suporto pensar nisso.

– Four Winds não será a mesma quando ele zarpar pela última vez – concordou Gilbert.

Na noite seguinte, ele foi até a casa do riacho. Anne andou de um lado para o outro, desolada, até que ele regressou.

– Bem, o que Leslie disse? – exigiu saber quando Gilbert entrou.

– Muito pouco. Acho que ficou um tanto aturdida.

– Ela vai fazer a operação?

– Vai pensar no assunto e decidirá em breve.

Gilbert deixou-se cair na poltrona diante da lareira. Parecia exausto. A conversa com Leslie não fora nada fácil. O terror surgido nos olhos dela ao compreender o que ele queria dizer não era uma lembrança agradável. Agora que estava feito, ele se sentia acossado por dúvidas sobre a sabedoria de sua decisão.

Anne olhou para ele com remorso; em seguida, sentou-se no tapete e apoiou a cabeça de cabelos vermelhos e brilhantes no braço dele.

– Gilbert, eu me comportei de maneira irascível. Isso não vai mais acontecer. Por favor, apenas me chame de ruiva e me perdoe.

Ele então compreendeu que, independentemente do que acontecesse, não haveria um “eu te avisei”. Mas não o confortou por completo. O dever é uma coisa em teoria, mas outra na prática, especialmente diante do olhar aflito de uma mulher.

O instinto fez Anne manter distância de Leslie pelos próximos três dias. Na tarde do terceiro dia, Leslie foi até a casinha e disse a Gilbert que havia tomado uma decisão: ela iria levar Dick até Montreal para fazer a operação.

Leslie estava muito pálida e parecia ter se ocultado detrás do manto da indiferença novamente. Mas os olhos dela não tinham mais o pavor que assombrara Gilbert; eles eram frios e brilhosos. Ela começou a discutir os detalhes com ele de maneira prática, profissional. Havia muitos planos a serem feitos e muitas coisas a serem consideradas. Quando conseguiu todas as informações de que precisava, foi embora. Anne ofereceu-se para acompanhá-la até parte do caminho.

– Melhor não – disse Leslie sucintamente. – A chuva de hoje deixou a estrada enlameada. Boa noite.

– Será que perdi uma amiga? – disse Anne, com um suspiro. – Se a operação for um sucesso e Dick Moore voltar a ser ele mesmo, Leslie se refugiará em algum recôncavo da alma dela onde nenhum de nós a alcançará.

– Talvez ela o deixe.

– Leslie jamais faria isso, Gilbert. O senso de dever dela é forte demais.

Ela me contou que a avó dela sempre lhe dizia para jamais esquivar-se de qualquer responsabilidade assumida, independente de quais fossem as consequências. É uma das regras primordiais da vida dela. Suponho que seja muito antiquada.

– Não diga isso, Anne. Você sabe que não acha isso antiquado e também considera sagrada uma responsabilidade assumida. E você está certa. Esquivar-se das responsabilidades é a maldição da vida moderna, o cerne de toda inquietação e descontentamento que vem assolando o mundo.

– Disse o pregador – brincou Anne. Ela concordava com ele, no entanto, e estava de coração partido por Leslie.

Uma semana depois, a senhorita Cornelia chegou na casinha como uma avalanche. Gilbert estava fora, e Anne foi obrigada a suportar o choque do impacto sozinha. Ela mal havia tirado do chapéu quando começou:

– Anne, é verdade o que eu ouvi? O doutor Blythe disse a Leslie que Dick pode ser curado e ela vai levá-lo para Montreal para uma operação?

– Sim, é verdade, senhorita Cornelia – disse Anne com bravura.

– Bem, isso foi de uma crueldade desumana, é essa a verdade – disse a senhorita Cornelia, violentamente agitada. – Pensei que o doutor Blythe fosse um homem decente. Não achei que fosse capaz de algo do tipo.

– O doutor Blythe achou dever dele informar Leslie de que ainda havia esperança para Dick. E eu concordo – acrescentou ela, sentindo a lealdade a Gilbert levar a melhor.

– Ah, não concorda, não – disse a senhorita Cornelia. – Ninguém com um pinga de compaixão concordaria.

– O capitão Jim também concorda.

– Não me fale daquele velho pateta – exclamou a senhorita Cornelia. – E não me importa quem esteja de acordo com ele. Pense, *pense* no que isso significaria para aquela pobre garota atormentada.

– Nós pensamos nisso. Mas Gilbert acredita que um médico deve priorizar o bem-estar de um paciente diante de todas as demais considerações.

– É típico de um homem. E eu esperava mais de você, Anne – disse a senhorita Cornelia, mais angustiada do que colérica. Em seguida, ela bombardeou Anne com os mesmos argumentos que ela usara para atacar Gilbert; e Anne defendeu o marido corajosamente com as armas que ele usara para a própria proteção. Longo foi o combate; por fim, a senhorita Cornelia recuou.

– É uma vergonha, uma iniquidade – declarou, quase aos prantos. – É isso que é. Pobre Leslie!

– Não acha que Dick merece um pouco de consideração? – pleiteou Anne.

– Dick! Dick Moore! Ele já é feliz. O comportamento e a reputação dele como membro da sociedade nunca foram os melhores. Ora, ele era um bêbado e talvez até coisa pior. Quer que ele volte a rondar por aí à solta?

– Ele pode se corrigir – disse a pobre Anne, sentindo-se acuada por uma inimiga por fora e por uma traidora por dentro.

– Até parece! – retrucou a senhorita Cornelia. – Dick Moore ficou do jeito que está em uma briga de bar. Ele *mereceu* essa punição. Creio que o doutor não deveria interferir nos desígnios de Deus.

– Ninguém sabe como o Dick se feriu, senhorita Cornelia. Talvez não tenha sido assim. Ele pode ter sido assaltado.

– Ele nasceu assim e não vai mudar. Bem, pelo visto, já está tudo resolvido e não há mais nada para discutir. Se assim for, vou me calar. Não pretendo gastar a minha saliva à toa. Sei quando é hora de ceder. Mas, antes, quero me certificar de que não há *nenhum* outro jeito. Agora, devotarei as minhas energias para confortar e apoiar Leslie. Afinal – acrescentou a senhorita Cornelia, com uma nesga de esperança –, talvez nada possa ser feito por Dick.



A VERDADE LIBERTA

Depois de ter decidido o que fazer, Leslie deu início aos preparativos com sua resolução e agilidade características. Em primeiro lugar, a casa deveria ser limpa, mesmo que uma questão de vida ou morte tivesse de esperar. A casa cinzenta próxima ao riacho foi impecavelmente limpa e organizada, com a ajuda da prática senhorita Cornelia. Tendo dito o que pensava para Anne, Gilbert e o capitão Jim, sem poupar nenhum deles, a senhorita Cornelia nunca tocou no assunto com Leslie. Ela aceitou a operação de Dick, referindo-se ao fato quando necessário de maneira profissional e ignorando-o quando não era. Leslie nunca tentou discutir o assunto e passou aqueles lindos dias de primavera distante e reservada. Visitou poucas vezes Anne e, embora fosse sempre cortês e afável, essa mesma cortesia era uma barreira de gelo entre ela e as pessoas da casinha. As velhas piadas, o riso e a camaradagem não eram capazes de atravessá-la. Anne recusava-se a ficar magoada. Ela sabia que Leslie estava tomada por um terror insuportável, que a roubava de todos os pequenos momentos de felicidade e as horas de prazer.

Quando uma grande paixão toma posse da alma, todos os outros sentimentos ficam espremidos em um canto. Leslie Moore nunca sentira um pavor tão imenso do futuro e mesmo assim continuou no caminho escolhido, como os mártires de antigamente, sabendo que ele culminaria na agonia da fogueira.

A questão financeira foi resolvida mais facilmente do que Anne havia temido. O capitão Jim emprestou a Leslie o dinheiro necessário e, por insistência dela, os dois fizeram uma hipoteca da pequena fazenda.

– É um problema a menos na cabeça daquela pobre garota – disse a senhorita Cornelia à Anne – e na minha também. Se Dick melhorar, poderá trabalhar novamente e ganhar o suficiente para pagar os juros; se não melhorar, sei que o capitão Jim dará um jeito de ajudar Leslie. Ele me disse: “Estou ficando velho, Cornelia, e não tenho nenhum filho. Leslie não aceitaria um presente de uma alma viva, mas talvez aceite de um morto”.

Então, *isso* está resolvido. Quem dera tudo fosse acertado com a mesma facilidade. Já o miserável do Dick tem se comportado muito mal nesses últimos dias. Está com o diabo no corpo, acredite em mim! Leslie e eu não conseguíamos trabalhar por causa das travessuras dele. Ele perseguiu todos os patos pelo quintal até que a maioria morreu. E não nos ajudou em nada. Em alguns dias, conseguiu ser muito útil, carregando baldes de água e lenha. Nesta semana, contudo, se nós o mandássemos buscar água, ele tentava descer pelo poço. Eu pensei: “Se ao menos você despencasse de cabeça, tudo se resolveria lindamente”.

– Ah, senhorita Cornelia!

– Não me venha com “senhorita Cornelia!”, querida Anne. *Qualquer pessoa* teria pensado o mesmo. Se os médicos de Montreal forem capazes de transformar Dick Moore em uma criatura racional, então são mesmo maravilhosos.

Leslie levou Dick para Montreal no começo de maio. Gilbert os acompanhou para auxiliá-los e cuidar dos trâmites necessários. Ele voltou para casa com a notícia de que o médico consultado concordara sobre existir uma boa chance de Dick se recuperar.

– Que reconfortante – foi o comentário sarcástico da senhorita Cornelia.

Anne apenas suspirou. Leslie estava muito distante quando se despediram.

Mas ela prometeu escrever. Dez dias após o retorno de Gilbert, Leslie mandou uma carta contando que a operação fora bem-sucedida e que Dick estava se recuperando bem.

– O que ela quer dizer com “bem-sucedida”? – perguntou Anne. – Que o Dick recuperou a memória?

– Provavelmente não, já que ela não mencionou nada – disse Gilbert. – Ela usou o termo “bem-sucedida”, pois foi o que o médico disse. Quer dizer que a operação foi realizada e teve resultados dentro dos conformes. Ainda é muito cedo para saber se as faculdades mentais de Dick voltarão, parcial ou integralmente. É improvável que a memória dele volte de repente. O processo será gradual, se for mesmo ocorrer. Ela disse mais alguma coisa?

– Sim, aí está a carta. É muito breve. Coitada, deve estar sob muita pressão. Gilbert Blythe, há um monte de coisas que eu gostaria de te dizer, mas seria maldade da minha parte.

– A senhorita Cornelia as dirá por você – disse Gilbert com um sorriso pesaroso. – Ela me ataca sempre quando nos encontramos, deixando claro que me considera um assassino, e que é uma lástima o doutor Dave ter me

deixado tomar o lugar dele. Com a senhorita Cornelia, a força da condenação não pode avançar mais.

– Se a senhorita Cornelia ficar doente, ela não mandaria chamar o doutor Dave nem o médico metodista – disse Susan, com despeito. – Ela interromperia o merecido descanso do senhor no meio da noite, querido doutor, se ficasse doente, com toda a certeza. E provavelmente diria que seus honorários são exorbitantes. Mas não dê ouvidos a ela, doutor.

Durante muito tempo não tiveram notícias de Leslie. Os dias de maio se foram em uma doce sucessão, e a costa de Four Winds voltou a ficar verde e a florescer. Um dia do fim de maio, Gilbert chegou em casa e encontrou Susan diante do estábulo.

– Receio que algo tenha perturbado a sua esposa, querido doutor – disse misteriosamente. – Ela recebeu uma carta nesta tarde e desde então não para de andar de um lado para o outro no jardim, falando sozinha. Você sabe que ela não deveria ficar tanto tempo de pé. Ela não considerou adequado me contar as notícias, e não gosto de bisbilhotar, querido doutor, mas é óbvio que algo a deixou preocupada. E não é bom para ela ter emoções fortes.

Gilbert correu para o jardim. Será que havia acontecido algo em Green Gables? Anne, sentada no banquinho rústico perto do riacho, não parecia perturbada, ainda que também não estivesse muito animada. Seus olhos pareciam mais cinza do que nunca, e as bochechas tinham um rubor intenso.

– O que aconteceu, Anne?

Anne emitiu um risinho estranho.

– Acho que você dificilmente acreditará se eu contar, Gilbert. Eu ainda não consegui acreditar. Como Susan disse outro dia: “Sinto-me como uma mosca que nasce sob o sol, desorientada”. É tão incrível. Já li a carta algumas vezes, e em todas é a mesma coisa: não consigo crer nos meus próprios olhos. Ah, Gilbert, você estava certo, absolutamente certo. Agora percebo isso com clareza e estou com muita vergonha de mim mesma.

Algum dia você me perdoará?

– Anne, eu vou te dar um chacoalhão se não começar a falar com coerência. Redmond teria vergonha de você. O que aconteceu?

– Você não vai acreditar... Não vai...

– Vou ligar para o tio Dave – disse Gilbert, fingindo que ia entrar na casa.

– Sente-se, Gilbert. Vou tentar contar. Recebi uma carta, e, ah, Gilbert, é tão maravilhoso, tão incrivelmente maravilhoso! Nenhum de nós jamais sonhou...

– Pelo visto – disse Gilbert, sentando-se com um ar resignado –, a única coisa a ser feita nesse caso é ter paciência e abordar o assunto categoricamente. De quem é a carta?

– Da Leslie, e... Ah, Gilbert...

– Ah, Leslie! E o que ela diz? Alguma notícia do Dick?

Anne ergueu a carta e a exibiu, com uma calma dramática.

– Não *existe* nenhum Dick! O homem que pensávamos que era Dick Moore, que todo mundo em Four Winds acreditou por doze anos ser Dick Moore, é na verdade o primo dele, George Moore, da Nova Escócia, que aparentemente sempre se pareceu muito com ele. Dick Moore morreu de febre amarela treze anos atrás em Cuba.



A SENHORITA CORNELIA DISCUTE O ASSUNTO

– Quer dizer então, querida Anne, que Dick Moore não é o Dick Moore, e sim outra pessoa? Foi *isso* que você me disse por telefone?

– Sim, senhorita Cornelia. É muito surpreendente, não acha?

– É... É... Típico de um homem – disse, desamparada. Ela tirou o chapéu com os dedos trêmulos. Pela primeira vez na vida, a senhorita Cornelia estava inegavelmente perplexa. – Parece não fazer sentido. Acabei de ouvir suas palavras, e eu acredito nelas, mas não consigo absorvê-las. Dick Moore está morto, e esteve morto todos esses anos, e Leslie está livre?

– Sim. A verdade a libertou. Gilbert estava certo quando disse que aquele era o verso mais importante da Bíblia.

– Conte-me tudo, querida Anne. Estou abalada desde que recebi seu telefonema, acredite em mim. Cornelia Bryant nunca esteve tão impressionada antes!

– Não há muito que contar. A carta de Leslie foi curta; ela não entrou em detalhes. O tal do George Moore recobrou a memória e sabe quem é. Ele disse que Dick pegou febre amarela em Cuba, e o *Four Sisters* precisou continuar sem ele. George ficou para trás para cuidar do primo. Só que ele morreu pouco tempo depois. George não escreveu para Leslie porque pretendia vir contar pessoalmente.

– E por que não veio?

– Suponho que por causa do acidente. Gilbert diz que provavelmente George Moore não se lembra de nada do que aconteceu, ou o que o causou, e talvez nunca lembre. Provavelmente aconteceu logo após a morte de Dick.

Descobriremos mais quando Leslie escrever novamente.

– Ela disse o que pretende fazer? Quando voltará para casa?

– Leslie disse que ficará com George Moore até ele ter condições de deixar o hospital. Ela escreveu para a família dele na Nova Escócia. Ao que

parece, o único parente conhecido é uma irmã casada, muito mais velha do que ele. Ela ainda era viva quando George zarpou no *Four Sisters*, mas não sabemos o que pode ter acontecido desde então. Você chegou a conhecer o

George Moore, senhorita Cornelia?

– Sim. Agora estou me lembrando. Ele veio visitar o tio Abner dezoito anos atrás, quando Dick tinha por volta de 17 anos. Eram primos duplos, sabe. Os pais deles eram irmãos, e as mães irmãs gêmeas, e eram terrivelmente parecidos. É claro que não era uma daquelas semelhanças absurdas que vemos nos livros – acrescentou a senhorita Cornelia com desdenho –, em que duas pessoas são tão idênticas que podem trocar de lugar sem os seus entes queridos e mais próximos notarem. Naquela época, era muito fácil dizer quem era o George e quem era o Dick, se fossem vistos juntos. Já a alguma distância, não era tão fácil assim. Aqueles dois arteiros pregavam muitas peças nas pessoas e se divertiam com isso. George Moore era um pouco mais alto e mais cheinho do que Dick, embora nenhum dos dois pudesse ser chamado de gordo. Dick era mais moreno do que George e também tinha cabelos mais claros. Mas seus traços eram muito semelhantes, e ambos tinham aqueles olhos esquisitos: um era azul, e o outro castanho. Fora isso, não eram tão parecidos assim. George era um bom sujeito, ainda que fosse um malandro, e alguns diziam que já naquele tempo era chegado a uma bebida; e todos gostavam mais dele do que de Dick. Ele passou cerca de um mês aqui. Leslie nunca o conheceu; tinha apenas 8 anos então, e agora me lembro de que passou aquele inverno do outro lado do porto, na casa da avó, a senhora West. O capitão Jim também não estava por aqui; aquele foi o inverno em que ele naufragou na Ilha da Madalena. Acho que nenhum dos dois ouviu falar do primo de Dick da Nova Escócia que se parecia tanto com ele. E ninguém pensou nele quando o capitão trouxe o Dick... Ou melhor, o George... Para casa. É claro, todos acharam que ele havia mudado consideravelmente, pois estava mais encorpado. Achamos que fosse culpa do que tinha acontecido com ele e, como já disse, George tampouco era gordo. Não havia como termos descoberto, pois o sujeito já tinha perdido as faculdades mentais. No entanto, é algo impressionante. E Leslie sacrificou os melhores anos da vida dela para cuidar de um homem que não tinha nenhum direito sobre ela! Ah, malditos sejam os homens! Não importa o que façam, pois farão sempre errado. E não importa quem sejam, pois nunca são quem realmente deveriam ser. Eles me deixam exasperada.

– Gilbert e o capitão Jim são homens, e graças a eles a verdade foi finalmente descoberta – disse Anne.

– Bem, devo admitir isso – concedeu a senhorita Cornelia relutantemente.
– Sinto muito ter ralhado tanto com o doutor. É a primeira vez na vida que sinto vergonha de algo dito a um homem. Mas não sei se eu deveria contar a ele. Acho que o doutor terá de simplesmente imaginar. Bem, querida Anne, foi uma bênção Deus não ter atendido nossas preces. Rezei muito para que a operação não curasse o Dick. Claro, não pedi isso de forma tão explícita; porém, era o que estava no fundo da minha mente, e não tenho dúvidas de que o Senhor sabe disso.

– Bem, ele atendeu o espírito das suas preces. Você desejou com afínco para as coisas não se tornarem ainda mais difíceis para Leslie. Receio que, secretamente, eu também desejei que a operação não fosse bem-sucedida e estou tremendamente envergonhada.

– Como você acha que Leslie recebeu a notícia?

– Pela forma como escreveu, parece estar atordoada. Acho que, assim como nós, ela ainda não tomou plena consciência. “Tudo parece um sonho estranho para mim, Anne.” Foi a única coisa que disse sobre si mesma.

– Pobre criança! Suponho que, quando um prisioneiro é finalmente liberto de suas amarras, ele se sente perdido sem elas por um tempo. Anne, querida, há um pensamento que não me deixa em paz. E o Owen Ford? Nós duas sabemos que Leslie gostava dele. Já lhe ocorreu que talvez ele gostasse dela?

– Sim... Ocorreu-me... – admitiu, pois até aí não havia nada demais.

– Bem, eu não tinha nenhum motivo para pensar assim, mas acho que ele *deveria* gostar dela. Anne, Deus sabe, não sou uma casamenteira e desprezo esse tipo de coisa. Mas, se eu fosse você e estivesse escrevendo para Owen, eu mencionaria casualmente o que aconteceu. É o que eu faria.

– Claro, mencionarei isso na próxima carta – disse Anne, um tanto distante. Por algum motivo, ela não podia discutir aquele assunto com a senhorita Cornelia. Ainda assim, Anne tinha de admitir que a mesma ideia vinha espreitando em sua mente desde quando se inteirara da liberdade de Leslie. Só que ela não queria profaná-la, colocando-a em palavras.

– É claro que não há pressa, querida. Mas Dick Moore morreu há treze anos, e Leslie já perdeu muito tempo de vida por causa dele. Vamos ver o que acontecerá. Quanto a George Moore, que voltou à vida quando todos achavam que já havia partido dessa para uma melhor, sinto muito por ele. Creio que não haja mais lugar para ele aqui.

– Ele ainda é jovem e, se conseguir se recuperar completamente, como é provável, poderá ter um lugar no mundo novamente. Deve ser muito estranho para ele, coitado. Suponho que todos esses anos após o acidente nunca existiram para ele.



O RETORNO DE LESLIE

Quinze dias depois, Leslie Moore retornou para a casa onde passara tantos anos amargurados. Sob o crepúsculo de junho ela atravessou os campos e foi até a casa de Anne, onde apareceu tão repentinamente quanto um fantasma no jardim perfumado.

– Leslie! – exclamou Anne, espantada. – De onde você surgiu? Não sabíamos que havia voltado. Por que não nos escreveu? Nós teríamos recebido você na estação.

– Não consegui escrever, Anne. Pareceu-me tão fútil tentar dizer algo com pena e tinta. E eu queria voltar sem fazer alarde, discretamente.

Anne abraçou Leslie e a beijou. Leslie retribuiu o beijo com afeição. Parecia pálida e cansada, e arfou ao sentar-se na grama ao lado de um canteiro de narcisos que se destacavam sob a luz suave e prateada do poente como estrelas douradas.

– E você voltou sozinha, Leslie?

– Sim. A irmã de George Moore veio para Montreal e o levou para a casa dela. O coitadinho ficou triste por se separar de mim, mesmo eu tendo me tornado uma desconhecida para ele quando a memória retornou. Ele se apegou a mim naqueles primeiros dias difíceis, tentando compreender que o Dick não havia morrido no dia anterior, como lhe parecia. Foi muito duro para ele. Eu o ajudei do jeito que pude. As coisas ficaram mais fáceis quando a irmã dele chegou, pois ele tinha a impressão de tê-la visto a poucos dias. Por sorte ela não mudara muito, e isso também ajudou.

– É tudo tão estranho e fantástico, Leslie. Acho que nenhum de nós ainda se deu conta disso.

– Eu ainda não. Quando entrei em casa novamente, uma hora atrás, senti que tudo fora um sonho; que Dick ainda estava lá, com aquele sorriso infantil, como esteve por tanto tempo. Anne, ainda estou abalada. Não me sinto contente nem triste; não sinto *nada*. É como se algo tivesse sido

arrancado da minha vida, deixando um buraco imenso. Não me sinto eu mesma... Parece que me transformei em outra pessoa e ainda não me acostumei. É uma sensação atordoante e horrível, de solidão e desamparo. É bom ver você de novo; é como se você fosse uma âncora para a minha alma à deriva. Ah, Anne, estou com medo do que virá: as fofocas, o assombro e os questionamentos. Quando penso em tudo isso, tenho vontade de nunca ter voltado para cá. O doutor Dave estava na estação quando desci do trem e me trouxe para casa. O coitado está se sentindo muito mal por ter me dito anos atrás que o Dick não tinha salvação. “Honestamente, era o que eu pensava, Leslie”, disse ele. “Contudo, deveria ter dito para não confiar somente na minha opinião; deveria ter dito para que consultasse um especialista. Você teria sido poupada de muitos anos de dificuldades, e o pobre George Moore de muitos anos desperdiçados. Eu me culpo muito, Leslie.” Eu disse para que não se sentisse assim, pois havia feito o que era certo. Ele sempre foi tão gentil comigo; não poderia permitir que se preocupasse tanto.

– E o Dick... O George, quero dizer? A memória dele foi totalmente restaurada?

– Pode-se dizer que sim. Evidentemente, há muitos detalhes aos quais ainda não consegue se lembrar, mas a cada dia que passa está se recordando mais. Ele deu um passeio na tarde posterior ao enterro de Dick. Carregava consigo o dinheiro e o relógio de Dick, que pretendia me entregar quando viesse para cá, juntamente com uma carta. Ele confirmou que foi a um lugar frequentado por marinheiros... E nada mais. Anne, nunca vou me esquecer do momento em que se lembrou do próprio nome. Ele me encarou com uma expressão confusa, mas inteligente. Eu perguntei: “Você me reconhece, Dick?”. Ele respondeu: “Nunca a vi antes. Quem é você? E meu nome não é Dick. Sou George Moore, e o Dick morreu de febre amarela ontem! Onde estou? O que aconteceu comigo?”. Eu... Desmaiei, Anne. Desde então, venho sentindo que estou em um sonho.

– Logo você se ajustará ao novo estado das coisas, Leslie. E você é jovem, tem toda a vida pela frente e ainda terá pela frente muitos anos maravilhosos!

– Talvez eu consiga encarar as coisas dessa forma daqui uns tempos, Anne. Agora eu me sinto muito cansada e indiferente para pensar no futuro. Sinto-me... Anne, eu me sinto sozinha. Não é estranho? Sabe, eu me afeiçoei muito ao pobre Dick... George, eu deveria dizer... Da mesma forma que teria me afeiçoado a uma criança dependente de mim para tudo. Só que jamais

teria admitido isso, por vergonha. Sabe, eu odiava e desprezava muito o Dick antes de partir, e quando o capitão Jim me avisou que estava trazendo-o de volta, achei que iria voltar a sentir o mesmo. Mas não foi bem assim, embora eu continuasse a odiá-lo. Desde o instante em que voltou para casa, senti apenas dó... Um dó que me feria e me perturbava. Eu supus ser porque o acidente o deixara tão indefeso e diferente; agora sei que era porque havia uma personalidade diferente ali dentro. Carlo sabia, Anne. Eu sei que sabia. Sempre achei estranho o fato de Carlo não gostar mais do Dick; cães geralmente são tão leais. *Ele* sabia que aquele não era o dono dele, embora o resto de nós não soubesse. Eu nunca tinha visto George Moore, sabe? Agora me lembro de Dick ter comentado casual-mente sobre um primo da Nova Escócia que era praticamente o gêmeo dele; todavia isso escapou da minha memória, e de qualquer forma eu não teria dado importância a isso. Sabe, nunca me ocorreu questionar a identidade do Dick. Todas as mudanças nele me pareciam resultado do acidente.

– Ah, Anne – prosseguiu Leslie –, aquela noite em Abril quando Gilbert disse que o Dick poderia ser curado! Nunca vou me esquecer dela. Foi como se eu fosse prisioneira em uma câmara de tortura horrenda e uma porta tivesse sido aberta para que eu escapasse. Eu ainda estava acorrentada à câmara, ainda que não estivesse mais dentro dela. E naquela noite, eu senti como se uma força impiedosa estivesse me arrastando novamente para dentro, de volta para uma tortura ainda mais terrível do que antes. Não culpo o Gilbert. Sei que ele agiu corretamente. E foi muito atencioso comigo ao dizer que, em vista dos gastos e da incerteza da operação, se eu escolhesse não correr o risco, não iria me culpar de forma alguma. E eu sabia o que deveria decidir, e não conseguia encarar a verdade. Caminhei de um lado para o outro como uma louca, tentando juntar forças para encará-la. Eu não conseguia, Anne... Achei que não conseguiria... E quando o sol raiou, cerrei os dentes e decidi que *não* optaria pela operação. Que iria deixar as coisas como estavam. Foi muita crueldade, eu sei. Teria sido uma bela punição por tamanha mesquinhez se eu tivesse seguido em frente com essa decisão. Mantive-me firme durante o dia inteiro. Naquela tarde, eu tive de ir até Glen fazer algumas compras. O Dick estava em um de seus dias calmos, então eu o deixei sozinho. Fiquei fora mais tempo do que pretendia, e ele começou a sentir a minha falta. Sentiu-se solitário. Quando cheguei em casa, ele correu na minha direção como uma criança, com um sorriso de satisfação no rosto. Anne, por algum motivo, eu simplesmente cedi naquele momento. O sorriso

naquele rosto inexpressivo foi demais para mim. Senti como se estivesse negando a uma criança a chance de crescer e evoluir. Eu sabia que tinha de lhe dar uma chance, independentemente das consequências. Então, vim até aqui e falei com Gilbert. Ah, Anne, você deve ter me achado insuportável nas semanas antes da minha partida. Não foi a minha intenção... Eu só não conseguia pensar em nada além do que tinha de fazer; tudo e todos ao meu redor eram como sombras.

– Eu entendi, Leslie. E agora tudo terminou. A corrente foi quebrada, e não há mais nenhuma câmara.

– Não há mais nenhuma câmara – repetiu Leslie, absorta, arrancando folhas da grama com os dedos longos e bronzeados. – Me parece que não há mais nada, Anne. Você... Você se lembra da loucura que eu te contei, naquela noite nas dunas de areia? Pelo visto, não dá para deixar de ser uma tola da noite para o dia. Às vezes, acho que algumas pessoas são tolas para sempre. E ser uma tola desse tipo é quase como ser um cachorro preso a uma corrente.

– Você vai se sentir muito diferente depois que esse cansaço e essa confusão passarem – disse Anne, que, ciente de uma coisa que Leslie não sabia, não se sentiu obrigada a sentir muita compaixão. Leslie deitou-se com os esplêndidos cabelos dourados sobre os joelhos de Anne.

– De qualquer forma, eu tenho *você*. A vida não será vazia com uma amiga como você. Anne, afague a minha cabeça, como se eu fosse uma garotinha... Como se *você* fosse minha mãe... E deixe-me dizer, agora que a minha língua teimosa está um pouco solta, o quanto você e a sua amizade significam para mim desde a noite em que te encontrei na praia rochosa.



O BARCO DOS SONHOS CHEGA AO PORTO

Em uma manhã, quando o nascer do sol emanava ondas douradas sob o golfo, uma cegonha cansada sobrevoou a barreira das dunas de areia do porto de Four Winds enquanto regressava da Terra das Estrelas Vespertinas. Ela carregava sob as asas uma criaturinha dorminhoca e de olhos curiosos. A ave exausta olhou ao redor com ansiedade. Sabia que estava perto do destino, mas ainda não conseguia vê-lo. O imponente farol branco sob o penhasco de arenito vermelho tinha um bom aspecto, só que nenhuma cegonha em sã consciência deixaria um recém-nascido ali. Uma velha casa acinzentada rodeada de salgueiros, em meio a um vale florido cortado por um riacho, parecia mais promissora, entretanto não era o lugar mais adequado. A morada verde logo adiante estava indubitavelmente fora de questão. Logo a cegonha animou-se ao avistar o local exato, uma casinha branca aninhada em um bosque vistoso e farfalhante, com uma espiral de fumaça azul saindo da chaminé, uma casa que parecia destinada a receber bebês. A ave suspirou aliviada e pousou suavemente no telhado.

Meia hora depois, Gilbert correu pelo corredor e bateu na porta do quarto de visitas. Uma voz sonolenta respondeu e, após alguns instantes, o rosto pálido e assustado de Marilla espiou pela fresta da porta.

– Marilla, Anne me pediu para avisar que um certo jovem cavalheiro chegou. Não trouxe muita bagagem, mas evidentemente pretende ficar.

– Pelo amor de Deus! – disse Marilla, atônita. – Não me diga que tudo já acabou, Gilbert. Por que não me chamou?

– Anne não queria te importunar sem necessidade. Ninguém foi chamado até duas horas atrás. Não houve nenhum risco dessa vez.

– E... E... Gilbert... O bebê está vivo?

– Certamente. Ele pesa quatro quilos e meio e... Ora, escute só. Ele não parece ter nenhum problema nos pulmões, não acha? A enfermeira disse que

o cabelo dele será ruivo. Anne ficou furiosa, e eu morri de rir.

Foi um dia maravilhoso na casinha dos sonhos.

– O maior dos sonhos tornou-se realidade – disse Anne, lívida e extasiada.

– Ah, Marilla, mal posso acreditar, depois daquele dia horrível no último verão. Meu coração foi partido naquela ocasião e agora está curado.

– Este bebê ocupará o lugar de Joy – disse Marilla.

– Ah, não, não, *não*, Marilla. Ninguém jamais conseguiria. Meu querido homenzinho tem um lugar só dele, e a pequena Joy tem e sempre terá o dela.

Se estivesse viva, ela teria um ano de idade agora. Ela estaria tropeçando por aí nos pezinhos, balbuciando palavras. Posso enxergá-la claramente, Marilla. Ah, agora sei que o capitão Jim estava certo ao dizer que Deus não permitiria que minha filha se tornasse uma estranha quando a encontrasse no além. Aprendi isso no ano passado. Eu acompanhei o desenvolvimento dela dia após dia, semana após semana, e sempre acompanharei. Eu saberei como ela está todos os anos, e, quando nos reencontrarmos, ela não será uma desconhecida. Ah, Marilla, veja esses adoráveis dedinhos do pé! Não é estranho que sejam tão perfeitos?

– Seria estranho se não fossem – disse Marilla, taxativa. Agora que tudo estava terminado, voltara a ser ela mesma.

– Ah, eu sei. É como se não devessem estar totalmente formados, entende? Mas estão, até mesmo as unhas minúsculas. E as mãos... Veja essas mãozinhas, Marilla.

– Elas parecem mãos – admitiu Marilla.

– Veja como se agarram ao meu dedo. Tenho certeza de que ele já me conhece. Ele chora quando a enfermeira o tira de perto de mim. Ah, Marilla, você acha... Você acha mesmo... Que os cabelos dele ficarão vermelhos?

– Não estou vendo muito cabelo, de qualquer cor – disse Marilla. – E eu não me preocuparia com isso até que se tornasse algo visível, se fosse você.

– Marilla, ele *tem* cabelo, repare na pelugem macia sobre a cabeça dele. De qualquer forma, a enfermeira disse que os olhos dele serão acastanhados e que a testa será idêntica à de Gilbert.

– E ele tem orelhinhas primorosas, querida senhora – disse Susan. – Foi a primeira coisa que percebi. Os cabelos podem ser traiçoeiros e os olhos e o nariz mudam com o tempo, não dá para saber como vão ficar, mas as orelhas são as mesmas do começo ao fim, você sempre sabe o que esperar. Vejam só o formato delas; e estão bem rentes à cabecinha preciosa dele. A senhora do doutor nunca terá vergonha delas.

A recuperação de Anne foi rápida e tranquila. As pessoas a visitaram para admirar o menino, da mesma forma que a humanidade adora os recém-nascidos desde bem antes dos Três Reis Magos terem se curvado em homenagem ao Menino Jesus diante da manjedoura em Belém. Leslie, que lentamente se redescobria na nova vida, rodeava-o como uma linda madona de cabelos dourados. A senhorita Cornelia cuidava dele tão habilmente quanto qualquer mãe em Israel. O capitão Jim o tomou nas grandes mãos morenas e o contemplou com ternura, com olhos que viam o filho que nunca tivera.

– Como vai se chamar? – perguntou a senhorita Cornelia.

– Anne escolheu o nome dele – respondeu Gilbert.

– James Matthew, em homenagem aos maiores cavalheiros que já conheci, o que inclui você – disse Anne, lançando um olhar bem--humorado para o marido.

Gilbert sorriu.

– Não cheguei a conhecer Matthew de verdade; ele era tão tímido que nós, garotos, nunca conseguimos nos aproximar dele. Mas concordo que o capitão Jim é uma das almas mais raras e admiráveis de Deus. Ele ficou muito emocionado por termos dado ao nosso rapazinho o nome dele. É como se nunca tivesse conhecido um xará.

– Bem, James Matthew é um nome que perdurará, que não será desgastado pelo tempo – disse a senhorita Cornelia. – Fico feliz por não o ter batizado com algum nome afetado e romântico do qual ele terá vergonha quando se tornar avô. A filha da senhora William Drew, que mora em Glen, chama-se Bertie Shakespeare. Uma combinação e tanto, não? E fico contente por não ter tido muita dificuldade em escolhê-lo. Algumas pessoas não têm tanta sorte. Quando o primeiro menino do Stanley Flagg nasceu, houve tanta discussão sobre o nome de quem ele receberia, que o pobrezinho levou dois anos para ser batizado. Só que aí ele ganhou um irmãozinho, e a família ficou com o “Bebê Maior” e o “Bebê Menor”. Por fim, chamaram o bebê maior de Peter, e o menor de Isaac, em homenagem aos avôs, e foram batizados juntos. E os irmãos tentaram competir para ver quem chorava mais alto. Conhece aquela família escocesa que mora em Glen, os MacNab? Eles têm doze filhos, e o mais velho e o mais novo se chamam Neil: Neil Grande e Neil Pequeno, na mesma família. Bem, acho que ficaram sem ideias para nomes.

– Li em algum lugar – disse Anne, rindo –, que o primeiro filho é um poema, e o décimo uma prosa comum. Talvez a senhora MacNab tenha achado que o décimo segundo não passava de uma história repetida.

– Bem, famílias grandes têm as suas vantagens – disse a senhora Cornelia, com um suspiro. – Fui filha única durante oito anos, e tudo que eu queria era um irmão ou uma irmã. Mamãe disse para eu pedir por um em minhas preces, e foi o que eu fiz, acredite em mim! Bem, um dia a tia Nellie veio e disse: “Cornelia, tem um irmãozinho para você lá no quarto da sua mãe. Pode ir lá em cima para conhecê-lo”. Fiquei tão animada e feliz que subi correndo as escadas. E a velha senhora Flagg ergueu o bebê para que eu o visse. Deus, nunca fiquei tão desapontada na minha vida, querida Anne. Eu tinha rezado por um *irmão dois anos mais velho que eu*.

– Quanto tempo levou para superar a decepção? – perguntou Anne, em meio às risadas.

– Bem, fiquei brava com a Providência por um bom tempo, e passei semanas sem nem olhar para o neném. Ninguém sabia o motivo, já que eu não tinha contado para ninguém. Então ele começou a ficar fofo, a estender as mãozinhas para mim, e eu me afeiçoei a ele. Mas eu só passei a gostar mesmo dele no dia em que uma colega de escola foi em casa e disse que ele era pequeno demais para a idade dele. Fiquei furiosa e disse que ela não sabia o que era um bebê bonito de verdade, pois o nosso era o mais lindo do mundo. Depois desse dia, eu simplesmente o venerei. A mamãe morreu quando ele tinha três anos, e eu virei a irmã e a mãe dele. Coitadinho, nunca teve uma saúde boa, e morreu aos vinte e poucos anos. Eu teria feito qualquer coisa, querida Anne, para que tivesse continuado vivo.

A senhorita Cornelia suspirou. Gilbert estava no andar de baixo; Leslie, que cantava para o pequeno James Matthew junto à janela, colocou-o no berço quando adormeceu e foi embora. A senhorita Cornelia esperou até que ela estivesse longe o bastante para inclinar-se e sussurrar, em tom conspiratório:

– Anne, querida, recebi uma carta do Owen Ford ontem. Ele está em Vancouver e quer saber se eu posso hospedá-lo por um mês. Você sabe o que isso significa.

– Não temos nada a ver com isso, e também poderíamos impedi-lo de vir para Four Winds – apressou-se Anne em dizer. Ela não gostava de como aqueles sussurros da senhorita Cornelia lhe davam a sensação de ser uma casamenteira; no entanto, acabou sucumbindo.

– Leslie não pode saber até que ele esteja aqui. Se descobrir, estou certa de que irá embora de vez. Ela me contou nesses dias que pretende fazer isso no outono, de qualquer forma; vai para Montreal para estudar enfermagem e ver o que pode fazer da vida dela.

– Bem, querida Anne – disse a senhorita Cornelia, assentindo com ares de sabedoria –, o que tiver de ser, será. Nós duas fizemos a nossa parte e devemos deixar o restante nas mãos d’Ele.



POLÍTICA EM FOUR WINDS

Quando Anne voltou a descer as escadas, a Ilha, assim como o resto do Canadá, estava em alvoroço com a campanha para as eleições gerais. Gilbert, que era um ardente conservador, encontrou-se preso em um vórtice, sendo muito requisitado para fazer discursos em diversos comícios. A senhorita Cornelia não aprovava que ele se envolvesse nesses assuntos, e disse isso a Anne.

– O doutor Dave nunca fez isso. O doutor Blythe descobrirá que está cometendo um erro, acredite em mim. Nenhum homem decente deveria se meter na política.

– O governo do país deveria ficar somente no poder dos velhacos, então? – ponderou Anne.

– Contanto que sejam velhacos conservadores, sim – disse a senhorita Cornelia, avançando com as honras da guerra. – Os homens e os políticos são farinha do mesmo saco. Os liberais só estão cobertos por uma camada *consideravelmente* mais espessa do que a dos conservadores. Liberal ou não, meu conselho para o doutor Blythe é se manter longe da política. Quando menos se espera, ele se candidatará e passará metade do ano em Ottawa, deixando a clínica às moscas.

– Ah, bem, não nos precipitemos – disse Anne. – Isso não vai nos levar a lugar algum. Em vez disso, vamos pensar no pequeno Jem. O nome dele deve ser escrito com G. Não é perfeito? Veja as covinhas nos cotovelos dele.

Nós o educaremos para que seja um bom conservador, você e eu, senhorita Cornelia.

– Para que seja um bom homem. São raros e valiosos; todavia, não gostaria que ele se tornasse um liberal. Quanto às eleições, você e eu deveríamos agradecer por não morarmos do outro lado do porto. O ar está tomado pela tensão. Todos os Elliott, Crawford e MacAllister estão em pé de guerra e preparados para a batalha. Este lado continua calmo e pacífico, já

que tem poucos homens. Não há dúvidas de que os conservadores ganharão de novo por grande maioria dos votos.

A senhorita Cornelia estava errada. Na manhã após as eleições, o capitão Jim passou na casinha para contar as novidades. Tão virulento era o micróbio da política partidária, que até um pacífico senhor de idade como o capitão estava com as bochechas coradas e os olhos brilhantes como os de um rapaz.

– Senhora Blythe, os liberais ganharam com uma maioria esmagadora. Após dezoito anos sob a má administração dos conservadores, este país oprimido finalmente terá uma chance.

– É a primeira vez que ouço o senhor fazer um discurso tão incendiado, capitão. Não imaginava que tinha tanto rancor político – riu Anne, que não tinha ficado muito animada com o resultado. O pequeno Jem tinha dito “dá-dá” naquela manhã. O que eram principados e poderes, a ascensão e a queda de dinastias, a vitória dos liberais, comparados àquele milagre?

– Isso vem de muito tempo – disse o capitão Jim, com um sorriso reprovador. – Eu me achava um liberal moderado, mas, quando chegou a notícia de que ganhamos, percebi o quão liberal realmente sou.

– O senhor sabe que o doutor e eu somos conservadores.

– Ah, bem, é o único defeito em vocês, senhora Blythe. A senhorita Cornelia também é conservadora. Eu passei na casa dela antes de vir aqui.

– Você sabia que estava arriscando a vida?

– Sim, mas não resisti à tentação.

– Como ela reagiu?

– Com calma até, senhora Blythe, com calma. Disse: “Bem, a providência castiga países com períodos de humilhação, assim como faz com as pessoas. Vocês, liberais, passaram frio e fome por muitos anos. Aqueçam-se e se alimentem o quanto antes, pois não durarão muito tempo no poder”. Eu disse: “Ora, Cornelia, talvez a providência ache que o Canadá precisa de um longo período de humilhação”. Ah, Susan, você ficou sabendo? Os liberais ganharam as eleições.

Susan tinha acabado de vir da cozinha, junto com um aroma de pratos deliciosos que parecia sempre acompanhá-la.

– É mesmo? – disse, com uma linda indiferença. – Bem, o meu pão leva o mesmo tempo para crescer com os conservadores no poder ou não. E o partido que fizer chover antes do fim da semana, querida senhora, para salvar a nossa horta da ruína, será o partido em que a Susan votará. Agora,

poderia vir aqui e me dar a sua opinião sobre a carne para o jantar? Receio que esteja muito dura e acho melhor trocarmos de açougueiro, além do governo.

Uma semana depois, Anne foi até o farol para ver se o capitão Jim tinha algum peixe fresco, separando-se do pequeno Jem pela primeira vez. Era uma tragédia. E se ele chorasse? E se Susan não soubesse exatamente o que ele queria? Susan estava calma e tranquila.

– Tenho tanta experiência com ele quanto você, querida senhora, não tenho?

– Sim, com ele; não com outros bebês. Eu já cuidei de três pares de gêmeos quando era criança, Susan. Quando choravam, eu lhes dava óleo de menta ou rícino sem me preocupar. É curioso me lembrar de como eu lidava com facilidade com aquelas crianças e suas birras.

– Bem, se o pequeno Jem chorar, colocarei uma bolsa de água quente sobre a barriguinha dele.

– Não muito quente – disse Anne, afoita. – Ah, será que eu deveria ir mesmo?

– Não se preocupe, querida senhora. Susan não é mulher de queimar um bebezinho. Bendito seja, não chora nunca.

Anne finalmente saiu de casa e desfrutou do passeio até o farol, sob as longas sombras do entardecer. O capitão Jim não estava na sala, mas outro homem estava: um homem de meia-idade charmoso, com um queixo proeminente e barbeado, que Anne desconhecia. Não obstante, assim que ela se sentou, ele começou a falar com a segurança de um velho conhecido. Não havia nada de impróprio na maneira ou no que dizia, contudo Anne não gostou daquela intimidade em um completo desconhecido. Suas respostas foram frias; o mínimo exigido pelos bons modos. Sem incomodar-se, ele continuou por vários minutos e então desculpou-se e foi embora. Anne podia jurar que havia um brilho peculiar nos olhos dele, que a incomodou. Quem era aquela pessoa? Havia algo vagamente familiar nele, apesar de Anne não ter dúvidas de que nunca o tinha visto antes.

– Quem era aquele sujeito que acabou de sair? – perguntou Anne, quando o capitão Jim chegou.

– Marshall Elliott.

– Marshall Elliott! Ah, capitão... não era... sim, *era* a voz dele! Ah, eu não sabia quem era e fui muito seca com ele! Por que não me contou? Ele deve ter reparado que eu não o reconheci.

– Ele não disse nada para não estragar a piada. Não se preocupe com isso, ele deve ter achado graça da situação. Sim, o Marshall cortou a barba e os cabelos. O partido dele enfim venceu. Também não o reconheci de início. Ele estava na loja de Carter Flagg em Glen, na noite após o dia da eleição, junto com uma multidão que aguardava o resultado. Por volta da meia-noite o telefone tocou: os liberais haviam ganhado. Marshall simplesmente levantou-se e saiu, sem celebrar ou gritar; deixou isso a cargo dos outros, que quase derrubaram a loja do Carter. Obviamente, todos os conservadores estavam na loja de Raymond Russell. Não houve muito barulho por lá. Marshall desceu a rua em direção à barbearia do Augustus Palmer. Augustus estava dormindo, mas ele bateu na porta até o barbeiro levantar da cama e descer para ver o que diabos estava acontecendo.

“Abra seu estabelecimento e faça o melhor trabalho da sua vida, Gus”, disse Marshall. “Os conservadores estão fora do poder, e você vai atender um bom liberal antes do nascer do sol.”

– O Gus ficou enfurecido, em parte por ter sido tirado da cama, mas principalmente por ser um conservador. Havia jurado que não atenderia nenhum homem depois da meia-noite.

“Você vai fazer o que eu quiser, filho”, disse Marshall, “ou então vai levar umas palmadas no traseiro que a sua mãe se esqueceu de te dar”.

– O Gus sabia que ele era capaz de fazer isso, pois o Marshall era forte como um touro, e o Gus um fracote. Assim, ele cedeu e abriu a barbearia. “Eu vou te atender, mas, se você disser uma palavra sobre os liberais enquanto eu estiver trabalhando, cortarei a sua garganta com a navalha”, ameaçou. Quem diria que o pequeno Gus é capaz de ser tão sanguinário! Isso mostra o que um partido político pode fazer com um homem. Marshall ficou de boca fechada, e foi embora assim que se livrou do cabelo e da barba. Quando a velha empregada dele ouviu o barulho de passos na escada, espiou pela porta do quarto para ver se era ele ou o garoto contratado para trabalhar na casa. Ao deparar-se com um estranho no corredor com uma vela, ela deu um grito e desmaiou. Tiveram de chamar um médico para reanimá-la, e vários dias se passaram até que conseguisse olhar para Marshall sem começar a tremer.

O capitão Jim não tinha peixe. Ele raramente saía com o barco durante o verão e havia encerrado suas longas expedições há muito tempo. Ele passava boa parte do tempo sentado diante da janela, observando o golfo, com a cabeça cada vez mais branca apoiada em uma das mãos. Ficou sentado ali

naquela noite durante vários minutos, travando uma batalha com o passado que Anne não se atreveria a perturbar. Em seguida, apontou para o arco-íris no oeste.

– É lindo, não acha, senhora Blythe? Gostaria que tivesse visto o nascer do sol nesta manhã. Foi simplesmente maravilhoso. Já vi todos os tipos de amanhecer nesse golfo. Eu viajei pelo mundo todo e posso afirmar que nunca vi uma cena mais deslumbrante do que a alvorada nesta costa no verão. Um homem não pode escolher a hora de partir, senhora Blythe, ele parte quando o Grande Capitão dá as ordens. Se fosse possível, eu escolheria zarpar quando a aurora chega ao porto. Já a assisti muitas vezes, imaginando como seria atravessar essa grande glória branca em direção ao que quer que nos aguarde no além, em mares ainda desconhecidos por mapas terrenos. Acho que encontrarei a Margaret desaparecida lá.

O capitão Jim falava frequentemente com Anne sobre a Margaret desaparecida desde que contara a respeito dela. O amor dele por Margaret era evidente em cada palavra, um amor que jamais desbotou ou foi esquecido pelo tempo.

– De qualquer forma, quando a minha hora chegar, quero que seja rápido e tranquilo. Não pense que sou um covarde, senhora Blythe; já fiquei cara a cara com uma morte horrível mais de uma vez sem empalidecer. Entretanto, a ideia de uma morte lenta me enche de um horror doentio.

– Não fale em nos deixar, meu *querido* capitão – implorou Anne, com a voz embargada, afagando a mão velha e morena do capitão que já fora muito forte, mas que agora era frágil. – O que faríamos sem você?

O capitão Jim abriu um belo sorriso.

– Ah, vocês se virariam bem, muito bem, e creio que não se esqueceriam desse velho aqui, senhora Blythe; não, acho que vocês jamais se esquecerão dele. O povo que conhece José nunca se esquece de seus semelhantes. Será uma recordação que não machucará. Gosto de pensar que a minha lembrança sempre será agradável para os meus amigos; eu espero e acredito nisso. Não falta muito para a Margaret desaparecida me chamar, pela última vez. Estarei preparado para atendê-la. Só estou entrando nesse assunto porque gostaria de lhe pedir um pequeno favor. Aqui está o meu velho Segundo Oficial... – O capitão Jim estendeu a mão e acariciou a grande bola dourada, quentinha e aveludada que dormia no sofá. O gato se desenrolou como uma mola, fazendo um som gostoso e rouco, uma mistura de ronronar e miado, esticou as patas no ar, virou para o outro lado e voltou a se enrolar. – *Ele* vai sentir a

minha falta quando eu partir. Não suporto a ideia de abandoná-lo aqui passando fome, como já foi abandonado antes. Se alguma coisa acontecer comigo, você dará a ele algo de comer e um cantinho para morar, senhora

Blythe?

– É claro que darei.

– É tudo que eu lhe peço. Eu já separei algumas coisas curiosas para dar para o pequeno Jem. E não quero ver lágrimas nesses olhos bonitos, senhora Blythe. Talvez eu ainda fique por aqui por um bom tempo. Ouvi você recitando uma poesia no inverno passado, um verso de Tennyson. Adoraria ouvi-la novamente, se não se importar.

Suave e claramente, enquanto a brisa marinha os embalava, Anne repetiu os lindos versos da maravilhosa obra derradeira de Tennyson, *Crossing the Bar*. O capitão marcou o ritmo gentilmente com a mão senil.

– Sim, sim – disse ele, quando ela terminou –, isso mesmo, isso mesmo. Se ele não foi marinheiro, como você me disse, então não sei como conseguiu colocar tão bem em palavras os sentimentos de um velho marujo.

Ele não queria a “tristeza das despedidas”, assim como eu também não quero, senhora Blythe, pois eu estarei muito bem além da barreira das dunas de areia.



BELEZA AO INVÉS DE CINZAS²⁸

– Alguma notícia de Green Gables, Anne?

– Nada de especial – respondeu ela, dobrando a carta de Marilla. – Jake Donnell esteve lá para consertar o telhado. Ele é um carpinteiro de pleno direito agora, o que me leva a crer que escolheu a profissão que queria. Você lembra que a mãe dele queria que ele fosse professor de faculdade? Nunca vou esquecer o dia em que ela foi à escola e ralhou comigo por não chamá-lo de St. Clair.

– Será que alguém o chama assim agora?

– É evidente que não, parece que ele conseguiu escapar dessa e até a mãe dele teve que se conformar. Sempre achei que um garoto com o queixo e a boca do Jake seria capaz de conseguir o que quisesse na vida. Diana me escreveu contando que Dora tem um namorado. Pense nisso, aquela criança!

– Dora tem 17 anos – disse Gilbert. – Charlie Sloane e eu éramos loucos por você aos 17, Anne.

– Gilbert, estamos mesmo envelhecendo – disse Anne, com um sorriso melancólico. – As crianças que tinham 6 anos quando nos achávamos adultos, já têm idade suficiente para terem namoricos. O de Dora é o Ralph Andrews, irmão de Jane. Eu me lembro dele como um garotinho gorducho e de cabelos claros, que era sempre o último da classe. Pelo que sei, agora ele é um jovem muito charmoso.

– Dora provavelmente se casará cedo. Ela é como a Charlotta IV e não perderá a primeira chance por medo de que seja a última.

– Bem, se ela se casar com Ralph, espero que ele seja mais confiante que o irmão, Billy – refletiu Anne.

– Vamos torcer para que ele consiga pedi-la em casamento por conta própria – disse Gilbert, rindo. – Anne, você teria se casado com o Billy se ele tivesse feito o pedido em pessoa, em vez de mandar Jane no lugar dele?

– Talvez. – Anne teve um acesso de riso ao recordar o primeiro pedido de casamento dela. – O choque do momento poderia ter me hipnotizado e levado a fazer alguma tolice. Sejam gratos por ele ter feito o pedido por intermédio de uma representante.

– Recebi uma carta de George Moore ontem – disse Leslie do canto onde estava lendo.

– Ah, e como ele está? – perguntou Anne com interesse, além de uma sensação irreal de estar falando de alguém que não conhecia.

– Ele está bem, mas está com dificuldades para se adaptar a todas as mudanças referentes ao antigo lar e aos amigos. Ele voltará para o mar na primavera, pois está em seu sangue, como George afirma, e ele anseia por isso. E ele me contou algo que me deixou muito contente por ele, coitado. Antes de zarpar no *Four Sisters*, ele estava noivo de uma garota e não me contou nada sobre ela em Montreal, pois supunha que ela já o tivesse esquecido e se casado com outra pessoa tempos atrás, enquanto que, para ele, o amor e o noivado dos dois ainda estavam vivos. Foi muito difícil para ele. Quando retornou para casa, porém, George descobriu que ela não havia se casado e que ainda gostava dele, então eles vão se casar neste outono. Vou pedir para que a traga para cá, porém ele diz que quer conhecer o lugar onde morou por tantos anos sem saber.

– Que lindo romance – disse Anne, cujo fascínio pelo romantismo era imortal. – E pensar que, se fosse por mim, George Moore jamais teria se levantado do túmulo na qual sua identidade fora enterrada – acrescentou, com um suspiro de autocensura. – Como eu briguei contra a sugestão de Gilbert! Bem, eis a minha punição: eu jamais poderei ter uma opinião diferente da de Gilbert novamente! Se eu tentar, ele jogará na minha cara o caso do George Moore!

– Como se isso pudesse conter uma mulher! – brincou Gilbert. – Só não se transforme em um eco meu, Anne, um pouco de oposição dá tempero à vida e não quero uma esposa como a de John MacAllister, que mora do outro lado do porto. Não importa o que ele fale, pois em seguida ela diz, com aquela vozinha fastidiosa e sem vida: “É verdade, meu querido John!”.

Anne e Leslie riram. A risada de Anne era prateada e a de Leslie dourada, e a combinação das duas era tão satisfatória quanto um acorde musical perfeito.

Susan, que chegou no final das risadas, fez eco com um suspiro ressoante.

– Susan, qual é o problema? – perguntou Gilbert.

– Tem alguma coisa errada com o pequeno Jem? – preocupou-se Anne, alarmada.

– Não. Acalme-se, querida senhora, mas aconteceu uma coisa. Meu Deus, essa semana foi péssima para mim. Eu arruinei o pão, como vocês sabem muito bem, queimei a camisa favorita do doutor e quebrei a grande travessa. Agora, além de tudo isso, fiquei sabendo que a minha irmã Matilda quebrou a perna e quer que eu passe uns tempos com ela.

– Ah, eu sinto muito... Sinto muito por sua irmã ter se acidentado, digo – exclamou Anne.

– Ah, enfim, a humanidade nasceu para sofrer, querida senhora. Parece algo saído da Bíblia, mas me disseram que foi um sujeito chamado Burns que escreveu. Não há dúvidas de que nós nascemos para enfrentar problemas, assim como as fagulhas voam com o vento. Quanto à Matilda, não sei o que fazer. Ninguém da nossa família nunca quebrou a perna. Ela é minha irmã e sinto que é meu dever cuidar dela, se puder me liberar por algumas semanas, querida senhora.

– É claro, Susan, é claro. Posso conseguir alguém para me ajudar enquanto você estiver fora.

– Eu não irei se você não conseguir, querida senhora, apesar da situação de Matilda. Não quero que você se preocupe e que, como consequência, aquela criança abençoada sofra, não importa quantas pernas estejam quebradas.

– Ah, você deve ir ajudar a sua irmã o quanto antes, Susan. Eu posso conseguir uma garota do vilarejo para me ajudar temporariamente.

– Anne, você aceitaria a minha ajuda durante a ausência de Susan? – exclamou Leslie. – Por favor! Eu adoraria e também seria um ato de caridade da sua parte. Sinto-me terrivelmente solitária naquele lugar imenso. Não há nada para se fazer e de noite não sinto apenas solidão, eu sinto medo, mesmo com as portas trancadas. Há dois dias, um vagabundo estava rondado a casa.

Anne concordou com alegria e no dia seguinte Leslie se instalou como convidada na casinha dos sonhos. A senhorita Cornelia aprovou calorosamente o combinado.

– Parece providencial – disse à Anne em segredo. – Sinto muito por Matilda Cow, mas o acidente dela não poderia ter acontecido em hora melhor. Leslie estará aqui quando Owen Ford vier para Four Winds e os velhos fofoqueiros de Glen não terão sobre o que falar, como teriam se ela

estivesse morando naquela casa sozinha e ele fosse visitá-la. Eles já estão alvoroçados, pois ela não ficou de luto. Eu disse a um deles: “Se acha que ela deveria ficar de luto por George Moore, esta foi a ressurreição dele, e não o funeral, na minha opinião; quanto ao Dick, confesso que não acho correto ficar de luto por um homem que faleceu treze anos atrás e que Deus o tenha!”. E quando Louisa Baldwin comentou que achava estranho Leslie não ter percebido que aquele não era o próprio marido, eu disse: “Você nunca suspeitou que aquele não era Dick Moore e vocês foram vizinhos de porta a vida inteira, além disso, por natureza, você é dez vezes mais desconfiada do que a Leslie”. Mas não se pode deter a língua das pessoas, querida Anne e me alegro muito por Leslie estar debaixo do seu teto enquanto Owen a corteja.

Owen Ford foi até a casinha em um fim de tarde de agosto, quando Leslie e Anne estavam absortas adorando o bebê. Ele parou na porta da sala de estar aberta, sem ser visto pelas duas e observou a linda cena com olhos ávidos. Leslie estava sentada no chão com o neném no colo, brincando com as mãozinhas gordas que ele agitava no ar.

– Oh, que garotinho mais precioso! – murmurou, cobrindo de beijos uma das mãos minúsculas.

– “Ti” lindeza da mamãe – cantarolou Anne, debruçada sobre o braço da cadeira. – “Ti” mãozinha “maisi” pequeninha do meu menininho!

Nos meses anteriores à chegada do pequeno Jem, Anne devorara vários livros de especialistas e havia depositado a sua fé em um em especial, *Sir Oráculo: os Cuidados e a Educação das Crianças*. O *sir* Oráculo implorava para que os pais, por tudo que fosse mais sagrado no mundo, nunca falassem “como crianças” com os filhos. Os pais devem falar com o idioma clássico com eles desde o nascimento, para que aprendam a falá-lo sem vícios desde os primeiros balbucios. O *sir* Oráculo perguntava: “Como pode uma mãe esperar que seu filho aprenda a falar da maneira correta, quando ela continuamente acostuma a massa cinzenta impressionável dele com distorções tão absurdas da nossa nobre língua, como as que as mães impudentes infligem diariamente às indefesas criaturas entregues aos seus cuidados? Uma criança que é constantemente chamada de ‘coisinha mais lindinha’ é capaz de desenvolver um conceito adequado de si mesmo, de suas possibilidades e do seu destino?”.

Anne ficou profundamente impressionada e informou Gilbert de que pretendia criar uma regra inflexível: jamais, sob hipótese alguma, falar

“como criança” com os filhos. Gilbert concordou e prometeram nunca fazer isso. Promessa que Anne violou sem nenhum pudor no primeiro instante em que o pequeno Jem foi colocado em seus braços. “Ah, que coisinha mais fofinha!”, exclamou ela. E continuou a chamá-lo assim desde então. Quando Gilbert a provocava, Anne ria do *sir* Oráculo.

– Ele nunca teve filhos, Gilbert. Estou certa disso, do contrário não teria escrito tanta bobagem. É simplesmente impossível não falar assim com um neném. É natural e não há nada de errado. Seria desumano falar com aquelas criaturinhas minúsculas e delicadas da mesma forma que nos dirigimos a meninos e meninas. Bebês precisam de todo o amor, mimos e gracinhas que puderem ter e com o pequeno Jem não vai ser diferente, que Deus abençoe o coraçãozinho dele.

– Mas você ultrapassa todos os limites, Anne – protestou Gilbert, que, sendo apenas um pai e não uma mãe, não estava totalmente convencido de que o *sir* Oráculo estava enganado. – Nunca ouvi nada parecido com a forma como você fala com essa criança.

– Provavelmente, não. Agora, não me venha com essa. Eu não cuidei dos três pares de gêmeos dos Hammond antes de ter 11 anos? Você e o *sir* Oráculo não passam de dois teóricos de sangue frio. Gilbert, olhe só para ele! Está sorrindo para mim, ele sabe do que estamos falando. E “vochê concoda co” a mamãe, não é, anjinho?

Gilbert o abraçou.

– Ah, vocês, mães! Só Deus sabe o que estava tramando quando fez vocês.

Assim, o pequeno Jem foi mimado e amado, e cresceu como uma verdadeira criança da casa dos sonhos e Leslie era tão coruja quanto Anne. Quando terminavam o serviço doméstico e Gilbert não estava por perto, elas se entregavam sem pudor ao prazer de adorar o menino, como na ocasião em que Owen Ford as surpreendeu.

Leslie foi a primeira a notá-lo. Mesmo sob a luz fraca do entardecer, Anne pôde ver a palidez que tomou conta do rosto lindo dela, destacando o vermelho dos lábios e das bochechas.

Owen aproximou-se, ansioso, momentaneamente incapaz de enxergar Anne.

– Leslie! – disse, estendendo a mão. Era a primeira vez que ele a chamava pelo nome. A mão de Leslie estava fria, porém, ficou muito quieta durante todo o tempo, enquanto Anne, Gilbert e Owen riam e conversavam. Antes

do fim da visita, ela pediu licença e subiu para o quarto. A alegria de Owen esvaneceu e ele foi embora logo em seguida, com um ar derrotado.

Gilbert olhou para Anne.

– O que está acontecendo? Você está tramando alguma coisa que eu ainda não compreendi. O ar desta noite estava carregado de eletricidade. A Leslie parecia a musa da tragédia, o Owen brincava e ria por fora, enquanto a observava com os olhos da alma. Você parecia prestes a explodir com uma animação suprimida. Confesse, que segredo você está ocultando do seu marido?

– Não seja bobo, Gilbert – foi a resposta da esposa dele. – Leslie agiu de maneira absurda e eu vou lá lhe dizer isso.

Anne encontrou Leslie junto à janela do quarto. O pequeno cômodo ressoava com o estrondo rítmico do mar. Leslie estava sentada com os dedos entrelaçados sob o luar nebuloso, uma presença bela e acusadora.

– Anne – disse ela, em um tom grave e reprovador –, você sabia que Owen Ford estava vindo para Four Winds?

– Sabia – disse Anne, sem rodeios.

– Ah, você deveria ter me contado, Anne – exclamou Leslie. – Se tivesse me contado, eu teria ido embora, não teria ficado aqui para vê-lo. Você deveria ter me contado. Não foi justo da sua parte, Anne... Ah, não foi justo!

Os lábios de Leslie estavam tremendo e seu corpo inteiro parecia tenso. Contudo, Anne riu sem culpa, ela inclinou-se e beijou o rosto emburrado da amiga.

– Leslie, você é uma pateta adorável. Owen Ford não veio correndo do Pacífico até o Atlântico por um desejo ardente de me ver. Também não acho que ele foi inspirado por uma paixão selvagem e frenética pela senhorita Cornelia. Tire o manto da tristeza, minha amiga, dobre-o e guarde-o em algum lugar com lavanda, pois ele nunca mais será necessário. Algumas pessoas conseguem enxergar a situação de longe, mesmo que você não consiga. Não sou uma profetiza, mas vou arriscar fazer uma previsão. A amargura da sua vida terminou. Depois disso, você terá todas as alegrias e sonhos, e ousa dizer os pesares também, de uma mulher feliz. O presságio da sombra de Vênus tornou-se realidade para você, Leslie. O ano que passou trouxe o melhor presente da sua vida: o amor por Owen Ford. Agora, vá para a cama e tenha uma boa noite de sono.

Leslie obedeceu e foi para a cama, mas é questionável se conseguiu dormir bem. Tampouco é improvável que tenha sonhado acordada, a vida foi

tão dura com a pobre Leslie, o caminho que fora forçada a trilhar foi tão severo, que ela não ousou sussurrar para o próprio coração as esperanças que tinha para o futuro. Ela ficou assistindo ao facho giratório iluminar as horas curtas da noite de verão, e seus olhos rejuvenesceram novamente. No dia seguinte, quando Owen Ford veio convidá-la para um passeio na praia, ela disse sim.

Referência ao Antigo Testamento, Isaías 61:3. (N. T.)



A NOVIDADE SURPREENDENTE DA SENHORITA CORNELIA

A senhorita Cornelia foi até a casinha em uma tarde abafada, em que o golfo exibia uma tonalidade translúcida de azul e os lírios alaranjados no portão do jardim de Anne erguiam suas taças imperiais para serem preenchidas pelo ouro derretido que transbordava do sol de agosto. Não que a senhorita Cornelia se preocupasse com oceanos pintados ou flores sedentas pela luz. Ela sentou-se em sua cadeira de balanço favorita e, insolitamente, não fez nada. “Não trabalhou nem fiou²⁹”, e também não disse nenhuma palavra depreciativa sobre nenhuma parcela da humanidade. Em suma, a conversa com a senhorita Cornelia foi desprovida de tempero naquele dia, e Gilbert, que ficara em casa para ouvi-la, em vez de ir pescar como pretendia, ficou preocupado. O que será que havia acontecido com ela? Ela não parecia desanimada ou preocupada. Pelo contrário, exibia um ar de nervosismo.

– Onde está a Leslie? – perguntou, sem muito interesse.

– Foi colher framboesas com o Owen no bosque atrás da fazenda – respondeu Anne. – Só voltarão por volta da hora do jantar, creio eu.

– Eles parecem que não sabem da existência de uma coisa chamada relógio – disse Gilbert. – Ainda não consegui compreender a situação. Vocês duas devem saber de alguma coisa. Anne, minha esposa desobediente, não quer me contar nada. Você poderia fazer essa gentileza, senhorita Cornelia?

– Não, não poderia, mas vim contar outra coisa – disse, com o ar determinado de quem deseja confessar algo de uma vez por todas. – Vou me casar.

Anne e Gilbert ficaram em silêncio. Se a senhorita Cornelia tivesse anunciado suas intenções de afogar-se no canal, eles teriam acreditado, mas não naquilo. Assim, eles aguardaram, pois era óbvio que ela havia cometido um erro.

– Bem, vocês dois parecem perplexos – disse por fim, com um brilho nos olhos. Agora que o momento constrangedor da revelação tinha passado, a senhorita Cornelia voltara a ser ela mesma. – Acham que sou jovem e inexperiente demais para me casar?

– É que... É algo um tanto inesperado – disse Gilbert, tentando se recompor. – Já ouvi você dizendo que não se casaria nem com o melhor homem do mundo.

– Não vou me casar com o melhor homem do mundo – respondeu a senhorita Cornelia. – Marshall Elliott está longe de ser o melhor.

– Vai se casar com Marshall Elliott? – exclamou Anne, recuperando-se após o segundo choque.

– Sim. Poderia ter me casado com ele a hora que eu quisesse nos últimos vinte anos, mas você acha mesmo que eu iria entrar na igreja ao lado de um fardo de feno ambulante?

– Estou muito contente e desejo toda a felicidade do mundo a vocês – disse Anne, de maneira mecânica e inadequada. Ela não estava preparada para aquela notícia e jamais havia se imaginado felicitando a senhorita Cornelia por um noivado.

– Obrigada, sei que ficariam contentes por mim. Vocês são os primeiros a ficar sabendo.

– Sentiremos muito a sua falta, querida senhorita Cornelia – disse Anne, começando a ficar um pouco triste e sentimental.

– Ah, vocês não vão me perder – retrucou ela, sem sentimentalismo. – Não pensem que eu vou me mudar para o outro lado do porto com todos aqueles MacAllister, Elliott e Crawford. “Da vaidade dos Elliott, do orgulho dos MacAllister e da presunção dos Crawford, livrai-nos Senhor”. Marshall vai morar na minha casa. Estou cansada de ter que procurar por empregados, aquele Jim Hastings, que eu contratei nesse verão, é decididamente o pior de todos e faria com que qualquer pessoa se casasse. Sabe o que ele fez? Ele virou o vasilhame da manteiga e derrubou uma grande quantidade de creme no pátio. E nem se preocupou! Só deu uma risada e disse que leite é bom para a terra. Não é típico de um homem? Eu disse que não tinha o hábito de fertilizar meu quintal com creme de leite.

– Bem, eu também desejo muitas felicidades, senhorita Cornelia – disse Gilbert, solenemente. – No entanto – acrescentou, incapaz de resistir à tentação de provocar a senhorita Cornelia, apesar do olhar suplicante de

Anne –, receio que os seus dias de independência acabaram. Como você sabe, o Marshall Elliott é um homem muito obstinado.

– Gosto de um homem determinado – respondeu a senhorita Cornelia. – Amos Grant, que costumava me cortejar há muito tempo, não era assim, nunca vi alguém tão inconstante. Uma vez ele pulou no lago para se matar, depois então mudou de ideia e nadou até a beira. Não é típico de um homem? O Marshall teria se comprometido e afogado.

– E dizem que também é temperamental – persistiu Gilbert.

– Ele não seria um Elliott, se não fosse assim, mas fico feliz. Será bem divertido irritá-lo e em geral, é possível conseguir alguma coisa de um homem temperamental quando chega a hora de pedir desculpas, mas não com um homem que é sempre plácido e exasperante.

– Você sabe que ele é um liberal, senhorita Cornelia.

– Sim, ele é – admitiu a senhorita Cornelia pesarosamente. – E é óbvio que não tenho esperanças de transformá-lo em um conservador, porém ele é presbiteriano, então suponho que devo ficar satisfeita com isso.

– Você se casaria com ele se fosse metodista, senhorita Cornelia?

– Não. A política é algo deste mundo, mas a religião é de ambos os mundos.

– E a senhorita pode se tornar uma viúva, no fim das contas.

– Não. Marshall viverá mais do que eu. Todos os Elliott são longevos, diferentemente dos Bryant.

– Quando vão se casar? – perguntou Anne.

– Daqui a um mês. Meu vestido de noiva será azul-marinho e gostaria de perguntar a você, querida Anne, se um véu combina com um vestido dessa cor. Sempre pensei que gostaria de usar um véu, se algum dia me casasse. O Marshall disse que eu deveria usar o que eu quisesse. Não é típico de um homem?

– E por que você não o usaria, se quer tanto? – perguntou Anne.

– Bem, não quero ser diferente das outras pessoas – disse a senhorita Cornelia, que não se parecia absolutamente com ninguém na face da Terra. – Como estava dizendo, eu gostaria de entrar na igreja usando véu. Porém, talvez ele não deva ser usado com nenhum outro vestido que não seja branco. Por favor, querida, diga-me a sua opinião sincera e seguirei o seu conselho.

– Acho que véus costumam ser usados somente com vestidos brancos – admitiu Anne –, o que é uma mera convenção. Concorro com o senhor

Elliott, senhorita Cornelia. Não vejo nenhum motivo para você não usar o véu, se é o que deseja.

A senhorita Cornelia, que fazia suas visitas em xales de algodão estampados, balançou a cabeça.

– Senão for apropriado, não usarei – disse, com um suspiro de desgosto pelo sonho perdido.

– Já que está decidida a se casar, senhorita Cornelia – disse Gilbert solenemente –, eu te darei os excelentes conselhos para lidar com o seu esposo que a minha avó deu para a minha mãe quando ela se casou com o meu pai.

– Bem, acho que eu sei lidar com Marshall Elliott – disse a senhorita Cornelia placidamente. – Mas vamos escutar seus conselhos.

– O primeiro é: agarre-o.

– Ele já foi agarrado. Continue.

– O segundo é: alimente-o bem.

– Com todas as tortas que quiser. Qual é o próximo?

– O terceiro e o quarto são: fique de olho nele.

– Concordo – disse a senhorita Cornelia enfaticamente.

Referência ao Novo Testamento, Mateus 6:28. (N. T.)



ROSAS VERMELHAS

O jardim da casinha, enrubescido pelas últimas rosas de agosto, era um refúgio amado pelas abelhas. Os moradores viviam por ali, fazendo piqueniques em um canto além do riacho ou assistindo ao crepúsculo sentados sobre a grama, com grandes mariposas cruzando a penumbra aveludada. Owen Ford encontrou Leslie sozinha ali em um fim de tarde. Anne e Gilbert não estavam e Susan, que era esperada naquela noite, ainda não tinha chegado.

O céu do norte exibia tons âmbar e esverdeados sobre os pinheiros. O ar estava fresco, uma vez que agosto se aproximava de setembro e Leslie usava um lenço escarlate sobre o vestido branco. Juntos eles caminharam por entre os canteiros repletos de flores, em silêncio. Owen partiria em breve. Suas férias estavam quase no fim. O coração de Leslie batia disparado e ela sabia que aquele jardim adorado serviria de cenário para as palavras que selariam a relação ainda indefinida entre eles.

– Em algumas tardes, um estranho aroma passeia por este jardim, como um perfume fantasma – disse Owen. – Ainda não descobri de qual flor ele vem. É fugaz, marcante e maravilhosamente doce. Gosto de imaginar que é a alma da vovó Selwyn fazendo uma visitinha ao lugar que tanto amou. Essa casinha antiga deve ter muitos amigos fantasmas.

– Vivi apenas um mês sob este teto – disse Leslie –, mas eu amo esta casinha como nunca amei a casa onde passei a vida inteira.

– Esta casa foi construída e consagrada com amor – disse Owen. – Lugares assim certamente influenciam aqueles que vivem nela. E este jardim tem mais de 60 anos, a história de milhares de sonhos e alegrias está escrita em cada pétala. Algumas dessas flores foram plantadas pela própria esposa do diretor da escola, que faleceu há trinta anos. Não obstante, elas ainda desabrocham todos os verões. Veja aquelas rosas vermelhas, Leslie. Como elas se destacam regamente das outras!

– Eu amo rosas vermelhas – disse Leslie. – Anne prefere as cor-de-rosa e Gilbert as brancas, mas eu gosto das escarlates. Elas satisfazem um anseio dentro de mim como nenhuma outra.

– Essas rosas sempre florescem depois que todas as outras flores já murcharam e incorporam todo o calor e a alma do verão – disse Owen, colhendo alguns dos botões lustrosos entreabertos. – A rosa é aclamada mundialmente há séculos como a flor do amor. As cor-de-rosa são o amor esperançoso e expectante; as brancas são o amor morto ou impossível. Porém as vermelhas... ah, Leslie, o que elas representam?

– O amor triunfante – sussurrou Leslie.

– Sim, o amor triunfante e perfeito. Leslie, você sabe... Você já entendeu. Eu te amei desde o primeiro instante em que a vi e eu sei que você me ama, eu nem preciso perguntar. Contudo, eu preciso ouvir isso de você... Minha amada... Minha amada!

Leslie disse algo com uma voz muito baixa e trêmula. Suas mãos e lábios se encontraram, era o momento supremo da vida para os dois. Naquele jardim antigo, com seus muitos anos de amores, prazeres, tristezas e glórias, ele coroou os cabelos brilhantes dela com uma rosa vermelha, da cor do amor triunfante.

Anne e Gilbert chegaram naquele instante, acompanhados pelo capitão Jim. Anne acendeu a lareira com alguns pedaços de madeira trazidos pelo mar, para ver as chamas mágicas, ao redor dela todos se sentaram e passaram uma hora de boa camaradagem.

– Vendo essas chamas especiais, é fácil imaginar que sou jovem outra vez – disse o capitão.

– Consegue ler o futuro no fogo, capitão? – perguntou Owen.

O capitão Jim olhou afetuosamente para eles e então voltou-se para o rosto vívido e os olhos cintilantes de Leslie.

– Não preciso do fogo para saber o futuro de vocês. Eu vejo felicidade para todos vocês, para Leslie e o senhor Ford, para o doutor aqui e a esposa, para o pequeno Jem e as crianças que ainda virão. Felicidade para todos, embora eu acredite que vocês também terão preocupações e pesares. Eles são inevitáveis e nenhum lar, seja um palácio, seja uma casinha dos sonhos, consegue detê-los. Só que eles não levarão a melhor se vocês os encararem juntos, com confiança e amor. Vocês serão capazes de enfrentar qualquer tempestade com a confiança como bússola e o amor no comando do leme.

O ancião de repente colocou a mão sobre a cabeça de Leslie e a outra sobre a de Anne.

– Duas mulheres adoráveis e doces. Verdadeiras, fiéis e de confiança. Seus maridos terão a honra em casa graças a vocês, seus filhos crescerão e as bendirão nos anos que hão de vir.

Havia uma estranha solenidade naquela cena. Anne e Leslie se curavam, como se estivessem recebendo uma bênção. Gilbert passou a mão sobre os olhos e Owen permaneceu absorto, como se estivesse tendo visões. Todos fizeram silêncio por um instante. A pequena casa dos sonhos agregara mais um momento comovente e inesquecível às suas recordações.

– Agora, tenho que ir – disse o capitão por fim, lentamente. Ele tirou o chapéu e observou mais uma vez a sala. – Boa noite a todos – disse e partiu.

Anne, tocada pela melancolia incomum da despedida do capitão, correu até a porta.

– Volte logo, capitão Jim – gritou, enquanto ele cruzava o portãozinho entre os dois pinheiros.

– Sim, sim – respondeu alegremente. Porém, aquela foi a última vez que o capitão Jim se sentou ao redor da lareira da casinha dos sonhos.

Anne voltou para perto dos outros devagar.

– É tão triste imaginá-lo voltando sozinho para aquele farol solitário – disse. – Não há ninguém para recebê-lo.

– O capitão é uma companhia tão boa para os outros que não tenho dúvidas de que também seja uma ótima companhia para si mesmo – disse Owen. – No entanto, ele deve se sentir solitário com frequência e foi um tanto profético hoje, falando com propriedade. Bem, eu também tenho que ir embora.

Discretamente, Anne e Gilbert desapareceram, depois que Owen partiu, Anne encontrou Leslie parada próxima à lareira.

– Ah, Leslie, eu sei... e estou muito feliz por você – disse, abraçando-a.

– Anne, minha felicidade me assusta – sussurrou. – Parece boa demais para ser verdade e tenho medo de falar sobre ela, até de pensar nela. Parece que é outro devaneio dessa casa dos sonhos, que desvanecerá assim que eu sair daqui.

– Bem, você não sairá daqui até que Owen venha te buscar. Você ficará conosco até que esse dia chegue. Acha mesmo que a deixarei voltar para aquele lugar triste e desolado?

– Obrigada, querida. Eu pretendia perguntar se poderia ficar aqui com você. Não quero voltar para lá, seria como retornar para a frieza e o vazio da minha antiga vida. Anne, Anne, que amiga você tem sido para mim, uma mulher adorável e doce, verdadeira, fiel e de confiança, como resumiu o capitão Jim.

– Ele disse “mulheres”, e não “mulher” – sorriu Anne. – Talvez ele nos veja através das lentes coloridas de seu amor por nós, mas podemos tentar viver à altura do que ele acredita, pelo menos.

– Você se lembra, Anne – disse Leslie –, que certa vez eu comentei, naquela tarde na praia, que eu odiava a minha beleza? Naquela época, era verdade, sempre achei que, se eu fosse um pouco mais feia, o Dick não teria se interessado por mim. Eu odiava a minha beleza porque ela o atraía. Agora, fico contente por ser como sou, e tudo que tenho para oferecer a Owen, a alma de artista dele se deleita. Tenho a impressão de que não estou de mãos vazias.

– O Owen ama a sua beleza, Leslie. E quem não amaria? Mas é tolice da sua parte achar que é a única coisa que tem a oferecer. Ele te dirá isso, não é necessário que eu diga. Agora eu tenho que trancar a casa. Esperávamos Susan nesta noite, mas ainda não voltou.

– Ah, aqui estou eu, querida senhora – disse Susan, entrando inesperadamente na cozinha –, mais esbaforida que um burro de carga! É uma caminhada e tanto de Glen até aqui.

– Estou feliz por estar de volta, Susan. Como está a sua irmã?

– Ela já consegue ficar sentada, mas obviamente ainda não consegue andar. Como a filha dela voltou das férias, não precisa mais da minha ajuda e estou contente por estar de volta, querida senhora. A Matilda pode ter quebrado a perna, mas a língua está em perfeitas condições, pois ela fala pelos cotovelos, senhora, por mais que me doa falar assim da minha irmã, sempre foi boa de papo e ainda foi a primeira da família a se casar. Ela não tinha muito interesse em se casar com James Clow, só que ela não teria suportado rejeitá-lo, não que ele seja um sujeito ruim, o seu único defeito era dar um grunhido inumano antes de começar a dar graças pela comida. Sempre tirava o meu apetite. E por falar em casamentos, querida senhora, é verdade que Cornelia Bryant vai se casar com o Marshall Elliott?

– É verdade, Susan.

– Bem, querida senhora, isso não me parece justo. Aqui estou eu, que nunca disse uma única palavra contra os homens, sem previsão de quando

vou conseguir me casar. E lá está a Cornelia Bryant, que nunca se cansa de atacá-los e tudo que ela precisa fazer é apontar o dedo e escolher quem ela quiser. Vivemos em um mundo muito estranho, querida senhora.

– Não se esqueça de que há outro mundo, Susan.

– Pois é – disse Susan com um suspiro pesado. – Só que, naquele mundo, querida senhora, ninguém se casa ou é pedida em casamento.



O CAPITÃO JIM CRUZA A BARREIRA

No fim de setembro, o livro de Owen Ford finalmente chegou. O capitão Jim fora religiosamente ao correio todos os dias durante um mês. Naquele dia, ele não tinha ido e Leslie trouxe o exemplar dele para casa junto com o dela e o de Anne.

– Levaremos para ele nesta tarde – disse Anne, animada como uma colegial.

A longa caminhada até o farol naquele entardecer claro e encantador ao longo da estrada vermelha do porto foi muito agradável. O sol passou por detrás das colinas do poente, adentrando algum vale que deve ser repleto de pores do sol, e no mesmo instante o grande facho de luz se acendeu na torre branca.

– O capitão nunca se atrasa, nem por um segundo – disse Leslie.

Anne e Leslie nunca se esqueceram do rosto do capitão Jim ao receber o livro, o livro *dele*, transfigurado e glorificado. As bochechas que estavam pálidas ganharam o rubor da juventude; seus olhos se iluminaram como os de um garoto; mas as mãos tremeram ao desembulhá-lo.

Chamava-se simplesmente *O Livro da Vida do Capitão Jim* e na folha de rosto os nomes de Owen Ford e James Boyd estavam escritos como colaboradores. O frontispício era uma fotografia do próprio capitão, parado diante da porta do farol, olhando na direção do oceano. Owen Ford a tirara em um dia enquanto escrevia o livro.

– Pense nisso – disse ele –, o velho marujo em um livro de verdade. Nunca senti tanto orgulho em toda a minha vida. Estou prestes a explodir, garotas. Acho que não conseguirei dormir nesta noite. Eu lerei o meu livro até o nascer do sol.

– Vamos embora agora, para que possa começar o quanto antes – disse Anne.

O capitão Jim, que folheava o livro com uma espécie de arrebatamento reverente, fechou-o decididamente e o deixou de lado.

– Não, não, vocês não vão antes de tomar uma xícara de chá com esse velho aqui – protestou. – Eu não permitiria, não é mesmo, Oficial? O *Livro da Vida* pode esperar, suponho. Já esperei por ele muito anos e posso aguardar mais um pouquinho enquanto desfruto da companhia de meus amigos.

Ele então colocou a água para ferver e pegou o pão e a manteiga. Apesar da animação, ele não se movia com a mesma energia, seus movimentos haviam se tornado lentos e hesitantes e as garotas não se ofereceram para ajudar, entretanto. Elas sabiam que isso feriria os sentimentos dele.

– Vocês escolheram a noite certa para me visitar – disse, tirando um bolo do armário da cozinha. – A mãe do pequeno Joe me mandou uma cesta de bolos e tortas hoje. Benditos sejam todos os bons cozinheiros! Vejam que bolo bonito, com toda essa cobertura e as nozes. Não é sempre que posso receber visitas em grande estilo! Sirvam-se garotas, sirvam-se! “Bebamos uma taça de bondade pelos bons e velhos tempos³⁰”.

As garotas não hesitaram em se servir. O chá foi um dos melhores que o capitão Jim já tinha feito. O bolo da mãe do pequeno Joe era a última palavra em bolos e o capitão foi o príncipe dos anfitriões graciosos, nunca permitindo que seus olhos se dirigissem para o canto em que havia deixado o livro da vida, com todos os relatos da bravura dele. Quando a porta fechou-se atrás de Anne e Leslie, elas não tiveram dúvidas de que ele voltaria correndo para a leitura, e durante o trajeto para casa elas imaginaram o deleite do velho ao se debruçar sobre as páginas onde a vida dele era retratada com todo o charme e as cores da própria realidade.

– Pergunto-me se ele vai gostar do final... Do final que eu sugeri – disse Leslie.

Ela nunca saberia. Na manhã seguinte, Anne despertou e deparou-se com Gilbert inclinado sobre ela, totalmente vestido e com uma expressão aflita.

– Você foi chamado? – perguntou, sonolenta.

– Não. Anne, receio que alguma coisa tenha acontecido no farol. Faz uma hora que o sol nasceu e a luz ainda está acesa. Você sabe que o capitão se orgulha de ligá-la no instante em que o sol se põe e de desligá-la quando nasce.

Anne sentou-se na cama, preocupada. Pela janela, ela viu o facho luminoso brilhando debilmente contra o azul do amanhecer.

– Talvez ele tenha adormecido sobre o *Livro da vida* – exclamou ansiosamente – ou tenha ficado tão absorto que se esqueceu da luz.

Gilbert balançou a cabeça.

– Isso não me parece do feitio do capitão Jim. Bom, eu vou até lá.

– Espere, eu vou com você – exclamou Anne. – Ah, tenho que ir. O pequeno Jem ainda dormirá por mais uma hora e eu chamarei a Susan. Talvez você precise de uma ajuda feminina se o capitão estiver doente.

Era uma manhã primorosa, repleta de matizes e sons maduros e delicados ao mesmo tempo. O porto parecia cintilante e sorridente como uma moça; gaivotas brancas voavam sobre as dunas; além do banco de areia, um oceano maravilhoso reluzia. Os campos adjacentes à orla estavam úmidos e frescos às primeiras horas do dia. O vento entrava dançando e assoviando pelo canal, substituindo o belo silêncio com uma música ainda mais graciosa. Se não fosse pelo brilho sinistro da torre branca, Anne e Gilbert teriam se deleitado com aquela caminhada matinal, mas foi com cautela e apreensão que eles seguiram em frente.

Ninguém respondeu quando bateram. Gilbert abriu a porta e eles entraram.

A velha sala estava muito silenciosa. Sobre a mesa estavam os restos do pequeno festejo do dia anterior e a lamparina ainda estava acesa sobre a mesinha de canto. O Segundo Oficial estava adormecido próximo ao sofá, iluminado pelo sol.

O capitão Jim encontrava-se deitado no sofá, com as mãos unidas sobre o *Livro da vida* aberto na última página, apoiado no peito. Tinha os olhos fechados e no rosto a mais perfeita expressão de paz e felicidade, o semblante de quem havia encontrado o que há muito tempo buscara.

– Ele está dormindo? – sussurrou Anne tremulamente.

Gilbert aproximou-se e inclinou-se sobre ele por alguns instantes. Em seguida, endireitou-se.

– Sim, está... Anne – acrescentou ele, com cuidado –, o capitão cruzou a barreira das dunas.

Eles não sabiam precisamente a hora em que tinha falecido, mas Anne sempre acreditou que ele conseguiu realizar o desejo de partir no instante em que a manhã avultava sobre o golfo. Seguindo a maré de luz, o espírito dele zarpou sobre o mar da alvorada, perolado e prateado, com destino ao porto seguro onde a Margaret desaparecida aguardava, além das tormentas e das calmarias.

Referência ao poema *Auld Lang Syne*, do poeta escocês Robert Burns (1759-1796). (N. T.)



ADEUS À CASA DOS SONHOS

O capitão Jim foi enterrado no pequeno cemitério do outro lado do porto, muito próximo de onde a pequena dama alva repousava. Os parentes dele ergueram um “monumento” muito caro e muito feio, do qual ele teria zombado se o tivesse visto em vida. O verdadeiro monumento encontrava-se no coração daqueles que o conheceram e no livro que viveria por gerações. Leslie lamentava que ele não estivesse ali para ver o sucesso incrível que alcançara.

– Como ele teria gostado das resenhas, quase todas foram tão gentis. E ver o *Livro da Vida* no topo das listas de mais vendidos... Ah, se ao menos ele estivesse vivo para presenciar tudo isso, Anne!

Anne, apesar do luto, foi mais perspicaz.

– Era o livro em si que ele tanto estimava, Leslie, não o que poderia ser dito sobre ele e isso o capitão conseguiu ver. A última noite deve ter sido de uma imensa satisfação para ele, com o fim rápido e indolor que tanto desejava pela manhã. Fico feliz pelo Owen e por você com o sucesso do livro, mas o capitão já estava realizado quando partiu, eu sei.

A estrela do farol continuou sua vigília noturna, pois um faroleiro substituto foi enviado para Four Winds até que o governo onisciente escolhesse dentre os muitos candidatos para o cargo o mais adequado ou o que tivesse maior influência. O Segundo Oficial foi para o seu novo lar na casa dos sonhos, onde era amado por Anne, Gilbert e Leslie, e tolerado por Susan, que não gostava muito de gatos.

– Eu posso suportá-lo em nome do capitão Jim, querida senhora, pois eu gostava do velho marujo. Eu me certificarei de que ele sempre tenha o que comer, além de tudo que as ratoeiras pegarem. Só não me peça mais do que isso, querida senhora. Gatos são gatos e, escreva o que estou lhe dizendo, nunca serão mais do que isso e mantenha esse bicho longe do rapazinho,

querida senhora. Imagine que horrível seria se ele roubasse o ar do nosso queridinho.

– É o que eu chamaria de uma “gatástrofe” – disse Gilbert.

– Ah, pode rir, senhor doutor, mas o assunto é sério.

– Gatos não roubam o ar dos bebês – disse Gilbert. – É só uma superstição antiga, Susan.

– Superstição ou não, querido doutor, eu só sei que já aconteceu. O gato da esposa do sobrinho do marido da minha irmã sugou o ar do bebê deles e o pobre inocente estava quase morto quando o encontraram. Superstição ou não, se eu encontrar aquela coisa amarela rondando o nosso neném, eu o afugentarei com o atizador da lareira, querida senhora.

O senhor e a senhora Marshall Elliott viviam com conforto e harmonia na casa verde. Leslie estava ocupada com a costura, pois ela e Owen iriam se casar no Natal. Anne tentou imaginar o que iria fazer quando Leslie fosse embora.

– Mudanças acontecem o tempo inteiro. Justo quando as coisas estão realmente bem, elas mudam – disse com um suspiro.

– A velha casa dos Morgan, em Glen, está à venda – comentou Gilbert, sem nenhum propósito especial.

– É mesmo? – disse Anne, com indiferença.

– Sim. Agora que o senhor Morgan morreu, a senhora Morgan pretende morar com os filhos em Vancouver. Ela venderá por um preço baixo, pois um casarão daqueles em um vilarejo tão pequeno como Glen não atrairá muito interesse.

– Bem, é certamente um lugar bonito, de modo que ela encontrará um comprador – disse Anne distraidamente, tentando decidir-se pelo tipo de ponto com o qual costuraria as roupinhas curtas do pequeno Jem. Eles passariam a vesti-lo em roupas curtas na semana seguinte e Anne já sentia vontade de chorar só de pensar nisso.

– E se nós a comprarmos, Anne? – comentou Gilbert em voz baixa.

Anne deixou de lado a costura e o encarou.

– Está falando sério, Gilbert?

– É claro que sim, querida.

– E deixar este lugar adorável, a nossa casa dos sonhos? – perguntou Anne incredulamente. – Ah, Gilbert... É impensável!

– Ouça-me com atenção, querida. Sei como se sente, pois eu sinto o mesmo. Porém, nós sempre soubemos que teríamos que nos mudar um dia.

– Ah, mas não tão cedo, Gilbert... Ainda não.

– Talvez nós não tenhamos outra chance como essa novamente. Se não comprarmos a casa dos Morgan, outra pessoa a comprará, não há outra casa em Glen que nos interesse e nenhum terreno bom onde se construir. Esta casinha é... Bem, ela foi o que nenhuma outra casa pôde ser para nós, eu admito, só que você sabe que ela é muito afastada para um médico. Sempre soubemos que era um inconveniente, embora nós tenhamos tirado o melhor da situação e está ficando um pouco apertada para nós. Talvez, daqui a alguns anos, quando Jem quiser um quarto só para ele, ela fique pequena demais.

– Ah, eu sei... Eu sei – disse Anne, com os olhos cheios de lágrimas. – Sei tudo que pode ser dito contra esta casa e ainda assim eu a amo tanto! E é tão bonito aqui.

– Você se sentirá muito sozinha depois que a Leslie for embora e o capitão Jim também se foi. A casa dos Morgan é linda e com o tempo vamos aprender a amá-la. Você sempre a admirou, Anne.

– Sim, mas... é uma decisão tão repentina, Gilbert. Estou desnorteada. Dez minutos atrás, eu nem sonhava em deixar este lugar. Estava planejando o que fazer com ela na primavera, o que fazer no jardim. Se deixarmos este lugar, quem ficará com ele? Ele é fora de mão, então provavelmente alguma família pobre de preguiçosos e vagabundos a alugará e a destruirá... Ah, seria um sacrilégio! Isso me magoaria profundamente.

– Eu sei. Contudo, não podemos sacrificar nossos interesses por essas considerações. A casa dos Morgan vai ser adequada para nós em todos os aspectos essenciais, não podemos perder essa chance. Pense naquele gramado enorme, nas magníficas árvores antigas e no esplêndido bosque ao fundo... Doze acres! Um ótimo lugar para nossos filhos! Há também um lindo pomar e você sempre admirou aquele muro alto de tijolos ao redor do jardim, com aquela porta. Você sempre achou aquela porta uma coisa de contos de fadas. E a vista do porto e das dunas é tão boa quanto a daqui.

– Não dá para ver a luz do farol de lá.

– Sim, é possível vê-la das janelas do sótão. Há outra vantagem, Anne: você adora cômodos no sótão.

– Não há um riacho no jardim.

– Bem, não, mas há um que corta o bosque de bordos e deságua no lago de Glen, que também não fica longe da casa. Você poderá imaginar que tem a sua própria Lagoa das Águas Brilhantes.

– Ora, não diga mais nada sobre esse lugar, Gilbert. Preciso de tempo para me acostumar com a ideia.

– Tudo bem. Não há tanta pressa, é claro. É que se decidirmos comprá-la, seria interessante nos mudarmos antes do inverno.

Gilbert saiu e Anne deixou de lado as roupinhas curtas do pequeno Jem com as mãos trêmulas. Ela não conseguia mais costurar. Emocionada, ela caminhou pelo pequeno domínio no qual reinara alegremente como uma rainha. A casa dos Morgan era tudo isso que Gilbert havia dito, a propriedade era bonita, a casa era velha o bastante para oferecer dignidade, tranquilidade e tradições, e nova o suficiente para ser confortável e moderna.

É verdade que Anne sempre a admirara, no entanto, admiração não é o mesmo que amor e Anne amava muito a casa dos sonhos. Ela amava tudo: o jardim do qual cuidara, que fora cuidado por tantas outras mulheres; o brilho do riacho que atravessava indomavelmente um dos cantos; o portão entre os pinheiros; o velho degrau de arenito vermelho; os imponentes choupos-da-lombardia; os dois armários pequenos e singulares sobre a lareira da sala; a porta da despensa da cozinha, que estava empenada; as janelas esquisitas do sótão; a pequena saliência na escada... Tudo fazia parte dela! Como ela poderia deixá-los?

E como aquela casinha, consagrada ao longo do tempo pelo amor e a alegria, fora também consagrada pela felicidade e os pesares de Anne! Ali ela passara a lua de mel; ali, a pequena Joyce vivera por um breve dia; ali, a maravilha da maternidade lhe visitou novamente com o pequeno Jem; ali, ela ouvira a melodia extraordinária da risada do filho; ali, amigos adorados se sentaram ao lado dela diante da lareira. Júbilos e tristezas, nascimentos e mortes tornavam aquela casinha dos sonhos sagrada por toda a eternidade.

E agora, Anne tinha que ir embora e estava ciente disso, mesmo enquanto ponderava com Gilbert. A casinha tinha ficado pequena demais. Os interesses de Gilbert tornavam a mudança necessária, a clínica dele, por mais que fosse bem-sucedida, era prejudicada pela localização. Anne percebeu que o fim da vivência deles naquele lugar tão amado se aproximava e que deveria encarar o fato com bravura. E como doía o coração dela!

– Vai ser como arrancar alguma coisa da minha vida – soluçou. – E, ah, como eu gostaria que uma boa família viesse morar aqui no nosso lugar ou, ainda, que a casa ficasse vazia. Isso seria melhor do que vê-la tomada por uma horda que não sabe nada sobre a geografia da terra dos sonhos, que não sabe nada da história que dera a esta casa sua alma e identidade. E se uma

tribo como essa se mudar para cá, a casa será arruinada em pouco tempo, pois lugares antigos se deterioram rapidamente se não são administrados com cuidado. Eles vão acabar com o meu jardim e deixar que os choupos fiquem desmantelados; a cerca parecerá uma boca com metade dos dentes faltando; goteiras surgirão no telhado; o reboco cairá; eles enfiarão almofadas e panos nas janelas quebradas. E tudo ficará de cabeça para baixo.

A imaginação de Anne vislumbrou tão vividamente a futura degeneração da casinha adorada que ela sentiu uma dor severa, como se já fosse realidade. Ela sentou-se nas escadas e chorou, angustiada. Susan a encontrou

ali e perguntou com preocupação qual era o problema.

– Você não brigou com o doutor, brigou, querida senhora? Se foi isso que aconteceu, não se preocupe. É algo comum entre casados, ouvi dizer, pois não tenho experiência no assunto, porém ele vai acabar se arrependendo e logo vocês farão as pazes.

– Não, não, Susan, nós não brigamos. É que o Gilbert vai comprar a casa dos Morgan e nós vamos morar em Glen. Isso vai partir o meu coração.

Susan não conseguiu dar muita atenção para os sentimentos de Anne. Na verdade, ela ficou muito contente com o prospecto de morar em Glen. Sua única reclamação sobre a casinha era sua localização errada.

– Ora, querida senhora, isso será esplêndido. A casa dos Morgan é tão grande e bonita!

– Detesto casas grandes – soluçou Anne.

– Ah, bem, você não odiará quando tiver meia dúzia de filhos – comentou Susan calmamente. – E essa casa já está ficando pequena demais para nós. Não temos um quarto de visitas, já que senhora Moore está hospedada conosco e aquela despensa é o lugar mais incômodo em que já tentei trabalhar. Há um canto em cada lado que me viro. Além disso, estamos no fim do mundo aqui e não há nada além da paisagem.

– No fim do seu mundo, talvez, Susan, não do meu – disse Anne com um frágil sorriso.

– Eu não entendo a senhora, até porque não tenho educação formal, mas o doutor não está cometendo um erro ao comprá-la, pode apostar. A casa tem água encanada, a despensa e os armários são lindos, e ouvi dizer que não há outro porão igual ao dela em toda a Ilha. Ora, querida senhora, o porão daqui é de doer o coração, como bem sabe.

– Ah, me deixe em paz, Susan, me deixe em paz – disse Anne, desamparada. – Porões, despensas e armários não fazem um lar. Por que não

chora junto com aqueles que choram?

– Bem, nunca fui boa em chorar, querida senhora. Prefiro animar as pessoas a chorar com elas. Vamos, não chore, ou vai estragar esses olhos lindos. Esta casa é muito boa e serviu aos seus propósitos, mas já está na hora de ter uma melhor.

Susan parecia compartilhar da opinião da maioria das pessoas. Leslie foi a única que compreendeu Anne e também derramou boas lágrimas ao saber da notícia. Então, elas secaram os olhos e iniciaram os preparativos para a mudança.

– Já que temos que nos mudar, quero fazer isso o quanto antes e resolver a questão de uma vez por todas – disse a pobre Anne, com uma amarga resignação.

– Você sabe que vai acabar gostando daquela casa antiga em Glen quando tiver vivido nela tempo suficiente para ter boas lembranças – disse Leslie. – Os amigos a frequentarão da mesma forma que frequentaram aqui e a felicidade a glorificará. Agora ela é apenas uma casa para você, mas os anos a transformarão em um lar.

Anne e Leslie choraram mais uma vez na semana seguinte, quando vestiram o pequeno Jem em roupas curtas. Anne sentiu o peso da tragédia até de noitinha, quando encontrou outra vez o seu querido bebê no vestidinho de dormir.

– Logo será a vez do macacãozinho, em seguida, das calças curtas, e em pouco tempo já terá crescido – suspirou.

– Bem, você não quer que ele seja um bebê para sempre, não é mesmo, querida senhora? – disse Susan. – Bendito seja o coração inocente dele. O pequeno Jem fica uma doçura de roupas curtas, com os pezinhos adoráveis de fora. E pense na praticidade na hora de passar a roupa, querida senhora.

– Anne, acabei de receber uma carta de Owen – disse Leslie, entrando com um sorriso. – E, ah! Tenho boas notícias. Ele diz que vai comprar esta casa para passarmos as férias de verão. Anne, não está contente?

– Ah, Leslie, “contente” não é a palavra certa! É quase bom demais para ser verdade. Não vou mais me sentir tão mal, sabendo que este amado lugar jamais será profanado por uma tribo de vândalos ou abandonado às traças. Ora, é incrível, incrível!

Em uma manhã de outubro, Anne despertou e percebeu que havia passado a última noite sob o teto da casinha dela. Ela passou o dia atarefada demais para sentir remorso e, quando a noite chegou, a casa estava vazia e desnuda.

Anne e Gilbert ficaram a sós para se despedirem. Leslie, Susan e o pequeno Jem já tinham partido para Glen com as últimas peças da mobília. A luz do pôr do sol entrava pelas janelas sem cortinas.

– A casa está com ar magoado e ressentido, não acha? – disse Anne. – Ah, como vou estranhar meu novo lar nesta noite em Glen!

– Nós fomos muito felizes aqui, não fomos, Anne? – disse Gilbert, com a voz emocionada.

Anne não foi capaz de responder. Gilbert aguardou no portão entre os pinheiros enquanto ela se despidia de cada cômodo. Ela estava indo embora, a velha casa continuaria ali, olhando para o mar através das janelas pitorescas. Os ventos do outono soprariam pesadamente ao seu redor, a chuva cinzenta a açoitaria, a neblina vinda do oceano a envolveria e o luar iluminaria as trilhas batidas por onde o diretor da escola e a esposa passearam. Ali, naquele porto ancestral, o charme da história perduraria; o vento continuaria assoviando sedutoramente por entre as dunas de areia, e as ondas seguiriam chamando dos rochedos vermelhos.

– Mas nós não estaremos – disse Anne, entre as lágrimas.

Ela saiu e trancou a porta da frente e Gilbert a esperava com um sorriso. A estrela do farol brilhava ao norte. O pequeno jardim, onde somente as margaridas ainda floresciam, já estava encoberto pelas sombras.

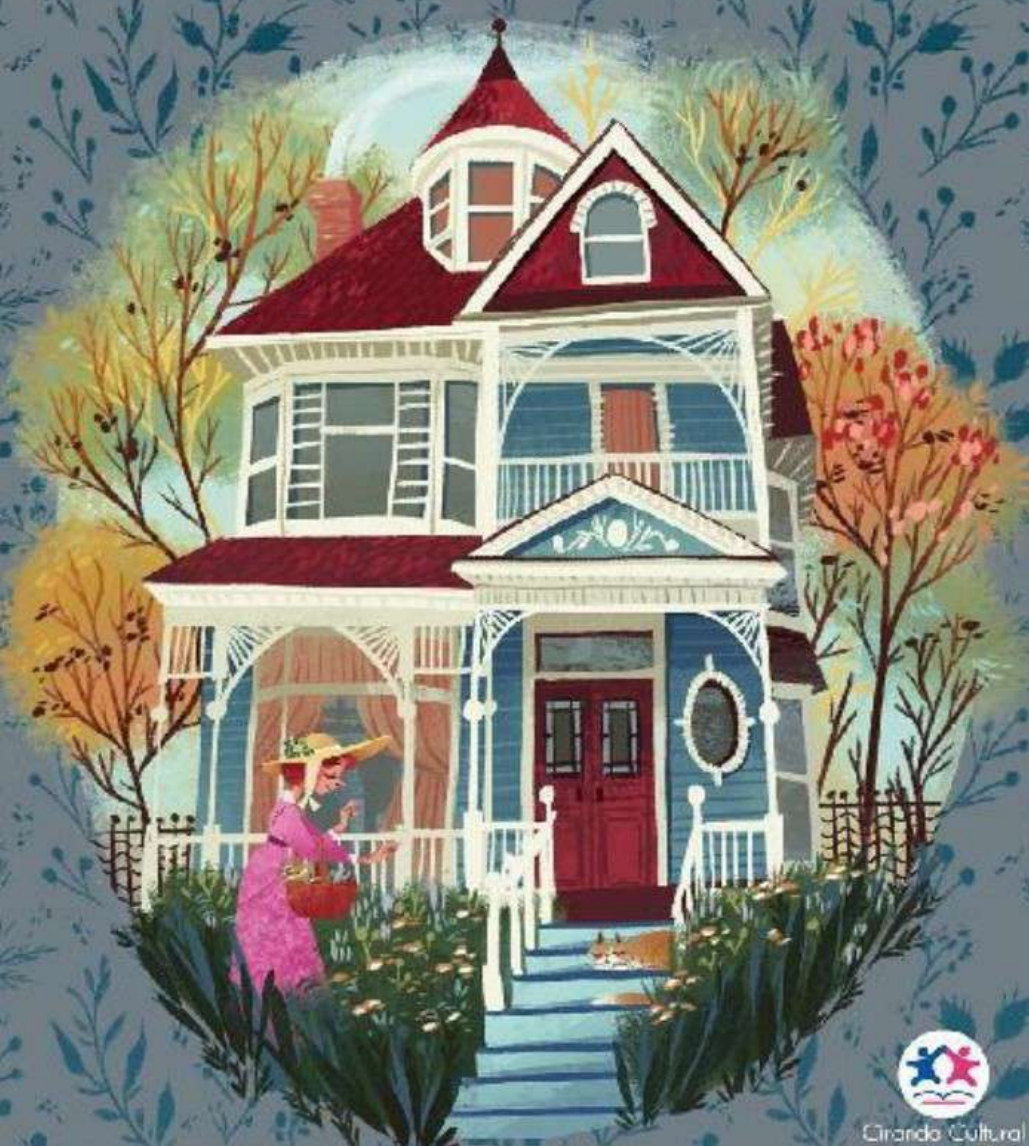
Anne ajoelhou-se e beijou o degrau velho e gasto que cruzara quando ainda era uma noiva.

– Adeus, minha querida casinha dos sonhos.

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

DE
INGLESIDE



Cirando Cultural

LUCY MAUD MONTGOMERY
Anne
DE
INGLESIDE

Tradução
Rafael Bonaldi



Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Anne of Ingleside

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Rafael Bonaldi

Preparação

Karoline Cussolim

Revisão

Mariane Genaro

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração da capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne de Ingleside [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Principis, 2020.

336 p. : ePub : 7 MB. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Anne of Ingleside

Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-219-5 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-913 CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do

detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



CAPÍTULO 1

– Como a luz da lua está alva nesta noite! – disse Anne Blythe a si mesma, enquanto atravessava o jardim da casa de Diana Wright em direção à porta da frente, onde caíam pequenas pétalas da cerejeira em flor, trazidas pela brisa salgada do mar.

Ela parou por um instante para observar as colinas e os bosques que amara em outros tempos e que ainda amava. Querida Avonlea! Glen St. Mary era o lar dela há anos, mas Avonlea tinha algo que a vila jamais teria. Fantasma de si mesma espreitavam a cada curva. Os campos pelos quais havia vagado a recebiam. Ecos imperturbados da antiga e doce vida a envolviam. Cada canto em que os olhos dela pousavam tinha uma lembrança adorável. Aqui e ali havia jardins assombrados onde desabrochavam todas as rosas de outrora. Anne amava retornar a Avonlea, mesmo quando o motivo da visita, como aquele, era triste. Gilbert e ela tinham vindo para o funeral do pai dele e Anne resolveu ficar por uma semana. Marilla e a senhora Lynde se recusaram a deixá-la partir tão cedo.

O antigo quartinho do sótão estava sempre pronto para recebê-la e na noite em que Anne chegou, ela encontrou um grande e lindo buquê de flores da primavera que a senhora Lynde havia posto. Quando Anne afundou o rosto no arranjo, era como se ele guardasse todas as fragrâncias dos anos esquecidos. A Anne-que-ela-costumava-ser estava aguardando por ela e uma felicidade profunda e antiga remexeu-se no coração dela. O quarto do sótão estava abraçando-a, envolvendo-a, engolindo-a. Olhou com carinho para a colcha de folhas de macieira e os travesseiros impecáveis de bordado intrincado feitos pela senhora Lynde, para os tapetes trançados de Marilla no chão e para o espelho que refletira o rosto da pequena órfã, ainda inocente, que chorara até dormir na primeira noite naquela casa, tanto tempo atrás. Anne esqueceu-se que já era mãe orgulhosa de cinco filhos e que Susan

Baker, lá em Ingleside, tricotava um novo par de sapatinhos misteriosos. Ela era mais uma vez a Anne de Green Gables.

A senhora Lynde a encontrou com o olhar perdido no espelho ao entrar trazendo toalhas limpas.

– É muito bom ter você aqui novamente, Anne, é isso o que é. Faz nove anos que você partiu, porém Marilla e eu ainda não conseguimos superar. Não estamos mais tão sozinhas depois que Davy se casou, Mille é realmente um amor e faz tortas ótimas! Embora faça mil e uma perguntas sobre tudo. No entanto, eu sempre disse e sempre direi, que não existe ninguém como você.

– Ah, mas este espelho não se deixa enganar, senhora Lynde. Ele está me dizendo, com toda a sinceridade: “Você já não é mais tão jovem” – disse Anne com um ar caprichoso.

– Sua pele continua linda – consolou-a a senhora Lynde. – Se bem que você nunca foi muito corada.

– Pelo menos não tenho nem sinal de queixo duplo – disse Anne, satisfeita. – E o meu antigo quarto se lembra de mim, senhora Lynde. Que bom, pois eu ficaria muito magoada se algum dia voltasse e descobrisse que ele me esqueceu. É maravilhoso voltar a ver a lua nascendo sobre a Floresta Assombrada.

– Parece uma grande pepita de ouro no céu, não parece? – disse a senhora Lynde, sentindo um arrebatamento poético e grata por Marilla não estar por perto.

– Veja aqueles pinheiros pontudos destacando-se contra ela e as bétulas no vale ainda erguendo os braços para o céu prateado. Já são árvores imensas, eram apenas meros brotos quando cheguei aqui e isso me faz sentir um pouco velha.

– Árvores são como crianças – disse a senhora Lynde. – É angustiante o quanto crescem se damos as costas a elas por um minuto. Eu preparei uma torta de frango para o jantar e também os meus biscoitinhos de limão. Não precisa ter medo algum de dormir nesta cama, arejei os lençóis hoje e Marilla também, já que não sabia que eu já tinha feito isso. E Mille, alheia a toda essa situação, pendurou os lençóis no varal pela terceira vez.

– A tia Mary Maria, Gilbert a chama assim, embora ela seja apenas prima do pai dele, só me chama de “Annie”. – Anne estremeceu. – Na primeira vez que ela me viu depois que eu me casei, ela disse: “É tão estranho Gilbert ter escolhido você, ele poderia ter se casado com tantas garotas bonitas...”.

Talvez seja por isso que eu nunca gostei dela e sei que o Gilbert também não gosta dela, por mais que ele seja apegado demais à família para admitir.

– Gilbert vai ficar por aqui por muito tempo?

– Não. Ele precisa voltar amanhã à noite. Um paciente dele está em condições críticas.

– Ah, bem, suponho que agora não haja mais nada que o prenda a Avonlea, já que a mãe dele faleceu no ano passado. O velho senhor Blythe nunca mais voltou a sorrir depois da morte dela e não tinha mais motivos para viver. Os Blythe sempre foram assim, sempre tiveram muita afeição às coisas terrenas. É muito triste pensar que não haja mais ninguém da família em Avonlea e formavam um belo clã. Em contrapartida, há um monte dos Sloane. Os Sloane ainda são os Sloane, Anne, e sempre o serão, até o fim do mundo. Amém.

– Pois que a família continue crescendo. Vou sair depois de jantar e caminhar até o velho pomar sob a luz da lua e creio que terei que dormir depois disso, por mais que eu sempre tenha achado um desperdício dormir em noites enluaradas. Quero acordar cedo para assistir aos primeiros e débeis raios de sol despontarem sobre a Floresta Assombrada. O céu ganhará tons corais e os pássaros se agitarão, talvez um pequeno pardalzinho cinza pouse no peitoril da janela e eu contemplarei as flores douradas e violetas.

– Os coelhos acabaram com os canteiros de lírios – disse a senhora Lynde com tristeza enquanto descia as escadas, secretamente aliviada por não ter que continuar a falar da lua. Anne sempre foi um pouco peculiar. E, pelo visto, não havia mais esperanças de que fosse mudar.

Diana avançou pela entrada para encontrar-se com Anne. Mesmo sob o luar, era possível ver que os cabelos dela continuavam negros, as bochechas ainda eram rosadas e os olhos, cintilantes. E o luar tampouco escondia que ela estava um pouco mais robusta do que nos anos anteriores, pois Diana nunca fora o que o povo de Avonlea chama de “magrela”.

– Não se preocupe, querida, não ficarei por muito tempo...

– Como se eu fosse me preocupar com isso – disse Diana, em tom reprovador. – Você sabe que prefiro passar a noite com você a ir àquela recepção. Tenho a sensação de que nunca nos vemos e você vai embora depois de amanhã. No entanto, é o irmão do Fred, entende? Temos que ir.

– É claro. Não vou demorar. Eu vim pelo nosso velho caminho, Di, passei pela Bolha da Dríade, pela Floresta Assombrada, pelo seu velho jardim frondoso e por Willowmere. Eu inclusive parei para observar o reflexo

invertido dos salgueiros na água, como costumávamos fazer. Como cresceram!

– Todos cresceram – disse Diana, com um suspiro. – Quando olho para o jovem Fred! Todos mudaram... Só você que não. Você não muda, Anne. Como se mantém tão magra? Olhe para mim!

– Você ganhou ares de matrona – riu Anne. – Todavia conseguiu escapar das garras da velhice, por ora, Di. Quanto a eu não ter mudado... Bem, a senhora H. B. Donnell concorda com você. Ela me disse no funeral que não pareço nem um dia mais velha. Já a senhora Harmon Andrews discorda. Ela disse: “Minha nossa, Anne, como o tempo passou para você!”. A beleza está nos olhos de quem vê ou na consciência. O único momento em que sinto que estou ficando velha é quando vejo as fotos nas revistas, os heróis e as heroínas estão começando a parecer jovens demais para mim, mas não se preocupe, Di. Amanhã voltaremos a ser garotas. É o que eu vim lhe dizer. Vamos tirar um fim de tarde para revisitarmos todos os nossos fantasmas, cada um deles. Passearemos pelos campos e atravessaremos o velho e frondoso bosque repleto de samambaias. Nada parece impossível na primavera, sabe? Deixaremos de nos sentir maternos e seremos tão imprudentes quanto a senhora Lynde ainda acha que sou no fundo do coração dela. Não é nada divertido ser sensata o tempo inteiro, Diana.

– Isso é tão a sua cara! Eu adoraria, mas...

– Nada de “mas”. Sei o que está pensando: “Quem vai fazer a jantar para os homens?”.

– Não exatamente. Anne Cordelia sabe preparar o jantar tão bem quanto eu e tem apenas 11 anos – disse com orgulho. – Ela já ia fazer isso, de qualquer forma. Eu ia à reunião da Sociedade Assistencial das Damas, mas decidi que não vou mais. Vou com você e será como realizar um sonho. Sabe, Anne, em muitas tardes em me sento e finjo que somos garotinhas novamente. Levarei comida para nós.

– E nós comeremos no jardim da Hester Gray e suponho que ele ainda exista.

– Creio que sim – disse Diana, hesitante. – Nunca mais voltei lá depois que me casei. Anne Cordelia gosta bastante de explorar e sempre digo para que não se afaste muito de casa. Ela adora passear pelos bosques. Um dia, quando lhe dei uma bronca por falar sozinha no jardim, ela disse que não estava falando sozinha, mas que estava falando com o espírito das flores. Lembra-se daquele jogo de chá para bonecas com minúsculos botões de rosa

que você lhe deu no aniversário de 9 anos? Ela é tão cuidadosa que jamais quebrou sequer uma xícara. Ela só o usa quando as Três Pessoinhas Verdes vêm para o chá. Ainda não consegui descobrir quem eles são. Em certos aspectos, Anne, aquela menina é mais parecida com você do que comigo.

– Talvez haja mais em um nome do que Shakespeare¹ supôs. Não veja com maus olhos as fantasias da Anne Cordelia, Diana. Tenho pena das crianças que não passaram uns bons anos na Terra das Fadas.

– Olivia Sloane é a nossa professora, agora – disse Diana, em um tom duvidoso. Ela tem um bacharelado em Artes, sabe, e só aceitou o emprego para estar perto da mãe. Ela diz que crianças devem encarar a realidade.

– Nunca achei que ouviria você concordar com “sloanismos”, Diana Wright.

– Não... não... NÃO! Não gosto nem um pouco dela, com aqueles olhos azuis redondos característicos da família. E eu não me importo nem um pouco com as fantasias da Anne Cordelia, são lindas assim como eram as suas. Suponho que ela vivenciará a realidade o suficiente com o passar dos anos.

– Bem, então está combinado. Venha até Green Gables por volta das duas e nós tomaremos uma dose do licor de groselha da Marilla, ela o prepara de vez em quando, apesar do que dizem o ministro da igreja e a senhora Lynde. Só para nos sentirmos realmente diabólicas.

– Você se lembra da vez em que me embebedou com o licor? – riu Diana, que não se importava com a palavra “diabólico” quando usada por Anne. Todo mundo sabia que ela não dizia essas coisas com seriedade. Era só a maneira de ser dela.

– Teremos um dia inteiro de “você se lembra?” amanhã, Diana. Não vou mais te segurar. Aí vem o Fred com a charrete. Seu vestido é lindo.

– Fred me fez comprar um novo para o casamento. Não acho que deveríamos gastar com essas coisas, já que acabamos de construir um celeiro, mas ele disse que não permitiria que a esposa parecesse que foi convidada e não podia ir, quando todas as demais estarão absolutamente empertigadas. Não é típico de um homem?

– Ah, você falou igualzinho à senhora Elliott, de Glen – disse Anne severamente. – Cuidado. Você gostaria de viver em um mundo sem homens?

– Seria horrível – admitiu Diana. – Sim, Fred, já estou indo. Ah, tudo bem! Até amanhã, Anne.

Anne parou na Bolha da Driade a caminho de casa. Ela amava aquele velho riacho, ele parecia ter guardado cada eco das risadas da infância dela e agora os devolvia aos ouvidos atentos de Anne. Os velhos sonhos, que ela podia enxergá-los refletidos na água límpida. As velhas juras, os velhos sussurros e o riacho murmurava sobre todos eles, só que não havia ninguém para ouvi-lo além dos sábios e experientes abetos da Floresta Assombrada, que o escutavam há tanto tempo.

Referência à peça *Romeu e Julieta* (Ato II, cena II), do escritor inglês William Shakespeare (1564-1616). (N. T.)



CAPÍTULO 2

– Que dia encantador, feito especialmente para nós – disse Diana. – Receio que esse clima bom não durará muito. Vai chover amanhã.

– Não importa. Beberemos à beleza do dia de hoje, mesmo que o sol não apareça amanhã. Desfrutaremos da companhia uma da outra, mesmo que nos separemos amanhã. Veja aquelas colinas altivas, verdes e douradas, aqueles vales repletos de névoa azulada. São nossos, Diana e não tem importância que aquela colina mais distante esteja na propriedade de Abner Sloan, porém hoje ela é nossa. O vento está soprando do Oeste. Nosso passeio será perfeito.

E foi mesmo. Elas retornaram a todos os lugares queridos: a Travessa dos Amantes, a Floresta Assombrada, Idlewild, o Vale das Violetas, a Trilha das Bétulas, o Lago de Cristal, mas algumas coisas haviam mudado. As mudas de bétulas em Idlewild, onde elas tiveram uma casinha de bonecas muito tempo atrás, haviam se tornado árvores imensas; a Trilha das Bétulas, há muito abandonada, estava tomada de brotos de samambaias; o Lago de Cristal havia desaparecido completamente, deixando apenas uma depressão úmida coberta de musgo. No entanto, o Vale de Violetas continuava repleto de flores de cor púrpura e a jovem macieira que Gilbert descobrira nas profundezas do bosque era agora uma árvore enorme, repleta de minúsculos botões carmesim.

Elas caminhavam sem sombrinhas. Os cabelos de Anne ainda reluziam como mogno polido e os cabelos pretos de Diana ainda eram lustrosos. Elas trocavam olhares felizes e reconfortantes, olhares de cálida amizade, às vezes andavam em silêncio, pois Anne sempre defendeu que duas pessoas que se entendem tão bem podiam sentir o pensamento uma da outra. Em outros momentos, elas pontilhavam a conversa com “lembra-se”. “Lembra-se do dia em que você ficou presa no telhado do poleiro dos Cobb, na estrada Tory?”, “lembra-se de quando assustamos a tia Josephine?”, “lembra-se do

nosso clube de histórias?”, “lembra-se da visita da senhora Morgan, quando seu nariz estava todo manchado de vermelho?”, “lembra-se de quando fazíamos sinal uma para a outra das nossas janelas com velas?”, “lembra-se de como nos divertimos no casamento da senhorita Lavendar e dos laços azuis da Charlotta?”, “lembra-se da Sociedade de Melhorias?”. Era como se pudessem ouvir as próprias gargalhadas ecoando ao longo dos anos.

Aparentemente, a Sociedade de Melhorias do Vilarajo de Avonlea não existia mais. Ela tinha sido desfeita pouco depois do casamento de Anne.

– Eles simplesmente não conseguiram mantê-la, Anne. Os jovens de Avonlea não são mais como os do nosso tempo.

– Não fale como se o nosso tempo já tivesse passado, Diana. Nós só temos 15 anos e somos almas amigas. O ar não está simplesmente repleto de luz, ele é feito de luz e não duvido que asas tenham surgido nas minhas costas.

– Também me sinto assim – disse Diana, esquecendo-se de que a balança havia chegado aos setenta quilos naquela manhã. – Eu adoraria me transformar em um pássaro por alguns momentos. Deve ser maravilhoso poder voar.

A beleza as cercava por todos os lados. Matizes inusitados reluziam nas penumbras dos bosques e fulguravam nas trilhas encantadoras. O sol da primavera se esgueirava por entre as folhas verdes. Trinados alegres chegavam de todas as direções. Havia pequenas clareiras em que as garotas tiveram a impressão de estarem se banhando em uma piscina de ouro líquido. A cada curva, algum aroma fresco da primavera lhes assaltava os sentidos: o perfume das samambaias, o bálsamo dos pinheiros, o odor pungente dos campos recém-arados. Elas se depararam com uma trilha ladeada pelas cortinas de cerejeiras em flor. Um velho campo repleto de jovens abetos, que pareciam duendes minúsculos travessos que brincavam entre a grama alta. Córregos que ainda não eram “largos demais para serem saltados²”. Estrelas em forma de flores que cresciam sob os pinheiros. Samambaias de ramos frisados. E uma bétula de cujo tronco algum vândalo arrancara a casca branca em vários lugares, expondo os tons escuros da parte de baixo. Anne a encarou por tanto tempo que Diana ficou curiosa. Ela não via o que Anne via: os tons que partiam do branco mais puro, passando pelas primorosas tonalidades de dourado e que se intensificavam até os ricos matizes de marrom revelados pelas camadas mais profundas, era como se quisesse demonstrar que todas as bétulas, formosas e altivas como donzelas exteriormente, também tinham sentimentos tépidos.

– Trazem nos corações o fogo primaveril da terra – murmurou Anne.

Finalmente, depois de atravessarem um bosquezinho cheio de cogumelos, elas chegaram ao jardim de Hester Gray, não havia mudado muito e ainda possuía a doçura de suas flores. Havia ainda muitos lírios de junho, que era como Diana chamava os narcisos. As cerejeiras em fila estavam maiores, carregadas de botões nêveos. Ainda era possível discernir o caminho central ladeado por roseiras e o velho dique estava tomado pelo branco das flores dos morangos, o azul das violetas e o verde dos brotos de samambaia. Elas fizeram um piquenique em um canto, sentadas sobre pedras ancestrais cobertas de musgo em meio à grama alta, sob as sombras vespertinas de um arbusto de lilases que balançava as bandeiras púrpuras ao vento.

– A comida é mais saborosa ao ar livre! – suspirou Diana com satisfação.

– Esse seu bolo de chocolate... Bem, me faltam palavras, mas eu preciso da receita. Fred vai adorar e sempre digo que não vou comer mais bolo porque estou ficando mais gorda a cada ano. Morro de medo de ficar igual à minha tia-avó Sarah, ela era tão gorda que precisava que a puxassem para se levantar toda vez que se sentava. Só que quando eu vejo um bolo desses e na recepção da noite passada, bem... eles teriam ficado ofendidos se eu não tivesse comido.

– Você se divertiu?

– Ah, sim, de certa forma. Eu caí nas garras da prima do Fred, a Henrietta, que adora contar sobre todas as operações e as sensações que enfrentou, e como o apêndice teria explodido se ela não o tivesse extraído a tempo:

“Levei quinze pontos. Ah, Diana, como sofri!”. Bem, ela estava adorando a conversa, mas eu não. E é verdade que sofreu muito; então, por que ela não pode ao menos se divertir ao falar do assunto? Jim estava tão animado, só não sei se a Mary Alice gostou muito do que ele falou. Bem, só mais um pedacinho e agora que já comecei, uma fatia fininha não vai fazer diferença, não é mesmo? Jim disse que, na noite antes do casamento, ele estava tão assustado que quase pegou o trem até o porto. Você acha que o Gilbert e o Fred também se sentiram assim?

– Tenho certeza que não.

– Foi o que o Fred respondeu quando perguntei. Disse que só estava com medo de que eu mudasse de ideia no último instante, como a Rose Spencer. Se bem que não dá para saber o que um homem está pensando. Bem, é inútil preocupar-se com isso agora. A nossa tarde foi adorável! Nós revivemos

tantos momentos felizes. Queria que você não tivesse que ir embora amanhã, Anne.

– Você não pode vir me visitar em Ingleside no verão, Diana? Antes do verão. Bem, eu não vou receber visitas antes disso.

– Eu adoraria, mas acho que vai ser impossível escapar de casa no verão. Eu sempre tenho tanto o que fazer!

– Rebecca Dew finalmente irá me visitar e eu receio que a tia Mary Maria também. Foi o que ela deixou a entender para o Gilbert, ele tampouco quer que ela venha, só que ela é “parente” e por isso a porta da casa dele precisa estar sempre aberta para ela.

– Talvez eu possa ir no inverno. Adoraria visitar Ingleside novamente. Sua casa é adorável, Anne e sua família também.

– Ingleside é linda e eu a amo agora. Houve um tempo em que achei que jamais iria gostar de lá. De início eu a odiei pelas próprias virtudes, pois elas eram um insulto à minha Casa dos Sonhos. Lembro de ter dito com pesar a Gilbert quando partirmos: “Nós fomos muito felizes aqui e jamais seremos tão felizes assim em outro lugar”. Eu me deixei levar pela saudade da antiga casa por uns tempos. Então, as raízes da minha afeição por Ingleside começaram timidamente, mas eu lutei contra elas, é verdade. Por fim, tive que admitir meu amor por aquela casa e desde então, meu amor só tem aumentado. Não é uma casa muito antiga, pois casas velhas demais são tristes, também não é muito nova, casa novas demais são insossas, ou seja, ela é um meio-termo agradável. Amo cada cômodo dela, pois todos têm algum defeito e também alguma virtude. Algo que o distingue dos outros e lhe confere personalidade. Amo todas as árvores magníficas do jardim. Não sei quem as plantou, entretanto, toda vez que subo as escadas, eu me detenho no patamar. Sabe aquela janela pitoresca no patamar, com a namoradeira baixa? Pois eu me sento nela para apreciar a vista por um instante e digo: “Deus abençoe o sujeito que plantou aquelas árvores, quem quer que seja”.

A verdade é que temos árvores demais ao redor da casa, porém não conseguimos nos desfazer de nenhuma.

– O Fred também é assim. Ele venera aquele grande salgueiro ao sul da nossa casa. Já lhe disse várias e várias vezes que ele atrapalha a vista da sala de estar, mas ele só diz: “Você ousaria cortar uma coisa tão maravilhosa só porque ela está no caminho?”, de forma que o salgueiro continua lá e é adorável. É por isso que chamamos a propriedade de fazenda Lone Willow³.

Adoro o nome Ingleside⁴, soa tão acolhedor.

– Foi o que Gilbert disse. Nós demoramos para escolher um nome, tentamos vários e nenhum parecia adequado. Quando pensamos em Ingleside, percebemos na hora que era o certo. Estou contente por ter uma casa grande, é o que a nossa família precisava. As crianças, mesmo ainda pequenas, também a adoram.

– Elas são umas gracinhas. – Diana cortou mais uma “fatiazinha” do bolo de chocolate. – Gosto dos meus bolos, só que os seus têm alguma coisa. E as gêmeas! Nisso sim eu te invejo, sempre quis ter gêmeos.

– Ah, é claro que eu tenho um par de gêmeos, são o meu destino. No entanto, o fato de não se parecerem nem um pouco me decepciona. Nan é linda, com os cabelos e os olhos castanhos e pele delicada. Di é a favorita do pai, por ter olhos verdes e cabelos ruivos e cacheados. Shirley é o centro das atenções da Susan. Fiquei doente por tanto tempo depois que ele nasceu que ela cuidou dele praticamente como se fosse filho dela. Ela o chama de “meu moreninho” e o mima desavergonhadamente.

– E ainda é tão pequeno que você pode ir de noite verificar se ele não tirou as roupinhas e arrumá-lo – disse Diana. – O Jack tem 9 anos, sabe, e não quer que eu faça mais isso. Disse que já está grandinho, só que eu amo fazer isso! Ah, quem dera as crianças não crescessem tão rápido!

– Nenhum dos meus chegou nessa fase ainda, mas eu percebi que, desde que o Jem começou a ir à escola, ele não quer mais segurar a minha mão quando andamos pela vila – disse Anne com um suspiro. – Contudo, Walter, Shirley e ele ainda querem que eu os coloque na cama para dormir. Às vezes, Walter faz todo um ritual.

– E você ainda não precisa se preocupar com o que eles vão ser. O Jack está louco para ser um soldado quando crescer. Um soldado! Imagine só!

– Eu não me preocuparia com isso. Ele se esquecerá disso assim que inventar outra profissão para seguir, pois guerra é coisa do passado. O Jem quer ser marinheiro, como o capitão Jim, o Walter leva jeito para ser poeta e ele não é igual aos irmãos. Todos amam as árvores, entretanto, e todos adoram brincar no “Vale”, que é como eles chamam a pequena baixada atrás de Ingleside, que tem um riacho e um monte de trilhas encantadas. Um lugar bem comum, é somente “o Vale” para nós, mas para eles é a terra das fadas. As crianças têm lá os seus defeitos, mas não são uma turminha ruim e por sorte, sempre estão rodeados de muito amor. Ah, fico contente em imaginar que, amanhã, a essa hora, já terei voltado para Ingleside! Estarei contando histórias de ninar para os meus bebês, depois de ter elogiado as samambaias

e os sapatinhos-de-vênus da Susan. Ela tem “sorte” com as samambaias, são inigualáveis. Posso elogiá-las com sinceridade, já os sapatinhos-de-vênus, Diana! Não se parecem nem um pouco com flores, na minha opinião. Todavia eu nunca disse isso a ela, por medo de magoá-la. Sempre dou um jeito de contornar a situação. A Providência Divina ainda não falhou. Susan é tão prestativa, não sei o que eu faria sem ela e pensar que a considere uma “desconhecida”. Sim, é ótimo saber que vou voltar para casa, só que ao mesmo tempo estou triste por deixar Green Gables. Aqui é tão lindo, com Marilla e você. Nossa amizade sempre foi linda, Diana.

– Sim... sempre... Digo... Eu nunca soube dizer as coisas como você, Anne, mas nunca quebramos a nossa “promessa solene”, não é mesmo?

– Sempre! Manteremos nossa promessa para sempre.

Anne segurou as mãos de Diana. Elas ficaram em silêncio por um momento, um momento doce demais para palavras. Sombras longas e imóveis do entardecer formavam-se sobre a grama, as flores e a extensão verde dos prados ao redor. O sol se punha, fazendo com que o céu ganhasse tons cinza e róseos por trás das árvores pensativas, enquanto o crepúsculo primaveril dominava o jardim que não recebia mais visitantes. Passarinhos enchiam o ar com gorjeios aflautados. Uma grande estrela surgiu sobre as cerejeiras brancas.

– A primeira estrela é sempre um milagre – disse Anne alegre e sonhadoramente.

– Eu poderia ficar aqui eternamente – disse Diana. – Detesto a ideia de ter que voltar.

– Eu também, afinal, só estávamos fingindo ter 15 anos. Temos as nossas famílias para cuidar. Que delícia o perfume desses lilases! Já te ocorreu, Diana, que há algo um tanto... casto... no perfume dos lilases? Gilbert acha isso engraçado, ele adora o perfume dessas flores e para mim elas parecem evocar algo secreto, demasiado doce.

– É um aroma forte demais para se ter dentro de casa – disse Diana. Ela pegou o prato com os restos do bolo de chocolate, encarou-o longamente e então balançou a cabeça e o guardou na cesta com uma expressão de nobreza e sacrifício.

– Não seria divertido, Diana, se encontrássemos no caminho de volta as nossas versões mais jovens correndo em direção à Travessa dos Amantes?

Diana sentiu um leve arrepio.

– Nã-ã-ão, não acho que seria divertido, Anne, já está ficando tarde e tudo bem fantasiar essas coisas de dia, mas...

Elas voltaram para casa devagar, em silêncio, juntas, com o glorioso pôr do sol ardendo nas colinas que ficavam para trás, e o carinho antigo e inesquecível ardendo no coração delas.

Referência ao poema *With Rue My Heart is Laden*, do poeta inglês Alfred Edward Housman (1859-1936). (N. T.)

“Salgueiro Solitário”, em inglês. (N. T.)

Termo de origem do inglês britânico que se refere à área ao redor da lareira e também ao lar. (N. T.)



CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte, Anne terminou a semana que fora repleta de dias agradáveis levando flores ao túmulo de Matthew e de tarde ela embarcou no trem para a casa em Carmody. Por um instante, ela pensou em todas as coisas adoradas que estava deixando para trás, então os pensamentos dela se adiantaram e focou nas coisas adoradas que a esperavam. O coração dela cantarolou durante toda a viagem, pois ela estava voltando para uma casa cheia de alegria, onde todo mundo que entrava sabia que era um lar. Uma casa repleta de risadas, taças de prata, fotos, crianças, preciosidades com cachinhos e pernas gorduchas e cômodos que lhe dariam boas-vindas, onde as cadeiras aguardavam pacientemente, assim como os vestidos dela no armário, onde aniversários eram celebrados e segredos sussurrados.

“É tão bom sentir que estou indo para casa”, pensou Anne, tirando da bolsa a carta de um dos filhos pequenos, da qual ela rira com gosto na noite anterior ao lê-la orgulhosamente para o pessoal de Green Gables. A primeira carta que recebeu dos filhos, contudo era uma bela carta para um garoto de 7 anos que frequentava a escola há um ano, ainda que a ortografia fosse duvidosa e houvesse um borrão de tinta em um dos cantos.

“A Di chorou e chorou a noite toda porque o Tommy Drew disse que ia queimar a boneca dela na fogueira. A Susan conta histórias boas para a gente de noite, mas ela não é você, mamãe. Ontem ela me deixou ajudá-la a plantar algumas sementes.”

“Como pude ser feliz longe deles durante uma semana inteira?”, pensou a castelã de Ingleside, repreendendo-se.

– Como é bom ter alguém esperando por você ao final de uma jornada! – exclamou ao sair do trem em Glen St. Mary e cair nos braços de Gilbert. Ela não sabia se ele estaria aguardando por ela, afinal alguém estava sempre morrendo ou nascendo, no entanto, retornar para casa parecia não valer a pena sem ele para recebê-la e ele estava usando um belo terno novo cinza-

claro! “Ainda bem que eu vesti essa blusa clara com babados e o meu conjuntinho marrom, mesmo que a senhora Lynde tenha dito que era um disparate viajar vestida assim”, pensou Anne.

Ingleside estava toda acesa, com lanternas japonesas acinzentadas penduradas na varanda. Anne correu alegremente pelo caminho bordado por narcisos.

– Ingleside, aqui estou!

Todos a cercaram, rindo e conversando com animação, enquanto Susan sorria ao fundo. Todas as crianças traziam um buquê colhido especialmente para ela, até mesmo Shirley, com dois anos de idade.

– Ah, que recepção maravilhosa! Todos em Ingleside parecem tão felizes!

É esplêndido saber que a minha família está tão feliz em me ver.

– Mamãe, se você viajar de novo – avisou Jem, solenemente –, eu pegarei apêndice.

– Como se pega isso? – perguntou Walter.

– Xiu! – Jem cutucou Walter discretamente e murmurou: – sei que é uma dor em algum lugar e eu só quero assustar a mamãe, para que ela não vá embora.

Anne queria fazer uma centena de coisas primeiro: abraçar a todos; sair correndo sob o crepúsculo e colher amores-perfeitos, que eram encontradas por toda a parte em Ingleside; recolher a pequena boneca surrada deixada no tapete; ouvir todas as notícias e fofocas fresquinhas de todo mundo. Como aquela sobre a Nan, que havia enfiado a tampinha de um tubo de vaselina no nariz quando o doutor tinha ido visitar um paciente e a Susan estava distraída: “Garanto que foram momentos exasperantes, querida senhora”. Ou sobre a vaca da senhora Jud Palmer, que comeu 57 pregos e tiveram que chamar um veterinário de Charlottetown e a da relapsa da senhora Fenner Douglas, que foi à igreja com a cabeça descoberta. Já o papai arrancara todos os dentes-de-leão do jardim: “Ele fez o parto de oito bebês na sua ausência, querida senhora”. Ou ainda sobre o senhor Tom Flagg, que pintou o bigode: “Só faz dois anos que a esposa dele faleceu”. E a Rose Maxwell, de Harbour Head, que deixou Jim Hudson, de Upper Glen, plantado esperando por ela em um encontro e, depois, recebeu uma fatura cobrando tudo que ele tinha gasto com ela. Havia também a história de como o funeral da senhora Amasa Warren estava lotado. Sobre o gato de Carter Flagg, que levou uma mordida na base do rabo. Sobre Shirley, que foi encontrado no estábulo, debaixo de um dos cavalos: “Querida senhora, sou uma mulher

nova depois daquele dia”. Ou sobre como havia motivos suficientes para crer que as ameixeiras estavam empesteadas de fungos. E sobre a Di, que passou o dia cantando “mamãe volte para casa hoje, casa hoje, casa hoje” no ritmo de “Merrily We Roll Along”. Sobre o filhotinho da gata de Joe Reese que é vesgo, por ter nascido de olhos abertos. Sobre o Jem, que havia sentado inadvertidamente em um pedaço de papel caça-moscas antes de vestir as calças. Por fim, sobre o Camarão, que caíra dentro de um barril de água.

– Ele quase se afogou, querida senhora, mas por sorte o doutor ouviu seus gritos e o puxou pelas patas traseiras sem pestanejar. “O que é pestanejar, mamãe?”.

– Parece que ele se recuperou bem – disse Anne, acariciando as lustrosas curvas pretas e brancas do bichano de rosto grande que ronronava de satisfação sobre uma cadeira próxima à lareira. Não era seguro sentar-se em uma cadeira em Ingleside sem antes verificar se não havia um gato nela. Susan, que nunca fora muito afeiçãoada a gatos, jurou que iria aprender a gostar deles em autodefesa. Quanto ao Camarão, Gilbert o chamou assim um ano atrás, quando Nan salvou o filhotinho miserável e esquelético de alguns garotos que o torturavam na vila e o nome pegou, por mais que fosse completamente inapropriado agora.

– Mas, Susan! O que aconteceu com Gog e Magog? Ah... Eles não foram quebrados, foram?

– Não, não, querida senhora – exclamou Susan, ficando vermelha de vergonha e saindo correndo da sala. Ela voltou em seguida com os dois cãezinhos de porcelana, que sempre vigiavam Ingleside da cornija da lareira. – Não sei como fui me esquecer de recolocá-los no lugar antes da sua volta. Sabe, querida senhora, a senhora Charles Day veio de Charlottetown fazer uma visita um dia depois que você viajou, a senhora sabe como ela é correta e meticulosa. Walter achou que deveria entretê-la e apontou para os cachorros. “Esse é o Deus, e aquele é o Meu Deus”, disse a pobre criança, fiquei horrorizada e achei que iria morrer ao ver a expressão da senhora Day.

Eu expliquei da melhor maneira que pude, pois não queria que ela achasse que éramos uma família profana, mas decidi guardar os dois no armário das porcelanas até que você voltasse.

– Mamãe, já podemos jantar? Estou com um buraco no estômago – choramingou Jem. – E nós fizemos o prato favorito de cada um!

– “Nós”, disse a pulga sobre o elefante, fizemos isso mesmo – brincou Susan. – Achamos que o seu retorno deveria ser celebrado de maneira

apropriada, querida senhora. Onde está o Walter? É a vez daquele anjinho de soar o gongo das refeições.

A janta foi um verdadeiro banquete de gala e ter colocado as crianças para dormir antes foi um deleite. Susan até permitiu que ela colocasse Shirley na cama, já que aquela era uma ocasião especial.

– Esse não é um dia ordinário, querida senhora – disse solenemente.

– Ah, Susan, nenhum dia é ordinário. Cada dia tem alguma coisa que o outro não tem. Nunca reparou nisso?

– É verdade, querida senhora. Na sexta-feira passada, que foi um dia chuvoso e tedioso, os primeiros botões do meu grande gerânio rosa apareceram depois de três longos anos. E você viu os meus sapatinhos-de-vênus?

– Se eu vi? Nunca me deparei com sapatinhos-de-vênus assim na minha vida, Susan. Como você conseguiu? “Pronto, deixei Susan feliz e não contei nenhuma lorota. Nunca vi nada parecido, ainda bem!”.

– É o resultado do cuidado e da atenção constantes, querida senhora. Bom, preciso conversar com você sobre um assunto. Acho que o Walter está com certas “suspeitas”, alguma criança de Glen deve ter-lhe dito alguma coisa. A maioria das crianças de hoje sabe muito mais do que deveria. Walter me disse dias atrás, com uma expressão séria: “Susan, os bebês são caros?”. Fiquei confusa, mas mantive a compostura. “Algumas pessoas acreditam que são um luxo, só que aqui em Ingleside, achamos que são uma necessidade”, respondi. Aí eu me repreendi por ter reclamado em voz alta do preço das coisas nas lojas em Glen. Creio que isso o deixou preocupado. Bem, se ele lhe disser alguma coisa, querida senhora, já estará preparada.

– Tenho certeza de que você lidou com a situação de maneira maravilhosa – disse Anne, muito séria. – E creio que já chegou o momento de lhes contar o que estamos esperando.

O melhor de tudo foi quando Gilbert aproximou-se de Anne, parada junto à janela enquanto observava a névoa que vinha do oceano e se espalhava sobre as dunas e o porto sob o luar, avançando em direção ao longo e estreito vale diante de Ingleside, que abrigava o vilarejo de Glen St. Mary.

– Voltar no fim de um dia duro e encontrar você! Está feliz, minha Anne?

– Feliz? – Anne curvou-se para sentir o perfume de vaso repleto de flores de macieira que Jem colocara ao lado da cama dela. Ela sentia-se rodeada de amor. – Querido Gilbert, foi ótimo ser a Anne de Green Gables novamente

por uma semana, mas é cem vezes melhor estar de volta e ser a Anne de Ingleside.



CAPÍTULO 4

– Absolutamente não – disse o doutor Blythe, em um tom que Jem compreendeu.

Jem sabia que não havia esperanças de que o pai fosse mudar de ideia ou que a mãe fosse ficar do lado dele, pois estava claro que, a essa altura, os dois eram uma pessoa só. O olhar do menino escureceu de raiva e decepção ao encarar os pais cruéis e os afrontou com ainda mais ódio ao perceber que estavam completamente indiferentes, jantando como se não houvesse nada de errado. É claro que a tia Mary Maria notou a expressão dele, pois nada escapava dos olhos celestes e tristes dela. Porém, aqueles olhares a divertiam.

Bertie Shakespeare Drew passara a tarde toda brincando com Jem. Walter tinha ido até a antiga Casa dos Sonhos brincar com Kenneth e Persis Ford. Entretanto, Bertie disse ao Jem que todos os garotos de Glen iriam até Harbour Mouth naquela tarde para ver o capitão Bill Taylor tatuar uma cobra no braço do primo dele, Joe Drew. Ele, Bertie Shakespeare, iria com certeza e será que o Jem também não queria ir? Ia ser muito divertido. Jem ficara louco de vontade de ir, só que agora, ele descobrira que isso estava absolutamente fora de questão.

– Um dos vários motivos é que Harbour Mouth fica longe demais para você ir com aqueles garotos. Eles só voltarão tarde da noite e você deve estar na cama às oito, filho.

– Durante toda a infância, meu horário de dormir era às sete – disse a tia Mary Maria.

– Você precisa esperar até ficar mais velho para poder sair de noite – disse a mãe.

– Você disse isso na semana passada – reclamou Jem, indignado –, e eu já estou mais velho. Vocês acham que sou um bebê! O Bertie vai e ele tem a mesma idade que eu.

– Há uma onda de sarampo por aí – disse a tia Mary Maria, em um tom tenebroso –, e você pode ficar doente.

– Eu quero pegar sarampo – murmurou com rebeldia. Então, ao perceber o olhar do pai, ele aquiesceu, pois jamais permitiria que o garoto respondesse para a tia Mary Maria. A tia Diana e a tia Marilla eram tão amáveis, mas a tia Mary Maria era algo completamente novo no mundo de Jem.

– Tudo bem – disse ele desafiadoramente, olhando em direção à mãe para que ninguém achasse que ele estava falando com a tia Mary Maria –, se você não quer, não precisa me amar, mas você gostaria que eu fugisse para a África, para atirar em tigres?

– Não há tigres na África, querido – disse a mãe gentilmente.

– Leões, então! – gritou Jem. Eles estavam decididos a contrariá-lo, não é mesmo? Estavam decididos a rir dele, não estavam? Pois então ele iria mostrar a eles! – Você não pode dizer que não há leões na África. Existem milhões deles lá, a África está cheia de leões!

A mãe e o pai limitaram-se a sorrir novamente, o que tia Mary Maria não aprovava. A insolência das crianças não deveria ser tolerada.

– Mudando de assunto – disse Susan, dividida entre o amor e a simpatia pelo pequeno Jem e a convicção de que o doutor e a esposa estavam absolutamente certos em não permitir que ele fosse com aquela gangue da vila até a casa do bêbado e imoral capitão Bill Taylor –, aqui está o seu pão de gengibre com chantilly, querido Jem.

Pão de gengibre com chantilly era a sobremesa favorita de Jem. Naquela noite, entretanto, seu encanto não foi capaz de aplacar a alma atormentada dele.

– Não quero! – disse, de cara feia. Ele se levantou e se afastou da mesa com passos pesados, virando-se ao chegar na porta para uma provocação final.

– Eu só vou para a cama depois das nove. E quando for grande, nunca irei dormir, vou ficar acordado a noite toda, todas as noites e vou fazer um monte de tatuagens. Serei tão ruim quanto puder, vocês vão ver.

– O correto é “mau”, e não “ruim” – disse a mãe.

Nada era capaz de comovê-los?

– Suponho que ninguém queira a minha opinião, Annie, mas, se eu falasse com os meus pais dessa forma quando era criança, eles teriam arrancado o meu couro – disse a tia Mary Maria. – Acho uma pena a vara de marmelo ser tão negligenciada hoje em dia em alguns lares.

– A culpa não é do pequeno Jem – interveio Susan de repente, vendo que o doutor e a esposa não iam dizer nada. E se a Mary Maria achava que podia opinar, ela, Susan, iria deixar as coisas claras. – Foi Bertie Shakespeare Drew que colocou na cabeça dele que seria divertido ver o Joe Drew ser tatuado. Ele passou a tarde aqui e entrou de fininho na cozinha para pegar a melhor panela de alumínio e usá-la como capacete, disse que estavam brincando de soldados. Em seguida, fizeram barcos com pedaços de madeira e ficaram ensopados até a alma no córrego do Vale. E depois passaram uma boa hora pulando no quintal, fazendo barulhos estranhos, fingindo que eram sapos. Sapos! Não é à toa que o pequeno Jem está tão cansado e transtornado. Ele é a criança mais bem-comportada que já viveu quando não está exausto e disso não há dúvidas.

A tia Mary Maria ficou em um silêncio exasperante, ela nunca falava com a Susan Baker durante as refeições, o que expressava sua desaprovação por permitirem que ela se “sentasse com a família”.

Anne e Susan haviam discutido o assunto antes da chegada da tia Mary Maria. Susan, que “conhecia o lugar dela”, nunca se sentava ou esperava ser convidada a se sentar à mesa quando havia visitas em Ingleside.

– A tia Mary Maria não é uma visita – disse Anne. – Ela faz parte da família, assim como você, Susan.

Por fim ela cedeu, sentindo uma satisfação secreta porque a Mary Maria Blythe perceberia que ela não era uma mera empregada. Ela nunca tinha visto a tia Mary Maria, mas a sobrinha de Susan, filha da Matilda, tinha trabalhado para ela em Charlottetown e contou tudo sobre ela para a tia.

– Não vou fingir que estou encantada com o prospecto de uma visita da tia Mary Maria, Susan, especialmente agora – disse Anne com franqueza. – Só que ela escreveu para Gilbert perguntando se poderia passar algumas semanas e você sabe como o doutor é com a família...

– O que é direito dele – disse Susan com firmeza. – Um homem deve ser solidário com aqueles que são sangue do mesmo sangue que ele. Porém, algumas semanas... Bem, querida senhora, não quero ver o lado ruim das coisas, mas a cunhada da minha irmã Matilda veio visitá-la por algumas semanas e acabou ficando vinte dias.

– Não creio que precisamos nos preocupar com isso, Susan – sorriu Anne. – A tia Mary Maria tem uma bela casa em Charlottetown. No entanto, agora ela parece muito grande e solitária. A mãe dela morreu há dois anos, sabe,

tinha 85 anos. A tia Mary Maria foi muito boa para ela e ainda sobre com a ausência dela. Vamos tornar a visita dela o mais agradável possível, Susan.

– Farei o que estiver em meu alcance, querida senhora. É claro que teremos que colocar outra tábua na mesa, mas, no final das contas, é melhor aumentar a mesa do que diminuí-la.

– Não podemos colocar flores na mesa, Susan, pois me parece que isso ataca a asma dela. E pimenta a faz espirrar, então é melhor não usar. É também vítima de dores de cabeça frequentes, por isso devemos tentar não fazer barulho.

– Meu Deus! Bem, a senhora e o doutor não são de fazer barulho e se eu quisesse gritar, posso ir até o bosque de bordos. Agora, se as nossas pobres crianças tiverem que ficar quietas o tempo inteiro por causa das dores de cabeça da Mary Maria Blythe... desculpe a minha sinceridade, mas, isso já é demais, querida senhora.

– É só por algumas semanas, Susan.

– Espero que sim. Ah, bem, querida senhora, temos que aceitar tanto as coisas boas quanto as ruins na vida. – Foram as palavras finais de Susan.

E assim a tia Mary Maria chegou, exigindo saber no instante de sua chegada se as chaminés tinham sido limpas recentemente. Ao que parece, ela tinha um grande pavor de incêndios.

– Eu sempre disse que as chaminés dessa casa não são altas o suficiente. Espero que a minha cama tenha sido bem arejada, Annie. Roupas de cama úmidas são horríveis.

Ela tomou posse do quarto de hóspedes de Ingleside e incidentalmente, de todos os outros quartos da casa exceto o de Susan. Ninguém reagiu à visita dela com grande deleite. Jem, depois de dar uma olhada nela, correu para a cozinha e sussurrou para Susan: “A gente vai poder rir enquanto ela estiver aqui, Susan?”. Os olhos de Walter se encheram de lágrimas e ele teve que ser tirado ignominiosamente às pressas da sala. As gêmeas não esperaram para serem retiradas e correram para fora por conta própria. Até o Camarão, segundo Susan, foi para o quintal e teve um ataque. Apenas Shirley permaneceu onde estava, no porto seguro do colo de Susan, com os olhos redondos, castanhos e destemidos fixos na visita. A tia Mary Maria achou que as crianças de Ingleside eram muito mal-educadas, mas o que poderia se esperar, com uma mãe que “escrevia para os periódicos”, um pai que achava que os filhos eram a perfeição só porque eram os dele e uma empregada que não sabia o lugar dela? Não obstante, a tia Mary Maria estava disposta a

fazer o possível para os netos do pobre primo John enquanto estivesse em Ingleside.

– Sua prece é breve demais, Gilbert – desaprovou ela na primeira refeição.

– Gostaria que eu desse graças enquanto eu estiver aqui? Seria um exemplo melhor para a sua família.

Para o horror de Susan, Gilbert concordou e a tia Mary Maria agradeceu antes do jantar.

– Foi mais uma reza do que um agradecimento – comentou Susan com desdém enquanto lavava os pratos, ela concordava secretamente com a descrição da tia Mary Maria feita pela sobrinha: “Ela parece que está sempre sentindo um cheiro muito, muito ruim, tia Susan, não um odor desagradável, mas um cheiro realmente fedorento”. Gladys sabia como se expressar, refletiu Susan. Ainda assim, para qualquer pessoa mais imparcial que Susan, a senhorita Mary Maria não era feia para uma dama de 55 anos. Tinha o que acreditava serem “traços aristocráticos”, emoldurados por frisos grisalhos sempre impecáveis que pareciam insultar diariamente os cabelos acinzentados e eriçados de Susan. Ela se vestia muito bem, usava brincos compridos negros e modernos colarinhos altos de renda no pescoço esguio.

– Pelo menos não precisamos ter vergonha da aparência dela – refletiu Susan. No entanto, o que a tia Mary Maria pensaria se descobrisse que a Susan se consolava com esses argumentos deve ficar para a imaginação.



CAPÍTULO 5

Anne preparava um vaso de lírios para o quarto dela e outro com as peônias de Susan para a mesa do Gilbert na biblioteca, peônias brancas como leite com uma mancha vermelho-sangue no coração, como o beijo de um deus. O ar estava ganhando vida depois do dia excepcionalmente quente de junho e era quase impossível dizer se o porto estava prateado ou dourado.

– Teremos um pôr do sol maravilhoso hoje, Susan – disse ela, olhando pela janela da cozinha.

– Só conseguirei admirar o pôr do sol depois de terminar de lavar a louça, querida senhora – disse Susan.

– Ele já terá se posto até lá, Susan. Veja a nuvem branca enorme sobre o Vale, com o topo rosado. Você não gostaria de voar até lá e deitar-se nela?

Susan imaginou-se voando sobre o vale, com o pano de lavar louça em uma das mãos, até a nuvem. E não gostou nada, porém concessões deveriam ser feitas à senhora do doutor.

– Há um novo tipo de bicho comendo as roseiras – continuou Anne. – Vou fumigá-los amanhã. Gostaria de fazer isso ainda hoje, pois esse é o tipo de tarde em que eu adoraria trabalhar no jardim. As rosas estão crescendo e espero que haja jardins no céu, Susan, jardins onde possamos trabalhar e ajudar as plantas a crescerem.

– Só que sem insetos – protestou Susan.

– Sem insetos, suponho. Entretanto, um jardim completo não seria realmente divertido, Susan. É preciso trabalhar em um jardim, do contrário o seu verdadeiro significado se perde. Quero arrancar ervas daninhas, cavar, mudar as plantas de lugar, fazer alterações e planos, podar. E quero encontrar no céu as flores que amo tanto. Prefiro meus próprios amores-perfeitos do que asfódelos, Susan.

– Por que não pode trabalhar nesta tarde, se quer tanto? – interrompeu Susan, que achava que a senhora do doutor estava indo um pouco longe

demais.

– Porque o doutor quer que eu o acompanhe, ele vai fazer uma visita à esposa do velho senhor John Paxton, que está morrendo e não há nada que se possa fazer, Gilbert já fez tudo que podia, mas ela gosta das visitas dele.

– Bem, querida senhora, todos sabem que ninguém nasce ou morre por aqui sem a presença dele e a tarde está ótima para um passeio. Acho que eu mesma vou fazer uma caminhada até a vila, reabastecer nossa despensa depois de colocar as gêmeas e Shirley na cama e de adubar a planta que a senhora Aaron Ward me deu, pois ela não está florescendo como deveria. A senhorita Blythe acabou de subir as escadas, suspirando a cada degrau, reclamando que está a ponto de ter outra das dores de cabeça dela, então finalmente teremos um pouco de paz e tranquilidade nesta tarde.

– Certifique-se de que o Jem vá para a cama na hora certa, Susan – disse Anne enquanto se afastava sob o entardecer, que parecia um copo de fragrância sendo derramado. – Ele está muito mais cansado do que imagina e nunca quer ir para a cama. Walter não vai voltar hoje, pois Leslie pediu que ele passasse a noite lá.

Jem estava sentado nos degraus da porta lateral, com um pé descalço sobre o joelho, olhando de cara feia para tudo em geral e em particular para uma enorme lua que surgia detrás do pináculo da igreja de Glen. Jem não gostava das luas grandes.

– Cuidado para não ficar com essa cara para sempre – dissera a tia Mary Maria quando passou por ele ao entrar em casa.

Jem fez uma careta ainda pior, ele não se importava se o rosto dele ficasse assim para sempre e quem dera se ficasse.

– Saia daqui e pare de me seguir o tempo todo – disse ele a Nan, que o procurara assim que o pai e a mãe saíram de casa.

– Rabugento! – disse Nan. Antes de sair correndo, ela colocou ao lado dele o doce vermelho em formato de leão que tinha trazido para ele.

Jem a ignorou. Ele se sentia mais maltratado do que nunca, ninguém o tratava bem, todos implicavam com ele. Nan lhe dissera naquela mesma manhã: “Você não nasceu em Ingleside como o resto de nós”. Di havia comido o coelho de chocolate dele naquela manhã, sabendo que era de Jem. Até Walter o abandonara, preferindo cavar poços de areia com Ken e Persis Ford. Que divertido! E ele queria tanto ter ido com Bertie ver a tatuagem, Jem tinha certeza de que nunca tinha desejado tanto alguma coisa em toda a

vida. Ele queria ver a maravilhosa miniatura de barco a vela que Bertie dizia que ficava na lareira do capitão Bill. Era uma lástima, é isso o que era.

Susan lhe trouxe uma grande fatia de bolo com cobertura de xarope de bordo e nozes, mas Jem disse um “não, obrigado” friamente. Por que ela não tinha guardado uma fatia de pão de gengibre com creme para ele? Sem dúvida os outros haviam comido tudo. Porcos! Ele mergulhou em uma melancolia ainda mais profunda. Àquela hora, a gangue já devia estar a caminho de Harbour Mouth, Jem não suportava nem imaginar, contudo tinha que fazer alguma coisa para se vingar dos pais. E se ele abrisse a girafa de brinquedo da Di no tapete da sala? Aquilo deixaria Susan furiosa. Susan e suas nozes, quando ela sabia muito bem que ele odiava nozes em coberturas. E se ele desenhasse um bigode na imagem do querubim do calendário que havia no quarto dela? Ele sempre detestara aquele querubim rosa, gordo e sorridente porque era idêntico à Sissy Flagg, que espalhara para a escola inteira que Jem Blythe era namorado dela. Namorado dela! Todavia, Susan achava o querubim adorável.

E se ele arrancasse os cabelos da boneca da Nan? Ele podia também quebrar o nariz do Gog ou do Magog ou de ambos e talvez isso fizesse a mamãe ver que ele não era mais um bebê. Espere só até a próxima primavera! Ele comprara as flores favoritas dela por anos e anos e anos, desde os 4 anos de idade, mas não iria fazer isso na próxima primavera. Não, senhor!

E se ele comesse um monte daquelas maçãzinhas da árvore jovem e ficasse doente? Talvez isso desse um susto neles. E se ele nunca mais lavasse atrás das orelhas? E se fizesse caretas para todo mundo na igreja no próximo domingo? E se ele colocasse uma lagarta na tia Mary Maria, uma lagarta grande, listrada e peluda? E se ele fugisse para o porto, se escondesse no barco do capitão David Reese e zarpasse pela manhã para a América do Sul? Será que eles ficariam arrependidos? E se ele nunca mais voltasse? E se ele fosse caçar jaguares no Brasil? Então ficariam com remorso? Não, Jem apostava que não, pois ninguém o amava. Havia um buraco no bolso da calça dele e ninguém o remendara. Bem, ele não se importava. Jem simplesmente iria mostrar aquele rasgo para todo mundo em Glen, para que vissem como ele era negligenciado. Seus erros surgiram e o engolfaram.

Tique-taque... Tique-taque... Tique-taque... Fazia o grande e antigo relógio de pêndulo no hall de entrada, que fora trazido para Ingleside depois da morte do vovô Blythe. Um relógio indiscutivelmente velho que datava da

época em que existia uma coisa chamada tempo. Geralmente, Jem o adorava, só que agora o detestava, pois parecia rir dele. “Ha, Ha, a hora de dormir está chegando, os outros garotos podem ir para Harbour Mouth, mas você tem que ir para a cama. Ha, ha, ha, ha, ha, ha!”

Por que ele tinha que ir para a cama todas as noites? Por quê?

Susan saiu, a caminho de Glen e olhou com ternura para a criaturinha rebelde.

– Você não precisa ir para a cama até a hora que eu voltar, pequeno Jem – disse indulgentemente.

– Hoje eu não vou para a cama! – disse Jem com veemência. – Eu vou fugir, é isso que vou fazer, velha Susan Baker. Vou pular no lago, velha Susan Baker.

Susan não gostava de ser chamada de velha, nem mesmo pelo pequeno Jem, ela se afastou em um silêncio ressentido, constatando que ele precisava mesmo de um pouco de disciplina. O Camarão, que tinha saído da casa com ela em busca de companhia, sentou-se diante de Jem sobre as patas traseiras pretas, mas só ganhou uma olhada furiosa.

– Suma daqui! Sentado aí, encarando-me como a tia Mary Maria! Fora daqui! Ah, não quer ir? Então, tome isso!

Jem arremessou o pequeno carrinho de mão de lata de Shirley que estava ali perto e Camarão fugiu com um miado queixoso para o santuário de um arbusto de rosa mosqueta. Veja só! Até o gato da família o detestava! Qual era o sentido de continuar vivendo?

Ele pegou o doce em formato de leão. Nan havia comido o rabo e boa parte do quarto traseiro, mas ainda era um belo leão. Talvez fosse melhor comê-lo, aquele podia ser o último leão que comeria na vida. Quando terminou de comer e de lamber os dedos, ele já tinha decidido o que iria fazer. A única coisa que se pode fazer quando não se pode fazer nada.



CAPÍTULO 6

– Por que a casa está toda iluminada? – exclamou Anne, quando Gilbert e ela passaram pelo portão às onze horas. – Deve ter chegado visita.

Entretanto, não havia ninguém estranho à vista quando Anne apressou-se. Não havia ninguém em casa, a cozinha estava iluminada e também a sala de visitas, a biblioteca, a sala de jantar, o quarto de Susan e o corredor do andar de cima e não havia sinal algum dos habitantes.

– O que você acha... – Anne começou a falar, antes de ser interrompida pelo toque do telefone. Gilbert o atendeu, ouviu por um instante, proferiu uma exclamação de horror e saiu correndo sem nem olhar para Anne. Evidentemente, algo horrível acontecera e não havia tempo para explicações.

Anne estava acostumada com isso, como deve estar a esposa de um homem que convive com a vida e a morte. Com um dar de ombros filosófico, ela tirou o chapéu e o casaco, ficou um tanto irritada com Susan, que não deveria ter saído e deixado todas as luzes acesas e as portas escancaradas.

– Querida Senhora... – disse uma voz que não podia ser de Susan, mas era e nem Anne acreditava.

Anne a encarou. Susan estava sem chapéu, os cabelos grisalhos cheios de feno e o vestido estampado completamente sujo e descolorido. E a expressão no rosto!

– Susan! O que aconteceu? Susan!

– O pequeno Jem desapareceu.

– Desapareceu? – Anne a encarou, estupefata. – Como assim? Ele não pode ter desaparecido!

– É verdade – soluçou Susan, torcendo as mãos. – Ele estava nos degraus da porta lateral quando fui para Glen. Eu voltei antes do anoitecer e ele não estava aqui. De início eu não fiquei assustada, só que eu não consegui

encontrá-lo em um lugar nenhum. Vasculhei cada cômodo da casa... ele disse que ia fugir de casa.

– Besteira! Ela não faria isso, Susan e você se apoquentou à toa, e deve estar em algum lugar por perto ou ter adormecido, não deve ter ido longe.

– Já procurei por toda parte, senhora. Já esquadrinhei o terreno e as dependências. Veja o meu vestido, me lembrei que ele disse que seria muito divertido dormir no palheiro. Então eu fui até lá e caí em um buraco em um canto sobre uma das manjedouras do estábulo e sobre um ninho de ovos. Foi muita sorte eu não ter quebrado a perna, se é que podemos falar de sorte quando o pequeno Jem está perdido.

Anne continuava recusando-se a ficar aflita.

– Você acha que ele foi até Harbour Mouth com os garotos, Susan? Ele nunca desobedeceu a uma ordem minha antes, porém...

– Não, ele não foi, querida senhora, o coitadinho não te desobedeceu. Fui até a casa dos Drew depois de procurar por toda parte, e Bertie Shakespeare tinha acabado de voltar, disse que o Jem não foi com eles e meu coração despencou. Você o confiou aos meus cuidados... Eu telefonei para os Paxton e eles disseram que vocês estiveram lá, mas que já tinham ido embora e não sabiam para onde.

– Fomos até Lowbridge visitar os Parker...

– Telefonei para todos os lugares que vocês poderiam estar. Então voltei para a vila... os homens já começaram as buscas.

– Ah, Susan, será que é mesmo necessário?

– Querida senhora, já escarafunchei todos os cantos, todos os lugares em que uma criança pode estar. Ah, tudo que já passei esta noite! E ele disse que iria pular no lago...

Apesar da calma, um arrepio percorreu o corpo de Anne. É claro que Jem não iria pular no lago, isso era bobagem, se bem que havia um barquinho velho que Carter Flagg usava para pescar trutas e, em seu estado de rebeldia, Jem podia ter tentado navegar nele (várias vezes ele quis fazer isso) e podia até ter caído no lago ao tentar desamarrá-lo. De repente, o medo dela ganhou contornos terríveis.

“E eu não faço a menor ideia onde o Gilbert foi”, pensou ela descontroladamente.

– Qual é o motivo de toda essa algazarra? – exigiu saber a tia Mary Maria, aparecendo subitamente nas escadas, com a cabeça repleta de frisadores,

envolta em um robe bordado com dragões. – Será que não é possível ter uma noite de descanso nesta casa?

– O pequeno Jem desapareceu – disse Susan novamente, aterrorizada demais para se ressentir com o tom da senhorita Blythe. – A mãe dele confiou em mim...

Anne tinha ido vasculhar a casa. Jem tinha que estar em algum lugar! Ele não estava no quarto dele, pois a cama estava intocada, não estava no quarto das gêmeas nem no dela, ele não estava em lugar nenhum da casa. Anne, após peregrinar do sótão ao porão, voltou para a sala em um estado muito próximo do pânico.

– Não quero te deixar nervosa, Annie – disse a tia Mary Maria, em um tom de voz sinistramente baixo –, mas você já olhou no barril de água da chuva? O pequeno Jack MacGregor afogou-se em um barril no ano passado, na cidade.

– Eu olhei lá – disse Susan, contorcendo novamente as mãos. – Eu peguei uma vara e remexi o fundo...

O coração de Anne, que suspendera as operações depois da pergunta da tia Mary Maria, voltou a funcionar. Susan se controlou e parou de torcer as mãos, ela lembrou-se tarde demais que a querida senhora não deveria se afligir.

– Vamos nos tranquilizar e nos recompor – disse com uma voz trêmula. – Como a senhora falou, ele deve estar em algum lugar por perto, não pode ter se dissolvido no ar.

– Já olharam no depósito de carvão? E no relógio? – perguntou a tia Mary Maria.

Susan tinha olhado no depósito de carvão, contudo ninguém havia cogitado o relógio. Era grande o suficiente para uma criança pequena se esconder. Anne, desconsiderando o absurdo que seria imaginar Jem agachado dentro dele há quatro horas, correu até o relógio. Só que o menino não estava lá.

– Tive a sensação de que algo iria acontecer quando fui para a cama hoje – disse a tia Mary Maria, com as duas mãos sobre as têmporas. Quando li meu capítulo diário da Bíblia, as palavras “tu não sabes o que o dia pode te reservar”⁵ pareceram se destacar da página, foi um sinal. É melhor se preparar para o pior, Annie, ele pode ter ido ao pântano, porém é uma pena não termos nenhum cão farejador.

Com um esforço descomunal, Anne conseguiu rir.

– Receio que não haja nenhum na ilha, tia. Se ainda tivéssemos o velho setter do Gilbert, o Rex, que morreu envenenado, ele encontraria o Jem em um piscar de olhos. Estou certa de que estamos nos alarmando por nada...

– Tommy Spencer desapareceu misteriosamente em Carmody há quarenta anos e nunca foi encontrado ou foi? Bem, se sim, foi só o esqueleto. Isso não é motivo para rir, Annie. Não sei como consegue ficar tão calma.

O telefone tocou. Anne e Susan olharam uma para a outra.

– Eu não... não consigo atender o telefone, Susan – sussurrou Anne.

– Também não – afirmou Susan categoricamente. Ela odiaria a si mesma pelo resto de seus dias por demonstrar tamanha fraqueza diante da Mary Maria Blythe, mas ela não conseguiu evitar. Duas horas de buscas frenéticas e fantasias distorcidas a deixaram um caco.

A tia Mary Maria avançou até o telefone e o atendeu. Os frisadores criaram na parede uma silhueta com chifres que Susan percebeu, apesar da angústia, que parecia ser do Satanás em pessoa.

– Carter Flagg disse que eles procuraram por toda a parte e que ainda não encontraram nenhum sinal dele – relatou a tia Mary Maria com frieza. – Entretanto, ele disse que o barco está no meio do lago, aparentemente sem ninguém. Eles vão drenar o lago.

Susan segurou Anne bem a tempo.

– Não... Não... Eu não vou desmaiar, Susan – disse Anne, com os lábios pálidos. – Ajude-me a me sentar... Obrigada. Temos que encontrar Gilbert.

– Se o James se afogou, Annie, você precisa ter em mente que ele foi poupado de muito sofrimento nesse mundo miserável – disse a tia Mary Maria, tentando consolá-la.

– Vou pegar a lamparina e procurar pela propriedade mais uma vez – disse Anne, assim que conseguiu se levantar novamente. – Sim, eu sei que você já fez isso, Susan, mas deixe-me. Não consigo ficar parada.

– Então você precisa vestir um suéter, querida senhora. Há muito orvalho nesta noite e o ar está úmido. Vou pegar o seu vermelho... Está pendurado em uma cadeira no quarto do menino. Espere até eu buscá-lo.

Susan subiu as escadas apressadamente. Alguns momentos depois, algo que só poderia ser descrito como um grito ecoou por toda Ingleside. Anne e a tia Mary Maria correram até lá e encontraram ela rindo e chorando no corredor, mais próxima da histeria do que Susan Baker jamais chegou na vida.

– Querida senhora, ele está ali! O pequeno Jem está ali, dormindo no assento da janela atrás da porta. Não olhei ali, pois a porta o escondeu e quando não o vi na cama...

Anne, debilitada pelo alívio e pela alegria, entrou no quarto e ajoelhou-se ao lado do assento. Em pouco tempo, Susan e ela estariam rindo da própria tolice, mas naquele instante só havia espaço para lágrimas de gratidão. O pequeno Jem dormia profundamente no assento próximo à janela, coberto por uma manta, com o ursinho de pelúcia surrado nas mãos queimadas pelo sol e o benevolente Camarão estirado sobre as pernas. Os cachos vermelhos se espalhavam sobre a almofada. Parecia estar tendo um sonho agradável e Anne não quis despertá-lo. No entanto, de repente ele abriu os olhos que eram como duas estrelas cor de avelã e a encarou.

– Jem, querido, por que não está na sua cama? Nós ficamos um pouco alarmadas, não conseguimos te encontrar e nem pensamos em procurar aqui...

– Eu me deitei aqui para ver você e o papai entrarem pelo portão quando chegassem em casa. Estava me sentindo tão sozinho que simplesmente resolvi me deitar.

A mãe o pegou nos braços e o levou para a cama dele. Era tão bom ser beijado, sentir o lençol sendo arrumado ao seu redor e as carícias que davam a sensação de ser amado. Que importância tinha ver alguém tatuar uma velha serpente? A mamãe era tão boa, simplesmente a melhor que alguém já teve. Todo mundo em Glen chamava a mãe de Gertie Shakespeare de “senhora bruxa” porque era muito malvada e ele sabia, pois já tinha visto, que ela dava tapas no rosto do filho por qualquer motivo.

– Mamãe – disse ele, com sono –, é claro que vou comprar suas flores favoritas na próxima primavera, em todas as primaveras. Pode contar comigo.

– É claro, querido – disse ela.

– Bem, já que todo mundo resolveu suas inquietudes, suponho que já podemos respirar aliviados e voltar para a cama – disse a tia Mary Maria, com certo alívio egoísta.

– Foi tolice da minha parte não me lembrar do assento da janela – disse Anne. – Fizemos papel de boba e o doutor não nos deixará esquecer disso, pode ter certeza. Susan, ligue para o senhor Flagg e diga que encontramos o Jem, por favor.

– Como ele vai rir de mim – disse Susan, contente. – Não que eu me importe, ele pode rir o quanto quiser agora que o Jem está em segurança.

– Uma xícara de chá cairia tão bem... – suspirou a tia Mary Maria, envolvendo as formas enxutas com os dragões.

– Só um segundo – disse Susan bruscamente. – Nós três nos sentiremos melhor depois de uma xícara de chá. Querida senhora, quando Carter Flagg ouviu que o pequeno Jem está a salvo, disse: “Graças a Deus”. Nunca mais reclamarei daquele homem novamente, cobre o que cobre. E o que acha de comermos frango no jantar de amanhã, querida senhora? Como uma pequena celebração, digamos assim e eu farei os muffins favoritos do Jem para o café da manhã!

O telefone tocou novamente. Dessa vez era Gilbert, avisando que ia levar um bebê com queimaduras graves de Harbour Head até o hospital da cidade e que só voltaria pela manhã.

Anne inclinou-se sobre o parapeito da janela para uma última olhada no mundo antes de ir para a cama. Uma brisa fresca soprava do mar. Uma espécie de êxtase iluminado pela lua acontecia entre as árvores do Vale. Anne até conseguiu rir, com um estremecimento por trás da risada, do pânico de uma hora atrás e das sugestões absurdas e lembranças agourentas da tia Mary Maria. O filho dela estava em segurança e Gilbert estava em algum lugar, tentando salvar a vida de outra criança. Senhor, o proteja e a sua mãe... proteja todas as mães. Precisamos tanto de ajuda com os coraçõezinhos e mentes sensíveis e amorosos que buscam orientação, amor e compreensão em nós!

A noite amiga e envolvente apossou-se de Ingleside e todos, até Susan, que queria se esconder em um buraco tranquilo e pagar pelo que fez, adormeceram sob a proteção de seu teto.

Referência ao antigo Testamento, Provérbios 27:1. (N. T.)



CAPÍTULO 7

– Ele terá bastante companhia e não se sentirá sozinho, o nossos quatro... além disso, minha sobrinha e meu sobrinho de Montreal virão nos visitar. O que um não pensar, o outro pensará.

A grande, afável e alegre esposa do doutor Parker abriu um enorme sorriso para Walter, que retribuiu timidamente. Ele não tinha certeza se gostava dela, apesar dos sorrisos e da jovialidade. Ela era excessiva, de alguma forma. Do doutor Parker ele gostava, quanto aos “nossos quatro” e a sobrinha e o sobrinho de Montreal, ele nunca tinha os visto. Lowbridge, onde os Parker viviam, ficava a dez quilômetros de Glen, e Walter nunca havia estado lá, ainda que o doutor Parker e a esposa visitassem o doutor e a senhora Blythe com frequência e vice-versa. O Doutor Parker e o pai de Walter eram bons amigos, contudo, ele achava que a mãe ficaria muito melhor sem a senhora Parker. Anne já tinha percebido que Walter, mesmo com seis anos de idade, podia ver coisas que as outras crianças não podiam.

Walter também não tinha certeza se queria mesmo ir para Lowbridge.

Algumas visitas esplêndidas, como viajar para Avonlea, por exemplo... Ah, que diversão! E passar a noite com Kenneth Ford na antiga Casa dos Sonhos era ainda mais divertido, ainda que isso não pudesse ser chamado de visita, pois a Casa dos Sonhos sempre foi como um segundo lar para os jovens de Ingleside. Entretanto, passar duas semanas inteiras em Lowbridge, entre desconhecidos, era bem diferente, mesmo assim, parecia que tudo estava decidido. Por algum motivo que Walter conseguia apenas sentir e não compreender, o papai e a mamãe pareciam satisfeitos com o combinado. “Será que querem se livrar de todos os filhos?”, imaginou Walter com tristeza e inquietação. Jem tinha sido levado para Avonlea dois dias atrás e ele ouvira Susan comentando misteriosamente sobre “mandar as gêmeas para a casa da senhora Marshall Elliott quando a hora chegasse”. Que hora? A tia Mary Maria parecia muito melancólica por causa de alguma coisa e

tinha dito que “queria que tudo acabasse logo”. O que ela queria que acabasse logo? Walter não fazia ideia e havia algo estranho no ar de Ingleside.

– Eu o levarei amanhã – disse Gilbert.

– Meus mais novos ficarão animados – disse a senhora Parker.

– É muita bondade sua – disse Anne.

– É melhor assim, sem dúvida – disse Susan com pesar para o Camarão, na cozinha.

– Foi muita generosidade da parte da senhora Parker ficar com o Walter, Annie – disse a tia Mary Maria, depois que os Parker foram embora. – Ela me disse que o adorou. As pessoas têm cada uma, não é mesmo? Bem, acho que por pelo menos duas semanas eu conseguirei ir ao banheiro sem tropeçar em um peixe morto.

– Um peixe morto, tia! Não me diga que...

– Pois eu digo sim, Annie. Como sempre faço. Um peixe morto! Já pisou descalça em um peixe morto?

– N-não, mas como...

– Walter pegou uma truta na noite passada e a colocou na banheira para mantê-la viva, querida senhora – disse Susan casualmente. – Não seria um problema se ela tivesse ficado lá dentro, mas de alguma forma ela conseguiu pular para fora e morreu. É claro, se as pessoas andam por aí descalças...

– Tenho como regra nunca discutir com ninguém – disse a tia Mary Maria, levantando-se e saindo da sala.

– Estou decidida a não permitir que ela me insulte, querida senhora – disse Susan.

– Ah, Susan, ela está começando a me irritar, mas isso não me incomodará tanto depois que tudo tiver terminado e deve ser horrível pisar em um peixe morto.

– Não é melhor um peixe morto do que um vivo, mamãe? Um peixe morto não se contorce – disse Di.

Já que a verdade deve ser dita a todo custo, é preciso admitir que tanto a senhora como a empregada de Ingleside riram.

E assim as coisas ficaram acertadas. Naquela noite, entretanto, Anne perguntou para Gilbert se o Walter ficaria bem em Lowbridge.

– Ele é tão sensível e imaginativo – disse, preocupada.

– Até demais – disse Gilbert, cansado depois de ter tido, como dissera Susan, três bebês só naquele dia. – Anne, acho que aquela criança tem medo

de subir as escadas no escuro, passar alguns dias com o bando dos Parker lhe fará maravilhas e ele voltará uma criança diferente.

Anne não disse mais nada. Gilbert estava certo, sem dúvida, contudo Walter se sentiria solitário sem o Jem e em vista do que acontecera quando Shirley nasceu, o ideal é que Susan tivesse a menor quantidade de trabalho possível além de cuidar da casa e aturar a tia Mary Maria, uma vez que as duas semanas já haviam se estendido para quatro.

Walter estava acordado na cama, dando asas à imaginação para tentar escapar do pensamento assustador de que iria ser levado embora no dia seguinte. O garoto tinha uma imaginação muito vívida, era como um corcel branco, como aquele no quadro da parede, em que ele podia galopar no tempo e no espaço para onde quisesse. A noite se aproximava como um grande anjo de asas negras como as de um morcego, que vivia nos bosques do senhor Andrew Taylor nas colinas ao sul. Walter a recebia, às vezes ele a imaginava tão vividamente que ficava com medo dela e dramatizava e personificava tudo no mundinho dele. Como o Vento, que lhe contava histórias à noite; a Geada, que arruinava as flores no jardim; o Orvalho, prateado e silencioso; a Lua, que ele tinha certeza que conseguiria agarrá-la se ao menos pudesse chegar ao topo daquela colina púrpura longínqua; a Névoa, que vinha do mar; o próprio Mar imenso, imutável em suas constantes mudanças; a sombria e misteriosa Maré, eram todas entidades para Walter. Ingleside, o Vale, o bosque de bordos, o pântano e a orla do porto estavam repletos de elfos, espíritos das águas, dríades, sereias e duendes. O gato preto de gesso na lareira da biblioteca era uma fada, ela ganhava vida de noite e rondava a casa, em tamanho natural. Walter escondia a cabeça sob os lençóis e estremecia, sempre se assustava com as próprias fantasias.

Talvez a tia Mary Maria estivesse certa ao dizer que ele era “impressionável e temperamental demais”, ainda que Susan jamais a perdoasse por isso. Talvez a tia Kitty MacGregor, de Upper Glen, que diziam ter o dom da clarividência, tivesse razão quando falou, depois de ter olhado profundamente nos olhos acinzentados e de longos cílios do Walter, que “ele tinha uma alma velha em um corpo jovem”. Talvez a alma velha soubesse de muitas coisas que o cérebro jovem ainda não compreendia.

De manhã, Walter foi informado que o pai o levaria para Lowbridge após o jantar, mas ele não disse nada. No entanto, uma sensação sufocante lhe

acometeu durante a janta e ele teve que abaixar os olhos rapidamente para esconder as lágrimas repentinas, mas não rápido o suficiente.

– Você não vai chorar, vai, Walter? – disse a tia Mary Maria, como se isso fosse desgraçar a vida de um garoto de 6 anos. – Se existe uma coisa que eu desprezo, são as crianças choronas e você ainda não comeu toda a carne.

– Eu só deixei a gordura – disse Walter, piscando valentemente, ainda sem coragem de erguer o olhar. – Não gosto de gordura.

– Quando eu era criança – começou a tia Mary Maria –, eu não tinha permissão para não gostar disso ou daquilo. Bem, a senhora Parker provavelmente vai curar algumas de suas manias, ela era uma Winter, eu acho ou uma Clark? Não, deve ter sido uma Campbell. Enfim, os Winter e os Campbell são farinha do mesmo saco e não aturarão bobagens.

– Ah, por favor, tia Mary Maria, não assuste o Walter – disse Anne, com uma centelha acendendo no fundo dos olhos.

– Desculpe, Annie – disse a tia Mary Maria com grande humildade. – Não posso me esquecer de que não tenho o direito de tentar ensinar nada aos seus filhos.

– Maldita seja – murmurou Susan ao sair para buscar a sobremesa, era o pudim favorito de Walter.

Anne sentiu-se miseravelmente culpada. Gilbert lançou um olhar sutil de reprovação na sua direção, como se dissesse que ela deveria ser mais paciente com uma pobre idosa solitária.

Gilbert também estava começando a ficar incomodado. A verdade, que todo mundo sabia, era que ele trabalhara muito além da conta durante todo o verão e talvez a tia Mary Maria fosse mais geniosa do que gostaria de admitir. Anne decidiu que no outono, se tudo corresse bem, iria mandá-lo passar um mês caçando narcejas na Nova Escócia, mesmo que a contragosto.

– Como está o chá? – perguntou à tia Mary Maria, arrependida.

A tia Mary Maria franziu os lábios.

– Fraco, mas não tem importância, quem se importa se uma pobre velha está gostando ou não do chá? Entretanto, algumas pessoas acham que sou uma ótima companhia.

Qualquer que fosse a conexão entre as duas frases de tia Mary Maria, Anne não se sentia com ânimo de descobri-la. Ela havia ficado muito pálida.

– Acho que vou subir e me deitar – disse debilmente ao levantar-se da mesa. – E eu acho, Gilbert, que talvez seja melhor você não ficar muito tempo em Lowbridge e talvez fosse melhor ligar para a senhorita Carson.

Ela deu um beijo de despedida em Walter, fugaz e apressado, como se não estivesse pensando nele. Walter não ia chorar. A tia Mary Maria lhe deu um beijo na testa, ele detestava beijos molhados na testa e ela completou:

– Tenha modos em Lowbridge, Walter. Não seja guloso, pois se for o Homem do Saco vai aparecer com o grande saco preto onde ele leva embora as crianças malcriadas.

Ainda bem que o Gilbert tinha ido arrear o Grey Tom e não ouvira aquilo. Anne e ele sempre fizeram questão de nunca assustar os filhos com ideias desse tipo ou permitir que outras pessoas o fizessem. Susan ouviu enquanto limpava a mesa e a tia Mary Maria nunca descobriu que escapou por pouco de que lhe jogasse a molheira e todo o seu conteúdo na cabeça.



CAPÍTULO 8

Geralmente, Walter gostava de passear com o pai. Ele amava coisas belas e as estradas nos arredores de Glen St. Mary eram lindas. A estrada até Lowbridge era uma fita dupla de botões-de-ouro dançantes e aqui e ali surgiam samambaias verdes que anunciavam bosques convidativos, mas naquele dia o pai não queria falar muito, limitando-se a conduzir o Grey Tom como o menino nunca tinha visto. Quando chegaram em Lowbridge, ele disse algumas palavras apressadas para a senhora Parker e partiu às pressas sem se despedir de Walter. Novamente, ele precisou se esforçar para não chorar, pois era óbvio demais que ninguém o amava. A mãe e o pai costumavam amá-lo antes, agora não.

A casa grande e desarrumada dos Parker não parecia amistosa para Walter. Todavia, provavelmente nenhuma pareceria naquele momento. A senhora Parker o levou até o quintal, de onde ressoavam gritos alegres e o apresentou às outras crianças. Em seguida ela prontamente voltou para a costura, deixando que “eles se enturmassem”. Um procedimento que funcionava em nove de cada dez casos. Talvez ela tivesse culpa por ter falhado em notar que o pequeno Walter Blythe era o décimo, mas ela gostava dele e os próprios filhos eram crianças divertidas. Fred e Opal tinham os ares da cidade grande, por serem de Montreal, mas ela estava certa de que não seriam rudes com ninguém. Tudo sairia dentro dos conformes. A senhora Parker estava tão feliz em poder ajudar a “pobre Anne Blythe”, mesmo que apenas ficando com um de seus filhos, ela esperava que “tudo corresse bem”. Os amigos de Anne estavam muito mais preocupados do que ela mesma, devido ao parto de Shirley.

Um silêncio repentino tomou conta do quintal, que se estendia para um grande e frondoso pomar de maçãs. Walter ficou de pé ali, olhando com timidez para os filhos dos Parker e os primos de Montreal. Billy Parker tinha 10 anos, era um moleque corado e de rosto redondo que havia puxado a mãe,

ele parecia muito velho e grande aos olhos do Walter. Andy Parker tinha 9 anos e as outras crianças teriam dito que ele era “o Parker sujo” e que seu apelido era “Porco”, por bons motivos. Walter não simpatizou com ele de início. Tinha os cabelos loiros bem curtos, o rosto sardento e travesso e olhos azuis saltados. Fred Johnson era da idade de Bill e Walter tampouco gostou dele, embora fosse um rapazinho charmoso de cachos fulvos e olhos negros.

Opal, a irmã dele de 9 anos de idade, também tinha cachos e olhos negros, olhos negros ardiloso e estava com o braço ao redor da Cora Parker, que tinha 8 anos e cabelos loiros claros e ambas encaravam Walter com condescendência. Se não fosse por Alice Parker, era muito possível que Walter tivesse dado meia-volta e saído correndo.

Alice tinha 7 anos e uma cabeça repleta de adoráveis cachos dourados; Alice tinha os olhos tão azuis e claros como as violetas no Vale; Alice tinha as bochechas rosadas, com covinhas; Alice usava um vestidinho amarelo com babados o qual parecia um botão-de-ouro dançante; Alice sorriu para ele como se o conhecesse a vida inteira; Alice era uma amiga.

Fred iniciou a conversa.

– Olá, filho – disse com petulância.

Walter sentiu o desdém e retraiu-se.

– Eu me chamo Walter – disse distintamente.

Fred virou-se para os outros, fingindo assombro. Ele iria mostrar o que era bom para aquele garoto do campo!

– Ele disse que o nome dele é Walter – disse ao Bill em tom zombeteiro.

– Ele disse que o nome dele é Walter – Bill disse para Opal.

– Ele disse que o nome dele é Walter – Opal disse para Andy, que se divertia.

– Ele disse que o nome dele é Walter – Andy disse para Cora.

– Ele disse que o nome dele é Walter – Cora riu para Alice.

Alice não disse nada, apenas olhou com admiração para Walter, e aquele olhar permitiu que ele suportasse a situação enquanto os outros cantavam em coro “ele disse que o nome dele é Walter”, antes de explodirem em gargalhadas sarcásticas.

“Como eles devem estar se divertindo!”, pensou a senhora Parker complacentemente enquanto costurava.

– Ouvi a mãe dizendo que você acredita em fadas – disse Andy, encarando-o com malícia.

Walter o encarou de volta. Ele não iria se abater diante de Alice.

– Fadas são reais – disse, resoluto.

– Não são – disse Andy.

– São – disse Walter.

– Ele disse que fadas são reais – disse Andy para Fred.

– Ele disse que fadas são reais – disse Fred para o Bill e todos repetiram a performance.

Foi uma tortura para Walter, que nunca tinha sido alvo de zombarias e não sabia como suportaria, ele mordeu os lábios para conter as lágrimas, pois não podia chorar na frente da Alice.

– Quer levar um beliscão? – ameaçou Andy, que havia decidido que Walter era maricas e que seria divertido provocá-lo.

– Porco, cale-se! – ordenou Alice de uma maneira terrível, muito terrível e ao mesmo tempo calma, doce e gentil. Havia algo no tom dela que nem mesmo Andy ousava enfrentar.

– É óbvio que eu só estava brincando – murmurou, envergonhado.

Os ventos começaram a soprar a favor de Walter e todos jogaram pega-pega no pomar sem grandes problemas, mas quando o bando entrou correndo para jantar, Walter foi acometido novamente pela saudade de casa.

Foi tão intenso que, por um instante de pavor, ele achou que iria chorar na frente de todo mundo, até mesmo de Alice, que tocou sutilmente o braço dele quando se sentaram à mesa e o pequeno gesto amigável o ajudou a se controlar. Porém, ele simplesmente não conseguia comer. A senhora Parker, cujos métodos eram dignos de nota, não se preocupou com isso e concluiu confortavelmente que o apetite do menino estaria melhor na manhã seguinte. Os outros estavam ocupados demais comendo e conversando para repararem nele.

Walter se perguntou por que a família inteira gritava tanto uns com os outros, sem saber que eles ainda não tinham tido tempo de abandonar tal hábito após a morte recente de uma avó muito surda, sensível e idosa. O barulho fazia a cabeça dele doer. Ah, em casa eles também deviam estar jantando. A mamãe sorria na cabeceira da mesa, enquanto o papai brincava com as gêmeas; Susan colocava creme na caneca de leite do Shirley e Nan dava pedacinhos de comida para o Camarão às escondidas. Até a tia Mary Maria, como parte do círculo familiar, de repente parecia irradiar doçura e tranquilidade. Quem teria soado o gongo chinês para o jantar? Era a semana dele e o Jem estava fora. Se ao menos ele encontrasse um lugar para chorar! Pelo visto, não havia nenhum lugar em Lowbridge para se entregar às

lágrimas, além disso, Alice estava ali, então Walter tomou um copo cheio de água gelada de uma só vez e descobriu que isso ajudava.

– O nosso gato tem ataques – disse Andy subitamente, chutando-o por baixo da mesa.

– O nosso também – disse Walter. O Camarão tinha tido dois e ele não iria deixar que os gatos de Lowbridge levassem a melhor sobre os de Ingleside.

– Aposto que o nosso gato tem mais ataques do que o seu – provocou Andy.

– Aposto que não – retrucou Walter.

– Já chega, não vamos discutir por causa de gatos – disse a senhora Parker, que precisava de uma noite de silêncio para escrever um artigo sobre “crianças incompreendidas”. – Agora, vão brincar. Daqui a pouco é hora de dormir.

Hora de dormir! Walter de súbito lembrou-se de que iria passar a noite inteira ali, muitas noites, duas semanas de noites, que horrível. Ele foi para o pomar com os punhos cerrados e encontrou Bill e Andy em uma luta furiosa na grama, aos chutes e gritos.

– Você me deu a maçã com verme, Bill Parker! Eu vou te ensinar a nunca mais fazer isso! Vou morder e arrancar suas orelhas!

Brigas desse tipo eram ocorrências rotineiras naquela casa. A senhora Parker defendia que isso não fazia mal aos garotos, alegando que assim eles extravasavam as diabruras e depois se tornavam bons amigos. Só que Walter nunca tinha visto ninguém brigar e ficou horrorizado.

Fred os incentivava, Opal e Cora riam, mas havia lágrimas nos olhos de Alice. Walter não conseguia suportar, ele se enfiou entre os dois combatentes quando eles se afastaram por um instante para recobrar o fôlego antes de continuar.

– Parem de brigar – disse Walter. – Vocês estão assustando a Alice.

Bill e Andy o encararam com espanto por um instante, até que perceberam o lado cômico daquele bebê interrompendo a briga deles. Ambos desataram a rir e Bill deu tapinhas nas costas de Walter.

– Esse tem brio, garotos – disse. – E vai ser um homem de verdade algum dia, se deixá-lo crescer. Tome aqui esta maçã, que não tem bicho.

Alice secou as lágrimas das bochechas róseas e olhou com tanta admiração para Walter que Fred ficou incomodado. É claro que ela era apenas um bebê, mas mesmo um bebê não devia olhar daquele jeito para outros garotos quando ele, Fred Johnson de Montreal, estava ali. Ele tinha

que tomar uma atitude, contudo tinha ouvido uma conversa entre o tio Dick e a tia Jen, que estivera ao telefone com alguém.

– Sua mãe está muito doente – contou para Walter.

– Ela não está! – gritou Walter.

– Está, sim. Eu ouvi a tia Jen contando para o tio Dick. – Fred ouvira a tia dizer “Anne Blythe está doente” e achou divertido acrescentar o “muito”. –

Ela provavelmente já vai ter morrido quando você voltar.

Walter olhou ao redor com uma expressão atormentada. Outra vez Alice ficou do lado dele e o resto ficou do lado do Fred. Eles sentiam que havia algo com aquela criança morena e bela e sentiam também um ímpeto de atormentá-lo.

– Se ela está doente, meu pai vai curá-la – disse Walter.

Ele iria curá-la, tinha que curá-la!

– Temo que isso seja impossível – disse Fred, fazendo uma cara triste e dando uma piscadela para o Andy.

– Nada é impossível para o papai – insistiu lealmente Fred.

– Bem, o Russ Carter foi para Charlottetown só por um dia no verão passado e, quando voltou, a mãe dele estava mortinha da silva – disse Bill.

– E enterrada – disse Andy, tentando dar um toque dramático extra, fosse verdade ou não. – O Russ ficou muito irritado por ter perdido o funeral e funerais são muito divertidos.

– Eu nunca fui a um funeral – disse Opal com tristeza.

– Bem, você ainda terá muitas oportunidades – disse Andy. – Só que nem o papai conseguiu manter a senhora Carter viva, e ele é um médico muito melhor do que o seu pai.

– Ele não é...

– É sim, e é muito mais bonito...

– Ele não é...

– Algo sempre acontece quando você fica longe de casa – disse Opal. – O que você sentiria se chegasse lá e descobrisse que Ingleside pegou fogo?

– Se a sua mãe morrer, provavelmente todos os filhos dela serão separados – disse Cora com animação. – Talvez você venha morar aqui.

– Sim, por favor – disse Alice docemente.

– Ah, o pai dele iria querer ficar com ele – disse Bill. – E logo se casaria de novo, mas talvez o pai dele morra também. Ouvi o papai dizendo que o doutor Blythe estava se matando de tanto trabalhar. Olhem só para a cara dele, você tem olhos de menina, filho... olhos de menina.

– Ah, calem a boca – disse Opal, cansada da brincadeira. – Vocês não estão enganando-o, ele sabe que é só provocação. Vamos até o parque assistir ao jogo de baseball. Walter e Alice podem ficar aqui, não podemos andar por aí com essas crianças atrás da gente o tempo todo.

Walter não se importou quando os outros se foram e tampouco Alice, pelo visto. Eles se sentaram em um tronco de árvore e olharam um para o outro com timidez e simpatia.

– Eu vou te ensinar como jogar pedrinhas – disse Alice – e vou te emprestar o meu canguru de pelúcia.

Na hora de dormir, Walter foi posto no pequeno quarto do corredor, sozinho. Atenciosa, a senhora Parker deixou uma vela e um edredom quente para ele, pois as noites de julho estavam frias como só as noites de verão em uma província marítima podem ser e parecia até que ia gear.

No entanto, Walter não conseguiu dormir, nem abraçado com canguru de pelúcia da Alice. Ah, se ao menos ele estivesse no próprio quarto, onde a janela maior tinha vista para Glen, e a menor, com o seu próprio telhado minúsculo, para o pinheiro-da-escócia! A mãe viria e leria poesia para ele com sua voz adorável...

– Sou um menino grande, não vou chorar... não vo-o-ou... – As lágrimas verteram por conta própria. Para que serviam os cangurus de pelúcia? Parecia que haviam passado anos desde que saíra de casa.

Então, as outras crianças voltaram do parque e foram para o quarto, onde se amontaram sobre a cama para comer maçãs.

– Você estava chorando, bebezinho – zombou Andy. – Você não passa de uma menininha! Gracinha da mamãe!

– Dá uma mordida, filho – disse Bill, oferecendo uma maçã meio comida. – E anime-se, não ficaria surpreso se a sua mãe melhorasse, se ela tem uma boa constituição, é óbvio. O papai disse que a senhora Stephen Flagg teria morrido há anos se não tivesse uma forte constituição. A da sua mãe é boa?

– É claro que sim – disse Walter. Ele não fazia a mínima do que era uma constituição, mas, se senhora Stephen Flagg tinha uma, a mãe dele também tinha.

– A senhora Ab Sawyer morreu na semana passada e a mãe do Sam Clark morreu na semana anterior – disse Andy.

– Elas morreram de noite – disse Cora. – A mamãe disse que a maioria das pessoas morre de noite. Espero que não seja o meu caso, imagine ir para o céu de camisola!

– Crianças! Já para a cama de vocês – chamou a senhora Parker.

Os meninos se foram, não sem antes fingirem sufocar o Walter com uma toalha. Afinal, eles gostavam do garoto, porém Walter segurou a mão da Opal antes de a menina sair.

– Opal, é verdade que a minha mãe está doente? – sussurrou ele, suplicante. Ele não suportaria ser deixado sozinho com aquele medo.

Opal era uma “criança de bom coração”, como a senhora Parker dissera, só que ela não resistiu à emoção de dar más notícias.

– Ela está. Foi o que tia Jen me disse e que não era para contar para você, mas acho que você precisa saber pois talvez ela tenha câncer.

– Todo mundo precisa morrer, Opal? – Era uma ideia nova e espantosa para Walter, que nunca havia pensado na morte antes.

– É claro, bobinho. Só que as pessoas não morrem de verdade, elas vão para o céu – explicou Opal alegremente.

– Nem todo mundo – disse Andy, que escutava atrás da porta.

– E o céu fica mais longe que Charlottetown? – perguntou Walter.

Opal deu uma gargalhada.

– Como você é esquisito! O céu fica a milhões de quilômetros daqui, mas vou dizer o que você pode fazer: rezar, pois rezar é bom. Uma vez eu rezei depois de perder uma moeda de dez centavos e encontrei uma de vinte e cinco. É por isso que eu sei.

– Opal Johnson, você ouviu o que eu disse? E apague a vela do quarto do Walter, tenho medo de incêndios – disse a senhora Parker do outro quarto. – Ele já deveria estar dormindo há muito tempo.

Opal assoprou a vela e saiu. A tia Jen era boazinha, mas quando ficava brava...! Andy enfiou a cabeça pela porta para desejar boa-noite.

– Os pássaros do papel de parede vão ganhar vida e arrancar os seus olhos – cochichou.

Por fim todos foram realmente dormir, sentindo que um dia perfeito havia terminado, que Walter Blythe não era um mau garoto e que todos iriam se divertir provocando-o no dia seguinte.

“Queridas criaturinhas”, pensou a sentimental senhora Parker.

Um silêncio incomum tomou conta da casa dos Parker e há dez quilômetros dali, em Ingleside, a pequena Bertha Marilla Blythe piscava seus olhos redondos cor de avelã para os rostos felizes que a cercavam e para o mundo ao qual fora trazida, na noite de julho mais fria que as províncias marítimas enfrentaram em 87 anos!



CAPÍTULO 9

Para Walter, sozinho na escuridão, ainda era impossível dormir, ele nunca tinha dormido sozinho antes em sua curta vida e havia sempre a presença quentinha e reconfortante de Jem ou Ken ao lado dele. O pequeno cômodo começou a iluminar-se vagamente conforme o luar pálido adentrava pela janela, o que era quase pior do que a escuridão. Uma foto na parede aos pés da cama parecia rir dele, as fotos sempre ficavam sob o luar e era possível ver coisas de que nem suspeitávamos sob a luz do dia. As cortinas longas de renda pareciam mulheres esguias que choravam, uma de cada lado da janela. Havia barulhos pela casa, rangidos, suspiros, sussurros. E se os pássaros do papel de parede estivessem vivos, preparando-se para arrancar os olhos dele? Um medo intenso apoderou-se subitamente de Walter e então um ainda maior baniu todos os outros. A mamãe estava doente, ele tinha que acreditar, já que Opal disse que era verdade e talvez estivesse morrendo! Ela não estaria viva quando ele voltasse. Walter viu Ingleside sem a mãe!

De repente, Walter soube que não suportaria, precisava ir para casa. Imediatamente! Naquela mesma hora. Ele tinha que ver a mãe antes que ela morresse. Foi o que a tia Mary Maria quis dizer, ela sabia que a mamãe estava prestes a falecer. Seria inútil acordar alguém e pedir para ser levado para casa, pois não o levariam e ririam dele. Era uma estrada terrivelmente longa, todavia ele teria de andar a noite toda.

Sem fazer barulho, ele saiu da cama, vestiu as roupas e saiu do quarto levando os sapatos nas mãos, porém ele não sabia onde a senhora Parker havia guardado seu gorro, mas isso não importava. Ele não podia fazer nenhum ruído, tinha que escapar e encontrar a mãe. Era uma pena não poder se despedir de Alice, ela teria que entender. Walter atravessou o corredor e começou a descer as escadas, degrau por degrau, segurando o fôlego, a escada não tinha fim? Os móveis pareciam escutar... Ah!

Walter derrubou um dos sapatos! Ele rolou escada abaixo pesadamente, batendo com força em cada degrau, deslizou pelo corredor e chocou-se contra a porta da frente com o que pareceu ser um estrondo ensurdecedor para o garoto.

Walter agarrou-se com desespero no corrimão. Todo mundo devia ter escutado, eles viriam correndo e não deixariam que ele fosse para casa. Um soluço angustiado ficou preso na garganta dele.

Horas pareceram se passar antes de Walter ousar acreditar que ninguém havia acordado, antes de ousar a continuar a descer as escadas cuidadosamente. Por fim, terminou, pegou o sapato e virou devagar a maçaneta da porta. Os Parker nunca trancavam as portas, a senhora Parker dizia que não tinham nada de valor para roubarem exceto as crianças e ninguém as queria.

Walter estava do lado de fora e a porta fechou-se atrás dele. Vestiu os sapatos e avançou na direção da rua, a casa ficava nos arrabaldes da vila e logo ele alcançou a estrada. Um momento de pânico o acometeu. A preocupação de ser pego havia passado e todos os antigos medos do escuro e da solidão voltaram. Walter nunca se aventurara sozinho pela noite antes, ele estava com medo do mundo. O mundo era tão gigantesco e ele era tão terrivelmente pequeno e até o vento frio e cortante que soprava do leste parecia querer levá-lo de volta.

A mamãe ia morrer! Walter respirou fundo e avançou. Caminhou e caminhou sem parar, lutando corajosamente contra os medos. A noite estava iluminada, mas nada era familiar. Certa vez em que saiu com o papai, Walter achou que nunca tinha visto nada mais lindo do que a estrada banhada pelo luar, cruzada pelas sombras das árvores. Só que agora as sombras estavam tão negras e intensas que poderiam até saltar sobre ele. Os campos se tornaram desconhecidos, as árvores já não eram mais amigáveis, pois elas pareciam vigiá-lo, amontoando-se na frente e atrás dele. Dois olhos resplandecentes o vigiavam de uma vala, e um gato de tamanho inacreditável atravessou correndo a estrada. Era um gato? Ou...? A noite estava fria, Walter tremia por baixo da blusa fina. Ele não se importaria com o frio se conseguisse parar de ter medo de tudo, das sombras, dos sons furtivos e das coisas inomináveis que podiam estar espreitando nos trechos de mata pelos quais passava, então imaginou como seria não ter medo de nada, como o Jem.

– Eu vou fingir que não estou com medo – disse em voz alta. Então estremeceu ao ouvir a própria voz perder-se na vastidão da noite.

Ainda assim, Walter prosseguia, pois ele não tinha escolha, não quando a mamãe estava morrendo. Em dado momento, ele caiu e ralou feio o joelho em uma pedra. Em outro, ele ouviu uma charrete se aproximando e se escondeu atrás de uma árvore até ela passar, temendo que o doutor Parker tivesse descoberto sua fuga e estivesse atrás dele. Ele também se deteve em puro terror ao deparar-se com um bicho preto e peludo parado na beira da estrada. Ele não podia passar, mas passou, era um cachorro enorme, mas era mesmo um cachorro? O importante era que deixara o animal para trás. Walter decidiu correr apenas se ele o perseguisse. Com uma olhada aflita por cima do ombro, viu que ele tinha se levantado e seguia na direção oposta. O menino levou a mão ao rosto e percebeu que estava coberto de suor.

Uma estrela cruzou o céu diante dele, espalhando centelhas. Walter ouvira a velha tia Kitty dizer que uma estrela cadente era sinal de que alguém havia morrido. Seria a mamãe? Suas pernas começavam a demonstrar que não aguentariam mais um passo, contudo, diante daquele pensamento, ele seguiu em frente. Walter estava com tanto frio que quase não sentia mais medo.

Será que algum dia chegaria em casa? Horas e horas deviam ter passado desde que ele saíra de Lowbridge.

Fazia três horas. Ele havia fugido da casa dos Parker às onze e agora era duas da manhã. Quando Walter descobriu-se na estrada que levava até Glen, ele suspirou de alívio. Ao atravessar a vila, as casas adormecidas pareciam remotas e distantes, elas tinham se esquecido dele. Uma vaca subitamente mugiu para Walter por cima de uma cerca e, ao lembrar-se de que o senhor Joe Reese tinha um touro selvagem, ele saiu correndo em pânico colina acima até chegar ao portão de Ingleside. Ele estava em casa... ah, ele estava em casa!

Porém ele deteve-se, tremendo, tomado por um sentimento terrível de desolação, esperava ver as luzes acolhedoras e amigáveis do lar. Só que não havia nenhuma luz em Ingleside!

Na verdade havia uma luz, que ele não conseguiu ver, que vinha do quarto dos fundos, onde a enfermeira dormia com o berço do bebê ao lado da cama. Para todos os efeitos, Ingleside estava escura como uma casa abandonada e isso partiu o coração de Walter. Ele nunca tinha visto ou imaginado Ingleside sob a escuridão da noite.

Significava que a mamãe estava morta!

Walter avançou aos tropeços pela entrada, passando pela sombra lúgubre da casa sob o jardim, até a porta da frente. Estava trancada, ele bateu de mansinho, já que não alcançava o batedor, mas não houve resposta, ele tampouco esperava por uma. Ouviu atentamente, não... Não havia nem sinal dos vivos na casa, ele sabia que a mãe estava morta e que todos tinham ido embora.

A essa altura, Walter estava com muito frio e exausto demais para chorar, de modo que foi até o celeiro e subiu a escada até o monte de feno. Nem medo sentia mais, porém ele só queria um lugar para proteger-se do vento e deitar-se até de manhã. Talvez alguém voltasse depois do enterro da mamãe.

Um gatinho listrado e magricelo que alguém havia dado de presente para o doutor ronronou ao aproximar-se dele, com um cheiro agradável de trevos. Walter o abraçou, contente, pois o filhote estava quente e vivo. Só que ele podia ouvir os ratos pequenos correndo pelo chão e não quis ficar parado. A lua o observava através da janela cheia de teias de aranha, uma lua distante, fria e insensível que não oferecia conforto. Uma luz ao longe, em uma casa do vilarejo, era uma companhia melhor e enquanto aquela luz brilhasse, o menino suportaria tudo.

Walter não conseguia dormir. O joelho doía demais, ele estava com muito frio e com uma sensação engraçada no estômago. Talvez estivesse morrendo, também. Ele torceu para que fosse verdade, já que todo mundo que ele conhecia tinha morrido ou ido embora. As noites não terminavam nunca? As outras noites sempre terminaram, no entanto, talvez aquela não terminasse. Ele se lembrou de uma história horrível envolvendo o capitão Jack Flagg, de Harbour Mouth, que disse que não iria deixar o sol nascer algum dia desses em que acordasse muito irritado, então ele deve ter acordado realmente irritado dessa vez.

A luz em Glen se apagou e ele não conseguiu suportar, mas no momento em que o grito de débil desespero deixou os lábios dele, Walter percebeu que já era dia.



CAPÍTULO 10

Walter desceu as escadas e saiu. Ingleside estava banhada pela luz atemporal da alvorada. O céu sobre as bétulas do Vale exibia um suave resplendor prateado e róseo, talvez ele pudesse entrar pela porta lateral, pois Susan às vezes a deixava aberta.

A porta lateral estava destrancada, com um soluço de gratidão, Walter entrou em casa. Ainda estava escuro ali dentro e ele subiu as escadas com cuidado. Ele iria deitar na cama, a própria cama e se ninguém voltasse, ele iria morrer e ir para o céu encontrar-se com a mamãe. Então Walter lembrou-se de que Opal dissera que o céu ficava a milhões de quilômetros de distância. Na nova onda de desalento que o engolfou, ele se descuidou e pisou com força no rabo do Camarão, que dormia na curva da escada. O grito de agonia do bicho ressoou pela casa.

Susan, que havia acabado de pegar no sono, foi acordada de súbito pelo som medonho, ela fora dormir à meia-noite, exausta após a tarde e a noite de grande tensão, para a qual a Mary Maria Blythe contribuía ao reclamar de uma “pontada nas costas” no pior momento. Ela precisou de uma garrafa de água quente e uma massagem com linimento, que terminou com um pano úmido sobre os olhos porque “uma das dores de cabeça dela” estava começando.

Susan acordara às três com a estranha sensação de que alguém precisava dela com urgência, ela se levantara e fora nas pontas dos pés até a porta do quarto da senhora Blythe, mas estava tudo em silêncio e era possível ouvir a respiração regular de Anne. Susan fez uma ronda na casa e voltou para a cama, convencida de que aquela estranha sensação era apenas o resquício de um pesadelo. Porém, pelo resto da vida Susan acreditou que tinha tido algo de que sempre zombara, aquilo que a Abby Flagg, que “era chegada” no espiritismo, chamava de “experiência psíquica”.

– O Walter me chamou e eu ouvi – declarou.

Susan levantou-se mais uma vez, crente que Ingleside estava realmente assombrada naquela noite. Vestia somente uma camisola de flanela, que encolhera após repetidas lavagens e revelava os tornozelos ossudos. Entretanto, ela era a visão mais linda do mundo para a criaturinha pálida e trêmula que a encarava com olhos acinzentados e frenéticos do patamar da escada.

– Walter Blythe!

Com dois passos Susan o envolveu com os braços fortes e acolhedores.

– Susan, a mamãe morreu? – perguntou Walter.

Em poucos instantes, tudo mudou. Walter descobriu-se na cama quentinha e confortável dele, satisfeito. Susan acendera a lareira e lhe trouxera uma caneca de leite quente, uma fatia dourada de torrada e um prato repleto dos seus biscoitos favoritos de “cara de macaco”, em seguida, ela o acomodara na cama com uma garrafa de água quente aos pés. Era uma sensação tão boa saber que alguém estava cuidando dele, que alguém o queria, que ele era importante para alguém.

– Tem certeza que a mamãe não morreu, Susan?

– Sua mãe está dormindo profundamente, meu cordeirinho, e está muito bem e feliz.

– Ela não está doente? A Opal disse que...

– Bem, cordeirinho, ela não estava se sentindo muito bem ontem, mas já passou, além do mais, ela não correu risco de vida dessa vez. Depois que você dormir um pouco, poderá vê-la e mais alguém. Ah, se eu colocar as mãos naqueles diabinhos de Lowbridge! Não acredito que você veio andando de Lowbridge. Dez quilômetros! Em uma noite daquelas!

– Eu estava muito agoniado, Susan – disse Walter seriamente. No entanto, agora tudo havia terminado, pois ele estava a salvo e feliz, estava em casa, ele estava...

Ele estava dormindo.

Era quase meio-dia quando ele acordou, deparando-se com os raios de sol que entravam pela janela e se sobressaltou ao ver a mamãe. Ele começara a achar que tinha sido um tolo e que talvez a mamãe fosse ficar brava por ele ter fugido de Lowbridge. No entanto, ela apenas colocou o braço ao redor dele e o puxou para mais perto. Susan contara toda a história para ela e agora Anne tinha algumas coisas para dizer para a Jen Parker.

– Ah, mamãe, você não vai morrer e ainda me ama, não é verdade?

– Querido, não tenho a menor intenção de morrer e eu te amo tanto que chega a doer. E pensar que você veio andando lá de Lowbridge de noite!

– E de estômago vazio. – Susan estremeceu. – É um milagre ele estar vivo para contar. Milagres ainda existem, não há dúvidas.

– Que garoto mais corajoso – riu o pai, entrando no quarto com Shirley no colo. Ele deu palmadinhas na cabeça de Walter, que segurou a mão dele com força. Não havia ninguém no mundo como o papai. Ainda assim, ninguém jamais deveria saber o quanto ele ficara assustado.

– Não vou precisar mais ficar longe de casa, não é mesmo, mamãe?

– Não se você não quiser – prometeu ela.

– Eu nunca... – começou Walter e então parou. Afinal, ele não se importaria de ver Alice novamente.

– Veja, cordeirinho – disse Susan, trazendo uma juvenzinha rosada, de vestido e gorro brancos, em um cesto.

Walter olhou. Um bebê! Um bebê gorducho, com a cabeça coberta de cachinhos sedosos e mãos minúsculas e vivazes.

– Não é bela? – disse Susan, orgulhosa. – Veja esses cílios, nunca vi cílios tão longos em um neném e as orelhinhas lindas, mas é a primeira vez que reparo.

Walter hesitou.

– Ela é uma doçura, Susan, ah esses dedinhos do pé adoráveis! Mas ela não é muito pequena?

Susan riu.

– Três quilos e meio não são pouca coisa, cordeirinho e ela já começou a reparar nas coisas. Essa criança não tinha nem uma hora de vida quando levantou a cabeça e olhou para o doutor. Nunca tinha visto isso na vida.

– Ela vai ter cabelos ruivos – disse o doutor em um tom satisfeito. –

Cabelos de um vermelho dourado encantador como os da mãe.

– E olhos acinzentados como os do pai – disse Anne, em júbilo.

– Não sei por que nenhum de nós pode ter cabelos amarelos – disse Walter, sonhador, pensando na Alice.

– Cabelo amarelo! Como os Andrew! – disse Susan, com desprezo desmedido.

– Ela parece tão adulta quando dorme – cantarolou a enfermeira. – Nunca vi um bebê apertar os olhos assim quando dorme.

– Ela é um milagre. Todos os bebês são maravilhosos, Gilbert, mas ela é o mais doce de todos.

– Que Deus te ouça – disse a tia Mary Maria, fungando o nariz. – Sabe, outros bebês já vieram para este mundo antes dela, Annie.

– O nosso nunca esteve neste mundo, tia Mary Maria – disse Gilbert, orgulhoso. – Susan, posso beijá-la, só uma vez, por favor?

– É claro que pode – disse Susan, olhando para a tia Mary Maria que deixava o quarto. – E agora vou fazer uma torta para o jantar. A Mary Maria Blythe fez uma ontem à tarde, gostaria que pudesse vê-la, querida senhora. Parece algo que o gato trouxe para dentro de casa. Comi o máximo que pude para não a desperdiçar, mas não permitirei que o doutor coma uma torta daquelas enquanto eu tiver saúde e forças, não tenha dúvidas.

– Não é todo mundo que tem o seu talento com bolos e doces – disse Anne.

– Mamãe – disse Walter, depois que Susan saiu e fechou a porta, satisfeita.

– Acho que somos uma família muito boa, não acha?

“Uma família muito boa”, refletiu Anne com alegria ao deitar-se na cama, com o bebê ao lado. Logo ela estaria com todos eles novamente, ágil como antes, ensinando-os, confortando-os. Eles a procurariam com suas pequenas alegrias e tristezas, as esperanças que floresciam, os novos medos, os problemas sem importância que pareciam tão grandes para eles e as decepções que pareciam tão amargas. E a tia Mary Maria não teria motivos para comentar, como Anne a ouvira dizendo dois dias atrás: “Você parece terrivelmente cansado, Gilbert. Ninguém cuida de você?”.

No andar de baixo, a tia Mary Maria balançava a cabeça com desânimo, dizendo:

– Sei que todos os bebês nascem com as pernas torcidas, Susan, mas as pernas daquela criança são torcidas demais. É evidente que não devemos dizer nada para a pobre Anne. Tome cuidado para não dizer nada a ela, Susan.

Susan, pela primeira vez, estava sem palavras.



CAPÍTULO 11

Ao fim de Agosto, Anne já tinha voltado a ser ela mesma, à espera de um outono feliz. A pequena Bertha Marilla ficava mais linda a cada dia e era o centro das atenções dos irmãos e irmãs amorosos.

– Achei que bebês chorassem o tempo todo – disse Jem, extasiado, enquanto os dedinhos minúsculos se agarravam ao dele. – Foi o que a Bertie Shakespeare Drew me contou.

– Não duvido que os bebês dos Drew gritem o tempo inteiro – disse Susan. – Por saberem que pertencem à família Drew, presumo, mas a Bertha Marilla é um bebê de Ingleside, querido Jem.

– Gostaria de ter nascido em Ingleside, Susan – disse Jem melancolicamente. Ele sempre lamentou não ter nascido ali e Diana jogava isso na cara dele algumas vezes.

– Não acha a vida aqui um tanto tediosa? – perguntara uma antiga colega de classe da Queen's para Anne em outro dia, em tom condescendente.

Tediosa! Anne quase riu na cara da visita. Ingleside, tediosa! Como isso seria possível com um delicioso bebê que tinha uma maravilha nova para mostrar todos os dias. Com as visitas de Diana, da pequena Elizabeth e de Rebecca Dew para planejar; com Gilbert tratando da senhora Sam Ellison, de Upper Glen, cuja doença só outras três pessoas no mundo já tinham tido; com o Walter, que começava a ir à escola; com a Nan, que bebeu uma garrafa de perfume inteira da penteadeira da mãe, todos acharam que isso a mataria, mas nada aconteceu; com a gata preta desconhecida, que tivera nada menos que dez filhotes na varanda dos fundos; com Shirley, que se trancou no banheiro e não sabia como destrancar a porta; com o Camarão, que se enroscou em um pedaço de papel caça-moscas; com a tia Mary Maria, que colocou fogo nas cortinas do quarto no meio da madrugada enquanto perambulava com uma vela, e acordou a casa inteira com gritos apavorantes. A vida ali, tediosa?

A tia Mary Maria continuava em Ingleside. Ocasionalmente ela dizia, pateticamente: “Avisem quando vocês tiverem se cansado de mim, estou acostumada a cuidar de mim mesma”. Só havia uma resposta para aquilo, e é claro que Gilbert sempre a dizia, ainda que não com a mesma sinceridade de antes. Até a lealdade à família de Gilbert estava começando a falhar, pois ele começava a perceber, impotente (“o que é típico de um homem”, como criticaria a senhorita Cornelia) que a tia Mary Maria estava se tornando um problema em sua casa. Ele se atrevera a sugerir sutilmente, certo dia, o quanto as casas se deterioravam quando ficavam tempo demais sem seus moradores, a tia concordou, comentando calmamente que estava pensando em vender a casa em Charlottetown.

– Não é uma má ideia – encorajou Gilbert. – Sei de uma casinha muito bonita que está à venda na cidade, um amigo meu vai para a Califórnia... é muito parecida com aquela que você gostou tanto, onde a senhora Sarah Newman vive...

– Onde ela mora sozinha – suspirou a tia Mary Maria.

– Ela gosta disso – disse Anne, esperançosa.

– Há algo de errado com alguém que gosta de morar sozinha, Anne – disse a tia Mary Maria.

Susan reprimiu um gemido com dificuldade.

Diana veio passar uma semana em setembro. A pequena Elizabeth também veio, a pequena Elizabeth, não, mas a alta, esguia e bela Elizabeth, que ainda tinha os cabelos dourados e o sorriso melancólico. O pai dela estava voltando para o escritório em Paris e ela ia com ele para cuidar da casa. Anne e ela fizeram longas caminhadas pela orla célebre do velho porto, voltando para casa sob as estrelas silenciosas e vigilantes do outono. Elas lembraram a vida em Windy Poplars e refizeram os passos no mapa da Terra das Fadas, que Elizabeth pretendia guardar para sempre.

– Eu o penduro na parede aonde quer que eu vá – disse.

Um dia, um vento soprou pelo jardim de Ingleside, o primeiro vento do outono. Naquela tarde, a rosa do ocaso parecia um tanto austera, de repente, o verão havia envelhecido e chegara a nova estação.

– É cedo demais para o outono – disse a tia Mary Maria em um tom que implicava que o outono a insultara.

Foi um outono lindo, afinal, graças aos ventos deliciosos que vinham do golfo azul escuro e o esplendor das luas da colheita. Havia ásteres líricos no Vale, o riso das crianças no pomar repleto de maçãs, noites serenas nos

pastos das colinas de Upper Glen e nuvens prateadas nos céus que os pássaros cruzavam. Conforme os dias ficavam mais curtos, uma leve névoa cinzenta se estendia pelas dunas e o porto.

Quando as folhas começaram a cair, Rebecca Dew cumpriu a promessa de anos e veio visitar Ingleside. Era para passar uma semana, mas por insistência de todos acabou ficando duas e ninguém fez tanta questão quanto Susan. As duas descobriram à primeira vista que eram almas amigas, talvez por ambas amarem Anne ou talvez por ambas odiarem a tia Mary Maria.

Uma noite, na cozinha, enquanto a chuva caía sobre as folhas mortas e o vento gemia por entre os beirais e as esquinas de Ingleside, Susan desabafou todos os seus pesares para a compreensiva Rebecca Dew. O doutor e a esposa tinham saído para fazer uma visita, as crianças estavam aninhadas em suas camas e felizmente a tia Mary Maria estava fora do caminho por causa de uma dor de cabeça. “É como se uma barra de ferro estivesse esmagando o meu cérebro”, reclamou.

– Qualquer pessoa que coma tantas cavalinhas fritas como aquela mulher comeu no jantar merece uma dor de cabeça – comentou Rebecca Dew, colocando os pés confortavelmente dentro do forno para aquecê-los. – Não nego que também me fartei, pois tenho que admitir que nunca conheci alguém que fritasse peixes como você, senhorita Baker, mas eu não repeti três vezes.

– Querida senhorita Dew – disse Susan com sinceridade, deixando a costura de lado e olhando suplicantemente para os olhinhos negros de Rebecca –, você só conheceu uma parte da personalidade da Mary Maria Blythe no tempo em que estive aqui. Você não viu nem a metade... não, nem um quarto do que ela é capaz. Querida senhorita Dew, sinto que posso confiar em você. Posso abrir o meu coração contigo, em caráter estritamente confidencial?

– Pode, senhorita Baker.

– Aquela mulher chegou aqui em junho e eu acho que pretende passar o resto da vida aqui, todos nesta casa a detestam, até o doutor está cansado dela, apesar de disfarçar muito bem. Só que ele é muito apegado à família e diz que a prima do pai dele não pode se sentir indesejada nesta casa. Eu implorei – disse Susan, em um tom que parecia implicar que ela o fizera de joelhos –, eu implorei para que a senhora do doutor batesse o pé e dissesse que a Mary Maria Blythe deveria ir embora, mas ela tem o coração muito

bondoso. Dessa forma, estamos perdidos, senhorita Dew, completamente perdidos.

– Quem dera eu pudesse fazer alguma coisa – disse a Rebecca Dew, que também tinha sido alvo de alguns comentários da tia Mary Maria. – Sei muito bem que não devemos violar as convenções da hospitalidade, senhorita Baker, mas posso garantir que eu diria tudo na cara dela.

– Eu poderia fazer alguma coisa se não conhecesse o meu lugar, senhorita Dew. Nunca me esqueço de que não sou a senhora da casa. Às vezes, digo solenemente para mim mesma: “Susan Baker, por acaso você é um capacho?”. No entanto, você sabe que minhas mãos estão atadas, não posso abandonar a senhora do doutor e não devo criar mais problemas brigando com Mary Maria Blythe. Assim, continuarei me empenhando para cumprir com os meus deveres, mas eu seria capaz de morrer com alegria pelo doutor ou pela esposa dele – disse com seriedade. – Éramos uma família tão feliz antes da chegada daquela mulher, senhorita Dew. Só que ela está tornando a nossa vida miserável e, como não sou uma profetisa, não sei dizer qual será o fim disso. Aliás, eu sei, sim, vamos todos parar no hospício. Não é uma coisa ou outra, senhorita Dew, são centenas delas, mas é possível suportar um mosquito, agora imagine milhões deles!

Rebecca Dew imaginou, balançando a cabeça com pesar.

– Ela passa o tempo todo dizendo para a senhora do doutor como deveria gerenciar a casa e que roupas deveria vestir. Está sempre me vigiando e fala que nunca viu crianças tão briguentas. Minha querida senhorita Dew, você viu com os próprios olhos que as nossas crianças nunca brigam... bem, quase nunca...

– Estão entre as crianças mais admiráveis que já vi, senhorita Baker.

– Ela é bisbilhoteira e enxerida...

– Eu também a surpreendi fazendo isso, senhorita Baker.

– Ofende-se e fica magoada por qualquer motivo, nunca o bastante para ir embora. Ela só fica sentada em um canto, com uma expressão solitária e de abandono, até que a pobre senhora fica sem saber o que fazer, pois nada lhe agrada. Se uma janela está aberta, ela reclama da friagem. Se estão todas fechadas, ela comenta que um pouco de ar fresco é bom de vez em quando. Não suporta cebola, nem mesmo o cheiro delas e diz que fica enjoada. Por isso, a senhora do doutor falou para não usarmos mais. Se gostar de cebolas é algo comum – disse Susan, com ênfase –, todos somos fãos declarados aqui em Ingleside.

– Também gosto muito de cebolas – admitiu a Rebecca Dew.

– Ela não suporta gatos, diz que eles lhe dão calafrios e não faz diferença alguma se estejam por perto ou não, só de saber que há um na casa já é suficiente. Por isso, o coitado do Camarão raramente ousa dar as caras por aqui. Eu mesma nunca gostei de gatos, senhorita Dew, mas defendo o direito deles de balançar o próprio rabo. E ainda fala: “Susan, não se esqueça de que não posso comer ovos, por favor”, ou “Susan, quantas vezes já disse que não posso comer torradas frias?”, ou “Susan, algumas pessoas podem beber chá requentado, mas eu não pertencço a essa classe afortunada”. Chá requentado, senhorita Dew! Como se eu fosse oferecer chá requentado a alguém!

– Ninguém jamais pensaria isso de você, senhorita Baker.

– Se uma pergunta não pode ser feita, ela a fará. Tem ciúmes porque o doutor conta as coisas para a esposa antes de contar para ela e sempre quer saber o que se passa na vida dos pacientes dele e nada o deixa mais irritado do que isso, senhorita Dew, pois um médico precisa saber controlar a língua, como você mesma sabe. E os ataques que tem por causa do fogo! “Susan Baker, espero que nunca acenda um fogo com óleo de carvão nem deixe panos sujos de óleo por aí, pois eles podem entrar em combustão em menos de uma hora. Como se sentiria ao ver a casa pegando fogo, Susan, sabendo que a culpa é sua?” Querida senhorita Dew, como eu ri disso! Foi na noite em que ela colocou fogo nas cortinas, os gritos dela ainda ecoam nos meus ouvidos e justo quando o doutor tinha conseguido dormir, depois de duas noites em claro! O que me deixa mais furiosa, senhorita Dew, é que, antes de ir a qualquer lugar, ela vai até a despensa e conta os ovos. Eu preciso de toda a minha educação para não dizer: “Por que não conta as colheres, também?” É claro que as crianças a odeiam. A senhora do doutor está farta de tentar impedir que demonstrem esse sentimento, ela chegou a dar um tapa em Nan um dia, quando o doutor e a senhora estavam ausentes... um tapa! Só porque a Nan a chamou de senhora Matusalém, depois de ter ouvido o levado do Ken Ford dizer isso.

– Eu teria dado um tapa nela – disse Rebecca Dew, com violência.

– Eu disse que daria um tabefe nela se voltasse a fazer isso. “Ocasionalmente damos umas palmadas no traseiro aqui em Ingleside”, eu expliquei, “mas nunca os estapeamos, então é melhor não se esquecer disso”.

Ela ficou carrancuda e ofendida por uma semana, mas pelo menos nunca mais encostou um dedo nas crianças e ela adora quando os pais os castigam. “Se eu fosse a sua mãe...” disse para o pequeno Jem uma noite dessas. “Ah

não, você não será a mãe de ninguém”, respondeu o pobre garoto, que foi provocado, absolutamente. O doutor o mandou para a cama sem jantar, senhorita Dew e quem você acha que se encarregou de levar um pouco para ele às escondidas, mais tarde?

– Ah, quem será? – riu Rebecca Dew, entrando na brincadeira.

– Você teria ficado de coração partido se tivesse ouvido a oração dele naquela noite, saída inteiramente da mente dele: “Ó Deus, perdoe-me por ter sido impertinente com a tia Mary Maria e, ó Deus, ajude-me a ser sempre educado com a tia Mary Maria”. Meus olhos se encheram de lágrimas, coitadinho. Não tolero impertinência dos jovens para com os mais velhos, querida senhorita Dew, contudo tenho que admitir que quando Bertie Shakespeare Drew cuspiu uma bolinha de papel nela, que errou o nariz dela por poucos centímetros, eu o esperei no portão e o presenteei com um saquinho de rosquinhas. É óbvio que não contei o motivo, ele ficou extasiado, pois rosquinhas não crescem em árvores, senhorita Dew e a senhora Bruxa nunca faz nada do tipo. Eu não contaria isso a nenhuma alma viva além de você e o doutor e a esposa nem imaginam, do contrário teriam posto um fim nisso, mas Nan e Di batizaram a velha boneca de porcelana com a cabeça trincada em homenagem à tia Mary Maria e sempre que a tia as repreende, elas a afogam no barril de chuva... a boneca, digo. Já nos divertimos muito com isso, eu garanto e você não acreditaria no que aquela mulher fez certa noite, senhorita Dew.

– Vindo dela, acredito em qualquer coisa, senhorita Baker.

– Ela não quis comer nada no jantar porque estava magoada com alguma coisa, só que antes de ir para a cama, ela foi até a despensa e comeu todo o almoço que eu tinha preparado para o pobre doutor, até a última migalha. Espero que não pense que sou uma herege, querida senhorita Dew, mas não consigo entender como Deus não se cansa de algumas pessoas.

– Você não pode perder o senso de humor, senhorita Baker – disse Rebecca Dew com firmeza.

– Ah, estou ciente de que há um lado cômico em ver alguém sendo atormentado, mas a questão é a seguinte: será que a pessoa entende o que está acontecendo? Sinto muito tê-la incomodado com tudo isso, querida senhorita Dew, mas estou muito aliviada. Não posso contar essas coisas para a senhora do doutor e ultimamente venho sentido que, se não encontrasse com quem conversar, acabaria explodindo.

– Conheço muito bem essa sensação, senhorita Baker.

– E agora, querida senhorita Dew – disse Susan, levantando-se de súbito –, que tal uma xícara de chá antes de dormir? E uma coxa de frango fria, senhorita Dew?

– Nunca neguei que, por mais que não devamos nos esquecer do que é mais sagrado na vida – disse a Rebecca Dew, tirando os pés bem-assados do forno –, a boa comida, em moderação, é uma das mais agradáveis.



CAPÍTULO 12

Gilbert foi passar duas semanas na Nova Escócia, caçando. Nem Anne conseguiu persuadi-lo a tirar um mês de férias. Novembro chegou em Ingleside, as colinas escuras, com fileiras de abetos ainda mais escuros, pareciam tristes nos anoiteceres adiantados, não obstante, Ingleside florescia com a luz da lareira e as risadas, ainda que os ventos do Atlântico cantassem sobre pesares.

– Por que o vento não está feliz, mamãe? – perguntou Walter, certa noite.

– Ele está lamentando todas as tristezas do mundo desde o início dos tempos – respondeu Anne.

– Ele está gemendo porque o ar está úmido demais – fungou a tia Mary Maria. – E as minhas costas estão me matando.

Em alguns dias o vento atravessava alegremente o bosque de bordos cinzentos e em outros não havia vento algum, apenas a suave luz do sol de verão, as sombras quietas das árvores nuas do jardim e a plenitude gélida do entardecer.

– Vejam aquela estrela alva acima dos choupos-da-lombardia, naquele canto – disse Anne. – Toda vez que vejo algo assim, fico feliz por simplesmente estar viva.

– Você diz coisas tão engraçadas, Annie. Estrelas são bem comuns na Ilha do Príncipe Edward – disse a tia Mary Maria, que pensou: “Estrelas, ora essa! Como se ninguém jamais tivesse visto uma estrela! A Annie não está ciente do terrível desperdício que ocorre na cozinha todos os dias? Ela não sabe que a Susan Baker abusa dos ovos e que cozinha com banha de porco quando poderia usar apenas banha? Ou ela não se importa? Pobre Gilbert! Não é à toa que precisa trabalhar tanto!

Novembro foi embora com tons cinzas e marrons e em uma manhã Jem gritou de empolgação ao ver que tudo estava coberto pela brancura mágica da neve.

- Ah, mamãe, logo será o Natal e o Papai Noel virá!
- Você ainda acredita no Papai Noel? – perguntou a tia Mary Maria.
- Anne olhou alarmada para Gilbert, que disse com seriedade:
- Queremos que as crianças mantenham a pureza da terra das fadas até

quando puderem, titia.

Por sorte, Jem não prestou atenção na tia Mary Maria. Ele e Walter estavam ansiosos demais para desbravarem o novo mundo criado pela doçura do inverno. Anne sempre detestou ver a beleza da neve intocada ser maculada por pegadas, só que isso era inevitável e ainda havia beleza de sobra ao entardecer, quando o oeste se incendiava por sobre os vales embranquecidos nas colinas púrpuras e Anne se sentava diante do fogo produzido pela madeira do bordo na sala de estar. “A luz da lareira era sempre tão adorável”, pensou Anne. Ela fazia truques e coisas inesperadas e partes do cômodo surgiam e desapareciam. Sombras espreitavam. Lá fora, a cena refletia-se no jardim através da grande janela descoberta, mas a tia Mary Maria parecia estar sentada absolutamente ereta, ela nunca se permitia “relaxar” debaixo do pinheiro-da-escócia.

Gilbert estava jogado no sofá, tentando “relaxar” e esquecer que havia perdido um paciente para a pneumonia naquele dia. A pequena Rilla, em seu cesto, tentava comer as mãozinhas rosadas e até o Camarão, com as patinhas brancas encolhidas debaixo do corpo, ousava ronronar no tapete da lareira, para o desagrado da tia Mary Maria.

– Por falar em gatos – disse a tia Mary Maria em tom patético, embora ninguém estivesse falando de gatos –, por acaso todos os gatos de Glen nos visitam à noite? Não consigo entender como conseguiram dormir com aquela algazarra da noite passada. Obviamente, por meu quarto ficar nos fundos, eu tenho a cortesia de um concerto gratuito.

Antes que alguém pudesse responder, Susan entrou, avisando que havia encontrado a senhora Marshall Elliott na loja do Carter Flagg e que ela viria fazer uma visita assim que terminasse as compras. Susan não contou que a senhora Elliott perguntou, preocupada: “Aconteceu alguma coisa com a senhora Blythe, Susan? Ela parecia tão abatida e fatigada na igreja, no domingo passado, nunca a tinha visto assim antes”. E Susan respondeu: “O que aconteceu foi que a senhora Blythe teve um ataque horrível de tia Mary Maria. E o médico não consegue enxergar isso, pois ele adora o chão em que a tia pisa”. “Não é típico de um homem?”, disse a senhora Elliott.

– Que bom – disse Anne, levantando-se para acender uma luz. – Faz muito tempo que não vejo a senhorita Cornelia. Agora ficaremos sabendo das últimas novidades.

– De todas as novidades! – disse Gilbert secamente.

– Aquela mulher é uma fofoqueira maldosa, com certeza – afirmou a tia Mary Maria.

Talvez pela primeira vez na vida, Susan saiu em defesa da senhorita Cornelia.

– Ela não é, senhorita Blythe e a Susan Baker não permitirá que ela seja caluniada assim. Maldosa, até parece! Senhorita Blythe, já ouviu o sujo falando do mal lavado?

– Susan... Susan... – implorou Anne.

– Perdoe-me, querida senhora. Admito que esqueci o meu lugar, mas algumas coisas são imperdoáveis.

Então, ela bateu a porta como poucas vezes ouviu-se em Ingleside.

– Viu só, Annie? – exclamou a tia Mary Maria. – Enquanto você estiver disposta a negligenciar uma atitude dessas vinda de um empregado, não há nada que se possa fazer.

Gilbert levantou-se e foi para a biblioteca, onde um homem cansado talvez pudesse conseguir um pouco de paz. A tia Mary Maria, que não gostava da senhorita Cornelia, foi para a cama. Assim, a senhorita Cornelia encontrou Anne sozinha quando chegou, reclinada com desânimo sobre o cesto do bebê. Cornelia não começou a descarregar todas as fofocas, como era de costume, em vez disso, depois de deixar o xale de lado, ela sentou-se ao lado de Anne e segurou a mão da amiga.

– Anne, querida, o que foi? Sei que há algo de errado, aquele poço de felicidade da Mary Maria está te torturando muito?

Anne tentou sorrir.

– Ah, senhorita Cornelia, sei que é tolice importar-me tanto com isso, mas esse foi um daqueles dias em que parece impossível suportá-la. Ela está simplesmente envenenando a nossa vida aqui...

– Por que não a manda embora?

– Ah, não podemos, senhorita Cornelia. Pelo menos eu não posso e o Gilbert não faria isso, ele diz que jamais conseguiria se olhar no espelho se expulsasse alguém do próprio sangue.

– Bobagem! – disse eloquentemente a senhorita Cornelia. – Ela tem dinheiro suficiente e uma casa boa. Dizer que é melhor voltar para lá seria

expulsá-la?

– Eu sei, mas o Gilbert não se dá conta de tudo, ele está sempre fora e realmente essas coisas parecem tão insignificantes que chego a me sentir envergonhada...

– Eu sei, querida. Só que essas coisas insignificantes são terrivelmente grandes, mas é óbvio que um homem não entenderia. Sei de uma mulher em Charlottetown que a conhece muito bem, ela diz que a Mary Maria Blythe nunca teve um amigo na vida e que o nome dela deveria ser Praga e não Blythe. O que você precisa, querida, é de coragem suficiente para dizer que não vai aturá-la.

– Sinto como se estivesse em um sonho, onde eu tento correr e só consigo arrastar os pés – disse Anne, desgostosa. – Se fosse só de vez em quando, mas acontece todos os dias. As horas das refeições são perfeitos shows de horrores e Gilbert disse que já não pode nem destrinchar uma ave sossegado.

– Isso ele percebeu – desdenhou a senhorita Cornelia.

– Não conseguimos ter nenhuma conversa de verdade durante as refeições porque com certeza ela nos interromperá com algo desagradável. Ela corrige o comportamento das crianças continuamente e sempre as repreende na frente das visitas. Costumávamos ter refeições tão agradáveis... e agora! Ela não gosta de risadas e você sabe como gostamos de rir. Alguém está sempre fazendo uma piada ou pelo menos era assim, mas ela não deixa nada passar. Hoje, ela disse: “Gilbert, não fique de cara fechada. Você e Anne brigaram?”. Só porque estávamos quietos. Você sabe que o Gilbert sempre fica um pouco deprimido quando perde um paciente que considera que poderia ter vivido. Em seguida ela nos deu um sermão sobre como isso era tolice e nos avisou para apaziguarmos nossa ira antes do por do sol⁴. Ah, nós rimos disso depois, mas na hora...! Susan e ela não se dão bem e não podemos deixar a Susan murmurar coisas que são o reverso da polidez. Ela fez mais do que murmurar quando a tia Mary Maria disse que nunca conhecera um mentiroso como o Walter, pois ela o ouvira contando a Di uma longa história sobre seu encontro com o homem da lua e sobre a conversa que tiveram, tia Mary Maria queria lavar a boca dele com sabão. Ela e Susan travaram uma verdadeira batalha naquela ocasião e ela está enchendo a mente das crianças com todo tipo de ideias absurdas. Disse para Nan que uma criança morreu durante o sono depois de ter sido malcriada e agora ela está com medo de dormir. Disse para Di que, se ela fosse sempre uma boa menina, os pais a amariam tanto quanto amam a Nan, mesmo que não

tivesse cabelos ruivos. Gilbert ficou realmente irritado quando ouviu aquilo e falou duramente com a tia. Não pude evitar de ter esperanças de que ficasse ofendida e partisse, muito embora eu odiaria que alguém fosse embora da minha casa por se sentir ofendido, mas ela simplesmente o encarou com os olhos cheios de lágrimas e disse que não teve más intenções. Que sempre ouvira que gêmeos nunca eram tratados igualmente, que achava que nós favorecíamos a Nan e que a pobre da Di sentia a diferença! Ela chorou a noite inteira por causa disso e Gilbert achou que tinha sido rude e acabou desculpando-se.

– Não me surpreende! – disse a senhorita Cornelia.

– Ah, eu não deveria falar assim, senhorita Cornelia. Quando conto as minhas bênçãos, sinto-me muito mesquinha ao me importar com essas coisas, mesmo que elas tirem um pouco do encanto da vida. E a tia não é sempre odiosa, em certas ocasiões, é muito afável...

– Não me diga! – disse a senhorita Cornelia sarcasticamente.

– Sim, e bondosa. Ela me ouviu dizendo que queria um conjunto de chá da tarde, foi até Toronto e comprou um para mim, por correio! Ah, senhorita Cornelia, é tão feio!

Anne deu uma risada que terminou em um soluço e, em seguida, riu novamente.

– Não falemos mais dela, pois a situação não parece tão ruim agora que coloquei tudo para fora, como uma criança. Veja a pequenina Rilla, senhorita Cornelia. Os cílios dela não são encantadores quando está dormindo? Agora, que tal batermos um bom papo?

Anne já tinha voltado a ser ela mesma quando a senhorita Cornelia se foi. No entanto, ela sentou-se pensativamente diante da lareira por algum tempo, não contara tudo para a senhorita Cornelia e nunca havia contado nada daquilo para Gilbert. Eram tantas miudezas...

– Tão miúdas que não posso reclamar delas – pensou Anne. – Ainda assim, são as miudezas que abrem buracos na trama da vida, como traças, arruinando-a.

A tia Mary Maria e a mania de agir como anfitriã, convidando visitas sem avisar ninguém até a última hora, fazendo-me sentir como se não pertencesse à minha própria casa. A tia Mary Maria, que muda os móveis de lugar quando não estou: “Espero que não se importe, Annie, acho que precisamos mais da mesa aqui do que na biblioteca”. A curiosidade infantil e insaciável da tia Mary Maria e as perguntas indiscretas sobre tudo, entrando no meu

quarto sem bater, sempre desconfiada do cheiro de fumaça e afofando as almofadas que eu arrumei. A tia Mary Maria insinuando que eu fofoco demais com a Susan e implicando com as crianças, temos que ficar em cima delas o tempo todo para que se comportem, mas nem sempre é possível.

– Tia Malia véia e feia – disse Shirley distintamente em um dia horrível. Gilbert levantou-se para lhe dar umas palmadas, porém Susan interveio com uma grandiosidade ultrajada e o impediu.

“Estamos sendo intimidados”, pensou Anne. “Esta casa está começando a funcionar em torno da pergunta ‘será que a tia Mary Maria vai gostar?’”. Não queremos admitir, mas é verdade. Qualquer coisa para que ela não verta suas lágrimas nobres por aí. Isso não pode continuar assim.

Então Anne lembrou-se do que a senhorita Cornelia dissera, que a Mary Maria Blythe nunca tinha tido um amigo na vida. Que terrível! Rica em amizades, Anne sentiu uma súbita compaixão por aquela mulher que nunca tivera uma se quer e que tinha pela frente apenas uma velhice solitária e desassossegada, em que ninguém a procuraria em busca de refúgio ou bálsamo, esperança e ajuda, carinho e amor. É claro que eles poderiam ter paciência com ela, pois aqueles aborrecimentos eram superficiais, no fim das contas. Eles não envenenavam as profundas nascentes da vida.

– Acabo de ter um forte ataque de comiseração por mim mesma, foi só isso – disse Anne, erguendo Rilla do cesto e desfrutando da carícia da bochechinha acetinada contra a sua. – Já passo e agora estou profundamente envergonhada.

Referência ao Novo Testamento, Efésios 4:26. (N. T.)



CAPÍTULO 13

– Parece que não temos mais invernos como os de antigamente, não é mesmo, mamãe? – disse Walter melancolicamente.

A neve de novembro havia derretido há muito tempo e durante todo o mês de dezembro Glen St. Mary foi uma terra escura e austera, bordeada pelo golfo cinzento com seus picos de espuma branca. Foram poucos os dias ensolarados em que o porto reluziu entre os braços dourados das colinas e os demais dias tinham sido sombrios e gélidos. Os habitantes de Ingleside esperaram em vão por um Natal branco, mas os preparativos continuaram a todo vapor e, conforme a última semana se aproximava, a casa ficava repleta de mistério, segredos, sussurros e aromas deliciosos. Na véspera do Natal, tudo estava pronto; o pinheiro que Walter e Jem haviam trazido do Vale encontrava-se em um canto da sala; as portas e janelas estavam enfeitadas com guirlandas enormes e verdes, presas com imensos laços de fita vermelha; ramos verdes entrelaçados adornavam os corrimãos e a despensa de Susan estava quase transbordando. Então, ao fim da tarde, quando todos já haviam se resignado com um Natal verde e sem graça, alguém olhou pela janela e viu flocos grandes como plumas caindo aos montes do céu.

– Neve! Neve!! Neve!!! – gritou Jem. – Teremos um Natal branco afinal de contas, mamãe!

As crianças de Ingleside foram para a cama felizes. Foi gostoso aninhar-se na cama quentinha e confortável e ouvir a tempestade uivando do lado de fora através da noite gris. Anne e a Susan dedicaram-se a decorar a árvore de natal, “agindo como duas crianças”, pensou a tia Mary Maria com desdém. Ela não aprovava velas na árvore, “pois podem causar um incêndio”. Ela não aprovava bolas coloridas, “pois os gêmeos podem comê-las”, porém ninguém prestava atenção nela. Eles tinham aprendido que essa era única condição que tornava viável a vida com a tia Mary Maria.

– Pronto! – exclamou Anne ao colocar a grande estrela prateada no topo do orgulhoso pinheirinho. – Ah, não está lindo, Susan? Não é ótimo podermos ser crianças novamente no Natal sem sermos julgados? Estou tão feliz que esteja nevando, só espero que a tempestade não dure a noite inteira.

– Vai chover o dia inteiro amanhã – afirmou categoricamente a tia Mary Maria. – Sinto nas minhas pobres costas.

Anne abriu a porta da frente e espiou lá fora. O mundo estava perdido em meio ao turbilhão branco da tempestade de neve. A neve acumulada deixava os painéis da janela acinzentados. O pinheiro-da-escócia era um imenso fantasma coberto por um lençol.

– Não parece muito promissor – admitiu Anne com desânimo.

– Deus ainda manda no clima, querida senhora e não a senhorita Mary Maria Blythe – disse Susan por cima do ombro.

– Espero que não haja nenhuma emergência – disse Anne, virando-se.

Susan deu uma última olhada na escuridão antes de trancar a noite tempestuosa para fora.

– Não invente de dar à luz nesta noite – advertiu severamente na direção de Upper Glen, onde a senhora George Dew esperava o quarto filho.

Apesar da dor nas costas da tia Mary Maria, a tempestade dissipou-se no meio da noite e a manhã preencheu o vale secreto entre as colinas com o vinho tinto da alvorada invernal. O pequeno bando havia levantado cedo e aguardava com ansiedade e de olhos atentos.

– O Papai Noel conseguiu atravessar a tempestade, mamãe?

– Não. Ele ficou doente e nem tentou – disse a tia Mary Maria, que estava de bom humor e sentindo-se engraçada, na opinião dela.

– É claro que ele conseguiu – disse Susan antes que os olhos deles ficassem marejados –, e depois que tomarem o café da manhã, vocês verão o que ele fez com a árvore de natal.

Depois do café o papai desapareceu misteriosamente, mas ninguém percebeu porque todos estavam focados na árvore. Uma árvore vivaz, repleta de bolas douradas e prateadas, iluminada por velas na sala escura, rodeada por pacotes de todas as cores presos com fitas adoráveis. Então o Papai Noel apareceu, maravilhoso em suas vestes escarlates e brancas, com uma barba longa e branca e uma barriga grande e cômica. Susan tinha colocado três almofadas debaixo da casaca de veludo que Anne costurara para Gilbert. Shirley gritou de terror de início, porém recusou-se a ser levado da sala. O Papai Noel entregou os presentes para cada pessoa com um gracejo, sua voz

era estranhamente familiar mesmo sob a máscara. A ponta da barba dele acabou pegando fogo por causa de uma vela e a tia Mary Maria sentiu uma leve satisfação com o incidente, ainda que não o suficiente para refrear um suspiro melancólico.

– Ah, o Natal já não é mais como era na minha infância. – Ela olhou com desaprovação para o presente que a pequena Elizabeth havia enviado para Anne de Paris: uma linda estatueta de bronze de Artêmis com seu arco de prata.

– Quem é essa desavergonhada? – inquiriu com severidade.

– A deusa Diana – disse Anne, trocando um sorriso com Gilbert.

– Ah, uma pagã! Bem, então é diferente, suponho. Entretanto, se eu fosse você, Annie, não a deixaria onde as crianças possam vê-la e às vezes acho que não existe mais decência no mundo. Minha avó não usava menos que três anáguas, no inverno e no verão – concluiu a tia Mary Maria, com a deliciosa inconsequência que caracterizava tantos de seus comentários.

A tia Mary Maria havia tricotado luvas compridas para todas as crianças de um tom horrível de magenta, assim como um suéter para Anne, Gilbert ganhou uma gravata biliosa e Susan uma anágua de flanela vermelha. Até ela considerava anáguas fora de moda, mas agradeceu à tia Mary Maria.

“Algum asilo fará melhor uso disso”, pensou. “Três anáguas, vejam só! Orgulho-me de ser uma mulher decente e eu gostei da figura com o arco de prata. Mesmo estando um tanto despida, se fosse minha, eu não sei se a esconderia. Agora eu preciso ver o recheio do peru e sem cebola, não deve estar lá grande coisa.”

Ingleside estava repleta de felicidade naquele dia, uma felicidade plena e antiquada, apesar da tia Mary Maria, que certamente não gostava de ver as pessoas muito felizes.

– Só carne branca, por favor. (James, tome a sopa sem fazer barulho.) Ah, você não sabe destrinchar uma ave como o seu pai, Gilbert. Ele dava a cada pessoa a parte que elas mais gostavam. (Gêmeas, os mais velhos gostariam de ter a chance de conversar um pouco, quando eu era pequena, as crianças deviam ser vistas e não ouvidas.) Não, obrigada, Gilbert, nada de salada para mim, pois eu não como nada cru. Sim, Annie, eu aceito um pouco de pudim. Tortas de carne moída são indigestas demais.

– As tortas de carne moída da Susan são poemas, assim como as tortas de maçã são canções – disse o doutor. – Anne, minha menina, eu gostaria de um pedaço de cada.

– Você gosta de ser chamada de “menina” na sua idade, Annie? Walter, você ainda não comeu todo o seu pão com manteiga, muitas crianças pobres adorariam ter o que comer. James, querido, não suporto que funguem o nariz, assoe-o de uma vez.

Mesmo assim, foi um Natal alegre e prazeroso. A tia Mary Maria nos abrandou um pouco depois do jantar, dizendo quase graciosamente que os presentes que recebeu eram muito bons e até suportou o Camarão com um ar paciente de martírio que fez com que todos se sentissem um pouco culpados por amá-lo.

– Acho que os pequenos se divertiram bastante – disse Anne alegremente naquela noite, enquanto observava o padrão das árvores contra as colinas brancas e o céu do entardecer, já as crianças estavam ocupadas em jogar migalhas no jardim. O vento suspirava suavemente entre os galhos, salpicando neve fina sobre o jardim com a promessa de mais tempestade para o dia seguinte. Todavia, Ingleside teve um ótimo dia.

– Suponho que sim – concordou a tia Mary Maria. – Eles fizeram bastante barulho, com certeza. Já o tanto que comeram... ah, bem, só se é jovem uma vez e eu acho que você tem óleo de rícino suficiente em casa.



CAPÍTULO 14

Foi um inverno que Susan chamou de “instável”, as altas e baixas de temperatura deixaram os beirais de Ingleside decorados com fantásticos babados de gelo. As crianças alimentaram sete pássaros gaios-azuis que visitaram regularmente o pomar para as refeições, eles deixavam que Jem os pegasse, mas voavam quando os outros tentavam. Durante janeiro e fevereiro, Anne ficou acordada até tarde enquanto devorava catálogos de sementes. Os ventos de março rodopiaram sobre as dunas, os portos e as colinas, segundo Susan, os coelhos estavam botando ovos de páscoa.

– Você não acha março um mês “imocionante”, mamãe? – exclamou Jem, que era irmão de todos os ventos que sopravam.

Eles poderiam ter sido poupados de toda a “emoção” da vez em que Jem cortou a mão em um prego enferrujado e passou alguns dias sofríveis, enquanto a tia Mary Maria contava todas as histórias que sabia sobre envenenamento sanguíneo. Depois que tudo passou, Anne refletiu que isso era o que se podia esperar de um filho pequeno que estava sempre fazendo experimentos.

E logo chegou abril! Trazendo consigo o riso das chuvas de abril, o sussurro das chuvas de abril, o gotejar, a extensão, a pressão, a intensidade, a dança e o estardalhaço das chuvas de abril. “Ah, mamãe, o mundo lavou o rosto direitinho, não é mesmo?”, exclamou Di, na manhã em que o sol voltou a aparecer.

Flores pálidas em forma de estrelas brilhavam sobre os campos enevoados e pequenos salgueiros cresciam nos pântanos. Até os menores galhos nas árvores pareciam ter perdido a rigidez vítrea do inverno, tornando-se moles e lânguidos. O primeiro tordo que apareceu foi um evento; o Vale voltou a ser um lugar repleto de vida selvagem; Jem trouxe para a sua mãe as primeiras flores de maio para o ultraje da tia Mary Maria, convencida de que tinha que ter ganhado as flores; Susan começou a faxina nas prateleiras do sótão e

Anne, que não teve sequer um minuto para si mesma durante o inverno, entrou no espírito da primavera e literalmente passou o tempo no jardim, enquanto o Camarão mostrava toda a empolgação esgueirando-se por entre os canteiros.

– Você se importa mais com aquele jardim do que com o próprio marido, Annie – disse a tia Mary Maria.

– Meu jardim é tão bom para mim – respondeu Anne distraidamente.

Então, ao perceber as possíveis implicações de seu comentário, começou a rir.

– Você fala umas coisas muito peculiares, Annie. Sei que não insinuou que o Gilbert não te trata bem, mas se um estranho a escutasse?

– Querida tia Mary Maria – disse Anne alegremente –, eu não me responsabilizo pelas coisas que digo nesta época do ano, todo mundo aqui em casa sabe disso e sempre fico um pouco maluca na primavera. Só que é uma loucura divina. Você consegue ver aquela névoa sobre as colinas, dançando como bruxas? E os narcisos? É a primeira vez que temos narcisos tão lindos assim em Ingleside.

– Não gosto de narcisos. São ostentosos demais – disse a tia Mary Maria, envolvendo-se no xale e entrando em casa para proteger as costas.

– Sabe aquelas íris que você queria plantar naquele canto do jardim com sombras, querida senhora? – disse Susan, em tom confidencial. – Ela as plantou esta tarde quando você estava fora, na parte mais ensolarada do quintal.

– Ah, Susan! E não podemos mudá-las de lugar, senão ela ficará magoada!

– Se você me permitir, querida senhora...

– Não, não, Susan, vamos deixá-las onde estão, por enquanto. Ela chorou quando comentei que ela não deveria ter podado o buquê-de-noiva antes que florescesse, lembra-se?

– Esnobando os nossos narcisos, querida senhora, que são famosos em todo o porto...

– Merecidamente. Olhe só para eles, rindo de você por se importar com a tia Mary Maria. Susan, as capuchinhas estão finalmente nascendo naquele canto. É tão bom quando algo que já tínhamos perdido a esperança de fato acontece! Vou fazer um pequeno jardim de rosas no canto ao sudoeste, só o termo “jardim de rosas” me deixa arrepiada! Já viu um céu tão anil como esse, Susan? Se prestar muita atenção à noite, você conseguirá ouvir os

riachos da região fofocando. Estou com vontade de dormir no Vale nesta noite, com um travesseiro de violetas silvestres.

– Seria muito úmido – disse Susan pacientemente. A senhora do doutor sempre ficava assim na primavera e logo passaria.

– Susan, quero uma festa de aniversário na semana que vem – disse Anne, como se tentasse convencê-la.

– Bem, e por que não? – perguntou Susan. Ninguém da família fazia aniversário na última semana de maio, mas, se a esposa do doutor queria uma, por que se privar?

– Por causa da tia Mary Maria – continuou Anne, determinada a acabar de uma vez com a pior parte. – O aniversário dela é semana que vem. Gilbert me disse que ela fará 55 anos e estive pensando.

– A senhora quer mesmo fazer uma festa para aquela...

– Conte até cem, Susan... conte até cem, querida. Isso a faria feliz e o que ela tem na vida, afinal?

– A culpa disso é toda dela...

– Talvez. No entanto, eu realmente quero fazer isso por ela.

– Querida senhora – disse Susan com seriedade –, você é muito bondosa comigo e me dá uma semana de férias sempre que eu preciso, talvez seja melhor eu tirar folga na semana que vem! Vou pedir para a minha sobrinha Gladys vir ajudar na casa e a senhorita Mary Maria Blythe pode ter uma dúzia de festas de aniversário, se quiser.

– Se é assim que você se sente, Susan, vou desistir da ideia, é claro – disse Anne lentamente.

– Querida senhora, aquela mulher se impôs na sua casa e pretende ficar aqui eternamente. Ela te deixou preocupada, irritou o doutor e tornou a vida das crianças miserável. Não digo nada sobre mim mesma porque que direito tenho eu? Ela repreendeu e reclamou e insinuou e choramingou e agora você quer organizar uma festa de aniversário para ela! Bem, tudo que digo é, se é o que você realmente deseja, então é o que faremos!

– Susan, você é um amor!

Planos e mais planos foram feitos. Susan, após render-se, estava determinada a honrar Ingleside e fazer uma festa que nem mesmo a Mary Maria Blythe encontraria motivos para criticar.

– Estou pensando em fazer um grande almoço, Susan. Assim, o doutor e eu teremos tempo de sobra para ir ao concerto em Lowbridge. Manteremos

em segredo para surpreendê-la, que não deve saber de nada até o último minuto. Vou convidar todas as pessoas de Glen que ela gosta...

– E quem seriam elas, querida senhora?

– Bem, todas que ela tolera, a prima dela de Lowbridge, Adella Carey e algumas pessoas da cidade. Teremos um grande bolo de ameixas com 55 velas...

– Que eu terei que fazer, obviamente...

– Susan, você sabe que o seu bolo de frutas é o melhor da ilha...

– Eu sei que farei o que a senhora quiser.

A semana seguinte foi repleta de mistério. Cochichos permeavam o ar em Ingleside, todos haviam jurado não contar nada à tia Mary Maria, porém, Anne e Susan não contavam com as fofocas. Na véspera da festa, a tia Mary Maria voltou para casa após uma visita a Glen e as encontrou um tanto fatigadas na sala mal iluminada.

– No escuro, Annie? Não entendo como alguém gosta de se sentar no escuro. Fico deprimida.

– Não está escuro, é a hora do crepúsculo, quando a luz e a escuridão se apaixonam e excedem lindamente seus limites... – disse Anne, mais para si mesma do que para os outros.

– Suponho que você saiba o que quer dizer, Annie. Então, você vai dar uma festa amanhã?

Anne endireitou-se de súbito. Susan, que já estava sentada ereta, não conseguiu endireitar-se ainda mais.

– Porque... Porque... Tia...

– Eu sempre tenho que descobrir as coisas através dos outros – disse a tia Mary Maria, aparentemente mais desapontada do que zangada.

– Nós queríamos que fosse uma surpresa, tia...

– Não sei por que você quer dar uma festa nessa época do ano, em que não se pode confiar no clima, Annie.

Anne suspirou aliviada. Evidentemente, a tia Mary Maria sabia apenas sobre a festa, não que tinha conexão com ela.

– Eu queria que fosse antes que as flores da primavera murchassem, tia Mary Maria.

– Então eu usarei o meu vestido de tafetá granada. Suponho, Annie, que, se eu não tivesse ouvido falar disso na vila, eu teria sido pega de surpresa por seus amigos em um vestido de algodão.

– Ah, não, tia. Nós te avisaríamos a tempo, é claro...

– Bem, se quer o meu conselho, Annie e às vezes sou obrigada a achar que não eu diria para não ser tão misteriosa sobre as coisas no futuro. Aliás, você sabia que estão dizendo na vila que foi o Jem que jogou uma pedra na janela da igreja metodista?

– Não foi ele – disse Anne com calma. – Ele me disse que não foi ele.

– Tem certeza, querida Annie, que ele não mentiu?

A “querida Annie” falou pausadamente.

– Absoluta, tia Mary Maria. O Jem nunca me contou uma mentira na vida.

– Bem, achei que você deveria saber o que estão dizendo.

A tia Mary Maria saiu com sua elegância usual, evitando ostensivamente o Camarão, que estava deitado de costas no chão, suplicando que alguém acariciasse sua barriga.

Susan e Anne suspiraram profundamente.

– Acho que vou dormir, Susan. E espero que tudo corra bem amanhã. Não estou gostando daquela nuvem preta sobre o porto.

– Vai dar tudo certo, querida senhora – assegurou Susan. – É o que diz o almanaque.

O almanaque de Susan, que previa o clima do ano inteiro, acertava com uma frequência suficiente para manter sua credibilidade.

– Deixe a porta lateral destrancada para o doutor, Susan. Ele pode chegar tarde da cidade, foi buscar as cinquenta e cinco rosas, pois ouvi a tia Mary Maria dizendo que as únicas flores de que gosta são as rosas amarelas.

Meia hora depois, durante sua leitura diária de um capítulo da Bíblia, Susan deparou-se com o seguinte versículo: “Não ponhas muito os pés na casa do teu próximo, para que não se enfade de ti e passe a te odiar²”, ela colocou um raminho de abrótno para marcar a página. “Até naqueles dias”, refletiu.

Anne e Susan levantaram cedo, com o intuito de concluir alguns preparativos finais antes que a tia Mary Maria acordasse. Anne gostava de acordar cedo e aproveitar aquela meia-hora mística que precedia o nascer do sol, em que o mundo ainda pertencia às fadas e aos deuses antigos. Ela adorara o pálido rosa e o dourado do céu atrás do pináculo da igreja, o brilho translúcido da alvorada espalhando-se pelas dunas e as espirais de fumaça violeta subindo dos telhados da vila.

– É como se tivéssemos mandado fazer o dia sob medida, querida senhora – disse Susan complacentemente, conforme salpicava coco ralado sobre um bolo com cobertura de creme de laranja. Depois do café da manhã, vou

experimentar fazer esses novos bolinhos de manteiga e telefonarei a cada meia hora para certificar-me de que Carter Flagg não se esqueça do sorvete e ainda sobrar tempo para esfregar os degraus da varanda.

– Isso é mesmo necessário, Susan?

– Querida senhora, você convidou a senhora Marshall Elliott, não? Ela não subirá aqueles degraus se não estiverem impecáveis. Você pode cuidar da decoração? Não nasci com o dom de fazer arranjos de flores.

– Quatro bolos! Nossa! – disse Jem.

– Quando nós damos uma festa – disse Susan com orgulho –, nós damos uma festa.

Os convidados chegaram na hora certa e foram recebidos pela tia Mary Maria, em seu vestido de tafetá granada e por Anne, que usava o vestido de voile bege. Anne pensou em vestir o de musselina branca, uma vez que o clima estava agradável como um dia de verão, mas mudou de ideia.

– Muito sensato da sua parte – comentou a tia Mary Maria. Como sempre digo, a cor branca é para os jovens.

Tudo correu conforme o planejado. A mesa estava exuberante com os pratos deliciosos de Anne e a beleza exótica das íris brancas e púrpuras. Os bolinhos de manteiga de Susan causaram uma sensação, diferentes de tudo que já tinha sido visto em Glen; a sopa cremosa dela era a última palavra em sopas; a salada de frango fora feita com os “verdadeiros frangos” de Ingleside; o atrapalhado do Carter Flagg levou o sorvete no momento exato. Por fim entrou Susan, carregando o bolo de aniversário com suas 55 velas acesas como se fosse a cabeça de João Batista em uma bandeja e colocou diante da tia Mary Maria.

Anne, que por fora sorria como uma serena anfitriã, sentia-se muito incomodada. Por mais que tudo parecesse dentro dos conformes, ela estava com uma crescente sensação de que algo tinha dado terrivelmente errado, pois estivera muito ocupada recebendo os convidados para perceber a mudança na expressão da tia Mary Maria quando a senhora Marshall Elliott cordialmente lhe desejou muitos anos de vida. Quando todos estavam reunidos ao redor da mesa, Anne percebeu que a tia não parecia nem um pouco contente. Ela estava pálida, não podia ser de raiva! E não disse nenhuma palavra durante a refeição, a não ser por respostas curtas. Tomou apenas três colheradas de sopa e comeu três garfadas da salada, quanto ao sorvete, era como se não existisse.

Quando Susan colocou o bolo com as velas tremeluzentes diante dela, a tia Mary Maria engoliu em seco audivelmente, o que não foi capaz de conter o soluço a acabou produzindo um ruído sufocado.

– Tia, não está se sentindo bem? – perguntou Anne.

A tia Mary Maria a encarou friamente.

– Muito bem, Annie. Notavelmente bem, aliás, para uma pessoa de idade avançada como eu.

Nesse momento auspicioso, as gêmeas surgiram carregando uma cesta com 55 rosas amarelas e, em meio ao silêncio gélido, entregaram-na à tia Mary Maria balbuciando parabéns e desejos de felicidade. Um coro de admiração ergueu-se da mesa, mas a aniversariante não juntou-se a ele.

– As gêmeas assoprarão as velas para você, tia – disse Anne, nervosa. – Depois disso, você pode cortar o bolo?

– Dado que não estou senil ainda, acho que eu consigo assoprar as velas sozinha.

A tia Mary Maria então as assoprou de forma lenta e deliberada. Da mesma forma, ela cortou o bolo e em seguida, ela colocou a faca sobre a mesa.

– Agora, peço que me perdoem, Annie. Uma mulher da minha idade precisa descansar depois de tanta emoção.

A saia de tafetá da tia Mary Maria se afastou com um farfalhar, a cesta de rosas caiu com um baque, o clique claque dos saltos dela ecoaram pelas escadas e a porta do quarto bateu com um estrondo distante.

Os convidados aturdidos comeram suas fatias de bolo com todo o apetite que conseguiram reunir, em um silêncio tenso que foi quebrado somente por um ato de desespero da senhora Amos Martin, ao contar uma história sobre um doutor da Nova Escócia que matou vários pacientes ao injetar germes de difteria neles. Os outros, sentindo que a história não era de bom gosto, não apoiaram a tentativa risível de “animar as coisas” e foram embora na primeira oportunidade educada.

Preocupada, Anne correu até o quarto da tia Mary Maria.

– Tia, qual é o problema?

– Era mesmo necessário anunciar a minha idade em público, Annie? E convidar a Adella Carey, para descobrir quantos anos tenho, pois ela tenta descobrir há anos!

– Tia, nós queríamos...

– Não sei o que você pretendia, Annie, porém, sei muito bem que há alguma coisa por trás disso. Ah, posso até ler a sua mente, querida Annie, mas não vou tentar fuçar nela. Vou deixar isso entre você e a sua consciência.

– Tia Mary Maria, minha única intenção era que você tivesse um aniversário feliz. Sinto muitíssimo se...

A tia Mary Maria levou o lenço aos olhos e sorriu sofregamente.

– É claro que eu te perdoo, Annie. Contudo, você deve compreender que depois dessa tentativa deliberada de ferir meus sentimentos, não posso ficar aqui nem mais um minuto.

– Tia, não vá embora...

A tia Mary Maria ergueu a mão magra e nodosa.

– Não falemos mais do assunto, Annie. Quero paz, somente paz. “Um espírito deprimido, quem o levantará?”⁸”

Anne foi ao concerto com Gilbert naquela noite, mas não se pode dizer que o aproveitou e ele enfrentou a situação de maneira “típica dos homens”, como a senhorita Cornelia teria dito.

– Lembro que a idade sempre foi um assunto delicado para ela, o papai costumava provocá-la e isso fugiu da minha memória, porém se ela for embora, não tente impedi-la... – A lealdade à família o impediu de acrescentar “já era hora!”.

– Ela não vai embora. Que azar, querida senhora – disse Susan, incredulamente.

Entretanto, pela primeira vez, Susan se equivocou. A tia Mary Maria foi embora no dia seguinte, perdendo a todos com suas palavras de despedida.

– Não culpe Annie, Gilbert – disse magnanimamente. – Eu a absolvo de todos os insultos intencionais, nunca me importei por guardarem segredos de mim e ainda que para uma mente sensível como a minha. Apesar de tudo, sempre gostei da Annie... – disse com o ar de quem confessava uma fraqueza. – Já a Susan Baker é outra história. Minhas últimas palavras a você, Gilbert: ponha a Susan Baker no devido lugar e não a tire de lá.

Ninguém acreditou de início em tanta sorte. Eles despertaram para o fato de que a tia Mary Maria fora realmente embora. Agora eles poderiam voltar a rir sem ferir os sentimentos de ninguém; abrir todas as janelas sem que ninguém reclamasse; fazer uma refeição sem ninguém dizendo que a comida preferida de alguém causa câncer no estômago.

“Jamais me despedi de uma visita com tanta alegria”, pensou Anne, sentindo-se um pouco culpada. “É bom voltar a ser dona de mim mesma.”

Camarão aprumou-se meticulosamente, sentindo que finalmente podia se divertir um pouco. A primeira peônia desabrochou no jardim.

– O mundo está cheio de poesia, não é mesmo, mamãe? – observou o pequeno Walter.

– Vai ser um mês de junho muito bonito – previu Susan. – É o que diz o almanaque. Haverá alguns casamentos e provavelmente dois funerais. Não é estranho poder respirar livremente de novo? Quando penso que fiz tudo que estava em minhas mãos para impedir que você desse aquela festa, querida senhora, percebo que a Providência Divina realmente existe. E você não acha que hoje o doutor adoraria um pouco de cebola para acompanhar o filé?

Referência ao antigo Testamento, Provérbios 25:17. (N. T.)

Referência ao antigo Testamento, Provérbios 18:14. (N. T.)



CAPÍTULO 15

– Senti-me na obrigação de vir aqui, querida – disse a senhorita Cornelia – e explicar o que disse ao telefone. Foi tudo um engano, eu sinto muito e a prima Sarah não morreu, afinal de contas.

Anne, suprimindo um sorriso, ofereceu uma cadeira à senhorita Cornelia na varanda. Susan tirou os olhos da gola de crochê que estava preparando para a sobrinha, Gladys, e murmurou educadamente:

– Boa noite, senhora Marshall Elliott.

– Nesta manhã, chegou a notícia do hospital de que ela tinha falecido ontem à noite e eu achei que precisava informar a vocês, já que ela era paciente do doutor, mas foi outra Sarah Chase. A prima Sarah está com vida e provavelmente continuará assim, graças a Deus. Aqui está muito agradável e fresco, Anne e sempre digo que, se há uma brisa em algum lugar, este lugar é Ingleside.

– Susan e eu estávamos desfrutando do charme da noite estrelada – disse Anne. Ela deixou de lado o vestido de musselina rosa com bordado de casinhas de abelha que estava fazendo para Nan e juntou as mãos sobre os joelhos. Uma desculpa para ficar ociosa por alguns instantes era bem-vinda. Susan e ela não tinham muitos desses momentos naqueles dias.

A lua estava prestes a nascer e seu prelúdio era ainda mais adorável do que o fato consumado. Lírios-tigre eram como “vivas chamadas” ao longo da trilha do jardim e o aroma das madressilvas era traduzido nas asas do vento sonhador.

– Veja as ondas de papoulas que cresceram junto ao muro do jardim, senhorita Cornelia. Susan e eu estamos muito orgulhosas delas neste ano, ainda que não tenhamos feito absolutamente nada. Walter derrubou um pacote de sementes ali por acidente na primavera e este foi o resultado. Todos os anos nós temos alguma surpresa do tipo.

– Tenho um apreço especial por papoulas – disse a senhorita Cornelia – por mais que não durem muito.

– Só vivem por um dia – admitiu Anne –, mas com que soberania, que suntuosidade o vivem! Não é melhor do que ser uma zínia feia e sem graça que dura praticamente para sempre? Não temos zínias aqui em Ingleside, são as únicas flores que não são bem-vindas aqui e Susan nem mesmo fala delas.

– Estão assassinando alguém no Vale? – perguntou a senhorita Cornelia. De fato, o som que vinha de lá indicava que alguém estava sendo queimado na fogueira, mas Anne e Susan já estavam acostumadas.

– Persis e Kenneth passaram o dia aqui e coroaram a visita com um delicioso banquete no Vale. Quanto à senhora Chase, Gilbert foi até a cidade descobrir a verdade sobre ela, fico feliz por ela estar bem, os outros médicos não concordaram com o diagnóstico do Gilbert e ele ficou um pouco preocupado.

– Antes de ir ao hospital, Sarah nos avisou para não a enterrar antes de ter certeza de que ela estava morta – disse a senhorita Cornelia, abanando-se majestosamente enquanto se perguntava o que a esposa do doutor fazia para estar sempre tão fresca. – Sabe, nós sempre tivemos a leve suspeita de que o marido dela foi enterrado vivo, ele parecia tão cheio de vida, só que ninguém pensou nisso antes que fosse tarde demais. Ele era irmão do Richard Chase, que comprou a fazenda que era dos Moorside e se mudou para cá na primavera. É muito bem-apegoado, disse que veio para o interior em busca de paz, porque em Lowbridge ele passava o tempo todo desviando de viúvas... – “E de solteironas”, a senhorita Cornelia decidiu não dizer, em respeito aos sentimentos de Susan.

– Eu conheci a filha dela, Stella, que participa do coral. Nós nos tornamos amigas.

– Stella é uma garota doce. Uma das poucas que ainda ficam ruborizadas de decoro, sempre gostei dela, contudo a mãe dela e eu éramos grandes amigas. Pobre Lisette!

– Ela morreu jovem?

– Sim, quando a Stella tinha apenas 8 anos. Richard criou a menina sozinho, ele é um herege! Diz que as mulheres são importantes somente do ponto de vista biológico, o que quer que isso signifique. Sempre vem com umas conversas desse tipo.

– Ao que parece, ele fez um bom trabalho na criação da filha – disse Anne, que considerava Stella Chase uma das garotas mais charmosas que já

tinha conhecido.

– Ah, Stella jamais seria uma garota mal-educada e não estou negando que o Richard tenha coisas demais com que se preocupar, mas ele detesta garotos e nunca deixou que a pobre Stella tivesse nem um namorado sequer!

Todos os jovens que tentaram cortejá-la, ele aterrorizou com o sarcasmo, é a criatura mais sarcástica que você já conheceu. A Stella não sabe lidar com ele, a mãe dela também não conseguia, contudo elas simplesmente não sabiam como e ele funciona ao revés, e nenhuma das duas se deu conta disso.

– Achei que a Stella era muito devota ao pai.

– Ah, ela é, adora o pai e ele é o homem mais simpático do mundo quando as coisas saem do jeito dele. No entanto, deveria ser mais sensato em relação ao casamento da filha, pois deve saber que não vai viver para sempre, se bem que, pela forma como fala, é de se pensar que esse é o propósito dele. É claro que ainda não é um velho, ele se casou muito jovem, mas aquela família tem histórico de derrames. E o que a Stella fará depois que ele se for? Definhar, eu presumo.

Susan desviou a atenção da rosa intrincada de crochê que bordava com ponto irlandês para dizer decididamente:

– Não acho certo que os velhos atrapalhem a vida dos jovens desse jeito.

– Talvez se a Stella gostasse de alguém, as objeções do pai não pesariam tanto.

– É aí que você se engana, Anne, querida. Stella nunca se casaria com alguém que o pai não aprova. E posso citar outra vida que vai ser arruinada, que é a do sobrinho do Marshall, Alden Churchill, pois Mary decidiu que ele não se casará enquanto ela puder evitar e ela é ainda mais teimosa do que Richard. Se fosse um cata-vento, ela apontaria para o norte quando o vento soprasse para o sul. A propriedade é dela até que ele se case, então, passará para o nome dele, então sempre que ele se interessa por uma garota, ela tenta atrapalhar de alguma maneira.

– Será que é tudo culpa dela, senhora Marshall Elliott? – inquiriu Susan secamente. – Algumas pessoas acham que Alden é muito volúvel. Há quem o chame de paquerador.

– Alden é bonito e as garotas correm atrás dele – retrucou a senhorita Cornelia. – Não o culpo por enrolá-las por um tempo antes de abandoná-las, depois de ter-lhes dado uma lição. Contudo, já houve uma ou duas garotas adoráveis de quem ele gostou de verdade e a Mary atrapalhou tudo. Foi ela

mesma que me contou, disse que consultou a Bíblia (ela sempre “consulta a Bíblia”) e todo verso que aparece é um aviso contra o casamento de Alden. Não tenho paciência com ela e essas bobagens. Por que ela não pode frequentar a igreja e ser uma criatura decente como todos em Four Winds? Não, ela teve que inventar uma religião só dela, que consiste em “consultar a Bíblia”. No outono passado, quando o cavalo valioso dela adoeceu, que vale quatrocentos dólares, em vez de mandá-lo para o veterinário em Lowbridge, ela “consultou a Bíblia” e encontrou o seguinte versículo: “o Senhor o deu, e o Senhor o levou: bendito seja o nome do Senhor¹⁰”, assim, ela não chamou o veterinário e o cavalo morreu. Que estranho usar esse verso de tal maneira, querida Anne, pois chega a ser um desrespeito. Eu falei isso na cara dela, mas a única resposta que tive foi um olhar furioso e também não quer que instalem o telefone. “Acha mesmo que vou falar em uma caixa na parede?”, diz ela quando tocam no assunto.

A senhorita Cornelia fez uma pausa, quase sem fôlego. As excentricidades da cunhada sempre a exasperavam.

– Alden não é nem um pouco como a mãe – disse Anne.

– Alden é como o pai dele, nunca houve um homem melhor. Os Elliott nunca compreenderam por que ele se casou com a Mary, por mais contentes que tenham ficado por ela ter se casado tão bem. Ela foi uma garota magricela e sempre teve uns parafusos a menos, também sempre teve muito dinheiro, é claro. A tia deixou tudo para ela e todavia não foi por causa disso que o George Churchill se apaixonou por ela. Não sei como o Alden aguenta os caprichos da mãe, mas é um bom filho.

– Sabe o que acabou de me ocorrer, senhorita Cornelia? – disse Anne com um sorriso travesso. – Não seria ótimo se o Alden e a Stella se apaixonassem um pelo outro?

– É improvável e não daria em nada se realmente acontecesse. Mary faria um escândalo e Richard faria a vontade dela. De qualquer forma, a Stella não faz o tipo dele, o Alden gosta de garotas risonhas e animadas. E ele tampouco faz o tipo da Stella. Ouvi dizer que o novo ministro de Lowbridge está de olho nela.

– Ele não é um pouco anêmico e míope? – perguntou Anne.

– E tem olhos saltados – disse Susan. – Devem ficar horríveis quando ele tenta parecer sentimental.

– Pelo menos ele é presbiteriano – disse a senhorita Cornelia, como se isso compensasse muitas coisas. – Bem, tenho que ir embora. – Descobri que, se

fico muito tempo no sereno, minha nevralgia ataca.

– Eu te acompanho até o portão.

– Você sempre pareceu uma rainha nesse vestido, querida – admirou-se a senhorita Cornelia, irrelevantemente.

Anne encontrou Owen e Leslie Ford no portão e os convidou para se sentarem na varanda. Susan havia entrado para levar limonada para o doutor, que acabara de chegar em casa e as crianças voltaram em bando do Vale, exaustas e felizes.

– Vocês estavam fazendo um barulho medonho quando cheguei – disse o doutor. – Todo o porto deve ter ouvido vocês.

Persis Ford, balançando os cachos cor de mel, mostrou a língua para ele, mas ela era uma das favoritas do “tio Gil”.

– Estávamos imitando dervixes, então é claro que precisávamos uivar – explicou Kenneth.

– Olhe o estado da sua blusa – disse Leslie com severidade.

– Caí na torta de lama da Di – disse Kenneth, com evidente satisfação. Ele detestava as blusas engomadas e impecáveis que a mãe o obrigava a usar quando vinha para Glen.

– Mamãezinha – disse Jem –, posso costurar aquelas penas velhas de avestruz que estão no sótão nas minhas calças para fazer um rabo? Nós vamos brincar de circo amanhã e eu quero ser o avestruz. Vamos ter também um elefante.

– Sabia que custa seiscentos dólares por ano para alimentar um elefante? – disse Gilbert solenemente.

– Um elefante imaginário não custa nada – explicou Jem em tom paciente.

Anne riu.

– Não precisamos ser econômicos na nossa imaginação, graças a Deus.

Walter não disse nada, porém ele estava um pouco cansado e ficou bem contente ao sentar-se ao lado da mãe e descansar a cabeça no ombro dela.

Leslie Ford olhou para ele e pensou que ele tinha ares de um gênio, o olhar distante de alguém que vinha de outro lugar. A Terra não era o seu hábitat.

Todos estavam muito felizes naquela hora dourada daquele dia dourado; o sino da igreja do outro lado do porto badalou ternamente ao longe; a lua criava padrões sobre a água; as dunas refletiam a luz prateada e nebulosa e havia um leve aroma de menta no ar e o perfume doce de rosas escondidas em algum lugar. Anne, olhando sonhadoramente para o gramado com olhos que, mesmo depois de seis filhos, ainda eram muito jovens, pensou que não

havia nada neste mundo tão esbelto e mágico como um jovem choupo-da-lombardia ao luar.

Então ela voltou a ponderar sobre Stella Chase e Alden Churchill, até que Gilbert perguntou o que ela estava pensando.

– Estou pensando seriamente em experimentar ser uma casamenteira – disse Anne.

Gilbert olhou para os outros com um gesto cômico de desolação.

– Eu temia que isso fosse voltar a acontecer. Fiz o melhor que pude, mas não se pode corrigir uma casamenteira nata, ela tem uma verdadeira paixão. O número de casais que ela já formou é incrível e eu não conseguiria dormir se tivesse tanta responsabilidade na minha consciência.

– Todos estão felizes – protestou Anne. – Sou realmente uma adepta. Pense em todos os casais que já juntei ou fui acusada de juntar: Theodora Dix e Ludovic Speed, Stephen Clark e Prissy Gardner, Janet Sweet e John Douglas, o professor Carter e Esme Taylor, Nora e Jim e Dovie e Jarvis...

– Ah, eu admito. Essa minha esposa, Owen, nunca perde as esperanças. Para ela, abrolhos podem dar figos a qualquer momento. Suponho que ela continuará tentando casar as pessoas até crescer.

– Acho que ela ajudou mais um casal – disse Owen, sorrindo em direção à esposa.

– Eu não – disse Anne prontamente. – A culpa é do Gilbert. Fiz de tudo para persuadi-lo a não fazer a operação em George Moore, nem me fale em noites insones e às vezes eu acordo suando frio por ter sonhado que o convenci.

– Bem, dizem que só mulheres felizes é que são casamenteiras, então, ponto para mim – disse Gilbert complacentemente. – Quais são as vítimas que você tem em mente agora, Anne?

Anne apenas sorriu para ele. Formar casais era algo que exigia sutileza e discrição, e há coisas que não se conta nem para o próprio marido.

Referência ao poema *O Tigre* (na tradução de José Paulo Paes), do poeta inglês William Blake (1757-1827). (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Jó 1:21. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Mateus 7:16. (N. T.)



CAPÍTULO 16

Anne passou horas acordada naquela e nas noites seguintes, pensando em Alden e Stella. Ela sentia que Stella ansiava muito casar-se, ter uma casa, ter filhos, implorara certa vez para dar banho em Rilla: “É tão gostoso dar banho nesse corpinho rechonchudo...”, e em outra ocasião, timidamente: “É tão bom ver esses bracinhos macinhos e adoráveis esticados na nossa direção, senhora Blythe. Bebês são maravilhosos, não são? Seria uma lástima se um pai ranzinza impedisse essas esperanças secretas de florescerem”.

Seria um casamento ideal, mas como se concretizaria, se todos os envolvidos eram obstinadamente contrários a ele? A teimosia e a contrariedade não eram exclusivas dos pais. Anne suspeitava que tanto Alden como Stella também tinham participação nisso, o que exigia uma técnica completamente diferente da dos casos anteriores. Bem a tempo, Anne lembrou-se do pai de Dovie.

Anne ergueu o queixo e pôs as mãos à obra. A partir daquele momento, Alden e Stella estavam praticamente casados.

Não havia tempo a perder. Alden, que morava em Harbour Head e frequentava uma igreja anglicana do outro lado do porto, não conhecia Stella Chase ainda e talvez nunca a tivesse visto. Havia meses que parecia interessado em ninguém, mas podia se interessar a qualquer momento. A senhora Janet Swift, de Upper Glen, recebera a visita de uma sobrinha muito linda e Alden sempre ia atrás das garotas novas. Assim, o primeiro passo era fazer Alden e Stella se encontrarem. Anne quebrou a cabeça e não conseguiu pensar em nada mais original do que dar uma festa e convidar os dois, ela não gostou nem um pouco da ideia, pois estava muito quente para uma festa. E os jovens de Four Winds eram tão bagunceiros! Anne sabia que Susan não consentiria com uma festa sem antes limpar a casa praticamente do sótão ao porão. E o calor da estação estava incomodando-a, mas uma boa causa

exigia sacrifícios. Jen Pringle, bacharela em Artes, escrevera avisando que viria finalmente fazer a tão prometida visita e essa seria uma ótima desculpa para uma festa. A sorte parecia estar do lado dela e Jen veio, os convites foram enviados, Susan faxinou Ingleside e junto com Anne, as duas prepararam toda a comida no pico da onda de calor.

Anne estava consideravelmente cansada na noite antes da festa e o calor estava inclemente. Jem estava de cama, com um ataque do que Anne secretamente suspeitava que fosse apendicite, ainda que o Gilbert achasse que fosse uma mera dor de barriga causada por maçãs ainda verdes. E o Camarão quase foi escaldado vivo quando Jen Pringle, ao tentar ajudar Susan, derrubou uma panela de água quente do fogão sobre o bichano. Cada osso do corpo dela doía, a cabeça doía, os pés doíam, os olhos doíam. Jen tinha ido ver o farol com um grupo de jovens, dizendo a Anne que ia direto para a cama, em vez disso, ela sentou-se na varanda em meio à umidade posterior às chuvas daquela tarde e conversou com Alden Churchill, que aparecera para pegar os medicamentos para a bronquite da mãe e não fizera questão de entrar. Anne achou que era uma oportunidade divina, pois ela queria muito falar com ele. Os dois eram bons amigos, já que Alden vinha com frequência buscar os remédios da mãe.

Alden sentou-se no degrau da varanda com a cabeça descoberta apoiada na coluna. Era um rapaz muito bonito, como Anne sempre achara: alto, com ombros largos, um rosto alvo como mármore que nunca ficava queimado de sol, olhos azuis vívidos e cabelos negros curtos. Era dono de uma voz risonha e de uma atitude cortês e deferente que as mulheres de todas as idades gostavam. Tinha estudado três anos na Queen's e chegou a cogitar ir para Redmond, o que a mãe não permitiu por motivos bíblicos, assim, ele se contentou em ficar na fazenda. Alden contara para Anne que gostava de trabalhar na terra, pois era um serviço sem patrão, independente e ao ar livre. Ele tinha o tino para ganhar dinheiro da mãe e a personalidade envolvente do pai. Não era à toa que o rapaz era considerado um prêmio matrimonial.

– Alden, gostaria de pedir um favor – disse Anne. – Você o faria?

– Claro, senhora Blythe – respondeu, de coração. – É só falar e você sabe que eu faria qualquer coisa por você.

Alden gostava muito da senhora Blythe e realmente estava disposto a mover montanhas por ela.

– Receio que será entediante... – disse Anne, em tom de preocupação. – Gostaria que você cuidasse para que a Stella Chase se divirta na festa de

amanhã. Tenho muito medo de que ela não desfrute da noite. Ela ainda não conhece muitos jovens por aqui. A maioria é mais nova do que ela, os garotos, pelos menos. Convide-a para dançar e certifique-se de que ela não seja deixada de lado, pois quero que ela aproveite bastante.

– Ah, darei o meu melhor – disse Alden prontamente.

– Mas você não pode se apaixonar por ela – avisou Anne, rindo discretamente.

– Tenha dó, senhora Blythe. Por que não?

– Bem – disse em tom confidencial –, acho que o senhor Paxton de Lowbridge está interessado nela.

– Aquele almofadinha metido? – explodiu Alden inesperadamente.

Anne explicou em um tom sutil de repreensão.

– Ora, Alden, ouvi dizer que ele é um rapaz muito distinto. Esse é o único tipo de homem que o pai da Stella tolera, sabe.

– É mesmo? – disse Alden, voltando a mostrar indiferença.

– Sim, e não sei nem se ele lhe agradaria. Ouvi dizer que o senhor Chase acha que ninguém é bom o suficiente para a filha dele. Receio que um simples fazendeiro não teria a mínima chance. Por isso, não quero que arranje problemas para si mesmo ao cair de amores por uma garota que não pode ter.

– Ah, obrigado, que tipo de garota ela é? É bonita?

– Bem, admito que ela não é uma beldade. Gosto muito da Stella, apesar de ser um tanto pálida e retraída. Não é muito forte, mas ouvi dizer que o senhor Paxton tem dinheiro. Creio que eles formariam um par ideal e não quero que ninguém o estrague.

– Por que você não convidou o senhor Paxton para a sua festinha e pediu a ele que divertisse essa tal de Stella? – quis saber Alden, com certa truculência.

– Você sabe que um ministro não viria a uma festa, Alden. Agora, não seja rabugento e certifique-se de que a Stella se divirta.

– Ah, vou fazer com que se divirta loucamente. Boa noite, senhora Blythe.

Alden foi embora abruptamente. Sozinha, Anne riu.

“Agora, se eu conheço alguma coisa sobre a natureza humana, aquele garoto vai tentar mostrar ao mundo que pode ter a Stella a qualquer custo, ele mordeu a minha isca sobre o ministro. Entretanto, receio que essa dor de cabeça não vai me deixar dormir.”

Ela teve uma noite ruim, agravada pelo que Susan chamou de “um torcicolo no pescoço” e na manhã seguinte estava se sentindo tão brilhante quanto uma flanela cinza, à noite, no entanto, ela foi a mais alegre e cordial das anfitriãs. A festa foi um sucesso e todos se divertiram muito. Stella com certeza aproveitou a noite, pois Alden se dedicou à tarefa com um zelo que ultrapassou os bons costumes, pensou Anne. Ele levou Stella para um canto escuro da varanda após o jantar, onde ficaram por uma hora inteira, o que era um pouco excessivo para um primeiro encontro, mas no geral, Anne ficou satisfeita ao refletir sobre a festa na manhã seguinte. É verdade que o tapete da sala de jantar tinha sido praticamente arruinado por duas tigelas de sorvete e um prato de bolo que foram derrubados; os castiçais de cristal da avó de Gilbert foram reduzidos a caquinhos; alguém tinha virado um balde com água da chuva no quarto de visitas, que se infiltrou e formou uma mancha horrível no teto da biblioteca; metade das borlas do sofá Chesterfield tinham sido arrancadas; aparentemente alguma pessoa grande e pesada havia se sentado na samambaia de Boston, o orgulho do coração da Susan. Do outro lado da equação estava o fato de que, a menos que todos os sinais estivessem errados, Alden havia se apaixonado por Stella. Anne considerou o saldo positivo.

As fofocas locais nas semanas seguintes confirmaram as suspeitas. Tornava-se cada vez mais evidente que Alden fora fígado, mas e a Stella? Anne não acreditava que Stella era o tipo de garota que se jogava facilmente nos braços de um homem. Ela havia puxado a “contrariedade” do pai, o que nela se manifestava como uma charmosa independência.

A sorte outra vez estava do lado da preocupada casamenteira. As duas se sentaram para conversar na varanda em um fim de tarde, quando a jovem fora até Ingleside para ver as esporinhas do jardim. Stella Chase era uma criatura pálida, esguia e um tanto tímida, porém incrivelmente doce. Anne refletiu que eram os cílios dela que criavam essa aura, dado que não era realmente bonita. Eram incrivelmente longos e causavam frisson nos corações masculinos quando subiam e desciam. Tinha modos distintos que faziam com que ela parecesse mais velha do que seus 24 anos e um nariz que nos próximos anos se tornaria decididamente aquilino.

– Tenho ouvido coisas a seu respeito, Stella – disse Anne, sacudindo o indicador na direção dela. – E eu não sei se gosto delas, perdoe-me a indiscrição, mas tenho minhas dúvidas se Alden Churchill é o rapaz certo para você.

Stella a encarou com surpresa.

– Achei que gostasse do Alden, senhora Blythe.

– E gosto. Só que ele tem a reputação de ser muito inconstante. Ouvi dizer que nenhuma garota consegue segurá-lo, contudo muitas já tentaram e falharam. Eu detestaria vê-la arrasada se ele mudasse de ideia.

– Acho que está enganada sobre o Alden, senhora Blythe – disse Stella lentamente.

– Espero que sim, Stella. Agora, se você fosse diferente, se fosse energética e alegre, como Eileen Swift...

– Ah, bem... Tenho que ir para casa – disse Stella distraidamente. – O papai está sozinho.

Quando ela se foi, Anne riu novamente.

– Aposto que a Stella foi embora jurando em segredo que vai mostrar aos amigos linguarudos que pode segurar Alden e que nenhuma Eileen Swift vai colocar as garras nele. Foi o que pude notar na forma sutil com que inclinou a cabeça para cima e no súbito rubor. Os jovens já estão encaminhados, porém temo que os mais velhos serão mais difíceis de convencer.



CAPÍTULO 17

A sorte de Anne continuou. A Sociedade Assistencial das Damas pediu que ela visitasse a senhora George Churchill para pedir sua contribuição anual. A senhora George raramente ia à igreja e não fazia parte da Sociedade, todavia “tinha fé nas missões” e sempre fazia uma contribuição generosa. As pessoas gostavam tão pouco de fazer isso que os membros se revezavam, e este ano era a vez de Anne.

Em uma noite, ela caminhou pela trilha repleta de margaridas que cruzava o topo de uma colina doce e agradável e levava até a estrada onde a fazenda Churchill ficava, a cerca de um quilômetro e meio de Glen. Era uma estrada um tanto sem graça, com cercas que pareciam cobras cinzentas ao longo de pequenas encostas íngremes, mas que também tinha casas iluminadas, um riacho, o cheiro dos campos de feno que se estendiam até o mar e jardins.

Anne parou em cada um deles durante o trajeto. Seu interesse por jardins era perene. Gilbert costumava dizer que Anne comprava todo e qualquer livro que tivesse a palavra “jardim” no título.

Um barco singrava indolentemente as águas do porto; ao longe, uma embarcação aguardava o vento. A pulsação de Anne sempre se acelerava ao observar um navio que se afastava da costa. Ela compreendia o que o capitão Franklin Drew disse certa vez, conforme embarcava em seu navio no cais: “Deus, como sinto pena das pessoas que deixamos em terra firme!”.

A mansão Churchill, com o gradeado escuro ao redor do teto com mansarda, olhava para o porto e as dunas lá embaixo. A senhora Churchill a recebeu com educação, sem muito entusiasmo, e a acompanhou até uma sala tenebrosa e esplêndida, cujas paredes escuras forradas pelo papel de parede marrom exibiam inúmeros retratos dos membros falecidos das famílias Churchill e Elliott. A senhora Churchill sentou-se em um sofá felpudo verde, cruzou as mãos longas e magras, e encarou firmemente a visitante.

Mary Churchill era alta, macilenta e austera. Tinha um queixo proeminente, olhos azuis penetrantes e uma boca larga de lábios frisados. Nunca desperdiçava palavras e nunca fofocava. Anne teve dificuldade para abordar o motivo da visita com naturalidade, mas conseguiu por intermédio do novo ministro do outro lado do porto, de quem a senhora Churchill não gostava.

– Ele não é um homem espiritualizado – disse com frieza a senhora Churchill.

– Dizem que os sermões dele são notáveis – disse Anne.

– Eu ouvi um deles e não quero ouvir mais nenhum. Minha alma buscava acolhimento, mas teve que aguentar uma palestra. Ele acredita que o reino dos céus pode ser alcançado por meio do cérebro. Não é assim.

– Por falar em ministros... O novo de Lowbridge é muito sagaz. Acho que está interessado em uma jovem amiga minha, a Stella Chase. Segundo as fofocas, eles vão acabar juntos.

– Quer dizer que vão se casar? – disse a senhora Churchill.

Anne sentiu o tom de reprimenda, mas refletiu que teria que engolir coisas do tipo se pretendia falar de assuntos que não eram da conta dela.

– Acho que seria um belo matrimônio, senhora Churchill. A Stella é especialmente apta para ser a esposa de um ministro da igreja. Eu adverti o Alden para não tentar estragar as coisas.

– Por quê? – perguntou a senhora Churchill, sem perder um segundo.

– Bem... Na verdade... Sabe... Receio que o Alden não tem a mínima chance. O senhor Chase acha que ninguém é bom o suficiente para a Stella. Os amigos do Alden detestariam vê-lo descartado como uma luva velha. Ele é um rapaz muito bom.

– Meu filho nunca foi descartado por uma garota – disse a senhora Churchill, comprimindo os lábios finos. – É sempre o contrário. Ele enxerga a verdade por trás dos cachos e dos risinhos, dos trejeitos e dos rubores. Meu filho pode se casar com a mulher que escolher, senhora Blythe... Qualquer mulher.

– Ahn? – disse a língua de Anne. Contudo, o tom dela falou: “É evidente que sou educada demais para discordar, mas isso não muda a minha opinião”. A senhora Churchill compreendeu, e seu rosto pálido e enrugado corou sutilmente ao deixar o cômodo para buscar a contribuição para a Sociedade de Melhorias.

– A vista daqui é maravilhosa – disse Anne, quando a senhora Churchill a levou até a porta.

Ela lançou um olhar de reprovação para o golfo.

– Se você sentisse o vento do leste no inverno, senhora Blythe, não acharia a vista tão bonita. A noite está fresca hoje. Você não tem medo de passar frio com um vestido tão fino? Ele é muito bonito, aliás. Você ainda é jovem o bastante para se preocupar com vestimentas e vaidades. Não tenho mais interesse em coisas tão transitórias.

Anne sentiu-se muito satisfeita com a entrevista enquanto voltava para casa na penumbra verde do entardecer.

– É óbvio que não se pode contar com a senhora Churchill – falou para um bando de estorninhos reunido em uma pequena clareira na floresta –, mas acho que a deixei um pouco consternada. Percebi que ela não gosta que as pessoas pensem que o Alden pode ser rejeitado. Bem, já fiz tudo que estava em meu poder com exceção do senhor Chase; e não vejo o que posso fazer, visto que não o conheço. Pergunto-me se ele faz alguma ideia de que o Alden e a Stella estão se conhecendo. E agora, o que farei com o senhor Chase?

Era realmente impressionante como as coisas estavam se ajeitando sozinhas. Certa noite, a senhorita Cornelia pediu que Anne a acompanhasse até a casa dos Chase.

– Vou pedir ao Richard Chase uma contribuição para o novo fogão da cozinha da igreja. Você poderia vir comigo, querida, só para me dar apoio moral? Odeio ficar a sós com ele.

Elas encontraram o senhor Chase sentado nos degraus da entrada. Com as longas pernas e o nariz comprido, ele parecia um grou meditativo. Os poucos fios de cabelos lustrosos estavam penteados sobre a careca, e seus pequenos olhos cinzentos cintilaram ao vê-las. Ele refletia que, se aquela que vinha com a velha Cornelia era a esposa do doutor, ela possuía uma ótima silhueta.

Já a prima Cornelia, de terceiro grau, era demasiadamente robusta e dona do intelecto de um gafanhoto, porém não era um bicho arisco se fosse acariciada do jeito certo.

Ele as convidou cordialmente para irem até a biblioteca pequena, onde a senhorita Cornelia sentou-se em uma cadeira, fazendo um grunhido breve.

– Esta noite está terrivelmente quente. Receio que teremos uma tempestade. Misericórdia, Richard, aquele gato está imenso!

Richard Chase tinha um familiar na forma de um gato amarelo de tamanho anormal, que subiu no colo dele. O senhor Chase o acariciou ternamente.

– Thomas, o Poeta, ensina ao mundo o que é ser um gato – disse. – Não é mesmo, Thomas? Olhe para a sua tia Cornelia, Poeta. Observe a maneira funesta com que ela nos encara, com aqueles olhos criados para expressar somente bondade e afeição.

– Não se atreva a me chamar de tia dessa besta! – protestou a senhora Elliott. – Uma piada é uma piada, mas você já está indo longe demais.

– Não é melhor ser a tia do Poeta do que a tia do Neddy Churchill? – perguntou Richard Chase, em tom queixoso. – Neddy é um glutão e um beerrão, não é? Já ouvi você recitando o catálogo dos pecados dele. Não prefere ser a tia de um gato honrado como o Thomas, com um histórico impecável no que diz respeito ao uísque e às gatas?

– O coitado do Ned é um ser humano – retrucou a senhorita Cornelia. – Não gosto de gatos. É o único defeito que encontro em Alden Churchill. Tem uma estranha predileção pelos felinos. Só Deus sabe de onde ele tirou isso... O pai e a mãe dele detestam gatos.

– Deve ser um jovem muito sensato!

– Sensato! Bem, até que é bastante sensato, exceto pela paixão por gatos e pelo evolucionismo. Outra coisa que ele não herdou da mãe.

– Sabe, senhora Elliott – disse Richard Chase solenemente –, também tenho uma admiração secreta pelo evolucionismo.

– Você já me disse isso antes. Bem, acredite no que quiser, Dick Chase... Isso é típico dos homens. Graças a Deus, ninguém jamais conseguiria me fazer acreditar que eu descendo de um macaco.

– Confesso que não vejo semelhança alguma, você é uma mulher muito formosa. Não vejo nenhum traço símio em sua fisionomia rósea, serena e eminentemente graciosa. Ainda assim, a sua tataravó de milhões de anos atrás pulava de galho em galho pelo rabo. A ciência prova isso, Cornelia... Queira você ou não.

– Pois não quero. Não vou discutir com você sobre isso ou qualquer outro assunto. Tenho minha religião, e não há nenhum ancestral símio nela. Aliás, Richard, a Stella não me parece muito bem neste verão.

– Ela sofre muito com o calor. Vai ficar melhor quando o clima estiver mais fresco.

– Espero que sim. Lisette recuperou-se de todos os verões, menos do último, Richard... Não se esqueça disso. A Stella tem o físico da mãe. Ainda bem que provavelmente não vai se casar.

– Por que ela provavelmente não se casará? Pergunto por curiosidade, Cornelia... Por pura curiosidade. Acho o raciocínio feminino intensamente interessante. Com base em quais premissas ou dados você chegou à conclusão, à sua deleitosa maneira de improviso, de que a Stella provavelmente não vai se casar?

– Em resumo, Richard, ela não é do tipo de garota que é muito popular com os rapazes. Ela é uma garota afável e doce, mas não encanta os homens.

– Ela já teve admiradores. Já gastei muito com a compra e a manutenção de espingardas e buldogues.

– Eles admiravam o dinheiro dela, imagino. Todos foram facilmente desencorajados, não foram? Uma amostra do seu sarcasmo foi suficiente para afugentá-los. Se realmente a desejassem, eles não teriam se acovardado diante disso ou dos seus buldogues imaginários. Richard, é melhor admitir que a Stella não é do tipo que atrai pretendentes interessantes. Lisette também não era, você sabe disso. Ela nunca teve um namorado antes de você aparecer.

– Mas a espera não valeu a pena? A Lisette era uma jovem muito sábia. Você não gostaria que eu desse a minha filha para qualquer Tom, Dick ou Harry, não é mesmo? A minha estrela, que, apesar dos seus comentários depreciativos, está destinada a brilhar nos palácios dos reis?

– Não temos reis no Canadá – retrucou a senhorita Cornelia. – Não estou dizendo que a Stella não é uma garota adorável. Só estou dizendo que, aparentemente, os homens não enxergam isso e, considerando a constituição dela, talvez seja melhor assim. O que também é bom para você, que não conseguiria viver sem ela... Ou então viraria um bebê indefeso. Bem, prometa que fará uma boa contribuição para o fogão da igreja, e então iremos embora. Sei que você está morrendo de vontade de voltar para o livro que estava lendo.

– Que clarividente mais admirável! Que tesouro de parente você é! Admito... Estou mesmo. E ninguém além de você teria notado ou tido a bondade de poupar a minha vida. Quanto lhe devo?

– Você pode doar cinco dólares.

– Nunca discuto com uma dama. Cinco dólares, então. Ah, já vai? Essa mulher única jamais perde tempo. Uma vez alcançado seu objetivo, ela se

retira. Não se fazem mais mulheres assim. Boa noite, pérola que a família da minha esposa me trouxe.

Durante toda a visita, Anne não abriu a boca. E por que deveria, com a senhora Elliott fazendo todo o trabalho sozinha tão astuta e inconscientemente? Quando Richard Chase despediu-se delas, inclinou-se para a frente e confidenciou:

– Você tem os tornozelos mais belos que já vi, senhora Blythe, e já vi muitos no meu tempo.

– Ele não é asqueroso? – arfou a senhorita Cornelia no caminho de volta.

– Sempre diz ultrajes desse tipo para as mulheres. Não lhe dê importância, querida Anne.

Anne não deu. Ela havia se simpatizado com Richard Chase.

– Creio que ele não gosta da ideia de que Stella não é popular com os homens – refletiu ela –, ainda que os avós deles tenham sido macacos. Acho que ele também gostaria de provar que as más línguas estão erradas. Bem, fiz tudo que pude. Fiz Alden e Stella se interessarem um pelo outro; e, cá entre nós, senhorita Cornelia, acho que fizemos a senhora Churchill e o senhor Chase pensarem melhor na ideia do romance entre os dois. Agora eu só preciso ter paciência e ver o que acontece.

Um mês depois, Stella Chase foi até Ingleside e sentou-se novamente com Anne nos degraus da varanda, torcendo, como sempre acontecia, para ser como a senhora Blythe algum dia, com aquele ar maduro: – a aura de uma mulher que viveu intensa e graciosamente.

A noite fresca e nublada era a sequência de um dia cinzento e amarelado do início de setembro. Era entremeada pelo gemido suave do mar.

“O mar está infeliz nesta noite”, diria Walter quando ouvisse aquele som.

Stella estava quieta, perdida em pensamentos. Então, abruptamente ela olhou para a magia das estrelas tecidas na noite púrpura e disse:

– Senhora Blythe, quero contar uma coisa.

– Sim, querida?

– Estou comprometida com Alden Churchill – disse Stella, aflita. – Desde o Natal passado. Contamos para o papai e para a senhora Churchill logo de início, mas mantivemos segredo de todos pelo doce prazer de ter um segredo desses. Não queríamos compartilhá-lo com o mundo. Porém, vamos no casar no mês que vem.

Anne fez uma ótima imitação de uma mulher transformada em pedra. Stella ainda admirava as estrelas e não viu a expressão da senhora Blythe.

Ela prosseguiu, agora mais calma:

– Alden e eu nos conhecemos em uma festa em Lowbridge no mês passado. Nós... nos apaixonamos à primeira vista. Ele disse que sempre sonhara comigo... Que sempre procurara por mim. Ele disse para si mesmo, “eis a minha esposa”, quando me viu entrar pela porta. E... eu senti o mesmo. Ah, estamos tão felizes, senhora Blythe!

Anne não disse nada, várias vezes.

– A única sombra na minha felicidade é a sua atitude em relação ao assunto. Por que não tenta reconsiderá-lo, senhora Blythe? Você tem sido uma amiga tão boa desde que cheguei a Glen St. Mary... Como uma irmã mais velha. E eu me sinto mal por saber que você é contra o meu casamento.

Havia o som das lágrimas na voz de Stella. Anne recobrou a habilidade da fala.

– Minha querida, tudo o que quero é que seja feliz. Eu gosto do Alden... É um rapaz esplêndido. Mas tem a reputação de ser paquerador.

– Mas ele não é. O Alden estava só procurando pela garota certa, compreende, senhora Blythe? E ele não conseguia encontrá-la.

– Como o seu pai reagiu?

– Ah, o papai está muito contente. Ele gostou do Alden logo de cara. Os dois discutem por horas sobre a evolução. Ele disse que estava esperando o homem certo aparecer para permitir que eu me casasse. Sinto-me muito mal por deixá-lo, mas ele diz que os pombinhos jovens têm o direito de ter um ninho próprio. A prima Delia Chase virá cuidar da casa para ele, e o papai gosta muito dela.

– E a mãe do Alden?

– Ela também está contente. Quando o Alden contou-lhe no Natal passado, ela abriu a Bíblia e o primeiro verso que apareceu foi: “O homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher”¹². Disse que então viu com clareza o que precisava fazer e concordou com o casamento de imediato. Ela vai morar em uma casinha que tem em Lowbridge.

– Fico feliz que não terá mais que viver com aquele sofá verde felpudo – disse Anne.

– O sofá? Ah, sim, a mobília é muito antiquada, não? A mamãe vai levá-la para a nova casa, e o Alden comprará móveis novos. Como pode ver, estamos todos felizes, senhora Blythe. Você pode nos dar a sua bênção?

Anne inclinou-se para a frente e deu um beijo na bochecha macia e fria de Stella.

– Estou muito contente por você. Que Deus abençoe os dias vindouros, minha querida.

Quando Stella se foi, Anne correu para o quarto para ficar sozinha por alguns instantes. Uma lua cínica e torta surgia por detrás das nuvens sujas, ao leste, e os campos pareciam piscar com malícia para ela.

Ela repassou os acontecimentos das últimas semanas. O tapete da sala de estar, duas relíquias de famílias e o teto da biblioteca tinham sido destruídos; ela tentara manipular a senhora Churchill como uma marionete, que provavelmente riria da cara dela o tempo todo.

– Quem foi feito de tolo, no fim das contas? – perguntou Anne para a lua.

– Sei o que o Gilbert vai dizer. Todo esse trabalho, só para casar duas pessoas que já estavam comprometidas uma com a outra! Já chega de bancar a casamenteira. Nunca mais levantarei um dedo para promover um casamento, nem que o mundo dependa disso! Bem, há um consolo... A carta de Jen Pringle que chegou hoje, contando que ela vai se casar com Lewis Stedman, que ela conheceu na minha festa. Os castiçais de cristal não foram sacrificados em vão. Garotos... Garotos! Vocês precisam mesmo fazer esses barulhos infernais?

– Somos corujas... Nós temos que piar – proclamou Jem entre os arbustos, no escuro. Ele sabia que estava fazendo um ótimo trabalho. Jem podia imitar a voz de qualquer animal na floresta. Walter já não era tão bom e, no mesmo instante, deixou de ser uma coruja e transformou-se em um garotinho chateado, em busca de conforto.

– Mamãe, eu achava que os grilos cantassem... Mas a senhora Carter Flagg disse que não, que eles fazem aquele barulho esfregando a perna uma na outra. É verdade, mamãe?

– É algo do tipo... Não tenho certeza de todo o processo. É o jeito deles de cantar, entende?

– Não gosto disso. Nunca mais vou querer ouvi-los cantar novamente.

– Ah, vai sim. Você se esquecerá das patas traseiras deles e pensará somente no coro mágico ecoando por todos os prados e colinas outonais. Já é hora de dormir, filhinho.

– Mamãe, você pode contar uma história de arrepiar? E pode ficar do meu lado até eu cair no sono?

– Para o que mais servem as mães, querido?

Referência ao Antigo Testamento, Gênesis 2:24. (N. T.)



CAPÍTULO 18

– “Então a Morsa resolveu que era hora de pensar em... Ter um cachorro.”

– disse Gilbert.

Ingleside não tinha um cachorro desde que o velho Rex fora envenenado. Mas crianças deveriam ter um cão, e o doutor decidiu lhes dar um. Ele estava tão ocupado naquele outono que adiou a ocasião várias e várias vezes; finalmente, depois de passar uma tarde de novembro com um colega de escola, Jem voltou para casa com um cachorro... Um cãozinho amarelado com duas orelhas eretas e atrevidas.

– Foi o Joe Reese que me deu, mãe. O nome dele é Gyp. O rabo dele não é uma gracinha? Posso ficar com ele, mãe?

– Qual é a raça dele, querido? – perguntou Anne, hesitante.

– Acho que... São várias – disse Jem. – Isso o torna mais interessante, não? É mais bacana do que se fosse uma só. Por favor, mãe.

– Ah, se o seu pai disser que sim...

Gilbert disse “sim”, e Jem começou a entreter-se com o animal de estimação. Todos em Ingleside receberam Gyp de braços abertos na família, com exceção do Camarão, que expressou sua opinião sem rodeios. Até

Susan gostou dele, e quando ela fiava na roca em dias chuvosos no sótão, o animalzinho lhe fazia companhia na ausência do dono, caçando ratos imaginários nos cantos e soltando gritos de terror sempre que se aproximava demais da roda menor. A roca raramente era usada. Os Morgan a deixaram quando se mudaram da casa, e ela ficava em um canto escuro como uma velhinha encurvada. Ninguém compreendia o medo de Gyp. Ele não se importava com a roda maior e inclusive sentava-se próximo enquanto Susan a fazia girar com a manivela; também corria de um lado para o outro enquanto ela caminhava pelo sótão, torcendo entre os dedos o longo fio de lã. Susan admitiu que um cão podia ser uma ótima companhia e achava muito ardiloso o truque dele de deitar-se de costas e agitar as patas dianteiras

quando queria um osso. Ela ficou tão brava quanto Jem quando Bertie Shakespeare comentou com desdém: “Vocês chamam isso de cachorro?”.

– Chamamos, sim – disse Susan com uma calma ameaçadora. – Talvez você queira chamá-lo de hipopótamo. – Bertie foi embora naquele dia sem provar a receita maravilhosa que Susan chamava de “torta de maçã crocante” que sempre preparava para os meninos e seus amigos. Ela não estava por perto quando Mac Reese perguntou: “Foi o mar que trouxe isso?”, mas Jem foi capaz de defender o cachorro por conta própria, e quando Nat Flagg disse que as patas do Gypsy eram longas demais para o tamanho dele, Jem respondeu que as pernas de um cachorro tinham que ser grandes o suficiente para alcançar o chão. Natty não era muito inteligente, e essa constatação o deixou desconcertado.

Novembro mostrou-se mesquinho com os raios de sol naquele ano: ventos cortantes sopravam por entre os galhos nus e prateados do pomar, e o Vale estava quase sempre encoberto pelo nevoeiro, que não era uma névoa graciosa e etérea, mas sim o que o papai chamava de “uma neblina úmida, densa, escura e deprimente”. As crianças de Ingleside tiveram que passar boa parte do tempo livre no sótão; ainda assim, fizeram amizade com dois perdizes que iam todas as tardes até uma velha macieira no pomar, e cinco dos maravilhosos gaios-azuis continuavam fiéis, piando alegremente enquanto comiam o que a trupe colocava para eles. Eram aves vorazes e mesquinhas, que mantinham os outros pássaros afastados.

O inverno chegou junto com o mês de dezembro, e nevou incessantemente por três meses. Os campos ao redor da casa eram campinas ininterruptas prateadas, cercas e postas usavam capas longas, as janelas esbranquiçadas exibiam desenhos feitos por fadas, e as luzes de Ingleside resplandeciam através dos crepúsculos cinzentos, dando boas-vindas aos viajantes. Susan teve a impressão de que nunca havia tido tantos nascimentos em um inverno como naquele, e quando deixava “a refeição do doutor” na despensa noite após noite, ela ponderava com preocupação que seria um milagre se ele chegasse até a primavera naquele ritmo.

– O nono bebê da família Drew! Como se já não existisse Drew demais nesse mundo!

– Creio que a senhora Drew o receberá como recebemos a Rilla, Susan.

– Você tem sempre que fazer uma piada, querida senhora.

Na biblioteca ou na cozinha grande, as crianças planejavam as brincadeiras de verão no Vale enquanto tempestades rugiam lá fora, ou

nuvens brancas e fofas encobriam as estrelas congeladas. Com ventos fortes ou amenos, havia sempre o fogo da lareira em Ingleside, o conforto e o abrigo contra o mau tempo, alegria e camas para as criaturinhas cansadas.

O Natal veio e foi embora naquele ano sem a sombra da tia Mary Maria. Havia trilhas de coelhos para serem seguidas na neve, imensos campos onde era possível apostar corrida com a sua sombra, colinas reluzentes para deslizar de trenó e novos patins para serem estreados sobre o lago no mundo gelado e nacarado dos entardeceres invernais. E também sempre havia um cachorro amarelo com orelhas pretas para correr junto com as crianças ou recebê-las com latidos animados, para dormir aos pés da cama de noite, para acompanhá-las enquanto aprendiam a soletrar, para sentar-se perto da mesa durante as refeições e lembrá-las da presença dele com a patinha.

– Mamãe querida, não sei como conseguia viver sem o Gyp. Ele sabe falar... De verdade... Com os olhos, sabe.

Então... Uma tragédia! Um dia, Gyp parecia um pouco apático. Não queria comer, mesmo quando Susan o tentou com o seu osso favorito. No dia seguinte, mandaram vir o veterinário de Lowbridge, que balançou a cabeça. Não havia como ter certeza... O cachorro podia ter comido algo venenoso na floresta... Era possível que se recuperasse, ou não. O cãozinho ficou deitado e imóvel, sem reagir à presença de ninguém além do Jem; quase no final, ele tentou abanar o rabo quando o menino o tocou.

– Mamãe, seria errado rezar pelo Gyp?

– Claro que não, querido. Sempre podemos rezar pelas coisas que amamos. Porém... Temo que o Gyp esteja muito doente.

– Ele não pode morrer!

Gyp morreu na manhã seguinte. Era a primeira vez que a morte entrava no mundo de Jem. Ninguém jamais se esquece da experiência de perder alguém que se ama, mesmo que seja “apenas um cachorrinho”. Ninguém na casa enlutada usou tal expressão, nem mesmo Susan, que secou um nariz muito vermelho e murmurou:

– Nunca havia me afeiçoado a um cachorro antes... E nunca mais farei isso novamente. Dói demais.

Susan não conhecia o poema de Kipling sobre a tolice que era entregar o coração a um cachorro só para vê-lo ser destroçado; se conhecesse, apesar do desprezo pela poesia, ela teria admitido pela primeira vez que um poeta tinha razão.

A noite foi difícil para o pobre Jem. A mãe e o pai tiveram que sair. Walter havia adormecido depois de tanto chorar, e ele estava sozinho... Sem nem mesmo um cachorro com quem conversar. Os tenros olhos castanhos cheios de confiança que sempre o observaram tinham se apagado com a morte.

– Querido Deus – rezou Jem –, por favor, tome conta do meu cachorrinho que morreu hoje. Ele tem duas orelhas pretas. Não deixe que ele sinta a minha falta...

Jem enterrou o rosto na coberta para abafar um soluço. Quando ele apagasse a luz, a noite escura o observaria pela janela, e Gyp não estaria ali.

A manhã fria de inverno viria, e Gyp não estaria ali. Os dias se sucederiam por anos e anos, e Gyp não estaria ali. Ele não conseguiria suportar.

Um braço tenro o envolveu, e ele se sentiu acalentado por um abraço. Ah, ainda havia amor no mundo, mesmo que o Gyppy tivesse morrido.

– Mãe, vai ser sempre assim?

– Nem sempre. – Anne não disse que logo ele iria esquecer, que em breve Gyppy seria apenas uma linda recordação. – Nem sempre, pequeno Jem. A dor vai passar com o tempo... Da mesma forma que a sua mão sarou, apesar de ter doído muito no início.

– O papai disse que iria arranjar outro cachorro. Mas eu não tenho que ter outro, tenho? Não quero outro cachorro, mamãe... Nunca mais.

– Eu sei, querido.

A mamãe sabia de tudo. Ninguém tinha uma mãe como ela. Ele queria fazer algo por ela... E, de repente, se deu conta do que poderia fazer. Ele iria conseguir um daqueles colares de pérolas da loja do senhor Flagg. Ele a ouvira dizendo que adoraria ter um colar de pérolas, e o papai dissera: “Quando o nosso barco chegar, eu comprarei um para você, minha menina”.

Havia muito em que se pensar. Ele tinha uma mesada, mas ela era destinada para outras coisas necessárias, e colares de pérolas não estavam entre os itens do orçamento. Além disso, ele queria ganhar o dinheiro por conta própria. Assim, seria um verdadeiro presente. O aniversário da mamãe era em março, dali a seis semanas. E o colar custava cerca de cinquenta centavos!

Referência à obra *Alice Através do Espelho*, escrita pelo autor britânico Lewis Carroll (1832-1898). (N. T.)



CAPÍTULO 19

Não era fácil ganhar dinheiro em Glen, mas Jem estava resoluto. Ele fez piões com carretéis antigos para os garotos da escola por dois centavos cada. Vendeu três valiosos dentes de leite por três centavos. Vendeu seu pedaço de torta crocante de maçã todos os sábados para Bertie Shakespeare Drew. Todas as noites, ele colocava o que ganhava no porquinho de latão que a Nan havia lhe dado de Natal, um belo porquinho reluzente com uma fenda nas costas para as moedas. Quando chegasse a cinquenta moedas, o cofrinho se abriria sozinho; bastava torcer o rabo para resgatar o tesouro. Por fim, ele vendeu a coleção de ovos de aves para Mac Reese por oito centavos. Era a melhor coleção de Glen, e doeu um pouco se desfazer dela; todavia o aniversário se aproximava, e ele tinha que conseguir o dinheiro. Assim que Mac lhe pagou, Jem colocou os oito centavos no cofrinho e o contemplou, exultante.

– Torça o rabo e veja se ele realmente vai se abrir – disse Mac, que não acreditava. Porém, Jem se recusou; ele não iria abri-lo enquanto não estivesse pronto para comprar o colar.

A Sociedade Assistencial se reuniu em Ingleside na tarde seguinte, e ninguém nunca se esqueceu disso. Bem no meio da oração da senhora Norman Taylor, que era conhecida por se orgulhar muito de suas preces, um garotinho aflito entrou correndo na sala.

– Meu porquinho de latão sumiu, mamãe... Meu porquinho de latão sumiu!

Anne o tirou às pressas da sala, no entanto a senhora Norman sempre o culpou por ter arruinado sua oração, especialmente porque ela queria impressionar a esposa de um ministro que estava de visita. Longos anos se passaram até ela perdoar Jem ou aceitar o pai dele como médico. Depois que as damas foram embora, Ingleside foi virada do avesso em busca do porquinho, em vão. Jem, entre o sermão que havia levado e a angústia pela

perda, só conseguia se lembrar da última vez que o vira. Quando telefonaram para Mac Reese, ele disse que o viu pela última vez sobre a escrivaninha do Jem.

– Susan, você não acha que o Mac Reese...

– Não, querida senhora, estou segura de que não. Os Reese têm lá os seus defeitos... São terrivelmente apegados ao dinheiro, mas o ganham com honestidade. Onde aquele bendito porquinho pode estar?

– Talvez os ratos o tenham comido? – disse Di. Jem riu da ideia, mas ficou preocupado. Era óbvio que ratos não podiam comer um porquinho de latão com cinquenta moedas de cobre dentro. Ou podiam?

– Não, não, querido. Seu cofrinho vai aparecer.

Ele não apareceu antes de Jem ir para a escola no dia seguinte. As notícias da perda chegaram antes que ele na escola, e muitas coisas foram ditas, não exatamente reconfortantes. No recreio, Sissy Flagg aproximou-se para ajudá-lo. Sissy Flagg gostava de Jem, e Jem gostava dela, apesar (ou talvez por causa) dos fartos cachos loiros e dos grandes olhos marrons. Mesmo aos 8 anos, é possível ter problemas com o sexo oposto.

– Eu sei quem pegou o seu porquinho.

– Quem?

– Eu direi se você for meu parceiro no jogo de adivinhação.

A contragosto, Jem concordou. Tudo para ter de volta o porquinho! Sofreu em agonia sentado ao lado da triunfante Sissy durante a brincadeira, e quando o sinal tocou, ele exigiu sua recompensa.

– Alice Palmer disse que o Willy Drew contou a ela que o Bob Russell falou que o Fred Elliott sabe onde está o seu porquinho. Pergunte para o Fred.

– Isso é trapaça! – gritou Jem. – Trapaça!

Sissy riu com arrogância. Ela não se importava. Jem Blythe finalmente teve que se sentar com ela.

Jem procurou Fred Elliott, que de início disse que não sabia e que não queria saber do cofrinho. O menino entrou em desespero. Fred era três anos mais velho e um notório valentão. De repente, Jem teve uma inspiração. Ele apontou o indicador para o rosto grande e vermelho do Fred Elliott.

– Você é um transubstanciacionista – disse distintamente.

– Não me insulte, jovem Blythe.

– Isso é mais do que um insulto. É uma palavra de hodu¹⁴. Se eu a disser mais uma vez e apontar o dedo para você... Assim... Terá uma semana de

azar. Talvez os seus dedos dos pés caíam. Vou contar até dez e, se não me contar antes que termine, vou te amaldiçoar.

Fred não acreditou. Contudo, a corrida de patins era naquela noite, e ele não queria correr riscos. Além disso, eram os dedos dos pés dele. No seis, ele se rendeu.

– Tudo bem... Tudo bem. Não canse a mandíbula repetindo aquela palavra. O Mac sabe onde está o seu porquinho... Foi o que ele disse.

Mac não estava na escola, mas, quando Anne ouviu a história do Jem, telefonou para a mãe dele. A senhora Reese apareceu pouco tempo depois, ruborizada e pedindo desculpas.

– Mac não pegou o porquinho, senhora Blythe. Ele só queria ver se o cofrinho abria e, quando o Jem saiu do quarto, ele torceu o rabo. O porquinho se partiu em dois pedaços e ele não conseguiu juntar as metades e fechá-lo novamente. Aí ele colocou as duas partes e o dinheiro em uma das botas do Jem dentro do armário. Ele não deveria ter tocado no cofrinho... O pai já lhe deu uma boa surra... Mas ele não o roubou, senhora Blythe.

– Que palavra você disse para Fred Elliott, querido Jem? – perguntou Susan, após terem encontrado o porquinho desmontado e contado o dinheiro.

– Transsubstanciacionista – disse Jem com orgulho. – Walter a descobriu na semana passada... Você sabe que ele gosta de palavras grandes, Susan. E... E aprendemos como pronunciá-la. Nós a repetimos 21 vezes antes de dormir para nos lembrarmos dela.

Depois que o colar foi comprado e escondido na terceira caixa de cima para baixo no armário de Susan, que mantivera o plano em segredo o tempo todo, Jem tinha a sensação de que o aniversário não chegaria nunca. Ele se vangloriava da ignorância da mãe. Ela nem desconfiava do que estava escondido na gaveta do armário da Susan. Ela nem desconfiava do que iria ganhar de presente. E enquanto cantava para ninar as gêmeas: “Eu vi um barco navegando, navegando no mar, e ah! Ele vinha cheio de coisas lindas para me presentear”, ela nem desconfiava de que coisa o barco lhe traria.

Gilbert teve uma gripe forte no início de março que quase se transformou em uma pneumonia. Ingleside viveu alguns dias de agonia. Anne continuou fazendo o que sempre fazia: resolvendo problemas, dando consolo, checando se os filhos estavam cobertos no meio da noite; entretanto, as crianças sentiam falta da risada dela.

– O que acontecerá com o mundo se o papai morrer? – sussurrou Walter, com os lábios lívidos.

– Ele não vai morrer, querido. Ele já está fora de perigo.

Anne imaginou o que o seu pequeno mundo que incluía Four Winds, Glen e Harbour Head faria se... se... se alguma coisa acontecesse com Gilbert.

Todos passaram a depender tanto dele. Os habitantes de Upper Glen em especial pareciam acreditar que ele era capaz de ressuscitar os mortos, e que não o fazia unicamente para não contrariar a vontade do Todo-Poderoso.

Diziam que já tinha feito isso... O velho tio Archibald MacGregor jurou solenemente à Susan que Samuel Hewett estava mortinho da silva quando o doutor Blythe o trouxe de volta. Fosse como fosse, quando os vivos se deparavam com o rosto esguio e moreno e os olhos castanhos e amigáveis de Gilbert ao lado da cama, e ouviam-no falar com jovialidade “ora, você não tem nada”, bem, eles acreditavam até que se tornasse realidade. Quanto aos homônimos, ele tinha mais do que podiam contar. Todo o distrito de Four Winds estava apinhado de jovens Gilberts. Havia inclusive uma Gilbertine pequenina.

Então o papai se recuperou, e a mamãe voltou a sorrir, e... Por fim, a véspera do aniversário dela chegou.

– Se você for para a cama cedo, pequeno Jem, a manhã chegará mais rápido – garantiu Susan.

Jem tentou, sem êxito. Walter adormeceu prontamente, enquanto Jem revirava na cama. Ele estava com medo de dormir. E se ele acordasse depois de todos já terem dado seus presentes para a mamãe? Ele queria ser o primeiríssimo. Por que ele não pediu para a Susan o acordar, só por garantia?

Ela havia saído para fazer uma visita, mas ele pediria assim que ela chegasse. Se conseguisse ouvi-la! Bem, era melhor deitar no sofá da sala, assim ele não deixaria de ouvi-la.

Jem desceu as escadas sem fazer barulho e aninhou-se no sofá. Ele conseguia ver Glen dali. As grandes árvores que eram tão misteriosas à noite estendiam os braços ao redor de Ingleside. Ele ouviu todos os sons noturnos: o ranger de uma tábua, alguém se virando na cama, os carvões crepitando na lareira, um ratinho correndo dentro do armário de porcelana. Quando Susan chegaria? Se ao menos Gyp estivesse ali com ele. O amado Gyppy. Ele havia se esquecido do Gyppy? Não exatamente. Agora não doía mais tanto pensar nele. Ele pensava em outras coisas boa parte do tempo. “Descanse em paz, querido cachorrinho.” Talvez algum dia ele tivesse outro cachorro, afinal. Seria bacana ter um cachorro com ele ali naquele momento... Ou o Camarão.

Mas o gato não estava em lugar algum. Bicho egoísta! Só pensava nos próprios interesses!

Ainda não havia nem sinal de Susan na estrada interminável que cortava a paisagem enluarada que durante o dia era o vilarejo familiar de Glen. Bem, ele precisava imaginar alguma coisa para passar o tempo. Algum dia ele viajaria até Baffin Land e viveria com os esquimós. Algum dia ele navegaria por mares longínquos e prepararia um tubarão para a ceia de natal, como o capitão Jim. Ele participaria de uma expedição ao Congo em busca de gorilas. Ele seria um mergulhador e vagaria por corredores cristalinos e radiantes no fundo do mar. Ele pediria ao tio Davy para ensiná-lo a espirrar o leite da teta da vaca direto na boca do gato da próxima vez que fosse para Avonlea. O tio Davy era tão bom nisso! Susan queria que ele fosse ministro da igreja. Um ministro faria o bem para muitas pessoas, mas um pirata não se divertiria mais? E se o soldadinho de madeira pulasse da cornija da lareira e disparasse a arma? E se as cadeiras comesçassem a caminhar pela sala? E se o tapete de tigre ganhasse vida? E se os ursos de mentira que Walter e ele inventavam quando era criancinhas realmente existissem? De repente, Jem sentiu-se assustado. Ele raramente se esquecia da diferença entre a fantasia e a realidade de dia, mas as coisas eram diferentes durante a noite interminável. Tique-taque fazia o relógio... Tique-taque... E para cada tique, havia um urso sentado em um dos degraus da escada. A escada estava simplesmente abarrotada de ursos. Eles ficariam ali até o amanhecer, tagarelando indistintamente.

E se Deus se esquecesse de fazer o sol nascer? A ideia era tão terrível que Jem enterrou o rosto na colcha para fugir dela, e foi ali que Susan o encontrou dormindo ao chegar com a alvorada alaranjada do inverno.

– Pequeno Jem!

Jem acordou e sentou-se, bocejando. Tinha sido uma noite atarefada para a geada prateada, e o bosque parecia a Terra das Fadas. Uma colina distante foi tocada por um facho de luz carmesim. Todos os campos ao redor de Glen ganharam tons róseos adoráveis. Era a manhã do aniversário da mamãe.

– Estava te esperando, Susan... Para pedir que me chamasse... Mas você nunca chegou...

– Fui visitar John Warren, porque a tia dele faleceu, e me pediram para ficar e velar o corpo – explicou. – Não imaginei que você iria tentar pegar pneumonia no minuto em que eu virasse as costas. Vá já para a cama, e eu te chamarei quando ouvir sua mãe acordando.

– Susan, como se faz para caçar um tubarão? – quis saber Jem antes de subir.

– Não se caça tubarões – respondeu Susan.

A mãe estava acordada quando ele foi até o quarto, penteando os longos cabelos brilhosos diante do espelho. A expressão em seus olhos ao ver o colar!

– Jem! Para mim?

– Agora você não terá que esperar o barco do papai voltar – disse Jem com indiferença. O que era aquele brilho esverdeado na mão da mamãe? Um anel... Presente do papai. Sim, muito bem, mas anéis eram comuns... Até a Sissy Flagg tinha um. Agora, um colar de pérolas...

– Um colar é um belo presente de aniversário – disse ela.

Forma de magia popular norte-africana, que junta três vertentes tradicionais de cura, folclore e magia.
(N.E.)



CAPÍTULO 20

Quando Anne e Gilbert foram jantar com amigos em Charlottetown no fim de março, Anne colocou o novo vestido verde-claro com adornos prateados na gola e nas mangas, o novo anel esmeralda de Gilbert e o colar de Jem.

– Eu não tenho uma esposa linda, Jem? – perguntou o papai com orgulho.

Jem achava que a mãe era lindíssima e que o vestido dela era muito amável. Que graciosas ficam as pérolas no pescoço alvo dela! Ele gostava de ver a mãe toda arrumada e gostava ainda mais quando o vestido era esplêndido. Aquele a transformava em uma estranha; ela não era mais a mamãe.

Susan mandou Jem até a vila depois do almoço, e enquanto ele esperava na loja do senhor Flagg, com medo que a Sissy aparecesse e fosse amigável demais, como fazia às vezes, foi que a verdade lhe atingiu como um golpe... O golpe devastador da desilusão, que é tão terrível para uma criança por ser tão inesperado e aparentemente tão inevitável.

Duas garotas estavam diante da vitrine da loja do senhor Carter Flagg onde ficavam os colares, os braceletes e as presilhas de cabelo.

– Aqueles colares de pérolas não são lindos? – disse Abbie Russell.

– Até parecem verdadeiros – disse Leona Reese.

Elas passaram por ele, sem perceber o que haviam feito para o pequeno garoto sentado no barril de pregos. Jem continuou ali por um tempo, incapaz de se mover.

– Qual é o problema, filho? – inquiriu o senhor Flagg. – Você parece bastante preocupado.

Jem o encarou com um olhar trágico. A boca dele estava estranhamente seca.

– Por favor, senhor Flagg... Aqueles... colares... são de pérolas de verdade, não são?

O senhor Flagg riu.

– Não, Jem. Temo que não seja possível comprar pérolas verdadeiras por cinquenta centavos, sabe. Um colar de pérolas legítimo custaria centenas de dólares. Estas são apenas contas em forma de pérola... E são muito boas, pelo preço. Eu as comprei em um leilão de falência. É por isso que as vendo tão barato. Geralmente, cada colar custa um dólar. Só tenho um sobrando.

Eles vendem como pães quentes.

Jem desceu do barril e foi embora, esquecendo-se do pedido de Susan. Percorreu o caminho congelado para casa sem se dar conta. Acima dele havia um céu escuro de inverno; o clima estava com “cara de que ia nevar”, como dizia Susan, e criava finas camadas de gelo sobre as poças. O porto parecia sombrio e hostil entre os bancos de areia. Antes de Jem chegar em casa, uma nevasca as pintou de branco. Ele desejou que nevasse, e nevasse, até que fosse enterrado e todo o mundo ficasse soterrado. Não existia justiça no mundo.

Jem estava de coração partido. E aí de quem zombasse da dor dele ao menosprezar a sua causa! Ele havia presenteado a mãe com o que ambos achavam que era um colar de pérolas. Mas, na verdade, era uma mera imitação. O que ela diria, o que sentiria quando descobrisse? Pois é claro que ela deveria ficar sabendo. Jem não podia continuar “enganando-a”. Ela precisava saber que as pérolas eram falsas. Pobre mamãe! Ficara tão contente... Ele tinha visto o orgulho brilhando nos olhos dela ao beijá-lo e agradecer-lhe.

Jem entrou pela porta lateral e foi direto para a cama, onde Walter dormia profundamente. Só que ele não conseguiu dormir. E ainda estava acordado quando a mãe chegou em casa e foi ver se Walter e ele estavam cobertos.

– Jem, querido, acordado a essa hora? Está se sentindo mal?

– Não, mas estou me sentindo muito infeliz aqui, mamãe – disse Jem, colocando a mão sobre o estômago, onde acreditava ficar o coração.

– Qual é o problema, querido?

– Eu... preciso contar uma coisa, mãe. Você ficará terrivelmente desapontada! Não tive a intenção de magoá-la, mãe. De verdade.

– Sei que não foi a sua intenção, querido. O que foi? Não precisa ter medo.

– Ah, mamãezinha, aquelas pérolas não são pérolas... Achei que fossem... Achei mesmo...

Os olhos do Jem se encheram de lágrimas. Ele não conseguiu continuar sua fala.

Se Anne queria sorrir, não havia sinal disso na expressão dela. Shirley havia batido a cabeça naquele dia, Nan torcera o tornozelo, Di estava sem voz por causa do frio. Anne deu beijos, fez curativos e os acalmou; mas aquilo era diferente... Aquilo exigia toda a sabedoria secreta das mães.

– Filho, eu não sabia que você achava que eram pérolas reais. Eu sabia que não eram... Pelo menos no sentido literal. Elas são o presente mais verdadeiro que alguém já me deu, pois são prova de todo seu amor, trabalho e sacrifício. E isso as torna mais preciosas do que todas as pedras preciosas que mergulhadores já buscaram do fundo do mar para rainhas. Eu não trocaria minhas lindas contas pelo colar que, li ontem à noite, um milionário deu à noiva no valor de meio milhão. Isso mostra o quanto o seu presente vale para mim, meu queridinho. Sente-se melhor agora?

Jem ficou tão feliz que se sentiu envergonhado disso. Ele temia que ser tão feliz assim fosse coisa de criancinha.

– Ah, a vida voltou a ser tolerável – disse com cautela.

As lágrimas desapareceram de seus olhos cintilantes. Estava tudo bem agora. A mamãe o abraçou. A mamãe gostava do colar, e nada mais importava. Algum dia ele lhe daria um que custaria um milhão inteiro. Por enquanto, ele estava cansado. A cama dele estava quentinha e aconchegante.

A mamãe cheirava a rosas, e ele não odiava mais Leona Reese.

– Mamãe, você fica uma doçura nesse vestido – disse, sonolento. – Tão doce e pura... Pura como o chocolate.

Anne sorriu ao abraçá-lo, e lembrou-se de uma tolice que havia lido em um jornal médico naquele dia, assinada pelo doutor V. Z. Tomachowsky. “Não se deve beijar um filho pequeno, para evitar o complexo de Joçasta.” Ela riu, mas também ficou um pouco irritada. Pobre, pobre homem! É claro que se tratava de um homem. Uma mulher jamais teria escrito algo tão estúpido e vil.



CAPÍTULO 21

Abril chegou de mansinho naquele ano, gracioso, com sol e ventos suaves por alguns dias; então uma tempestade de neve vinda do nordeste cobriu o mundo com um cobertor branco novamente.

– Neve em abril é abominável – disse Anne. – Como levar um tapa quando se espera um beijo.

Ingleside ficou adornada por pingentes de gelo por duas longas semanas; os dias eram cortantes, e as noites gélidas. Logo a neve desapareceu de má vontade, e quando veio a notícia de que o primeiro tordo foi visto no Vale, Ingleside ousou acreditar que o milagre da primavera estava mesmo prestes a acontecer.

– Ah, mamãe, estou sentindo o cheiro da primavera – exclamou Nan, deleitada com o ar fresco. – Mamãe, essa estação não é uma época empolgante?

A primavera tentava dar os primeiros passos naquele dia, como um bebê aprendendo a andar. Os tons inverniais das árvores e dos campos começavam a ser substituídos por traços verdes, e Jem mais uma vez trouxe as primeiras flores da estação. No entanto, uma senhora enorme de gorda, sentada sofregamente em uma das cadeiras baixas de Ingleside, suspirou e disse com tristeza que as primaveras não eram mais como as da infância dela.

– Não acha que a mudança talvez tenha acontecido em nós, e não nas primaveras, senhora Mitchell? – sorriu Anne.

– Talvez. Sei que eu mudei, e como sei. Acho que ninguém que olha para mim agora é capaz de acreditar que já fui a garota mais bonita da região.

Anne refletiu que era verdade. Os cabelos finos, secos e acinzentados por baixo da touca frisada e o longo “véu de viúva” apresentavam fios grisalhos; os olhos azuis e inexpressivos pareciam cansados e vazios, e chamar o queixo dela de duplo era praticamente caridade. Não obstante, a senhora Anthony Mitchell estava se sentindo muito satisfeita, pois ninguém em Four

Winds vestia-se melhor do que ela. O volumoso vestido preto tinha frisos até os joelhos. Naqueles dias, as mulheres ficavam de luto com a intensidade de um ato de vingança.

Anne foi poupada da necessidade de dizer qualquer coisa, já que a senhora Mitchell não lhe deu chance.

– Meu reservatório de água ficou seco nesta semana. Há um vazamento...

Então, vim até a vila para ver se o Raymond Russell pode consertá-lo. E aí pensei: “Agora que estou aqui, vou até Ingleside para pedir à senhora Blythe que escreva um *albituário* para o Anthony”.

– Um obituário? – perguntou Anne, sem expressão.

– Sim... Aquelas coisas que se publicam nos jornais sobre as pessoas mortas, sabe? – explicou a senhora Anthony. – Quero que o Anthony tenha um bom de verdade... Algo extraordinário. Você escreve, não é mesmo?

– Escrevo contos ocasionalmente – admitiu Anne. – Mas uma mãe ocupada não tem tempo para isso. Já tive sonhos maravilhosos; agora, receio que jamais serei uma autora de renome, senhora Mitchell. E nunca escrevi um obituário na vida.

– Ah, não deve ser tão difícil assim. O velho tio Charlie Bates escreve a maioria deles em Lower Glen, só que ele não é nem um pouco poético, e já me decidi que quero um poema para Anthony. Ele sempre gostou tanto de poesia! Eu estava naquela palestra que você deu sobre bandagens no Instituto de Glen, na semana passada, e disse para mim mesma que uma pessoa com facilidade com as palavras certamente é capaz de escrever um *albituário* bem poético. Você vai escrevê-lo para mim, não vai, senhora Blythe? Anthony teria gostado. Ele sempre a admirou. Certa vez, ele disse que, quando você chega a algum lugar, a sua presença faz as outras mulheres parecerem “comuns e medíocres”. Com frequência falava poeticamente, mas com boas intenções. Venho lendo vários *albituários*... Tenho uma pasta cheia deles. E acho que o Anthony não teria gostado de nenhum. Ele costumava rir tanto deles! E já está na hora de fazer um, pois ele morreu dois meses atrás. Morreu lentamente, mas sem dor. O começo da primavera é uma época inconveniente para se morrer, senhora Blythe, e eu fiz o melhor que pude. Suponho que o tio Charlie vai ficar louco de raiva se eu escolher outra pessoa para escrever o *albituário* do Anthony, mas não me importo. O tio Charlie tem um fluxo de palavras maravilhoso, mas Anthony e ele nunca se deram muito bem, e por isso não vou permitir a ele que escreva o *albituário* de Anthony. Fui a esposa de Anthony, uma esposa fiel e amorosa por 35

anos... 35 anos, senhora Blythe... – disse ela, como se tivesse medo de que Anne achasse que foram apenas 34 anos. – E estou determinada a fazer um *albituário* do qual ele teria gostado mesmo que isso me custe uma perna. Foi o que a minha filha Seraphine disse. Ela é casada e mora em Lowbridge, sabe? É um belo nome, não acha? Inspirei-me em uma lápide. Anthony não gostou. Ele queria chamá-la de Judith, em homenagem à mãe dele. Aí eu disse que era um nome solene demais, e ele cedeu sem causar problemas. Ele não era de discutir. Embora só a chamasse de Seraph... Do que eu estava falando?

– Sua filha disse...

– Ah, sim, a Seraphine disse: “Mãe, não importa o que você faça ou deixe de fazer, contanto que o papai tenha um bom *albituário*”. Os dois eram muito próximos, ainda que ele pegasse no pé dela de vez em quando, da mesma forma que fazia comigo. Então, você vai escrevê-lo para mim, senhora Blythe?

– Eu não conheço muito sobre o seu marido, senhora Mitchell.

– Ah, posso contar tudo sobre ele... A menos que queira saber a cor dos olhos do Anthony. Sabe, senhora Blythe, quando Seraphine e eu estávamos conversando depois do funeral, eu não soube dizer a cor dos olhos dele, mesmo depois de 35 anos de casados. Sei que eram suaves e sonhadores. Ele lançava olhares tão sedutores quando estava me cortejando... E teve que se esforçar muito para me conquistar, senhora Blythe. Passou anos louco por mim. Eu era muito arrogante naquela época e pretendia escolher com cuidado. Minha vida daria uma história muito emocionante, senhora Blythe. Ah, bem, esses dias pertencem ao passado. Eu tinha mais pretendentes do que imagina. Eles iam e vinham, mas o Anthony persistia. Ele também era muito bonito... Tão magro e charmoso. Nunca gostei de homens gordos. E ele estava acima de mim socialmente, isso eu não posso negar. “Casar-se com um Mitchell é uma ótima oportunidade para um Plummer subir na vida”, disse minha mãe. Eu era uma Plummer, senhora Blythe. Filha de John A. Plummer. E ele fazia elogios tão românticos! Uma vez me disse que eu tinha o charme etéreo do luar. Entendi que era algo bonito, embora eu ainda não saiba o que “etéreo” quer dizer. Pensei em procurar no dicionário, mas nunca o fiz. Bem, de qualquer forma, no fim das contas, dei a minha palavra de honra de que me casaria com ele. Quer dizer... Eu disse que o aceitaria. Gostaria que tivesse me visto em meu vestido de noiva, senhora Blythe. Todos disseram que eu parecia um retrato. Magérrima, com os cabelos

dourados, e que pele! Ah, como o tempo faz estragos na gente. Você ainda não sabe o que é isso, senhora Blythe. Você ainda é muito linda, além de ser uma mulher com educação superior. Ah, bem, nem todas as mulheres podem ser inteligentes. Algumas de nós precisam se dedicar à cozinha. Seu vestido é realmente lindo, senhora Blythe. Reparei que você nunca usa preto... E está certa! Ainda terá oportunidades para isso. Adie até quando não houver outro remédio, é o meu conselho. Bem, onde eu estava?

– Você estava tentando contar algo sobre o senhor Mitchell.

– Ah, sim. Bem, nós nos casamos. Um grande cometa atravessou o céu naquela noite... Eu me lembro de vê-lo a caminho para casa. É uma pena você não ter visto aquele cometa, senhora Blythe. Foi simplesmente lindo.

Será que não conseguiria colocar isso no *albituário*?

– Seria... Um tanto complicado...

– Bem – a senhora Mitchell abandonou a ideia sobre o cometa com um suspiro –, faça o melhor que puder. Ele não teve uma vida muito interessante. Ficou bêbado uma única vez... Disse que só queria saber como era a sensação. E tinha uma mente muito curiosa. É claro que não dá para colocar isso em um *albituário*. Nada de extraordinário aconteceu na vida dele. Não estou me queixando, mas a verdade é que ele era um tanto acomodado e indolente. Podia ficar sentado por uma hora olhando um arbusto de rosas. Ah, como gostava de flores. Ele detestava ter que podar os botões-de-ouro. Não se importava em perder a colheita de trigo, contanto que sempre houvesse dalias e varas-de-ouro. E árvores... O pomar dele... Eu sempre dizia que ele se importava mais com as árvores do que comigo, só para provocá-lo. Tratava-as como se fossem gente. Muitas vezes ele disse: “Acho que vou lá fora conversar um pouco com a minha fazenda”. Quando ficamos velhos, eu quis que ele vendesse a propriedade e que nos mudássemos para Lowbridge, já que não temos filhos homens, só que ele falou: “Não posso vender minha fazenda... Não posso vender o meu coração”. Os homens não são engraçados? Pouco antes de morrer, ele teve a súbita vontade de comer ensopado de galinha. “Do jeito que você faz”, disse.

Ele sempre gostou da minha comida, modéstia à parte. A única coisa de que não gostava era a minha salada de alface com nozes. Dizia que não combinavam. O problema era que não tínhamos uma galinha para matar – estavam todas botando ovos – e não podíamos nos livrar do único galo que nos restava. Ah, como eu gosto de ver os galos marchando de um lado para o

outro. Não há nada mais bonito do que um belo galo, não acha, senhora Blythe? Bem, onde eu estava?

– Você dizia que o seu marido queria um ensopado de galinha.

– Ah, sim. E até hoje eu lamento por não ter feito. Acordo no meio da noite pensando nisso. Eu não sabia que ele ia morrer, senhora Blythe. Ele não reclamava e sempre dizia que estava se sentindo melhor. Perguntou sobre tudo, até o último instante. Se soubesse que iria morrer, eu teria matado uma galinha para ele, com ou sem ovos.

A senhora Mitchell removeu a luva de renda preta surrada e secou as lágrimas com um lenço cujo barrado negro tinha cerca de cinco centímetros.

– Ele teria gostado – soluçou. – Chegou ao fim da vida com os próprios dentes. Bem, de qualquer forma... – Ela dobrou o lenço e vestiu as luvas. – Ele tinha 65 e já estava próximo da idade limite. E agora tenho outra placa funerária. Mary Martha Plummer e eu começamos a colecioná-las ao mesmo tempo, mas logo ela me ultrapassou... Ela perdeu muito parentes, sem contar os três filhos. Ninguém tem mais placas funerárias do que ela na região. O meu primo, Thomas Bates, foi enterrado na semana passada, e pedi a placa à esposa dele, só que a placa foi enterrada junto com o caixão. Disse ainda que colecionar placas funerárias era um vestígio da barbárie. Ela era da família Hampson, e eles sempre foram estranhos. Bem, onde eu estava?

Anne honestamente não saberia dizer. As placas funerárias a deixaram perplexa.

– Ah, enfim, o pobre Anthony morreu. “Estou partindo feliz e em paz”, foi tudo que ele disse, sorrindo até o último momento... Para o teto, não para mim ou Seraphine. Fiquei tão contente por ele estar feliz naquele momento. Houve momentos em que pensei que ele não era realmente feliz, senhora Blythe... Ele era terrivelmente impressionável e sensível. No entanto, tinha um ar muito nobre e sublime no caixão. Tivemos um grande funeral. Foi um dia lindo. Ele foi enterrado com um monte de flores. Eu desmaiei no final, mas fora isso saiu tudo às mil maravilhas. O Anthony foi sepultado em Lower Glen, apesar de toda a família dele ter sido enterrada em Lowbridge. Ele escolheu o próprio túmulo muito tempo atrás. Ele queria estar perto da fazenda, onde pudesse ouvir o mar e os ventos nas árvores. Há árvores nos três lados daquele cemitério, sabe. Também gostei do lugar. É bem tranquilo, e dá para plantar gerânios ao redor do túmulo. Ele foi um homem bom. E provavelmente está no céu agora, então não precisa se preocupar com isso.

Creio que deva ser uma tarefa árdua escrever o *albituário* de alguém que você não sabe onde está. Posso contar com você, senhora Blythe?

Anne assentiu, suspeitando que a senhora Mitchell fosse permanecer ali e falar até que ela concordasse. Com um suspiro de alívio, a senhora Mitchell levantou-se da cadeira.

– Tenho que ir andando. Creio que uma ninhada de perus vai sair dos ovos ainda hoje. Gostei muito do nosso papo e gostaria de poder ficar mais. Ser uma viúva é muito solitário. Um homem pode não ser lá grande coisa, mas faz falta quando parte.

Anne a acompanhou educadamente até o portão. As crianças corriam atrás de passarinhos no gramado, onde narcisos despontavam por toda a parte.

– Sua casa é um primor... Um verdadeiro primor, senhora Blythe. Sempre quis uma casa grande. Porém, somos só Seraphine e eu... E de onde eu tiraria o dinheiro? O Anthony não queria nem pensar no assunto. Ele era apegado demais àquela casa antiga. Pretendo vender a casa, se conseguir uma boa oferta, e me mudar para Lowbridge ou Mowbray Narrows, a que for melhor para uma viúva. O seguro do Anthony vai ser de grande ajuda. Diga o que quiser, mas é melhor aguentar os pesares com a barriga cheia do que vazia. Você descobrirá quando for uma viúva. E espero que isso ainda demore bastante. Como vai o doutor? Muita gente ficou doente no inverno, então ele deve estar satisfeito. Ah, que família linda você tem! Três garotas! Essa fase é ótima; espere só até chegarem na idade em que só pensam em garotos. Não que a Seraphine tenha me dado muito trabalho. Ela era calma como o pai... E teimosa como ele. Quando se apaixonou pelo John Whitaker, nada que eu pudesse dizer faria com que mudasse de ideia. Aquela é uma sorva? Por que não a plantou diante da porta da frente? É uma árvore boa para afugentar as fadas.

– E por que eu afugentaria as fadas, senhora Mitchell?

– Agora você está falando igual ao Anthony. Foi uma brincadeira. É claro que não acredito em fadas... Mas, se existirem, ouvi dizer que são muito traquinas. Bem, adeus, senhora Blythe. Virei na semana que vem buscar o *albituário*.



CAPÍTULO 22

– Foi você quem pediu por essa, querida senhora – disse Susan, que ouvira boa parte da conversa enquanto polia a prataria na despensa.

– Não é mesmo? A verdade é que eu realmente quero escrever esse “albituário”. Gostei do Anthony Mitchell... Do pouco que conheci dele... E tenho certeza de que ele reviraria no túmulo se o obituário dele fosse um desses comuns que o *Daily Enterprise* publica. O Anthony tinha um senso de humor incomum.

– Anthony Mitchell foi um rapaz excelente, querida senhora. Ainda que um pouco sonhador, diziam. Não era determinado o suficiente para os padrões da Bessy Plummer, mas era trabalhador e não devia para ninguém. É claro que se casou com a garota que menos o merecia. E embora a Bessy Plummer pareça uma caricatura agora, ela era uma verdadeira beldade quando jovem. Algumas de nós, querida senhora – concluiu Susan com um suspiro –, não podem contar nem com esse tipo de recordação.

– Mamãe – disse Walter –, as bocas-de-leão estão crescendo aos montes na varanda de trás. E um par de tordos está fazendo ninho no peitoril da janela da despensa. Você vai deixar, não é mesmo? Você não vai abrir a janela e afugentá-los, não é?

Anne vira Anthony Mitchell duas ou três vezes, ainda que a casinha cinza entre o bosque de abetos e a praia, com o grande salgueiro que avultava sobre ela como um grande guarda-chuva, ficasse em Lower Glen, onde o médico de Mowbray Narrows atendia a maioria da população. Gilbert tinha comprado feno dele algumas vezes e, em uma das ocasiões, ele o levou para conhecer o jardim de Anne e descobriu que ambos falavam a mesma língua. Ela se simpatizara com ele, com seu rosto magro, amigável e de traços marcantes, os olhos valentes e vivazes de um castanho com tons dourados, que nunca hesitavam ou foram enganados... Exceto uma vez, decerto, quando a beleza vazia e passageira de Bessy Palmer o fez cair em um

casamento insensato. Contanto que pudesse trabalhar na terra e no jardim, ele era contente como uma pradaria ao sol. Os cabelos negros eram salpicados de fios grisalhos, e um espírito sereno revelava-se em seus sorrisos raros e doces. Seus velhos campos lhe proveram alimento e satisfação, a alegria da conquista e do conforto nas horas de pesar. Anne ficou feliz por ele estar enterrado próximo a eles. Anthony pode “ter partido feliz”, mas também viveu com felicidade. O médico de Mowbray Narrows contou que, quando deu a notícia de que não havia mais esperanças de recuperação, Anthony sorriu e respondeu: “Bem, a vida pode ser um tanto monótona agora que estou velho. A morte vai ser uma grande mudança. Estou realmente curioso, doutor”. Até a senhora Mitchell, em meio ao falatório absurdo, revelara certas coisas do verdadeiro Anthony. Anne escreveu *O túmulo do Ancião* algumas noites depois, sentada diante da janela do quarto, e o releu com satisfação.

Cave-o onde o vento possa soprar
Entre os ramos dos pinheiros vagar
E o murmúrio do mar

Os prados do oriente possa cruzar
E os pingos de chuvas possam cantar
Gentilmente para o embalar

Cave-o onde os viçosos prados
Estendem-se por todos os lados
Campos por ele abertos e semeados
Encostas relvadas voltadas para o poente
Pomares onde florescem e ficam carregadas
Árvores por ele plantadas antigamente
Cave-o onde o brilho estelar

Esteja sempre a o guardar
E a glória do amanhecer possa raiar
Suntuosamente sobre seu lar

Onde a relva úmida pelo ar
Abriga ternamente seu sonhar
Tudo isso lhe foi querido

Durante o tempo bem vivido
Que estejam sempre presentes
Agraciando seu descanso jacente
E que o murmúrio do oceano

Seja eternamente seu acalanto

– Acho que o Anthony Mitchell teria gostado – disse Anne, abrindo a janela para inclinar-se para a primavera. Pequenos rolinhos enrugados de alface já surgiam na horta das crianças; o entardecer lançava suas cores suaves por detrás do pomar de bordo; as risadas doces das crianças ecoavam no Vale.

– A primavera é tão adorável que eu detesto ter que ir dormir e perder um segundo dela – disse Anne.

A senhora Mitchell veio buscar o “albituário” em um fim de tarde da semana seguinte. Anne o leu para ela com orgulho secreto; contudo, a expressão da ouvinte não foi de satisfação plena.

– Isso é o que eu chamo de espirituoso. Você usa as palavras tão bem! Mas... Mas... Você não disse nada sobre ele estar no céu. Tem dúvidas de que ele foi para lá?

– Tenho tanta certeza que nem preciso mencionar, senhora Mitchell.

– Bem, algumas pessoas podem ficar em dúvida. E você também não mencionou a idade dele... E as flores. Ora, não dava nem para contar as coroas ao redor do caixão dele! Flores já são poéticas por si só, é o que eu acho!

– Desculpe-me...

– Ah, a culpa não é sua... De forma alguma. Você fez o seu melhor, e ficou lindo. Quanto eu te devo?

– Ora... Nada, senhora Mitchell. Nem cogitei a hipótese de cobrar.

– Bem, imaginei que você diria isso, então trouxe uma garrafa do meu vinho de dente-de-leão. Ele alivia o incômodo quando se está com problemas de gases. Pensei em trazer também uma garrafa do chá de ervas, só que fiquei com medo de o doutor não aprovar. Se quiser e achar que pode contrabandear um pouco sem que ele perceba, é só me avisar.

– Não, não, obrigada – respondeu Anne secamente. Ela ainda não tinha se recuperado do “espirituoso”.

– Como queira. Será um prazer. Não vou precisar mais de medicamentos nesta primavera. Quando Malachi Plummer morreu, que era meu primo de segundo grau, pedi à viúva dele as três garrafas de medicamento que haviam sobrado... Eles as compravam aos montes. Ela ia jogá-las fora, e eu sou o tipo de pessoa que é incapaz de desperdiçar qualquer coisa. Não consegui carregar mais do que uma garrafa, e então pedi para o nosso empregado trazer as outras duas. “Ainda que não faça bem algum, tampouco fará mal”,

eu lhe disse. Não vou dizer que não estou aliviada por você não ter cobrado nada pelo *albituário*, pois meus recursos estão escassos no momento. Funerais são muito custosos, embora a funerária do D. B. Martin seja a mais barata da região. Ainda nem paguei pelas minhas roupas pretas. Só me sentirei verdadeiramente de luto quando as tiver quitado. Ainda bem que não precisei comprar uma touca nova. Esta foi a que eu fiz para o funeral da mamãe, dez anos trás. Por sorte fico bem de preto, não é mesmo? Se visse a viúva do Malachi Plummer, com a cara que tem! Bem, tenho que ir. E muito obrigada, senhora Blythe, mesmo que... Enfim, tenho certeza de que fez o melhor que pôde, e é um poema adorável.

– Não quer ficar e jantar conosco? – perguntou Anne. – Susan e eu estamos sozinhas... O doutor não está em casa, e as crianças estão fazendo o primeiro piquenique vespertino delas no Vale.

– Não vejo por que não – disse a senhora Anthony, voltando a sentar-se na cadeira. – Vou adorar ficar um pouco mais. Não sei por que demoramos tanto para descansar quando ficamos velhos. Além disso – acrescentou com sorriso sonhador de beatitude no rosto corado –, isso é cheiro de cherivia frita?

Anne quase se arrependeu do convite quando viu o *Daily Enterprise* da semana seguinte. Lá estava *O Túmulo do Ancião* na coluna do obituário... Com cinco versos em vez dos quatro originais! E o quinto era o seguinte:

Marido maravilhoso, companheiro e leal

A ele o Senhor jamais fez outro igual
Marido maravilhoso, gentil e honorável,
Querido Anthony, você foi inigualável

– !!! – disse Ingleside.

– Espero que não tenha se importado com o outro verso que incluí – disse a senhora Mitchell na reunião seguinte do Instituto. – Eu só queria elogiar o Anthony um pouco mais... Foi o meu sobrinho que escreveu, o Johnny Plummer. Ele sentou-se e escreveu os versos em um piscar de olhos. O Johnny é como você... Não parece inteligente, mas sabe ser poético. Puxou à mãe. Ela era da família Wickford. Os Plummer não têm um pinga de lirismo no espírito, nem uma gota.

– É uma pena você não ter pedido primeiramente a ele para escrever o “albituário” do senhor Mitchell – disse Anne com frieza.

– Não é mesmo? Eu não sabia que ele escrevia poemas e também já tinha ido falar com você. Foi quando a mãe dele me mostrou um poema sobre um

esquilo que havia se afogado em um balde de xarope de bordo, de autoria dele... Muito comovente. E o seu também era muito bom, senhora Blythe. A combinação dos dois criou algo realmente único, não acha?

– Eu acho – disse Anne.



CAPÍTULO 23

As crianças de Ingleside não tinham sorte com animais de estimação. O filhotinho de cachorro de pelos frisados e pretos desapareceu do nada uma semana depois que o papai o trouxera de Charlottetown. Ninguém nunca mais o viu ou ouviu falar dele e, apesar dos rumores sobre um marinheiro de Harbour Head que foi visto embarcando com um cachorrinho preto, o destino do filhote virou um dos mistérios mais sombrios das crônicas de Ingleside. Walter ficou mais triste do que Jem, que ainda não tinha se recuperado por completo da morte de Gyp, e que nunca mais iria se permitir amar um cachorro intensamente. Então o Tiger Tom, que morava no celeiro e não tinha permissão de entrar na casa por causa de sua propensão ao furto, mas que ganhava carinho de todos os moradores, foi encontrado morto e enterrado com pompa e circunstância no Vale. Por fim, o coelho de Jem, Bun, que ele comprara de Joe Russell por 25 centavos, adoeceu e morreu. Talvez sua morte tenha sido acelerada pelo remédio que o próprio garoto administrou, talvez não. Ele o fizera por recomendação do Joe, e Joe devia saber o que estava falando. Para Jem, entretanto, era como se ele tivesse assassinado Bun.

– Há alguma maldição em Ingleside? – perguntou ele sombriamente quando Bun foi sepultado ao lado do Tiger Tom. Walter escreveu um epitáfio, e ele, Jem e as gêmeas usaram fitas pretas amarradas nos braços por uma semana, para o horror de Susan, que achou aquilo um sacrilégio. Ela aprovou menos ainda os dois sapos que Walter trouxe para o porão. Ela colocou um deles para fora de noite, só que não conseguiu encontrar outro, e Walter passou a noite acordado e preocupado.

– Talvez sejam marido e mulher – pensou. – Talvez estejam se sentindo terrivelmente solitários e infelizes, agora que estão separados. Foi o menor que a Susan enxotou, que eu imagino que seja a mulher, e talvez ela esteja

aterrorizada, sozinha naquele quintal grande sem ninguém para protegê-la... Como uma viúva.

Walter não suportava pensar nos dilemas da viúva, e por isso foi até o porão para caçar o sapo esposo. Porém, tudo que conseguiu foi derrubar uma pilha de latas vazias da Susan com um estardalhaço capaz de despertar os mortos. Todavia a única que acordou foi Susan, que desceu correndo com uma vela, com a chama bruxuleante projetando sombras esquisitas no rosto esquelético dela.

– Walter Blythe, o que você está fazendo?

– Susan, tenho que encontrar aquele sapo – disse desesperadamente. – Pense em como você se sentiria sem o seu marido, se tivesse um.

– Do que você está falando? – quis saber Susan, compreensivelmente confusa.

Foi nesse momento que o sapo esposo, que evidentemente se dera por vencido quando Susan apareceu, pulou de trás do barril de pepinos em conserva. Walter o encurralou e o jogou pela janela, torcendo para que ele reencontrasse a suposta amada e que vivessem felizes para sempre.

– Você sabe que não deveria ter trazido essas criaturas para dentro do porão – disse Susan, severamente. – Como eles viveriam?

– É claro que eu ia caçar insetos para eles – disse Walter, com seriedade. – Eu queria estudá-los.

– Criaturas insuportáveis – murmurou Susan, seguindo o indignado jovem Blythe pelas escadas. E não estava se referindo aos sapos.

Eles tiveram mais sorte com o tordo. O passarinho, um pouco maior que um filhote, foi encontrado no degrau da porta, depois de uma noite de tempestade com ventos fortes em junho. Tinha as costas acinzentadas, o peito repleto de pintas e olhos claros, e logo de cara parecia ter total confiança nos habitantes de Ingleside, inclusive no Camarão, que nunca tentava importuná-lo, nem mesmo quando o Tordo Ousado aterrissou com um pulinho insolente no prato dele e se serviu. De início eles o alimentavam com minhocas; tinha tanto apetite que Shirley passava boa parte do tempo procurando-as na terra. Ele as armazenava em latas e as deixava pela casa, para o nojo da Susan. Mas ela teria aturado muito mais que isso pelo Tordo Ousado, que pousava destemidamente em seu dedo calejado e cantava bem pertinho de seu rosto. Susan afeiçoou-se bastante ao pássaro e achou que valia a pena mencionar em uma carta para Rebecca Dew que o peito dele estava ganhando um lindo tom de ferrugem.

“Imploro que não pense que meu intelecto está entraqecendo, querida senhora Dew”, escreveu. “Suponho que seja tolice gostar tanto de um passarinho, mas o coração humano tem as suas fraquezas. Ele não vive encarcerado como um canário, que é algo que eu jamais aceitaria, querida senhora Dew. Voa livremente pela casa e o jardim, e dorme em um arco na plataforma de estudo do Walter na macieira do lado de fora da janela de Rilla. Ele saiu voando certa vez que o levaram até o Vale, mas acabou voltando ao noitecer, para a alegria de todos – incluindo a minha, devo admitir.”

O vale não era mais “o Vale”. Walter começou a achar que um lugar tão gostoso merecia um nome à altura de suas possibilidades românticas. Eles tiveram que brincar no sótão em uma tarde chuvosa, até que o sol saiu e inundou Glen com o seu esplendor.

– Ah, vejam o “aco-ílis” da noite! – exclamou Rilla, que sempre balbuciava de um jeito encantador.

Era o arco-íris mais magnífico que já tinham visto. Uma das extremidades parecia apoiar-se no pináculo da igreja presbiteriana, enquanto o outro mergulhava no canto repleto de juncos do lago localizado na outra extremidade do vale. Foi então que Walter o batizou de Vale do Arco-Íris.

O Vale do Arco-Íris tornou-se um mundo particular para as crianças de Ingleside. Brisas suaves o atravessavam incessantemente, e a canção dos pássaros ecoava do amanhecer até o escurecer. Bétulas brancas e cintilantes povoavam o local, e de uma delas em específico, a Dama de Branco, Walter fingia que uma pequena dríade saía todas as noites para conversar com eles.

Um bordo e um abeto, crescendo tão próximos que seus troncos se entrelaçaram, ele chamou de “As Árvores Enamoradas”; Walter pendurou sinos de trenó ao redor deles, que produziam sons mágicos e etéreos sob o vento. Um dragão guardava a ponte de pedra que eles haviam construído sobre o córrego. As árvores que se encontravam sobre ela podiam ser infíeis de tez morena, e o musgo verde-escuro que crescia na margem da água eram finos tapetes da Samarcanda. Robin Hood e seu bando espreitavam por todos os lados; três espíritos da água habitavam no córrego; a velha casa abandonada dos Barclay, ao final de Glen, com seu dique oculto pela grama alta e o jardim tomado pela alcaravia, foi facilmente transformada em um castelo sitiado. A espada do Cruzado há muito estava enferrujada, mas a faca de manteiga de Ingleside era uma lâmina forjada na Terra das Fadas, e sempre que a tampa da assadeira sumia, Susan sabia que ela estava fazendo

as vezes de escudo para um cavaleiro de armadura reluzente em uma ousada ventura no Vale do Arco-Íris.

Às vezes, brincavam de pirata para agradar ao Jem, que, aos 10 anos, começava a gostar de um toque de sanguinolência em suas brincadeiras; Walter sempre resistia a caminhar pela prancha, que o Jem achava que era a melhor parte da brincadeira. Algumas vezes ele se perguntava se o Walter tinha a valentia necessária para ser um bucaneiro, ainda que abafasse a dúvida por lealdade e já tivesse se metido em mais de uma batalha bem-sucedida com os garotos da escola que chamavam o Walter de “Blythe maricas”. Até descobrirem que isso implicava uma briga com Jem, dono de uma desconcertante habilidade com os punhos.

Jem agora tinha permissão para ir comprar peixes em Harbour Mouth pela tarde. Era uma tarefa que o encantava, pois significava que ele poderia ir até a cabana do capitão Malachi Russell, que ficava em uma campina próxima ao porto, e escutar as histórias dele e dos amigos, que um dia foram jovens e destemidos marujos. Cada um deles tinha um caso para contar. O velho Oliver Reese, que era suspeito de ter sido um pirata de verdade da juventude, fora feito prisioneiro por um rei canibal. Sam Elliott estava presente no terremoto de São Francisco. “William, o Valente” Macdougall tivera uma briga feroz com um tubarão. Andy Baker enfrentara um tornado no mar.

Além disso, Andy afirmava ser capaz de cuspir mais longe do que qualquer homem de Four Winds. O capitão Malachi, com o nariz curvado, o maxilar protuberante e os grossos bigodes grisalhos, era o favorito de Jem. Ele fora capitão de um bergantim ainda aos 17 anos e viajara até Buenos Aires com um carregamento de madeira. Tinha uma âncora tatuada em cada bochecha e um maravilhoso relógio antigo de dar corda. Quando estava de bom humor, ele deixava Jem dar corda nele; quando estava de muito bom humor, levava o menino para pescar bacalhau e catar mexilhões na maré baixa; e quando estava de ótimo humor, mostrava a Jem os modelos de barcos que havia entalhado. O menino achava as réplicas a quinta-essência da aventura. Entre elas, havia um barco viking, com uma vela quadrada e listrada e um temível dragão na proa; uma caravela do Colombo, o *Mayflower*¹⁵; uma embarcação dissoluta chamada *O Holandês Voador*¹⁶ e uma série de lindos bergantins, escunas, barcas, veleiros e balsas.

– Você me ensina a esculpir barcos como esses, capitão Malachi? – implorou Jem.

O capitão balançou a cabeça e cuspiu reflexivamente no porto.

– Não é algo que se possa ensinar, filho. Você teria que passar trinta ou quarenta anos navegando pelos mares e talvez então entendesse o suficiente dos barcos para poder reproduzi-los... É preciso entendê-los e amá-los. Os barcos são como as mulheres, filho... Precisam ser amadas e compreendidas, do contrário não revelarão seus segredos. E mesmo quando acha que conhece um barco da proa à popa, de dentro para fora, é possível que ele ainda esteja guardando o coração a sete chaves. Seria capaz de voar para longe, se o deixasse escapar. Nunca consegui entalhar certo barco no qual naveguei, por mais que já tenha tentado. Como era difícil e teimoso! E houve uma mulher... Mas já é hora de fechar a matraca. Tenho que montar uma miniatura dentro de uma garrafa, e vou lhe mostrar o segredo de como fazê-lo, filho.

Jem não ouviu mais nada sobre “mulheres” e tampouco se importou, pois ele não se interessava por elas, com exceção da mãe e de Susan. Elas não eram “mulheres”. Eram a mãe e a Susan.

Quando Gyp morreu, Jem achou que nunca mais desejaria outro cachorro; só que o tempo é capaz de fazer maravilhas, e agora o menino começava a se interessar novamente em ter outro. Um filhote não era um cão de verdade... Era apenas um incidente. Jem tinha uma procissão de cachorros desfilando pelas paredes do seu cantinho no sótão, onde guardava a coleção de curiosidades do capitão Jim... Cães recortados de revistas: um mastim imponente, um alegre buldogue, um bassê que parecia ter sido esticado como elástico, um poodle tosado com um enfeite na ponta do rabo, um fox terrier, um galgo-russo (Jem se perguntou se os galgos-russos comiam alguma coisa), um empertigado lulu-da-pomerânia, um dálmata cheio de pintas, um spaniel de olhos comoventes. Todos de raça; ainda assim, faltava algo neles na opinião de Jem... Ele só não sabia o quê.

O anúncio saiu no *Daily Enterprise*. “Cachorro à venda. Tratar com Roddy Crawford, em Harbour Head.” E nada mais. Jem não saberia dizer por que o anúncio ficou na cabeça dele ou por que sentia que havia certa melancolia em sua brevidade. Ele descobriu por meio de Craig Russell quem era Roddy Crawford.

– O pai do Roddy morreu um mês atrás, e ele vai morar com a tia na cidade. A mãe dele morreu anos atrás. Jake Millison comprou a fazenda deles, e a casa será derrubada. Talvez a tia não queira o cachorro. O animal não é lá grande coisa, mas o Roddy sempre o adorou.

– Quanto será que ele quer pelo cachorro? Eu só tenho um dólar – disse Jem.

– Acho que o que ele mais quer é um bom lar para o cão – disse Craig. – Mas o seu pai lhe daria o resto do dinheiro, não?

– Sim. Só que eu quero comprar um cachorro com o meu próprio dinheiro. Assim, terei a sensação de que ele é meu de verdade.

Craig deu de ombros. As crianças de Ingleside eram engraçadas. Que diferença faria quem pagasse por um velho cachorro?

Naquela tarde, o papai levou Jem até a antiga fazenda dos Crawford, onde encontraram Roddy e seu cão. Roddy tinha a mesma idade que Jem. Era um garoto pálido, com cabelos lisos de um castanho avermelhado e sardas; o cachorro tinha orelhas marrons macias, nariz e rabo marrons, e o mais lindo par de olhos castanhos-claros que já se viu em um cão. No instante em que Jem viu o cachorro, com a listra branca que descia pela testa, partindo-se em duas entre os olhos e emoldurando o focinho, ele soube que precisava tê-lo.

– Você quer vender o seu cachorro? – perguntou com avidez.

– Não quero vendê-lo – respondeu Roddy, apaticamente. – Mas sou obrigado, já que o Jake falou que vai afogá-lo se eu não o fizer. Ele disse que a tia Vinnie não quer um cachorro.

– E quanto você quer por ele? – perguntou Jem a Roddy, temendo um preço proibitivo.

Roddy engoliu em seco. Ele estendeu o cachorro.

– Pode levá-lo – disse com a voz rouca. – Não vou vendê-lo... Não consigo. Não há dinheiro no mundo que pague pelo Bruno. Se você lhe der um bom lar... E for gentil...

– Ah, é claro que serei gentil com ele – disse Jem, entusiasmado. – Só que você precisa ficar com o meu dólar. Não vou sentir que ele é meu se não aceitá-lo. Não levarei o cachorro se não ficar com o dinheiro.

Quase à força, ele colocou o dinheiro na mão relutante de Roddy e segurou Bruno junto ao peito. O cachorrinho olhou para o dono. Jem não conseguia ver os olhos dele, só os do outro garoto.

– Se gosta tanto dele assim...

– Eu o adoro, mas não posso ficar com ele – retrucou Roddy. – Já vieram cinco pessoas atrás dele hoje, e não deixei que ninguém o levasse... Jake ficou furioso, mas não me importo. Nenhuma delas era a pessoa certa. Já você... Quero que fique com ele, e tire-o da minha frente o quanto antes!

Jem obedeceu. O cachorrinho tremia nos braços dele, todavia não protestou. O menino o levou no colo até Ingleside.

– Pai, como o Adão sabia que um cachorro era um cachorro?

– Porque um cachorro não poderia ser outra coisa que não um cachorro – sorriu o pai. – Não concorda?

Jem estava animado demais para dormir naquela noite. Ele nunca vira um cachorro de que gostasse tanto como o Bruno. Não foi à toa que o Roddy detestou se despedir dele. Eles seriam amigos. Ele precisava lembrar-se de avisar a mãe para pedir ao açougueiro que mandasse alguns ossos.

– Eu amo tudo e todos no mundo – disse Jem. – Querido Deus, abençoe cada gato e cada cão no mundo, especialmente Bruno.

Jem adormeceu rápido. Talvez o cachorrinho deitado nos pés da cama com o focinho entre as patinhas estendidas também estivesse dormindo; talvez não.

Navio que, no ano de 1620, trouxe os primeiros peregrinos da Inglaterra para o Novo Mundo. (N. T.)

Famoso navio fantasma, cuja lenda remonta ao século XVII. (N. T.)



CAPÍTULO 24

O Tordo Ousado deixou de alimentar-se exclusivamente de minhocas e passou a comer arroz, milho, alface e sementes de nastúrcio. Havia crescido muito. O “grande tordo” de Ingleside estava ficando famoso nas redondezas. Seu peito ganhara um lindo tom de vermelho. Ele empoleirava-se no ombro de Susan e lhe assistia tricotar. Ele voava para receber Anne quando ela se ausentava, dando saltinhos pela casa, e pousava na janela de Walter todas as manhãs, em busca de migalhas. Tomava seu banho diário em uma bacia no quintal, no canto próximo às roseiras silvestres, e fazia um tremendo escândalo quando a encontrava vazia. O doutor alegou que ele espalhava penas e gravetos por toda a biblioteca, no entanto ninguém fez coro à reclamação, e ele acabou rendendo-se quando o Tordo Ousado pousou intrepidamente na mão dele para comer uma semente de flor. O Tordo Ousado encantava a todos... Exceto Jem, talvez, que havia entregado o coração a Bruno e estava lentamente aprendendo uma amarga lição: você pode comprar um cachorro, mas não o amor dele.

Jem não suspeitou de nada no início. É claro que Bruno iria sentir saudades do antigo lar por um tempo, mas isso logo passaria. O menino descobriu que não era bem assim. Bruno era o cachorrinho mais obediente do mundo; ele fazia exatamente o que mandavam, e até Susan admitiu que não havia um animal mais bem-comportado. Porém, não havia vida nele. Quando Jem o levava para passear, os olhos de Bruno se iluminavam, o rabo começava a balançar e ele corria com animação. Só que em pouco tempo o brilho nos olhos desaparecia e ele caminhava ao lado de Jem, com a cabeça baixa. Todos eram bondosos com ele. Os ossos mais apetitosos estavam à disposição dele, e nenhuma objeção foi feita quando passou a dormir todas as noites nos pés da cama de Jem. Ainda assim, Bruno continuou distante, inacessível... Um estranho. Às vezes, Jem acordava e estendia a mão para

acariciar o corpinho robusto; Bruno nunca lambia a mão dele ou abanava o rabo em resposta. Ele permitia carinho, só não reagia a ele.

O garoto cerrou os dentes. James Matthew Blythe era dono de grande determinação, e não ia ser derrotado por um cachorro. O cachorro que ele comprara com o dinheiro honesto que economizara arduamente da mesada. Bruno teria que superar a saudade do Roddy, teria que parar com aquele olhar patético de criatura perdida, teria que aprender a amá-lo.

Jem tinha que defender Bruno, pois os outros garotos da escola, suspeitando que ele amava o cachorro, tentavam provocá-lo.

– Seu cachorro tem pulgas! Pulgas enormes! – provocou Perry Reese. Jem teve que lhe dar uma boa surra para que retirasse o que tinha falado e dissesse que o Bruno não tinha uma pulga sequer.

– Meu cachorrinho tem ataques de fúria uma vez por semana – gabou-se Rob Russell. Aposto que o seu nunca teve um na vida. Se eu tivesse um cachorro desses, eu o colocaria no moedor de carnes.

– Eu já tive um cachorro assim – disse Mike Drew –, mas nós o afogamos.

– Meu cachorro é terrível – disse Sam Warren com orgulho. – Ele mata as galinhas e mastiga todas as roupas do varal. Aposto que o seu cachorro não tem nem forças para isso.

Jem admitiu para si mesmo com tristeza que Bruno não tinha. E quase desejou que tivesse. E doeu quando Watty Flagg gritou: “Seu cachorro é um bom cachorro... Ele nunca late aos domingos”, pois o Bruno não latia nunca.

Apesar de tudo, ele era um cãozinho adorável.

– Bruno, por que você não me ama? – Jem quase soluçou. – Não há nada que eu não faria por você... Poderíamos nos divertir tanto!

Ele não iria admitir a derrota para ninguém.

Jem voltou para casa às pressas de Harbour Mouth em um fim de tarde porque uma tempestade se aproximava. O oceano murmurava que estava chegando. O tempo estava com um ar sinistro. Ao entrar correndo em Ingleside, ele ouviu o ribombar de um trovão.

– Onde está Bruno? – gritou.

Era a primeira vez que ele tinha saído sem o Bruno. Ele achou que a caminhada até Harbour Mouth seria muito penosa para o animalzinho. Jem não admitiria, mas uma caminhada tão longa com um cachorro cujo coração não lhe pertencia também seria penosa para ele.

Ninguém sabia onde Bruno estava. Ele não tinha sido visto desde que Jem saíra depois de comer. Ele procurou por toda a parte, e não o encontrou. A

chuva caía a cântaros, o mundo se afogava em relâmpagos. Será que Bruno estava lá fora, no escuro... Perdido? Bruno tinha medo de tempestades de raio. As únicas vezes que ele pareceu se aproximar em espírito de Jem foram quando ele se aproximou do menino enquanto o céu desabava.

Jem estava tão preocupado com Bruno que, quando a tormenta passou, Gilbert disse:

– Tenho que ir até a vila ver como Roy Westcott está. Pode vir também, se quiser. Nós podemos passar na velha fazenda dos Crawford na volta. Suspeito que o Bruno tenha voltado para lá.

– Dez quilômetros? Ele nunca faria isso! – disse Jem.

Mas fez. Quando chegaram à velha e escura casa abandonada dos Crawford, uma criaturinha trêmula e encharcada estava encolhida no degrau da porta, encarando-os com olhos cansados e insatisfeitos. Ele não fez objeção quando Jem o pegou nos braços e o carregou até a charrete pela grama que chegava à altura dos joelhos.

Jem estava feliz. A lua parecia correr no céu conforme as nuvens passavam por ela! Como era delicioso o cheiro dos bosques úmidos ao longo da estrada! Que mundo maravilhoso!

– Acho que agora o Bruno será feliz em Ingleside, papai.

– Talvez – foi tudo que o pai disse. Ele detestava jogar água fria na animação do filho, todavia suspeitava que o coração do cachorrinho havia enfim se partido após perder o lar.

Bruno nunca fora de comer muito. Porém, depois daquela noite, passou a comer menos e menos. Até que chegou o dia em que não quis comer mais nada. Então, o veterinário foi chamado e não encontrou nada de errado nele.

– Deparei-me em minha vida com um cachorro que morreu de pesar, e acho que é o mesmo caso deste – disse ao doutor em particular.

Ele deixou um “tônico” que o Bruno tomou obedientemente antes de voltar a se deitar com o focinho entre as patas, com um olhar vago. Jem observou-o por um bom tempo, com as mãos nos bolsos; em seguida, foi até a biblioteca falar com o pai.

Gilbert foi até a cidade no dia seguinte, fez algumas perguntas e trouxe Roddy Crawford até Ingleside. Quando Bruno ouviu os passos de Roddy nos degraus da varanda, ele ergueu a cabeça e as orelhas e lançou o corpinho fraco por cima do tapete e disparou em direção ao garoto alvo e de olhos castanhos.

– Querida senhora – disse Susan em um tom surpreso naquela noite –, aquele cachorro estava chorando... De verdade. Lágrimas chegaram a escorrer pelo focinho dele. Não a culpo por não acreditar nisso. Eu também não acreditaria, caso não tivesse visto com os meus próprios olhos.

Roddy abraçou Bruno com força e encarou Jem com um misto de afronta e súplica.

– Sei que você o comprou... Mas ele pertence a mim. Jake mentiu para mim. A tia Vinnie disse que não se importa nem um pouco em ter um cachorro, e eu achei que não deveria pedi-lo de volta. Aqui está o seu dólar.

Não gastei nem um centavo dele... Não tive coragem.

Só por um instante, Jem hesitou. Então, ele viu os olhos de Bruno.

– Como pude fazer isso? – pensou, com nojo de si mesmo. E pegou o dólar.

Roddy sorriu repentinamente. O sorriso alterou completamente a fisionomia tristonha do garoto, que só foi capaz de dizer, com um grunhido:

– Obrigado.

Roddy dormiu na mesma cama que o Jem naquela noite, com o Bruno completamente empanturrado estendido entre os dois. Antes de deitarem, Roddy ajoelhou-se para fazer as orações, e o cachorrinho sentou-se sobre as patas traseiras ao lado dele e colocou as da frente sobre a cama. Ali estava Bruno, um cão que rezava... Fazendo uma prece de agradecimento, tendo recuperado a alegria de viver.

Bruno comeu avidamente toda a comida que Roddy lhe deu, sem tirar os olhos do menino, e acompanhou euforicamente os garotos até Glen.

– Nunca vi um cachorro tão animado – declarou Susan.

No dia seguinte, depois que Roddy e Bruno foram embora, Jem ficou sentado por um bom tempo nos degraus da porta lateral enquanto anoitecia. Ele se recusou a ir com Walter caçar tesouros dos piratas no Vale. Jem não estava se sentindo destemido e aventureiro. Ele sequer olhou para o Camarão, agachado entre os arbustos de menta, balançando o rabo como um feroz leão da montanha prestes a atacar. Que direito tinham os gatos de serem felizes em Ingleside, quando os cachorros tinham o coração destroçado?

Jem acabou sendo rude com a Rilla, que chegou estendendo o elefantinho azul de veludo. Elefantes de veludo, quando o Bruno tinha ido embora! E Nan foi tratada da mesma forma ao aproximar-se e sugerir que sussurrassem o que pensavam de Deus.

– Acha mesmo que não estou culpando Deus por *isso*? – disse severamente. – Você não tem nem um pingão de bom senso, Nan Blythe.

Nan ficou chateada e afastou-se, sem fazer a menor ideia do que o irmão queria dizer. Jem olhou com uma cara feia para as brasas incandescentes do pôr do sol. Cachorros latiam por todo o vilarejo. Os Jenkins, descendo a estrada, chamavam o deles, revezando-se. Todo mundo, até os Jenkins, podia ter um cão. Todo mundo menos ele. A vida revelava-se diante dele como um deserto sem cachorros.

Anne aproximou-se e sentou no degrau de baixo, com cuidado para não o encarar. Jem sentiu a compaixão dela.

– Mamãezinha – disse com a voz embargada. – Por que o Bruno não me ama, se eu o amo tanto? Eu sou... Você acha que sou o tipo de garoto de quem os cachorros não gostam?

– Não, querido. Lembre-se de como o Gyp o amava. Acontece que o Bruno dedicava todo o amor a uma só pessoa. Alguns cachorros são assim... Pertencem a um só dono.

– Pelo menos, Bruno e Roddy estão felizes – disse Jem com um sorriso de satisfação, inclinando-se para beijar os cabelos ondulados e macios da mãe.

– Só que eu nunca mais quero outro cachorro.

Anne achou que aquilo iria passar; ele falara a mesma coisa quando Gyppy morreu. Porém, não foi o que aconteceu. O sentimento havia se encravado na alma do menino. Ingleside teve outros cachorros... Cães que pertenciam somente à família e eram muito bonitos, com quem ele brincava junto com as outras crianças. Mas não houve um “cachorro do Jem” até certo “cãozinho da segunda-feira” conquistar o coração dele e o amar com uma devoção maior do que o amor que tinha por Bruno. Uma devoção que entraria para a história de Glen. Isso só iria acontecer dali um longo ano, entretanto, e foi um garotinho muito solitário que se deitou para dormir naquela noite.

“Queria ser uma menina”, pensou, revoltado. “Para poder chorar o quanto quisesse!”



CAPÍTULO 25

Nan e Di começaram a ir para a escola na última semana de agosto.

– De noite nós já saberemos tudo? – perguntou Di solenemente na primeira manhã.

No início de setembro, Anne e Susan já tinham se acostumado e até sentiam prazer em ver as duas criaturinhas saírem de casa saltitando todas as manhãs, tão minúsculas, despreocupadas e arrumadas, imaginando que ir para a escola fosse uma grande aventura. Sempre levavam uma maçã na cesta para a professora e usavam vestidos de algodão nas cores azul e rosa, de estampa xadrez e com babados. Como não se pareciam nem um pouco uma com a outra, elas nunca se vestiam de maneira idêntica. Diana não podia usar rosa por causa dos cabelos ruivos, mas Nan podia, que era a mais linda das gêmeas de Ingleside. Seus olhos e cabelos eram castanhos, e tinha uma pele adorável da qual se orgulhava muito, mesmo aos 7 anos. Havia um toque das estrelas do céu nela. Nan andava com a cabeça ereta, com o pequeno queixo atrevido em evidência, e já era considerada “metida” pelos outros.

– Ela imita todos os trejeitos e poses da mãe – disse a senhora Alec Davies. – Também já apresenta o mesmo ar e a graça dela, se quer saber.

Não era só na aparência que as gêmeas eram dessemelhantes. Di, apesar da semelhança física com a mãe, havia puxado a disposição e as qualidades do pai. Ela já demonstrava ter o espírito prático, o bom senso e o humor brilhante dele. Por exemplo, ela se divertiu muitíssimo naquele verão fazendo barganhas com Deus, que funcionavam da seguinte maneira: “Se você fizer isso, eu farei aquilo”.

Todas as crianças de Ingleside começaram a vida com o clássico “Com Deus me deito...”, depois passaram para o “Pai-Nosso”, e então foram encorajadas a criar as próprias preces, na língua que quisessem. Era difícil dizer o que levou Nan a pensar que Deus realizaria seus desejos por meio de

promessas de bom comportamento e demonstrações de força moral. Talvez uma certa professora linda e jovem da escola dominical fosse indiretamente responsável, graças às frequentes advertências de que Deus não faria isso ou aquilo se as crianças não fossem comportadas. Era fácil virar essa noção de cabeça para baixo e chegar à conclusão de que, se você fizer isso ou aquilo, terá o direito de esperar que Deus faça as suas vontades. A primeira “barganha” de Nan na primavera foi tão bem-sucedida que compensou alguns fracassos e a menina continuou durante todo o verão. Ninguém sabia disso, nem mesmo Di. Nan se agarrava ao segredo e rezava em momentos e lugares diversos, e não apenas de noite. Di não aprovava tal atitude.

– Não use o nome de Deus em tudo – disse a Nan severamente. – Vai acabar tornando-o comum.

Anne, ao ouvir isso, corrigiu-a:

– Deus está em tudo, querida. Ele é o amigo que está sempre por perto para nos dar força e coragem. Nan está certa em rezar para Ele quando quiser. – No entanto, se soubesse a verdade por trás da devoção da filha, Anne teria ficado horrorizada.

Nan disse em uma noite de maio:

– Se fizer o meu dente crescer antes da festa da Amy Taylor na semana que vem, querido Deus, tomarei a dose de óleo de rícino que a Susan nos dá sem fazer careta.

No dia seguinte surgiu o dente, cuja ausência deixara uma lacuna feia por tempo demais na linda boca da Nan, que até o dia da festa já estava completamente formado. Que sinais mais claros a menina poderia querer? Nan manteve a promessa, e Susan admirou-se cada vez que lhe administrou o óleo de rícino. Ela o tomava sem fazer cara feia ou reclamar, embora às vezes desejasse ter fixado um tempo limite... Três ou quatro meses, digamos.

Deus nem sempre respondia. Mas, quando ela pediu um botão especial para a sua coleção (coleccionar botões havia se tornado uma epidemia entre as garotas de Glen), garantindo a Ele que nunca mais faria birra quando a Susan colocasse o prato lascado, o botão surgiu no dia seguinte, quando Susan encontrou um vestido antigo no sótão. Era um lindo botão vermelho com minúsculos diamantes, ou que pareciam ser diamantes para Nan. A menina causou inveja em todas as outras com o adereço elegante, e quando Di recusou o prato lascado naquela noite, Nan disse com virtuosismo:

– Eu fico com ele, Susan. Depois de hoje, sempre o usarei.

Susan comentou que aquela era uma atitude angelicamente altruísta, o que fez com que a menina ganhasse ares presunçosos. Ela conseguiu um dia esplêndido para o piquenique da escola dominical, quando todos haviam previsto chuva na noite anterior, ao prometer que escovaria os dentes todas as manhãs sem que mandassem. O anel perdido foi recuperado mediante a condição de que ela mantivesse as unhas meticulosamente limpas; e quando Walter lhe deu o quadrinho de um anjo voando que Nan há muito cobiçava, ela comeu a carne com a gordura no jantar da mesma noite sem reclamar.

Contudo, quando ela pediu a Deus que seu ursinho de pelúcia surrado e remendado voltasse a ser jovem, prometendo que manteria a escrivaninha sempre arrumada, um obstáculo surgiu no caminho. O ursinho nunca rejuvenescia, ainda que Nan ansiasse pelo milagre todas as manhãs, desejando que Deus se apressasse. Por fim, resignou-se com a idade dele. Ela não gostou do novo ursinho que o papai lhe trouxe e, ainda que tivesse algumas dúvidas na pequena consciência, decidiu que não precisava se esforçar tanto para manter a escrivaninha arrumada. Sua fé retornou depois de rezar para que o olho do gatinho de porcelana fosse restaurado. Ele reapareceu na manhã seguinte, levemente torto, dando ao gato um aspecto estrábico. Susan o encontrara enquanto varria e o colara de volta no lugar – só que Nan não descobriu a verdade e com alegria cumpriu a promessa de dar catorze voltas ao redor do celeiro de gatinhas. A menina não parou para considerar qual seria o benefício disso para Deus ou qualquer outra pessoa. Ela detestou fazer isso. Os garotos sempre queriam que Di e ela fingissem ser algum tipo de animal... E talvez houvesse uma vaga noção naquela mente que ainda se desabrochava de que a penitência pudesse agradar o Ser misterioso que decidia o que dava certo ou não. Ela passou aquele verão realizando várias façanhas estranhas, fazendo com que Susan se perguntasse de onde as crianças tiravam essas ideias.

– Querida senhora, por que você acha que a Nan percorre a sala duas vezes todos os dias sem tocar o chão?

– Sem pisar no chão? Como ela faz isso, Susan?

– Pulando de uma mobília para outra, incluindo o guarda-fogo. Ontem ela tropeçou nele e caiu de cabeça no balde de carvão. Querida senhora, acha que ela precisa de uma dose de vermífugo?

O ano entrou para as crônicas de Ingleside como aquele em que o papai quase teve pneumonia e aquele em que a mamãe teve. Uma noite, Anne, que já estava com uma gripe horrível, foi com o Gilbert a uma festa em

Charlottetown, com um vestido novo que lhe caía muito bem e o colar de pérolas do Jem. Estava tão linda que todos os filhos, que foram se despedir dela, pensaram que era maravilhoso ter uma mãe de quem se orgulhavam tanto.

– Que anágua mais vistosa – suspirou Nan. – Vou ter anáguas de tafetá como essa quando eu crescer, mamãe?

– Duvido que as meninas usarão anáguas quando você crescer – disse o papai. – Tenho que dar o braço a torcer e admitir que esse vestido é deslumbrante, mesmo não aprovando as lantejoulas. Agora, não tente me seduzir, mulher. Já lhe disse todos os elogios da noite. Lembre-se do que lemos no *Jornal Médico* hoje... “A vida não é mais do que química orgânica bem equilibrada”, e que isso lhe ajude a manter a humildade e a modéstia. Lantejoulas, ora essa! E anáguas de tafetá! Somos meras “concatenações fortuitas de átomos”. É o que diz o grande doutor Von Bemburg.

– Não me fale desse horrível doutor Von Bemburg. Ele deve ter um caso crônico de indigestão. Ele pode até ser uma concatenação de átomos, mas eu não sou.

Alguns dias depois, Anne era uma “concatenação de átomos” muito enferma, e Gilbert, uma muito aflita. Susan andava de um lado para o outro, fatigada; a enfermeira entrava e saía com uma expressão preocupada, e uma sombra indefinível de repente encobriu Ingleside. As crianças não ficaram sabendo da seriedade da doença da mãe, nem mesmo Jem a compreendeu inteiramente. Porém, todos sentiram o frio e o medo que pairavam no ar e ficaram apreensivos e tristes. Pela primeira vez, não houve risos no pomar nem brincadeiras no Vale. O pior de tudo era que não tinham permissão para ver a mamãe. Ela não os recebeu com sorrisos quando voltaram para casa; ela não lhes deu beijos de boa-noite; ela não os aplacou, compreendeu ou consolou; ela não riu das piadas com eles. Ninguém ria como a mamãe. Foi muito pior do que quando ela se ausentava, pois então eles sabiam que ela voltaria... Agora eles não sabiam... Nada. Ninguém lhes contava nada. Eles eram apenas deixados de lado.

Nan voltou da escola muito pálida por causa de algo que Amy Taylor dissera.

– Susan, a mamãe... A mamãe não... Ela não vai morrer, não é mesmo?

– É claro que não – disse Susan, com demasiada rapidez e veemência. As mãos dela tremiam enquanto serviam um copo de leite para Nan. – Quem disse isso?

– Amy. Ela disse... Ah, Susan, ela disse que a mamãe daria um cadáver muito bonito!

– Não dê ouvidos a ela, meu amor. Todos os Taylor são linguarudos. Sua querida mãe está muito enferma, mas ela vai melhorar, eu garanto. Você não sabe que é o seu pai que está cuidando dela?

– Deus não permitiria que a mamãe morresse, não é verdade, Susan? – perguntou Walter, com os lábios lívidos, encarando Susan com uma intensidade que dificultava proferir suas mentiras reconfortantes. Ela estava morrendo de medo de que fossem mentiras. Estava terrivelmente apavorada.

A enfermeira havia balançado a cabeça naquela tarde. O doutor se recusara a descer para jantar.

– Suponho que Deus saiba o que está fazendo – murmurou Susan enquanto lavava os pratos do jantar, quebrando três deles. Pela primeira vez em sua vida simples e honesta, ela duvidava disso.

Nan andava pela casa com tristeza. O papai estava sentado à mesa da biblioteca, com a cabeça entre as mãos. Quando a enfermeira entrou, a menina a entreouveu dizendo que achava que a crise ocorreria naquela noite.

– O que é uma crise? – perguntou Nan para Di.

– Acho que é de onde sai uma borboleta – disse Di com cautela. – Vamos perguntar para o Jem.

Ele sabia do que se tratava e contou às irmãs antes de subir e trancar-se no quarto. Walter havia desaparecido. Ele estava deitado sob a Dama de Branco no Vale do Arco-Íris, e Susan havia levado Shirley e Rilla para dormir. Nan saiu sozinha do quarto e sentou-se nos degraus da escada. Atrás dela, um silêncio terrível e incomum reinava na casa. Diante dela, Glen transbordava com a luz do sol vespertina, mas a longa estrada vermelha estava opaca por causa da poeira, e a grama nos campos ao redor do porto estava queimada por causa da seca. Não chovia há semanas, e as flores do jardim estavam murchas... As flores que a mãe amava.

Nan refletia profundamente. Aquele era o momento perfeito para barganhar com Deus. O que ela prometeria, se em troca Ele curasse a mamãe? Tinha que ser alguma coisa tremenda, alguma coisa que valesse a pena para Ele. Ela lembrou-se de algo que Dicky Drew dissera para Stanley Reese na escola um dia: “Desafio você a andar pelo cemitério de noite”. Como alguém conseguia sequer cogitar a ideia? Nan tinha um pavor do cemitério que nenhuma alma em Ingleside suspeitava. Amy Taylor disse certa vez que lá estava cheio de gente morta e que “elas nem sempre ficavam

mortas”, acrescentou com ar misterioso. Nan mal conseguia passar na frente dele em plena luz do dia.

Ao longe, as árvores em uma colina dourada tocavam o céu. Nan com frequência imaginava que se conseguisse chegar até o topo, também conseguiria tocar o céu. Deus vivia do outro lado dela... Talvez Ele a ouvisse melhor lá de cima. Só que ela não podia chegar até aquela colina. Assim, ela teria que dar o melhor de si ali, em Ingleside.

Nan juntou as mãozinhas queimadas de sol e ergueu o rosto manchado pelas lágrimas.

– Querido Deus – sussurrou –, se Você fizer a mamãe melhorar, eu andarei pelo cemitério depois que escurecer. Ah, Deus amado, por favor, por favor. Se a curar, prometo não incomodá-Lo durante muito, muito tempo.



CAPÍTULO 26

Foi a vida, e não a morte, que visitou Ingleside na hora mais fantasmagórica da noite. Até as crianças, finalmente adormecidas, devem ter sentido que a sombra foi embora tão silenciosa e sutilmente como havia chegado. Quando despertaram, apesar do dia escurecido pela chuva bem-vinda, tinham nos olhos a luz do sol. Não foi necessário que uma Susan dez anos mais jovem desse a boa notícia. A crise havia passado, e a mãe ia viver.

Era sábado, e não havia escola. Eles não podiam sair, por mais que amassem brincar na chuva. O aguaceiro estava forte demais, e tiveram que ficar quietinhos dentro de casa. Ainda assim, nunca haviam se sentido tão felizes. O papai, há quase uma semana sem dormir, jogara-se na cama do quarto de visitas para um longo descanso. Não sem antes dar um telefonema de longa distância para uma certa casa de Avonlea onde duas senhoras tremiam cada vez que o telefone tocava.

Susan, que ultimamente não estava com cabeça para fazer sobremesas, preparou um suflê de laranja para o almoço, prometeu um rocambole com geleia para o jantar e assou duas fornadas de biscoitos de caramelo. O Tordo Ousado chilreava por toda parte. As próprias cadeiras pareciam querer dançar. As flores do jardim erguiam os rostos bravamente conforme a terra recebia a chuva. E Nan, em meio a toda essa felicidade, tentava encarar as consequências de sua barganha com Deus.

Ela não tinha intenção de voltar atrás, todavia continuava adiando-a na esperança de conseguir um pouco mais de coragem. Só de pensar, o “sangue dela gelava”, como a Amy Taylor gostava tanto de falar. Susan sabia que tinha algo de errado com a criança e administrou uma dose de óleo de rícino, sem nenhuma melhora. Nan a tomou tranquilamente e não pôde evitar de pensar que Susan lhe dava o xarope com uma frequência muito maior do que antes da barganha. E o que era o óleo de rícino, se comparado a um passeio

noturno no cemitério? Nan simplesmente não sabia como faria isso. Mas era o seu dever.

A mamãe ainda estava tão fraca que ninguém tinha permissão para vê-la por muito tempo. Ela estava tão pálida e magra! Seria por que ela, Nan, não estava cumprindo a promessa?

– Ela precisa de tempo – disse Susan.

Nan imaginou como seria possível dar tempo a alguém. No entanto, ela sabia por que a mamãe não estava melhorando mais rápido. A menina cerrou os dentes pequeninos e perolados. O dia seguinte seria sábado novamente e ela iria cumprir o que prometera.

Choveu outra vez toda a manhã, e Nan não pôde deixar de ter uma sensação de alívio. Se fosse chover à noite, ninguém, nem mesmo Deus, poderia esperar que ela perambulasse pelo cemitério. Ao meio-dia a chuva já tinha parado, e uma névoa surgiu do porto e envolveu Glen, encobrendo Ingleside com sua mágica etérea. Ainda assim, Nan não perdeu as esperanças. Se o nevoeiro persistisse, ela tampouco poderia sair de casa. Entretanto, um vento forte surgiu na hora do jantar e desmanchou a paisagem onírica da neblina.

– Não haverá lua nesta noite – disse Susan.

– Ah, Susan, você não pode fazer uma lua? – exclamou Nan desesperadamente. Se ela precisava mesmo andar pelo cemitério, tinha que ser sob o luar.

– Bendita seja, criança. Ninguém pode fazer uma lua. Eu quis dizer que vai ser uma noite nublada, e não poderemos ver a lua. E que diferença fará para você se houver lua ou não?

Nan não podia explicar, o que deixou Susan mais preocupada do que nunca. Alguma coisa devia estar afligindo aquela menina... Ela agiu de forma estranha a semana inteira. Não comeu quase nada e estava desanimada. Será que estava preocupada com a mãe? Não era necessário... A querida senhora estava se recuperando bem.

Sim, só que Nan sabia que a mãe logo voltaria a ficar doente se ela não cumprisse a promessa. Ao anoitecer, as nuvens se foram e a lua saiu. Uma lua muito estranha, imensa, vermelho-sangue. Nan nunca tinha visto algo assim e ficou aterrorizada. Ela quase preferiu a escuridão total.

As gêmeas foram para a cama às oito, e Nan teve que esperar até a irmã dormir. Di não estava com pressa. Ela estava se sentindo muito triste e desiludida para adormecer de imediato. A melhor amiga dela, Elsie Palmer,

tinha voltado da escola com outra garota, e agora Di acreditava que a vida havia praticamente acabado. Já era nove horas quando Nan sentiu-se segura para descer de mansinho da cama; seus dedos tremiam tanto que ela quase não conseguiu lidar com os botões. Em seguida ela desceu as escadas e saiu pela porta lateral enquanto Susan preparava o pão na cozinha e refletia, satisfeita, que todos sob seus cuidados estavam dormindo em segurança exceto o pobre doutor, que tinha sido chamado às pressas por uma família de Harbour Mouth porque um bebê engolira uma tachinha.

Nan saiu de casa e foi em direção ao Vale do Arco-Íris. Ela precisava pegar o atalho através do Vale e subir a colina. A menina sabia que a visão de uma das gêmeas de Ingleside atravessando a Vila causaria estranhamento, e que alguém provavelmente insistiria em levá-la para casa. Como estava fria a noite do fim de setembro! O Vale do Arco-Íris não era tão acolhedor à noite quanto era de dia. A lua diminuía consideravelmente e não estava mais vermelha, mas ainda lançava sombras negras sinistras. Nan sempre teve muito medo de sombras. Eram passos que ela ouvia em meio à escuridão das samambaias murchas junto ao córrego?

Nan ergueu a cabeça e empinou o queixo.

– Não tenho medo – disse em voz alta, com valentia. – Só estou com uma sensação estranha no estômago. Estou sendo uma heroína.

A ideia agradável de estar sendo uma heroína a impeliu colina acima. Então, uma sombra estranha cobriu o mundo: uma nuvem passava diante da lua. E Nan pensou no Pássaro. Amy Taylor lhe contara uma história assustadora sobre um Grande Pássaro Negro que caçava pela noite e nos levava embora. Será que aquela era a sombra do Pássaro? A mamãe dissera que o tal Grande Pássaro Negro não existia.

– Não acho que a mamãe contaria uma mentira – disse ela. E continuou até chegar na cerca. De um lado estava a estrada e do outro, o cemitério. Nan parou para recobrar o fôlego.

Outra sombra passou pela lua. Ao redor dela havia uma terra estranha, umbrosa e desconhecida.

– Ah, o mundo é grande demais! – Nan estremeceu, encolhendo-se contra a cerca. Como ela queria estar em Ingleside! Porém... – Deus está de olho em mim – disse a criaturinha de 7 anos, antes de pular a cerca.

Quando caiu do outro lado, ela ralou o joelho e rasgou o vestido. Um espinho afiado perfurou seu chinelo quando se levantou, cortando o pé dela.

Mas mesmo mancando, Nan atravessou a estrada e chegou até o portão do cemitério.

As sombras dos pinheiros encobriam o extremo leste do velho cemitério. De um lado, havia a igreja metodista e, do outro, a casa do presbítero, escura e silenciosa na ausência do ministro. A lua surgiu subitamente por detrás da nuvem, e o cemitério ficou repleto de sombras... Sombras que se mexiam e dançavam... Sombras que lhe agarrariam se cometesse algum descuido. Um jornal que alguém havia descartado voou pela estrada como uma bruxa velha e, embora ela soubesse o que era de verdade, ele ainda fazia parte da natureza enigmática da noite. O vento sussurrava entre as árvores. De repente, uma folha comprida do salgueiro que ficava ao lado do portão roçou na bochecha dela, como um toque fantasmagórico. Por um instante a menina ficou paralisada e então colocou a mão no trinco do portão.

E se um longo braço saísse de uma das covas e a arrastasse para dentro da terra?

Nan deu meia-volta. Ela agora tinha certeza de que, com ou sem promessa, jamais poderia entrar em um cemitério de noite. Um gemido sinistro soou perto dela de súbito. Era só a vaca velha que pertencia à senhora Baker, que pastava ao longo da estrada, surgindo detrás de alguns abetos. Só que a Nan não esperou para ver o que era. Tomada por um pânico incontável, ela desceu a colina, atravessou a vila e correu pela estrada até Ingleside. Quando chegou no portão, ela caiu de bruços no que a Rilla chamava de “poça diama”. Mas ali estava o lar dela, com as janelas iluminadas, e alguns instantes depois ela entrou na cozinha da Susan, coberta de lama, com os pés molhados e um machucado.

– Senhor amado! – disse Susan, surpresa.

– Não consegui entrar no cemitério, Susan... Não consegui! – arfou Nan.

Susan não fez perguntas de início. Ela tirou as roupas molhadas da menina aflita, vestiu-a com a camisola e a levou para a cama. Depois, desceu para buscar um “lanchinho” para ela. Independentemente do que tinha acontecido, ela não podia ir dormir de estômago vazio.

Nan comeu e bebericou um copo de leite. Como era bom estar novamente sã e salva na cama quentinha, no quarto iluminado! Contudo, ela não podia contar nada para Susan.

– É um segredo entre mim e Deus.

Susan foi dormir jurando que seria uma nova mulher quando a querida senhora estivesse de pé novamente.

– Já não posso mais com eles – suspirou, impotente.

Agora, a mãe certamente iria morrer. Nan acordou com essa terrível convicção. Ela não conseguiu cumprir a promessa e não podia esperar que Deus o fizesse. A semana seguinte foi muito angustiante para a garota. Ela não via graça em nada, nem mesmo em assistir a Susan fiar na roca, algo que achava fascinante. Ela jamais conseguiria rir novamente. Não importava o que fizesse: ela deu para o Shirley o cachorro de pelúcia estofado com serragem, do qual Ken Ford havia arrancado as orelhas e ela amava ainda mais do que o velho ursinho (Nan sempre gostou mais das coisas antigas) –, pois o irmão sempre quis tê-lo; e deu para Rilla a estimada casinha de conchas que o capitão Malachi havia trazido das Índias Ocidentais, na esperança de que isso satisfizesse Deus. Temendo que não fosse suficiente, ela deu o novo gatinho para Amy Taylor porque a amiga o queria muito, e quando ele continuou voltando para casa, Nan percebeu que Deus ainda não estava contente. Somente a excursão ao cemitério o satisfaria, e a pobre Nan sabia que não era capaz. Ela era uma covarde e uma trapaceira. Jem havia lhe dito que só trapaceiros tentavam fugir das promessas.

Anne teve permissão para sentar-se na cama. Ela estava quase completamente recuperada e logo voltaria a cuidar da casa, a ler livros, a recostar-se comodamente sobre os travesseiros, a comer o que quisesse, a sentar-se diante da lareira, a trabalhar no jardim, a receber amigos, a ouvir todas as fofocas, a desfrutar dos dias cintilantes como pedras preciosas no colar do ano, a ser novamente parte do espetáculo colorido da vida.

O jantar estava delicioso. O pernil de carneiro recheado da Susan estava no ponto. Era maravilhoso sentir fome novamente. Ela olhou para todas as coisas que amava no quarto. O cômodo precisava de cortinas novas. Algum tom claro entre o verde e o dourado, e os novos armários para toalhas do banheiro não podiam esperar mais. Então ela olhou para a janela. Havia algo mágico no ar. Era possível ter um vislumbre do porto azul ente os bordos; a bétula chorona do jardim era uma cascata de ouro. Vastos jardins celestiais se arqueavam sobre a opulência outonal da terra, uma terra de cores inacreditáveis, branda claridade e sombras alongadas. O Tordo Ousado pendurava-se insanamente no topo de um pinheiro; as crianças riam enquanto colhiam maçãs no pomar. O riso voltara para Ingleside.

“A vida é mais do que ‘química orgânica bem equilibrada’”, pensou Anne com alegria.

Com os olhos e o nariz vermelhos de tanto chorar, Nan entrou no quarto.

– Mamãe, preciso contar uma coisa... Não consigo mais esconder. Mamãe, eu enganei Deus.

Anne voltou a comover-se com o toque macio da mãozinha de uma criança... Uma criança que buscava ajuda e consolo para seus pequenos problemas. Ela ouviu enquanto Nan contava toda a história entre soluços, tentando manter uma expressão séria. Anne sempre conseguiu manter a seriedade quando ela era necessária, não importava o quanto risse do assunto com Gilbert posteriormente. Ela sabia que a preocupação da Nan era real e aterradora para a menina; e também percebeu que a teologia da filha carecia de atenção.

– Querida, você está terrivelmente enganada. Deus não faz acordos. Ele dá sem pedir nada em troca, exceto o nosso amor. Quando você pede alguma coisa para mim ou para o papai, nós não fazemos acordos. E Deus é muito, muito mais generoso do que a gente. Ele sabe bem mais do que nós o que é melhor.

– E Ele... Ele não vai fazer você morrer porque não cumpri a minha promessa, mamãe?

– Certamente não, querida.

– Mamãe, se estou enganada a respeito de Deus, tenho que manter a promessa que fiz? Eu dei a minha palavra, sabe. O papai disse que devemos sempre cumprir o que prometemos. Não será uma desonra para toda a vida?

– Quando eu estiver melhor, querida, nós iremos até lá de noite, e eu ficarei no portão... Assim, acho que você não terá medo algum. Isso aliviará a sua pobre consciência. E prometa que não fará mais nenhuma barganha absurda com Deus.

– Prometo – disse Nan, com uma intensa sensação de arrependimento de estar abrindo mão de algo que, mesmo com todos os inconvenientes, fora muito bom e emocionante. Ainda assim, os olhos dela voltaram a brilhar, e sua voz recobrou um pouco da antiga vivacidade.

– Vou lavar o meu rosto e voltarei aqui para beijar você, mamãe. E apanharei todas as bocas-de-leão que encontrar. As coisas têm sido horríveis sem você, mamãe.

– Ah, Susan, que mundo é este! Que mundo mais lindo, interessante e maravilhoso! Não acha? – disse Anne, quando a empregada lhe trouxe o jantar.

– Atrevo-me a dizer que é bastante tolerável – admitiu Susan, pensando na bela fornada de tortas que acabara de deixar na despensa.



CAPÍTULO 27

Outubro foi um mês muito feliz em Ingleside naquele ano, com dias repletos de agitação, canções e assovios. A mamãe estava de pé outra vez e se recusava a continuar sendo tratada como uma convalescente; ela fazia planos para o jardim, ria – Jem sempre achou que a mamãe tinha uma risada linda e alegre – e respondia inúmeras perguntas: “Mamãe, qual é a distância daqui até o pôr do sol?”; “Mamãe, por que não é possível recolher o luar?”; “Mamãe, as almas dos mortos realmente voltam para a terra no Halloween?”; “Mamãe, o que causa a causa?”; “Mamãe, você não preferiria ser morta por uma cascavel em vez de um tigre, já que o tigre acabaria devorando você?”; “Mamãe, o que é uma prole?”; “Mamãe, uma viúva é mesmo uma mulher que realizou seu grande sonho? Foi o que o Wally Taylor disse.”; “Mamãe, o que os filhotes de passarinho fazem quando chove bastante?”; “Mamãe, nós somos mesmo uma família fantasiosa demais?”.

A última veio do Jem, que descobrira na escola que a senhora Alec Davies havia dito aquilo. Ele não gostava de senhora Alec Davies, pois quando ela o encontrava junto da mãe ou do pai, invariavelmente apontava o longo dedo para ele e perguntava: “O Jemmy é um bom garoto na escola?”. Jemmy! Talvez eles fossem um pouco fantasiosos. Certamente foi o que a Susan pensou quando descobriu as tábuas que formam o caminho até o celeiro decoradas com tinta carmesim. “Precisamos para a nossa batalha de mentirinha”, explicara Jem. “Elas representam manchas de sangue.”

À noite uma fileira de gansos selvagens podia ser vista cruzando a lua baixa e vermelha. Quando os via, Jem desejava secretamente voar para longe com eles, para costas desconhecidas, onde ele caçaria macacos, leopardos, papagaios, coisas do tipo, e explorar o mar do Caribe.

Alguns termos, como “mar do Caribe”, eram irresistivelmente atraentes para o menino. “Segredos do mar” era outro. Ficar preso no abraço mortal de um píton e enfrentar um rinoceronte ferido eram pensamentos rotineiros para

Jem. E a própria palavra “dragão” o deixava arrepiado. Sua figura favorita, que estava grudada na parede aos pés da cama, era a de um cavaleiro de armadura montado em um robusto cavalo branco que empinava as patas dianteiras enquanto seu dono cravava uma lança em um dragão, cuja longa cauda que ondulava no ar terminava em uma forquilha. Uma dama em um vestido rosa estava ajoelhada plácida e graciosamente no fundo, com as mãos unidas. Era indubitável que aquela dama se parecia muito com a Maybelle Reese, por quem os meninos de 9 anos já duelavam na escola de Glen. Até Susan percebeu a semelhança e provocou Jem, que corou furiosamente. Mas o dragão era um tanto decepcionante... Parecia tão pequeno e insignificante perto do imenso cavalo branco. Aparentemente, derrotá-lo não exigia muita valentia. Os dragões dos quais ele resgatava a Maybelle em sonhos secretos eram muito mais “dragonescos”. Na segunda-feira passada, ele a resgatara do velho ganso de Sarah Palmer. Porventura (Ah, “porventura” soava tão bem!) e ela notara o ar nobre com o qual ele agarrara a criatura sibilante pelo pescoço tortuoso e arremessara por cima da cerca. No entanto, um ganso não era tão romântico quanto um dragão.

Foi um outubro ventoso, de ventos suaves que ronronavam no Vale e de ventanias que chacoalhavam as copas dos bordos, ventos que rugiam pela costa e se abaixavam quando se aproximavam dos rochedos, para então saltarem. As noites, com a Lua do Caçador sonolenta e vermelha, eram suficientemente frescas para que fosse agradável pensar em uma cama quentinha; os arbustos de mirtilo ganharam um tom escarlate; as samambaias mortas exibiam um rico marrom-avermelhado; as folhas de sumagre ardiam atrás do celeiro; aqui e ali surgiam trechos de pastos verdejantes nos campos secos das lavouras de Upper Glen; e havia crisântemos dourados e carmins juntos aos abetos em um canto do jardim. Esquilos conversavam alegremente por todas as partes, e grilos violinistas que tocavam nos bailes das fadas em mil colinas. Havia maçãs para serem colhidas e cenouras para serem desenterradas. Às vezes os meninos iam pegar mariscos com o capitão Malachi quando as misteriosas “marés” permitiam... Marés que vinham acariciar a terra, mas que retornavam para as profundezas do oceano. Havia um cheiro das fogueiras de folhas mortas por toda Glen, montanhas de abóboras grandes e amarelas no celeiro, e Susan assou as primeiras tortas de *cranberry*.

Risadas ecoavam em Ingleside do amanhecer ao anoitecer. Mesmo quando as crianças mais velhas estavam na escola, Shirley e Rilla já estavam

grandes o suficiente para manter a tradição do riso. Até Gilbert riu mais que o usual naquele outono. “Eu gosto de um pai que dá risada”, refletiu Jem. O doutor Bronson, de Mowbray Narrows, nunca ria. Diziam que havia ganhado toda a clientela graças ao ar de sabedoria; porém, o papai tinha mais clientes e as pessoas tinham que estar muito enfermas para não rirem de uma das piadas dele.

Anne se ocupava no jardim todos os dias quentes, sorvendo as cores como se fossem vinho, onde os últimos raios de sol caíam sobre bordos vermelhos, deleitando-se com a melancolia da beleza passageira. Em uma tarde cinzenta, ela e Jem plantaram todos os bulbos de tulipas, que ressurgiriam em tons de rosa, escarlate, púrpura e dourado em junho.

– Não é ótimo preparar-se para a primavera, quando sabemos que teremos que enfrentar o inverno, Jem?

– É ótimo tornar o jardim mais bonito – disse Jem. – A Susan disse que Deus é que cuida da beleza do mundo, mas nós podemos ajudá-lo um pouco, não é mesmo, mamãe?

– Sempre... Sempre, Jem. Ele compartilha conosco este privilégio.

Entretanto, nada é inteiramente perfeito. Os moradores de Ingleside estavam preocupados com o Tordo Ousado. Eles foram informados que, quando os outros tordos fossem embora, ele talvez quisesse partir também.

– Mantenha-o dentro de casa até que todos tenham partido e a neve venha – aconselhou o capitão Malachi. – Ele acabará se esquecendo disso e ficará bem até a primavera.

Assim, o Tordo Ousado virou uma espécie de prisioneiro. Tornou-se muito inquieto. Voava a esmo pela casa, sentava-se no parapeito da janela e observava melancolicamente os colegas que se preparavam para seguir o sabe-se lá que misterioso chamado. Perdeu o apetite e nem minhocas e as melhores nozes de Susan o apeteciam. As crianças lhe explicaram todos os perigos que poderia encontrar: frio, fome, inimizades, tempestades, noites escuras, gatos. Só que o pássaro havia ouvido o chamado, e todo o seu ser ansiava por responder a ele.

Susan foi a última a concordar. Ela ficou muito chateada por vários dias.

Por fim, disse:

– Deixe-o ir. É contra a natureza prendê-lo.

Eles o libertaram no último dia de outubro, depois de um mês de cárcere. As crianças lhe deram beijos de despedida com lágrimas nos olhos. Ele voou

para longe alegremente e retornou na manhã seguinte ao pote com migalhas de Susan, onde esticou as asas antes do longo voo.

– Talvez ele volte para nós na primavera, querida – disse Anne para a chorosa Rilla. Mas a menina estava inconsolável.

– Vai demorar muito – soluçou.

Anne sorriu e suspirou. As estações que pareciam tão longas para a pequena Rilla começavam a passar rápido demais para ela. Outro verão chegou ao fim, que foi anunciado pelo dourado eterno das copas dos choupos-da-lombardia. Em pouco tempo... Em muito pouco tempo, as crianças de Ingleside não seriam mais crianças. Todavia ainda seriam suas. Ela os receberia quando voltassem à noite. Elas encheriam a vida de maravilhas e deleite. Ela as amaria, e as incentivaria, e as repreenderia um pouco. Pois de vez em quando eram muito travessas, muito embora não merecessem ser chamadas pela senhora Alec Davies de “os diabinhos de Ingleside”, na ocasião em que descobriu que Bertie Shakespeare Drew tinha sofrido uma leve queimadura enquanto fingia ser um índio pele-vermelha queimado na fogueira durante uma brincadeira no Vale do Arco-Íris. Jem e Walter levaram mais tempo do que haviam previsto para desamarrá-lo. Eles também foram chamuscados, mas ninguém teve pena deles.

Novembro foi um mês triste naquele ano. Um mês de ventos do leste e nevoeiros. Em alguns dias, não era possível enxergar nada além da fria névoa pairando sobre o mar escuro. As últimas folhas caíram dos álamos tremelicanos. O jardim parecia morto, desprovido de sua personalidade e de todas as cores... Com exceção do canteiro de aspargos, que continuava uma intrincada selva dourada. Walter teve que abandonar seu local de estudos no pomar e aprender as lições dentro de casa. Chovia... E chovia... E chovia.

– O mundo nunca mais vai secar? – exasperou-se Di.

Então houve uma semana impregnada pela magia do sol do verão, e nas noites de frio cortante a mamãe acendia a grelha e Susan preparava batatas assadas para acompanhar o jantar.

A grande lareira era o centro da casa naquelas noites. Era o ponto alto do dia quando todos se reuniam ao redor dela depois de comerem. Anne costurava e planejava roupas de inverno... “Um vestido vermelho para a Nan, já que ela quer tanto um”... E às vezes pensava em Hannah, que todo ano tricotava um casaquinho para o pequeno Samuel. As mães nunca mudaram ao longo dos séculos e formavam uma grande irmandade de amor e devoção, tanto as que eram reconhecidas quanto as que foram esquecidas.

Susan tomava as lições das crianças, e depois elas podiam se divertir o quanto quisessem. Walter, imerso em seu mundo de imaginação e lindos sonhos, só pensava em escrever uma carta do esquilo que morava no Vale do Arco-Íris para o esquilo que vivia atrás do celeiro. Susan fingia rir delas quando ele as lia, mas secretamente fazia cópias que mandava para a Rebecca Dew.

“Acho que são muito interessantes, querida senhorita Dew, embora eu imagine que vá considerá-las um tanto triviais. Nesse caso, sei que perdoará esta velha de coração mole pelo incômodo. Ele é considerado muito inteligente na escola, e pelo menos essas cartas não são poesias. Devo acrescentar também que ele tirou 99 no exame de aritmética da semana passada, e ninguém entendeu por que não lhe deram cem. Talvez eu não deva dizer isso, querida senhorita Dew, mas acredito que o menino está destinado a grandes feitos. Talvez não estejamos vivas para vê-lo ser ministro do Canadá, quiçá.”

O Camarão tomava banho de sol, e a gatinha de Nan, Amentilho, que parecia uma dama muito delicada e elegante vestida de preto e cinza, escalava as pernas de todo mundo com impaciência. “Dois gatos e marcas de ratos na despensa”, foi a crítica de Susan. As crianças falavam sobre suas aventuras juntas, e o lamento distante do mar chegava pela fria noite de outono.

Às vezes a senhorita Cornelia aparecia para uma visita rápida enquanto o marido debatia na loja do senhor Carter Flagg. As crianças aguçavam os ouvidos, pois a senhorita Cornelia sempre tinha as fofocas mais recentes, e elas ficam sabendo de coisas interessantíssimas sobre as pessoas. Seria muito divertido ir à igreja no próximo domingo e olhar para as ditas cujas, todas arrumadas e compostas, e saborear o que haviam descoberto sobre elas.

– Ah, que aconchegante está aqui dentro, querida Anne. A noite vai ser muito gelada. Logo começará a nevar. O doutor saiu?

– Sim. Tive muita pena ao vê-lo sair... Telefonaram de Harbour Head avisando que a senhora Brooker Shaw queria vê-lo com urgência – disse Anne, enquanto Susan removia rápida e sutilmente do tapete da lareira uma imensa espinha de peixe que o Camarão havia trazido, rezando para que a senhorita Cornelia não tivesse notado.

– Ela está tão doente quanto eu – disse Susan com sarcasmo. – Ouvi dizer que arranjou uma nova camisola de renda, e com certeza quer que o doutor a

veja. Uma camisola de renda!

– A filha dela trouxe de Boston. Ela chegou na sexta-feira, com quatro baús – disse a senhorita Cornelia. – Lembro-me de quando ela foi para os Estados Unidos, levando uma mala Gladstone velha e quebrada com coisas saindo pelos cantos. Ela estava se sentindo terrivelmente mal depois de ter sido abandonada pelo Phil Turner. Ela tentou esconder, só que todo mundo sabia. Agora está de volta para “cuidar da mãe”, segundo diz. Ela vai tentar flertar com o doutor, querida Anne, estou lhe alertando. Mas suponho que ele não lhe dará atenção, mesmo sendo um homem. E você não é como a esposa do doutor Bronson, de Mowbray Narrows. Ela tem muito ciúme das pacientes do marido, ouvi dizer.

– E das enfermeiras – disse Susan.

– Bem, algumas daquelas enfermeiras são bonitas demais para a função – disse a senhorita Cornelia. – Veja o caso da Janie Arthur: está intercalando um caso e outro, tentando evitar que os dois rapazes descubram a situação.

– Apesar de linda, não é mais nenhum juvenzinha – disse Susan austeramente. – E seria melhor para ela escolher um dos dois e se casar. A tia Eudora, por exemplo... Dizia que só pretendia se casar depois que se cansasse de paquerar, e vejam no que deu. Ela ainda tenta flertar com todo homem que encontra, embora já tenha 45 anos. É o que acontece quando isso se transforma em um hábito. Querida senhora, sabe o que ela disse quando a prima Fanny se casou? “Você está ficando com as minhas sobras.” Soube que elas brigaram feio e que nunca mais se falaram.

– A língua tem poder sobre a vida e sobre a morte¹⁷ – murmurou Anne distraidamente.

– Sábias palavras, querida. Por falar nisso, gostaria que o senhor Stanley fosse um pouco mais criterioso com os sermões. Ele ofendeu Wallace Young, que agora pretende deixar a igreja. Estão dizendo que o sermão do último domingo foi para ele.

– Se um ministro faz um sermão que atinge o coração de um indivíduo em particular, todos presumem que foi direcionado para aquela pessoa – disse Anne. – Por mais que a carapuça sirva, não quer dizer que tenha sido feita para ele.

– Faz sentido – aprovou Susan. – E não me simpatizo com o Wallace Young. Três anos atrás, ele deixou que pintassem anúncios nas vacas dele. É muita ganância, na minha opinião.

– David, o irmão dele, vai finalmente se casar – disse a senhorita Cornelia.
– Faz muito tempo que pondera o que é mais barato: casar-se ou contratar uma empregada. “Dá para manter uma casa sem uma mulher, só que é difícil, Cornelia”, ele me disse depois que a mãe morreu. Tive a impressão de que estava insinuando alguma coisa, e não o encorajei. Por fim, vai se casar com Jessie King.

– Jessie King! Achei que ele estava cortejando a Mary North.

– Ele disse que não ia se casar com uma mulher que come repolho. Porém, corre um boato por aí que ele a pediu em casamento, e ela o rechaçou. E dizem que Jessie King falou que preferia um homem mais bonito, mas que ele daria para o gasto. Bem, para algumas pessoas, qualquer porto é conveniente em uma tempestade.

– Senhora Marshall Elliott, acredito que as pessoas por essas bandas não dizem nem metade das coisas que supostamente falam – retrucou Susan. – Na minha opinião, Jessie King será uma esposa muito melhor do que ele realmente merece... Ainda que, no aspecto físico, eu deva admitir que ele pareça algo que a maré alta largou na praia.

– Sabia que o Alden e a Stella tiveram uma filha? – perguntou Anne.

– Sim. Espero que a Stella seja um pouco mais sensata com a filha do que Lisette foi com ela. Você acredita, querida Anne, que a Lisette chorou porque o bebê da prima dela, Dora, andou antes que a Stella?

– Nós, mães, somos muito tolas – sorriu Anne. – Lembro-me de que fiquei ultrajada quando o pequeno Bob Taylor, que tem a mesma idade que o Jem, ganhou três dentinhos antes que o Jem tivesse um.

– Bob Taylor teve que operar as amídalas – disse a senhorita Cornelia.

– Por que nós nunca tivemos operações, mamãe? – exigiram saber Walter e Di, em tom injuriado. Então eles engancharam os dedos e fizeram um pedido. Com frequência diziam a mesma coisa juntos.

– Nós pensamos e sentimos o mesmo sobre tudo – tentou explicar Di, com sinceridade.

– Nunca me esquecerei do casamento da Elsie Taylor – lembrou a senhorita Cornelia. – A melhor amiga dela, Maisie Millison, estava encarregada de tocar a marcha nupcial. Ela tocou a marcha fúnebre no lugar. É claro que alega até hoje que cometeu o erro porque estava muito emocionada, mas as pessoas pensam diferente. Ela queria o Mac Moorside. Um malandro charmoso com uma senhora lábia, sempre dizendo às mulheres o que queriam ouvir. Fez da vida da Elsie um tormento. Ah,

querida Anne, eles partiram para a Terra do Silêncio muito tempo atrás. Maisie está casada com Harley Russell há anos, e todo mundo esqueceu que ele a pediu em casamento esperando que dissesse “não”, só que ela disse “sim”. O próprio Harley se esqueceu disso... Típico de um homem. Ele acha que tem a melhor esposa do mundo e se congratula por ter tido a esperteza de conquistá-la.

– Por que ele a pediu em casamento, se esperava um “não”? Parece--me muito estranho... – disse Susan, imediatamente acrescentando com uma esmagadora humildade: – É claro que eu não sei nada dessas coisas.

– Foi o pai dele que mandou. Ele não queria, mas achou que não correria nenhum risco... Aí vem o doutor.

Quando Gilbert chegou, um punhado de neve entrou com ele. Depois de pendurar o casaco, sentou-se com satisfação ao lado da fogueira.

– Não esperava chegar tão tarde...

– Sem dúvida, a nova camisola de renda é muito atraente – disse Anne, com um sorrisinho travesso para a senhorita Cornelia.

– Do que você está falando? Suponho que seja alguma piada feminina que esteja além do alcance da minha masculinidade grosseira. Fui até Upper Glen para visitar Walter Cooper.

– É um mistério como aquele homem continua vivo – disse a senhorita Cornelia.

– Não tenho paciência com ele – sorriu Gilbert. – Ele já deveria ter morrido há muito tempo. Um ano atrás eu lhe dei dois meses de vida e vejam só como ele está arruinando a minha reputação.

– Se conhecesse a família Cooper como eu, não arriscaria previsões. Não sabe que o avô dele voltou à vida depois que já haviam aberto a sepultura e comprado o caixão? A funerária não aceitou a devolução. No entanto, acredito que o Walter Cooper está se divertindo muito ensaiando o próprio funeral... É típico dos homens. Bem, Marshall já chegou... E este pote de peras em conserva é para você, querida Anne.

Todos acompanharam a senhorita Cornelia até a porta. Os olhos acinzentados de Walter espiaram a noite escura.

– Queria saber onde está o Tordo Ousado e se ele sente a nossa falta – disse com melancolia. Talvez o pássaro tivesse ido para aquele misterioso lugar que a senhora Elliott sempre chamava de Terra do Silêncio.

– Ele está em um lugar banhado pelo sol ao sul – disse Anne. – Ele voltará na primavera, não tenho dúvidas, que será daqui a cinco meses. Meus

amores, vocês já deveriam estar na cama.

– Susan, você gostaria de ter um bebê? – perguntou Di na despensa. – Sei onde pode conseguir um... Novinho em folha.

– Ah é, onde?

– Na casa da Amy. Ela disse que foram os anjos que o trouxeram, e ela acha que eles deveriam ter pensado melhor. Eles já têm oito crianças, sem contar a nova. Ouvi você dizendo ontem que se sente muito solitária vendo a Rilla crescer tão depressa... Que agora não teria mais nenhum bebê. Tenho certeza de que a senhora Taylor lhe daria o dela.

– As coisas que as crianças falam! Os Taylor são de ter famílias grandes.

O pai do Andrew Taylor nunca sabia dizer quantos filhos tinha... Sempre precisava parar e fazer as contas. Por enquanto, não estou à procura de um novo bebê.

– Susan, a Amy Taylor disse que você é uma solteirona. Isso é verdade?

– É o destino que a divina providência reservou para mim – disse Susan sem hesitar.

– Você gosta de ser uma solteirona?

– Estaria mentindo se dissesse que sim, meu bem. Mas aprendi que isso tem as suas vantagens – acrescentou, lembrando-se da sina de algumas esposas que conhecia. – Agora, leve esta torta de maçã para o seu pai, e eu levarei o chá. O coitado deve estar desmaiando de fome.

– Mamãe, nós temos a casa mais encantadora do mundo, não é? – afirmou Walter conforme subia as escadas, sonolento. – Só que... Você não acha que ela ficaria ainda melhor se tivéssemos alguns fantasmas?

– Fantasmas?

– Sim. A casa do Jerry Palmer é cheia de fantasmas. Ele viu um... Uma mulher alta vestida de branco, com uma mão esquelética. Eu contei para a Susan, e ela disse que era invenção dele ou então que ele estava doente do estômago.

– Susan está certa. Quanto a Ingleside, só pessoas felizes moraram aqui... Por isso, ela não tem propensão a ter fantasmas. Agora, faça as suas orações e vá dormir.

– Mamãe, acho que me comportei mal na noite passada. Eu disse: “O pão nosso de cada dia nos dai amanhã”, ao invés de “hoje”. Acha que Deus vai se importar?

Referência ao Antigo Testamento, Provérbios 18:21. (N. T.)



CAPÍTULO 28

O Tordo Ousado voltou quando Ingleside e o Vale do Arco-Íris ardiam com as chamadas verdejantes e evasivas da primavera e trouxe consigo a esposa. Os dois construíram um ninho na macieira do Walter. O Tordo Ousado voltou aos hábitos antigos, contudo sua esposa era mais tímida ou menos aventureira e nunca deixava ninguém se aproximar. Susan achou que o retorno do Tordo Ousado era um verdadeiro milagre e escreveu para Rebecca Dew contando o ocorrido naquela mesma noite.

O foco dos pequenos dramas do dia a dia de Ingleside mudava de tempos em tempos. Eles passaram o inverno sem nenhum acontecimento fora do comum e em junho foi a vez de Di ter uma ventura.

Uma garota nova entrou na classe dela. Quando a professora perguntou seu nome, ela respondeu “eu meu chamo Jenny Penny” como se dissesse “sou a rainha Elizabeth” ou “sou Helena de Troia”. No instante em que falou, todos sentiram que não conhecer Jenny Penny os tornava um ninguém, e não ser alvo da condescendência da Jenny Penny significava que você não existia. Pelo menos foi o que a Diana Blythe sentiu, mesmo que não pudesse tê-lo expressado com essas mesmas palavras.

Jenny Penny tinha 9 anos, enquanto Di estava com 8, e já no primeiro dia aproximou-se das garotas de 10 e 11 anos. Elas descobriram que não podiam esnobá-la ou ignorá-la. Jenny não era bonita, mas sua aparência era marcante. Todos paravam para reparar melhor. Tinha um rosto redondo, de pele delicada, com uma nuvem de cabelos negros e macios sem brilho, e enormes olhos azuis com um emaranhado de longos cílios. Quando lentamente erguia os cílios e cravava os olhos desdenhosos em alguém, a sensação era a de ser um verme que deveria agradecer por não ser pisoteado. Era preferível ser desprezado por ela do que respeitado por qualquer outra pessoa, e ser escolhido como confidente temporário de Jenny Penny era uma honra quase excessiva, pois as confidências dela eram impressionantes. Era

evidente que Penny não era uma pessoa comum. Ao que parecia, a tia dela possuía um maravilhoso colar de ouro e granada que fora presenteado por um tio milionário. Uma das primas tinha um anel de diamante que custava mil dólares, e outra prima havia ganhado um concurso de elocução entre 1.700 competidores. Outra tia era uma missionária que trabalhava entre os leopardos na Índia. Em suma, pelo menos por um tempo, as garotas da escola de Glen aceitaram Jenny Penny pelo preço que ela se dava, admiravam-na com um misto de inveja e falavam tanto dela na mesa do jantar que os pais finalmente foram obrigados a lhe dar atenção.

– Quem é essa garota com quem a Di parece estar tão fascinada, Susan? – perguntou Anne uma noite, depois que a filha contou sobre a “mansão” em que Jenny vivia, com beirais adornados por tiras de madeira branca em forma de renda, cinco janelas salientes, um maravilhoso arvoredo de bétulas nos fundos, e uma lareira de mármore vermelho na sala. – Nunca ouvi o nome Penny em Four Winds. Você sabe alguma coisa sobre eles?

– É a nova família que se mudou para a velha fazenda dos Conway, querida senhora. Ouvi dizer que o senhor Penny é um carpinteiro que não conseguia viver da carpintaria, pois estava sempre muito ocupado, pelo que entendi, tentando provar que Deus não existe. Ele, então, decidiu tentar ser fazendeiro. Pelo que sei, são pessoas peculiares. Os mais novos fazem o que dá na telha. É por isso que essa Jenny vai à escola de Glen. Eles estão mais próximos da escola de Mowbray Narrows, onde estudam as outras crianças da família, só que Jenny decidiu que queria frequentar a de Glen. Como metade da fazenda dos Conway fica nesse distrito, o senhor Penny paga taxas para ambas as escolas, o que lhe dá direito de mandar os filhos para as duas, se quiser. Parece que essa Penny é sobrinha dele, e não filha, entretanto. Os pais dela faleceram. Dizem que foi o George Andrew Penny que levou as ovelhas para o porão da igreja batista de Mowbray Narrows. Não digo que não sejam respeitáveis, mas são tão desmazelados, querida senhora... É a casa está de cabeça para baixo! E, se me permite opinar, você não deveria permitir que a Diana se misturasse com aqueles selvagens.

– Não posso impedir que a Diana fale com a Jenny na escola, Susan. Não tenho nada contra aquela criança, embora tenha certeza de que ela aumenta um tanto as histórias e as aventuras que conta sobre os parentes. Acho que todo esse encanto pela Jenny Penny passará logo, e a Di nunca mais falará dela.

Porém, eles continuaram a ouvir sobre ela. Jenny falou para a Di que gostava mais dela do que de todas as outras garotas da escola. Di, sentindo como se tivesse sido reconhecida por uma rainha, passou a adorá-la.

Tornaram-se inseparáveis no recreio; escreviam bilhetes uma para a outra durante o fim de semana; davam e ganhavam goma de mascar; trocavam botões e se ajudavam nas tarefas. Finalmente, Jenny convidou Di para ir à casa dela depois da escola e passar a noite.

A mãe respondeu-lhe com um “não” retumbante, e a menina chorou copiosamente.

– Você deixou que eu dormisse na casa de Persis Ford – soluçou.

– Isso é... diferente – disse Anne, de maneira um tanto vaga. Ela não queria fazer Di chorar, mas tudo o que tinha ouvido falar da família Penny a fizera perceber que eles não eram boa companhia para as crianças de Ingleside e que o fascínio que Jenny evidentemente tinha por Diana era consideravelmente preocupante.

– Não vejo nenhuma diferença – chorou Di. – Jenny é uma dama assim como Persis! Ela nunca precisa comprar goma de mascar. Ela tem uma prima que sabe todas as regras de etiqueta, e Jenny aprendeu tudo com ela. Disse que nós não sabemos o que é etiqueta. E já viveu aventuras incríveis.

– Quem disse isso? – quis saber Susan.

– Ela mesma. Os pais dela não são endinheirados, mas têm parentes muito ricos e distintos. Um tio dela é juiz, e um primo da mãe dela é capitão do maior navio do mundo. Jenny o batizou quando foi lançado. Nós não temos um tio que é juiz ou uma tia missionária que cuida dos leopardos.

– Leprosos, querida, não leopardos.

– A Jenny disse leopardos. Acho que ela está certa, já que é a tia dela. E tem tanta coisa que eu quero ver na casa dela... O papel de parede do seu quarto é cheio de papagaios. E tem um monte de corujas empalhadas na sala de estar. E eles têm um tapete com o desenho de uma casa pendurado no corredor e cortinas com estampa de rosas. E uma casinha de verdade para brincar, que o tio dela construiu. E a vó dela mora com eles, e é a pessoa mais velha do mundo. Talvez eu nunca mais tenha a chance de conhecer alguém que nasceu antes do dilúvio.

– A avó tem quase cem anos, me contaram – disse Susan –, de forma que a Jenny estava exagerando quando disse que ela nasceu antes do dilúvio. Sabe-se lá que doenças você pegaria se fosse naquele lugar.

– Faz muito tempo que já tiveram tudo que poderiam pegar – protestou Di. – Jenny falou que eles tiveram caxumba, sarampo, coqueluche e escarlatina, tudo no mesmo ano.

– Aposto que foi só varíola, se muito – murmurou Susan. – Que bando de gente mais azarada!

– A Jenny teve que tirar as amídalas. Isso não é contagioso, é? Ela teve uma prima que morreu quando operou das amídalas... Sangrou até a morte antes de recobrar a consciência. Então é provável que aconteça o mesmo com ela, se for algo de família. Ela é delicada... Desmaiou três vezes nessa semana. Mas está bem preparada. E é em parte por isso que ela quer tanto que eu passe a noite lá, para que eu tenha algo para recordar quando ela falecer. Por favor, mamãe. Deixarei em casa o meu chapéu novo com fitas, se deixar.

Só que a mamãe foi irredutível, e Di recorreu ao travesseiro para consolar suas lágrimas. Nan não teve compaixão por ela... A menina não suportava Jenny Penny.

– Não sei o que deu naquela criança – disse Anne, preocupada. – Ela nunca se comportou assim. Aquela Jenny parece tê-la enfeitado.

– Você está certa em não permitir que ela fosse àquele lugar tão abaixo dela, querida senhora.

– Ah, Susan, não quero que ela sinta que está “acima” de outras pessoas. Mas temos que impor limites. Não é tanto por causa da Jenny, acho que ela é inofensiva, apesar do hábito de exagerar as coisas, mas ouvi dizer que os garotos são realmente terríveis. A professora de Mowbray Narrows não tem mais paciência com eles.

– Eles a “comprimem” assim na sua casa? – perguntou Jenny com petulância quando Di avisou que não poderia ir. – Eu não deixaria que me tratassem assim. Sou espirituosa demais. Durmo fora de casa sempre que tenho vontade. Suponho que você nunca nem sonhou com isso.

Di olhou pensativamente para aquela menina misteriosa que “com frequência dormia fora de casa”. Que incrível!

– Você não me culpa por não poder ir à sua casa, não é mesmo? Você sabe que eu quero ir?

– Claro que não a culpo. Algumas garotas não aceitariam isso, é claro, mas suponho que você simplesmente não consegue evitar. Nós poderíamos nos divertir tanto! Tinha planejado uma pescaria à luz do luar no riacho dos fundos. Fazemos isso sempre. Já peguei uma truta deste tamanho. E temos

uns porquinhos adoráveis, um potro novo bem mansinho e uma ninhada de filhotinhos de cachorro. Bom, vou ter que convidar a Sadie Taylor, então. Os pais dela a deixam viver em paz.

– Meus pais são muito bons para mim – protestou Di lealmente. – E o meu pai é o melhor médico da Ilha do Príncipe Edward. É o que todos dizem.

– Você se sente superior por ter um pai e uma mãe, e eu não – disse Jenny com frieza. – Ora, o meu pai tem asas e usa uma coroa de ouro. Porém, eu não saio por aí me vangloriando disso, não é mesmo? Di, não quero brigar com você, mas detesto ouvir qualquer pessoa se gabando dos pais. Não está de acordo com a etiqueta de bons modos. E eu decidi ser uma dama. Quando a Persis Ford de que você tanto fala vier para Four Winds neste verão, não vou me socializar com ela. A mãe dela é meio estranha, segundo a minha tia Lina. Ela foi casada com um homem que morreu e voltou à vida.

– Ah, não foi bem assim, Jenny. Eu sei... A mamãe me explicou. A tia Leslie...

– Não quero ouvir sobre ela. Seja o que for, é melhor não falarmos disso, Di. O recreio acabou.

– Você vai mesmo convidar a Sadie? – perguntou Di, com os olhos arregalados de angústia.

– Bem, não agora. Quero esperar um pouco. Vou lhe dar mais uma chance. Mas será a última.

Alguns dias depois, Jenny Penny procurou a Di no recreio.

– Ouvi o Jem dizendo que os seus pais viajaram ontem, e que só voltarão amanhã de noite.

– Sim, eles foram até Avonlea para visitar a tia Marilla.

– É a sua chance.

– Minha chance?

– De passar a noite em casa.

– Ah, Jenny... Não posso.

– Claro que pode. Não seja tonta. Eles jamais saberão.

– A Susan não deixaria...

– Você não precisa pedir para ela. É só ir para a minha casa depois da escola. A Nan pode avisar onde você vai estar, assim ela não ficará preocupada. E ela não contará para os seus pais quando voltarem, por medo de que a culpem.

Di foi dominada pela agonia da indecisão. Ela sabia perfeitamente que não deveria ir, só que a tentação era irresistível. Jenny focou todas as forças de

seu olhar extraordinário em Di.

– É a sua última chance – disse dramaticamente. – Não posso continuar socializando com alguém que se acha bom demais para visitar a minha casa. Se não vier, nós nos separaremos para sempre.

Isso decidiu tudo. Di, ainda dominada pela fascinação por Jenny Penny, não suportou a ideia de se separarem para sempre. Nan voltou para casa naquela tarde e avisou a Susan que a Di tinha ido passar a noite na casa de Jenny Penny.

Se a Susan estivesse ativa como sempre, ela teria ido até a casa dos Penny e trazido-a de volta. No entanto, ela havia torcido o tornozelo naquela manhã, e embora ainda conseguisse preparar as refeições das crianças, não seria capaz de andar quase dois quilômetros pela estrada de Base Line. Os Penny não tinham telefone, e Jem e Walter recusaram-se prontamente a ir. Eles tinham sido convidados para jantar no farol, e ninguém iria devorar a Di na casa da Jenny. Susan teve que resignar-se ao inevitável.

Di e Jenny atravessaram os campos para irem embora, um trajeto de menos de meio quilômetro. Di, apesar da consciência pesada, estava feliz.

Elas passaram por tantos lugares bonitos: pequenas baías repletas de samambaias, onde rondavam os elfos, em meio aos bosques de um verde intenso; um vale de vento farfalhantes, onde os botões-de-ouro chegavam à altura dos joelhos; um caminho que serpenteava sob os bordos jovens; um riacho que era como uma fita colorida por flores; um pasto ensolarado repleto de morangos. Di, descobrindo como o mundo podia ser deslumbrante, desejou que Jenny não falasse tanto. Na escola aquilo não incomodava, mas, ali, Di não tinha certeza se queria ouvir sobre a vez em que Jenny se envenenou... Acidentalmente, é claro... Ao tomar o remédio errado. Jenny contava a agonia do ocorrido em detalhes, só que foi vaga ao explicar como não morreu. Disse que “perdera a consciência” e que o médico conseguiu arrancá-la das garras da morte.

– Nunca mais fui a mesma, desde então. Di Blythe, o que você tanto olha?

Não acho que você estava me ouvindo.

– Ah, estava sim – disse ela, sentindo-se culpada. – Creio que você teve uma vida maravilhosa, Jenny. Agora, olhe só a paisagem.

– Paisagem? O que é uma paisagem?

– Ora essa... É algo que se admira. Isso... – disse, apontando para o panorama dos prados e a colina envolta em nuvens diante delas, com o safira do mar despontando entre as colinas.

Jenny fungou desdenhosamente.

– É só um monte de árvores velhas e vacas. Já vi uma centena de vezes. Você é muito peculiar às vezes, Di Blythe. Não quero ferir seus sentimentos, mas, às vezes, acho que você não é muito normal. Enfim, suponho que seja algo inevitável. Dizem que a sua mãe também é meio delirante. Bem, essa é a nossa casa.

Di olhou para a casa de Penny e vivenciou o primeiro choque de decepção. Aquela era a “mansão” da qual falara? Era grande, absolutamente, e tinha cinco janelas projetadas para fora, todavia precisava urgentemente de pintura nova e faltava boa parte dos “adornos de madeira”. A varanda estava em péssimas condições, e o que fora um dia um lindo vitral semicircular em cima da porta agora encontrava-se quebrado. As cortinas estavam tortas, havia vários painéis de papel-pardo, e o lindo “arvoredo de bétulas” consistia em algumas árvores velhas, finas e tortuosas. Os celeiros caíam aos pedaços, o quintal estava repleto de maquinário antigo e enferrujado, e o jardim era uma verdadeira selva de ervas daninhas. Di nunca vira um lugar como aquele, e pela primeira vez lhe ocorreu se todas as histórias da Jenny eram verdadeiras. Será que era possível alguém ter escapado tanto da morte, mesmo em nove anos, como ela dizia?

Por dentro, não era muito melhor. A sala pela qual Jenny a fez passar estava empoeirada e cheirava mal. O teto estava desbotado e repleto de rachaduras. A famosa lareira era apenas pintada, até Di conseguia notar, e adornada por um horrível xale japonês, preso por uma fileira de xícaras bigodeiras¹⁸. As cortinas de renda velhas eram de uma cor horrível e estavam repletas de buracos. As persianas eram de papel azul, amassado e com rasgos, com o desenho de um grande vaso repleto de rosas. Quanto à sala, que supostamente era cheia de corujas empalhadas, continha uma pequena cristaleira em um canto com três pássaros desgrehados, um deles sem os dois olhos. Para Di, acostumada com a beleza e a dignidade de Ingleside, a sala parecia saída de um pesadelo. O curioso, contudo, era que Jenny não parecia ciente das discrepâncias entre suas descrições e a realidade. Di cogitou a hipótese de ter sonhado que Jenny lhe contara tudo aquilo.

As coisas não eram tão ruins nos fundos. A casinha que o senhor Penny construía entre algumas árvores em um canto parecia uma casa real em miniatura e era muito interessante, e os porquinhos e o novo potro eram mesmo adoráveis. Quanto à ninhada de cachorrinhos, eram tão peludos e graciosos que poderiam pertencer à família Vere de Vere¹⁹. Um deles era

especialmente fofo, com longas orelhas marrons e uma mancha branca na testa, uma língua rosa pequenina e patinhas brancas. Di ficou amargamente desapontada quando descobriu que todos já estavam prometidos.

– Mesmo que não estivessem, não sei se poderíamos lhe dar um – disse Jenny. – O tio é muito criterioso para onde ele manda seus cachorros.

Ouvimos dizer que nenhum cão fica muito tempo em Ingleside. Vocês devem ter algo incomum. O tio disse que os cachorros conseguem ver coisas que nós não podemos.

– Tenho certeza de que não temos nada de ruim – exclamou Di.

– Bem, espero que não. O seu pai é cruel com a sua mãe?

– Não, é claro que não!

– Bem, ouvi dizer que ele bate nela até ela gritar. É claro que não acreditei. Não são horríveis as mentiras que as pessoas contam? Enfim, sempre gostei de você, Di, e sempre estarei do seu lado.

Di teve a impressão de que deveria sentir-se grata, mas não foi o que aconteceu. Ela começou a sentir-se muito deslocada, e muito do glamour que Jenny imbuíra em seus contos havia desaparecido. Ela não sentiu a mesma empolgação de antes ao ouvir como ela quase se afogara ao cair em uma represa. Ela não acreditou... Jenny simplesmente imaginava aquelas coisas. E provavelmente também tinha imaginado o tio milionário, o anel de um milhão de dólares e a missionárias e os leopardos. O ânimo de Di murchou como um balão.

Ainda havia a avó. A avó provavelmente era real. Quando Di e Jenny voltaram para casa, a tia Lina, uma senhora de farto busto e bochechas vermelhas com um vestido de algodão estampado não muito limpo, disse que a avó queria ver a visitante.

– A vovó está confinada na cama – explicou Jenny. – Sempre levamos as visitas para conhecê-la. Ela fica brava se não fazemos isso.

– Não se esqueça de perguntar da dor nas costas – avisou a tia Lina. – Ela odeia quando as pessoas não se lembram das costas dela.

– E do tio John – disse Jenny. – Não se esqueça de perguntar como vai o tio John.

– Quem é o tio John? – perguntou Di.

– Um filho dela que morreu cinquenta anos atrás – explicou a tia Lina. – Ficou doente por anos antes de morrer, e a vovó meio que se acostumou com as pessoas perguntando dele. Ela sente falta disso.

A porta do quarto da avó, Di subitamente retrocedeu. De repente, ela sentiu um medo terrível daquela senhora incrivelmente idosa.

– Qual é o problema? – exigiu Jenny. – Ninguém vai morder você!

– Ela... Ela realmente nasceu antes do dilúvio, Jenny?

– Claro que não. Quem disse isso? Ela fará cem anos se viver até o próximo aniversário, no entanto. Venha!

Di entrou, com cautela. Em um quarto pequeno e bagunçado, a avó estava deitada em uma cama enorme. Seu rosto, inacreditavelmente enrugado, parecia o de um macaco velho. Ela olhou para Di com um par de olhos fundos e avermelhados e disse com afronta:

– Não me encare. Quem é você?

– Esta aqui é Diana Blythe, vovó – respondeu Jenny... Uma Jenny muito obediente.

– Rá! Que nome mais ressoante. Disseram-me que a sua irmã é muito orgulhosa.

– Nan não é orgulhosa – exclamou Di, com um lampejo de caráter. Será que a Jenny tinha falado mal da Nan?

– Que atrevida você, não? Não fui criada para responder para os mais velhos. Ela é orgulhosa. Pessoas que andam com o nariz empinado, como a jovem Jenny me contou, são orgulhosas. Que petulância! Não me contradiga.

A avó parecia tão brava que a Di prontamente perguntou sobre as costas dela.

– Quem disse que eu tenho costas? Que presunção! Minhas costas são problema meu. Venha aqui... Aproxime-se da minha cama!

Di aproximou-se, desejando estar a mil quilômetros de distância. O que aquela velha intratável iria fazer com ela?

A avó agarrou-se à beirada da cama e colocou a mão que parecia uma garra nos cabelos de Di.

– Tem uma cor que lembra a de uma cenoura, mas é muito macio. Que lindo vestido! Levante-o e me mostre a sua anágua.

Di obedeceu, grata por estar usando a anágua branca com o bordado de renda que a Susan fez. Não obstante, que tipo de família era aquela, que obrigava você a mostrar sua anágua?

– Sempre julgo uma garota pelas anáguas – disse a idosa. – A sua passa. Agora, a calcinha.

Di não ousou recusar. Ela ergueu as anáguas.

– Rá! Também é de renda. Que extravagância. E você nunca perguntou do John!

– Como ele está? – arfou Di.

– Como ele está, disse a descarada. Ele poderia estar morto, se dependesse da sua consideração. Diga-me, é verdade que a sua mãe tem um dedal de ouro... De ouro maciço?

– É verdade, sim. O papai deu de presente de aniversário para ela no ano passado.

– Bem, eu jamais teria acreditado. Foi o que a jovem Jenny me contou, mas não dá para acreditar em uma palavra do que ela diz. Um dedal de ouro maciço! Nunca tinha ouvido falar disso. Bem, é melhor vocês irem comer. Isso nunca sai de moda. Jenny, erga os calções. Uma das pernas está aparecendo por baixo do vestido. Tenhamos um pouco de decência.

– Meus calções não estão aparecendo! – disse Jenny, indignada.

– Calções para a família Penny e calcinhas para os Blythe. É a distinção entre vocês, e sempre será. Não me contradiga.

A família Penny inteira estava reunida para o jantar na grande cozinha. Di não conhecia nenhum dos outros além da tia Lina, e ao olhar ao redor da mesa, ela compreendeu por que a mamãe e a Susan não queriam que ela fosse até aquela casa. A toalha de mesa estava rasgada e repleta de manchas antigas de molho. Os pratos eram uma coleção sortida. Quanto aos Penny... Di nunca havia se sentado à mesa com pessoas assim e desejou estar em segurança em Ingleside. Só que agora ela teria que aguentar até o final.

O tio Ben, como Jenny o chamava, sentava-se na cabeceira da mesa. Ele tinha uma barba flamejante e uma cabeça quase calva, com cabelos grisalhos. O irmão solteiro dele, Parker, magro e com a barba por fazer, se ajeitara em um ângulo conveniente para poder cuspir na caixa de madeira, coisa que fazia a intervalos frequentes. Os meninos, Curt, de 12 anos, e George Andrew, de 13, tinham olhos celestes sem brilho e agressivos, e era possível ver a pele deles pelos buracos nas camisas surradas. A mão de Curt, que ele cortara em uma garrafa quebrada, estava enfaixada com um pano sujo de sangue. Annabel Penny, de 11 anos, e “Gert” Penny, de 10, eram duas garotas muito bonitas, de olhos redondos e castanhos. “Tuppy”, que tinha 2 anos, tinha cachinhos lindos e bochechas rosadas, e o bebê de olhos negros e vivazes no colo da tia Lina seria adorável se estivesse limpo.

– Curt, por que não limpou as unhas se sabia que teríamos visitas? – exigiu saber Jenny. – Annabel, não fale com a boca cheia. Sou a única que

tenta ensinar bons modos a esta família – explicou para Di em voz baixa.

– Cale-se – disse o tio Ben com uma voz retumbante.

– Eu não vou me calar... Você não manda em mim! – gritou Jenny.

– Não responda para o seu tio – disse a tia Lina placidamente. – Vamos, garotas, comportem-se como damas. Curt, passe as batatas para a senhorita Blythe.

– Ah, senhorita Blythe – riu Curt entredentes.

Diana ao menos teve um momento emocionante: pela primeira vez na vida, ela foi chamada de senhorita Blythe.

Por algum milagre, a comida era boa e abundante. Di, que estava faminta, teria desfrutado do jantar, embora odiasse usar uma xícara lascada, e se tivesse certeza de que ela estava limpa, e se todo mundo não tivesse brigado tanto. Brigas explodiam a todo momento: entre George Andrew e Curt, entre Curt e Annabel, entre Gert e Jen, até entre o tio Ben e a tia Lina. Os dois tiveram uma discussão horrível e fizeram acusações mordazes um para o outro. A tia Lina jogou na cara dele todos os ótimos homens com quem poderia ter se casado, e o tio Ben disse que desejava que ela tivesse se casado com qualquer um, menos ele.

“Seria horrível se meu pai e minha mãe brigassem desse jeito”, pensou Di.

“Ah, se ao menos eu estivesse em casa!”

– Não chupe o dedão, Tuppy.

Ela disse isso sem pensar. Eles tiveram dificuldades para fazer Rilla abandonar o hábito de chupar o dedão.

Curt ficou instantaneamente vermelho de raiva.

– Deixe-o em paz – gritou. – Ele pode chupar o dedo se quiser! Ninguém manda na gente como mandam em vocês, crianças de Ingleside. Quem você pensa que é?

– Curt, Curt! A senhorita Blythe pensará que você não tem modos – disse a tia Lina. Ela voltou a ficar calma e a sorrir, e colocou duas colheres de açúcar no chá do tio Ben. – Não dê ouvidos a ele, querida. Coma outra fatia de torta.

Di não queria outra fatia de torta. Ela só queria ir embora... No entanto, não sabia o que fazer.

– Bem – disse o tio Ben, depois de tomar o restante do chá ruidosamente direto do pires –, chega por hoje. Levantar de manhã... Trabalhar o dia inteiro... Ter três refeições e ir para a cama. Que vida!

– O papai adora as piadinhas dele – sorriu a tia Lina.

– Por falar em piadas... Hoje vi o ministro metodista na loja do senhor Flagg. Ele tentou me contradizer quando eu disse que Deus não existe. “Você fala nos domingos”, eu disse. “Agora é a minha vez. Prove que Deus existe.” “É você que tem a palavra”, disse ele. Todos riram feito bobos. E eu achei que ele era esperto.

Deus não existe! O chão abriu-se debaixo dos pés dela. Di queria chorar.

Xícaras de origem do século XIX com uma borda semicircular e vazada na parte interior, com o intuito de deixar o líquido passar enquanto protege o lábio superior da pessoa. (N. T.)

Referência ao poema *Lady Clara Vere de Vere*, do poeta britânico Alfred Tennyson (1850-1892), sobre uma dama pertencente a uma família de aristocratas. (N. T.)



CAPÍTULO 29

As coisas pioraram depois do jantar. Antes, pelo menos, Di e Jenny estavam sozinhas. Agora havia uma multidão. George Andrew a agarrou pelo braço e a jogou em uma poça de lama antes que ela pudesse escapar. Di nunca fora tratada assim antes. Jen e Walter a provocavam, assim como Ken Ford, mas ela nunca tinha visto garotos como aqueles.

Curt lhe ofereceu um pedaço de goma de mascar, que tinha acabado de tirar da boca, e ficou furioso quando ela recusou.

– Vou jogar um rato vivo em você! Espertalhona! Metidinha! Seu irmão é um maricas!

– Walter não é maricas! – disse Di. Ela estava aterrorizada, mas não iria permitir que o Walter fosse ofendido.

– Ele é. Ele escreve poesia. Sabe o que eu faria se tivesse um irmão que escrevesse poesia? Eu o afogaria, como se fosse um filhote de gato.

– Por falar nisso, tem um monte de gatos selvagens no celeiro – disse Jen.

– Vamos caçá-los.

Di simplesmente não iria caçar gatinhos com aqueles garotos e disse não.

– Temos um monte de gatinhos em casa. Temos onze – disse com orgulho.

– Não acredito! – gritou Jen. – É mentira! Ninguém tem onze gatos. Não é possível.

– Uma gata teve cinco filhotes e a outra, seis. E não vou ao celeiro. Eu caí da parte de cima do celeiro da Amy Taylor no inverno passado. E teria morrido se não tivesse caído em um monte de palha.

– Bem, eu *tinha caído* do celeiro certa vez, se o Curt não tivesse me segurado – disse Jen, emburrada. Ninguém tinha o direito de cair do celeiro além dela. Di Blythe, tendo aventuras! Que impertinência!

– O certo é “teria” – disse Di. E naquele momento, estava tudo acabado entre ela e Jenny.

De alguma forma, ela ainda tinha que enfrentar a noite. Eles foram para cama tarde da noite, porque ninguém naquela família dormia cedo. Às dez e meia, Jenny a levou para um quarto grande com duas camas. Annabel e Gert estavam se aprontando para se deitarem em uma delas. Di olhou para a outra. Os travesseiros estavam muito desmantelados. A colcha precisava ser lavada urgentemente. O papel de parede... O famoso papel de parede com “papagaios”... Tinha manchas de umidade, e nem os papagaios se pareciam com papagaios. Sobre uma mesinha ao lado da cama havia uma jarra de granito e uma bacia de latão cheio até a metade de água suja. Ela não poderia lavar o rosto ali. Bem, pela primeira vez, ela teria que ir dormir sem lavar o rosto.

Quando Di levantou-se depois de fazer as orações, Jenny riu.

– Ora, como você é antiquada. Você parece tão engraçada e beata fazendo suas preces. Não sabia que ainda há gente que reza. Isso não serve para nada. Para que você faz isso?

– Tenho que salvar a minha alma – disse Di, citando a Susan.

– Eu não tenho alma – zombou Jenny.

– Talvez, mas eu tenho.

Jenny olhou para ela. Só que o encanto nos olhos dela havia se rompido.

Di jamais voltaria a sucumbir a ele.

– Você não é a garota que eu achei que fosse, Diana Blythe – disse Jenny com tristeza, como se tivesse sido traída.

Antes que Di pudesse responder, George Andrew e Curt entraram correndo no quarto. George Andrew estava usando uma máscara... Uma coisa grotesca, com um nariz enorme. Di gritou.

– Não grite assim, como um porco preso em um portão – ordenou George Andrew. Você precisa nos dar um beijo de boa-noite.

– Se não, vamos te trancar naquele armário que está cheio de ratos – disse Curt.

George Andrew avançou na direção de Di, que gritou novamente e retrocedeu. Ela sabia muito bem que se tratava do garoto por trás da máscara e não teve medo; só que ela sentia que morreria se aquela máscara horrorosa se aproximasse... Ela não tinha dúvidas. Quando o nariz assustador estava prestes a tocar o rosto dela, Di tropeçou em um banquinho e caiu para trás, batendo a cabeça na cama de Annabel. Por um instante ela se sentiu atordoada e permaneceu deitada de olhos fechados.

– Ela morreu... Ela morreu! – exclamou Curt e começou a chorar.

– Ah, se for verdade, você vai levar uma surra, George Andrew! – disse Annabel.

– Talvez ela esteja só fingindo – disse Curt. – Coloque uma minhoca nela. Tenho algumas nessa lata. Se for mentira, ela vai reagir.

Di ouviu tudo, todavia estava apavorada demais para abrir os olhos. (Talvez eles fossem embora e a deixassem sozinha se achassem que ela estava morta. Mas se colocassem uma minhoca nela...)

– Espete-a com uma agulha. Se ela sangrar, quer dizer que não está morta – disse Curt.

(Ela podia suportar uma agulha, não uma minhoca.)

– Ela não morreu... Ela não pode estar morta – sussurrou Jenny. Você só lhe deu um baita susto. Se ela voltar a si, vai gritar até não poder mais, e o tio Ben virá aqui e vai nos dar a maior surra. Quem dera eu nunca tivesse convidado essa medrosa!

– Será que não podemos carregá-la até a casa dela antes de recobrar os sentidos? – sugeriu George Andrew.

(Ah, se ao menos fosse possível!)

– Não... É longe demais – disse Jenny.

– É menos de meio quilômetro, cortando caminho pelos campos. Cada um carrega um braço ou uma perna... Você, Curt, Annabel e eu.

Ninguém além dos Penny teria concebido tal ideia ou cogitado realizá-la. Entretanto, eles estavam acostumados a fazer o que desse na telha, e uma surra do chefe da casa era algo a ser evitado a todo custo. O pai não era exigente com eles até certo ponto; além disso... Boa noite!

– Se ela acordar durante o caminho, vamos sair correndo – disse George Andrew.

Não havia o menor perigo que Di recobrasse a consciência. Ela estremeceu de alegria quando sentiu que estava sendo erguida pelos quatro.

Sem fazer barulho, eles desceram as escadas, saíram da casa, cruzaram o quintal e o grande campo de trevos, atravessaram o bosque e desceram a colina. Duas vezes tiveram que colocá-la no chão para descansarem. Agora

tinham certeza absoluta de que ela estava morta, e tudo o que queriam era levá-la para casa sem serem vistos. Pela primeira vez na vida, Jenny Penny rezava, para que ninguém na vila estivesse acordado. Se conseguissem levar Di Blythe até Ingleside, eles jurariam que a menina sentiu tanta saudade de casa que insistiu em ir embora. O que aconteceria depois não seria da conta deles.

Di ousou abrir os olhos assim que os ouviu tramando o plano. O mundo adormecido ao redor dela era muito diferente. Os abetos pareciam escuros e estranhos. As estrelas riam dela. (“Não gosto de um céu tão grande. Se aguentar um pouco mais, logo estarei em casa. Se descobrirem que não estou morta, eles simplesmente me deixarão aqui, e eu nunca chegarei em casa nessa escuridão.”)

Assim que largaram Di na varanda de Ingleside, os Penny correram como loucos. Di não estava com pressa para voltar à vida, mas aventurou-se a abrir os olhos. Sim, ela estava em casa. Era quase bom demais para ser verdade. Di tinha sido uma menina muito, muito levada, e tinha certeza de que jamais faria isso de novo. Ela sentou-se, e o Camarão subiu os degraus sorrateiramente e se esfregou nela, ronronando. Di o abraçou. Que quentinho e amigável! Ela achava que não conseguiria entrar... Sabia que Susan trancava as portas quando o papai saía e não ousaria acordar Susan àquela hora. Porém, isso não importava. A noite de junho estava fria, mas ela iria se deitar no balanço junto com o Camarão, sabendo que, pertinho dela, atrás daquelas portas trancadas, estavam Susan, os garotos, a Nan... E o lar dela.

Como o mundo era estranho após o escurecer! Ela era a única que estava acordada? As grandes rosas brancas ao lado dos degraus pareciam pequenos rostos humanos. O aroma de hortelã era como um amigo. Vagalumes surgiam aqui e ali no pomar. No fim das contas, ela iria poder se gabar que havia “passado a noite inteira fora”.

Contudo, não era para ser. Duas figuras atravessaram o portão e despontaram do escuro. Gilbert deu a volta pelos fundos e tentou abrir a janela da cozinha; Anne subiu os degraus da varanda e olhou atônita para a pobre criaturinha sentada ali, com o gato no colo.

– Mamãe... Ah, mamãe! – Ela estava a salvo, nos braços da mãe.

– Di, meu amor! O que aconteceu?

– Ah, mamãe, foi horrível... Estou tão arrependida! E você estava certa. E a vó é tão desagradável... Eu achei que vocês só voltariam para casa amanhã.

– O papai recebeu um telefonema de Lowbridge... Eles terão que operar a senhora Parker amanhã, e o doutor Parker quer que ele esteja lá. Por isso nós pegamos o trem da noite e viemos caminhando da estação até aqui. Agora, conte-me...

Di já tinha terminado de contar toda a história quando Gilbert abriu a porta da frente. Ele achou que tinha feito uma entrada silenciosa, mas Susan tinha a audição de um cão de guarda no que dizia respeito à segurança de

Ingleside. Ela desceu as escadas mancando, com um xale sobre a camisola. Seguiram-se exclamações e explicações, que Anne precisou interromper.

– Ninguém está te culpando, Susan. Di foi muito travessa e sabe disso, e creio que já foi punida. Sinto muito incomodá-la... Volte já para a cama. O doutor vai dar uma olhada no seu tornozelo.

– Eu não estava dormindo, querida senhora. Acha que eu conseguiria, sabendo onde aquela bendita menina estava? Mancando ou não, vou preparar uma xícara de chá para vocês dois.

– Mamãe – disse Di, deitada no próprio travesseiro branco –, o papai é cruel com você?

– Cruel? Comigo? Por que a pergunta, Di?

– Foi o que disseram os Penny... Que ele bate em você...

– Filha, agora você já sabe quem são os Penny, então não preocupe a sua cabecinha com o que eles disserem. Sempre há alguma fofoca maliciosa pairando por aí, inventadas por pessoas como eles. Nunca dê ouvidos a elas.

– Você vai me dar umas palmadas de manhã, mamãe?

– Não. Acho que você aprendeu a sua lição. Agora durma, meu bem.

“A mamãe é tão sensata”, foi o último pensamento consciente de Di.

Susan, deitada tranquilamente na cama, com o tornozelo enfaixado com destreza, disse para si mesma: “Tenho que procurar o pente fino amanhã de manhã... E quando me deparar com a distinta senhorita Jenny Penny, vou lhe dar uma sessão de limpeza de piolhos da qual jamais se esquecerá”.

Jenny Penny não recebeu a limpeza prometida, pois nunca mais apareceu na escola de Glen. Ela passou a frequentar a escola de Mowbray Narrows com os outros Penny, de onde chegavam rumores de suas histórias. Uma delas era sobre a Di Blythe, que morava em um “casarão” de Glen St. Mary, mas que ia sempre posar na casa dela; certa vez a menina desmaiou e Jenny Penny precisou levá-la embora nas costas, sozinha e sem ajuda, à meia-noite. Os moradores de Ingleside se ajoelharam e beijaram as mãos dela por gratidão, e o próprio doutor a levou embora na charrete guarnecida de franjas, guiada pelo famoso plantel de cavalos cinzentos. “E se houver algo que eu possa fazer por você, senhorita Penny, por sua bondade para com a minha amada filha, é só dizer. Meu próprio coração não seria suficiente para recompensá-la. Eu iria até a África equatorial para retribuir o seu feito”, jurara o doutor.



CAPÍTULO 30

– Eu sei algo que você não sabe, você não sabe, você não sabe... – cantarolou Dovie Johnson enquanto se balançava na beira do cais.

Era a vez de Nan de estar sob os holofotes, de contar uma história sobre Ingleside no jogo do “você se lembra?”. Até o dia da morte, Nan ficaria ruborizada ao lembrar-se disso. Ela tinha sido tão tola!

Nan estremeceu de medo ao ver Dovie equilibrando-se, por mais que aquilo também a fascinasse. Tinha certeza de que Dovie despencaria em algum momento, e aí o que ela iria fazer? Só que a amiga nunca caía. A sorte dela nunca falhava.

Tudo que Dovie fazia, ou dizia que fazia – o que talvez fossem duas coisas muito diferentes, embora Nan fosse inocente e crédula demais para perceber isso devido à criação em Ingleside, onde mentiras não eram contadas nem de brincadeira – fascinava Nan. Dovie, que tinha 11 anos e sempre vivera em Charlottetown, conhecia muito mais coisas do que a Nan, que tinha apenas 8 anos. Dovie dizia que Charlottetown era o único lugar onde as pessoas tinham certo nível de conhecimento. O que poderia saber alguém que vivia confinado em um fim-de-mundo como Glen St. Mary?

Dovie estava passando parte das férias com a tia Ella em Glen, e as duas se tornaram amigas íntimas apesar da diferença de idade. Talvez porque Nan admirasse Dovie, que parecia quase adulta para a mais nova, com a mesma adoração que reservamos para nossos superiores... Ou aqueles que assim julgamos. Dovie gostava do seu satélite humilde e devoto.

– Nan Blythe é uma boa pessoa... Ela só é meio bobinha – Dovie comentou com a tia Ella.

Os olhos zelosos de Ingleside não viam nada de errado com Dovie, mesmo que a mãe dela fosse prima dos Pye de Avonlea, refletiu Anne, e não fizeram objeções à amizade entre as duas, ainda que Susan desconfiasse daqueles intensos olhos verdes e dos cílios loiros claros. Mas o que ela

poderia fazer? Dovie tinha “modos”, vestia-se bem, comportava-se como uma dama e não falava muito. Ela iria embora quando as aulas recomeçassem e certamente não demonstrara nenhum motivo para o pente fino.

Assim, Nan e Dovie passavam a maior parte do tempo livre juntas no cais, onde geralmente havia um ou outro barco com as velas arriadas. Naquele agosto, Nan quase não apareceu no Vale do Arco-Íris. As outras crianças de Ingleside não simpatizavam muito com Dovie, e o sentimento era recíproco. Pelo visto, Dovie gostava de pregar peças. Talvez fosse por isso que nenhuma das outras garotas de Glen tentasse tirá-la de Nan.

– Ah, por favor, conte para mim – implorou Nan.

Dovie apenas deu uma piscadela maliciosa e disse que Nan era jovem demais para saber, o que era enlouquecedor.

– Por favor, Dovie.

– Não posso. A tia Kate me contou em segredo, e ela já morreu. Agora sou a única pessoa do mundo que sabe disso. Prometi que não contaria a ninguém. Você acabaria contando... Não conseguiria evitar.

– Não vou contar... Eu sei guardar segredo!

– Dizem que vocês de Ingleside contam tudo um para o outro. Susan arrancaria a verdade de você em pouco tempo.

– Não. Eu sei de muitas coisas que nunca contei para Susan. Segredos.

Contarei os meus, se você contar o seu.

– Ah, não estou interessada nos segredos de uma garotinha – disse Dovie.

Que ofensa! Nan adorava os segredinhos que guardava: as cerejeiras silvestres que havia encontrado no bosque atrás do celeiro do senhor Taylor; o sonho que teve com uma fadinha branca sobre uma vitória régia no pântano; seu devaneio de um barco que atracava no porto ao amanhecer, arrastado por cisnes presos a correntes de prata; a história que começara a tecer sobre a bela dama que vivia na velha casa dos MacAllister. Eram todos maravilhosos e mágicos para Nan. Depois de pensar melhor, ela ficou contente por não tê-los revelado a Dovie.

Mas o que será que Dovie sabia que ela não sabia? A curiosidade atormentava Nan como se fosse um mosquito.

No dia seguinte, Dovie voltou a referir-se ao segredo.

– Andei pensando, Nan... Talvez eu deva contar, já que é sobre você. É óbvio que a tia Kate quis dizer que eu não deveria contar a ninguém que não

fosse a pessoa em questão. Ouça, se me der o seu cervo de porcelana, eu contarei o que sei sobre você.

– Ah, não posso fazer isso, Dovie. Foi presente da Susan no meu último aniversário. Ela ficaria profundamente magoada.

– Tudo bem, então. Se prefere ficar com aquele cervo velho em vez de descobrir algo importante sobre você, que seja. Não me importo. Prefiro guardar segredo. Gosto de saber de coisas que as outras garotas não sabem. Sinto-me importante. Vou olhar para você no próximo domingo na igreja e pensar: “Se ao menos soubesse o que sei sobre você, Nan Blythe...” Vai ser divertido.

– É algo bom? – quis saber Nan.

– Ah, é muito romântico... Como essas coisas que lemos nos livros. Mas, não importa. Você não está interessada, e eu sei o que sei.

Nan já estava louca de curiosidade. A vida não teria sentido se ela não desvendasse o mistério que Dovie conhecia. De súbito, ela teve uma inspiração.

– Dovie, não posso lhe dar meu cervo, mas, se você contar o que sabe sobre mim, eu lhe darei minha sombrinha vermelha.

Os olhos verdes da Dovie se iluminaram. Ela morria de inveja daquela sombrinha.

– A sombrinha vermelha nova que a sua mãe comprou na cidade na semana passada? – barganhou a menina.

Nan assentiu com a cabeça. Sua respiração acelerou-se. Será que... Ah, será que Dovie contaria mesmo o segredo?

– A sua mãe vai deixar? – quis saber Dovie.

Nan assentiu novamente, agora com hesitação. Ela não tinha tanta certeza. Dovie pôde sentir a indecisão.

– Você terá de trazer a sombrinha aqui antes que eu conte – disse com firmeza. – Sem a sombrinha, nada de segredo.

– Trarei amanhã – Nan apressou-se em dizer. Ela precisava descobrir o que a Dovie sabia sobre ela; nada mais importava.

– Bem, vou pensar nisso – respondeu, duvidosa. – Não tenha muitas esperanças. Eu não deveria contar, na verdade. Você é muito nova... Já disse isso várias vezes.

– Estou mais velha do que era ontem – implorou Nan. – Ora, vamos, Dovie, não seja má.

– Tenho o direito de não contar, se eu quiser – afirmou Dovie categoricamente. – Você contaria para a Anne... É sua mãe...

– Eu sei muito bem o nome da minha mãe – disse Nan, indignada. Com segredo ou sem segredo, limites eram limites. – Já falei que não vou contar para ninguém em Ingleside.

– Seria capaz de jurar?

– Jurar?

– Não banque o papagaio. É óbvio que eu perguntei se você prometeria solenemente.

– Prometo solenemente.

– Mais solenemente.

Nan não sabia como poderia ser ainda mais solene. Seu rosto exibia o ápice da concentração.

– Junte as mãos, olhe para o céu e jure pela sua vida – disse Dovie.

Nan fez o ritual.

– Traga a sombrinha amanhã, e então veremos – disse Dovie. – O que a sua mãe fazia antes de se casar, Nan?

– Ela era professora... E uma ótima professora – disse Nan.

– Bem, só perguntei por curiosidade. Minha mãe acha que foi um erro o seu pai ter se casado com ela. Ninguém sabe nada da sua família. E as garotas que poderia ter tido, disse a mamãe. Bom, tenho que ir. *Revuá*.

Nan sabia que aquilo queria dizer “até amanhã”. Ela se orgulhava de ter uma amiga que falava francês. Ela continuou sentada no cais por um bom tempo depois que a Dovie foi para casa. Ela gostava de ficar sentada ali, vendo os barcos de pesca indo e vindo, e às vezes um navio zarpava do porto, com destino a terras distantes e fantásticas. Assim como Jem, ela com frequência desejava poder viajar para longe, cruzar o porto azul, atravessar a barreira de dunas escuras, deixar para trás o farol onde o fecho de luz giratório de Four Winds se transformava em um posto avançado de mistérios... Para longe, em direção à névoa azul que era o golfo no verão... Para longe, rumo a ilhas encantadas em mares de manhãs douradas. Nan voava por todo o mundo nas asas da imaginação, sentada ali, no velho cais.

Naquela tarde, porém, ela estava muito ansiosa por causa do segredo de Dovie. Será que Dovie o revelaria mesmo? O que era? O que poderia ser? E aquelas garotas com quem o papai poderia ter se casado? Nan gostava de especular sobre essas outras garotas. Alguma delas poderia ter sido mãe

dela. Aquele era um pensamento terrível. Ninguém poderia ser a mãe dela além da mamãe. Aquilo era inconcebível.

– Não acho que a Dovie Johnson vai me contar o segredo – confidenciou Nan para a mãe naquela noite, na hora do beijo de boa-noite. – É claro que não poderei contar nem para você, mamãe, porque prometi que não o faria. Você não vai se importar, não é mesmo?

– De forma alguma – disse Anne, divertindo-se com a situação.

Nan levou a sombrinha quando foi até o cais no dia seguinte. “A sombrinha é minha”, disse Nan para si mesma. Tinha sido um presente, e como era dela, tinha todo o direito de fazer o que quisesse com ela. Depois de aquietar a consciência com esse sofisma, ela saiu sem ser vista. Doía abrir mão da estimada sombrinha, mas a curiosidade para descobrir o que Dovie sabia havia se tornado irresistível.

– Aqui está a sombrinha, Dovie – disse, sem alento. – Agora, conte-me o segredo.

Dovie ficou realmente surpresa. Ela não pretendia que as coisas chegassem tão longe... Não acreditou que a mãe da Nan Blythe iria permitir que ela desse a sombrinha vermelha. Dovie comprimiu os lábios.

– Não sei se esse tom de vermelho vai combinar com a minha complexão, afinal. É um pouco espalhafatoso. Acho que não vou contar.

Nan tinha um caráter forte, e Dovie não a havia subjugado ao ponto da submissão cega. Nada mexia tanto com ela quanto a injustiça.

– Um acordo é um acordo, Dovie Johnson! Você disse que contaria o segredo em troca da sombrinha. Pois aqui está ela, e você precisa manter a promessa.

– Ah, tudo bem, então – disse Dovie, em um tom entediado.

Tudo se aquietou de repente. As rajadas de vento cessaram. A água parou de gorgolejar ao redor das pilastras do cais. Nan estremeceu, extasiada. Ela finalmente descobriria o que Dovie sabia.

– Você conhece o Jimmy Thomas, de Harbour Mouth, não? O Jimmy “Seis-Dedos” Thomas?

Nan assentiu. Claro que ela conhecia o Thomas... Pelo menos, já tinha ouvido falar dele. O Thomas Seis-Dedos às vezes aparecia em Ingleside vendendo peixe. Susan dizia que nunca dava para saber se a mercadoria dele era boa. Nan não gostava da aparência dele. Ele era calvo, com um chumaço de cabelos brancos encaracolados de cada lado da cabeça e um nariz vermelho e encurvado. Mas o que será que ele tinha a ver com o assunto?

– E você conhece a Cassie Thomas? – prosseguiu Dovie.

Nan vira a Cassie Thomas uma vez, quando o Jimmy Seis-Dedos a trouxe consigo na charrete. Cassie tinha por volta da mesma idade que ela, cachos ruivos e olhos esverdeados audazes. Ela mostrara a língua para Nan.

– Bem... – Dovie respirou fundo... – Essa é a verdade: você é a Cassie Thomas, e ela é a Nan Blythe.

Nan encarou Dovie. Ela não fazia ideia do que ela queria dizer. Aquilo não fazia nenhum sentido.

– Eu... Como assim?

– É muito simples, eu acho – disse Dovie com um sorriso condescendente.

Já que tinha sido forçada a dizer aquilo, ela iria fazer valer a pena. – Vocês duas nasceram na mesma noite. Na época, a família Thomas ainda morava em Glen. A enfermeira levou a irmã gêmea da Di até a casa dos Thomas, colocou-a no berço e levou você para a mãe da Di. Ela não se atreveu a levar a Di, senão o teria feito. Ela odiava a sua mãe, e fez isso para se vingar. E é por isso que você é na verdade a Cassie Thomas e deveria estar morando em Harbour Mouth, enquanto o lugar da pobre Cass é em Ingleside, e não apanhando daquela madrasta dela. Sinto muita pena dela.

Nan acreditou em cada palavra daquela mentira absurda. Ninguém nunca havia mentido para ela, e nem por um instante duvidou de Dovie. Não lhe ocorreu que qualquer pessoa, até mesmo a sua amada amiga Dovie, poderia ter inventado aquela história. Ela encarou a menina com um olhar angustiado, decepcionado.

– Como... Como a sua tia Kate descobriu? – arfou por entre os lábios secos.

– A enfermeira contou para ela no leito de morte – disse Dovie solenemente. – Suponho que estava com a consciência pesada. A tia Kate não contou para mais ninguém além de mim. Quando fui até Glen e me deparei a Cassie Thomas... Nan Blythe, digo... Dei uma boa olhada nela. Você tem olhos e cabelos castanhos. É por isso que não se parece com a Di...

Gêmeos sempre são idênticos. E a Cass tem o mesmo tipo de orelhas que o seu pai, pequenas e juntas da cabeça. Creio que nada possa ser feito agora. Mas às vezes penso que não é justo você viver tão bem e ser tratada como uma boneca enquanto a pobre Cass... Nan... Veste trapos e não tem o que comer. E o velho Seis-Dedos bate nela quando chega em casa bêbado! Por que você está me olhando desse jeito?

A dor de Nan era maior do que ela podia suportar. Tudo estava terrivelmente claro agora. As pessoas sempre acharam engraçado o fato de Di e ela não serem nem um pouco parecidas. Então era esse o motivo.

– Odeio você por ter me contado isso, Dovie Johnson!

Dovie deu de ombros.

– Eu falei que você não iria gostar, não é mesmo? Foi você que me fez contar. Aonde você vai?

Nan, pálida e atordoada, pôs-se de pé.

– Para casa... Para contar para a mamãe – disse, inconsolável.

– Você não pode! Não se atreva! Lembre-se de que jurou não contar! – exclamou Dovie.

Nan a encarou. Era verdade que ela prometera. E a mamãe sempre dizia para nunca quebrar uma promessa.

Bom, acho que também vou embora – disse Dovie, que não estava gostando nem um pouco da aparência da outra menina.

Ela pegou a sombrinha e saiu correndo, com as pernas gorduchas e brancas destacando-se ao sol sobre o velho cais. Deixava para trás uma criança de coração partido, parada em meio às ruínas do pequeno universo. Dovie não se importava. “Sonsa” não chegava a descrever Nan; não era muito divertido enganá-la. É claro que ela contaria para a mãe assim que chegasse em casa e descobriria que tudo era uma farsa.

– Ainda bem que voltarei para casa no domingo – refletiu Dovie.

Nan permaneceu no cais pelo que parecia ter sido horas... Cega, arrasada, desesperada. Ela não era filha da mamãe! Ela era filha do Jimmy Seis-Dedos... De quem ela sempre tivera um pavor secreto, simplesmente por ter seis dedos. Nan não tinha direito de viver em Ingleside, sendo amada pela mamãe e o papai.

– Ah! – Foi o gemido lastimável dela. A mamãe e o papai não a amariam mais se descobrissem. Todo o amor deles iria para Cassie Thomas. Nan levou a mão à testa. – Estou zonha.



CAPÍTULO 31

– Por que não está comendo, meu anjo? – perguntou Susan durante o jantar.

– Você ficou muito tempo no sol, querida? – perguntou a mamãe, preocupada. – Está com dor de cabeça?

– Si-i-im – disse Nan. – Mas não era a cabeça dela que doía. Ela estava contando uma mentira para a mamãe? Se sim, quantas mais teria de contar? Pois Nan sabia que nunca mais conseguiria comer... Não enquanto soubesse da verdade terrível. E sabia que jamais poderia contar à mãe. Não tanto por causa da promessa... Susan não tinha dito ser melhor quebrar uma promessa ruim do que mantê-la? Era mais por causa da dor que causaria. De alguma forma, Nan sabia sem dúvida nenhuma que isso machucaria sua mãe profundamente. Mamãe não podia... Não deveria... Ser magoada. Nem o papai.

Ainda assim, havia Cassie Thomas. Ela não a chamaria de Nan Blythe. Nan não sabia descrever a sensação ruim de pensar na Cassie Thomas sendo chamada de Nan Blythe. Era como se estivesse sendo apagada da existência. Se ela não era Nan Blythe, ela não era ninguém! Ela se recusava a ser Cassie Thomas.

No entanto, Cassie Thomas a assombrava. Durante uma semana, Nan sentiu-se acossada por ela... Uma semana miserável em que Anne e Susan se preocuparam imensamente com a menina que não comia, não brincava e, como disse Susan, “andava amuada pelos cantos”. Era porque a Dovie Johnson tinha ido embora? Nan disse que não. Nan disse que não era nada. Ela só estava cansada. O papai a examinou e prescreveu um remédio, que ela tomou sem reclamar. Não era tão ruim quanto o óleo de rícino, mas até o óleo de rícino não significava nada agora. Nada tinha importância, exceto Cassie Thomas... E a terrível dúvida que emergira da sua mente confusa e a possuía.

A Cassie Thomas não deveria recuperar seus direitos?

Era justo que ela, Nan Blythe (Nan agarrava-se à identidade freneticamente) tivesse todas as coisas negadas à Cassie Thomas e que eram dela por direito? Não, não era justo. Ela tinha a mais desoladora certeza de que não. Nan tinha um senso de justiça muito forte. E tornava-se cada vez mais pungente o fato de que Cassie Thomas merecia saber a verdade.

Afinal, talvez ninguém fosse se importar muito. A mamãe e o papai ficariam um pouco chateados no início, é claro, mas tão logo descobrissem que a Cassie Thomas era a filha deles, todo o amor iria para ela, e Nan seria esquecida. A mamãe iria beijar Cassie Thomas e cantar para ela nos fins de tarde de verão... A música preferida de Nan:

“Eu vi um barco navegando, navegando no mar

E ah! Ele vinha cheio de coisas lindas para me presentear.”

Nan e Di falavam com frequência do dia em que o barco delas viria.

Agora, porém, as coisas lindas, a parte que lhe pertencia, pelo menos, seria da Cassie Thomas. A menina ficaria com o papel dela de Rainha das Fadas na peça da escola dominical e usaria a deslumbrante tiara de lantejoulas.

Como Nan havia esperado por isso! Susan faria tortinhas de frutas para Cassie Thomas, e Amentilho ronronaria para ela. Cassie Thomas brincaria com as bonecas de Nan na casinha com tapetes de musgo no bosque de bordos, e dormiria na cama dela. Será que Di iria gostar? Ela chamaria Cassie Thomas de irmã?

Havia chegado o dia em que Nan soube que não iria aguentar mais. Ela precisava fazer o certo. Ela iria até Harbour Mouth e contaria aos Thomas a verdade, eles falariam com a mamãe e o papai. Nan simplesmente não conseguiria fazer isso.

Nan sentiu-se um pouco melhor ao tomar essa decisão, mas ficou muito, muito triste. Ela tentou comer um pouco durante o jantar, pois aquela seria sua última refeição em Ingleside.

“Sempre chamarei a mamãe de mamãe”, pensou Nan, desalentada. “E jamais chamarei o Jimmy Seis-Dedos de ‘pai’. Direi ‘senhor Thomas’ com muito respeito. Com certeza ele não se importará.”

Contudo, era como se algo estivesse entalado na garganta. Olhou para Susan, cujo olhar prometia o óleo de rícino. Ela mal sabia que Nan não estaria ali na hora de ir dormir. Cassie Thomas que o tomaria. Era a única coisa da qual a menina não invejava Cassie Thomas.

Nan saiu imediatamente após o jantar. Ela precisava ir antes que escurecesse, do contrário sua coragem falharia. Ela não ousara trocar o vestido de brincar de algodão xadrez, por medo de a Susan ou a mamãe perguntarem o motivo. Além disso, todos os vestidos bonitos dela pertenciam à Cassie Thomas. Mas ela colocou o avental novo que Susan havia feito para ela. Era um belo avental, com as bordas onduladas e bordadas em vermelho vivo. Nan amava aquele avental. Cassie Thomas com certeza não iria ficar brava.

Ela atravessou a vila, passou pela estrada do cais e seguiu em direção ao porto. Era uma figura galante e indômita. Nan não fazia ideia de que era uma heroína. Pelo contrário, sentia muita vergonha de si mesma, pois era muito difícil fazer o que era certo e justo, e muito difícil não odiar Cassie Thomas, muito difícil não temer Jimmy Seis-Dedos, e muito difícil não dar meia-volta e correr para Ingleside.

O céu estava coberto de nuvens baixas. Uma nuvem escura pairava sobre o mar, como um imenso morcego. Relâmpagos inquietos brincavam sobre o porto e as colinas repletas de árvores. O aglomerado de casas dos pescadores em Harbour Mouth estava banhado pela luz rubra que escapava da nuvem. Poças de água aqui e ali reluziam como grandes rubis. Um navio silencioso de velas brancas atravessava as dunas escuras e enevoadas, atendendo o chamado misterioso do oceano; as gaivotas grasnavam estranhamente.

Nan não gostou do cheiro das casas dos pescadores ou dos grupos de crianças sujas que brincavam e lutavam aos berros na areia. Elas olharam com curiosidade para Nan quando ela parou para perguntar onde ficava a casa do Jimmy Seis-Dedos.

– Aquela ali – disse um garoto, apontando. – O que quer com ele?

– Obrigado – disse Nan, virando-se.

– Essas são as suas boas maneiras? – gritou uma garota. – Metida demais para responder uma pergunta civilizada!

O garoto entrou na frente dela.

– Está vendo a casa atrás da dos Thomas? Ali mora uma serpente do mar, e eu vou te trancar nela se não me disser o que quer com o Jimmy Seis-Dedos.

– Vamos, senhorita Orgulhosa – provocou uma garota maior. – Você é de Glen, e todos de lá se acham o máximo. Responda à pergunta do Bill!

– Se não tomar cuidado – disse outro garoto –, vou afogar alguns gatinhos e é muito provável que afogue você também.

– Se tiver uma moeda, te vendo um dente – disse uma garota de sobrancelhas pretas, sorrindo. – Arranquei um ontem.

– Não tenho nenhum dinheiro, e o seu dente não teria serventia nenhuma para mim – disse Nan, juntando um pouco de coragem. – Deixem-me em paz.

– Não fale assim comigo! – disse a garota da sobrancelha preta.

Nan começou a correr. O garoto da serpente do mar colocou o pé na frente e a derrubou. Nan caiu de bruços na areia molhada pela maré. Os outros gargalharam.

– Agora ela não vai mais andar por aí com o nariz empinado – disse a garota das sobrancelhas pretas. – E nem vai vir aqui desfilar com o avental bordado!

Então alguém exclamou:

– O barco do Blue Jack está chegando! – E todos correram. A nuvem escura estava ainda mais baixa, e todas as poças de cor rubi pareciam acinzentadas.

Nan se recompôs. Seu vestido estava ensopado, e as meias sujas; porém, ela estava livre dos torturadores. Será que aqueles seriam seus futuros colegas de brincadeiras?

Ela não deveria chorar... Não podia chorar! Subiu as tábuas de madeira tortas que levavam até a porta do Jimmy Seis-Dedos. Como todas as casas em Harbour Mouth, a do Jimmy Seis-Dedos havia sido construída sobre blocos de madeira para ficar fora do alcance de marés incomumente altas, e o espaço embaixo era um amontoado de pratos quebrados, latas vazias, armadilhas de lagostas antigas, e todo o tipo de lixo. A porta estava aberta, e Nan viu uma cozinha como nunca vira antes. O piso rude estava imundo, e o teto manchado e preto de fumaça. Os restos de uma refeição encontravam-se sobre uma mesa de madeira velha e vacilante, e moscas pretas e gordas amontoavam-se sobre eles. Uma mulher de cabelos grisalhos e emaranhados estava sentada em uma cadeira de balanço com um bebê gorducho... Um bebê cinza de tanta sujeira

“Minha irmã”, pensou Nan.

Não havia sinal de Cassie ou do Jimmy Seis-Dedos; Nan sentiu-se agradecida pela ausência do último.

– Quem é você e o que quer? – disse a mulher grosseiramente.

Ela não a convidou, mas Nan entrou mesmo assim. Começava a chover lá fora, e um trovão fez a casa estremecer. Nan sabia que precisava dizer o que

viera dizer antes de lhe faltar coragem, ou então ela sairia correndo para bem longe daquela casa horrível, daquele bebê horrível e daquelas moscas horríveis.

– Gostaria de ver Cassie, por favor – disse. – Tenho algo importante para lhe contar.

– Não me diga! – disse a mulher. – Deve ser importante, a julgar pelo seu tamanho. Bem, a Cassie não está em casa. O pai dela foi até Upper Glen e a levou junto, e com essa tempestade se aproximando, não dá para saber quando voltará. Sente-se.

Nan sentou-se em uma cadeira quebrada. Ela sabia que os habitantes de Harbour Mouth eram pobres, mas não havia imaginado nada do tipo. A senhora Tom Fitch morava em Glen e era pobre, só que a casa dela era limpa e arrumada como Ingleside. Claro, todo mundo sabia que o Jimmy Seis-Dedos bebia tudo que ganhava. E aquele seria o lar dela dali em diante!

“Enfim, tentarei limpá-lo”, pensou Nan, desolada. Seu coração parecia feito de chumbo. A chama do autossacrifício que a compelira havia se extinguido.

– Por que você quer falar com a Cass? – perguntou a senhora Seis--Dedos com curiosidade, limpando o rosto sujo do neném com um avental ainda mais sujo. – Se for sobre a peça da escola dominical, ela não pode ir e ponto final. Ela não tem nada para vestir. Eu te pergunto, como eu conseguiria comprar uma roupa para ela?

– Não, não é sobre a peça – disse Nan, com seriedade. Era melhor contar à senhora Thomas a história toda. Ela iria ficar sabendo, de qualquer forma. – Vim contar a ela que... que... que ela sou eu, e eu sou ela!

Talvez ela devesse perdoar a senhora Seis-Dedos por não ter considerado aquilo muito lúcido.

– Você deve estar louca – disse ela. – O que diabos isso significa?

Nan ergueu a cabeça. O pior já tinha passado.

– Cassie e eu nascemos na mesma noite e... e... A enfermeira nos trocou porque tinha raiva da minha mãe, e... e... Cassie deveria estar vivendo em Ingleside, tendo todas as vantagens.

A última frase Nan tinha ouvido a professora da escola dominical usar e achou que daria um final digo ao seu péssimo discurso.

A senhora Seis-Dedos a encarou.

– Quem está louca, você ou eu? Isso não faz nenhum sentido. Quem te disse essa asneira?

– Dovie Johnson.

A senhora Seis-Dedos jogou para trás a cabeça despenteada e riu. Estava suja e desarrumada, mas tinha uma risada muito bonita.

– Eu deveria saber. Passei o verão lavando as roupas para a tia dela, e aquela criança é insuportável. Como ela gosta de enganar os outros! Bem, senhorita Não-Sei-o-Seu-Nome, é melhor não acreditar nas balelas da Dovie ou vai se dar mal.

– Quer dizer então que não é verdade? – perguntou Nan, espantada.

– Muito provavelmente. Santo Deus, você deve ser muito ingênua para ter caído nessa. A Cass deve ser um ano mais velha do que você. Qual é o seu nome, afinal de contas?

– Sou Nan Blythe. – Ah, que lindo! Ela era Nan Blythe!

– Nan Blythe! Uma das gêmeas de Ingleside! Ora, eu me lembro da noite em que você nasceu. Eu tinha ido até Ingleside dar um recado, na ocasião. Eu ainda não era casada com o Seis-Dedos... E quem dera não tivesse me casado... A mãe da Cass ainda era viva e saudável, e a menina estava começando a falar. Você se parece com a mãe do seu pai... Ela também estava lá naquela noite, transbordando de orgulho das netas gêmeas. Não consigo entender como você acreditou em uma bravata dessas...

– Tenho o hábito de acreditar nas pessoas – disse Nan, levantando-se com certa altivez, sentindo-se delirantemente feliz para querer afrontar a senhora Seis-Dedos.

– Bem, no mundo em que vivemos, é melhor abandonar esse hábito – disse a senhora Seis-Dedos com cinismo. – E pare de andar com crianças que gostam de enganar você. Sente-se, menina. Não pode ir para casa enquanto esse pé-d'água não parar. Está chovendo canivetes lá fora e está um breu. Ora, foi embora... Ela foi embora!

Nan já havia desaparecido no aguaceiro. Ela chegou em casa em meio à tempestade graças ao júbilo proveniente das revelações da senhora Seis-Dedos. O vento a açoitava, a chuva caía incansavelmente, e os trovões assustadores davam a impressão de que o mundo estava prestes a se partir ao meio. Apenas os clarões azulados dos raios lhe davam vislumbres da estrada. Por fim, chegou em Ingleside, exausta e pingando.

A mãe dela correu e a abraçou.

– Querida, você nos deu um susto! Onde você estava?

– Só espero que o Jem e o Walter não morram de pneumonia por saírem à sua procura na chuva – disse Susan, com a dureza da tensão vivida na voz.

Nan quase foi sufocada. Ela mal conseguia arfar, presa entre os braços da mãe.

– Ah, mamãe, eu sou eu... De verdade. Não sou Cassie Thomas, e nunca mais serei outra pessoa além de mim.

– A coitadinha está delirando – disse Susan. – Deve ter comido algo que não fez bem.

Anne deu um banho em Nan e a colocou na cama, e então ouviu toda a história.

– Ah, eu sou mesmo filha sua, mamãe?

– É claro, querida. Por que você achou que não fosse?

– Nunca achei que Dovie pudesse me contar uma mentira... Não a Dovie. Mamãe, como podemos acreditar em alguém? A Jen Penny contou absurdos para Di...

– Elas são apenas duas garotas, dentre todas que conhece, meu amor. Seus outros colegas nunca lhe contaram algo que não fosse verdade. Há pessoas assim no mundo, adultos e crianças. Quando estiver um pouco mais velha, conseguirá separar melhor “o joio do trigo”.

– Mamãe, eu gostaria que o Walter e o Jem não descobrissem que fui feita de boba.

– Eles não precisam descobrir. Di foi para Lowbridge com o papai, e os meninos só precisam saber que você foi pega pela tempestade enquanto voltava pela Harbour Road. Você foi tola em acreditar na Dovie, mas foi uma garotinha muito nobre e corajosa por ter ido oferecer à Cassie Thomas o que achava ser o direito dela. A mamãe está orgulhosa de você.

A tempestade havia terminado. A lua iluminava um mundo fresco e contente.

Mais tarde, Gilbert e Anne foram espiar os rostinhos doces que dormiam tão próximos um do outro. Diana dormia com os cantos da boquinha firmemente tesos, enquanto Nan havia adormecido com um sorriso. Gilbert tinha ouvido a história toda e ficara tão bravo que Dovie Johnson poderia considerar-se sortuda por estar a cinquenta quilômetros de distância. Anne, no entanto, estava com a consciência pesada.

– Eu deveria ter descoberto o que a estava afligindo. Só que eu estava ocupada demais com outras coisas essa semana... Coisas que não tinham importância nenhuma comparadas com a felicidade de uma criança. E pensar no quanto a pobrezinha sofreu!

Arrependida, ela curvou-se sobre os filhos. Eles ainda eram dela... Inteiramente dela, para amá-los e protegê-los. E seriam por mais alguns anos... E depois? Anne estremeceu. Ser mãe era muito bom, mas muito assustador.

– Pergunto-me o que a vida lhes reserva – sussurrou ela.

– O que podemos fazer é torcer para que todos consigam um bom partido, como a mãe deles – provocou Gilbert.



CAPÍTULO 32

– Então, a Sociedade Assistencial das Damas fará a sessão de costura em Ingleside – disse o doutor. – Prepare a nossa melhor louça, Susan, e providencie mais vassouras para limpar os cacos de reputações depois.

Susan sorriu com a condescendência de uma mulher tolerante com falta de compreensão masculina para coisas vitais, por mais que não tivesse motivos para sorrir, não até todos os preparativos para a reunião da Sociedade Assistencial das Damas estarem prontos.

– Torta de frango – continuou a murmurar –, purê de batatas e creme de ervilhas como prato principal. E seria uma ótima oportunidade para estrear a nova toalha de mesa rendada, querida senhora. Nunca se viu nada parecido com isso em Glen, e acredito que fará sucesso. Mal posso esperar para ver a expressão da Annabel Clow quando olhar para a mesa. Você também usará a nova cesta de flores azul e prata?

– Sim, repleta de peônias e samambaias amarelo-esverdeadas do bosque de bordos. E quero que coloque três dos seus magníficos gerânios cor-de-rosa em algum lugar próximo a ela, na sala de estar, se formos ficar ali, ou na balaustrada da varanda, se o clima estiver propício para trabalharmos lá fora. O jardim nunca esteve tão bonito quanto neste verão, Susan. Se bem que eu digo isso em todos os outonos também, não?

Havia muita coisa a decidir. Quem se sentaria onde? Por exemplo, a senhora Simon Millison não podia ficar ao lado da senhora William McCreery, porque as duas nunca se falavam por causa de uma velha rixa obscura dos tempos da escola. E também havia a questão de quem convidar, pois era um privilégio da anfitriã chamar alguns convidados que não eram da Sociedade Assistencial.

– Vou convidar a senhora Best e a senhora Campbell – disse Anne.
Susan não tinha tanta certeza.

– Elas são recém-chegadas, querida senhora... – alegou, como se dissesse “elas são crocodilos”.

– O doutor e eu já fomos recém-chegados, Susan.

– Mas o tio do doutor morou aqui durante anos, antes disso. Ninguém sabe nada sobre essas famílias. Enfim, a casa é sua, querida senhora, e quem sou eu para opor-me a qualquer pessoa que deseja convidar? Lembro-me de uma sessão para costura na casa da senhora Carter Flagg, muitos anos atrás, em que a senhora Flagg convidou uma mulher estranha. Ela foi com um vestido de flanela, querida senhora. Disse que não considerava uma reunião da Sociedade das Damas uma ocasião para vestir-se bem! Pelo menos não precisamos temer que isso aconteça com a senhora Campbell. Está sempre arrumada, por mais que eu não me imagine usando azul-hortênsia para ir à igreja.

Anne tampouco, mas não ousou sorrir.

– Acho que o vestido combinou perfeitamente com os cabelos grisalhos da senhora Campbell, Susan. Aliás, ela quer a sua receita de conserva de groselha com especiarias. Disse que a experimentou em um jantar na casa dos Harvest e a achou deliciosa.

– Ah, querida senhora, não é todo mundo que consegue fazer conserva de groselha com especiarias... – E o vestido azul-hortênsia não foi mais mencionado. A senhora Campbell poderia aparecer usando trajes típicos das Ilhas Fiji, se quisesse, que Susan não encontraria defeitos.

Os meses jovens haviam envelhecido, todavia o outono ainda se lembrava do verão, e aquele parecia mais um dia de junho do que de outubro. Todos os membros da Sociedade Assistencial das Damas compareceram, ansiosos para uma boa dose de fofocas e um belo jantar em Ingleside e, se possível, alguma novidade da moda, já que a esposa do doutor visitara recentemente a cidade.

Susan, sem se deixar abater pelas responsabilidades culinárias que lhe foram designadas, andava de um lado para o outro, mostrando às damas o quarto de hóspedes, tranquilizada pela certeza de que nenhuma delas possuía um avental com bordas de crochê de doze centímetros, feitos com fios de renda número cem. Susan havia ganhado o primeiro lugar na feira de Charlottetown na semana anterior com aquele trabalho em renda. Ela e Rebecca Dew tinham combinado de passar o dia juntas, e a Susan que retornou era a mulher mais orgulhosa da Ilha do Príncipe Edward.

Susan tinha total controle de suas expressões, mas seus pensamentos tinham vida própria e, às vezes, surgiam com uma pitada de malícia.

“Celia Reese está aqui, procurando alguma coisa para tirar sarro, como sempre. Bem, ela não encontrará nada na mesa do jantar, isso eu garanto. Myra Murray está usando veludo vermelho. Um pouco suntuoso demais para uma sessão de costura, na minha opinião, ainda que não negue que fique bem nela. Pelo menos não é flanela. Agatha Drew e seus óculos presos por uma correntinha, como de costume. Sarah Taylor... Pode ser a última reunião dela da Sociedade. O médico diz que o coração dela está muito fraco, mas não o espírito! A senhora Donald Reese... Graças a Deus, não trouxe consigo a Mary Anna, o que não muda o fato de que ouviremos bastante a respeito dela. Jane Burr de Upper Glen. Ela não é membro da Sociedade. Bem, vou contar os talheres depois do jantar, pode ter certeza. Todos daquela família são gatunos. Candace Crawford... não tem o costume de ir às reuniões, mas uma sessão de costura é um ótimo lugar para exibir as mãos bonitas e o anel de diamantes. Emma Pollock, com a anágua aparecendo por debaixo do vestido, é óbvio. É uma bela mulher, ainda que seja avoada como todos em sua família. Tillie MacAllister, não vai derrubar a geleia na toalha de mesa como fez na casa da senhora Palmer. Martha Crothers fará uma refeição decente, para variar. Uma pena o marido dela não poder ter vindo. Ouvi dizer que ele só pode comer nozes, ou algo do tipo. A senhora Baxter, esposa do presbítero... Dizem que ele finalmente conseguiu afugentar Harold Reese de perto da Mina. Harold nunca teve muita fibra, e correr atrás daquilo que desejamos não é para os fracos de coração, como diz o Livro Sagrado. Bem, temos pessoas suficientes para fazer duas colchas, e mais algumas para passar a linha na agulha.”

As colchas foram estendidas na ampla varanda, onde as agulhas e as línguas trabalhavam ativamente. Anne e Susan estavam a todo vapor com os preparativos na cozinha, e Walter, que não foi à escola naquele dia por causa de uma leve dor de garganta, estava agachado embaixo dos degraus da varanda, oculto das costureiras por uma cortina de vinhas. Elas diziam coisas tão surpreendentes e misteriosas... Coisas para se ficar pensando depois e com as quais era possível tecer histórias, coisas que refletiam as cores e as sombras, as comédias e as tragédias, as alegrias e os pesares de cada clã de Four Winds.

De todas as mulheres presentes, Walter gostou mais da senhora Myra Murray, com a risada fácil e contagiante e as rugas que surgiam ao redor dos

olhos ao sorrir. Era capaz de contar a mais trivial das histórias e fazê-la parecer dramática e vital; alegrava a vida aonde quer que fosse e estava muito bonita com o vestido de veludo vermelho-cereja, as ondas suaves nos cabelos pretos e as pedrinhas rubras dos pingentes dos brincos. A senhora Tom Chubb, magra como uma agulha, era a de que menos gostava. Talvez porque a ouvira referir-se a ele como “uma criança enferma” certa vez. Ele achava a senhora Allan Milgrave parecida com uma galinha cinza e que a senhora Grant Clow era idêntica a um barril com pernas. A jovem esposa do senhor David Ransome, com os cabelos cor de caramelo, era muito linda, “linda demais para um fazendeiro”, Susan dissera quando Dave casou-se com ela. A jovem recém-casada, a senhora Morton MacDougall, parecia um crisântemo branco sonolento. Edith Bailey, a costureira de Glen, com os cachos grises e os olhos negros vivazes, não parecia uma “solteirona”. Ele gostou da senhora Meade, a mais idosa das mulheres ali presentes, que tinha olhos gentis e tolerantes e ouvia muito mais do que falava, e não gostou da Celia Reese, com seu olhar furtivo e debochado, como se estivesse rindo de todo mundo.

Elas ainda não haviam começado a falar realmente. Estavam discutindo o clima e decidindo se costurariam desenhos de leques ou de diamantes nas colchas. Walter refletia sobre a beleza daquele dia rico, do imenso gramado com as magníficas árvores, e do mundo que parecia ter sido envolto pelos braços dourados de algum ser supremo. As folhas caíam lentamente, mas as nobres malvas-brancas ainda se destacavam contra o muro de tijolos e os álamos balançavam com o vento ao longo do caminho até o celeiro. Walter estava tão absorto nos encantos ao redor dele que a conversa das costureiras já estava acalorada quando o pronunciamento da senhora Simon Millison o fez recobrar a consciência.

– Aquela família era notória pelos funerais sensacionais. Quem estava presente no funeral do Peter Kirk jamais se esquecerá do que aconteceu.

Walter aguçou os ouvidos. Aquilo soava interessante. Só que para a decepção do menino, a senhora Simon não contou o que tinha acontecido. Todo mundo ali provavelmente havia comparecido ao funeral ou já tinha ouvido a história.

(“Então, por que todos parecem tão desconfortáveis?”)

– Não há dúvidas, tudo que a Clara Wilson disse sobre o Peter era verdade, mas o pobre homem está morto e enterrado. É melhor deixá-lo

descansar em paz – disse a senhora Tom Chubb em tom de repreensão, como se alguém tivesse proposto exumá-lo.

– A Mary Anna fala coisas tão inteligentes – disse a senhora Donald Reese. – Sabem o que ela disse no outro dia, quando estávamos indo para o funeral da Margaret Hollister? “Mamãe, vai ter sorvete no funeral?”

Algumas mulheres trocaram sorrisinhos furtivos. A maioria ignorou a senhora Donald. Era a única saída quando ela enfiava a Mary Anna na conversa, como sempre fazia. Qualquer demonstração de encorajamento, por menor que fosse, era suficiente para enlouquecer a todos. “Sabe o que a Mary Anna disse?” era um famoso bordão em Glen.

– Por falar em funerais – disse Celia Reese –, houve um muito estranho em Mowbray Narrows quando eu era criança. Stanton Lane viajou para o oeste, e depois de um tempo veio a notícia de que havia morrido. A família mandou o dinheiro para trazerem o corpo e, quando chegou, Wallace MacAllister, o agente funerário, aconselhou que o caixão não fosse aberto. O funeral estava indo bem até que o próprio Stanton Lane entrou pela porta, esbanjando saúde. Nunca descobriram de quem era aquele cadáver.

– O que fizeram com o corpo? – perguntou Agatha Drew.

– Ah, foi enterrado. Wallace disse que não dava para esperar mais. Só que aquilo deixou de ser um funeral, com todo mundo tão feliz com o regresso do Stanton. O senhor Dawson trocou o último hino de “Confortai-vos, Cristãos” para “Uma Surpresa Divina”, mas a maioria dos presentes achou que ele deveria ter tocado o primeiro.

– Sabem o que a Mary Anna disse para mim no outro dia? “Mamãe, os ministros da igreja sabem de tudo?”

– O senhor Dawson sempre perdia a cabeça diante de um imprevisto – disse Jane Burr. – Upper Glen fazia parte da paróquia dele naquela época, e eu me lembro de que certa vez ele dispensou a congregação e em seguida lembrou-se de não ter coletado o dízimo. E o que o senhor Dawson fez? Pegou o prato de coleta e foi atrás das pessoas no pátio. Um monte de gente que nunca contribuía com nada naquele dia o fez. Eles não queriam dizer não ao ministro. Mas não foi uma atitude muito digna para ele.

– A única coisa que eu tinha contra o senhor Dawson eram as orações excessivamente longas nos funerais. Eram tão exaustivas que as pessoas chegavam a ficar com inveja do morto. Ele passou dos limites no enterro da Letty Grant. Quando vi que a mãe dela estava a ponto de desmaiar, eu dei-

lhe um cutucão nas costas com a sombrinha e falei que ele já tinha rezado demais.

– Ele enterrou o meu pobre Jarvis – disse a senhora George Carr, com os olhos marejados. – Ela sempre chorava ao falar do marido, embora ele tivesse morrido há vinte anos.

– O irmão dele também era ministro – disse Christine Marsh. – Ele visitou Glen quando eu era pequena e foi um dos oradores em um concerto que tivemos no hall. Estava muito nervoso e não parava de ajeitar a cadeira e colocá-la para trás, cada vez mais, até que caiu do palco sobre os vasos de flores e plantas colocadas na base. Só dava para ver os pés dele esticados para cima. Os pés dele eram enormes.

– O funeral do Lane pode ter sido uma decepção – disse Emma Pollock –, mas pelo menos foi melhor do que não ter tido nenhum funeral. Lembram-se da confusão no enterro do senhor Cromwell?

A recordação provocou um coro de risadas.

– Vamos ouvir a história – disse a senhora Campbell. – Sou nova aqui, e as sagas das famílias são novidades para mim.

Emma não sabia o que “saga” queria dizer, mas adorava contar uma história.

– Abner Cromwell morava perto de Lowbridge, em uma das maiores fazendas do distrito, e era membro do parlamento da província. Foi um ferrenho conservador e tinha amizade com todas as figuras importantes da Ilha. Sua esposa era Julie Flagg, cuja mãe era uma Reese e a avó uma Clow, sendo assim ele também tinha ligação com quase todas as famílias em Four Winds. Certo dia, saiu uma notícia no *Daily Enterprise*. O senhor Abner Cromwell havia morrido subitamente em Lowbridge, e o funeral seria às duas horas da tarde seguinte. Por algum motivo, os Cromwell não viram a notícia. É claro que não existiam telefones rurais naquele tempo. Na manhã seguinte, Abner foi a uma convenção do partido liberal em Halifax. Às duas horas as pessoas começaram a chegar para pegar um bom lugar, imaginando que haveria uma multidão presente, pois o Abner era um sujeito muito proeminente. E realmente havia uma multidão, podem acreditar. As estradas nas redondezas ficaram repletas de charretes e carruagens por quilômetros e, às três horas, as pessoas ainda não tinham parado de chegar. A senhora Abner tentava enlouquecidamente convencer a todos de que o marido não tinha falecido. Alguns não acreditaram nela de início. Aos prantos, me contou que algumas pessoas achavam que ela havia sumido com o corpo. E

quando se convenceram disso, começaram a agir como se ele tivesse de estar morto. Os canteiros de flores dos quais tinha tanto orgulho foram pisoteados. Além disso, parentes distantes chegaram esperando encontrar comida e cama para passarem a noite, e ela não tinha quase nada para oferecer. Julie nunca foi muito precavida, é preciso admitir. Abner chegou dois dias depois e encontrou a esposa prostrada na cama, em um estado de nervos que levou meses para superar. Durante seis meses não comeu nada... Bem, quase nada. Ela supostamente disse que não teria ficado tão abalada se tivesse havido um funeral de verdade. Mas eu nunca acreditei nisso.

– Nunca se sabe – disse a senhora William MacCreery. – As pessoas dizem coisas horríveis. Quando estão nervosas, a verdade aparece. Clarice, a irmã de Julie, cantou no coral como sempre fazia no primeiro domingo depois que o marido morreu.

– Nem mesmo o funeral do marido foi capaz de dar um jeito na Clarice – disse Agatha Drew. – Havia algo de estranho nela. Estava sempre dançando e cantando.

– Eu costumava dançar e cantar... Na praia, onde ninguém podia me ouvir – disse Myra Murray.

– Ah, mas você tornou-se mais sensata desde então – disse Agatha.

– Nã-ã-ão, fiquei ainda mais tola – disse Myra Murray vagarosamente. – Tola demais para dançar na praia.

– A princípio – prosseguiu Emma, determinada a terminar a história –, acharam que a notícia tinha sido publicada como uma piada, pois o Abner tinha perdido a eleição alguns dias antes. No entanto, descobriu-se que o anúncio tinha sido feito para uma tal de Amasa Cromwell, a qual vivia nos bosques do outro lado de Lowbridge, e não tinha qualquer relação com a família de Abner. Bom, ele realmente morreu. Só que isso aconteceu um tempo depois, mas antes das pessoas o perdoarem pela decepção, se é que perdoaram.

– Bem, foi muito inconveniente percorrer toda aquela distância, em plena época da colheita, para descobrir que a viagem tinha sido em vão – disse a senhora Chubb, na defensiva.

– Em geral, as pessoas gostam de funerais – disse a senhora Donald Reese, animada. – Somos todos como crianças, eu acho. Eu levei a Mary Anna ao funeral do tio dela, o Gordon, e a menina adorou. “Mamãe, podemos desenterrá-lo e voltar a enterrá-lo outra vez? Foi divertido.”

Todas riram dessa vez, exceto a senhora Baxter, que ergueu o rosto fino e espetou a colcha sem dó. Nada mais era sagrado, hoje em dia. Todos debochavam de tudo. Como esposa do presbítero, ela não iria rir de nada relacionado a um funeral.

– Por falar no Abner, lembram-se do obituário que o John, o irmão dele, escreveu para a esposa? – perguntou a senhora Allan Milgrave. – Começava assim: “Deus, por motivos que apenas Ele conhece, levou a minha linda esposa e deixou a esposa feia do meu primo William”. Jamais me esquecerei da confusão que isso criou!

– Como uma coisa dessas chegou a ser publicada? – perguntou a senhora Best.

– Ora, o John era o editor-chefe do *Enterprise* na época. Ele venerava a esposa, Bertha Morris, e detestava a esposa do William Cromwell porque esta não queria o casamento dele com Bertha. Dizia que Bertha era volúvel.

– Mas era bonita – disse Elizabeth Kirk.

– A mulher mais linda que já vi na vida – concordou a senhora Milgrave.

– A beleza está no sangue da família Morris. A inconstância também... São como o vento. Ninguém sabe como ela não mudou de ideia antes de se casar com o John. Dizem que a mãe manteve o pulso firme. Bertha estava apaixonada por Fred Reese, que era um notório paquerador. “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, a senhora Morris disse para ela.

– Tenho ouvido esse provérbio a minha vida inteira – disse Myra Murray –, e me pergunto se é verdade. Talvez os pássaros voando pudessem cantar, e aquele na mão, não.

Ninguém sabia o que dizer, com exceção da senhora Tom Chubb.

– Você é sempre tão excêntrica, Myra.

– Sabem o que a Mary Anna disse para mim, outro dia? – perguntou a senhora Donald. – “Mamãe, o que eu farei se ninguém me pedir em casamento?”

– Nós, as solteironas, podemos responder essa, não podemos? – perguntou Celia Reese, cutucando Edith Bailey com o cotovelo. Celia não gostava dela porque a Edith ainda era muito bonita, e ainda estava no páreo.

– Gertrude Cromwell era feia – disse a senhora Grant Clow. – Tinha o corpo reto como uma tábua. Lavava as cortinas todos os meses, enquanto a Bertha lavava as dela uma vez por ano, e olhe lá. E as persianas dela estavam sempre tortas. Gertrude dizia que sentia arrepios só de passar na frente da casa do John Cromwell. enquanto John Cromwell venerava Bertha,

e William apenas suportava Gertrude. Homens são estranhos. Dizem que William perdeu a hora na manhã do casamento e vestiu-se com tanta pressa que chegou à igreja com sapatos velhos e meias diferentes.

– Bem, não foi pior do que aconteceu com Oliver Random – riu a senhora George Carr. – Ele se esqueceu de encomendar um terno e seu traje de igreja estava fora de questão, por causa dos remendos. Aí, ele pegou emprestado o terno do irmão, mas era muito curto.

– Pelo menos William e Gertrude se casaram – disse a senhora Simon. – Não foi o caso da irmã dela, Caroline. Ela e Ronny Drew brigaram por causa de qual ministro iriam escolher para a cerimônia e cancelaram o casamento. Ronny ficou tão bravo que se casou com Edna Stone antes de ter a chance de esfriar a cabeça. Caroline foi ao casamento. Ela manteve a cabeça erguida, mas parecia estar vendo a morte.

– Pelo menos Caroline controlou a língua – disse Sarah Taylor. – A Philippa Abbey, não. Quando Jim Mowbray a largou, foi ao casamento dele e passou a cerimônia dizendo os maiores amargores em alto e bom som. Eram todos anglicanos, é óbvio – concluiu Sarah Taylor, como se isso explicasse qualquer capricho.

– Ela foi mesmo à recepção usando todas as joias que o Jim lhe deu durante o noivado? – perguntou Celia Reese.

– Não, de forma alguma! Não sei de onde surgem essas histórias. Algumas pessoas parecem que não fazem nada além de repetir fofocas. Ouso dizer que Jim Mowbray passou a vida desejando ter ficado com a Philippa. A esposa cuidava bem dele, o mantinha na rédea curta... Se bem que ele sempre se divertia muito na ausência dela.

– A única vez em que eu vi o Jim Mowbray foi na noite em que os besouros quase espantaram a congregação no culto de aniversário em Lowbridge – disse Christine Crawford. – É o que os insetos não fizeram, Jim Mowbray fez. Era uma noite quente, e todas as janelas estavam abertas. Os besouros simplesmente entraram aos montes, centenas deles. Algumas mulheres ficaram histéricas quando os insetos voaram no rosto delas. A esposa do novo ministro estava sentada bem na minha frente... A senhora Peter Loring. Ela usava um grande chapéu de renda com plumas.

– O estilo de se vestir dela sempre foi considerado extravagante demais para a esposa de um ministro da igreja – interpolou a senhora Baxter.

– Deixe-me espantar aquele inseto do chapéu da esposa do pregador – ouvi Jim Mowbray sussurrar. Ele estava sentado bem atrás dela. Inclinando-

se para a frente, deu um tapa no besouro e errou, acertando em cheio no chapéu, que foi arremessado e quicou pelo corredor até o altar. Jim quase teve um ataque. Quando o ministro viu o chapéu da esposa aproximando-se pelo ar, perdeu o fio da meada do sermão e, não conseguindo encontrá-lo, desistiu de continuar. O coro cantou o último hino, espantando os insetos o tempo todo. Jim recolheu o chapéu para a senhora Loring. Ele esperava que fosse ser repreendido, pois diziam que ela era muito rigorosa; porém, apenas o colocou de volta sob a bela cabeleira loira, riu e disse: “Se você não tivesse feito isso, Peter teria continuado por mais vinte minutos, e nós estaríamos à beira da loucura.” É claro que foi gentileza da parte dela não ter ficado brava, no entanto, as pessoas recriminaram Loring por ter dito aquilo sobre o marido.

– Você deve se lembrar da história do nascimento dela – disse Martha Crothers.

– Ora, como assim?

– O seu era Bessy Talbot, e ela veio do oeste. A casa de seu pai pegou fogo certa noite, e no meio de toda a confusão Bessy nasceu, no jardim, sob as estrelas.

– Que romântico! – disse Myra Murray.

– Romântico! Na minha opinião, não é muito respeitável.

– Mas imagine nascer sob as estrelas! – disse Myra, sonhadora. – Ela deve ter sido uma filha das estrelas: cintilante, linda, corajosa, verdadeira, com uma centelha no olhar.

– Ela era tudo isso – disse Martha –, por influência das estrelas ou não. E passou por maus bocados em Lowbridge, onde todos achavam que a esposa de ministro deveria ser séria e recatada. Um dos vicários a flagrou dançando ao redor do berço do filho um dia e disse a ela não ser certo regozijar-se com o filho antes de saber se este era um dos escolhidos de Deus.

– Por falar em bebês, vocês sabem o que a Mary Anna perguntou outro dia? “Mamãe, as rainhas têm bebês?”

– Deve ter sido o Alexander Wilson – disse a senhora Allan. – Um ranzinza por natureza. Não permitia que a família dissesse uma palavra sequer durante as refeições, segundo me contaram. Quanto às risadas... Nunca existiram na casa dele.

– Imaginem uma casa sem risadas! – disse Myra.

– Ora, seria... um sacrilégio.

– Alexander tinha acessos de raiva em que passava três dias sem falar com a esposa – continuou a senhora Allan. – Era um alívio para ela.

– Pelo menos era um homem de negócios honesto – disse com severidade a senhora Grant Clow. Diziam que Alexander era primo de quarto grau dela, e os Wilson eram uma família muito unida. – Deixou quarenta mil dólares quando faleceu.

– Uma lástima ter de os deixar – disse Celia Reese.

– Jeffry, o irmão dele, não deixou um centavo – disse a senhora Clow. – Era o inútil da família, devo admitir. Deus sabe que esse, sim, ria à beça. Gastava tudo o que ganhava. Era amigo de todo mundo. Por fim, morreu na miséria. O que ele ganhou na vida, com toda a boêmia e a vadiagem?

– Não muito, talvez – disse Myra –, mas pense no quanto investiu nela. Estava sempre se doando, esbanjando alegria, simpatia, afabilidade, até mesmo dinheiro. Era rico em amigos, pelo menos, e Alexander nunca teve um amigo na vida.

– Os amigos do Jeff não o enterraram – retrucou a senhora Allan. – Foi o Alexander que fez isso, além de pagar por uma lápide muito boa. Custou cem dólares.

– Entretanto, quando Jeff pediu emprestado cem dólares para uma operação que poderia ter salvo a vida dele, o Alexander não recusou? – perguntou Celia Drew.

– Ora, sejamos um pouco mais caridosas – protestou a senhora Carr. – Afinal, não vivemos em um mar de rosas, e todos possuem defeitos.

– Lem Anderson vai se casar com Dorothy Clark hoje – disse a senhora Millison, pensando que já passava da hora de a conversa avançar para um tema mais agradável. – E não faz nem um ano desde quando jurou que iria estourar os miolos se a Jane Elliott não se casasse com ele.

– Rapazes dizem cada coisa... – comentou a senhora Chubb. – Eles mantiveram em segredo. Faz três semanas que a notícia do noivado se espalhou. Conversei com a mãe dele na semana passada, e ela não deu nenhum indício de que haverá um casamento em breve. Não sei se me simpatizo com uma mulher capaz de ser uma verdadeira esfinge.

– O que me surpreende é a Dorothy Clark ter aceitado se casar com ele – disse Agatha Drew. – Na primavera passada, achei que ela e Frank Clow iriam ficar juntos.

– Ouvi a Dorothy dizendo que Frank era um ótimo partido, mas não suportaria ver aquele nariz despontando dos lençóis todas as manhãs ao

acordar.

A senhora Baxter estremeceu como uma solteirona e recusou-se a fazer parte das risadas.

– Vocês não deveriam dizer tais coisas diante de uma garota como a Edith – disse Celia, piscando para as demais.

– A Ada Clark ficou noiva? – perguntou Emma Pollock.

– Não exatamente – disse a senhora Millison. – Ainda há esperanças de que físgará alguém em breve. Aquelas garotas sabem escolher maridos. Pauline, a irmã dela, casou-se com o melhor fazendeiro do porto.

– Pauline é linda, porém sempre viveu com a cabeça nas nuvens – disse a senhora Milgrave. – Às vezes, acho que nunca vai tomar jeito.

– Ah, vai sim – disse Myra Murray. – Algum dia terá filhos e aprenderá com eles, assim como aconteceu comigo e com você.

– Onde o Lem e a Dorothy vão viver? – perguntou a senhora Meade.

– Ah, Lem comprou uma fazenda em Upper Glen. Aquela propriedade que era dos Carey, sabe? Onde a pobre senhora Roger Carey assassinou o marido.

– Assassinou o marido!

– Ah, não é como se ele não merecesse, mas todos acharam que ela foi um pouco longe demais. Sim... Veneno para ervas daninhas no chá... Ou foi na sopa? Todo mundo sabia da verdade, e ninguém fez nada. O carretel, por favor, Celia.

– Quer dizer então, senhora Millison, que ela nunca foi acusada ou punida? – espantou-se a senhora Campbell.

– Bem, ninguém queria ver uma vizinha em uma situação dessas. Os Carey eram muito influentes em Upper Glen. Além disso, a mulher chegou ao limite do desespero. É claro que ninguém aprova um assassinato, mas, se alguém já chegou a merecer tal destino, essa pessoa era o Roger Carey. A senhora Roger Carey mudou-se para os Estados Unidos e casou-se novamente. Faz anos que já morreu. O segundo marido viveu mais do que ela. O caso aconteceu quando eu era criança. As pessoas diziam que o fantasma do Roger Carey vagava por aí.

– É óbvio que ninguém acredita em fantasmas nesses tempos modernos – disse a senhora Baxter.

– E por que não? – quis saber Tillie MacAllister. – Fantasmas são interessantes. Conheço um homem que era assombrado por um fantasma que

ria e zombava dele. Aquilo o deixava louco. A tesoura, por favor, senhora MacDougall.

Ela teve de pedir duas vezes à recém-casada, que corou intensamente ao entregá-la. Ela ainda não estava acostumada a ser chamada de senhora MacDougall.

– A velha casa dos Truax, do outro lado do porto, foi assombrada durante anos. Ouviam-se batidas e ruídos o tempo todo... Era muito estranho – disse Christine Crawford.

– A família Truax inteira tinha problemas estomacais – disse a senhora Baxter.

– Essas coisas não acontecem com quem não acredita nelas – disse a senhora MacAllister, irritada. – Na Nova Escócia, minha irmã trabalhou em uma casa assombrada por gargalhadas.

– Que fantasma mais divertido! – disse Myra. – Não me importaria com isso.

– Provavelmente eram corujas – disse a senhora Baxter, com seu ceticismo ferrenho.

– Minha mãe via anjos no leito de morte dela – disse Agatha Drew, com um ar de triunfo queixoso.

– Anjos não são fantasmas – disse a senhora Baxter.

– Por falar em mães, como vai o seu tio Parker, Tillie? – perguntou a senhora Chubb.

– Há dias em que está melhor, mas não sabemos o que vai ser dele. Temos de tomar uma atitude... Em relação às roupas de inverno, digo. Eu disse para a minha irmã que seria melhor comprarmos vestidos pretos o quanto antes, para não sermos pegas de surpresa quando chegar a hora.

– Sabem o que a Mary Ann me disse, outro dia? “Mamãe, vou parar de pedir para Deus deixar o meu cabelo cacheado. Faz uma semana que peço todas as noites, e Ele ainda não fez nada.”

– Eu venho pedindo algo a Ele há vinte anos – disse a senhora Bruce Duncan com amargura, que ainda não havia falado ou erguido os olhos escuros da costura. Ela era conhecida pelas belas colchas. Talvez porque não permitia que as fofocas a distraíssem de colocar cada ponto no lugar exato.

Um breve silêncio recaiu sobre o círculo. Todas podiam imaginar qual era o pedido. Mas era algo que não deveria ser discutido em uma roda de costura. A senhora Duncan não voltou a falar.

– E verdade que May Flagg e Billy Carter terminaram e ele está com uma das MacDougall que vivem do outro lado do porto? – perguntou Martha Crothers, um tempo depois.

– Sim. Só que ninguém sabe o porquê.

– É triste como as coisas pequenas podem destruir um noivado às vezes – disse Candace Crawford. – Vejam o caso do Dick e da Lilian MacAllister. O nariz dele começou a sangrar justo no momento em que começou a se declarar para ela. Teve de ir até o riacho e ali conheceu uma garota que lhe emprestou um lenço. Acabaram apaixonados e se casaram duas semanas depois.

– Vocês ficaram sabendo o que aconteceu com o Big Jim MacAllister no sábado passado na loja do Milt Cooper, em Harbour Head? – perguntou a senhora Simon, considerando já ser a hora de alguém introduzir um tópico mais alegre do que fantasmas e términos. – Ele acostumou-se a sentar sobre o fogão durante o verão. Só que estava frio sábado à noite, e o Milt acendeu o fogo. Quando o coitado do Big Jim sentou... Bem, ele queimou o...

A senhora Simon não se atreveu a dizer o que ele havia queimado, mas deu um tapinha no próprio corpo na área em questão.

– O traseiro – disse Walter com muita seriedade, enfiando a cabeça por entre as trepadeiras. Ele sinceramente achava que a senhora Simon não se lembrava da palavra.

As costureiras ficaram atônitas. O menino estivera ali o tempo todo? Todas repassaram os casos contados para certificarem-se de que nenhum fora demasiadamente inapropriado para os ouvidos da criança. Diziam que a esposa do doutor Blythe era muito rígida com o que os filhos ouviam. Antes das línguas paralisadas recobrem a vida, Anne as chamou para jantar.

– Mais dez minutos, senhora Blythe, e teremos terminado as duas colchas – disse Elizabeth Kirk.

As colchas foram concluídas, levadas para fora, sacudidas, exibidas e admiradas.

– Pergunto-me quem dormirá debaixo delas – disse Myra Murray.

– Talvez uma mãe de primeira viagem, com o filho nos braços – disse Anne.

– Ou crianças pequenas, em uma noite fria – disse inesperadamente a senhorita Cornelia.

– Talvez um pobre idoso reumático fique mais confortável sob elas – disse a senhora Meade.

– Espero que ninguém morra nelas – disse a senhora Baxter com tristeza.
– Sabem o que a Mary Anna disse antes de eu vir para cá? – disse a senhora Donald enquanto se acomodavam na sala de jantar. – “Mamãe, não se esqueça de comer tudo o que estiver no prato.”

Então, todos se sentaram, comeram e beberam sob a glória de Deus, pois tinham tido uma tarde de trabalho produtiva e havia pouca malícia na maioria das presentes, afinal.

Após o jantar, todos foram embora. Jane Burr acompanhou a senhora Simon Millison até a vila.

– Tenho que me lembrar de todos os acompanhamentos para contar para a mamãe – disse Jane melancolicamente, sem notar que Susan estava contando os talheres. – Ela nunca mais saiu de casa desde que ficou acamada e adora quando eu lhe conto as coisas. O jantar vai ser um deleite para ela.

– Parecia com esses que vemos nas revistas – concordou a senhora Simon, suspirando. – Cozinho muito bem, se me permite dizer, mas não consigo arrumar uma mesa com o menor prestígio de estilo. Quanto ao jovem Walter, eu adoraria lhe dar umas boas palmadas. Que susto ele me deu!

– Suponho que Ingleside esteja repleta de reputações mortas – dizia o doutor.

– Eu não costurei – disse Anne –, sendo assim não ouvi o que elas disseram.

– Você nunca ouve, querida – disse a senhorita Cornelia, que havia ficado para ajudar Susan a dobrar as colchas. Quando você está presente nessas reuniões, elas nunca se deixam levar pelo entusiasmo, pois acham que você não aprova as fofocas.

– Depende do tipo – disse Anne.

– Bem, ninguém disse nada realmente terrível hoje. A maioria das pessoas de quem falaram está morta... Ou deveria estar – disse a senhorita Cornelia, recordando a história do funeral frustrado de Abner Cromwell com um sorriso. – Só a senhora Millison que teve de contar mais uma vez a velha história do assassinato do marido da Madge Corey. Não houve nenhum indício de que ela fez isso, exceto o gato morto depois de ter tomado um pouco da sopa. O animal estava doente havia uma semana. Sabe, acho que Roger Corey morreu de apendicite. Todavia ninguém sabia o que era apendicite naquela época, evidentemente.

– E achei uma grande lástima não terem checado – disse Susan. – As colheres estão todas intactas, querida senhora, e não aconteceu nada com a

toalha de mesa.

– Bem, tenho que ir embora – disse a senhorita Cornelia. – Enviarei algumas costeletas quando o Marshall matar o porco.

Walter estava novamente sentado nos degraus, com os olhos cheios de lágrimas. A noite havia caído. De onde ela havia caído? O menino se perguntava. Será que algum grande espírito com asas como as de um morcego a despejava sobre o mundo com uma jarra púrpura? Três abetos velhos e retorcidos pelo vento pareciam bruxas velhas e corcundas subindo a colina, com a lua nascendo ao fundo. Aquilo era um fauno de orelhas peludas, agachado nas sombras? Se abrisse o portão no muro de tijolos, agora, em vez de entrar no jardim conhecido, ele cairia em um estranho mundo habitado por lindas fadas, no qual princesas despertavam do sono encantado, onde talvez ele pudesse encontrar e seguir o Eco, como muitas vezes quis fazer? Ele não ousou falar. Tudo esvaneceria se o fizesse.

– Querido – disse a mãe ao sair na varanda –, não fique sentado aí. Está ficando frio. Lembre-se da sua garganta.

As palavras quebraram o espanto. A magia desapareceu. O jardim ainda era um lugar lindo, contudo já não era mais a terra das fadas. Walter levantou-se.

– Mãe, você pode me contar o que aconteceu no funeral do Peter Kirk?

Anne pensou por um instante... E então estremeceu.

– Hoje não, meu anjo. Talvez algum dia...



CAPÍTULO 33

Sozinha no quarto, pois Gilbert tinha ido visitar um paciente, Anne sentou diante da janela para desfrutar de alguns minutos de comunhão com a doçura da noite e o charme etéreo do cômodo banhado pelo luar. “Digam o que quiserem”, pensou Anne, “mas há sempre algo de estranho em um quarto iluminado pela lua. A personalidade dele se altera; já não é mais tão familiar, tão humano. Torna-se distante e frio, fechado em si mesmo. É quase como se me considerasse uma intrusa”.

Estava cansada depois do dia agitado, e agora tudo permanecia tão maravilhosamente quieto. As crianças estavam dormindo, e a ordem havia sido reinstaurada em Ingleside. Não havia nenhum barulho na casa, exceto as batidas rítmicas vindas da cozinha; Susan amassava o pão.

Pela janela aberta, no entanto, chegavam os sons da noite que Anne conhecia e amava tanto. Risos ecoavam do porto através do ar parado. Alguém cantava no vilarejo, e as notas fantasmagóricas soavam como uma canção ouvida há muito tempo. O luar abria caminhos prateados sobre o mar, mas Ingleside estava envolta pelas sombras. As árvores sussurravam “enigmas da antiguidade²⁰”, e uma coruja piava no Vale do Arco-Íris.

“Este foi um verão muito feliz”, pensou Anne. Com uma pontada de tristeza, pois lembrou-se do que disse certa vez a tia Highland Kitty, de Upper Glen: “O mesmo verão nunca acontece duas vezes”.

Nunca é totalmente o mesmo. Outros verões viriam, as crianças estariam mais velhas, e Rilla iria para a escola. “E eu não terei nenhum bebê”, pensou Anne com melancolia. Jem estava com 12 anos e já entrava “naquela fase”, o mesmo Jem que ontem mesmo era um neném na antiga Casa dos Sonhos. Walter não parava de crescer, e naquela mesma semana ouvira Nan provocando Di por causa de um “garoto” na escola; Di corou e sacudiu os cabelos ruivos. Bem, a vida era assim mesmo. Alegrias e pesares. Esperanças e medo. E mudanças. Mudanças, sempre! Eram inevitáveis. Era

preciso abrir mão do velho e abrir o coração para o novo. Aprender a amá-lo, para então deixá-lo partir. A primavera, por mais encantadora que fosse, precisava render-se ao verão que, por sua vez, esmorecia e dava lugar ao outono. Nascimento... Casamento... E morte...

De repente, Anne lembrou-se da pergunta de Walter sobre o que tinha acontecido no funeral de Peter Kirk. Não pensava nisso há anos, todavia não havia se esquecido. Ninguém presente naquela ocasião seria capaz de esquecer, ela não tinha dúvidas. Sentada ali no escuro, sob o luar, reviveu aquele dia.

Era novembro. O primeiro novembro da família em Ingleside. Depois de uma semana de dias ensolarados em pleno inverno. Os Kirk moravam em Mowbray Narrows, mas frequentavam a igreja de Glen. Além disso, Gilbert era o médico deles; por isso, ele e Anne tiveram de ir ao funeral.

Era um dia tranquilo, de céu claro e nublado. Os tons de marrons e violeta dominavam a paisagem de novembro, com focos esparsos de sol nas colinas onde os raios esgueiravam-se por entre as nuvens. “Kirkwynd” ficava tão próxima da costa que uma brisa salgada chegava através dos abetos melancólicos atrás da propriedade. Era uma casa grande e de aspecto próspero; entretanto, Anne achava e o quarto no sótão sob o telhado em forma de L idêntico a um rosto humano longo, fino e desdenhoso.

Anne parou para conversar com um grupo de mulheres no gramado da frente, seco e sem flores. Eram todas almas boas e trabalhadoras, para quem um funeral não deixava de ser um evento emocionante e agradável.

– Esqueci de trazer um lenço – queixou-se a senhora Bryan Blake. – O que eu farei quando chorar?

– Por que você choraria? – foi a resposta ríspida da cunhada dela, Camilla Blake. Camilla não tinha paciência com mulheres muito choronas. – Peter Kirk não era seu parente, e você nunca gostou muito dele.

– Acho de bom-tom chorar em um funeral – disse a senhora Blake com imponência. – Demonstra simpatia, quando um vizinho muda-se para a morada final.

– Se apenas as pessoas que gostavam do Peter chorarem no funeral, não haverá muitas lágrimas – comentou a senhora Curtis Rodd com acidez. – É a verdade. Por que ocultá-la? Ele era um velho hipócrita e, tenho certeza, não sou a única que sabe disso. Quem é aquela entrando pelo portão? Não... Não me diga que é a Clara Wilson.

– É a própria – sussurrou a senhora Bryan, incrédula.

– Bem, vocês sabem que após a morte da primeira esposa do Peter, ela disse que só voltaria a esta casa no funeral dele, e cumpriu a promessa – contou Camilla Blake. – Ela é irmã da primeira esposa do Peter... – explicou à parte para Anne, que observou com curiosidade Clara Wilson passar por elas, sem desviar os olhos cor de topázio. Era uma mulher diminuta e magra, com um rosto trágico e cabelos pretos sob uma touca ridícula usada somente por mulheres idosas, com plumas, canutilhos e um véu na altura do nariz. Não olhou e não dirigiu a palavra a ninguém enquanto arrastava a longa e ruidosa saia preta de tafetá sobre o gramado e subia os degraus da varanda.

– Ali está Jed Clinton, parado na porta, preparando a cara que usa em funerais – disse Camilla sarcasticamente. – Evidentemente, acha que já é hora de entrarmos. Está sempre se vangloriando de que tudo sai conforme o cronograma nos funerais organizados por ele. Nunca perdoou Winnie Clow por ter desmaiado antes do sermão. Não teria sido tão ruim deixar para depois. Bem, não creio que isso acontecerá hoje. Olivia não é de desmaiar.

– Jed Clinton, o dono da funerária de Lowbridge – disse a senhora Reese.

– Por que não escolheram a de Glen?

– A do Carter Flagg? Mulher de Deus, Peter e ele foram inimigos a vida inteira. Carter queria se casar com Amy Wilson, sabe.

– Muitos queriam – disse Camilla. – Ela era linda, com os cabelos ruivos acobreados e os olhos negros. Se bem que algumas pessoas achavam Clara a mais bonita das duas. É estranho ela nunca ter se casado. Finalmente o ministro chegou, junto com o reverendo Owen, de Lowbridge. Ele é primo da Olivia, é verdade. É boa pessoa, ainda que coloque muitos “ahs” nas orações. É melhor entrarmos, senão Jed terá um ataque.

Anne parou para olhar Peter Kirk antes de se sentar. Nunca gostara dele.

“Ele tem um rosto cruel”, pensou na primeira vez em que o viu. Lindo, sim, mas com olhos duros e gélidos que já apresentavam bolsas naquela época, e a boca de lábios finos e constrictos de um avarento. Era conhecido por ser egoísta e arrogante nos negócios, apesar de sua crença na piedade e das orações devotas. “Ele superestima a própria importância”, ouvira alguém dizer certa vez. Mesmo assim, no geral, fora um homem respeitado e admirado.

Era tão arrogante em morte quanto fora em vida, e algo nos longos dedos entrelaçados sobre o peito imóvel fez Anne estremecer. Imaginou--os segurando o coração de uma mulher e olhou para Olivia Kirk, sentada diante de Anne, de luto. Olivia era uma bela mulher, alta, loira, dona de grandes

olhos azuis. “Nada de mulheres feias para mim”, declarara Peter Kirk.”

Tinha também uma expressão reservada e vazia. Não havia traços aparentes de lágrimas; se bem que Olivia era uma Random, e os Random não eram emotivos. Pelo menos estava sentada com decoro, e nem a viúva mais inconsolável do mundo teria vestido um luto mais pesado.

O ar estava saturado pelo perfume das flores ao redor do caixão, em homenagem a Peter Kirk, o qual nunca notou a existência das flores. A loja maçônica havia mandado uma coroa de flores, a igreja encomendara outra, a Associação do Partido Conservador enviou uma terceira, os membros do conselho escolar mandaram mais uma, e o mesmo fez o Conselho dos Queijeiros. Seu único filho, que há muito se afastado, não mandou nada, mas a família Kirk pagou por uma imensa âncora de rosas brancas, escrito “Enfim ao Porto” em botões vermelhos, e havia outra da própria Olivia: um grande arranjo de lírios-de-calla. Camilla Blake fez uma careta ao ver as flores, e Anne lembrou-se de que esta tinha ido até Kirkwynd logo após o segundo casamento de Peter, e que ele arremessou pela janela um vaso de lírio-de-calla trazido pela nova esposa. Disse que não queria a casa apinhada de ervas daninhas.

Aparentemente Olivia reagiu com muita calma, e nunca mais houve um lírio-de-calla em Kirkwynd. Será que Olivia... Anne olhou para o rosto plácido da senhora Kirk e afastou a suspeita. Afinal, geralmente era a floricultura que sugeria as flores.

O coro cantou o hino “A morte, como um mar estreito, divide a terra celestial da nossa”. Os olhos de Anne encontraram-se com os de Camilla, e na hora soube que ambas estavam pensando como Peter Kirk se encaixaria naquela terra celestial. Anne quase pôde ouvir Camilla dizendo: “Imagine ele com uma harpa e uma auréola, se for capaz”.

O reverendo Owen leu um capítulo da Bíblia e fez uma oração, com muitos “ahs” e súplicas para que os corações pesarosos fossem consolados. O ministro de Glen fez um discurso considerado por alguns, em particular, lisonjeiro demais, mesmo levando em conta que algo de bom deveria ser dito sobre o morto. Chamar Peter Kirk de pai carinhoso e marido afetuoso, bom vizinho e um cristão honesto era abusar da linguagem. Camilla refugiou-se atrás do lenço, mas não para chorar. Stephen Macdonald pigarreou uma ou duas vezes. A senhora Bryan parecia ter pego um lenço emprestado com alguém, mas os olhos azuis caídos de Olivia continuavam secos.

Jed Clinton suspirou aliviado. Tudo havia saído às mil maravilhas. Outro hino, o tradicional cortejo para uma última olhada nos “despojos mortais”, e outro funeral de sucesso entraria para a longa lista dele.

Houve uma agitação em um dos cantos do grande cômodo, e Clara Wilson abriu caminho por entre o labirinto de cadeiras até a mesa ao lado do caixão. Ali, virou-se para as pessoas reunidas. A touca ridícula estava levemente torta para um lado e uma mecha de seus cabelos pretos e volumosos havia escapado, ficando pendurada sobre o ombro. Só que ninguém achava que Clara Wilson parecia ridícula. Seu rosto comprido estava ruborizado, e os olhos trágicos e vidrados flamejavam. Era uma mulher possuída. A amargura, como uma doença incurável, parecia consumir o seu ser.

– O que vocês escutaram é um monte de baboseiras. Vocês que vieram “homenageá-lo”, ou saciar a curiosidade, tanto faz. Agora, vou contar a verdade sobre o Peter Kirk. Não sou hipócrita... Nunca tive medo dele vivo e não terei agora morto. Ninguém jamais teve a coragem de dizer a verdade na cara dele, mas agora ela será revelada. Aqui, no funeral dele, onde foi chamado de bom marido e um vizinho gentil. Um bom marido! Ele era casado com a minha irmã Amy... Minha linda irmã, Amy. Vocês sabem como ela era doce e adorável. Ele tornou a vida dela um inferno. Peter a torturava e a humilhava, e gostava de fazer isso. Ah, ele ia regularmente à igreja e fazia preces longas, e não devia para ninguém. Porém, era um tirano e um abusador. O próprio cachorro corria quando o via chegando.

– Eu disse que ela iria se arrepender de se casar com ele – prosseguiu. – Eu a ajudei a costurar o vestido de noiva. Teria sido melhor fazer uma mortalha. A coitadinha era louca por ele na época, e em menos de uma semana de casada descobriu quem ele era. A mãe dele tinha sido praticamente uma escrava, e esperava que a esposa também fosse. “Não quero discussões na minha casa”, ele lhe dissera. Amy não tinha forças para discutir. Seu coração estava partido. Ah, eu sei o que ela passou, pobrezinha. Ele a contrariava em tudo. Ela não podia ter um jardim de flores. Não podia ter nem um gatinho. Eu lhe dei um de presente, e ele o afogou. Era obrigada a dar satisfação de cada centavo que gastava. Vocês chegaram a vê-la com alguma roupa decente? Ele a impedia de usar o melhor chapéu, se parecesse que iria chover. A chuva não poderia estragar nenhum chapéu dela, pobre alma. Logo ela, que amava belas roupas! Peter sempre falava mal da família dela. Nunca riu na vida... Algum de vocês conhecia a risada dele? Ele sorria... Ah, sim, sempre sorria... Com calma e satisfação, enquanto cometia

as maiores atrocidades. Sorriu quando contou a ela que seu bebê recém-nascido estava morto e que ela deveria morrer também se não fosse capaz de ter filhos vivos. Amy morreu dez anos depois. E fiquei feliz por ter escapado dele. Eu lhe disse que só voltaria a entrar nesta casa no funeral dele. Alguns de vocês aqui presentes foram testemunhas. Mantive a minha palavra, e aqui estou hoje, para contar a verdade sobre ele. É a mais pura verdade. E você sabe... – apontou de maneira impetuosa para Stephen Macdonald... – E você sabe... – o dedo comprido dardejou para Camilla Blake. – E você sabe... – Olivia Kirk não moveu um músculo. – E você sabe... – Até o ministro sentiu como se tivesse sido atravessado por aquele dedo. – Eu chorei no casamento do Peter Kirk, mas o avisei que iria rir no seu funeral. E é o que vou fazer.

Então, virou-se furiosamente e inclinou-se sobre o caixão. Injustiças acumuladas durante anos foram vingadas. Finalmente estava desabafando todo o ódio. Seu corpo inteiro vibrava de triunfo e satisfação ao olhar para o rosto frio e calado do morto. Todos aguardavam pela gargalhada vingativa. Nada aconteceu. O rosto furioso de Clara Wilson subitamente mudou, contorcendo-se, enrugando-se como o de uma criança. Clara estava... chorando.

Virou-se para a frente, com lágrimas escorrendo sobre as bochechas, com a intenção de ir embora. Foi quando Olivia Kirk levantou-se e colocou a mão no braço dela. As duas entreolharam-se por um instante. A sala foi engolida por um silêncio que parecia uma presença física.

– Obrigada, Clara Wilson – disse Olivia Kirk. Seu rosto era inescrutável como sempre, mas havia algo no tom calmo e confiante dela que deixou Anne arrepiada. Era como se um poço tivesse se aberto diante dos olhos dela. Clara Wilson odiava Peter Kirk, vivo ou morto, mas Anne sentia como se o ódio dela não fosse nada comparado ao de Olivia Kirk.

Clara saiu, aos prantos, passando por um Jed enfurecido com o funeral arruinado. O ministro, que pretendia anunciar o último hino, “Nos braços de Jesus”, pensou melhor e simplesmente fez uma bênção trêmula. Jed não fez o costumeiro anúncio de que os amigos e parentes podiam agora se despedir dos “despojos”. A atitude mais decente seria abaixar a tampa do caixão e enterrar Peter Kirk o quanto antes.

Anne respirou fundo enquanto descia os degraus da varanda. Como era delicioso o ar fresco ao sair daquela sala abafada e perfumada, atormentada pelo rancor de duas mulheres.

A tarde tornou-se mais fria e cinzenta. Pequenos grupos aqui e ali no gramado discutiam o assunto em voz baixa. Clara Wilson ainda podia ser vista cruzando o pasto ressequido, a caminho de casa.

– Bem, vocês já viram algo igual? – perguntou Nelson, perplexo.

– Chocante... Chocante! – disse a senhora Baxter.

– Por que ninguém as deteve? – exigiu Henry Reese.

– Porque todos vocês queriam ouvir o que a Clara Wilson tinha a dizer – retrucou Camilla.

– Foi... Indecoroso – disse o tio Sandy MacDougall. Ele encontrou uma palavra que lhe apetecia e a saboreou sob a língua. – Indecoroso. Em um funeral deveria haver decoro, acima de tudo... Decoro.

– Ora, a vida não é engraçada? – disse Augustus Palmer.

– Lembro-me de quando Peter e Amy começaram a se envolver – disse o velho James Porter. – Foi no mesmo inverno em que a minha esposa e eu nos comprometemos. A Clara era muito formosa. E que torta de cereja ela fazia!

– Ela sempre teve a língua afiada – disse Boyce Warren. – Suspeitei de que iria jogar uma bomba quando a vi se aproximando, mas nem sonhei que chegaria a tanto. Quem poderia ter imaginado? As mulheres são muito esquisitas.

– Teremos uma história e tanto para contar pelo resto de nossa vida – disse Camilla. – Afinal, se coisas assim não acontecessem, os livros de história seriam muito chatos.

Desmoralizado, Jed chamou os responsáveis por levar o caixão até a carruagem. Quando o carro fúnebre começou a avançar pelo caminho, seguido por uma vagarosa procissão de charretes, o uivo desolador de um cachorro pôde ser ouvido do celeiro. Talvez, no fim das contas, uma criatura viva lamentasse a morte de Peter Kirk.

Stephen Macdonald aproximou-se de Anne, que esperava Gilbert. Era um homem alto com a fisionomia de um velho imperador romano, morava em Upper Glen. Anne sempre gostou dele.

– Sinto o cheiro de neve no ar – disse. – Novembro sempre me pareceu uma época nostálgica. Não tem essa impressão, senhora Blythe?

– Sim. O ano está com saudades da primavera perdida.

– Primavera... Primavera! Senhora Blythe, estou ficando velho. Surpreendo-me imaginando que as estações já não são as mesmas. O inverno não é mais como era antes, e não reconheço o verão. E a primavera... Não há mais primaveras. É o que eu sinto quando as pessoas conhecidas não voltam

mais para compartilhá-las conosco. Agora, quanto à pobre Clara Wilson... O que você achou disso tudo?

– Ah, foi de partir o coração. Tanto ódio...

– Si-i-i-im. Sabe, ela já foi apaixonada pelo Peter há muito tempo...

Perdidamente apaixonada. Clara era a garota mais linda de Mowbray Narrows na época, com cachinhos pretos emoldurando o rosto alvo. Mas Amy era uma garota risonha e divertida. Peter largou Clara para ficar com a Amy. É estranho como as pessoas são, senhora Blythe.

Havia algo sinistro na forma como o vento sacudia os abetos atrás de Kirkwynd; lá longe, uma nevasca pintava de branco uma colina onde uma fileira de choupos-da-lombardia espetava o céu cinza. Todos apressavam-se para ir embora antes que esta chegasse a Mowbray Narrows.

“Eu tenho o direito de ser feliz quando outras mulheres são tão miseráveis?”, Anne perguntou-se no caminho para casa, lembrando-se dos olhos da Olivia Kirk ao agradecer Clara Wilson.

Anne afastou-se da janela. Aquilo foi há quase doze anos. Clara Wilson estava morta, e Olivia Kirk mudou-se para a costa, onde casou-se novamente. Ela era muito mais jovem que Peter.

“O tempo é mais gentil do que imaginamos”, pensou Anne. “É um terrível engano cultivar mágoas por anos, guardando-as no coração como se fossem tesouros. Acho que Walter jamais deve descobrir o que aconteceu no funeral de Peter Kirk. Certamente, não é uma história para crianças.”

Referência ao Antigo Testamento, Salmos 78:2. (N. T.)



CAPÍTULO 34

Rilla estava sentada nos degraus da varanda em Ingleside, com uma perna sobre a outra, cruzadas sobre os adoráveis joelhos gorduchos e queimados de sol, muito ocupada em ser infeliz. E se alguém perguntasse por que uma criaturinha tão jovem estava descontente, é porque se esqueceu de como foi a própria juventude, quando as coisas mais triviais do mundo dos adultos eram as tragédias mais catastróficas. Rilla estava perdida nas profundezas do desespero porque Susan havia lhe dito que iria fazer um de seus famosos bolos para o evento social do orfanato naquela tarde, e ela estava encarregada de levá-lo até a igreja.

Não me perguntem por que Rilla sentia que preferia morrer a carregar um bolo pela vila de Glen St. Mary até a igreja presbiteriana. As crianças às vezes criam ideias absurdas em suas cabecinhas, e por algum motivo Rilla achava vergonhoso e humilhante ser vista carregando um bolo por aí. Talvez fosse porque, quando tinha somente 5 anos, viu a senhora Tillie Parker carregando um bolo na rua com todas as crianças da vila em seu encalço, zombando e rindo dela. A velha Tillie morava em Harbour Mouth, e era uma velha muito suja e maltrapilha.

“Tillie Parker, um velha, um trapo Roubou um bolo do prato E deu dor de barriga no ato”

Rilla não suportaria ser comparada à Tillie Pake. A ideia de que “não dava para ser uma dama” e carregar bolos por aí se alojara na mente dela. Era por isso que estava sentada na varanda, desconsolada, sem o sorriso de sempre na boquinha onde faltava um dente da frente. Em vez da expressão de quem compreendia o que os narcisos estavam pensando ou de quem compartilhava um segredo com as rosas douradas, ela dava a impressão de quem estava arrasada para sempre. Até mesmo os grandes olhos cor de avelã que quase se fechavam quando ria pareciam atormentados, no lugar das habituais poças de ternura. “Seus olhos foram tocados pelas fadas”, dissera-lhe a tia Kitty

MacAllister certa vez. O pai jurara que havia nascido para encantar as pessoas, e que sorrisse para o doutor Parker meia hora depois de nascer. Por enquanto, Rilla podia comunicar-se melhor com os olhos do que com a língua, pois sua fala tinha um ceceo muito marcante. Mas logo superaria isso... Estava crescendo rápido. No ano passado, o pai a medira com uma roseira; naquele ano, com um arbusto de flox; logo seria com a malva-rosa, e em breve iria para a escola. Estava muito feliz e satisfeita consigo mesma antes do anúncio terrível de Susan.

– Realmente – disse Rilla para o céu com indignação –, a Susan não tem um pinga de bom-senso. – Pronunciou “Sussan”, mas o esplêndido céu azul a encarou de volta compreensivamente.

A mamãe e o papai tinham ido para Charlottetown naquela manhã, e todas as outras crianças estavam na escola, então Rilla e Susan eram as únicas em Ingleside. Normalmente, ficava contente nessas circunstâncias. Nunca se sentia solitária; sentada ali na varanda ou sobre a pedra coberta de musgo no Vale do Arco-Íris, na companhia de um gatinho amarelo ou dois, transformando em fantasias tudo que via: um canto do jardim que parecia uma pequena terra encantada das borboletas; os crisântemos pairando sobre o jardim; a grande nuvem fofa sozinha no céu; as abelhas sobrevoando as capuchinhas, a madressilva que se curvava para tocar os cachos avermelhados com os dedos amarelos; o vento que soprava: “para onde ele soprava?”; o Tordo Ousado, que estava de volta e saltitava altivamente no gradil da varanda, perguntando-se por que Rilla não queria brincar com ele... E ela não podia pensar em nada além do fato exasperante de que teria de carregar um bolo... Um bolo... Pelo vilarejo até a igreja, onde aconteceria um evento em prol dos órfãos. Tinha uma vaga noção de que o orfanato ficava em Lowbridge e as pobres criancinhas que moravam ali não tinham pais nem mães. Sentia muitíssima pena deles. Ainda assim, nem para o mais órfão dos órfãos a pequena Rilla Blythe estava disposta a ser vista em público carregando um bolo.

Talvez, se chovesse, não precisasse ir. Não parecia que ia chover, mas Rilla uniu as mãos, havia uma covinha sob cada dedinho, e disse, com toda seriedade:

– Por favor, querido Deus, faça chover bastante. Faça chover canivetes. Senão... – Rilla pensou em outra possibilidade de salvação. – Faça o bolo da “Sussan” queimar... Até fírir “sinssas”.

No entanto, quando chegou a hora de comer, lá estava o bolo sobre a mesa da cozinha, triunfantemente assado, recheado e decorado. Era o bolo favorito dela. “Bolo Dourado e Prata” soava tão luxuoso... Mas achava que nunca mais iria conseguir comer uma fatia sequer.

Entretanto, aquele barulho vindo das colinas baixas do outro lado do porto não era de trovões? Talvez Deus tivesse ouvido as preces dela... Talvez houvesse um terremoto antes da hora de ir. Se o pior viesse a acontecer, será que não poderia ter uma boa dor de estômago? Não. Rilla estremeceu. Isso significaria óleo de rícino. Melhor seria um terremoto!

As outras crianças não perceberam que a Rilla, sentada na cadeira adornada com o patinho branco bordado em lã no encosto, estava muito quieta. Egoístas! Se a mamãe estivesse em casa, teria reparado. A mamãe havia percebido de imediato o quão preocupada ela ficara no dia em que a foto do papai saíra no *Enterprise*. Rilla chorava copiosamente no quarto quando a mamãe entrou e descobriu que a menina achava que os jornais só publicavam fotos de assassinos. A mamãe iria gostar de ver a filha carregando um bolo em pleno vilarejo como a velha Tillie Pake?

Rilla não conseguiu comer direito, embora Susan tivesse posto o prato azul adorável com a guirlanda de botões de rosas, dado por tia Rachel Lynde em seu último aniversário, e que a deixavam usar somente aos sábados. Pratos “assuis” e botões de “rossas”! Justo quando era obrigada a fazer algo tão vergonhoso! Mas os bolinhos de frutas que a Susan fez de sobremesa estavam deliciosos.

– “Sussan”, a Nan e a Di não podem levar o bolo depois da escola? – implorou.

– Di vai para a casa da Jessie Reese depois da escola, e Nan está com um osso na perna – disse Susan, tentando ser engraçada. – Além disso, ficaria muito tarde. O comitê quer todos os bolos lá até as três horas, para que possam arrumar tudo antes de irem para casa jantar. Por que você não quer ir, fofinha? Você gosta tanto de ir ao correio.

Rilla estava um pouco gordinha. Apear disso, odiava ser chamada daquele jeito.

– Não quero que machuquem meus sentimentos – explicou, muito séria.

Susan riu. Rilla estava começando a dizer coisas que faziam a família rir.

Ela não entendia por que todos riam, pois sempre falava com seriedade. Só a mamãe nunca ria; não riu nem quando descobriu que Rilla achava que o pai era um assassino.

– O evento é para angariar dinheiro para meninos e meninas desafortunados que não têm pais – explicou Susan, como se ela fosse um bebezinho que não compreendia as coisas!

– Sou quase uma órfã – disse Rilla. – Só tenho um pai e uma mãe.

Susan riu de novo. Ninguém entendeu.

– Você sabe que a sua mãe prometeu aquele bolo ao comitê, meu amor. Não tenho tempo para levá-lo até lá. Então, coloque o seu vestido xadrez azul e vá o quanto antes.

– A minha boneca está doente – disse Rilla, desesperada. – Tenho de colocá-la na cama e ficar com ela. Talvez seja amônia.

– Sua boneca ficará muito bem. Você pode ir e voltar em meia hora – foi a resposta impiedosa da Susan.

Não havia esperança. Até Deus a havia abandonado... Não havia nem um sinal de chuva. Rilla, próxima demais das lágrimas para continuar a protestar, subiu e colocou o vestido de organdi franzido e o chapéu de ir à igreja, adornado com margaridas. Se parecesse respeitável, talvez as pessoas não pensassem que era como a Tillie Parker.

– Acho que meu rosto está limpo. “Fossê” poderia, por favor, checar atrás das minhas orelhas? – falou para Susan com altivez.

Teve medo que Susan a repreendesse por ter colocado suas melhores roupas. Mas ela apenas inspecionou as orelhas da menina, entregou a cesta com o bolo e lhe disse para ter modos e não parar para conversar com todo gato que encontrasse no caminho, pelo amor de Deus.

Rilla fez uma careta de rebeldia para Gog e Magog e se foi. Susan a observou, zelosa.

“Nosso bebê já tem idade suficiente para levar um bolo até a igreja sozinha”, pensou com um misto de orgulho e melancolia ao voltar para o trabalho, sem fazer a menor ideia da tortura que estava infligindo à criaturinha pela qual daria a própria vida.

Rilla não se sentia tão mortificada desde que havia dormido na igreja e caído do banco. Adorava ir até a vila. Geralmente, havia muitas coisas para se ver; só que naquele dia, o fascinante varal de roupas da senhora Carter Flagg, com todas as colchas adoráveis, não chamou a atenção dela, assim como o novo cervo de ferro forjado que o senhor Augustus Palmer havia colocado no jardim. Era a primeira vez que passava por ali e não ansiava um no gramado de Ingleside. Que diferença faziam os cervos de ferro forjado? O sol quente despejava-se como um rio sobre as ruas lotadas. Duas garotas

passaram por ela, cochichando. Sobre ela? Imaginou o que estariam falando. Um homem que passava a encarou. Ele estaria se perguntando se aquela era mesmo a filha mais nova dos Blythe, e minha nossa, como é linda! Mas sentiu os olhos dele atravessarem a cesta e focarem no bolo. E quando Aninha Drew passou por ela junto com o pai, teve certeza de que a menina estava rindo dela. Aninha Drew tinha dez anos, e era muito grande aos olhos de Rilla.

Havia um grupo de meninos e meninas na esquina da rua Russell. Teria que passar por eles. Era horrível a sensação de que todos a encaravam e depois se entreolhavam. Avançou, com um desespero tão petrificante que todos a acharam uma esnobe, que precisava aprender a ser mais humilde. Eles iriam dar uma lição naquela coisinha com cara de gato! Era uma convencida, como todas as garotas de Ingleside! Só porque viviam em uma casa grande!

Millie Flagg começou a imitar o jeito de caminhar de Rilla atrás dela, levantando uma nuvem de poeira ao redor das duas.

– Onde a cesta vai junto com a criança? – gritou o Drew “Pegajoso”.

– O seu nariz está sujo, cara de bolacha! – disse Sarah Warren.

– Piolhinho! – zombou Beenie Bentley.

– Fique do seu lado da estrada, ou eu te obrigarei a comer um besouro – disse o grandalhão Sam Flagg, antes de voltar a roer uma cenoura crua.

– Ela está ficando vermelha – riu Mamie Taylor.

– Aposto que está levando um bolo para a igreja presbiteriana – disse Charlie Warren. – Deve estar com pouco recheio, como todos os bolos que a Susan Baker faz.

O orgulho não permitia que Rilla chorasse, mas tudo tinha um limite. Afinal, aquele era um bolo de Ingleside...

– Da próxima vez que ficarem doentes, “fou” falar para o meu pai não dar nenhum remédio para “fossês” – disse, em tom de desafio.

Então seu desespero aumentou. Aquele era Kenneth Ford, virando a curva da estrada do porto? Não podia ser! Era mesmo!

Ken e Walter eram amigos, e o coraçãozinho dela achava que ele era o garoto mais bacana e lindo do mundo inteiro. Ele raramente a notava... Embora já tivesse lhe dado um patinho de chocolate. E em um dia memorável, sentou-se ao seu lado na pedra coberta de musgo no Vale do Arco-Íris e lhe contou a história dos Três Ursos e a Casinha da Floresta.

Contudo, ela estava contente admirando-o ao longe. E agora, aquele ser maravilhoso a flagraria carregando um bolo!

– Oi, fofinha! Está muito calor, não é mesmo? Tomara que eu consiga um pedaço desse bolo hoje à noite.

Ele sabia que era um bolo! Todo mundo sabia!

Rilla havia cruzado a vila e achava que o pior já tinha passado quando o pior de fato aconteceu. Viu a professora da escola dominical, a senhorita Emmy Parker, aproximando-se por uma estrada secundária. Ela ainda estava bem longe, mas Rilla a reconheceu pelo vestido: o vestido de organdi verde-claro frisado cheio de florezinhas, “o vestido de flores de cerejeira”, como secretamente o chamava. A senhorita Emmy o usara no domingo passado, e a menina achou o vestido mais adorável que já tinha visto. A professora sempre usava vestidos tão deslumbrantes, às vezes com laços e babados, às vezes com detalhes em seda.

Rilla venerava a senhorita Emmy. Ela era tão bonita e elegante, com a pele alvíssima, os olhos castanhíssimos e o sorriso doce e melancólico... Melancólico porque o homem com quem iria se casar tinha morrido, foi o que outra garota menor sussurrou para Rilla um dia. Era tão bom estar na classe da senhorita Emmy... Detestaria estar na classe da senhorita Florie Flagg... Florie Flagg era horrorosa, e Rilla não suportaria ter uma professora feia.

Quando Rilla encontrava a professora fora da classe e a senhorita Emmy sorria e conversava com ela, era um dos melhores momentos da vida. Um meneio de cabeça quando a encontrava na rua já alegrava estranhamente o coração, e quando a senhorita Emmy convidou a classe inteira para uma festa de bolinhas de sabão, onde eles tingiram as bolhas com suco de morango, Rilla quase morreu de puro êxtase.

Entretanto, não suportaria ser vista pela professora carregando um bolo.

Além disso, a senhorita Emmy estava organizando uma apresentação para o próximo concerto da escola dominical, e a menina sonhava secretamente em ser escolhida para o papel da fada: uma fada vestida de escarlata, com um pequeno chapéu verde pontudo. Todavia, suas esperanças seriam em vão se a professora a visse naquele momento.

A senhorita Emmy não podia vê-la! Rilla estava parada na pequena ponte sobre o riacho, que era bem fundo e estreito naquele trecho. Ela tirou o bolo de dentro da cesta e jogou-o onde os amieiros se encontravam sobre a água escura. O bolo atravessou os galhos e afundou com um gorgolejo. Rilla

sentiu um súbito estremecimento de alívio ao virar-se para a senhorita Emmy, que trazia um grande embrulho de papel marrom.

A professora sorriu para ela por debaixo de um pequeno chapéu verde, com uma pluma laranja minúscula.

– Ah, como você está linda, professora – arfou Rilla.

A senhorita Emmy sorriu de novo. Mesmo com o coração partido – e a professora realmente acreditava que assim estava o dela – não é nada mal receber um elogio sincero.

– É o novo chapéu, eu espero, querida. As plumas são charmosas. – Ela então olhou a cesta vazia... – Suponho que você já levou o seu bolo para o evento de caridade. Que pena já estar voltando, e não indo. Estou levando o meu... Um bolo de chocolate grande e cremoso...

Rilla apenas a encarou, incapaz de proferir uma palavra. A senhorita Emmy estava levando um bolo, então não deveria ser uma desgraça carregar um bolo. E Rilla... Ah, o que tinha feito? Havia jogado o incrível bolo dourado e prata da Susan no riacho... E perdera a chance de caminhar com a senhorita Emmy até a igreja, ambas levando um bolo!

Depois que a senhorita Emmy foi embora, Rilla voltou para casa com um terrível segredo. Enfurnou-se no Vale do Arco-Íris até a hora do jantar, e novamente ninguém percebeu o quão estava calada. Estava morrendo de medo que a Susan perguntasse para quem entregara o bolo, mas nenhuma pergunta embaraçosa foi feita. Depois de comer, as outras crianças foram brincar no Vale, e Rilla ficou sentada nos degraus até que o sol se pôs, pintando o céu de ouro, e luzes se acenderam no vilarejo lá embaixo. Ela sempre gostava de vê-las surgindo por toda Glen, aqui e ali; só que naquela noite, porém, não estava interessada em nada. Nunca estivera tão infeliz na vida e não sabia como conseguiria seguir vivendo. A tarde ganhou tons de púrpura, e ela ficou ainda mais triste. Um aroma delicioso de bolinhos de açúcar de bordo chegou até ela. Susan havia esperado o frescor da noite para assar. Nada obstante, bolinhos de açúcar de bordo eram pura vaidade.

Deprimida, subiu as escadas e deitou-se sob a nova colcha rosa e florida da qual já tivera muito orgulho. Rilla não conseguiu dormir. O fantasma do bolo que havia afogado ainda a assombrava. A mamãe prometera aquele bolo ao comitê. O que eles pensariam da mamãe? E teria sido o bolo mais vistoso do evento! O vento forte soava tão solitário naquela noite. Parecia repreendê-la, repetindo o seguinte: “Boba... Boba... Boba”.

– O que está te deixando acordada, meu amor? – disse Susan, chegando com um dos bolinhos doces.

– Ah, “Sussan”, eu... Só estou cansada de ser eu mesma.

Susan parecia consternada. Pensando bem, a criança estava muito quieta durante o jantar.

“E, obviamente, o doutor saiu. Em casa de ferreiro, o espeto é de pau”, pensou ela. Em voz alta, disse:

– Vou checar a sua temperatura, meu amor.

– Não, não. Fiz algo terrível, “Sussan”... O diabo me obrigou... Não, não foi ele... Fui eu mesma, eu... Joguei o bolo no riacho.

– Pelo amor de Deus! – disse Susan, com assombro. – Por que fez isso?

– Fez o quê? – A mamãe tinha voltado para casa. Susan retirou-se, contente pela senhora do doutor estar ali para lidar com a situação. Rilla contou a história aos soluços.

– Querida, não entendi. Por que você fez uma coisa tão horrível com um bolo destinado à igreja?

– Achei que estava agindo igual a “felha” Tillie Parker, mamãe. Eu te “enfergonhei”! Ah, mamãe, se me perdoar, nunca mais serei travessa... E contarei ao comitê que “fossê” mandou o bolo...

– Não se preocupe com o comitê, querida. Eles terão bolos de sobra... É sempre assim. Provavelmente ninguém notará que não mandamos nada. Não falaremos disso com mais ninguém. Mas nunca se esqueça, Bertha Marilla Blythe, que Susan ou a mamãe jamais mandariam você fazer algo vergonhoso.

A vida voltou a ser doce. O papai disse na porta do quarto: “Boa noite, gatinha”, e Susan passou para dizer que iria fazer torta de frango para o jantar de amanhã.

– Com bastante recheio, “Sussan”?

– Um montão.

– E posso comer um “ofo” marrom no café da manhã? Sei que não mereço, mas...

– Pode comer até dois, se quiser. Agora, coma o bolinho e vá para a cama, meu amor.

Rilla comeu o bolinho. Antes de dormir, desceu da cama e ajoelhou-se. Com muita sinceridade, disse:

– Querido Deus, por “fafor”, ajude-me a ser sempre uma criança boazinha e obediente, não importa o que me peçam. E abençoe a querida senhorita

Emmy e os pobres órfãos.



CAPÍTULO 35

As crianças de Ingleside brincavam juntas, andavam juntas e tinham todos os tipos de aventura juntas; além disso, cada uma tinha o próprio mundo de sonhos e fantasias. Especialmente Nan, que desde muito cedo elaborava dramas secretos envolvendo tudo que ouvia, via e lia, habitando reinos de maravilha e romance dos quais ninguém da família suspeitava. No princípio, imaginava bailes de fadas e elfos em vales mágicos, e dríades entre os galhos dos pinheiros. Ela e o grande salgueiro no portão cochichavam confidências, e a velha casa abandonada dos Bailey além do Vale do Arco-Íris eram as ruínas de uma torre assombrada. Passou semanas fazendo de conta que era a filha de um rei aprisionada em um ermo castelo solitário à beira-mar... Durante meses foi uma enfermeira em uma colônia de leprosos na Índia, ou em alguma terra “muito, muito distante”. “Muito, muito distante” sempre foram palavras mágicas para Nan... Como uma linda melodia sutil em uma colina ventosa.

À medida que crescia, elaborava dramas envolvendo as pessoas reais de sua pequena vida. Especialmente as pessoas na igreja. Nan gostava de olhar para as pessoas na igreja porque todos se aprumavam com muito esmero. Era quase miraculosa a diferença de como se vestiam no resto da semana.

Os ocupantes respeitáveis e calados dos vários bancos ficariam perplexos e talvez um pouco horrorizados se soubessem as tramas que a jovem dama comportada e de olhos castanhos de Ingleside concatenava com eles.

Annetta Millison, dona de sobancelhas pretas e um bom coração, ficaria chocada em saber que Nan Blythe a romanceava como uma sequestradora de crianças, que as fervia vivas para fazer poções que a mantinha jovem para sempre. Sua imaginação era tão vívida que quase morreu de medo em certo entardecer, quando encontrou Annetta Millison em uma estrada agitada pelo sussurro dos botões-de-ouro. Sendo incapaz de retribuir a saudação simpática de Annetta, a qual refletiu que Nan Blythe precisava aprender boas

maneiras, ou se tornaria uma jovem arrogante. A pálida esposa do senhor Rod Palmer nem sonhava que havia envenenado alguém e estava morrendo de remorso. Gordon MacAllister, do rosto solene, não fazia ideia de que havia sido amaldiçoado por uma bruxa ao nascer, impedindo-o de sorrir. Fraser Palmer, com seu bigode preto e sua vida exemplar, jamais saberia que Nan Blythe pensava ao olhar para ele: “Tenho certeza de que esse homem cometeu algum ato obscuro e desesperado. Ele parece carregar algum segredo horrível na consciência”. E o Archibald Fyfe sequer suspeitava que, quando o via, Nan tratava de inventar algum verso para responder qualquer comentário que ele pudesse fazer, pois todos deveriam dirigir-se a ele somente com rimas. Ele nunca falara com ela, uma vez que tinha muito medo de crianças, mas Nan divertia-se loucamente tentando inventar uma rima no ato.

“Obrigada, senhor Fyfe, estou melhor agora
Como vão o senhor e a sua senhora?”
ou

“Sim, está um lindo dia,
Veja como o sol irradia.”

Não há como saber o que senhora a Morton Kirk teria dito se soubesse que Nan Blythe não queria chegar nem perto da casa dela, caso fosse convidada, porque havia uma pegada vermelha no umbral da porta; e a cunhada dela, a plácida e bondosa Elizabeth Kirk, não sabia que era uma solteirona porque o amor da vida dela caíra morto no altar pouco antes da cerimônia de casamento.

Era tudo muito divertido e interessante, e Nan nunca havia se confundido entre realidade e ficção até ficar obcecada com a Dama dos Olhos Misteriosos.

É inútil tentar entender como surgem os sonhos. A própria Nan não conseguiria explicar de onde ele veio. Começou com a CASA TENEBROSA... Nan sempre a imaginava assim, com letras maiúsculas. Também gostava de criar histórias envolvendo lugares, e a CASA TENEBROSA era a única por perto, com exceção da casa da velha casa dos Bailey, com potencial para um enredo. Nan nunca tinha visto a CASA pessoalmente e sabia apenas que estava lá, vazia desde tempos imemoriais, atrás de um grande abeto em uma estrada secundária que levava a Lowbridge. Era o que dizia Susan. Nan não sabia o que eram os tempos

imemoriais, mas era uma frase interessante, que combinava com casas tenebrosas.

Nan sempre passava correndo pela estradinha que levava à CASA TENEBROSA quando ia visitar sua amiga Dora Clow. Era uma estrada longa e escura encoberta por árvores arqueadas de ambos os lados, com grama alta entre os sulcos e samambaias que chegavam à altura da cintura entre os abetos. Havia um longo ramo de bordo cinza perto do portão tombado e se parecia exatamente com um braço que se dobrava para agarrá-la. E a qualquer momento podia aproximar-se um pouquinho mais e prendê-la. Era emocionante escapar dele.

Certo dia, para seu espanto, Nan ouviu Susan dizer que Thomasine Fair havia se mudado para a CASA TENEBROSA, ou, como Susan a chamava sem um pinga de emoção, a velha casa dos MacAllister.

– Ela não vai se importar – disse Susan. – Ela nunca vai a lugar algum, nem mesmo à igreja. Não sai de casa há anos... Mas dizem que caminha pelo jardim à noite. E pensar que chegou a tal estado... Logo ela, que era tão linda e tão paqueradora. A quantidade de corações que partiu na juventude! E olhem só para ela! Bem, que sirva de aviso.

Susan não explicou para quem era o aviso e não tocou mais no tema, pois ninguém em Ingleside tinha muito interesse em Thomasine Fair. Todavia Nan, cansada das fantasias de sempre e ansiosa por algo novo, apropriou-se da Thomasine Fair e da CASA TENEBROSA. Pouco a pouco, dia após dia, noite após noite (é possível acreditar em qualquer coisa à noite), ela arquitetou uma lenda que foi tomando dimensões irreconhecíveis, tornando-se o sonho mais doce que já tivera. Nenhuma outra história tinha sido tão fascinante e tão real quanto a da Dama dos Olhos Misteriosos. Olhos grandes, pretos e aveludados... Olhos vazios... Olhos assombrados... Repletos de remorso pelos corações que partira. Olhos cruéis... Qualquer pessoa que partia corações e não ia à igreja devia ser cruel. Pessoas cruéis eram muito interessantes. A Dama estava se isolando do mundo como penitência pelos crimes cometidos.

Seria uma princesa? Não, princesas eram raras na Ilha do Príncipe Edward. Ainda assim, era alta, esguia, reservada e dona de uma beleza gélida como a de uma princesa, com cabelos pretos e longos presos em duas tranças grossas caídas sobre os ombros e chegando até os pés. Ela devia ter um rosto esculpido, um nariz grego elegante como o da Artêmis do Arco de Prata da mamãe, e mãos alvas e delicadas que retorcia conforme caminhava

pelo jardim à noite, esperando pela alma gêmea que desdenhara e havia aprendido a amar tarde demais – percebe como a lenda foi crescendo? – enquanto arrastava pela grama as saias longas e pretas de veludo. Usaria também um espartilho dourado e grandes brincos de pérolas e passaria o resto da vida em meio a sombras e mistérios até que o verdadeiro amor viesse para libertá-la. Então, se arrependeria da crueldade e dos crimes de outrora e estenderia as belas mãos para ele, enfim abaixando a cabeça orgulhosa em submissão. Eles se sentariam ao lado da fonte... Havia uma fonte, para todos os efeitos. E trocariam novos votos e, em seguida, ela o seguiria “rumo às colinas longínquas, para além de seus cumes violetas”, assim como fez a Princesa Adormecida no poema lido pela mamãe certa noite, poema de um velho livro de Tennyson que o papai lhe dera de presente muito, muito tempo atrás. Só que o amado da Dama dos Olhos Misteriosos lhe dava joias incomparáveis.

A CASA TENEBROSA devia ser mobiliada com luxo, é claro, com quartos e escadarias secretas, e a Dama dos Olhos Misteriosos dormiria em uma cama de madrepérola com um dossel de veludo púrpura. Ela teria a companhia de um galgo, de um monte deles... De uma matilha deles... E estaria sempre atenta... Esperando... Esperando... Esperando ouvir a música longínqua de uma harpa. Só que não seria capaz de ouvi-la enquanto fosse cruel, enquanto seu amado não viesse e a perdoasse. E assim terminava a história.

Parece uma tolice, é claro. Sonhos soam tolos quando colocados em palavras brutas e frias. Com seus 10 anos, Nan nunca colocava os dela em palavras. Apenas os vivenciava. O sonho da cruel Dama dos Olhos Misteriosos tornou-se tão real quanto a vida que a cercava, apoderando-se dela. Já fazia dois anos que era parte dela. De alguma forma estranha, Nan passara a acreditar nele. Por nada no universo o teria revelado a alguém, nem para a mamãe. Era o tesouro privado da menina, seu segredo inalienável; não conseguia imaginar a vida sem ele. Preferia ficar sozinha, sonhando com a Dama dos Olhos Misteriosos, do que brincar no Vale do Arco-Íris.

Anne percebeu essa tendência e começou a se preocupar. Nan estava ficando muito retraída. Gilbert queria mandá-la a Avonlea para uma visita, só que Nan, pela primeira vez, implorou para não ir. Não queria sair de casa, alegou com pesar. Para si mesma, disse que morreria se tivesse de se afastar da singular, tristonha e cativante Dama dos Olhos Misteriosos. A Dama nunca ia a lugar nenhum, era a verdade. Mas talvez fosse sair de casa algum

dia, e se Nan não estivesse em Ingleside, iria perder esse momento. Como seria maravilhoso ter um vislumbre dela! Até o caminho por onde passasse se tornaria romântico para sempre. O dia em que isso acontecesse seria diferente de todos os outros. Ela faria um círculo ao redor dele no calendário. Nan havia chegado ao ponto de desejar fervorosamente vê-la, mesmo que só uma vez. Sabia muito bem que boa parte do que tinha imaginado não passava disto: imaginação. Entretanto, não tinha a menor dúvida de que Thomasine Fair era jovem e encantadora e cruel e admirável... Àquela altura, tinha certeza de ter ouvido Susan dizendo tais coisas. E enquanto fossem verdadeiras, Nan poderia continuar eternamente fantasiando sobre ela.

Nan mal pôde acreditar quando Susan disse em uma manhã:

– Preciso mandar um pacote que o seu pai trouxe da cidade ontem à noite para a Thomasine Fair, que mora na velha casa dos MacAllister. Você pode levá-lo nesta tarde, amorzinho?

Nan prendeu a respiração. O que fazer? Será que os sonhos se tornavam mesmo realidade desse jeito? Ela conheceria a CASA TENEBROSA e a deslumbrante e cruel Dama dos Olhos Misteriosos. Iria vê-la de verdade, e talvez escutá-la falar, e talvez... Ah, que alegria! E talvez tocar a mão alva e magra dela. Quanto aos cães e à fonte, a menina sabia que os tinha apenas imaginado, mas não tinha dúvidas de que a realidade seria igualmente maravilhosa.

Nan vigiou o relógio a manhã inteira, observando o tempo passar devagar... Ah, tão devagar! Quando um trovão soou ameaçadoramente e a chuva começou a cair, precisou se esforçar para conter as lágrimas.

– Não sei como Deus permitiu que chovesse hoje – sussurrou, sentindo-se revoltada.

A chuva parou em pouco tempo, e o sol voltou a brilhar. Nan estava tão empolgada que quase não conseguiu comer nada.

– Mamãe, posso ir com o meu vestido amarelo?

– Por que você quer se arrumar tanto para ir à casa de uma vizinha, filha?

Uma vizinha! Era óbvio que a mamãe não entendia... Não seria capaz de entendê-la.

– Por favor.

– Muito bem – disse Anne. O vestido amarelo ficaria curto em breve. Era melhor deixar Nan aproveitá-lo ao máximo.

As pernas de Nan tremiam ao sair com o precioso pacote em mãos. Tomou o atalho pelo Vale do Arco-Íris, subiu a colina e chegou à estrada secundária. Gotas de chuva ainda decoravam as folhas das capuchinhas como grandes pérolas. Havia um delicioso frescor no ar; as abelhas zuniam sobre os trevos brancos à beira do riacho; libélulas finas e azuis cintilavam sobre a água, as Agulhas do Diabo, como Susan as chamava; nas pastagens sobre a colina as margaridas a observavam, balançando, acenando e rindo para ela, em meio ao frescor dourado e prateado. A vista era tão arrebatadora, e ela estava prestes a conhecer a Dama dos Olhos Misteriosos. O que a Dama lhe diria? Era seguro ir até lá? E se depois de alguns minutos na presença dela, Nan descobrisse que cem anos haviam se passado, como na história em que ela e Walter leram na semana anterior?



CAPÍTULO 36

Nan sentiu um formigamento esquisito nas costas ao entrar na estradinha que levava até a casa. A árvore morta tinha se mexido? Não, ela escapara e estava a salvo. Rá, bruxa velha, você não conseguiu me pegar! O barro e os buracos pela trilha não eram capazes de diminuir seu entusiasmo. Mais alguns passos... A CASA TENEBROSA estava logo adiante, em meio às árvores escuras e gotejantes. Nan finalmente a veria! Sentiu um leve estremecimento, sem saber que era por causa de um medo secreto de perder seu sonho. O que era sempre, para jovens, adultos e idosos, uma catástrofe.

Passou por uma abertura entre um grupo de abetos jovens e frondosos que cobriam o final da estradinha. Seus olhos estavam fechados; ousaria abri-los? Uma onda de terror tomou conta dela por um instante e por pouco não deu meia-volta e saiu correndo. Afinal, a Dama era cruel. Quem poderia dizer do que era capaz? Podia até ser uma bruxa. Como nunca lhe ocorrera que a Dama Cruel podia ser uma bruxa?

Então, decidiu abriu os olhos.

Aquela era a CASA TENEBROSA, a mansão sombria, majestosa e com torres dos sonhos dela? Aquilo?

Tratava-se de uma casa grande que já tinha sido branca, agora apresentando um tom cinzento apagado. Aqui e ali, persianas quebradas, outrora verdes, pendiam soltas. Os degraus da entrada estavam quebrados. A maioria dos painéis do alpendre desolado que já fora envidraçado estava estilhaçada. A madeira entalhada ao redor da varanda caía aos pedaços. Ora, não passava de uma casa velha e decrépita!

Nan olhou desesperada ao redor. Não havia nenhuma fonte, nenhum jardim. Bem, nada que pudesse ser chamado de jardim. O espaço na frente da casa, cercado por estacas desgastadas, estava coberto por ervas daninhas e grama alta. Um porco magro remexia a terra do outro lado da cerca. Bardanas cresciam ao longo da entrada. Montes desordenados de suculentas

cresciam nos cantos, mas havia um arbusto esplêndido de lírios e, junto aos degraus gastos, um canteiro de bem-me-queres.

Nan aproximou-se lentamente do canteiro. A CASA TENEBROSA havia se perdido para sempre. Contudo, ainda restava a Dama dos Olhos Misteriosos. Com certeza ela era real... Tinha que ser! O que a Susan havia dito sobre ela, tempos atrás?

– Deus misericordioso, você quase me matou de susto! – disse uma voz débil, ainda que amistosa.

Nan olhou para a figura que de repente levantou-se detrás do canteiro de bem-me-queres. Quem era ela? Não podia ser... Nan se recusava a acreditar que aquela era Thomasine Fair. Seria horrível demais!

“Ora”, pensou Nan, aturdida pela decepção, “ela... ela é velha!”

Thomasine Fair, se aquela fosse mesmo a Thomasine Fair – e agora ela sabia que se tratava dela – era realmente velha. E gorda! Parecia um colchão de plumas com um cordão amarrado no meio, com o qual a magérrima Susan sempre comparava as mulheres rotundas. Estava descalça, com um vestido verde amarelado pelo tempo e um chapéu de feltro masculino sobre os cabelos grisalhos e escassos. O rosto era redondo como a letra ó, enrugado e vermelho, com um nariz de batata. Os olhos eram de um azul-claro, cercado por grandes pés de galinha que se acentuavam quando sorria.

“Ah, minha Dama... Minha charmosa, cruel Dama dos Olhos Misteriosos, onde você está? O que aconteceu? Você não existe!”

– Quem é essa garotinha tão bonita? – perguntou Thomasine Fair.

Nan tentou recordar os bons modos.

– Eu... Me chamo Nan Blythe. Vim trazer isso.

Animada, Thomasine Fair pegou o pequeno embrulho.

– Bem, estou feliz em ter meus óculos de volta! Fizeram muita falta na hora de ler os almanaques aos domingos. Você é uma das meninas da família Blythe? Que cabelo lindo! Sempre quis conhecer vocês. Ouvi dizer que a sua mamãe está educando os filhos com base na ciência. Vocês gostam disso?

– Se... Gostamos... Do quê? – “Ah, cruel e charmosa Dama, você não lia os almanaques aos domingos. E tampouco dizia ‘mamãe’”.

– Ora, ser educada com base na ciência.

– Eu gosto do jeito que somos criados – disse Nan, tentando ao máximo sorrir.

– Bem, a sua mamãe é uma mulher muito fina. Sabe como se portar. Quando a vi pela primeira vez no funeral da Libby Taylor, achei que fosse

uma noiva, de tão feliz que parecia. Quando sua mãe chega a algum lugar, sempre tenho a impressão de que as pessoas ficam atentas, como se algo estivesse prestes a acontecer. As novidades da moda combinam com ela, também. A maioria de nós não fica bem com elas. Agora, entre e sente-se um pouco... Estou contente em receber uma visita. Às vezes me sinto sozinha. Não tenho condições para mandar instalar um telefone. As flores são a minha companhia... Já viu bem-me-queres mais lindos? Também tenho um gato.

Nan queria fugir para os confins da terra, mas sentia que não podia ferir os sentimentos da idosa. Thomasine, com a anágua aparecendo por baixo do vestido, subiu os degraus quebrados e a levou para uma sala que evidentemente era a cozinha e a sala de estar juntas. O ambiente era impecável, adornado por plantas viçosas. A fragrância deleitável de pães recém-assados permeava o ar.

– Sente-se – disse Thomasine com bondade, oferecendo uma cadeira de balanço com uma alegre almofada de retalhos. Vou tirar esse lírio do caminho. Espere até eu colocar a dentadura de baixo. Eu fico engraçada sem ela, não acha? É que machuca um pouco. Pronto, agora falarei com mais clareza.

Um gato malhado, emitindo uma variedade de miados, entrou para cumprimentá-las. “Ah, os galgos não passavam de um sonho!”.

– Esse gato é um ótimo caçador – disse Thomasine. – A casa está cheia de ratos. Mas pelo menos tenho um teto sobre a minha cabeça, e eu estava cansada de viver com parentes. Não me sentia dona do meu próprio espírito. Era deixada de canto como se fosse lixo. A esposa do Jim era a pior. Certa noite, reclamou porque eu estava fazendo caretas para a lua. Bem, e se eu estivesse mesmo? Por acaso a lua ficou machucada? Eu disse: “Não vou mais ser um saco de pancadas”. Então, vim morar sozinha, e aqui ficarei enquanto puder usar as pernas. Agora, gostaria de comer alguma coisa? Posso fazer um sanduíche de cebola.

– Não... Obrigada.

– São ótimos para curar um resfriado. Estou com um... Percebe como minha voz está rouca? Eu coloco um pano vermelho com terebintina e gordura de ganso em volta do pescoço quando vou dormir. Não há nada melhor.

“Pano vermelho e gordura de ganso! Sem falar na terebintina!”.

– Se não quer um sanduíche... Tem certeza que não quer mesmo?... Vou ver o que tenho na lata de biscoitos.

Os biscoitos, em formato de galos e patos, eram surpreendentemente bons, do tipo que derrete na boca. A senhora Fair sorriu para Nan com os olhos cansados.

– Agora você gosta de mim? Eu realmente adoro quando as menininhas simpatizam comigo.

– Vou tentar – balbuciou Nan, pois naquele momento a odiava como só se odeia aqueles que destroem nossos sonhos.

– Tenho alguns netinhos que moram no oeste, sabe.

“Netos!”.

– Aquela é uma foto deles. Lindos, não? Aquele é o meu pobre e amado marido. Faz vinte anos que morreu.

A foto do pobre e amado marido era um grande retrato a lápis de um homem de barba e com uma grande orla de cabelos brancos ao redor da cabeça calva.

“Ah, e pensar nos amores desdenhados!”.

– Foi um bom marido, apesar de ter ficado careca aos 30 – recordou a senhora Fair com saudade. – Ah, tive pretendentes à escolha quando era moça. Agora estou velha, mas me diverti bastante quando jovem. Os namoricos de domingo à noite! Os moços brigavam para ver quem ficava mais tempo sentado na sala de casa, enquanto eu mantinha a cabeça erguida como uma rainha! Meu marido era um deles, mas de início eu não tinha nada para lhe dizer. Eu gostava de rapazes mais arrojados. Por pouco não fugi com Andrew Metcalf... Mas sabia que isso me traria má sorte. Nunca fuja com um pretendente. Traz azar, e não deixe ninguém lhe dizer o contrário.

– Eu... Não deixarei.

– Por fim, acabei me casando com o meu marido. A paciência dele esgotou, e me deu 24 horas para decidir se ficaria com ele ou não. Meu pai queria me casar a todo custo. Ele ficou nervoso quando o Jim Hewitt afogou-se porque eu o rejeitei. Meu marido e eu fomos muito felizes depois que nos acostumamos um com o outro. Disse que eu era ideal para ele por não pensar demais. Defendia que as mulheres não foram feitas para pensar. Alegava que pensar as tornava secas e pouco naturais. Feijões assados lhe faziam muito mal, e também tinha acessos de lumbago, mas meu bálsamo de Gileade sempre lhe aliviava o mal-estar. Havia um especialista na cidade que dizia ser possível curá-lo permanentemente, mas meu marido acreditava que uma

vez caído nas mãos desses especialistas, eles nunca mais te soltavam...

Nunca mais. Sinto falta dele na hora de alimentar o porco. Ele gostava muito de carne de porco. Nunca comi um pedacinho sequer de bacon, mas penso nele. A foto diante da dele é da Rainha Vitória. Às vezes lhe digo: “Se lhe tirassem todas as rendas e joias, minha querida, duvido que seria mais bonita do que eu”.

Antes de permitir que Nan partisse, ela insistiu para que levasse um saco de balas de menta, um vaso rosa de vidro em forma de sapatinho e um vidro de geleia de groselha.

– É para a sua mãe. Sempre tive boa sorte com a minha geleia de groselha.

Vou visitar Ingleside algum dia. Quero ver os cachorrinhos de porcelana. Agradeça a Susan Baker pelos nabos verdes que me enviou na primavera.

“Nabos verdes!”.

– Pensei em agradecer no funeral do Jacob Warren, mas ela foi embora depressa. Não gosto de ter pressa em funerais. Faz um mês que não temos nenhum. Acho entediante os períodos sem algum funeral. Sempre há muitos em Lowbridge. Não me parece justo. Venha me visitar novamente, sim?

Você tem alguma coisa... “Desfrutar de boa estima vale mais do que prata e ouro²¹”, diz o Livro Sagrado, e eu acho que ele está certo.

Ela sorriu calorosamente para Nan... Seu sorriso era doce. Nele, viu a Thomasine de outros tempos. Nan retribuiu com outro sorriso. Os olhos dela ardiam. Era preciso ir embora antes que começasse a chorar.

“Que criaturinha mais comportada”, pensou a velha Thomasine Fair, olhando Nan pela janela. “Não herdou o dom da mãe para conversar, o que talvez não seja tão ruim assim. A maioria das crianças de hoje acham que são espertas, quando na verdade estão sendo apenas atrevidas. A visita dela me fez sentir jovem outra vez.”

Thomasine suspirou e saiu para terminar de podar os bem-me-queres e as bardanas.

“Graças a Deus, ainda bem que continuo flexível”, refletiu.

Nan voltou para Ingleside órfã de um sonho. Um vale repleto de margaridas não conseguiria animá-la... O canto das águas a chamava em vão. Queria chegar em casa e afastar-se dos outros humanos. Duas garotas riram ao passarem por Nan. Estavam rindo dela? Como todos ririam, se descobrissem! A bobinha da Nan Blythe, inventou uma fábula sobre uma misteriosa rainha alva e deparou-se com uma pobre viúva e balas de menta.

“Menta!”.

Nan não ia chorar. Garotas crescidas de 10 anos não podem chorar. Contudo, a sensação de vazio era indescritível. Algo valioso e lindo havia se perdido... Uma fonte de alegria que acreditava que jamais voltaria a ter. Encontrou Ingleside tomada pelo aroma de biscoitos, mas não tentou pedir alguns de Susan. Não conseguiu comer nada no jantar, mesmo vendo “óleo de rícino” escrito nos olhos de Susan. Annie tinha notado a filha muito quieta desde que voltara da velha casa dos MacAllister... Nan, que literalmente cantava do amanhecer até a hora de dormir. A caminhada longa tinha sido demais para a menina em um dia tão quente?

– Por que essa carinha aflita, querida? – perguntou em tom casual, ao entrar no quarto das gêmeas para levar toalhas limpas e encontrar Nan enrolada no assento da janela, em vez de estar caçando tigres nas selvas equatoriais com as outras crianças enquanto escurecia no Vale do Arco-Íris.

Nan não pretendia contar para ninguém como tinha sido tão tola. De alguma forma, todavia, as coisas acharam um jeito de chegar até Anne.

– Ah, mamãe, tudo na vida é uma decepção?

– Nem tudo, querida. Gostaria de me contar o que te decepcionou hoje?

– Ah, a Thomasine Fair é... É uma boa pessoa! E tem um nariz pequeno!

– Mas o que tem de tão importante no nariz dela?

Então, a menina contou tudo. Anne ouviu com sua expressão séria de costume, rezando para não gargalhar. Lembrou-se da criança que fora em Green Gables, da Floresta Assombrada e das duas garotas que ficaram aterrorizadas pelas próprias fantasias. Sabia o puro amargor que era perder um sonho.

– Você não pode levar para o coração a perda das suas fantasias, minha querida.

– Não consigo evitar – disse Nan, com desespero. – Se eu pudesse reviver a minha vida, jamais imaginaria nada. E nunca mais vou imaginar.

– Minha querida tolinha... Não diga isso. Ter imaginação é algo maravilhoso... E como qualquer dom, é preciso dominá-lo e não permitir que ele te domine. Você leva a sua imaginação a sério demais. Ah, é maravilhoso... Conheço a sensação. Só que você precisa aprender a ficar deste lado do limite entre o real e o imaginário. Assim, o poder de escapar quando quiser para um lindo mundo só seu ajudará imensamente em momentos difíceis da vida. Sempre consigo resolver melhor um problema após uma viagem ou duas para as Ilhas Encantadas.

Nan sentiu o amor-próprio voltar graças àquelas palavras de conforto e sabedoria. A mamãe não tinha achado tolice, no fim das contas. E sem dúvida, havia uma cruel e bela Dama dos Olhos Misteriosos em algum lugar do mundo, mesmo que não morasse em uma CASA TENEBROSA, que, pensando melhor, não era um lugar tão ruim, com os bem-me-queres alaranjados, o gato malhado amigável, os gerânios e o retrato do pobre marido. Era um lugar simpático, e talvez algum dia voltasse lá para visitar Thomasine Fair e comer mais alguns daqueles biscoitos deliciosos. Nan não odiava mais Thomasine.

– Você é uma mãe esplêndida! – suspirou, no abrigo sagrado daqueles braços adorados.

Um anoitecer violeta e cinza surgia sobre a colina. A noite de verão envolvia a tudo... Uma noite aveludada, de sussurros. Uma estrela surgiu acima da grande macieira. Quando a senhora Marshall Elliott chegou e a mãe teve que descer, Nan já estava feliz novamente. A mamãe havia dito que ia redecorar o quarto com um lindo papel de parede do tom dos botões-de-ouro, além de um novo baú de cedro para ela e Di guardarem suas coisas. Mas não seria apenas um baú de cedro. Seria um baú mágico para tesouros, e não poderia ser aberto a menos que certas palavras místicas fossem pronunciadas. A Bruxa das Neves poderia cochichar uma delas para Nan, a fria e adorável Bruxa das Neves. O vento poderia revelar outra, ao passar... Um vento triste e lamentoso. Cedo ou tarde teria todas as palavras e abriria o baú, encontrando pérolas, rubis e diamantes em abundância. “Abundância” não era uma ótima palavra?

Ah, a velha magia não tinha desaparecido. O mundo ainda estava cheio dela.

Referência ao Antigo Testamento, Provérbios 22:01. (N. T.)



CAPÍTULO 37

– Posso ser a sua melhor amiga neste ano? – perguntou Delilah Green, durante o recreio daquela tarde.

Delilah tinha olhos muito redondos, azuis-escuros, cachos castanhos sedosos, uma boquinha vermelha, e uma voz vibrante, levemente trêmula. Diana Blythe respondeu ao charme daquela voz instantaneamente.

Era de conhecimento de todos na escola de Glen que Diana Blythe estava à procura de uma amiga. Durante dois anos ela e Pauline Reese foram inseparáveis, só que a família de Pauline teve de se mudar, e Diana sentia-se muito solitária. Pauline fora uma boa amiga. Ela não tinha muito do encanto místico que a agora quase esquecida Jenny Penny possuía, mas era prática, divertida e sensível. O último adjetivo viera de Susan, e era o maior elogio que conhecia. Ela aprovara com satisfação a amizade entre Pauline e Diana.

Indecisa, Diana olhou para Delilah e em seguida olhou para Laura Carr, do outro lado do parquinho, que também era nova na escola. Laura e ela haviam passado o intervalo da manhã juntas, e tinham gostado muito da companhia uma da outra. Laura era uma garota comum, com sardas e cabelos cor de areia indomáveis. Ela não tinha a beleza, o brilho e o fascínio de Delilah Green.

Delilah compreendeu o olhar de Diana e o ressentimento surgiu na expressão dela; os olhos azuis estavam prestes a verter lágrimas.

– Se você a ama, não pode me amar. Escolha uma das duas – disse, estendendo as mãos dramaticamente. Sua voz estava mais vibrante do que nunca, fazendo com que um arrepio descasse pelas costas da Diana. Ela segurou as mãos da Delilah e as duas encararam-se solenemente, sentindo que o destino estava selado. Pelo menos, foi o que Diana sentiu.

– Vai me amar para sempre, não vai? – perguntou Diana apaixonadamente.

– Para sempre – jurou Delilah, com a mesma intensidade.

Delilah abraçou a cintura de Diana e as duas foram juntas até o riacho. O resto da quarta série compreendeu que uma aliança havia se formado. Laura Carr suspirou discretamente. Ela havia gostado muito de Diana Blythe, mas sabia que não podia competir com Delilah.

– Estou tão feliz por deixar que eu te ame – disse Delilah. – Sou tão carinhosa... Simplesmente não consigo evitar amar as pessoas. Por favor, seja gentil comigo, Diana. Sou uma filha da tristeza. Lançaram uma maldição em mim quando nasci. Ninguém... Ninguém me ama.

Delilah conseguiu colocar anos e anos de solidão e desamor naquele “ninguém”. Diana apertou a mão dela com mais força.

– Você nunca mais dirá isso depois de hoje, Delilah. Eu sempre te amarei.

– Até o fim dos dias?

– Até o fim dos dias – respondeu Diana. As duas trocaram beijos na bochecha como que em um rito. Dois meninos estavam próximos da cerca e zombaram da cena, mas quem se importava?

– Você vai gostar muito mais de mim do que da Laura Carr – disse Delilah. – Agora que somos boas amigas, posso te contar o que eu jamais sonharia em te contar se a tivesse escolhido. Ela é uma mentirosa. Uma grande mentirosa. Finge que é amiga na sua frente, e aí tira sarro e fala mal de você pelas costas. Uma garota que eu conheço estudou com ela na escola de Mowbray Narrows e me contou tudo. Você escapou por pouco. Sou tão diferente... Sou transparente como um cristal, Diana.

– Tenho certeza que é. O que você quis dizer com “sou uma filha da tristeza”, Delilah?

Os olhos da Delilah expandiram-se até ficarem enormes.

– Eu tenho uma madrasta – sussurrou.

– Uma madrasta?

– Quando a sua mãe morre e o seu pai se casa novamente, a nova esposa é a sua madrasta – explicou Delilah, com a voz ainda mais emocionada. – Agora você sabe de tudo, Diana. Se soubesse como sou tratada! Mas nunca reclamo. Eu sofro em silêncio.

Se Delilah realmente sofria em silêncio, era de se perguntar de onde Diana obtivera todas as informações que passou para os moradores de Ingleside nas semanas seguintes. Sentia uma intensa mistura de paixão, adoração e simpatia pela sofrida e atormentada Delilah, e precisava falar dela com alguém que a ouvisse.

– Creio que essa nova paixonite vai passar logo – disse Anne. – Quem é essa Delilah, Susan? Não quero que as crianças sejam esnobes, mas depois da nossa experiência com a Jenny Penny...

– A família Green é muito respeitável, querida senhora. São conhecidos em Lowbridge. Mudaram para a velha casa dos Hunter este verão. A senhora Green é a segunda esposa e tem dois filhos próprios. Não sei muito sobre ela, mas parece ser uma pessoa tranquila. É difícil acreditar que maltrate a Delilah como conta a Di.

– Não acredite devotamente em tudo o que a Delilah contar – Anne aconselhou Diana. – Ela pode ter propensão a exagerar as coisas. Lembre-se de Jenny Penny...

– Ora, mamãe, a Delilah não é como a Jenny Penny – disse Di, indignada.

– Nem um pouco. Ela é absolutamente verdadeira. Se ao menos você a conhecesse, mamãe, veria que é incapaz de contar uma mentira. Todos da família implicam com ela por ser diferente. E é tão carinhosa! É atormentada desde que nasceu. A madrastra a odeia. É de partir o coração ouvir o sofrimento dela. A Delilah sabe muito bem o que é passar fome. Mãe, eles a mandam para a cama sem jantar com frequência, e ela chora até pegar no sono. Você já chorou por estar com fome, mãe?

– Muitas vezes – respondeu Anne.

Diana encarou a mãe, sem saber o que fazer com a resposta à pergunta retórica.

– Passei muita fome antes de ir para Green Gables, no orfanato... E antes. Não gosto de falar daquela época.

– Bem, então você consegue compreender a Delilah – disse Di, rearranjando sua lógica confusa. – Quando está com fome, ela simplesmente imagina coisas para comer. Ter de imaginar comida, pense nisso!

– Você e Nan também fazem isso – disse Anne à menina, mas Di não lhe deu ouvidos.

– O sofrimento dela não é apenas físico, é também espiritual. Quer ser uma missionária, mãe... Para consagrar a vida... E todos riem dela.

– É muita falta de consideração da parte deles – concordou Anne. Mas algo na voz dela deixou Di desconfiada.

– Mãe, por que você é tão cética? – inquiriu, em tom de reprovação.

– Pela segunda vez – sorriu a mãe –, peço que se lembre da Jenny Penny.

Você também acreditava nela.

– Eu era apenas uma criança naquela época, era mais fácil me enganar – disse Diana com empáfia. Sentia que a mãe não estava tendo a compreensão de costume com Delilah Green. Assim, passou a falar apenas com a Susan sobre a amiga, já que Nan limitava-se a concordar com a cabeça quando o nome de Delilah era mencionado. “É só ciúmes”, pensou Diana com pesar.

Não que Susan fosse notoriamente compreensiva. Diana só precisava conversar com alguém sobre Delilah, e a crítica de Susan não magoava como o da mãe. Não era como se esperasse que Susan a compreendesse de todo. Já a mamãe tinha sido uma garota... Tinha amado a tia Diana... A mamãe tinha um coração bondoso. Como ela podia ser tão fria com os maus-tratos sofridos por Delilah?

“Talvez ela também esteja com um pouco de ciúmes, por eu amar tanto a Delilah”, refletiu Diana sabiamente. “Dizem que as mães são assim. Meio possessivas.”

– Ouvir como a madrastra a trata faz meu sangue ferver – disse Di a Susan.

– Ela é mártir. A única coisa que come no café da manhã e no jantar é um pouco de mingau. E não pode colocar açúcar nele. Susan, parei de colocar açúcar no meu por me sentir culpada.

– Ah, então é por isso. Bem, o açúcar subiu um centavo, talvez seja melhor assim.

Diana jurou não contar mais nada da Delilah para a Susan, mas na noite seguinte estava tão indignada que não conseguiu se conter.

– Susan, a madrastra da Delilah correu atrás dela com uma chaleira fervente. Imagine só, Susan. A Delilah diz que ela não faz isso com frequência, claro... Só quando fica extremamente exasperada. Na maioria das vezes, ela a tranca no quartinho escuro do sótão... Um quartinho assombrado. Os fantasmas que aquela pobre criança já viu, Susan! Não deve fazer bem para ela. Da última vez, viu uma criatura muito esquisita sentada na roca de fiar, murmurando.

– Que tipo de criatura? – perguntou Susan com seriedade. Estava começando a gostar das tribulações de Delilah e das narrativas de Di, das quais ela e a querida senhora riam em segredo.

– Não sei... Era só uma criatura. Quase a levou ao suicídio. Tenho muito medo de que chegue a tal ponto. Sabe, Susan, ela tem um tio que cometeu suicídio duas vezes.

– Uma vez não foi suficiente? – perguntou a desalmada da Susan.

Di saiu indignada, mas no dia seguinte voltou com outro relato de infortúnio.

– A Delilah nunca teve uma boneca, Susan. Ela esperava encontrar uma dentro da meia no último Natal. E o que você acha que encontrou no lugar? Um chicote! Batem nela quase todos os dias, sabe. Imagine aquela criança sendo açoitada, Susan.

– Eu apanhei de chicote várias vezes quando era criança, e isso não me fez mal – disse Susan, que seria capaz de qualquer coisa se alguém ameaçasse açoitar uma das crianças de Ingleside.

– Quando contei para ela sobre as nossas árvores de natal, Susan, a Delilah chorou. Ela nunca teve uma árvore de natal. Mas está decidida a ter uma neste ano. Encontrou um guarda-chuva velho que só tem a armação e vai colocá-lo em um balde e decorá-lo. Não é patético, Susan?

– Não tem um monte de abetos jovens por aí? Os fundos da velha casa dos Hunter está praticamente tomado por abetos – disse Susan. – Como gostaria que o nome dessa menina fosse qualquer outro, menos Delilah. Que nome para uma criança cristã!

– Ora, está na Bíblia, Susan. Ela tem muito orgulho do nome bíblico²². Hoje, na escola, eu lhe disse que teremos frango para o jantar amanhã, e ela disse... O que você acha que ela disse, Susan?

– Jamais adivinharei – respondeu enfaticamente. – E você não deveria conversar durante as aulas.

– Ah, nós não conversamos. Ela diz que não devemos quebrar nenhuma regra. Tem um senso moral muito forte. Escrevemos bilhetes em nossos cadernos uma para a outra. Enfim, a Delilah disse: “Você poderia me trazer um osso, Diana?”. Fiquei com lágrimas nos olhos. Vou levar um osso para ela... Com bastante carne. Delilah precisa de comida boa. Precisa trabalhar como uma escrava... Uma escrava, Susan. Faz todo o serviço doméstico... Bem, quase tudo. E se não o fizer direito, leva um safanão... Ou é obrigada a comer na cozinha com os criados.

– Os Green só tem um garoto francês como ajudante.

– Bem, ela é obrigada a comer com ele. E ele come sem sapatos e em mangas de camisa. Delilah diz que essas coisas não a incomodam mais, agora que tem a mim para amá-la. Ela não tem mais ninguém para amá-la além de mim, Susan!

– Que terrível! – disse Susan, esforçando-se para manter a seriedade.

– Delilah disse que, se tivesse um milhão de dólares, ela os daria para mim, Susan. É claro que eu não aceitaria, mas isso demonstra o bom coração dela.

– É muito fácil dar cem ou um milhão de dólares, quando não se tem nem um centavo – foi tudo que Susan disse.

“Delilah” é uma variante da língua inglesa para o nome Dalila. (N. T.)



CAPÍTULO 38

Diana estava extasiada. Afinal, a mamãe não estava com ciúmes. A mamãe não era possessiva. A mamãe compreendia.

Mamãe e papai iam passar o fim de semana em Avonlea, e disseram que Delilah Green podia passar esse período em Ingleside.

– Vi Delilah no piquenique da escola dominical – Anne contou para Susan. – É muito bonita e tem bons modos, ainda que parecessem exagerados. Talvez a madrastra seja um pouco dura com ela... E ouvi dizer que o pai é bravo e rígido. Ela provavelmente guarda alguns rancores e gosta de romantizá-los para ganhar a simpatia dos outros.

Susan tinha as dúvidas dela.

“Pelo menos as pessoas que moram na casa da Laura Green são limpas”, refletiu. Pentes finos não entravam em questão.

Diana planejou várias coisas para o entretenimento de Delilah.

– Podemos servir um frango assado, Susan, com bastante recheio? E torta. Você não sabe como aquela pobre criança deseja uma torta. Eles nunca comem isso... A madrastra dela é malvada demais.

Susan foi muito generosa. Jem e Nan tinham ido para Avonlea e Walter estava na Casa dos Sonhos, junto com Kenneth Ford. Não havia nada que pudesse estragar a visita da Delilah, que certamente parecia estar indo muito bem. Ela chegou na manhã de sábado com um lindo vestido rosa de musselina... Pelo menos a madrastra parecia tratá-la bem no que dizia respeito ao vestuário. As unhas e as orelhas estavam impecáveis, Susan reparou.

– Este é o melhor dia da minha vida – disse solenemente para Diana. – Ah, que casa imensa! E ali estão os cãezinhos de porcelana! Ah, são maravilhosos!

Tudo era maravilhoso. Delilah usou e abusou da palavra. Ajudou Diana a colocar a mesa para o jantar e elegeu uma cestinha de vidro repleta de

ervilhas doces como peça de centro.

– Ah, não sabe como eu gosto de fazer coisas pelo simples prazer de fazê-las – disse para Diana. – Há alguma outra coisa que eu possa fazer, por favor?

– Você pode quebrar as nozes para o bolo que farei nesta tarde – disse Susan, que estava se deixando levar pela beleza e a voz da menina. Afinal, talvez Laura Green fosse uma selvagem. Não se pode confiar no que as pessoas aparentam ser em público. Delilah encheu o prato com frango, recheio e molho, e pegou um segundo pedaço de torta sem pedir.

– Sempre quis saber, pelo menos uma vez, como é comer até se sentir estufado. É uma sensação ótima – disse para Diana enquanto se levantavam da mesa.

A tarde foi esplêndida. Susan dera uma caixa de doces para Diana, que a dividiu com Delilah. A menina gostou muito de uma das bonecas da anfitriã, e Di lhe deu de presente. Elas limparam os canteiros de amor-perfeito e tiraram alguns dentes-de-leão que invadiram o gramado. Ajudaram Susan a polir a prataria e a preparar o jantar. Delilah era tão eficiente e organizada que Susan entregou-se completamente. Só duas coisas ruins aconteceram: Delilah manchou o vestido de tinta e perdeu o colar de contas que imitavam pérolas. Mas Susan conseguiu tirar bem a tinta com sal e limão... Além de um pouco da cor... E Delilah afirmou que o colar não tinha importância.

Nada importava além do fato de estar em Ingleside com sua queridíssima Diana.

– Nós vamos dormir na cama do quarto de hóspedes? – perguntou Diana à noite. – Nós sempre colocamos as visitas no quarto de hóspedes.

– Sua tia Diana virá com o seu pai e a sua mãe amanhã de noite – explicou Susan. – O quarto está preparado para ela. E o Camarão pode dormir na sua cama, o que não é permitido no quarto de hóspedes.

– Como os seus lençóis cheiram bem! – disse Delilah enquanto se aninhavam sob as cobertas.

– A Susan sempre os ferve com raízes de lírio florentino – explicou Diana à amiga.

Delilah suspirou.

– Espero que você saiba a sorte que tem, Diana. Se eu tivesse uma casa como a sua... Mas não é a minha vida. Tenho que aceitar.

Susan, durante a última ronda antes de ir para a cama, entrou no quarto e disse para as duas pararem de conversa e dormirem. E deu um bolinho de

açúcar de bordo para cada uma.

– Jamais me esquecerei da sua bondade, senhorita Baker – disse Delilah, a voz tremendo de emoção. Susan recolheu-se refletindo que nunca tinha visto uma menina mais bem-educada e simpática. Certamente, havia julgado mal a senhorita Delilah. E naquele momento ocorreu-lhe que, para uma criança que nunca comia o suficiente, Delilah Green não aparentava estar só pele e osso.

A garota foi embora na tarde seguinte, e a mamãe, o papai e a tia Diana chegaram à noite. Na segunda-feira, algo inesperado aconteceu. Diana, ao voltar para a escola ao meio-dia, ouviu o próprio nome ao entrar no pátio. Delilah Green era o centro de um grupo de meninas curiosas na sala de aula.

– Fiquei muito decepcionada em Ingleside. Pela forma como Di se gabava da casa, eu esperava uma mansão. É claro que é bem grande, mas a mobília é velha. As cadeiras estão gritando por um novo estofado.

– Você viu os cachorros de porcelana? – perguntou Bessy Palmer.

– Eles não têm nada de maravilhoso. Não têm nem pelo! Eu disse para Diana na mesma hora que estava desapontada.

Diana estava petrificada. Não ficara parada ali para ouvi-las sem ser vista... simplesmente estava atordoada demais para conseguir se mover.

– Tenho muita pena da Diana – continuou Delilah. – A maneira como os pais dela negligenciam a família é escandalosa. A mãe não faz nada. É terrível como sai de casa e deixa os mais novos sob os cuidados daquela velha, a Susan, que está meio louca. A esposa do doutor é muito avoada e preguiçosa para cozinhar mesmo quando está em casa, então a Susan faz tudo do jeito dela. Ela ia servir o almoço para nós na cozinha, só que eu a enfrentei e falei: “Por acaso eu não sou uma visita?”. Susan disse que, se eu fosse insolentemente mais uma vez, iria me trancar no armário dos fundos. Eu disse: “Você não se atreveria”, e ela não se atreveu. “Você pode intimidar as crianças de Ingleside, Susan Baker, mas não me intimida.” Ah, enfrentei a Susan, podem apostar. Não deixei que ela desse xarope calmante para a Rilla. “Sabia que é um veneno para crianças?”, eu disse.

– Aí ela se vingou de mim nas refeições – continuou Delilah. – Vocês tinham de ver as porções mirradas que me serviu! Tinha frango, mas só me deram a sambiquira e nem me ofereceram um segundo pedaço de torta. Por outro lado, a Susan teria me colocado para dormir no quarto de hóspedes, se não fosse pela insistência da Di, por pura maldade. Ela é muito invejosa. Mesmo assim, sinto pena dela. Ela me disse que a Nan a belisca o tempo

todo. Os braços dela estão cheios de hematomas pretos e azulados. Nós dormimos no quarto dela, e velho gato sarnento passou a noite toda nos pés da cama. Eu disse à Di que não era nada higiênico. E meu colar de pérolas desapareceu. É claro que não estou dizendo que Susan o pegou. Creio que é honesta... Ainda assim, é uma pessoa peculiar. E Shirley jogou um frasco de tinta em mim e arruinou o meu vestido. Não me importei. A mãe dela terá de comprar um novo para mim. Enfim, de qualquer forma, arranquei todos os dentes-de-leão do quintal deles e poli toda a prataria. Vocês tinham que ver.

Não sei quando foi a última vez que a casa foi limpa. A Susan se aproveita da situação quando a esposa do doutor está fora, acreditem em mim. Deixei bem claro que eu estava vendo tudo. “Por que você nunca lava o pote de batatas, Susan?”, perguntei. Se tivessem visto a cara dela... Olhem o meu novo anel, meninas. Foi um garoto de Lowbridge que me deu.

– Ora, eu já vi a Diana Blythe usando esse anel várias vezes – disse Peggy MacAllister com desdém.

– E eu não acredito em uma palavra do que você disse sobre Ingleside, Delilah Green – disse Laura Carr.

Antes que Delilah pudesse responder, Diana, já com os movimentos e a fala recobrados, entrou correndo na sala de aula.

– Judas! – exclamou.

Posteriormente, Diana refletiu com arrependimento que aquilo não era algo digno de ser dito por uma dama. Todavia aquelas palavras feriram profundamente o coração dela, e é impossível escolher as palavras certas com as emoções em alvoroço.

– Não sou Judas! – murmurou Delilah, corando, provavelmente pela primeira vez na vida.

– É sim! Não há uma gota de sinceridade vinda de você! Nunca mais fale comigo!

Diana saiu em disparada da classe e foi embora. Não podia ficar na escola naquela tarde... Simplesmente não podia! A porta de Ingleside foi fechada com um baque nunca antes visto naquela casa.

– Querida, o que foi? – perguntou Anne. Sua conversa com Susan na cozinha foi interrompida pela filha, aos prantos, que se lançou nos braços maternos.

A história toda foi contada de forma desconexa em meio aos soluços.

– Todos os meus sentimentos mais profundos foram feridos, mamãe. Nunca mais vou acreditar em ninguém!

– Meu amor, nem todos os seus amigos te tratarão dessa forma. A Pauline não era assim.

– Essa foi a segunda vez – respondeu a menina com amargura, ainda sob o efeito da traição e da perda. – Não haverá uma terceira.

– Lamento a Di ter perdido a fé na humanidade – disse Anne com tristeza, depois que a filha subiu as escadas. – É uma verdadeira tragédia para ela. A Di não teve sorte com algumas das amizades. Jenny Penny... E agora Delilah Green. O problema da Di é sempre se aproximar de garotas com histórias mirabolantes. E a postura de mártir da Delilah era muito convincente.

– Se me permite dizer, querida senhora, a filha dos Green é uma perfeita duas-caras – disse Susan, mais ultrajada do que nunca por ter sido ludibriada pelos olhos e os bons modos de Delilah. – Chamou o gato de sarnento! Não digo que não existam gatos sarnentos, mas garotinhas não deveriam falar assim. Não sou fã de gatos, mas o Camarão tem sete anos e deveria ser respeitado. Quanto ao meu pote de batatas...

Susan não foi capaz de expressar o que sentia em relação a isso.

No quarto, Di refletia que talvez não fosse tarde demais para ela e Laura Carr serem “melhores amigas”. Laura era honesta, mesmo que não fosse muito interessante. Di suspirou. Um pouco do encanto da vida havia se perdido junto com a máscara de mártir de Delilah.



CAPÍTULO 39

Um vento cortante vindo do oeste rondava Ingleside como uma velha rabugenta. Era um daqueles dias frios e chuvosos do fim de agosto que deixavam as pessoas desanimadas, um daqueles dias em que dava tudo errado... Um daqueles dias que nos tempos de Avonlea eram chamados de “dias de cão”. O novo filhote de cachorro que Gilbert havia trazido para as crianças tinha roído o esmalte da perna da mesa de jantar. Susan descobriu traças dando um banquete romano no armário de cobertores. O novo gatinho de Nan havia arruinado a melhor samambaia. Jem e Bertie Shakespeare fizeram a maior algazarra no quatinho do sótão a tarde toda, usando latões como tambores. Anne quebrou um abajur de vidro. De alguma forma, ouvi-lo se espatifar fora terapêutico! Rilla estava com dor de ouvido, e Shirley com uma misteriosa coceira no pescoço, que preocupava Anne, mas que Gilbert olhou de relance e disse sem dar muita importância que não era nada, provavelmente. É claro que não era nada! Shirley era só o filho dele! E também não significou nada o fato de Gilbert ter convidado os Trent para jantar, na semana passada, e só ter avisado Anne na hora em que os convidados chegaram. Aquele fora um dia especialmente atarefado para ela e Susan, que planejaram um jantar rápido. E a senhora Trent tinha a reputação de ser a melhor anfitriã de Charlottetown! Onde estavam as meias pretas de Walter, aquelas com as pontas azuis?

– Walter, será que você conseguiria, pelo menos uma vez, guardar as coisas no lugar? Eu não sei onde ficam os setes mares, Nan. Pelo amor de Deus, pare de fazer perguntas! Não me admira que tenham envenenado Sócrates. Era o único jeito.

Walter e Nan a encararam. Nunca tinham ouvido a mãe falando daquele jeito. O olhar de Walter irritou Anne ainda mais.

– Diana, eu preciso lembrá-la o tempo inteiro para não enrolar as pernas no banquinho do piano? Shirley, é melhor você não ter lambuzado de geleia

aquela revista nova! E eu adoraria que alguém me contasse onde foram parar os prismas do lustre!

Ninguém sabia. Susan os tirara para lavar, e Anne subiu para o andar de cima para escapar dos olhares aflitos das crianças. No quarto, caminhava freneticamente de um lado para o outro. O que havia de errado? Será que estava se tornando uma dessas criaturas enfasiadas sem paciência com ninguém? Tudo a irritava ultimamente. Um pequeno hábito de Gilbert que nunca a incomodara agora a tirava do sério. Estava farta das obrigações intermináveis e monótonas... Farta de atender aos caprichos da família.

Antes, tudo que fazia pela casa lhe dava prazer. Agora, parecia que nada era suficiente. Era como se estivesse o tempo inteiro em um pesadelo, com os pés atados, tentando alcançar alguém.

O pior de tudo era Gilbert nunca reparar quando havia alguma mudança nela. Ele estava ocupado dia e noite, e parecia não se importar com nada além do trabalho. A única coisa que disse na hora do jantar naquele dia foi:

“Poderia passar a mostarda, por favor?”.

“É claro que eu posso conversar com as cadeiras e as mesas”, pensou Anne com amargura. “Estamos nos tornando meros conhecidos um para o outro... E nada mais. Ele não percebeu que eu estava com um vestido novo na noite passada. E faz tanto tempo que não me chama de ‘minha menina’, nem me lembro quando foi a última vez. Bem, suponho que todos os casamentos cheguem a esse ponto. Provavelmente a maioria das mulheres passa por isso. Ele se acostumou a sempre me ter ao seu lado. O trabalho é a única coisa que tem algum significado para ele agora. Onde está o meu lenço?”

Anne pegou o lenço e sentou-se na cadeira para torturar-se à revelia. Gilbert não a amava mais. Quando a beijava, fazia sem pensar... Só “por hábito”. Todo o glamour acabara. Piadas antigas das quais riam juntos lhe vieram em mente, agora carregadas de tragédia. Como pôde achá-las engraçadas? Monty Turner beijava a esposa sistematicamente uma vez por semana. Ele fez um memorando para não se esquecer. (“Que esposa não quer beijos?”) Curtis Ames encontrou a esposa com uma touca nova e não a reconheceu. A senhora Clancy Dare dissera: “Não me importo muito com o meu marido, mas sentiria a falta dele se não o tivesse mais por perto”. (“Acho que o Gilbert sentiria a minha falta se eu não estivesse por perto! Será que chegamos a esse ponto?”) Nat Elliott falou para a esposa, depois de dez anos de casamento: “Se quer saber, estou cansado de ser casado”. (“E

nós estamos casados há quinze anos!”) Bem, talvez todos os homens fossem assim. Provavelmente a senhorita Cornelia diria o mesmo. Depois de um tempo, era difícil prendê-los. (“Se meu marido precisa ficar ‘preso’, então não quero prendê-lo.”) E também havia a senhora Theodore Clow, que disse com muito orgulho para as damas da Sociedade Assistencial: “Estamos juntos há vinte anos e meu marido me ama tanto quanto no dia do nosso casamento”. Talvez estivesse apenas se enganando para manter as aparências. E aparentava toda a idade que tinha, se não mais. (“Pergunto-me se estou começando a parecer velha.”)

Pela primeira vez, sua idade parecia um peso. Foi até o espelho e examinou o reflexo minuciosamente. Havia alguns pés de galinha ao redor dos olhos, mas só eram visíveis sob uma luz forte. Seu queixo ainda era um só. Sempre fora pálida. Os cabelos eram fartos e ondulados, sem nenhum fio grisalho. Será que as pessoas realmente gostavam de cabelos ruivos? O nariz definitivamente continuava elegante. Só que agora o nariz dela era algo óbvio para Gilbert. Poderia ser torto ou achatado que não faria diferença. Gilbert provavelmente se esquecera que Anne tinha um nariz. Como no caso da senhora Dare, talvez ele sentisse falta se ela não estivesse mais ali.

“Bem, preciso ver como a Rilla e o Shirley estão”, pensou Anne com desânimo. “Pelo menos os pobrezinhos ainda precisam de mim. O que está me deixando tão irritada com eles? Ah, aposto que estão todos falando pelas minhas costas: “Como a mamãe está ficando ranzinza!””

Continuou a chover e o vento continuou a uivar. A fanfarra de latões e panelas no sótão terminara, mas o canto incessante de um grilo na sala de estar quase a enlouqueceu. O correio do meio-dia trouxe duas cartas. Uma era da Marilla. Porém, Anne suspirou ao abri-la. A letra de Marilla estava ficando cada vez mais fraca e trêmula. A outra era da senhora Barrett Fowler, de Charlottetown, que Anne conhecia muito pouco. A senhora Barrett Fowler convidava o doutor e a esposa para jantar com ela na próxima terça-feira, às sete horas “e reencontrar uma antiga amiga sua, a senhora Andrew Dawson, de Winnipeg, cujo nome de solteira era Christine Stuart”.

A carta caiu das mãos de Anne. Uma torrente de lembranças inundou a mente dela. Algumas eram absolutamente desagradáveis. Christine Stuart, de Redmond, a garota de quem Gilbert já tinha sido noivo, segundo diziam; de quem ela já tivera muita inveja. Sim, agora admitia, vinte anos depois: já foi invejosa, já odiou Christine Stuart. Há anos não pensava em Christine, mas lembrava-se dela com clareza. Uma garota alta, alva, com grandes olhos

azuis-escuros e abundantes cabelos pretos azulados. E um certo ar distinto. E um nariz longo... Sim, definitivamente longo. Linda... Ah, era inegável que Christine era muito linda. Lembrava-se de ter ouvido, muitos anos atrás, que casara “muito bem” e se mudara para o oeste.

Gilbert passou correndo em casa para comer alguma coisa. Havia uma epidemia de sarampo em Upper Glen. E Anne lhe entregou em silêncio a carta da senhora Fowler.

– Christine Stuart! Claro que iremos. Gostaria de revê-la, em nome dos velhos tempos – disse, demonstrando entusiasmo pela primeira vez em semanas. – Coitada, passou por maus bocados. Ela perdeu o marido quatro anos atrás, sabia?

Anne não sabia. E como Gilbert sabia? Por que ele nunca lhe contou? E será que ele tinha se esquecido de que o aniversário do casamento deles era na próxima terça? Um dia em que nunca aceitavam nenhum convite, no qual comemoravam somente os dois. Bem, ela não ia lembrá-lo. Gilbert podia ir ver a amiga, se quisesse. Uma garota de Redmond insinuara para ela certa vez: “Houve muito mais coisas entre Gilbert e Christine do que você imagina, Anne”. Riu disso na época... Claire Hallett era uma despeitada. Mas talvez houvesse alguma verdade naquele comentário. Anne subitamente lembrou-se, com um arrepio, de que havia encontrado uma pequena fotografia de Christine em um velho caderno de Gilbert pouco tempo depois de terem se casado. Ele reagiu com indiferença; disse que não fazia ideia de onde aquela velha foto tinha vindo. Contudo, será que isso era uma daquelas coisas sem importância que são tremendamente importantes? Será que Gilbert chegou a amar Christine? Será que ela, Anne, era uma mera segunda escolha? O prêmio de consolação?

“É claro que não estou... com ciúmes”, refletiu Anne, tentando achar graça naquela situação ridícula. Era mais do que natural que Gilbert estivesse animado para rever uma velha amiga de Redmond. Era mais do que natural que um homem ocupado, casado há quinze anos, se esquecesse das horas, das estações, dos dias e dos meses. Anne escreveu para a senhora Fowler, aceitando o convite... E passou os três dias que faltavam para o jantar torcendo desesperadamente para alguma mulher em Upper Glen entrar em trabalho de parto na terça, por volta das cinco e meia da tarde.



CAPÍTULO 40

A criança tão desejada chegou cedo demais. Gilbert foi chamado às nove da noite da segunda-feira. Anne chorou até dormir e acordou às três. Antes, ela adorava acordar no meio da madrugada e admirar pela janela a envolvente beleza da noite, e ouvir a respiração de Gilbert ao seu lado, e pensar nas crianças dormindo do outro lado do corredor e no dia lindo que estava por vir. Mas agora Anne ainda estava acordada quando a alvorada surgiu, cristalina e esverdeada como fluorita, e Gilbert finalmente voltou para casa. “Gêmeos”, anunciou sem forças antes de se jogar na cama e adormecer em um minuto. Gêmeos, ora essa! Era a manhã do décimo quinto aniversário de casamento, e tudo que o marido dela tinha para dizer era “gêmeos”. Ele sequer se lembrou da data.

E aparentemente também não se lembrou quando acordou, às onze. Pela primeira vez, não falou nada; pela primeira vez, não tinha um presente para ela. Muito bem, então; ele não iria ganhar o presente dele. Estava guardado há semanas: um canivete de cabo de prata, com a data de um lado e as iniciais do outro. É claro que teria de comprá-lo dela por um centavo, para que não cortasse o amor entre os dois. Mas como ele havia se esquecido, ela também se esqueceria, só por vingança.

Gilbert passou o dia todo em uma espécie de transe. Mal falou com ninguém e não saiu da biblioteca. Será que estava perdido em devaneios, ansioso para rever a Christine? Provavelmente, tinha vivido todos esses anos desejando ardentemente reencontrá-la. Anne sabia que aquilo era completamente irracional. Afinal, quando é que o ciúme não era insensato? Era inútil tentar ser filosófica. A filosofia não melhoraria seu estado de ânimo.

Eles pegariam o trem das cinco da tarde.

– Podemos assistir você se arrumar, mamãe? – perguntou Rilla.

– Ah, se quiserem... – disse Anne. Então percebeu o tom de voz queixoso e se recompôs. – Venham, minhas queridas – acrescentou, arrependida.

Nada deixava Rilla mais encantada que assistir à mamãe se arrumar. E até a menina achou que ela não estava muito entusiasmada naquela noite.

Anne pensou bastante em qual vestido deveria usar. Não que isso importasse, disse para si mesma com pesar. Gilbert não notaria. O espelho não era mais seu amigo... Parecia esquelética e cansada, e indesejada. Entretanto, não queria parecer muito provinciana e antiquada na frente da Christine. (“Não quero que ela sinta pena de mim.”) Que tal o vestido novo de tule verde-maçã, sobre a combinação com botões de rosa? Ou o de seda, em tom creme, com um casaco curto rendado? Experimentou os dois e decidiu usar o de tule. Tentou vários penteados com o vestido e concluiu que o novo estilo *pompadour* com uma franja era muito charmoso.

– Ah, mamãe, você está linda! – exclamou Rilla, com os olhos arregalados de admiração.

Bem, crianças e tolos sempre dizem a verdade. A Rebecca Dew não tinha dito uma vez que ela era “relativamente bonita”? Quanto ao Gilbert, costumava elogiá-la, mas nos últimos meses isso não vinha acontecendo.

Anne não conseguia se lembrar de nenhuma ocasião.

Gilbert dirigiu-se ao closet para se aprontar e não disse nada sobre o vestido novo dela. Anne ficou paralisada por um momento, ardendo de ressentimento; em seguida, arrancou o vestido com petulância e o jogou sobre a cama. Iria com o velho vestido preto, considerado “elegante” nos círculos de Four Winds e do qual Gilbert nunca gostara. O que usaria no pescoço? Anne não tinha um colar decente. Bem... Pegou a caixinha contendo o coração rosa de esmalte que Gilbert havia lhe dado em Redmond. Não o usava mais com frequência, pois o rosa não combinava com os cabelos ruivos dela... Mas iria colocá-lo naquela noite. Será que Gilbert notaria? Enfim, estava pronta. Por que Gilbert ainda não estava? Por que estava demorando tanto? Ah, sem dúvida estava se barbeando com muito cuidado! Ela bateu na porta.

– Gilbert, perderemos o trem se você não se apressar.

– Você está usando o seu tom de professora – disse Gilbert ao sair. – Algum problema com seus metatarsos?

Ah, que engraçado. Ela não quis pensar no quão bem ele ficava de fraque.

A moda masculina atual era ridícula, completamente sem glamour. Que deslumbrantes devem ter sido os dias da grande rainha Elizabeth, quando os

homens podiam usar casacos de cetim branco e capas de veludo carmesim e golas de renda! E sem serem femininos. Foram os homens mais elegantes e aventureiros que o mundo já viu.

– Então vamos indo, já que está com tanta pressa – disse Gilbert distraidamente. Nos últimos tempos, ele não prestava atenção ao falar com ela. Era como se Anne fizesse parte da mobília... Sim, um mero móvel!

Jem os levou até a estação. Susan e a senhorita Cornelia, que viera perguntar à Susan se podia contar com ela para fazer batatas gratinadas para o jantar da igreja, como de costume, ficaram observando-os com bastante admiração.

– Anne está com uma aparência ótima – disse a senhorita Cornelia.

– Sim – concordou Susan. – Se bem que tive a impressão de que ela estava mal do fígado, nas últimas semanas. Mas continua linda. E o doutor ainda tem a barriga magra que sempre teve.

– Um casal ideal – disse a senhorita Cornelia.

O casal ideal foi até a cidade em um lindo silêncio. É claro que Gilbert estava profundamente nervoso diante do prospecto de reencontrar o velho amor da vida dele! Anne espirrou. Temia que fosse o começo de um resfriado. Seria um desastre passar o jantar inteiro fungando, sob o olhar da senhora Andrew Dawson, vulgo Christine Stuart! Um ponto da boca dela estava dolorido... Provavelmente era uma afta horrível surgindo. Será que a Julieta espirrou alguma vez? Imagine Pórcia com frieiras! Ou a argiva Helena soluçando! Ou a Cleópatra com calos!

Ao entrar na residência de Barrett Fowler, Anne tropeçou na cabeça do tapete de urso no hall de entrada, cambaleou pela selva de exorbitantes móveis estofados e tons de dourado que a senhora Barrett chamava de sala de estar, e caiu no sofá Chesterfield, felizmente voltada para cima. Aflita, olhou ao redor à procura de Christine, que por sorte ainda não tinha aparecido. Que horrível teria sido se ela estivesse ali, divertindo-se com a entrada digna de um bêbado da esposa de Gilbert Blythe! Gilbert nem perguntou se ela estava bem; já estava absorto em uma conversa com o doutor Fowler e um tal de doutor Murray, de New Brunswick, autor de uma monografia notável sobre doenças tropicais que estava causando burburinho nos círculos médicos. Não obstante, Anne notou que, quando Christine fez sua entrada, anunciada por um perfume de heliotrópios, a monografia foi prontamente esquecida. Gilbert levantou-se com um brilho de interesse muito evidente nos olhos.

Christine deteve-se por um momento na porta. Nada de tropeços para ela. Anne recordou-se que Christine tinha o hábito de parar na porta para se exhibir. E, sem dúvida, achava que aquela era uma chance excelente para mostrar a Gilbert o que ele tinha perdido.

Ela usava um vestido de veludo púrpura de mangas longas e esvoaçantes, com forro dourado, e uma longa cauda com bordados em renda dourada.

Uma faixa dourada prendia os cabelos ainda pretos. Trazia no pescoço uma corrente de ouro longa e fina, cravejada de diamantes. No mesmo instante, Anne sentiu-se antiquada, provinciana, desarrumada, deselegante, e seis meses atrasada na moda. Desejou não ter ido com o pingente de coração.

Não havia dúvidas de que Christine continuava linda como sempre. Polida e bem-preservada um pouco além do limite, talvez... Sim, consideravelmente mais encorpada. O nariz continuava comprido, e o queixo era claramente o de uma mulher de meia-idade. Parada na porta, era possível ver que seus pés eram... substanciais. E o ar de distinção não parecia um pouco artificial? Mesmo assim, as bochechas ainda pareciam feitas de marfim, e os grandes olhos azuis-escuros ainda brilhavam sob as intrigantes sobrancelhas paralelas que eram consideradas tão fascinantes em Redmond. Sim, a senhora Andrew Dawson era muito bonita... E de forma alguma passava a impressão de ter enterrado o coração junto com o senhor Andrew Dawson.

Christine cativou a sala inteira ao entrar. Anne sentiu-se invisível, mas sentou-se com mais aprumo. Christine não veria nenhuma senhora de meia-idade desleixada; entraria na batalha de cabeça erguida. Seus olhos acinzentados tornaram-se excessivamente verdes, e um leve rubor coloriu seu rosto oval. (“Lembre-se de que você tem um nariz!”) O doutor Murray, que não a notara antes, surpreendeu-se com a esposa incomum do doutor Blythe. A senhora Dawson, com sua afetação, tinha uma beleza ordinária em comparação.

– Gilbert Blythe, lindo como sempre – disse Christine com malícia.

“Christine, sendo maliciosa!”, é tão bom ver que não mudou nada.

(“Ela ainda fala arrastando as palavras. Como eu sempre odiei essa voz aveludada!”) – Quando olho para você – disse Gilbert –, o tempo para de fazer sentido. Onde aprendeu o segredo da juventude eterna?

Christine riu.

(“Ela não tem uma risada metálica?”)

– Você sempre soube como fazer elogios, Gilbert. Sabe... – Ela olhou para todos os presentes com uma expressão ladina. – O doutor Blythe foi uma

antiga paixão minha, dos tempos que ele está fingindo que foram ontem. E Anne Shirley! Você não mudou tanto quanto me disseram... Embora duvide que te reconheceria se nos encontrássemos por acaso na rua. Seu cabelo está um pouco mais escuro do que costumava ser, não é mesmo? Não é divino nos reencontrarmos assim? Estava com muito medo de que o seu lumbago te impedisse de vir.

– Meu lumbago!

– Ora, sim. Você não sofre de lumbago? Foi o que achei...

– Devo ter me confundido – desculpou-se a senhora Fowler. – Alguém me disse que você estava com um ataque muito forte de lumbago.

– É a esposa do doutor Parker, de Lowbridge. Nunca tive lumbago na vida – respondeu Anne monotonamente.

– Fico muito feliz em saber – disse Christine, com um sutil tom de insolência. – É horrível. – Tenho uma tia que é uma verdadeira mártir por causa disso.

Ela parecia relegar Anne à geração das tias. Anne esboçou um sorriso com os lábios, não com os olhos. Se ao menos conseguisse pensar em algo inteligente para dizer! Sabia que às três da manhã daquela noite uma resposta brilhante provavelmente surgiria.

– Ouvi dizer que vocês têm sete filhos – disse Christine, falando para Anne enquanto olhava para Gilbert.

– Somente seis estão vivos – disse Anne, estremecendo. Mesmo depois de tanto tempo, não conseguia pensar na pequena e alva Joyce sem sentir dor.

– Que família! – disse Christine.

Naquele momento, pareceu vergonhoso e absurdo ter uma família grande.

– Você, acredito eu, não tem filhos – disse Anne.

– Nunca me importei muito com crianças, sabe? – Christine ergueu seus ombros notoriamente esbeltos, mas a voz dela soou um pouco áspera. – Receio não ser uma pessoa do tipo maternal. Nunca acreditei que a única missão de uma mulher é trazer crianças para este nosso mundo já bastante superlotado.

O jantar foi servido. Gilbert acompanhou Christine, o doutor Murray acompanhou a senhora Fowler, e o doutor Fowler, um homenzinho rotundo que não conseguia manter uma conversa com ninguém que não fosse outro médico, acompanhou Anne.

Anne teve a sensação de que a sala estava abafada. Havia um misterioso cheiro enjoativo no ar. Talvez a senhora Fowler tivesse acendido um

incenso. Ainda que o cardápio fosse convidativo, Anne esforçou-se para comer mesmo sem apetite, e sorriu até achar que estava começando a parecer o gato de Cheshire²³. Não conseguia tirar os olhos de Christine, que sorria ininterruptamente para Gilbert. Seus dentes eram impressionantes... Até demais. Pareciam protagonistas de uma propaganda de pasta de dente. Christine movia as mãos habilmente enquanto falava. Eram adoráveis, ainda que um pouco grandes.

Ela falava com Gilbert sobre as velocidades rítmicas da vida. O que diabos isso significava? Será que ela mesma sabia? Logo passaram para a encenação da Paixão de Cristo.

– Você já esteve em Oberammergau? – Christine perguntou para Anne, sabendo muito bem que ela nunca estivera lá! Por que uma pergunta tão simples soava insolente quando feita pela Christine?

– É claro, uma família impõe limites terríveis – disse Christine. – Ah, adivinhe quem eu vi no mês passado, quando estive em Halifax! Aquela amiguinha sua... Aquela que se casou com o ministro feio... Qual é o nome dele?

– Jonas Blake – disse Anne. – Philippa Gordon casou-se com ele. Eu nunca o achei feio.

– Não? Enfim, gosto não se discute. Bom, nós nos encontramos. Pobre Philippa!

Christine usava o termo “pobre” com muita proficiência.

– Por que “pobre”? – perguntou Anne. – Acho que Jonas e ela são muito felizes.

– Feliz? Querida, se visse o lugar onde moram! Uma vilazinha de pescadores miserável onde a maior animação é quando os porcos invadem o jardim! Disseram-me que ele abriu mão de uma ótima igreja em Kingsport porque achava que era seu “dever” ir para a vila dos pescadores, onde as pessoas “precisavam” dele. Não gosto desses fanatismos. Perguntei para a Philippa: “Como consegue viver em um lugar tão isolado?”. Sabe o que respondeu?

Christine fez um gesto expressivo com as mãos cheias de anéis.

– Talvez seja o mesmo que eu diria sobre Glen St. Mary – disse Anne –, que é o melhor lugar do mundo para se viver.

– Engraçado pensar que você é feliz lá. – Christine sorriu. (“Aquela boca terrível cheia de dentes!”) – Nunca desejou uma vida mais interessante? Sempre foi ambiciosa, se me lembro bem. Você não escrevia umas

historiazinhas inteligentes quando estava em Redmond? Um tanto fantásticas e extravagantes, é verdade, mas...

– Eu as escrevia para aqueles que ainda acreditam na terra das fadas. É surpreendente a quantidade de pessoas que gostam de receber notícias de lá, sabe.

– E você parou de escrevê-las, correto?

– Não exatamente... Agora eu escrevo cartas vivas²⁴ – disse Anne, pensando em Jem e companhia.

Christine a encarou, sem reconhecer a citação. “O que Anne Shirley queria dizer? Ela era conhecida em Redmond pelas falas misteriosas. Mantivera a beleza de maneira assombrosa, mas provavelmente era uma dessas mulheres que param de pensar quando se casam. Pobre Gilbert! Ela o fisgara antes que ele fosse para Redmond. Ele nunca teve a chance de escapar”.

– As pessoas ainda brincam de Filomena²⁵? – perguntou o doutor Murray, que acabara de encontrar uma semente dupla em uma amêndoa. Christine virou-se para Gilbert.

– Lembra-se da vez em que brincamos de Filomena?

(“Por acaso eles trocaram um olhar especial?”)

– Acha que eu conseguiria me esquecer? – perguntou Gilbert.

Eles iniciaram uma sessão de “você-se-lembra?” enquanto Anne olhava fixamente para um quadro de um peixe e laranjas pendurado sobre o aparador. Não imaginava que Gilbert e Christine tivessem tantas histórias em comum. “Lembra-se do nosso piquenique em Arm? Lembra-se da noite em que fomos àquela igreja de outra congregação? Lembra-se da noite em que fomos ao baile de máscaras? Você foi vestida de espanhola em um vestido preto de veludo, com um xale de renda e um leque.”

Gilbert aparentemente lembrava-se de tudo em detalhes. E havia se esquecido do aniversário de casamento deles!

Quando voltaram para a sala, Christine olhou pela janela para o céu iluminado pelo etéreo prateado atrás dos álamos escuros.

– Gilbert, vamos dar uma volta no jardim. Quero aprender novamente o significado do nascer da lua em setembro.

(“O significado do nascer da lua em setembro era diferente do de outros meses? É o que ela quis dizer com ‘novamente? Ela já havia aprendido antes... Com ele?’”)

Lá foram eles. Anne sentiu que tinha sido delicada e sutilmente deixada de lado. Sentou-se em uma cadeira voltada para o jardim... Embora não admitisse para si mesma que a havia selecionado por esse motivo. Podia ver Christine e Gilbert caminhando pela trilha do jardim. O que estavam dizendo um para o outro? Christine parecia guiar a conversa. Talvez Gilbert estivesse atônito de tanta emoção. Estaria sorrindo ao reviver lembranças das quais ela não fazia parte? Recordou de noites em que Gilbert e ela caminharam pelos jardins de Avonlea sob o luar. Será que ele tinha se esquecido delas?

Christine olhava para o céu. Era óbvio que estava exibindo o pescoço alvo e delicado ao fazer isso. Por que a lua estava demorando tanto para nascer?

Outros convidados chegavam quando eles finalmente voltaram. Havia conversas, risos, música. Christine cantou... Muito bem. Ela sempre fora “musical”. Cantou para Gilbert sobre “os tenros dias de outrora, além das recordações”. Gilbert reclinou-se em uma cadeira, em um silêncio incomum. Será que estava relembrando os tenros dias de outrora? Estaria imaginando como teria sido a vida se tivesse se casado com Christine? (“Eu costumava sempre saber o que o Gilbert estava pensando. Minha cabeça está começando a doer. Se não formos embora logo, vou gritar. Ainda bem que o trem parte cedo.”)

Quando Anne desceu as escadas, Christine estava na varanda com o Gilbert. Ela estendeu a mão e tirou uma folha do ombro dele, um gesto quase que de carícia.

– Está tudo bem mesmo, Gilbert? Você parece incrivelmente cansado. Sei que anda trabalhando demais.

Uma onda de horror tomou conta de Anne. Gilbert de fato parecia cansado... Assustadoramente cansado... O que só percebeu graças ao comentário da Christine! Jamais se esqueceria da humilhação daquele momento. (“Tenho deixado de reparar em Gilbert enquanto o acuso de fazer o mesmo.”)

Christine virou-se para ela.

– Foi ótimo ver você de novo, Anne. Quase como nos velhos tempos.

– Quase – respondeu Anne.

– Estava dizendo ao Gilbert que ele parece um pouco cansado. Você precisa tomar mais cuidado com ele, Anne. Sabe, houve uma época em que eu estava interessada de verdade nesse seu marido. Creio que foi o melhor namorado que já tive. Espero que me perdoe, já que eu não o roubei de você.

Anne ficou paralisada novamente.

– Talvez ele lamente por você não ter feito isso – disse ela, ao entrar na carruagem do doutor Fowler para ir à estação, com uma altivez da qual Christine se lembrava da época da universidade.

– Que engraçadinha! – disse Christine, encolhendo os belos ombros. Ela ficou ali, observando-os como se algo a divertisse imensamente.

Também conhecido como o Gato Risonho ou o Gato Listrado de *Alice no País das Maravilhas*, do escritor inglês Lewis Carroll (1832-1898). (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Coríntios 3:2,3. (N. T.)

Brincadeira em que um indivíduo, ao encontrar uma semente dupla em uma amêndoa ou noz, oferece uma delas a outra pessoa em troca de um castigo ou prenda. Tradicionalmente, o castigo é dizer “bom dia, Filomena”, mas pode ser algo mais elaborado. Era comumente usada como forma de flerte. (N. T.)



CAPÍTULO 41

– Divertiu-se? – perguntou Gilbert, mais distraído do que nunca, enquanto a ajudava a subir no trem.

– Ah, bastante – disse Anne, sentindo-se como na frase esplêndida de Jane Welsh Carlyle, que “havia passado a noite sob grande tormento”.

– Por que você fez esse penteado? – perguntou Gilbert, ainda perdido nos próprios pensamentos.

– Está na moda.

– Não combina com você. Pode até ficar bem em algumas pessoas, mas não em você.

– Ah, é uma pena o meu cabelo ser ruivo – disse Anne com frieza.

Gilbert achou que seria prudente abandonar aquele assunto delicado. Sabia que Anne era muito sensível em relação ao cabelo. Além disso, estava cansado demais para conversar. Encostou a cabeça no encosto da poltrona e fechou os olhos. Pela primeira vez, Anne percebeu alguns fios grisalhos acima das orelhas dele. Ainda assim, não cedeu.

Caminharam em silêncio da estação de Glen e pegaram um atalho até Ingleside. O ar estava repleto do aroma dos abetos e das samambaias. O luar cintilava sobre os campos úmidos pelo orvalho. Passaram por uma casa deserta com janelas quebradas e tristes que já haviam dançado com a luz. “Assim como a minha vida”, pensou Anne. Tudo parecia ter algum significado lúgubre agora. A mariposa branca que volteou perto deles no jardim era um fantasma do amor extinguido. Anne enroscou o pé em um aro de críquete e quase caiu de cara em uma moita de flox. Por que as crianças haviam deixado aquilo ali? Eles iriam ouvir poucas e boas amanhã!

Gilbert somente disse “oops!” e a ajudou a se equilibrar. Será que ele teria reagido com a mesma casualidade se a Christine tivesse tropeçado enquanto desvendavam o significado do luar?

Gilbert foi direto para o escritório assim que entraram em casa, e Anne subiu em silêncio para o quarto, onde o luar jazia no chão, imóvel, argênteo e frio. Abriu a janela e contemplou a vista. Evidentemente, o cachorro de Carter Flagg escolhera aquela noite para uivar, tarefa que fazia de corpo e alma. As folhas dos choupos-da-lombardia reluziam como prata sob o luar. A casa parecia sussurrar, sinistramente, como se não fosse mais amiga dela.

Anne sentiu-se enjoada, fria e vazia. O ouro da vida havia se convertido em folhas murchas. Nada mais tinha significado. Tudo parecia distante e irreal.

Lá longe, a maré honrava seu compromisso atemporal com a praia. Agora que Norman Douglas havia derrubado o arvoredo de abetos, ela podia ver a Casa dos Sonhos. Como eles tinham sido felizes lá... Quando estar a sós no próprio lar era suficiente, com seus planos para o futuro, suas carícias, o silêncio! A vida tinha todas as cores da manhã. Gilbert a admirava com um sorriso no olhar que guardava só para ela, e todos os dias encontrava uma forma diferente de dizer “eu te amo”, compartilhando as risadas assim como as tristezas.

E agora, Gilbert havia se cansado dela. Os homens sempre foram assim... E sempre seriam. Acreditava que Gilbert era uma exceção, mas agora sabia a verdade. O que Anne deveria fazer para ajustar a vida de acordo com essa nova realidade?

– Há as crianças, é claro – ponderou, impotente. – Devo seguir em frente por elas. E ninguém precisa saber... Ninguém. Não preciso que tenham pena de mim.

Que barulho era aquele? Alguém estava subindo as escadas, três degraus por vez, como Gilbert costumava fazer há muito tempo na Casa dos Sonhos... O que não fazia há muito tempo. Não podia ser o Gilbert... Mas era!

Ele entrou no quarto de supetão, jogou um pequeno pacote sobre a mesa, agarrou Anne pela cintura e dançou com ela pelo quarto como um rapaz enlouquecido. Por fim, sem fôlego, parou para descansar sob um fecho de luar.

– Eu estava certo, Anne... Graças a Deus, eu estava certo! A senhora Garrow vai ficar bem... Foi o que disseram os especialistas.

– A senhora Garrow? Gilbert, você ficou maluco?

– Eu não te contei? É claro que contei... Bem, o assunto era tão doloroso que eu nem consegui falar a respeito. A preocupação estava me matando nas

últimas duas semanas... Não conseguia pensar em mais nada, acordado ou dormindo. A senhora Garrow mora em Lowbridge, e era paciente do doutor Parker. Ele me chamou para uma consulta, e meu diagnóstico foi diferente do dele... Nós quase brigamos. Insisti que havia uma chance... Nós a enviamos para Montreal. Parker disse que ela não voltaria com vida. O marido dela estava a ponto de me dar um tiro. Quando ela viajou, comecei a me questionar. Talvez estivesse errado... Talvez estivesse torturando-a sem necessidade. Encontrei uma carta no meu escritório quando cheguei. Eles a operaram, e tem chances excelentes de sobreviver. Minha menina, você não imagina como estou contente! Rejuvenesci vinte anos.

Anne não sabia se ria ou se chorava... Então começou a rir. Era maravilhoso voltar a sorrir... Voltar a sentir vontade de rir. Subitamente, tudo voltara ao normal.

– Então foi por isso que se esqueceu do nosso aniversário de casamento? – provocou ela.

Gilbert a soltou para pegar o pequeno embrulho deixado sobre a mesa.

– Eu não esqueci. Duas semanas atrás, encomendei isso de Toronto. E só chegou nesta noite. Me senti tão mal nesta manhã por não ter nada para te dar que nem mencionei a data... Também achei que você tinha se esquecido, e estava até torcendo por isso. Quando entrei no escritório, lá estava o presente junto com a carta de Parker. Veja se é do seu agrado.

Era um pequeno pingente de diamante. Mesmo sob o luar, reluzia como se tivesse vida.

– Gilbert... E eu...

– Coloque. Queria que tivesse chegado nesta manhã... Você teria algo para usar no jantar além daquele velho coração esmaltado. Se bem que estava lindo, aninhado no seu lindo colo alvo, minha querida. Por que não usou aquele vestido verde, Anne? Gostei dele... Me fez lembrar do vestido verde com botões de rosa que usava em Redmond.

(“Ele notou o vestido! E ainda se lembrava do velho vestido que admirava tanto!”)

Anne sentia-se como um pássaro liberto, voltando a alçar voo. Gilbert a abraçou. Seus olhos encaravam o fundo dos dela ao luar.

– Você me ama, Gilbert? Não me tornei um mero hábito na sua vida? Você não diz que me ama há muito tempo.

– Minha querida, minha amada! Não achei que precisasse de palavras para saber disso. Eu jamais conseguiria viver sem você, que sempre me deu

forças. Há um verso da Bíblia escrito para você: “Ela só lhe faz bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida”.

A vida que parecia tão cinzenta e sem significado há poucos momentos voltou a ser dourada e esplendidamente colorida. O pingente de diamante caiu no chão, sem que ninguém lhe prestasse atenção no momento. Era lindo, mas havia tantas coisas ainda mais lindas... Confiança, paz, um trabalho agradável... Risadas e bondade... A velha sensação do amor eterno.

– Ah, se pudéssemos fazer este instante durar para sempre, Gilbert!

– Nós teremos mais momentos. É hora de termos uma segunda lua de mel. Anne, haverá um grande congresso médico em Londres no próximo fevereiro. Nós vamos... E depois, viajaremos para conhecer um pouco do Velho Mundo. As férias nos aguardam. Seremos um casal de pombinhos novamente... Como se tivéssemos acabado de casar. Você não parece a mesma há muito tempo. (“Então, ele percebeu.”) Está cansada e anda trabalhando demais, e precisa de uma mudança. (“Você também, querido. Tenho estado terrivelmente cega”). Não quero que acredite no que é dito por aí: as esposas dos médicos nunca têm o remédio de que precisam. Voltaremos descansados e renovados, com o senso de humor completamente restaurado. Bem, experimente o pingente e vamos dormir. Estou morrendo de sono... Não tenho uma noite decente de descanso há semanas, entre os gêmeos e a preocupação com a senhora Garrow.

– Sobre o que você e a Christine conversaram tanto no jardim? – perguntou Anne, pavoneando-se diante do espelho com os diamantes.

Gilbert bocejou.

– Ah, não sei. Christine não parava de tagarelar. Mas eis um fato que me apresentou: sabia que uma pulga é capaz de pular duzentas vezes o próprio comprimento, Anne?

(“Eles falavam de pulgas enquanto eu me contorcia de ciúmes. Que idiota eu fui!”)

– E como foi que chegaram a este assunto?

– Não me lembro... Talvez por termos falado de *Dobermanns*.

– *Dobermanns*! O que são *Dobermanns*?

– Uma nova raça de cães. Christine parece ser uma especialista em cães. Estava tão obcecado com a senhora Garrow e nem prestei atenção no que ela estava dizendo. Eu escutava aqui e ali alguma coisa sobre complexos e repressões... Da nova psicologia que está surgindo... E arte... E gota e política... E sapos.

– Sapos?

– Alguns experimentos que um homem de Winnipeg está realizando. Christine nunca foi muito divertida, mas agora está mais entediante do que nunca. E maliciosa! Ela nunca foi assim.

– O que ela disse de malicioso? – perguntou Anne inocentemente.

– Não percebeu? Ah, acho que nem teria reparado... Você é tão avessa a esse tipo de coisa! Bem, não importa. Aquela risada dela me irritou um pouco. E está mais gorda. Ainda bem que você não engordou nada, minha menina.

– Ah, não acho que ela esteja muito gorda – disse Anne, caridosamente. – E certamente é uma mulher muito bonita.

– Mais ou menos. E os traços do rosto perderam um pouco do viço... Tem a mesma idade que a sua, mas parece dez anos mais velha.

– E você falando com ela sobre juventude eterna!

Gilbert mostrou um sorriso culpado.

– Foi preciso dizer amabilidades. A civilização não pode existir sem um pouco de hipocrisia. Ah, bem, Christine não é má pessoa, ainda que não pertença ao povo de José. Não é culpa dela não possuir nem uma pitada do sal da terra. O que é isso?

– Meu presente de aniversário para você. E quero um centavo por ele... Não quero correr riscos. As torturas que suportei nesta noite! Estava sendo consumida por ciúmes da Christine.

Gilbert parecia genuinamente surpreso. Nunca havia lhe ocorrido que Anne pudesse ter ciúmes.

– Ora, minha menina, não achava que você era capaz disso.

– Ah, eu sou. Ora, eu tive um ciúme absurdo das suas correspondências com Ruby Gillis, anos atrás.

– Eu trocava cartas com Ruby Gillis? Tinha me esquecido. Pobre Ruby! E o Roy Gardner? O sujo não pode falar do mal lavado.

– Roy Gardner? Philippa escreveu algum tempo atrás me contando que ele está positivamente corpulento. Gilbert, o doutor Murray pode ser uma eminência na profissão, mas ele parece uma ripa de madeira. Já o doutor Fowler parece uma rosquinha. Você parecia tão bonito e tão jovial ao lado deles.

– Ah, obrigado... Obrigado. É o que uma esposa diria. Para retribuir o elogio, você estava excepcionalmente linda nesta noite, Anne, apesar do vestido. Estava um pouco corada e seus olhos brilhavam... Ah, que gostoso!

Não há nada como a nossa cama, quando estamos cansados. Há outro verso na Bíblia... Engraçado como esses antigos versículos que aprendemos na escola dominical ressurgem ao longo da vida! “Em paz me deitarei e dormirei.” Em paz... Eu me deitarei... Boa noite.

Gilbert já estava quase adormecido ao terminar de falar. O querido, e fatigado, Gilbert! Bebês poderiam nascer à vontade, que nada perturbaria o descanso dele. Que o telefone tocasse até quebrar.

Anne não estava com sono. Estava muito feliz para conseguir dormir. Moveu-se sem fazer ruído pelo cômodo, guardando coisas, trançando os cabelos, com o ar de uma mulher amada. Por fim, vestiu uma camisola e foi até o quarto dos meninos do outro lado do corredor. Walter e Jem, em suas camas, e Shirley, no berço, dormiam profundamente. O Camarão, que sobrevivera a gerações de gatinhos atrevidos e tornara-se um membro da família, estava enrolado nos pés do Shirley. Jem havia adormecido enquanto lia “O Livro da Vida do Capitão Jim”, que estava aberto sobre a colcha.

Como Jem parecia grande sob as cobertas! Logo estaria crescido. Que rapazinho mais corajoso e confiável era! Walter sorria enquanto dormia, como se soubesse um segredo fascinante. A lua brilhava sobre o travesseiro dele através das barras da janela, lançando a sombra nítida de uma cruz sobre a cabeça do menino. Anne se lembraria disso e imaginaria se não era um presságio de Courcelette²⁶, de um túmulo marcado por uma cruz “em algum lugar da França”. Naquela noite, todavia, era apenas uma sombra...

Nada mais. A coceira havia sumido do pescoço de Shirley. Gilbert estava certo. Ele estava sempre certo.

Nan, Diana e Rilla estavam no outro quarto. Diana com os adoráveis cachinhos ruivos e uma das mãos sob a bochecha morena de sol, e Nan com os leques de longos cílios roçando as dela. Os olhos por trás das pálpebras de veias azuis eram castanhos como os do pai. E Rilla dormia de bruços. Anne a colocou virada para cima, mas os olhos dela não se abriram.

Todos cresciam muito rápido. Em poucos e curtos anos seriam jovens homens e mulheres, na flor da mocidade, cheios de expectativas, guiados pelos sonhos mais selvagens, pequenos barcos zarpando da segurança do porto rumo ao desconhecido. Os garotos seguiriam suas profissões, e as garotas... Ah, ela até podia vislumbrar as figuras das lindas noivas encobertas por um véu descendo as escadas de Ingleside. Mas eles ainda seriam delas por mais alguns anos. Para amá-los e orientá-los, e cantar as canções que tantas mães já tinham cantado. Dela... e de Gilbert.

Foi até a janela no fim do corredor que se projetava para fora. Todas as suspeitas, os ciúmes e os ressentimentos tinham ido para onde as luas velhas iam. Sentia-se confiante, feliz e jovial.

– Blythe²²! Sinto-me como uma Blythe – disse, rindo do trocadilho bobo. – Sinto-me exatamente como na manhã em que Pacifique me contou que Gilbert iria se curar.

Lá embaixo estava o mistério e a maravilha de um jardim à noite. As colinas distantes, tocadas pelo luar, formavam um poema. Dali alguns meses, veria o luar sobre as longínquas e difusas colinas da Escócia, em Melrose, nas ruínas de Kenilworth, sobre a igreja próxima de Avon onde Shakespeare dormiu... Talvez até sobre o Coliseu, sobre a Acrópoles, sobre tristes rios que corriam sobre impérios mortos.

Fazia frio; logo viriam as noites mais geladas do outono; e, então, a neve profunda... A neve profunda e branca do inverno... Noites bravias com ventos e tempestades. Porém, quem se importava? Haveria a mágica da lareira nos quartos agradáveis. Gilbert não tinha comentado pouco tempo atrás sobre a lenha de macieira que iria conseguir para acender o fogo? Esta glorificaria os dias cinzentos vindouros. Que importância teria a neve e o vento áspero, com o amor ardendo em todo o seu brilho e esplendor, e a primavera logo adiante? E todas as doçuras da vida salpicando o caminho.

Afastou-se da janela. Com a camisola branca e os cabelos presos em duas longas tranças, parecia a Anne dos dias de Green Gables, dos dias de Redmond, dos dias da Casa dos Sonhos. Sua luz interior ainda irradiava. Pela porta aberta chegava o som tênue das crianças dormindo. Gilbert, que raramente roncava, sem dúvida estava roncando. Anne sorriu. E lembrou de algo dito por Christine. Pobre mulher sem filhos, atirando suas flechas de sarcasmo.

– Que família! – repetiu Anne, exultante.

FIM.

A Batalha de Flers-Courcelette foi travada em setembro de 1916, na França, durante a Primeira Guerra Mundial. Como importante aliado do exército britânico, o Canadá enviou mais de 600 mil soldados para os campos de batalha. (N. T.)

Blythe, em inglês, significa “alegre”.. (N. T.)

Vale do Arco-Íris

LUCY MAUD MONTGOMERY



Casa da Cultura

Vale do Arco-Íris

LUCY MAUD MONTGOMERY



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original

Rainbow Valley

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Rafael Bonaldi

Preparação

Karoline Cussolim

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração de capa

Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787v Montgomery, Lucy Maud

Vale do Arco-Íris [recurso eletrônico] / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.

272 p. ; ePub ; 3,2 MB. - (Ciranda Jovem)

Tradução de: Rainbow Valley

Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-249-2 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil.. 2. Literatura canadense. I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-1127 CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do

detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

*“Os pensamentos da juventude são pensamentos
longos, muito longos.”*

– Longfellow

À memória de Goldwin Lapp, Robert Brookes

*e Morley Shier que fizeram o sacrifício supremo
de proteger os alegres vales de sua terra natal
da profanação do invasor.*



DE VOLTA AO LAR

Era uma tarde de maio clara, cor de maçã-verde, e o porto de Four Winds refletia as nuvens do ocaso dourado que escurecia em sua costa. Mesmo na primavera, o mar gemia com melancolia nos bancos de areia, no entanto, um vento astuto e jovial sibilava pela estrada vermelha do porto, onde a figura matronal da senhorita Cornelia se dirigia ao vilarejo de Glen St. Mary. Legitimamente, ela era a senhora Elliott há treze anos, desde que se casara com Marshall Elliott, mas era grande o número de pessoas que se referia a ela por senhorita Cornelia. Os velhos amigos eram apegados ao nome de solteira, e somente um deles parou de usá-lo, com desdém. Susan Baker, a fiel, grisalha e severa empregada da família Blythe, de Ingleside, nunca perdia a oportunidade de chamá-la de “senhora Marshall Elliott” com uma ênfase mordaz, como se dissesse, “já que queria tanto ser uma senhora, vai ser chamada de senhora, se depender de mim”.

A senhorita Cornelia estava indo até Ingleside para visitar o doutor Blythe e a esposa dele, que tinham acabado de voltar da Europa. Eles passaram três meses viajando, tendo partido em fevereiro para comparecer a um congresso médico famoso em Londres, e a senhorita Cornelia estava ansiosa para discutir certas coisas que haviam acontecido em Glen na ausência deles. Por exemplo, um novo ministro presbiteriano se mudara para o povoado. E que família! A senhorita Cornelia balançou a cabeça várias vezes conforme caminhava apressadamente.

Susan Baker e Anne Shirley a avistaram, sentadas na varanda de Ingleside, enquanto desfrutavam do charme do entardecer, da doçura do canto indolente dos pássaros na penumbra dos bordos e da dança de um grupo frenético de narcisos ao vento contra o velho muro de tijolos do jardim.

Anne estava sentada nos degraus, com as mãos unidas sobre o joelho, com o ar pueril que uma mãe de vários filhos tem o direito de ter; os lindos olhos verdes-acinzentados que fitavam a estrada do porto, mais do que nunca, exibiam uma centelha inextinguível e sonhos abundantes. Atrás dela, Rilla Blythe estava empoleirada no balanço, uma criaturinha rechonchuda de 6 anos, a mais jovem das crianças de Ingleside. Tinha cabelos cacheados ruivos e olhos castanhos que se encontravam firmemente fechados, formando pequenas rugas ao redor, do jeito engraçado que Rilla sempre dormiu.

Shirley, “o garotinho moreno”, como era conhecido pela família, dormia nos braços de Susan. Com cabelos e olhos castanhos e as bochechas muito rosadas, era o xodó dela. Depois de seu nascimento, Anne ficara muito doente por um bom tempo e Susan cuidou dele com uma ternura que nenhuma das outras crianças conseguiu despertar, por mais que também os adorasse. O doutor Blythe dizia que, se não fosse por ela, o menino não teria sobrevivido.

– Eu dei vida a ele tanto quanto você, querida senhora – dizia Susan. – Ele é tão filho meu quanto é seu. – E, de fato, era para ela que Shirley corria em busca de beijos quando se machucava, para ser ninado e para ser protegido das surras bem-merecidas. Susan estava ciente de que já tinha dado umas palmadas em todos os filhos dos Blythe quando achava que mereciam uma lição, mas nunca havia encostado um dedo em Shirley e tampouco permitia que a mãe dele o fizesse. Susan ficou furiosamente indignada certa vez em que o doutor Blythe castigou o menino.

– Aquele homem seria capaz de bater em um anjo, querida senhora, não tenha dúvidas – declarara amargamente, durante semanas ela se negou a preparar tortas para o pobre médico.

Susan levava o Shirley para a casa do irmão dela durante a ausência dos pais, enquanto as outras crianças tinham ido para Avonlea, onde passara três meses abençoados com o garoto só para ela. Contudo, estava muito feliz por estar de volta a Ingleside, cercada por todos os seus queridos. Ingleside era o seu mundo, onde ela reinava suprema. Mesmo Anne raramente questionava suas decisões, para o desgosto da senhora Rachel Lynde de Green Gables, que, sempre que visitava Four Winds, alertava Anne que ela estava deixando Susan mandar demais na casa, e que ainda se arrependeria.

– Lá vem a Cornelia Bryant, querida senhora – disse Susan. – Certamente vai descarregar três meses de fofocas nos nossos ouvidos.

– Assim espero – disse Anne, abraçando os joelhos. – Estou faminta pelas fofocas de Glen St. Mary, Susan. Espero que ela possa contar tudo que aconteceu durante nossa ausência, tudo: quem nasceu, ou se casou, ou se embebedou; quem morreu, ou foi embora, ou entrou em uma briga, ou perdeu uma vaca, ou encontrou um novo amor. É tão bom estar em casa novamente, com todos de Glen, e quero saber todas as novidades deles. Ora, lembro-me de caminhar pela abadia de Westminster e me perguntar com qual dos dois pretendentes Millicent Drew vai se casar. Sabe, Susan, tenho a terrível suspeita de que eu adoro fofocas.

– Bem, querida senhora, é evidente que toda mulher que se preze adora saber das novidades. Também estou muito interessada no caso da Millicent Drew. Nunca tive um pretendente, muito menos dois, e isso já não me incomoda, pois ser uma velha solteirona para de doer depois que você se acostuma. Eu sempre tenho a impressão de que a Millicent penteia os cabelos com uma vassoura. Contudo, os homens parecem não se importar com isso.

– Eles só veem aquele rostinho bonito, risonho e sedutor, Susan.

– Pode até ser, querida senhora. A Bíblia diz que a beleza é enganosa e a formosura passageira¹, só que eu não teria me importado em descobrir isso por conta própria, se essa fosse a vontade divina. Não tenho dúvidas de que seremos todos belos quando formos anjos, porém de que isso nos servirá?

Agora, por falar em fofoca, dizem que a pobre senhora Harrison, que mora no porto, tentou se enforcar na semana passada.

– Ah, Susan!

– Acalme-se, querida senhora. Ela não conseguiu. E eu não a culpo por ter tentado, o marido dela é um homem terrível. Mas foi tolice da parte dela tentar se matar e deixar o caminho limpo para que ele se case com outra mulher. Se eu estivesse no lugar dela, querida senhora, eu teria feito de tudo para que ele se enforcasse, ao invés de mim. Não que eu ache certo as pessoas tentarem se enforcar, em qualquer circunstância.

– Qual é o problema do Harrison Miller, afinal? – disse Anne, com impaciência. – Ela sempre leva as pessoas ao extremo.

– Bem, algumas pessoas chamam de religião e outras, de maldição, com o perdão da palavra, querida senhora. Parece que ninguém consegue decidir qual desses é o caso do Harrison. Há dias em que ele briga com todo mundo

por achar que é predestinado à danação eterna. E há dias em que diz que nada mais importa e desata a beber. Sou da opinião de que ele não está bem da cabeça, já que é algo comum na família Miller. O avô dele perdeu completamente o juízo. Achava que estava rodeado por grandes aranhas negras. Elas andavam por todo corpo e flutuavam no ar ao redor dele. Espero nunca ficar louca, querida senhora, e não acho que ficarei, isso é raro entre os Baker. Se a Providência Divina assim decretar, espero que minha insanidade não tome a forma de aranhas grandes e pretas porque eu abomino esses animais. Quanto à senhora Miller, não sei se ela realmente merece a nossa comiseração. Há quem diga que ela só se casou com Harrison para afrontar Richard Taylor, o que me parece um motivo muito peculiar para se casar. Mas enfim, é claro que não posso opinar em questões matrimoniais, querida senhora. Aí está Cornelia Bryant, no portão, vou colocar esse garotinho abençoado na cama e pegar a minha costura.

Referência ao Antigo Testamento, Provérbios 31:30: “Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada”. (N. T.)



PURA FOFOCA

– Onde estão as outras crianças? – perguntou a senhorita Cornelia, assim que os cumprimentos (cordiais da parte dela, entusiasmados da de Anne, e dignos da de Susan) terminaram.

– Shirley está dormindo e Jem, Walter e as gêmeas estão no adorado Vale do Arco-Íris – disse Anne. – Eles voltaram para casa esta tarde, sabe, e mal esperaram o jantar terminar para correr para lá. É o lugar que mais amam na Terra. Nem o pomar de bordos se compara.

– Receio que eles o amem demais – disse Susan com seriedade. – O pequeno Jem disse que preferiria ir para o Vale a ir para o Céu quando morresse, o que não foi um comentário adequado.

– Imagino que eles se divertiram em Avonlea, não? – disse a senhorita Cornelia.

– Bastante. Marilla os mima terrivelmente. Jem, em particular, nunca faz nada de errado aos olhos dela.

– A senhorita Cuthbert deve estar muito idosa agora – disse a senhorita Cornelia, tirando da bolsa sua costura, para não perder terreno para Susan. A senhorita Cornelia sempre acreditou que uma mulher com as mãos ocupadas tem vantagem sobre aquelas cujas mãos estão ociosas.

– Marilla está com 85 anos – disse Anne com um suspiro. – Os cabelos dela estão brancos como a neve. E por mais estranho que pareça, a visão dela está melhor do que aos 60.

– Bem, querida, estou muito feliz que esteja de volta. Estive me sentindo muito sozinha. Mas nós não ficamos entediados aqui em Glen, acredite em mim. No que diz respeito aos assuntos da igreja, nunca tive uma primavera tão agitada na minha vida. Finalmente temos um novo ministro, Anne.

– O reverendo John Cox Meredith, querida senhora – disse Susan, decidida a não deixar que a senhorita Cornelia contasse todas

as novidades.

– Ele é agradável? – perguntou Anne com interesse.

A senhorita Cornelia suspirou, e Susan grunhiu.

– Sim, ele é muito agradável – disse a primeira. – Muito agradável.

E muito culto. E muito espiritual. Só que... Ah, querida, ele não tem um pingão de bom senso!

– Então, por que vocês o escolheram?

– Bem, não há dúvidas de que ele é, de longe, o melhor pregador que já tivemos em Glen St. Mary – disse a senhorita Cornelia, mudando de assunto.

– Suponho que nunca tenha recebido um convite da cidade por ser tão sonhador e avoado. Seu sermão de teste foi simplesmente maravilhoso, acreditem em mim. Conquistou a todos, inclusive pela aparência.

– Ele é muito bem-apegoado, querida senhora, e para dizer a verdade, eu gosto de ver um homem bonito no púlpito – interveio Susan, achando que era hora de se afirmar novamente.

– Além disso – disse a senhorita Cornelia –, não víamos a hora de voltar a ter um ministro. E o senhor Meredith foi o primeiro candidato sobre o qual todos concordaram. Todo mundo teve alguma objeção com os outros. Cogitamos chamar o senhor Folsom. É um bom pregador, também, só que ninguém gostou da aparência dele. Era muito moreno e esguio.

– Parecia exatamente com um grande gato preto, acredite em mim, querida senhora – disse Susan. – Não conseguiria olhar para um homem como aquele no púlpito todos os domingos.

– Então vimos o sermão do senhor Rogers, que foi sem sal e nem açúcar – continuou a senhorita Cornelia. – Mesmo que tivesse pregado como Pedro ou Paulo não teria feito diferença, pois foi nesse dia que uma ovelha do velho Caleb Ramsay entrou na igreja e gritou *bééé* quando ele tinha acabado de anunciar o texto. Todo mundo riu e o coitado do Rogers não teve a mínima chance depois disso. Algumas

pessoas pensaram em chamar o senhor Stewart, pois ele é muito estudado. É capaz de ler o Novo Testamento em cinco idiomas.

– Não sei se isso o torna mais apto a entrar no céu do que os outros homens – interpôs Susan.

– Muitos não gostaram da forma como fez o sermão – disse a senhorita Cornelia, ignorando Susan. – Falava grunhindo, por assim dizer. E o senhor Arnett é incapaz de pregar. E ainda escolheu o pior texto possível na Bíblia para ler, “Amaldiçoai a Meroz²”.

– Sempre que não sabia como prosseguir, ele batia a Bíblia e gritava com violência “Amaldiçoi a Meroz”. O coitado do Meroz foi amargamente amaldiçoado, quem quer que tenha sido, querida senhora – disse Susan.

– O ministro que se candidata precisa escolher o texto com o máximo de cuidado possível – disse a senhorita Cornelia solenemente. – Acho que o senhor Pierson teria sido escolhido se tivesse usado um texto diferente para o sermão. Porém, quando anunciou “Elevo meus olhos para as colinas”, não teve mais chance. Todo mundo riu, pois é de conhecimento geral que aquelas duas senhoritas da família Hill³, que moram em Harbour Head arrastaram a asa para todos os ministros que colocaram os pés em Glen nos últimos quinze anos. Já o senhor Newman tem uma família muito numerosa.

– Ele se hospedou com o meu cunhado, o James Clow – disse Susan. – “Quantos filhos o senhor tem?”, perguntei. “Nove meninos e uma irmã para cada um deles”, respondeu. “Dezoito! Senhor, que família!”, eu disse e ele riu até. Não sei por que, querida senhora, mas acho que dezoito filhos são crianças demais para qualquer casa ministerial.

– Ele só tem dez filhos, Susan – explicou a senhorita Cornelia, com uma paciência desdenhosa. – E dez crianças boas não seriam muito pior para a casa ministerial e a congregação do que os quatro que moram lá agora. Ainda que eu também não ache que são crianças ruins, querida Anne. Gosto deles, todo mundo gosta. É impossível não gostar deles. Seriam criaturinhas encantadoras se tivessem alguém para lhes ensinar bons modos e a diferença entre o certo e o errado. Por exemplo, na escola o professor diz que são crianças modelos. Só que em casa são simplesmente selvagens.

– É a senhora Meredith? – perguntou Anne.

– Não há uma senhora Meredith. É justamente esse o problema. O senhor Meredith é viúvo. A esposa morreu há quatro anos. Provavelmente não o teríamos chamado se soubéssemos disso, pois um viúvo é muito pior em uma congregação do que um solteiro, porém como ele falou dos filhos, todos nós imaginamos que houvesse uma mãe. E quando chegaram, não havia ninguém além da velha tia Martha, que é como a chamam. Ela é prima da mãe do senhor Meredith, acredito eu, e ele a acolheu para salvá-la do albergue. Ela tem 75 anos, é meio cega, meio surda e muito ranzinza.

– É uma péssima cozinheira, querida senhora.

– A pior administradora possível para a casa ministerial – disse a senhorita Cornelia com aspereza. – O senhor Meredith não quer arranjar uma empregada para não ferir os sentimentos da tia Martha. Querida Anne,

acredite em mim, a casa está em péssimas condições. Há uma camada de poeira sobre tudo, e nada nunca está no lugar. E pensar que pintamos e colocamos um lindo papel de parede antes de se mudarem!

– São quatro filhos? – perguntou Anne, que já tinha começado a cuidar deles em seu coração materno.

– Sim. Eles formam uma escadinha. Gerald é o mais velho, tem 12 anos, todos o chamam de Jerry e é um menino esperto. Faith tem 11.

É uma moleca, mas linda como um retrato, devo dizer.

– Parece um anjo, mas é um terror, querida senhora – declarou Susan. – Fui à casa paroquial semana passada, e a senhora Millison também. Ela levou uma dúzia de ovos e um balde pequeno de leite... Um balde muito pequeno de leite, querida senhora. Faith os recolheu e os levou para o porão. Quando estava chegando ao final da escada, ela tropeçou e caiu, com os ovos e o leite. A senhora consegue imaginar o resultado. Só que a menina subiu dando risada, “não sei se sou eu mesma ou se virei uma torta de creme”. E a senhora James Millison ficou muito brava. Disse que não levaria mais nada para a casa ministerial se fossem desperdiçar e destruir tudo daquele jeito.

– Maria Millison nunca se deu ao trabalho de levar nada até a casa paroquial – comentou a senhorita Cornelia com descaso. – Ela foi lá naquela noite por pura curiosidade. A coitadinha da Faith está sempre se metendo em encrencas. É tão desatenta e impulsiva...

– Como eu. Vou gostar dessa tal de Faith – disse Anne decidida.

– É cheia de energia e eu gosto disso – admitiu Susan.

– Há algo fascinante nela – reconheceu a senhorita Cornelia. – Está sempre rindo e por algum motivo você também fica com vontade de rir. Ela não consegue manter a seriedade nem na igreja. Una tem 10 anos e é uma coisinha fofa, não é bonita, mas é um encanto. E Thomas Carlyle tem 9, eles o chamam de Carl, tem a mania de colecionar sapos, insetos e rãs e trazê-los para dentro de casa.

– Suponho que ele foi o responsável pelo rato morto sob a cadeira da sala de estar no dia em que a senhora Grant foi visitá-los. Ela ficou em choque – disse Susan –, e com razão, pois a sala da casa de um presbítero não é lugar para ratos mortos. Pode ser que o gato o tenha deixado lá. Ele parece ter o diabo no corpo, querida senhora. O gato de uma casa ministerial deveria pelo menos parecer respeitável, na minha opinião, mesmo que não seja verdade. Entretanto, nunca vi animal mais libertino: ele caminha pelas vigas do

telhado da casa quase todas as tardes, balançando o rabo, o que eu acho que é impróprio.

– O pior é que nunca estão vestidos decentemente – suspirou a senhorita Cornelia. – E desde que a neve cessou, eles vão à escola descalços. Agora, querida Anne, isso não é bem visto para os filhos de um ministro metodista, ainda mais quando a garotinha do ministro presbiteriano usa botas de abotoar tão bonitas. E eu gostaria que eles parassem de brincar no velho cemitério metodista.

– É muito tentador, já que fica bem ao lado da casa ministerial

– disse Anne. – Sempre achei que cemitérios são lugares ótimos para se brincar.

– Ah, sei que não é verdade, querida senhora – disse a leal Susan, determinada a proteger Anne de si mesma. – Você tem bom senso e decoro.

– Por que eles construíram a casa ministerial ao lado do cemitério, para começo de conversa? – perguntou Anne. – O jardim é tão pequeno que não há lugar para brincarem, exceto no cemitério.

– Foi um erro – afirmou a senhorita Cornelia. – Eles conseguiram o terreno por uma pechincha. E os filhos dos outros ministros nunca brincaram lá. O senhor Meredith não deveria permitir isso, mas ele está sempre com o nariz enfiado em um livro em casa. Lê o tempo inteiro ou então caminha pelo escritório perdido em devaneios. Apesar de ainda não ter se esquecido de ir à igreja aos domingos, ele perdeu duas reuniões e em uma ocasião um dos anciões teve que ir até lá para lembrá-lo.

E ele se esqueceu do casamento da Fanny Cooper, tiveram que telefonar para ele, que foi correndo até lá do jeito que estava, de pantufa e tudo.

Eu não me surpreenderia se os metodistas o ridicularizassem. Porém, temos um consolo: eles não podem criticar os sermões dele. Ele desperta para a vida quando sobe no púlpito, acredite em mim. E dizem que o ministro metodista não sabe pregar. Graças a Deus, eu nunca o ouvi.

O desprezo da senhorita Cornelia pelos homens havia diminuído consideravelmente desde que se casara, contudo, os metodistas continuavam indignos de simpatia. Susan esboçou um sorriso de canto.

– Sabia, senhora Elliott, que os metodistas e os presbiterianos estão cogitando se unirem?

– Bem, espero que eu já esteja debaixo da terra se isso vir a acontecer – retrucou a senhorita Cornelia. – Jamais me envolverei com os metodistas e é melhor o senhor Meredith não se meter com eles, também. Ele é próximo

demais deles, acredite em mim. Ora, ele compareceu ao jantar de comemoração das bodas de prata do Jacob Drew e acabou criando uma bela confusão.

– O que aconteceu?

– A senhora Drew pediu que ele cortasse o ganso assado, pois o Jacob Drew nunca soube fazer isso. Bem, o senhor Meredith pôs as mãos à obra e, durante o processo, derrubou a ave no colo da senhora Reese, que estava sentada ao lado dele. E ele meramente disse, com seu ar distraído: “Senhora Reese, poderia devolver o assado para a mesa, por obséquio?”. Ela o “devolveu” com toda a calma de Moisés, só que deve ter ficado furiosa, uma vez que estava usando o vestido novo de seda. O pior é que ela é metodista.

– Creio que seria pior se ela fosse presbiteriana – opinou Susan. – Se fosse esse o caso, ela provavelmente teria abandonado a igreja, e não podemos nos dar ao luxo de perder membros. Além do mais, a senhora Reese é famosa na própria igreja por ser arrogante, de forma que os metodistas devem ter ficado contentes pelo senhor Meredith ter arruinado o vestido dela.

– A questão é que ele passou por uma situação vergonhosa e, pessoalmente, não gosto de ver o meu ministro passando vergonha diante dos metodistas – disse a senhorita Cornelia categoricamente. – Se ele tivesse uma esposa, isso não teria acontecido.

– Não vejo como uma dúzia de esposas teria evitado que a senhora Drew matasse a gansa mais velha e dura para o jantar de bodas – rebateu Susan.

– Disseram que foi o marido dela – informou a senhorita Cornelia.

– Jacob Drew é um sujeito pretensioso, avarento e dominador.

– E dizem que ele e a esposa se detestam – o que não me parece o jeito certo de duas pessoas casadas conviverem. Mas, é claro, eu não tenho experiência nesse assunto – disse Susan, erguendo a cabeça.

– E não sou de colocar a culpa de tudo nos homens. A senhora Drew também é bastante miserável, ouvi dizer que a única doação que já fez na vida foi um pote de manteiga, feito com um creme onde um rato havia caído. Foi para um evento social da igreja e só descobriram sobre o rato depois.

– Felizmente, todas as pessoas que os Meredith ofenderam até agora são metodistas – disse a senhorita Cornelia. – Aquele tal de Jerry foi a um culto dos metodistas há uns quinze dias e sentou-se atrás do William Marsh, que se levantou para dar seu testemunho repleto de temíveis gemidos, como de costume. “Sente-se melhor?”, sussurrou Jerry quando William sentou-se. O pobre coitado tentou ser simpático, mas o senhor Marsh achou que ele estava

sendo impertinente e ficou furioso. É óbvio que o Jerry não tinha nada que estar em um culto dos metodistas. Enfim, eles vão onde querem.

– Espero que não ofendam a senhora Alec Davis, de Harbour Head – disse Susan. – Ela é muito sensível, pelo que entendi, e muito bem de vida. É a pessoa que mais contribui para o salário do ministro. Ela supostamente comentou que as crianças da família Meredith são as mais malcriadas que já viu.

– Cada palavra que vocês dizem me convence mais e mais que os Meredith pertencem ao povo que conhece José⁴ – disse Anne de forma categórica.

– No fim das contas, eles são – admitiu a senhorita Cornelia. – E isso equilibra tudo. De qualquer forma, eles estão aqui, e temos que fazer o melhor possível para aceitá-los e ficarmos do lado deles contra os metodistas. Bem, é melhor eu ir andando. O Marshall foi até o outro lado do porto hoje e logo estará de volta, esperando pelo jantar, como é típico de um homem. Que pena que não pude ver as outras crianças. E onde está o doutor?

– Em Harbour Head. Chegamos há três dias e, nesse meio tempo, ele passou três horas na própria cama e fez duas refeições na própria casa.

– Bem, todo mundo que ficou doente nas últimas seis semanas estava à espera dele, e eu não os culpo. Quando aquele médico do outro lado do porto casou-se com a filha do agente funerário de Lowbridge, todos acharam suspeito. Não causou uma boa impressão. Você e o doutor precisam me visitar em breve para nos contar tudo sobre a viagem. Suponho que se divertiram bastante.

– É verdade – concordou Anne. – Foi a realização de anos de sonhos. O Velho Mundo é muito lindo e maravilhoso. Mas nós voltamos muito satisfeitos com a nossa própria terra. O Canadá é o melhor país do mundo, senhorita Cornelia.

– Ninguém nunca duvidou disso – disse a senhorita Cornelia complacentemente.

– E a Ilha do Príncipe Eduardo é a província mais adorável e Four Winds o lugar mais encantador dela – riu Anne, admirando o esplendor do crepúsculo sobre Glen, o porto e o golfo. Ela acenou para ele. – Não vi nada mais deslumbrante do que essa vista na Europa, senhorita Cornelia. Você já vai? As crianças vão ficar tristes por não terem te visto.

– Pois que venham me visitar. Diga a eles que a lata de biscoitos está cheia como sempre.

– Oh, eles já estavam planejando uma visita durante o almoço. Irão sem falta, agora, eles precisam voltar para a escola. E as gêmeas vão começar aulas de música.

– Não com a esposa do ministro metodista, eu espero – disse a senhorita Cornelia com preocupação.

– Não, com a Rosemary West. Eu fui até lá para combinar as aulas com ela. Como é linda!

– O tempo foi generoso com a Rosemary. Ela não é mais tão jovem.

– É muito charmosa. Nunca fomos apresentadas, sabe. A casa dela fica muito longe e eu praticamente só a vejo na igreja.

– As pessoas sempre gostaram da Rosemary West, ainda que não a entendam – disse a senhorita Cornelia, sem notar a homenagem que estava prestando aos encantos da Rosemary. – A Ellen sempre a manteve na linha, por assim dizer. É uma tirana, por mais que sempre a tenha mimado de várias formas. A Rosemary já foi noiva, sabe, de um tal de Martin Crawford, entretanto o barco dele naufragou nas Ilhas da Madalena e toda a tripulação morreu afogada. Rosemary era apenas uma criança, tinha só 17 anos e nunca mais foi a mesma depois disso. Ela e a Ellen se tornaram muito unidas depois da morte da mãe e não vão com muita frequência à própria igreja em Lowbridge, mas também sei que a Ellen prefere não frequentar a igreja presbiteriana. Ela nunca vai à metodista, isso eu tenho que elogiar. Os West sempre foram episcopais ferrenhos, as duas têm muito dinheiro, tanto que a Rosemary não precisa dar aulas de música, ela faz isso porque gosta. São parentes distantes da Leslie, sabia? Os Ford virão para o porto neste verão?

– Não. Eles vão viajar para o Japão e provavelmente ficarão fora por um ano. O novo livro de Owen terá uma ambientação nipônica. Será o primeiro verão que a velha e amada Casa dos Sonhos ficará vazia desde que nos mudamos.

– Creio que o Owen Ford encontraria muito sobre o que escrever no Canadá sem precisar arrastar a esposa e os filhos inocentes para aquele país pagão – resmungou a senhorita Cornelia. – *O Livro da Vida* foi a melhor obra que ele já escreveu e conseguiu o material bem aqui em Four Winds.

– O capitão Jim lhe deu a maior parte, você sabe disso. Que ele coletou pelo mundo inteiro. Mas eu adoro os livros do Owen.

– Ah, até que não são ruins. Faço questão de ler todos que ele escreve, muito embora eu acredite, querida Anne, que livros de ficção são uma perda de tempo pecaminosa. Vou escrever para ele e dizer o que penso sobre esta

história de ir para o Japão, acredite em mim. Ele quer que Kenneth e Persis se tornem pagãos?

Com esse enigma sem resposta, a senhorita Cornelia foi embora. Susan subiu para colocar Rilla na cama e Anne sentou-se nos degraus da varanda sob as primeiras estrelas, sonhando incorrigivelmente como sempre fazia e redescobriu pela enésima vez o esplendor do nascer da lua sobre o porto de Four Winds.

Referência ao Antigo Testamento, Juízes 5:23: “Amaldiçoi a Meroz, diz o anjo do Senhor, acremente amaldiçoi aos seus moradores; porquanto não vieram ao socorro do Senhor, ao socorro do Senhor com os valorosos”. (N. T.)

Hill significa “colina”, em inglês. (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Êxodo 1:8: “E levantou-se um novo rei sobre o Egito, que não conheceu a José”. (N. T.)



AS CRIANÇAS DE INGLESIDE

Durante o dia, as crianças de Ingleside amavam brincar em meio aos tons de verde-claro e os recantos do grande bosque de bordos entre a casa e o lago de Glen St. Mary, entretanto, para a diversão do fim do dia, não havia lugar melhor que o pequeno vale que ficava atrás do bosque. Era um reino mágico e fantástico para eles. Certa vez, ao olharem pela janela do sótão de Ingleside, através da névoa causada por uma tempestade de verão, eles avistaram um glorioso arco-íris sobre o lugar adorado. Uma das extremidades parecia mergulhar em um canto do lago que adentrava o vale.

– Vamos chamá-lo de Vale do Arco-Íris – disse Walter extasiado.
E assim ele foi chamado dali em diante.

Fora do vale, o vento podia soprar forte e barulhento. Ali, ele era sempre suave. Aqui e ali, pequenas sendas encantadas serpenteavam por entre as raízes dos abetos cobertas de musgo. Cerejeiras silvestres, que na florada ganhavam um branco etéreo se espalhavam pelo vale, misturando-se aos abetos escuros. Um pequeno riacho de águas âmbar o atravessava e corria em direção ao povoado de Glen. As casas da vila ficavam a uma distância confortável, a mais próxima era uma cabana em ruínas e deserta que ficava no extremo superior do vale, conhecida como “a velha casa dos Bailey”. Estava vazia há anos. Uma vala tomada pela grama a cercava, além de um jardim ancestral onde as crianças de Ingleside encontravam violetas, margaridas e lírios nas épocas certas. De resto, o jardim estava tomado pela alcarávia que se agitava sob o luar das noites de verão como um mar prateado.

Ao Sul encontrava-se o lago e, mais além, o horizonte perdia-se nas florestas púrpuras, exceto em uma colina alta, onde uma casa velha, cinzenta e solitária observava Glen e o porto. Havia algo de selvagem e ermo no Vale

do Arco-Íris, apesar da proximidade com o vilarejo, que fascinava as crianças.

O vale era repleto de recôncavos acolhedores e aconchegantes.

O maior deles era o lugar favorito delas para brincar, e era ali que estavam reunidas naquela tarde em particular. Havia um aglomerado de abetos jovens com um minúsculo céspede no centro que se abria para a margem do rio, onde crescia uma bétula prateada incrivelmente reta que o Walter havia batizado de “A Dama de Branco”. Naquela clareira havia também as “Árvores Enamoradas”, que era como o Walter chamava o abeto e o bordo que cresciam tão próximos um do outro que seus galhos se tornaram inexoravelmente entrelaçados. Jem pendurara nelas velhos sinos de trenós que o ferreiro de Glen havia lhe dado, e cada brisa que os visitava produzia tilintares súbitos.

– Como é bom estar de volta! – disse Nan. – Afinal, nenhum dos lugares de Avonlea se compara ao Vale do Arco-Íris.

Apesar disso, eles adoravam Avonlea, uma visita a Green Gables era sempre um grande deleite e a tia Marilla gostava muito deles, assim como a senhora Rachel Lynde, que passava o tempo livre da velhice costurando colchas de algodão para o dia que as filhas de Anne precisassem de um enxoval. Havia também ótimos colegas de brincadeiras por lá, como os filhos do “tio” Davy e da “tia” Diana. Eles conheciam todos os lugares que a mãe deles amara tanto na infância: a longa Travessa dos Amantes, que ficava ladeada por flores na época das rosas silvestres; o Jardim Imaculado, com seus salgueiros e álamos; a Bolha da Driade, reluzente e adorável como sempre; o Lago das Águas Brilhantes e Willowmere. As gêmeas ficavam com o quarto antigo da mãe e a tia Marilla costumava entrar de mansinho no meio da noite, quando achava que estavam adormecidos, para admirá-los, porém todos sabiam que Jem era o favorito dela.

Naquele momento, Jem estava ocupado fritando pequenas trutas que havia acabado de pescar no lago. O fogo consistia em um círculo de pedras vermelhas com uma chama acesa no centro e os utensílios eram uma velha lata amassada e um garfo com apenas um dente restante. Mesmo assim, refeições deliciosas já tinham sido preparadas ali.

Jem era filho da Casa dos Sonhos, pois todos os outros tinham nascido em Ingleside. Ele tinha cabelos ruivos cacheados, como os da mãe, e olhos castanhos francos, como os do pai; o nariz era fino como o da mãe, e a boca

firme e simpática como a do pai. E era o único da família cujas orelhas eram bonitas o bastante para agradar a Susan, com quem brigava constantemente por ela insistir em chamá-lo de pequeno Jem. Era um absurdo, pensava o menino de 14 anos de idade. A mamãe tinha mais bom senso.

– Não sou mais pequeno, mãe – exclamara, indignado, no aniversário de 8 anos. – Já sou bem grande.

A mãe suspirou e riu, e então suspirou novamente. Ela nunca mais o chamou de pequeno Jem, não perto dele, pelo menos.

Ele era e sempre fora um rapazinho corajoso e confiável, pois nunca quebrava uma promessa. Não falava muito. Os professores não o consideravam brilhante, mas era um bom aluno. Ele nunca acreditava nas coisas como eram apresentadas, preferindo sempre investigar a veracidade dos fatos por conta própria. Certa vez, Susan falou que se ele colocasse a língua em um ferrolho congelado pelo frio, a pele dele grudaria e se rasgaria. E foi o que Jem prontamente fez, “só para ver se era verdade”. Ele descobriu que “era mesmo”, ao custo de uma língua que ficou dolorida por vários dias. Jem não se importava com o sofrimento em nome da ciência, todavia. Ele aprendera um monte de coisas por meio da experimentação e da observação constantes, e seus irmãos achavam seu vasto conhecimento do mundinho deles impressionante. Jem sabia onde encontrar as primeiras e mais suculentas frutinhas da estação, onde as primeiras violetas despertavam timidamente da hibernação de inverno, e quantos ovos azul-turquesa havia nos ninhos dos tordos no pomar. Ele podia prever o futuro arrancando as pétalas de uma margarida, sugar o mel dos trevos vermelhos e identificar uma variedade de raízes comestíveis na margem do lago, para o desespero diário de Susan, que temia que todos fossem acabar envenenados. Ele sabia onde encontrar a melhor goma dos abetos (nos nós de um âmbar claro com a casca coberta de líquen), as árvores mais fartas de nozes na mata nos arredores de Harbour Head e os melhores pontos para pescar trutas no riacho. Era capaz de imitar o canto de qualquer pássaro ou animal em Four Winds e de encontrar qualquer flor silvestre da primavera ao outono.

Walter Blythe estava sentado sob a Dama de Branco, com um volume de poemas aberto ao lado, mas sem lê-lo. Com o êxtase resplandecendo nos grandes olhos, ele contemplava os salgueiros envoltos por uma névoa esmeralda nas margens do lago e as nuvens que atravessavam o céu sob o Vale do Arco-Íris, como um rebanho de carneiros pastoreado pelo vento. Os

olhos de Walter eram maravilhosos. Toda a alegria, as tristezas, as risadas, a lealdade e as aspirações das muitas gerações a sete palmos projetavam-se de suas profundezas acinzentadas.

Walter era a “ovelha negra da família” no quesito aparência, pois ele não se assemelhava a nenhum parente conhecido. Era provavelmente a criança mais bonita de Ingleside, com os cabelos pretos lisos e os traços finamente cinzelados. O menino havia herdado da mãe a imaginação vívida e a paixão pela beleza. A geada do inverno, a instigação da

primavera, os sonhos de verão e o glamour do outono, tudo isso significava muito para o Walter.

Na escola, onde Jem era o mandachuva e Walter não era benquisto, era considerado “afeminado” e fracote por nunca se meter em brigas e raramente praticar esportes, preferindo se isolar em um canto e ler livros, especialmente os de “puisía”. Walter amava os poetas e se debruçava sobre os versos desde que aprendera a ler. A música deles estava embrenhada na alma em formação do garoto, a música dos imortais. Walter nutria a ambição de tornar-se um poeta algum dia, o que não era impossível. Um tal de tio Paul, chamado assim por cortesia, que vivia em uma terra misteriosa chamada “Os Estados Unidos” era o modelo de Walter. Ele estudou em Avonlea quando criança e agora sua poesia era lida no mundo inteiro. Os garotos da escola de Avonlea não conheciam os sonhos de Walter e tampouco ficariam impressionados se soubessem. Apesar da falta de atributos físicos, ele inspirava certo respeito graças à capacidade de “falar como nos livros”. Ele “soava como um pregador”, como dissera um garoto e por isso não era importunado e nem perseguido na maior parte do tempo, o que acontecia com os garotos suspeitos de não gostarem ou temerem brigas.

As gêmeas de Ingleside violavam a tradição dos gêmeos ao não se parecerem nada. Anne, que costumava ser chamada de Nan, era muito linda, com olhos castanhos e cabelos sedosos da mesma cor. Era uma daminha muito alegre, delicada e alegre⁵ de nome e por natureza, como dissera um dos professores. Sua pele era impecável, para o orgulho

da mãe.

– Fico feliz em ter uma filha que pode usar rosa – dizia a senhora Blythe, jubilosa.

Diana Blythe, conhecida como Di, era parecida com a mãe, tinha olhos verdes acinzentados, que sempre brilhavam com um fulgor peculiar ao anoitecer, e cabelos ruivos, talvez fosse por isso que ela era a

favorita do pai. Walter e ela eram melhores amigos, pois era a única para quem o menino lia os versos que escrevia, a única que sabia que ele secretamente trabalhava com ardor em um poema épico, que se assemelhava muito a *Marmion* em certos aspectos. Di guardava os segredos dele, inclusive de Nan, e lhe contava todos os seus.

– Os peixes vão demorar muito, Jem? – disse Nan, erguendo o delicado nariz. – O cheiro está me deixando com muita fome.

– Estão quase prontos – disse Jem, virando um com destreza.

– Peguem o pão e os pratos, garotas. Walter, acorde.

– Como o ar cintila esta noite – disse Walter, sonhador. Não que desprezasse trutas fritas, mas, para ele, o alimento da alma vinha em primeiro lugar. – O anjo das flores veio passear pelo mundo hoje, chamando-as. Posso ver suas asas azuis naquela colina, perto da floresta.

– Os anjos que eu já vi sempre tinham asas brancas – comentou Nan.

– As do anjo das flores são diferentes. Elas possuem um azul-claro etéreo, como a névoa no vale. Ah, como eu gostaria de poder voar. Deve ser glorioso.

– Às vezes é possível voar nos sonhos – falou Di.

– Nunca sonhei que voava, exatamente – disse Walter. – Mas com frequência sonho que meus pés deixam o chão e eu flutuo sobre as cercas e as árvores. É incrível, e eu sempre penso, “eu não estou sonhando desta vez. Agora é de verdade” e então eu acordo. É desolador.

– Ande logo, Nan – ordenou Jem.

Nan pegou a tábua do banquete, tábua de madeira onde banquetes literais e simbólicos, repletos de iguarias encontradas em nenhum outro lugar, já tinham sido celebrados no Vale do Arco-Íris. Ela se transformava em uma mesa ao ser posta sobre duas grandes pedras cobertas de musgo. Jornais serviam de toalha, pratos trincados e xícaras sem asas descartadas pela Susan faziam as vezes da louça. De uma lata escondida entre as raízes de um abeto, Nan tirou o pão e o sal. O córrego provia uma “cerveja de Adão” de pureza inigualável. Ademais, havia um certo tempero, composto pelo ar fresco e o apetite da juventude, que dava a tudo um sabor divino. Sentar-se no Vale do Arco-Íris, mergulhado nos tons de ouro e ametista do ocaso, perfumado pelo aroma dos abetos e de todas as coisas que cresciam nas matas no primor da primavera, em meio às estrelas brancas da floração dos morangos silvestres, o sussurro do vento e o tinido dos sinos nas copas das árvores que balançavam, comendo peixe frito e pão seco, era algo que os mais poderosos

da

Terra invejariam.

– Sentem-se – convidou Nan quando Jem colocou o prato fervente de peixes sobre a mesa. – É a sua vez de dar graças, Jem.

– Já fiz a minha parte fritando os peixes – protestou Jem, que detestava fazer a oração. – Mande o Walter dar graças, ele adora. E seja breve, Walt, estou faminto.

Walter não fez nenhuma oração, porém, longa ou breve. Eles foram interrompidos.

– Quem vem lá da colina da casa ministerial? – perguntou Di.

A autora faz um trocadilho entre “Blythe”, o sobrenome da personagem, e “blithe”, que significa alegre, jovial, em inglês. (N. T.)

Romance histórico em verso do autor escocês Walter Scott (1771-1832) publicado em 1808. (N. T.)



AS CRIANÇAS DA CASA MINISTERIAL

A tia Martha podia ser, e era, uma péssima dona de casa; o reverendo John Knox Meredith podia ser, e era, um homem muito distraído e indulgente. Mas era impossível negar que havia algo de acolhedor e familiar na casa ministerial de Glen St. Mary apesar de toda

a bagunça. Até as donas de casa mais críticas de Glen tinham essa sensação, que inconscientemente atenuava o julgamento delas. Talvez seu charme viesse em parte de circunstâncias acidentais, as vistosas trepadeiras que cobriam as cinzentas paredes de madeira, as acácias simpáticas e o bálsamo da Arábia que se amontoavam com a liberdade de velhos amigos, e a vista privilegiada do porto e das dunas de areia das janelas da frente. Elementos que já existiam durante o reinado do predecessor do senhor Meredith, no entanto, quando a casa era a mais arrumada, decorosa e sem vida de Glen. A personalidade de seus novos moradores merecia o devido crédito. Havia uma atmosfera de risos e companheirismo, as portas estavam sempre abertas e o mundo interior e o exterior davam as mãos. O amor era a única lei na casa ministerial de Glen St. Mary.

Os membros da congregação diziam que o senhor Meredith mimava os filhos, o que era muito provável, pois ele certamente não suportava repreendê-los. “Eles não têm mãe”, costumava dizer para si mesmo, suspirando, quando alguma travessura especialmente notória lhe saltava aos olhos. Só que ele não sabia metade de tudo que acontecia. O senhor Meredith pertencia ao séquito dos sonhadores. As janelas de seu escritório davam para o cemitério, todavia, enquanto caminhava pelo cômodo, refletindo sobre a imortalidade da alma, ele não fazia ideia de que Jerry e Carl estavam brincando de pula-sela sobre as lápides na morada dos metodistas falecidos. Ele tinha ocasionais momentos de lucidez em que percebia que seus filhos não recebiam os mesmos cuidados, física ou

moralmente, de quando a esposa ainda era viva, e tinha uma vaga noção no fundo da mente de que a casa e as refeições eram muito diferentes sob os cuidados da tia Martha do que eram nas mãos da Cecília. Fora isso, vivia em um mundo de livros e abstrações, embora suas roupas raramente fossem escovadas, e por mais que os traços pálidos e marcados e as mãos magras dessem a certeza às donas de casa de Glen de que não comia o suficiente, ele não era um homem infeliz.

Se um cemitério pudesse ser chamado de um lugar feliz, o velho cemitério metodista de Glen St. Mary receberia tal alcunha. O novo cemitério, do outro lado da igreja metodista, era um local bem cuidado e lúgubre, mas o velho fora deixado nas mãos gentis e graciosas da natureza por tanto tempo que veio a se tornar um lugar muito agradável.

Era cercado dos três lados por muros de pedras e céspede, de um cinza pálido e incerto. Do lado de fora crescia uma fileira de pinheiros altos com galhos grossos e aromáticos. O muro, que fora construído pelos primeiros moradores de Glen, era antigo o suficiente para ser bonito, coberto de musgo e com folhas verdes despontando de suas frestas, violetas florescendo em sua base nos primeiros dias da primavera, e ásteres e varas-de-ouro fazendo suas gloriosas aparições outonais nos cantos. Pequenas samambaias se agrupavam entre as pedras e aqui e ali crescia uma das grandes.

No lado Leste não havia nenhum muro ou cerca. Ali, o cemitério dava lugar a uma plantação de pinheiros jovens que se aproximavam cada vez mais dos túmulos e que, na direção oposta, transformava-se em um bosque espesso. O ar estava sempre repleto das vozes celestiais do mar e da música das árvores antigas, e nas manhãs primaveris o coro de pássaros nos olmos ao redor das duas igrejas cantava sobre a vida, e não a morte. Os filhos do senhor Meredith amavam o velho cemitério.

A erva-daninha de olhos azuis, o “abeto de jardim”, e a hortelã se amotinavam sobre os túmulos que afundavam com o tempo. Arbustos de mirtilos cresciam esplendorosamente em um canto de areia próximo aos pinheiros. Era possível encontrar uma variedade de estilos de túmulos de três gerações, desde as placas oblongas de arenito vermelho dos fundadores, passando pelos dias dos salgueiros chorosos e das mãos unidas, até as monstruosidades mais recentes com “monumentos” altos e urnas drapeadas.

Uma das últimas, a maior e mais horrorosa do cemitério, era em sagrada memória de um certo Alec Davis, que nasceu metodista mas arranjou uma noiva presbiteriana da família Douglas. Ela conseguiu convertê-lo em

presbiteriano e mantê-lo na igreja a vida inteira. Só que quando ele faleceu, ela não ousou condená-lo a uma tumba solitária no cemitério metodista, assim, Alec voltou às origens em morte e a esposa consolou-se erguendo um monumento que custou mais que qualquer metodista podia pagar. As crianças da família Meredith o odiavam, sem saber exatamente o motivo, mas adoravam as velhas lápides achatadas que lembravam bancos, rodeadas pela grama alta, eram ótimos lugares para se sentar. Naquele momento, estavam todos sentados sobre uma dessas. Jerry, cansado de brincar de pula-sela, tocava um berimbau de boca. Carl admirava um besouro estranho que havia encontrado, Una tentava fazer um vestido de boneca e Faith, apoiada sobre os braços delgados e bronzeados, balançava os pés descalços no ritmo do berimbau de boca.

Jerry tinha os cabelos pretos e os grandes olhos negros do pai, que nele cintilavam ao invés de devanear. Faith, que vinha depois dele, tinha a beleza rústica e radiante de uma rosa. Tinha olhos e cabelos de um castanho dourado, e bochechas rosadas. Ria demasiadamente para agradar a congregação do pai, e chocara a velha senhora Taylor, a inconsolável viúva de vários maridos falecidos, ao declarar atrevidamente, no alpendre da igreja: “O mundo não é um vale de lágrimas, senhora Taylor. É um mundo de risadas”.

A pequena e sonhadora Una não era muito de rir. As tranças de cabelos lisos e intensamente pretos não revelavam nenhum traço de rebeldia e os olhos azuis-escuros em formato de amêndoa ecoavam melancolia e pena. A boca tinha o hábito de ficar aberta, mostrando os dentes minúsculos e alvos e um sorriso meditativo e tímido ocasionalmente surgia no rosto fino. Era muito mais suscetível à opinião pública do que Faith e tinha a inquietante impressão de que havia algo de tortuoso na maneira como viviam, pois ela queria endireitá-los e não sabia como. De vez em quando ela tirava o pó da mobília e só não o fazia com mais frequência porque o espanador nunca estava no mesmo lugar. Também escovava o melhor terno do pai aos sábados quando conseguia encontrar a escova e uma vez até prendeu um botão com uma linha branca grossa. No domingo seguinte, aquele botão chamou a atenção de todos os olhos femininos, o que tirou a paz da Sociedade das Damas por semanas.

Carl tinha os mesmos olhos da mãe falecida, azuis-escuros, astutos, destemidos e diretos, e os cabelos acastanhados tinham mechas douradas. Conhecia os segredos dos insetos e tinha uma espécie de confraria com

abelhas e besouros. Una não gostava de sentar-se do lado dele porque ela nunca sabia que criatura asquerosa ele poderia estar escondendo. Jerry recusava-se a dormir com ele porque Carl certa vez levava uma cobra-liga para a cama, assim, Carl dormia na velha caminha, que era tão pequena que ele mal podia esticar o corpo, e tinha colegas estranhos. Talvez o fato de a tia Martha ser meio cega fosse conveniente na hora de arrumar a cama. Juntos formavam uma turminha adorável e alegre, o coração de Cecilia deve ter doído amargamente quando percebeu que teria que deixá-los.

- Onde vocês gostariam de ser enterrados, se fossem metodistas?
- perguntou Faith com jovialidade.
 - Aquilo abria um espaço interessante para especulação.
 - Não há muitas escolhas. O cemitério está cheio – disse Jerry.
- Acho que naquele canto perto da estrada. Eu poderia ouvir as charretes passando e as pessoas conversando.
 - Gostaria de ser enterrada debaixo daquele salgueiro tristonho
- disse Una. – Ele fica repleto de pássaros que cantam loucamente pela manhã.
 - Eu ficaria no lote dos Porter, onde há um monte de crianças enterradas. Gosto de bastante companhia – disse Faith. – Carl, e você?
 - Eu gostaria de não ser enterrado – respondeu Carl –, mas já que não há saída, eu escolheria um formigueiro. Formigas são muito interessantes.
 - As pessoas enterradas aqui devem ter sido muito boas – disse Una, que lia os velhos e elogiosos epitáfios. – Parece não haver sequer uma pessoa ruim enterrada em todo o cemitério. Os metodistas devem ser melhores que os presbiterianos, afinal.
 - Talvez os metodistas enterrem as pessoas ruins da mesma forma que enterram os gatos – sugeriu Carl. – Talvez eles não se deem ao trabalho de trazê-los para cá.
 - Bobagem – disse Faith. – As pessoas enterradas aqui não eram melhores do que as outras, Una. É que quando alguém morre, não se pode falar mal sobre a pessoa, senão ela volta para te assombrar. Foi o que a tia Martha me disse, quando perguntei se era mesmo verdade, ela apenas me encarou e murmurou: “Verdade? Verdade? O que é a verdade? O que é a verdade, oh jocoso Pilatos²?”. Concluí que deve ser verdade.
 - Imagino se o senhor Alec Davis vai voltar e me assombrar se eu jogar uma pedra na urna acima do túmulo dele – disse Jerry.

– E o que a senhora Davis faria – riu Faith. – Ela nos vigia na igreja como um gato observando um rato. Domingo passado eu fiz uma careta para o sobrinho dela e ele fez uma para mim; você deveria ter visto o olhar dela. Aposto que ela deu um tabefe na orelha dele na saída. Se a senhora Marshall Elliott não tivesse me avisado que não devemos ofendê-la de forma alguma, eu teria feito uma careta para ela também!

– Dizem que o Jem Blythe lhe mostrou a língua uma vez e ela nunca mais voltou a procurar o pai dele, nem quando o marido estava morrendo – disse Jerry. – Eu me pergunto como são os Blythe.

– Tive uma boa impressão deles – disse Faith. As crianças da casa ministerial estavam na estação de trem quando a turminha dos Blythe chegou de Avonlea. – Especialmente do Jem.

– Dizem na escola que o Walter é maricas – disse Jerry.

– Não acredito nisso – disse Una, que achava Walter muito lindo.

– Bem, ele escreve poesia, de qualquer forma. O Bertie Shakespeare Drew me contou que ele ganhou um prêmio da professora no ano passado por escrever um poema. A mãe dele achou que o Bertie é que deveria ter ganhado o prêmio por causa do nome dele, mas o menino

disse que não conseguiria escrever um poema nem que sua vida dependesse disso, apesar do nome.

– Acho que vamos conhecê-los assim que começarem a frequentar a escola – refletiu Faith. – Espero que as meninas sejam interessantes, não gosto da maioria das garotas daqui. Até as mais simpáticas são sem graça, mas as gêmeas Blythe parecem ser animadas. Eu pensava que gêmeos deveriam se parecer, só que não é o caso delas e a de cabelo vermelho parece ser a mais divertida.

– Eu gostei da mãe deles – disse Una com um leve suspiro. Una sentia inveja das mães de todas as crianças, tinha apenas 6 anos quando a mãe morreu, contudo tinha recordações preciosas que guardava na alma como joias, de abraços ao entardecer e brincadeiras matinais, de olhares amorosos, de uma voz tenra e de uma risada doce e alegre.

– Ouvi dizer que ela não é como as outras pessoas – disse Jerry.

– A senhora Elliott explicou que é porque ela nunca cresceu – disse Faith.

– Ela é mais alta que a senhora Elliott.

– Sim, sim, mas a senhora Elliott quis dizer que, por dentro, a senhora Blythe ainda é uma garotinha.

– Que cheiro é esse? – interrompeu Carl.

Todos pararam para prestar atenção e então sentiram o aroma delicioso que chegava até eles pelo ar calmo vespertino vindo da direção do pequeno vale aos pés da colina.

– Está me deixando com fome – disse Jerry.

– Nós só comemos pão com melaço de almoço, e “a mesma coisa” no jantar – queixou-se Una.

A tia Martha tinha o hábito de ferver um grande pedaço de cordeiro no começo da semana e servi-lo todos os dias, frio e gordurento, enquanto durasse. Em um momento de inspiração, Faith chamou isso de “a mesma coisa” e assim ficou invariavelmente conhecido na casa ministerial.

– Vamos ver de onde está vindo esse cheiro – propôs Jerry.

Eles se levantaram e saltitaram por entre a grama alta como um bando de filhotinhos, pularam a cerca e desceram correndo a encosta coberta de musgo, guiados pelo odor hipnotizante que ficava cada vez mais forte. Alguns minutos depois, chegaram esbaforidos ao santuário do Vale do Arco-Íris, onde as crianças Blythe estavam prestes a dar graças e comer.

Detiveram-se com timidez. Una desejou que não tivessem sido tão precipitados, mas Di Blythe já tinha lidado com situações mais complexas. Ela deu um passo adiante, com um sorriso camarada:

– Acho que sei quem vocês são – disse. – As crianças da casa ministerial, correto?

Faith assentiu, com o rosto cheio de covinhas.

– Nós sentimos o cheiro das trutas e ficamos intrigados.

– Sentem-se e nos ajudem a comê-las – convidou Di.

– Talvez não haja o suficiente nem para vocês – disse Jerry olhando com avidez para o prato de lata.

– Temos um monte, três por cabeça – disse Jem. – Sentem-se.

As cerimônias foram encerradas e todos se sentaram nas pedras musgosas. O banquete foi longo e divertido. Nan e Di provavelmente teriam morrido de horror se tivessem descoberto o que Faith e Una sabiam muito bem: que Carl tinha dois ratinhos no bolso do casaco. Só que nunca descobriam, de forma que isso não as afetou. Que melhor lugar para pessoas se conhecerem do que uma mesa de jantar? Quando a última truta desapareceu, as crianças da casa ministerial e de Ingleside já haviam se tornado grandes amigas e aliadas. Era como se eles se conhecessem desde sempre, e para sempre. O povo de José reconhece os seus.

Eles contaram as histórias de seus breves passados. As crianças da casa ministerial ouviram sobre Avonlea e Green Gables, as tradições do Vale do Arco-Íris, e a casinha próxima da praia do porto onde Jem nascera. As crianças de Ingleside ouviram sobre Maywater, onde os Meredith viveram antes de se mudarem para Glen, a adorada boneca de um olho só de Una e o galo de estimação de Faith.

Faith costumava se ressentir quando as pessoas riam de seu galo de estimação. Ela gostou dos Blythe porque eles o aceitaram sem questionamentos.

– Um belo galo como o Adam é um animal de estimação tão bom quanto um cachorro ou um gato, eu acho – disse ela. – Se fosse um canário, ninguém estranharia. Eu o criei desde que era um pintinho amarelo. A senhora Johnson, de Maywater, foi quem me deu, porém uma doninha matou todos os irmãos e irmãs dele. Eu o batizei em homenagem ao marido dela. Nunca gostei de bonecas ou de gatos, pois os gatos são sorrateiros demais e as bonecas estão mortas.

– Quem mora naquela casa lá em cima? – perguntou Jerry.

– As senhoritas West, Rosemary e Ellen, respondeu Nan. – Di e eu vamos fazer aula de música com a senhorita Rosemary neste verão.

Una encarou as gêmeas sortudas com olhos cujo anseio era demasiado gentil para se converter em inveja. Ah, se ao menos ela pudesse ter aulas de música! Era um de seus sonhos secretos; ninguém suspeitava.

– A senhorita Rosemary é um doce e sempre se veste lindamente – disse Di. – Os cabelos dela são da cor de balas de caramelo – acrescentou, maravilhada. Di, assim como a mãe na infância, não se conformava com as madeixas avermelhadas.

– Também gosto da senhorita Ellen – disse Nan. – Ela costumava me dar doces quando ia à igreja, mas a Di tem medo dela.

– As sobranceiras dela são muito negras, e ela tem uma voz muito grave – disse Di. – Ah, Kenneth Ford morria de medo dela quando era pequeno! A mamãe conta que no primeiro domingo que a senhora Ford o levou à igreja a senhorita Ellen estava lá, sentada bem atrás deles. E no minuto que o Kenneth a viu, ele simplesmente começou a gritar e gritar até que senhora Ford precisou levá-lo para fora.

– Quem é a senhora Ford? – quis saber Una.

– Ah, os Ford não moram aqui. Eles só vêm para cá no verão.

E não vão vir este ano. Eles ficam em uma casa lá perto do porto, onde a

mamãe e o papai costumavam viver. Gostaria que vocês conhecessem a Persis Ford. Ela parece um retrato, de tão linda que é.

– Já ouvi falar da senhora Ford – interrompeu Faith. – O Bertie Shakespeare Drew me contou tudo. Ela se casou aos 14 com um homem morto, que depois ressuscitou.

– Que besteira – disse Nan. – Não foi assim. O Bertie Shakespeare nunca conta nada direito, eu conheço a história inteira e posso contá-la em outra ocasião, pois é muito longa e já está na hora de irmos para casa. A mamãe não gosta que fiquemos fora até tarde nessas tardes tão úmidas.

Ninguém se importava se as crianças da casa ministerial ficavam fora no ar úmido ou não. A tia Martha já estava na cama e o ministro ainda estava profundamente perdido em especulações sobre a imortalidade da alma para lembrar-se da mortalidade do corpo. Ainda assim foram embora, imaginando os bons momentos que estavam por vir.

– Acho o Vale do Arco-Íris ainda melhor do que o cemitério – disse Una. – E eu adorei os Blythe. É tão bom poder gostar das pessoas, já que na maioria das vezes não é possível. O papai disse no sermão do

domingo passado que devemos amar a todos. Mas como? Como podemos amar a senhora Alec Davis?

– Ah, o papai só diz isso no púlpito – disse Faith com desdém. – Ele tem o bom senso de não pensar assim fora da igreja.

Todos os Blythe foram para Ingleside com exceção de Jem, que escapuliu por alguns instantes e foi até um canto remoto do Vale do Arco-Íris. Ali cresciam anêmonas, e o menino nunca se esquecia de levar um buquê para a mãe durante a florada delas.

Referência ao ensaio *Of Truth*, do autor britânico *sir* Francis Bacon (1561-1626), que faz alusão ao Novo Testamento, João 18:38: “Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade? E, dizendo isto, tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum”. (N. T.)



A CHEGADA DE MARY VANCE

– Hoje é o tipo de dia em que você sente que as coisas podem acontecer – disse Faith, sob o encanto do ar cristalino e as colinas azuladas. Ela abraçou a si mesma e ensaiou alguns passos de sapateado irlandês ao redor do banco de pedra sobre o túmulo do velho Hezekiah Pollock, para o horror de duas anciãs que passavam por ali no instante em que ela pulava sobre um pé só e agitava o outro pé e os braços no ar.

– E aquela – disse uma das anciãs – é a filha do nosso ministro.

– O que mais se pode esperar da família de um viúvo? – resmungou a outra. As duas balançaram a cabeça.

Era sábado de manhã e os Meredith haviam saído para o mundo encharcado de orvalho para aproveitar o dia de folga, eles nunca tinham nada para fazer aos sábados. Até Nan e Di Blythe tinham certos afazeres domésticos nos sábados de manhã, mas as filhas do ministro da igreja eram livres para vagarem por aí desde o amanhecer até o anoitecer, se desejassem. Era algo que agradava a Faith imensamente, entretanto, Una sentia uma humilhação secreta e amargurada porque elas nunca aprendiam nada. As outras garotas da classe sabiam cozinhar, costurar e tricotar, enquanto ela era uma ignorante.

Jerry sugeriu que fossem explorar, então foram passear pelo bosque de pinheiros. Eles encontraram Carl no caminho, que estava agachado sobre o mato úmido estudando suas queridas formigas. Para além do bosque eles entraram nos campos do senhor Taylor, salpicado pelos fantasmas brancos dos dentes-de-leão. Em um canto remoto havia um celeiro abandonado, onde o senhor Taylor às vezes guardava o excedente da colheita de feno, fora isso, o lugar em ruínas não tinha mais nenhum propósito. As crianças avançaram na direção dele e exploraram o piso térreo por vários minutos.

– O que foi isso? – sussurrou Una de repente.

Eles ficam em alerta. Havia um farfalhar sutil, porém distinto, no palheiro de cima. Os Meredith se entreolharam.

– Tem alguma coisa lá – cochichou Faith.

– Vou ver o que é – afirmou Jerry.

– Ah, não! – Una agarrou o braço dele.

– Vou, sim.

– Bem, então todos nós vamos – disse Faith.

Os quatro subiram a escada bamba, Jerry e Faith intrépidos, Una lívida de medo e Carl distraído pela possibilidade de encontrar um morcego. Ele queria muito ver um morcego na luz do dia.

Ao saírem da escada eles se depararam com o que estava provocando o barulho, e ficaram atônitos por alguns instantes.

Em uma espécie de ninho em meio ao feno havia uma garota encolhida, como se tivesse acabado de despertar. Ela se levantou ao vê-los, um tanto trêmula e sob a luz do sol forte que entrava pela janela repleta

de teias de aranha atrás dela, então eles viram que seu rosto fino e queimado de sol estava muito pálido. Seus cabelos lisos e espessos da cor da estopa estavam presos em duas tranças e seus olhos eram peculiares, “olhos brancos”, pensaram as crianças da casa ministerial, quando ela os encarou com um misto de coragem e tristeza. Eram de um azul tão claro que realmente pareciam brancos, especialmente em contraste com o aro fino e negro que os circundavam. Estava descalça e sem luvas, usava um vestido xadrez velho, desbotado, surrado, muito curto e apertado.

A idade era indefinida, levando em conta o rostinho enrugado, mas pela altura parecia ter por volta de 12 anos.

– Quem é você? – perguntou Jerry.

A menina olhou ao redor como se procurasse uma forma de escapar. Então, ela pareceu render-se com um débil suspiro de desespero.

– Eu me chamo Mary Vance – disse.

– De onde você veio? – foi a pergunta de Jerry.

Mary, ao invés de responder, de repente sentou-se, melhor dizendo, jogou-se no feno e começou a chorar. Faith imediatamente ajoelhou-se ao lado dela e envolveu os ombros frágeis e trêmulos da menina.

– Pare de importuná-la – ordenou para Jerry, antes de abraçar a criança abandonada. – Não chore, querida. Conte-me o que aconteceu. Somos seus amigos.

– Estou tão... tão... faminta – murmurou Mary. – Não como nada desde quinta de manhã. Só bebi água do riacho aqui perto.

Os filhos do ministro trocaram olhares aterrados. Faith levantou-se.

– Você virá conosco agora mesmo à casa ministerial para comer alguma coisa, está decidido.

Mary encolheu-se.

– Ah... Não posso. O que o seu pai e a sua mãe dirão? Além disso, eles me mandariam de volta.

– Nós não temos mãe e o papai não vai se importar. E nem a tia Martha. Agora, venha conosco – Faith bateu o pé com impaciência. Por que aquela garotinha esquisita insistia em morrer de fome praticamente na porta da casa deles?

Mary cedeu. Estava tão fraca que mal podia descer as escadas, mas de alguma forma eles a ajudaram a chegar até a cozinha da casa ministerial. A tia Martha, atarefada na cozinha como todos os sábados, não a notou. Faith e

Una correram até a despensa e pilharam todas as comidas que encontraram: um pouco de “a mesma coisa”, pão, manteiga, leite e uma torta duvidosa. Mary Vance atacou a comida com voracidade e

sem fazer críticas, enquanto as outras crianças a observavam. Jerry notou que a menina tinha uma boca bonita e dentes muito brancos e simétricos. Faith concluiu, com um incômodo secreto, que Mary não usava nenhuma peça de roupa além do vestido roto. Una sentia a mais pura compaixão, Carl um fascínio reflexivo, e todos compartilhavam a mesma curiosidade.

– Venha conosco até o cemitério agora e nos conte sobre você – ordenou Faith quando o apetite de Mary mostrou sinais de fraqueza. Ela não parecia mais tão arredia. A comida havia restituído sua vivacidade natural e dado corda em sua língua.

– Vocês não vão contar para o seu pai e para mais ninguém? – estipulou ela ao ser entronada sobre o túmulo do senhor Pollock. Diante dela, as crianças da casa ministerial estavam enfileiradas sobre outra sepultura. Ali havia emoção, mistério e aventura. Alguma coisa tinha acontecido.

– Não, não vamos.

– Juram por Deus?

– Juramos por Deus.

– Bem, eu fugi. Eu estava morando com a senhora Wiley, do outro lado do porto. Vocês conhecem a senhora Wiley?

– Não.

– Bem, melhor assim, é uma mulher terrível. Ah, como eu a odeio! Ela quase me matava de tanto trabalhar, não me dava o suficiente para comer e ainda me batia quase todos os dias. Vejam só.

Mary ergueu as mangas, esticou os bracinhos magrelos e abriu as mãos frágeis e rachadas. Elas estavam repletas de hematomas pretos, e as crianças estremeceram. Faith ficou vermelha de indignação. Os olhos azuis de Una se encheram de lágrimas.

– Ela me açoitou com uma vara na noite de quarta-feira – disse Mary com indiferença. – Porque eu deixei a vaca derrubar um balde de leite. Como eu deveria saber que aquela maldita vaca velha ia chutá-lo?

Os ouvintes sentiram um arrepio desagradável. Eles jamais sonhariam em dizer palavras como aquelas, mas era emocionante ouvir outra pessoa usá-las, uma garota, ainda mais. Aquela Mary Vance era certamente uma criatura interessante.

– Não te culpo por ter fugido – disse Faith.

– Ah, eu não fugi por causa disso. Apanhar fazia parte da minha rotina diária. Estava mais do que acostumada. Não, eu fugi porque na semana passada descobri que a senhora Wiley vai arrendar a fazenda e se mudar para Lowbridge e vai me mandar para a casa da prima dela em Charlottetown, não vou suportar isso. Ela é muito pior do que a senhora Wiley. Eu trabalhei durante uma semana na casa dela no verão passado e prefiro ir morar com o próprio diabo.

Sensação número dois. Una, todavia, parecia desconfiada.

– Então, decidi fugir. Eu tinha dezessete centavos que a senhora Johnson Crawford me deu por ter plantado batatas para ela. A senhora Wiley não sabia disso. Ela tinha ido visitar a prima dela quando eu as plantei. Pensei em vir para Glen e comprar uma passagem para Charlottetown, onde eu tentaria conseguir um trabalho. Sou muito batalhadora, podem apostar. Não há uma só gota de preguiça em mim. Eu saí antes que a senhora Wiley acordasse na quinta-feira e caminhei até Glen, são dez quilômetros. Quando cheguei na estação, percebi que tinha perdido meu dinheiro, não sei como e nem onde. Enfim, ele já era e eu não sabia o que fazer, se voltasse para a casa da velha senhora Wiley, ela arrancaria o meu couro. Por isso, eu me escondi naquele velho celeiro.

– E o que você vai fazer agora? – perguntou Jerry.

– Não sei. Acho que terei que voltar e aceitar as consequências. Agora que estou de barriga cheia, creio que conseguirei suportar.

Havia medo por trás da coragem nos olhos de Mary. De súbito, Una desceu do túmulo e sentou-se no outro, abraçando a cintura dela.

– Não volte. Fique conosco.

– Oh, a senhora Wiley me encontraria – disse Mary. – É provável que já esteja no meu encalço. Talvez seja melhor ficar aqui até que me encontre, se vocês não se importarem. Fui uma tremenda de uma tola em tentar fugir. Ela é capaz de fazer qualquer coisa, mas eu era tão infeliz...

A voz de Mary vacilou. A menina não gostava de demonstrar fraqueza.

– Tive uma vida de cão nesses últimos quatro anos – defendeu-se.

– Você está há quatro anos com a senhora Wiley?

– Sim. Ela me trouxe do orfanato de Hopetown quando eu tinha

8 anos.

– É o mesmo lugar de onde veio a senhora Blythe – surpreendeu-se Faith.

– Vivi dois anos no orfanato. Fui levada para lá com 6 anos de idade.

Minha mãe se enforcou e meu pai cortou a própria garganta.

– Meu Deus! Por quê? – disse Jerry.

– Bebida – respondeu Mary laconicamente.

– E você não tem nenhum parente?

– Que eu saiba, nenhum maldito parente. Devo ter tido, algum dia. Fui batizada em homenagem a meia dúzia deles. Meu nome completo é Mary Martha Lucilla Moore Ball Vance. Dá para acreditar? Meu avô era um homem rico. Aposto que era mais rico que o seu avô, só que ele bebeu todo o dinheiro e a mamãe fez a mesma coisa. Eles também costumavam me bater. Ora, já apanhei tanto que eu acho que até gosto disso.

Mary ergueu o rosto impetuosamente. Ela adivinhou que as crianças da casa ministerial estavam com dó dela por causa das muitas marcas pelo corpo e ela não queria ser digna de pena. Ela queria ser invejada. A menina olhou ao redor com alegria. Agora que a opacidade da fome havia desaparecido, seus estranhos olhos estavam brilhantes. Ela iria mostrar para eles o quão interessante ela era.

– Já fiquei doente inúmeras vezes – disse com orgulho. – Poucas crianças teriam sobrevivido ao que eu passei. Já tive escarlatina, sarampo, erisipela, caxumba, coqueluche e “pneumônia”.

– Você já teve alguma doença fatal? – perguntou Una.

– Não sei – disse Mary, em dúvida.

– Claro que não – zombou Jerry. – Senão ela teria morrido.

– Ah, bem, eu nunca morri – disse Mary –, mas cheguei bem perto.

Acharam que eu estava morta e estavam prestes a me enterrar quando eu recobrei a consciência.

– Qual é a sensação de estar meio morta? – perguntou Jerry, curioso.

– É como o nada. Só fui descobrir dias depois. Foi quando eu tive “pneumônia”. A senhora Wiley não quis chamar o médico. Disse que não iria ter um gasto tão grande com uma criada. A velha tia Christina MacAllister cuidou de mim com cataplasmas. Foi ela quem me curou, só que às vezes eu penso que deveria ter morrido por completo para terminar de uma vez com tudo. Eu estaria bem melhor.

– Se você fosse para o céu, acho que estaria – disse Faith, sem ter certeza.

– E para onde mais eu iria? – quis saber Mary, intrigada.

– Para o inferno, sabe? – disse Una, baixando a voz e abraçando Mary para suavizar a sugestão.

– Inferno? O que é isso?

– Ora, é onde o diabo mora – disse Jerry. – Você mesma acabou de falar dele.

– Ah, sim, eu só não sabia onde ele morava. Eu pensava que ele só zanzava por aí. O senhor Wiley costumava mencioná-lo quando era vivo e sempre mandava os outros para lá. Eu achava que era algum lugar perto de New Brunswick, que é de onde ele veio.

– O inferno é um lugar aterrorizante – disse Faith, com o prazer dramático que nasce ao se contar coisas terríveis. – As pessoas ruins vão para lá e queimam no fogo por toda a eternidade.

– Quem te contou isso? – exigiu Mary, incrédula.

– Está na Bíblia. E foi também o que o senhor Isaac Crothers, de Maywater, nos contou na escola dominical. Ele era um ancião e um dos pilares da igreja, e sabia tudo sobre o assunto. Mas não se preocupe, se for boazinha, você irá para o céu. Se for má, acho que preferirá ir para o inferno.

– Não – afirmou Mary categoricamente. – Não importa o quanto eu seja má, eu não iria querer queimar e queimar. Sei como é. Uma vez agarrei um atizador de lareira fervendo por acidente. O que é necessário fazer para ser boazinha?

– É preciso ir para a igreja, frequentar escola dominical, ler a Bíblia, rezar todas as noites e fazer doações aos missionários – disse Una.

- Parece muito trabalhoso – disse Mary. – Mais alguma coisa?
- Você precisa pedir para Deus perdoar os pecados que cometeu.
- Eu nunca come... Cometi nenhum. Aliás, o que é um pecado?
- Ah, Mary, é claro que já cometeu. Todo mundo comete. Você já contou

alguma mentira?

- Um monte – respondeu Mary.
- Isso é um tremendo pecado – disse Una solenemente.
- Quer dizer então – refletiu Mary – que vão me mandar para inferno por

contar uma mentirinha aqui e ali? Ora, eu tive que mentir. O senhor Wiley teria quebrado todos os meus ossos certa vez se eu não tivesse mentido. As mentiras já me salvaram de muitas surras, pode apostar.

Una suspirou. A questão era muito complexa para ela resolver. Ela estremeceu ao se imaginar sendo cruelmente espancada. Muito provavelmente, Una também teria mentido. Ela apertou com força a mão calejada de Mary.

– Esse é o único vestido que você tem? – perguntou Faith, cuja natureza alegre se recusava a demorar-se em assuntos desagradáveis.

– Só coloquei esse vestido porque já não servia para mais nada – exclamou Mary, corando. – Foi a senhora Wiley que comprou as minhas roupas e eu não queria ficar lhe devendo nada. Sou honesta. Não queria levar nada de valor que pertencesse a ela ao fugir. Quando crescer, eu terei um vestido azul de seda. As suas roupas não parecem muito elegantes. Eu pensava que os filhos dos ministros se vestissem sempre com esmero.

Estava claro que a Mary tinha um temperamento forte e era sensível no que dizia respeito a alguns assuntos. Contudo, a menina tinha um charme selvagem e curioso que cativava a todos. Ela foi levada ao Vale do Arco-Íris e apresentada aos Blythe como “uma amiga que mora do outro lado do porto”. Os Blythe a receberam sem questionar, talvez porque agora parecesse mais respeitável. Depois do jantar, durante o qual a tia Martha resmungara e o senhor Meredith esteve em um estado semiconsciente enquanto elaborava o sermão de domingo, Faith a convenceu a colocar um de seus vestidos, bem como outros itens de vestuário. Com os cabelos cuidadosamente trançados, Mary passava uma boa imagem. Era uma boa colega de brincadeiras, pois sabia muitos jogos novos e empolgantes, e falava coisas que eram no mínimo intrigantes. De fato, algumas das expressões fizeram Nan e Di olhá-la com desconfiança, pois não sabiam o

que a mãe delas iria pensar de Mary, mas não tinha dúvidas sobre o que a Susan diria. No entanto, como era uma visitante na casa ministerial, ela provavelmente era uma boa pessoa.

Quando chegou a hora de ir para a cama, surgiu a dúvida de onde Mary ia dormir.

– Não podemos colocá-la no quarto de hóspedes – avisou Faith para Una.

– Não tenho piolhos – murmurou Mary em um tom injuriado.

– Ah, eu não quis dizer isso – defendeu-se Faith. – O quarto de hóspedes está de pernas para o ar. Os ratos abriram um buraco enorme no colchão de plumas e fizeram um ninho. Nós só descobrimos quando a tia Martha colocou o reverendo Fisher, de Charlottetown, para dormir lá semana passada. Ele não demorou para perceber. O papai acabou cedendo a própria cama para ele e dormiu no escritório. A tia Martha disse que ainda não teve tempo de remendá-lo, de forma que ninguém pode dormir lá, por mais limpas que as nossas cabeças estejam. E o nosso quarto e a cama são tão pequenos que não há espaço para você.

– Eu posso passar a noite no velho celeiro, se me emprestarem uma coberta – disse Mary filosoficamente. – Ontem à noite fez um pouco de frio, fora isso, já dormi em lugares piores.

– Ah, não, não, você não pode fazer isso – disse Una. – Tenho um plano, Faith. – Sabe aquela pequena cama de cavalete que está no sótão, com um velho colchão, que o antigo ministro da igreja deixou? Vamos levar a roupa de cama do quarto de hóspedes e preparar uma cama para a Mary lá. Você não vai se importar em dormir no sótão, não é mesmo, Mary? Fica bem em cima do nosso quarto.

– Qualquer lugar é bom para mim. Ora, nunca tive um lugar decente para dormir na vida. Na casa da senhora Wiley, eu dormia no espaço do forro acima da cozinha. Havia goteiras no verão e entrava neve no inverno. Minha cama era um estrado de palha no chão. Eu não terei nenhuma reclamação sobre o lugar onde vou dormir.

O sótão da casa ministerial era um cômodo longo, baixo e escuro, com um dos lados do teto inclinado. Ali prepararam uma cama para Mary com os delicados lençóis com babados e uma colcha bordada feita com muito orgulho por Cecilia Meredith para o quarto de hóspedes, que sobrevivera às lavagens descuidadas da tia Martha. Disseram boa noite e o silêncio tomou conta da casa. Una estava quase adormecendo quando ouviu um barulho no

cômodo logo acima que a fez se sentar subitamente.

– Ouça, Faith... A Mary está chorando – sussurrou. Faith não respondeu, pois já estava dormindo. Una saiu da cama, atravessou o corredor em sua camisolinha branca e subiu as escadas do sótão. O ranger do piso anunciou sua chegada no cômodo silencioso banhado pelo luar. Havia um montinho bem no meio da cama.

– Mary – cochichou Una.

Não houve resposta. Una aproximou-se e puxou o lençol.

– Mary, sei que você estava chorando. Eu ouvi. Está se sentindo sozinha? A menina finalmente deixou-se ver, mas não disse nada.

– Deixe-me deitar com você. Estou com frio – disse Una, estremeando com o ar gelado da costa ao Norte que entrava pela janelinha aberta.

Mary abriu espaço e Una aconchegou-se ao lado dela.

– Agora você não vai se sentir solitária. Não deveríamos ter te deixado sozinha na primeira noite.

– Eu não estava me sentindo solitária – disse Mary, fungando.

– Por que estava chorando, então?

– Ah, é que eu comecei a pensar nas coisas depois que vocês saíram. Em voltar para a casa da senhora Wiley e levar uma surra por ter fugido e... e... ir para o inferno por ter mentido. Isso tudo me deixou absurdamente aflita.

– Ah, Mary – disse a pobre Una, preocupada. – Não acredito que Deus te mandará para o inferno por ter mentido, sendo que você não sabia que era errado. Ele não pode. Afinal, Ele é gentil e bondoso. É claro que você não deve mais contar mentiras, agora que sabe que não é certo.

– Se não posso contar mentiras, o que vai ser de mim? – disse Mary, soluçando. – Você não entende e não faz ideia do que estou passando. Você tem um lar e um pai amoroso, ainda que pareça que lhe falte alguns parafusos. De qualquer maneira, ele não te bate e você nunca passa fome, embora aquela sua tia velha não entenda nada de cozinhar. É a primeira vez que eu sinto que comi o suficiente. Fui maltratada durante a vida toda, exceto nos dois anos em que vivi no orfanato. Ninguém me batia lá e as coisas não eram tão ruins, apesar da supervisora ser muito brava. Parecia sempre disposta a arrancar a minha cabeça. Só que a senhora Wiley é o mal encarnado, é isso que ela é e eu fico paralisada de medo quando penso em ter que voltar para a casa dela.

– Talvez você não tenha. Talvez haja uma saída. Vamos pedir para Deus para que não tenha que volta para lá. Você reza, Mary?

– Ah, sim, sempre digo aquele verso antigo “agora me deito para dormir”

– disse Mary com indiferença. – Mas nunca pensei em pedir algo em específico. Ninguém nesse mundo jamais se importou comigo, por isso supus que Deus tampouco iria se dar ao trabalho. Talvez Ele tenha mais consideração por você, que é filha do ministro da igreja.

– Ele se preocupa da mesma forma com você, Mary, tenho certeza

– disse Una. – Não importa quem sejam os seus pais. Apenas peça a Ele, que eu também vou pedir.

– Está bem – concordou Mary. – Não custa tentar. Se você conhecesse a senhora Wiley tão bem quanto eu, não acharia que Deus está disposto a se meter com ela. Enfim, não vou mais chorar por causa disso. Estou muito melhor aqui do que ontem, naquele velho celeiro cheio de ratos correndo de um lado para o outro. Veja o farol de Four Winds. Não é lindo?

– Esta é a única janela de onde se pode vê-lo – disse Una. – Eu adoro observá-lo.

– É mesmo? Eu também. Eu podia vê-lo do sótão casa da senhora Wiley e era meu único conforto. Quando ficava toda dolorida de tanto apanhar, eu o admirava e acabava me esquecendo da dor. Eu imaginava os barcos zarpando para lugares longínquos e desejava estar em um deles, indo para bem longe de tudo. Nas noites de inverno, em que ele não funcionava, eu me sentia muito solitária. Diga, Una, porque vocês estão sendo tão generosos comigo, que sou uma desconhecida?

– Porque é o certo. A Bíblia diz para sermos caridosos com todo mundo.

– Verdade? Bem, parece que muita gente não se importa com isso. Não me lembro de ninguém ter sido tão piedoso assim comigo antes, juro que é verdade. Diga, Una, aquelas sombras na parede não são lindas? Elas se parecem com um bando de passarinhos dançantes. E, Una, eu gostei de todos os garotos da família Blythe e da Di, mas não gostei daquela Nan. Ela é arrogante.

– Ah, não, Mary, ela não é arrogante – defendeu Una. – Nem um pouco.

– Não me venha com essa. Qualquer pessoa com o nariz empinado daquele jeito é arrogante. Não gostei dela.

– Nós gostamos muito dela.

– Ah, será que gostam mais dela do que de mim? – disse Mary, com inveja. – Será?

– Ora, Mary... Nós a conhecemos há semanas e nós te conhecemos há algumas horas – gaguejou Una.

– Então vocês gostam mais dela? – disse Mary, enfurecida. – Tudo bem! Goste dela o quanto quiser. Não me importo. Não preciso de vocês.

Ela virou-se para a parede do sótão.

– Ah, Mary – disse Una, acariciando com ternura as costas da menina –, não fale assim. Isso me deixa muito mal. Eu gosto muito de você...

Não houve resposta. Una então começou a chorar e instantaneamente Mary virou e deu um abraço de urso na amiga.

– Pare – ordenou. – Não chore por causa do que eu disse. Fui muito maldosa por falar assim. Eu deveria ser esfolada viva, vocês estão sendo tão bons comigo! Faz sentido você gostar mais de qualquer outra pessoa do que de mim. Eu mereço cada surra que levei. Vamos, acalme-se. Se continuar chorando, vou caminhar até o porto de camisola e me afogar.

A terrível ameaça fez Una engolir o choro. Mary secou as lágrimas do rosto dela com os babados do travesseiro extra, e as duas voltaram a se aconchegar, uma vez reestabelecida a harmonia, e a observar as sombras das folhas da hera na parede iluminada pelo luar até adormecerem.

No escritório do andar de baixo, o reverendo John Meredith andava de um lado para o outro com uma expressão absorta e um olhar brilhante, pensando na mensagem do dia seguinte, sem saber que debaixo do próprio teto havia uma jovem alma desamparada, tateando às cegas em meio à escuridão e à ignorância, acossada pelo terror e pelas dificuldades grandes demais para a própria compreensão na luta desigual com o mundo imenso e indiferente.



MARY FICA NA CASA MINISTERIAL

As crianças da casa ministerial levaram Mary Vance à igreja no dia seguinte. De início, a menina se opôs à ideia.

– Você não ia à igreja do outro lado do porto? – perguntou Una.
– Pode apostar. A senhora Wiley não fazia questão, mas eu ia todos os domingos em que conseguia escapulir. Eu me sentia muito grata de poder ir a algum lugar onde pudesse ficar sentada um pouquinho, porém não posso ir com esse vestido surrado.

Faith resolveu o problema oferecendo-lhe seu segundo melhor vestido.

– Está um pouco desbotado e faltam dois botões, mas acho que vai servir.

– Vou costurar os botões rapidinho – disse Mary.

– Não no domingo – disse Una, chocada.

– É claro que sim. Não há dia melhor para realizar uma tarefa do que um dia santo. Dê-me uma agulha e uma linha e olhe para o outro lado, se não tiver coragem.

As botas de ir à escola de Faith e uma touca preta que pertencera à Cecilia Meredith completaram o figurino de Mary e lá foram eles para a igreja. Seu comportamento foi bastante convencional e, embora algumas pessoas tenham se perguntado quem era a garotinha desalinhada junto com os filhos do ministro, ela não atraiu muita atenção. Ela ouviu o sermão com decoro e cantou com entusiasmo. Pelo visto, Mary tinha uma voz clara e marcante e um bom ouvido.

– Seu sangue nos purifica de todos os pecados – cantarolou Mary alegremente. A senhora Milgrave, sentada na frente das crianças da casa ministerial, virou-se de repente e examinou Mary da cabeça aos pés. Mary, com seu espírito travesso, mostrou a língua para ela, para o horror de Una.

– Não consegui me segurar – declarou na saída da igreja. – Por que ela me encarou daquele jeito? Que falta de modos! Estou contente por ter mostrado a língua para ela. Gostaria de ter feito algo mais. Sabe, eu vi o Rob MacAllister, que mora do outro lado do porto. Imagino se ele vai contar para a senhora Wiley que me viu.

A senhora Wiley não deu as caras e depois de alguns dias as crianças se esqueceram dela. Pelo visto, Mary havia se tornado uma moradora permanente da casa ministerial. Entretanto, ela se recusava a ir à escola com eles.

– Não. Já estudei o suficiente – disse ela quando Faith insistiu. – Fui à escola durante quatro invernos desde que fui morar com a senhora Wiley e já estou farta. Estou cansada das constantes broncas porque eu não fiz a lição de casa. Eu não tinha tempo para fazer a lição.

– Nosso professor não vai te dar bronca. Ele é uma boa pessoa – disse Faith.

– Bem, eu não vou. Sei ler, escrever e fazer contas com frações. É tudo que eu preciso. Vocês podem ir, vou ficar em casa. Não precisam ter com medo de que eu roube alguma coisa. Juro que sou honesta.

Enquanto os outros estavam na escola, Mary ocupou-se limpando a casa. Em poucos dias, o lugar ficou irreconhecível. O chão foi varrido, o pó foi tirado dos móveis, e tudo foi organizado. Ela remendou o buraco no colchão do quarto de hóspedes, costurou botões que tinham se perdido, cerziu roupas, até invadiu o escritório munida de uma vassoura e o espanador e mandou que o senhor Meredith esperasse do lado de fora enquanto arrumava tudo. Entretanto, havia um departamento no qual a tia Martha não permitia que ela interferisse. A tia Martha podia ser meio cega, meio surda e muito infantil, mas estava decidida a cuidar da despensa por conta própria, apesar das artimanhas e estratagemas de Mary.

– Se a velha Martha me deixasse cozinhar, vocês teriam refeições decentes – disse para as crianças da casa, indignada. – Chega de “a mesma coisa”, de mingau cheio de caroços e de leite azul. O que ela faz com todo o creme?

– Ela dá ao gato. O bichano é dela, sabe – disse Faith.

– Que absurdo – exclamou Mary amargamente. – Não gosto de gatos, aliás. São animais do diabo, dá para ver nos olhos deles. Bem, se a velha Martha não quer deixar, então está decidido, creio eu. Mas me dá nos nervos vê-la desperdiçar boa comida.

Depois da escola, eles sempre iam ao Vale do Arco-Íris. Mary se recusava a brincar no cemitério, afirmando que tinha medo de fantasmas.

– Fantasmas não existem – declarou Jem Blythe.

– Oh, é mesmo?

– Você já viu algum?

– Centenas deles – respondeu Mary prontamente.

– E como eles são? – perguntou Carl.

– Horróricos. Vestidos de branco, com mãos e cabeças de esqueleto.

– O que você fez? – quis saber Una.

– Corri feito o diabo – respondeu. Então, Mary percebeu o olhar de Walter e corou. A menina tinha muito respeito por ele. Ela declarara para as garotas da casa ministerial que ele a deixava nervosa.

– Eu penso em todas as mentiras que já contei quando olho para eles, e desejo não as ter dito.

Jem era o favorito de Mary. Quando ele a levou até o sótão de Ingleside e lhe mostrou o museu de curiosidades que o capitão Jim Boyd havia lhe dado, ela ficou imensamente lisonjeada. Ela também ganhou o coração de Carl graças ao interesse em seus besouros e formigas. Era inegável que Mary se dava melhor com os garotos do que as garotas. Ela teve uma discussão feia com Nan Blythe no segundo dia.

– Sua mãe é uma bruxa – disse para Nan com desprezo. – Mulheres ruivas sempre são bruxas. – Depois, ela brigou com Faith por causa do galo. Mary disse que o rabo da ave era muito curto e Faith respondeu com raiva que Deus sabia muito bem o tamanho certo do rabo dos galos. Elas não “se falaram” por vários dias. Mary tinha consideração pela boneca sem cabelos e de um olho só de Una, mas quando Una lhe mostrou seu outro tesouro, um desenho de um anjo carregando uma criança, presumivelmente para o céu, Mary declarou que a imagem lembrava muito um fantasma. Una foi para o quarto e desatou a chorar, e Mary foi atrás dela, abraçou-a profusamente e implorou perdão. Ninguém conseguia ficar muito tempo brigado com Mary, nem mesmo Nan, que tinha uma grande propensão a guardar rancores e que nunca se esqueceu do insulto à mãe. Mary era divertida e sabia contar as melhores e mais emocionantes histórias de fantasmas. O Vale do Arco-Íris ficou indiscutivelmente mais animado após a sua chegada. Ela aprendeu a tocar o berimbau de boca e logo eclipsou Jerry.

– Ainda não encontrei nada que eu não possa fazer se não me esforçar – declarara. Mary raramente perdia a chance de gabar-se, ela os ensinou a

fazer “bolsas de ar” com as folhas grossas do sedum-vistoso que florescia no velho jardim dos Bailey, ela os iniciou nas saborosas qualidades das “ervas amargas” que cresciam nos recantos do muro do cemitério e podia fazer figuras incríveis de sombras nas paredes com os dedos longos e flexíveis. E quando todos iam colher goma no Vale do Arco-Íris, Mary sempre conseguia a maior porção e se vangloriava. Às vezes eles a odiavam, e às vezes a amavam. Mas sempre a achavam interessante. Assim, eles se submetiam mansamente ao autoritarismo dela e, ao cabo de duas semanas, era como se Mary sempre tivesse feito parte da turma.

– É estranho a senhora Wiley não ter vindo atrás de mim – disse Mary. – Não faz sentido.

– E talvez ela nunca venha – disse Una. – E aí você poderá ficar aqui.

– Essa casa não é grande o suficiente para mim e para a velha Martha – disse Mary com seriedade. – É muito bom ter o suficiente para comer, com frequência eu me perguntava como seria, só que eu prefiro a minha comida. E a senhora Wiley virá cedo ou tarde, ela com certeza reservou umas palmadas para mim. Não penso muito nisso durante o dia, mas de noite, meninas, esses pensamentos são tão fortes que eu chego a desejar que ela viesse logo para colocar um fim nisso de uma vez por todas. Talvez uma boa surra seja muito melhor do que as dezenas que já vivenciei na minha imaginação desde que fugi. Vocês já apanharam?

– Não, claro que não – disse Faith, indignada. – O papai jamais faria uma coisa dessas.

– Vocês não conhecem nada da vida – suspirou Mary, com um misto de inveja e superioridade. – Nem imaginam o que eu já passei. E suponho que os Blythe também nunca apanharam.

– Nã-ã-o, creio que não. Acho que levaram algumas palmadas quando eram pequenos.

– Palmadas não são nada – disse Mary com desdém. – Se meus pais tivessem só me dado umas palmadas, eu teria achado que estavam me mimando. Bem, o mundo não é justo. Não me importaria de suportar a minha cota de surras, mas, maldição, parece que já aguentei além da conta.

– Não é certo falar essa palavra, Mary – repreendeu Una. – Você prometeu não a usar mais.

– Não me amole – respondeu Mary. – Se soubesse as palavras que eu poderia dizer, não ficaria escandalizada com “maldição”. E você bem sabe que eu não contei nenhuma mentira desde que cheguei aqui.

– E todos aqueles fantasmas que você disse que viu? – perguntou Faith. Mary corou.

– É diferente – respondeu com ar desafiador. – Eu sabia que vocês não acreditariam naquelas histórias e essa nem era a minha intenção. Além disso, eu realmente vi alguma coisa esquisita enquanto passava pelo cemitério do outro lado do porto certa noite, juro pela minha vida. Não sei se era um fantasma ou a égua velha de Sandy Crawford, só sei que era tão estranho que eu saí em disparada.



UM EPISÓDIO ESCAMOSO

Rilla Blythe caminhava empertigada, talvez até demais, pela “rua” principal de Glen em direção à casa ministerial, levando cuidadosamente uma cesta pequena de morangos temporãos que a Susan cultivara com capricho em um canto ensolarado de Ingleside. Susan a encarregara de entregar a cesta somente nas mãos da tia Martha ou do senhor Meredith, e Rilla, muito orgulhosa por terem lhe confiado tamanha incumbência, estava decidida a seguir as instruções à risca.

Susan a trajou primorosamente com um vestido branco engomado e bordado, uma faixa azul e sapatinhos cobertos de contas. Sobre os grandes cachos avermelhados e viçosos, Susan permitiu que ela colocasse o melhor chapéu, em respeito à casa ministerial.

La excessivamente arrumada, o que refletia mais o gosto de Susan do que o de Anne, e a pequena alma de Rilla regozijava-se em meio ao esplendor de seda, rendas e flores. Estava muito envaidecida por conta do chapéu, e seu andar passava uma impressão afetada. O andar pomposo, o chapéu, ou ambos irritaram Mary Vance, que estava se balançando no portão do gramado. Ela estava com o humor abalado. A tia Martha não deixou que ela descascasse as batatas e a enxotou da cozinha.

– Ah! Você vai servir batatas meio cruas e com tiras de casca penduradas, como sempre! Ora, vou adorar ir ao seu funeral – gritou Mary. A menina saiu e bateu a porta com tanta força que até a tia Martha escutou. O senhor Meredith sentiu a vibração no escritório e pensou distraidamente que devia ser um leve terremoto, antes de voltar a focar no sermão.

Mary pulou o portão e abordou a dama imaculada de Ingleside.

– O que temos aqui? – perguntou, tentando pegar a cesta.

Rilla resistiu.

– É para o senhor Meredith – disse, com o ceceio usual.

– Pode me dar. Eu levarei para ele.
– Não. A Susan disse que eu deveria entregá-la só para o senhor Meredith ou a tia Martha – insistiu Rilla.

Mary a encarou com raiva.

– Você se acha o máximo, vestida como uma boneca, não é mesmo? Olhe para mim, meu vestido é um trapo e eu não me importo! Prefiro ser toda esfarrapada do que uma bonequinha. Vá para casa e peça para que te coloquem em uma vitrine. Olhem para mim! Olhem para mim! Olhem para mim!

Mary fez uma dancinha selvagem ao redor da menina desolada e aturdida, agitando a saia e berrando “Olhem para mim! Olhem para mim!”, até que a pobre Rilla ficou zonha. Quando ela tentou esquivar-se em direção ao portão, Mary voltou a confrontá-la.

– Entregue a cesta – ordenou, com uma careta. Mary era mestra na arte das caretas. Era capaz de criar expressões grotescas e inumanas, nas quais seus olhos brancos e estranhos brilhavam sinistramente.

– Não – arfou Rilla. Mesmo assustada, ela não cedeu. – Deixe-me em paz, Mary Vance.

Mary deu um passo para trás e olhou ao redor. Logo após o portão havia um pequeno “varal” onde uma dúzia de grandes bacalhaus secavam ao sol.

Um dos paroquianos os havia presenteado ao senhor Meredith, talvez no lugar da contribuição à igreja que nunca fazia.

O ministro agradecera e se esquecera completamente dos peixes, que

teriam estragado se a incansável Mary não os tivesse preparado para a secagem e pendurado no “varal” que ela mesma armou.

Mary teve uma inspiração diabólica. Ela correu até o varal e pegou o maior dos peixes, um animal imenso e achatado quase tão grande quanto ela.

Mary deu um grito e lançou-se sobre a garota apavorada com o bizarro artefato. A coragem de Rilla desapareceu. Ser atacada com um bacalhau seco era algo tão insólito que Rilla não aguentou: deu um berro, largou a cesta e correu. As lindas frutinhas que Susan havia selecionado com tanto carinho para o ministro rolaram em uma torrente rósea na estrada empoeirada e foram pisoteadas pelo algoz e pela vítima. Mary

já nem se lembrava da cesta. Ela só pensava no prazer de dar o susto de uma vida em Rilla Blythe. Ela iria lhe ensinar a não se sentir superior por causa das finas roupas.

Rilla correu colina abaixo e chegou até a rua. O terror deu asas aos seus pés e a manteve à frente da Mary, que tinha fôlego suficiente para dar gritos de gelar o sangue enquanto brandia o bacalhau no ar, apesar da própria risada dificultar a perseguição. As duas percorreram a rua de Glen enquanto todos saíam na janela e nos portões. Mary sentia que estava causando uma tremenda sensação e desfrutava de cada segundo. Rilla, cega de terror e exausta, sentia que não conseguiria mais correr. Em instantes aquela garota terrível iria alcançá-la com o bacalhau. Foi então que a pobre menina tropeçou e caiu em uma poça de lama no fim da rua, justo quando a senhorita Cornelia saía da loja de Carter Flagg.

A senhorita Cornelia compreendeu toda a situação logo de cara.

E Mary também. Assim, antes que a senhorita Cornelia pudesse abrir a boca, deu meia-volta e correu colina acima com a mesma velocidade que a descera. A senhorita Cornelia comprimiu os lábios ameaçadoramente, mesmo sabendo que seria inútil ir atrás dela. Então, ajudou a coitadinha da Rilla, desgrenhada e chorosa, a ir para casa. Rilla estava de coração partido. O vestido, os sapatos e o chapéu estavam arruinados, e seu orgulho de 6 anos tinha sido gravemente ferido.

Susan, lívida de indignação, ouviu o relato da senhorita Cornelia.

– Oh, aquela... Oh, aquela delinquente! – exclamou enquanto levava Rilla para limpá-la e confortá-la.

– Isso já foi longe demais, querida Anne – disse a senhorita Cornelia, resoluta. – Algo precisa ser feito. Quem é essa criatura que está hospedada na casa ministerial e de onde ela veio?

– Que eu saiba, ela mora do outro lado do porto e está visitando os Meredith – respondeu Anne, que via o lado cômico da perseguição do bacalhau e secretamente achava que Rilla era um tanto esnobe e precisava de uma lição ou duas.

– Conheço todas as famílias do outro lado do porto que frequentam a nossa igreja e aquela pestinha não é de nenhuma delas – respondeu a senhorita Cornelia. – Ela praticamente veste trapos e usa as roupas velhas dos Meredith quando vai à igreja. Há um mistério aqui e vou investigá-lo, já que ninguém mais vai. Creio que ela é a culpada pela comoção no bosque de abetos de Warren Mead esses dias atrás. Você ficou sabendo que a mãe dele teve um ataque, tamanho foi o susto que levou?

– Não. Sei que Gilbert foi chamado para vê-la, mas não me inteirei do problema.

– Bem, você sabe que ela tem o coração fraco. Na semana passada, ela estava sozinha na varanda quando ouviu gritos pavorosos de “assassino” e “socorro” vindos do bosque, era um barulho realmente assustador, querida Anne. O coração dela falhou na hora. Warren também ouviu os gritos do celeiro. Ele correu para investigá-los e deparou-se com as crianças da casa ministerial sentadas em uma árvore caída, berrando a plenos pulmões. Elas disseram que estavam só brincando e que não achavam que ninguém iria se machucar. Que estavam brincando de emboscada de índios. Warren foi para casa e encontrou a pobre mãe inconsciente na varanda.

Susan, que acabara de voltar, levantou o nariz com desdém.

– Creio que ela não chegou a ficar inconsciente, senhora Marshall Elliott, acredite em mim. Ouço falar do coração fraco da Amelia Warren há quarenta anos. Ele já era assim quando eu tinha 20 anos. Ela adora causar uma cena e chamar o médico, qualquer desculpa lhe convém.

– Acho que o Gilbert não considerou o ataque cardíaco dela muito sério – disse Anne.

– Oh, é muito provável – disse a senhorita Cornelia. – O problema é que o assunto gerou muito bafafá e o fato de os Mead serem metodistas só agrava a situação. O que será daquelas crianças? Às vezes eu não consigo dormir de tanta preocupação, querida Anne. Chego até a questionar se eles têm o que comer, pois o pai deles está sempre tão perdido nos próprios pensamentos que nem se lembra que tem um estômago, e aquela velha preguiçosa não cozinha como deveria. Eles estão simplesmente soltos por aí, e agora que a escola vai entrar em recesso, vai ser ainda pior.

– Eles se divertem bastante – disse Anne, rindo de algumas histórias do Vale do Arco-Íris que chegaram aos seus ouvidos. – E são todos corajosos, sinceros e leais.

– É verdade, querida Anne, e quando penso em todos os problemas que os filhos mexeriqueiros e insolentes do último ministro causaram na igreja, sinto-me inclinada a relevar muito do que os Meredith aprontam.

– Apesar de tudo, querida senhora, são crianças muito boazinhas – disse Susan. – Tenho que admitir que possuem muito do pecado original dentro delas, mas talvez seja melhor assim, do contrário seriam insuportavelmente

doces. Só acho inapropriado brincarem no cemitério e não vou mudar de ideia.

– Eles brincam sem fazer barulho lá – defendeu Anne. – Eles não correm e gritam como fazem em outros lugares. Como os gritos que chegam até aqui vindos do Vale do Arco-Íris às vezes! Embora eu imagine que a minha turminha não seja inocente. Ontem à noite, eles simularam uma batalha e tiveram que “urrar” porque não tinham artilharia, como explicou o Jem. Ele está naquela fase em que todos os garotos querem ser soldados.

– Bem, se Deus quiser, ele nunca será um soldado – disse a senhorita Cornelia. – Não achei correto enviar nossos rapazes para aqueles confrontos na África do Sul⁸. Ainda bem que já terminaram e é improvável que algo do tipo volte a acontecer. Acho que o mundo está ficando mais sensato. Quanto aos Meredith, já disse muitas vezes e volto a dizer: se o senhor Meredith tivesse uma esposa, tudo estaria dentro dos conformes.

– Disseram que ele visitou os Kirk duas vezes na semana passada – contou Susan.

– Bem – disse a senhorita Cornelia, pensativa –, por via de regra, não aprovo que um pastor se case com alguém da própria congregação. Isso geralmente o faz perder a autoridade. Só que neste caso não faria mal algum porque todo mundo gosta da Elizabeth Kirk, e ninguém mais está interessada na função de madrastra daquelas crianças. Elizabeth daria uma ótima esposa, se ele estiver interessado. O problema é que ela não é muito bonita, querida Anne, e o senhor Meredith, por mais avoado que seja, está sempre atento às mulheres lindas. Típico de um homem. Ele não é tão espiritualizado nessas horas, acredite em mim.

– A Elizabeth Kirk é uma ótima pessoa, mas há quem diga que algumas pessoas já chegaram a quase morrer congeladas no quarto de hóspedes da mãe dela, querida senhora – disse Susan sombriamente. – Se eu tivesse o direito de expressar a minha opinião sobre um assunto tão solene como o casamento de um ministro, diria que a Sarah, a prima da Elizabeth que mora do outro lado do porto, seria uma esposa melhor para o senhor Meredith.

– Ora, a Sarah Kirk é metodista – disse a senhorita Cornelia, como se a Susan tivesse sugerido que ele se casasse com uma noiva da tribo dos hotentotes.

– Ela provavelmente se converteria – retrucou Susan.

A senhorita Cornelia balançou a cabeça. Era evidente que ela acreditava que “uma vez metodista, sempre metodista”.

– Sarah Kirk está absolutamente fora de questão – afirmou. – Assim como Emmeline Drew, por mais que a família dela esteja tentando aproximar os dois. Estão praticamente jogando a pobre Emmeline no colo do senhor Meredith, que não faz a mínima ideia do que está acontecendo.

– A Emmeline Drew não tem brio, admito – disse Susan. – Querida senhora, ela é do tipo de mulher que colocaria uma garrafa de água quente na sua cama em uma noite escaldante e ficaria magoada se você não agradecesse. E a mãe dela era uma péssima dona de casa. Já ouviu a história do pano de prato? Certa vez, ela perdeu o pano e só o encontrou no dia seguinte. Ah, querida senhora, ele estava dentro do ganso sobre a mesa de jantar, no meio do recheio. Acha que uma mulher dessas daria uma boa sogra para um ministro da igreja? Eu não, mas eu deveria estar remendando as calças do pequeno Jem, ao invés de fofocar sobre os meus vizinhos. Ele fez um rasgo enorme noite passada enquanto brincava no Vale.

– Onde está o Walter? – perguntou Anne.

– Temo que esteja tramando alguma coisa, querida senhora. Ele está no sótão, escrevendo em um caderno. E a professora me disse que ele não se saiu tão bem em aritmética como deveria. Eu sei muito bem o motivo. Ele fica escrevendo versos tolos ao invés de fazer contas. Receio que aquele garoto se tornará um poeta.

– Ele já é um poeta, Susan.

– Bem, você aceita isso com muita calma, querida senhora. Suponho que seja o melhor, quando a pessoa leva jeito. Tenho um tio que começou a se tornar um poeta e acabou virando um mendigo. Nossa família morria de vergonha dele.

– Você parece que não gosta muito de poetas, Susan – disse

Anne, rindo.

– E quem gosta, querida senhora? – perguntou Susan, genuinamente perplexa.

– E quanto a Milton e Shakespeare? E os poetas da Bíblia?

– Dizem que Milton não se dava bem com a esposa, e que Shakespeare não era muito respeitado. Quanto à Bíblia, é óbvio que as coisas eram diferentes naqueles dias sagrados, embora eu não me simpatize muito com o rei Davi, diga o que quiser. Nunca soube de nada de bom que veio da poesia e eu espero e rogo para que aquele menino abençoado supere isso. Se não, veremos o que o óleo de fígado de bacalhau pode fazer.

Q) Canadá enviou tropas em apoio ao exército britânico durante a Guerra dos Bôeres (1899-1902). (N.
T.)



A SENHORITA CORNELIA INTERVÉM

No dia seguinte, a senhorita Cornelia foi à casa ministerial e interrogou Mary, que, sendo uma jovem de considerável discernimento e astúcia, contou a história de forma simples e verdadeira, sem absolutamente nenhuma queixa ou petulância. A senhorita Cornelia ficou mais impressionada do que esperava, mas considerou que tinha o dever de ser severa.

– Acha mesmo que está demonstrando gratidão a essa família que foi tão gentil com você, insultando e perseguindo uma das amiguinhas deles?

– Sim, foi muita maldade da minha parte – admitiu Mary sem hesitar. – Não sei o que me deu. Aquele velho bacalhau pareceu tão útil! Mas eu me arrependi profundamente, até chorei antes de dormir, juro que é verdade. Pode perguntar para a Una. Eu não quis lhe contar o motivo da minha vergonha e então ela chorou também, porque achou que alguém tinha ferido meus sentimentos. Maldição, não tenho nem sentimentos para serem feridos. O que me preocupa é que a senhora Wiley não veio me procurar. Não é do feitio dela.

A senhorita Cornelia também achou um tanto peculiar. Todavia, ela meramente advertiu Mary para não tomar liberdades com o bacalhau do ministro de novo e foi até Ingleside contar o resultado do interrogatório.

– Se a história da menina é verdade, é preciso investigar o assunto – disse. – Eu sei algumas coisas sobre a senhora Wiley, acredite em mim. O Marshall a conhecia bem quando morava do outro lado do porto. Lembro que ele contou alguma coisa no verão passado sobre uma criada que a mulher tinha, provavelmente essa mesma Mary. Alguém lhe contou que a criança trabalhava à exaustão e mal tinha o que comer e vestir. Sabe, querida Anne, sempre evitei me envolver com o povo do outro lado do porto, porém

vou mandar o Marshall até lá para averiguar a verdade. Sabia que os filhos do ministro encontraram essa menina morrendo de fome no velho celeiro do James Taylor? Ela havia passado a noite toda lá, com frio, com fome e sozinha. Enquanto dormíamos nas nossas camas quentinhas depois de jantar.

– Pobrezinha – disse Anne, imaginando um de seus amados bebês nas mesmas circunstâncias. – Se ela estava sendo maltratada, senhorita Cornelia, ela não deveria voltar para aquele lugar. Já fui uma órfã em condições muito similares.

– Teremos que consultar o orfanato de Hopetown – disse a senhorita Cornelia. – De qualquer forma, ela não pode ficar na casa ministerial. Só Deus sabe o que aquelas pobres crianças podem aprender com ela. Pelo que sei, ela tem o hábito de praguejar. Agora, dá para acreditar que ela está lá há duas semanas e o senhor Meredith não se deu conta? Como pode um homem desses ter uma família? Ora, querida Anne, ele deveria ser um monge.

Duas noites depois, a senhorita Cornelia retornou a Ingleside.

– Inacreditável! A senhora Wiley foi encontrada morta na cama depois que aquela Mary fugiu. O coração dela dava sinais de fraqueza há anos, e o médico já tinha avisado que poderia acontecer a qualquer momento. Ela havia dispensado o empregado e não havia ninguém na casa. Alguns vizinhos a encontraram no dia seguinte. Eles notaram a ausência da criança, mas pensaram que a senhora Wiley a tinha enviado para a casa da prima em Charlottetown, como vinha dizendo que faria. Como a prima dela não compareceu no funeral, ninguém descobriu que a Mary tinha sumido. As pessoas com quem Marshall conversou contaram coisas sobre a maneira como ela tratava a menina que fizeram o sangue dele ferver, como ele mesmo disse. Você sabe que o Marshall fica enfurecido quando ouve falar de maus-tratos a uma criança. Disseram que ela a açoitava impiedosamente por qualquer coisa ou errinho. Teve gente que até pensou em escrever para as autoridades do orfanato, só que como ninguém quis se meter nos problemas alheios, nada foi feito.

– Lamento que essa senhora tenha falecido – disse Susan com ferocidade. – Adoraria ir até lá e lhe falar poucas e boas. Bater e deixar uma criança sem comer, querida senhora! Você sabe muito bem que defendendo umas boas palmadas, mas não mais que isso. E o que vai ser dessa pobre criança agora, senhora Marshall Elliott?

– Suponho que vai voltar para Hopetown – disse a senhorita Cornelia. – Acho que ninguém por aqui está precisando de uma ajudante em casa. Vou

visitar o senhor Meredith amanhã e dizer o que penso sobre essa situação.

– Não tenho a menor dúvida de que ela irá, querida senhora – disse Susan depois que a senhorita Cornelia se foi. – Nada a detém depois que enfia uma ideia na cabeça, mesmo que decidisse achatar a ponta do pináculo da igreja. Não compreendo como ela consegue falar dessa forma com um ministro, como se ele fosse uma pessoa comum.

Depois que a senhorita Cornelia foi embora, Nan Blythe desceu do balanço onde estivera estudando e escapuliu para o Vale do Arco-Íris. Os outros já estavam lá. Jem e Jerry brincavam de acertar um alvo lançando ferraduras velhas cedidas pelo ferreiro de Glen. Carl estudava formigas em uma elevação ensolarada. Walter, deitado de bruços entre as samambaias, lia para Mary, Di, Faith e Una um livro maravilhoso de mitos com histórias fascinantes sobre Preste João e o Judeu Errante², varinhas mágicas e homens com rabos, o Shamir, verme que partia rochas e abria caminho em direção a um rico tesouro, sobre as Ilhas Afortunadas e donzelas-cisnes. Walter ficou chocado ao descobrir que Guilherme Tell e Gelert também eram mitos, e a história do Bispo Hatto o deixaria acordado a noite toda. No entanto, as narrativas que ele mais amou foram sobre o Flautista de Hamelin e do Santo Graal. Ele as leu com empolgação, enquanto os sinos nas Árvores Enamoradas tilintavam sob a brisa de verão e o frescor das sombras da tarde que encobriam o vale.

– Diga, não são mentiras interessantes? – disse Mary com admiração quando Walter fechou o livro.

– Não são mentiras – disse Di, indignada.

– Você acha que são reais? – perguntou Mary, incrédula.

– Não... Não exatamente. São como as suas histórias de fantasmas. Elas não são verdadeiras, mas como você não esperava que nós acreditássemos nelas, também não são mentiras.

– A história da varinha mágica não é mentira, de qualquer forma – disse Mary. – O velho Jake Crawford que mora do outro lado do porto sabe usá-las. Pessoas de todos os lugares mandam chamá-lo para cavar poços. E eu acho que conheço o Judeu Errante.

– Ah, Mary – disse Una, maravilhada.

– É verdade, juro pela minha vida. Um homem apareceu na casa da senhora Wiley no verão passado. Era tão velho que poderia ter qualquer idade. Ela lhe fez perguntas sobre postes de cedro, se eles durariam bastante. E ele disse, “Durar bastante? Eles duram mil anos. Eu sei, pois eu já os usei

duas vezes''. Agora, se ele tinha dois mil anos, ele só poderia ser o Judeu Errante.

– Não acredito que o Judeu Errante se envolveria com uma pessoa como a senhora Wiley – disse Faith decididamente.

– Eu amo a história do Flautista de Hamelin – disse Di –, e a mamãe também. Sempre sinto muita pena do garotinho manco que não conseguiu acompanhar os outros e ficou de fora da montanha. Deve ter ficado tão desapontado! Ele provavelmente passou o resto da vida se perguntando que coisas maravilhosas perdeu, desejando ter entrado junto com os outros.

– A mãe dele deve ter ficado alegre – disse Una. – Imagino que ela era muito triste pelo filho ser manco. Acho que até chorava de noite. Mas depois do ocorrido, ela não se sentiu mais triste, nunca mais. Ela ficou contente, pois foi por isso que ela não o perdeu.

– Algum dia – disse Walter pensativo, olhando para o horizonte – o Flautista virá por aquela colina até o Vale do Arco-Íris, tocando sua flauta com animação e doçura. E eu o seguirei pela praia, até o mar e para longe de todos vocês. Não acho que eu vou querer ir com ele. O Jem vai e será uma grande aventura, mas não eu, porém, serei obrigado. O chamado da música será hipnotizante e eu terei que o seguir.

– Todos nós iremos – exclamou Di, contagiada pela imaginação de Walter, quase acreditando poder ver a figura zombeteira do mítico flautista se afastando do outro lado do vale.

– Não. Vocês vão se sentar aqui e esperar – disse Walter, com os olhos grandes e esplêndidos repletos de um brilho estranho. – Vocês vão nos esperar voltar. O que talvez não aconteça porque só poderemos voltar quando o Flautista parar. Pode ser que ele nos leve pelo mundo inteiro. Mesmo assim, vocês ficarão aqui e nos esperarão.

– Ah, basta! – disse Mary, estremecendo. – Não me olhe assim, Walter Blythe. Está me dando arrepios. Quer me fazer chorar? Posso até ver o pavoroso Flautista indo embora e levando vocês, enquanto nós, as garotas, ficamos aqui sozinhas. Não sei o porquê, pois nunca fui uma chorona, mas é só você começar com as suas histórias que eu tenho vontade de chorar.

Walter sorriu com triunfo. Ele gostava de exercitar seu poder nos colegas: brincar com os sentimentos, despertar medos, comover as almas, pois isso saciava algum instinto dramático nele. Todavia, por baixo de todo o triunfo, ele experimentava uma sensação misteriosa e sutil de medo. O Flautista de Hamelin parecera muito real para ele, como se o fino véu que ocultava o

futuro tivesse sido erguido momentaneamente pelo vento sob o anoitecer estrelado do Vale do Arco-Íris, presenteando-o com um vislumbre dos anos vindouros.

Carl aproximou-se do grupo com um relatório do mundo das formigas, trazendo todos para o reino dos fatos.

– Formigas são muito interessantes – exclamou Mary, feliz por escapar do encanto sombrio do Flautista. – Carl e eu observamos aquele formigueiro no cemitério durante toda a tarde de domingo. Nunca pensei que insetos fossem tão complexos, são bichinhos invocados, alguns gostam de começar uma briga sem motivo algum, pelo que vimos. Alguns são covardes e ficam tão assustados que se enrolam e se transformam em bolinhas, deixando que os outros lhe batam. Não encaram uma briga de jeito nenhum. Já alguns são preguiçosos e não trabalham. Nós vimos como fogem da labuta e vimos também uma formiga que morreu de tristeza porque outra foi morta, ela não quis trabalhar, nem comer, simplesmente morreu, juro por de... demais.

Um silêncio tenso recaiu sobre o vale. Todos sabiam que Mary não tinha a intenção de dizer “demais”. Faith e Di trocaram olhares que deixariam a senhorita Cornelia orgulhosa. Walter e Carl pareciam desconfortáveis e os lábios de Una começaram a tremer.

Incomodada, Mary levantou-se.

– Escapou... Estou sendo honesta, juro por... Digo, juro que é verdade e eu engoli metade. Pelo visto, o povo daqui é muito sensível. Vocês deveriam ouvir os Wiley quando brigam.

– Damas não dizem essas coisas – disse Faith, com um recato que não lhe era característico.

– É errado – sussurrou Una.

– Não sou uma dama – disse Mary. – Que chances eu tive de me tornar uma dama? Mas vou tentar não dizer isso novamente. Prometo.

– Além disso – disse Una –, não espere que Deus responda às suas preces se você usar o nome Dele em vão, Mary.

– Não espero que Ele as responda, de qualquer forma – disse Mary, a descrente. – Faz uma semana que venho pedindo a Ele para resolver esse assunto com os Wiley, e Ele ainda não fez nada. Vou desistir.

Nesse momento, Nan chegou esbaforida.

– Ah, Mary, tenho uma notícia para você. A senhora Elliott foi até o outro lado do porto e sabe o que ela descobriu? A senhora Wiley faleceu. Foi

encontrada morta na cama dela na manhã após a sua fuga. Você nunca mais vai precisar voltar para lá.

– Morta! – disse Mary, estupefata. Então, ela estremeceu.

– Acha que as minhas preces têm algo a ver com isso? – exclamou, suplicante, para Una. – Se sim, nunca mais rezarei na vida. Ora, ela pode voltar para me assombrar.

– Não, não, Mary – reconfortou-a Una –, elas não tiveram nada a ver. Afinal, a senhora Wiley morreu bem antes de você começar a rezar.

– É mesmo – disse Mary, recuperando-se do pânico. – Mas levei um susto.

Não gostaria de saber que matei alguém com as minhas preces. Nunca pensei em nada do tipo enquanto rezava. Ela não parecia ser do tipo de pessoa que morre. A senhora Marshall disse alguma coisa sobre mim?

– Disse que você provavelmente terá que voltar para o orfanato.

– Foi o que pensei – disse Mary com pesar. – E depois vão me entregar para outra pessoa, provavelmente alguém como a senhora Wiley. Bem, acho que conseguirei suportar. Sou forte.

– Rezarei para que não tenha que voltar – sussurrou Una enquanto voltava para a casa ministerial com a Mary.

– Faça o que quiser – disse Mary decididamente –, mas juro que não rezarei, pois esse negócio de rezar me assusta, veja no que deu. Se a senhora Wiley tivesse morrido depois que eu comecei a rezar, seria culpa minha.

– Oh, não seria, não – disse Una. – Gostaria de poder explicar melhor as coisas. Sei que o papai pode, se quiser falar com ele, Mary.

– Nem pensar! Não sei o que pensar do seu pai, essa é a verdade. Ele passa por mim em plena luz do dia e nunca me vê. Não sou orgulhosa, só que também não sou um capacho!

– Oh, Mary, e só o jeito do papai. Na maior parte do tempo ele tampouco nos vê. Ele só está pensando profundamente, é isso. E eu vou rezar para que você fique em Four Winds, pois eu gosto de você, Mary.

– Tudo bem. Só que eu não quero saber de mais ninguém morrendo por causa disso – disse Mary. – Também gostaria de ficar em Four Winds. Gosto do povoado, gosto do porto e do farol... E de vocês e dos Blythe. São os únicos amigos que eu já tive e detestaria perdê-los.

Acredita-se que o Judeu Errante vivia em Jerusalém e, quando viu Jesus carregando a cruz, empurrou-o e disse: "Vá andando, vá logo". Por tal atitude, teria sido condenado a perambular pelo mundo até o fim dos dias. (N. T.)



UNA INTERVÉM

A senhorita Cornelia teve uma conversa com o senhor Meredith que deixou o cavalheiro distraído em choque. Ela mostrou, sem muito respeito, sua negligência ao permitir que uma criança abandonada como a Mary Vance entrasse naquela casa e se relacionasse com os filhos dele sem inteirar-se de nada.

– Acho que não aconteceu nada de mal – concluiu. – Essa Mary até que não é uma criança ruim. Questionei seus filhos e os dos Blythe e, pelo que pude compreender, não há nada de ruim que possa ser visto sobre ela, com exceção do linguajar pouco refinado. Contudo, imagine se ela fosse uma daquelas crianças de que ouvimos falar. Você sabe muito bem o que aquela pobre criaturinha que o Jim Flagg tinha contou e ensinou aos filhos dele.

O senhor Meredith sabia muito bem e ficou honestamente espantado com o próprio descuido.

– É o que devemos fazer, senhora Elliott? – perguntou, impotente. – Não podemos mandar aquela pobre criança embora. Ela precisa de cuidados.

– É claro. É melhor escrevermos para as autoridades de Hopetown o quanto antes. Enquanto isso, é melhor que ela fique aqui por mais alguns dias, até recebermos uma resposta. Entretanto, fique de olhos e ouvidos atentos, senhor Meredith.

Susan teria morrido de horror na hora se tivesse ouvido a senhorita Cornelia dando ordens a um ministro da igreja. A senhorita Cornelia foi embora radiando de satisfação pelo dever cumprido, e naquela noite o senhor Meredith chamou Mary até o escritório dele. A menina obedeceu, literalmente empalidecendo de medo, só que teve a surpresa de sua vida curta e sofrida. Aquele homem, que lhe causava tanto pavor, era a pessoa mais bondosa e gentil que ela já tinha conhecido. Antes que pudesse

compreender o que acontecia, Mary descobriu-se desabafando todos os seus problemas e recebendo em troca tamanha simpatia e ternura que jamais imaginara. Ela saiu do escritório com uma expressão e um olhar tão tranquilos que Una quase não a reconheceu.

– Seu pai é uma boa pessoa quando está acordado – disse, com algo que se assemelhava muito a um soluço. – É uma pena ele não acordar com mais frequência. Ele disse que a morte da senhora Wiley não foi culpa minha e que eu deveria tentar pensar apenas nos pontos positivos dela, não nos negativos. Não sei quais eram os pontos positivos dela, a não ser manter a casa limpa e fazer uma manteiga de primeira. Só sei que quase fiquei sem braços de tanto esfregar o chão da cozinha dela, com aqueles nós na madeira. De qualquer forma, eu farei tudo que o seu pai disser depois disso.

Mary se mostrou uma companhia maçante nos dias seguintes, entretanto. Ela confidenciou a Una que quanto mais pensava em voltar para o orfanato, mais detestava a ideia. Una tentou a todo custo pensar em uma maneira de evitar isso, mas foi Nan Blythe que a salvou com uma sugestão inesperada.

– A senhora Elliott poderia acolher a Mary. Ela tem uma casa enorme e faz tempo que o senhor Elliott quer que ela consiga uma ajudante. Seria um ótimo lugar para a Mary. Só que ela teria que se comportar.

– Ah, Nan, acha mesmo que a senhora Elliott faria isso?

– Não custa perguntar – disse Nan. De início, Una achou que não conseguiria. Ela era tão tímida que pedir um favor a qualquer pessoa era uma agonia e também tinha muito medo da resoluta e energética senhora Elliott. Una gostava muito dela e adorava visitá-la, todavia, pedir que adotasse a Mary Vance parecia tamanha presunção que o espírito acanhado da menina se encolhia.

Quando as autoridades de Hopetown escreveram ao senhor Meredith pedindo que enviassem a Mary sem mais delongas, a menina chorou até dormir no quatinho do sótão, fazendo com que Una desenvolvesse uma coragem desesperada. No começo da noite seguinte, ela escapuliu da casa ministerial em direção à estrada do porto. Do Vale do Arco-Íris ela podia ouvir risadas felizes, mas lá não era o seu destino. Estava terrivelmente pálida e compenetrada, tanto que nem notou as pessoas que encontrou, a velha senhora Flagg ficou muito zangada e disse que Una Meredith seria tão distraída quanto o pai quando crescesse.

A senhorita Cornelia morava no meio do caminho entre Glen e Four Winds Point, em uma casa cujo verde brilhante original havia ganhado um tom

acinzentado com o passar o tempo. Marshall Elliott havia plantado árvores ao redor dela, criado um canteiro de rosas e uma cerca de abetos. Estava bem diferente do que era anos atrás. As crianças de Ingleside e da casa ministerial gostavam de ir até lá. Era um belo passeio pela velha estrada do porto e sempre havia um pote de biscoitos cheio ao final dele.

O mar enevoadado lambia com suavidade a areia da praia lá embaixo. Três barcos grandes cruzavam o porto como imensas gaivotas. Uma escuna entrava pelo canal. O mundo de Four Winds transbordava de uma cor brilhante, uma música sutil e um estranho glamour; todos deveriam estar muito contentes. Não obstante, quando Una chegou ao portão da senhorita Cornelia, suas pernas quase se recusaram a continuar.

A senhorita Cornelia estava sozinha na varanda. Una esperava que o senhor Elliott fosse estar ali. Ele era tão grande, generoso e vivaz que sua presença lhe daria o encorajamento necessário. Ela sentou-se em um banquinho que a senhorita Cornelia trouxe e tentou comer uma rosquinha que a anfitriã lhe deu. A guloseima ficou presa na garganta da menina, que tentou desesperadamente engoli-la antes que senhorita Cornelia ficasse ofendida. Ela não conseguia falar, e ainda estava lívida; seus olhos azuis-escuros pareciam tão angustiados que a senhorita Cornelia concluiu que a criança estava com algum problema.

– Qual é o problema, querida? É evidente que alguma coisa está te afligindo.

Una esforçou-se para engolir a última volta da rosquinha.

– Senhora Elliott, não gostaria de acolher a Mary Vance? – implorou.

A senhorita Cornelia a encarou por alguns instantes.

– Eu? Acolher a Mary Vance? Você quer que ela more comigo?

– Sim... Acolhê-la... Adotá-la – explicou, ansiosa, ganhando coragem depois que o gelo foi quebrado. – Oh, senhora Elliott, por favor. Ela não quer voltar para o orfanato, chora todas as noites por causa disso pois tem medo de ser mandada para outro lugar ruim. É tão esperta! Não há nada que não saiba fazer, sei que não se arrependeria se a adotasse.

– Nunca me ocorreu nada do tipo – disse a senhorita Cornelia, pega de surpresa.

– Pense com carinho nisso – implorou Una.

– Querida, não preciso de uma criada. Sou capaz de fazer todos os tipos de serviços que há por aqui. E eu nunca pensei em adotar uma menina se precisasse de ajuda.

O brilho se apagou no olhar de Una. Os lábios dela começaram a tremer, ela voltou a se sentar no banquinho e começou a chorar, um retrato patético da decepção.

– Não... Querida, não chore – exclamou a senhorita Cornelia, aflita. Ela não suportava ver uma criança chorando. – Eu não disse não, a ideia é tão nova que me pegou desprevenida. Preciso pensar melhor.

– A Mary é tão esperta – disse Una novamente.

– Ah! Foi o que ouvi dizer. Também fiquei sabendo que ela pragueja. É verdade?

– Nunca a ouvi praguejar exatamente – hesitou Una, desconfortável. – Mas temo que ela possa fazer isso.

– Eu acredito em você! Ela sempre conta a verdade?

– Creio que sim, exceto quando está com medo de apanhar.

– E ainda assim, você quer que eu a adote!

– Alguém precisa adotá-la – soluçou Una. – Alguém precisa cuidar dela, senhora Elliott.

– É verdade. Talvez seja o meu dever fazer isso – disse a senhorita Cornelia, com um suspiro. – Bem, tenho que conversar com o senhor Elliott.

Então, não diga nada ainda. Pegue mais uma rosquinha, querida.

Una pegou e a comeu com um apetite melhor.

– Gosto muito de rosquinhas – confessou. – A tia Martha nunca as faz, mas a Susan faz em Ingleside e às vezes ela nos dá um prato cheio para levarmos para o Vale do Arco-Íris. Sabe o que eu faço quando estou com desejo de rosquinhas e não posso comê-las, senhora Elliott?

– Não, querida. O quê?

– Eu pego o velho livro de receitas da mamãe e leio a receita de rosquinhas... E outras receitas. Elas parecem tão boas! Sempre faço isso quando estou com fome, especialmente quando temos a mesma coisa para o jantar. Aí eu leio as receitas de frango frito e ganso assado.

A mamãe sabia fazer todas essas coisas gostosas.

– Aquelas crianças da casa ministerial vão morrer de fome se o senhor Meredith não se casar – disse a senhorita Cornelia com indignação para o marido depois que a Una foi embora. – Ainda nunca se casa... O que vamos fazer? Será que nós devemos ficar com a Mary, Marshall?

– Sim, adote-a – disse Marshall laconicamente.

– É típico de um homem – disse a esposa, frustrada. – Você diz “Adote-a”, como se fosse tão simples e há centenas de coisas para se considerar,

acredite em mim.

– Adote-a, e depois nós as consideraremos, Cornelia – falou o marido.

A senhorita Cornelia acabou decidindo ficar com a menina e os primeiros a ficarem sabendo foram os moradores de Ingleside.

– Esplêndido! – disse Anne, encantada. – Estava torcendo para que você fizesse isso, senhorita Cornelia. Quero que aquela pobre criança tenha um bom lar. Eu já fui uma órfã desamparada como ela.

– Não acho que essa Mary seja ou será como você – respondeu a senhorita Cornelia com pesar. – Ela é bem diferente. Ainda assim, é um ser humano com uma alma imortal que precisa ser salva. Sou de poucas palavras e tenho pulso firme, e vou cumprir com o meu dever agora que a decisão está tomada, acredite em mim.

Mary recebeu a notícia com imensa satisfação.

– É melhor do que eu esperava – disse.

– Você terá que tomar cuidado com o que fala com a senhora Elliott – disse Nan.

– Bem, eu posso fazer isso – retrucou Mary. – Sei comportar-me tão bem quanto você quando quero, Nan Blythe.

– E tampouco pode praguejar, Mary – apressou-se Una em dizer.

– Creio que ela morreria se eu fizesse isso – os olhos brancos de Mary brilharam com a ideia nada angelical. – Mas não precisa se preocupar, Una. Nada vai me escapar, serei educada e gentil.

– E nada de mentiras – acrescentou Una.

– Nem mesmo para escapar de uma surra? – ponderou Mary.

– A senhora Elliott nunca te dará uma surra. Nunca! – exclamou Di.

– Não mesmo? – disse Mary, cética. – Se eu for para um lugar onde nunca apanho, estarei no Paraíso. Não contarei nenhuma mentira, fique tranquila. Não gosto de mentir, prefiro falar só a verdade, se puder.

No dia antes da Mary ir embora da casa ministerial, eles fizeram um piquenique em homenagem a ela no Vale do Arco-Íris e todos os filhos do ministro lhe deram algum de seus tesouros como recordação. Carl lhe deu sua arca de Noé, Jerry seu segundo melhor berimbau de boca, Faith lhe deu uma escova de cabelos pequena com um espelho na parte de trás, que a Mary sempre achara linda e Una ficou em dúvida entre uma bolsa velha de contas e uma ilustração de Daniel na cova dos leões, e por fim deixou que

Mary escolhesse. A menina queria muito a bolsa, mas sabia que Una a adorava, então disse:

– Eu fico com o Daniel, adoro os leões. Eu só queria que eles o tivessem devorado, teria sido mais emocionante.

Na hora de dormir, Mary convenceu Una a dormir com ela.

– Pela última vez – disse. – Está chovendo esta noite e eu odeio dormir sozinha quando chove por causa do cemitério. Em noites como essa eu só consigo ver a chuva caindo sobre as lápides velhas e o vento na janela soa como se os mortos estivessem tentando sair e chorassem por não conseguirem.

– Eu gosto de noites chuvosas – disse Una ao se aninharem no quartinho do sótão – e as garotas Blythe também.

– Essas noites não me incomodam quando não estou perto de cemitérios. Eu choraria sem parar se estivesse aqui sozinha. Sinto-me muito mal por estar deixando vocês.

– Tenho certeza de que a senhora Elliott deixará você ir brincar no Vale do Arco-Íris – disse Una. – E você vai se comportar, não é mesmo, Mary?

– Oh, eu tentarei – suspirou Mary. – Não vai ser tão fácil ser boazinha por dentro e também por fora, quanto é para você. Você não teve uma família tão desajustada como a minha.

– Eles devem ter tido algumas qualidades, e não apenas defeitos – argumentou Una. – Você deveria focar apenas nelas, e não nas coisas ruins.

– Não creio que eles tinham qualidades – disse Mary lugubrememente. – Nunca ouvi falar de nenhuma. Meu avô tinha dinheiro, mas dizem que era um sem-vergonha. Não, vou ter que aprender sozinha e fazer o melhor que puder.

– E Deus vai te ajudar se você pedir, Mary.

– Não tenho tanta certeza disso.

– Ah, Mary. Você sabe que nós pedimos a Deus que arranjasse um lar para você e Ele nos escutou.

– Não sei o que Ele tem a ver com isso – retrucou Mary. – Foi você que plantou a ideia na cabeça da senhora Elliott.

– Mas foi Deus quem a plantou no coração dela. De nada teriam adiantado meus esforços se Ele não tivesse feito isso.

– Bem, talvez seja verdade – admitiu Mary. – Saiba que não tenho nada contra Deus, Una. Estou disposta a Lhe dar uma chance. Porém,

sinceramente, acho que Ele é muito parecido com o seu pai, Ele é distraído e não repara em ninguém na maior parte do tempo, só que às vezes desperta de repente e é bondoso, gentil e sensível.

– Oh, Mary, não! – exclamou Una, horrorizada. – Deus não é nem um pouco como o papai, quero dizer, Ele é milhares de vezes melhor e mais bondoso.

– Se Ele for tão bom quanto o seu pai, já estará de bom tamanho – disse Mary. – Durante a conversa que tivemos, tive a sensação de que eu nunca mais cometeria nenhum pecado.

– Eu gostaria que você conversasse com o papai sobre Deus – suspirou Una. – Ele explicaria tudo muito melhor do que eu.

– Bem, farei isso da próxima vez que ele acordar – prometeu Mary.

– Na noite em que conversamos, ele me mostrou claramente que minhas preces não mataram a senhora Wiley. Minha consciência está tranquila desde então, porém ainda estou rezando com cautela. Creio que a oração que sempre faço antes de dormir é suficiente. Sabe, Una, eu imagino que se uma pessoa precisa mesmo rezar para alguém, que seja para o diabo. Deus já é bom, segundo o que vocês me contam, de

forma que Ele nunca faria nenhuma maldade, mas pelo que compreendi, o diabo é que precisa ser aplacado. O mais sensato seria dizer: “querido diabo, não me tente. Deixe-me em paz, por favor”. Não concorda?

– Oh, não, não, Mary. Estou segura de que não seria correto rezar para o diabo porque ele é maligno. Isso poderia irritá-lo, tornando as coisas ainda piores.

– Bem, quanto a essa questão envolvendo Deus – disse Mary, com teimosia –, já que não conseguimos chegar a uma conclusão, é melhor não tocarmos no assunto até podermos averiguar quem está certa. Até lá, farei o melhor que puder por conta própria.

– Se a mamãe estivesse viva, ela poderia nos dizer – disse Una, com um suspiro.

– Quem dera – disse Mary. – Não sei o que vai ser de vocês, quando eu for embora. De qualquer forma, tente manter a casa um pouco arrumada. É escandaloso o que as pessoas comentam. E quando menos esperarem, o seu pai se casará novamente e aí vocês estarão fritos.

Una se sobressaltou. A ideia do pai se casar novamente nunca lhe ocorrera. A menina não gostou nem um pouco, e ficou em silêncio pensando a respeito.

– Madrastas são criaturas terríveis – prosseguiu Mary. – Sei coisas sobre elas que fariam o seu sangue gelar. Os filhos do senhor Wilson, que moram de frente para a casa onde eu vivia, tinham uma madrastra. Era tão má com eles quanto a senhora Wiley era comigo. Seria horrível se vocês tivessem uma.

– Tenho certeza de que isso não acontecerá – disse Una, estremeando. – O papai não se casaria com mais ninguém.

– Creio que ele não terá escolha – disse Mary sombriamente. – Todas as velhas solteironas da região estão de olho nele. Não se pode fazer nada contra elas. E o pior é que as madrastas sempre colocam os pais contra os filhos. Ele jamais daria atenção para vocês novamente e ela o faria acreditar que vocês são todos maus.

– Gostaria que nunca tivesse dito isso, Mary – murmurou Una.

– Agora estou me sentindo muito infeliz.

– Eu só queria te alertar – disse Mary, um tanto arrependida. – Seu pai é tão avoado que talvez nunca pense em se casar de novo, mas é melhor estar preparada.

Muito tempo depois que Mary adormeceu serenamente, Una continuava acordada, com os olhos cheios de lágrimas. Oh, seria um desastre se o pai dela se casasse com alguém que o fizesse odiar Jerry, Faith, Carl e ela! Ela simplesmente não suportaria!

Mary não instilou nas crianças da casa ministerial o veneno que a senhorita Cornelia temia. Ainda assim, mesmo que com as melhores intenções, ela causara um estrago. Ela teve uma noite de sono sem sonhos, enquanto a chuva caía, o vento uivava ao redor da casa cinzenta e Una continuava insone. O reverendo John Meredith esqueceu-se completamente de ir para a cama porque estava absorto em uma biografia de Santo Agostinho. A alvorada gris já despontava quando ele terminou a leitura e foi para o quarto, lutando com problemas de dois mil anos atrás. A porta do quarto das meninas estava aberta e ele viu Faith adormecida, com o semblante róseo e formoso. Ele se perguntou onde Una estava, talvez tivesse ido passar a noite com as filhas dos Blythe. Ela fazia isso ocasionalmente, o que era algo especial para a menina. John Meredith suspirou, sabia que o paradeiro da filha não deveria ser um mistério. Cecilia teria cuidado dela melhor.

Se ao menos Cecilia estivesse ali! Como ela era bela e alegre! Como a casa ministerial em Maywater vibrava com as canções dela! Ela havia

partido abruptamente, levando consigo as risadas e as músicas e deixando o silêncio, foi tão abruptamente que ele nunca superara a sensação de assombro. Como ela, tão linda e cheia de vida, podia morrer?

John Meredith nunca havia cogitado seriamente a possibilidade de um segundo casamento. Ele amava tanto a esposa que não acreditava ser capaz de envolver-se com qualquer outra mulher. Ele tinha uma vaga noção de que em pouco tempo Faith estaria grande o bastante para assumir o lugar da mãe na casa. Até lá, ele teria que fazer o melhor possível sozinho. John Meredith suspirou e foi para o quarto, onde a cama ainda estava desarrumada. A tia Martha havia se esquecido, e Mary não se atrevera a arrumá-la porque a tia Martha a proibira de entrar no quarto do ministro. No entanto, o senhor Meredith não reparou que a cama estava do jeito que ele a deixara. Seus últimos pensamentos foram sobre o Santo Agostinho.



AS GAROTAS LIMPAM A CASA MINISTERIAL

– Essa não – disse Faith, estremeando ao sentar-se na cama. – Está chovendo. Odeio domingos chuvosos. Domingos já são chatos o suficiente quando faz sol.

– Não devemos pensar que o domingo é um dia chato – disse Una, tentando despertar, com a estranha convicção de que haviam perdido a hora.

– Mas é o que nós pensamos, sabe – disse Faith com sinceridade.

– Mary Vance diz que a maioria dos domingos é tão maçante que ela tem vontade de se enforcar.

– Devemos ter mais consideração pelos domingos do que a Mary Vance – refletiu Una com remorso. – Somos os filhos do ministro da igreja.

– Queria que fôssemos os filhos do ferreiro – protestou Faith com raiva, caçando as meias. – Aí as pessoas não esperariam que fôssemos melhores do que as outras crianças. Vejam só os furos nessas meias: Mary remendou todas antes de ir embora, mas já estão em um estado lastimável. Una, levante-se, não posso fazer o café da manhã sozinha. Ah, como eu queria que o papai e o Jerry estivessem em casa, não achei que sentiria saudades do papai, nós não o vemos muito quando está em casa. Ainda assim, tudo parece diferente. Vou correndo ver como a tia Martha está.

– Está melhor? – perguntou Una quando Faith voltou.

– Não, não está. Continua resmungando e queixando-se. Talvez devêssemos falar com o doutor Blythe, ela se recusa a vê-lo, disse que nunca precisou de um médico na vida e que não iria começar agora, acredita que os médicos vivem de envenenar as pessoas. Acha mesmo que é verdade?

– Não, é claro que não – disse Una, indignada. – Tenho certeza de que o doutor Blythe não envenenaria ninguém.

– Bem, nós teremos que esfregar as costas da tia Martha de novo depois do café. É melhor não aquecermos tanto as flanelas como ontem.

Faith riu ao se lembrar. Elas quase escaldaram as costas da pobre tia. Mary Vance saberia a temperatura exata das flanelas para aliviar o tormento. Mary sabia de tudo, elas não sabiam nada e como poderiam aprender, senão por meio de experiências infelizes como aquela à custa das costas doloridas da desafortunada tia Martha?

Na segunda-feira anterior, o senhor Meredith tinha ido para a Nova Escócia para passar férias curtas e levava Jerry consigo. Na quarta-feira, a tia fora acometida por uma misteriosa e recorrente enfermidade que ela chamava de “o tormento”, que quase sempre atacava nos momentos mais inconvenientes. Mal podia levantar-se da cama e qualquer movimento causava agonia. Recusava-se terminantemente a receber um médico. Faith e Una preparavam as refeições e cuidavam dela, não se pode dizer muito sobre a comida, exceto que não era muito pior que a da tia Martha. Muitas mulheres na vila teriam ficado felizes em ajudar, mas a tia não queria que sua condição fosse descoberta.

– Vocês terão que cuidar de tudo até que eu melhore – gemeu. – Ainda bem que John não está aqui. Há carne cozida fria e pão suficientes, e vocês podem tentar preparar o mingau.

As meninas tentaram, sem sucesso. No primeiro dia, estava muito ralo, no segundo, estava tão grosso que podia ser cortado em fatias. Em ambos, passou do ponto.

– Detesto mingau – disse Faith com uma expressão de desgosto.

– Quando eu tiver a minha casa, nunca farei mingau.

– O que os seus filhos comerão? – perguntou Una. – Crianças precisam comer mingau, do contrário não crescerão.

– Eles terão que encontrar outro jeito, ou ficar raquíticos – retrucou Faith com teimosia. – Una, venha aqui e mexa a colher por mim enquanto eu arrumo a mesa. Se parar por um instante, essa coisa horrorosa vai queimar. São nove e meia, vamos nos atrasar para a escola dominical.

– Ainda não vi ninguém passando em frente de casa – disse Una.

– Provavelmente não haverá muita gente, veja que aguaceiro. E quando não há sermão, as pessoas de longe não trazem os filhos.

– Vá chamar o Carl – disse Faith.

Carl aparentemente estava com uma dor de garganta causada por ter se molhado ao entrar no pântano do Vale do Arco-Íris na tarde anterior atrás de

libélulas. Havia chegado em casa com as meias e as botas ensopadas, e ficara até de noite sem trocá-las. Ele não conseguiu comer nada e Faith o mandou de volta para a cama. Una e ela deixaram a mesa como estava e foram para a escola dominical. Não havia ninguém na classe e ninguém mais chegou. Elas esperaram até as 11 horas e foram embora.

– Parece que também não tem ninguém na escola dominical metodista – disse Una.

– Que bom – disse Faith. – Detestaria pensar que os metodistas vão à escola dominical em um domingo chuvoso e os presbiterianos não. E hoje também não há sermão na igreja deles, então provavelmente a aula será de tarde.

Una fez um ótimo trabalho ao lavar os pratos, tendo aprendido com a Mary Vance. Faith varreu o chão sem muito afinco e descascou as batatas para o jantar, cortando o dedo no processo.

– Gostaria de ter alguma coisa para o jantar além da mesma coisa – suspirou Una. – Não aguento mais isso! Os filhos dos Blythe não sabem o que é isso e nós nunca comemos pudim. A Nan diz que a Susan desmaiaria se não tivesse pudim no domingo. Por que não somos iguais às outras pessoas, Faith?

– Não quero ser como as outras pessoas – riu Faith, enrolando o dedo machucado. – Gosto de ser eu mesma, é mais interessante. Jessie Drew cuida da casa tão bem quando a mãe, mas você gostaria de ser estúpida como ela?

– Só que a nossa casa não é como deveria ser. Foi o que disse a Mary Vance. Segundo ela, as pessoas comentam que é muito desarrumada.

Faith teve uma inspiração.

– Então nós a limparemos! Começaremos amanhã. É uma ótima oportunidade, já que a tia Martha está acamada e não poderá interferir.

Deixaremos tudo limpo e impecável para quando o papai chegar, do jeito que a Mary a deixou antes de ir embora. Qualquer um pode limpar, tirar o pó e lavar as janelas. As pessoas não terão mais motivos para falar de nós. O Jem Blythe disse que são só as velhotas, mas as fofocas delas machucam como se todo mundo falasse de nós.

– Espero que faça sol amanhã – disse Una, entusiasmada. – Ah, Faith, vai ser esplêndido ter uma casa limpa como as outras pessoas.

– Espero que o tormento da tia Martha dure até amanhã – disse Faith. – Ou não conseguiremos fazer nada.

O desejo singelo de Faith foi atendido. No dia seguinte, a tia Martha ainda não conseguia ficar de pé. Carl também continuava mal e concordou em ficar na cama. Faith e Una não faziam ideia de quão doente o menino realmente estava. Uma mãe zelosa teria chamado um médico prontamente, só que ali não havia nenhuma mãe e o pobrezinho do Carl, com a garganta dolorida, a cabeça ardendo e as bochechas vermelhas, enrolou-se nas cobertas e sofreu sozinho, confortado pela companhia de um pequeno lagarto verde no bolso do pijama surrado.

O mundo estava banhado pelos raios de sol após a chuva. Era um dia perfeito para uma faxina na casa e Faith e Una puseram as mãos à obra com alegria.

– Limparemos a sala de jantar e a de estar – disse Faith. – É melhor não nos intrometermos no escritório, e o andar de cima não tem importância. A primeira coisa que temos que fazer é colocar tudo lá fora.

E assim, tudo foi retirado. A mobília foi levada para a varanda e o gramado, e a cerca do cemitério metodista ficou lindamente decorada com os tapetes. Una então começou a varrer impetuosamente, enquanto Faith lavava as janelas da sala de estar, quebrando um dos vidros e rachando dois no processo. Una avaliou o resultado duvidoso.

– Por algum motivo, não parece certo – disse. – As janelas da senhora Elliott e da Susan brilham e reluzem.

– Não tem problema. Elas deixam a luz do sol entrar do mesmo jeito – disse Faith, contente. – Elas só podem estar limpas depois de todo o sabão e água que eu usei, e é isso que importa. Agora são onze e meia, eu vou secar toda essa água no chão e nós iremos lá para fora. Você tira o pó da mobília e eu chacoalho os tapetes. Farei isso no cemitério, não quero que a sujeira vá para o jardim.

Faith adorou limpar os tapetes. Subir no túmulo do Hezekiah Pollock e bater e chacoalhar os tapetes foi muito divertido. Ainda que o ancião Abraham Clow e a esposa a tenham encarado com desaprovação ao passarem de charrete.

– Não é um espetáculo horrível? – disse Abraham Clow solenemente.

– Eu não teria acreditado se não tivesse visto com os meus próprios olhos – disse a esposa, ainda mais solenemente.

Faith agitou um capacho cheia de alegria para eles, ela não se preocupou com o fato do casal não ter retribuído o aceno. Todos sabiam que o ancião Abraham nunca mais foi visto sorrindo depois de ter sido nomeado

superintendente da escola dominical, catorze anos atrás. Contudo, ela ficou chateada por Minnie e Adella Clow não a terem cumprimentado de volta.

Faith gostava das duas. Junto com os Blythe, Minnie e Adella eram suas melhores amigas na escola e ela sempre ajudava Adella com as somas. Quanta gratidão! As amigas a ignoraram só porque ela estava chacoalhando tapetes em um cemitério velho onde, como a Mary Vance dizia, nenhuma alma viva era enterrada há anos. Faith foi à varanda, onde encontrou Una muito desanimada porque as filhas dos Clow tampouco acenaram para ela.

– Acho que estavam irritadas com alguma coisa – disse Faith.

– Talvez estivessem com inveja porque nós brincamos muito com os Blythe no Vale do Arco-Íris. Bem, espere até as aulas recomeçarem e Adella me pedir que eu lhe mostre como se faz as somas! Aí estaremos quites. Venha, vamos colocar as coisas no lugar. Estou exausta e não acho que os cômodos ficarão muito melhores do que antes, por mais que eu tenha tirado muita poeira no cemitério. Eu detesto limpar a casa.

Já passava das duas horas quando as garotas terminaram a faxina dos cômodos. Comeram qualquer coisa na cozinha e decidiram limpar os pratos. Porém, Faith acabou encontrando um novo livro de histórias que a Di Blythe havia lhe emprestado e esqueceu-se do mundo até o entardecer. Una levou uma xícara de chá requentado para Carl, mas o encontrou dormindo, então, ela aconchegou-se na cama do Jerry e também adormeceu. Enquanto isso, uma história esquisita circulava por Glen St. Mary, fazendo com que os moradores perguntassem seriamente uns para os outros o que seria das filhas do ministro.

– Isso não é motivo para piadas, acredite em mim – disse a senhorita Cornelia para o marido, com um suspiro exasperado. – Mal pude acreditar. Miranda Drew ouviu a história na escola dominical metodista esta tarde e eu simplesmente a ignorei. Entretanto, a senhora Abraham disse que ela e o marido viram com os próprios olhos.

– Viram o quê? – perguntou Marshall.

– Faith e Una Meredith não foram à escola dominical esta manhã e limparam a casa – disse a senhorita Cornelia, beirando o desespero.
– Quando o ancião Abraham voltava da igreja, depois de ter ficado um tempo a mais para arrumar os livros da biblioteca, ele as viu sacudindo os tapetes no cemitério metodista. Nunca mais terei coragem de olhar nos olhos de um metodista. Imagine o escândalo!

E foi mesmo um escândalo, que foi ficando cada vez pior à medida que espalhava, até que o povo do outro lado do porto ouviu dizer que as crianças da casa ministerial não só limpavam a casa e lavaram as roupas em um domingo, como também fizeram um piquenique à tarde no cemitério durante a escola dominical dos metodistas. A única família que permaneceu inocentemente alheia à terrível fofoca foi a do próprio ministro, pois no dia que Faith e Una acreditavam piamente ser terça-feira

choveu de novo, assim como nos três dias seguintes. Ninguém foi à casa ministerial e os moradores de lá não foram a lugar algum, as crianças cruzavam o enevoadado Vale do Arco-Íris até Ingleside, mas toda a família Blythe, com exceção de Susan e do doutor, tinham ido

visitar Avonlea.

– Este é o nosso último pão e a mesma coisa já acabou – disse Faith. – Se a tia Martha não melhorar logo, o que faremos?

– Nós podemos comprar pão na vila, e ainda temos o bacalhau que a Mary secou – disse Una. – O problema é que nós não sabemos como cozinhá-lo.

– Ah, é fácil – riu Faith. – É só ferver.

E foi o que fizeram, só que como elas não o deixaram de molho de antemão, ficou salgado demais. Eles ficaram com muita fome naquela noite e no dia seguinte, todavia, os problemas deles acabaram. O sol voltou para o mundo, Carl melhorou e o tormento da tia Martha desapareceu tão repentinamente quanto havia começado, o açougueiro visitou a casa ministerial e afugentou a fome. Para fechar com chave de ouro, os Blythe voltaram para casa e naquela tarde eles, os filhos dos Meredith e a Mary Vance se divertiram mais uma vez no Vale do Arco-Íris, onde as margaridas pareciam flutuar sobre a grama como espíritos do orvalho e os sinos das Árvores Enamoradas tocavam magicamente no crepúsculo perfumado.



UMA DESCOBERTA TERRÍVEL

– Bem, agora vocês conseguiram – foi a saudação de Mary ao juntar-se a eles no Vale. A senhorita Cornelia estava em Ingleside, mantendo um conclave tenso com Anne e Susan, e Mary esperava que a conversa fosse longa, já que fazia duas semanas desde a última vez que ela teve permissão de brincar com os colegas no querido Vale do Arco-Íris.

– Conseguimos o quê? – perguntaram todos menos Walter, que sonhava acordado, como de costume.

– Eu me refiro aos filhos do ministro – disse Mary. – Foi um absurdo o que vocês fizeram. Eu não teria feito isso por nada no mundo e isso que eu não fui educada em uma casa ministerial, eu não fui educada em lugar nenhum.

– O que foi que nós fizemos? – perguntou Faith, preocupada.

– O que fizeram? E ainda perguntam! É pavoroso como as pessoas fofocam. Creio que isso arruinará a reputação do pai de vocês na congregação. Ele jamais conseguirá restaurá-la, pobre homem! Todos estão culpando-o e não é justo. Se bem que nada é justo nesse mundo. Vocês deveriam se envergonhar.

– O que nós fizemos? – perguntou Una mais uma vez, desesperada. Faith não disse nada e seus olhos de um castanho dourado fulminavam Mary.

– Oh, não se façam de inocentes – disse Mary secamente. – Todo mundo sabe o que vocês fizeram.

– Eu não – interveio Jem, indignado. – É melhor você não fazer a Una chorar, Mary Vance. Do que você está falando?

– Suponho que vocês não saibam, uma vez que acabaram de voltar de viagem – disse Mary, diminuindo o tom consideravelmente. Jem sempre conseguia controlá-la. – O resto do vilarejo sabe, acreditem em mim.

– Sabe o quê?

– Que Faith e Una cabularam a escola dominical semana passada e limparam a casa.

– Não é verdade – responderam veementemente Faith e Una.

Mary as encarou com altivez.

– Não pensei que vocês iriam negar, depois de terem me dado uma bronca por mentir. De que adianta negar? Todos sabem que é verdade. O ancião Clow e a esposa testemunharam. Estão dizendo que isso destruirá a igreja, mas isso já é um exagero. Vocês são pessoas boas.

Nan Blythe levantou-se e abraçou as perplexas Faith e Una.

– Elas foram boas o suficiente para acolher, alimentar e dar roupas para você quando estava passando fome no celeiro do senhor Taylor, Mary Vance

– disse. – Você deveria ser grata.

– Eu sou grata – retrucou Mary. – Você saberia se tivesse me ouvido defendendo o senhor Meredith a todo custo. Eu dei um nó na língua de tanto falar bem dele esta semana. Repeti e repeti que não é culpa dele, as filhas terem limpado a casa no domingo. Ele estava fora e elas sabiam que não deveriam ter feito isso.

– Mas não é verdade – protestou Una. – Nós limpamos a casa na segunda.

Não é mesmo, Faith?

– Claro que sim – disse Faith, com os olhos faiscando. – Nós fomos à escola dominical, apesar da chuva, e não havia ninguém, nem mesmo o ancião Abraham, apesar de todo o papo sobre cristãos.

– Foi sábado que choveu – disse Mary. – Domingo foi um dia lindo, eu não fui à escola dominical porque estava com dor de dente, mas todos os outros foram e viram as suas coisas no gramado. E o senhor Abraham e a esposa viram vocês chacoalhando os tapetes no cemitério.

Una sentou-se em meio às margaridas e começou a chorar.

– Olha, isso precisa ser esclarecido – disse Jem, resoluta. – Alguém cometeu um erro. Não choveu no domingo, Faith. Como você confundiu o sábado com o domingo?

– A reunião da igreja foi na quinta-feira à noite – exclamou Faith –, e o Adam caiu na panela de sopa na sexta quando o gato da tia Martha o perseguiu, o que arruinou o jantar, e no sábado apareceu uma cobra no celeiro que o Carl recolheu com uma forquilha e levou para fora, e no domingo choveu. Ora essa!

– A reunião foi na quarta-feira – disse Mary. – O ancião Abraham não podia realizá-la na quinta e por isso foi mudada para a quarta. Você está um dia adiantada, Faith Meredith, e vocês trabalharam no domingo.

De repente, Faith gargalhou.

– Pelo visto, sim. Que piada!

– Não é uma piada para o seu pai – disse Mary com seriedade.

– Vai ficar tudo bem quando as pessoas descobrirem que foi um engano – disse Faith, sem se preocupar. – Nós explicaremos tudo.

– Você pode se explicar até ficar sem ar – disse Mary –, só que uma mentira como essa viaja muito mais depressa do que você jamais conseguiria. Eu conheço mais do mundo do que você imagina. Além disso, muitas pessoas não vão acreditar que foi um engano.

– Elas acreditarão quando eu explicar tudo – disse Faith.

– Não dá para explicar para todo mundo – disse Mary. – Não, eu acho que você desgraçou o seu pai.

A noite de Una foi arruinada por conta daquela reflexão sombria, no entanto, Faith recusou-se a se deixar abater. Ela havia bolado um plano que iria resolver tudo. Assim, ela deixou o passado e seus erros para trás e tratou de desfrutar o presente. Jem foi pescar e Walter saiu de seus devaneios para descrever os bosques do céu. Mary aguçou os ouvidos e ouviu respeitosamente. Apesar do receio do menino, ela adorava a maneira como ele “falava como nos livros”. Sempre lhe dava uma sensação gostosa. Walter estivera lendo Coleridge¹⁰ naquele dia e imaginou um céu onde:

Havia jardins reluzentes com riachos sinuosos

Onde floresciam inúmeras árvores perfumadas

E florestas tão ancestrais quanto as colinas

Em meio a clareiras relvadas e ensolaradas.

– Não sabia que existiam florestas no céu – disse Mary, respirando fundo.
– Achei que só existiam ruas, e ruas, e mais ruas.

– É óbvio que há florestas – disse Nan. – A mamãe e eu não conseguimos viver sem árvores, então de que adiantaria ir para o céu se não existisse nenhuma árvore?

– Há cidades, também – disse o jovem sonhador –, cidades esplêndidas, coloridas como o ocaso, com torres safiras e cúpulas irisadas. São feitas de ouro e diamante... Ruas inteiras de diamantes, ofuscantes como o sol. Nas praças há fontes de cristal beijadas pela luz e o asfódelo floresce por todas as partes. É a flor do céu.

– Fantástico – disse Mary. – Vi a rua principal de Charlottetown uma vez e fiquei impressionada, mas suponho que não seja nada em comparação com o céu. Bem, a maneira como você conta faz tudo parecer maravilhoso, porém, não soa um pouco chato, também?

– Ah, acho que poderemos nos divertir um pouco quando os anjos não estiverem olhando – disse Faith tranquilamente.

– O céu é cheio de diversão – declarou Di.

– Não é o que diz a Bíblia – exclamou Mary, que vinha lendo tanto o Livro Sagrado nas tardes de domingo sob o olhar atento da senhorita Cornelia que agora se considerava uma autoridade no assunto.

– A mamãe diz que a linguagem da Bíblia é figurativa – explicou Nan.

– Isso quer dizer que ela não é correta? – perguntou Mary, esperançosa.

– Não... Não exatamente... Acho que quer dizer que o céu será do jeitinho que você gostaria que fosse.

– Gostaria que fosse igualzinho ao Vale do Arco-Íris – disse Mary –, com todos vocês para conversar e brincar, isso seria bom o suficiente para mim. De qualquer forma, só iremos para o céu depois que morrermos, ou talvez nem assim, então por que se preocupar? Aí vem o Jem com um monte de trutas e é a minha vez de fritá-las.

– Nós deveríamos saber mais sobre o céu do que o Walter, já que somos filhos do ministro da igreja – disse Una, enquanto voltavam para casa naquela noite.

– Nós sabemos tanto quanto, só que o Walter consegue imaginar

– disse Faith. – A senhora Elliott disse que ele puxou isso da mãe.

– Gostaria que não tivéssemos confundido o dia de domingo – suspirou Una.

– Não se preocupe. Pensei em um plano ótimo para nos explicarmos para todo mundo. Espere até amanhã à noite.

S. T. Coleridge (1772-1834), poeta inglês. (N. T.)



UMA EXPLICAÇÃO E UM DESAFIO

O reverendo doutor Cooper pregou em Glen St. Mary na noite seguinte, e a igreja presbiteriana ficou lotada de pessoas de todos os lugares. O reverendo doutor era notório por ser eloquente e, tendo em mente o velho ditado de que um ministro deve usar as melhores roupas na cidade e os melhores sermões no interior, ele fez um discurso muito erudito e impressionante. Entretanto, quando o povo foi embora naquela noite, não era sobre o sermão do doutor Cooper que todos comentavam. Eles haviam se esquecido completamente dele.

O doutor Cooper concluiu com um apelo fervoroso, limpou a perspiração da testa, disse o seu famoso “oremos”. Houve então uma pausa breve, a igreja de Glen St. Mary ainda seguia o antigo costume de fazer a coleta após o sermão ao invés de antes, principalmente porque os metodistas haviam adotado a nova moda primeiro e a senhorita Cornelia e o ancião Clow se recusariam a seguir o exemplo deles. Charles Baxter e Thomas Douglas, que tinham a tarefa de passar os pratos da coleta, estavam prestes a ficarem de pé. O organista sacou a partitura do hino e o coral limpou a garganta. De repente, Faith Meredith levantou-se, caminhou até o púlpito e virou-se para a congregação espantada.

A senhorita Cornelia levantou-se e voltou a se sentar. O banco dela ficava no fundo, então ocorreu-lhe que independentemente do que Faith tivesse a intenção de dizer ou fazer, ela não conseguiria chegar lá a tempo de detê-la.

Não havia motivo para tornar a cena ainda pior. Com um olhar angustiado para a senhora Blythe e outro para o diácono Warren da igreja metodista, ela resignou-se com mais um escândalo.

– Se ao menos a criança estivesse bem vestida – resmungou a senhorita Cornelia mentalmente.

Faith, tendo manchado o melhor vestido de tinta, havia posto um vestido rosa velho e desbotado. Havia um rasgo na saia que fora remendado com uma linha escarlata e a bainha estava por fazer, deixando à mostra uma faixa rosa que não desbotara, porém as roupas eram a última preocupação de Faith. De repente, ela ficou nervosa, pois o que havia parecido fácil em sua imaginação era bem difícil na realidade. Confrontada por todos aqueles olhos questionadores, a coragem de Faith quase falhou. As luzes eram tão fortes e o silêncio esmagador. Ela achava que não conseguiria falar, porém era necessário, precisava limpar a reputação do pai, só que as palavras não queriam sair.

O rostinho puro e alvo como uma pérola de Una a contemplava cheio de adoração do banco da casa ministerial. Os filhos dos Blythe estavam hipnotizados. Nos fundos, embaixo da galeria, Faith viu o sorriso doce e gracioso da senhorita Rosemary West e a expressão divertida da senhorita Ellen. Todavia, nada disso ajudou, foi Bertie Shakespeare Drew quem a salvou. Sentado no banco da frente da galeria, o menino fez uma careta para Faith, que prontamente a devolveu na mesma moeda. Graças à raiva incitada pela careta de Bertie Shakespeare, ela se esqueceu do medo do público. Faith recobrou a voz e falou com clareza e bravura.

– Quero explicar uma coisa e quero fazer isso agora para que todos que escutaram as histórias possam me ouvir. As pessoas estão dizendo que Una e eu ficamos em casa no domingo passado e limpamos a casa ao invés de ir à escola dominical. Bem, nós ficamos mesmo, mas não foi a nossa intenção. Nós confundimos os dias da semana. Foi tudo culpa do ancião Baxter (comoção no banco da família Baxter) porque ele trocou o dia da reunião, e aí nós pensamos que a quinta-feira era sexta-feira e por aí vai, até acharmos que sábado era domingo. O Carl e a tia Martha estavam de cama e por isso não puderam nos avisar. Fomos à escola dominical debaixo daquela chuva no sábado e não encontramos ninguém lá, então resolvemos limpar a casa na segunda para que as pessoas parassem de comentar como a casa ministerial é suja (comoção geral na igreja). Eu sacudi os tapetes no cemitério metodista porque era um lugar muito conveniente e não porque pretendia desrespeitar os mortos. Não foram as pessoas mortas que fizeram um escândalo por causa disso e sim as vivas. E nenhum de vocês deveria culpar o meu pai porque ele estava viajando e não sabia de nada. Enfim, nós

pensamos que fosse segunda. Ele é simplesmente o melhor pai que já existiu nesse mundo e nós o amamos de todo coração.

A coragem de Faith esvaiu-se com um soluço. Ela desceu do púlpito e saiu correndo da igreja pela porta lateral. A noite estrelada e amistosa de verão a confortou e a dor desapareceu de seus olhos e da garganta. Ela estava muito contente, pois conseguira se explicar, agora todo mundo sabia que a culpa não era do pai deles e que a Una e ela não eram tão perversas a ponto de limpar a casa em um domingo.

As pessoas se entreolhavam envergonhadas dentro da igreja, até que Thomas Douglas levantou-se e caminhou pelo corredor com uma expressão determinada. O dever dele era claro: coletar as doações mesmo que o céu estivesse despencando. E o cumpriu, o coro cantou o hino com a convicção desoladora de que estavam fora do tom. O doutor Cooper concluiu e deu a benção final com muito menos fervor do que de costume. O reverendo tinha senso de humor e a performance de Faith o divertira. Além disso, John Meredith era bem conhecido nos círculos presbiterianos.

O senhor Meredith retornou para casa na tarde seguinte, mas antes de sua chegada, Faith conseguiu escandalizar Glen St. Mary mais uma vez. Devido à intensidade e a tensão de domingo, ela estava especialmente carregada do que a senhorita Cornelia chamou de uma “força diabólica” na segunda-feira, o que a levou a desafiar Walter Blythe a correr pela rua principal montado em um porco, enquanto ela montava outro. Os porcos em questão eram dois animais altos e delgados, supostamente do pai do Bertie Shakespeare, que vinham rondando a estrada da casa ministerial nas últimas semanas. Walter não queria andar por Glen St. Mary em um porco, todavia qualquer desafio proposto por Faith deveria ser aceito. Eles desceram a colina e atravessaram o vilarejo, Faith curvada sobre a montaria aterrorizada às gargalhadas, Walter vermelho de vergonha. Eles passaram pelo próprio ministro, que chegava em casa da estação, menos sonhador e distraído do que o usual (devido a uma conversa que tivera com a senhorita Cornelia, que sempre conseguia desertá-lo temporariamente), ele reparou nos dois e pensou que deveria mesmo ter uma conversa com Faith e explicar que tal conduta não era adequada. Também passaram pela senhora Alec Davis, que gritou horrorizada e passaram pela senhorita Rosemary West, que riu e suspirou. Finalmente, antes que os porcos se enfiassem no quintal de Bertie Shakespeare Drew, de onde nunca mais saíam tamanho o trauma que

sofreram, Faith e Walter pularam de suas costas, no instante em que o doutor e a senhora Blythe passavam por ali.

– Então é essa a educação que você dá para os seus filhos – brincou Gilbert, fingindo seriedade.

– Talvez eu os mime um pouco – disse Anne contritamente. – Ah, Gilbert, quando penso na minha própria infância antes de ir para Green Gables, não tenho coragem de ser severa. Como eu era carente de amor e diversão! Eu era um burro de carga que nunca tinha a chance de brincar! Eles se divertem tanto com as crianças da casa ministerial.

– E quanto aos pobres porcos? – perguntou Gilbert.

Anne tentou ficar séria e falhou.

– Acha mesmo que eles se feriram? Imagino que nada possa machucar aqueles bichos. Eles foram uma praga para a vizinhança este verão e os Drew não fizeram nada. Enfim, vou falar com o Walter, isso se eu não começar a rir.

A senhorita Cornelia foi até Ingleside naquela noite para desabafar sobre a noite de domingo. Para a sua surpresa, ela descobriu que Anne não via o feito de Faith da mesma forma que ela.

– Havia algo de corajoso e patético na atitude dela de levantar-se diante da igreja apinhada de gente e confessar – disse. – Dava para ver que a menina estava apavorada, mesmo assim, estava determinada a salvar a reputação do pai. Foi admirável.

– Ah, é claro, a pobre criança teve boas intenções – suspirou a senhorita Cornelia –, só que ela não foi prudente, e causou mais bafafá do que a própria faxina da casa no domingo. As pessoas já estavam parando de falar sobre aquilo e isso colocou mais lenha na fogueira. Rosemary West é como você: na saída da igreja, ela disse que aquele foi um ato de valentia de Faith, mas que também ficou com pena dela. A senhorita Ellen achou tudo uma grande piada e que não se divertia tanto em uma igreja há anos. É claro que elas não se importam, pois são episcopais. Já os presbiterianos, sim. E havia muita gente do hotel, e um monte de metodistas. A senhora Leander Crawford até chorou, de tão mal que se sentiu. E a senhora Alec Davis disse que aquela malcriada tinha que apanhar.

– A senhora Leander Crawford sempre chora na igreja – disse Susan com desdém. – Ela chora por tudo que o ministro diz. Apesar disso, raramente vemos o nome dela em uma lista de doações, querida senhora. Lágrimas são mais baratas. Um dia ela me disse que a tia Martha era uma dona de casa

desleixada e eu tive vontade de dizer, “todo mundo sabe que você foi vista preparando bolos na tina de lavar pratos, senhora Leander Crawford!”. Todavia não falei nada, querida senhora, pois tenho muito respeito próprio para discutir com alguém do nível dela.

E eu poderia falar coisas ainda piores dela se fosse uma pessoa de fofocar. E quanto à senhora Alec Davis, se ela tivesse dito isso para mim, sabe o que eu teria falado? “Tenho certeza que você adoraria dar umas palmadas na Faith, senhora Davis, só que você não terá a chance de bater na filha de um ministro da igreja nem neste mundo e nem no que está por vir”.

– Se ao menos a pobre Faith estivesse vestida decentemente – lamentou a senhorita Cornelia de novo –, não teria sido tão ruim. Só que aquele vestido era vergonhoso para subir ao púlpito.

– Pelo menos estava limpo, querida senhora – disse Susan. – Eles são crianças limpas. Podem até ser muito arteiros e imprudentes, e isso não vou negar, mas eles nunca esquecem de lavar atrás das orelhas.

– E pensar que Faith esqueceu que dia era domingo – persistiu a senhorita Cornelia. – Ela vai ser tão descuidada quanto o pai, acredite em mim. Suponho que Carl não teria cometido esse engano se não estivesse doente.

Não sei o que ele teve, é muito provável que tenha comido aqueles mirtilos que crescem no cemitério. Se eu fosse metodista, tentaria manter o meu cemitério limpo, pelo menos.

– Sou da opinião de que Carl comeu aquelas ervas daninhas que crescem no muro – disse Susan, esperançosa. – Não creio que o filho de nenhum ministro comeria frutas que crescem em túmulos. Não seria tão ruim comer as ervas azedas que crescem no muro, querida senhora.

– A pior parte da performance de ontem à noite foi a careta que a Faith fez para alguém na congregação antes de começar – disse a senhorita Cornelia. – O ancião Clow declarou que foi para ele. E você ouviu que ela foi vista montada em um porco hoje?

– Eu a vi. Walter estava com ela e eu lhe dei um sermão breve, muito breve, em casa. Ele não disse muita coisa, deu a entender que a ideia foi dele e não da Faith.

– Não acredito nisso – exclamou Susan, erguendo os braços. – É típico do Walter levar a culpa por alguém. E você sabe tão bem quanto eu, querida senhora, que aquela criança abençoada jamais teria pensado em montar um porco, mesmo sendo um poeta.

– Ah, não há dúvidas de que isso foi invenção da mente de Faith Meredith – disse a senhorita Cornelia. – E digo que aqueles porcos velhos do Amos Drew finalmente tiveram o que mereciam. Agora, a filha de um ministro!

– E o filho do doutor! – disse Anne, imitando o tom da senhorita Cornelia.

Ela então riu. – Minha querida, eles são apenas crianças e você sabe que eles nunca fizeram nada de mal. São apenas imprudentes e impulsivos, assim como eu também já fui. Eles vão crescer e se tornar mais sérios, assim como eu me tornei.

A senhorita Cornelia também riu.

– Há momentos, querida Anne, em que eu acho que a sua seriedade é como uma peça de vestimenta e que na realidade você está louca de vontade de fazer algo louco e pueril novamente. Bem, sinto-me aliviada. Por algum motivo, conversar com vocês sempre tem esse efeito em mim. É o oposto de quando visito a Barbara Samson. Ela me faz sentir que tudo está mal e que sempre estará. Se bem que passar a vida inteira ao lado de um homem como o Joe Samson não deve ser muito animador.

– É estranho pensar que ela se casou com o Joe Samson depois de todas as chances que teve – comentou Susan. – Ela teve muitos pretendentes quando era moça e costumava se gabar para mim de ter vinte e um paqueras e o senhor Pethick.

– Quem era o senhor Pethick?

– Bem, era uma espécie de companhia permanente, querida senhora, mas não era exatamente um paquera. Ele não tinha nenhuma intenção real, na verdade. Vinte e um pretendentes e eu nunca tive sequer um! Só que depois de muito escolher, ela ficou com a pior opção. Por outro lado, dizem que o marido faz biscoitos de fermento melhor do que ela, e que é ele que sempre os prepara quando recebem visitas.

– O que me faz lembrar que terei visitas para o chá amanhã e, por isso, preciso preparar o pão – disse a senhorita Cornelia. – A Mary disse que podia prepará-lo, e disso não tenho dúvidas. Porém enquanto estiver viva e puder fazê-lo, eu amassarei o meu próprio pão, acredite em mim.

– Como vai a Mary? – perguntou Anne.

– Não tenho do que reclamar – disse a senhorita Cornelia, com um ar melancólico. – Não está mais só pele e osso, é asseada e respeitosa, embora ainda seja um mistério para mim. Ela é uma garotinha astuta. Se vocês tentassem estudá-la por mil anos, não compreenderiam a profundidade da

mente dela, acreditem em mim! E eu nunca vi alguém tão esforçada, não há tarefa que não possa realizar. A senhora Wiley pode ter sido cruel com ela, só que ninguém pode dizer que a menina não é boa no que faz, é uma trabalhadora nata. Às vezes eu me pergunto o que se cansa primeiro, as pernas ou a língua dela. Agora não tenho mais tarefas suficientes para evitar a ociosidade. Ficarei muito contente quando as aulas voltarem porque então eu terei o que fazer. Mary não quer ir à escola, mas eu bati o pé e disse que ela precisa ir. Não permitirei que os metodistas digam que eu a impedi de ir à escola enquanto eu me refestelava no ócio.



A CASA NA COLINA

Havia um pequeno riacho gélido e cristalino que nunca deixava de correr em certa baixada oculta pelas bétulas do Vale do Arco-Íris, no extremo inferior próximo ao pântano. Poucas pessoas sabiam de sua existência. As crianças de Ingleside e da casa ministerial sabiam, é claro, uma vez que conheciam cada canto do vale mágico. Ocasionalmente iam até lá para matar a sede e em muitas de suas brincadeiras ele figurava como a fonte de alguma história antiga. Anne o conhecia e adorava porque, de certo modo, ele a remetia à adorada Bolha da Dríade em Green Gables. Rosemary West também o conhecia, era também a sua fonte de velhos contos. Dezoito anos atrás, ela sentou-se ali em um entardecer e ouviu o jovem Martin Crawford balbuciar a confissão de um amor febril e juvenil. Ela também sussurrou uma confissão e os dois se beijaram e fizeram promessas junto ao riacho. Os dois nunca mais voltaram ali, poucos depois, Martin zarpou rumo ao seu destino fatal. Para Rosemary West, aquele continuou sendo um local sagrado, santificado pela juventude imortal e pelo amor. Sempre que passava ali por perto, ela travava uma batalha secreta com um sonho antigo, um sonho cuja dor há muito havia se dissipado, deixando apenas uma doçura inesquecível.

O riacho era um segredo. Era possível passar a três metros de distância sem suspeitar da existência dele. Duas gerações atrás, um imenso pinheiro havia caído quase sobre ele. Nada sobrara da grande árvore além do tronco, do qual brotavam samambaias viçosas, criando um telhado verde e uma cortina de renda para a água corrente. Um bordo crescia bem ao lado com um tronco curiosamente retorcido e nodoso, que rastejava pelo chão antes de elevar-se, formando um belo lugar para se sentar e em setembro surgia uma faixa de ásteres de um azul pálido e esfumado ao redor da baixada.

John Meredith, ao pegar um atalho pelo Vale do Arco-Íris enquanto voltava para casa de suas visitas pastorais por Harbour Head, parou para

tomar um pouco de água. Walter Blythe havia lhe mostrado o riacho poucos dias antes, ocasião em que os dois tiveram uma longa conversa sobre o tronco do bordo. John Meredith, por baixo de toda a timidez e aparente indiferença, tinha o coração de um garoto. Ele era chamado de Jack quando pequeno, e ninguém em Glen St. Mary acreditaria nisso. Walter e ele simpatizaram um com o outro e conversaram sem reservas. O senhor Meredith encontrara o caminho para alas sagradas e seladas da alma do menino que nem mesmo Di sabia da existência. Eles se tornaram amigos depois daquele papo amigável e Walter nunca mais teve medo do ministro.

– Nunca imaginei que fosse possível ser amigo de um ministro – disse ele para a mãe naquela noite.

John Meredith bebeu nas mãos brancas e magras, cuja força sempre surpreendia aqueles que não as conheciam, e sentou-se no banco formado pelo tronco do bordo. Ele não estava com pressa para ir embora, aquele era um belo lugar e ele estava mentalmente cansado depois de uma ronda de conversas desestimulantes com muitas pessoas boas e estúpidas. A lua surgia. Somente aquele ponto do Vale do Arco-Íris era atravessado pelo vento e vigiado pelas estrelas, e do extremo mais longínquo vinha o som alegre das risadas e das vozes das crianças.

A beleza etérea dos ásteres sob o luar, o cintilar das águas, o murmúrio do riacho e a graça das samambaias agitando-se ao vento criavam uma atmosfera mágica ao redor de John Meredith. Ele se esqueceu das preocupações e dos problemas espirituais, os anos retrocederam, levando-o de volta à época em que fora um jovem estudante de teologia e as rosas de junho, vermelhas e perfumadas, adornavam regimento os cabelos negros de sua Cecília. Sentado ali, ele sonhou como um garoto. E foi nesse momento propício que Rosemary West afastou-se da trilha lateral e parou ao lado dele naquele lugar perigoso e hipnótico. John Meredith levantou-se quando a viu, quando realmente a viu pela primeira vez.

Ele já a avistara uma ou duas vezes e apertara a mão dela distraidamente como fazia com todo mundo que encontrava pelo corredor da igreja. Ele nunca a encontrara em nenhum outro lugar porque a família West era episcopal e frequentava a igreja em Lowbridge e porque nunca tivera a oportunidade de visitá-la. Antes daquela noite, se alguém tivesse perguntado para John Meredith como era a Rosemary West, ele não teria a mínima ideia, mas ele jamais iria se esquecer da aparência dela naquele momento, surgindo

em meio à doce magia
do luar sob o riacho.

Não se parecia nem um pouco com a Cecília, que sempre fora o seu ideal de beleza feminina. Cecília era pequena, morena e vivaz, enquanto Rosemary West era alta, loira e plácida. Mesmo assim, John Meredith pensou que nunca tinha visto uma mulher tão linda.

Sem chapéu, seus cabelos dourados “da cor de balas de caramelo”, como havia dito Di Blythe, estavam presos em rolinhos apertados, tinha olhos azuis grandes e tranquilos que sempre pareciam amigáveis, uma testa alva e alta e um rosto delicado.

Rosemary West era o que todos consideravam uma “mulher doce”. Tão doce que nem mesmo sua postura altiva e aristocrática nunca lhe rendera a reputação de “arrogante”, o que inevitavelmente teria acontecido com qualquer outra pessoa em Glen St. Mary. A vida a ensinara a ser corajosa, paciente, amorosa e tolerante. Ela havia assistido o navio de seu grande amor partir do porto de Four Winds em direção ao horizonte. Todavia, por mais longa que tivesse sido sua vigília, ela jamais o viu regressar. Ainda que a espera tivesse acabado com a jovialidade de seu olhar, ela havia conservado a juventude admiravelmente. Talvez porque Rosemary ainda encarasse a vida com um fascínio otimista que muitos de nós abandonamos na infância, atitude que não só fazia com que ela parecesse jovem, como também proporcionava uma agradável ilusão de rejuvenescimento naqueles que conversavam com ela.

John Meredith se sobressaltou com a beleza dela, e Rosemary com a presença dele. Ela jamais cogitara encontrar alguém naquele lugar remoto, muito menos o ministro presbiteriano de Glen St. Mary. Ela quase derrubou o monte de livros que trazia da biblioteca da vila e, para disfarçar o espanto, disse uma dessas mentirinhas que até a melhor das mulheres contam às vezes.

– Eu... Eu vim tomar um pouco de água – disse com hesitação, em resposta ao grave “boa noite, senhorita West” do senhor Meredith. Ela sentiu-se uma completa idiota e teve vontade de ir embora. Contudo, John Meredith não era um homem vaidoso, e sabia que ela teria se assustado mesmo se tivesse se deparado com o ancião Clow inesperadamente. A confusão dela o tranquilizou e ele se esqueceu de ser tímido, além do mais, até o mais tímido dos homens pode ser audacioso sob o luar.

– Permita-me pegar um copo para você – disse, sorrindo. Havia um ali perto, uma xícara trincada e sem asa que as crianças do Vale do Arco-Íris haviam escondido debaixo das raízes de um bordo, só que ele não sabia disso. Assim, ele aproximou-se de uma das bétulas, arrancou uma faixa da casca branca e habilmente a dobrou, produzindo um copo de três pontas que ele encheu de água e entregou para Rosemary.

Rosemary a pegou e tomou até a última gota para punir-se pela mentira, já que não estava com sede e beber uma grande quantidade de água quando não se está com vontade pode ser uma provação. Ainda assim, a lembrança viria a se tornar muito prazerosa para Rosemary. Nos anos posteriores, aquela situação ganharia tons sacramentais, provavelmente pelo que o ministro fez quando ela lhe devolveu o copo. Ele o encheu de novo e também bebeu dele. Foi um mero acidente o fato dele ter posto os lábios no mesmo lugar que ela colocou os dela e Rosemary sabia disso. Contudo, aquilo teve um significado curioso para ela. Os dois haviam bebido do mesmo copo. Ela recordou que uma tia velha havia dito certa vez que quando isso acontecia, as almas das duas pessoas estariam conectadas de alguma forma no pós vida, para o bem ou para o mal.

John Meredith segurou o copo, sem saber o que fazer com ele.

O mais lógico seria jogá-lo fora, mas por algum motivo ele não quis fazer isso. Rosemary estendeu a mão.

– Posso ficar com ele? – disse. – Você o dobrou com tanta maestria. Meu irmãozinho também fazia copos assim, e não vejo isso há muito tempo... Desde que ele morreu.

– Aprendi quando era garoto, acampando durante um verão. Foi um velho caçador que me ensinou – disse o senhor Meredith. – Permita-me carregar seus livros, senhorita West.

Rosemary se surpreendeu dizendo outra mentira, alegando que não estavam pesados, mas o ministro os tomou dela com um gesto imperioso e os dois foram embora juntos. Era a primeira vez que Rosemary ia ao riacho e não pensava em Martin Crawford. O encontro místico fora cancelado.

O atalho dava a volta no pântano e levava à grande colina arborizada no topo da qual Rosemary vivia. Para além das árvores, eles podiam vislumbrar a lua alumbrando os campos do verão. No entanto, a vereda era estreita e encoberta pelas sombras das árvores que a bordeavam, e árvores nunca são tão amigáveis com os seres humanos depois do cair da noite como são

durante o dia. Elas se voltam para longe de nós, cochichando e confabulando furtivamente. Se estendem a mão, é com um toque hostil, sorrateiro. As pessoas que caminham entre elas durante a noite sempre se aproximam de maneira instintiva e involuntária, tornando-se aliadas física e mentalmente contra certas forças desconhecidas que as espreitam. Nem mesmo um ministro avoadado, que ainda era um homem jovem, apesar de acreditar que já tinha deixado o romance para trás, seria insensível ao charme da noite, da trilha e da companhia.

Nunca é seguro pensar que já vivemos o suficiente. Quando imaginamos que já terminamos a nossa história, o destino nos pega de surpresa ao virar a página e revelar mais um capítulo. Aquelas duas pessoas pensavam que seus corações pertenciam irrevogavelmente ao passado, entretanto, ambas gostaram muito do passeio pela colina. Rosemary não achou o ministro de Glen tão reservado e calado quanto haviam lhe dito, ele não parecia ter dificuldade em falar livremente. As donas de casa do vilarejo teriam ficado maravilhadas ao ouvi-lo, mas muitas delas só faziam fofocas e comentavam o preço dos ovos e John Meredith não tinha interesse em nada disso. Ele falou sobre livros, música, de acontecimentos pelo mundo e até da própria vida, e descobriu que ela era capaz de compreendê-lo e responder. Aparentemente, Rosemary tinha um livro que o senhor Meredith desejava muito ler. Ela o ofereceu emprestado e quando chegaram à velha casa na colina, ele entrou para buscá-lo.

A casa era uma construção antiquada e cinzenta, coberta de vinhas que filtravam a luz que saía da sala de estar, criando um efeito acolhedor. Era possível ver Glen lá de cima, o porto banhado pelo luar prateado, as dunas de areia e o oceano murmurante. Eles atravessaram um jardim onde o perfume de rosas parecia ser perene, mesmo quando não havia flores. Havia uma irmandade de lírios no portão, uma faixa de ásteres de cada lado do amplo sendeiro e uma fileira de pinheiros na borda da colina atrás da casa.

– Você tem o mundo inteiro diante da sua porta da frente – disse John Meredith, respirando fundo. – Que vista! Que panorama! Sinto-

-me sufocado lá em Glen, às vezes. Aqui, é mais fácil de respirar.

– Hoje está tranquilo – disse Rosemary, rindo. – Se estivesse ventando, você ficaria impressionado. O vento traz aqui para cima todo o ar que é capaz de assoprar. Este lugar deveria se chamar Four Winds^u, e não o porto.

– Gosto do vento – disse ele. – Um dia sem vento me parece morto. Um dia ventoso me faz despertar. – Ele riu da própria frase. – Em dias calmos, eu me perco em devaneios. Você provavelmente conhece a minha reputação, senhorita West. Se eu não te cumprimentar da próxima vez que nos virmos, não pense que não tenho bons modos. Por favor, tenha em mente que é apenas a minha distração, me perdoe e fale comigo.

Eles encontraram Ellen West na sala. Ela tirou os óculos, colocou-os sobre o livro que estava lendo e os encarou com um espanto e algo mais. Com cordialidade, ela apertou a mão do senhor Meredith, que se sentou enquanto Rosemary procurava o livro.

Ellen West era dez anos mais velha que Rosemary, e tão diferente que era difícil acreditar que se tratavam de irmãs. Era morena e macilenta, com cabelos negros, sobrancelhas grossas e pretas e olhos de um azul claro e acinzentado como as águas do golfo quando sopra o vento Norte. Tinha um aspecto mais severo e intimidador, mas na verdade era muito divertida, dona de uma risada gorgolejante e de uma voz profunda e agradável com um sutil toque masculino. Ellen já tinha comentado com Rosemary que gostaria muito de conversar com o ministro presbiteriano de Glen, para ver se ele era capaz de articular alguma palavra se fosse encurralado por uma mulher. Agora a chance havia chegado, e ela abordou o tema da política mundial. Leitora ávida, a senhorita Ellen estava devorando um livro sobre o kaiser da Alemanha, e quis saber a opinião do senhor Meredith.

– É um homem perigoso – foi a resposta.

– Concordo! – assentiu a senhorita Ellen. – Escreva o que estou dizendo, senhor Meredith, aquele homem ainda vai arranjar uma briga com alguém. Ele está morrendo de vontade, e vai acabar ateando fogo no mundo.

– Não creio que ele precipitará uma grande guerra por capricho – disse o senhor Meredith. – Essas coisas ficaram no passado.

– Deus te abençoe por pensar assim, mas temo que não – murmurou Ellen.

– Nunca é tarde para os homens e as nações agirem como asnos e começarem a guerrear. Os mil anos que antecedem a volta de Cristo¹² não estão perto de acabar, senhor Meredith, e sei que você concorda comigo.

Quanto a esse kaiser, escreva o que estou dizendo, ele ainda vai causar muitos problemas – a senhorita Ellen bateu enfaticamente no livro com o longo dedo. – Sim, se o mal não for cortado pela raiz, as consequências serão terríveis. Nós estaremos vivos para presenciá-las, você e eu, senhor

Meredith. E quem irá detê-lo? A Inglaterra deveria, só que não o fará. Quem irá detê-lo? Diga-me, senhor Meredith.

Ele não sabia dizer e os dois mergulharam em um debate sobre o militarismo alemão que terminou bem depois que a Rosemary retornou com o livro. Rosemary não disse nada, apenas sentou-se em uma cadeira de balanço atrás da Ellen e acariciou meditativamente um grande gato preto.

John Meredith solucionava grandes problemas da Europa com Ellen, mas olhava com maior frequência para Rosemary, o que a irmã mais velha não deixou de notar. Depois que a Rosemary o acompanhou até a porta, Ellen levantou-se e a encarou com um olhar acusador.

– Rosemary West, aquele homem está te cortejando.

Rosemary estremeceu. A fala de Ellen foi como um golpe que destruiu todo o encanto da noite. Todavia, ela não permitiria que a irmã percebesse sua decepção.

– Bobagem – ela riu, um tanto forçosamente. – Você vê um pretendente para mim em cada esquina, Ellen. Ora, ele só falou da esposa enquanto caminhávamos, do quanto ela significava para ele, do vazio que ela deixou no mundo quando faleceu.

– Bem, talvez seja o jeito dele de cortejar – retrucou Ellen. – Cada homem tem um estilo diferente, até onde sei. Só não se esqueça da sua promessa, Rosemary.

– Não é preciso me lembrar disso – disse Rosemary, sentindo um leve cansaço. – Você se esquece que sou uma solteirona com uns bons anos nas costas, Ellen. A sua imaginação fraternal não permite que você enxergue que já não sou uma moça na flor da idade. O senhor Meredith só quer ser meu amigo, se é que quer, mesmo. Ele se esquecerá de nós antes de chegar em casa.

– Não tenho nada contra a amizade entre vocês – concedeu Ellen –, mas lembre-se de que não pode passar disso. Sempre suspeito dos viúvos. Eles não são dados a ideias românticas, como amizade, preferindo ir direto ao assunto. E por que as pessoas chamam esse presbiteriano de tímido? Ele não é nem um pouco acanhado, ainda que seja distraído... Tanto que se esqueceu de se despedir de mim. Também é inteligente. Há poucos homens nos arredores capazes de serem racionais. Gostei da nossa conversa. Não me importaria de vê-lo com mais frequência, mas não se esqueça, Rosemary, nada de flertes.

Rosemary estava acostumada com as advertências da irmã sobre flertes, pois ela não podia conversar nem por cinco minutos com nenhum homem solteiro com mais de 18 e menos de 80 anos. Ela sempre rira dessas reprimendas, sem disfarçar o quanto as achava divertidas. Desta vez, porém, Rosemary ficou um pouco irritada. Quem ali estava flertando?

– Não seja boba, Ellen – disse com uma brusquidão incomum ao pegar a lamparina. Ela subiu as escadas sem dar boa noite.

Ellen balançou a cabeça e olhou para o gato preto.

– Por que ela ficou tão irritada, São Jorge? Sempre ouvi dizer que onde há fumaça, há fogo. Ela prometeu, e os West sempre cumprem com as suas palavras. Então, não importa se ele tem intenções de cortejá-la, São Jorge. Ela prometeu, não vou me preocupar.

Em seu quarto, Rosemary sentou-se diante da janela e contemplou por um bom tempo o jardim enluarado e o porto resplandecente ao longe. Sentia-se vagamente incomodada e inquieta. De repente, ela percebeu que estava farta dos sonhos desgastados. No jardim, as pétalas da última rosa foram espalhadas por uma brisa súbita. O verão terminara e o outono havia chegado.

“Quatro Ventos”, em inglês. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Apocalipse 20: 1-7. (N. T.)



A SENHORA ALEC DAVIS FAZ UMA VISITA

John Meredith regressou lentamente para casa. De início ele pensou um pouco em Rosemary, no entanto, ao chegar no Vale do Arco-Íris, já tinha se esquecido completamente dela e refletia sobre um ponto da teologia alemã que a Ellen mencionara e passou pelo vale sem nem perceber. O charme do Vale do Arco-Íris não era páreo para a teologia alemã. Quando chegou à casa ministerial, ele foi direto para o escritório e pegou um livro grosso para verificar quem tinha razão, se era ele ou Ellen. Perdido em seus labirintos ele ficou até o amanhecer, tendo encontrado uma nova trilha de especulação que percorreu como um cão farejador até a semana seguinte, totalmente alheio ao mundo, à igreja e à família. Lia dia e noite, esquecia-se das refeições quando Una não o buscava e o arrastava até a mesa, e não voltou a pensar em Rosemary ou Ellen. A velha senhora Marshall, que morava do outro lado do porto, estava muito doente e mandou chamá-lo, só que a mensagem permaneceu intocada sobre a mesa, juntando poeira. Ela recuperou-se, todavia nunca o perdoou. Um casal jovem foi até lá para se casar, e o senhor Meredith, com os cabelos desgrehados, de pantufa e roupão surrado, realizou o matrimônio. Ele iniciou a leitura, e só quando chegou ao trecho “das cinzas às cinzas, do pó ao pó” foi que percebeu vagamente que estava lendo o texto para serviços fúnebres.

– Ora essa – comentou tranquilamente –, que estranho.

A noiva, que estava muito nervosa, começou a chorar. O noivo, que não estava nem um pouco nervoso, deu risada.

– Com licença, acho que o senhor está nos enterrando ao invés de nos casar – disse.

– Só um minuto – disse o senhor Meredith, como se aquilo não tivesse importância. Ele então encontrou e leu a passagem correta. Pelo resto da vida, a noiva nunca chegou a se sentir realmente casada.

Ele se esqueceu da reunião da igreja de novo, o que não causou nenhum problema, uma vez que estava chovendo e ninguém compareceu. Ele teria até se esquecido da missa de domingo se não fosse pela senhora Alec Davis.

A tia Martha entrou no escritório no sábado à tarde e disse que a senhora Davis estava na sala, aguardando para falar com ele. O senhor Meredith suspirou. A senhora Davis era a única mulher da congregação que ele decididamente detestava. Infelizmente, ela era também a mais rica e os outros membros da administração o haviam alertado para não a ofender. O senhor Meredith não costumava pensar em assuntos mundanos como a sua remuneração, mas os outros membros eram mais práticos e também astutos.

Sem mencionar o dinheiro, eles conseguiram instilar no senhor Meredith a convicção de que ele não deveria injuriar a senhora Davis. Do contrário, ele provavelmente teria se esquecido da visita assim que a tia Martha saiu.

Irritado, ele fechou o tomo de Ewald¹³ e foi até a sala.

A senhora Davis estava sentada no sofá, olhando ao redor com um ar de desaprovação desdenhosa.

Que sala vergonhosa! Não havia cortinas nas janelas. A senhora Davis não sabia que a Faith e a Una haviam tirado as cortinas no dia anterior para usá-las como togas de juízes em uma brincadeira e se esqueceram de colocá-las de volta, o que provavelmente não teria abrandado seu julgamento. As persianas estavam rachadas e tortas; os quadros nas paredes estavam tortos; os tapetes, torcidos; os vasos, cheios de flores murchas; a poeira literalmente formava montinhos.

– A que ponto chegamos? – perguntou a senhora Davis para si mesma, comprimindo a boca feia.

Jerry e Carl estavam descendo pelo corrimão aos berros quando ela chegou. Eles não a viram e continuaram a brincar, e a senhora Davis se convenceu de que estavam fazendo de propósito. O galo de estimação de Faith percorreu o corredor, parou na porta da sala e olhou para ela. Como não gostou do viu, ele não se aventurou a entrar. A senhora Davis soltou o ar pelo nariz com desprezo. Era uma bela casa ministerial, de verdade, onde galos passeavam pelos cômodos e encaravam as pessoas desavergonhadamente.

– Xô, saia daqui – ordenou a senhora Davis, ameaçando-o com a sombrinha esvoaçante e iridescente.

Adam foi embora. Era um galo inteligente e a senhora Davis havia torcido o pescoço de tantos frangos ao longo de seus 50 anos que uma aura de

carrasco pairava ao redor dela. Adam fugiu pelo corredor quando o ministro chegou.

O senhor Meredith ainda estava de pantufas e de roupão, com os cachos desleixados cobrindo a testa alta. Entretanto, ainda era o cavalheiro de sempre. A senhora Davis, com o vestido de seda e a touca emplumada, as luvas de pelica e a corrente de ouro parecia a mulher vulgar e grosseira que era. Cada um sentiu o antagonismo da personalidade do outro. O senhor Meredith se encolheu, mas a senhora Davis preparou-se para entrar em ação.

Ela estava ali para fazer uma proposta para o ministro e não pretendia perder tempo com meandros. Ela iria lhe fazer um favor, um grande favor, e quanto antes ele se inteirasse disso, melhor. Ela passara o verão inteiro pensando nisso e finalmente

havia tomado uma decisão. “Isso é tudo que importa”, pensou a senhora Davis. Quando ela se colocava uma coisa na cabeça, não havia como voltar atrás. Ninguém mais podia opinar e ela sempre foi assim. Quando decidiu se casar com Alec Davis, ela se casou com ele e ponto final.

Alec nunca soube como isso veio a acontecer, mas que importância tinha? A senhora Davis fez tudo do jeito dela. Neste caso, era a mesma coisa: a senhora Davis fez tudo do jeito que lhe apetecia. Agora,

só restava informar ao senhor Meredith.

– O senhor poderia fechar aquela porta, por obséquio? – disse a senhora Davis, afrouxando os lábios o suficiente para falar com aspereza. – Tenho algo importante para dizer e não posso fazer isso com toda essa balbúrdia no corredor.

O senhor Meredith obedeceu a senhora Davis e em seguida sentou-se diante dela, porém ainda não estava totalmente focado na visitante. Sua mente ainda lutava com os argumentos de Ewald. A senhora Davis sentiu o distanciamento e ficou incomodada.

– Vim aqui informar, senhor Meredith – disse agressivamente –, que decidi adotar a Una.

– Adotar... a... Una! – O senhor Meredith a encarou sem esboçar nenhuma expressão e sem entender nada.

– Sim. Venho pensando nisso há algum tempo. Desde a morte do meu marido, tenho cogitado a ideia de adotar uma criança, só que não consegui encontrar uma que fosse adequada. São muito poucas as que eu consideraria levar para dentro da minha casa. Eu não adotaria uma criança de um orfanato, que muito provavelmente é uma pária da pobreza, o que não me

deixa com muitas opções. No outono passado, um pescador que mora no porto morreu e deixou seis filhos. Tentaram fazer com que eu ficasse com um deles e eu deixei bem claro que não tinha intenção de adotar um lixo desses. O avô deles roubou um cavalo. Além disso, eram todos meninos e eu queria uma menina, uma garota quieta e obediente que eu pudesse treinar para se tornar uma dama, Una seria perfeita. Ela se transformaria em um tesouro se fosse bem cuidada, diferente de Faith, pois jamais sonharia em adotar a Faith, mas eu ficarei com a Una e lhe darei um bom lar e uma boa educação, senhor Meredith, e se for bem-comportada, ela ficará com todo o meu dinheiro quando eu morrer. Nenhum dos meus parentes ficará com um centavo sequer, já me decidi. Foi a vontade de provocá-los que me fez pensar em adotar uma criança, em primeiro lugar. Una terá boas roupas, uma boa educação e bons modos, senhor Meredith, além de aulas de música e de pintura, enfim eu a tratarei como se fosse minha própria filha.

Nesse momento, o senhor Meredith já tinha despertado. Havia um leve rubor nas bochechas dele e um brilho perigoso nos belos olhos negros. Aquela mulher, cuja vulgaridade e soberba exsudava de cada poro, estava mesmo pedindo que ele lhe desse sua Una? Sua pequenina, querida e melancólica Una, dona dos mesmos olhos azuis-escuros da Cecilia? A criança que a mãe moribunda segurara junto ao coração enquanto os outros filhos eram retirados do quarto aos prantos? Cecilia abraçou a filha até que as asas do anjo da morte se fecharam ao redor dela, separando-as. Ela então olhou para o marido por cima da cabecinha escura da criança.

– Cuide bem dela, John – rogou-lhe. – Ela é tão pequena e tão sensível. Os outros poderão se virar, mas o mundo a machucará. Ah, John, não sei o que será de você e dela. Vocês dois precisam tanto de mim! Mantenha-a perto de ti, mantenha-a perto de ti.

Aquelas quase foram suas palavras finais, ela ainda proferiu mais algumas, inesquecíveis, destinadas somente para ele. E aquela era a criança que a senhora Davis anunciava friamente que desejava tirar dele. O senhor Meredith endireitou-se na cadeira e encarou a senhora Davis. Apesar do roupão surrado e das pantufas esfiapadas, algo nele fez a senhora Davis sentir um pouco da velha reverência pelo “hábito” com o qual ela fora criada. Afinal, havia algo de divino em um ministro da igreja, mesmo que fosse um ministro pobre, simplório e distraído.

– Agradeço pelas boas intenções, senhora Davis – disse o senhor Meredith com uma cortesia gentil, decisiva e um tanto intimidadora –, mas não posso

te dar a minha filha.

A senhora Davis o encarou, inexpressiva. Ela nem sonhava em um ouvir um não.

– Ora, senhor Meredith – disse, perplexa. – Você deve estar louco e não pode estar falando sério. Pense melhor na minha oferta, pense em tudo que eu posso dar para ela.

– Não preciso pensar melhor, senhora Davis. Isso está completamente fora de questão. Todas as vantagens mundanas que a senhora poderia proporcionar-lhe não compensariam a perda do amor e do carinho de um pai. Agradeço mais uma vez, essa é a minha resposta final.

A frustração e a raiva fizeram a senhora Davis perder autocontrole. Seu rosto avermelhado e redondo ficou roxo.

– Achei que ficaria contente – disse, com a voz trêmula.

– E por que achou isso? – perguntou o senhor Meredith, com calma.

– Porque ninguém acredita que você se importa com nenhum de seus filhos – retrucou a senhora Davis com despeito. – É espantosa a sua negligência. Não se comenta outra coisa em Glen. Eles não comem, não se vestem adequadamente e não possuem bons modos. Comportam-se tão bem quanto um bando de índios selvagens. Você nunca se lembra dos seus deveres como pai. Uma criança desconhecida instalou-se aqui por duas semanas e você sequer reparou na presença dela, uma criança que xinga feito um marinheiro, pelo que me disseram. Você não teria se importado se ela tivesse transmitido sarampo para seus filhos. E a Faith causou o maior furor ao levantar-se no meio do sermão para fazer um discurso! E ela também percorreu a rua principal montada em um porco... Bem diante dos seus próprios olhos, se não me engano. A forma como se comportam é inacreditável e você nunca levanta um dedo para refreá-los ou ensinar-lhes alguma coisa. E agora que estou me oferecendo para dar a um deles um bom lar e um bom futuro, você se recusa e me insulta. Que belo pai você é! E ainda tem coragem de falar de amor e carinho pelos filhos.

– Chega, mulher! – disse o senhor Meredith. Ele levantou-se e lançou um olhar que a fez tremer. – Chega. Não quero ouvir mais nada, senhora Davis. Você já disse o suficiente. Pode ser que eu tenha sido omissos com meus deveres como pai, mas você não tem o direito de falar assim comigo. Desejo-lhe uma boa tarde.

A senhora Davis não disse nada tão amigável como “boa tarde” antes de ir embora. Ao passar pelo ministro, um sapo grande e gordo que o Carl havia

escondido debaixo da cadeira quase pulou no pé dela. A senhora Davis gritou ao tentar não pisar no animal horroroso, perdeu o equilíbrio e derrubou a sombrinha. Ela não chegou a cair, todavia cambaleou pela sala de uma maneira nem um pouco digna e chocou-se com a porta com um baque que a fez estremecer da cabeça aos pés. O senhor Meredith, que não viu o sapo, imaginou que ela estava tendo algum tipo de ataque apoplético e correu para ajudá-la. Porém a senhora Davis pôs-se de pé e o afastou com um gesto furioso.

– Não se atreva a me tocar – disse, quase gritando. – Essa é mais uma das traquinagens dos seus filhos, eu presumo. Este não é um lugar apropriado para uma mulher decente. Dê-me a minha sombrinha, já estou de partida. Jamais voltarei a cruzar a porta da sua casa ou da sua igreja.

O senhor Meredith recolheu a sombrinha mansamente e lhe entregou. A senhora Davis a agarrou e foi embora. Jerry e Carl haviam parado de deslizar pelo corrimão e estavam sentados nos degraus da varanda com a Faith. Por um infortúnio, os três cantavam com toda a potência de suas vozes jovens e saudáveis *There'll be a hot time in the old town tonight*⁴. A senhora Davis acreditou que a música era voltada para ela, e somente ela, e parou e balançou a sombrinha na direção deles.

– O seu pai é um tolo e vocês são três delinquentes que merecem uma surra daquelas!

– Ele não é um tolo! – exclamou Faith.

– Não somos delinquentes! – exclamaram os garotos, mas a senhora Davis já tinha ido embora.

– Deus, que louca! – disse Jerry. – E o que “delinquente” quer dizer, aliás?

John Meredith caminhou de um lado para o outro na sala por alguns minutos, então, voltou para o escritório e se sentou. Só que não retomou a teologia alemã, pois estava muito perturbado para isso. A senhora Davis o trouxera para a realidade violentamente. Será que ele era mesmo um pai tão ausente e imprudente como ela o acusara de ser? Será que ele negligenciava tanto assim o bem-estar espiritual e material das quatro criaturinhas órfãs de mãe que dependiam dele? Os comentários da congregação dele eram tão ruins como a senhora Davis havia declarado? Deviam ser, para ela ter vindo pedir Una tão crente e confiante de que ele iria lhe entregar a filha com a despreocupação e a satisfação de quem se livra de um filhote de gato indesejado. E, se fosse assim, o que fazer?

John Meredith resmungou e continuou a caminhar pelo cômodo empoeirado e bagunçado. O que ele poderia fazer? Ele amava os filhos tão profundamente quanto qualquer outro pai e sabia, apesar do poder da senhora Davis ou de qualquer pessoa da laia dela de perturbar a sua convicção, que eles o amavam devotamente. Entretanto, será que estava preparado para cuidar deles? Melhor do que ninguém, ele conhecia as próprias fraquezas e limitações. O que eles precisavam era da presença, a influência e o bom senso de uma boa mulher. Mas como? Mesmo se pudesse contratar uma empregada, isso magoaria a tia Martha. Ela ainda acreditava que podia dar conta de tudo. Ele seria incapaz de ferir os sentimentos daquela pobre idosa que era tão gentil com ele e os filhos. E como ela havia cuidado da Cecília! A esposa pedira para que ele a tratasse com muita consideração. De repente, ele lembrou-se de que a tia Martha havia sugerido que ele deveria

casar-se novamente, certa vez. Ela não iria se ressentir de uma esposa da mesma forma que de uma empregada. Contudo, isso estava fora de questão. John Meredith não desejava se casar, ele não podia e não iria nutrir sentimentos por ninguém. Assim, o que poderia ser feito? Subitamente ocorreu-lhe ir até Ingleside e conversar sobre suas dificuldades com a senhora Blythe. Ela era uma das poucas mulheres com quem ele nunca se sentia acanhado ou intimidado. Era sempre tão simpática e compreensiva! Talvez tivesse alguma sugestão para resolver os problemas dele e, mesmo se não tivesse, o senhor Meredith sentia que precisava da companhia de um ser humano decente depois daquela dose intragável de senhora Davis, era algo para tirar o gosto amargo da alma.

Ele vestiu-se às pressas e prestou mais atenção no jantar do que de costume. Ocorreu-lhe que a comida era péssima. Ele olhou para os filhos, eram todos corados e saudáveis, exceto Una, que nunca fora muito forte nem quando a mãe ainda estava viva. Eles riam e conversavam e certamente pareciam contentes. Carl estava especialmente feliz porque havia duas belas aranhas ao redor do prato dele. Suas vozes eram agradáveis, seus modos não eram tão ruins, eles eram generosos e gentis uns com os outros. Ainda assim, a senhora Davis dissera que o comportamento deles era o assunto preferido da congregação.

No instante em que o senhor Meredith saiu pelo portão, o doutor e a senhora Blythe passaram de charrete pela estrada que levava a Lowbridge. O ministro entristeceu-se. Não havia motivo para ir até Ingleside. E, mais do

que nunca, ele precisava de um pouco de companhia. Ao olhar para a paisagem, desamparado, a luz do crepúsculo iluminou a janela da velha casa dos West na colina, reluzindo em tons rosados como um raio de esperança.

Ele recordou-se da conversa que teve com as irmãs West, e pensou que seria ótimo bater um papo com a mordaz Ellen e rever o sorriso lânguido, doce e calmo e os olhos azul-celeste de Rosemary. Como era mesmo aquele velho poema sobre o

*sir Philip Sidney*¹⁵? “Conforto contínuo em um rosto”... descrição perfeita para ela. E ele precisava de um pouco de consolo. Por que não fazer uma visita? Ele lembrou-se do convite de Ellen para aparecer mais vezes, e que precisava devolver o livro da Rosemary, então era melhor levá-lo antes que se esquecesse. Ele teve o pressentimento incômodo de que em sua própria biblioteca havia muitos livros que tinha pegado emprestado em ocasiões e lugares diversos e que ali foram esquecidos. Era seu dever evitar que isso acontecesse agora. Ele voltou para o escritório, pegou o livro e partiu em direção ao Vale do Arco-Íris.

Georg Heinrich August Ewald (1803-1875), teólogo alemão. (N. T.)

Música popular norte-americana composta por volta de 1896. (N. T.)

O poeta inglês Mathew Roydon (1580-1622) escreveu o poema “*An Elegy; or, Friend’s Passion for his Astrophel*” em homenagem ao amigo *sir Philip Sidney* (1554-1586), que também foi um proeminente poeta britânico. (N. T.)



MAIS FOFOCA

No dia do enterro da senhora Myra Murray, que morava do outro lado do porto, a senhorita Cornelia e Mary Vance foram até Ingleside no fim da tarde. Havia muitas coisas que a senhorita Cornelia desejava desabafar para aliviar a alma. O funeral precisava ser esmiuçado, obviamente. Susan e a senhorita Cornelia debateram o assunto entre elas, pois Anne não gostava desse tipo de conversa. Ela afastou-se e ficou admirando o fulgor outonal das dalias no jardim e o pôr do sol onírico e glamoroso de setembro para além do porto. Mary Vance sentou-se ao lado dela, tricotando docilmente. O coração de Mary estava lá no Vale do Arco-Íris, de onde vinham os sons distantes e doces das risadas das outras crianças. Seus dedos, porém, estavam sob a supervisão da senhorita Cornelia. Antes de ir brincar, era preciso terminar uma quantidade específica de voltas na meia que estava fazendo. Ela trabalhava de boca fechada, mas com os ouvidos atentos.

– Nunca vi um defunto mais bonito – avaliou a senhorita Cornelia.

– A Myra Murray sempre foi muito linda, ela era dos Corey de Lowbridge, e eles sempre foram famosos pela beleza.

– Eu disse ao passar pelo caixão, “pobre mulher, espero que esteja tão contente quanto aparenta” – suspirou Susan. – Ainda parecia a mesma. Estava com o vestido preto de seda que comprara para o casamento da filha há catorze anos. A tia dela lhe disse para guardá-lo para o funeral, mas a Myra riu e falou, “eu posso até usá-lo no meu funeral, tia, só que antes quero aproveitá-lo bem”. E posso dizer que ela o aproveitou.

A Myra Murray não era do tipo de mulher que ia ao próprio enterro antes de morrer. Sempre que eu a via divertindo-se com os amigos, pensava, “você é uma mulher deslumbrante, Myra Murray, e esse vestido lhe cai muito bem, mas é provável que ele venha a ser a sua mortalha”.

E veja que as minhas palavras se concretizaram, senhora Marshall Elliott.

Susan suspirou profundamente. Ela estava se divertindo à beça, pois funerais eram um assunto deleitável.

– Eu adorava me encontrar com a Myra – disse a senhorita Cornelia. – Era sempre tão alegre e divertida! Você se sentia melhor só de apertar a mão dela. A Myra sempre via o lado bom das coisas.

– É verdade – confirmou Susan. – A cunhada dela me contou que quando o médico lhe deu a notícia de que não havia mais nada que pudesse ser feito, que ela não voltaria a sair da cama, a Myra disse, “já que é assim, ainda bem que as conservas estão todas prontas, e não terei que encarar a faxina geral de outono. Sempre gostei de limpar a casa na primavera, mas detesto fazer isso no outono. Esse ano eu escapei, graças a Deus”. Algumas pessoas chamariam isso de leviandade, senhora Marshall Elliott, e acho que a cunhada ficou um pouco envergonhada e ela disse que a enfermidade havia deixado a Myra meio delirante.

Eu falei, “não, senhora Murray, não se preocupe. É só o jeito da Myra de ver o lado bom da situação”.

– A irmã dela, Luella, era o oposto – disse a senhorita Cornelia.

– Nada tinha um aspecto positivo para a Luella, tudo era preto, com tons cinzas. Passou anos anunciando que iria morrer dali uma semana. “Não serei um fardo para vocês por muito mais tempo”, dizia para a família com um gemido. E se alguém se arriscava a falar de planos futuros, ela murmurava, “ah, eu não estarei aqui para ver”. Eu sempre concordava com ela quando a visitava, o que a enfurecia a ponto de sentir-se melhor por vários dias. Myra era tão diferente, estava sempre dizendo ou fazendo alguma coisa para que os outros se sentissem melhor. Talvez os maridos delas tivessem algo que ver com isso. O da Luella era um troglodita, acreditem em mim, enquanto Jim Murray era um sujeito decente, para um homem. Ele parecia desolado no funeral. Raramente compadeço-me de um homem no enterro da esposa, mas ele estava digno de pena.

– Não é de se admirar. Não será fácil encontrar outra esposa como a Myra – comentou Susan. – Talvez ele nem tente, já que os filhos estão todos grandes e a Mirabel é capaz de cuidar da casa. De qualquer forma, não há como prever o que um viúvo pode ou não fazer, e eu é que não vou arriscar palpites.

– Sentiremos muita falta da Myra na igreja – disse a senhorita Cornelia. – Era tão esforçada! Nenhuma tarefa era demais para ela. Se não conseguia superar uma dificuldade, ela tentava contorná-la, se não fosse possível, ela

tingia que não havia problema algum. O que geralmente era verdade. “Chegarei ao fim da minha jornada de cabeça erguida”, disse para mim certa vez. Bem, agora terminou.

– Você acha mesmo? – perguntou Anne subitamente, retornando da terra dos sonhos. – Não consigo imaginar que a jornada dela acabou. Você consegue imaginá-la sentada, de braços cruzados? Aquele espírito ávido e inquisitivo, com seu afã por aventuras? Não. Eu acho que a morte apenas abriu seus portões e ela os atravessou... Rumo a novas aventuras.

– Talvez... Talvez – concordou a senhorita Cornelia. – Sabe, querida Anne, nunca fui muito adepta à doutrina do descanso eterno e espero que não seja heresia dizer isso. Quero trabalhar no céu da mesma forma como trabalho aqui. E tomara que haja um substituto celestial para tortas e rosquinhas, algo que precise ser feito. É claro que às vezes nos cansamos e quanto mais velha ficamos, maior é o cansaço. Porém até a pessoa mais cansada de todas terá tempo para descansar na eternidade. Exceto, talvez, uma pessoa preguiçosa.

– Quando eu me reencontrar com a Myra Murray – disse Anne –, quero vê-la vindo até mim toda serelepe e sorridente, como sempre foi aqui.

– Oh, querida senhora – disse Susan, em um tom chocado –, acha mesmo que a Myra vai estar rindo no céu?

– Por que não, Susan? Você acha que iremos todos chorar por lá?

– Não, querida senhora, não me entenda mal. Acho que não iremos nem rir e nem chorar.

– E como seremos, então?

– Ah, querida senhora – disse Susan, encurralada –, acredito que seremos todos solenes e pios.

– E você acredita mesmo, Susan – disse Anne, compassível –, que a Myra Murray e eu conseguiríamos ficar sérias e comedidas o tempo todo? O tempo todo, Susan?

– Bem – admitiu Susan, relutante –, atrevo-me a dizer que vocês teriam que sorrir de vez em quando, mas para mim é inconcebível que haja risadas no céu. A ideia me parece irreverente, querida senhora.

– Bem, voltando para a Terra – disse a senhorita Cornelia –, quem poderia assumir as aulas da escola dominical que eram da Myra? A Julia Crow está no lugar dela desde que a Myra adoeceu, só que ela irá para a cidade no inverno e nós teremos que arranjar outra pessoa.

– Ouvi dizer que a senhora Laurie Jamieson está interessada – disse Anne.
– Os Jamieson estão frequentando regularmente a igreja desde que se mudaram de Lowbridge para Glen.

– É fogo de palha! – exclamou a senhorita Cornelia com desconfiança. – Veremos daqui a um ano.

– Não se pode confiar nem um pouco na senhora Jamieson – disse Susan com seriedade. – Ela morreu uma vez, e enquanto tiravam as medidas dela para o caixão, já com o corpo todo estendido, ela não voltou à vida? Querida senhora, não podemos depender de uma mulher dessas.

– Ela pode virar metodista a qualquer momento – disse a senhorita Cornelia. – Ouvi dizer que eles iam à igreja metodista em Lowbridge tanto quanto iam à presbiteriana. Ainda não os flagrei fazendo isso aqui, todavia não aprovo que a senhora Jamieson assuma as aulas. Porém, não podemos ofendê-los. Estamos perdendo muita gente, por morte e por mau gênio. A senhora Alec Davis deixou a igreja e ninguém sabe o motivo. Ela avisou aos anciões que não contribuiria com mais nem um centavo para o salário do senhor Meredith. É claro que a maioria das pessoas acha que foram as crianças que a ofenderam, por algum motivo, no entanto, eu não acho que foi isso. Tentei arrancar alguma coisa da Faith e descobri que a senhora Davis foi à casa ministerial aparentemente de bom humor, e foi embora completamente enfurecida, chamando-os de “delinquentes!”.

– Delinquentes, que absurdo! – disse Susan com raiva. – Por acaso ela se esqueceu de que o tio dela por parte de mãe foi suspeito de envenenar a esposa? Nada foi comprovado, querida senhora, e não se pode acreditar em tudo que se ouve. Mesmo assim, se eu tivesse um tio cuja esposa morreu sem nenhum motivo satisfatório, eu não sairia por aí chamando crianças de delinquentes.

– O problema é que a senhora Davis contribuía com uma grande quantia – disse a senhorita Cornelia –, e não se sabe como essa perda será reparada. E se ela fizer os outros Douglas se virarem contra o senhor Meredith, como certamente tentará fazer, ele terá que ir embora.

– Não creio que a senhora Davis seja muito benquista pelo resto do clã – disse Susan. – É improvável que consiga influenciá-los.

– A família Douglas é muito unida, se mexer com um, estará mexendo com todos. Não podemos perdê-los, tenho certeza e eles pagam metade do salário. Pode-se dizer muitas coisas sobre eles,

mas não que são mesquinhos. Norman Douglas costumava contribuir com cem dólares por ano antes de abandonar a igreja.

– E por que ele a abandonou? – quis saber Anne.

– Ele alegou que um dos membros da administração lhe passou a perna na venda de uma vaca. Há vinte anos não coloca os pés na igreja, a esposa costumava vir regularmente quando era viva. Coitadinha, ele não permitia que ela contribuísse com nada, a não ser um mísero centavo todos os domingos e ela se sentia terrivelmente humilhada. Não sei se era um bom marido, embora ela nunca reclamasse, só sei que sempre parecia assustada. Norman Douglas não conseguiu a mulher que queria trinta anos atrás e os Douglas nunca gostaram de ficar em segundo lugar.

– Quem era a mulher que ele desejava?

– Ellen West. Não chegaram a ficar noivos, creio eu, mas namoraram por cerca de dois anos. E então simplesmente romperam e ninguém sabe o motivo. Alguma briga boba, suponho. E o Norman casou-se com a Hester Reese antes de esfriar a cabeça, só para provocar a Ellen, não tenho dúvidas. Típico de um homem! Hester era muito bonita, só que não tinha muita força de espírito e ele acabou com o pouco que ela possuía. Hester era muito dócil para o Norman. Ele precisava de uma mulher capaz de enfrentá-lo. Ellen o teria mantido na linha e ele a teria amado ainda mais por conta disso. Ele desprezava Hester, essa é a verdade, porque ela sempre fazia o que ele queria. Eu o ouvi dizer várias vezes, há muito tempo, quando ainda era um rapaz jovem, “eu quero uma mulher com personalidade, é dessas que eu gosto”. E aí ele se casou com uma garota que não enfrentaria nem um ganso. Típico de um homem! A família Reese era um bando de vegetais. Eles pareciam que estavam vivos, mas não viviam de verdade.

– Russell Reese usou a aliança da primeira esposa para se casar com a segunda – recordou Susan. – Uma atitude econômica demais na minha opinião, querida senhora. E o irmão dele, John, mandou construir o próprio túmulo no cemitério do outro lado do porto com tudo que tem direito, menos a data de falecimento, e vai admirá-lo todos os domingos. A maioria das pessoas não consideraria isso divertido, todavia é evidente que ele acha. As pessoas têm noções muito diferentes de diversão. Quanto ao Norman Douglas, ele é um perfeito pagão, quando o último ministro perguntou por que ele nunca ia à igreja, disse, “muita mulher feia, pastor!”. Querida senhora, eu gostaria de dizer para um homem desses, com toda a seriedade, “existe um lugar chamado inferno!”.

– Oh, o Norman não acredita nisso – disse a senhorita Cornelia.

– Espero que ele descubra o erro que cometeu quando morrer. Pronto, Mary, você já tricotou oito centímetros, e agora pode ir brincar com as crianças por meia hora.

Mary não precisou que repetissem. Ela voou para o Vale do Arco-Íris com o coração tão leve quanto seus passos e contou tudo sobre a senhora Davis para a Faith Meredith.

– E a senhora Elliott disse que ela vai fazer a família Douglas inteira se virar contra o seu pai e que terão que ir embora de Glen porque ele não terá mais salário – concluiu Mary. – Eu não sei o que acontecerá, eu juro. Se ao menos o velho Norman Douglas voltasse a frequentar a igreja e contribuir, não seria tão ruim. Só que ele não voltará, a família toda abandonará a igreja e vocês terão que ir embora.

Faith foi dormir com o coração pesado naquela noite, a ideia de ter que deixar Glen era insuportável e em nenhum outro lugar do mundo haveria amigos como os Blythe. O coraçãozinho dela fora esmagado quando eles tiveram que deixar Maywater, ela vertera lágrimas amargas ao se despedir dos amigos e da casa ministerial onde a mãe havia vivido e morrido. Era impossível contemplar calmamente a ideia de mais uma separação, ainda mais difícil. Ela não podia deixar Glen St. Mary, o adorado Vale do Arco-Íris e aquele cemitério incrível.

– É horrível ser da família de um ministro – murmurou Faith contra o travesseiro. – Justo quando nos afeiçãoamos a um lugar, somos arrancados pelas raízes. Eu nunca, nunca, nunca me casarei com um ministro, não importa o quão bonito ele seja.

Faith sentou-se na cama e olhou pela janela coberta de hera. A noite estava tranquila e o silêncio era quebrado apenas pela respiração suave da Una. Faith sentiu-se espantosamente sozinha no mundo, ela podia ver Glen St. Mary sob os campos estrelados da noite de outono. No alto do vale, uma luz brilhava no quarto das meninas em Ingleside e outra no quarto do Walter. Ela se perguntou se o pobrezinho estava com dor de dente de novo e então suspirou, sentindo uma leve e passageira inveja de Nan e Di. Elas tinham uma mãe e um lar estável, não viviam à mercê de pessoas que se enraiveciam sem motivo e te chamavam de delinquente. Para além do vilarejo, entre campos que repousavam em meio ao sossego, outra luz ardia. Faith sabia que vinha da casa do Norman Douglas, diziam que ele ficava até altas horas da noite lendo. Mary havia

dito que se ele fosse convencido a voltar para a igreja, tudo ficaria bem. E por que não? A menina olhou para a estrela grande e baixa que pendia sobre o abeto no portão da igreja metodista e teve uma inspiração. Ela, Faith Meredith, sabia o que precisava ser feito e iria consertar tudo. Com um suspiro de satisfação, ela deu as costas para o mundo escuro e solitário e aconchegou-se junto à irmã.



OLHO POR OLHO

Com Faith, decidir era agir. Ela não perdeu tempo para colocar em prática sua ideia. Assim que voltou para a casa ministerial da escola no dia seguinte, ela partiu para Glen. Ao passar pelo correio, Walter Blythe juntou-se a ela.

– A mamãe me mandou até a casa da senhora Elliott – disse. – Aonde você vai, Faith?

– Tenho que resolver alguns assuntos da igreja – explicou, com orgulho. Ela não se deu ao trabalho de dar maiores informações e Walter sentiu-se deixado de lado. Caminharam em silêncio por um tempo. Era uma tarde ventosa e agradável, com um aroma resinoso e doce. Depois das dunas e areia estava o mar gris, belo e tranquilo. O riacho de Glen carregava um monte de folhas douradas e carmesim, que poderiam muito ser canoas de fadas. Nos campos de trigo do senhor James Reese, com seus lindos tons de vermelho e marrom, uma assembleia de corvos estava em andamento, onde solenes deliberações referentes ao bem-estar do país dos corvos eram feitas. Faith cruelmente interrompeu a sessão ao subir na cerca e jogar um pedaço de madeira neles. No mesmo instante o ar encheu-se de asas negras agitadas e de grasnados indignados.

– Por que você fez isso? – perguntou Walter, em tom de reprovação. – Eles estavam se divertindo.

– Oh, detesto corvos – respondeu Faith. – São tão pretos e ardilosos que tenho certeza de que são uns hipócritas. Eles roubam ovos dos ninhos de pássaros menores, sabia? Vi isso acontecer no nosso gramado, na primavera passada. Walter, por que você parece tão pálido hoje? Teve dor de dente de novo ontem?

Walter estremeceu.

– Sim, uma dor horrível, não consegui dormir nem um minuto. Andei de um lado para o outro e imaginei que era um mártir cristão sendo torturado a mando do Nero. Isso ajudou um pouco no começo, só que a dor ficou tão insuportável que não consegui imaginar mais nada.

– Você chorou? – perguntou Faith ansiosamente.

– Não, mas eu me atirei no chão e gemi – admitiu Walter. – Aí as garotas vieram e a Nan colocou pimenta caiena no meu dente, o que só piorou a situação. A Di me obrigou a fazer gargarejo com água gelada, só que não pude aguentar, então elas chamaram a Susan. A Susan disse que era bem feito por eu ter ficado no sótão gelado escrevendo aquele lixo de poesia. Aí ela foi até a cozinha e preparou uma garrafa de água quente e isso fez a dor parar. Assim que a dor passou, falei para a Susan que os meus poemas não eram um lixo e que ela não era ninguém para julgá-los. E ela disse que não, que graças a Deus não sabia nada de poesia, a não ser que era um monte de mentiras. E você sabe, Faith, que isso não é verdade. Esse é um dos motivos pelos quais eu gosto de escrever poesia: é possível dizer muitas coisas em versos que não seriam verdadeiras em prosa. Foi o que expliquei para a Susan e ela mandou eu fechar a matraca e ir dormir antes que a água ficasse fria, ou então ela deixaria eu descobrir se rimas curam dor de dente e que isso servisse de lição para mim.

– Por que você não vai ao dentista em Lowbridge para arrancar esse dente?

Walter estremeceu de novo.

– Eles querem me levar, mas eu não consigo. Vai doer demais.

– Você tem medo de um pouquinho de dor? – perguntou Faith depreciativamente.

Walter corou.

– Seria muito dolorido, odeio sentir dor. O papai disse que não vai insistir, que vai esperar até que eu me decida.

– A dor seria momentânea, diferentemente da dor de dente – argumentou Faith. – Você já teve cinco crises, se você for lá e arrancá-lo de uma vez, não terá mais noites ruins. Já tive que arrancar um dente.

Eu gritei na hora, mas passou rápido, só ficou sangrando.

– O sangue é a pior parte. É tão feio – murmurou Walter. – Eu passei mal quando o Jem cortou o pé no verão passado. A Susan disse que fiquei mais branco que o Jem, também não suportei ver o Jem sofrendo. Alguém está sempre se ferindo, Faith, é terrível. Não suporto ver o sofrimento alheio,

tenho vontade de sair correndo e só parar quando não puder mais ver ou ouvir nada.

– Não tem sentido angustiar-se por causa da dor dos outros – disse Faith, jogando os cachos para trás. – É claro que se você se machuca feio, precisa gritar, e sangue é mesmo uma coisa feia... E eu tampouco gosto de ver as outras pessoas sofrerem. Só que não sinto vontade de fugir e sim de ajudar. O seu pai precisa machucar as pessoas para curá-las, muitas vezes. O que seriam delas se ele fugisse?

– Eu não disse que fugiria, disse que me dá vontade de fugir. São coisas diferentes. Também quero ajudar as pessoas. É que... Ah, quem dera não existisse coisas feias e pavorosas no mundo! Gostaria que tudo fosse belo e alegre.

– Bem, não vamos focar nas coisas que não são assim – disse Faith. – Afinal, é muito divertido estar vivo. Você não teria dor de dente se estivesse morto, mas mesmo assim, não é muito melhor estar vivo do que morto? Eu acho, cem vezes melhor. Ah, lá vai o Dan Reese. Ele estava no porto, pescando.

– Odeio o Dan Reese – disse Walter.

– Eu também. Todas as garotas o detestam. Vou passar e não dar a mínima atenção para ele. Preste atenção!

Faith seguiu em frente e passou por Dan com o queixo erguido e uma expressão de desprezo que lhe feriu a alma. Ele virou e gritou:

– Porquinha! Porquinha!! Porquinha!!! – a voz dele tinha um tom de insulto crescente.

Faith continuou andando com aparente indiferença. Contudo, seus lábios tremiam de raiva. Ela sabia que não perderia para o Dan Reese em uma troca de insultos, e desejou que o Jem Blythe estivesse ali ao invés do Walter. Se o Dan Reese tivesse se atrevido a chamá-la de porquinha na frente do Jem, ele provavelmente teria acabado com a raça dele. Faith não esperava que o Walter fizesse isso e não o culpava por isso, pois ela sabia que ele não era de brigar com os outros garotos. Assim como o Charlie Clow, da estrada Norte. O estranho era que, enquanto ela considerava o Charlie um covarde, nunca lhe ocorreu desprezar

o Walter, simplesmente o considerava um habitante de seu mundinho próprio, com costumes diferentes. Para Faith, era mais provável que um anjo de olhos estrelados a defendesse de Dan Reese do que o Walter Blythe. Ela não culparia o anjo por não o fazer, assim como não culpava Walter.

Todavia, a menina desejava que o Jem ou Jerry estivesse ali, pois o insulto de Dan continuava a inflamar a sua alma.

Walter não estava mais pálido. O rosto dele estava vermelho e os belos olhos enevoados de vergonha e raiva, porém ele sabia que deveria ter defendido Faith, Jem teria feito Dan engolir as próprias palavras e Ritchie Warren teria usado ofensas piores do que a de Dan. Só que Walter não conseguia, simplesmente não era capaz de falar palavrões, sabia que acabaria levando a pior e jamais faria a proeza de proferir o vocabulário vulgar e ofensivo, que Dan Reese dominava ilimitadamente. Quanto à troca de sopapos, Walter não sabia lutar, ele abominava a ideia. Era bruto e doloroso e, o pior de tudo, era feio. Não compreendia a exultação de Jem em algum conflito ocasional. Ainda assim, ele gostaria de ser capaz de derrotar Dan Reese, pois estava profundamente envergonhado por Faith Meredith ter sido insultada e ele não ter tentado punir o culpado. Não tinha dúvidas de que Faith o desprezava, pois ela não havia falado nada desde que Dan a xingara. Ele ficou feliz quando chegou a hora de se separarem.

Faith ficou igualmente aliviada, mas por um motivo diferente. Ela queria ficar sozinha porque de repente ficara nervosa por causa da sua missão. Seu ímpeto havia esmorecido, especialmente depois que o Dan ferira seu respeito próprio. Ela precisava chegar até o fim, ainda que não tivesse entusiasmada o bastante. Iria pedir que o Norman Douglas voltasse para a igreja, só que começava a temê-lo. O que parecera muito fácil e simples em Glen agora parecia muito diferente. Ela já tinha ouvido muito sobre o Norman Douglas e sabia que até os garotos mais velhos da escola tinham medo dele. E se ele a insultasse? Ela ouvira que ele tinha esse hábito. Faith não suportava ser ofendida, era algo que a machucava muito mais do que um golpe físico. Mesmo assim, ela não desistiria, Faith Meredith nunca desistia. Se desistisse, o pai dela teria que deixar Glen.

Ao final da longa estrada, Faith chegou a uma casa grande e antiquada com uma fileira de choupos-da-Lombardia em guarda. Norman Douglas estava sentado na varanda de trás, lendo o jornal, com o enorme cachorro de estimação ao lado. Atrás dele, na cozinha, onde a ajudante chamada senhora Wilson preparava o jantar, pôde-se ouvir um estardalhaço nervoso de pratos, pois Norman Douglas e a senhora Wilson haviam acabado de discutir e ambos estavam de péssimo humor. Consequentemente, quando Faith pisou na varanda e o anfitrião abaixou o jornal, ela descobriu-se diante dos olhos coléricos de um homem irritado.

Norman Douglas era bonito à própria maneira. Era dono de uma longa barba ruiva que cobria o peito largo e uma juba avermelhada, desgrenhada pelos muitos anos. A testa alta e branca não apresentava nenhuma ruga e os olhos azuis ainda exibiam a chama tempestuosa da juventude. Era capaz de ser muito amigável quando queria, e também muito irascível. A pobre Faith, ansiosa para reverter a situação da igreja, o encontrara em um de seus dias ruins.

Sem saber de quem se tratava, ele a encarou com desconfiança. Norman Douglas gostava de garotas espirituosas, vivazes e alegres. Naquele momento, Faith estava muito pálida. Ela era do tipo de pessoa cuja cor do rosto significava tudo. Sem o rubor nas bochechas, parecia apática e insignificante. O valentão que morava no coração de Norman Douglas despertou ao ver a garota envergonhada e medrosa.

– Quem diabos é você? E o que deseja aqui? – perguntou com a voz ressoante, franzindo a testa.

Pela primeira vez na vida, Faith não sabia o que dizer. Não imaginava que Norman Douglas fosse daquele jeito. Ela ficou paralisada de terror e ele tornou a situação pior ao se dar conta disso.

– O que foi? – vociferou. – Parece que você queria dizer alguma coisa e aí ficou com medo. Qual é o seu problema? Vamos, fale! Não consegue falar?

Não. Faith não conseguia falar. Não saiu nenhuma palavra dos lábios dela. Porém, eles começaram a tremer.

– Pelo amor de Deus, não chore – gritou Norman. – Não suporto chororô. Se tem algo a dizer, diga de uma vez. Céus, será que essa garota é burra? Não me olhe assim, sou um ser humano. Eu não vou te morder! Quem é você, afinal? Quem é você?

A voz de Norman poderia ser ouvida do porto. O trabalho na cozinha foi suspenso e a senhora Wilson assistia de olhos e ouvidos bem abertos.

Norman colocou as mãos grandes e morenas sobre os joelhos e inclinou-se para frente, encarando o rosto lívido e assustado de Faith. Ele parecia avultar sobre ela como um gigante malvado dos contos de fada. Ela sentia que ele iria devorá-la de uma vez, com ossos e tudo.

– Eu... Sou... Faith... Faith Meredith – murmurou a menina quase inaudivelmente.

– Meredith, hã? Uma das filhas do ministro da igreja, não? Ouvi falar de vocês! Sim, ouvi falar! Montando porcos e desrespeitando o dia santo! Que

boa gente! O que veio fazer aqui? O que quer com este velho pagão? Não peço favores a ministros e também não faço nenhum. Diga, o que deseja?

Faith desejou que estivesse a milhares de quilômetros dali, ela balbuciou com a pura simplicidade:

– Eu vim pedir, que o senhor volte para a igreja e que volte a contribuir.

Norman a atravessou com o olhar. Ele então inclinou-se para frente.

– Sua menina atrevida! Quem mandou você vir até aqui? Diga, quem a mandou aqui?

– Ninguém – disse a pobre Faith.

– É mentira. Não minta para mim! Quem mandou você vir falar comigo? Não foi o seu pai, ele tem a coragem de um rato, mas não enviaria a filha para fazer o que não se atreve. Suponho que foram algumas daquelas solteironas velhas de Glen, não foram? Diga, não foram?

– Não... Eu... Eu vim por conta própria.

– Acha que sou um idiota? – gritou Norman.

– Não, achei que fosse um cavalheiro – disse com franqueza a menina, sem a mínima intenção de ser sarcástica.

Norman levantou-se de chofre.

– Cuide da sua vida. Não quero ouvir mais nenhuma palavra. Se você não fosse uma criança, eu te ensinaria a não se meter aonde não é chamada. Quando eu precisar de um ministro ou de um doutor, eu os mandarei chamar. Até lá, não quero me meter com eles. Entendeu? Agora, dê o fora, cara-de-queijo.

Faith deu o fora. Desceu às cegas os degraus da varanda, passou pelo portão do jardim e pegou a trilha de terra. Já estava na metade do caminho quando o medo passou e uma onda de raiva a dominou. Ao final da trilha, sentia uma fúria que nunca havia sentido antes. Os insultos de Norman Douglas ardiam na alma dela, alimentando um fogo escaldante. Ir para casa? Não ela! Ela iria voltar até lá e dizer poucas e boas para aquele ogro velho...

Ele iria ver só! Ela iria lhe mostrar quem é que tinha cara-de-queijo!

Deu meia volta sem hesitar. A varanda estava deserta e a porta fechada. Faith a abriu sem bater e entrou. Norman Douglas estava sentado à mesa de jantar e ainda lia o jornal. Faith atravessou a sala com determinação, arrancou o jornal da mão dele, atirou-o no chão e o pisoteou. Então o encarou, com os olhos relampejando e as bochechas escarlates. Sua fúria

juvenil era tão formosa que Norman Douglas quase não a reconheceu.

– O que a trouxe de volta? – rugiu, mais impressionado do que propriamente irritado.

Resoluta, ela olhou dentro daqueles olhos encolerizados que tão pouca gente era capaz de encarar por muito tempo.

– Voltei para dizer exatamente o que penso de você – disse Faith, em alto e bom tom. – Você não me assusta. Você é um velhote rude, injusto, tirânico e intratável. Susan disse que você certamente irá para o inferno, o que é uma lástima, mas não tenho pena de você. Sua esposa demorou dez anos para ganhar um chapéu novo e não me admira que tenha morrido. De agora em diante, farei caretas para você sempre que puder. Já sabe o que irei fazer sempre que estiver atrás de você. Há uma figura do diabo em um dos livros do papai, e eu pretendo escrever o seu nome sob ela. Você é um vampiro velho e espero que tenha gafeira!

Faith não sabia o que era um vampiro e muito menos gafeira. Ela ouvira Susan usar tais expressões e inferiu pelo tom dela que eram coisas ruins. Só que o Norman Douglas sabia o que a última significava. Ele ouviu no mais absoluto silêncio a bronca de Faith. Quando ela parou para respirar, batendo o pé no chão, ele de repente desatou a rir. Batendo a mão no joelho, exclamou:

– E não é que você tem coragem mesmo? Gosto disso. Venha aqui, sente-se, sente-se!

– Não. – Os olhos de Faith tinham um brilho frenético. A menina achou que ele estava tirando sarro dela, que estava sendo tratada com desprezo. Ela teria preferido outra explosão de raiva, pois aquela atitude era ainda pior. – Não me sentarei na sua casa. Estou indo embora, mas estou feliz por ter voltado aqui e dito tudo que queria.

– Eu também, eu também! – riu Norman. – Gostei muito de você. Que rubor! Que brio! Eu te chamei de cara-de-queijo? Ora, você nem cheira a queijo. Sente-se. Se tivesse chegado com toda essa energia, garota! Então, você escreverá o meu nome debaixo da figura do diabo, certo? Só que ele é todo preto, menina, todinho, e eu sou mais vermelho. Não vai dar certo... Não vai dar! E quer que eu tenha gafeira? Santo Deus, menina, eu já tive quando era moço. Não deseje isso para mim novamente. Sente-se, fique à vontade. Vamos fazer as pazes.

– Não, obrigada – disse Faith com orgulho.

– Ah, vai se sentar, sim. Venha, sente-se, peço desculpas, garota... Eu sinto muito. Fui um tolo e estou arrependido, estou sendo sincero. Esqueça isso e me perdoe. Preste atenção, menina: se apertar a minha mão e fizer as pazes comigo, eu pagarei a quantia que costumava contribuir e irei à igreja no primeiro domingo de cada mês, só para deixar a Kitty Alec de queixo caído. Sou o único da família que pode fazer isso. Negócio fechado?

Parecia um ótimo negócio. Faith descobriu-se apertando a mão do ogro e sentando-se à mesa dele. A onda de raiva havia passado, pois as ondas de raiva de Faith nunca duravam muito. Entretanto, seus olhos ainda tinham um brilho intenso e as bochechas ainda estavam coradas por causa de toda a comoção. Norman Douglas olhou para ela com admiração.

– Pegue as suas melhores compotas, Wilson – ordenou –, e não fique emburrada, mulher, não fique emburrada. E daí se nós discutimos, mulher? Uma boa briga limpa o ar e deixa as coisas mais interessantes. Só que não pode haver lágrimas ou ressentimentos depois, mulher, nada de lágrimas ou ressentimentos, não suporto isso. Gosto de mulheres com temperamento forte, mas não de lágrimas. Aqui, menina, coma um pouco de carne com batatas, não se acanhe. A Wilson tem um nome chique para isso, mas eu chamo de macanaccady. Qualquer coisa de comer que eu não consiga identificar eu chamo de macanaccady e qualquer coisa de beber que me intrigue eu chamo de shallamagouslem.

O chá da Wilson é shallamagouslem, posso jurar que ela o prepara com bardana. Não beba esse líquido horrível, aqui, beba um pouco de leite. Como é mesmo o seu nome?

– Faith.

– Não gosto desse nome, não gosto! Não o suporto. Tem algum outro?

– Não, senhor.

– Não gosto desse nome, não mesmo. Não tem força. Além disso, me faz lembrar da minha tia Jinny. Ela batizou as filhas de Faith, Hope e Charity¹⁶. A Faith não acreditava em nada, a Hope era uma pessimista nata e Charity uma avarenta. Você deveria se chamar Rosa Vermelha, pois você lembra uma quando está brava. Vou chamá-la de Rosa Vermelha. Pois bem, você me fez prometer ir à igreja, não é mesmo?

Só uma vez por mês, não se esqueça... Uma vez por mês. Vamos lá, garota, não tem como me poupar dessa promessa? Eu costumava contribuir com

cem dólares por ano e frequentar a igreja. Se eu prometer pagar duzentos por ano, você me livra dessa? Por favor!

– Não, não senhor – disse Faith, divertindo-se. – Quero que também vá a igreja.

– Bem, trato é trato. Acho que posso ir doze vezes por ano. Que sensação vou causar no primeiro domingo! A velha Susan Baker falou que eu vou para o inferno. Você acredita nisso? Diga, acredita?

– Espero que não vá, senhor – gaguejou Faith, confusa.

– Por que você espera que não? Vamos, diga, por que espera que não? Me dê um motivo, garota... Um motivo.

– Deve... Deve ser um lugar... Muito desconfortável, senhor.

– Desconfortável? Vai depender da sua ideia de desconforto, garota. Eu me cansaria dos anjos bem rápido. Imagine a velha Susan com uma auréola!

Faith imaginou e foi tão engraçado que precisou rir. Norman a encarou com um olhar de aprovação.

– Viu só o lado cômico? Oh, gostei de você... Você é ótima. Agora, voltando ao assunto da igreja... O seu pai sabe pregar?

– Ele faz sermões maravilhosos – disse a leal Faith.

– É mesmo? É o que veremos, mas eu estarei de olho nas falhas dele. É melhor ele ter cuidado com o que diz na minha presença. Vou estar atento a cada palavra, cada argumento dele. Estou disposto a me divertir um pouco com esse negócio de ir à igreja. Ele já chegou a pregar sobre o inferno?

– Nããão... Acho que não.

– Que pena. Gosto de sermões sobre o assunto. Diga a ele que se quiser me manter de bom humor, é só fazer um belo de um sermão sobre o inferno a cada seis meses. E quanto mais enxofre tiver, melhor! Gosto deles fumegantes. E pense no deleite das solteironas. Eles lançariam olhares fulminantes ao velho Norman Douglas e pensariam, “essa é para você, seu velho patife. É para lá que você irá”. Darei dez dólares a mais cada vez que você fizer o seu pai pregar sobre o inferno. Aí vem a

Wilson com a compota. Não parece apetitosa? Prove!

Faith engoliu obedientemente a colherada cheia que Norman lhe serviu. Por sorte, estava deliciosa.

– É a melhor compota de ameixa do mundo – disse Norman, enchendo um pires para ela. – Que bom que gostou. Vou te dar alguns potes para levar para casa. Não sou nem um pouco mesquinho, nunca fui. O diabo não pode

me acusar disso, pelo menos. Não foi culpa minha o fato de a Hester não ter tido um chapéu novo por dez anos. Foi dela mesma. Ela evitava comprar chapéus para poupar dinheiro e doá-lo para as missões na China. Nunca doei um centavo para as missões, e nunca irei. Jamais conseguirá me convencer! Cem por ano de contribuição, e ir à igreja uma vez ao mês, mas nada de estragar bons pagãos para convertê-los em pobres cristãos! Ora, garota, eles não entrariam nem no céu e nem no inferno, ficariam impedidos de entrar em ambos os lugares... Nos dois. Ei, Wilson, você não tem um sorriso? É espantosa a capacidade das mulheres de ficar de cara amarrada. Nunca fiquei emburrado na vida. Eu explodo na hora e depois... Puf! A raiva se vai, o sol volta a brilhar e volto a ficar dócil.

Norman insistiu em levar a Faith para casa depois do jantar, e encheu a charrete com maçãs, repolhos, batatas, abóboras e potes de compota.

– Tem um filhote de gato adorável no celeiro. Pode ficar com ele também, se quiser. É só dizer.

– Não, obrigada – disse Faith decididamente. – Não gosto de gatos. Além disso, eu tenho um galo.

– Escutem só. Não se pode mimar um galo da mesma forma que um gatinho. Quem já ouviu falar em um galo de estimação? É melhor ficar com o bichano. Quero encontrar um bom lar para ele.

– Não, obrigada. A tia Martha já tem um gato e ele mataria um filhote desconhecido.

Norman rendeu-se àquele argumento com enorme relutância.

A viagem de volta foi bem animada, depois de deixar a menina na porta da cozinha da casa ministerial e descarregar toda a carga, ele foi embora, gritando:

– Uma vez por mês! É só uma vez por mês, não se esqueça!

Faith foi para a cama, sentindo-se um pouco aturdida e sem fôlego, como se tivesse acabado de escapar de um redemoinho de vento genioso. Estava contente e satisfeita, pois eles não teriam que deixar Glen,

o cemitério e o Vale do Arco-Íris. Ainda assim, ela dormiu preocupada com o fato de Dan Reese tê-la chamado de porquinha e que, agora que tinha encontrado um xingamento tão insuportável, ele iria chamá-la assim sempre

que surgisse uma oportunidade.

Do inglês, respectivamente: Fé, Esperança e Caridade. (N. T.)



UMA VITÓRIA DUPLA

Norman Douglas foi à igreja no primeiro domingo de novembro e causou toda a sensação que desejava. O senhor Meredith apertou a mão dele distraidamente na entrada da igreja e desejou que a senhora Douglas estivesse bem.

– Ela não estava muito bem dez anos atrás, quando eu a enterrei, mas imagino que esteja melhor agora – disse Norman com seu vozeirão, para o espanto e a diversão de todos os presentes com a exceção do próprio ministro, que já estava absorto em pensamentos, imaginando se havia enunciado o último parágrafo do sermão com a clareza necessária, alheio ao que Norman havia dito e ao que ele dissera para o Norman.

Norman interceptou Faith no portão.

– Eu cumpri a minha promessa, veja só, Rosa vermelha, cumpri a minha promessa. Estou livre até o primeiro domingo de dezembro. Que belo sermão, garota... Foi um ótimo sermão, o seu pai é mais inteligente do que aparenta. Só que ele se contradisse uma vez... Avise-o que ele se contradisse. Aproveite para dizer que quero ouvir o sermão sobre o inferno em dezembro. É um ótimo jeito de fechar o ano velho, com um gostinho do inferno. E que tal um gostinho do céu para o sermão de Ano Novo? Embora não seja tão interessante quanto o inferno, garota... Não chega nem perto. Ainda assim, gostaria de saber a opinião do seu pai sobre o céu, ele é uma pessoa capaz de raciocinar, o que a coisa mais rara do mundo. Só que ele se contradisse, sim. Rá, rá! Eis uma pergunta que você pode fazer quando ele despertar novamente: será que Deus é capaz de fazer uma pedra tão pesada que nem mesmo Ele é capaz de erguer? Não se esqueça dela. Quero saber a opinião dele. Já deixei vários ministros confusos com essa dúvida, garota.

Faith ficou feliz ao escapar dele e correr para casa. Dan Reese, parado no portão em meio aos outros garotos, olhou para ela e preparou-se para gritar “porquinha”, mas não se atreveu a fazê-lo ali. No dia seguinte, na escola, haveria uma ocasião melhor. Durante o recesso do meio-dia, Faith deparou-se com Dan no bosque de abetos atrás da escola e o menino gritou:

– Porquinha! Porquinha! A garota do galo de estimação!

Walter Blythe de repente levantou-se da grama fofa atrás de um amontoado de pinheiros, onde estava lendo. Estava muito pálido e seus olhos faiscavam.

– Cuidado com o que diz, Dan Reese! – disse.

– Ah, olá, senhorita Walter – retrucou Dan, nem um pouco abalado. Ele subiu na cerca e cantarolou:

“Covarde, covarde, você não é de nada!
Covarde, covarde, você não é de nada!”

– Você é uma coincidência! – exclamou Walter com desprezo, ficando ainda mais lívido. Ele tinha apenas uma vaga noção do que era uma coincidência, mas Dan não fazia a mínima ideia e achou que fosse algo peculiarmente ofensivo.

– Rá! Covarde! – gritou mais uma vez. – Sua mãe escreve mentiras! Mentiras! Mentiras! É a Faith Meredith é uma porquinha! Porquinha! Porquinha! É a garota do galo de estimação! A garota do galo! A garota do galo! Rá! Covarde, covarde, co...

Dan não conseguiu terminar. Walter lançou-se na direção dele, percorreu a distância que os separava e derrubou-o da cerca de costas com um soco certeiro. O tombo repentino e inglorio de Dan foi recebido com gargalhadas e uma salva de palmas de Faith. O menino levantou-se, roxo de raiva e começou a subir a cerca. Foi então que o sino da escola tocou e Dan sabia o que acontecia com os garotos que se atrasavam para a aula do senhor Hazard.

– Resolveremos isso depois – gritou. – Covarde!

– A hora que quiser – disse Walter.

– Ah, não, não, Walter – protestou Faith. – Não lute com ele, não me importo com o que ele diz. Jamais me rebaixaria ao mesmo nível das pessoas como ele.

– Ele insultou você e a minha mãe – disse Walter, com a mesma calma mortal. – Esta tarde, depois da escola.

– Meu pai me mandou voltar direto para casa depois da aula para colher babatas – respondeu Dan, carrancudo. – Amanhã, sim.

– Tudo bem. Aqui, amanhã de tarde – concordou Walter.

– Vou arrebentar essa sua cara de mariquinha – prometeu Dan.

Walter estremeceu, não de medo da ameaça e sim de repulsa pela feiura e vulgaridade dela. Mesmo assim, manteve a cabeça erguida e caminhou em direção à escola. Faith o seguiu, em um conflito de emoções. Ela detestava imaginar Walter lutando com imbecil, mas... Ah, ele fora esplêndido! E ele iria lutar por ela, Faith Meredith, para punir o garoto que a insultara! É claro que ele iria ganhar, um olhar como o dele anunciava a vitória.

A confiança de Faith no campeão dela diminuiu um pouco ao anoitecer, no entanto. Walter passou o resto do dia na escola muito calado e distante.

– Se ao menos fosse o Jem – suspirou Faith, quando se reuniu com os outros no túmulo do Hezekiah Pollock. – Ele é um verdadeiro lutador e poderia acabar com o Dan em pouco tempo. Walter não sabe lutar muito bem.

– Tenho tanto medo de que ele se machuque – suspirou Una, que detestava brigas e não conseguia compreender a exultação sutil e secreta que pressentia em Faith.

– Walter não vai se machucar – disse Faith com tranquilidade. – Ele é tão grande quanto o Dan.

– Só que o Dan é mais velho – disse Una. – Quase um ano mais velho.

– O Dan não é de brigar muito, se você parar para pensar – disse Faith. – Acho que, no fundo, ele é um covarde. Ele não achou que o Walter fosse peitá-lo, do contrário não teria me xingado na presença dele. Oh, se você tivesse visto a expressão do Walter ao olhar para ele, Una! Eu até me arrepiei, de um jeito bom. Ele parecia o *sir* Galahad, [naquele poema](#) que o papai leu para nós no sábado.

– Detesto a ideia dos dois brigando e gostaria que isso pudesse ser evitado – disse Una.

– Ah, agora eles precisam lutar – exclamou Faith. – É uma questão de honra. Não se atreva a contar para ninguém, Una. Se não, nunca mais confidenciarei meus segredos a você.

– Não vou contar – concordou Una. – Mas não vou ficar para assistir à briga. Virei direito para casa.

– Ah, tudo bem. Eu tenho que estar lá, seria maldade, já que ele está brigando por mim. Vou amarrar uma fita com as minhas cores no braço dele,

que é o que uma donzela faz com o seu cavaleiro. Que sorte a senhora Blythe ter me dado aquela linda fita azul para o cabelo de aniversário! Eu a usei apenas duas vezes, então está quase nova. Só queria ter certeza de que o

Walter vai ganhar. Será tão humilhante se ele não vencer!

Faith teria ficado ainda mais insegura se pudesse ver seu campeão naquele exato momento. Quando chegou em casa depois da escola, a ira justiceira de Walter tinha sido substituída por uma sensação desagradável. Ele teria que lutar contra Dan Reese no dia seguinte, apesar de não querer, pois era algo odioso. E Walter não conseguia parar de pensar nisso, a ideia não o deixava em paz nem por um minuto. Será que iria doer? Ele tinha um medo profundo de que fosse doer. Será que ele seria derrotado e humilhado?

Ele não conseguiu comer quase nada. Susan tinha feito uma enorme fornada dos seus biscoitos favoritos, com carinhas de macacos, mas ele só conseguiu engolir um. Jem comeu quatro. Walter se perguntou como ele conseguia. Como alguém era capaz de comer? E como eles conseguiam conversar alegremente enquanto comiam? Ali estava a mamãe, com os olhos brilhantes e as bochechas rosadas. Ela não sabia que um dos filhos teria que brigar no dia seguinte. Sombriamente, Walter imaginou se ela estaria assim tão contente se soubesse. Jem tinha tirado uma foto de Susan com a nova câmera e o resultado foi compartilhado ao redor da mesa, o que a deixou muito indignada.

– Sei que não sou uma beldade, querida senhora, que nunca fui e que jamais serei – disse em um tom injuriado. – Porém, recuso-me a acreditar que sou tão feia quanto mostra essa fotografia.

Jem riu do comentário e Anne riu novamente com ele. Walter não conseguiu suportar. Ele se levantou e foi para o quarto.

– Aquele menino está preocupado com alguma coisa, querida senhora – disse Susan. – Ele não comeu praticamente nada. Acha que ele está tramando outro poema?

O pobre Walter estava aflito demais para adentrar os reinos fantásticos dos versos. Ele apoiou os cotovelos no peitoril da janela aberta e pousou a cabeça sonhadora sobre as mãos.

– Vamos para a praia, Walter – gritou Jem ao entrar de supetão no quarto. – Os garotos vão queimar a grama nas dunas de areia esta noite. O papai disse que podemos ir. Vamos lá.

Em qualquer outra ocasião, Walter teria ficado animado. Ele adorava ver as fogueiras com a grama seca nas dunas de areia. Só que naquele dia ele

recusou o convite, e nenhum argumento ou súplica o faria voltar atrás. Desapontado, Jem foi para o seu museu pessoal no sótão e enfiou-

-se em um livro, ele não tinha interesse em fazer a longa caminhada no escuro até Four Winds Point sozinho. Logo ele se entreteve com os heróis das histórias antigas e se esqueceu da decepção, pausando ocasionalmente para se imaginar como um famoso general liderando as tropas até a vitória em algum importante campo de batalha.

Walter ficou na janela até a hora de dormir. Di entrou de mansinho no quarto, na esperança de descobrir o que estava acontecendo, mas o garoto não podia falar do assunto, nem com a Di. Falar o traria para a realidade da qual ele queria fugir. Seus pensamentos já eram torturantes o suficiente. As folhas secas e murchas dos bordos farfalhavam do lado de fora, o brilho róseo havia desaparecido do céu prateado e a lua cheia brilhava esplendorosamente sobre o Vale do Arco-Íris. Lá longe, as chamas avermelhadas pintavam uma composição gloriosa no horizonte além das colinas. Era o início de uma noite clara e tranquila, em que os sons longínquos podiam ser ouvidos nitidamente. Uma raposa uivava do outro lado do lago; uma locomotiva bufava na estação de Glen; um gaio-azul gritava no bosque de bordos; risadas ecoavam do jardim da casa ministerial. Como as pessoas eram capazes de rir? Como as raposas, os pássaros e as máquinas se comportavam como se nada fosse acontecer no amanhã?

– Ah, como eu queria que tudo isso já tivesse terminado – murmurou Walter.

Ele dormiu muito pouco naquela noite e teve dificuldade para engolir o mingau na manhã seguinte. Susan era generosa nas porções. O senhor Hazard o considerou um pupilo insatisfatório naquela manhã. A mente de Faith Meredith também parecia estar em outro lugar. Dan Reese não parou de fazer desenhos das garotas às escondidas na sua lousa,

acrescentando cabeças de porco ou de galos e erguendo-os para cima para que todos vissem. A notícia da luta havia vazado, então Dan e Walter encontraram a maioria dos garotos e das garotas reunidos no bosque de abetos depois da escola. Una tinha ido embora, mas Faith continuou ali depois que amarrou a fita azul no braço do Walter. O menino estava contente por Jem, Di e Nan não estarem entre os espectadores. Por algum motivo eles não ouviram a história que circulava e tinham ido para casa. Walter encarou Dan destemidamente. No último instante todo o medo desaparecera, todavia, a ideia de ter que brigar ainda o revoltava. Era evidente que o rosto de Dan

estava mais pálido sob as sardas do que o do Walter. Um dos meninos mais velhos deu o sinal e Dan desferiu um soco no rosto de Walter.

Walter cambaleou um pouco, a dor do golpe reverberou por todo seu corpo sensível momentaneamente, então ele não sentiu mais nada. Algo que jamais experimentara antes pareceu inundá-lo, seu rosto ficou escarlate e os olhos arderam como duas chamas. Os alunos da escola de Glen St. Mary não imaginavam que a “senhorita Walter” podia ser assim. Ele lançou-se na direção de Dan como um animal selvagem.

As brigas entre os garotos da escola de Glen não tinham regras específicas. Era um verdadeiro toma-lá-dá-cá. Walter brigou com uma fúria e uma alegria que Dan não estava dando conta e tudo terminou muito rapidamente. Walter só tomou conhecimento do que estava fazendo quando a névoa vermelha desapareceu de seus olhos e ele se descobriu ajoelhado sobre o corpo prostrado de Dan, cujo nariz (ah, o horror!) vertia sangue.

– Já foi o suficiente? – perguntou Walter entre os dentes cerrados.

À contragosto, Dan admitiu que sim.

– Minha mãe escreve mentiras?

– Não.

– A Faith é uma porquinha?

– Não.

– E nem a garota do galo?

– Nem.

– E eu sou um covarde?

– Não.

Walter quis perguntar “e um mentiroso?”. Contudo, a compaixão impediu que o humilhasse ainda mais. Além disso, todo aquele sangue era horrível.

– Pode ir, então – disse com desprezo.

Os garotos que estavam empoleirados na cerca bateram palmas calorosamente e algumas das meninas choravam. Estavam com medo, pois já tinham visto garotos brigarem antes, mas nada parecido com o que Walter fizera com Dan, houve algo de horripilante ali. Todas acharam que ele iria matar o menino. Agora que tudo havia terminado, elas soluçavam histericamente, com a exceção de Faith, que ainda estava tensa e com as bochechas coradas.

Walter não ficou ali para desfrutar da glória do vencedor. Ele pulou a cerca e desceu a colina correndo até o Vale do Arco-Íris. Não sentia a alegria da vitória e sim certa calma pelo dever cumprido e a honra vingada,

misturada com o asco ao lembrar-se do nariz sangrento de Dan. A cena foi feia e Walter detestava a feiura.

Ele começou a perceber que também estava um pouco ferido e dolorido. Tinha um corte em um dos lábios, que estava inchado, uma sensação muito estranha em um dos olhos. No Vale ele encontrou o senhor Meredith, que voltava de uma visita às irmãs West. O ministro olhou seriamente para ele.

– Pelo visto, você se meteu em uma briga, Walter.

– Sim, senhor – respondeu, esperando uma bronca.

– E qual foi o motivo?

– O Dan Reese falou que a minha mãe escreve mentiras e que a Faith é uma porquinha – respondeu Walter em um só fôlego.

– Ah! Então foi mais do que justificado, Walter.

– O senhor acha que é certo brigar? – perguntou Walter com certa curiosidade.

– Nem sempre e não com frequência, mas às vezes... Sim, às vezes

– disse John Meredith. – Quando damas são insultadas, por exemplo, como foi o seu caso. Meu lema é nunca brigar a menos que seja necessário. E se for, lute com todas as forças, apesar dos vários roxos, suponho que você tenha levado a melhor.

– Sim. Eu o obriguei a retirar tudo o que havia dito.

– Muito bem, muito bem. Não pensei que fosse um lutador, Walter.

– Nunca tinha brigado antes e evitei até o último instante. Só que... – disse Walter, determinado a contar a verdade. – A sensação durante a briga foi boa.

Os olhos do reverendo John cintilaram.

– Você... Ficou um pouco assustado... De início?

– Eu fiquei muito assustado – disse Walter com honestidade. – Mas não vou ficar assustado nunca mais, senhor. Ter medo das coisas é pior do que as próprias coisas. Vou pedir para o meu pai que me leve até Lowbridge para arrancar o meu dente.

– Muito bem, mais uma vez. “O medo é mais doloroso do que a dor que se teme”. Sabe quem escreveu isso, Walter? Shakespeare¹⁸. Existe alguma sensação, emoção ou experiência do coração humano que aquele homem maravilhoso não conhecia? Quando chegar em casa, diga a sua mãe que estou orgulhoso de você.

Walter não contou aquilo para a mãe, entretanto, mas contou todo o resto, e ela o compreendeu e disse que estava feliz por ele ter defendido da honra

dela e a da Faith. Anne então passou pomada nos ferimentos e água de colônia na cabeça dolorida do filho.

– Todas as mães são tão bondosas como você? – perguntou Walter, abraçando-a. – Você merece ser defendida.

A senhorita Cornelia e a Susan estavam na sala quando Anne desceu as escadas e ouviram toda a história com prazer. Susan, em particular, ficou imensamente satisfeita.

– Estou muito contente por ele ter se metido em uma briga de verdade, querida senhora. Talvez isso o faça se esquecer dessa bobagem de poesia. E eu nunca, nunca gostei daquela víbora do Dan Reese. Não quer se sentar mais perto do fogo, senhora Marshall Elliott? Essas tardes de novembro podem ser muito geladas.

– Obrigada, Susan, não estou com frio. Passei na casa ministerial antes de vir para cá e me aqueci bastante. Se bem que tive de ir até a cozinha para isso, pois não havia fogo aceso em nenhum lugar. Parecia que um furacão tinha passado pela cozinha, acredite em mim. O senhor Meredith não estava em casa. Não consegui descobrir onde ele estava, mas suspeito que tenha ido na casa dos West. Sabe, querida Anne, dizem que ele as visitou durante todo o outono e as pessoas estão começando a achar que ele está interessado na Rosemary.

– A Rosemary seria uma esposa muito charmosa – disse Anne, colocando mais lenha na lareira. – É uma das moças mais agradáveis que já conheci.

Ela pertence legitimamente ao povo que conhece José.

– Sim... Só que é uma episcopal – hesitou a senhorita Cornelia.

– É claro que ainda é melhor do que ser uma metodista, mas eu acho que o senhor Meredith poderia encontrar uma boa esposa que fosse da mesma igreja. Todavia, é provável que esses rumores não sejam verdadeiros. Um mês atrás, eu lhe disse, “o senhor deveria se casar novamente”. Ele ficou chocado, como se eu tivesse proposto algo impróprio. “Minha esposa está morta, senhora Elliott”, disse ele daquele jeito gentil e virtuoso. “É verdade, do contrário eu não daria esse conselho”, eu falei. Então ele ficou ainda mais chocado. Assim, duvido dessa história com a Rosemary. Se um ministro visita mais de uma vez uma casa onde mora uma mulher solteira, as más línguas dirão que ele a está cortejando.

– Tenho a impressão, se me permite dizer, de que o senhor Meredith é tímido demais para cortejar uma pretendente – disse Susan solenemente.

– Ele não é tímido, acredite em mim – retrucou a senhorita Cornelia. – Avoado, sim; tímido, não. E por mais que seja distraído e sonhador, ele confia bastante em si mesmo, o que é típico de um homem e não teria dificuldades em cortejar uma mulher nas ocasiões em que está realmente desperto. Não, o problema é que ele se ilude, achando que seu coração está enterrado, quando na verdade ele está batendo dentro do peito como o de qualquer outra pessoa. Ele pode estar interessado na Rosemary West e pode não estar. Se estiver, deveríamos nos alegrar. Ela é uma moça doce, uma ótima dona de casa e seria uma mãe dedicada para aquelas pobres crianças negligenciadas. E... – concluiu a senhorita Cornelia com resignação – a minha própria avó era episcopal.

Publicado em 1842, *Sir Galahad* é um dos vários poemas escritos pelo poeta britânico Alfred Tennyson (1809-1892) sobre a lenda do Rei Arthur. (N. T.)

Na verdade, a frase é de autoria do poeta britânico *sir* Philip Sidney (1554-1586). (N. T.)



MARY TRAZ MÁS NOTÍCIAS

Mary Vance, que fora à casa ministerial a pedido da senhora Elliott, saltitava pelo Vale do Arco-Íris a caminho de Ingleside, onde iria passar a tarde do sábado com a Nan e a Di. As duas tinham colhido goma dos abetos junto com Faith e Una no bosque nos arredores da casa ministerial e agora as quatro estavam sentadas sobre o pinheiro tombado próximo ao riacho. Todas mascavam com entusiasmo, é preciso admitir. As gêmeas de Ingleside não tinham permissão para mascar goma de abeto em nenhum outro lugar além do Vale do Arco-Íris, mas Faith e Una não eram reprimidas por semelhantes regras de etiqueta e faziam isso alegremente em qualquer lugar, dentro e fora de casa, para o horror de toda a vila. Faith já tinha sido vista mascarando goma na igreja, então ao perceber a gravidade da situação, Jerry lhe deu uma bronca de irmão mais velho que ela jamais esqueceu.

– Eu estava com tanta fome que tive que mastigar alguma coisa – protestou ela. – Você sabe muito bem qual foi o nosso café da manhã, Jerry Meredith. Eu simplesmente não consegui comer o mingau queimado, e meu estômago estava vazio, com uma sensação esquisita.

A goma ajudou muito e eu nem a masquei com tanta força assim. Não fiz barulho e não a estalei nem uma vez.

– De qualquer forma, você não deveria mascar goma na igreja – insistiu Jerry. – Que isso não se repita.

– Você estava mascarando goma na reunião da igreja semana passada – exclamou Faith.

– Isso é diferente – defendeu-se Jerry. – As reuniões não são no domingo. Além disso, eu me sentei em um banco lá do fundo, no escuro e ninguém me viu. Você estava bem na frente, onde todos podiam ver. E eu tirei a goma da boca na hora do último hino e a coleí no banco da frente, mas fui embora e

me esqueci dela. Voltei na manhã seguinte para buscá-la, só que não estava mais lá. Acho que o Rod Warren a pegou. E era uma ótima goma.

Mary Vance entrou no Vale com o nariz empinado, vestia um gorro novo de veludo azul com uma roseta escarlate, um casaco azul marinho e um regalo de pele de esquilo. Estava muito orgulhosa das novas roupas e satisfeita consigo mesma. Seus cabelos estavam intrincadamente frisados, seu rosto mais redondo, suas bochechas rosadas e seus olhos brilhantes. Não se parecia nem um pouco com a órfã abandonada e esfarrapada que os Meredith encontraram no celeiro velho dos Taylor. Una tentou não ficar com inveja. Ali estava a Mary com um gorro novo de veludo, enquanto ela e a irmã eram obrigadas a usar as toucas cinzas velhas e surradas novamente naquele inverno. Ninguém nunca pensava em lhes comprar roupas novas e elas não pediam para o pai por medo de que ele estivesse sem dinheiro e se sentisse mal. Mary disse certa vez que os ministros viviam sem dinheiro e que tinham “muita dificuldade” para chegar ao fim do mês. Desde então, Faith e Una preferiam andar em trapos a pedir qualquer coisa ao pai. Elas não se importavam muito com a própria precariedade, todavia era difícil ver a Mary Vance vestida com tanto estilo e com ares de superioridade. O regalo novo de pele de esquilo era a gota d’água. As irmãs nunca tiveram um, e se consideravam sortudas se podiam ter luvas sem buracos. A tia Martha não enxergava bem o suficiente para remendar os furos e, por mais que Una tentasse, ela era uma má costureira. Assim, elas não conseguiram expressar cordialidade ao cumprimentarem Mary. A menina não se importou ou não se deu conta, mas Mary não era demasiadamente sensível. Com um pulinho ela sentou-se sobre o pinheiro e deixou o regalo ultrajante sobre uma rama. Una percebeu que o aquecedor de mãos era forrado com cetim vermelho, com bolas da mesma cor. Ela olhou para as próprias mãozinhas roxas e rachadas e se perguntou se algum dia teria a chance de colocá-las dentro de um regalo como aquele.

– Me dê um pedaço de goma – disse Mary afavelmente. Nan, Di e Faith tiraram dos bolsos um nó ou dois da cor do âmbar e deram para Mary. Una não se moveu, ela possuía quatro nós grandes e saborosos no bolso do casaco apertado e gasto e não pretendia dar nenhum a Mary Vance. Que ela fosse buscar a própria goma! Pessoas com regalos de pele de esquilo não tinham que esperar nada do mundo.

– Que dia lindo, não? – comentou Mary, balançando as pernas, talvez para exibir melhor as botas novas com os canos forrados de tecido. Una escondeu

os pés. Havia um furo na ponta de uma das botas e ambos os cadarços estavam cheios de remendos. Era o melhor par que tinha. Oh, aquela Mary Vance! Por que eles não a deixaram no velho celeiro?

Una jamais havia se sentido mal pelo fato das gêmeas de Ingleside serem mais bem-vestidas do que ela e Faith. Elas usavam roupas belas e impecáveis com uma elegância natural e parecia que nunca pensavam nisso. De alguma forma, elas não faziam com que os outros se sentissem esfarrapados. Quando a Mary Vance se aprumava, no entanto, ela parecia exalar roupas, caminhar em uma atmosfera de roupas e fazer com que todos só pensassem em roupas. Una, banhada pela luz cor de mel daquela graciosa tarde de dezembro, sentia-se profunda e miseravelmente envergonhada de tudo que vestia; a touca desbotada, que ainda por cima era a sua melhor; o casaco curto, com o qual já tinha enfrentado três invernos; a saia e as botas esburacadas; as roupas de baixo em péssimas condições. É claro que Mary havia se arrumado toda para fazer uma visita, enquanto que Una, não. Porém, mesmo se tivesse, ela não teria nada melhor para vestir e era isso que machucava.

– Que delícia de goma! Ouça como estrala. Em Four Winds não há nada do tipo – disse Mary. – Às vezes me dá uma vontade louca de mascar. A senhora Marshall ficaria brava se me visse agora, ela diz que uma dama não deve mascar goma. Eu ainda não entendi direito o que uma dama pode ou não pode fazer, pois é um assunto que me intriga. Diga, Una, o que você tem hoje? O gato comeu a sua língua?

– Não – respondeu Una, que não conseguia tirar os olhos do regalo de pele. Mary inclinou-se, pegou o aquecedor e enfiou as mãos da amiga nele.

– Aqueça um pouco as suas mãozinhas – ordenou. – Elas parecem estar precisando. Não é um regalo maravilhoso? A senhora Elliott me deu de presente de aniversário semana passada. No natal, vou ganhar uma echarpe de pele combinando. Foi o que eu a ouvi dizendo para o senhor Elliott.

– A senhora Elliott é muito boa para você – disse Faith.

– Pode apostar! E eu sou boa para ela – respondeu Mary. – Trabalho feito uma escrava para fazer tudo do jeitinho que ela gosta, fomos feitas uma para a outra. Nem todo mundo conseguiria se dar tão bem com ela como eu. Ela é maníaca por limpeza, mas eu também sou, de forma que nós nos entendemos.

– Eu disse que ela nunca bateria em você.

– Disse mesmo. Ela jamais tentou relar um dedo em mim e eu nunca menti para ela, nem uma vez, juro pela minha vida. Às vezes, ela me passa um sermão, só que isso nunca me aflige. Una, por que você tirou o regalo?

Una o colocara de volta sobre a rama.

– Minhas mãos não estão geladas, obrigada – disse secamente.

– Se é assim, então tudo bem. Estão sabendo? A velha Kitty Alec está frequentando a igreja novamente, dócil como um cordeirinho e ninguém sabe o motivo. Todo mundo acha que é porque a Faith convenceu o Norman Douglas a voltar. A empregada dele disse que você foi até lá e lhe deu uma bela de uma bronca. É verdade?

– Eu fui à casa dele e pedi para que voltasse, sim – disse Faith com tranquilidade.

– Que audácia! – disse Mary, cheia de admiração. – Eu não teria me atrevido a fazer isso, e não sou nenhuma covarde. A senhora Wilson contou que houve uma discussão horrível, mas que você saiu vitoriosa e que ele acabou mudando de opinião. Diga, o seu pai vai pregar amanhã na igreja?

– Não irá. Trocou de lugar com o senhor Perry, de Charlottetown. O papai foi para a cidade esta manhã e o reverendo Perry chegará esta noite.

– Achei mesmo que havia alguma novidade no ar, por mais que a velha Martha tenha se recusado a me dar satisfações. Ela não teria matado aquele galo por nada.

– Que galo? Como assim? – exclamou Faith, empalidecendo.

– Não sei que galo. Eu não o vi. Quando lhe entreguei a manteiga que a senhora Elliott mandou, ela disse que havia acabado de matar um galo no celeiro para o almoço de amanhã.

Faith levantou-se do tronco.

– Foi o Adam, não temos outro galo! Ela matou o Adam!

– Vamos, não perca as estribeiras. A Martha me explicou que o açougueiro não tinha nada essa semana, que as galinhas estavam todas botando ovos e que ela precisava preparar alguma coisa.

– Se ela matou o Adam... – disse Faith, antes de correr para casa.

Mary deu de ombros.

– Faith vai enlouquecer. Ela gostava tanto do Adam! Ele já deveria ter ido para a panela há muito tempo, pois a carne deve estar dura como sola de sapato. Eu não gostaria de estar na pele da Martha, a Faith foi embora espumando de raiva. Una, é melhor você ir atrás dela para tentar acalmá-la.

Mary havia caminhado alguns passos com as garotas de Ingleside quando Una subitamente virou-se e saiu correndo.

– Aqui, é para você – disse, com um sutil tom de arrependimento na voz, colocando todos os quatro nós de goma nas mãos da Mary.

– E estou feliz por você ter ganhado um regalo tão bonito.

– Ora, obrigada – disse Mary, surpresa. Assim que a Una se foi, ela voltou-se para as garotas da família Blythe. – Ela não é uma criaturinha peculiar? Mas tem um bom coração, é o que eu sempre digo.



POBRE ADAM!

Quando Una chegou em casa, Faith estava deitada de bruços na cama, inconsolável. A tia Martha havia matado o Adam, ele encontrava-

-se em uma travessa na dispensa naquele exato momento, amarrado e temperado, juntamente com o fígado, o coração e a moela. A tia Martha não deu a mínima para a dor e a fúria da menina.

– Precisávamos preparar alguma coisa para receber aquele ministro de fora – explicou. – Você já está bem grandinha para fazer todo esse escarcéu por causa de um galo velho. Mais cedo ou mais tarde, ele teria que ser morto, não se faça de desentendida.

– Vou contar o que você fez quando o papai voltar – soluçou Faith.

– Não incomode o coitado do seu pai, ele já tem problemas suficientes. E sou eu quem cuida dessa casa.

– O Adam era meu, foi um presente da senhora Johnson e você não tinha o direito de tocá-lo – esbravejou Faith.

– Não seja malcriada. O galo está morto e fim de papo, não vou servir ensopado de carneiro frio para um ministro da igreja que nem conheço. Fui muito bem-educada, por mais que tenha sido rebaixada na escala social.

Faith não desceu para jantar naquela noite nem foi à igreja na manhã seguinte. Na hora do almoço, porém, ela sentou-se à mesa, com os olhos inchados de tanto chorar e uma expressão fria.

O reverendo James Perry era um homem esguio e rubicundo, com um bigode branco eriçado, sobranceiras brancas fartas e uma careca brilhante.

Tinha poucos atributos físicos e era uma pessoa muito fastidiosa e pomposa. Porém mesmo que ele se parecesse com o arcanjo Miguel e falasse na língua dos homens e dos anjos, Faith o teria detestado com todo seu coração. Ele

fatiou Adam com destreza, exibindo as mãos gordas e brancas e o deslumbrante anel de diamante. E também fez comentários joviais durante toda a performance. Jerry e Carl riram, e até Una esboçou um sorriso, como

exigiam os bons modos. Faith, contudo, continuou de cara fechada. O ministro a considerou escandalosamente mal-educada, pois quando ele fez um comentário bajulador para Jerry, Faith o interrompeu com grosseria para contradizê-lo. O reverendo juntou as sobrancelhas ao encará-la.

– Garotinhas não deveriam interromper os mais velhos – disse –, e tampouco deveriam contradizer aqueles que sabem mais do que elas.

Aquilo deixou Faith em um estado de ânimo ainda pior. Ser chamada de “garotinha”, como se ela não fosse maior que a gorduchinha Rilla Blythe de Ingleside! Era intolerável. E como comia aquele abominável senhor Perry! Ele até roeu os ossos do pobre Adam. Faith e Una mal tocaram na comida e olharam para os garotos como se fossem dois canibais. Faith sentia que se aquela terrível refeição não terminasse logo, ela iria acabar jogando alguma coisa na cabeça lustrosa do reverendo. Felizmente, o senhor Perry considerou a torta de maçã borrachuda da tia Martha demasiada para seus poderes de mastigação e o repasto chegou ao fim, após um longo discurso de graças no qual o ministro agradeceu devotamente pela comida que a bondosa e gentil Providência havia provido para sustento e prazer temperado.

– Não foi Deus que proveu o Adam a você – murmurou Faith com rebeldia.

Os garotos se alegraram ao escaparem para o quintal, Una foi ajudar a tia Martha com os pratos, ainda que a velha rabugenta nunca aceitasse de bom agrado a tímida assistência da menina e Faith dirigiu-se para o escritório, onde um fogo aconchegante ardia na lareira. Ela achou que conseguiria escapar do odioso senhor Perry, que havia anunciado suas intenções de tirar um cochilo à tarde, mas assim que ela se instalou em um canto com um livro ele entrou, parando diante da lareira e começou a examinar o escritório bagunçado com um ar de desaprovação.

– Os livros do seu pai estão em uma situação deplorável, minha garotinha – disse severamente.

Faith continuou taciturna no canto, sem dizer nada. Ela não iria falar com aquela... Aquela criatura.

– Você deveria tentar colocá-los em ordem – continuou o senhor Perry, brincando com a corrente do belo relógio e sorrindo condescendentemente para Faith. – Você tem idade suficiente para tais tarefas. A minha filha tem só 10 anos e já é uma excelente ajudante e companheira para a mãe, é uma criança muito doce. Gostaria que você tivesse o privilégio de conhecê-la, ela poderia ajudá-la de várias maneiras. Evidentemente, a você foi negado o

inestimável privilégio de ter os carinhos e aprendizados de uma mãe. Uma triste carência, uma carência muito triste. Já conversei com o seu pai sobre esse assunto, chamando-lhe a atenção para os deveres dele, mas não houve resultados por enquanto. Tenho fé que ele despertará para as responsabilidades

antes que seja tarde demais. Enquanto isso, é seu dever e privilégio

esforçar-se para ocupar o lugar da sua santa mãe. Você poderia ter grande influência sobre seus irmãos e a sua irmãzinha e poderia ser uma verdadeira mãe para eles. Receio que você não reflita sobre essas coisas como deveria.

Minha querida criança, permita-se abrir os seus olhos para elas.

A voz pegajosa e complacente do senhor Perry escorria pelos ouvidos de Faith. Ele estava em seu elemento. Nada o satisfazia mais do que impor as leis morais, ser pedante e aconselhar. Não tinha a menor pretensão de parar e

não parou. Parado diante da lareira, com os pés firmemente plantados sobre o tapete, ele despejava uma torrente de chavões. Faith não ouviu uma palavra sequer. Seus olhos castanhos olhavam com um deleite travesso e crescente a longa cauda do fraque preto dele. O senhor Perry estava parado muito próximo ao fogo.

A cauda começou a ficar chamuscada... A cauda começou a soltar fumaça. Ele prosseguia, encorajado pela própria eloquência. A fumaça aumentou e uma faísca minúscula voou da madeira e pousou na vestimenta. Ela ganhou vida, aumentando até formar um fogo sem chama. Faith não conseguiu mais se conter e começou a rir disfarçadamente.

O senhor Perry interrompeu-se, enfurecido pela impertinência. De repente, percebeu o cheiro de roupa queimada que enchia a sala. Ele virou-se e não viu nada. Então ele segurou a cauda do fraque e a puxou para frente, já havia um buraco considerável em um dos lados no fraque novo dele. Chacoalhando o corpo, Faith ria descontroladamente da pose e da expressão dele.

– Você percebeu que meu fraque estava pegando fogo? – exigiu saber, furioso.

– Sim, senhor – respondeu ela com obediência.

– E por que não disse nada?

– O senhor disse que não era educado interromper os mais velhos – disse Faith, ainda mais obedientemente.

– Se eu fosse a sua mãe, eu lhe daria uma surra da qual você se lembraria pelo resto da vida, mocinha – disse o ministro da igreja muito, muito

encolerizado, marchando para fora do escritório. O casaco do segundo melhor terno do senhor Meredith não lhe serviria, de maneira que ele teria que realizar o culto com o fraque chamuscado. O senhor Perry não percorreu o corredor com a usual consciência da honra que conferia ao recinto. Ele nunca mais concordou em trocar de púlpitos com o senhor Meredith e foi meramente civilizado com o mesmo quando se encontraram por alguns minutos na estação na manhã seguinte. Não obstante, Faith sentiu uma satisfação sombria. Adam havia sido parcialmente vingado.



FAITH FAZ UMA AMIZADE

O dia seguinte foi difícil para Faith na escola. Mary Vance havia contado a história do Adam para todos os alunos e os Blythe eram os únicos que não a acharam engraçada. Entre risadinhas, as meninas lhe disseram que era uma pena e os garotos lhe escreveram mensagens sardônicas de condolências. A pobre Faith voltou da escola com a alma dolorida e angustiada.

– Vou até Ingleside para ter uma conversa com a senhora Blythe
– soluçou. – Ela não rirá de mim, como todo mundo. Tenho que falar com alguém que entenda como estou me sentindo mal.

Ela atravessou correndo o Vale do Arco-Íris, que passara por maravilhas à noite. Uma leve camada de neve cobria os pinheiros que sonhavam com a primavera e a alegria vindouras. A extensa colina estava tomada por um rico tom de púrpura das folhas das faias que haviam caído.

A luz rósea do ocaso parecia beijar o mundo. De todos os lugares etéreos e mágicos, dotados de uma graça singular e encantada, o Vale do Arco-

-Íris era o mais lindo naquele crepúsculo invernal. Porém, o pobre e aflito coraçãozinho de Faith não notou toda aquela grandiosidade onírica.

Próximo ao riacho ela surpreendeu-se com Rosemary West, sentada no tronco do pinheiro. Ela voltava das aulas de música em Ingleside. Estava há algum tempo ali no Vale do Arco-Íris, admirando sua beleza e passeando em devaneios. Talvez o tilintar suave e ocasional dos sinos das Árvores Enamoradas fosse a causa do sorriso furtivo em seus lábios. Ou talvez fosse o fato de que John Meredith raramente não fazia suas visitas vespertinas à casa cinzenta no topo da colina dominada pelos ventos.

Os sonhos de Rosemary foram invadidos por Faith Meredith, cheia de rebeldia e amargura. A menina parou abruptamente ao ver a senhorita West, elas não se conheciam muito bem, apenas o suficiente para se cumprimentarem e Faith também não queria conversar com ninguém, exceto

a senhora Blythe. Sabia que seus olhos e o nariz estavam vermelhos e odiaria que uma desconhecida soubesse que ela estivera chorando.

– Boa noite, senhorita West – disse, desconfortável.

– Qual é o problema, Faith? – perguntou gentilmente Rosemary.

– Nada – respondeu a menina secamente.

– Ah! – Rosemary sorriu. – Você quer dizer nada que possa contar para os outros, não é mesmo?

Faith olhou para a senhorita West com um súbito interesse. Ali estava uma pessoa que entendia das coisas. E como era bonita! Como eram dourados seus cabelos sob o chapéu com plumas! Como suas bochechas eram rosas sobre o casaco de veludo! Como eram azuis e amigáveis seus olhos! Faith sentiu que a senhorita West poderia ser uma amiga adorável, se ao menos fosse uma amiga, ao invés de uma desconhecida!

– Eu... Estava indo falar com a senhora Blythe – disse Faith. – Ela sempre compreende e nunca ri de nós. Sempre converso com ela. Ajuda bastante.

– Querida, sinto muito em avisar que a senhora Blythe não está em casa – disse a senhorita West, com simpatia. – Ela viajou para Avonlea e só voltará no fim da semana.

Os lábios de Faith começaram a tremer.

– Então, é melhor eu ir embora – disse, com tristeza.

– Imagino que sim, a menos que você ache que conseguiria se abrir comigo – disse a senhorita West gentilmente. – É tão bom poder falar sobre as coisas, eu sei. Creio que eu não seja tão compreensiva quanto a senhora Blythe, mas prometo que não rerei de você.

– Você não ria por fora – hesitou Faith. – Talvez... Por dentro.

– Não, eu também não ria por dentro. Por que eu faria isso? Algo te magoou e eu não gosto de ver as pessoas magoadas, não importa qual seja o motivo. Se você se sentir à vontade para me contar o que te magoou, ficarei feliz em ouvir e se preferir não me contar, está tudo bem, também, querida.

Faith olhou mais uma vez no fundo dos olhos da senhorita West. Eles eram muito sérios, não havia nenhum traço de riso fácil. Suspirando, a menina sentou-se no velho pinheiro ao lado da nova amiga e contou tudo sobre o Adam e seu destino cruel.

– O senhor Perry é um ministro da igreja, só que ele deveria ser um açougueiro – disse Faith com amargura. – Ele gosta de cortar as coisas, pois

ele adorou destrinchar o pobre Adam, simplesmente o fatiou, como se fosse um galo qualquer.

– Cá entre nós, Faith, eu também não gosto muito do senhor Perry – confessou Rosemary, rindo. Não do Adam, e sim do senhor Perry, como a menina compreendeu com clareza. – Nunca gostei dele, nós estudamos juntos e ele morou em Glen quando era garoto, sabia? E naquela época ele já era odiosamente pedante. Oh, como as garotas detestavam segurar a mão gorda e suada dele nas brincadeiras! Mas devemos nos lembrar, querida, que ele não sabia que o Adam era o seu bicho de estimação. Ele achou que se tratava de um galo comum. Devemos ser justas, mesmo quando somos terrivelmente magoadas.

– Suponho que sim – admitiu Faith. – Mas por que todo mundo acha engraçado eu ter amado tanto o Adam, senhorita West? Se ele tivesse sido um gato velho e horroroso, ninguém teria achado estranho. Quando o gatinho da Lottie Warren teve as patas cortadas pelo enfeixador, todo mundo ficou triste. Ela chorou durante dois dias na escola e ninguém riu, nem mesmo Dan Reese e todos os amigos dela foram ao funeral e a ajudaram a enterrá-lo, eles só não enterraram as patinhas do pobre animal porque não conseguiram encontrá-las. Foi uma tragédia, sem dúvida, porém não acho que foi tão traumatizante quanto ver o seu bichinho de estimação ser comido. Todo mundo está rindo de mim.

– Acho que é porque “galo” soa engraçado – disse Rosemary com seriedade. – Há algo de cômico na palavra. Agora, “frango” é diferente. Não soa tão caricato falar que se ama um frango.

– Adam era um franguinho adorável, senhorita West. Parecia uma bolinha dourada, costumava vir correndo e comer na minha mão. E continuou sendo gracioso quando cresceu, era branco como a neve, com um charmoso rabo branco e encurvado, ainda que a Mary Vance achasse que fosse muito curto. Ele sabia o próprio nome e sempre vinha quando eu o chamava. Era uma ave muito inteligente. E a tia Martha não tinha o direito de matá-lo, pois ele era meu, não foi justo, não é mesmo, senhorita West?

– Não, não foi – afirmou Rosemary. – Nem um pouco. Eu tive uma galinha de estimação quando era pequena, era a coisinha mais linda, com penas marrons e douradas cheias de pintas. Eu a amei da mesma forma que amei meus outros bichos de estimação. Ela não foi morta, morreu de velhice.

A mamãe nunca a matou porque era a minha mascote.

– Se a minha mãe estivesse viva, ela não teria permitido que o Adam fosse morto – disse Faith. – Aliás, o papai também não teria deixado se estivesse em casa. Tenho certeza disso, senhorita West.

– Também tenho certeza – disse Rosemary. O rubor de suas bochechas intensificou-se ligeiramente. Ela ficou constrangida, porém Faith não notou nada.

– Foi errado não ter dito ao senhor Perry que o fraque dele estava pegando fogo?

– Ah, muito errado – respondeu Rosemary, com os olhos dançantes. – Mas eu também teria sido travessa, Faith. Eu tampouco contaria que a roupa dele estava pegando fogo e acredito que não teria ficado com nem um pinga de culpa.

– Una disse que eu deveria ter contado, já que ele é um ministro.

– Querida, se um ministro da igreja não se comporta como um cavalheiro, ele não pode esperar que respeitemos a cauda do fraque dele. Eu adoraria ter visto o fraque do Jimmy Perry em chamas. Deve ter sido muito divertido.

As duas riram, mas Faith concluiu com um suspiro amargurado.

– Enfim, de qualquer forma, o Adam está morto e eu nunca mais vou amar nada.

– Não diga isso, querida. Sem amor, nós desperdiçaríamos boa parte da vida. Quanto mais amamos, mais rica a vida fica, mesmo que seja somente um bichinho peludo ou emplumado. Você gostaria de ter um canário, Faith? Um canarinho dourado? Se quiser, posso te dar um. Temos dois em casa.

– Oh, eu adoraria – exclamou Faith. – Amo pássaros. Só que será que o gato da tia Martha vai comê-lo? É tão trágico ter a sua mascote devorada! Não sei se suportaria uma segunda vez.

– Se pendurar a gaiola bem alto, acredito que o gato não o machucará. Eu ensinarei a você como cuidar dele e o trarei até Ingleside da próxima vez que vier para cá.

Rosemary disse para si mesma: “será o assunto do momento para todas as fofoqueiras de Glen, entretanto, isso não importa. Quero confortar esse pobre coraçãozinho”.

Faith sentia-se reconfortada. A empatia e a compreensão eram muito, muito doces. Rosemary e ela ficaram sentadas sobre o velho pinheiro até que o sol avançou lentamente pelo vale branco e a Estrela Vespertina surgiu sobre o bosque de bordos. Faith contou todas as suas pequenas histórias e esperanças, gostos e desgostos, as idas e vindas da vida na casa ministerial,

os altos e baixos da vida social na escola. Por fim, partiram dali como grandes amigas.

Como sempre, o senhor Meredith estava perdido em sonhos quando o jantar começou naquela noite. No entanto, um nome conseguiu

infiltrar-se em suas abstrações e trazê-lo de volta à realidade. Faith estava contando sobre seu encontro com a Rosemary.

– Eu a achei encantadora – disse Faith. – Tanto quanto a senhora Blythe, só que diferente. Senti vontade de abraçá-la e foi ela que me deu um abraço gostoso, como se fosse aveludado. E ela me chamou de “querida”. Fiquei eletrizada, era como se eu pudesse contar qualquer coisa para ela.

– Então, você gostou da senhorita West, Faith? – perguntou o senhor Meredith, com uma entonação um tanto estranha.

– Eu a amei! – respondeu Faith.

– Ah! – exclamou o senhor Meredith. – Ah!



A PALAVRA IMPOSSÍVEL

John Meredith caminhava pensativo pelo Vale do Arco-Íris sob o frio invernal da noite clara. As colinas longínquas cintilavam com o esplendor gelado da neve enlustrada. Cada pinheiro jovem ao longo do vale cantava sua própria canção ao ritmo da harpa do vento e da geada. Os filhos dele e os dos Blythe deslizavam pela ladeira ao Leste e sobre o lago congelado. Eles se divertiam imensamente e suas vozes alegres e seus gritos ainda mais alegres ecoavam por todo o vale, definhando em cadências mágicas entre as árvores. À direita, Ingleside resplandecia por entre o bosque de bordos com o fascínio que sempre parecem ter as luzes de uma casa onde sabemos que há amor, felicidade e acolhimento a todos os irmãos, sejam eles de sangue ou de espírito. De vez em quando, o senhor Meredith gostava muito de passar a tarde conversando com o doutor junto à lareira, de onde os famosos cães de porcelana de Ingleside vigiavam incessantemente como deidades. Contudo, ele não olhava para aquela direção. O senhor Meredith estava indo visitar Rosemary West e pretendia lhe dizer algo que brotara em seu coração no dia em que se conheceram e que havia desabrochado por completo na noite em que Faith demonstrou tão afetuosamente sua admiração por ela.

Ele percebera que nutria sentimentos por Rosemary, não como os que tinha por Cecilia, é claro, estes eram inteiramente diferentes. Ele não acreditava que voltaria a sentir aquele amor romântico, onírico e especial, mas Rosemary era linda, doce e adorável, muito adorável. Era a melhor das companhias e ele não esperava que fosse ser tão feliz ao lado de mais ninguém como era junto dela. Rosemary seria a mulher ideal para o seu lar e uma boa mãe para seus filhos.

Durante os anos de viuvez, o senhor Meredith recebeu inúmeras indiretas de seus colegas de presbitério e de muitos paroquianos insuspeitos de terem

segundas intenções, bem como de alguns suspeitos, de que deveria se casar de novo. E em seus ocasionais momentos de bom senso, ele reconhecia que isso seria o mais sensato. Só que o bom senso não era o forte de John Meredith, e ter que escolher deliberadamente e à sangue frio uma mulher “adequada”, como alguém que escolhe uma empregada ou um sócio, era algo de que ele era incapaz. Como ele odiava a palavra “adequada”! Ela o fazia lembrar-se de James Perry. “Uma mulher adequada, de idade adequada”, dissera o untuoso colega de púlpito em uma de suas indiretas mais do que diretas. O que causou em John Meredith um desejo perfeitamente inacreditável de sair correndo e pedir em casamento a mulher mais jovem e inadequada que fosse possível encontrar.

A senhora Marshall Elliott era uma boa amiga, de quem ele gostava muito, mas quando ela disse sem rodeios que ele deveria se casar novamente, foi como se ela tivesse arrancado o véu cobrindo o altar sagrado de sua vida mais íntima, desde então, o senhor Meredith tinha certo receio dela. Ele sabia que havia mulheres em sua congregação “de idade apropriada” que se casariam com ele em um piscar de olhos. Tal fato transpassara suas abstrações logo após sua chegada à casa ministerial em Glen St. Mary. Eram mulheres bondosas, de confiança, pouco interessantes; uma ou outra era bela de verdade, mas a maioria não chegava a tanto e John Meredith pensava em casar-se com alguma delas com a mesma frequência que pensava em tirar a própria vida. Ele possuía certos ideais que vinham antes de qualquer necessidade aparente. Não pediria a nenhuma mulher que substituísse Cecilia a menos pudesse lhe oferecer, no mínimo, um pouco da afeição e da devoção que tinha pela esposa. E onde, em seu limitado círculo de amizades femininas, ele encontraria tal mulher?

Rosemary West entrara na vida dele naquela tarde de outono, trazendo com ela uma atmosfera na qual o espírito dele se sentia em casa. Os dois desconhecidos formaram um laço de amizade por cima do abismo que os separava. Ele a conheceu melhor naqueles dez minutos às margens do riacho do que Emmeline Drew, Elizabeth Kirk ou Amy Annetta Douglas em um ano, ou talvez até em um século. Ele buscara consolo nela quando a senhora Alec Davis afrontara sua mente e seu espírito, e o encontrara. Depois daquele dia, ele fora com frequência à casa na colina, percorrendo as trilhas escuras do Vale do Arco-Íris pela noite de maneira tão sorrateira que os fofoqueiros de Glen nunca tinham certeza absoluta de que ele ia de fato visitar Rosemary West. Uma ou duas vezes ele fora surpreendido na sala dos

West por outro visitante, isso era tudo que sabiam as damas da Sociedade Assistencial. Ao inteirar-se disso, Elizabeth Kirk sufocou uma esperança secreta de que havia se permitido acalantar, sem a mínima alteração em seu semblante simplório, e Emmeline Drew decidiu que da próxima vez que se encontrasse com um certo solteirão de Lowbridge, ela não iria esnobá-lo como já havia feito. E é claro, se a Rosemary West quisesse, ela conquistaria o ministro sem nenhuma dificuldade, pois era mais jovem e os homens a consideravam bonita. Além disso, as irmãs West tinham dinheiro!

– Espero que ele não seja tão distraído a ponto de pedir a Ellen em casamento por engano – foi a única coisa maliciosa que ela se permitiu dizer da sua compreensiva irmã. Emmeline não guardou rancor da Rosemary. No fim das contas, um solteirão sem complicações era muito melhor do que um viúvo com quatro filhos. Foi o glamour da senhorita Cornelia que temporariamente cegara Emmeline.

Um trenó com três ocupantes aos gritos passou a toda velocidade pelo senhor Meredith em direção ao lago. Os longos cachos de Faith esvoaçavam ao vento e sua risada se destacava das outras. John Meredith os seguiu com o olhar cheio de carinho. Alegrava-o saber que os filhos eram tão próximos dos Blythe, que eles tinham uma amiga tão sábia, gentil e carinhosa como a senhora Blythe. Só que eles necessitavam de algo mais e essa necessidade seria suprida quando ele levasse Rosemary West para a velha casa ministerial como sua esposa. Nela havia um nítido instinto maternal.

Ele não costumava fazer visitas no sábado à noite, que ele geralmente dedicava à revisão cuidadosa do sermão de domingo. Porém, escolhera aquela noite porque sabia que a Rosemary iria estar sozinha em casa. Ele havia passado muitos momentos agradáveis na casa da colina e nunca, desde aquela primeira noite na primavera, encontrara Rosemary sozinha. Ellen sempre estivera presente.

A presença dela não chegava exatamente a incomodá-lo. Ele gostava muito da Ellen West e a considerava uma grande amiga. Ellen tinha uma visão de mundo quase masculina e um senso de humor que ele, com sua tímida e secreta apreciação pelo cômico, achava muito agradável. John Meredith compartilhava do interesse dela pela política e pelos acontecimentos no mundo. Não havia nenhum homem em Glen, nem mesmo o doutor Blythe, com uma compreensão tão grande desses assuntos.

– Acho que, enquanto estivermos vivos, devemos nos interessar pelas coisas – dissera. – Do contrário, não vejo muita diferença entre os vivos e os

mortos.

Ele gostava da voz agradável, profunda e ressoante de Rosemary, gostava da risada calorosa com que concluía uma história divertida e bem-contada.

Ela nunca lhe dava conselhos sobre os filhos como os outros faziam, nunca o entediava com fofocas e seus comentários nunca eram maliciosos ou mesquinhos. Era sempre esplendorosamente sincera. O senhor Meredith, que havia adotado o sistema da senhorita Cornelia de classificar as pessoas, considerava que Ellen pertencia ao povo que conhece José. Em suma, uma mulher admirável para se ter como cunhada. Ainda assim, um homem não quer nem a mais impressionante das mulheres por perto na hora de fazer um pedido de casamento. E Ellen estava sempre por perto e não insistia em conversar com o senhor Meredith o tempo todo e deixava que a Rosemary tivesse sua cota justa da atenção dele. Em muitas noites, inclusive, Ellen havia se excluído quase que completamente, sentando-se em um canto afastado com o São Jorge no colo, permitindo que o senhor Meredith e a Rosemary conversassem, cantassem e lessem livros juntos. Às vezes, eles quase se esqueciam da presença dela. Todavia, se a conversa ou a escolha de um dueto mostrasse qualquer traço do que Ellen considerava ser romântico, ela prontamente o cortava pela raiz e excluía a irmã pelo resto da noite. Mas nem o dragão mais feroz e bem-intencionado consegue impedir a linguagem sutil dos olhares, sorrisos e silêncios eloquentes e assim prosseguiram os avanços do ministro.

Não obstante, se ele pretendia alcançar seu objetivo, teria que ser quando Ellen estivesse ausente e ela raramente saía de casa, em especial no inverno. Ellen jurava que o lugar mais agradável do mundo era ao lado daquela lareira, passear não lhe interessava muito, gostava da companhia das pessoas, mas dentro da própria casa. O senhor Meredith estava prestes a tomar a atitude drástica de escrever à Rosemary revelando suas intenções quando Ellen anunciou causalmente que iria a uma festa de bodas de prata no sábado seguinte, ela havia sido dama de honra da noiva. Apenas os convidados originais compareceriam, de modo que Rosemary não iria junto. O senhor Meredith ouviu com atenção especial e um brilho surgiu em seus olhos sonhadores. As duas irmãs notaram e foram surpreendidas pelo pressentimento de que o senhor Meredith viria até o topo da colina no sábado seguinte.

– É melhor que ele tome uma atitude de uma vez por todas, São Jorge – disse Ellen com severidade para o gato preto, depois que o senhor Meredith

foi embora e a Rosemary subiu para o quarto sem dizer nada. – Ele pretende pedi-la em compromisso, São Jorge, não resta dúvidas. Então é melhor que ele descubra o quanto antes que não pode tê-la, pois é bem provável que ela aceite, Jorge. Só que ela me prometeu e precisa manter a palavra. De certa forma, tenho muita pena dele, Jorge. Não conheço um homem melhor do que ele para se ter como cunhado, se fosse conveniente ter um. Não tenho nada contra o senhor Meredith, Jorge, exceto que ele se recusa a ver que o kaiser é uma ameaça à paz na Europa. Uma mulher pode dizer o que quiser para um homem circunspecto como ele e ter a certeza de que não foi incompreendida.

Um homem assim é mais precioso do que rubis, Jorge, ainda mais raro.

Mesmo assim, não pode ter Rosemary e suponho que ele dará as costas para nós duas quando descobrir. E nós sentiremos saudade dele, sentiremos uma saudade imensa dele, Jorge, mas ela fez uma promessa e vou me certificar de que ela a cumpra! – A resolução de Ellen era tão ameaçadora que seu semblante chegava a se deformar. No andar de cima, Rosemary chorava sobre o travesseiro.

O senhor Meredith encontrou sua dama sozinha e muito bonita. Rosemary não fez nenhum preparativo especial para a ocasião, ela queria se arrumar, mas considerou um disparate aparecer assim para um homem que pretendia recusar. Ela colocou um vestido escuro simples, com o qual parecia uma rainha. A emoção suprimida lhe conferia uma cor brilhante ao rosto e seus grandes olhos azuis pareciam duas piscinas de luz, menos plácidas do que de costume.

Rosemary não via a hora da visita terminar. Ela esperara o dia inteiro, aflita. Estava quase certa de que John Meredith gostava muito dela, a seu modo e também tinha quase certeza de que não era da mesma forma que ele gostava do primeiro amor. Ela sentia que a recusa seria uma profunda decepção, todavia não achava que chegaria a abalá-lo. Mesmo assim, ela odiava ter que rechaçá-lo, odiava pelo bem dele e sendo absolutamente sincera pelo próprio bem. Ela sabia que poderia tê-lo amado se fosse permitido, sabia que a vida seria vazia se ele se recusasse a continuar sendo amigo dela. Sabia que poderia ser bem feliz com ele e que ele poderia fazê-la muito feliz. No entanto, entre ela e a felicidade havia os portões da prisão da promessa que fizera a Ellen anos atrás. Rosemary não se lembrava do pai, que morrera quando ela estava com três anos de idade. Ele era um homem severo e reservado, muitos e muitos anos mais velho que a

jovem e bela mãe dela. Cinco anos depois, o irmão de 12 anos delas também faleceu e as duas garotas passaram a viver sozinhas com a mãe. Elas nunca participaram livremente da vida social de Glen ou de Lowbridge, embora aonde quer que fossem, a sagacidade e a personalidade de Ellen e a doçura e a beleza de Rosemary as tornassem bem-vindas. Ambas tiveram o que era chamado de “decepção”

na juventude. O mar não devolvera o amor de Rosemary e Norman Douglas, que na época era um gigante belo e vivaz de cabelos ruivos, famoso por montar como um selvagem e por suas estrondosas, ainda que inofensivas escapadas, brigara com Ellen e a abandonara em um acesso de raiva.

Não faltaram candidatos para o lugar de Martin e de Norman, porém nenhum deles atraía a atenção das irmãs West, que aos poucos deixavam para trás a mocidade e a formosura sem nenhum arrependimento aparente. Eram devotadas à mãe, que sofria de invalidez crônica. As três viviam em um mundinho de interesses caseiros, livros, bichos de estimação e flores, que as deixavam felizes e satisfeitas.

A morte da senhora West, que ocorreu no aniversário de 25 anos de Rosemary, foi um golpe duro para ambas. A princípio, as duas sentiram-se intoleravelmente solitárias. Ellen, em especial, continuou por muito tempo de luto e sofrendo, suas longas e sorumbáticas contemplações eram interrompidas apenas por crises de choro tempestuosas e violentas. O velho doutor de Lowbridge disse a Rosemary que receava por uma melancolia permanente, ou algo pior.

Certa vez, depois que Ellen passara o dia inteiro prostrada, recusando-se a falar e a comer, Rosemary ajoelhou-se ao lado da irmã.

– Oh, Ellen, você ainda tem a mim – disse, implorante. – Não sou nada para você? Nós sempre nos amamos tanto!

– Eu não terei você para sempre – disse Ellen, rompendo o silêncio com brusquidão. – Você se casará e me abandonará. Ficarei sozinha. Não consigo suportar essa ideia... Não consigo. Prefiro a morte.

– Eu jamais me casarei – prometeu Rosemary. – Nunca, Ellen.

Ellen inclinou-se e olhou inquisitivamente dentro dos olhos de Rosemary.

– Promete solenemente? Prometa sobre a Bíblia da mamãe.

Rosemary cedeu de imediato, desesperada para agradar Ellen. E por que não? Ela sabia que nunca iria querer se casar com ninguém. O amor dela fora levado junto com Martin Crawford para as profundezas do mar, então

sem amor, ela não se casaria com ninguém. Por isso ela aceitou no ato, mesmo com Ellen convertendo a promessa em um ritual sinistro. Elas uniram as mãos sobre a Bíblia, no quarto que fora da mãe e juraram uma para a outra que jamais se casariam e sempre viveriam juntas.

O estado de Ellen melhorou naquele instante. Ela logo recobrou a alegria usual. Durante dez anos elas viveram alegremente na antiga casa sem serem perturbadas por questões matrimoniais. A promessa não lhes pesava. Ellen não deixava de lembrar a irmã toda vez que um indivíduo do sexo masculino elegível cruzava o caminho delas, todavia, ela nunca se sentiu de fato preocupada até John Meredith entrar pela porta da sala naquela noite. Quanto a Rosemary, a obsessão da Ellen com o juramento sempre foi motivo de riso até pouco tempo atrás. Agora, tratava-se de um cárcere atroz, autoimposto e irrevogável. Por causa dela, Rosemary teria que dar as costas para a felicidade.

Era verdade que o amor tímido e doce que havia sentido pelo namorado da juventude ela jamais voltaria a sentir por mais ninguém. Mas também sabia que poderia dar a John Meredith um amor muito mais rico e maduro. Ela sabia que ele tocava em recônditos de sua natureza que Martin não havia alcançado, que talvez nem existissem na garota de 17 anos que ela fora. E ela teria que recusá-lo naquela noite, teria que mandá-lo de volta para a casa solitária, para a vida vazia e para os problemas angustiantes porque, dez anos atrás, ela prometera sobre a Bíblia da mãe que não se casaria.

John Meredith não aproveitou a oportunidade de imediato, pelo contrário, ele falou durante duas horas inteiras sobre assuntos nada românticos. Até sobre política tentou conversar, embora não fosse do interesse de Rosemary e começou a achar que havia se enganado e de repente seus medos e expectativas pareceram grotescos. Ela sentiu-se incoerente e tola, a vivacidade desapareceu de seu rosto e o brilho apagou-se de seus olhos. John Meredith não tinha a menor intenção de pedi-la em casamento.

Então, inesperadamente, ele pôs-se de pé, atravessou a sala e, parado ao lado da cadeira dela, fez o pedido. O cômodo parecia terrivelmente estático. Até o São Jorge parou de ronronar naquele momento. Rosemary podia ouvir o próprio coração batendo e tinha certeza de que John Meredith também podia ouvi-lo.

Agora era a hora de dizer não com gentileza e firmeza. Há dias ela preparara uma resposta formal de recusa, só que naquele momento as

palavras desapareceram completamente da mente dela. Rosemary precisava dizer não e percebeu que não seria capaz. Era uma palavra impossível.

Agora ela sabia que a questão não era que poderia ter amado o John e sim que, de fato, o amava. Ter que afastá-lo da sua vida era realmente angustiante.

Era preciso dizer alguma coisa, ela inclinou a cabeça dourada para trás e, balbuciando, pediu que ele lhe desse alguns dias para pensar.

John Meredith ficou um tanto surpreso. Ele não era mais vaidoso do que qualquer outro homem decente, mas esperava que Rosemary West dissesse sim. Era quase evidente que ela nutria os mesmos sentimentos por ele. Então... Por que aquela dúvida, aquela hesitação? Ela não era uma colegial para não ter certeza do que queria. Ele foi surpreendido pelo choque da decepção e do desânimo. John Meredith atendeu ao pedido dela com sua infalível cortesia e foi embora.

– Darei minha resposta daqui alguns dias – disse Rosemary, com os olhos baixos e as bochechas incandescentes.

Ela voltou para o quarto assim que a porta bateu, torcendo as mãos.



O SÃO JORGE SABE DE TUDO

À meia-noite, Ellen West voltava caminhando das bodas de prata dos Pollock. Ela havia ficado um pouco mais depois que os outros convidados se foram para ajudar a noiva de cabelos grisalhos a lavar a louça. A distância entre as duas casas não era grande e a estrada estava em boas condições, de maneira que a caminhada sob o luar lhe agradou.

A noite foi agradável. Ellen, que não ia a uma festa há anos, divertiu-se muito. Todos os outros convidados eram do antigo grupo de amigos dela e não havia nenhum representante da juventude intrusivo para estragar a festa, já que o único filho do casal estudava em uma faculdade muito longe e não pôde estar presente. Norman Douglas também compareceu, eles se reencontraram socialmente pela primeira vez depois de muitos anos, embora ela o tivesse visto na igreja naquele inverno uma ou duas vezes. O reencontro não despertou nenhum sentimento no coração de Ellen. Ela havia se acostumado a imaginar, nas raras vezes que pensava no assunto, como podia ter se interessado por ele ou ter se sentido mal por causa do casamento que não dera certo. Independentemente disso, foi bom revê-lo. Ela havia se esquecido do quanto ele podia ser cativante e estimulante. Nenhuma ocasião era tediosa quando Norman Douglas estava presente. Todos se surpreenderam quando ele chegou, pois era de conhecimento geral que ele nunca ia a lugar algum. Os Pollock o chamaram porque ele era um dos convidados originais, sem a menor expectativa de que ele fosse. Ele levou uma prima de segundo grau, Amy Annetta Douglas, com quem foi muito atencioso durante o jantar. Ellen sentou-se na frente dele e os dois tiveram uma animada discussão, durante a qual nem todos os gritos e gracejos do Norman Douglas foram capazes de enervar Ellen, que acabou saindo vitoriosa com tamanha compostura que ele ficou em silêncio por dez minutos. Ao final desse tempo, ele murmurou em meio à barba avermelhada,

“vivaz como sempre, vivaz como sempre” e começou a atormentar Amy Annetta, que ria de maneira abobalhada de suas provocações ao invés de respondê-las com mordacidade, como fizera Ellen.

Ellen revivia esses momentos enquanto caminhava para casa, degustando-os com deleite. O ar enluarado estava salpicado pela geada e a neve estalava sob seus pés. Lá embaixo estava o vilarejo de Glen e mais além o porto encoberto pela brancura. Uma luz estava acesa no escritório da casa ministerial. Então, John Meredith já estava em casa. Será que ele pedira a Rosemary em casamento? E de que forma ela recusara? Ellen sentiu que jamais saberia, por mais curiosa que estivesse. Ela não tinha dúvidas de que a irmã nunca contaria nada sobre aquela noite e ela tampouco se atreveria a perguntar. Ela deveria se contentar com o fato de a Rosemary ter dito não. Afinal, era a única coisa que importava.

– Espero que ele tenha o bom senso de aparecer de vez em quando para uma visita amigável – disse para si mesma. Ela detestava tanto estar sozinha que pensar em voz alta era uma de suas artimanhas para escapar da solidão indesejada. – É horrível nunca ter uma companhia masculina com cérebro para conversar de vez em quando. E o mais provável é que nunca volte a se aproximar de casa. É o mesmo caso do Norman Douglas, eu gosto dele e adoraria ter um bom debate acalorado com ele de vez em quando, mas ele nunca viria me visitar por medo das pessoas pensarem que ele está me cortejando de novo. Por medo de que eu pensasse isso, principalmente, por mais que agora ele seja mais um desconhecido do que o John Meredith. Parece um sonho a época em que quase chegamos a ser um casal. Enfim, a verdade é que há dois homens em Glen com quem eu gosto de conversar e com todas essas fofocas e essa tolice de pedido de casamento, é provável que eu nunca mais os veja. – Eu – acrescentou Ellen dirigindo-se às estrelas imóveis com um rancor enfático –, eu poderia ter feito do mundo um lugar melhor.

Ela parou no portão com uma sensação vaga e repentina de alarme. A sala ainda estava iluminada e projetadas na persiana havia as sombras de uma mulher que andava sem parar de um lado para o outro. O que a Rosemary estava fazendo acordada àquela hora da noite? E por que estava agindo feito uma louca?

Ellen entrou sem fazer barulho. Ao abrir a porta do hall da frente, Rosemary veio ao seu encontro. Estava corada e afoita. Uma atmosfera de tensão e paixão a envolvia.

- Por que não está dormindo? – quis saber Ellen.
- Venha aqui – disse Rosemary gravemente. – Quero lhe contar

uma coisa.

Com calma, Ellen tirou o xale, os sapatos para neve e seguiu a irmã até a sala aquecida e iluminada pela fogueira. Apoiou a mão sobre a mesa e esperou, estava muito elegante, em seu estilo sóbrio e austero.

O novo vestido preto de seda, com sua cauda e a gola em V, que ela fizera especialmente para a festa, realçava sua figura proeminente e majestosa. Levava no pescoço um espesso colar de contas âmbares que era herança de família. Entretanto, seus olhos azuis eram gélidos e cortantes como o céu da noite de inverno. Esperou em um silêncio que a Rosemary só conseguiu romper com um esforço convulsivo.

- Ellen, o senhor Meredith esteve aqui esta noite.
- E?
- E... E... Ele me pediu em casamento.
- É o que eu esperava. E você recusou, logicamente.
- Não.
- Rosemary. – Ellen cerrou o punho e deu um passo involuntário adiante.
- Está me dizendo que você aceitou?
- Não... Não.
- Ellen recobrou o autocontrole.
- Então, o que você disse?
- Eu... Pedi alguns dias para pensar.
- Não vejo a necessidade disso – disse Ellen com um frio desdém –, sendo que só há uma resposta possível.
- Rosemary estendeu as mãos em um gesto de súplica.
- Ellen – disse, desesperada –, eu amo o John Meredith e quero ser a esposa dele. Você poderia me libertar da nossa promessa?
- Não – respondeu Ellen, pois estava morta de medo.
- Ellen... Ellen...
- Ouça, aquela promessa não foi ideia minha. Foi você que a ofereceu.
- Eu sei... Eu sei. Só que na época eu não achava que poderia voltar a amar alguém.
- Foi ideia sua – repetiu Ellen, impassível. – Você prometeu sobre a Bíblia da nossa mãe. Foi mais que uma promessa, foi um juramento e agora, você quer desonrá-lo.
- Estou pedindo para que me liberte, Ellen.

– Não. Para mim, promessas são sagradas. Eu não farei isso. Quebre a promessa, se quiser, seja uma traidora, mas não darei o meu consentimento.

– Você está sendo muito dura comigo, Ellen.

– Dura? E quanto a mim? Já pensou na minha solidão aqui, se você me deixar? Seria insuportável... Eu iria enlouquecer. Não posso viver sozinha. Eu não fui uma boa irmã para você? Eu já me opus a algum de seus desejos? Eu não te dei tudo que queria?

– Sim... Sim.

– Então por que pretende me deixar por esse homem que você conhece há menos de um ano?

– Eu o amo, Ellen.

– Amor! Está falando como uma colegial e não uma mulher de meia-idade. Ele não a ama, só quer uma empregada e uma governanta. Você não o ama, só quer o título de senhora... Você não passa de mais uma dessas mulheres de cabeça fraca que consideram uma desgraça ser chamada de solteirona. Essa é a verdade.

Rosemary estremeceu. Ellen não podia, ou não queria, compreender. Não havia sentido discutir.

– Então, você não dará o seu consentimento, Ellen?

– Não. E não tocarei mais no assunto. Você prometeu e precisa manter a sua palavra. Isso é tudo. Vá para a cama. Olha que horas são! Você está esgotada e cheia de fantasias. Amanhã, pensará com mais clareza e não quero mais ouvir falar de toda essa bobagem. Vá!

Rosemary recolheu-se sem dizer mais nada, pálida e desanimada. Ellen andou freneticamente de um lado para o outro por alguns minutos e então parou diante da cadeira onde o São Jorge dormia calmamente. Um sorriso relutante surgiu em seu semblante perturbado. A morte da mãe fora a única circunstância em sua vida em que ela não conseguiu mitigar a tragédia com a comédia. Até quando Norman Douglas a abandonou, por assim dizer, ela foi capaz de rir de si mesma tanto quanto chorar.

– Lágrimas vão rolar, São Jorge. Sim, acredito que teremos alguns dias tempestuosos. Bem, nós os suportaremos, Jorge. Nós já lidamos com crianças tolas antes. Rosemary ficará deprimida por um tempo, mas logo superará e tudo voltará a ser como era antes. Ela prometeu, precisa manter a promessa e essa é a última vez que tocarei no assunto com você, com ela ou qualquer outra pessoa, Jorge.

Ellen, contudo, ficou acordada até o amanhecer.

Só que Rosemary não ficou emburrada. Rosemary estava pálida e quieta no dia seguinte, mas Ellen não detectou nenhuma diferença nela. Aparentemente, ela não guardava rancor da irmã. Chovia muito, de forma que ninguém cogitou ir à igreja. De tarde, Rosemary trancou-se no quarto e escreveu uma carta para John Meredith. Ela não confiava em si mesma para dizer “não” em pessoa, e acreditava que ele não aceitaria a resposta se suspeitasse que ela estava relutante e tampouco suportaria as súplicas dele. Ela precisava convencê-lo de que não sentia nada por ele e só conseguiria fazer isso por carta. Rosemary escreveu a carta de recusa mais seca e fria que podia imaginar. Com o mínimo de civilidade, ela não dava a menor brecha ou esperança para o mais ousado dos enamorados e John Meredith estava longe disso. Ele refugiou-se dentro de si mesmo, magoado e mortificado, ao ler a carta dela no dia seguinte em seu escritório empoeirado. Todavia, por baixo de toda aquela melancolia, ele teve uma espantosa revelação. John Meredith achou que não amava Rosemary com a mesma intensidade que amara Cecília. Agora, ao perdê-la, ele sabia que não era verdade. Ela era tudo para ele, tudo! E ele precisava tirá-la da sua vida, até mesmo a amizade era impossível naquele momento. A vida revelava-se diante dele em uma aridez intolerável. John Meredith precisava seguir em frente, ele ainda tinha o trabalho, os filhos, mas já não podia mais contar com o coração, passou o resto da noite sentado no escritório escuro, frio e desconfortável com a cabeça entre as mãos. No topo da colina, Rosemary teve uma dor de cabeça e foi para a cama mais cedo, enquanto Ellen comentava com o São Jorge, que ronronava desdenhosamente para a tolice dos seres humanos, que não sabiam que uma almofada macia era a única coisa que realmente importava:

– O que seria das mulheres se as dores de cabeça não tivessem sido inventadas, São Jorge? Mas não se preocupe. Vamos fazer vista grossa por algumas semanas. Admito que não me sinto à vontade, Jorge.

É como se eu tivesse afogado um filhote de gato. Só que ela prometeu, São Jorge, foi ideia dela. *Basmala*¹⁹!

Termo de origem árabe que significa “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”. (N. T.)



O CLUBE DA BOA CONDUTA

Uma chuva leve caiu o dia inteiro, uma chuva delicada e bela de primavera, que parecia sussurrar sobre anêmonas e as violetas que despertavam. O porto, o golfo e as praias adjacentes ficaram envoltos por uma névoa perolada, mas agora, de tardezinha, a chuva havia cessado e o vento levava a neblina para o mar aberto. Nuvens adornavam o céu sobre o porto como pequenas rosas em chamas. As colinas longínquas estavam escurecidas pelo pródigo esplendor dos narcisos e do escarlate. Uma grande estrela prateada vigiava sobre as dunas de areia. Um vento enérgico e dançante soprava do Vale do Arco-Íris, trazendo consigo o aroma dos pinheiros e dos pântanos. Ele cantarolava por entre os velhos abetos e agitava os admiráveis cachos de Faith, sentada sobre o túmulo de Hezekiah Pollock com os braços sobre os ombros de Mary Vance e Una. Carl e Jerry estavam sentados de frente para elas em outro túmulo, todos estavam loucos para fazer travessuras depois de ficarem trancados o dia inteiro.

– O ar está brilhando, não é mesmo? Depois de ter sido lavado pela chuva – disse Faith alegremente.

Mary Vance a encarou sombriamente. Sabendo o que sabia ou o que achava que sabia, Mary achava Faith frívola demais. Mary tinha algo a falar e pretendia dizê-lo antes de ir embora, a senhora Elliott a mandara levar alguns ovos frescos à casa ministerial e recomendou que não ficasse mais do que meia hora. O tempo estava quase se esgotando, então esticou as pernas e falou abruptamente:

– Deixem o ar para lá e me ouçam. Vocês da casa ministerial terão que se comportar melhor nesta primavera, é tudo o que posso dizer. Vim aqui esta tarde só para avisar. É terrível o que estão falando de vocês.

– O que nós fizemos agora? – exclamou Faith, surpresa, tirando o braço dos ombros de Mary. Os lábios de Una começaram a tremer e sua alma

sensível se encolheu. Mary era sempre tão brutalmente franca e Jerry começou a assoviar, só de provocação. Ele queria que a Mary percebesse que ele não dava a mínima para as broncas dela. O comportamento deles não era da conta dela. Que direito tinha de adverti-los?

– O que fizeram agora? O que vocês fazem o tempo todo! – retrucou Mary. – Assim que o bafafá sobre algum dos seus feitos morre, vocês aprontam uma nova. Tenho a impressão de não fazem ideia de como os filhos de um ministro da igreja deveriam se comportar!

– Talvez você possa nos dizer o que fazer – cutucou Jerry, com um sarcasmo mortal.

No entanto, o sarcasmo não surtia muito efeito em Mary.

– Eu posso dizer o que acontecerá se não aprenderem a andar na linha. O conselho pedirá a resignação do pai de vocês. Aí está, senhor Jerry sabendo, foi o que a senhora Alec Davis contou para a senhora Elliott. Eu ouvi. Sempre fico de ouvidos atentos quando ela vem para o chá. Ela comentou que as coisas estão indo de mal a pior e que, embora isso seja de se esperar, já que não há ninguém para educar vocês, a congregação não tolerará essa situação por muito mais tempo, e que algo precisa ser feito. Os metodistas vivem rindo de vocês e isso fere os sentimentos dos presbiterianos. Ela falou que vocês precisam de uma boa dose de vara de marmelo. Deus, se isso tornasse as pessoas boas, eu seria uma santa. Não estou contando isso para ferir os seus sentimentos. Tenho pena de vocês... – Mary era mestra na arte da condescendência.

– Sei que não tiveram muitas oportunidades, dadas as coisas do jeito que são, mas os outros não fazem tantas concessões como eu. A senhorita Drew disse que o Carl levou um sapo dentro do bolso para a escola dominical semana passada e que o bicho saltou enquanto ela passava a lição. Por que você não deixa os seus “insetos” em casa?

– Eu o guardei de volta – disse o menino. – Ele não feriu ninguém, era só um pobre sapinho! Quem dera a velha Jane Drew desistisse das aulas. Eu a odeio. O próprio sobrinho dela levou uma pelota de tabaco no bolso e nos ofereceu um pedaço para mascar enquanto o ancião Clow pregava. Acho que isso é pior do que um sapo.

– Não, porque sapos são mais inesperados. Causam mais comoção. Além disso, ninguém o flagrou. E aquela competição de reza que você armou na semana passada causou um escândalo. Todo mundo só fala disso.

- Ora, os Blythe também participaram – exclamou Faith, indignada.
- Foi sugestão da Nan Blythe, em primeiro lugar e o Walter foi o vencedor da competição.
- Bem, vocês levaram a fama, de qualquer forma. Não seria tão ruim se não tivesse sido no cemitério.
- Acho que um cemitério é um ótimo lugar para se rezar – retrucou Jerry.
- O diácono Hazard passou bem na hora que vocês estavam rezando – disse Mary –, e ele viu e ouviu vocês, com as mãos cruzadas sobre o estômago, gemendo depois de cada frase. Ele achou que estavam zombando dele.
- E eu estava – declarou Jerry descaradamente. – Só não sabia que ele estava passando por ali, é claro. Foi um acidente infeliz. Eu estava rezando com afinco, pois sabia que não tinha chances de ganhar. Então decidi me divertir como podia. Walter Blythe é imbatível na hora de rezar. Aliás, ele sabe rezar tão bem quanto o papai.
- Una é a única de nós que realmente gosta de rezar – refletiu Faith.
- Bem, se rezar escandaliza tanto as pessoas, é melhor não fazermos mais isso – suspirou Una.
- Deus do Céu, vocês podem rezar o quanto quiserem, só que não no cemitério e sem transformar em uma brincadeira. Foi isso que causou todo esse furor e também tomar chá entre os túmulos.
- Nós não fizemos isso.
- Bem, então fazer bolhas de sabão entre os túmulos. Alguma coisa vocês fizeram. Os moradores do outro lado do porto juram que vocês tomaram chá, mas estou disposta a acreditar na sua palavra. Dizem ainda que vocês usaram esse túmulo de mesa.
- Bem, a Martha não nos deixou soprar bolhas de sabão dentro de casa. Ela ficou muito irritada naquele dia – explicou Jerry. – E esse velha placa de pedra dá uma ótima mesa.
- Não foi lindo? – exclamou Faith, com os olhos brilhando com a lembrança. – Elas refletiam as árvores, as colinas e o porto como se fossem mundos mágicos e quando as sacudíamos elas se soltavam e flutuavam pelo Vale do Arco-Íris.
- Todos menos uma, que voou e estourou no pináculo da igreja metodista – disse Carl.
- Fico feliz por termos feito isso pelo menos uma vez, antes de descobrirmos que é errado – disse Faith.

– Não teria sido errado soprar bolhas no jardim – disse Mary impacientemente. – Parece que eu não consigo colocar nem um pouco de juízo nas suas cabeças. Vocês já ouviram inúmeras vezes que não devem brincar no cemitério. Os metodistas são muito sensíveis em relação a isso.

– Nós esquecemos – disse Faith com pesar. – E o jardim é muito pequeno e está cheio de lagartas e outros bichos. Não podemos ir até o Vale do Arco-Íris o tempo todo. Aonde mais poderíamos brincar?

– A questão é o que vocês fazem no cemitério. Não teria problema se vocês ficassem apenas sentados, conversando tranquilamente, como estamos fazendo agora. Bom, não sei o que vai acontecer, só sei que o ancião Warren vai conversar com o pai de vocês. O diácono Hazard é primo dele.

– Gostaria que eles não incomodassem o papai por nossa causa

– disse Una.

– Bem, as pessoas acham que ele deveria se preocupar um pouco mais com vocês. Eu, não, eu o compreendo. Ele é como uma criança, em certos aspectos e precisa de alguém que cuide dele tanto quanto vocês. Enfim, acho que logo ele conseguirá alguém, se os rumores forem verdadeiros.

– Como assim? – perguntou Faith.

– Vocês não ficaram sabendo de nada? É sério? – quis saber Mary.

– Não, não. Do que se tratam esses rumores?

– Ah, como vocês são inocentes! Ora, todo mundo está comentando. O seu pai está cortejando a Rosemary West. Ela vai ser a sua madrasta.

– Não acredito – murmurou Una, corando intensamente.

– Bem, não tenho certeza de nada. Só estou repetindo o que ouvi por aí, mas seria bom. Aposto que a Rosemary West colocaria vocês na linha, apesar de toda doçura e dos sorrisos. Elas são sempre assim, até conquistarem um marido e vocês precisam mesmo aprender bons modos com alguém. Vocês estão envergonhando o pai de vocês e eu sinto pena dele. Penso muito nele depois daquela noite em que conversamos tão amigavelmente. Nunca mais voltei a falar palavrões, ou a mentir. Gostaria de vê-lo feliz e realizado, com roupas decentes, boas refeições e filhos comportados, e aquela velhota da Martha posta no devido lugar. O jeito como ela olhou para os ovos que eu trouxe! “Espero que estejam frescos”, disse. Eu desejei que estivessem podres. Certifiquem-se de que ela dê um ovo para cada um de vocês no café da manhã, inclusive para o seu pai.

Reclamem se ela não o fizer, pois eles são para isso. Só que eu não confio na velha Martha. É bem capaz que ela os dê para o gato.

Mary cansou-se de falar e um breve silêncio recaiu sobre o cemitério. As crianças da casa ministerial não tinham vontade de falar, eles estavam digerindo as ideias novas e um tanto intragáveis sugeridas por Mary. Jerry e Carl estavam perplexos, mas afinal, que importância tinham? Era improvável que fossem verdadeiras. Faith, no geral, ficou contente. Apenas Una ficou realmente chateada, ela teve vontade de ir embora e chorar.

“Haverá estrelas na minha coroa?”, cantou o coro da igreja metodista, dando início aos ensaios.

– Quero apenas três – disse Mary, cujo conhecimento teológico havia aumentado notavelmente desde que fora morar com a senhora Elliott²⁰. –

Somente três, dispostas sobre a minha cabeça como um diadema, com a maior no centro e as menores de cada lado.

– Existem tamanhos diferentes de almas? – perguntou Carl.

– É claro. Ora, as almas dos bebês são muito menores do que as dos adultos. Bem, está ficando tarde e preciso voltar para casa. A senhora Elliott não gosta que eu fique fora depois que escurece. Quando eu morava com a senhora Wiley, a noite e o dia eram a mesma coisa. Não fazia diferença para mim, assim como não faz para um gato. Parece que isso foi cem anos atrás. Agora, reflitam sobre o que eu disse e tentem se comportar, pelo bem do seu pai. Eu sempre apoiarei e defenderei vocês, não tenham dúvidas. A senhora Elliott diz que nunca conheceu alguém como eu, tão leal aos amigos. Eu até respondi para a senhora Alec Davis quando ela falou de vocês, o que me rendeu uma bronca da senhora Elliott.

A justa Cornelia tem uma língua afiadíssima, mas no fundo ficou contente, pois ela detesta a Kitty Alec e adora vocês. Eu sei ler as pessoas.

Mary foi embora, muito satisfeita consigo mesma, deixando para trás uma turminha muito deprimida.

– A Mary Vance sempre diz alguma coisa que nos deixa mal quando nos visita.

– Quem dera a tivéssemos deixado morrendo de fome naquele velho celeiro – disse Jerry com ressentimento.

– Ah, que maldade, Jerry – repreendeu Una.

– Já que temos a fama, é melhor fazermos jus a ela – respondeu Jerry, sem nenhum arrependimento. – Se as pessoas acham que somos maus, então sejamos maus.

– Só se isso não for prejudicar o papai – ponderou Faith.

Jerry sentia-se incomodado, pois ele adorava o pai. Pela janela sem cortinas do escritório, eles podiam ver o senhor Meredith sentado à mesa. Não parecia estar lendo ou escrevendo. Ele estava com a cabeça entre as mãos e sua postura passava a impressão de cansaço e derrota. De repente, as crianças também a notaram.

– Atrevo-me a dizer que ele está preocupado por nossa causa – disse Faith. Gostaria que pudéssemos viver sem que as pessoas falassem de nós.

Oh! Jem Blythe! Que susto você me deu!

Jem Blythe havia se aproximado de mansinho e se empoleirado ao lado das meninas. Ele estivera vasculhando o Vale do Arco-Íris e havia encontrado o primeiro ramo de florezinhas brancas e em forma de estrelas para a mãe. As crianças da casa ministerial ficaram caladas depois que ele chegou. Naquela primavera, Jem tinha começado a distanciar-se deles, de certa forma. Ele estava estudando para os exames de admissão na Queen's Academy e ficava na escola depois das aulas para ter lições extras. Além disso, suas tardes eram tão atarefadas que ele quase não se juntava mais a eles no Vale do Arco-Íris, parecia distanciar-se, rumo à vida adulta.

– O que deu em vocês hoje? – perguntou. – Parecem tão sérios.

– Um pouco – concordou Faith com tristeza. – Você também não estaria muito animado se soubesse que está desgraçando seu pai e fazendo com que as pessoas falem da sua família.

– Quem está falando de vocês agora?

– Todo mundo, segundo a Mary Vance. – Faith desabafou todos os problemas com o atencioso Jem. – Sabe, não temos ninguém para nos educar, por isso nos metemos em encrencas e as pessoas pensam que somos maus – concluiu tristemente.

– Por que vocês não educam uns aos outros? – sugeriu Jem. – Vou dizer o que podem fazer. Vocês deveriam formar um Clube da Boa Conduta e punir uns aos outros quando fizerem algo de errado.

– É uma boa ideia. Só que algumas coisas que parecem inofensivas para nós são simplesmente terríveis para os outros. Como saber a diferença? Não podemos incomodar o papai o tempo todo. E, de qualquer forma, ele se ausenta com frequência por causa do trabalho.

– Na maior parte dos casos, vocês perceberiam se parassem para pensar antes de agir e se perguntassem o que a congregação diria – explicou Jem. – O problema é que vocês fazem as coisas sem pensar. A mamãe diz que vocês

são muito impulsivos, assim como ela costumava ser.

O Clube da Boa Conduta ajudaria bastante, se forem justos e honestos na hora de punir uns aos outros quando as regras forem quebradas.

O castigo teria que ser realmente doloroso ou não surtiria efeito.

– Como uma cintada?

– Não exatamente. Vocês teriam que pensar em formas diferentes de castigo de acordo com cada pessoa. Vocês não puniriam uns aos outros, mas sim a si mesmos. Eu li sobre esse tipo de clube em um livro. Tentem e vejam se funciona.

– Nós vamos – disse Faith. Quando Jem foi embora, eles concordaram em tentar. – Se as coisas não estão certas, temos que tentar corrigi-las – disse Faith resolutamente.

– Temos que ser justos e honestos, como Jem disse – disse Jerry.

– Será um clube para nos educarmos, já que não há mais ninguém para isso.

Não podemos ter muitas regras. Vamos definir uma só e se algum de nós quebrá-la, a punição será severa.

– Mas, como?

– Pensaremos nisso à medida que avançarmos. Faremos uma sessão do clube aqui no cemitério todas as noites para conversarmos sobre o dia, e se acharmos que fizemos alguma coisa errada ou que possa desonrar o papai, o responsável será castigado. Essa é a regra. Todos nós decidiremos o tipo da punição, que deve ser apropriado para o delito, como diz o senhor Flagg. E o culpado terá que arcar com as consequências sem protestar. Vai ser divertido

– concluiu Jerry.

– Foi você que sugeriu que fizéssemos bolhas de sabão – disse Faith.

– Mas isso foi antes de formarmos o clube – apressou-se em dizer.

– A regra começará a valer esta noite.

– E se não conseguirmos chegar a um consenso sobre o que é certo, ou o castigo? Digamos que dois de nós pensem de um jeito e os outros dois de outro. Deveria haver cinco pessoas em um clube como esse.

– Pediremos para que Jem Blythe seja o nosso árbitro. Ele é o garoto mais correto de Glen St. Mary. Ainda assim, acho que somos capazes de resolver a maioria dos nossos dilemas. Precisamos manter o clube no mais absoluto segredo, não digam uma palavra para Mary Vance, ela iria querer participar e nos educar.

– Acho que não precisamos estragar todos os dias com castigos

– opinou Faith. – Vamos dedicar um dia aos castigos.

– Sábado seria o melhor, pois a escola não interferiria – sugeriu Una.

– E estragar o único dia livre da semana! – exclamou Faith. – Nem pensar! Não, que seja sexta-feira. É dia de peixe e nós detestamos peixe.

Assim, concentraremos todas as coisas desagradáveis em um dia só.

– Besteira – disse Jerry autoritariamente. – Um esquema desses não funcionaria. Castigaremos uns aos outros conforme as coisas vão acontecendo para nos mantermos em dia. Agora, todos compreenderam? Este é um Clube da Boa Conduta, com o propósito de nos educarmos. Todos nós concordamos em punir os comportamentos ruins e sempre pararmos para pensar se alguma atitude prejudicará o papai de alguma forma, não importa o que aconteça. Qualquer um que tentar fugir da responsabilidade será expulso e não poderá mais brincar com os outros no Vale do Arco-Íris. Jem Blythe será o árbitro em caso de disputas. Chega de levar insetos para a escola dominical, Carl, e chega de mascar goma em público, senhorita Faith, por favor.

– Chega de zombar dos anciões ou ir às reuniões da igreja metodista – retrucou Faith.

– Ora, não há mal algum em ir a uma reunião dos metodistas – protestou Jerry, surpreso.

– Não foi o que disse a senhora Elliott. Ela falou que os filhos do ministro só podem ir a eventos dos presbiterianos.

– Que inferno, não vou deixar de ir às reuniões dos metodistas – exclamou Jerry. – São dez vezes mais divertidas do que as nossas.

– Você falou uma palavra feia – acusou Faith. – Agora, terá que se castigar.

– Não enquanto tudo não estiver acertado. Estamos apenas combinando as coisas. O clube só estará formado depois que colocarmos as regras no papel e assinarmos. É preciso uma constituição e um estatuto. E você sabe que não há nada de errado em ir a uma reunião da igreja.

– Nós não devemos punir somente o que for errado, mas também qualquer coisa que possa prejudicar o papai.

– Isso não fará mal a ninguém. Você sabe que a senhora Elliott é uma fanática. Ninguém mais vê nenhum problema nisso. Eu sempre me comporto nas reuniões. Pergunte ao Jem ou à senhora Blythe. Eu me aterei à opinião deles. Vou buscar um papel e a lamparina e nós todos assinaremos.

Quinze minutos depois, o documento foi solenemente assinado sobre o túmulo do Hezekiah Pollock, no centro do qual encontrava-se a esfumaçada lamparina da casa ministerial, com as crianças ajoelhadas ao redor. O senhor Clow passava por ali naquele momento e no dia seguinte toda a vila ficou sabendo que os filhos do ministro fizeram outra competição de reza no cemitério e que depois perseguiram uns aos outros em meio aos túmulos com a lamparina. Tal adendo provavelmente foi inferido pelo fato de que, terminada a reunião, Carl pegou a lamparina e caminhou com cautela pelo vale para examinar seu formigueiro. Os outros já tinham ido para a cama em silêncio.

– Acha mesmo que o papai vai se casar com a senhorita West? – perguntou Una para Faith, insegura, depois que terminaram as orações.

– Não sei, mas eu adoraria – respondeu Faith.

– Ah, eu não – disse Una, chocada. – Ela é muito bondosa. Só que a Mary Vance disse que tornar-se uma madrasta muda completamente as pessoas.

Elas ficam bravas, malvadas e odiosas, fazem os pais se voltarem contra os filhos. Disse que é sempre assim e que nunca viu nenhuma exceção.

– Eu acredito que a senhorita West jamais tentaria fazer isso

– exclamou Faith.

– A Mary disse que todas fazem. Ela sabe tudo sobre madrastas, Faith. Ela já conheceu centenas delas e você nunca viu nenhuma. Ah, a Mary me contou coisas de gelar o sangue. Ela soube de uma que açoitou os ombros nus das filhinhas do marido até sangrarem e depois as trancou em um porão frio e escuro a noite toda. Ela disse que todas adoram fazer coisas desse tipo.

– Não creio que a senhorita West faria isso. Você não a conhece como eu, Una. Lembre-se daquele lindo passarinho que ela me deu. Eu o amo ainda mais que o Adam.

– É que ser uma madrasta as transforma. A Mary falou que é inevitável. As surras não me preocupam, mas não suportaria se o papai nos odiasse.

– Você sabe que nada faria o papai nos odiar. Não seja boba, Una. Atrevo-me a dizer que não há nada que se temer. Provavelmente, se nosso clube der certo e nós nos educarmos o suficiente, o papai não pensará em se casar com ninguém. E se ele se casar, eu sei que a senhorita West será um amor conosco.

Entretanto, Una não tinha a mesma convicção e chorou até dormir.

Referência ao Novo Testamento, Apocalipse, 12:1: “E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça”. (N.

T.)



UM IMPULSO CARIDOSO

Durante duas semanas as coisas transcorreram bem no Clube de Boa Conduta. Tudo parecia funcionar admiravelmente. Nem uma única vez Jem Blythe foi convocado. Nem uma única vez as crianças da casa ministerial foram o centro das fofocas de Glen. Quanto às pequenas infrações domésticas, eles ficaram de olho uns nos outros e se submeteram aos castigos, que geralmente consistia em uma ausência voluntária das alegres picardias das tardes de sábado no Vale do Arco-Íris, ou ir para a cama cedo em uma noite de primavera em que a juventude ansiava pela liberdade. Faith, por ter cochichado na escola dominical, obrigou-se a passar um dia inteiro sem falar nem uma única palavra, a menos que fosse absolutamente necessário e concluiu a pena com êxito. Foi uma infeliz coincidência o senhor Baker, que morava do outro lado do porto, ter escolhido aquela noite para visitar a casa ministerial e Faith ter atendido a porta. Sem responder nada às saudações joviais dele, ela afastou-se em silêncio para chamar o pai. O senhor Baker ficou um pouco ofendido e comentou com a esposa ao chegar em casa que a filha mais velha do senhor Meredith era uma criaturinha muito tímida e amuada, cuja falta de educação a impedia de responder quando lhe dirigiam a palavra. Isso não teve nenhuma consequência grave, no geral, as punições não causavam nenhum dano a eles mesmos ou a terceiros. Todos começaram a se convencer de que, no fim das contas, era muito fácil educarem a si mesmos.

– Acho que logo as pessoas vão perceber que somos capazes de nos comportamos tão bem quanto qualquer outra criança – disse Faith, jubilosa.
– Não é difícil quando nos esforçamos.

Ela e Una estavam sentadas sobre o túmulo do Pollock. Aquele tinha sido um dia frio e chuvoso de primavera e o Vale do Arco-Íris estava fora de questão para as meninas, embora os meninos da casa ministerial e de

Ingleside estivessem pescando por lá. A chuva havia cessado, mas um vento de gelar os ossos soprava impiedosamente do mar ao Oeste. A primavera chegava com atraso, apesar dos indícios preliminares, e ainda havia uma camada dura de neve e gelo no canto Norte do cemitério. Estremecendo de frio, Lida Marsh passou pelo portão da casa ministerial. Ela morava na vila dos pescadores e há trinta anos seu pai tinha o costume de enviar alguns arenques da primeira leva da primavera para o ministro. Era um homem imprudente e bebedor que nunca ia a igreja, porém, contanto que enviasse os peixes à casa ministerial todas as primaveras, como o pai dele fizera antes, ele tinha a confortável convicção de que estava quite com o Ser Supremo. Ele não contaria com uma boa temporada de pesca se não enviasse os primeiros frutos da estação.

Apesar de ter 10 anos, Lida parecia mais jovem por ser uma criança mirrada. Naquela tarde, ao vencer a timidez e aproximar-se das garotas da casa ministerial, ela parecia nunca ter sentido nada na vida além de frio. Seu rosto estava arroxado e seus olhos azuis claros estavam vermelhos e aquosos, usava um vestido estampado esfarrapado e um xale de lã andrajoso arramado sobre os ombros e os braços. Ela havia percorrido os cinco quilômetros desde o porto descalça, em uma estrada que ainda apresentava neve e lama, suas pernas e pés estavam tão roxos quanto o rosto, mas Lida não se importava. Ela estava acostumada com o frio e já fazia um mês que andava por aí descalça, como todas as muitas crianças da vila dos pescadores. Não havia auto piedade em seu coraçãozinho ao sentar-se no túmulo e sorrir alegremente para Faith e Una. As irmãs retribuíram o sorriso, elas já haviam se encontrado com Lida uma ou duas vezes no verão anterior, quando foram ao porto com os Blythe.

– Olá – cumprimentou Lida –, não está um frio de lascar? Nem os cachorros saíram hoje, não é mesmo?

– E por que você saiu de casa? – perguntou Faith.

– O papai mandou eu trazer alguns peixes – respondeu Lida. A menina estremeceu, tossiu e levantou os pés. Lida não estava prestando atenção no que fazia e tampouco queria a compaixão das duas. Ela ergueu os pés para não pisar na grama úmida ao redor do túmulo. Contudo, Faith e Una instantaneamente foram engolfadas por uma onda de pena. Ela parecia estar com tanto frio e ser tão pobre...

– Ah, por que você está descalça em uma tarde tão fria? – exclamou Faith.
– Seus pés devem estar congelados.

– Quase – disse Lida com orgulho. – Foi uma caminhada penosa até aqui.

– Por que não vestiu sapatos e meias? – perguntou Una.

– Porque eu não tenho. Os que eu tinha ficaram gastos depois que o inverno acabou – disse com indiferença.

Por um momento, Faith ficou paralisada. Era terrível, pois ali estava uma garotinha, praticamente uma vizinha, morrendo de frio porque não tinha sapatos ou meias naquela primavera cruel. A impulsiva

Faith não conseguiu pensar em mais andar além do horror daquela situação. Ela imediatamente tirou os sapatos e as meias.

– Aqui, vista-os – disse, forçando a menina perplexa a pegá-los.

– Rápido ou vai acabar adoecendo e morrendo. Tenho outros, vista-os agora.

Lida, recuperando-se da surpresa, agarrou os presentes com um brilho nos olhos opacos. Ela os vestiu depressa, antes que alguém aparecesse e exigisse que fossem devolvidos. Em instantes ela cobriu as pernas fracas com as meias e calçou os sapatos de Faith, protegendo os tornozelos grossos.

– Muito obrigada – agradeceu –, mas a sua família não vai

ficar brava?

– Não e não me importo se ficar – disse Faith. – Acha que sou capaz de ver alguém morrendo de frio e não fazer o que está ao meu alcance para ajudar? Não seria correto, especialmente porque meu pai é um ministro da igreja.

– Vai querê-los de volta? Faz muito frio no porto, mesmo quando aqui em cima está calor – disse Lida astutamente.

– Não, é claro que você pode ficar com eles. Foi essa a minha intenção, tenho outro par de sapatos e muitas outras meias.

Lida pretendia ficar mais um pouco e bater um papo com as garotas. Porém, agora ela achava melhor ir embora antes que alguém viesse e a obrigasse a tirar as botinhas. Então, ela partiu em meio ao crepúsculo gélido, tão silenciosa e sorrateira como havia chegado. Assim que se afastou o suficiente da casa ministerial ela sentou-se, tirou os sapatos e as meias e os guardou na cesta. Ela não queria usá-los naquela estrada suja, Lida pretendia guardá-los para ocasiões especiais. Nenhuma outra menina do porto tinha meias pretas de caxemira e sapatos tão elegantes, quase novos. Ela estava equipada para o verão e não tinha nenhum receio. Aos olhos dela, os moradores da casa ministerial eram fabulosamente ricos, e com certeza

aquelas garotas tinham um monte de sapatos e meias. Em seguida, ela correu até a vila e brincou com os garotos na frente da loja do senhor Flagg, chapinhando em uma poça de lama com os mais bagunceiros, até a senhora Flagg sair e os mandar embora.

– Faith, acho que você não deveria ter feito isso – disse Una, com um leve tom de reprovação, depois que a Lida foi embora. – Agora você vai ter que usar suas melhores botas e logo elas vão ficar gastas.

– Não me importo – disse Faith, ainda sob o delicioso efeito de ter praticado uma boa ação a um semelhante. – Não é justo que eu tenha dois pares de sapatos e a coitadinha da Lida Marsh não tenha nenhum. Agora, nós duas temos um par, você sabe perfeitamente bem, Una, que o papai disse no sermão do domingo passado que a verdadeira felicidade não está em receber ou ganhar e sim em oferecer. Nunca estive tão feliz em toda a minha vida.

Imagine a Lida nesse exato momento, voltando para casa com os pezinhos quentes e confortáveis.

– Você sabe que não tem outro par de meias pretas de caxemira – disse Una. – O seu outro par tinha tantos furos que a tia Martha disse que não podia mais remendá-las e as cortou para usar de trapos. Só sobraram aqueles dois pares de meias listradas que você detesta tanto.

Toda a animação de Faith se esvaiu. A satisfação dela murchou como um balão furado, ela ficou em silêncio por alguns minutos, chateada, contemplando as consequências de seu ato.

– Ah, Una, não tinha pensado nisso – disse com pesar. – Nem passou pela minha cabeça.

Os pares que haviam restado eram de meias grossas, pesadas e desconfortáveis, azuis e vermelhas, que a tia Martha tricotara para Faith no inverno. Eram indiscutivelmente horrendas. Faith as odiava como nunca havia odiado nada antes, com certeza, ela não as usaria. Ainda estavam intocadas, na gaveta da cômoda.

– Pois vai ter que usá-las, agora – disse Una. – Imagine como os garotos na escola vão rir delas. Você se lembra como eles tiraram sarro das meias listradas da Mamie Warren, chamando-a de poste de barbeiro e no seu caso será ainda pior.

– Não vou usá-las – disse Faith. – Andarei descalça, por mais frio que esteja.

– Você não pode ir à igreja descalça amanhã. Pense no que as pessoas vão dizer.

- Então, ficarei em casa.
- Você sabe muito bem que a tia Martha vai te obrigar a ir.

Faith sabia. A única coisa que a tia Martha se dava ao trabalho de insistir era para que fossem à igreja, faça sol ou chuva. Como se vestiam, ou se estavam vestidos, não era problema dela. Tinham que ir. Assim ela havia sido criada há setenta anos e assim pretendia educá-los.

– Você não tem um par que possa me emprestar? – implorou a pobre Faith.

Una balançou a cabeça.

– Não, você sabe que só tenho aquele par de meias pretas. Que está tão apertado que mal consigo calçá-las. Elas tampouco serviriam em você e nem as cinzas. Além disso, estão cheias de remendos.

– Recuso-me a usar as meias listradas – disse Faith com teimosia.

– O desconforto é ainda maior do que a feiura. Elas me fazem sentir como se minhas pernas fossem gordas como barris, e como coçam!

– Bem, não sei o que você pode fazer.

– Se o papai estivesse em casa, eu pediria para ele comprar um par novo antes da loja fechar, mas ele só vai voltar tarde da noite. Pedirei segunda-feira e não irei à igreja amanhã. Vou fingir que estou doente e a tia Martha vai ser obrigada a me deixar ficar em casa.

– Isso seria mentir, Faith – exclamou Una. – Você não pode mentir, sabe que seria horrível. O que o papai diria se soubesse? Lembra-se do que ele disse depois que a mamãe morreu? Ele disse para sempre sermos honestos, mesmo se falhássemos em outras coisas. Que não devemos mentir, nem com palavra e nem com ações, que confia que nunca faremos isso. Você não pode fazer isso, Faith. Use as meias listradas, só desta vez. Ninguém vai notá-las na igreja. Não é como na escola. E o seu vestido novo marrom é tão comprido que elas nem aparecerão. Não foi uma sorte a tia Martha tê-lo deixado tão grande, com espaço para você crescer, por mais que você tenha detestado o resultado final?

– Não vou usar aquelas meias – repetiu Faith. Ela esticou as pernas brancas, levantou-se do túmulo e deliberadamente caminhou sobre a grama fria até a faixa de neve, onde ficou parada, com os dentes cerrados.

– O que está fazendo? – exclamou Una, horrorizada. – Você vai ficar doente.

– É o que estou tentando – respondeu Faith. – Quero ficar incrivelmente doente amanhã. Assim, não terei que mentir. Vou ficar aqui enquanto puder

aguentar.

– Faith, você pode até morrer ou pegar uma pneumonia. Por favor, Faith. Vamos entrar em casa, para que coloque alguma coisa nos pés. Ah, aí vem o Jerry. Ainda bem. Jerry, faça com que a Faith saia da neve. Olhe só os pés dela.

– Deus do céu! Faith, o que você está fazendo? – quis saber Jerry.

– Está maluca?

– Não. Vá embora! – gritou Faith.

– É algum tipo de castigo? Se for, não está certo. Você vai ficar doente.

– Eu quero ficar doente. Não estou me punindo. Vá embora.

– Onde estão os sapatos e as meias dela? – perguntou ele para Una.

– Ela os deu para a Lida Marsh.

– Lida Marsh? Por quê?

– Porque a Lida não tinha nenhum e os pés dela estavam congelando. E

agora a Faith quer ficar doente para não ter que ir à igreja amanhã e usar as meias listradas. Jerry, ela pode até morrer.

– Faith, saia da neve, ou então eu vou te tirar daí – ameaçou Jerry.

– Pode tirar – desafiou Faith.

Jerry avançou e segurou os braços da irmã. Ele puxou de um lado e a Faith puxou do outro. Una correu e a empurrou por trás. Faith gritava para que Jerry a deixasse em paz. O menino gritava para que ela parasse de ser idiota e Una chorava. A algazarra que faziam era imensa, bem ao lado da cerca que divisava com a estrada. Henry Warren e a esposa passaram por ali, viram e ouviram o rebuliço. Em pouco tempo, a população de Glen ficou sabendo que os filhos do ministro tiveram uma briga feia no cemitério, usando um linguajar impróprio. Enquanto isso, Faith havia permitido que os irmãos a puxassem porque seus pés estavam tão doloridos que ela já estava pronta para sair dali, de qualquer forma. Os três se reconciliaram antes de entrar em casa e foram para a cama. Faith dormiu como um querubim e acordou sem nenhum traço de resfriado. Ela percebeu que não poderia fingir que estava enferma, ao recordar-se daquela conversa com o pai de tempos atrás. Ainda assim, estava determinada a não usar aquelas meias abomináveis na igreja.



OUTRO ESCÂNDALO E OUTRA “EXPLICAÇÃO”

Faith chegou cedo na escola dominical e sentou-se no canto antes que os outros chegassem. Assim, a terrível verdade só foi revelada quando a menina deixou o banco próximo da porta e caminhou até o banco reservado à casa ministerial, terminada a aula. A igreja já estava quase cheia e todos próximos ao corredor viram que a filha do ministro estava de botas, mas sem meias!

O vestido marrom novo de Faith, que a tia Martha tinha feito com uma estampa antiquada, era absurdamente longo para ela, mesmo assim, ele não alcançava o cano das botas. Era possível ver claramente uns bons cinco centímetros de pernas brancas.

Faith e Carl estavam sozinhos no banco. Jerry tinha subido na galeria para sentar-se com um amigo e as irmãs Blythe haviam levado Una com elas. Os filhos do senhor Meredith tinham o costume de “sentarem por toda a igreja” e muitas pessoas achavam isso impróprio. A galeria, em especial, onde rapazes irresponsáveis se reuniam, cochichavam e eram suspeitos de mascarem tabaco durante o sermão, não era um lugar adequado para o filho de um ministro. Só que Jerry odiava o banco da casa ministerial na primeira fila da igreja, bem debaixo dos olhos do ancião Clow e da família dele. Ele escapava de lá sempre que podia.

Carl, absorto na observação de uma aranha que tecia sua teia na janela, não reparou nas pernas de Faith. Ela foi embora junto com o pai depois da igreja, que também não chegou a reparar nisso. Faith colocou as odiosas meias antes que Jerry e Una chegassem, de forma que nenhum dos moradores da casa ministerial percebeu o que ela tinha feito. No entanto, os outros habitantes de Glen St. Mary não ignoraram o fato. Os poucos que não o presenciaram, ouviram seu relato. Não se falou em outra coisa naquele dia. A senhora Alce Davis disse que era de se esperar e que logo uma daquelas crianças apareceria na igreja sem roupas. A presidente da Sociedade

Assistencial decidiu que abordaria o assunto na próxima reunião e sugeriria que fossem todas conversar com o ministro. A senhorita Cornelia afirmou que estava lavando as mãos. Até a esposa do doutor Blythe ficou um tanto chocada, e atribuiu a ocorrência a um mero relapso de Faith. Susan só não começou a tricotar meias imediatamente para a menina porque era domingo, porém, antes que qualquer um despertasse em Ingleside na manhã seguinte, um par já estaria pronto.

– Não me diga que não foi culpa da velha Martha, querida senhora – disse para Anne. – Suponho que aquela pobre criança não tem meias decentes para usar. Acho que todas as meias dela estão cheias de buracos, o que costuma ser o caso, como a senhora bem sabe. E na minha opinião, querida senhora, a Sociedade Assistencial seria melhor empregada em tricotar alguns pares para aquelas crianças do que brigar por um novo tapete para a plataforma do púlpito. Eu não faço parte da Sociedade, mas vou tricotar dois pares de meias para a Faith com essa bela linha preta o mais rápido que meus dedos conseguirem, isso eu garanto. Querida senhora, jamais me esquecerei da sensação de ver a filha do ministro caminhando pelo corredor da nossa igreja sem meias. Eu realmente não soube para onde olhar.

– E a igreja estava cheia de metodistas ontem – murmurou a senhorita Cornelia, que tinha ido a Glen para fazer algumas compras e passou em Ingleside para falar do assunto. – É só as crianças daquela casa ministerial aprontarem alguma para que a igreja fique repleta de metodistas. Eu achei que os olhos da senhora Hazard iam cair das órbitas. Ao sair da igreja, ela disse, “bem, aquela foi uma cena quase indecente. Tenho pena dos presbiterianos”. E nós tivemos que aguentar calados. Não havia o que dizer.

– Eu sei o que eu teria dito se tivesse ouvido o comentário dela, querida senhora – disse Susan seriamente. – Eu teria falado, por exemplo, que andar por aí com as pernas desnudas é tão decente quanto usar meias esburacadas. Ou então que os presbiterianos não precisam da compaixão dos metodistas porque nós temos um ministro que sabe pregar e os metodistas não. Eu teria colocado a esposa do diácono Hazard no devido lugar, querida senhora, eu garanto.

– Quem dera o senhor Meredith se preocupasse um pouco mais com a própria família, e não tanto com os sermões – comentou a senhorita Cornelia. – Ele poderia pelo menos dar uma olhada nos filhos antes de ir à igreja para ver se estão propriamente vestidos. Estou cansada de encontrar desculpas para ele, acredite em mim.

Enquanto isso, a alma de Faith estava sendo atormentada no Vale do Arco-Íris. Mary Vance estava lá e, como de costume, disposta a dar bronca. Ela explicava que Faith havia se envergonhado, que a reputação do pai não tinha mais salvação e que ela, Mary Vance, estava cansada de tudo isso. “Todo mundo” estava comentando e “todo mundo dizia a mesma coisa”.

– Sinceramente, acho que não posso mais ser sua amiga – concluiu.

– Mas nós podemos – exclamou Nan Blythe. Secretamente, ela achava que a Faith tinha feito algo escandaloso, só que ela não iria deixar que a Mary Vance lidasse com o assunto com tamanha arrogância. – Se você acha isso mesmo, então não tem porquê vir ao Vale do Arco-Íris, senhorita Vance.

Nan e Di colocaram o braço ao redor da cintura de Faith e encararam Mary desafiadoramente. A menina então desabou, sentando-se em um tronco e desatando a chorar.

– Não é como se eu não quisesse – choramingou. – Mas se eu continuar sendo vista com a Faith, as pessoas vão dizer que a instigo a fazer essas coisas. Algumas já estão falando isso, juro pela minha vida. Não posso permitir que digam isso de mim, não agora que estou em um lar respeitável e me esforçando para ser uma dama. E eu nunca fui à igreja com as pernas desnudas, nem nos meus piores dias. Jamais sequer cogitei algo assim. Só que aquela odiosa da Kitty Alec diz que a Faith nunca mais foi a mesma depois que me hospedou na casa ministerial. Ela diz que a Cornelia Elliott vai viver para se arrepender do dia que me acolheu e acreditem, isso me magoa. Porém, é com o senhor Meredith que estou realmente preocupada.

– Não precisa se preocupar com ele – disse Di com desdém. – Provavelmente não é necessário. Faith, querida, pare de chorar e conte por que fez isso.

Faith explicou-se entre as lágrimas. As irmãs Blythe se solidarizaram com ela, e até a Mary Vance concordou que era uma situação complicada. Jerry, todavia, para quem a notícia havia caído como uma bomba, foi incapaz de tranquilizar-se. Então era disso que se tratavam algumas indiretas que ele ouvira na escola naquele dia! Ele levou Faith e Una para casa sem cerimônia e o Clube da Boa Conduta teve uma sessão de emergência no cemitério para julgar o caso de Faith.

– Não acho que foi tão ruim assim – defendeu-se Faith com valentia. – Mal dava para ver as minhas pernas. Não fiz nada de errado e não prejudiquei ninguém.

– Isso prejudicara o papai e você sabe disso. Você sabe que as pessoas o culpam quando fazemos algo estranho.

– Não pensei nisso – murmurou Faith.

– É esse o problema. Você não pensou e deveria ter pensado. Foi para isso que criamos o nosso clube, para nos educarmos e nos obrigarmos a refletir. Nós prometemos sempre pensarmos antes de fazer qualquer coisa, mas você não fez isso e por isso precisa ser punida, Faith. Como castigo, terá que usar aquelas meias listradas para ir à escola durante uma semana.

– Ah, Jerry, um dia ou dois não é suficiente? Não uma semana!

– Sim, uma semana inteira – disse o inexorável Jerry. – É justo, pergunte ao Jem Blythe, se quiser.

Faith decidiu que era preferível acatar o castigo ao invés de consultar o Jem Blythe. A menina começava a perceber que seu delito tinha sido vergonhoso.

– Eu as usarei, então – resmungou, emburrada.

– Você ainda teve sorte – disse Jerry severamente. – E não importa como te castigemos, isso não ajudará o papai. As pessoas sempre acharão que você fez isso de propósito e culparão o papai por não ter impedido. Nunca conseguiríamos explicar a verdade para todo mundo.

Esse aspecto do caso pesou na consciência de Faith. A própria condenação ela suportaria, mas era angustiante saber que o papai seria responsabilizado. Se as pessoas soubessem os fatos por trás da fofoca, não o culpariam. Entretanto, como ela poderia torná-lo de conhecimento do mundo? Subir ao púlpito da igreja, como já tinha feito, estava fora de questão. Mary Vance lhe contara como a congregação havia desaprovado aquela performance e percebeu que não deveria repeti-la. Faith preocupou-se com o problema por meia semana. Então, ela teve uma inspiração e decidiu colocá-la em prática.

Ela passou um bom tempo no sótão aquela noite, com uma lamparina e um caderno, escrevendo sem parar, com as bochechas coradas e os olhos brilhantes. Era essa a solução! Que esperteza da parte dela ter pensando nisso! Tudo seria resolvido e explicado, sem causar nenhum escândalo. Era onze horas da noite quando terminou, satisfeita, e arrastou-se para a cama sentindo-se terrivelmente cansada, ainda que perfeitamente feliz.

Após alguns dias, o pequeno semanário de Glen chamado *O Jornal* foi publicado como sempre e o povo teve outra surpresa. Uma carta assinada por Faith Meredith ocupava um espaço proeminente da primeira página, dizendo o seguinte:

A QUEM POSSA INTERESSAR:

Quero explicar por que fui à igreja sem meias, para que todos saibam que o meu pai não teve culpa nenhuma e para que as velhas fofoqueiras não digam por aí que ele teve, pois isso não é verdade. Eu dei o meu único par de meias pretas à Lida Marsh, porque ela não tinha nenhuma e a pobrezinha estava com os pés congelando, e isso me deu muita pena. Nenhuma criança deveria andar sem sapatos e meias em uma comunidade cristã antes que toda a neve tenha derretido, e acho que a Sociedade Assistencial das Damas da Igreja e das Missões Estrangeiras deveria dar meias a elas. É claro, eu sei que elas estão mandando coisas para as criancinhas pagãs, o que é muito bom e necessário. Só que as crianças pagãs têm muito mais meses de calor do que nós, e eu acredito que

as damas da igreja deveriam cuidar da Lida e não deixar tudo nas minhas mãos. Quando lhe dei as meias eu esqueci que eram as minhas únicas da cor preta e sem furos, mas fico feliz por ter feito isso, do contrário, minha consciência não teria me deixado em paz. Depois que a coitadinha foi embora, toda alegre e orgulhosa, eu me lembrei que só me restavam aqueles pares horrorosos vermelhos e azuis que a tia Martha tricotou no inverno passado com os novelos que a senhora Joseph Burr enviou de Upper Glen. É uma lã muito grossa e cheia de nós, e eu nunca vi os filhos da senhora Burr usando nada parecido. A senhora Burr manda para o ministro as coisas que não quer usar ou comer, achando que compensam a contribuição que o marido se comprometeu a fazer e nunca faz.

Eu simplesmente não podia usar aquelas coisas detestáveis. São muito feias, ásperas e pinicam. Todo mundo teria zombado de mim. De início eu pensei em fingir que estava doente para não ter que ir à igreja no dia seguinte, mas decidi não fazer isso porque seria uma mentira e, depois da morte da mamãe, o papai nos disse que nunca, jamais deveríamos mentir. Fingir é tão ruim quanto mentir, embora eu conheça pessoas daqui de Glen que fazem isso e parecem nunca se arrependerem. Não vou mencionar nomes, todavia sei quem são e o papai também.

Então, fiz o possível para ficar doente de verdade ao subir descalça em um monte de neve no cemitério metodista, até que o Jerry me tirou de lá. Só que não deu em nada e acabei sendo obrigada a ir à igreja.

Assim, decidi calçar as botas e sair de casa daquele jeito. Não entendo porque isso foi errado, já que eu tive o cuidado de lavar as pernas e deixa-las tão limpas quanto o meu rosto, de qualquer forma, a culpa não foi do papai. Ele estava no escritório pensando no sermão e em outros assuntos celestiais, e eu o evitei até a hora de ir para a escola dominical. O papai não repara nas pernas das pessoas na igreja e por isso não reparou nas minhas, mas as fofoqueiras repararam e comentaram, é por isso que estou escrevendo esta carta para o Jornal.

Suponho que eu tenha agido mal, já que é o que todo mundo está falando, e eu sinto muito. Estou usando aquelas meias horrorosas como punição, apesar do papai ter comprado um novo par de meias pretas lindas assim que a loja do senhor Flagg abriu na segunda de manhã. A culpa foi minha e os que ainda culparem o papai depois que lerem isso não são cristãos de verdade, e a opinião deles não me importa.

Há mais uma coisa que quero explicar antes de concluir. Mary Vance me disse que o senhor Evan Boyd está acusando os Lew Baxter de terem roubado batatas da plantação dele no outono passado. Eles não fizeram isso., pois são pobres, porém honestos. Fomos nós, Jerry, Carl e eu. Una não estava junto desta vez. Não achamos que estávamos roubando. Só queríamos algumas batatas para cozinhar na fogueira no Vale do Arco-Íris para comermos junto com nossas trutas fritas. O campo do senhor Boyd era o mais próximo, entre o vale a vila, e aí nós pulamos a cerca e pegamos algumas. As batatas estavam muito pequenas porque o senhor Boyd não colocou fertilizante suficiente e por isso tivemos que puxar várias outras até conseguir o suficiente, mesmo assim, não eram muito maiores do que bolinhas de gude. Walter e Di Blythe nos ajudaram a comer, mas só chegaram depois que já estavam cozidas e não ficaram sabendo como as conseguimos, de maneira que eles não têm culpa, só a gente. Não quisemos causar nenhum prejuízo e se isso foi um roubo nós pagaremos por elas se o senhor Boyd esperar até crescermos. Não temos dinheiro agora porque não somos grandes o bastante para ganhá-lo, e a tia Martha diz que é preciso cada centavo do parco salário do papai para manter a casa, mesmo quando é pago regularmente, o que não acontece com frequência. Então, o senhor Boyd deve parar de culpar os Lew Baxter, que são completamente inocentes e de sujar o nome deles.

Respeitosamente,

FAITH MEREDITH.



UM NOVO PONTO DE VISTA PARA A SENHORITA CORNELIA

– Susan, depois que eu morrer, voltarei para a Terra cada vez que os narcisos florescerem neste jardim – disse Anne, exultante. – Talvez ninguém me veja, mas estarei aqui. Se alguém também estiver no momento... Acho que voltarei em um fim de tarde como este, ou talvez seja pela manhã, uma adorável manhã rosa-claro de primavera... A pessoa verá os narcisos acenando freneticamente como se uma rajada de vento tivesse passado por eles, mas serei eu.

– Querida senhora, creio que você não se preocupará com assuntos mundanos como flores quando estiver morta – disse Susan. – E não acredito em fantasmas, visíveis ou invisíveis.

– Ah, Susan, eu não serei um fantasma! Isso soa horrível. Serei simplesmente eu. E vagarei durante o lusco-fusco, seja de manhã ou de tarde, e visitarei todos os lugares que amo. Lembra-se de como fiquei triste quando me mudei da minha pequena Casa dos Sonhos, Susan? Eu não achava que seria capaz de amar Ingleside. Contudo, eu a amo. Cada centímetro desse chão, cada graveto e cada pedra.

– Também gosto muito daqui – disse Susan, que morreria se tivesse que se mudar daquela casa –, todavia não devemos depositar tanto o nosso afeto em coisas terrenas, querida senhora. Existem coisas como incêndios e terremotos. Devemos estar sempre preparados. A casa dos MacAllister, do outro lado do porto, pegou fogo três noites atrás. Há quem diga que o Tom MacAllister incendiou a casa para ficar com o dinheiro do seguro. Pode ser verdade, ou não. De qualquer forma, meu conselho é que o doutor mande vistoriar a nossa chaminé o quanto antes. É muito melhor prevenir do que

remediar. Enfim, ali está a senhora Marshall Elliott no portão, com uma expressão de perplexidade.

– Querida Anne, viu o *Jornal* de hoje?

A voz da senhorita Cornelia tremia, em parte por emoção, em parte por ter vindo correndo depressa da loja e estar ofegante.

Anne inclinou-se sobre os narcisos para esconder um sorriso. Ela e Gilbert tinham rido com gosto e sem pudores ao lerem a primeira página naquele dia. Porém, Anne sabia que aquilo era quase uma tragédia para a senhorita Cornelia e que não deveria ferir os sentimentos dela com nenhuma demonstração de leviandade.

– Não é um absurdo? Alguma providência precisa ser tomada! – declarou a senhorita Cornelia, desesperada. Ela havia jurado que iria parar de se preocupar com as travessuras dos filhos do ministro, mas ainda continuava se afligindo.

Anne a levou até a varanda, onde Susan tricotava ao lado do Shirley e da Rilla, que estudavam as primeiras lições. Ela já estava no segundo par de meias para Faith. Susan nunca se preocupava com a pobre humanidade. Ela fazia o que estava ao seu alcance para melhorá-la e serenamente deixava o resto nas mãos do Ser Supremo.

– Cornelia Elliott acha que nasceu para governar este mundo, querida senhora – comentara certa vez –, e por isso está sempre nervosa por causa de alguma coisa. Eu nunca pensei assim e por isso sigo tranquila. As vezes me ocorre que as coisas poderiam ser mais bem administradas, todavia não cabe a nós, pobres vermes, acalantar tais anseios. Eles só servem para nos deixar desconfortáveis e não levam a lugar algum.

– Creio que não há nada que possamos fazer... Agora – disse Anne, puxando uma cadeira estofada confortável para a senhorita Cornelia.

– Como o senhor Vickers permitiu que aquela carta fosse publicada? Ele deveria ter mais juízo.

– Ora, ele está viajando, querida Anne. Foi passar uma semana em New Brunswick. Quem está cuidando do jornal é aquele malandro do Joe Vickers. É óbvio que o senhor Vickers jamais teria publicado aquilo, mesmo sendo um metodista. É provável que o Joe tenha achado que seria uma ótima piada. Como você disse, também acho que não há nada que possa ser feito agora, apenas esperar a poeira abaixar, mas se eu vir o Joe Vickers em algum lugar, vou lhe dar um sermão que ele não vai esquecer tão cedo. Pedi que o Marshall cancelasse a nossa assinatura do jornal na mesma hora, ele deu

risada e disse que a edição de hoje foi a única que teve algo de interessante em um ano. O Marshall nunca leva nada a sério. É típico de um homem. Felizmente, o Evan Boyd também é assim, pois ele não para de rir da carta. É outro metodista! Quanto à senhora Burr, de Upper Glen, é evidente que ficará furiosa e deixará a igreja. Não que seja uma perda muito grande, em qualquer sentido. Que os metodistas fiquem com eles.

– É bem feito para a senhora Burr – disse Susan, que tinha uma velha rixa com a senhora em questão e se divertira muito com a referência a ela na carta da Faith. – Ela vai descobrir que não dá para burlar a contribuição ao salário do pastor metodista com lâ ruim.

– O pior é que não há esperanças de que as coisas melhorem – disse a senhorita Cornelia com pesar. – Enquanto o senhor Meredith estava visitando a Rosemary West, eu tinha fé de que logo a casa ministerial teria uma dona-de-casa apropriada. Agora, isso acabou. Suponho que ela não tenha aceitado por conta dos filhos dele. É o que todo mundo acha, pelo menos.

– Acho que ele nem chegou a fazer o pedido – disse Susan, que não conseguia imaginar alguém recusando um ministro da igreja.

– Ninguém tem certeza de nada. Uma coisa é certa: ele não vai mais lá e a Rosemary não parecia nada bem na primavera. Espero que a viagem a Kingsport faça bem a ela. Já faz um mês que ela foi para lá, e vai ficar mais um, pelo que sei. Ellen e ela nunca conseguiram ficar longe uma da outra, mas ouvi dizer que foi a Ellen que insistiu que a irmã fosse. Enquanto isso, Ellen e Norman Douglas estão revivendo o passado.

– É mesmo? – perguntou Anne, rindo. – Ouvi rumores, todavia não sei se consigo acreditar neles.

– Pois acredite! Pode acreditar neles, querida Anne. Não é segredo para ninguém. Norman Douglas nunca deixou dúvidas a respeito de suas intenções, sejam elas quais forem. Ele sempre cortejou as mulheres que lhe interessavam em público. Ele contou ao Marshall que não pensava em Ellen há anos, e que na primeira vez que voltou a pisar na igreja no outono passado e a viu, ele se apaixonou por ela novamente. Que havia esquecido como ela é bonita. Ele não a via há vinte anos, acredita? Tinha deixado de ir à igreja há muito tempo, e lá é o único lugar que a Ellen frequenta por aqui. Oh, nós sabemos o que o Norman quer, mas agora o que a Ellen quer já é outra história. Não vou tentar prever se haverá um casamento ou não.

– Ele já a abandonou uma vez, mas parece que isso não conta para algumas pessoas, querida senhora – foi o comentário ácido da Susan.

– Ele a abandonou em um acesso de raiva e se arrependeu pelo resto da vida – disse a senhorita Cornelia. – Não foi de caso pensado. Nunca detestei o Norman como a maioria das pessoas. Ele nunca conseguiu levar a melhor sobre mim. O que me intriga é o motivo por ele ter voltado para a igreja. Não acredito na história da senhora Wilson de que a Faith Meredith foi até lá e o convenceu na marra. Nunca me lembro de perguntar para Faith se é verdade quando a vejo. Que influência ela poderia ter sobre o Norman Douglas? Ele estava na loja quando fui embora, morrendo de rir daquela carta escandalosa. Dava para ouvi-lo lá de Four Winds Point. “É a melhor garota do mundo”, gritava. “É tão cheia de vivacidade que chega a transbordar e todas as velhotas querem domá-la, repreendê-la. Só que nunca vão conseguir... Nunca! Seria mais fácil afogar um peixe. Boyd, não se esqueça de colocar mais fertilizante nas suas batatas no ano que vem, Rá, rá, rá!” E então ele riu até o teto começar a tremer.

– O senhor Douglas pelo menos contribui para o salário do ministro – comentou Susan.

– Oh, o Norman não é um completo avarento. Doaria mil sem pestanejar e berraria feito um touro de Basã se tivesse que pagar cinco centavos a mais por alguma coisa. Além disso, ele gosta dos sermões do senhor Meredith, e está sempre disposto a pagar por algo que o entretém. Ele não é mais cristão do que um pagão desnudo da África, e nunca será. Todavia é inteligente e instruído, e julga os sermões como se fossem palestras. De qualquer forma, é bom que ele apoie o senhor Meredith e os filhos dele, pois eles precisarão de amigos mais do que nunca depois disso. Estou cansada de encontrar desculpas para eles, acredite em mim.

– Sabe, querida senhorita Cornelia – começou Anne seriamente –, acho que todos nós já arranjamos desculpas demais para eles. É uma grande tolice e deveríamos parar com isso. Vou dizer o que eu gostaria de fazer. Não o farei, é claro – Anne notou um lampejo de preocupação nos olhos da Susan – porque seria muito pouco convencional e devemos ser o mais convencional possível depois que chegamos a certa idade, mas eu gostaria de convocar uma reunião com a Sociedade Assistencial, o clube de costura e incluir todos os metodistas que vêm criticando os Meredith, embora eu acredite que se nós, presbiterianos, parássemos de criticar e encontrar desculpas para aquela família, acabaríamos

descobrimos que as outras congregações não se preocupam tanto assim com os moradores da nossa casa ministerial. Eu diria: “queridos amigos cristãos”, com ênfase em “cristãos”. “Quero dizer uma coisa em alto e bom tom para que possam se lembrar e repetir para as suas famílias quando voltarem para casa. Vocês, metodistas, não precisam ter pena da gente e nós, presbiterianos, não precisamos ter pena de nós mesmos. Não faremos mais isso. De agora em diante devemos dizer a todos críticos e simpatizantes, com muita coragem e sinceridade, que temos orgulho do nosso ministro e da família dele. O senhor Meredith é o melhor pregador que a igreja de Glen St. Mary já teve. E mais, ele é um homem sincero, um dedicado professor da verdade e da caridade cristã. É um amigo leal, um pastor sensato e um sujeito refinado, erudito e bem-criado. A família dele é digna do homem que é. Gerald Meredith é o aluno mais astuto da escola e o senhor Hazard diz que ele está destinado a ter uma carreira brilhante. É um rapaz viril, honrado e sincero. Faith Meredith é uma beleza, e tão inspiradora e original quanto bela. Não há nada trivial nela. Se juntássemos todas as outras garotas de Glen, não teríamos o vigor, a perspicácia, a jovialidade e a ‘energia’ que ela tem. É uma moça sem nenhum inimigo. Todos que a conhecem a adoram. De quantas pessoas, crianças ou adultos, podemos dizer o mesmo? Uma Meredith é a personificação da doçura. Será uma mulher extraordinária. Carl Meredith, com seu amor por formigas, sapos e aranhas, algum dia será um naturalista conhecido por todo o Canadá... Quiçá, pelo mundo todo. Vocês conhecem alguma outra família em Glen, ou em qualquer outro lugar, da qual é possível dizer o mesmo? Chega de desculpas e chega de vergonha. Nós celebramos nosso ministro e seus filhos esplêndidos!”

Anne parou, em parte porque estava sem fôlego depois do discurso veemente, e em parte porque não confiava em si mesma para continuar diante da expressão da senhorita Cornelia. A boa dama parecia desconsolada, aparentemente imersa por uma maré de novas ideias. Arfando, ela buscou por ar.

– Anne Blythe, eu gostaria que você convocasse uma reunião e dissesse tudo isso! Você conseguiu me deixar envergonhada de mim mesma e não é do meu feitio negar a verdade. É óbvio que deveríamos ter dito isso, especialmente para os metodistas. Cada palavra sua é a mais pura verdade, temos fechado os olhos para as coisas grandes e importantes e focado em coisinhas sem a mínima importância. Oh, querida Anne, sou capaz de

entender algo quando martelam na minha cabeça. Basta de desculpas para a Cornelia Marshall! Andarei de cabeça bem erguida, acredite em mim... Ainda que talvez continue discutindo as coisas com você como sempre, se os Meredith aprontarem mais alguma. Até mesmo essa carta que me fez sentir tão mal... Ora, talvez seja apenas uma bela piada, no fim das contas, como disse o Norman. Poucas garotas são inteligentes o bastante para escrever assim, com pontuação correta e sem nenhum erro de ortografia. Espere só até eu ouvir algum metodista comentando sobre isso... Ainda assim, nunca perderei o Joe Vickers, acredite em mim! Onde estão os seus outros filhos esta noite?

– Walter e as gêmeas estão no Vale do Arco-Íris. Jem está estudando no sótão.

– Eles amam esse vale. Mary Vance pensa que não há outro lugar como este no mundo. Ela viria aqui todas as tardes se eu deixasse, mas não a encorajo a passear todos os dias. Além disso, sinto falta daquela criaturinha quando não está por perto, querida Anne. Nunca pensei que me afeiçoaria tanto a ela. Não é como se eu não visse e corrigisse as falhas dela, só que a menina nunca me faltou com respeito desde que veio para a minha casa e é de grande ajuda. A verdade é que já não sou mais tão jovem como antes, querida Anne, não há como negar. Fiz 59 anos no meu último aniversário, apesar de não me sentir com essa idade, não há como negar o que está escrito na Bíblia da família.

Referência ao Antigo Testamento, Salmos 22:12: “Muitos touros me cercaram; fortes touros de Basã me rodearam”. (N. T.)



UM CONCERTO SAGRADO

Apesar do novo ponto de vista, a senhorita Cornelia não pôde evitar ficar um pouco perturbada com a próxima façanha dos filhos do ministro. Em público ela encarou a situação esplendidamente, rebatendo todas as fofocas com a essência do que Anne dissera na época dos narcisos, articulando-a com tamanho ímpeto que os ouvintes se descobriam sentindo-se tolos e começavam a pensar que, afinal de contas, eles estavam dando demasiada importância a uma travessura infantil. Em particular, no entanto, a senhorita Cornelia se permitia o alívio de queixar-se com a Anne.

– Querida Anne, eles deram um concerto no cemitério na última quinta-feira durante a reunião da igreja metodista. Lá estavam eles, sentados sobre o túmulo do Hezekiah Pollock, onde cantaram por uma hora inteira. Tudo bem que eles cantaram só hinos, praticamente, e não teria sido tão mal se tivessem feito só isso. Porém eu ouvi dizer que eles finalizaram com *Polly Wolly Doodle* a plenos pulmões justo quando o diácono Baxter estava orando.

– Eu estava lá naquela noite – contou Susan – e, embora não tenha contado nada para você, querida senhora, não pude deixar de pensar que foi uma grande lástima eles terem escolhido aquela noite em particular. Foi de gelar o sangue ouvi-los cantando na morada dos mortos, gritando aquela canção frívola com toda a força.

– Não entendo o que você estava fazendo na igreja metodista – disse acidamente a senhorita Cornelia.

– Até onde sei, o metodismo não é contagioso – respondeu Susan com rigidez. – E como eu ia dizer antes de ser interrompida, por mais que tenha me sentido mal, não dei o braço a torcer. Quando a esposa do diácono disse na saída, “que espetáculo mais vergonhoso!”, eu falei, olhando dentro dos olhos dela, “eles cantam lindamente, e nenhum integrante do coral de vocês

se dá ao trabalho de vir às reuniões de reza, pelo visto.

As vozes deles só estão afinadas aos domingos!”. Ela foi embora sem dizer mais nada e senti que senhora Baxter tinha ouvido o que precisava.

Só que minha resposta teria sido muito mais eficaz, querida senhora, se eles tivessem deixado de fora *Polly Wolly Doodle*. É realmente horrível pensar naquela música sendo cantada no cemitério.

– Alguns dos falecidos cantavam aquela música em vida, Susan. Talvez eles tenham gostado de ouvi-la – sugeriu Gilbert.

A senhorita Cornelia lançou um olhar de reprovação e decidiu que, em uma ocasião futura, iria sugerir a Anne que advertisse o doutor a não dizer coisas desse tipo, pois podiam prejudicar a sua profissão. As pessoas poderiam pensar que ele não era ortodoxo. Marshall dizia coisas bem piores com frequência, era bem verdade, só que ele não era uma figura pública.

– Dizem que o pai deles estava no escritório, com as janelas escancaradas e que não percebeu nada. Estava absorto em algum livro, como sempre, mas eu conversei com ele ontem, quando me visitou.

– Como se atreveu, senhora Marshall Elliott? – perguntou Susan em tom de censura.

– É hora de alguém se atrever a fazer alguma coisa! Ora, há quem diga que ele não sabe de nada sobre aquela carta no *Jornal* porque ninguém a mencionou para ele. O senhor Meredith nunca lê o periódico. Achei que ele deveria inteirar-se do ocorrido para evitar outros concertos do tipo. Ele disse que iria “conversar com eles”, mas é óbvio que se esqueceu disso assim que passou pelo portão. Aquele homem não tem noção do ridículo, Anne, acredite em mim. O sermão do domingo passado foi sobre “a educação das crianças”. Foi um belo sermão, de fato e todo mundo na igreja pensou, “quem dera ele praticasse o que prega”.

A senhorita Cornelia cometeu uma grande injustiça ao pensar que o senhor Meredith logo se esqueceria daquela conversa. Ele foi para casa bastante preocupado e quando as crianças voltaram do Vale do Arco-

-Íris naquela noite, bem mais tarde do que deveriam, ele os chamou em seu escritório.

Eles entraram, um tanto espantados. Era uma atitude muito incomum para o pai deles. O que ele iria dizer? Eles vasculharam a memória por alguma transgressão recente de grande importância e não se lembraram de nenhuma. Carl derramara um pote cheio de geleia no vestido de seda da senhora Flagg duas noites atrás, quando a tia Martha a convidara para ficar para o jantar.

Todavia o senhor Meredith não tinha percebido, e a senhora Flagg, que era uma alma bondosa, não tinha feito caso. Além disso, o Carl fora punido tendo que usar o vestido de Una pelo resto da noite.

De repente, ocorreu a Una que talvez o pai fosse contar que iria se casar com a senhorita West. Seu coração começou a bater violentamente. Então ela percebeu que o senhor Meredith parecia muito sério e angustiado. Não, não podia ser isso.

– Crianças – disse o senhor Meredith –, fiquei sabendo de uma coisa que me entristeceu bastante. É verdade que na noite da quinta-feira passada vocês cantaram músicas indecentes no cemitério durante uma reunião da igreja metodista?

– Grande César, papai, não nos lembramos da reunião – exclamou Jerry, desolado.

– Então, é verdade?

– Ora, papai, não sei o que você quer dizer com músicas indecentes. Nós cantamos hinos... Foi um concerto sagrado, sabe? Que mal tem isso? Não nos ocorreu que haveria uma reunião de reza dos metodistas naquela noite. Eles costumavam se reunir às terças e desde que eles mudaram o dia é difícil lembrar.

– Só cantaram hinos?

– Bom... – disse Jerry corando – cantamos *Polly Wolly Doodle* no final. Faith disse, “vamos cantar algo alegre para encerrar”, mas não tivemos intenção de causar nenhum mal, papai, de verdade.

– O concerto foi ideia minha, papai – disse Faith, com medo de que o senhor Meredith colocasse toda a culpa em Jerry. – Você sabe que os metodistas tiveram um concerto sagrado na igreja deles três semanas atrás. Achei que fosse ser divertido fazer um igual ao deles. É claro que eles também rezaram durante o deles, mas nós deixamos essa parte de fora porque as pessoas acharam horrível termos rezado no cemitério. Você estava sentado aqui o tempo todo e não nos disse nada.

– Eu não percebi o que vocês estavam fazendo. Sei que não é uma desculpa aceitável, é claro. Pensando bem, sou mais culpado do que vocês. E por que vocês cantaram aquela música mundana no fim?

– Não pensamos direito – murmurou Jerry, sentindo que era uma péssima desculpa, considerando que ele havia dado uma bronca em Faith no clube da Boa Conduta por não pensar antes de agir. – Nós sentimos muito, pai, de

verdade. Pode nos repreender com severidade, nós merecemos um bom castigo.

Entretanto, o senhor Meredith não fez nada disso. Ele se sentou, chamando os pequenos culpados para mais perto e conversou com eles com gentileza e compreensão. Eles foram acometidos por um misto de remorso e vergonha, e entenderam que não podiam mais ser tão tolos e inconsequentes.

– Temos que aplicar um castigo daqueles em nós mesmos por conta disso

– sussurrou Jerry enquanto subiam as escadas. – Faremos uma reunião do Clube da Boa Conduta amanhã de manhã para decidirmos. Nunca vi o papai tão aflito. Como eu gostaria que os metodistas escolhessem um dia para a reunião deles, ao invés de ficar passeando pela semana.

– De qualquer forma, estou contente por não ter sido o que eu temia – murmurou Una para si mesma.

Atrás deles, no escritório, o senhor Meredith sentou-se à mesa e enterrou o rosto entre os braços.

– Que Deus me ajude! Sou um péssimo pai. Oh, Rosemary! Se ao menos você tivesse dito sim!



UM DIA DE JEJUM

O Clube da Boa Conduta fez uma reunião especial na manhã seguinte antes da escola. Depois de várias sugestões, foi decidido que um dia de jejum seria uma punição apropriada.

– Não comeremos nada por um dia inteiro – disse Jerry. – Estou curioso para saber como é jejuar. Esta será uma ótima oportunidade para descobrir.

– Que dia escolheremos? – perguntou Una, que achou aquela uma punição branda e estranhou o fato de Jerry e Faith não terem pensado em algo mais difícil.

– Segunda – disse Faith. – Nós geralmente temos um jantar farto aos domingos e nas segundas as refeições não são lá grande coisa.

– Mas é esse o propósito – exclamou Jerry. – Não devemos escolher o dia mais fácil para jejuar, e sim o mais difícil, que é o domingo. Como você mesma disse, nós costumamos ter carne assada ao invés da “mesma coisa” fria. Não seria um castigo de verdade deixar de comer a mesma coisa. Vamos escolher o próximo domingo. É um dia propício, já que o papai trocará de lugar com o ministro de Upper Lowbridge para realizar o culto da manhã. Ele só voltará de noite. Se a tia Martha perguntar, diremos que estamos jejuando pelo bem das nossas almas, como está na Bíblia e que ela não pode interferir. Creio que ela não fará nada.

A tia Martha não interferiu. Ela meramente comentou, com a irritação costumeira, “que loucura vocês estão aprontando agora, seus malandrinhos?”, e não tocou mais no assunto. O senhor Meredith saiu de casa bem cedo, antes que os outros acordassem. Partiu sem tomar café da manhã, o que não era incomum. Ele sempre se esquecia e não havia ninguém para lembrá-lo de comer pela manhã. O desjejum da tia Martha não era uma refeição difícil de pular. Nem os “mandrinhos” famintos tiveram

dificuldades em se abster do “mingau encaroçado e do leite azulado” que foram alvo do escárnio da Mary Vance. Na hora do almoço, contudo, a situação foi diferente. A essa altura eles estavam com uma fome furiosa e o cheiro delicioso de assado que impregnava a casa ministerial, muito embora a carne tivesse ficado malpassada, era quase irresistível. Desesperados, eles correram para o cemitério, onde o cheiro não os alcançaria. Una não conseguiu tirar os olhos da janela da sala de jantar, de onde o ministro de Upper Lowbridge podia ser visto almoçando placidamente.

– Se eu pudesse comer só um pedacinho... – suspirou.

– Pare com isso – ordenou Jerry. – Sei que é difícil, mas é esse o propósito do castigo. Eu poderia comer até uma figura de madeira, mas você está me ouvindo reclamar? Vamos pensar em outra coisa. Temos que ser superiores aos nossos estômagos.

Na hora do jantar, eles já não sentiam mais as pontadas de fome que os torturaram ao longo do dia.

– Creio que estamos nos acostumando – disse Faith. – Estou com uma sensação muito esquisita, mas não posso dizer que seja fome.

– Minha cabeça está engraçada – disse Una. – Ela dá voltas e mais voltas às vezes.

Mesmo assim, ela foi obedientemente à igreja com os outros. Se o senhor Meredith não estivesse tão compenetrado em seu ofício, teria notado os rostinhos esqueléticos e os olhos fundos no banco da casa ministerial. Todavia não percebeu nada e seu sermão foi mais longo do que o usual. Então, antes do último hino, Una Meredith desmaiou e caiu no chão, como se estivesse morta.

A esposa do ancião Clow foi a primeira a acudi-la. Ela tomou o corpinho delgado dos braços da pálida e aterrorizada Faith e a carregou para a sacristia. O senhor Meredith se esqueceu do hino e tudo mais e correu atrás delas. A congregação dispersou-se da melhor maneira que pode.

– Oh, senhora Clow – arfou Faith –, ela morreu? Nós a matamos?

– O que aconteceu com a minha filha? – exigiu saber o pai, lívido.

– Ela só desmaiou, eu acho – disse a senhora Clow. – Oh, aí vem o doutor, graças a Deus.

Gilbert teve dificuldade para fazer Una voltar à consciência. Ela demorou um bom tempo para abrir os olhos. Em seguida ele a levou para casa ministerial. Faith foi atrás, chorando histericamente de alívio.

– Ela está com fome... Ela não comeu nada o dia inteiro. Nenhum de nós...

Estamos todos jejuando.

– Jejuando! – exclamou o senhor Meredith.

– Jejuando? – perguntou o doutor.

– Sim, como punição por termos cantado *Polly Wolly* no cemitério – explicou Faith.

– Minha filha, vocês não precisam se castigar por causa disso – disse o senhor Meredith, aflito. – Eu já os repreendi e vocês já se arrependeram.

Estão todos perdoados.

– Sim, mas nós precisamos ser castigados – explicou Faith. – É a regra do nosso Clube da Boa Conduta, sabe? Se fizermos algo de errado ou que possa prejudicar o papai na congregação, nós temos que nos punir. Estamos nos educando por conta própria, já que não tem mais ninguém para fazer isso.

O senhor Meredith soltou um gemido. O doutor levantou-se com um ar aliviado.

– Essa criança simplesmente desmaiou por falta de comida e tudo que ela precisa é de uma boa refeição. Senhora Clow, poderia fazer a gentileza de cuidar disso? E pelo que a Faith contou, seria melhor que todos comessem alguma coisa ou teremos mais desmaios.

– Não deveríamos ter feito Una jejuar – disse Faith com remorso.

– Pensando bem, só Jerry e eu deveríamos ter sido punidos. Nós tivemos a ideia do concerto e nós somos os mais velhos.

– Eu cantei *Polly Wolly* como todo mundo – disse Una, com a vozinha fraca. – Por isso também tive que ser punida.

A senhora Clow voltou com um copo de leite, Faith, Jerry e Carl esgueiraram-se para a despensa e John Meredith foi para o escritório, onde ficou na escuridão por um bom tempo, sozinho com os pensamentos amargurados. Então, os filhos dele estavam se educando sozinhos porque

“não tem mais ninguém para fazer isso”, lutando contra as perplexidades da vida sem ninguém para guiá-los ou aconselhá-los. A frase inocente de Faith ficou cravada na mente do pai como arame farpado. Não havia “ninguém”

para tomar conta deles, para confortar suas almas e cuidar de seus corpinhos. Como Una parecia frágil, inconsciente no sofá da sacristia! Suas mãozinhas pareciam tão frágeis, e seu rosto tão branco! Como se pudesse ser tirada dele com um sopro... Sua doce e pequenina Una, de quem Cecilia implorara para que ele cuidasse com carinho especial. Desde a morte da esposa ele não sentia tanto medo e agonia como sentiu ao ver garotinha dele inconsciente.

Ele precisava fazer alguma coisa, mas... O quê? Será que ele deveria pedir a Elizabeth Kirk em casamento? Ela era uma boa mulher... E seria gentil com os filhos dele. Ele talvez o fizesse, se não fosse por seu amor por Rosemary West. Não, enquanto não o sufocasse, ele não conseguiria se casar com outra mulher. E ele não estava conseguindo sufocar seus sentimentos, por mais que tentasse. Rosemary tinha ido à igreja naquela noite, era a primeira vez desde que voltara de Kingsport. Ele teve um vislumbre do rosto dela no fundo da igreja lotada quando estava terminando o sermão, o que fez com que o seu coração desse um solavanco. Ele sentou-se enquanto o coro cantava o hino da coleta, com a cabeça baixa e a pulso acelerado. Ele não a via desde a noite em que fizera o pedido. Ao levantar-se novamente, suas mãos estavam tremendo e seu rosto corado. Foi quando Una desmaiou, o que baniu todas aquelas coisas da mente dele momentaneamente. Agora, na escuridão e na solitude do escritório, elas haviam voltado às pressas. Rosemary era a única mulher do mundo para ele, era inútil pensar em casar-se com outra e ele não ousaria cometer tamanho sacrilégio nem em nome dos filhos. Teria que carregar aquele fardo sozinho, tinha que tentar ser um pai melhor, mais atencioso, tinha que demonstrar aos filhos que eles não precisavam ter medo de procurá-lo com todos os seus problemas. Então, John Meredith acendeu a lamparina e pegou um livro volumoso que estava deixando a teologia de cabeça para baixo. Ele iria ler só um capítulo, para colocar a mente no lugar. Cinco minutos depois, era como se o mundo e todos os problemas não existissem mais.



UMA HISTÓRIA ESQUISITA

Em uma tarde do começo de junho, o Vale do Arco-Íris parecia um lugar completamente fantástico para as crianças, sentadas na clareira onde os sinos tocavam magicamente nas Árvores Enamoradas e a Dama de Branco balançava suas tranças verdes. O vento ria e assobiava ao redor deles como um camarada leal e de bom coração. As samambaias jovens exalavam um perfume pungente. As cerejeiras silvestres espalhadas pelo vale, entre os pinheiros escuros, eram de um branco nebuloso. Os tordos cantavam nos bordos atrás de Ingleside. Mais além, nas encostas de Glen, os pomares estavam em flor, doces e místicos e maravilhosos, velados pelo crepúsculo. Era primavera, e tudo que é jovem se alegra na primavera. Todo mundo estava feliz no Vale do Arco-Íris naquela tarde, até que a Mary Vance deixou todos de cabelo em pé com a história do fantasma de Henry Warren.

Jem não estava ali. Agora, ele passava as tardes estudando para o exame de admissão no sótão de Ingleside. Jerry estava pescando trutas no lago. Walter lia poemas de Longfellow sobre o mar para os outros, que estavam mergulhados na beleza e nos mistérios dos barcos. Em seguida, eles conversaram sobre o que queriam ser quando crescessem, para onde iriam viajar e as praias muito, muito distantes que conheceriam. Nan e Di queriam ir para a Europa. Walter ansiava ver o Nilo murmurando por entre as areias do Egito e a grande esfinge. Faith opinou, um tanto desanimada, que ela provavelmente teria que ser uma missionária, a velha senhora Taylor havia dito isso. Pelo menos ela conheceria a Índia e a China, aquelas terras misteriosas no oriente. O coração de Carl pedia pelas selvas africanas. Una não disse nada, achava que preferiria simplesmente ficar em casa. Não existia nenhum lugar mais bonito do que aquele. Seria terrível quando todos estivessem grandes e se espalhassem pelo mundo. Só de pensar nisso Una se sentia solitária e

com saudades de casa. Todos os outros continuavam viajando em seus sonhos até que a Mary Vance chegou e acabou com toda a poesia e os devaneios com um só golpe.

– Ah! Estou esbaforida – exclamou. – Desci correndo a colina feito uma louca. Levei um baita susto na velha casa dos Bailey.

– O que assustou você? – perguntou Di.

– Não sei. Eu estava vasculhando por entre os lilases do jardim, tentando ver se algum lírio-do-vale já tinha florescido. Estava um breu e de repente ouvi o barulho de algo se mexendo do outro lado do jardim, perto dos arbustos de cerejas. Era alguma coisa branca, não fiquei ali para saber o que era, então pulei o muro de pedra o mais rápido que pude. Tenho certeza de que era o fantasma do Henry Warren.

– Quem foi Henry Warren? – perguntou Di.

– E por que ele é um fantasma? – perguntou Nan.

– Ora, nunca ouviram essa história? Vocês cresceram aqui em Glen. Bem, esperem um pouco até eu recobrar o fôlego.

Walter sentiu um arrepio delicioso. Ele adorava histórias de fantasmas. O mistério, o clímax dramático e o desconhecido lhe proporcionavam um prazer imenso e assustador. Longfellow instantaneamente tornou-se inosso e ordinário. Ele deixou o livro de lado e inclinou-se para frente, apoiando-se sobre os cotovelos para prestar atenção e fixando os olhos arregalados e luminosos no rosto de Mary.

A menina desejou que ele não a olhasse daquele jeito, pois sentia que poderia contar melhor a história de fantasma se ele não olhasse para ela e poderia incluir vários adornos e inventar alguns detalhes artísticos para aumentar o terror. Naquelas condições, era obrigada a ater-se à verdade nua e crua, ou à verdade que haviam lhe contado.

– Bem – começou ela –, vocês sabem que o velho Tom Bailey e a esposa costumavam morar naquela casa há trinta anos. Dizem que era um grande patife e que a esposa também não era grande coisa. Não tinham filhos, mas a irmã do velho Tom morreu e deixou um garotinho para que eles cuidassem, o tal do Henry Warren. Ele tinha cerca de 12 anos quando veio para cá e era franzino e delicado. Dizem que o Tom e a esposa o maltrataram desde o início, que batiam nele e o deixavam sem comer. O povo dizia que eles queriam que o menino morresse para ficarem com o pouco de dinheiro que a mãe deixara para ele. O Henry não morreu logo de início, mas começou a ter ataques... Epilepsia, era como chamavam, chegou aos 18 com uma mente

simplória. O tio costumava dar surras nele no jardim porque ficava na parte de trás da casa, onde ninguém podia vê-los. Só que as pessoas podiam ouvi-lo e falam que era horrível escutá-lo implorando para que o tio não o matasse. Ninguém ousava interferir porque o velho Tom era tão ruim que com certeza se vingaria. Ele botou fogo no celeiro de um homem em Harbour Head que o ofendera. Por fim, Henry acabou falecendo e os tios alegaram que foi por causa de um de seus ataques. Porém, todo mundo comentava que o Tom o matou por interesse. Pouco tempo depois, surgiram os boatos de que o Henry havia voltado. Que o velho jardim era assombrado. Era possível ouvi-lo à noite, chorando e gemendo. O velho Tom e a esposa foram embora dali... Partiram para o Oeste e nunca mais voltaram. O lugar ganhou uma fama tão ruim que ninguém ousou comprá-lo ou alugá-lo. É por isso que ficou em ruínas. Isso foi há trinta anos. No entanto, o fantasma de Henry Warren

ainda o assombra.

– Vocês acreditam nisso? – perguntou Nan com desdém. – Eu não.

– Bem, pessoas boas viram e o ouviram – retrucou Mary. – Dizem que ele aparece, que se arrasta pelo chão e agarra as suas pernas, e que grita e geme como fazia quando estava vivo. Pensei nisso assim que vi aquela coisa branca nos arbustos, e que se ele me agarrasse daquele jeito eu cairia morta bem ali. Por isso saí correndo. Talvez não fosse um fantasma, mas eu não queria correr nenhum risco.

– Provavelmente era o bezerro branco do velho senhor Stimson – riu Di. – Ele pasta naquele jardim, eu já vi.

– Pode ser. Eu é que não voltarei mais para casa pelo jardim dos Bailey. Aí vem o Jerry com um monte de trutas e é a minha vez de cozinhá-las. Jem e Jerry dizem que sou a melhor cozinheira de Glen.

E a Cornelia disse que eu podia trazer esses biscoitos. Quase os derrubei quando vi o fantasma do Henry.

Jerry deu risada ao ouvir a história do fantasma, que Mary repetiu enquanto fritava os peixes, fazendo alguns retoques aqui e ali depois que Walter foi ajudar Faith a arrumar a mesa. Ela não causou nenhum impacto em Jerry, mas Faith, Una e Carl secretamente ficaram muito assustados, por mais que jamais fossem admitir. Não havia problema algum enquanto os outros estivessem com eles no vale, porém, quando o banquete terminou e as sombras surgiram ao redor, eles estremeceram só de lembrar. Jerry foi até Ingleside com os Blythe para conversar com Jem, e Mary Vance foi para

casa pelo mesmo caminho. Assim, Faith, Una e Carl tiveram que voltar para a casa ministerial sozinhos. Eles caminharam juntinhos e passaram bem longe do jardim dos Bailey. As crianças não acreditavam que era assombrado, é claro, todavia não iriam chegar perto para descobrir.



O FANTASMA NO MURO DE PEDRA

Por algum motivo, Faith, Una e Carl não conseguiram se livrar da impressão que a história de Henry Warren causara em suas mentes. Eles nunca acreditaram em fantasmas. Conheciam muitas histórias, Mary Vance já tinha contado algumas muito mais aterrorizantes do que aquela, mas eram todos casos sobre pessoas, assombrações e lugares longínquos e desconhecidos. Depois da onda prazerosa de medo e emoção inicial, eles logo se esqueciam delas. Porém, aquela história os acompanhou até em casa. O velho jardim dos Bailey ficava praticamente na porta da casa deles, quase no amado Vale do Arco-Íris. Por ali eles passavam constantemente, por ali haviam colhido flores e cortado caminho quando queriam ir direto da vila para o Vale. Agora... Nunca mais! Depois daquela noite, eles não voltaram a se aproximar do jardim nem sob ameaça de morte. Morte! O que era a morte comparada à possibilidade de cair nas garras do fantasma rastejante de Henry Warren?

Os três estavam sentados sob as Árvores Enamoradas em uma tarde agradável de junho, sentindo-se um pouco solitários. Ninguém tinha ido ao vale naquele dia. Jem Blythe estava em Charlottetown para prestar os exames de admissão. Jerry e Walter Blythe foram velejar com o velho capitão Crawford. Nan, Di, Rilla e Shirley tinham ido ver Kenneth e Persis Ford, que vieram com os pais para uma visita rápida à Casa dos Sonhos. Nan chamou Faith para ir com eles, mas a menina recusou o convite. Ela jamais admitiria que sentia um pouco de inveja da esplêndida beleza e do glamour da cidade grande da Persis, de quem ouvira falar tanto. Não, ela não iria até lá para ser ofuscada por ninguém. Una e

Faith liam seus livros de história enquanto Carl estudava insetos na beira do riacho, estavam felizes até se darem conta de que anoitecia e que estavam perigosamente próximos do velho jardim dos Bailey. Carl

sentou-se perto das garotas. Os três desejaram ter ido embora mais cedo, apesar de ninguém ter dito nada.

Nuvens enormes, aveludadas e púrpuras surgiram a Oeste e se espalharam sobre o vale. Não havia vento e de repente tudo ficou estranhamente quieto.

O pântano estava repleto de milhares de vagalumes. Com certeza, as fadas haviam sido convocadas para uma conferência em algum lugar. O Vale do Arco-Íris não era um lugar muito acolhedor naquele momento.

Faith olhou com medo na direção do velho jardim dos Bailey. Então, o sangue da menina congelou. Os olhos de Carl e Una seguiram o olhar hipnotizado dela e calafrios subiram e desceram pelas costas deles. Debaixo do grande lariço que havia ao lado do muro de pedras tombado e coberto de ervas daninhas do jardim dos Bailey, havia alguma coisa branca... Algo branco e sem forma definida sob a brilho lúgubre do poente. Os três Meredith ficaram ali, olhando, paralisados.

– É... É o bezerro – sussurrou Una, por fim.

– É... grande... demais... para ser... um bezerro... – sussurrou Faith. Seus lábios estavam tão secos que mal conseguiu articular as palavras.

De súbito, Carl anunciou:

– Está vindo para cá.

As meninas lançaram um último olhar agonizado. Sim, aquilo vinha na direção deles sobre o dique de pedra, como um bezerro não seria capaz. A razão desapareceu diante do pânico repentino e dominador, pois naquele momento o trio estava convencido de que era o fantasma de Henry Warren. Carl saiu correndo como um raio. Com um grito simultâneo, as garotas os seguiram, eles cruzaram a colina, a estrada e entraram em casa como loucos. A tia Martha não estava mais costurando na cozinha. Os três então correram para o escritório, que estava escuro e vazio. Seguindo um impulso mútuo, deram meia volta e partiram para Ingleside, não pelo Vale do Arco-Íris. Nas asas do terror selvagem que sentiam, eles voaram colina abaixo e pela rua central de Glen, com Carl na liderança e Una na retaguarda. Ninguém tentou detê-los, mas todos que os viram se perguntaram que diabos que as crianças da casa ministerial estavam aprontando agora. No portão de Ingleside eles se depararam com Rosemary West, que fora devolver alguns livros.

Ela viu a expressão de pavor e os olhos arregalados das crianças e percebeu que suas pobres almas estavam amedrontadas por causa de alguma coisa. Ela colocou um braço sobre os ombros de Carl e o outro sobre os de Faith. Una a abraçou, desesperada.

– Meus queridos, o que aconteceu? O que assustou vocês?
– O fantasma de Henry Warren – respondeu Carl, entre os dentes que batiam.

– O fantasma de Henry Warren! – exclamou Rosemary, que nunca tinha ouvido a história.

– Sim – soluçou Faith, histérica. – Está lá, no dique de pedra dos Bailey, nós o vimos e ele nos perseguiu.

Rosemary levou as três criaturinhas perturbadas até a varanda de Ingleside. Gilbert e Anne também tinham ido à Casa dos Sonhos. Susan abriu a porta, séria, prática e vivinha da silva.

– Que tumulto todo é esse?

Arquejando, as crianças repetiram o conto de terror, enquanto Rosemary os mantinha abraçados, acalmando-os sem precisar

de palavras.

– Provavelmente era uma coruja – disse Susan, impassível.

Uma coruja! Depois desse comentário, os filhos do ministro nunca mais tiveram uma boa impressão da inteligência da Susan!

– Era maior de que um milhão de corujas – disse Carl, soluçando. Ah, como Carl ficou envergonhado daqueles soluços alguns dias depois. – E... E estava rastejando do jeito que a Mary disse... Arrastando-se pelo muro de pedra para nos pegar. Por acaso corujas rastejam?

Rosemary olhou para Susan.

– Eles devem ter visto algo, para ficarem tão assustados – disse.

– Vou verificar – disse Susan friamente. – Acalmem-se, crianças. O que quer que tenham visto, não era um fantasma. Quanto ao pobre Henry Warren, tenho certeza de que ele ficou contente em poder descansar em paz quando chegou à tumba. Não há porque temer que ele volte, escrevam o que estou dizendo. Agora, se puder ajudá-los a pensar com clareza, senhorita West, vou descobrir a verdade por trás disso.

Susan partiu em direção ao Vale do Arco-Íris, agarrando com valentia um forcado que encontrou encostado na cerca onde o doutor havia trabalhado em seu modesto campo de feno. Um forcado talvez não fosse útil contra uma “assombração”, mas era uma arma reconfortante. Não havia nada de relevante no Vale do Arco-Íris quando Susan chegou lá. Nenhum visitante branco parecia espreitar pelas sombras do velho e abandonado jardim dos Bailey. Susan caminhou corajosamente por ele e bateu com o forcado na porta da pequena cabana onde a senhora Stimson vivia com as duas filhas.

Em Ingleside, Rosemary tinha conseguido acalmar as crianças. Ainda estavam um tanto assustados por causa do choque, mas começavam a suspeitar que haviam feito papel de bobos. A suspeita transformou-se em certeza quando Susan finalmente retornou.

– Descobri o que era o fantasma de vocês – disse, com um sorriso sardônico, ao sentar-se no balanço da varanda e abanar-se. – A velha senhora Stimson colocou um par de lençóis de algodão para branquear por uma semana no jardim dos Bailey. Ela os estendeu sobre o dique debaixo do lariço porque a grama ali é curta e limpa. Esta tarde, ela foi buscá-los. Como estava com o tricô nas mãos, ela colocou os lençóis sobre os ombros para carregá-los. Só que uma das agulhas caiu e se perdeu... Aliás, ela ainda não a encontrou. Ela então ficou de joelhos e começou a procurá-la, foi aí que ela ouviu uma gritaria vinda do vale e viu três crianças passarem correndo, descendo a colina. Ela achou que algum deles tinha sido picado por alguma coisa, a coitada levou um susto tão grande que não conseguiu se mover nem falar e continuou agachada até que eles foram embora. Em seguida ela cambaleou até em casa e vem sendo tratada com estimulantes desde o ocorrido. Está com o coração tão fraco que disse que não vai se recuperar tão cedo do susto.

Os Meredith permaneceram sentados e coraram, sentindo tamanha vergonha que nem a simpatia e compreensão da Rosemary podiam aplacar. Eles foram embora de Ingleside e quando se encontraram com Jerry no portão da casa ministerial, confessaram com arrependimento o que haviam feito. Uma reunião do Clube da Boa Conduta foi agendada para a manhã seguinte.

– A senhorita West não foi um amor conosco hoje? – sussurrou Faith na hora de dormir.

– Sim – admitiu Una. – É uma pena que as pessoas mudem tanto ao se tornarem madrastas.

– Não creio que isso seja verdade – disse Faith com lealdade.



CARL CUMPRE PENITÊNCIA

– Não entendo porque deveríamos ser punidos – disse Faith, emburrada. – Não fizemos nada de errado. Não ficamos assustados de caso pensado e isso não vai prejudicar o papai.

– Vocês foram covardes – disse Jerry com um desprezo judicioso –, e se renderam à covardia. É por isso que deveriam ser punidos. Todos vão rir de vocês, o que será uma desgraça para a família.

– Se soubesse como foi horrível – disse Faith, estremeando – saberia que já fomos castigados o bastante. Não gostaria de passar por isso de novo por nada no mundo.

– Você também teria corrido se estivesse lá – murmurou Carl.

– De uma mulher com um lençol de algodão? – zombou Jerry. – Rá, rá, rá!

– Não se parecia nem um pouco com uma velha – exclamou Faith.

– Era uma coisa grande e branca que se rastejava na grama do jeito que a Mary Vance disse que o Henry Warren fazia. Pode rir, Jerry Meredith, aposto que você teria ficado paralisado se estivesse lá. E como seremos castigados? Não me parece justo, mas diga-nos o que precisamos fazer, meritíssimo Meredith!

– A meu ver – começou Jerry, franzindo a testa –, o Carl é mais culpado. Ele foi o primeiro a sair correndo, pelo que entendi. Além disso, por ser um garoto, ele deveria ter ficado para defender vocês, garotas, de qualquer que fosse o perigo. Você sabe muito bem disso, Carl, não é mesmo?

– Suponho que sim – resmungou, envergonhado.

– Muito bem. A sua punição será ficar sentado no túmulo do senhor Hezekiah Pollock sozinho, até a meia-noite.

Carl estremeceu. O cemitério não ficava muito longe do jardim dos Bailey. Seria uma provação dura, porém Carl estava ansioso para apagar aquela vergonha e provar que não era um covarde.

– Tudo bem – disse com firmeza. – Mas como vou saber que é meia-noite?

– As janelas do escritório estão abertas, você ouvirá o badalar do relógio. Fique atento para não sair do cemitério enquanto não ouvir a última badalada. Já vocês garotas, ficarão sem geleia no jantar por uma semana.

Faith e Una ficaram atônitas. A agonia comparativamente curta do Carl parecia mais leve do que aquele castigo longuíssimo. Uma semana de pão murcho sem a salvação da geleia! Entretanto, não era permitido fugir da punição. As garotas aceitaram-no com toda a filosofia de que foram capazes.

Todos foram para a cama naquela noite às nove, com exceção do Carl, que já estava de vigília no cemitério. Una escapuliu e foi até lá para lhe dar boa noite, com o coraçãozinho cheio de pena.

– Ah, Carl, não está com medo? – sussurrou ela.

– Nem um pouco – respondeu ele com altivez.

– Não vou conseguir pregar os olhos até a meia-noite. Se você se sentir sozinho, basta olhar para a nossa janela e lembrar-se de que estou lá dentro, pensando em você. Isso te fará companhia, não é mesmo?

– Eu ficarei bem. Não se preocupe comigo – disse Carl.

Apesar das palavras valentes, ele se sentiu um menino muito sozinho quando as luzes da casa se apagaram. Ele esperava que o pai fosse estar no escritório, como de costume. Ele não se sentiria tão só. Contudo, naquela noite o senhor Meredith foi chamado para visitar um homem no leito de morte na vila dos pescadores. Talvez voltasse somente depois da meia-noite. Carl teria que suportar aquele fardo sozinho.

Um morador de Glen passou com uma lamparina. As sombras misteriosas lançadas pela luz da lamparina percorreram o cemitério como uma dança de demônios e bruxas. Depois que se foram, a escuridão voltou. Uma por uma, as luzes da casa ministerial se apagaram. Era uma noite muito escura, repleta de nuvens, e um vento frio soprava do Leste a despeito do calendário. Era possível ver o brilho débil das luzes de Charlottetown no horizonte. O vento gemia e sussurrava por entre os pinheiros. O monumento alto do senhor Alec Davis resplandecia em sua brancura no escuro. O salgueiro ao lado dele estendia seus braços longos e retorcidos sinistramente. Às vezes, os movimentos dos ramos davam a impressão de que o monumento também se mexia.

Carl sentou-se sobre as pernas e encolheu-se sobre o túmulo. Não era muito agradável deixá-las penduradas na beirada da pedra. Imagine... Só imagine... Se mãos esqueléticas deslizassem para fora do túmulo do senhor Pollock e agarrassem os tornozelos dele. Foi uma das divertidas especulações da Mary Vance uma vez que estavam todos sentados ali. A ideia voltou para assombrá-lo. Ele não acreditava nessas coisas, nem acreditava realmente no fantasma do Henry Warren. Já o senhor Pollock estava morto há sessenta anos, de maneira que era improvável que se preocupasse com quem se senta sobre o túmulo dele. No entanto, havia algo de muito estranho em estar acordado quando o resto do mundo estava dormindo. Sozinho, com nada além da frágil personalidade para se defender dos seres poderosos e das forças da escuridão. Carl tinha somente 10 anos e estava cercado pelos mortos e desejou, ah, como desejou que o relógio batesse doze vezes.

A meia-noite nunca chegaria? A tia Martha decerto havia se esquecido de dar corda nele.

Então soou onze horas. Onze horas! Ele precisava ficar mais uma hora naquele lugar pavoroso. Se ao menos houvesse algumas estrelas amigas para se observar! A escuridão era tão espessa que parecia tocar seu rosto. Havia sons como os de passos furtivos por todo o cemitério. Carl estremeceu em parte pela sensação de medo, em parte pelo frio verdadeiro.

Então uma garoa gelada e penetrante começou a cair. A blusinha fina de algodão do menino e a camisa logo ficaram molhadas. O frio chegava até os ossos. O desconforto físico o fez esquecer os terrores mentais. Ele precisava ficar ali até as doze horas, por conta do castigo e pela própria honra. Nada havia sido dito sobre a chuva, mas isso não fazia diferença. Quando o relógio do escritório finalmente soou as doze badaladas, uma figura ensopada desceu do túmulo do senhor Pollock, entrou na casa ministerial e subiu as escadas. Carl batia os dentes e achou que nunca mais se sentiria quente de novo.

Na manhã seguinte, ele estava bastante quente. Jerry deu uma olhada no rosto preocupantemente vermelho do irmão e foi correndo chamar o pai. O senhor Meredith veio depressa, pálido depois da longa noite de vigília e chegara em casa ao amanhecer. Preocupado, inclinou-se sobre o rapazinho.

– Carl, está doente?

– Aquele... túmulo... ali... está... se movendo! Por... favor... não... deixe que... se aproxime... de mim...

O senhor Meredith correu até o telefone. Em dez minutos o doutor Blythe estava na casa ministerial. Meia hora depois um telegrama foi enviado para a cidade solicitando uma enfermeira e Glen inteira ficou sabendo que o Carl estava com um caso grave de pneumonia e que o doutor fora visto balançando a cabeça.

Gilbert balançou a cabeça mais de uma vez nos quinze dias que se seguiram, pois Carl desenvolveu uma pneumonia dupla. Houve uma noite em que o senhor Meredith andou de um lado para o outro no escritório, enquanto Faith e Una choravam largadas no chão e Jerry se recusava a sair do lado de fora do quarto de Carl, desesperado de remorso. O doutor Blythe e a enfermeira não saíram do lado da cama, lutando bravamente contra a morte até o amanhecer da vitória. Carl melhorou e superou a crise em segurança. A notícia espalhou-se pelo telefone por todo o vilarejo expectante e o povo descobriu o quanto amavam o ministro e os filhos dele.

– Não tive uma noite decente de sono desde que ouvi que o menino estava doente – contou a senhorita Cornelia para Anne –, e a Mary Vance chorou tanto que aqueles olhos canhestros dela pareciam mais dois buracos queimados em um lençol. É verdade que o Carl pegou pneumonia porque ficou até tarde o cemitério naquela noite gelada para ganhar uma aposta?

– Não. Ele fez isso como castigo pela covardia naquela história do fantasma do Warren. Parece que eles têm um clube para se educarem e eles punem uns aos outros quando fazem algo de errado. Jerry contou tudo ao senhor Meredith.

– Aquelas pobres almas – disse a senhorita Cornelia.

Carl melhorou rapidamente, pois a congregação levou à casa ministerial comida suficiente para abastecer um hospital. Norman Douglas foi todas as noites levar uma dúzia de ovos frescos e uma garrafa de creme de leite fresco. Às vezes ficava uma hora, debatendo a predestinação com o senhor Meredith no escritório e com maior frequência, ele ia até a colina com vista para Glen.

Quando Carl pôde ir novamente ao Vale do Arco-Íris, eles fizeram um banquete especial e o doutor veio ajudá-los com os fogos de artifício. Mary Vance também estava lá, mas não contou nenhuma história de fantasmas. A senhorita Cornelia havia lido passado um sermão do qual ela não se esqueceria com facilidade.



DUAS PESSOAS TEIMOSAS

A caminho de casa depois da aula de música em Ingleside, Rosemary West parou no riacho escondido no Vale do Arco-Íris. Ela não tinha ido lá durante o verão, o lugar adorável já não tinha mais encanto para ela.

O espírito de seu amor da juventude não vinha mais ao encontro dela e as lembranças de John Meredith eram muito dolorosas e pungentes, mas por acaso ela olhou para trás e viu Norman Douglas pulando o velho muro de pedra do jardim dos Bailey, com a vivacidade de um rapaz e suspeitou que ele estivesse subindo a colina. Se ele a alcançasse, eles teriam que caminhar juntos até em casa e ela não queria fazer isso. Assim, Rosemary esgueirou-se por entre os bordos às margens do riacho e torceu para que ele não a tivesse visto.

Porém Norman a vira, na verdade, ele estava atrás dela. Há algum tempo ele queria ter uma conversa com a Rosemary, contudo ela parecia sempre evitá-lo e nunca se simpatizara com Norman Douglas, pois sua personalidade explosiva, seu temperamento e seu humor barulhento sempre a repeliram. Ela já se perguntara inúmeras vezes como Ellen podia ter se sentindo atraída por ele. Norman Douglas estava

perfeitamente ciente de que Rosemary não gostava dele e achava graça disso. Ele nunca se preocupava se as pessoas não gostavam dele, o que tampouco fazia com que ele sentisse o mesmo por elas, pois encarava isso como uma forma de elogio involuntário. Ele considerava Rosemary uma fina dama e pretendia ser um cunhado excelente. Só que antes de poder se tornar cunhado dela, eles precisavam ter uma conversa. Assim, ao vê-la sair de Ingleside, parado na porta de uma loja em Glen, ele imediatamente atravessou o vale para alcançá-la.

Rosemary estava sentada, pensativa, no mesmo tronco em que John Meredith havia se sentado naquela tarde há quase um ano. O pequeno riacho

resplandecia e gorgolejava sob as cortinas de samambaias. Feixes vermelho-rubi do entardecer entravam por entre os galhos arqueados. Um ramo alto e perfeito de ásteres crescia ao lado dela. Aquele pequeno recanto era tão mágico e acolhedor como as moradas das fadas e dríades nas florestas míticas. E Norman Douglas o invadiu, aniquilando instantaneamente seu charme. A personalidade dele parecia engolir o lugar. Não havia mais nada além daquele sujeito grande, complacente e de barba vermelha.

– Boa tarde – disse Rosemary friamente, levantando-se.

– Tarde, garota. Sente-se, sente-se novamente. Quero conversar com você.

Deus do céu, por que está me olhando desse jeito? Não vou devorar você, já almocei hoje. Sente-se e seja civilizada.

– Posso ouvir muito bem daqui – disse Rosemary.

– Sei que pode, garota, se usar os ouvidos. Só queria que ficasse à vontade. Você parece tão desconfortável, parada aí. Bem, eu vou me sentar.

Norman o fez exatamente onde John Meredith havia se sentado.

O contraste era tão absurdo que Rosemary achou que fosse ter um ataque de riso. Norman deixou o chapéu ao lado, colocou as mãos imensas e avermelhadas sobre os joelhos e voltou os olhos brilhantes para ela.

– Ora, garota, não fique tão tensa – disse, tentando deixá-la descontraída. Quando queria, ele podia ser muito divertido. – Vamos bater um papo de maneira sensata e amigável. Preciso te pedir uma coisa, Ellen se recusa, de maneira que cabe a mim fazê-lo.

Rosemary olhou para o riacho, que parecia ter encolhido.

– Maldição, você poderia pelo menos tentar me ajudar – exclamou.

– O que você quer? – perguntou Rosemary com desdém.

– Você sabe tão bem quanto eu, garota. Não me venha com esses ares trágicos. Não me admira que a Ellen tenha receio de perguntar. Ouça, garota, a Ellen e eu queremos nos casar. Fui claro? Você compreendeu? E a Ellen diz que só poderemos se você a libertar de uma promessa tola que vocês fizeram. Vamos lá, você nos dá o seu aval?

– Sim – respondeu Rosemary.

Norman se levantou com um salto e segurou a mão hesitante dela.

– Que bom! Eu sabia que você cooperaria, foi o que falei para a Ellen. Eu sabia que iria levar só um minuto. Agora, garota, vá para casa e diga à sua irmã que teremos um casamento daqui quinze dias e que você virá morar conosco. Não se preocupe, não a abandonaremos no topo daquela colina

como um corvo solitário. Sei que você me odeia, mas... Ah! como será divertido morar com alguém que me odeia! A vida ganhará mais tempero, afinal. A Ellen me deixará de cabeça quente e você me tratará com frieza. Não terei um momento de tédio sequer.

Rosemary não se dignou a avisar que nada a convenceria a morar na casa dele. Ela deixou que Norman voltasse para Glen, exalando felicidade e complacência e subiu lentamente a colina. Ela sabia que aquilo estava fadado a acontecer desde que voltara de Kingsport e descobrira que Norman Douglas havia se tornado um visitante frequente. O nome dele não foi mencionado entre as irmãs, o que era muito significativo. Não era da natureza de Rosemary guardar rancor, do contrário teria se sentido muito amargurada. Ela era distante e polida com Norman e tratava a irmã como sempre fizera. No entanto, Ellen não encontrou muito apoio para seu segundo namoro.

Estava no jardim, na companhia do São Jorge, quando Rosemary chegou. As duas irmãs se encontraram no canteiro de dalias. O São Jorge sentou-se na trilha de cascalho entre elas e colocou o lustroso rabo preto ao redor das patas brancas com toda a indiferença de um gato bem-alimentado, bem-criado e bem-tratado.

– Já viu dalias como essas? – contemplou Ellen com orgulho. – São as mais lindas que já tivemos.

Rosemary nunca se importou com as dalias. A presença delas no jardim era fruto de sua concessão aos gostos da irmã. Ela reparou em uma imensa, sarapintada de carmesim e amarelo, que se destacava das outras.

– Aquela dália – disse, apontando – é exatamente como Norman Douglas. Poderia muito bem ser irmã gêmea dele.

O rosto taciturno de Ellen corou. Ela admirava a flor em questão e sabia que Rosemary não, e que aquele não fora um elogio. Todavia não ousou ressentir-se do comentário... Ultimamente a pobre Ellen não ousava ressentir-se de nada. Foi a primeira vez que Rosemary atreveu-se a tocar no nome de Norman na frente dela e sentiu que aquilo era

um prenúncio.

– Encontrei Norman Douglas por acaso no vale – disse Rosemary, encarando a irmã. – Ele me disse que vocês querem se casar e pediu a minha permissão.

– E mesmo? E o que você disse? – perguntou Ellen, tentando agir com naturalidade e falhando completamente. Ela não conseguia encarar os olhos de Rosemary. Ela desviou o olhar para as costas pretas e macias do São Jorge, sentindo um imenso pavor. Rosemary não disse se tinha dado sua permissão ou não. Se tivesse, Ellen iria ficar tão envergonhada e tão arrependida que acabaria sendo uma noiva muito infeliz e se não tivesse... Bem, Ellen já havia aprendido a viver sem Norman Douglas uma vez, só que tinha esquecido a lição e sentia que jamais voltaria a aprendê-la.

– Disse que, da minha parte, vocês têm total liberdade para se casarem quando quiserem – disse Rosemary.

– Obrigada – disse Ellen, ainda olhando para o São Jorge.

O semblante de Rosemary suavizou-se.

– Espero que seja muito feliz, Ellen – disse gentilmente.

– Oh, Rosemary – Ellen ergueu o olhar angustiado –, estou tão envergonhada! Não mereço, não depois do que disse...

– Não precisamos falar disso – apressou-se Rosemary em dizer de maneira decidida.

– Mas... Mas... Agora você também está livre e não é tarde demais... John Meredith...

– Ellen West! – Rosemary tinha um gênio forte por baixo de toda a doçura, que agora incendiava seus olhos azuis. – Você perdeu completamente o juízo? Acha mesmo que vou procurar o John Meredith e dizer, toda arrependida, “por favor, senhor, eu mudei de ideia e espero que o senhor não tenha mudado a sua, por favor”? É o que espera que eu faça?

– Não... Não... Mas com um pouco de encorajamento, talvez ele volte...

– Nunca! Ele me despreza e com toda a razão. Basta, Ellen, não guardo nenhum rancor, case-se com quem quiser. Só não interfira na minha vida.

– Então venha morar comigo – disse Ellen. – Não deixarei você aqui sozinha.

– Você realmente pensa que vou morar na casa do Norman Douglas?

– Por que não? – exclamou Ellen com enfado, apesar da sensação de humilhação. Rosemary começou a rir.

– Ellen, achei que tivesse senso de humor. Você consegue me imaginar morando lá?

– Não vejo por que não. A casa dele é grande o bastante. Você teria uma parte só para si mesma e ele não interferiria.

– Ellen, isso está fora de questão. Não toque mais no assunto.

– Se é assim – decidiu Ellen com frieza – não me casarei com ele, pois não a deixarei aqui, sozinha.

– Que bobagem, Ellen.

– Não é bobagem. É a minha decisão, seria um disparate você morar sozinha aqui, a quase dois quilômetros da casa mais próxima. Se não for comigo, ficarei aqui com você. E não discutiremos mais esse assunto, então nem tente.

– Deixarei a discussão nas mãos do Norman – disse Rosemary.

– Eu conversarei com o Norman. Sei como lidar com ele. Jamais conseguiria pedir para que quebrasse a sua promessa, mas tive que revelar o porquê de não poder me casar com ele e o Norman disse que se encarregaria disso. Não pude detê-lo e não pense que você é a única pessoa no mundo que possui amor próprio. Nunca sonhei em me casar e deixar você aqui, sozinha.

Logo descobrirá que a minha determinação pode ser tão grande quanto a sua.

Rosemary virou-se e entrou em casa, dando de ombros. Ellen olhou para o São Jorge, que não piscara nem movera um bigode sequer durante toda a discussão.

– São Jorge, este mundo seria um lugar tedioso sem os homens, eu admito, mas estou tentada a desejar que não existissem. Veja todos os problemas que eles causaram bem aqui, Jorge, virando nossas vidinhas felizes de cabeça para baixo. John Meredith os começou e o Norman Douglas os terminou. E agora, ambos tiveram que ir para o limbo. Norman é o único homem que conheço que concorda que aquele kaiser da Alemanha é a criatura viva mais perigosa deste mundo e não posso me casar com essa pessoa sensata porque a minha irmã é teimosa e eu sou ainda mais. Escreva o que estou dizendo, São Jorge, bastaria que Rosemary erguesse o dedo mindinho para o ministro voltar. Só que ela não fará isso, Jorge, não fará jamais, e eu não me atrevo a me meter.

E não vou ficar amuada, Jorge, pois Rosemary não ficou, e por isso estou determinada a também não ficar. Norman vai surtar, mas a verdade é que nós, velhos tolos, deveríamos parar de pensar em casamento, São Jorge. Ora, ora, “o desespero é um homem livre, e a esperança uma escrava²²”, Santo. Enfim, vamos entrar, Jorge, e eu o consolarei com um pires de creme de leite. Pelo menos uma criatura nesta colina ficará feliz.

Referência ao poema “The Freeman”, da escritora norte-americana Ellen Glasgow (1873-1945). (N. 1.)



CARL (NÃO) LEVA UMAS PALMADAS

– Acho que preciso contar uma coisa para vocês – disse Mary Vance.

Faith, Una e ela caminhavam de braços dados pela vila depois de terem se encontrado na loja do senhor Flagg. Una e Faith trocaram olhares que diziam, “Aí vem algo desagradável”. Quando Mary Vance dizia que precisava lhes contar alguma coisa, raramente escutá-la era uma tarefa prazerosa. Com frequência as duas se perguntavam por que ainda gostavam dela, afinal gostavam da Mary, apesar de tudo. Na maior parte do tempo, ela era uma companhia estimulante e afável.

Se ao menos não achasse que era seu dever contar as coisas para elas!

– Sabiam que a Rosemary West não quer se casar com o seu pai porque acha que vocês são uns selvagens? Ela tem medo de não conseguir educar vocês direito e então o rejeitou.

Secretamente, o coração de Una vibrou de alegria. Ela ficou muito feliz em ouvir que a senhorita West não iria se casar com o pai dela. Faith, entretanto, ficou desapontada.

– Como você sabe? – perguntou ela.

– Oh, está todo mundo comentando. Ouvi a senhora Elliott conversando com a esposa do doutor. Elas acharam que eu estava longe demais para ouvir, mas tenho ouvidos como os de um gato. Segundo a senhora Elliott, não há dúvidas de que a Rosemary está com medo por causa da reputação de vocês. O seu pai não sobe mais a colina. Nem o Norman Douglas. Dizem que a Ellen o rejeitou para lhe dar o troco, por tê-la abandonado muito tempo atrás. Só que o Norman declarou que ainda vai conquistá-la. E acho que vocês deveriam saber que arruinaram o casamento do seu pai e penso também que é uma pena porque cedo ou tarde ele se casará com outra pessoa e a Rosemary West seria a melhor opção.

– Você me falou que todas as madrastas são cruéis e malvadas
– disse Una.

– Ah... Bem – disse Mary, confusa –, elas costumam ser muito bravas, pelo que sei, mas a Rosemary West não conseguiria ser muito malvada com ninguém. Pois eu digo: se o seu pai acabar se casando com Emmeline Drew, vocês desejaram ter se comportado melhor e não ter afugentado a Rosemary. Nenhuma mulher decente se casaria com o seu pai por causa da reputação de vocês e isso é horrível. É claro, eu sei que metade das fofocas sobre vocês não são verdadeiras. Porém, criaram má fama. Ora, estão dizendo que foram o Jerry e o Carl que jogaram pedras pela janela da senhora Stimson, quando na verdade foram os filhos dos Boyd, mas eu receio que foi o Carl que colocou uma enguia na charrete da velha senhora Carr, por mais que eu tenha dito que não acreditaria nisso até ter provas melhores do que a palavra da velha Kitty Alec.

Eu disse isso na cara da senhora Elliott.

– O que o Carl fez? – exclamou Faith.

– Dizem que... Vejam bem, estou só contando o que as pessoas estão comentando, então não me culpem... Que o Carl e um bando de garotos estavam pescando enguias na ponte na semana passada. A senhora Carr passou naquela charrete caindo aos pedaços com a parte de trás aberta. E o Carl simplesmente se levantou e jogou uma enguia lá dentro. Quando a pobrezinha subia a colina, perto de Ingleside, a enguia surgiu se arrastando no meio dos pés dela. A coitada achou que fosse uma cobra, deu um grito horroroso e saltou da charrete por cima das rodas. O cavalo se assustou e saiu em disparada, todavia acabou voltando para casa sem causar nenhum prejuízo. Contudo, a senhora Carr machucou feio as pernas e tem tido crises nervosas toda vez que se lembra da enguia. Foi uma maldade fazer isso com uma pobre velha. Ela é uma boa pessoa, ainda que seja excêntrica.

Faith e Una se entreolharam novamente. Aquele era um caso para o Clube da Boa Conduta. Elas não iriam discuti-lo com a Mary.

– Aí vem o seu pai – disse a Mary conforme o senhor Meredith passava por elas – sem ter a menor ideia de que estamos aqui. Bem, agora isso não me incomoda mais. Diferentemente de algumas pessoas.

O senhor Meredith não as notou, no entanto, sua cabeça não estava perdida em devaneios como de costume. Ele caminhava em direção à colina aflito e perturbado. A senhora Alec Davis havia acabado de lhe contar a história do Carl e da enguia, muito indignada. A velha senhora Carr era

prima de terceiro grau dela. O senhor Meredith ficou mais do que indignado, estava magoado e chocado e não imaginava que o Carl pudesse fazer uma coisa dessas. O menino aprontava poucas e boas por falta de atenção e descuido, mas aquilo era diferente, aquilo era maldoso. Ele chegou em casa e encontrou Carl no gramado, estudando pacientemente os hábitos de uma colônia de vespas. O senhor Meredith o chamou no escritório e o confrontou com uma expressão severa que nenhum de seus outros filhos conhecia e perguntou se a história era verdadeira.

– Sim – disse Carl, corando. Porém, ele continuou olhando nos olhos do pai com bravura.

O senhor Meredith soltou um gemido, pois esperava que houvesse pelo menos algum exagero na história.

– Conte-me tudo – disse.

– Os garotos estavam pescando enguias na ponte – disse Carl. – Link Drew pescou uma monstruosa, quero dizer, uma imensa, a maior que já vi.

Ele a pegou logo no começo e ela ficou guardada na cesta por um bom tempo, imóvel. Achei que estava morta, juro. Aí a velha senhora Carr passou pela ponte nos chamando de vagabundos e nos mandou ir para casa. E a gente não falou nada para ela, papai, juro. Então, quando ela passou de volta, depois de ter ido até a loja, os garotos me desafiaram a jogar na charrete, a enguia que o Link pegou. Eu pensei que estava morta, que não faria nenhum mal e por isso a arremessei. Só que a enguia voltou à vida no meio da colina, nós ouvimos um grito e a vimos pular da charrete e eu sinto muitíssimo. Foi isso, papai.

Não era tão terrível quanto o senhor Meredith temia, todavia era bastante ruim.

– Preciso castigar você, Carl – disse com pesar.

– Sim, papai, eu sei.

– Terei que lhe dar umas palmadas.

Carl se encolheu. Ele nunca tinha apanhado de pai, mas ao perceber como ele se sentia mal, disse alegremente:

– Tudo bem, papai.

O senhor Meredith interpretou errado a animação do garoto e o considerou insensível. Mandou que voltasse ao escritório depois do almoço e assim que o menino saiu, ele se jogou na cadeira e soltou outro gemido, pois temia a chegada da tarde mais que o Carl. O coitado do ministro nem sabia

com o quê bateria no filho. O que era usado para bater em meninos? Varas? Bastões? Não, seria muito brutal. Um graveto comprido? E ele, John Meredith, teria que ir ao bosque arranjar um. Era uma ideia abominável. Foi quando uma cena surgiu na sua mente, viu o rosto encarquilhado da senhora Carr ao deparar-se com a enguia e a viu voar por cima das rodas da charrete como uma bruxa. Antes que pudesse se conter, o ministro gargalhou. Em seguida ficou bravo consigo mesmo e ainda mais bravo com o Carl. Ele ia imediatamente buscar um pedaço de madeira e não seria um mero graveto.

No cemitério, Carl estava contando o ocorrido para Faith e Una, que tinham acabado de chegar em casa. Estavam horrorizadas com a ideia de o irmão apanhar e do papai, que nunca havia feito nada parecido! Porém, elas concordavam que era justo.

– Você sabe que fez uma coisa horrível – suspirou Faith. – E nunca admitiu para o Clube.

– Eu esqueci – disse Carl. – Além disso, não achei que isso faria algum mal. Não sabia que ela iria machucar as pernas, mas vou ser castigado e isso equilibrará as coisas.

– Será que vai doer muito? – perguntou Una, segurando a mão do Carl.

– Oh, não muito, eu acho – disse Carl com coragem. – De qualquer forma, não vou chorar, não importa o quanto doa. Isso faria o papai se sentir muito mal, ele já está todo aflito. Quem dera eu pudesse dar uma boa surra em mim mesmo para poupá-lo.

Depois do almoço, no qual Carl comeu pouco e o senhor Meredith nada, ambos foram em silêncio para o escritório. A vara estava sobre a mesa. O senhor Meredith demorou para encontrar alguma que o agradasse. Ele cortou uma, mas achou que era muito fina. Carl havia feito algo realmente indefensável, em seguida cortou outra, que era muito grossa. Afinal, Carl pensara que a enguia estava morta. A terceira o agradou. Porém, ao pegá-la sobre a mesa, ele a achou muito grossa e pesada, mais parecia um bastão do que uma vara.

– Estenda a mão – disse para o filho.

Carl olhou para cima e, sem hesitar, esticou o braço e abriu a mão. Só que ele ainda era uma criança e não conseguiu evitar que um pouco de medo transparecesse no olhar. O senhor Meredith olhou no fundo daqueles olhos, iguais ao de Cecília e neles havia a mesma apreensão que ele tinha visto no

olhar da esposa certa vez em que ela precisou lhe contar algo que estava com medo de dizer. Ali estavam os olhos dela, no rostinho branco de Carl, seu rapazinho que, seis semanas atrás, durante uma noite interminável e terrível, ele pensou que iria perder.

John Meredith largou a vara.

– Saia daqui – disse –, não posso bater em você.

Carl correu para o cemitério. A expressão no rosto do pai foi pior do que qualquer surra.

– Já acabou? – perguntou Faith. – Una e ela estavam sentadas sobre o túmulo dos Pollock, de mãos dadas e com os dentes cerrados.

– Ele não me bateu – disse Carl, com um soluço. – E quem dera tivesse, pois ele está lá dentro, sentindo-se muito mal.

Una foi para casa. O coração dela ansiava por confortar o pai. Tão silenciosa como um ratinho cinza, ela abriu a porta do escritório e

esgueirou-se para dentro. A sala estava escura com o fim de tarde. Ele estava de costas para ela, com a cabeça entre as mãos. Murmurava para si mesmo, palavras entrecortadas, angustiadas, mas Una ouviu... Ela ouviu e entendeu

com a súbita compreensão que crianças sensíveis e órfãs de mãe possuem. Da mesma forma que entrou, ela saiu de mansinho e fechou a porta. John Meredith continuou desabafando sua dor em sua solidude aparentemente imperturbada.



UNA VISITA A COLINA

Una subiu as escadas. Carl e Faith já estavam a caminho do Vale do Arco-Íris sob os primeiros raios de luar, depois de ouvirem o som mágico do berimbau de boca do Jerry e adivinharem que os Blythe já estavam lá, prontos para se divertirem. Una não estava com vontade de ir para lá, então foi para o quarto, onde sentou-se na cama e chorou um pouquinho. Ela não queria que ninguém tomasse o lugar de sua querida mãe. Não queria uma madrasta que a odiasse e fizesse o papai odiá-la. Só que ele estava tão infeliz e se havia algo ao seu alcance para deixá-lo contente, ela deveria fazê-lo. Só havia uma coisa, que ela percebeu no instante em que deixou o escritório.

Por mais difícil que fosse.

Depois de se debulhar em lágrimas, Una secou os olhos e foi para o quarto de hóspedes. Estava escuro e úmido, pois a persiana não era

erguida e a janela não era aberta há muito tempo. A tia Martha não era fã de ar fresco, mas como ninguém nunca se dava ao trabalho de fechar as portas naquela casa isso não tinha importância, salvo quando algum ministro azarado vinha passar a noite e era obrigado a respirar na atmosfera daquele cômodo.

No closet do quarto de hóspedes havia um vestido cinza de seda pendurado. Una entrou, fechou a porta, ajoelhou-se e pressionou o rosto contra as dobras macias do tecido. Era o vestido de noiva da mãe, que ainda tinha um leve resquício de um perfume doce e suave, como um sentimento persistente. A menina sempre se sentia próxima da mãe ali, como se estivesse ajoelhada aos pés dela, com a cabeça sobre o colo materno. Ela ia ali em raras ocasiões, quando a vida ficava muito dura.

– Mamãe – sussurrou ela para o vestido de seda –, eu jamais a esquecerei e sempre amarei você mais do que tudo, mas tenho que fazer isso porque o papai está muito infeliz. Sei que você não iria querer que ele ficasse assim.

Serei muito obediente, mamãe, e tentarei amá-la, mesmo se ela for uma dessas madrastas de que a Mary falou.

Una deixou o altar secreto dotada de uma sutil força espiritual. Ela dormiu em paz naquela noite, com o rostinho adorável e sério ainda manchado pelas lágrimas.

Na tarde seguinte, ela colocou o melhor vestido e o melhor chapéu. Estavam bastante gastos. Todas as outras garotas de Glen haviam ganhado roupas novas no verão, menos Faith e Una. Mary Vance tinha um vestido bordado de linho branco, com uma faixa escarlate e laços nos ombros.

Naquele dia, porém, ela não deu importância para as roupas surradas. Una só queria estar bem asseada. Ela lavou o rosto com muito esmero e escovou os cabelos até que ficassem macios como cetim. Amarrou os cadarços com muito cuidado, após fazer dois remendos no único par de meias boas que lhe restava. Ela gostaria de ter polido os sapatos, mas não encontrou a graxa. Por fim, ela saiu da casa ministerial, atravessou o Vale do Arco-Íris, cruzou o bosque sussurrante e pegou a estrada que levava à casa da colina. Foi uma caminhada bem longa

e Una estava cansada e encalorada quando chegou.

Ela viu Rosemary West sentada debaixo de uma árvore e passou pelos canteiros de dalias ao dirigir-se até ela. Rosemary estava com um livro aberto no colo, mas olhava para o horizonte, para além do porto, com uma expressão melancólica. Nos últimos tempos, a vida não estava sendo muito agradável na casa no topo da colina. Ellen não ficara amuada, ela se transformara em pedra. Algumas coisas podiam ser sentidas e nunca expressas em palavras, e o silêncio entre as duas mulheres era insuportavelmente eloquente. Todas as coisas familiares que já tinham tornado a vida doce e prazerosa haviam se tornado amargas. Norman Douglas fazia visitas inesperadas periódicas para atormentar ou tentar convencer Ellen. Ele acabaria arrastando-a consigo algum dia e Rosemary sentia que ficaria satisfeita quando isso acontecesse. A existência se tornaria horivelmente solitária, todavia não seria mais carregada de dinamite.

Ela foi despertada dos devaneios desagradáveis pelo toque tímido de uma mãozinha em seu ombro.

– Ora, querida, você veio até aqui nesse calor?

– Sim – respondeu Una –, vim aqui para... para...

Era muito difícil dizer o que ela viera dizer. A voz dela traquejou e os olhos se encheram de lágrimas.

– Una, o que aconteceu? Não tenha medo de me contar.

Rosemary colocou o braço sobre os ombros magros da menina e a trouxe para mais perto. Seus olhos eram tão lindos e seu toque tão gentil que Una encontrou a coragem de que precisava.

– Vim aqui para pedir que você se case com o meu pai – arfou.

Rosemary ficou em silêncio por um momento, completamente aturdida. Ela encarou Una.

– Oh, não fique brava, por favor, querida senhorita West – implorou Una.

– Sabe, todo mundo está comentando que você não quer se casar com o papai porque somos muito levados. Ele está muito infeliz por causa disso. Por isso, vim aqui dizer que nunca causamos problemas de propósito. Se você se casar com o papai, tentaremos ser bonzinhos e fazer tudo que mandar. Tenho certeza de que não terá nenhum problema conosco. Por favor, senhorita West.

Rosemary pensou rapidamente. As fofocas haviam colocado aquela ideia equivocada na cabeça de Una. Ela teria que ser perfeitamente franca e sincera com a criança.

– Una, querida, não é por causa de vocês, pobres criaturinhas, que não posso me casar com o seu pai. Isso nunca me ocorreu. Vocês não são maus e nunca achei que fossem, mas a questão é outra, Una.

– Você não gosta do papai? – perguntou a menina, erguendo os olhos cheios de reprovação. – Ah, senhorita West, você não sabe que homem bom ele é. Não tenho dúvidas de que seria um ótimo marido.

Apesar de toda a tristeza e perplexidade, Rosemary não pôde deixar de esboçar um sorriso.

– Ah, não ria, senhorita West – disse Una com fervor. – O papai está desolado.

– Acho que você está enganada, querida.

– Não estou, tenho certeza. Ah, senhorita West, o papai ia dar umas palmadas no Carl ontem, pois meu irmão foi travesso, só que ele não conseguiu porque não tem o costume de nos bater. Aí, depois que o Carl nos contou que ele estava se sentindo mal, eu entrei de fininho no escritório para ver se podia ajudá-lo, ele gosta quando eu o consolo, senhorita West... Ele não me ouviu entrar e eu acabei ouvindo o que ele estava dizendo. Posso te contar, senhorita West, se me deixar sussurrar em seu ouvido.

Una sussurrou o segredo. O rosto de Rosemary ficou rubro. Então, John Meredith ainda nutria sentimentos por ela. Ele não havia mudado de ideia e provavelmente eram sentimentos intensos, para dizer aquilo, mais intensos do que ela jamais imaginaria. Rosemary ficou calada por um momento, acariciando os cabelos de Una.

– Você levaria uma carta minha para o seu pai, Una?

– Ah, você vai se casar com ele, senhorita West? – perguntou Una, ansiosa.

– Talvez, se ele realmente desejar – respondeu, corando de novo.

– Que bom... Que bom – disse Una. Ela ergueu os olhos, com os lábios tremendo. – Ah, senhorita West, você não vai jogar o papai contra nós, não vai fazê-lo nos odiar, não é mesmo? – perguntou, suplicante.

Rosemary a encarou mais uma vez.

– Una Meredith! Acha mesmo que eu faria isso? De onde tirou uma ideia absurda dessas?

– Mary Vance disse que todas as madrastas são assim, que todas odeiam os enteados e fazem os pais odiá-los... Disse que é inevitável, que o fato de serem madrastas as torna assim...

– Pobrezinha! E mesmo assim você veio aqui para pedir que eu me case com o seu pai? Você é uma joia rara, uma heroína, como Ellen diria, uma pessoa extraordinária. Agora, ouça-me com muita atenção, querida. Mary Vance é uma menininha tola que não sabe de tudo e que está terrivelmente enganada a respeito de certas coisas. Eu jamais cogitaria jogar o seu pai contra vocês. Eu amaria vocês muitíssimo. Não quero substituir a mãe de vocês, ela sempre estará nesse lugar em seus corações. Entretanto, não tenho intenção alguma de ser uma madrasta. Quero ser uma amiga, uma conselheira e uma colega. Não acha que seria bom, Una, se você e seus irmãos me considerassem uma colega gentil e divertida? Uma irmã mais velha?

– Oh, seria maravilhoso – exclamou Una, arrebatada. Ela lançou os braços impulsivamente ao redor do pescoço da Rosemary. Estava tão contente que se sentia capaz de voar.

– Os outros... Digo, Faith e os garotos pensam a mesma coisa sobre as madrastas?

– Não. Faith nunca acreditou em Mary Vance e eu fui uma tremenda de uma boba em acreditar nela. A Faith já adora você desde que o coitado do Adam foi comido. E o Jerry e o Carl vão ficar muito animados. Ah,

senhorita West, quando vier morar conosco, você poderia me ensinar a cozinhar um pouquinho, a costurar... e a fazer outras coisas? Não sei fazer nada, mas vou me esforçar e tentarei aprender depressa.

– Querida, vou te ensinar e te ajudar o quando puder. Agora, não conte isso para ninguém, tudo bem? Nem mesmo para Faith. Não até que o seu pai diga que pode. Gostaria de ficar e tomar chá comigo?

– Ah, obrigada, mas... mas... Acho que prefiro voltar e levar a carta para o papai – hesitou Una. – Assim ele ficará contente o quanto antes, senhorita West.

– Entendo – disse Rosemary. Ela entrou em casa, escreveu a carta e a trouxe para Una. Quando a daminha foi embora em disparada, saltitando de felicidade, Rosemary foi até a varanda de trás, onde Ellen descascava ervilhas.

– Ellen, Una Meredith acabou de vir aqui pedir que eu me case com o pai dela.

Ellen ergueu o olhar e leu o semblante da irmã.

– E você vai?

– Muito provavelmente.

Ellen continuou descascando ervilhas por alguns minutos. Então, ela subitamente levou as mãos ao rosto. Havia lágrimas em seus olhos negros.

– Eu... Espero que seja muito feliz – disse Ellen, entre um soluço e uma risada.

Na casa ministerial, a radiante e triunfante Una Meredith entrou com toda a bravura no escritório do pai e colocou a carta sobre a mesa. O rosto pálido dele ruboresceu ao notar a letra clara e elegante que

conhecia tão bem. John Meredith abriu a carta, era bem curta, mas ele sentiu que rejuvenesceu vinte anos ao lê-la. Rosemary perguntava se ele poderia encontrá-la ao entardecer no riacho do Vale do Arco-Íris.



“QUE VENHA O FLAUTISTA”

– Então – disse a senhorita Cornelia – o casamento duplo vai ser em meados desse mês.

Era uma noite gelada do início de setembro e Anne havia colocado fogo na madeira trazida pelo mar na lareira que estava sempre posta.

A senhorita Cornelia e ela se aqueciam diante das chamas mágicas.

– É formidável, especialmente pelo senhor Meredith e a Rosemary – disse Anne. – Estou feliz como se fosse o meu próprio casamento. Senti-me como uma noiva novamente noite passada, quando visitei a Rosemary e vi o enxoval dela.

– Ouvi dizer que parece o de uma princesa – disse Susan de um canto escuro, onde mimava seu menininho moreno de sol. – Também fui convidada para apreciá-lo e pretendo ir algum dia desses. Dizem que a Rosemary usará um vestido branco de seda e um véu, e que o da Ellen será azul-marinho. Concordo plenamente que é muito sensato da parte dela, mas, se algum dia eu me casar, prefiro a cor branca e o véu, pois combina mais com uma noiva.

A imagem da Susan de “branco e de véu” surgiu na mente de Anne e foi quase demasiada para ela.

– Quanto ao senhor Meredith – disse a senhorita Cornelia –, o noivado em si já foi suficiente para torná-lo outro homem. Ele não é mais tão sonhador e distraído, acredite em mim. Fiquei muito aliviada ao descobrir que decidiu fechar a casa ministerial e mandar as crianças para a casa dos outros durante a lua-de-mel! Se os tivesse deixado sozinhos por um mês com a velha tia Martha, eu despertaria todas as manhãs esperando encontrar aquela casa em chamas.

– A tia Martha e o Jerry virão para cá – disse Anne. – Carl ficará com o ancião Clow. Não sei para onde as meninas irão.

– Oh, elas ficarão comigo – disse a senhorita Cornelia. – Fiquei mais do que contente. Além disso, a Mary não teria me dado paz enquanto eu não me propusesse. A Sociedade Assistencial fará uma faxina de cabo a rabo na casa antes que os noivos voltem e o Norman Douglas se prontificou a encher a despensa de vegetais. Norman Douglas está irreconhecível, acredite em mim. Está extasiado porque vai se casar com Ellen West depois de esperar por ela a vida inteira. Se eu fosse a Ellen... mas enfim, eu não sou, e se ela está satisfeita, eu também posso ficar. Muitos anos atrás, quando ainda era uma colegial, ela disse que não queria um cachorrinho manso como marido. O Norman não tem nada de manso, acredite em mim.

O sol estava se pondo sobre o Vale do Arco-Íris. O lago estava encoberto por um maravilhoso manto púrpura, dourado e carmesim. Uma leve névoa azulada descansava sobre a colina ao Leste, sobre a qual uma lua imensa, alva e redonda pairava como uma bolha argêntea.

Todos estavam presentes na pequena clareira, Faith e Una, Jerry e Carl, Jem e Walter, Nan e Di, e Mary Vance. Havia feito uma celebração especial, pois aquela era a última noite do Jem no Vale do Arco-Íris. Na manhã seguinte ele partiria para Charlottetown, para estudar na Queen's Academy. O círculo encantado se romperia, apesar de toda a alegria durante a breve festividade, havia a sombra do pesar em cada um dos jovens e felizes corações.

– Vejam, há um imenso palácio dourado no ocaso – disse Walter, apontando. – Reparem na torre reluzente e nos estandartes rubros que despontam dela. Talvez um conquistador esteja voltando da batalha e elas estejam hasteadas para honrá-lo.

– Oh, quem dera pudéssemos voltar aos dias de outrora – exclamou Jem. – Adoraria ser um soldado, um importante e triunfante general. Eu daria tudo para participar de uma grande batalha.

Bem, Jem se tornaria um soldado e veria a maior batalha já travada no mundo, mas isso pertencia ao futuro distante. Sua mãe, de quem ele era o primogênito, gostava de olhar para filhos e agradecer a Deus que os “dias de outrora” que Jem admirava tanto haviam passado, e que os jovens do Canadá nunca mais precisariam travar guerras “pelas cinzas de seus pais e os templos de seus deuses²³”.

A sombra da Grande Guerra ainda não havia mostrado seus primeiros sinais. Os rapazes que viriam a lutar, e talvez a cair, nos campos da França e de Flanders, de Gallipoli e da Palestina, ainda eram alunos travessos com o

prospecto de uma vida justa pela frente, as moças cujos corações seriam destróçados ainda eram meninas cheias de esperanças e sonhos.

Lentamente, o rubro e o dourado dos estandartes da cidade do ocaso se apagaram e lentamente a figura do conquistador desapareceu.

O crepúsculo tomou conta do vale e o pequeno grupo ficou em silêncio. Walter estivera lendo mais uma vez seu adorado livro de mitos e

lembrou-se de como havia imaginado o Flautista de Hamelin chegando ao vale em um fim de tarde como aquele.

Ele começou a falar liricamente, em parte porque queria emocionar os companheiros, em parte porque algo além dele parecia falar através de seus lábios.

– O Flautista se aproxima. Está mais próximo do que naquele dia em que o avistei. Sua capa longa e escura esvoaça ao vento. Ele toca...

E toca... E devemos segui-lo... Jem, Carl, Jerry e eu pelo mundo afora. Ouçam... Ouçam, conseguem ouvir sua melodia selvagem?

As garotas estremeceram.

– Você só está fingindo – protestou Mary Vance –, e eu gostaria que parasse. É como se você conseguisse torná-lo real. Detesto esse seu Flautista.

Jem começou a rir alegremente. Ele subiu em um monte de terra, alto e esplêndido, olhando para o horizonte com os olhos destemidos. Havia milhares como ele na terra dos bordos.

– Que venha o Flautista e que seja bem-vindo – exclamou, acenando. – Eu o seguirei ao redor do mundo.

FIM

Referência ao poema “Horatius at the Bridge”, do escritor e historiador britânico Thomas Macaulay (1839-1841). (N. T.)

Rilla de Ingleside

LUCY MAUD MONTGOMERY



Ciranda Cultural

Rilla de Ingleside

LUCY MAUD MONTGOMERY

Tradução
Rafael Bonaldi



Giranda Cultural

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Rilla of Ingleside

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução
Rafael Bonaldi

Preparação

Marijane Genaro
Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração de capa
Beatriz Mayumi

Ebook

Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787r Montgomery, Lucy Maud, 1874-
1942

Rilla de Ingleside [recurso eletrônico] /
Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael
Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. -
Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.

320 p. : il. ; ePUB ; 2,7 MB. – (Ciranda
Jovem)

Tradução de: Rilla of Ingleside
Inclui índice. ISBN: 978-65-5500-379-6
(Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura
canadense. 3. Romance. I. Bonaldi, Rafael. II.
Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-1445 CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



“Notas” sobre Glen e outros assuntos

Era uma tarde agradável e prazerosa, repleta de nuvens douradas. Susan Baker acomodou-se na grande sala de estar de Ingleside com uma aura taciturna de satisfação ao seu redor. Eram quatro horas da tarde, e Susan, que tinha trabalhado incessantemente desde as seis da manhã, sentia que merecia uma hora de descanso e fofocas. Ela vivenciava a mais pura felicidade, tudo havia corrido estranhamente bem na cozinha naquele dia. O Doutor Jekyll não se transformara no Senhor Hyde¹, de maneira que ela não havia ficado nervosa. De onde estava sentada, ela podia admirar o orgulho de seu coração: os canteiros de peônias plantadas e cultivadas por ela mesma, que floresciam como nenhum outro em todo o vilarejo de Glen St. Mary, com flores em tons de carmesim, de um rosa-prateado e também brancas como a neve.

Susan vestia uma blusa nova de seda preta, tão elaborada quanto qualquer roupa que a senhora Marshall Elliott usaria e um avental branco e engomado adornado por um intrincado laço de renda em crochê de três centímetros de largura, sem mencionar o acabamento combinando. Ela, então, abriu a última edição do *Daily Enterprise* com a confiança plena de uma mulher bem-vestida e preparou-se para ler as “Notas” sobre Glen, que, conforme a senhorita Cornelia acabara de contar, ocupavam metade de uma coluna e citavam quase todos os moradores de Ingleside. A manchete em letras grandes e destacadas na primeira página do periódico informava que um tal arquiduque Ferdinando² tinha sido assassinado em um lugar com o esquisito nome de Sarajevo, todavia Susan não dava atenção para esses tipos de assunto desinteressante e irrelevante; ela estava em busca de algo realmente vital. Ah, ali estava, “Notas de Glen St. Mary”. Susan acomodou-se melhor e leu em voz alta para desfrutar ao máximo de cada palavra.

A senhora Blythe e a visita, a senhorita Cornelia (aliás, a senhora Marshall Elliott) conversavam próximas à porta aberta que dava para a varanda, por onde entrava uma brisa fresca e deliciosa trazendo sopros do perfume do jardim e ecos alegres do canto encoberto por vinhas, onde Rilla, a senhorita Oliver e Walter riam e conversavam. Onde quer que Rilla estivesse, havia risadas.

Havia outro ocupante na sala, enrolado no sofá, que não poderia ser deixado de lado graças à impressionante singularidade e, principalmente, por ter a distinção de ser a única criatura viva que Susan de fato detestava.

Todos os gatos eram misteriosos, mas o Doutor Jekyll-Senhor Hyde, apelidado de “Doc”, ultrapassava todos os limites. Era um gato com personalidade dupla (ou, como jurava Susan, possuído pelo diabo). Em primeiro lugar, havia algo de singular desde a alvorada de sua existência. Quatro anos antes, Rilla Blythe ganhara um adorável gatinho branco como a neve, com uma macha preta na ponta do rabo atrevido, que ela chamou de Jack Frost. Susan não simpatizou com o Jack Frost logo de início, por mais que não soubesse ou pudesse explicar o motivo.

– Escreva o que estou dizendo, querida senhora – disse em tom sombrio –, aquele gato ainda vai nos dar trabalho.

– Por que você acha isso? – perguntou a senhora Blythe.

– Eu não acho, eu sei. – Foi tudo que Susan dignou-se a dizer.

Jack Frost era o favorito de todos os outros habitantes de Ingleside. Estava sempre limpo e arrumado, sem uma mancha sequer no belo casaco branco; ronronava e enroscava-se carinhosamente e era escrupulosamente honesto.

Então, aconteceu uma tragédia doméstica em Ingleside. Jack Frost teve quatro filhotes!

Seria inútil tentar descrever o triunfo de Susan. Ela não tinha avisado desde o começo que aquele gato acabaria se revelando uma desilusão ou uma fraude? Pois ali estava a prova!

Rilla ficou com um dos gatinhos. Era muito bonito, com um pelo especialmente macio e lustroso de um amarelo-escuro e listras cor de laranja, orelhas largas, acetinadas e douradas. Ela o chamou de Dourado, nome que pareceu apropriado para a criaturinha brincalhona que, durante a infância, não demonstrou indício algum da natureza sinistra que possuía. Susan, é claro, alertou a família que nada de bom poderia vir da cria do diabólico Jack Frost; entretanto, ninguém deu ouvidos às suas lamúrias proféticas.

Os Blythe se acostumaram tanto a se referir a Jack Frost no masculino que não conseguiram abandonar o hábito, de forma que continuaram a usar o pronome masculino, ainda que o resultado fosse ridículo. Os visitantes ficavam um tanto aturdidos quando Rilla referia-se casualmente ao “Jack e a cria dele”, ou quando dizia com braveza para o Dourado: “Vá lá com sua mãe e peça a ele que limpe seu pelo”.

– É indecoroso, querida senhora – dizia a pobre Susan com amargura. Ela referia-se ao Jack apenas por “o animal” ou “a fera branca”. Pelo menos um coração não sofreu quando “o animal” foi acidentalmente envenenado no inverno seguinte.

Um ano depois, “Dourado” tornou-se um nome tão evidentemente inadequado para o filhote alaranjado que Walter, que na época estava lendo o livro de Stevenson, rebatizou-o de Doutor Jekyll-Senhor Hyde. Em seu estado de ânimo como Doutor Jekyll, o gato era dorminhoco, afetuoso, manso e caseiro, que adorava ganhar carinho e mimos. Em especial, ele amava deitar-se de costas e que lhe acariciassem gentilmente o pescoço cor de creme, enquanto ronronava de prazer com sonolência. Seu ronronar era notório; Ingleside nunca havia tido um gato que ronronasse com tanta frequência e satisfação.

– A única coisa que invejo em um gato é o ronronar – comentou o doutor Blythe certa vez ao ouvir a melodia ressoante do Doc. – É o som mais satisfatório do mundo.

O Doc era muito bonito, seus movimentos eram graciosos e sua pose, magnífica. Quando colocava o longo rabo com anéis escuros ao redor das patas e sentava-se na varanda para contemplar fixamente o espaço por longos intervalos, os Blythe tinham a impressão de que nem a esfinge egípcia seria uma divindade do portal mais adequada.

Quando o Senhor Hyde assumia o controle, o que invariavelmente acontecia antes das chuvas e dos dias ventosos, ele se transformava em um selvagem de olhos vidrados. Era sempre uma transformação repentina. Erguia-se com um salto, rosando com raiva, e mordida qualquer mão que tentasse aplacá-lo ou acariciá-lo. Seu pelo parecia ficar mais escuro, e os olhos exibiam um brilho maligno. Adquiria uma beleza quase sobrenatural. Se a mudança acontecesse no crepúsculo, os moradores de Ingleside ficavam com medo. Ele virava uma fera aterrorizante que somente Rilla conseguia defender, alegando que ele era só “um gatinho lindo e travesso”. Ele era lindo, disso não havia dúvidas.

O Doutor Jekyll adorava leite; já o Senhor Hyde não suportava, e defendia com unhas e dentes sua carne. O Doutor Jekyll descia as escadas tão silenciosamente que ninguém o ouvia. Os passos do Senhor Hyde, no entanto, eram pesados como os de um homem. Em certas noites, quando Susan estava sozinha em casa, ele a “deixava de cabelo em pé” ao fazer isso. Ele tinha o costume de sentar-se no chão da cozinha e encará-la sem piscar por até uma hora. Aquilo a deixava com os nervos à flor da pele, mas a coitada tinha muito pavor e não conseguia

afugentá-lo. Ela se atreveu a jogar um graveto na direção dele uma vez, mas o felino prontamente deu um pulo feroz para cima dela. Susan correu para fora e nunca mais ousou afrontar o Senhor Hyde de novo, embora descontasse suas diabruras no inocente Doutor Jekyll, então enxotava-o sempre que apontava o nariz nos domínios dela e negando pedacinhos dos petiscos de que tanto gostava.

– “Para os inúmeros amigos da senhorita Faith Meredith e dos senhores Gerald Meredith e James Meredith” – leu Susan, saboreando os nomes como se fossem caramelos – “foi um grande prazer lhes dar as boas-vindas algumas semanas atrás, quando regressaram da Redmond College. James Blythe, que se graduou em Artes em 1913, acabou de completar o primeiro ano de medicina”.

– Faith Meredith é a criatura mais deslumbrante que já vi – comentou a senhorita Cornelia por cima do crochê. – É incrível como aquelas crianças mudaram depois que a Rosemary West foi morar naquela casa. As pessoas quase não se lembram mais de como costumavam ser travessas. Anne, querida, recorda-se de como eles eram? É surpreendente a forma como a Rosemary soube educá-los. Ela é mais uma amiga do que uma madrasta. Todos a amam e Una a adora. Quanto ao pequeno Bruce, Una praticamente se escraviza por ele. O que é compreensível, uma vez que ele é um encanto.

E você já viu alguma criança se parecer tanto com uma tia como ele se parece com a tia Ellen? É tão moreno e sério quanto ela. Não vejo nenhum traço da Rosemary nele. Norman Douglas sempre conta, a plenos pulmões, que a cegonha deveria ter trazido o Bruce para Ellen e ele, e que acabou levando-o para a casa ministerial por engano.

– Bruce adora o Jem – disse a senhora Blythe. – Quando vem aqui, ele segue o Jem em silêncio para cima e para baixo como um cachorrinho, com os olhos atentos sob as sobancelhas escuras. Creio que faria qualquer coisa pelo Jem.

– E o Jem e a Faith? Quando vão formar um casal?

A senhora Blythe sorriu. Era de conhecimento geral de que a senhorita Cornelia, que fora uma ferrenha crítica dos homens, havia se tornado uma casamenteira na terceira idade.

– Eles são só bons amigos ainda, senhorita Cornelia.

– Muito bons amigos, acredite em mim – enfatizou. – Estou bem inteirada do que os jovens andam aprontando.

– Não tenho dúvidas de que a Mary Vance se encarrega de informar-lhe tudo, senhora Marshall Elliott – observou Susan –, mas acho uma vergonha inventar namoricos entre as crianças.

– Crianças! Jem tem 21 anos e a Faith 17 – retrucou a senhorita Cornelia.

– Não se esqueça, Susan, de que nós, velhos, não somos os únicos adultos no mundo.

Ultrajada, Susan, que detestava que se referissem à idade dela, não por vaidade, e sim por um medo assombroso de que achassem que estava velha demais para trabalhar, voltou a ler as “Notas”.

– “Carl Meredith e Shirley Blythe voltaram da Queen’s Academy na sexta-feira passada. Ele deverá ser o responsável pela escola de Harbour Head no ano que vem, e temos certeza de que será um professor de sucesso e querido por todos”.

– Ele ensinara às crianças tudo que elas precisam saber sobre insetos, de qualquer forma – disse a senhorita Cornelia. – O senhor Meredith e a Rosemary queriam que ele fosse direto para Redmond agora que ele terminou os estudos na Queen’s, mas Carl tem uma natureza muito independente e quer juntar parte do dinheiro para bancar os estudos universitários. Acho que se sairá muito bem.

– “Walter Blythe, que deu aula em Lowbridge nos últimos dois anos, deixou o cargo” – leu Susan. – “Ele pretende ir para Redmond no outono”.

– O Walter já está pronto para Redmond? – inquireu a senhorita Cornelia, preocupada.

– Esperamos que esteja até o outono – disse a senhora Blythe. – Um verão de ócio, ar fresco e sol lhe fará maravilhas.

– É difícil se recuperar da febre tifoide – disse a senhorita Cornelia com ênfase –, principalmente em quadros gravíssimos, como foi o caso do Walter. Acho que ele deveria esperar mais um ano antes de ir para a faculdade. No entanto, é tão ambicioso! A Di e Nan irão também?

– Sim. As duas queriam lecionar por mais um ano, contudo Gilbert acha melhor elas irem para Redmond neste outono.

– Que bom. Elas ficarão de olho no Walter para que não estude excessivamente. – A senhorita Cornelia olhou de soslaio para Susan.

– Suponho que, depois da reprimenda que recebi minutos atrás, não seja seguro sugerir que Jerry Meredith está arrastando a asa para a Nan.

Susan a ignorou, e a senhora Blythe riu novamente.

– Querida senhorita Cornelia, fico tão ocupada com essas histórias de paquera ao meu redor entre todos esses garotos e garotas, que, se eu as levasse muito a sério, isso acabaria comigo. Todavia não estou... é só difícil aceitar que eles cresceram. Quando olho para esses meus filhos tão altos, pergunto-me se eles são os mesmos bebês doces e gorduchos que eu beijava e ninava até pouco tempo atrás... até muito pouco tempo atrás, senhorita

Cornelia. O Jem não era o bebezinho mais adorável, na velha Casa dos Sonhos? E agora é um bacharel em Artes, acusado de estar de namoricos.

– Estamos todas ficando mais velhas – suspirou a senhorita Cornelia.

– A única parte de mim que se sente velha – disse a senhora Blythe – é o tornozelo que quebrei quando a Josie Pye me desafiou a andar sobre o telhado dos Barry, em Green Gables. Ele lateja quando o vento

sopra do Leste. Não quero admitir que seja reumatismo, mas dói. Quanto às crianças, eles e os Meredith estão planejando um verão divertido antes do início das aulas. É uma turminha tão animada! Eles mantêm essa casa em um perpétuo turbilhão de alegria.

– A Rilla vai para a Queen's quando o Shirley voltar?

– Ainda não decidimos. Imagino que não. O pai dela acha que ainda não está na hora; ela cresceu demais e está muito alta para uma garota de 15 anos. Fico aflita só de pensar... seria terrível não ter nenhum dos meus bebês aqui comigo no próximo inverno. Susan e eu teríamos que brigar para quebrar a monotonia.

Susan sorriu. Imagine, brigar com a “querida senhora”!

– Mas a Rilla quer ir? – perguntou a senhorita Cornelia.

– Não. A verdade é que Rilla é a única do meu rebanho que não é ambiciosa. Gostaria que ela tivesse mais sonhos. Ela não tem nenhuma aspiração... me parece que seu único interesse é se divertir.

– E o que há de mal nisso, querida senhora? – exclamou Susan, que não suportava ouvir uma palavra sequer contra os moradores de Ingleside, mesmo que dita por algum deles. – Uma garota deveria poder se divertir e

nada me fará mudar de opinião. Ela terá tempo de sobra para se preocupar com latim e grego.

– Gostaria que ela fosse mais responsável, Susan. Você sabe o quanto ela é absurdamente vaidosa.

– E ela tem bons motivos – retrucou Susan. – Ela é a garota mais linda de toda Glen St. Mary. Você acha que aquela gente que mora do outro lado do porto, os MacAllister, os Crawford, os Elliott, seria capaz de produzir uma cútis como a de Rilla em quatro gerações? Não. Querida senhora, eu conheço bem o meu lugar, só que não posso permitir que critique Rilla. Ouça, senhora Marshall Elliott.

Susan encontrou uma chance de se vingar dos comentários da senhorita Cornelia sobre a vida amorosa das crianças. Ela leu o trecho com gosto:

– “Miller Douglas decidiu não se mudar para o Oeste. Ele disse que a velha Ilha do Príncipe Edward é boa o bastante para ele, e que continuará trabalhando na fazenda da tia, a senhora Alec Davis”.

Susan lançou um olhar cortante para a senhorita Cornelia.

– Ouvi dizer, senhora Marshall Elliott, que o Miller está de olho na Mary Vance.

Aquilo atravessou a armadura da senhorita Cornelia. Seu rosto belo e redondo corou.

– Não vou permitir que o Miller Douglas se aproxime da Mary – disparou.

– Ele vem de uma família muito baixa. O pai dele era meio que um pária do clã; eles nunca o consideraram realmente um membro. E a mãe era uma Dillon, aquela família terrível de Harbour Head.

– Acho que ouvi falar, senhora Marshall Elliott, que os pais da Mary Vance também não eram o que se chamaria de aristocratas.

– A Mary Vance teve uma boa criação e é uma garota esperta, inteligente e capaz – respondeu a senhorita Cornelia. – Ela não vai se contentar com o Miller Douglas, acredite em mim! Ela sabe minha opinião sobre isso, além do mais, ela nunca me desobedeceu.

– Bem, acho que não precisa se preocupar, senhora Marshall Elliott, pois a senhora Alec Davis também é absolutamente contra. Ela diz que o sobrinho dela não vai se casar com uma borra-botas como a Mary Vance.

Sentindo que havia levado a melhor, Susan leu outra “nota”.

– “Ficamos contentes em saber que a senhorita Oliver continuará como professora por mais um ano. Ela desfrutará das merecidas férias em

Lowbridge”.

– Alegro-me em saber que a Gertrude não vai embora – disse a senhora Blythe. – Sentiríamos muito a falta dela. E ela tem uma ótima influência sobre Rilla, que a venera. Apesar da diferença de idade, as duas são grandes amigas.

– Achei que ela iria se casar.

– Isso chegou a ser comentado, mas ouvi falar que o casamento foi adiado para o ano que vem.

– Quem é o noivo?

– Robert Grant. É um jovem advogado de Charlottetown. Espero que a Gertrude seja feliz. Ela teve uma vida triste e muito amargurada e é uma pessoa muito sensível. A primeira juventude já se foi, e ela está praticamente sozinha no mundo. Esse novo amor que entrou na vida dela é algo tão maravilhoso que eu acho que ela não se atreve a acreditar que é algo permanente. Quando o casamento teve que ser postergado, ela ficou desesperada, por mais que não tenha sido culpa do senhor Grant. Houve algumas complicações na partilha dos bens do pai dele, que faleceu no inverno passado, que o impossibilitou de casar-se. Mas creio que a Gertrude encarou isso como um mau presságio, como se a felicidade fosse escapar das mãos dela mais uma vez.

– Não é bom depositar todos os afetos em um homem, querida senhora – comentou Susan solenemente.

– O senhor Grant ama Gertrude tanto quanto ela o ama, Susan. Não é dele que ela desconfia, é do destino. Ela tem um lado místico... algumas pessoas chamariam isso de superstição... e uma crença peculiar em sonhos que não conseguimos dissuadi-la nem por meio do humor. Tenho que admitir que alguns de seus sonhos... enfim, não seria nada bom se o Gilbert me ouvisse falando tamanha heresia. Achou mais alguma notícia interessante no jornal, Susan?

Susan havia soltado uma exclamação.

– Ouça isso: “A senhora Sophia Crawford deixou sua residência em Lowbridge e futuramente vai morar com a sobrinha, a esposa do senhor Albert Crawford”. Trata-se da minha prima Sophia, querida senhora. Nós brigamos quando éramos crianças para ver quem deveria ganhar um cartão da escola dominical com a frase “Deus é amor³”, com botões de rosas entrelaçados entre as palavras. Nunca mais nos falamos. E agora ela vai morar bem do outro lado da estrada.

– Vocês terão que fazer as pazes, Susan. Nunca dá certo ter inimizade com os vizinhos.

– Foi a prima Sophia que começou a briga, então que parta dela o pedido de reconciliação, querida senhora – disse Susan com altivez. – Se ela o fizer, espero ser uma boa cristã e dar o braço a torcer. Ela nunca foi uma pessoa muito alegre e foi uma estraga-prazeres a vida inteira. Da última vez que a vi, o rosto dela tinha milhares de rugas... talvez mais, talvez menos... de tanto reclamar e se preocupar. Chorou e gemeu copiosamente no funeral do primeiro marido, mas casou-se de novo em menos de um ano. A próxima nota descreve o serviço especial que tivemos em nossa igreja no domingo passado e diz que a decoração estava muito bonita.

– Por falar nisso, o senhor Pryor é veementemente contra flores na igreja – disse a senhorita Cornelia. – Eu sempre disse que teríamos problemas quando aquele homem se mudasse para cá, em Lowbridge. Ele não deveria ter sido escolhido como um dos anciões da igreja. Foi um erro com o qual viveremos para nos arrepender, acredite em mim! Ouvi dizer que ele ameaçou não ir mais à igreja se as meninas não “pararem de encher o púlpito de grama”.

– A igreja estava muito bem antes da chegada do “Bigodinho” em Glen e, na minha opinião, continuará da mesma forma quando ele se for

– disse Susan.

– Quem lhe deu esse apelido ridículo? – perguntou a senhora Blythe.

– Ora, os garotos de Lowbridge o chamam assim desde que eu me lembro, querida senhora. Suponho que seja porque tem o rosto redondo e vermelho e aquela franja de bigodes claros. Ninguém se atreve a chamá-lo assim perto dele, entretanto. Pior do que os bigodes, querida senhora, é o fato de ele ser um homem insensato e de ter ideias estranhas. Dizem que é um homem muito religioso, mas eu me lembro muito bem da vez em que foi flagrado levando a vaca para pastar no cemitério de Lowbridge, vinte anos atrás, querida senhora. Sim, eu não me esqueci e sempre penso nisso quando ele faz as orações. Bem, essa foi a última nota, e não há mais nada de importante no jornal. Nunca me interessei pelas notícias internacionais. Quem é esse arquiduque que foi assassinado?

– Isso tem alguma importância para nós? – perguntou a senhorita Cornelia, sem saber que naquele exato momento o destino preparava uma resposta assombrosa para aquela pergunta. – Sempre há alguém assassinando ou sendo assassinado naqueles estados balcânicos. É algo comum naquele

lugar, e não acho que nossos jornais deveriam publicar essas notícias chocantes. O *Enterprise* está ficando sensacionalista demais. Bem, tenho que ir para casa. Não, querida Anne, não peça para que eu fique para o jantar. Se estou ausente na hora das refeições, o Marshall não faz questão de comer, é típico de um homem. Então, preciso partir. Deus misericordioso, Anne, o que deu naquele gato? Está tendo um ataque? – disse quando o Doc subitamente saltou no tapete aos pés da senhorita Cornelia, abaixou as orelhas, rosnou para ela e então desapareceu pela janela com um pulo audacioso.

– Ah, não. Ele só está se transformando no Senhor Hyde, o que significa que teremos chuva ou ventos fortes pela manhã. O Doc é um ótimo barômetro.

– Bem, estou grata por ele ter ido fazer alvoroço lá fora e não na minha cozinha – disse Susan. – E eu vou preparar o jantar. Com a multidão que temos atualmente em Ingleside, é preciso planejar as refeições de antemão.

Personagens do livro *O Médico e o Monstro*, lançado em 1886, do escritor escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894). (N. T.)

Francisco Fernando Carlos Luís José Maria de Áustria-Este, arquiduque da Áustria cujo assassinato em 28 de junho de 1914, em Sarajevo, foi o estopim para o início da Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, João 4:8. (N. T.)



Orvalho da manhã

Lá fora, o gramado de Ingleside estava repleto de poças douradas de luz do sol e sombras sedutoras. Rilla Blythe brincava no balanço sob o pinheiro-escocês, Gertrude Oliver estava sentada nas raízes da árvore enorme ao lado dela, e Walter estava deitado na grama, perdido em um romance de cavaleiros em que heróis e beldades de séculos longínquos reviviam suas aventuras para ele.

Rilla era a “bebê” da família Blythe e vivia em um estado crônico de indignação, porque ninguém acreditava que ela tinha crescido. Faltava tão pouco para completar 15 anos que já se declarava com essa idade, e era tão alta quanto Di e Nan; além disso, era quase tão linda quanto Susan acreditava que ela fosse. Tinha olhos castanhos grandes e sonhadores, uma pele alva cheia de sardas douradas e sobrancelhas delicadamente arqueadas, que lhe conferiam um ar questionador que as pessoas, especialmente os moços adolescentes, tinham vontade de responder. Seus cabelos ondulados eram de um castanho avermelhado, e a pequena fenda em seu lábio superior parecia ter sido marcada pelo dedo de uma fada madrinha na hora do batizado. Rilla, cujos melhores amigos não negavam sua vaidade, achava que não havia nenhum problema com o próprio rosto, mas se preocupava com a silhueta e

desejava que a mãe a deixasse usar vestidos mais longos. A menina que fora tão gorducha nos tempos áureos do Vale do Arco-Íris agora era incrivelmente magra, dona de braços e pernas compridos. Jem e Shirley a importunavam chamando-a de “aranha”. Todavia, de alguma forma, ela não era desengonçada. Algo em seus movimentos dava a impressão de estar sempre dançando, ao invés de caminhar. Ela fora muito mimada e era um tanto caprichosa; ainda assim, a opinião geral era de que Rilla Blythe era uma garota muito doce, mesmo não sendo tão inteligente como Nan e Di.

A senhorita Oliver, que viajaria naquela noite para passar as férias em casa, havia se hospedado por um ano em Ingleside. Os Blythe a acolheram para agradar Rilla, que estava apaixonada pela professora ao ponto de se dispor a compartilhar o próprio quarto, já que não havia outro disponível. Gertrude Oliver tinha 28 anos, e sua vida tinha sido uma luta. Era uma moça de beleza chamativa, com olhos castanhos em formato de amêndoas e um tanto tristes, uma boca inteligente e sarcástica, e cachos maciços que emolduravam seu rosto. Não chegava a ser bonita, mas tinha um charme e um mistério que Rilla achava fascinantes. Até os ocasionais estados de ânimos melancólicos e cínicos eram interessantes para Rilla, que surgiam quando a senhorita Oliver estava cansada. Na maior parte do tempo ela era uma companhia estimulante, e os alegres moradores de Ingleside nunca se lembravam que ela era muito mais velha que eles. Walter e Rilla eram os seus favoritos, e ela era a confidente dos desejos e das ambições secretas de ambos. Ela sabia que Rilla ansiava por ser “apresentada à sociedade”, ir a festas como Nan e Di, ter vestidos de noite deslumbrantes e... sim, pretendentes! No plural! Já Walter, a senhorita Oliver sabia que ele havia escrito uma série de sonetos para “Rosamond”, codinome para Faith Meredith e que sonhava com uma carreira como professor de literatura inglesa em alguma universidade de renome. Ela conhecia sua admiração ardente por tudo que era belo e seu ódio igualmente fervoroso pela feiura, conhecia seus pontos fortes e suas fraquezas.

Walter continuava sendo o rapaz mais garboso de Ingleside. A senhorita Oliver gostava de admirá-lo. Se tivesse um filho, ela gostaria que fosse exatamente como ele. Cabelos negros e brilhantes, olhos cintilantes de um cinza-escuro, traços impecáveis. E a alma de um poeta! Aqueles sonetos eram excepcionais para um rapaz de 20 anos. A senhorita Oliver não era uma crítica parcial e sabia que Walter Blythe tinha um dom maravilhoso.

Rilla amava Walter de todo coração. Ele nunca zombava dela como Jem e Shirley faziam. Nunca a chamava de “aranha”. Ele a apelidara de

“Rilla-a-Marilla”, fazendo um trocadilho com o nome real da irmã, Marilla. Ela fora batizada em homenagem à tia Marilla de Green Gables, que morrera antes que a menina tivesse idade suficiente para conhecê-la bem, e detestava o nome por achá-lo terrivelmente antiquado e puritano. Por que eles nunca a chamavam pelo primeiro nome, Bertha, que era bonito e digno, no lugar daquele nome bobo? Ela não implicava com a versão criada por Walter, todavia ninguém mais podia chamá-la assim, com exceção da senhorita

Oliver de vez em quando. “Rilla-a-Marilla” soava muito lindo na voz musical de Walter, como a cadência e as ondulações de um riacho argênteo.

Ela morreria pelo irmão se fosse necessário, como havia confessado para a senhorita Oliver. Rilla era chegada a exageros, como a maioria das garotas de 15 anos, e sua maior angústia era a suspeita de que ele compartilhava mais segredos com Di do que com ela.

– Ele acha que não sou madura o suficiente para compreendê-los – lamentou para a senhorita Oliver certa vez, revoltada. – Mas eu sou! E eu nunca os contaria para ninguém, nem mesmo para você, senhorita Oliver. Eu conto todos os meus segredos para você... eu simplesmente não conseguiria ser feliz escondendo algo de você, minha adorada... só que eu jamais o trairia. Conto tudo para ele... chego até a lhe mostrar o meu diário. E me magoa profundamente quando ele não me conta as coisas. Se bem que ele me mostra os poemas que escreve e são todos maravilhosos, senhorita Oliver. Ah, eu simplesmente vivo com a esperança de algum dia ser para o Walter o que foi para

Wordsworth⁴ a irmã dele, Dorothy. Wordsworth nunca escreveu nada parecido com os poemas de Walter... e tampouco Tennyson⁵.

– Eu não diria isso. Ambos escreveram muita porcaria – disse a senhorita Oliver secamente. Ao ver a expressão de dor nos olhos de Rilla, ela se arrependeu e apressou-se em dizer: – Mas acredito que o Walter também será um grande poeta algum dia e que demonstrará mais confiança à medida que você for crescendo.

– Quando o Walter ficou internado no ano passado com febre tifoide, eu quase enlouqueci – suspirou Rilla com ares dramáticos. – Só me contaram a gravidade da situação depois que ele deixou o hospital. O papai não me deixou visitá-lo. Ainda bem que não descobri antes. Não teria suportado. Ainda assim, eu chorei todas as noites até dormir. Enfim, algumas vezes penso que o Walter gosta mais do Segunda-feira do que de mim – concluiu com amargura. Às vezes, Rilla gostava de falar com amargura para imitar a senhorita Oliver.

Segunda-feira era o cachorro de Ingleside, chamado assim porque havia entrado para a família em uma segunda-feira, na época em que Walter lia *Robson Crusoé*⁶. Apesar de pertencer ao Jem, ele era mais afeiçoado ao Walter. Agora mesmo ele estava deitado ao lado do Walter, com o focinho aninhado no braço do garoto, balançando o rabo com entusiasmo cada vez que ele o acaricia distraidamente. O Segunda-feira não era um collie, um

setter, um hound, e tampouco um terra-nova. Era apenas um “cão comum”, como dizia o Jem, um cão muito comum, segundo comentários maldosos. De fato, a aparência não era o forte do Segunda-feira. Tinha manchas pretas espalhadas a esmo pela carcaça amarelada e uma delas dava a impressão de tampar um dos olhos. As orelhas estavam em frangalhos, uma vez que o animal não se saía bem em disputas. Porém, tinha um talismã, pois compreendia que nem todo cachorro podia ser lindo, eloquente ou vitorioso, mas que todos tinham a capacidade de amar. Por baixo do pelo pouco atraente, batia o coração mais afetuoso, leal e fiel que um cão já tivera, e através dos olhos castanhos espreitava algo que nenhum teólogo ousaria negar que se tratava de uma alma. Todos em Ingleside gostavam dele, até Susan, embora a desafortunada tendência do cão de entrar de mansinho no quarto de hóspedes e dormir na cama fosse uma provação para o afeto dela.

Naquela tarde em particular, Rilla não tinha nenhuma reclamação a fazer.

– Junho não foi um mês adorável? – perguntou, olhando sonhadoramente para as nuvens prateadas e plácidas sobre o Vale do Arco-Íris. – Nós nos divertimos e o clima foi ameno. Foi perfeito, em todos os sentidos.

– Não gosto muito disso – disse a senhorita Oliver, com um suspiro. – Soa agourento... por algum motivo. Algo perfeito é uma dádiva dos deuses, uma espécie de compensação pelo que está por vir. Já vi isso acontecer tantas vezes que não gosto de ouvir as pessoas dizendo que alguma coisa é perfeita.

Mas é verdade, junho foi bem agradável.

– É claro, não foi muito emocionante – disse Rilla. – A única comoção que houve em Glen no último ano foi o desmaio da velha senhorita Mead na igreja. Gostaria que algo dramático acontecesse de vez em quando.

– Não pense assim, coisas dramáticas sempre são ruins para alguém. Que verão animado terão vocês, jovens! Enquanto eu estarei em Lowbridge, entediada!

– Você nos visitará, não é mesmo? Acho que nos divertiremos bastante neste verão, ainda que eu acredite que assistirei tudo pelos bastidores, como de costume. Não é horrível quando as pessoas acham que você ainda é uma criancinha, quando você não é?

– Você ainda tem muito tempo pela frente para crescer, Rilla. Não desperdice a sua juventude. Ela passa rápido demais. Logo você provará da vida.

– Provar da vida? Quero devorá-la! – exclamou Rilla, rindo. – Quero tudo, tudo que uma garota pode ter. Farei 15 anos daqui a um mês,

e então ninguém mais poderá dizer que sou uma criança. Uma vez me disseram que os melhores anos da vida de uma jovem são dos 15 aos 19. Pretendo vivê-los esplendidamente, preenchendo-os de diversão.

– É tolice ficar pensando em como viver. Você acaba não fazendo nada do que planejou.

– Ah, mas é muito divertido – disse Rilla.

– Você só pensa em se divertir, macaquinha – repreendeu-a carinhosamente a senhorita Oliver, refletindo que o queixo da Rilla era a última palavra em queixos. – Ora, o que mais se deve fazer aos 15 anos? Você pretende ir para a faculdade neste outono?

– Não. E em nenhum outro outono. Não quero. Nunca me interessei por todas essas “ologias” e “ismos” que deixam a Nan e a Di loucas. E cinco de nós já vão para a faculdade. Creio que é o suficiente. Toda família tem o seu ignorante. Estou mais do que disposta a ficar com esse papel se puder ser uma ignorante linda, popular e divertida. Não sou inteligente. Não tenho nenhum talento e você não imagina como isso é cômodo. Ninguém espera nada de mim, e por isso nada me frustra. Tampouco sou uma criatura caseira, com dotes culinários. Detesto costurar e limpar... Susan até desistiu de tentar me ensinar a fazer biscoitos. O papai disse que eu não trabalho e nem fio. Portanto, devo ser um lírio do campo – concluiu, com outra risada.

– Você é jovem demais para abrir mão dos estudos, Rilla.

– Ah, a mamãe vai me colocar em um curso de leitura no próximo inverno. Vai servir para desenferrujar o curso de letras e artes dela. Por sorte eu gosto de ler. Não me olhe com essa expressão de pesar e censura, minha adorada. Não consigo ser recatada e séria... tudo me parece tão cheio de cor! No mês que vem eu farei 15 anos, e no próximo ano 16, e no seguinte 17. Existe algo mais encantador do que isso na vida?

– Bata na madeira – disse Gertrude Oliver, com um misto de riso e seriedade. – Bata na madeira, Rilla-a-Marilla.

William Wordsworth (1770-1850), um dos maiores poetas ingleses do romantismo (N. T.)

Alfred Tennyson (1809-1892), poeta britânico (N. T.).

Lançado em 1719, o livro de Daniel Defoe é sobre um naufrago que passa 28 anos em uma ilha tropical remota. O personagem-título dá o nome de Sexta-feira a um dos nativos pelo mesmo motivo. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Mateus 6:28. (N. T.)



Alegria ao luar

Rilla, que ainda apertava os olhos ao dormir e sempre parecia rir enquanto sonhava, bocejou, espreguiçou-se e sorriu para Gertrude Oliver. A professora tinha vindo de Lowbridge na noite anterior e fora convencida a ficar para o baile que aconteceria no farol de Four Winds.

– O novo dia está batendo na janela. Eu me pergunto o que ele nos trará.

A senhorita Oliver estremeceu sutilmente. Ela nunca dava boas-vindas aos dias com a exultação de Rilla. Ela já tinha vivido o suficiente para saber que um dia podia trazer coisas terríveis.

– Acho que a melhor parte de um novo dia é sua imprevisibilidade – continuou Rilla. – É fantástico despertar em uma manhã dourada e imaginar as surpresas que o dia nos presenteará. Sempre fico dez minutos perdida em devaneios antes de me levantar, imaginando tudo de esplêndido que pode acontecer antes de a noite chegar.

– Espero que algo muito inesperado aconteça hoje – disse Gertrude. – Tomara que o correio nos traga notícias de que a guerra entre a Alemanha e a França foi evitada.

– Ah... sim – disse Rilla vagamente. – Seria terrível se houvesse uma guerra, suponho. Mas ela não nos afetaria, não é mesmo? Acho que uma guerra seria emocionante. Dizem que a Guerra dos Bôeres⁸ foi, mas é claro que não me lembro de nada. Senhorita Oliver, devo usar meu vestido branco nesta noite, ou o meu novo vestido verde? O verde é bem mais bonito, obviamente, mas tenho medo de usá-lo em um evento na praia e algo acontecer com ele. E você pode fazer aquele penteado novo em mim? Nenhuma das garotas em Glen o usa ainda. Vai ser a maior sensação.

– Como você convenceu sua mãe a te deixar a ir ao baile?

– Ah, foi o Walter que a convenceu. Ele sabia que eu ficaria muito chateada se não fosse. É a minha primeira festa verdadeiramente de adultos,

senhorita Oliver, e faz uma semana que não durmo direito, pensando nela. Quando vi o sol brilhando nessa manhã, tive vontade de pular de alegria. Seria horrível se chovesse nesta noite. Acho que vou me arriscar a usar o verde. Quero me arrumar o máximo possível para a minha primeira festa. Além disso, ele é quase três centímetros mais longo que o branco. Também vou com meus sapatinhos prateados. A senhora Ford me mandou de presente de aniversário no Natal passado e ainda não tive chance de usá-los. São adoráveis. Ah, senhorita Oliver, espero que os meninos me convidem para dançar. Vou morrer de humilhação... de verdade, vou mesmo... se ninguém me chamar e eu passar a noite inteira encostada na parede. É claro que o Carl e o Jerry não podem dançar porque são filhos do ministro da igreja, do contrário eu poderia depender deles para me salvar de tamanha desgraça.

– Você terá parceiros suficientes. Todos os garotos das redondezas do porto virão e haverá mais meninos do que meninas.

– Alegro-me por não ser filha do ministro – riu Rilla. – A coitada

da Faith está furiosa por não poder dançar nesta noite. A Una não se importa, é claro. Ela nunca teve vontade de dançar. Alguém disse a Faith que haveria jogos na cozinha para aqueles que não dançam, e você deveria ter visto a cara que ela fez. Ela e Jem passarão a maior parte da noite sentados nas pedras, suponho. Sabia que iremos todos caminhando até a enseada próxima à velha Casa dos Sonhos e que então iremos de barco até o farol? Será absolutamente divino!

– Quando tinha 15 anos, eu também falava com exclamações e superlativos – disse a senhorita Oliver com sarcasmo. – A festa promete ser agradável para os jovens. Creio que me sentirei entediada. Nenhum dos garotos vai querer dançar com uma velha solteirona como eu. Jem e Walter dançarão comigo por piedade. Assim, não espere que eu tenha o mesmo entusiasmo juvenil seu.

– Você não se divertiu na sua primeira festa, senhorita Oliver?

– Não. Foi péssima. Eu era uma grosseirona, estava malvestida e ninguém pediu para dançar comigo exceto um único garoto, que era mais simplório e malvestido do que eu. Era tão desajeitado que eu o detestei, e nem mesmo ele me convidou para dançar novamente. Eu praticamente não tive adolescência, Rilla. É uma pena. É por isso que eu quero que você viva essa fase de maneira esplêndida, feliz. E espero que você se lembre da sua primeira festa com muita alegria.

– Na noite passada eu sonhei que estava no baile e de repente percebi que estava usando meu roupão e minhas pantufas – suspirou Rilla.

– Acordei aterrorizada.

– Por falar em sonhos, eu tive um esquisito – comentou a senhorita Oliver, distraída. – Foi um daqueles sonhos vívidos que eu tenho às vezes. Não são sonhos ordinários, vagos e misturados; são claros e realistas.

– O que você sonhou?

– Eu estava parada nos degraus da varanda, aqui em Ingleside, olhando para os campos de Glen. De repente, lá longe, eu vi uma onda comprida e prateada começar a encobri-los. Ela foi se aproximando mais e mais... era uma sucessão de ondas brancas menores, como aquelas que por vezes quebram na praia. O vilarejo estava sendo engolido. Pensei: “É claro que as ondas não alcançarão Ingleside...”. Só que elas foram chegando cada vez mais perto... e tão rápido que antes que eu pudesse me mover ou gritar elas arrebantaram aos meus pés... em seguida, tudo desapareceu. No lugar do vale havia apenas os vestígios das águas turbulentas. Tentei recuar, mas percebi que a barra do meu vestido estava molhada de sangue... e então acordei, tremendo. Não gostei desse sonho. Ele tem algum significado sinistro. Esses tipos de “sonhos vívidos” sempre se tornam realidade.

– Espero que não signifique que há uma tempestade vindo do Leste para atrapalhar a festa – murmurou Rilla.

– Ah, esses 15 anos! – disse a senhorita Oliver secamente. – Não, Rilla-a-Marilla, não creio que ele prenuncie nada tão catastrófico.

Uma onda de tensão subjacente vinha dominando Ingleside nos últimos dias. Rilla era a única que não a notava, absorta na própria vida florescente. Taciturno, o doutor Blythe quase não comentava o jornal do dia. Já Jem e Walter tinham um grande interesse pelas notícias que ele trazia. Animado, Jem procurou o irmão naquela tarde.

– Ah, a Alemanha declarou guerra à França. Isso significa que a Inglaterra provavelmente vai lutar também. E se isso acontecer... bem, o flautista de suas antigas fantasias finalmente virá.

– Não foi uma fantasia – disse Walter lentamente. – Foi um pressentimento... uma visão, Jem. Eu realmente o vi por um momento naquela tarde há muito tempo. E o que vai acontecer se a Inglaterra entrar na guerra?

– Ora, nós teremos que ajudá-la – exclamou Jem alegremente. – Não podemos permitir que a “velha mãe cinzenta do mar do Norte” lute sozinha,

não é mesmo? Só que você não vai poder servir ao exército, graças à febre tifoide. É uma pena, não?

Walter não disse se era uma pena ou não. Ele olhou silenciosamente na direção de Glen, para o porto azul cheio de ondas, e além.

– Nós somos seus filhotes, temos que defendê-la com unhas e dentes em uma briga de família – disse Jem ansiosamente, enquanto bagunçava os cachos vermelhos com a mão forte, delgada e sensível... a mão de um cirurgião nato, como pensava o pai dele com frequência. – Que aventura seria! Mas suponho que alguns daqueles velhotes resolverão as coisas antes que cheguem a tal ponto. Contudo, seria vergonhoso se deixassem a França na mão. Se resolverem ajudá-la, vai ser muito divertido. Bem, acho que é hora de nos arrumarmos para a festança no farol.

Jem foi embora assoviando *The Hundred Pipers*¹⁰, e Walter permaneceu onde estava por um bom tempo. Sua testa estava levemente franzida. A notícia chegara com o negrume e a brusquidão de uma tormenta. Ninguém a cogitava até alguns dias atrás. E ainda parecia absurda considerá-la. Alguma solução seria encontrada. A guerra era algo infernal, terrível e hediondo; demasiadamente terrível e hediondo para acontecer no século XX entre nações civilizadas. A mera ideia era abominável e deprimia Walter como uma ameaça à beleza da vida. Ele não pensaria nela, só resolutamente a tiraria da mente. Que lindo era o velho vilarejo de Glen em seu esplendor de agosto, com sua série de casas antigas, pradarias lavradas e jardins silenciosos. O céu do Oeste era como uma grande pérola dourada. Lá embaixo, o porto era iluminado pela lua que surgia. O ar estava repleto de sons primorosos: o silvo indolente dos tordos, os murmúrios maravilhosos, melancólicos e suaves do vento por entre as árvores iluminadas pelo ocaso, o cochichar dos álamos e o farfalhar das folhas delicadas em formato de coração, as risadas vivazes que ecoavam das janelas onde as jovens se preparavam para o baile. O mundo era uma loucura de beleza, sons e cores. Ele pensaria somente nessas coisas e na alegria profunda que

lhe proporcionavam.

“De qualquer forma, ninguém se surpreenderá se eu não for”, pensou. “Graças à febre tifoide, como disse o Jem.”

Rilla surgiu na janela do quarto, pronta para o baile. Um amor-perfeito amarelo desprendeu-se de seus cabelos e pousou sobre o peitoril como uma estrela cadente dourada. Rilla tentou pegá-la, em vão; no

entanto, havia muitas outras. A senhorita Oliver havia trançado uma pequena coroa de flores nos cabelos da amiguinha.

– Que tranquilidade esplêndida, não acha? Teremos uma noite perfeita. Ouça, senhorita Oliver... posso ouvir com clareza os velhos sinos no Vale do Arco-Íris. Foram pendurados lá há mais de dez anos.

– O tilintar deles sempre me faz pensar na música celestial que Adão e Eva ouviam no paraíso, segundo Milton¹¹ – respondeu a senhorita Oliver.

– Costumávamos nos divertir tanto no Vale do Arco-Íris quando éramos crianças – comentou Rilla sonhadoramente.

Ninguém mais brincava no Vale do Arco-Íris. O lugar ficava muito silencioso nas tardes de verão. Walter gostava de ir até lá para ler. Jem e Faith se encontravam sozinhos lá com bastante frequência; Jerry e Nan o visitavam para discutir ininterruptamente sobre assuntos profundos, o que parecia ser a forma preferida de cortejo deles. E Rilla tinha um adorado recôndito em meio às árvores onde ela gostava de sentar-se

e sonhar.

– Tenho que ir até a cozinha para que Susan me veja antes de partir. Ela não me perdoará se eu não fizer isso.

Rilla entrou dançando na cozinha escura de Ingleside, onde Susan cerzia meias prosaicamente, iluminando o cômodo com sua beleza. Ela usava o vestido verde com uma guirlanda de pequenas margaridas cor-de-rosa, meias de seda e os sapatinhos prateados. Amores-perfeitos adornavam seus cabelos e o pescoço. Estava tão linda, jovial e radiante que até a prima Sophia Crawford viu-se obrigada a admirá-la, e a prima Sophia Crawford não era dada a admirar coisas mundanas.

As duas haviam superado, ou ignorado, a contenda desde que a senhora Crawford se mudara para Glen, e agora a prima atravessava a estrada com frequência para fazer visitas amigáveis. Nem sempre Susan a recebia calorosamente, já que a prima Sophia não podia ser considerada uma companhia divertida. “Existem visitas e existem visitantes”, dissera Susan certa vez, dando a entender que a prima Sophia pertencia à segunda categoria.

A prima Sophia tinha um rosto longo, pálido e enrugado, um nariz longo e fino, uma boca longa e fina, e dedos muito longos e finos quase sempre entrelaçados resignadamente sobre o vestido preto. Tudo nela parecia longo, fino e pálido. Ela olhou com pesar para Rilla Blythe e murmurou:

– Todo esse cabelo é seu?

– É claro que sim – exclamou Rilla com indignação.

– Ah! – suspirou a prima Sophia. – Seria melhor se não fosse. Tanto cabelo assim suga as forças da pessoa. É um sinal de tuberculose, ouvi dizer, mas espero que não seja o seu caso. Suponho que todos vocês vão dançar nesta noite, até os filhos do ministro, provavelmente. Creio que as filhas dele, não. Ah, enfim, nunca gostei de dançar. Conheci uma garota que caiu morta enquanto dançava. Como alguém pode continuar dançando depois de algo assim, eu não compreendo.

– Ela voltou a dançar? – perguntou Rilla com petulância.

– Já falei que ela caiu morta. É óbvio que nunca voltou a dançar, criatura.

Ela era dos Kirke de Lowbridge. Você vai sair assim, sem nada para proteger as costas?

– Está uma noite agradável – protestou Rilla –, mas vou vestir um xale quando entrarmos no barco.

– Ouvi dizer que, quarenta anos atrás, um barco cheio de jovens partiu do porto em uma noite como essa, exatamente como essa – enfatizou a prima Sophia lugubrememente – virou e todos se afogaram... não sobreviveu ninguém. Espero que nada parecido aconteça com vocês nesta noite. Já tentou usar alguma coisa para tirar essas sardas? Tive bons resultados com suco de banana-da-terra.

– Você certamente tem autoridade para falar de sardas, prima Sophia – disse Susan, correndo em defesa da menina. – Você tinha mais manchas do que um sapo quando era jovem. As da Rilla só aparecem no verão, enquanto as suas permaneciam firmes e fortes durante as quatro estações; e tampouco havia uma cor viçosa por trás delas, diferentemente da Rilla. Você está linda, querida, e este penteado ficou muito bom. Está pensando mesmo em caminhar até o porto com esses sapatinhos?

– Ah, não. Vamos usar sapatos velhos até o porto e carregar os novos. Gostou do meu vestido, Susan?

– Ele me lembra um vestido que usei quando era criança – suspirou a prima Sophia antes que Susan pudesse responder. – Também era verde com florezinhas rosadas e babados que iam da cintura até a barra da saia. Não usávamos esses vestidos sumários das jovens de hoje em dia. Ah, os tempos mudaram, e temo que não tenha sido para melhor. Fiz um rasgo enorme nele sem querer naquela noite e alguém derrubou chá em mim. Ficou completamente arruinado. Espero que nada aconteça com seu vestido.

Pensando bem, acho que ele deveria ser um pouco mais comprido... suas pernas são terrivelmente longas e finas.

– A senhora Blythe não aprova que garotinhas se vistam como adultas – disse Susan com firmeza, com a intenção de provocar a prima Sophia. Porém, Rilla sentiu-se insultada. Garotinhas! Ela saiu da cozinha indignada. Da próxima vez ela não iria mostrar o vestido para Susan... a Susan, que achava que ninguém ficava adulto antes dos 60! E aquela desagradável da prima Sophia com seus comentários sobre sardas e pernas! Que direito aquele varapau tinha de falar dos outros? Rilla sentiu que a noite havia sido estragada. Com os dentes cerrados, ela poderia simplesmente sentar-se e chorar.

A jovem recobrou o ânimo quando se juntou à multidão alegre de jovens que se dirigia ao farol de Four Winds.

Os Blythe deixaram Ingleside sob os latidos melancólicos do Segunda-feira, trancado no celeiro por medo de que fizesse uma aparição indesejada no farol. Eles se encontraram com os Meredith no vilarejo, e outros se juntaram a eles conforme percorriam a velha estrada do porto. Mary Vance, deslumbrante no vestido azul de crepe que transbordava de rendas, saiu do portão da casa da senhorita Cornelia e juntou-se a Rilla e a senhorita Oliver, que caminhavam juntas. As duas não a receberam com muito entusiasmo.

Rilla não gostava muito da Mary Vance. Ela jamais se esqueceu do dia humilhante em que Mary a perseguiu pela vila com um bacalhau seco. Na verdade, Mary Vance não era muito popular entre os jovens da mesma faixa etária, por mais que sua companhia e sua língua afiada fossem estimulantes. “Mary Vance é meio que um hábito para a gente: mesmo quando estamos furiosos, não conseguimos ficar sem ela”, disse Di certa vez.

A maior parte do grupo ia em pares. Jem caminhava com Faith Meredith, é claro, e Jerry Meredith com Nan Blythe. Di e Walter andavam um ao lado do outro, perdidos em uma conversa profunda e confidencial que Rilla invejava.

Carl Meredith ia ao lado de Miranda Pryor, mais para atormentar Joe Milgrave do que por qualquer outro motivo. Joe era conhecido por ter uma queda abissal pela Miranda, mas a timidez o impedia de

aproximar-se dela. Joe talvez conseguiria reunir coragem suficiente para acompanhá-la se a noite estivesse um breu, só que naquele momento, sob o crepúsculo iluminado pela lua, ele simplesmente não era capaz. Miranda era filha do Bigodinho, que não compartilhava da fama do pai, todavia

tampouco gozava de popularidade: era uma criatura pálida, neutra, dada a risadinhas nervosas. Tinha cabelos loiros prateados e olhos grandes e azuis como se fossem de porcelana, que lhe davam a impressão de ter levado um susto quando era pequena do qual nunca se recuperou. Ela preferiria estar ao lado do Joe a estar perto do Carl, com quem não se sentia nem um pouco à vontade. Além disso, era questão de honra estar ao lado de um estudante universitário, ainda mais o filho do ministro da igreja.

Shirley Blythe caminhava ao lado de Una Meredith e ambos estavam em silêncio, pois esta era a natureza deles. Shirley era um rapaz de 16 anos, pacato, sensível, pensativo, dono de um senso de humor sutil. Ainda era o “menininho da Susan”, com os cabelos castanhos, os olhos cor-de-avelã e a pele morena-clara. Ele gostava de estar com Una Meredith porque ela nunca tentava fazê-lo falar ou o importunava com tagarelices. Una era tão doce e tímida como fora nos dias do Vale do Arco-Íris, e seus olhos azul-escuros continuavam tão sonhadores e tristonhos como na época. A garota tinha uma queda secreta e cuidadosamente oculta por Walter Blythe de que ninguém suspeitava exceto Rilla, que se simpatizava com a situação e desejava que Walter correspondesse. Ela gostava mais de Una do que de Faith, cuja beleza e descontração eclipsavam as outras garotas. E Rilla não gostava de ser eclipsada.

Mas agora ela estava muito feliz. Era delicioso caminhar com os amigos pela estrada escura e cintilante onde pequenos abetos e pinheiros despontavam aqui e ali, enchendo o ar com um perfume resinoso. Os últimos raios de sol coloriam os prados e as colinas ao Oeste. O porto reluzia diante deles. O sino tocava na igreja do outro lado do porto, e suas notas oníricas vinham morrer na enseada ametista. O golfo ainda exibia um azul prateado sob os resquícios de luz. Ah, era tudo glorioso, o ar puro com seu toque salino, o bálsamo dos pinheiros, a risadas dos amigos. Rilla amava a vida; ela amava a música e o murmúrio alegre das conversas; ela queria que a caminhada por aquela estrada cinzenta e argêntea durasse para sempre. Era sua primeira festa, e ela iria se divertir à beça. Não havia nada com o que se preocupar no mundo, nem mesmo as sardas e as pernas compridas demais, nada, exceto o medo sutil e persistente de que ninguém iria convidá-la para dançar. Era lindo e gratificante simplesmente estar viva, ter 15 anos, ser bonita. Rilla inspirou profundamente, arrebatada, e prendeu o ar de maneira abrupta. Jem estava contando alguma história para Faith que tinha acontecido na Guerra dos Bálcãs.

– O médico teve as duas pernas destroçadas e foi abandonado no campo para morrer. Mesmo assim ele rastejou de homem em homem até onde conseguiu chegar, fazendo o possível para aliviar o sofrimento dos feridos sem pensar em si mesmo. Ele atava uma bandagem no braço de um deles quando foi atingido. E assim o encontraram, com as mãos mortas ainda segurando as bandagens com firmeza. O sangramento havia sido contido e a vida do outro homem foi salva. Não é um verdadeiro herói, Faith? Quando li isso...

Jem e Faith se afastaram. Gertrude Oliver de repente estremeceu, e Rilla segurou o braço dela com carinho.

– Não é horrível, senhorita Oliver? Não sei por que o Jem está contando uma história tão macabra em um momento como esse, em que estamos todos nos divertindo.

– Acha mesmo horrível, Rilla? Pois eu achei linda, maravilhosa. É uma história que nos faz sentir vergonha por duvidar da natureza humana. A atitude daquele homem foi divina. Como a humanidade reage à ideia do autossacrifício! Quanto ao meu arrepio, não sei o que o causou. A noite está bem agradável. Talvez alguém esteja andando sobre o lugar que virá a ser meu túmulo, iluminado pelas estrelas. É o que diz uma velha superstição. Bem, não vou pensar nisso nesta noite adorável. Sabe, Rilla, sempre fico contente por morar no campo quando chega a noite. Aqui nós conhecemos o verdadeiro charme da noite, ao contrário dos moradores da cidade. Todas as noites são bonitas aqui no interior, até mesmo quando há tempestades. Adoro admirar uma noite de tormenta nesse golfo. Uma noite como essa é quase bonita demais... ela pertence à juventude e aos sonhos e quase me dá medo.

– Sinto como se eu fizesse parte dela – disse Rilla.

– Ah, sim, você é muito jovem para ter medo das coisas perfeitas. Bem, ali está a Casa dos Sonhos. Parece muito solitária neste verão. Os Ford não vieram para cá?

– O senhor Ford e a esposa Persis não. Só o Kenneth, que ficou hospedado com a família da mãe do outro lado do porto. Quase não o vimos esse verão.

Ele está mancando, e por isso não saiu muito.

– Mancando? O que aconteceu?

– Ele quebrou o tornozelo em uma partida de futebol americano e passou boa parte do inverno de cama. Ele começou a mancar depois disso, mas está melhorando aos poucos e espera que logo esteja bem. Ele foi a Ingleside só duas vezes.

– Ethel Reese é louca por ele – comentou Mary Vance. – E está completamente iludida. Ele a acompanhou até em casa depois da última reunião da igreja do outro lado do porto, e você não imagina a arrogância dela depois disso. Como se um garoto de Toronto como o Ken Ford fosse se interessar por uma garota como Ethel!

Rilla corou. Ela não se importava se o Kenneth Ford acompanhasse a Ethel Reese até em casa uma dúzia de vezes, nem um pouco! Nada que ele fazia lhe interessava. Ele era muito mais velho que ela. Ken era amigo da Nan, da Di e da Faith e aparentemente via Rilla como uma criança, pois ele só prestava atenção nela para provocá-la. E ela detestava Ethel Reese e o sentimento era recíproco, desde a vez em que Walter deu uma surra notória em Dan quando eram crianças. Porém, ela não a considerava inferior a Kenneth Ford por ser uma garota do campo. Quanto à Mary Vance, ela estava se tornando uma verdadeira fofoqueira que só pensava em quem saía com quem!

Havia um pequeno píer na praia próxima à Casa dos Sonhos, onde dois barcos estavam amarrados. Um deles foi conduzido por Jem Blythe e o outro por Joe Milgrave, que sabia tudo sobre barcos e ficou orgulhoso por poder demonstrar isso à Miranda Pryor. Eles apostaram corrida, e o barco de Joe venceu. Mais barcos se aproximavam, vindos de Harbour Head e do outro lado do porto. Ouviam-se risadas de todos os lados. A grande torre branca de Four Winds Point estava inteiramente iluminada, enquanto seu facho giratório brilhava em seu extremo. Uma família de Charlottetown, parentes do faroleiro, viera passar o verão e era a anfitriã da festa para a qual todos os jovens de Four Winds, Glen St. Mary e do outro lado do porto tinham sido convidados. Quando o barco do Jem atracou próximo ao farol, Rilla desesperadamente calçou os sapatinhos prateados sob a proteção das costas da senhorita Oliver. Ela viu de relance que os degraus esculpidos nas rochas estavam repletos de garotos e iluminados por lanternas chinesas, e decidiu que não iria subi-los com os sapatos pesados que a mãe insistira que usasse no trajeto da estrada. Os sapatinhos apertavam os pés dela, mas ninguém suspeitaria ao vê-la chegar saltitando e sorridente, com os olhos reluzentes e curiosos, e o rico tom rubro nas bochechas alvas e redondas. Assim que chegou ao topo, um garoto que morava do outro lado do porto a convidou para dançar, e no instante seguinte eles foram para o pavilhão de baile que fora construído voltado para o mar. O lugar era adorável, coberto por ramos de pinheiros e iluminado pelas lanternas chinesas. Diante deles estava o mar

irradiante; à esquerda, os picos e vales enlaurados das dunas de areia; à direita, a praia rochosa com suas sombras e a enseada cristalina. Rilla e seu parceiro deslizavam por entre os convidados, ela deixou escapar um longo suspiro de prazer. Que música enfeitiçadora o Ned Burr, de Upper Glen, arrancava do violino! Era como a flauta mágica do velho conto, que compelia todos que a ouvissem a dançar. Que brisa fresca soprava do golfo, que maravilhosa era a luz da lua sobre a paisagem! Isso era a vida, a vida encantadora! Rilla sentia como se seus pés e sua alma tivessem asas.

A Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902) ocorreu entre o império britânico e as duas nações Bôer, a República Sul-Africana (ou República de Transvaal) e o Estado Livre de Orange, pelo domínio da África do Sul. Como parte do império na época, o Canadá enviou tropas para os campos de batalha. (N. T.)

Frase do poema *The Grey Mother*, do britânico Lachlan MacLean Watts (1867-1957), sobre a Guerra dos Bôeres. (N. T.)

Canção tradicional popular escocesa, escrita por volta de 1852, que retrata os acontecimentos do Levante Jacobita de 1745. (N. T.)

Paraíso Perdido, poema épico escrito por John Milton e originalmente publicado em 1667. (N. T.)



A música do flautista

A primeira festa de Rilla foi um triunfo... pelo menos de início. Ela recebeu tantos convites que precisou trocar de parceiros no meio das danças.

Os sapatinhos prateados pareciam se mover por conta própria e, por mais que machucassem e formassem bolhas nos calcanhares, não atrapalharam a diversão. Ethel Reese lhe deu um susto ao chamá-la misteriosamente para

fora do pavilhão e cochichar, com o sorrisinho que lhe era característico, que havia um furo na parte de trás do vestido de Rilla e uma mancha nos babados. Rilla correu para o quarto que fora temporariamente transformado em um espaço para as damas e descobriu que a mancha era apenas uma folha

grudada e que o furo era minúsculo, onde um dos ganchos havia se soltado. Irene Howard o colocou no lugar e lhe fez elogios melosos e condescendentes. Rilla sentiu-se lisonjeada pela condescendência da Irene.

Ela era uma garota de 19 anos de Upper Glen que parecia gostar da companhia de meninas mais novas, para que pudesse reinar sem rivais, segundo as más línguas. No entanto, Rilla a achou deslumbrante e amou

ganhar a atenção dela. Irene era linda e elegante. Cantava divinamente e passava todos os invernos fazendo aulas de música em Charlottetown. Tinha uma tia em Montreal que lhe mandava roupas maravilhosas; diziam que tinha tido um romance malfadado, ninguém sabia mais do que isso, mas o

mistério em si já era fascinante. Os elogios de Irene coroaram a noite de Rilla. Ela correu de volta ao pavilhão e parou um instante na entrada, sob a luz das lanternas, para observar os convidados. De relance, graças a uma

breve pausa nos rodopios da multidão, ela avistou Kenneth Ford parado do outro lado.

O coração de Rilla parou por um segundo ou, dada a impossibilidade fisiológica, foi o que ela pensou. Então, ele estava ali. Ela havia concluído que não viria... não que isso importasse, de forma alguma. Será que ele a veria? Será que repararia nela? É óbvio que ele não a convidaria para

dançar... seria tolice ter esperanças. Ele achava que ela era uma criança. Ele a chamara de “aranha” três semanas atrás, em uma noite em que visitara Ingleside. Ela chorara por causa disso no andar de cima e o odiara. Contudo, o coração dela parou por um segundo ao perceber que ele se aproximava pela lateral do pavilhão. Será que vinha na direção dela... será?... será?... sim! Ele a viu e parou parou ao lado dela... ele a observou com algo nos olhos cinzentos que Rilla nunca tinha visto neles. Ah, ela quase não conseguia suportar! Tudo continuava como antes, os outros convidados dançavam e rodopiavam, os garotos que não conseguiram pares para dançar andavam pelo salão, casais enamorados estavam sentados nas pedras. Ninguém parecia ter percebido que uma coisa estupenda acabara de acontecer.

Kenneth era um rapaz alto, bonito, com um charme displicente que de alguma forma fazia com que todos os outros garotos parecessem desajeitados e canhestros. Diziam que era assombrosamente inteligente, envolto pelo glamour de morar em uma cidade cosmopolita e de estudar em uma grande universidade. Também tinha a reputação de ser um galanteador, o que provavelmente vinha do fato de possuir uma voz risonha e aveludada, que causava palpitações nas garotas, e do fato de ser um bom ouvinte, de maneira que agia como se tivesse esperado a vida inteira para ouvir o que estavam lhe dizendo.

– Rilla-a-Marilla, é você? – perguntou em um tom grave.

– Sim – respondeu Rilla com a língua entre os dentes, e imediatamente teve vontade de pular de cabeça do píer do farol ou de desaparecer do mundo de alguma outra forma.

Rilla passara a infância falando com um ceceio, que foi corrigido com o passar do tempo. Só em ocasiões de muita tensão e nervosismo é que ele tendia a voltar. Há um ano isso não acontecia; agora, justamente quando Rilla queria tanto parecer adulta e sofisticada, ela soava como um bebê! Era mortificante. Ela sentiu que estava prestes a chorar. Em um minuto ela estaria soluçando... sim, soluçando... ela desejou que Kenneth fosse embora, desejou que ele não tivesse vindo. A festa estava arruinada. Tudo havia se transformado em cinzas.

Ele a chamou de “Rilla-a-Marilla”, não de “aranha”, “pequena” ou “amiguinha”, como costumava fazer nas poucas vezes que a notava. Ela não se incomodou nem um pouco por ele ter usado o apelido de Walter, que soou melodioso nos tons baixos e cadenciados da voz acariciante dele. Teria sido

ótimo se ela não tivesse feito papel de boba. Rilla não ousou erguer o olhar, com medo de deparar-se com a zombaria nos olhos dele. Assim, ela olhou para baixo. Seus cílios eram muito longos e negros e sua tez alva e imaculada, e o efeito que causaram era charmoso e provocador. Kenneth refletiu que Rilla Blythe iria se tornar a mais bela das garotas de Ingleside. Ele queria que ela o encarasse, para ter outro vislumbre daquele olhar singelo e hesitante. Ela era a mais linda da festa. Não havia dúvidas disso.

O que ele estava dizendo? Rilla mal acreditava no que ouvia.

– Gostaria de dançar?

– Sim. – Ela respondeu com tanto afinco, a fim de não cecear dessa vez, que praticamente disparou a palavra. O espírito de Rilla ficou novamente angustiado. Ela soara tão ávida, tão ansiosa, como se estivesse se jogando em cima dele! O que o Kenneth pensaria? Ah, por que essas coisas aconteciam justamente quando uma garota tentava mostrar o seu melhor?

Kenneth a guiou por entre os convidados.

– Acho que meu pobre tornozelo aguenta algumas voltas – disse.

– Como está o tornozelo? – perguntou Rilla. Ah, por que ela não pensou em outra coisa? Ela sabia que ele estava cansado de falar sobre o tornozelo. Ela o ouvira comentando com a Di em Ingleside que iria usar uma placa no peito anunciando que o tornozelo estava melhorando. Era mesmo necessário fazer aquela pergunta maçante outra vez?

Kenneth não aguentava mais falar do assunto. Só que não era com frequência que a pergunta vinha de lábios com um entalhe tão convidativo e adorável. Talvez tenha sido por isso que o garoto respondeu pacientemente que estava melhor, que não incomodava tanto se ele não andasse ou ficasse muito tempo de pé.

– Os médicos me garantiram que com o tempo ele ficará novinho em folha, só que não poderei jogar futebol nesse outono.

Enquanto dançavam, Rilla sabia que todas as garotas ao redor a invejavam. Em seguida, eles desceram os degraus de pedra e atravessaram o canal iluminado pelo luar até a praia em um barquinho a remo que Kenneth encontrou, caminharam na areia até o tornozelo de Kenneth reclamar, e então se sentaram entre as dunas. Kenneth conversou com ela da mesma forma que falava com Nan e Di. Rilla, dominada por uma timidez que não compreendia, não conseguiu falar muito e temeu que ele a achasse uma ignorante. Apesar disso, tudo era maravilhoso: a primorosa noite enluarada, o mar cintilante, as delicadas ondas que quebravam na praia, a brisa fresca e

caprichosa murmurando por entre a grama seca no cume das dunas, o doce eco da música que chegava pelo canal.

– “Uma alegre melodia para um festejo das sereias” – citou Kenneth com a voz suave um dos poemas de Walter.

Estavam a sós, em meio ao deslumbre dos sons e de toda aquela beleza!

Se ao menos os sapatinhos não machucassem tanto! Quem dera ela pudesse conversar com a mesma eloquência da senhorita Oliver... ou se ao menos ela conseguisse falar com ele assim como conversava com os outros garotos! Só

que as palavras lhe escapavam, e Rilla meramente ouvia e murmurava frases curtas e batidas de vez em quando. Talvez seus olhos sonhadores, a sutil fenda no lábio e o pescoço esguio falassem com eloquência por ela. Em nenhum momento Kenneth demonstrou estar com pressa para voltar, e o jantar estava sendo servido quando regressaram. Ele encontrou um lugar para ela próximo à janela da cozinha e sentou-se no peitoril enquanto ela comia bolo e sorvete. Rilla olhou ao redor e refletiu como sua primeira festa tinha sido incrível. Ela jamais a esqueceria. O cômodo vibrava com as risadas e a animação. Os olhares jovens brilhavam. Do pavilhão vinham a música do violino e os passos rítmicos dos convidados que dançavam.

De repente houve um pequeno alvoroço entre o grupo de garotos parado à porta; um jovem abriu caminho aos empurrões e deteve-se no umbral, olhando ao redor sombriamente. Era Jack Elliott, que morava do outro lado do porto, estudante de medicina de McGill, um rapaz quieto e avesso a eventos sociais. Ele tinha sido convidado para a festa, mas ninguém esperava que fosse comparecer, já que tinha que ir para Charlottetown e só voltaria tarde. Todavia ali estava ele, segurando um pedaço de papel dobrado.

Gertrude Oliver olhou para ele de canto de olho e estremeceu novamente. Ela havia se divertido naquela noite, no fim das contas, tendo reencontrado um conhecido de Charlottetown que, por ser muito mais velho do que a maioria dos outros convidados e praticamente um desconhecido, sentiu-se um tanto deslocado e ficou contente em poder conversar com uma moça sagaz que sabia falar das notícias do mundo e dos acontecimentos com o entusiasmo e o vigor de um homem. No prazer da companhia dele, ela havia se esquecido de algumas das preocupações do dia. Naquele momento, elas voltaram subitamente. Que notícias Jack Elliott trazia? Versos de um antigo poema surgiram na mente dela: “Uma algazarra soava pela noite...”. “Silêncio! Escutem! Um ruído grave como crescentes repiques fúnebres¹².” Por que eles lhe ocorriam agora? Por que Jack Elliott não falava nada, se

tinha algo a dizer? Por que estava parado ali, com uma expressão preocupada?

– Pergunte o que aconteceu, pergunte... – ela implorou fervorosamente a Allan Daly, mas outra pessoa já tinha perguntado. De repente, todos ficaram em silêncio na cozinha. Lá fora o violinista fez uma pausa, e também houve silêncio. Eles ouviram o lamento baixo do golfo ao longe: o presságio de uma tempestade que já se aproximava pelo Atlântico. A risada de uma garota ecoou das rochas e morreu, chocada com o silêncio repentino.

– A Inglaterra declarou guerra à Alemanha hoje – disse Jack Elliott lentamente. – A notícia chegou no momento em que eu partia da cidade.

– Deus nos ajude – sussurrou Gertrude Oliver. – Meu sonho... meu sonho!

A primeira onda nos atingiu. – Ela olhou para Allan Daly e tentou sorrir. – Será o apocalipse?

– Temo que sim – respondeu com seriedade.

Um coro de exclamações elevou-se ao redor deles, em sua maioria de surpresa e interesse pesaroso. Poucas pessoas entenderam a importância daquela mensagem e um número menor ainda compreendeu o que ela significava para elas mesmas. Logo a dança recomeçou e o burburinho da alegria foi tão alto quanto antes. Gertrude e Allan Daly conversaram sobre a notícia em um tom baixo e preocupado. Pálido, Walter Blythe deixou o cômodo. Lá fora ele se encontrou com Jem, que subia correndo os degraus de pedra.

– Ouviu a notícia, Jem?

– Sim. Chegou a flautista. Viva! Eu sabia que a Inglaterra não iria abandonar a França. Pedi para o capitão Josiah hastear a bandeira, mas ele disse que o correto é esperar o amanhecer. Jack disse que começarão a recrutar voluntários a partir de amanhã.

– Quanto alvoroço por nada – disse Mary Vance com desdém quando Jem se afastou, correndo. Ela estava sentada com Miller Douglas sobre uma armadilha de lagosta, o que não era nada romântico, além de desconfortável. Entretanto, Mary e Miller estavam absolutamente felizes ali. Miller Douglas era um rapaz grande, rústico, que pensava que Mary Vance tinha uma língua extraordinariamente talentosa e olhos como duas estrelas alvas de primeira magnitude. Nenhum dos dois fazia a mínima ideia do porquê o Jem queria hastear a bandeira do farol.

– Que importância tem uma guerra que acontecerá lá na Europa? Tenho certeza de que isso não é problema nosso.

Walter olhou para ela e teve uma de suas estranhas profecias.

– Antes dessa guerra terminar – disse ele... ou disse algo através dos lábios dele – cada homem e cada mulher do Canadá sentirão seu peso. Você, Mary, sentirá... sentirá no fundo do coração. E chorará lágrimas de sangue. O flautista chegou e ele tocará até que cada canto do mundo tenha ouvido sua música terrível e irresistível. Demorará anos para que a dança da morte termine... sim, Mary. E nesses anos, milhões de corações serão partidos.

– Ora essa! – exclamou Mary, que sempre falava isso quando não sabia o que dizer. Ela não sabia o que Walter queria dizer, mas se sentiu perturbada. Walter Blythe sempre dizia coisas esquisitas. Ela não ouvia falar daquele flautista desde a época das brincadeiras no Vale do Arco-Íris; e agora, ali estava ele fantasiando sobre aquela guerra. Ela não gostou nem um pouco, era essa a verdade.

– Você não está exagerando, Walter? – perguntou Harvey Crawford, que se aproximara há pouco. – Essa guerra não durará anos, ela terminará em um mês ou dois. A Inglaterra vai acabar com a Alemanha em pouco tempo.

– Você acredita mesmo que uma guerra para a qual a Alemanha vem se preparando há vinte anos vai acabar em algumas semanas? – perguntou Walter veementemente. – Não se trata de um conflito insignificante em um canto dos Bálcãs, Harvey. É a morte. A Alemanha está pronta para conquistar ou morrer. E sabe o que acontecerá se ela conquistar? O Canadá se tornará uma colônia alemã.

– Bem, algumas coisas precisarão acontecer antes disso – disse Harvey, dando de ombros. – A marinha britânica teria que ser dizimada, em primeiro lugar; em segundo, o Miller e eu lutaríamos para valer, não é mesmo, Miller? Nenhum alemão virá reivindicar esse velho país.

Harvey desceu correndo os degraus de pedra, rindo.

– Vocês, garotos, falam um monte de maluquices – declarou Mary Vance, enfasiada. Ela se levantou e arrastou o Miller para as rochas da enseada. Não era sempre que tinham a chance de conversarem; Mary estava decidida que aquela oportunidade não iria ser estragada pelo falatório de Walter Blythe sobre flautistas, alemães e coisas do tipo. Eles deixaram Walter parado no topo dos degraus, olhando na direção de Four Winds com um olhar sombrio incapaz de contemplar sua beleza.

O melhor da noite também havia acabado para Rilla. Desde o anúncio de Jack Elliott, ela sentia que Kenneth não estava mais focado nela. De repente, ela sentiu-se solitária e infeliz. Era pior do que se ele não a tivesse notado.

Será que a vida era assim: alguma coisa maravilhosa acontece e, então, justamente quando estamos aproveitando-a, ela é tirada de nós? Rilla refletiu com tristeza que se sentia anos mais velha do que quando saíra de casa naquela tarde. E talvez estivesse. Quem saberia dizer? Não se pode rir das angústias da juventude, elas são catastróficas porque os jovens ainda não aprenderam que “isso também vai passar”. Rilla suspirou e desejou estar em casa, na cama, chorando no travesseiro.

– Está cansada? – perguntou Kenneth com gentileza, ainda perdido em pensamentos. Ele não se importava se ela estava cansada ou não, pensou Rilla.

– Kenneth – arriscou-se com timidez –, você acredita que essa guerra tem alguma importância para nós, aqui no Canadá?

– Importância? É claro que terá importância para os sortudos que participarem dela. Para mim, não... graças a esse tornozelo contundido. Maldita sorte, a minha.

– Não entendo por que devemos lutar as batalhas da Inglaterra – disse Rilla. – Ela é forte o bastante para se defender sozinha.

– Não é essa a questão. Nós fazemos parte do Império britânico. É um assunto de família. Temos que defender uns aos outros. O pior é que ela acabará antes que eu possa ser útil.

– Quer dizer que você se voluntariaria se não fosse pelo seu tornozelo? – perguntou Rilla, incrédula.

– Claro que sim. Os alemães virão aos milhares, entende? Jem vai ser mandado para lá, pode apostar. Suponho que o Walter não seja forte o bastante. Jerry Meredith também irá, com certeza! E pensar que eu estava preocupado em perder o futebol neste ano!

Rilla estava muito assustada para dizer qualquer coisa. Jem... e Jerry! Que sandice! O papai e o senhor Meredith não iriam permitir. Eles ainda não terminaram a faculdade. Ah, por que o Jack Elliott teve que espalhar essa notícia terrível?

Mark Warren se aproximou e a chamou para dançar. Rilla aceitou, sabendo que para Kenneth não fazia diferença se ela fosse ou não. Uma hora atrás, na praia, ele a encarou como se ela fosse a única coisa que importava no mundo. E agora, ela não era ninguém. Os pensamentos dele estavam focados naquele grande jogo que iria ser decidido nos campos de batalha sangrentos, com os impérios como prêmio; um jogo em que as mulheres não tinham espaço. As mulheres, pensou Rilla desoladamente, tinham que ficar

em casa chorando. Não, tudo aquilo tinha que ser uma tolice. O Kenneth não podia ir, ele mesmo tinha admitido; o Walter também não podia, graças a Deus; e o Jem e o Jerry seriam sensatos. Ela não iria se preocupar, ela iria tratar de se divertir. Porém, como Mark Warren era desajeitado! Como tropeçava nos próprios pés! Pelo amor de Deus, por que alguns garotos tentavam dançar mesmo não sabendo os passos mais básicos? E com pés do tamanho de botes! Pronto, ele fez Rilla esbarrar em alguém. Ela nunca mais iria dançar com ele!

Ela dançou com outros, ainda que tivesse perdido o entusiasmo e os sapatinhos estivessem machucando terrivelmente. Kenneth parecia ter ido embora, pois ela não o viu em parte alguma. A primeira festa dela estava arruinada, por mais que tivesse sido ótima em certos momentos. A cabeça dela doía, os dedos dos pés ardiam, mas o pior ainda estava por vir. Ela e mais alguns amigos foram até os rochedos, onde ficaram sentados enquanto o baile continuava lá em cima. Ali estava fresco e tranquilo, e todos estavam cansados. Rilla ficou em silêncio, sem participar do papo animado. Ela ficou contente quando alguém avisou que os barcos estavam partindo para o outro lado do porto. O grupo alegre subiu correndo a escadaria. Alguns casais ainda bailavam no pavilhão, mas a multidão havia diminuído. Rilla procurou pelo pessoal de Glen e não viu ninguém. Ela correu até o farol. Nem sinal dos outros. Aflita, ela correu até os degraus de pedra, onde o grupo que morava do outro lado do porto se apressava para descer.

Ela viu os barcos lá embaixo. Onde estavam os de Jem... e o do Joe?

– Ora, Rilla Blythe, achei que você tinha ido embora há muito tempo

– disse Mary Vance, que acenava o lenço vermelho para o barco comandado por Miller Douglas, que atravessava o canal.

– Onde estão os outros? – arfou Rilla.

– Já foram embora... Jem partiu uma hora atrás, pois Una estava com dor de cabeça. E o resto foi embora com o Joe há quinze minutos. Lá estão eles, passando por Birch Point. Não fui porque o mar está ficando agitado e sei que eu ficaria mareada. Não me importo de voltar andando. São só dois quilômetros. Achei que você já tinha ido embora. Onde estava?

– Lá embaixo, nas pedras, com Jem e Mollie Crawford. Ah, por que eles não foram me procurar?

– Eles foram, mas não te encontraram. E aí concluíram que você tinha partido em outro barco. Não se preocupe. Você pode passar a noite comigo e nós telefonaremos para Ingleside para avisar.

Rilla percebeu que não tinha escolha. Seus lábios começaram a tremer e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela piscou repetidamente; Mary Vance não a veria chorar. Porém, ser esquecida dessa forma? E pensar que ninguém se preocupou em descobrir onde ela estava, nem mesmo o Walter. Então, ela lembrou-se de algo, para o próprio horror.

– Meus sapatos! Eu os deixei no barco.

– Ah, você é a garota mais descuidada que eu conheço – disse Mary. – Vai ter que pedir um par emprestado para Hazel Lewison.

– Não – exclamou Rilla, que detestava Hazel Lewison. – Prefiro ir descalça.

Mary deu de ombros.

– Como quiser. Todo esse orgulho vai lhe ensinar dolorosamente a ser mais cuidadosa. Bem, vamos andando.

E andando foram embora. Contudo, caminhar em uma rua esburacada e cheia de pedregulhos com sapatinhos delicados de salto Luís XV não era uma atividade animadora. Cambaleando, Rilla conseguiu chegar à estrada do porto; só que dali em diante não foi mais possível usar aqueles sapatinhos detestáveis. Ela os tirou, bem como a adorada meia-calça de seda, e continuou descalça. O que também não foi nada agradável, pois os pés dela eram muito sensíveis e as pedras os machucaram. Os calcanhares com bolhas doíam muito, mas a dor física não se comparava à da humilhação. Que desastre! Se Kenneth Ford a visse naquele momento, mancando como uma garotinha com o joelho machucado! Ah, que maneira horrível de terminar a noite adorável! Era impossível não chorar, a situação era terrível. Ninguém se preocupava com ela, ninguém se importava com o que tinha acontecido. Bem, se ela pegasse um resfriado por andar descalça em uma estrada molhada pelo orvalho e adoecesse, talvez eles se arrependessem. Ela secou as lágrimas furtivamente com o xale, pois os lenços pareciam ter desaparecido assim como os sapatos! Todavia não conseguiu evitar de soluçar. As coisas só pioravam!

– Vejo que pegou um resfriado – disse Mary. – Também, você ficou sentada nas pedras à mercê do vento. Sua mãe não vai permitir que saia de casa tão cedo, escreva o que estou dizendo. Foi uma noite e tanto. Os Lewison sabem como dar festas, tenho que admitir, embora eu não me simpatize com a Hazel Lewison. Como ela ficou furiosa quando te viu dançando com o Ken Ford! E aquela petulante da Ethel Reese, também. É um verdadeiro namorador!

– Não acho que ele seja um namorado – disse Rilla entre duas fungadas desesperadas.

– Você compreenderá mais sobre os homens quando tiver a minha idade – disse Mary com condescendência. – Sabe, não se pode acreditar em tudo que dizem. Não deixe que Ken Ford pense que tudo que ele precisa fazer para te conquistar é deixar cair um lenço. Seja mais esperta, menina!

Ter que ouvir Mary Vance gabar-se com arrogância era insuportável! E era insuportável andar descalça em uma estrada cheia de pedrinhas, com bolhas nos calcanhares. E era insuportável chorar e não ter nenhum lenço, e não conseguir conter as lágrimas!

– Não estou... *snif*... pensando... *snif*... no Kenneth... *snif*... Ford...
– exclamou a atormentada Rilla.

– Não precisa ficar irritada, menina. Você deveria ouvir os conselhos dos mais velhos. Eu vi que você e o Ken escapuliram para a praia e ficaram um bom tempo por lá. Sua mãe não iria gostar de saber disso.

– Vou contar tudo para minha mãe... e para a senhorita Oliver... e para o Walter – arfou Rilla entre fungadas. – Você ficou horas sentada perto da armadilha de lagostas com o Miller Douglas, Mary Vance! O que a senhora Elliott pensaria se soubesse?

– Ah, não vou discutir com você – disse Mary, subitamente assumindo ares altivos e defensivos. – Só estou dizendo que você deveria esperar até ficar mais velha antes de fazer essas coisas.

Rilla desistiu de tentar esconder as lágrimas. Tudo estava arruinado. Até mesmo àquela hora linda, romântica e mágica sob o luar com o Kenneth nas dunas de areia tinha sido vulgarizada e envilecida. Ela detestava Mary Vance.

– O que foi? – exclamou Mary, perplexa. – Por que está chorando?

– Meus pés... estão doendo muito – soluçou Rilla, agarrando-se ao que restava do orgulho. Era menos humilhante admitir que estava chorando por causa da dor nos pés do que admitir que alguém havia se divertido às custas dela, que os amigos haviam se esquecido dela e que os outros a tratavam com condescendência.

– Imagino que estejam mesmo – respondeu Mary com certa gentileza. – Mas não se preocupe. Sei onde a Cornélia guarda o pote de gordura de ganso na despensa imaculada. É melhor do que todos os cremes chiques do mundo. Vou aplicar um pouco nos seus pés antes de dormir.

Gordura de ganso nos pés! Então era assim que a primeira festa e o primeiro encontro ao luar de Rilla terminavam!

Frustrada pela futilidade das lágrimas, Rilla rendeu-se à calmaria do desespero e adormeceu na cama de Mary Vance. Lá fora, a manhã cinzenta chegava nas asas de uma tempestade; o capitão Josiah, fiel às suas palavras, hasteou a bandeira do Reio Unido no farol de Four Points contra o céu nublado, que tremulou sob o vento forte como um facho de luz valente e inextinguível.

Versos do poema *The Eve of Waterloo*, do poeta britânico Lord Byron (1788-1824), sobre os acontecimentos precursores à Batalha de Waterloo, em 1815. (N. T.)



O som de uma partida

Rilla correu pelo bosque de bordos ensolarado e glorioso atrás de Ingleside em direção ao seu recanto favorito no Vale do Arco-Íris. Ela sentou-se em uma pedra coberta de musgo em meio às samambaias, apoiou o queixo nas mãos e olhou absortamente para o céu anil deslumbrante da tarde agosto, tão azul, tão sereno, o mesmo céu que encobria o vale nos dias indolentes do fim de verão desde que conseguia se lembrar.

Ela queria ficar sozinha para refletir e, se possível, ajustar-se ao novo mundo para o qual fora enviada com uma brusquidão que a deixou aturdida, incerta da própria personalidade. Será que ela ainda era a mesma Rilla Blythe que havia dançado no farol de Four Winds seis dias atrás, meros seis dias? Rilla tinha a impressão de ter vivido tanto nos últimos seis dias quanto em toda a sua vida até então; se fosse verdade, ela passaria a contar o tempo pelas batidas do coração. Aquela noite, com todas as esperanças, triunfos e humilhações, parecia pertencer a um passado remoto. Ela realmente chorou porque foi deixada para trás e teve que voltar a pé com a Mary Vance? Ah, como aquilo parecia trivial e incoerente. Agora ela possuía bons motivos para chorar, todavia ela não o faria; ela não podia. O que a mamãe disse mesmo, encarando-a com olhos assustados e lábios pálidos, de um jeito que Rilla jamais tinha visto?

“Quando faltar coragem às nossas mulheres, ainda serão destemidos os nossos homens?”

Sim, era isso. Ela precisava ser corajosa como a mãe, e Nan, e Faith... Faith, que aos prantos lamentara: “Ah, se ao menos eu fosse um homem, para ir também!”. No entanto, quando seus olhos ardiam e a garganta queimava, Rilla se refugiava no Vale do Arco-Íris para colocar os pensamentos em ordem e lembrar-se de que não era mais criança, e sim uma adulta, e que as mulheres tinham que enfrentar coisas assim. Era bom

escapar de vez em quando e ir para um lugar onde ninguém podia vê-la, onde as pessoas não pensariam que ela era uma covarde se algumas lágrimas lhe escapassem.

Que doce era o perfume das samambaias! Como os ramos macios dos grandes pinheiros acenavam e murmuravam suavemente para ela! Que mágico era o toque dos sinos das “Árvores Enamoradas”, tilintando aqui e ali quando soprava uma brisa! Como era azul e elusiva a névoa dos incensos sendo oferecidos nos altares das colinas! Que alvas eram as folhas dos bordos ao vento, dando à alameda a impressão de estar coberta de flores de um delicado prateado! Tudo era igual ao que sempre fora; não obstante, o mundo já não parecia mais o mesmo.

“E pensar que eu desejei que algo dramático acontecesse!”, ponderou ela. “Ah, se ao menos pudéssemos voltar para aqueles dias monótonos e apazíveis! Eu nunca, nunca mais reclamaria deles!”

O mundo de Rilla ruíra no dia após a festa. Estavam todos à mesa na hora do almoço em Ingleside, conversando sobre a guerra, quando o telefone tocou. Era uma chamada de longa distância de Charlottetown para Jem. Assim que terminou de falar e colocou o telefone no gancho, ele virou-se, com o rosto vermelho e os olhos brilhantes. Antes que dissesse qualquer palavra, a mãe, Nan e Di empalideceram. Quanto à Rilla, pela primeira vez ela teve a impressão de que todos podiam ouvir seu coração batendo e de que algo apertava sua garganta.

– Estão pedindo por voluntários na cidade, pai – disse Jem. – Muitos já se alistaram. Hoje mesmo eu vou até lá.

– Ah... meu pequeno Jem – lamentou a senhora Blythe, com a voz trêmula. Ela não o chamava assim havia anos, desde o dia em que ele se rebelara contra o apelido. – Ah... não... não... meu pequeno Jem.

– É o meu dever, mãe. Não estou certo, pai?

O doutor Blythe se levantou, ele também estava muito pálido e falou com um tom grave, sem hesitar:

– Sim, Jem, sim... se é o que deseja, sim.

A senhora Blythe cobriu o rosto. Walter encarava o prato sombriamente. Nan e Di deram as mãos com força. Shirley tentou não demonstrar preocupação. Susan parecia paralisada, diante do pedaço de torta pela metade. Ela nunca chegou a terminá-lo, o que era um testemunho eloquente de seu tormento interior, uma vez que Susan considerava uma ofensa imperdoável contra a sociedade civilizada não terminar de comer o que se

coloca no prato. Era um desperdício premeditado, mesmo que servisse de comida aos animais.

Jem virou-se para o telefone de novo.

– Preciso telefonar para a casa ministerial. Jerry vai querer ir também.

Nan deixou escapar um “ah!” como se tivesse levado uma facada, e correu para fora da sala. Di foi atrás da irmã. Rilla virou-se para consolar Walter, mas ele estava perdido em algum devaneio insondável.

– Tudo bem – dizia Jem, com a calma de quem organizava um piquenique. – Achei que iria querer... sim, nesta noite... às sete horas... nos encontramos na estação. Até logo.

– Querida senhora – disse Susan –, gostaria que você me acordasse. Estou sonhando ou estou desperta? Aquele menino abençoado tem ideia do que está falando? Ele vai mesmo se alistar como soldado? Quer dizer que eles vão aceitar crianças como ele? É um absurdo. Você e o doutor não podem permitir.

– Não podemos detê-lo – disse a senhora Blythe, com a voz embargada. – Ah, Gilbert!

O doutor Blythe aproximou-se, segurou gentilmente a mão da esposa e encarou os olhos acinzentados e doces que só uma vez havia visto cheios de tanta angústia suplicante como naquele momento. Ambos lembraram aquela época, anos atrás, o dia em que a pequena Joyce morreu, na Casa dos Sonhos.

– Você preferiria que ele ficasse, Anne, enquanto os outros partem, quando ele acha que é o dever dele. Preferiria que ele fosse assim tão egoísta e desalmado?

– Não, não! Ah... nosso primogênito... ele é só um garoto... Gilbert, tentarei ser forte daqui em diante, mas agora não consigo. É tudo muito repentino. Preciso de tempo.

O doutor e a esposa deixaram a sala. Jem tinha saído, Walter também e Shirley levantou-se da mesa. Rilla e Susan se entreolharam, em lados opostos da mesa deserta. Rilla ainda não tinha chorado, pois estava chocada demais. Então ela viu que Susan chorava. A Susan, que ela nunca vira verter uma lágrima sequer.

– Ah, Susan, será que ele vai mesmo?

– É... é... é simplesmente ridículo, é isso que é – disse Susan.

Ela secou as lágrimas, engoliu em seco com determinação e levantou-se.

– Vou lavar a louça. É algo que precisa ser feito, ainda que todos tenham enlouquecido. Vamos, querida, não chore. É provável que Jem seja chamado, só que a guerra já terá terminado antes que ele possa partir. Precisamos ser valentes e não preocupar sua pobre mãe.

– O *Enterprise* de hoje publicou que o lorde Kitchener¹³ estima que a guerra durará três anos – disse Rilla, hesitante.

– Não conheço esse tal de lorde Kitchener – disse Susan com dignidade –, todavia atrevo-me a dizer que ele comete erros como qualquer outra pessoa.

Seu pai disse que terminará dentro de alguns meses, e eu confio mais na opinião dele do que na desse lorde. Assim, é melhor ficarmos calmas, termos fé no Todo-Poderoso e tirarmos a mesa. Chega de chorar, é uma perda de tempo e deixa todo mundo desanimado.

Jem e Jerry foram para Charlottetown naquela noite e voltaram dois dias depois de uniforme. O vilarejo vibrou com a notícia. De repente, a vida em Ingleside foi tomada pela tensão e a emoção. Nan e a senhora Blythe mostraram-se corajosas, fortes e sorridentes. A senhora Blythe e a senhorita Cornelia logo organizaram um comitê para a Cruz Vermelha. O doutor e o senhor Meredith reuniram os homens para criar uma sociedade patriota. Depois do choque inicial, Rilla abraçou o romantismo da situação, apesar do aperto no peito. Jem ficava ótimo de farda. Era esplêndido imaginar todos os jovens canadenses atendendo ao chamado do país de forma tão rápida, corajosa e abnegada. Rilla andava com altivez em meio às garotas cujos irmãos não tinham se voluntariado. No diário, ela escreveu com a mais absoluta convicção:

*Ele fará o que eu teria feito
Se a filha de Douglas fosse um filho.*¹⁴

Se ela fosse um garoto, é óbvio que ela iria também! Ela não tinha a menor dúvida.

Ela se perguntou se era maldade alegrar-se por Walter não ter se recuperado tão rápido como o desejado depois da febre tifoide.

“Não suportaria se Walter fosse para a guerra”, escreveu. “Eu amo muito o Jem, mas o Walter é a pessoa mais importante para mim no mundo e eu teria morrido se ele fosse. Ele parece muito mudado ultimamente. Quase não fala comigo. Suponho que ele também queira ir e se sente mal por não poder.

Ele não se junta com Jem e Jerry em hipótese alguma. Nunca vou me esquecer da expressão da Susan quando ele chegou de uniforme. O rosto se contorceu como se ela estivesse prestes a

chorar, mas tudo que disse foi: ‘Com esse uniforme, você até parece um homem feito, Jem’. Ele riu. O Jem não se importa com os comentários dela porque Susan ainda acha que ele é uma criança. Todo mundo parece estar ocupado, menos eu. A mamãe, a Di e a Nan estão sempre atarefadas, e eu fico vagando por aí como um fantasma solitário. O que me deixa muito triste é que os sorrisos da mamãe e da Nan parecem falsos. Os olhos da mamãe não sorriem mais. Isso me faz sentir como se eu não devesse sorrir, que é erro estar contente. E, para mim, é difícil não rir, mesmo que Jem esteja indo para a guerra. E quando eu rio, não sinto a satisfação que sentia antes. Há algo por trás de tudo isso que me machuca constantemente, em especial quando acordo no meio da noite. Aí eu choro porque tenho medo de que o Kitchener de Cartum esteja certo, que a guerra durará anos e que o Jem... não, eu não escreverei isso. Daria a sensação de que isso vai de fato acontecer. Noutro dia, a Nan disse: ‘Nada será como antes para nenhum de nós’. Isso me deixou revoltada. Por que as coisas não voltariam mais ao normal, depois que tudo terminar e o Jem e o Jerry retornarem? Todos seremos felizes de novo, e esses dias parecerão um pesadelo.”

“Agora, a chegada do carteiro é o maior acontecimento do dia. O papai simplesmente agarra o jornal, eu nunca vi o papai agindo assim, e todos nos amontoamos e lemos as manchetes por cima do ombro dele. Susan jura que não acredita em uma palavra que sai no periódico, mas sempre fica parada na porta da cozinha, ouvindo, e depois vai embora balançando a cabeça. Passa o dia inteiro terrivelmente indignada, mas prepara as comidas preferidas do Jem, e não falou nada quando encontrou o Segunda-feira dormindo na cama do quarto de hóspedes sobre a colcha que foi presente da senhora Rachel Lynde, com bordados de folhas de maçã. ‘Só Deus sabe onde o seu dono vai dormir, pobre animal tolo’, disse ela ao colocá-lo para fora com gentileza. Entretanto, ela não tem paciência alguma com o Doc. Segundo a Susan, ele se transformou no Senhor Hyde no instante em que viu Jem de uniforme, e que isso é prova suficiente da verdadeira natureza dele. Ela é engraçada e eu a adoro. O Shirley disse que ela é metade anjo e metade boa cozinheira. Se bem que ele é o único em quem ela não dá bronca.”

“Faith Meredith é maravilhosa. Acho que Jem e ela estão realmente comprometidos agora. Anda por aí com um brilho especial nos olhos, todavia seus sorrisos são um tanto rígidos, como os da mamãe. Pergunto-me se eu conseguiria ser tão corajosa quanto ela se tivesse um pretendente que estivesse indo para a guerra. Ter um irmão nessas condições já é ruim o

suficiente. Bruce Meredith chorou a noite inteira, segundo a senhora Meredith, quando descobriu que Jem e Jerry se alistaram. Ele perguntou ao pai se o “Lorde de Cartum” era o rei de algum país. É um garotinho adorável. Eu simplesmente o amo, por mais que não me simpatizo muito com crianças. Não gosto nem um pouco de bebês, e as pessoas me olham como se eu tivesse cometido um sacrilégio quando digo isso. Bem, eu não gosto e tenho que ser honesta. Não me incomoda olhar para um bebê fofo e limpinho se outra pessoa o segurar, só que não o seguraria por nada no mundo, não tenho vontade. Gertrude Oliver disse que pensa da mesma forma que eu. (Ela é a pessoa mais honesta que conheço. Nunca finge nada.) Ela diz que só se interessa por crianças depois que começam a falar e, ainda assim, mantendo certa distância. A mamãe, a Nan e a Di adoram bebês, e tenho a impressão de que me consideram estranha por não sentir o mesmo.”

“Não vejo Kenneth desde a noite da festa. Ele veio aqui em uma tarde depois que o Jem retornou, mas eu não estava em casa. Acho que nem perguntou por mim, pelo menos ninguém comentou nada e eu estava decidida a não perguntar, mas isso não me incomoda. Nada disso tem importância agora. A única coisa relevante é que o Jem se alistou para servir ao exército e partirá daqui a alguns dias para Valcartier, meu grande e admirável irmão Jem. Ah, estou tão orgulhosa dele!”

“Suponho que Kenneth também se alistaria se não fosse pelo tornozelo. Creio que foi oportuno. Ele é filho único, e a mãe dele se sentiria muito mal se ele fosse para a guerra. Filhos únicos não deveriam sequer pensar em se alistar!”

Walter aproximou-se caminhando pelo vale, com a cabeça baixa e as mãos entrelaçadas nas costas. Ao notar Rilla sentada ali, ele virou-se abruptamente. Em seguida, com rapidez, deu meia-volta e aproximou-se dela.

– Rilla-a-Marilla, no que está pensando?

– Tudo está tão diferente, Walter – respondeu melancolicamente.

– Até você está mudado. Éramos tão felizes uma semana atrás... e... e... agora já não reconheço o mundo à minha volta. Estou perdida.

Walter sentou-se em uma pedra ao lado de Rilla e segurou a mão dela.

– Receio que o nosso velho mundo não exista mais, Rilla. Temos que encarar esse fato.

– E horrível pensar assim – lamentou a garota. – As vezes eu me esqueço da realidade por trás da guerra e me sinto muito entusiasmada e orgulhosa. Então, seu verdadeiro significado retorna e me atinge como um vento gelado.

– Tenho inveja do Jem! – declarou Walter em um tom sombrio.

– Inveja do Jem? Ah, Walter... você não quer realmente ir.

– Não – disse o Walter, olhando para a vista esmeralda do vale diante dele –, eu não quero ir. É esse o problema. Rilla, tenho medo de ir para a guerra.

Sou um covarde.

– Você não é! – exclamou Rilla com indignação. – Ora, qualquer pessoa teria medo. Você poderia... Deus, poderia ser morto.

– Eu não me preocuparia com isso, se não fosse doer – murmurou Walter.

– Acho que não tenho medo da morte, e sim da dor que vem antes dela. Não seria tão ruim morrer rapidamente, mas morrer lentamente... sempre tive medo de sentir dor, você sabe. Não posso evitar. Eu tremo só de pensar na possibilidade de ficar aleijado ou... ou cego.

Rilla, não consigo sequer cogitar essa ideia. Ficar cego e nunca mais contemplar a beleza do mundo, o luar sobre Four Winds, as estrelas brilhando através dos pinheiros, a neblina encobrindo o golfo. Eu deveria ir, deveria querer ir, só que não quero... e odeio isso. Estou envergonhado... muito envergonhado.

– Walter, você não poderia ir de qualquer maneira – Rilla tentou consolá-lo. Ela foi tomada por um medo repentino de que Walter acabasse se voluntariando também. – Você não está forte o suficiente.

– Estou. Nesse último mês, senti-me saudável como sempre fui. Eu passaria em qualquer exame, tenho certeza. Todo mundo pensa que ainda não me recuperei totalmente e ando me escondendo atrás dessa desculpa. Eu... eu deveria ter nascido uma menina – concluiu Walter com uma explosão de amargura.

– Mesmo se fosse forte o bastante, você não deveria ir – lacrimejou Rilla.

– O que seria da mamãe? Ela já está de coração partido por causa do Jem. Ver vocês dois partirem a mataria.

– Ah, eu não vou. Não se preocupe. Já disse que tenho medo. Não tenho por que me enganar. É um alívio poder admitir isso para você, Rilla. Eu não confessaria para mais ninguém... Nan e Di me detestariam. Mas eu odeio tudo relacionado à guerra: o horror, a dor, a feiura. Ela vai muito mais além do que um uniforme cáqui e paradas. As coisas que eu li nos livros de

história ainda me assombram. Eu fico acordado de noite e imagino coisas que nunca aconteceram... vejo o sangue, a sujeira e a miséria. Uma carga de baionetas! Talvez eu até toleraria outras coisas, não isso. Fico enjoado só de pensar... aliás, fico mais enjoado de me imaginar ferindo alguém do que sendo ferido... atravessando outro homem com uma baioneta – Walter estremeceu. – Penso nessas coisas o tempo todo, e me parece que o Jem e o Jerry nunca pensam nelas. Eles riem e falam de “arrebentar os hunos¹⁵”! Fico enfurecido de vê-los fardados. E eles acham que estou emburrado porque não tenho condições para me alistar. – Walter riu amargamente e prosseguiu. – Não é nada agradável sentir-se um covarde.

Rilla o abraçou e colocou a cabeça no ombro dele. Estava muito aliviada por Walter não querer ir, por um minuto ela ficou alarmada. E era muito bom vê-lo compartilhar os segredos com ela, e não com Di. Ela já não se sentia mais tão solitária e insignificante.

– Você me odeia, Rilla-a-Marilla? – perguntou Walter com tristeza. Por algum motivo, doía imaginar que Rilla o desprezava, tanto quanto doía imaginar que Di o desprezava. De repente ele percebeu o quanto adorava a irmãzinha, com seus olhos cativantes e atormentados e o rosto pueril.

– Não. Ora, Walter, centenas de pessoas se sentem assim. Você conhece aquele verso de Shakespeare que havia no nosso livro da escola: “Um homem valente não é aquele que não sente medo”.

– “É aquele cuja nobre alma seu medo conquista¹⁶”, mas eu não sou assim. Temos que enfrentar a verdade, Rilla. Sou um covarde.

– Você não é. Lembre-se da vez em que enfrentou o Dan Reese.

– Um momento de coragem não é suficiente para a vida inteira.

– Walter, uma vez eu ouvi o papai dizer que seu problema era ter uma natureza sensível e uma imaginação vívida. Você sente as coisas antes que realmente aconteçam. Você as sente completamente só, sem nada para ajudá-lo a suportá-las, para aliviá-las. Não é nada para se ter vergonha. Quando você e o Jem queimaram as mãos enquanto colocavam fogo na grama seca nas dunas de areia, ele deu muito mais trabalho do que você por causa da dor. Quanto a essa guerra horrível, sua presença não será necessária. Ela não durará muito.

– Gostaria de acreditar nisso. Bem, já está na hora do jantar, Rilla. É melhor você correr. Não estou com fome.

– Nem eu. Não consigo comer nada. Deixe-me ficar aqui com você, Walter. É muito bom poder conversar com alguém. Os outros acham que sou

pequena demais para entender.

Assim, os dois ficaram no antigo vale até a estrela da noite brilhar por entre as nuvens cinza-claro sobre o bosque de bordos, e a escuridão perfumada e orvalhada recaiu sobre o prado. Aquela era uma das noites que Rilla guardaria como um tesouro na lembrança, a primeira em que o Walter conversou com ela como se fosse uma mulher, e não uma criança. Eles confortaram e deram forças um ao outro. Pelo menos naquele momento, Walter sentiu que não era um ato desprezível temer o horror da guerra; e Rilla ficou satisfeita por ser a confidente dos tormentos dele, por acalmá-lo e encorajá-lo. Ela era importante para alguém.

Eles encontraram visitas sentadas na varanda ao retornarem para Ingleside. O senhor e a senhora Meredith tinham vindo da casa ministerial, e o senhor e a senhora Norman Douglas da fazenda. A prima Sophia também estava presente, sentada ao lado da Susan em um canto na penumbra. A senhora Blythe, Nan e Di haviam saído, mas o senhor Blythe estava em casa, assim como o Doutor Jekyll, sentado com toda a sua magnificência dourada no primeiro degrau. Falavam da guerra, é claro, com a exceção do Doutor Jekyll, que observava a todos com desdém em silêncio. Quando duas pessoas se reuniam, naqueles dias, era para conversar sobre a guerra; e o velho Highland Sandy de Harbour Head falava sozinho, lançando anátemas ao cáiser de todos os acres de sua fazenda. Walter saiu de fininho para não ser visto, e Rilla sentou-se nos degraus da varanda, onde o perfume da menta cultivada no jardim era pungente. Era um fim de tarde plácido, com um sutil vestígio dos raios dourados irradiando sobre o vale. Ela se sentia mais feliz naquela tarde do que em toda aquela semana tenebrosa que havia passado.

O medo de que Walter também partisse não a assombrava mais.

– Eu me voluntariaria se fosse vinte anos mais jovem – gritava Norman Douglas. Ele sempre falava alto quando se empolgava. – Eu daria uma boa lição naquele cáiser! Alguma vez eu disse que o inferno não existe? Claro que existe! Dezenas de infernos, centenas de infernos... que é para onde vão o cáiser e a corja dele.

– Eu sabia que essa guerra estava por vir – comentou a senhora Norman triunfantemente. – Eu a avistei no horizonte. Eu poderia ter avisado a todos aqueles ingleses estúpidos o que lhes esperava. Anos atrás eu lhe contei o que o cáiser estava tramando, John Meredith, mas você não acreditou. Você disse que ele jamais faria o mundo mergulhar em uma guerra. Quem estava

certo sobre o cáiser, John? Você

ou eu? Diga-me.

– Você, eu admito – disse o senhor Meredith.

– Agora é tarde demais – disse a senhora Norman, balançando a cabeça, como se insinuasse que, se ele tivesse admitido antes, talvez

a guerra não estaria acontecendo.

– Graças a Deus a marinha da Inglaterra está preparada – disse o doutor.

– Amém – concordou a senhora Norman. – Mesmo cegos como um morcego, alguém teve o bom senso de preocupar-se com isso.

– Talvez a Inglaterra consiga evitar de se meter em problemas – disse a prima Sophia em tom tristonho. – Não sei. Tenho muito medo.

– A Inglaterra já está metida em problemas até o pescoço, Sophia Crawford – disse Susan. – Sua forma de pensar sempre me deixou embasbacada. Eu acredito que a marinha britânica vai dar um jeito na Alemanha em um piscar de olhos e que estamos nos preocupando por nada.

Susan falava como se tentasse convencer a si mesma, mais do que qualquer outra pessoa. Ela tinha uma coleção de filosofias rudimentares que a guiava pela vida, contudo nenhuma poderia tê-la protegido da tempestade de raios que foi a semana que terminava. O que uma velha empregada honesta, trabalhadora e presbiteriana de Glen St. Mary tinha que ver com uma guerra a milhares de quilômetros de distância? Susan achava uma ofensa ter que se preocupar com isso.

– O exército britânico é que vai dar um jeito na Alemanha – gritou Norman. – Espere só até ele dar as caras. O cáiser vai descobrir que a verdadeira guerra é bem diferente de um desfile em Berlim com os bigodes empertigados.

– A Inglaterra não tem um exército – disse enfaticamente a senhora Norman. – Não precisa olhar para mim desse jeito, Norman. Isso não fará os soldados brotarem do chão. Uma centena de milhares de homens não será páreo para milhões de alemães.

– Mas vão dar muito trabalho, suponho – persistiu Norman com valentia. – A Alemanha vai passar por maus bocados. Não me diga que um inglês não vale mais que dez estrangeiros. Eu mesmo poderia dar conta de uma dúzia deles com as duas mãos amarradas nas costas!

– Ouvi dizer que o velho senhor Pryor não acredita nessa guerra – disse Susan. – Ele diz que a Inglaterra só entrou nessa porque estava com

inveja da Alemanha e que ela não se importa de fato com o que aconteceu na Bélgica.

– Dizem que ele anda falando esses disparates por aí – concordou Norman. – Eu não cheguei a escutar nada. Mas se ouvir, o Bigodinho não vai nem saber o que o atingiu. Aquela preciosa parente minha, a Kitty Alec, pensa da mesma forma, pelo que entendi. Não na minha frente; por algum motivo, as pessoas não se permitem a falar essas coisas na minha presença.

Eles meio que pressentem, por assim dizer, que não seria seguro.

– Tenho um grande receio de que essa guerra seja uma punição por nossos pecados – disse a prima Sophia, desentrelaçando os dedos sobre o colo para juntá-los solenemente sobre a barriga. – O mundo está muito doente... é o fim dos tempos.

– O pastor aqui pensa da mesma forma – riu Norman –, não é verdade, pastor? Foi por isso que o sermão da noite passada foi baseado no texto “sem derramamento de sangue não há perdão¹⁷”. Eu não concordei e tive vontade de ir até o púlpito e gritar que aquilo não fazia o menor sentido, só que a Ellen aqui me segurou. Depois que me casei, não posso mais me divertir importunando os pregadores.

– Sem o derramamento de sangue, não há nada – disse o senhor Meredith com sua gentileza característica, que de alguma maneira era capaz de convencer os ouvintes. – Tudo que conquistamos, a meu ver, vem do autossacrifício. Cada passo da nossa raça rumo à ascensão é manchado de sangue. E agora, ele precisa ser vertido novamente. Não, senhora Crawford, não acredito que essa guerra foi enviada como punição por nossos pecados. Creio que é o preço que a humanidade deve pagar por algumas bênçãos que talvez não estejamos vivos para testemunhar, mas que nossos filhos herdarão. Avanços bons o bastante para fazer valer tal preço.

– Se o Jerry for morto, você continuará pensando assim? – quis saber Norman, que passara a vida inteira dizendo coisas do tipo e não via motivos para parar. – Pare de chutar minha canela, Ellen. Quero saber se o pastor acredita mesmo nisso ou se foi só um afã no púlpito.

O rosto do senhor Meredith estremeceu. Ele havia passado uma hora horrível sozinho no escritório na noite em que Jem e Jerry foram para a cidade. No entanto, respondeu com tranquilidade:

– Meus sentimentos não importam, não influenciam minha crença, minha certeza de que um país cujos jovens estão dispostos a darem a vida em sua defesa ganhará uma nova visão por causa desse sacrifício.

– Vejo que acredita mesmo nisso, pastor. Posso perceber quando as pessoas estão sendo francas. Nasci com esse dom, o que é um terror para a maioria dos pastores! Contudo, ainda não flagrei o senhor dizendo nada que não fosse sincero, mas nunca perco a esperança, pois é o que me motiva a frequentar a igreja. Seria tão reconfortante para mim... seria uma verdadeira arma contra a minha Ellen, para quando ela tentasse me tornar civilizado.

Bem, agora eu preciso atravessar a estrada para falar com o Ab. Crawford. Que os deuses acompanhem vocês.

– Velho pagão! – murmurou Susan quando Norman se afastou. Ela não se importava com o fato de Ellen Douglas poder ouvi-la. Susan não compreendia porque o fogo divino não caía do céu sobre Norman Douglas quando ele insultava os ministros da igreja daquele jeito. Mas o mais surpreendente era o fato de o senhor Meredith parecer gostar de verdade do cunhado.

Rilla desejou que eles mudassem de assunto. Há uma semana ela só ouvia falar da guerra e estava ficando cansada disso. Agora que estava livre do medo de que Walter fosse querer se alistar, a impaciência a consumia. Com um suspiro, ela refletiu que ainda teria que aguentar três ou quatro meses de debates sobre o tema.

O Marechal-de-campo Horatio Herbert Kitchener (1850-1916), Lorde de Cartum, foi um oficial do exército britânico notório pela participação na Segunda Guerra dos Bôeres e na Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

Referência ao poema *A dama do Lago*, do escritor escocês sir Walter Scott (1771-1832). (N. T.)

Os alemães ganharam a alcunha pejorativa de hunos graças ao discurso do imperador alemão Guilherme II em que comparou a atuação do exército na Rebelião dos Boxers ao povo bárbaro. (N. T.) Na verdade, a frase dita pelos irmãos é de autoria da escritora britânica Joanna Baillie (1762--1851) (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Hebreus 9:22. (N. T.)



Susan, Rilla e Segunda-feira tomam uma decisão

A grande sala de estar de Ingleside estava coberta de fiapos de algodão branco. A sede da Cruz Vermelha avisara que precisavam de lençóis e bandagens. Nan, Di e Rilla trabalhavam arduamente. A senhora Blythe e Susan estavam no quarto dos meninos, ocupadas com outras tarefas. Com os olhos angustiados e cansados de tanto chorar, elas arrumavam a mala de Jem, que partiria para Valcartier na manhã seguinte. Elas sabiam que esse momento iria chegar, todavia isso não o tornou menos difícil.

Rilla costurava a bainha de um lençol pela primeira vez na vida. Quando chegou a notícia de que Jem tinha que partir, ela foi chorar em meio aos pinheiros do Vale do Arco-Íris e em seguida procurou a mãe.

– Mãe, quero fazer alguma coisa. Sou apenas uma garota, sei que não posso contribuir para ganharmos a guerra, mas eu preciso fazer alguma coisa para ajudar em casa.

– O algodão acabou de chegar – respondeu a senhora Blythe. – Você pode ajudar a Nan e a Di a costurar os lençóis. E, Rilla, que tal organizar um comitê júnior da Cruz Vermelha com as outras garotas? Acredito que elas se interessariam e trabalhariam melhor entre si do que junto dos mais velhos.

– Mas, mãe, eu nunca fiz nada do tipo.

– Teremos que fazer muitas coisas nos próximos meses que nunca fizemos antes, Rilla.

– Bem, vou tentar – disse Rilla, aceitando o desafio –, contanto que me mostre por onde começar, mãe. Estive pensando e decidi que preciso ser o mais corajosa, heroica e altruísta possível.

A senhora Blythe não riu da ênfase que Rilla deu àquelas palavras. Talvez não estivesse com ânimo para sorrir, ou talvez tivesse detectado um

propósito verdadeiro por trás da postura romântica da filha. Assim, Rilla se empenhou em costurar os lençóis enquanto organizava um comitê júnior da Cruz Vermelha em sua mente; ademais, estava se divertindo com a tarefa; a organização do comitê, não a costura. Era interessante e Rilla surpreendeu-se ao descobrir certa aptidão para isso. Quem seria o presidente? Não ela. As garotas mais velhas não iriam gostar. Irene Howard? Não, por algum motivo, ela não era benquista como deveria ser. Marjorie Drew? Não, Marjorie não tinha a força de caráter necessária e tendia a concordar com quem falava por último. Betty Mead... A calma, competente e prática Betty. Isso mesmo! E Una Meredith seria a tesoureira. E, se insistissem muito, Rilla poderia ser a secretária. Quanto aos vários subcomitês, eles seriam escolhidos após a criação do grupo principal; todavia Rilla já sabia exatamente quem designar para cada um. Seria proibido comer durante as reuniões, e Rilla já previa que teria problemas com Olive Kirk em relação a isso. Não, tudo seria estritamente profissional e formal. O livro de atas seria branco com uma cruz vermelha na capa. E não seria interessante terem algum tipo de uniforme para irem aos eventos que organizariam para arrecadar dinheiro? Algo simples e original?

– Você costurou a bainha de cima daquele lençol de um lado e a de baixo do outro lado – avisou Di.

Rilla desfez os pontos e chegou à conclusão de que detestava costurar.

Organizar o comitê júnior da Cruz Vermelha era mais divertido.

A senhora Blythe comentou com Susan no andar de cima:

– Você se lembra da primeira vez que o Jem ergueu os bracinhos e me chamou de “mamã”, a primeira palavra que tentou falar?

– Jamais me esqueci e jamais me esquecerei de nada relacionado àquele bebê abençoado – disse Susan em um tom sombrio.

– Susan, ainda me lembro da vez em que ele chorou no meio da noite. Ele tinha só alguns meses de idade. Gilbert não queria que eu fosse até lá, disse que o menino estava bem e agasalhado e que lhe atender o acostumaria mal. Porém eu fui e o peguei no colo... Ainda consigo sentir os bracinhos dele ao redor do meu pescoço. Susan, se eu não tivesse feito isso naquela noite, vinte e um anos atrás, eu não teria conseguido olhar para meu filho na manhã seguinte.

– Não sei como vamos suportar o dia de amanhã, querida senhora. E não me diga que será a despedida final. Ele virá nos visitar antes de ir para a Europa, não é mesmo?

– Espero que sim, porém não temos certeza. Estou tentando me convencer de que não, para não ter que lidar com frustrações. Susan, estou decidida a me despedir do meu menino com um sorriso amanhã. Não quero que ele carregue a lembrança de uma mãe fraca, que não teve a coragem de dizer adeus quando o filho foi corajoso o bastante para partir. Espero que ninguém de nós chore.

– Eu garanto que não vou chorar, querida senhora. Agora, se vou conseguir sorrir ou não, vai depender da Divina Providência e do frio na minha barriga. Tem lugar aí para esse bolo de frutas? E para os biscoitos de manteiga? E a torta de carne? Nosso menino abençoado não vai passar fome naquele lugar, o Quebec. Parece que tudo está mudando ao mesmo tempo, não é mesmo? Até o velho gato da casa ministerial morreu. Deu o último suspiro às quinze para as dez da noite passada, e me contaram que o Bruce está arrasado.

– Já estava na hora de aquele bichano ir para onde vão os gatos bons. Ele devia ter pelo menos 15 anos. Ele parecia muito solitário depois que a tia Martha faleceu.

– Eu não lamentaria, querida senhora, se aquela fera do Senhor Hyde também morresse. Desde que o Jem chegou de uniforme, ele passa o tempo todo como o Senhor Hyde, e eu volto a afirmar que isso tem algum significado. Não sei o que será do Segunda-feira depois que o Jem se for. A pobre criatura anda por aí com um olhar humano tão triste que acaba comigo sempre que o vejo. Ellen West costumava ralhar contra o cáiser e pensávamos que estava maluca, só que agora vejo que há lógica na loucura dela. Terminei de arrumar as coisas, querida senhora. Vou descer e dar o melhor de mim para preparar o jantar. Gostaria de saber quando voltarei a preparar uma refeição para o Jem, mas o futuro não nos pertence.

Jem Blythe e Jerry Meredith partiram na manhã seguinte. Era um dia de nuvens cinzentas e pesadas que encobriam o céu em grandes rolos. No entanto, quase todos os habitantes de Glen, Four Winds, Harbour Head, Upper Glen e do outro lado do porto, exceto o Bigodinho, estavam na estação para se despedir deles. A família Blythe e a família Meredith sorriam, até Susan, graças à Providência Divina, ainda que o efeito fosse mais doloroso do que teriam sido lágrimas. Faith e Nan estavam muito pálidas e apuradas. Rilla sentia que estaria muito bem se não fossem o nó na garganta e os lábios que insistiam em tremer. O Segunda-feira também estava presente. Jem tentara se despedir dele em

Ingleside, mas o cão implorou tão eloquentemente que o jovem cedeu e deixou que fosse até a estação. Grudado nas pernas de Jem, estava atento a cada movimento do amado dono.

– O olhar desse cachorro é de cortar o coração – disse a senhora Meredith.

– Esse bicho é mais inteligente do que a maioria dos humanos – disse

Mary Vance. – Bem, algum de nós pensou que viveria para ver esse dia? Chorei a noite inteira por causa do Jem e do Jerry. Acho que são dois loucos. Miller começou com um papo de querer ir e eu prontamente o dissuadi, a tia dele também disse algumas coisas a fim de comovê-lo. Pela primeira vez, Kitty Alec e eu concordamos. É um milagre que provavelmente não se repetirá. Ali está o Ken, Rilla.

Rilla sabia que o Kenneth estava ali. Estava profundamente ciente disso desde o instante em que descera da charrete do Leo West. Agora, ele vinha na direção dela com um sorriso.

– Conheço esse sorriso-de-irmã-corajosa. Que multidão! Bem, eu partirei daqui a alguns dias também, de volta para casa.

O vento frio da desolação, que nem a partida de Jem havia causado, soprou na alma de Rilla.

– Por quê? Você ainda tem um mês de férias.

– Sim, mas eu não consigo relaxar e desfrutar de Four Winds com o mundo pegando fogo desse jeito. Na boa e velha Toronto, eu encontrarei uma maneira de ajudar, apesar desse maldito tornozelo. Não posso nem olhar para o Jem e o Jerry, que fico doente de inveja. Vocês, garotas, estão sendo ótimas: nada de choro, nada de expressões sorumbáticas. Os garotos vão partir com uma bela recordação. Espero que a Persis e a mamãe também sejam compreensivas quando chegar a minha vez.

– Ah, Kenneth... a guerra terminará antes disso.

Pronto! O ceceio voltara. Outro momento crucial da vida arruinado! Bem, era a sina dela. De qualquer forma, nada mais importava. Kenneth já havia se afastado. Ele estava conversando com a Ethel Reese, que, às sete da manhã, estava com o mesmo vestido que usara na festa, e chorava.

O que aquela detestável da senhora Drew estava falando para a mamãe, naquele tom choroso dela? “Não sei como você consegue suportar, senhora Blythe. Eu não conseguiria se fosse meu pobre garoto”. E a mamãe... ah, ela sempre sabia o que dizer! Como seus olhos acinzentados cintilavam! “Poderia ser pior, senhora Drew. Ainda bem que não tive que insistir para

que ele fosse.” A senhora Drew não compreendeu, mas Rilla, sim.

Ela ergueu a cabeça. O irmão dela não teve que ser obrigado a ir.

Rilla descobriu-se sozinha, ouvindo trechos desconexos de conversas conforme as pessoas passavam por ela.

– Eu falei para o Mark esperar e ver se eles precisariam de uma segunda leva. Se precisassem, eu o deixaria ir, mas não foi preciso

– comentou a senhora Palmer Burr.

– Acho que vou mandar o corselete de veludo – disse Bessie Clow.

– Tenho medo de olhar para o rosto do meu marido e ver que ele também quer ir – externou uma jovem noiva que morava do outro lado do porto.

– Estou apavorada – disse a excêntrica senhora Jim Howard.

– Tenho medo de que o Jim se aliste, mas também tenho medo de que não se aliste.

– A guerra acabará antes do Natal – afirmou Joe Vickers.

– Que as nações europeias briguem entre si – disse Abner Reese.

– Eu lhe dei uma surra quando era criança – gritou o Norman Douglas, que parecia se referir a algum nome proeminente dos círculos militares de Charlottetown. – Sim, senhor, eu o deixei de cara na poeira, aquele figurão.

– A própria existência do Império Britânico está em risco – disse o ministro metodista.

– Não se pode negar que os uniformes têm um certo charme – suspirou Irene Howard.

– É uma guerra comercial, no fim das contas, que não merecia uma gota do sangue canadense – disse um desconhecido hospedado no hotel da praia.

– A família Blythe está enfrentando a situação com serenidade

– constatou Kate Drew.

– Esses jovens tolos estão atrás de aventuras – resmungou Nathan Crawford.

– Confio completamente em Kitchener – disse o médico do outro lado do porto.

Em dez minutos, Rilla presenciou uma sucessão vertiginosa de raiva, alegria, desprezo, depressão e inspiração. Ah, como as pessoas eram engraçadas! E como eram incapazes de compreender as coisas. “Enfrentando a situação com serenidade”, com certeza... quando até a Susan havia passado a noite em claro! Kate Drew sempre foi uma sonsa.

Rilla sentia como se estivesse em um pesadelo fantástico. Aquelas eram as mesmas pessoas que, três semanas atrás, estavam conversando sobre

colheitas e preços e fazendo fofocas?

Aí vinha o trem. A mamãe segurava a mão do Jem; o Segunda-feira lambia o dono; todos diziam adeus... o trem chegou! Jem deu um beijo em Faith primeiro; a velha senhora Drew soltou um grito histérico; os homens, liderados por Kenneth, davam gritos animados de encorajamento. Rilla sentiu Jem segurar a mão dela: “Adeus, aranha”. Alguém lhe deu um beijo na testa, ela supôs que foi o Jerry, sem muita convicção. Jem e Jerry acenavam para a multidão, e todos acenaram de volta. A mamãe e Nan ainda sorriam, como se tivessem se esquecido como não fazê-lo. O Segunda-feira uivava com tristeza e era contido pelo ministro metodista para não correr atrás do trem. Susan agitava no ar a melhor touca que tinha, dando vivas como um homem, será que enlouquecera? O trem desapareceu na curva.

Rilla voltou a si com um suspiro. Houve um súbito momento de silêncio.

Não havia mais nada que pudesse ser feito a não ser voltar para casa e esperar. O doutor e a senhora Blythe caminhavam juntos, assim como Nan e Faith, e John Meredith e a Rosemary. Walter, Una, Shirley, Di, Carl e Rilla caminhavam em grupo. Susan vestiu novamente a touca com a parte da frente para trás e caminhou sozinha com um ar melancólico. Ninguém deu por falta do Segunda-feira, até que Shirley voltou para buscá-lo. Ele encontrou o cão encolhido em um dos galpões próximos à estação e tentou chamá-lo. O cachorro nem se moveu.

Ele apenas abanou o rabo para demonstrar que não estava bravo, mas nada foi capaz de convencê-lo.

– Acho que o Segunda-feira resolveu ficar ali e esperar pelo Jem

– disse Shirley ao alcançar os outros, tentando rir. Era exatamente o que o cão decidira fazer. Seu amado dono tinha ido embora, e de maneira deliberada, calculada e maldosa, ele fora impedido de acompanhá-lo por um demônio disfarçado de ministro metodista. Portanto ele, o Segunda-feira, aguardaria ali até que o monstro fumegante e bufante que o levou para longe o trouxesse de volta.

Ah, tenha paciência, cãozinho fiel dos olhos doces, tristes e confusos. Muitos dias longos e amargos se passarão até que você se reencontre com seu camarada juvenil.

O doutor teve que se ausentar naquela noite para visitar um paciente, e Susan foi até o quarto da senhora Blythe antes de dormir para se certificar de que a querida senhora estava calma e confortável. Ela parou aos pés da cama e declarou, solene:

– Querida senhora, tomei a decisão de ser uma heroína.

A “querida senhora” sentiu uma vontade violenta de rir, o que seria uma grande injustiça, já que ela não riu quando Rilla demonstrou determinação heroica semelhante. Na ocasião, a jovem magra vestia um robe branco e seu rosto lembrava uma flor, com os olhos brilhantes repletos de emoção; já a Susan usava uma camisola de flanela cinza bem simplória, e uma faixa vermelha de lã penteada ao redor dos cabelos grisalhos como um amuleto contra a nevralgia. Porém, isso não deveria fazer diferença. Não era a intenção que contava? Entretanto, a senhora Blythe teve dificuldades para não rir.

– Não vou mais lamentar ou questionar a sabedoria do Todo-Poderoso, como venho fazendo ultimamente. Chorar, berrar e culpar a Divina Providência não nos levará a lugar algum. Temos que nos preparar e focar no que tiver que ser feito, seja capinar a horta, seja governar o país. Vou lutar como os demais. Esses garotos abençoados foram para a guerra e nós, mulheres, devemos esperar aqui e sermos fortes.



Um filho da guerra e uma sopeira

– Liège e Namur... e agora Bruxelas! – O doutor balançou a cabeça. – Não estou gostando disso nem um pouco.

– Não se desespere, querido doutor. Essas cidades estavam sendo protegidas por estrangeiros – disse Susan com ares de soberba. – Espere só até os alemães se depararem com os britânicos! Garanto que a história vai ser diferente.

O doutor balançou a cabeça de novo, agora com menos preocupação; talvez todos compartilhassem inconscientemente a crença de Susan de que “a fina linha cinza¹⁸” era imbatível, até para exército alemão vitorioso. Contudo, quando chegou o dia terrível, o primeiro de muitos, com a notícia de que o exército britânico foi obrigado a retroceder, todos se entreolharam com uma expressão perplexa de desespero.

– Não, não pode ser – arfou Nan, refugiando-se temporariamente na incredulidade.

– Tive o pressentimento de que notícias ruins chegariam hoje porque aquele bicho se transformou no Senhor Hyde pela manhã sem nenhum motivo aparente – comentou Susan –, o que nunca é um bom sinal.

– Um exército abatido, vencido, mas não desmoralizado – murmurou o doutor, lendo um comunicado de Londres. – Será que isso se refere ao exército inglês?

– Essa guerra ainda vai durar muito tempo – disse a senhora Blythe, desanimada.

A fé de Susan, que fora momentaneamente abalada, ressurgiu triunfante:

– Lembre-se, querida senhora, de que o exército britânico não é a marinha britânica. Nunca se esqueça disso. E os russos também estão a caminho, embora eu não saiba muita coisa deles e, portanto, não possa garantir nada.

– Os russos não chegarão a tempo para salvar Paris – comentou Walter com pesar. – Paris é o coração da França, e todas as vias de acesso estão abertas. Ah, como eu queria... – Ele interrompeu-se abruptamente e saiu.

Depois de passarem um dia paralisados, os habitantes de Ingleside descobriam que era possível “seguir em frente”, apesar das notícias cada vez piores. Susan pôs-se a trabalhar incansavelmente na cozinha, o doutor prosseguiu com as visitas aos pacientes, e Nan e Di retomaram as atividades para a Cruz Vermelha. A senhora Blythe foi até Charlottetown para uma convenção da Cruz Vermelha. Rilla, após extravasar os sentimentos com uma turbulenta crise de choro no Vale do Arco-Íris e em seu diário, se lembrou de que decidira ser corajosa e heroica. E percebeu que tinha sido muito corajosa ao voluntariar-se para percorrer Glen e Four Winds coletando as doações para a Cruz Vermelha com o velho cavalo cinza de Abner Crawford. Um dos cavalos de Ingleside estava manco e outro era usado pelo doutor, de maneira que a única opção era o pangaré de Crawford, uma criatura mansa e despreocupada que tinha o hábito de parar de tempos em tempos para espantar moscas de uma das patas com a outra. Rilla sentia que isso, além do fato de os alemães estarem a noventa quilômetros de Paris, era quase insuportável. Mesmo assim, partiu com diligência para realizar a tarefa, da qual colheu resultados surpreendentes.

No fim daquela tarde, ela descobriu-se na entrada de uma estradinha esburacada e coberta de grama que levava à enseada do porto, com a charrete lotada de embrulhos, e se perguntou se valeria a pena ir até a casa dos Anderson. A família era muito pobre, e provavelmente a senhora Anderson não tinha nada para doar. Por outro lado, o marido dela, que nascera na Inglaterra e que estava trabalhando em Kingsport quando a guerra estourou, havia embarcado para a terra natal para se alistar sem sequer voltar para casa ou enviar algum dinheiro para a família, segundo diziam. Assim, era possível que a senhora Anderson se sentisse ofendida se fosse ignorada. Rilla decidiu visitá-la. Ela chegou a se arrepender dessa decisão, mas com o passar do tempo acabou ficando grata por isso.

A casa dos Anderson era uma construção pequena e em ruínas, oculta por uma alameda de abetos velhos próxima da costa, como se estivesse com vergonha de si mesma e ansiosa para se esconder. Rilla amarrou o pangaré cinza na cerca bamba e foi até a porta. Estava aberta, e o que ela viu a privou temporariamente das habilidades de falar ou se mover.

Pela porta aberta do pequeno quarto, Rilla viu que, na cama desarrumada, a senhora Anderson estava deitada e... morta. Não havia dúvidas. E tampouco havia dúvidas sobre a vitalidade da mulher gorda, macilenta e desalinhada, de cabelos ruivos e rosto avermelhado sentada próxima à porta, fumando um cachimbo. Ela balançava para a frente e para trás indolentemente, alheia à sórdida imundice ao seu redor e aos berros cortantes que vinham do berço no meio do cômodo.

Rilla conhecia aquela mulher de vista e de nome. A senhora Conover morava na vila dos pescadores, era a tia-avó da senhora Anderson, bem como era chegada à bebida e ao cachimbo.

O primeiro impulso de Rilla foi dar meia-volta e fugir. No entanto, isso não seria correto. Talvez aquela mulher, por mais repulsiva que fosse, precisasse de ajuda, embora não demonstrasse nenhuma preocupação.

– Entre – disse a senhora Conover, retirando o cachimbo da boca e encarando Rilla com os olhos pequenos como os de um rato.

– A... a senhora Anderson está mesmo morta? – perguntou Rilla timidamente, ao passar pelo umbral.

– Mortinha da silva – respondeu a senhora Conover tranquilamente. – Bateu as botas uma hora atrás. Mandeí a Jen Conover telefonar para a funerária e pedir ajuda lá na praia. Você é a filha do médico, não é? Sente-se.

Rilla não viu nenhuma cadeira que não estivesse abarrotada de coisas e permaneceu de pé.

– Foi... de repente?

– Bem, ela começou a definhando depois que aquele imprestável do Jim partiu para a Inglaterra. A verdade é que foi uma lástima ele ter partido. Creio que ela se entregou à morte no dia em que ouviu a notícia. Aquele bebê ali nasceu quinze dias atrás. Desde então ela foi piorando... morreu hoje, sem mais nem menos.

– Há algo que eu possa fazer... para ajudar? – hesitou Rilla.

– Agradeço, mas não. A menos que leve jeito com bebês. Eu não levo. Aquele neném passa dia e noite chorando sem parar. Decidi fazer de conta que não o ouço.

Rilla aproximou-se cuidadosamente do berço e puxou o cobertor sujo com ainda mais cuidado. Ela não tinha intenção de tocar no bebê e nem “levava jeito com bebês”. Ela viu uma miniatura de gente horrível com um rosto

vermelho e retorcido, enrolado em uma flanela velha e suja. Era o neném mais feio que já tinha visto. No entanto, um sentimento de compaixão pela criaturinha desolada e órfã apoderou-se dela.

– O que vai acontecer com esse bebê?

– Só Deus sabe – disse a senhora Conover com sinceridade. – Min estava muito preocupada com ele antes de morrer. Ficava repetindo: “Ah, o que vai ser do meu pobre filho?”, até que começou a me irritar. Não vou me preocupar com isso, pode ter certeza. Eu criei um menino que a minha irmã deixou e ele deu no pé assim que ficou grande. Com a idade que eu tenho, aquele ingrato nunca me ajuda em nada. Eu disse à Min que teria que mandá-lo para um orfanato até que o Jim voltasse e pudesse cuidar dele. Ela não gostou muito da ideia, pode acreditar, mas é a pura verdade.

– Quem cuidará dele até que possa ser levado para um orfanato? – insistiu Rilla. Por algum motivo, o destino daquela criança a preocupava.

– Eu, pelo visto – grunhiu a senhora Conover. – Ela tirou o cachimbo da boca e tomou um longo gole de uma garrafa que pegou de uma estante próxima. – Creio que não viverá muito. É muito fraco. Min nunca teve uma saúde muito boa, e acho que ele também não tem. Provavelmente não dará trabalho para ninguém por muito tempo...

e que Deus o tenha.

Rilla puxou o cobertor um pouco mais.

– O bebê está sem roupa! – exclamou, chocada.

– E quem vai fazer roupinhas para ele? Me diga! – disparou a senhora Conover com truculência. – Eu não pude. Passei o tempo inteiro cuidando da Min. Além disso, como já disse, não sei nada de crianças. A velha senhora Billy Crawford lhe deu um banho assim que ele nasceu e o enrolou nessa mantinha de flanela, e a Jen vem cuidando dele desde então. Ele está bem confortável. Está um calor de rachar.

Rilla ficou em silêncio e olhou para o bebê que chorava. Era a primeira vez que entrava em contato com as tragédias da vida e sentia um peso no fundo da alma. Era angustiante pensar na pobre mãe adentrando o vale das sombras sozinha, consternada com o filho, sem ninguém por perto a não ser aquela velha abominável. Se ao menos tivesse chegado um pouco antes! E mesmo se tivesse, o que ela teria feito? O que ela podia fazer naquele momento? Rilla não sabia; todavia, alguma providência tinha que ser tomada. Ela detestava bebês, mas seria incapaz de ir embora e deixar aquela

pobre criança com a senhora Conover, que se servia mais uma vez da garrafa preta e provavelmente estaria bêbada antes que alguém chegasse.

“Não posso ficar”, pensou Rilla. “O senhor Crawford pediu que eu voltasse antes da hora do jantar porque ele vai precisar do cavalo nesta noite.

Ah, o que devo fazer?”

Ela tomou uma decisão impulsiva e desesperada.

– Vou levar o bebê comigo. Posso?

– Claro, se quiser – disse a senhora Conover amavelmente. – Não farei nenhuma objeção. Fique à vontade.

– Eu... não tenho como carregá-lo. Vou ter que dirigir a charrete e tenho medo de derrubá-lo. Por acaso, tem alguma cesta onde eu

possa colocá-lo?

– Não que eu saiba. A verdade é que aqui não tem quase nada. Min era pobre e tão preguiçosa quanto o Jim. Tem algumas roupinhas de bebê naquela gaveta. É melhor levá-las com você.

Rilla pegou as roupas, peças baratas e malfeitas que a coitada da mãe aprontara da melhor maneira que podia. Porém, ainda havia o problema de como transportaria a criança. Rilla olhou ao redor, impotente. Ah, se a mamãe estivesse ali ou a Susan! Seus olhos recaíram na grande sopeira azul em um canto da cômoda.

– Posso levar isso para carregar o bebê? – pediu.

– Bem, não é minha, mas suponho que sim. Só tente não quebrá-la.

O Jim pode ficar bravo se voltar com vida, o que provavelmente vai acontecer, já que “vaso ruim não quebra”. Ele trouxe aquela sopeira da Inglaterra, disse que é herança de família. Min e ele nunca tiveram sopa o bastante para colocar nela, mas ele a estima muito. Ele é meticoloso com muitas coisas, só que não se preocupava muito se tinha o que comer em casa.

Pela primeira vez na vida, Rilla Blythe tocou em um bebê e enrolou-o em uma coberta, tremendo de medo que fosse derrubar ou... ou... quebrá-lo. Em seguida, ela o colocou dentro da sopeira.

– Ele corre o risco de ficar sufocado?

– Acho improvável – disse a senhora Conover.

Nervosa, Rilla afrouxou um pouco o cobertor ao redor do rosto da criança, que parara de chorar e a encarava, piscando os grandes olhos negros.

– Não deixe que ele tome vento – admoestou a senhora Conover.

– Pode deixá-lo sem ar.

Rilla envolveu a sopeira com a mantinha surrada.

– Você poderia entregá-lo para mim depois que eu subir na charrete?

– É claro – disse a senhora Conover, levantando-se com um gemido.

E foi assim que a Rilla Blythe, que chegara na casa dos Anderson odiando bebês, voltou para casa com um dentro de uma sopeira!

Rilla achou que nunca iria chegar em Ingleside. Dentro da sopeira havia um silêncio perturbador. De certa forma ela estava feliz pelo bebê não estar chorando, todavia desejava que ele desse um gritinho ocasional para mostrar que estava vivo. E se tivesse sufocado? Rilla não ousou desembulhá-lo para ver, ainda mais com o vento forte que soprava, que poderia “deixá-lo sem ar”. Ingleside era como um porto seguro quando finalmente chegou em casa.

Rilla carregou a sopeira até a cozinha e a colocou diante da Susan. Ela deu uma olhada dentro e, pela primeira vez na vida, ficou tão chocada que não conseguiu dizer uma palavra.

– O que é isso? – perguntou o doutor, entrando na cozinha.

Rilla contou toda a história.

– Tive que trazê-lo – concluiu. – Não pude deixá-lo lá.

– O que você vai fazer com ele? – perguntou o doutor friamente.

Rilla não esperava esse tipo de pergunta.

– Nós podemos cuidar dele por um tempo... não? Até pensarmos em alguma coisa? – balbuciou, confusa.

O doutor Blythe caminhou pela cozinha por alguns instantes enquanto a criança encarava as paredes brancas da sopeira. Susan demonstrava sinais de ter se recuperado.

Então, o doutor confrontou a filha.

– Um neném implica um monte de trabalho e problemas extras para uma casa, Rilla. Nan e Di partirão para Redmond na semana que vem e nem Susan ou sua mãe podem assumir essa responsabilidade nas atuais condições. Se quiser que este bebê fique aqui, você terá que cuidar dele.

– Eu? – Rilla ficou tão aflita que mal conseguiu falar. – Ora, papai... eu... eu... não posso!

– Garotas mais novas do que você cuidam de bebês. A Susan e eu estamos à disposição para conselhos. Caso contrário, ele deverá voltar para Meg Conover. E a expectativa de vida dele será curta se isso acontecer, pois é evidente que esta é uma criança delicada que precisa de cuidados especiais. Duvido que sobreviveria mesmo se fosse para um orfanato. Entretanto, não posso sobrecarregar sua mãe e a Susan.

O doutor saiu da cozinha com um ar severo e impassível. Seu coração sabia muito bem que o pequeno ocupante da sopeira iria permanecer em Ingleside, mas ele queria ver se a filha iria se prontificar a resolver a situação.

Rilla sentou-se e encarou o bebê com desânimo. Era um disparate pensarem que ela seria capaz de cuidar dele. Porém, aquela pobre e frágil mãe se preocupara tanto... e só de pensar naquela velha asquerosa da Meg Conover...

– Susan, como se cuida de um bebê? – perguntou apaticamente.

– Ele precisa estar sempre agasalhado e seco, e tomar banho todos os dias. A água não pode estar nem muito quente nem muito fria. E deve comer a cada duas horas. Se tiver cólica, é preciso colocar alguma coisa quente na barriga dele – respondeu Susan sem rodeios.

O bebê começou a chorar.

– Deve estar com fome. Ele precisa ser alimentado – disse Rilla, desesperada. – Diga-me do que ele precisa, que eu prepararei.

Seguindo as orientações de Susan, uma mistura de leite e água foi preparada. Então, Rilla o ergueu de dentro da sopeira e o alimentou com uma mamadeira que havia no escritório do doutor. Ela buscou no sótão o velho cesto que usara quando pequena e colocou o bebê nele, que agora dormia. A sopeira foi guardada na despensa. Em seguida, ela sentou-se para refletir.

O resultado da reflexão foi recorrer à Susan quando o bebê despertou.

– Verei o que posso fazer, Susan. Não posso deixar aquele coitadinho voltar para a senhora Conover. Me ensine como devo dar banho nele e trocá-lo.

Sob a supervisão da Susan, Rilla deu banho na criança. Ela não ousou oferecer nenhum auxílio além das sugestões, pois o doutor estava na sala e poderia aparecer a qualquer momento. A experiência ensinara Susan que, quando o doutor Blythe decidia alguma coisa, não adiantava bater o pé. Rilla cerrou os dentes e aguentou firme. Deus do céu, quantas dobrinhas tinha um bebê? Ora, ele era tão pequeno que mal dava para segurar. E se ela o derrubasse na água? Ele era tão mole! Se ao menos parasse de berrar! Como uma coisinha daquela podia fazer tanto barulho? Os gritos podiam ser ouvidos de todos os cantos de Ingleside.

– Será que estou machucando-o, Susan? – perguntou, receosa.

– Não, querida. A maioria dos bebês detesta tomar banho. Você é até habilidosa, para uma iniciante. Mantenha a mão sob as costas dele, não importa o que faça, e mantenha a calma.

Manter a calma! Rilla transpirava por todos os poros. Depois que o bebê foi seco, vestido e alimentado com outra mamadeira, ela estava exausta.

– O que devo fazer com ele nesta noite, Susan?

Durante o dia, um bebê dava trabalho; durante a noite, era impensável.

– Coloque o cesto sobre uma cadeira ao lado da cama e mantenha-o coberto. Você terá que alimentá-lo uma ou duas vezes, então é melhor levar o aquecedor a gás para o quarto. Pode me chamar se precisar de ajuda, não importa o que diga o doutor.

– Susan, e se ele chorar?

Porém, o bebê não chorou. Ele foi surpreendentemente bonzinho, talvez porque seu estômago estivesse cheio de comida de verdade. Ele dormiu quase a noite inteira, diferentemente de Rilla. Ela teve medo de adormecer e que algo acontecesse com o bebê. Às três horas da madrugada, ela preparou mais uma mamadeira decidida a não chamar a Susan. Será que estava sonhando? Ela, Rilla Blythe, havia mesmo se metido naquele apuro absurdo? Ela não se importava se os alemães estavam perto de Paris, ou se já estavam em Paris, contanto que o bebê não chorasse, sufocasse ou tivesse convulsões.

Bebês podiam ter convulsões, certo? E por que ela havia se esquecido de perguntar para Susan o que fazer caso o bebê tivesse uma convulsão? Ela refletiu com amargor que o pai fora muito atencioso com a saúde da mãe e da Susan, mas e a dela? Ele achava que ela continuaria bem se nunca mais dormisse? Mesmo assim, não iria desistir, não ela. Rilla iria cuidar daquele serzinho ainda que isso a matasse. Iria arranjar um livro sobre a higiene dos bebês e não dependeria de ninguém. Ela não iria pedir conselhos ao pai, não iria incomodar a mãe, e só procuraria a Susan em caso de extrema necessidade. Eles iam ver só!

Duas noites depois, quando a senhora Blythe voltou para casa e perguntou onde Rilla estava, ela sentiu-se eletrocutada pela resposta casual da Susan:

– Está lá em cima, querida senhora, colocando o bebê dela para dormir.

Termo que se refere à linha de frente da infantaria. (N. T.)



Rilla toma uma decisão

Tanto as famílias como os indivíduos logo se acostumaram às novas condições e as aceitaram sem questionamentos. Após uma semana, era como se o bebê Anderson sempre tivesse vivido em Ingleside. Depois das três primeiras noites conturbadas, Rilla voltou a dormir, acordando automaticamente de período em período para cuidar do bebê. Ela dava banho e o vestia com a habilidade de quem sempre fez isso. Rilla não gostava do trabalho nem de criança; ela ainda o tratava com cautela, como se o bebê fosse um animalzinho frágil. Ainda assim, não havia um bebê mais bem cuidado em toda Glen St. Mary. Ela chegou até a pesar a criaturinha todos os dias e anotar os resultados em seu diário; às vezes, contudo, ela se perguntava pateticamente por que o destino a levara à casa dos Anderson naquele dia fatídico. Shirley, Nan e Di não zombaram tanto quanto ela esperava. Todos pareciam perplexos pelo fato de Rilla ter adotado um filho da guerra; além disso, talvez o doutor tivesse entrado em contato com as autoridades. Walter, é claro, não a importunou por nada. Certo dia, ele chegou até a falar que ela era uma rocha.

– Foi preciso mais coragem da sua parte para cuidar desse bebezinho de três quilos, Rilla-a-Marilla, do que o Jem precisaria para enfrentar o exército alemão. Queria ter metade da sua bravura – concluiu com pesar.

Rilla ficou muito orgulhosa da aprovação do Walter. Mesmo assim, ela escreveu no diário:

“Quem dera eu gostasse um pouquinho do bebê. Facilitaria as coisas. Só que eu não gosto dele. As pessoas dizem que você acaba se afeiçoando por um bebê ao cuidar dele, mas não é verdade. Não no meu caso, pelo menos. É um incômodo, atrapalha tudo. Está me prendendo em casa, logo agora que estou tentando criar o comitê júnior da Cruz Vermelha. E não pude ir à festa

da Alice Clow na noite passada, que eu queria tanto ir. É claro que o papai não é insensato e sempre me dá uma hora ou duas de folga quando preciso; porém, eu sabia que ele não permitiria que eu ficasse fora metade da noite e deixasse o bebê aos cuidados da mamãe ou da Susan. Suponho que foi melhor assim, pois a criaturinha teve cólica, ou algo do tipo, por volta da uma da manhã. Ele não esperneou, então eu percebi que não era manha, de acordo com o livro *Cuidados com os bebês segundo Morgan*, não estava com fome e não havia nenhum alfinete espetando-o. Gritou até ficar roxo de uma maneira como nunca fizera antes, erguendo as perninhas magras. Tive medo de tê-lo machucado, mesmo não acreditando que fosse o caso. Assim, eu o peguei no colo e andei pelo corredor de um lado para o outro no quarto, ainda que Morgan dissesse que não era aconselhável. Caminhei por quilômetros. Ah, como fiquei cansada, desanimada e irritada! Eu teria lhe dado um chacoalhão se fosse grande o bastante. O papai tinha ido visitar um paciente, a mamãe estava com dor de cabeça e Susan, de mau humor porque eu sempre insisto em fazer o que o Morgan recomenda quando Susan e ele discordam; por isso, estava determinada a não a chamar a menos que eu precisasse.”

“Por fim, a senhorita Oliver voltou. Por causa do bebê, agora ela divide o quarto com Nan, e isso me deixa de coração partido. Sinto muita falta das nossas longas conversas antes de dormir. Era o único momento em que eu a tinha só para mim. Odeio pensar que os gritos do bebê a acordaram, já que ela está passando por um momento difícil. O senhor Grant também foi para Valcartier, o que a deixou apavorada, por mais que se esteja enfrentando a situação de maneira esplêndida. Ela acha que ele nunca mais retornará, e seu olhar é comovente; tão trágico! A senhorita Oliver disse que o bebê não a acordou porque ela não conseguira dormir sabendo que os alemães estavam tão perto de Paris. Ela pegou o coitadinho, colocou-o de bruços sobre o joelho e bateu gentilmente nas costas dele. Em pouco tempo a criança parou de chorar e adormeceu, dormindo a noite inteira como um cordeirinho. Eu não preguei os olhos, estava exausta demais.”

“Estou tendo muitas dificuldades com o comitê júnior da Cruz Vermelha. Eu consegui que a Betty Mead ficasse com o cargo de presidente e eu com o de secretária, mas o pessoal escolheu a Jen Vickers como tesoureira, e eu a desprezo. Ela é o tipo de garota que pega intimidade logo de cara com qualquer pessoa inteligente, bonita ou distinta, mas fala delas pelas costas. É astuciosa e duas caras. Una não se importa, é claro. Está disposta a fazer

qualquer coisa que lhe peçam e não faz questão de ter um cargo. É um anjinho perfeito, já eu posso ser angelical em alguns aspectos e demoníaca em outros. Eu gostaria que o Walter se interessasse por ela, só que ele não a vê dessa forma, embora tenha dito certa vez que ela é como um botão de rosa delicado e é mesmo. As pessoas acabam se aproveitando dela por ser tão doce e solícita.”

“Como eu esperava, Olive quer que almoçemos durante as reuniões. Nós tivemos uma discussão por causa disso. A maioria foi contra, e agora a minoria está de cara feia. Irene Howard estava do lado a favor e tem me tratado com frieza desde então, o que me deixa triste. Pergunto-me se a mamãe e a senhora Elliott também têm problemas no comitê sênior. Imagino que sim, mas seguem adiante com calma apesar de tudo. Também sigo em frente, mas sem calma, pois eu passo raiva e choro (em particular) e desabafo nesse diário. Depois que tudo passa, juro para mim mesma que vou lhes dar uma lição. Nunca fico de cara feia. Detesto pessoas que fazem isso.

Enfim, o comitê está formado e as reuniões acontecerão uma vez por semana, e vamos todos aprender a tricotar.”

“Shirley e eu fomos até a estação de novo tentar trazer o Segunda-feira de volta, e falhamos. Todos da família já tentaram, sem sucesso. Três dias após a partida do Jem, o Walter o trouxe à força na charrete e o trancou em casa por três dias. Só que o cão fez greve de fome e ganiu como uma alma penada dia e noite. Tivemos que soltá-lo, para que não morresse de fome. Assim, decidimos deixá-lo em paz, e o papai combinou com o açougueiro próximo à estação que o alimentasse com ossos e restos. Além disso, algum de nós vai todos os dias até lá levar alguma coisa para ele. O Segunda-feira fica ali, encolhido em um canto do galpão, e cada vez que um trem chega ele corre até a plataforma, balançando o rabo ansiosamente, e se lança sobre todos que descem do trem. E quando o trem parte e ele percebe que o Jem não voltou, ele volta para o galpão de cabeça baixa, com um olhar desapontado e se deita para esperar pacientemente pelo próximo trem. O senhor Gray, o agente da estação, diz que às vezes é impossível não chorar de simpatia pelo cachorro. Um dia alguns garotos jogaram pedras nele e o velho Johnny Mead, que parece não se dar conta de nada, pegou o cutelo e correu atrás deles pela vila. Desde então, ninguém mais incomodou o Segunda-feira.”

“Kenneth Ford voltou para Toronto. Ele veio se despedir duas noites atrás, mas eu estava na casa ministerial: o bebê precisava de algumas roupas e a

senhora Meredith se ofereceu para me ajudar. Não que isso importe. Kenneth pediu para que Nan se despedisse da “Aranha” e que eu não o esquecesse em meio às desgastantes obrigações maternas. Se ele foi capaz de deixar uma mensagem tão frívola e insultante é porque a hora maravilhosa que passamos na praia não significou nada. Não vou mais pensar nele ou naquela noite.”

“Fred Arnold estava na casa ministerial e me acompanhou no caminho de volta. Ele é filho do novo ministro metodista. É muito gentil e inteligente, e seria bonito se não fosse pelo nariz. É medonho. Quando fala de coisas banais isso é irrelevante, mas, quando fala de poesia e ideais, o contraste entre o nariz e o assunto é tão grande que tenho vontade de gargalhar. É uma grande injustiça porque tudo que ele falou foi absolutamente encantador, e se alguém como o Kenneth tivesse me dito aquilo, eu teria me sentido arrebatada. Quando o ouço com os olhos baixos, fico fascinada; todavia assim que ergo o olhar e me deparo com aquele nariz, o encanto é quebrado.

Ele também queria se alistar, e não pôde porque ainda tem 17 anos. A senhora Elliott nos encontrou ao passarmos pela vila e ficou horrorizada como se eu estivesse na companhia do próprio cáiser. Ela detesta os metodistas e tudo relacionado a eles. O papai diz que é uma verdadeira obsessão.”

Por volta do dia primeiro de setembro houve um êxodo de Ingleside e da casa ministerial. Faith, Nan, Di e Walter partiram para Redmond, Carl voltou a trabalhar na escola de Harbour Head e Shirley foi para a Queen’s. Rilla ficou sozinha em Ingleside, e teria se sentido muito só se tivesse tempo de sobra. Ela sentia muita falta do Walter. Desde a conversa no Vale do Arco-Íris eles se tornaram muito próximos, ela discutia problemas com ele que não contava para mais ninguém. Só que o comitê júnior e o bebê exigiam tanto dela que ela raramente tinha um minuto para a solidão. Às vezes, ao deitar-se, Rilla chorava sobre o travesseiro de saudade do Walter, pelo fato de Jem estar em Valcartier e pela mensagem de despedida nada romântica do Kenneth. No entanto, ela geralmente adormecia antes de as lágrimas começarem a fluir.

– Devo tomar as providências para mandar a criança para Hopetown? – perguntou o doutor duas semanas depois da chegada do pequeno a Ingleside.

Por um instante, Rilla ficou tentada a dizer “sim”. O bebê receberia cuidados apropriados em Hopetown, e ela teria seus dias livres e suas noites imperturbadas de volta, porém aquela pobre mãe não queria que ele fosse

para um orfanato! Rilla não conseguia parar de pensar nisso. Naquela mesma manhã, ela havia descoberto que a criança ganhou duzentos e cinquenta gramas desde que viera para Ingleside. A menina sentiu-se muito orgulhosa.

– Você disse que talvez ele não sobreviva se for para Hopetown – disse ela.

– É possível. Por melhores que sejam, as instituições nem sempre são capazes de cuidar dos bebês delicados. No entanto, você sabe o que terá que fazer se quiser que ele continue aqui, Rilla.

– Ele está sob os meus cuidados há quinze dias e inclusive ganhou duzentos e cinquenta gramas – exclamou Rilla. – Acho melhor esperarmos até termos notícias do pai dele. Talvez ele também não queira que o filho vá para o orfanato, só que agora ele está lutando pelo nosso país.

O doutor e a senhora Blythe trocaram um olhar de satisfação pelas costas da Rilla e nunca mais falaram sobre Hopetown.

Logo o sorriso desapareceu do rosto do doutor, pois os alemães estavam a trinta e dois quilômetros de Paris. Histórias horríveis começavam a pipocar nos jornais sobre o martírio que a Bélgica sofrera. A vida estava muito tensa para os mais velhos em Ingleside.

– Nós devoramos as notícias sobre a guerra – Gertrude Oliver disse à senhora Meredith, falhando ao tentar rir. – Nós estudamos os mapas e derrotamos os hunos com alguns movimentos estratégicos bem direcionados. Só que o Papa Joffre¹⁹ não tem o benefício de nossos conselhos, então Paris provavelmente será tomada.

– Você acha mesmo? Será que um poder maior não intervirá? – murmurou John Elliott.

– Sinto-me uma sonâmbula durante as aulas – continuou Gertrude. – Quando chego em casa, tranco-me no quarto e ando de um lado para o outro. Já estou até abrindo uma trilha no tapete da Nan. Estamos muito próximos do conflito.

– Os alemães já estão em Senlis. Nada e nem ninguém poderão salvar Paris – lamentou a prima Sophia. Ela havia começado a ler os jornais e aprendera mais sobre a geografia do Norte da França e a pronúncia de nomes franceses em seu septuagésimo primeiro ano de vida do que na época da escola.

– Eu não subestimaria o Todo-Poderoso nem o Kitchener – disse Susan obstinadamente. – Um tal de Bernstorff²⁰ nos Estados Unidos afirma que a

guerra já está ganha pela Alemanha, e dizem que o Bigodinho anda falando a mesma coisa por aí, e com muito gosto, mas eu diria para os dois que é arriscado cantar vitória antes da hora.

– Por que a marinha britânica não está ajudando mais? – queixou-se a prima Sophia.

– A marinha não pode atacar por terra, Sophia Crawford. Todavia ainda não perdi as esperanças e pretendo não perdê-las, apesar de todos esses nomes bárbaros como Tomascow e Mobbage. Querida senhora, saberia me dizer se a pronúncia do nome R-e-i-m-s é Rimes, Reems, Rames ou Rems? – perguntou Susan.

– Acredito que seja algo como “Rangs”, Susan.

– Ah, esses nomes franceses – resmungou Susan.

– Dizem que os alemães arruinaram as igrejas de lá – suspirou a prima Sophia. – Sempre achei que fossem cristãos.

– O que fizeram na Bélgica foi ainda pior – disse Susan em um tom sombrio. – Quando o doutor leu em voz alta que eles mataram bebês com baionetas, querida senhora, eu pensei: “Ah, e se fosse nosso pequeno Jem?”. Eu estava mexendo a sopa quando esse pensamento me veio à cabeça e senti que, se pudesse jogar a panela fervente naquele cáiser, minha ida não teria sido em vão.

– Amanhã... amanhã receberemos a notícia de que os alemães chegaram em Paris – disse Gertrude Oliver por entre os lábios tensos. Ela era uma dessas pessoas cujas almas estão sempre padecendo pelo sofrimento do mundo. Além do interesse pessoal na guerra, ela era atormentada pela ideia de Paris ser tomada pelas hordas cruéis que incendiaram Lovaina e arruinaram as maravilhas de Reims.

Contudo, nos dias seguintes chagaram as notícias do milagre em Marne. Rilla correu enlouquecidamente para casa agitando o *Enterprise* com a manchete em letras grandes e vermelhas. Susan correu para fora e hasteou a bandeira, com as mãos trêmulas. A senhora Blythe chorava e ria.

– Deus estendeu a mão e os tocou, “até aqui virás, e não mais adiante²¹” – disse o senhor Meredith naquela noite.

Rilla cantava enquanto colocava a criança para dormir no segundo andar. Paris estava salva. A Alemanha foi derrotada. A guerra terminaria em breve. Jem e Jerry logo voltariam para casa. As nuvens negras estavam se dissipando.

– Não se atreva a ter cólica nesta noite tão feliz – disse ao bebê. – Senão, vou te colocar na sopeira e te mandar para Hopetown no primeiro trem da manhã, no compartimento de carga! Você tem olhos bonitos e já não é mais tão avermelhado e enrugado como antes. Só que não tem um fio de cabelo e suas mãos parecem garras pequeninas. E eu continuo não gostando nem um pouco de você. Espero que sua finada mãezinha saiba que você está em um cesto confortável com uma garrafa de leite de boa qualidade como o Morgan recomenda, e não definhando aos poucos nas mãos da velha Meg Conover. E espero que ela não saiba que eu quase o afoguei naquele dia em que a Susan não estava aqui e você escorregou das minhas mãos direto para a água. Por que você é tão escorregadio? Não, eu não gosto nem um pouco de você e nunca vou gostar, mas estou determinada a te dar os cuidados que toda criança merece. Vai ficar tão gorducho quanto qualquer outro neném. Não quero que digam “como é mirrado aquele bebê da Rilla Blythe”, como fez a velha senhora Drew na reunião da Cruz Vermelha de ontem. Já que não consigo te amar, quero pelo menos ter orgulho de você.

O general Joseph Jacques Césaire Joffre (1852-1931) comandou o exército francês durante a Primeira Guerra Mundial e ganhou esse apelido graças à popularidade na época. (N. T.)

Johann Heinrich Graf von Bernstorff (1862-1939) foi embaixador da Alemanha nos Estados Unidos durante o período da Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Jó 38:11. (N. T.)



Doc tem um acidente

– A guerra não terminará antes da próxima primavera – disse o doutor Blythe quando ficou evidente que a batalha de Aisne resultara em um impasse.

Rilla murmurava “quatro pontos, uma laçada” enquanto balançava o berço com o pé. Apesar de Morgan desaprovar berços para bebês, valia a pena fazer um pequeno sacrifício e concordar com a Susan para deixá-la de bom humor. A garota parou a costura por um instante para comentar: “Quanto tempo será que conseguiremos aguentar?”, e em seguida retomou a meia que tricotava. A Rilla de dois meses atrás teria corrido para o Vale do Arco-Íris para chorar.

A senhorita Oliver suspirou, e a senhora Blythe juntou as mãos por um momento. Então, Susan disse bruscamente:

– Bem, temos que respirar fundo e fazer a nossa parte. “Aos negócios, como sempre” é o lema da Inglaterra, segundo me disseram, e agora também é o meu, na falta de um melhor. Prepararei hoje o pudim que costumo fazer aos sábados, querida senhora. É bem trabalhoso, mas pelo menos isso ocupará a minha cabeça. Terei em mente que o Kitchener está no comando e que o Joffre está se saindo muito bem para um francês. Mandarei uma caixa com bolo para o pequeno Jem e terminarei aquele par de meias ainda hoje.

Uma meia por dia é a minha cota habitual. A velha senhora Albert Mead de Harbour Head consegue fazer um par e meio por dia, só que ela não tem mais nada para fazer. Sabe, querida senhora, ela está acamada há anos e se preocupa muito porque nunca foi bondosa com ninguém, além de dar muito trabalho; parece que nunca vai bater as botas e parar de ser um estorvo. E agora eu ouvi dizer que está muito animada e que se resignou a continuar vivendo porque descobriu algo que pode fazer. Ela tricota roupas para os soldados desde o amanhecer até o anoitecer. Até a prima Sophia começou a

tricotar, querida senhora, o que é muito bom, pois com as mãos ocupadas ela não consegue pensar em coisas deprimentes para dizer. Ela acredita que todos seremos alemães daqui a um ano, e eu lhe disse que levará muito mais tempo para fazerem de mim uma alemã. Sabia que o Rick MacAllister se alistou, querida senhora? E falam por aí que o Joe Milgrave também teria se alistado se não fosse pelo medo de o Bigodinho não permitir que ele namore a Miranda. O Bigodinho alega que só acreditará nas atrocidades cometidas pelos alemães quando as ver com os próprios olhos e que foi bom a catedral de Rangs ter sido destruída porque era uma igreja católica. Não sou católica, querida senhora, eu nasci presbiteriana e pretendo morrer da mesma forma, mas defendo que os católicos têm o direito de ter igrejas assim como nós, e que os alemães não tinham nada que fazer isso. Imagine só, querida senhora, como nos sentiríamos se os alemães resolvessem derrubar o pináculo da nossa igreja aqui da vila. Tenho certeza de que seria tão ruim quanto foi ver a catedral de Rangs em ruínas – concluiu Susan em tom lamurioso.

Enquanto isso, os rapazes de todos os lugares do mundo, de todas as etnias, ricos e pobres, seguiam o chamado do flautista.

– Até o filho de Billy Andrews vai também, e o filho único da Jane, e o pequeno Jack da Diana – disse a senhora Blythe. – O filho da Priscilla se alistou no Japão, e o da Stella em Vancouver, e os dois garotos do reverendo Jo. Philippa escreveu contando que os filhos dela zarparam de imediato, sem se preocupar com a indecisão dela.

– Jem acha que eles partirão muito em breve e que não terá tempo de tirar uma licença para nos visitar antes – avisou o doutor, passando a carta para a esposa.

– Isso não é justo – disse Susan, indignada. – O *sir* Sam Hughes²² não tem nenhuma consideração pelos nossos sentimentos? Mandar aquele menino abençoado para a Europa sem permitir que nos despeçamos dele! Se eu fosse você, querido doutor, escreveria uma carta para os jornais.

– Talvez seja melhor assim – disse a mãe decepcionada. – Creio que eu não suportaria outra despedida, não agora que sabemos que a guerra será mais longa do que achávamos. Ah, se ao menos... não, não direi isso! Estou determinada a ser forte, assim como Susan e Rilla – concluiu a senhora Blythe com uma risada.

– Vocês são exemplares – disse o doutor –, tenho muito orgulho das mulheres da minha casa. Até Rilla, o meu “lírio do campo”, está cuidando da

Cruz Vermelha e ajudando o Canadá. E está fazendo um ótimo trabalho.

Rilla, filha de Anne, já escolheu um nome para seu filho da guerra?

– Estou esperando notícias de Jim Anderson – respondeu Rilla.

– Talvez ele queira batizar o próprio filho.

No entanto, as semanas do outono foram passando e não houve nem sinal de Jim Anderson, de quem nunca mais se ouviu falar depois que deixou Halifax; o destino da esposa e do filho parecia não lhe importar. Por fim, Rilla decidiu chamar o bebê de James, e Susan opinou que “Kitchener” deveria ser acrescentado. E assim foi cunhado o nome James Kitchener Anderson, cuja imponência era maior do que a do próprio dono. A família de Ingleside prontamente o encurtou para Jims, ainda que a obstinada Susan insistisse em chamá-lo apenas de “pequeno Kitchener”.

– Jims não é um nome digno para um cristão, querida senhora. A prima Sophia acha que é muito irreverente. É a primeira vez que ela fala algo sensato; ainda assim, eu não lhe daria a satisfação de concordar abertamente com ela. Quanto à criança, ela está começando a se parecer com um bebê, e devo reconhecer que a Rilla está fazendo um trabalho maravilhoso. Só não vou admitir isso na frente dela para não alimentar seu ego. Querida senhora, eu nunca, jamais me esquecerei da primeira vez que pus os olhos naquela criança, enrolada em trapos sujos dentro da sopeira. Não é sempre que Susan Baker fica perplexa, e foi exatamente assim que eu fiquei, não tenha dúvida.

Por um instante achei que a minha mente estava com defeito e que estava vendo coisas. Aí pensei: “Não, eu nunca ouvi falar de alguém que teve alucinações com uma sopeira, então deve ser real”, e me recompus. Quando ouvi o doutor dizendo para a Rilla que ela deveria cuidar do neném, achei que estivesse brincando e não acreditei nem por um minuto que ela aceitaria ou seria capaz. Mas você viu o que aconteceu e como ela amadureceu. Quando somos obrigadas a fazer algo, querida senhora, somos mais do que capazes.

Susan acrescentou outra prova àquela máxima em um dia de outubro. O doutor e a esposa estavam ausentes. Rilla tricotava obstinadamente no quarto enquanto Jims tirava a soneca da tarde. Susan descascava ervilhas na varanda dos fundos com a ajuda da prima Sophia. A paz e a tranquilidade reinavam sobre Glen. O céu estava repleto de nuvens prateadas e brilhantes.

O Vale do Arco-Íris estava encoberto por uma névoa outonal suave e púrpura. O bosque de bordos explodia em cores e a cerca viva em flor ao redor da cozinha era uma maravilha com seus matizes sutis. Parecia absurdo

haver algum conflito no mundo. O coração fiel de Susan desfrutava de um breve momento de esquecimento, muito embora ela tivesse passado boa parte da noite pensando no pequeno Jem lá longe no Atlântico, na frota que levava o exército

canadense até o outro lado do oceano. Até a prima Sophia parecia menos melancólica do que de costume e não encontrara nenhum motivo para criticar o dia, por mais que fosse evidente que aquela calmaria fosse o prelúdio de uma terrível tempestade.

– Está tudo calmo demais.

Como se para confirmar aquela declaração, um tumulto súbito e estrondoso começou na cozinha. Era quase impossível descrever a confusão de gritos abafados e sons de coisas caindo e se quebrando. Susan e a prima Sophia se entreolharam, consternadas.

– O que diabos está acontecendo? – arfou a prima Sophia.

– O Senhor Hyde deve ter enlouquecido de vez – murmurou Susan. – Sempre suspeitei de que isso aconteceria algum dia.

Rilla veio correndo pela porta lateral.

– O que foi isso? – quis saber.

– Não faço a menor ideia, mas aquela fera possuída deve ser a culpada – disse Susan. – Não se aproxime dele. Vou abrir a porta e espiar. Lá se vai outra parte da louça. Sempre disse que o diabo está dentro daquele gato.

– Sou da opinião de que aquele gato tem hidrofobia – disse a prima Sophia solenemente. – Ouvi falar de um gato que ficou louco e mordeu três pessoas. Elas ficaram pretas feito carvão e tiveram uma morte horrível.

Ignorando a opinião da prima Sophia, ela abriu a porta e entrou.

O chão estava coberto de cacos de pratos quebrados. A tragédia parecia ter ocorrido no aparador maior, onde Susan havia disposto as tigelas brilhantes e imaculadas. Um gato frenético corria pela cozinha com a cabeça presa em uma lata de salmão velha. Sem enxergar nada, ele se chocava contra tudo em seu caminho conforme tentava em vão arrancar a lata da cabeça com as patas.

A cena era tão hilária que fez Rilla dobrar o corpo de tanto rir. Susan lhe lançou um olhar de reprovação.

– Não vejo nenhum motivo para rir. A fera quebrou a tigela azul grande que sua mãe trouxe de Green Gables quando se casou. É uma verdadeira

tragédia, na minha opinião. Agora, temos que pensar como vamos tirar a lata da cabeça do Senhor Hyde.

– Nem pense em tocá-lo – exclamou a prima Sophia, entrando em ação. – Pode ser a sua morte. Feche a porta e vá chamar o Albert.

– Não tenho o hábito de chamar o Albert por causa de um problema doméstico – disse Susan com orgulho. – Aquele animal está sofrendo e, independentemente do que sinto por ele, não suporto vê-lo nessa situação. Afaste-se, Rilla, pelo bem do pequeno Kitchener. Verei o que posso fazer.

Susan entrou cautelosamente na cozinha, pegou um velho casaco de chuva do doutor e, depois de uma perseguição selvagem e de algumas tentativas infrutíferas, conseguiu jogá-lo sobre o gato e a lata. Em seguida ela tratou de cortar a lata com um abridor enquanto Rilla segurava o bicho que se contorcia sob o casaco. Ingleside nunca tinha ouvido nada como os gritos do Doc durante o processo. Susan estava morrendo de medo de que os Crawford os ouvissem e concluíssem que ela estava torturando a criatura. Quando foi solto, Doc estava tomado pela ira e a indignação. Era evidente que achava que tudo tinha sido armado para humilhá-lo. Seu agradecimento foi um olhar enfurecido para Susan antes de correr para fora da cozinha e se refugiar no topo da cerca viva, onde passou o resto do dia emburrado. Susan varreu os pratos quebrados com uma expressão sombria.

– Nem os hunos teriam causado uma devastação tão grande – disse com amargura. – Mas, quando as pessoas mantêm em casa um animal satânico, apesar de todos os avisos, elas não podem reclamar de presentes de casamentos quebrados. As coisas chegaram a tal ponto que uma mulher honesta não pode sair da cozinha por um minuto sem que um gato malvado destrua tudo com a cabeça presa em uma lata de salmão.

Ministro da Defesa do Canadá durante a Primeira Guerra Mundial. (N. T.)



Os problemas de Rilla

Outubro passou e os dias tristes e arrastados de novembro e dezembro chegaram. O mundo estremecia com o ribombar dos exércitos oponentes; a Antuérpia caiu, a Turquia declarou guerra, a pequena e valente Sérvia se uniu para atacar o opressor mortal, e a milhares de quilômetros dali, em uma vila pacata e cercada de colinas, os corações batiam cheios de esperança e medo enquanto recebiam as notícias dia após dia.

– Alguns meses atrás – disse a senhorita Oliver – nós conversávamos sobre a vida em Glen St. Mary. Agora, nós conversamos sobre táticas militares e intrigas diplomáticas.

O único acontecimento diário importante era a chegada da correspondência. Até a Susan admitia que desde o instante em que ouvia a carroça do correio cruzando a ponte entre a estação e a vila até o momento em que chegava o jornal, ela não conseguia trabalhar direito.

– Eu pego minha costura e tricoto sem parar até que o jornal chegue em casa, querida senhora. Tricotar é algo que dá para se fazer, mesmo que seu coração esteja disparado, o estômago revirado e os pensamentos desgovernados. Depois que leio as manchetes, boas ou ruins, eu consigo me acalmar e me dedicar aos afazeres. É uma pena o correio chegar justo quando estou na correria para preparar o almoço, e acho que o governo deveria tomar alguma providência. Mas o ataque a Calais foi um fracasso, como eu esperava que fosse, e o cáiser não vai cear em Londres neste Natal.

Querida senhora – Susan baixou a voz como se estivesse prestes a transmitir uma informação chocante –, fiquei sabendo por meio de fontes seguras (do contrário não estaria repetindo o que ouvi sobre um ministro, pode ter certeza) que o reverendo Arnold vai a Charlottetown toda semana para tomar um banho turco por causa do reumatismo. Justamente quando estamos em guerra com a Turquia? Um dos próprios diáconos insiste que a teologia do

senhor Arnold não é muito sólida, e estou começando a acreditar que é verdade. Bem, tenho que embalar o bolo de Natal que pretendo enviar para o Jem ainda nesta tarde. Ele vai adorar, isso se aquele menino abençoado não se afogar na lama antes de recebê-lo.

Jem encontrava-se em um acampamento na Planície de Salisbury, de onde escrevia cartas alegres e animadas para casa, apesar da lama. Walter estava em Redmond, e suas cartas para Rilla era tudo, menos alegres. Ela sempre as abria temendo descobrir que ele havia se alistado. A infelicidade dele a deixava infeliz. Ela queria abraçá-lo e confortá-lo como fizera naquele dia no Vale do Arco-Íris. Ela odiava todas as pessoas responsáveis pela tristeza de Walter.

– Ele ainda vai ser chamado – murmurou com pesar para si mesma em uma tarde, sentada no Vale do Arco-Íris, enquanto lia uma carta dele. – Ele ainda vai ser chamado e eu não suportarei se ele for.

Walter escreveu contando que alguém lhe enviou um envelope contendo uma pluma branca²³.

“Eu mereço, Rilla. Sinto que devo usá-la, mostrando a todos em Redmond o covarde que sou. Os rapazes do meu ano vão para a guerra. Todo dia, dois ou três deles são chamados. Em alguns dias eu quase me convenço a me alistar, então me vejo atravessando outro homem com a baioneta: o marido, o ente querido ou o filho de alguma mulher, talvez um pai; e me vejo caído, ferido ou mutilado, morrendo de sede em um campo de batalha gelado e molhado, cercado por corpos ou homens agonizantes. Então, percebo que jamais seria capaz. Não suporto nem imaginar. Como eu enfrentaria a realidade? Às vezes eu desejo que nunca tivesse nascido. A vida sempre me pareceu tão bonita e agora é algo horrendo. Rilla-a-Marilla, se não fossem suas cartas, tão queridas, inteligentes, cômicas e encorajadoras, acho que desistiria. E as da Una! Ela é realmente uma rocha, não é mesmo? Por baixo daquela personalidade tímida e pueril, há uma finura e uma firmeza excepcionais. Ela não tem o seu talento para escrever de forma engraçada, todavia há algo nas cartas dela, não sei o que é, que me faz sentir que seria capaz até de ir para o front, pelo menos enquanto as leio. Ela nunca diz que eu devo ir nem deixa isso implícito, pois ela não é assim. É só o espírito das cartas, a personalidade delas. Bem, eu não posso ir para a guerra. Você tem um irmão e Una um amigo que é um covarde.”

– Ah, gostaria que Walter não escrevesse essas coisas – suspirou Rilla. – Elas me machucam. Ele não é um covarde. Não é... não é!

Ela olhou melancolicamente ao redor, para o vale repleto de árvores e os prados cobertos de mato mais além. Tudo fazia com que se lembrasse do Walter! As folhas rubras ainda presas às roseiras silvestres que se sobressaíam na curva do riacho, com os talos ornamentados pelas pérolas da chuva gentil que caíra há pouco. Walter havia escrito um poema sobre elas. O vento suspirava ao farfalhar os galhos marrons e congelados das samambaias, para então diminuir tristemente e desaparecerem córrego abaixo. Walter comentara certa vez que amava a melancolia do vento do outono em um dia de novembro. As velhas Árvores Enamoradas continuavam enlaçadas em um abraço fiel, e a Dama de Branco, agora um grande espécime de galhos brancos, destacava-se elegantemente contra o céu cinza. Walter a batizara muito tempo atrás. Novembro passado, quando ele e a senhorita Oliver caminhavam pelo vale, ele se deparou com a Dama com os galhos desfolhados sob a lua prateada e disse: “Uma bétula branca é como uma bela virgem pagã, que nunca se esqueceu do segredo do Éden, de como é estar nua e não sentir vergonha”. A senhorita Oliver comentou: “Use isso em um poema, Walter”, e foi o que ele fez. O garoto o leu para elas no dia seguinte, uma obra curta com imaginação transbordando de cada linha. Ah, como eles eram felizes naquela época!

Rilla levantou-se, pois era hora de ir embora. Jims iria acordar logo, e ela precisava preparar o almoço para ele e passar suas roupinhas. Haveria também uma reunião do comitê júnior da Cruz Vermelha naquela noite. Além disso, ela precisava terminar uma bolsa de tricô, seria a bolsa mais bonita do comitê júnior, mais até que a de Irene Howard. Rilla tinha que voltar para casa e trabalhar. Naqueles dias, ela estava ocupada desde a manhã até o escurecer. Aquele macaquinho do Jims dava muito trabalho, mas ele estava crescendo, certamente estava crescendo. E em certos momentos Rilla tinha certeza de que não era meramente uma vã esperança e sim um fato: ele estava decididamente ficando mais bonito. Às vezes ela ficava muito orgulhosa dele; e em outras tinha vontade de lhe dar umas palmadas. Entretanto, ela não o beijava e tampouco tinha vontade de fazer isso.

– Os alemães tomaram Lodz hoje – disse a senhorita Oliver em uma noite de dezembro quando a senhora Blythe, Susan e ela estavam ocupadas costurando e tricotando na aconchegante sala de estar. – Essa guerra está aumentando meu conhecimento de geografia, pelo menos. Mesmo sendo professora, até três meses atrás eu não sabia que havia um lugar no mundo

chamado Lodz. Se alguma pessoa citasse esse nome, eu não saberia do que ela está falando e nem me importaria. Agora, sei tudo sobre essa cidade: o tamanho, o posicionamento, a importância militar. Ontem, quando fiquei sabendo que os alemães a tomaram no segundo ataque a Varsóvia, meu coração parou. Eu acordei no meio da noite e não consegui mais dormir.

Agora entendo porque os bebês choram quando acordam no meio da noite. Tudo pesa sobre minha alma e me impede de ver o lado bom das coisas.

– Quando acordo no meio da noite e não consigo voltar a dormir – comentou Susan enquanto lia e tricotava ao mesmo tempo –, eu passo o tempo torturando o cáiser até a morte. Ontem eu o fritei no óleo fervente e foi muito reconfortante para mim, pensando naqueles bebês na Bélgica.

– Se o cáiser estivesse aqui e reclamasse de uma dor no ombro, você seria a primeira a pegar a garrafa de linimento e massageá-lo – riu a senhorita Oliver.

– Ah, é? – exclamou Susan, ultrajada. – É mesmo, senhorita Oliver? Pois eu o massagearia com óleo de carvão e deixaria que criasse bolhas. É o que eu faria, escreva o que estou dizendo. Uma dor no ombro, ora essa! Ele terá dores pelo corpo inteiro quando terminar o que começou.

– Temos que amar nossos inimigos, Susan – disse o doutor solenemente.

– Sim, nossos inimigos, e não os inimigos do rei George, querido doutor – retrucou Susan, exaltada. Estava tão satisfeita consigo mesma pela resposta retumbante ao doutor que até sorriu enquanto limpava os óculos. Ela sempre fora avessa a usar óculos, mas foi obrigada a aceitá-los para ler as notícias da guerra. E nenhuma passava despercebida. – Senhorita Oliver, poderia me dizer como se pronuncia M-l-a-w-a,

B-z-u-r-a e P-r-z-e-m-y-s-l?

– Esse último é um enigma que ninguém parece ter resolvido ainda, Susan. Quanto aos outros, só posso arriscar um palpite.

– Esses nomes estrangeiros estão longe de ser decentes, na minha opinião – disse Susan, revoltada.

– Atrevo-me a dizer que os austríacos e os russos pensariam a mesma coisa de Saskatchewan e Musquodoboit, Susan – disse a senhorita Oliver. –

Os sérvios andam fazendo um ótimo trabalho. Eles libertaram Belgrado.

– E mandaram os austríacos para o outro lado do Danúbio com uma pulga atrás da orelha – disse Susan com satisfação ao examinar o mapa do leste europeu, batendo com a agulha de tricô em cada localização para memorizá-las. – A prima Sophia falou há um tempo que a Sérvia já estava derrotada,

mas eu lhe disse para não subestimar a Divina Providência. Diz aqui que o massacre foi brutal. É horrível imaginar tantos homens sendo mortos, querida senhora, por mais que sejam estrangeiros. O exército deles já é escasso o bastante.

No andar de cima, Rilla descarregava os sentimentos em seu diário.

“Nessa semana as coisas ficaram de pernas para o ar, como diz a Susan. Em parte por minha culpa, e em parte não. Mesmo assim, estou infeliz com ambas as partes.”

“Fui à cidade dias atrás para comprar um novo chapéu de inverno. Foi a primeira vez que ninguém insistiu em ir comigo para me ajudar a escolher, e pensei que a mamãe finalmente tivesse parado de me enxergar como uma criança. Encontrei um chapéu adorável, simplesmente encantador. Era de veludo, de um rico tom de verde, perfeito para mim. Combina com meus cabelos e minha tez, destacando as mechas avermelhadas e o que a senhorita Oliver chama de ‘tom cremoso’. Só uma vez na vida eu havia me deparado com aquela tonalidade exata de verde. Aos 12 anos eu tive um gorro de pele de castor exatamente daquela cor, que deixava as outras meninas malucas. Bem, eu simplesmente tive que comprá-lo, porém o preço era exorbitante.

Não vou contá-lo aqui por que não quero que meus descendentes pensem mal de mim por ter pagado tão caro por um chapéu, e na época da guerra ainda por cima, quando todos estavam, ou deveriam estar,

tentando ser econômicos.”

“Quando cheguei em casa e o experimentei de novo no meu quarto, bateu o arrependimento. Ainda o achava muito bonito, mas por algum motivo parecia muito elaborado e extravagante para ir à igreja ou usá-lo na vida cotidiana e pacata de Glen, pois ele era muito chamativo, em suma. Não foi a impressão que tive na loja, porém foi o que senti aqui no meu quartinho branco. E o preço! E os belgas que estavam passando fome! Quando a mamãe viu o chapéu e a etiqueta do preço, ela só me deu uma olhada. A mamãe é especialista em olhares. O papai disse que ela o fez se apaixonar com seus olhares anos atrás na escola de Avonlea e eu acredito piamente, embora eu tenha ouvido uma história esquisita sobre ela ter batido na cabeça dele com uma lousa quando se conheceram. A mamãe foi uma criança peralta, pelo que sei, e uma pessoa que esbanjava energia até o dia em que Jem partiu para a guerra. Mas eu estava falando do meu gorro, quero dizer, do meu novo chapéu de veludo verde.”

“Rilla, você acha que é certo pagar tudo isso por um chapéu, especialmente quando o mundo inteiro está passando necessidade?”, perguntou a mamãe com calma, calma até demais.”

“Eu paguei com minha mesada, mamãe’, exclamei.”

“Não é essa a questão. Você recebe de mesada uma quantia razoável para suas necessidades. Se gastar muito com uma coisa, terá que cortar outra, e isso não é satisfatório. Contudo, se acha que agiu certo, Rilla, não tenho mais nada a dizer. Sua consciência é que manda.”

“Quem dera ela não tivesse dito isso antes! E o que eu podia fazer? Eu não podia devolvê-lo porque já o tinha usado para ir a um concerto na cidade. Tive que ficar com ele! Fiquei tão desanimada que entrei em um estado de ânimo frio, calmo e letal.”

“Então eu disse em um tom altivo: ‘Mamãe, sinto muito que não tenha aprovado meu chapéu’.”

“Ela explicou então: ‘O problema não é o chapéu, embora eu o considere de gosto duvidoso para uma jovem, e sim o preço que pagou por ele’.”

“Ser interrompida me deixou ainda mais contrariada, de maneira que prossegui com mais calma e frieza do que antes, como se a mamãe não tivesse dito nada.”

“Mas tenho que ficar com ele agora. No entanto, prometo que não comprarei outro durante os próximos três anos ou enquanto a guerra durar. Até você’ (ó o sarcasmo que investi nessas palavras) ‘precisa admitir que o preço que paguei não é alto demais se o dividirmos por três anos.”

“Você enjoará desse chapéu em menos de três anos, Rilla’, disse mamãe com um sorriso provocador, que significava que eu não cumpriria com a minha palavra.”

“Enjoada ou não, eu o usarei até lá.’ Aí eu subi para o meu quarto e chorei por achar que tinha sido sarcástica com a mamãe.”

“Eu já odeio aquele chapéu, mas eu disse três anos ou a duração da guerra, e então eu o usarei por três anos ou até a guerra acabar. Eu prometi e não quebrarei minha promessa, custe o que custar.”

“Esse é um dos meus problemas. O outro é que eu discuti com Irene Howard, ou melhor, ela discutiu comigo. Não, nós brigamos.”

“O comitê júnior da Cruz Vermelha se reuniu aqui hoje. A reunião estava marcada para às duas e meia, só que a Irene chegou à uma e meia porque

conseguiu uma carona para vir de Upper Glen. Desde o debate sobre a comida ela vem me tratando com hostilidade; além disso, tenho certeza de que se ressentia por não ser a presidente. Mas eu estava determinada a lidar com a situação com delicadeza e fingi não perceber nada, e ela foi tão doce comigo quando chegou que eu achei que havia superado o rancor e que voltaríamos a ser amigas como antes.”

“Porém, Irene começou a me provocar assim que nos sentamos. Percebi que ela olhou para minha nova bolsa de tricô. Todas as garotas dizem que ela é invejosa, todavia eu nunca acreditei nisso. Agora, tenho a impressão de que talvez seja verdade.”

“A primeira coisa que ela fez foi pegar o Jims do berço (Irene finge que adora crianças pequenas) e cobrir o rosto dele de beijos. A Irene sabe perfeitamente bem que eu não gosto que façam isso com o Jims. Não é higiênico. Depois de importunar o bebê até deixá-lo irritado, ela olhou para mim, deu uma risadinha irônica e disse:

““Ora, Rilla, não me olhe como se eu estivesse tentando envenenar o bebê.””

““Ah, não é isso, Irene”, disse eu com a mesma doçura falsa, ‘é que o Morgan diz que o único lugar que devemos beijar um bebê é na testa, por causa dos germes, e eu sigo isso à risca com o Jims’.”

““Querida, acha mesmo que estou cheia de germes?”, queixou-se Irene. Eu sabia que ela estava zombando de mim e comecei a ferver por dentro. Por fora, não demonstrei absolutamente nada. Estava decidida a não me deixar levar.”

“Então ela começou a balançar o Jims para cima e para baixo. O Morgan diz que isso é o pior que se pode fazer com um bebê. Nunca permito que o balancem desse jeito, mas era o que ela estava fazendo, e aquela criança exasperante estava gostando. Ele sorriu; pela primeira vez. Em quatro meses de vida, ele ainda não tinha sorrido. Nem a mamãe e a Susan conseguiram arrancar um sorriso dele, por mais que tivessem tentado. E ali estava ele, sorrindo porque a Irene o balançava! Quanta ingratidão!”

“Admito que aquele sorriso fez uma grande diferença na fisionomia dele. Duas covinhas adoráveis surgiram nas bochechas, e seus olhos castanhos cintilavam de alegria. O entusiasmo que Irene demonstrou pelas covinhas foi exagerado, na minha opinião. Não era como se ela as tivesse criado. Mas eu continuei costurando e não mostrei entusiasmo, e logo a Irene se cansou de balançar o Jims e o colocou de volta no berço. A criança não gostou nem um

pouco disso depois de ter brincado, de maneira que começou a chorar e passou o resto da tarde irritadiço, o que não teria acontecido se Irene não o tivesse incomodado.”

“Irene olhou para ele e perguntou: ‘Ele sempre chora assim?’, como se nunca tivesse escutado um bebê chorando antes. Eu expliquei pacientemente que os bebês precisam chorar alguns minutos por dia para que seus pulmões se expandam. É o que Morgan explica.”

“‘Se o Jims não chorasse, eu teria que fazê-lo chorar por pelo menos vinte minutos’ eu disse.”

“‘Ah, é claro!’, disse Irene, rindo como se não acreditasse em mim. Se o livro *Cuidados com os bebês segundo Morgan* não estivesse lá em cima, eu a teria convencido.”

“Aí ela comentou que o Jims não tem muito cabelo, que nunca tinha visto um neném de quatro meses tão careca. É óbvio que eu sabia que ele ainda não tem muito cabelo, só que o tom da Irene insinuava que era culpa minha.

Eu disse que já tinha visto dezenas de bebês tão carecas quanto Jims. Ela falou: ‘Ah, tudo bem, então’, e que não tivera a intenção de me ofender, quando nem ofendida eu estava.”

“As coisas continuaram assim pela hora seguinte, com Irene me dando alfinetadas. As garotas tinham me avisado que ela sempre se comportava dessa maneira quando algo a irritava, mas eu não tinha acreditado. Eu achava que Irene era perfeita e me magoou profundamente descobrir que ela podia agir desse jeito. Apesar disso, eu guardei meus sentimentos lá no fundo e continuei costurando um camisolão para uma pobre criança belga.”

“Até que a Irene fez o comentário mais maldoso e desprezível que alguém já tinha proferido sobre o Walter. Não vou escrevê-lo aqui, não seria capaz. Ela disse que ficou furiosa quando o ouviu, é claro, só que não havia necessidade da Irene me dizer tal barbaridade. Ela só fez isso para me magoar. Eu simplesmente explodi.”

“‘Como você se atreve a vir aqui e repetir uma coisa dessas sobre meu irmão, Irene Howard?’, exclamei. ‘Nunca te perdoarei. Jamais. Seu irmão não se alistou e tampouco tem a menor intenção.’”

“‘Ora, querida, não fui eu que disse isso. Como já falei, foi a senhora George Burr. E eu lhe disse que...’”

“‘Não quero saber o que você disse a ela. Nunca mais fale comigo, Irene Howard.’”

“Sim, sei que eu não deveria ter dito isso. Só que as palavras escaparam por conta própria da minha boca. Em seguida as garotas chegaram em bando e fui obrigada a me acalmar e bancar a anfitriã da melhor maneira possível.

Irene trabalhou junto com a Olive Kirk pelo resto da tarde e foi embora sem nem olhar para mim. Creio que ela levou minhas palavras a sério e eu não me importo, pois não quero ser amiga de uma garota capaz de repetir tamanha calúnia sobre o meu irmão. A verdade é que toda essa situação me entristece. Sempre fomos boas amigas, e até recentemente Irene foi muito afável comigo; agora, outra ilusão foi desfeita diante dos meus olhos, e sinto como se não existisse amizade verdadeira no mundo.”

“Hoje o papai pediu para o Joe Mead construir um canil para o Segunda-feira no canto do galpão da estação ferroviária. Nós achamos que talvez o Segunda-feira fosse voltar para casa quando chegasse o frio, mas não. Nada é capaz de atrair o cachorro para fora daquele galpão nem por um minuto. Ele não arreda as patas de lá e recebe todos os trens que chegam. Por isso resolvemos fazer alguma coisa para deixá-lo confortável. Joe o construiu de maneira que ele possa se deitar e ainda ver a plataforma, e esperamos que ele o utilize.”

“O Segunda-feira ficou bem famoso. Um repórter do *Enterprise* veio da cidade, tirou uma foto e escreveu toda a história de vigia fiel. Depois que saiu no periódico, a matéria se espalhou por todo o Canadá. Todavia isso não importa para o pobre animal. Jem foi embora, e ele não sabe para onde e nem por quê, mas esperará até que o dono volte. Por alguma razão, isso me conforta. Suponho que seja tolice, mas isso me dá a sensação de que o Jem voltará, do contrário o Segunda-feira não estaria aguardando por ele.”

“Jims está roncando no berço ao meu lado. É um resfriado que o faz roncar assim, e não as adenoides. Irene estava com um resfriado ontem, e tenho certeza de que passou para ele ao beijá-lo. Já não está mais tão irrequieto como antes. Agora consegue ficar sentadinho e adora tomar banho, espirrando água para todos os lados com uma expressão séria em vez de se debater e gritar. Oh, jamais me esquecerei daqueles dois primeiros meses! Não sei como sobrevivi a eles. Mas aqui estou, e aqui está o Jims, e nós dois vamos seguir em frente. Fiz cosquinhas nele hoje enquanto o vestia, sei que não devo balançá-lo, todavia Morgan não diz nada sobre cócegas, só para ver se ele sorriria para mim como fez com a Irene. E foi o que ele fez, exibindo as covinhas. É uma pena a mãe dele não poder vê-las!”

“Hoje eu concluí meu sexto par de meias. Tive que pedir para a Susan arrumar o calcanhar dos três primeiros pares. Daí pensei que não era correto da minha parte e resolvi aprender a arrumá-los eu mesma.

É algo que detesto fazer, mas eu já fiz tantas coisas que odeio desde o dia quatro de agosto que uma a mais ou a menos não faz diferença.

Eu penso no Jem fazendo piadas com a lama da Planície de Salisbury e minhas forças se renovam.”

A pluma branca é um símbolo tradicional de covardia, usado no exército britânico e nos países associados ao Império Britânico desde o século XVIII, especialmente a fim de humilhar os homens que não eram soldados. (N. T.)



Escuro e claro

Os universitários voltaram para casa no Natal, e por um breve período Ingleside voltou a esbanjar alegria. Só que nem todos estavam lá; pela primeira vez havia uma ausência ao redor da mesa na hora da ceia. Jem, com seus lábios firmes e olhos destemidos, estava longe, e a visão da cadeira vazia era demais para Rilla. Susan encasquetou em arrumar o lugar do Jem como sempre fazia, colocando a pequena argola trançada para o guardanapo que ele usava desde criança, e a taça alta e peculiar dos tempos de Green Gables, presente da tia Marilla, que ele sempre insistia em usar.

– Aquele menino abençoado vai ter um lugar à mesa, querida senhora – avisou Susan com firmeza. – E não se sinta mal, pois tenho certeza de que ele está aqui em espírito e que no próximo Natal estará em pessoa. Espere só o Grande Ataque na primavera, pois a guerra terminará em um piscar de olhos.

Eles tentaram com afincos se divertir, mas uma sombra pairava sobre os festejos. Walter passou o feriado calado e apático. Ele mostrou à Rilla uma carta anônima e cruel que havia recebido em Redmond, que continha mais maldade do que indignação patriótica.

– De qualquer forma, Rilla, tudo que está escrito é verdade.

Rilla a tomou da mão dele e a jogou no fogo.

– Não há uma só palavra verdadeira nela – declarou, exaltada.

– Walter, você está deprimido, assim como a senhorita Oliver diz que fica quando passa tempo demais preocupada com alguma coisa.

– Não consigo fugir disso em Redmond, Rilla. A faculdade inteira está em polvorosa por causa da guerra. Um rapaz perfeitamente saudável e maior de idade que não se alista é visto e tratado como um vagabundo. O doutor Mine, o professor de inglês, que sempre me tratou como o preferido, tem dois filhos que se alistaram. Posso sentir a diferença na maneira como ele vem me tratando.

– Não é justo... você não está apto.

– Fisicamente, estou. Saudável como um touro. Meu problema está na alma, e é uma desgraça. Não chore, Rilla. Não vou me alistar, se é isso que te preocupa. Ouço a música do flautista dia e noite, e não

posso segui-la.

– Você partiria o coração da mamãe e o meu se a seguisse – soluçou Rilla.

– Ah, Walter, uma pessoa já é suficiente na família.

Os feriados foram uma época triste para ela. Não obstante, a presença de Nan, Di, Walter e Shirley ajudou bastante. Ela também recebeu uma carta e um livro de Kenneth Ford. Algumas frases da carta fizeram as bochechas dela corarem e o coração disparar, até que chegou ao último parágrafo, que foi como um balde de água fria.

“Meu tornozelo está novinho em folha. Estarei pronto para me juntar às tropas daqui a alguns meses, Rilla-a-Marilla. Vai ser muito bom finalmente vestir o uniforme cáqui. O pequeno Ken vai poder encarar o mundo inteiro com orgulho. Tem sido horrível desde que voltei a andar sem mancar. Pessoas que eu sequer conheço me olham como se dissessem ‘frouxo’! Bem, isso mudará em breve.”

– Odeio essa guerra – disse Rilla com amargor, contemplando a glória congelada do crepúsculo invernal sobre o bosque de bordo e seus tons dourados e róseos.

– Lá se vai 1914 – disse o doutor Blythe no dia de Ano-Novo. – O sol que o iluminara com integridade se pôs manchado de sangue. O que o próximo ano nos trará?

– A vitória! – disse Susan laconicamente.

– Acha mesmo que venceremos a guerra, Susan? – perguntou a senhorita Oliver com tristeza. Ela viera de Lowbridge para passar o dia e rever Walter e as meninas antes de voltarem para Redmond. Estava com um estado de espírito melancólico e cínico, propensa a ver o lado obscuro da situação.

– Se eu “acredito”? – exclamou Susan. – Não, querida senhorita Oliver, eu sei que vamos vencer. Isso não me preocupa. O que me preocupa são os conflitos e as consequências. Enfim, não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos, de maneira que devemos acreditar em Deus e construir armas poderosas.

– Às vezes eu acho que as armas são melhores do que confiar em Deus – disse a senhorita Oliver em tom provocador.

– Não, não, querida. Os alemães tinham armas poderosas em Marne, não tinham? Só que a Divina Providência estava do nosso lado, não se esqueça. Lembre-se disso quando estiver em dúvida. Segure-se firme na cadeira e repita: “Armas poderosas são boas, mas o Todo-Poderoso é ainda melhor, e Ele está do nosso lado não importa o que diga o cáiser”. Eu teria enlouquecido se não tivesse repetido essa frase para mim mesma ultimamente. Minha prima Sophia é como você, propensa a desesperar-se. “Ah, meu Deus, o que faremos se os alemães chegarem até aqui”, ela choramingou para mim ontem. “Vamos enterrá-los”, respondi na mesma hora. “Temos espaço suficiente para os túmulos.” Ela disse que eu estava sendo impertinente, querida senhorita Oliver, mas eu só demonstrei calma e confiança na marinha britânica e em nossos garotos canadenses. Penso igual ao senhor William Pollock, de Harbour Head. Ele é bem idoso e está doente há muito tempo. Na semana passada estava tão fraco que a nora chegou a sussurrar para alguém que achava que ele havia morrido. “Diabos, ainda não”, ele gritou, só que ele não usou um termo tão brando. “Diabos, ainda não, e só pretendo morrer depois que o cáiser levar uma surra.” Esse é o tipo de espírito que admiro, querida senhorita Oliver – concluiu Susan.

– Também admiro, só não sou capaz de imitá-lo – suspirou Gertrude. – Antes disso tudo, eu sempre conseguia esquecer momentaneamente das dificuldades da vida ao escapular para a terra dos sonhos, de onde voltava como uma gigante revigorada. Porém, agora já não consigo mais.

– Nem eu – disse a senhora Blythe. – Detesto dormir. A vida inteira eu gostei de ir para a cama e passar meia hora imaginando coisas alegres, loucas e esplêndidas. Eu ainda faço isso. Só que agora imagino coisas bem diferentes.

– Fico contente quando chega a hora de dormir – disse a senhorita Oliver. – Gosto da escuridão porque posso ser eu mesma nela, sem precisar sorrir ou dizer coisas encorajadoras. Mas às vezes a minha imaginação também sai do controle e eu vejo... coisas terríveis, que acontecerão nos próximos anos.

– Sou muito grata por não ter imaginação – disse Susan. – Fui poupada disso. Vejo aqui no jornal que o Príncipe Herdeiro foi morto de novo. Será que há esperanças de que continue morto dessa vez? Vejo também que Woodrow Wilson escreverá outra nota. Eu me pergunto – concluiu Susan, com a ironia cáustica com que começou a referir-se ao pobre presidente norte-americano – se a professora daquele sujeito ainda é viva.

Em janeiro, Jims completou 5 meses de idade e Rilla celebrou a data pesando ele.

– Seis quilos – anunciou com orgulho. – Exatamente o quanto deveria pesar nessa idade, de acordo com o Morgan.

Não havia mais dúvidas de que Jims estava ficando lindo. Suas bochechas eram redondas, firmes e levemente rosadas, seus olhos eram grandes e brilhantes, e as mãos diminutas tinham covinhas na base de cada dedo. Até os cabelos começavam a crescer, para o alívio velado de Rilla. Havia uma penugem de um dourado sutil sobre sua cabeça que era visível dependendo da luz. Era uma criança doce, que dormia e comia de acordo com as recomendações de Morgan. Sorria ocasionalmente, só que nunca havia dado uma risada, apesar de todos os esforços. Isso preocupava Rilla, pois o livro de Morgan dizia que os bebês costumavam rir a partir do terceiro mês. Jims tinha cinco meses e não sabia como dar risada. Por que não? Havia algum problema?

Uma noite, Rilla voltou para casa depois de uma reunião de recrutamento em que fez declamações patrióticas. Ela nunca gostou de ler em público por medo do ceceio que teimava a reaparecer quando ficava nervosa. Quando foi convidada a recitar na reunião de Upper Glen, de início ela negou, mas a recusa a deixou preocupada. Seria covardia?

O que o Jem pensaria se soubesse? Depois de dois dias de incerteza, ela telefonou para o presidente da Sociedade Patriótica avisando que aceitava o convite. Durante o evento ela ceceou várias vezes e passou boa parte daquela noite agoniada pelo orgulho ferido. Dois dias depois ela recitou novamente em Harbour Head e foi chamada para declamar em Lowbridge e do outro lado do porto, tendo se resignado ao ocasional ceceio. Ninguém parecia se importar com isso além dela mesma. E Rilla era tão natural, tão cativante e tão entusiasmada! Mais de um jovem se alistou porque os olhos cintilantes da garota pareciam encará-los diretamente ao exclamar com furor que não havia melhor forma de morrer do que lutando pelas cinzas de seus pais e os templos de seus deuses, e ao garantir com uma intensidade emocionante que uma hora de vida gloriosa valia mais do que uma existência inteira no anonimato. Até o fleumático Miller Douglas ficou tão entusiasmado que a Mary Vance levou uma boa hora para convencê-lo a não se voluntariar. Ela disse com rancor que, se a Rilla Blythe estivesse mesmo tão agoniada quanto fingia estar por Jem ter ido para o front, ela não instigaria os irmãos e amigos das outras garotas a se alistarem.

Naquela noite em particular, Rilla chegou cansada e com frio e ficou muito grata ao aninhar-se debaixo dos cobertores quentinhos, ainda que não conseguisse deixar de imaginar com tristeza como Jem e Jerry estariam naquele momento. Ela estava quase pegando no sono quando Jims começou a chorar... ininterruptamente.

Rilla encolheu-se, determinada a esperar que a criança parasse sozinha. Sua justificativa vinha do livro de Morgan. Jims estava agasalhado e confortável; ele não chorava de dor e tampouco de fome. Nessas circunstâncias, ela estaria somente mimando-o se o pegasse no colo. Ele podia muito bem chorar até ficar cansado e voltar a dormir.

Então, a imaginação de Rilla começou a atormentá-la. “Suponhamos que eu seja uma criaturinha indefesa de apenas cinco meses de idade, com meu pai em algum lugar da França e minha pobre mãe, que se preocupava tanto comigo, no cemitério. Suponhamos que eu estivesse dentro de um cesto em um quarto grande e escuro, sem nenhuma luz e ninguém a quilômetros de distância, até onde eu soubesse. Suponhamos que não houvesse nem um ser humano que me amasse, pois um pai que nunca me viu não poderia me amar muito, uma vez que nunca escreveu uma palavra sequer para mim ou perguntando sobre mim. Eu não me sentiria solitária, abandonada e assustada? Eu não choraria?

Rilla levantou-se, tirou o bebê do cesto e o colocou na cama. As mãos do pobrezinho estavam geladas. Entretanto, ele parou de chorar imediatamente. Quando ela o abraçou em meio à escuridão, Jims de repente riu, foi uma risada gostosa, gorgolejante e sincera.

– Ah, meu pequenino – exclamou Rilla. – Está feliz por saber que não está sozinho nesse quarto grande e escuro? – Foi quando ela percebeu que queria beijá-lo, e assim o fez. Ela beijou a cabeça macia e cheirosa do bebê, beijou as bochechas fofas, beijou as mãozinhas frias. Ela queria apertá-lo e acariciá-lo, da mesma forma que fazia com os gatinhos. Um sentimento tenro, delicioso e melancólico apoderou-se dela. Rilla nunca sentira nada parecido.

Em poucos minutos Jims adormeceu, enquanto ouvia sua respiração suave e regular e sentia seu corpinho cálido aconchegado junto ao dela, Rilla deu-se conta de que finalmente começara a amar aquele filho

da guerra.

– Ele é... tão... adorável – murmurou enquanto também partia para a terra dos sonhos.

Em fevereiro chegou a notícia de que Jem, Jerry e Robert Grant foram mandados para as trincheiras, o que aumentou a tensão e o medo na rotina de Ingleside. Em março, a amargura com que Susan se referia ao presidente intensificou-se. Os jornais passaram a publicar uma lista diária de baixas, e cada vez que o telefone tocava em Ingleside era impossível não sentir um calafrio gelado, pois podia ser da estação avisando que um telegrama havia chegado do estrangeiro. Todos acordavam pela manhã e se perguntavam, com uma sensação abrupta e inquietante, o que o dia lhes reservava.

“E pensar que eu recebia as manhãs com alegria”, pensou Rilla.

A vida seguia adiante no ritmo de sempre, e quase toda semana um dos rapazes de Glen, que até pouco tempo atrás era um estudante travesso vestia, o uniforme cáqui.

– Hoje está um frio de lascar lá fora, querida senhora – disse Susan ao entrar em casa, em uma noite clara e estrelada do inverno canadense. – Pergunto-me se os garotos estão aquecidos nas trincheiras.

– Tudo nos remete a essa guerra! – exclamou Gertrude Oliver. – Não dá para escapar, nem quando falamos do clima. Não consigo deixar de pensar nos soldados nas trincheiras cada vez que saio nessas noites escuras e frias. Não apenas em nossos homens, mas em todos. Eu pensaria da mesma forma se não houvesse ninguém que eu conheço no front. Quando me aconchego na cama, tenho vergonha de me sentir tão confortável. Sinto como se fosse cruel da minha parte, quando tanta gente não tem o mesmo.

– Eu me encontrei com a senhora Meredith na loja – disse Susan –, e ela me falou que estão muito preocupados com o Bruce. O menino leva as coisas muito a sério. Há uma semana ele chora todas as noites até pegar no sono por causa dos belgas que estão passando fome. “Ah,

mamãe”, suplica ele, “tomara que os bebês não estejam famintos”.

“Ah, não os bebês, mãe! Diga que eles não estão passando fome, mamãe!” Ela não diz nada porque não seria correto, mas já não sabe mais o que fazer. Eles tentam esconder esses tipos de coisa dele, só que o menino acaba descobrindo e fica inconsolável. Também me parte o coração ler as notícias, querida senhora, e não consigo me consolar imaginando que não são verdadeiras. Quando leio um livro que me faz querer chorar eu digo severamente a mim mesma: “Susan Baker, você sabe muito bem que isso é um monte de mentiras”, mas temos que ser fortes. Jack Crawford diz que vai para a guerra porque está cansado de trabalhar na fazenda. Espero que goste da mudança de ares. E a senhora Richard Elliott, que mora do outro lado do

porto, está morrendo de remorso por ter ralhado tanto com o marido para que não enchesse as cortinas da sala de fumaça. Agora que ele se alistou, ela gostaria de jamais ter tocado no assunto. Você conhece Josiah Cooper e William Daley, querida senhora. Costumavam ser amigos, todavia tiveram uma briga vinte anos atrás e nunca mais voltaram a se falar. Bem, dias atrás o Josiah procurou o William e disse sem rodeios: “Vamos fazer as pazes. Não é hora para guardarmos rancor”. William ficou muito contente e estendeu a mão, e os dois se sentaram e tiveram uma boa conversa. Em menos de meia hora discutiram de novo por causa da guerra. Josiah afirma que a campanha de Dardanelos²⁴ foi um fracasso, e William defende que foi a jogada mais sensata que os Aliados fizeram. Agora estão mais furiosos um com o outro do que nunca. William diz que o Josiah é a favor da Alemanha assim como o Bigodinho, que jura que não defende os alemães e se considera um pacifista, seja lá o que isso signifique. Não deve ser nada de bom. Vindo do Bigodinho, não tenho dúvidas. Ele diz que a grande vitória britânica em Neuve-Chapelle nos rendeu mais prejuízos do que vantagens, e proibiu Joe Milgrave de se aproximar da casa porque o Joe hasteou a bandeira do pai dele ao inteirar-se da notícia. Você percebeu que o czar mudou o nome de Prish para Przemysl? O que demonstra que, apesar de ser russo, não tem um pinga de bom senso. Joe Vickers comentou na loja que viu algo muito estranho no céu na noite passada, nos arredores de Lowbridge. Acha que pode ser um zepelim, querida senhora?

– Acho improvável, Susan.

– Bem, eu ficaria mais tranquila com relação a isso se o Bigodinho não morasse em Glen. Dizem que ele foi visto fazendo umas manobras estranhas com uma lamparina no quintal numa noite dessas. Algumas pessoas acham que estava sinalizando.

– Para quem... ou o quê?

– Ah, é esse o mistério, querida senhora. Na minha opinião, o governo deveria ficar de olho naquele sujeito se não quiser que todos nós sejamos assassinados enquanto dormimos. Agora, vou dar uma olhada nos jornais antes de escrever uma carta para o pequeno Jem. Duas coisas que nunca tinha feito antes, querida senhora: escrever cartas e ler sobre política. E agora as faço regularmente. Acabei descobrindo certo interesse pela política. Ainda não compreendo o que o Woodrow Wilson diz, mas ainda tenho esperanças de desvendar.

Em seus esforços para entender o presidente e a política, Susan deparou-se com algo que a deixou perturbada.

– Aquele cáiser maldito só teve um furúnculo, afinal.

– Não pragueje, Susan – disse o doutor Blythe, com uma expressão séria.

– “Maldito” não é um xingamento, querido doutor. Sempre achei que blasfemar era usar o nome do Todo-Poderoso em vão.

– Bem, não é, digamos, refinado – disse o doutor, piscando para a senhorita Oliver.

– Não, querido doutor, o diabo e o cáiser, se é que são duas pessoas diferentes, não são dignos de *finesse*. E não é possível referir-se a eles de maneira refinada. Dessa maneira, faço jus às minhas palavras, e talvez vocês tenham reparado que não uso tais expressão quando a jovem Rilla está por perto. E reafirmo que os jornais não têm o direito de dizer que o cáiser tem pneumonia e nos dar esperanças, para então divulgar que ele só teve um furúnculo. Um furúnculo, ora essa! Quem dera estivesse coberto deles.

Susan foi para a cozinha e começou a escrever a carta para o Jem. A julgar por certas partes da carta que chegara naquele dia, ele precisava de um pouco de consolo.

“Estamos em uma velha adega nesta noite, papai”, ele escreveu, “com água até os joelhos. Há ratos por toda a parte, e nenhuma fogueira. E uma chuva gelada... é tudo muito deprimente. Contudo, poderia ser pior. Recebi a caixa da Susan hoje, estava tudo em ordem, e nós fizemos um banquete. O Jerry está no front e diz que a ração é um pouco pior do que aquela mesma comida que a tia Martha costumava preparar todos os dias. Aqui não está tão ruim, só monótono. Diga a Susan que eu pagaria um ano do meu salário por uma fornada dos biscoitos dela, mas não deixe que isso a incentive a fazê-los, pois eles não chegariam em bom estado.”

“Estamos sob ataque desde a última semana de fevereiro. Um garoto da Nova Escócia foi morto bem do meu lado ontem. Uma granada explodiu próximo da gente e, quando a poeira abaixou, lá estava ele caído no chão, sem nenhum ferimento, com uma expressão de espanto nos olhos. Foi a primeira vez que estive tão perto de algo assim e a sensação foi terrível, todavia em pouco tempo as pessoas se acostumam com os horrores por aqui. Estamos em um mundo absolutamente diferente. As únicas coisas que são as mesmas são as estrelas, que não parecem estar nos lugares certos.”

“Diga para a mamãe não se preocupar. Estou bem, com uma saúde ótima, e feliz por estar aqui. Há algo do outro lado das linhas inimigas que precisa ser extirpado do mundo, só isso. Uma manifestação maligna que pode envenenar a vida para sempre. Isso precisa ser feito, pai, não importa quanto tempo leve, custe o que custar. Diga isso ao povo de Glen por mim. Eles não fazem ideia do que tem acontecido por aqui. Eu também não tinha, antes de vir para cá. Achei que seria divertido. Bem, não é! Mas estou onde deveria estar, não se preocupe. Quando vi o que fizeram com as casas, os jardins e as pessoas... pai, era como se eu estivesse vendo um grupo de hunos marchando pelo

Vale do Arco-Íris, pelo vilarejo, pelo jardim de Ingleside. Havia jardins aqui... jardins lindos e centenários... E o que aconteceu com eles? Foram destruídos, profanados! Estamos lutando para que os lugares queridos onde brincávamos quando éramos crianças continuem seguros para outros meninos e meninas. Estamos lutando pela segurança de todas as coisas doces que são importantes para nós.”

“Se algum de vocês passarem pela estação, não se esqueçam de fazer um carinho especial no Segunda-feira por mim. Imagine só, aquele fiel vagabundo esperando por mim! Sinceramente, pai, em algumas noites frias nas trincheiras, pensar que há milhares de quilômetros existe um cachorrinho malhado me fazendo companhia durante a vigília me reanima e fortalece imensamente.”

“Diga para a Rilla que estou contente em saber que o filho da guerra dela está cada dia mais esbelto, e avise a Susan que estou enfrentando bravamente os hunos e as quiranas.”

– Querida senhora – sussurrou Susan solenemente –, o que são quiranas?

A senhora Blythe sussurrou o que eram e respondeu às exclamações horrorizadas:

– É comum nas trincheiras, Susan.

Em silêncio, Susan balançou a cabeça com uma expressão séria e retirou-se para abrir o embrulho que enviaria ao Jem e incluir um pente fino.

Uma das expedições mais custosas e trágicas da Primeira Guerra Mundial, com grandes baixas para ambos os lados. (N. T.)



Os dias de Langemarck

“Como a primavera pode ser tão bonita em meio a tantos horrores”, escreveu Rilla em seu diário. “Com o sol brilhando, os amentilhos fofos e amarelos florescendo ao longo do riacho e o jardim voltando a ficar exuberante, é difícil imaginar a calamidade que está acontecendo em Flandres. Mas é verdade!”

“A última semana foi terrível para todos nós desde que chegou a notícia do conflito em Ypres e das batalhas de Langemarck e St. Julien. Nossos rapazes se saíram esplendidamente; o general francês disse que eles ‘salvaram a situação’ quando os alemães estavam prestes a vencer. Só que eu não consigo sentir orgulho ou júbilo, apenas uma ansiedade que me consome por causa do Jem, do Jerry e do senhor Grant. A lista de baixas sai nos jornais todos os dias. Ah, como são extensas! Não tenho coragem de lê-las por medo de encontrar o nome do Jem. Houve casos de pessoas que viram o nome dos entes queridos antes de o telegrama oficial chegar. Eu me recusei a atender o telefone por um ou dois dias, pois eu não suportaria o momento angustiante entre o ‘alô’ e a resposta. Isso parece ter sido cem anos atrás; eu temia ouvir ‘há um telegrama para o doutor Blythe’. Depois de um tempo eu fiquei envergonhada de deixar tudo nas mãos da mamãe e da Susan, e agora eu me forço a atendê-lo. Porém, nunca é fácil. A Gertrude dá aula, corrige redações e prepara provas como de costume, mas eu sei que os pensamentos dela estão o tempo todo lá em Flandres. Os olhos dela me assombram.”

“Agora o Kenneth também está de uniforme. Ele escreveu contado que recebeu a patente de tenente e que espera cruzar o oceano em meados do verão. Eu não vou vê-lo antes de partir. Talvez eu nunca mais o veja. Às vezes me pergunto se aquela noite no farol foi um mero sonho. Talvez tenha sido. Parece que foi em outra vida de muitos anos atrás e que todos se esqueceram menos eu.”

“Walter, Nan e Di voltaram de Redmond ontem. Quando Walter desceu do trem, o Segunda-feira correu freneticamente para recebê-lo. Creio que ele achou que o Jem estivesse com ele. Depois do primeiro instante, ele ignorou as carícias do Walter e ficou parado ali, olhando as outras pessoas que desciam do trem com um olhar que me deixou com um nó na garganta. Não pude deixar de pensar que talvez o Segunda-feira nunca mais veja o Jem saltar do trem outra vez. Então, quando não havia mais ninguém, ele deu uma lambida na mão do Walter como se dissesse: ‘Sei que não é culpa sua ele não ter voltado. Desculpe-me por ter ficado decepcionado’ e voltou para o galpão com o jeito de andar engraçado, como se as patas traseiras fossem na direção oposta às da dianteira.”

“Tentamos trazê-lo para casa conosco. Di chegou até a lhe dar um beijo no meio da testa e dizer: ‘Segunda-feira, meu velho, por que não volta para casa só por essa noite?’, e ele respondeu (eu juro!) ‘Sinto muito, mas não posso. Tenho que aguardar pelo Jem aqui, sabe, e às oito chegará outro trem’.”

“É ótimo ter o Walter aqui em casa novamente, embora ele esteja calado e cabisbaixo, como no Natal. Vou amá-lo, animá-lo e fazê-lo rir como antes. Sinto que, a cada dia que passa, ele significa mais e mais para mim.”

“Em uma tarde, Susan comentou por acaso que as anêmonas estavam florescendo no Vale do Arco-Íris. Eu estava olhando para a mamãe nesse exato momento. Sua expressão alterou-se, e ela refreou um soluço. Na maior parte do tempo a mamãe é tão alegre e animada que é impossível adivinhar o que está sentindo, só que de vez em quando alguma coisinha a afeta e nós vemos o que há sob a superfície. ‘Anêmonas’, ela disse, ‘como as que o Jem trouxe para mim no ano passado!’, e em seguida saiu da sala. Eu teria corrido até o vale e lhe trazido um imenso buquê de anêmonas, mas eu sabia que não era isso que ela queria. Na noite passada, depois que chegou em casa, Walter foi até o vale e trouxe para a mamãe todas as anêmonas que pôde encontrar. Ninguém havia dito nada a ele. Walter simplesmente lembrou-se de que o Jem costumava colher para ela as primeiras anêmonas da estação. Isso mostra o quão gentil e atencioso ele é. Ainda assim, há pessoas que lhe mandam cartas cruéis!”

“É estranho sermos capazes de dar prosseguimento à vida cotidiana como se nada estivesse acontecendo do outro lado do mundo, como se notícias ruins não pudessem chegar a qualquer momento. Todavia podemos, e devemos. Susan está arrumando o jardim, a mamãe e ela estão faxinando a casa, e o comitê júnior da Cruz Vermelha está organizando um concerto em

prol dos belgas. Estamos ensaiando há um mês, e enfrentando um mar de problemas com pessoas caprichosas. Miranda Pryor prometeu ajudar com um diálogo, e quando ela já tinha decorado todas as falas, o pai dela voltou atrás e a proibiu de participar. Não culpo a Miranda; no entanto, acho que ela poderia ser mais assertiva às vezes. Se ela se impusesse mais, talvez ele cedesse. Miranda é a única que cuida da casa. O que ele faria se ela ‘entrasse em greve’? Se eu fosse ela, encontraria algum jeito de dobrar o Bigodinho.

Eu lhe daria uma cintada ou até mesmo uma mordida, em último caso. Só que Miranda é uma filha submissa e obediente, que merece ter seus dias na terra prolongados²⁵.”

“Como ninguém mais se interessou pelo papel, eu acabei tendo que substituí-la. Olive Kirk está no comitê do concerto e vai contra tudo que proponho. Apesar disso, eu consegui que a senhora Channing venha da cidade para cantar para nós. Ela é uma excelente cantora e atrairá tanta gente que arrecadaremos mais do que vamos pagar para ela. Olive Kirk achou que nosso talento local seria bom o bastante para o show de talentos. A Minnie Clow decidiu que não vai mais participar do coral por medo de ficar nervosa demais diante da senhora Channing. E ela é a única contralto boa que temos! Há momentos em que fico tão exasperada que tenho vontade de lavar as mãos, mas depois de algumas voltas pelo meu quarto para extravasar a raiva eu me acalmo e retomo o trabalho. Neste momento, me atormenta a possibilidade de que a família do Isaac Reese esteja com coqueluche. Todos pegaram um resfriado horrível, e cinco membros do clã são partes importantes do programa. Se estiverem com coqueluche, o que vou fazer? O solo de violino de Dick Reese é uma das nossas melhores apresentações, Kit Reese aparece em todos os quadros vivos e as três meninas pequenas fazem um número adorável com bandeiras. Passei semanas ensaiando-as, e agora parece que foi tudo em vão.”

“O primeiro dentinho do Jims apareceu hoje. Estou muito contente, pois ele tem quase 9 meses de idade e a Mary Vance anda insinuando que ele está atrasado nesse quesito. Também já começou a engatinhar, mas não como a maioria dos bebês. Ele fica de quatro e carrega as coisas na boca como um cachorrinho. Ninguém pode dizer que não começou na hora certa, e está até adiantado, já que o Morgan afirma que as crianças entram nessa fase aos 10 meses, em média. Está tão fofo! Seria uma pena se o pai dele nunca o conhecesse. O cabelo também está crescendo muito bem, e tenho esperanças de que fique encaracolado.”

“Por alguns minutos, enquanto escrevo sobre o Jims e o concerto, pude esquecer-me sobre Ypres, o gás venenoso e a lista de baixas. E agora tudo voltou de uma só vez, e ainda pior! Ah, se ao menos pudéssemos ter certeza de que o Jem está bem! Eu costumava ficar furiosa quando o Jem me chamava de Aranha. Agora, se ele entrasse assoviando pelo corredor e dissesse “olá, Aranha” como antes, eu acharia que é o nome mais adorável do mundo.”

Rilla guardou o diário e saiu para o jardim. Era um lindo fim de tarde primaveril. O vale grande e verdejante voltado para o oceano estava mergulhado na escuridão, e mais adiante o crepúsculo encobria as pradarias. O porto estava radiante, com tons púrpuras aqui, tons anis ali, e opala por todo o firmamento. Uma névoa esverdeada envolvia o bosque de bordos. Rilla olhou ao redor com um olhar melancólico.

Quem disse que a primavera era a época mais alegre do ano? Era a mais angustiante. As manhãs lilases, os narcisos estrelados e o lamento do vento por entre os velhos pinheiros eram formas diferentes de ferir o coração. Será que algum dia a vida voltaria a ser como era antes?

– É bom poder rever o pôr do sol da Ilha do Príncipe Eduardo – disse Walter ao aproximar-se dela. – Não me lembrava que o mar era tão azul, as estradas de terra tão vermelhas e as matas tão viçosas e repletas de fadas.

Sim, elas continuam por aqui. Juro que sou capaz de encontrar um monte delas escondidas sob as violetas no Vale do Arco-Íris.

Naquele momento, Rilla estava feliz. Aquele era o Walter de antigamente.

Ela torcia para que ele tivesse se esquecido de certas coisas que o afligiam.

– E veja como o céu sobre o Vale do Arco-Íris é azul – comentou ela, inspirada pelo estado de espírito do irmão. – Azul de verdade, azul. Eu teria que repetir “azul” centena de vezes para expressar o quão azul realmente é.

Susan passou por eles, com os cabelos enrolados em um lenço, carregando ferramentas de jardim. Doc, furtivo e de olhos arregalados, seguia os passos dela escondido nos arbustos de grinalda-de-noiva.

– O céu pode estar azul – disse Susan –, mas aquele gato passou o dia inteiro como o Senhor Hyde, então provavelmente teremos chuva hoje à noite. Além disso, o reumatismo está incomodando meu ombro.

– Pode ser que chova, mas não pense no reumatismo, Susan. Pense nas violetas – disse Walter com alegria... alegria até demais, refletiu Rilla.

Porém, Susan achou que ele estava sendo insensível.

– Querido Walter, não sei o que quer dizer com “pensar nas violetas” – respondeu com rigidez – e reumatismo não é motivo para piadas, como talvez você descubra por si só algum dia. Não quero ser o tipo de pessoa que está sempre reclamando das dores, especialmente nesses tempos difíceis em que vivemos. O reumatismo é horrível, mas acredito que não é nada se comparado com o gás venenoso dos hunos.

– Ah, meu Deus, não! – exclamou Walter antes de entrar em casa.

Susan balançou a cabeça. Ela condenava tais interjeições. “Espero que a mãe dele não o ouça”, pensou enquanto recolhia as enxadas e os ancinhos.

Rilla continuou ali, entre os botões de narcisos, com os olhos marejados. A noite dela fora arruinada, ela detestava Susan, que de alguma maneira havia magoado o Walter. Quanto ao Jem... ele havia morrido envenenado por gás? Havia sido torturado até a morte?

– Não aguento mais esse suspense – disse, desesperada.

Entretanto, ela aguentou firme assim como as outras pessoas por mais uma semana. Até que chegou uma carta de Jem. Ele estava bem.

“Cheguei até aqui sem nenhum arranhão, pai. Não sei como eu ou qualquer um de nós conseguimos. Vocês sabem pelos jornais o que vem acontecendo. Não sou capaz de escrever sobre isso. O importante é que os hunos não conseguiram passar por nós, nem passarão. O Jerry foi derrubado por uma granada, mas foi pelo choque do impacto. Ele melhorou em alguns dias. Grant também está seguro.”

Nan recebeu uma carta de Jerry Meredith.

“Recobrei a consciência nesta manhã. Na hora eu não entendi o que tinha acontecido, mas achei que era o fim. Estava sozinho e com medo, muito medo. Cercado de mortos, caído no campo de batalha cinzento e lamacento. Sentia muita sede e pensei em Davi e a água de Belém²⁶, e no velho riacho do Vale do Arco-Íris sob os bordos. Era como se estivesse diante dos meus olhos e você estivesse do outro lado dele, rindo... e achei que tudo estava perdido. Nada mais importava. Honestamente, nada mais me importava. Eu sentia apenas um medo infantil e paralisante da solidão e daqueles mortos ao meu redor, e me perguntava como aquilo podia ter acontecido comigo. Então eles me encontraram e me levaram em segurança, de início eu não percebi que não havia nada de errado comigo. Voltarei para as trincheiras amanhã. Eles precisam da maior quantidade possível de homens.”

– Não existe mais felicidade no mundo – disse Faith Meredith quando visitou Ingleside para falar sobre as cartas. – Lembro de ter dito para a velha senhora Taylor muito tempo atrás que o mundo é repleto de felicidade. Só que já não é mais.

– O mundo é um grito de angústia – disse Gertrude Oliver.

– Temos que manter o bom humor, meninas – disse a senhora Blythe. – Uma boa risada às vezes é melhor do que uma oração... só às vezes – acrescentou baixinho. Tinha sido muito difícil manter o bom humor nas últimas três semanas, em que apenas existira. Logo ela, Anne Blythe, conhecida pelo riso fácil e espontâneo. E o que mais a machucava era pensar que o riso da Rilla se tornara algo raro. Logo Rilla, que ela costumava achar que ria demais. Por que a adolescência dela tinha que ser tão sombria? Não obstante, que mulher forte e sagaz ela estava se tornando! Quanta paciência tinha para tricotar, costurar e cuidar do comitê júnior da Cruz Vermelha! E como era maravilhosa com o Jims!

– É como se ela tivesse cuidado de uma dúzia de crianças antes, querida senhora – declarara Susan solenemente. – Eu jamais teria imaginado no dia

em que ela chegou aqui com aquela sopeira.

Referência ao Antigo Testamento, Êxodo 20:12. (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Crônicas 11:17. (N. T.)



Uma dose de humildade

– Estou com muito medo de que algo terrível tenha acontecido, querida senhora – disse Susan, que havia peregrinado até a estação para levar alguns ossos de primeira para o Segunda-feira. – O Bigodinho desceu do trem que veio de Charlottetown todo satisfeito. Não me lembro de já tê-lo visto sorrir em público. É claro que ele pode simplesmente estar feliz por ter levado a melhor em uma venda de gado. Porém, estou com um terrível pressentimento de que os hunos fizeram progresso.

Talvez Susan estivesse sendo injusta ao associar o sorriso do senhor Pryor com o naufrágio do *Lusitania*²², cuja notícia circulava desde a chegada do correio há uma hora. Naquela noite, os garotos de Glen saíram em bando e quebraram todas as janelas da casa dele em um frenesi de indignação pelos feitos do cáiser.

– Não acho que eles agiram certo nem errado – disse Susan quando se inteirou do ocorrido. – Mas digo que eu não teria me importado de jogar algumas pedras. Uma coisa é certa: no dia em que chegou a notícia, o Bigodinho disse no correio, diante de testemunhas, que as pessoas que não ficaram em casa depois de terem sido avisadas mereceram tal destino. O Norman Douglas está espumando de raiva. “Se o diabo não der um jeito nos homens que afundaram o *Lusitania*, é porque ele não existe”, gritou na loja do Carter na noite passada. O Norman Douglas sempre acreditou que qualquer pessoa que esteja contra ele está do lado do diabo, só que até um homem desses tem seus momentos de razão. Bruce Meredith não para de pensar nos bebês que foram afogados. E parece que ele orou pedindo por algo muito especial na sexta-feira passada e sua prece não foi atendida, o que o deixou muito enfadado. Porém, quando ouviu sobre o *Lusitania*, ele falou para a mãe que compreendia por que Deus não tinha realizado seu pedido: Ele estava ocupado demais cuidando das almas das

pessoas que morreram afogadas. A mente daquela criança é cem anos mais velha do que o corpo, querida senhora. Quanto ao navio, foi uma tragédia em todos os sentidos. Mas o Woodrow Wilson vai escrever uma nota a respeito, então, por que se preocupar? Que belo presidente! – Susan bateu as panelas com fúria. O presidente Wilson estava se transformando em um anátema na cozinha da Susan.

Mary Vance foi até Ingleside em uma tarde para avisar que não se opunha mais ao alistamento de Miller Douglas.

– Essa história do naufrágio foi a gota d’água – disse Mary bruscamente. –

Quando o cáiser decide afogar bebês inocentes, é hora de alguém colocá-lo no devido lugar. Isso precisa acabar. Demorei um pouco para compreender, mas agora estou decidida. Por isso, eu disse para o Miller que, por mim, ele pode ir. Já a velha Kitty Alec é irredutível. Se todos os navios do mundo fossem atacados e todos os bebês afogados, ela ainda assim não mudaria de opinião. Apesar disso, sinto-me lisonjeada por Miller ter continuado aqui todo esse tempo por minha causa, e não pela Kitty. Eu já me decidi! Agora, veremos o que vai acontecer...

E eles viram. No domingo seguinte, Miller Douglas entrou na igreja ao lado de Mary Vance trajando o uniforme cáqui. Mary estava tão orgulhosa que seus olhos quase faiscavam. Joe Milgrave, no fundo da galeria, olhou para o casal e depois para Miranda Pryor, e suspirou tão profundamente que todos sentados em um raio de três bancos o ouviram e compreenderam o motivo. Walter Blythe não suspirou. Preocupada, Rilla estudou o rosto dele e ficou desolada com o olhar do irmão. Aquilo a assombrou durante a semana inteira, infligindo à alma dela uma angústia que se misturou à ansiedade e aos problemas referentes ao show de talentos da Cruz Vermelha que se aproximava. O resfriado dos Reese não se transformou em coqueluche, de maneira que isso estava resolvido. Porém, ainda havia outros problemas, e na véspera do concerto chegou uma carta muito pesarosa da senhora Channing informando que não poderia se apresentar. O filho dela, que se encontrava em Kingsport com o batalhão, estava com uma pneumonia gravíssima e precisava da ajuda dela.

Os membros do comitê se entreolharam, desanimados. E agora?

– É o que se ganha por depender de pessoas de fora – queixou-se Olive Kirk.

– Temos que fazer alguma coisa – disse Rilla, desesperada demais para se importar com a atitude da Olive. – Anunciamos o concerto por toda a parte, uma multidão estará presente, até um grupo grande de pessoas virá da cidade, e não temos números musicais suficientes. Precisamos de alguém para cantar no lugar da senhora Channing.

– Não sei quem podemos chamar de última hora – disse Olive.

– Talvez a Irene Howard, mas duvido que ela aceitará depois da maneira como o nosso comitê a insultou.

– Como nós a insultamos? – perguntou Rilla, em um tom frio e seco. Todavia, nem ele intimidou Olive.

– Você a insultou. A Irene me contou tudo. Ela ficou literalmente de coração partido. Você falou para ela nunca mais dirigir a palavra a você, e ela simplesmente não consegue imaginar o que disse ou fez para merecer esse tratamento. Foi por isso que ela nunca mais veio às

nossas reuniões e se juntou à Cruz Vermelha de Lowbridge. Não a culpo de forma alguma. Eu é que não vou pedir para que ela se rebaixe para nos ajudar.

– Vocês esperam que eu lhe peça? – riu Amy MacAllister. – Irene e eu não nos falamos há centenas de anos. Ela está sempre “ofendida” por algum motivo, mas tenho que admitir que é uma ótima cantora, e as pessoas que virão pela senhora Channing se interessariam ao ouvi-la cantar.

– Não adiantaria se você pedisse – argumentou Olive. – Assim que começamos a planejar esse concerto, lá em abril, eu encontrei a Irene na cidade e perguntei se ela podia nos ajudar. Ela disse que adoraria, mas que não sabia como depois da maneira estranha com que Rilla Blythe a tratou, uma vez que ela é que estava cuidando da programação. Então, é isso. Nosso show de talentos vai ser um belo fracasso.

Rilla foi para casa e trancou-se no quarto, com a alma em um turbilhão. Ela não iria se humilhar desculpando-se com a Irene Howard! Irene estava tão errada quanto a própria Rilla; além disso, ela havia contado uma versão maliciosa e distorcida da discussão, posando de desentendida e de mártir. Rilla jamais conseguiria contar sua versão da história; o fato de envolver uma injúria contra o Walter a impedia. Assim, a maioria das pessoas acreditava que a Irene tinha sido ofendida, exceto algumas garotas que não gostavam dela e estavam do lado da Rilla. Contudo, o show pelo qual ela se esforçara tanto seria um desastre. Os quatro solos da senhora Channing eram

a grande atração
do programa.

– Senhorita Oliver, qual é a sua opinião? – perguntou, desesperançada.

– Acho que é a Irene que deveria pedir desculpas – respondeu a senhorita Oliver. – Infelizmente, a minha opinião não vai tapar o buraco na programação.

– Se eu me desculpasse, tenho certeza de que ela aceitaria cantar

– suspirou Rilla. – Ela realmente adora cantar em público. Porém, sei que ela ficaria intratável depois disso. Eu faria qualquer coisa para não ter que me sujeitar a isso. Enfim, acho que é o que devo fazer. Se o Jem e o Jerry podem enfrentar os hunos, com certeza eu posso encarar a Irene Howard, engolir meu orgulho e lhe pedir um favor pelo bem dos belgas. Nesse momento eu sinto que não sou capaz, todavia estou com o pressentimento de que depois do almoço vocês me verão atravessar humildemente o Vale do Arco-Íris em direção à estrada para Upper Glen.

O pressentimento de Rilla estava correto. Depois do almoço, ela colocou o vestido azul de crepe com contas, pois a vaidade é mais difícil de reprimir do que o orgulho, e Irene era do tipo que sempre reparava nos defeitos da aparência das outras meninas. Além disso, como a Rilla dissera para a mãe quando tinha 9 anos: “É mais fácil comportar-se bem quando estamos com nossas melhores roupas”.

Rilla fez um penteado primoroso e vestiu uma longa capa de chuva por precaução. Ela não conseguia parar de pensar na conversa desagradável que estava por vir, por isso ensaiava incessantemente o que iria dizer. Ela desejava que tudo já tivesse acabado, desejava nunca ter tentado organizar um concerto beneficente para a Bélgica, desejava não ter discutido com Irene. Afinal, o silêncio desdenhoso teria sido uma resposta muito mais eficiente ao insulto contra o Walter. Foi tolice e infantilidade reagir daquele jeito. Bem, ela seria mais madura dali para a frente; naquele momento, porém, ela era obrigada a tomar uma boa dose de humildade, que por mais saudável que fosse, Rilla Blythe achava intragável como o resto de nós.

Ao entardecer, Rilla chegou à residência dos Howard, uma casa pretenciosa, com madeira entalhada ao redor dos caibros e janelas que se projetavam para fora por todos os lados. A senhora Howard, uma dama corpulenta, recebeu Rilla efusivamente e a deixou na sala de estar enquanto foi chamar a Irene. Rilla tirou a capa de chuva e examinou seu reflexo no espelho acima da lareira. O cabelo, o chapéu e o vestido estavam

satisfatórios, não havia nada de que a senhorita Irene pudesse caçoar. Rilla recordou que achava os comentários sarcásticos de Irene sobre as outras garotas divertidos e inteligentes. Bem, agora ela poderia ser alvo deles.

– Como vai, senhorita Blythe? – perguntou com doçura. – Ora, que prazer inesperado.

Rilla levantou-se para apertar a mão fria da Irene e, ao sentar-se, viu algo que a deixou temporariamente atordoada. Irene também viu e esboçou um sorrisinho impertinente que continuou fixo nos lábios durante toda a conversa.

Rilla estava com um lindo sapatinho de fivela de ferro e uma fina meia de seda azul em um dos pés. No outro, estava com uma botina grosseira e uma meia de algodão!

Pobre Rilla! Ela havia trocado... ou melhor, começado a trocar de sapatos depois de colocar o vestido. Isso era o resultado de se fazer uma coisa com as mãos e outra com o cérebro. Ah, que situação constrangedora; justamente na presença de Irene Howard, que encarava os pés de Rilla como se nunca tivesse visto sapatos antes! E pensar que ela chegou a considerar os modos da Irene perfeitos! Tudo que a Rilla havia preparado para dizer desapareceu da memória. Tentando em vão esconder o pé infeliz debaixo da cadeira, ela disparou:

– *Fim* aqui te pedir um *favor*, Irene.

Lá estava ela ceceando de novo! Ah, ela havia se preparado para a humilhação, mas tudo tinha limites!

– Sim? – perguntou Irene em um tom frio. Ela ergueu os olhos insolentes por um momento e encarou o rosto vermelho de Rilla antes de baixá-los novamente, como se estivesse fascinada com a bota velha e o sapatinho elegante.

Rilla respirou fundo. Ela não iria cecear. Ela iria agir com calma e compostura.

– A senhora Channing não pode vir porque o filho dela está doente em Kingsport, e eu estou aqui em nome do comitê para perguntar se você não faria a gentileza de cantar no lugar dela. – Rilla pronunciou cada palavra com tanto cuidado e precisão que parecia estar recitando um texto decorado.

– Está meio que em cima da hora, não acha? – disse Irene com um de seus sorrisos desagradáveis.

– Olive Kirk pediu sua ajuda quando começamos a planejar o concerto, e você recusou – disse Rilla.

– Ora, e como eu poderia ter aceitado? – perguntou Irene em um tom queixoso. – Depois que você ordenou que eu nunca mais falasse com você?

Teria sido embaraçoso para nós duas, não acha?

E agora, a dose de humildade.

– Gostaria de pedir desculpas, Irene – declarou Rilla. – Eu não deveria ter dito aquilo e estou arrependida. Você poderia me perdoar?

– E cantar no show de talentos? – disse Irene em um tom piegas e ofensivo.

– Talvez você ache que eu não estaria aqui pedindo desculpas se não fosse pelo concerto, e talvez seja verdade. Mas também é verdade que desde o acontecido eu sinto que não deveria ter dito aquilo e que passei o inverno todo arrependida. É isso. Se sente que não pode me perdoar, então não tenho mais nada para dizer.

– Ah, Rilla, querida, não fale assim – suplicou Irene. – É claro que eu te perdoo. Embora eu tenha me sentido muito mal, de um jeito que espero que você nunca se sinta. Chorei durante semanas. E eu não falei e não fiz nada!

Rilla refreou uma resposta. Afinal, era inútil argumentar com a Irene, e os belgas estavam morrendo de fome.

– Acha que conseguiria nos ajudar? – obrigou-se a dizer. Ah, se ao menos a Irene parasse de olhar para a bota! Rilla já podia ouvi-la fofocando com a Olive Kirk.

– Não sei como, de última hora – protestou Irene. – Não daria tempo de preparar algo novo.

– Você sabe muitas canções adoráveis que ninguém em Glen ouviu ainda – disse Rilla, ciente de que a Irene passara o inverno tendo aulas de canto na cidade e que aquilo era só um pretexto. – Todas serão novidade por aqui.

– Mas quem faria o acompanhamento? – insistiu Irene.

– A Una Meredith, talvez.

– Ah, eu não poderia pedir a ela – suspirou Irene. – Não nos falamos desde o outono passado. Ela foi tão grosseira comigo no concerto da escola dominical que simplesmente tive que desistir dela.

Deus, será que a Irene estava brigada com todo mundo? Era tão absurdo imaginar a Una Meredith sendo rude com qualquer pessoa que Rilla precisou se segurar para não rir na cara da Irene.

– A senhorita Oliver é uma ótima pianista e pode fazer o acompanhamento para qualquer música – disse Rilla, desesperada. – Vocês

podem passar as músicas amanhã de tarde em Ingleside antes da apresentação.

– Mas eu não tenho o que vestir. Meu novo vestido de festa ainda não chegou de Charlottetown, e eu simplesmente não posso usar o meu antigo em um evento como esse. Ele é muito modesto e fora de moda.

– Nosso show de talentos é em prol das crianças da Bélgica que estão morrendo de fome – explicou Rilla lentamente. – Você não acha que conseguiria usar um vestido fora de moda só dessa vez, pelo bem delas, Irene?

– É você não acha que essas histórias sobre as condições dos belgas são um pouco exageradas? Não creio que eles estejam de fato passando fome em pleno século XX, sabe? Os jornais sempre dramatizam as notícias.

Rilla concluiu que já tinha se humilhado o suficiente. Existia uma coisa chamada amor-próprio. Chega de bajulação, com ou sem concerto. Ela levantou-se, sem se importar com a bota.

– É uma lástima não poder nos ajudar, Irene. Faremos o que for possível.

Aquilo não agradou nem um pouco a Irene. Ela desejava muito cantar no concerto, e suas hesitações eram meramente uma forma de ressaltar o impacto de seu consentimento final. Além disso, ela queria muito que as duas voltassem a ser amigas. A adoração sincera da Rilla tinha sido um doce incenso para ela. E Ingleside era um lugar muito charmoso para se visitar, especialmente quando um jovem estudante universitário como o Walter estava em casa. Ela parou de olhar para os pés da Rilla.

– Querida, não se vá assim, tão abruptamente. Realmente quero ajudar, se puder. Sente-se e vamos conversar.

– Sinto muito, mas não posso. Tenho que voltar logo para casa e cuidar do Jims.

– Ah, sim, o bebê que você está cuidando de acordo com os livros. Acho muito tocante da sua parte, sendo que odeia tanto crianças. Como você ficou brava só porque eu o beijei! Vamos esquecer isso e sermos amigas de novo, o que acha? Agora, sobre o concerto... creio que posso pegar o trem da manhã para buscar o meu vestido na cidade e voltar no da tarde com tempo de sobra antes da apresentação, se você pedir para a senhorita Oliver me acompanhar. Eu não conseguiria. Ela é tão arrogante e presunçosa que simplesmente fico paralisada perto dela.

Rilla não perdeu tempo ou saliva defendendo a senhorita Oliver. Ela agradeceu com frieza a Irene, que de repente se tornara muito afável, e foi embora. Estava muito feliz pelo fato de a conversa ter terminado. Agora ela sabia que Irene e ela não poderiam voltar a ser amigas como antes. Colegas, sim, mas amigas, não. E tampouco desejava que pudessem. Ela passara o inverno inteiro com um sentimento constante de pesar pela perda da amiga que pairava sob as outras preocupações. Agora, ele subitamente havia desaparecido. A Irene não pertencia ao povo que conhece José, como diria a senhora Elliott. Rilla

não admitiria que se sentia mais experiente do que a Irene. Ela teria achado tal pensamento ilógico, sendo que ainda nem tinha 17 anos e a Irene já estivesse com 20. Porém, era verdade. Irene ainda era a mesma de um ano atrás, a mesma que sempre seria. A natureza de Rilla Blythe havia mudado e amadurecido naquele ano. Ela descobriu-se enxergando Irene com uma clareza desconcertante por trás de toda a doçura superficial, da mesquinhez, do rancor e da mediocridade essencial. Irene havia perdido para sempre a fiel seguidora.

Rilla só recobrou o ânimo após atravessar a estrada de Upper Glen e adentrar a tranquilidade enluarada do Vale do Arco-Íris. Então ela parou sob uma ameixeira silvestre alta encoberta pela florada alva e etérea e riu.

– A única coisa que importa agora é que os Aliados vençam a guerra – disse em voz alta. – Assim, o fato de eu ter visitado Irene Howard com sapatos e meias diferentes é da mais absoluta irrelevância. De todo modo, eu, Bertha Marilla Blythe, juro solenemente com a lua por testemunha – a jovem ergueu a mão dramaticamente para o ar, que jamais deixarei o meu quarto de novo sem prestar atenção nos meus pés.

O *RMS Lusitania* foi um navio de passageiros britânico que naufragou após ser atingido por um torpedo de um submarino alemão. (N. T.)



O vale da decisão

No dia seguinte, Susan manteve a bandeira hasteada até o anoitecer em honra à declaração de guerra da Itália.

– Já era hora, querida senhora, considerando como estão as coisas no front russo. Diga o que quiser, mas aqueles russos não são flor que se cheire, ainda que o grão-duque Nicholas²⁸ seja diferente. A Itália teve a sorte de apoiar o lado certo. Agora, só poderei dizer se isso será bom para os Aliados quando souber mais sobre os italianos. No entanto, eles vão dar bastante trabalho para aquele velho patife do Francisco José²⁹. Que belo imperador! Está com um pé na cova e ainda quer tramar um verdadeiro massacre – Susan sovava e golpeava a massa do pão com a mesma energia que teria usado para dar um soco no próprio Francisco José se ele tivesse o azar de cair nas garras dela.

Walter tinha ido para a cidade no trem da manhã, e Nan se ofereceu para cuidar do Jims enquanto Rilla ajudava a decorar o salão de Glen, entre outras centenas de tarefas. Era uma tarde linda, apesar de o senhor Pryor supostamente ter dito que “esperava que chovesse

canivetes”, ao mesmo tempo em que dava um chute no cachorro da filha. Tudo estava indo surpreendentemente bem. Irene estava na sala, ensaiando as músicas com a senhorita Oliver; Rilla estava animada e feliz, tendo até se esquecido do que se passava no front ocidental por hora. Era uma sensação de triunfo e vitória ver os esforços de semanas darem frutos. Ela sabia que não foram poucas as pessoas que acharam que a Rilla Blythe não tinha o tato ou a paciência para elaborar o programa de um show de talentos. E agora elas iriam ver só! Ela cantarolava enquanto se vestia e estava se sentindo muito bonita. A empolgação produzia um leve brilho róseo em suas bochechas redondas e sedosas que quase ofuscava as sardas esparsas, e seus cabelos ruivos acastanhados brilhavam. O que ficaria melhor neles, pequenas flores de macieira ou o cordão de pérolas? Depois de um momento de dúvida agonizante, ela decidiu colocar um pequeno ramo de flores

brancas atrás da orelha. Por fim, uma última olhada nos pés. Sim, ela estava com os dois sapatinhos. Rilla deu um beijo no adorável rostinho quente e acetinado do bebê que dormia e apressou-se colina abaixo até o salão. O concerto seria

um sucesso.

Correu tudo bem com os primeiros três números. Rilla encontrava-se no pequeno camarim atrás da plataforma, olhando para o porto iluminado pelo luar enquanto ensaiava as próprias falas. Estava sozinha, pois os outros participantes estavam na sala maior do outro lado. De repente ela sentiu dois braços macios e nus abraçarem sua cintura, e então Irene Howard deu um beijo na bochecha.

– Querida, você está simplesmente angelical nesta noite. Que dedicação! Achei que estaria arrasada com a notícia do Walter ter se alistado, mas olha só para você, absolutamente tranquila. Quem dera eu tivesse metade da sua coragem.

Rilla ficou imóvel. Ela não sentiu nenhuma emoção. Era incapaz de sentir qualquer coisa. O mundo dos sentimentos havia se apagado.

– Walter... se alistou... – Ela ouviu as palavras saírem dos próprios lábios e em seguida ouviu a risadinha afetada da Irene.

– Ora, você não sabia? Achei que sim, do contrário não teria dito nada. Estou sempre enfiando os pés pelas mãos, não é mesmo? Sim, foi por isso que ele foi à cidade hoje, ele me contou ao sair do trem nesta tarde. Fui a primeira pessoa a ficar sabendo. Ele ainda não está com o uniforme porque todos acabaram, mas daqui a um dia ou dois vai estar. Sempre disse que o Walter era tão corajoso quanto qualquer outra pessoa. Senti muito orgulho dele quando eu soube, Rilla. Ah, o Rick MacAllister terminou a leitura. Preciso me apressar. Prometi que tocaria no próximo número, pois a Alice Clow está com uma dor de cabeça horrível.

Ela saiu. Graças a Deus, ela saiu! Rilla ficou sozinha novamente, encarando a beleza imutável e onírica do luar sobre Four Winds. As sensações começavam a voltar, uma agonia tão aguda que quase se manifestava fisicamente a dilacerou.

– Não vou aguentar – disse. E então ocorreu-lhe que talvez pudesse aguentar e que anos de sofrimento lhe aguardavam.

Ela precisava sair dali, correr para casa e ficar sozinha. Ela não tinha condições de atuar, fazer leituras e participar de diálogos. Metade do concerto seria arruinado; porém, isso não importava, nada mais importava.

Aquela criatura atormentada era mesmo ela, Rilla Blythe, que alguns minutos atrás estava tão feliz? Lá fora, um quarteto cantava “Jamais deixaremos a velha bandeira arriar”. A música parecia vir de algum lugar remoto. Por que ela não conseguia chorar, como havia chorado quando Jem contou que iria servir ao exército? Se conseguisse, talvez aquela coisa horrível que havia se apoderado da vida dela a libertaria. Só que as lágrimas não vinham! Onde estavam o lenço e o casaco dela? Ela precisava fugir e se esconder como um animal prestes a morrer.

Seria covardia fugir daquele jeito? A pergunta surgiu de supetão como se outra pessoa a tivesse feito. Ela pensou no front em Flandres, pensou no irmão e no amigo ajudando a defender as trincheiras sob o fogo cruzado. O que eles pensariam se ela desertasse seu dever ali, a simples tarefa de fazer o show dar certo em prol da Cruz Vermelha? Entretanto, ela não podia ficar ali. Não podia. O que a mãe dela dissera mesmo quando o Jem partiu? “Quando faltar coragem às nossas mulheres, ainda serão destemidos os nossos homens.” Só que aquilo... aquilo era insuportável.

Ela parou antes de chegar à porta e voltou para a janela. Irene estava cantando agora. Sua bela voz, a única coisa verdadeira que possuía, ecoava com clareza e doçura pelo salão. Rilla sabia que a próxima apresentação era das meninas com a cena das fadas. Será que ela conseguiria ir até lá e tocar? A cabeça dela doía, e a garganta ardia. Ah, por que a Irene teve que contar isso logo agora? Ela foi muito cruel. Rilla lembrou-se de ter flagrado a mãe olhando para ela com uma expressão estranha mais de uma vez naquele dia. Ela estava ocupada demais para perguntar o motivo. Agora, ela compreendia. A mamãe sabia por que o Walter tinha ido para a cidade e não queria contar nada até que o show terminasse. Que fortaleza ela era!

– Tenho que ficar aqui – disse Rilla, juntando as mãos geladas.

O resto da noite foi como um sonho febril. O corpo dela estava cercado de pessoas, mas a alma estava sozinha em uma câmara de tortura. Ainda assim, ela tocou durante as cenas e fez suas leituras sem hesitar. Ela até vestiu a fantasia grotesca de uma velha irlandesa e fez o papel que a Miranda Pryor havia desistido. Só que ela não conseguiu reproduzir o sotaque inimitável que fizera nos ensaios, e suas declamações não tinham o ímpeto e o charme de sempre. Parada diante do público, ela conseguia enxergar apenas um rosto: o do belo rapaz de cabelos negros sentado ao lado da mãe, o mesmo rosto que viu nas trincheiras. Ela o viu morto sob as estrelas; ela o viu

definindo na prisão; ela viu a chama apagar-se de seus olhos arregalados; ela viu centenas de coisas horrendas parada ali, de pé, no palco do salão de Glen, com o próprio rosto mais branco do que as flores no cabelo. Entre os números, ela caminhou de um lado para outro no camarim diminuto. O concerto não terminava nunca!

Por fim, terminou. Olive Kirk correu até ela para avisar que tinham angariado cem dólares.

– Que bom – disse Rilla mecanicamente.

Então, ela afastou-se de todos. Ah, Graças a Deus, ela estava longe de todos. Walter a esperava na porta. Ele juntou o braço ao dela em silêncio e caminharam pela estrada sob o luar. Os sapos cantavam nos pântanos, e os campos prateados familiares os cercavam. Era uma noite de primavera adorável e atraente. Rilla sentia que toda aquela maravilha era um insulto à dor dela.

– Você já sabe? – perguntou Walter.

– Sim. A Irene me contou – arfou Rilla.

– Não queríamos que você soubesse antes do fim da noite. No momento em que você saiu do camarim eu percebi que já sabia. Irmãzinha, eu tive que fazer isso. Desde que o *Lusitania* afundou, não consigo viver em paz. Quando imaginava aquelas mulheres e crianças flutuando à deriva na água gelada e impiedosa... bem, de início eu senti apenas uma espécie de náusea com a vida. Eu queria escapar do mundo onde coisas assim acontecem, deixando para trás até a poeira em meus sapatos. Foi quando soube que tinha que me alistar.

– Eles já são muitos... sem você.

– Não é essa a questão, Rilla-a-Marilla. Estou fazendo isso por mim mesmo, para salvar minha alma. Ela minguará se eu não for. Isso seria pior do que ficar cego ou mutilado, ou qualquer outro dos meus temores.

– Você pode... acabar... morrendo. – Rilla se detestou por dizer aquilo, ela sabia que era fraqueza e covardia, mas ela estava esgotada depois de toda a tensão da noite.

– “Seja depressa ou devagar, a morte nunca deixa de chegar³⁰” – citou Walter. – Não é a morte que eu temo, eu já te expliquei isso há muito tempo. Às vezes é alto demais o preço que pagamos para viver,

irmãzinha. Há tanta barbaridade nessa guerra... eu preciso ajudar a erradicá-la do mundo. Vou lutar pela beleza da vida, Rilla-a-Marilla; é o meu

dever. Talvez existam deveres mais nobres, mas esse é o meu. Devo isso à vida e ao Canadá, e tenho que honrá-los. Rilla, desde que Jem partiu, é a primeira vez que sinto o meu amor-próprio. Poderia até escrever um poema. – Walter riu. – Não consigo escrever uma linha desde agosto. Nesta noite, minha mente está transbordando. Seja corajosa, irmãzinha. Você foi muito forte quando o Jem partiu.

– Isso... é... diferente. – Rilla teve que parar a cada palavra para conter os soluços selvagens. – É claro que... amo o... Jem... porém, nós... achamos que... a guerra... iria... acabar logo... e... você... é... tudo para mim, Walter.

– Você precisa ser corajosa para me ajudar, Rilla-a-Marilla. Estou exaltado nesta noite. Ébrio de orgulho de mim mesmo, mas nem todos os momentos serão assim, e é aí que eu precisarei da sua ajuda.

– Quando você... partirá? – Era melhor saber a pior parte o quanto antes.

– Ainda tenho uma semana. Então irei para o treinamento em Kingsport. Creio que partiremos para o estrangeiro no meio de julho. Ainda não sabemos a data.

Uma semana. Só mais uma semana com o Walter! Sua mente jovem não era capaz de imaginar como continuaria vivendo sem o Walter.

Quando chegaram no portão de Ingleside, Walter parou sob a sombra dos velhos pinheiros e trouxe Rilla para mais perto.

– Rilla-a-Marilla, havia garotas doces e puras como você na Bélgica e em Flandres. Você, até mesmo você, sabe que o aconteceu com elas. Temos que impedir que isso volte a acontecer enquanto o mundo ainda existir. Você vai me ajudar, não vai?

– Vou tentar, Walter – disse ela. – Ah, eu vou tentar.

Ao abraçar o irmão e colocar a cabeça no ombro dele, Rilla compreendeu que tinha que ser assim. Foi ali, naquele momento, que ela aceitou. Ele precisava ir. Seu adorado Walter, com sua bela alma, seus sonhos e ideais.

Ela sempre soube que isso viria a acontecer, cedo ou tarde. Rilla pressentira que algo se aproximava, pouco a pouco, como alguém que observa uma nuvem chegando cada vez mais perto, rápida e inexoravelmente. Ela estava ciente de uma sensação de alívio em meio à dor, oculta em alguma parte da alma onde uma angústia obscura espreitara durante todo o inverno. Ninguém mais poderia chamar o Walter de covarde.

Rilla não dormiu naquela noite. Talvez ninguém em Ingleside tenha conseguido com exceção de Jims. Seu corpinho se desenvolvia lenta e progressivamente. Contudo, a alma cresce aos trancos e barrancos. Ela pode

alcançar seu auge em uma hora. Naquela noite, a alma de Rilla Blythe transformou-se na de uma mulher no ápice de sua força e resiliência.

Quando o amargo amanhecer despontou no horizonte, ela se levantou e foi até a janela. Lá embaixo havia uma grande macieira, um enorme cone de flores rosadas. Walter a plantara muitos anos atrás, quando ainda era um garotinho. Além do Vale do Arco-Íris, o céu parecia um mar de nuvens, com pequenas ondas de raios de sol. Uma estrela solitária brilhava acima dele, distante e gélida. Por que, em meio a todo aquele deslumbre primaveril, os corações tinham que sofrer?

Rilla sentiu um abraço amoroso e protetor. Era a mamãe, pálida e de olhos aflitos.

– Ah, mamãe, como consegue suportar? – chorou, desconsolada.

– Querida, faz vários dias que percebi as intenções do Walter. Eu tive tempo para me rebelar e me reconciliar com elas. Temos que deixá-lo ir. Há um chamado muito mais insistente do que o chamado do nosso amor, e ele o ouviu. Não devemos intensificar o amargor do sacrifício dele.

– Nosso sacrifício é maior do que o dele – exclamou Rilla. – Nossos rapazes se voluntariam. Nós renunciávamos a eles.

Antes que a senhora Blythe pudesse responder, Susan enfiou a cabeça pelo vão da porta sem bater, indiferente às firulas de etiqueta. Seus olhos estavam suspeitamente vermelhos, e tudo que disse foi:

– Vou trazer o seu café da manhã, querida senhora.

– Não, não, Susan. Vamos descer daqui a pouco. Você sabe que... o Walter se alistou?

– Sim, querida senhora. O doutor me contou na noite passada. Creio que o Todo-Poderoso tem lá seus motivos para permitir tais coisas. Temos que aceitar e nos esforçar para ver o lado bom. Talvez ele se cure do sonho de ser poeta. – Susan continuava achando que poetas e vagabundos eram farinha do mesmo saco. – Seria bom. Agradeço a Deus pelo Shirley não ser grande o bastante para ir – murmurou baixinho.

– Isso não é o mesmo que agradecer pelo filho de outra mulher estar indo no lugar dele? – perguntou o doutor, que passava pelo corredor naquele momento.

– Não, não é, querido doutor – disse Susan em tom de desafio enquanto pegava o Jims no colo, que havia aberto os olhos grandes e negros e

estendido as mãozinhas rechonchudas. – Não ponha palavras na minha boca que eu jamais sonharia em dizer. Sou uma mulher simplória que não saberia discutir com você, mas eu não agradeço por ninguém ter que ir à guerra. Só sei que eles precisam ir, a menos que desejemos ser dominados pelo cáiser. Não creio que a doutrina Monroe seja muito confiável, seja lá o que for, mesmo com o apoio do Woodrow Wilson. Os hunos, querido doutor, não serão derrotados por meio de notas. E agora que já chorei o que tinha que chorar e disse o que tinha para dizer – concluiu Susan, carregando o Jims em direção às escadas nos braços magros – vou me recompor e tentar ficar o mais apresentável possível.

Nicolau Nikolaevich (1856-1929) foi um general russo durante a [Primeira Guerra Mundial](#). (N. T.)

Francisco José I (1830-1916) foi o [Imperador da Áustria](#) e [Rei da Hungria](#), da [Croácia](#) e da [Boêmia](#). (N. T.)

Trêcho de *Marmion*, romance histórico em verso do autor escocês Walter Scott (1771-1832), publicado em 1808. (N. T.)



Até o amanhecer

– Os alemães tomaram Przemysl novamente – disse Susan em desespero, erguendo os olhos do jornal –, e agora suponho que teremos que chamá-la por algum outro nome bárbaro. A prima Sophia estava aqui quando o correio chegou e, ao ouvir a notícia, deixou escapar um suspiro do fundo do âmagô, querida senhora, e falou: “Ah, eles vão tomar São Petersburgo em seguida, não tenho dúvidas”. Eu disse: “Meus conhecimentos de geografia não são tão profundos quanto eu gostaria, mas tenho a impressão de que é uma boa caminhada de Przemysl até São Petersburgo”. Ela suspirou de novo e respondeu: “O grão-duque Nicholas não é o homem que achei que fosse”. “Que ele te ouça”, eu comentei. “Ele já tem preocupações suficientes.” É impossível alegrar a prima Sophia, querida senhora, por mais sarcástica que você seja. Ela suspirou pela terceira vez e resmungou: “Mas os russos estão recuando depressa”. Eu falei: “Ora, e qual é o problema? Eles têm espaço de sobra para recuar, não têm?”. Ao mesmo tempo, querida senhora, por mais que eu jamais admitiria para a prima Sophia, não estou gostando nem um pouco da situação no front oriental.

Ninguém estava gostando da situação. Os russos continuaram a retroceder ao longo do verão, uma prolongada agonia.

– Imagino se algum dia voltarei a esperar pelo correio com tranquilidade ou com expectativa – disse Gertrude Oliver. – A dúvida que me assombra dia e noite é: se os alemães derrotarem os russos completamente, eles voltarão seus exércitos inflamados pela vitória contra o front ocidental?

– Não, querida senhorita Oliver – respondeu a Susan, exercendo o papel de profetiza. – Em primeiro lugar, o Todo-Poderoso não permitirá; em segundo, apesar de o grão-duque ter sido uma decepção em alguns aspectos, ele sabe como bater em retirada estrategicamente e com dignidade, o que é muito útil quando se está sendo perseguido pelos alemães. Norman Douglas afirma que ele está atraindo os russos enquanto mata dez deles para cada

homem que perde. Sou da opinião de que ele não tem outra escolha e que está só fazendo o melhor que pode assim como nós. Por isso, tome cuidado para não inventar preocupações, querida senhorita Oliver, quando já temos o suficiente bem à nossa porta.

Walter foi para Kingsport no dia 1º de junho. Nan, Di e Faith também se foram para ajudar a Cruz Vermelha. Em meados de julho Walter voltou para passar uma semana antes de partir para o estrangeiro. Rilla viveu os dias de ausência dele na expectativa daquela semana, e agora sorvia cada minuto dela com avidez, odiando até as horas gastas para dormir, como se estivesse desperdiçando momentos preciosos. Apesar da tristeza latente, foi uma semana emocionante e inesquecível, em que Walter e ela compartilharam longas caminhadas, conversas e silêncios. Ela teve o irmão só para si mesma, e sabia que ele encontrava forças e alento em sua simpatia e compreensão. Era maravilhoso saber que ela era tão importante para ele, pois isso a ajudou em momentos que de outro modo seriam intoleráveis e lhe deu a ânimo para sorrir e até rir um pouco. Quando Walter partisse, ela se entregaria às lágrimas, mas não enquanto ele estivesse ali. Ela não se permitia chorar nem à noite, com medo de que seus olhos a delatassem pela manhã.

Na última semana dele em casa, eles foram até o Vale do Arco-Íris e se sentaram à margem do riacho, sob a Dama de Branco, onde haviam passados dias alegres que pertenciam a uma época mais simples. O Vale do Arco-Íris estava encoberto por um crepúsculo de esplendor incomum naquele fim de tarde; em seguida veio o maravilhoso anoitecer estrelado; e então chegou o luar, iluminando pequenos vales e recôncavos aqui e ali, deixando outros na penumbra aveludada.

– Quando eu estiver em algum lugar da França – disse Walter, observando com olhos famintos toda a beleza ao seu redor –, eu me lembrarei desse lugar sereno, banhado pelo orvalho e pela lua. Do bálsamo dos pinheiros; da paz daquelas piscinas prateadas de luar; do “cume dos montes^u”, que frase bíblica mais linda. Rilla, veja as velhas colinas ao nosso redor! Olhávamos para elas quando crianças e imaginávamos o que nos aguardava no imenso mundo além delas. Como são pacatas e resilientes, como são pacientes e imutáveis iguais ao coração de uma mulher bondosa. Rilla-a-Marilla, sabe o quanto você foi importante para mim? Quero que saiba antes que eu parta. Eu não teria conseguido sem seu coraçãozinho gentil e todo o seu apoio.

Rilla não se atreveu a falar. Ela apertou com força a mão de Walter.

– E quando eu estiver lá, Rilla, naquele inferno na Terra causado por homens que se esqueceram de Deus, sua lembrança será o meu maior refúgio. Sei que você será tão corajosa e paciente quanto foi no último ano, não me preocuparei com você. Sei que não importa o que acontecer, você será a Rilla-a-Marilla. Não importa o que acontecer.

Rilla segurou as lágrimas e os suspiros, mas não conseguiu reprimir um pequeno tremor, e Walter soube que já tinha dito o suficiente. Depois de um momento de silêncio, falou:

– Bem, chega de tanta seriedade. Olhemos para além dos anos, para o dia que a guerra acabar e o Jem, o Jerry e eu voltarmos marchando para casa, e todos seremos felizes.

– Nós não seremos felizes da mesma forma – disse Rilla.

– Não, não da mesma forma. Aqueles que foram tocados por essa guerra nunca mais serão felizes como antes. Porém, acho que teremos uma felicidade maior, irmãzinha, uma felicidade que conquistamos. Fomos muito felizes antes da guerra, não fomos? Com um lar como Ingleside, um pai e uma mãe como os nossos, não tinha como não sermos felizes. Só que aquela felicidade era uma dádiva da vida e do amor, não era realmente nossa. A vida podia tirá-la de nós a qualquer momento. Ela jamais tirará de nós a felicidade que ganhamos por conta própria ao cumprirmos nosso dever. Percebi isso quando coloquei o uniforme. Apesar da melancolia que sinto quando antecipo situações, tenho sido feliz desde aquela noite em maio. Rilla, seja muito gentil com a mamãe enquanto eu estiver ausente. Deve ser horrível ser mãe durante a guerra. Mães, irmãs, esposas e namoradas são as que mais sofrem. Rilla, sua criaturinha adorável, você não tem nenhum pretendente? Se tiver, conte-me quem é antes de eu partir.

– Não – disse Rilla. Então, impelida pelo desejo de ser absolutamente franca com Walter durante aquela que poderia ser a última conversa que teriam, ela acrescentou, corando bruscamente à luz da lua: – Bom, se o Kenneth Ford quisesse...

– Entendo – disse Walter. – E ele também se alistou. Pobrezinha, como deve estar sendo difícil para você. Bem, eu não vou deixar nenhuma garota de coração partido, graças a Deus.

Rilla olhou para a casa ministerial no topo da colina. Ela podia ver uma luz acesa no quarto de Una Meredith. Ela ficou tentada a dizer alguma coisa, mas sabia que não devia. Não era um segredo dela. Além disso, Rilla não tinha certeza, era apenas uma suspeita.

Walter olhou ao redor lentamente, com ternura. Aquele sempre fora um lugar muito especial para ele. Como eles tinham se divertido nos bons e velhos tempos. Fantasmas das recordações pareciam caminhar pelas trilhas ao luar e espreitar por trás dos ramos oscilantes.

Jem e Jerry, dois moleques de calças curtas e morenos de sol, pescando no riacho e fritando as trutas na fogueira; Nan, Di e Faith com sua beleza pueril e olhar inocente; Una, doce e tímida; Carl, debruçado sobre formigas e insetos; a pequena Mary Vance, com sua língua afiada e o bom coração; e o Walter que ele mesmo fora, deitado na grama lendo poesia e imaginando palácios fantásticos. Todos estavam ali, ao redor. Ele os via praticamente com a mesma clareza com que via Rilla, com que vira o flautista naquela vez, tocando contra o poente. E todos diziam para ele, os fantasmazinhos alegres de outrora: “Somos as crianças de ontem, Walter. Lute dignamente pelas crianças de hoje e de amanhã”.

– Onde você está, Walter? – chamou Rilla, rindo um pouco.

– Venha, volte.

Walter regressou com um longo suspiro. Ele se levantou e admirou os arredores, como se quisesse gravar na mente e no coração cada encanto do lindo vale prateado, os ramos emplumados e escuros das samambaias contra o céu argênteo, a garbosa Dama de Branco, o riacho mágico e cintilante, as fiéis Árvores Enamoradas, as veredas convidativas e intrincadas.

– É o que verei em meus sonhos – disse, ao dar meia-volta.

Os irmãos voltaram para Ingleside. O senhor e a senhora Meredith estavam lá e também Gertrude Oliver, que viera de Lowbridge para se despedir. Todos estavam contentes e animados, e ninguém comentou que a guerra logo terminaria, como fizeram quando Jem partiu. Ninguém sequer mencionou a guerra, mas ninguém conseguia pensar em nada além da guerra. Por fim eles se reuniram ao redor do piano e cantaram o velho hino:

“Oh Deus, nosso amparo em épocas passadas

Nossa esperança para os anos vindouros

Nosso refúgio da tempestade violenta

E o nosso lar eterno.”

– Todos nos voltamos para Deus nesses tempos de provação – disse Gertrude para John Meredith. – Muitos foram os dias no passado em que não acreditei em Deus... digo, não Deus, mas a impessoal Grande Primeira Causa dos cientistas. Agora eu acredito Nele. Tenho que acreditar. Não há a quem recorrermos senão Deus, com humildade, incondicionalmente.

– Nosso amparo em épocas passadas. O mesmo de ontem, de hoje e de sempre – disse o ministro com gentileza. – Quando nos esquecemos de Deus, Ele se lembra de nós.

Não havia uma multidão na estação de Glen na manhã seguinte para se despedir de Walter. Estava se tornando corriqueiro ver um rapaz de uniforme cáqui embarcar no primeiro trem da manhã. Além dos moradores de Ingleside, estavam presentes os da casa ministerial e a Mary Vance, que despachara o Miller na semana anterior, com um sorriso determinado, e agora se considerava especialista em despedidas.

– O importante é sorrir e agir como se nada estivesse acontecendo – informou ao grupo de Ingleside. – Os garotos detestam cenas lacrimosas. O Miller falou que eu não deveria nem me aproximar da estação se não fosse capaz de me segurar. Por isso chorei tudo que tinha para chorar de antemão e na hora disse para ele: “Boa sorte, Miller. Se você voltar, verá que eu não mudei nada; se não voltar, saiba que sempre terei orgulho por ter se voluntariado. Em todo caso, não se apaixone por uma garota francesa”. Miller jurou que não faria isso, mas não se pode confiar naquelas garotas estrangeiras fascinantes. Enfim, a última lembrança dele será a do meu maior sorriso. Ah, eu passei o resto do dia com o rosto dolorido, como se tivesse sido engomado e passado a ferro.

Apesar do conselho e do exemplo da Mary Vance, a senhora Blythe, que havia se despedido do Jem com um sorriso, não foi capaz de fazer o mesmo pelo Walter. Pelo menos ninguém chorou. O Segunda-feira saiu da toca no galpão e sentou-se ao lado do Walter, batendo o rabo vigorosamente nas tábuas da plataforma quando o Walter lhe dirigia a palavra, encarando-o com um olhar confiante como se dissesse: “Eu sei que você encontrará o Jem e o trará de volta”.

– Até logo, velho camarada – disse Carl Meredith alegremente quando chegou o momento das despedidas. – Diga aos outros para não desanimarem, pois logo eu estarei lá.

– Eu também – disse Shirley em tom lacônico, estendendo a mão morena de sol. Susan o encarou e ficou pálida.

Una apertou a mão dele em silêncio, encarando-o com os olhos azul-escuros cheios de tristeza; olhos que sempre foram melancólicos. Walter abaixou a cabeça de fartos cabelos pretos, tirou o quepe e lhe deu um beijo quente e fraternal. Ele nunca a tinha beijado antes, e por um breve momento inconspícuo a expressão de Una a traiu. Porém, ninguém notou. O condutor

gritou “todos a bordo”, então todo mundo tentou parecer contente. Walter virou-se para Rilla, ela segurou as mãos dele. Ela só voltaria a vê-lo quando o dia raiasse e as sombras esvanecessem. E ela não sabia se o sol nasceria desse lado do túmulo ou além dele.

– Adeus – disse ela.

Nos lábios de Rilla a palavra perdeu todo o amargor dos séculos de despedidas, ganhando a doçura dos amores eternos e de todas as mulheres que já amaram e rezaram pelos entes queridos.

– Escreva com frequência e cuide bem do Jims, de acordo com o evangelho de Morgan – brincou Walter, tendo dito todas as coisas sérias na noite anterior no Vale do Arco-Íris. No último instante, todavia, ele segurou o rosto dela entre as mãos e olhou no fundo dos olhos galantes da irmã. –

Deus te abençoe, Rilla-a-Marilla – disse ternamente. Afinal, não era difícil lutar por uma terra com filhas como ela.

De pé na plataforma traseira, ele acenou enquanto o trem partia. Rilla estava sozinha, mas então Una Meredith se aproximou e as duas garotas que mais amavam o rapaz deram as mãos geladas conforme o trem desaparecia na curva da colina verdejante.

Rilla passou uma hora no Vale do Arco-Íris naquela manhã, sobre a qual nunca comentou com ninguém. Ela sequer escreveu sobre isso no diário. Depois, voltou para casa e fez roupinhas para o Jims. No fim da tarde ela ocupou-se com uma reunião do comitê júnior da

Cruz Vermelha.

– Ninguém diria que o Walter partiu para o front nessa manhã – comentou Irene Howard com Olive Kirk mais tarde. – Algumas pessoas realmente são insensíveis. Gostaria de lidar com as coisas com a leviandade da Rilla Blythe.

Referência ao Antigo Testamento, Salmos 95:4. (N. T.)



Realismo e romance

– Varsóvia foi tomada – disse o doutor Blythe com um ar resignado, ao entrar em casa com a correspondência em um dia quente de agosto.

Gertrude e a senhora Blythe se entreolharam com tristeza. Rilla, que dava ao Jims uma papinha feita de acordo com os preceitos dietéticos de Morgan, colocou a colher meticulosamente esterilizada sobre a bandeja sem se importar com os germes e disse: “Ah, meu Deus” em um tom trágico como se a notícia fosse um choque, e não a conclusão lógica dos acontecimentos da semana anterior. Eles achavam que haviam se resignado com a queda de Varsóvia, mas agora sabiam que tinham, como sempre, alimentado falsas esperanças.

– Bem, não podemos nos desanimar – disse Susan. – Não é o fim do mundo. Li uma matéria de três colunas no *Montreal Herald* de ontem, que mostrava que Varsóvia não era tão importante assim, do ponto de vista militar. Então, vamos nos ater ao ponto de vista militar, querido doutor.

– Também li a matéria, que me encorajou imensamente – disse Gertrude. – Tive a impressão de que era uma mentira do começo ao fim, e agora tenho certeza. Mas eu estou em um estado de ânimo em que até uma mentira me conforta, desde que seja uma mentira otimista.

– Neste caso, querida senhorita Oliver, os informes alemães oficiais são tudo de que você precisa – disse Susan com sarcasmo. – Eu não os leio mais porque fico tão furiosa que não consigo focar no trabalho em seguida. Essa notícia de Varsóvia acabou com os meus planos para a tarde. Desgraça pouca é bobagem. Hoje eu arruinei a massa do pão, e agora a Varsóvia caiu, e aqui está o pequeno Kitchener decidido a morrer engasgado.

Jims tentava engolir a colher, com germes e tudo. Rilla o resgatou mecanicamente e estava prestes a prosseguir com a tarefa quando um comentário casual do pai lhe causou tamanho espanto que pela segunda vez ela deixou a desafortunada colher cair.

– Kenneth Ford está na casa do Martin West, do outro lado do porto – dizia o doutor. – O regimento dele estava a caminho do front quando teve que fazer uma parada de alguns dias em Kingsport por algum motivo, e o Ken conseguiu uma licença para vir até a Ilha.

– Espero que ele venha nos visitar – exclamou a senhora Blythe.

– Ele só tem um dia ou dois de folga, eu acredito – disse o doutor distraidamente.

Ninguém notou o rubor e as mãos trêmulas de Rilla. Nem mesmo os pais mais zelosos e atentos não percebem tudo que acontece debaixo do próprio nariz. Rilla tentou pela terceira vez terminar de dar o almoço para o coitado do menino, mas tudo que conseguia era pensar: será que o Ken a visitaria antes de partir? Ela não recebia notícias dele há muito tempo. Será que tinha se esquecido completamente dela? Se ele não viesse, era porque tinha. Talvez houvesse... outra garota em Toronto. Claro que havia. Ela era uma tola por sequer pensar nele. Rilla decidiu parar de pensar nisso. Se ele viesse, tudo bem. Seria uma cortesia da parte dele fazer uma visita de despedida a Ingleside, onde fora recebido tantas vezes. Se não viesse, tudo bem, também. Não importava tanto assim. Ninguém iria se incomodar. Estava tudo confortavelmente resolvido, aquilo não faria a menor diferença. Enquanto isso, o Jims era alimentado com uma afobação e um descuido que teriam deixado Morgan horrorizado. O Jims não gostou nem um pouco. Ele era um bebê metódico, acostumado a receber colheradas com um intervalo decente entre uma e outra para respirar. Ele protestou, todavia suas reclamações de nada adiantaram. Rilla, no que dizia respeito aos cuidados com os bebês, estava completamente desmoralizada.

Foi quando o telefone tocou. Não havia nada de incomum nisso. Em média, ele tocava a cada dez minutos em Ingleside. Todavia Rilla derrubou a colher de novo, no tapete, dessa vez, e correu para o telefone como se sua vida dependesse de atendê-lo antes de qualquer outra pessoa. Jims, com a paciência esgotada, elevou a voz e chorou.

– Alô, é de Ingleside?

– Sim.

– Rilla, é você?

– Sim, sim... – respondeu ceceando. Ah, por que o Jims não podia parar de chorar por pelo menos um minuto? Por que ninguém tentava calar a boca daquela criança?

– Sabe quem está falando?

Sim, ela sabia! Ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar, a qualquer momento.

– É o Ken, não?

– Eu mesmo. Estou na Ilha de passagem. Posso fazer uma visita a Ingleside esta noite?

– É claro.

Será que ele queria rever todo mundo ou alguém em especial? Ela não tinha dúvidas de que queria estrangular o Jims, mas o que ele quis dizer?

– E Rilla, eu gostaria que não houvesse muitas pessoas de fora presente, seria possível? Está me entendendo? Não posso ser mais explícito do que isso nessa linha rural. Há uma dúzia de pessoas nos ouvindo nesse exato momento.

Se ela entendia? Era óbvio que sim.

– Vou tentar – respondeu.

– Chegarei por volta das oito. Até logo.

Rilla desligou o telefone e correu até o Jims. Só que ela não torceu o pescoço da criança. Ela o tirou da cadeirinha, abraçou-o com força, cobriu o rostinho sedoso dele de beijos e dançou animadamente com ele pela sala. Depois disso, o bebê ficou aliviado ao perceber que ela recobrou a sanidade.

Rilla lhe deu o resto do almoço da maneira correta e cantou sua cantiga de ninar favorita na hora da soneca da tarde. Ela passou o resto do dia costurando camisas para a Cruz Vermelha e construindo um castelo de cristal de sonhos e arco-íris. Ken queria vê-la. Sozinha. Isso podia ser facilmente arranjado. O Shirley não os incomodaria, o papai e a mamãe iriam para a casa ministerial, a senhorita Oliver não era bisbilhoteira e o Jims sempre dormia das sete às sete. Rilla receberia o Ken na varanda, aquela seria uma noite de luar, e usaria o vestido georgette branco com um belo penteado. Sim, é o que ela provavelmente faria: um coque na altura da nuca. Com certeza a mamãe não iria se opor. Ah, que maravilhoso e romântico seria! O

que será que o Ken queria lhe falar? Ele devia ter algo a dizer; senão, por que insistiria em vê-la a sós? E se chovesse? A Susan havia reclamado do Senhor Hyde naquela manhã! E se alguma garota intrometida da Cruz Vermelha aparecesse para falar dos belgas e das camisas? Ou, pior ainda, e se o Fred Arnold resolvesse fazer uma visita? Ele ia a Ingleside com frequência para vê-la.

Por fim chegou o entardecer, sem deixar nada a desejar. O doutor e a esposa foram para a casa ministerial, Shirley e a senhorita Oliver desaparecem de vista, Susan foi até a loja comprar mantimentos e o Jims encontrava-se na terra dos sonhos. Rilla colocou o vestido georgette e prendeu os cabelos, adornando-os com o cordão de pérolas. Em seguida, colocou um pequeno ramo de botões de rosa na cintura. Será que o Ken pediria uma das flores de recordação? Ela sabia que o Jem havia levado para as trincheiras em Flandres uma rosa murcha que a Faith Meredith beijou e lhe deu antes de partir.

Rilla estava encantadora quando se encontrou com o Ken sob o lusco-fusco e as sombras das vinhas na grande varanda. A mão que estendeu para ele estava gelada, e tamanho era o desespero para não cecear que sua saudação foi clara e precisa. Que lindo o Kenneth ficava no uniforme de tenente! Ele também parecia mais velho, o que fez com que Rilla se sentisse uma tola. Teria sido um imenso absurdo supor que aquele esplêndido oficial tinha algo especial para dizer para ela, Rilla Blythe de Glen St. Mary? Talvez ela tivesse entendido tudo errado, pois ele só quis dizer que não queria uma multidão fazendo alvoroço e então transformando-o em um herói, como provavelmente tinha acontecido do outro lado do porto. Sim, é óbvio, foi isso que ele quis dizer. E ela, como uma idiota, havia fantasiado que ele não queria mais ninguém ali. E ele pensaria que Rilla tramara aquele encontro a dois e riria dela.

– Não achei que teria tanta sorte – disse Ken, reclinando-se na cadeira e encarando-a com franca admiração nos olhos eloquentes. – Achei que haveria mais pessoas por perto, e eu só queria ver você, Rilla-a-Marilla.

O castelo dos sonhos de Rilla voltou a surgir no horizonte. Não havia mais muitas dúvidas sobre o que ele queria dizer.

– Não há mais muitos de nós aqui em Ingleside como antes – disse suavemente.

– Não, é verdade – disse Ken com gentileza. – Com o Jem, o Walter e as garotas longe, isso deixa um grande vazio, não é mesmo? Mas... – ele inclinou-se para a frente e os cachos negros dele quase roçaram os cabelos dela – o Fred Arnold tenta preencher esse espaço de vez em quando, não? Foi o que fiquei sabendo.

Naquele momento, antes que Rilla pudesse responder, Jims começou a chorar com todas as forças no quarto cuja janela estava aberta logo acima deles; o Jims, que raramente chorava de noite. Ademais, Rilla sabia por

experiência que ele estava chorando com um vigor e uma energia que indicavam que ele já tinha choramingado por um bom tempo até ficar exasperado. Quando o Jims chorava desse jeito, ele não brincava em serviço. Ela sabia que não adiantaria ignorá-lo, pois ele não pararia e qualquer tipo de conversa estava fora de questão em meio àqueles berros. Além disso, ela temia que o Kenneth achasse que ela era insensível por deixar um bebê chorando tanto assim. Era improvável que ele estivesse familiarizado com a obra inestimável de Morgan. Ela se levantou.

– Acho que o Jims teve um pesadelo. Às vezes isso acontece, e ele fica muito assustado. Com licença.

Rilla subiu as escadas, desejando que as sopeiras jamais tivessem sido inventadas. Quando o menino a viu, ele estendeu os bracinhos adoravelmente e engoliu vários soluços, enquanto as lágrimas escorriam pelas bochechas, e o ressentimento desapareceu do coração dela. Afinal, o pobrezinho estava assustado. Ela o pegou no colo com gentileza e o ninou até os soluços cessarem e seus olhos se fecharem. Quando ela ensaiou colocá-lo de volta no berço, Jims abriu os olhos e gritou em protesto. A performance repetiu-se duas vezes. Rilla começou a ficar desesperada. Ela subira há quase meia hora, e não podia deixar Ken sozinho por mais tempo. Com um ar resignado ela desceu as escadas carregando o menino e sentou-se na varanda. Sem dúvida, era ridículo acalentar um filho da guerra mal-humorado quando o rapaz de que ela mais gostava estava se despedindo, mas não havia alternativa.

Jims ficou extremamente feliz. Dava chutes por baixo do camisolão branco e até soltou uma de suas raras risadas. Estava começando a se mostrar um bebê muito lindo; seus cabelos dourados formavam cachinhos macios por toda a cabeça redonda, e seus olhos eram admiráveis.

– É um verdadeiro tesouro, não é mesmo? – disse Ken.

– Ele é muito bonito – disse Rilla com amargura, como se insinuasse que era o melhor que ele tinha a oferecer. Jims, sendo um bebê astuto, sentiu a tensão na atmosfera e percebeu que era seu dever aliviá-la. Ele ergueu o rosto para Rilla, abriu um doce sorriso e disse:

– Will... Will.

Era a primeira vez que ele tentava falar. Rilla ficou tão encantada que se esqueceu do rancor e lhe deu um beijo, abraçando-o. Jims, compreendendo que tudo estava bem, aninhou-se sobre o peito dela exatamente sob um facho

de luz que vinha através da janela da sala, criando um halo dourado sobre seus cabelos.

Kenneth permaneceu muito quieto, observando Rilla: a delicada silhueta, os longos cílios, o queixo adorável. Sentada em meio à penumbra e o luar, com a cabeça inclinada sobre o Jims e as pérolas que refletiam a luz da sala e criavam uma aura dourada, ele achou que ela era igualzinha à madona pendurada sobre a escrivaninha da mãe dele. Ele levou aquela imagem em seu coração para os horrores dos campos de batalha da França. Kenneth desenvolvera uma forte afeição pela Rilla Blythe desde a noite do baile em Four Winds, mas foi só quando a viu ali, com o pequeno Jims nos braços, que percebeu que a amava. Enquanto isso, a pobre Rilla sentia-se desapontada e humilhada, como se sua última noite com Ken estivesse arruinada, e se perguntava por que as coisas sempre davam errado. Ela sequer conseguia falar. Era evidente que o Ken também estava completamente ultrajado, já que estava sentado ali em um silêncio pétreo.

A esperança se reacendeu quando Jims adormeceu tão profundamente que ela pensou que seria seguro colocá-lo no sofá da sala. Todavia ao voltar para a varanda ela se deparou com Susan, desatando os laços da touca com ares de quem pretendia ficar sentada ali por um bom tempo.

– Colocou seu bebê para dormir? – perguntou ela com gentileza.

Seu bebê! De fato, a Susan era uma mulher de pouco tato.

– Sim – respondeu Rilla secamente.

Susan colocou os embrulhos sobre a mesa de bambu, decidida a cumprir com seus deveres. Estava muito cansada, mas precisava ajudar Rilla.

Kenneth Ford tinha vindo visitar a família e infelizmente todos estavam ausentes, e a “pobre criança” teve que entretê-lo sozinha. Porém, ali estava Susan; a Susan, que cumpriria seu papel não importasse o quão exausta estivesse.

– Céus, como você cresceu! – disse, contemplando os um metro e oitenta de uniforme cáqui sem se impressionar. Susan havia se acostumado com os uniformes, e aos 64 anos a farda de um tenente era apenas uma roupa e nada mais. – É incrível como as crianças crescem rápido. A Rilla está com quase 15 anos.

– Quase 17, Susan – exclamou Rilla com veemência. Fazia um mês que tinha completado 16. A atitude de Susan era intolerável.

– Parece que até esses dias vocês eram todos bebês – disse Susan, ignorando os protestos de Rilla. – Você era o bebê mais lindo que eu já vi,

Ken, embora sua mãe tenha tido muito trabalho para que parasse de chupar o dedão. Lembra-se do dia em que eu te dei umas palmadas?

– Não – disse Ken.

– Bem, acho que você era muito pequeno, tinha uns 4 anos de idade, e estava aqui com sua mãe. Você provocou tanto a Nan que a fez chorar. Tentei várias formas de fazer você parar, só que nenhuma deu certo, e percebi que a única seria umas boas palmadas. Então eu te coloquei de bruços nos meus joelhos e te dei uma lição. Você berrou a plenos pulmões, mas deixou a Nan em paz depois disso.

Rilla se contorcia. A Susan não percebia que estava falando com um oficial do exército canadense? Aparentemente, não. Ah, o que o Ken estaria pensando?

– Suponho que também não se lembre da vez em que sua mãe te bateu – continuou Susan, que parecia empenhada em reviver doces lembranças naquela noite. – Nunca vou me esquecer, nunquinha. Ela veio visitar certa noite quando você tinha uns 3 anos, e o Walter e você estavam brincando no quintal com um filhote de gato. Havia um grande tonel com água da chuva perto da calha que eu estava guardando para fazer sabão. Vocês dois começaram a brigar por causa do gatinho. Walter estava de um lado do tonel em cima de uma cadeira, segurando o filhote, e você estava em cima de uma cadeira do outro lado. Você se inclinou sobre o tonel, agarrou o gato e o puxou. Você nunca fez cerimônia para conseguir o que quer. Walter segurou com firmeza e o coitadinho gritou, mas você puxou o menino e o bicho para a frente até que ambos perderam o equilíbrio e caíram na água, com gato e tudo. Se eu não estivesse por perto, teriam se afogado. Eu corri e puxei os três antes que algo acontecesse. Sua mãe, que viu tudo pela janela de cima, desceu e deu uma boa sova em você, que estava encharcado. Ah – exclamou Susan –, aqueles foram dias muito felizes de Ingleside.

– Devem ter sido – disse Ken. Sua voz parecia estranha, tensa. Rilla supôs que a paciência dele havia se esgotado. A verdade é que ele não disse mais nada por medo de não aguentar e cair na gargalhada.

– Já a Rilla nunca apanhou – disse Susan, olhando afeiçoadamente para a dama infeliz. – Ele foi uma criança muito bem-comportada, na maior parte do tempo. Só levou uma surra do pai uma vez. Ela pegou dois frascos de comprimidos no escritório do pai e apostou com a Alice Clow quem conseguiria engolir todos primeiro, e se o pai dela não tivesse aparecido bem na hora, elas não teriam chegado ao anoitecer vivas. Acabaram ficando

muito doentes pouco tempo depois. Mas enfim, o doutor lhe deu uma lição tão boa que ela nunca mais ousou xeretar o escritório dele. Fala-se muito hoje em dia de uma coisa chamada “persuasão moral”, só que eu acho que é muito melhor uma coça bem dada... e sem choradeira.

Rilla se perguntou com raiva se a Susan pretendia contar todas as surras da família.

– E me lembro que o pequeno Tod MacAllister, que morava do outro lado do porto, se matou desse jeito. Ele comeu uma caixa inteira de laxantes achando que eram balas. Foi muito triste. Foi o cadáver mais bonitinho que já vi – disse Susan com franqueza. – Foi muita imprudência da mãe deixar os remédios onde ele pudesse pegá-los, se bem que ela era conhecida por ser avoada. Um dia ela achou um ninho com cinco ovos enquanto atravessava os campos para ir à igreja com um vestido azul de seda novo. Ela colocou os ovos nos bolsos da anágua, mas, quando chegou na igreja, ela acabou se esquecendo e se sentou em cima deles. O vestido dela ficou arruinado, sem falar da anágua. Por acaso o Tod não é parente seu? Sua bisavó West era uma MacAllister. O irmão dela, Amos, era um religioso fervoroso. Só que você se parece mais com seu avô West do que com os MacAllister. Ele morreu de derrame quando ainda era jovem.

– Você encontrou algum conhecido no armazém? – perguntou Rilla em desespero, na esperança de direcionar a conversa de Susan para assuntos mais agradáveis.

– Ninguém, exceto a Mary Vance – disse Susan –, que estava mais feliz que a pulga de um irlandês!

Que expressões terríveis a Susan usava! Será que o Kenneth acharia que ela aprendeu com a família?

– Quem a ouve falando do Miller Douglas chega a acreditar que ele foi o único jovem de Glen que se alistou – continuou Susan. – É claro que ela sempre foi de se gabar, e tenho que admitir que tem boas qualidades, o que teria sido difícil de acreditar na vez em que ela perseguiu a Rilla pela vila com um bacalhau seco até que a pobrezinha caiu de cara em uma poça de lama na frente do armazém do Flagg Carter.

Rilla congelou de fúria e de vergonha. Havia mais alguma história infame do passado dela que Susan pudesse resgatar? Quanto ao Ken, ele poderia ter gritado para que Susan se calasse, no entanto ele jamais insultaria a governanta de sua amada e por isso mantinha uma expressão sobre-humana e solene, que para a pobre Rilla parecia desdenhosa e ofendida.

– Paguei onze centavos por um frasco de tinta – reclamou Susan. – Esta o dobro do preço do ano passado. Talvez seja porque Woodrow Wilson anda escrevendo muitas notas. Minha prima Sophia diz que o presidente Wilson não é o homem que ela achava que fosse (o que ela fala de todos os homens). Não sei muito sobre os homens e nunca fingi saber, sendo uma solteirona, mas minha prima Sophia é muito dura com eles, ainda que tenha se casado com dois, o que é o suficiente no meu entender. A chaminé do Albert Crawford desmoronou durante a tempestade que tivemos na semana passada. Ao ouvir o barulho dos tijolos caindo no telhado, Sophia achou que fosse um ataque aéreo de zepelins e ficou histérica. A senhora Crawford disse que um ataque aéreo teria sido menos ruim.

Rilla continuava sentada como se estivesse hipnotizada. Ela sabia que Susan só pararia de falar quando estivesse pronta e que nada nesse mundo a faria se calar antes. Ela sempre gostou muito da Susan, mas naquele momento ela a odiava mortalmente. Era dez horas. Ken logo teria que ir embora, os outros logo voltariam para casa, e ela sequer teve a chance de explicar para o Ken que o Fred Arnold não preenchia nenhum vazio na vida dela e nunca o faria. O castelo de arco-íris ruía ao redor dela.

Kenneth levantou-se por fim, percebendo que a Susan não iria embora enquanto ele estivesse ali. Era uma caminhada de cinco quilômetros até a casa de Martin West, do outro lado do porto. Ele se perguntou se Rilla havia armado aquilo com a Susan para não querer ficar a sós com ele, por medo de que ele dissesse algo que a namorada do Fred Arnold não podia ouvir. Rilla também se levantou e o acompanhou até os degraus da varanda. Ali ficaram parados por um momento, Ken no degrau mais baixo. A madeira estava quase enterrada na terra, e um arbusto de hortelã crescia ao redor das beiradas. Com frequência, as folhas eram pisoteadas pelas pessoas que iam e vinham e liberavam sua essência pungente, que envolvia os dois como uma nuvem invisível de bênção. Ken olhou para Rilla, cujo cabelo reluzia sob o luar, seus olhos eram como poças de fascinação. De repente, ele soube que as fofocas sobre Fred Arnold eram infundadas.

– Rilla – disse ele com um sussurro repentino e intenso. – Você é uma verdadeira doçura.

Rilla corou e olhou para Susan. Ken também olhou, e viu que ela estava de costas. Ele então abraçou Rilla e a beijou. Foi o primeiro beijo dela. Rilla pensou que talvez devesse ficar aborrecida, mas não foi o que ela sentiu. Em

vez disso, ela olhou timidamente dentro dos olhos ávidos do Kenneth; o olhar dele era como um beijo.

– Rilla-a-Marilla – disse Ken –, promete que não beijará mais ninguém até que eu volte?

– Sim – disse Rilla, tremendo de emoção.

Susan virou-se. Ken a soltou e afastou-se.

– Tchau – disse casualmente. Rilla ouviu-se respondendo o mesmo com a mesma casualidade. Ela ficou ali parada observando-o sair pelo portão e tomar a estrada. Quando os pinheiros o ocultaram, ela de súbito soltou um murmúrio com a voz embargada e correu até o portão, enroscando a saia nos arbustos em flor. Inclinando-se por cima do portão ela viu a figura ereta e iluminada pela lua de Kenneth caminhando depressa. Ao aproximar-se da curva ele parou, olhou para trás e a viu parada entre os lírios. Kenneth acenou, ela acenou de volta, e então ele desapareceu na curva.

Rilla ficou ali parada por um tempo, contemplando os campos prateados e enevoados. Ela tinha ouvido a mãe dizer certa vez que adorava curvas em estradas porque eram misteriosas e instigantes. Rilla concluiu que as detestava. Ela testemunhara Jem e Jerry sumirem ao dobrarem a estrada, e então Walter, e agora Ken. Irmãos, colegas e um namorado, todos se foram, talvez para nunca mais voltarem. O flautista continuava tocando, e a dança da morte continuava.

Rilla voltou sem pressa para casa. Susan ainda estava na varanda e fungava suspeitamente.

– Estive pensando nos velhos tempos da Casa dos Sonhos, querida Rilla, quando os pais de Kenneth ainda se cortejavam, o Jem era só um neném e você ainda nem estava nos planos. Foi tudo muito romântico, e a mãe dele e a sua eram boas amigas. E pensar que eu vivi para vê-lo ir para o front. Como se ela já não tivesse tido problemas suficientes na vida! Mas temos que respirar fundo e sermos valentes.

Toda a raiva de Rilla pela Susan evaporou-se. Com o beijo de Kenneth ainda ardendo nos lábios e o profundo significado da maravilhosa promessa que ele fez vibrando no coração e na alma, ela não era capaz de ficar brava. Ela colocou a mão branca e esguia sobre a mão morena e calejada dela e a apertou carinhosamente. Susan era uma amiga antiga e fiel, que daria a vida por qualquer um deles.

– Você está exausta, querida Rilla. É melhor ir para a cama – disse Susan, dando tapinhas na mão dela. – Notei que estava cansada demais para

conversar. Ainda bem que cheguei a tempo para ajudá-la. É muito extenuante fazer sala para rapazes quando não se tem o costume.

Rilla levou o Jims para o quarto e foi para a cama, mas antes ela passou um bom tempo na janela reconstruindo o castelo de arco-íris, acrescentando vários domos e torres.

– Eu me pergunto – disse para si mesma – se estou comprometida com o Kenneth Ford ou não.



As semanas passam

Rilla leu sua primeira carta de amor em seu recanto à sombra dos pinheiros no Vale do Arco-Íris. Não importa o que pensem os adultos tediosos, a primeira carta de amor de uma garota é extremamente importante.

Duas semanas de ansiedade e marasmo se passaram depois que o regimento de Kenneth deixou Kingsport, e quando a congregação entoava na igreja aos domingos a canção: “Oh, Senhor, ouça nosso pranto, por aqueles que perecem no mar”, a voz de Rilla sempre falhava, uma vez que as palavras conjuravam imagens horríveis e vívidas de um navio sendo tragado pelas ondas implacáveis em meio ao desespero e o choro de homens que se afogavam. Então veio a notícia de que o regimento de Kenneth havia desembarcado em segurança na Inglaterra; e agora, finalmente, ali estava uma carta dele. Ela começava com algo que deixou Rilla muito feliz e terminava com um parágrafo maravilhoso e emocionante que fez as bochechas dela corarem. Os escritos eram alegres e informativos como os de uma epístola que ele poderia ter dirigido para qualquer pessoa, mas o início e a conclusão fizeram com que Rilla dormisse com ela debaixo do travesseiro durante semanas, acordando muitas vezes no meio da noite para tocá-la, e olhasse com pena para as outras garotas cujos namorados não seriam capazes de escrever algo tão incrível e primoroso. Kenneth não era o filho de um escritor famoso à toa. Ele “levava jeito” para se expressar por meio de palavras sucintas e significativas que sugeriam muito mais do que seus meros significados, por mais que Rilla as relesse com frequência, elas nunca perdiam o encanto e o frescor. Ela voltou para casa como se estivesse caminhando sobre as nuvens.

Entretanto, tais momentos revigorantes foram escassos naquele outono. Certo dia chegou a notícia de uma importante vitória dos Aliados que fez com que Susan corresse para hastear a bandeira. Foi a primeira vez desde

que os russos haviam recuado, e a última por muitas luas angustiantes.

– Parece que o Grande Ataque finalmente começou, querida senhora – exclamou ela –, e em breve veremos a derrocada dos hunos. Nossos garotos voltarão a tempo do Natal. Viva!

Susan se sentiu envergonhada pelo grito de felicidade e imediatamente desculpou-se pelo comportamento juvenil.

– Eu me deixei levar por essa boa notícia depois do verão terrível que tivemos, com os recuos da Rússia e as baixas em Galípoli.

– Boas notícias, ora essa! – exclamou a senhorita Oliver. – Eu me pergunto se as mulheres dos homens que foram mortos concordariam. Só porque os nossos não estão naquela parte do front, estamos festejando como se a vitória não tivesse custado nenhuma vida.

– Querida senhorita Oliver, não pense assim – censurou Susan.

– Não tivemos motivos para comemorar nos últimos tempos, e mesmo assim o número de mortes não parou de aumentar. Não se deixe abater como a pobre prima Sophia. Quando chegou a notícia, ela comentou: “Ah, é só um momento fugaz de felicidade. Nesta semana estamos no topo, mas na próxima voltaremos a despencar”. Como sou incapaz de lhe dar o braço a torcer, tive que responder: “Bem, Sophia Crawford, nem Deus é capaz de criar duas montanhas sem um vale entre elas, mas isso não significa que não devemos celebrar quando alcançamos o cume”. Só que a prima Sophia continuou resmungando. “A campanha de Galípoli foi um fracasso. Todo mundo sabe que o czar da Rússia é a favor dos alemães, os Aliados não têm munição suficiente e a Bulgária está contra nós. O fim da guerra ainda está longe, pois a Inglaterra e a França precisam ser punidas pelos pecados mortais até que se arrependam cobrindo-se de pano de saco e cinzas³²”. Eu disse: “Creio que eles pagarão de uniforme e com a lama das trincheiras, e acho que os hunos também têm lá os seus pecados”. “Eles são instrumentos nas mãos de Deus, para limpar a eira³³”, argumentou a Sophia. Aí eu perdi a paciência, querida senhora, e falei que não acreditava que Deus se valeria de instrumentos tão ímpios sob hipótese alguma, e que considerava indecente da parte dela usar as Escrituras Sagradas levianamente em uma conversa trivial, já que ela não era um ministro da igreja e tampouco uma anciã. Por hora eu consegui calá-la. A prima Sophia não tem força de espírito. Ela é muito diferente da minha sobrinha que mora do outro lado do porto, a senhora Dean Crawford. Eles têm cinco meninos e o bebê que está a

caminho também é um menino. Todos da família ficaram muito desapontados porque queriam uma menina, especialmente o Dean Crawford.

No entanto, ela apenas riu e disse: “Em todos os lugares que fui nesse verão eu me deparei com a placa ‘Precisa-se de homens’. Acha mesmo que eu teria uma menina nessas circunstâncias?”. Eis aí um exemplo de força de espírito, querida senhora. A prima Sophia diria que a criança é só mais uma bucha de canhão.

A prima Sophia chegou ao o ápice do pessimismo naquele outono sombrio, e até a otimista incorrigível da Susan teve dificuldade para lidar com ela. Quando a Bulgária se aliou à Alemanha, Susan comentou com sarcasmo: “Mais uma nação pedindo para apanhar”. Porém, a situação da Grécia a deixou em um estado que sua filosofia de vida não foi capaz de atenuar.

– O rei da Grécia tem uma esposa alemã, querida senhora, e isso acaba com todas as minhas esperanças. Quem diria que eu viveria para me incomodar com a nacionalidade da esposa do rei Constantino! Aquele miserável está comendo nas mãos da esposa, o que é um péssimo hábito para qualquer homem. Nós, solteironas, temos que ser independentes se quisermos sobreviver. Mas, se fosse casada, querida senhora, eu seria obediente e humilde. Acho que aquela Sophia da Grécia é uma sirigaita.

Susan ficou furiosa quando chegou a notícia de que Venizélos³⁴ tinha fracassado.

– Se pudesse, eu daria uma surra nesse Constantino e em seguida o esfolaria vivo – exclamou.

– Susan, estou surpreso com você – disse o doutor, fingindo preocupação.
– Você não tem nenhum respeito pelos protocolos reais? Esfolá-lo vivo, tudo bem, mas não a surra.

– Ele teria mais juízo se tivesse levado uma surra quando era mais novo – retrucou Susan. – Suponho que príncipes nunca apanhem, o que é uma pena.

Vejo que os Aliados lhe deram um ultimato. Eu teria lhes dito que é preciso mais do que ultimatatos para lidar com uma víbora como o Constantino. Talvez o bloqueio dos Aliados coloque um pouco de bom senso na cabeça dele. Só que eu acho que isso levaria um bom tempo, e o que seria da pobre Sérvia enquanto isso?

Eles viram o que aconteceu com a Sérvia, e durante o processo Susan ficou insuportável. Ela implicava com tudo e todos menos o Kitchener, e caía com unhas e dentes no pobre presidente Wilson.

– Se ele tivesse cumprido com o dever e entrado na guerra antes, a Sérvia não estaria nessa bagunça – declarou.

– Mergulhar um país grande como os Estados Unidos na guerra, com sua população mista, seria muito sério – disse o doutor. Por vezes ele saía em defesa do presidente, não por achar que o Wilson precisasse, e sim por pura vontade de provocar a Susan.

– Talvez, querido doutor... talvez! Isso me faz lembrar da velha história da garota que disse à avó que iria se casar. “O casamento é algo sério”, disse a idosa. “Sim, mas é ainda mais sério não se casar”, respondeu a garota. E posso garantir por experiência própria, querido doutor. E acho que foi mais prudente dos ianques se manterem fora da guerra do que entrar nela.

Contudo, embora eu não saiba muito sobre os norte-americanos, acredito que eles ainda vão se envolver, com ou sem o Woodrow Wilson, quando perceberem que essa guerra não é um curso por correspondência. Então – concluiu Susan energeticamente, brandindo uma frigideira em uma das mãos e uma concha de sopa na outra –, o orgulho não os impedirá mais de lutar.

Em um fim de tarde amarelento e ventoso de outubro, Carl Meredith partiu. Ele se alistou no décimo oitavo aniversário. Então, John Meredith despediu-se dele com uma expressão resoluta. Seus dois filhos tinham ido para a guerra, e só lhe restava o pequeno Bruce. Ele amava o Bruce e a mãe do menino imensamente. Todavia os rapazes eram filhos de sua noiva da juventude, e Carl era o único com os olhos da Cecília. Quando eles encararam o pai por cima do uniforme com um carinho profundo, o pálido ministro lembrou-se da primeira e última vez que tentou bater no Carl, pela brincadeira com a enguia. Foi a primeira vez que ele percebeu o quanto os olhos do garoto se pareciam com os da Cecília. Agora, ele via a semelhança mais uma vez. Será que ele voltaria a ver o olhar da esposa falecida na expressão do filho? Que rapaz belo e esbelto ele havia se tornado! Era mais do que difícil vê-lo partir. John Meredith imaginou uma planície destruída e repleta de corpos de “homens saudáveis entre 18 e 45 anos”. Até alguns dias atrás o Carl era só um garotinho caçando insetos no Vale do Arco-Íris, levando lagartos para a cama, e escandalizando o vilarejo ao trazer sapos à escola dominical. Era quase uma injustiça ele ser um “homem saudável” de cáqui. Mesmo assim, John Meredith não disse uma palavra para tentar dissuadir o filho.

Rilla encarou a partida do Carl com muito pesar. Os dois sempre foram muito amigos. Ele era um pouco mais velho do que ela, e passaram a infância no Vale do Arco-Íris. Ela recordou das antigas brincadeiras e escapadas enquanto caminhavam devagar para casa. A lua cheia espiou pelo céu nublado, lançando uma torrente repentina e estranha de luz, os fios dos telefones faziam um som estridente ao vento, e os cachos murchos e acinzentados de solidago nos cantos das cercas se agitavam e acenavam para ela como bruxas velhas sussurrando feitiços profanos. Em noites como essa, muito tempo atrás, Carl vinha até Ingleside e assoviava do portão. “Vamos fazer uma farra sob a lua”, ele dizia, e os dois escapuliam para o Vale do Arco-Íris. Rilla nunca teve medo de besouros e outros bichos, com uma grande exceção das cobras. Costumavam conversar sobre quase tudo e eram alvo de provocações na escola; porém, quando tinham cerca de 10 anos, eles juraram solenemente às margens do velho riacho do Vale do Arco-Íris que nunca se casariam um com outro. Alice Clow escrevera por brincadeira na lousa que os dois iriam formar um casal. Eles não gostaram da ideia de forma alguma, e por isso fizeram o juramento naquela mesma noite. Um pouco de prevenção não faria mal algum. Rilla riu da velha lembrança e então suspirou. Naquele dia, um jornal de Londres publicara que “aquele era o momento mais sombrio desde o começo da guerra”. E era mesmo. Rilla desejou desesperadamente poder fazer algo além de esperar e trabalhar em casa enquanto os garotos que ela conhecia iam para a guerra. Quem dera ela fosse um rapaz, correndo de uniforme em direção ao front lado a lado com o Carl! Ela havia desejado o mesmo em um impulso romântico quando o Jem partiu, talvez sem uma intenção verdadeira. Agora, tinha certeza. Havia momentos em que aguardar em casa, com segurança e conforto parecia impossível.

A lua passou por uma nuvem especialmente escura, fazendo com que ondas de sombras e luar encobrissem Glen. Rilla lembrou-se de uma noite enluarada da infância em que disse para a mãe que a lua parecia estar muito, muito triste. Rilla achou que ela ainda parecia ter um rosto angustiado e embrutecido pela preocupação, como se fosse testemunha de coisas horríveis. O que será que ela via no front? Na Sérvia destruída? Na devastação de Galípoli?

– Estou cansada dessa avalanche de emoções, em que cada dia traz novos horrores ou a expectativa deles – dissera a senhorita Oliver naquele dia, em uma rara demonstração de impaciência. – Ah, não me olhe com esse olhar de

reprovação, senhora Blythe. Não há nada de heroico em mim hoje. Sinto-me arrasada. Gostaria que a Inglaterra tivesse deixado a Bélgica à própria sorte, que o Canadá nunca tivesse enviado um homem sequer, que pudéssemos amarrar nossos garotos no avental e nunca deixá-los partir. Sim, eu sei que terei vergonha de mim mesma daqui a meia hora, mas nesse minuto defendo cada uma das minhas palavras. Os Aliados nunca terão uma vitória?

– Com paciência se chega longe – disse Susan.

– Enquanto os cavaleiros do apocalipse galopam como trovões em nossos espíritos – retrucou a senhorita Oliver. – Diga-me, Susan, você nunca... você nunca tem momentos em que precisa gritar, ou praguejar, ou quebrar alguma coisa simplesmente porque seu sofrimento chegou a um nível insustentável?

– Eu nunca praguejei ou tive vontade de praguejar, querida senhorita Oliver, mas tenho que admitir que já passei por ocasiões em que foi um alívio bater em algo – respondeu Susan com toda a franqueza.

– Você não acha que isso é parecido com praguejar? Qual é a diferença entre bater uma porta com toda a força e dizer...

– Querida senhorita Oliver – interrompeu Susan, desesperada para salvar a Gertrude de si mesma da maneira mais humana possível –, você está exausta e sem energia. E não é por menos, depois de passar o dia ensinando aqueles jovens desregrados e ainda ter que ouvir notícias ruins da guerra. Vá para seu quarto e deite-se, que eu levarei uma xícara de chá quente e uma torrada. Logo você não desejará mais bater portas ou esbravejar.

– Susan, você é uma alma boa. Uma joia! Porém, seria um alívio poder dizer um mísero...

– Também levarei uma garrafa de água quente para seus pés – interpôs Susan com firmeza. – E acrescento que não traria nenhum alívio dizer o que você está pensando, senhorita Oliver, escreva o que estou dizendo.

– Bem, vou tentar a garrafa de água, então – disse a senhorita Oliver, arrependida de ter provocado Susan, antes de subir as escadas. Aliviada, Susan balançou a cabeça enquanto enchia a garrafa. A guerra certamente estava mudando os padrões de comportamento para pior. Ali estava a senhorita Oliver, a ponto de proferir blasfêmias.

– É preciso diminuir a circulação de sangue na cabeça – disse Susan –, e se a garrafa não der certo, verei o que posso fazer com um emplastro de mostarda.

Gertrude recobrou o ânimo e seguiu em frente. O lorde Kitchener foi para a Grécia, e Susan previu que logo o Constantino teria uma mudança de atitude. Lloyd George³⁵ começou a importunar os Aliados a respeito de equipamentos e armas, e Susan teve um presságio de que ainda voltariam a ouvir falar daquele sujeito. As Forças Armadas da Austrália e da Nova Zelândia se retiraram de Galípoli, o que Susan aprovou com ressalvas. O cerco de Kut El Amara teve início, e Susan debruçou-se sobre os mapas da Mesopotâmia e insultou os turcos. Henry Ford partiu para a Europa, e Susan o criticou com sarcasmo. *Sir* Douglas Haig substituiu *sir* John French no comando da Força Expedicionária Britânica, e Susan opinou que era uma má estratégia trocar de cavalo no meio da batalha. “Para ser sincera, Haig é um nome que soa bem, enquanto French parece estrangeiro, digam o que quiser.” Nenhuma jogada no tabuleiro de xadrez escapava de Susan, que antes lia apenas a coluna social de Glen St. Mary. “Houve uma época em que eu não me importava com o que acontecia fora da Ilha do Príncipe Edward”, lamentou, “e agora um rei não pode ter uma dor de dente na Rússia ou na China sem me deixar preocupada. Pode ser muito bom para a mente expandir os horizontes, como diz o doutor, mas é muito doloroso para o coração”.

Quando o Natal chegou mais uma vez, Rilla não colocou nenhum prato nos lugares dos ausentes na mesa. Duas cadeiras vazias eram demais para a Susan, que em setembro havia achado que não teria nenhum.

“É o primeiro Natal que o Walter não passa em casa”, escreveu Rilla em seu diário naquela noite. “Jem costumava passar o Natal em Avonlea, mas o Walter sempre estava aqui. Recebi cartas dele e do Ken hoje. Eles ainda estão na Inglaterra e esperam ser enviados para as trincheiras em breve. E aí... bem, espero ser forte o bastante de alguma forma. Para mim, a coisa mais estranha desde 1914 é como aprendemos a aceitar coisas que nunca achamos que poderíamos e seguir vivendo apesar de tudo. Sei que Jem e Jerry estão nas trincheiras, que o Ken e o Walter logo estarão também, que se algum deles não voltar meu coração se partirá. Ainda assim, continuo trabalhando e fazendo planos. Sim, até aproveito a vida às vezes. Há momentos em que nos divertimos para valer porque, só por aquele instante, não estamos pensando em nada, e então nos lembramos, o que é pior do que pensar na guerra o tempo inteiro.”

“Hoje foi um dia sombrio e nublado, e a noite está propícia para um escritor em busca de inspiração para uma história sobre um assassinato ou um rapto, como diria a senhorita Oliver. As gotas de chuva escorrendo pelos vidros se parecem com lágrimas, e o vento uiva pelo bosque de bordos.”

“Esse não foi um bom Natal. Nan estava com dor de dente e Susan com os olhos vermelhos, fazendo de tudo para nos convencer do contrário; o Jims passou o dia com um forte resfriado, e temo que esteja com crupe de novo, ele já teve duas vezes desde outubro. Na primeira vez eu quase morri de preocupação porque o papai e a mamãe não estavam em casa, tenho a impressão de que eles nunca estão aqui quando alguém da família fica doente. Mas a Susan soube o que fazer, com calma e frieza, e pela manhã o Jims já estava melhor. Aquela criança é uma mistura de pato com um diabrete. Ele está com 1 ano e 4 meses, engatinha por todos os lados e pronuncia algumas palavras. É adorável a forma como me chama de “Willawill”. Sempre me faz lembrar daquela noite absurda e deliciosa quando o Ken veio se despedir, em que eu fiquei tão furiosa e feliz. O Jims tem a pele rosada e branca, olhos grandes, cabelos cacheados, e vez ou outra eu descubro uma nova covinha nele. Mal posso acreditar que ele é a mesma criaturinha feia, birrenta, mirrada e anêmica que eu trouxe para casa dentro de uma sopeira. Nunca mais se ouviu falar do Jim Anderson. Mesmo se retornar, pretendo ficar com o Jims para sempre. Todo mundo aqui de casa o venera e o mima ou mimaria, se Morgan e eu não o protegêssemos incansavelmente. Susan diz que o Jims é a criança mais inteligente que ela já viu e que nota uma certa malícia nele. Isso porque o Jims empurrou o pobre Doc para fora de uma janela no segundo andar um dia desses. Ele se transformou no Senhor Hyde durante a queda e aterrissou em um arbusto de groselha, rosnando e xingando. Tentei consolar o gatinho interior dele com um pires de leite, mas ele nem se interessou e passou o resto do dia como o Senhor Hyde. A última arteirice do Jims foi pintar a almofada de uma grande poltrona da sala de estar com melaço. Antes que alguém pudesse perceber, a senhora Fred Clow chegou para uma reunião da Cruz Vermelha e sentou-se nela. O vestido de seda novo dela ficou arruinado, e ninguém pôde culpá-la por ter ficado irritada. Aí ela teve um de seus chiliques e disse coisas horríveis, além de ter me dado uma bronca sobre estar ‘estragando’ o Jims, o que quase me fez perder a paciência. Só que eu segurei até ela ir embora antes de explodir.”

“‘Aquela velha grosseira e horrível’, eu exclamei. Que satisfação foi dizer isso.”

“‘Os três filhos dela estão no front’, repreendeu-me a mamãe.”

“‘Suponho que isso justifique a falta de educação dela’, retruquei. Porém, eu me arrependi em seguida. Era verdade que todos os filhos dela tinham ido para a guerra e que vinha enfrentando a situação com valentia; além disso, era um dos pilares da Cruz vermelha. É difícil lembrar-se de todas as heroínas. Aquele também era seu segundo vestido em um ano, justo quando todos estavam, ou deveriam estar, tentando ‘poupar e colaborar’.”

“Tive que voltar a usar meu chapéu de veludo verde novamente, pois o de palha azul já está mais do que gasto. Como eu odeio aquele chapéu verde! É muito elaborado e chamativo. Não entendo por que gostei dele de início.

Todavia eu jurei que o usaria e vou cumprir com a minha palavra.”

“Shirley e eu fomos até a estação nessa manhã levar um almoço de Natal de arrasar para o Segunda-feira. O cachorro continua lá, vigiando e aguardando com a mesma esperança e determinação de sempre. Algumas vezes ele passeia pela estação e conversa com as pessoas, e o resto do tempo ele passa na casinha dele, sem tirar os olhos dos trilhos. Paramos de tentar trazê-lo para casa e se o Jem... nunca mais voltar... o Segunda-feira continuará esperando por ele até quando seu coração canino aguentar.”

“Fred Arnold veio aqui na noite passada. Ele fez 18 anos em novembro e se alistará assim que a mãe dele se recuperar de uma operação. Ultimamente ele me visita com frequência e isso me deixa desconfortável. Embora goste muito dele, tenho medo que ele ache que talvez eu queira algo mais. Não posso contar sobre o Ken para ele. Afinal, o que eu contaria? Ainda assim, não quero ser fria e distante sabendo que ele partirá em breve. Eu costumava achar que seria divertido ter vários namorados e agora tenho um dilema porque dois já são demais.”

“Estou aprendendo a cozinhar. Susan está me ensinando. Tentei aprender há muito tempo. Não, verdade seja dita: a Susan tentou me ensinar, o que é completamente diferente. Porém, eu não conseguia fazer nada direito e isso me desencorajou. Mas depois que os garotos partiram eu resolvi aprender a fazer bolos e coisas do tipo para eles por conta própria, e dessa vez estou indo surpreendentemente bem. A Susan fala que o segredo é ficar de boca fechada, e o papai afirma que meu cérebro está ávido para

aprender agora. Atrevo-me a dizer que ambos estão certos. De qualquer forma, aprendi a fazer biscoitos amanteigados e bolo de frutas. Senti-me ousada na semana passada e tentei fazer profiteroles, mas foi um fracasso total. Eles saíram do forno chatos como panquecas. Pensei que o creme os preencheria e os deixaria fofos, mas não deu certo. Acho que a Susan ficou secretamente feliz. Ela é mestre na arte de fazer profiteroles e ficaria frustrada se alguém mais soubesse fazê-los. Eu me pergunto se ela deixou de ensinar algum dos passos... não, ela não faria isso.”

“Miranda Pryor passou a tarde aqui alguns dias atrás, ajudando-me a fazer um tipo de roupa para a Cruz Vermelha conhecido pelo nome charmoso de ‘camisa de praga’. Susan considera esse nome indecente, então eu sugeri ‘roupão de quirana’, que é como o velho Highland Sandy o chama. Ela só balançou a cabeça. Eu a ouvi comentando com a mamãe que ‘roupão’ e ‘quirana’ não são assuntos para uma moça jovem. Ela ficou especialmente horrorizada quando o Jem escreveu em uma carta para a mamãe: ‘Diga para a Susan que fiz uma caça aos piolhos com o pente fino nessa manhã e peguei cinquenta e seis!’ Ela ficou verde. ‘Querida senhora’, comentou, ‘quando eu era pequena, se as pessoas tinham a infelicidade de pegar... esses insetos... elas mantinham o mais absoluto segredo. Por mais que não queira parecer antiquada, ainda acho melhor não mencionar esse tipo de coisa.’”

“Miranda resolveu me contar todos os problemas dela enquanto costurávamos. Ela se sente profundamente infeliz. Ela ficou noiva de Joe Milgrave, que se alistou em outubro e desde então está em treinamento em Charlottetown. O pai da Miranda ficou furioso quando ele se voluntariou e a proibiu de manter qualquer tipo de comunicação com ele. O coitado do Joe pode ser enviado para o estrangeiro a qualquer momento e quer se casar com a Miranda antes de partir, o que mostra que houve comunicação entre eles apesar das ordens do Bigodinho. Ela quer se casar com ele e não pode, e declarou que está inconsolável.”

“Eu perguntei: ‘Por que você não foge e se casa com ele?’. Não senti nenhum peso na consciência por lhe dar esse conselho. Joe Milgrave é um rapaz esplêndido, e o senhor Pryor o admirava até a guerra começar. Assim, acredito que ele perdoará Miranda rapidamente quando tudo isso acabar e ele precisar de alguém para cuidar da casa. No entanto, Miranda balançou a cabeça com tristeza. ‘Foi o que o Joe me pediu, mas não posso. A última

coisa que a mamãe me disse no leito de morte foi: ‘Nunca, nunca fuja de casa, Miranda’, e eu lhe prometi’.”

“A mãe dela morreu dois anos atrás e, de acordo com a Miranda, o pai e a mãe dela fugiram para se casar. Não sou capaz de imaginar o Bigodinho como o herói de uma aventura romântica, mas foi assim que aconteceu, e a senhora Pryor arrependeu-se ainda em vida. Ela teve uma vida difícil ao lado do senhor Pryor, que considerava uma punição por ter se casado às escondidas. Por esse motivo fez a filha prometer que nunca faria o mesmo.”

“É evidente que não se pode persuadir uma garota a quebrar uma promessa feita à mãe à beira da morte, de maneira que não me ocorreu nenhuma ideia a não ser dizer para que se casassem na casa dela quando o Bigodinho estivesse fora. Miranda alegou que isso não seria possível. O pai dela suspeitava que ela pudesse fazer algo do tipo e nunca se ausentava por muito tempo. Além do mais, Joe não conseguiria uma licença em tão pouco tempo. ‘Terei que simplesmente deixá-lo partir, e ele será morto, tenho certeza, e meu coração se partirá’, disse Miranda com lágrimas que escorriam e pingavam copiosamente nas camisas de praga.”

“Não escrevo assim por falta de compaixão pela pobre Miranda. Desenvolvi o hábito de dar um ar cômico às coisas sempre que posso quando escrevo ao Jem, ao Walter e ao Ken para fazê-los rir. Tenho muita pena da Miranda, que está perdidamente apaixonada pelo Joe e profundamente envergonhada pelo fato de o pai se simpatizar com os alemães. Acho que ela sabe disso, pois disse que queria desabafar comigo porque eu tinha me tornado muito mais compreensiva no último ano. Sei que eu costumava ser uma criatura egoísta e imprudente, e sinto vergonha ao me lembrar de como era. Assim, creio que não sou tão ruim como era antes.”

“Gostaria de poder ajudar Miranda. Seria muito romântico planejar um casamento em plena guerra, e eu adoraria dar uma lição no Bigodinho. Entretanto, o oráculo ainda não se pronunciou.”

Referência ao Antigo Testamento, Ester 4:1. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Mateus 3:12. (N. T.)

Elefthérios Venizélos (1864-1936) era o [primeiro-ministro da Grécia](#) quando teve início a Primeira Guerra. Ele tentou persuadir o rei Constantino I a apoiar os Aliados, mas o rei optou pela neutralidade.

(N. T.)

David Lloyd George (1863-1945), estadista [britânico](#). Tornou-se Ministro das Munições em [1915](#) e Secretário da Guerra em [1916](#). (N. T.)



Um casamento de guerra

– Vou te falar uma coisa, querido doutor – disse Susan, lívida de tanta ira –, a Alemanha chegou ao extremo do ridículo.

Estavam todos na grande cozinha de Ingleside. Susan preparava pãozinhos para a hora do almoço. A senhora Blythe fazia biscoitos amanteigados para o Jem, e Rilla embrulhava guloseimas para Ken e Walter. Antes ela se referia mentalmente a eles como “Walter e Ken”, mas de maneira inconsciente o nome do Ken passou a vir antes. A prima Sophia também estava lá, tricotando fiel e melancolicamente. Ela sentia no fundo do âmago que todos os garotos seriam mortos, todavia era melhor que morressem com os pés aquecidos.

A cena pacata foi interrompida pela chegada abrupta do doutor, encolerizado e afoito por causa do incêndio do parlamento em Ottawa. Susan automaticamente ficou tão furiosa quanto ele.

– O que os hunos farão depois disso? – quis saber. – Ora essa, vir até aqui para incendiar o edifício do nosso parlamento! Que ultraje!

– Não sabemos se os alemães são os responsáveis – disse o doutor, por mais que achasse que fossem. – Incêndios acontecem mesmo sem a participação deles. O celeiro do tio Mark MacAllister pegou fogo na semana passada. Nesse caso não dá para acusar os alemães, Susan.

– Concordo, querido doutor – Susan assentiu com a cabeça de maneira lenta e portentosa –, o Bigodinho esteve lá naquele mesmo dia. E o fogo começou meia hora depois que foi embora. São fatos, mas não vou acusar um ancião da igreja presbiteriana de incendiar o celeiro de alguém sem provas. Só que todo mundo sabe que o tio Mark discursa em todas as reuniões de recrutamento e que os dois garotos dele se alistaram, querido doutor. Não resta dúvida de que a Alemanha está ansiosa para se vingar dele.

– Eu não conseguiria falar em uma reunião de recrutamento – disse a prima Sophia solenemente. – Minha consciência não permitiria que eu pedisse ao filho de outra mulher para ir à guerra, para matar e

ser morto.

– Será? – perguntou Susan. – Bem, Sophia Crawford, depois de descobrir que não restou nenhuma criança com menos de 8 anos viva na Polônia, eu seria capaz de pedir para qualquer pessoa. Pense nisto, Sophia Crawford – Susan apontou um dedo cheio de farinha para ela –, nem... uma... criança... com... menos... de... 8... anos!

– Suponho que os alemães as devoraram – suspirou a prima Sophia.

– Bem, não! – disse Susan relutantemente, como se odiasse admitir que havia crimes dos quais os hunos não eram culpados. – Até onde eu saiba, os alemães não viraram canibais. As pobres criaturinhas morreram de fome e frio. Isso é assassinato, prima Sophia Crawford. Só de imaginar, perco o apetite.

– O Fred Carson, de Lowbridge, ganhou uma medalha de Conduta Distinta – comentou o doutor, lendo o jornal local.

– Ouvi falar disso na semana passada – disse Susan. – Ele é mensageiro do batalhão e demonstrou muita valentia. Ele escreveu uma carta contando o feito, que chegou quando a avó dele estava no leito de morte. A senhora Carson tinha só mais alguns minutos de vida e o ministro episcopal perguntou se ela gostaria que ele rezasse. “Ah, sim, sim, pode rezar”, foi a resposta impaciente. Ela era uma Dean, querido doutor, e eles sempre foram energéticos. “Pode rezar, mas pelo amor de Deus, reze baixinho para não me incomodar. Quero saborear essa notícia esplêndida, e não tenho muito tempo.” Essa era a Almira Carson. O Fred era seu maior orgulho. Aos 75 anos de idade, ela não tinha um fio grisalho sequer na cabeça, segundo contam.

– Por falar nisso, hoje eu encontrei meu primeiro fio grisalho – disse a senhora Blythe.

– Já faz algum tempo que eu o notei, querida senhora, só não falei nada. Pensei comigo mesma que você já tem muito o que suportar. Agora que o notou, permita-me dizer que cabelos grisalhos são símbolos de dignidade.

– Devo estar ficando velha, Gilbert. – A senhora Blythe riu com pesar. – As pessoas estão começando a comentar que pareço muito jovem. Ninguém diz isso quando se é de fato jovem. Só que não vou me preocupar com esse fio grisalho. Nunca gostei dos meus cabelos ruivos. Gilbert, eu te contei da

vez em que tingi o cabelo, quando ainda morava em Green Gables? Ninguém mais além da Marilla soube o que realmente aconteceu.

– Foi quando você cortou os cabelos bem curtinhos?

– Sim. Eu comprei um frasco de tintura de um mascate alemão e, na minha inocência, achei que ela deixaria os meus cabelos pretos. Só que eles ficaram verdes. Aí, fui obrigada a cortá-los.

– Você teve sorte, querida senhora – exclamou Susan. – É claro, você era jovem demais para saber quem são os alemães. Graças à misericórdia da Divina Providência, era tinta verde e não veneno.

– Parece que foi há centenas de anos – suspirou a senhora Blythe.

– Os dias de Green Gables pertencem a outro mundo. O abismo da guerra separou a vida em duas partes. Não sei o que o futuro nos reserva. Só sei que não será igual ao passado. Pergunto-me se nós, que vivemos metade de nossa vida no velho mundo, conseguiremos nos sentir em casa no novo mundo.

A senhorita Oliver olhou por cima do livro que lia e perguntou:

– Já notaram que tudo que foi escrito antes da guerra parece ser tão antigo quanto a *Iliada*? Como este poema de Wordsworth (a classe sênior o tem fixado na porta de entrada), que li recentemente, a calma e a serenidade clássica e a beleza dos versos parecem oriundas de outro planeta, e não lembram em nada o caos do mundo atual.

– A única leitura que me conforta hoje em dia é a da Bíblia – disse Susan, colocando os biscoitos no forno. – Há muitas passagens que parecem descrever com exatidão os hunos. O velho Highland Sandy afirma com toda a certeza de que o cáiser é o anticristo descrito no livro do Apocalipse, mas acho que não chega a tanto. Na minha humilde opinião, seria uma honra grande demais para ele.

Vários dias depois, Miranda Pryor chegou bem cedinho à Ingleside decidida a costurar para a Cruz Vermelha, quando na verdade sua intenção era desabafar com Rilla os problemas, que não era capaz de suportar sozinha. Ela trouxe junto seu cachorro, um animalzinho roliço e de pernas curvadas que lhe era muito querido por ter recebido de presente, quando ainda era filhote, de Joe Milgrave. O senhor Pryor não gostava de cães; porém, como naquela época ainda considerava o Joe um bom partido para a filha, ele permitiu que o cachorro ficasse. Miranda ficou tão grata que resolveu agradar ao pai batizando o animal de estimação em homenagem ao ídolo político dele, o grande chefe liberal, *Sir Wilfrid Laurier*³⁶, título que

logo foi abreviado para Wilfy. *Sir* Wilfrid foi crescendo e ficando cada vez mais gordo, Miranda o mimava absurdamente e ninguém mais gostava dele. Rilla o detestava em especial por causa do hábito de deitar-se de costas e abanar as patinhas para que fizessem carinho na barriga lisa. Rilla notou que a jovem trazia nos olhos a prova incontestável de ter chorado a noite inteira e a convidou para irem até o quarto, mas pediu para que o *Sir* Wilfrid permanecesse ali embaixo.

– Ah, ele não pode vir também? – pediu Miranda em tom lacrimoso.

– O coitadinho não vai incomodar, e eu limpei com cuidado as patas dele antes de entrarmos. Ele sempre se sente muito solitário em um lugar estranho sem mim... e em breve será... tudo que me resta do Joe.

Rilla consentiu, e o *Sir* Wilfrid saltitou pela escada na frente delas, com o rabo atrevido encurvado sobre as costas malhadas.

– Ah, Rilla – soluçou Miranda quando chegaram ao santuário.

– Estou tão infeliz. Não consigo nem descrever o quanto. Sinto que meu coração está literalmente estilhaçado.

Rilla sentou-se na cadeira ao lado dela. O *Sir* Wilfrid sentou-se sobre as patas traseiras, com a língua rosa impertinente para fora, e ouviu com atenção.

– O que aconteceu, Miranda?

– O Joe está de licença pela última vez e chegará nesta noite. Recebi uma carta dele no sábado. Ele escreve para mim por intermédio do Bob Crawford, sabe, por causa do papai. Ah, Rilla, ele ficará aqui apenas quatro dias e irá embora na sexta-feira de manhã, e talvez nunca mais nos veremos.

– Ele ainda quer se casar com você? – perguntou Rilla.

– Ah, sim. Na carta ele implora para fugirmos e nos casarmos, mas não posso fazer isso, Rilla, nem pelo Joe. Meu único alento é saber que poderei vê-lo brevemente amanhã de tarde. O papai irá para Charlottetown a negócios. Pelo menos vamos poder nos despedir adequadamente. Só que depois... ora, Rilla, sei que o papai não me deixará ir até a estação para me despedir dele.

– E por que diabos vocês não se casam amanhã de tarde na sua casa? – exclamou Rilla.

Miranda ficou tão espantada que engoliu um soluço e quase se engasgou.

– É que... é que... seria impossível, Rilla.

– Por quê? – insistiu a organizadora do comitê júnior da Cruz Vermelha e a transportadora de bebês em sopeiras.

– Porque... bom, nunca pensamos nisso. Joe não tem uma licença, eu não tenho um vestido apropriado. Não posso me casar de preto. Eu... eu... você... você... – Miranda desmoronou por completo. O *Sir* Wilfrid, percebendo a aflição da dona, jogou a cabeça para trás e soltou um ganido melancólico.

Rilla Blythe refletiu intensamente por alguns minutos. Em seguida, disse:

– Miranda, se confiar em mim, você e o Joe estarão casados antes das quatro da tarde de amanhã.

– Ah, você não pode estar falando sério.

– Eu posso e estou. Mas você terá que fazer exatamente o que eu disser.

– Ah, não acho que... ai, o papai vai me matar...

– Que bobagem. Ele vai ficar muito bravo, eu acho. Ainda assim, enfrentar seu pai é mais assustador do que nunca mais ver o Joe?

– Não – respondeu Miranda com uma determinação repentina.

– Não é.

– Você seguirá as minhas instruções?

– Sim, seguirei.

– Pois então telefone para o Joe e peça a ele que traga uma licença e uma aliança nesta noite.

– Ah, não posso – lamuriou Miranda, horrorizada. – Rilla, seria tão... indelicado.

Rilla cerrou os dentes brancos.

– Deus, dai-me paciência – murmurou. – Eu telefono para ele. Enquanto isso, vá para casa e faça os preparativos que puder. Quando eu telefonar para sua casa pedindo que me ajude com a costura, venha imediatamente.

Quando a Miranda foi embora, pálida, assustada, ainda que desesperadamente decidida, Rilla correu até o telefone e fez uma chamada de longa distância para Charlottetown. A ligação foi completada tão depressa que ela teve a certeza de que a Divina Providência aprovava sua intervenção. Não obstante, ela levou uma hora para conseguir falar com Joe Milgrave no campo de treinamento. Nesse meio tempo, ela caminhou impientemente de um lado para o outro, rezando para que ninguém mais estivesse na linha e que a notícia não chegasse até os ouvidos do Bigodinho.

– Joe, é você? Aqui é Rilla Blythe. Rilla... Rilla... ah, não tem importância. Ouça com atenção. Consiga uma licença para se casar antes de

voltar para casa hoje à noite, uma licença de casamento... sim, uma licença de casamento... e uma aliança. Entendeu? Está de acordo? Muito bem, e não se esqueça de nada. Esta pode ser sua única chance.

Corada e triunfante, pois seu único medo era não conseguir localizar o Joe a tempo, Rilla telefonou para os Pryor. Dessa vez ela não teve tanta sorte, pois quem atendeu foi o Bigodinho.

– Miranda? Ah, senhor Pryor! Bem, por gentileza, o senhor poderia pedir para a Miranda vir aqui nesta tarde me ajudar com a costura? É muito importante, do contrário eu não a incomodaria. Ah, obrigada.

O senhor Pryor concordou, um tanto a contragosto, mas concordou. Ele não queria ofender o doutor Blythe, e também sabia que se impedisse Miranda de ajudar a Cruz Vermelha a opinião pública de Glen não o perdoaria. Rilla foi para a cozinha, fechou todas as portas com uma expressão misteriosa que alarmou a Susan e disse com seriedade:

– Susan, você pode fazer um bolo de casamento nesta tarde?

– Um bolo de casamento! – Susan a encarou. Sem nenhum aviso prévio, a jovem havia trazido um filho da guerra para casa. Será que agora iria surgir com um marido?

– Sim, um bolo de casamento. Um bolo de casamento saboroso. Um bolo de casamento lindo, com ameixas, raspas de limão, ovos e tudo mais. Também temos que preparar outras coisas. Eu te ajudarei amanhã de manhã, pois hoje tenho que fazer um vestido de noiva e não posso perder nem um minuto.

Susan concluiu que estava velha demais para levar sustos tão grandes.

– Com quem você vai se casar? – perguntou ela debilmente.

– Susan, querida, a noiva não sou eu. Miranda Pryor vai se casar com o Joe Milgrave amanhã de tarde enquanto o pai dela estiver na cidade. Um casamento de guerra, Susan. Não é romântico? Nunca fiquei tão animada em toda a vida.

Em pouco tempo a animação espalhou-se por Ingleside, contagiando inclusive a senhora Blythe e a Susan.

– Vou começar a preparar o bolo agora mesmo – disse Susan, olhando para o relógio. – Querida senhora, você poderia colher as frutas e bater os ovos? Assim eu conseguirei colocar o bolo no forno ao anoitecer. Amanhã de manhã podemos preparar saladas e outras coisas. Trabalharei a noite inteira, se precisar, para dar uma lição no Bigodinho.

Miranda chegou, com os olhos marejados e sem fôlego.

– Temos que fazer alguns ajustes no meu vestido branco – disse Rilla. – Vai servir certinho em você.

E então as garotas colocam as mãos na massa, cortando, provando, alinhavando e cosendo como se fosse caso de vida ou morte. Graças aos esforços ininterruptos, o vestido ficou pronto às sete da noite, e Miranda o provou no quarto da Rilla.

– É lindo, mas... como eu queria ter um véu – suspirou Miranda.

– Sempre sonhei em me casar com um véu adorável branco.

Evidentemente, há uma fada madrinha para atender os desejos das noivas da guerra. A porta abriu-se, e a senhora Blythe entrou, trazendo um tecido etéreo.

– Querida Miranda, quero que use amanhã o véu com que me casei. Faz 24 anos que fui uma noiva lá em Green Gables, a noiva mais feliz que já existiu, e dizem que o véu de uma noiva feliz traz boa sorte.

– Ah, é muito bondade sua, senhora Blythe – disse Miranda com lágrimas a ponto de brotar novamente.

O véu foi provado e drapeado. Susan entrou para dar sua aprovação, mas não se atreveu a demorar-se.

– O bolo está no forno e não posso descuidar dele. Agora à tarde chegou a notícia de que o grão-duque tomou a cidade de Erzurum. Bem-feito para os turcos. Quem dera eu pudesse mostrar para o czar o erro que ele cometeu ao dar as costas para o Nicholas.

Susan desapareceu e foi para a cozinha, de onde veio um estrondo e um grito cortante. Todos correram para a cozinha: o doutor, a senhorita Oliver, a senhora Blythe, Rilla e a Miranda com o véu. Susan estava sentada no meio da cozinha com um olhar desconcertado, enquanto o Doc, evidentemente encarnando o Senhor Hyde, encarava-a do aparador com as costas arqueadas, os olhos flamejantes e o rabo eriçado como um espanador.

– Susan, o que aconteceu? – exclamou a senhora Blythe, alarmada.

– Você caiu? Está machucada?

Susan se recompôs.

– Não – respondeu em tom sombrio –, não estou machucada, ainda que esteja com os nervos à flor da pele. Não se assustem. Eu tentei chutar aquele maldito gato com os dois pés. Foi isso que aconteceu.

Todo mundo gargalhou. O doutor mal conseguiu falar.

– Ah, Susan, Susan – arfou ele. – Eu vivi para ver você praguejar.

– Sinto muito ter usado um termo desses na frente de duas garotas – disse Susan, verdadeiramente aflita. – Mas eu disse que aquela fera é maldita, e é mesmo. Tem pacto com o tnhoso.

– Você espera que algum dia desses ele desapareça em uma nuvem de enxofre, Susan?

– Ele logo irá para onde merece estar, escreva o que estou dizendo

– disse Susan de mal humor sacudindo os velhos ossos ao se aproximar do fogão. – Creio que minha queda tirou o bolo do lugar, que sairá pesado como chumbo.

Não foi o que aconteceu. Ele ficou do jeito que o bolo de uma noiva deveria ficar, e Susan o decorou belamente. No dia seguinte, a Susan e Rilla trabalharam a manhã inteira preparando quitutes para o casamento, e assim que a Miranda telefonou avisando que o pai havia saído, tudo foi posto em uma grande cesta e levado para a casa dos Pryor. Joe chegou em seu uniforme e com animação acompanhado do padrinho, o sargento Malcolm Crawford. Havia muitos convidados, uma vez que todos os moradores da casa ministerial e de Ingleside foram chamados, além de uma dúzia de parentes do Joe, incluindo a mãe dele, a “senhora do falecido Angus Milgrave”, como era chamada cordialmente para não ser confundida com outra mulher cujo Angus ainda estava vivo. A senhora do falecido Angus tinha um ar de reprovação e não parecia muito entusiasmada com a aliança com a família do Bigodinho.

Enfim, Miranda Pryor casou-se com o soldado Joseph Milgrave em sua última licença. Deveria ter sido um casamento romântico, mas não foi. Havia muitos fatores atuando contra o romantismo, como até Rilla teve que admitir. Em primeiro lugar, apesar do vestido e do véu, Miranda foi uma noiva inexpressiva, comum e desinteressante. Em segundo, Joe chorou amargamente durante toda a cerimônia, o que causou em Miranda uma irritação injustificada. Muito tempo depois, ela comentou com a Rilla:

– Tive vontade de dizer para ele, ali mesmo: “Se você se sente tão mal assim por se casar comigo, é melhor não nos casarmos”, mas ele só estava triste porque teria que partir muito em breve.

Em terceiro lugar, o Jims, que costumava se comportar muito bem em público, teve um acesso de timidez e irritação e começou a gritar com todas as forças pela “Willa”. Ninguém quis levá-lo para fora e acabar perdendo o casamento, de maneira que a Rilla, a dama de honra, teve que segurá-lo no colo durante toda a cerimônia.

Em quarto lugar, o *Sir* Wilfrid Laurier teve um ataque. Ele estava entrincheirado em um canto atrás do piano da Miranda e começou a fazer barulhos esquisitos e assustadores, a princípio com uma série de sons espasmódicos como se estivesse engasgado, em seguida com um gorgolejar pavoroso, encerrando com ganido estrangulado. Ninguém conseguia ouvir uma palavra do que o senhor Meredith dizia, exceto quando o *sir* Wilfrid parava para respirar. A única pessoa que olhava para a noiva era Susan, que não desviou o olhar fascinado do rosto da Miranda em nenhum momento, todos os outros encaravam o cachorro. Miranda tremia de nervosismo desde o início, mas quando o *Sir* Wilfrid começou com a performance tudo que conseguiu pensar foi que seu cão estava morrendo e ela não podia acudi-lo. Ela não guardou na lembrança nenhuma palavra dita pelo ministro.

Rilla, que apesar do Jims esforçou-se ao máximo para parecer compenetrada e emocionada, como uma madrinha de guerra deve ser, deu-se por vencida e concentrou todas as forças para sufocar a vontade de rir. Ela não se atreveu a olhar para nenhum dos convidados, especialmente para a senhora do falecido Angus, por medo de que todas as risadas suprimidas explodissem em uma gargalhada indigna para uma dama.

Por fim, os noivos se casaram e, em seguida, houve um jantar de casamento tão abundante e generoso que mais parecia o fruto de um mês de trabalho. Todo mundo contribuiu com alguma coisa. A senhora do falecido Angus trouxe uma grande torta de maçã, que colocou sobre uma cadeira na sala de jantar onde acabou se sentando por distração. O temperamento e o vestido de seda preto dela foram completamente arruinados, mas a torta não fez falta durante o alegre banquete. A senhora do falecido Angus levou o que sobrou para casa, os porcos do Bigodinho pacifista não ficaram com nenhuma migalha.

Naquela noite o senhor e a senhora Joe, acompanhados do *Sir* Wilfrid recuperado, partiram para passar a curta lua de mel no farol de Four Winds, que estava sendo cuidado pela família do Joe. Una Meredith, Rilla e Susan lavaram os pratos, arrumaram a sala e deixaram sobre a mesa a janta e o bilhete compassivo da Miranda para o senhor Pryor antes de caminharem para casa, sob os encantos místicos e oníricos do crepúsculo invernal que encobria Glen.

– Eu não teria me importado de ser uma noiva da guerra – comentou Susan sentimentalmente.

Contudo, Rilla sentia-se um tanto deprimida, talvez em reação a toda a euforia das últimas trinta e seis horas. Ela estava desapontada. O evento todo fora absurdo e cômico, e o casal de noivos lacrimosos e deselegantes.

– Se a Miranda não tivesse dado tanta comida para aquele cachorro, ele não teria passado mal – comentou, irritada. – Eu a avisei, mas ela disse que não podia deixar o pobrezinho passar fome, porque logo ele seria tudo que lhe restava e blá-blá-blá. Tive vontade de lhe dar um chacoalhão.

– O padrinho estava mais animado do que o próprio Joe – disse Susan. – Ele desejou muitos dias felizes como o de hoje para a Miranda. Ela não parecia muito contente, o que é de se esperar dadas as circunstâncias.

– De qualquer forma, vou fazer um relato detalhado de tudo que aconteceu para os garotos. O Jem vai se acabar de tanto rir da parte do *Sir Wilfrid*!

Apesar de ter ficado decepcionada com o casamento, Rilla não teve do que reclamar na sexta-feira de manhã, quando Miranda foi despedir-se do noivo na estação de Glen. A alvorada tinha a brancura de uma pérola e a translucidez de um diamante. Atrás da estação, os jovens pinheiros estavam envoltos pela neblina e salpicados pela geada. A lua pairava sobre os campos nevados a Oeste, enquanto os raios dourados do sol despontavam sobre o bosque de bordos de Ingleside. Joe segurou a mão delicada e alva da noiva, ela olhou no fundo dos olhos dele. Rilla sentiu um súbito nó na garganta. Não importava que a Miranda era insignificante, simplória e desprovida de atrativos. Não importava que fosse filha do Bigodinho. A única coisa importante era a expressão de êxtase e sacrifício nos olhos dela; a chama perpétua e sagrada de devoção, lealdade e encorajamento que ela jurava em silêncio manter viva em casa juntamente com milhares de outras mulheres, enquanto os maridos protegiam o front ocidental. Rilla afastou-se, percebendo que não deveria atrapalhar um momento tão importante. Ela foi até o fim da plataforma, onde o *Sir Wilfrid* e o Segunda-feira estavam sentados olhando um para o outro.

O *Sir Wilfrid* perguntou com condescendência:

– Por que você assombra esse velho galpão, quando poderia estar deitado no tapete da lareira de Ingleside, desfrutando da fartura? É uma questão de estilo? Ou uma obsessão?

Ao que o Segunda-feira respondeu laconicamente:

– É uma promessa que tenho que cumprir.

Depois que o trem partiu, Rilla aproximou-se da pequena e trêmula Miranda.

– Bem, ele se foi – disse Miranda –, quiçá para nunca mais voltar. Mas eu sou a esposa dele e vou honrá-lo. Tenho que ir para casa.

– Não acha melhor ir para casa comigo? – perguntou Rilla, preocupada. Ninguém sabia ainda como o senhor Pryor havia reagido à novidade.

– Não. Se o Joe pode enfrentar os hunos, eu posso encarar meu pai – disse Miranda em tom de desafio. – A esposa de um soldado não pode ser covarde. Venha, Wilfy. Vou direto para casa enfrentar o pior.

No entanto, ela não se deparou com nada muito espantoso. Talvez o senhor Pryor tivesse ponderado que empregadas eram difíceis de se achar e que a Miranda encontraria muitos lares dos Milgrave de portas abertas para ela e que existia algo chamado subsídio de separação familiar³⁷. Em todo caso, ele meramente resmungou que ela havia agido como uma tola e que viveria para se arrepender disso. A senhora Joe então colocou o avental e foi trabalhar como de costume, enquanto o *Sir* Wilfrid, que não tinha gostado da estadia no farol em pleno inverno, foi dormir em seu cantinho ao lado do fogão, grato por aquela questão do casamento de guerra ter se encerrado.

Sir Henri Charles Wilfrid Laurier (1841-1919) foi o primeiro-ministro do Canada de 1896 ate 1911.
(N. T.)

Benefício pago quando um militar é separado de seus dependentes por mais de 30 dias, devido a ordens militares. (N. T.)



“Não passarão³⁸”

Em uma manhã cinzenta de fevereiro, Gertrude Oliver despertou com um arrepio e foi para o quarto de Rilla deitar-se ao lado dela.

– Rilla, estou assustada... assustada como um bebê. Tive outro dos meus sonhos estranhos. Algo terrível nos aguarda. Eu sei.

– Com o que você sonhou? – perguntou Rilla.

– Eu estava nos degraus da varanda, como naquele sonho que tive na véspera do baile no farol, e uma imensa nuvem preta, trovejante e ameaçadora se aproximava pelo Leste. A sombra dela vinha à frente, e eu estremeci de frio quando me envolveu. Então a tempestade começou, uma tempestade profusa e intensa repleta de raios ofuscantes e trovões ensurdecedores. Eu entrei em pânico e tentei me abrigar, assim como um homem, um soldado vestindo o uniforme do exército francês, que correu em disparada e parou na minha frente. O uniforme estava empapado de sangue devido a um ferimento no peito. Ele parecia fraco e exausto, mas tinha os olhos vidrados e uma expressão decidida no rosto magro. “Eles não passarão”, disse em um tom baixo e veemente que eu pude ouvir com clareza em meio ao turbilhão da tempestade. Foi quando eu acordei. Rilla, estou assustada. A primavera não nos trará a grande vitória pela qual ansiamos tanto, e sim um golpe duro contra a França. Tenho certeza. Os alemães tentarão abrir caminho a todo custo.

– Mas o sujeito falou que eles não passarão – disse Rilla em um tom sério. Ela nunca ria dos sonhos da Gertrude como o doutor.

– Não sei se foi uma profecia ou um ato de desespero, Rilla. Ainda estou petrificada de horror por causa do sonho. Vamos precisar de toda coragem que tivermos.

O doutor Blythe riu na mesa do café da manhã, porém foi a última vez que zombou dos sonhos da senhorita Oliver, pois naquele dia chegou a notícia de que se iniciava a ofensiva de Verdun. Ingleside passou toda a primavera em

um transe angustiante. Havia dias em que aguardavam em desespero pelo fim, enquanto os alemães pouco a pouco se aproximavam da França.

As tarefas de Susan se concentravam na cozinha impecável de Ingleside, mas seus pensamentos estavam nas colinas ao redor

de Verdun. Antes de dormir, ela enfiava a cabeça pela porta do quarto da senhora Blythe e comentava: “Espero que os franceses tenham retomado Bois des Corbeaux hoje”, e acordava de manhãzinha se perguntando se Le Mort Homme³⁹, que indubitavelmente tinha sido batizada por um profeta, ainda estava sob a proteção dos *poilus*⁴⁰. Ela seria capaz de desenhar um mapa da região de Verdun que deixaria um chefe de gabinete satisfeito.

– Se os alemães tomarem Verdun, o espírito da França será destruído – disse a senhorita Oliver com amargura.

– Isso não vai acontecer – retrucou fervorosamente Susan, que não tinha conseguido almoçar naquele dia por medo de que isso acontecesse.

– Em primeiro lugar, você sonhou com a frase que os franceses estão dizendo antes mesmo de começarem a usá-la: “Eles não passarão”. Eu te asseguro, querida senhorita Oliver, que fiquei arrepiada e perplexa quando a li nos jornais. Parece algo dos tempos bíblicos, quando as pessoas tinham sonhos desse tipo com frequência.

– Eu sei, eu sei – disse Gertrude, andando de um lado para o outro.

– Eu me apego à fé quando tenho esses sonhos, mas ela falha sempre que chegam notícias ruins. Aí digo para mim mesma que foi “mera coincidência”, “uma lembrança inconsciente” e coisas do tipo.

– Não vejo como alguém poderia guardar no inconsciente algo que ainda nem foi dito – insistiu Susan –, embora eu não seja instruída como você e o doutor. E prefiro não ser, se isso impedir que eu acredite em algo tão simples assim. Em todo caso, não precisamos nos preocupar com Verdun, mesmo que os alemães a invadam. O Joffre diz que a cidade não tem importância militar.

– Essas mesmas palavras já foram ditas inúmeras vezes, sempre que encontramos dificuldades – retrucou Gertrude. – Elas já perderam o poder de nos confortar.

– O mundo já viu uma guerra como essa antes? – perguntou o senhor Meredith, em uma noite de meados de abril.

– É algo tão titânico que escapa à nossa compreensão – disse o doutor. – O que foram as batalhas dos tempos de Homero perto disso? Se a guerra de Troia fosse travada nos arredores de Verdun, nenhum correspondente

internacional gastaria mais do que algumas frases com ela. Não tenho o domínio de forças ocultas – o doutor olhou de soslaio para a Gertrude –, mas sinto que o desfecho de toda a guerra vai depender da situação em Verdun.

Ela não tem nenhuma importância do ponto de vista militar, como disseram Joffre e a Susan, todavia possui um tremendo significado ideológico. Se a Alemanha vencer essa batalha, vencerá também a guerra. Se perder, a sorte dela sofrerá um revés.

– E ela vai perder – disse o senhor Meredith enfaticamente. – Não se pode conquistar uma ideologia. A França é maravilhosa, sem dúvida. Vejo nela uma figura branca que representa o posicionamento firme da civilização contra as forças obscuras da barbárie. Creio que o mundo inteiro já percebeu isso, e é por esse motivo que estamos aguardando o desenlace com tanta ansiedade. Não se trata da mera questão de alguns poucos fortes sendo tomados e nem de alguns quilômetros de campos ensanguentados.

– Eu me pergunto se seremos dignos de alguma bênção grande o suficiente para compensar o preço que estamos pagando e todo nosso sofrimento – divagou Gertrude com ares sonhadores. – Será que toda essa agonia com que o mundo estremece é a dor do parto de uma era nova e sublime? Ou é apenas uma luta fútil entre formigas sob o calor de milhões e milhões de sóis? Nós falamos com muita leviandade, senhor Meredith, de uma calamidade que está destruindo o formigueiro e metade de seus habitantes. Será que o poder que rege o universo nos considera mais importantes do que consideramos as formigas?

– Você esquece que um poder infinito deve ser infinitamente pequeno e, ao mesmo tempo, infinitamente grande – respondeu o senhor Meredith, com um brilho nos olhos negros. – Não somos nem um e nem outro, de maneira que há coisas que são muito pequenas e outras são grandes demais para compreendermos. Uma formiga é tão importante quanto um mastodonte.

Somos testemunhas das dores do nascimento de uma nova era, que chegará frágil e indefesa a este mundo como todas as outras formas de vida. Não sou desses que esperam um novo paraíso e uma nova terra como resultados imediatos da guerra. Não é assim que Deus age, mas Ele age, senhorita Oliver, e no final o propósito Dele se cumprirá.

– Palavras sensatas e ortodoxas... sensatas e ortodoxas – murmurou Susan da cozinha com aprovação. De vez em quando, ela gostava de ver a

senhorita Oliver ser amedrontada pelo ministro. Apesar de gostar muito dela, Susan achava que a senhorita Oliver tinha o hábito de dizer heresias na presença dos ministros e que merecia um lembrete ocasional de que tais assuntos estavam fora de sua jurisdição.

Em maio, Walter escreveu contando que havia ganhado uma medalha de Conduta Distinta. Ele não revelou o motivo, mas os outros garotos se encarregaram de informar o ato de bravura dele a toda a vila. “Em qualquer outra guerra, ele teria ganhado uma Cruz Vitória⁴¹”, escreveu Jerry Meredith. “Só que eles não podem dá-las para todos os atos de bravura realizados diariamente por aqui”.

– Ele deveria ter recebido uma Cruz Vitória – disse Susan, muito indignada. Ela não sabia ao certo de quem era a culpa, mas, se fosse do general Haig, ela começaria a duvidar seriamente da capacidade dele como comandante-chefe.

Rilla não cabia em si mesma de tanta felicidade. Foi seu adorado Walter, o mesmo Walter que havia recebido uma pluma branca em Redmond, que deixou a segurança da trincheira para arrastar um companheiro ferido que caíra na terra de ninguém. Ela podia ver o belo rosto alvo e os olhos maravilhosos dele em ação! Que orgulho ser irmã de um herói! E ele achou que não valia a pena escrever sobre isso.

A carta dele estava repleta de pequenezas íntimas que ambos haviam conhecido e estimado nos dias despreocupados de uma vida atrás.

“Tenho pensado nos narcisos do jardim de Ingleside. Quando esta carta chegar eles já terão florescido, agitando-se sob o céu rosado. Eles continuam de um dourado intenso, Rilla? Eles deveriam tingir-se de vermelho-sangue como as papoulas daqui. E cada sussurro da primavera corresponde a uma violeta do Vale do Arco-Íris.”

“Há uma lua crescente, fina e prateada, pairando sobre os abismos de tormento nesta noite. Será que você também consegue vê-la sobre o bosque de bordos?”

“Estou enviando também alguns versos, Rilla. Eu os escrevi em uma noite na trincheira sob a luz de um toco de vela, ou melhor, eles vieram até mim, pois sinto que algo me usou como instrumento. Já tive essa sensação uma ou duas vezes antes, mas não com a mesma intensidade de agora. Foi por isso que os enviei para o *Spectator* de Londres. Eles os publicaram, e a última edição chegou hoje. Espero que goste. É o único poema que escrevi desde que vim para o estrangeiro.”

O poema era curto e pungente. Em um mês, ele fez o nome de Walter ficar conhecido em todos os cantos do globo ao ser reproduzido por todo tipo de publicação: diários metropolitanos e periódicos de pequenas vilas, editoriais críticos e colunas exaltadas, informes da Cruz Vermelha e propagandas de recrutamento do governo. Mães e irmãs choraram, jovens rapazes se inspiraram, e o imenso coração da humanidade se emocionou com a epítome da dor e da esperança imortalizada naqueles três versos breves. Um jovem canadense nas trincheiras de Flandres havia escrito o grande poema da guerra, “O Flautista”, do soldado Walter Blythe, foi um clássico desde a primeira impressão.

Rilla o copiou no diário no início do relato da dura semana que tivera.

“Essa semana foi péssima”, escreveu, “e embora já tenha terminado e nós saibamos que foi tudo um erro, ainda permanecem as marcas. Em certos aspectos foi maravilhosa, e tive alguns vislumbres de coisas que nunca havia notado antes, de como pessoas boas e corajosas podem se comportar em meio ao mais terrível sofrimento. Eu jamais conseguiria ser como a senhorita Oliver.”

“Uma semana atrás ela recebeu uma carta da mãe do senhor Grant, de Charlottetown, dizendo que um oficial havia acabado de lhe informar que o major Robert Grant tinha sido morto em ação alguns dias antes.”

“Oh, pobre Gertrude! De início ela ficou arrasada. Ainda assim, depois de apenas um dia ela se recompôs e voltou a dar aulas. Ela não chorou. Eu nunca a vi derramar uma lágrima sequer. Mas seu rosto e seu olhar...”

“‘Tenho que voltar ao trabalho’, disse, ‘é o meu dever agora’.”

“‘Eu nunca conseguiria ser tão forte.’”

“Ela só demonstrou ressentimento uma vez, quando Susan comentou que a primavera havia finalmente chegado. Gertrude disse: ‘Será que a primavera chegará mesmo neste ano?’. Então ela deu uma risadinha horrível, como a que alguém lançaria diante da morte, eu acho, e disse: ‘Observem o meu egoísmo. Só porque eu, Gertrude Oliver, perdi um amigo, é possível que a primavera não ocorra como de costume.

A primavera nunca falhou por causa da dor de milhões de outras pessoas, mas por minha causa... ah, o que será do universo?’”

“‘Não seja tão amarga consigo mesma, querida’, disse a mamãe. ‘É muito natural achar que a vida não continuará seguindo seu curso quando um golpe inesperado tira nosso mundo do lugar. Todos se sentem assim.’”

“Foi quando aquela velha ranzinza da prima Sophia se intrometeu. Ela estava sentada ali perto, tricotando e grasnando como ‘pássaro de mau agouro’, como diria Walter. ‘Seu caso nem é tão ruim assim, senhorita Oliver, você deveria ser um pouco mais sensata. Algumas mulheres perderam os maridos, isso é um golpe duro. Já outras perderam os filhos. Você não perdeu nenhum dos dois.’”

“‘Não’, disse Gertrude com ainda mais rancor. ‘É verdade que não perdi um marido, somente o homem que poderia ter sido meu marido. Não perdi nenhum filho, apenas os filhos e as filhas que eu poderia ter tido, e que agora não vão mais nascer.’”

“‘Uma dama não deveria falar assim’, disse a prima Sophia em um tom chocado. Aí a Gertrude riu bem alto, com tamanho desvario que deixou a prima Sophia realmente assustada. Quando a pobre coitada não aguentou mais e correu para o quarto, ela perguntou à mamãe se a notícia havia afetado a mente da senhorita Oliver. ‘Eu perdi dois grandes companheiros, e isso não me afetou desse jeito.’”

“‘Não me admira! Aqueles pobres coitados devem ter ficado agradecidos por morrerem.’”

“Ouvi a Gertrude caminhar pelo quarto quase a noite inteira. Isso se repetiu a semana toda, mas não tanto quanto naquela noite. E em uma ocasião ela soltou um gritinho repentino e dolorido como se tivesse sido esfaqueada. Não consegui dormir por pena dela e não havia nada que pudesse fazer por ela. Achei que o dia não raiaria nunca. Porém, ele raiou; e ‘a alegria veio com a manhã’, como diz na Bíblia. Não exatamente de manhã, e sim lá pela tarde. O telefone tocou e eu o atendi. Era o velho senhor Grant, de Charlottetown, avisando que ocorrera um engano. O Robert não tinha sido morto, ele só havia sofrido um ferimento leve no braço e por hora estava em um hospital longe do perigo. Eles não sabiam a causa do erro, provavelmente existia outro Robert Grant.”

“Eu desliguei o telefone e corri para o Vale do Arco-Íris. Tenho certeza de que voei, não me lembro dos meus pés tocando o chão. Encontrei a Gertrude voltando da escola na clareira de abetos onde costumávamos brincar e contei a notícia, quase sem fôlego. Eu deveria ter pensado melhor, é claro. Só que estava tão louca de alegria e emoção que nem parei para refletir. Gertrude desmaiou entre as samambaias douradas como se tivesse levado um tiro. O susto que levei me ensinou uma lição, pelo menos nesse aspecto, pelo resto

da vida. Pensei que a tinha matado, lembrei-me de que a mãe dela morreu de ataque cardíaco bem jovem. Anos pareceram se passar até descobrir que o coração dela ainda batia. Que sufoco! Ninguém nunca havia desmaiado na minha frente, e eu sabia que todo mundo de casa tinha ido até a estação para receber Di e Nan, que chegavam de Redmond. Mas eu sabia, em teoria, como cuidar de uma pessoa desmaiada, agora também sei na prática. Por sorte estávamos perto do riacho, e depois de muitas tentativas frenéticas a Gertrude recobrou a consciência. Ela não disse uma palavra sobre a novidade, e eu tampouco ousei mencioná-la. Eu a ajudei a atravessar o bosque de bordos e a chegar até o quarto, onde ela disse: ‘Rob... está... vivo’, como se as palavras estivessem sendo arrancadas, antes de jogar-se na cama e chorar e chorar e chorar. Foi a primeira vez que vi alguém chorar daquele jeito. Todas as lágrimas que não chorara a semana toda vieram de uma vez. Ela chorou quase a noite passada inteira, eu acho, todavia sua expressão nessa manhã era a de alguém que havia tido uma revelação, e ficamos tão felizes que chegamos a até ficar preocupados.”

“Di e Nan vieram passar algumas semanas em casa. Depois elas voltarão a trabalhar no campo de treinamento da Cruz Vermelha em Kingsport. Eu as invejo. O papai diz que, aqui, ajudo tanto quanto, com o Jims e o comitê júnior. Mas não tem a mesma emoção que a vida delas deve ter.”

“Kut foi tomada. Foi quase um alívio quando a notícia chegou e fazia muito tempo que temíamos que isso acontecesse. Ficamos cabisbaixos por um dia, e então seguimos em frente. A prima Sophia, agourenta como sempre, veio até aqui e reclamou que os britânicos estavam sofrendo derrotas por toda a parte.”

“‘Eles são bons perdedores’, respondeu Susan secamente. ‘Quando perdem alguma coisa, continuam procurando até encontrá-la! Agora, meu rei e meu país precisam que eu plante algumas mudas de batatas na horta dos fundos. Pegue uma faca e venha me ajudar, Sophia Crawford. Assim você vai parar de se preocupar com uma campanha que ninguém a chamou para comandar.’”

“A Susan é uma rocha, e a maneira como ela acaba com a prima Sophia é linda de se ver.”

“Quanto a Verdun, a batalha segue sem previsão de acabar, e nós oscilamos entre a esperança e o medo. Entretanto, sei que aquele sonho estranho da senhorita Oliver significa que a França vai vencer. ‘Eles não passarão.’”

Lema que expressa determinação de defender uma posição contra o inimigo, popularizado durante a Primeira Guerra Mundial. (N. T.)
Conhecida como a Colina do Homem Morto em inglês (N. T.)

Poilu é um termo informal utilizado para indicar membros da [infantaria francesa](#) da [Primeira Guerra Mundial](#). (N. T.)

A mais alta condecoração militar concedida por bravura para os membros das forças armadas de vários países da Commonwealth e do Reino Unido. (N. T.)



Norman Douglas se pronuncia durante a reunião

– Por onde andas, minha Anne? – perguntou o doutor. Mesmo depois de vinte e quatro anos de casados, ocasionalmente ele chamava a esposa assim quando ninguém estava por perto. Anne estava sentada nos degraus da varanda, absorta, contemplando o mundo desabrochar na primavera. Atrás da alvura do pomar havia um arvoredor verde-

-escuro de jovens pinheiros e cerejeiras silvestres de flores sedosas, onde os tordos cantavam com regozijo. Anoitecia, e as primeiras estrelas ardiam sobre o bosque de bordos.

Anne voltou com um leve suspiro.

– Estava descansando um pouco da realidade intolerável, Gilbert, em um sonho em que todos os nossos filhos eram crianças de novo, e todos estavam em casa de novo, brincando no Vale do Arco-Íris. Agora tudo é tão silencioso... estava relembrando as vozes e os gritos alegres que vinham do vale antigamente. Pude ouvir o assovio do Jem e o canto tirolês do Walter e as risadas das gêmeas. Por alguns benditos minutos eu me esqueci das armas no front ocidental e senti uma felicidade doce e falsa.

O doutor não respondeu. Às vezes o trabalho também o fazia esquecer por alguns momentos o front ocidental, mas não com frequência. Seus cachos espessos exibiam um bom tanto de fios grisalhos que não estavam ali há dois anos. Ele olhou dentro dos olhos estrelados que amava tanto, os olhos que já foram abundantes em alegria, que agora pareciam sempre prestes a transbordar de lágrimas.

Susan passou por ali com um ancinho nas mãos e a segunda melhor touca na cabeça.

– Acabei de ler no *Enterprise* a notícia de um casal que se casou em um avião. Acha que isso está dentro da lei, querido doutor? – perguntou, aflita.

– Creio que sim – respondeu ele seriamente.

– Bem – começou ela em tom de incerteza –, sou da opinião de que o casamento é algo solene demais para ser celebrado em um lugar tão excêntrico. Mas, enfim, nada é mais como antes. Bom, falta meia hora para o encontro do grupo de oração da igreja. Vou aproveitar para aliviar a tensão com as ervas daninhas da horta. Vou estar o tempo inteiro pensando nesse problema que surgiu em Trento. Creio que esses austríacos estão aprontando uma, querida senhora.

– Eu também – disse a senhora Blythe com pesar. Passei toda a manhã fazendo compota de ruibarbo enquanto esperava notícias da guerra. Quando chegaram, eu estremeci. Bem, também preciso me arrumar para o grupo de oração.

Cada vilarejo tem suas histórias orais, passadas boca a boca através das gerações, que narram eventos trágicos, cômicos e dramáticos. São casos contados em casamentos, festividades e ao redor de uma fogueira no inverno. E o grupo de oração daquela noite estava destinado a ocupar um espaço permanente nos registros orais de Glen St. Mary.

A reunião da igreja tinha sido ideia do senhor Arnold. O batalhão do condado, que passara o inverno inteiro treinando em Charlottetown, estava prestes a partir para o estrangeiro. Os garotos do porto de Four Winds, de Glen, de Harbour Head e do outro lado do porto estavam em casa pela última vez, e o senhor Arnold teve a ideia sensata de organizar um grupo de oração em homenagem a eles antes da partida. Com o aval do senhor Meredith, a reunião foi marcada na igreja metodista. As reuniões de Glen não costumavam atrair muitas pessoas, mas naquela noite em particular a igreja ficou lotada. Até a senhorita Cornelia esteve presente, pois foi a primeira vez que ela pisou em uma igreja metodista. Tudo que foi preciso foi um conflito mundial.

– Eu costumava odiar os metodistas – disse a senhorita Cornelia calmamente quando o marido expressou surpresa diante da decisão dela –, porém, não agora. Não faz sentido odiar os metodistas quando há um cáiser e um Hindenburg⁴² no mundo.

Assim, a senhorita Cornelia compareceu à reunião. Norman Douglas e a esposa também foram. O Bigodinho desfilou pomposamente pelo corredor central até um dos bancos da frente, crente de que sua presença era uma

honra. As pessoas ficaram surpresas ao vê-lo ali, uma vez que ele evitava qualquer evento de alguma forma relacionado à guerra. Todavia o senhor Meredith havia dito que esperava que a sessão dele fosse bem representada, palavras que o senhor Pryor levou para o coração. Ele usava seu melhor terno preto com uma gravata branca, seus cachos fartos e prateados estavam penteados com esmero, e seu rosto redondo e avermelhado parecia, como a Susan pensou impiedosamente, mais “santimonial” do que nunca.

– No minuto em que vi aquele homem entrando na igreja, vestido daquele jeito, percebi que teríamos problemas, querida senhora – disse ela mais tarde. – Eu não sabia como, mas percebi na expressão dele que o Bigodinho não estava ali com boas intenções.

A reunião começou como de costume. O senhor Meredith falou primeiro com sua eloquência e emoção usuais, e em seguida o senhor Arnold fez um discurso que até a senhorita Cornelia teve que admitir que tinha sido impecável.

Então, o senhor Arnold pediu ao senhor Pryor que iniciasse as orações.

A senhorita Cornelia sempre disse que o senhor Arnold não tinha muito bom senso. Não era de se esperar que ela fosse caridosa em seu julgamento dos ministros metodistas, mas nesse caso ela não exagerou. O senso crítico certamente não era uma das qualidades do reverendo Arnold, do contrário ele não teria pedido para o Bigodinho iniciar a reunião de oração em homenagem aos soldados. Ele achou que estava retribuindo a gentileza ao senhor Meredith que, ao concluir, pediu que um membro da igreja metodista desse início às preces.

Algumas pessoas esperavam que o senhor Pryor recusasse o convite de mau grado, o que já teria sido escandaloso. Só que ele se levantou prontamente e falou “oremos” em tom bajulador e começou a rezar. Ele despejou um oceano de palavras fluentes com uma voz potente que alcançou cada canto da igreja lotada e falou por um bom tempo até a congregação confusa perceber com horror que estavam ouvindo uma espécie de apelo pacifista. Ele pelo menos tinha a coragem de suas convicções; ou talvez, como as pessoas comentaram mais tarde, ele achou que estava seguro em uma igreja e que aquela era uma ótima hora para expressar certas opiniões que não ousava expor em outros lugares por medo de ser linchado. Ele rezou para que a guerra profana cessasse, para que os exércitos iludidos sendo levados para o matadouro no front ocidental despertassem para os pecados

que cometeram e se arrependessem enquanto ainda havia tempo, para que os jovens de uniforme ali presentes sendo instigados ao assassinato e ao militarismo fossem resgatados...

O senhor Pryor conseguiu chegar até aí sem nenhum obstáculo: os ouvintes estavam tão paralisados pelo princípio profundamente arraigado de que não se deve causar distúrbio algum dentro de uma igreja que parecia que iria continuar assim até o final. Contudo, pelo menos um homem entre o público não se sentia preso pela reverência herdada ou adquirida por aquele local sagrado. O Norman Douglas era, como a Susan dizia com frequência e veemência, nada menos que um “pagão”. No entanto, era um pagão ferrenhamente patriota, que, quando compreendeu o significado das palavras do senhor Pryor, teve um acesso de fúria. Ele pôs-se de pé com um verdadeiro rugido, encarando a congregação, e gritou com toda a força:

– Pare! Pare! PARE com essa prece abominável! Seu pregador abominável!

Todas as cabeças na igreja se ergueram. Um rapaz de uniforme no fundo comemorou com timidez. O senhor Meredith ergueu a mão em protesto, mas Norman já havia passado do limite da paciência. Escapando das mãos da esposa que tentava contê-lo, ele saltou como um louco por cima do banco e agarrou o infeliz do Bigodinho pelo colarinho. Já que a súplica não foi suficiente para fazê-lo parar, ele teve que usar da força: Norman, com a grande barba ruiva literalmente eriçada de raiva, sacudia o senhor Pryor fazendo com que até os ossos dele chacoalhassem enquanto pontuava cada movimento com uma variedade escabrosa de epítetos abusivos.

– Sua besta quadrada! – E sacudia... – Abutre maligno! – E sacudia... – Verme inútil! – E sacudia... – Filhote de cruz-credo! – E sacudia... – Parasita pestilento! – E sacudia... – Escória germânica! – E sacudia... –

Réptil indecente! Seu... seu... – Norman então se conteve. Todo mundo acreditou que o próximo impropério que estava prestes a dizer, estando ou não na igreja, teria que ser escrito com asteriscos, mas naquele instante ele se deparou com os olhos da esposa e lembrou-se de onde estava.

– Seu decrépito! – berrou antes de soltá-lo com um vigoroso chacoalhão final que impeliu o pacifista infeliz até a entrada do coro. O rosto corado do senhor Pryor estava agora cinzento. Mesmo assim, ele não se deixou intimidar.

– Eu vou te denunciar às autoridades! – arfou.

– Faça isso – rugiu Norman, levantando-se mais uma vez. Todavia o senhor Pryor não ficou ali para cair pela segunda vez nas garras do militarista vingador. Norman voltou-se para a plataforma por um instante triunfal.

– Não fiquem assim, diáconos – vociferou. – Ninguém esperava que algum de vocês tomasse uma atitude, só que alguém precisava fazer alguma coisa. Sei que estão contentes por eu tê-lo expulsado, pois ele não podia continuar tagarelando e disseminando insubordinação e traição. Insubordinação e traição! Alguém tinha que dar um jeito nele. Eu nasci para esse momento. Finalmente estou quite com a igreja. Posso ficar sentado em silêncio por mais sessenta anos! Prossigam com a reunião, diáconos. Creio que não serão mais importunados por orações pacifistas.

Porém, o espírito da devoção e da reverência havia evaporado. Os dois ministros concluíram que o melhor a fazer era encerrar a reunião sem alarde e deixar que as pessoas exaltadas fossem embora. O senhor Meredith disse algumas palavras sinceras para os rapazes de uniforme, que provavelmente pouparam as janelas do senhor Pryor de um segundo ataque, e o senhor Arnold deu uma bênção incongruente. Pelo menos ele achou que estava sendo incongruente, pois foi impossível tirar da mente a cena do gigantesco Norman Douglas sacudindo o baixinho e pomposo Bigodinho como um imenso mastim teria feito com um filhote rechonchudo. E ele sabia que a mesma imagem estava gravada na memória das pessoas. No geral, a reunião foi um fracasso, mas ela entrou para a história de Glen St. Mary enquanto centenas de outras reuniões ortodoxas e pacíficas foram completamente esquecidas.

– Você nunca, jamais me ouvirá chamar o Norman Douglas de pagão outra vez, querida senhora – disse Susan quando chegaram em casa. – Se a Ellen Douglas não ficou orgulhosa do marido, deveria ficar.

– O que o Norman Douglas fez é indefensável – disse o doutor.
– Deveriam ter deixado o Pryor em paz até o fim da reunião. Só então é que o ministro e a sessão dele deveriam ter tomado alguma providência. Teria sido o procedimento mais adequado. A atitude dele foi absolutamente imprópria, escandalosa e ultrajante. No entanto... – o doutor jogou a cabeça para trás e riu – por Deus, Anne, como foi gratificante!

Paul Von Hindenburg, comandante do exército imperial alemão durante a Primeira Guerra Mundial. (N. T.)



Problemas amorosos são horríveis

Ingleside

20 de junho de 1916.

“Estivemos tão ocupados e tão cheios de notícias emocionantes, boas e más, que por várias semanas não tive tempo nem compostura para escrever em meu diário. Gosto de atualizá-lo regularmente, pois o papai disse que um diário dos anos da guerra é uma coisa muito interessante para se deixar para os filhos. O problema é que eu também gosto de escrever sobre alguns assuntos pessoais neste bendito livro que eu não gostaria que meus filhos lessem. Acho que vou ser muito mais severa com eles em relação a decoro do que sou comigo mesma!”

“A primeira semana de junho foi outra repleta de aflição. Os austríacos pareciam a ponto de dominar a Itália, e então vieram as primeiras notícias ruins da batalha de Jutlândia, que os alemães consideraram uma grande vitória. Susan foi a única que não se deixou abater. ‘Não me diga que o cáiser derrotou a marinha britânica’, declarou com desdém. ‘É mentira dos alemães, escreva o que estou dizendo.’ Alguns dias depois, descobrimos que ela estava certa, que tinha sido uma vitória dos britânicos e não uma derrota, e ouvimos inúmeros ‘eu avisei’ que foram muito bem-vindos.”

“Foi a morte do Kitchener que derrubou Susan. Pela primeira vez eu a vi desanimada e sem esperanças. Apesar de todos nós termos sofrido com o golpe, Susan mergulhou em um poço de desespero. A notícia chegou à noite pelo telefone, todavia Susan só acreditou quando viu a manchete no *Enterprise* do dia seguinte. Ela não chorou nem desmaiou ou ficou histérica, mas se esqueceu de colocar sal na sopa, que é algo que eu não me lembro que já tenha acontecido antes. A mamãe, a senhorita Oliver e eu choramos; Susan apenas nos

encarou e disse com um sarcasmo pétreo: ‘O cáiser e os seis filhos dele continuam sãos e salvos, de maneira que o mundo não está totalmente perdido. Para que chorar, querida senhora?’. Ela passou 24 horas nesse estado inconsolável e sardônico, até que a prima Sophia apareceu com seu ponto de vista lúgubre.”

“‘Que notícia terrível, não é mesmo, Susan? É melhor nos prepararmos para o pior, que será inevitável. Você disse uma vez, e eu me lembro bem de suas palavras, que tem total confiança em Deus e no Kitchener. Muito bem, Susan Baker, agora só nos resta Deus.’ Ela levou o lenço aos olhos pateticamente, como se o mundo estivesse em péssimas mãos. Todavia ela foi a salvação de Susan, que voltou à vida com um sobressalto.”

“‘Sophia Crawford, cale a boca!’, disse severamente. ‘Você pode ser uma idiota, mas não precisa ser uma idiota irreverente. É imoral chorar e lamentar pelo fato de o Todo-Poderoso ser o único apoio dos Aliados agora. Quanto ao Kitchener, é indiscutível que a morte dele foi uma grande perda. Só que o desfecho da guerra não depende da vida de um único homem, e agora que os russos estão voltando ao ataque, logo veremos mudanças positivas.’ Susan falou com tanto ímpeto que se animou imediatamente. Porém, a prima Sophia balançou a cabeça.”

“‘A esposa do Albert quer batizar o bebê de Brusiloff. Eu disse que seria melhor esperarmos para ver o que vai acontecer. Esses russos têm o hábito de sumir.’”

“Os russos estão se saindo esplendidamente e inclusive salvaram a Itália. Mesmo com as notícias diárias de seus avanços, não temos mais vontade de correr e hastear a bandeira como antes. Como a Gertrude disse, Verdun acabou com nosso júbilo. Ficaríamos muito motivados se as vitórias fossem no front ocidental. ‘Quando os britânicos atacarão? Já esperamos muito, muito’, suspirou Gertrude nessa manhã.”

“O maior acontecimento local nas últimas semanas foi a parada que o batalhão do condado fez pela região antes de partir para o estrangeiro.

Eles marcharam de Charlottetown até Lowbridge, em seguida deram a volta por Harbour Head e passaram por Upper Glen a caminho da estação. Todos foram vê-los, exceto a velha tia Fannie Clow, que está acamada, e o senhor Pryor, que não é visto em público desde aquela noite na igreja, na semana passada.”

“Foi maravilhoso e emocionante ver a parada do batalhão. Havia homens jovens e de meia-idade. Entre eles estava Laurie McAllister, que mora do outro lado do porto e tem 16 anos, mas que jurou ter 18 para poder se alistar, e Angus Mackenzie, de Upper Glen, que tem pelo menos 55 e jurou ter 44 anos. Também estavam presentes dois veteranos da guerra na África do Sul, Lowbridge, e os trigêmeos de 18 anos da família Baxter. Todos aplaudiram quando o batalhão passou, em especial quando viram Foster Booth, de 40 anos, que marchava ao lado do filho Charley, de 20 anos. A esposa do senhor Booth faleceu durante o parto do filho, e quando o Charley se alistou ele declarou que nunca permitia que o filho fosse a algum lugar em que não pudesse ir junto e que não iria começar com as trincheiras de Flandres. Na estação, o Segunda-feira quase surtou. Ele corria de um lado para o outro, mandando mensagens ao Jem por meio de cada um dos soldados. O senhor Meredith leu um discurso e Reta Crawford recitou ‘O Flautista’. Os soldados deram vivas enlouquecidamente e gritaram: ‘Avante! Avante! Não perderemos a fé’, e me senti muito orgulhosa de meu irmão, por ter escrito algo tão maravilhoso e tocante. Ao olhar para as filas de uniformes cáqui, eu me perguntei se aqueles rapazes eram os garotos com quem brinquei, dei risada, dancei e me diverti a vida inteira. Pareciam ter sido escolhidos, pois eles tinham ouvido o chamado do flautista.”

“Fred Arnold estava no batalhão, e eu me senti muito mal porque percebi que era por minha causa que ele partia com uma expressão tão angustiada. Não era culpa minha, mas senti como se fosse.”

“Na última noite de sua licença, Fred veio até Ingleside e disse que me amava. Ele perguntou se eu prometeria me casar com ele algum dia, se ele regressasse. Sua franqueza era desesperadora. Eu nunca me senti tão miserável em toda a vida. Eu não podia prometer aquilo. Mesmo se não fosse pelo Ken, eu não amo o Fred e nunca poderei corresponder seus sentimentos. Entretanto, parecia muito cruel mandá-lo para o front sem nenhuma esperança ou consolo. Chorei feito um bebê, porém... ah, devo ser uma pessoa irremediavelmente frívola porque, enquanto eu chorava e o Fred me encarava com um olhar vidrado e trágico, ocorreu-me que seria insuportável sentar-me à mesa diante daquele nariz todas as manhãs pelo resto da vida. Esse é um dos trechos que eu não gostaria que meus descendentes lessem. Por mais

humilhante que seja, é a verdade; e talvez tenha sido melhor assim, senão o dó e o remorso poderiam ter me obrigado a lhe dar falsas esperanças. Se o nariz do Fred fosse tão bonito quanto os olhos e a boca, talvez isso tivesse acontecido. E em que enrascada eu teria me metido!”

“Quando o coitadinho se convenceu de que eu não poderia fazer tal promessa, ele se comportou como um cavalheiro, o que piorou ainda mais as coisas. Se ele tivesse reagido mal, eu não teria me sentido de coração partido e com remorso, embora eu não entenda o motivo de tanta culpa, já que eu nunca encorajei o Fred. Mesmo assim, fiquei, e ainda estou, com um peso na consciência. Se o Fred Arnold não voltar da guerra, isso me assombrará pelo resto da vida.”

“Aí o Fred disse que, como não podia levar o meu amor consigo para as trincheiras, ele gostaria de pelo menos sentir que tinha minha amizade e perguntou se eu não poderia lhe dar pelo menos um beijo antes de partir, quiçá para sempre.”

“Não sei como pude achar que problemas amorosos eram encantadores e interessantes. Eles são horríveis. Não pude sequer dar um beijinho no pobre Fred por causa da promessa que fiz ao Ken. Que situação cruel. Tive que dizer que ele podia contar com minha amizade, era claro, mas que eu não podia beijá-lo porque havia feito uma promessa a outra pessoa.”

“Ele perguntou: ‘Essa pessoa é o Ken Ford?’”

“Confirmei balançando a cabeça. Foi horrível ter que revelar o segredo que somente o Ken e eu deveríamos conhecer.”

“Quando o Fred foi embora, subi para o meu quarto e chorei tanto que a mamãe veio até aqui e insistiu em saber o motivo. Eu contei. Ela ouviu tudo com uma expressão que dizia claramente: ‘Será possível que alguém queira se casar com esse bebê?’. Todavia foi tão compreensiva e carinhosa, como uma legítima pertencente ao povo que conhece José, que eu me senti indescritivelmente reconfortada. As mães são as melhores.”

““Ah, mamãe, ele me pediu um beijo de despedida e tive que negá-lo. Isso me doeu mais do que tudo”, eu soluzei.”

““Bem, e por que você não lhe deu um beijo? Dadas as circunstâncias, acho que não haveria nenhum problema”, ponderou a mamãe com calma.”

“Prometi ao Ken que não beijaria mais ninguém até que ele voltasse.”

“Isso foi outro choque para a coitada da mamãe. Ela indagou, com um tom peculiar e sutil na voz: ‘Rilla, você e o Kenneth Ford estão namorando?’”

“‘Eu... não... sei’, solucei.”

“‘Você não sabe?’, repetiu ela.”

“Fui obrigada a lhe contar mais essa história e, cada vez que a conto, parece mais e mais ridículo imaginar que o Ken teve intenções sérias. Senti-me tola e envergonhada ao final do relato.”

“A mamãe ficou alguns instantes em silêncio. Então ela sentou-se ao meu lado e me abraçou.”

“‘Não chore, minha querida Rilla-a-Marilla. Você não agiu errado com o Fred. E se o filho da Leslie West pediu para você guardar seus lábios só para ele, acho que podemos considerá-lo seu namorado. Ah, meu bebê, meu último bebezinho, eu te perdi! A guerra fez de você uma mulher cedo demais.’”

“Eu nunca serei adulta demais para os abraços reconfortantes da mamãe. Ainda assim, quando vi o Fred marchando na parada dois dias depois, senti uma dor dilacerante no coração.”

“No fim, fico feliz porque a mamãe acha que estou mesmo namorando o Ken!”



O Segunda-feira sabe

– Faz dois anos desde o baile no farol, quando Jack Elliott trouxe a notícia da guerra. Você se lembra, senhorita Oliver?

A prima Sophia respondeu pela senhorita Oliver.

– Ah, com certeza, Rilla, eu me lembro bem daquela noite, de você desfilando por aqui para mostrar o vestido de festa. Eu não te avisei que não podemos prever o que nos espera? Mal sabia você naquela noite o que estava prestes a acontecer.

– Nenhuma de nós sabia – disse Susan secamente –, já que não somos profetas. Não é preciso ter o poder da clarividência, Sophia Crawford, para dizer a uma pessoa que ela enfrentará problemas antes do fim da vida. Eu mesma posso fazer isso.

– Nós achamos que a guerra duraria alguns meses – disse Rilla com pesar.

– Quando me lembro disso, parece tão ridículo!

– E agora, dois anos depois, ela continua tão longe de acabar como naquela época – disse a senhorita Oliver em um tom melancólico.

Susan fez as agulhas de tricô estalarem bruscamente.

– Querida senhorita Oliver, você sabe que esse não é um comentário sensato. Você sabe que estamos dois anos mais próximos do fim da guerra, seja lá quando for.

– O Albert leu em um jornal de Montreal que um especialista em guerras acredita que ela durará mais cinco anos – foi a alegre contribuição da prima Sophia.

– Não pode ser – exclamou Rilla e então suspirou. – Dois anos atrás nós teríamos dito “ela não pode durar dois anos”. Mas cinco anos!

– Se a Romênia entrar na guerra, o que eu espero muito que aconteça, a guerra terminará em cinco meses, em vez de cinco anos

– comentou Susan.

– Não confio nos estrangeiros – suspirou a prima Sophia.

– Os franceses são estrangeiros. Veja só o caso de Verdun – retrucou Susan. – E pense nas vitórias no Somme nesse bendito verão. E os russos continuam indo bem. Ora, o general Haig disse que os oficiais alemães que ele capturou admitiram que já perderam a guerra.

– Não se pode acreditar em uma palavra que os alemães dizem – protestou a prima Sophia. – Não faz sentido acreditar em alguma coisa só porque você quer que seja verdade, Susan Baker. Os britânicos perderam milhões de homens no rio Somme, e o que ganharam com isso? Encare os fatos com coragem, Susan Baker, encare os fatos!

– Eles estão exaurindo os alemães e, contanto que as coisas continuem assim, não importa se avancem alguns quilômetros para o Leste ou para o Oeste. Não sou uma especialista militar, Sophia Crawford – admitiu Susan com tremenda humildade –, mas até eu consigo ver isso, e você também poderia se não estivesse tão determinada a ver o lado ruim de tudo. Os hunos não são os seres mais espertos do planeta. Já ouviu o que aconteceu com o Rick, filho de Alistair MacCallum, de Upper Glen? Foi feito prisioneiro na Alemanha, e a mãe recebeu uma carta dele na semana passada. Ele escreveu que estava sendo tratado bem, que todos os prisioneiros tinham bastante comida e por aí vai, dando a entender que estava tudo às mil maravilhas. Só que, ao assinar o nome, entre o Roderick e o MacCallum, ele escreveu duas palavras em gaélico que significam “mentiras”, que os censores alemães não entenderam e acharam que faziam parte do nome do rapaz. Eles nem sonham que foram ludibriados. Bem, vou deixar que o Haig cuide da guerra e vou fazer uma cobertura para o meu bolo de chocolate. E quando estiver tudo pronto, vou colocá-lo na última prateleira. Da última vez, o pequeno Kitchener entrou escondido na despensa e comeu toda a cobertura. Tivemos visitas para o chá naquela noite, e levei o maior susto quando fui buscá-lo!

– Vocês nunca tiveram notícias do pai do pobre órfão? – perguntou a prima Sophia.

– Sim, recebi uma carta dele em julho – respondeu Rilla. – Ele conta que escreveu para mim assim que recebeu a carta do senhor Meredith contando sobre a morte da esposa e que o filho dele estava sob meus cuidados, mas, como não recebeu nenhuma resposta, concluiu que a carta dele havia sido extraviada.

– Ele levou dois anos para dar-se conta disso – disse Susan com sarcasmo.
– Algumas pessoas raciocinam muito devagar. Jim Anderson não sofreu um

arranhão sequer, apesar de estar há dois anos nas trincheiras. Vaso ruim não quebra fácil, como diz o ditado.

– Ele escreveu com carinho sobre o filho e disse que adoraria conhecê-lo – disse Rilla. – Então eu escrevi de volta contando tudo sobre o pequenino e mandei duas fotografias. Jims vai fazer dois anos na semana que vem e é uma preciosidade.

– Você não costumava gostar de bebês – disse a prima Sophia.

– E continuo não gostando, nem teria – disse Rilla com franqueza. –

Todavia amo o Jims e não fiquei tão contente como deveria quando descobri que o Jim Anderson estava são e salvo.

– Não me diga que desejou que ele estivesse morto! – exclamou a prima Sophia, horrorizada.

– Não, não, não! Eu só esperava que ele tivesse se esquecido do filho, senhora Crawford.

– E aí o seu pai teria que arcar com todos os gastos para criá-lo – disse a prima Sophia em tom de reprovação. – Vocês, jovens, são muito insensatos.

Nesse momento o garotinho adorável de cachos entrou correndo, arrancando elogios até da prima Sophia.

– Ele realmente aparenta estar muito saudável agora, ainda que pareça um tanto avermelhado. Dizem que é sinal de tuberculose. Não achei que você iria cuidar bem dele quando o trouxe para cá. Não achei que levasse jeito, como comentei com a esposa do Albert. E ela disse: “A Rilla Blythe é mais capaz do que você imagina, tia Sophia”. “Mais capaz do que você imagina” foram as palavras dela. A esposa do Albert sempre gostou de você.

A prima Sophia suspirou, como se sugerisse que a patroa estava sozinha contra o mundo a esse respeito. Só que não foi o que a prima Sophia realmente quis dizer. Ela gostava muito da Rilla à sua maneira melancólica. No entanto, ela acreditava que os jovens deveriam ser tratados com firmeza, do contrário a sociedade caminharia para a imoralidade.

– Você se lembra da caminhada de volta para casa depois da festa no farol, dois anos atrás? – sussurrou Gertrude Oliver para Rilla, sorrindo.

– Pode apostar – Rilla sorriu de volta; então, seu sorriso tornou-se maior e seus olhos ganharam ares sonhadores, então ela lembrou-se de outra coisa, da conversa com Kenneth na praia.

Onde ele estaria naquele exato momento? E Jem, Jerry, Walter e todos os outros garotos que dançaram sob o luar no velho farol de Four Winds

naquela noite de celebração, a última noite de alegria e tranquilidade. Estariam nas trincheiras imundas no front do Somme, sob o estrondo das armas e dos gritos agonizados no lugar do violino de Ned Burr e do clarão das explosões no lugar do cintilante golfo azul. Dois deles jaziam sob as papoulas de Flandres: Alec Burr, de Upper Glen, e Clark Manley, de Lowbridge. Outros estavam feridos nos hospitais. Contudo, nada havia acontecido ainda com os rapazes da casa ministerial e de Ingleside. Eles pareciam ter sido tocados pela sorte. Não obstante, o suspense continuava insuportável à medida que as semanas e os meses da guerra se acumulavam.

– Não é como se eles fossem imunes a algum tipo de febre – suspirou Rilla. – O perigo continua tão grande e tão real depois de dois anos como foi no primeiro dia nas trincheiras. Isso me tortura todos os dias, o que não me impede de torcer para que, já que chegaram até agora ilesos, eles continuem assim até o final. Ah, senhorita Oliver, como seria acordar pela manhã e não ter medo das notícias do dia? Já não consigo imaginar. Há exatamente dois anos, eu despertei e me perguntei que dádivas o novo dia traria. Eu pensava que os últimos dois anos seriam repletos de felicidade.

– Você os trocaria, agora, por dois anos repletos de felicidade?

– Não – disse Rilla lentamente –, não os trocaria. É esquisito, não acha? Foram dois anos péssimos, todavia sinto uma estranha gratidão por eles, como se tivessem me proporcionado algo muito precioso além de toda a dor. Não gostaria de voltar a ser a garota que fui dois anos atrás nem se pudesse. Não que eu ache que evolui muito; no entanto, não sou mais aquela bonequinha frívola e autocentrada de antes. Creio que naquela época eu não estava ciente de possuir uma alma, senhorita Oliver. Agora estou, e isso é muito valioso, vale todo o sofrimento dos últimos dois anos. O que não quer dizer que desejo continuar sofrendo – Rilla deu uma risadinha apologética –, mesmo que em nome de uma alma mais madura. Talvez daqui a dois anos eu olhe para trás e fique grata pela evolução que eles me trouxeram; agora, porém, não faço questão disso.

– Ninguém nunca faz questão – disse a senhorita Oliver. – É por isso que não nos cabe escolher a forma com que evoluímos, creio eu. Não importa o quanto valorizemos nossas lições, ninguém quer aprender do jeito mais difícil. Bem, o que nos resta é torcer pelo melhor, as coisas estão indo realmente bem agora e, se a Romênia entrar na guerra, talvez a guerra termine antes do que esperamos.

A Romênia por fim entrou na guerra, e Susan comentou que o rei e a rainha formavam o casal real mais bonito que ela já viu. E assim, o verão passou. No início de setembro chegou a notícia de que os

canadenses foram remanejados para o front do Somme, e a ansiedade geral se intensificou. Pela primeira vez a senhora Blythe demonstrou sinais de abatimento, e com o passar dos dias de tensão o doutor começou a se preocupar com a esposa, vetando este ou aquele empenho extra na Cruz Vermelha.

– Deixe-me trabalhar, deixe-me trabalhar, Gilbert – ela suplicava com fervor. – O trabalho impede que eu pense demais. Quando estou ociosa, imagino de tudo. O descanso é uma tortura para mim. Meus dois meninos estão naquele front terrível no rio Somme, e o Shirley estuda dia e noite aviação e não fala nada. Vejo brilhar o propósito nos olhos dele. Não, eu não posso descansar, não me peça isso, Gilbert.

Mas o doutor foi irredutível.

– Não posso permitir que se mate, minha Anne. Quero que a mãe daqueles meninos esteja aqui para recebê-los quando voltarem. Você está ficando transparente. Isso não pode continuar, pergunte à Susan.

– Vocês dois devem ter se unido contra mim! – protestou Anne, impotente.

Em um dia glorioso chegou a notícia de que os canadenses haviam tomado Courcellette e Martinpuich, com muitos prisioneiros e armas. Susan hasteou a bandeira e disse que obviamente o Haig sabia quais soldados escolher para os trabalhos mais árduos. Os outros não ousaram comemorar. Quem sabia qual tinha sido o preço?

Rilla acordou naquele dia ao amanhecer e foi até a janela, com os olhos ainda pesados de sono. A alvorada confere ao mundo encantos que não se igualam a nenhum outro momento do dia. O ar estava gelado por causa do orvalho, e o pomar, o bosque e o Vale do Arco-Íris envoltos em mistérios. As colinas a Oeste exibiam picos dourados e vales róseos e prateados. Não havia vento, e ela pôde ouvir o uivo melancólico de um cachorro vindo da estação. Era o Segunda-feira? Se fosse, por que estava uivando assim? Rilla estremeceu. O som tinha algo de agourento e sinistro. Ela lembrou-se do que a senhorita Oliver disse uma vez, quando voltavam para casa na escuridão e ouviram o ulular de um cão. “Quando um cachorro uiva desse jeito, o Anjo da Morte está por perto”. Rilla o ouviu com o coração aflito. Ela não tinha dúvidas de que era o Segunda--feira. Quem ele homenageava com aquele

hino fúnebre, qual espírito ele saudava e se despedia com toda aquela angústia?

Rilla voltou para a cama e não conseguiu dormir. Ela passou o dia ansiosa e atenta, com uma inquietação que não demonstrou a ninguém. Quando foi ver como o Segunda-feira estava, o chefe da estação disse:

– Seu cachorro uivou de um jeito esquisito da meia-noite até o nascer do sol. Não sei o que deu nele. Eu levantei e dei um grito, mas ele nem prestou atenção. Estava sentado sozinho sob o luar no fim da plataforma, e de tempos em tempos o pobre coitado erguia o focinho e uivava como se estivesse com o coração partido. Foi a primeira vez que fez isso. Ele sempre dorme calmamente na casinha entre as chegadas dos trens. Com certeza alguma coisa estava incomodando-o na noite passada.

O Segunda-feira estava deitado no canil. Ele balançou o rabo e lambeu a mão da Rilla, todavia não tocou na comida que ela trouxe.

– Receio que esteja doente – disse com preocupação. Ela detestava ter que deixá-lo ali, mas nenhuma notícia ruim chegou naquele dia, ou no seguinte nem no próximo. O medo de Rilla esmoreceu. O Segunda--feira não voltou mais a uivar e voltou à rotina de receber e esperar pelos trens. Passados cinco dias, os moradores de Ingleside sentiram que podiam ficar tranquilos de novo. Rilla ajudava Susan na cozinha com o café da manhã e cantava com tamanha doçura e clareza que a prima Sophia ouviu do outro lado da estrada e comentou com a senhora Albert:

– Cante antes de comer e chorará antes de dormir, é o que diz o ditado.

Rilla não derramou nenhuma lágrima antes do anoitecer. Quando o pai dela, com o rosto cinzento, tenso e alquebrado, lhe contou naquela tarde que o Walter tinha sido morto em ação em Courcellette, a jovem desmoronou nos braços dele em um estado abençoado de inconsciência e levou muitas horas para despertar para a dor.



Então, boa noite

A chama implacável da agonia consumiu-se, e suas cinzas se espalharam pelo mundo. A jovem Rilla recuperou-se fisicamente mais rápido do que a mãe. A senhora Blythe passou semanas prostrada por causa do luto e do choque. Rilla descobriu que era possível continuar existindo, já que a vida não ia parar. Havia trabalho a ser feito, pois Susan não daria conta de tudo. Pelo bem da mãe, durante o dia ela ficava envolta de calma e tolerância como se fossem um manto, mas noite após noite ela vertia as lágrimas amargas e rebeldes da juventude até que se esgotassem, e uma dor sutil e constante instalou-se em seu coração, uma dor que duraria até o dia de sua morte.

Ela se aferrou à senhorita Oliver, que sabia o que dizer e o que não dizer.

Poucas pessoas sabiam. Visitas gentis e bem-intencionadas por vezes faziam Rilla passar por momentos difíceis.

– Com o passar do tempo você vai superar – disse a senhora William Reese em um tom alegre. Ela era mãe de três rapazes saudáveis e robustos que não tinham ido para a guerra.

– Ainda bem que foi o Walter, e não o Jem – disse a senhorita Sarah Clow.

– O Walter era um membro da igreja, mas o Jem não é. Eu falei muitas vezes para o senhor Meredith que ele deveria conversar seriamente com o Jem antes de o menino ir para a guerra.

– Pobre, pobre Walter – suspirou a senhora Reese.

– Não venha aqui chamar o Walter de pobre – disse Susan com indignação ao aparecer na porta da cozinha, para o alívio da Rilla, que achava que não aguentaria mais. – Ele não era pobre, era mais rico do que qualquer uma de vocês. São vocês, que ficam em casa e impedem os filhos de irem à guerra que são pobres. Pobres, desnudas, mesquinhas e pequenas. Paupérrimas, assim como seus filhos, com todas as fazendas prósperas, as cabeças de gado

e alma menor do que uma pulga,
quando muito.

– Vim aqui para confortar a família, e não ser insultada – disse a senhora Reese antes de ir embora, sem que ninguém tentasse impedi-la. Então o fogo se apagou em Susan e ela voltou para a cozinha, encostou a cabeça leal sobre a mesa e chorou copiosamente por algum tempo. Em seguida ela voltou ao trabalho e passou as roupinhas do Jims. Quando percebeu, Rilla disse com gentileza que ela mesma podia fazer aquela tarefa.

– Não vou deixar que você se mate de trabalhar por nenhum filho da guerra – insistiu Susan.

– Ah, quem dera eu conseguisse trabalhar ininterruptamente – chorou a coitadinha da Rilla. – E gostaria de não ter que dormir. É horrível adormecer e se esquecer por algumas horas, só para a realidade voltar com toda a força na manhã seguinte. Como que as pessoas se acostumam com isso, Susan? Será que o Walter sofreu muito? Ele era tão sensível à dor. Ah, Susan, se eu tivesse a certeza de que ele não sofreu, acho que conseguiria ter um pouco mais de coragem e força.

Rilla teve sua confirmação misericordiosa. Eles receberam uma carta do comandante do Walter afirmando que ele foi morto instantaneamente por uma bala durante um ataque em Courcelette. No mesmo dia, ela recebeu uma carta do próprio Walter.

Rilla a levou até o local do Vale do Arco-Íris, onde os dois haviam conversado pela última vez. Era estranho ler uma carta sabendo que seu autor havia morrido. Era uma mistura peculiar de dor e reconforto. Pela primeira vez desde que recebera o duro golpe, Rilla sentiu que o Walter ainda estava vivo, com o mesmo dom glorioso e os mesmos ideais esplêndidos, era uma sensação diferente da esperança e da fé. Tudo que ele fora jamais seria eclipsado. A personalidade que havia se expressado naquela carta derradeira, escrita na véspera de Courcelette, não podia ser destruída por uma bala alemã. Ela continuaria viva, ainda que sem sua conexão com as coisas terrenas.

“Atacaremos amanhã, Rilla-a-Marilla”, escreveu Walter. “Enviei uma carta para a mamãe e a Di ontem, só que por algum motivo sinto que devo escrever para você nesta noite. Eu não pretendia escrever nada hoje, mas é preciso. Lembra-se da velha senhora Crawford, que morava do outro lado porto e sempre dizia que “algo a obrigava” a fazer isso ou aquilo? Bem, é

como me sinto. “Algo me obriga” a escrever para você nesta noite, a você, minha irmã e grande amiga. Tenho que lhe dizer algumas coisas antes, bem, antes de amanhã.”

“Sinto você e Ingleside estranhamente próximos de mim hoje. É a primeira vez que tenho essa impressão desde que vim para cá. Meu lar sempre me pareceu muito distante, desmesuradamente distante desse caos medonho de sujeira e sangue. Todavia nesta noite ele está próximo de mim. É como se eu pudesse ver, ouvir e falar com você. Posso ver o luar cintilante sob as antigas colinas do meu lar. Quando vim para cá, pareceu-me impossível que houvesse noites calmas e gentis e luar em qualquer outro lugar do mundo. Nesta noite, de algum modo, todas as coisas bonitas que sempre amei parecem ser possíveis novamente, o que me faz sentir uma felicidade profunda e rara. Deve ser outono em casa agora. O porto parece um sonho, as colinas de Glen estão encobertas por uma névoa celeste e o Vale do Arco-Íris continua o mesmo lugar delicioso repleto de ásteres silvestres, nossas

‘despedidas-de-verão’. Sempre gostei mais desse nome do que ‘áster’; é um verdadeiro poema.”

“Rilla, você sabe que sempre tive premonições. Lembra-se do flautista de Hamelin? Não, é claro que não. Você era jovem demais. Uma tarde, muito tempo atrás, Nan, Di, Jem, os Meredith e eu estávamos no Vale do Arco-Íris e eu tive uma visão ou pressentimento esquisito,

chame como quiser. Eu vi o flautista atravessando o vale com uma fila de sombras atrás. Os outros acharam que eu estava fingindo, mas eu o vi de relance. E Rilla, eu o vi de novo na noite passada. Eu estava de vigia e o vi atravessando a terra de ninguém, das nossas trincheiras em direção às trincheiras dos alemães, a mesma figura alta e obscura, tocando uma música sinistra, e atrás dele vinha uma fileira de garotos de uniforme. Rilla, estou afirmando que o vi, não foi uma fantasia ou uma ilusão. Eu ouvi sua música e então ele desapareceu. Assim como da outra vez, eu entendi o que isso significa: que eu estarei entre seus seguidores.”

“Rilla, o flautista vai me levar para o ‘Oeste’ amanhã. Não tenho dúvidas. Rilla, não estou com medo. Quando receber a notícia, lembre-se disso. Eu me tornei livre aqui; livre de todos os meus medos. Jamais terei receio de nada outra vez; nem da morte nem da vida, caso eu continue vivo. E acho que entre as duas, a vida seria a mais difícil de encarar porque eu nunca

voltarei a enxergar sua beleza. Haverá sempre coisas horríveis para se lembrar, coisas que sempre tornarão a vida feia e dolorosa para mim. Jamais as esquecerei. Da vida ou da morte, não tenho medo, Rilla-a-Marilla, e não me arrependo de ter vindo para cá. Estou satisfeito. Nunca escrevi os poemas que sonhei em criar, todavia ajudei a tornar o Canadá seguro para os poetas do futuro, para os trabalhadores do futuro, ah, e para os sonhadores também, pois, sem os sonhos, os trabalhadores não teriam motivos para trabalhar. O futuro não apenas do Canadá, e sim do mundo inteiro; quando a ‘chuva vermelha’ de Langemarck e Verdun produzir uma colheita dourada, não em um ano ou dois, como alguns tolos imaginam, mas daqui uma geração, quando as sementes plantadas agora tiverem tempo para germinar e crescer. Sim, estou feliz por ter vindo para cá, Rilla. Não é somente o destino de uma ilha pequena que amo tanto que está em risco, tampouco do Canadá e da Inglaterra. É o destino da humanidade. É por ele que estamos lutando. E nós venceremos. Nunca duvide disso nem por um instante, Rilla. Porque não são apenas os vivos que estão lutando, os mortos também estão. Um exército desses não pode ser derrotado.”

“Você já voltou a sorrir, Rilla? Espero que sim. O mundo precisará de risadas e de coragem mais do que nunca nos próximos anos. Não estou pregando, pois não é hora para isso. Só quero dizer algo que pode ajudá-la a superar o pior quando chegar a notícia de que eu parti para o ‘Oeste’. Também tive uma visão relacionada contigo. Creio que o Ken voltará para você e que o futuro lhe reserva longos anos de felicidade. E você contará aos seus filhos sobre o ideal pelo qual lutamos e morremos e ensinará que é preciso viver por ele além de protegê-lo com a vida, do contrário o preço que pagamos terá sido em vão. Isso será parte do seu trabalho, Rilla. E se você e todas as garotas de nossa terra natal o realizarem, aqueles que não voltarem saberão que vocês não perderam a fé em nós.”

“Eu pretendia escrever também para a Una nesta noite, mas não terei tempo. Leia esta carta para ela e diga que eu a enviei para vocês duas, minhas garotas queridas e leais. Amanhã, quando chegarmos ao topo da colina, estarei pensando em vocês, na sua risada, Rilla-a-Marilla, e na firmeza dos olhos azuis da Una. De alguma forma, também posso vê-los com clareza nesta noite. Sim, vocês duas não perderão a fé, não tenho dúvidas. Então, boa noite. Partiremos pela manhã.”

Rilla releu a carta inúmeras vezes. Havia um brilho diferente no rosto pálido dela quando finalmente se levantou, em meio aos ásteres que Walter

tanto amava e o brilho do sol outonal. Naquele momento, pelo menos, ela se sentia acima da dor e da solidão.

– Não perderei a fé, Walter – disse, resoluta. – Vou trabalhar e ensinar, e aprender, e rir, sim, eu darei risadas, durante toda a minha vida, graças a você e ao que conquistou ao seguir seu chamado.

Rilla pretendia guardar a carta de Walter como um tesouro sagrado. Porém, diante da expressão de Una Meredith ao lê-la e entregá-la de volta, ela refletiu. Será que deveria? Ah, não, ela não podia abrir mão da carta do Walter, a última carta. Com certeza não seria egoísmo ficar com ela. Uma cópia seria algo tão desumano. Entretanto, Una tinha tão pouco, e os olhos dela eram os de uma mulher ferida no âmago, que sabe que não deve chorar nem pedir comiseração.

– Una, você gostaria de ficar com essa carta? – perguntou lentamente.

– Sim. Se puder me dá-la – respondeu Una com a voz embargada.

– Então, pode ficar com ela – apressou-se Rilla em dizer.

– Obrigada. – Foi tudo que a Una disse, todavia algo na voz dela compensou o seu sacrifício.

Depois que Rilla foi embora, Una pegou a carta e a levou até os lábios solitários. Agora ela sabia que o amor nunca entraria em sua vida: ele estava enterrado para sempre nos campos manchados de sangue “em algum lugar da França”. Ninguém além dela mesma (talvez Rilla) estava a par disso. Aos olhos do mundo, ela não tinha o direito de ficar de luto. Era preciso esconder e suportar a dor da melhor maneira possível, sozinha, mas ela também não perderia a fé.



Mary chega a tempo

O outono de 1916 foi uma estação amarga para Ingleside. A senhora Blythe recuperou a saúde lentamente, e todos os corações estavam carregados de pesar e solidão. Eles tentavam esconder isso um do outro e “seguir em frente” com alegria. Rilla ria bastante, todavia sua risada não enganava ninguém na casa, todos sabiam que vinha apenas dos lábios, e não do coração. Mas os de fora diziam que algumas pessoas se recuperavam com muita facilidade, e Irene Howard comentou que estava surpresa por ter descoberto o quão superficial Rilla Blythe era.

– Ora, apesar de toda a pose de quem era devota ao irmão, ela não parece se importar tanto assim com a morte dele. Ninguém nunca a viu verter uma lágrima ou mencionar o nome do Walter. Evidentemente, já se esqueceu dele. Coitado... era de se esperar que a família dele ficasse mais abalada. Na última reunião da Cruz Vermelha eu comentei com a Rilla o quanto o Walter era bondoso, corajoso e esplêndido, e falei que a minha vida nunca iria ser como era antes agora que ele se foi, nós éramos muito amigos, sabia? Fui a primeira pessoa para quem ele contou que havia se alistado, e a Rilla respondeu com a frieza e a indiferença de quem fala de um completo desconhecido, “ele foi só mais um dos muitos rapazes bons e esplêndidos que deram tudo pelo país”. Bem, eu gostaria de encarar os fatos com a mesma calma, só que não é da minha natureza. Sou muito sensível, as coisas me machucam muito e nunca me recupero por completo. Eu perguntei por que ela não estava de luto pelo Walter, e ela respondeu que a mãe não queria. Todo mundo

está comentando.

– A Rilla não usa cores, somente branco – protestou Betty Mead.

– É a cor que mais lhe favorece – ressaltou Irene. – E nós sabemos que preto não combina com a complexidade dela. Não estou dizendo que é por isso que ela não usa a cor, é claro. Só acho curioso. Se meu irmão tivesse

morrido, eu estaria profundamente de luto. Não conseguiria pensar em mais nada. Confesso que estou desapontada com a Rilla Blythe.

– Pois eu não – exclamou a Betty Meade. Acho a Rilla uma garota maravilhosa. Admito que, alguns anos atrás, eu a achava muito orgulhosa e infantil, mas agora está bem diferente. Creio que não há uma garota em Glen mais altruísta e destemida do que a Rilla, ou que cumpra com seus deveres com tanto empenho e paciência. Nosso comitê júnior da Cruz Vermelha teria implodido dezenas de vezes se não fosse pelo tato, a perseverança e o entusiasmo dela, e você sabe disso muito bem, Irene.

– Ah, não estou falando mal da Rilla – disse Irene, arregalando os olhos. – Só estou criticando a frieza dela. Suponho que seja mais forte do que ela. É claro, a Rilla é uma líder nata, todo mundo sabe disso. E adora administrar as coisas. Tenho que admitir que pessoas assim são indispensáveis. Então, não me olhe como se eu tivesse dito algo horrível, Betty, por favor. Estou a admitir que a Rilla Blythe é a personificação de todas as virtudes, se quiser. E sem dúvida é uma virtude ser imune a coisas que destruiriam a maioria das pessoas.

Alguns dos comentários da Irene chegaram até a Rilla, todavia eles não a magoaram como teria acontecido em outros tempos. Eles não tinham a menor relevância. A vida era grande demais para dar ouvidos a mesquinhas. Rilla tinha uma promessa a cumprir e trabalho a fazer e durante os dias e as semanas longas e difíceis daquele outono desastroso ela manteve-se fiel a eles. As notícias da guerra eram consistentemente ruins, uma vez que Alemanha marchava de vitória em vitória contra a Romênia.

– Estrangeiros... estrangeiros... – murmurava Susan em tom de incerteza. – Sejam eles russos, sejam romenos, não se pode confiar neles. Mas depois de Verdun, não perderei as esperanças. Querida senhora, você saberia me dizer se Dobruja é um rio, uma montanha ou uma condição atmosférica?

As eleições presidenciais dos Estados Unidos aconteceram em novembro, e então a Susan ficou vermelha de raiva por causa delas, desculpando-se aos demais pela exaltação.

– Nunca pensei que algum dia eu iria me interessar pelas eleições ianques, querida senhora. Isso só mostra que não dá para saber o que enfrentaremos nessa vida e, portanto, não devemos ser orgulhosos.

Susan ficou acordada até tarde no dia sete, supostamente para terminar de tricotar um par de meias, e telefonou de tempos em tempos para o armazém

do Carter Flagg. Quando chegou a notícia de que o Hughes fora eleito, ela foi até o quarto da senhora Blythe e sussurrou em tom solene a novidade aos pés da cama.

– Achei que estaria interessada em saber, caso não estivesse dormindo.

Creio que é uma coisa boa. Talvez ele também só sirva para escrever notas, querida senhora, todavia tenho esperanças. Nunca gostei de bigodes, mas não se pode ter tudo na vida.

Pela manhã, ao ficar sabendo que na verdade o Wilson tinha sido reeleito, ela tentou manter o otimismo.

– Bem, é melhor um tolo que já conhecemos do que um desconhecido – comentou com alegria. – Não que eu considere o Woodrow um tolo, de forma alguma, embora às vezes ele aparente não ter muito juízo. Pelo menos escreve boas cartas, o que não podemos falar desse tal de Hughes. Apesar de tudo, felicito os ianques. Eles demonstraram bom senso, e não me importo em admitir isso. A prima Sophia queria que o Roosevelt fosse eleito, e ficou muito contrariada por não terem lhe dado uma chance. Eu também teria ficado contente se ele tivesse sido eleito, mas temos que acreditar que a Divina Providência rege esses assuntos e ficar satisfeitos, embora eu não faça a mínima ideia de quais sejam as intenções do Todo-Poderoso em relação à Romênia e digo isso com todo o respeito.

Susan teve um vislumbre, ou achou que teve, quando o ministro Asquith caiu e Lloyd George se tornou o primeiro-ministro do Reino Unido.

– Querida senhora, Lloyd George finalmente está no comando. Estou rezando por isso há muitos dias. Logo veremos grandes mudanças. Foi necessário o desastre da Romênia para que isso acontecesse. Agora eu compreendo que esse era o propósito Dele. Chega de lenga-lenga. Na minha opinião, a guerra está praticamente ganha, mesmo se Bucareste cair.

Bucareste não caiu, e a Alemanha propôs negociações de paz. Susan se fez de surda e recusou-se dar ouvidos às propostas. Quando o presidente Wilson lançou seu famoso tratado de paz em dezembro, o sarcasmo de Susan tornou-se violento.

– O Woodrow Wilson vai conseguir o cessar-fogo, pelo que entendi. O primeiro a tentar foi o Henry Ford, e agora é a vez do Wilson. Só que a paz não é selada com tinta, Woodrow, escreva o que estou dizendo – disse Susan, dirigindo-se ao desafortunado presidente pela janela da cozinha mais próxima dos Estados Unidos. – O discurso do Lloyd George vai mostrar ao

cáiser como as coisas realmente são, então é melhor guardar suas notas de paz e poupar os selos.

– É uma pena o presidente Wilson não poder te ouvir, Susan – disse Rilla, sorrindo.

– É verdade, querida Rilla. É uma pena que não haja ninguém entre todos aqueles democratas e republicanos para lhe dar bons conselhos

– respondeu Susan. – Não sei qual é a diferença entre os dois partidos; a política dos ianques é um mistério que não consigo solucionar. Mas em termos de insensatez, temo que sejam todos farinha do mesmo saco.

– Susan balançou a cabeça, inconformada.

“Estou feliz pelo fato de o Natal ter passado”, escreveu Rilla em seu diário na última semana daquele mês tempestuoso. “Temíamos tanto: o primeiro Natal desde Courcelette. Ainda bem que convidamos os Meredith e ninguém tentou animar o ambiente. Foi um almoço sereno e amigável, e isso ajudou muito. Também fiquei muito grata pelo Jims ter melhorado, tão grata que quase fiquei contente. Me

pergunto se algum dia voltarei a ficar realmente feliz com alguma coisa. É como se a alegria em mim tivesse morrido, atravessada pela mesma bala que perfurou o coração do Walter. Talvez algum dia nasça um novo tipo de felicidade na minha alma, já que a antiga não existe mais.”

“O inverno chegou muito cedo neste ano. Dez dias antes do Natal nós tivemos uma grande tempestade de neve, pelo menos nós pensamos que fosse grande na época. Na realidade, era apenas o prelúdio da verdadeira performance. O dia seguinte foi lindo. As árvores de Ingleside e do Vale do Arco-Íris estavam cobertas de neve e havia montes brancos por toda a parte, talhados nas formas mais fantásticas pelo cinzel do vento nordeste. O papai e a mamãe foram para Avonlea. Ele achou que a mudança de ares faria bem para ela, e eles também queriam visitar a pobre tia Diana, cujo filho Jock tinha sido gravemente ferido em combate. Eles deixaram Susan e eu tomando conta da casa e o papai esperava regressar no dia seguinte. Porém, eles só voltaram depois de uma semana. Naquela noite começou outra tempestade que durou quatro dias inteiros. Foi a pior e a mais longa tormenta a atingir a ilha do Príncipe Edward em anos. Foi o maior caos: as estradas ficaram completamente bloqueadas, todos os trens pararam de circular e os telefones ficaram mudos.”

“Foi quando o Jims ficou doente.”

“Ele estava com um leve resfriado antes de o papai e a mamãe viajarem, que piorou nos dias seguintes. Em nenhum momento me ocorreu que poderia ser algo sério. Nunca vou me perdoar por não ter sequer checado a temperatura dele, foi puro descuido. A verdade é que eu desabei. Com a mamãe longe, deixei-me levar pelo desânimo. De repente me senti exausta de fingir alegria e valentia e passei alguns dias deitada na cama, chorando. Eu negligenciei o Jims, essa é a verdade horrível. Fui covarde e traí a promessa que fiz ao Walter. Se o Jims tivesse morrido, eu jamais me perdoaria.”

“Na terceira noite, o estado de saúde do Jims teve uma piora repentina. E que piora! Susan e eu estávamos completamente sozinhas, pois Gertrude tinha ido para Lowbridge antes de a tempestade começar. De início, não ficamos alarmadas. Ele já tinha tido vários ataques de crupe que Susan, Morgan e eu enfrentamos sem grandes problemas. Só que não demorou muito para ficarmos aflitas.”

“‘Nunca vi uma tosse como essa’, disse Susan.”

“Quanto a mim, percebi tarde demais que tipo de tosse era aquela. Eu sabia que não era um crupe comum, ou ‘crupe falso’, como chamam os médicos, e sim um ‘crupe verdadeiro’, que podia ser perigosa e até fatal. O papai estava longe e o médico mais próximo ficava em Lowbridge, e não podíamos telefonar ou mandar alguém a cavalo para buscá-lo em meio à nevasca.”

“O valente menino lutava com todas as forças pela vida. Susan e eu tentamos todos os tratamentos que conhecíamos ou que encontramos nos livros do papai, mas ele continuou a piorar. Vê-lo e ouvi-lo partia o meu coração. O pobrezinho ofegava sufocadamente e seu rosto exibía um tom azulado e uma expressão agoniada, enquanto agitava as mãozinhas como se implorasse para que o ajudássemos. Eu me flagrei imaginando que os rapazes mortos pelas bombas de gás deviam ter aquele mesmo aspecto, e a ideia passou a me assombrar apesar do medo e do sofrimento por causa do Jims. Uma membrana não parava de crescer na garganta diminuta do bebê, impedindo-o de respirar.”

“Quase enlouqueci! Foi só naquele instante que percebi o quanto ele era importante para mim. Eu me sentia completamente impotente.”

“Então, Susan deu-se por vencida. ‘Não podemos salvá-lo! Ah, se ao menos seu pai estivesse aqui... olhe só para o coitadinho! Não sei o que fazer.’”

“Olhei para o Jims e achei que ele estava morrendo. Susan havia erguido o berço para facilitar a respiração do garoto, mas ele parecia não conseguir mais respirar. Meu filho da guerra, com seu jeitinho adorável e seu sorriso doce e faceiro, estava morrendo asfixiado diante dos meus olhos e eu não podia fazer nada. Eu joguei no chão o pano que estava usando para aplicar emplastros. De que adiantava? Jims estava morrendo e a culpa era minha. Eu não tinha sido cuidadosa o bastante!”

“Nesse exato momento, às onze da noite, escutamos a campainha. O toque ressoou por toda a casa, fazendo-se ouvir por cima do rugido da tempestade. Susan não se atreveu a reclinar o berço, de maneira que eu corri para atender a porta. No corredor eu me detive por um minuto, acometida por um temor absurdo. Eu me lembrei da história que a Gertrude me contou certa vez. Uma tia dela estava sozinha em casa com o marido adoecido, quando ouviu uma batida na porta. Ao abri-la, não havia nada lá fora, nada que pudesse ser visto, pelo menos. Contudo, um vento gelado e mortal passou por ela e subiu as escadas, embora fosse uma noite serena e quente de verão. Imediatamente ouviu-se um grito. Ela voltou às pressas para o quarto e encontrou o marido morto. Gertrude disse que a tia sempre acreditou que havia deixado a Morte entrar.”

“Era ridículo sentir-me tão assustada, mas eu estava aflita e esgotada, e por um instante pensei que não deveria abrir a porta, que a morte espreitava ali fora. Aí me lembrei que não tinha tempo a perder, que aquilo era tolice, e resolvi abri-la.”

“Um vento gelado entrou correndo, deixando um rastro de neve pelo vestíbulo. Só que a presença parada no umbral era de carne e osso: Mary Vance, coberta de neve da cabeça aos pés, trazendo consigo a vida e não a morte, como vim a descobrir. Fiquei ali parada, encarando-a.”

““Não me expulsaram de casa”, Mary sorriu ao entrar e fechar a porta. ‘Eu fui ao armazém do Carter Flagg dois dias atrás e fiquei presa lá por dois dias. Hoje o velho Abbie Flagg finalmente me tirou do sério e eu decidi vir para cá. Pensei que conseguiria chegar aqui sem problemas, mas quase que fiquei pelo caminho. Que noite horrível, não?’”

“Ao recobrar o juízo, eu expliquei rapidamente a situação para a Mary e subi correndo as escadas, mas ela ficou ali, tentando se livrar da neve. Encontrei o Jims preso em outro paroxismo. Tudo que consegui fazer foi gemer e chorar. Sinto vergonha só de me lembrar. E afinal, o que eu poderia

ter feito? Já tínhamos tentado tudo que sabíamos. Então eu ouvi a Mary Vance dizer alto e bom som: ‘Essa criança está morrendo!’”

“Eu me virei. É claro que o meu pequeno Jims estava morrendo! Eu poderia ter arremessado a Mary Vance pela porta, a janela ou qualquer outro lugar naquele momento. Ali estava ela, calma e composta, encarando o meu bebê com aqueles olhos brancos e esquisitos como se fosse um filhote de gato engasgado. Nunca gostei muito da Mary Vance, e naquele instante simplesmente a detestei.”

“A pobre Susan disse: ‘Tentamos de tudo. Não é um crupe comum.’”

“‘Não, é difteria’, retrucou Mary na mesma hora, colocando um avental.

‘Temos muito pouco tempo, mas sei o que fazer. Quando eu morava com a senhora Wiley do outro lado do porto, anos atrás, o filho do Will Crawford morreu de difteria, apesar da assistência de dois médicos. Assim que a velha tia Christina MacAllister ficou sabendo (foi ela que me ajudou quando eu quase morri de pneumonia, sabe? Ela era uma mulher maravilhosa, do tipo que não se fazem hoje em dia, mais sábia do que muitos médicos), ela falou que poderia tê-lo salvado com o remédio da avó dela. Ela contou à senhora Wiley como prepará-lo, e eu nunca me esqueci. Tenho uma memória incrível. As informações ficam guardadas lá no fundo até eu precisar usá-las. Vocês têm enxofre, Susan?’”

“Sim, nós tínhamos enxofre. Susan foi buscá-lo com a Mary enquanto eu segurava a criança no colo. Minha esperança já tinha se esgotado. A Mary Vance podia se gabar o quanto quisesse (como sempre fazia), só que eu não acreditava que um remédio de vó pudesse salvar o Jims. Mary voltou com um pedaço de pano grosso amarrado sobre a boca e o nariz e com uma velha frigideira da Susan cheia de brasas.”

“‘Observem’, disse com arrogância. ‘Nunca fiz isso, mas, como essa criança está à beira da morte, agora é matar ou curar.’”

“Ela espalhou uma colherada de enxofre sobre as brasas e colocou o Jims de bruços sobre a fumaça sufocante. Não sei como não o arranquei dali no mesmo instante. Susan diz que foi por intervenção divina e acho que ela está certa, pois eu realmente me senti paralisada. A própria Susan parecia transfixada enquanto assistia da porta. O Jims se contorcia nas mãos grandes, firmes e habilidosas da Mary; sim, ela é habilidosa, não há como negar, enquanto tossia e se engasgava e depois tossia e se engasgava de novo. Era como se estivesse sendo torturado até a morte. Então, depois do que pareceu ser uma hora, apesar de não ter sido tanto tempo assim, ele

expeliu a membrana que estava asfixiando-o. Mary o colocou de costas no berço. Estava branco como um lençol e lágrimas escorriam de seus olhos castanhos, todavia já estava recobrando a cor e conseguia respirar com facilidade.”

“‘Não foi uma cena e tanto?’, comentou Mary com animação, ‘eu não fazia a mínima ideia se iria funcionar, mas resolvi arriscar. Vou fumegá-lo mais uma ou duas vezes antes do amanhecer, só para matar os germes. Enfim, acho que ele está bem agora.’”

“O Jims dormiu, de verdade, e não entrou em coma, como eu temi de início. Mary o ‘fumegou’ duas vezes naquela noite. Pela manhã a garganta dele estava perfeitamente limpa e a temperatura havia voltado ao normal. Depois que me certifiquei disso, virei-me e olhei para a Mary Vance. Ela estava sentada no sofá, dando uma palestra para a Susan cujo assunto a ouvinte provavelmente entendia quarenta vezes mais do que ela. Porém, isso não me incomodou. Mary tinha o direito de se gabar, ela se atreveu a fazer algo que eu jamais teria ousado e salvou o Jims de uma morte horrível. Já não importava mais se ela havia me perseguido pela vila com um bacalhau seco; já não importava mais se ela havia besuntado meu sonho romântico naquela noite no farol com gordura de ganso; já não importava mais se ela achava que sabia mais do que todo mundo sobre qualquer assunto; eu nunca mais iria implicar com a Mary Vance. Eu me aproximei dela e lhe dei um beijo.”

“‘O que foi?’, perguntou ela.

“‘Nada... só estou muito grata, Mary.’”

“‘Bem, pois deveria estar, mesmo. Vocês teriam deixado o bebê morrer se eu não tivesse aparecido’, disse Mary, reluzindo de complacência. Ela preparou um café da manhã de primeira e nos obrigou a comer, e nos ‘deu ordens a torto e a direito’, como diz a Susan, durante dois dias até as estradas serem desobstruídas e ela conseguir ir para casa. A essa altura o Jims já tinha se recuperado. Quando o papai voltou, ele ouviu o nosso relato sem opinar muito. Ele geralmente menospreza o que chama de ‘remédios de comadres’. Ele riu e comentou: ‘Agora a Mary Vance vai esperar que eu a consulte sobre os meus casos mais difíceis.’”

“Por fim, o Natal não foi tão duro como eu esperava. Agora o Ano--Novo se aproxima e ainda estamos esperando pelo grande avanço que colocará um fim na guerra. O Segunda-feira está ficando doente e reumático por causa das vigílias ao relento, mas continua ‘seguindo em frente’, e o Shirley

continua lendo sobre as façanhas dos ases do ar.
Ó 1917, o que você nos trará?”



A partida de Shirley

– Não, Woodrow, não haverá paz sem vitória – disse Susan, enfiando a agulha de tricô no nome do presidente Wilson no jornal. – Nós, canadenses, pretendemos ter paz e vitória. Se preferir, Woodrow, você pode ficar somente com a paz. – Susan foi para a cama com a reconfortante sensação de ter levado a melhor na discussão com o presidente. Alguns dias depois, porém, ela procurou a senhora Blythe em um estado de grande agitação.

– Querida senhora, o que acha? Acaba de chegar uma mensagem de Charlottetown pelo telefone dizendo que o Woodrow Wilson fez com que o embaixador alemão recuasse. Falaram que isso é um ultimato. Começo a achar que o coração do Woodrow está no lugar certo, onde quer que esteja a cabeça dele, e vou conseguir um pouco de açúcar para celebrar a ocasião com um pouco de *fudge*, apesar das reclamações do Conselho Alimentar. Achei que aquela questão dos submarinos provocaria uma crise. Foi o que eu disse para a prima Sophia quando ela falou que esse era o começo do fim para os Aliados.

– Não deixe o doutor saber do *fudge*, Susan – disse Anne, sorrindo. – Você sabe que ele estipulou regras muito rígidas aqui em casa para respeitarmos a economia proposta pelo governo.

– Sim, querida senhora, e um homem deve ser o mestre em sua própria casa, e todos devem obedecer a suas regras. Eu me orgulho por estar me tornando muito eficiente em economizar – Susan criara o hábito de usar os termos que lia nos jornais –, mas um pouco de celebração de vez em quando não faz mal a ninguém. O Shirley me pediu dias atrás, “do jeito que a Susan faz”, como ele diz, e eu prometi que faria um pouco na primeira vitória que tivéssemos. Considero essa notícia praticamente uma conquista, e o que o doutor não descobrir não o incomodará. Assumo total responsabilidade, querida senhora, não precisa ficar com a consciência pesada.

Susan mimou o Shirley desmesuradamente naquele inverno. Ele vinha da Queen's todos os fins de semanas e a Susan preparava seus pratos favoritos sempre que podia esquivar-se do doutor, além de servi-lo como uma escrava.

Embora falasse da guerra o tempo todo e com todo mundo, ela evitava mencionar o assunto com ele ou perto dele, ainda que o vigiasse como um gato à espreita de um rato e quando a Alemanha começou a retirada de Bapaume, a alegria de Susan veio de algo muito mais profundo do que qualquer coisa que poderia expressar: o fim da guerra estava próximo, e chegaria antes que qualquer outro jovem precisasse se alistar.

– A sorte finalmente está do nosso lado. Colocamos os alemães na defensiva – vangloriou-se. – Os Estados Unidos enfim declararam guerra, como sempre acreditei que fariam apesar do talento do Woodrow para escrever cartas, e vão entrar na briga com força total, como costumam fazer quando decidem participar de eventos do tipo, pelo que sei.

– Os Estados Unidos têm boas intenções – murmurou a prima Sophia –, mas nem toda a energia do mundo seria capaz de colocá-los na linha de frente ainda nesta primavera. Até lá, os Aliados já terão sido derrotados. Os alemães só estão ludibriando-os. Aquele tal de Simonds⁴³ disse que a retirada deles colocou os Aliados em um buraco.

– Aquele sujeito já falou o suficiente para uma vida inteira – retrucou Susan. – Não me importo com a opinião dele, contanto que o Lloyd George continue sendo o primeiro-ministro da Inglaterra. Ele não vai ser passado para trás, escreva o que estou dizendo. As coisas me parecem bem. Os Estados Unidos entraram na guerra, nós recuperamos Kut e Bagdá, e eu não ficaria surpresa em ver os Aliados em Berlim em junho, e os russos, também, agora que se livraram daquele czar. Foi uma ótima decisão, a meu ver.

– O tempo nos dirá – disse a prima Sophia, que ficaria muito indignada se alguém dissesse que ela preferia ver a Susan desmoralizada como profeta a assistir à queda da tirania, ou ainda a marcha dos Aliados pela avenida Unter den Linden. A prima Sophia não conhecia o sofrimento do povo russo, enquanto a irritante e otimista Susan era uma constante pedra no sapato dela.

Naquele mesmo instante, Shirley estava sentado na beirada da mesa da sala, balançando as pernas. O rapaz moreno de sol, corado e robusto disse com tranquilidade:

– Mãe, pai, eu fiz 18 anos na segunda passada. Vocês não acham que já é hora de me alistar?

Lívida, a mãe olhou para ele.

– Dois filhos meus já foram para a guerra, e um nunca voltará. Será que eu terei que ver você partir também?

O lamento dos velhos tempos: “Já fiquei sem José, agora sem Simeão e ainda querem levar Benjamim⁴⁴”. Como as mães da Grande Guerra reiteraram o protesto do antigo patriarca de muitos séculos atrás!

– Você preferiria que eu fosse um covarde, mãe? Eu posso entrar para o corpo aéreo. O que acha, pai?

As mãos do doutor tremeram enquanto preparavam o remédio para reumatismo do Abbie Flagg. Ele sabia que aquele momento logo chegaria, e mesmo assim não estava preparado. Ele respondeu lentamente:

– Se acha que esse é o seu dever, não vou te impedir. Mas você só deveria ir com a aprovação da sua mãe.

Shirley não disse mais nada. Ele não era um rapaz de muitas palavras. Anne não se pronunciou. Ela estava pensando no túmulo da pequena Joyce no cemitério do outro lado do porto: a pequena Joyce, que já seria uma mulher caso tivesse vivido; na cruz branca na França e nos esplêndidos olhos cinzentos do garotinho que aprendera as primeiras lições sobre dever e lealdade no colo dela; no Jem, nas terríveis trincheiras; na Nan, na Di e na Rilla, que esperavam e esperavam enquanto os anos dourados da juventude passavam. Perguntou-se, então, se conseguiria suportar. Anne achava que não, ela não tinha dúvidas de que já havia renunciado a muita coisa.

Entretanto, naquela noite ela disse ao Shirley que ele poderia ir.

Eles não contaram para a Susan de imediato. Ela só descobriu alguns dias depois, quando o Shirley apareceu na cozinha com o uniforme do corpo aéreo. Susan não aprontou nem metade do estardalhaço que fizera quando o Jem e o Walter partiram. Ela disse, em um tom pétreo:

– Então eles vão te levar, também.

– Levar-me? Não. Eu que preciso ir, Susan.

Susan sentou-se à mesa, entrelaçou as mãos velhas, nodosas e embrutecidas pelos anos de dedicação às crianças de Ingleside para conter o tremor, e disse:

– Sim, você precisa. Eu não compreendia porquê as coisas têm que ser assim, mas agora compreendo.

– Você é uma rocha, Susan – disse Shirley. Ele ficou aliviado por ela ter reagido com tanta serenidade, pois como todo garoto, ele temia que ela fizesse um “espetáculo”. Shirley saiu assoviando alegremente. Meia hora

depois, quando uma pálida Anne Blythe entrou na cozinha, Susan continuava no mesmo lugar.

– Querida senhora, estou me sentindo muito velha. – Era uma confissão que, em outra época, ela teria preferido morrer a fazê-la. – O Jem

e o Walter eram seus meninos, mas o Shirley sempre foi meu. Não suporto imaginá-lo pilotando, o avião caindo, a vida esvaindo de seu corpo, o corpinho do qual cuidei e mimei quando era um bebê.

– Susan, basta – implorou Anne.

– Ah, querida senhora, me perdoe. Não deveria ter dito isso em voz alta. Às vezes me esqueço que jurei ser uma heroína. Isso... isso me abalou um pouco. Todavia não me esquecerei mais. Contanto que não haja problemas na cozinha nos próximos dias, ficarei bem. Pilotar um avião é um serviço limpo, pelo menos – a pobre Susan forçou um sorriso na tentativa desesperada de recuperar-se. – Ele não vai ficar imundo como se estivesse nas trincheiras, o que é ótimo, já que ele sempre foi um menino asseado.

E assim partiu Shirley: sem os ares radiantes de quem embarca em uma aventura, como o Jem, e tampouco envolto pela chama branca do sacrifício, como Walter; sua atitude era fria e profissional, como se estivesse realizando um trabalho sujo e desagradável que precisa ser feito. Ele deu um beijo na Susan pela primeira vez desde que tinha cinco anos de idade e disse:

– Tchau, Susan... mamãe Susan.

– Meu menininho moreno, meu menininho moreno – disse Susan. Ela olhou para o rosto triste do doutor e pensou com amargura: “Será que você se recorda da vez em que lhe deu umas palmadas, quando ele ainda era um bebê? Sou grata por não ter nenhum peso na consciência agora.”

O doutor não se lembrou do velho método disciplinar. Porém, antes de colocar o chapéu e sair para fazer sua ronda de visitas, ele deteve-se na grande e silenciosa sala de estar que já estivera repleta de risadas de crianças.

– Nosso filho, nosso último filho – disse em voz alta. – Um rapaz bom, forte e sensato. Ele sempre me fez lembrar do meu pai. Creio que deveria estar orgulhoso por ele se voluntariar. Eu fiquei orgulhoso quando o Jem se foi e até quando o Walter partiu, mas... “eis a nossa casa deserta⁴⁵”.

– Estive pensando, doutor – dissera o velho Sandy, de Upper Glen, naquela tarde –, que logo sua casa parecerá muito grande.

O comentário inesperado de Highland Sandy pareceu perfeitamente adequado para o doutor. Ingleside de fato parecia muito grande e vazia, por

mais que Shirley tivesse passado o inverno inteiro fora, com exceção dos fins de semana, e fosse um garoto quieto quando estava em casa. Será que o fato de ser o último a partir fazia com que o vazio parecesse ainda maior?

Era isso que tornava cada cômodo ainda mais deserto? Era por esse motivo que as árvores pareciam tentar consolar umas às outras com os ramos recém-nascidos, a partida do último rapazote que passou a infância sob seus galhos?

Susan trabalhou duro o dia inteiro, até tarde da noite. Depois de dar corda no relógio da cozinha e colocar o Doutor Jekyll para fora, sem muita gentileza, ela parou na porta do quintal por alguns instantes e olhou para Glen, banhada pela luz prateada de uma lua jovem. Só que ela não viu as colinas familiares e o porto. Ela enxergava o campo de aviação em Kingsport onde o Shirley passaria aquela noite.

“Ele me chamou de mamãe Susan”, pensava ela. “Bem, agora todos os nossos homens se foram: Jem, Walter, Shirley, Jerry e Carl. Nenhum deles teve que ser convencido. Assim, temos o direito de ficar orgulhosos.” Susan suspirou com pesar. “No entanto, o orgulho é definitivamente uma companheira frívola.”

A lua escondeu-se atrás de uma nuvem negra a Oeste e o vilarejo desapareceu sob um eclipse momentâneo. A milhares de quilômetros dali, os garotos canadenses de uniforme cáqui, os vivos e os mortos, tomaram a colina de Vimy.

Vimy é o nome escrito em rubro e dourado nos anais canadenses da Grande Guerra. “Nem os britânicos nem os franceses conseguiram conquistá-la”, disse um dos prisioneiros alemães, “mas vocês, canadenses, são tão tolos que nem sabem quando um lugar pode ser atacado ou não”.

Por isso, os “tolos” a conquistaram e pagaram o preço.

Jerry Meredith foi seriamente ferido na batalha. “Um tiro nas costas”, informava o telegrama.

– Pobre Nan – disse a senhora Blythe quando a notícia chegou. Ela pensou na própria infância feliz em Green Gables. Não houve nenhuma grande tragédia naquela época. Quanto sofrimento as garotas de hoje tinham que enfrentar! Quando a Nan veio de Redmond, seu semblante exibia o peso das duas semanas anteriores. John Meredith também parecia ter envelhecido muito em pouco tempo. Faith não veio para casa, pois ela estava a caminho da Europa como enfermeira voluntária. Di escreveu para o pai pedindo

permissão para ir também, mas pelo bem da mãe dela ele não autorizou. Então, depois de uma rápida visita a Ingleside, ela voltou para o trabalho na Cruz Vermelha em Kingsport.

As anêmonas desabrocharam nos recantos secretos do Vale do Arco-Íris. Rilla aguardava por elas. Jem costumava levar as primeiras para a mãe deles; Walter as colheu quando o Jem partira; na primavera passada, Shirley as buscara. Agora, Rilla considerava seu dever assumir o lugar dos garotos. Só que antes que pudesse encontrá-las, Bruce Meredith fez uma visita a Ingleside em um anoitecer e levou um buquê de delicadas flores rosadas. Ele subiu os degraus da varanda e o colocou sobre o colo da senhora Blythe.

– O Shirley não está aqui para colhê-las – explicou com sua timidez encantadora.

– E você se lembrou, meu querido – disse Anne com os lábios trêmulos ao olhar para o rapaz robusto e de sobranceiras negras parado diante dela com as mãos enfiadas nos bolsos.

– Eu escrevi para o Jem hoje e disse que ele não precisava se preocupar porque eu iria cuidar disso – disse Bruce com seriedade. – E contei que vou completar 10 anos logo, o que significa que não vai demorar muito para eu fazer 18, e aí eu poderei ajudá-lo a lutar. Ou talvez eu fique no lugar do Jem para que ele venha para casa descansar. Também escrevi para o Jerry. Ele está se recuperando, sabia?

– É mesmo? Vocês tiveram boas notícias dele?

– Sim. A mamãe recebeu uma carta hoje, dizendo que ele está fora de perigo.

– Oh, graças a Deus – sussurrou a senhora Blythe.

Bruce olhou para ela com curiosidade.

– Foi o que o papai disse quando a mamãe contou para ele. Mas quando eu falei isso noutro dia, quando descobri que o cachorro do senhor Mead não tinha machucado o meu gatinho, pois eu achei que ele o tinha chacoalhado até a morte, sabe, o papai me encarou com um olhar sério e disse que eu jamais deveria falar aquilo de um gato. Só que eu não entendi porquê, senhora Blythe. Eu me senti muito agradecido e deve ter sido Deus que salvou o Malhadinho, pois aquele cachorro dos Mead tem dentes imensos e, olha, ele chacoalhou muito o Malhadinho! Então, por que eu não pude agradecer a Deus? É claro – acrescentou Bruce, recordando-se –, talvez eu tenha dito alto demais porque fiquei muito contente e animado ao ver que o Malhadinho estava bem. Eu quase gritei, senhora Blythe. Talvez se eu

tivesse sussurrado, como você e o papai, não teria tido nenhum problema.

Sabe o que eu gostaria de fazer com o cáiser, senhora Blythe? – sussurrou Bruce, aproximando-se de Anne.

– O que você gostaria de fazer, rapazinho?

– Hoje na escola, o Norman Reese disse que ele gostaria de amarrar o cáiser em uma árvore e soltar cachorros bravos para assustá-lo – contou Bruce. – E a Emily Flagg disse que gostaria de trancá-lo em uma jaula e espetá-lo com lanças. Todos disseram coisas desse tipo. Mas, senhora Blythe

– Bruce tirou uma das mãos gorduchas do bolso e a apoiou com veemência no joelho de Anne – eu gostaria de transformar o cáiser em um homem bom, um homem muito bom. É isso que eu faria. Você não acha que seria o pior castigo de todos?

– Criança abençoada – disse Susan –, o que o faz pensar que isso seria uma punição para aquele ser maligno?

– Você não percebe? – Bruce olhou fixamente para Susan com os olhos azul-escuros. – Se ele se tornasse um homem bom, acabaria compreendendo as maldades que fez e se sentiria tão mal que seria mais infeliz e miserável do que poderia ser de qualquer outra forma. Ele se sentiria péssimo, e essa sensação duraria para sempre. Sim – Bruce cerrou os punhos e balançou a cabeça enfaticamente –, eu gostaria de transformar o cáiser em um homem bom, é o que eu faria. É exatamente o que ele merece.

George S. Simonds (1874-1938), general do exército norte-americano. (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Gênesis 42:36. (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Mateus 23:38. (N. T.)



Susan é pedida em casamento

Um avião sobrevoava Glen St. Mary como um enorme pássaro contra o céu Oeste, era um céu tão limpo e de um tom de amarelo-claro e prateado tão impressionante que passava a sensação de uma imensa liberdade. O pequeno grupo no gramado de Ingleside olhou para ele com fascínio, embora isso tivesse se tornado algo comum naquele verão. Susan sempre ficava muito animada. Quem sabe aquele não era o Shirley lá nas alturas, sobrevoando a Ilha vindo de Kingsport? Só que o Shirley já tinha atravessado o Atlântico, então ela não ficou muito entusiasmada com aquela aeronave em particular e seu piloto. Mesmo assim, ela olhou para cima com admiração.

– Eu me pergunto, querida senhora – disse Susan em tom solene –, o que os velhos habitantes do cemitério pensariam se pudessem levantar de suas tumbas por um instante e contemplar aquela visão. Tenho certeza de que meu pai a desaprovava, pois ele não acreditava em ideias modernas de qualquer espécie. Ele usou uma foice de mão até o dia de sua morte. Não queria nem ouvir falar de máquinas na hora da colheita. “O que era bom para o meu pai é bom para mim”, costumava dizer. Espero que não seja desrespeitoso dizer isso, todavia acho que ele estava errado nesse aspecto, ainda que eu não simpatize muito com aviões, por mais que sejam uma necessidade militar.

– Você não vai se recusar a dar algumas voltas no carro novo do papai quando chegar, não é mesmo, Susan? – provocou Rilla.

– Também não confio muito em automóveis – retrucou Susan.

– Mas não os vejo com maus olhos, como algumas pessoas. O Bigodinho disse que o governo deveria se envergonhar por permiti-los na Ilha. Dizem que ele espuma de raiva quando vê um. Outro dia, ao avistar um se aproximando pela estradinha estreita que passa do lado do campo de trigo

dele, ele pulou a cerca e ficou parado no meio da estrada, com um forçado. O motorista era uma espécie de agente, e o Bigodinho detesta agentes tanto quanto detesta automóveis. Ele fez o carro parar, já que não havia espaço para desviar e o agente tampouco podia passar por cima dele. Aí ele ergueu o forçado e gritou: “Saia já daqui com essa máquina diabólica ou eu te atravessarei com esse forçado!”. Acredite se quiser, querida senhora. O pobre agente teve que dar ré por quase dois quilômetros até voltar para a estrada de Lowbridge, com o Bigodinho em seu encalço enquanto bradava o forçado e berrava insultos. Acho essa uma conduta despropositada, ainda assim – acrescentou Susan com um suspiro – com todos esses automóveis e aviões, essa ilha já não é mais a mesma.

O avião voou mais alto, mergulhou no ar, deu uma guinada e voltou a subir antes de virar um pontinho sobre as colinas ao entardecer.

– “Com a magnificência das águias de Tebas que singram com supremo domínio os campos azul-celeste⁴⁶” – citou Anne com ares sonhadores.

– Eu imagino se os aviões trarão mais felicidade à humanidade – disse a senhorita Oliver. – Tenho a impressão de que a felicidade humana continua a mesma desde sempre, não importa como sua distribuição possa mudar, e que todas as “muitas invenções” não a aumentam nem a diminuem.

– Afinal, “o reino do céu está dentro de vós⁴⁷” – disse o senhor Meredith, observando o pontinho que simbolizava a mais recente vitória da humanidade em uma luta tão antiga quanto o mundo. – Ele não depende de conquistas materiais e triunfos.

– De qualquer forma, um avião é algo fascinante – disse o doutor. – Voar sempre foi um dos sonhos favoritos da humanidade. Todos os sonhos podem se tornar realidade... ou melhor, podem ser realizados com perseverança. Eu adoraria viajar de avião.

– O Shirley escreveu contando que ficou muito decepcionado no primeiro voo – disse Rilla. – Ele esperava ter a sensação de alçar voo como um pássaro, em vez disso só sentiu como se a terra estivesse se afastando. E ficou extremamente enjoado na primeira vez que voou sozinho. Ele escreveu que nunca tinha se sentido daquele jeito antes: de repente, era como se estivesse vagando pelo espaço e subitamente teve o desejo de voltar para o velho planeta e para a companhia dos outros seres humanos. Ele contou que logo se acostumou, mas que seu primeiro voo foi um pesadelo por causa da sensação pavorosa de solidão.

O avião desapareceu. O doutor abaixou a cabeça com um suspiro.

– Quando vejo um desses homens-pássaros se perderem no céu, volto para a terra com uma sensação estranha de ser um mero inseto rastejante. Anne – disse, voltando-se para a esposa –, lembra-se da primeira vez que levei você para passear de charrete em Avonlea, na noite em que fomos ao concerto em Carmody, no primeiro outono em que você deu aula em Avonlea? Fomos com aquela eguinha preta com a estrela branca na testa e uma charrete nova em folha. Eu era o rapaz mais orgulhoso do mundo. Suponho que nosso neto levará a namorada para uma “voltinha” em um avião com a maior naturalidade.

– Um avião não será tão charmoso como a pequena Silverspot

– disse Anne. – Uma máquina é somente uma máquina, mas a Silverspot... ora, ela possuía personalidade, Gilbert. Um passeio com ela tinha algo que nem mesmo um voo entre as nuvens do pôr do sol seria capaz de proporcionar. Não, eu não invejo a namorada do meu neto, no fim das contas. O senhor Meredith está certo. O “reino do céu” e o amor, e a felicidade não dependem de coisas externas.

– Além disso – disse o doutor com seriedade –, nosso neto terá que dedicar toda a atenção ao avião. Ele não vai poder se descuidar das rédeas enquanto admira os olhos da amada. E tenho a terrível suspeita de que não é possível pilotar com um braço só. Não – o doutor balançou a cabeça –, creio que ainda prefiro a Silverspot.

A defesa russa foi derrotada mais uma vez naquele verão, e Susan disse com ressentimento que esperava que isso fosse acontecer desde que Kérensky⁴⁸ teve a brilhante ideia de se casar.

– Longe de mim condenar o sagrado matrimônio, querida senhora, todavia acredito que, quando um homem está liderando uma revolução, suas mãos estão ocupadas e ele deve adiar o casamento para um momento mais propício. Os russos estão em um mato sem cachorro, não há como negar. E você viu a resposta do Woodrow Wilson às propostas de paz do papa? Foi magnífica. Eu não teria conseguido me expressar melhor. Sinto que poderia perdoar o Wilson por tudo graças a ela. Ele sabe como usar as palavras, não tenha dúvidas. E por falar nisso, querida senhora, você ouviu a última do Bigodinho? Parece que ele foi até a escola da estrada para Lowbridge dias atrás e resolveu avaliar o quarto ano. Eles ainda têm aulas no verão, sabe, com períodos de férias na primavera e no outono, são pessoas muito antiquadas. Minha sobrinha, Ella Baker, estuda lá e me contou tudo. A

professora estava com uma terrível dor de cabeça e decidiu sair para tomar um pouco de ar fresco enquanto o senhor Pryor avaliava a sala. As crianças se saíram bem na soletração, mas, quando o Bigodinho começou a perguntar o significado das palavras, elas ficaram perdidas porque ainda não o conheciam. Ella e os outros se sentiram muito mal. Eles amam a professora, e parece que o irmão do senhor Pryor, Abel Pryor, que é um dos membros do conselho escolar, não gosta muito dela e vem tentando fazer a cabeça dos outros membros do conselho. Minha sobrinha e os colegas de classe estavam com medo de que o Bigodinho contasse para o Abel que eles não sabiam o significado das palavras e isso acarretasse uma advertência para a professora. Porém, o pequeno Sandy Logan salvou o dia. Ele é um menino do orfanato muito esperto e não deixou barato para o Bigodinho. “O que significa ‘anatomia’?”, perguntou o Bigodinho. “Uma dor no estômago”, respondeu Sandy sem pestanejar. O Bigodinho é um homem muito ignorante, querida senhora. Ele mesmo não sabia o significado da palavra e disse “muito bem, muito bem”. A classe percebeu de imediato, pelo menos os mais sagazes, e entrou na brincadeira. Jean Blane disse que “acústico” significa “uma querela religiosa”, Muriel Baker disse que “agnóstico” é “uma pessoa com indigestão” e Jim Carter que “azedume” quer dizer “alguém que só come vegetais”, e por aí foi. O Bigodinho engoliu tudo enquanto repetia “muito bem, muito bem” até que a Ella achou que iria morrer de tanto segurar a risada. Quando a professora voltou, o Bigodinho a cumprimentou pelos alunos esplêndidos e disse que pretendia contar ao conselho que tesouro tinham no corpo docente. Comentou ainda que era “muito raro” encontrar um quarto ano que pudesse responder tão prontamente o significado das palavras. E foi embora radiante. A Ella me contou essa história em segredo, querida senhora, e devemos mantê-la como tal pelo bem da professora. Ela provavelmente perderia o cargo se o Bigodinho descobrisse que foi tapeado.

Mary Vance foi até Ingleside naquela tarde para contar que Miller Douglas, que tinha sido ferido quando os canadenses conquistaram a Colina 70, teve que amputar a perna. Todos se comoveram pela Mary. Seu patriotismo fervoroso levava algum tempo para se acender, mas desde então ele inflama da mesma maneira que uma chama firme e radiante como a de qualquer outra pessoa.

– Alguns têm feito comentários sarcásticos por eu ter um marido de uma perna só – disse Mary, elevando-se às alturas –, mas eu prefiro o meu Miller

com uma perna a qualquer outro homem no mundo com uma dúzia delas. A menos... – acrescentou, ponderando – a menos que fosse Lloyd George.

Bem, tenho que ir. Achei que gostariam de saber sobre o Miller e por isso vim correndo da loja. Agora tenho que voltar para casa porque prometi ao Luke MacAllister que iria ajudá-lo com os montes de feno. Já que os rapazes são tão escassos, cabe a nós, garotas, cuidarmos da colheita. Arranjei um macacão e até que fico bem nele. A senhora Alec Douglas diz que são indecentes e que deveriam ser proibidos. Até a senhora Elliot me olha com reprovação. Enfim, a vida não pode parar; além disso, eu adoro escandalizar a Kitty Alec.

– Por falar nisso, papai – disse Rilla –, vou ficar no lugar do Jack Flagg no armazém do pai dele por um mês. Prometi hoje que faria isso, se você não se opor, para que ele possa ajudar os fazendeiros. Não acho que eu seria de grande serventia na colheita, embora muitas garotas sejam, mas posso ficar no lugar do Jack. O Jims já não dá mais tanto trabalho de dia, e eu estarei em casa todas as noites.

– Você acha que vai ser divertido pesar açúcar e grãos e vender manteiga e ovos? – gracejou o doutor.

– Provavelmente não, mas a questão não é essa. Esse é mais um jeito de poder fazer a minha parte.

Assim, Rilla ficou atrás do balcão do senhor Flagg por um mês. Susan foi para os campos de aveia do Albert Crawford.

– Ainda sou tão boa quanto qualquer outro trabalhador – disse com orgulho. – Nenhum homem faz um monte de feno como eu. Quando ofereci meus serviços, o Albert me encarou com um olhar duvidoso. “Receio que seja um trabalho pesado demais para você”, ele disse. “Deixe-me trabalhar por um dia, e veremos”, respondi. “Diabos, eu darei o melhor de mim”.

Todos em Ingleside ficaram atônitos por um momento. O silêncio significava que eles achavam o empenho da Susan admirável. Contudo, Susan o interpretou mal e seu rosto queimado de sol ficou ainda mais vermelho.

– Estou criando a hábito de praguejar, querida senhora – desculpou-se Susan. – E logo na minha idade! É um péssimo exemplo para as mais jovens.

Creio que seja de tanto ler os jornais. Eles publicam muitas profanidades e nem sequer utilizam asteriscos, como faziam antigamente. Essa guerra está desmoralizando todo mundo.

Susan, parada em cima de um monte de feno, com os cabelos grisalhos ao vento e a saia amarrada à altura dos joelhos por questão de segurança e conveniência, nada de macacões para a Susan, por favor, não era uma imagem bonita ou romântica, mas o espírito que movia seus braços magrelos era o mesmo que havia conquistado a colina de Vimy e mantido as legiões alemãs fora de Verdun.

Entretanto, é improvável que tenha sido isso que mais chamou a atenção do senhor Pryor ao passar por ali em uma tarde e ver Susan empilhando feixes com um forçado.

– Que mulher eficiente – refletiu. – Vale mais do que duas dessas jovens de hoje. Nada mal, nada mal. Se o Milgrave voltar vivo para casa eu perderei a Miranda, e empregadas custam mais do que uma esposa e podem deixar um homem na mão a qualquer momento.

Uma semana depois, ao voltar da vila em um fim de tarde, uma cena inesperada fez a senhora Blythe deter-se no portão de Ingleside e ficar temporariamente imóvel: pela porta da cozinha, saía o corpulento e pomposo senhor Pryor, correndo como não corria há anos, com o terror impresso em cada traço do rosto, era um terror justificável, pois

atrás dele vinha Susan como um anjo vingador brandindo uma imensa panela de ferro fumegante, com um olhar que não prometia nada de bom para o objeto de sua indignação caso o alcançasse. A perseguidora e o perseguido atravessaram o jardim. O senhor Pryor chegou ao portão antes de Susan, escancarou-o e desapareceu pela estrada sem olhar para a perplexa senhora de Ingleside.

– Susan – arfou Anne.

Susan interrompeu a caçada raivosa, abaixou a panela e sacudiu o punho para o senhor Pryor que, achando que ela ainda estava em seu encalço, ainda corria.

– Susan, o que significa isso? – Anne exigiu saber, preocupada.

– Que bom que perguntou, querida senhora – respondeu Susan, irada. – Não me sinto tão furiosa há anos. Aquele... aquele... aquele pacifista teve a audácia de vir aqui, na minha própria cozinha, e me pedir em casamento.

ELE!

Anne segurou a risada.

– Mas, Susan! Você não podia ter usado um método menos espetacular de recusá-lo? Imagine as fofocas que isso teria gerado se alguém estivesse passando por aqui e visse sua performance.

– É mesmo, querida senhora, você está certa. Não pensei nisso porque não fui capaz de usar a razão. Eu simplesmente enlouqueci. Vamos entrar, e eu contarei tudo.

Susan pegou a panela e marchou para a cozinha, ainda tremendo de raiva. Ela a colocou sobre o fogão com um baque ruidoso.

– Espere um instante, querida senhora, vou abrir as janelas para ventilar a cozinha. Pronto, assim é melhor. E também tenho que lavar as mãos, pois eu cumprimentei o bigodinho quando ele chegou. Não que eu quisesse, mas ele estendeu a mão gorda e oleosa e eu não tive escolha. Ainda bem que eu já tinha terminado a limpeza da tarde e estava tudo impecável. Eu pensei:

“Ainda falta tingir os retalhos de tapete, mas posso fazer isso antes do jantar”. Foi quando uma sombra surgiu no chão, e ao erguer o olhar eu me deparei com Bigodinho parado na porta, todo aprumado. Eu o cumprimentei e disse que a senhora e o doutor não estavam em casa. Aí ele falou: “Vim aqui ver você, senhorita Baker”.

– Eu o convidei para se sentar por educação e fiquei parada no meio da cozinha, encarando-o com o máximo de desprezo possível. Isso pareceu perturbá-lo um pouco, apesar da atitude confiante. Então ele começou a me encarar com sentimentalismo com aqueles olhinhos porcinos, e uma suspeita terrível surgiu na minha mente. Algo me disse que eu estava prestes a receber meu primeiro pedido de casamento. Eu sempre quis receber pelo menos uma proposta matrimonial e recusá-la, para poder encarar as outras mulheres de igual para igual, mas você não vai me ouvir me gabando dessa. Considero-a um insulto e se houvesse alguma maneira de tê-la impedido, eu o teria feito. Só que naquela hora fui pega de surpresa, querida senhora. Pelo que sei, alguns homens consideram adequado algum cortejo preliminar, mesmo que só para deixar claro suas intenções. O Bigodinho, porém, deve ter achado que eu estava desesperada e que aceitaria prontamente. Bem, agora ele sabe a verdade. Sim, agora ele sabe. Imagino se ele já parou de correr.

– Entendo que você se sentiu ofendida, Susan. No entanto, você podia ter recusado com delicadeza em vez de afugentá-lo daquele jeito, não?

– Bem, era o que eu pretendia, querida senhora, mas um comentário dele ultrapassou todos os limites. Se não fosse por isso, eu não o teria perseguido com minha panela de tingir tecido. Vou contar toda a conversa. O Bigodinho sentou-se bem ao lado da cadeira onde o Doc estava dormindo. O animal só

estava fingindo dormir, e eu sabia muito bem disso porque ele passou o dia inteiro como o Senhor Hyde, que nunca dorme. Aliás, querida senhora, já notou que aquele gato passa muito mais tempo como Hyde do que como Jekyll ultimamente? Quanto mais vitórias alcançam os alemães, mais tempo ele passa como Hyde. Tire suas próprias conclusões. O Bigodinho deve ter pensado que iria ganhar alguns pontos comigo se o elogiasse, sem fazer a menor ideia dos meus sentimentos reais por ele, e estendeu a mão rechonchuda para acariciar as costas do bicho. “Que lindo gato”, disse. O lindo gato avançou e o mordeu. Depois soltou um uivo pavoroso e fugiu pela porta da cozinha. O Bigodinho o seguiu com os olhos, embasbacado. “Que peste mais esquisita”, comentou. Nesse quesito estamos de acordo, só que eu não ia permitir que ele soubesse. Além disso, quem ele pensa que é para chamar nosso gato de peste? “Ele pode até ser uma peste”, eu disse, “mas ele sabe a diferença entre um canadense e um huno”. É de se esperar que uma indireta dessas fosse suficiente, não acha, querida senhora? Porém, ela entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Ele recostou-se confortavelmente como se estivesse preparando-se para um bom papo. Então pensei: “Se tem algo a dizer, é melhor fazê-lo o quanto antes porque ainda tenho que tingir esses retalhos e não tenho tempo a perder com flertes”, mas falei: “Se veio aqui discutir algum assunto, senhor Pryor, ficaria grata se o fizesse sem rodeios, pois estou muito ocupada nesta tarde”. Ele me encarou por cima dos bigodes avermelhados e disse: “Você é uma mulher prática, e gosto disso. Não há por que desperdiçarmos tempo com amenidades. Vim aqui pedir que se case comigo”. Aí está, querida senhora. Finalmente recebi um pedido de casamento, depois de esperar 64 anos.

Susan concluiu:

– Eu fulminei aquela criatura prepotente com o olhar e falei: “Não me casaria com você nem que fosse o último homem da Terra, Josiah Pryor. Essa é a minha resposta, e pode ir embora com ela.” Nunca vi um homem tão aturdido, querida senhora. Ele ficou tão desconcertado que desembuchou a verdade. “Ora, achei que ficaria grata por ter a chance de se casar.” Foi aí que perdi a cabeça, querida senhora. Não acha que ser insultada por um huno e um pacifista é um bom motivo? “Saia daqui”, esbravejei, em seguida, peguei a panela. Ele deve ter achado que enlouqueci e que uma panela com tinta fervente era uma arma perigosa nas mãos de uma lunática. Ele foi embora a toda velocidade, como a senhora mesma viu. Não creio que ele voltará aqui com propostas tão cedo. Não, acredito que ele aprendeu que há

pelo menos uma mulher em Glen St. Mary que não está ansiosa para se tornar a senhora Bigodinho.

Trecho de *O Progresso da Poesia*, do poeta inglês Thomas Gray (1716-1771). (N. T.)

Referência ao Novo Testamento, Lucas 17:21. (N. T.)

Alexander Fyódorovich Kérensky foi o segundo e último [primeiro-ministro](#) do [Governo Provisório Russo](#), exercendo o cargo entre 21 de julho e 8 de novembro de 1917. (N. T.)



Esperando

Ingleside, 1 de novembro de 1917.

“É novembro, e o vale está tomado por tons de cinza e marrom, exceto pelos choupos da Lambardia que se destacam como grandes tochas douradas aqui e ali na paisagem sóbria, ainda que as outras árvores tenham perdido todas as folhas. A batalha de Caporetto foi um desastre, e nem a Susan é capaz de encontrar forças no estado atual das coisas. O resto de nós nem se dá ao trabalho de tentar. Gertrude não para de dizer com desespero que “eles não podem tomar Veneza; eles não podem tomar Veneza”, como se repetir isso fosse surtir algum efeito. Não sei o que pode impedi-los de conquistar Veneza. Entretanto, como a Susan não deixa de salientar, não havia nada impedindo-os de conquistar Paris em 1914 e ainda assim a cidade não foi tomada, e ela garante que o mesmo acontecerá com Veneza. Ah, eu rezo para que eles não tomem Veneza, a bela rainha do Adriático. Apesar de nunca ter visitado a cidade, ela inspira em mim o mesmo que sentiu lord Byron... ela sempre me encantou e sempre será “uma cidade etérea em meu altar⁴⁹”.

Acho que esse amor vem das cartas do Walter, que a venerava. Sempre foi um de seus sonhos conhecer Veneza. Lembro-me de que chegamos a fazer planos em uma tarde no Vale do Arco-Íris antes da guerra: nós a visitaríamos juntos para passear de gôndola pelas ruas iluminadas pelo luar.”

“Desde que a guerra estourou, nossas tropas sofrem golpes terríveis a cada outono: Antuérpia em 1914, Sérvia em 1915, Romênia, no ano passado, e agora na Itália, o pior de todos. Acho que já teria desistido se não fosse pelo que Walter disse na última carta, que ‘os mortos também estão lutando do nosso lado, e um exército desses não pode ser

derrotado'. Não, não pode. Nós venceremos no fim. Não duvidarei nem por um instante. Permitir-me duvidar seria perder a fé."

"Todos temos feito campanha fervorosamente pelo novo Empréstimo para a Vitória⁵⁰. Nós do comitê júnior da Cruz Vermelha fazemos visitas todos os dias e conseguimos doações de várias pessoas que se recusaram a contribuir de início. Eu, logo eu, abordei o Bigodinho. Eu esperava que ele fosse se recusar e falar poucas e boas, porém, para a minha surpresa, ele foi muito cortês e prometeu no ato comprar um título de mil dólares. Ele pode ser um pacifista, mas sabe reconhecer um bom investimento. Cinco e meio por cento não é nada mal, mesmo sendo pago por um governo militarista."

"O papai, para provocar a Susan, disse que foi o discurso dela na reunião da campanha que converteu o senhor Pryor. Não creio que seja verdade, pois o senhor Pryor tem demonstrado publicamente seu intenso rancor com a Susan depois que seus avanços amorosos foram rechaçados. Mas Susan de fato fez um discurso, que foi o melhor da reunião. Foi a primeira vez que ela fez algo do tipo e jurou que também seria a última. Todos de Glen estavam lá e vários pronunciamentos foram feitos, só que nenhum causou muito entusiasmo. Susan ficou revoltada com a falta de ânimo porque estava ansiosa para que a Ilha encabeçasse a lista de angariações. Ela não parava de sussurrar para mim e Gertrude que faltava energia nos discursos. No final, quando ninguém mais se levantou para fazer alguma contribuição, Susan perdeu a cabeça. Pelo menos foi isso que ela disse. Ela pôs-se de pé com uma expressão decidida sob a touca (Susan é a única mulher em Glen St. Mary que ainda usa uma touca) e disse sarcasticamente em voz alta: 'Com certeza é muito mais barato falar de patriotismo do que contribuir com ele. De certo estamos mendigando, de certo estamos pedindo que nos deem seu dinheiro a troco de nada! Acho que o cáiser vai ficar muito decepcionado quando inteirar-se dessa reunião!'"

"Susan acredita piamente que os espiões do cáiser, representados pelo senhor Pryor, em teoria, informam-no tudo que acontece no vilarejo."

"Norman Douglas gritou: 'Isso! Isso!' e algum garoto nos fundos indagou: 'E quanto ao Lloyd George?' em um tom que Susan não gostou. O Lloyd George é o herói de estimação dela, agora que o Kitchener se foi."

“‘Apoio Lloyd George incondicionalmente’, retrucou Susan.”

“‘Suponho que isso vai deixá-lo contente’, disse Warren Mead, com uma de suas risadinhas desagradáveis.”

“O comentário do Warren foi a fagulha que acendeu a pólvora. Susan simplesmente ‘foi com tudo’, como ela mesma diz, e ‘rasgou o verbo’. Não faltou energia ao discurso dela. Susan tem um poder de oratória considerável quando se empolga, e a maneira como ela humilhou aqueles homens foi ao mesmo tempo engraçada, maravilhosa e eficaz. Ela disse que eram pessoas como ela, milhares de pessoas como ela, que apoiavam e impulsionavam Lloyd George. Esse foi o fio condutor do discurso.

Ah, a velha e querida Susan! É um perfeito dínamo de patriotismo, lealdade e desprezo pelos vagabundos de todos os tipos, e sua grande explosão eletrificou a plateia. Ainda que alegue não ser uma sufragista, Susan transformou aquela reunião na noite das mulheres e fez com que os homens literalmente se encolhessem de vergonha. Quando terminou, eles estavam ‘comendo na mão dela’. Ela ordenou (sim, ordenou) que eles marchassem até a plataforma na frente do salão e se inscrevessem, e foi o que a maioria fez, até Warren Mead. Quando o total de apoiadores foi publicado nos jornais de Charlottetown no dia seguinte, nós descobrimos que Glen estava no topo da lista de distritos e certamente o crédito era de Susan. Contudo, ao voltar para casa naquela noite, ela sentiu-se envergonhada e com medo de ter se sido indecorosa. Ela confessou para a mamãe que fora ‘muito indelicada’.”

“Todos nós, menos a Susan, saímos para dar uma volta e estrear o automóvel novo do papai. Foi muito divertida, embora tenha acabado conosco ingloriamente atolados porque uma certa velha dama mal-humorada, a senhorita Elizabeth Carr de Upper Glen, recusou-se a tirar a charrete do meio da estrada e nos deixar passar, por mais que buzinassemos. O papai ficou muito furioso; porém, meu coração se solidarizava com a senhorita Elizabeth. Se eu fosse uma solteirona passeando com a minha velha égua, perdida em meus pensamentos, tampouco moveria as rédeas se um carro barulhento começasse a buzinar atrás de mim. Continuariamos sentada com indolência assim como ela e diria: ‘Use a vala se está com tanta pressa’.”

“E foi o que fizemos, e atolamos na areia, e ali ficamos como trouxas, ouvindo a charrete da senhorita Elizabeth chacoalhar

vitoriosamente enquanto se afastava.”

“O Jem vai rir muito quando eu escrever contando. Ele conhece bem a senhorita Elizabeth.”

“Mas será que Veneza se salvará?”

19 de novembro de 1917.

“Ela ainda não se salvou e corre um grande perigo. Os italianos estão finalmente contendo o inimigo no rio Piave, mas os especialistas dizem que eles não aguentarão por muito mais tempo e terão que retroceder até o rio Adige. Susan, Gertrude e eu achamos que eles devem aguentar, pois Veneza precisa ser salva. Então, o que nos importa a opinião dos especialistas?”

“Ah, se ao menos eu acreditasse que são capazes!”

“Nossas tropas canadenses tiveram outra grande vitória: elas tomaram a colina de Passchendaele e resistiram a todos os tipos de ataque. Nenhum de nossos garotos participou do confronto, porém, ah, a lista de baixas... Joe Milgrave estava lá e saiu ileso. Miranda enfrentou dias difíceis até ter notícias dele. Ela está muito diferente. Até seus olhos parecem mais escuros e profundos, mas suponho que seja porque brilham com a intensidade que ganham nos últimos tempos. Ela mantém o pai na linha de maneira assombrosa, hasteia a bandeira sempre que os Aliados avançam um metro no front ocidental, frequenta com regularidade nosso comitê júnior da Cruz Vermelha e anda com ares altivos de ‘mulher casada’ (sim, ela faz isso) que são de matar. Todavia, é a única recém-casada de Glen cujo marido está no front, o que justifica a satisfação que exhibe por aí.”

“As notícias da Rússia também são ruins. O governo de Kérensky caiu e Lenin tornou-se ditador do país. É muito difícil manter a coragem nesses dias cinzentos de outono cheios de suspense e de notícias desencorajadoras. Mas estamos começando a despertar, como diz o velho Highland Sandy, com as próximas eleições. O recrutamento obrigatório será o tema principal. Serão as votações mais animadas que já tivemos. Todas as mulheres ‘com idade suficiente’ (para citar a Jo Poirier) e com maridos, filhos ou irmãos no front poderão votar. Ah, se ao menos eu tivesse 21 anos! Gertrude e Susan estão furiosas porque não poderão.”

“‘Não é justo!’, declarou Gertrude com veemência. ‘A Agnes Carr pode votar porque o marido se alistou. Ela fez de tudo para que ele não

fosse, e agora vai votar contra o partido Unionista⁵¹. Já eu não tenho o direito porque o meu homem que está no front é somente o meu namorado, e não o meu marido!”

“Quando Susan reflete que não pode votar, enquanto um bando de pacifistas velhos como o senhor Pryor podem, e vão, seus comentários são ácidos.”

“Tenho muita pena dos Elliott, dos Crawford e dos MacAllister, que vivem do outro lado do porto. Eles sempre se alinharam a campos muito bem delimitados entre os liberais e os conservadores, e agora estão irremediavelmente à deriva, porém sei que estou misturando as metáforas. Alguns daqueles velhos liberais preferiam morrer a votar no sir Robert Borden, e serão obrigados, pois acreditam que precisamos do alistamento compulsório. E alguns dos pobres conservadores que são contra terão que votar no Laurier, que sempre foi um anátema para eles. Alguns não estão sabendo lidar com isso. Outros parecem ter adotado a mesma atitude da senhora Marshall Elliott em relação à unificação das igrejas.”

“Ela veio aqui na noite passada. Já não nos visita com a mesma frequência, pois está velha demais para vir caminhando até aqui, a querida senhorita Cornelia. Detesto pensar que está idosa, pois nós sempre a amamos e ela sempre foi muito boa para as crianças de Ingleside. Ela costumava ser ferrenhamente contrária à união entre as igrejas. Mas ontem disse, em um tom resignado: ‘Bem, em um mundo onde tudo está se rompendo e se desfazendo, que diferença isso faz? De qualquer forma, comparados aos alemães, os metodistas parecem encantadores’”.

“Nossa sociedade júnior da Cruz Vermelha vai de vento em popa, apesar de a Irene ter voltado, depois de ter tido alguns inconvenientes com a sociedade de Lowbridge, pelo que entendi. Ela me deu uma alfinetada na reunião passada, dizendo que me reconheceu na praça de Charlottetown pelo meu ‘chapéu verde de veludo’. Todos me conhecem por aquele chapéu odioso e odiável. Este será o quarto ano com ele, até a mamãe quer que eu compre outro, mas eu disse ‘não’. Enquanto a guerra durar, eu usarei aquele chapéu de veludo durante o inverno.”

23 de novembro de 1917.

“As tropas no Piave continuam firmes, e o General Byng teve uma vitória esplêndida em Cambrai. Eu hasteei a bandeira, e a Susan disse apenas: ‘Vou ferver um pouco de água nesta noite. Notei que o pequeno Kitchener sempre tem um ataque de crupe após uma vitória dos britânicos. Espero que ele não tenha nenhuma gota de sangue pró-Alemanha nas veias. Não se sabe muita coisa sobre o pai dele.’”

“O Jims teve alguns ataques de crupe neste outono, crupe comum, não igual àquela vez horrível no ano passado. No entanto, qualquer que seja o sangue que corre nas veias dele, é um sangue bom e saudável.

Ele está uma fofura, todo rosado, gordinho e com cachos. Já diz coisas engraçadas e faz perguntas cômicas. Ele adora se sentar em uma cadeira especial na cozinha: a cadeira favorita da Susan, e quando ela quer sentar-se ali, ele tem que sair. Da última vez que ela o tirou, ele virou-se e perguntou com seriedade: ‘Susan, quando você morrer, posso me sentar nessa cadeira?’. Susan achou pavoroso. Acho que foi a partir daí que ela começou a questionar os possíveis ancestrais do menino. Numa noite dessas eu levei o Jims comigo até a loja. Foi a primeira vez que ele saiu de casa tão tarde. Ao ver as estrelas exclamou: ‘Ah, Willa, veja a lua grande e todas as luas pequeninas!’. E na manhã da quarta-feira passada, meu despertador não tocou porque eu me esqueci de dar corda nele. O Jims acordou, pulou do berço e correu até mim aflito, em seu pijaminha azul de flanela. ‘Willa, o relógio morreu!’”

“Em uma noite ele ficou bravo comigo e com a Susan porque não demos algo que ele queria muito. Ele fez as orações antes de dormir com desânimo e, quando chegou na hora de dizer ‘e me torne um bom menino’, acrescentou: ‘e por favor, torne também a Willa e a Susan, porque elas não são boas meninas’.”

“Eu não saio por aí contando para todo mundo as coisas que o Jims fala. Detesto quando as outras pessoas fazem isso! Eu somente as registro nesse diário velho!”

“Nesta noite, quando o coloquei na cama, ele me encarou e perguntou com muita seriedade: ‘Por que o ontem não pode voltar, Willa?’.”

“Ah, Jims, por que não? Aquele lindo ‘ontem’ cheio de sonhos e risos, quando nossos garotos estavam em casa, quando Walter e eu líamos, jogávamos conversa fora e observávamos a lua e os crepúsculos no Vale do Arco-Íris. Se ao menos ele voltasse! Só que os dias passados

nunca voltam, pequeno Jims, e os de hoje são sombrios e nublados, e não ousamos pensar nos de amanhã.”

11 de dezembro de 1917.

“Recebemos notícias maravilhosas hoje. As tropas britânicas tomaram Jerusalém ontem. Nós hasteamos a bandeira, e a Gertrude recobrou momentaneamente o velho brilho.”

“‘Afinal’, disse ela, ‘vale a pena estar viva para ver o objetivo das cruzadas ser alcançado. Os fantasmas de todos os cruzados devem ter cercado os muros de Jerusalém na noite passada, em homenagem ao Coração de Leão⁵²’.”

“Susan também tinha motivos para estar feliz’.

“‘Fico contente por conseguir pronunciar Jerusalém e Hebron’, disse. ‘Isso me deixa confiante depois de Przemysl Brest-Litovsk! Bem, pelo menos colocamos os turcos para correr, Veneza está segura, e o lorde Lansdowne⁵³ não será levado a sério, então não vejo motivos para ficarmos cabisbaixos.’”

“Jerusalém! A bandeira da Inglaterra tremula sobre ti. A lua crescente se foi. Como o Walter estaria extasiado!”

18 de dezembro de 1917

“Ontem aconteceram as eleições. No fim da tarde, a Susan, a Gertrude e eu nos reunimos na sala e aguardamos ansiosamente, pois o papai tinha ido até a vila. Não tínhamos como ouvir as notícias porque a loja do Carter Flagg não fica na mesma linha que nosso telefone, e quando tentamos fazer uma ligação a central disse que a linha ‘estava ocupada’, e com certeza estava, já que todos da redondeza estavam tentando fazer a mesma coisa.”

“Por volta das dez horas Gertrude foi telefonar e ouviu por acaso alguém do outro lado do porto conversando com Carter Flagg. Gertrude escutou toda a conversa desavergonhadamente e recebeu o castigo que todos que ouvem às escondidas recebem: más notícias. O Governo da União não havia conseguido nada no Oeste.”

“Olhamos umas para as outras com desânimo. Se o Governo da União não havia conquistado o Oeste, então estava derrotado.”

“‘O Canadá é uma desgraça aos olhos do mundo’, disse Gertrude com amargura.”

“‘Se todo mundo fosse como os Crawford, isso não teria acontecido’, murmurou Susan. ‘Eles prenderam o tio no celeiro nessa manhã e só o

deixaram sair depois de prometer que votaria na união. É o que eu chamo de argumento eficaz, querida senhora’.”

“Gertrude e eu não conseguimos nos acalmar. Andamos de um lado para o outro até as nossas pernas se cansarem e sermos obrigadas a nos sentar. A mamãe se pôs a tricotar com a obstinação de um relógio enquanto fingia serenidade, ela fingiu tão bem que nos enganou e nos deixou com inveja até o dia seguinte, quando eu a flagrei desfazendo dez centímetros de uma das meias. Ela ultrapassara e muito a altura da canela!”

“O papai voltou depois da meia-noite. Ele parou na porta e nos encarou, e nós o encaramos de volta. Não ousamos perguntar o resultado. Aí ele anunciou que foi o Laurier que não conseguiu nada no Oeste, e que o Governo da União ganhou com a maioria de votos. Gertrude bateu palmas. Eu tive vontade de rir e chorar. Os olhos da mamãe cintilaram com o mesmo brilho de outrora, e a Susan emitiu uma mistura esquisita de suspiro com grito.”

“‘Isso não vai deixar o cáiser muto contente’, disse a Susan.”

“Fomos nos deitar, mas estávamos empolgados demais para dormir. Como a Susan declarou solenemente nessa manhã: ‘Querida senhora, a política é angustiante demais para as mulheres.’”

31 de dezembro de 1917.

“Nosso quarto Natal durante a guerra passou. Estamos tentando criar coragem para encarar o próximo ano. A Alemanha saiu-se vitoriosa durante boa parte do verão, e dizem que suas tropas no front da Rússia estão prontas para um ‘grande avanço’ na primavera. Às vezes sinto que não conseguiremos esperar o inverno todo para ver o que vai acontecer.”

“Recebi um calhamaço de cartas do estrangeiro nesta semana. Shirley também está no front agora, e nos escreve com a mesma frieza e prosaísmo com que nos escrevia sobre futebol na Queen’s. Carl escreveu que está chovendo há semanas, e que as noites nas trincheiras sempre o fazem lembrar daquela noite muito tempo atrás, quando pagou penitência no cemitério por ter fugido do fantasma do Henry Warren. As cartas dele são sempre repletas de piadas e comentários engraçados. Ele escreveu que haviam tido uma ótima caça aos ratos na noite anterior (espetando os roedores com as baionetas) e que levava o prêmio pelo saco mais pesado.

O Carl não se incomoda com ratos como algumas pessoas, pois ele sempre se deu bem com animaizinhos. Disse que está fazendo um estudo sobre os hábitos dos ratos nas trincheiras e que pretende escrever um tratado que algum dia o tornará famoso.”

“Ken escreveu uma carta curta. Suas cartas agora são bem sucintas: ele quase não inclui mais aquelas frases inesperadas e doces que amo tanto. Às vezes acho que ele se esqueceu da noite em que veio aqui se despedir, mas então uma linha ou palavra me fazem acreditar que se lembra e que sempre se lembrará. Por exemplo, na carta de hoje não havia nada que não podia ter sido escrita para qualquer outra garota, exceto o final: ele assinou ‘Seu Kenneth’ em vez de ‘Kenneth’, como costuma fazer. Será que foi intencional ou apenas um descuido? Vou passar metade da

noite me questionando. Ele agora é capitão. Estou feliz e orgulhosa, pois ainda assim, ‘Capitão Ford’ soa incrivelmente distante e ilustre. O Ken e o capitão Ford parecem pessoas diferentes. Posso estar praticamente noiva do Ken, a opinião da mamãe é meu apoio e baluarte, mas não do capitão Ford!”

“E o Jem agora é tenente: foi promovido em campo. Ele me mandou uma fotografia de uniforme. Parece magro e mais velho... velho... meu irmãozinho Jem. Nunca me esquecerei da expressão da mamãe ao vê-lo. ‘Esse é meu pequeno Jem... o bebezinho da Casa dos Sonhos?’ Foi tudo que disse.”

“Faith também me escreveu. Ela está se voluntariando como enfermeira na Inglaterra, e suas cartas são cheias de alegria e esperança. Creio que se sente quase feliz, ela viu Jem na última licença dele, e os dois estão tão próximos que ela poderia cuidar dele se Jem se ferisse. Isso significa muito para ela. Ah, se ao menos eu estivesse com ela! Mas meu trabalho é aqui em casa. Sei que o Walter não gostaria que eu deixasse a mamãe e tento ‘manter a fé’ por ele em todos os detalhes da minha rotina. O Walter morreu pelo Canadá, então eu devo viver por ele. Foi o que me pediu.”

20 de janeiro de 1918.

“‘Vou ancorar minha alma atormentada à frota britânica e preparar uma fornada de bolachas’, disse a Susan hoje para a prima Sophia, que apareceu aqui com uma história estranha sobre um submarino novo de máxima potência lançado recentemente pela Alemanha.’ Susan não

anda de bom humor, devido às restrições culinárias. Sua lealdade ao Governo da União está sendo testada. De início ela as encarou com valentia. Quando saiu a ordem referente à farinha, ela disse com animação: ‘Sou um cachorro velho tentando aprender novos truques e aprenderei a fazer pão de guerra se isso ajudar a derrotar os hunos’.”

“Mas as próximas sugestões vieram de encontro com seu espírito. Se não fosse em respeito ao papai, acho que ela teria insultado o sir Robert Borden.”

““É o fim da picada, querida senhora! Como vou fazer um bolo sem manteiga ou açúcar? Não é possível! Não é um bolo de verdade. Enfim, seria uma massa qualquer e não poderíamos nem camuflá-la com um pouco de cobertura! E pensar que eu vivi para ver o governo de Ottawa entrar na minha cozinha para impor o racionamento!””

“Susan daria até a última gota de seu sangue ‘pelo rei e pelo país’, mas renunciar às amadas receitas era uma questão diferente e muito mais grave.”

“Também recebi cartas de Nan e de Di, ou melhor, bilhetes, pois estão muito ocupadas com as provas finais que se aproximam. Elas se formarão em Artes na primavera. Evidentemente, serei a ignorante da família. Por algum motivo, nunca tive interesse em ir para a faculdade. Receio não ter muitas ambições na vida. Só há uma coisa que eu realmente gostaria de ser e não tenho certeza se vai acontecer. Não revelarei o que é. Como diz a prima Sophia, seria deselegante escrever sobre essas coisas.”

“Vou contar. Não serei coagida pelas convenções da prima Sophia! Quero ser a esposa do Kenneth Ford! Pronto, aí está!”

“Olhei-me no espelho e não vi nenhum sinal de rubor. Suponho que eu não seja uma dama exemplar.”

“Fui ver o Segunda-feira hoje. Apesar de estar muito fraco e reumático, continua esperando pelo trem. Ele bateu o rabo no chão e me encarou com um olhar implorante. “Quando o Jem voltará?”, parecia dizer. Ah, Segunda-feira, não há resposta para essa pergunta, assim como não há para a que nos fazemos constantemente: “O que acontecerá quando o Alemanha realizar seu último ataque em busca da vitória no front ocidental?”

1 de março de 1918.

“O que a primavera nos trará?”, refletiu Gertrude hoje. ‘Nunca tive tanto medo da primavera. Acha que voltaremos a viver sem ter medo? Faz quatro anos que vamos para a cama e nos levantamos com medo. Ele é o convidado indesejado em todas as refeições e o penetra em todas as confraternizações’.”

“Hindenburg disse que chegará em Paris no dia 1º de abril’, suspirou a prima Sophia.”

“Hindenburg!’ A pena e a tinta são incapazes de expressar o desprezo de Susan. ‘Será que ele se esqueceu que dia é 1º de abril?’”

“Até agora, o Hindenburg fez o que prometeu’ disse Gertrude, com um pessimismo digno da prima Sophia.”

“Sim, contra os russos e os romenos’, retrucou Susan. ‘Espere até ele se deparar com os britânicos e os franceses, sem falar dos ianques, que estarão lá o quanto antes e sem dúvida farão um excelente trabalho.’”

“Você disse a mesma coisa antes do confronto em Mons’, comentei.”

“Hindenburg disse que sacrificará milhares de vidas para derrubar os Aliados’, disse Gertrude. ‘A esse preço, é melhor que consiga alguma coisa. E como suportaremos, mesmo que ele acabe sendo derrotado? Os últimos dois meses de espera pelo golpe final foram mais longos do que toda a guerra. Eu trabalho incansavelmente o dia inteiro e acordo às três da manhã me perguntando se as legiões por fim atacaram. É quando vejo Hindenburg em Paris e a Alemanha vitoriosa. É somente nessa maldita hora que tenho essas visões.’”

“Susan lançou um olhar de reprovação ao ouvir o adjetivo usado pela Gertrude, mas não disse nada.”

“Quem dera fosse possível tomar uma poção mágica para dormir pelos próximos três meses e então acordar e descobrir que o Armagedon já passou’, disse a mamãe, com uma sutil impaciência.”

“É raro a mamãe se deixar levar por desejos desse tipo ou pelo menos ouvi-la expressá-los. Ela mudou bastante desde aquele dia terrível em setembro em que descobrimos que o Walter não voltaria mais. No entanto, sempre foi corajosa e paciente. Agora, é como se até ela tivesse chegado ao limite.”

“Susan aproximou-se e colocou a mão no ombro dela.”

“‘Não tenha medo nem perca as esperanças, querida senhora’, disse com gentileza. ‘Também me senti um pouco assim na noite passada. Eu me levantei, acendi a lamparina e abri a Bíblia e sabe qual foi o primeiro verso em que meus olhos pousaram? *E eles pelejarão contra ti, mas não prevalecerão; porque estou contigo, diz o Senhor, para te livrar*⁵⁴. Não tenho o dom dos sonhos como a senhorita Oliver, mas soube naquele momento que era um sinal de que Hindenburg jamais colocará os pés em Paris, querida senhora. Aí eu não li mais nada e voltei a dormir, e não acordei às três da manhã e em nenhum outro horário até o amanhecer.’”

“Repito sempre para mim mesma o versículo que a Susan leu. O Senhor está conosco, e os espíritos de todos os homens justos e todas as legiões e as armas que a Alemanha está levando para o front serão inúteis contra essa barreira. Assim me sinto bem alguns momentos, todavia em outros me sinto como a Gertrude: como se não aguentasse mais essa calma horrível e sinistra antes da tempestade.”

23 de março de 1918.

“O armagedon começou! ‘A maior batalha de todas.’ Será? Eu me pergunto. Fui até o correio ontem. Foi um dia sombrio e amargo. A neve se foi, só que o chão cinzento e sem vida estava congelado e um vento cortante soprava. O vale inteiro parecia feio e melancólico.”

“Então vi as manchetes em letras enormes e destacadas dos jornais. A Alemanha atacou no dia 21 e alega ter feito prisioneiros e tomado um grande arsenal. O general Haig afirma que ‘os confrontos intensos continuam’. Não gostei nem um pouco dessa última expressão.”

“Não somos capazes de realizar nenhum trabalho que exija concentração. Por isso tricotamos com fervor, pois é o que conseguimos fazer mecanicamente. Pelo menos a espera excruciante terminou, ficou a dúvida penosa de onde e quando o desfecho aconteceria. E enfim aconteceu e eles não nos vencerão!”

“Ah, o que será que está acontecendo no front ocidental nesta noite enquanto escrevo em meu diário, sentada em meu quarto? Jims está dormindo no berço e o vento geme ao redor da casa. Pendurada sobre a minha escrivaninha há uma foto do Walter, encarando-me com seu olhar profundo; a Mona Lisa que ele me deu no último Natal que passou aqui está ao lado e do outro há uma cópia emoldurada de *O Flautista*. É como se eu pudesse ouvir a voz dele declamando o poema

em que depositou a alma e que viverá para sempre, imortalizando o nome do Walter para o futuro da nossa terra. Sinto-me tranquila e em paz, pois ele parece estar perto de mim... se ao menos eu pudesse erguer o fino véu que separa nossos mundos, eu o veria, assim como ele viu o flautista na noite anterior a Courcellette.”

“Lá na França, nesta noite... será que os Aliados resistirão?”

Trecho de *A Peregrinação de Childe Harold*, de Lord Byron. (N. T.)

Durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, alguns países envolvidos nos conflitos emitiram títulos para financiar operações militares. “Victory Loan” foi o nome popular desse programa no Canadá. (N. T.)

Partido político histórico formado em 1917, composto por antigos membros dos partidos conservador e liberal, dentre outros representantes, que propunha o alistamento militar compulsório. (N. T.)

Ricardo I ([1157-1199](#)), também conhecido como Ricardo Coração de Leão, foi [rei da Inglaterra](#) e chefão a Terceira Cruzada. (N. T.)

Henry Charles Keith Petty-Fitzmaurice (1845-1927), enquanto no cargo de ministro, escreveu uma infame carta a um jornal londrino pedindo que a Grã-Bretanha negociasse a paz com a Alemanha. (N. T.)

Referência ao Antigo Testamento, Jeremias 1:19 (N. T.)



Domingo obscuro

Em março do ano da graça de 1918 houve uma semana cuja concentração de sofrimento humano foi maior do que em qualquer outra na história. Naquela semana houve um dia em que toda a humanidade se sentiu pregada à cruz; nesse dia, o planeta inteiro deve ter ficado a ponto de sofrer uma convulsão universal. Por toda a parte, os corações transbordavam de medo.

O amanhecer foi silencioso e frio em Ingleside. A senhora Blythe, Rilla e a senhorita Oliver se arrumaram para ir à igreja em um suspense carregado de esperança e fé. O doutor não estava em casa, pois tinha sido chamado de madrugada para ir à residência dos Marwood em Upper Glen, onde uma jovem esposa da guerra lutava bravamente em sua própria batalha para trazer uma vida, e não a morte, a este mundo. Susan anunciou que ficaria em casa naquela manhã, uma decisão rara da parte dela.

– Prefiro não ir à igreja nesta manhã, querida senhora – explicou.

– Se o Bigodinho estiver lá com aquela expressão santa e jubilosa que faz sempre que os hunos estão ganhando, receio que perderei a paciência e meu decoro e arremessarei uma Bíblia ou um hinário nele, desgraçando assim a mim mesma e a morada de Deus. Não, querida senhora.

Vou me ausentar da igreja até que a maré mude e rezarei com todas as forças daqui mesmo.

– Acho que também ficarei em casa, apesar de todo o bem que a igreja me proporciona – disse a senhorita Oliver à Rilla enquanto caminhavam pela estrada vermelha e enregelada. – Só consigo pensar se nossas tropas estão resistindo.

– No próximo domingo é Páscoa – disse Rilla. – Será um presságio de morte ou vida para nossa causa?

O senhor Meredith começou o sermão com o versículo “aquele que perseverar até o fim será salvo” e suas palavras inspiraram esperança e

confiança. Rilla, olhando para o memorial acima do banco da família, “em homenagem a Walter Cuthbert Blythe”, sentiu-se livre da tensão e revitalizada. Walter não podia ter perdido a vida por nada. Ele tinha o dom das visões proféticas e havia previsto a vitória. Ela se aferraria àquela crença: os Aliados resistiriam.

Renovada, ela voltou para casa quase alegre. As demais também voltaram com novas esperanças e com um sorriso para Ingleside. Não havia ninguém na sala de estar além do Jims, que tinha adormecido no sofá, e o Doc, repousando em silêncio sobre o tapete da lareira com ares de Senhor Hyde. Também não havia ninguém na sala de jantar, e o mais estranho de tudo era que o almoço não estava na mesa, que sequer havia sido posta. Onde estava Susan?

– Será que está doente? – perguntou a senhora Blythe, preocupada. –

Achei estranho ela não ter ido à igreja.

A porta da cozinha se abriu e Susan apareceu com uma expressão tão lúrida que a senhora Blythe exclamou, assustada:

– Susan, o que aconteceu?

– A linha de defesa britânica foi derrubada e Paris está sendo bombardeada pelos alemães – disse Susan com pesar.

As três se entreolharam, chocadas.

– Isso seria um absurdo – disse Gertrude Oliver e soltou uma gargalhada medonha.

– Susan quem te contou isso? Quando a notícia chegou? – perguntou a senhora Blythe.

– Recebi uma chamada de longa distância de Charlottetown meia hora atrás. A notícia chegou na noite passada. Foi o doutor Holland que ligou, confirmando infelizmente a notícia. Desde então, não consigo fazer nada.

Sinto muito o almoço não estar pronto. É a primeira vez que sou tão negligente. Se tiver um pouquinho de paciência, logo prepararei algo para comerem, mas receio que tenha deixado as

batatas queimarem.

– Almoço! Ninguém quer almoçar, Susan – disse a senhora Blythe.

– Ah, é inacreditável... deve ser um pesadelo.

– Paris está perdida, a França está perdida, a guerra está perdida

– arfou Rilla em meio às ruínas de sua confiança e de sua fé.

– Oh, Deus, oh, Deus... – murmurava Gertrude Oliver, caminhando pela sala enquanto retorcia as mãos. – Oh... Deus!

Nada mais, nenhuma outra palavra, nada além das súplicas ancestrais, o pranto de agonia suprema tão velho quanto o tempo que vem do coração humano quando vê que perdeu tudo.

– Deus morreu? – perguntou uma vozinha que veio da porta da sala. Jims estava parado ali, ainda com o rosto vermelho de sono e com um olhar amedrontado. – Willa... Deus morreu?

A senhorita Oliver parou de andar e de lamentar e encarou Jims. Lágrimas de medo começavam a se formar nos olhos do menino. Rilla correu para confortá-lo, e Susan se levantou da cadeira onde havia

se largado.

– Não – disse energeticamente, recuperando-se. – Não, Deus não morreu e nem Lloyd George. Estamos nos esquecendo disso, querida senhora. Não chore, pequeno Kitchener. As coisas poderiam ser ainda piores. As tropas britânicas podem ter cedido, mas não a marinha. Então, vamos nos concentrar nisso. Vou preparar algo para comermos, pois precisamos recobrar as forças.

Ninguém conseguiu comer. Ingleside jamais se esqueceu daquela tarde sombria. Gertrude Oliver caminhou de um lado para o outro, todos caminharam de um lado para o outro com a exceção da Susan, que sacou as agulhas de tricô.

– Querida senhora, serei obrigada a tricotar no domingo. Nunca sonhei em fazer isso antes, pois, diga o que disser, considero uma violação do terceiro mandamento. Só sei que, se não tricotar hoje, enlouquecerei.

– Tricote, Susan – respondeu a senhora Blythe, nervosa. – Se eu pudesse, também o faria, mas não posso, não consigo.

– Se ao menos tivéssemos mais informações – murmurou Rilla.

– Talvez alguma coisa nos encorajaria.

– Sabemos que os alemães estão bombardeando Paris – disse a senhorita Oliver. – Nesse caso, eles devem ter passado por cima de todo mundo e estar bem nos portões da cidade. Nós perdemos, encaremos esse fato como outros povos fizeram no passado. Outras nações já sacrificaram seus melhores e mais corajosos homens em nome da verdade, só para serem derrotados. A nossa é apenas mais uma das muitas que só sofreram com a derrota.

– Não desistirei tão fácil – gritou Rilla, recuperando a cor. – E não entrarei em desespero. Não fomos conquistados. Não, mesmo se a Alemanha conquistar toda a França, não seremos conquistados. Estou envergonhada de mim mesma por esse momento de pânico. Vocês não me verão perder a

cabeça desse jeito novamente. Vou ligar para a cidade e descobrir mais detalhes.

Só que foi impossível. O operador de longa distância estava soterrado de ligações similares provenientes de todas as partes do país em rebuliço. Rilla por fim desistiu e escapuliu para o Vale do Arco-Íris. Lá, ela ajoelhou-se na grama morta e cinzenta no recanto onde Walter e ela conversaram pela última vez e recostou a cabeça no tronco coberto de musgo de uma árvore caída. O sol apareceu por entre as nuvens negras, despejando seu esplendor dourado e etéreo sobre o vale. Os sinos das Árvores Enamoradas tilintavam magicamente sob o vento impetuoso de março.

– Oh Deus, dê-me forças – sussurrou Rilla. – Apenas força... e coragem. –

Então ela juntou as mãos como uma criança faria e disse, como o Jims teria dito: – Por favor, envie notícias melhores amanhã.

Ela ficou ajoelhada ali por um bom tempo e voltou para Ingleside mais calma e resoluta. O doutor já estava em casa, exausto e triunfante, pois o pequeno Douglas Haig Marwood havia chegado em segurança ao reino do tempo. Gertrude ainda caminhava de um lado para o outro, mas a senhora Blythe e a Susan já tinham se recuperado do choque. Susan já planejava uma nova linha de defesa para os portos do canal.

– Contanto que consigamos detê-los – declarou –, a situação estará a nosso favor. Paris realmente não tem nenhuma importância militar.

– Cuidado – disse Gertrude com brusquidão, como se a Susan tivesse esbarrado nela. O termo gasto e batido “sem importância militar” soava como uma zombaria agourenta naquelas circunstâncias, e era mais difícil de suportar do que a voz do desespero.

– Fiquei sabendo da notícia na casa dos Marwood – comentou o doutor. – Só que essa história do bombardeio em Paris me parece um tanto absurda. Mesmo que tenham ultrapassado as defesas, o ponto mais próximo fica a oitenta quilômetros de Paris. Como os alemães conseguiram levar toda a artilharia até lá em tão pouco tempo? Senhoras, essa parte da história pode ser falsa. Vou tentar ligar para a cidade.

O doutor teve tanto êxito quanto Rilla, mas sua opinião as animou um pouco e as ajudou a atravessar a tarde. Às nove da noite, uma ligação de longa distância os ajudou a sobreviver à noite.

– A defesa caiu apenas em um lugar, no canal St. Quentin – informou o doutor ao desligar –, e as tropas britânicas estão recuando sem grandes problemas. Isso não é tão ruim. Quanto às bombas atingindo Paris, elas são

disparadas de uma distância de 113 quilômetros por uma arma de longa distância incrível inventada pelos alemães, que acompanha as tropas ofensivas. É tudo que sabemos até o momento, e o doutor Holland afirma que são informações confiáveis.

– Teriam sido notícias horríveis ontem, mas, comparadas com as de hoje, até que são boas – disse Gertrude. – Mesmo assim, receio que não conseguirei dormir muito nesta noite – acrescentou, tentando sorrir.

– Há um motivo para ficarmos gratas, em todo caso, querida senhora – disse Susan. – A prima Sophia não veio aqui hoje. Eu realmente não teria conseguido suportá-la diante de toda situação.

Referência ao Novo Testamento, Mateus 24:13. (N. T.)



Ferido e desaparecido

“Abatidos, mas não derrotados” foi a manchete no jornal da segunda-feira, que ela repetiu para si mesma enquanto trabalhava.

A lacuna aberta pelo desastre de St. Quentin foi reparada em pouco tempo, todavia os Aliados estavam sendo forçados a recuar do território que haviam conquistado em 1917 ao custo de meio milhão de vidas. Na quarta-feira, a manchete foi, “Britânicos e franceses refreiam os alemães”; entretanto, as retiradas continuam. Para trás, e para trás, e para trás! Onde isso terminaria? Será que as defesas seriam derrubadas de novo, catastroficamente, dessa vez?

No sábado, a manchete foi “Berlim admite que ofensiva foi contida”, e pela primeira vez naquela semana terrível o pessoal de Ingleside ousou respirar fundo.

– Bem, uma semana já foi. Agora, que venha a próxima – disse Susan, determinada.

– Sinto-me como um prisioneiro amarrado no potro – disse a senhorita Oliver para a Rilla a caminho da igreja no domingo de Páscoa. – Só que a tortura não acabou. Ela pode recomeçar a qualquer momento.

– Eu duvidei de Deus no domingo passado – disse Rilla –, mas não hoje. O mal não vencerá. Deus está do nosso lado, e ele é mais forte do que os homens.

Contudo, a fé dela foi testada várias vezes na primavera sombria daquele ano. O *armagedon* não durou alguns dias, como esperavam. Ele prolongou-se por semanas e, então, por meses. Diversas vezes Hindenburg desferiu seus ataques abruptos e alarmantes, ainda que infrutíferos. Diversas vezes os especialistas militares declararam a situação extremamente perigosa. Diversas vezes a prima Sophia concordou com os especialistas.

– Se os Aliados recuarem mais cinco quilômetros, a guerra estará perdida – lamentou.

– A marinha britânica está atracada nesses cinco quilômetros? – perguntou Susan com sarcasmo.

– É a opinião de um homem que sabe tudo do assunto – respondeu a prima Sophia com austeridade.

– Ninguém é capaz de saber tudo – retrucou Susan. – Quanto aos especialistas militares, eles não sabem mais do que você e eu. Eles já erraram inúmeras vezes. Por que você sempre olha para o lado negativo das coisas, Sophia Crawford?

– Porque não há um lado positivo, Susan Baker.

– Ah, não? Hoje é 20 de abril, e o Hindy ainda não chegou em Paris, apesar de ter dito que a atacaria no dia 1º de abril. Isso não é positivo?

– Acredito que os alemães chegarão em Paris muito em breve. E digo mais, Susan Baker, eles ainda virão para o Canadá.

– Não nesta parte do país. Os hunos jamais colocarão os pés na Ilha do Príncipe Edward enquanto eu puder empunhar um forcado – declarou Susan, com ares de quem seria capaz de enfrentar o exército alemão inteiro sozinha.

– Não, Sophia Crawford, para falar a verdade, estou cansada de suas previsões lúgubres. Não nego que alguns erros foram cometidos. Os alemães não teriam voltado para Passchendaele se os canadenses tivessem continuado lá e foi uma péssima manobra confiar nos portugueses no rio

Lys. Porém isso não é emotivo para proclamar que a guerra está perdida. Não quero discutir, ainda mais em um momento como esse, mas temos que manter o moral elevado. Vou ser sincera: se você continuar com esse pessimismo, sua ausência será preferível à sua companhia.

Indignada, a prima Sophia marchou para casa para digerir aquela afronta e não apareceu na cozinha da Susan por várias semanas. Talvez tenha sido melhor assim, pois foram semanas árduas. Os alemães continuaram atacando hora aqui, hora ali, e pontos vitais dos Aliados sucumbiram. Em um dia no início de maio, em que o vento e o sol brincavam no Vale do Arco-Íris, o bosque de bordos reluzia em dourado e verde, e o porto estava todo pintado de azul e salpicado pelo branco da crista das ondas, chegaram notícias do Jem.

Houve um ataque no front canadense, tão insignificante que sequer foi mencionado nas notícias. Quando terminou, o tenente James Blythe foi dado

como “ferido e desaparecido”.

– Acho que isso é pior do que se ele tivesse morrido – murmurou Rilla por entre os lábios pálidos naquela noite.

– Não, não... “desaparecido” ainda nos dá esperanças – afirmou Gertrude Oliver.

– Sim... esperanças torturantes e agonizantes que impedem que nos resignemos ao pior – disse Rilla. – Ah, senhorita Oliver, teremos que suportar semanas e meses sem saber se o Jem está vivo ou morto? Talvez nunca descubramos. Eu não aguento mais. Primeiro o Walter, e agora o Jem. Isso vai ser a morte para a mamãe. Veja só o rosto dela, senhorita Oliver, e me diga se não concorda. E a Faith, a pobre Faith... como ela reagirá?

Gertrude estremeceu. Ela olhou para os quadros pendurados sobre a escrivaninha da Rilla e sentiu um ódio súbito da serenidade perpétua da Mona Lisa.

“Nem isso consegue apagar esse sorriso do seu rosto?”, pensou, revoltada. No entanto, ela disse com gentileza:

– Não, isso não vai matá-la. Ela é muito mais resiliente do que aparenta. Além disso, ela se recusa a acreditar que o Jem morreu. Todos nós devemos fazer como ela e nos agarrar à esperança. Pode ter certeza de que a Faith fará isso.

– Eu não consigo. O Jem foi ferido. Que chances ele tem? Mesmo se os alemães o encontrarem, nós sabemos como eles tratam os prisioneiros feridos. Quem dera eu pudesse ter esperança, senhorita Oliver... ajudaria muito, suponho, mas parece que ela morreu dentro de mim. Não consigo esperar pelo melhor sem uma razão e não há nenhuma.

A senhorita Oliver foi para o quarto dela, e Rilla continuou deitada na cama sob o luar, rezando desesperadamente por um pouco de forças. Susan entrou como uma sombra esquelética e sentou-se ao lado dela.

– Rilla, querida, não se preocupe. O pequeno Jem não morreu.

– Como consegue acreditar nisso, Susan?

– Porque eu sei. Ouça, quando a notícia chegou hoje de manhã, a primeira coisa que pensei foi no Segunda-feira. E assim que terminei de lavar a louça do jantar e de preparar o pão, eu fui até a estação. E lá estava o cachorro, esperando pacientemente pelo trem como de costume. Querida Rilla, o ataque às trincheiras aconteceu quatro dias atrás, na segunda-feira. Eu perguntei ao agente da estação se ele poderia me informar se o cão uivou ou fez algum tipo de barulho estranho na segunda à noite. Ele pensou por um

instante e então falou “não”. “Tem certeza? Sua resposta é mais importante do que parece”, insisti. “Certeza absoluta. Fiquei acordado a noite inteira porque minha égua estava doente, e ele não deu um latido sequer. Eu teria ouvido, pois a porta do estábulo ficou aberta o tempo inteiro e o canil fica bem na frente.” Essas foram as palavras exatas dele, querida. Você sabe que o pobre coitado uivou a noite inteira depois da batalha de Courcellette. E ele nem era tão apegado ao Walter como é com o Jem. Agora, você acha que ele teria dormido tranquilamente se o Jem tivesse sido morto? Não, querida Rilla, o pequeno Jem não morreu, escreva o que estou dizendo. O Segunda-feira saberia, assim como soube daquela vez, e já teria parado de esperar pelos trens.

Era absurdo e irracional, e impossível. Todavia Rilla acreditou, e a senhora Blythe acreditou; o doutor, apesar do débil sorriso de escárnio, sentiu o desalento inicial ser substituído por uma estranha confiança. E por mais tolo ou absurdo que fosse, todos recobriram o ânimo para seguir em frente graças ao cãozinho fiel que ainda aguardava o dono regressar na estação Glen. O bom senso e a incredulidade podiam até murmurar que aquilo não passava de “mera superstição”, mas os corações de Ingleside confiavam no Segunda-feira.



A maré muda

Susan ficou muito entristecida ao ver o lindo e antigo jardim de Ingleside ser arado para o plantio de batatas naquela primavera. Mas não reclamou, mesmo quando seu amado canteiro de peônias foi sacrificado. Porém, quando o governo instituiu sobre o horário de verão, ela se recusou a adotá-lo. Susan era leal a um Poder Supremo muito maior do que o Governo da União.

– Você acha que é correto interferir nas leis do Todo-Poderoso?
– perguntou ao doutor com indignação. Impassível, ele respondeu que o governo deveria ser obedecido e que os relógios de Ingleside seriam adiantados. Só que o pequeno despertador da Susan estava fora de sua jurisdição.

– Eu o comprei com meu dinheiro, querida senhora – alegou Susan com firmeza –, e ele continuará sob o horário de Deus, e não do Borden.

Susan se levantava, ia para a cama e organizava seus afazeres de acordo com o “horário de Deus”. A contragosto, ela obedecia ao horário do Borden para servir as refeições e ir à igreja, o que considerava uma grande ofensa.

Ainda assim, ela fazia as orações e alimentava as galinhas segundo o próprio relógio, e por isso sempre olhava para o doutor com um sutil ar de triunfo. Pelos menos nisso ela estava levando a melhor.

– O Bigodinho está muito contente com esse negócio de horário de verão – comentou, certa noite. – O que faz sentido, já que foram os alemães que o inventaram, até onde sei. Ouvi dizer que ele quase perdeu toda a colheita de trigo. As vacas do Warren Mead invadiram a plantação na semana passada, no mesmo dia em que os alemães dominaram a “Cheman-de-damsm”, o que pode ser coincidência ou não, e causaram um belo estrago até que a esposa do senhor Dick Clow visse a cena da janela do sótão. A princípio ela não pensou em avisar o senhor Pryor. Ela me disse que sentiu uma certa satisfação em ver aquelas vacas devorando o trigo, era o que ele merecia.

Mas aí ela refletiu que aquela colheita era de grande importância nesses tempos de racionamento, e por isso aquelas vacas tinham que ser tiradas dali o quanto antes. Então ela telefonou para o Bigodinho. Tudo que ouviu em agradecimento foram algumas palavras esquisitas. Ela não pode afirmar que foram xingamentos, uma vez que não dá para ter certeza do que ouvimos pelo telefone, mas ela tem uma hipótese, e eu também. Só não vou dizer o que penso porque aí vem o senhor Meredith, e o Bigodinho é um dos membros do conselho da igreja. Temos que ser discretos.

– Estão procurando a estrela nova? – perguntou o senhor Meredith ao aproximar-se da senhorita Oliver e da Rilla, que estavam paradas entre as ramas de batata olhando para o céu.

– Sim e a encontramos! Veja, é aquela logo acima da ponta do pinheiro mais alto.

– É maravilhoso poder ver algo que aconteceu três mil anos atrás, não é mesmo? – disse Rilla. – É quando os astrônomos acham que ocorreu a colisão que gerou essa estrela nova. Isso me faz sentir horrivelmente insignificante – acrescentou com um murmúrio.

– Nem esse evento, dentro da perspectiva dos sistemas estelares, é capaz de ofuscar o fato de que os alemães estão de novo a um passo de Paris – disse Gertrude, aflita.

– Acho que eu teria gostado de ser um astrônomo – comentou o senhor Meredith em tom sonhador, admirando a estrela.

– Há uma satisfação peculiar em olhar para os astros – concordou a senhorita Oliver –, uma satisfação extraterrena, em mais de um sentido. Gostaria de ter alguns amigos astrônomos.

– É lindo falar dos anfitriões celestiais – riu Rilla.

– Será que os astrônomos se interessam por assuntos terrenos? – quis saber o doutor. – Talvez alguns quilômetros de trincheiras conquistados ou perdidos no front ocidental sejam insignificantes para os estudiosos dos canais de Marte.

– Li em algum lugar que o Ernest Renan escreveu um de seus livros durante o cerco de Paris de 1870 e que “gostou muito da experiência” – disse o senhor Meredith. – Creio que podemos considerá-lo um filósofo.

– Também li que pouco antes de morrer, ele disse que seu único arrependimento era não poder ver aonde aquele “jovem extremamente interessante, o imperador alemão” iria chegar na vida – disse a senhorita

Oliver. – Se o Ernest Renan estivesse vivo para ver o que aquele jovem interessante fez com sua amada França, e quiçá com o mundo, me pergunto se manteria a indiferença que demonstrava em 1870.

“Eu me pergunto onde o Jem está nesta noite”, pensou Rilla com um acesso repentino e amargo de recordações.

Fazia mais de um mês que ele havia desaparecido. Apesar de todos os esforços, nada fora descoberto. Chegaram duas ou três cartas dele, escritas antes do ataque às trincheiras, desde então reinou o mais absoluto silêncio. Agora os alemães estavam novamente no Marne, aproximando-se pouco a pouco de Paris, porém, agora havia rumores de outra ofensiva austríaca no Piave. Rilla abaixou o olhar, sentindo o coração pesado. Era um daqueles momentos em que a esperança e a coragem desapareciam por completo, em que parecia inconcebível viver mais um dia sequer. Se ao menos eles soubessem o que tinha acontecido com o Jem, porém, é impossível enfrentar uma incerteza. É difícil manter o moral elevado em meio ao medo, à dúvida e ao suspense. Alguma notícia já teria chegado se Jem estivesse vivo. Ele só podia estar morto, mas eles jamais saberiam, jamais teriam certeza e o Segunda-feira morreria de velhice esperando pelo trem. Ele era apenas um cãozinho fiel e reumático que sabia tanto quanto eles sobre o destino do dono.

Rilla só conseguiu pegar no sono de madrugada. Quando acordou, ela deparou-se com Gertrude Oliver inclinada sobre o parapeito da janela, contemplando o mistério prateado do amanhecer. Seu perfil sagaz e marcante, emoldurado pelos cabelos negros e volumosos, destacava-se com nitidez contra o dourado suave da alvorada. Rilla lembrou-se da admiração do Jem pelo delineamento da testa e do queixo da senhorita Oliver, e estremeceu. Tudo que a fazia lembrar-se do irmão estava se tornando intolerável. A morte do Walter abriu uma ferida terrível no coração dela. Mas foi um corte preciso que sarou lentamente, como a maioria dos machucados, deixando uma cicatriz para sempre. Contudo, a tortura do desaparecimento do Jem era diferente: havia um veneno que a impedia de cicatrizar. O alternar constante entre esperança e desespero, a espera diária e interminável por uma carta que nunca chegava, que talvez jamais fosse chegar, as histórias nos jornais sobre os maus-tratos que sofriam os prisioneiros e a incerteza cruel sobre o estado de saúde do Jem eram coisas que se tornavam cada vez mais insuportáveis.

Gertrude virou-se. Havia um brilho diferente nos olhos dela.

– Rilla, tive outro sonho.

– Ah, não... não – exclamou Rilla, encolhendo-se. Os sonhos da senhorita Oliver sempre profetizavam desastres iminentes.

– Rilla, foi um sonho bom. Ouça. Ele começa como aquele de quatro anos atrás, em que estou nos degraus da varanda de Ingleside olhando para o vale.

Ele ainda estava encoberto por ondas que chegavam até os meus pés. Então, as ondas começaram a recuar, tão rapidamente

quanto haviam chegado, e foram recuando em direção ao golfo até que o

vale ressurgiu diante dos meus olhos, lindo e verdejante, com um arco-íris sobre o Vale do Arco-Íris, de cores tão vívidas que me deixaram estupefata.

E aí acordei. Rilla! Rilla Blythe, a maré está mudando.

– Quem dera puder acreditar nisso – suspirou Rilla.

Gertrude recitou com alegria:

Minhas profecias tristes se tornaram realidade

*Acredite nelas quando augurarem felicidade.*⁵⁷

– Pois eu não tenho nenhuma dúvida – completou Gertrude.

Não obstante, apesar da grande vitória italiana no Piave alguns dias depois, ela duvidou várias vezes no mês duro que se seguiu e quando os alemães cruzaram de novo o rio Marne em meados de julho, o desespero tornou-se insustentável. Todos sentiram que seria tolice esperar que o milagre do Marne se repetisse. Porém, foi o que aconteceu: novamente, como em 1914, a maré mudou em Marne. As tropas francesas e americanas deram um ataque abrupto e esmagador no flanco exposto do inimigo e, com a rapidez inconcebível dos sonhos, todo o panorama da guerra mudou.

– Os Aliados tiveram duas vitórias tremendas – disse o doutor no dia 20 de julho.

– É o começo do fim, posso sentir – disse a senhora Blythe.

– Graças a Deus – disse Susan, juntando as mãos trêmulas. – Só que isso não vai trazer nossos garotos de volta – acrescentou, baixinho.

Mesmo assim ela saiu e hasteou a bandeira, pela primeira vez desde a queda de Jerusalém. Quando ela esvoaçou nobremente ao vento, Susan ergueu a mão e a saudou como vira o Shirley fazer.

– Todos nós sacrificamos alguma coisa para que você continue a flamular – disse. – Quatrocentos mil dos nossos meninos foram para o estrangeiro, e cinquenta mil deles perderam a vida. Todavia, você merece! – O vento

bagunçou os cabelos grisalhos sobre o rosto dela, e o avental xadrez que a cobria da cabeça aos pés fora confeccionado pensando mais na economia do que no estilo; ainda assim, de alguma forma, a figura de Susan emanava imponência naquele momento. Ela era uma das mulheres corajosas, tenazes, pacientes e heroicas que haviam tornado a vitória possível. Nela, todas saudavam o símbolo pelo qual seus entes queridos lutavam. Algo parecido ocorreu ao doutor enquanto a observava da porta.

– Susan – disse ele quando ela se virou para entrar em casa –, você tem sido uma rocha desde o princípio.

Chemin des Dames é o nome de uma região da França onde ocorreram diversos confrontos durante a Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

Trecho do poema *A Dama do Lago*, do escritor escocês sir Walter Scott (1771-1832). (N. T.)



A senhora Matilda Pittman

Rilla e Jims estavam na plataforma traseira do vagão quando o trem parou na pequena estação de Millward. A tarde de agosto estava tão quente que os vagões lotados estavam abafados. Ninguém sabia por que os trens paravam ali, já que nunca se via ninguém embarcar ou desembarcar. A casa mais próxima ficava a sete quilômetros, e o lugar era rodeado por acres de arbustos de mirtilo e abetos.

Rilla estava a caminho de Charlottetown para passar a noite com uma amiga e o dia seguinte fazendo compras para a Cruz Vermelha. Ela decidira levar o Jims junto em parte porque não queria amolar a Susan e a mãe, e em parte porque seu coração desejava ardentemente passar o máximo de tempo possível com ele antes de ter que dizer adeus. Ela havia recebido uma carta de James Anderson pouco tempo atrás. Ele fora ferido e estava hospitalizado e como não poderia mais voltar mais para o front, ele retornaria para casa o quanto antes para ficar com filho.

Rilla estava agoniada e também preocupada. Ela amava profundamente o Jims e iria sofrer muito quando tivesse que entregá-lo; contudo, se o Jim Anderson fosse um homem diferente e tivesse um lar adequado para uma criança, não seria tão ruim. Só que devolvê-lo a um pai errante, indolente e irresponsável, por maior que fosse seu coração, e Rilla sabia que o Jim Anderson era gentil e bondoso, era um prospecto desalentador. Era pouco provável que ele fosse continuar em Glen, como não tinha mais nenhum laço que o prendesse lá, era possível até que voltasse para a Inglaterra. Ela talvez não voltaria a ver o adorado e radiante Jims, de quem cuidara com tanto esmero. Com um pai desses, qual seria o destino do menino? Rilla pretendia implorar para que Jim Anderson o deixasse com ela, mas, depois daquela carta, suas expectativas eram baixas.

“Se ao menos ele ficasse em Glen, onde posso ficar de olho no Jims, eu não me preocuparia tanto”, refletiu. “Mas tenho quase certeza de que irá embora, e o Jims não terá a mínima chance. E ele é um garotinho tão esperto, com ambições, que não sei de quem herdou, e muita energia. Só que o pai nunca terá um centavo para lhe dar educação ou uma vida digna. Jims, meu filhinho da guerra, o que será de você?”

Jims não estava nem um pouco preocupado. Ele assistia com entusiasmo às estripulias de um esquilo listrado sobre o telhado da pequena estação. Quando o trem começou a se afastar da estação,

Jims inclinou-se para dar uma última olhada no bichinho e soltou da mão da Rilla, que estava tão absorta nos devaneios sobre o futuro do menino que não percebeu o que estava acontecendo no presente. Jims, então, perdeu o equilíbrio, foi lançado por cima dos degraus, cruzou a pequena plataforma e aterrissou em uma moita de samambaia do outro lado.

Rilla deu um berro e perdeu a cabeça. Ela pulou os degraus e saltou do trem.

Por sorte, o trem ainda não tinha ganhado velocidade; felizmente, Rilla teve o bom senso de pular na direção em que o trem se movia, de todo modo, ela se estatelou e rolou barranco abaixo, caindo em uma vala cheia de solidagos e ervas daninhas.

Ninguém viu o que aconteceu, e o trem desapareceu ao fazer a curva. Rilla levantou-se, atordoada, porém ilesa, cambaleou para fora da vala e correu para a plataforma, esperando encontrar o Jims morto ou em pedaços. Exceto por alguns machucados e pelo susto, o menino estava bem. O choque foi tão grande que ele nem chorou. Rilla, ao perceber que ele estava são e salvo, desatou a chorar e a soluçar.

– Que “tem” malvado – esbravejou Jims contra o trem. – E que Deus malvado – acrescentou, franzindo a testa para o céu.

Rilla soltou uma gargalhada em meio às lágrimas, e o resultado foi algo que o pai dela chamaria de histeria. Mas ela se recuperou antes que o acesso a dominasse.

– Rilla Blythe, que vergonha. Recomponha-se imediatamente. Jims, você não pode falar essas coisas.

– Deus me jogou “pa fola” do “tem” – declarou o menino em tom afrontoso. – Alguém me jogou. Não foi você, então, foi Deus.

– Não, não foi. Você caiu porque soltou da minha mão e inclinou-se demais para a frente. Eu falei para não fazer isso. A culpa foi toda sua.

Jims a encarou para se certificar de que ela estava falando sério; em seguida, voltou a olhar para o céu.

– Perdoe-me, então, Deus – disse com leveza.

Rilla também olhou para o céu, e não gostou nem um pouco do que viu, nuvens pesadas vinham do Norte. O que deveriam fazer? Não passaria outro trem naquele dia, já que o especial das nove horas só passava aos sábados. Será que conseguiriam chegar até a casa da Hannah Brewster, a três quilômetros de distância, antes da tempestade? Rilla achava que conseguiria fazer isso facilmente, mas com o Jims era outra história.

– Temos que tentar – disse Rilla com desespero. – Poderíamos também ficar na plataforma até a tempestade acabar, só que pode chover a noite inteira e, ademais, ficará um breu total. Se conseguirmos chegar até a casa da Hannah, ela deixará que passemos a noite por lá.

Hannah Brewster, quando ainda era Hannah Crawford, morou em Glen e foi colega de escola da Rilla. Elas eram boas amigas, ainda que Hannah fosse três anos mais velha. Casou-se bem jovem e foi morar em Millward.

Por causa do trabalho pesado, dos filhos e de um marido que não prestava para nada, ela raramente ia ao vilarejo. Rilla a visitara uma vez logo após o casamento e, desde então, não a vira nem ouvira mais falar dela; entretanto,

Rilla sabia que ela e o Jims encontrariam abrigo na casa da generosa Hannah, com seu rosto corado e o coração imenso.

Os primeiros trechos foram percorridos com facilidade, mas os seguintes foram mais exaustivos. A estrada, utilizada com pouca frequência, era acidentada e cheia de buracos. Jims ficou tão cansado que Rilla teve que carregá-lo pelo último trecho. Ao chegar na casa dos Brewster, quase exaurida, ela colocou o Jims no chão e suspirou de alívio. O céu havia escurecido por causa das nuvens, as primeiras gotas pesadas começavam a cair, e o estrondo dos trovões ficava cada vez mais alto. Foi quando Rilla fez uma descoberta desagradável. As cortinas estavam fechadas e as portas trancadas. Era evidente que os Brewster não estavam em casa. Rilla correu até o pequeno celeiro. Também estava trancado. Não havia outro refúgio. A casinha caiada e simplória não tinha sequer uma varanda.

Já estava quase de noite, e a situação ficava cada vez mais difícil.

– Vou entrar nem que tenha que quebrar uma janela – disse Rilla, decidida. – Hannah faria o mesmo. Ela jamais se perdoaria se soubesse que vim até aqui para fugir de uma tempestade e não consegui entrar na casa.

Por sorte, não foi preciso arrombar nada. A janela da cozinha abriu facilmente. Rilla ergueu o Jims e pulou para dentro no instante em que a tempestade desabou.

– Ah, olha aqueles pedacinhos de relâmpago – exclamou Jims, fascinado ao ver o granizo que começou a entrar pela janela. Rilla a fechou com dificuldade e acendeu uma lamparina. Eles estavam em uma cozinha pequena e aconchegante. De um lado via-se uma sala bem arrumada e mobiliada, e do outro uma despensa bem abastecida.

– Vou ficar à vontade – disse Rilla. – Sei que é o que a Hannah gostaria que eu fizesse. Vou pegar alguma coisa para o Jims e eu comermos e, se a tempestade continuar e ninguém chegar, vou subir para o quarto de hóspedes e me deitar. Agir com sensatez é o melhor a se fazer em uma emergência. Se eu não tivesse entrado em pânico quando o Jims caiu, eu poderia ter chamado alguém para que parassem o trem. E aí, não estaria nessa enrascada. Mas já que estou, vou tirar o melhor da situação. A casa está muito mais bonita do que da última vez em que estive aqui. É claro, Hannah e Ted tinham acabado de se casar na época. Só que eu sempre tive a impressão de que o Ted não era muito próspero. É provável que seja mais bem-sucedido do que eu imaginava, já que pode pagar móveis como esse. Fico muito contente pela Hannah.

A tempestade passou, mas continuou chovendo com força. Às onze da noite Rilla decidiu que ninguém viria. Jims havia adormecido no sofá, então ela o carregou até o quarto de hóspedes e o colocou na cama. Em seguida despiu-se, colocou uma camisola que encontrou na gaveta do lavabo e enfiou-se debaixo dos finos lençóis com perfume de lavanda. Estava tão sonolenta e cansada depois de toda aquela aventura que nem a singularidade daquela situação conseguiu mantê-la acordada. Em alguns minutos, ela adormeceu profundamente.

Às oito da manhã, Rilla acordou com um sobressalto. Uma voz rude falava com brusquidão:

– Vocês dois, acordem. Quero saber o que isso significa.

Rilla despertou no mesmo instante. Ela nunca havia acordado tão prontamente em toda a vida. Havia três desconhecidos parados de pé no quarto. Um deles era um homem grande com uma barba preta e viçosa e

uma expressão irritada. Ao lado dele estava uma mulher alta, magra e angulosa, de cabelos violentamente ruivos e um chapéu indescritível. Parecia ainda mais zangada e espantada do que o homem, se é que era possível. Ao fundo estava outra mulher: uma velhinha que provavelmente beirava os 80 anos. Era uma figura chamativa apesar da estatura baixa, graças ao vestido preto, os cabelos brancos como a neve, o rosto pálido e os olhos vívidos e negros como carvão. Parecia tão perplexa quanto os outros dois, todavia Rilla percebeu que não estava brava.

Rilla também notou que havia algo errado, perigosamente errado. O homem disse, em um tom ainda mais severo:

– Quem são vocês e o que estão fazendo aqui? Vamos, digam.

Rilla apoiou-se em um dos cotovelos, com uma expressão aturdida e indefesa. Ela escutou a velhinha em preto e branco ao fundo rir sozinha.

“Ela tem que ser real”, pensou Rilla. “Não posso estar sonhando.”

– Aqui não é a casa do Theodore Brewster? – perguntou.

– Não – respondeu a mulher alta, falando pela primeira vez. – Essa é a nossa casa. Nós a compramos dos Brewster no outono passado. Eles se mudaram para Greenvale. Somos os Chapley.

A pobre coitada deixou-se cair sobre o travesseiro, inconformada.

– Peço que me desculpem. Eu... eu... achei que os Brewster morassem aqui. A senhora Brewster é minha amiga. Sou Rilla Blythe, filha do doutor Blythe, de Glen St. Mary. Estava indo para a cidade com o meu... esse garotinho... e ele caiu do trem, e eu pulei atrás dele, mas ninguém percebeu.

Como não tinha jeito de voltar para casa na noite passada e uma tempestade se aproximava, viemos para cá. E quando vimos que não havia ninguém aqui, nós... nós... entramos pela janela e... e... nos acomodamos.

– É o que parece – disse a mulher com sarcasmo.

– Que história incrível – disse o homem.

– Não nascemos ontem – acrescentou a mulher.

A Madame Preto e Branco não disse nada, enquanto os outros dois faziam seus discursos, ela sucumbiu a um acesso de riso silencioso e balançou a cabeça, golpeando o ar com as mãos.

Rilla, magoada pela atitude desagradável dos Chapley, recobrou a postura e perdeu as estribeiras. Ela sentou-se na cama e disse com toda altivez,

– Não sei onde vocês nasceram, mas deve ter sido em algum lugar com modos muito peculiares. Se fizerem o favor de sair do meu quarto... digo,

deste quarto, eu me vestirei e não abusarei mais da sua hospitalidade. – O sarcasmo de Rilla era letal. – E os recompensarei generosamente pela comida consumida e o pernoite.

A figura em preto e branco batia palmas sem produzir ruído algum. Talvez o senhor Chapley tivesse ficado impressionado com o tom da Rilla, ou talvez tivesse ficado contente com o prospecto do pagamento; de qualquer forma, ele falou com civilidade:

– Bem, é justo. Se você pagar, não haverá problemas.

– Ela não terá que pagar nada – disse a Madame Preto e Branco em um tom surpreendentemente claro, resoluto e autoritário. – Talvez você não tenha nenhuma vergonha na cara, Robert Chapley, mas tem uma sogra que se envergonha por você. Nenhum estranho pagará pela hospedagem na casa onde mora a senhora Matilda Pitman. Por mais que minha condição de vida tenha decaído, eu não me esqueci dos bons modos. Eu sabia que você era um sovina quando se casou com a Amélia e acabou deixando-a igual. Porém, a senhora Matilda Pitman foi por muitos anos e ainda é a chefe da casa. Saia daqui, Robert Chapley, e deixe a menina se vestir. E você, Amélia, vá preparar o café da manhã para ela.

Nunca, em toda a vida, Rilla tinha visto algo parecido com a submissão abjeta com que aqueles dois adultos se sujeitaram àquela velhinha. Eles saíram sem um olhar ou palavra de protesto. Quando a porta se fechou, a senhora Matilda Pitman riu em silêncio, satisfeita, balançando de um lado para o outro.

– Não é engraçado? – disse. – Eu geralmente permito que eles deem as ordens, só que de vez em quando é preciso tomar as rédeas de modo efetivo. Eles não me contrariam porque tenho uma poupança considerável e eles temem que eu não a deixe para eles. O que não penso em fazer. Vou deixar um tanto, não tudo, só para irritá-los. Ainda não sei o que farei com o resto, mas tenho que decidir o quanto antes, pois aos 80 anos, já ultrapassei a minha cota de dias. Leve o tempo que precisar para se vestir, querida. Vou descer e ficar de olho naqueles inúteis. Que criança bonita, é seu irmão?

– Não, ele é um filho da guerra. Estou cuidando dele porque a mãe morreu e o pai está lutando no front – respondeu Rilla em voz baixa.

– Filho da guerra! Ora essa! Bem, é melhor eu sair antes que ele acorde, senão começará a chorar. As crianças não gostam de mim, nunca gostaram. Não conheço nenhum que tenha se aproximado de mim por vontade própria. Nunca tive filhos. Amélia é minha enteada. Bem, isso me poupou de muitos

problemas. Se as crianças não gostam de mim, eu não gosto delas, e estamos quites. Ainda assim, ele é um menino lindo.

Jims escolheu esse instante para acordar. Ele abriu os grandes olhos castanhos e encarou a senhora Matilda Pitman sem piscar. Em seguida sentou-se, abriu um sorriso delicioso, apontou para ela e disse para a Rilla:

– Moça bonita, Willa, moça bonita.

A senhora Matilda Pitman sorriu. Até idosas de 80 anos são vulneráveis à vaidade.

– Dizem que os loucos e as crianças falam a verdade – disse. – Eu costumava receber elogios quando era jovem, mas eles vão ficando escassos conforme o tempo passa. Não ouvia um há anos. É uma sensação ótima. Será que você não me daria um beijo, benzinho?

Então, Jims fez algo surpreendente. Ele era um menino reservado, que não tinha o costume de dar beijos nem no pessoal de Ingleside. Sem dizer uma palavra, ele se levantou, vestindo somente a camiseta, correu até os pés da cama, colocou os braços ao redor do pescoço da senhora Matilda Pitman, e deu-lhe um abraço de urso e três ou quatro beijos sonoros e puro nas bochechas dela.

– Jims! – repreendeu Rilla, surpresa com a desenvoltura dele.

– Deixe-o – ordenou a senhora Matilda Pitman, arrumando a touca. – Céus, como é bom ver alguém que não tem medo de mim. Todo mundo tem... até você, apesar de tentar disfarçar. E por quê? É claro que o Robert e a Amélia temem a mim porque faço isso intencionalmente. Porém, todo mundo tem um pé atrás comigo, por mais cortês que eu seja. Você vai ficar com essa criança?

– Receio que não. O pai dele vai voltar em breve.

– Como ele é? O pai, quero dizer.

– Bem... até que é um sujeito bondoso e decente, só que é pobre, e temo que sempre será – hesitou Rilla.

– Entendi... um preguiçoso, incapaz de poupar. Bem, veremos. Tive uma ideia. É uma ótima ideia, que também deixará o Robert e a Amélia furiosos. Isso é o principal aos meus olhos, embora eu goste dessa criança por não ter medo de mim. Ele merece. Agora, vista-se e desça quando estiver pronta.

O corpo de Rilla estava dolorido após a queda e a caminhada da noite anterior, mas ela não demorou para se vestir e arrumar o Jims. Quando desceram, os dois se depararam com uma farta mesa de café da manhã. O senhor Chapley não estava por perto e a senhora Chapley cortava o pão com

um ar sisudo. A senhora Matilda Pitman estava sentada em uma poltrona tricotando uma meia cinza para o exército. Ela continuava com a touca e tinha uma expressão triunfante.

– Sentem-se, queridos, e aproveitem – disse.

– Não estou com fome – disse Rilla em um tom quase suplicante.

– Acho que não consigo comer nada. E é hora de partir para a estação. O trem da manhã passará daqui a pouco. Por favor, me desculpe... eu levarei um pedaço de pão com manteiga para o Jims.

A senhora Matilda Pitman balançou uma agulha de tricô de um jeito brincalhão.

– Sentem-se e comam – disse. – São as ordens da senhora Matilda Pitman. Todo mundo obedece à senhora Matilda Pitman. E vocês também devem obedecer-lhe.

Rilla obedeceu. Ela se sentou e, sob a influência do olhar hipnotizante da senhora Matilda Pitman, fez um desjejum considerável. A obediente Amélia não falou nada e tampouco a senhora Matilda Pitman, que tricotava furiosamente e ria. Quando Rilla terminou, a senhora Matilda Pitman enrolou a meia.

– Agora podem ir – disse –, mas não precisam. Vocês podem ficar aqui o quanto quiserem, e eu pedirei à Amélia que prepare as refeições para vocês.

A independente senhorita Blythe, a qual algumas garotas do comitê júnior da Cruz Vermelha acusavam de ser dominadora e mandona, sentiu-se completamente intimidada.

– Obrigada – murmurou –, realmente temos que ir embora.

– Muito bem, então – disse a senhora Matilda Pitman, abrindo a porta –, sua condução está à espera. Eu mandei o Robert levar vocês até a estação. Adoro dar ordens ao Robert. É praticamente a única diversão que me restou.

Tenho mais de 80 anos, e a maioria das coisas perdeu o encanto, exceto dar ordens ao Robert.

Robert estava sentado no banco da frente de uma charrete de banco duplo e rodas de borracha. Ele deve ter ouvido cada palavra da sogra, todavia não disse nada.

– Eu gostaria... – disse Rilla, reunindo a coragem que lhe restava

– que a senhora aceitasse... hum... – ela voltou a encolher-se diante do olhar da senhora Matilda Pitman – ... uma recompensa pelo...

– A senhora Matilda Pitman já falou que não cobra hospedagem de estranhos e nem permite semelhante atitude na casa dela, por mais avarentos

que sejam os outros moradores. Vá para a cidade e não deixe de nos visitar quando vierem para essas bandas. Não tenha medo. Não que você seja medrosa, imagino, pela forma como enfrentou o Robert nesta manhã. Gosto da sua atitude. A maioria das garotas de hoje são criaturas tímidas e assustadas. Quando era pequena, eu não tinha medo de nada nem de ninguém. E cuide bem desse menino. Ele não é uma criança comum. E faça com que o Robert desvie de todas as poças de lama. Não quero que suje a charrete nova.

Enquanto se afastavam, Jims jogou beijos para a senhora Matilda Pitman até perdê-la de vista, e ela acenou com a meia. Robert não fez nenhum comentário, bom ou ruim, durante o trajeto até a estação, mas tomou cuidado com as poças. Ela o agradeceu com cordialidade ao descer na plataforma. A única resposta que recebeu foi um grunhido enquanto ele manobrava o cavalo para ir embora.

– Bem – disse Rilla, respirando fundo –, tenho que voltar a ser a Rilla Blythe novamente. Fui uma pessoa completamente diferente nas últimas horas, só não sei quem... talvez alguma criação daquela anciã extraordinária. Creio que ela me hipnotizou. Os garotos vão adorar quando eu escrever contando essa aventura!

E suspirou. Com amargura, ela lembrou-se que agora havia apenas o Jerry, o Ken, o Carl e o Shirley para lerem suas cartas. E o Jem, que teria gostado imensamente da senhora Matilda Pitman, onde estava o Jem?



Notícias do Jem

4 de agosto de 1918.

“Faz quatro anos desde o baile no farol, quatro anos de guerra, que parecem quatro vezes três. Eu tinha 15 anos na época. Agora tenho 19. Eu achava que esses últimos quatro anos seriam os mais prazerosos da minha vida, mas foram anos de conflitos, medo, luto, preocupação e espero humildemente que também tenham sido anos de crescimento em força e caráter.”

“Hoje, ao atravessar o corredor, escutei a mamãe falando sobre mim com o papai. Não tive a intenção de ser enxerida, mas não pude evitar de ouvir enquanto cruzava o corredor e subia as escadas; e talvez foi por isso que eu escutei o que aqueles que ouvem às escondidas nunca ouvem: algo bom sobre mim. E como foi a mamãe que falou, vou escrever aqui no meu diário para me encorajar nos dias difíceis que virão, quando me sentir frívola, egoísta, fraca e desprovida de qualquer qualidade.”

“Rilla evoluiu maravilhosamente nesses últimos quatro anos. Ela costumava ser tão irresponsável! Ela se transformou em uma jovem mulher competente e tem sido uma ótima companhia para mim. A Nan e a Di acabaram se distanciando, elas voltam muito pouco para casa, mas a Rilla e eu nos tornamos bem próximas. Somos amigas. Não sei como teria conseguido suportar esses anos terríveis sem ela, Gilbert.”

“Foi exatamente isso que a mamãe falou, e eu me sinto contente, arrependida, orgulhosa e modesta! É lindo saber que ela pensa assim, mas não mereço tudo isso. Não sou tão boa e hábil como ela diz. Houve vários momentos em que me senti zangada, impaciente, triste e desesperada. A mamãe e a Susan é que são a base dessa família. No fim das contas, acho que eu ajudei um pouco, e fico feliz e grata.”

“As notícias da guerra tem sido boas. Os franceses e os americanos estão forçando os alemães a recuarem cada vez mais. Há dias em que eu acho que isso é bom demais para durar, depois de quatro anos de desastres, essa sucessão de conquistas parece inacreditável. Não comemoramos com alarde. Susan mantém a bandeira hasteada, todavia nós mantemos os pés no chão. O preço pago até agora tem sido muito alto para celebrarmos. Só agradecemos por nada ter sido em vão.”

“Não temos notícias do Jem. Continuamos esperando, pois não ousamos fazer outra coisa. Porém, há momentos em que sentimos, embora nunca digamos em voz alta, que toda essa espera é tolice. Esses momentos se tornam cada vez mais frequentes conforme as semanas passam. E talvez nunca cheguemos a descobrir nada. Isso é o pior de tudo. Eu nem imagino como a Faith está suportando. A julgar pelas cartas, ela jamais perdeu as esperanças, mas deve ter sido acometida por dúvidas sombrias como todos nós.”

20 de agosto de 1918.

“Os canadenses entraram em ação novamente, e o senhor Meredith recebeu um telegrama avisando que o Carl sofreu ferimentos leves e que está hospitalizado. O informe não especificou onde ele foi ferido, o que é incomum, e todos estamos preocupados. Todos os dias chegam notícias de novas vitórias.”

30 de agosto de 1918.

“Os Meredith receberam uma carta do Carl hoje. O ferimento foi ‘bem leve’, no entanto foi no olho direito, por isso perdeu a visão desse olho para sempre!”

“‘Um olho é o suficiente para se observar insetos’, escreveu com animação. E nós sabemos que poderia ter sido bem pior! Poderia ter sido os dois olhos! Eu chorei a tarde inteira depois que li a carta dele. Aqueles olhos azuis lindos e destemidos!”

“Há um lado positivo: o Carl não poderá voltar para o front. Ele virá para casa assim que deixar o hospital. Será o primeiro dos nossos garotos a regressar. Quando será que os outros voltarão?”

“Um deles jamais voltará. Pelo menos não em carne e osso. Ah, eu acho que ele estará lá: quando nossos soldados canadenses retornarem, haverá um exército espectral com eles, o exército dos caídos. Nós não o veremos, mas ele estará lá!”

1 de setembro de 1918.

“Mamãe e eu fomos a Charlottetown ontem para ver o filme *Aos Corações do Mundo*⁵⁸. E eu passei a maior vergonha, o papai nunca vai parar de me provocar por causa disso. Tudo parecia tão real, e eu estava tão absorta nas cenas que aconteciam diante dos meus olhos que me esqueci do resto do mundo. Uma delas em específico, quase no final, foi muito emocionante. A heroína estava lutando contra um alemão desprezível que tentava raptá-la. Eu sabia que a mocinha tinha uma faca de prontidão (eu a vi escondê-la) e não compreendia por que ela não a sacava e acabava de uma vez com aquele animal. Achei que ela havia se esquecido da arma, e no momento mais tenso da cena eu perdi a cabeça e simplesmente me levantei no salão lotado e gritei com todas as forças: ‘A faca está na sua meia, a faca está na sua meia!’”

“Eu causei o maior tumulto!”

“E o mais engraçado foi que no instante em que gritei, a garota agarrou a faca e apunhalou o soldado!”

“Todo mundo riu. Eu recobrei o juízo e me sentei, mortificada. A mamãe dobrava o corpo de tanto rir. Tive vontade de sacudi-la. Por que ela não me puxou antes que eu fizesse papel de boba? Ela alega que foi tudo muito rápido.”

“Felizmente o salão estava escuro, e creio que não havia ninguém ali que me conhecesse. E eu achei que estava me tornando sensata, comedida e madura! É óbvio que ainda tenho um longo caminho a percorrer antes de alcançar essa condição tão desejada.”

20 de setembro de 1918.

“No Leste, a Bulgária aceitou a paz; no Oeste, os britânicos esmagaram a linha de frente de Hindenburg; e bem aqui em Glen St. Mary o pequeno Bruce Meredith fez um gesto cheio de amor, que achei maravilhoso. A senhora Meredith veio aqui nessa noite e nos contou tudo. A mamãe e eu choramos, e Susan levantou-se e bateu as panelas e os utensílios sobre o fogão.”

“Bruce sempre admirou Jem e nunca se esqueceu dele em todos esses anos. É fiel a ele tanto quanto o Segunda-feira. Sempre lhe dissemos que o Jem voltaria, mas parece que ele estava no armazém do Carter Flagg e ouviu o tio Norman declarar abertamente que o rapaz jamais iria voltar e que o povo de Ingleside deveria se poupar da espera. Bruce foi para casa e chorou até dormir. Nessa manhã, a mãe dele o viu sair

para o jardim com um olhar determinado, carregando o gatinho de estimação. Ela não pensou mais nisso até que ele voltou mais tarde, com uma expressão trágica e o corpinho tremendo, e contou que havia afogado o Malhadinho.”

““Por que você fez isso?”, exclamou a senhora Meredith.”

““Para trazer o Jem de volta”, soluçou Bruce. ‘Achei que, se eu sacrificasse o Malhadinho, Deus iria fazer com que o Jem voltasse para casa. Então, eu o afoguei... ah, mamãe, foi tão difícil! Mas com certeza Deus trará o Jem de volta, pois o Malhadinho era o meu maior tesouro. Eu falei para Deus que iria lhe dar o Malhadinho em troca disso. E Ele vai trazê-lo de volta, não é mesmo, mamãe?’”

“A senhora Meredith não soube o que dizer para a pobre criança. Ela não foi capaz de explicar que talvez seu sacrifício não trará o Jem de volta, que não é assim que Deus age. Ela o advertiu para não esperar resultados imediatos, que talvez demore muito até que o Jem retorne para casa.”

“Então o Bruce disse: ‘Não vai levar mais do que uma semana, mãe. Ah, o Malhadinho era tão pequenino! Seu ronronado era tão fofo. Deus vai gostar tanto dele que mandará o Jem de volta, não acha?’”

“O senhor Meredith está preocupado que isso afete a fé do Bruce em Deus, e a senhora Meredith se preocupa com o efeito que isso terá no próprio Bruce caso não aconteça. Sinto vontade de chorar só de me lembrar. Foi algo tão esplêndido, e triste e belo. Que rapazinho mais devotado! Ele venerava aquele gatinho. E se tiver sido em vão, como acontece com muitos sacrifícios, ele ficará devastado porque ainda é pequeno demais para entender que Deus não responde às nossas preces do jeito que esperamos e que tampouco aceita barganhas.”

24 de setembro de 1918.

“Estou ajoelhada diante da janela sob o luar há um bom tempo, agradecendo a Deus. A felicidade da noite passada e de hoje foi tamanha que chegou a doer, como se nosso coração não fosse grande o bastante para comportá-la.”

“Na noite passada, às onze horas, eu estava aqui no meu quarto escrevendo uma carta para o Shirley. Todos já estavam dormindo com exceção do papai, que não estava em casa. Eu ouvi o telefone tocar e corri para atendê-lo antes que a mamãe fosse acordada. Era uma ligação

de longa distância da companhia dos telégrafos, avisando que um telegrama do estrangeiro havia chegado para o doutor Blythe.”

“Eu pensei no Shirley, e meu coração parou. Então, ouvi o sujeito dizer que era da Holanda. A mensagem era: ‘Acabo de chegar. Escapei da Alemanha. Estou bem. Enviei uma carta. James Blythe.’”

“Eu não gritei nem desmaiei. Não fiquei alegre ou surpresa. Não senti nada. Eu congelei, como na noite em que descobri que o Walter havia se alistado. Desliguei o telefone e me virei. A mamãe estava parada na porta. Ela usava o velho quimono rosa, seus cabelos estavam presos em uma longa trança nas costas e seus olhos brilhavam. Parecia uma juvenzinha.”

“‘Notícias do Jem?’, perguntou.”

“Como ela soube? Eu não disse nada ao telefone além de ‘sim... sim... sim’. Ela afirma que não sabe como descobriu, mas sabia. Ela estava acordada e, ao ouvir o telefone, teve a certeza de que eram notícias do Jem.”

“‘Ele está vivo... e bem... está na Holanda’, contei.”

“A mamãe entrou na sala e falou: ‘Preciso telefonar para o seu pai. Ele está em Upper Glen.’”

“Ela estava muito calma e tranquila, bem diferente do que eu esperava, mas não eu. Acordei a Gertrude e a Susan e contei a novidade. Susan disse: ‘Graças a Deus’ primeiro e em seguida: ‘Eu não falei que o Segunda-feira estava certo?’, e então: ‘Vou preparar uma xícara de chá’ e foi para a cozinha de camisola. Ela o preparou e obrigou a mamãe e a Gertrude a bebê-lo. Eu vim para o meu quarto, tranquei a porta, ajoelhei-me diante da janela e chorei, igual à Gertrude quando recebeu boas notícias.”

“Acho que finalmente sei como me sentirei na manhã da ressurreição.”

4 de outubro de 1918.

“Hoje recebemos a carta do Jem. Faz somente seis horas que chegou a Ingleside, e já está quase rasgada. A funcionária do correio contou para todo mundo em Glen, e todos vieram aqui para lê-la.”

“Jem foi ferido gravemente na coxa. Quando o encontraram, foi recolhido e levado para a prisão, tão delirante de febre que não sabia o que estava acontecendo e onde estava. Demorou semanas para voltar a

si e conseguir escrever uma carta. Só que ela nunca chegou. Ele não sofreu nenhum maltrato no campo, porém a comida era a única coisa ruim. Só lhe davam um pouco de pão preto e nabos cozidos e de vez em quando um pouco de sopa com feijões. E nós, aqui, nos fartando com três refeições diárias! Ele nos escreveu sempre que pôde, todavia suspeitou que não estávamos recebendo as cartas porque não houve nenhuma resposta. Assim que se sentiu forte o bastante tentou escapar, só que foi pego e levado de volta. Um mês depois, ele e um camarada tentaram de novo e conseguiram chegar até a Holanda.”

“Jem ainda não pode voltar para casa. Ele não está tão bem como disse no telegrama porque o ferimento ainda não cicatrizou propriamente, e precisará passar por um tratamento em um hospital na Inglaterra. Porém, disse que logo estará em forma, e agora sabemos que ele está a salvo e que voltará para casa em breve. Ah, que diferença isso faz!”

“Hoje também recebi uma carta do Jim Anderson. Ele se casou com uma garota inglesa, foi dispensado e está voltando para o Canadá com a noiva. Não sei se fico contente ou não. Vai depender do tipo de mulher que ela é. Recebi ainda uma segunda carta, um tanto misteriosa. É de um advogado de Charlottetown, pedindo que eu vá vê-lo o quanto antes a respeito de um assunto relacionado ao patrimônio da ‘falecida senhora Matilda Pitman’.”

“Eu li a nota sobre a morte da senhora Pitman, de um ataque cardíaco, no *Enterprise* algumas semanas atrás. Imagino se a carta tem algo a ver com o Jims.”

5 de outubro de 1918.

“Eu fui até a cidade hoje e conversei com o advogado da senhora Pitman, um homenzinho delgado e anguloso, que falou da cliente falecida com um respeito tão profundo que é evidente que estava sob o domínio dela tanto quanto Robert e Amélia. Ela havia solicitado um novo testamento pouco antes de morrer.

A senhora Pitman deixou trinta mil dólares, quantia que ficou quase toda para Amélia Chapley. Todavia, cinco mil dólares haviam sido deixados para o Jims. Os juros serão usados para a educação dele da maneira que eu bem entender, e a soma total será paga a ele quando tiver 20 anos. Não há dúvidas de que o Jims é um menino sortudo. Eu o salvei de uma morte lenta nas mãos da senhora Conover, a Mary Vance

o salvou de uma difteria, e a sorte o salvou quando despencou do trem. Ele não aterrissou apenas em um monte de samambaias, mas também em uma bela herança.”

“Obviamente, como a senhora Pitman disse e eu sempre acreditei, ele não é uma criança comum, e seu destino tampouco será comum.”

“Em todo caso, o futuro dele está garantido e de tal forma que o Jim Anderson não conseguiria esbanjar a herança do filho nem se quisesse.

Agora, se a madrasta inglesa for uma boa pessoa, eu me sentirei tranquila em relação ao futuro do meu filho da guerra.”

“Eu me pergunto o que o Robert e a Amélia acham disso. Aposto que fecharão com pregos e tábuas as janelas da próxima vez que saírem de casa!”

[Filme mudo](#) norte-americano de 1918, escrito e dirigido por [D. W. Griffith](#), com o tema da Primeira Guerra Mundial. (N. T.)



Vitória!

– Um dia de “ventos gelados e um céu melancólico^{ss}” –, recitou Rilla em uma tarde de domingo, dia 6 de outubro, exatamente. Estava tão frio que eles acenderam a lareira na sala de estar, e as chamas inquietas davam o melhor de si para combater a friagem. – Parece mais novembro do que outubro, pois novembro é um mês tão feio.

A prima Sophia estava em Ingleside, depois de ter perdoado a Susan mais uma vez, e a esposa do senhor Martin Clow, que não viera fazer uma visita em pleno domingo, e sim pegar emprestado com a Susan um remédio para o reumatismo, era mais barato do que pedir ao doutor.

– Receio que teremos um inverno rigoroso – prognosticou a prima Sophia. – Os ratos-almiscarados estão construindo tocas imensas ao redor do lago, e esse é um sinal que nunca falha. Céus, como aquela criança cresceu! – a prima Sophia suspirou novamente, como se aquilo fosse algo ruim. – Quando o pai dele chegará?

– Semana que vem – disse Rilla.

– Bem, espero que a madrastra não maltrate o coitado – suspirou a prima Sophia. – Tenho as minhas dúvidas... tenho as minhas dúvidas. De qualquer forma, ele com certeza sentirá a diferença entre os cuidados que recebeu aqui e os que receberá em qualquer outro lugar. Você o mimou muito, Rilla.

Rilla sorriu e abraçou o Jims. Ela sabia que o menino pequeno, faceiro e radiante não era mimado. Contudo, por trás do sorriso, seu coração estava pesado. Ela pensava muito na nova senhora Anderson e se preocupava como ela seria.

“Não posso entregar o Jims a uma mulher que não o queira”, pensou com rebeldia.

– Acho que vai chover – comentou a prima Sophia. – Já tivemos muita chuva nesse outono. Vai dificultar muito o plantio. Não era assim na minha juventude. Naquela época, tínhamos outubros deslumbrantes. Mas todas as

estações estão muito diferentes agora. – O toque do telefone cortou a voz melancólica da prima Sophia. Gertrude Oliver o atendeu.

– Sim, o quê? É verdade? É oficial? Obrigada, muito obrigada.

Gertrude virou-se e encarou todos dramaticamente, com os olhos brilhando. Seu rosto corou de emoção. De repente, o sol irrompeu por entre as nuvens pesadas e seus raios iluminaram o grande bordo de folhas carmesim do lado de fora da janela. O brilho refletido a envolveu em uma chama estranha e imaterial. Parecia uma sacerdotisa realizando um ritual místico e esplêndido.

– A Alemanha e a Áustria pediram paz – anunciou.

Rilla ficou eufórica por alguns minutos. Ela pulava e dançava, batendo palmas, rindo e chorando.

– Sente-se, criança – disse a senhora Clow, que nunca ficava animada com nada, e que por isso havia evitado uma quantidade tremenda de problemas e alegrias no decorrer da vida.

– Ah – exclamou Rilla –, eu andei de um lado para o outro por horas a fio em desespero e inquietação nesses últimos quatro anos. Agora, deixe-me fazer o mesmo com alegria. Valeu a pena suportar esses longos anos terríveis por este minuto e valeria a pena revivê-los só para recordar deste momento. Susan, hasteamos a bandeira! E temos que telefonar para todo mundo em Glen e contar a notícia.

– Agora podemos comer quanto açúcar quisermos? – perguntou Jims, ansioso.

Foi uma tarde que jamais será esquecida. Conforme a notícia se espalhava, as pessoas saíam às ruas do vilarejo e corriam até Ingleside. Os Meredith ficaram para o jantar, e todo mundo falou ao mesmo tempo e ninguém escutou ninguém. A prima Sophia tentou avisar que não confiava na Alemanha e na Áustria, que tudo não passava de um estratagema, mas ninguém lhe deu a mínima atenção.

– Este domingo compensa aquele em março – disse Susan.

– Pergunto-me se as coisas não parecerão monótonas e insípidas quando a paz de fato se instaurar – refletiu Gertrude em particular com a Rilla. – Depois de quatro anos de horrores e medos, reviravoltas terríveis e vitórias incríveis, será que a vida não parecerá monótona e desinteressante? Que estranho, sublime e tedioso será não temer o correio todos os dias.

– Suponho que ainda teremos que temê-lo por um tempo – disse Rilla. – A paz ainda demorará algumas semanas. E nesse interim, coisas horríveis

podem acontecer. Estou mais calma agora. Nós ganhamos, mas que preço tivemos que pagar!

– Não foi alto demais pela liberdade – disse Gertrude. – Você acha que foi, Rilla?

– Não... – murmurou Rilla. Ela estava vendo uma pequena cruz branca em um campo de batalha na França. – Não se nós, que estamos vivos, nos mostrarmos dignos, se “não perdermos a fé”.

– Nós não perderemos a fé – disse Gertrude.

Então, ela se levantou. Um silêncio tomou conta da mesa, e no silêncio Gertrude recitou o famoso poema do Walter, *O Flautista*. Quando terminou, o senhor Meredith ergueu a taça.

– Um brinde ao exército silencioso, aos rapazes que responderam ao chamado do flautista. Pelo nosso amanhã, eles renunciaram ao hoje.

A vitória é deles!

Referência ao poema *Heaven*, da poetisa norte-americana Nancy Amelia Woodbury Priest Wakefield (1836-1870). (N. T.)



O Senhor Hyde parte e Susan sai em lua de mel

No início de novembro, o Jims foi embora de Ingleside. Rilla lhe assistiu partir com muitas lágrimas, mas com o coração livre de preocupações. A segunda senhora Anderson era uma mulher tão encantadora que era impossível não se admirar com a sorte que o Jim teve. Tinha a tez rosada, olhos azuis, um ar saudável e era redonda e como uma folha de gerânio. Rilla se deu conta de imediato que Jims estaria em boas mãos.

– Adoro crianças, senhorita – disse com entusiasmo. – Deixei seis irmãos e irmãs pequenos na minha terra natal. O Jims é um menino lindo e saudável, devo dizer que você fez um excelente trabalho. Cuidarei dele como se fosse filho meu, senhorita. E garanto que mantereí o Jim na linha.

Ele é um bom trabalhador. Tudo que precisa é de alguém que fique de olho nele e cuide do dinheiro. Alugamos uma fazenda nos arredores da vila. O Jim queria ficar na Inglaterra, mas eu falei “não”. Sempre quis conhecer outro país, e o Canadá me pareceu um bom lugar.

– Que bom que vão morar perto de nós. Você vai deixar que o Jims venha nos visitar, não é mesmo? Eu o amo muito.

– Sem dúvida, senhorita. Nunca vi uma criança mais adorável. O Jim e eu compreendemos tudo que você fez por ele, e não seremos ingratos. Ele pode vir aqui sempre que você quiser, e aceitarei de bom grado qualquer conselho. O Jims é mais seu do que de qualquer outra pessoa, devo dizer, e quero que passe o tempo quiser com ele, senhorita.

E assim, o Jims foi embora, com a sopeira, ainda que não dentro dela. Depois veio a notícia do armistício, e até Glen St. Mary enlouqueceu. Uma fogueira foi acesa na vila naquela noite e uma efígie do cáiser foi queimada. Os garotos da vila dos pescadores atearam fogo em toda a grama seca das

dunas de areia em uma gloriosa conflagração que se estendeu por onze quilômetros. Em Ingleside, Rilla correu para o quarto enquanto ria.

– Agora vou fazer uma coisa imperdoável e indecorosa – disse, tirando o chapéu verde da caixa. – Vou chutá-lo até que perca a forma e não usarei mais nada com esse tom de verde na vida.

– Você cumpriu sua promessa corajosamente – disse a senhorita Oliver.

– Não foi coragem, foi pura obstinação, e estou envergonhada disso – disse Rilla, chutando o chapéu com alegria. – Quero mostrar à mamãe. É maldade comportar-se de maneira tão deplorável diante da própria mãe, só que ela precisa ver isso! Estou me sentindo muito jovem novamente...

jovem, frívola e tola. Por acaso eu disse que novembro é um mês feio? Ora, é o mais lindo de todos! Ouça os sinos tocando no Vale do Arco-Íris! Nunca os ouvi com tanta clareza. Estão tocando pela paz, felicidade, e todas as coisas doces, agradáveis e familiares que poderemos voltar a ter, senhorita Oliver. Não que eu esteja em meu pleno juízo. O mundo inteiro enlouqueceu um pouco hoje. Logo ficaremos sóbrios, não “perderemos a fê”, e começaremos a construir nosso novo mundo. Só por hoje, sejamos loucos e felizes.

Susan voltou do jardim ensolarado extremamente satisfeita.

– O Senhor Hyde se foi – anunciou.

– Se foi? Quer dizer que ele morreu, Susan?

– Não, querida senhora, aquele bicho não morreu. Porém, nunca mais o veremos. Tenho certeza disso.

– Não seja misteriosa, Susan. O que aconteceu com ele?

– Bem, querida senhora, ele estava sentado nos degraus da porta da cozinha. Foi logo depois que chegou a notícia do armistício, e ele estava o próprio Senhor Hyde encarnado. Era uma fera que impressionava. De repente, querida senhora, o Bruce Meredith apareceu pela lateral da casa andando em suas pernas-de-pau. Ele tem praticado bastante e veio me mostrar. O bicho deu só uma olhada e saltou a cerca do quintal com um pulo só. Em seguida, saiu em disparada pelo bosque de bordos com grandes saltos e as orelhas voltadas para trás. Nunca vi uma criatura tão aterrorizada, querida senhora. Desde então, não voltou mais.

– Ah, ele voltará, Susan, e bem mansinho depois do susto.

– Veremos, querida senhora, veremos. O armistício foi assinado, o que me faz lembrar que o Bigodinho teve um derrame cerebral na noite passada. Não estou dizendo que foi um castigo, pois não sou conselheira do Todo-

Poderoso, mas é a minha opinião. Não voltaremos a ouvir falar do Bigodinho ou do Senhor Hyde em Glen St. Mary tão cedo, querida senhora, pode apostar.

De fato, o Senhor Hyde nunca mais foi visto. Como provavelmente não foi o susto que o fez fugir, o pessoal de Ingleside concluiu que ele foi vítima de um destino cruel, como um tiro ou veneno. Já Susan acreditava e continuava a afirmar que ele meramente “foi para o devido lugar”. Rilla lamentou a ausência do adorado bichano altivo, de quem gostava tanto na versão canhestra do Senhor Hyde como nos dias de Doutor Jekyll.

– E agora, querida senhora – disse Susan –, já que a faxina de outono terminou e o carrinho do jardim está guardado em segurança no celeiro, vou sair de lua de mel para celebrar a paz.

– Lua de mel, Susan?

– Sim, querida senhora, lua de mel – repetiu Susan com firmeza.

– Sei que nunca terei um marido, mas não pretendo me privar de tudo. Vou para Charlottetown visitar a família do meu irmão casado. A esposa dele passou o outono inteiro doente, e ninguém sabe se viverá ou não. Ela nunca foi de contar aos outros o que pretende fazer. É por isso que ninguém nunca gostou muito dela na família. Enfim, por segurança, sinto que deveria visitá-la. Faz mais de vinte anos que não visito a cidade por mais de um dia, e gostaria de ver um desses filmes de que ouço tanto falar, só para não ficar desatualizada. E não pense que vai me perder, querida senhora. Pretendo ficar quinze dias fora, se permitir.

– Você com certeza merece umas boas férias, Susan. Fique um mês, pois é a duração tradicional de uma lua de mel.

– Não, querida senhora, quinze dias é tudo de que preciso. Além disso, tenho que estar aqui pelo menos três semanas antes do Natal para ter tempo de cuidar de todos os preparativos. Teremos um Natal de verdade neste ano, querida senhora. Acha que há alguma possibilidade de os meninos estarem de volta até lá?

– Creio que não, Susan. O Jem e o Shirley escreveram que provavelmente só voltarão na primavera; o Shirley talvez só volte em meados do verão. Entretanto, o Carl Meredith estará em Glen, bem como a Nan e a Di, e faremos uma grande festa mais uma vez. Colocaremos cadeiras para todos, Susan, como você fez no nosso primeiro Natal durante a guerra. Sim, para todos, até para o meu querido menino cujo lugar sempre estará vazio e para os demais.

– E impossível que eu me esqueça disso, querida senhora – disse Susan, secando os olhos antes de ir arrumar as malas para a “lua de mel”.



“Rilla-a-Marilla!”

Carl Meredith e Miller Douglas voltaram para casa a tempo do Natal, e Glen St. Mary os recebeu com uma banda emprestada de Lowbridge e com discursos dos moradores. Miller estava animado e sorridente apesar da perna de madeira, ele havia se tornado um rapaz de ombros largos e imponente, e a medalha de Conduta Distinta que usava fez com que a senhorita Cornelia relevasse as deficiências de seu pedigree ao ponto de aceitar tacitamente seu noivado com a Mary, que empinou o nariz, sobretudo quando Carter Flagg colocou Miller como atendente em seu armazém, mas ninguém se importou.

– É claro que a fazenda está fora de questão para nós – disse para Rilla. – O Miller acredita que gostará do emprego quando se acostumar com a vida pacata de novo, e o senhor Flagg será um patrão mais agradável do que a velha Kitty. Nós nos casaremos no outono e vamos morar naquela velha casa dos Mead com as janelas projetadas e o telhado tipo mansarda. Sempre achei aquela a casa mais bonita em Glen, todavia jamais sonhei em morar lá. Vamos alugá-la, é claro, mas, se as coisas acontecerem como o esperado e o Carter Flagg aceitar o Miller como sócio, talvez possamos comprá-la um dia. Bem, pode-se dizer que eu evolui bastante socialmente, considerando de onde vim, não acha? Nunca aspirei a ser cônjuge de um comerciante. Só que o Miller é muito ambicioso e terá uma esposa que o apoia. Ele disse que não encontrou nenhuma garota francesa que valesse a pena olhar e que o coração dele foi fiel a mim desde o momento em que partiu.

Jerry Meredith e Joe Milgrave voltaram em janeiro, e durante todo o inverno os rapazes de Glen e dos arredores voltaram para casa em duplas ou trios. Nenhum deles retornou o mesmo que partiu, nem os que tiveram a sorte de não serem feridos.

Na primavera, em um dia em que os narcisos balançavam ao vento no jardim de Ingleside e as margens do riacho no Vale do Arco-Íris estavam repletas de doces violetas brancas e púrpuras, o trem da tarde encostou

preguiçosamente na estação de Glen. Era raro pessoas chegarem ao vilarejo naquele horário, por isso não havia ninguém na plataforma além do novo agente da estação e um cachorrinho preto e amarelo, que há quatro anos e meio recepcionava cada trem que entrava em Glen St. Mary. O Segunda-feira recebeu milhares de pessoas e nunca se deparou com o garoto pelo qual aguardava. Ainda assim, continuou sua espera sem perder a esperança. Seu coração canino falhava algumas vezes, pois estava ficando velho e reumático. Quando voltava para o canil depois que cada trem partia, seu caminhar era lento e desanimado agora, de cabeça baixa e com o rabo entre as pernas.

Um passageiro saiu do trem, era um sujeito alto vestindo um uniforme de tenente surrado, que caminhava com um coxear quase imperceptível. Tinha um rosto moreno e alguns fios grisalhos nos cachos avermelhados ao redor da testa. O novo agente da estação o encarou, curioso. Estava acostumado a ver rapazes de cáqui chegarem e serem recebidos por uma multidão tumultuosa, e outros que não haviam avisado sobre o retorno descerem do trem em silêncio, como aquele ali. Porém, havia uma certa distinção no porte e nos traços daquele soldado que lhe chamou a atenção e o fez se perguntar quem seria.

Um raio preto e amarelo passou pelo agente. O Segunda-feira, reumático? Velho? De forma alguma. Ele era um filhotinho ensandecido, rejuvenescido pela felicidade.

Ele se jogou contra o soldado alto, com um latido que ficou entalado na garganta de tanta emoção. Em seguida jogou-se no chão, tremendo em um frenesi. Ele tentou escalar as pernas do soldado de cáqui, escorregou e encolheu-se em um arrebatamento que parecia a ponto de explodir seu corpinho em pedacinhos. Então lambeu as botas do jovem e, quando o tenente por fim conseguiu pegá-lo nos braços, com um sorriso nos lábios e lágrimas nos olhos, o Segunda-feira encostou a cabeça no ombro uniformizado e lambeu o pescoço queimado de sol dele, entre latidos e ganidos esquisitos.

O agente já tinha ouvido a história do Segunda-feira. E agora sabia quem era o soldado por quem aguardava. A longa vigília do cãozinho havia terminado. Jem Blythe voltara para casa.

“Estamos todos muito felizes, tristes e gratos”, escreveu Rilla no diário uma semana depois, “embora Susan ainda não tenha se recuperado, e provavelmente nunca se recuperará, creio eu, do choque pelo retorno de Jem

na noite em que resolveu preparar uma janta com sobras, após um dia extenuante. Nunca me esquecerei como ela corria loucamente entre a despensa e o porão em busca de delícias estocadas. Como se alguém fosse se importar com o que havia sobre a mesa, pois ninguém conseguiu comer. Olhar para o Jem era o suficiente. Mamãe estava com medo de que ele fosse desaparecer se desviasse o olhar. O Segunda-feira recusou-se a se separar do Jem por um instante sequer. Ele dorme aos pés da cama e se deita ao lado da cadeira dele durante as refeições. Também insistiu em ir à missa no domingo conosco e deitou-se aos pés do Jem, onde adormeceu. No meio do sermão ele despertou e achou que deveria dar boas-vindas ao Jem novamente, com uma série de pulos e latidos que só cessaram quando ele o pegou no colo. Todavia ninguém pareceu se importar, e o senhor Meredith fez carinho na cabeça dele ao final e disse: ‘Fé, afeição e lealdade são preciosidades onde quer que as encontremos. Esse cãozinho é um tesouro, Jem.’”

“Uma noite, quando Jem e eu conversávamos no Vale do Arco-Íris, perguntei se ele sentiu medo no front.”

“Jem riu.”

“Medo? Tive medo inúmeras de vezes, fiquei apavorado... eu, que costumava rir do Walter quando ele ficava com medo. Sabe, o Walter nunca mais sentiu medo depois que chegou ao front. A realidade nunca o assustou, apenas a imaginação dele era capaz disso. O coronel dele disse que o Walter era o homem mais corajoso do regimento. Rilla, só descobri que Walter morreu quando cheguei em casa. Você não sabe o quanto sinto a falta dele... vocês já se acostumaram, de certa forma, mas tudo é novo para mim. Walter e eu crescemos juntos, éramos amigos, além de irmãos, e agora, nesse vale que ele amava tanto, acabo de compreender que nunca mais o verei de novo.”

“Jem voltará para a faculdade no outono, assim como Jerry e Carl. Suponho que Shirley, também. Ele espera retornar em julho. Nan e Di vão continuar lecionando. Faith acredita que só voltará em setembro. Creio que também dará aulas, já que ela e o Jem só poderão se casar depois que ele terminar o curso de medicina. Una Meredith decidiu, eu acho, estudar ciências domésticas em Kingsport; Gertrude se casará com o major dela e está muito feliz, ‘desavergonhadamente feliz’, como diz, acho a atitude dela muito bonita. Todos estão falando de planos e sonhos com mais seriedade do que costumavam antigamente, mas ainda assim decididos a seguir em frente apesar dos anos perdidos.”

“‘Esse é um novo mundo’, diz o Jem, ‘e precisamos torná-lo melhor do que o anterior. Isso ainda não aconteceu, apesar de algumas pessoas acharem que sim. O trabalho ainda não acabou, ele só começou. O mundo antigo foi destruído, e temos que construir o novo. Será uma tarefa de anos. Vi o suficiente no front para perceber que devemos criar um mundo onde guerras não possam acontecer. Nós ferimos mortalmente o prussianismo, só que ele ainda não morreu e tampouco está confinado na Alemanha. Não o foi suficiente para eliminar o espírito antigo, mas é necessário abrir espaço para o novo.’”

“Estou escrevendo essas palavras do Jem no meu diário para poder relê-las ocasionalmente e me encorajar quando estiver desanimada e ‘não perder a fé’.”

Rilla fechou o diário com um leve suspiro. Naquele momento, ela estava com dificuldades para manter a fé. Todos os outros pareciam ter algum plano ou ambição em especial para construírem a própria vida, menos ela. E Rilla sentia-se solitária, terrivelmente solitária. Jem havia regressado, só que não era mais o garoto risonho que partira em 1914, e agora pertencia à Faith. Walter jamais voltaria. Nem o Jims estava mais ali. De repente, o mundo dela pareceu vasto e vazio. Ela teve essa impressão no dia anterior, quando abriu um jornal de Montreal e se deparou com o nome do capitão Kenneth Ford em uma lista de quinze dias atrás com os nomes dos soldados que haviam retornado.

Então, o Ken estava em casa e não havia sequer escrito uma carta para avisá-la. Estava no Canadá fazia duas semanas e ela não fazia a menor ideia. Ele se esquecera, se é que havia algo para se esquecer... um aperto de mão, um beijo, um olhar, uma promessa feita sob a influência do afã momentâneo... era tudo absurdo. Ela fora uma tola romântica e inexperiente. Bem, ela seria mais sábia no futuro, muito mais sábia, e muito discreta, e muito cautelosa com os homens.

“Creio que é melhor cursar ciências domésticas junto com a Una”, pensou, parada diante da janela enquanto observava um emaranhado esmeralda e delicado de vinhas no Vale do Arco-Íris sob a maravilhoso brilho lilás do entardecer. Ela não tinha o menor interesse em ciências domésticas, mas, com um mundo todo novo para ser construído, uma garota precisava fazer alguma coisa.

A campainha da porta tocou, e Rilla desceu relutantemente. Ela precisava atender a porta, já que não havia mais ninguém em casa. No

entanto, ela detestava a ideia de receber visitas naquele momento. Ela desceu as escadas devagar e abriu a porta.

Um homem de uniforme cáqui estava parado nos degraus da varanda: alto, com olhos e cabelos escuros, e uma cicatriz fina e esbranquiçada

na bochecha. Rilla o encarou por um instante, aturdida. Quem era?

Era algum conhecido, havia algo muito familiar nele.

– Rilla-a-Marilla – disse ele.

– Ken – arfou ela. É claro que era o Ken, contudo ele parecia muito mais velho e havia mudado tanto... aquela cicatriz, as linhas ao redor dos olhos e lábios... os pensamentos dela davam voltas e mais voltas.

Ken segurou a mão que ela estendeu com hesitação e a encarou. A Rilla magricela de quatro anos atrás havia encurtado e ganhado simetria. Ele se despedira de uma colegial e agora estava diante de uma mulher, uma mulher com olhos maravilhosos, um lábio fendido e bochechas que pareciam desabrochar. Uma mulher bela e desejável, a mulher dos sonhos dele.

– Você é a Rilla-a-Marilla? – perguntou.

A emoção a sacudiu da cabeça aos pés. Felicidade, pesar, medo. Cada sentimento que havia oprimido o coração dela naqueles quatro longos anos ressurgiu por um momento quando as profundezas da alma dela foram agitadas. Ela tentou falar, mas de início a voz não saiu. Então, com o ceceio de outrora:

– Sim – disse Rilla.

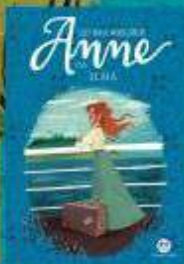
E-BOOK

Anne

LUCY MAUD MONTGOMERY

LIVROS

① ② ③



Anne I

Montgomery, Lucy Maud
7908312101824

880 p♦ginas

[Compre agora e leia](#)

Acompanhe a história de Anne Shirley, uma jovem de cabelos ruivos, imaginação fértil e personalidade forte. Órfã, foi adotada por engano por um casal de irmãos que esperava um garoto para ajudar nos trabalhos braçais da fazenda. Anne cresce, conhece diversas pessoas, entra em confusões e corre atrás de seus sonhos nesse box com os livros Anne de Green Gables, Anne de Avonlea e Anne da Ilha.

[Compre agora e leia](#)



Clássicos de todos os tempos

Perrault, Charles

9786555003932

128 p♦ginas

[Compre agora e leia](#)

Charles Perrault começou a registrar as histórias que sua mãe contava e que eram recitadas nos salões de Paris. Dando um acabamento literário a essas narrativas, ele deu vida a vários contos como A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O gato de botas, Cinderela, entre outros. Essas histórias eram encerradas em forma de poesia e sempre traziam uma lição de moral.

[Compre agora e leia](#)

LUCY MAUD MONTGOMERY
Anne
DE
GREEN GABLES



Canada Cultural

Anne de Green Gables

Montgomery, Lucy Maud

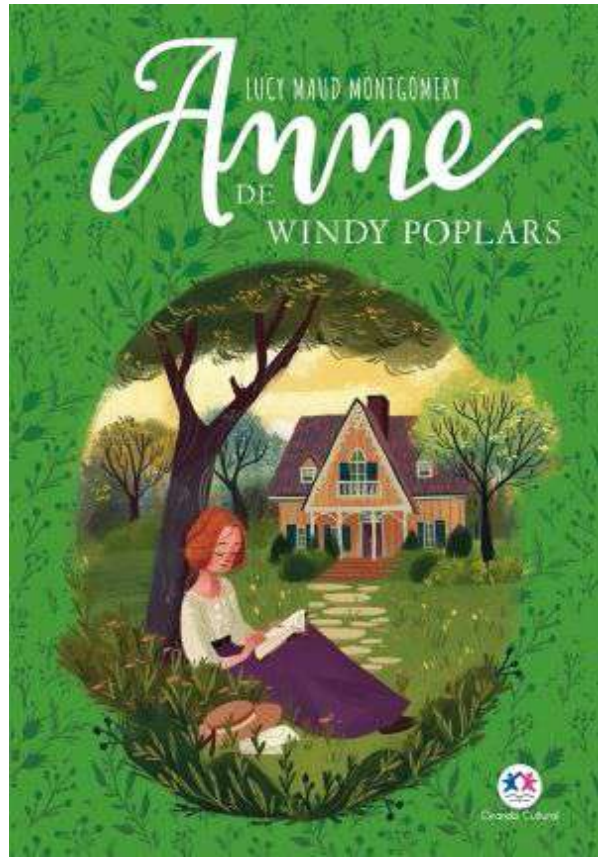
9786555002225

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Anne é uma órfã que foi enviada por engano à fazenda de Green Gables, já que os irmãos Marilla e Matthew tinham a intenção de adotar um menino. Com pena da garota, resolveram mantê-la na fazenda. Com seus longos cabelos ruivos, olhos acinzentados e uma imaginação que lhe permitia viver fantasias, Anne traz reflexões e pensamentos pertinentes sobre os obstáculos e as escolhas da vida de qualquer pré-adolescente.

[Compre agora e leia](#)



Anne de Windy Poplars

Montgomery, Lucy Maud

9786555002218

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Anne agora é diretora da escola de Summerside. A nova cidade e posição preparam desafios, como a influente família Pringle, que não a quer a frente da escola. Gilbert Blythe está a três anos de concluir a faculdade de medicina e Anne se corresponde com o noivo por cartas, compartilhando sua rotina com as viúvas tia Kate e tia Chatty, a governanta Rebecca Dew, o gato Dusty e sua vizinha Elizabeth.

[Compre agora e leia](#)

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

E A
CASA DOS SONHOS



Anne e a Casa dos Sonhos

Montgomery, Lucy Maud

9786555002232

256 p♦ginas

[Compre agora e leia](#)

Sob o sol de Green Gables, onde tudo começou, Anne e Gilbert selam o relacionamento e assumem um futuro juntos. Em Four Winds uma oportunidade profissional aguarda Gilbert e rodeada de árvores e um riacho está a casa dos sonhos de Anne. Lá, conhecerão o capitão Jim e a Leslie Moore, vizinhos com histórias surpreendentes para compartilharem com o casal, que passará por momentos difíceis e alegres em seu primeiro ano de casado.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

Anne de green gables by Lucy Maud Montgomery

A senhora Rachel Lynde é surpreendida

Matthew Cuthbert é surpreendido

Marilla Cuthbert é surpreendida

Manhã em Green Gables

A história de Anne

Marilla se decide

Anne faz suas orações

Começa a educação de Anne

A senhora Rachel Lynde fica devidamente horrorizada

O pedido de desculpas de Anne

As impressões de Anne sobre a escola dominical

Um voto e uma promessa solenes

As delícias da expectativa

A confissão de Anne

Uma tempestade no copo d'água da escola

Diana é convidada para o chá com resultados trágicos

Um novo interesse na vida

Anne ao resgate

Um concerto, uma catástrofe e uma confissão

Uma boa imaginação mal-aventurada

Um novo desvio em aromatizantes

Anne é convidada para o chá

Anne sofre um infortúnio em um assunto de honra

A senhorita Stacy e seus alunos organizam um concerto

Matthew insiste em mangas bufantes

O Clube de Contos se forma

Vaidade e vexação de espírito

Uma desafortunada donzela do lírio

Uma época na vida de Anne

A classe da Queen's é organizada

Onde o riacho e o rio se encontram

Sai a lista de aprovados

O concerto do hotel

Uma aluna da Queen's

O inverno na Queen's

A glória e o sonho

O ceifador cujo nome é Morte

A curva na estrada

Anne de Avonlea by Lucy Maud Montgomery

Um vizinho enfurecido

Vendendo às pressas e arrependendo-se a perder de vista

Na casa do senhor Harrison

Opiniões diferentes

Uma verdadeira professora

Todos os tipos e condições de homens...e mulheres

O senso de dever

Marilla adota os gêmeos

Uma questão de cor

Davy em busca de emoções

Fatos e fantasias

Um dia de cão

Um passeio dourado

Um perigo evitado

O início das férias

A essência das coisas esperadas

Um capítulo sobre acidentes

Uma aventura na estrada Tory

Apenas um dia feliz

Como as coisas geralmente acontecem

A doce Senhorita Lavendar

Miudezas

O romance da Senhorita Lavendar

Um profeta em sua terra natal

Um escândalo em Avonlea

Depois da curva

Uma tarde na Casa de Pedra

O príncipe retorna ao palácio encantado

Poesia e prosa

Um casamento na Casa de Pedra

Anne da ilha by Lucy Maud Montgomery

A Sombra da mudança
Guirlandas de outono
Adeus e partida
A lady De abril

Cartas do lar
Passeio no parque
De volta ao lar

O primeiro pedido de casamento de Anne
Um namorado indesejado e um amigo bem-vindo
Casa da Patty

O círculo da vida
A EXPIAÇÃO DE AVERIL
O caminho dos transgressores
O chamado

Um sonho distorcido
Relações afinadas
Uma carta de Davy

A sra. Josephine recorda-se da pequena Anne
Um interlúdio
Com a palavra, Gilbert

As rosas do passado
A primavera e Anne de volta a Green Gables
Paul não encontra os Homens de Pedra
Jonas entra em cena

O príncipe encantado entra em cena
Christine entra em cena
Confidências mútuas

Uma tarde em junho
O casamento de Diana
O romance da sra. Skinner

De Anne para Philippa
Um chá com a sra. Douglas
“Ele vinha sempre”
Com a palavra, John Douglas, finalmente

Inicia-se o último ano em Redmond
A Visita das Gardners
Bacharéis de fato

[Falso alvorecer](#)
[Assuntos matrimoniais](#)
[O livro da revelação](#)

[O amor vence o tempo](#)

[Anne de Windy Poplars by Lucy Maud Montgomery](#)
[1936 O PRIMEIRO ANO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[O SEGUNDO ANO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

O TERCEIRO ANO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Anne e a Casa dos Sonhos by Lucy Maud Montgomery.

NO SOTÃO DE GREEN GABLES

A CASA DOS SONHOS

NA TERRA DOS SONHOS

A PRIMEIRA NOIVA DE GREEN GABLES

A CHEGADA AO LAR

O CAPITÃO JIM

A NOIVA DO DIRETOR DA ESCOLA

A SENHORITA CORNELIA BRYANT FAZ UMA VISITA

UMA TARDE NO FAROL DE FOUR WINDS

LESLIE MOORE

A HISTÓRIA DE LESLIE MOORE

A VISITA DE LESLIE

UMA NOITE FANTASMAGÓRICA

DIAS DE NOVEMBRO

NATAL EM FOUR WINDS

VÉSPERA DE ANO-NOVO NO FAROL

O INVERNO DE FOUR WINDS

DIAS DE PRIMAVERA

AMANHECER E ENTARDECER

MARGARET DESAPARECIDA

BARREIRAS QUE CAEM

A SENHORITA CORNELIA RESOLVE AS COISAS

A CHEGADA DE OWEN FORD
O LIVRO DA VIDA DO CAPITÃO JIM
ESCREVENDO O LIVRO

A CONFISSÃO DE OWEN FORD
NO BANCO DE AREIA
ASSUNTOS VARIADOS

GILBERT E ANNE DISCORDAM
A DECISÃO DE LESLIE
A VERDADE LIBERTA
A SENHORITA CORNELIA DISCUTE O ASSUNTO

O RETORNO DE LESLIE
O BARCO DOS SONHOS CHEGA AO PORTO
POLÍTICA EM FOUR WINDS

BELEZA AO INVÉS DE CINZAS
A NOVIDADE SURPREENDENTE DA SENHORITA
CORNELIA

ROSAS VERMELHAS
O CAPITÃO JIM CRUZA A BARREIRA
ADEUS À CASA DOS SONHOS

Anne de Ingleside by Lucy Maud Montgomery

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[O Vale do Arco Íris by Lucy Maud Montgomery](#)

[De volta ao lar](#)

[Pura fofoca](#)

[As crianças de Ingleside](#)

[As crianças da casa ministerial](#)

[A chegada de Mary Vance](#)

[Mary fica na casa ministerial](#)

[Um episódio escamoso](#)

[A senhorita Cornelia intervém](#)

[Una intervém](#)

[As garotas limpam a casa ministerial](#)

[Uma descoberta terrível](#)

Uma explicação e um desafio
A casa na colina

A senhora Alec Davis faz uma visita
Mais fofoca
Olho por olho
Uma vitória dupla

Mary traz más notícias
Pobre Adam!
Faith faz uma amizade

A palavra impossível
O São Jorge sabe de tudo
O Clube da Boa Conduta

Um impulso caridoso
Outro escândalo e outra “explicação”
Um novo ponto de vista para a senhorita Cornelia

Um concerto sagrado
Um dia de jejum
Uma história esquisita
O fantasma no muro de pedra

Carl cumpre penitência
Duas pessoas teimosas
Carl (não) leva umas palmadas

Una visita a colina
“Que venha o flautista”

Rilla de Ingleside by Montgomery, Lucy Maud (Autor)

“Notas” sobre Glen e outros assuntos
Orvalho da manhã
Alegria ao luar
A música do flautista

O som de uma partida
Susan, Rilla e Segunda-feira tomam uma decisão
Um filho da guerra e uma sopeira

Rilla toma uma decisão
Doc tem um acidente
Os problemas de Rilla

Escuro e claro
Os dias de Langemarck

Uma dose de humildade

O vale da decisão

Até o amanhecer

Realismo e romance

As semanas passam

Um casamento de guerra

“Não passarão”

Norman Douglas se pronuncia durante a reunião

Problemas amorosos são horríveis

O Segunda-feira sabe

Então, boa noite

Mary chega a tempo

A partida de Shirley

Susan é pedida em casamento

Esperando

Domingo obscuro

Ferido e desaparecido

A maré muda

A senhora Matilda Pittman

Notícias do Jem

Vitória!

O Senhor Hyde parte e Susan sai em lua de mel

“Rilla-a-Marilla!”